

NOVO TESTAMENTO 1



COMENTÁRIO BÍBLICO EXPOSITIVO

WARREN W. WIERSBE

COMENTÁRIO BÍBLICO EXPOSITIVO

Novo Testamento
Volume I

WARREN W. WIERSBE

COMENTÁRIO BÍBLICO EXPOSITIVO

Novo Testamento
Volume I

WARREN W. WIERSBE

TRADUZIDO POR
SUSANA E. KLASSEN

1ª Edição

Geográfica
editora

Santo André, SP - Brasil
2007

Comentário Bíblico Expositivo
Categoria: Teologia / Referência

Copyright © 2001 por Warren W. Wiersbe
Publicado originalmente pela Cook Communications Ministries,
Colorado, EUA.

*Título Original em Inglês: The Bible Exposition Commentary – New
Testament: Vol. I*

Preparação: Liege Maria de S. Marucci
Revisão: Theófilo Vieira
Capa: Cláudio Souto
Diagramação: Viviane R. Fernandes Costa
Impressão e Acabamento: Geográfica Editora

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida
Revista e Atualizada, 2ª edição (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indi-
cação específica.

A 1ª edição brasileira foi publicada em maio de 2006.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wiersbe, Warren W.
Comentário Bíblico Expositivo : Novo Testamento : volume I / Warren
W. Wiersbe ; traduzido por Susana E. Klassen. – Santo André, SP :
Geográfica editora, 2006.

Título original: The Bible Exposition Commentary -
New Testament: Vol. I

ISBN 85-89956-54-7

1. Bíblia A.T. – Comentários I. Título.

06-3696

CDD-225.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Comentários : Novo Testamento : Bíblia 225.7
 2. Novo Testamento : Bíblia : Comentários 225.7
-

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Geo-Gráfica e editora Ltda.
Av. Presidente Costa e Silva, 2151 - Pq. Capuava - Santo André - SP - Brasil
Site: www.geograficaeditora.com.br

SUMÁRIO

MATEUS.....	07
MARCOS.....	142
LUCAS.....	218
João.....	364
ATOS.....	518
ROMANOS.....	667
1 CORÍNTIOS.....	741
2 CORÍNTIOS.....	820
GÁLATAS.....	891

MATEUS

ESBOÇO

Tema-chave: O Rei e seu reino

Versículos-chave: Mateus 2:2; 4:17

I. A REVELAÇÃO DO REI – CAPÍTULOS 1 – 10

- A. Sua pessoa – 1 – 4
- B. Seus princípios – 5 – 7
- C. Seu poder – 8 – 10

(Observação: A mensagem nesse período de seu ministério foi: “O reino dos céus está próximo” [3:2; 4:17; 10:7].)

II. A REBELIÃO CONTRA O REI – CAPÍTULOS 11 – 13

- A. Seu mensageiro é rejeitado – 11:1-19
- B. Suas obras são negadas – 11:20-30
- C. Seus princípios são recusados – 12:1-21
- D. Sua pessoa é atacada – 12:22-50
- E. Resultado: “os mistérios do reino” – 13

III. O AFASTAMENTO DO REI – CAPÍTULOS 14 – 20

(Jesus procura deixar as multidões para ficar a sós com seus discípulos.)

- A. Antes da confissão de Pedro – 14:1 – 16:12
- B. A confissão de Pedro – 16:13-28
(A cruz é mencionada pela primeira vez – 16:21)
- C. Depois da confissão de Pedro – 17:1 – 20:34
(A cruz é mencionada pela segunda vez – 17:22)
(A cruz é mencionada pela terceira vez – 20:17-19)

IV. A REJEIÇÃO DO REI – CAPÍTULOS 21 – 27

(“O reino de Deus vos será tirado”; 21:43.)

- A. Sua apresentação pública como Rei – 21:1-16
- B. Seu conflito com os líderes – 21:17 – 23:39
- C. Sua mensagem profética – 24 – 25
- D. Seu sofrimento e morte – 26 – 27

V. A RESSURREIÇÃO DO REI – CAPÍTULO 28

CONTEÚDO

- 1. Boas-Novas!..... 09
- 2. O nascimento do Rei
(Mt 1 – 2)..... 13
- 3. As credenciais do Rei
(Mt 3 – 4)..... 18
- 4. Os princípios do Rei: a verdadeira
justiça (Mt 5)..... 23
- 5. Os princípios do Rei: a verdadeira
adoração (Mt 6)..... 29
- 6. Os princípios do Rei: o verdadeiro
julgamento (Mt 7)..... 34
- 7. O poder do Rei
(Mt 8 – 9)..... 39
- 8. Os embaixadores do Rei
(Mt 10)..... 45
- 9. Os conflitos do Rei
(Mt 11 – 12)..... 50
- 10. Os segredos do Rei
(Mt 13)..... 56
- 11. O afastamento do Rei
(Mt 14)..... 62
- 12. As preocupações do Rei
(Mt 15)..... 68

13. A surpresa do Rei (Mt 16).....	72	20. A acusação do Rei (Mt 23).....	108
14. A glória do Rei (Mt 17).....	78	21. A volta do Rei – Parte 1 (Mt 24:1-44).....	113
15. A repreensão do Rei (Mt 18).....	83	22. A volta do Rei – Parte 2 (Mt 24:45 – 25:46).....	118
16. As instruções do Rei (Mt 19:1-15).....	89	23. A preparação do Rei (Mt 26:1-56).....	123
17. As exigências do Rei (Mt 19:16 – 20:34).....	94	24. O julgamento do Rei (Mt 26:57 – 27:26).....	128
18. Os juízos do Rei (Mt 21:1 – 22:14).....	99	25. O sofrimento e morte do Rei (Mt 27:27-66).....	133
19. A defesa do Rei (Mt 22:15-46).....	104	26. A vitória do Rei (Mt 28).....	137

BOAS-NOVAS!

Cerca de vinte a trinta anos depois de Jesus ter voltado para o céu, um discípulo judeu chamado Mateus foi inspirado pelo Espírito Santo a escrever um livro. Disso resultou o que conhecemos hoje como o “Evangelho Segundo Mateus”.

Nenhum dos quatro Evangelhos registra qualquer palavra proferida por Mateus. Ainda assim, em seu Evangelho, ele nos apresenta as palavras e os atos de Jesus Cristo, o “filho de Davi, filho de Abraão” (Mt 1:1). Apesar de Mateus não ter escrito para falar de si mesmo, convém nos familiarizarmos com o apóstolo e com o livro que escreveu. Assim, poderemos descobrir tudo o que ele desejava que soubéssemos sobre Jesus Cristo.

O Espírito Santo usou Mateus para realizar três tarefas importantes ao escrever este Evangelho.

1. O CONSTRUTOR DE PONTES: APRESENTOU UM NOVO LIVRO

Esse novo livro é o Novo Testamento. Se um leitor da Bíblia pulasse de Malaquias para Marcos, Atos ou Romanos, ficaria totalmente confuso. O Evangelho de Mateus é a ponte de transição entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento.

O tema do Antigo Testamento é apresentado em Gênesis 5:1: “Este é o livro da genealogia de Adão”. O Antigo Testamento mostra a história, extremamente triste, da família de Adão. Deus criou o homem a sua imagem, mas o homem pecou e, desse modo, distorceu sua imagem original. Depois disso, o homem gerou filhos “à sua semelhança, conforme a sua imagem” (Gn 5:3),

e estes se mostraram tão pecadores quanto seus pais. Não importa como lemos o Antigo Testamento, sempre encontramos pecados e pecadores.

O Novo Testamento, porém, é o “Livro da genealogia de Jesus Cristo” (Mt 1:1). Jesus é o último Adão (1 Co 15:45), e ele veio ao mundo para salvar as “gerações de Adão” (da qual, a propósito, fazemos parte). Apesar de não ser uma escolha nossa, nascemos na geração de Adão, e isso nos torna pecadores. Mas, por uma escolha de fé, podemos nascer na geração de Jesus Cristo e nos tornar filhos de Deus!

Quando lemos a genealogia em Gênesis 5, a repetição da expressão e *ele morreu* soa como o badalar fúnebre de um sino. O Antigo Testamento mostra que “o salário do pecado é a morte” (Rm 6:23). Mas quando passamos ao Novo Testamento, sua primeira genealogia enfatiza o *nascimento*, não a morte! A mensagem do Novo Testamento diz que “o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 6:23).

O Antigo Testamento é um livro de promessas; o Novo Testamento, por sua vez, é um livro de cumprimento (por certo, há inúmeras promessas preciosas no Novo Testamento, mas me refiro, aqui, à ênfase principal de cada parte da Bíblia). Deus prometeu um Redentor em Gênesis 3:15, e Jesus Cristo cumpriu essa promessa. *Cumprir* é uma das palavras-chave do Evangelho de Mateus, usada cerca de vinte vezes.

Um dos propósitos deste Evangelho é mostrar que Jesus Cristo cumpriu as promessas do Antigo Testamento a respeito do Messias. Seu nascimento em Belém cumpriu Isaías 7:14 (Mt 1:22, 23). Foi levado ao Egito, onde ficaria mais seguro e, desse modo, cumpriu Oséias 11:1 (Mt 2:14, 15). Quando José e sua família decidiram se estabelecer em Nazaré, cumpriram várias profecias do Antigo Testamento (Mt 2:22, 23). Em seu Evangelho, Mateus apresenta pelo menos 129 citações ou alusões ao Antigo Testamento. Escreveu principalmente a leitores judeus para mostrar-lhes que Jesus Cristo era, de fato, o Messias prometido.

2. O BIÓGRAFO: APRESENTOU UM NOVO REI

A julgar pela definição moderna, nenhum dos quatro Evangelhos pode ser considerado uma biografia. Aliás, o apóstolo João duvidou de que fosse possível escrever uma biografia completa de Jesus (Jo 21:25). Os Evangelhos deixam de fora uma série de detalhes sobre a vida de Jesus aqui na Terra.

Cada um dos quatro Evangelhos tem uma ênfase particular. O Livro de Mateus é chamado de o “Evangelho do Rei” e foi escrito principalmente para leitores judeus. O Livro de Marcos, o “Evangelho do Servo”, foi escrito para instruir os leitores romanos. Lucas escreveu principalmente para os gregos e apresentou Cristo como o “perfeito Filho do homem”. João é de interesse universal, e sua mensagem é “Este é o Filho de Deus”. Nenhum dos Evangelhos é suficiente para contar toda a história da forma que Deus quer que a vejamos. Porém, quando juntamos os quatro relatos, vemos uma imagem mais complexa da Pessoa e obra de nosso Senhor.

Uma vez que estava acostumado a manter registros sistemáticos, Mateus apresenta um relato extremamente organizado da vida e ministério de nosso Senhor. O livro pode ser dividido em dez seções, que alternam o “fazer” e o “ensinar”. Cada seção de ensinamentos termina com a frase: “Quando Jesus terminou estas palavras” ou uma declaração semelhante de transição. Os capítulos podem ser divididos da seguinte maneira:

Narrativa	Ensinamentos	Transição
1 - 4	5 - 7	7:28
8:1 - 9:34	9:35 - 10:42	11:1
11:2 - 12:50	13:1-52	13:53
13:53 - 17:27	18:1-35	19:1
19:1 - 23:39	24:1 - 25:46	26:1
26:1 - 28:20	(a narrativa da Paixão)	

Mateus descreve Jesus como um *Homem de ação* e um *Mestre*, registrando pelo menos vinte milagres específicos e seis mensagens principais: o Sermão do Monte (caps. 5 - 7), a comissão dos apóstolos (cap. 10), as parábolas do reino (cap. 13), as lições sobre o perdão (cap. 18), as acusações contra os fariseus (cap. 23), e o discurso profético

no monte das Oliveiras (caps. 24 - 25). Pelo menos 60% do livro é dedicado aos ensinamentos de Jesus.

É importante lembrar que Mateus concentra-se no *reino*. No Antigo Testamento, a nação de Israel era o reino de Deus na Terra: “Vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa” (Êx 19:6). Muitos, nos dias de Jesus, esperavam pelo libertador enviado por Deus, que os libertaria da escravidão romana e restabeleceria o reino glorioso de Israel.

A mensagem do reino dos céus foi pregada inicialmente por João Batista (Mt 3:1, 2). Jesus também pregou essa mensagem no começo de seu ministério (Mt 4:23) e enviou os doze apóstolos com a mesma proclamação (Mt 10:1-7).

Porém, as boas novas do reino exigiam do povo uma resposta moral e espiritual, não apenas a aceitação de um conjunto de regras. João Batista pedia arrependimento. Semelhantemente, Jesus deixou bem claro que não tinha vindo para conquistar Roma, mas para transformar o coração e a vida daqueles que cressem nele. Antes de entrar na glória do reino, Jesus suportou o sofrimento da cruz.

Podemos observar, ainda, que Mateus organizou seus textos de acordo com tópicos, não em seqüência cronológica. Agrupou dez milagres nos capítulos 8 - 9 em vez de colocá-los dentro de sua seqüência histórica ao longo da narrativa do Evangelho. Sem dúvida, vários outros acontecimentos foram totalmente omitidos. Ao considerar a harmonia existente entre os Evangelhos, vemos que Mateus segue um padrão próprio sem, no entanto, contradizer os outros evangelistas.

Além de ser responsável pela transição do Antigo para o Novo Testamento e de apresentar a biografia de um novo Rei, Jesus Cristo, Mateus também cumpriu um terceiro propósito ao escrever seu livro.

3. O HOMEM DE FÉ: APRESENTOU UM NOVO POVO

Esse novo povo era, evidentemente, a Igreja. Mateus é o único escritor a usar a palavra *igreja* em seu texto (Mt 16:18; 18:17).

O termo grego traduzido por "igreja" significa "uma assembléia chamada para fora". No Novo Testamento, esse termo refere-se, em geral, à congregação local dos cristãos. No Antigo Testamento, Israel era escolhido por Deus, começando com o chamado de Abraão (Gn 12:1ss; Dt 7:6-8). Aliás, Estêvão chama a nação de Israel de "a congregação [igreja] no deserto" (At 7:38), pois era o povo de Deus chamado para fora.

Porém, a Igreja do Novo Testamento é formada por um povo diferente, pois é constituída tanto de judeus quanto de gentios. Nessa Igreja, não há qualquer distinção racial (Gl 3:28). Apesar de ter escrito principalmente para judeus, ainda assim o Evangelho de Mateus possui um elemento "universal" que inclui os gentios. Por exemplo, líderes gentios vão adorar o menino Jesus (Mt 2:1-12). Jesus realiza milagres para os gentios e até os elogia por sua fé (Mt 8:5-13; 15:21-28). A rainha de Sabá é louvada por se mostrar disposta a fazer uma longa jornada a fim de ouvir a sabedoria de Salomão (Mt 12:42). Num momento de crise em seu ministério, Jesus fala de uma profecia sobre os gentios (Mt 12:14-21). Mesmo nas parábolas, Jesus indica que as bênçãos que Israel recusou seriam compartilhadas com os gentios (Mt 22:8-10; 21:40-46). De acordo com o discurso no monte das Oliveiras, a mensagem seria levada "a todas as nações" (Mt 24:14); e a comissão do Senhor envolveria todas as nações (Mt 28:19, 20).

Na Igreja primitiva, havia apenas cristãos judeus e prosélitos (At 2 - 7). Quando o evangelho chegou a Samaria (At 8), o povo mestiço de judeus e gentios passou a fazer parte da Igreja. Depois que Pedro foi à casa de Cornélio (At 10), os gentios também começaram a participar da Igreja. A assembléia de Jerusalém (At 15) determinou que os gentios não precisavam tornar-se judeus antes de se tornar cristãos.

Mateus apresenta toda essa questão de antemão, e quando seu livro foi lido pelos membros judeus e gentios da Igreja primitiva, ajudou a resolver diferenças e a promover a unidade. Mateus deixa claro que esse novo povo, a Igreja, não deveria apoiar qualquer

forma de exclusão racial ou social. Pela fé em Jesus Cristo, os cristãos são "todos um" no corpo de Cristo, a Igreja.

A própria experiência de Mateus com o Senhor, relatada em Mateus 9:9-17, é um belo exemplo da graça de Deus. Seu antigo nome era Levi, o filho de Alfeu (Mc 2:14). "Mateus" significa "o dom de Deus". Ao que parece, esse nome lhe foi dado para comemorar sua conversão e seu chamado para ser discípulo.

É importante lembrar que os coletores de impostos faziam parte de uma das classes mais odiadas da sociedade judaica. Para começar, eram traidores da própria nação, pois ganhavam o sustento "vendendo-se" aos romanos ao trabalhar para o governo. Cada coletor adquiria de Roma o direito de recolher impostos; quanto mais recolhia, mais conseguia guardar para si. Os coletores eram considerados ladrões e traidores, e seus contatos com os gentios também os colocavam à margem da religião, a ponto de serem tidos como impuros. Jesus refletiu a opinião popular acerca dos publicanos ao classificá-los junto a prostitutas e a outros pecadores (Mt 5:46, 47; 18:17), mas deixou claro que era "amigo de publicanos e pecadores" (Mt 11:19; 21:31, 32).

Mateus abriu seu coração para Jesus Cristo e se tornou uma nova pessoa. Não foi uma decisão fácil para ele. Era de Cafarnaum, cidade que havia rejeitado o Senhor (Mt 11:23). Também era um negociante conhecido na cidade e, provavelmente, foi perseguido pelos amigos de outros tempos. Sem dúvida, perdeu muito dinheiro quando deixou tudo para seguir a Cristo.

Mateus não apenas abriu seu coração, mas também abriu sua casa. Sabia que muitos de seus velhos amigos, senão todos, o abandonariam quando começasse a seguir Jesus Cristo. Por isso, aproveitou a situação e os convidou para conhecer Jesus. Deu uma grande festa e convidou todos os coletores de impostos (é possível que alguns deles fossem gentios) e judeus que não guardavam a lei ("pecadores").

Evidentemente, os fariseus criticaram Jesus por assentar-se à mesma mesa que toda

essa gente impura e até tentaram instigar os discípulos de João Batista a criar uma desavença (Lc 5:33). No entanto, Jesus explicou por que estava andando com “publicanos e pecadores”: eram espiritualmente enfermos e precisavam de um médico. O Senhor não veio chamar os justos, *pois não havia justos*. Veio chamar pecadores, e isso incluía os fariseus. Por certo, seus críticos não se consideravam “enfermos espirituais”, mas isso não muda o fato de que *eram* isso mesmo.

Mateus não apenas abriu seu coração e sua casa como também abriu suas mãos e trabalhou para Cristo. Alexander White de Edimburgo disse, certa vez, que, quando Mateus deixou seu emprego para seguir a Cristo, levou consigo sua pena de

escrever! Mal sabia ele, na época, que um dia seria usado pelo Espírito para escrever o primeiro dos quatro Evangelhos do Novo Testamento!

Diz a tradição que Mateus ministrou na Palestina durante vários anos, depois que Jesus voltou para o céu, e que fez viagens missionárias para levar o evangelho aos judeus dispersos entre os gentios. Seu trabalho é relacionado à Pérsia, Etiópia e Síria, e algumas tradições incluem ainda a Grécia. O Novo Testamento não diz coisa alguma sobre sua vida, mas podemos afirmar com certeza que, por onde quer que as Escrituras passem neste mundo, o Evangelho escrito por Mateus continua a ministrar ao coração de seus leitores.

O NASCIMENTO DO REI

MATEUS 1 - 2

Se um homem aparece de repente dizendo ser rei, a primeira coisa que as pessoas querem ver são as provas. De onde vem? Quem são seus súditos? Quais são suas credenciais? Prevendo essas perguntas importantes, Mateus começa seu livro com um relato detalhado do nascimento de Jesus Cristo e dos acontecimentos subsequentes. Ele apresenta quatro fatos sobre o Rei.

1. A LINHAGEM DO REI (Mt 1:1-25)

Uma vez que a realeza depende da linhagem, era importante determinar o direito de Jesus ao trono de Davi. Mateus apresenta a linhagem humana de Jesus (Mt 1:1-17) bem como a divina (Mt 1:18-25).

A linhagem humana (vv. 1-17). Os judeus davam grande importância às genealogias, pois, sem elas, não podiam provar que faziam parte de determinada tribo nem quem possuía direito de herança. Qualquer um que afirmasse ser “filho de Davi” deveria ser capaz de provar tal asserção. Costuma-se concluir que Mateus apresenta a genealogia de Jesus pelo seu padrasto, José, enquanto Lucas fornece a linhagem de Maria (Lc 3:23ss).

Muitos leitores pulam essa lista de nomes antigos (e, em alguns casos, impronunciáveis). Mas essa “lista de nome” é essencial para o registro do Evangelho, pois mostra que Jesus Cristo faz parte da história. Mostra também que toda a história de Israel preparou o cenário para seu nascimento. Em sua providência, Deus governou e prevaleceu sobre os acontecimentos históricos, a fim de realizar seu grande propósito de trazer seu Filho ao mundo.

Essa genealogia também ilustra a maravilhosa graça de Deus. É muito raro encontrar nomes de mulheres em genealogias judaicas, pois os nomes e heranças eram passados para os homens. No entanto, encontramos nessa lista referências a quatro mulheres do Antigo Testamento: Tamar (Mt 1:3), Raabe e Rute (Mt 1:5), e Bate-Seba, “a que fora mulher de Urias” (Mt 1:6).

Fica claro que Mateus deixa alguns nomes de fora dessa genealogia. É provável que tenha feito isso a fim de apresentar um sumário sistemático de três períodos na história de Israel, cada um com catorze gerações. O valor numérico das letras em hebraico para “Davi” é igual a catorze. Talvez Mateus tenha usado essa abordagem a fim de ajudar seus leitores a memorizar essa lista complicada.

Muitos judeus eram descendentes do rei Davi. Seria preciso mais do que um certificado de linhagem para provar que Jesus Cristo era “filho de Davi” e herdeiro do trono de Davi. Daí a grande importância de sua linhagem divina.

A linhagem divina (vv. 18-25). Mateus 1:16 e 18 deixam claro que o nascimento de Jesus Cristo foi diferente daquele de qualquer outro menino judeu mencionado na genealogia. Mateus ressalta que José não “gerou” Jesus Cristo. Antes, José foi “marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo”. Jesus nasceu de uma mãe terrena, sem a necessidade de um pai terreno. Esse fato é chamado de doutrina do nascimento virginal.

Cada criança que nasce é uma criatura totalmente nova. Mas Jesus Cristo, sendo o Deus eterno (Jo 1:1, 14), existia antes de Maria, de José ou de qualquer outro de seus antepassados. Se Jesus Cristo tivesse sido concebido da mesma forma que qualquer outra criança, não poderia ser Deus. Era necessário que viesse ao mundo por meio de uma mãe terrena, mas sem ser gerado por um pai terreno. Assim, por um milagre do Espírito Santo, Jesus foi concebido no ventre de Maria, uma virgem (Lc 1:26-38).

Há quem questione se, de fato, Maria era virgem, dizendo que “virgem”, em

Mateus 1:23, deve ser traduzido por “moça”. Porém, a palavra traduzida por *virgem* nesse versículo tem sempre esse significado e não permite qualquer outra tradução, nem mesmo “moça”.

Tanto Maria quanto José pertenciam à casa de Davi. As profecias do Antigo Testamento afirmavam que o Messias nasceria de uma mulher (Gn 3:15), da descendência de Abraão (Gn 22:18), pela tribo de Judá (Gn 49:10) e da família de Davi (2 Sm 7:12, 13). A genealogia de Mateus acompanha a linhagem através de Salomão, enquanto Lucas acompanha sua linhagem através de Natã, outro filho de Davi. É interessante observar que Jesus Cristo é o único judeu vivo que pode provar seu direito ao trono de Davi! Todos os outros registros foram destruídos quando os Romanos tomaram Jerusalém em 70 d.C.

Para o povo judeu daquela época, o noivado equivalia ao casamento – exceto pelo fato de que o homem e a mulher não coabitavam. Os noivos eram chamados de “marido e esposa”, e, ao fim do período de noivado, o casamento era consumado. Se uma mulher que estava noiva ficava grávida, isso era considerado adultério (ver Dt 22:13-21). Porém, José não pediu nenhuma punição nem o divórcio quando descobriu que Maria estava grávida, pois o Senhor havia lhe revelado a verdade. Todas essas coisas cumpriram Isaías 7:14.

Antes de terminar nosso estudo desta seção importante, devemos considerar três nomes dados ao Filho de Deus. O nome *Jesus* significa “Salvador” e vem do hebraico *Josué* (“Jeová é salvação”). Havia muitos meninos judeus chamados Josué (ou, no grego, Jesus), mas o filho de Maria chamava-se “Jesus o Cristo”. O termo *Cristo* quer dizer “ungido” e é o equivalente grego da designação *Messias*. Ele é “Jesus o Messias”. Jesus é o seu nome humano; Cristo (*Messias*) é o seu título oficial; e Emanuel descreve quem ele é – “Deus conosco”. Jesus Cristo é Deus! Encontramos a designação “Emanuel” em Isaías 7:14 e 8:8.

Assim, o Rei era um homem judeu e também o Filho de Deus. Mas será que alguém

reconheceu sua realeza? Sim, os magos que vieram do Oriente e o adoraram.

2. A REVERÊNCIA AO REI (MT 2:1-12)

Devemos reconhecer que sabemos muito pouco sobre esses homens. A palavra traduzida por “magos” refere-se a eruditos que estudavam as estrelas. O título dá a impressão de que eram mágicos, mas é provável que fossem apenas astrólogos. No entanto, sua presença no relato bíblico não deve ser interpretada como comprovação divina para a prática da astrologia.

Deus lhes deu um sinal especial, uma estrela miraculosa que anunciou o nascimento do Rei. A estrela guiou-os a Jerusalém; lá, os profetas de Deus lhes disseram que o Rei nasceria em Belém. Assim, os magos foram a Belém e, quando chegaram lá, adoraram o menino Jesus.

Não sabemos quantos magos havia. Por causa dos três presentes relacionados em Mateus 2:11, costuma-se supor que os magos também eram três, mas não sabemos ao certo. De qualquer modo, quando a caravana chegou a Jerusalém, trouxe consigo gente suficiente para causar tumulto em toda a cidade.

É preciso lembrar que esses homens eram *gentios*. Desde o começo, Jesus veio para ser “o Salvador do mundo” (Jo 4:42). Além de ricos, esses homens eram estudiosos – poderiam ser considerados os cientistas da época. Nenhuma pessoa culta que siga a luz que Deus lhe mostra pode deixar de adorar aos pés de Jesus. Em Cristo, “todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos” (Cl 2:3). Nele habita “corporalmente, toda a plenitude da Divindade” (Cl 2:9).

Os magos estavam à procura do Rei, mas Herodes temia esse Rei e desejava destruí-lo. Trata-se, aqui, de Herodes, o Grande, chamado de *rei* pelo senado romano por causa da influência de Marco Antônio. Herodes era um homem cruel e astucioso que não permitia a ninguém, nem mesmo aos membros da própria família, qualquer interferência em seu governo nem que se impedisse a satisfação de seus desejos perversos.

Assassino implacável, ordenou a morte da própria esposa e dos dois irmãos dela por suspeitar de traição. Casou-se pelo menos nove vezes, a fim de satisfazer sua luxúria e de fortalecer alianças políticas.

Não é de se admirar que Herodes tenha tentado matar Jesus. Afinal, desejava ser o único a usar o título de "Rei dos Judeus". No entanto, havia outra razão para desejar se ver livre de Jesus. Herodes não era judeu puro, mas idumeu, descendente de Esaú. Vemos aqui um retrato do conflito antiqüíssimo entre Esaú e Jacó, que teve início antes mesmo de os meninos nascerem (Gn 25:19-34). É o espiritual contra o carnal, o piedoso contra o impiedoso.

Os magos procuravam o Rei; Herodes opunha-se a ele e os sacerdotes judeus o ignoravam. Os sacerdotes conheciam as Escrituras e mostravam o Salvador a outros, *mas eles mesmos se recusaram a adorá-lo!* Citaram Miquéias 5:2, mas não obedeceram à Palavra. Estavam a menos de 10 quilômetros do Filho de Deus e, no entanto, não foram vê-lo! Os gentios o buscaram e encontraram, mas os judeus não.

De acordo com Mateus 2:9, a estrela que guiava os magos não ficava sempre visível. Dirigindo-se a Belém, eles a viram novamente, e ela os conduziu à casa onde Jesus estava. A essa altura, José e Maria haviam saído do local temporário onde Jesus havia nascido (Lc 2:7). Os presépios tradicionais que reúnem pastores e sábios não são fiéis às Escrituras, pois os magos chegaram bem depois.

Mateus cita outra profecia que se cumpriu para provar que Jesus Cristo é o Rei (Mt 2:5). Sua *maneira* de nascer cumpriu uma profecia, e o *lugar* onde nasceu cumpriu outra. Belém significa "casa do pão" e foi onde o "pão da vida" veio ao mundo (Jo 6:48ss). No Antigo Testamento, Belém é associada a Davi, um tipo de Jesus Cristo em seu sofrimento e glória.

3. A HOSTILIDADE CONTRA O REI (MT 2:13-18)

Identifica-se alguém não apenas por seus amigos, mas também por seus inimigos.

Herodes fingia querer adorar o Rei recém-nascido (Mt 2:8), quando na verdade queria matá-lo. Deus mandou a José pegar a criança e Maria e fugir para o Egito, pois era perto e havia muitos judeus naquela região. Os tesouros recebidos dos magos seriam mais do que suficientes para pagar as despesas da viagem e de estadia nessa terra estrangeira. Além do mais, havia outra profecia a ser cumprida, Oséias 11:1: "do Egito chamei o meu filho".

A fúria de Herodes mostra seu orgulho; não permitiria que ninguém o enganasse, especialmente um bando de estudiosos gentios! Assim, decretou a morte de todos os meninos com até 2 anos de idade que ainda permaneciam em Belém. Não devemos imaginar aqui centenas de garotinhos sendo mortos, pois não havia tantos meninos dessa idade em Belém naquela época. Mesmo hoje, a população em Belém é de cerca de vinte mil habitantes. É bem provável que não tenha havido mais de vinte execuções. Mas é claro que uma só morte já teria sido demais!

Mateus introduz aqui o tema da hostilidade, do qual trata ao longo de todo o livro. Satanás é mentiroso e assassino (Jo 8:44), e o rei Herodes não era diferente. Mentiu para os magos e mandou matar os meninos. Mas, até mesmo esse crime hediondo foi o cumprimento da profecia em Jeremias 31:15. A fim de entendermos esse cumprimento, convém fazer uma recapitulação da história judaica.

Belém é mencionada pela primeira vez nas Escrituras com referência à morte de Raquel, a esposa predileta de Jacó (Gn 35:16-20). Raquel morreu ao dar à luz um filho ao qual chamou Benoni, que significa "filho do meu sofrimento". Jacó mudou o nome do menino para Benjamim, "filho da minha destra". Os dois nomes são relacionados a Jesus Cristo, pois ele foi um "homem de dores e que sabe o que é padecer" (Is 53:3), e agora é o Filho de Deus, sentado a sua destra (At 5:31; Hb 1:3). Jacó levantou uma coluna para marcar o lugar da sepultura de Raquel nas cercanias de Belém.

A profecia de Jeremias foi proferida cerca de seiscentos anos antes do nascimento

de Cristo, no contexto da captura de Jerusalém em cativo. Alguns dos cativos foram levados a Ramá, em Benjamim, perto de Jerusalém, episódio que lembrou Jeremias do sofrimento de Jacó quando Raquel morreu. No entanto, na passagem de Jeremias é *Raque!* quem chora, representando as mães de Israel chorando ao ver seus filhos sendo levados para o cativo. Era como se Raquel dissesse: "Entreguei minha vida para dar à luz um filho, e agora seus descendentes estão sendo destruídos".

Jacó viu Belém como um lugar de morte, mas o nascimento de Jesus transformou-o num lugar de vida! A vinda do Messias traria libertação espiritual a Israel e, no futuro, o estabelecimento do trono e do reino de Davi. Um dia, Israel - "o filho do meu sofrimento" - seria chamado de "o filho da minha destra". Jeremias deu à nação a promessa de que seriam restaurados a sua terra (Jr 31:16, 17), e a promessa foi cumprida. Porém, prometeu-lhes algo ainda maior: algum dia, a nação seria reunida e o reino seria estabelecido (Jr 31:27ss). Essa profecia também se cumprirá.

Hoje em dia, poucos identificam Belém como um lugar de sepultamento. Para muitos, é o lugar onde Jesus Cristo nasceu. Por ter morrido por nós e ter ressuscitado, temos um futuro promissor. Viveremos com ele para sempre na cidade gloriosa, onde não haverá mais morte nem lágrimas.

4. A HUMILDADE DO REI (MT 2:19-23)

Herodes morreu em 4 a.C., o que significa que Jesus nasceu entre os anos 6 e 5 a.C. É impossível não ver o paralelo entre Mateus 2:20 e Êxodo 4:19, o chamado de Moisés. Como Filho de Deus, Jesus estava no Egito e foi chamado para ir para Israel. Moisés estava fora do Egito, escondendo-se para não ser morto, e foi chamado para voltar ao Egito. Mas os dois faziam parte do plano de Deus para a redenção da humanidade. José e sua família precisaram de coragem para deixar o Egito, a mesma coragem que Moisés precisou ter ao voltar para o Egito.

Arquelau era um dos filhos de Herodes, escolhido pelo pai para ser seu sucessor. No

entanto, os judeus descobriram que, apesar de suas promessas de bondade, Arquelau era tão perverso quanto o pai. Assim, os judeus enviaram uma delegação a Roma para protestar contra sua coroação. César Augusto concordou com os judeus e o rebaixou a etnarca, com autoridade somente sobre metade do reino de seu pai (talvez, Jesus estivesse pensando nesse fato histórico quando contou a parábola das dez minas em Lc 19:11-27).

Esse episódio todo é um bom exemplo de como Deus conduz seus filhos. José sabia que, sob o governo de Arquelau, ele e sua família não estariam mais seguros do que estavam sob o governo de Herodes, o Grande. É provável que estivessem indo para Belém quando descobriram que Arquelau estava no trono. Sem dúvida, José e Maria oraram, esperaram e buscaram a vontade de Deus. O bom senso lhes recomendou cautela, e a fé pediu que esperassem. No tempo apropriado, Deus falou a José em sonho, depois do qual ele levou sua família para Nazaré, onde haviam vivido antes (Mt 2:19, 20).

Até essa mudança cumpriu uma profecia! Mais uma vez, Mateus ressalta que cada detalhe da vida de Jesus foi profetizado nas Escrituras. É importante observar que Mateus não se refere a um único profeta em Mateus 2:23; antes afirma que tudo ocorreu "para que se cumprisse o que fora dito por intermédio dos profetas" (plural).

Jesus não é chamado de "nazareno" em nenhuma profecia específica. O termo *nazareno* costumava ser usado em tom de reprovação: "De Nazaré pode sair alguma coisa boa?" (Jo 1:46). Várias profecias do Antigo Testamento mencionam a rejeição do Messias em sua infância, e talvez seja a elas que Mateus esteja se referindo (ver Sl 22; Is 53:2, 3, 8). O termo "nazareno" passou a ser usado tanto para Jesus quanto para seus seguidores (At 24:5). Em diversas ocasiões, o Mestre é chamado de "Jesus de Nazaré" (Mt 21:11; Mc 14:67; Jo 18:5, 7).

No entanto, é possível que, guiado pelo Espírito, Mateus tenha observado uma ligação espiritual entre o nome "nazareno" e a

palavra hebraica *netzer*, que significa “um ramo ou renovo”. Vários profetas deram esse título a Jesus (ver Is 4:2; 11:1; Jr 23:5; 33:15; Zc 3:8; 6:12, 13).

Jesus cresceu em Nazaré e foi associado a essa cidade. De fato, seus inimigos pensavam que ele havia nascido lá, pois diziam que ele era da Galiléia (Jo 7:50-52).

Uma pesquisa dos registros do templo teria lhes revelado que ele havia nascido em Belém.

Onde já se viu um rei nascer num vilarejo e crescer numa cidade desprezada? A humildade do Rei é, sem dúvida alguma, digna de nossa admiração e um exemplo a ser seguido (Fp 2:1-13).

AS CREDENCIAIS DO REI

MATEUS 3 - 4

Entre os capítulos 2 e 3 de Mateus, passaram-se cerca de trinta anos, durante os quais Jesus viveu em Nazaré e trabalhou como carpinteiro (Mt 13:55; Mc 6:3). Chegou, enfim, o dia de começar o ministério público que culminaria na cruz. Suas qualificações para ser Rei ainda eram válidas? Havia ocorrido algo nesse tempo que pudesse desqualificá-lo? Nos capítulos 2 e 3, Mateus reúne os depoimentos de cinco testemunhas quanto à pessoa de Jesus Cristo, afirmando que ele é o Filho de Deus e o Rei.

1. JOÃO BATISTA (Mt 3:1-15)

A nação havia passado mais de quatrocentos anos sem ouvir a voz de um profeta. Então, aparece João, iniciando um grande reavivamento. Consideremos quatro fatos sobre João Batista.

Sua mensagem (vv. 1, 2, 7-10). A pregação de João concentrava-se no arrependimento e no reino dos céus. A palavra *arrepender* significa “mudar a forma de pensar e agir de acordo com essa mudança”. João não se contentava com remorso ou pesar. Desejava ver “frutos dignos de arrependimento” (Mt 3:8). Era preciso provas de que a vida e a forma de pensar do indivíduo haviam sido transformadas.

Gente de todo tipo ia ouvir João pregar e vê-lo realizar os batismos. Muitos publicanos e pecadores o procuraram com sincera humildade (Mt 21:31, 32), mas os líderes religiosos recusaram sujeitar-se a sua pregação. Consideravam-se bons o bastante para agradar a Deus. No entanto, João os chamava de “raça de víboras”. Jesus usou a mesma linguagem ao tratar dessa gente que

se julgava tão virtuosa (Mt 12:34; 23:33; Jo 8:44).

Os fariseus eram os tradicionalistas de seu tempo, enquanto os saduceus eram mais liberais (ver At 23:6-9). Os saduceus abastados controlavam os “negócios do templo”, o comércio que Jesus removeu daquele lugar de oração. Os fariseus e saduceus disputavam entre si o controle de Israel, mas uniram forças para se oporem a Jesus Cristo.

João proclamava uma mensagem de julgamento. Israel havia pecado e precisava arrepender-se, e cabia aos líderes religiosos dar o exemplo ao restante do povo. O machado estava posto à raiz da árvore, e se esta (Israel) não desse bons frutos, seria cortada (ver Lc 13:6-10). Se a nação se arrependesse, o caminho estaria preparado para a vinda do Messias.

Sua autoridade (vv. 3, 4). João cumpriu a profecia dada em Isaías 40:3. Em termos espirituais, João foi o “espírito e poder de Elias” (Lc 1:16,17). Até se vestia como Elias e pregava a mesma mensagem de julgamento (2 Rs 1:8). João foi o último dos profetas do Antigo Testamento (Lc 16:16) e o maior de todos (Mt 11:7-15; ver 17:9-13).

Seu batismo (vv. 5, 6, 11, 12). Os judeus batizavam gentios convertidos, mas João estava batizando judeus! O batismo não era algo que João havia inventado ou tomado emprestado de alguma outra religião, antes, era realizado com autoridade do céu (Mt 21:23-27). Era um batismo de arrependimento, *que antevia* a chegada do Messias (At 19:1-7) e que cumpriu dois propósitos: preparou a nação para Cristo e apresentou Cristo à nação (Jo 1:31).

Mas João mencionou outros dois batismos: um batismo do Espírito e um batismo de fogo (Mt 3:11). O batismo do Espírito veio em Pentecostes (At 1:5; observar também que Jesus não fala *nada* sobre fogo). Hoje, sempre que um pecador crê em Cristo, é nascido de novo e batizado no mesmo instante pelo Espírito Santo, passando a fazer parte do corpo de Cristo, a Igreja (1 Co 12:12, 13). O batismo de fogo, por outro lado, refere-se ao julgamento futuro, como Mateus explica (Mt 3:12).

Sua obediência (vv. 13-15). Jesus não foi batizado por ser um pecador arrependido. Até mesmo João tentou detê-lo, mas Jesus sabia que essa era a vontade do Pai. Por que Jesus foi batizado? Em primeiro lugar, seu batismo foi uma forma de aprovar o ministério de João. Em segundo lugar, mediante o batismo, Cristo identificou-se com os publicanos e pecadores, as pessoas que veio salvar. Mas, acima de tudo, foi um retrato do futuro batismo na cruz (Mt 20:22; Lc 12:50) no qual seria coberto por todas as "ondas e vagas" do julgamento de Deus (Sl 42:7; Jn 2:3).

Assim, João Batista testemunhou que Jesus Cristo é o Filho de Deus e, também, o Cordeiro de Deus (Jo 1:29), e seu testemunho levou muitos pecadores a crer em Jesus Cristo (Jo 10:39-42).

2. O ESPÍRITO SANTO (MT 3:16)

A vinda do Espírito Santo em forma de pomba foi um modo de identificar Jesus para João (Jo 1:31-34); também serviu para garantir a Jesus, naquele momento em que iniciava seu ministério, que o Espírito estaria sempre com ele (Jo 3:34). A pomba é um símbolo muito bonito do Espírito de Deus em sua pureza e seu ministério de paz. Essa ave aparece nas Escrituras pela primeira vez em Gênesis 8:6-11. Noé soltou dois pássaros, um corvo e uma pomba, mas apenas a pomba voltou. O corvo representa a carne, e não teve dificuldade em encontrar alimento fora da arca. Mas a pomba não se contaminaria com carcaças e, portanto, voltou para a arca. Da segunda vez que foi solta, a pomba voltou trazendo no bico o ramo de uma oliveira, um símbolo da paz. Da terceira vez que foi solta, não voltou.

Podemos ver mais um significado nessa imagem. O nome Jonas significa "pomba", e ele também passou por um batismo! Jesus usou Jonas como um tipo do próprio Messias em sua morte, sepultamento e ressurreição (Mt 12:38-40). Jonas foi enviado aos gentios, e Jesus também ministraria aos gentios.

3. O PAI (MT 3:17)

O Pai falou dos céus em três ocasiões espe-

(Mt 17:3) e pouco antes de Cristo ser crucificado (Jo 12:27-30). Naquele tempo, Deus falou a seu Filho; hoje, ele fala *por meio de* seu Filho (Hb 1:1, 2).

A declaração do Pai vinda do céu parece repetir o Salmo 2:7: "Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei". De acordo com Atos 13:33, esse ato de "gerar" refere-se à ressurreição de Cristo dentre os mortos, não a seu nascimento em Belém. Essa declaração encaixa-se perfeitamente com a experiência de batismo de Jesus em sua morte, sepultamento e ressurreição.

Mas a declaração do Pai também associa Jesus Cristo com o "Servo Sofredor" profetizado em Isaías 40 a 53. Em Mateus 12:18, Mateus cita Isaías 42:1-3, em que o Servo Messias é chamado de "meu escolhido, em quem a minha alma se compraz". O Servo descrito em Isaías é humilde, rejeitado, destinado a sofrer e morrer, mas é retratado como aquele que virá em vitória. Apesar de ser possível detectar uma imagem vaga de Israel como nação em alguns desses "cânticos do servo", a revelação mais clara dessas passagens diz respeito ao Messias, Jesus Cristo. Mais uma vez, vemos a associação com Cristo em sua morte, sepultamento e ressurreição.

Por fim, a declaração do Pai deixou patente sua aprovação de tudo o que Jesus havia feito até aquele momento. Os anos que Jesus passou "escondido" em Nazaré alegraram muito o Pai. Sem dúvida, esse elogio foi um grande estímulo para o Filho ao começar seu ministério.

4. SATANÁS (MT 4:1-11)

Da experiência sagrada e sublime das bênçãos no Jordão, Jesus foi conduzido ao deserto para ser testado. Jesus não foi tentado para que o Pai pudesse aprender alguma coisa sobre seu Filho, pois o Pai já havia lido dado sua aprovação divina. Jesus foi tentado para que toda criatura, no céu, na terra ou abaixo dela, soubesse que Jesus Cristo é o Conquistador. Desmascarou Satanás e suas táticas e o derrotou; por causa de sua vitória, hoje podemos vencer a tentação.

Assim como o primeiro Adão encontrou

seu inimigo (1 Co 15:45). Adão se deparou com Satanás num belo jardim, mas Jesus o enfrentou no deserto. Adão tinha tudo o que necessitava, mas Jesus estava com fome depois de quarenta dias jejuando. Adão perdeu a batalha e mergulhou a humanidade no pecado e na morte. Mas Jesus venceu aquela batalha e continuou derrotando Satanás em outras batalhas, culminando com sua vitória final na cruz (Jo 12:31; Cl 2:15).

Essa experiência de tentação preparou Jesus para ser nosso Sumo Sacerdote (Hb 2:16-18; 4:15, 16). É importante observar que Jesus enfrentou o inimigo como *homem*, não como Filho de Deus. Suas primeiras palavras foram: “não só de pão viverá o *homem*” (Mt 4:4; it. do autor). Não devemos imaginar que Jesus usou seus poderes divinos para derrotar o inimigo, pois era justamente isso o que Satanás queria que ele fizesse. Jesus usou os mesmos recursos espirituais à disposição de todos nós hoje: o poder do Espírito Santo (Mt 4:1) e o poder da Palavra de Deus (“está escrito”). Não havia coisa na natureza de Jesus que servisse de ponto de apoio para Satanás (Jo 14:30), mas, ainda assim, suas tentações foram reais. A tentação envolve a *vontade*, e Jesus veio para fazer a vontade do Pai (Hb 10:1-9).

A primeira tentação (vv. 1-4). Diz respeito ao amor e à vontade de Deus. “Uma vez que você é o Filho amado de Deus, por que seu Pai não o alimenta? Por que colocou você neste deserto terrível?” Essa tentação não é muito diferente das palavras de Satanás a Eva em Gênesis 3: uma insinuação sutil de que o Pai não nos ama.

Mas o inimigo faz ainda outra sugestão: “Use seus poderes divinos para suprir suas próprias necessidades”. Quando colocamos nossas necessidades físicas acima das espirituais, caímos em pecado. Quando permitimos que as situações controlem nossas ações, em vez de seguir a vontade de Deus, também caímos em pecado. Jesus poderia ter transformado as pedras em pães, mas com isso teria usado seus poderes *independentemente do Pai*, e o Filho veio justamente para obedecer ao Pai (Jo 5:30; 6:38).

Para derrotar Satanás, Jesus cita Deuteronômio 8:3. Alimentar-se da Palavra de Deus é mais importante do que consumir alimento físico. Na verdade, a Palavra é *nosso alimento* (Jo 4:32-34).

A segunda tentação (vv. 5-7). A segunda tentação é bem mais sutil. Dessa vez, Satanás também usa a Palavra de Deus. “Quer dizer que você pretende viver pelas Escrituras?”, insinua. “Então, permita-me citar um versículo da Palavra para ver se você lhe obedece!” Assim, Satanás o colocou no pináculo do templo, cerca de cento e cinquenta metros acima do vale de Cedrom, e citou o Salmo 91:11, 12, em que Deus promete cuidar dos seus. “Se crê nas Escrituras, pule! Vamos ver se o Pai está mesmo cuidando de sua vida!”

É importante observar com atenção a resposta de Jesus: “TAMBÉM está escrito” (Mt 4:7, ênfase do autor). Nunca devemos separar uma passagem do resto das Escrituras; antes, é preciso sempre “[conferir] coisas espirituais com espirituais” (1 Co 2:13). Podemos usar a Bíblia para provar praticamente qualquer coisa, se isolarmos os textos de seu contexto, transformando-os em pretextos. Ao citar o Salmo 91, Satanás havia omitido astutamente as palavras “em todos os teus caminhos”. O filho de Deus, que está dentro da vontade de Deus, desfruta a proteção do Pai. Ele cuida daqueles que estão andando nos “[seus] caminhos”.

Jesus refuta o inimigo com Deuteronômio 6:16: “Não tentarás o Senhor, teu Deus”. Tentamos o Senhor quando nos colocamos em situações que o obrigam a intervir de modo miraculoso em nosso favor. O diabético que se recusa a tomar insulina e diz que Jesus cuidará dele está tentando o Senhor. Tentamos Deus quando procuramos fazê-lo cair em contradição com sua Palavra. É essencial que cada cristão leia *todas* as Escrituras e estude *tudo* o que Deus tem a dizer, pois *tudo* o que se encontra na Bíblia é proveitoso para nossa vida (2 Tm 3:16, 17).

A terceira tentação (vv. 8-11). Nessa tentação, Satanás oferece a Jesus um atalho para seu reino. Jesus sabia que teria de sofrer e de morrer antes de entrar em sua glória (Lc 24:26;

1 Pe 1:11; 5:1). Se tivesse se prostrado e adorado Satanás *apenas uma vez* (essa é a ênfase do verbo grego), teria desfrutado toda a glória sem qualquer sofrimento. Satanás sempre quis receber adoração, pois sempre quis ser Deus (Is 14:12-14). Adorar a criatura em lugar do Criador é a mentira que governa nosso mundo nos dias de hoje (Rm 1:24, 25).

Não existem atalhos para a vontade de Deus. Se desejamos participar da glória, devemos participar antes do sofrimento (1 Pe 5:10). Como príncipe deste mundo, Satanás tinha autoridade para oferecer esses reinos para Cristo (Jo 12:31; 14:30), mas Jesus não aceitou a oferta. O Pai já havia prometido o reino a seu Filho! "Pede-me, e eu te darei as nações por herança" (Sl 2:8). Encontramos a mesma promessa no Salmo 22:22-31, o salmo da cruz.

Jesus o refuta com Deuteronômio 6:13: "O SENHOR, teu Deus, temerás, a ele servirás". Satanás não havia dito nada sobre prestar culto, mas Jesus sabia que toda adoração implica servidão. Adoração e serviço andam juntos.

Derrotado, Satanás saiu de fininho, mas não deixou de tentar Jesus, como Lucas 4:13 deixa claro: "Passadas que foram as tentações de toda sorte, apartou-se dele o diabo, até momento oportuno". Satanás usou Pedro para tentar Jesus a abandonar a cruz (Mt 16:21-23); por meio da multidão que havia sido alimentada, tentou Jesus a estabelecer seu reino da maneira mais fácil (Jo 6:15). Uma vitória não garante jamais a liberdade de futuras tentações. Antes, cada experiência de vitória serve apenas para incentivar Satanás a tentar com mais afinco.

Convém observar que o relato de Lucas inverte a ordem das duas últimas tentações conforme se encontram registradas em Mateus. A palavra "então" em Mateus 4:5 parece indicar seqüência. Lucas apenas usa a conjunção simples "e", sem afirmar que está seguindo uma seqüência. A injunção de Jesus no final da terceira tentação ("Retira-te, Satanás") comprova que Mateus segue a seqüência histórica. Não há contradição, pois

Depois de derrotar Satanás, Jesus estava pronto para iniciar seu ministério. Nenhum homem tem o direito de chamar outros a obedecer enquanto ele próprio não tiver obedecido. Cristo provou ser o Rei perfeito cuja soberania é digna de nosso respeito e obediência. Mas fiel a seu propósito, Mateus tem mais uma testemunha para depor em favor da realeza de Jesus Cristo.

5. O MINISTÉRIO DE PODER DE CRISTO (Mt 4:12-25)

Mateus já mostrou que todos os detalhes da vida de Jesus foram governados pela Palavra de Deus. Devemos lembrar que, entre o final das tentações e a declaração de Mateus 4:12, temos o ministério descrito em João 1:19 - 3:36. Não devemos imaginar que João Batista foi preso logo depois da tentação de Jesus. O Evangelho de Mateus é organizado por *tópicos*, não em seqüência cronológica. Para o estudo mais detalhado da seqüência dos acontecimentos, recomendando o uso de uma boa harmonia dos Evangelhos.

Em Mateus 4:16, Mateus cita Isaías (ver Is 9:1, 2). O profeta escreveu sobre pessoas que "andavam" na escuridão, mas no tempo de Mateus a situação era tão desanimadora que o povo "jazia" na escuridão! Jesus Cristo lhes trouxe a luz. Montou seu "centro de operações" em Cafarnaum, na "Galiléia dos gentios" - outra referência ao alcance universal do evangelho. A Galiléia possuía uma população mestiça desprezada pelos cidadãos "puros" da Judéia.

De que maneira Jesus trouxe essa luz para a Galiléia? De acordo com Mateus 4:23, ele o fez por meio de suas pregações, ensinamentos e curas. Essa ênfase pode ser encontrada com freqüência no Evangelho de Mateus: ver 9:35; 11:4, 5; 12:15; 14:34-36; 15:30; 19:2. O evangelista deixa claro que Jesus curou "toda sorte de doenças e de enfermidades" (Mt 4:23). Não havia caso algum difícil demais para Jesus!

Em decorrência desses grandes milagres, Jesus tornou-se extremamente conhecido e passou a ser acompanhado por uma multi-

indica o versículo 15. A expressão “além do Jordão” refere-se à Peréia, a região a leste do Jordão. As notícias correram, e os que tinham amigos ou familiares enfermos os traziam para ser curados por Jesus.

Mateus apresenta uma relação de alguns desses “casos” em Mateus 4:24. “Enfermidades e tormentos” abrangem quase todos os tipos de doenças. Sem dúvida, Jesus também expulsou vários demônios. O termo “lunáticos” não se refere a pessoas com doenças mentais, mas sim aos que sofriam de epilepsia (ver Mt 17:15). As curas foram apenas uma parte do ministério de Cristo por toda a Galiléia, pois ele também ensinou e pregou a Palavra. A “luz” prometida por Isaías foi a Luz da Palavra de Deus, bem como a Luz da vida perfeita e do ministério compassivo de Cristo. A palavra “pregar”, em Mateus 4:17 e 23, significa “anunciar como arauto”. Jesus proclamou com autoridade as boas-novas de que o reino dos céus estava próximo.

A expressão *reino dos céus* é encontrada 32 vezes no Evangelho de Mateus, enquanto a expressão *reino de Deus* é usada apenas 5 vezes (Mt 6:33; 12:28; 19:24; 21:31, 43). Por uma questão de reverência ao nome santo do Senhor, os judeus não pronunciavam o nome “Deus”, substituindo-o por “céus”. O filho pródigo confessou haver pecado “contra o céu”, referindo-se, obviamente, a Deus. Em várias passagens em que Mateus usa *reino dos céus*, os textos paralelos em Marcos e Lucas usam *reino de Deus*.

No Novo Testamento, a palavra *reino* significa “autoridade, governo”, não um lugar ou território específico. A expressão “reino dos céus” refere-se ao governo de Deus. Os líderes judeus queriam um líder político que os livrasse de Roma, mas Jesus veio exercer soberania *espiritual* sobre o coração do povo. No entanto, como vimos anteriormente, isso não nega a realidade do reino vindouro.

Jesus não apenas proclamou as boas-novas e ensinou ao povo a verdade de Deus, mas também escolheu para si alguns discípulos que pudesse treinar para o serviço do reino. Em Mateus 4:18-22, lemos sobre o chamado de Pedro, André, Tiago e João,

homens que já haviam se encontrado com Jesus e crido nele (Jo 1:29-42). Voltaram para seu negócio de pesca, mas Jesus os chamou para deixar tudo e segui-lo. Os detalhes desse chamado podem ser encontrados em Marcos 1:16-20 e Lucas 5:1-11.

A expressão “pescadores de homens” não era nova. Há séculos, filósofos gregos e romanos usavam-na para descrever o trabalho daqueles que procuravam ensinar e persuadir outros. “Pescar homens” é apenas uma dentre muitas imagens que retratam o evangelismo na Bíblia, e não devemos nos limitar a ela. Jesus também falou do pastor à procura de ovelhas perdidas (Lc 15:1-7) e de trabalhadores na época da colheita (Jo 4:34-38). Uma vez que esses quatro homens trabalhavam com a pesca, nada mais lógico que Jesus usar essa abordagem.

Quatro (ou talvez até sete) dos doze discípulos de Jesus eram pescadores (ver Jo 21:1-3). Por que Jesus chamou tantos pescadores? Em primeiro lugar, eles eram homens ativos; não costumavam passar o dia inteiro ociosos. Quando não estavam no barco, passavam boa parte do tempo selecionando o que haviam pescado, preparando-se para a pescaria seguinte ou fazendo a manutenção de seu equipamento. O Senhor precisava de pessoas ativas, que não tivessem medo de trabalhar.

Os pecadores tinham de ser corajosos e pacientes. Sem dúvida, é necessário paciência e coragem para levar pessoas a Cristo. Era preciso ser habilidosos e aprender com outros os melhores lugares para encontrar peixes e a melhor maneira de pescá-los. A pesca de almas requer habilidade. Os pescadores precisam trabalhar em equipe, e o trabalho do Senhor também requer cooperação. Acima de tudo, porém, a pescaria requer fé: os pescadores não conseguem ver os peixes, portanto não sabem ao certo o que pegarão em suas redes. A fim de ser bem-sucedida, a pesca de almas também exige fé e vigilância.

Mateus apresentou-nos o Rei, e, no capítulo que acabamos de estudar, vimos todas as testemunhas declararem: “Este é o Filho de Deus, este é o Rei!”

OS PRINCÍPIOS DO REI: A VERDADEIRA JUSTIÇA

MATEUS 5

O sermão do monte é de todas as mensagens de Jesus a mais mal interpretada. Uns dizem que é o plano de salvação de Deus e que, se desejamos ir para o céu um dia, devemos obedecer a suas regras. Outros o chamam de “tratado em prol da paz mundial” e instam as nações da Terra a aceitá-lo como tal. Outros, ainda, dizem que o sermão do monte não se aplica aos dias de hoje, mas que valerá para um tempo futuro, talvez durante a tribulação ou no reino milenar.

A meu ver, a chave para esse sermão é Mateus 5:20: “Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus”. O tema central desse texto é a verdadeira justiça. Os líderes religiosos possuíam uma justiça artificial e exterior com base apenas na lei. A justiça que Jesus descreve, porém, é verdadeira e essencial, começa no interior, no coração. Os fariseus preocupavam-se com os mínimos detalhes da conduta, mas deixavam de cuidar do mais importante, o caráter. A conduta é decorrente do caráter.

Quaisquer que sejam as possíveis aplicações do sermão do monte para os problemas mundiais ou os acontecimentos futuros, sem dúvida ele se aplica de maneira bem definida a nós hoje. Jesus transmitiu essa mensagem aos cristãos como indivíduos, não ao mundo incrédulo em geral. Os ensinamentos do sermão do monte são repetidos para a Igreja de hoje nas epístolas do Novo Testamento. A princípio, Jesus proferiu essas palavras para seus discípulos (Mt 5:1), e mais

Neste capítulo, Jesus dá três explicações sobre a verdadeira justiça espiritual.

1. A NATUREZA DA JUSTIÇA VERDADEIRA (Mt 5:1-16)

Como Mestre exemplar que foi, Jesus não começa este sermão tão importante com uma crítica negativa aos escribas e fariseus. Antes, inicia seu discurso com uma ênfase positiva sobre o caráter idôneo e as bênçãos que dele decorrem para o cristão. Os fariseus ensinavam que a justiça era algo exterior, uma questão de obedecer a determinadas regras e preceitos. Poderia ser medida por orações, ofertas, jejuns etc. Jesus, nas bem-aventuranças e nas descrições do indivíduo temente a Deus, apresenta um caráter cristão que flui do ser interior.

Podemos imaginar como a atenção da multidão se aguçou quando Jesus proferiu as primeiras palavras: “bem-aventurados” (em latim, *beatus*, de onde vem o termo *beatitude*). Essa palavra tinha significado muito forte para os que ouviam Jesus naquele dia, pois expressava a idéia de “alegria divina e perfeita”. Não era um termo usado para os seres humanos, pois descrevia o tipo de alegria experimentado apenas por deuses ou por mortos. Essa “bem-aventurança” sugeria satisfação e suficiência interiores que não dependiam das circunstâncias externas para ter alegria. É isso que o Senhor oferece aos que confiam nele!

As bem-aventuranças descrevem as atitudes que devem estar presentes em nossa vida hoje. Vemos aqui quatro dessas atitudes.

Atitude em relação a si mesmo (v. 3). Ser humilde significa ter uma opinião correta de si mesmo (Rm 12:3). Não quer dizer ser “pobre de espírito” e fraco! A humildade é o oposto das atitudes atuais de autoafirmação e de exaltação. Também não é uma falsa humildade, como aquela que diz: “Não tenho valor algum, não sou capaz de fazer nada”, mas sim uma atitude de honestidade em relação a si mesmo: conhecer-se, aceitar-se e tentar ser autêntico para a glória de Deus.

Atitude em relação ao pecado (vv. 4-6).

pecado e o rejeitamos. Vemos o pecado como Deus o vê e procuramos tratá-lo como Deus o trata. Aqueles que encobrem ou defendem o pecado estão, sem dúvida alguma, indo pelo caminho errado. Não devemos apenas nos entristecer com o pecado, mas também nos sujeitar a Deus com mansidão (ver Lc 18:9-14; Fp 3:1-14).

Mansidão não é o mesmo que fraqueza, pois tanto Moisés quanto Jesus foram homens mansos (Nm 12:3; Mt 11:29). O adjetivo "manso" era usado pelos gregos para descrever um cavalo domado e se refere ao poder sob controle.

Atitude em relação a Deus (vv. 7-9). Experimentamos a misericórdia de Deus quando cremos em Cristo (Ef 2:4-7), e ele nos dá um coração puro (At 15:9) e paz interior (Rm 5:1). Mas, depois de receber sua misericórdia, nós a *compartilhamos* com outros. Esforçamo-nos por manter o coração puro a fim de buscar a Deus. Tornamo-nos pacificadores em um mundo perturbado e canais para a paz, a pureza e a misericórdia de Deus.

Atitude em relação ao mundo (vv. 10-16). Não é fácil ser um cristão consagrado. Nossa sociedade não tem amizade com Deus nem com o povo de Deus. Quer gostemos quer não, estamos em *conflito* com o mundo, pois somos diferentes e temos atitudes diferentes.

Ao ler as bem-aventuranças, observamos que mostram uma perspectiva radicalmente diferente daquela do mundo a nosso redor. O mundo estimula o orgulho e não a humildade. O mundo incentiva o pecado, especialmente se for possível escapar impunes. O mundo está em guerra com Deus, enquanto Deus deseja se reconciliar com seus inimigos e recebê-los como filhos. Quem vive de maneira agradável a Deus deve esperar perseguições. Mas é importante certificar-se de que o sofrimento não é resultante da própria insensatez ou desobediência.

2. O CAMINHO PARA A JUSTIÇA VERDADEIRA (Mt 5:17-20)

Depois de ouvir a descrição do tipo de caráter que Deus abençoa, sem dúvida alguns

na multidão disseram: "É impossível cultivar um caráter como esse. Como ser justos assim? De onde vem essa justiça?" Para eles, era difícil entender de que maneira esses ensinamentos se relacionavam àquilo que haviam aprendido desde a infância. E quanto a Moisés e à lei?

Na lei de Moisés, Deus certamente revelou seus padrões para uma vida de santidade. Os fariseus defendiam a lei e procuravam lhe obedecer. Mas Jesus afirmou que a verdadeira justiça agradável a Deus deve *exceder* aquela dos escribas e fariseus – e, para o povo em geral, os escribas e fariseus eram as pessoas mais santas da comunidade! Se eles não haviam conseguido encontrar essa justiça, que esperança haveria para o restante do povo?

Jesus explica a própria atitude com respeito à lei descrevendo três relacionamentos possíveis.

É possível procurar destruir a lei (v. 17a). Para os fariseus, era justamente isso o que Jesus fazia. Em primeiro lugar, a *autoridade* de Jesus não era proveniente de nenhum líder ou escola rabínica conhecida. Em vez de ensinar os preceitos das autoridades no assunto, como os escribas e fariseus, Jesus ensinava *com autoridade*.

Jesus parecia desafiar a lei não apenas com sua autoridade, mas também com suas ações. Curava pessoas no sábado e não fazia caso das tradições dos fariseus. Seus *relacionamentos* também pareciam opor-se à lei, pois era amigo de publicanos e de pecadores.

No entanto, eram os fariseus que destruíam a lei! Por meio de suas tradições, privavam as pessoas da Palavra de Deus, e por meio de uma vida hipócrita, desobedeciam às leis que afirmavam proteger. Os fariseus pensavam estar *guardando* a Palavra de Deus, quando, na verdade, *reprimiam* a Palavra de Deus, sufocando-a com seus preceitos humanos e acabando com sua vitalidade! O fato de terem rejeitado Cristo quando veio à Terra comprovou que a verdade interior da lei não havia penetrado o coração desses homens.

Jesus deixou claro que veio para honrar a lei e ajudar o povo de Deus a amá-la, apren-

der dela e colocá-la em prática. Recusou a justiça artificial dos líderes religiosos, que não passava de uma farsa. Para eles, a religião era um ritual morto, não um relacionamento vivo. Uma vez que era falsa, não se reproduzia em outros de maneira viva e eficaz. Promovia apenas o orgulho, não a humildade; conduzia à escravidão, não à liberdade.

Podemos procurar cumprir a lei (v. 17b). Jesus Cristo cumpriu a lei de Deus em todos os aspectos de sua vida. Cumpriu-a em seu nascimento, pois foi “nascido sob a lei” (Gl 4:4). Seus pais realizaram todos os rituais prescritos para um menino judeu. Por certo, também cumpriu a lei em sua vida, pois ninguém nunca foi capaz de acusá-lo de qualquer pecado. Jesus obedeceu a todos os mandamentos de Deus na lei sem, no entanto, se sujeitar às tradições dos escribas e fariseus. O Pai expressou sua aprovação declarando: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3:17; 17:5).

Jesus também cumpriu a lei em seus ensinamentos, e foi isso o que o levou a entrar em conflito com os líderes religiosos. Quando começou seu ministério, encontrou a Palavra viva de Deus recoberta de tradições e de interpretações humanas. Jesus rompeu essa “casca de religiosidade” e guiou o povo de volta à Palavra de Deus. Em seguida, revelou-a como nova forma de viver para uma gente acostumada com a “letra” da lei, não com a “essência” da vida.

Foi, porém, em sua morte e ressurreição que Jesus cumpriu a lei de maneira especial, pois levou sobre si a maldição da lei (Gl 3:13). Ele cumpriu os tipos e as cerimônias do Antigo Testamento para que não fossem mais necessários ao povo de Deus (ver Hb 9 - 10). Colocou de lado a antiga aliança e firmou uma nova aliança.

A fim de destruir a lei, Jesus não lutou contra ela; ele a cumpriu! Talvez possamos esclarecer esse fato com uma ilustração. Há duas maneiras de destruir uma semente: esmagando-a em pedaços ou plantando-a para que *cumpra seu propósito* e se transforme numa árvore.

Quando Jesus morreu, rasgou o véu do templo e abriu o caminho para a santidade

(Hb 10:19). Derrubou o muro de separação entre judeus e gentios (Ef 2:11-13). Uma vez que a lei foi cumprida em Jesus, não precisamos mais de templos construídos por mãos humanas (At 7:48ss) nem de rituais religiosos (Cl 2:10-13).

Como é possível cumprir a lei? Entregando-nos ao Espírito Santo e deixando que opere em nossa vida (Rm 8:1-3). O Espírito Santo permite que experimentemos “a justiça da lei” em nossa vida diária. Isso não significa que temos uma vida perfeita e sem pecado, mas sim que Cristo vive em nós pelo poder do Espírito Santo (Gl 2:20).

Quem lê as bem-aventuranças, vê ali retratado o caráter perfeito de Jesus Cristo. Apesar de nunca ter se entristecido com seu pecado, pois jamais pecou, ainda assim foi um “homem de dores e que sabe o que é padecer” (Is 53:3). Nunca precisou sentir fome nem sede de justiça, pois era o santo Filho de Deus, mas se agradou da vontade do Pai e encontrou saciedade nessa obediência (Jo 4:34). A única forma de experimentar a justiça das bem-aventuranças é por meio do poder de Cristo.

Podemos procurar cumprir e ensinar a lei (v. 19). Isso não significa voltar toda a atenção para o Antigo Testamento e esquecer o Novo! 2 Coríntios 3 deixa bem claro que nosso ministério refere-se à *nova aliança*. Existe, porém, um ministério da lei (1 Tm 1:9ss) que não é contrário à mensagem gloriosa da graça de Deus. Jesus deseja que cresçamos em conhecimento acerca da justiça de Deus, a fim de que sejamos capazes de lhe obedecer e de compartilhá-la com outros. A lei moral de Deus não mudou. Nove dos dez mandamentos são repetidos nas epístolas do Novo Testamento, e os cristãos são chamados a obedecer a eles. (A única exceção é o mandamento sobre o sábado, dado como um sinal para Israel. Ver Ne 9:14.)

Não obedecemos a uma lei exterior por medo. Antes, como cristãos nos dias de hoje, obedecemos a uma lei interior e *vivemos por causa do amor*. O Espírito Santo nos ensina a Palavra e nos capacita a obedecer a ela. Pecado continua sendo pecado, e Deus

continua a castigá-lo. Na realidade, os cristãos de hoje têm ainda *mais* responsabilidade, pois temos mais conhecimento!

3. A JUSTIÇA EM AÇÃO NA VIDA DIÁRIA (MT 5:21-48)

Jesus selecionou seis leis importantes do Antigo Testamento e as interpretou para o povo à luz da vida nova que veio oferecer. Fez uma alteração fundamental sem, no entanto, mudar o padrão de Deus: tratou das atitudes e intenções do coração, não apenas das ações aparentes. Os fariseus diziam que a justiça consistia em realizar determinadas ações. Jesus diz que o cerne da justiça são as atitudes do coração.

O mesmo se aplica ao pecado: os fariseus tinham uma lista de ações exteriores consideradas pecado, mas Jesus explicou que o pecado provém das atitudes do coração. A ira sem motivo é homicídio no coração; a lascívia é adultério no coração. A pessoa que afirma “viver segundo o sermão do monte” talvez não perceba que é *mais difícil* seguir esses preceitos do que os Dez Mandamentos!

Homicídio (vv. 21-26; Êx 20:13). Segundo uma estatística que li, em Chicago, uma em cada trinta e cinco mortes é por assassinato, a maior parte delas é “crimes passionais” causados pela ira descontrolada entre amigos e parentes. Jesus não diz que a ira conduz ao homicídio, mas sim que a ira é uma forma de homicídio.

Existe uma ira santa contra o pecado (Ef 4:26), mas Jesus refere-se aqui a uma ira pecaminosa contra as pessoas. A palavra que usa em Mateus 5:22 significa “ira cultivada, malignidade alimentada no ser interior”. Jesus descreve uma experiência pecaminosa constituída de vários estágios. Primeiro, a manifestação de uma ira *sem motivo*. Depois, a explosão dessa ira em *palavras*, que põe mais lenha na fogueira e, por fim, leva à condenação: “Seu tolo, seu rebelde obstinado!”

A ira pecaminosa é insensata, pois nos faz destruir em vez de edificar. Tira nossa liberdade e nos faz prisioneiros. Odiar alguém é cometer homicídio no coração (1 Jo 3:15).

Isso não significa que devemos matar alguém de fato, uma vez que já o fizemos intimamente. Por certo, os sentimentos pecaminosos não servem de desculpa para ações pecaminosas. A ira pecaminosa rompe nossa comunhão com Deus e com os irmãos, mas não faz com que sejamos presos como assassinos. No entanto, não foram poucos os que se tornaram homicidas por não conseguir controlar seu furor.

A ira deve ser encarada honestamente e confessada diante de Deus como pecado. Devemos procurar a pessoa ofendida e colocar as coisas em ordem sem demora. Quanto mais esperarmos, pior se torna a escravidão! Quando recusamos a reconciliação, condenamo-nos a uma terrível prisão. (Para mais conselhos a esse respeito, ver Mt 18:15-20.) Alguém disse bem que a pessoa que se recusa a perdoar seu irmão está destruindo a mesma ponte sobre a qual precisa andar.

Adultério (vv. 27-30; Êx 20:14). Jesus assevera a pureza da lei de Deus e, em seguida, explica que a intenção dessa lei é revelar a santidade do sexo e a pecaminosidade do coração humano. Deus criou o sexo e protege essa criação. Tem autoridade para determinar como deve ser usado e para punir os que se rebelam contra suas leis. Deus não estabeleceu regras para o sexo porque deseja nos controlar, mas sim porque deseja nos abençoar. Deus sempre diz “não” para poder dizer “sim”.

A impureza sexual nasce dos desejos do coração. Mais uma vez, Jesus não está dizendo que desejos lascivos são a mesma coisa que práticas lascivas e, portanto, que a pessoa pode aproveitar e cometer adultério de fato, uma vez que já o fez em pensamento. O desejo e a prática não são idênticos, mas, em termos espirituais, são equivalentes. O “olhar” que Jesus menciona não é apenas casual e de relance; antes, é um olhar fixo e demorado *com propósitos lascivos*. É possível um homem olhar de relance para uma mulher, constatar que ela é linda, mas não ter pensamentos lascivos depois disso. O homem que Jesus descreve olha para a mulher *com o propósito de alimentar seus apetites sexuais interiores*, como um substituto para

o ato sexual em si. Não é uma situação acidental, mas um ato planejado.

Como vencer essas tentações? Pela purificação dos desejos do coração (o apetite conduz à ação) e pela disciplina das ações do corpo. Claro que Jesus não está falando literalmente de realizar uma cirurgia, pois isso não resolveria o problema do coração. Em se tratando dos pecados sexuais, os olhos e as mãos são geralmente os dois grandes “culpados”; portanto, são eles que devem ser disciplinados. Jesus diz: “trate o pecado de maneira imediata e decisiva! Não pense num tratamento gradual. A remoção deve ser radical!” A cirurgia espiritual é mais importante do que a cirurgia física, pois os pecados do corpo podem levar ao julgamento eterno. Convém refletir sobre passagens como Colossenses 3:5 e Romanos 6:13; 12:1, 2; 13:14.

Divórcio (vv. 31, 32). Jesus trata do divórcio mais detalhadamente em Mateus 19:1-12; falaremos mais sobre o assunto nos comentários referentes a essa passagem.

Juramentos (vv. 33-37; Lv 19:12; Dt 23:23). Trata-se do pecado de usar juramentos para reforçar a veracidade de uma declaração. Os fariseus usavam vários tipos de artifício para esquivar-se da verdade, e o juramento era um deles. Evitavam usar o nome santo de Deus, mas empregavam aproximações como a cidade de Jerusalém, céu, terra, ou alguma parte do corpo.

Jesus ensina que nossas conversas devem ser tão honestas e nosso caráter tão verdadeiro que não haja necessidade de usar qualquer outro recurso para fazer as pessoas acreditarem em nós. As palavras dependem do caráter, e juramentos não são capazes de compensar a falta de caráter. “No muito falar não falta transgressão, mas o que modera os lábios é prudente” (Pv 10:19). Quanto mais palavras alguém usa para nos convencer, mais desconfiados devemos ficar.

Vingança (vv. 38-42; Lv 24:19-22). A lei original era justa, pois impedia que as pessoas obrigassem o transgressor a pagar um preço maior do que o merecido por sua ofensa e também evitava a retaliação. Jesus subs-

a sofrer a perda, em vez de causar sofrimento a outros. É evidente que ele aplica esse princípio a *ofensas pessoais*, não em nível coletivo ou nacional. A pessoa que busca a vingança causa apenas mais sofrimento a si mesma e ao transgressor, e o resultado é guerra, não paz.

A fim de “dar a outra face”, devemos permanecer onde estamos e não fugir, uma atitude que requer fé e amor. Também quer dizer que *nós* podemos ser feridos, mas é melhor ser ferido por fora do que danificado por dentro. Significa, ainda, que *devemos procurar ajudar o pecador*. Estamos vulneráveis, pois ele pode nos atacar novamente, mas somos vitoriosos, pois Jesus está do nosso lado, ajudando-nos a construir nosso caráter. De acordo com os psicólogos, a violência nasce da fraqueza, não da força. O homem forte é capaz de amar e de sofrer, enquanto o fraco pensa apenas em si mesmo e fere os outros para se defender. Depois, foge para se proteger.

O amor pelos inimigos (vv. 43-48; Lv 19:17, 18). Em momento algum a lei ensina a odiar os inimigos. Passagens como Êxodo 23:4, 5 indicam exatamente o contrário! Para Jesus, nossos inimigos são aqueles que nos amaldiçoam, nos odeiam e nos exploram. Uma vez que o amor cristão é um ato de nossa volição, não apenas uma emoção, Deus pode ordenar que amemos nossos inimigos. Afinal, ele nos amou quando éramos seus inimigos (Rm 5:10). Podemos demonstrar esse amor abençoando os que nos amaldiçoam, fazendo o bem a eles e orando por eles. Quando oramos por nossos inimigos, achamos mais fácil amá-los, pois a oração remove o “veneno” de nossas atitudes.

Jesus apresenta vários motivos para essa admoestação: (1) Tal amor é sinal de maturidade e prova que somos *filhos* do Pai, e não apenas criancinhas. (2) É divino, pois o Pai compartilha as coisas boas com aqueles que se opõem a ele. Mateus 5:45 sugere que nosso amor cria um clima de bênçãos que torna mais fácil ganhar nossos inimigos e transformá-los em amigos. O amor é como o brilho do Sol e a chuva que o Pai, em sua

para os outros. “Que fazem vocês mais do que os outros?”. Essa é uma boa pergunta. Deus espera que vivamos neste mundo num nível bem mais elevado que o dos não cristãos, que retribuem o bem com bem e o mal com mal. Como cristãos, devemos retribuir o mal com o bem, considerando isso um investimento de amor.

O termo *perfeito* em Mateus 5:48 não significa *impecavelmente* perfeito, pois isso é impossível nesta vida (apesar de ser um excelente alvo para nossos esforços); antes, refere-se a nossa integridade e maturidade como filhos de Deus. O Pai ama seus inimigos e procura transformá-los em filhos, e devemos auxiliá-lo nessa tarefa!

OS PRINCÍPIOS DO REI: A VERDADEIRA ADORAÇÃO

MATEUS 6

A verdadeira justiça do reino deve ser aplicada às atividades da vida diária. Essa é a ênfase do restante do sermão do monte. Jesus associa esse princípio a nossa relação com Deus na adoração (Mt 6:1-18), com as coisas materiais (Mt 6:19-34) e com as outras pessoas (Mt 7:1-20).

Jesus também adverte quanto ao perigo da hipocrisia (Mt 6:2, 5, 16), o pecado de usar a religião para esconder nossas transgressões. Hipócrita não é quem fica aquém de seus altos ideais nem quem peca ocasionalmente, pois todos sofremos tais fracassos. Hipócrita é alguém que usa a religião *deliberadamente* para esconder seus pecados e promover o benefício próprio. O termo grego traduzido por *hipócrita* significa originalmente "um ator que usa máscaras".

A justiça dos fariseus era insincera e desonesta. Praticavam sua religião visando ao louvor dos homens e não à recompensa de Deus. A verdadeira justiça deve vir do interior. Cabe a cada um avaliar a sinceridade e a honestidade de seu compromisso cristão. Neste capítulo, Jesus aplica essa avaliação a quatro áreas distintas da vida.

1. NOSSAS CONTRIBUIÇÕES (MT 6:1-4)

Dar esmolas aos pobres, orar e jejuar eram disciplinas importantes na religião dos fariseus. Jesus não condenou essas práticas, mas advertiu que era preciso ter uma atitude interior correta ao realizá-las. Os fariseus usavam as esmolas como forma de obter o favor de Deus e a atenção dos homens – duas motivações erradas. Não há oferta, por mais generosa que seja, capaz de comprar

de Deus (Ef 2:8, 9). Além disso, é tolice viver em função do reconhecimento humano, pois a glória do homem não dura muito tempo (1 Pe 1:24). O que importa é a glória e o louvor de Deus!

Nossa natureza pecaminosa é tão sutil que pode corromper até mesmo algo bom, como ajudar os pobres. Se nossa motivação é receber o reconhecimento humano, então, como os fariseus, chamaremos a atenção para o que estamos fazendo. Se nosso motivo é servir a Deus e lhe agradecer em amor, realizaremos nossas contribuições sem chamar a atenção e, assim, cresceremos espiritualmente, Deus será glorificado e outros serão ajudados. Mas se ofertarmos por motivos errados, privamo-nos das bênçãos e das recompensas e roubamos a glória de Deus, mesmo que dinheiro ofertado ajude uma pessoa necessitada.

Isso significa que é errado ofertar abertamente? Todas as ofertas devem ser anônimas? Não necessariamente, pois os cristãos da Igreja primitiva sabiam que Barnabé havia doado o valor recebido da venda de suas terras (At 4:34-37). Quando os membros da igreja colocavam seu dinheiro aos pés dos apóstolos, não o faziam em segredo. É evidente que a diferença está na *motivação* interior, não no *modo* como a oferta era realizada. Vemos um contraste no caso de Ananias e Safira (At 5:1-11), que tentaram usar sua oferta para mostrar aos outros uma espiritualidade que, na verdade, nenhum dos dois possuía.

2. NOSSAS ORAÇÕES (MT 6:5-15)

Jesus apresenta quatro instruções para orientar nossa oração.

Devemos orar em particular antes de orar em público (v. 6). Não é errado orar em público na congregação (1 Tm 2:1ss), ao agradecer o alimento (Jo 6:11) ou, ainda, ao buscar auxílio de Deus (Jo 11:41, 42, At 27:35). Mas é errado orar em público se não temos o hábito de orar em particular. Aqueles que estão nos observando podem pensar que praticamos a oração em nossa vida particular. Assim, a oração pública que não tem

não passa de hipocrisia. A palavra *quarto* também pode ser traduzida por “câmara particular” e se referir à despensa da casa. O relato bíblico mostra Jesus (Mc 1:35), Eliseu (2 Rs 4:32ss) e Daniel (Dn 6:10ss) orando em particular.

Devemos orar com sinceridade (vv. 7, 8). O fato de repetir um pedido não o torna uma “vã repetição”, pois tanto Jesus quanto Paulo repetiram suas petições (Mt 26:36-46; 2 Co 12:7, 8). Um pedido torna-se “vã repetição” quando as palavras não refletem um desejo sincero de buscar a vontade de Deus. A prática de recitar orações memorizadas pode se transformar em vã repetição. Os gentios usavam orações em suas cerimônias pagãs (ver 1 Rs 18:26).

Meu amigo Dr. Robert A. Cook costumava dizer que: “Todos nós temos uma oração rotineira à qual sempre voltamos; só quando nos livramos dela é que podemos começar a orar de fato!” Vejo isso não apenas em minhas orações particulares, mas também ao realizar reuniões de oração. Para alguns, orar é como colocar um CD no aparelho de som e *deixar tocando enquanto vão fazer outra coisa*. Deus não responde a orações insinceras.

Devemos orar de acordo com a vontade de Deus (vv. 9-13). Essa oração, mais conhecida como “Pai nosso”, poderia ser chamada mais apropriadamente de “oração dos discípulos”. Jesus não deu essa oração para ser memorizada e recitada determinado número de vezes. Pelo contrário, deu essa oração para *evitar* que usássemos de vãs repetições. Jesus não disse: “orem com estas palavras”, mas sim: “orem desta forma”, ou seja, “usem esta oração como um modelo, não como um substituto”.

O propósito da oração é glorificar o nome de Deus e pedir ajuda para realizar sua vontade na Terra. Essa oração não começa com nossos interesses pessoais, mas sim com os interesses de Deus: o nome de Deus, seu reino e sua vontade. Nas palavras de Robert Law: “A oração é um instrumento poderoso não para realizar a vontade do homem no céu, mas para realizar a vontade de Deus na Terra”. Não temos o direito

de pedir a Deus qualquer coisa que desonre o nome dele, que impeça o avanço de seu reino, ou que seja um empecilho a sua vontade na Terra.

É interessante observar que *todos os pronomes da oração estão no plural*, não no singular (“Pai nosso”). Ao orar, é preciso lembrar que somos parte da família de Deus, constituída de cristãos de todo o mundo. Não temos o direito de pedir qualquer coisa que prejudique outro membro desta família. Se estivermos orando segundo a vontade de Deus, de uma forma ou de outra, a resposta abençoará todo o povo de Deus.

Se colocarmos os interesses de Deus em primeiro lugar, poderemos apresentar nossas necessidades pessoais. Deus se preocupa com nossas necessidades e as conhece antes mesmo de nós as levarmos a ele (Mt 6:8). Se ele já sabe, então por que orar? Porque a oração é o caminho que Deus determinou para suprir essas necessidades (ver Tg 4:1-3). *A oração nos prepara para usar corretamente a resposta*. Quando conhecemos nossa necessidade e a expressamos a Deus, confiando que ele a proverá, faremos melhor uso da resposta do que se Deus a impusesse sobre nós sem que a tivéssemos pedido.

É correto orar pelas necessidades diárias, por perdão e por orientação e proteção contra o mal. “E não nos deixes cair em tentação” não significa que Deus tenta seus filhos (Tg 1:13-17). Com essas palavras, estamos pedindo a Deus para nos guiar de modo a não nos desviarmos de sua vontade nem nos envolvermos em situações de tentação (1 Jo 5:18), ou mesmo em situações em que tentaremos a Deus, levando-o a nos resgatar miraculosamente (Mt 4:5-7).

Devemos orar com espírito de perdão (vv. 14, 15). Neste “apêndice” da oração, Jesus expande a última frase de Mateus 6:12: “assim como nós temos perdoado aos nossos devedores”, uma lição que repete a seus discípulos posteriormente (Mc 11:19-26). Jesus não está ensinando que os cristãos só merecem o perdão de Deus se perdoarem os outros, pois isso seria contrário a sua graça e misericórdia. No entanto, se *experimentamos*, verdadeiramente, o perdão de Deus,

teremos a disposição de perdoar aos outros (Ef 4:32; Cl 3:13). Jesus ilustra esse princípio na parábola do Servo Incompassivo (Mt 18:21-35).

Vimos que a verdadeira oração é um assunto de família ("Pai nosso"). Se não há entendimento entre os membros da família, como podem querer ter um bom relacionamento com o Pai? 1 João 4 enfatiza que mostramos nosso amor a Deus ao amar nossos irmãos. Quando perdoamos uns aos outros, não estamos *adquirindo* o direito de orar, pois o privilégio de orar faz parte da nossa *filiação* (Rm 8:15, 16). O perdão diz respeito à *comunhão*: se não estou em comunhão com Deus, não posso orar efetivamente. Mas minha comunhão com Deus é influenciada pela comunhão com meu irmão; conseqüentemente, o perdão é parte importante da oração.

Uma vez que a oração envolve a glorificação do nome de Deus, apressando a vinda do reino de Deus (2 Pe 3:12), e ajuda a realizar a vontade de Deus na Terra, aquele que ora não pode ter pecado em seu coração. Se Deus respondesse à oração de um cristão com um espírito rancoroso, estaria desonrando seu nome. De que maneira Deus usaria tal pessoa para realizar sua vontade na Terra? Se atendesse aos pedidos dela, Deus estaria encorajando o pecado! O mais importante numa oração não é simplesmente obter uma resposta, mas *ser o tipo de pessoa a quem Deus pode confiar uma resposta*.

3. NOSSO JEJUM (Mt 6:16-18)

O único jejum que Deus exigia do povo judeu era aquele da celebração anual do Dia da Expição (Lv 23:27). Os fariseus jejuavam todas as segundas e quintas-feiras (Lc 18:12) e o faziam de modo visível para todos. Sem dúvida, seu objetivo era receber o louvor dos homens, e, com isso, perderam as bênçãos de Deus.

Não é errado jejuar, se o fizermos da forma correta e pelos motivos certos. Jesus jejuava (Mt 4:3), e também os membros da Igreja primitiva praticavam o jejum (At 13:2).

(Lc 21:34) e a manter nossas prioridades espirituais em ordem. No entanto, essa prática não deve jamais se tornar uma oportunidade para a tentação (1 Co 7:7). A privação de um benefício natural (como o alimento e o sono) não constitui, *em si mesma*, um jejum. É necessário que nos consagremos a Deus em adoração. Se não houver devoção sincera (ver Zc 7), não haverá qualquer benefício espiritual duradouro.

Assim como as ofertas e a oração, o verdadeiro jejum deve ser feito em particular, apenas entre o cristão e Deus. Aquele que "[desfigura] o rosto" (apresenta uma expressão abatida, a fim de suscitar piedade e receber elogios) contraria o propósito do jejum. Aqui, Jesus apresenta um princípio fundamental da vida espiritual: tudo o que é verdadeiramente espiritual nunca viola aquilo que Deus nos deu na natureza. Deus não destrói uma coisa boa para construir outra. Se alguém precisa parecer miserável para ser considerado espiritual, há algo de errado com seu conceito de espiritualidade.

É importante lembrar que a *hipocrisia nos priva da realidade na vida cristã*. Colocamos a reputação no lugar do caráter, as palavras vazias no lugar da oração e o dinheiro no lugar da devoção sincera. Não é de se admirar que Jesus tenha comparado os fariseus a sepulturas limpas por fora, mas imundas por dentro! (Mt 23:27, 28).

A hipocrisia não nos priva apenas de nosso caráter, mas também de *nossas recompensas espirituais*. Em vez da aprovação eterna de Deus, recebemos o louvor superficial dos homens. Oramos, mas não obtemos resposta. Jejuamos, mas o ser interior não é aperfeiçoado. A vida espiritual torna-se vazia e inerte. Perdemos as bênçãos aqui e agora, bem como as recompensas de Deus quando Cristo voltar.

Outra coisa que perdemos com a hipocrisia é nossa *influência espiritual*. Os fariseus eram uma influência negativa, corrompendo e destruindo tudo o que tocavam. As pessoas que os admiravam e obedeciam a suas palavras pensavam que estavam recebendo ajuda, quando na realidade estavam

O primeiro passo para superar a hipocrisia é ser honesto com Deus em nossa vida particular. Não devemos jamais orar sem sinceridade, pois, se o fizermos, nossas orações não passarão de palavras vazias. Nossa motivação deve ser agradar somente a Deus, sem nos importar com o que os outros dizem ou fazem. Devemos cultivar nosso coração em segredo. Alguém disse bem que: "A parte mais importante da vida cristã é aquela que somente Deus vê". Quando a reputação torna-se mais importante do que o caráter, transformamo-nos em hipócritas.

4. O USO DAS RIQUEZAS MATERIAIS (Mt 6:19-34)

Estamos acostumados a dividir nossa vida em "espiritual" e "material", mas Jesus não faz essa divisão. Em várias de suas parábolas, deixa claro que uma atitude correta em relação à riqueza é a marca da verdadeira espiritualidade (ver Lc 12:13ss; 16:1-31). Os fariseus eram cobiçosos (Lc 16:14) e usavam a religião para ganhar dinheiro. Se temos a verdadeira justiça de Cristo em nossa vida, também teremos uma atitude correta em relação aos bens materiais.

Em momento algum Jesus exagera a pobreza ou critica o enriquecimento legítimo. Deus fez todas as coisas, inclusive a comida, roupas e metais preciosos, e declarou que todas as coisas que fez são boas (Gn 1:31). Deus sabe que precisamos de certas coisas para viver (Mt 6:32). De fato, é Deus quem "tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento" (1 Tm 6:17). Não é errado possuir coisas, mas é *errado permitir que as coisas nos possuam*. O pecado da idolatria é tão perigoso quanto o da hipocrisia! Encontramos várias advertências contra a cobiça ao longo Bíblia (Êx 20:17; Sl 119:36; Mc 7:22; Lc 12:15ss; Ef 5:5; Cl 3:5).

Jesus adverte sobre o pecado de viver em função dos bens materiais e chama a atenção para as tristes conseqüências da cobiça e da idolatria.

Tornamo-nos escravos (vv. 19-24). O materialismo escraviza o coração (Mt 6:19-21), a mente (Mt 6:22, 23) e a volição (Mt

6:24). Podemos nos tornar prisioneiros de coisas materiais, mas devemos ser libertos e controlados pelo Espírito de Deus.

Se o coração ama as coisas materiais e coloca o lucro nesta Terra acima dos investimentos no céu, o único resultado possível é um trágico prejuízo. Os tesouros da Terra podem ser usados para Deus, mas se ajuntarmos riquezas para nós mesmos, perderemos esses bens – e, junto com eles, o nosso coração. Em vez de enriquecimento espiritual, experimentaremos empobrecimento.

O que significa acumular tesouros no céu? Quer dizer usar *tudo o que temos* para a glória de Deus, desapego às coisas materiais da vida. Também significa medir a vida pelas verdadeiras riquezas do reino e não pelas falsas riquezas deste mundo.

A riqueza não escraviza apenas o coração, mas também a mente (Mt 6:22, 23). A Palavra de Deus usa a imagem do olho com freqüência para representar as atitudes da mente. Se os olhos estão devidamente focados na luz, o corpo pode realizar seus movimentos de maneira correta. Mas a visão desfocada e dupla resulta em movimentos confusos. É extremamente difícil avançar enquanto tentamos olhar em duas direções ao mesmo tempo.

Se nosso objetivo de vida é o enriquecimento material, experimentaremos escuridão interior. Mas se nosso alvo é servir a Deus e glorificá-lo, haverá luz interior. Quando há escuridão onde deveria haver luz, estamos sendo controlados pelas trevas, pois as perspectivas determinam os resultados.

Por fim, o materialismo pode escravizar nossa vontade (Mt 6:24). Não podemos servir a dois senhores ao mesmo tempo – ou Jesus Cristo é nosso Senhor, ou o dinheiro. Trata-se de uma questão de volição. "Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada" (1 Tm 6:9). Se Deus concede riquezas, e as usamos para a glória dele, então as riquezas são bênção. Mas se *desejamos* enriquecer e vivemos de acordo com essa perspectiva, pagaremos um alto preço pelas riquezas que buscarmos.

Vivemos ansiosos (vv. 25-30). A cobiça não apenas desvaloriza nossa riqueza, como

também nos deprecia como pessoas! Enchemo-nos de preocupações e somos tomados de ansiedade anormal, não espiritual. Quem busca riquezas pensa que o dinheiro resolverá todos os problemas, quando, na realidade, trará ainda mais problemas! As riquezas materiais criam uma sensação falsa e perigosa de segurança, a qual termina em tragédia. Os pássaros e os lírios não se preocupam nem se inquietam e, ainda assim, têm uma riqueza de Deus que o ser humano não consegue reproduzir. A natureza toda depende de Deus, e ele nunca falha. Só o homem mortal depende do dinheiro, e o dinheiro sempre falha.

Jesus afirma que a preocupação é pecado. Podemos dar nomes mais bonitos à preocupação, chamando-a de aflição, fardo, cruz a ser carregada, mas os resultados são os mesmos. Em vez de nos ajudar a viver mais, a ansiedade apenas encurta a vida (Mt 6:27). No grego, “andar ansioso” significa “ser atraído para direções diferentes”. A ansiedade causa desintegração interior. Quando o ser humano não interfere, a natureza trabalha de maneira plenamente integrada, pois toda a natureza confia em Deus. O ser humano, por sua vez, tenta viver na dependência das riquezas materiais e acaba se desintegrando.

Deus alimenta os pássaros e veste os lírios, e fará o mesmo por nós. É nossa “pequena fé” que impede Deus de trabalhar da forma como gostaria. Se nos sujeitarmos a Deus e vivermos para as riquezas eternas, ele revelará as grandes bênçãos que estão reservadas para nós.

Perdemos nosso testemunho (vv. 31-33).

A preocupação com as coisas materiais nos faz viver como pagãos! Quando colocamos a vontade e a justiça de Deus em primeiro plano em nossa vida, ele cuida de todo o resto. É triste quando não praticamos essa verdade. Mas o cristão que decide viver de acordo com Mateus 6:33 dá um testemunho maravilhoso para o mundo!

Perdemos a alegria com o dia de hoje (v. 34). A preocupação com o amanhã não ajuda nem o dia de hoje nem o dia de amanhã. Antes nos priva de nosso vigor no dia de hoje – o que significa que teremos ainda menos energia no dia de amanhã. Alguém disse que a maior parte das pessoas crucifica-se entre dois ladrões: os remorsos de ontem e as preocupações de amanhã. É correto planejar e até mesmo economizar para o futuro (2 Co 12:14; 1 Tm 5:8), mas é pecado preocupar-se com o futuro e permitir que o amanhã nos prive das bênçãos de hoje.

Nesta seção, encontramos três palavras que mostram o caminho para a vitória sobre a ansiedade: (1) *fé* (Mt 6:30) – a confiança de que Deus suprirá nossas necessidades; (2) o *Pai* (Mt 6:32) – saber que ele se preocupa com seus filhos, e (3) *primeiro* (Mt 6:33) – colocar a vontade de Deus em primeiro lugar em nossa vida a fim de glorificá-lo. Se tivermos fé em nosso Pai e o colocarmos em primeiro plano, ele suprirá nossas necessidades.

Hipocrisia e ansiedade são pecados. Se praticarmos a verdadeira justiça do reino, evitaremos esses pecados e viveremos para a glória de Deus.

OS PRINCÍPIOS DO REI: O VERDADEIRO JULGAMENTO

MATEUS 7

Os escribas e fariseus julgavam falsamente a si mesmos, as outras pessoas e até mesmo a Jesus. Esse julgamento falso era alimentado por sua falsa justiça. Isso explica por que Jesus conclui este sermão tão importante com uma discussão sobre o ato de julgar, tratando de três julgamentos diferentes.

1. O PRÓPRIO JULGAMENTO (Mt 7:1-5)

O primeiro princípio do julgamento é que se deve começar por si mesmo. Jesus não proibiu de julgar os outros, pois o discernimento zeloso é um elemento da vida cristã. O amor cristão não é cego (Fp 1:9, 10), e a pessoa que acredita em tudo o que ouve e aceita todos os que se dizem espirituais sofrerá grandes perdas. Porém, antes de julgar os outros, devemos julgar a nós mesmos, por vários motivos.

Seremos julgados (v. 1). O tempo do verbo *julgar* expressa julgamento definitivo. Se, primeiro, julgarmos a nós mesmos, estaremos preparados para o julgamento final, quando nos encontrarmos com Deus. Os fariseus faziam o papel de Deus ao condenar os outros, mas não levavam em consideração que, um dia, eles próprios seriam julgados por Deus.

Estamos sendo julgados (v. 2). A passagem paralela em Lucas 6:37, 38 é bastante útil. Devemos lembrar que não apenas seremos julgados por Deus no final, mas também estamos sendo julgados pelos outros no presente; e receberemos deles exatamente aquilo que lhes damos. Somos julgados da forma e pela medida com que julgamos, pois ceifamos o que semeamos.

Devemos ver claramente para ajudar os outros (vv. 3-5). O objetivo de julgar-se a si mesmo é preparar-se para servir aos outros. A ajuda mútua para o crescimento na graça é uma das obrigações dos cristãos. Quando não praticamos o julgamento próprio, prejudicamos a nós mesmos e aqueles a quem poderíamos ministrar. Os fariseus julgavam e criticavam os outros para exaltar a si mesmos (Lc 18:9-14), mas os cristãos devem julgar a si mesmos para ajudar a exaltar os outros. Uma diferença e tanto!

Vejamos como Jesus esclarece essa questão. Ele escolhe o olho como ilustração, pois é uma das partes mais sensíveis do corpo humano. A cena de um homem com uma trave no olho tentando remover um cisco do olho de outro homem é, de fato, ridícula! Quem não encara os próprios pecados com honestidade e não os confessa, torna-se cego e não pode ver claramente para ajudar seus semelhantes. Os fariseus viam os pecados dos outros, mas não conseguiam enxergar as próprias transgressões.

Em Mateus 6:22, 23, Jesus usou o olho como ilustração para nos ensinar a ter uma perspectiva espiritual da vida. *Não devemos julgar as motivações dos outros.* Podemos examinar suas ações e atitudes, mas não julgar suas motivações, pois somente Deus conhece o coração de cada um. É possível fazer uma boa ação por motivos errados. Também é possível falhar numa tarefa e ainda assim ter motivações sinceras. Quando estivermos perante o tribunal de Cristo, ele examinará os segredos de nosso coração e nos recompensará de acordo (Rm 2:16; Cl 3:22-25).

A ilustração do olho ensina ainda outra verdade: deve-se usar de grande amor e cuidado ao procurar ajudar os outros (Ef 4:15). Certa vez, tive de fazer um exame oftalmológico e uma cirurgia para remover uma partícula de metal da vista e apreciei muito o cuidado dos médicos que me trataram. Como os oftalmologistas, deveríamos ministrar com amor às pessoas a quem desejamos ajudar. Abordar os outros com impaciência e insensibilidade pode causar mais estrago do que um grão de areia no olho.

Em se tratando de introspecção espiritual, há dois extremos que devem ser evitados. O primeiro é o engano de um exame superficial. Às vezes, estamos tão seguros de nós mesmos que não examinamos o coração com honestidade e profundidade. “Dar uma espiada” no espelho da Palavra nunca é suficiente para revelar a verdadeira situação do coração (Tg 1:22-25).

O segundo extremo é o que chamo de “autópsia perpétua”. Às vezes, há tanta concentração no auto-exame que se perde o equilíbrio. Não se deve olhar apenas para si mesmo, pois vem o desânimo e a sensação de derrota. Deve-se olhar com fé para Jesus Cristo e receber dele o perdão e a restauração. Satanás é o acusador (Ap 12:10), e ele gosta quando acusamos e condenamos a nós mesmos!

Depois de fazer um julgamento com honestidade diante de Deus e de remover aquilo que nos cegava, estaremos aptos para ajudar os outros e para julgar suas ações corretamente. Mas, se sabemos que há pecado em nossa vida e tentamos ajudar os outros, não passamos de hipócritas. É possível usar o ministério como artifício para encobrir pecados! Era isso o que os fariseus estavam fazendo, e foi por isso que Jesus os condenou.

2. O JULGAMENTO SOBRE OS OUTROS (MT 7:6-20)

Os cristãos devem exercer discernimento, pois nem todos são ovelhas. Alguns são cães ou porcos, outros são lobos vestidos de ovelhas! Somos ovelhas do Senhor, mas isso não significa que devemos nos deixar ser tosquizados por qualquer um!

Razões pelas quais devemos julgar (v. 6). Como povo de Deus, temos o privilégio de lidar com as “coisas santas” do Senhor. Ele nos confia as verdades preciosas da Palavra de Deus (2 Co 4:7), e devemos cuidar delas com todo zelo. Nenhum sacerdote dedicado lançaria carne do altar a um cão imundo, e somente um tolo daria pérolas aos porcos. Apesar de ser verdade que precisamos levar o evangelho “a toda criatura” (Mc

vulgarizar o evangelho ministrando-o sem discernimento. Até mesmo Jesus se recusou a falar com Herodes (Lc 23:9), e Paulo se recusou a argumentar com as pessoas que resistiam à Palavra (At 13:44-49).

Assim, o julgamento não deve ser motivado por um desejo de condenar os outros, mas sim voltado à ministração das pessoas. Observe que Jesus sempre tratou as pessoas de acordo com as necessidades e condições espirituais de cada um. Não tinha um discurso padronizado que usava com todos. Tratou do novo nascimento com Nicodemos, mas falou da água viva com a mulher samaritana. Quando os líderes religiosos tentaram armar uma cilada, recusou-se a responder à sua pergunta (Mt 21:23-27). A primeira coisa que o cristão sábio faz é avaliar as condições do coração da pessoa antes de compartilhar com ela as pérolas preciosas da verdade de Deus.

Os recursos dados por Deus (vv. 7-11).

Por que Jesus fala sobre a oração neste ponto de sua mensagem? Estes versículos dão a falsa impressão de ser uma interrupção. Todos somos humanos e falíveis; todos cometemos erros. Apenas Deus julga com perfeição. Portanto, é preciso orar e buscar a sabedoria e orientação de Deus. “Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus” (Tg 1:5).

O jovem rei Salomão sabia que não possuía a sabedoria necessária para julgar Israel, de modo que orou a Deus, e o Senhor, em sua graça, respondeu à sua oração (1 Rs 3:3ss). Se queremos discernimento espiritual, devemos sempre pedir a Deus, buscar sua vontade e bater à porta que conduz a ministérios mais elevados. Deus supre a necessidade de seus filhos.

O princípio norteador (v. 12). É a famosa “Regra de Ouro”, uma das declarações bíblicas mais mal-interpretadas. Não se trata de um resumo de toda a verdade cristã, tampouco do plano redentor de Deus. Assim como não é possível desenvolver todo o estudo da astronomia com base na canção infantil “Brilha, Brilha Estrelinha”, também não podemos construir nossa teologia com

Essa grande verdade é um princípio que deve governar nossas atitudes para com os outros. Aplica-se somente aos cristãos e deve ser praticada em todas as áreas da vida. *A pessoa que pratica a regra de ouro recusa-se a dizer ou a fazer qualquer coisa que prejudique a si mesma ou os outros.* Nosso julgamento em relação aos outros deve ser governado por esse princípio, pois, do contrário, tornamo-nos orgulhosos e críticos, e nosso caráter espiritual se degenera.

A prática da regra de ouro libera o amor de Deus em nossa vida e nos capacita a ajudar os outros, mesmo os que querem nos prejudicar.

No entanto, é importante lembrar que a prática dessa regra tem um preço. Se desejamos o melhor de Deus para nós e para os outros, mas os outros resistem à vontade de Deus, sem dúvida sofreremos oposição. Somos o sal que queima a ferida aberta, e a luz que mostra a sujeira.

A base para o julgamento (vv. 13-20). Uma vez que existem falsos profetas pelo mundo afora, devemos ter cuidado para não ser enganados. O maior perigo, porém, é enganar a si mesmos. Os escribas e fariseus haviam se convencido de que eram justos e de que os outros eram pecadores. É possível conhecer a linguagem correta, acreditar intelectualmente nas doutrinas, obedecer às regras e, ainda assim, não ter a salvação. Jesus emprega duas ilustrações para nos ajudar a julgar a nós mesmos e aos outros.

As duas portas e os dois caminhos (vv. 13, 14). Trata-se, evidentemente, do caminho para o céu e do caminho para o inferno. Todos gostam da porta larga e do caminho espaçoso. No entanto, a fé não pode ser julgada por estatísticas, pois nem sempre a maioria tem razão. Só porque "todos fazem" alguma coisa, não quer dizer que estão fazendo o que é certo.

Na verdade, é justamente o contrário: o povo de Deus sempre foi um remanescente, uma minoria neste mundo, e não é difícil descobrir por quê: a porta que conduz à vida é estreita, e o caminho é solitário e penoso. É possível andar no caminho espaçoso e levar conosco "bagagens" de pecado e

de desejos mundanos. Mas, se tomarmos o caminho estreito, teremos de abrir mão de todas essas coisas.

Eis, portanto, o primeiro teste: *nossa profissão de fé em Cristo custou alguma coisa?* Caso a resposta seja negativa, não foi uma profissão verdadeira. Muitas pessoas que "crêem" em Jesus Cristo nunca deixam o caminho largo e tudo o que ele oferece. Têm uma vida cristã fácil que não exige coisa alguma. Jesus diz que o caminho estreito é *difícil*. Não se pode escolher duas estradas e tomar dois rumos diferentes ao mesmo tempo.

As duas árvores (vv. 15-20). Esta ilustração mostra que a verdadeira fé em Cristo transforma a vida e produz frutos para a glória de Deus. Tudo na natureza se reproduz segundo sua espécie, e o mesmo princípio também vale para o reino espiritual. O bom fruto vem de uma boa árvore, enquanto o fruto ruim vem de uma árvore ruim. A árvore que produz frutos podres será cortada e lançada no fogo. "Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis" (Mt 7:20).

Eis o segundo teste: *Minha decisão por Cristo mudou minha vida?* Os falsos profetas que ensinam doutrinas falsas só podem produzir falsa justiça (ver At 20:29). Seus frutos (o resultado de seu ministério) são falsos e não duram. Eles mesmos são falsos; quanto mais perto chegamos, mais vemos a falsidade de sua vida e de suas doutrinas. Exaltam a si mesmos, não a Jesus Cristo, e em vez de edificar as pessoas, procuram explorá-las. O que acredita em falsas doutrinas ou segue um falso profeta nunca experimentará mudança de vida. Infelizmente, alguns só percebem isso quando é tarde demais.

3. O JULGAMENTO DE DEUS SOBRE NÓS (Mt 7:21-29)

Depois da ilustração dos dois caminhos e das duas árvores, Jesus encerra sua mensagem descrevendo dois construtores e duas casas. Os dois caminhos ilustram o *começo* da vida de fé, e as duas árvores ilustram o *crescimento* e os resultados dessa vida de fé aqui e agora. As duas casas, por sua vez, ilustram o *fim* dessa vida de fé, quando Deus

julgará todas as coisas. Há falsos profetas junto à porta que conduz para a estrada espaçosa, facilitando a entrada de todos. Mas, no final desse caminho, há destruição. O teste final não é o que pensamos de nós mesmos, ou o que os outros pensam de nós, mas sim: *o que Deus dirá?*

Como se preparar para esse julgamento? *Fazendo a vontade de Deus.* A obediência a sua vontade é a prova da verdadeira fé em Cristo. Tal prova não consiste em palavras, não é dizer: "Senhor, Senhor" e não obedecer a suas ordens. Como é fácil aprender um vocabulário religioso, até memorizar versículos bíblicos e canções, e ainda assim não obedecer à vontade de Deus. Quem é, verdadeiramente, nascido de novo tem o Espírito de Deus habitando dentro de si (Rm 8:9), e o Espírito permite que conheça a vontade do Pai. O amor de Deus em seu coração (Rm 5:5) motiva-o a obedecer a Deus e a servir aos outros.

Nem palavras nem atividades religiosas substituem a obediência. A pregação, a expulsão de demônios e a operação de milagres podem ter inspiração divina, mas não garantem a salvação. É bem possível que até mesmo Judas tenha participado de algumas ou talvez de todas essas atividades, mas, mesmo assim, não era um cristão verdadeiro. Nos últimos dias, Satanás usará "prodígios da mentira" para enganar as pessoas (2 Ts 2:7-12).

É preciso *ouvir* a Palavra de Deus e *praticá-la* (ver Tg 1:22-25). Não se deve apenas ouvir (ou estudar) o que está escrito. O ouvir deve redundar em ações. É isso o que significa construir a casa na rocha. Não se deve confundir esse símbolo com a "rocha" de 1 Coríntios 3:9ss. Ao pregar o evangelho e ganhar almas para Cristo, Paulo fundamentou a igreja local de Corinto em Jesus Cristo, pois ele é o único alicerce verdadeiro da igreja local.

O alicerce da parábola em questão é a *obediência à Palavra de Deus* – obediência que comprova a fé verdadeira (Tg 2:14ss). Os dois homens da história tinham vários aspectos em comum. Ambos desejavam construir uma casa e ambos a fizeram de forma a parecer bela e forte. Porém, quando

veio o julgamento (a tempestade), uma delas caiu. Qual era a diferença? Por certo, não era a aparência exterior. A diferença estava no alicerce: o construtor bem-sucedido "cavou, abriu profunda vala" (Lc 6:48) e alicerçou sua casa numa fundação sólida.

Uma falsa profissão de fé só dura até o julgamento. Algumas vezes, esse julgamento manifesta-se nas provações da vida. Como é o caso da pessoa que recebeu a semente da Palavra de Deus num coração sem profundidade (Mt 13:4-9) e, quando vieram as provações, falhou em seu compromisso. Muitos que declaram sua fé em Cristo acabam por negá-la, quando a vida torna-se espiritualmente difícil e custosa.

Mas o julgamento ilustrado nessa passagem provavelmente se refere ao juízo final de Deus. Não se deve tentar encontrar nessa parábola toda a doutrina ensinada nas epístolas, pois Jesus estava apenas ilustrando um ponto principal: *a declaração de fé será testada de uma vez por todas diante de Deus.* Os que creram em Cristo e provaram sua fé pela obediência não terão coisa alguma a temer, pois sua casa está alicerçada na rocha e resistirá. Mas os que dizem crer em Cristo e não obedecem à vontade de Deus serão condenados.

Como testar a profissão de fé? Não é pela popularidade, pois o caminho espaçoso que conduz à destruição está cheio de gente. Também há muitos que dizem: "Senhor, Senhor", mas isso não lhes garante a salvação. Nem mesmo a participação em atividades religiosas numa igreja é garantia de salvação. Como, então, julgar a si mesmo e a outros que professam crer em Cristo como Salvador?

Os dois caminhos indicam que devemos examinar o que a profissão custou. Foi pago algum preço ao professar a fé em Cristo? *As duas árvores* indicam que devemos investigar se a vida de fato mudou. Estão sendo produzidos frutos de piedade? E *as duas casas* lembram que a verdadeira fé em Cristo resistirá não apenas às tempestades da vida, mas também ao julgamento final.

O sermão deixou o povo maravilhado, pois Jesus falou com autoridade divina. Os

escribas e fariseus falavam “em nome das autoridades”, citando sempre vários rabinos e mestres da Lei. Jesus não menciona mestres humanos para dar autoridade a suas palavras, pois falava como Filho de Deus.

É preciso levar esse sermão a sério, pois foi Deus quem o deu! Também é importante curvar-se perante o Senhor, submetendo-se a sua autoridade, pois, do contrário, haverá condenação.

O PODER DO REI

MATEUS 8 – 9

Fomos apresentados à pessoa do Rei (Mt 1 – 4) e aos princípios do Rei (Mt 5 – 7), e agora estamos prontos para o poder do Rei. Afinal, se um rei não tem poder para realizar coisa alguma, de que valem suas credências e seus princípios? Nos capítulos 8 e 9, Mateus relata dez milagres. Exceto pelos quatro últimos, não se encontram em ordem cronológica, pois Mateus segue abordagem própria para o agrupamento de mensagens ou acontecimentos.

Antes de estudar esses milagres, porém, é bom fazer uma pausa para responder à pergunta axiomática: por que Jesus realizou milagres? Sem dúvida, desejava suprir as necessidades humanas. Deus não se preocupa apenas com nossa alegria eterna, mas também com nosso bem-estar temporário. É errado separar o ministério à alma do ministério ao corpo, pois é preciso ministrar à pessoa como um todo (ver Mt 4:23-25).

Por certo, os milagres de nosso Senhor foram credenciais adicionais para corroborar suas asserções como o Messias de Israel. “Porque [...] os judeus pedem sinais” (1 Co 1:22). Apesar de os milagres, por si mesmos, não provarem que alguém foi enviado por Deus (até mesmo Satanás pode realizar milagres [2 Ts 2:9]), eles dão peso a suas afirmações, especialmente se seu caráter e conduta são piedosos. No caso de Jesus Cristo, seus milagres também cumpriram profecias do Antigo Testamento (ver Is 29:18, 19; 35:4-6). Mateus 8:17 nos remete a Isaías 53:4, e em Mateus 11:1-5, Jesus pede a João Batista que volte às promessas do Antigo Testamento (Mt 10:8; Hb 2:1-4).

Além da compaixão e das credências, havia um terceiro motivo para os milagres: a preocupação de Jesus em revelar às pessoas a verdade salvadora. Os milagres eram “sermões práticos”. Até Nicodemos ficou impressionado com eles (Jo 3:1, 2). É importante observar que cinco desses milagres foram realizados em Cafarnaum, mas ainda assim o povo dessa cidade rejeitou Jesus (Mt 11:21-23). Até mesmo a rejeição pelo povo de Israel cumpriu as profecias do Antigo Testamento (ver Jo 12:37-41). Como os julgamentos contra o Egito nos dias de Moisés, os milagres do Senhor foram julgamentos contra Israel, pois o povo teve de encarar fatos incontestáveis e de tomar decisões. Os líderes religiosos decidiram que Jesus trabalhava para Satanás (Mt 9:31-34; 12:24).

Uma coisa é certa: Jesus não realizou milagres para “atrair multidões”. Na verdade, procurou evitá-las. Instruiu os que eram curados a não falar do assunto (Mt 8:4, 18; 9:30; Lc 8:56). Não desejava que as pessoas cressem nele simplesmente por causa de seus feitos miraculosos (ver Jo 4:46-54), pois a fé deve ser embasada em sua Palavra (Rm 10:17).

Os milagres registrados nestes capítulos encontram-se reunidos em três grupos, separados por acontecimentos relacionados ao discipulado. Mateus não explica a seus leitores o que o levou a organizar o texto dessa maneira, mas isso não impede que se use essa estrutura. Para melhor compreensão de algumas das lições espirituais dessas seções, cada uma delas é apresentada de acordo com uma ênfase específica.

1. GRAÇA PARA OS REJEITADOS (Mt 8:1-22)

Muitos judeus, especialmente os fariseus, consideravam os leprosos, os gentios e as mulheres párias da sociedade, e vários fariseus costumavam dizer em suas orações matinais: “Agradeço por ser um homem e não uma mulher, um judeu e não um gentio, e um homem livre e não um escravo”.

A purificação do leproso (vv. 1-4). A Bíblia caracteriza diversas aflições como lepra. Essa infecção terrível obrigava a vítima

a viver separada dos outros e a gritar: "Imundo! Imundo!", quando alguém se aproximava, para que não fosse contaminado. O fato de o leproso correr para Jesus e quebrar essa regra mostra quanto ele tinha fé que Jesus poderia curá-lo.

A lepra é uma ilustração do pecado (Is 1:5, 6). As instruções dadas aos sacerdotes em Levítico 13 ajudam a entender a natureza do pecado: não é um mal superficial (Lv 13:3), espalha-se (Lv 13:8), contamina e isola (Lv 13:45, 46) e serve apenas para ser destruído pelo fogo (Lv 13:52, 57).

Quando Jesus tocou o leproso, contraiu a contaminação dele, *mas também transmitiu sua saúde!* Não foi exatamente isso o que fez por nós na cruz, quando se fez pecado por nós? (2 Co 5:21). O leproso não questionou se Jesus era capaz de curá-lo, mas apenas perguntou se ele estava disposto a fazê-lo. Claro que Deus está disposto a salvar! Ele é nosso "Deus, nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos" (1 Tm 2:3, 4). Deus "não [quer] que nenhum pereça" (2 Pe 3:9).

Jesus pediu ao homem que não contasse a ninguém, mas que procurasse os sacerdotes a fim de que o declarassem restaurado e pronto a ser reintegrado na sociedade. Essa cerimônia, descrita em Levítico 14, é outra bela representação da obra de Cristo pelos pecadores. O pássaro sacrificado representa a morte de Cristo, e o pássaro solto representa sua ressurreição. O pássaro colocado no jarro representa a encarnação, quando Cristo assumiu um corpo humano para que pudesse morrer por nós. A aplicação do sangue na orelha, no polegar e no dedão do pé ilustra a necessidade de uma fé pessoal em sua morte. O óleo no sangue lembra o Espírito de Deus, que vem habitar naquele que crê no Salvador.

O homem não obedeceu à ordem de Jesus; antes, contou a todos o que o Senhor havia feito! (Jesus diz para contar as boas novas a todo mundo, e *nos calamos!*) Marcos 1:45 diz que, por causa do testemunho do leproso curado, Jesus não pôde entrar na cidade. No entanto, as multidões foram até ele.

A cura do criado do centurião (vv. 5-13). Centurião era um oficial romano que liderava cem soldados do exército. Todos os centuriões mencionados nos Evangelhos e no Livro de Atos eram homens de caráter e de grande senso de dever. Vemos que esse homem não era exceção, pois se mostrou preocupado com um servo humilde.

Pela lógica, o centurião tinha motivos de sobra para não procurar Jesus. Era um soldado profissional; Jesus era um homem de paz. Era um gentio; Jesus era judeu. No entanto, era um homem de muita fé e sabia que, assim como ele, Jesus estava sujeito a uma autoridade. Tudo o que precisava fazer era dar uma ordem e a doença lhe obedeceria, assim como o soldado obedece a seu superior. Apenas aqueles que se encontram *sob* autoridade têm o direito de exercer autoridade.

Os Evangelhos registram duas ocasiões em que Jesus maravilhou-se: aqui, diante da fé do centurião gentio, e em Marcos 6:6, diante da incredulidade dos judeus. Mateus relata dois milagres "gentios": este e o da cura da menina siro-fenícia (Mt 15:21-28). Em ambos os casos, o Senhor ficou impressionado com a grande fé dos gentios. Vemos aqui um dos primeiros indícios de que, ao contrário dos gentios, os judeus se recusariam a crer no Messias. Além disso, nesses dois milagres o Senhor curou à *distância*, lembrando que, do ponto de vista espiritual, os gentios encontravam-se "separados" (Ef 2:12).

A cura da sogra de Pedro (vv. 14-17). Quando voltaram do culto na sinagoga, Pedro e André contaram a Jesus que a sogra de Pedro estava de cama com febre (Mc 1:21). As mulheres não desfrutavam uma posição muito elevada na sociedade, e é de se duvidar que um fariseu tivesse se interessado pelo que estava acontecendo na casa de Pedro. Jesus, porém, a curou com apenas um toque. Ela se levantou e serviu ao Senhor e aos outros homens ali presentes.

A princípio, essa cura pareceu um "milagre secundário", mas, na verdade, teve conseqüências importantes, pois, logo após o pôr-do-sol (quando terminou o sábado), a *cidade toda* se reuniu à porta da casa de Pedro para que Jesus atendesse a seus pedidos (Mc

1:32-34). As bênçãos no lar devem redundar em bênçãos na comunidade. Graças à mudança na vida de uma mulher, muitas outras pessoas puderam experimentar milagres.

Mateus vê nesse fato um cumprimento de Isaías 53:4. É importante observar que Jesus cumpriu essa profecia *em vida*, não na cruz. Carregou sobre si os pecados e as enfermidades *durante seu ministério na Terra*. A idéia de que há “cura na expiação” e de que todo cristão tem o “direito de apropriar-se” dessa cura é resultante de uma interpretação totalmente equivocada das Escrituras. 1 Pedro 2:24 aplica essa mesma verdade ao perdão de nossos pecados, os quais Jesus levou sobre si na cruz. O pecado e a enfermidade andam juntos (ver Sl 103:3), pois a enfermidade é conseqüência do pecado de Adão e também uma ilustração do pecado. No entanto, Deus não tem obrigação alguma de curar todas as doenças. Antes, sua grande preocupação é salvar todos os pecadores que o invocam.

O primeiro interlúdio sobre o discípulo (vv. 18-22). Tendo em vista as grandes multidões que seguiam Jesus e o fato de a oposição ainda não haver se iniciado, não faltavam candidatos a discípulo, ansiosos para seguir o Mestre. Muitos deles, porém, não desejavam pagar o preço do discipulado. Essa é a primeira vez que Mateus usa a designação “Filho do homem” em seu Evangelho para se referir a Jesus. Trata-se de um nome encontrado em Daniel 7:13 e, sem dúvida alguma, de um título messiânico e uma declaração da realeza do Messias. Mateus 8:22 pode ser expresso da seguinte forma: “Deixem que os espiritualmente mortos enterrem os fisicamente mortos”. Jesus não estava pedindo ao homem que desrespeitasse seu pai (que ainda estava vivo), mas sim que colocasse em ordem suas prioridades. É melhor pregar o evangelho e dar vida aos mortos espirituais do que esperar pela morte do pai só para sepultá-lo.

2. PAZ AOS ATRIBULADOS (Mt 8:23 - 9:17)

Todas as pessoas envolvidas nesses três milagres careciam de paz, e Jesus proveu

Paz na tempestade (vv. 23-27). O mar da Galiléia tem cerca de 21 quilômetros de comprimento por 13 de largura, e é comum tempestades violentas se formarem de repente sobre suas águas. Sem dúvida, Jesus sabia que a tempestade estava a caminho e, por certo, poderia tê-la impedido. No entanto, permitiu que a tempestade viesse, a fim de ensinar algumas lições a seus discípulos.

Ao contrário do caso de Jonas, a tempestade veio porque *obedeceram* ao Senhor. Jesus dormia, pois descansava seguro na vontade do Pai, e os discípulos deveriam ter feito o mesmo. Em vez disso, porém, ficaram todos amedrontados e acusaram Jesus de não se importar com eles! Mateus desejava que seus leitores vissem o contraste gritante entre a “pequena fé” dos discípulos e a “grande fé” do centurião gentio.

Paz numa comunidade (vv. 28-34). Esse episódio dramático é bastante revelador. Mostra o que *Satanás* faz com o homem necessitado: tira dele sua sanidade e domínio próprio, enche-o de medo, priva-o das alegrias de um lar e das amizades e (se possível) condena-o ao julgamento eterno. Também revela o que a *sociedade* faz com o homem necessitado: reprime, isola e ameaça o indivíduo, mas não é capaz de mudá-lo. Vemos, em seguida, o que Jesus Cristo pode fazer por um homem cuja vida – interior e exterior – é de escravidão e de guerra. Tudo o que Cristo fez por esses dois endemoninhados também pode fazer por todos os necessitados que buscam seu socorro.

Cristo foi até eles, enfrentando uma tempestade para chegar até lá. Assim é a graça de Deus! *Libertou-os* pelo poder de sua Palavra e *restaurou* sua sanidade, seu convívio social e seu serviço. O relato em Marcos 5:1-21 mostra que um dos homens pediu para se tornar discípulo do Senhor. Mas, em vez de atender a seu pedido, Jesus o enviou de volta para casa para testemunhar a seu povo. O serviço cristão deve começar em casa.

Encontramos três orações nesse episódio: (1) os demônios rogaram a Jesus que os mandasse para os porcos; (2) os cidadãos

um dos homens implorou para se tornar um de seus seguidores (ver Mc 5:18-20). Jesus atendeu ao pedido dos demônios e do povo, mas não atendeu ao pedido do homem curado!

Podemos elaborar uma “declaração de fé” a partir da palavra dos demônios (os demônios têm fé; ver Tg 2:19). Crêem na existência de Deus e na divindade de Cristo, bem como na realidade do futuro julgamento. Também crêem na oração e sabiam que Jesus tinha poder para mandá-los entrar nos porcos.

O fato de os demônios terem destruído dois mil porcos não é nada comparado ao fato de que Jesus libertou dois homens das garras de Satanás. Todas as coisas pertencem a Deus (Sl 50:10, 11), e ele pode fazer com elas o que bem entender. Jesus dá mais valor aos homens do que a porcos ou a ovelhas (Mt 12:12). Trouxe paz a esses homens e à comunidade, na qual os dois haviam causado problemas durante tanto tempo.

Paz de consciência (vv. 1-8). Jesus havia demonstrado seu poder sobre as doenças e as tempestades, mas o que poderia fazer com respeito ao pecado? O homem no leito não conseguia locomover-se sozinho, mas felizmente recebeu a ajuda de quatro amigos com amor, fé e esperança. Eles o levaram a Jesus e não permitiram que coisa alguma os detivesse. Não sabemos se a condição física desse homem era resultado de seus pecados, mas sabemos que Jesus tratou do pecado primeiro, pois essa é sempre a maior necessidade.

Não devemos concluir desse milagre que toda doença é causada pelo pecado, nem que receber o perdão implica automaticamente receber cura física. Conheço um pastor que sempre diz: “Deus pode curar qualquer doença exceto a última”. Mais importante do que a cura física desse homem era a purificação de seu coração. Voltou para casa com o corpo curado e o coração em paz com Deus. “Para os perversos, diz o meu Deus, não há paz” (Is 57:21).

Segundo interlúdio sobre o discipulado (vv. 9-17). Falamos sobre o chamado de Mateus no primeiro capítulo deste estudo.

Cabe aqui comentar apenas quatro imagens de seu ministério que Jesus apresenta nesta mensagem. Como *médico*, veio para dar saúde espiritual a pecadores enfermos. Como *noivo*, veio para dar alegria espiritual. A vida cristã é uma festa, não um funeral. A ilustração do *pano* lembra que Jesus veio oferecer plenitude espiritual, não apenas “remendar” a vida e depois deixar que se desintegre. A ilustração dos *odres de vinho* mostra que Jesus trouxe abundância espiritual. A religião judaica era como um odre velho que se romperia, caso fosse cheio com o vinho novo do evangelho. Jesus não veio para renovar Moisés nem para misturar a lei com a graça. Veio para dar vida nova!

3. RESTAURAÇÃO PARA OS DEVASTADOS (Mt 9:18-38)

Nesta seção, Mateus registra quatro milagres envolvendo cinco pessoas.

Um lar devastado (vv. 18, 19, 23-26). Deve ter sido difícil para Jairo procurar Jesus, pois era um judeu devoto e chefe da sinagoga. Mas o amor de Jairo por sua filha à beira da morte o compeliu a buscar o socorro de Jesus, mesmo considerando a oposição dos líderes religiosos a Cristo. Quando Jairo se encontrou com Jesus, sua filha estava prestes a morrer. O atraso causado pela cura da mulher deu ao “último inimigo” a oportunidade de fazer seu trabalho. Os amigos de Jairo chegaram em seguida e avisaram que sua filha havia falecido.

No mesmo instante, Jesus tranqüilizou Jairo e o acompanhou. Na verdade, a demora deveria ter ajudado a fortalecer a fé de Jairo, pois ele viu o que a pequena fé daquela mulher havia realizado na vida dela. Devemos aprender a confiar em Cristo e em suas promessas a despeito de nossos sentimentos, daquilo que os outros dizem e da forma como a situação se apresenta. Jairo deve ter se assustado diante da cena com a qual se deparou ao chegar em casa. Ainda assim, Jesus assumiu o controle e ressuscitou a menina.

Uma esperança desfeita (vv. 20-22). Marcos 5:26 diz que esta mulher havia

consultado muitos médicos, mas nenhum deles havia conseguido ajudá-la. Podemos imaginar seu desespero e seu desânimo. Suas esperanças foram despedaçadas. Por causa da hemorragia, a mulher permanecia cerimonialmente impura (Lv 15:25ss), o que apenas fazia aumentar sua angústia. A "orla" se refere às borlas ou franjas que os judeus usavam em suas vestes para lembrá-los de que eram o povo de Deus (Nm 15:37-41; Dt 22:12).

É interessante observar que Jairo e a mulher – duas pessoas diametralmente opostas – encontraram-se aos pés de Jesus. Jairo era um judeu importante, enquanto a mulher era uma anônima sem prestígio nem recursos. Ele era um líder na sinagoga, enquanto a aflição dela a impedia de adorar. Jairo foi suplicar por sua filha, e a mulher foi procurar ajuda para si mesma. A menina havia desfrutado boa saúde durante doze anos e, então, havia morrido; a mulher havia sofrido durante doze anos e, agora, estava curada. A necessidade de Jairo era de conhecimento geral; a necessidade da mulher era secreta – somente Jesus sabia. Tanto Jairo quanto a mulher creram em Cristo, e ele supriu suas necessidades.

Talvez Jairo tenha se ressentido com a mulher, pois ela atrasou Jesus, impedindo-o de chegar antes de a menina morrer. Mas seu verdadeiro problema não era a mulher, mas sim *ele próprio*: precisava ter fé em Cristo. Jesus compeliu a mulher a dar seu testemunho (ver o relato em Marcos), tanto para o benefício dela própria quanto de Jairo. O socorro de Deus na vida de outras pessoas deve ser um estímulo para confiarmos nele ainda mais. Não devemos ser tão egoístas em nossas orações a ponto de não mais esperar no Senhor. Sabemos que ele nunca se atrasa.

A fé dessa mulher era quase supersticiosa, e, ainda assim, Jesus a honrou e curou. As pessoas precisam "tocar em Cristo" onde são capazes de alcançá-lo, mesmo que tenham de começar pelas franjas de suas vestes. Os fariseus alongavam as franjas das vestes para aparentar mais espiritualidade,

Outros tocaram na orla das vestes Cristo e foram curados (Mt 14:34-36).

Quando Sir James Simpson, inventor do clorofórmio, estava à beira da morte, um amigo lhe disse: "Logo estarás descansando junto ao peito do Senhor", ao que o cientista respondeu: "Não sei como vou fazer isso, mas creio que estou segurando a orla de sua veste". Não é a força de nossa fé que nos salva, mas sim nossa fé em um Salvador forte.

Corpos devastados (vv. 27-34). O texto não diz por que esses homens eram cegos. A cegueira era um problema sério no Oriente naquele tempo. De acordo com os relatos dos Evangelhos, Jesus curou pelo menos seis cegos e realizou cada milagre de maneira diferente. Esses dois cegos reconheceram que Cristo era o Filho de Davi (ver Mt 1:1), persistindo em segui-lo até dentro da casa (sem dúvida, tinham alguém para guiá-los). Jesus honrou sua fé. A resposta afirmativa dos dois ("Sim, Senhor!") foi a confissão de fé que liberou o poder para a cura e para a restauração de sua visão.

A cegueira é uma das ilustrações usadas para a ignorância espiritual e a incredulidade (Is 6:10; Mt 15:14; Rm 11:25). O pecador só pode nascer de novo depois de enxergar as coisas de Deus (Jo 3:3). O cristão deve se dedicar a crescer espiritualmente, pois de outro modo sua visão espiritual vai se deteriorar (2 Pe 1:5-9).

O último milagre dessa seção é relacionado a um demônio (Mt 9:32-34). Apesar de enfermidades e possessões demoníacas serem duas coisas distintas (Mt 10:8), os demônios têm poder de causar aflição física. Nesse caso, o demônio privou o homem da fala. Jesus libertou o homem, e o povo reconheceu que algo novo estava acontecendo em Israel.

Mas os líderes religiosos recusaram-se a reconhecer que Jesus era o Messias. Então, como explicavam seus milagres? Só lhes restou afirmar que Cristo operava milagres em nome do "maioral dos demônios". Em ocasião posterior, os fariseus voltam a fazer essa acusação, e Jesus a refuta (Mt 12:22ss). Em sua incredulidade, os fariseus faziam exata-

O terceiro interlúdio sobre o discipulado (vv. 35-38). Jesus não se ateve a curar; também ensinou e pregou. No entanto, não podia fazer todo o trabalho sozinho; precisava de outros para ajudá-lo. Pediu aos discípulos que orassem pedindo a Deus que enviasse “trabalhadores para a sua seara”. Não tardou para que os discípulos também

participassem dos ministérios de pregação, de ensino e de curas (ver Mt 10). Do mesmo modo, quando orarmos conforme Cristo nos ordenou, veremos o que ele viu, sentiremos o que sentiu e faremos o que fez. Deus multiplicará nossa vida ao participarmos da grande seara pronta para a ceifa (Jo 4:34-38).

OS EMBAIXADORES DO REI

MATEUS 10

A obra da salvação só seria realizada por Jesus Cristo, e ele o fez sozinho. Mas o *testemunho* dessa salvação só poderia ser dado por seu povo, pelos que creram nele e foram salvos. O Rei precisava de embaixadores para levar a mensagem – e *continua* precisando deles. “A quem enviarei, e quem há de ir por nós?” (Is 6:8). Não basta *orar* por trabalhadores (Mt 9:36-38). Devemos também nos colocar à disposição para servir ao Senhor.

Antes de Jesus enviar seus embaixadores para ministrar, pregou um “sermão de ordenação” para encorajá-los e prepará-los. Neste sermão, o Rei incluiu algo a *todos* os seus servos – passados, presentes e futuros. Se não levamos esse fato em consideração, a mensagem deste capítulo parecerá terrivelmente confusa.

1. INSTRUÇÕES PARA OS APÓSTOLOS DO PASSADO (MT 10:1-5)

Um “discípulo” é um aprendiz, alguém que segue um mestre e aprende de sua sabedoria. Jesus tinha muitos discípulos; alguns deles eram apenas “espectadores”, mas outros eram verdadeiramente convertidos (Jo 6:66). Dentre esses seguidores autênticos, Jesus selecionou um grupo pequeno de doze homens que passaram a ser chamados de “apóstolos” – do termo grego *apostello*, que significa “ser enviado numa comissão”. Os gregos usavam essa designação para representantes pessoais do rei, embaixadores que atuavam com a autoridade do rei. Quem fazia pouco caso dos enviados do rei corria o risco de ser julga-

Era preciso possuir determinadas qualificações para ser um apóstolo de Jesus Cristo. O apóstolo deveria ter visto o Cristo ressurreto (1 Co 9:1) e ter tido comunhão com ele (At 1:21, 22). Também deveria ter sido escolhido pelo Senhor (Ef 4:11). Os apóstolos lançaram os alicerces da Igreja (Ef 2:20) e, depois, saíram de cena. Enquanto todos os cristãos são enviados para representar o Rei (Jo 17:18; 20:21), nenhum cristão nos dias de hoje pode se considerar, de fato, um apóstolo, pois nenhum de nós viu o Cristo ressurreto (1 Pe 1:8).

Os apóstolos receberam poderes especiais e a autoridade de Cristo para realizar milagres. Tais milagres faziam parte de suas “credenciais” (At 2:43; 5:12; 2 Co 12:12; Hb 2:1-4). Curaram enfermos (é importante observar que isso incluía *todo* tipo de doença), purificaram leprosos, expulsaram demônios e até mesmo ressuscitaram mortos. Esses quatro ministérios são paralelos aos milagres realizados por Jesus em Mateus 8 e 9. Sem dúvida alguma, os apóstolos representaram o Rei e ampliaram sua obra.

A comissão dada por Cristo a esses doze homens não é a mesma que temos hoje. Ele os enviou apenas ao povo de Israel. O padrão histórico era levar o evangelho “primeiro ao judeu”, pois “a salvação vem dos judeus” (Jo 4:22). Esses doze embaixadores anunciaram a vinda do reino como João Batista (Mt 3:2) e Jesus (Mt 4:17) haviam feito. Infelizmente, a nação rejeitou tanto Cristo quanto seus embaixadores, e o reino lhes foi tirado (Mt 21:43).

Ao viajar de cidade em cidade, os apóstolos dependiam da hospitalidade alheia. Naquele tempo, era considerado extremamente indelicado uma cidade recusar abrigo a um hóspede. No entanto, os embaixadores deveriam ficar apenas com aqueles que se mostrassem “dignos”, os que cressem em Jesus Cristo e recebessem sua mensagem de paz e de perdão. Os apóstolos não deviam fazer concessões. Se uma cidade rejeitasse suas palavras, deveriam advertir o povo e partir. Sacudir o pó era um ato de

Não sabemos quanto tempo essa “campanha evangelística” durou. Jesus também saiu para pregar (ver Mt 11:1), e, posteriormente, os apóstolos voltaram e relataram tudo o que havia acontecido (Lc 9:10). Marcos 6:7 diz que Jesus os enviou em pares, o que explica o fato de seus nomes aparecerem relacionados em pares em Mateus 10:2-4. De acordo com Apocalipse 21:14, os nomes dos apóstolos estarão inscritos nos alicerces das muralhas no céu. O nome de Judas será, obviamente, substituído pelo nome de Matias (At 1:26).

Apesar de ser possível aprender princípios espirituais com esse parágrafo, não devemos aplicar essas instruções a nossa vida. A comissão que recebemos do Senhor inclui “todo o mundo” (Mt 28:19, 20), não apenas a nação de Israel. Pregamos o evangelho da graça de Deus (At 20:24). Nossa mensagem é: “Cristo morreu por nossos pecados” e não: “O reino dos céus está próximo”. O Rei já veio, sofreu, morreu e ressuscitou dentre os mortos. Agora, oferece salvação a todos os que crerem nele.

2. INSTRUÇÕES PARA OS FUTUROS DISCÍPULOS (Mt 10:16-23)

Esta seção tem um “tom” diferente daquele da anterior. Jesus fala de perseguição, mas não temos registro de que os doze apóstolos tenham sido perseguidos durante essa viagem evangelística. Jesus também faz referência a um ministério aos gentios (Mt 10:18). O Espírito Santo ainda não havia sido dado, mas Jesus menciona o Espírito falando dentro deles (Mt 10:20). Mateus 10:22 parece indicar uma perseguição mundial; nessa ocasião, porém, os apóstolos limitaram-se a ministrar em sua própria terra. Por fim, Mateus 10:23 fala sobre a volta de Cristo, o que certamente transporta tudo o que foi citado acima para um tempo futuro. É difícil não concluir que essas instruções se aplicam às testemunhas de uma época vindoura.

Mas a *qual* época se referem? Até certo ponto, alguns desses acontecimentos ocorreram no Livro de Atos; no entanto, Jesus não voltou naquela época. Além disso, o

ministério em Atos não se restringiu às “cidades de Israel” (Mt 10:23). Ao que parece, o período descrito nessa seção é paralelo ao tempo da tribulação descrito por Jesus em seu “sermão profético” no monte das Oliveiras (Mt 24 - 25). A declaração: “Aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo” (Mt 10:22) é, sem dúvida alguma, parte do discurso profético de nosso Senhor (Mt 24:13; Mc 13:13). Não se refere a alguém se esforçando para não perder a salvação, mas sim a uma pessoa passando por perseguições e se mantendo fiel.

Se, de fato, essas instruções aplicam-se à tribulação vindoura, não é difícil entender por que Jesus falou tanto sobre ódio e perseguições. O período da tribulação será um tempo de *oposição*. Os servos de Deus serão como ovelhas no meio dos lobos. Terão de ser “prudentes como as serpentes e simples como as pombas”. Essa oposição virá de organizações religiosas (Mt 10:17), do governo (Mt 10:18) e até mesmo da família (Mt 10:21).

Apesar de os cristãos de certas regiões do mundo estarem passando por algumas dessas provações hoje, o texto indica que a oposição em questão será mundial. A “religião” sempre perseguiu os cristãos verdadeiros. Até o apóstolo Paulo perseguiu a Igreja antes de se converter, quando era Saulo de Tarso. A história da Igreja revela que a “religião instituída”, desprovida do evangelho, tem se oposto continuamente a homens e mulheres que ousam testemunhar de Cristo.

Mateus 10:18 afirma que o *governo* também participará dessa perseguição. As Escrituras proféticas ensinam que, nos últimos dias, governo e religião se unirão para controlar o mundo. Apocalipse 13 descreve um tempo durante o período da tribulação quando um governante mundial (o anticristo) obrigará o mundo a adorá-lo e a prestar culto a sua imagem. Esse líder controlará a religião mundial, a economia e o governo e usará tudo isso para perseguir os que permanecerem fiéis a Cristo.

Haverá também um declínio no amor e na lealdade dentro das *famílias*. A falta de

“afeição natural” (2 Tm 3:3) é uma das características dos últimos tempos. Jesus cita Miquéias 7:6 para provar esse fato (Mt 10:21). As três instituições que Deus estabeleceu neste mundo são o lar, o governo e a Igreja. Nos últimos dias, em vez de promover a verdade, essas três instituições serão contrárias a ela.

Todavia, a tribulação também será um tempo de *oportunidade*. Os cristãos poderão testemunhar a governadores e reis (Mt 10:18). Os inimigos tentarão fazer os fiéis tropeçar, mas o Espírito de Deus os instruirá em seu testemunho. Os cristãos de hoje não devem usar Mateus 10:19, 20 como desculpa para não estudar a Palavra ao se prepararem para testemunhar, ensinar ou pregar. Esses versículos descrevem a urgência da situação e não devem servir de parâmetro divino para o ministério nos dias de hoje. No tempo dos apóstolos, era o Espírito quem lhes dava a mensagem, quando se encontravam diante dos inimigos (At 4:8). Esse ministério extraordinário do Espírito voltará a se manifestar durante a tribulação.

A tribulação será um tempo de oposição e de oportunidade, mas também um tempo de *compromisso*. Os embaixadores do Rei devem “perseverar até ao fim” e realizar seu ministério fielmente, mesmo que lhes custe a vida. Apesar dos flagelos, da rejeição pela família, das perseguições nas cidades e das acusações perante líderes, os servos devem permanecer fiéis a seu Senhor. Seu testemunho será usado por Deus para ganhar outras pessoas. Apocalipse 7:1-8 indica que 144 mil judeus levarão a Palavra de Deus pelo mundo afora durante a tribulação, e cujo testemunho redundará na salvação de grandes multidões para Cristo (Ap 7:9ss).

Por certo, as palavras de Mateus 10 serão extremamente preciosas e significativas para as testemunhas desse período. Mesmo que a interpretação e a aplicação básicas se refiram aos servos do futuro, ainda assim podemos aprender com essas palavras hoje. Por mais difíceis que sejam nossas circunstâncias, podemos transformar a oposição em

crer que o Espírito de Deus nos ajudará a lembrar daquilo que o Senhor nos ensinou (Jo 14:26). Em vez de fugir e de procurar uma vida mais fácil, podemos “perseverar até ao fim”, sabendo que Deus nos ajudará e acompanhará até o fim.

3. INSTRUÇÕES AOS DISCÍPULOS DO PRESENTE (MT 10:24-42)

Apesar de as verdades contidas nesta seção se aplicarem aos servos de Deus em qualquer período da história bíblica, essas palavras parecem particularmente relevantes para a Igreja de hoje. A ênfase é sobre a injunção: “Não temais!” (Mt 10:26, 28, 31). Esse medo específico ao qual Cristo se refere é explicado em Mateus 10:32, 33 e consiste no medo de confessar Cristo abertamente diante dos homens. Deus não tem um “serviço secreto”. A confissão pública de fé em Cristo é uma evidência da verdadeira salvação (Rm 10:9, 10). Não precisamos ter medo de confessar a Jesus abertamente, e Mateus 10 apresenta vários motivos para sermos ousados em nosso testemunho.

O sofrimento é algo esperado (vv. 24, 25). Jesus Cristo foi perseguido quando estava ministrando aqui na Terra, então por que deveríamos esperar algo diferente? Somos seus discípulos, e os discípulos não são maiores que o Mestre. Jesus foi acusado de estar em conluio com Satanás (Belzebu: senhor do estreme, senhor da casa), e dirão a mesma coisa de seus seguidores. No entanto, devemos considerar um privilégio sofrer *por* Cristo e *com* ele (At 5:41; Fp 3:10).

Deus revelará todas as coisas (vv. 26, 27). Os inimigos de Cristo usam de meios ocultos e dissimulados para opor-se ao evangelho, mas os verdadeiros cristãos são abertos e corajosos em sua vida e testemunho. Não temos coisa alguma a esconder. Jesus “nada disse em oculto” (Jo 18:20). Falsas testemunhas mentiram sobre Jesus durante seu julgamento, mas Deus providenciou para que a verdade fosse revelada. Não precisamos temer coisa alguma, pois um dia Deus revelará todos os segredos do coração do homem (Rm 2:16) e os julgará. Nossa tarefa não

mensagem de Deus. O julgamento dos homens no presente não nos assusta, pois vivemos em função do julgamento vindouro de Deus.

Tememos somente a Deus (v. 28). O homem só pode matar o corpo, e, se o fizer, a alma do cristão vai para seu lar junto do Senhor. No entanto, Deus é capaz de destruir não apenas o corpo, mas também a alma no inferno! Por certo, Deus jamais condenará um dos seus filhos (Jo 5:24; Rm 8:1). Martinho Lutero captou muito bem essa verdade ao escrever:

Que dos bens e familiares, possamos
abdicar,
Também desta vida que desvanece,
E do corpo que os homens podem matar.
A verdade de Deus permanece,
Seu reino é eterno e sem par.

A pessoa que teme a Deus não tem mais nada a temer. O temor do Senhor anula todos os medos.

Deus cuida dos seus (vv. 29-31). Não custava caro comprar pardais no mercado. Ao compararmos esses versículos com Lucas 12:6, vemos que os pardais eram tão baratos que, na compra de quatro, o vendedor dava mais um de graça! No entanto, o Pai sabe quando um pardal cai em terra; e *ele está presente quando isso acontece!* Se Deus cuida até dos pardais de forma tão maravilhosa, acaso não cuidará também de seus servos? Sem dúvida! Somos muito mais valiosos para Deus do que muitos pardais.

Deus se preocupa com todos os detalhes de nossa vida, até mesmo nossos cabelos estão contados – não de modo geral, mas individualmente! Deus vê quando um pardal cai no chão e sabe quando um dos cabelos de seus filhos cai. Deus protege seus filhos até o último fio de cabelo (Lc 21:18). Sabendo desse cuidado maravilhoso de Deus para conosco, não temos motivo para temer.

Cristo honra aqueles que o confessam (vv. 32, 33). Confessar ao Senhor não é apenas declarar seu nome com os lábios. A verdadeira confissão é corroborada por nosso modo de viver. Uma coisa é dizer: “Jesus

Cristo é o Senhor”, outra bem diferente é render-se a ele e obedecer à sua vontade. O discurso e a prática devem andar juntos.

Jesus tem dois ministérios específicos no céu. Como nosso Sumo Sacerdote, ele nos dá graça para que não pequemos. Como nosso advogado, ele nos perdoa e restaura quando pecamos (1 Jo 2:1, 2). Os *méritos* de sua obra celestial intercessora não dependem de nossa fidelidade, pois ele é fiel mesmo quando nós não somos (2 Tm 2:12, 13). Mas os *benefícios* de seu ministério celestial são para os que são fiéis a ele. Quando Cristo nos confessa diante do Pai, garante-nos os benefícios de sua obra sacrificial na cruz. Quando nos nega diante do Pai, não pode compartilhar tais graças conosco, não por omissão sua, mas por culpa nossa.

Há, no entanto, outro elemento a ser considerado. Um dia, estaremos diante do trono do julgamento, em que as recompensas serão distribuídas (2 Co 5:10; Rm 14:10). Se negarmos o Senhor aqui na Terra, perderemos essas recompensas e não teremos a alegria de ouvi-lo dizer: “Muito bem, servo bom e fiel”. Sem dúvida, qualquer um que negar Jesus aqui na Terra pode ser perdoado. Pedro o negou três vezes e foi perdoado e restaurado.

Não podemos escapar do conflito (vv. 34-39). Uma vez que nos identificamos com Jesus Cristo e que o confessamos, passamos a fazer parte de uma guerra. Não fomos nós que começamos esse conflito; foi Deus quem declarou guerra contra Satanás (Gn 3:15). Na noite em que nosso Senhor nasceu, os anjos proclamaram “paz na terra” (Lc 2:14). Mas Jesus parece negar essa verdade. “Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada” (Mt 10:34). Se Israel tivesse aceitado seu Messias, ele teria lhe dado a paz. Mas seu povo o rejeitou, e o resultado foi a “espada”. Em vez de haver “paz na terra”, há “paz no céu” (Lc 19:38). Ele fez a paz por meio de seu sangue na cruz (Cl 1:20), para que os homens pudessem ser reconciliados com Deus e consigo mesmos.

A única forma de um cristão escapar do conflito é negar a Cristo e fazer concessões

em seu testemunho, o que seria pecado. Então, o cristão estaria em guerra com Deus e consigo mesmo. Seremos mal interpretados e perseguidos até pelos mais próximos de nós, mas, mesmo assim, não devemos deixar que isso afete nosso testemunho. O importante é sofrer por amor a Cristo e à justiça, não por ser pessoas difíceis de conviver. Há uma diferença entre “o escândalo da cruz” (Gl 5:11) e cristãos escandalosos.

Todo cristão deve decidir de uma vez por todas amar a Cristo, tomar sua cruz e segui-lo. O amor em Mateus 10:37 é o motivo para a cruz em Mateus 10:38: “Tomar a sua cruz” não significa usar um broche na lapela nem colocar um adesivo no carro. Significa confessar a Cristo e lhe obedecer a despeito da vergonha e do sofrimento. Significa morrer para si mesmo diariamente. Se Cristo foi para a cruz por nossa causa, o mínimo que podemos fazer é carregar uma cruz por ele.

Mateus 10:39 apresenta apenas duas alternativas: salvar nossa vida ou sacrificá-la. Não há meio-termo. Se protegemos nossos interesses pessoais, seremos perdedores. Se morrermos para nós mesmos e vivermos para os interesses de Deus, seremos vencedores. Uma vez que o conflito espiritual é inevitável neste mundo, por que não morrer para nós mesmos e deixar Cristo vencer a batalha *por* nós e *em* nós? Afinal, a verdadeira guerra é *interior* – é o conflito entre o egoísmo e o sacrifício.

Podemos ser uma bênção para outros (vv. 40-42). Nem todos rejeitarão nosso testemunho. Alguns o receberão de braços abertos e serão abençoados. Afinal, somos embaixadores do Rei! Nosso Rei providenciará para que essas pessoas sejam recompensadas pelo que fizerem. Quando as pessoas nos recebem, estão recebendo o Rei, pois somos seus representantes. Em 2 Samuel 10 encontramos um exemplo do que acontece quando alguém maltrata um enviado do Rei.

No entanto, as bênçãos não são automáticas. Tudo depende da atitude do anfitrião. Se receber o embaixador como um profeta (um porta-voz de Deus), terá uma recompensa, e se o receber somente como um homem justo, terá outra. Mas mesmo um copo de água fria, oferecido com o espírito correto, é devidamente recompensado.

Convém lembrar que o tema desta última seção é discipulado, não filiação. Tornamo-nos filhos de Deus pela fé em Cristo, e nos tornamos discípulos ao segui-lo fielmente e obedecer à sua vontade. A filiação permanece inalterada, mas o discipulado muda à medida que andamos com Cristo. Há grande necessidade hoje de discípulos fiéis, de cristãos que aprenderão de Cristo e que viverão para ele.

Com isso, encerramos a primeira seção principal de Mateus, *A Revelação do Rei*. Vimos sua pessoa (Mt 1 – 4), seus princípios (Mt 5 – 7) e seu poder (Mt 8 – 10). Como a nação responderá a essa revelação?

OS CONFLITOS DO REI

MATEUS 11 – 12

Todas as evidências haviam sido expostas. João Batista apresentara o Rei à nação, e Jesus havia revelado sua pessoa, seus princípios e seu poder. Cabia aos líderes do país tomar uma decisão. Em lugar de receberem seu Rei, rebelaram-se contra ele. Esses dois capítulos apresentam quatro aspectos dessa rebelião.

1. REBELIÃO CONTRA SEU PROFETA (MT 11:1-30)

Exposição (vv. 1-15). João Batista estava na prisão da fortaleza de Maquero, pois havia denunciado corajosamente o casamento adúltero de Herodes Antipas com Herodias (Lc 3:19, 20). Seria de se esperar que os líderes religiosos se opusessem a Herodes e procurassem libertar João, mas em vez disso, ficaram de braços cruzados. A atitude deles com relação a João refletia seus sentimentos contra Jesus, pois João o havia apresentado e honrado.

Não é difícil entender como João estava sofrendo na prisão. Era um homem do deserto confinado a uma cela. Era um homem ativo que recebera de Deus a ordem de pregar e fora silenciado. Havia anunciado um julgamento que estava demorando a chegar (Mt 3:7-12). Recebia apenas relatórios parciais do ministério de Jesus e não tinha como visualizar tudo o que estava acontecendo.

Em sua resposta a João, Jesus demonstra cautela e ternura. Primeiro, o lembra das profecias do Antigo Testamento sobre a obra do Messias (Is 29:18, 19; 35:4-6). Os discípulos de João já lhe haviam contado o que Jesus estava fazendo (Lc 7:18), mas Jesus lhes pede que “digam a João novamente”. João

havia vindo no espírito e poder de Elias (Lc 1:17), e até mesmo Elias teve dias de desânimo! Jesus garante a João que o Filho está cumprindo a vontade do Pai.

Depois de responder à pergunta de João, Jesus o elogia. João não era um “pregador popular” que encantava as multidões, tampouco era como um caniço ao vento que muda de direção a todo instante. Antes, era um homem de convicções e de coragem, o maior de todos os profetas. Essa posição elevada era decorrente de seu privilégio de anunciar o Messias. Seu ministério foi o ponto culminante da Lei e dos Profetas.

Em que sentido João foi o “Elias, que estava para vir”? (Mt 11:14). Ele veio no espírito e poder de Elias (Lc 1:17), e até mesmo se vestia como Elias (2 Rs 1:7, 8; Mt 3:4). Assim como Elias, João tinha uma mensagem de julgamento para a nação apóstata de Israel. Seu ministério foi profetizado (Is 40:3), e ele o cumpriu. Mas, segundo a profecia de Malaquias 4:5, Elias apareceria “antes que [viesses] o grande e terrível Dia do SENHOR”. Esse “Dia do SENHOR” é o período da tribulação que virá sobre toda a Terra (ver Mt 24:15). No entanto, o ministério de João Batista não foi seguido de julgamento. Por quê?

O ministério de João era preparar a nação para a chegada de Jesus e apresentá-lo para a nação (Lc 1:15-17; Jo 1:29-34). Se o povo tivesse recebido o testemunho de João e aceitado o Messias, João teria cumprido as profecias literalmente. Em vez disso, tais profecias cumpriram-se num sentido espiritual na vida daqueles que confiaram em Cristo. Jesus deixa isso claro em Mateus 17:10-13. Muitos estudiosos da Bíblia acreditam que Malaquias 4:5 se cumprirá literalmente quando Elias vier como uma das “duas testemunhas” registradas em Apocalipse 11.

O povo em geral tinha João em alta consideração (Mt 21:26), e muitos se arrependeram e foram batizados por ele. Mas os líderes recusaram-se a reconhecê-lo, indicando, assim, sua incredulidade e dureza de coração. Em vez de se tornarem *como crianças* e se humilharem, os líderes adotaram uma atitude *infantil* e obstinada, como garotinhos

emburrados por não poderem fazer as coisas a seu jeito. A parábola em Mateus 11:16-19 mostra a condição espiritual dos líderes e também revela o coração dos incrédulos nos dias de hoje.

Condenação (vv. 16-24). É muito raro ver Jesus usar a palavra *ai!* Esse termo implica julgamento, mas também inclui compaixão e sofrimento. Infelizmente, o povo dessas cidades desprezou as oportunidades de ver e ouvir o Cristo de Deus e de ser salvo! As cidades gentias de Tiro e Sidom bem como as cidades pagãs de Sodoma e Gomorra teriam se arrependido, se tivessem presenciado os milagres que Jesus e seus discípulos realizaram. Cafarnaum teria sido "exaltada aos céus" pela honra de ter o Messias morando ali. Mas os grandes privilégios de Cafarnaum só lhe trouxeram maior responsabilidade e maior julgamento. Cinco dos dez milagres registrados em Mateus 8 a 9 foram realizados em Cafarnaum.

Convite (vv. 25-30). Por que os líderes religiosos rebelaram-se contra João e contra Jesus? Porque eram intelectual e espiritualmente arrogantes e se recusaram a agir com a humildade e honestidade de uma criança. Há grande diferença entre as crianças mimadas da parábola (Mt 11:16-19) e os pequeninos submissos dessa palavra de louvor. O Pai se revela ao Filho, e o Filho revela a si mesmo e o Pai àqueles que buscam Jesus com fé. Esses versículos indicam a soberania do Pai e também a responsabilidade do pecador. O convite pode ser resumido em três palavras.

"Vinde". Os fariseus diziam "Façam!" e tentavam obrigar o povo a seguir Moisés e as tradições. Mas a verdadeira salvação só pode ser encontrada numa Pessoa: Jesus Cristo. Aceitar esse convite significa crer nele. É um convite aberto a todos os que estão cansados e sobrecarregados, exatamente como o povo se sentia sob o jugo do legalismo fariseu (Mt 23:4; At 15:10).

"Tomai." Trata-se de uma experiência mais profunda. Quando nos aproximamos de Cristo pela fé, *ele nos dá* descanso. Quando colocamos seu jugo e aprendemos

profundo da entrega e da obediência. No primeiro caso, temos "paz com Deus" (Rm 5:1), no segundo, recebemos "a paz de Deus" (Fp 4:6-8). Naquele tempo, a expressão tomar o "jugo" significava tornar-se um discípulo. Quando nos entregamos a Cristo, somos conduzidos por ele. A palavra "sua-ve" significa "do tamanho certo", pois seu jugo é feito sob medida para nossa vida e nossas necessidades, e não é pesado realizar sua vontade (1 Jo 5:3).

"Aprendeí". As duas primeiras injunções representam um momento crítico, no qual nos aproximamos de Cristo e nos entregamos a ele, mas esse passo é o começo de um processo. À medida que aprendemos mais dele, encontramos uma paz mais profunda, pois confiamos nele cada vez mais. A vida é simplificada e unificada em torno da pessoa de Cristo. O convite não é apenas para o povo de Israel, mas para "todos" (Mt 10:5, 6).

2. REBELIÃO CONTRA SEUS PRINCÍPIOS (MT 12:1-21)

Jesus violou as tradições do sábado deliberadamente em várias ocasiões. Havia ensinado ao povo que a lei exterior, por si mesma, jamais poderia salvá-los ou purificá-los, pois a verdadeira justiça tem de vir do coração. A palavra hebraica *shabbath* significa "repouso ou descanso", o que explica por que Mateus apresenta os conflitos do sábado nesse ponto. Jesus oferece descanso a todos os que se achegam a ele, enquanto a observância religiosa não proporciona descanso algum.

A lei permitia saciar a fome pegando alimentos do campo do vizinho (Dt 23:24, 25), mas fazer isso no sábado era uma transgressão da lei, segundo as tradições dos escribas e fariseus, pois significava realizar trabalho. Jesus respondeu a seus acusadores de três formas.

Apelou para um rei (vv. 3, 4). O pão consagrado devia ser consumido somente pelos sacerdotes, mas Davi e seus soldados o comeram. Por certo, o Filho de Deus tinha o direito de comer os cereais de seu Pai

foi condenado, é evidente que Jesus poderia quebrar as tradições dos homens sem culpa alguma (ver 1 Sm 21:1ss).

Apelou para os sacerdotes (vv. 5, 6). Os sacerdotes deveriam oferecer certo número de sacrifícios no sábado (Nm 28:9, 10) e, ainda assim, não eram dignos de condenação. Na verdade, ao trabalharem no *shabbath*, estavam obedecendo à lei de Deus. Isso indica que as tradições humanas com respeito ao sábado estavam erradas, pois contrariavam a própria lei de Deus.

Apelou para um profeta (v. 7). A citação é de Oséias 6:6, passagem que Jesus já havia mencionado anteriormente (Mt 9:13). A lei do sábado foi dada a Israel como um sinal de seu relacionamento com Deus (Êx 20:9-11; 31:13-17; Ne 9:12-15). Mas também constituía um ato de misericórdia para os seres humanos e os animais, proporcionando-lhes o descanso semanal necessário. Devemos considerar suspeita qualquer lei religiosa contrária à misericórdia e ao cuidado com a natureza. Deus quer misericórdia, não sacrifícios religiosos; quer amor, não legalismo. Os fariseus que se esforçavam para obedecer às leis do sábado pensavam estar servindo a Deus. Ao acusarem Jesus e seus discípulos, pensavam estar defendendo Deus, exatamente como os legalistas religiosos de hoje!

É importante observar que Jesus apelou para um rei, um sacerdote e um profeta, pois ele é Rei, Sacerdote e Profeta; também afirmou ser "maior" em três aspectos: como sacerdote, ele é "maior do que o templo" (Mt 12:6); como profeta, ele é "maior do que Jonas" (Mt 12:41); e como rei, ele é "maior do que Salomão" (Mt 12:42).

Ao se declarar "Senhor do sábado", Jesus estava na verdade afirmando que era igual a Deus, pois foi Deus quem estabeleceu o sábado (Gn 2:1-3). Em seguida, provou sua asserção curando o homem da mão ressequida. É triste ver que os líderes religiosos usaram esse homem como uma arma contra Jesus. Mas o Senhor não se intimidou com as ameaças deles. Deixar de fazer o bem no sábado (ou em qualquer outro dia) é o mesmo que fazer o mal. Jesus argumenta

que, se uma pessoa poderia cuidar de seus animais no sábado, o que nos impede de cuidar do homem, criado à imagem de Deus?

Em reação a esse desacato deliberado de Jesus, os líderes religiosos começaram a tramar para matá-lo. Acusaram-no de blasfêmia, quando curou um paralítico (Mt 9:1-8), e de falta de separação dos pecadores, quando comeu com os amigos de Mateus (Mt 9:11-13). O caso do *shabbath*, porém, era muito pior, pois Jesus havia transgredido intencionalmente a lei de Deus, ao trabalhar no dia de sábado apanhando cereais no campo e curando um homem.

Jesus respondeu a esse ódio retirando-se. Não lutou abertamente com seus inimigos, mas cumpriu a profecia em Isaías 42:1-4. Seus inimigos eram como canas quebradas e pavio queimado. Convém observar que os gentios são mencionados duas vezes, e, com isso, Mateus dá a entender novamente que Israel rejeitaria seu Rei e que o reino se estenderia aos gentios.

A saída de Jesus naquele momento mostra, de antemão, sua atitude de "afastamento" em Mateus 14 - 20. Durante esse período, Jesus evitou o conflito direto com seus inimigos para que pudesse permanecer dentro do "cronograma divino" e ser crucificado na hora certa. Também usou esse tempo para ensinar seus discípulos e prepará-los para a crucificação do seu Mestre.

3. REBELIÃO CONTRA SEU PODER (Mt 12:22-37)

A acusação (vv. 22-24). O homem que foi levado a Jesus estava, sem dúvida alguma, num estado lastimável; não podia enxergar, era incapaz de falar e estava possuído por um demônio. Os fariseus não foram capazes de ajudá-lo, mas Jesus o libertou. Os fariseus acusaram Jesus de operar pelo poder de Satanás, não pelo poder de Deus. Sua opinião sobre os milagres de Jesus era bastante diferente da opinião de Nicodemos (Jo 3:2).

A resposta (vv. 25-30). Jesus mostrou como a declaração deles era ilógica e impraticável. Que razão Satanás teria para lutar contra si mesmo? Jesus afirmou que Satanás

tem um reino, pois é o deus desta era (Mt 4:8, 9; Jo 12:31); também afirmou que Satanás tem uma “casa”, referindo-se, possivelmente, ao corpo do homem que estava possuído (Mt 12:43, 44). Se Satanás expulsa os próprios colaboradores demoníacos, está se opondo a si mesmo, dividindo seu reino e destruindo sua casa.

Os fariseus não perceberam que sua acusação também era ilógica do próprio ponto de vista deles. Eram exorcistas judeus (ver At 19:13-16) aparentemente bem-sucedidos. Com que poder *eles* expulsavam demônios? Se o faziam pelo poder de Satanás, eram aliados com o diabo! É claro que nenhum fariseu estava disposto a chegar a tal conclusão.

Jesus era capaz de expulsar os demônios, pois já havia derrotado Satanás, o príncipe dos demônios. Jesus entrou no reino de Satanás, sobrepujou seu poder e tomou para si os seus espólios. A vitória de Cristo deu-se pelo Espírito de Deus (“pelo dedo de Deus”, Lc 11:20), não pelo poder do mal. Isso significa que Deus é vitorioso sobre Satanás e que os homens devem decidir de que lado ficarão. Não há meio-termo: ou estamos com Deus ou estamos contra ele.

A advertência (vv. 31-37). Jesus os advertiu de que suas palavras mostravam a maldade de seu coração. O pecado contra o Espírito Santo não é uma questão de palavras, pois as palavras são apenas “frutos” de um coração pecaminoso. Se o coração está cheio de bondade, transbordará pelos lábios e beneficiará a outros. Mas se está cheio de maldade, também transbordará pelos lábios e prejudicará tanto aquele que fala quanto os que estão a seu redor.

Mas o que vem a ser essa terrível “blasfêmia contra o Espírito Santo”? Pode ser cometida nos dias de hoje e, em caso afirmativo, de que maneira? Jesus afirmou que Deus perdoará o que blasfemar contra o Filho, mas não contra o Espírito. Isso significa que o Espírito Santo é mais importante do que Jesus Cristo, o Filho de Deus? Claro que não. É comum ouvir as pessoas blasfemarem do nome de Deus e de Jesus Cristo, mas

Santo. Como é possível Deus perdoar palavras proferidas contra seu Filho, mas não perdoar as ofensas contra o Espírito?

Ao que parece, trata-se de uma situação específica, *correspondente apenas ao período em que Cristo ministrou aqui na Terra*. Jesus não parecia diferente de qualquer outro homem judeu (Is 53:2). Maldizer Cristo era uma ofensa perdoável *enquanto ele estava na aqui na Terra*. Mas quando o Espírito de Deus veio no Pentecostes, comprovando que Jesus era o Cristo e estava vivo, a rejeição do testemunho do Espírito passou a ser terminante. Logo, a única consequência possível era o julgamento.

Ao rejeitarem João Batista, os líderes estavam rejeitando o *Pai* que o enviou. Ao rejeitarem Jesus, estavam rejeitando o *Filho*. Mas ao rejeitarem o ministério dos apóstolos, estavam rejeitando o *Espírito Santo* – e essa era a rejeição final. O Espírito é a última testemunha, e tal rejeição não pode ser perdoada.

A expressão “palavra frívola”, em Mateus 12:36, significa “palavra sem valor”. Se Deus julgará nossas “conversas fiadas”, quanto mais, então, julgará palavras ditas deliberadamente? É *nas palavras impensadas* que revelamos nosso verdadeiro caráter.

É possível cometer o “pecado imperdoável” nos dias de hoje? Sim. Nos dias de hoje, esse pecado consiste na rejeição categórica e definitiva de Jesus Cristo. Ele deixou bem claro que todos os pecados podem ser perdoados (Mt 12:31). Adultério, assassinato, blasfêmia e outros pecados do gênero, todos podem ser perdoados. Mas Deus não pode perdoar aquele que rejeita seu Filho, pois é o Espírito quem dá testemunho de Cristo (Jo 15:26) e quem convence o pecador perdido (Jo 16:7-11).

4. REBELIÃO CONTRA SUA PESSOA (MT 12:38-50)

“Os judeus pedem um sinal” (1 Co 1:22). Esse pedido demonstra incredulidade: queriam que Jesus *provasse* que era o Messias. Perguntamo-nos que outras provas Jesus poderia ter lhes dado! Se houvessem procurado

sinceridade, teriam concluído: "Este é o Filho de Deus!" Mas teria sido errado Jesus lhes dar um sinal, pois estaria alimentando sua incredulidade e, desse modo, permitindo que determinassem os parâmetros para a fé. Qualquer milagre que Jesus operasse não seria suficiente para lhes agradar.

Jesus respondeu ao desafio desses líderes de três maneiras.

Fez uma recapitulação de sua história (vv. 39-42). O profeta Jonas era judeu e foi enviado aos gentios; a rainha de Sabá era gentia e visitou Salomão, o rei de Israel (2 Cr 9:1-12). Considerando-se a amargura que havia entre judeus e gentios, essa referência aos gentios deve ter exasperado os fariseus. No entanto, não é a primeira vez neste Evangelho que Jesus ou Mateus faz menção dos gentios.

Jonas foi um sinal para povo de Nínive, pois, dentro do grande peixe, passou pela "morte", sepultamento e ressurreição. O único sinal que Jesus daria à nação de Israel seria sua morte, sepultamento e ressurreição. A mensagem dos sete primeiros capítulos do Livro de Atos concentra-se na ressurreição de Cristo, não em sua morte na cruz. Os judeus daquele tempo acreditavam que ele tinha morrido, pois esse era o assunto do momento (Lc 24:18). *No entanto, não acreditavam que estava vivo* (Mt 28:11-15). Em Atos 2 - 7, o Espírito Santo testemunhou profusamente à nação de Israel que Jesus estava vivo. Esse era o único sinal de que precisavam.

Jesus é maior que Jonas em vários sentidos. Primeiro, é maior quanto a sua pessoa, pois Jonas era apenas um homem. Também é maior em sua obediência, pois Jonas desobedeceu a Deus e foi disciplinado. Jesus morreu literalmente, enquanto Jonas foi "sepultado" figurativamente na barriga do peixe. Jesus ressuscitou dentre os mortos pelo seu próprio poder. Jonas ministrou a apenas uma cidade, enquanto Jesus entregou sua vida pelo mundo todo. Por certo, Jesus é maior em seu amor, pois Jonas não amava o povo de Nínive; antes, desejava que morressem. A mensagem de Jonas salvou a cidade de Nínive do julgamento; foi um mensageiro da ira de Deus. Jesus

proclamou uma mensagem de graça e salvação. Quando cremos em Cristo, não apenas somos salvos do julgamento, como também recebemos vida eterna e abundante.

Jesus também é maior do que Salomão em sua sabedoria, riqueza e realizações. A rainha de Sabá maravilhou-se com o que viu no reino de Salomão, mas aquilo que temos no reino de Deus por meio de Cristo sobrepuja em muito as glórias de Salomão. Sentar-se à mesa com Cristo, ouvir suas palavras e compartilhar suas bênçãos é muito mais gratificante do que visitar e admirar os reinos mais espetaculares da Terra, até mesmo o reino de Salomão.

O objetivo principal dessa história é mostrar que o povo de Nínive dará testemunho contra os líderes de Israel, pois os ninivitas se arrependeram ao ouvir a pregação de Jonas. A rainha de Sabá também dará testemunho contra eles, pois veio de muito longe para ouvir a sabedoria de Salomão, enquanto os líderes judeus rejeitaram a sabedoria de Cristo *que estava vivendo entre eles!* Quanto maior a oportunidade, maior o julgamento. É triste ver como, ao longo de sua história, a nação de Israel rejeitou inicialmente seus libertadores e posteriormente os aceitou. Foi o que aconteceu com José, Moisés, Davi, os profetas (Mt 23:29) e com Jesus Cristo.

Revelou seu coração (vv. 43-45). Devemos associar esses versículos a Mateus 12:24-29. A "casa" de Satanás é o corpo do indivíduo possuído pelo demônio. A impressão é que os demônios são inquietos e estão sempre à procura de um corpo para habitar (Mt 8:28-31). Quando o demônio saiu, a vida desse homem mudou para melhor, *mas continuou vazia*. Quando o demônio retornou, trouxe consigo outros demônios, e a vida do homem terminou em tragédia.

A aplicação principal diz respeito ao povo de Israel, especialmente à geração do tempo em que Jesus ministrou na Terra. A nação havia sido expurgada do demônio da idolatria, o grande mal recorrente em Israel ao longo de todo o Antigo Testamento. No entanto, essa reforma não foi suficiente, pois purificou a nação, mas não a preencheu. O

povo de Israel precisava receber o Salvador e ser preenchido com vida espiritual. Em vez disso, os judeus rejeitaram seu Messias e foram destruídos.

Essa passagem também tem uma aplicação pessoal. Não basta limpar a casa; também devemos convidar o inquilino certo para ocupá-la. Os fariseus orgulhavam-se de sua "casa limpa", mas seu coração permanecia vazio! Ninguém é salvo pela religião ou por reformas em sua vida. É preciso haver regeneração e receber Cristo no coração (ver Ap 3:20). Em se tratando de Jesus Cristo, ninguém pode ser neutro.

Rejeitou sua honra (vv. 46-50). Nem mesmo a família de Jesus aqui na Terra foi

capaz de compreender plenamente sua vida e seu ministério (Jo 7:1-5). Alguns de seus amigos pensavam que ele era louco (Mc 3:21). Mas Jesus não estava preocupado em ser honrado pelos homens. Em momento algum desrespeitou sua família humana, mas sempre enfatizou a família de Deus.

É importante observar a maneira de Jesus usar a palavra "qualquer" (Mt 12:50). Trata-se de um paralelo com o convite maravilhoso em Mateus 11:28-30, em que Jesus encoraja todos a crerem nele. Se a nação não estava disposta a recebê-lo, pelo menos alguns de seus indivíduos - e até mesmo alguns gentios - poderiam crer nele. Mas o que seria feito do reino prometido?

OS SEGREDOS DO REI

MATEUS 13

Este capítulo relata os acontecimentos ocorridos num dia de crise no ministério de Jesus Cristo. Jesus sabia que a oposição crescente dos líderes religiosos acabaria resultando em sua crucificação. Era necessário explicar isso aos discípulos e responder à pergunta lógica que certamente levantariam: "O que será feito do reino sobre o qual temos pregado?" A resposta encontra-se nesta série de parábolas. Assim, primeiro Jesus explica a verdade com respeito ao reino, depois explica fatos referentes a sua crucificação.

Os discípulos ficaram confusos, pois o Mestre lhes falou em parábolas. Jesus já havia usado algumas parábolas em seus ensinamentos, mas naquele dia ele apresentou uma série de sete parábolas inter-relacionadas e encerrou com uma oitava ilustração. O termo *parábola* significa "colocar ao lado". Trata-se de uma história ou comparação colocada lado a lado com algum outro conceito, a fim de esclarecer uma lição. O que vemos aqui, porém, não são parábolas comuns; Jesus as chama de "mistérios do reino dos céus" (Mt 13:11). No Novo Testamento, um "mistério" é uma verdade espiritual entendida apenas por meio da revelação divina. É um "segredo santo" conhecido apenas pelos "mais íntimos", que aprendem do Senhor e lhe obedecem.

Nesta série de parábolas, Jesus explica o avanço do evangelho pelo mundo afora. Se Israel o tivesse recebido como um Rei, as bênçãos teriam fluído de Jerusalém para os confins da Terra. Mas a nação o rejeitou, e Deus teve de colocar outro plano em ação. Na era em que vivemos hoje, "o reino dos

céus" é uma mistura de verdadeiro e falso, de bondade e maldade, assim como representado nessas parábolas. É uma "cristandade" que se diz fiel ao Rei, mas, ao mesmo tempo, é repleta de elementos contrários aos princípios do Rei.

Por que Jesus ensinou por parábolas? O texto bíblico apresenta dois motivos: a preguiça das pessoas (Mt 13:10-17) e a profecia do Salmo 78:2 (Mt 13:34, 35). Jesus não pregou em parábolas para confundir nem para condenar as pessoas. Pelo contrário, procurou despertar seu interesse e estimular sua curiosidade. Essas parábolas serviriam de esclarecimento para os que cressem e estivessem buscando a verdade de coração. Mas trariam escuridão para os desinteressados e impenitentes.

As sete parábolas descrevem o avanço espiritual do "reino do céu" nesta era. Nelas, vemos três estágios do desenvolvimento espiritual.

1. O COMEÇO DO REINO (MT 13:1-9, 18-23)

A parábola do semeador não começa com "o reino dos céus é semelhante...", pois descreve como o reino começa: com a pregação da Palavra, o plantio de uma semente no coração das pessoas. A expressão: "vou semear essa idéia" ilustra o que esta parábola quer dizer. A semente é a Palavra de Deus; os vários tipos de solo representam os diferentes tipos de coração; e os resultados diversos refletem respostas diferentes à Palavra de Deus. Jesus explicou esta parábola para que não houvesse qualquer dúvida quanto a seu significado.

Por que comparar a Palavra de Deus a sementes? Porque a Palavra é "viva e eficaz" (Hb 4:12). Ao contrário das palavras dos homens, a Palavra de Deus tem vida que pode ser concedida àqueles que crêem. A verdade de Deus deve se arraigar no coração, ser cultivada e estimulada a produzir frutos. Uma realidade surpreendente é que três quartos das sementes não produzem frutos. Jesus não descreveu uma era de grandes colheitas, mas sim um tempo em que a Palavra seria rejeitada. O Mestre não se

deixou impressionar pelas “grandes multidões” que o seguiam, pois sabia que a maioria das pessoas não receberia a Palavra no coração e não produziria frutos.

O fruto é a prova da verdadeira salvação (Mt 7:16) e inclui santidade (Rm 6:22), caráter cristão (Gl 5:22, 23), prática de boas obras (Cl 1:10), testemunho cristão (Rm 1:13), disposição de compartilhar os bens (Rm 15:25-28) e louvor a Deus (Hb 13:15). A fim de produzir frutos, uma planta deve estar arraigada no solo e exposta à luz do Sol.

Nesta parábola, o sol representa a perseguição decorrente da pregação da Palavra. *A perseguição ajuda os cristãos a crescer*, mas a luz do Sol faz secar a planta que não tem raízes. Isso explica por que alguns “cristãos” não perseveraram: sua fé é fraca, seu entendimento é insuficiente e sua decisão não foi sincera. Não é possível “crer” e não ser salvo (Jo 2:23-25). Se não há frutos na vida, não há fé salvadora no coração.

O verbo *ouvir* (e seus correlatos) é usado 19 vezes em Mateus 13. A parábola do semeador é relatada nos três primeiros Evangelhos, e em cada um a admoestação final é diferente. É importante ouvir a Palavra de Deus, pois “a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17). Jesus disse: “Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça” (Mt 13:9), “Atentai no que ouvis” (Mc 4:24) e “Vede, pois, como ouvis” (Lc 8:18).

2. OPOSIÇÃO AO REINO (MT 13:24-43)

Satanás opõe-se ao reino tentando tirar a Palavra do coração (Mt 13:4, 19). Quando isso falha, o inimigo tem outros meios de atacar a obra de Deus. Essas três parábolas revelam que Satanás não passa de um *imitador*: planta falsos cristãos, encoraja um falso crescimento e introduz falsas doutrinas.

A parábola do joio – cristãos falsos (vv. 24-30, 36-43). Uma vez que não consegue desarraigar os verdadeiros cristãos, Satanás planta impostores no meio deles. Nesta parábola, a boa semente não representa a Palavra de Deus, mas sim pessoas que se conver-

coração humano, mas o mundo. Cristo está semeando cristãos verdadeiros por toda a parte, a fim de que dêem frutos (Jo 12:23-26). Mas, onde quer que Cristo semeie um cristão verdadeiro, Satanás semeia um impostor.

Devemos ter cuidado com as falsificações de Satanás; ele possui cristãos falsos (2 Co 11:26) que acreditam num evangelho falso (Gl 1:6-9). Estimula uma falsa justificação (Rm 10:1-3) e tem até mesmo uma igreja falsa (Ap 2:9). No final dos tempos, chegará ao cúmulo de produzir um falso Cristo (2 Ts 2:1-12).

Também devemos permanecer alertas para que os ministros de Satanás não se infiltrem e causem estragos na congregação dos cristãos verdadeiros (2 Pe 2; 1 Jo 4:1-6). Quando o povo de Deus cochila, Satanás põe-se a trabalhar. Nossa tarefa não é arrancar os falsos, mas sim plantar os verdadeiros (um princípio que não se refere à disciplina dentro da igreja local). Não somos detetives, mas sim, evangelistas! Devemos nos opor a Satanás e expor suas mentiras, mas também devemos semear a Palavra e produzir frutos onde Deus nos plantou.

O que será feito das espigas de joio? Deus as ajuntará e as lançará no fogo. É interessante observar que alguns desses “feixes” já estão sendo juntados, enquanto vários grupos religiosos se unem e se esforçam para trabalhar em conjunto. Unidade espiritual entre cristãos verdadeiros é uma coisa, mas uniformidade religiosa entre os que simplesmente se dizem cristãos é outra bem diferente. Hoje em dia, não é fácil distinguir os verdadeiros dos falsos, mas no fim dos tempos, os anjos os separarão.

A parábola do grão de mostarda – crescimento falso (vv. 31, 32). No Oriente, a semente de mostarda simboliza algo pequeno e insignificante. Produz uma planta grande, mas não uma “árvore”, no verdadeiro sentido da palavra. Ainda assim, a planta é grande o bastante para que os pássaros poussem em seus galhos.

Uma vez que Jesus não explicou essa parábola, devemos usar as explicações que o Mestre deu para outras parábolas a fim de

parábola do semeador representavam Satanás (Mt 13:19). Passagens como Daniel 4:12 e Ezequiel 17:23 indicam que a árvore é um símbolo de poder no mundo. Esses fatos sugerem que a parábola ensina um crescimento anormal do reino dos céus, uma expansão que Satanás poderá usar em seu favor. Sem dúvida, a "cristandade" tornou-se uma potência mundial com uma organização complexa e ramificada. Um grupo que começou de forma humilde, hoje é uma instituição de grande patrimônio e influência política.

Para alguns, esta parábola refere-se ao sucesso mundial do evangelho. Tal idéia, porém, constitui uma contradição daquilo que Jesus ensinou na primeira parábola. Na realidade, o Novo Testamento ensina que, ao nos aproximarmos do fim dos tempos, a proclamação do evangelho entrará em declínio.

A parábola do fermento – doutrinas falsas (v. 33). A semente de mostarda ilustra a falsa expansão *exterior* do reino, enquanto o fermento ilustra o desenvolvimento *interior* das doutrinas falsas e da vida de hipocrisia. Ao longo de toda a Bíblia, o fermento é usado para simbolizar o mal e deveria ser removido das casas de Israel durante a Páscoa (Êx 12:15-19; 13:7). Não fazia parte dos sacrifícios (Êx 34:25), sendo usado apenas nos pães da Festa de Pentecostes (Lv 23:15-21), que simbolizava os judeus e gentios da Igreja, na qual também está presente o pecado.

Jesus usou o fermento para representar a hipocrisia (Lc 12:1), os falsos ensinamentos (Mt 16:6-12) e a condescendência com as coisas do mundo (Mt 22:16-21). Paulo usou o fermento para falar da carnalidade dentro da igreja (1 Co 5:6-8) e também das falsas doutrinas (Gl 5:9). O pecado é como o fermento: cresce sem que ninguém veja, corrompe e então "incha" (1 Co 4:18, 19; 5:2; 8:1). A meu ver, usar o crescimento promovido pelo fermento para representar a expansão do evangelho ao redor do mundo vai contra o significado intrínseco desse símbolo tão importante e também provoca uma contradição com outras parábolas.

Satanás tem trabalhado intensivamente para introduzir doutrinas e um modo de vida

falso no ministério da Palavra de Deus. Desde os primórdios da Igreja, os cristãos verdadeiros vêm combatendo as falsas doutrinas e a hipocrisia. Como é triste ver algumas igrejas e escolas, outrora fiéis à Palavra, se desviarem da verdade! "Julgai todas as coisas, retende o que é bom" (1 Ts 5:21).

O reino dos céus começa com a semeadura da Palavra de Deus no coração dos homens. A maioria dessas sementes não produz frutos, mas algumas se desenvolvem e frutificam. Satanás faz frente ao trabalho de Deus semeando cristãos falsos, estimulando um crescimento falso e introduzindo uma falsa doutrina. Podemos ter a impressão de que Satanás está vencendo, mas *no fim dos tempos* tudo será testado.

3. O RESULTADO DO REINO (Mt 13:44-50)

Ao final desta era, Deus terá três povos: os judeus (o tesouro escondido), a Igreja (a pérola) e as nações gentias salvas, que entrarão no reino dos céus (a rede).

A parábola do tesouro escondido (v. 44). De acordo com a interpretação mais comum desta parábola, o pecador encontra a Cristo e abre mão de tudo o que possui para ficar com o Senhor e ser salvo. No entanto, essa interpretação apresenta vários problemas. Em primeiro lugar, Jesus Cristo não é um tesouro escondido. Antes, é provavelmente a pessoa mais conhecida da história. Em segundo lugar, o pecador não pode "encontrar a Cristo", pois é cego e obstinado (Rm 3:10ss). É o Salvador que encontra o pecador (Lc 19:10), e nenhum pecador poderia *comprar* a salvação! É importante observar que o homem da parábola não comprou o tesouro, mas comprou o *campo todo*. "O campo é o mundo" (Mt 13:38). O pecador precisa comprar o mundo inteiro para ganhar a Cristo? E depois disso, ele o esconde novamente?

Mais uma vez, podemos nos valer do simbolismo do Antigo Testamento para nos ajudar em nossa interpretação. O tesouro é a nação de Israel (Êx 19:5; Sl 135:4), que foi posta no mundo para glorificar a Deus; mas falhou em sua missão e se tornou uma

nação escondida, um tesouro não investido a fim de produzir dividendos para Deus. Jesus Cristo deu tudo o que possuía para comprar o mundo todo e salvar a nação (Jo 11:51). Na cruz, Jesus morreu pelo mundo em geral, mas também se entregou de modo especial por Israel (Is 53:8). A nação foi julgada e, aparentemente, destruída, mas, aos olhos de Deus, está "escondida" e será revelada novamente em glória.

Existe, portanto, um futuro para Israel. Em termos políticos, a nação renasceu em 14 de maio de 1948, mas ainda está longe, muito longe, do que deveria ser em termos espirituais. Deus vê Israel como seu tesouro e, um dia, irá estabelecê-la no seu reino glorioso.

A parábola da pérola (vv. 45, 46). Uma canção evangélica bastante conhecida reforça a idéia de que essa pérola é Jesus Cristo e sua salvação. No entanto, as mesmas objeções anteriores aplicam-se a esta parábola. O pecador não encontra Cristo; é o Salvador quem o encontra. Ainda que venda tudo o que possui, nenhum pecador é capaz de comprar sua salvação.

A pérola representa a Igreja. A Bíblia faz uma distinção entre judeus, gentios e a Igreja (1 Co 10:32). Hoje, a Igreja – o corpo de Cristo – é constituída de cristãos judeus e gentios (Ef 2:11ss). Ao contrário de outras pedras preciosas, a pérola é uma *unidade* – não pode ser lapidada como um diamante ou uma esmeralda. Mesmo estando dividida aqui na Terra como instituição, a Igreja é uma unidade (Ef 4:4-6). Assim como a pérola, a Igreja é produto de sofrimento. Cristo morreu pela Igreja (Ef 5:25), e foi seu sofrimento na cruz que possibilitou o nascimento dela.

Da mesma forma que a pérola, a Igreja cresce gradualmente, à medida que o Espírito convence e converte os pecadores. O processo de formação da pérola não é visível, pois ocorre dentro da concha da ostra, no fundo do mar. O crescimento da Igreja de Cristo no mundo também não é visível. Hoje, a Igreja está no meio das nações (na Bíblia, as águas representam as nações; Dn 7:1-3; Ap 13:1; 17:15) e, um dia, será revelada em

Assim, apesar da operação ardilosa de Satanás neste mundo, Cristo continua formando sua Igreja. O Salvador abriu mão de tudo o que possuía para adquirir sua Igreja, e nada do que Satanás tente fazer poderá derrotá-lo. Apesar de haver várias igrejas locais, há apenas uma Igreja, uma pérola de grande valor. Nem todos os que são membros de uma igreja local pertencem ao corpo de Cristo. Somente pelo arrependimento e pela fé em Cristo tornamo-nos parte dessa Igreja. Por certo, todos os verdadeiros cristãos devem identificar-se com uma congregação local onde possam adorar e servir.

A parábola da rede (vv. 47-50). A pregação do evangelho no mundo não converte o mundo. Antes, é como uma enorme rede que pega peixes de todo tipo, alguns bons e outros maus. A Igreja professa dos dias de hoje é constituída tanto de verdadeiros quanto de falsos cristãos (a parábola do joio), de bons como de maus elementos. No fim dos tempos, Deus separará os cristãos autênticos dos falsos e os bons dos maus. Quando Jesus Cristo voltar à Terra para lutar na batalha do Armagedom (Ap 19:11ss), separará os cristãos dos incrédulos *aqui na Terra*. Trata-se de pessoas vivas que não fazem parte da Igreja (a essa altura dos acontecimentos, já levadas para o céu) nem de Israel. Esses gentios serão tratados com justiça: os salvos entrarão no reino, porém os não salvos serão lançados na fornalha de fogo. Podemos encontrar essa mesma idéia na parábola dos "cabritos e ovelhas" (Mt 25:31ss).

Em duas ocasiões nesta série de parábolas, Jesus usa a expressão "consumação do século" (Mt 13:39, 49). Não está se referindo ao final desta "era da Igreja", pois a verdade acerca da Igreja só foi compartilhada com os discípulos posteriormente (Mt 16:18). A "era" em questão é o tempo dos judeus, perto da grande tribulação descrita em Mateus 24:1-31 e em Apocalipse 6 a 19. Devemos ter cuidado para não encontrar nessas passagens de Mateus certas verdades que só foram dadas mais adiante, por meio do

Quando Jesus completou essa série de parábolas, perguntou a seus discípulos se haviam entendido. Ao que eles responderam: “sim”, com toda convicção. O entendimento implica responsabilidade, e para ilustrar esse fato e lembrá-los disso, Jesus contou uma última parábola (Mt 13:51, 52).

Escritas que descobrem a verdade. Os escribas começaram, sob a liderança de Esdras, como um grupo repleto de ideais elevados. O grande objetivo dos escribas era preservar a lei, estudá-la e aplicar suas verdades à vida diária. Com o passar do tempo, sua causa tão nobre se degenerou e se transformou numa série de tarefas rotineiras visando preservar apenas as tradições e interpretações humanas, acrescentando, com isso, mais fardos à vida das pessoas (Lc 11:46-52). Estavam tão envolvidos com o passado que ignoravam o presente! Em vez de compartilhar a verdade viva da Palavra de Deus, promoviam doutrinas mortas e tradições “fossilizadas” incapazes de ajudar o povo.

Como cristãos, não *procuramos a verdade*, pois já a temos no Filho de Deus (Jo 14:6) e na Palavra de Deus (Jo 17:17). Somos ensinados pelo Espírito da Verdade (Jo 16:13) e que é a verdade (1 Jo 5:6). Assim, *examinamos a verdade* a fim de descobrir dentro dela mais outras verdades. Somos escribas – estudiosos – que se assentam aos pés de Jesus para ouvir suas palavras. Uma das alegrias da vida cristã é o privilégio de aprender as verdades de Deus por meio da Palavra de Deus. Mas não devemos nos ater apenas a esse aprendizado.

Discípulos que aplicam a verdade. Uma tradução mais exata para Mateus 13:52 seria: “Por isso, todo escriba que se torna discípulo no reino dos céus”. O escriba enfatiza o *aprendizado*, enquanto o discípulo enfatiza a *vivência*. Discípulos são praticantes da Palavra (Tg 1:22ss); seu aprendizado dá-se pela prática.

É difícil levar uma vida equilibrada. Muitas vezes, enfoca-se o aprendizado à custa da vivência. Ou, talvez, as pessoas ficam tão ocupadas servindo ao Senhor que não separam tempo para ouvir sua Palavra. Todo

escriba deve ser um discípulo, e todo discípulo deve ser um escriba.

Despenseiros que administram a verdade. Os escribas preservavam a lei, mas não a investiam na vida das pessoas. O tesouro da lei havia sido encoberto pelas tradições humanas. A semente não havia sido plantada de modo a produzir frutos; não haviam sido investidos “ouro e prata espirituais”, a fim de gerarem dividendos. Como cristãos, devemos ser *conservadores*, mas não *inflexíveis*.

O despenseiro guarda o tesouro, mas também o emprega conforme a necessidade. Lança mão de coisas novas e velhas. Novos princípios e *insights* têm como base verdades mais antigas. O novo não pode contradizer o velho, pois provém dele (Lv 26:10). Sem o velho, o novo é apenas uma inovação temporária, e o velho não produz nada de bom, a menos que seja usado para novas aplicações na vida hoje. Precisamos de ambos.

Quando Jesus terminou essas parábolas, atravessou o mar numa tempestade e libertou os endemoninhados gadarenos, fatos que se encontram registrados em Mateus 8:28-34. Foi depois disso que Jesus se dirigiu a Nazaré, conforme vemos no relato de Mateus 13:53-58.

O povo de Nazaré maravilhou-se com duas coisas: as palavras do Senhor e suas obras. No entanto, os nazarenos não creram no Messias e, desse modo, limitaram seu ministério. O que levou essas pessoas a duvidar dele? Talvez o fato de estarem familiarizadas demais com Jesus, humanamente falando, uma vez que o Senhor havia crescido no meio delas. Os nazarenos conheciam Jesus apenas na carne (ver 2 Co 5:16), mas não possuíam o discernimento espiritual que Deus concede àqueles que se entregam a ele (Mt 11:25-30). Em vez de andarem pela fé, viviam pelas aparências.

Mas, se a própria família e os amigos de Jesus não creram nele, que esperança haveria de que a nação crescesse nele? Em ocasião anterior de seu ministério, Jesus havia pregado em Nazaré (Lc 4:16-31) e havia sido rejeitado. Nesta passagem, vemos o Senhor

ser rejeitado novamente. Esta foi sua última visita a Nazaré, e a última oportunidade para os nazarenos. Jesus ficaria conhecido como "Jesus de Nazaré" e seus seguidores seriam

chamados de "nazarenos", mas Nazaré re-
cusou-se a aceitá-lo. Mateus escolheu esse episódio para encerrar a seção que pode-
mos chamar de "Rebelião Contra o Rei".

O AFASTAMENTO DO REI

MATEUS 14

Chamei os capítulos 14 a 20 de “O afastamento do Rei”. Durante o período registrado por Mateus nestes capítulos, Jesus afastou-se das multidões com frequência e passou mais tempo sozinho com seus discípulos (ver Mt 14:13; 15:21, 29; 16:13; 17:1-8).

Havia diversos motivos para ele se retirar: a hostilidade crescente de seus inimigos, a necessidade de descanso físico e a necessidade de preparar seus discípulos para a futura morte do seu Mestre na cruz. Infelizmente, em várias ocasiões, os discípulos deixaram-se levar pelo entusiasmo das multidões que desejavam proclamar Jesus seu Rei (ver Jo 6:15).

Contudo, não devemos imaginar que esses retiros, ou fases de afastamento das multidões, fossem períodos de inatividade. Muitas vezes, as multidões seguiram Jesus, e ele não conseguiu ficar sozinho. Apesar de sua necessidade pessoal de descanso e de solidão, ministrava ao povo com o mais absoluto desprendimento. Em Mateus 14 a 20, podemos ver três grupos de pessoas: os inimigos de Cristo, as multidões necessitadas e os discípulos. À medida que a história caminha para seu clímax, temos a falsa impressão de que os inimigos saíram vitoriosos.

No capítulo de encerramento, Mateus descreve a ascensão do Rei e a comissão de seus discípulos, pela qual são enviados a todo o mundo para compartilhar as boas-novas com as multidões!

Neste capítulo, encontramos os mesmos três grupos e a resposta de Cristo a cada um deles.

1. SEUS INIMIGOS: CAUTELA (Mt 14:1-13)

A família de Herodes aparece com frequência nos quatro Evangelhos e no Livro de Atos, sendo fácil confundir os vários governantes.

Herodes, o Grande fundou a dinastia e governou de 37 a.C. até 4 a.C. Não era judeu, mas sim, edomita, um descendente de Esaú. “Dedicava-se a práticas pagãs e possuía o caráter de um monstro” (*Unger’s Bible Dictionary*). Teve nove esposas (alguns acreditam que foram dez) e não hesitou em assassinar os próprios filhos e esposas quando estes se colocaram em seu caminho. Foi ele quem mandou assassinar as crianças em Belém (Mt 2:13-18).

Herodes Antipas é o Herodes deste capítulo e filho de Herodes, o Grande. Recebeu o título de “tetrarca”, que significa “governante sobre uma quarta parte do reino”. Governou de 4 a.C. a 39 d.C., um governo marcado pelo egoísmo e a dissimulação. Amava a vida de luxo e tinha ambições de se tornar um grande governante.

Herodes Agripa foi o Herodes que mandou prender Pedro e matar Tiago (At 12). Era neto de Herodes, o Grande.

Herodes Agripa II foi o Herodes que julgou Paulo (At 25:13ss). Era filho de Agripa I.

Todos os Herodes tinham sangue edomita e eram descendentes de Esaú; todos trataram os judeus com extrema hostilidade (Gn 25:19ss). Praticavam a religião judaica quando lhes era conveniente e quando contribuía para seus planos de obter mais poder e riquezas.

Herodes Antipas era culpado de incesto, pois se casou com Herodias, esposa de seu meio-irmão Filipe I, divorciou-se da esposa e a mandou de volta para o pai, o rei de Petra (Lv 18:16; 20:21). Herodes deu ouvidos à voz da tentação e se entregou ao pecado.

Mas Deus enviou outras vozes para advertir Herodes.

A voz do profeta (vv. 3-5). Com toda ousadia, João Batista advertiu Herodes e pediu que se arrependesse. João sabia que o pecado do governante só serviria para corromper a terra e incentivar o pecado de outros, e que Deus julgaria os pecadores

(Mt 3:5). É louvável a coragem de João ao expor o pecado e condená-lo. Israel era a nação da aliança de Deus, e os pecados dos governantes (ainda que fossem incrédulos) trariam sobre o povo a disciplina de Deus.

Em lugar de ouvir o servo de Deus e de obedecer à Palavra de Deus, Herodes mandou prender João na fortaleza de Maquero, localizada cerca de sete quilômetros a leste do mar Morto e cerca de um quilômetro acima do nível do mar, no alto de um precipício acessível apenas por um lado.

Herodias, a esposa de Herodes, ofendeu-se com a admoestação de João (ver Mc 6:19) e influenciou o marido. Elaborou um plano no qual sua filha adolescente faria uma dança sensual para Herodes durante sua festa de aniversário. Herodias sabia que seu marido sucumbiria aos encantos da moça e lhe faria alguma promessa impulsiva. Também sabia que Herodes manteria sua palavra para não manchar a reputação diante de seus amigos e oficiais. O plano funcionou, e João foi executado.

A voz da consciência (vv. 1, 2). Quando Herodes ficou sabendo dos prodígios que Jesus estava operando, teve certeza de que era João que havia ressuscitado dos mortos. Sua consciência o incomodava de tal modo que nem sua esposa, nem seus amigos conseguiam consolá-lo. A voz da consciência é poderosa e pode ser a voz de Deus para os que lhe derem ouvidos.

Em vez de atentar para sua consciência, Herodes resolveu matar Jesus, da mesma forma que havia feito com João. Alguns fariseus (provavelmente participantes da conspiração) advertiram Jesus de que Herodes pretendia matá-lo (Lc 13:31, 32), mas Jesus não se perturbou com o aviso. No original, o termo traduzido por “raposa”, em Lucas 13:32, é usado especificamente para a fêmea. Estaria Jesus se referindo a Herodias, o verdadeiro poder por trás do trono?

A voz de Jesus (Lc 23:6-11). Quando finalmente Jesus e Herodes se encontram, o Filho de Deus permaneceu calado! Herodes havia silenciado a voz de Deus! “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso

A voz da história. Herodes deveria ter imaginado que não permaneceria impune. De acordo com os registros históricos, Herodes perdeu seu prestígio e poder. Seus exércitos foram derrotados pelos árabes, e seus pedidos (sob pressão da esposa) para ser coroado rei foram negados pelo imperador Calígula. Herodes foi banido para a Gália (França) e depois para a Espanha, onde morreu.

Herodes é lembrado como um governante fraco, que se preocupava apenas com seu prazer e posição. Em vez de servir ao povo, buscou somente os próprios interesses. Seu único “feito memorável” foi mandar executar o maior profeta já enviado para proclamar a Palavra de Deus.

Qual foi a reação de Jesus à notícia do assassinato de João? *Cautela.* Retirou-se discretamente para um “lugar deserto”. Vivia de acordo com o “cronograma divino” (ver Jo 2:4; 7:6, 30; 8:20; 12:23, 27; 13:1; 17:1) e não desejava provocar deliberadamente nenhum incidente com Herodes. Uma vez que havia agentes de Herodes por toda parte, Jesus teve de usar de sabedoria e prudência.

Sem dúvida, Jesus entristeceu-se profundamente quando soube da morte de João Batista. Os líderes judeus *permitiram* que João fosse executado, pois não fizeram coisa alguma para ajudá-lo. Esses mesmos líderes *pediriam* que Jesus fosse morto! Jesus não permitiria que os líderes judeus se esquecessem do testemunho de João (Mt 21:23ss). Pelo fato de terem rejeitado o testemunho de João, também rejeitaram seu próprio Messias e Rei.

2. AS MULTIDÕES: COMPAIXÃO (Mt 14:14-21)

Jesus e seus discípulos necessitavam encarecidamente de descanso (Mc 6:31), mas, ainda assim, o coração do Senhor encheu-se de compaixão pelas multidões. A palavra traduzida por “compadeceu-se” significa, literalmente, “condoeu-se por dentro” e é muito mais forte do que apenas solidariedade. Trata-se de um termo usado seis vezes nos Evangelhos; em cinco dessas ocasiões,

Jesus “compadeceu-se” quando viu a necessidade das multidões (Mt 9:36). Eram como ovelhas tosquiadas sem qualquer cuidado: estavam exaustas, feridas e andando sem rumo. Em duas ocasiões, o Senhor compadeceu-se ao ver multidões famintas (Mt 14:14; 15:32). Os dois homens cegos (Mt 20:34) e o leproso (Mc 1:41) também despertaram a compaixão de Jesus; ele também se apiedou do sofrimento da viúva em Naim (Lc 7:13).

Jesus empregou esse termo em três de suas parábolas. O rei teve compaixão de seu servo falido e perdoou suas dívidas, portanto, devemos perdoar uns aos outros (Mt 18:21-35). O samaritano teve compaixão do judeu à beira da estrada e cuidou dele com amor (Lc 10:25-37). O pai teve compaixão do filho desobediente e correu para saudá-lo quando voltou (Lc 15:20). Uma vez que nosso Pai celeste tem tamanha compaixão para conosco, acaso não devemos também nos compadecer dos outros?

A provisão de alimentos para as cinco mil pessoas encontra-se registrada nos quatro Evangelhos (Mt 14:13-21; Mc 6:35-44; Lc 9:12-17; Jo 6:4-13) e foi, sem dúvida alguma, um feito miraculoso. Os que ensinam que Jesus apenas incentivou o povo a comer e a compartilhar os alimentos que haviam escondido desconsideram a declaração inequívoca da Palavra de Deus. João 6:14 afirma, categoricamente, que esse acontecimento foi um “sinal” ou “milagre”. Que motivo a multidão teria para desejar proclamar Jesus seu Rei se ele apenas tivesse usado de algum artifício para levá-los a compartilhar os alimentos que alguns estavam escondendo? (Jo 6:14, 15). Provavelmente nenhum!

Não é preciso muita imaginação para visualizar a situação embaraçosa dos discípulos. Diante deles, uma multidão de mais de cinco mil pessoas famintas sem coisa alguma para comer! Por certo, os discípulos sabiam que Jesus era poderoso o suficiente para suprir as necessidades de todos, mas, ainda assim, não buscaram sua ajuda. Em vez disso, fizeram um levantamento da comida disponível (um jovem havia trazido

cinco pães e dois peixes) e do pouco dinheiro que tinham em mãos. Quando consideraram a hora (já estava escurecendo) e o lugar (desolado), chegaram à conclusão de que não poderiam fazer coisa alguma para resolver o problema. Seu conselho para o Senhor: “Mande todos embora”.

Nada diferente da atitude de muitos do povo de Deus hoje. Por algum motivo, para esses, nunca é a hora nem o lugar apropriado para Deus agir. Jesus ficou observando enquanto seus discípulos, frustrados, tentavam resolver o problema, mas “ele bem sabia o que estava para fazer” (Jo 6:6). Desejava que aprendessem uma lição de fé e de entrega. Com base nesse milagre, é possível definir alguns princípios para solucionar problemas.

Começar com o que temos. André encontrou um rapaz disposto a dividir seu lanche e o levou até Jesus. Deus parte de onde estamos e usa o que temos no momento.

Entregar tudo o que temos ao Senhor. Jesus pegou o lanche, o abençoou e repartiu. O milagre da multiplicação deu-se em suas mãos! “Se Deus está presente, o pouco transforma-se em muito.” Jesus partiu o pão e deu os pedaços para os discípulos, que, por sua vez, alimentaram a multidão.

Obedecer às ordens de Jesus. Os discípulos pediram que a multidão se assentasse, conforme Jesus havia ordenado. Em seguida, pegaram os pedaços de pão, distribuíram ao povo e descobriram que havia o suficiente para todos. Como servos de Cristo, somos “distribuidores”, não “produtores”. Se lhe entregarmos o que temos, ele abençoará e nos dará de volta, a fim de usarmos para ajudar a outros.

Conservar os resultados. Depois de o povo ter comido e se fartado, ainda havia doze cestos cheios de pedaços de pão e peixe. Os restos foram recolhidos, e nada foi desperdiçado (Mc 6:43; Jo 6:12). Fico imaginando os pedaços de pão que o rapaz levou para casa consigo e o espanto da mãe quando o garoto lhe contou a história!

O apóstolo João registra o sermão sobre o “pão da vida” que Jesus pregou no dia seguinte na sinagoga em Cafarnaum (Jo

6:22ss). O povo estava disposto a receber o pão físico, mas não queria saber do Pão vivo – o Filho de Deus que veio dos céus. O milagre da multiplicação dos pães foi, na verdade, um sermão prático. Jesus é o pão da vida, e somente ele pode saciar a fome espiritual do coração humano. Infelizmente, porém, desde aquele tempo até os dias de hoje, o ser humano continua desperdiçando seu tempo e dinheiro “naquilo que não é pão” (Is 55:1-7).

Jesus ainda se compadece das multidões famintas e continua a dizer a sua Igreja: “dai-lhes de comer”. Como é fácil mandar as pessoas necessitadas embora. Inventamos desculpas e alegamos falta de recursos. Jesus pede para dar a ele tudo o que temos e deixá-lo usar como lhe aprouver. O mundo faminto alimenta-se de substitutos vazios, enquanto o privamos do verdadeiro Pão da vida. Quando entregamos a Cristo tudo o que temos, nunca saímos perdendo. Sempre acabamos recebendo mais bênçãos do que tínhamos antes.

3. OS DISCÍPULOS: CUIDADOS E PREOCUPAÇÕES (MT 14:22-36)

João explica a pressa de Jesus em despedir a multidão e em mandar seus discípulos de volta para o barco: a multidão desejava coroar Jesus como seu Rei (Jo 6:14, 15). O Senhor sabia que os motivos deles não eram espirituais e que essas intenções não estavam de acordo com a vontade de Deus. Se os discípulos não houvessem partido, certamente teriam apoiado os planos da multidão, pois ainda não entendiam plenamente os planos de Cristo. De tempos em tempos, discutiam sobre “quem era o maior dentre eles” e certamente teriam aprovado uma revolta popular.

A experiência dos discípulos na tempestade pode ser um estímulo para nós quando atravessarmos as tempestades da vida. Mesmo em meio às tribulações, podemos contar com várias certezas.

“Ele nos trouxe aqui.” A tempestade veio porque estavam *dentro* da vontade de Deus e não (como Jonas) fora da vontade dele. Uma vez que Jesus sabia que uma tempestade

estava prestes a vir, por que os mandou deliberadamente para o meio dela? Porque os discípulos estariam mais seguros no meio da tempestade e dentro da vontade de Deus do que em terra com as multidões e fora da vontade divina. Não devemos jamais julgar nossa segurança apenas com base nas circunstâncias.

Ao ler a Bíblia, descobrimos que há dois tipos de tempestades: as que vêm para a *correção*, quando Deus nos disciplina, e as que vêm para o *aperfeiçoamento*, quando Deus nos ajuda a crescer. Jonas enfrentou uma tempestade porque havia desobedecido a Deus e, portanto, deveria ser corrigido. Os discípulos enfrentaram uma tempestade porque haviam obedecido a Cristo e precisavam ser aperfeiçoados. Jesus os havia testado numa tempestade anteriormente, quando estava no barco com eles (Mt 8:23-27). Mas agora ele os testou *permanecendo fora do barco*.

Muitos cristãos têm a idéia equivocada de que, ao obedecer à vontade de Deus, só navegarão por águas tranquilas. Jesus prometeu: “No mundo tereis aflições” (Jo 16:33). Quando nos encontramos numa tempestade por causa de nossa obediência ao Senhor, devemos lembrar que ele nos trouxe até aqui e cuidará de nós.

“Ele está orando por nós.” Essa cena retrata, de maneira muito vívida, a Igreja e o Senhor nos dias de hoje. O povo de Deus está no mar, em meio a uma tempestade, e Jesus Cristo está no céu e “intercede por nós” (Rm 8:34). O Mestre estava vendo os discípulos e sabia da situação deles (Mc 6:48), assim como nos vê hoje e sabe de nossas necessidades. Ele sente o fardo que carregamos e sabe pelo que estamos passando (Hb 4:14-16). Jesus orou por seus discípulos para que sua fé não falhasse.

Se soubéssemos que Jesus está na sala ao lado orando por nós, certamente sentiríamos mais coragem para enfrentar a tempestade e fazer a vontade dele. Ele não está na sala ao lado, mas está no céu intercedendo por nós, vendo todas as nossas necessidades, ciente de todos os nossos medos e no controle da situação.

“Ele virá até nós.” Muitas vezes, temos a impressão de que Jesus nos abandonou justamente no momento mais difícil de nossa vida. Em vários salmos, encontramos Davi queixando-se de que Deus parece distante e indiferente. Ainda assim, o salmista sabia que, a seu tempo, Deus o resgataria. Até mesmo o grande apóstolo Paulo viu-se numa situação tão difícil que “foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida” (2 Co 1:8).

Jesus sempre vem a nosso encontro durante as tempestades da vida. “Quando passares pelas águas, eu serei contigo” (Is 43:2). Talvez não chegue no momento que desejamos, pois sabe qual é o momento que mais precisamos dele. O Mestre esperou até o barco estar o mais distante possível da terra, até não haver mais nenhuma esperança do ponto de vista humano. A fim de testar a fé dos discípulos, teve de remover qualquer recurso humano que os fizesse sentir seguros.

Por que Jesus andou sobre as águas? Para mostrar a seus discípulos que a coisa que mais temiam (o mar) era apenas um caminho para que se aproximasse deles. Com frequência, tememos as experiências difíceis da vida (como uma cirurgia ou a perda de alguém querido), mas acabamos descobrindo que elas servem para nos aproximar de Jesus Cristo.

Por que os discípulos não reconheceram Jesus? Porque não estavam procurando por ele. Se estivessem esperando com fé, teriam reconhecido seu Mestre de imediato. Em vez disso, concluíram que era um fantasma. O medo e a fé não podem conviver no mesmo coração, pois o medo sempre nos impede de ver a presença de Deus.

“Ele nos ajudará a crescer.” Esse era o propósito da tempestade: ajudar os discípulos a crescer em sua fé. Um dia, Jesus teria de deixá-los, e eles enfrentariam muitas tempestades em seus ministérios. Tinham de aprender a confiar no Senhor, mesmo que não estivesse presente e que parecesse não se importar.

Devemos agora voltar nossa atenção para Pedro. Antes de criticá-lo por afundar, devemos lhe dar crédito por sua demonstração

corajosa de fé, pois ele ousou ser diferente. Qualquer um é capaz de ficar sentado num barco e observar, mas é preciso uma pessoa de fé para sair do barco e andar sobre as águas.

Pedro afundou porque sua fé vacilou; ele tirou os olhos do Senhor e olhou para as circunstâncias a seu redor. “Por que duvidaste?” (Mt 14:31), perguntou-lhe Jesus. Nesse caso, o termo *duvidar* tem o sentido de “mostrar-se incerto ao ter de escolher entre dois caminhos”. Pedro começou com fé, mas terminou afundando, pois viu dois caminhos em vez de um.

Devemos dar crédito a Pedro por *perceber* que estava afundando e pedir socorro ao Senhor. Clamou quando estava “começando a afundar”, não quando já estava se afogando. É possível que Pedro tenha se recordado desse incidente quando escreveu em sua primeira epístola: “Porque os olhos do Senhor repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos às suas súplicas” (1 Pe 3:12).

Foi uma experiência difícil para Pedro, mas o ajudou a conhecer melhor a si mesmo e ao Senhor. As tempestades da vida não são fáceis, mas são necessárias. Elas nos ensinam a confiar somente em Jesus Cristo e a obedecer à sua Palavra, quaisquer que sejam as circunstâncias. Alguém disse bem: “Fé não é crer apesar das evidências, mas sim obedecer apesar das conseqüências”.

“Ele nos ajudará até o fim.” Se Jesus diz “Vem”, essa palavra cumprirá o propósito segundo o qual foi proferida. Uma vez que ele é o “autor e consumidor da nossa fé” (Hb 12:2), completará toda obra que começar em nós. Podemos falhar ao longo do caminho, mas, no final, Deus será bem-sucedido. Jesus e Pedro andaram sobre as águas *juntos* e entraram no barco.

A experiência de Pedro foi uma bênção não apenas para ele próprio, mas também para os demais discípulos. Ao verem o poder de Jesus Cristo dominando e acalmado a tempestade, não lhes restou outra coisa a fazer senão se prostrar diante dele e adorá-lo. Depois que Jesus acalmou a primeira tempestade (Mt 8:23-27), os discípulos

disseram: "Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?" Mas aqui seu testemunho foi: "Verdadeiramente és Filho de Deus!"

Os discípulos haviam ajudado a alimentar cinco mil pessoas. Mais tarde, Deus permitiu que enfrentassem uma tempestade. No Livro de Atos, logo depois que os discípulos ganharam cinco mil pessoas para Cristo (At 4:4), teve início a *tempestade da perseguição*. Por certo, Pedro e os discípulos lembraram-se da experiência que tiveram com o Senhor e encontraram coragem para prosseguir.

Esse milagre engrandece a realeza de Jesus Cristo. De fato, quando Mateus relata o pedido de Pedro, "manda-me ir ter contigo",

usa uma palavra grega que significa "a ordem de um rei". Pedro sabia que Jesus Cristo era Rei sobre toda a natureza, inclusive do vento e das águas. A palavra de Jesus é lei, e os elementos devem obedecer.

O barco chegou a Genesaré, perto de Cafarnaum e Betsaida, e ali Jesus curou muitas pessoas. Será que as pessoas sabiam que havia enfrentado uma tempestade para chegar até elas e suprir suas necessidades? Será que nós nos lembramos de que Jesus enfrentou uma tempestade de juízo para salvar nossa alma (Sl 42:7) e para que jamais precisássemos enfrentar o juízo de Deus? Devemos imitar os discípulos, prostrando-nos aos pés de Jesus e reconhecendo que ele é o Rei dos reis e Senhor dos senhores!

AS PREOCUPAÇÕES DO REI

MATEUS 15

Como no capítulo anterior, vemos Jesus em conflito com seus inimigos (Mt 15:1-11), ensinando seus discípulos (Mt 15:12-20) e ministrando às multidões necessitadas (Mt 15:21-31). Esse é o padrão durante o período em que se mantinha afastado.

As grandes preocupações de Cristo são a *verdade* e o *amor*. Ensinava a *verdade* aos líderes judeus, revelando a hipocrisia deles, e mostrava às multidões gentias o *amor* suprimindo suas necessidades. O estudo dessas duas preocupações permitirá entender a mensagem deste capítulo.

1. VERDADE: ELE REJEITOU AS TRADIÇÕES JUDAICAS (MT 15:1-20)

Este acontecimento dramático envolveu três pedidos e três respostas.

Os escribas e fariseus (vv. 1-11). O fato de escribas e fariseus se unirem neste ataque e virem de Jerusalém para falar com Jesus mostra a seriedade do propósito deles. É provável que essa comissão representasse os líderes do Sinédrio em Jerusalém.

As acusações sobre “lavar as mãos” não tinham qualquer relação com a higiene. Referiam-se às lavagens cerimoniais praticadas pelos judeus mais ortodoxos (ver Mc 7:1-4). Como se não bastasse Jesus e seus discípulos se misturarem aos rejeitados, nem sequer procuravam purificar-se! É evidente que, ao fazer essa acusação, obrigavam Jesus a tratar dos *fundamentos* da fé religiosa. Se Jesus rejeitasse as tradições sagradas do povo, seria passível de julgamento!

Qual era a origem dessas tradições? Foram transmitidas pelos mestres de gerações passadas. A princípio, constituíam a “lei oral”

que (de acordo com os rabinos) Moisés havia dado aos anciãos, e estes transmitiram à nação. Por fim, a lei oral foi escrita e se formou a *Mishná*, que, infelizmente, se tornou mais importante e peremptória do que a lei de Moisés.

A resposta de Jesus a essa acusação começa com *outra acusação* (Mt 15:3). Eram eles que estavam quebrando a Lei de Deus ao praticar suas tradições! Jesus prossegue com uma ilustração (Mt 15:4-6), a prática do “Corbã” (ver Mc 7:11), palavra hebraica que significa “um presente”. Se um judeu queria fugir de alguma responsabilidade financeira, declarava que seus bens eram “Corbã – um presente para Deus”. Com isso, se livrava de outras obrigações como, por exemplo, cuidar dos pais idosos. Mas ao usar desse artifício, a pessoa perdia o poder da Palavra de Deus em sua vida, desse modo prejudicando seu caráter e perdendo as bênçãos de Deus.

Jesus conclui sua resposta com uma *aplicação* (Mt 15:7-11), citando Isaías 29:13, e deixando bem claro que a obediência às tradições levava as pessoas a desobedecer à Palavra de Deus, provando dessa forma que a tradição era falsa. Êxodo 20:12 ensina que é necessário “honrar” pai e mãe. Mas a regra do “Corbã” fazia a pessoa desonrar seus pais e, ao mesmo tempo, desobedecer a Deus.

A tradição é *exterior*, enquanto a verdade de Deus é *interior*, do coração. Há quem obedeça às tradições para obter *status* e a aprovação dos homens (Gl 1:14), mas nós obedecemos à Palavra para agradar a Deus. Tradições referem-se a *rituais*, enquanto a verdade de Deus refere-se à *realidade*. Tradições colocam nos lábios palavras vazias, enquanto a verdade penetra o coração e transforma a vida. Na verdade, a tradição priva as pessoas do poder da Palavra de Deus.

Infelizmente, há muitas “tradições evangélicas” nas igrejas de hoje, ensinamentos humanos considerados tão investidos de autoridade quanto a Palavra de Deus – *ainda que constituam contradições da Palavra*. Ao obedecer a essas tradições, os cristãos privam-se do poder da Palavra de Deus.

Deus quer que lhe entreguemos nosso coração, não apenas louvores da boca para fora. É de coração que devemos *crer* (Rm 10:9, 10), *amar* (Mt 22:37), *cantar* (Cl 3:16), *obedecer* (Rm 6:17; Ef 6:6) e *ofertar* (2 Co 9:7). Não é de admirar que Davi orou: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro” (Sl 51:10).

Numa declaração ousada, Jesus ensinou às multidões que o pecado provém do coração, não da alimentação. O que corrompe é aquilo que sai da boca, não o que entra.

Os discípulos (vv. 12-14). Os discípulos estavam pasmos com aquilo que Jesus estava ensinando acerca dos alimentos. Afinal, também haviam recebido a educação tradicional para ser judeus zelosos (ver o testemunho de Pedro em At 10:14) e sabiam a diferença entre alimentos “limpos” e “imundos” (Lv 11).

Além disso, estavam apreensivos, porque esse ensinamento havia ofendido os fariseus e, por certo, criaria uma série de problemas. Mas Jesus não estava preocupado com os fariseus. Nem eles nem seus ensinamentos haviam sido plantados por Deus e, portanto, não durariam. Embora ainda existam grupos isolados que buscam manter as tradições, em sua maior parte o farisaísmo desapareceu. Porém, o espírito do farisaísmo (tradições, legalismo, hipocrisia, aparências) continua presente e constitui aquilo que Jesus chamou de “fermento dos fariseus” (Mt 16:6).

Jesus também afirmou que os fariseus estavam cegos e só eram capazes de conduzir seus seguidores para o barranco. Em Mateus 23:16, ele os chama de “guias cegos” – uma descrição bastante vívida. Por que ter medo de plantas sem raízes que estão morrendo ou de guias cegos que não vêem para onde estão indo?

Pedro (vv. 15-20). Pedro não se deu por satisfeito enquanto Jesus não lhe explicou novamente, com toda a paciência, a lição que havia ensinado acerca dos alimentos. Para nós, o sentido parece óbvio, mas para um judeu ortodoxo era uma novidade extraordinária. Tudo o que entra pela boca passa pelo estômago e é expelido. A comida nunca toca o coração. Mas o que sai da boca co-

a pessoa. Claro que as ações também estão incluídas nas *palavras*, pois, com frequência, os gestos falam mais alto do que as palavras.

O Senhor teve de repetir essa lição sobre alimentos para Pedro alguns anos depois, pouco antes de chamá-lo para pregar aos gentios (At 10). Paulo trata dessa questão em 1 Timóteo 4:3-6 e em Romanos 14 e 15.

2. COMPAIXÃO: ELE SUPRIU AS NECESSIDADES DOS GENTIOS (Mt 15:21-39)

Jesus não apenas *ensinou* que toda comida era pura, mas praticou esse ensinamento ao visitar regiões gentias. Deixou Israel e se retirou novamente, dessa vez para a região de Tiro e Sidom. Para os judeus, os gentios eram considerados tão “imundos” que, por vezes, eram chamados de “cães”. Mesmo considerando que seu ministério aqui na Terra tenha se concentrado no povo de Israel (Mt 10:5, 6), não causa espanto ver Jesus ministrando aos gentios (Mt 12:17-21).

A endemoninhada (vv. 21-28). Jesus tentava permanecer escondido (Mc 7:24), mas, de algum modo, essa mulher cananéia descobriu onde ele estava e foi pedir sua ajuda. Devemos lembrar que a forma de Jesus tratar essa mulher não tinha por objetivo destruir sua fé, mas sim a fortalecer. Suas respostas mostraram que ela crescia na fé e não estava disposta a deixar Jesus partir sem uma definição. Samuel Rutherford expressou esse princípio perfeitamente: “Cabe à fé extrair e se apropriar da bondade presente até mesmo nos golpes mais duros de Deus”.

Ao abordar Jesus como “Filho de Davi”, essa mulher agia segundo os costumes judaicos, o que não poderia fazer, uma vez que era gentia. Sem dúvida, o uso dessa designação revelou sua fé em Jesus como o Messias de Deus, pois esse era um dos títulos do Messias (Mt 22:42). Assim, Jesus permaneceu calado. Claro que ele conhecia o coração dela, até mesmo o silêncio foi um incentivo para que ela prosseguisse.

Impacientes com sua persistência em segui-los e gritar, os discípulos disseram:

se com isso estavam dizendo: “atenda ao seu pedido e depois a despeça” ou simplesmente “livre-se dela”. Em todo o caso, não estavam demonstrando compaixão pela mulher nem por sua filha endemoninhada. A resposta de Jesus em Mateus 15:24 indica que, provavelmente, eles queriam que Jesus atendesse ao pedido da mulher.

Não podemos deixar de admirar a persistência e paciência dessa mulher gentia. “Senhor, socorre-me!”, foi sua próxima súplica, e dessa vez, evitou usar qualquer título messiânico. Ela se aproximou como uma pecadora necessitando de ajuda e não ofereceu nenhum argumento. Em sua resposta, Jesus não a trata com desprezo, como seria o costume dos fariseus ao chamarem os gentios de “cães”; antes, o termo que usa no original se refere a um “cachorrinho de estimação”, não aos vira-latas que corriam pelas ruas e reviravam o lixo. Os “filhos” são, evidentemente, o povo de Israel.

Jesus não estava fazendo um jogo nem tentando dificultar a situação da mulher. Estava extraindo dela uma resposta de fé cada vez maior. Mais que depressa, ela se apropriou da ilustração dele sobre o pão das crianças – *exatamente como Jesus queria que ela fizesse*. Podemos parafrasear a resposta dela da seguinte maneira: “É verdade que os gentios não se assentam à mesa como filhos nem comem o pão. Mas até mesmo os cachorrinhos de estimação sob a mesa conseguem comer algumas migalhas!” Que testemunho extraordinário de fé!

Jesus reconheceu essa fé e, no mesmo instante, curou a filha da mulher. É interessante observar que as duas pessoas de mais fé que aparecem no Evangelho de Mateus eram gentias: essa cananéia e o centurião romano (Mt 8:5-13). Nos dois casos, Jesus curou à *distância*. Em termos espirituais, os gentios estavam “distantes”; isso mudou no Calvário, quando Jesus Cristo morreu tanto pelos judeus quanto pelos gentios e possibilitou a reconciliação (Ef 2:11ss).

A fé dessa mulher era grande, pois persistiu quando tudo parecia estar contra ela. Sua etnicidade era desfavorável, pois era gentia, e até seu sexo era desfavorável, pois

os rabinos judeus não davam atenção às mulheres. Ao que parece, até os discípulos estavam contra ela, e mesmo as palavras de Cristo dão uma impressão desfavorável. Todos esses obstáculos serviram apenas para levá-la a persistir.

Os enfermos e aleijados (vv. 29-31). Jesus deixou Tiro e Sidom e se dirigiu à região de Decápolis – dez cidades predominantemente gentias que constituíam uma confederação com autorização dos romanos para cunhar suas próprias moedas, presidir os próprios tribunais e até mesmo comandar o próprio exército.

Jesus curou um homem surdo e mudo (Mc 7:31-37). Desobedecendo ao que Jesus lhe havia ordenado, o homem e seus amigos relataram a todos o que Jesus havia feito. Ao que parece, a notícia espalhou-se e uma grande multidão se reuniu – inclusive aleijados, cegos e coxos. Jesus curou a todos e os gentios “glorificavam ao Deus de Israel” (Mt 15:31).

É impressionante ver o contraste entre os gentios e os líderes judeus que conheciam as Escrituras do Antigo Testamento. Os gentios glorificaram ao Deus de Israel, mas os líderes judeus disseram que Jesus estava operando em conjunto com Satanás (Mt 12:22-24). Os milagres de Jesus não levaram as cidades de Israel ao arrependimento (Mt 11:20ss), mas os gentios creram nele. Os milagres de Jesus deveriam ter convencido os judeus de que ele era o Messias (Is 29:18, 19; 35:4-6; Mt 11:1-6). Ele se admirou com a fé do soldado gentio e da mulher cananéia, e também se espantou com a incredulidade do seu próprio povo (Mc 6:6).

Fome (vv. 32-39). Alguns críticos acusam os escritores do Evangelho de falsificar deliberadamente os registros de modo a provar que Jesus realizou mais milagres. Afirmam que o relato da alimentação das quatro mil pessoas é apenas uma adaptação do milagre anterior, quando Jesus alimentou cinco mil pessoas. No entanto, uma investigação cuidadosa dos registros mostra que tal acusação é falsa e que os críticos estão errados. O quadro abaixo mostra as diferenças entre os dois acontecimentos:

<i>Alimentação dos cinco mil</i>	<i>Alimentação dos quatro mil</i>
Principalmente judeus Galiléia, perto de Betsaida	Principalmente gentios Decápolis
5 pães e 2 peixes	7 pães e alguns peixes
12 cestos de restos	7 cestos de restos
A multidão passou um dia com Jesus	A multidão passou três dias com Jesus
Primavera (relva)	Verão
Tentaram aclamá-lo Rei	Não houve qualquer reação popular

Depois de passar três dias com o Mestre, os quatro mil ouvintes já haviam esgotado o suprimento de comida que tinham trazido de casa. A compaixão de nosso Senhor não lhe permitiria mandar toda essa gente embora com fome, pois poderiam desfalecer pelo caminho. O primeiro motivo para esse milagre foi simplesmente o suprimento da necessidade humana. O povo já havia visto outros milagres de Jesus e glorificado a Deus, de modo que esse milagre não tinha como propósito servir de base para um sermão ou corroborar o ministério de Cristo.

No entanto, tinha um propósito especial para seus discípulos. É impressionante ver que eles já haviam esquecido o milagre anterior da alimentação dos cinco mil (ler com atenção Mt 16:6-12). Os doze estavam perplexos quando, na verdade, deveriam estar dizendo, "Jesus é capaz de multiplicar pães e peixes, então não precisamos nos preocupar!" É possível que tivessem pensado que Jesus não realizaria esse tipo de milagre em território gentio. Ou, quem sabe, imaginaram que o fato de a multidão anterior ter tentado proclamá-lo Rei talvez tivesse levado Jesus a pensar duas vezes antes de repetir o milagre.

Como na alimentação dos cinco mil, esse milagre também ocorreu nas mãos do Senhor. Os pães se multiplicaram, enquanto Jesus os repartia e entregava aos discípulos. Todos comeram e se fartaram. Mais uma vez, Jesus ordenou que os restos fossem recolhidos para que nada fosse desperdiçado. A capacidade de realizar milagres não dá autoridade para

A palavra traduzida por "cestos" em Mateus 15:37 refere-se a cestos grandes, como aquele usado para descer Paulo pela muralha de Damasco (At 9:25). A palavra "cesto", em Mateus 14:20, representa o cesto comum, de tamanho pequeno, que as pessoas usavam para transportar comida ou outras coisas menores. O uso de duas palavras diferentes no original também comprova que se tratam de dois milagres distintos.

Ao contrário do que fez em Cafarnaum, depois de alimentar os cinco mil judeus, Jesus não pregou um sermão sobre o "pão da vida" para essa multidão (Jo 6:22ss). Os gentios não conheciam o maná do Antigo Testamento, e a idéia de "pão da vida" lhes seria estranha. Jesus sempre adequou seus sermões às necessidades e conhecimentos das pessoas a quem estava ministrando.

Antes de encerrar nosso estudo de Mateus 15, convém rever algumas de suas lições espirituais.

(1) Os inimigos da verdade normalmente são pessoas religiosas vivendo de acordo com as tradições humanas. Com frequência, Satanás usa a "religião" a fim de cegar a mente dos pecadores para as verdades simples da Palavra de Deus.

(2) Devemos tomar cuidado com qualquer sistema religioso que apresente justificativas para o pecado e que desobedeça à Palavra de Deus.

(3) Devemos, também, ter cuidado com a adoração proveniente apenas dos lábios, não do coração.

(4) Se nos concentrarmos no ser exterior, o homem exterior se transformará naquilo que Deus deseja. A verdadeira santidade provém do interior.

(5) É difícil nos libertarmos das tradições. Há algo em nós que nos prende ao passado e que resiste a mudanças. Até mesmo Pedro teve de aprender a mesma lição duas vezes.

(6) Não devemos limitar Cristo a qualquer povo ou nação. O evangelho foi proclamado primeiramente aos judeus (Rm 1:16), mas hoje é para todos os homens e todas as nações. "Todo aquele que invocar

A SURPRESA DO REI

MATEUS 16

Os acontecimentos registrados em Mateus 16 constituem um ponto crítico no ministério de Jesus. Ele menciona a Igreja pela primeira vez (Mt 16:18) e fala abertamente de sua morte na cruz (Mt 16:21). Começa a preparar seus discípulos para sua prisão, crucificação e ressurreição. Porém, como veremos, os discípulos demoram a aprender as lições.

A fé é o tema em comum em todos os acontecimentos deste capítulo. Neles, vemos quatro níveis diferentes de fé e como eles se relacionam com Cristo.

1. NENHUMA FÉ – CRISTO É POSTO À PROVA (MT 16:1-4)

O desejo de calar Jesus havia levado dois partidos religiosos opostos a se unir num esforço conjunto. Esperavam por Jesus quando voltou para a Galiléia. Os fariseus eram, evidentemente, os tradicionalistas de seu tempo; os saduceus, por sua vez, eram bastante liberais (ver At 23:6-10). O que esses os dois grupos de líderes queriam de Jesus? “Mostre-nos um sinal do céu e então acreditaremos que você é o Cristo.”

A palavra traduzida por *sinal* significa muito mais do que um simples milagre ou demonstração de poder. Significa “um prodígio por meio da qual alguém pode reconhecer uma pessoa ou confirmar sua identidade”.

Era a quarta vez que os líderes religiosos pediam um sinal (Mt 12:38ss; Jo 2:12; 6:30), e ainda repetiriam seu pedido (Lc 11:14ss). Mas milagres não convencem as pessoas do pecado nem criam um desejo de salvação (Lc 16:27-31; Jo 12:10, 11; At 14:8-20).

Milagres apenas servem de confirmação onde há fé, mas não onde há incredulidade deliberada.

Por que Jesus falou sobre o tempo? Para revelar a seus inimigos a desonestidade e a cegueira obstinada deles. Eram capazes de examinar as evidências na criação de Deus e de tirar conclusões válidas, mas recusavam as evidências que Jesus havia lhes apresentado. Os seus inimigos *não queriam* acreditar e, assim, *não poderiam* acreditar (Jo 12:37ss). O que faltava aos fariseus e saduceus não eram provas, mas sim honestidade e humildade.

A exigência de um sinal revelou a triste condição de seus corações: eram maus e adúlteros. Jesus não os acusa de adultério físico, mas de adultério espiritual (Is 57; Tg 4:4). Estavam adorando o falso deus que eles próprios haviam criado, e isso era adultério espiritual. Se estivessem adorando o Deus verdadeiro, teriam reconhecido seu Filho quando ele veio.

Jesus havia mencionado o sinal de Jonas anteriormente (ver Mt 12:38-45). Era um sinal de morte, sepultamento e ressurreição. A crucificação, sepultamento e ressurreição de Cristo foram, de fato, um sinal para Israel de que ele era o Messias. Foi sobre esse sinal que Pedro pregou em Pentecostes (At 2:22ss).

De acordo com Mateus 16:4, o Senhor partiu pela terceira vez da Galiléia. Já havia deixado essa região para evitar Herodes (Mt 14:13) e os fariseus (Mt 15:21). Sua partida foi, sem dúvida alguma, um ato de julgamento contra os incrédulos.

2. UMA FÉ PEQUENA – CRISTO É MAL COMPREENDIDO (MT 16:5-12)

Os discípulos tinham com eles apenas um pão (Mc 8:14). O texto não diz o que foi feito dos vários cestos de sobras da alimentação dos quatro mil ocorrida pouco antes dessa ocasião. É possível que os discípulos tenham distribuído o que sobrara do milagre. Jesus usa esse acontecimento um tanto embaraçoso para ensinar uma lição espiritual importante: cuidado com os falsos ensinamentos de fariseus e saduceus.

Os discípulos não entenderam e pensaram que Jesus estava falando literalmente sobre o fermento do pão. Não foram poucas as vezes, ao longo do ministério de Jesus, que as pessoas interpretaram equivocadamente suas palavras, entendendo-as de forma literal e não espiritual. Nicodemos pensou que Jesus estava falando sobre um nascimento físico (Jo 3:4), e a mulher samaritana pensou que estava se referindo à água do poço (Jo 4:11). A multidão na sinagoga achou que Jesus estava falando de comer carne e beber sangue de verdade (Jo 6:52ss), quando, na realidade, o Mestre descrevia uma experiência espiritual (Jo 6:63).

Conforme observamos em nosso estudo de Mateus 13, o fermento era um símbolo do mal para os judeus. Tanto fariseus quanto saduceus haviam contaminado as convicções religiosas de Israel com falsas doutrinas. Os fariseus eram legalistas que ensinavam que somente a obediência à lei e às tradições poderia agradar a Deus e estabelecer seu reino em Israel. Os saduceus eram liberais em seu modo de pensar e negavam que o reino sequer seria estabelecido na Terra. Negavam até a verdade da ressurreição e a existência dos anjos.

O que levou os discípulos a lembrar que não tinham pão quando Jesus falou do fermento? É possível que estivessem planejando comprar algum pão no outro lado do mar, e pensaram que Jesus estava advertindo para que não comprassem pão impuro, do tipo que os judeus não poderiam comer. Se tivessem se recordado da maneira como Jesus havia multiplicado os pães em duas ocasiões, certamente não teriam se preocupado. A “pequena fé” os impediu de entender essa lição e de depender do poder de Jesus para suprir suas necessidades.

Em mais de uma ocasião, Jesus chamou seus discípulos de “homens de pequena fé” (Mt 6:30; 8:26; 14:31). Por certo, ter uma “pequena fé” é melhor do que não ter fé alguma. Antes de receber seu diploma de “grande fé”, os discípulos ainda precisavam

3. UMA FÉ SALVADORA – CRISTO OUVI A CONFISSÃO DOS DISCÍPULOS (MT 16:13-20)

Jesus levou seus discípulos para território gentio, na região de Cesaréia de Filipe. Estavam na região norte da Palestina, a cerca de 190 quilômetros de Jerusalém. Era uma região sob forte influência de várias religiões: havia sido o centro do culto a Baal; possuía templos do deus grego Pan; e Herodes, o Grande, havia construído ali um templo em homenagem a César Augusto. É em meio a essas superstições pagãs que Pedro confessa que Jesus é o Filho de Deus. É bem possível que estivessem nas cercanias do templo de César, quando Jesus fez uma declaração surpreendente: ainda não era tempo de estabelecer seu reino, mas estava prestes a instituir sua Igreja.

Qualquer outra pessoa que perguntasse: “Quem os homens pensam que eu sou?” seria considerada louca ou arrogante. No caso de Jesus, porém, é fundamental para a salvação confessar o que cremos a respeito dele (Rm 10:9, 10; 1 Jo 2:18-23; 4:1-3). Sua pessoa e sua obra andam juntas e nunca devem ser separadas. É espantoso ver quanto o povo estava confuso sobre Jesus (Jo 10:19-21). Talvez, como Herodes, os judeus pensassem que Jesus era João, que havia ressuscitado dos mortos.

Havia sido profetizado que Elias voltaria (Ml 4:5), e alguns pensaram que tal profecia foi cumprida em Cristo. No entanto, Jesus não ministrou como Elias; antes, foi João Batista quem veio “no espírito e poder de Elias” (Lc 1:13-17). Jeremias foi o profeta chorão, cujo coração terno quebrou-se diante da corrupção de seu povo. Sem dúvida, podemos observar essa mesma atitude em Jesus, o Homem de dores.

Uma coisa é certa: não é possível posicionar-se em relação a Jesus Cristo fazendo uma pesquisa de opinião pública (apesar de alguns usarem esse método para obter “conhecimento espiritual”!). A coisa mais importante não é o que os outros dizem, mas sim o que eu digo segundo aquilo que creio. As decisões da multidão (certas ou erradas)

Pedro respondeu corretamente: “Tu és o Cristo [o Messias], o Filho do Deus vivo”. Essa confissão foi a resposta de Pedro à revelação que havia recebido de Deus Pai, uma experiência que o próprio Jesus explica em Mateus 11:25-27. Pedro não buscou ativamente essa revelação; antes, ela lhe foi concedida pela graça. Deus havia escondido essas coisas dos fariseus e saduceus orgulhosos, mas as revelou a seus “pequeninos”, seus humildes discípulos.

Devemos observar que essa não foi a primeira confissão de fé. Natanael havia confessado que Cristo era o Filho de Deus (Jo 1:49), e os discípulos também haviam declarado que ele era o Filho de Deus depois que acalmou a tempestade (Mt 14:33). Pedro havia feito uma confissão de fé, quando as multidões deixaram Jesus depois do sermão sobre o “pão da vida” (Jo 6:68, 69). Quando André apresentou seu irmão Simão a Jesus, ele o fez com base na convicção de que Jesus era o Messias (Jo 1:41).

Em que sentido, então, essa confissão foi diferente das anteriores? Em primeiro lugar, *Jesus pediu explicitamente essa confissão*. Não foi uma reação emocional de pessoas que testemunharam algum milagre, mas uma afirmação refletida e sincera de um homem instruído por Deus.

Em segundo lugar, *Jesus aceitou essa confissão* e a usou para apresentar uma nova verdade. O Senhor deve ter se alegrado imensamente ao ouvir as palavras de Pedro. Sabia que Pedro poderia, a partir de então, ser conduzido a uma verdade e a um serviço mais profundo. O ministério todo de Jesus a seus discípulos havia preparado o caminho para essa experiência. Convém estudar essas palavras e conceitos extraordinários separadamente.

A rocha. Para esses judeus imbuídos das Escrituras do Antigo Testamento, não foi difícil reconhecer a rocha como um símbolo de Deus. “Eis a Rocha! Suas obras são perfeitas” (Dt 32:4). “O SENHOR é a minha rocha, a minha cidade” (Sl 18:2). “Pois quem é Deus, senão o SENHOR? E quem é rochedo, senão o nosso Deus?” (Sl 18:31).

Examinemos mais detalhadamente a palavra grega que o Espírito Santo inspirou Mateus a usar. “Tu és Pedro [*petros* – uma pedra], e sobre esta pedra [*petra* – uma grande rocha] edificarei a minha igreja”. Jesus havia dado a Simão o nome de *Pedro* (Jo 1:42), que significa “pedra”. O termo aramaico é *Cefas*, que também significa “pedra”. Todos os que crêem em Jesus Cristo e que o confessam como Filho de Deus e Salvador são “pedras que vivem” (1 Pe 2:5).

Jesus Cristo é a pedra fundamental sobre a qual a Igreja é edificada, conforme declararam os profetas do Antigo Testamento (Sl 118:22; Is 28:16), o próprio Jesus (Mt 21:42), Pedro e os outros apóstolos (At 4:10-12). Paulo também afirma que a fundação da Igreja é Jesus Cristo (1 Co 3:11). Essa fundação foi assentada pelos apóstolos e profetas ao pregarem o evangelho de Cristo aos perdidos (1 Co 2:1, 2; 3:11; Ef 2:20).

Em outras palavras, ao examinar as evidências, vê-se que, segundo todos os ensinamentos das Escrituras, a Igreja, o templo de Deus (Ef 2:19-22), é edificada sobre Jesus Cristo, não sobre Pedro. Como Deus poderia edificar sua Igreja sobre um homem falível como Pedro? Posteriormente, o mesmo Pedro que confessou a Cristo também se tornou um adversário e permitiu que pensamentos de Satanás entrassem em sua mente (Mt 16:22ss). “Mas isso foi antes de Pedro ter recebido o Espírito”, diriam alguns. Consideremos, então, as doutrinas errôneas de Pedro registradas no capítulo 2 da Epístola aos Gálatas, que o apóstolo Paulo teve de corrigir. O episódio relatado em Gálatas ocorreu *depois* que Pedro recebeu o Espírito.

A igreja. É a primeira ocorrência dessa palavra tão importante no Novo Testamento. Trata-se do termo grego *ekklesia*, que dá origem a nossa palavra “eclesiástico”, ou seja, tudo aquilo que se refere à Igreja. O significado literal é “uma assembléia convocada”. A palavra é usada mais de cem vezes no Novo Testamento e, em pelo menos noventa dessas ocasiões, diz respeito à igreja (congregação) local. No entanto, esse primeiro uso de *ekklesia* indica que Jesus tinha em mente a Igreja como um todo. Não

estava construindo apenas uma assembléia local, mas uma Igreja universal composta de todos aqueles que confessam a mesma fé declarada por Pedro.

A palavra *ekklesia* não era nova para os discípulos. Costumava ser usada para a assembléia popular de cidadãos gregos que ajudava a governar uma determinada cidade ou distrito (At 19:32, 39, 41). Além disso, a tradução grega do Antigo Testamento (a Septuaginta) usa *ekklesia* para descrever a congregação de Israel, quando o povo se reunia para suas atividades religiosas (Dt 31:30; Jz 20:2). Todavia, isso não significa que a congregação de Israel no Antigo Testamento era uma "igreja" no mesmo sentido que as igrejas do Novo Testamento. Antes, Jesus estava apresentando aos seus discípulos algo inteiramente novo.

Jesus usa a designação "minha igreja" em contraste com essas outras assembléias. Trata-se de algo inédito e diferente, pois em sua Igreja, Jesus Cristo reuniria os cristãos judeus e gentios e formaria um novo templo, um novo corpo (Ef 2:11 - 3:12). Em sua Igreja, as distinções naturais não seriam importantes (Gl 3:28). Jesus Cristo seria o construtor dessa Igreja e seu Cabeça (Ef 1:22; Cl 1:18).

Cada cristão dessa Igreja é uma "pedra que vive" (1 Pe 2:5). Os cristãos se reuniam em congregações para adorar e servir a Cristo, mas também fariam parte de uma Igreja universal, um templo edificado continuamente por Cristo. O povo de Deus possui uma unidade (Ef 4:1-6) que deve ser revelada ao mundo mediante o amor e a harmonia (Jo 17:20-26).

As portas do inferno. Uma tradução melhor para essa expressão seria "portas do Hades". O inferno é o destino final das pessoas não salvas depois do julgamento diante do grande trono branco (Ap 20:11-15). *Hades* é simplesmente "o reino dos mortos". Abriga os espíritos dos mortos não salvos até o dia da ressurreição (Ap 20:13, em que o "além" deve ser entendido como o "Hades"). De acordo com Jesus, o Hades encontra-se num plano inferior (Mt 11:23) e é uma prisão para a qual só ele tem as chaves (Ap 1:18).

Tomando Lucas 16:19-31 como base, há quem acredite que *todos* os mortos iam para o Hades antes da morte e ressurreição de Cristo: os cristãos para a parte correspondente ao paraíso, e os incrédulos para a parte correspondente ao castigo. Sabemos, com certeza, que, ao morrer, os cristãos de hoje vão imediatamente para a presença de Cristo (2 Co 5:6-8; Fp 1:23).

Na Bíblia, as "portas" representam autoridade e poder. Em Israel, a porta da cidade correspondia à prefeitura do mundo ocidental. Era junto à porta que se realizavam os negócios importantes (Dt 16:18; 17:8; Rt 4:11). Assim, "as portas do [Hades]" simbolizam o poder organizado da morte e de Satanás. Por meio de sua morte e ressurreição, Cristo conquistaria a morte, e esta não mais poderia aprisionar seu povo. Cristo derubaria as portas e libertaria os cativos! Sem dúvida, tal declaração pode ser verificada em 1 Coríntios 15:50ss; Hebreus 2:14, 15 e em outras passagens.

As chaves do reino. A chave é um emblema de autoridade (Is 22:15, 22; Lc 11:52). "O reino dos céus" não é o céu, pois nenhum homem na Terra carrega as chaves do céu! (As piadas sobre "São Pedro à porta do céu" são decorrentes da interpretação equivocada dessa passagem e são antibíblicas e de mau gosto.) As chaves são usadas para abrir portas, e Pedro teve o privilégio de abrir "a porta da fé" para os judeus em Pentecostes (At 2) e, posteriormente, para os samaritanos (At 8:14ss) e os gentios (At 10). Mas os outros apóstolos também compartilhavam dessa autoridade (Mt 18:18). Paulo teve o privilégio de abrir "a porta da fé" para os gentios de fora da Palestina (At 14:27).

Em nenhum lugar dessa passagem, nem no restante do Novo Testamento, o texto bíblico afirma que Pedro ou seus sucessores possuíam qualquer posição especial ou privilégio na Igreja. Pedro afirma claramente em suas duas epístolas que não passava de um apóstolo (1 Pe 1:1), um presbítero (1 Pe 5:1) e um servo de Jesus Cristo (2 Pe 1:1).

Ligar e desligar. Trata-se de uma expressão bastante conhecida para os judeus, pois

seus rabinos falavam com frequência de “ligar e desligar”, ou seja, de proibir e permitir. A afirmação de Jesus em Mateus 16:19 refere-se a Pedro, mas sua declaração posterior em Mateus 18:18 inclui todos os apóstolos. Como representantes do Senhor, os apóstolos iriam exercer autoridade de acordo com sua Palavra.

Os verbos gregos em Mateus 16:19 são extremamente importantes. Jesus não disse que Deus obedeceria a tudo o que fizessem na Terra, mas sim que deveriam fazer na Terra tudo o que Deus já havia determinado. A Igreja não impõe a vontade dos homens no céu, ela obedece à vontade de Deus na Terra.

Os apóstolos só deveriam falar dessas verdades sobre Jesus ser o Filho de Deus com as outras pessoas depois da ressurreição e ascensão de Cristo. Então, o “sinal de Jonas” seria concluído, o Espírito seria enviado, e a mensagem seria proclamada. A nação em geral, e por certo seus líderes religiosos em especial, não estavam preparados para essa mensagem. Ao ler o sermão de Pedro em Pentecostes, é possível vê-lo proclamar Jesus como o Cristo (At 2).

4. UMA FÉ PRESTATIVA – CRISTO E SEUS SEGUIDORES (Mt 16:21-28)

Depois de declarar sua identidade, Jesus declara suas obras, pois as duas coisas devem andar juntas. Ele iria para Jerusalém, sofreria, morreria e seria ressuscitado dentre os mortos. Essa é a primeira afirmação explícita que faz de sua morte, apesar de tê-la mencionado anteriormente (Mt 12:39, 40; 16:4; Jo 2:19; 3:14; 6:51). “E isto ele expunha claramente” (Mc 8:32).

A resposta de Pedro a essa asserção chocante sem dúvida representa os sentimentos de todo o grupo: “Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá”. Nesse momento, Jesus se volta para Pedro e exclama: “Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço”. Pedro, a “pedra” que havia acabado de ser abençoada (Mt 16:18), transforma-se em Pedro, a “pedra de tropeço” que não era uma bênção para Jesus!

O erro de Pedro foi pensar como homem, pois a maioria dos seres humanos deseja escapar do sofrimento e da morte. Não teve os pensamentos de Deus quanto ao que estava para acontecer. E onde encontramos o que Deus pensa? Na Palavra de Deus. Pedro teve fé suficiente para confessar que Jesus é o Filho de Deus, mas não para crer que era certo Jesus sofrer e morrer. É evidente que Satanás concordava com as palavras de Pedro, pois havia usado a mesma abordagem para tentar Jesus no deserto (Mt 4:8-10).

Hoje, a cruz simboliza o amor e o sacrifício. Mas, naquele tempo, era uma das formas mais horríveis de castigo. Não era educado falar sobre a crucificação nos círculos sociais romanos mais refinados. Na verdade, nenhum cidadão romano poderia ser crucificado, pois essa morte terrível era reservada para os inimigos de Roma. Jesus ainda não havia dito especificamente que seria crucificado (faz essa declaração em Mt 20:17-19), mas as palavras a seguir enfatizavam a cruz.

Jesus apresenta aos seus discípulos duas formas de encarar a vida:

Negar-se a si mesmo	Viver para si mesmo
Tomar a sua cruz	Ignorar a cruz
Seguir a Cristo	Seguir o mundo
Perder a vida por ele	Salvar a vida por si mesmo
Abandonar o mundo	Ganhar o mundo
Manter sua alma	Perder sua alma
Participar das recompensas e glória	Perder as recompensas e glória

Negar-se a si mesmo não significa negar coisas materiais, mas sim se entregar inteiramente a Cristo e compartilhar de sua humilhação e morte. Paulo descreve esse processo em Romanos 12:1, 2, em Filipenses 3:7-10 e em Gálatas 2:20. Tomar a cruz não significa carregar fardos ou ter problemas (certa vez, uma senhora me disse que sua cruz era a asma!). Tomar a cruz significa identificar-se com Cristo em sua rejeição, vergonha, sofrimento e morte.

Porém, o sofrimento sempre conduz à glória. É por isso que Jesus encerra esse sermão curto com uma referência a seu reino glorioso

(Mt 16:28). Essa declaração se cumpriria em uma semana no monte da Transfiguração, conforme descrito no capítulo seguinte.

A GLÓRIA DO REI

MATEUS 17

Este capítulo começa com uma cena gloriosa no alto de um monte e termina com Pedro pegando um peixe para pagar seus impostos. Que contraste! No entanto, Jesus Cristo, o Rei, é o tema do capítulo todo. Os três acontecimentos deste capítulo oferecem três imagens do Rei.

1. O REI EM SUA GLÓRIA (MT 17:1-13)

De acordo com Mateus e Marcos, a transfiguração aconteceu “seis dias depois”, enquanto Lucas diz “cerca de oito dias depois” (Lc 9:28). Não há contradição, uma vez que o relato de Lucas é o equivalente judeu a “cerca de uma semana depois”. Durante essa semana, os discípulos devem ter discutido o significado das declarações de Jesus sobre sua morte e ressurreição. Por certo, também estavam se perguntando o que aconteceria com as profecias do Antigo Testamento a respeito do reino. Se Jesus pretendia construir uma Igreja, o que aconteceria com o reino prometido?

O texto não diz o nome do lugar em que esse milagre ocorreu, mas é provável que tenha sido no monte Hermom, perto de Cesaréia de Filipe.

A transfiguração revelou quatro aspectos da glória de Jesus Cristo o Rei.

A glória de sua Pessoa. Tanto quanto sabemos pelos relatos bíblicos, essa foi a única vez que Jesus revelou sua glória de tal forma durante seu ministério aqui na Terra. A palavra traduzida por *transfiguração* dá origem a nosso termo “metamorfose”, que significa uma mudança exterior provinda de uma transformação interior. Quando uma

lagarta constrói um casulo e depois sai de dentro dele na forma de uma borboleta, deu-se um processo de metamorfose. A glória de nosso Senhor não *refletiu* algo exterior, mas sim, *irradiou* algo interior. Houve uma mudança exterior que veio de dentro de Jesus e fez com que sua glória essencial resplandecesse (Hb 1:3).

Por certo, esse acontecimento serviria para fortalecer a fé dos discípulos, especialmente de Pedro, o qual havia confessado pouco tempo antes que Jesus era o Filho de Deus. Sua confissão de fé não teria sido tão significativa se ele a tivesse feito *depois da* transfiguração. Pedro creu, confessou sua fé e recebeu confirmação (ver Jo 11:40; Hb 11:6).

Muitos anos depois, João relembrou este acontecimento quando o Espírito o inspirou a escrever: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1:14). Em seu Evangelho, João enfatiza a divindade de Cristo e a glória de sua pessoa (Jo 2:11; 7:39; 11:4; 12:23; 13:31, 32; 20:31).

Quando veio à Terra, Jesus Cristo deixou de lado sua glória (Jo 17:5). Por causa de sua obra consumada na cruz, recebeu de volta sua glória, que hoje compartilha conosco (Jo 17:22, 24). No entanto, não precisamos esperar pelo céu para participar dessa “glória da transfiguração”. Quando nos entregamos a Deus, ele “transfigura” nossa mente (Rm 12:1, 2). Ao nos sujeitarmos ao Espírito de Deus, ele nos transforma (transfigura) “de glória em glória” (2 Co 3:18). Ao examinarmos a Palavra de Deus, vemos o Filho de Deus e somos transfigurados pelo Espírito de Deus na glória de Deus.

A glória de seu reino. No encerramento de seu sermão sobre tomar a cruz, Jesus prometeu que alguns de seus discípulos veriam “o Filho do Homem no seu reino” (Mt 16:28). Selecionou Pedro, Tiago e João para testemunhar esse acontecimento. Esses três amigos e sócios (Lc 5:10) haviam acompanhado Jesus à casa de Jairo (Lc 8:51) e, posteriormente, estariam com ele no jardim do Getsêmani, antes da crucificação (ver Mt 26:37).

G. Campbell Morgan chama a atenção para o fato de que, nessas três ocasiões, o assunto principal foi a *morte*. Jesus estava ensinando a estes três homens que ele é vitorioso sobre a morte (ressuscitou a filha de Jairo) e se entregou à morte (no jardim). A transfiguração ensinou que ele foi glorificado na morte.

A presença de Moisés e de Elias foi significativa, pois Moisés representava a Lei e Elias os Profetas. Toda a Lei e os Profetas apontam para Cristo e se cumprem em Cristo (Lc 24:27; Hb 1:1). Nenhuma palavra do Antigo Testamento deixará de ser cumprida. O reino prometido será estabelecido (Lc 1:32, 33, 68-77). Assim como esses três discípulos viram Jesus glorificado *na Terra*, também o povo de Deus o veria em seu reino glorioso na Terra (Ap 19:11 – 20:6).

Pedro aprendeu essa lição e nunca mais a esqueceu. “Nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade [...] Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética” (ver 2 Pe 1:12ss). A experiência de Pedro no monte apenas fortaleceu sua fé nas profecias do Antigo Testamento. O mais importante não é testemunhar grandes feitos e prodígios, mas ouvir a Palavra de Deus. “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi” (Mt 17:5).

Todos os que são nascidos de novo pertencem ao reino de Deus (Jo 3:3-5). Trata-se de um reino espiritual, separado das coisas materiais deste mundo (Rm 14:17). Mas um dia, quando Jesus voltar, haverá um reino glorioso por mil anos (Ap 20:1-7), com Jesus Cristo governando como Rei. Os que creem nele reinarão com ele na Terra (Ap 5:10).

A glória de sua cruz. Os discípulos precisavam aprender que o sofrimento e a glória andam juntos. Pedro não queria que Jesus fosse a Jerusalém para morrer, de modo que Jesus teve de ensinar-lhe que, sem seu sofrimento e morte, não haveria glória. Sem dúvida, Pedro aprendeu a lição, pois em sua primeira epístola enfatiza repetidamente o sofrimento e a glória (1 Pe 1:6-8,11; 4:12 – 5:11).

Moisés e Elias conversaram com Jesus

Seu sofrimento e morte não seriam um acidente, mas uma conquista. Pedro usa a palavra *partida* ao descrever sua morte iminente (2 Pe 1:15). Para o cristão, a morte não é uma estrada de mão única para o esquecimento. Antes, é uma partida, um êxodo, a libertação da escravidão desta vida para a gloriosa liberdade da vida no céu.

Pelo fato de Cristo ter morrido e pago o preço, pudemos ser redimidos: comprados e libertados. Os dois discípulos de Emaús esperavam que Jesus libertasse a nação da escravidão romana (Lc 24:21). Jesus não morreu para oferecer liberdade *política*, mas sim para conceder liberdade *espiritual*: fomos libertos do sistema do mundo (Gl 1:4), de uma vida fútil e sem propósito (1 Pe 1:18) e da iniquidade (Tt 2:14). Nossa redenção em Cristo é decisiva e definitiva.

A glória de sua submissão. Pedro não conseguia entender por que o Filho de Deus se sujeitaria a homens perversos e sofreria voluntariamente. Deus usou a transfiguração para ensinar a Pedro que Jesus é glorificado quando negamos a nós mesmos, tomamos nossa cruz e o seguimos. A filosofia do mundo é: “salve sua vida!”, mas a filosofia cristã é: “entregue sua vida a Deus!” Ao se colocar diante deles em glória, Jesus provou aos três discípulos que a entrega sempre conduz à glória. Primeiro o sofrimento, depois a glória; primeiro a cruz, depois a coroa.

Cada um dos três discípulos viveria essa importante verdade. Tiago seria o primeiro dos discípulos a morrer (At 12:1, 2). João seria o último, mas enfrentaria perseguições intensas na ilha de Patmos (Ap 1:9). Pedro passaria por muitas aflições e, no final, daria sua vida por Cristo (Jo 21:15-19; 2 Pe 1:12).

Pedro opôs-se à cruz quando Jesus mencionou sua morte pela primeira vez (Mt 16:22ss). No jardim, usou sua espada para defender o Mestre (Jo 18:10). Até mesmo no monte da transfiguração, Pedro tentou dizer a Jesus o que fazer, pois queria construir ali três tendas, uma para Jesus, outra para Moisés e outra para Elias, para que todos permanecessem ali e desfrutassem a glória! Mas o Pai interrompeu a Pedro e deu

permite que seu Filho amado seja colocado no mesmo nível que Moisés e Elias. “A ninguém [...] senão Jesus”, esse é o padrão de Deus (Mt 17:8).

Enquanto descia o monte com seus três discípulos, Jesus advertiu-os a não revelar o que haviam visto, nem mesmo aos outros discípulos. Mas os três homens ainda estavam perplexos. Havia aprendido que Elias viria primeiro em preparação para a fundação do reino. A presença de Elias no monte seria o cumprimento dessa profecia? (Mt 4:5, 6).

Jesus responde a essa pergunta de duas maneiras. Sim, Elias viria conforme profetizado em Malaquias 4:5, 6, mas, em termos espirituais, Elias já havia vindo na pessoa de João Batista (ver Mt 11:10-15; Lc 1:17). A nação permitiu que João fosse executado e pediria que Jesus fosse morto. Apesar de tudo o que os líderes perversos fariam, Deus realizaria seu plano.

Quando se dará a vinda de Elias para restaurar todas as coisas? Alguns acreditam que Elias virá como uma das “duas testemunhas”, cujo ministério é descrito em Apocalipse 11. Outros acreditam que a profecia foi cumprida no ministério de João Batista e, dessa forma, Elias não virá outra vez.

2. O REI E SEU PODER (MT 17:14-21)

Passamos da montanha da glória para o vale da necessidade. A aparição repentina de Jesus e de seus três discípulos surpreendeu a multidão (Mc 9:15). Um pai havia levado o filho endemoninhado aos nove discípulos, implorando que o curassem, mas eles não puderam. Os escribas viram o que aconteceu e estavam usando o insucesso dos discípulos para discutir com eles. Enquanto os escribas faziam acusações e os discípulos se defendiam, o demônio estava quase matando o menino indefeso.

Quando comparamos os relatos dos Evangelhos dessa cena dramática, descobrimos que esse filho único estava de fato em grande perigo. De acordo com Mateus, o menino enfermo era epilético e suicida, atirando-se repetidamente no fogo ou na água. Marcos o descreve como um mudo, que caía

no chão com frequência, espumando e rangendo os dentes, depois ficando com o corpo todo rígido. Lucas diz que o menino era filho único e que gritava ao entrar em convulsões. Apesar de alguns desses sintomas poderem ter causas naturais, o menino estava à mercê de um demônio. Uma vez que os discípulos não conseguiram fazer coisa alguma, não é de se admirar que o pai tenha se ajoelhado aos pés de Jesus.

A primeira reação de Jesus foi uma tristeza profunda. Ao olhar para seus discípulos envergonhados, para os escribas argumentando e para o pai necessitado e seu filho, o Mestre gemeu em seu íntimo e disse: “Até quando estarei convosco e vos sofrerei?” (Lc 9:41). A incredulidade e a perversidade espiritual deles era um peso para Jesus. Fico imaginando como Jesus se sente ao olhar para os cristãos fracos de hoje...

Jesus libertou o menino e ordenou que o demônio nunca mais retornasse àquele corpo (Mc 9:25). O demônio tentou ainda uma “última cartada” (como disse Spurgeon) para que a multidão pensasse que o menino estava morto (Mc 9:26). Mas Jesus levantou o menino e o entregou a seu pai, enquanto a multidão, maravilhada, dava glórias a Deus (Lc 9:43).

Os nove discípulos deveriam ter sido capazes de expulsar o demônio. Jesus lhes dera poder e autoridade (Mt 10:1, 8), mas, de alguma forma, haviam perdido esse poder! Quando perguntaram a Jesus qual havia sido a causa dessa derrota vergonhosa, ele respondeu: falta de fé (Mt 17:20), falta de oração (Mc 9:29) e falta de disciplina (Mt 17:21, apesar de esse versículo não ser encontrado em vários manuscritos).

Talvez os nove discípulos estivessem com ciúme por não terem sido chamados para subir ao monte com Jesus. É possível que, durante a ausência de Jesus, tenham se acomodado e deixado de orar, enfraquecendo, desse modo, sua fé, ficando despreparados para a crise que surgiu. Como Sansão, saíram para a batalha sem perceber que não tinham forças (Jz 16:20). Seu exemplo mostra como precisamos estar sempre espiritualmente saudáveis.

A expressão “fé como um grão de mostarda” sugere não apenas o *tamanho* (Deus honrará até mesmo uma pequena fé), mas também *vida* e *crescimento*. Ter fé como uma semente de mostarda é ter uma fé viva alimentada para crescer. A fé deve ser cultivada a fim de que cresça e realize feitos ainda mais poderosos para Deus (1 Ts 3:10; 2 Ts 1:3). Se os nove tivessem se mantido firmes na oração, na disciplina pessoal e na meditação na Palavra, teriam sido capazes de expulsar o demônio e de salvar o menino.

Toda essa cena ilustra o que Jesus fará quando deixar a glória do céu e vier para a Terra. Derrotará Satanás e o manterá cativo por mil anos (Ap 20:1-6).

3. O REI EM SUA HUMILDADE (Mt 17:22-27)

Pela segunda vez, Jesus fala de sua morte e ressurreição. Os discípulos estavam profundamente angustiados e com medo de lhe pedir mais detalhes sobre o assunto. Quando Jesus voltou à vida no terceiro dia, os discípulos não acreditaram nos relatos da ressurreição, pois se esqueceram das promessas de seu Mestre (Mc 16:14). Mas os inimigos de Jesus se lembraram daquilo que ele havia dito (Jo 2:19) e agiram de acordo (Mt 27:62-66).

Que paradoxo: um Rei tão pobre que não tinha duas dracmas para pagar o imposto anual do templo! Convém observar as características singulares desse milagre.

É registrado apenas por Mateus. O coletor de impostos, Mateus, escreveu o Evangelho do Rei, e esse milagre confirma a realeza de nosso Senhor. Os reis humanos não cobram tributos de seus filhos. Jesus afirmou estar livre do imposto, pois era o Filho do Rei, o Filho de Deus. Como Filho de Deus, era pobre demais para pagar até mesmo duas dracmas, e seus discípulos também não tinham recursos. Assim, Jesus exercitou sua soberania sobre a natureza para suprir essa necessidade.

Deus deu a Adão e Eva domínio sobre a natureza, inclusive sobre os peixes do mar (Gn 1:26; Sl 8:6-8). O homem perdeu esse

Pedro não era capaz de controlar o peixe nem de encontrar o dinheiro. Jesus Cristo exerceu domínio não apenas sobre peixes, mas também sobre os animais terrestres (Mt 21:1-7) e sobre os pássaros (Mt 26:34, 74, 75). Jesus Cristo recuperou com sua obediência aquilo que Adão perdeu por causa de sua desobediência (Hb 2:6).

Os cristãos de hoje não possuem domínio total sobre a natureza, mas, um dia, reinarão com Cristo e dominaremos com ele. Enquanto isso, Deus cuida de seus filhos e providencia para que a natureza trabalhe em favor dos que confiam e obedecem.

É o único milagre que Jesus realizou para suprir as próprias necessidades. Satanás havia tentado Cristo a usar seus poderes divinos para si mesmo (Mt 4:3, 4), mas Jesus havia recusado. Nesse caso, porém, não usou seus poderes só em benefício próprio, pois havia outras pessoas envolvidas no milagre. Jesus explica que o milagre foi realizado “Para que não os escandalizemos”. Não queria que as pessoas se ofendessem vendo um judeu deixar de contribuir para o ministério no templo. É verdade que Jesus não hesitou em quebrar as tradições humanas dos fariseus, mas teve o cuidado de obedecer à lei de Deus.

Como cristãos, não devemos usar nossa liberdade em Cristo para fazer mal a outros nem para destruí-los. Teoricamente, Jesus não precisava pagar o imposto, mas, por motivos práticos, pagou assim mesmo. Também incluiu o imposto de Pedro para que o testemunho deles não fosse prejudicado.

É o único milagre envolvendo dinheiro. Uma vez que Mateus havia sido coletor de impostos, não é de surpreender que tenha demonstrado interesse particular por esse milagre. O imposto em questão havia sido instituído no tempo de Moisés (Êx 30:11ss). O dinheiro da primeira coleta foi usado para fazer as bases de prata onde eram encaixadas as colunas do tabernáculo (Êx 38:25-27). Posteriormente, o imposto arrecadado passou a ser usado para a manutenção do tabernáculo e do templo. Esse dinheiro deveria ajudar os judeus a lembrar

egípcia. Os cristãos foram remidos pelo sangue precioso de Cristo (1 Pe 1:18, 19).

É o único milagre em que Jesus usou apenas um peixe. Jesus havia multiplicado os peixes para Pedro (Lc 5:1-11) e voltaria a fazê-lo em ocasião posterior (Jo 21:1ss). Nesse caso, porém, usou apenas um peixe. A complexidade desse milagre é impressionante. Primeiro, alguém teve de perder uma moeda na água. Depois, o peixe teve de pegar aquela moeda e de retê-la em sua boca. Na seqüência, mesmo levando uma moeda na boca, esse mesmo peixe teve de morder o anzol que Pedro jogou na água e teve de ser fígado. A complexidade dessa série de acontecimentos não permite que sejam atribuídos ao acaso.

É um dentre vários milagres realizados em favor de Pedro. Não sabemos como os outros discípulos pagaram o imposto. Esse foi um dos vários milagres que Jesus realizou por Pedro. O Senhor curou a sogra do apóstolo (Mc 1:29-34), ajudou-o em sua pescaria (Lc 5:1-11), permitiu que andasse sobre as águas (Mt 14:22-33), curou a orelha de Malco (Mt 26:47-56; Lc 22:50, 51) e livrou Pedro da prisão (At 12:1ss). Não é de se admirar que Pedro tenha escrito: "Lançando sobre ele as vossas ansiedades, porque ele tem cuidado de vós" (1 Pe 5:7).

Jesus conhecia as necessidades de Pedro e supriu todas elas. Ao entrar em casa, Pedro estava certo de que seu problema seria resolvido, mas antes que pudesse dizer a seu Mestre o que fazer, Jesus o instruiu como proceder! Deus, o Pai, havia interrompido Pedro no monte (Mt 17:5), e aqui Deus, o Filho, interrompeu-o em casa. Se deixarmos Jesus nos instruir, ele suprirá nossas necessidades para sua glória.

É o único milagre cujo resultado não se encontra registrado. Seria de se esperar que o texto continuasse o relato, dizendo algo como: "E Pedro foi ao mar, jogou o anzol e fígou o peixe; depois abriu a boca do peixe e encontrou lá uma moeda, a qual usou para pagar o imposto dele e de Jesus...". No entanto, Mateus 17:28 não existe. Como sabemos, então, que o milagre realmente aconteceu? *Porque Jesus afirmou que aconteceria!* "Nem uma só palavra falhou de todas as suas boas promessas" (1 Rs 8:56).

A fé de Pedro nessa situação é louvável. Quem vivia à beira-mar estava acostumado a vê-lo com uma rede nas mãos, não com um anzol. Mas Pedro creu na Palavra de Deus, e Deus honrou sua fé. Se confiarmos no Rei, ele suprirá nossas necessidades ao obedecermos à sua Palavra.

A REPREENSÃO DO REI

MATEUS 18

Por que alguns filhos de Deus têm tanta dificuldade em se entender? Li um poema que expressa perfeitamente esse problema:

Viver no céu, com os santos que amamos,
Certamente será uma glória.
Viver na Terra, com os santos que conhecemos,
Isso é outra história!

Diante de tanta divisão e dissensão entre cristãos professos hoje, precisamos encarecidamente daquilo que Mateus 18 tem a nos ensinar. Jesus repreendeu seus discípulos por seu orgulho e desejo de grandeza aqui na Terra e lhes falou de três elementos essenciais para a harmonia e unidade entre o povo de Deus.

1. HUMILDADE (Mt 18:1-14)

Alguém definiu humildade muito apropriadamente como "a graça que, quando você sabe que a possui, acabou de perdê-la!". Também afirmou corretamente: "A verdadeira humildade não é pensar em si mesmo de modo depreciativo; antes, é simplesmente nem pensar em si mesmo".

A necessidade de humildade (v. 1). "Quem é, porventura, o maior no reino dos céus?" – trata-se de um assunto que sempre voltava à baila nas conversas entre os discípulos, sendo mencionado várias vezes ao longo dos Evangelhos. É bem provável que os últimos acontecimentos tenham agravado esse problema, especialmente com referência a Pedro. Afinal, ele andara sobre as

com o Senhor e até mesmo recebera o dinheiro para pagar seus impostos por meio de um milagre.

O fato de Jesus haver compartilhado com seus discípulos acerca de seu futuro sofrimento e morte não causara o devido impacto sobre a vida deles. Continuavam pensando apenas em si mesmos e nos cargos que ocupariam no reino. Estavam tão absortos com essa questão que chegaram a *discutir* entre si! (Lc 29:46).

O egoísmo e a desunião do povo de Deus são um escândalo para a fé cristã. A causa principal desses problemas é o orgulho: alguém se julgar mais importante do que realmente é. Foi o orgulho que conduziu o homem ao pecado logo no princípio (Gn 3:5). Quando cristãos vivem para si mesmos e não para os outros, é inevitável que haja conflitos e divisões (Fp 2:1ss).

O exemplo de humildade (vv. 2-6, 10-14). Os discípulos aguardaram com ansiedade que Jesus dissesse quem era o maior entre eles. Mas Jesus ignorou-os completamente e chamou uma criança para perto deles. Essa criança era o exemplo da verdadeira grandeza.

Humildade sincera envolve conhecer a si mesmo, aceitar a si mesmo e ser autêntico, dando o *melhor* de si mesmo para a glória de Deus. Significa evitar dois extremos: pensar *menos* de si mesmo (como fez Moisés quando Deus o chamou, Êx 3:11ss) ou pensar *mais* de si mesmo (Rm 12:3). A pessoa verdadeiramente humilde não nega os dons que Deus lhe deu, mas os emprega para a glória do Senhor.

Quando não é mimada, uma criança possui as características que constituem a verdadeira humildade: confiança (Mt 18:6), dependência, desejo de fazer os outros felizes, ausência de arrogância e de desejos egoístas de ser maior do que os outros. Por natureza, todos somos rebeldes e queremos ser celebridades em vez de servos. As lições da humildade requerem um longo aprendizado.

Os discípulos desejavam saber quem era o *maior no reino*, mas Jesus advertiu-os

entrar no reino! Teriam, antes, de se converter – mudar sua forma de pensar – ou nem chegariam às portas do céu.

Tudo indica que, nestes versículos, Jesus está combinando dois conceitos: uma criança humana como um exemplo de humildade e um filho de Deus, qualquer que seja a sua idade. Como cristãos, devemos não apenas aceitar os pequeninos por causa de Jesus, mas também receber *todos* os filhos de Deus e procurar lhes ministrar (Rm 14:1ss). Levar uma criança a pecar ou desviá-la do caminho é algo muito sério. E igualmente sério fazer com que outro cristão tropece por causa de nosso mau testemunho (Rm 14:13ss; 1 Co 8:9ss). A pessoa verdadeiramente humilde pensa sempre nos outros, e nunca em si mesma.

Jesus explica que podemos ter quatro atitudes diferentes em relação às crianças e, conseqüentemente, em relação à verdadeira humildade. Podemos nos esforçar para *nos tornarmos como crianças* (Mt 18:3, 4) em humildade, como para o Senhor. Podemos apenas *recebê-las* (Mt 18:5), porque Jesus nos ordenou que assim fizéssemos. Se não tivermos cuidado, também podemos *fazer com que tropecem* (Mt 18:6) e, por fim, podemos acabar *desprezando-as* (Mt 18:10).

É perigoso desprezar as crianças, pois Deus as tem em alta consideração. Quando nos tornamos como crianças (ou seja, cristãos verdadeiros), recebemos a Cristo (Mt 18:5). O Pai cuida delas e os anjos zelam por elas (Mt 18:10). Assim como o bom pastor, Deus busca os perdidos e os salva, e não devemos impedi-los. Um pastor que vai atrás de uma ovelha adulta se preocupará ainda mais com um carneirinho!

Nestes dias de negligência e de abuso de crianças, devemos levar a sério essa advertência de Jesus. É melhor afogar-se no mar com uma pedra amarrada ao pescoço do que abusar de uma criança e encarar o juízo de Deus (Mt 18:6).

O custo da humildade (vv. 7-9). A pessoa verdadeiramente humilde ajuda a edificar os outros, não a derrubá-los. É uma pedra de apoio, não uma pedra de tropeço. Sendo assim, qualquer coisa que me faz tropeçar

deve ser removida de minha vida, pois do contrário farei outros tropeçarem. Jesus havia proferido palavras semelhantes no Sermão do Monte (Mt 5:29, 30). Paulo usa o olho, a mão e o pé para ilustrar a dependência mútua dos membros do corpo do Cristo (1 Co 12:14-17).

A humildade começa com a introspecção e continua com a abnegação. Jesus não está sugerindo que mutilemos nosso corpo, pois ferir o corpo físico não muda a condição espiritual de nosso coração. Antes, está nos instruindo a fazer uma “cirurgia espiritual”, removendo tudo o que seja um tropeço para nós e para os outros. A pessoa humilde vive primeiramente para Jesus e depois para os outros, colocando-se sempre em último lugar. Fica contente em ser capaz de abdicar de coisas boas para fazer o outro feliz. Talvez o melhor comentário sobre isso se encontre em Filipenses 2:1-18.

2. HONESTIDADE (Mt 18:15-20)

Nem sempre praticamos a humildade. Há consciência de que, deliberada ou inconscientemente, ofendemos e prejudicamos os outros. Até mesmo a Lei do Antigo Testamento reconhece os “pecados por ignorância” (Nm 15:22), e Davi orou para ser liberto das “faltas ocultas” (Sl 19:12), ou seja, das “faltas que estão ocultas até dos próprios olhos”. O que devemos fazer quando outro cristão peca contra nós ou nos faz tropeçar? Jesus dá várias instruções.

Manter a questão no âmbito particular.

Devemos abordar a pessoa que pecou e conversar com ela a sós. É possível que essa pessoa nem tenha consciência daquilo que fez. Ou, ainda que tenha agido deliberadamente, nossa atitude de submissão e de amor pode ajudá-la a se arrepender e a pedir perdão. Acima de tudo, devemos procurar a pessoa com o objetivo de ganhar nosso irmão, não de ganhar uma discussão. Não é difícil ganhar uma discussão e perder um irmão.

Ao procurar restaurar um irmão ou irmã, é necessário ter um espírito manso e gentil (Gl 6:1). Não se deve condenar quem nos ofendeu nem fazer fofocas a seu respeito,

mas sim tentar ajudá-lo com todo amor, da mesma forma como gostaríamos que alguém nos ajudasse se tivéssemos errado. A palavra *corrigir*, usada em Gálatas 6:1, é um termo médico grego que significa “reparar um osso fraturado”, procedimento que exige paciência e grande cuidado.

Pedir ajuda a outros. Se o ofensor recusar-se a proceder corretamente, estamos liberados para compartilhar o fardo com um ou dois irmãos. Devemos compartilhar os fatos de acordo com nosso ponto de vista e pedir o conselho desses irmãos tementes a Deus. Afinal, também é possível que nós estejamos errados. Se os irmãos verificarem que estamos corretos, então, juntos, podemos procurar o ofensor e tentar mais uma vez ganhá-lo como irmão. Esses irmãos não apenas podem nos ajudar com orações e persuasão como também podem servir de testemunhas para a igreja acerca da veracidade dessa conversa (Dt 19:15; 2 Co 13:1).

O pecado que não é tratado com honestidade sempre se espalha. Aquilo que era uma questão entre duas pessoas passará a envolver quatro ou cinco. Não é de se admirar que Jesus e Paulo tenham comparado o pecado ao fermento, pois cresce rapidamente.

Pedir a ajuda da igreja. Devemos nos lembrar de que o objetivo não é ganhar a discussão, mas sim ganhar um irmão. A palavra *ganhar*, em Mateus 18:15, é usada em 1 Coríntios 9:19-22 com referência a ganhar os pecadores, mas também é importante ganhar os salvos. É a segunda vez que Jesus menciona a igreja (ver Mt 16:18), e, nesse caso, a designação refere-se à congregação local de cristãos. Uma vez que os discípulos de nosso Senhor foram criados na sinagoga judaica, estavam familiarizados com a disciplina congregacional.

O que começou como um problema particular entre duas pessoas é, agora, aberto para a igreja toda. A disciplina na igreja é um ministério negligenciado nos dias de hoje. No entanto, é ensinado aqui e nas epístolas (ver 1 Co 5; 2 Ts 3:6-16; 2 Tm 2:23-26; Tt 3:10). Assim como as crianças precisam de disciplina em casa, também os filhos

de Deus precisam de disciplina na igreja. Se a ofensa chegar ao conhecimento de toda a igreja e, mesmo assim, o ofensor não mudar de idéia nem se arrepender, deverá ser disciplinado. Não pode ser tratado como um irmão espiritual, pois ele abriu mão dessa posição. Só pode ser tratado como alguém de fora, sem ser odiado, mas também sem comunhão com os outros.

Manter o caráter espiritual da igreja local (vv. 18-20). Antes de disciplinar um membro, a congregação local deve estar na melhor condição espiritual possível. Quando uma igreja disciplina um membro, está, na verdade, examinando e disciplinando a si mesma. Por isso Jesus acrescenta estas palavras sobre autoridade, oração e comunhão. Ninguém pode disciplinar os outros se não se disciplinar a si mesmo. Tudo o que ligamos (permitimos) na congregação deve, antes, ser permitido por Deus (ver os comentários em Mt 16:19).

A igreja deve estar sob a autoridade da Palavra de Deus. Os cristãos não devem disciplinar os irmãos com a atitude de policiais intimidando criminosos. Pelo contrário: pela disciplina, vemos Deus exercer sua autoridade dentro da igreja local e, por meio desta, restaurar um de seus filhos em pecado.

Com a autoridade da Palavra, também deve haver oração (Mt 18:19). A palavra *concordar*, no grego, corresponde ao termo “sinfonia”. A igreja deve concordar em oração ao buscar disciplinar um membro ofensor. É através da oração e da Palavra que descobrimos a vontade do Pai sobre a questão.

Por fim, deve haver comunhão (Mt 18:20). A igreja local deve ser uma comunidade de adoração que reconhece a presença do Senhor em seu meio. O Espírito Santo de Deus pode convencer do pecado tanto o ofensor quanto a igreja, e pode até mesmo julgar o pecado no meio da congregação (At 5).

Há uma necessidade premente de honestidade na Igreja de hoje. “Falar a verdade em amor” (Ef 4:15) é o padrão de Deus. O amor sem verdade é hipocrisia, enquanto a verdade sem amor é brutalidade. Jesus

sempre ensinou a verdade em amor. Se a verdade dói, é porque: "Leais são as feridas feitas pelo que ama" (Pv 27:6).

No entanto, não devemos nos esquecer de que a *humildade* deve vir antes da *honestidade*. Um cristão orgulhoso não será capaz de falar a verdade em amor, pois usará o erro de um irmão como arma de combate, não como instrumento de edificação. O resultado será apenas desarmonia e discórdia ainda maiores.

O primeiro problema interno a surgir na Igreja do Novo Testamento foi a desonestidade (At 5). Ananias e Safira tentaram fazer os membros da igreja acreditarem que eles eram mais espirituais do que de fato eram. Mentiram a si mesmos ao pensar que poderiam ficar impunes depois de sua farsa; mentiram aos irmãos em Cristo e aos líderes da igreja; e tentaram mentir para o Espírito Santo. O resultado foi julgamento e morte. Deus pode não dar cabo de todos os hipócritas da Igreja hoje, mas, sem dúvida alguma, a hipocrisia contribui para a desintegração da Igreja.

O segundo problema interno (At 6) dizia respeito à negligência. Os membros e líderes enfrentaram esse problema com sinceridade e amor, e o resultado foi uma bênção. O amor e a verdade são essenciais, mas ambos devem ser usados com humildade.

3. PERDÃO (MT 18:21-35)

Quando começamos a viver num ambiente de humildade e de honestidade, devemos esperar alguns riscos e perigos. Se a humildade e a honestidade não resultarem em perdão, os relacionamentos não podem ser reparados e fortalecidos. Pedro reconheceu os riscos envolvidos e perguntou a Jesus como poderia lidar com eles no futuro.

Sua pergunta, porém, revelou alguns erros graves. Para começar, faltou-lhe humildade. Estava certo de que seu irmão pecaria contra ele novamente, mas achou que ele não ofenderia seu irmão! O segundo erro de Pedro foi pedir limites e medidas. Onde há amor, não há limites nem dimensões (Ef 3:17-19). Pedro pensou estar demonstrando grande fé e amor ao se oferecer para

perdoar pelo menos sete vezes. Afinal, os rabinos ensinavam que era suficiente perdoar apenas três vezes.

A resposta de Jesus: "até setenta vezes sete" (490 vezes) deve ter espantado Pedro. Quem poderia manter um registro de tantas ofensas? Mas era justamente isso o que Jesus desejava lhe mostrar: o amor "não se ressentido do mal" (1 Co 13:5). Quando tivermos perdoado um irmão tantas vezes, teremos formado o hábito de perdoar.

Porém, Jesus não estava aconselhando um perdão indiferente ou superficial. O amor cristão não é cego (Fp 1:9, 10), e o perdão que Cristo requer faz parte do fundamento das instruções que o Mestre ensinou em Mateus 18:15-20. Se um irmão é culpado de um pecado repetidas vezes, sem dúvida encontrará a força e o poder de que precisa para vencer esse pecado se receber estímulo de irmãos amorosos e clementes. Ao condenar um irmão, só o incentivamos a mostrar o que tem de pior. Mas, ao criar um ambiente de amor e de perdão, podemos ajudar Deus a revelar o que há de melhor nesse irmão.

A parábola ilustra o poder do perdão. É importante observar que essa parábola *não é sobre a salvação*, pois a salvação é totalmente incondicional e gratuita. Transformar o perdão de Deus em algo temporário é violar a própria verdade das Escrituras (Rm 5:8; Ef 2:8, 9; Tt 3:3-7). A parábola trata do perdão entre *irmãos*, não entre os pecadores e Deus. A ênfase deste capítulo é sobre irmãos perdoados (Mt 18:15, 21).

Era um devedor (vv. 23-27). O homem da parábola estava roubando do rei e, depois de uma auditoria contábil, seu crime foi descoberto. A arrecadação total dos impostos na Palestina daquele tempo era de oitocentos talentos anuais, de modo que podemos ter uma idéia da desonestidade desse homem. Se atualizado, esse valor provavelmente equivaleria a mais de dez milhões de dólares.

Porém, o homem pensou ser possível livrar-se dessa dívida e disse ao rei que seria capaz de saldá-la, caso tivesse mais tempo. Vemos aqui dois pecados: orgulho e falta de arrependimento sincero. O homem não

estava com vergonha por ter roubado o dinheiro, mas sim por ter sido descoberto. Além disso, se considerava poderoso o suficiente para ganhar o dinheiro que havia roubado. Convém lembrar que, naquele tempo, um homem do povo precisava trabalhar vinte anos para receber um talento.

Seu caso não tinha solução, exceto por um detalhe: o rei era um homem compassivo. Aceitou o prejuízo e perdoou o servo. Assim, o homem ficou livre, e ele e sua família não seriam jogados na prisão. O servo não merecia ser perdoado; o perdão foi um ato do mais puro amor e misericórdia por parte de seu senhor.

Era um credor (vv. 28-30). O servo deixou a presença do rei e, posteriormente, encontrou outro servo que lhe devia cem denários. Um trabalhador comum ganhava cerca de cinco centavos por dia, de modo que essa quantia era insignificante, se comparada à que o primeiro servo havia roubado de seu senhor. Em vez de compartilhar com esse amigo a alegria do perdão que havia recebido, o servo perdoado maltratou-o e exigiu que pagasse a dívida. O segundo servo usou o mesmo argumento que o primeiro havia usado com o rei: "Tenha paciência comigo, e eu lhe pagarei o que devo!" Mas o servo injusto não estava disposto a conceder a outros aquilo que desejava que lhe concedessem.

Talvez tivesse o direito *legal* de jogar esse homem na prisão, mas não tinha o direito *moral*. Uma vez que havia sido perdoado, não deveria também perdoar seu próximo? Sua família e ele haviam sido poupados da vergonha e do sofrimento da prisão. Acaso não deveria também poupar o outro servo e sua família?

Tornou-se um prisioneiro (vv. 31-34). O rei o havia livrado da prisão, mas o servo condenou a si mesmo, exercendo justiça e jogando o amigo na prisão. "Você deseja viver segundo a justiça?", perguntou o rei. "Então vamos fazer justiça! Joguem este homem perverso na prisão e torturem-no! Farei com ele o mesmo que ele fez com os outros!" (O texto não dá qualquer indicação de que a família também tenha sido

condenada. Afinal, foi o pai quem abusou do outro servo e ignorou a bondade do rei.)

A pior prisão do mundo é a prisão de um coração rancoroso. Se nos recusarmos a perdoar os outros, tornamo-nos nossos próprios carcereiros e a causa dos tormentos que sofremos. Algumas das pessoas mais infelizes com as quais me deparo no ministério são indivíduos incapazes de perdoar os outros. Vivem para imaginar formas de castigar os que os feriram. Na verdade, porém, estão apenas prejudicando a si mesmos.

Qual era o problema desse homem? O mesmo de muitos cristãos professos: pessoas desse tipo *receberam* o perdão, mas não *experimentaram* esse perdão no mais profundo do coração. Assim, são incapazes de compartilhar o perdão com aqueles que os ofendem. Quando vivemos apenas de acordo com a justiça, sempre buscando o que nos é de direito, condenamo-nos a viver numa prisão. Mas se vivermos de acordo com o perdão, compartilhando com os outros aquilo que Deus nos concedeu, desfrutaremos de alegria e de liberdade. Pedro pediu uma medida justa, e Jesus lhe disse para praticar o perdão e esquecer a medida.

A admoestação de Jesus é extremamente séria. Ele não disse que Deus *salva* apenas os que perdoam os outros. O tema desta parábola não é a salvação dos pecadores, mas sim o perdão entre irmãos. Jesus adverte que Deus não pode nos perdoar se *não tivermos um coração humilde e contrito*. É pela forma de tratar os outros que revelamos a verdadeira condição de nosso coração. Quando nosso coração é humilde e contrito, perdoamos nossos irmãos com prazer. Mas onde há orgulho e desejo de vingança não pode haver verdadeiro arrependimento, o que significa, também, que Deus não pode nos perdoar.

Em outras palavras, não basta *receber* o perdão de Deus ou mesmo o perdão dos outros. Devemos *experimentar* esse perdão no coração, de modo a nos tornarmos humildes, mansos e clementes para com os outros. O servo desta parábola não experimentou o perdão e a humildade de maneira mais profunda; *simplesmente ficou feliz por ter*

escapado de uma grande enrascada. Nunca chegou a se arrepender de fato.

“Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos

perdoou” (Ef 4:32). “Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós” (Cl 3:13).

AS INSTRUÇÕES DO REI

MATEUS 19:1-15

O período de “afastamento” do Rei estava prestes a terminar. Os ataques de seus inimigos se tornariam mais intenso, culminando com sua prisão e crucificação. Os líderes religiosos já haviam tentado, sem sucesso, pegá-lo em suas armadilhas, usando perguntas sobre o sábado e sobre sinais. Tentaram novamente, dessa vez com o tema extremamente polêmico do divórcio.

Trata-se de uma questão igualmente importante e controversa nos dias de hoje. O número de divórcios continua a crescer (quando da publicação desta obra, a estatística nos Estados Unidos era de 1 divórcio para cada 1,8), e o divórcio infiltrou-se até nos lares de líderes cristãos. Alguém comentou que os casais “se casam para o que der e vier, mas nunca para sempre”. Devemos examinar novamente o que Jesus ensina sobre esse assunto. O Mestre explica quatro leis com respeito ao casamento e ao divórcio.

1. A LEI ORIGINAL DA CRIAÇÃO (Mt 19:3-6)

Em vez de voltar a Deuteronômio, Jesus voltou a Gênesis. Aquilo que Deus fez quando instituiu o primeiro casamento ensina, *por afirmação*, o que ele imaginava para um homem e uma mulher. Ao construir um casamento segundo o padrão ideal de Deus, não é preciso preocupar-se com o divórcio.

Os motivos para o casamento. A única coisa que não foi considerada “boa” na criação foi o fato de o homem estar sozinho (Gn 2:18). A mulher foi criada para suprir essa necessidade. Adão não poderia ter comunhão com os animais. Precisava de uma

companheira que fosse sua igual e com a qual pudesse experimentar a plenitude.

O casamento permite a perpetuação da raça humana. “Sede fecundos, multiplicai-vos” (Gn 1:28) foi o mandamento de Deus ao primeiro casal. Desde o começo, Deus ordenou que o sexo fosse praticado dentro da relação comprometida do casamento. Fora do casamento, o sexo torna-se uma força destrutiva, mas dentro do compromisso amoroso do matrimônio, pode ser criativo e construtivo.

O casamento é uma das formas de evitar pecados sexuais (1 Co 7:1-6). É evidente que um homem não deve se casar apenas para legalizar sua concupiscência! Aquele que se entrega aos desejos lascivos antes do casamento, certamente, continuará a fazer o mesmo depois. Esse tipo de pessoa não deve ter a ilusão de que o casamento resolverá todos os seus problemas pessoais com a lascívia. No entanto, o casamento é a forma que Deus criou para o homem e a mulher desfrutarem, em conjunto, os prazeres físicos do sexo.

Paulo usa o casamento como ilustração da relação íntima entre Cristo e a Igreja (Ef 5:22, 23). Assim como Eva saiu da costela de Adão (Gn 2:21), também a Igreja nasceu do sofrimento e morte de Cristo na cruz. Cristo ama sua Igreja; ele a purifica, cuida dela e a nutre com sua Palavra. A relação de Cristo com sua Igreja é o exemplo a ser seguido por todos os maridos.

As características do casamento. Ao retornar à lei original do Éden, Jesus lembra seus ouvintes das verdadeiras características do casamento. Se mantivermos vivas na memória essas características, saberemos como construir um casamento mais feliz e duradouro.

É uma união instituída por Deus. Deus instituiu o casamento, assim somente ele pode controlar seu caráter e suas leis. Não há legislação ou tribunal capaz de anular aquilo que Deus instituiu.

É uma união física. O homem e a mulher tornam-se “uma só carne”. Apesar de ser importante que o marido e a esposa tenham uma só mente e coração, a união fundamental

do casamento é física. Se um homem e uma mulher se tornassem “um só espírito” no casamento, a morte não poderia dissolver o casamento, pois o espírito nunca morre. Mesmo se um homem e uma mulher discordam, são “incompatíveis” e não conseguem entender-se, continuam sendo casados, pois a união é física.

É uma união permanente. A intenção original de Deus era que um homem e uma mulher passassem a vida juntos. A idéia de “morar juntos para ver se dá certo” não faz parte da lei original de Deus, pois ele exige que o marido e a esposa comprometam-se irrestritamente com a união do casamento.

É uma união entre um homem e uma mulher. Deus não criou dois homens e duas mulheres, ou duas mulheres e um homem, somente dois homens ou somente duas mulheres. Não importa o que psicólogos e juristas digam, a poligamia, a união entre gays e outras variações são contrárias à vontade de Deus.

2. O SÉTIMO MANDAMENTO (Mt 5:27-30)

Apesar de Jesus não se referir ao sétimo mandamento nessa discussão, ele é citado no Sermão do Monte (Mt 5:27-32). Vamos examinar o que disse.

Tanto Jesus quanto os autores do Novo Testamento asseveram a autoridade da injunção: “Não adulterarás” (Êx 20:14). O termo *impureza* e seus correlatos referem-se a vários tipos de atividades sexuais (ver Mc 7:21; Rm 1:29; 1 Co 6:13), mas o *adultério* diz respeito somente a indivíduos casados. Quando uma pessoa casada tem relações sexuais com outra pessoa que não seja seu cônjuge, isso é adultério, e Deus declarou que é errado e pecaminoso. O Novo Testamento traz inúmeras advertências sobre os pecados sexuais, inclusive o adultério (At 15:20; 1 Co 6:15-18; Gl 5:19ss; Ef 4:17ss; 5:3-12; Cl 3:5; 1 Ts 4:3-7; Hb 13:4).

Esse mandamento assevera a santidade do sexo. Deus criou o casamento, o protege e castiga quando sua lei é violada. Nove dos dez mandamentos são repetidos no Antigo Testamento, e devemos atentar para eles (o mandamento do sábado foi dado somente

ao povo de Israel e não se aplica à Igreja de hoje). Não se deve imaginar que, por vivermos “sob a graça”, poderemos fazer pouco da lei de Deus e escapar impunes. “Deus julgará os impuros e adúlteros” (Hb 13:4).

No entanto, em sua discussão sobre o adultério, Jesus tocou um nível muito mais profundo. Mostrou que pode ser um pecado tanto do coração quanto do corpo. Não basta simplesmente controlar o corpo; devemos também controlar os pensamentos e desejos interiores. Olhar para uma mulher *com desejos lascivos* é cometer adultério no coração. Isso não significa que não podemos admirar a beleza de uma pessoa ou de uma fotografia, pois é possível fazer isso sem pecar. É quando olhamos *com a intenção* de satisfazer desejos lascivos que cometemos adultério no coração.

Uma vida sexual santificada começa com os desejos mais íntimos. Jesus escolhe como exemplos o olho e a mão, pois ver e sentir são geralmente os primeiros passos em direção ao pecado sexual. É evidente que não ordenou que fizéssemos uma cirurgia física, pois estava tratando claramente dos desejos *interiores*. Antes, ordenou que tomemos medidas drásticas para tratar do pecado, a fim de remover de nossa vida qualquer coisa que alimente nossos desejos impuros. Devemos “ter fome e sede de retidão”.

Jesus não alterou a lei do Éden com relação ao casamento nem anulou o sétimo mandamento. O que ensinou encontrava-se solidamente fundamentado na criação de Deus e na lei moral divina.

3. A LEI MOSAICA ACERCA DO DIVÓRCIO (Mt 19:7, 8)

Como tantas pessoas que gostam de “discutir religião”, os fariseus não estavam interessados em descobrir a verdade, mas apenas em defender a si mesmos e suas convicções. Foi esse desejo que os levou a perguntar sobre a lei judaica do divórcio registrada em Deuteronômio 24:1-4.

Algumas versões da Bíblia deixam claro que Moisés *deu apenas um mandamento*: a esposa divorciada não poderia voltar para o primeiro marido, caso fosse rejeitada pelo

segundo marido. *Moisés não ordenou o divórcio*; apenas o permitiu. Ordenou que o marido desse à ex-esposa uma carta de divórcio; mas, caso a esposa se casasse e se divorciasse novamente, não poderia voltar ao primeiro marido.

Trata-se de uma lei extremamente sábia, pois, para começar, o marido pensaria duas vezes antes de se livrar apressadamente de sua esposa, uma vez que não poderia tê-la de volta. Além disso, levaria tempo para achar um escriba (nem todos podiam redigir documentos legais) e, durante esse período, o casal separado poderia se reconciliar. Os fariseus estavam interpretando a lei de Moisés como se fosse um mandamento. Jesus deixa claro que Moisés estava apenas dando *permissão* para o divórcio.

Mas a que Moisés se referia com as palavras “ter ele achado coisa indecente nela”? No hebraico, isso quer dizer “alguma questão de nudez”, mas não se refere a pecado sexual. Trata-se de um equivalente a “algo vergonhoso” (ver Gn 2:25; 3:7, 10). A interpretação dessa frase foi a causa da divisão que deu origem às escolas do rabino Hillel e do rabino Shammai, estudiosos judeus conceituados do primeiro século. Hillel seguiu uma linha bastante liberal e afirmou que o marido poderia divorciar-se da esposa por quase qualquer razão, enquanto Shammai seguiu uma linha mais rigorosa, afirmando que Moisés estava falando somente de pecado sexual. Qualquer lado que Jesus escolhesse tomar partido seria motivo de ofensa para alguém.

Os judeus possuíam várias leis referentes ao casamento e devemos examiná-las, a fim de ter uma melhor perspectiva. Se, por exemplo, um homem se casasse e descobrisse que sua esposa não era virgem, podia tornar público o pecado da mulher e providenciar para que fosse apedrejada (Dt 22:13-21). É evidente que deveria ter provas disso, pois, do contrário, teria de pagar uma multa e não poderia jamais se divorciar da esposa. Essa lei protegia tanto o homem quanto a mulher.

Se um homem suspeitasse de infidelidade da esposa, deveria seguir os procedimentos

descritos em Números 5:11ss. Não se pode mais seguir esses procedimentos (que, sem dúvida, incluíam elementos de julgamento divino), pois não há mais sacerdócio nem tabernáculo.

É importante lembrar que a lei de Moisés determinava a *pena de morte* para os que cometessem adultério (Lv 20:10; Dt 22:22). Os inimigos de Jesus lançaram mão dessa lei quando tentaram armar uma cilada para ele (Jo 8:1). Embora não haja registro no Antigo Testamento de que alguém tenha sido apedrejado por cometer adultério, essa era a lei divina. A experiência de José (Mt 1:18-25) indica que, ao tratarem de esposas adúlteras, os judeus usavam o divórcio em vez do apedrejamento.

Por que Deus ordenou que a pessoa adúltera fosse morta por apedrejamento? Por certo, para servir de exemplo e para advertir as pessoas, pois o adultério corrompe a estrutura da sociedade e da família. A fim de haver estabilidade na sociedade e na igreja, é preciso haver compromisso no casamento e fidelidade do marido para com a esposa bem como do casal para com o Senhor. Era necessário que Deus preservasse Israel, pois o Salvador prometido descenderia dessa nação. Deus opôs-se ao divórcio em Israel, pois enfraquecia a nação e representava uma ameaça para o nascimento do Messias (ver Mt 2:10-16).

No entanto, havia outro motivo para a pena capital: deixava o cônjuge fiel livre para se casar novamente. A morte rompe os laços do casamento, pois o casamento é uma união física (Rm 7:1-3). Era importante que as famílias tivessem continuidade em Israel, a fim de que pudessem proteger sua herança (Nm 36).

Antes de passar para a seção seguinte, convém observar um fato importante: o divórcio que Moisés autoriza em Deuteronômio 24, *na verdade, representa um rompimento da relação matrimonial original*. Deus permitia que a mulher se casasse novamente, e esse segundo casamento não era considerado uma forma de adultério. Seu segundo companheiro era chamado de “marido”, não de adúltero. Isso explica como foi possível a

mulher samaritana ter tido cinco maridos e, ainda assim, estar vivendo com um homem que não era seu marido (Jo 4:16-18). Ao que parece, os cinco casamentos anteriores haviam sido legais e de acordo com as Escrituras.

Isso significa que o divórcio legal rompe o relacionamento matrimonial. O homem não pode romper esse relacionamento com suas próprias leis, *mas Deus pode*. O mesmo Deus que dá as leis para unir as pessoas também pode dar leis para separá-las. Trata-se de algo que só pode ser feito por Deus, nunca pelos homens.

Por fim, Jesus deixa claro que a lei mosaica do divórcio era uma concessão da parte de Deus. A lei original de Deus quanto ao casamento não deixava espaço para o divórcio, mas essa lei começou a vigorar antes de o homem pecar. Em lugar de ter duas pessoas vivendo juntas em conflito constante, com um dos cônjuges ou ambos procurando satisfação fora do casamento, Deus preferiu permitir o divórcio. *Esse divórcio incluía o direito de se casar novamente*. Os fariseus não perguntaram sobre a possibilidade de casar novamente, pois esse não era o problema. Aceitavam o fato de que as duas partes divorciadas procurariam outros cônjuges e de que isso era permitido por Moisés.

4. A LEI DO SENHOR ACERCA DO CASAMENTO (Mt 19:9-12; 5:31, 32)

Com as palavras: "Eu, porém, vos digo", Jesus está afirmando ser Deus, pois somente Deus pode instituir ou alterar as leis do casamento. Declara que o casamento é uma união permanente que só pode ser rompida por causa de pecado sexual. A palavra *impureza*, no Novo Testamento, abrange vários tipos de pecados sexuais, e sua definição como *fornicação* ou "pecado sexual entre duas pessoas não casadas" não se aplica a esse caso, pois Jesus está se referindo a pessoas casadas. Devemos imaginar que os 23 mil homens que se entregaram à lascívia em Baal-Peor (Nm 25) eram todos solteiros? E a admoestação de Atos 15:20, 29 refere-se apenas aos membros solteiros da igreja?

O casamento é uma união física permanente que só pode ser rompida por uma causa física: morte ou pecado sexual (a meu ver, o homossexualismo e a bestialidade também se aplicam). Os seres humanos não podem romper a união, mas Deus pode. Sob a lei do Antigo Testamento, o pecador era apedrejado até a morte. Mas a igreja de hoje não empunha a espada (Rm 13:1-4). Acaso o adultério e a impureza sexual eram mais sérios sob a lei do que o são hoje? Claro que não! Hoje, tais pecados são ainda piores, quando consideramos a revelação completa da graça e santidade de Deus que temos agora em Jesus Cristo.

Ao que parece, podemos concluir que o divórcio no Novo Testamento é o equivalente à morte no Antigo Testamento: libera o cônjuge inocente para se casar novamente.

É importante observar que a nova lei de casamento e divórcio instituída pelo Senhor tem como fundamento três leis anteriores. Da lei do Éden, Jesus pegou o princípio de que o casamento é uma união física que somente pode ser rompida por uma causa física e que apenas Deus tem poder de permitir o rompimento da união. Do sétimo mandamento, pegou o princípio de que o pecado sexual rompe, de fato, a união do casamento. E da lei mosaica do divórcio, pegou o princípio de que Deus pode ordenar o divórcio e romper a união, e a parte livre pode casar-se novamente sem ser culpada de adultério.

Assim, Jesus ensina que há somente uma base legal para o divórcio: as relações sexuais ilícitas. Se duas pessoas se divorciarem sob qualquer outro pretexto e se casarem com outra pessoa, estarão cometendo adultério.

Jesus não ensinou que o cônjuge ofendido deve se divorciar. Sem dúvida, há espaço para o perdão, para a cura e para a restauração do relacionamento rompido. Essa deve ser a abordagem cristã da questão. Infelizmente, porém, por causa da dureza do coração humano, há ocasiões em que se torna impossível curar as feridas e salvar o casamento. O divórcio é o *último recurso*, não a primeira opção.

Casamentos felizes não são acidentes, mas sim resultado de compromisso, amor, compreensão mútua, sacrifício e trabalho duro. Se um marido e uma esposa estão cumprindo os votos de seu casamento, desfrutarão de um relacionamento cada vez mais profundo que os satisfará e os manterá fiéis um ao outro. Exceto pela possibilidade de uma tentação repentina, nenhum marido ou esposa cogitaria ter um relacionamento extraconjugal, visto que seu relacionamento em casa é cada vez melhor e satisfatório. E o amor puro do marido e da esposa é uma excelente proteção até mesmo contra tentações repentinas.

A reação dos discípulos aos ensinamentos de Cristo mostrou que não concordavam com ele. "Se não há nenhum jeito de pular fora de um casamento horrível, então é melhor permanecer solteiro!", argumentaram. Jesus não queria que eles considerassem o divórcio uma "solução", pois, se o fizessem, não tratariam o casamento com a devida seriedade.

Em Mateus 19:12, Jesus deixa claro que cada homem (e mulher) deve considerar a vontade de Deus com respeito ao casamento. Algumas pessoas não devem se casar por causa de problemas físicos ou emocionais congênitos. Outros não devem se casar por causa de suas responsabilidades para com a sociedade - aqueles que foram feitos "eunucos pelos homens" (Mt 19:12). Uma filha ou filho único que deve tomar conta

de seus pais idosos pode ser um exemplo dessa categoria. Outros, como o apóstolo Paulo, permanecem solteiros para melhor servir ao Senhor (1 Co 7:7).

É bastante apropriado que os ensinamentos de Jesus acerca do casamento sejam seguidos da bênção às crianças, pois as crianças são a herança maravilhosa dos que se casam. Jesus não considerou as crianças uma maldição ou um fardo. "De modo que já não são mais dois, porém uma só carne" - esse conceito se cumpre na geração de filhos, e o amor dos pais aprofunda-se e amadurece ao ser compartilhado com os outros membros da família.

Os pais levaram as crianças a Jesus para que fossem abençoadas. Essa passagem não se refere, de maneira alguma, ao batismo nem mesmo à salvação, pois as crianças que ainda não são capazes de prestar contas de seus atos (Is 7:16) sem dúvida alguma são salvas pela morte de Cristo (Rm 5:17-21). As crianças nascem pecadoras (Sl 51:5), mas se morrem antes de poder prestar contas de seus atos, são regeneradas e levadas para o céu (2 Sm 12:23; Sl 23:6).

Essas crianças que Jesus pegou no colo e pelas quais orou certamente foram privilegiadas. O costume atual de consagrar nossos filhos ao Senhor procura seguir esse exemplo. Como são felizes as crianças cujos pais estão casados na vontade de Deus, procuram obedecer ao Senhor e as levam até Jesus para serem abençoadas.

AS EXIGÊNCIAS DO REI

MATEUS 19:16 – 20:34

Não podemos seguir o Rei sem pagar um preço. Afinal, ele morreu na cruz por nós! Temos, por acaso, o direito de escapar do sacrifício e do sofrimento? Nesta seção, Jesus explica aquilo que exige justificadamente dos que desejam crer nele e ser seus discípulos.

1. DEVEMOS AMAR A CRISTO ACIMA DE TODAS AS COISAS (MT 19:16-26)

Este acontecimento é relatado nos três primeiros Evangelhos. Quando combinamos os fatos, vemos que o homem era rico, jovem e ocupava uma posição de liderança – provavelmente era o chefe da sinagoga. Podemos, sem dúvida alguma, elogiá-lo por ter procurado Cristo publicamente para perguntar sobre questões exteriores. Ao que parece, não tinha segundas intenções e estava disposto a ouvir e a aprender. Infelizmente, porém, tomou a decisão errada.

“Mestre, que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna?” (vv. 16, 17). Apesar de sua abordagem à salvação ter por base as obras, não a fé, fica claro que o jovem estava sendo sincero. Sua maneira de encarar a salvação não era diferente daquela de outros judeus de seu tempo. No entanto, apesar de sua posição na sociedade, sua moralidade e sua religião, ele sentia clara necessidade de algo mais.

A resposta de Jesus, porém, não se concentrou na salvação, mas levou o jovem a pensar seriamente sobre o significado da palavra “bom” que havia usado ao se dirigir a Jesus. “Bom só existe um”, disse Jesus. “Você crê que eu sou bom e, portanto, que sou Deus?” Se Jesus é apenas mais um dos muitos

líderes religiosos na história, então suas palavras não têm mais peso do que qualquer outro líder religioso. Mas se Jesus é bom, então ele é Deus, e devemos atentar para o que ele diz.

Por que Jesus trouxe à baila a questão dos mandamentos? Acaso ensinou que as pessoas recebem a vida eterna ao obedecer à lei de Deus? Se alguém fosse capaz de guardar os mandamentos, certamente receberia a vida eterna. Acontece, porém, que ninguém consegue guardar a lei de Deus perfeitamente, “visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado” (Rm 3:20). Jesus não introduziu o assunto da lei para mostrar ao jovem como ser salvo, mas para *mostrar-lhe que precisava ser salvo*. A lei é um espelho que revela quem somos (Tg 1:22ss).

“Quais [mandamentos]?” (vv. 18, 19). Será que o jovem estava sendo evasivo? Creio que não, mas estava cometendo um erro, pois uma parte da lei de Deus não pode ser separada da outra. Classificar a lei de Deus em “menor” ou “maior” é interpretar incorretamente todo o propósito da lei. “Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos” (Tg 2:10). A lei representa a autoridade de Deus, e desobedecer ao que pensamos ser uma lei menor é, ainda assim, rebelar-se contra a autoridade do Senhor.

Por certo, o jovem estava pensando somente na obediência exterior, pois se esqueceu das atitudes do coração. Jesus havia ensinado no Sermão do Monte que odiar era o equivalente moral de cometer assassinato, e que a lascívia correspondia moralmente ao adultério. Era muito bom o jovem ter bons costumes e uma moral elevada, mas, infelizmente, não percebeu seu pecado nem se arrependeu e creu em Cristo.

Jesus não citou o mandamento que se aplicava especificamente ao jovem: “Não cobiçarás” (Êx 20:17). O rapaz deveria ter refletido a respeito de *todos* os mandamentos e não apenas daqueles que Jesus citou. Será que estava procurando um discipulado fácil? Ou talvez sendo desonesto consigo

mesmo? Acredito que, a seu próprio ver, seu testemunho foi sincero. No entanto, ele não permitiu que a luz da Palavra penetrasse mais a fundo. Jesus sentiu um amor repentino pelo jovem (Mc 10:21), de modo que continuou tentando ajudá-lo.

“Que me falta ainda?” (vv. 20-22). Em parte alguma da Bíblia somos ensinados que um pecador é salvo ao vender seus bens e doá-los aos pobres. Jesus nunca disse a Nicodemos para fazer isso, nem a qualquer outro pecador cuja história se encontre registrada nos Evangelhos. Jesus sabia que o rapaz era cobiçoso e amava as riquezas. Ao lhe pedir que desse tudo aos pobres, Jesus o obrigou a examinar seu coração e estabelecer suas prioridades. Mesmo com todas as suas qualidades tão louváveis, o jovem continuava não amando a Deus de todo o coração. Os bens eram seu deus, e foi incapaz de obedecer à ordem: “vai, vende ... vem e segue-me”.

O jovem saiu muito angustiado, mas poderia ter saído alegre e em paz. É impossível amar e servir a dois mestres ao mesmo tempo (Mt 6:24ss). Podemos estar certos de que, longe de Cristo, até as possessões materiais da vida não proporcionam alegria e prazer permanentes. É bom ter coisas que o dinheiro pode comprar, desde que não percamos de vista aquilo que não pode ser comprado. A menos que aquele líder abastado tenha, posteriormente, se voltado para Cristo, morreu sem salvação e passou a ser um dos homens mais “ricos” do cemitério.

“Quem pode ser salvo?” (vv. 23-26). O povo judeu daqueles dias acreditava que a riqueza era uma evidência das bênçãos de Deus. Para isso, tomavam por base as promessas dadas por Deus à nação judaica no começo de sua história. Por certo, Deus prometeu bênçãos materiais, caso seu povo fosse obediente, e também perda material, caso desobedecesse (ver Dt 26 – 28). No começo da existência de seu povo, a única forma eficaz de fazê-los obedecer era através de recompensas e castigos. É assim que ensinamos as crianças pequenas.

No entanto, o grau mais elevado de obediência não se baseia no desejo de recom-

pensa nem no medo do castigo; antes, é motivado pelo amor. Em sua vida e seus ensinamentos, Jesus procurou mostrar às pessoas que as bênçãos espirituais interiores são muito mais importantes do que o lucro material. Deus vê o coração e quer construir o caráter. A salvação é uma dádiva de Deus em resposta à fé do ser humano. As riquezas materiais não são garantia de que Deus se agrada de alguém.

Uma vez que eram judeus zelosos, os discípulos ficaram espantados com as declarações de Jesus quanto às riquezas. A pergunta que fazem reflete sua teologia: “Se um homem rico não pode ser salvo, então que esperança há para nós?” É evidente que Jesus não disse que *possuir* bens materiais constitui um impedimento para entrar no reino. Alguns manuscritos de Marcos 10:24 dizem “quão difícil é para os *que confiam nas riquezas* entrar no reino de Deus!” Esse é, sem dúvida, o sentido dos ensinamentos de Jesus. Abraão era um homem extremamente rico e, ainda assim, foi um homem de grande fé. É bom possuir coisas materiais, *desde que* as riquezas não exerçam domínio sobre nós.

Não podemos seguir o Rei e viver para as riquezas do mundo. Não podemos servir a Deus e ao dinheiro. O amor ao dinheiro é a raiz de todos os males (1 Tm 6:6-10). Jesus Cristo requer de todos os que desejam segui-lo um amor supremo.

2. DEVEMOS OBEDECER A ELE SEM RESERVAS (MT 19:27 – 20:16)

Pedro não tardou em perceber o contraste entre o jovem rico e os discípulos pobres: “Eis que nós tudo deixamos e te seguimos; que será, pois, de nós?” (Mt 19:27). Jesus lhes dá uma promessa maravilhosa de recompensas tanto nesta vida quanto na próxima. Os discípulos teriam até mesmo tronos no estabelecimento do reino de Cristo. Seriam recompensados cem vezes mais com tudo de bom que tivessem renunciado por amor a ele. Em outras palavras, não estavam fazendo um sacrifício, mas sim um investimento. Entretanto, nem todos os dividendos seriam recebidos nesta vida.

Jesus, porém, sentiu que havia na pergunta de Pedro a possibilidade de uma motivação errada para servir. Por isso, acrescentou a advertência de que alguém que se considerasse o primeiro a seus próprios olhos seria o último no juízo final, enquanto os últimos seriam os primeiros. Essa verdade é exemplificada na parábola dos trabalhadores na vinha.

Essa parábola não tem relação alguma com a salvação. O denário (um dia de trabalho naquele tempo) não representa a salvação, pois ninguém é capaz de trabalhar para merecer sua salvação. Também não trata de recompensas, pois não vamos receber todos a mesma recompensa. "Cada um receberá o seu galardão, segundo o seu próprio trabalho" (1 Co 3:8).

Antes, a parábola enfatiza a *atitude correta no serviço*. É importante observar que dois tipos diferentes de trabalhadores foram chamados a trabalhar naquele dia: aqueles que fizeram um contrato com o empregador e concordaram em trabalhar por um denário ao dia e os que não fizeram contrato algum e concordaram em receber o que o proprietário achasse justo pagar. Os primeiros trabalhadores insistiram em fazer um contrato.

Isso se explica porque o dono da casa pagou os trabalhadores dos últimos para os primeiros: desejava que os chamados primeiro (que insistiram em ser contratados) vissem quanto havia pago aos trabalhadores chamados por último. Foi uma forma de mostrar aos primeiros quão generoso ele era.

Podemos nos colocar no lugar dos trabalhadores chamados primeiro que só foram pagos por último. Todos esperavam receber um denário, pois era o que haviam concordado em aceitar. Imaginemos, então, a surpresa deles quando viram os trabalhadores que foram chamados *por último* receber também um denário cada! Isso significava que o salário dos primeiros deveria ser de pelos menos doze denários cada!

Mas os trabalhadores das três da tarde também receberam um denário - por apenas três horas de trabalho. O homem que estava por último na fila recalculou rapidamente

seu salário: quatro denários pelo dia de trabalho. Quando os homens contratados ao meio-dia também receberam um denário, isso cortou o salário deles pela metade, apenas dois denários.

Mas, então, o dono da vinha pagou apenas um denário a cada um. É evidente que reclamaram! Mas não tinham como argumentar, pois *havia concordado em trabalhar por um denário* e receberam o que pediram. Se tivessem confiado na bondade do proprietário, poderiam ter recebido um salário muito maior, mas insistiram num contrato.

A lição para os discípulos de Cristo fica clara. Não devemos servi-lo por esperar recompensas nem insistir em saber o que receberemos. Deus é infinitamente generoso e bondoso e sempre nos dará mais do que merecemos.

Agora podemos entender os perigos ocultos na pergunta de Pedro em Mateus 19:27. Em primeiro lugar, não devemos "suplicar" (Mt 20:10) que receberemos mais quando, na verdade, não merecemos. É possível fazer o trabalho do Pai e, ainda assim, não fazer a vontade dele de coração (Ef 6:6). Servi-lo apenas em função de benefícios (temporais e eternos) é perder as melhores bênçãos que ele tem para nós. Devemos confiar no Senhor sem reservas e crer que sempre nos dará o melhor.

Há, ainda, o perigo do orgulho. "Que será, pois, de nós?", perguntou Pedro. Essa parábola serviu para adverti-lo com a pergunta: "Como você sabe que receberá alguma coisa?" Em se tratando das recompensas de Deus, é melhor não ser excessivamente confiantes, pois aqueles que, a seus olhos (e aos olhos dos outros), estão em primeiro lugar podem terminar em último! Semelhantemente, não devemos desanimar, pois os que se consideram "servos inúteis" podem terminar em primeiro lugar.

Devemos ter cuidado ao observar outros trabalhadores e comparar resultados. "Nada julgueis antes do tempo"; essa é a advertência de Paulo em 1 Coríntios 4:5. Vemos apenas o trabalho e o trabalhador, mas Deus vê o coração.

Por fim, deve-se ter o cuidado de não criticar a Deus nem de sentir-se prejudicado. Se os primeiros trabalhadores da madrugada tivessem confiado no proprietário e não tivessem exigido um contrato, o dono lhes teria dado muito mais. Era generoso, mas não confiaram nele. Não se alegraram com os outros que receberam mais; pelo contrário, ficaram com inveja e reclamaram. A bondade do dono não os levou ao arrependimento (Rm 2:4), mas revelou o verdadeiro caráter do coração deles: egoísmo! Sempre que encontramos um servo queixoso, significa que não está inteiramente sujeito à vontade do mestre.

3. DEVEMOS GLORIFICÁ-LO COMPLETAMENTE (Mt 20:17-34)

Pela terceira vez, Jesus anuncia sua prisão, crucificação e ressurreição (ver Mt 16:21; 17:22). Na declaração anterior, não havia especificado como morreria. Mas, agora, fala explicitamente da cruz. Também deixa claro que ressuscitaria, mas essa mensagem não penetra o coração dos discípulos.

Em contraste a esse anúncio de sofrimento e de morte, vemos o pedido de Tiago e de João e da mãe deles, Salomé. Jesus falou sobre uma cruz, mas eles estavam mais interessados numa coroa. Desejavam reservar para si tronos especiais! Temos a impressão de que era Salomé quem estava interessada em promover os filhos.

Antes de criticar essa atitude, convém observarmos alguns elementos louváveis que surgem nesse episódio. Dentre outras coisas, vemos que os discípulos acreditavam na oração e tiveram coragem de crer na promessa que Jesus havia dado sobre assentarem-se no trono (Mt 19:28). A palavra “regeneração”, nesse versículo, significa “novo nascimento” e se refere ao novo mundo sobre o qual Jesus e seus seguidores reinarão quando ele voltar à Terra. Foi preciso fé para crer que Jesus estabeleceria esses tronos, pois seu Mestre havia acabado de dizer que morreria.

No entanto, o pedido também se mostra equivocado em vários aspectos. Em primeiro lugar, nasceu da ignorância. “Não

sabeis o que pedis”, respondeu Jesus. Salomé não sabia que o caminho até o trono era difícil. Tiago foi o primeiro dos discípulos a ser martirizado, e João teve de suportar um exílio penoso na ilha de Patmos. Esses três cristãos desejavam que se fizesse a *vontade deles*, não a de Deus, e que tudo ocorresse à *maneira deles*.

Outro elemento que podemos observar é a falta de visão celestial, pois estavam pensando em termos *mundanos*: Tiago e João desejavam “reinar” sobre os outros discípulos da mesma forma que os gentios não salvos reinavam sobre seus subalternos. Seu pedido foi *carnal* e egoísta, pois estavam pedindo glória para si mesmos, não para o Senhor. Sem dúvida, ficaram contentes por terem conseguido apresentar seu pedido a Jesus antes que Pedro tivesse a oportunidade de fazê-lo!

Por fim, o pedido não foi apenas mundano e carnal, mas também *diabólico*, pois foi motivado pelo orgulho. Satanás almejou um trono (Is 14:12-15) e foi expulso, e ofereceu a Jesus um trono que foi recusado (Mt 4:8-11). Satanás destaca o *fim* (um trono), mas não os *meios* para alcançá-lo. Jesus advertiu Salomé e seus filhos de que os tronos especiais seriam concedidos somente aos que fossem dignos deles. Não há atalhos no reino de Deus.

O resultado desse pedido foi a “indignação” da parte dos outros dez discípulos – provavelmente porque não haviam pensado nisso antes! A sabedoria celestial sempre conduz à paz, e a sabedoria deste mundo conduz à guerra (Tg 3:13 - 4:3). O egoísmo promove a dissensão e a divisão.

Esse desacordo deu a Jesus a oportunidade de ensinar uma lição prática de liderança. Em seu reino, não se deve seguir os exemplos do mundo. Nosso exemplo é Jesus, não algum diretor de empresa ou celebridade. Jesus veio como servo, e assim devemos servir uns aos outros. Veio para dar sua vida, e devemos dedicar a nossa para servir ao Senhor e aos outros.

A palavra *servo* em Mateus 20:27 significa “um escravo” e dá origem a nosso termo *diácono*. Nem todo servo é escravo, mas

todo escravo é servo. É triste ver na igreja hoje muitas celebridades, mas poucos servos. Há muitos querendo “exercer autoridade” (Mt 20:25), mas poucos dispostos a pegar a bacia e a toalha para lavar os pés dos outros.

A chave para a grandeza não está na posição ou no poder, mas no caráter. Não recebemos um trono apenas orando com os lábios, mas sim pagando com a vida. Devemos nos identificar com Jesus Cristo em seu serviço e sofrimento, pois nem mesmo ele pôde alcançar o trono sem antes passar pela cruz. O melhor comentário sobre isso pode ser encontrado em Filipenses 2:1-18.

A fim de aprimorar a oração, é preciso aperfeiçoar o serviço. Ao servir a Jesus e aos outros, nossas orações não são egoístas. Quem diz com sinceridade: “Fala, Senhor, porque teu servo ouve”, então ele diz: “Fala, servo, pois teu Senhor te escuta”. Se nossas orações não nos aperfeiçoam no serviço ao Senhor, então há algo de errado com elas.

Nossas orações nos tornam mais tratáveis? Os dois discípulos oraram com egoísmo e criaram um grande alvoroço! Nossas orações nos tornam mais semelhantes a Jesus Cristo? *Elas nos custam algo?* Orar segundo a vontade de Deus não significa fuga, mas envolvimento. Se nossas orações não nos aproximam da cruz, estão fora da vontade de Deus.

Salomé aprendeu a lição. Quando Jesus foi crucificado, estava perto da cruz (Jo

19:25: “E junto à cruz estavam a mãe de Jesus, e a irmã dela”), participando da dor e sofrimentos dele. Ela não viu Jesus ladeado de tronos, mas sim de dois ladrões em suas cruces. Ouviu Jesus dar João, o filho dela, a Maria, a mãe dele. O egoísmo de Salomé foi censurado, e ela aceitou humildemente a correção.

O acontecimento final de Mateus 20 é a cura de Bartimeu e de seu amigo, ambos cegos (ver Mc 10:46-52). Aqui, Jesus coloca em prática aquilo que havia acabado de ensinar a seus discípulos e se torna um servo desses dois mendigos cegos. A multidão ao redor de Jesus tentou fazer os dois homens se calarem. Afinal, que direito tinham de se dirigir ao grande Mestre? Mas Jesus teve compaixão deles e os curou. Serviu até mesmo os mendigos.

Este capítulo apresenta preceitos difíceis de entender e de colocar em prática. Quem ama as coisas do mundo não pode amar a Deus completamente. Quem não se sujeitar a sua vontade não é capaz de obedecer a ele sem reservas. Quem busca glória para si ou se comparar com outros não pode glorificá-lo.

É impossível reconhecer Jesus como Rei se não o amarmos acima de tudo, se não obedecermos a ele sem reservas e se não o glorificarmos completamente. Se fizermos tudo isso, compartilharemos de sua vida e alegria e, um dia, reinaremos com ele!

OS JUÍZOS DO REI

MATEUS 21:1 – 22:14

Entramos agora na quarta seção principal do Evangelho de Mateus, “A Rejeição do Rei.” Nesta seção (Mt 21:1 – 22:14), o Senhor Jesus revela os pecados de Israel e explica por que os líderes religiosos o rejeitaram e a sua mensagem.

1. CEGUEIRA ESPIRITUAL (Mt 21:1-11)

Uma vez que era a Páscoa dos judeus, havia provavelmente cerca de dois milhões de pessoas dentro de Jerusalém e nas cercanias da cidade. Essa foi a única ocasião em seu ministério que Jesus planejou e promoveu uma manifestação pública. Até então, advertia as pessoas a não dizer quem ele era e deliberadamente evitava situações do tipo que vemos nesta passagem.

Por que Jesus planejou essa manifestação? Em primeiro lugar, estava obedecendo à Palavra e cumprindo a profecia registrada em Zacarias 9:9. Essa profecia só poderia se aplicar a Jesus Cristo, pois ele é o Único que tem credenciais comprovando sua identidade como Rei de Israel. Não costumamos associar o jumento à realeza, mas era o animal usado pelos monarcas judeus (1 Rs 2:32ss). Na verdade, havia dois animais, a mãe e o filhote. Jesus montou no filhote, e a mãe acompanhou ao lado.

Ao compararmos a citação de Mateus com a profecia original em Zacarias, descobrimos alguns fatos interessantes. A profecia de Zacarias começa com: “Alegra-te muito”, mas Mateus omite essa expressão. Quando Jesus se aproximou da cidade, ele chorou! Como poderia ele (ou o povo) alegrar-se, uma vez que o julgamento estava a caminho?

Mateus também omite “justo e salvador”. A visita de Jesus a Jerusalém foi um ato de misericórdia e de graça, não de justiça e juízo. Ele ofereceu a salvação, mas o povo se recusou a aceitá-la (Jo 1:11). Da próxima vez que Jerusalém vir o Rei, ele chegará cavalcando com grande poder e glória (Ap 19:11ss)!

Esse jumentinho nunca havia sido montado (Mc 11:2), mesmo assim aceitou humildemente carregar seu fardo. Sem dúvida, a presença da mãe ajudou, mas não podemos esquecer que Jesus é o Rei que tem “domínio sobre [...] ovelhas e bois, todos, e também os animais do campo” (Sl 8:6, 7). O fato de Jesus ter montado nesse animal e de tê-lo mantido sob controle é outra evidência de sua realeza.

Essa apresentação pública cumpriu outro propósito: forçou os líderes judeus a agir. Quando viram a manifestação espontânea do povo, concluíram que Jesus deveria ser destruído (ver Jo 12:19). A fim de que as profecias das Escrituras se cumprissem, o Cordeiro de Deus deveria ser crucificado na Páscoa. Essa demonstração da popularidade de Cristo incitou os governantes a tomar uma providência.

O povo aclamou Jesus seu Rei tanto em palavras como em atos. Gritaram *Hosana*, que significa “salve agora!”, e citaram Salmos 118:25, 26, um salmo inequivocamente de caráter messiânico. Mais tarde naquela semana, Jesus faria referência a esse salmo e o aplicaria a si mesmo (Sl 118:22, 23; Mt 21:42).

É importante lembrar que essa multidão da Páscoa era constituída de pelo menos três grupos: os judeus que viviam em Jerusalém, as multidões que vinham da Galiléia e o povo que viu Jesus ressuscitar Lázaro (Jo 12:17, 18). As notícias desse milagre, sem dúvida, ajudaram a atrair uma multidão tão grande. O povo desejava ver com os próprios olhos o homem que fazia milagres.

Mas os judeus não reconheceram Jesus como Rei. O que causou a cegueira espiritual de Israel? Dentre outras coisas, seus líderes religiosos haviam privado o povo da verdade de sua Palavra, colocando em seu

lugar as tradições humanas (Lc 11:52). Os líderes não estavam interessados na verdade, mas apenas em proteger os próprios interesses (Jo 11:47-53). “Não temos rei, senão César!”, era a confissão que faziam cegamente. Nem mesmo os milagres de Jesus os convenceram, e, quanto mais resistiam à verdade, mais cegos se tornavam (Jo 12:35ss).

2. HIPOCRISIA (Mt 21:12-22)

Jesus realizou dois atos de julgamento: purificou o templo e amaldiçoou uma figueira. Ambos foram contrários a sua forma habitual de ministério, pois ele não veio à Terra para julgar, mas para salvar (Jo 3:17). Ambos revelaram a hipocrisia de Israel: o templo era um covil de salteadores, e a nação (simbolizada pela figueira) não produzia frutos. A corrupção interior e a ausência de frutos exteriores eram evidências da hipocrisia do povo.

A purificação do templo (vv. 12-16).

Jesus havia começado seu ministério com um ato semelhante (Jo 2:13-25). Agora, três anos depois, o templo estava sendo profanado novamente pelos “negócios religiosos” dos líderes. Havia transformado o pátio dos gentios num lugar onde judeus vindos de outros lugares poderiam trocar dinheiro e comprar sacrifícios. O que começou como um serviço de conveniência para os visitantes de outras regiões logo se transformou num negócio lucrativo. Os negociantes cobravam valores exorbitantes, e ninguém podia competir com eles nem se opor a eles. De acordo com os historiadores, esses negócios eram administrados por Anás, o antigo sumo sacerdote, e seus filhos.

O pátio dos gentios no templo tinha como propósito oferecer aos “rejeitados” uma oportunidade de entrar no templo e de aprender sobre o verdadeiro Deus de Israel. Mas a presença desse “mercado religioso” levou muitos gentios mais escrupulosos a rejeitar o testemunho de Israel. Em vez de ser usado para trabalhos missionários, o pátio dos gentios estava sendo empregado para negócios mercenários.

Ao chamar o templo de “minha casa”, Jesus estava declarando ser Deus. Ao chamá-lo

de “minha Casa de Oração”, estava citando Isaías 56:7. O capítulo 56 de Isaías é uma denúncia contra os líderes infiéis de Israel. A frase “covil de ladrões” vem de Jeremias 7:11 e é parte de um longo sermão que Jeremias pregou junto aos portões do templo, repreendendo o povo pelos mesmos pecados que Jesus viu e julgou em seus dias.

Por que Jesus chamou o templo de “covil de salteadores”? Porque o covil é o lugar onde os salteadores se escondem. Os líderes religiosos e alguns do povo estavam usando o templo e a religião judaica para encobrir seus pecados.

O que Deus quer em sua casa? Quer oração no meio do povo (1 Tm 2:1ss), pois a verdadeira oração é evidência de nossa dependência de Deus e de nossa fé em sua Palavra. Também deseja que as pessoas sejam ajudadas (Mt 21:14). Os necessitados deveriam sentir-se acolhidos e encontrar a ajuda de que precisavam. Deveria haver poder na casa de Deus, o poder de Deus trabalhando para transformar as pessoas. Outro elemento que deve estar presente na casa de Deus é o *louvor* (Mt 21:15, 16). Aqui, Jesus cita o Salmo 8:2.

A maldição da árvore (vv. 17-22). Pode nos causar certa surpresa ver Jesus amaldiçoando uma árvore. O mesmo poder que matou a árvore também poderia ter lhe dado nova vida e frutos. Por certo, Jesus não responsabilizaria uma árvore moralmente pela ausência de frutos.

É possível entender melhor esse acontecimento quando levamos em consideração o tempo e o local em que ocorreu. Jesus estava próximo de Jerusalém na última semana de seu ministério público ao povo. A figueira simbolizava a nação de Israel (Jr 8:13; Os 9:10, 16; Lc 13:6-9). Assim como a árvore que possuía folhas mas não frutos, também Israel tinha vida religiosa mas não possuía experiência prática de fé que resultasse num viver piedoso. Jesus não se irou com a árvore. Antes a usou para ensinar várias lições a seus discípulos.

Deus deseja produzir frutos na vida de seu povo. O fruto é o produto da vida. A presença de folhas geralmente indica a presença

de frutos, mas esse não era o caso nessa árvore. Na parábola da figueira (Lc 13:6-9), foi concedido ao jardineiro mais tempo para cuidar da árvore; mas agora, o tempo havia se esgotado, e a árvore estava apenas ocupando espaço.

Embora possamos fazer uma aplicação pessoal desse acontecimento, a interpretação principal diz respeito a Israel. O tempo do juízo havia chegado. A sentença foi pronunciada pelo juiz, mas só seria executada mais de quarenta anos depois. Então, Roma viria e destruiria a cidade e o templo, espalhando o povo.

Jesus usou esse acontecimento para ensinar a seus discípulos uma lição prática sobre fé e oração. O templo deveria ser uma "casa de oração", e a nação deveria depositar sua fé no Senhor. Mas esses dois ingredientes essenciais estavam faltando. Nós também devemos estar alertas para os perigos da ausência de frutos.

3. DESOBEDIÊNCIA À PALAVRA (MT 21:23 – 22:14)

Esta série de três parábolas decorre da exigência dos principais sacerdotes e dos anciãos para que Jesus explicasse com que autoridade havia purificado o templo. Uma vez que eram encarregados de zelar pela vida espiritual de Israel, tinham o direito de fazer essa pergunta. No entanto, a ignorância desses líderes é espantosa, pois Jesus havia ministrado durante três anos, e eles continuavam se recusando a encarar os fatos. Depois de tudo o que Jesus havia feito, ainda queriam mais provas.

Ao levá-los de volta para o ministério de João, Jesus não está sendo evasivo. João havia preparado o caminho para Jesus. Se os líderes tivessem aceito o ministério de João, também teriam aceito o ministério de Jesus. Em vez disso, porém, os líderes permitiram que Herodes prendesse João e depois o executasse. Uma vez que não haviam aceito a autoridade de João, também não estavam dispostos a aceitar a autoridade de Jesus, pois ambos haviam sido enviados por Deus.

Há um princípio fundamental da vida cristã segundo o qual não podemos aprender

coisas novas se desobedecermos àquilo que Deus já nos ensinou. "Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo" (Jo 7:17). Os líderes religiosos haviam rejeitado a verdade pregada por João e, portanto, Jesus não poderia lhes ensinar novas verdades. João e Jesus estavam sob a mesma autoridade.

Rejeitaram Deus, o Pai (21:23-32). A vinha, obviamente, refere-se ao povo de Israel (Sl 80:8-16; Is 5). Os dois filhos representam as duas classes de pessoas em Israel: os religiosos hipócritas e os publicanos e pecadores. Quando João ministrou, as multidões religiosas mostraram grande interesse em seu trabalho, mas se recusaram a arrepender-se, humilhar-se e ser batizados (Mt 3:7-12; Jo 1:19-28). Os que não eram religiosos, no entanto, confessaram seus pecados, obedeceram às palavras de João e foram batizados.

Os líderes cometeram dois pecados: não creram na mensagem de João e não se arrependeram de seus pecados. É evidente que os líderes não julgavam necessário se arrepender (Lc 18:9-14). Mas quando viram o efeito do arrependimento na vida dos pecadores e publicanos, deveriam ter se convencido de que a mensagem de João era verdadeira e a salvação era real. Repetidamente, os líderes religiosos rejeitaram as provas inequívocas que Deus lhes deu.

A rejeição a João foi, na verdade, uma rejeição ao Pai que o havia enviado. Em sua bondade, porém, em vez de enviar julgamento, Deus mandou seu Filho, o que nos leva à próxima parábola.

Rejeitaram Deus, o Filho (21:33-46). Sem sair do cenário da vinha, essa parábola toma por base Isaías 5:1-7. Nela, Jesus lembra os judeus da bondade de Deus para com Israel como nação. Deus tirou seu povo do Egito e o conduziu a uma terra rica, abundante em leite e mel. Concedeu a seu povo bênçãos materiais e espirituais e pediu apenas que dessem frutos para a glória do Senhor. De tempos em tempos, Deus enviou seus servos (profetas) ao povo para colher os frutos. Mas o povo maltratou os servos, e até matou alguns deles.

O que restava ao proprietário fazer? Poderia ter enviado seus exércitos para destruí-los, mas, em vez disso, enviou seu filho. Trata-se, evidentemente, de uma referência a Jesus Cristo, o Filho de Deus. Ele é o "herdeiro" (Hb 1:2). Em vez de recebê-lo e honrá-lo, os homens o colocaram para fora da vinha e o mataram. Jesus foi crucificado "fora da porta" (Hb 13:12, 13), rejeitado por sua própria nação.

As pessoas que estavam ouvindo essa parábola envolveram-se de tal modo com a situação dramática que não perceberam que elas mesmas estavam sendo julgadas. Jesus citou Salmos 118:22, 23 para explicar que ele era o Filho e os líderes religiosos eram os lavradores (Mt 21:45). As multidões haviam usado Salmos 118:26, quando receberam Jesus na cidade, de modo que essa passagem ainda devia estar na mente dos líderes.

No Antigo Testamento, Deus é chamado com freqüência de rocha ou de pedra (Dt 32:4, 18, 30, 31; Sl 18:2, 31, 46). A pedra também é um título messiânico. Para Israel, Jesus foi uma pedra de tropeço (Is 8:14, 15; Rm 9:32, 33; 1 Co 1:23). Israel rejeitou o Messias, mas, com sua morte e ressurreição, Jesus criou a Igreja. Para a Igreja, Jesus é a pedra fundamental, a pedra angular (Ef 2:20-22; 1 Pe 2:4, 5). No fim dos tempos, Jesus virá como uma pedra de aflição (Dn 2:34), destruirá os reinos gentios e estabelecerá seu reino glorioso.

Por certo, os líderes judeus conheciam esse significado messiânico das Escrituras citadas por Jesus. Eram os *construtores* que haviam rejeitado a pedra (At 4:11). Quais seriam as conseqüências? Dentre outras coisas, o reino seria tirado de Israel e entregue a outra nação, a Igreja (1 Pe 2:9, ver também o contexto, 1 Pe 2:6-10). Os que atacassem essa pedra seriam "pulverizados"; aqueles a quem Cristo julgar serão esmigalhados.

Rejeitaram o Espírito Santo (22:1-14).

Esta parábola não deve ser confundida com a parábola do banquete (Lc 14:16-24), apesar de ambas apresentarem vários elementos em comum. Mais uma vez, vemos o Pai

e o Filho; apesar do que os lavradores haviam feito, o Filho está vivo e tem uma esposa. Ao que parece, trata-se de um retrato de Jesus e sua Igreja (Ef 5:22, 23). O período descrito nesta parábola deve ser aquele posterior à ressurreição e ascensão de Cristo e à vinda do Espírito Santo.

Mesmo depois do que fizeram com seu Filho, o Pai continua a convidar o povo de Israel. Ao estudar os primeiros sete capítulos de Atos, vemos que a mensagem está sendo proclamada apenas aos judeus (At 2:5, 10, 14, 22, 36; 3:25; 6:7). "Primeiro ao judeu" - esse era o plano de Deus (At 3:26; Rm 1:16). Qual foi a reação dos líderes de Israel ao ministério do Espírito Santo por meio dos apóstolos? Rejeitaram a Palavra e perseguiram a Igreja. Os mesmos governantes que permitiram a execução de João e que pediram a crucificação de Jesus mataram Estêvão com as próprias mãos! Posteriormente, Herodes mandou matar Tiago (At 12:1ss).

De que maneira o rei da parábola reagiu à forma como o povo tratou seu servo? Ficou furioso e enviou seu exército para matar todos e destruir suas cidades. Depois, mandou convidar outras pessoas para a festa. Trata-se de uma representação da maneira de Deus tratar com Israel. Rejeitaram o Pai quando se recusaram a obedecer à pregação de João Batista. Rejeitaram o Filho quando o prenderam e crucificaram. Em sua graça e paciência, Deus enviou outras testemunhas. O Espírito Santo veio aos primeiros cristãos, que testemunharam com grande poder que Jesus estava vivo e que a nação poderia ser salva (At 2:32-36; 3:19-26). Os milagres que fizeram eram prova de que Deus trabalhava neles e por meio deles.

Mas Israel também rejeitou o Espírito Santo! Essa foi a acusação de Estêvão contra a nação: "Vós sempre resistis ao Espírito Santo" (At 7:51). Com o apedrejamento de Estêvão, a paciência de Deus com Israel começou a se esgotar, apesar de ter adiado o julgamento por quase quarenta anos. Em Atos 8, vemos que a mensagem foi levada aos samaritanos, e em Atos 10, verificamos que foi pregada até mesmo aos gentios.

A meu ver, essa rejeição final é a terrível “blasfêmia contra o Espírito Santo” à qual Jesus se refere em Mateus 12:22-32. Foi um pecado nacional cometido por Israel. Quando rejeitaram João, rejeitaram o Pai que o havia enviado, mas havia ainda o ministério do Filho. Quando rejeitaram o Filho, *foram perdoados* por causa de sua ignorância (Lc 22:34; At 3:17). Nenhum pecador *hoje* pode ser perdoado por rejeitar a Cristo, pois é essa rejeição que condena a alma (Jo 3:16-22).

No entanto, ainda restava o ministério do Espírito Santo. O Espírito veio sobre a Igreja em Pentecostes, e os apóstolos realizaram grandes sinais e prodígios (At 2:43; Hb 2:1-4). Os governantes rejeitaram o testemunho do Espírito e, *com isso, fizeram sobrevir o julgamento final*. Haviam rejeitado o Pai, o Filho e o Espírito, e não restavam mais oportunidades.

Esse “pecado contra o Espírito” não pode ser cometido hoje da mesma forma que foi por Israel, pois a situação é diferente. O Espírito de Deus está dando testemunho da pessoa e obra de Jesus Cristo por meio da Palavra. É o Espírito quem convence o

mundo do pecado (Jo 16:7-11). O Espírito pode encontrar resistência nos incrédulos (At 7:51), mas ninguém sabe exatamente qual é o momento crítico (se é que ele existe) em que o Espírito pára de falar a um pecador perdido.

Mateus 22:11-14 dá a impressão de ser apenas um apêndice dessa parábola, mas sua importância é vital. A roupa de casamento foi providenciada pelo anfitrião para que todos estivessem vestidos adequadamente, e para que os pobres não se sentissem deslocados. A salvação é pessoal e individual. Devemos aceitar o que Deus nos dá – a justificação de Cristo – e não tentar confeccionar uma roupa para nós mesmos. Uma vez que essas parábolas possuem, sem dúvida alguma, ênfase *nacional*, a ênfase *pessoal* no final é extremamente importante.

Os líderes do país eram culpados de cegueira espiritual, hipocrisia e desobediência deliberada à Palavra. Em lugar de aceitar a acusação de Jesus e se arrepender, decidiram atacá-lo e discutir com ele. Essa decisão resultou em julgamento. Devemos ter o cuidado de não seguir seu exemplo de desobediência.

A DEFESA DO REI

MATEUS 22:15-46

Na quinta-feira da semana de Páscoa, os inimigos de Jesus tentaram armar uma cilada usando uma série de perguntas capciosas. Ainda estavam ressentidos com a forma de Jesus tê-los tratado em sua série de parábolas. O Mestre havia exposto suas intenções perversas e os advertira de que estavam apenas atraindo julgamento sobre si. Os líderes religiosos ofenderam-se por ter sido humilhados diante da multidão. Assumiram o firme propósito de destruir Jesus, procurando, para isso, levá-lo a dizer algo que servisse como desculpa para prendê-lo.

Mas havia outro motivo para as perguntas, que seus inimigos ignoravam. Jesus estava para morrer como Cordeiro de Deus, e era preciso que o cordeiro fosse examinado antes da Páscoa (Êx 12:3-6). Se algum defeito fosse encontrado, ele não poderia ser sacrificado. Jesus foi examinado publicamente por seus inimigos, e eles não conseguiram encontrar defeito algum.

Por certo, esse diálogo pessoal entre Jesus e os líderes religiosos também serviu como uma oportunidade para que cressem e fossem salvos. De fato, um dos fariseus chegou muito perto do reino (Mc 12:32-34). Até mesmo no último minuto, há esperança para o pecador perdido, caso aceite a verdade, se arrependa e creia.

Essa discussão pública envolve quatro verdades, três delas provenientes dos inimigos e uma de Jesus.

1. UMA PERGUNTA POLÍTICA SOBRE IMPOSTOS (MT 22:15-22)

Fariseus e herodianos eram inimigos, mas nessa ocasião se uniram contra um adversário

em comum. Os fariseus tinham vários motivos para se opor aos impostos cobrados por Roma: (1) não desejavam sujeitar-se a um poder gentio; (2) César era reverenciado como deus; e (3) tinham melhor uso para o dinheiro do que dá-lo a Roma. Uma vez que os herodianos constituíam o partido que apoiava Herodes, eram favoráveis à cobrança de impostos. Afinal, Herodes recebeu sua autoridade de César, e teria sido extremamente difícil permanecer no poder sem o apoio de Roma.

A Palestina era uma nação ocupada, e os judeus não morriam de amores por seus conquistadores. Todo imposto que o povo oprimido era obrigado a pagar servia para lembrar que não eram livres. Os zelotes, uma organização "secreta" de judeus fanáticos, costumavam organizar protestos contra Roma e se opunham a qualquer imposto romano.

É fácil entender por que os fariseus e os herodianos escolheram a questão dos impostos como chamariz para a armadilha. A seu ver, qualquer resposta que Jesus desse criaria problemas para ele e para seu ministério. Caso se opusesse ao imposto, criaria um conflito com Roma. Se o aprovasse, teria problemas com os judeus.

Jesus percebeu imediatamente o ardil do inimigo. Sabia que o verdadeiro objetivo não era obter uma resposta, mas sim colocá-lo em dificuldades. Na verdade, aqueles homens tão zelosos estavam apenas fazendo uma encenação, portanto não passavam de hipócritas. Esse fato, por si só, teria sido motivo suficiente para Jesus se recusar a responder à questão, mas o Mestre sabia que as pessoas a seu redor não entenderiam. Tinha diante de si uma oportunidade de calar os inimigos e, ao mesmo tempo, de ensinar ao povo uma verdade espiritual muito importante.

Cada governante cunhava as próprias moedas e nelas colocava sua imagem. O denário trazia a imagem de César, portanto, pertencia a César. "Dai, pois, a César o que é de César", respondeu Jesus, "e a Deus o que é de Deus." Nessa resposta simples, porém profunda, Jesus ensinou várias verdades.

Os cristãos devem honrar os governantes e lhes obedecer. Trata-se de uma verdade ensinada em outras passagens do Novo Testamento (Rm 13; 1 Pe 2:13-17; 1 Tm 2:1ss). Os cristãos têm uma cidadania dupla, no céu (Fp 3:20) e na Terra. Devemos respeitar nossos governantes (ou líderes eleitos) aqui na Terra, obedecer à lei, pagar nossos impostos e orar por todas as autoridades.

Os cristãos devem honrar a Deus e lhe obedecer. César não era Deus. Os governantes não podem impor a religião (At 5:29) e também não devem restringir a liberdade de culto. Os melhores cidadãos honram seu país porque adoram a Deus.

O homem foi criado à imagem de Deus e deve tudo a seu Criador. A moeda trazia a imagem de César, enquanto o ser humano traz a imagem de Deus (Gn 1:26, 27). O pecado desfigurou essa imagem, mas, por meio de Jesus Cristo, ela pode ser restaurada (Ef 4:24; Cl 3:10).

A relação entre religião e governo é pessoal e individual. É correto o povo de Deus servir no governo (ver os exemplos de Daniel e José), mas é errado o governo controlar a Igreja, ou mesmo a Igreja controlar o governo.

2. UMA PERGUNTA DOUTRINÁRIA SOBRE A RESSURREIÇÃO (MT 22:23-33)

Apesar de fariseus e herodianos terem sido derrotados, os saduceus entraram no campo de batalha para tentar seu ataque. É importante lembrar que esse grupo aceitava apenas a autoridade dos cinco livros de Moisés (o Pentateuco) e não acreditava num mundo espiritual nem na doutrina da ressurreição (At 23:8). Em várias ocasiões, desafiaram os fariseus a provar a doutrina da ressurreição por meio de Moisés, mas os fariseus não conseguiram apresentar argumentos convincentes.

A ilustração hipotética que os saduceus apresentaram foi baseada na lei judaica do "casamento de levirato" descrita em Deuteronômio 25:5-10 (a palavra *levirato* vem do latim *levir*, que significa "o irmão do marido", e não tem relação alguma com a tribo de Levi). Esse costume tinha por objetivo

preservar o nome de um homem que morresse sem deixar herdeiro. Numa nação como Israel, em que a questão da herança familiar era crítica, cada família deveria ter um herdeiro. Era considerado uma desgraça um homem recusar constituir família para o irmão morto.

Os saduceus baseavam sua descrença na ressurreição no fato de que nenhuma mulher poderia ter sete maridos na vida futura. Como muita gente hoje, concebiam a vida futura como uma extensão do presente, porém numa versão melhorada.

Mas Jesus lhes disse que eram ignorantes. Não conheciam as Escrituras tampouco o poder de Deus, portanto, na verdade, não conheciam a Deus. Na próxima vida, não haverá morte, portanto não haverá necessidade de casamento nem de gerar novos seres humanos para substituir os que morrem.

Jesus não disse que seríamos anjos quando fôssemos glorificados no céu. Disse que seríamos "como os anjos", ou seja, assexuados, sem nos casarmos nem nos darmos em casamento. As histórias tolas que ouvimos e sobre as quais lemos nas tirinhas de jornais falando de pessoas que morrem e que se tornam anjos não são bíblicas.

Jesus não se contentou em refutar apenas os conceitos absurdos dos saduceus acerca da vida futura, mas também respondeu à questão da ressurreição e, *para isso, recorreu a Moisés!* Sabia que Moisés era a única autoridade que aceitariam e chamou a atenção deles para Êxodo 3:6, em que Deus disse a Moisés: "Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó". Não disse, "Eu era o Deus de Abraão", pois significaria que Abraão não existia mais. Ao dizer: "Eu sou", o Senhor deixou claro que esses três homens de fé estavam vivos naquele momento. Ao repetir "o Deus de", o Senhor mostrou que os conhecia e que os amava pessoal e individualmente.

É perigoso especular com relação à vida futura. Devemos tomar por base a autoridade da Palavra de Deus, pois somente nela encontramos a verdade sobre o futuro. A Bíblia não revela tudo sobre a vida futura,

mas nos encoraja e nos esclarece. Jesus respondeu aos saduceus insensatos de maneira tão detalhada que os fez calar (Mt 22:34). Até mesmo as multidões se maravilharam com a resposta.

3. UMA PERGUNTA ÉTICA SOBRE A LEI (Mt 22:34-40)

É provável que os fariseus tenham gostado de ver seus inimigos, os saduceus, naquela situação embaraçosa. Um deles mostrou respeito para com Jesus e a resposta que ele havia dado (Mc 12:28) e fez sua própria pergunta: "Mestre, qual é o grande mandamento na Lei?" (Mt 22:36). Tudo indica que ele fez essa pergunta com uma atitude sincera e humilde.

Não se tratava de alguma novidade, pois os escribas vinham debatendo essa questão havia séculos. Registraram 613 mandamentos da Lei, 248 positivos e 365 negativos. Ninguém jamais seria capaz de conhecer e de obedecer a todos eles. Assim, para facilitar, os mestres dividiram os mandamentos em "pesados" (importantes) e "leves" (não importantes), permitindo, então, que as pessoas se concentrassem nos mandamentos mais "pesados" sem se preocupar com os triviais.

A falácia por trás dessa abordagem é evidente: só é preciso quebrar *um mandamento*, pesado ou leve, para se tornar culpado diante de Deus. "Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos" (Tg 2:10).

Jesus cita o *Shema*" (Dt 6:4), uma confissão de fé recitada diariamente por todo judeu ortodoxo (a palavra *Shema* vem do termo hebraico que significa "ouvir", pois a confissão de fé começa com "Ouve, Israel"). O maior mandamento é amar a Deus com todo nosso ser e com tudo o que possuímos - coração, alma, espírito, força, bens, serviço. Amar a Deus não é "ter bons pensamentos sobre ele", pois o verdadeiro amor envolve não apenas o coração, mas também a volição. Onde há amor, haverá serviço e obediência.

Mas o amor a Deus não pode ser desassociado do amor ao próximo, de modo que Jesus também cita Levítico 19:18 e o coloca

no mesmo nível do *Shema*. Toda a Lei e os Profetas baseiam-se nesses dois mandamentos. Podemos dizer, ainda, que os ensinamentos das epístolas no Novo Testamento concordam com essa afirmação. Se um homem ama a Deus de fato, também deve amar a seu irmão e a seu próximo (1 Jo 3:10-18; 4:7-21).

Se cultivarmos um relacionamento correto com Deus, não teremos problemas com seus mandamentos. O amor é a base para a obediência. Na verdade, a Lei como um todo se resume no amor (Rm 13:8-10). Se amarmos a Deus, amaremos nosso próximo; e se amarmos nosso próximo, não faremos nada para prejudicá-lo.

Mas Jesus tem um significado mais profundo a transmitir com essa resposta extraordinária. Os judeus temiam a idolatria e, quando Jesus afirmou ser Deus, opuseram-se a ele, pois não conseguiam acreditar que era correto adorar uma criatura. Jesus recebeu adoração e não reprovou os que o reverenciaram. Acaso foi idolatria? Não, pois ele é Deus! Se a Lei ordena amar a Deus e ao próximo, então não era errado os judeus amarem Jesus. Em vez disso, porém, estavam planejando matá-lo. Jesus já lhes havia dito: "Se Deus fosse, de fato, vosso pai, certamente, me havíeis de amar" (Jo 8:42). Aceitaram a autoridade da Lei, mas se recusaram a obedecer a ela em sua vida.

O escriba que havia feito a pergunta a Jesus parecia ser um homem sincero e honesto. Nem todos os fariseus eram hipócritas, e ele concordou publicamente com Jesus (Mc 12:32, 33). Sua reação deve ter assustado seus colegas fariseus. Jesus discerniu que o coração daquele homem era sincero e o elogiou por sua inteligência e honestidade. Será que esse homem conseguiu entrar no reino, uma vez que chegou tão perto? Esperamos que sim.

Jesus havia acabado de responder a três perguntas extremamente difíceis. Havia falado da relação entre religião e governo, entre esta vida e a próxima e entre Deus e o próximo. Trata-se de uma série de relacionamentos fundamentais, e não podemos ignorar os ensinamentos de nosso Senhor a

esse respeito. Mas a pergunta que Jesus faz a seus inimigos é ainda mais fundamental.

4. UMA PERGUNTA PESSOAL SOBRE O MESSIAS (MT 22:41-46)

Jesus não formulou essa pergunta da mesma forma como havia feito a seus discípulos: "E quem dizeis vós que eu sou?" (Mt 16:15). Os homens que estavam discutindo com Jesus não entendiam sua causa nem estavam dispostos a avaliar com honestidade as credenciais que ele lhes oferecia. Cristo teve de usar uma abordagem indireta com seus inimigos. Apesar de parecer uma questão teológica, na realidade tratava-se da questão *pessoal* mais crítica de todas.

"De quem o Messias é Filho?", perguntou. Como mestres instruídos na Lei, sabiam a resposta: "É filho de Davi". Se necessário, poderiam ter feito referência a várias passagens do Antigo Testamento, inclusive 2 Samuel 7:12, 13, Salmos 78:68-72 e Miquéias 5:2. Depois dessa resposta, Jesus propõe outra questão, dessa vez citando Salmos 110:1 - "Disse o Senhor [Jeová] ao meu Senhor [do hebraico 'Adonai']: 'Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés.'"

Todo estudioso judeu ortodoxo interpretava essa passagem como uma referência ao Messias. Somente o Messias poderia assentar-se à direita do Deus Jeová. Jesus acreditava na inspiração e exatidão das Escrituras do Antigo Testamento, pois afirmou que Davi havia proferido tais palavras "pelo Espírito" (Mt 22:43). Ninguém se atreveu a questionar a exatidão ou a autoridade do texto.

"Se o Messias é Filho de Davi", perguntou Jesus, "então como o Messias também pode ser chamado de Senhor de Davi?" Há apenas uma resposta para esta questão. Como Deus, o Messias é o Senhor de Davi; mas como homem, ele é o Filho de Davi. Ele é a "Raiz e a Geração de Davi" (Ap 22:16). Salmos 110:1 mostra a divindade e a humanidade do Messias. Ele é Senhor de Davi e também Filho de Davi.

Enquanto ministrava aqui na Terra, Jesus aceitou, com frequência, o título messiânico "Filho de Davi" (ver Mt 9:27; 12:23; 15:22;

20:30, 31; 21:9, 15). Os líderes ouviram as multidões o proclamarem como "Filho de Davi" quando entrou em Jerusalém. O fato de ter aceito esse título é evidência de que Jesus sabia que era o próprio Messias, o Filho de Deus. Como Deus, era Senhor de Davi, mas como homem, era Filho de Davi, pois nasceu na família de Davi (Mt 1:1, 20).

Os estudiosos daquele tempo mostravam-se confusos com relação ao Messias. Viam duas representações do Messias no Antigo Testamento e não conseguiam conciliá-las. Uma mostrava um Servo Sofredor, a outra um Rei Conquistador. Haveria dois Messias? Como seria possível ao servo de Deus sofrer e morrer? (ver 1 Pe 1:10-12).

Se tivessem prestado atenção nas palavras de Jesus, teriam aprendido que havia apenas um Messias, mas que este seria tanto humano quanto divino. Sofreria e morreria como sacrifício pelos pecados. Em seguida, ressuscitaria dos mortos triunfante e, um dia, voltaria para derrotar seus inimigos. No entanto, esses líderes religiosos tinham suas próprias idéias e não estavam dispostos a mudá-las. Se houvessem aceitado esse ensinamento, também seriam obrigados a aceitar Jesus como o Messias, algo que não desejavam fazer.

O resultado desse dia de conversações foi o silêncio por parte dos inimigos. Não se atreveram a perguntar mais nada a Jesus, não porque creram na verdade, mas porque tiveram medo de encará-la. "Dali por diante, não ousaram mais interrogá-lo" (Lc 20:40). Também não tiveram coragem de encarar a verdade e de agir em função dela.

Tomar uma decisão sobre Jesus Cristo é uma questão de vida ou morte. As evidências estão à disposição para serem examinadas por todos. Podemos sondá-las defensivamente e deixar escapar a verdade, ou podemos analisá-las com honestidade e humildade e descobrir a verdade, crer e receber a salvação. Os líderes religiosos estavam tão cegos pela tradição, posição social, orgulho e egoísmo que não conseguiam - e não *queriam* - ver a verdade e aceitá-la.

Não devemos, de maneira alguma, cometer o mesmo erro hoje.

A ACUSAÇÃO DO REI

MATEUS 23

Trata-se da última mensagem pública de Jesus - uma acusação severa sobre a falsa religião ostentada como verdade. Por certo, alguns do povo se espantaram com essas palavras, pois consideravam os fariseus exemplos de retidão.

Convém lembrar que nem todos os fariseus eram hipócritas. Havia cerca de seis mil fariseus naquele tempo, sendo que muitos eram apenas "seguidores", não membros ativos do grupo. A maioria dos fariseus era constituída de negociantes de classe média, sem dúvida pessoas sinceras em busca da verdade e da santidade. O nome "fariseu" vem de um termo que significa "separar". Os fariseus eram separados dos gentios, dos judeus "impuros" que não praticavam a Lei ("publicanos e pecadores", Lc 15:1, 2) e de qualquer um que se opusesse às tradições que regiam sua vida.

Dentre os fariseus, havia um pequeno grupo que buscava a verdadeira religião espiritual. Eram indivíduos como Nicodemos (Jo 3; 7:50-53), José de Arimatéia (Jo 19:38ss) e o outro homem anônimo mencionado em Marcos 12:32-34. Até mesmo Gamaliel demonstrou certa tolerância com relação à igreja recém-formada (At 5:34ss). Em sua maior parte, porém, os fariseus usavam a religião para se promover e obter benefícios materiais. Não é de se admirar que Jesus tenha condenado suas práticas. Sua mensagem pode ser dividida em três partes.

1. A EXPLICAÇÃO PARA A MULTIDÃO (MT 23:1-12)

Nesta seção, Jesus explica as falhas básicas da religião farisaica.

Tinham um falso conceito de justiça (vv. 2, 3). Em primeiro lugar, haviam tomado sobre si uma autoridade que não lhes era devida, como fica evidente na declaração: "Na cadeira de Moisés, se assentaram os escribas e fariseus". Não há registro nas Escrituras de que Deus tenha dado qualquer autoridade a esse grupo. Sendo assim, o povo deveria obedecer ao que os fariseus ensinavam *pela Palavra*, mas não cabia ao povo obedecer às tradições e regras criadas pelos fariseus.

Para os fariseus, a justiça significava a conformidade exterior com a Lei de Deus, ignorando a condição interior do coração. A religião consistia em obedecer a inúmeras regras que regiam todos os aspectos da vida, inclusive o que faziam com os temperos (Mt 23:23, 24). Os fariseus eram extremamente zelosos em dizer as palavras certas e em seguir os rituais corretos, mas não obedeciam à lei *interiormente*. Deus desejava a verdade no coração (Sl 51:6). Pregar uma coisa e praticar outra não passa de hipocrisia.

Tinham um falso conceito de ministério (v. 4). Para eles, o ministério significava dar leis ao povo e acrescentar ainda mais peso a seus fardos. Em outras palavras, os fariseus eram mais severos com os outros do que com eles mesmos. Jesus veio para aliviar o fardo (Mt 11:28-30), mas uma religião legalista procura sempre tornar o fardo ainda mais pesado. Jesus nunca pediu para fazermos algo que ele próprio já não tenha feito. Os fariseus ordenavam, mas não participavam. Eram ditadores religiosos hipócritas, não líderes espirituais.

Tinham um falso conceito de grandeza (vv. 5-12). Para eles, sucesso significava reconhecimento e louvores dos homens. Não estavam preocupados com a aprovação de Deus. Usavam a religião para atrair a atenção para si mesmos, não para glorificar a Deus (Mt 5:16). Assim, lançavam mão até de ornamentos religiosos para demonstrar piedade. Os "filactérios" eram pequenas caixas de couro em que os fariseus guardavam as Escrituras. Usavam essas caixinhas amarradas na testa e no braço, em obediência literal a Deuteronômio 6:8 e 11:8. Além

disso, aumentavam o tamanho das “franjas” das orlas de suas vestes (Nm 15:38; ver Mt 9:20).

Os fariseus também pensavam que o *status social* era sinal de grandeza, de modo que buscavam os melhores lugares na sinagoga e nos jantares públicos. O lugar onde um homem se assenta não mostra, verdadeiramente, quem ele é. Albert Einstein escreveu: “Procure não se tornar um homem de sucesso, mas sim um homem de valor”.

Acreditavam, ainda, que os títulos de honra eram sinais de grandeza. O título “rabino” significa “meu magnífico” e era cobijado pelos líderes religiosos (hoje em dia, os líderes religiosos cobijam títulos de doutor honorífico). Jesus proibiu seus discípulos de usar o título *rabino*, pois todos eram irmãos, somente Jesus era seu Mestre (Mt 23:8). Os filhos de Deus encontram-se numa situação de equidade sob a liderança de Jesus Cristo.

Jesus também os proibiu de usar o título de *pai* com referência às coisas espirituais. Certamente, não é errado usar essa designação para o genitor biológico, mas não convém empregá-la a um líder espiritual. Paulo referia-se a si mesmo como “pai espiritual”, pois havia “gerado” cristãos por meio do evangelho (1 Co 4:15). No entanto, não pediu que esses cristãos o chamassem por esse nome.

Um terceiro título proibido é *guia* (Mt 23:10), que significa “instrutor, líder”. Não se trata do mesmo termo traduzido por *mestre* em Mateus 23:8. Talvez um equivalente moderno mais apropriado seja “autoridade”. Deus coloca líderes espirituais na igreja, mas estes não devem tomar o lugar do Senhor em nossa vida. Um verdadeiro líder espiritual conduz as pessoas à liberdade e a um relacionamento mais próximo com Cristo, não à escravidão de suas próprias idéias e crenças.

A verdadeira grandeza encontra-se em servir aos outros, não em forçar os outros a nos servir (Jo 3:30; 13:12-17). A verdadeira grandeza não pode ser criada; antes, provém de Deus, à medida que lhe obedecemos. Se nos exaltarmos, Deus nos humilhará,

mas se nos humilharmos, no tempo certo, Deus nos exaltará (1 Pe 5:6).

2. A CONDENAÇÃO AOS FARISEUS (MT 23:13-36)

Não devemos ler esta série de acusações com a idéia de que Jesus perdeu a calma e se enfureceu. Sem dúvida, estava irado com os pecados dos fariseus e com o efeito desses pecados sobre o povo. No entanto, sua atitude é de profunda tristeza ao perceber que os fariseus não enxergavam a verdade de Deus nem os próprios pecados.

Talvez a melhor forma de tratar esses oito “ais” seja contrastá-los com as oito bem-aventuranças encontradas em Mateus 5:1-12. No Sermão do Monte, Jesus descreveu a verdadeira retidão, enquanto aqui descreve a falsa retidão.

Aqueles que entram no reino – aqueles que fecham as portas do reino (v. 13; 5:3). O pobre de espírito entra no reino, mas o orgulhoso de espírito fica do lado de fora e ainda impede outros de entrarem. O verbo grego indica pessoas que tentam entrar, mas não conseguem. Como se não bastasse ficar de fora do reino, essas pessoas ainda ficam no caminho dos que desejam entrar. Ao ensinar tradições humanas em lugar da verdade divina, tiram do povo a chave do conhecimento (“tomastes a chave da ciência”, Lc 11:52) e fecham a porta da salvação.

Os que choram são consolados – os que destroem são condenados (v. 14; 5:4). Apesar de esse versículo não aparecer em alguns manuscritos de Mateus, pode ser encontrado em Marcos 12:40 e Lucas 20:47. Em vez de chorar por seus pecados e de lamentar pelas necessidades das viúvas, os fariseus se aproveitavam das pessoas e as roubavam. Usavam a religião com “intuitos gananciosos” (1 Ts 2:5).

O humilde herda a terra – o orgulhoso, o inferno (v. 15; 5:5). Um prosélito é alguém que se converte a uma causa. Os fariseus saíam em busca de novos membros para seu sistema legalista, mas não conseguiam apresentar essas pessoas ao Deus vivo. Em vez de salvar as almas, os fariseus as condenavam!

Um “filho do inferno” é o equivalente a “um filho do demônio”, e era essa a designação que Jesus usava para os fariseus (Mt 12:34; 23:33; Jo 8:44). Um “filho do demônio” é uma pessoa que rejeitou a salvação de Deus (a justificação por meio da fé em Cristo). Essa pessoa alardeia a própria retidão por meio do sistema religioso do qual participa, seja ele qual for. O convertido geralmente mostra mais zelo do que o líder, e essa “dupla devoção” produz apenas dupla condenação. Como é triste as pessoas pensarem que estão indo para o céu quando, na verdade, estão indo para o inferno!

Fome de justiça – ganância de bens (vv. 16-22; 5:6). “Guias cegos” é uma descrição perfeita e que deve ter feito os ouvintes sorrirem. Jesus já havia usado essa expressão anteriormente (Mt 15:14). Os fariseus estavam cegos para os verdadeiros valores da vida. Suas prioridades não estavam em ordem: juravam em nome de algum objeto sagrado, como o ouro do templo, por exemplo, ou a oferta do altar. Mas não juravam pelo templo ou pelo altar em si, uma vez que era o templo que santificava o ouro, e o altar que santificava a oferta. Estavam deixando Deus de fora de suas prioridades.

Jesus sabia que os fariseus desejavam tanto o ouro quanto a oferta do altar. Por isso, praticavam o “Corbã”, pois qualquer coisa consagrada a Deus não poderia ser usada para outros (Mt 15:1-9; Mc 7:10-13). Não buscavam a justiça de Deus; só desejavam conquistar benefícios para si mesmos. Criaram um “sistema religioso” que lhes permitia roubar a Deus e aos outros e, ainda assim, manter uma boa reputação.

Obter a misericórdia – rejeitar a misericórdia (vv. 23, 24; 5:7). A especialidade dos fariseus era se preocupar com coisas secundárias. Ao mesmo tempo que tinham regras para todos os aspectos da vida, deixavam passar as coisas mais importantes. Os legalistas costumam ser assim: atentos para os detalhes, mas cegos para os grandes princípios. Não se incomodaram de condenar um homem inocente, mas se recusaram a entrar no palácio de Pilatos, a fim de não se contaminar (Jo 18:28).

Não há dúvida de que a Lei do Antigo Testamento exigia o pagamento do dízimo (Lv 27:30; Dt 14:22ss). Abraão havia praticado o dízimo muito antes de a Lei ser dada (Gn 14:20), e Jacó seguiu o exemplo do avô (Gn 28:20-22). Os princípios da oferta cristã no contexto da graça são apresentados em 2 Coríntios 8 e 9. Não nos contentamos em dar apenas o dízimo (10%), mas também desejamos trazer ofertas ao Senhor com nosso coração cheio de amor.

Justiça, misericórdia e fidelidade são qualidades importantes que Deus procura e que não podem ser substituídas pela obediência a regras. Apesar de ser importante prestar atenção aos detalhes, nunca devemos perder nosso senso de prioridade quanto às questões espirituais. Jesus não condenou a prática do dízimo, mas sim aqueles que deixaram que seus escrúpulos legalistas os impedissem de desenvolver o verdadeiro caráter cristão.

Coração puro – coração corrupto (vv. 25-28; 5:8). Jesus usa duas ilustrações: o copo e o prato e o sepulcro. Ambas mostram a mesma verdade: é possível estar limpo por fora e, ao mesmo tempo, contaminado por dentro. Imagine usar pratos e copos sujos! Tudo o que for colocado no prato ou no copo também ficará sujo. Os fariseus tomavam o cuidado de se manter limpos exteriormente, pois era sua parte visível aos homens. No entanto, Deus vê o coração (1 Sm 16:7); e, quando olhou para dentro deles, viu apenas “rapina e intemperança” (Mt 23:25).

O povo judeu cuidava para não tocar cadáveres ou qualquer coisa relacionada com a morte, pois isso os tornava cerimonialmente impuros (Nm 19:11ss). Especialmente na época da Páscoa, passavam cal na parte de fora dos túmulos para que ninguém se contaminasse acidentalmente. Trata-se de uma representação vívida dos hipócritas: brancos por fora, mas cheios de corrupção e de morte por dentro!

“Bem-aventurados os limpos de coração”, é a promessa de Jesus. “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida”

(Pv 4:23). D. L. Moody costumava dizer: “Se eu cuidar de meu caráter, minha reputação cuidará de si mesma”. Os fariseus viviam em função da reputação, não do caráter.

Pacificadores e perseguidos são filhos de Deus – perseguidores são filhos do diabo (vv. 29-33; 5:9-12). Ao chamar os fariseus de “Serpentes, raça de víboras”, Jesus os identifica com Satanás, a serpente (Gn 3:1ss). Em sua parábola do joio, deixa claro que *Satanás tem uma família* (Mt 13:38). Satanás é homicida e mentiroso (Jo 8:44), e seus filhos seguem seu exemplo. Os fariseus eram mentirosos (Mt 23:30) e homicidas (Mt 23:34).

Fazia parte da tradição farisaica construir, fazer melhorias e acrescentar adornos aos túmulos dos mártires. Mas foram os “pais deles” quem mataram os mártires! Não seus pais biológicos, é claro, mas seus “pais espirituais” – os hipócritas de outrora.

Sempre existiram servos falsos de Deus no mundo, começando com Caim (Gn 4:1-15; 1 Jo 3:10-15). Os fariseus e outros de seu tipo são culpados de todo o sangue justo derramado em nome da “religião”. O primeiro mártir registrado no Antigo Testamento foi Abel (Gn 4), e o último, o profeta Zacarias (2 Cr 24:20-22 – a Bíblia hebraica termina com 2 Crônicas, não com Malaquias).

Qual será o resultado dessa longa história de assassinatos? Julgamento terrível! “Esta geração” (a “raça de víboras”, Mt 23:33) provaria o gosto da ira de Deus quando o cálice da iniquidade estivesse cheio (Gn 15:16; Mt 23:32). Alguns destes julgamentos vieram quando Jerusalém foi destruída, e o restante do cálice será distribuído na eternidade.

Ao recapitular esses *ais* trágicos proferidos por Jesus, entendemos por que os fariseus eram seus inimigos. Jesus enfatizava o ser interior, enquanto eles se preocupavam apenas com o exterior. O Senhor ensinava o desenvolvimento de uma vida espiritual com base em princípios, enquanto eles se concentravam em regras e normas. Jesus media a espiritualidade em termos de caráter, enquanto os fariseus a mediam em termos de atividades religiosas e de obediência a

leis exteriores. Jesus ensinava a humildade e o serviço sacrificial, mas os fariseus eram orgulhosos e usavam o povo para cumprir seus propósitos. A vida santa de Jesus expôs a piedade artificial e a religião superficial deles. Em vez de saírem das trevas, os fariseus tentaram destruir a luz e fracassaram.

3. LAMENTAÇÃO SOBRE JERUSALÉM (MT 23:37-39)

Jesus proferiu essas palavras de lamentação como uma expressão sincera de seu amor por Jerusalém e de sua tristeza diante de tantas oportunidades de salvação que o povo havia desperdiçado. “Jerusalém” refere-se a toda a nação de Israel. Os líderes do país eram culpados de uma série de crimes contra os mensageiros de Deus e até mesmo da morte de alguns deles. Mas, em sua graça, Jesus veio para reunir o povo e salvá-los.

A declaração: “Quis eu [...] e vós não o quisestes” resume a tragédia da rejeição final à verdade. Não se trata de uma discussão sobre a soberania divina e a responsabilidade humana, pois ambas estão presentes. Deus não poderia impor a salvação a seu povo, tampouco mudar as conseqüências de sua rejeição obstinada. “Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida” (Jo 5:40).

A imagem da mãe pássaro ajuntando os pintinhos sob suas asas é bastante familiar. Moisés usou-a em seu sermão de despedida (Dt 32:11). É uma imagem de amor, de cuidado terno e de disposição de morrer para proteger a outros. Jesus morreu pelos pecados do mundo, inclusive os de Israel, “Mas os seus não o receberam” (Jo 1:11).

“Vossa casa” provavelmente significa tanto o templo quanto a cidade, e ambos seriam destruídos em 70 d.C. na invasão do exército romano. O templo, chamado de “minha casa” em Mateus 21:13, havia sido abandonado e deixado vazio. Jesus deixou o templo e a cidade e foi para o monte das Oliveiras (Mt 24:1-3).

No entanto, Jesus deixou sua nação com uma promessa: um dia voltaria, Israel o veria e diria: “Bendito o que vem em nome do Senhor!” Trata-se de uma citação do Salmo 118:26, o grande salmo messiânico citado

tantas vezes em sua última semana de ministério. As multidões haviam usado essas mesmas palavras no Domingo de Ramos (Mt 21:9).

Quando essa profecia se cumprirá? No fim dos tempos, quando Jesus Cristo voltar à Terra para livrar Israel e derrotar seus inimigos (Zc 12; Rm 11:25-27). O fato de Israel ter rejeitado o Rei não seria um empecilho para os grandes planos da redenção divina. Em lugar de estabelecer seu glorioso reino na Terra, Jesus constituiria sua Igreja (Mt 16:18; Ef 2:11-22). Quando esse trabalho estiver terminado, ele voltará e levará a Igreja para o céu (1 Ts 4:13-18). Em seguida, haverá um período de julgamento na Terra ("o Dia do Senhor", "tempo de angústia para Jacó"), ao final do qual Jesus voltará para livrar Israel.

Não podemos ler essa acusação tão severa sem nos admirar com a paciência e a bondade do Senhor. Nenhuma nação foi tão abençoada quanto Israel, no entanto, nenhuma nação pecou contra a bondade de Deus tanto quanto os israelitas. Foram o canal das bênçãos de Deus para o mundo, "porque a salvação vem dos judeus" (Jo 4:22). Mesmo assim, ao longo dos séculos, o povo de Israel tem passado por grandes tribulações.

Jesus nasceu judeu e amou sua nação. Nós, gentios, devemos agradecer a Deus pelos judeus, pois eles nos deram testemunho do Deus verdadeiro; também deles provém a Bíblia e Jesus Cristo, o Salvador. Como Jesus, devemos amar os judeus, procurar ganhá-los, orar pela paz de Jerusalém e encorajá-los de todas as formas possíveis.

A VOLTA DO REI – PARTE 1

MATEUS 24:1-44

O sermão no monte das Oliveiras nasceu de perguntas dos discípulos, quando Jesus lhes disse que, um dia, o templo seria destruído. Primeiro, quiseram saber *quando*. A resposta a essa pergunta não se encontra registrada em Mateus, mas em Lucas 21:20-24. Segundo, perguntaram sobre os sinais da volta de Cristo. Essa resposta encontra-se em Mateus 24:29-44. Sua última pergunta foi sobre os sinais do fim dos tempos. A resposta de Cristo está em Mateus 24:4-8.

Devemos ter em mente que esse discurso foi feito num contexto *judaico*. Jesus falou sobre a Judéia (Mt 24:16), o sábado (Mt 24:20) e as profecias de Daniel quanto ao povo judeu (Mt 24:15). A verdade completa sobre o arrebatamento da Igreja (1 Co 15:51ss; 1 Ts 4:13-18) ainda não havia sido revelada, pois era um mistério (Ef 3:1-12).

Mateus 24:1-44 dá a entender que Jesus está discutindo acontecimentos que ocorrerão na Terra durante o tempo da tribulação (ver Mt 24:8, em que o “princípio das dores [de parto]” simboliza a Tribulação; ver também Mt 24:21, 29). Depois que a Igreja for arrebatada do mundo, haverá um período de “paz e segurança” (1 Ts 5:1-4), seguido de um período de sofrimento terrível que, de acordo com vários estudiosos da Bíblia, durará sete anos (Dn 9:24-27). É esse período de “Tribulação” que Jesus descreve no Sermão do Monte das Oliveiras. Ao final desse tempo, Cristo voltará à Terra, derrotará seus inimigos e estabelecerá o reino prometido.

Na seção a seguir, Jesus explica três momentos diferentes da Tribulação.

1. O COMEÇO DA TRIBULAÇÃO (MT 24:4-14)

Os acontecimentos descritos nesta seção são “o princípio das dores” (Mt 24:8). A imagem da mulher em dores de parto é uma representação do período de Tribulação (Is 13:6-11; 1 Ts 5:5). Vejamos alguns dos acontecimentos mais importantes que ocorrerão no início desse tempo.

Ilusão religiosa (vv. 4, 5). Em várias ocasiões, os judeus já foram desviados do caminho da verdade por falsos profetas e falsos cristos. O cavaleiro no cavalo branco em Apocalipse 6:1, 2 é o anticristo, o último ditador mundial que conduzirá as nações à perdição. Começará sua carreira como um pacificador, assinando uma aliança com Israel para protegê-lo de seus inimigos (Dn 9:27). Israel o aceitará como seu grande benfeitor (Jo 5:43).

Guerras (v. 6). Convém observar que as guerras não são um sinal do fim. Sempre houve guerras no mundo, e continuará havendo até o final. As guerras, por si mesmas, não anunciam o fim dos tempos nem a vinda do Senhor.

Fome (v. 7a). Guerra e fome geralmente andam juntas. Apocalipse 6:6 dá a entender que os preços dos alimentos básicos serão absurdamente altos, pois um denário era o pagamento de um dia de trabalho.

Morte (vv. 7b, 8). Terremotos também contribuem para a escassez de alimentos, e ambos servem para espalhar epidemias que causam inúmeras mortes.

Mártires (v. 9). Os cristãos sempre foram odiados pelo mundo, mas aqui vemos a intensificação de perseguições e de execuções envolvendo nações de todo o mundo. Com certeza, não foi o que aconteceu na história da Igreja primitiva.

Caos mundial (vv. 10-13). Os que antes eram fiéis uns aos outros agora se trairão. Sugere-se, com isso, que casamentos, famílias e nações serão destruídos pela deslealdade. Não haverá mais leis (Mt 24:12), pois nem mesmo as autoridades encarregadas de fazer cumprir as leis conseguirão manter a paz.

Mateus 24:13 não tem relação alguma com a salvação pessoal nesta era da graça

em que vivemos. “Até o fim” não significa até o fim da vida, mas sim até o fim dos tempos (Mt 24:14). Os que crerem durante esse período terrível e que perseverarem em sua fé serão salvos, quando o Senhor vier no fim dos tempos e livrá-los.

Pregação mundial (v. 14). De acordo com Apocalipse 7:1-8, Deus separará e colocará seu selo sobre 144 mil judeus evangelistas, os quais levarão a mensagem do reino a todos os cantos da Terra. Esse versículo não ensina que Jesus só voltará para buscar sua Igreja depois que o evangelho da graça de Deus tiver sido levado a todas as nações. Trata-se de uma declaração com respeito à volta de Cristo *no fim dos tempos*.

2. O MEIO DA TRIBULAÇÃO (MT 24:15-22)

O ponto central do período de tribulação é o mais importante, pois nessa ocasião se dará o acontecimento profetizado séculos atrás por Daniel (Dn 9:24-27). É importante observar que essa profecia refere-se somente aos judeus e à cidade de Jerusalém (“teu povo e [...] a tua santa cidade”, Dn 9:24). Aplicá-la à Igreja ou a qualquer outra pessoa é interpretar indevidamente a Palavra de Deus.

A profecia fala de setenta semanas, e a palavra hebraica para “semana” significa “uma semana de anos”, ou seja, sete anos. Setenta semanas, portanto, equivalem a quatrocentos e noventa anos, e esse período é dividido em três partes:

(1) Durante 7 semanas (49 anos), a cidade de Jerusalém seria reconstruída e a adoração reinstituída.

(2) Depois de 63 semanas (434 anos), o Messias viria a Jerusalém e morreria pelos pecados do mundo.

(3) O príncipe fará um acordo com os judeus por uma semana (7 anos), comprometendo-se a protegê-los de seus inimigos.

A reconstrução de Jerusalém foi decretada em 445 a.C. por Ciro (2 Cr 36:22, 23; Ed 1). A cidade foi reconstruída em tempos conturbados. Em sua obra clássica *The Coming Prince [O Príncipe Vindouro]* (Kregel, 1975), Sir Robert Anderson mostrou que se

passaram exatamente 482 anos proféticos (de 360 dias cada) entre a publicação do decreto e o dia em que Jesus entrou em Jerusalém como Rei.

Mas devemos justificar a “semana” de sete anos que sobrou. Onde se encaixa? É importante observar que a mesma cidade que foi reconstruída será destruída pelo “povo de um príncipe que há de vir” (Dn 9:26), ou seja, os romanos (“príncipe que há de vir” é um nome para o anticristo). Esse acontecimento deu-se em 70 d.C, mas a nação de Israel seria poupada e a cidade restaurada. Numa data futura, o príncipe que há de vir (anticristo) fará uma aliança com os judeus *por sete anos*. É nesse ponto que se encaixa a semana que sobrou. Ele concordará em proteger Israel de seus inimigos e permitirá que reconstruam seu templo (Dn 9:27 fala sobre a restauração dos sacrifícios, uma prática que requer a existência do templo).

O lugar mais lógico para esse período de sete anos é depois do arrebatamento da Igreja. “O tempo de angústia de Jacó”, o período da Tribulação, será de sete anos. 2 Ts 2:1-12 indica que o anticristo não poderá ser revelado até que se remova “aquele que agora o detém”, ou seja, o Espírito Santo na Igreja. Uma vez que a Igreja for retirada do mundo, então Satanás poderá produzir sua obra-prima, o anticristo.

Ele fará um acordo por sete anos, mas, depois de três anos e meio (“na metade da semana”), romperá o acordo, se mudará para o templo dos judeus e se proclamará Deus (2 Ts 2:3, 4; Ap 13).

O anticristo colocará no templo uma estátua de si mesmo e de seu colaborador (o falso profeta, Ap 20:10) e fará a Terra toda o adorar. Satanás sempre quis a adoração do mundo, e no meio da Tribulação começará a recebê-la (Mt 4:8-11). Jesus chama essa estátua de “abominável da desolação” (Dn 9:27; Mt 24:15).

Encontramos um parêntese interessante no final de Mateus 24:15 – “quem lê entenda”. Trata-se de uma expressão indicando que os ensinamentos de Jesus serão extremamente importantes para aqueles que

lerem o Evangelho de Mateus em tempos vindouros. Ao ler os escritos do profeta Daniel e as palavras de Jesus, esses crentes entenderão os acontecimentos descritos e saberão o que fazer. Essa é outra evidência de que as palavras do monte das Oliveiras aplicam-se às pessoas do período da Tribulação.

Estudiosos das profecias especulam sobre o que levará o anticristo a romper sua aliança com os judeus depois de três anos e meio. Alguém sugeriu que, nessa ocasião, Israel será invadida pela Rússia, conforme a profecia em Ezequiel 38 e 39. Sem dúvida, Israel se verá numa situação confortável e se sentirá seguro, contando com a proteção do anticristo (Ez 38:11). Nesse tempo, ele será o líder de uma coligação de dez países: "Os Estados Unidos da Europa" (Ap 17:12, 13). A União Soviética será totalmente derrotada, não por Israel, mas pelo Deus Todo-Poderoso. Quando o anticristo perceber a derrota da União Soviética, sua grande inimiga, vai se aproveitar dessa oportunidade e se mudar para Israel, rompendo a aliança e invadindo o templo.

Os leitores dessa profecia, nos últimos dias, saberão o que fazer: fugir da Judéia! Encontramos aqui instruções semelhantes àquelas dadas em Lucas 21:20ss, mas que se referem a um período diferente. As instruções de Lucas aplicam-se ao cerco de Jerusalém em 70 d.C., e o "sinal" é o ajuntamento dos exércitos ao redor da cidade. As instruções de Mateus aplicam-se aos crentes judeus em meio à Tribulação, e o "sinal" é a profanação do templo pela estátua do anticristo. Aqueles que confundiram esses dois "sinais" concluíram que Jesus Cristo voltou em 70 d.C!

O parágrafo inteiro diz respeito apenas aos judeus, pois nenhum cristão se preocuparia com a lei do sábado. Esse acontecimento conduz à "grande tribulação", a última metade da sétima semana de Daniel, quando Deus lançará seu julgamento sobre a Terra. Durante a primeira metade (três anos e meio) da Tribulação, os julgamentos serão naturais: guerras, fome, terremotos etc. Na última metade, porém, serão sobrenaturais e devastadores.

Durante esse período, Deus cuidará de seus "escolhidos" (Mt 24:22), uma referência aos judeus e gentios que creram e se converteram. Esses escolhidos não são os membros da Igreja, uma vez que esta terá sido arrebatada pelo menos três anos e meio antes.

3. O FIM DA TRIBULAÇÃO (MT 24:23-44)

A situação mundial será tão terrível que as pessoas se perguntarão se haverá alívio, uma dúvida que dará aos falsos cristos a oportunidade de enganar a muitos. Satanás é capaz de realizar "prodígios da mentira" (2 Ts 2:9-12; Ap 13:13, 14). O fato de os líderes religiosos realizarem milagres não é garantia de que tenham sido enviados por Deus. Muitos judeus serão iludidos, pois "os judeus pedem sinais" (1 Co 1:22). Jesus realizou sinais verdadeiros em nome do Pai, e a nação o rejeitou (Jo 12:37ss). No entanto, o povo aceitará os milagres de Satanás.

Mateus 24:27 mostra que a volta de Cristo será repentina, como um relâmpago. O acontecimento que precede seu retorno é o ajuntamento das nações gentias no Armagedom (Ap 16:13-16; 19:11ss). As águias voando sobre os cadáveres representam uma terrível carnificina, resultante de uma grande batalha (Ap 19:17-19). As mudanças cósmicas mencionadas em Mateus 24:29 precedem a volta de Cristo à Terra.

Não sabemos qual será "o sinal do Filho do Homem [no céu]", mas o povo da Terra, nesse tempo, o reconhecerá. Quando Jesus buscar a Igreja, virá nos ares, onde seu povo se encontrará com ele (1 Ts 4:17). Mas a segunda vinda de nosso Senhor no final da tribulação será um grande acontecimento público, e todos o verão (Ap 1:7).

Esse acontecimento terá um significado especial para Israel. Jesus voltará no momento em que Israel estiver sendo derrotado pelos exércitos gentios (Zc 12). Resgatará seu povo, e eles o verão e o reconhecerão como seu Messias (Zc 12:9-14). A nação experimentará o arrependimento, a purificação e a restauração sob a liderança bondosa do Messias.

Não devemos confundir a trombeta de Mateus 24:31 com a “trombeta de Deus” mencionada em 1 Tessalonicenses 4:16. “Seus escolhidos” em Mateus 24:31 são as pessoas na Terra, judeus e gentios, que creram em Cristo e foram salvas. No Antigo Testamento, a movimentação de Israel era anunciada por um sinal de trombeta (Nm 10; Jl 2:1ss). Há séculos, Israel encontra-se disperso. Os anjos ajuntarão o povo de Israel com trombetas, como faziam os sacerdotes no Antigo Testamento (Lv 23:23-25).

Os estudiosos das profecias não apresentam um consenso quanto a todos os detalhes dos acontecimentos futuros. Mas o resumo a seguir representa adequadamente a sequência de acontecimentos visualizada por muitos desses estudiosos:

1. O arrebatamento da Igreja (1 Co 15:51-58; 1 Ts 4:13-18). Pode ocorrer a qualquer momento.
2. O líder das dez nações européias faz um acordo de sete anos com Israel (Dn 9:26, 27).
3. Depois de três anos e meio, rompe o acordo (Dn 9:27).
4. Muda-se para Jerusalém e coloca sua imagem no templo (2 Ts 2:3, 4; Ap 13).
5. O anticristo começa a controlar o mundo e exige a adoração e obediência de todos. Nesse período, Deus envia uma grande tribulação sobre a Terra (Mt 24:21).
6. As nações ajuntam-se no Armagedom para lutar contra o anticristo e Israel, mas vêem o sinal da vinda de Cristo e se unem para lutar contra ele (Zc 12; Ap 13:13, 14; 19:11ss).
7. Jesus volta à Terra, derrota seus inimigos, é recebido pelos judeus e estabelece seu reino na Terra (Ap 19:11ss; Zc 12:7 – 13:1). Reina sobre a Terra por mil anos (Ap 20:1-5).

As profecias não têm por objetivo entreter os curiosos, mas encorajar os consagrados. Jesus encerra esta seção de seu discurso com

três admoestações práticas, usando três ilustrações: a figueira, Noé e o ladrão que vem no meio da noite. Mateus 24:36 deixa claro que ninguém sabe o dia nem a hora da vinda do Senhor. No entanto, podemos estar atentos para seus movimentos, a fim de não sermos pegos de surpresa.

A figueira (vv. 32-35). Lucas 21:29 diz: “Vede a figueira e todas as árvores”. Na Bíblia, a figueira costuma ser uma representação de Israel (Os 9:10; Lc 13:6-10), e as outras árvores, nesse caso, representam as nações do mundo. É possível que Jesus estivesse sugerindo que o nacionalismo crescente fosse um dos sinais do fim dos tempos. Sem dúvida, os acontecimentos futuros lançam sombras diante de si. A oração: “Ora, ao começarem estas coisas a suceder” (Lc 21:28, grifo nosso) sugere que um sinal não precisa completar-se, a fim de ser relevante para o povo de Deus.

Os brotos que surgem nas árvores indicam que o verão está próximo. O começo desses sinais indica que a vinda do Senhor está próxima. A geração que estiver presente nesse período verá esses acontecimentos se desenrolando. Nossa geração testemunha o prenúncio de tais eventos. Não procuramos sinais, mas sim o Salvador (Fp 3:20). Jesus pode vir buscar sua Igreja a *qualquer* momento.

Os dias de Noé (vv. 36-42). Aqui a ênfase é sobre o fato de que o povo não sabia o *dia* em que viria o julgamento. Noé e sua família na arca ilustram o milagre de Deus em preservar Israel durante esse tempo terrível de tribulação (Enoque representa o arrebatamento antes da tribulação – Gn 5:21-24; Hb 11:5; 1 Ts 1:10; 5:1-10).

O que impediu as pessoas de ouvir a mensagem de Noé e obedecer? Os interesses comuns da vida: comer, beber, casar e dar-se em casamento. Ao viver em função das coisas boas da vida, perderam o *melhor*. É perigoso tornar-se tão absortos com as coisas da vida a ponto de esquecer que Jesus está voltando.

O verbo “tomado”, em Mateus 24:39-41, significa “levado a julgamento”. Não devemos aplicar esses versículos ao arrebatamento da

(Mt 13:52). Em sua busca por novidades e idéias interessantes, alguns mestres da Bíblia esquecem os nutrientes de verdades antigas da Palavra. Outros ministros, por sua vez, estão tão presos a coisas antigas que não conseguem enxergar novos *insights* e novas aplicações para as verdades mais antigas. O velho dá origem ao novo, e o novo torna o velho mais significativo.

Se o líder espiritual estiver trabalhando em obediência quando o Senhor voltar, será recompensado. Mas, se não estiver fazendo seu trabalho quando o Senhor voltar, será tratado com severidade (Mt 24:51), como indica a imagem da dor e da perda. Isso não significa que serão distribuídos castigos diante do trono de Cristo, pois teremos um corpo glorificado. No entanto, sugere a perda de recompensas e de oportunidades.

Jesus não explica tal verdade nesta passagem, mas, a partir de outros trechos das Escrituras, vemos que uma das recompensas por um serviço obediente será ministrar no reino estabelecido na Terra (Lc 19:11ss). A recompensa de um serviço obediente é a capacidade de servir ainda mais. Para mim, não ter um lugar para ministrar no reino de Deus seria uma perda tremenda.

O que causou a queda desse servo? *Havia algo de errado em seu coração*: ele parou de esperar a vinda do Senhor (Mt 24:48). Viveu como se fosse alguém do mundo e maltratou seus colegas de serviço. Quando os servos de Deus não conseguem trabalhar juntos, geralmente é porque alguém está esquecendo que o Senhor voltará. Esperar e amar a volta de Cristo deve servir de motivação para que permaneçamos fiéis e para que sejamos amorosos (1 Ts 2:19, 20; 1 Jo 2:28).

Testemunhas sábias e testemunhas insensatas (vv. 1-13). Naquele tempo, o casamento era realizado em duas etapas. Primeiro, o noivo e seus amigos iriam até à casa da noiva buscá-la. Em seguida, noiva e noivo voltavam para a casa do noivo onde era realizada a festa de casamento. O texto aqui sugere que o noivo já havia buscado sua esposa e estava voltando para sua casa. No entanto,

como noiva prematuramente, pois a maior parte desse conceito só foi revelada durante o ministério de Paulo (Ef 5:22ss).

A Igreja sabe, há dois mil anos, que Jesus voltará, mesmo assim, muitos cristãos continuam letárgicos e sonolentos. Não estão mais empolgados com a vinda iminente do Senhor. Como resultado, dão pouco testemunho eficaz de que o Senhor está voltando.

O óleo usado para combustível lembra o óleo especial usado nos cultos do tabernáculo (Êx 27:20, 21). O óleo costuma simbolizar o Espírito de Deus, mas, a meu ver, esse óleo em particular também parece simbolizar a Palavra de Deus. A Igreja deveria estar “preservando a Palavra da vida” neste mundo cruel e tenebroso (Fp 2:12-16). Cabe a nós manter a palavra da perseverança (Ap 3:10) e continuar testemunhando sobre a volta de Jesus Cristo.

Quando o noivo e a noiva apareceram, metade das damas de honra não pôde acender suas lâmpadas, porque não tinha óleo. “Nossas lâmpadas estão se apagando!” disseram. Mas as damas de honra que tinham óleo conseguiram acender suas lâmpadas e mantê-las resplandecentes. Foram elas que entraram na festa de casamento, não as insensatas que ficaram sem óleo. Essa imagem parece indicar que nem todos os cristãos professos entrarão no céu, pois alguns não creram de todo coração no Senhor Jesus Cristo. Sem o Espírito de Deus e sem a Palavra de Deus, não há salvação verdadeira.

Jesus termina essa parábola com uma advertência que havia dado anteriormente: “Vigiai” (Mt 24:42; 25:13). Isso não significa ficar em pé no alto de uma montanha olhando para o céu (At 1:9-11), mas sim estar desperto e atento (Mt 26:38-41).

Servos úteis e servos inúteis (vv. 14-30). Esta parábola não deve ser confundida com a parábola das dez minas (Lc 19:11-27), apesar de as duas apresentarem semelhanças. É importante observar que cada servo dessa parábola recebeu certa quantia em dinheiro (um talento correspondia a cerca de vinte anos de salário) de acordo com sua capaci-

cinco talentos; ao com capacidade razoável foram dados dois talentos e ao com menos capacidade, apenas um.

Os talentos representam oportunidades de usar suas capacidades. Se cinco talentos fossem dados a uma pessoa com pouca competência, esse indivíduo seria destruído pelo peso da responsabilidade. Porém, se apenas um talento fosse dado ao mais competente, ele seria rebaixado e desonrado. Deus nos dá tarefas e oportunidades de acordo com nossas capacidades. Vivemos numa era entre Mateus 25:18 e 19. Recebemos nossas incumbências ministeriais de acordo com as capacidades e dons que Deus nos deu. É nosso privilégio servir ao Senhor e multiplicar os talentos.

Os três servos são divididos em duas categorias: os fiéis e os infiéis. Os servos fiéis colocaram os talentos a serviço de seu senhor. O servo infiel escondeu seu talento na terra. Em vez de usar a oportunidade, ele a enterrou! Não fez o mal propositadamente, mas ao deixar de investir seu talento, pecou e privou seu senhor dos serviços e rendimentos que lhe eram devidos.

Os dois homens que investiram o dinheiro receberam o mesmo elogio (Mt 25:21, 23). O que fez a diferença não foi a *porção*, mas sim a *proporção*. Começaram como servos, mas o senhor promoveu-os a governantes. Foram fiéis no pouco, por isso o senhor lhes confiou muito mais. Haviam trabalhado arduamente e puderam desfrutar os resultados. Sua fidelidade deu-lhes uma capacidade ainda maior de servir e de receber responsabilidades.

O terceiro servo foi infiel e, portanto, não foi recompensado. Seu medo de falhar impediu-o de tentar acertar. Teve medo da vida e das responsabilidades. Com isso, ficou paralisado de ansiedade e enterrou o talento para protegê-lo. Poderia, no mínimo, ter colocado o dinheiro no banco e recebido alguns juros sem correr qualquer risco real.

Corremos sempre o risco de perder aquilo que não usamos para o Senhor. O senhor repreendeu o servo mau e infiel e lhe tirou o talento que havia dado, dando ao homem

ao qual já havia confiado a quantia mais elevada de talentos.

Alguns acreditam que esse servo inútil não era, de fato, temente a Deus. Ao que parece, porém, era servo sincero, mesmo tendo se mostrado inútil. "As trevas", em Mateus 25:30, não se referem necessariamente ao inferno, mesmo quando consideramos que esse costuma ser o caso nos Evangelhos (Mt 8:12; 22:13). É arriscado desenvolver uma teologia com base em parábolas, pois o propósito delas é ilustrar verdades com mais clareza. O servo foi tratado com severidade por seu senhor, perdeu a oportunidade de servir e não recebeu recompensa alguma. Para mim, é isso o que as trevas exteriores representam.

É possível que o homem que recebeu menos achasse que esse único talento não era muito importante. Não tinha cinco talentos, nem mesmo dois, então por que se preocupar com um? *Porque foi designado pelo Senhor para ser mordomo desse talento*. Se não fosse pelas pessoas de um só talento em nosso mundo, muito pouco teria sido realizado. Seu único talento poderia ter sido dobrado e, com isso, teria trazido glória para seu senhor.

Essas três parábolas incentivam a amar a volta de Jesus, a esperar por ela com ansiedade e, enquanto isso, a trabalhar fielmente. Devemos vigiar, testemunhar e trabalhar. Talvez não tenhamos sucesso aos olhos dos homens, nem sejamos populares, mas quem for fiel e útil receberá a recompensa.

2. A VINDA DE CRISTO E AS NAÇÕES GENTIAS (Mt 25:31-46)

Esta seção explica como Jesus Cristo julgará as nações gentias. A palavra *nações*, em Mateus 25:32, significa "gentios" e, no grego, é um substantivo neutro, ou seja, nem masculino nem feminino. A palavra *outros*, no mesmo versículo, se encontra no gênero masculino. Isso significa que as nações serão reunidas diante de Jesus Cristo, mas ele as julgará *individualmente*. Não será um julgamento de grupos étnicos (Alemanha, Itália, Japão etc.), mas de indivíduos dentro dessas nações.

Não se deve confundir esse julgamento com o julgamento do grande trono branco descrito em Apocalipse 20:11-15. Alguns estudiosos juntam as duas passagens e chamam isso de “julgamento geral”. A Bíblia não diz coisa alguma sobre um julgamento geral. O julgamento descrito nessa passagem ocorrerá na Terra logo depois da batalha do Armagedom. O julgamento do trono branco ocorrerá em algum outro lugar do espaço (“fugiram a terra e o céu”, Ap 20:11). O julgamento em Mateus 25 ocorre *antes* do estabelecimento do reino na Terra, pois aos salvos é dito: “Entrai na posse do reino” (Mt 25:34). O julgamento do trono branco ocorrerá *depois* dos mil anos do reinado de Cristo (Ap 20:7ss).

Há outro erro a evitar. Não se deve forçar essa passagem de modo a encontrar a idéia de salvação por boas obras. Uma leitura superficial pode dar a impressão de que ajudar ao próximo é suficiente para merecer a salvação e ir para o céu. No entanto, não é essa a mensagem do texto. Ninguém, em momento algum da história, foi salvo por realizar boas obras.

Os santos do Antigo Testamento foram salvos pela fé (Hb 11), e os santos do Novo Testamento foram salvos pela fé em Jesus Cristo (Ef 2:8-10). Hoje, as pessoas também são salvas pela fé em Cristo. O evangelho das “boas obras” não é uma mensagem bíblica. É correto os *cristãos* realizarem boas obras (Gl 6:10; Hb 13:16), mas não é esse o modo pelo qual os não cristãos podem ser salvos.

Se nos lembrarmos dos três grupos relacionados, poderemos solucionar com mais facilidade o problema: havia ovelhas, cabras e irmãos. Quem são essas pessoas que o Rei ousa chamar de “meus irmãos”? É provável que sejam os judeus do período da tribulação, as pessoas que ouviram a mensagem dos 144 mil e creram em Jesus Cristo. Uma vez que esses crentes judeus não receberão a “marca da besta” (Ap 13:16, 17), não poderão comprar nem vender. Então, como conseguirão sobreviver? Por meio da ajuda dos gentios que creram em Cristo e que cui-

O mais interessante sobre esse julgamento é que os indivíduos chamados de *ovelhas* surpreendem-se com o que ouvem. Não se lembrarão de terem visto o Senhor Jesus Cristo nem de tê-lo ajudado em suas necessidades. Mas ao ministrar aos crentes judeus, também ministrarão a Cristo. Não o farão visando qualquer recompensa, mas sim por amor sacrificial. Ao receber os judeus necessitados e cuidar deles, esses gentios estarão colocando em risco a própria vida. “Quem vos recebe a mim me recebe” (Mt 10:40), disse Jesus a seus discípulos, e isso certamente se aplicará também a seus irmãos.

Os indivíduos chamados de *cabritos* serão julgados por não crer em Jesus Cristo nem dar qualquer mostra de fé cuidando de seus irmãos. Ao que parece, receberão a marca da besta e cuidarão de si mesmos a seu modo, mas não terão tempo de ministrar ao remanescente judeu que estiver sofrendo aqui na Terra (Ap 12:17). Há pecados de omissão e pecados de comissão (Tg 4:17). Em termos morais, deixar de fazer o bem é o mesmo que fazer o mal.

Quando comparamos as duas sentenças judiciais (Mt 25:34, 41), descobrimos algumas verdades interessantes. Em primeiro lugar, as ovelhas serão abençoadas pelo Pai. No entanto, o texto não diz que os cabritos serão “amaldiçoados pelo Pai”. As ovelhas herdarão o reino, e sua herança terá por base seu nascimento. Herdarão o reino, pois terão nascido de novo pela fé.

O reino será preparado para esses indivíduos salvos, mas Mateus 25:41 não afirma que fogo eterno será preparado para os cabritos. Antes, será preparado para o diabo e seus anjos (Ap 20:10). Deus jamais preparou o inferno para as pessoas. Não há evidência alguma nas Escrituras de que Deus tenha predestinado pessoas para o inferno. Se os pecadores ouvem Satanás e seguem seus caminhos, terminam no mesmo lugar que ele: no tormento do inferno. Há somente dois destinos eternos: castigo eterno para os que rejeitarem a Cristo e vida eterna para os que crerem nele.

As ovelhas entrarão no reino e compar-

com Cristo, e Israel se regozijará com o cumprimento das promessas feitas pelos profetas. Toda a criação compartilhará da gloriosa liberdade dos filhos de Deus (Rm 8:19-21). Jesus Cristo governará do trono de Davi em Jerusalém (Lc 1:30-33), e a paz reinará por mil anos (Is 11).

Ao refletir sobre as palavras proferidas no monte das Oliveiras, convém recapitular alguns fatos. Em primeiro lugar, Deus ainda não terminou sua obra com o povo de Israel. Jesus deixa claro em seu sermão que Israel será purificado e conduzido à fé no Messias. Deus não lançou seu povo fora (Rm 11:1ss).

Em segundo lugar, as promessas do reino apresentadas no Antigo Testamento se cumprirão. O período da tribulação será extremamente difícil para as pessoas na Terra, mas será um "trabalho de parto" em preparação para o nascimento do reino. O sofrimento conduzirá à glória.

Em terceiro lugar, Deus julgará este mundo. Não envia julgamentos cósmicos hoje, porque ainda estamos vivendo no tempo da graça, e a mensagem é: "Vos reconciliei com Deus" (2 Co 5:14ss). Os céus estão

quietos, pois o pecado do homem já foi julgado na cruz. Deus falou de uma vez por todas por meio de seu Filho e só voltará a falar quando enviar o julgamento durante a tribulação.

Em quarto lugar, como cristãos e membros da Igreja de Cristo, não estamos procurando sinais. "Os judeus pedem sinais" (1 Co 1:22). Não haverá sinais antes da volta repentina de Cristo nos ares para buscar sua Igreja. No entanto, quando virmos o início de alguns dos sinais da tribulação ("ao começarem estas coisas a suceder", Lc 21:28), saberemos que o fim não está muito distante. Nossa impressão é que as tensões internacionais e os problemas mundiais estão aumentando e chegarão a um ponto em que o mundo pedirá um ditador. Nessa ocasião, Satanás terá pronto seu candidato.

Por fim, não importa qual venha a ser nossa opinião acerca das profecias, sabemos que Jesus está voltando. Como cristãos, devemos estar alertas e preparados. Não devemos desperdiçar oportunidades. Talvez não tenhamos muitas capacidades ou dons, mas podemos continuar sendo fiéis ao chamado que recebemos do Senhor.

A PREPARAÇÃO DO REI

MATEUS 26:1-56

Os acontecimentos aproximam-se de seu ponto culminante. O Rei estava se preparando para sofrer e morrer. Essa preparação ocorre em três estágios e lugares diferentes. Ao examinar esses estágios, é possível observar o conflito crescente entre Cristo e seu inimigo.

1. EM BETÂNIA: O CONTRASTE ENTRE ADORAÇÃO E DESPÉRDIO (Mt 26:1-16)

Mateus não oferece um relato cronológico dos acontecimentos da última semana. Nesse ponto, insere um *flashback* para descrever um banquete em Betânia e o gesto belíssimo de Maria. Enquanto os líderes religiosos se reuniam para tramar contra Jesus, os amigos de Cristo reuniam-se para mostrar seu amor e devoção a ele. Ao juntar esses dois relatos, Mateus também mostra a relação entre a adoração de Maria e a traição de Judas. Depois do banquete em Betânia, Judas procurou os sacerdotes e se ofereceu para ajudá-los (Mc 14:10, 11), possivelmente numa reação à repreensão de Jesus.

O banquete em Betânia ocorreu “seis dias antes da Páscoa” (Jo 12:1), na casa de Simão, o leproso, que aparentemente fora curado pelo Senhor Jesus. Havia pelo menos dezessete pessoas no jantar: Simão, Maria, Marta, Lázaro, Jesus e os doze apóstolos. Fiel a sua personalidade ativa e ocupada, Marta cuidou de servir a todos (Lc 10:38-42). As três pessoas-chave desse acontecimento são Maria, Judas e Jesus.

Maria (v. 7). Somente João identifica essa mulher como Maria, irmã de Marta e Lázaro. Ela é citada somente três vezes no evange-

Jesus. Assentou-se a seus pés e ouviu a Palavra (Lc 10:38-42), atirou-se a seus pés entristecida com a morte de Lázaro (Jo 11:28-32) e adorou a seus pés quando ungiu o Senhor com bálsamo (Jo 12:1ss). Maria era uma mulher profundamente espiritual. Encontrou sua bênção aos pés de Jesus, colocou aos pés dele seus fardos e também foi a seus pés que ofereceu o que tinha de mais precioso.

Quando combinamos os relatos dos Evangelhos, vemos que Maria ungiu os pés e a cabeça do Senhor com perfume e enxugou os pés dele com seus cabelos. Os cabelos de uma mulher são sua glória (1 Co 11:15). Maria entregou sua glória ao Senhor e o adorou com a dádiva preciosa que lhe ofereceu. Foi um ato de amor e de devoção, que espalhou sua fragrância por toda a casa.

Uma vez que havia prestado atenção às palavras de Jesus, Maria sabia que em breve ele seria morto e sepultado. Também sabia que seu corpo não precisaria do tradicional cuidado dispensado aos mortos, pois não veria corrupção (Sl 16:10; At 2:22-28). Em vez de ungir o corpo de seu Senhor *depois* de sua morte, ela o fez *antes*. Foi um ato de fé e amor.

Judas (vv. 8, 9). Os discípulos não conheciam o verdadeiro caráter de Judas. A crítica que fez à atitude de Maria pareceu tão “espiritual” que os outros discípulos se juntaram a ele no ataque. Sabemos a verdadeira razão de Judas querer vender o bálsamo: o dinheiro seria colocado no caixa, e ele poderia usá-lo para seus próprios interesses (Jo 12:6).

Judas é uma figura trágica. Foi chamado para ser um dos discípulos de Cristo e escolhido como apóstolo com os outros (Mc 3:13-19). Recebeu poder para curar (Mt 10:1-4) e, provavelmente, usou esse poder. A salvação não é comprovada pelo poder de realizar milagres (Mt 7:21-29), mas sim pela obediência à Palavra de Deus.

Apesar de ser um dos discípulos e de estar tão próximo de Cristo, Judas não era um cristão verdadeiro. Quando Jesus lavou

deles (Judas) não fora purificado (Jo 13:10, 11). Como muitos cristãos professos de hoje, Judas freqüentava o grupo de cristãos, mas não era um deles.

É interessante observar que, toda vez que Maria procurou fazer algo para Jesus, foi mal compreendida. Sua irmã, Marta, não entendeu a atitude de Maria, quando ela se assentou aos pés de Jesus para ouvi-lo. Judas e os outros discípulos não entenderam quando ela ungiu Jesus, e seus amigos e vizinhos não entenderam quando ela saiu da casa para se encontrar com Jesus depois do sepultamento de Lázaro (Jo 11:28-31). Quando damos a Jesus Cristo o primeiro lugar em nossa vida, podemos esperar ser mal compreendidos e criticados por aqueles que dizem segui-lo.

Por que Judas seguiu Jesus por três anos, ouviu suas palavras, participou de seu ministério e depois se tornou um traidor? Uma coisa é certa: Judas não foi vítima das circunstâncias, tampouco um instrumento passivo da providência divina. De acordo com as profecias, um dos membros do círculo íntimo de Jesus o trairia (Sl 41:9; 55:12-14), mas esse fato não redime Judas da responsabilidade pelo que fez. Não devemos transformá-lo num mártir só porque cumpriu a profecia.

Jamais conseguiremos compreender de todo a mente e o coração de Judas, mas sabemos que ele teve inúmeras oportunidades de ser salvo. Foi advertido com freqüência por Jesus e, no cenáculo, o Mestre chegou a lavar seus pés. É provável que Judas tenha visto em Jesus a esperança da liberdade política de Israel. Se Jesus estabelecesse o reino, Judas, como tesoureiro, teria uma posição importante. Quando Jesus recusou tornar-se um Messias político, Judas voltou-se contra ele. Satanás encontrou uma oportunidade em Judas e colocou em sua cabeça idéias (Jo 13:2), que o levaram a entregar Jesus aos inimigos (Jo 13:27).

A vida de Judas é um aviso aos que fingem servir a Cristo, mas cujo coração está distante de Deus. Também é um aviso aos que desperdiçam oportunidades na vida. "Para que este desperdício?", perguntou

Judas quando viu o bálsamo caríssimo sendo derramado sobre os pés de Jesus. No entanto, foi Judas quem desperdiçou suas oportunidades, sua vida e sua alma! Jesus o chamou de filho da perdição (Jo 17:12), literalmente, "filho do desperdício".

Jesus (vv. 10-16). Defendeu Maria imediatamente, pois sempre protege os seus. Repreendeu Judas e os outros discípulos e elogiou Maria por seu gesto amoroso de devoção. *Nada do que é dado a Jesus com amor é desperdiçado.* Esse ato de adoração não apenas trouxe alegria ao coração de Jesus e perfumou a casa como também abençoou o mundo inteiro. A devoção de Maria estimula-nos a amar e a servir a Cristo com o que temos de melhor. Tal serviço traz aos outros bênçãos das quais talvez só tenhamos notícia quando encontrarmos Jesus no céu.

Jesus não criticou os discípulos porque se importaram com os pobres. Preocupava-se com os pobres também, e devemos fazer o mesmo. Antes os advertiu a que não desperdiçassem a oportunidade de adorá-lo. Teriam inúmeras oportunidades de ajudar os pobres, mas nem sempre de adorar aos pés de Jesus e de prepará-lo para seu sepultamento.

2. NO CENÁCULO: O CONTRASTE ENTRE FIDELIDADE E TRAIÇÃO (MT 26:17-30)

Os preparativos para a Páscoa (vv. 17-19). Era necessário comprar e preparar os elementos do jantar de Páscoa. Também era preciso encontrar um lugar na cidade abarrotada de Jerusalém em que pudessem realizar a comemoração. Jesus enviou Pedro e João para cuidar dos preparativos (Lc 22:8). Deveriam seguir um homem que estivesse carregando um cântaro de água e que lhes mostraria um cenáculo espaçoso. Não era comum um *homem* carregar água, pois essa tarefa normalmente cabia às mulheres.

Pedro e João tiveram de providenciar pães, ervas amargas e vinho para a festa. Também tiveram de encontrar um cordeiro perfeito e de sacrificá-lo no pátio do templo, colocando o sangue no altar. O cordeiro

deveria ser assado inteiro, e então a festa estaria pronta.

O anúncio da traição (vv. 20-25). Até o final, os discípulos não perceberam que Judas, um dentre eles, era o traidor. Não notaram qualquer diferença de atitude na forma de Jesus tratar Judas, o que mostra claramente a paciência e o amor de nosso Senhor. Foi durante o jantar de Páscoa, quando já estavam comendo, que Jesus anunciou a presença do traidor. Os discípulos entreolharam-se, tentando imaginar quem seria o traidor. Em seguida, perguntaram a Jesus: “Será que sou eu, Senhor?” A construção da frase indica que esperavam uma resposta negativa.

Judas estava reclinado à esquerda de Jesus, ocupando o lugar de honra do banquete. (Pode ser que isso explique por que os discípulos *voltaram* a discutir sobre quem era o maior. Ver Lc 22:24-30.) João estava reclinado à direita do Senhor e, portanto, podia descansar a cabeça no peito de Cristo (Jo 13:23). O ato de comer pão juntos, especialmente o pão que havia sido mergulhado no prato de ervas amargas, era um gesto de amizade. Também era uma honra receber um pedaço de pão das mãos do anfitrião. Jesus deu o pão a Judas (Sl 41:9), e Judas o aceitou, *sabendo que trairia o Senhor*. Para Jesus, dar o pão foi um ato gentil de hospitalidade; para Judas, aceitar o pão foi um ato vil de traição.

Mateus 26:24 apresenta tanto o aspecto divino quanto o humano desse acontecimento. Do ponto de vista divino, a traição de Judas foi prenunciada nas Escrituras e fazia parte do plano de Deus. Do ponto de vista humano, porém, Judas foi culpado de um crime e absolutamente responsável pelo que fez. Não há conflito entre a soberania divina e a responsabilidade humana, mesmo que não possamos compreender como trabalham juntas para cumprir a vontade de Deus.

Depois que Judas tomou o pedaço de pão, Satanás entrou nele (Jo 13:27). Em seguida, o traidor saiu para cumprir a promessa que havia feito aos líderes religiosos de

os outros discípulos perceberam o que Judas estava fazendo. “Saiu logo. E era noite” (Jo 13:30). Para Judas, ainda é noite.

A instituição da Ceia do Senhor (vv. 26-30). Depois que Judas deixou o salão, Jesus instituiu algo novo, a Ceia do Senhor (1 Co 11:23-34). Tomou dois elementos do jantar de Páscoa, o pão asmo e o cálice com vinho, e os usou para representar sua morte. O pão repartido representa seu corpo, entregue pelos pecados do mundo. O “fruto da vide” (Mt 26:29) representa seu sangue, derramado para a remissão dos pecados. O texto não indica que algo especial ou misterioso ocorreu com esses dois elementos. Continuaram sendo pão e “fruto da vide”, transmitindo, porém, um significado mais profundo: o corpo e o sangue de Jesus Cristo.

A Ceia do Senhor lembra que devemos *esperar* a volta de Cristo. Realizaremos essa ceia até que ele volte (1 Co 11:26). A Páscoa apontava para o Cordeiro de Deus, que tiraria o pecado do mundo (Jo 1:29). A Ceia do Senhor anuncia que essa obra momentosa foi realizada.

Em Mateus 26:29, Jesus acrescenta um comentário quanto à glória do reino vindouro. Jesus comeu pão, peixe e mel depois de sua ressurreição (Lc 24:41-43; Jo 21:9-15). Mas não há registro de que tenha bebido do fruto da vide. Mesmo enquanto enfrentava a rejeição de sua nação e o sofrimento da cruz, Jesus continuou olhando para o reino vindouro que seria estabelecido por causa de seu sacrifício. De acordo com a tradição, no banquete de Páscoa, deveriam ser servidos quatro cálices de vinho, cada um deles relacionado a uma das quatro promessas em Êxodo 6:6, 7. Jesus instituiu a Ceia do Senhor entre o terceiro e o quarto cálice.

O hino que Jesus e seus discípulos cantaram antes de deixar o salão era parte do *Hallel* tradicional encontrado nos Salmos 116 a 118. Ao ler esses salmos à luz da morte e ressurreição de Cristo, podemos ver como adquirem um novo significado. Que extraordinário ver Jesus cantando louvores a Deus quando estava prestes a enfrentar a rejeição,

3. GETSÊMANI: O CONTRASTE ENTRE A SUBMISSÃO E A RESISTÊNCIA (Mt 26:31-56)

O monte das Oliveiras era um jardim particular para o qual Jesus se retirava com frequência (Jo 18:2). Getsêmani significa “prensa de azeite”, um nome significativo, tendo em vista a agonia de nosso Senhor naquele jardim.

Jesus anuncia o fracasso dos discípulos (vv. 31-35). É provável que essa declaração tenha sido feita enquanto se encaminhavam para o jardim. Costumamos apontar para Pedro como aquele que falhou com o Senhor, mas todos os discípulos estavam envolvidos. Ao advertir os discípulos, Jesus faz referência a Zacarias 13:7, mas também acrescenta uma palavra de promessa: ressuscitaria e se dirigiria para a Galiléia, a fim de se encontrar com eles. Infelizmente, os discípulos não deram atenção à promessa da ressurreição. No dia da ressurreição, os anjos os lembraram do encontro na Galiléia (Mt 28:7, 10).

Quando Pedro discordou do Senhor, deu o primeiro passo em seu pecado de negar a Cristo. Pedro não estava disposto a aplicar a palavra “todos” a si mesmo. Em lugar de tranquilizar Pedro, o Senhor lhe deu uma advertência pessoal: negaria Cristo três vezes! Pedro pensava que era *melhor* do que os outros, e Jesus lhe disse que seria mais covarde do que todos.

A reação de Pedro foi negar as palavras de Cristo ainda mais fervorosamente, e os outros discípulos juntaram-se a ele nesse protesto. Se Pedro tivesse ouvido a palavra e obedecido, não teria negado seu Senhor três vezes.

Jesus entrega-se à vontade do Pai (vv. 36-46). Jesus deixou oito de seus discípulos na entrada do jardim e chamou Pedro, Tiago e João para acompanhá-lo até um lugar mais adiante. Essa é terceira vez que o Mestre leva esses três homens consigo. Eles o acompanharam no monte da transfiguração (Mt 17:1ss) e na casa de Jairo, onde ressuscitou a filha dele (Lc 8:49ss). Jesus desejava que orassem e vigiassem com ele, pois estava entrando num período difícil, e a presença de seus discípulos lhe serviria de encorajamento.

Não devemos imaginar que foi o medo da morte que fez nosso Senhor agonizar no jardim. Não temeu a morte, antes a enfrentou com coragem e paz. Estava para beber o “cálice” que o Pai havia preparado, e isso significava tomar sobre si os pecados do mundo inteiro (Jo 18:11; 1 Pe 2:24). Muitas pessoas piedosas têm sido presas, espancadas e assassinadas por causa da fé, mas somente Jesus foi feito pecado e maldição por amor à humanidade (2 Co 5:21; Gl 3:13). O Pai jamais deixou seus filhos, no entanto, abandonou seu Filho (Mt 27:46). Foi esse o cálice do qual Jesus bebeu voluntariamente por nós.

Jesus não estava resistindo nem lutando contra a vontade de Deus. Sujeitou-se a ela. Como homem perfeito, sentiu o terrível peso do pecado e experimentou em sua alma santa verdadeira repulsa por esse pecado. Mesmo assim, como Filho de Deus, sabia que essa era sua missão no mundo. O mistério de sua humanidade e divindade é representado nitidamente nessa cena.

Pedro e seus companheiros prometeram ser fiéis até a morte e, *no entanto, caíram no sono!* Precisavam orar por eles mesmos, pois o perigo estava próximo. Quão importante teria sido para o Mestre vê-los vigiando e orando com ele! Os discípulos falharam, mas o Senhor foi bem-sucedido.

Jesus é preso (vv. 47-56). Sabendo que Judas e os soldados se aproximavam, Jesus acordou os discípulos e os preparou para o que estava prestes a acontecer. O fato de os soldados e os guardas do templo carregarem armas e lanternas mostra que Judas não havia entendido Jesus. Pensou que teriam de vasculhar o jardim para encontrá-lo e depois lutar contra os discípulos para prendê-lo. Mas Jesus foi até eles e se rendeu tranquilamente. Na verdade, Judas não precisaria ter traído Jesus com um beijo, pois Cristo disse aos soldados quem ele era.

É triste ver como Judas degradava tudo o que tocava. Seu nome significa *louvor* (Gn 29:35), mas quem pensaria em dar a seu filho o nome de Judas hoje em dia? Usou o beijo como arma, não como sinal de afeição. Naquele tempo, era costume os discípulos

beijarem seu mestre. Nesse caso, porém, não foi um gesto de submissão nem de respeito. Os verbos em grego indicam que Judas o beijou repetidamente.

A essa altura, alguns dos outros discípulos perguntaram: "Devemos usar nossas espadas?". Quando estava com eles no cenáculo, Jesus explicou sobre as espadas (Lc 22:31-38), preparando-os para uma vida diferente. Teriam de usar os meios que Jesus provesse para cuidar do sustento e da segurança deles. Estariam num mundo hostil, e Jesus nem sempre realizaria milagres para ajudá-los.

Infelizmente, os discípulos não entenderam o que ele estava ensinando. Como sempre, compreenderam as palavras de modo literal. "Senhor, eis aqui duas espadas!", e Jesus lhes disse: "Basta!" (Lc 22:38). Pedro havia discutido com a Palavra, negado a Palavra e desobedecido à Palavra (ao dormir no jardim). Aqui, o vemos correndo para defender a Palavra. Em seu zelo de ajudar Jesus, Pedro usou sua espada para cortar a orelha de Malco. Não esperou Jesus lhe dizer o que fazer; em vez disso (como Moisés no Egito, Êx 2:11-15), Pedro precipitou-se e confiou no poder da carne. Se Jesus não tivesse curado a orelha ferida, provavelmente haveria *quatro* cruzes no Calvário!

O fato de os guardas não terem prendido Jesus no templo mostra que ele estava

vivendo de acordo com um cronograma divino e que esses acontecimentos não foram acidentes, mas sim compromissos agendados. Tudo fazia parte do plano de Deus, mas, mesmo assim, cada indivíduo é responsável pela própria perversidade. "Sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos" (At 2:23).

É evidente que não tinham o direito de prender Jesus, pois ele não havia transgredido lei alguma nem cometido crime algum. Estavam tratando o Mestre como um ladrão qualquer, quando, na verdade, Judas era o criminoso! Os discípulos, que prometeram com tanta valentia permanecer a seu lado, o desertaram no momento crítico. "Eis que vem a hora e já é chegada, em que sereis dispersos, cada um para sua casa, e me deixareis só; contudo, não estou só, porque o Pai está comigo" (Jo 16:32). Mais tarde, até mesmo o Pai o deixaria!

Cada um de nós deve decidir: tomaremos a espada ou beberemos do cálice? Resistiremos à vontade de Deus ou nos sujeitaremos a ela? O cálice geralmente envolve sofrimento, mas é esse sofrimento que nos conduz à glória. Não precisamos temer o cálice, pois foi preparado pelo Pai especialmente para nós. Ele sabe quanto podemos suportar, e o prepara com sabedoria e amor.

O JULGAMENTO DO REI

MATEUS 26:57 - 27:26

Depois de sua prisão, Jesus foi levado para a casa de Anás, antigo sumo sacerdote, sogro de Caifás, sumo sacerdote oficial na época (Jo 18:13ss). Político astuto, Anás também era uma espécie de “padrinho” do templo. Em seguida, Jesus foi levado a Caifás e, pela manhã, à reunião do sinédrio. Os líderes judeus o entregaram a Pilatos que, por sua vez, tentou colocá-lo sob a jurisdição de Herodes (Lc 23:6-12). Herodes, porém, o mandou de volta para Pilatos.

Mateus concentra a atenção em quatro pessoas envolvidas no julgamento e sofrimento do Senhor.

1. CAIFÁS (MT 26:57-68)

De acordo com a lei do Antigo Testamento, o sumo sacerdote deveria servir nessa função até a morte. No entanto, quando os romanos assumiram o controle de Israel, transformaram o sumo sacerdócio num cargo para o qual poderiam nomear pessoas e, desse modo, estar certos de que sempre teriam um líder religioso cooperativo com a política romana. Anás serviu como sumo sacerdote de 6 a 15 d.C., e cinco de seus filhos, bem como Caifás, seu genro, foram seus sucessores. Caifás foi sumo sacerdote entre 18 e 36 d.C., mas Anás continuou exercendo grande influência (Lc 3:2).

Tanto Anás quanto Caifás eram saduceus, o que significa que não acreditavam na ressurreição, no mundo espiritual nem em qualquer autoridade do Antigo Testamento além dos cinco livros de Moisés. Era a família do sumo sacerdote que gerenciava os “negócios do templo” fechados por Jesus em duas

ocasiões durante seu ministério. É evidente que esses líderes ficaram felizes de poder pôr as mãos em seu inimigo. Caifás já havia deixado bem claro que pretendia sacrificar Jesus a fim de salvar a nação (Jo 11:47-54).

O sumo sacerdote organizou, às pressas, uma assembléia no sinédrio, um conselho formado pelos principais sacerdotes, pelos anciãos e pelos escribas (Mc 14:53). Enquanto os homens se reuniam, Caifás e seus assistentes saíram à procura de testemunhas que depusessem contra o prisioneiro. Já haviam determinado que Jesus era culpado, mas queriam que tudo tivesse a aparência de um julgamento legal.

Uma vez que foi impossível encontrar uma testemunha honesta (fato que, por si mesmo, prova a inocência de Jesus), os líderes arranjaram algumas falsas testemunhas. A lei de Moisés advertia contra o uso de falsas testemunhas (Dt 19:15-21), mas eles distorceram a Palavra de Deus para realizar seus propósitos egoístas. Cumpriram a letra da lei ao apresentar *duas* testemunhas, mas transgrediram tanto a letra quanto o espírito da lei quando ambas deram depoimentos falsos. Essas testemunhas citaram uma declaração que Jesus havia feito em seu ministério: “Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei” (Jo 2:19). Era algo muito sério falar contra o templo, e posteriormente foi essa mesma acusação que levou à morte de Estêvão (At 6:12-14; 7:45-50).

Ao ser confrontado com tal acusação, Jesus permaneceu calado, cumprindo assim a profecia de Isaías 53:7. Jesus não poderia negar que havia proferido aquelas palavras e, no entanto, também não poderia explicar seu significado espiritual para aquele grupo de homens mundanos. A atitude de Jesus com seus inimigos é um exemplo a ser seguido (1 Pe 2:18-23).

Quando Caifás viu que as acusações falsas não estavam incriminando Jesus, resolveu mudar de rumo: colocou Jesus sob juramento. Em tempos de perjúrio e de negligência com a verdade como os dias de hoje, não somos capazes de entender inteiramente a importância solene que os judeus atribuíam ao juramento segundo sua lei (Êx 20:7; Lv

19:12; Nm 30:2). Caifás sabia que Jesus afirmava ser o Filho de Deus (Jo 10:30-33), de modo que o colocou sob juramento para fazer tal declaração. O sacerdote astuto sabia que Jesus não poderia negar-se a responder.

Jesus afirmou que era o Filho de Deus e aplicou a si mesmo Salmos 110:1 e Daniel 7:13 – duas passagens messiânicas. Em ambas as citações, Jesus prenunciou sua ressurreição, ascensão e sua volta em glória. Isso representaria salvação para os que confiam nele, mas para Caifás, significaria condenação.

Mesmo sem considerar as evidências, Caifás deu a sentença. A forma de Jesus ser tratado depois de anunciado o veredicto foi, sem dúvida alguma, ilegal e desumana. Claro que tudo isso serviu apenas para revelar a maldade do coração do sacerdote e, ao mesmo tempo, cumprir as profecias messiânicas (Is 50:6).

2. PEDRO (MT 26:69-75)

Há quem critique Pedro por ter seguido “de longe” (Mt 26:58), mas esse não foi o problema. Seu erro foi ter seguido Jesus quando, na verdade, deveria ter fugido! Jesus havia advertido que Pedro o negaria e também citara Zacarias 13:7: “as ovelhas ficarão dispersas”. Por fim, Jesus ordenara expressamente aos discípulos que não o seguissem: “deixai ir estes” (Jo 18:8, 9). Se Pedro tivesse ouvido a palavra e obedecido, não teria faltado com o Senhor de forma tão humilhante.

O apóstolo João também participou desse fiasco, pois acompanhou Pedro até a entrada da casa do sumo sacerdote (Jo 18:15, 16). Jesus os advertira a vigiar e orar (Mt 26:41), mas eles dormiram, entraram em tentação, e Pedro caiu.

A negação de Pedro a Cristo é o ponto culminante de uma série de fracassos. Quando Jesus advertiu Pedro de que seria testado por Satanás, Pedro reafirmou sua fé e sua capacidade de permanecer fiel ao Senhor. Orgulhoso, o apóstolo discutiu com a Palavra de Deus! Teve a ousadia de comparar-se com os outros discípulos e de afirmar que, mesmo que eles faltassem com seu Senhor,

O fato de Pedro aproximar-se da fogueira do inimigo para se aquecer indica quão derrotado estava. A negação foi ainda mais humilhante porque as duas perguntas foram feitas por mulheres. A terceira veio de um homem que estava por perto, mas Pedro falhou novamente. O homem era um parente de Malco, o homem a quem Pedro havia ferido (Jo 18:26). Mesmo depois de Jesus ter reparado o dano, Pedro teve de lidar com as conseqüências de seu ato impulsivo.

De acordo com o relato de Marcos, o galo deveria cantar duas vezes (Mc 14:30). Quando Pedro negou Jesus pela terceira vez, o galo cantou pela segunda vez (Mc 14:72). Isso significa que o primeiro canto do galo foi um aviso a Pedro, diante do qual ele deveria ter deixado aquele local imediatamente. A terceira negação e o segundo canto do galo foram o ápice do teste, e Pedro falhou.

O canto do galo trouxe à memória as palavras de Jesus. Se tivesse se lembrado antes e obedecido, jamais teria negado ao Senhor. Foi nesse momento que Jesus se virou e olhou para Pedro (Lc 22:61), e o olhar de amor do Mestre quebrantou o coração do apóstolo. Pedro foi embora e chorou amargamente.

Depois de sua ressurreição, Jesus encontrou-se em particular com Pedro e o restaurou ao discipulado (Mc 16:7; 1 Co 15:5). Também o restaurou publicamente (Jo 21:15-19). Pedro aprendeu algumas lições importantes durante essa difícil experiência. Aprendeu a prestar atenção à Palavra, vigiar, orar e não confiar em suas próprias forças.

3. JUDAS (MT 27:1-10)

O conselho dos líderes judeus reuniu-se pela manhã e deu o veredicto oficial contra Jesus. Desse modo, evitaram que o povo dissesse, posteriormente, que a reunião realizada às pressas na noite anterior havia sido ilegal. Nem *todos* estavam presentes na reunião da manhã. É provável que Nicodemos e José de Arimatéia não tivessem comparecido ou tivessem se absterido de votar (Jo 19:38-42). Porém, uma vez que os judeus não tinham

18:31), o prisioneiro foi levado até Pilatos, o procurador romano. Somente ele poderia condenar um prisioneiro à morte.

É nesse ponto que Judas volta à cena, presenciando como testemunha ocular o julgamento e a sentença oficial de Jesus e vendo que Cristo havia sido condenado à morte. A reação de Judas foi de remorso e desgosto. A palavra grega traduzida por "tocado de remorso", em Mateus 27:3, não indica arrependimento pelo pecado que leva à mudança de atitude, mas sim desgosto por ter sido pego em flagrante - o tipo de remorso que causa desespero. Pedro arrependeu-se sinceramente e Jesus o restaurou. Judas não se arrependeu e, por isso, cometeu suicídio.

Judas havia vendido Jesus pelo preço de um escravo (Êx 21:32). Em desespero, jogou as moedas no chão do templo e saiu. De acordo com a lei, esse dinheiro *sujo* não poderia ser usado no templo (Dt 23:18). Os líderes atentavam para a lei até mesmo quando eram culpados de transgredi-la. Usaram o dinheiro para comprar um lugar chamado de "campo do oleiro" e para designá-lo local de sepultamento para forasteiros.

Atos 1:18,19 ajuda a esclarecer esses acontecimentos. Judas afastou-se sozinho, lamentando profundamente seu crime e, por fim, enforcou-se. Ao que parece, o corpo só foi descoberto alguns dias depois, pois foi encontrado inchado e com as entranhas expostas, possivelmente porque o galho da árvore onde o suicida havia se amarrado tinha quebrado, e a queda tinha ocasionado a ruptura do cadáver.

Atos 1:18 não diz que Judas cometeu suicídio no mesmo campo que os sacerdotes compraram com o dinheiro, pois isso teria tornado o campo cerimonialmente impuro, e os sacerdotes não o teriam adquirido. Mateus 27:7 afirma que os sacerdotes compraram um campo, e Atos 1:18 afirma que o dinheiro de Judas foi usado para isso. Era impossível que Judas tivesse comprado o campo, pois devolveu o dinheiro aos sacerdotes. Os sacerdotes chamaram o cemitério de "Campo de Sangue", pois havia sido comprado com "dinheiro pago por sangue".

Mas então por que Mateus relaciona esse acontecimento a uma profecia de Jeremias, quando, na verdade, diz respeito a uma profecia encontrada em Zacarias 11:12, 13? Uma possibilidade é que a profecia de Jeremias tenha sido proferida por ele (ver Mt 27:9) e se tornado parte da tradição oral judaica, sendo registrada por escrito posteriormente pelo profeta Zacarias. O profeta Jeremias teve parte na compra de um campo (Jr 32:6ss), esteve na casa de um oleiro (Jr 18:1ss) e também num cemitério (Jr 19:1-12). É possível que Mateus tenha se referido a esses fatos em geral como contexto para a profecia específica escrita por Zacarias.

4. PILATOS (MT 27:11-26)

Pôncio Pilatos foi o sexto governador romano a servir na Judéia. Não era estimado pelos judeus, porque, em várias ocasiões, transgrediu deliberadamente a lei judaica e provocou o povo. Também se mostrou disposto a matar, caso isso se fizesse necessário para alcançar seus objetivos (Lc 13:1). Tendo em vista o péssimo relacionamento do governador com Israel e também as mudanças na política de Roma com respeito aos judeus, a posição de Pilatos era um tanto precária.

Os líderes judeus acusaram Jesus de três crimes. Afirmaram que era culpado de enganar a nação, de proibir o pagamento dos impostos e de se dizer rei (Lc 23:2). Eram, sem dúvida, acusações políticas, do tipo que um governador romano poderia resolver. Pilatos concentrou-se na terceira acusação - de que Jesus afirmava ser um rei -, pois se tratava de uma ameaça a Roma. Se conseguisse tratar desse "revolucionário" da maneira correta, Pilatos poderia agradar os judeus e, ao mesmo tempo, impressionar o Imperador.

"És tu o rei dos judeus?", perguntou Pilatos. Jesus lhe respondeu claramente: "Tu o dizes". No entanto, logo em seguida, Jesus interrogou Pilatos sobre sua pergunta (Jo 18:34-37). O governador tinha em mente a "realeza" no sentido romano? Nesse caso, Jesus não se considerava rei. Explicou ao

governador que seu reino não era deste mundo, que não possuía exércitos e que seus seguidores não lutavam. Antes, era o reino da verdade.

Esse diálogo convenceu Pilatos de que Jesus não era um revolucionário perigoso. “Não vejo neste homem crime algum.” Porém, os líderes judeus insistiram que Pilatos o condenasse. Repetiram as acusações e, ao exagerá-las, mencionaram que Jesus era da Galiléia. Quando Pilatos ouviu isso, encontrou uma saída para o dilema, pois a Galiléia estava sob a jurisdição de Herodes. É possível que Herodes estivesse descontente por Pilatos ter assassinado alguns de seu povo (Lc 13:1), e essa poderia ser uma excelente oportunidade de Pilatos reconciliar-se com Herodes.

Mateus não registra o julgamento realizado perante Herodes Antipas (Lc 23:6-12). Herodes foi o governante que mandou executar João Batista e que ameaçou matar Jesus (Lc 13:31, 32). Jesus permaneceu calado, pois Herodes havia silenciado a voz de Deus. Só restou ao rei escarnecer de Jesus e mandá-lo de volta para Pilatos. Se o governador romano esperava livrar-se do problema, ficou decepcionado. No entanto, essa manobra acabou promovendo a conciliação entre os dois governantes.

Pilatos desejava resolver o problema sem tomar qualquer decisão com respeito a Jesus. Como governador romano, havia jurado cumprir a lei, mas como político, sabia que deveria agradar o povo. Cada decisão que tomava abria para ele um novo leque de escolhas, até que se viu prisioneiro de suas próprias medidas evasivas. Continuou a interrogar Jesus, mas este não lhe respondeu.

Ainda restava a Pilatos um último subterfúgio: seguir a tradição de libertar um prisioneiro. Em vez de escolher um prisioneiro qualquer, Pilatos chamou Barrabás, o mais conhecido de todos e um ladrão (Jo 18:40) e assassino (Mc 15:7). Pilatos imaginou que a multidão rejeitaria Barrabás e pediria que libertassem Jesus, pois, afinal, quem gostaria de ter um ladrão e assassino condenado

Mas Pilatos enganou-se, pois apesar de Jesus ter curado os enfermos e ressuscitado os mortos, o povo o rejeitou e pediu a libertação do assassino. Pilatos percebeu que estava se formando uma revolta, algo que não poderia permitir que acontecesse. A fim de forçar Pilatos a tomar uma atitude, os líderes começaram a instigar justamente aquilo que todas as autoridades mais desejavam evitar: uma revolta na época de Páscoa (Mt 26:5). Assim, o governador resolveu o dilema, não por uma questão de integridade, mas sim de conveniência. Libertou um criminoso e condenou um inocente, e o inocente era o Filho de Deus.

Na tentativa de se exonerar, Pilatos tomou três providências. Em primeiro lugar, lavou as mãos e declarou que era inocente de qualquer culpa. Em segundo lugar, declarou categoricamente que Jesus era uma pessoa justa, ou seja, que não merecia morrer. Em terceiro lugar, ofereceu castigar Jesus e depois libertá-lo, mas os líderes judeus não aceitaram essa oferta diplomática. Por fim, as autoridades religiosas usaram uma arma da qual Pilatos não poderia se defender: “Se soltas a este, não és amigo de César! Todo aquele que se faz rei é contra César!” (Jo 19:12). Diante disso, Pilatos desistiu, mandou açoitar a Jesus e o entregou para ser crucificado.

Uma vez que os judeus não poderiam executar criminosos, era necessário que fossem assistidos por oficiais romanos, e Pilatos deu sua permissão. É evidente que todas essas coisas cumpriram as profecias. Os judeus não executavam seus criminosos por crucificação, mas sim por apedrejamento. O Salmo 22, escrito por um judeu, apresenta uma descrição vívida de uma crucificação. “Traspassaram-me as mãos e os pés” (Sl 22:16). Jesus se fez maldição por nós, pois “o que for pendurado no madeiro é maldito” (Dt 21:23; Gl 3:13). Deus, porém, ainda estava operando para cumprir seus propósitos divinos.

Pilatos sabia o que era correto, mas se recusou a agir de acordo. Seu desejo era “contentar a multidão” (Mc 15:15). Judas

pecado (Jo 13:2, 27); Pedro cedeu à *carne* quando negou ao Senhor; Pilatos, por sua vez, cedeu ao *mundo* e ouviu a multidão.

Pilatos procurou o caminho fácil, não o caminho correto. Assim, entrou para a história como o homem que condenou Jesus.

O SOFRIMENTO E MORTE DO REI

MATEUS 27:27-66

Mateus e os outros autores dos Evangelhos registraram os fatos históricos referentes ao sofrimento e à morte de nosso Senhor. Coube aos escritores das epístolas do Novo Testamento o trabalho de explicar o significado teológico desse acontecimento. A história afirma que “Cristo morreu”, mas a teologia explica que “Cristo morreu pelos nossos pecados” (1 Co 15:3). Vejamos os vários tipos de sofrimento que Jesus suportou ao longo daquele dia.

1. O ESCÁRNIO DOS SOLDADOS (MT 27:27-30)

A acusação formal contra Jesus era a de que ele afirmava ser Rei dos judeus (Mt 27:37). Os soldados aproveitaram-se disso e mostraram sua “reverência” pelo rei. Foi uma forma cruel de tratar um inocente que já havia sido açoitado, mas Pilatos não fez coisa alguma para impedi-los. Estava aliviado por se livrar do prisioneiro.

Primeiro, os soldados o despiram e colocaram sobre ele o manto de um soldado. Vestiram o Príncipe da Paz (Is 9:6) com um uniforme militar velho! Mateus descreve o manto como sendo *escarlata*, enquanto Marcos usa a palavra *púrpura*. Não há contradição, pois “púrpura-avermelhado” descreve bem a cor de um manto usado e desbotado. Só podemos imaginar como Jesus se sentiu quando esse manto foi jogado sobre suas costas feridas.

Um rei precisa de uma coroa, de modo que confeccionaram uma coroa de espinhos e a colocaram na cabeça dele. Em seguida, lhe deram um caniço como cetro, e fizeram

dos judeus!”, sem perceber que estavam, de fato, zombando do Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Depois, fizeram algo que súdito algum jamais faria a seu rei: cuspiram nele e o espancaram com o caniço. Enquanto alguns soldados se curvavam perante ele, outros o acertavam na cabeça ou cuspiam nele (Is 50:6). Jesus recebeu toda essa humilhação e dor sem falar nem lutar (1 Pe 2:18ss). Sua submissão não foi um sinal de fraqueza, mas sim de força.

2. A CRUCIFICAÇÃO (MT 27:31-38)

A crucificação era a forma mais vergonhosa e dolorosa de executar um criminoso. Jesus não apenas morreu, mas teve uma “morte de cruz” (Fp 2:8). Não se costumava crucificar cidadãos romanos. Aliás, a crucificação era uma pena tão degradante que sequer era mencionada nas altas rodas da sociedade.

Jesus foi conduzido para fora da cidade até o local da execução (Hb 13:12, 13). Exigia-se que o prisioneiro carregasse a própria cruz (ou pelo menos a trave principal), e que levasse pendurada ao pescoço uma placa declarando seu crime. Essa placa era, então, afixada sobre sua cabeça na cruz, para que todos pudessem ver o que dizia.

Apesar de o registro bíblico não dizer isso expressamente, ao que parece, Jesus não conseguiu carregar a cruz e, com isso, estava atrasando o grupo. Quando nos lembramos de que ele havia passado a noite toda acordado e de que havia sido açoitado e torturado pelos soldados, podemos concluir que estava exausto. Jesus começou carregando sua cruz (Jo 19:17). Marcos 15:22 diz: “E levaram Jesus para o Gólgota” (tradução literal). Isso sugere que os soldados tiveram de ajudar Jesus durante a procissão, pois a palavra “levaram” tem o sentido de “carregar, sustentar”.

Não poderia haver atrasos nessa execução. A Páscoa estava para ser celebrada, e os líderes judeus não queriam que seu dia santo fosse profanado por cadáveres de criminosos (Jo 19:31). A fim de apressar a procissão, os soldados recrutaram Simão, o cireneu,

celebrar a Páscoa. De repente, o visitante viu-se humilhado, obrigado a carregar a cruz de um criminoso desconhecido! Convém lembrar que os soldados romanos tinham autoridade para recrutar cidadãos (Mt 5:41) a realizar diversas tarefas.

A maneira de Marcos referir-se a Simão dá a entender que os leitores deste Evangelho sabiam quem ele era: “pai de Alexandre e de Rufo” (Mc 15:21). Ao que parece, esses dois filhos eram membros bem conhecidos da igreja. É possível que essa experiência humilhante tenha resultado na conversão de Simão, bem como de sua família. Simão foi a Jerusalém para sacrificar seu cordeiro pascal e acabou se encontrando com o Cordeiro de Deus, sacrificado por ele.

Era costume dar alguma bebida narcótica para os que estavam prestes a serem crucificados, pois ajudava a amortecer os sentidos e a amenizar a dor. Jesus recusou-se a bebê-la, pois desejava fazer a vontade de Deus em pleno controle de suas faculdades. Também esse ato cumpriu Salmos 69:21.

Os soldados também repartiam os bens pessoais da pessoa executada, e, no caso de Jesus, cumpriram as palavras de Salmos 22:18. Depois de lançar sortes sobre as roupas de Jesus (Jo 19:23-25), assentaram-se por perto e “o guardavam” (Mt 27:36). Afinal, se dizia que Jesus era capaz de realizar milagres. Ninguém sabia quantos seguidores possuía, e talvez estivessem se preparando para resgatá-lo. Um de seus discípulos era um zelote (Mt 10:4 – “Simão o Zelote”), membro de um movimento de fanáticos que fariam qualquer coisa para se opor às autoridades romanas.

Ao combinar os relatos dos Evangelhos, temos a acusação total escrita na placa sobre sua cabeça: “Este é Jesus de Nazaré, o Rei dos Judeus”. Os governantes judeus não aprovaram a inscrição de Pilatos, mas, dessa vez, o governador não cedeu (Jo 19:21, 22). Em certo sentido, esse título foi o primeiro “folheto evangelístico” escrito, anunciando a um dos ladrões crucificados que Jesus era Salvador e Rei. O ladrão ousou crer nessa mensagem e pediu a Jesus que o salvasse!

3. O ESCÁRNIO DOS JUDEUS (Mt 27:39-44)

Jesus não foi executado num lugar tranquilo, longe do barulho da cidade. Antes, sua execução foi realizada numa via pública, num dia em que provavelmente havia milhares de pessoas passando por ali. O fato de sua acusação ter sido escrita em três línguas – grego, hebraico e latim – indica que uma multidão cosmopolita passava diante do Gólgota, “o lugar da caveira”. Esse fato, por si mesmo, era extremamente humilhante, pois os transeuntes podiam gritar impropérios às vítimas. A zombaria da multidão também cumpriu palavras proféticas (Sl 22:6-8).

Não foi só o povo que zombou, mas também os líderes judeus, lembrando Jesus de suas promessas de reconstruir o templo em três dias (Mt 26:61; Jo 2:19). “Se você pode mesmo fazer isso, então desça da cruz e prove para nós que é mesmo o Filho de Deus!” Na realidade, ao *permanecer* na cruz, Jesus provou sua filiação divina.

Os líderes judeus zombaram dele por afirmar ser o Salvador. “Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se” (Mt 27:42). Havia salvado a outros, mas se salvasse a si mesmo, ninguém mais seria salvo! Jesus não veio para salvar sua vida, mas sim para entregá-la como resgate pelos pecadores.

4. A REJEIÇÃO PELO PAI (Mt 27:45-56)

Jesus foi crucificado às 9 horas da manhã e ficou pendurado na cruz das 9 ao meio-dia, quando trevas sobrenaturais cobriram toda a Terra. Não foi uma tempestade de areia nem um eclipse, como sugerem alguns estudiosos liberais. Antes, foi uma escuridão vinda do céu que durou três horas, como se toda a criação se condoesse com o Criador. Antes da primeira Páscoa no Egito, houve três dias de trevas (Êx 10:21-23), e antes de o Cordeiro de Deus morrer pelos pecados do mundo, houve três horas de escuridão.

Jesus falou pelo menos três vezes antes de sobrevirem as trevas. Enquanto o estavam crucificando, orou repetidamente: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23:34). Falou ao ladrão arrependido e

lhe garantiu um lugar no paraíso (Lc 23:39-43). Também entregou sua mãe aos cuidados de João, seu discípulo amado (Jo 19:18-27). Mas, quando veio a escuridão, Jesus calou-se por três horas.

Passadas essas horas, as trevas se dissiparam e Jesus clamou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?", uma citação direta de Salmos 22:1. Foi durante a escuridão que Jesus se tornou pecado por nós (2 Co 5:21). Havia sido abandonado pelo Pai! As trevas simbolizaram o julgamento pelo qual Jesus teve de passar ao ser "feito maldição" por nós (Gl 3:13). Salmos 22:2 sugere um período de luz e outro de escuridão, e Salmos 22:3 enfatiza a santidade de Deus. Como poderia um Deus santo olhar com favor para seu Filho, o qual havia se tornado pecado?

Jesus proferiu essas palavras em hebraico, e os presentes não o entenderam. Pensaram que estivesse chamando Elias para ajudá-lo. Se houvessem lhe dado atenção e consultado o Salmo 22 em sua totalidade, teriam compreendido a verdade.

Em seguida, o Senhor falou três vezes, numa rápida sucessão de frase. Disse: "Tenho sede" (Jo 19:28), cumprindo, assim, Salmos 69:21. Alguém teve piedade dele e umedeceu seus lábios com vinagre. Os outros ficaram esperando para ver se Elias viria salvá-lo.

Então, Jesus clamou: "Está consumado. Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito". O fato de ter clamado em alta voz indica que estava no completo controle de suas faculdades. Depois, entregou voluntariamente seu espírito e morreu.

Apesar de ter sido "crucificado em fraqueza" (2 Co 13:4), exerceu poder extraordinário quando morreu. Três milagres ocorreram simultaneamente: o véu do templo se rasgou de alto a baixo, um terremoto abriu vários túmulos e alguns santos ressuscitaram. O véu rasgado simboliza uma verdade maravilhosa: o caminho para Deus estava aberto (Hb 10:14-26). Não haveria mais necessidade de templos, sacerdotes, altares nem sacrifícios. Jesus havia consuma-

O terremoto nos traz à memória o que aconteceu no monte Sinai, quando Deus deu a Lei a Moisés (Êx 19:16ss). O terremoto no Calvário significa que os preceitos da Lei foram cumpridos, e a maldição da Lei foi abolida para sempre (Hb 12:18-24). O véu rasgado indica que Jesus conquistou o pecado; o terremoto sugere que ele conquistou a Lei e a cumpriu, enquanto a ressurreição prova que ele derrotou a morte.

O texto não diz o número de santos que ressuscitaram. Eram simplesmente crentes que haviam morrido. Algumas versões da Bíblia dão a entender que saíram dos túmulos somente *depois* da ressurreição de Jesus. É difícil crer que tenham sido restaurados à vida na sexta-feira à tarde e permanecido nos túmulos até domingo. Outras versões sugerem que esses santos ressuscitaram e saíram imediatamente dos túmulos, mas que só entraram em Jerusalém depois que Jesus ressuscitou. É pouco provável que houvesse um grande número de judeus no cemitério durante a Páscoa, pois era um local onde corriam o risco de se contaminar cerimonialmente por causa dos mortos. Essas ressurreições podem ter ocorrido sem que ninguém as percebesse de imediato.

O resultado de tudo isso foi o testemunho do centurião e daqueles que observavam. "Verdadeiramente este era Filho de Deus." Será que a declaração indica uma fé salvadora? Não necessariamente, mas, sem dúvida, mostra que havia corações abertos para a verdade.

Dos discípulos, somente João estava presente quando Jesus morreu (Jo 19:35), mas muitas mulheres observaram à distância; sem dúvida, eram as seguidoras de Cristo que o auxiliaram em seu ministério (Lc 8:2). Mateus cita o nome de três delas: Maria Madalena, que havia sido liberta da possessão de sete demônios (Lc 8:2); Maria, mãe de Tiago e de José, a qual também estava junto ao túmulo na manhã da ressurreição (Mt 28:1; Mc 16:1); e Salomé, mãe de Tiago e de João. Salomé havia pedido a Jesus tronos especiais para seus filhos. Ficamos imaginando como deve ter se sentido ao vê-lo pendura-

5. O TÚMULO SOB VIGILÂNCIA (Mt 27:57-66)

Se não fosse pela intervenção de José de Arimatéia e de Nicodemos (Jo 19:38), o corpo de Jesus talvez não tivesse recebido um sepultamento apropriado. Mesmo não testemunhando abertamente da sua fé, José e Nicodemos creram em Jesus. Uma vez que José era um homem rico e tinha preparado um túmulo novo, contribuiu para cumprir a profecia de Isaías 53:9: "Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte".

É pouco provável que José tenha preparado o túmulo para si mesmo. Era um homem rico e certamente não pretendia ser sepultado tão próximo a um local de execuções. Preparou o túmulo para Jesus, escolhendo um lugar perto do Gólgota para que ele e Nicodemos sepultassem o corpo de Jesus rapidamente. Talvez José e

Nicodemos estivessem no jardim esperando pela morte de Jesus. Quando o tiraram da cruz, contaminaram-se e não puderam participar da Páscoa, um detalhe irrelevante, uma vez que haviam encontrado o Cordeiro de Deus!

Em contraste com o cuidado dos amigos de Jesus, podemos observar as intrigas e maquinações dos líderes judeus. Os discípulos esqueceram que Jesus havia prometido ressuscitar no terceiro dia, mas seus inimigos lembraram-se da promessa. Pilatos permitiu que os líderes colocassem guardas para vigiar o sepulcro e um selo oficial romano na pedra para garantir que o túmulo não seria violado. Em tudo isso, vemos Deus operando, tornando impossível a qualquer um – amigo ou inimigo – roubar o corpo. Sem perceber, os líderes judeus e o governo romano aliaram-se para provar a ressurreição de Jesus Cristo.

A VITÓRIA DO REI

MATEUS 28

Se existe algo que comprova a realeza de Jesus Cristo é sua ressurreição dentre os mortos. O capítulo final do Evangelho de Mateus é um relato de vitória, e é maravilhoso saber que os cristãos de hoje participam dessa vitória.

Vejamos os estágios da experiência dos cristãos com respeito à ressurreição de Jesus.

1. PENSARAM QUE ELE ESTAVA MORTO (MT 28:1)

As mulheres que haviam estado na crucificação foram logo cedo ao túmulo, levando consigo especiarias para unguir o corpo. Pensaram que seu Mestre estava morto e ficaram imaginando como poderiam mover a pedra enorme da entrada do sepulcro (Mc 16:3). É espantoso que, apesar de tudo o que Jesus havia ensinado tantas vezes sobre sua ressurreição, não acreditavam que ela ocorreria (Mt 16:21; 17:23; 20:19; 26:32).

Não devemos jamais subestimar a importância da ressurreição de Jesus Cristo. O mundo acredita que Jesus morreu, mas não crê que ele tenha ressuscitado dos mortos. A mensagem de Pedro em Pentecostes enfatizou a ressurreição, ênfase presente ao longo de todo o Livro de Atos. Qual é o significado da ressurreição?

Prova que Jesus é o Filho de Deus. Jesus afirmou ter autoridade para sacrificar sua vida e tomá-la de volta (Jo 10:17, 18).

Comprova a verdade das Escrituras. Tanto no Antigo Testamento quanto nos ensinamentos de Jesus, sua ressurreição é ensinada claramente (ver Sl 16:10; 110:1). Se Jesus não tivesse saído do túmulo, as Es-

Confirma nossa ressurreição futura.

Pelo fato de Jesus haver morrido e ressuscitado, um dia também seremos ressuscitados para ser como ele (1 Ts 4:13-18). Toda a estrutura da fé cristã baseia-se no alicerce da ressurreição. Se desconsiderarmos sua ressurreição, não teremos esperança.

É prova do juízo vindouro. "Porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos" (At 17:31).

É a base do sacerdócio celestial de Cristo. Porque ele vive pelo poder da vida eterna, é capaz de nos "salvar totalmente" (Hb 7:23-28). Ele vive para interceder por nós.

Dá poder à vida cristã. Não podemos viver para Deus por nossas próprias forças. É somente pelo poder da ressurreição dele trabalhando em e por meio de nós que somos capacitados a realizar sua vontade e a glorificar seu nome (Rm 6:4).

Confirma nossa herança futura. Por ter uma esperança viva, somos capazes de também experimentar uma vida de esperança. A esperança morta enfraquece e desaparece, mas porque Jesus Cristo está vivo, temos um futuro glorioso (ver 1 Pe 1:3-5).

Onde quer que o povo de Deus se reúna no domingo, testemunha que Jesus está vivo, e que a igreja está recebendo bênçãos espirituais. Quando os seguidores do Senhor reuniram-se naquele primeiro domingo, sentiam-se desencorajados e derrotados.

2. DESCOBRIRAM QUE ELE ESTAVA VIVO (MT 28:2-8)

"E eis que houve um grande terremoto" (Mt 28:2). Dois anjos haviam aparecido (Lc 24:4), e um deles havia movido a pedra, abrindo o sepulcro. É evidente que os soldados que vigiavam ficaram apavorados por essa demonstração súbita de força. A pedra não foi movida para permitir que Jesus saísse, pois ele já havia deixado o túmulo. Foi movida para que as pessoas pudessem ver por si mesmas que o sepulcro estava vazio.

Um dos anjos falou às mulheres e as tran-

onde ele jazia." É importante lembrar que, assim como os discípulos, essas mulheres não esperavam encontrar Jesus vivo.

O que viram no sepulcro? A mortalha que estava sobre a plataforma de pedra, ainda enrolada no formato de um corpo (Jo 20:5-7). Jesus saiu da mortalha e a deixou intacta como evidência de que estava vivo. Ninguém havia mexido nos lençóis e não havia qualquer sinal de luta. Até mesmo o lenço que cobria a cabeça de Jesus estava dobrado cuidadosamente num lugar à parte.

Não podemos examinar essas provas da mesma forma que os cristãos fizeram naquele primeiro domingo de Páscoa, mas temos como evidência a Palavra de Deus. Jesus não ficou preso aos grilhões da morte (At 2:24). Prometeu ressuscitar dos mortos e cumpriu sua Palavra.

A mudança extraordinária que ocorreu nos primeiros cristãos é outra prova de sua ressurreição. Num dia estavam desanimados, escondendo-se como derrotados. No dia seguinte, proclamavam a ressurreição de Jesus e andavam alegremente pela cidade, dispostos até a morrer pela verdade da ressurreição. Uma história inventada jamais teria transformado a vida deles nem os capacitado a se sacrificar como mártires.

Mais de quinhentas pessoas viram Cristo vivo de uma só vez (1 Co 15:3-8). A natureza dessas aparições do Cristo ressurreto não permite que sejam explicadas como alucinações ou auto-sugestão. As pessoas que o viram ficaram espantadas. Seria impossível mais de quinhentas pessoas sofrerem uma alucinação coletiva. Até mesmo o apóstolo Paulo, que em outros tempos havia sido inimigo da Igreja, viu o Cristo ressurreto, e essa experiência transformou sua vida (At 9).

A existência da Igreja, o Novo Testamento e o dia do Senhor também comprovam que Jesus está vivo. Israel havia sido o povo de Deus durante séculos e guardara o sétimo dia, o *shabbath*. Então, algo mudou: judeus e gentios uniram-se na Igreja, tornaram-se o povo de Deus e passaram a se reunir no primeiro dia da semana, o dia do Senhor. Se

Jesus está morto, o Novo Testamento é uma mentira, pois tudo o que contém aponta para o Cristo ressurreto.

É evidente que os cristãos experimentam o poder da ressurreição de Cristo em sua própria vida. Apesar de se tratar de uma experiência subjetiva e interior que não pode provar *isoladamente* a ressurreição histórica de nosso Senhor, quando combinada com outras evidências, dá grande peso à argumentação. Mesmo assim, ainda é possível às pessoas se enganarem. "Crentes" de qualquer tipo de seita podem alegar que possuem a verdade, usando para isso suas experiências pessoais. No entanto, os cristãos têm o peso da história da Igreja, das Escrituras e de testemunhos confiáveis para apoiar suas experiências de fé.

A injunção: "venham ver" foi seguida de "vão e digam". Não devemos guardar a notícia da ressurreição para nós mesmos. Os anjos enviaram as mulheres (justamente elas!) para contar as boas novas aos discípulos de Cristo. Deveria ser uma notícia esperada, mas, em vez disso, questionaram o que ouviram.

3. ENCONTRARAM-SE PESSOALMENTE COM O CRISTO VIVO (Mt 28:9-15)

Quando obedecemos à Palavra de Deus, ele vem até nós. Jesus já havia aparecido a Maria Madalena no jardim (Jo 20:11-18; Mc 16:9). É importante observar que as duas primeiras aparições do Cristo ressurreto aconteceram a mulheres cristãs. Essas mulheres fiéis não foram apenas as últimas a deixar o Calvário, mas também as primeiras a se dirigir ao sepulcro. Sua devoção a Jesus foi recompensada.

A expressão "Salve" pode ser traduzida por *graça*. Que saudação maravilhosa para o dia da ressurreição! As mulheres prostraram-se aos pés do Senhor e o adoraram. É possível que estivessem apreensivas, pois, mais que depressa, ele as tranqüilizou com suas palavras tão típicas: "Não temais!"

Foram instruídas não apenas pelo anjo, mas também pelo próprio Senhor a espalhar as boas novas. A expressão "meus irmãos" revela o relacionamento íntimo de Cristo com

seus seguidores. Jesus havia falado palavras semelhantes a Maria Madalena anteriormente naquela manhã (Jo 20:17), reforçando as instruções do anjo para que os discípulos se encontrassem com o Mestre na Galiléia (ver Mt 28:7). No jardim, Jesus havia dito a seus discípulos que ressuscitaria dentre os mortos e se encontraria com eles na Galiléia, mas eles se esqueceram (Mt 26:31, 32).

Enquanto os crentes estavam adorando o Cristo vivo, os incrédulos planejavam destruir as testemunhas da ressurreição de Jesus Cristo. A essa altura, alguns dos soldados haviam percebido que se encontravam numa situação bastante complicada. O selo romano havia sido quebrado, a pedra que fechava o sepulcro havia sido movida e o corpo não estava mais lá. Falhar no cumprimento do dever era uma transgressão passível de morte para um soldado romano (At 12:19; 16:27, 28). Mas os soldados foram astutos: não se reportaram a Pilatos nem a seus oficiais superiores, mas aos líderes religiosos judeus. Sabiam que, tanto quanto eles, os judeus estavam ansiosos por encobrir esse milagre! Juntos, os principais sacerdotes, os anciãos e os soldados elaboraram uma história que explicaria o sepulcro vazio: o corpo havia sido roubado.

Ao examinar essa história, observamos que, na verdade, ela *prova* a ressurreição de Jesus Cristo. Se o corpo de Jesus foi roubado, ou foi levado por seus amigos ou por seus inimigos. Seus amigos não poderiam ter feito isso, pois não tinham dúvidas de que Jesus estava morto. Seus inimigos não roubariam o corpo, porque estavam justamente tentando evitar a crença na ressurreição. Remover o corpo seria contrário a seus interesses. Caso o tivessem levado, por que não o mostraram aos cristãos da Igreja primitiva, calando o testemunho deles?

Qualquer um que tivesse roubado o corpo o teria levado *com a mortalha*, porém esta foi deixada intacta no sepulcro, algo impossível no caso de um roubo.

Os líderes religiosos haviam pago Judas para trair Jesus e pagaram os soldados para dizer que o corpo havia sido roubado. Os

grande soma em dinheiro, pois era sua vida que estava em jogo. Caso seus superiores soubessem que haviam falhado, poderiam ser executados. Mesmo que essa história chegasse aos ouvidos de Pilatos, dificilmente o governador tomaria alguma providência, pois estava certo de que Jesus havia morrido (Mc 15:43-45) e, para ele, era só o que importava. O desaparecimento do corpo de Jesus não criou problema algum para Pilatos.

Mark Twain escreveu certa vez que uma mentira pode dar a volta ao mundo enquanto a verdade ainda está calçando os sapatos. Há algo na natureza humana que predispõe as pessoas a acreditar em mentiras. Foi apenas com a vinda do Espírito em Pentecostes, com o testemunho poderoso dos apóstolos, que os judeus em Jerusalém descobriram a verdade: Jesus Cristo está vivo! Qualquer pessoa sincera que estudar as evidências com o coração aberto concluirá que a ressurreição de Jesus Cristo é um fato histórico irrefutável.

Naquele mesmo dia, Jesus apareceu aos dois discípulos de Emaús (Lc 24:13-32) e também aos dez discípulos no cenáculo em Jerusalém (Jo 20:19-25). Uma semana depois, apareceu aos onze discípulos e tratou da incredulidade de Tomé (Jo 20:19-25). Naquele primeiro domingo de Páscoa, Jesus também teve um encontro particular com Pedro (Lc 24:33-35; 1 Co 15:5).

O dia começou com os discípulos e as mulheres pensando que Jesus estava morto. Em seguida, receberam a notícia de que ele estava vivo e, depois disso, se encontraram pessoalmente com ele. Restava ainda um estágio em sua experiência.

4. COMPARTILHARAM AS BOAS-NOVAS COM OS OUTROS (MT 28:16-20)

Alguns estudiosos bíblicos acreditam que esse "encontro no monte" na Galiléia foi a ocasião em que Jesus apareceu a "mais de quinhentos irmãos de uma só vez" (1 Co 15:6). O fato de alguns dos seguidores de Cristo duvidarem de sua ressurreição sugere que havia mais pessoas presentes além

agora cristãos confirmados. A ascensão de Jesus ocorreu somente mais tarde, depois que havia ministrado a seus discípulos em Jerusalém (Lc 24:44-53).

O texto de Mateus 28:18-20 costuma ser chamado de "Grande Comissão", apesar de essa injunção do Senhor não ser mais importante do que qualquer outra presente nos Evangelhos e também de não ser a última declaração feita por Jesus antes de voltar ao céu. No entanto, é uma declaração que se aplica a nós, cristãos, de modo que devemos entender os elementos envolvidos.

Autoridade (v. 18). Neste versículo, a palavra "autoridade" significa "direito de usar o poder". O Evangelho de Mateus, em sua totalidade, enfatiza a autoridade de Jesus Cristo. Havia autoridade em seus ensinamentos (Mt 7:29), exerceu autoridade para curar (Mt 8:1-13) e até mesmo para perdoar pecados (Mt 9:6). Tinha autoridade sobre Satanás e delegou autoridade a seus apóstolos (Mt 10:1). Ao final de seu Evangelho, Mateus deixa claro que Jesus tem TODA a autoridade.

Uma vez que Jesus Cristo tem toda a autoridade, podemos obedecer a ele sem medo. Não importa por onde ele nos conduz nem as circunstâncias que enfrentamos, Jesus está no controle. Por sua morte e ressurreição, Jesus derrotou todos os inimigos e conquistou para si toda a autoridade.

O cristianismo é uma fé missionária. A própria natureza de Deus exige isso, pois Deus é amor e Deus não quer que ninguém pereça (2 Pe 3:9). Jesus morreu na cruz pelo mundo todo. Quem é filho de Deus e compartilha de sua natureza levará as boas-novas ao mundo todo.

Quando lemos o Livro de Atos, vemos que a Igreja primitiva operava com base na autoridade soberana do Senhor, ministrando em seu nome, dependendo de seu poder e orientação. Não enfrentaram o mundo perdido firmando-se em sua autoridade, mas sim na autoridade de Jesus Cristo.

Atividade (vv. 19, 20a). O verbo grego traduzido por *ide* na verdade não é uma ordem, mas sim um gerúndio (*indo*). O único mandamento de toda a grande comissão é

"fazei discípulos" ("de todas as nações"). Jesus disse: "Enquanto estiverem indo, façam discípulos em todas as nações". Não importa onde estamos, devemos testemunhar sobre Jesus Cristo e procurar ganhar outros para ele (At 11:19-21).

O termo "discípulos" era o nome mais comum para os cristãos primitivos. Ser um discípulo significa mais do que ser um convertido ou um membro da igreja. *Aprendiz* talvez seja um bom termo equivalente. Um discípulo apegava-se a seu mestre, identificava-se com ele, aprende e vive com ele. Aprende não apenas ouvindo, mas também praticando. Jesus chamou doze discípulos e os ensinou de modo que fossem capazes de ensinar a outros (Mc 3:13ss).

Assim, um discípulo é alguém que crê em Jesus Cristo, expressa essa fé ao ser batizado e permanece em comunhão com os irmãos a fim de aprender as verdades da fé (At 2:41-47) e então ser capaz de ir e ensinar a outros. Esse era o padrão da Igreja do Novo Testamento (2 Tm 2:1, 2).

Em vários aspectos, desviamos-nos desse padrão. Na maioria das igrejas, a congregação paga o pastor para pregar, ganhar o perdido e ajudar o salvo, enquanto os membros da igreja atuam apenas como torcedores (se estiverem animados), ou então, como meros espectadores. Os "convertidos" são ganhos, batizados e aceitos como membros, para depois se juntarem aos espectadores. Nossas igrejas cresceriam muito mais rapidamente, e os cristãos seriam muito mais fortes e felizes, se discipulassem uns aos outros. A única forma de uma igreja local "crescer e se multiplicar" (em vez de crescer por "acrêscimo") é por meio de um programa sistemático de discipulado. Trata-se de uma responsabilidade de *todo* cristão, não apenas de um pequeno grupo "chamado para ir".

Jesus abriu a mente de seus discípulos para que entendessem as Escrituras (Lc 24:44, 45). Descobriram o que Jesus desejava que ensinassem aos convertidos. Não basta ganhar pessoas para o Senhor. Também é preciso ensinar a Palavra de Deus a elas, pois isso faz parte da grande comissão.

Capacidade (v. 20b). Jesus não está presente apenas quando seu povo se reúne (Mt 18:20), mas também quando seus seguidores estão espalhados pelo mundo dando seu testemunho. Se houvesse permanecido aqui na Terra, Jesus não poderia ter cumprido essa promessa. Com a vinda do Espírito, Jesus pode estar com seu povo em qualquer lugar.

G. Campbell Morgan contou, certa vez, uma experiência envolvendo essa declaração. Quando era recém-convertido, Morgan costumava visitar várias senhoras de idade, uma vez por semana, a fim de ler a Bíblia para elas. Ao chegar no final do Evangelho de Mateus, Morgan leu: "E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século", e depois perguntou: "Não é uma promessa maravilhosa?" Uma das senhoras respondeu sem hesitar: "Meu jovem, isso não é uma promessa, é um fato!"

Não há requisitos a preencher para encontrar as pessoas ou para haver conversões, pois Jesus Cristo está conosco. Paulo descobriu essa verdade quando tentava fundar uma igreja na difícil cidade de Corinto. Obedecendo a essa comissão, Paulo foi até a cidade (At 18:1), ganhou pessoas para Cristo e as batizou (At 18:8), ensinando-lhes a Palavra (At 18:11). Quando a situação complicou-se, Paulo recebeu um visita especial do Senhor: "Não temas [...] porquanto eu estou contigo" (At 18:9, 10).

A frase "até a consumação do século" indica que nosso Senhor tem um plano, pois ele é Senhor da história. Ao seguir e obedecer a direção de seu Cabeça, a Igreja cumpre o propósito de Deus no mundo. Um dia, chegaremos ao ponto culminante desse plano. Enquanto esse dia não vem, devemos permanecer fiéis.

MARCOS

ESBOÇO

Tema-chave: Jesus Cristo o servo

Versículo-chave: Marcos 10:45

I. A APRESENTAÇÃO DO SERVO – 1:1-13

II. O MINISTÉRIO DO SERVO NA GALILÉIA – 1:14 – 9:50

A. Período de popularidade – 1:14 – 6:29

B. Período de afastamento – 6:30 – 9:32

C. Período de conclusão – 9:33-50

III. A JORNADA DO SERVO A JERUSALÉM – CAPÍTULO 10

IV. O MINISTÉRIO DO SERVO EM JERUSALÉM – CAPÍTULOS 11 – 16

A. Ensino em público e controvérsias – 11:1 – 12:44

B. Ensino em particular e ministério – 13:1 – 14:31

C. Prisão, julgamento e crucificação – 14:32 – 15:47

D. Ressurreição e ascensão – 16

CONTEÚDO

1. O Servo de Deus está aqui!
(Mc 1)..... 143
 2. O que o Servo nos oferece
(Mc 2:1 – 3:12)..... 149
 3. O Servo, as multidões e o reino
(Mc 3:13 – 4:34)..... 155
 4. As conquistas do Servo
(Mc 4:35 – 5:43)..... 161
 5. A fé no Servo
(Mc 6:1-56)..... 167
 6. O Servo e Mestre
(Mc 7:1 – 8:26)..... 173
 7. Os segredos do Servo
(Mc 8:27 – 9:50)..... 179
 8. Os paradoxos do Servo
(Mc 10)..... 186
 9. O Servo em Jerusalém
(Mc 11:1 – 12:44)..... 192
 10. O Servo revela o futuro
(Mc 13)..... 199
 11. O sofrimento do Servo
(Mc 14:1 – 15:20)..... 205
 12. O Servo consuma sua obra
(Mc 15:21 – 16:20)..... 212
-

O SERVO DE DEUS ESTÁ AQUI!

MARCOS 1

“O evangelho não é uma argumentação nem um debate”, disse Paul S. Rees. “É uma proclamação!”

Sem rodeios, Marcos põe-se a proclamar a mensagem nas primeiras palavras de seu livro. Mateus, que escreveu principalmente a judeus, começa seu Evangelho com uma genealogia. Afinal, precisava provar a seus leitores que Jesus Cristo é, de fato, o herdeiro legítimo do trono de Davi. Uma vez que Lucas concentra-se principalmente no ministério do Filho do homem, dedica os primeiros capítulos de seu livro ao relato do nascimento do Salvador. Lucas enfatiza a humanidade de Cristo por saber que os leitores gregos se identificariam com um Bebê perfeito nascido para se tornar um Homem perfeito.

O Evangelho de João começa com uma declaração sobre a eternidade! Isso porque João escreveu com o intento de provar ao mundo inteiro que Jesus Cristo de Nazaré é o Filho de Deus (Jo 20:31). O tema do Evangelho de João é a divindade de Cristo, mas o objetivo do seu Evangelho é encorajar seus leitores a crer no Salvador e a receber a dádiva da vida eterna.

E o Evangelho de Marcos? Marcos escreveu para os romanos, e seu tema é *Jesus Cristo, o Servo*. Se tivéssemos de escolher um “versículo-chave” para este Evangelho, seria Marcos 10:45: “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.”

O fato de Marcos ter escrito pensando nos romanos ajuda a entender seu estilo e abordagem. A ênfase de seu Evangelho é na

lugar para outro e suprimindo necessidades físicas e espirituais de gente de todo tipo. Uma das expressões prediletas de Marcos é *imediatamente*. No original, ele a emprega mais de quarenta vezes. Marcos não registra vários sermões de Jesus, pois sua ênfase é sobre o que Jesus fez, não sobre o que disse. O evangelista revela Jesus como o Servo de Deus, enviado para ministrar a um povo sofrido e para morrer pelos pecados do mundo. Marcos não relata coisa alguma a respeito do nascimento de Cristo nem apresenta sua genealogia, pois, em se tratando de um servo, isso era desnecessário.

Neste capítulo de abertura, Marcos fala de três fatos importantes sobre o Servo de Deus.

1. A IDENTIDADE DO SERVO (Mc 1:1-11)

De que maneira Marcos identifica o Servo? O evangelista registra o testemunho de várias fontes fidedignas para garantir que Jesus é tudo o que dizia ser.

A primeira testemunha do livro é seu autor, João Marcos (v. 1). Com toda ousadia, declara que Jesus Cristo é o Filho de Deus. É provável que Marcos tenha sido uma testemunha ocular de alguns dos acontecimentos sobre os quais escreve. Vivia em Jerusalém com a mãe, Maria, e sua casa era um ponto de encontro para os cristãos da cidade (At 12:1-19). Muitos estudiosos acreditam que Marcos seja o jovem descrito em Marcos 14:51, 52. Uma vez que Pedro chama Marcos de “meu filho” (1 Pe 5:13), pode ser que tenha levado Marcos a crer em Jesus Cristo. De acordo com as tradições da Igreja, Marcos era o “intérprete de Pedro”, de modo que o Evangelho de Marcos reflete as experiências pessoais e o testemunho de Simão Pedro.

A palavra *evangelho* significa, simplesmente, “boas novas”. Para os romanos, o público-alvo de Marcos, evangelho significava “notícias alegres sobre o imperador”. O “Evangelho de Jesus Cristo” é a boa nova de que o Filho de Deus veio ao mundo para morrer por nossos pecados. É a boa nova de

de que podemos pertencer à família de Deus e, um dia, viver no céu com Deus. É a proclamação da vitória sobre o pecado, a morte e o inferno (1 Co 15:1-8, 51, 52; Gl 1:1-9).

O segundo testemunho vem dos profetas (vv. 2, 3). Marcos cita dois profetas do Antigo Testamento: Malaquias 3:1 e Isaías 40:3 (ver também Êx 23:20). As palavras *mensageiro* e *voz* referem-se a João Batista, o profeta de Deus enviado a fim de preparar o caminho para o Filho de Deus (Mt 3; Lc 3:1-18; Jo 1:19-34). Na Antiguidade, antes de um rei ir visitar alguma parte de seu reino, era costume enviar adiante dele um mensageiro para preparar o caminho. O trabalho do mensageiro era providenciar para que as estradas fossem reparadas e também preparar as pessoas. Ao chamar a nação ao arrependimento, João Batista preparou o caminho para o Senhor Jesus Cristo. Isaías e Malaquias declaram, a uma só voz, que Jesus Cristo é o Senhor, Deus Jeová.

A terceira testemunha é João Batista (vv. 4-8). Jesus chamou João Batista de o maior dos profetas (Mt 11:1-15). Em seu modo de vestir e de viver e em sua mensagem de arrependimento, João identificou-se com Elias (2 Rs 1:8; Ml 4:5; Mt 17:10-13; e observe Lc 1:13-17). O “deserto” onde João ministrou é a região erma ao longo da costa oeste do mar Morto. De maneira simbólica, João dizia às pessoas que a vida delas era como um “deserto espiritual”, muito pior do que o deserto físico no qual seus ancestrais vagaram durante quarenta anos. João conclamou o povo a deixar o deserto espiritual, a crer em seu “Josué” (Jesus) e a tomar posse de sua herança.

Fez questão de engrandecer a Cristo, não a si mesmo (ver Jo 3:25-30). Batizou com água, mas avisou que “aquele que viria após ele” batizaria com o Espírito (At 1:4, 5). Isso não significa que o batismo de João não era autorizado (ver Mt 21:23-27), ou que, um dia, o batismo com água seria substituído pelo batismo do Espírito (ver Mt 28:19, 20). Antes, a mensagem e o batismo de João foram uma *preparação*, a fim de que o povo estivesse pronto para se encontrar com o

Messias, Jesus Cristo, e crer nele. Os apóstolos de Jesus foram, sem dúvida alguma, batizados por João (ver Jo 4:1, 2 e At 1:21-26).

O Pai e o Espírito Santo são as últimas testemunhas a identificar o Servo de Deus (vv. 9-11). Quando Jesus foi batizado, o Espírito veio sobre ele em forma de pomba, e o Pai falou dos céus e identificou seu Filho amado. Com exceção de Jesus e de João, os que estavam presentes não ouviram a voz nem viram a pomba (ver Jo 1:29-34). A palavra *amado* não apenas declara afeição, mas também significa “o único”. A declaração do Pai vinda dos céus nos traz à memória o Salmo 2:7 e Isaías 42:1.

Pode ser interessante tomar nota das seguintes referências no Evangelho de Marcos que mostram Jesus Cristo como o Filho de Deus: Marcos 1:1, 11; 3:11; 5:7; 9:7; 12:1-11; 13:32; 14:61, 62 e 15:39. Marcos não escreveu apenas sobre um servo judeu, mas sobre o Filho de Deus que veio dos céus para morrer pelos pecados do mundo.

Por certo, Jesus é Servo, porém um Servo diferente. Afinal, normalmente é o servo quem prepara o caminho para os outros e anuncia a chegada deles. No entanto, *outros* prepararam o caminho para Jesus e anunciaram sua vinda. Até mesmo os céus registraram! Esse Servo é o Filho de Deus.

2. A AUTORIDADE DO SERVO (Mc 1:12-28)

Esperamos que um servo *esteja sujeito* a alguma autoridade e *receba* ordens, mas o Servo de Deus *exerce* autoridade e *dá* ordens – até mesmo aos demônios –, e suas ordens são obedecidas. Nesta seção, Marcos descreve três cenas que revelam a autoridade de nosso Senhor como Servo de Deus.

Primeira cena – sua tentação (vv. 12, 13). Marcos não apresenta um relato tão extenso quanto o de Mateus (4:1-11) e o de Lucas (4:1-13), mas acrescenta alguns detalhes que os outros dois evangelistas deixam de fora. O Espírito o “impeliu” para o deserto. Trata-se de uma palavra forte, que Marcos usa onze vezes em seu texto original para descrever a expulsão de demônios. O termo não sugere que Jesus estava relutante

ou temeroso de enfrentar Satanás. Pelo contrário, é a forma que Marcos emprega para expressar a intensidade da experiência. Não gasta tempo falando da glória celeste da voz ou da presença da pomba. O Servo tem uma tarefa a cumprir e se põe imediatamente a realizar seu trabalho.

De forma concisa, Marcos apresenta duas imagens simbólicas. Os *quarenta dias* de nosso Senhor no deserto lembram os *quarenta anos* de Israel no deserto. Israel fracassou ao ser testado, mas Cristo foi vitorioso. Tendo triunfado sobre o inimigo, Jesus pôde prosseguir e chamar um novo povo para entrar na herança espiritual. Não é difícil ver o paralelo, pois o nome *Jesus* é a forma grega do nome "Josué".

A segunda imagem é a do "último Adão" (1 Co 15:45). O primeiro Adão foi testado num jardim maravilhoso e falhou, enquanto Jesus foi tentado num deserto perigoso e conquistou a vitória. Por causa de seu pecado, Adão perdeu o "domínio" sobre a Criação (Gn 1:28; Sl 8), mas em Cristo, esse domínio foi restaurado para todo o que crê no Senhor (Hb 2:6-8). Jesus estava junto de animais selvagens, mas não lhe fizeram mal. Com isso, o Senhor demonstrou o dia vindouro de paz e de retidão, em que voltará e estabelecerá seu reino (Is 11:9; 35:9). Sem dúvida, ele é um Servo com autoridade!

Segunda cena - sua pregação (vv. 14-22). Se há alguém que falou a verdade de Deus com autoridade, esse alguém foi Jesus Cristo (ver Mt 7:28, 29). Costuma-se dizer que os escribas falavam *segundo* as autoridades, enquanto Jesus falava *com* autoridade. Marcos não registra aqui o início do ministério de Cristo, pois o Senhor já havia ministrado em outros lugares (Jo 1:35 - 4:4). Antes, nessa passagem, o evangelista mostra o que levou Jesus a deixar a Judéia e a se dirigir para a Galiléia: Herodes prendeu João Batista, e, por uma questão de prudência, convinha que Jesus sáísse daquela região. A propósito, foi durante essa viagem que Jesus conversou com a mulher samaritana (Jo 4:1-45).

A mensagem de Jesus era o evangelho

como vemos em alguns textos. Por certo, a maioria dos judeus percebia um tom de "revolução política" na expressão "reino de Deus", mas não era isso o que Jesus tinha em mente. Seu reino dizia respeito a sua soberania na vida das pessoas; era um reino espiritual, não uma organização política. A única forma de entrar no reino de Deus é crer nas Boas Novas e nascer de novo (Jo 3:1-7).

O evangelho é chamado de "o evangelho de Deus", porque vem de Deus e nos conduz a ele. É "o evangelho do reino", pois a fé no Salvador nos leva a seu reino; é também o "evangelho de Jesus Cristo", porque ele está no centro; sem sua vida, morte e ressurreição, não haveria boas novas. Paulo o chama de "evangelho da graça de Deus" (At 20:24), pois não é possível haver salvação sem a graça (Ef 2:8, 9). Há apenas um evangelho (Gl 1:1-9), e seu cerne é a obra que Jesus Cristo consumou por nós na cruz (1 Co 15:1-11).

Jesus pregou que as pessoas deveriam arrepender-se (mudar de idéia) e crer (ver At 20:21). Sozinho, o arrependimento não é suficiente para nos salvar, apesar de Deus esperar que os cristãos deixem seus pecados para trás. Também é preciso crer em Jesus Cristo e em sua promessa de salvação. Arrependimento sem fé pode transformar-se em remorso, e o remorso destrói os que carregam um fardo de culpa (ver Mt 27:3-5; 2 Co 7:8-10).

Uma vez que Jesus pregava com autoridade, pôde chamar homens para deixar suas ocupações diárias e se tornar seus discípulos. Quem mais interromperia quatro pescadores em seu trabalho a fim de os desafiar a abandonar suas redes e segui-lo? Vários meses antes, Jesus já se encontrara com Pedro, André, Tiago e João, e, nessa ocasião, os quatro homens creram no Salvador (ver Jo 1:35-49). Nessa passagem, não vemos o primeiro chamado à fé e à salvação, mas sim o chamado ao discipulado. O fato de Zebedeu ter empregados contratados indica que seu negócio de pesca estava indo bem e que era um homem de posses. Tam-

seu pai desamparado quando obedeceram ao chamado de Cristo. Zebedeu poderia continuar tocando seus negócios com a ajuda dos empregados.

Jesus não inventou o termo “pescadores de homens”. Naquele tempo, essa era uma expressão comum, que descrevia filósofos e outros mestres que “cativavam a mente dos homens” pelo ensino e pela persuasão. Jogavam as “iscas” com seus ensinamentos e “figavam” discípulos. É provável que até sete dos discípulos do Senhor fossem pescadores (Jo 21:1-3). Sem dúvida, as qualidades dos pescadores bem-sucedidos também contribuiriam para o sucesso no difícil ministério de resgatar almas perdidas: coragem, capacidade de trabalhar em equipe, paciência, energia, resistência, fé e tenacidade. Pescadores profissionais não podiam se dar ao luxo de desistir e de murmurar!

Jesus ministrou não apenas ao ar livre, mas também nas sinagogas. As sinagogas judaicas surgiram durante o exílio do reino de Judá, quando o povo se encontrava na Babilônia depois da destruição do templo. Onde quer que houvesse judeus acima dos 12 anos de idade, era possível organizar uma sinagoga. Ao contrário do templo, a sinagoga não era um lugar de sacrifício, mas sim de leitura das Escrituras, oração e adoração a Deus. Os cultos não eram realizados por sacerdotes, e sim por leigos; e o ministério era supervisionado por um conselho de anciãos presidido por um “chefe” (Mc 5:22). Era costume pedir a rabinos visitantes que lessem as Escrituras e ensinassem, o que explica por que Jesus teve tanta liberdade de ministrar nas sinagogas. O apóstolo Paulo também fez uso desse privilégio (At 13:14-16; 14:1; 17:1-4).

Jesus montou seu “centro de operações” em Cafarnaum, possivelmente na casa de Pedro e de André ou nas imediações (Mc 1:29). Ao visitar a Terra Santa hoje, ainda podemos ver ruínas de uma sinagoga em Cafarnaum, mas não se trata do mesmo local em que Jesus congregou. O povo se reunia para os cultos aos sábados e também às segundas e quintas. Uma vez que era um judeu fiel, Jesus honrou o sábado ao ir à sinagoga,

e quando ensinou a Palavra, o povo ficou maravilhado com sua autoridade.

Ao ler o Evangelho de Marcos, vê-se como o evangelista gosta de relatar as reações emocionais do povo. A congregação da sinagoga ficou “admirada” com os ensinamentos do Mestre e com seu poder de cura (Mc 1:27; ver também 2:12; 5:20, 42; 6:2, 51; 7:37; 10:26; 11:18). Marcos registra até a admiração de Jesus com a incredulidade do povo de Nazaré (Mc 6:6), e, por certo, sua narrativa nunca se torna monótona.

Terceira cena – suas ordens (vv. 23-28). Imagino de quantos cultos esse homem participou na sinagoga sem revelar que estava endemoninhado. Foi necessária a presença do Filho de Deus para que se manifestasse a presença do demônio, e Jesus não apenas o expôs, mas também ordenou que permanesse calado quanto à identidade de Cristo e que saísse do homem. O Salvador não queria, nem precisava, da ajuda de Satanás e seu exército para dizer às pessoas quem ele era (ver At 16:16-24).

O demônio sabia exatamente quem Jesus era (ver At 19:13-17) e que não tinha coisa alguma em comum com ele. O uso que o demônio faz de pronomes no plural indica quanto ele havia se identificado com o homem por meio do qual falava. O demônio deixa clara a humanidade de Cristo (“Jesus Nazareno”), bem como sua divindade (“o Santo de Deus”). Também confessa profundo temor de ser julgado e lançado fora por Jesus. Hoje, há muita gente parecida com esse endemoninhado: freqüentam a igreja, são capazes de dizer quem é Jesus e até mesmo tremem de medo do julgamento, mas ainda assim continuam perdidos (ver Tg 2:19)!

A ordem de Jesus ao demônio foi “Calate” – uma injunção que voltaria a usar (“emudece”) contra a tempestade (Mc 4:39). O demônio tentou reagir com um último ataque de convulsão, mas teve de se sujeitar à autoridade do Servo de Deus e sair do homem. O povo da sinagoga ficou admirado e temeroso. Perceberam que algo novo estava acontecendo – viram uma nova doutrina e um novo poder. As *palavras* e *ações* de

Jesus devem sempre andar juntas (Jo 3:2). O episódio na sinagoga transformou-se no assunto do dia, e a fama de Jesus começou a espalhar-se. Jesus não incentivou esse tipo de entusiasmo público a fim de não criar problemas nem com judeus nem com romanos. Os judeus iriam querer segui-lo apenas por causa de seu poder de curar, e os romanos pensariam que Jesus era um revolucionário judeu tentando depor o governo. Isso explica por que Jesus ordenava, com tanta freqüência, que as pessoas não divulgassem o que ele havia feito (Mc 1:44; 3:12; 5:43; 7:36, 37; 8:26, 30; 9:9). Mas muitos não obedeceram e colocaram Jesus em situações difíceis.

3. A COMPAIXÃO DO SERVO (Mc 1:29-45)

Esta seção descreve dois milagres de cura, e ambos revelam a compaixão do Salvador pelos necessitados. Seu amor era tão grande que o Salvador ministrava às multidões mesmo depois que o sábado já havia terminado, horário em que, de acordo com a lei, não se podia mais buscar sua ajuda. Vemos o Servo de Deus à disposição de pessoas de todo tipo, inclusive endemoninhados e leprosos, ministrando a todos com amor.

Jesus e os quatro discípulos saíram da sinagoga e foram para a casa de Pedro e André para o jantar de sábado. Talvez Pedro tenha explicado que a esposa estava cuidando da mãe doente e não poderia recebê-los com toda hospitalidade costumeira. Não sabemos se outros discípulos além de Pedro eram casados (Mc 1:30).

Além de convidar os amigos Tiago e João para sua casa, Pedro e André também convidaram Jesus. Trata-se de um ótimo exemplo para nós: não devemos deixar Jesus na igreja, mas sim levá-lo para casa e permitir que ele participe de nossas bênçãos e dificuldades. Que privilégio para Pedro e sua família ter o Filho de Deus como convidado em sua casa humilde. Logo o Convidado tornou-se o Anfitrião, da mesma forma que, um dia, o Passageiro do barco de Pedro se

Pela fé, os homens falaram a Jesus da mulher doente, esperando, sem dúvida alguma, que ele a curasse. Foi exatamente isso o que ele fez! A febre a deixou imediatamente, e ela pôde se levantar e ajudar a preparar a refeição do sábado. Quem já teve febre alta alguma vez sabe como é doloroso e desconfortável. Também sabe que, quando a febre passa, o corpo leva algum tempo para se recuperar. Mas não foi o que aconteceu aqui! A sogra de Pedro sentiu-se disposta de imediato. Que maneira melhor existe de agradecer ao Senhor por tudo o que ele fez por nós do que nos colocando a seu serviço?

Em decorrência desse milagre, quando o sábado terminou ao pôr-do-sol, a cidade toda apareceu à porta da casa de Pedro! Trouxeram seus doentes e aflitos, e o Senhor (que, por certo, estava cansado) curou a todos. O verbo grego indica que “continuaram levando” as pessoas até ele, de modo que Jesus deve ter ido dormir muito tarde. Convém observar, em Marcos 1:32, a distinção clara entre enfermos e endemoninhados. É verdade que Satanás pode provocar aflições físicas, mas nem todas as doenças são causadas por poderes demoníacos.

O fato de ir dormir tarde não impediu Jesus de manter seu compromisso com o Pai bem cedo na manhã seguinte. Em Isaías 50:4, existe uma descrição profética do Servo justo de Deus encontrando-se com o Pai a cada manhã. Que exemplo para nós! Quando consideramos que Jesus cultivava uma vida de oração tão disciplinada, não é de admirar que tivesse tamanha autoridade e poder (ver Mc 9:28, 29; 6:46; 14:32-38).

No entanto, as multidões desejavam ver Jesus novamente não para ouvir suas palavras, mas para experimentar curas e vê-lo realizar milagres. Pedro ficou surpreso de Jesus não se apressar a ir encontrar a multidão e que, em vez disso, tenha partido para outras cidades onde pudesse pregar o evangelho. Pedro não percebeu a superficialidade das multidões, sua incredulidade e falta de interesse pela Palavra de Deus. Jesus afirmou que era mais importante levar o

e curar os enfermos. Não permitiu que a aclamação popular alterasse suas prioridades.

Não é difícil entender a preocupação de Jesus em curar uma mulher com febre, mas se encontrar com um leproso e *tocá-lo* é algo que vai além de nossa compreensão. Os leprosos mantinham-se afastados e avisavam a todos que estavam chegando, a fim de evitar que outros se contaminassem (Lv 13:45, 46). O homem sabia que Jesus era capaz de curá-lo, mas não tinha certeza de que o Mestre estivesse *disposto* a fazê-lo. Hoje, muitos pecadores perdidos também sofrem com essa mesma preocupação desnecessária, pois Deus já deixou bem claro que não deseja que nenhum pecador pereça (2 Pe 3:9) e que seu grande anseio é que todos sejam salvos (1 Tm 2:4).

Quando lemos a respeito dos "testes" para detectar a lepra, em Levítico 13, vemos como essa doença ilustra bem o pecado. Como o pecado, a lepra não se atém à superfície (Lv 13:3); ela espalha-se (Lv 13:5-8), contamina e isola (Lv 13:44-46), tornando as coisas a seu redor inúteis, próprias apenas para ser queimadas (Lv 13:47-59). Os que ainda não creram no Salvador estão espiritualmente em estado mais lastimável do que a condição física desse homem.

Jesus teve compaixão do homem (observe Mc 6:34; 8:2; 9:22) e o curou com seu toque e sua palavra. Sem dúvida, foi o primeiro toque de carinho que o leproso sentiu em muito tempo. Como a febre da sogra de Pedro, a lepra também desapareceu imediatamente!

Pelos motivos que explicamos anteriormente, Jesus ordenou ao homem que não contasse a ninguém o que havia acontecido. Deveria procurar o sacerdote e seguir as instruções de Levítico 14, para que pudesse ser declarado puro e ser recebido de volta no convívio social e religioso da

comunidade. Mas o homem não obedeceu à ordem de Jesus e contou para todo mundo que havia sido curado. Nós, por outro lado, permanecemos calados quando Jesus ordenou que contemos a todos o que ele fez! As multidões que foram buscar a ajuda de Jesus criaram um problema sério para ele e, provavelmente, o impediram de ensinar a Palavra da forma como desejava (Mc 1:38).

A cerimônia descrita em Levítico 14 é uma imagem belíssima da obra da redenção. Os dois pássaros representam dois aspectos diferentes do ministério de nosso Senhor: sua encarnação e morte (o pássaro colocado no vaso de barro e depois sacrificado) e sua ressurreição e ascensão (o pássaro manchado com o sangue e depois solto). O sangue era colocado na orelha direita da pessoa (a Palavra de Deus), no polegar direito (a obra de Deus) e no artelho direito (a jornada com Deus). Então, se colocava óleo sobre o sangue, simbolizando o Espírito Santo de Deus. O Espírito Santo só pode habitar no ser humano depois que o sangue de Cristo tiver realizado sua obra.

Este capítulo ensina algumas lições espirituais importantes. Em primeiro lugar, se o Filho de Deus veio como Servo, servir é uma vocação suprema. Quando servimos os outros, tornamo-nos mais semelhantes a Cristo. Em segundo lugar, Deus compartilha sua autoridade com seus servos. Somente os que estão *sob* alguma autoridade têm o direito de *exercer* autoridade. Por fim, se desejarmos ser servos, precisaremos, sem dúvida alguma, ter grande compaixão, pois as pessoas virão até nós em busca de ajuda, e raramente perguntarão se o momento é conveniente!

No entanto, é um privilégio enorme seguir os passos de Jesus Cristo e se tornar um servo compassivo de Deus, suprimindo as necessidades dos outros.

O QUE O SERVO NOS OFERECE

MARCOS 2:1 – 3:12

A notícia de que um Mestre que operava milagres estava em Cafarnaum espalhou-se com rapidez assustadora, e aonde quer que Jesus fosse, as multidões se juntavam. Desejavam vê-lo curar enfermos e expulsar demônios. Se tivessem se mostrado interessadas na mensagem do evangelho, essas multidões teriam sido um estímulo para Jesus; porém, ele sabia que a maioria só tinha idéias superficiais e se encontrava cega para as próprias necessidades. Em várias ocasiões, Jesus sentiu-se compelido a deixar uma cidade e ir para o deserto orar (Lc 5:15, 16). Todo servo de Deus deveria seguir seu exemplo e separar um tempo longe das pessoas para se encontrar com o Pai e se fortalecer e revigorar em oração.

Era chegada a hora de Jesus mostrar às multidões o verdadeiro caráter de seu ministério. Afinal, viera à Terra para fazer muito mais do que simplesmente aliviar as aflições dos enfermos e endemoninhados. Sem dúvida, esses milagres eram maravilhosos, mas havia algo muito maior a experimentar: as pessoas poderiam entrar no reino de Deus! Precisavam entender as lições espirituais por trás dos milagres que Jesus realizava.

Nesta seção, Jesus deixa claro que veio oferecer a todos que crêem nele três dádivas maravilhosas: perdão (Mc 2:1-12), satisfação (Mc 2:13-22) e liberdade (Mc 2:23 – 3:12).

1. PERDÃO (MC 2:1-12)

Não sabemos ao certo se esse acontecimento ocorreu na própria casa de Jesus (“ele estava em casa”) ou na casa de Pedro. Uma vez que a hospitalidade é uma das regras

povo de Cafarnaum não esperou por um convite; simplesmente foi chegando em grupos. Isso significa que alguns dos mais necessitados não conseguiram aproximar-se o suficiente de Jesus para receber ajuda. No entanto, quatro amigos de um paralisado decidiram abaixar seu amigo por um buraco no telhado, crendo que Jesus o curaria; e foi exatamente o que aconteceu. Esse milagre deu ao Mestre a oportunidade de ensinar uma lição importante sobre o perdão.

Consideremos esta cena do ponto de vista de Jesus. Quando *olhou para o alto*, viu quatro homens com o amigo paralisado. As casas daquela região tinham telhado plano, ao qual normalmente se podia ter acesso por fora mediante uma escada. Não seria difícil remover as telhas e ripas, a fim de abrir uma passagem grande o suficiente para baixar a maca com o amigo paralisado.

Encontramos nesses amigos uma série de características admiráveis, qualidades que devem nos marcar como “pescadores de homens”. Em primeiro lugar, estavam profundamente preocupados com o amigo e desejavam vê-lo curado. Criam que Jesus tinha poder e estava disposto a suprir a necessidade deles. Não se ativeram a “orar sobre o assunto”, mas também agiram, sem desanimar com as circunstâncias. Trabalharam juntos, ousaram fazer algo diferente, e Jesus recompensou seus esforços. Teria sido muito fácil se dissessem: “É impossível chegar perto de Cristo hoje... Quem sabe podemos voltar amanhã!”

Quando Jesus *olhou para baixo*, viu o homem paralisado em seu leito e tratou do cerne do problema: o pecado. Nem toda doença é causada pelo pecado (ver Jo 9:1-3), mas fica claro que a enfermidade desse homem foi resultado de sua desobediência a Deus. Antes de curar o corpo, Jesus trouxe paz ao coração do homem e anunciou que os pecados dele estavam perdoados! O perdão é o maior dos milagres realizados por Jesus. Supre a maior das necessidades, custa o mais alto preço e traz a maior das bênçãos e os resultados mais duradouros.

Em seguida, Jesus *olhou ao redor* e viu os

o que ele fazia (ver Lc 5:17). Tendo em vista que a vida religiosa de Israel estava sob seus cuidados, esses líderes tinham todo o direito de investigar o ministério desse novo Mestre (Dt 13). No entanto, deveriam ter vindo com a mente e o coração abertos, buscando a verdade, em vez de chegar com críticas, à procura de heresias. Algumas das atitudes negativas presentes na Judéia (Jo 4:1-4) chegaram, assim, à Galiléia, dando início à oposição oficial que culminou com a prisão e morte de Jesus. A essa altura, a popularidade de Jesus era tanta que os líderes judeus não ousavam ignorá-lo. Aliás, é possível que tenham chegado mais cedo do que os outros, pois estavam num lugar privilegiado! Ou, quem sabe, num gesto de bondade, Jesus deixou que se assentassem na primeira fila.

Quando Jesus *olhou para o interior deles*, viu o espírito crítico em seu coração e soube que o estavam acusando de blasfêmia. Afinal, somente Deus é capaz de perdoar pecados, e Jesus havia acabado de dizer que os pecados do paralítico estavam perdoados. Ou seja, Jesus estava dizendo que era Deus!

Logo em seguida, porém, Jesus *provou* que era Deus ao ver o que havia no coração desses homens e lhes dizer o que estavam pensando (ver Jó 2:25; Hb 3:13). Uma vez que desejavam “arrazoar”, Jesus lhes propôs uma pergunta sobre a qual poderiam refletir: o que é mais fácil fazer, curar um homem ou dizer que seus pecados estão perdoados? Obviamente, é mais fácil dizer: “os teus pecados estão perdoados”, pois *ninguém pode provar que o perdão de fato ocorreu*. Então, para corroborar suas palavras, Jesus curou o homem naquele mesmo instante e o mandou para casa. A cura do corpo do homem foi uma ilustração e demonstração da cura de sua alma (Sl 103:3). É evidente que os escribas e fariseus não tinham poder para curar aquele homem nem para perdoar seus pecados, de modo que foram pegos na própria armadilha e condenados pelos próprios pensamentos.

Jesus afirmou sua divindade não apenas ao perdoar os pecados do homem e curar seu corpo, mas também ao aplicar a si mesmo

o título de “Filho do Homem”. Trata-se de uma designação usada catorze vezes em Marcos, sendo que doze dessas referências são encontradas depois de Marcos 8:29, quando Pedro confessa que Jesus é o Cristo de Deus (Mc 2:10, 28; 8:31, 38; 9:9, 12, 31; 10:33, 45; 13:26, 34; 14:21, 41, 62). É, sem dúvida, um título messiânico (Dn 7:13, 14), e os judeus devem tê-lo interpretado como tal. Jesus usou esse título cerca de oitenta vezes nos Evangelhos.

O que os líderes religiosos teriam aprendido se houvessem aberto o coração para a verdade naquele dia? Em primeiro lugar, teriam aprendido que o pecado é como uma doença e que o perdão é como ter a saúde restaurada. Não se tratava de uma verdade nova, pois o Antigo Testamento já dizia isso (Sl 103:3; Is 1:5, 6, 16-20). A diferença era que essa verdade havia sido demonstrada diante dos olhos deles. Também, poderiam ter aprendido que Jesus Cristo de Nazaré é, de fato, o Salvador com autoridade para perdoar pecados – e os pecados dos líderes teriam sido perdoados também! Que oportunidade perderam quando foram até aquela reunião com um espírito crítico, não com um coração arrependido!

2. SATISFAÇÃO (MC 2:13-22)

Não tardou a ficar claro que Jesus se relacionava deliberadamente com os párias da sociedade judaica. Chegou até a chamar um coletor de impostos para ser um de seus discípulos! Não sabemos se Levi era um homem desonesto, apesar de a maioria dos coletores de impostos ser corrupta, mas o simples fato de trabalhar para Herodes Antipas e para os romanos já era suficiente para acabar com a reputação dele entre os judeus mais zelosos. No entanto, quando Jesus o chamou, Levi não argumentou nem se demorou. Levantou e seguiu a Jesus, mesmo sabendo que Roma nunca mais lhe daria seu emprego de volta. Queimou suas pontes (“Ele se levantou e, deixando tudo, o seguiu”; Lc 5:28), recebeu um novo nome (“Mateus, o presente de Deus”) e, com todo entusiasmo, convidou alguns de seus amigos “pecadores” a se encontrar com o Senhor Jesus.

Esses amigos eram judeus que, como ele, não observavam a Lei nem tinham grande interesse em coisas religiosas – exatamente o tipo de pessoa que Jesus desejava alcançar.

É evidente que os críticos tinham de estar presentes, mas Jesus usou seus questionamentos para ensinar os convidados sobre si mesmo e sobre a obra espiritual que tinha vindo realizar. Explicou sua missão usando três comparações interessantes.

O médico (vv. 16, 17). Apesar de terem sido descartadas pelos líderes religiosos, Jesus não considerou essas pessoas “rejeitadas”. Os amigos de Mateus eram *pacientes* que precisavam de médico, e Jesus era esse Médico. Vimos anteriormente que o pecado pode ser comparado a uma doença, e que o perdão é a restauração à saúde. Vemos agora que nosso Salvador pode ser comparado a um médico: vem até nós em nossa necessidade, faz um diagnóstico perfeito, dá a cura verdadeira e definitiva e *paga a conta!* Um médico e tanto!

Porém, há três tipos de “pacientes” que Jesus não pode curar da doença do pecado: (1) aqueles que não o conhecem; (2) aqueles que o conhecem, mas se recusam a crer nele; e (3) aqueles que não admitem que precisam dele. Os escribas e fariseus se encaixavam nessa última categoria, como também todos os pecadores hoje que se consideram melhores do que as demais pessoas. A menos que reconheçamos ser pecadores, não poderemos ser salvos, pois Jesus salva somente os pecadores (Lc 19:10).

No tempo de Jesus, como nos dias dos profetas, havia os que afirmavam ser capazes de oferecer cura espiritual, mas seu tratamento era ineficaz. Jeremias repreendeu os sacerdotes e falsos profetas de seus dias, pois eram médicos inúteis que ofereciam apenas falsas esperanças para a nação. “Curam superficialmente a ferida do meu povo, dizendo: Paz, paz; quando não há paz” (Jr 6:14; 8:11). Aplicavam seus remédios fracos somente a sintomas superficiais, sem nunca tratar mais profundamente o problema fundamental: o coração pecador (Jr 17:9). Devemos ter cuidado com médicos desse tipo,

O noivo (vv. 18-20). A primeira pergunta referia-se às companhias com as quais Jesus andava, enquanto a segunda pergunta dizia respeito ao motivo de Jesus alegrar-se com essas pessoas em seus banquetes. Aos olhos dos judeus mais piedosos, a conduta de Jesus era inapropriada. João Batista era um homem austero e um tanto recluso; Jesus, porém, aceitava convites para banquetes, brincava com as crianças e gostava de reuniões sociais (Mt 11:16-19). Sem dúvida, os discípulos de João devem ter ficado um pouco escandalizados ao ver Jesus em festas, e os discípulos zelosos dos fariseus (ver Mt 23:15) não tardaram a expressar a mesma perplexidade.

Jesus já havia deixado claro que tinha vindo ao mundo para converter os pecadores, não para elogiar os que se consideravam justos. Agora lhes dizia que viera para trazer alegria, não tristeza. Graças ao legalismo imposto pelos escribas e fariseus, a religião judaica havia se tornado um fardo pesado demais. O povo estava sobrecarregado com tantas regras e normas impossíveis de obedecer (Mt 23:4). “A vida não deve ser um funeral!”, disse Jesus. “Deus quer que a vida seja uma festa de casamento! Eu sou o noivo, e essas pessoas são meus convidados. Acaso os convidados do casamento não devem se alegrar e se divertir?”

Os judeus sabiam que o casamento era uma das imagens do Antigo Testamento que ajudava a retratar o relacionamento de Israel com o Senhor. Haviam se “casado com Jeová” e pertenciam somente a ele (Is 54:5; Jr 31:32). Quando a nação voltou-se para deuses estrangeiros, como fez em tantas ocasiões, cometeu “adultério espiritual”. Israel foi infiel a seu marido e teve de sofrer disciplina. O tema principal de Oséias é o amor de Deus por sua esposa adúltera e o desejo do Senhor de restaurar a nação.

João Batista já havia anunciado que Jesus era o noivo (Jo 3:29), e Jesus realizou seu primeiro milagre numa festa de casamento (Jo 2:1-11). Aqui, convida as pessoas para virem ao casamento! Afinal, ser cristão não é diferente de entrar num relacionamento

outro"). Duas pessoas não se casam simplesmente porque se conhecem ou porque têm sentimentos profundos uma pela outra. A fim de se casar, devem assumir publicamente um compromisso mútuo. Na maioria das sociedades, o homem e a mulher afirmam esse compromisso publicamente quando dizem "Sim" na cerimônia de casamento.

A salvação dos pecados envolve muito mais do que conhecer a Cristo ou mesmo "gostar" dele. O pecador é salvo quando assume um compromisso com Jesus Cristo e diz "Sim". Assim, o cristão passa a experimentar imediatamente as alegrias de seu casamento espiritual: leva o nome de Cristo; compartilha de suas riquezas e poder; alegra-se com seu amor e proteção e, um dia, vai morar em seu lar glorioso no céu. Quando estamos "casados com Cristo", mesmo com todas as suas tribulações e dificuldades, a vida se torna uma festa de casamento.

Marcos 2:20 faz alusão à morte, ressurreição e ascensão de Jesus ao céu. É pouco provável que, a essa altura de seu aprendizado com Cristo, os discípulos tenham compreendido o que ele queria dizer. Contudo, Jesus não estava sugerindo que sua ausência da Terra significaria que seus seguidores teriam de substituir a festa por um funeral! Apenas indicava que, num tempo futuro, um jejum ocasional seria apropriado, mas que a alegria da celebração deveria continuar sendo a experiência normal dos cristãos.

A vestimenta e os odres (vv. 21, 22). Jesus havia acabado de ensinar duas lições importantes sobre seu ministério: (1) veio para salvar os pecadores, não para chamar os religiosos; e (2) veio para trazer alegria, não tristeza. A terceira lição é esta: veio para introduzir algo novo, não remendar algo velho.

Os líderes religiosos ficaram impressionados com o ensinamento de Jesus, e possivelmente teriam, de bom grado, incorporado algumas dessas idéias a suas tradições religiosas. Esperavam encontrar um "meio-termo", agregando o melhor do judaísmo farisaico e o melhor do que Cristo tinha a oferecer. Mas Jesus mostrou que se tratava de uma idéia absurda, pois seria como cortar um

tecido novo para depois costurá-lo num pano velho. O tecido ficaria inaproveitável depois de cortado, e quando o tecido velho fosse lavado, os remendos novos encolheriam e estragariam a vestimenta (observe Lc 5:36-39). Ou seria como colocar vinho novo, não fermentado, em odres velhos. Assim que o vinho começasse a fermentar e os gases se expandissem, os odres velhos não suportariam a pressão e se romperiam, perdendo-se, assim, tanto o vinho quanto os odres.

Jesus veio para trazer algo novo, não para remendar algo velho. A Lei mosaica encontrava-se em decadência, estava se deteriorando e prestes a desaparecer (Hb 8:13). Jesus estabeleceria uma nova aliança com seu sangue (Lc 22:19, 20). A partir de então, a Lei não seria mais escrita em pedras, mas sim no coração das pessoas (2 Co 3:1-3; Hb 10:15-18), e o Espírito Santo capacitaria o povo de Deus a satisfazer a justiça da Lei (Rm 8:1-4).

Ao usar essa ilustração, Jesus refutou, de uma vez por todas, a idéia popular de uma "religião mundial" conciliatória. Líderes bem-intencionados, porém espiritualmente cegos, costumam sugerir que devemos pegar "o que há de melhor" em cada religião, misturar com o "melhor" do cristianismo e, desse modo, criar uma fé sintética que seja aceita por todos. Mas a fé cristã possui caráter *exclusivista*, pois não aceita nenhuma outra fé como sendo igual ou superior. "Porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (At 4:12).

A salvação não é um remendo parcial na vida de alguém, mas uma nova vestimenta completa de justificação (Is 61:10; 2 Co 5:21). A vida cristã não é uma mistura de velho e de novo; pelo contrário, é o cumprimento do velho no novo. Há duas maneiras de dar cabo de alguma coisa: pode-se fazê-la em pedaços ou deixar que siga seu curso natural e cumpra seu propósito. É possível esmagar uma semente com um martelo ou plantá-la de modo a cumprir seu propósito, que é dar origem a uma árvore. Nos dois casos, a semente deixou de existir; mas no segundo, a semente cumpriu seu propósito.

Jesus cumpriu as profecias, os tipos e os preceitos da Lei de Moisés. A Lei terminou no Calvário, quando um sacrifício perfeito foi oferecido pelos pecados do mundo de uma vez por todas (Hb 8 - 10). Quando cremos em Jesus Cristo, tornamo-nos parte de uma nova criação (2 Co 5:17) e experimentamos sempre de maneira nova sua graça e glória. Como é triste quando as pessoas se agarram a tradições religiosas mortas, quando poderiam abraçar uma verdade espiritual viva. Por que se apegar a sombras quando a realidade está presente? (Hb 10:1ss). Em Jesus Cristo, há o cumprimento de todas as promessas de Deus (2 Co 1:20).

3. LIBERDADE (Mc 2:23 – 3:12)

Os judeus consideravam o sábado uma instituição sagrada. Deus deu esse dia ao povo de Israel depois que saíram do Egito (Êx 20:8-11; Ne 9:14), e ele era um sinal especial entre Israel e Jeová (Êx 31:13-17). Não há registro nas Escrituras de que Deus tenha dado o sábado a qualquer outra nação. Assim, quando Jesus começou a quebrar abertamente as tradições do sábado, foi como declarar guerra contra a religião dos judeus. Jesus começou sua campanha curando um homem que esteve doente por 38 anos (Jo 5) e prosseguiu com os acontecimentos registrados nesta seção.

De acordo com a tradição judaica, havia 39 atividades que não podiam ser realizadas no sábado. Moisés proibira o trabalho no sábado, mas não havia dado mais detalhes específicos (Êx 20:10). Não era permitido acender uma fogueira para cozinhar (Êx 35:3), apanhar lenha (Nm 15:32ss), carregar fardos (Jr 17:21ss) nem realizar negócios (Ne 10:31; 13:15, 19). Porém, a tradição judaica desenvolveu os detalhes acerca da Lei, chegando até a informar as distâncias exatas que poderiam ser percorridas no sábado (2 mil côvados, conforme Js 3:4, ou seja, cerca de 1.320 metros). Em resumo, o sábado havia se transformado num fardo impossível de carregar, símbolo da escravidão religiosa que prendia a nação.

Depois de curar o homem junto ao tan-

à lei do sábado foi andar pelo campo e permitir que seus discípulos colhessem espigas para comer. A Lei permitia que uma pessoa com fome apanhasse um pouco de cereal ou de frutas de seu vizinho, desde que não enchesse um recipiente nem usasse qualquer implemento agrícola (Dt 23:24, 25). Mas não foi isso o que exasperou os fariseus, mas sim, o fato de os discípulos estarem trabalhando no dia de sábado!

Quando lemos o relato de Mateus desse acontecimento, notamos que Jesus apresentou três argumentos para defender seus discípulos: o que Davi fez (Mt 12:3, 4), o que os sacerdotes faziam (Mt 12:5, 6) e o que o profeta Oséias disse (Mt 12:7, 8). Os leitores romanos de Marcos não se interessariam por profetas nem por sacerdotes de Israel, de modo que se concentrou em Davi, que os romanos consideravam um grande herói e rei. O argumento é lógico: se um rei faminto e seus homens receberam permissão de comer do pão sagrado do tabernáculo (1 Sm 21:1-6), então também era correto o Senhor do sábado permitir que seus homens comessem grãos de seu campo. Davi transgrediu uma lei de Moisés, pois o pão da proposição só poderia ser consumido pelos sacerdotes (Lv 24:5-9). Os discípulos, no entanto, haviam quebrado apenas uma tradição humana. Por certo, Deus está mais preocupado em suprir as necessidades das pessoas do que em proteger tradições religiosas. As prioridades dos fariseus não estavam em ordem.

Jesus enganou-se quando mencionou Abiatar como sumo sacerdote? De acordo com o relato de 1 Samuel 21, Abimeleque, o pai de Abiatar (1 Sm 22:20) era o sumo sacerdote. As palavras de Jesus *parecem* ser contraditórias ao Antigo Testamento, mas não são. É possível que tanto o pai quanto o filho fossem chamados por esses dois nomes (1 Cr 18:16 e 24:6; 1 Sm 22:20 e 2 Sm 8:17). Também é provável que Jesus tenha usado a designação "Abiatar" para referir-se à *passagem* Antigo Testamento sobre Abiatar, não ao homem especificamente. Para os judeus, essa era uma forma de identificar as

tinham capítulos nem versículos como temos hoje em nossa Bíblia (ver Mc 12:26).

Naquele mesmo sábado, Jesus foi à sinagoga para adorar e, enquanto estava lá, curou um homem. Por certo, poderia ter esperado mais um dia; porém, quis desafiar novamente a tradição legalista farisaica. Dessa vez, os fariseus esperavam que realizasse uma cura (Lc 6:7), de modo que ficaram observando. Os inimigos de Jesus não responderam à sua pergunta em Marcos 3:4. Uma vez que o *mal* atua no mundo todos os dias, inclusive aos sábados, então por que não se pode fazer também o *bem* nesse dia? A morte está sempre trabalhando, mas isso não deve nos impedir de procurar salvar vidas.

Jesus poderia ver "o endurecimento do coração" (tradução literal) desses líderes, e seus pecados acenderam a ira do Senhor. Jesus nunca se aborreceu com publicanos e pecadores, mas expressou sua ira contra os fariseus moralistas (Mt 23). Preferiam proteger suas tradições a ver um homem ser curado! É evidente que o homem não fazia idéia desse conflito espiritual. Apenas obedeceu à ordem do Senhor, estendeu a mão e foi curado.

Os fariseus enfureceram-se de tal modo com o que Jesus havia feito que se uniram aos herodianos e começaram a tramar para prendê-lo e dar cabo de sua vida. Os herodianos não eram um partido religioso, mas sim um grupo de judeus que simpatizava

com o rei Herodes e apoiava o governo. A maioria dos judeus desprezava Herodes e obedecia a ele com relutância, o que torna ainda mais surpreendente o fato de fariseus, judeus sempre muito zelosos, unirem forças com tais políticos desleais. Essa aliança, porém, só foi possível por causa de um inimigo em comum: Jesus.

Em resposta à oposição unida, Jesus simplesmente se retirou, mas não conseguiu evitar que as multidões o seguissem. Essas multidões representavam um risco para sua causa, pois não possuíam motivação espiritual, e as autoridades poderiam acusá-lo de organizar uma insurreição popular contra os romanos. Ainda assim, Jesus recebeu o povo, curou os enfermos e libertou os endemoninhados. Mais uma vez, advertiu os demônios a não revelar quem ele era (Mc 1:23-26).

Aqui, Jesus chega a um ponto crítico de seu ministério. Multidões enormes o seguiam, mas não estavam interessadas nas coisas espirituais. Os líderes religiosos desejavam destruí-lo, e até mesmo alguns dos amigos de Herodes começaram a envolver-se. Os próximos passos de Jesus seriam passar a noite em oração (Lc 6:12), chamar doze homens para auxiliá-lo como apóstolos e pregar um sermão - o Sermão do Monte -, explicando a base espiritual de seu reino.

Jesus ofereceu-lhes perdão, satisfação e liberdade, mas os judeus recusaram a oferta.

Você já aceitou essa oferta?

O SERVO, AS MULTIDÕES E O REINO

MARCOS 3:13 – 4:34

A onde quer que fosse, o Servo de Deus era apertado por multidões entusiasmadas (Mc 3:7-9, 20, 32; 4:1). Se Jesus não fosse Servo, mas sim uma “celebridade”, teria atendido aos apelos do povo e tentado agradar a todos (ver Mt 11:7-15). Em vez disso, o Mestre retirou-se e começou a ministrar especificamente aos discípulos. Jesus sabia que a maioria das pessoas que o abordevam eram superficiais e insinceras, mas seus discípulos não tinham consciência disso. A fim de evitar que levassem esse “sucesso” a sério, Jesus teve de ensinar aos doze homens a verdade sobre as multidões e o reino. Nesta seção, vemos três reações de Jesus às pressões do povo.

1. FUNDOU UMA NOVA NAÇÃO (Mc 3:13-19)

O número de discípulos é significativo, pois havia doze tribos em Israel. Em Gênesis, Deus começou com os doze filhos de Jacó e, em Êxodo, transformou-os numa poderosa nação. Israel foi escolhida para trazer o Messias ao mundo, a fim de que, por meio dele, todas as nações da Terra fossem abençoadas (Gn 12:1-3). No entanto, a nação de Israel estava espiritualmente decrépita e prestes a rejeitar o próprio Messias. Deus teve de estabelecer uma “nação santa, povo [comprado] de propriedade exclusiva” (1 Pe 2:9), e os doze apóstolos eram o núcleo dessa nova nação “espiritual” (Mt 21:43).

Jesus passou a noite toda em oração antes de selecionar esses doze homens (Lc 6:12); quando os escolheu, tinha em men-

de seu exemplo pessoal e de seus ensinamentos; (2) enviá-los para pregar o evangelho; e (3) dar-lhes autoridade para curar e expulsar demônios (ver Mc 1:14, 15, 38, 39; 6:7-13). Assim, quando Jesus voltasse para junto do Pai, esses doze homens estariam preparados para prosseguir seu trabalho, além de ser capazes de treinar outros a dar continuidade ao ministério depois deles (2 Tm 2:2).

Encontramos no Novo Testamento três listas com os nomes dos doze apóstolos: Mateus 10:2-4, Lucas 6:14-16 e Atos 1:13. Lucas diz que Jesus lhes deu o nome especial de “apóstolos”. “Discípulo” é alguém que aprende fazendo. Nosso equivalente moderno seria o *aprendiz*. “Apóstolo”, porém, é alguém comissionado a realizar uma tarefa oficial. Jesus teve muitos discípulos, porém apenas doze apóstolos, seus “embaixadores” especiais.

Quando comparamos as três listas, temos a impressão de que os nomes encontram-se dispostos de dois em dois: Pedro e André – Tiago e João – Felipe e Bartolomeu (Natanael [Jo 1:45]) – Tomé e Mateus (Levi) – Tiago (filho de Alfeu) e Tadeu (Judas, filho de Tiago, não o Iscariotes [Jo 14:22]) – Simão o zelote e Judas Iscariotes. Uma vez que Jesus enviou seus apóstolos em pares, essa parece ser a forma lógica de relacioná-los (Mc 6:7).

O nome de Simão foi mudado para Pedro, “a rocha” (Jo 1:40-42), e o de Levi para Mateus, “o presente de Deus”. Tiago e João receberam o apelido de “Boanerges”, que quer dizer: “filhos do trovão”. Costumamos nos lembrar de João como o apóstolo do amor, mas, sem dúvida, não começou com essa reputação, tampouco Tiago, seu irmão (Mc 9:38-41; 10:35-39; Lc 9:54, 55). É animador ver o que Jesus pôde fazer com um grupo tão diversificado de candidatos nada promissores para o serviço cristão. Ainda há esperança para nós!

Marcos define o termo hebraico *Boanerges*, pois escrevia a leitores romanos. Em seu Evangelho, encontramos várias dessas “observações para os gentios” (Mc 5:41; 7:11,

refere-se a Simão, o zelote. Os zelotes eram um grupo de judeus extremistas organizados com o objetivo de derrubar o governo romano. Usavam qualquer meio disponível para promover sua causa. O historiador Josefo chama-os de "homens da adaga". Seria interessante saber como Simão, o zelote, reagiu ao ver Mateus, um ex-funcionário de Roma.

Se observarmos com atenção a harmonia dos Evangelhos, veremos que, entre Marcos 3:19 e 20, Jesus pregou o Sermão do Monte (Mt 5 - 7) e participou dos acontecimentos descritos em Lucas 7:1 - 8:3. O Evangelho de Marcos não inclui esse sermão tão conhecido, pois sua ênfase é sobre o que Jesus fez, não sobre o que disse.

2. INSTITUIU UMA NOVA FAMÍLIA (Mc 3:20, 21, 31-35)

Os amigos de Jesus não tinham dúvidas de que ele estava confuso, possivelmente louco! Quando viram as multidões que o seguiam e ouviram as notícias extraordinárias a respeito dele, tiveram certeza de que Jesus precisava urgentemente de ajuda, pois não levava uma vida normal. Assim, foram a Cafarnaum para "tomar conta dele". Em seguida, sua mãe e seus "irmãos" (Mc 6:3) saíram de Nazaré e viajaram quase 50 quilômetros para implorar que Jesus voltasse com eles e descansasse, mas nem sequer conseguiram chegar perto dele. Essa é a única ocasião em que Maria aparece no Evangelho de Marcos, e nesse episódio não é bem-sucedida.

A história mostra que, muitas vezes, os servos de Deus não são compreendidos por seus contemporâneos e familiares. D. L. Moody era conhecido em Chicago como "Moody Maluco", e até mesmo o grande apóstolo Paulo foi chamado de louco (At 26:24, 25). Emily Dickinson escreveu:

Muita loucura é siso divino
Para o observador astucioso;
Muito siso é loucura plena.
Como em tantos outros casos,
A maioria prevalece.
Concorda e serás tido por sensato;

Discorda e dirão que és perigoso,
E acabarás acorrentado.

(Tradução livre)

Ao permanecer dentro da casa e não se esforçar para ver seus familiares, Jesus não estava sendo indelicado com eles. Sabia que a motivação deles era correta, mas seus propósitos eram, sem dúvida alguma, equivocados. Se Jesus tivesse se sujeitado a sua família, teria feito exatamente o que seus inimigos queriam, pois os líderes religiosos diriam: "Estão vendo? Ele mesmo concordou com a família: precisa de ajuda! Não levem Jesus de Nazaré tão a sério". Em vez de ceder, Jesus usou essa crise para ensinar uma lição espiritual: sua "família" é constituída de todos os que fazem a vontade de Deus. Jesus sentia-se mais próximo de publicanos e de pecadores que creram nele do que de Tiago, José, Judas e Simão, seus meios-irmãos ainda não convertidos (Jo 7:1-5).

Jesus não estava dizendo que os cristãos devem ignorar ou abandonar a família a fim de servir a Deus, mas apenas que devem colocar a vontade de Deus acima de tudo. Nosso amor por Deus deveria ser tão grande que, em comparação, o amor por nossas famílias pareceria ódio (Lc 14:26). Por certo, Deus deseja que cuidemos de nossa família suprimindo suas necessidades (1 Tm 5:8), mas não devemos permitir que qualquer um, nem mesmo nossos entes mais queridos, nos afaste da vontade de Deus. Ao considerar a importância da família na sociedade judaica, imaginamos como as palavras de Cristo devem ter parecido radicais para os que as ouviram.

Como é possível fazer parte da família de Deus? Por meio de um novo nascimento, um nascimento espiritual do alto (Jo 3:1-7; 1 Pe 1:22-25). Quando um pecador crê em Jesus Cristo como Salvador, experimenta esse novo nascimento e passa a fazer parte da família de Deus. Compartilha da natureza divina de Deus (2 Pe 1:3, 4) e pode chamar Deus de "Pai" (Rm 8:15, 16). Esse nascimento espiritual não se alcança por conta própria nem é algo que outros possam fazer por nós (Jo 1:11-13). Antes, é obra da graça

de Deus, e tudo o que precisamos fazer é crer e aceitar (Ef 2:8, 9).

3. ANUNCIOU UM NOVO REINO (Mc 3:22-30; 4:1-34)

As multidões esperavam que Jesus libertasse a nação e derrotasse Roma. Em vez disso, o Mestre chamou doze homens comuns e fundou uma “nova nação”, uma nação espiritual cujos cidadãos têm os nomes escritos no céu (Lc 10:20; Fp 3:20). O povo desejava que Jesus se comportasse como judeu devoto e que honrasse sua família, mas Jesus instituiu uma “nova família”, formada por todos os que crêem nele e fazem a vontade de Deus. Também esperavam que restaurasse o reino e trouxesse de volta a glória de Israel, mas sua resposta foi anunciar um novo reino, um reino espiritual.

“Reino” é a palavra-chave desta seção (Mc 3:24; 4:11, 26, 30). João Batista havia anunciado que o Rei chegaria em breve, advertindo os judeus para que se preparassem a fim de encontrá-lo (Mc 1:1-8). Jesus expandiu a mensagem de João e pregou as boas novas do reino, assim como a necessidade de que os pecadores se arrependessem e cressem (Mc 1:14, 15). Mas como é esse reino? Se não planejava restaurar o reino político de Israel, que tipo de reino pretendia estabelecer?

Aqui, Marcos insere no texto uma palavra nova: *parábolas* (ver Mc 3:23; 4:2, 10, 11, 13, 33, 34). Jesus não explicou o reino utilizando uma preleção teológica, mas sim ilustrando situações que cativavam a atenção das pessoas e que as levavam a pensar e a usar a imaginação. A palavra “parábola” vem do grego *parabállo*, que significa “lançar lado a lado” (*para* = lado a lado; *bállo* = lançar). Uma parábola é uma história ou ilustração colocada lado a lado com um ensinamento para ajudar a entender seu significado. É muito mais do que uma “história terrena com significado celeste” e, por certo, não é uma “ilustração” do tipo que um pastor usaria num sermão. A verdadeira parábola envolve o ouvinte em um nível mais profundo e o compele a tomar uma decisão

vida. As parábolas são tão penetrantes e pessoais que, depois de ouvir várias delas, os líderes religiosos quiseram matar Jesus (ver Mt 21:45, 46)!

Uma parábola começa de forma inocente, como *um retrato* que chama nossa atenção e suscita nosso interesse. Mas, ao estudar esse retrato, ele se transforma *em um espelho*. Se continuamos olhando pela fé, o espelho transforma-se *em uma janela* por meio da qual vemos Deus e sua verdade. A forma de responder a essa verdade determinará que outras verdades Deus nos ensinará.

Por que Jesus ensinou por parábolas? Seus discípulos lhe fizeram a mesma pergunta (Mc 4:10-12; e ver 13:10-17). Ao estudar sua resposta com cuidado, vemos que Jesus usou as parábolas tanto para esconder quanto para revelar a verdade. A multidão não julgava as parábolas; eram as parábolas que julgavam a multidão. O ouvinte desinteressado, certo de que sabia de tudo, ouviria apenas uma história que não seria capaz de entender, e o resultado em sua vida seria o juízo (ver Mt 11:25-30). Mas o ouvinte sincero, com desejo de conhecer a verdade de Deus, refletiria sobre a história, confessaria sua ignorância, se sujeitaria ao Senhor e, em seguida, começaria a entender as lições espirituais que Jesus desejava ensinar.

Jesus atribui grande importância a *ouvir da Palavra de Deus*. O verbo *ouvir* e seus correlatos são usados pelo menos treze vezes em Marcos 4:1-34. É evidente que Jesus não estava se referindo ao ato físico de ouvir, mas sim a ouvir com discernimento espiritual. “Ouvir” a Palavra de Deus significa entendê-la e obedecer ao que diz (ver Tg 1:22-25).

Jesus apresentou várias parábolas para ajudar as pessoas (inclusive seus discípulos) a entender a natureza de seu reino.

A parábola sobre o valente (3:22-30). Jesus curou um endemoninhado cego e mudo (Mt 12:22-24), e os escribas e fariseus usaram esse milagre como uma oportunidade para atacá-lo. A multidão dizia: “Talvez esse homem seja o Filho de Davi, o Mes-

ele está de conluio com Belzebu! Faz todas essas coisas pelo poder de Satanás, não pelo poder de Deus”.

“Belzebu” é o nome do demônio e significa “senhor da casa”. Jesus pegou esse significado e contou uma parábola sobre um homem valente guardando sua casa. Para roubar a casa, o ladrão deveria, antes, derrotar o dono da casa.

Jesus expôs tanto a teologia incorreta quanto a falta de lógica desses líderes religiosos. Se era pelo poder de Satanás que expulsava os demônios, então, na verdade, Satanás lutava contra si mesmo! Isso significa que a casa e o reino de Satanás estavam divididos e, sendo assim, à beira de um colapso. Satanás guardava aquele homem com todo cuidado, pois não queria perder território. O fato de Jesus ter libertado o homem provava que era mais forte do que Satanás e que o inimigo não poderia detê-lo.

Jesus não apenas respondeu às falsas acusações contra ele, mas também explicou a seriedade do que haviam proposto. Afinal, nossas palavras revelam o que se encontra oculto em nosso coração (Mt 12:35), e o que está em nosso coração determina nosso caráter, conduta e destino. Por vezes, dizemos: “É fácil falar!”, mas, na realidade, o que falamos tem muito valor. Jesus advertiu os líderes religiosos judeus que eles corriam o grande risco de cometer um pecado eterno e imperdoável (Mt 12:32).

Quando perguntamos às pessoas: “O que é um pecado imperdoável?”, sua resposta geralmente é: “A blasfêmia contra o Espírito Santo” ou “O pecado de atribuir ao demônio a obra do Espírito Santo”. Em termos históricos, tais afirmações são verdadeiras, mas não respondem, de fato, à questão. De que maneira blasfemamos *hoje* contra o Espírito de Deus? Que milagres o Espírito Santo realiza *hoje* que poderiam, por negligência ou por deliberação, ser atribuídos a Satanás? Será que só diante de um milagre é possível cometer esse pecado hediondo?

Jesus deixou claro que Deus perdoaria todos os pecados e toda blasfêmia, inclusive a blasfêmia contra o próprio Filho de Deus! (Mt 12:32). Será que isso significa que o Filho

de Deus é menos importante do que o Espírito Santo? Por que o pecado contra o Filho de Deus é perdoável e, ao mesmo tempo, o pecado contra o Espírito Santo é imperdoável?

A resposta encontra-se na natureza de Deus e em sua forma paciente de lidar com a nação de Israel. Deus o Pai enviou João Batista a fim de preparar a nação para a vinda do Messias. Muitos do povo em geral responderam ao chamado de João e se arrependeram (Mt 21:32), mas os líderes religiosos *permitiram* que João fosse preso e morto. Deus, o Filho, veio conforme prometido e chamou a nação para crer nele, mas os mesmos líderes religiosos *pediram* que Jesus fosse morto. Quando estava na cruz, Jesus orou: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23:34).

O Espírito Santo veio em Pentecostes e demonstrou o poder de Deus de várias maneiras convincentes. Qual foi a reação desses mesmos líderes religiosos? Prenderam os apóstolos, ordenaram que se calassem e depois *matarem Estêvão com as próprias mãos!* Estêvão disse-lhes qual era o pecado deles: “vós sempre resistis ao Espírito Santo” (At 7:51). Os líderes pecaram contra o Pai e o Filho, mas, pela graça de Deus, foram perdoados. Quando, porém, pecaram contra o Espírito Santo, chegaram ao “fim da linha”, onde não haveria mais perdão.

Nos dias de hoje, não é possível cometer o “pecado imperdoável” da mesma forma que os líderes religiosos judeus o fizeram quando Jesus estava ministrando na Terra. O único pecado que Deus não pode perdoar em nosso tempo é a rejeição de seu Filho (Jo 3:16-21, 31). Quando o Espírito de Deus convence o pecador e revela o Salvador, o pecador pode resistir ao Espírito e rejeitar o testemunho da Palavra de Deus, mas isso não significa que tenha perdido todas as oportunidades de ser salvo. Caso se arrependa e creia, Deus ainda pode perdoá-lo. Mesmo que o pecador endureça o coração a ponto de se tornar aparentemente insensível aos apelos de Deus, enquanto houver vida, ainda há esperança. Somente Deus sabe quando e se a pessoa

chegou ao “fim da linha”. Portanto, não devemos jamais perder as esperanças sobre qualquer pecador (1 Tm 2:4; 2 Pe 3:9).

A parábola do semeador (4:1-20). Esta parábola ajudou os discípulos a entender por que Jesus não estava impressionado com a grande multidão que o seguia: sabia que a maior parte dessas pessoas jamais produziria os frutos de uma vida transformada, uma vez que a Palavra que estava pregando era como uma semente caindo em solo infértil.

A semente representa a Palavra de Deus (Lc 8:11), e o semeador é o servo de Deus que compartilha a Palavra com outros (ver 1 Co 3:5-9). O coração humano é como o solo: deve ser preparado para receber a semente de modo que esta crie raízes e produza frutos. Assim como a semente, a Palavra é viva e capaz de produzir fruto espiritual, mas a semente deve ser plantada e cultivada antes da vinda da colheita.

Como naqueles dias, hoje também existem quatro tipos de coração que reagem de quatro maneiras diferentes à mensagem de Deus.

O coração endurecido (Mc 4:4, 15) resiste à Palavra de Deus e permite que Satanás (os pássaros) leve a semente embora. Da mesma forma como a terra à beira da estrada é compactada pela passagem de muitos transeuntes, também os que agem de modo descuidado e “abrem o coração” a todo tipo de pessoa e influências correm o risco de se tornar endurecidos (ver Pv 4:23). Corações endurecidos devem ser “arados” antes de receber a semente, experiência que pode ser extremamente dolorosa (Jr 4:3; Os 10:12).

O coração superficial (vv. 5, 6, 16, 17) é como um solo rochoso com uma camada fina de terra sobre as rochas, típico da Palestina. Uma vez que esse solo não tem profundidade, qualquer coisa plantada nele não dura muito tempo, pois não consegue criar raízes. Trata-se de uma representação do “ouvinte emocional”, que aceita com toda alegria a Palavra de Deus, mas não compreende o preço que deve ser pago para se tornar um cristão genuíno. Pode haver gran-

mas quando as perseguições e situações difíceis chegam, o entusiasmo esfria e a alegria desaparece. É muito fácil para a natureza humana decaída simular “sentimentos religiosos” e encher alguém que se diz cristão de falsa confiança.

O coração abarrotado (vv. 7, 18, 19) representa a pessoa que recebe a Palavra, mas não se arrepende verdadeiramente nem remove os “espinhos” do coração. Esse ouvinte tem vários tipos diferentes de “sementes” competindo por seu coração – as preocupações do mundo, o desejo de riqueza e as ambições –, e a boa semente da Palavra não encontra espaço para crescer. Usando outra ilustração, essa pessoa quer andar pelo “caminho largo” e pelo “caminho estreito” ao mesmo tempo (Mt 7:13, 14), algo que não pode ser feito.

O coração frutífero (vv. 8, 20) é a representação do cristão verdadeiro, pois o fruto – uma vida transformada – é evidência da verdadeira salvação (2 Co 5:17; Gl 5:19-23). Uma vez que os outros três tipos de coração não produziram frutos, concluímos que pertenciam a pessoas que nunca nasceram de novo. Nem todos os que crêem verdadeiramente produzem frutos na mesma quantidade, mas em todo cristão legítimo haverá evidências de fruto espiritual.

Cada um dos três tipos de coração infrutífero é influenciado por um inimigo diferente: no coração endurecido, o próprio Satanás rouba a semente; no coração superficial, a carne simula sentimentos religiosos; e no coração abarrotado, as coisas do mundo sufocam o crescimento e impedem a produção. Eis os três grandes inimigos do cristão: o mundo, a carne e o diabo (Ef 2:1-3).

A parábola da candeia (vv. 21-25). Nesta parábola, Jesus usa um objeto comum (uma candeia) num lugar familiar (o lar). A candeia era um vaso de barro cheio de óleo com um pavio. A fim de iluminar, a lamparina tinha de se “consumir” e, portanto, deveria ser reabastecida de tempos em tempos. Se a lamparina não fosse acesa, ou se fosse coberta, não serviria para coisa alguma.

Os apóstolos eram como a lamparina:

Deus e revelar sua verdade, mas não poderiam dar luz sem ser abastecidos, daí, a admoestação em Marcos 4:24, 25. Quanto mais ouvimos a Palavra de Deus, mais capazes seremos de compartilhá-la com outros. No momento em que pensarmos que sabemos tudo, perderemos tudo. É preciso cuidado *com o que se ouve* (Mc 4:24) e também *com a forma como se ouve* (Lc 8:18). O ouvir espiritual determina quanto temos para dar aos outros. Não há sentido em “acobertar” coisas, pois um dia Deus as revelará.

A parábola da semente (vv. 23-34). A primeira parábola lembra que não é possível fazer a semente crescer. Não dá sequer para explicar *como* cresce. O crescimento da semente e o desenvolvimento do fruto são verdadeiros mistérios. Ser agricultor requer grande dose de fé, também uma grande dose de paciência. Na parábola do semeador, Jesus indicou que muitas das sementes espalhadas caíam em solo improdutivo. Esse fato desencorajaria os trabalhadores, de modo que nesta parábola ele lhes dá o estímulo necessário, “porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos” (Gl 6:9).

A segunda parábola serviu tanto de aviso quanto de encorajamento para os discípulos. O encorajamento foi que, a partir de um pequeno começo, no devido tempo o reino cresceria em tamanho e em influência. Apesar de a semente de mostarda não ser a menor semente do mundo, era provavelmente a menor semente que os judeus plantavam nos jardins, um símbolo

tradicional das coisas minúsculas. Jesus começou com doze apóstolos, e logo já havia mais de quinhentos cristãos (1 Co 15:6). Pedro ganhou três mil pessoas em Pentecostes, e ao longo do Livro de Atos vemos esse número crescer o tempo todo (At 4:4; 5:14; 6:1, 7). Apesar dos pecados e fraquezas da Igreja, a mensagem tem sido levada às outras nações, e, um dia, santos de todas as nações adorarão diante do trono do Senhor (Ap 5:9).

Mas o crescimento da semente é apenas parte da história, pois devemos também atentar para os pássaros nos ramos. Na parábola do semeador, os pássaros representam Satanás, que rouba as sementes (Mc 4:15). A fim de fazer uma interpretação coerente, devemos levar esse fato em consideração, pois ambas as parábolas foram ensinadas no mesmo dia. O crescimento do reino não resultará na conversão do mundo. Na verdade, parte desse crescimento dará oportunidade para Satanás entrar e começar a operar! Foi o caso de Judas no meio dos discípulos e de Ananias e Safira na comunhão da igreja em Jerusalém (At 5:1-11). Simão, o mago, fazia parte da igreja em Samaria (At 8:1-24), e os ministros de Satanás invadiram com ousadia a igreja de Corinto (2 Co 11:13-15). Quanto maior a rede, maior a possibilidade de pegar tanto peixes bons quanto ruins (Mt 13:47-50).

Pela fé em Jesus Cristo, tornamo-nos cidadãos de um país celestial, filhos na família de Deus e súditos do Rei dos reis e Senhor dos senhores. Que privilégio conhecer o Senhor Jesus Cristo!

AS CONQUISTAS DO SERVO

MARCOS 4:35 – 5:43

Jesus Cristo, o Servo de Deus, é Senhor sobre qualquer situação e Conquistador de qualquer inimigo. Se cremos nele e seguimos suas ordens, não precisamos ter medo. A vitória é o tema principal desta longa seção. Marcos registra quatro milagres realizados por Jesus, e cada um deles anuncia, até mesmo para nós hoje, a derrota do inimigo.

1. VITÓRIA SOBRE O PERIGO (Mc 4:35-41)

A expressão “Naquele dia” refere-se ao dia em que Jesus proferiu as “parábolas do reino”. Havia ensinado a Palavra a seus discípulos, e agora lhes dá uma prova prática para ver quanto aprenderam. Afinal, ouvir a Palavra de Deus deve produzir fé (Rm 10:17), e a fé sempre deve ser testada. Não basta aprender uma lição ou ser capaz de repetir um ensinamento. Devemos também ser capazes de praticar essa lição pela fé, e esse é um dos motivos pelos quais Deus permite situações difíceis em nossa vida.

Jesus sabia que uma tempestade se aproximava? Com certeza, pois fazia parte da programação de “aulas” daquele dia. Essa experiência ajudaria os discípulos a entender uma lição que nem sabiam que precisavam aprender: é possível confiar em Jesus durante as tempestades da vida. Muita gente acredita que as tempestades só aparecem quando desobedecemos a Deus, mas nem sempre é o caso. Jonas viu-se em meio a uma tempestade por causa de sua desobediência, mas os discípulos passaram pela tempestade por causa de sua *obediência*

A localização geográfica do mar da Galiléia é propícia ao aparecimento de tempestades repentinas e violentas. Enquanto cruzava esse mar numa tarde de verão, perguntei a um guia turístico israelita se ele já havia enfrentado alguma tempestade na região.

– Com certeza! – respondeu ele balançando a cabeça. – E não quero passar por isso de novo!

A tempestade descrita aqui deve ter sido particularmente violenta, uma vez que foi capaz de deixar até pescadores experientes como os discípulos em pânico. Havia pelo menos três bons motivos para que nenhum deles se sentisse perturbado, apesar de a situação parecer tão ameaçadora.

Em primeiro lugar, tinham a promessa de Jesus de que chegariam ao outro lado (Mc 4:35). Sempre que o Senhor ordena que se faça algo, também capacita a obedecer, e nada impede que cumpra seus planos. Não prometeu uma viagem fácil, mas sim que chegariam à outra margem.

Em segundo lugar, Jesus estava com eles em pessoa, então por que ter medo? Já haviam visto seu poder demonstrado em vários milagres, de modo que deveriam confiar plenamente que Jesus seria capaz de lidar com aquela situação. Por algum motivo, os discípulos ainda não haviam entendido que Jesus era, de fato, o Senhor de todas as situações.

Por fim, podiam ver que, mesmo em meio à tormenta, Jesus estava absolutamente tranqüilo. Esse fato, por si mesmo, deveria tê-los encorajado. Jesus fazia a vontade do Pai e sabia que Deus estava cuidando dele, então aproveitou para dormir. Jonas dormiu durante a tempestade por causa de uma falsa sensação de segurança, apesar de estar fugindo de Deus. Jesus dormiu na tempestade porque sentia-se, verdadeiramente, seguro na vontade de Deus. “Em paz me deito e logo pego no sono, porque, SENHOR, só tu me fazes repousar seguro” (Sl 4:8).

Quantas vezes, durante as tribulações da vida, não nos vemos imitando os discípulos incrédulos e gritando: “Senhor, não te importas que pereçamos?” Claro que ele se

tempestade e, imediatamente, houve grande calma. Mas o Senhor não se ateve a acalmar os elementos naturais, pois o maior perigo não era o vento nem as ondas, mas sim a incredulidade do coração dos discípulos. Os maiores problemas humanos encontram-se dentro de cada um, não nas circunstâncias ao redor. Isso explica por que Jesus os repreendeu ternamente e os chamou de "homens de pequena fé". Haviam visto Jesus ensinar a Palavra e até mesmo realizar milagres, ainda assim, não tinham fé. Esse medo decorrente da incredulidade levou-os a questionar se Jesus, de fato, se importava. Devemos ter cuidado com o "perverso coração de incredulidade" (Hb 3:12).

Essa foi apenas uma das muitas lições que Jesus ainda ensinaria a seus discípulos nos arredores do mar da Galiléia, e cada lição revelaria uma verdade nova e maravilhosa sobre o Senhor Jesus. Os discípulos já sabiam que ele tinha autoridade para perdoar pecados, expulsar demônios e realizar curas. Com essa experiência, descobriram que possuía autoridade até mesmo sobre o vento e o mar. Assim, não tinham motivos para temer, pois o Senhor estava sempre no controle de toda situação.

2. VITÓRIA SOBRE DEMÔNIOS (Mc 5:1-20)

Quando Jesus e os discípulos chegaram ao outro lado, encontraram dois endemoninhados, sendo que um deles era bastante articulado (ver Mt 8:28). Essa cena toda parece extremamente estranha para nós, que vivemos na chamada "civilização moderna", mas não é tão extraordinária em vários campos missionários. Na verdade, alguns professores da Bíblia acreditam que a possessão demoníaca esteja se tornando cada vez mais comum na "sociedade moderna".

Vemos nessa cena três forças diferentes em ação: Satanás, a sociedade e o Salvador. Essas mesmas forças continuam operando em nosso mundo, tentando controlar a vida das pessoas.

Primeiro, vemos o que *Satanás* pode fazer às pessoas, pois ele é como um ladrão, cujo maior propósito é destruir (Jo 10:10; e

ver Ap 9:11). O texto não diz quantos demônios controlavam esses dois homens, mas é possível que a possessão resultasse de terem se entregado ao pecado. Os demônios são "espíritos imundos" que se apoderam facilmente da vida de quem cultiva práticas pecaminosas.

Uma vez que se entregaram a Satanás, o ladrão, esses homens perderam tudo: o lar e a comunhão com amigos e familiares; a decência, pois andavam nus pelo cemitério; o domínio próprio, pois viviam como animais selvagens, gritando, autoflagelando-se e ameaçando as pessoas; a paz de espírito e o propósito de viver. Se Jesus não tivesse atravessado uma tempestade para resgatá-los, teriam permanecido nessa situação terrível.

Não devemos jamais subestimar o poder destrutivo de Satanás, pois ele é nosso inimigo e, se pudesse, devastaria todos nós. Como um leão que rugir, procura nos devorar (1 Pe 5:8, 9). É Satanás quem trabalha na vida dos incrédulos, tornando-os "filhos da desobediência" (Ef 2:1-3). Os dois homens no cemitério gadareno são, sem dúvida alguma, exemplos extremos do que Satanás pode fazer às pessoas, mas o que revelam é suficiente para nos estimular a resistir a Satanás e evitar absolutamente qualquer envolvimento com ele.

A segunda força operando nesses dois homens era a *sociedade*, mas esta não conseguiu muita coisa. Ao se ver diante de pessoas problemáticas, a sociedade não é capaz de fazer nada além de isolá-las, colocá-las sob vigilância e, se necessário, prendê-las (Lc 8:29). Esses homens foram presos em várias ocasiões, mas os demônios lhes davam forças para romper as cadeias. Até mesmo as tentativas de amansá-los haviam fracassado. Com todas as suas realizações científicas tão impressionantes, a sociedade continua não sendo capaz de lidar com os problemas causados por Satanás e pelo pecado. Mesmo sendo gratos a Deus pela proteção e coibição limitadas que a sociedade oferece, devemos reconhecer que não tem solução permanente nem é capaz de libertar as vítimas de Satanás.

Chegamos, assim, à terceira força: o *Salvador*. O que Jesus Cristo fez por aqueles homens? Em primeiro lugar, foi até eles com sua graça e amor, enfrentando até uma tempestade. Há quem creia que os demônios causaram a tempestade, uma vez que, ao acalmar as águas, Jesus usou as mesmas palavras que havia empregado anteriormente para repreender demônios (comparar Mc 1:25 com 4:39). É possível que Satanás estivesse tentando destruir Jesus, ou pelo menos querendo impedir que se aproximasse daqueles necessitados. Mas nada impediria o Senhor de ir àquele cemitério e libertar os dois homens.

Jesus não apenas se aproximou deles como também lhes falou e permitiu que falassem com ele. Os moradores da região evitavam todo e qualquer contato com os dois endemoninhados, mas Jesus tratou-os com amor e respeito. Ele veio buscar e salvar os que estavam perdidos (Lc 19:10).

É interessante observar que, ao falar por meio desse homem, os demônios confessaram em que criam de fato. Os demônios têm fé e até tremem por causa daquilo em que acreditam (Tg 2:19), mas nem mesmo essa fé ou esse temor pode salvá-los. Os demônios crêem que Jesus é o Filho de Deus e que tem autoridade sobre eles; crêem na realidade do julgamento e sabem que um dia serão lançados no inferno (ver Mt 8:29). Têm mais convicções do que muitos religiosos de hoje!

A Bíblia não explica, em momento algum, a psicologia e a fisiologia da possessão demoníaca. O homem que falou com Jesus estava sob o controle de uma *legião* de demônios, e uma legião de soldados romanos consistia de aproximadamente seis mil homens! É assustador pensar nos horrores que aquele homem experimentava dia e noite, enquanto milhares de espíritos imundos o atormentavam. Por certo, o outro endemoninhado também se encontrava extremamente agoniado.

Satanás tentou destruir esses homens, mas Jesus foi libertá-los. Pelo poder de sua Palavra, expulsou os demônios e livrou os

na oração, pois imploraram a Jesus para que não os mandasse para o abismo, o lugar de tormento (Mc 5:7; Lc 8:31). É animador notar que os demônios não sabiam o que Jesus planejava fazer, pois sugere que Satanás só conhece os planos de Deus se o próprio Deus lhe revelar. Na verdade, não há qualquer evidência nas Escrituras de que Satanás seja capaz de ler a mente dos cristãos, muito menos a mente de Deus.

Marcos 5 apresenta três pedidos: os demônios pediram que Jesus os mandasse entrar nos porcos (Mc 5:12); os cidadãos pediram que Jesus fosse embora (Mc 5:17); e um dos homens recém-libertos pediu que Jesus o deixasse segui-lo (Mc 5:18). Jesus atendeu os dois primeiros pedidos, mas não o último.

Jesus teria o direito de destruir dois mil porcos, possivelmente levando os donos deles à falência? Se os donos dos porcos eram judeus, não deveriam estar criando e vendendo porcos imundos. No entanto, uma vez que se encontravam em território gentio, o mais provável é que os criadores de porcos não fossem judeus.

Por certo, Jesus poderia mandar os demônios para onde bem desejasse – para o abismo, para os porcos ou para qualquer outro lugar que escolhesse. Então, por que permitiu que fossem para a manada de porcos? Em primeiro lugar, com isso Jesus provou aos espectadores que o milagre da libertação havia realmente ocorrido. A destruição dos porcos também garantiu aos dois homens que os espíritos imundos os haviam deixado. Mais importante do que isso, porém, o afogamento de dois mil porcos foi uma lição prática muito vívida para essa multidão que rejeitava a Cristo, mostrando que, para Satanás, um porco tem o mesmo valor que um homem! Na verdade, Satanás transforma um homem num porco! Jesus estava advertindo os cidadãos contra o poder do pecado e de Satanás. Foi um sermão dramático e explícito: “O salário do pecado é a morte!”

Os porqueiros não queriam ser responsabilizados pela perda dos porcos, de modo que correram imediatamente para contar

Quando os proprietários chegaram, assustaram-se com a mudança que havia ocorrido nos dois homens. Em vez de correr nus, encontravam-se vestidos, sentados e calmos. Eram novas criaturas (2 Co 5:17)!

Por que os proprietários pediram que Jesus partisse? Por que não pediram que ficasse e realizasse curas semelhantes para outros que também precisavam? O maior interesse deles era outro – os negócios – e temiam que, se Jesus ficasse, causaria ainda mais “prejuízo” à economia local! Uma vez que Jesus só fica onde é desejado, atendeu o pedido e partiu. Que oportunidade essas pessoas perderam!

Por que Jesus não permitiu que o homem o seguisse? Sem dúvida, seu pedido foi motivado pelo amor que sentia pelo Senhor Jesus, e seu testemunho seria capaz de causar grande impacto. Mas Jesus sabia que o lugar daquele homem era em sua casa, com seus entes queridos, onde testemunharia do Salvador. Afinal, a vida cristã deve começar em casa, onde as pessoas nos conhecem melhor. Se honrarmos a Deus em nosso lar, poderemos pensar em nos oferecer para servir em outros lugares. Esse homem tornou-se um dos primeiros missionários aos gentios. Jesus teve de se retirar, mas aquele homem permaneceu em sua terra e deu testemunho fiel da graça e do poder de Jesus Cristo. Podemos estar certos de que muitos daqueles gentios creram no Salvador por meio desse testemunho.

3. VITÓRIA SOBRE A ENFERMIDADE (Mc 5:21-34)

Enquanto a multidão suspirava de alívio ao ver Jesus partir, outra multidão o esperava de braços abertos em sua volta a Cafarnaum. Nesse segundo grupo, havia duas pessoas especialmente desejosas de ver o Mestre: Jairo, um homem cuja filha estava à beira da morte, e uma mulher anônima que sofria de uma doença incurável. Jairo aproximou-se de Jesus primeiro, mas a mulher foi curada primeiro, de modo que parece apropriado começarmos por ela.

O contraste entre essas duas pessoas necessitadas é impressionante e revela a

extensão do amor e misericórdia de Cristo. Jairo era um líder importante da sinagoga, enquanto a mulher era uma anônima, uma pessoa qualquer, mesmo assim Jesus recebeu e ajudou ambos. Jairo estava para perder uma filha que lhe dera doze anos de alegrias (Mc 5:42), e a mulher estava para se ver livre de uma aflição que a acometia havia doze anos. Uma vez que ocupava um cargo importante na sinagoga, sem dúvida Jairo era um homem de posses, mas essa riqueza não pôde salvar a vida de sua filha. A mulher estava falida, pois havia gasto todos os seus bens, e, ainda assim, ninguém achara uma cura para seu problema. Tanto Jairo quanto a mulher encontraram as respostas que buscavam aos pés de Jesus (Mc 5:22 e 33).

A mulher sofria de uma hemorragia aparentemente incurável e que a destruíra lentamente. Podemos imaginar a dor e a pressão emocional que consumia suas forças dia após dia. Quando consideramos suas muitas decepções com os médicos e a pobreza que lhe sobreveio, perguntamo-nos como pôde suportar tanto tempo. Havia, porém, ainda outro fardo sobre suas costas: de acordo com a Lei, ela se encontrava cerimonialmente impura, o que limitava grandemente sua vida religiosa e social (Lv 15:19ss). Que peso enorme essa mulher carregava!

No entanto, não deixou que coisa alguma a impedisse de aproximar-se de Jesus. Poderia ter usado várias desculpas para se convencer de que era mais fácil ficar longe dele. Poderia ter pensado: “não sou importante o suficiente para pedir ajuda a Jesus!”, ou “ele está acompanhando Jairo, não vou importuná-lo agora”. Poderia ter argumentado: “ninguém foi capaz de me ajudar, então por que continuar tentando?” Ou poderia ter concluído que não era correto procurar Jesus como último recurso, depois de ter consultado tantos médicos. Porém, deixou de lado todos os argumentos e desculpas e, pela fé, se aproximou de Jesus.

Como era essa fé? Fraca, tímida, talvez até um tanto supersticiosa. Imaginava que precisava tocar nas vestes de Jesus para poder ser curada (ver Mc 3:10; 6:56). Tinha

ouvido falar de outras pessoas que haviam sido curadas por Jesus (Mc 5:27), de modo que resolveu tentar chegar até o Salvador. Dessa vez, não ficou decepcionada: Jesus honrou sua fé, fraca como era, e curou seu corpo.

Vemos aqui uma lição importante. Nem todos têm o mesmo nível de fé, mas Jesus responde à fé, por mais fraca que seja. Quando cremos, ele compartilha seu poder conosco, e algo acontece em nossa vida. Havia muitos outros naquela multidão que estavam perto de Jesus e que o comprimiam, mas que não experimentaram milagre algum, pois não tinham fé. Uma coisa é esbarrar em Jesus, outra bem diferente é crer nele.

A mulher planejava desaparecer no meio da multidão, mas Jesus virou-se e a deteve. Com todo carinho, extraiu dela um testemunho maravilhoso do que o Senhor havia feito. Por que Jesus tornou pública essa cura? Por que simplesmente não permitiu que a mulher permanecesse incógnita?

Em primeiro lugar, ele o fez para o bem dela, pois desejava ser para ela algo mais do que um "curandeiro": desejava ser também seu Salvador e amigo. Queria que contemplasse seu rosto, sentisse seu carinho e ouvisse suas palavras de incentivo. Quando Jesus terminou de falar, a mulher experimentou algo maior do que a cura física. O Senhor a chamou de "filha" e a enviou para casa com uma bênção de paz (Mc 5:34). A injunção: "Fica livre do teu mal" vai muito além da restauração do corpo. Jesus também lhe deu cura espiritual!

Tratou dessa mulher em público não apenas para o bem dela, mas também pensando em Jairo. A filha dele estava à beira da morte, e ele precisava de todo encorajamento possível. Como se não bastasse a multidão impedindo sua passagem, ainda haviam sido detidos por aquela mulher! Quando um dos amigos de Jairo chegou com a notícia de que a menina havia morrido, sem dúvida Jairo sentiu que tudo estava perdido. As palavras de Jesus à mulher sobre fé e paz devem ter servido de estímulo não só para

Por fim, Jesus tornou pública a cura dessa mulher para que ela tivesse a oportunidade de dar seu testemunho e de glorificar ao Senhor. "Digam-no os remidos do SENHOR, os que ele resgatou da mão do inimigo [...] Enviou-lhes a sua palavra, e os sarou [...] Rendam graças ao SENHOR por sua bondade e por suas maravilhas para com os filhos dos homens!" (Sl 107:2, 20, 21). Por certo, alguns da multidão ouviram as palavras da mulher e creram no Salvador; quando ela chegou em casa, já sabia o que significava testemunhar de Cristo.

4. VITÓRIA SOBRE A MORTE (MC 5:35-43)

Não foi fácil para Jairo pedir publicamente que Jesus o ajudasse. Os líderes religiosos que se opunham a Cristo certamente não aprovavam essa atitude, nem mesmo os líderes da sinagoga. Aquilo que Jesus havia feito e ensinado na sinagoga havia provocado a ira dos escribas e fariseus, alguns dos quais provavelmente eram amigos de Jairo. Porém, como tantas outras pessoas que se aproximam de Jesus, Jairo estava desesperado. Preferia perder os amigos a perder sua filha.

É interessante ver como Jesus tratou com Jairo e o conduziu a uma grande vitória. Ao longo desse episódio, observamos que foram as *palavras* do Senhor que fizeram a diferença. Consideremos, portanto, as três declarações que Jesus fez.

A palavra de fé (v. 36). Nesse ponto, Jairo teve de escolher entre acreditar em seu amigo ou em Jesus. Por certo, todo seu ser encheu-se de profunda tristeza quando ficou sabendo que a filha havia morrido. Mas Jesus o tranqüilizou dizendo: "Não temas, crê somente". Em outras palavras: "Você possuía alguma fé quando me procurou, e essa fé foi estimulada quando viu o que fiz por aquela mulher. Não desista! Continue crendo!"

Não foi tão difícil para Jairo crer no Senhor enquanto sua filha ainda estava viva e enquanto Jesus o acompanhava até sua casa. Mas quando Jesus se deteve para curar a mulher e seus amigos chegaram com as

devemos, porém, julgá-lo com severidade, pois é provável que também tenhamos dúvidas quando nos sentimos sobrepujados pelas circunstâncias e pelos sentimentos. Por vezes, Deus demora a intervir, e nos perguntamos o que o está detendo. É nesse momento que precisamos de uma “palavra especial de fé” do Senhor, e recebemos essa certeza quando dedicamos tempo à Palavra de Deus.

A palavra de esperança (v. 39). Quando chegaram à casa de Jairo, viram e ouviram os pranteadores profissionais que sempre apareciam quando alguém morria. De acordo com a tradição judaica, deveriam clamar em alta voz, chorar e se lamentar com a família e os amigos. A presença dos pranteadores na casa era prova de que a menina estava morta, pois a família não os teria chamado, caso ainda houvesse qualquer esperança.

“A criança não está morta, mas dorme”, foram as palavras de esperança do Senhor a Jairo e sua esposa. Para o cristão, a morte é apenas um sono, pois o corpo descansa até o momento da ressurreição (1 Ts 4:13-18). O espírito não dorme, pois quando o cristão morre, seu espírito deixa o corpo (Tg 2:26) e vai para junto de Cristo (Fp 1:20-23). É o corpo que dorme, aguardando a volta do Senhor e a ressurreição (1 Co 15:51-58). Essa verdade é um grande encorajamento para todos os que perdem amigos e entes queridos cristãos. É a palavra de esperança de Jesus para nós.

A palavra de amor e poder (v. 41). A incredulidade zomba da Palavra de Deus, mas a fé apega-se a ela e experimenta o poder de Deus. Jesus não realizou esse milagre de maneira espalhafatosa, pois se sensibilizou com a dor dos pais e se entristeceu com a atitude desdenhosa dos pranteadores. “Talitá cumi!” é a expressão aramaica para “Menina, levanta-te!”, ao que Jesus acrescentou: “eu te mando” (com ênfase no pronome

eu), pois foi por sua autoridade que o espírito da menina voltou ao corpo (Lc 8:55). Essas palavras não são uma fórmula mágica para ressuscitar mortos.

A menina não apenas voltou a viver, mas também foi curada de sua doença, pois conseguiu sair da cama e andar. Como Médico amoroso, Jesus instruiu os pais a alimentar a menina, a fim de fortalecê-la. Milagres divinos não são substitutos para o bom senso, pois quando ignoramos os cuidados humanos, tentamos a Deus.

Como nos milagres anteriores, Jesus pediu às testemunhas que não falassem sobre o assunto (Mc 1:44; 3:12). É possível que os pranteadores tenham espalhado a notícia de que a menina havia estado em “coma”, não morta, portanto, que não havia ocorrido milagre algum! No entanto, o milagre foi operado na presença de algumas testemunhas. Segundo a Lei, eram necessárias apenas duas ou três pessoas para corroborar um fato (Dt 17:6; 19:15), mas, nesse caso, houve cinco testemunhas! Temos motivos para concluir que Jairo e sua esposa creram em Jesus Cristo, apesar de não voltarem a ser mencionados nos relatos dos Evangelhos. Ao longo de toda a sua vida, essa menina foi uma testemunha do poder de Jesus Cristo.

Por certo, o Servo de Deus conquistou o perigo, os demônios, as enfermidades e a morte. Essa série de milagres mostra como Jesus foi ao encontro de pessoas de todo tipo e as socorreu, desde seus próprios discípulos até dois homens endemoninhados, e garante que o Senhor também é capaz de nos ajudar hoje.

Isso não significa que Deus *sempre* socorre as pessoas em perigo (ver At 12) ou que cura *todas* as aflições (ver 2 Co 12:1-10), mas sim que tem a autoridade suprema e que não precisamos temer. Em tudo somos “mais que vencedores, por meio daquele que nos amou” (Rm 8:37).

A FÉ NO SERVO

MARCOS 6:1-56

De acordo com Charles Darwin, a fé é “a distinção mais completa entre o homem e os animais inferiores”. Caso essa observação seja verdadeira, sugere que a falta de fé por parte do homem coloca-o no mesmo nível dos animais! O orador agnóstico Coronel Robert Ingersoll sugeriu outro ponto de vista, pois descreveu o cristão como “um pássaro mudo dentro de uma gaiola”. Provavelmente, é mais fácil concordar que as palavras dele descrevem, na verdade, um *incrédulo*!

Um dos temas centrais desta seção do Evangelho de Marcos é a incredulidade das pessoas que se aproximaram do Servo de Deus. Tinham motivos de sobra para acreditar em Jesus Cristo, mas, ainda assim, todas essas pessoas, inclusive os próprios discípulos, mostraram-se incrédulas! Ao estudar este capítulo, devemos ter sempre em mente a admoestação solene de Hebreus 3:12: “Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo”. Deus leva a incredulidade a sério, de modo que devemos fazer o mesmo.

1. A INCRECULIDADE DE SEUS CONHECIDOS (Mc 6:1-6)

Jesus retornou a Nazaré onde, um ano antes, havia sido rejeitado pelo povo e expulso da sinagoga (Lc 4:16-30). Sem dúvida, foi uma demonstração de graça da parte do Senhor dar às pessoas uma nova oportunidade de ouvir suas Palavras, crer e receber a salvação. No entanto, o coração do povo continuava endurecido. Dessa vez, não ex-

Novamente, a reputação de Jesus o havia precedido, e lhe foi permitido falar na sinagoga. Não devemos esquecer que ele ministrava a pessoas que o conheciam bem, pois havia crescido em Nazaré. Porém, era gente sem qualquer percepção espiritual. Jesus os lembrou do que havia dito em sua primeira visita: que um profeta não tem honra em sua própria terra e entre seu próprio povo (Mc 6:4; Lc 4:24; Jo 4:44).

Duas coisas causaram espanto a essas pessoas: as palavras poderosas e a sabedoria maravilhosa do Mestre. Jesus não operou milagre algum enquanto estava lá, de modo que o povo devia estar se referindo a relatos que havia ouvido acerca dos grandes feitos e prodígios do Senhor (ver Mc 1:28, 45; 3:7, 8; 5:20, 21). Na verdade, foi a incredulidade deles que impediu Jesus de realizar um grande ministério em seu meio.

O que havia de errado com eles? Por que não conseguiram crer no Senhor e experimentar seu poder e sua graça, como outro experimentaram? *Porque pensavam que o conheciam*. Afinal, Jesus havia sido vizinho deles por cerca de trinta anos, e todos o viram trabalhando como carpinteiro, de modo que, para eles, Jesus parecia ser apenas mais um nazareno. Era um “cidadão comum”, e o povo não viu motivo para se sujeitar a ele!

“A familiaridade nutre o desprezo”, como disse Públio o Sírio, que viveu em 2 a.C. Esopo escreveu uma fábula para ilustrar essa verdade, falando de uma raposa que nunca havia visto um leão. Quando se encontrou com o rei dos animais pela primeira vez, a raposa quase morreu de medo. Num segundo encontro, não estava mais tão assustada; na terceira vez já estava conversando com o leão. “É assim que acontece”, concluiu Esopo, “a familiaridade faz com que até as coisas mais assustadoras pareçam inofensivas”.

Convém, no entanto, considerar essa idéia com cautela. Podemos, por acaso, imaginar marido e esposa desprezando-se só porque são íntimos? Ou dois amigos que comecem a se tratar com desdém só porque sua amizade cresceu ao longo dos anos?

dizer: "A familiaridade nutre o desprezo somente quando se tratam de coisas ou pessoas desprezíveis". O desdém demonstrado pelos nazarenos não refletia coisa alguma do caráter de Jesus; antes, revelou muita coisa sobre a natureza do próprio povo!

Um turista, ansioso para ver tudo o que há numa galeria de arte, passa rapidamente de um quadro a outro, mal notando o que há dentro das molduras. "Não vi nada de especial", diz a um dos guardas ao sair. "Senhor", responde o guarda, "não são as pinturas que estão sendo avaliadas aqui, mas sim os visitantes".

Naquele tempo, o carpinteiro era um artesão respeitado, mas ninguém esperava que um carpinteiro fizesse milagres ou ensinasse verdades espirituais na sinagoga. De onde tirava todo aquele poder e sabedoria? De Deus ou de Satanás? (ver Mc 3:22). Por que seus irmãos não tinham o mesmo poder e sabedoria? E mais, por que nem mesmo eles acreditavam em Jesus? As pessoas que chamavam Jesus de "filho de Maria" estavam, na verdade, tentando ofendê-lo, pois, naquela época, um homem era identificado de acordo com o pai, não com a mãe.

O povo de Nazaré se "escandalizava com ele". Literalmente, haviam "tropeçado nele". O termo grego para "pedra de tropeço" dá origem à nossa palavra *escândalo*. Em sua obra *Wuest's Word Studies [Estudos da Palavra de Wuest]* (Eerdmans), Kenneth Wuest diz: "Uma vez que não conseguiram explicá-lo, optaram por rejeitá-lo". Sem dúvida, Jesus foi "uma pedra de tropeço" para essa gente por causa da incredulidade deles (Is 8:14; Rm 9:32, 33; 1 Pe 2:8).

Em duas ocasiões, nos relatos dos Evangelhos, se diz que Jesus admirou-se. Como essa passagem mostra, ele se espantou com a incredulidade dos judeus e também com a fé do centurião romano e gentio (Lc 7:9). Em vez de permanecer em Nazaré, Jesus partiu e percorreu, mais uma vez, diversas cidades e vilas na Galiléia. Seu coração se entristeceu profundamente ao ver a situação precária do povo (Mt 9:35-38), de modo que decidiu enviar seus discípulos para ministrar com sua autoridade e poder.

2. A INCREULIDADE DE SEUS INIMIGOS (Mc 6:7-29)

Quando Jesus chamou os doze apóstolos, seu propósito era ensiná-los e treiná-los para que pudessem auxiliá-lo e, no tempo certo, tomar seu lugar quando voltasse para o Pai (Mc 3:13-15). Antes de enviá-los, reafirmou a autoridade que havia lhes concedido para curar e expulsar demônios (Mc 6:7) e lhes deu algumas instruções (ver Mc 10 para um relato mais detalhado deste sermão).

Ordenou que levassem aquilo que já possuíam e que não comprassem qualquer equipamento especial para a viagem. Não deveriam carregar qualquer bagagem desnecessária (a urgência dessa "comissão" é inequívoca). Jesus desejava que estivessem adequadamente supridos, mas não a ponto de deixar de viver pela fé. A palavra "alforje" refere-se à "sacola de um mendigo". De maneira alguma, porém, deveriam mendigar por alimento ou dinheiro.

Em seu ministério itinerante, encontrariam hospitalidade e hostilidade, amigos e inimigos. Jesus advertiu-os a ficar apenas numa casa em cada comunidade e a não ser "enjoados" quanto à comida e às acomodações que lhes oferecessem. Afinal, estavam lá para ser servos úteis, não hóspedes mimados. Se uma casa ou vila não os recebesse, tinham permissão de declarar julgamento divino sobre aquelas pessoas. Era costume dos judeus sacudir as sandálias quando deixavam um território gentio, mas um judeu fazer isso em sua própria terra seria algo novo (Lc 10:10, 11; At 13:51).

O termo grego traduzido por *enviar*, em Marcos 6:7, é *apostello*, de onde vem a palavra "apóstolo". Significa "enviar alguém com uma comissão especial a fim de representar alguém e de realizar seu trabalho". Jesus concedeu a esses doze homens tanto autoridade apostólica quanto capacitação divina para realizar o trabalho para o qual ele os havia comissionado. Não estariam trabalhando "por conta própria", mas sim representando Jesus em tudo o que fizessem e dissessem.

Conforme observamos anteriormente (Mc 3:16-19), ao comparar as listas de nomes

dos apóstolos, vemos que foram apresentados de dois em dois: Pedro e André, Tiago e João, Filipe e Bartolomeu etc. Jesus enviou-os em pares, pois é sempre mais fácil e mais seguro os servos do Senhor viajarem e trabalharem juntos. “Melhor é serem dois do que um” (Ec 4:9). Como também já observamos, a Lei exigia que houvesse pelo menos duas testemunhas para corroborar qualquer questão (Dt 17:6; 19:15; 2 Co 13:1). Não apenas ajudariam um ao outro, mas também aprenderiam um com o outro.

Os homens partiram e fizeram como Jesus havia dito. É impressionante que um grupo de homens comuns fosse capaz de representar o Deus Todo-Poderoso e de demonstrar sua autoridade realizando milagres. Sempre que Deus ordena que se faça alguma coisa, também dá capacidade para cumprir suas ordens (2 Co 3:5, 6). Os apóstolos proclamaram as boas novas do reino, chamaram pecadores ao arrependimento e curaram muitos enfermos (Mc 6:12, 13; Lc 9:6).

As notícias do ministério de Cristo e também de seus discípulos (Lc 9:7) chegaram até ao palácio de Herodes Antipas. Marcos usa a designação “rei”, que era como Herodes desejava ser chamado, mas na realidade o perverso rei Herodes era apenas um tetrarca, governador de uma quarta parte de sua nação. Quando Herodes, o Grande, morreu, os romanos dividiram seu território entre seus três filhos, e Antipas foi nomeado tetrarca da Peréia e Galiléia.

Herodes Antipas casou-se com a filha do rei Aretas IV, depois se divorciou para poder se casar com Herodias, a esposa de seu meio-irmão, Herodes Filipe. Foi uma aliança abjeta, contrária à Lei de Moisés (Lv 18:16; 20:21) e alvo da condenação do corajoso profeta João Batista. Quando Herodes ouviu sobre os grandes feitos de Jesus, teve certeza de que era João Batista que havia voltado dos mortos para assombrá-lo e condená-lo! Apesar de sua consciência incomodá-lo, Herodes não se mostrou disposto a encarar seus pecados com honestidade nem de se arrepender.

A essa altura do relato, Marcos usa um

havia sido cruelmente preso e assassinado. Mesmo nessa breve narrativa, podemos perceber a tensão no palácio, pois Herodes temia João; ouviu suas pregações em particular e se viu tomado de perplexidade quanto ao que deveria fazer. A “rainha” Herodias, no entanto, odiava João e, querendo matá-lo, esperou pacientemente por uma oportunidade. O caráter malicioso e os atos iníquos desses dois nos trazem à memória Acabe e Jezabel (1 Rs 18 - 21).

Herodias finalmente encontrou um “momento estratégico” (Mc 6:21) para colocar seus planos em ação: a comemoração de aniversário de Herodes. As festas reais eram sempre extravagantes, tanto em sua ostentação quanto nos entretenimentos. Os judeus não permitiam que uma mulher dançasse diante de um grupo de homens, e a maioria das mães gentias teria proibido uma filha de fazer o que a filha de Herodias fez (de acordo com os relatos históricos, seu nome era Salomé). Mas a menina fazia parte dos planos da mãe para se livrar de João Batista, e Salomé cumpriu seu papel com grande competência.

Quando Herodes ouviu o pedido terrível da menina, “Entristeceu-se profundamente” (ver Mc 14:34, em que o mesmo verbo é usado para Jesus), mas teve de cumprir sua promessa, pois, do contrário, sofreria um vexame na frente de um grupo de pessoas influentes. Na verdade, o termo “juramento”, em Marcos 6:26, encontra-se no plural - “por causa dos seus juramentos” -, pois Herodes havia declarado repetidamente seu desejo de recompensar a menina por sua apresentação. Suas promessas eram um subterfúgio para impressionar seus convidados, mas acabou sendo vítima do próprio plano. Herodes não foi corajoso o suficiente para obedecer à palavra de João, mas precisou obedecer à sua própria palavra! O resultado foi a morte de um homem inocente.

É impressionante como não há evidências de que os líderes judeus tenham tomado alguma atitude para salvar João Batista depois de sua prisão. O povo em geral considerava João um profeta enviado por Deus,

sua mensagem (Mc 11:27-33). A morte de João foi a primeira de três mortes importantes na história de Israel. As outras duas foram a crucificação de Cristo e o apedrejamento de Estêvão (At 7). Estudamos o significado desses acontecimentos nos comentários sobre Marcos 3:22-30. Herodes temia que a mensagem de João começasse uma revolta popular, algo que o rei desejava evitar. Além disso, queria agradar à esposa, mesmo que, para isso, tivesse de matar um homem piedoso.

Os discípulos de João tiveram permissão de levar o corpo de seu mestre e sepultá-lo. Em seguida, relatam a Jesus o que havia ocorrido (Mt 14:12). Sem dúvida, a notícia da morte de João entristeceu Jesus profundamente, pois sabia que, um dia, ele próprio também teria de entregar sua vida.

Vemos Herodes Antipas em mais uma ocasião nos Evangelhos, quando provocou Jesus pedindo que realizasse um milagre (Lc 23:6-12). Jesus não aceitou sequer falar com esse adúltero e assassino, quanto mais realizar um milagre para entretê-lo! Chamou-o de “raposa” (Lc 13:31-35), uma descrição bastante apropriada do rei astucioso. Em 39 d.C., Herodes Agripa (At 12:1), sobrinho de Herodes Antipas, entregou seu tio ao imperador romano, e Antipas foi deposto e exilado. “Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mc 8:36).

3. A INCREULIDADE DE SEUS DISCÍPULOS (Mc 6:30-56)

Jesus foi com seus discípulos a um lugar isolado, a fim de que pudessem descansar um pouco de todos os seus trabalhos. Queria conversar sobre o ministério deles e prepará-los para a próxima missão. Como disse Vance Havner: “Se não nos retirarmos para descansar, acabaremos por nos desintegrar”. Até mesmo o Servo de Deus precisou de um tempo para repousar, desfrutar da comunhão com os amigos e ter suas forças renovadas pelo Pai.

Outro fator que o levou a retirar-se foi a oposição crescente dos líderes políticos e religiosos. O assassinato de João Batista por

Herodes foi evidência suficiente de que o “clima” estava mudando e de que Jesus e seus discípulos deveriam usar de cautela. No capítulo seguinte, veremos a hostilidade dos líderes religiosos e, também, o entusiasmo político das multidões, sempre um problema sério (Jo 6:15ss). A melhor coisa a fazer era retirar-se.

No entanto, as multidões não deixaram Jesus em paz. Elas o seguiram até perto de Betsaida na esperança de vê-lo realizar curas milagrosas (Lc 9:10, 11; Jo 6:1ss). Apesar dessa interrupção em seus planos, Jesus recebeu o povo, ensinou a Palavra e curou os aflitos. Uma vez que também já experimentei muitas interrupções em minha vida e ministério, sempre me admiro da paciência e graça de Jesus. Que exemplo para nós!

Marcos registra dois milagres realizados pelo Servo de Deus.

Jesus alimenta os cinco mil (vv. 33-44).

Jesus enviou doze apóstolos para ministrar porque tinha compaixão dos necessitados (Mt 9:36-38). Dessa vez, porém, os necessitados foram até eles, e os discípulos quiseram mandá-los embora! Ainda não haviam aprendido a olhar a vida com os olhos de seu Mestre. Para eles, as multidões eram um problema, talvez até mesmo uma inconveniência, mas para Jesus, eram como ovelhas sem pastor.

Quando D. L. Moody estava formando sua grande Escola Bíblica Dominical em Chicago, recebia crianças de vários lugares. Com freqüência, os pequeninos deixavam de ir a outras igrejas ou Escolas Bíblicas Dominicais mais próximas de sua casa apenas para ir estudar a Palavra com o sr. Moody. Quando alguém perguntou a um menino por que caminhava tamanha distância para comparecer àquela Escola Bíblica Dominical, ele respondeu: “Porque lá eles amam as pessoas!” As crianças sentiam a diferença.

Os discípulos ofereceram duas sugestões para resolver o problema: mandar as pessoas procurarem a própria comida ou juntar dinheiro suficiente para comprar um pedaço pequeno de pão para cada um. Para os discípulos, eles estavam no lugar errado, na hora errada, e nada havia que pudessem

fazer! Com essa atitude, poderiam muito bem ter formado uma comissão! Alguém definiu uma comissão como um grupo de pessoas que, individualmente, não é capaz de fazer coisa alguma e, coletivamente, decide que não há nada a fazer.

Jesus não considerou aquela situação um problema, mas sim uma oportunidade de crer no Pai e de glorificar seu nome. Um líder eficiente é alguém que vê potencial nos problemas e que está disposto a tomar uma atitude pela fé. Agindo com base na sabedoria humana, os discípulos viram o problema, mas não o potencial. É tão comum ouvir o povo de Deus queixar-se: "Se tivéssemos um pouco mais de dinheiro, poderíamos fazer alguma coisa!" Duzentos denários correspondiam ao salário anual de um trabalhador comum! O primeiro passo é não medir nossos recursos, mas determinar a vontade de Deus e crer que ele suprirá nossas necessidades.

Foi André quem encontrou o rapaz com a comida (Jo 6:8, 9). O Senhor orientou o povo a assentar-se em grupos sobre a grama (ver Sl 23:2; 78:19) – um contraste e tanto com a festa pomposa e sensual de Herodes. Então, Jesus pegou o lanche, abençoou, partiu e deu a seus discípulos para que distribuíssem aos famintos. O milagre realizou-se nas mãos do Mestre, não dos discípulos, pois Jesus pode abençoar e multiplicar tudo o que colocamos em suas mãos. Não somos produtores, mas apenas distribuidores.

João diz que Jesus usou esse milagre como ponto de partida para o sermão sobre o "pão da vida" (Jo 6:22ss). Afinal, apesar de ser importante suprir as necessidades humanas, esse não foi o único motivo pelo qual Jesus realizou milagres. Seu desejo era que cada milagre revelasse algo sobre o Filho de Deus e fosse um "sermão prático". A maioria das pessoas maravilhou-se com os milagres, sentiu-se grata pela ajuda que recebeu do Senhor, mas não foi capaz de entender a mensagem espiritual (Jo 12:37). Essas pessoas queriam as dádivas, mas não o Doador, a alegria das bênçãos físicas, mas não

Jesus acalma a tempestade (vv. 45-56).

Esse episódio envolveu vários milagres: Jesus andou sobre as águas, Pedro andou sobre as águas (Marcos não registra esse fato; ver Mt 14:28-32), Jesus acalmou a tempestade e, por fim, chegaram à outra margem imediatamente depois de Jesus ter entrado no barco (Jo 6:21). Sem dúvida, foi uma noite repleta de maravilhas para os doze apóstolos!

Por que Jesus ordenou que seus discípulos partissem? Porque a multidão estava ficando agitada, e havia o perigo de começarem uma revolta popular para colocar Jesus como rei (Jo 6:14, 15). Os doze apóstolos não estavam preparados para esse tipo de teste, pois seu conceito do reino ainda era excessivamente nacional e político.

Além disso, Jesus desejava lhes ensinar uma lição de fé a fim de prepará-los para o trabalho que teriam diante deles depois que ele partisse. Os discípulos tinham acabado de completar uma missão extremamente bem-sucedida, curando doentes e pregando o evangelho. Haviam participado do milagre da alimentação dos cinco mil. Estavam vivendo no "ápice espiritual", e esse fato, por si só, era perigoso. É bom estar no alto da montanha, desde que não nos descuidemos e acabemos caindo num precipício.

As bênçãos espirituais devem ser contrabalançadas com fardos e batalhas, do contrário, corremos o risco de nos tornar crianças mimadas, em vez de filhos e filhas maduros. Numa ocasião anterior, Jesus havia conduzido seus discípulos a uma tempestade no final de um dia repleto de ensinamentos (Mc 4:35-41). Agora, depois de realizar vários milagres, volta a conduzi-los a uma tempestade. É interessante observar que, no Livro de Atos, a "tempestade" da perseguição oficial começou depois que os discípulos haviam ganho cinco mil pessoas para Cristo (At 4:1-4). É possível que, enquanto estavam presos, os apóstolos tenham se lembrado da tempestade que se seguiu à alimentação dos cinco mil e que tenham se encorajado mutuamente com a certeza de que Jesus os socorreria e acompanharia

Cada nova experiência de prova requer mais fé e coragem. Na primeira tempestade, Jesus estava no barco junto com os discípulos. Dessa vez, porém, permanecera no monte orando por eles. O Mestre os ensinava a viver pela fé. (Cabe lembrar que, mesmo quando Jesus estava no barco, os discípulos tiveram medo!) Essa cena ilustra a situação do povo de Deus hoje: estamos no meio deste mundo tempestuoso, batalhando e, ao que tudo indica, prontos para afundar, mas Jesus está na glória, intercedendo por nós. Quando o momento for mais sombrio, virá até nós – e chegaremos à praia!

As ondas que atemorizaram os discípulos (inclusive os pescadores do grupo) serviram de degraus para conduzir o Senhor Jesus até eles. Esperou até a situação tornar-se desesperadora a ponto de não poderem fazer mais coisa alguma para se salvar. Mas por que pareceu que Jesus pretendia passar direto por eles? Porque quis que o reconhecessem, cressem nele e o convidassem a entrar no barco. Em vez disso, os discípulos gritaram de pavor, pois pensaram que fosse um fantasma!

Jesus tranqüilizou-os, dizendo: “Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais!” (Mc 6:50). Foi então que Pedro pediu a Jesus para se encontrar com ele sobre as águas, porém Marcos omite esse detalhe. Diz a tradição que Marcos escreveu como porta-voz de Pedro, de modo que, talvez, Pedro tenha

hesitado em incluir essa experiência, a fim de não dar às pessoas uma impressão errada. É fácil criticar Pedro por afundar, mas será que teríamos chegado a sair do barco?

Os discípulos foram reprovados nesse teste, pois lhes faltou discernimento espiritual e um coração receptivo. O milagre dos pães e peixes não havia causado impacto duradouro na vida deles. Afinal, se Jesus era capaz de multiplicar a comida e de alimentar milhares de pessoas, por certo também podia protegê-los da tempestade. Mesmo um discípulo de Jesus Cristo é capaz de desenvolver um coração endurecido, se não responder às lições espirituais que precisam ser aprendidas ao longo da vida e do ministério.

Ao recapitular esses dois milagres, é possível ver que Jesus oferece *provisão* e *proteção*. “O SENHOR é o meu pastor; nada me faltará. [...] não temerei mal nenhum” (Sl 23:1, 4). Quem nele confia sempre terá provisão e segurança, qualquer que seja a situação. O importante é confiar em Jesus.

Marcos encerra esta seção em tom positivo ao descrever o povo que trouxe enfermos para Jesus curar: pessoas que creram e cuja fé foi recompensada. Trata-se de um contraste nítido com Nazaré, onde poucos foram curados, pois o povo não tinha fé.

“E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1 Jo 5:4). Confie no Servo! Ele nunca falha.

O SERVO E MESTRE

MARCOS 7:1 – 8:26

Ao longo de seu Evangelho, a ênfase de Marcos é, principalmente, sobre o que Jesus fez. No entanto, nesta seção de nosso estudo, há alguns relatos de *ensinamentos* importantes do Senhor. Marcos também descreve o ministério entre os gentios, assunto que certamente seria do interesse de seus leitores romanos. Vemos nesta seção três ministérios de Jesus, o Servo e Mestre.

1. O ENSINO AOS JUDEUS (Mc 7:1-23)

Este episódio pode ser dividido em quatro estágios. O primeiro é a *acusação* (Mc 7:1-5). Os líderes religiosos haviam assumido uma postura explicitamente hostil quanto a Jesus e seu ministério. Seguiam-no de um lugar para outro com o propósito de procurar algo para criticar. Nesse caso, acusaram os discípulos de não realizar as cerimônias judaicas de purificação com água. Essa purificação não tinha relação alguma com a higiene pessoal nem era exigida pela Lei. Antes, fazia parte da tradição que os escribas e fariseus haviam dado ao povo, tornando seu fardo ainda mais pesado (Mt 23:4).

Jesus já havia transgredido as tradições do *shabbath* (Mc 2:23 – 3:5), de modo que os judeus estavam ansiosos por acusá-lo, quando viram os discípulos comer “com as mãos impuras”. Por que um assunto tão trivial exasperou de tal maneira esses líderes religiosos? Por que se sentiram obrigados a defender suas cerimônias de purificação com água? Em primeiro lugar, os líderes se ressentiram quando Jesus desafiou abertamente sua autoridade. Afinal, essas práticas lhes haviam sido transmitidas por seus ante-

autoridade! Os judeus chamavam a tradição de “a cerca da Lei”. Não era a Lei que protegia a tradição, mas sim a tradição que protegia a Lei!

Porém, havia algo ainda mais importante em jogo. Sempre que os judeus praticavam essas purificações declaravam que eram “especiais” e que as outras pessoas eram “imundas”! Se um judeu fosse ao mercado comprar comida, poderia ser “contaminado” por um gentio ou (Deus me livre!) por um samaritano. Essa tradição havia começado séculos antes para lembrar os judeus, o povo escolhido de Deus, que deveriam manter-se separados. Porém, uma forma saudável de lembrar havia gradualmente degenerado e se transformado num ritual vazio, resultando em orgulho e isolamento religioso.

Essas purificações não apenas indicavam uma atitude equivocada com respeito às pessoas, mas também transmitiam uma idéia errada da natureza do pecado e da santidade pessoal. No Sermão do Monte, Jesus deixou claro que a verdadeira santidade é uma questão de sentimentos e de atitudes interiores, não apenas ações e associações exteriores. Os fariseus julgavam-se santos porque obedeciam à Lei e evitavam a contaminação exterior. Jesus ensinou que uma pessoa que obedece à Lei exteriormente pode, ainda assim, transgredi-la em seu coração, e essa “contaminação” exterior não tem praticamente qualquer relação com a condição do ser interior.

Assim, o conflito não era apenas entre a verdade de Deus e a tradição humana, mas também entre dois pontos de vista divergentes sobre o pecado e a santidade. Esse confronto não foi uma discussão trivial, pois tocou o cerne da fé religiosa. Cada nova geração deve envolver-se num conflito semelhante, pois a natureza humana tende a apegar-se a velhas tradições criadas por homens e a ignorar a Palavra viva de Deus ou lhe desobedecer. Por certo, algumas tradições ajudam a lembrar nossa rica herança e servem de “cimento” para unir as gerações, mas devemos estar sempre alertas para que a tradição não tome o lugar da verdade. É

de nossa igreja à luz da Palavra de Deus e ter coragem suficiente para mudá-las. (Convém observar que a palavra *tradições*, em 2 Ts 2:15, se refere ao conjunto de verdades doutrinárias transmitido pelos apóstolos aos líderes da Igreja. Ver também 2 Tm 2:2.)

O próximo estágio pode ser chamado de *condenação* (Mc 7:6-13), uma vez que Jesus defendeu seus discípulos e expôs a hipocrisia de seus acusadores. Primeiro, citou o profeta Isaías (Is 29:13) e, em seguida, falou da Lei de Moisés (Êx 20:12; 21:17; Lv 20:9). Como poderiam os fariseus argumentar contra a Lei e os Profetas?

Ao defender suas tradições, os fariseus desgastavam tanto seu caráter quanto o da Palavra de Deus. Eram hipócritas, "atores" cuja adoração religiosa era praticada em vão. A verdadeira adoração deve nascer do coração e ser dirigida pela verdade de Deus, não pelos conceitos pessoais de cada um. Como é triste quando os religiosos praticam rituais na ignorância e apenas deterioram o próprio caráter ao fazê-lo!

No caso dos fariseus, porém, não estavam apenas destruindo o próprio caráter, mas também a influência e autoridade da Palavra de Deus que afirmavam defender. É interessante observar a seqüência trágica: ensinavam suas doutrinas como se fossem a Palavra de Deus (Mc 7:7); deixavam de lado a Palavra de Deus (Mc 7:8); rejeitavam a Palavra de Deus (Mc 7:9); e finalmente, retiravam o poder da Palavra de Deus (Mc 7:13). Quem reverencia tradições humanas acima da Palavra de Deus acaba perdendo o poder dessa Palavra em sua vida. Por mais devoto que pareça ser, seu coração está longe de Deus.

A história mostra que os líderes religiosos honravam suas tradições muito acima da Palavra de Deus. Nas palavras do rabino Eleazar: "Aquele que interpreta as Escrituras em oposição à tradição não tem parte no mundo vindouro". A *Mishna*, uma coleção de tradições judaicas no *Talmude*, diz: "É uma ofensa muito maior ensinar algo contrário à voz dos rabinos do que contradizer as Escrituras em si". Porém, antes de criticar nossos amigos judeus, talvez devêssemos examinar a influência dos "pais da Igreja"

sobre as igrejas cristãs. Talvez também sejamos culpados de colocar tradições humanas no lugar da verdade de Deus.

Depois de expor a hipocrisia dos fariseus, Jesus voltou-se para a Lei de Moisés e acusou os líderes de quebrar o quinto mandamento. Tinham extraordinária habilidade de transgredir a Lei sem sentir culpa. Em vez de usar o dinheiro para ajudar os pais, os fariseus dedicavam seus bens a Deus ("Corbã" = "uma oferta, um presente"; ver Nm 30) e afirmavam que seus bens só poderiam ser usados para "fins espirituais". No entanto, continuavam beneficiando-se dessa riqueza, apesar de, tecnicamente, ela pertencer a Deus. Diziam que amavam a Deus, mas não tinham amor algum pelos pais!

O terceiro estágio é a *declaração* (Mc 7:14-16). Jesus anunciou à multidão que a vida de santidade vem do interior, não do exterior. Na verdade, com isso declarava que todo o sistema mosaico de alimentos "limpos e imundos" era nulo e vazio; nesse momento, porém, não explicou essa verdade radical à multidão. Mais tarde, esclareceu isso aos discípulos.

Não há dúvida de que os inimigos entenderam essa declaração. Sabiam que Jesus derrubara um dos "muros" que separavam os judeus dos gentios. Claro que a Lei propriamente dita só foi colocada de lado depois que Jesus morreu na cruz (Ef 2:14, 15; Cl 2:14), mas o princípio que Jesus anunciou sempre havia sido válido. Em todos os períodos da história, a verdadeira santidade sempre foi uma questão do coração, de um relacionamento correto com Deus pela fé. A cerimônia de purificação era uma questão de obediência exterior à Lei, que demonstrava essa fé (Sl 51:6, 10, 16, 17). Moisés deixou claro em Deuteronômio que Deus desejava que o amor e a obediência viessem do coração, não que fossem apenas uma obediência exterior a regras (ver Dt 6:4, 5; 10:12; 30:6, 20).

A *explicação* de Jesus (Mc 7:17-23) foi dada em particular aos discípulos, quando o "interrogaram acerca da parábola". Para nós, seu esclarecimento é um tanto óbvio, mas devemos lembrar que os apóstolos

havam sido educados de acordo com regras alimentares extremamente rígidas, que categorizavam todo alimento como “limpo” ou “imundo” (Lv 11). Atos 10:14 dá a entender que Pedro manteve a dieta *kosher* por vários anos, mesmo depois de ter ouvido essa verdade. Não é fácil mudar as tradições religiosas.

O coração humano é pecaminoso e dá origem a desejos, pensamentos e atos perversos de toda espécie, desde o assassinato até a cobiça (“um olhar maldoso”). Ao contrário de alguns teólogos liberais e de professores humanistas de hoje, Jesus não tinha ilusões sobre a natureza humana. Sabia que o homem é pecador, incapaz de controlar ou de mudar a própria natureza. *Foi por isso que veio ao mundo: para morrer pelos pecadores perdidos.*

As leis alimentares judaicas foram dadas por Deus para ensinar o povo eleito a distinguir entre o que era limpo e o que era imundo (sem dúvida, havia algumas implicações práticas envolvidas, como higiene e saúde). A desobediência a essas leis causava impureza cerimonial, ou seja, exterior. A comida termina no estômago, mas o pecado começa no coração. Aquilo que ingerimos é digerido, e os resíduos não aproveitados são eliminados, mas o pecado permanece e produz corrupção e morte.

Essa lição contrastando a verdade com a tradição causou ainda mais irritação nos líderes religiosos e aumentou seu desejo de calar Jesus. A oposição crescente dos líderes foi um dos motivos que levou Jesus a afastar-se das multidões e a levar seus discípulos para território gentio.

Antes de passar para a lição seguinte, pode ser proveitoso fazer um contraste entre as tradições humanas e as verdades divinas.

<i>Tradições humanas</i>	<i>Verdades divinas</i>
Obediência exterior – escravidão	Fé interior – liberdade
Regras superficiais	Princípios fundamentais
Piedade exterior	Verdadeira santidade interior
Negligência: a Palavra	A Palavra de Deus é

2. A AJUDA AOS GENTIOS (Mc 7:24 – 8:9)

Marcos relata três milagres que Jesus realizou quando ministrou aos gentios da região de Tiro e Sidom. Essa é a única ocasião registrada em que Jesus deixa a Palestina, colocando em prática o que havia acabado de ensinar aos discípulos: não há distinção entre judeus e gentios, pois todos são pecadores e precisam do Salvador.

A expulsão de um demônio (vv. 24-30). Dos trinta e cinco milagres registrados nos Evangelhos, quatro envolvem a participação direta de mulheres: a cura da sogra de Pedro (Mc 1:30, 31); a ressurreição do filho da viúva (Lc 7:11-17); a ressurreição de Lázaro (Jo 11); e a expulsão de um demônio relatada nesta passagem.

Jesus dirigiu-se a essa região (cerca de 64 quilômetros de Cafarnaum) para ter um pouco de privacidade, mas uma mulher aflita descobriu onde ele estava e buscou sua ajuda. Havia muitos obstáculos em seu caminho, mas ela venceu-os pela fé e recebeu o que necessitava.

Em primeiro lugar, sua nacionalidade estava contra ela, pois era gentia, ao passo que Jesus era judeu. Em segundo lugar, era uma mulher numa sociedade dominada por homens. Em terceiro lugar, Satanás estava contra ela, pois um de seus demônios havia assumido o controle da vida da filha dela. Em quarto lugar, os discípulos estavam contra ela, pois queriam que Jesus a mandasse embora, a fim de que lhes desse sossego. Até mesmo Jesus parecia estar contra ela! Não era uma situação fácil, mas, mesmo assim, a mulher triunfou por causa de sua grande fé.

Samuel Rutherford, pastor escocês que suportou muitos sofrimentos por Cristo, certa vez escreveu a um amigo: “Cabe à fé extrair a terna bondade de todos os golpes mais duros de Deus”. Foi exatamente isso o que a mulher gentia fez, e hoje temos muito a aprender com ela sobre a fé.

Da primeira vez que a mulher pediu ajuda, Jesus nem sequer lhe respondeu! Incentivados pelo silêncio do Mestre, os discí-

Quando Jesus falou, não foi à mulher, mas aos discípulos, e suas palavras pareciam excluí-la completamente: "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 15:24). No entanto, nenhum desses obstáculos impediu que ela insistisse em sua súplica.

A mulher dirigiu-se a Jesus, inicialmente, como "Filho de Davi", um título judeu; da segunda vez, porém, disse apenas: "Senhor, socorre-me!" (Mt 15:25). Só então Jesus falou sobre alimentar em primeiro lugar os filhos (Israel) e não jogar a comida deles para os "cachorrinhos". Jesus não estava chamando os gentios de "cães", como faziam muitos judeus orgulhosos. Antes, dava esperança a ela, e a suplicante gentia apegou-se a essas palavras.

A resposta da mulher revelou que a fé havia triunfado. Não negou o lugar especial dos "filhos" (judeus) no plano de Deus nem mostrou qualquer pretensão de usurpá-lo. Queria apenas algumas migalhas das bênçãos da mesa, pois, afinal, "a salvação vem dos judeus" (Jo 4:22). O coração de Jesus deve ter se enchido de alegria ao ouvi-la usar palavras que ele havia proferido como base para seu pedido! Ela aceitara seu lugar, crera na Palavra e persistira em sua súplica. Jesus não apenas supriu as necessidades dela, como também a elogiou por sua fé.

É bastante significativo que, nas duas ocasiões nos registros dos Evangelhos que Jesus elogiou uma "grande fé", ele o fez em resposta à fé de gentios, não de judeus: no caso dessa mulher siro-fenícia e no do centurião romano (Mt 8:5-13). Também convém observar que, em ambas as situações, Jesus curou à distância, sugerindo a distância espiritual entre judeus e gentios naquele tempo (Ef 2:11, 12). Por fim, o povo de Tiro e de Sidom não era conhecido por sua fé (Mt 11:21, 22), mas, mesmo assim, essa mulher teve a coragem de crer que Jesus poderia libertar sua filha.

Uma grande fé é aquela que crê na Palavra de Deus e que não o deixa ir até que supra a necessidade. Uma grande fé é capaz de se apegar até mesmo ao mais ínfimo

estímulo e de transformá-lo numa promessa cumprida. "Senhor, aumenta a nossa fé."

A cura de um homem surdo (vv. 31-37). A região de Decápolis ("dez cidades") também era território gentio, mas quando Jesus partiu dessa região, seu povo estava glorificando o Deus de Israel (Mt 15:30, 31). O homem levado até Jesus sofria de uma deficiência na audição e também na fala, e Jesus o curou. Esse milagre é registrado somente em Marcos e deve ter sido apreciado de maneira especial por seus leitores romanos, pois a região das "dez cidades" tinha a mesma cultura e os mesmos costumes de Roma.

Jesus levou o homem para longe da multidão para curá-lo em particular e para que ele não se transformasse numa atração para o povo. Uma vez que era surdo, o homem não ouviu as palavras de Jesus, mas sentiu os dedos dele em seus ouvidos e o toque em sua língua, estimulando, assim, a sua fé. O "suspiro" foi um gemido interior, a compaixão de Jesus diante da dor e sofrimento que o pecado havia trazido ao mundo. Também foi uma oração ao Pai pelo homem deficiente (a mesma palavra é usada com respeito à oração em Rm 8:23, e o substantivo em Rm 8:26).

Efatá é uma palavra aramaica que significa "abre-te, liberta-te". O homem não ouviu Jesus falar, mas a criação ouviu a ordem do Criador, e o homem foi curado. Tanto a língua quanto os ouvidos voltaram a funcionar normalmente. A maioria das pessoas a quem Jesus ministrava não obedecia à sua instrução clara para que se mantivesse calada quanto ao milagre (ver Mc 1:34, 44; 3:12; 5:43). Em decorrência disso, logo se juntava mais uma grande multidão com inúmeros enfermos e deficientes. Apesar de estar tentando descansar um pouco, Jesus curou todos, e, como resultado, os gentios "glorificavam ao Deus de Israel" (Mt 15:31).

A alimentação dos quatro mil (vv. 1-9). Os críticos que procuram contradições na Bíblia geralmente confundem este milagre com aquele da alimentação dos cinco mil, registrado nos quatro Evangelhos. Somente Mateus e Marcos relatam esse acontecimento,

e não é difícil distingui-lo do outro milagre. A primeira multiplicação ocorreu na Galiléia, perto de Betsaida, e envolveu principalmente os judeus. Este milagre ocorreu perto de Decápolis e envolveu principalmente os gentios. No primeiro milagre, Jesus começou com cinco pães e dois peixes; aqui, temos sete pães e “alguns peixinhos”. Os cinco mil haviam passado um dia com o Mestre; aqui, os quatro mil passaram três dias com ele. Na alimentação dos cinco mil, foram recolhidos doze cestos de sobras; aqui, foram recolhidos apenas sete cestos depois que quatro mil pessoas foram alimentadas. Até mesmo os cestos foram diferentes em cada ocasião: para os cinco mil, foram usados cestos pequenos (*kophinos*); para os quatro mil, foram usados cestos grandes, de tamanho suficiente para colocar uma pessoa dentro (*spuris*, veja At 9:25).

Mais uma vez, somos encorajados pela compaixão de Jesus e por seu controle absoluto sobre a situação. No entanto, somos desencorajados pela cegueira e incredulidade dos discípulos. Acaso haviam se esquecido do milagre anterior? Porém, não se deve julgá-los com severidade, pois quantas vezes *nós* mesmos esquecemos as misericórdias de Deus? É preciso lembrar que Jesus Cristo ainda é o mesmo e que tem a solução para todos os problemas. Tudo o que precisamos fazer é confiar nele, colocar a vida em suas mãos e obedecer.

3. A ADVERTÊNCIA AOS DISCÍPULOS (Mc 8:10-26)

Jesus e os discípulos foram para o lado oeste do mar da Galiléia, onde se encontraram com os fariseus que continuavam irados com Jesus por tê-los acusado de hipocrisia (Mc 7:1-23). Desta vez, desafiaram Cristo a provar sua autoridade divina dando-lhes um sinal do céu. Não queriam um milagre terreno, como curar uma pessoa doente. Queriam que Jesus fizesse algo espetacular, como fazer descer fogo ou pão dos céus (Jo 6:30, 31). Isso provaria que havia, de fato, sido enviado por Deus.

Jesus sentiu grande pesar e decepção

religiosos do povo escolhido de Deus tão endurecidos de coração e espiritualmente cegos! O desejo de receber um sinal do céu não era apenas mais uma evidência da incredulidade deles, pois a fé não pede sinais. A verdadeira fé crê na Palavra de Deus e se contenta com o testemunho interior do Espírito.

Uma vez que Marcos escrevia principalmente a leitores gentios, não incluiu as palavras de Jesus sobre o sinal do profeta Jonas (Mt 16:4; e ver Mt 12:38-41). O que é “o sinal de Jonas”? Morte, sepultamento e ressurreição. A prova de que Jesus é, verdadeiramente, quem diz ser é a realidade de sua morte, sepultamento e ressurreição (At 2:22-36; 3:12-26).

Jesus deixou-os e passou para o lado leste do mar da Galiléia. Durante a travessia, ensinou aos discípulos uma lição espiritual importante. Pareciam tão cegos quanto os fariseus! Discutiam sobre quanta comida tinham com eles, pois alguém havia esquecido de comprar pão. Quem era o culpado?

Jesus deve ter se entristecido muito diante da falta de discernimento espiritual de seus colaboradores. O fato de haver multiplicado pães em duas ocasiões e de ter alimentado quase dez mil pessoas não havia causado qualquer impacto sobre eles! Por que se preocupar com pão quando Jesus estava no barco com eles? A mente dos discípulos estava entorpecida, e seu coração, endurecido (ver Mc 6:52); seus olhos estavam cegos, e seus ouvidos, surdos (ver Mc 4:11, 12).

O povo de Deus costuma ter a tendência de esquecer as bênçãos que recebe (Sl 103:1, 2). Jesus supre as necessidades, mas quando surge um novo problema, começam as queixas e a preocupação. Enquanto estivermos com Cristo, podemos ter certeza de que sempre cuidará de nós. Seria bom parar de vez em quando para nos lembrarmos da bondade e fidelidade do Senhor.

A lição principal, porém, diz respeito ao fermento, não ao pão. Na Bíblia, o fermento costuma ser usado para simbolizar o mal. Todo ano, na época da Páscoa, os judeus deviam remover o fermento de suas casas

também não era permitido como parte das ofertas (Êx 23:18; 34:25; Lv 2:11; 6:17). Como o fermento, o mal é pequeno e invisível, mas logo se espalha e contamina tudo a seu redor (Gl 5:9).

A Bíblia usa o fermento como ilustração das falsas doutrinas (Gl 5:1-9), do pecado que não é condenado dentro da igreja (1 Co 5) e da hipocrisia (Lc 12:1). Nesse contexto, Jesus adverte seus discípulos sobre os ensinamentos (falsas doutrinas) dos fariseus e dos seguidores de Herodes. Os fariseus "diziam mas não faziam", ou, em outras palavras, praticavam e encorajavam a hipocrisia (note Mc 7:6). Os herodianos eram um grupo não religioso que apoiava Herodes, aceitava o estilo de vida romano e via em Herodes e em seu governo o reino prometido para a nação judaica. Se esses falsos ensinamentos penetrassem o coração e a mente dos discípulos, contaminariam a verdade que Jesus proclamava a respeito de si mesmo e de seu reino.

Em se tratando de detectar e de evitar falsas doutrinas, todo cuidado é pouco. Basta um pequeno desvio da Palavra na vida de um indivíduo ou de uma congregação, e logo tudo é contaminado. Jesus não usava a injunção "Cuidado!" com freqüência, mas quando o fazia, referia-se a algo extremamente importante!

Nesta seção, Marcos relata dois milagres não encontrados nos outros Evangelhos: a cura de um homem surdo e gago (Mc 7:31-37) e a cura de um homem cego fora de Betsaida (Mc 8:22-26). Podemos ver na cura desses dois homens uma ilustração da condição espiritual dos discípulos conforme descrita em Marcos 8:18! Os leitores judeus relacionariam esses dois milagres à promessa messiânica de Isaías 35.

Nas duas situações, os amigos levaram um homem até Jesus; nas duas situações, Jesus afastou o homem das multidões. Na verdade, no último caso, Jesus levou o homem *para fora da cidade*. Por quê? Provavelmente porque a cidade de Betsaida já havia sido julgada por sua incredulidade (Mt 11:21-24) e não receberia mais outra demonstração do poder de Deus.

Um aspecto singular desses dois milagres de cura é que ambos ocorreram *gradualmente*, não de imediato. Os evangelhos registram a cura de pelo menos sete homens cegos e mostram que Jesus usou várias abordagens. Talvez pelo ambiente de incredulidade de Betsaida (ver Mc 6:5, 6), talvez pela própria condição espiritual do ser humano ou por alguma outra razão desconhecida, o homem não estava pronto a enxergar instantaneamente, de modo que Jesus o restaurou gradualmente. O fato de o homem ser capaz de reconhecer homens e árvores sugere que ele não era cego de nascença, mas que sua cegueira havia sido decorrente de um acidente ou enfermidade.

O homem não era de Betsaida, pois Jesus mandou-o para casa e o advertiu a não entrar na cidade. Uma vez que havia sido curado, por que teria de voltar para a cidade incrédula que havia rejeitado o Salvador? Cabia ao homem curado voltar à própria casa e espalhar as boas novas do reino, dando testemunho do poder de Deus ao mostrar aos outros aquilo que Jesus havia feito por ele (ver Mc 2:11; 5:34; 10:52). Será que Jesus deveria ter dado outra oportunidade ao povo de Betsaida? Será que, se tivessem ouvido que havia restaurado a visão do cego, teriam crido? Não, Betsaida já havia recebido provas suficientes, mas ainda assim se recusara a crer. É perigoso rejeitar a mensagem de Deus e endurecer o coração com a incredulidade.

Nessa viagem, os discípulos aprenderam algumas lições valiosas das quais precisariam se lembrar nos anos vindouros de ministério. São lições que também precisamos aprender: (1) não se deve procurar sinais, mas sim viver pela fé na Palavra de Deus; (2) deve-se confiar que Jesus suprirá nossas necessidades; (3) deve-se evitar o fermento das falsas doutrinas; (4) deve-se deixar Jesus trabalhar como quiser e esperar que opere de maneiras diferentes.

Marcos registra acontecimentos de dias atarefados no ministério do Servo de Deus! A seguir, o evangelista nos leva para "os bastidores", onde veremos o Servo instruindo os discípulos e preparando-os para a morte de seu Mestre na cruz.

OS SEGREDOS DO SERVO

MARCOS 8:27 – 9:50

Alguém definiu um segredo como “algo que contamos a uma pessoa de cada vez”. Vemos, aqui, três exemplos de “segredos” especiais que Jesus compartilhava com os discípulos de tempos em tempos. Os cristãos de hoje precisam entender e aplicar esses segredos espirituais, a fim de se tornarem as pessoas que Deus quer que sejam.

1. O SOFRIMENTO CONDUZ À GLÓRIA (Mc 8:27 – 9:13)

Jesus havia preparado os discípulos para esta reunião em particular, na qual pretendia revelar o que aconteceria com ele em Jerusalém. Já dera algumas pistas ao longo do caminho, mas em breve explicaria tudo com mais clareza. Como local, escolheu Cesaréia de Filipe, uma cidade cerca de 40 quilômetros ao norte de Betsaida, construída aos pés do monte Hermom. O nome da cidade vem de César Augusto e de Herodes Filipe, e nela havia um templo de mármore consagrado a Augusto. Era um lugar dedicado à glória de Roma, glória essa que não existe mais; mas a glória de Jesus Cristo permanece e se estenderá por toda eternidade.

Confissão (vv. 27-30). Se perguntássemos a nossos amigos: “Quem as pessoas pensam que eu sou?”, certamente daríamos a impressão de que somos orgulhosos. Que diferença faz, de fato, o que as pessoas pensam ou dizem a nosso respeito? Não somos importantes! Mas o que as pessoas pensam e dizem sobre Jesus Cristo é importante, pois ele é o Filho de Deus e o único Salvador dos pecadores.

Aquilo que professamos sobre Jesus Cris-

24; 1 Jo 2:22-27; 4:1-3). Os cidadãos de Cesaréia de Filipe diriam: “César é o senhor!” Uma confissão como essa poderia identificá-los como leais cidadãos romanos, mas jamais os salvaria do pecado e da perdição eterna. A única confissão que salva é “Jesus é o Senhor!” (1 Co 12:1-3), quando essas palavras vêm de um coração que crê verdadeiramente em Cristo (Rm 10:9, 10).

As pessoas daquela época apresentavam um número espantoso de opiniões diferentes sobre Jesus, e é possível que a situação não seja muito diferente hoje. É especialmente absurdo que houvesse quem pensasse que ele era João Batista, pois João e Jesus haviam sido vistos juntos em público. Além disso, eram muito diferentes em personalidade e ministério (Mt 11:16-19), de modo que tal confusão parece estranha.

João Batista veio “no espírito e poder de Elias” (Lc 1:17), num ministério de julgamento, enquanto Jesus veio em espírito de humildade e serviço. João não realizou sinais e prodígios (Jo 10:41), mas Jesus operou diversos milagres. Até na forma de se vestir, João assemelhava-se ao profeta Elias (2 Rs 1:8; Mc 1:6). Como era possível fazer tamanha confusão?

Alguns diziam que Jesus era um dos profetas, talvez Jeremias (Mt 16:14). Jeremias era “o profeta chorão”, e Jesus era um homem de sofrimento, de modo que havia um paralelo. Como Jesus, Jeremias chamou o povo ao arrependimento sincero. Ambos foram incompreendidos e rejeitados por seu próprio povo, ambos condenaram os falsos líderes religiosos e a adoração hipócrita no templo, e ambos foram perseguidos pelas autoridades.

Em suas palavras e ações, Jesus ofereceu a seu povo inúmeras evidências de que era o Filho de Deus, o Messias, e ainda assim sua mensagem não foi entendida. Em vez de buscar a verdade com toda diligência, as pessoas ouviam e seguiam as opiniões populares, como acontece em muitos casos em nossos dias. Tinham opiniões em vez de convicções, por isso se desviavam. Elbert Hubbard definiu a opinião pública como “o

ao julgamento da minoria discernente". Graças ao Senhor por essa minoria que faz grande diferença!

A confissão de Pedro foi ousada e inflexível, como deve ser também nossa profissão de fé: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo!" (Mt 16:16). A designação *Cristo* significa "o Ungido de Deus, o Messias prometido". Profetas, sacerdotes e reis eram ungidos ao serem escolhidos para os cargos, e Jesus exerceu esses três ofícios.

Por que Jesus pediu que guardassem segredo a seu respeito? Em primeiro lugar, os próprios discípulos ainda tinham muito o que aprender sobre ele e sobre o que significa seguir ao Senhor. Os líderes religiosos de Israel já haviam formado seus conceitos sobre Jesus, e declará-lo publicamente como Messias nesse momento não fazia parte do plano de Deus. O povo em geral queria ver Jesus realizar milagres, mas não se mostrava tão interessado em suas mensagens. Anunciá-lo como Messias poderia muito bem resultar numa revolta política prejudicial a todos.

Confusão (vv. 31-38). Uma vez que haviam confessado sua fé em Cristo (ver, porém, Jo 6:66-71), os discípulos encontravam-se preparados para o "segredo" que Jesus desejava lhes revelar: estavam a caminho de Jerusalém, onde morreria numa cruz. Desse ponto em diante, Marcos concentra-se na jornada para Jerusalém e enfatiza a iminência da morte e ressurreição de Jesus (Mc 9:30-32; 10:32-34).

Essa declaração assustou os discípulos. Se, de fato, ele era o Cristo de Deus, como haviam confessado, então por que seria rejeitado pelos líderes religiosos? As Escrituras do Antigo Testamento não haviam prometido que derrotaria todos os inimigos e estabeleceria um reino glorioso para Israel? Havia algo errado nisso, e os discípulos ficaram confusos.

Como sempre, Pedro expressou a preocupação de todos. Num instante, Pedro foi guiado por Deus a confessar sua fé em Jesus Cristo (Mt 16:17), e, logo em seguida, já pensava como um incrédulo, expressando os pensamentos de Satanás! Trata-se de um aviso importante para nós: quando discutimos

com a Palavra de Deus, abrimos as portas para mentiras de Satanás. Pedro repreendeu o Mestre, e Marcos usou a mesma palavra que Jesus empregava para repreender demônios (Mc 1:25; 3:12).

O protesto de Pedro nasceu de sua ignorância quanto à vontade de Deus e de seu profundo amor pelo Senhor. Num minuto, Pedro mostrou-se uma "rocha, logo em seguida, uma pedra de tropeço! Nas palavras de G. Campbell Morgan: "O homem que ama Jesus, mas se afasta dos métodos de Deus, é uma pedra de tropeço para o Senhor". Pedro ainda não havia entendido a relação entre sofrimento e glória. No devido tempo, aprenderia essa lição e lhe daria grande ênfase em sua primeira epístola (observe 1 Pe 1:6-8; 4:13 - 5:10).

Convém observar, porém, que, ao repreender Pedro, Jesus também "fitou" seus discípulos, pois concordavam com as palavras de Pedro! Imbuídos da tradição judaica de interpretação, foram incapazes de entender como seu Messias iria sofrer e morrer. Por certo, alguns dos profetas escreveram sobre o sofrimento do Messias, mas as Escrituras ressaltavam muito mais a glória do Messias. Alguns dos rabinos chegavam a ensinar que haveria dois Messias: um que sofreria e outro que reinaria (ver 1 Pe 1:10-12). Não é de se admirar que os discípulos estivessem confusos.

No entanto, o problema ia além do aspecto teológico: tratava-se de questões práticas. Jesus chamara aqueles homens para segui-lo, e sabiam que tudo o que acontecesse ao Mestre também aconteceria ao grupo. Se havia uma cruz no futuro de Jesus, também haveria sofrimento para eles, e só isso já era motivo suficiente para discordar do Mestre! Apesar de sua devoção a Jesus, os discípulos continuavam ignorando a verdadeira relação entre a cruz e a coroa. Seguiam a filosofia de Satanás (glória sem sofrimento) em vez da filosofia de Deus (sofrimento transformado em glória). A filosofia que se escolhe determina a forma de viver e de servir.

Marcos 8:34 indica que, apesar de Jesus ter se encontrado com os discípulos em

particular, as multidões não estavam muito longe. Jesus chamou o povo e lhes falou sobre o que havia ensinado aos discípulos: *o verdadeiro discipulado exige um preço*. Jesus sabia que as multidões o seguiam apenas por causa dos milagres e que a maioria não estava disposta a pagar o preço do verdadeiro discipulado.

Jesus impôs três condições para o verdadeiro discipulado: (1) entregar-se inteiramente a ele; (2) identificar-se com seu sofrimento e morte; e (3) segui-lo em total obediência, para onde quer que conduza. Quem vive para si, perde-se; mas quem se entrega por amor a Cristo e ao evangelho, é salvo.

Negar-se a si mesmo não é o mesmo que abnegação, que é a prática de, por um bom motivo, abrir mão de coisas e de atividades. Negar-se a si mesmo é render-se a Cristo e tomar o firme propósito de obedecer à sua vontade. Essa consagração definitiva é seguida de um "negar-se a si mesmo" diário ao tomarmos nossa cruz e segui-lo. Do ponto de vista humano, nos perdemos, mas do ponto de vista divino, nos encontramos. Quem vive para Cristo torna-se cada vez mais semelhante a ele e, com isso, encontra singular individualidade.

É importante observar, porém, a motivação para o verdadeiro discipulado: "por causa de mim e do evangelho" (Mc 8:35). Negar-se a si mesmo não é um ato de desespero, mas sim de devoção. No entanto, é preciso ir ainda mais longe: a devoção pessoal deve conduzir a responsabilidades práticas, a compartilhar o evangelho com o mundo perdido. A declaração: "por causa de mim" poderia levar a um isolamento religioso egoísta, de modo que é contrabalançada com: "e do evangelho". Por viver para Cristo, vive-se para os outros.

O discipulado é uma questão de ganhos e de perdas, de *desperdiçar* ou de *investir* a vida. Deve-se atentar para a advertência de Jesus aqui: ao gastar a vida, não há como comprá-la de volta! Não é possível esquecer que ele estava instruindo seus discípulos, homens que já o haviam confessado como Filho de Deus. Não lhes ensinava

usar bem a vida e aproveitar ao máximo as oportunidades aqui na Terra. "Perder a sua alma" é o equivalente a desperdiçar a vida, deixando passar as grandes oportunidades que Deus nos dá para fazer a vida valer a pena. Podemos "ganhar o mundo inteiro" e ser um grande sucesso aos olhos dos homens e, ainda assim, não ter coisa alguma para mostrar quando estivermos diante de Deus. Se isso acontecer, mesmo tendo conquistado o mundo inteiro, não teremos o suficiente para pagar a Deus por uma nova chance!

O verdadeiro discípulo recebe alguma recompensa? Sim. Torna-se cada vez mais semelhante a Jesus Cristo e, um dia, compartilhará de sua glória. Satanás promete glória, mas no final o que se recebe é apenas sofrimento. Deus promete sofrimento, mas por fim esse sofrimento será transformado em glória. Quem reconhece a Cristo e vive para ele, um dia será por ele reconhecido e compartilhará sua glória.

Confirmação (vv. 1-8). É preciso ter fé, aceitar e praticar essa lição de discipulado. Seis dias depois disso, Jesus apresentou uma prova maravilhosa de que Deus, de fato, transforma o sofrimento em glória (em seus "oito dias", Lucas inclui o dia da lição e também o dia da glória - Lc 9:28). Jesus levou Pedro, Tiago e João para o alto de um monte (possivelmente, o monte Hermom) e lá revelou sua glória. Esse acontecimento foi uma confirmação vívida de suas palavras registradas em Marcos 8:38 e também uma demonstração da glória do reino vindouro (Mc 9:1; Jo 1:14; 2 Pe 1:12-21). A mensagem é clara: primeiro o sofrimento, depois a glória.

Moisés representava a Lei, Elias os Profetas; e ambos se cumpriram em Jesus Cristo (Lc 24:25-27; Hb 1:1, 2). Moisés morrera, e seu corpo fora sepultado, mas Elias havia sido arrebatado (2 Rs 2:11). Quando Jesus voltar, ressuscitará o corpo dos santos que morreram e arrebatará os santos que estão vivos (1 Ts 4:13-18). Um dia, estabelecerá seu reino glorioso e cumprirá as inúmeras promessas feitas por meio dos profetas. O so-

o estabelecimento do reino; pelo contrário, ao resolver o problema do pecado no mundo, a cruz tornou possível a concretização do reino.

O termo *transfigurado* descreve uma mudança exterior originária do interior. É o oposto de "máscara" – uma mudança exterior sem qualquer origem interior. Jesus permitiu que sua glória irradiasse por meio de todo o seu ser, e o topo da montanha transformou-se no Santo dos santos! Ao meditar sobre esse acontecimento, devemos lembrar que Jesus compartilhou essa glória conosco, prometendo uma gloriosa morada eterna (Jo 17:22-24). De acordo com Romanos 12:1, 2 e 1 Coríntios 3:18, os cristãos de hoje podem experimentar essa mesma glória da transfiguração.

Enquanto Jesus orava, os três discípulos caíram no sono (Lc 9:29, 32), falha que repetiriam no jardim do Getsêmani (Mc 14:32-42). Por pouco não perderam a oportunidade de ver Moisés e Elias com Jesus em sua glória! A sugestão de Pedro reflete, mais uma vez, o pensamento humano, não a sabedoria divina. Como seria maravilhoso permanecer no alto do monte e desfrutar sua glória! Mas o discipulado significa negar-se a si mesmo, pegar a cruz e seguir ao Senhor. É impossível fazer isso e, ao mesmo tempo, desejar egoisticamente permanecer no monte da glória, pois há necessidades a serem supridas no vale logo abaixo. Quem deseja compartilhar da glória de Cristo no monte, deve estar disposto a segui-lo no sofrimento do vale.

O Pai interrompeu o discurso de Pedro e concentrou sua atenção não na visão, mas na Palavra de Deus: "a ele ouvi". A memória da visão se dissiparia, porém o caráter imutável da Palavra permaneceria para sempre. A visão gloriosa não era um fim em si, mas a forma de Deus confirmar sua Palavra (ver 2 Pe 1:12-21). O discipulado não é construído sobre visões espetaculares, mas sobre a Palavra inspirada e imutável de Deus. Também não devemos colocar Moisés, Elias e Jesus no mesmo nível, como Pedro fez. É "somente Jesus": sua Palavra, sua vontade, seu reino e sua glória.

Jesus não permitiu que os três discípulos contassem aos outros nove o que havia se passado no monte. Sem dúvida, a explicação desse acontecimento depois da ressurreição de Jesus serviu de grande encorajamento para os cristãos que sofreriam e que entregariam a vida por amor a Cristo.

Correção (vv. 11-13). Os discípulos adquiriram uma compreensão bem mais profunda do plano de Deus, mas ainda estavam confusos sobre a vinda de Elias, a fim de preparar o caminho para o Messias. Sabiam das profecias em Malaquias 3:1 e 4:5, 6 e, também, que os mestres esperavam que essas profecias se cumprissem antes da chegada do Messias (Jo 1:21). Será que Elias já havia vindo e eles não haviam percebido ou será que ainda estava por vir? Talvez a aparição de Elias no monte tivesse sido o cumprimento da profecia.

Jesus deixou claros dois fatos. Em primeiro lugar, para os que creram nele, esse "Elias" era João Batista, pois João havia, de fato, preparado o caminho adiante do Senhor. João havia negado ser o Elias ressurreto dos mortos (Jo 1:21, 25), mas ministrara "no espírito e poder de Elias" (Lc 1:16, 17). Em segundo lugar, Elias voltaria no futuro, conforme Malaquias havia predito (Mt 17:11), antes do tempo da grande tribulação. Alguns estudiosos relacionam isso com Apocalipse 11:2-12. A nação não aceitou o ministério de João, mas, caso o tivessem recebido, João teria servido como o "Elias" enviado por Deus e, assim, os judeus também teriam recebido Jesus. Em vez disso, porém, rejeitaram tanto um quanto o outro e permitiram que ambos fossem mortos.

2. O PODER VEM DA FÉ (MC 9:14-29)

A vida cristã é uma "terra de montes e de vales" (Dt 11:11). Num único dia, um discípulo pode ir da glória do céu aos ataques do inferno. Quando Jesus e os três discípulos voltaram para junto dos outros nove apóstolos, encontraram-nos envolvidos com dois problemas: foram incapazes de libertar um garoto possesso e se viram discutindo com os escribas, que provavelmente zombavam deles por causa desse insucesso.

Como sempre, Jesus entrou em cena para solucionar o problema.

O menino era surdo e mudo (Mc 9:17, 25), e o demônio estava fazendo todo o possível para destruí-lo. Só podemos imaginar como era difícil para o pai cuidar do filho e protegê-lo! Jesus havia dado autoridade aos discípulos para expulsar demônios (Mc 6:7, 13), e, mesmo assim, as tentativas de libertar o menino haviam sido em vão. Não é de se admirar que Jesus estivesse entristecido com eles! Quantas vezes não se entristece conosco também ao ver que não usamos os recursos espirituais que, em sua graça, concede a seu povo!

Uma vez que os discípulos haviam fracassado, o pai, desesperado, sequer estava certo de que Jesus poderia ser bem-sucedido; daí suas palavras: "mas, se tu podes alguma coisa" (Mc 9:22). No entanto, o pai foi honesto o suficiente para admitir sua própria falta de fé e pedir ao Senhor que ajudasse a ele e a seu filho. Jesus expulsou o demônio e restaurou o menino a seu pai.

A lição principal desse milagre é o poder da fé para vencer o inimigo (Mc 9:19, 23, 24; ver Mt 17:20). Por que os nove discípulos falharam? Porque negligenciaram sua vida espiritual e a prática da oração e do jejum (Mc 9:29). A autoridade que Jesus havia lhes dado era eficaz somente quando exercida pela fé, mas a fé deve ser cultivada por meio de devoção e da disciplina espiritual. É possível que a ausência do Senhor, ou o fato de ter levado os três discípulos e deixado os nove para trás, tenha diminuído seu fervor espiritual e sua fé. Esse insucesso não apenas os envergonhou, como também tirou a glória do Senhor e deu ao inimigo uma oportunidade de criticar. É a nossa fé em Cristo que glorifica o Senhor (Rm 4:20).

3. O SERVIÇO CONDUZ À HONRA (Mc 9:30-50)

Jesus ainda estava levando seus discípulos para Jerusalém e, ao longo do caminho, lembrou-os do que aconteceria com ele quando chegassem lá. É importante observar que também os lembrou de sua ressurreição (ver Mt

de entender o que disse e, por isso: "se entristeceram grandemente" (Mt 17:23).

No entanto, não se entristeceram o suficiente para colocar de lado a competição sobre qual deles era o maior! Depois de ouvir o que Jesus havia dito sobre seu sofrimento e morte, seria de esperar que os discípulos abandonassem os próprios planos egoístas e se concentrassem em Jesus. Talvez o fato de Pedro, Tiago e João terem ido ao monte com Jesus tenha colocado mais lenha na fogueira da competição.

Com o intuito de ensinar aos discípulos (e a nós) uma lição sobre a honra, Jesus chamou uma criança para junto deles e explicou que, a fim de ser o primeiro, é preciso se tornar o último, e a fim de ser o último, é preciso tornar-se servo de todos. A criança é um exemplo de submissão e de humildade. Uma criança sabe que é criança e age como tal, com isso, atrai amor e atenção. A criança que tenta nos impressionar ao agir como um adulto não recebe a mesma atenção.

Ser verdadeiramente humilde significa conhecer a si mesmo, aceitar-se, ser autêntico - da *melhor* maneira possível - e se dedicar aos outros. A filosofia do mundo diz que somos os "maiores" quando temos outros nos servindo, mas a mensagem de Cristo diz que a grandeza decorre do serviço aos outros. Uma vez que, no aramaico, existe um só termo para "criança" e "servo", é fácil entender como Jesus relacionou essas duas idéias. Para quem tem o coração de uma criança, não é difícil tornar-se servo; e quem tem atitude de servo recebe as crianças como representantes de Jesus Cristo e do Pai.

Neste ponto de seu relato, João julgou necessário defender os discípulos (Mc 9:38-41) ao apontar para seu zelo. Que incoerência dizer a um homem para deixar de expulsar demônios, quando os nove discípulos não haviam conseguido libertar o menino surdo e mudo das mãos de Satanás! Usar o nome de Jesus é o mesmo que operar sob sua autoridade, de modo que não tinham direito algum de deter aquele homem. "Para o seu próprio senhor está em

Convém comparar Marcos 9:40 com Mateus 12:30: "Quem não é por mim é contra mim". As duas declarações afirmam a impossibilidade de permanecer neutro em relação a Jesus Cristo. Uma vez que não é possível ser neutro, quem não está com ele está contra ele; e quem não está contra, está a favor. O exorcista anônimo glorificava o nome de Jesus, de modo que deveria estar a favor do Salvador, não contra ele.

No entanto, não é preciso realizar grandes milagres para demonstrar amor por Cristo. Ao receber uma criança com amor ou oferecer um copo de água a alguém, damos prova de que temos o coração humilde de servo. Afinal, servimos a Cristo, e esse é o maior serviço de todos (Mt 25:31-46).

Jesus não tratou a afirmação de João com leviandade. Antes, explicou os perigos de fazer com que outros tropecem e deixem de servir ao Senhor (Mc 9:42-50). "Um destes pequeninos" refere-se a todos os filhos de Deus que seguem a Cristo e procuram servi-lo. A forma de os cristãos tratarem outros membros da família de Deus é algo sério, e Deus deseja que tenhamos "paz uns com os outros" (Mc 9:50). Os discípulos não estavam se dando bem uns com os outros, nem com os outros seguidores de Cristo!

Essa mensagem solene sobre o inferno traz uma advertência a todos nós, afirmando que devemos tratar o pecado de maneira radical. Tudo o que nos faz tropeçar ou que serve de tropeço para outros deve ser removido. Mãos, pés e olhos são considerados partes valiosas de nosso corpo, mas se nos fazem pecar, devem ser removidos. É evidente que Jesus não está ordenando uma cirurgia física literal, pois já deixou claro que o pecado vem do coração (Mc 7:20-23). Está ensinando que o pecado encontra-se arraigado como um tumor maligno no corpo e deve ser removido de maneira radical.

Algumas pessoas espantam-se de ouvir Jesus dizer palavras tão ameaçadoras sobre o inferno (ver Is 66:24). Jesus acreditava num lugar chamado inferno, um lugar de tormento e castigo eternos (ver Lc 16:19ss). Depois que um capelão do exército disse aos homens de sua divisão que não acreditava no

inferno, houve quem sugerisse que seus serviços não eram necessários. Afinal, se não há inferno, por que se preocupar com a morte? Mas, se existe um inferno, o capelão os conduzia pelo caminho errado! Qualquer que fosse o caso, estariam melhor sem os serviços dele!

A palavra traduzida por "inferno" é *gehenna* e vem da expressão hebraica "o vale [ge] de Hinom", numa referência ao vale ao redor de Jerusalém onde o perverso rei Acaz adorava Moloque, deus do fogo, e sacrificava crianças a ele (2 Cr 28:1-3; Jr 7:31; 32:35).

Alguns manuscritos não trazem a passagem de Isaías 66:24 registrada em Marcos 9:44 e 46, mas a declaração é citada no versículo 48, e esse versículo basta. O inferno não é temporário, é eterno (ver Ap 20:10). É absolutamente essencial que os pecadores creiam em Jesus Cristo e sejam livrados da perdição eterna. Também é importante que os cristãos levem essa mensagem ao mundo perdido!

"Mas não é um sacrifício absurdo?", alguém poderia perguntar. "Tratar do pecado de modo tão radical pode nos custar caro demais!" Em Marcos 9:49, 50, Jesus usa o conceito de "sacrifício vivo" para ilustrar essa questão (ver Rm 12:1, 2). O sacrifício é colocado sobre o altar e é consumido pelo fogo. Devemos escolher entre suportar o fogo do inferno como pecadores perdidos ou o fogo purificador de Deus como sacrifícios para a glória. Não esqueçamos que Satanás promete glória no presente, mas o futuro só reserva dor. Jesus nos chama para sofrer agora, mas no futuro desfrutaremos sua glória.

O povo de Israel não poderia acrescentar fermento nem mel a seus sacrifícios e ofertas, mas deveria usar sal (Lv 2:11, 13). O sal simboliza a pureza e a preservação e era usado no tempo do Antigo Testamento para firmar alianças. Os discípulos eram o sal de Deus (Mt 5:13), mas estavam correndo o risco de perder seu sabor e de se tornarem imprestáveis. Hoje em dia, o sal é refinado e não perde o sabor, mas naquele tempo, o sal continha impurezas e poderia tornar-se insípido. Uma vez que se perde o precioso caráter cristão, como restaurá-lo?

Em lugar de reprovar os outros, os discípulos deveriam examinar o próprio coração! É fácil perder o sabor e tornar-se imprestável para Deus. Os cristãos passam pelo fogo das acusações e perseguições (1 Pe 1:6, 7; 4:12) e precisam resistir juntos sem se preocupar em saber quem é o maior! O compromisso e o caráter são essenciais para que se possa glorificar a Deus e ter paz uns com os outros.

As três lições ensinadas por Jesus nesta seção são a base da vida cristã nos dias de

hoje. Sujeitando-se a ele, o sofrimento conduzirá à glória, a fé produzirá poder, e o serviço sacrificial conduzirá à honra. Apesar de sua impetuosidade e de suas falhas ocasionais, Pedro entendeu a mensagem e escreveu: "Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar. A ele seja o domínio, pelos séculos dos séculos. Amém!" (1 Pe 5:10, 11).

OS PARADOXOS DO SERVO

MARCOS 10

Como excelente Mestre, Jesus usou várias abordagens ao compartilhar a Palavra de Deus: símbolos, milagres, tipos, parábolas, provérbios e paradoxos. Paradoxo é uma afirmação que dá a impressão de se contradizer, no entanto expressa uma verdade ou princípio válido. “Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte” (2 Co 12:10; ver também 2 Co 6:8-10) é um paradoxo. Há ocasiões em que a melhor forma de declarar uma verdade é por meio de um paradoxo, e este capítulo mostra Jesus fazendo exatamente isso. Poderia ter pregado um longo sermão, mas, em vez disso, ensinou cinco lições importantes que podem ser expressas por meio de cinco afirmações paradoxais sucintas.

1. DOIS SE TORNARÃO UM (Mc 10:1-12)

Jesus completou seu ministério na Galiléia, deixou Cafarnaum e passou para a região da Transjordânia, ainda a caminho da cidade de Jerusalém (Mc 10:32). Esse distrito era governado por Herodes Antipas, o que pode explicar por que os fariseus tentaram armar uma cilada usando a questão do divórcio. Afinal, João Batista havia sido executado justamente por pregar contra o casamento adúltero de Herodes (Mc 6:14-29).

No entanto, essa pergunta ia além da política, pois o divórcio era um assunto extremamente controverso entre os rabinos. Qualquer que fosse a resposta que Jesus desse, com certeza desagradaria alguém e, possivelmente, daria motivos para ser preso. Os verbos indicam que os fariseus “continuavam perguntando”, como se esperassem provocá-lo a dizer algo incriminador.

Naquele tempo, havia dois pontos de vista conflitantes sobre o divórcio que dependiam da forma como se interpretava a expressão *coisa indecente* em Deuteronômio 24:1-4. Os seguidores do rabino Hillel eram bastante tolerantes em suas interpretações e permitiam que um homem se divorciasse de sua mulher por qualquer motivo, até mesmo se ela queimasse a comida. A escola do rabino Shammai, por outro lado, era bem mais rígida e ensinava que as palavras *coisa indecente* referiam-se somente a pecados anteriores ao casamento. Se um recém-casado descobrisse que a esposa não era virgem, teria, então, permissão para se divorciar.

Como era seu costume, Jesus ignorou as discussões em andamento e voltou a atenção para a Palavra de Deus, nesse caso, para a Lei de Moisés em Deuteronômio 24:1-4. Ao estudar esta passagem, é importante observar dois fatos. Em primeiro lugar, foi o homem quem se divorciou da esposa, não o contrário, pois a mulher não tinha esse direito em Israel (as mulheres romanas, porém, podiam pedir o divórcio). Em segundo lugar, a “carta de divórcio” oficial era dada à mulher para declarar sua condição e garantir a qualquer outro homem interessado que ela estava livre para se casar novamente. Além da entrega desse documento, o único requisito era que a mulher divorciada não voltasse para o primeiro marido. Entre os judeus, a questão não era: “Uma mulher divorciada pode se casar novamente?”, pois o segundo casamento era permitido e até mesmo esperado. A grande questão era: “Quais são as bases legais para um homem se divorciar de sua esposa?”.

A Lei de Moisés não considerava o adultério motivo para divórcio, pois em Israel o cônjuge adúltero era apedrejado até a morte (Dt 22:22; Lv 20:10; ver também Jo 8:1-11). Qualquer que fosse o significado pretendido por Moisés com as palavras “coisa indecente”, em Deuteronômio 24:1, não se tratava de uma referência ao adultério.

Jesus explicou que Moisés deu a lei do divórcio por causa do caráter pecaminoso do coração humano. A lei protegia a esposa

ao refrear o impulso do marido de se divorciar e de abusar dela como objeto indesejado, em vez de tratá-la como ser humano. Sem uma carta de divórcio, a mulher poderia facilmente ser excluída socialmente e ser tratada como prostituta. Nenhum homem desejaria casar-se com ela, que ficaria indefesa e desamparada.

Ao dar esse mandamento a Israel, Deus não estava concordando com o divórcio nem mesmo o incentivando. Pelo contrário, procurava limitá-lo e tornar mais difícil ao marido repudiar a esposa. Deus instituiu uma série de regras quanto ao divórcio para que a esposa não se tornasse vítima dos caprichos do marido.

Jesus retrocedeu para o que havia sido determinado antes de Moisés, falando do relato da criação (Gn 1:27; 2:21-25). Afinal, no princípio de tudo, foi *Deus* quem instituiu o casamento e, portanto, é ele quem pode estabelecer as regras. De acordo com as Escrituras, o casamento se dá entre homem e mulher – e não entre dois homens ou duas mulheres – e é um relacionamento sagrado e perpétuo. É a forma de união mais íntima da raça humana, pois duas pessoas tornam-se uma só carne. Não se pode dizer o mesmo da relação entre pai e filho, ou entre mãe e filha, mas vale para o marido e a esposa.

Apesar de o aspecto espiritual ser vital para o casamento, a ênfase dessa discussão é sobre o casamento como uma união *física*: os dois se tornam uma só *carne*, não um espírito. Uma vez que a união é física, só pode ser rompida por uma causa física: a morte (Rm 7:1-3), ou por relações sexuais ilícitas (Mt 5:32; 19:9). Marcos não inclui a “cláusula de exceção” encontrada em Mateus, mas, até aí, também não diz que a união matrimonial é rompida pela morte.

Posteriormente, Jesus explicou esse assunto em particular e mais detalhadamente para os discípulos, que a essa altura estavam convencidos de que era arriscado se casar. Um segundo casamento depois de um divórcio, *exceto quando esse havia sido concedido por causa de relações sexuais ilícitas,*

extremamente sério. Convém observar que Jesus incluiu as mulheres em sua advertência, o que certamente elevou sua posição na sociedade, dando-lhes as mesmas responsabilidades. Os rabinos não teriam ido tão longe.

Marcos 10:9 adverte que o homem não pode separar os que foram unidos em casamento, *mas Deus pode*. Uma vez que foi ele quem instituiu o casamento, também tem o direito de ditar as regras. Um divórcio pode ser legal de acordo com nossas leis e, ainda assim, não ser legítimo diante de Deus. Ele espera que as pessoas casadas tenham um compromisso mútuo (Mc 10:7) e que sejam fiéis a seu cônjuge. Muitas pessoas vêem o divórcio como “uma saída fácil” e não levam a sério os votos de compromisso um para com o outro e para com o Senhor.

2. ADULTOS SERÃO COMO CRIANÇAS (MC 10:13-16)

Primeiro o casamento, depois as crianças: uma seqüência lógica. Ao contrário de muitas pessoas “modernas” de hoje, os judeus daquele tempo consideravam as crianças bênçãos e não um fardo; eram um tesouro precioso de Deus, não um peso (Sl 127 – 128). A falta de filhos era motivo de tristeza e de desgraça para um casal.

Era costume os pais levarem os filhos para serem abençoados pelos rabinos, de modo que não causa surpresa terem levado os pequeninos até Jesus. Algumas dessas crianças ainda eram de colo (Lc 18:15), outras já sabiam andar; Jesus recebeu todas de braços abertos.

Por que os discípulos repreenderam essas pessoas e tentaram impedir que as crianças fossem até o Mestre? (Ver Mt 15:23 e Mc 6:36 para mais exemplos da aparente dureza do coração dos discípulos.) Provavelmente, pensaram estar lhe fazendo um favor, ajudando-o a não desperdiçar seu tempo e a guardar suas energias. Em outras palavras, *não deram importância às crianças!* A atitude deles foi estranha, pois Jesus já os havia ensinado a receber as crianças em seu nome e a ter cuidado de não fazê-las trope-

esqueceram o que seu Mestre havia lhes ensinado.

Algumas versões mostram que Jesus se desagradou, mas essa expressão é branda demais. Jesus ficou indignado e repreendeu os discípulos publicamente por impedirem o acesso a ele. Em seguida, anunciou que as crianças eram melhores exemplos do reino do que os adultos. Às vezes, dizemos a nossos filhos pequenos para se comportarem como adultos, mas Jesus disse aos adultos para se espelharem no comportamento das crianças!

De que forma uma criança serve de exemplo? Pela maneira humilde de depender dos outros, por sua receptividade, pela aceitação de si mesma e de sua situação na vida. É evidente que Jesus falava de uma criança pura, não de uma criança que estivesse tentando agir como adulto. A criança desfruta de muitas coisas, mas só é capaz de explicar poucas. Vive pela fé e, pela fé, aceita sua situação, confiando que os outros cuidarão dela.

Entramos no reino de Deus pela fé, como criancinhas: desamparados, incapazes de nos salvar, totalmente dependentes da misericórdia e da graça de Deus. Desfrutamos do reino de Deus pela fé, crendo que o Pai nos ama e que cuidará de nossas necessidades diárias. O que uma criança faz quando se machuca ou tem um problema? Corre para os braços do pai ou da mãe! Que exemplo perfeito a seguir em nosso relacionamento com o Pai celeste! Deus quer que sejamos como crianças, mas não que sejamos infantis!

O texto não dá qualquer indicação de que Jesus tenha batizado essas crianças, pois nem sequer batizou os adultos (Jo 4:1, 2). Se os discípulos estivessem acostumados a batizá-las, certamente não as teriam mandado embora. Jesus tomou esses pequeninos em seus braços amorosos e os abençoou – e que bênção deve ter sido!

3. O PRIMEIRO SERÁ O ÚLTIMO (Mc 10:17-31)

De todas as pessoas que se colocaram aos pés de Jesus, este homem foi o único que

saiu pior do que havia chegado, mesmo tendo tanta coisa a seu favor! Era um jovem (Mt 19:22) com grande potencial, respeitado pelos outros por ocupar um cargo importante, talvez no tribunal da cidade (Lc 18:18). Sem dúvida, era bem educado e íntegro e tinha em seu coração tal anseio pelas coisas espirituais que procurou Jesus e se curvou aos pés do Mestre. Em todos os sentidos, era um rapaz ideal, e, quando Jesus o fitou, o amou.

Mesmo com todas essas qualidades excelentes, o jovem mostrou-se superficial quanto às coisas espirituais. Por certo lhe faltava profundidade em seu conceito de salvação, pois pensou que poderia *fazer alguma coisa* para merecer a vida eterna. Tratava-se de uma crença corrente entre os judeus daquela época (Jo 6:28) e que continua bastante comum hoje. A maioria dos não salvos acredita que um dia Deus levará em conta as boas obras e as más ações que praticaram, e se as coisas boas excederem as más, entrarão no céu.

Por trás dessa abordagem da salvação com base nas boas obras, encontra-se uma visão superficial do pecado. O pecado é rebelião contra o Deus santo, não apenas uma ação; é uma atitude interior que exalta o ser humano e desafia Deus. Será que aquele jovem pensava mesmo que podia fazer coisas boas e religiosas para acertar as contas com o Deus santo?

O jovem também tinha uma visão superficial de Jesus Cristo. Chamou-o de “Bom Mestre”, mas temos a impressão de que estava tentando lisonjeá-lo, pois os rabinos não permitiam que se aplicasse a eles o adjetivo *bom*. Somente Deus era bom, e esse adjetivo deveria ser reservado exclusivamente a ele. Jesus não negava que era Deus; pelo contrário, afirmava sua divindade. Queria apenas ter certeza de que o jovem sabia o que estava dizendo e de que estava disposto a aceitar as responsabilidades envolvidas.

Isso explica por que Jesus chamou a atenção do rapaz para a Lei de Moisés: desejava que se visse como um pecador prostrado diante do Deus santo. Não podemos ser

salvos do pecado guardando a Lei (Gl 2:16-21; Ef 2:8-10). A Lei é um espelho que nos mostra como estamos sujos, mas o espelho não pode nos lavar. Um dos propósitos da Lei é conduzir o pecador a Cristo (Gl 3:24), e foi o que aconteceu no caso desse rapaz. A Lei pode levar o pecador a Cristo, mas não é capaz de torná-lo semelhante a Cristo. Somente a graça faz isso.

O jovem não se considerava um pecador condenado diante do Deus santo. Seu conceito da Lei de Deus era superficial, pois media sua obediência apenas em termos de ações exteriores, não de atitudes interiores. No que se referiam a suas ações, era irrepreensível (ver Fp 3:6), mas não se podia dizer o mesmo de suas atitudes interiores, pois havia cobiça em seu coração. É possível que observasse alguns mandamentos, mas esqueceu o último: "Não cobiçarás". A cobiça é um pecado terrível; é sutil e difícil de detectar, mas, ainda assim, faz as pessoas transgredirem todos os demais mandamentos. "Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males" (1 Tm 6:10).

Quem olhasse para esse rapaz poderia concluir que tinha tudo, mas Jesus afirmou que ainda lhe faltava uma coisa: *uma fé viva em Deus*. Seu deus era o dinheiro: confiava nele, o adorava e se realizava com ele. Sua moralidade e boas maneiras apenas escondiam um coração cobiçoso.

As instruções de Jesus em Marcos 10:21 não devem ser aplicadas a todos os que desejam tornar-se discípulos, pois Jesus tratava das necessidades específicas daquele jovem rico. Uma vez que o rapaz possuía muitos bens, Jesus lhe disse para vender tudo e dar o dinheiro aos pobres. Como o rapaz tinha *status*, Jesus lhe disse para pegar a cruz e segui-lo, algo que exigiria humildade. Jesus ofereceu ao jovem a dádiva da vida eterna, mas ele recusou. É difícil receber um presente quando as mãos estão fechadas, segurando dinheiro e tudo o que ele pode comprar. A palavra grega traduzida por "triste" descreve uma tempestade se formando. Esse homem saiu do sol para entrar numa tempestade! Desejava receber a salvação em

Os discípulos ficaram estarecidos com a declaração de Jesus sobre a riqueza, pois a maioria dos judeus acreditava que possuir muitos bens era evidência das bênçãos especiais de Deus. Apesar da mensagem de Jó, do exemplo de Cristo e dos apóstolos e dos ensinamentos claros do Novo Testamento, muita gente ainda tem essa mesma idéia hoje. No caso do jovem, a riqueza que possuía *privou-o* da maior de todas as bênçãos de Deus: a vida eterna. Hoje, a riqueza continua a empobrecer os ricos e a fazer os primeiros serem os últimos (ver 1 Co 1:26-31).

O dinheiro é um servo maravilhoso, mas é um senhor terrível. Os que têm dinheiro devem ser gratos e usá-lo para a glória de Deus; mas se o dinheiro for senhor da vida deles, devem ter cuidado! É bom ter coisas que o dinheiro pode comprar, desde que não se percam as coisas que ele não pode comprar. As ilusões da riqueza haviam sufocado de tal modo o coração desse rapaz que já não podia mais receber a semente da Palavra e ser salvo (Mt 13:22). Que colheita amarga ceifaria!

No entanto, a reação de Pedro mostra que também havia alguns problemas em seu coração. "Que será, pois, de nós?" (Mt 19:27). Essa pergunta revela uma visão um tanto interessada da vida cristã: "abrimos mão de tudo pelo Senhor; o que vamos receber em troca?" É interessante contrastar as palavras de Pedro com as palavras dos três hebreus em Daniel 3:16-18 e, em seguida, com o testemunho posterior de Pedro em Atos 3:6. Sem dúvida, Pedro progrediu muito da pergunta: "o que receberei?", para a declaração: "o que tenho, isto te dou".

Jesus garantiu a seus discípulos que qualquer pessoa que o seguir jamais perderá o que é verdadeiramente importante, quer nesta vida, quer na vida por vir. Deus recompensará cada um. Devemos, porém, estar certos de que nossa motivação é correta: "Por causa de mim e do evangelho" (ver Mc 8:35). O conhecido industrial cristão R. J. LeTorneau costumava dizer: "Se você dá visando o lucro, terá prejuízo!" Se nos sacrificarmos apenas para receber uma recom-

É importante observar que Jesus também promete “perseguições”. Já havia explicado a seus discípulos o que judeus e gentios fariam com ele em Jerusalém, e agora os informa de que também serão perseguidos. Deus contrabalança bênçãos com batalhas, a fim de desenvolver filhos e filhas maduros.

Aos olhos das pessoas em geral, o jovem rico ocupava o primeiro lugar, enquanto os discípulos pobres estavam nos últimos lugares. Porém, Deus vê todas as coisas do ponto de vista da eternidade – e os primeiros tornam-se os últimos, enquanto os últimos se tornam os primeiros! Os que são primeiros a seus próprios olhos serão os últimos aos olhos de Deus, mas os que se consideram os últimos a seus próprios olhos serão recompensados como sendo os primeiros! Que grande estímulo para os verdadeiros discípulos!

4. OS SERVOS SERÃO GOVERNANTES (Mc 10:32-45)

Jesus continua conduzindo os discípulos a Jerusalém. Ao descrever a jornada do Salvador até o Calvário, é possível que Marcos tenha meditado na “canção do Servo” em Isaías 42 a 53. “Porque o SENHOR Deus me ajudou, pelo que não me senti envergonhado; por isso, fiz o meu rosto como um seixo e sei que não serei envergonhado” (Is 50:7). Não podemos deixar de admirar a coragem do Servo de Deus ao seguir para o Calvário, e devemos adorá-lo ainda mais por fazer isso por nós.

É necessário tentar entender a confusão e o medo dos seguidores de Cristo, pois foi uma experiência difícil para eles, que de maneira alguma correspondeu a seus planos e expectativas. Cada vez que Jesus anunciava sua morte, deixa os discípulos mais perplexos. Nas duas primeiras declarações (Mc 8:31; 9:31), Jesus lhes disse o que aconteceria; agora lhes diz *onde* isso ocorreria – na cidade santa de Jerusalém! Essa terceira declaração inclui o papel dos gentios em seu julgamento e morte, e, pela quarta vez, Jesus promete que ressuscitará (ver Mc 9:9). O Mestre disse a verdade a seus discípulos, mas eles não estavam em condições de entendê-la.

Quando consideramos a declaração de Jesus sobre sua morte, ficamos envergonhados ao ver Tiago, João e a mãe deles (Mt 20:20, 21) pedindo tronos. Como puderam ser tão insensíveis e egoístas? Pedro havia reagido à primeira declaração discutindo com Jesus; depois da segunda declaração, a reação dos discípulos foi discutir entre si quem era o maior (Mc 9:30-34). Pareciam não perceber o significado da cruz.

Na verdade, Salomé e seus dois filhos apropriaram-se da promessa que Jesus havia feito de que, no reino futuro, os discípulos se assentariam em doze tronos com o Senhor Jesus. (Ver Mt 19:28. Uma vez que Marcos escrevia especialmente a gentios, não incluiu essa promessa.) Foi um grande passo de fé da parte deles reivindicar a promessa, especialmente quando Jesus havia acabado de lembrar a todos que estava prestes a morrer. Os três estavam de acordo (Mt 18:19) e tinham a Palavra de Jesus para encorajá-los, de modo que não havia motivo para Jesus negar o pedido.

Exceto por uma coisa: pediram com egoísmo, e Deus não responde a orações egoístas (Tg 4:2, 3). Se o faz, é apenas para nos disciplinar e nos ensinar a orar de acordo com sua vontade (Sl 106:15; 1 Jo 5:14, 15). Tiago, João e Salomé não perceberam que as *respostas de oração têm um preço*. A fim de atender a esse pedido, Jesus teria de sofrer e morrer. Por que deveria pagar tamanho preço apenas para que pudessem desfrutar de seus tronos? É assim que se glorifica a Deus?

Jesus comparou seu sofrimento e morte iminentes a beber de um cálice (Mc 14:32-36) e a ser batizado (Lc 12:50; ver também Sl 41:7; 69:2, 15). Seria uma experiência de grande agonia – e, no entanto, Tiago e João afirmaram estar preparados! Mal sabiam o que diziam, pois, nos anos que se seguiram, ambos participariam, de fato, do batismo e do cálice de Cristo. Tiago se tornaria o primeiro dos discípulos a ser martirizado (At 12:1, 2), e João sofreria grandes perseguições.

Uma vez que seu pedido foi motivado pela sabedoria terrena, não divina, Tiago e João provocaram a indignação dos outros

discípulos e causaram discórdia no grupo (ver Tg 3:13 – 4:1). Sem dúvida, os outros se exasperaram por não terem pensando nisso antes dos dois irmãos. Mais uma vez, Jesus tentou ensinar-lhes o que significa ser uma “pessoa importante” no reino de Deus (ver Mc 9:33-37).

Como tantos hoje em dia, os discípulos seguiam exemplos errados. Em vez de imitarem a Cristo, admiravam a glória e a autoridade dos governantes romanos, homens que amavam a fama e o poder. Apesar de não haver nada de errado em ter grandes aspirações, devemos ter cuidado com a forma de definir a “grandeza” e os motivos pelos quais desejamos alcançá-las. Jesus disse: “Quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos” (Mc 10:43, 44).

Deus mostra claramente nas Escrituras que todo indivíduo precisa ser um servo fiel antes de Deus elevá-lo a governante. Foi o que aconteceu com José, Moisés, Josué, Davi, Timóteo e até mesmo com Jesus (Fp 2:1-11). A menos que sejamos capazes de obedecer a ordens, não teremos o direito de dar ordens. Antes de exercer autoridade, é preciso saber o que significa estar debaixo de uma autoridade. Se Jesus Cristo seguiu esse modelo para realizar sua grande obra de redenção, certamente não há outro modelo a seguir.

5. O POBRE SE TORNARÁ RICO (Mc 10:46-52)

Uma grande multidão de peregrinos da festa de Páscoa seguiu Jesus e seus discípulos até Jericó, cerca de 30 quilômetros de Jerusalém. Na verdade, havia duas cidades com o nome de Jericó: a cidade velha em ruínas e, a menos de dois quilômetros, a cidade nova, onde Herodes, o Grande, e seus sucessores construíram um luxuoso palácio de inverno. É possível que isso explique a aparente contradição entre Marcos 10:46 e

Havia dois mendigos cegos sentados à beira da estrada (Mt 20:30), um dos quais se chamava Bartimeu. Tanto Marcos quanto Lucas se concentram nele, pois se mostrou mais articulado. Os mendigos ficaram sabendo que Jesus de Nazaré, o Mestre que realizava curas, estava passando e fizeram todo o possível para chamar sua atenção, a fim de receber sua ajuda misericordiosa e ser curados.

A princípio, a multidão tentou obrigá-los a se calar, mas quando Jesus parou e os chamou, a multidão incentivou-os! Pessoas desesperadas não deixam que a multidão as afaste de Jesus (ver Mc 5:25-34). Bartimeu tirou sua capa para não tropeçar nela e correu para o Mestre. Por certo, alguns dos peregrinos ou discípulos o ajudaram.

“Que queres que eu te faça?” parece uma pergunta estranha a se fazer para um cego (foi a mesma pergunta que Jesus fez a Tiago, a João e a Salomé; Mc 10:36). Mas Jesus queria dar ao cego uma oportunidade de se expressar e de demonstrar sua fé. O que ele acreditava que Jesus *poderia* fazer por ele?

Quando Bartimeu chamou Jesus de “Mestre”, usou o termo *Rabboni*, que significa “meu Mestre”. A única outra pessoa nos Evangelhos que também chamou Jesus de *Rabboni* foi Maria (Jo 20:16). O mendigo o havia chamado duas vezes de “Filho de Davi”, um título messiânico, mas “Rabboni” era uma expressão pessoal de fé.

De acordo com Mateus, Jesus se compadeceu e tocou os olhos dos dois homens (Mt 20:34), restaurando-lhes imediatamente a visão. Como expressão de sua gratidão, os dois se juntaram aos peregrinos que seguiam Jesus rumo a Jerusalém. Esse é o último milagre de cura registrado em Marcos e, sem dúvida, apropriado para o tema do “Servo” que Marcos desenvolve em seu Evangelho. Vemos Jesus Cristo, o Servo sofredor de Deus, a caminho da cruz e, ainda assim, detém-se para curar dois mendigos cegos!

O SERVO EM JERUSALÉM

MARCOS 11:1 – 12:44

Jerusalém, na época da Páscoa, era um lugar de grande alegria para os judeus e de grande preocupação para os romanos. Milhares de judeus devotos do mundo todo chegavam à Cidade Santa com o coração repleto de entusiasmo e de fervor nacionalista. A população de Jerusalém quase quadruplicava durante a festa, colocando os militares romanos em alerta especial. Os romanos conviviam com a possibilidade de que um zelote judeu mais impetuoso tentasse matar algum oficial romano ou começar uma rebelião, e sempre havia a possibilidade de conflitos entre os diferentes grupos religiosos judeus.

Foi nesse contexto que o Servo de Deus chegou à cidade, menos de uma semana antes de sua crucificação fora dos muros da cidade. Nesta seção, veremos o Servo de Deus ministrando em três funções oficiais.

1. SERVO E REI (Mc 11:1-11)

Jesus tomou um caminho no qual o viajante passava primeiro por Betânia e, depois, por Betfagé, a cerca de 3 quilômetros de distância de Jerusalém. A altitude nesse ponto é de aproximadamente 900 metros, permitindo que o viajante tinha uma vista maravilhosa da Cidade Santa. Cristo estava prestes a fazer algo que nunca fizera antes, algo que havia acautelado outros repetidamente a não fazer por ele: permitiu que seus seguidores realizassem uma manifestação pública em sua homenagem.

Jesus enviou dois de seus discípulos a Betfagé para buscar o jumentinho do qual precisava para essa ocasião. A maioria das pessoas considera o jumento uma simples

besta de carga, mas naquele tempo, era um animal digno de ser montado por um rei (1 Rs 1:33). Cristo precisava desse animal para que pudesse cumprir a profecia messiânica de Zacarias 9:9. Marcos não cita esse versículo nem se refere a ele, pois está escrevendo principalmente a leitores gentios.

Ao cumprir essa profecia, Jesus realizou dois propósitos: (1) declarou-se Rei e Messias de Israel; (2) desafiou deliberadamente os líderes religiosos. Essa provocação desencadeou a conspiração oficial que levou a sua prisão, seu julgamento e sua crucificação. Os líderes judeus haviam decidido não prendê-lo durante a festa, mas Deus havia feito outros planos. O Cordeiro de Deus deveria morrer na Páscoa.

Muitos judeus patriotas, em meio à multidão de peregrinos, juntaram-se à procissão que proclamou Jesus como Rei, o Filho de Davi que veio em nome do Senhor. Os que mais se destacaram na procissão foram os visitantes vindos da Galiléia e também os que testemunharam a ressurreição de Lázaro (Jo 12:12-18). Alguns dizem que as mesmas pessoas que gritaram "Hosana!" no Domingo de Ramos também gritaram "Crucifica-o!" na Sexta-Feira Santa, mas isso não é verdade. A multidão que desejava crucificar Jesus era constituída predominantemente de homens da Judéia e de Jerusalém, enquanto os judeus da Galiléia simpatizavam com Jesus e com seu ministério.

Na época, era costume o povo colocar seus mantos e ramos festivos no caminho para dar boas vindas a um rei (2 Rs 9:13). "Hosana!" quer dizer "Salva agora!" e vem de Salmos 118:25, 26. Claro que Jesus sabia que o povo estava citando um salmo messiânico (relacionar Sl 118:22, 23 com Mt 21:42-44 e At 4:11), mas permitiu que continuasse com seu clamor. Afirmava abertamente sua realeza como Filho de Davi.

O que se passava na cabeça dos romanos durante essa manifestação festiva? Afinal, os romanos eram especialistas em organizar desfiles militares e eventos públicos oficiais. Chamamos esse episódio de "entrada triunfal", mas nenhum romano usaria tal

designação para a entrada de Jesus em Jerusalém. Um "trunfo romano" era um acontecimento e tanto. Quando um general romano voltava a Roma depois da conquista completa de um inimigo, era recebido com um pomposo desfile oficial. Nesse desfile, exibia seus troféus de guerra e os prisioneiros ilustres que havia capturado. O general vitorioso andava numa carruagem de ouro, enquanto sacerdotes queimavam incenso em sua homenagem, e o povo gritava seu nome e o louvava. A procissão terminava na arena, onde o povo era entretido com espetáculos nos quais os prisioneiros lutavam com animais selvagens. Esse era o "trunfo romano".

A "entrada triunfal" de Jesus em Jerusalém foi muito diferente, mas, ainda assim, foi um triunfo. Ele era o Rei ungido de Deus e o Salvador, mas sua conquista seria espiritual, não militar. Um general romano precisava matar pelo menos cinco mil soldados inimigos para ser digno de um "trunfo"; mas em poucas semanas, o evangelho "conquistaria" cerca de cinco mil judeus e transformaria sua vida (At 4:4). O "trunfo" de Cristo seria a vitória do amor sobre o ódio, da verdade sobre o erro, da vida sobre a morte.

Depois de vislumbrar a área do templo para onde voltaria no dia seguinte, Jesus saiu da cidade e passou a noite em Betânia, onde era mais seguro e tranquilo. Sem dúvida, gastou parte do tempo orando com seus discípulos, procurando prepará-los para a semana difícil que os esperava.

2. SERVO E JUIZ (Mc 11:12-26)

Ao amaldiçoar a árvore e purificar o templo, Jesus realizou dois atos simbólicos para ilustrar a condição espiritual lastimável em que a nação de Israel se encontrava. Apesar de seus muitos privilégios e oportunidades, por fora Israel não dava frutos (a árvore), e por dentro se encontrava corrompida (o templo). Jesus não costumava julgar dessa maneira (Jo 3:17), mas chega um momento em que essa é a única coisa que Deus pode fazer (Jo 12:35-41).

Jesus amaldiçoa a figueira (vv. 12-14,

março ou abril, e a árvore começa a dar frutos em junho, depois em agosto e, às vezes, novamente em dezembro. A presença de folhas poderia ser uma indicação da existência de frutos, mesmo que estes ainda fossem um "resto" da estação anterior. É bastante significativo que, nesse caso, Jesus não tinha qualquer conhecimento especial para orientá-lo e precisou aproximar-se da árvore para examiná-la.

Uma vez que tinha poder para matar a árvore, por que não usou esse poder para restaurá-la e torná-la produtiva? Com exceção do afogamento dos porcos (Mc 5:13), essa é a única ocasião em que Jesus usou seu poder miraculoso para destruir algo da natureza. Jesus tomou essa atitude porque desejava nos ensinar duas lições importantes.

Em primeiro lugar, encontramos aqui uma lição sobre o fracasso: Israel havia falhado em dar frutos para Deus. No Antigo Testamento, a figueira é relacionada à nação de Israel (Jr 8:13; Os 9:10; Na 3:12). Assim como a figueira que Jesus amaldiçoou, Israel não tinha nada, "senão folhas". É interessante observar que a árvore secou "desde a raiz" (Mc 11:20). Três anos antes, João Batista havia colocado um machado à raiz de uma árvore (Mt 3:10), mas os líderes religiosos não deram ouvidos a sua mensagem. Quando um indivíduo ou um grupo de pessoas "seca" espiritualmente, na maior parte das vezes, começa pelas raízes.

É possível que os discípulos tenham associado esse milagre à parábola que Jesus havia contado alguns meses antes (Lc 13:1-9), e tenham visto no milagre um retrato claro do julgamento de Deus sobre Israel. Também é possível que tenham se lembrado de Miquéias 7:1-6, em que o profeta declara que Deus está procurando "as frutas do verão" em seu povo. Cristo continua procurando frutos em seu povo, e, para nós, é pecado permanecer sem frutos (Jo 15:16). Devemos cultivar nossas raízes espirituais com todo o cuidado e não nos contentar apenas com "folhas".

Jesus também usou esse milagre para nos ensinar sobre a fé. Na manhã seguinte,

estava morta, Jesus disse: "Tende fé em Deus"; em outras palavras, "Confie em Deus a todo tempo; vivam com uma atitude de dependência dele". Na imageria judaica, a montanha representa algo forte e inalterável, um problema no meio do caminho (Zc 4:7). Só é possível mover montanhas pela fé em Deus.

Por certo, essa não é a única lição que Jesus ensinou com respeito à oração, e é preciso ter cuidado para não entendê-la de forma isolada do restante das Escrituras. A oração deve ser feita dentro da vontade de Deus (1 Jo 5:14, 15), e aquele que ora deve permanecer no amor de Deus (Jo 15:7-14). A oração não é uma medida de emergência, um recurso do qual nos valemos quando temos um problema. Antes, a verdadeira oração faz parte da comunhão constante com Deus e da adoração a Deus.

Também não devemos interpretar Marcos 11:24 como se dissesse: "Se orarem o suficiente e *crem de verdade*, Deus será obrigado a responder à sua oração, qualquer que seja o pedido". Esse tipo de fé não é fé em Deus; na realidade, não passa de fé na própria fé ou nos sentimentos. A verdadeira fé em Deus tem como base a Palavra de Deus (Jo 15:7; Rm 10:17), e sua Palavra revela sua vontade. Alguém disse bem que o propósito da oração não é conseguir que a nossa vontade seja feita no céu, mas sim que a vontade de Deus seja feita na Terra.

A verdadeira oração envolve o perdão e a fé. A fim de que Deus responda a nossas orações, devemos estar em paz tanto com nosso Pai no céu quanto com nossos irmãos na Terra (ver Mt 5:21-26; 6:14, 15; 18:15-35). Começamos a oração que Jesus ensinou dirigindo-nos ao Pai *nosso*: "Pai *nosso* que estás no céu" e não: "Meu Pai que estás no céu". Apesar de cada cristão poder orar em particular, nenhum cristão jamais ora sozinho, pois todo o povo de Deus é parte de uma família espalhada por todo o mundo e que se une para buscar a bênção de Deus (Ef 3:14, 15). A oração promove a união.

Quando perdoamos uns aos outros, não nos tornamos merecedores das bênçãos de

Deus. Nosso espírito de perdão é uma evidência de que nosso coração está em ordem diante de Deus e de que desejamos fazer sua vontade. Com isso, o Pai pode nos ouvir e responder a nossas orações (Sl 66:18). A fé opera através do amor (Gl 5:6). Se tenho fé em Deus, também terei amor por meu irmão.

Jesus purifica o templo (vv. 15-19). Jesus já havia purificado o templo em sua primeira visita a Jerusalém na Páscoa (Jo 2:13-22), mas os resultados haviam sido apenas temporários. Não tardou para que os líderes religiosos permitissem que os cambistas e comerciantes voltassem. Os sacerdotes receberiam uma porcentagem dos lucros dessas atividades e, afinal, eram serviços convenientes para os judeus que iam a Jerusalém para adorar. Suponhamos que um judeu de algum lugar distante levasse consigo seu sacrifício só para descobrir que não poderia ser aceito por causa de alguma imperfeição. O câmbio estava sempre mudando, de modo que os homens que trocavam as moedas estrangeiras por dinheiro local na verdade faziam um favor aos visitantes, mesmo considerando os lucros generosos. Todas essas operações comerciais e financeiras poderiam ser facilmente racionalizadas.

Esse "mercado religioso" ficava no átrio dos gentios, justamente o lugar onde os judeus deveriam estar realizando um trabalho missionário sério. Se um gentio visitasse o templo e visse o que os judeus estavam fazendo *em nome do verdadeiro Deus vivo*, jamais teriam o desejo de crer naquilo que era ensinado ali. Os judeus não permitiam ídolos de pedra e de madeira no templo, mas ainda assim, o que estava acontecendo naquele local era idolatria. O átrio dos gentios, que deveria ser um lugar de adoração, havia se tornado um lugar de oportunismo e de comércio.

Marcos menciona especificamente os comerciantes que vendiam pombos. O pombo era um dos poucos sacrifícios que o pobre tinha condições de oferecer (Lv 14:22). Foi o sacrifício que José e Maria levaram quando apresentaram Jesus no templo (Lc 2:24). Até mesmo os pobres estavam sendo

que até o uso dos serviços postais dos Estados Unidos era uma forma de aceitação da autoridade do governo. O dinheiro que ele gastava com papel e selos também vinha desses “poderes vigentes”. Aliás, a própria liberdade de expressão dele era um direito garantido pelo governo!

O termo traduzido por *dai*, em Marcos 12:17, significa “pagar uma dívida, pagar de volta”. Para Jesus, os impostos eram uma dívida que os cidadãos tinham para com o governo por serviços prestados. Hoje, esses serviços incluíam, entre outras coisas, o corpo de bombeiros e a polícia, a defesa nacional, os salários dos governantes que administram o Estado, programas especiais para os pobres e carentes etc. O cidadão cristão como indivíduo pode não concordar com a maneira como o dinheiro de seus impostos é gasto e tem o direito de se expressar nesse sentido por meio de sua voz e de seu voto, mas deve aceitar o fato de que foi Deus quem estabeleceu o governo humano para nosso bem (Rm 13; 1 Tm 2:1-6; 1 Pe 2:13-17). Mesmo que não respeitemos as pessoas nos cargos, devemos respeitar os cargos em si.

Uma pergunta sobre a eternidade (vv. 18-27). Esta é a única passagem em Marcos em que os saduceus são mencionados. Esse grupo aceitava apenas a Lei de Moisés como autoridade religiosa; assim, se uma doutrina não pudesse ser defendida pelos cinco primeiros livros do Antigo Testamento, eles a rejeitavam. Não acreditavam na existência da alma, da vida depois da morte, da ressurreição, do julgamento final, de anjos nem de demônios (ver At 23:8). Quase todos os saduceus eram sacerdotes e eram abastados. Consideravam-se a “aristocracia religiosa” do judaísmo e tinham a tendência de desprezar as outras pessoas.

Apresentam sua pergunta hipotética a Jesus com base na lei do casamento, conforme Deuteronômio 25:7-10. Essa mulher teve sete maridos ao longo da vida, sendo que todos eles haviam falecido. Diante disso, argumentaram: “Se existe mesmo uma ressurreição futura, ela deveria passar a eter-

argumento perfeito, como também parecem quase todos os demais argumentos com base em situações hipotéticas.

Os saduceus consideravam-se extremamente perspicazes, mas Jesus mostra logo a ignorância deles com respeito a duas coisas: o poder de Deus e a verdade das Escrituras. A ressurreição não é a restauração à vida como a conhecemos; é o ingresso numa vida diferente. O mesmo Deus que criou os anjos e que lhes deu sua natureza é capaz de criar o novo corpo de que precisaremos para a nova vida no céu (1 Co 15:38ss). Jesus não diz que nos tornaremos anjos nem que seremos como os anjos em todas as coisas, pois os filhos de Deus são superiores aos anjos (Jo 17:22-24; 1 Jo 3:1, 2). Antes, diz que nosso corpo ressurreto, como o corpo dos anjos, não será do sexo masculino nem feminino. Na eternidade, nosso corpo será perfeito, e não haverá morte, de modo que o casamento, a procriação e a continuidade da raça humana não serão mais necessários.

Os saduceus também ignoravam as Escrituras. Afirmavam aceitar a autoridade de Moisés, mas não sabiam que Moisés ensinava a continuidade da vida depois da morte. Mais uma vez, Jesus volta às Escrituras (ver Mc 2:25; 10:19; 12:10), usando, nesse caso, a passagem sobre a sarça ardente (Êx 3). Deus não disse a Moisés que *havia sido* (no passado) o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Antes, declarou: “Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó”. Os patriarcas estavam vivos quando Deus proferiu essas palavras a Moisés; portanto, Moisés ensina que há vida depois da morte.

Uma pergunta sobre prioridades (vv. 28-34). O próximo desafio foi proposto por um escriba que também era um fariseu (ver Mt 22:34, 35). Os escribas haviam determinado que os judeus deveriam obedecer a 613 preceitos da Lei, sendo 365 negativos e 248 positivos. Um dos exercícios prediletos dos escribas era discutir qual desses mandamentos era o maior de todos.

Jesus cita Deuteronômio 6:4, 5, a famo-

pelos judeus piedosos no começo e no final de cada dia. Essa declaração é chamada de *Shema* por causa de sua primeira palavra: *Ouve*, em hebraico. Em seguida, Jesus cita Levítico 19:18, que enfatiza o amor pelo próximo. Jesus coloca o amor como a coisa mais importante da vida, pois “quem ama o próximo tem cumprido a lei” (Rm 13:8-10). Se amamos a Deus, experimentamos o amor dele dentro de nós e expressamos esse amor a outros. Não vivemos em função de regras, mas sim de relacionamentos: um relacionamento de amor com Deus que torna possível nos relacionarmos em amor com os outros.

Ao começar essa conversa, o escriba estava apenas sendo usado como instrumento dos fariseus que, por sua vez, tentavam encontrar algo para recriminar Jesus (ver Mt 22:35). Mas depois de ouvir a resposta de Jesus, o escriba se levanta e, com toda ousadia, elogia Jesus por sua resposta. A Palavra havia falado a seu coração, levando-o a dar os primeiros passos para um conhecimento espiritual mais profundo da fé que ele pensava compreender. Até as Escrituras do Antigo Testamento ensinavam que a religião de Israel não se limitava à oferta de sacrifícios e à observância de leis (ver 1 Sm 15:22; Sl 51:16, 17; 141:1, 2; Jr 7:22, 23; Os 6:6; Mq 6:6-8).

O que quer dizer a declaração: “Não estás longe do reino de Deus”? Significa encarar a verdade com honestidade, sem qualquer interesse em defender algum partido e sem preconceitos pessoais. Significa testar a fé de acordo com o que a Palavra de Deus diz, não com as exigências de algum grupo religioso. As pessoas que se encontram próximas do reino têm a coragem de defender o que é verdadeiro, mesmo que percam alguns amigos e ganhem alguns inimigos.

Uma pergunta sobre identidade (vv. 35-37). Agora é a vez de Jesus fazer as perguntas e, aqui, se concentra na pergunta mais importante de todas: “Quem é o Messias?” ou: “Que pensais vós do Cristo? De quem é filho?” (Mt 22:42). Trata-se de uma pergunta

muito mais importante do que aquelas que seus inimigos haviam feito, pois se enganar a respeito de Jesus Cristo é enganar-se em relação à salvação. Tal engano significa condenar a própria alma (Jo 3:16-21; 8:24; 1 Jo 2:18-23).

Jesus cita o Salmo 110:1 e pede que expliquem de que maneira o filho de Davi também pode ser o Senhor de Davi. Os judeus acreditavam que o Messias seria filho de Davi (Jo 7:41, 42), mas a única maneira de o filho de Davi também ser o Senhor de Davi seria *Deus vir ao mundo como homem*. A resposta, evidentemente, é a concepção miraculosa de Cristo e seu nascimento de uma virgem (Is 7:14; Mt 1:18-25; Lc 1:26-38).

Esta seção encerra com duas advertências de Jesus: uma contra o orgulho dos escribas (Mc 12:38-40), outra contra o orgulho dos ricos (Mc 12:41-44). Se uma pessoa é “importante” só por causa do uniforme que veste, do título que possui ou do cargo que ocupa, sua “importância” é artificial. O que torna uma pessoa valiosa é seu caráter, e ninguém pode dar a outro o caráter; deve-se desenvolvê-lo à medida que se anda com Deus.

Havia treze arcas (gazofilácios) em formato de trombetas nas paredes ao redor do átrio das mulheres, e era lá que as pessoas depositavam as ofertas. Os ricos entregavam suas ofertas com grande alarde (ver Mt 6:1-4), mas Jesus rejeitava essas contribuições. O importante não era a *porção*, e sim a *proporção*: os ricos davam uma pequena parcela de sua abastança, mas a viúva deu tudo o que tinha. Para os ricos, suas ofertas não passavam de uma pequena contribuição, mas para aquela viúva, sua oferta foi uma verdadeira consagração de todo o seu ser.

O orgulho no viver e no ofertar é pecado e deve ser evitado a todo custo. Infelizmente, aqueles líderes religiosos dependiam de um sistema religioso que logo sairia de cena. Felizmente, muitos do povo abriram o coração para os ensinamentos de Jesus e obedeceram à sua Palavra.

Com qual grupo você se identifica?

O SERVO REVELA O FUTURO

MARCOS 13

Os judeus orgulhavam-se de seu templo, apesar de ter sido construído pela família de Herodes a fim de apaziguar o povo. Jesus já havia deixado claro o que pensava sobre o templo (Mc 11:15-17), mas seus discípulos ficaram fascinados com a grandiosidade da construção. Podemos imaginar como ficaram chocados quando Jesus informou-os de que, um dia, aquele edifício que tanto admiravam seria deitado por terra. Os líderes judeus o haviam profanado; Jesus se retiraria dele e o deixaria deserto (Mt 23:38); os romanos o destruiriam.

Quando haviam se afastado das multidões, os discípulos de Jesus lhe perguntaram quando se daria tal acontecimento especial e o que indicaria que estaria prestes a ocorrer. Suas perguntas revelam uma interpretação confusa das profecias. Acreditavam que a destruição do templo coincidiria com o fim dos tempos e a volta do Senhor (Mt 24:3). No entanto, essas dúvidas deram a Jesus a oportunidade de transmitir uma mensagem profética que costuma ser chamada de "Sermão do Monte das Oliveiras" (Mt 24 - 25; Lc 21:5-36).

Convém seguir algumas diretrizes em nosso estudo desse sermão importante. Em primeiro lugar, devemos estudá-lo à luz do resto das Escrituras, especialmente do Livro de Daniel. Ao considerar tudo o que Deus revelou, vemos que existe uma concordância entre as várias Escrituras proféticas.

Em segundo lugar, devemos ver suas aplicações. Jesus não pregou esse sermão com o fim de satisfazer a curiosidade de seus discípulos nem de esclarecer as idéias con-

o Mestre lhes diz: "Vede" (Mc 13:5, 9, 23, 33) e termina o discurso com a admoestação "Vigiai". Ainda que o estudo desta passagem venha a ser proveitoso para entender melhor certos acontecimentos futuros, não se deve cometer o erro de definir datas (Mc 13:32).

Em terceiro lugar, ao conduzir este estudo, devemos ter sempre em mente o "ambiente judaico" do discurso. O sermão no monte das Oliveiras desenvolveu-se a partir de algumas perguntas feitas a um rabino judeu por quatro homens judeus a respeito do futuro do templo judeu. As advertências sobre os "falsos Cristos" são particularmente relevantes para os judeus (Mc 13:5, 6, 21, 22), bem como as admoestações acerca dos tribunais e de julgamentos judeus (Mc 13:9). Os judeus entenderiam de modo bastante específico a referência ao "profeta Daniel" e a admoestação para fugir da Judéia (Mc 13:14).

Por fim, devemos nos lembrar de que este capítulo descreve um período conhecido como "tribulação" (Mc 13:19, 24; ver também Mt 24:21, 29). Os profetas do Antigo Testamento escreveram sobre esse período e o chamaram de "tempo de angústia para Jacó" (Jr 30:7), "dia de indignação" (Sf 1:15-18) e de um tempo de ira (Is 26:20, 21). Como veremos, é o profeta Daniel quem nos oferece a "chave" para uma compreensão mais adequada da sequência de acontecimentos.

Em Marcos 13, Jesus descreve três estágios desse período de tribulação: (1) O início (Mc 13:5-13), (2) o meio (Mc 13:14-18) e (3) os acontecimentos que levam ao fim (Mc 13:19-27). Encerra, então, com duas parábolas que instam os fiéis a crer e a dar ouvidos (Mc 13:28-37). O Evangelho de Mateus é mais detalhado, mas apresenta, basicamente, o mesmo esboço: O princípio das dores (Mt 24:4-14), o meio da tribulação (Mt 24:15-28), o fim (Mt 24:29-31) e o encerramento com aplicação na forma de parábola (Mt 24:32-44).

Convém ressaltar que muitos estudiosos das profecias acreditam que os cristãos da

Cristo e levados para o céu *antes do início da tribulação* (1 Ts 4:13 – 5:11; Ap 3:10, 11). No final da tribulação, voltarão à Terra com Cristo e reinarão com ele (Ap 19:11 – 20:6). Concordo com essa interpretação, mas não desejo fazer dela uma prova de ortodoxia ou de espiritualidade.

1. A PRIMEIRA METADE DA TRIBULAÇÃO (Mc 13:5-13)

A declaração-chave desta passagem encontra-se em Marcos 13:8: “Estas coisas são o princípio das dores”. O termo traduzido por “dores” refere-se a “dores de parto” e sugere que, nessa época, o mundo será como uma mulher em trabalho de parto (ver Is 13:6-8; Jr 4:31; 6:24; 13:21; 22:20-23; 1 Ts 5:3). As dores de parto virão de repente, crescerão gradualmente e levarão a um tempo de sofrimento e de tribulação terríveis para o mundo todo.

“*Não se deixem enganar.*” Jesus faz uma lista das coisas que *não* devem ser consideradas “sinais” de sua vinda. Antes, são indicações de que as “dores de parto” da tribulação estão apenas começando. Esses sinais são: o sucesso dos falsos Cristos (Mc 13:5, 6), as nações em conflito (Mc 13:7, 8a), os fenômenos naturais desordenados (Mc 13:8b) e as perseguições religiosas (Mc 13:9-13). Tais acontecimentos sempre estiveram presentes na história, mas, uma vez que são comparados aqui com “dores de parto”, é possível que Jesus esteja dizendo que haverá uma *aceleração significativa* desses fenômenos.

Falsos messias. As páginas da história estão repletas de relatos trágicos acerca de falsos messias, de falsos profetas e de seus discípulos cheios de entusiasmo, porém iludidos. Tanto Jesus (Mt 7:15-20) quanto Paulo (At 20:28-31) e João (1 Jo 4:1-6) advertem sobre os falsos profetas. Existe algo inerente à natureza humana que se compraz na mentira e se recusa a crer nas lições valiosas do passado. Mark Twain disse que a mentira dá uma volta ao mundo enquanto a verdade ainda está calçando os sapatos! Como é fácil pessoas espiritualmente cegas seguirem líderes populares e aceitarem ingenuamente

suas soluções simples, mas equivocadas, para os problemas da vida! Jesus adverte seus discípulos a não se deixarem enganar por esses impostores, e essa advertência continua valendo para nós hoje.

Conflitos políticos. Jesus também os adverte a não se deixarem perturbar pelos conflitos políticos entre as nações. O império romano havia desfrutado certa paz por muitos anos, mas tal tranquilidade não seria permanente. Com o declínio do império e o desenvolvimento do nacionalismo, o conflito entre as nações era inevitável. A “Pax Romana” desapareceria de vez.

Catástrofes naturais. Muitas vezes, a guerra deixa para trás um rastro de fome e de escassez (2 Rs 25:2, 3; Ez 6:11). Por vezes, a falta de alimentos resulta do modo abusivo do ser humano de explorar o meio ambiente, mas também pode ser enviada por Deus como julgamento (1 Rs 17:1). Os terremotos sempre existiram, e alguns deles são prova da ira de Deus (Ap 6:12; 8:5; 11:13; 16:18). Uma vez que as catástrofes naturais têm várias causas, é perigoso taxá-las dogmaticamente de “sinais dos tempos”.

“*Não desanimem!*” Os servos de Deus não deviam apenas atentar para os impostores e se manter afastados deles, mas também precisavam tomar cuidado *consigo mesmos* (Mc 13:9-13). Isso porque enfrentariam oposição e perseguição cada vez maiores, tanto de autoridades oficiais (Mc 13:9-11) quanto em nível pessoal (Mc 13:12, 13). Era importante que usassem essas experiências como oportunidades para testemunhar de Jesus Cristo. A perseguição começaria nos tribunais judeus, mas passaria aos tribunais superiores, envolvendo governadores e reis. Vemos uma seqüência semelhante no Livro de Atos (At 4 – 5; 7; 12; 16; 21 – 28).

No entanto, a perseguição redundaria em proclamação! Os seguidores de Cristo sofreriam *por amor* a ele e, desse modo, proclamariam seu evangelho. “Onde vocês nos exterminam, nós nos multiplicamos”, disse Tertuliano a seus perseguidores. “O sangue dos cristãos é uma semente!” Apesar de não crer que levar o evangelho a todas as nações (Mc 13:10) seja uma *condição*

para a volta de Cristo, sem dúvida é a comissão do Senhor a seu povo (Mt 28:19, 20). O "fim" refere-se ao "fim da era", do período de tribulação.

Não seria fácil para gente comum do povo enfrentar tribunais, governantes e reis; mas Jesus lhes garantiu que o Espírito Santo ministraria por intermédio de cada um sempre que houvesse a oportunidade de testemunhar (Mc 13:11). Esta passagem não deve ser usada como uma desculpa nem muleta a pregadores despreparados. Trata-se de um estímulo a todos os cristãos que desejam testemunhar de Cristo e honrar seu nome (Jo 14:26; At 4:8). Se estamos andando no Espírito, não teremos dificuldade em testemunhar de Cristo quando surgirem as oportunidades (Jo 15:26, 27).

Não é difícil entender o problema da perseguição oficial, mas por que amigos e membros da família causariam problemas para os cristãos? (ver Mq 7:4ss; Jo 15:18-27). Seria de se esperar que, especialmente no meio dos judeus, as famílias fossem leais. Mas, tanto para judeus quanto para gentios, a fé cristã parecia heresia e blasfêmia. Duas vezes por dia, os judeus ortodoxos declaravam: "Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR!" (Dt 6:4). O judeu que dizia "Jesus é o Senhor" estava blasfemando e era passível da pena de morte. Roma esperava que seus cidadãos declarassem "César é senhor!" ou sofressem as conseqüências. Assim, as famílias e os amigos ficariam divididos entre sua lealdade para com a "fé antiga" e a nação e sua devoção para com seus entes queridos.

A verdadeira causa da perseguição é declarada em Marcos 13:13, "por causa do meu nome". Quando nos identificamos com Jesus Cristo, podemos esperar que o mundo nos trate da mesma forma como o tratou (Jo 15:20ss). Hoje em dia, é possível perceber a qualquer um dos grupos religiosos esquisitos que existem por aí e não sofrer tanta oposição de amigos e familiares, mas no instante que mencionamos o nome de Jesus e que falamos do evangelho, alguém sempre começa a opor-se a nós. O nome

Não devemos interpretar Marcos 13:13 como uma condição para a salvação, pois se aplica principalmente às testemunhas durante a tribulação. Se uma pessoa é nascida de novo, será sempre amada por Deus (Jo 13:1; Rm 8:35-38) e guardada por ele (Jo 10:27-29; Rm 8:29-34). Uma vez que "o fim", em Marcos 13:7, significa "o fim dos tempos", é provável que esse seja seu significado em Marcos 13:13. Durante a tribulação, os verdadeiros cristãos provarão sua fé por sua fidelidade. Não cederão a pressões ímpias da falsa religião que surgirá (Ap 13).

2. O MEIO DA TRIBULAÇÃO (MC 13:14-18)

A expressão "abominável da desolação" vem do Livro de Daniel ("abominação desoladora"; Daniel 11:31) e se refere à profanação idólatra do templo dos judeus pelos gentios. Para os judeus, a idolatria é uma abominação (Dt 29:17; 2 Rs 16:3). O templo judeu foi profanado em 167 a.C. pelo rei sírio Antíoco IV (também chamado de "Epifânio", que significa "ilustre") quando ele derramou sangue de porco sobre o altar. Esse acontecimento foi predito em Daniel 11:31. O templo também foi profanado pelos romanos no ano 70 d.C., quando tomaram e destruíram a cidade de Jerusalém. Porém, esses acontecimentos são apenas demonstrações prévias do que será a "abominação desoladora" final profetizada em Daniel 9:27 e 12:11.

A fim de compreender Daniel 9:24-27, devemos nos lembrar que um calendário judaico é estruturado com base numa série de "setes". O sétimo dia da semana é o *shabbath*, e na sétima semana depois da Páscoa, comemora-se Pentecostes. No sétimo mês, comemora-se a Festa das Trombetas, o Dia da Expição e a Festa dos Tabernáculos. O sétimo ano é o Ano Sabático e, depois de sete anos sabáticos, há o Ano de Jubileu.

Daniel viu setenta semanas, ou períodos de sete anos, determinados por Deus para os judeus e sua Cidade Santa, Jerusalém. Esse período de 490 anos teve início com o decreto de Artaxerxes em 445 a.C., permi-

reconstruíssem Jerusalém (Ed 1:1-4). Por que a cidade deveria ser restaurada? Porque 483 anos depois (7 x 69), o Messias entraria na cidade e daria a vida pelos pecadores.

Convém agora fazer uma série de cálculos simples. A maioria dos historiadores concorda que Jesus nasceu no ano 5 a.C., pois Herodes, o Grande, ainda estava vivo na época. Sabe-se que ele faleceu em 4 a.C. Se Jesus morreu com cerca de 33 anos de idade, temos o ano de 27 ou 28 d.C., ou seja, 483 anos depois de 445 a.C., quando foi publicado o decreto!

Calculamos 483 dos 490 anos de Daniel, mas e quanto aos outros 7 anos? De acordo com Daniel 9:27, esses anos correspondem ao período de tribulação que estamos estudando nesta passagem (Dn 9:26 prediz a destruição de Jerusalém – pelos romanos, conforme concluem os comentaristas –, mas não se deve fazer confusão entre esses dois acontecimentos). “O tempo de angústia para Jacó” durará sete anos.

Mas que sinal indica o começo desse período terrível de sete anos? A assinatura de uma aliança entre a nação de Israel e “o príncipe que há de vir” (Dn 9:26). Esse “príncipe” é o futuro ditador mundial que costumamos chamar de “Anticristo”. No Livro de Apocalipse, ele é chamado de “a Besta” (Ap 13 –14). Concordará em proteger Israel de seus vários inimigos durante sete anos e permitirá que Israel reconstrua seu templo e restaure sua antiga liturgia e os sacrifícios. Os judeus rejeitaram seu verdadeiro Messias, mas aceitarão um falso messias (Jo 5:43). Porém, depois de três anos e meio, o Anticristo romperá a aliança, invadirá o templo, colocará dentro dele sua própria imagem e obrigará o mundo a adorar Satanás (ver 2 Ts 2:1-12; Ap 13). Essa é a “abominação desoladora”, à qual Daniel se refere e que dará início à metade final do período de tribulação, um tempo conhecido como “Grande Tribulação” (Mt 24:21). É interessante observar que, em Marcos 13:14, o comentário parentético de Marcos é para os *leitores* do futuro, não para os *ouvintes* aos quais Jesus estava se dirigindo. Esta mensagem terá especial significado para eles ao verem tais

acontecimentos se desenrolando diante de seus olhos.

Jesus adverte, especialmente, os cristãos judeus que estiverem em Jerusalém e na Judéia: “Fujam o mais rápido possível!” Essa mesma advertência valia para a invasão romana de Jerusalém que se daria no ano 70 d.C. (Ver Lc 21:20-24, lembrando que Daniel 9:26 predisse essa invasão.) Os acontecimentos de 70 d.C. prefiguraram aquilo que acontecerá na metade da tribulação. Como Harry Rimmer costumava dizer: “Os acontecimentos vindouros lançam sombras antes de si. Se olharmos para frente veremos o ontem!” As admoestações em Marcos 13:14-18 não se aplicam aos cristãos de hoje, mas servem para lembrar que o povo de Deus de todas as eras deve conhecer a Palavra profética e estar sempre preparado para obedecer a Deus.

3. A PARTE FINAL DA TRIBULAÇÃO (Mc 13:19-27)

No Livro de Apocalipse, a parte final da tribulação é chamada de “a ira de Deus” (Ap 14:10, 19; 15:1, 7; 16:1, 19; 19:15). Durante esse período, Deus julgará o mundo e preparará Israel para a vinda do seu Messias. Será uma época de julgamento intenso, como o mundo nunca viu antes e nunca verá outra vez. Ao longo desse tempo, Deus estará realizando seus propósitos e preparando o cenário mundial para a vinda do Conquistador (Ap 19:11ss).

Mesmo em meio a sua ira, Deus se lembra da misericórdia (Hc 3:2); e, por amor aos seus eleitos, abrevia os dias da Tribulação. (A designação “eleitos” refere-se a Israel e aos gentios que creem em Cristo durante a tribulação. Ver Ap 14.) “Abreviar os dias” significa que Deus os limita aos três anos e meio já determinados e não estende sua ira além desse período.

O embuste satânico se estenderá até o final, e falsos cristos, bem como falsos profetas, farão o povo desviar-se e chegarão a realizar milagres (Mt 7:21-23; 2 Ts 2:9-12; Ap 13:13, 14). Tamanha será a dissimulação desses milagres que até mesmo os eleitos serão tentados a crer nas mentiras dos falsos

mestres. Os milagres, por si mesmos, não são prova do chamado nem da aprovação divina (Dt 13:1-5). O critério absoluto é a Palavra de Deus.

O período de tribulação chegará a seu auge com a aparição de sinais aterradores nos céus e o caos mundial (Lc 21:25, 26). Esses sinais, preditos pelos profetas (Is 13:10; 34:4; Jl 2:10; 3:15), prepararão o caminho para a vinda de Jesus Cristo à Terra. Então se dará a revelação de sua grande glória (ver Dn 7:13, 14; Mc 8:38), quando ele vier para estabelecer seu domínio sobre a Terra (At 1:11; Ap 1:7).

Marcos 13:27 descreve a reunião do povo de Israel, que se encontra disperso por todo o mundo (Dt 30:3-6; Is 11:12; Jr 31:7-9). Os judeus verão o seu Messias e crerão nele, e a nação será estabelecida em santidade e glória (Zc 12:9 - 13:1; 14:4-11). Como Paulo declara em Romanos 11, há um futuro glorioso preparado para Israel.

4. PERTO DO FIM (MC 13:28-37)

Jesus não desejava que seus discípulos se envolvessem com as profecias do futuro de modo a descuidar de suas responsabilidades do presente; assim, encerra seu sermão no monte das Oliveiras com duas parábolas (Mt 25 acrescenta outras três parábolas: a das dez virgens, a dos talentos e a das ovelhas e cabritos). É interessante observar que a primeira parábola (Mc 13:28-31) enfatiza a consciência de que a vinda de Cristo está próxima, enquanto a segunda enfatiza que *não se sabe* quando ele voltará. Trata-se de uma contradição? Não, pois as parábolas são dirigidas a grupos diferentes: a primeira, aos santos que passarão pela tribulação e a segunda, aos cristãos de todas as eras.

A figueira costumava ser associada especificamente à nação de Israel (ver Mc 11:12-14, observando, porém, que Lc 21:29 acrescenta "e todas as árvores"). A maioria das árvores na Palestina é perene e, portanto, não sofre mudanças drásticas ao longo das estações do ano. Não se pode dizer o mesmo da figueira. Ela é uma das últimas

de modo que seus brotos são uma indicação de que, de fato, o verão está próximo.

Como cristãos nos dias de hoje, não estamos à procura de "sinais" da vinda de Cristo, mas sim esperando pelo próprio Cristo! Mas os que viverem durante a tribulação poderão ver esses sinais ocorrerem e saberão que a vinda de Cristo está próxima. Essa certeza os ajudará a suportar o sofrimento (Mc 13:13) e a ser boas testemunhas.

Para nós, uma "geração" é um grupo de pessoas que vive no mesmo período da história. Mas a que "geração" Jesus se refere em Marcos 13:30? Não é a geração que vivia naquela época na Judéia, pois esta não viu todas "estas coisas" acontecerem. Talvez se trate de uma referência à geração que estiver vivendo no período da Tribulação. Mas uma vez que a Tribulação só durará sete anos, por que se referir a uma geração inteira? Aliás, na verdade, a cada período da história, há várias gerações vivendo juntas.

O termo grego traduzido por "geração" também pode significar "raça, linhagem, família". Em várias ocasiões, Jesus usa essa palavra para se referir à nação de Israel (Mc 8:12, 38; 9:19); é bem provável que essa seja a idéia em Marcos 13:30. A nação escolhida - os eleitos de Deus - será preservada até o final, e Deus cumprirá as promessas que lhes fez. Sua Palavra nunca falha (Js 21:45; 1 Rs 8:56; Mt 24:35). Como cristãos, não dependemos de sinais; antes, dependemos da Palavra imutável de Deus, a "palavra profética" confirmada (1 Pe 1:19-21).

A parábola da figueira adverte os santos que passarão pela tribulação a vigiar e observar os "sinais dos tempos". A parábola sobre o dono da casa, porém, adverte *todos nós hoje* (Mc 13:37) a permanecer alertas, pois não sabemos quando Jesus voltará para nos levar para o céu (1 Co 15:51, 52). Como o dono da casa na história, antes de nosso Senhor ir para o céu, ele deu a cada um de nós uma incumbência. Espera que sejamos fiéis enquanto estiver fora e que estejamos trabalhando quando voltar. Sua admoestação é: "Estai de sobreaviso, vigiai

“Vigiar” significa permanecer alerta, em sua melhor postura, desperto. Por que devemos permanecer alertas? Porque ninguém sabe quando Jesus Cristo voltará. Quando estava aqui na Terra em forma humana, Jesus não sabia o dia nem a hora de sua volta. Nem mesmo os anjos sabem. O mundo incrédulo zomba de nós, pois continuamos apegados a essa “esperança abençoada”, mas ele voltará conforme prometeu (2 Pe 3). Cabe a cada um permanecer fiel e ocupado, sem especular nem discutir detalhes ocultos da profecia.

A vigilância não tem qualquer relação com a garantia de um lugar no céu. É puramente uma questão de agradar a Deus, dando ouvidos ao que ele recomendou com amor e de receber sua recompensa (Mt 25:14-30). Essa passagem não sugere, de maneira alguma, que, quando Jesus voltar, levará apenas os fiéis para o céu e deixará os cristãos menos atentos aqui na Terra para sofrer na Tribulação. A família de Deus é uma só, e ele está preparando um lar para todos os seus filhos, até para os mais indignos (Jo 14:1-6). Vamos para o céu por causa da graça

de Deus, não por causa de nossa fidelidade ou de nossas boas obras (Ef 2:8-10).

Os cristãos que leram o Evangelho de Marcos sofreram, posteriormente, a perseguição terrível de Roma (1 Pe 4:12ss), e essa mensagem em particular deve ter lhes dado consolo e forças. Afinal, se Deus ajudará seu povo a testemunhar durante a Grande Tribulação, que será a pior de todas as perseguições, certamente fortaleceria os santos no império romano em meio ao “fogo ardente” de sua provação.

Os cristãos de hoje não passarão pelos sofrimentos terríveis descritos neste capítulo, mas, ainda assim, temos nossa parcela de perseguições e de tribulações a enfrentar neste mundo antes que o Senhor volte (Jo 16:33; At 14:22). Assim, as admoestações da mensagem de Marcos 13 podem ser aplicadas à nossa vida: “Vede que ninguém vos engane” (Mc 13:5, 23); “Estai vós de sobreaviso [...] não vos preocupeis” (Mc 13:9); “Estai de sobreaviso, vigiai e orai” (Mc 13:33).

“O que, porém, vos digo, digo a todos: vigiai!” (Mc 13:37).

O SOFRIMENTO DO SERVO

MARCOS 14:1 – 15:20

Enquanto milhares de peregrinos se preparavam para comemorar a Páscoa, Jesus se preparava para a provação de seu julgamento e crucificação. Assim como havia “[manifestado], no semblante, a intrépida resolução de ir para Jerusalém” (Lc 9:51), também resolveu firmemente em seu coração fazer a vontade do Pai. O Servo foi “obediente até à morte e morte de cruz” (Fp 2:8).

Ao seguir seus passos ao longo dos dias e das horas da última semana, surpreendemo-nos com as reações de várias pessoas ao Senhor Jesus Cristo.

1. FOI ADORADO EM BETÂNIA (Mc 14:1-11)

Este acontecimento se deu seis dias antes da Páscoa, ou seja, na sexta-feira anterior à entrada triunfal (Jo 12:1). Ao introduzir essa história no meio dos relatos sobre a conspiração para prender Jesus, Marcos faz um contraste entre a traição de Judas e dos líderes e o amor e lealdade de Maria. A indignidade dos pecados deles torna ainda mais belo o significado do sacrifício de Maria.

Nem Mateus nem Marcos dizem o nome da mulher, mas João diz que era Maria de Betânia, a irmã de Marta e de Lázaro (Jo 11:1, 2). Maria aparece três vezes nos Evangelhos, todas elas aos pés de Jesus (Lc 10:38-42; Jo 11:31, 32; 12:1-8). Desfrutava de comunhão íntima com o Senhor ao assentar-se a seus pés e ouvir sua Palavra, sendo um excelente exemplo para nós.

Não devemos confundir o gesto de Maria ao ungi Jesus com um acontecimento parecido relatado em Lucas 7:36-50. A

mulher anônima na casa de Simão, o fariseu, era uma meretriz convertida que expressou seu amor por Cristo em resposta ao perdão que, em sua graça, o Senhor havia lhe concedido. Na casa de Simão, o leproso (curado), Maria expressou seu amor por Cristo, pois estava prestes a morrer na cruz por ela. Assim, Maria preparou o corpo do Senhor para o sepultamento ungi-o-lhe a cabeça (Mc 14:3) e os pés (Jo 12:3) e demonstrou seu amor por Jesus enquanto ele ainda estava vivo.

Maria deu a Jesus um presente caríssimo. O óleo de nardo (“bálsamo”) era importado da Índia, e um jarro custava o equivalente ao salário de um ano inteiro de um trabalhador. Maria o presenteou com generosidade e amor. Não se envergonhou de demonstrar seu amor por Cristo abertamente.

Seu ato de adoração teve três consequências. Em primeiro lugar, a casa se encheu da fragrância maravilhosa do bálsamo (Jo 12:3; ver também 2 Co 2:15, 16). Há sempre uma “fragrância espiritual” no lar onde Jesus Cristo é amado e adorado.

Em segundo lugar, liderados por Judas, os discípulos criticaram Maria por desperdiçar seu dinheiro! Judas deu ares de ser muito piedoso ao falar dos pobres, mas, na verdade, queria o dinheiro para si (Jo 12:4-6)! Mesmo no cenáculo, seis dias depois, os discípulos continuavam pensando que Judas estava preocupado em ajudar os pobres (Jo 13:21-30). É interessante que a palavra traduzida por “desperdício”, em Marcos 14:4, é traduzida por “perder”, em João 17:12, *com referência a Judas!* Judas criticou Maria por estar desperdiçando dinheiro, mas foi ele quem desperdiçou a vida toda!

Em terceiro lugar, Jesus elogiou Maria e aceitou seu presente generoso. Conhecia o coração de Judas e sabia o que havia levado os outros discípulos a seguir seu péssimo exemplo. Também conhecia o coração de Maria e não hesitou em defendê-la (Rm 8:33-39). Não importa o que os outros digam sobre nossa adoração e serviço; o importante é agradar ao Senhor. O fato de outros não nos entenderem e nos criticarem não deve nos impedir de demonstrar nosso amor

por Cristo. Nossa preocupação deve ser somente com a aprovação dele.

Quando Maria colocou o que tinha de melhor aos pés de Jesus, deu início a uma "onda de bênçãos" que continua até agora. Foi uma bênção para Jesus ao compartilhar com ele seu amor e foi uma bênção para seu lar ao enchê-lo da fragrância do bálsamo. Se não fosse por Maria, é provável que Betânia, o vilarejo onde ela morava, tivesse sido esquecido. O relato de seu gesto foi uma bênção para a Igreja primitiva, que ficou sabendo o que ela havia feito, uma vez que três dos Evangelhos registram esse episódio, e Maria foi e continua sendo uma bênção para o mundo todo. Sem dúvida, as palavras proféticas de Jesus se cumpriram.

Maria deu o que tinha de melhor pela fé e com amor; Judas deu o que tinha de pior com incredulidade e ódio. Resolveu o problema dos líderes judeus que não sabiam como prender Jesus sem causar um tumulto durante a festa. Vendeu o Mestre pelo preço de um escravo (ver Êx 21:32), o ato mais abjeto de traição da história.

2. FOI TRAÍDO NO CENÁCULO (Mc 14:12-26)

O cordeiro pascal era escolhido no décimo dia do mês de nisã (março-abril) e, depois, examinado para ver se não tinha qualquer defeito no décimo quarto dia do mês (Êx 12:3-6). O cordeiro deveria ser abatido no templo, e a ceia só poderia ser feita dentro dos limites da cidade de Jerusalém. Para os judeus, a Páscoa era a celebração memorial de uma vitória passada, mas Jesus instituiria uma nova ceia, que seria uma celebração de sua morte.

Pedro e João fizeram os preparativos para a ceia (Lc 22:8). Não seria difícil localizar um homem carregando um jarro de água, pois esse serviço costumava ser realizado por mulheres. O homem era pai de João Marcos? Jesus comemorou a Páscoa no cenáculo da casa de Marcos? São especulações muito interessantes, mas não há qualquer evidência para confirmá-las. Sabe-se, porém, que a casa de João Marcos era um

local de reunião dos cristãos em Jerusalém (At 12:12).

Na refeição pascal original, servia-se cordeiro assado, pão asmo e ervas amargas (Êx 12:8-20). O cordeiro lembrava o povo de Israel do sangue colocado nas ombreiras e na verga das portas no Egito, para que o anjo da morte não matasse o primogênito daquela casa. O pão os lembrava de que haviam saído do Egito às pressas (Êx 12:39), e as ervas amargas traziam à memória seu sofrimento como escravos do faraó. Em algum momento nos séculos seguintes, os judeus acrescentaram à cerimônia a prática de beber quatro cálices de vinho diluído com água.

Uma vez que, para os judeus, o novo dia começava com o pôr-do-sol, quando Jesus e seus discípulos se reunissem no cenáculo, já seria sexta-feira. Essa foi a última Páscoa de Cristo e, nesse dia, ele cumpriria o que a festa simbolizava morrendo na cruz como Cordeiro Imaculado de Deus (Jo 1:29; 1 Co 5:7; 1 Pe 2:21-24).

Dentre os fatos relatados em Marcos 14:17 e 18, Jesus lavou os pés de seus discípulos e ensinou a lição sobre a humildade (Jo 13:1-20). Depois dessa lição, Jesus ficou profundamente angustiado e anunciou que um de seus discípulos era um traidor. Essa declaração espantou todos os discípulos, exceto Judas, que sabia que Jesus estava falando dele. Até o último instante, Jesus ocultou dos discípulos a identidade do traidor, pois quis dar a Judas todas as oportunidades possíveis de se arrepender de seu pecado; chegou até a lavar os pés do traidor! Se Pedro tivesse descoberto a verdade sobre Judas, é possível que até tivesse a tentação de matá-lo.

Há quem tente defender Judas argumentando que ele traiu Jesus a fim de obrigá-lo a revelar seu poder e de estabelecer seu reino em Israel. Outros dizem que ele foi apenas um servo, que cumpriu obedientemente a Palavra de Deus. Judas não era um autômato nem um mártir. Era um ser humano responsável que tomou as próprias decisões e, ao fazê-lo, cumpriu a Palavra de Deus. Não deve ser transformado em herói

(“Afinal, alguém precisava trair Jesus!”) nem em vítima indefesa da predestinação impiedosa. Judas perdeu-se pelo mesmo motivo que milhões de pessoas se perdem nos dias de hoje: não se arrependeu de seus pecados nem creu em Jesus Cristo (Jo 6:64-71; 13:10, 11). Um dia, os que não nasceram de novo desejarão nunca ter nascido.

Nenhum dos outros discípulos se considerava, verdadeiramente, um traidor, pois suas perguntas deixam implícita uma resposta negativa: “Não sou eu, certo?” Em várias ocasiões, haviam discutido qual dentre eles era o maior, mas aqui os vemos discutindo qual era o mais desprezível. Para piorar, o traidor de Jesus havia comido pão com ele à mesa! No Oriente, repartir o pão com alguém significava fazer um pacto de confiança mútua. Seria um ato terrível de deslealdade repartir o pão e depois trair o anfitrião. No entanto, até esse gesto cumpriu a Palavra de Deus (Sl 41:9).

Judas estava assentado no lugar de honra, à esquerda de Jesus, enquanto João se encontrava reclinado à direita do Mestre (Jo 13:23). Ao entregar a Judas o pão molhado na mistura de ervas, Jesus estava fazendo as vezes de um anfitrião cortês a um convidado especial. Nem isso quebrantou o coração de Judas, pois, assim que tomou o bocado de pão, Satanás entrou nele. Em seguida, Judas saiu do cenáculo de modo a fazer os preparativos finais para a prisão de Jesus. Os outros discípulos continuaram alheios ao que estava acontecendo com Judas (Jo 13:27-30) e só descobriram a verdade mais tarde, quando o encontraram no jardim do Getsêmani.

Depois que Judas saiu de cena, Jesus instituiu o que os cristãos costumam chamar de “Ceia do Senhor” ou “Eucaristia”. (O termo *Eucaristia* vem do grego e significa “dar graças”.) Antes de pegar o cálice, Jesus tomou um dos pães asmos e o repartiu, dizendo aos discípulos: “Isto é o meu corpo”. Em seguida, tomou o cálice da Páscoa, abençoou-o e entregou-lhes, dizendo: “Isto é o meu sangue” (ver 1 Co 11:23-26).

O pão e o vinho eram dois elementos comuns, usados em praticamente todas as

refeições, mas Jesus lhes deu um significado novo e maravilhoso. Ao dizer “isto é o meu corpo” e “isto é meu sangue”, Jesus não transformou o pão e o vinho em algo diferente. Quando os discípulos comeram o pão, ainda era pão; quando beberam o vinho, ainda era vinho. Porém, Cristo atribuiu novo significado ao pão e ao vinho, de modo que, a partir de então, servissem de memoriais da sua morte.

Mas, afinal, o que Jesus realizou com sua morte? Na cruz, Jesus cumpriu a antiga aliança e estabeleceu uma nova (Hb 9 – 10). A antiga aliança foi ratificada com o sangue de sacrifícios animais; a nova aliança, por sua vez, foi ratificada com o sangue do Filho de Deus. Essa nova aliança em seu sangue faria o que os sacrifícios do Antigo Testamento não poderiam fazer: removeria o pecado e purificaria o coração e a consciência de todo aquele que cresse. Ninguém é salvo dos pecados ao participar de uma cerimônia religiosa, mas sim ao crer em Jesus Cristo como Salvador.

Jesus ordenou: “fazei isto em memória de mim” (1 Co 11:24-25). O termo traduzido por “memória” não significa apenas fazer algo para lembrar-se de alguém, pois podemos nos lembrar de uma pessoa morta – mas Jesus está vivo! Esse termo dá a idéia de uma participação presente num acontecimento passado. Uma vez que Jesus está vivo, quando celebramos a Ceia do Senhor, temos comunhão com ele pela fé (1 Co 10:16, 17). Não se trata de uma experiência “mágica” produzida pelo pão e pelo cálice. Antes, é uma experiência espiritual que se dá ao discernirmos Cristo e o significado da Ceia (1 Co 11:27-34).

A última coisa que Jesus e seus discípulos fizeram no cenáculo foi cantar um hino tradicional de Páscoa baseado nos Salmos 115 a 118. É impressionante ver Jesus *cantando* a poucas horas do sofrimento na cruz!

3. FOI ABANDONADO NO JARDIM (Mc 14:27-52)

No caminho para o jardim do Getsêmani (“prensa de azeite”), Jesus advertiu os discípulos de que todos o abandonariam, mas

lhes garantiu que voltariam a se encontrar na Galiléia depois da ressurreição e, para confirmar seu aviso, citou Zacarias 13:7: “fere o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas”. Os discípulos não conseguiram assimilar essas palavras em sua mente e coração, pois três dias mais tarde, não creram nos relatos da ressurreição, e o anjo teve de lembrá-los de que deveriam se encontrar com o Senhor na Galiléia (Mc 16:6, 7). Se tivessem dado ouvidos e crido nas palavras de Jesus, não teriam sofrido tanta ansiedade, e Pedro não teria negado o Senhor.

A citação de Zacarias era uma instrução aos discípulos, indicando o que deveriam fazer quando os judeus prendessem Jesus: *dispersar!* Aliás, no momento em que estava sendo preso, Jesus disse: “Deixai ir estes [discípulos]” (Jo 18:8). Em outras palavras, “Sumam daqui!” Li sermões eloqüentes, mas completamente equivocados, condenando Pedro por “[seguir] de longe”. Na verdade, ele não deveria sequer estar seguindo Jesus! Se tivesse obedecido às palavras do Senhor, não teria atacado um homem com sua espada nem negado o Senhor três vezes.

Pedro parecia ter dificuldade para colocar em prática as ordens de Jesus. Os outros discípulos abandonariam o Mestre, mas ele seria sempre fiel e, se necessário, seria preso e até morto com Jesus. É claro que os outros discípulos repetiram essas palavras de jactância, pois Pedro não era o único do grupo que confiava demais em si mesmo. No final, todos faltaram com a palavra.

Quase todo mundo que está prestes a passar por sofrimento intenso deseja ter alguém por perto para ajudá-lo a carregar esse fardo. Em várias ocasiões ao longo de meu ministério pastoral, fiz companhia a pessoas em hospitais, enquanto esperavam os médicos trazerem alguma notícia. Uma vez que era perfeitamente humano, ao se ver diante do sofrimento da cruz, Jesus ansiou pela companhia de seus amigos e chamou Pedro, Tiago e João – os mesmos três discípulos que o haviam acompanhado à casa de Jairo (Mc 5:37) e ao monte da transfiguração (Mc 9:2). Essas três experiências são paralelas a Filipenses 3:10: “para o conhecer [monte da

transfiguração], e o poder da sua ressurreição [casa de Jairo], e a comunhão dos seus sofrimentos [jardim do Getsêmani]”.

Os conflitos interiores de Jesus no jardim só podem ser compreendidos à luz daquilo que estava para acontecer na cruz: ele seria feito pecado por nós (2 Co 5:21) e tomaria sobre si a maldição da Lei (Gl 3:13). O que mais o sobrepujou e encheu de “pavor e angústia” não foi a perspectiva do sofrimento físico, mas a consciência de que seria abandonado por seu Pai (Mc 15:34). Esse seria o “cálice” do qual ele beberia (Jo 18:11). De acordo com Hebreus 5:7-9, não pediu para ser *poupado* da morte, mas para ser *liberto* da morte, ou seja, ressuscitado dentre os mortos; e o Pai atendeu seu pedido.

Abba é um termo aramaico que significa “papai”. Revela o relacionamento íntimo entre o Senhor e seu Pai. Apesar de os cristãos de hoje não terem o costume de usar esse termo em público, ele faz parte de nosso vocabulário, pois pertencemos ao Pai (Rm 8:15; Gl 4:6). Convém observar que Jesus não disse ao Pai o que fazer, pois confiava inteiramente na vontade de Deus. Orou três vezes sobre a questão e, em todas essas ocasiões, se sujeitou à vontade do Pai, entregando-se a ele em amor.

O que os três discípulos faziam enquanto Jesus orava? Dormiam! Pedro – que havia prometido morrer com o Senhor – não foi capaz sequer de vigiar com ele! Jesus os repreendeu com brandura e advertiu: “Vigiai e orai” – admoestação repetida com frequência nas Escrituras (Ne 4:9; Mc 13:33; Ef 6:18; Cl 4:2). Significa: “Permaneçam alertas enquanto oram! Tenham os olhos espirituais sempre bem abertos, pois o inimigo está por perto!”

Na terceira vez que Jesus voltou e encontrou os homens dormindo, disse-lhes: “Ainda dormis e repousais! Basta! Chegou a hora” (Mc 14:41). Havia chegado a hora de seu sacrifício, a hora de morrer pelos pecados do mundo. Naquele momento, Judas e os guardas do templo chegaram para prender Jesus, e Judas beijou seu Mestre repetidamente para mostrar aos guardas quem deveria ser preso. Quanta hipocrisia!

O fato de Judas levar consigo um grupo tão grande de homens armados indica que nem ele nem os líderes religiosos entendiam Jesus. Pensavam que Jesus tentaria escapar, ou que seus seguidores resistiriam, ou, talvez, que Jesus faria um milagre. As palavras de Jesus em Marcos 14:49 provam que ele estava no controle, pois os líderes poderiam ter mandado prendê-lo em várias ocasiões anteriores, mas ainda não era chegada sua hora.

Pedro agiu de modo insensato ao atacar Malco (Jo 18:10), pois não lutamos as batalhas espirituais com armas físicas (2 Co 10:3-5). Pedro usou a arma errada na hora errada, com o propósito errado e pelo motivo errado. Se Jesus não tivesse curado Malco, Pedro também teria sido preso e, talvez, haveria quatro cruzes no Calvário em vez de três.

Foi a essa altura dos acontecimentos que os discípulos abandonaram Jesus e fugiram. Um jovem que estava no jardim e viu Jesus ser preso também fugiu. Esse jovem seria João Marcos? Não sabemos, mas, uma vez que o Evangelho de Marcos é o único dos quatro Evangelhos que registra esse acontecimento, é possível que o evangelista tenha escrito sobre si mesmo. Se o cenáculo ficava na casa de João Marcos, pode ser que Judas tenha levado os soldados até lá primeiro. Talvez João Marcos tenha vestido sua túnica apressadamente e seguido a multidão até o jardim. É possível que os soldados tenham tentado prendê-lo também, de modo que fugiu.

Os discípulos se dispersaram, e o Servo se viu sozinho: “contudo, não estou só, porque o Pai está comigo” (Jo 16:32). Logo, o Pai também o abandonaria!

4. FOI REJEITADO NO PALÁCIO DO SUMO SACERDOTE (Mc 14:53-72)

Os dois julgamentos de Jesus – pelos judeus e pelos romanos – se deram em três estágios. O julgamento judeu iniciou com Anás, o antigo sumo sacerdote (Jo 18:13-24). Em seguida, o conselho todo ouviu as testemunhas (Mc 14:53-65), e numa sessão logo pela manhã o conselho votou em favor da conde-

foi levado para Pilatos (Mc 15:1-5; Jo 18:28-38), que o encaminhou para Herodes (Lc 23:6-12), o qual, por sua vez, o mandou de volta para Pilatos (Mc 15:6-15; Jo 18:39 – 19:6). O governador romano cedeu ao clamor da multidão e entregou Jesus para ser crucificado.

Quando os soldados chegaram ao palácio do sumo sacerdote, Pedro e João – que não haviam dado ouvidos às advertências repetidas de Jesus e tinham seguido a multidão – já estavam no pátio. Naquela noite, o suor de Jesus foi “como gotas de sangue” (Lc 22:44), mas Pedro sentiu frio e se assentou perto do fogo do inimigo! Os dois discípulos não conseguiram testemunhar o julgamento propriamente dito, mas estavam perto o suficiente para saber qual seria o resultado (Mt 26:58; Jo 18:15).

Depois de interrogar e de insultar Jesus, Anás o enviou, ainda amarrado, a seu genro Caifás, o sumo sacerdote. O Sinédrio estava reunido, e as testemunhas estavam prontas. Era preciso que pelo menos duas pessoas testemunhassem antes que um acusado fosse declarado culpado de um crime passível da pena de morte (Dt 17:6). Várias testemunhas depuseram contra Jesus, mas, uma vez que caíram em contradição, seu testemunho foi anulado. Como é triste ver que um grupo de líderes religiosos incentivou pessoas a mentir, e isso durante o tempo particularmente sagrado da Páscoa!

Enquanto as testemunhas faziam suas acusações falsas, Jesus permaneceu calado (Is 53:7; 1 Pe 2:23). Porém, quando o sumo sacerdote o colocou sob juramento, Jesus foi obrigado a responder e declarou, com todas as letras, que era, verdadeiramente, o Filho de Deus. O título “Filho do homem” é de caráter messiânico (Dn 7:13), e os membros do conselho sabiam exatamente o que Jesus estava dizendo: afirmava ser Deus que veio ao mundo em forma humana! É evidente que, para os judeus, tal asserção não passava de blasfêmia, de modo que o declararam culpado e passível da pena de morte. Uma vez que a lei não permitia ao sinédrio votar em casos de pena de morte

logo cedo na manhã seguinte e apresentou a sentença oficial (Mc 15:1).

Enquanto Jesus era escarnecido e torturado, Pedro estava embaixo, no pátio, fazendo o possível para não ser reconhecido como discípulo dele. Se tivesse dado ouvidos às advertências de Jesus, não teria se exposto à tentação nem negado seu Mestre três vezes. Pedro serve de aviso para todos nós, pois, afinal, se um apóstolo que andou com Cristo negou o Senhor, o que nós faríamos em circunstâncias parecidas? Os cristãos de Roma que leram o Evangelho de Marcos, sem dúvida, aprenderam com esse relato, pois em breve eles próprios estariam entrando na fornalha da perseguição.

Primeiro, uma das servas do sacerdote dirigiu-se a Pedro, e ele negou saber qualquer coisa a respeito de Jesus. Então, o galo cantou. Outra serva chamou a atenção de alguns dos curiosos que estavam por lá para a presença de Pedro e, mais uma vez, ele negou conhecer Jesus. Por fim, um homem acusou-o de ser um dos discípulos e outros observadores concordaram, mas Pedro praguejou e jurou não saber do que se tratava. Então, o galo cantou pela segunda vez, e a profecia do Senhor se cumpriu (ver Mc 14:30).

Não foi o canto do galo que levou a consciência de Pedro a condená-lo, mas sim a lembrança das palavras de Cristo. É sempre a Palavra que penetra o coração e produz o arrependimento. Pedro refletiu sobre o que Jesus havia dito e sobre o que havia feito; então, quando estava a caminho do pretório de Pilatos, Jesus olhou para Pedro. Sem dúvida, foi um olhar de amor, mas de amor *ferido* (Lc 22:61). Com o coração quebrantado, Pedro saiu dali no mesmo instante e chorou amargamente.

Antes de julgar Pedro com severidade excessiva, é bom examinar a própria vida. Quantas vezes negamos o Senhor e perdemos a oportunidade de compartilhar o evangelho com outros? Como Pedro, falamos quando deveríamos ouvir e discutimos quando deveríamos obedecer, dormimos quando deveríamos orar e lutamos quando deveríamos nos sujeitar? Pelo menos, Pedro se

arrependeu de seus pecados, chorou por eles e recebeu o perdão do Senhor. Depois de sua ressurreição, Jesus reuniu-se em particular com Pedro (Lc 24:34) e, em seguida, ajudou-o a fazer uma confissão pública, quando se encontrou com os discípulos na Galiléia (Jo 21).

5. FOI CONDENADO NO PRETÓRIO DE PILATOS (MC 15:1-20)

Assim que a reunião realizada logo cedo pela manhã encerrou e o veredicto foi oficialmente registrado, os líderes judeus entregaram Jesus ao governador romano, Pôncio Pilatos. Normalmente, o governador morava em Cesaréia, mas tinha o costume de ficar em Jerusalém durante a Páscoa. Sua presença agradava a alguns dos judeus, e ele podia estar por perto caso surgisse algum problema no meio dos milhares de peregrinos que se reuniam em Jerusalém. Os governadores romanos costumavam julgar as causas que lhes eram apresentadas pela manhã, de modo que Pilatos estava preparado quando lhe trouxeram o prisioneiro.

O conselho judeu teve de convencer Pilatos de que Jesus era culpado de um crime capital e, portanto, merecia a pena de morte (Jo 18:31, 32). Apesar de sua corrupção política, muitos oficiais romanos prezavam grandemente a justiça e procuravam tratar os prisioneiros com imparcialidade. Além disso, Pilatos não tinha qualquer apreço especial pelos judeus e não estava disposto a lhes fazer algum favor. Sabia que os líderes judeus não estavam interessados em fazer justiça, mas sim em se vingar (Mc 15:10).

João apresenta o relato mais detalhado do julgamento romano, e, quando combinamos os registros dos quatro Evangelhos, descobrimos que Pilatos declarou repetidamente não haver encontrado crime algum em Jesus (Jo 18:38; Lc 23:14; Jo 19:4; Lc 23:22; Mt 27:24). O problema é que lhe faltou coragem para se manter firme em sua convicção. Desejava evitar uma rebelião (Mt 27:24), portanto se mostrou disposto a "contentar a multidão" (Mc 15:15). Pilatos não se preocupou em fazer o que era certo, mas

sim em tomar uma decisão segura que fosse bem aceita pela multidão.

Só havia um crime capital que o conselho poderia apresentar a Pilatos: Jesus se dizia rei e estava instigando o povo. Tentaram retratá-lo como um revolucionário perigoso que ameaçava a autoridade de Roma. Enquanto estava sendo interrogados por Pilatos, Jesus não disse coisa alguma, mas os sacerdotes continuaram a acusá-lo tentando vencer a resistência do governador pelo cansaço.

Pilatos pensou que poderia livrar-se da responsabilidade de tomar uma decisão encaminhando Jesus para Herodes, o governante da Galiléia (Lc 23:6-12), mas, depois de zombar de Jesus, Herodes o mandou de volta. Em seguida, o governador romano ofereceu ao povo uma escolha - Jesus, o nazareno, ou Barrabás, o assassino e revolucionário -, pensando que, certamente, o bom senso prevaleceria e Jesus seria liberto. Mas os principais sacerdotes haviam preparado a multidão (Mc 15:11), que, portanto, pediu a libertação de Barrabás e a crucificação de Jesus.

O governador tentou outro artifício: ordenou que Jesus fosse açoitado, na esperança de que, ao ver o prisioneiro agonizante, a multidão se compadecesse dele (Mc 15:15; Jo 19:1ss). Mas seu plano não funcionou. Pilatos cedeu e entregou Jesus para ser crucificado.

Seguiu-se a zombaria vergonhosa dos soldados, que espancaram Jesus, cuspiram nele e se curvaram diante de Cristo com reverência fingida. Não seria difícil para os soldados romanos escarnecer de um judeu que se dizia rei! "Não temos rei, senão César!" (Jo 19:12-15). Cristo suportou em silêncio e não resistiu, uma lição que os leitores de Marcos teriam de aprender ao enfrentar a perseguição oficial (1 Pe 2:21-24).

No entanto, os seres humanos ainda não haviam mostrado o pior de si ao Filho de Deus. Na seqüência, ele seria conduzido para fora da cidade e pregado numa cruz. O Servo morreria pelos pecados de todos os homens, inclusive dos que o estavam crucificando.

O SERVO CONSUMA SUA OBRA

MARCOS 15:21 – 16:20

Cecil Rhodes dedicou a vida à expansão britânica na África do Sul e também a acumular uma fortuna em diamantes. Morreu antes de completar 50 anos de idade, e suas últimas palavras foram: “Tão pouco foi feito; há tanto por fazer”.

“Eu te glorifiquei na terra”, disse Jesus a seu Pai, “consumando a obra que me confiaste para fazer” (Jo 17:4). Seria maravilhoso se todos nós pudéssemos fazer um relatório como esse no final de nossa jornada nesta vida. Saber que concluímos a obra que Deus nos confiou e que glorificamos seu nome certamente nos levaria a olhar para trás com gratidão e a olhar para frente com ânimo e esperança.

Os quatro acontecimentos descritos na última seção de Marcos constituem o ponto culminante do relato e a base histórica para a mensagem do evangelho (1 Co 15:1-8).

1. A MORTE DO SERVO (Mc 15:21-41)

Esta seção de Marcos refere-se a três horas específicas: a terceira (Mc 15:25), a sexta (Mc 15:33) e a nona (Mc 15:33, 34). Os judeus calculavam as horas das seis da manhã às seis da tarde; assim, a hora terceira corresponde às nove da manhã, a hora sexta ao meio-dia, e a hora nona às três da tarde. Marcos segue o sistema judaico, enquanto o apóstolo João emprega o sistema romano em seu Evangelho. Isso significa que a “hora sexta”, em João 19:14, corresponde às seis da manhã.

A hora terceira (Mc 15:21-32). De acordo com a lei, o condenado deveria carregar sua própria cruz, ou pelo menos a viga principal, até o local da execução, e Jesus não

foi exceção. Saiu do pretório de Pilatos levado sua cruz (Jo 19:16, 17), mas não conseguiu prosseguir, de modo que os soldados ordenaram a Simão Cireneu que carregasse a cruz para ele. Os oficiais romanos podiam recrutar homens para lhes prestar serviços, e a forma como usavam esse privilégio só fazia aumentar a indignação dos judeus (Mt 5:41).

Quando pensamos em tudo o que Jesus havia sofrido desde sua prisão, não é de surpreender que suas forças tenham lhe faltado. Por certo, poderia ter chamado “dez mil anjos” e, no entanto, suportou de bom grado o sofrimento em nosso lugar. No entanto, havia um propósito mais elevado por trás desse ato: o condenado carregava a cruz, pois havia sido declarado culpado, *mas Jesus não tinha culpa alguma*. Nós somos os culpados, e Jesus carregou a cruz por nós. Simão Pedro gabou-se de que seguiria Jesus até a prisão e mesmo até a morte (Lc 22:33), mas foi Simão Cireneu, não Simão Pedro, quem socorreu o Mestre.

Numa das cartas sempre simpáticas que enviava para sua mãe, Harry Truman escreveu: “Fui à Casa Branca para ver o presidente e descobri que eu era o presidente”. Simão foi a Jerusalém celebrar a Páscoa (At 2:10; 6:9) e acabou se encontrando com o Cordeiro Pascal! Temos bons motivos para concluir que Simão creu no Salvador e, ao voltar para casa, levou seus dois filhos ao Senhor. Sem dúvida, vários dos leitores romanos do Evangelho de Marcos conheciam Alexandre e Rufo (Rm 16:13), e talvez até conhecessem Simão.

Gólgota é um termo hebraico que significa “caveira”, mas o texto bíblico não explica, em parte alguma, por que o lugar tinha esse nome. Os turistas que visitam a Terra Santa hoje em dia são levados para conhecer o “Calvário de Gordon”, que, de fato, tem a aparência de um crânio, mas os guias também explicam que outra possibilidade é o local onde se encontra a Igreja do Santo Sepulcro. Não sabemos o lugar exato em que Jesus foi crucificado e não se trata de uma informação importante. Sabemos, sim, que ele foi crucificado fora dos muros da

cidade, num lugar de rejeição (Hb 13:12, 13), e que morreu pelos pecados do mundo.

Costumava-se dar aos condenados uma mistura de substâncias narcóticas que ajudavam a amortecer a dor (Pv 31:6), mas Jesus a recusou. Desejava estar plenamente de posse de suas faculdades mentais ao fazer a vontade do Pai e consumir a obra de redenção. Experimentaria todo o sofrimento por amor a nós e não tomaria qualquer atalho. Recusou o cálice de compaixão para beber do cálice de iniquidade (Mt 26:36-43). Que exemplo extraordinário para nós ao fazer a vontade de Deus e participar da "comunhão dos seus sofrimentos" (Fp 3:10)!

Nenhum dos autores dos Evangelhos descreve a crucificação, e não se trata de uma informação essencial. O objetivo dos evangelistas não é suscitar nossa pena, mas sim inspirar nossa fé. É provável que muitos dos leitores desses relatos tivessem testemunhado crucificações, não havendo, portanto, a necessidade de entrar em detalhes. A crucificação era uma prática abominável, que não costumava ser mencionada em círculos sociais mais educados, assim como, hoje em dia, não falamos sobre a câmara de gás ou a cadeira elétrica a não ser em contextos específicos. Basta dizer que a crucificação é uma das formas mais horríveis de execução já criadas pelo homem. Para uma descrição de algumas das agonias que Jesus sofreu pendurado no madeiro, ver o Salmo 22.

O condenado costumava usar uma placa em que era declarado o crime que havia cometido. Pilatos escreveu a placa que Jesus usou e que depois foi pendurada acima dele na cruz: "Este é Jesus de Nazaré, o rei dos Judeus". Os líderes judeus protestaram, mas, dessa vez, Pilatos manteve-se firme em sua posição (Jo 19:19-22). É possível que esses dizeres tenham acendido uma chama de esperança no ladrão arrependido (Lc 23:39-43). Talvez tenha pensado: "Se seu nome é Jesus, ele é Salvador. Se ele é de Nazaré, identifica-se com os rejeitados (Jo 1:46). Se tem um reino, talvez também tenha lugar para mim!"

Os soldados, na execução, não apenas

profecia ao lançar sortes pelas vestes de Jesus (Sl 22:18). O fato de o Filho inocente de Deus ser colocado entre dois pecadores culpados também era o cumprimento de uma palavra profética (Is 53:12; e ver Lc 23:37). O termo usado para "ladrões" nessa passagem é traduzido por *salteador* em João 18:40 com referência a Barrabás, de modo que talvez esses dois homens fizessem parte de seu bando de rebeldes.

É incrível observar como o ódio que os líderes religiosos tinham por Jesus era tão grande que foram até o Gólgota para zombar dele. Thomas Carlyle chamou a zombaria de "linguagem do diabo" - certamente uma definição verdadeira. Os transeuntes ociosos não hesitaram em seguir o mau exemplo de seus líderes, de modo que, além de todos os outros sofrimentos, Jesus teve de suportar também a zombaria dos espectadores. Escarneceram dele como Profeta (Mc 15:29), como Salvador (Mc 15:31) e como Rei (Mc 15:32). É possível que o comentário sarcástico - "Salvou a outros" - tenha incentivado o ladrão a crer no Senhor, levando-o a pensar: "Se ele salvou a outros, talvez possa me salvar!" Assim, Deus usa até mesmo a ira humana para louvá-lo (Sl 76:10).

A hora sexta (v. 33). Foi ao meio-dia que uma escuridão miraculosa cobriu a terra, e toda a criação compadeceu-se do Criador em seu sofrimento. Não se tratou de um fenômeno natural, como uma tempestade de areia ou um eclipse, mas sim de um verdadeiro milagre. Não seria possível ter um eclipse durante a lua cheia na Páscoa. Deus estava usando a escuridão para dizer algo ao povo.

Os judeus, sem dúvida, lembraram-se da primeira Páscoa. A nona praga no Egito foi uma escuridão total que durou três dias, seguida da última praga, a morte dos primogênitos (Êx 10:22 - 11:9). A escuridão no Calvário anunciou que o Filho Primogênito e Amado, o Cordeiro de Deus, entregava sua vida pelos pecados do mundo. Também anunciou que o julgamento estava a caminho e que o povo deveria preparar-se.

A hora nona (vv. 34-41). Jesus fez sete

delas antes de sobrevir a escuridão: “Pai perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!” (Lc 23:34); “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23:43); e “Mulher, eis aí teu filho [...] Eis aí tua mãe” (Jo 19:26, 27). Quando desceram as trevas, houve silêncio na cruz, pois nesse momento Cristo foi feito pecado por nós (2 Co 5:21).

Na hora nona, Jesus expressou a agonia de sua alma ao clamar da cruz: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (ver Sl 22:1). A escuridão simbolizou o julgamento que experimentou ao ser abandonado pelo Pai. Como de costume, as pessoas não entenderam suas palavras e pensaram que estava clamando por Elias, o profeta. As trevas cobriram não apenas a terra, mas também a mente e o coração do povo (2 Co 4:3-6; Jo 3:16-21; 12:35-41).

Então Jesus disse: “Tenho sede” (Jo 19:28), e o ato bondoso de um soldado ao lhe dar um pouco de vinagre para beber (ver Sl 69:21) ajudou Jesus a fazer mais duas declarações maravilhosas: “Está consumado!” (Jo 19:30) e “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23:46; e ver Sl 31:5). Jesus não foi assassinado; entregou a vida espontaneamente por nós (Jo 10:11, 15, 17, 18). Não foi um mártir, mas sim um sacrifício voluntário pelos pecados do mundo.

Sua morte foi acompanhada de dois acontecimentos extraordinários: um terremoto (Mt 27:51) e o véu do templo rasgando-se em duas partes. Até então, o véu havia separado os homens de Deus, mas, por sua morte, Jesus abriu um “novo e vivo caminho” (Hb 10:12-22; ver também Jo 14:6) para toda a humanidade. Quando a Lei foi entregue no Sinai, também houve um terremoto (Êx 19:16-18). No Calvário, porém, a Lei se cumpriu em Jesus Cristo, e a maldição foi removida (Rm 10:4; Gl 3:10-14). Por meio de seu sacrifício, Jesus comprou a liberdade não apenas da Lei, mas de todo o sistema sacrificial.

É comovente ler o testemunho do centurião romano, especialmente quando levamos em consideração que suas palavras poderiam tê-lo colocado em apuros tanto com os judeus quanto com os romanos. A

filiação divina de Jesus Cristo é um dos temas centrais do Evangelho de Marcos (1:1, 11; 3:11; 5:7; 9:7; 14:61, 62). Diante disso, é ainda mais maravilhoso que tenha vindo ao mundo como Servo (Fp 2:1-11).

Também é comovente o fato de as mulheres terem permanecido perto da cruz até o final. João havia passado algum tempo ali, mas havia levado Maria, a mãe de Jesus, para sua casa a fim de cuidar dela (Jo 19:25-27). Essas mulheres fiéis foram as últimas a deixar o Calvário na sexta-feira e as primeiras a visitar o túmulo no domingo. Que contraste com os discípulos que se gabaram de que morreriam por seu Mestre! A Igreja de Jesus Cristo deve muita coisa ao sacrifício e devoção de mulheres de fé.

2. O SEPULTAMENTO DO SERVO (Mc 15:42-47)

Os judeus dividiam o período correspondente à tarde e ao fim do dia em duas partes: o “cair da tarde” – das três às seis – e a “noite” – depois das seis, quando começava um novo dia. Isso explica o fato de tanto Mateus (Mt 27:57) quanto Marcos chamarem o final da tarde de sexta-feira de “cair da tarde”. Era importante que o local da execução fosse liberado rapidamente, pois o *shabbath* judaico estava prestes a começar, e esse *shabbath* em particular era um “grande” dia por causa da Páscoa (Jo 19:31).

Deus preparou José de Arimatéia, um membro rico do Sinédrio, para cuidar do corpo de Jesus (Mt 27:57). José foi auxiliado por Nicodemos, que também era membro do conselho (Jo 19:38-42). Não se deve imaginar que esses dois homens decidiram, de uma hora para outra, que sepultariam o corpo de Jesus, pois o que fizeram exigiu um bocado de preparo.

Para começar, José teve de preparar o túmulo num jardim próximo ao local onde Jesus morreu. É provável que esse túmulo não fosse para uso pessoal de José, pois um homem rico dificilmente escolheria ser sepultado próximo a um local de execuções. Além disso, os dois tiveram de conseguir uma grande quantidade de especiarias (Jo 19:39), algo que não poderia ser feito enquanto o

comércio estivesse fechado para a Páscoa. Tudo isso teve de ser feito sem o conhecimento do conselho.

Fica claro que Deus preparou esses dois homens e dirigiu suas ações. Nicodemos havia procurado Jesus para uma conversa particular (Jo 3) e também o havia defendido perante o conselho (Jo 7:45-53). Creio que José e Nicodemos examinaram as Escrituras juntos e, guiados pelo Espírito, descobriram que o Cordeiro morreria na Páscoa. É possível que os dois estivessem escondidos dentro do túmulo novo quando Jesus morreu. Foi preciso apenas que José pedisse permissão a Pilatos para levar o corpo e que Nicodemos guardasse o corpo enquanto essa permissão oficial era liberada. Se esses dois homens não tivessem agido com tamanha ousadia, é possível que o corpo de Jesus tivesse sido lançado no depósito de lixo da cidade.

É importante notar que corpo deve ter sido preparado para o sepultamento, pois os lençóis usados foram deixados para trás no túmulo (Jo 20:1-10). Além do mais, a maneira de seu sepultamento cumpriu a profecia (Is 53:9). O fato de o corpo de Jesus ter sido sepultado é prova de que morreu, de fato, na cruz, pois os oficiais romanos não teriam liberado o corpo sem provas de que Jesus estava morto.

3. A RESSURREIÇÃO DO SERVO (Mc 16:1-18)

Jesus Cristo "foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação" (Rm 4:25). Um Salvador morto não pode salvar ninguém. A ressurreição de Cristo dentre os mortos é parte tão essencial do evangelho quanto sua morte sacrificial na cruz (1 Co 15:1-8). Na verdade, no Livro de Atos, vemos a Igreja dando testemunho principalmente da ressurreição (At 1:22; 4:2, 33).

A ressurreição prova que Jesus Cristo é quem afirmava ser: o Filho de Deus (Rm 1:4). Havia dito aos discípulos que ressuscitaria dentre os mortos, mas eles não haviam compreendido o significado dessa verdade (Mc

dirigiram logo cedo ao túmulo esperavam vê-lo com vida. Na verdade, compraram especiarias para terminar o embalsamamento que José e Nicodemos haviam começado às pressas.

Quando combinamos os relatos dos quatro Evangelhos, chegamos à seguinte ordem possível das aparições de Jesus no dia da ressurreição: (1) a Maria Madalena (Jo 20:11-18 e Mc 16:9-11); (2) às outras mulheres (Mt 28:9, 10); (3) a Pedro (Lc 24:34 e 1 Co 15:5); (4) aos dois homens a caminho de Emaús (Mc 16:12 e Lc 24:13-32) e (5) aos dez discípulos no cenáculo (Mc 16:14 e Jo 20:19-25).

Quando Maria Madalena, Maria mãe de Tiago, Salomé e Joana (Lc 24:10) saíram para ir ao túmulo (Jo 20:1) ainda estava escuro e, quando chegaram, estava começando a amanhecer (Lc 24:1). Sua primeira surpresa foi ver que a pedra do sepulcro havia sido removida da frente da entrada e rolada para o lado (Mt 28:2-4), de modo que conseguiram entrar no túmulo. A segunda surpresa foi encontrar dois anjos no túmulo (Lc 24:4; Marcos concentra sua atenção em apenas um anjo) e a terceira surpresa foi ouvir a mensagem que transmitiram. Não é de se admirar que as mulheres "ficaram surpreendidas e atemorizadas"!

A mensagem era que Jesus não estava lá: havia ressuscitado e iria adiante de seus discípulos para a Galiléia. Essas mulheres foram as primeiras pessoas a proclamar a mensagem maravilhosa da ressurreição. É interessante observar que o anjo transmitiu uma palavra específica de encorajamento para Pedro (Mc 16:7), e convém lembrar que Marcos escreveu seu Evangelho com a ajuda de Pedro.

Maria Madalena correu para contar a Pedro e João o que havia descoberto (Jo 20:2-10) e se demorou um pouco no túmulo depois que eles partiram. Foi então que Jesus lhe apareceu (Jo 20:11-18). A julgar por sua conversa com Jesus, temos a impressão de que Maria ainda não havia compreendido inteiramente o que os anjos haviam dito, mas foi a primeira seguidora de Cristo

entender que todas as mulheres fugiram, mas Marcos 16:9 afirma que Maria encontrou-se com Jesus pessoalmente.

Depois de aparecer a Maria, Jesus encontrou-se com as outras mulheres que estavam a caminho da cidade para relatar aos discípulos a conversa que haviam tido com Jesus (Mt 28:9, 10). A princípio, estavam alegres, mas também receosas; porém, depois do encontro com o Cristo ressurreto, acharam os discípulos e lhes transmitiram as boas notícias (Mt 28:8). Uma coisa é ouvir a mensagem, outra bem diferente é ter um encontro pessoal com o Senhor ressurreto. Quem se encontra com ele tem algo a compartilhar com os outros.

A ênfase de Marcos 16:9-14 é sobre a incredulidade dos discípulos que choravam e se lamentavam em vez de se regozijarem com as boas novas. É possível que, por preconceito, não tenham acreditado no testemunho das mulheres? Pode ter sido o caso, uma vez que o testemunho de uma mulher não era aceito em tribunais judeus. Mas mesmo quando os dois discípulos a caminho de Emaús deram seu testemunho, nem todos creram. Convém comparar Marcos 16:13 com Lucas 24:33-35. Ao que parece, as opiniões no cenáculo ficaram divididas, até que o próprio Jesus apareceu.

Quando ele apareceu no meio de seus seguidores, porém, repreendeu-os pela incredulidade que havia endurecido o coração deles (ver Mc 6:52; 8:17). Com isso, deixou claro que as testemunhas de sua ressurreição eram absolutamente confiáveis. A expressão "os onze", em Marcos 16:14, significa simplesmente "os apóstolos", pois havia dez deles reunidos nessa ocasião, uma vez que Tomé não estava presente (Jo 20:19-25).

Antes de sua ascensão quarenta dias depois, o Senhor deu várias incumbências a seus seguidores (Mt 28:18-20; Lc 24:47-49; Jo 20:21; 21:15-17; At 1:4-8). A comissão que Marcos apresenta provavelmente faz parte da Grande Comissão proferida por Jesus num monte da Galiléia (Mt 28:16-20).

Nessa comissão, Jesus chama a atenção para nossa mensagem e ministério e, para

apoiá-los, ofereceu credenciais miraculosas que só ele pode dar. A mensagem é o evangelho, as boas-novas da salvação pela fé em Jesus Cristo. O ministério é compartilhar essa mensagem com o mundo.

Uma leitura superficial de Marcos 16:15, 16 pode dar a entender que, a fim de ser salvo, é preciso que o pecador também seja batizado, mas essa interpretação incorreta não pode ser defendida, uma vez que observamos a ênfase sobre o *crer*. Se uma pessoa não crê, mesmo que seja batizada, está condenada (ver Jo 3:16-18, 36). A Igreja primitiva esperava que os cristãos fossem batizados (At 2:41; 10:44-48).

Quando Deus enviou Moisés para desafiar o Faraó no Egito, deu-lhe alguns milagres que deveria realizar como credenciais divinas, de modo a provar que havia, de fato, sido enviado por Deus (Êx 4:1-9). O mesmo aconteceu com alguns dos profetas (1 Rs 18; 2 Rs 2:14-25). Os apóstolos também receberam "sinais" para corroborar sua mensagem (At 19:11, 12; 2 Co 12:12; Hb 2:3, 4). Os milagres, por si mesmos, não provam que uma pessoa foi enviada por Deus, pois a sua mensagem também deve ser fiel à Palavra de Deus (ver 2 Ts 2; Ap 13).

A maioria dos sinais que Marcos relaciona nesta passagem ocorreu no tempo dos apóstolos e se encontra registrada no Livro de Atos. O caso que chega mais perto de "pegar em serpentes" é a experiência de Paulo em Malta (At 28:3-6), mas não há qualquer registro bíblico de alguém que tenha bebido veneno e sobrevivido. Sem dúvida, Deus realizou muitas maravilhas das quais não temos conhecimento, que ficaremos sabendo apenas no céu.

É triste quando pessoas bem-intencionadas, porém ignorantes, apropriam-se desses sinais como se fossem promessas e morrem por picadas de cobras ou por envenenamento. A justificativa apresentada é que tais pessoas não tiveram fé suficiente! Mas aquilo que não provém da fé é pecado (Rm 14:23); portanto, não deveriam ter se envolvido em tais situações.

Quem pega em serpentes só para provar sua fé está caindo na mesma tentação

que Satanás apresentou a Jesus no alto do templo (Mt 4:5-7). Na verdade, o que Satanás disse foi: "Atire-se aqui do alto e veja se Deus cuidará mesmo de você". O inimigo deseja que "ostentemos" nossa fé e que obriguemos Deus a realizar milagres desnecessários. Jesus recusou-se a tentar Deus, e devemos seguir seu exemplo. Sem dúvida, Deus cuida de seus filhos quando estes se encontram em perigo ao andar dentro da vontade dele, mas não tem obrigação de cuidar de nós quando, por nossa própria insensatez, deixamos de fazer a vontade dele. Somos chamados a viver pela fé, não pela sorte; a crer em Deus, não a tentar o Senhor.

4. A ASCENSÃO DO SERVO (Mc 16:19, 20)

O Evangelho de Marcos apresenta um paralelo extraordinário com a passagem sobre o Servo em Filipenses 2.

Ele veio como Servo - (Fp 2:1-7) -
Marcos 1 - 13

Ele morreu numa cruz - (Fp 2:8) -
Marcos 14 - 15

Ele foi exaltado à glória - (Fp 2:9) -
Marcos 16

Tanto Paulo quanto Marcos enfatizam a necessidade de que o povo de Deus leve essa mensagem a todas as nações (Mc 16:15, 16; Fp 2:10, 11), com a garantia de que Deus opera na vida dos cristãos e por meio deles (Mc 16:19, 20; Fp 2:12, 13).

A ascensão de Jesus marcou a conclusão de seu ministério aqui na Terra e o começo

de seu ministério no céu, como Sumo Sacerdote e Advogado de seu povo (Hb 7 - 10; 1 Jo 2:1-3). A "destra de Deus" é o lugar de honra e autoridade (Sl 110:1; 1 Pe 3:22). Jesus é como Melquisedeque, o Rei da Justiça e o Rei da Paz (Gn 14:17-19; Hb 7:2).

Um de seus ministérios no céu é capacitar seu povo a fazer sua vontade (Hb 13:20, 21). Nada mais apropriado do que o evangelho do Servo terminar com uma referência ao trabalho, da mesma forma como é apropriado Mateus, o Evangelho do Rei, terminar com uma referência à grande autoridade do Senhor. Por seu Espírito Santo, o Senhor deseja trabalhar *em nós* (Fp 2:12, 13), *conosco* (Mc 16:20) e *por nós* (Rm 8:28).

Os apóstolos e os profetas lançaram os alicerces da Igreja (Ef 2:20). Seu trabalho foi concluído, e os sinais apostólicos cessaram. Mas o trabalho do Senhor não cessou, e ele continua operando em seu povo e por meio dele para salvar o mundo perdido. Seu Servo e Filho, Jesus, voltou para o céu, mas Deus ainda tem seus filhos aqui na Terra para serem seus servos, caso se disponham a trabalhar para ele.

Temos o enorme privilégio de trabalhar lado a lado com o Senhor.

Temos a enorme oportunidade e responsabilidade de levar o evangelho ao mundo todo.

"Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mc 10:45).

Estamos servindo ou esperando outros nos servirem?

LUCAS

ESBOÇO

Tema-chave: As jornadas de Jesus como Filho do Homem

Versículo-chave: Lucas 19:10

I. A JORNADA DO CÉU PARA A TERRA – 1:5 – 4:13

- A. As proclamações de nascimento – 1:5-56
- B. O nascimento dos bebês – 1:57 – 2:20
- C. A infância e juventude de Jesus – 2:21-52
- D. O batismo e a tentação de Jesus – 3.1 – 4:13

II. A JORNADA POR TODA A GALILÉIA – 4:14 – 9:17

III. A JORNADA PARA JERUSALÉM – 9:18 – 19:27

IV. O MINISTÉRIO EM JERUSALÉM – 19:28 – 24:53

CONTEÚDO

- | | |
|--|-----|
| 1. Ouçam as boas novas!
(Lc 1)..... | 219 |
| 2. O Senhor chegou!
(Lc 2)..... | 225 |
| 3. Eis o Filho de Deus!
(Lc 3 – 4)..... | 232 |
| 4. Jesus faz toda diferença
(Lc 5)..... | 239 |
| 5. Grandes novidades
(Lc 6)..... | 245 |
| 6. Compaixão em ação
(Lc 7)..... | 252 |
| 7. Lições sobre a fé
(Lc 8)..... | 258 |
| 8. Um ministério multifacetado
(Lc 9)..... | 265 |
| 9. Qual é o papel do cristão?
(Lc 10)..... | 272 |
| 10. Aprendendo as lições da vida
(Lc 11)..... | 278 |
| 11. Cuidado!
(Lc 12)..... | 285 |
| 12. Perguntas e respostas
(Lc 13)..... | 291 |
| 13. Um convite para jantar
(Lc 14)..... | 297 |
| 14. As alegrias da salvação
(Lc 15)..... | 303 |
| 15. Os dois lados da riqueza
(Lc 16)..... | 309 |
| 16. Aquilo que importa
(Lc 17)..... | 315 |
| 17. Encontros e lições
(Lc 18)..... | 321 |
| 18. Enfim, Jerusalém!
(Lc 19)..... | 326 |
| 19. Assuntos relevantes
(Lc 20)..... | 332 |
| 20. E quanto ao futuro?
(Lc 21)..... | 337 |
| 21. No cenáculo
(Lc 22:1-38)..... | 342 |
| 22. Jesus é preso
(Lc 22:39-71)..... | 348 |
| 23. Condenado e crucificado
(Lc 23)..... | 353 |
| 24. O triunfo do Filho do Homem
(Lc 24)..... | 359 |

OUÇAM AS BOAS-NOVAS!

LUCAS 1

Se houve um homem que escreveu um livro cheio de boas-novas, esse homem foi Lucas. Sua mensagem central é: "Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido" (Lc 19:10). Lucas retrata Jesus Cristo como o Filho do Homem, aquele que, repleto de compaixão, veio habitar entre os pecadores, amá-los, ajudá-los e morrer por eles.

Neste Evangelho, encontramos indivíduos e multidões, mulheres, crianças e homens, pessoas ricas e pobres, pecadores e santos. O livro tem uma mensagem para todos, pois a ênfase de Lucas é sobre o caráter universal de Cristo e de sua salvação: "boa-nova de grande alegria, que o será para todo o povo" (Lc 2:10).

O nome de Lucas é citado apenas três vezes no Novo Testamento: em Colossenses 4:14; em 2 Timóteo 4:11; e em Filemom 24. Ele escreveu o Livro de Atos (comparar Lc 1:1-4 com At 1:1) e viajou com Paulo (ver as passagens na primeira pessoa do plural em At 16:10-17; 20:4-15; 21:1-18 e 27:1 - 28:16). É provável que fosse um gentio (comparar Cl 4:11 e 14) e médico por profissão. Não é de se admirar que tenha começado seu livro com o relato detalhado do nascimento de dois bebês importantes. Também não é de se admirar que tenha enfatizado a compaixão de Cristo para com os que sofriam. Escreveu com a mentalidade de um historiador meticuloso e com o coração de um médico amoroso.

O Evangelho de Lucas foi escrito para Teófilo ("aquele que ama a Deus"), provavelmente um oficial romano que havia aceitado a Cristo e que precisava ser fortale-

Teófilo fosse um homem em busca da verdade e para o qual a mensagem cristã estava sendo ensinada, pois o termo traduzido por "instruído", em Lucas 1:4, vem do mesmo radical que nosso termo *catecúmeno*, "alguém a quem estão sendo ensinados os fundamentos do cristianismo".

Tamanha era a importância da vida e da mensagem de Cristo, que vários livros já haviam sido escritos sobre ele, mas nem todo o seu conteúdo era confiável. Lucas escreveu seu Evangelho para que seus leitores tivessem acesso a uma narrativa precisa e metódica da vida, do ministério e da mensagem de Jesus Cristo. Lucas pesquisou registros escritos, entrevistou testemunhas oculares e ouviu os que haviam ministrado a Palavra - tudo isso com grande atenção e cuidado. O mais importante, porém, é que recebeu a orientação do Espírito Santo. A oração "desde o princípio" (em grego, *anóthen*) pode ser traduzida por "desde as alturas" ou "de cima", como em João 3:31 e 19:11, e se refere à inspiração do Espírito de Deus na mensagem escrita por Lucas.

1. INCREDULIDADE (LC 1:5-25)

Eram tempos difíceis para a nação de Israel. O povo não recebia qualquer Palavra profética de Deus havia 400 anos, desde que Malaquias havia prometido a vinda de Elias (Ml 4:5, 6). Os líderes espirituais estavam presos à tradição e, em alguns casos, também à corrupção, e seu rei Herodes, o Grande, era um tirano. Tinha nove (ou, de acordo com alguns, dez) esposas, sendo que uma delas havia sido executada sem qualquer motivo aparente. Porém, por mais difíceis que sejam os tempos, Deus sempre tem servos consagrados e obedientes.

Um sacerdote fiel (vv. 5-7). Zacarias ("Jeová se lembrou") e Isabel ("Deus é meu juramento") eram um casal piedoso. Ambos pertenciam à linhagem sacerdotal. Os sacerdotes eram divididos em 24 turnos (1 Cr 24), e cada sacerdote servia no templo duas semanas por ano. Apesar da iniquidade a seu redor, Zacarias e Isabel obedeciam à Palavra de Deus fielmente e eram irrepreensíveis

Sua única tristeza era não terem filhos. Pediam sempre a Deus que lhes concedesse uma família. Nem imaginavam que Deus responderia a suas orações e lhes daria não um sacerdote, mas um profeta! Seu filho não seria um simples profeta, pois proclamaria o Rei que estava por vir!

Um sacerdote receoso (vv. 8-17). Em seu turno de serviço no templo, cada sacerdote tirava a sorte para determinar que ministério realizaria, e Zacarias foi escolhido para oferecer incenso no santuário. Tratava-se de uma grande honra, permitida a um sacerdote apenas uma vez na vida. O incenso era oferecido diariamente antes do sacrifício matinal e depois do sacrifício vespertino, às 3 horas da tarde. É bem provável que Zacarias tenha ficado encarregado de oferecer o incenso no período da tarde.

Podemos observar como Deus, muitas vezes, fala com seus servos e os chama quando estão ocupados realizando suas tarefas diárias. Tanto Moisés quanto Davi cuidavam de ovelhas, e Gideão debulhava o trigo quando receberam seu chamado de Deus. Pedro e seus companheiros consertavam redes quando Jesus os chamou. É difícil manobrar um carro quando o motor está desligado. Quando nos colocamos em movimento, Deus começa a nos dirigir.

Lucas menciona anjos 23 vezes em seu Evangelho. Existe uma infinidade de anjos (Ap 5:11), mas as Escrituras citam apenas o nome de dois deles: Miguel (Dn 10:13, 21; 12:1; Jd 9; Ap 12:7) e Gabriel (Dn 8:16; 9:21; Lc 1:19, 26). Quando Gabriel apareceu junto ao altar, Zacarias encheu-se de temor, pois a aparição de um anjo significava julgamento divino.

A declaração "Não temas" é repetida em várias ocasiões no Evangelho de Lucas (1:13, 30; 2:10; 5:10; 8:50; 12:7, 32). Podemos imaginar como Zacarias ficou empolgado ao ouvir que ele e Isabel teriam um filho! O "regozijo" é outro tema importante de Lucas, mencionado pelo menos 19 vezes. Boas-novas trazem alegria!

Gabriel instruiu Zacarias a chamar seu filho de João ("Jeová é cheio de graça") e a consagrar o menino a Deus como nazireu

por toda a sua vida (Nm 6:1-21). A criança receberia o Espírito Santo antes de nascer (Lc 1:41) e seria um profeta de Deus, apresentando seu Filho ao povo de Israel (ver Jo 1:15-34). Conforme Isaías havia prometido, Deus usaria o ministério de João para conduzir muitas pessoas ao Senhor (Is 40:1-5).

Um sacerdote incrédulo (vv. 18-22). Seria de se imaginar que a presença de um anjo e a proclamação da Palavra de Deus fortaleceriam a fé de Zacarias, mas não foi o que aconteceu. Em vez de olhar para Deus pela fé, o sacerdote olhou para si mesmo e sua esposa e resolveu que o nascimento de um filho era um acontecimento impossível para eles. Desejava alguma garantia além da palavra de Gabriel – o mensageiro de Deus – possivelmente, um sinal do Senhor.

Claro que se tratou de incredulidade, e isso é algo inaceitável para Deus. Na verdade, Zacarias questionava a capacidade de Deus de cumprir sua Palavra! Será que havia se esquecido do que Deus havia feito por Abraão e Sara (Gn 18:9-15; Rm 4:18-25)? Achava que suas limitações físicas seriam um empecilho para o Deus Todo-Poderoso? Porém, antes de criticar Zacarias com excessiva severidade, devemos examinar nossa vida e ver quão forte é nossa fé.

A fé é abençoada, e a incredulidade é julgada. Deus deixou Zacarias mudo (talvez surdo, Lc 1:62) até que a Palavra se cumprisse. "Eu cri; por isso, é que falei" (2 Co 4:13). Zacarias não creu e, portanto, não pôde falar. Quando deixou o santuário, não pôde dar ao povo a bênção sacerdotal (Nm 6:22-27) nem lhes dizer o que havia visto. Sem dúvida, Deus lhe deu um "sinal" extremamente pessoal com o qual teria de conviver pelos próximos nove meses.

Um sacerdote favorecido (vv. 23-25). Deve ter sido difícil para Zacarias completar sua semana de ministério, não apenas por causa de sua deficiência física temporária, mas também por causa de sua empolgação. Mal podia esperar para voltar à "região montanhosa" (Lc 1:39) onde vivia e contar as boas-novas a sua esposa.

Deus cumpriu sua promessa, e, mesmo em sua velhice, Isabel concebeu. "Coisa

alguma [Senhor] te é demasiadamente maravilhosa" (Jr 32:17). Ao que parece, o espanto e a curiosidade do povo a obrigaram a se esconder, enquanto louvava a Deus por sua misericórdia. Não apenas teria um filho, mas o nascimento dessa criança seria prova de que o *Messias estava chegando!* Sem dúvida, foram dias de muita emoção!

2. FÊ (Lc 1:26-38)

No sexto mês da gestação de Isabel, Gabriel fez a segunda proclamação de nascimento, dessa vez a uma jovem de Nazaré, uma virgem chamada Maria. Pelo menos o trabalho de Gabriel era variado: um homem idoso, uma jovem, um sacerdote, uma descendente do rei Davi, o templo, uma casa comum, Jerusalém, Nazaré, incredulidade, fé...

O povo de Judá desprezava os judeus da Galiléia e dizia que não eram *kosher* por causa de seu contato com os gentios dessa região (Mt 4:15). Os habitantes de Nazaré eram especialmente desprezados (Jo 1:45, 46), mas Deus, em sua graça, escolheu uma jovem de Nazaré na Galiléia para ser a mãe do Messias prometido!

Em se tratando de Maria, a tendência das pessoas é cair em um de dois extremos. Ou a exaltam acima de Jesus (Lc 1:32), ou a ignoram e não lhe dão a consideração que merece (Lc 1:48). Cheia do Espírito Santo, Isabel a chamou de "a mãe do meu Senhor" (Lc 1:43), o que é motivo suficiente para honrá-la.

O que sabemos sobre Maria? Era da tribo de Judá, descendente de Davi e virgem (Is 7:14). Estava noiva de um carpinteiro de Nazaré chamado José (Mt 13:55) e, ao que parece, ambos eram pobres (Lv 12:8; Lc 2:24). Entre os judeus daquela época, o noivado era um compromisso quase tão sério quanto o casamento e só podia ser rompido pelo divórcio. Na verdade, o homem e a mulher eram chamados de "marido" e "esposa", mesmo antes de se casarem (comparar Mt 1:19 com Lc 2:5). Uma vez que as moças judias se casavam muito jovens, é bem provável que Maria fosse uma adolescente quando re-

A surpresa de Maria (vv. 26-33). Quando refletimos sobre a saudação de Gabriel, podemos entender muito bem por que Maria ficou perplexa e assustada: "Alegra-te, muito favorecida! O Senhor é contigo" (A frase "Bendita és tu entre as mulheres", que não aparece em vários manuscritos gregos, pode ser encontrada em Lc 1:42.). Por que um anjo a estava saudando? De que maneira ela era "muito favorecida" ("grandemente agraciada") por Deus? De que maneira o Senhor estava com ela?

A reação de Maria revela sua humildade e honestidade diante de Deus. Por certo, jamais esperou ver um anjo e receber favores especiais do céu. Não possuía nada de singular que justificasse tais coisas. Se fosse, de fato, diferente das outras moças judias, como alguns teólogos afirmam, é possível que tivesse dito: "Já era tempo! Estava te esperando!" Mas foi tudo surpresa para ela.

Em seguida, Gabriel transmitiu-lhe as boas-novas: ela seria mãe do Messias prometido, ao qual devia chamar de Jesus ("Jeová é salvação"; ver Mt 1:21). É importante observar que Gabriel declarou tanto a divindade quanto a humanidade de Jesus. Como filho de Maria, seria humano; como Filho do Altíssimo (Lc 1:32), seria o Filho de Deus (Lc 1:35). "Porque um menino nos nasceu [sua humanidade], um filho se nos deu [sua divindade]" (Is 9:6). A ênfase é sobre a grandeza do Filho (cf. Lc 1:15), não sobre a grandeza da mãe.

Mas ele também seria Rei, herdaria o trono de Davi e reinaria para sempre sobre Israel! Se interpretamos literalmente o que Gabriel diz em Lucas 1:30, 31, também devemos assim interpretar o que diz em Lucas 1:32, 33. Trata-se de uma referência à aliança de Deus com Davi (2 Sm 7) e das suas promessas do reino ao povo de Israel (Is 9:1-7; 11 - 12; 61; 66; Jr 33).

Jesus veio ao mundo para salvá-lo, mas também veio para cumprir as promessas que Deus havia feito aos patriarcas de Israel (Rm 15:14). Hoje, Jesus está entronizado no céu (At 2:29-36), porém não no trono de Davi. Um dia, Jesus voltará e estabelecerá seu reino de justiça na Terra, e as promessas

A submissão de Maria (vv. 34-48). Maria sabia o que aconteceria, mas não sabia como seria. Sua pergunta em Lucas 1:34 não é um sinal de incredulidade (cf. Lc 1:18); antes, é uma expressão de fé. Ela creu na promessa, mas não entendeu como se cumpriria. Como poderia uma virgem dar à luz uma criança?

Em primeiro lugar, Gabriel explicou que seria um milagre, uma obra do Espírito Santo de Deus. José, seu noivo, não seria o pai da criança (Mt 1:18-25), mesmo que, posteriormente, Jesus fosse identificado em termos legais como filho de José (Lc 3:23; 4:22; Jo 1:45; 6:42). É possível que algumas pessoas tenham pensado que Maria havia sido infiel a José e que Jesus fosse um "bastardo" (Jo 8:41). Essa foi uma parte da dor que Maria teve de suportar durante toda a vida (Lc 2:35).

Em segundo lugar, Gabriel fez questão de ressaltar que o Bebê seria um "ente santo" e não compartilharia da natureza humana pecaminosa. Jesus não conheceu pecado (2 Co 5:21), não cometeu pecado (1 Pe 2:22), e nele não existe pecado (1 Jo 3:5). Seu corpo foi preparado para ele pelo Espírito de Deus (Hb 10:5), que desceu sobre Maria. Esse termo é usado para falar da presença de Deus no tabernáculo e no templo (Êx 40:35). O ventre de Maria tornou-se o Santo dos santos para o Filho de Deus!

O anjo terminou a mensagem dando a Maria uma palavra de encorajamento. Sua parenta idosa, Isabel, estava grávida, provando assim que "para Deus não haverá impossíveis". Deus deu uma palavra semelhante a Abraão quando anunciou o nascimento de Isaque (Gn 18:14). Homens como Jó (Jó 42:2), Jeremias (Jr 32:17) e o próprio Senhor Jesus (Mt 19:26) dão testemunho de que Deus pode fazer qualquer coisa. Uma possível paráfrase de Lucas 1:37 é: "Nenhuma palavra de Deus é desprovida de poder". Deus realiza seus propósitos pelo poder de sua Palavra (Sl 33:9).

A resposta confiante de Maria foi entregar-se a Deus como serva submissa. Experimentou a graça do Senhor (Lc 1:30) e creu na Palavra de Deus, portanto pôde ser

usada pelo Espírito para cumprir os propósitos de Deus. O termo traduzido por "serva" era usado para a serviçal mais humilde da casa, o que mostra quanto Maria confiava em Deus. Pertencia totalmente ao Senhor, de corpo (Lc 1:38), alma (Lc 1:46) e espírito (Lc 1:47). Que grande exemplo para nós (Rm 12:1, 2)!

3. ALEGRIA (LC 1:39-56)

Uma vez informada de que seria mãe e de que Isabel também daria à luz um filho em três meses, Maria sentiu o desejo de se encontrar com Isabel para que se alegrassem juntas. O tema principal desta seção é a "alegria", e há três pessoas alegrando-se no Senhor.

A alegria de Isabel (vv. 39-45). Quando Maria entrou na casa, Isabel ouviu sua saudação e ficou cheia do Espírito Santo. Em seguida, o Senhor lhe disse o motivo da visita de Maria. A palavra que seus lábios formaram foi "bem-aventurada". Observe como Isabel não disse que Maria era bem-aventurada *acima* das mulheres, mas sim *entre* as mulheres, o que certamente é verdade. Apesar de não desejarmos atribuir a Maria o que é devido somente a Deus, também não queremos subestimar seu lugar no plano de Deus.

Isabel enfatizou a fé de Maria: "Bem-aventurada a que creu" (Lc 1:45). Somos salvos "pela graça [...] mediante a fé" (Ef 2:8, 9). Uma vez que creu na Palavra de Deus, Maria experimentou o poder de Deus.

A alegria de João ainda no ventre de sua mãe (vv. 41, 44). É provável que tenha sido nessa ocasião que João recebeu o Espírito e que se cumpriu a promessa do anjo (Lc 1:15). Mesmo antes de seu nascimento, João alegrou-se em Jesus Cristo e fez o mesmo durante seu ministério aqui na Terra (Jo 3:29, 30). Como João Batista, teria o grande privilégio de apresentar o Messias ao povo de Israel.

A alegria de Maria (vv. 46-56). Sua alegria levou-a a entoar um cântico de louvor. A plenitude do Espírito (Ef 5:18-20) e também a da Palavra (Cl 3:16, 17) devem nos levar a dar louvores com alegria. O cântico

de Maria contém citações e referências das Escrituras do Antigo Testamento, especialmente dos Salmos e do cântico de Ana em 1 Samuel 2:1-10. Maria guardou a Palavra de Deus em seu coração e a transformou em cântico.

Esse cântico é chamado de *Magnificat*, pois a versão em latim de Lucas 1:46 diz: *Magnificat anima mea Dominum*. Seu maior desejo era engrandecer ao Senhor, não a si mesma. No original, Maria repete a expressão "ele fez", ao relatar o que Deus havia realizado em favor de três recipientes de sua bênção.

O que Deus fez por Maria (vv. 46-49). Em primeiro lugar, Deus a salvou (Lc 1:47), indicando que Maria era uma pecadora como todos nós e que precisou crer em Deus para receber a salvação eterna. Deus não apenas a salvou, mas também a escolheu para ser a mãe do Messias (Lc 1:48). Ele a "contemplou", o que significa que cuidou dela e a protegeu com seu favor. Deus poderia ter escolhida outras moças, mas *ela* foi a eleita! Sem dúvida, o Senhor derramou sua graça sobre ela (ver 1 Co 1:26-28). Deus não apenas cuidou dela, mas também usou seu poder em favor dela (Lc 1:49). Não deve ter sido difícil para Maria cantar "o Poderoso me fez grandes coisas" (ver Lc 8:39; 1 Sm 12:24; 2 Sm 7:21-23; e Sl 126:2, 3). Uma vez que Maria creu em Deus e se sujeitou a sua vontade, ele realizou um milagre em sua vida e a usou para dar ao mundo o Salvador.

O que Deus fez por nós (vv. 50-53). Na segunda estrofe de seu cântico, Maria incluiu o povo de Deus que o teme de geração em geração. Todos nós recebemos sua misericórdia e seu socorro. Maria cita dois grupos que receberam a misericórdia de Deus: os humildes (Lc 1:52) e os famintos (Lc 1:53).

Em se tratando de justiça e de direitos civis, naquele tempo o povo em geral encontrava-se desamparado. Muitos estavam famintos, oprimidos e desanimados (Lc 4:16-19), e era impossível lutar contra o sistema. Uma sociedade secreta de judeus patriotas chamados de "zelotes" usava de violência para se opor a Roma, porém suas atividades

Maria viu o Senhor fazer uma reviravolta: os poderosos foram destronados, e os humildes, exaltados; os famintos foram saciados, e os ricos ficaram pobres! A graça de Deus move-se no sentido oposto aos pensamentos e costumes do sistema deste mundo (1 Co 1:26-28). A Igreja é parecida com aquele grupo de homens valentes que acompanhavam Davi (1 Sm 22:2).

O que Deus fez por Israel (vv. 54, 55). "Ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mt 1:21). Apesar da condição precária de Israel, a nação ainda era serva de Deus, e ele ajudaria seu povo a cumprir os propósitos divinos. Deus estava do lado de Israel! Ele se lembraria de sua misericórdia e cumpriria suas promessas (Sl 98:1-3; ver também Gn 12:1-3; 17:19; 22:18; 26:4; 28:14). Se não fosse por Israel, Jesus Cristo não teria vindo ao mundo.

Maria ficou com Isabel até João nascer e, em seguida, voltou para Nazaré. A essa altura, sua gravidez era aparente e, sem dúvida, as fofocas começaram a correr soltas. Afinal, havia passado três meses longe de casa, e muitos devem ter imaginado por que Maria partira com tanta pressa. Foi então que Deus deu as boas-novas a José e o instruiu sobre como deveria proceder (Mt 1:18-25).

4. LOUVOR (Lc 1:57-80)

Deus abençoou abundantemente Zacarias e Isabel. Conforme havia prometido, o Senhor lhes deu um menino, ao qual chamaram de João, como Deus havia instruído. Os judeus, com razão, consideravam os filhos dádivas de Deus e "herança do SENHOR" (Sl 127:3-5; 128:1-3), pois são isso mesmo. Israel não seguia a prática de seus vizinhos pagãos que abortavam ou abandonavam os filhos. Quando pensamos que um milhão e meio de bebês são abortados todos os anos só nos Estados Unidos, vemos como nos afastamos das leis de Deus.

"As forças mais poderosas do mundo não são os terremotos e os raios", disse E. T. Sullivan. "As forças mais poderosas do mundo são os bebês."

Era costume chamar o menino pelo

família, de modo que amigos e parentes ficaram espantados quando Isabel insistiu que o bebê deveria se chamar João. Zacarias escreveu numa tábua: "João é seu nome", e ponto final! Naquele mesmo instante, Deus abriu a boca do sacerdote idoso, e ele entoou um cântico que nos apresenta quatro belos retratos do significado da vinda de Jesus Cristo ao mundo.

A porta da prisão é aberta (v. 68). O termo *redimir* significa "libertar mediante o pagamento de um resgate". Pode se referir à soltura de um prisioneiro ou à libertação de um escravo. Jesus Cristo veio ao mundo para trazer "libertação aos cativos" (Lc 4:18), salvação para os presos ao pecado e à morte. Por certo, não somos capazes de nos libertar; o preço de nossa redenção só poderia ser pago por Cristo (Ef 1:7; 1 Pe 1:18-21).

A batalha é vencida (vv. 69-75). Vemos nesta passagem a descrição de um exército prestes a ser levado cativo, mas chegam reforços, e o inimigo é derrotado. Na imagem anterior, os cativos são libertos, porém aqui o inimigo é derrotado, *para que não faça mais prisioneiros*. É a vitória total para o povo de Deus.

O termo *salvação* (v. 69 e, no original, v. 71) transmite a idéia de "saúde, sanidade". Não importava o estado em que os cativos se encontrassem, o Redentor lhes concedia sanidade espiritual. Quando cremos em Jesus Cristo como Salvador, somos libertos do poder de Satanás e entramos no reino de Deus, remidos e perdoados (Cl 1:12-14).

De onde veio o Redentor? Da casa de Davi (Lc 1:69), também um grande conquistador. Deus havia prometido que o Salvador seria do povo de Israel (Gn 12:1-3), da tribo de Judá (Gn 49:10), da família de Davi (2 Sm 7:12-16), nascido em Belém, a cidade de Davi (Mq 5:2). Tanto Maria (Lc 1:27) quanto José (Mt 1:20) eram da linhagem de Davi. A vinda do Redentor era inerente às alianças que Deus havia feito com seu povo (Lc 1:72) e foi prometida pelos profetas (Lc 1:70).

Convém observar que essa vitória resulta em santidade e serviço (Lc 1:74, 75). Somos libertos por Deus não para fazer nossa vontade, pois isso seria escravidão, mas sim a vontade dele e desfrutar sua liberdade.

O cancelamento de uma dívida (vv. 76, 77). *Redimir* significa "cancelar, desconsiderar uma dívida". Todos estamos em dívida com Deus, pois transgredimos sua lei e não vivemos de acordo com seus preceitos (Lc 7:40-50). Além disso, todos estamos espiritualmente falidos e não temos condição de pagar nossa dívida. Mas Jesus veio e pagou essa dívida por nós (Sl 103:12; Jo 1:29).

O raiar de um novo dia (vv. 78, 79). Quando Jesus chegou, o povo encontrava-se em meio à escuridão, à morte e à aflição; mas ele trouxe luz, vida e paz. As ternas misericórdias de Deus fizeram raiar um novo dia (ver Mt 4:16).

O sacerdote idoso havia passado nove meses sem dizer uma palavra, mas certamente seu silêncio foi compensado ao entoar esse cântico de louvor a Deus! Como estava alegre por seu filho haver sido escolhido para preparar o caminho para o Messias (Is 40:1-3; Ml 3:1)! João foi o "profeta do Altíssimo" (Lc 1:76), apresentando a Israel o "Filho do Altíssimo" (Lc 1:32), concebido do ventre de Maria pelo "poder do Altíssimo" (Lc 1:35).

Em vez de desfrutar uma vida confortável como sacerdote, João viveu no deserto, disciplinando-se física e espiritualmente, esperando o dia em que Deus o enviaria a preparar Israel para a chegada do Messias. Havia muitos anos, pessoas como Simeão e Ana (Lc 2:25-38) esperavam por esse dia, que não tardaria em chegar.

Hoje, Deus nos chama a crer em suas boas-novas. Os que crêem experimentam sua alegria e o desejo de expressar louvor a ele. Não basta dizer que Jesus é *um* Salvador, nem mesmo o Salvador. Como Maria, devemos dizer: "O meu espírito se alegrou em Deus, *meu* Salvador" (Lc 1:47, grifo nosso).

O SENHOR CHEGOU!

LUCAS 2

É bem possível que Lucas 2 seja a parte mais conhecida e querida do Evangelho de Lucas. Minha esposa e eu sempre lemos os vinte primeiros versículos deste capítulo na noite de Natal, como fazíamos quando nossos filhos eram pequenos. A história é, ao mesmo tempo, antiga e sempre nova, e o povo de Deus não se cansa jamais de ouvi-la.

Lucas permite entrever três momentos dos primeiros anos de vida do Senhor Jesus Cristo.

1. O RECÉM-NASCIDO (Lc 2:1-20)

“Tão frágil quanto um bebê” é uma expressão que não poderia ser usada para o menino Jesus na manjedoura. Por certo, em termos humanos, ele era frágil como um bebê, mas no que se referia ao céu, era o centro do poder.

Seu nascimento levou Maria e José a Belém (vv. 1-7). César Augusto era o governante, mas Deus estava no controle, pois usou o édito do imperador para levar Maria e José a percorrer os quase 130 quilômetros que separavam Nazaré de Belém. A cada catorze anos, o governo romano realizava um censo com fins militares e fiscais, e todos os homens judeus tinham de voltar à cidade de seus antepassados para registrar seu nome, ocupação, propriedades e família.

Ao declarar: “Que se cumpra em mim conforme a tua palavra” (Lc 1:38), Maria estava dizendo que, dali em diante, sua vida faria parte do cumprimento da profecia divina. Deus prometera que o Salvador seria um ser humano, não um anjo (Gn 3:15, Hb

(Gn 12:1-3; Nm 24:17). Viria da tribo de Judá (Gn 49:10), da família de Davi (2 Sm 7:1-17), e nasceria de uma virgem (Is 7:14) em Belém, a cidade de Davi (Mq 5:2).

Tudo isso se deu exatamente como as Escrituras haviam dito e, mesmo sem saber; César teve um papel importante. Como A. T. Pierson costumava dizer: “nossa história é a história de Deus”, e o presidente dos Estados Unidos James A. Garfield chamou a história de “o rolo aberto da profecia”. Se nossa vida é controlada pela Palavra de Deus, os acontecimentos da história servem para nos ajudar a cumprir a vontade do Senhor. “Porque eu velo sobre a minha palavra para a cumprir” (Jr 1:12).

Maria e José eram marido e esposa, mas uma vez que só consumaram o casamento depois do nascimento de Jesus, ela é referida como sendo “desposada com José” (Mt 1:18-25). A viagem deve ter sido muito difícil para ela, porém Maria alegrou-se em fazer a vontade de Deus e, sem dúvida, ficou contente em poder afastar-se das más línguas de Nazaré.

Naquele tempo, as mães embrulhavam os bebês em longas faixas de tecido para proteger e apoiar os braços e as pernas. O termo traduzido por “manjedoura” (Lc 2:7, 12, 16) também é usado em Lucas 13:15 e pode significar um cocho ou um cercado para animais. Ao visitar a Terra Santa hoje em dia, ainda é possível ver cochos de pedra, provavelmente do mesmo tipo daquele em que Maria colocou o menino Jesus. Muitos estudiosos acreditam que Jesus nasceu numa caverna que costumava ser usada como abrigo para animais, não numa cabana de madeira, como as que vemos nos presépios modernos.

O nome *Belém* significa “casa do pão”, lugar ideal para o nascimento do “pão da vida” (Jo 6:35). A rica herança histórica dessa cidade incluía fatos importantes, como a morte de Raquel e o nascimento de Benjamim (Gn 35:16-20; ver também Mt 2:16-18), o casamento de Rute e os feitos heróicos de Davi. É interessante lembrar que o nome *Benjamim* significa “filho da minha destra”,

nomes aplicam-se a Jesus, pois ele é o Filho Amado (Lc 3:22) e está assentado à destra de Deus (Sl 110:1).

Seu nascimento trouxe os anjos dos céus (vv. 8-14). Os anjos devem ter se maravilhado ao ver o Criador nascer como criatura, o Verbo na forma de um bebê incapaz de falar. O melhor comentário sobre isso é 2 Coríntios 8:9, e a melhor resposta de nosso coração é uma atitude de admiração e de adoração. “Grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne” (1 Tm 3:16).

A primeira proclamação do nascimento do Messias foi feita a um grupo de pastores desconhecidos. Por que pastores? Por que não sacerdotes ou escribas? Ao visitar os pastores, o anjo revelou a graça de Deus para com a humanidade. Na realidade, os pastores viviam à margem da sociedade de Israel. Seu trabalho não apenas os tornava cerimonialmente impuros, mas também os obrigava a passar meses longe do templo, de modo que não poderiam ser purificados. Deus não chama ricos e poderosos, mas sim pobres e humildes (Lc 1:51-53; 1 Co 1:26-29).

O Messias veio como o Bom Pastor (Jo 10) e como o Cordeiro de Deus sacrificado pelos pecados do mundo (Jo 1:29). Talvez esses pastores estivessem cuidando de rebanhos que seriam usados para fornecer sacrifícios aos cultos no templo. Nada mais apropriado que as boas novas sobre o Cordeiro de Deus serem dadas em primeiro lugar a simples pastores.

Não é fácil enganar pastores. São homens práticos, que vivem num mundo sem grandes fantasias. Se disseram que viram anjos e que encontraram o Messias, podemos crer que foi exatamente o que aconteceu. Deus escolheu homens trabalhadores e esforçados para ser as primeiras testemunhas de que seu Filho havia chegado ao mundo.

Primeiro, um anjo (Gabriel?) apareceu e proclamou as boas novas; em seguida, um coral de anjos juntou-se a ele e entoou um hino de louvor. Pela primeira vez em séculos, a glória de Deus voltou à Terra. Se aqueles

pastores corajosos se assustaram com o que viram e ouviram, podemos estar certos de que foi real!

“Não temais!” é um dos temas-chave da história de Natal (Lc 1:13, 30, 74; ver Mt 1:20). “Eis aqui vos trago boa-nova de grande alegria, que o será para todo o povo”, declarou o anjo usando um termo que significa “pregar as boas-novas”, usado com frequência por Lucas tanto em seu evangelho quanto no Livro de Atos. Vemos, aqui, a ênfase de Lucas sobre a universalidade do Evangelho: as boas-novas para todos, não apenas para os judeus.

Quais eram as boas-novas? Não de que Deus havia enviado um soldado, um juiz ou um reformador, mas que mandara um Salvador para suprir a maior necessidade do ser humano. Era uma mensagem de paz a um mundo que passara por inúmeras guerras. A famosa *pax romana* (a “paz romana”) estava em vigor desde 27 a.C., mas a ausência de guerra não é garantia de paz.

De acordo com o filósofo estóico Epíteto: “O imperador pode fazer cessar a guerra, dando paz à terra e aos mares, mas não é capaz de fazer cessar a paixão, aflição e inveja. Não é capaz de dar a paz ao coração, pela qual o homem anseia mais do que qualquer outra paz exterior”.

O termo hebraico *shalom* (paz) significa muito mais do que uma trégua das batalhas da vida. Significa bem-estar, prosperidade, segurança, integridade e plenitude. É mais relacionado ao caráter do que às circunstâncias. A vida naquele tempo era tão difícil quanto hoje. Os impostos e o desemprego estavam cada vez mais altos, os padrões morais cada vez mais baixos e um governo militar controlava o povo. Nem a lei romana, nem a filosofia grega, nem mesmo a religião judaica eram capazes de suprir as necessidades do coração humano. Então, Deus enviou seu Filho!

Os anjos louvaram a Deus na criação (Jó 38:7), e agora o louvavam no início da nova criação. O propósito do plano da salvação é a “glória a Deus” (ver Ef 1:6, 12, 14). A glória de Deus habitou no tabernáculo (Êx 40:34) e no templo (2 Cr 7:1-3), mas

partiu por causa do pecado de Israel (1 Sm 4:21; Ez 8:4; 9:3; 10:4, 18; 11:22, 23). No período em questão, vemos a glória de Deus voltar à Terra na pessoa de seu Filho (Jo 1:14). Aquela manjedoura humilde transformou-se no Santo dos Santos, pois Jesus estava lá!

Seu nascimento levou os pastores dos campos a Belém (vv. 15-20). A expressão "até Belém" indica que esses homens estavam a uma certa distância da cidade, mas que se dispuseram a fazer a viagem a fim de ver o Messias recém-nascido. Por certo, providenciaram para que outros cuidassem de seus rebanhos, enquanto iam a Belém. Halford Luccock chama esse episódio de "a primeira correria de Natal", mas por certo foi diferente de nossa correria de Natal atual!

O verbo "acharam", em Lucas 2:16, significa "encontraram depois de investigar". Os pastores sabiam quem deveriam procurar: um bebê recém-nascido envolto em faixas e deitado numa manjedoura. Foi exatamente isso o que encontraram! Adoraram a Jesus e se maravilharam com a graça e a bondade de Deus e com o milagre que havia realizado por eles.

Esses pastores servem de exemplo para nós. Receberam pela fé a mensagem que Deus lhes enviou e responderam imediatamente em obediência. Depois de encontrarem o bebê, transmitiram as boas novas a outros, "glorificando e louvando a Deus". *Assumiram o papel dos anjos!* (Lc 2:13, 14). Em seguida, voltaram humildemente a seus afazeres de sempre, não exatamente como antes, pois eram homens transformados.

Por algum motivo, os pastores não tinham permissão de testemunhar em tribunais, mas Deus usou alguns pastores humildes para ser as primeiras testemunhas humanas de que a profecia havia se cumprido e de que o Messias havia nascido. Os anjos nunca experimentaram a graça de Deus, de modo que não podem testemunhar da mesma forma que nós. Falar do Salvador a outros é uma obrigação séria e também um privilégio, e nós, cristãos, de-

2. A CRIANÇA (Lc 2:21-38)

Lucas fala de três encontros importantes no templo em Jerusalém; a criança encontrou-se com Moisés (Lc 2:20-24), Simeão (Lc 2:25-35) e Ana (Lc 2:36-38).

Moisés (vv. 21-24). O termo *Lei* é usado cinco vezes em Lucas 2:21-40. Apesar de ter vindo para livrar o mundo do jugo da Lei, Jesus nasceu "sob a lei" e obedeceu a seus preceitos (Gl 4:1-7). Não veio para destruir a Lei, mas para cumpri-la (Mt 5:17, 18).

Em primeiro lugar, os pais de Jesus obedeceram à Lei levando o filho para ser circuncidado, quando estava com oito dias. A circuncisão era o sinal e o selo da aliança que Deus havia feito com Abraão (Gn 17), e um requisito para todo homem judeu que desejava praticar a fé. Os judeus orgulhavam-se de ser o povo da aliança de Deus e desprezavam os gentios, chamando-os de "incircuncisão" (Ef 2:11, 12). É pena que a circuncisão tenha se tornado um ritual sem sentido para muitos judeus, pois proclamava uma verdade espiritual importante (Dt 10:15-20; Rm 2:28, 29).

"A circuncisão de Jesus foi seu primeiro sofrimento por nós", disse o falecido Donald Grey Barnhouse, pastor e escritor norte-americano. Simbolizou a obra realizada pelo Salvador na cruz ao tratar de nossa natureza pecaminosa (Gl 6:15; Fp 3:1-3; Cl 2:10, 11). Em obediência a Deus, Maria e José chamaram o menino de *Jesus*, que significa "Jeová é salvação" (Mt 1:21).

Mas a circuncisão foi apenas o começo. Quando a criança completou quarenta dias, Maria e José tiveram de ir ao templo para realizar os rituais de purificação descritos em Levítico 12. Também tiveram de "consagrar" o menino, uma vez que era o primogênito de Maria (Êx 13:1-12). Tiveram de pagar cinco *shekelim* para "remir" o Redentor que, um dia, remiria todos nós com seu sangue precioso (1 Pe 1:18, 19). Seu sacrifício humilde indica que eram pobres demais para oferecer um cordeiro (2 Co 8:9). Mas ele era o Cordeiro de Deus!

A relação entre Cristo e a Lei é uma parte importante de seu ministério de salvação.

haver rejeitado as tradições religiosas humanas, obedeceu à Lei de Deus perfeitamente (Jo 8:46). Levou sobre si a maldição da Lei (Gl 3:13) e nos libertou da escravidão (Gl 5:1).

Simeão (vv. 25-35). Assim como Zacarias e Isabel, Simeão e Ana faziam parte do remanescente judeu fiel, que aguardava com ansiedade a vinda de seu Messias (Mt 3:16). Pelo fato de Simeão declarar estar preparado para morrer (Lc 2:29), a tradição costuma retratá-lo como um homem extremamente idoso, mas as Escrituras não dizem coisa alguma sobre sua idade. De acordo com a tradição, Simeão estava com 113 anos de idade, mas isso não passa de especulação.

A “consolação de Israel” refere-se à mensagem messiânica de esperança. Uma das orações tradicionais judaicas diz: “Que eu veja a consolação de Israel!” Essa oração foi respondida a Simeão quando viu Jesus Cristo no templo. Era um homem guiado pelo Espírito de Deus, instruído pela Palavra de Deus e obediente à vontade de Deus e, portanto, teve o privilégio de ver a salvação de Deus. Não há nada mais essencial do que as pessoas se encontrarem com Jesus Cristo, a salvação de Deus, antes de se encontrarem com a morte.

Lucas 2:29-32 relata a reação de Simeão ao ver Jesus. Esse é o quinto e último “Cântico de Natal” em Lucas (Isabel, 1:42-45; Maria, 1:46-56; Zacarias, 1:67-79; e os anjos, 2:13, 14). É o primeiro hino de adoração, pois bendiz a Deus por cumprir sua promessa e enviar o Messias. Simeão louvou a Deus com grande alegria, pois teve o privilégio de ver Cristo.

Porém, seu cântico também é um hino de salvação: “Porque os meus olhos já viram a tua salvação” (Lc 2:30). Já estava pronto para morrer! O termo “despedir” tem vários significados em grego, e cada um deles revela algo acerca da morte de um cristão. Significa libertar um prisioneiro, desfazer as amarras de um navio para que comece a navegar, desmontar uma tenda (ver 2 Co 5:1-8) e tirar o jugo de um animal de carga (ver Mt 11:28-30). O povo de Deus não teme a morte, pois ela liberta dos fardos da existência

na Terra e conduz às bênçãos da vida com o Senhor no céu.

O cântico de Simeão é um hino *missionário*, o que é um tanto estranho, considerando-se que é entoado por um judeu no templo. Ele vê a grande salvação sendo propagada aos gentios! Jesus restaurou a glória de Israel e levou a luz aos gentios, para que todos pudessem ser salvos (ver Lc 2:10). Convém lembrar que a compaixão de Cristo para com o mundo todo é um dos temas principais de Lucas.

Em seguida, Simeão pára de louvar e começa a profetizar (Lc 2:34-35) e, no texto original, usa três imagens importantes em sua mensagem, que se podem vislumbrar ao interpretar o trecho a seguir: a pedra, o sinal e a espada.

A *pedra* é uma imagem significativa de Deus no Antigo Testamento (Gn 49:24; Sl 18:2; 71:3; Dt 32:31). O Messias seria a “pedra angular rejeitada” (Sl 118:22; Lc 20:17, 18; At 4:11) e pedra de tropeço para a nação de Israel (Is 8:14; Rm 9:32). Por causa de Jesus Cristo, muitos seriam derrubados ao ser convencidos de seus pecados e, depois, seriam levantados pela salvação (ao que parece, Simeão refere-se a apenas um grupo de pessoas, não a dois). Ainda hoje, a cruz é um tropeço para o povo de Israel (1 Co 1:23), e os judeus não entendem que Jesus é sua Rocha (1 Pe 2:1-6).

O *sinal* refere-se a “um milagre”, não tanto como demonstração de poder, mas como revelação da verdade divina. No Evangelho de João, os milagres realizados por Cristo são chamados de “sinais”, pois revelam certas verdades a respeito dele (Jo 20:30, 31). Jesus Cristo é o milagre de Deus, e, no entanto, em vez de se maravilhar com ele, as pessoas o atacaram e o maldisseram. Seu nascimento foi um milagre, mas também foi alvo de difamação (Jo 8:41). Houve quem afirmasse que seus milagres eram realizados pelo poder de Satanás (Mt 12:22-24) e que seu caráter era duvidoso (Jo 8:48, 52; 9:16, 24). Zombaram de sua morte (Sl 22:6-8; Mt 27:39-44) e mentiram sobre sua ressurreição (Mt 27:62-66). Hoje, há quem fale contra sua segunda vinda (2 Pe 3).

Porém, o modo de as pessoas falarem de Jesus Cristo mostra o que se encontra em seu coração. Ele não é apenas uma “pedra de salvação” e uma “pedra de julgamento” (ver Dn 2:34, 45), mas também uma “pedra de referência”, critério que revela a verdadeira natureza das pessoas. “O que pensais vós do Cristo?” (Mt 22:42) – essa continua sendo a pergunta mais importante a ser respondida (1 Jo 4:1-3).

A imagem da *espada* foi somente para Maria e diz respeito a seu sofrimento como mãe do Messias. (Entende-se, com isso, que trinta anos depois, quando Jesus iniciou seu ministério, José já havia falecido, pois, de outro modo, ele teria sido incluído nessa palavra profética.) O termo grego, nesse caso, indica uma espada grande, como aquela usada por Golias (1 Sm 17:51), e o verbo significa “continuar a trespassar constantemente”.

Ao longo da vida e do ministério de Cristo, Maria experimentou cada vez mais aflições, até o dia em que se encontrou junto à cruz e o viu morrer (Jo 19:25-27). No entanto, sem menosprezar sua devoção, a dor pessoal de Maria não foi, de maneira alguma, parte da obra redentora de Cristo. Somente ele poderia morrer pelos pecados do mundo (1 Tm 2:5, 6).

Até que ponto Maria e José compreendiam o plano de Deus para essa criança extraordinária? Não temos como dizer ao certo, mas sabemos que Maria guardou todas essas coisas no coração e meditou sobre elas (Lc 2:19, 51). O termo “guardar” significa “juntar as coisas”; Maria procurou algum tipo de padrão que a ajudasse a entender a vontade de Deus. Houve ocasiões em que Maria não compreendeu as atitudes de seu filho (Mc 3:31-35), o que deve ter aumentado ainda mais seu sofrimento. A última menção de Maria nas Escrituras indica sua presença no cenáculo, orando com os outros cristãos (At 1:14).

Ana (vv. 36-38). Essa mulher, cujo nome significa “graça”, era uma viúva piedosa e de idade avançada. O Evangelho de Lucas faz 43 referências a mulheres e, das doze viúvas mencionadas na Bíblia, Lucas fala de

18:1-8). Não é difícil sentir a influência de seu coração de médico sobre sua narrativa.

Naquele tempo, a vida das viúvas não era nada fácil, e apesar do que a Lei ordenava, elas costumavam sofrer abandono e exploração (Êx 22:21, 22; Dt 10:17, 18; 14:29; Is 1:17). Ana dedicou-se a adorar a Deus “noite e dia em jejuns e orações”. Mudou-se da tribo de Aser para o templo, onde ficou à espera do Messias prometido de Deus (ver 1 Tm 5:3-16).

O tempo de Deus é perfeito. Ana chega exatamente quando Simeão está louvando ao Senhor pelo menino Jesus e o acompanha em seu cântico! Gostaria de ter ouvido essas pessoas idosas cantando no templo! Seu louvor foi inspirado pelo Espírito e aceito por Deus. Mas Ana não se ateve apenas a cantar; também proclamou as boas-novas entre os membros fiéis do “remanescente” que aguardava a redenção de Israel. A empolgação começou a espalhar-se, e cada vez mais pessoas ouviram as boas-novas.

Ana era profetisa, o que significa que possuía o dom especial de transmitir e de interpretar a mensagem de Deus. Outras profetisas que aparecem nas Escrituras são Miriã (Êx 15:20), Débora (Jz 4:4), Hulda (2 Rs 22:14), Noadia (Ne 6:14) e a esposa de Isaías (Is 8:3). Quatro filhas de Filipe, o evangelista, também profetizavam (At 21:8, 9).

3. O JOVEM (Lc 2:39-52)

Tendo cumprido a Lei em todas as coisas, Maria e José voltaram a Nazaré, que seria o lar de Jesus até o início de seu ministério oficial. Havia muitos judeus chamados *Jesus* (Josué), de modo que era conhecido como “Jesus, o Nazareno” (At 2:22), e seus seguidores também seriam chamados por alguns de “nazarenos” (At 24:5; ver Mt 2:23). Seus inimigos usavam esse nome com desprezo, e Pilatos incluiu-o na placa colocada no alto da cruz (Jo 19:19), mas Jesus não se envergonhou de usar essa designação quando se dirigiu, do céu, ao fariseu Saulo (At 22:8). Jesus levou ao céu algo que os homens desprezavam (Jo 1:46) e o tornou glorioso!

O que Jesus fez durante esses anos de

Lucas, o menino desenvolveu-se física, mental, social e espiritualmente (Lc 2:40, 52). Em sua encarnação, o Filho de Deus colocou de lado o uso independente de seus atributos divinos e se sujeitou inteiramente ao Pai (Fp 2:1-11). Há mistérios profundos que não podem ser inteiramente compreendidos nem explicados, mas não temos problema algum em aceitá-los pela fé.

Apesar do que diz a tradição, Jesus não realizou qualquer milagre em sua infância, pois a transformação da água em vinho foi o primeiro de seus milagres (Jo 2:1-11). Trabalhou com José como carpinteiro (Mt 13:55; Mc 6:3) e, ao que parece, cuidou dos negócios da família depois que José faleceu. José e Maria tiveram outros filhos ao longo desses anos (Mt 13:55, 56; Jo 7:1-10), pois o termo "enquanto", em Mateus 1:25, indica que, mais tarde, o casal teve vida conjugal normal.

Lucas apresenta apenas uma história da juventude de Cristo. José e Maria eram judeus devotos que observavam a Páscoa em Jerusalém todos os anos. Os homens judeus deveriam ir a Jerusalém três vezes por ano para adorar (Dt 16:16), mas nem todos tinham condições de fazer essas viagens. Se precisavam escolher uma festa à qual comparecer, normalmente escolhiam a Páscoa e procuravam levar a família consigo, uma vez que essa era a comemoração mais importante do calendário judaico.

As pessoas viajavam para essas festas em caravanas, com as mulheres e crianças à frente para determinar o ritmo da caminhada e os homens e rapazes atrás. Parentes e vilarejos inteiros costumavam viajar juntos, e uns cuidavam dos filhos dos outros. Uma vez que estava com 12 anos de idade, Jesus poderia passar de um grupo para outro sem que ninguém desse por sua falta. José talvez achasse que Jesus estava com Maria e as outras crianças, enquanto Maria imaginasse que Jesus estava com José e os outros homens ou, talvez, com algum de seus parentes.

Haviam percorrido um dia de viagem desde Jerusalém, quando descobriram que Jesus não estava com eles. Levaram um dia

inteiro para voltarem à cidade e mais um dia para encontrá-lo. Maria e José ficaram grandemente "aflitos" (Lc 2:48) durante esses dias. No texto original, esse mesmo termo é usado para descrever a preocupação de Paulo com os perdidos de Israel (Rm 9:2; "dor no coração") e também a dor das almas no Hades (Lc 16:24, 25; "atormentado").

Convém observar que o fato de Lucas usar as expressões "seus pais" (Lc 2:43) e "Teu pai e eu" (Lc 2:48) indica apenas que José era reconhecido legalmente como pai de Jesus, o que não pode ser usado para dizer que Lucas desmente a doutrina da concepção virginal.

Não sabemos se Jesus passou esse tempo todo no templo. Sem dúvida, era um lugar seguro, e o Pai celeste estava cuidando do menino. Sabemos que, quando José e Maria o encontraram, ele estava no meio dos mestres, fazendo perguntas e ouvindo suas respostas; os mestres estavam admirados tanto de suas perguntas quanto de suas réplicas.

A repreensão carinhosa de Maria levou Jesus a responder com um misto de respeito e de surpresa: "Por que me procuráveis? Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?" (Lc 2:49). A segunda pergunta também pode ser traduzida por "nas coisas de meu Pai", mas a idéia é a mesma. Jesus estava afirmando sua filiação divina e sua missão de fazer a vontade do Pai.

Essa idéia de necessidade, transmitida pelo termo "cumpria", aparece com frequência nas palavras de Jesus: "É necessário que eu anuncie o evangelho" (Lc 4:43); "É necessário que o Filho do Homem sofra" (Lc 9:22); "importa que o Filho do Homem seja levantado" (Jo 3:14). Aos 12 anos de idade, Jesus já era movido por uma compulsão divina de fazer a vontade do Pai.

Uma vez que Jesus "crescia em sabedoria" (Lc 2:52), perguntamo-nos até que ponto entendia o plano de Deus nessa época. Não se deve supor que, aos 12 anos, fosse onisciente. É evidente que cresceu em seu discernimento dos mistérios ao ter comunhão com o Pai e ao ser ensinado pelo Espírito.

Uma coisa é certa: José e Maria não entenderam! Essa falta de compreensão foi parte da dor causada pela "espada" que Simeão anunciou a Maria (Lc 2:35), e, sem dúvida, houve outras situações desse tipo enquanto o menino amadurecia. Anos depois, Jesus voltou a enfrentar a incompreensão da família durante seu ministério (Lc 8:19-21; Jo 7:1-5).

Jesus é um exemplo maravilhoso para todos os jovens. Cresceu de maneira equilibrada (Lc 2:52), sem negligenciar qualquer aspecto da vida, e sua prioridade era fazer a vontade do Pai (ver Mt 6:33). Sabia ouvir

(Lc 2:46) e fazer as perguntas certas. Aprendeu a trabalhar e foi obediente aos pais.

O menino Jesus cresceu em uma família grande, em uma cidade desprezada, sob os cuidados de pais provavelmente sem muitos recursos. A religião judaica encontrava-se em seu ponto mais baixo, o governo romano estava no poder, e a sociedade passava por um período de transição e de medo. No entanto, quando Jesus saiu de Nazaré, seu Pai pôde lhe dizer: "Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo" (Lc 3:22).

Que nosso Pai nos diga o mesmo a nosso respeito!

EIS O FILHO DE DEUS!

LUCAS 3 – 4

“Se Sócrates entrasse na sala, o mais apropriado seria nos levantarmos para reverenciá-lo”, disse Napoleão Bonaparte. “Mas se Jesus Cristo entrasse na sala, o mais apropriado seria nos prostrarmos para adorá-lo.”

Lucas teria concordado com o famoso general francês, pois, nestes dois capítulos, deixa claro que Jesus Cristo, o Nazareno é, verdadeiramente, o Filho de Deus. Vejamos os testemunhos que apresenta e como todos declaram que Jesus é o Filho de Deus.

1. JOÃO BATISTA (Lc 3:1-20)

Quando ele veio (vv. 1, 2). Quando João Batista entrou em cena, Israel não ouvia uma voz profética havia quatrocentos anos. Sua vinda foi parte do tempo perfeito de Deus, pois todas as coisas relacionadas ao Filho de Deus sempre acontecem no tempo certo (Gl 4:4; Jo 2:4; 13:1). O décimo quinto ano do imperador Tibério foi 28-29 d.C.

Lucas cita o nome de sete homens em Lucas 3:1, 2: um imperador romano, um governador, três tetrarcas (governantes sobre a quarta parte de uma região) e dois sumos sacerdotes judeus. Mas a Palavra de Deus não foi enviada a nenhum deles! Antes, a Palavra de Deus veio a João Batista, um humilde profeta judeu.

Como ele veio (v. 3). Semelhante ao profeta Elias em sua maneira de se vestir (Lc 1:17; Mt 3:4; 2 Rs 1:8), João dirigiu-se à região próxima ao rio Jordão, onde batizava e pregava. Anunciava a chegada do reino do céu (Mt 3:3) e chamava o povo ao arrependimento. Séculos antes, Israel atravessara o rio Jordão (um batismo nacional para tomar

posse de sua Terra Prometida. Agora, Deus os convidava a deixar seus pecados e a entrar em seu reino espiritual.

É importante lembrar que João não se ateu a pregar contra o pecado; também proclamou o evangelho. O verbo “anunciar”, em Lucas 3:18, dá origem a nosso verbo “evangelizar” (“anunciar as boas-novas”). João apresentou Jesus como o Cordeiro de Deus (Jo 1:29) e instou o povo a crer nele. João foi apenas o padrinho do casamento; o centro das atenções deveria ser Jesus, o Noivo (Jo 3:25-30). João regozijou-se com a oportunidade de apresentar as pessoas ao Salvador e, então, deixou o caminho livre para Cristo.

O ministério de João foi caracterizado de maneira singular pelo batismo (Lc 20:1-8; Jo 1:25-28). Essa prática não era novidade para o povo, pois os judeus costumavam batizar gentios prosélitos. Mas João fazia algo incomum: batizava *judeus*. Atos 9:1-5 explica que o batismo de João *preludia* a vinda do Messias, enquanto o batismo cristão *recorda* a obra consumada em Cristo.

No entanto, havia algo maior que o batismo de João: o batismo que seria ministrado pelo Messias (Lc 3:16). Os que cressem, seriam batizados por ele com o Espírito Santo, como passou a ocorrer depois de Pentecostes (At 1:5; 2:1ss). Hoje, no momento em que um pecador aceita a Cristo, é batizado pelo Espírito e se torna parte do corpo de Cristo (1 Co 12:13).

O que é o “batismo de fogo”? Não se refere às “línguas como de fogo” em Pentecostes, pois dificilmente pode-se considerar essas línguas sobre a cabeça de uma pessoa como um “batismo”. O uso que João faz do símbolo do “fogo”, em Lucas 3:9 e 17, indica que está se referindo a *juízo*, não a bênção. No ano 70 d.C., a nação passou pelo batismo de fogo, quando Tito e os exércitos romanos destruíram Jerusalém e dispersaram o povo. Todos os incrédulos passarão por um batismo de juízo no lago de fogo (Ap 20:11-15).

Por que veio (vv. 4-20). A ilustração usada neste capítulo nos ajuda a compreender o ministério que João recebeu de Deus.

Em primeiro lugar, João Batista foi *uma voz* "que clama no deserto" (Lc 3:4; ver também Is 40:1-5 e Jo 1:23). Fez o papel de arauto, indivíduo que ia adiante do cortejo real a fim de se certificar de que as estradas estavam preparadas para o rei. Em termos espirituais, a nação de Israel vivia em um "deserto" de incredulidade, e os caminhos para a realidade espiritual eram tortuosos e praticamente intransitáveis. A corrupção do sacerdócio (em vez de um sumo sacerdote, havia *dois!*) e a hipocrisia legalista dos escribas e fariseus haviam deixado a nação espiritualmente enfraquecida. O povo precisava encarecidamente ouvir uma voz proclamando a mensagem de Deus, e João foi essa voz fiel.

Coube a João preparar a nação para o Messias e depois lhes apresentar esse Messias (Lc 1:16, 17, 76, 77; Jo 1:6-8, 15-34). Repreendeu os pecados do povo e anunciou a salvação de Deus, pois sem o convencimento do pecado não pode haver salvação.

João também é comparado a *um agricultor* derrubando árvores improdutivas (Lc 3:9) e separando o trigo do restolho (Lc 3:17). Como certos "pecadores religiosos" de hoje, alguns judeus acreditavam ter um lugar reservado no céu pelo simples fato de serem descendentes de Abraão (ver Jo 8:31-34; Rm 4:12-17; Gl 3:26-29). João lembrou-os de que Deus vai até a raiz das questões e não se impressiona com confissões religiosas que não produzem frutos. No julgamento final, os que crêem de todo coração (trigo) serão juntados por Deus, enquanto os pecadores (restolho, palha) serão lançados ao fogo.

Em Lucas 3:7, João retrata os pecadores hipócritas como serpentes fugindo do fogo que se aproxima! Jesus comparou os fariseus a víboras (Mt 23:33), pois sua hipocrisia e incredulidade os tornavam filhos do diabo (Jo 8:44, 45; Ap 20:2). Como é triste ver que os líderes religiosos recusaram-se a dar ouvidos à mensagem de João e a se submeter ao seu batismo (Lc 20:1-8). Não apenas deixaram de entrar no reino como também foram um mau exemplo, e seus falsos ensinamentos impediram a entrada de outros no

João Batista também foi um *mestre* (Lc 3:12). Não apenas pregou publicamente, como também ministrou ao povo em nível pessoal, mostrando aos arrependidos como colocar sua nova fé em prática (Lc 3:10-14). Disse-lhes que não fossem egoístas, mas que compartilhassem suas bênçãos com outros (ver At 2:44, 45; 4:32-37).

Até mesmo os coletores de impostos buscaram o conselho de João. Esses homens eram desprezados por seus compatriotas judeus, pois trabalhavam para o império romano e costumavam extorquir dinheiro do povo. Lucas enfatiza a amizade de Jesus com os coletores de impostos (Lc 5:22ss; 15:1, 2; 19:1-10). João não lhes disse para deixar de trabalhar, mas sim para fazê-lo de modo honesto.

Os soldados também não foram condenados por sua ocupação. Antes, João lhes disse que não usassem sua autoridade em benefício próprio. É possível que esses soldados trabalhassem no templo ou na corte de algum governante judeu, pois dificilmente soldados romanos pediriam conselhos a um profeta judeu.

João foi fiel em seu ministério de preparar o coração do povo e de lhes apresentar o Messias. Afirmou claramente que Jesus era "o Senhor" e o Filho de Deus (Lc 3:4). Censurou Herodes Antipas por seu casamento adúltero com Herodias; como consequência, foi preso pelo rei e, por fim, decapitado. No entanto, havia cumprido fielmente a missão que Deus havia lhe dado e preparado o povo para se encontrar com o Messias, o Filho de Deus.

2. O PAI E O ESPÍRITO (Lc 3:21-38)

Um dia, depois que todos os outros haviam sido batizados, Jesus apresentou-se para o batismo no Jordão, e João recusou-se a batizá-lo (Mt 3:13-15). Sabia que Jesus de Nazaré era o Filho perfeito de Deus e que não precisava arrepender-se de pecado algum. Então, por que ele foi batizado?

Em primeiro lugar, por meio de seu batismo, Cristo identificou-se com os pecadores que veio salvar. Além disso, o batismo

22; 10:37, 38). Estava com “cerca de trinta anos” (Lc 3:23), a mesma idade com que os levitas começavam seu trabalho (Nm 4:3, 35). Mas as palavras de Jesus revelam o motivo principal de seu batismo: “porque, assim, nos convém cumprir toda a justiça” (Mt 3:15). De que maneira? Daquela retratada por seu batismo no Jordão. Vários estudiosos da Bíblia acreditam que o batismo do Novo Testamento era feito por imersão, uma imagem da morte, sepultamento e ressurreição. *O batismo de Cristo na água foi um retrato de sua obra de redenção* (Mt 20:22; Lc 12:50). Foi por intermédio de seu batismo de sofrimento na cruz que Deus “[cumpriu] toda a justiça”. (O pronome “nos”, em Mt 3:15, não se refere a João e a Jesus, mas sim ao Pai, ao Filho e ao Espírito.)

Quando Jesus saiu da água, do céu o Pai lhe falou, identificando-o como Filho amado de Deus, e o Espírito desceu sobre ele visivelmente, na forma de uma pomba. Os que negam a Trindade têm dificuldade em explicar essa passagem.

Essa é primeira de três ocasiões registradas nos Evangelhos em que o Pai fala do céu. A segunda foi na transfiguração de Jesus (Lc 9:28-36), e a terceira, na última semana antes da cruz (Jo 12:28).

Somente Lucas menciona que Jesus estava orando, e essa foi apenas uma dentre várias ocasiões (Lc 5:16; 6:12; 9:18, 28, 29; 11:1; 23:34, 46). Como Filho perfeito do homem, Jesus dependia do Pai para suprir suas necessidades e orava por isso.

Lucas interrompe sua narrativa neste ponto para apresentar uma genealogia de Jesus. A genealogia de Mateus (Mt 1:1-17) começa com Abraão e vai até Jesus, enquanto a de Lucas começa com Jesus e retrocede até Adão. Mateus apresenta a genealogia de José, que, do ponto de vista da lei, era o pai de Jesus, enquanto Lucas apresenta a genealogia de Maria, sua mãe. Lucas 3:23 pode ser traduzido por: “Quando começou seu ministério, Jesus tinha cerca de trinta anos de idade (sendo, supostamente, filho de José), o filho de Eli [um antepassado de Maria]”. A própria Maria não é mencionada, pois não era costume citar o nome de mulheres em

genealogias, apesar de Mateus falar de quatro mulheres (Mt 1:3, 5, 16).

Ao colocar a genealogia nesta parte de seu texto, Lucas lembra seus leitores de que o Filho de Deus também era Filho do homem, nascido neste mundo, identificado com as necessidades e problemas da humanidade. Uma vez que tanto José quanto Maria eram da linhagem de Davi, essas genealogias mostram que Jesus de Nazaré tem direito legal ao trono de Davi (Lc 1:32, 33).

3. SATANÁS (LC 4:1-13)

Até mesmo o inimigo é obrigado a reconhecer que Jesus é o Filho de Deus. “Se és o Filho de Deus” (Lc 4:3, 9) não é uma suposição, mas uma afirmação. Significa “tendo em vista que és o Filho de Deus”. Na verdade, sua divindade serviu de base para a primeira das três tentações. “Se és o Filho de Deus”, argumentou Satanás, “por que passar fome? Podes transformar pedras em pão!” Satanás desejava que Jesus desobedecesse à vontade do Pai usando seu poder divino em benefício próprio.

Por que Jesus foi tentado? Em primeiro lugar, sua tentação serviu para comprovar que a aprovação do Pai era merecida (Lc 4:22). Jesus é, de fato, o “Filho amado”, que sempre faz o que agrada ao Pai (Jo 8:29). Além disso, em sua tentação, Jesus expôs as táticas do inimigo e revelou-nos como ser vencedores ao sofrer tentações. Essa experiência ajudou a preparar Cristo para o ministério que exerce hoje como Sumo Sacerdote que nos compreende; assim, é possível chegar-se a ele e receber a ajuda necessária para vencer a tentação (Hb 2:16-18; 4:14-16). O primeiro Adão foi tentado num belo jardim e fracassou. O Último Adão foi tentado num deserto perigoso (Mc 1:13) e venceu.

Temos à nossa disposição os mesmos recursos espirituais que Jesus usou quando enfrentou e derrotou Satanás: a oração (Lc 3:21), o amor do Pai (Lc 3:22), o poder do Espírito (Lc 4:1) e a Palavra de Deus (“Está escrito”). Além disso, temos o Salvador que está no céu intercedendo por nós e que derrotou completamente o inimigo. Satanás nos

tenta para fazer aflorar o que há de pior dentro de nós. A tentação é sua arma para nos derrotar, mas pode tornar-se um instrumento de Deus para nos edificar (ver Tg 1:1-8, 13-17).

Na primeira tentação, Satanás insinua que havia algo de errado com o amor do Pai, uma vez que seu "Filho amado" estava passando fome. Em outros tempos, Israel havia tido fome no deserto, e Deus lhes dera pão do céu. Por certo, Jesus poderia usar seu poder divino para se alimentar e salvar a própria vida. Satanás usou a mesma abordagem sutilmente com Eva: "Deus não está lhe dando tudo o que é devido! Por que não pode comer de *todas* as árvores do jardim? Se Deus a amasse de fato, compartilharia tudo com você!"

Mas se trata de uma prova ainda mais sutil, pois Satanás pede que Jesus separe o *físico* do *espiritual*. Na vida cristã, comer é uma atividade espiritual. Podemos usar nosso alimento diário para glorificar a Deus (Rm 14:20, 21; 1 Co 10:31). Sempre que rotulamos diferentes áreas de nossa vida como "físicas", "materiais", "financeiras" ou "espirituais", corremos o risco de deixar Deus de fora de áreas que, na verdade, lhe pertencem por direito. Cristo deve ser o primeiro *em tudo* ou não o será em coisa alguma (Mt 6:33). É melhor passar fome dentro da vontade de Deus do que estar saciado e fora da vontade de Deus.

Ao citar Deuteronômio 8:3, Jesus enfatiza a palavra *homem*. Como Filho eterno de Deus, tinha o *poder* de fazer qualquer coisa, mas como Filho humilde do homem, tinha *autoridade* para fazer somente o que era da vontade do Pai. (Devemos observar com atenção Jo 5:17, 30; 8:28; 10:17, 18; 15:10, 15.) Como Servo, Jesus não usou seus atributos divinos com propósitos egoístas (Fp 2:5-8). Uma vez que era homem, sentiu fome, mas confiou que o Pai supriria suas necessidades a seu tempo e a sua maneira.

Precisamos de pão para o corpo (Mt 6:11), mas não devemos ser sustentados apenas pelo pão físico. Também precisamos

suprir nossas necessidades espirituais. Esse alimento é a Palavra de Deus (Sl 119:103; Jr 15:16; 1 Pe 2:2). A meditação é para a alma aquilo que a digestão é para o corpo. Ao ler a Palavra e meditar nela, recebemos saúde e força espiritual para o ser interior, o que nos permite obedecer à vontade de Deus.

Não sabemos por que Lucas inverteu a ordem das duas últimas tentações, mas uma vez que não afirmou estar narrando os acontecimentos em seqüência, não é conflitante com Mateus 4:1-11. O termo "Então", em Mateus 4:5, indica que a seqüência correta é a de Mateus. Ao que parece, há um paralelo entre a seqüência em Lucas e 1 João 2:16: a concupiscência da carne (transformar pedras em pão), a concupiscência dos olhos (os reinos do mundo e a glória) e a soberba da vida (saltar do pináculo do templo), mas é de se duvidar que essa tenha sido a idéia de Lucas.

O Pai já havia prometido dar ao Filho todos os reinos do mundo (Sl 2:7, 8), mas primeiro era necessário que o Filho sofresse e morresse (Jo 12:23-33; Ap 5:8-10). O sofrimento precede a glória (Lc 24:25-27). O adversário ofereceu a Jesus esses mesmos reinos se o adorasse *uma única vez*, o que eliminaria a necessidade de Jesus sofrer na cruz (observe Mt 16:21-23). Satanás sempre quis tomar o lugar de Deus e ser adorado (Is 14:13, 14).

Como príncipe deste mundo, Satanás possui certa autoridade recebida de Deus (Jo 12:31; 14:30). Um dia, repartirá essa autoridade com o Anticristo, o homem da iniquidade, que reinará sobre o mundo por um breve período (Ap 13). A oferta de Satanás para Cristo era válida, mas suas condições eram inaceitáveis, e o Salvador recusou.

Jesus volta a citar a Palavra de Deus, dessa vez Deuteronômio 6:13. Satanás não disse coisa alguma sobre *servir*, mas Jesus sabia que servimos àquilo que adoramos. O serviço ao Senhor é liberdade verdadeira, mas o serviço a Satanás é terrível escravidão. Deus determinou que se comece com sofrimento e que se termine com glória (1 Pe 5:10), enquanto o padrão de Satanás é come-

Satanás deseja que sacrifiquemos as coisas eternas em troca das temporárias e que procuremos fazer tudo “do jeito mais fácil”.

Não há “atalhos” na vida cristã e não há maneira fácil de conquistar vitórias e maturidade espiritual. Se o Filho perfeito de Deus teve de ser dependurado em um madeiro antes de assentar no trono, seus discípulos não devem esperar uma vida fácil (ver Lc 9:22-26; At 24:22).

Satanás questionou o amor do Pai, quando tentou Jesus a transformar pedras em pães. Questionou sua esperança, quando ofereceu a Jesus os reinos do mundo sem ter de passar pela cruz (ver Hb 12:1-3). Satanás questionou a fidelidade do Pai ao dizer para Jesus saltar do alto do templo e provar que o Pai cumpriria sua promessa (Sl 91:11, 12). Desse modo, o inimigo atacou três virtudes fundamentais da vida cristã: a fé, a esperança e o amor.

É provável que o pináculo fosse um ponto alto na extremidade sudeste do templo, bem acima do vale de Cedrom. Satanás pode usar até mesmo a Cidade Santa e a parte mais elevada do templo santo como tentação! O inimigo seguiu o exemplo de Jesus e resolveu citar as Escrituras, escolhendo para isso o Salmo 91:11, 12. Claro que citou essa promessa indevidamente e, além disso, deixou de fora a expressão “em todos os teus caminhos”.

Quando um filho de Deus encontra-se dentro da vontade de Deus, pode reivindicar a proteção e o cuidado do Pai. Mas quando se coloca deliberadamente em dificuldade e espera que Deus o salve, está tentando a Deus (para um exemplo disso, ver Êx 17:1-7). Tentamos a Deus quando o “forçamos” (ou desafiemos) a agir de modo contrário a sua Palavra. É extremamente perigoso testar a paciência de Deus, mesmo sabendo que ele é, de fato, um Deus longânimo e bondoso.

A essa tentação, Jesus respondeu: “Também está escrito” (Mt 4:7) e citou Deuteronômio 6:16. *Jesus contrabalançou um texto das Escrituras com outro texto bíblico, a fim de obter a expressão total da vontade de Deus. Se tirarmos versículos de seu contexto ou extrairmos passagens da revelação total*

das Escrituras, é possível usar a Bíblia para provar praticamente qualquer coisa. Quase todas as seitas afirmam ter como base os ensinamentos da Bíblia. Quando procuramos as ordens que Deus tem para nós escolhendo um versículo aqui e outro ali, não estamos vivendo pela fé. Antes, vivemos em função do acaso e tentando o Senhor. “Tudo o que não provém de fé é pecado” (Rm 14:23), e “a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17).

Jesus saiu vitorioso do deserto, mas Satanás não desistiu. Tentou encontrar outras oportunidades de tentar o Salvador a desobedecer à vontade do Pai. Como disse Andrew Bonar: “Permaneçamos tão alertas depois da vitória quanto antes da batalha”.

4. AS ESCRITURAS (LC 4:14-30)

Os acontecimentos registrados em João 1:19 a 4:45 ocorreram nessa época, mas não foram registrados por Mateus, nem por Marcos e nem por Lucas. Esses três evangelistas passam diretamente ao ministério de Jesus na Galiléia, e somente Lucas registra sua visita à cidade de Nazaré. A essa altura, já havia se espalhado por toda parte a notícia de que havia em Nazaré um homem que operava milagres, de modo que sua família, amigos e vizinhos estavam ansiosos para vê-lo e ouvi-lo.

Jesus costumava freqüentar os cultos públicos, costume que seus seguidores devem imitar hoje (Hb 10:24, 25). Poderia ter argumentado que o “sistema religioso” era corrupto, ou que não precisava ser instruído, mas, em vez disso, aos sábados, se dirigia à casa de oração.

O culto típico da sinagoga começava com a invocação da bênção de Deus seguida da recitação da confissão de fé hebraica tradicional (Dt 6:4-9; 11:13-21). Em seguida, eram feitas orações e as leituras prescritas dos textos da Lei e dos Profetas, e o leitor parafraseava as Escrituras hebraicas em aramaico.

Na seqüência, era costume ter um sermão curto, trazido por um dos homens da congregação ou, ainda, por um rabino visitante (ver At 13:14-16). Se um sacerdote

estava presente, o culto terminava com uma bênção. De outro modo, os leigos oravam, e a reunião era encerrada.

Jesus pediu para ler o texto das Escrituras e para trazer o sermão. Sua leitura incluiu a passagem de Isaías 61:1, 2, e esse foi seu "texto-chave". De acordo com os rabinos, essa passagem era uma referência ao Messias, e o povo na sinagoga sabia disso. Podemos imaginar como todos ficaram estarecidos quando Jesus declarou abertamente que aquelas palavras referiam-se a ele e que havia vindo para trazer o "ano aceitável do Senhor".

Trata-se aqui de uma referência ao "ano de jubileu" descrito em Levítico 25. Todo sétimo ano era um "ano sabático" para a nação, quando se devia deixar a terra descansar; cada quinquagésimo ano (depois de sete anos sabáticos) era "ano de jubileu". O propósito maior desse ano era equilibrar o sistema econômico: os escravos eram libertos e voltavam para sua família, a propriedade que havia sido vendida era devolvida aos primeiros donos, e todas as dívidas eram canceladas. A terra permanecia alqueivada, enquanto homens e animais descansavam e se alegravam no Senhor.

Jesus aplicou tudo isso a seu ministério, não em termos políticos ou econômicos, mas em sentido físico e espiritual. Sem dúvida, havia trazido as boas-novas da salvação aos pecadores falidos, e cura aos aflitos e rejeitados. Havia livrado muitos da cegueira e da escravidão de demônios e de enfermidades. De fato, era um "ano de jubileu" espiritual para a nação de Israel!

Infelizmente, seus ouvintes recusaram-se a crer nele. Consideravam-no apenas o filho de Maria e José, o menino que haviam visto crescer em sua cidade. Além disso, desejavam que realizasse em Nazaré os mesmo milagres que havia feito em Cafarnaum, mas ele se negou a atendê-los. A expressão "médico, cura-te a ti mesmo!" significa: "Faça um milagre!"

A princípio, admiraram a forma de Jesus ensinar, mas não tardou para que essa admiração se transformasse em hostilidade. Isso porque Jesus começou a lembrá-los da bonda-

Elias deixou de lado todas as viúvas de Israel e ajudou uma viúva gentia em Sidom (1 Rs 17:8-16), e seu sucessor, Eliseu, curou um leproso gentio da Síria (2 Rs 5:1-15). A mensagem da graça proclamada por Cristo bateu de frente com o exclusivismo judaico arrogante daquela congregação, e seus membros recusaram-se a arrepender-se. Para eles, era absurdo ouvir um conterrâneo dizer que os judeus deveriam ser salvos pela graça da mesma forma que gentios pagãos!

A congregação ficou tão irada que resolveu matar Jesus! Nas palavras de Agostinho: "Amam a verdade quando esta os esclarece, mas a odeiam quando os acusa". Isso se aplica perfeitamente a várias igrejas de hoje, onde se podem encontrar pessoas que querem "palavras de graça" (Lc 4:22), mas que não desejam encarar a verdade (ver Jo 1:17).

Apesar da incredulidade do povo em Nazaré, as Escrituras afirmam que Jesus de Nazaré é o Filho de Deus, o Messias enviado para cumprir suas promessas. O povo que não o desejava e que rejeitou o "ano aceitável do Senhor" um dia terá de enfrentar o "dia da vingança do nosso Deus" (Is 61:2). É bastante sugestivo que Jesus tenha interrompido sua leitura exatamente nesse ponto!

5. OS DEMÔNIOS (Lc 4:31-44)

Jesus saiu de Nazaré e montou sua "base de operações" em Cafarnaum (Mt 4:13-16), cidade de Pedro, André, Tiago e João. Lá, ensinou com regularidade na sinagoga e deixou o povo admirado com a autoridade de sua mensagem (ver Mt 7:28, 29). Também os espantou com sua autoridade sobre os demônios.

O que levaria um homem endemoninhado a comparecer à sinagoga? Acaso não sabia que Jesus estaria lá? Cristo não desejava que os demônios dessem testemunho dele. Assim, ordenou que se calassem e os expulsou. É evidente que os demônios sabem que Jesus é o Filho de Deus (Lc 4:34, 41) e, sabendo disso, estremecem (Tg 2:19).

Depois do culto, Jesus foi à casa de Pedro, onde curou a sogra de Pedro. (Como bom médico, Lucas observa que ela estava

pôs e o sábado chegou ao fim, passando a ser permitido que se realizassem curas, uma multidão levou enfermos e aflitos à casa de Pedro e pediu que Jesus os ajudasse. Mais uma vez, ele calou os demônios que confessaram que ele era o Filho de Deus.

É bem provável que Jesus estivesse exausto depois de um dia cheio como esse; no entanto, na manhã seguinte levantou-se cedo para orar (Mc 1:35). Cristo encontrava as forças e o poder para servir na oração, e devemos fazer o mesmo.

JESUS FAZ TODA DIFERENÇA

LUCAS 5

Jesus preocupava-se com os indivíduos. Apesar de pregar a grandes multidões, sua mensagem sempre era particular e jamais deixava de oferecer ajuda pessoal. Seu propósito era transformar as pessoas e, depois, enviá-las para compartilhar sua mensagem de perdão com outros. Lucas descreve essa abordagem neste capítulo sobre o encontro de Jesus com quatro indivíduos e as transformações que experimentaram ao crer no Senhor.

1. DO FRACASSO AO SUCESSO (Lc 5:1-11)

Este acontecimento não é paralelo àquele descrito em Mateus 4:18-22 e Marcos 1:16-20. Nesses outros relatos, Pedro e André estavam ocupados pescando, mas aqui, haviam pescado a noite toda sem sucesso e lavavam suas redes. (Se não eram lavadas e estendidas para secar, as redes apodreciam e se rompiam.) Jesus havia chamado Pedro, André, Tiago e João algum tempo antes, e eles haviam viajado com ele de Cafarnaum para a Galiléia (Mc 1:21-39), mas depois disso voltaram a sua ocupação. É nesse momento que Jesus os chama para o discipulado de tempo integral.

É possível que pelo menos sete discípulos fossem pescadores (Jo 21:1-3). Vejamos alguns atributos dos pescadores que lhes permitem servir ao Senhor com sucesso. É preciso coragem, ousadia, paciência e determinação para trabalhar no mar; também é preciso um bocado de fé. Os pescadores devem estar dispostos a trabalhar em equipe (na pesca com rede, não com anzóis) e a ajudar uns aos outros. Devem desenvolver

as habilidades necessárias para realizar o serviço com rapidez e eficiência.

Se eu tivesse passado a noite toda pescando sem pegar coisa alguma, provavelmente estaria *vendendo* minhas redes, não as lavando e preparando para usá-las novamente! Mas verdadeiros pescadores não desistem. Pedro continuou trabalhando, enquanto Jesus usava seu barco como palanque para se dirigir à multidão enorme à beira do mar. “Todo púlpito é um barco de pesca”, disse J. Vernon McGee, “um lugar para proclamar a Palavra de Deus e para tentar pegar peixes”.

Mas há outro aspecto de seu pedido a ser considerado: sentado em seu barco, ouvindo a Palavra de Deus, Pedro constituía um “público cativo”. “A fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17). Em pouco tempo, Pedro teria de exercitar sua fé, e Jesus o estava preparando para isso. Primeiro, pediu que Pedro “afastasse [o barco] um pouco da praia”. Se Pedro não tivesse obedecido a essa primeira ordem, aparentemente tão insignificante, jamais teria participado de um milagre.

Pedro deve ter ficado surpreso quando Jesus assumiu o comando do barco e de sua tripulação. Afinal, Jesus era um carpinteiro (Mc 6:3), e o que os carpinteiros entendem de pesca? Era de conhecimento geral que no mar da Galiléia o certo era pescar durante a noite, nas águas mais rasas, não durante o dia, nas águas mais profundas. O que Jesus pediu que Pedro fizesse era contrário a todo seu treinamento e experiência, mas Pedro obedeceu. O elemento crucial foi sua fé na Palavra de Deus: “mas sob a tua palavra” (Lc 5:5).

O termo traduzido por “Mestre”, em Lucas 5:5, é usado apenas por Lucas e possui vários significados, sendo que todos se referem à autoridade: comandante supremo, magistrado, governante de uma cidade, presidente de uma sociedade. Mesmo sem entender tudo o que Jesus estava fazendo, Pedro mostrou-se disposto a se sujeitar a sua autoridade. É importante lembrar, também, que uma grande multidão os observava da praia.

A forma de reagir ao sucesso é uma indicação do verdadeiro caráter. Em vez de tomar toda aquela pescaria valiosa para si, Pedro e André chamaram os companheiros para dividi-la com eles. Não somos reservatórios de bênçãos, mas sim canais para compartilhar com outros aquilo que Deus nos deu por sua graça.

2. DA ENFERMIDADE À SAÚDE (Lc 5:12-16)

Vemos aqui um homem que *precisava ser transformado*, pois era leproso. Em Israel, várias doenças de pele eram classificadas como lepra, inclusive aquilo que chamamos hoje de hanseníase. Apesar de todos os avanços da medicina, acredita-se que cerca de 10 milhões de pessoas ao redor do mundo sofrem de lepra. Uma dos tipos de lepra ataca os nervos, de modo que o enfermo não sente dor. As infecções instalam-se com facilidade, provocando degeneração dos tecidos. O membro torna-se deformado e acaba caindo.

Uma das incumbências do sacerdote era examinar pessoas para determinar se sofriam de lepra (Lv 13). Os infectados eram isolados e só poderiam voltar ao convívio social depois de serem declarados “purificados”. A lepra é usada por Isaías como imagem do pecado (Is 1:4-6), e as instruções detalhadas em Levítico 13 e 14 indicam que esse procedimento ia além da manutenção da saúde pública.

Assim como o pecado, a lepra penetra a pele e atinge camadas mais profundas de tecido (Lv 13:3), não podendo ser tratada com medidas “superficiais” (ver Jr 6:14). Como o pecado, a lepra alastra-se (Lv 13:7, 8) e, à medida que se espalha, também contamina (Lv 13:44, 45). Por causa de sua contaminação, a pessoa com lepra deveria ficar fora do arraial (Lv 13:46), e os pecadores de hoje serão isolados no inferno. As pessoas com lepra eram consideradas “mortas” (Nm 12:12), e as roupas infectadas pela lepra só serviam para ser queimadas (Lv 13:52). Como é importante os pecadores crerem em Jesus Cristo e se livrem da sua “lepra”!

Esse homem não apenas precisava, mas também *desejava ser transformado*. Os leprosos deveriam manter-se afastados, mas ele estava tão determinado que transgrediu a Lei e abordou Jesus pessoalmente. Ao longo de todo o seu Evangelho, Lucas deixa claro que Jesus era amigo dos párias e que eles podiam buscar sua ajuda. Esse homem humilhou-se diante do Senhor e suplicou por misericórdia.

Pela graça e poder de Deus, *foi transformado!* Jesus chegou a tocá-lo, o que significa que ele próprio ficou cerimonialmente impuro. Trata-se de um retrato bellissimo da obra que Jesus realizou pelos pecadores: ele se fez pecado por nós para que fôssemos purificados (2 Co 5:21; 1 Pe 2:24). Jesus não apenas deseja salvar (1 Tm 2:4; 2 Pe 3:9), mas também tem poder para salvar (Hb 7:25) e pode fazê-lo agora (2 Co 6:2).

Jesus encaminhou o homem ao sacerdote, a fim de que seguisse o procedimento para a restauração de acordo com Levítico 14. A cerimônia é um retrato da obra de Jesus Cristo em sua encarnação, morte e ressurreição, sendo realizada com água pura, um símbolo do Espírito Santo de Deus. Esse sacrifício lembra que Jesus teve de morrer por nós a fim de nos livrar de nossos pecados.

Jesus instruiu o homem a não revelar quem o havia curado, mas em seu entusiasmo incontido, o homem testemunhou a todos sobre o Senhor. (Jesus ordena que levemos sua mensagem a todos, mas nos calamos!) Seu testemunho atraiu grandes multidões em busca da ajuda de Jesus, e o Senhor ministrou ao povo com bondade. Mas Jesus não se impressionou com toda essa gente, pois sabia que só estavam interessados em seu poder de curar, não em sua salvação. Em várias ocasiões, deixou a multidão e se retirou para um lugar tranqüilo, a fim de orar e de buscar a ajuda do Pai – um bom exemplo a ser seguido por todos os servos de Deus.

3. DA CULPA AO PERDÃO (Lc 5:17-26)

Jesus retornou a Cafarnaum, possivelmente à casa de Pedro, e o povo reuniu-se para vê-lo curar e para ouvi-lo ensinar. No entanto,

é possível observar, aqui, um elemento adicional: a presença de alguns líderes religiosos de Jerusalém com o objetivo de investigar o que Jesus fazia. Esses líderes estavam inteiramente dentro de seus direitos, uma vez que era responsabilidade deles evitar que falsos profetas fizessem o povo desviar-se (Dt 13; 18:15-22). Haviam interrogado João Batista (Jo 1:19-34) e estavam prestes a examinar Jesus de Nazaré.

Uma vez que é a primeira vez que os escribas e fariseus são mencionados no Evangelho de Lucas, convém familiarizar-se com essas duas figuras. O termo *fariseu* vem de uma palavra hebraica que significa "dividir, separar". É provável que os escribas e fariseus fossem grupos que se desenvolveram a partir do ministério do sacerdote Esdras, o qual ensinou o povo de Israel a obedecer à Lei de Moisés e a se separar das nações pagãs ao redor (Ed 9 - 10; Ne 8 - 9). O grande desejo dos escribas e dos fariseus era compreender e engrandecer a Lei de Deus e aplicá-la a sua vida diária.

Porém, o movimento não tardou em cair no legalismo, e seus líderes colocaram tantos fardos sobre o povo que se tornou impossível "[servir] ao SENHOR com alegria" (Sl 100:2). Além disso, muitos fariseus eram hipócritas e não praticavam o que pregavam (ver Mt 15:1-20; 23:1-36). No Sermão do Monte (Mt 5 - 7), Jesus mostrou como a religião farisaica era superficial. Explicou que a verdadeira justiça dizia respeito ao coração, não somente a práticas religiosas exteriores.

Os escribas e fariseus escolheram uma boa hora para comparecer a uma das reuniões com Jesus, pois o poder de Deus estava presente de maneira especial e, nesse dia, Jesus curou um homem paralítico. Se a lepra ilustra a corrupção e a contaminação do pecado, a paralisia é um retrato da estagnação que o pecado produz. Mas Jesus não se ateve a curar o homem; também perdoou seus pecados e ensinou à multidão uma lição sobre o perdão.

O paralítico não era capaz de chegar até Jesus sozinho, mas felizmente tinha quatro amigos que conseguiram levá-lo para perto

de como os amigos devem ministrar uns aos outros e ajudar os pecadores necessitados a se achegar ao Salvador.

Em primeiro lugar, creram que Jesus o curaria (Lc 5:20), e Deus honra a fé. O amor dos amigos pelo homem os fez unir esforços e não permitiu que coisa alguma os desanimasse, nem mesmo a multidão à porta. (Como é triste quando espectadores ficam no caminho de pessoas que desejam encontrar-se com Jesus! Zaqueu teve o mesmo problema. Ver Lucas 19:3.) Quando não conseguiram entrar pela porta, foram até o telhado, fizeram uma abertura e desceram o homem em seu leito bem na frente de Jesus!

Jesus poderia ter simplesmente curado o homem e o mandado para casa. Em vez disso, porém, aproveitou essa oportunidade para ensinar uma lição sobre o pecado e o perdão. Sem dúvida, era mais fácil dizer ao homem: "Estão perdoados os teus pecados" do que dizer: "Levanta-te e anda", pois ninguém podia provar que os pecados dele haviam sido, de fato, perdoados! Jesus usou a abordagem mais difícil e curou o corpo do homem, algo que todos os presentes seriam capazes de testemunhar.

Não sabemos se a aflição era decorrente de seus pecados, mas é provável que sim (ver Jo 5:1-14). A cura do corpo foi uma evidência exterior da sua cura pessoal interior. Jesus surpreendeu os líderes religiosos ao afirmar ter autoridade tanto para curar o corpo quanto para perdoar pecados. O povo já havia reconhecido sua autoridade para ensinar e expulsar demônios (Lc 4:32, 36), mas aqui ele afirma que também tem poder para perdoar pecados. Os escribas e fariseus não tinham como negar o milagre da cura, mas consideraram blasfêmia sua declaração de haver perdoado os pecados, pois isso é algo que somente Deus pode fazer. Tal declaração tornava Jesus passível de apedrejamento, uma vez que afirmava ser Deus.

Lucas 5:24 registra pela primeira vez o uso da designação Filho do Homem neste Evangelho, em que esse mesmo nome aparece 23 vezes. Os ouvintes de Jesus conheciam

mais de oitenta vezes, e Daniel aplicou-o ao Messias (Dn 7:13, 18). “Filho do Homem” era a designação predileta de Jesus ao se referir a si mesmo. Pode ser encontrada pelo menos oitenta vezes nos Evangelhos. Em algumas ocasiões, Jesus usou o título “Filho de Deus” (Mt 27:43; Lc 22:70; Jo 5:25; 9:35; 10:36; 11:4), mas “Filho do Homem” é empregado com mais freqüência. Sem dúvida, o povo judeu percebeu o caráter messiânico desse título, mas também servia para identificar Jesus com as pessoas. Cristo veio ao mundo para salvar (Lc 19:10). Assim como Ezequiel – o “filho do homem” do Antigo Testamento –, Jesus assentou-se “no meio deles” (Ez 3:15).

A cura foi imediata, e o povo glorificou a Deus. Além de receber a cura, porém, o homem foi perdoado de seus pecados e começou uma vida inteiramente nova. Os milagres de Cristo não mostravam apenas sua divindade e compaixão para com os necessitados, mas também revelavam lições importantes sobre a salvação. Eram “lições práticas” com o propósito de ensinar ao povo espiritualmente cego o que Deus era capaz de fazer por eles se cressem em seu Filho.

4. DO VELHO AO NOVO (Lc 5:27-39)

Ao chamar Levi, Jesus fez três coisas: salvou uma alma perdida, acrescentou mais um discípulo a seu grupo e criou uma oportunidade de explicar seu ministério aos amigos de Levi e aos escribas e fariseus. Esse acontecimento ocorreu, provavelmente, logo depois que Jesus curou o homem paralisado, pois o “comitê oficial” ainda estava por lá (Lc 5:17). Também é provável que tenha sido nessa ocasião que Jesus mudou o nome de Levi para “Mateus, a dádiva de Deus” (ver Lc 6:15; Mt 9:9).

Mateus trabalhava na coletoria, uma espécie de cabine de onde cobrava os impostos sobre as mercadorias que ali passavam. Uma vez que as tarifas nem sempre eram definidas, era fácil um homem sem escrúpulos cobrar uma quantia por fora para si mesmo. Porém, mesmo que o coletor fosse honesto, ainda era desprezado pelos judeus,

pois se contaminava ao trabalhar para gentios. João Batista deixou claro que não havia nenhum pecado inerente à cobrança de impostos (Lc 3:12, 13), e não há evidência alguma de que Mateus fosse desonesto. Mas para os judeus, Levi era um pecador, e a conduta de Jesus, ao andar com ele e com seus amigos pecadores, era duvidosa.

Não sabemos exatamente o que Mateus sabia sobre Jesus. A amizade de Cristo com Pedro e com seus companheiros deu-lhe acesso ao círculo dos homens de negócios de Cafarnaum e, por certo, Mateus ouvira Jesus pregar junto ao mar da Galiléia. Mateus obedeceu ao chamado de Jesus sem hesitar e o seguiu. Sua alegria por ter sido salvo era tanta que convidou vários de seus amigos para se regozijarem com ele (ver Lc 15:6, 9, 23).

Os escribas e fariseus criticavam Jesus, pois não compreendiam sua mensagem nem seu ministério. Jesus simplesmente não se encaixava em sua vida religiosa tradicional. É triste quando os líderes resistem às mudanças e se recusam a procurar compreender as coisas novas que Deus está fazendo. A fim de ajudá-los a entender, Jesus apresentou quatro ilustrações da obra que realizava.

O Médico (vv. 31, 32). Para os escribas e fariseus, Mateus e seus amigos eram pecadores condenados, mas para Jesus, eram “pacientes” espiritualmente enfermos que precisavam da ajuda de um médico, fato que ele ilustrou ao purificar o leproso e curar o paralisado. O pecado é como uma doença: começa pequeno e imperceptível; vai crescendo em segredo, enfraquece o indivíduo e, se não for curado, é fatal. É terrível ver uma doença matar o corpo, mas é ainda mais terrível quando o pecado condena a alma ao inferno.

Os escribas e fariseus não hesitavam em diagnosticar as necessidades de outros, mas não eram capazes de enxergar as próprias necessidades, pois eram pecadores como qualquer outra pessoa. Pareciam corretos por fora, mas eram corruptos por dentro (Mt 23:25-28). Talvez não fossem como o “filho pródigo”, culpado de pecados da carne, mas

certamente eram como o "irmão mais velho", culpado de pecados do espírito (Lc 15:11-32; 2 Co 7:1).

Enquanto escrevia este capítulo, recebi um telefonema de uma mulher do Canadá discordando de meu ministério do rádio e condenando repetidamente os "fundamentalistas sempre tão prontos a julgar". Tentei argumentar com ela usando a Palavra, mas ela não aceitou. A seu ver, o inferno não existia, e eu não tinha direito algum de pregar sobre ele. Enquanto citava uma passagem das Escrituras, ela desligou. Sem poder continuar a conversa, só me restou orar por ela, o que fiz com um coração pesaroso.

O primeiro passo para a cura da enfermidade do pecado é admitir que temos uma necessidade e que devemos tomar uma providência. Os falsos profetas dão diagnósticos falsos que geram esperanças infundadas (Jr 6:14); mas o servo de Deus diz a verdade sobre o pecado, a morte e o inferno e oferece o único remédio que existe: a fé em Jesus Cristo. A religião dos escribas e fariseus não tinha o poder de oferecer esperança alguma aos amigos de Mateus, mas Jesus sim.

Jesus é um Médico maravilhoso. Ele se aproxima de nós com amor, nos chama e nos salva quando cremos nele e, por fim, "paga a conta". Seu diagnóstico é sempre exato, e sua cura é perfeita e completa. Não é de se admirar que Mateus estivesse tão feliz e desejasse compartilhar as boas-novas com seus amigos!

O noivo (vv. 33-35). Não eram apenas os amigos dos discípulos que incomodavam os escribas e fariseus, mas também sua evidente alegria ao ter comunhão com Jesus e com seus convidados. Temos a impressão de que a prática da religião não dava muita alegria aos fariseus (ver Mt 6:16; Lc 15:25-32). Jesus foi um "homem de dores" (Is 53:3), mas também foi um homem alegre (Lc 10:21; Jo 15:11; 17:13).

As festas de casamento dos judeus duravam uma semana e eram ocasiões de grande alegria e celebração. Ao usar essa imagem, Jesus estava dizendo a seus críticos: "Eu vim para fazer da vida uma festa de casamento,

não um funeral. Se conhecem o Noivo, podem participar dessa alegria". Disse que, um dia, ele lhes seria "tirado", uma indicação de sua rejeição e morte; mas enquanto isso não acontecia, havia motivos de sobra para alegria, pois os pecadores estavam se arrependendo.

O jejum aparece com frequência no Antigo Testamento, mas não é ordenado em parte alguma do Novo Testamento. Porém, o exemplo dos profetas e da Igreja primitiva é, sem dúvida, relevante para os cristãos de hoje. As palavras de Jesus em Mateus 6:16-18 pressupõem a prática do jejum ("Quando" e não "Se"), e passagens como Atos 13:1-3 e 14:23 indicam que o jejum era uma prática comum na Igreja primitiva (ver também 1 Co 7:5; 2 Co 6:5; 11:27).

A roupa (v. 36). Jesus não veio para remendar as coisas velhas, mas para dar coisas novas. Os fariseus reconheciam que o judaísmo não estava em condições ideais e, talvez, esperassem que Jesus cooperasse com eles de modo a reavivar a antiga religião. Porém, Jesus mostrou a insensatez dessa abordagem ao fazer um contraste entre duas roupas, uma velha e outra nova. Se cortarmos um pedaço de uma roupa nova para costurá-lo numa roupa velha, as duas ficam imprestáveis. A roupa nova fica com um buraco, e a roupa velha com um remendo que não combina e que rasgará quando a roupa for lavada.

Nas Escrituras, as roupas são, por vezes, usadas para retratar o caráter e a conduta (Cl 3:8-17). Isaías escreveu sobre "manto de justiça" (Is 61:10; ver também 2 Co 5:21) e advertiu a que não se confiasse em boas obras para a salvação (Is 64:6). A religião de muita gente parece uma colcha de retalhos que criaram, em lugar de crer em Cristo e de receber as vestes de salvação que, em sua graça, ele nos concede.

Os odres (vv. 37-39). Se o vinho novo não fermentado for colocado em odres velhos e quebradiços, a pressão do gás fará com que se rompam, e não haverá como aproveitar nem a bebida e nem os odres. Uma nova vida no Espírito não poderia ser forçada para dentro do odre velho do judaísmo.

Jesus revelava que a antiga religião judaica estava ultrapassada e que logo seria substituída (ver Hb 8:13). A maioria dos judeus preferia as coisas antigas e rejeitava as novas. Só no ano 70 d.C., quando os romanos destruíram Jerusalém e o templo e dispersaram o povo, a religião judaica, *conforme esta se encontrava descrita na lei*, chegou ao fim. Hoje, os judeus não têm sacerdócio, nem templo, nem altar, portanto, não podem praticar sua religião da mesma forma que seus antepassados (ver Os 3:4).

Os elementos da lei cerimonial foram cumpridos por Jesus Cristo, de modo que, hoje em dia, os sacrifícios, sacerdotes, templos e cerimônias não são mais necessários.

O povo de Deus é constituído inteiramente de sacerdotes que oferecem sacrifícios espirituais ao Senhor (1 Pe 2:5, 9). As tábuas da Lei foram substituídas pelo registro no coração humano, em que o Espírito de Deus inscreve a Palavra, tornando-nos semelhantes a Jesus Cristo (2 Co 3:1, 3, 18).

Jesus Cristo continua a “[fazer] novas todas as coisas” (Ap 21:5). Como médico, oferece nova vida e saúde espiritual aos pecadores. Como noivo, traz novo amor e alegria. Também dá vestes de retidão e vinho do Espírito (Ef 5:18; ver também At 2:13). A vida não é penúria, fome nem funeral, mas sim um banquete, e Jesus Cristo é o único que faz toda a diferença em nossa vida.

GRANDES NOVIDADES

LUCAS 6

Jesus passou um ano realizando um ministério itinerante, ensinado e curando o povo e sendo seguido pelas multidões. Mas havia chegado o momento de “organizar” seus seguidores e de declarar o que era, de fato, seu reino.

Neste capítulo, vemos Jesus criando três novas instituições espirituais para substituir as que haviam se “desgastado” na religião judaica: um novo sábado (*shabbath*), uma nova nação e um novo reino espiritual.

1. UM NOVO SÁBADO (Lc 6:1-11)

A santidade do sétimo dia era um elemento distintivo da fé judaica. Deus deu a lei do sábado a Israel no Sinai (Ne 9:13, 14) e fez desse dia um sinal entre ele e a nação (Êx 20:8-11; 31:12-17). O termo *shabbath* significa “descanso” e é relacionado à cessação do trabalho de Deus depois dos seis dias da criação (Gn 2:2, 3). Alguns dos rabinos ensinavam que o Messias só viria quando Israel guardasse o sábado perfeitamente, obedecendo, desse modo, a uma lei extremamente importante tanto em nível pessoal quanto nacional.

Chamar o domingo de *shabbath* é confundir o primeiro e o sétimo dias da semana bem como o significado de cada um. O sábado é uma lembrança da conclusão da “antiga criação”, enquanto o Dia do Senhor lembra a obra consumada do Senhor em sua “nova criação” (2 Co 5:21; Ef 2:10; 4:24). O sábado refere-se ao descanso *depois* do trabalho e é relacionado à Lei, enquanto o Dia do Senhor refere-se ao descanso *antes* do trabalho e à graça. O Dia do Senhor come-

como a vinda do Espírito Santo e o “aniversário” da Igreja (At 2).

A Igreja primitiva costumava reunir-se no primeiro dia da semana (At 20:7; 1 Co 16:1, 2). Mas alguns cristãos judeus continuaram a guardar o sábado, o que acabou gerando divisão. Paulo trata desse problema em Romanos 14:1 – 15:13, em que apresenta alguns princípios para promover tanto a liberdade quanto a unidade dentro da igreja. No entanto, Paulo sempre deixa claro que a *observância de determinados dias não tem relação alguma com a salvação* (Gl 4:1-11; Cl 2:8-17). Não somos salvos do pecado pela fé em Cristo *juntamente com a observância do sábado*. Somos salvos *somente* pela fé em Cristo.

Por meio de suas regras rígidas e opressivas, os escribas e fariseus haviam transformado o sábado num fardo, descaracterizando o propósito divino de que fosse um dia de bênção. Jesus questionou tanto sua doutrina quanto sua autoridade. Havia anunciado um “ano de jubileu” (Lc 4:19), e agora declarava um novo sábado. Já havia curado um homem coxo no sábado, e os líderes religiosos estavam resolvidos a matar Jesus (Jo 5:18; ver também Jo 5:16). Ainda voltaria a transgredir as leis do sábado em outras duas ocasiões.

No campo (vv. 1-5). A lei de Israel permitia que um indivíduo comesse dos frutos da vinha, do pomar ou do campo de seu vizinho, desde que não enchesse um recipiente nem usasse qualquer tipo de implemento (Dt 23:24, 25). Os discípulos estavam famintos, de modo que colheram espigas de trigo, esfregaram-nas com as mãos e comeram os grãos. Mas, de acordo com os rabinos, esse gesto constituiu uma transgressão da lei do sábado, pois estavam colhendo, selecionando os grãos e preparando alimento!

Sempre atentos a algum motivo de crítica, alguns fariseus perguntaram a Jesus por que permitia que seus discípulos violassem as leis do sábado. Era sua segunda transgressão e estavam certos de que poderiam levá-lo a julgamento. Infelizmente, sua de-

percebessem o verdadeiro ministério da Lei bem como a presença do próprio Senhor que lhes dera a Lei.

Jesus não discutiu com eles, antes se referiu diretamente à Palavra de Deus (1 Sm 21:1-6). O pão da proposição ou “pão sagrado” era, na realidade, um conjunto de doze pães, um para cada tribo de Israel, que ficava sobre a mesa no lugar santo do tabernáculo e, posteriormente, do templo (Êx 25:23-30; Lv 24:5-9). Todo sábado era colocado pão fresco sobre a mesa, e só os sacerdotes tinham permissão de comê-lo.

Mas Davi e seus homens comeram desses pães, e que judeu tinha o direito de condenar o grande rei de Israel? Poderiam argumentar que ele era o “ungido de Deus”, *mas era exatamente isso o que Jesus afirmava ser* (Lc 4:18). Não apenas era o Ungido de Deus, mas também Senhor do sábado! Ao fazer essa declaração, Jesus afirmava ser o Deus Jeová, pois foi o Senhor quem instituiu o sábado. Se Jesus Cristo é, de fato, o Senhor do sábado, tem liberdade de fazer o que bem entende *nesse dia e com esse dia*. Não há dúvida de que os fariseus entenderam o que estava dizendo.

Deus preocupa-se mais em suprir as necessidades humanas do que em resguardar regulamentos religiosos. Foi melhor Davi e seus homens se fortalecerem para servir a Deus do que perecerem por causa de uma lei temporária. Deus quer misericórdia, não sacrifícios (Mt 12:7, citando Os 6:6). É evidente que os fariseus encaravam a Lei de forma bem diferente (Mt 23:23).

Na sinagoga (vv. 6-11). Os fariseus sabiam que Jesus tinha o costume ir à sinagoga aos sábados, de modo que estavam lá para observá-lo e para juntar mais provas contra ele. Será que sabiam que o homem com a mão ressequida também estaria presente? Será que o colocaram lá de propósito? Não sabemos, e é provável que Jesus não estivesse preocupado com isso. Seu coração compassivo respondeu à necessidade daquele homem, e ele o curou. Jesus poderia ter esperado mais algumas horas até que o sábado tivesse terminado ou poderia ter curado o homem longe das vistas do povo,

mas o fez abertamente e no mesmo instante, desse modo transgredindo, de forma deliberada, as tradições do sábado.

No campo, Jesus baseou sua defesa nas Escrituras do Antigo Testamento, mas na sinagoga, tomou como base a *natureza da lei divina do sábado*. Deus deu essa lei para ajudar as pessoas, não para prejudicá-las. “O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Mc 2:27). Qualquer homem ali presente salvaria uma ovelha no sábado, então por que não salvar um homem criado à imagem de Deus? (Mt 12:11, 12). Os escribas e fariseus haviam transformado a dádiva de Deus num jugo pesado, que ninguém era capaz de suportar (At 15:10; Gl 5:1).

Esse milagre ilustra o poder da fé na Palavra de Deus. Jesus ordenou que o homem fizesse exatamente aquilo de que não era capaz e, no entanto, *ele obedeceu!* “Porque para Deus não haverá impossíveis em todas as suas promessas” (Lc 1:37). Quando Deus ordena, ele também capacita.

Os escribas e fariseus encheram-se de furor. Vê-se que não havia feito diferença alguma na vida deles adorar a Deus na sinagoga naquela manhã. Estavam tão irados que uniram forças com os herodianos (judeus que apoiavam Herodes), conspirando para matar Jesus (Mc 3:6). Jesus conhecia seus pensamentos (Mt 12:15; Lc 6:8), de modo que simplesmente se retirou para o mar da Galiléia, ministrou às multidões e se dirigiu sozinho para o alto de um monte, a fim de orar.

Jesus oferece um “descanso sabático” que permanece continuamente no coração (Mt 11:28-30). Ao contrário do jugo penoso da Lei, o jugo que Jesus dá é “suave” e “leve”. Quando o pecador crê no Salvador, tem paz com Deus, pois seus pecados são perdoados, e ele foi reconciliado com Deus (Rm 5:1-11). O cristão que se sujeita diariamente a Cristo desfruta a “paz de Deus” em sua mente e coração (Fp 4:6, 7).

2. UMA NOVA NAÇÃO (Lc 6:12-19)

Jesus passou a noite toda em oração, pois estava prestes a chamar seus doze apóstolos

dentre os muitos discípulos que o seguiam. Um *discípulo* é um aprendiz, enquanto um *apóstolo* é um mensageiro escolhido e enviado com uma comissão especial. Jesus tinha muitos discípulos (ver Lc 10:1), mas somente doze apóstolos escolhidos a dedo.

Por que orou a noite toda? Em primeiro lugar, sabia que a oposição contra ele aumentaria e resultaria em sua crucificação. Assim, pediu forças para enfrentar o que o esperava. Além disso, desejava receber a orientação do Pai, a fim de escolher seus doze apóstolos, pois neles se encontrava o futuro da Igreja. É importante lembrar que um dos doze o trairia, e Jesus sabia disso desde o começo (Jo 6:64). Cristo possuía emoções humanas verdadeiras (Lc 22:41-44; Hb 5:7, 8), e ele fez essa escolha difícil por meio da oração.

Os nomes dos apóstolos também aparecem em Mateus 10:1-4; Marcos 3:16-19; Atos 1:13 (com exceção de Judas). Em todas essas listas, o primeiro nome é o de Pedro e, exceto em Atos 1:14, o nome de Judas é o último. O Judas em Atos 1:13 é irmão (mais provavelmente "filho") de Tiago, também chamado de "Tadeu" em Marcos 3:18. Naquele tempo, era comum um homem ter mais de um nome.

Simão foi chamado de *Pedro* (pedra) quando André levou-o a Jesus (Jo 1:40-42). Bartolomeu e Natanael são a mesma pessoa (Jo 1:45-49). O outro Simão do grupo tinha o apelido de "Zelote", o que pode significar duas coisas. É possível que pertencesse a um grupo de judeus nacionalistas fanáticos, cujo objetivo era livrar Israel da tirania de Roma. A fim de cumprir esse propósito, usavam de todos os meios ao seu alcance, inclusive terrorismo e assassinato. Ou, talvez, o termo *Zelote* seja uma tradução da palavra hebraica *qanna*, que quer dizer, "cheio de desvelos por Deus, zeloso pela honra de Deus". (Em algumas versões, é transliterado em Mt 10:4 como "Simão o cananeu" [*qanna*].) Não podemos dizer ao certo se Simão era conhecido por seu zelo pela honra de Deus ou por ser membro de uma organização subversiva ou,

Também não temos como afirmar com certeza a origem da palavra *Iscariotes*. Um significado provável é "homem [do hebraico *ish*] de Queriote", cidade no sul de Judá (Js 15:25). Alguns associam esse nome ao termo aramaico *seqar*, que quer dizer "falsidade". Daí, "Judas o falso". Tudo indica que a explicação geográfica é a mais correta.

Que grupo interessante! Esses homens ilustram o que Paulo escreveu em 1 Coríntios 1:26-29 e são um grande estímulo para nós nos dias de hoje. Afinal, se Deus pôde usar a vida deles, por que não poderia usar a nossa? É possível que sete deles fossem pescadores (ver Jo 21:1-3), um era coletor de impostos, e a profissão dos outros quatro não é especificada. Eram homens comuns, de personalidades diferentes, e, no entanto, Jesus os chamou a ficar com ele, a aprender com ele e a sair pelo mundo como representantes dele (Mc 3:14).

Por que doze apóstolos? Porque havia doze tribos em Israel, e Jesus estava formando o núcleo de uma nova nação (ver Mt 21:43; 1 Pe 2:9). Os primeiros cristãos eram judeus, pois o evangelho foi transmitido primeiramente aos judeus (At 13:46; Rm 1:16). Mais tarde, os gentios foram agregados à Igreja por meio do testemunho de cristãos judeus da diáspora (At 11:19ss) e do ministério de Paulo, o apóstolo aos gentios. Não há diferença alguma entre judeus e gentios dentro da Igreja; somos todos "um em Cristo Jesus" (Gl 3:28).

É bastante sugestivo que, depois de Jesus haver chamado seus doze apóstolos e antes de pregar seu grande sermão, tenha dedicado algum tempo a curar muitos necessitados. Foi uma demonstração tanto de seu poder quanto de sua compaixão. Também serviu para lembrar seus assistentes recém-nomeados de que seu trabalho era compartilhar o amor e o poder de Cristo com um mundo necessitado. Calcula-se que, no tempo de Jesus, havia cerca de 300 milhões de pessoas no mundo, enquanto hoje há mais de cinco bilhões, sendo que quatro quintos destas vivem em países subdesenvolvidos. Um desafio e tanto para

3. UMA NOVA BÊNÇÃO (Lc 6:20-49)

Ao que parece, aqui se trata de uma versão resumida do que chamamos de "Sermão do Monte" (Mt 5 - 7), apesar de alguns estudiosos evangélicos eminentes acreditarem que foram dois acontecimentos diferentes. Caso se trate do mesmo episódio, o fato de Mateus situá-lo em um monte (Mt 5:1), enquanto Lucas fala de uma "planura" (Lc 6:17), não representa um problema. De acordo com D. A. Carson, o termo grego traduzido por "planura" pode significar um "platô numa região montanhosa" (*Exegetical Fallacies*, Baker, p. 43).

Jesus dirigiu-se à região montanhosa com seus discípulos. Depois de uma noite de oração, desceu a um lugar plano, escolheu os doze apóstolos, ministrou aos enfermos e pregou este sermão. Nele, descreveu o que significa ter uma vida "abençoada".

Para a maioria dos judeus, o termo "bênção" trazia à memória imagens de uma vida longa, riqueza, uma família grande e saudável, um celeiro cheio e inimigos conquistados. De fato, a aliança de Deus com Israel incluía essas bênçãos físicas e materiais (Dt 28; Jó 1:1-12; Pv 3:1-10), pois foi assim que Deus os ensinou e disciplinou. Afinal, eram "criancinhas" na fé e ensinamos as crianças através de recompensas e castigos. A vinda de Cristo representou o final da infância de Israel, de modo que o povo precisava amadurecer em sua compreensão de Deus (Gl 4:1-6).

Jesus estava pregando a seus discípulos e também às multidões (Lc 6:27, 47), pois até mesmo os doze apóstolos precisavam desaprender algumas coisas antes de começar a lhe servir de modo mais eficaz. Além do mais, haviam deixado tudo para seguir Jesus (Lc 5:11, 28) e, sem dúvida, se perguntavam: "O que nos espera?" (ver Mt 19:27). Neste sermão, Cristo explica que a vida verdadeiramente abençoada não resulta de se obter ou fazer, mas sim, de ser. A ênfase é sobre o caráter semelhante a Deus.

Este sermão não é "o evangelho" e ninguém vai para o céu "segundo o Sermão do Monte". Pecadores mortos não são capazes de obedecer ao Deus vivo; antes, precisam

nascer de novo e receber a vida de Deus (Jo 3:1-7, 36).

Este sermão também não é uma "constituição" para o reino que Deus estabelecerá um dia na Terra (Mt 20:21; Lc 22:30). O Sermão do Monte aplica-se à vida em nosso tempo e descreve o tipo de caráter piedoso que devemos ter como cristãos neste mundo. Fica claro que Cristo descreve uma conjuntura extremamente distinta daquela do reino glorioso, pois inclui fome, lágrimas, perseguição e falsos mestres.

Jesus concentra-se nas *atitudes*: nossas atitudes em relação às circunstâncias (Lc 6:20-26), às pessoas (Lc 6:27-38), a nós mesmos (Lc 6:39-45) e a Deus (Lc 6:46-49). Enfatiza quatro elementos essenciais para a felicidade: fé em Deus, amor para com os outros, honestidade para conosco mesmos e obediência para com Deus.

Circunstâncias (vv. 20-26). O povo daquele tempo levava uma vida difícil, e não havia muita esperança de melhora. Assim como as pessoas hoje em dia, muitos deles acreditavam que a felicidade resultava da abundância de bens, de um cargo elevado ou de prazeres e da popularidade que o dinheiro pode comprar. Podemos imaginar sua surpresa ao ouvirem Jesus descrever a felicidade *em termos diametralmente opostos aos que esperavam!* Descobriram que sua maior necessidade não era uma mudança de circunstâncias, mas sim, uma transformação em seu relacionamento com Deus e em sua forma de encarar a vida.

Jesus não ensinou que a pobreza, a fome, a perseguição e as lágrimas são bênçãos *em si*. Se isso fosse verdade, jamais teria feito tantas coisas para aliviar o sofrimento de outros. Antes, descreveu as *atitudes interiores* que devemos ter se desejarmos as bênçãos da vida cristã. Sem dúvida, deve-se fazer todo o possível para ajudar os outros em suas necessidades materiais (Tg 2:15-17; 1 Jo 3:16-18), mas é preciso lembrar que "coisas" não substituem o relacionamento pessoal com Deus.

O relato de Mateus deixa isso claro: "Bem-aventurados os humildes *de espírito* [...] Bem-aventurados os que têm fome e sede

de justiça" (Mt 5:3, 6, grifos nossos). Jesus não estava glorificando a pobreza material; antes, pedia uma atitude de contrição do coração que confessa a pobreza espiritual interior (Lc 18:9-14; Fp 3:4-14). Deus só pode salvar os humildes (Is 57:15; 66:2; 1 Pe 5:6). Se compararmos as "bem-aventuranças" com Isaías 61:1-3 e Lucas 4:18, veremos que a ênfase de Cristo é sobre a condição do coração, não sobre as circunstâncias externas. Maria expressa a mesma idéia em seu cântico de louvor (Lc 1:46-55).

O próprio Jesus sofreu a perseguição descrita em Lucas 6:22, como também sofreram, posteriormente, seus discípulos. De que maneira é possível alegrar-se ao ser atacados? Lembrando que é um privilégio sofrer por amor a Cristo (Fp 3:10). Quando somos tratados da mesma forma que Cristo foi tratado, é sinal de que estamos começando a viver como ele, o que é um elogio. Todos os santos de todas as eras foram tratados dessa maneira, de modo que estamos em boa companhia! Ademais, Deus promete uma recompensa especial aos que forem fiéis a ele; o melhor ainda está por vir!

Os quatro "ais" apresentam uma verdade em comum: quem tira o que deseja da vida paga por isso. Se deseja riqueza imediata, saciedade, riso e popularidade, pode conseguir essas coisas, mas há um preço: *isso é tudo o que você vai receber*. Jesus não disse que essas coisas são erradas. Disse que *encontrar nelas toda a satisfação já é seu próprio julgamento*.

Nas palavras de H. H. Farmer: "Para Jesus, o mais terrível em ter valores errados na vida e em buscar coisas erradas não é estar condenado a decepções dolorosas, mas justamente não tê-las. Não é o fato de não conseguir o que se deseja, mas sim de conseguir isso" (*Things Not Seen*, Nishbet [Londres], p. 96). Quem se contenta com as coisas menores da vida, com o que é bom em vez do que é melhor, a soma total de seus sucessos não passa de uma série de fracassos. Essas pessoas encontram-se espiritualmente falidas e nem se dão conta disso.

A vida é construída sobre o caráter, e o

decisões são baseadas em valores, e os valores devem ser aceitos pela fé. Moisés tomou as decisões que transformaram sua vida com base em valores que outros consideraram tolos (Hb 11:24-29), mas Deus honrou sua fé. O cristão desfruta tudo o que Deus lhe dá (1 Tm 6:17), pois vive "com os olhos voltados para os valores da eternidade".

Pessoas (vv. 27-38). Jesus partiu do pressuposto de que qualquer um que vivesse em função dos valores eternos teria complicações com o povo deste mundo. Os cristãos são "sal da terra" e "luz do mundo" (Mt 5:13-16), e, por vezes, o sal faz arder e a luz expõe o pecado. Os pecadores mostram seu ódio nos evitando ou rejeitando (Lc 6:22), nos insultando (Lc 6:28), abusando fisicamente de nós (Lc 6:29) e contendendo conosco (Lc 6:30). Devemos esperar esse tipo de reação (Fp 1:29; 2 Tm 3:12).

Qual é a maneira correta de tratar os inimigos? Devemos amá-los, fazer-lhes o bem e orar por eles. Ódio gera mais ódio, "porque a ira do homem não produz a justiça de Deus" (Tg 1:20). Não se pode agir assim pelas próprias forças, mas tudo isso é possível pelo poder do Espírito Santo (Rm 5:5; Gl 5:22, 23).

Não se deve olhar para essas admoestações como uma série de regras a ser obedecidas. Antes, elas descrevem atitudes do coração que se expressam de maneira positiva quando os outros são negativos e com generosidade quando os outros são egoístas, tudo para a glória de Deus. Trata-se de uma disposição interior, não de um dever legal. Devemos ter sabedoria para discernir o momento de dar a outra face e o momento de exigir nossos direitos (Jo 18:22, 23; At 16:35-40). Até mesmo o amor cristão deve usar de discernimento (Fp 1:9-11).

Há dois princípios que se destacam: tratar os outros como desejamos ser tratados (Lc 6:31), supondo que desejamos para nós o que há de melhor em termos espirituais; e imitar o Pai celestial e ser misericordiosos (Lc 6:36). O mais importante não é ser justificado diante dos inimigos, mas sim tornar-se mais semelhantes a Deus no caráter (Lc 6:35). Essa é a maior recompensa que se pode re-

riso ou popularidade (Lc 6:24-26). Um dia, essas coisas desaparecerão, mas o caráter permanecerá por toda a eternidade. Devemos crer em Mateus 6:33 e colocar essa verdade em prática pelo poder do Espírito.

Lucas 6:37, 38 lembra que colhemos o que semeamos, na proporção que semearmos. Se julgarmos os outros, seremos julgados; se perdoarmos, seremos perdoados, mas se condenarmos, seremos condenados (ver Mt 18:21-35). Não se trata apenas do julgamento eterno, mas da maneira de ser tratados nesta vida. Se dedicarmos a vida a dar, Deus providenciará para que recebamos; mas se dedicarmos a vida apenas a receber, Deus providenciará para que percamos. Esse princípio não se aplica apenas à contribuição, mas também à nossa dedicação a outros no ministério.

Nós mesmos (vv. 39-45). As quatro imagens impressionantes desta seção nos ensinam algumas lições importantes sobre o ministério. Em primeiro lugar, como discípulos de Jesus, devemos estar certos de que vemos com clareza suficiente para guiar outros em sua jornada espiritual. Apesar de haver cegos com um senso de direção apurado, é quase impossível que alguém os contrate para pilotar um avião ou para servir de guias em excursões pela selva. Jesus referiu-se principalmente aos fariseus, que faziam o povo desviar-se (Mt 15:14; 23:16). Se nos considerarmos excelentes guias, mas não percebermos a própria cegueira, acabaremos conduzindo as pessoas ao fundo de uma vala (ver Rm 2:17-22).

Lucas 6:40 lembra que não é possível conduzir outros por caminhos que nós mesmos ainda não percorremos, como também não é possível ser tudo o que nosso Mestre é. Na verdade, quanto mais nos esforçarmos para ser semelhantes a ele, mais perceberemos quanto estamos aquém desse ideal. Trata-se de uma advertência contra o orgulho, pois nada cega uma pessoa mais do que o orgulho.

Prosseguindo com a ilustração do "olho", Jesus ensina que devemos ser capazes de enxergar com clareza suficiente para ajudar nosso irmão a ver melhor. Não há nada de

errado em ajudar um irmão a remover um cisco que fere seu olho, *desde que possamos ver o que estamos fazendo*. A multidão deve ter dado risada quando Jesus descreveu esse "oftalmologista" com uma *trave* no olho fazendo uma cirurgia num paciente com um *cisco* no olho!

A ênfase é sobre a necessidade de ser honesto consigo mesmo e de não se tornar hipócrita. É fácil tentar ajudar outro irmão em suas deficiências *só para encobrir os próprios pecados!* Quem vive criticando os outros costuma ser culpado de algo ainda pior na própria vida.

A ilustração da árvore lembra que os frutos sempre correspondem ao caráter. A macieira produz maçãs, não laranjas; uma pessoa boa produz bons frutos. É verdade que os cristãos pecam, mas o testemunho de suas palavras e de suas obras sempre coopera para a glória de Deus. Em termos de ministério, servos de Deus fiéis são imitados por outras pessoas que também são fiéis a Deus (2 Tm 2:2).

A última imagem, o tesouro, ensina que aquilo que sai dos lábios depende do que se encontra no coração. O coração humano é como um tesouro, e o que dizemos revela o que está em seu interior. Certo homem desculpou-se por falar uma palavra torpe, dizendo: "Desculpe, não está em mim falar coisas assim". Um amigo, que o ouviu, replicou: "Só pode estar em você, sim, senão isso não teria saído de você...".

É preciso honestidade para admitir as fraquezas e ver os obstáculos que impedem a visão e as áreas que precisam ser corrigidas. Só então é possível ser usados pelo Senhor para ministrar a outros sem fazê-los desviar.

Deus (vv. 46-49). Aqui, a ênfase de Jesus é sobre a obediência. Não basta apenas ouvir sua Palavra e chamar Jesus de "Senhor". Deve-se também obedecer às ordens que ele dá. Somos todos construtores, e é preciso esforço para construir com sabedoria. "Construir sobre a rocha" significa obedecer ao que Deus ordena em sua Palavra. "Construir sobre a areia" significa declarar obediência apenas da boca para fora. Pode

parecer que se está construindo uma casa sólida, mas se ela não tiver alicerces, não ficará em pé muito tempo. Nesse caso, a tempestade não é o julgamento final, mas sim provas da vida pelas quais todo aquele que se diz cristão passa. Nem todos os que afirmam conhecer ao Senhor tiveram uma experiência verdadeira de salvação. Podem ser membros ativos da igreja e de outras organizações religiosas, mas se não são salvos pela fé, sua vida não tem alicerces. Quando as dificuldades chegam, em lugar de glorificar ao Senhor, essas pessoas o abandonam, e seu testemunho desaba.

Ninguém pode, verdadeiramente, chamar Jesus Cristo de "Senhor" a não ser pelo

Espírito Santo de Deus (Rm 8:16; 1 Co 12:3). Se Cristo está no coração, os lábios devem professá-lo a outros. Os que estão "nele radicados, e edificados" (Cl 2:7), terão frutos bons, e sua casa suportará as tempestades. É possível ter falhas e deficiências, mas o testemunho firme de nossa vida apontará para Cristo e o honrará.

Essa é a "nova bênção" que Jesus ofereceu a sua nação e que nos oferece hoje. É possível experimentar a "felicidade celestial" e a verdadeira bem-aventurança que só ele pode dar. A base de tudo isso é a fé pessoal no Senhor Jesus Cristo, pela qual somos salvos, pois, como disse H. A. Ironside: "Só podemos viver a vida quando a temos".

COMPAIXÃO EM AÇÃO

LUCAS 7

Alguém definiu compaixão como “sua dor em meu coração”. Que dor intensa Cristo deve ter sentido ao longo de seu ministério itinerante! Só neste capítulo, Jesus se depara com a agonia de um servo à beira da morte, encontra-se com uma viúva angustiada, com um profeta perplexo e com um pecador arrependido, e socorre todos eles. É de se imaginar quem teria sido escolhido, caso houvesse um “comitê de dificuldades” para decidir qual dessas pessoas “merecia” ser ajudada.

Jesus ajudou todas elas, pois a compaixão não mede, ministra. Nas palavras de Bernard de Clairvaux: “A justiça busca apenas os *méritos* da questão, enquanto a compaixão considera apenas a *necessidade*”. A compaixão, não a justiça, motivava o Médico dos médicos que “não [veio] chamar justos, e sim pecadores, ao arrependimento” (Lc 5:32). Vamos conhecer essas quatro pessoas aflitas e ver o que Cristo fez para suprir suas necessidades.

1. O SERVO: UMA DEMONSTRAÇÃO DE FÉ (Lc 7:1-10)

Nos Evangelhos e no Livro de Atos, os centuriões romanos são apresentados como homens íntegros e de caráter, e esse é um exemplo perfeito. Os anciãos judeus não tinham afeição alguma pelos romanos em geral, muito menos por soldados romanos. No entanto, foram os anciãos que recomendaram esse oficial a Jesus. Esse romano importava-se com o povo judeu em Cafarnaum e havia até construído uma sinagoga. Também amava seu servo e não queria que morresse. Não era um estóico que se afastava

da dor dos outros; tinha um coração que se preocupava até mesmo com seu servo jovem e humilde, que morria de uma doença paralisante (Mt 8:6).

O relato resumido de Mateus (Mt 8:5-13) não é conflitante com a exposição mais completa de Lucas. Os amigos do centurião serviram de intermediários entre Jesus e ele. Quando um jornalista noticia que o presidente ou o primeiro-ministro disse alguma coisa ao Congresso ou ao Parlamento, isso não significa, necessariamente, que a mensagem tenha sido transmitida pessoalmente pelo chefe de Estado. O mais provável é ter sido passada por um de seus representantes oficiais, mas ainda assim é recebida como se fosse um comunicado pessoal da autoridade em questão.

O que nos impressiona não é apenas o grande amor, mas também a grande humildade desse homem. Imagine um oficial romano dizer a um pobre rabino judeu que não é digno de tê-lo em sua casa! Os romanos não eram conhecidos por demonstrar humildade, especialmente diante de seus súditos judeus.

Mas a característica que mais impressionou Jesus foi a fé desse homem. Em duas ocasiões, os Evangelhos dizem que Jesus ficou admirado. Em Cafarnaum, admirou-se com a fé de um gentio; em Nazaré, admirou-se com a incredulidade dos judeus (Mc 6:6). Além do centurião, Jesus só elogiou mais uma pessoa por sua grande fé: uma mulher gentia, cuja filha foi liberta de um demônio (Mt 15:28). É interessante observar que, nesses dois casos, Jesus curou à *distância* (ver Sl 107:20; Ef 2:11-13).

A fé do centurião certamente era notável. Afinal, era um gentio de origem pagã e um soldado romano, treinado para ser auto-suficiente, e não há indicação alguma de que ouvira Jesus pregar. Talvez tenha ficado sabendo do poder de cura de Jesus pelo oficial do rei, cujo filho Jesus também havia curado à distância (Jo 4:46-54). É possível que seus soldados também tenham relatado a ele os milagres que Jesus havia realizado, pois os romanos mantinham-se a par do que acontecia no meio dos judeus.

A palavra-chave em Lucas 7:8 é “também”, que aparece, igualmente, em Mateus 8:9. O oficial viu uma semelhança entre a forma de comandar seus soldados e de Jesus exercer sua autoridade sobre as enfermidades e, pelo fato de ambos estarem sujeito à autoridade, tinham o direito de exercê-la. *Tudo o que precisavam fazer era dar uma ordem, e esta seria executada. Que fé tremenda esse homem demonstrou! Não é para menos que Jesus tenha ficado admirado.*

Se esse romano com tão pouca instrução espiritual possuía tamanha fé na Palavra de Deus, *nossa fé deve ser muito maior!* Temos a Bíblia inteira para ler e estudar, bem como mais de dois mil anos de história da Igreja para nos encorajar, no entanto, somos culpados de não ter fé (Mc 4:40) ou de ter pouca fé (Mt 14:31). Assim, *nossa oração deve ser: “Aumenta-nos a fé” (Lc 17:5).*

2. A VIÚVA: UMA SITUAÇÃO DE DESESPERO (Lc 7:11-17)

Naim ficava a cerca de 40 quilômetros de Cafarnaum – pelo menos um dia de viagem –, e, no entanto, Jesus foi até lá sem ninguém ter *pedido* que o fizesse. Uma vez que os judeus sepultavam seus mortos no mesmo dia em que faleciam (Dt 21:23; At 5:5-10), é bem provável que Jesus e seus discípulos tenham chegado às portas da cidade no final do dia em que o menino faleceu. Podemos observar quatro encontros específicos, ocorridos às portas da cidade naquele dia.

O encontro de dois grupos. Não nos resta outra coisa a fazer senão nos maravilhar com a providência de Deus ao ver Jesus encontrar a procissão do funeral no momento em que se dirigia ao local de sepultamento. Ao obedecer à vontade do Pai, Jesus vivia de acordo com um cronograma divino (Jo 11:9; 13:1). O Salvador compassivo sempre nos ajuda quando mais precisamos (Hb 4:16).

Que contraste entre o grupo que seguia Jesus e o que seguia a viúva e seu filho morto! Jesus e seus discípulos alegraram-se com as bênçãos do Senhor, mas a viúva e seus

dessa mulher. Jesus dirigia-se à cidade, enquanto os pranteadores dirigiam-se ao cemitério.

Em termos espirituais, cada um de nós se encontra em um desses dois grupos. Se crermos em Cristo, estamos indo para a cidade (Hb 11:10, 13-16; 12:22). Se estamos “mortos nos nossos pecados”, já estamos no cemitério e sob a condenação de Deus (Jo 3:36; Ef 2:1-3). Precisamos crer em Jesus Cristo e ser ressuscitados dentre os mortos (Jo 5:24; Ef 2:4-10).

O encontro de dois filhos únicos. Um estava vivo, mas destinado a morrer, o outro estava morto, mas destinado a viver. Aplicada a Jesus, a designação *único* significa “singular” o “inigualável”. Jesus não é um “filho” no mesmo sentido que eu sou, pois vim a existir pela concepção e nascimento. Uma vez que Jesus é o Deus eterno, sempre existiu. O título *Filho de Deus* declara a natureza divina de Cristo e seu relacionamento com o Pai, ao qual o Filho sujeita-se espontaneamente desde a eternidade. Todas as Pessoas da divindade são iguais, mas dentro da Trindade, cada uma ocupa um lugar específico e realiza uma tarefa específica.

O encontro entre dois sofredores. Jesus, o “homem de dores”, não teve dificuldade em se identificar com o sofrimento da viúva. Não apenas estava aflita como também se encontrava sozinha numa sociedade sem recursos para cuidar de viúvas. O que seria feito dela? Jesus sentiu a dor que o pecado e a morte haviam trazido ao mundo e tomou uma atitude.

O encontro entre dois inimigos. Jesus enfrentou a morte, “o último inimigo” (1 Co 15:26). Quando pensamos na dor e tristeza que a morte causa a este mundo, de fato é um inimigo terrível, e somente Jesus Cristo é capaz de nos dar a vitória (ver 1 Co 15:51-58; Hb 2:14, 15). Jesus só precisou proferir uma palavra e o menino voltou à vida com saúde.

O menino deu dois sinais de vida: sentou-se e falou. O “esquife” ao qual o texto se refere era, provavelmente, uma espécie de maca aberta, não um caixão fechado, de

diz o que falou, mas devem ter sido palavras interessantes! Num gesto de grande ternura, Jesus pegou o menino e o entregou à mãe, agora transbordando de alegria. A cena toda lembra o que acontecerá quando Cristo voltar e reencontrarmos nossos entes queridos que estão na glória (1 Ts 4:13-18).

O povo reagiu glorificando a Deus e identificando Jesus com o Profeta dos judeus pelo qual haviam esperado (Dt 18:15; Jo 1:21; At 3:22, 23). Não demorou que a notícia desse milagre se espalhasse. As pessoas animaram-se ainda mais para ver Jesus, e grandes multidões o seguiam (Lc 8:4, 19, 42).

3. JOÃO BATISTA: UM MOMENTO DE DÚVIDA (Lc 7:18-35)

Confusão (vv. 18-20). João estava na prisão havia alguns meses (Lc 3:19, 20), mas seus discípulos o mantinham informado do que Jesus estava fazendo. Deve ter sido difícil a um homem acostumado à vida no deserto ficar confinado à prisão. A pressão física e emocional certamente era enorme, e os longos dias de espera não facilitavam as coisas. Os líderes judeus não tomaram atitude alguma a fim de interceder por João, e, ao que parecia, nem mesmo Jesus se preocupava com ele. Se Cristo veio mesmo para libertar os cativos (Lc 4:18), João Batista era um candidato!

Não é incomum grandes líderes espirituais terem seus dias de dúvida e de incredulidade. Moisés quase desistiu certa ocasião (Nm 11:10-15), assim como também Elias (1 Rs 19) e Jeremias (Jr 20:7-9, 14-18); até Paulo sabia o que era sentir desespero (2 Co 1:8, 9).

Há uma diferença entre dúvida e incredulidade. A dúvida diz respeito à mente: não conseguimos entender o que Deus está fazendo nem seus motivos para fazê-lo. A incredulidade diz respeito à vontade: nós nos recusamos a crer na Palavra de Deus e a obedecer ao que nos ordena. "A dúvida nem sempre é sinal de que o indivíduo está errado", disse Oswald Chambers; "pode ser sinal de que está refletindo". No caso de João, sua pergunta não resultou de incredulidade

deliberada, mas sim de dúvida alimentada por pressão física e emocional.

Podemos olhar para o ministério de Cristo em retrospectiva e entender o que ele fazia, mas João não tinha esse ponto de vista privilegiado. João havia anunciado julgamento, mas Jesus realizava atos de amor e de misericórdia. João havia prometido que o reino estava próximo, mas, até então, não se poderia encontrar evidência alguma disso. Havia apresentado Jesus como o "Cordeiro de Deus" (Jo 1:29), de modo que devia ter certa noção do sacrifício de Jesus; no entanto, restava saber de que maneira esse sacrifício era relacionado ao reino prometido de Israel. João Batista ficara perplexo com o plano de Deus e também com seu lugar dentro desse plano. Não devemos, porém, julgá-lo com severidade, pois até mesmo os profetas mostraram-se confusos com respeito a algumas dessas coisas (1 Pe 1:10-12).

Confirmação (vv. 21-23). Jesus não fez um sermão aos dois homens falando de teologia ou de profecia. Antes os convidou a observar enquanto curava todas aquelas pessoas de inúmeras aflições. Sem dúvida, tais curas serviram de credenciais ao Messias prometido (Is 29:18, 19; 35:4-6; 42:1-7). Cristo não havia estabelecido um reino político, mas o reino de Deus estava presente ali em poder.

O termo grego traduzido por "motivo de tropeço" dá origem a nosso verbo *escandalizar* e se referia originalmente ao graveto usado como pinguela em armadilhas. Por causa de sua preocupação com aquilo que Jesus não estava fazendo, João corria o risco de cair numa armadilha. Estava tropeçando sobre seu Senhor e o ministério dele. Jesus lhe disse gentilmente para ter fé, pois seu Senhor sabia o que estava fazendo.

Hoje em dia, muita gente critica a Igreja por não "mudar o mundo" e resolver os problemas econômicos, políticos e sociais. No entanto, os críticos esquecem que Deus muda seu mundo ao transformar indivíduos. A história mostra que muitas das grandes iniciativas humanitárias partiram da Igreja, mas sua tarefa principal é outra: levar os pecadores ao Salvador. Todo o resto é resultado

desse objetivo central. Proclamar o evangelho deve ser sempre a maior prioridade da Igreja.

Aprovação (vv. 24-30). Aquilo que pensamos a respeito de nós mesmos ou que os outros pensam de nós não é tão importante quanto aquilo que Deus pensa. Jesus esperou até que os mensageiros tivessem partido e, então, elogiou João publicamente por seu ministério, revelando, ao mesmo tempo, o coração pecaminoso daqueles que rejeitavam o ministério de João.

João Batista não era um homem *condescendente*, como um “caniço agitado pelo vento” (ver Ef 4:14). Também não era uma *celebridade* que desfrutava a amizade de gente importante e os prazeres da riqueza. Não importava o que as pessoas faziam com ele, João não se abalava nem se enfraquecia. Não era apenas um profeta, mas sim um profeta cujo ministério havia sido profetizado (ver Is 40:3 e Ml 3:1)! João Batista foi o último profeta do Antigo Testamento e, como mensageiro de Deus, teve o privilégio de apresentar o Messias a Israel.

De que maneira o menor no reino de Deus é maior do que João? Em termos de posição, não de caráter nem de ministério. João foi arauto do Rei, anunciando o reino. Os cristãos de hoje são filhos do reino e amigos do Rei (Jo 15:15). O ministério de João constituiu um divisor de águas, tanto na história nacional de Israel quanto no plano redentor de Deus (Lc 16:16).

Lucas 7:29, 30 registra as palavras de Jesus, não uma explicação de Lucas (ver Mt 21:32). Essas palavras respondem à pergunta que algumas pessoas faziam: “Se João é um profeta tão importante, por que está na prisão?” A resposta: por causa da incredulidade deliberada dos líderes religiosos. Muitos do povo em geral ouviram a mensagem de João, aceitaram-na e foram batizados por ele como prova de seu arrependimento. Assim, “reconheceram a justiça de Deus”, ou seja, concordaram com aquilo que Deus havia dito sobre eles (Sl 51:4). Os líderes religiosos, porém, se justificaram a si mesmos (Lc 16:15) sem reconhecer a justiça de Deus e rejeitaram João e sua mensagem.

Condenação (vv. 31-35). Jesus comparou aquela geração com pessoas imaturas, que não se contentavam com coisa alguma. É provável que estivesse se referindo particularmente aos escribas e fariseus. João pregava uma mensagem severa de julgamento, e eles diziam: “Tem demônio!” Jesus misturava-se com o povo e pregava uma mensagem de salvação repleta de graça, e eles diziam: “Eis aí um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores!” Não queriam nem o funeral nem o casamento, pois nada lhes agradava.

Quem quer evitar encarar a verdade sobre si mesmo sempre encontra algum defeito no pastor. Essa é uma forma de “justificar-se”. Mas a sabedoria de Deus não é frustrada por argumentos de “sábios e prudentes”. *Antes, é demonstrada na vida transformada dos que crêem.* Somente assim a verdadeira sabedoria é “justificada”.

4. A MULHER PECADORA: UMA DEMONSTRAÇÃO DE AMOR (LC 7:36-50)

Jesus não apenas aceitava a hospitalidade de publicanos e de pecadores, mas também aceitava convites de fariseus, pois, quer percebessem isso quer não, precisavam igualmente da Palavra de Deus. Supomos que o convite e a motivação de Simão foram sinceros e que não usou de dissimulação ao chamar Jesus para visitá-lo. Se, por acaso, havia algum plano, acabou sendo frustrado, pois Simão aprendeu mais sobre si mesmo do que queria!

A mulher arrependida (vv. 36-38). Naquele tempo, era costume pessoas de fora rodearem um lugar onde ocorria um banquete para ver as “pessoas importantes” e ouvir o que diziam. Uma vez que o local era aberto, esses observadores tinham acesso à sala de banquete e aos convidados, o que explica como a mulher chegou até Jesus. É importante lembrar que, naquela época, não se costumava convidar mulheres para banquetes desse tipo.

Os rabinos judeus não conversavam nem comiam com mulheres em público. Uma mulher como aquela não era bem-vinda na casa de Simão, o fariseu. O texto não diz quais

eram seus pecados, mas temos a impressão de que era uma mulher de má reputação.

É importante não confundir esse episódio com outro semelhante envolvendo Maria de Betânia (Jo 12:1-8) e não identificar essa mulher com Maria Madalena (Mc 16:9; Lc 8:2), como muita gente ainda faz.

A mulher admitiu que era uma pecadora e demonstrou ser uma pecadora *arrependida*. Se observarmos os paralelos entre os Evangelhos, veremos que, pouco antes desse acontecimento, Jesus havia feito o convite amável: “Vinde a mim [...] e eu vos aliviarei” (Mt 11:28-30). Talvez tenha sido nessa ocasião que a mulher arrependeu-se de seus pecados e creu no Salvador. Suas lágrimas, sua atitude humilde e seu presente indicavam transformação interior.

O anfitrião crítico (vv. 39-43). Simão sentiu-se desconcertado, tanto por si mesmo quanto por seus convidados. Todos diziam que Jesus era um grande Profeta (Lc 7:16), mas certamente não estaria mostrando muito discernimento profético se deixasse uma mulher pecadora ungi seus pés! Portanto, devia ser um impostor.

O verdadeiro problema de Simão era a *cegueira*: não conseguia enxergar a si mesmo, a mulher, nem o Senhor Jesus. Assim, foi fácil declarar: “ela é pecadora”, mas foi impossível dizer: “eu sou pecador” (ver Lc 18:9-14). Jesus provou que, de fato, era um profeta ao ler os pensamentos de Simão e revelar suas necessidades.

A parábola não trata da *quantidade* de pecados na vida de uma pessoa, mas da *consciência* desses pecados no coração. Quantos pecados uma pessoa precisa cometer para ser considerada pecadora? Tanto Simão quanto a mulher eram pecadores. Simão era culpado de pecados do espírito, especialmente orgulho, enquanto a mulher era culpada de pecados da carne (ver 2 Co 7:1). Seus pecados eram conhecidos, enquanto os de Simão encontravam-se ocultos de todos, exceto de Deus. *Os dois estavam falidos e não tinham condição de pagar sua dívida com Deus.* Simão estava tão espiritualmente falido quanto aquela mulher e não tinha consciência disso.

O perdão é uma dádiva da graça de Deus; a dívida foi paga inteiramente por Jesus Cristo (Ef 1:7; 1 Pe 1:18, 19). A mulher aceitou a dádiva gratuita da salvação de Deus e expressava seu amor abertamente. Simão rejeitou essa oferta e continuou sem perdão. Não foi cego apenas em relação a si mesmo, mas também à mulher e a seu convidado de honra!

O Salvador que perdoa (vv. 44-50). A mulher era culpada de pecados de comissão, mas Simão era culpado de pecados de omissão. Como anfitrião, não havia recebido Jesus com a devida cortesia (contrastar com Abraão em Gn 18:1-8). Aquela mulher atentou para tudo o que Simão havia negligenciado – e o fez com mais esmero!

Devemos evitar dois equívocos ao interpretar as palavras de Jesus. Primeiro, não devemos concluir que a mulher foi salva por causa de suas lágrimas e do presente. Jesus deixou claro que ela foi salva única e exclusivamente pela fé (Lc 7:50), pois não há quantidade de boas obras que possa pagar pela salvação (Tt 3:4-7).

Também não devemos pensar que os pecadores são salvos pelo amor, quer seja o amor de Deus por eles ou o amor deles por Deus. Por certo, Deus ama o mundo inteiro (Jo 3:16), e, no entanto, nem todos são salvos. “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2:8, 9). A graça é o amor que paga um preço; nesse caso, o preço foi a morte do Filho de Deus na cruz.

Jesus não rejeitou as lágrimas da mulher nem o bálsamo que ela lhe deu, pois seus gestos foram demonstrações de sua fé. “A fé, se não tiver obras, por si só está morta” (Tg 2:14-26). Não somos salvos pela fé juntamente com as obras, somos salvos pela fé que redundará em obras. Essa mulher anônima ilustra a verdade encontrada em Gálatas 5:6: “O que importa é a fé que age por meio do amor” (NTLH).

Como essa mulher soube que seus pecados haviam sido perdoados? *Jesus lhe disse.* Como sabemos hoje que nossos pecados foram perdoados? *Deus nos diz em*

sua Palavra. Eis apenas alguns versículos para refletir: Isaías 1:18; 43:25, 26; 55:6, 7; Atos 13:38, 39; Romanos 4:7, 8; Efésios 4:32; Hebreus 8:12. Ao entender o significado da graça de Deus, não há mais dificuldade alguma em aceitar seu pleno perdão e em se regozijar nele.

É evidente que os críticos legalistas presentes no banquete ficaram estarecidos quando Jesus disse: "Perdoados lhe são os seus muitos pecados". Com isso, Jesus afirmava ser Deus (ver Lc 5:21)! Mas ele é Deus e morreu pelos pecados que aquela mulher cometeu. Suas palavras de perdão custaram muito caro. Jesus pagou alto preço por elas na cruz.

De que maneira a mulher foi salva? Ela se arrependeu de seus pecados e creu em Jesus Cristo. Como soube que havia sido, verdadeiramente, perdoada? Jesus lhe deu sua palavra. Qual foi a prova de sua salvação? Seu amor por Cristo expresso em sua devoção sacrificial a ele. Pela primeira vez em sua vida, teve paz com Deus (Lc 7:50). A tradução literal do versículo 50 é: "Vai-te para a paz", pois ela saiu da situação de inimizade com Deus e passou a desfrutar paz com Deus (Rm 5:1; 8:7, 8).

Jesus realizou um grande milagre ao curar o servo do centurião. Realizou um milagre ainda maior ao ressuscitar o filho da viúva. Neste capítulo, porém, realizou o maior milagre de todos ao salvar essa mulher de

seus pecados e ao transformá-la numa nova pessoa. Não há prodígio que se compare ao milagre da salvação, pois ele supre as maiores necessidades, redundando em tudo o que há de mais duradouro (eterno) e exige em pagamento o preço mais alto de todos.

Simão estava cego para a mulher e para si mesmo. Via seu passado, enquanto Jesus via seu futuro. Fico imaginando quantos pecadores rejeitados encontraram a salvação pelo testemunho dessa mulher no Evangelho de Lucas. Ela nos incentiva a crer que Jesus pode transformar qualquer pecador num filho de Deus.

Todavia, o perdão de Deus não é automático; é possível rejeitar sua graça, se assim o desejarmos. Em 1830, um homem chamado George Wilson foi preso por roubar correspondências, infração passível da pena de morte por enforcamento. Algum tempo depois, o presidente Andrew Jackson concedeu o indulto a Wilson, *mas ele o recusou!* As autoridades ficaram confusas: deveriam libertar ou enforçar Wilson?

Assim, consultaram John Marshall, presidente do Supremo Tribunal, que lhes deu sua decisão: "O indulto é um pedaço de papel, cujo valor é determinado pela aceitação da pessoa a ser perdoada. Caso seja recusado, não é um indulto. George Wilson deve ser enforcado".

Se ainda não aceitou o perdão de Deus, este é o momento de crer e de ser salvo.

LIÇÕES SOBRE A FÉ

LUCAS 8

Um dos temas centrais de Lucas 8 é como desenvolver a fé e usá-la nas experiências diárias da vida. Na primeira seção, Jesus apresentou os fundamentos, ensinando a seus discípulos que a fé vem por receber a Palavra de Deus em um coração compreensivo. Na segunda parte, os fez passar por várias “avaliações” para ver quanto haviam aprendido de fato. A maioria de nós gosta de estudar a Bíblia, mas gostaríamos de escapar das avaliações, às quais, muitas vezes, somos submetidos depois das lições! No entanto, é nas provas da vida que a fé se desenvolve e que nos aproximamos de Cristo.

O editor norte-americano H. L. Mencken, um céptico assumido, definiu fé como “uma crença ilógica na ocorrência do impossível”. Mark Twain, por meio de um de seus personagens, declarou que ter fé “é acreditar naquilo que sabemos que não é verdade”. É evidente que nenhum deles descreveu fé, mas sim superstição, pois a fé de um cristão possui bases sólidas.

De uma forma ou de outra, todos vivem pela fé. A diferença entre o cristão e o não salvo não é a presença ou ausência de fé. Ambos têm fé. A diferença encontra-se no objeto de sua fé, pois o valor da fé é o mesmo que o de seu objeto. O cristão deposita sua fé em Jesus Cristo e a fundamenta na Palavra de Deus.

1. ENSINAMENTO: OUVINDO A PALAVRA DE DEUS (Lc 8:1-21)

Jesus continuou seu ministério itinerante na Galiléia com a ajuda de seus discípulos e a ajuda material parcial de algumas mulheres piedosas. Era comum os rabinos receberem

ofertas de pessoas gratas, e essas mulheres certamente foram beneficiadas pelo ministério de Jesus. Os líderes da Igreja do Novo Testamento eram sustentados por ofertas de amigos (2 Tm 1:16-18) e de congregações (Fp 4:15-17), e Paulo sustentava-se com o próprio trabalho (2 Ts 3:6-10).

O termo *ouvir* é usado nove vezes nesta seção. Significa muito mais que simplesmente escutar as palavras. “Ouvir” significa escutar com discernimento e receptividade espiritual. “E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17). Tendo isso em mente, podemos entender as três admoestações de Jesus a seus seguidores.

Ouçam e recebam a Palavra (vv. 4-15).

A princípio, o Semeador é Jesus Cristo, mas o semeador também representa qualquer pessoa do povo de Deus que compartilha a Palavra de Deus (Jo 4:35-38). A semente é a Palavra de Deus, pois, como uma semente, a Palavra possui vida e poder (Hb 4:12) e é capaz de produzir frutos espirituais (Gl 5:22, 23). Mas a semente não pode fazer coisa alguma até que seja plantada (Jo 12:24). Quando alguém ouve e entende a Palavra, a semente é plantada no coração. O que acontece depois depende do tipo de solo.

Jesus chamou essa parábola de “parábola do semeador” (Mt 13:18), mas também poderia ser chamada de “parábola dos tipos de solo”. A semente sem solo não dá frutos, e o solo sem semente é praticamente inútil. O coração humano é como o solo: se é devidamente preparado, pode receber a Palavra de Deus e produzir colheita abundante.

Jesus descreveu quatro tipos de coração, sendo que três deles não produziram fruto. A prova da salvação encontra-se nos *frutos*, não apenas em ouvir a Palavra ou em professar a fé em Cristo. Jesus já havia deixado isso claro em seu “Sermão do Monte” (Lc 6:43-49; ver também Mt 7:20).

O *solo duro* (vv. 5, 12). Esse solo representa a pessoa que ouve a Palavra, mas logo permite que o diabo leve a semente embora. Como esse coração tornou-se tão duro?

O caminho ao qual o texto se refere, normalmente era uma picada que cortava um campo e dividia os canteiros e o trânsito de pessoas e de animais, em que o solo ficava endurecido. Tudo o que entra pelos ouvidos e pelos olhos acaba dentro do coração, de modo que devemos ter cuidado com o que deixamos passar pelo caminho de nosso coração.

O solo raso (vv. 6, 13). Esse solo ilustra o ouvinte que se comove com facilidade e aceita a mensagem prontamente, mas seu interesse vai morrendo e não há continuidade (ver Jo 8:31, 32). Em várias regiões da Terra Santa, é possível encontrar um substrato de calcário coberto com uma camada fina de terra. O broto cresce, mas as raízes não conseguem aprofundar-se e, por isso, o sol faz a planta murchar. O sol representa as dificuldades pelas quais todos os que se dizem cristãos devem passar, a fim de provar sua fé. O sol é bom para as plantas *quando estas têm raízes*. A perseguição aprofunda as raízes do verdadeiro cristão, mas acaba por expor a superficialidade do falso cristão.

O solo com espinhos (vv. 7, 14). Esse solo ilustra as pessoas que não se arrependem e que não arrancam todas as "ervas daninhas" prejudiciais à colheita. Há solo suficiente para as raízes se aprofundarem, mas não há espaço para a planta desenvolver-se e dar frutos. Fica sufocada, e os frutos não amadurecem. Os "cuidados, riquezas e deleites da vida" são como espinhos que impedem o solo de manter-se produtivo. Quem tem um coração cheio de espinhos chega perto da salvação, mas, ainda assim, não produz "frutos perfeitos".

O solo bom (vv. 8, 15). Somente esse solo é produtivo. Ilustra o indivíduo que ouve a Palavra, compreende o que diz e a recebe em seu coração; é salvo e prova que foi transformado ao produzir frutos pacientemente (ver 1 Ts 2:13; 1 Pe 1:22-25). Nem todos produzem a mesma quantidade de frutos (Mt 13:8), mas todo cristão verdadeiro produz algum tipo de fruto como prova de sua vida espiritual. Alguns desses frutos consis-

contribuir financeiramente para a obra de Deus (Rm 15:25-28), realizar boas obras (Cl 1:10), ter um caráter cristão (Gl 5:22, 23) e louvar ao Senhor (Hb 13:15).

Essa parábola mostra que Jesus não se impressionava com as grandes multidões que o seguiam. Sabia que a maioria não "ouvia", de fato, a Palavra nem a recebia em seu coração. Contou essa história como incentivo a seus discípulos no ministério que estavam prestes a exercer e como encorajamento para nós hoje. Ao pensar em quanto se prega, se ensina e se dá testemunho ao longo de um mês ou de um ano, é possível perguntar por que a colheita é tão pequena. A culpa não é do semeador nem da semente; o problema é o solo. O coração humano não se sujeita a Deus, não se arrepende nem recebe a Palavra, portanto, não é salvo.

De acordo com A. W. Tozer, pastor e escritor citado com frequência: "A fé vem do ouvido que escuta, não da mente que cogita". A fé não é uma questão de possuir QI elevado ou instrução, mas sim de preparar o coração humildemente para receber a verdade de Deus (Tg 1:19-21). Sábios e prudentes são cegos para verdades que podem ser compreendidas até por criancinhas (Mt 11:20-26).

Ouçam e compartilhem a Palavra (vv. 16-18). Os discípulos ficaram confusos, pois Jesus ensinava por parábolas, de modo que lhe pediram uma explicação (Lc 8:9, 10; ver também Mt 13:10-17). Sua resposta parece indicar que usou parábolas a fim de *ocultar* a verdade das multidões, mas foi justamente o contrário, como Lucas 8:16-18 deixa claro. Seus ensinamentos são a luz que deve brilhar para que pecadores sejam salvos.

O termo "parábola" significa "lançar ao lado". Uma parábola é uma história que ensina determinada verdade colocando-a ao lado de algo conhecido. O povo entendia de sementes e de solo, de modo que a parábola do semeador despertou seu interesse. Os indiferentes ou orgulhosos simplesmente davam de ombros. As parábolas de Jesus chamavam a atenção dos que de-

Uma parábola começa com uma *imagem* conhecida pelos ouvintes. Mas, ao observá-la com cuidado, torna-se um *espelho* no qual os ouvintes podem ver o próprio reflexo. O problema é que muitas pessoas não gostam de olhar para si mesmas. Isso explica por que alguns ouvintes de Jesus irritaram-se quando usou parábolas e até tentaram matá-lo. Se, no entanto, nos julgarmos pecadores necessitados e pedirmos ajuda, o espelho transforma-se numa *janela* através da qual vislumbramos Deus e sua graça. Compreender uma parábola e se beneficiar dela exige humildade e honestidade de nossa parte, duas coisas que faltavam a muitos ouvintes de Jesus.

Ouvir e compreender a Palavra de Deus é muito sério, pois coloca sobre nós a responsabilidade de compartilhar a Palavra com outros. Todos os que recebem a semente tornam-se semeadores, portadores da luz e transmissores da verdade de Deus (ver 1 Ts 1:5-8). Se guardarmos essa verdade para nós mesmos, a perderemos; mas se a compartilhamos com outros, receberemos ainda mais.

Ouçam a Palavra e lhe obedecem (vv. 19-21). Maria, mãe de Jesus, e os meios-irmãos dele (Mt 13:55, 56; At 1:14) estavam preocupados com Jesus e desejavam falar com ele. Alguns de seus amigos já haviam dito que estava louco (Mc 3:21), e talvez sua família concordasse com eles. Jesus aproveitou essa oportunidade para ensinar outra lição espiritual: fazer parte de sua família espiritual é muito mais importante do que qualquer relacionamento humano e tem como base a obediência à Palavra de Deus. Não basta “ouvir” a Palavra, também é preciso “retê-la” (Lc 8:15).

Em uma das minhas séries de programas de rádio, enfatizei a importância de *colocar a Palavra de Deus em prática* na vida diária (Tg 1:22-25). Adverti meus ouvintes de que é fácil acreditar que somos “espirituais” só porque ouvimos uma porção de pastores pregar, fazemos anotações e sublinhamos passagens na Bíblia. Mas, *quem nunca pratica de fato aquilo que aprende*, apenas se engana a si mesmo.

Uma ouvinte escreveu que minhas palavras a haviam deixado zangada, mas que, em seguida, reconheceu que era, de fato “ouvinte” e não “praticante” da Palavra. Começou a ouvir menos pregadores falando no rádio e a prestar mais atenção no que diziam. Em suas palavras: “Essa nova abordagem de estudo bíblico me transformou! A Bíblia tornou-se um novo livro para mim, e minha vida mudou!”

Todo discípulo de Jesus precisa prestar atenção *ao que ouve* (Mc 4:24) e *na maneira de ouvir* (Lc 8:18), pois é necessário prestar contas a Deus. Quem ouve coisas erradas, ou quem ouve coisas certas com a atitude errada, será privado da verdade e das bênçãos. Quem é fiel em receber a Palavra de Deus e em compartilhá-la, Deus dará mais; quem não deixar sua luz brilhar, perderá o que tem. Ouvir a Palavra de Deus é muito sério.

2. AVALIAÇÃO: OBEDECENDO À PALAVRA DE DEUS (Lc 8:22-56)

Quando Jesus terminou de contar as “parábolas do reino” (Mt 13:1-52), é possível que os discípulos tenham se sentido verdadeiros alunos pós-graduados da Escola da Fé! Compreendiam mistérios obscuros aos escribas e rabinos e até aos profetas do Antigo Testamento. O que não perceberam (e como somos parecidos com eles!) é que *antes de se tornar confiável, a fé deve ser testada*. Uma coisa é aprender uma nova verdade espiritual, outra bem diferente é colocá-la em prática na vida diária.

Satanás não se importa muito com o fato de aprendermos verdades bíblicas, desde que não vivamos de acordo com elas. A verdade que permanece na mente é apenas acadêmica e não chegará ao coração se não for praticada pela volição. “[Fazer], de coração, a vontade de Deus” – é isso o que Deus quer de seus filhos (Ef 6:6). Satanás sabe que a verdade acadêmica não é perigosa e que o grande perigo encontra-se na verdade *ativa*.

Veja como o Senhor Jesus Cristo, ao se deparar com quatro desafios da fé, sai vitorioso. Seu povo enfrenta os mesmos desafios hoje e também pode vencer pela fé.

Circunstâncias perigosas (vv. 22-25).

Depois de um longo dia ensinando, Jesus estava cansado e caiu no sono dentro do barco, enquanto ele e os discípulos navegavam de Cafarnaum para a margem oposta. Mas, antes de adormecer, deu aos discípulos uma ordem que também foi uma promessa: chegar à outra margem do lago. Essa palavra deveria ter animado e fortalecido os discípulos durante a tempestade, mas sua fé ainda era pequena (Mt 8:26).

Quando nosso grupo de turismo atravessava de Tiberíades a Cafarnaum, perguntei ao guia se já havia passado por alguma tempestade no mar da Galiléia. Seus olhos se arregalaram, e ele respondeu: "Já, e jamais quero passar por isso de novo!" Essas tempestades são formadas por rajadas de vento que vêm das montanhas e que se afunilam sobre o lago, situado a 200 metros abaixo do nível do mar. As tempestades formam-se quando o ar frio e o ar quente encontram-se nessa bacia natural.

Os discípulos ficaram amedrontados, mas Jesus não se abalou! Continuou dormindo, certo de que o Pai estava no controle (Sl 89:8, 9). Os discípulos ficaram tão assustados que acordaram Jesus e suplicaram para que os salvasse. O título "Mestre" é o mesmo usado por Pedro em Lucas 5:5. É evidente que seu problema não era a tempestade que acontecia a sua volta, mas a incredulidade dentro deles. Na verdade, sua incredulidade era mais perigosa que a tempestade!

O termo "repreender" é usado nas ocasiões em que Jesus confrontou demônios (Lc 4:35, 41; 9:42). É possível que Satanás estivesse por trás dessa forte tempestade, tentando destruir Jesus ou, pelo menos, impedi-lo de chegar ao homem endemoninhado em Gadara. Mas, pelo poder de sua palavra, Jesus acalmou o vento e o mar. É comum, depois que os ventos diminuem, as águas continuarem agitadas por várias horas, mas, nesse caso, tudo se acalmou de imediato e permaneceu tranquilo (Sl 148:8).

Os discípulos foram reprovados nesse teste, pois não se apegaram à palavra de Jesus, a qual havia declarado que atravess-

bem que fé não é crer apesar das circunstâncias, mas sim obedecer apesar dos sentimentos e conseqüências. Os discípulos olharam ao redor e viram o perigo; olharam para dentro de si e viram o medo; mas não olharam para o alto pela fé, portanto, não viram Deus. A fé e o medo não podem coabitar no mesmo coração.

Uma mulher disse a D. L. Moody: "Encontrei uma promessa maravilhosa!", e citou o Salmo 56:3: "Em me vindo o temor, hei de confiar em ti".

"Permita-me dar-lhe uma promessa ainda melhor", disse Moody, e citou Isaías 12:2: "Eis que Deus é a minha salvação, confiarei e não temerei".

Satanás (vv. 26-39). Quando Jesus chegou a Gadara, dois homens endemoninhados foram a seu encontro (Mt 8:28), mas só um deles falou com Jesus. A condição dos dois endemoninhados era lastimável: estavam nus e viviam em túmulos; eram violentos e perigosos; eram uma ameaça para o povo da região e estavam sob o domínio de uma legião de demônios. (Uma legião romana podia ter até seis mil homens!) Satanás é o ladrão (Jo 10:10) que rouba das pessoas tudo o que é bom e, depois, tenta destruí-las. Não há autoridade nem instrumento humano capaz de controlar ou de mudar servos de Satanás. Sua única esperança é o Salvador.

Os demônios crêem (Tg 2:19), mas sua fé não é salvadora. Crêem que Jesus Cristo é o Filho de Deus, com autoridade para comandá-los. Crêem num julgamento futuro (Mt 8:29) e na existência de um lugar de tormento para onde Jesus pode enviá-los (o "abismo"; Lc 8:31). Também crêem na oração, pois rogaram a Jesus que não os enviasse para o abismo. Pediram que fossem mandados para os porcos, e Jesus consentiu.

Jesus tinha o direito de permitir que a legião de demônios destruísse uma vara de dois mil porcos e, desse modo, possivelmente, arruinar os negócios de seus donos? Tudo pertence a Deus (ver Sl 50:10, 11), e ele pode usar todas as coisas como lhe convém. Além disso, os dois homens eram muito mais

Aquela comunidade deveria ter agradecido a Jesus por tê-los livrado desses dois homens, mas, em vez disso, *rogaram-lhe que partisse!*

Os dois homens passaram por uma transformação e tanto! Seria de se esperar que, ao vê-los, o povo percebesse o milagre que havia ocorrido e pedisse a Jesus que ficasse lá para curar outros enfermos e aflitos. Ao que parece, para eles, o dinheiro era mais importante que a misericórdia, de modo que mandaram Jesus embora.

Um dos homens que haviam sido libertos insistiu para Jesus levá-lo consigo como seu servo. Que desejo nobre para um recém-convertido! Tinha mais discernimento espiritual do que todos os outros gadarenos juntos. Aquele homem ainda não estava pronto para se tornar um discípulo, mas poderia servir a Jesus como testemunha, começando em casa, entre seus parentes e amigos gentios. Jesus não desejava que os judeus que haviam sido curados espalhassem a notícia, mas não havia perigo em deixar que os gentios contassem aos outros o que Jesus havia feito por eles, e o homem lhe obedeceu.

Enfermidade (vv. 40-48). Quando Jesus voltou a Cafarnaum, o povo o recebeu de braços abertos, especialmente um homem e uma mulher que carregavam fardos pesados e desejavam dividi-los com o Senhor. Trata-se de um contraste interessante, pois mostra como pessoas de todo tipo buscavam a ajuda de Jesus. O texto diz o nome do homem (Jairo), mas não da mulher. Jairo era um cidadão rico e importante, mas a mulher era uma pessoa humilde que havia gastado todo seu dinheiro na busca de uma cura para seu mal. O homem intercedia pela sua filha, e a mulher tinha esperanças de conseguir ajuda para si mesma, e ambos se colocaram aos pés de Jesus. Jairo havia sido abençoado com doze anos de alegria junto a sua filha e corria o risco de perdê-la, enquanto a mulher havia sofrido durante doze anos por causa de sua aflição e esperava ser, finalmente, liberta.

Essa mulher tinha uma necessidade secreta, um fardo que havia carregado durante doze longos anos. Era um mal que afetava

seu corpo e que lhe dificultava a vida. Mas também tinha implicações espirituais, pois a hemorragia a tornava cerimonialmente imunda, de modo que não poderia participar da vida religiosa de seu povo (Lv 15:19-22). Apesar de sua contaminação, pobreza e desespero, buscou a ajuda de Jesus, e sua necessidade foi suprida.

Sua fé beirava a superstição, mas Jesus a honrou. A mulher sabia que Jesus havia curado outras pessoas e desejava que fizesse o mesmo por ela. Poderia ter usado muita coisa como desculpa para não se aproximar de Jesus – a multidão que se comprimia ao redor de Jesus; todos os fracassos naqueles doze anos; o fato de não ser correto buscar a Jesus como último recurso; o fato de ela não ser uma pessoa importante –, mas não permitiu que coisa alguma a impedisse.

Os homens judeus usavam franjas ou borlas de cordão azul presas às vestes para lembrá-los de que deviam obedecer aos mandamentos de Deus (Nm 15:37-40; Dt 22:12). Os fariseus levavam essa regra ao extremo para impressionar as pessoas com sua santidade (Mt 23:5). Não sabemos por que a mulher escolheu tocar essa parte da veste, mas Jesus sentiu que alguém com fé o havia tocado, sendo curado por seu poder. A cura foi imediata e completa.

Por que Jesus pediu que a mulher testemunhasse publicamente? Não era uma situação embaraçosa para ela? De maneira alguma! Em primeiro lugar, essa confissão pública era para o bem dela. Era uma oportunidade de professar sua fé em Cristo e de glorificar a Deus. Se houvesse desaparecido na multidão, não teria encontrado Jesus pessoalmente nem ouvido suas palavras de segurança e de consolo (Lc 8:48).

Todavia, sua confissão também foi um estímulo para Jairo, que não tardaria em receber a notícia da morte da filha. (Talvez tivesse desejado culpar a mulher pela demora!) Os doze anos de provação da mulher chegaram ao fim, e o mesmo Cristo que a socorreu também socorreria Jairo. Ela deu testemunho do poder da fé. É verdade que não exercitou “grande fé”, mas Cristo honrou-a e restaurou seu corpo.

Por fim, seu testemunho foi uma forma de repreender o povo. É possível fazer parte da multidão e nunca receber bênção alguma só por estar perto de Jesus! Uma coisa é "apertá-lo" e "oprimi-lo" (Lc 8:45), outra bem diferente é "tocá-lo" pela fé. Talvez nossa fé não seja grande, mas nosso Salvador é forte, e ele responde a cada toque na orla de sua veste.

Quando Sir James Simpson, inventor do clorofórmio, estava à beira da morte, um amigo lhe disse: "Logo estarás descansando junto ao peito do Senhor", ao que Simpson respondeu humildemente: "Não sei como vou fazer isso, mas creio que estou segurando a orla de sua veste".

Morte (vv. 49-56). O chefe da sinagoga era o ancião encarregado dos cultos públicos e da manutenção do local de reuniões. Providenciava para que houvesse pessoas para orar, ler as Escrituras e dar o sermão. Presidia os outros anciãos da sinagoga e costumava ser um homem rico e de excelente reputação. Foi preciso um bocado de humildade e de coragem para Jairo aproximar-se de Jesus e pedir sua ajuda, pois a essa altura os líderes religiosos já estavam planejando matá-lo.

Quando Jairo saiu de casa, sua filha estava extremamente enferma, prestes a morrer. Mas quando Jesus se separou da multidão e o acompanhou, a menina já estava morta. Os amigos de Jairo pensavam que Jesus só podia ajudar pessoas vivas, de modo que aconselharam Jairo a desistir e voltar para casa. Mas Jesus encorajou o pai transtornado com uma palavra de esperança.

Em casa, a cena era desoladora! Os pranteadores profissionais já estavam lá, chorando e lamentando em alta voz; um grupo de amigos e vizinhos também havia se reunido. O povo judeu daquela época não despendia muito tempo nem energia demonstrando e compartilhando sua tristeza. Depois de ser lavado e embalsamado, o corpo do falecido era sepultado no mesmo dia.

Jesus assumiu o controle da situação e ordenou que todos parassem de chorar, pois a menina não estava morta, mas apenas

seu espírito havia deixado o corpo (comparar Lc 8:55 com Tg 2:26), mas, para Jesus, a morte não passava de um sono. Essa imagem é usada com frequência no Novo Testamento para descrever a morte dos cristãos (Jo 11:11-14; At 7:59, 60; 1 Co 15:51; 1 Ts 4:13-18). O sono é uma experiência normal, da qual não temos temor algum; da mesma forma, também não devemos temer a morte. É o corpo que dorme, não o espírito, pois o espírito do cristão vai para junto de Cristo (Fp 1:20-24; 2 Co 5:6-8). Na ressurreição, o corpo será "despertado" e glorificado e o povo de Deus compartilhará a imagem de Cristo (1 Jo 3:1, 2).

Os pranteadores riram-se da ordem de Jesus, pois sabiam que a menina estava morta e que a morte era algo irreversível. Não sabiam, porém, que Jesus é "a ressurreição e a vida" (Jo 11:25, 26). Acaso não havia trazido de volta à vida o filho da viúva? Não havia dito a João Batista que os mortos estavam sendo ressuscitados? (Lc 7:22). Ao que parece, os pranteadores não acreditavam nesses relatos e consideravam Jesus um louco.

Assim, pôs todos para fora! Era uma situação delicada e especial demais para ser observada por dúzias de espectadores incrédulos. Tomou consigo os pais e três dos seus discípulos – Pedro, Tiago e João – e, juntos, entraram no quarto onde estava o corpo da menina.

Jesus tomou a criança pela mão e disse em aramaico: *Talitha cumi!* "Menina, levanta-te!". (Um dia, Pedro diria *Tabita, cumi!* "Tabita, levanta-te!"; At 9:40.) Essas palavras não eram uma fórmula mágica, mas sim uma ordem daquele que é Senhor sobre a vida e a morte (Ap 1:17, 18). O espírito da menina voltou a seu corpo, ela se levantou e começou a andar pelo quarto! Jesus disse aos pais que dessem à criança algo para comer, pois é bem provável que durante sua enfermidade tivesse comido pouco ou sequer se alimentado. Jesus também os instruiu a não espalhar o que havia ocorrido, mas, ainda assim, a notícia correu (Mt 9:26).

A ressurreição retrata a maneira de Jesus

da morte espiritual (Jo 5:24; Ef 2:1-10). Os Evangelhos registram três ressurreições, apesar de ser provável que Jesus tenha realizado outras mais. Em cada caso, a pessoa deu provas claras de vida. O filho da viúva começou a falar (Lc 7:15), a filha de Jairo andou e se alimentou, e a mortalha de Lázaro foi removida (Jo 11:44). Quando um pecador é ressuscitado, a transformação manifesta-se em sua forma de falar, de andar, em seus apetites e em sua "troca de roupa" (Cl 3:1ss). É impossível esconder a vida!

Pedro, Tiago e João acompanharam Jesus em três ocasiões especiais, sendo esta a primeira delas. A segunda foi no monte da transfiguração (Lc 9:28ss) e a terceira, no jardim do Getsêmani (Mc 14:33ss).

Campbell Morgan chamou a atenção para o fato de que cada um desses acontecimentos é relacionado à morte e de que, por meio dessas experiências, os três discípulos aprenderam lições preciosas sobre Jesus e a morte.

Na casa de Jairo, aprenderam que Jesus é vitorioso sobre a morte. No monte da transfiguração, descobriram que, em sua morte, Cristo seria glorificado e, no jardim do Getsêmani, viram-no entregar-se à morte. Tiago foi o primeiro dos doze apóstolos a falecer (At 12:1, 2), João foi o último, e a morte de Pedro foi predita por Jesus (Jo 21:18, 19; 2 Pe 1:13-21). Esses três homens precisavam dessas lições, como também delas precisamos hoje.

UM MINISTÉRIO MULTIFACETADO

LUCAS 9

Foi uma noite irritante. Estava estudando e escrevendo e o telefone não parava de tocar. Teria ficado feliz se tivessem sido telefonemas de amigos e aproveitaria para fazer uma pausa no trabalho e bater um papo. Mas eram ligações de gente querendo me vender de tudo, desde ingressos para um *show* de dança até investimentos bancários. Ao ir me deitar, estava praticamente decidido a tirar meu nome da lista telefônica e a tomar providências para proteger minha privacidade.

Às 11 horas da noite, recebi o telefonema de um homem que pensava em cometer suicídio. Com a ajuda do Senhor, consegui animá-lo e convencê-lo a recomeçar a vida. Quando desliguei, dei graças porque meu nome ainda estava na lista telefônica. Quando voltei a me deitar, pensei em Jesus e em como deveriam ser seus horários. Permanecia à disposição de todo tipo de pessoa em todo o tempo, e não mandou ninguém embora. Se fosse hoje, o nome dele provavelmente estaria na lista telefônica.

Neste capítulo, Lucas descreve a vida atarefada do Filho do homem – o Senhor compassivo – ao realizar quatro ministérios.

1. ENVIO (Lc 9:1-11)

A comissão (vv. 1-6). Os doze apóstolos haviam sido ordenados alguns meses antes (Lc 6:13-16) e estavam viajando com Jesus como seus ajudantes. Aqui, o Senhor está prestes a enviá-los em pares (Mc 6:7) para que realizassem o próprio ministério e colocassem em prática o que haviam aprendido. Seria o “vão solo” dos apóstolos.

Mas, antes de enviá-los, Jesus os preparou e instruiu para o trabalho a ser feito. A passagem paralela em Mateus 10 revela que os doze apóstolos foram enviados somente ao povo de Israel (Mt 10:5, 6). Lucas não menciona esse fato, uma vez que escreveu a um público predominantemente gentio, enfatizando o alcance mundial do evangelho.

Poder é a capacidade de realizar uma tarefa, e *autoridade* é o direito de realizá-la, e Jesus concedeu ambos a seus apóstolos. Eram capazes de expulsar demônios e de curar os enfermos, mas o ministério mais importante que receberam de Jesus foi a incumbência de pregar o evangelho. O termo “anunciar”, em Lucas 9:6, descreve um arauto proclamando uma mensagem do rei e, nesta passagem de Lucas, significa “pregar as boas novas”. Eram arautos das boas novas!

A capacidade dos apóstolos de realizarem curas era um dom especial que servia para autenticar seu ministério (ver Rm 15:18, 19; 2 Co 12:12; Hb 2:1-4). Os milagres eram uma prova de que o Senhor os havia enviado e de que operava por meio deles (Mc 16:20). Hoje, usamos a Palavra de Deus para testar o ministério de uma pessoa (1 Jo 2:18-29; 4:1-6). Os milagres, por si mesmos, não provam que uma pessoa foi, verdadeiramente, enviada por Deus, pois Satanás também é capaz de realizar falsos ministérios e de fazer coisas prodigiosas (Mt 24:24; 2 Co 11:13-15; 2 Ts 2:9, 10).

Jesus instruiu os apóstolos sobre o que levar na viagem, enfatizando a urgência e a simplicidade. Não deveriam carregar consigo nem um alforje, confiando, antes, que Deus prepararia lares hospitaleiros para eles. Mateus 10:11-15 diz como selecionariam esses lares. Caso fossem rejeitados, deveriam sacudir a poeira dos pés, um gesto conhecido feito pelos judeus ortodoxos sempre que saíam de território gentio (ver Lc 10:10, 11; At 13:51).

A confusão (vv. 7-9). Quando os discípulos partiram, Jesus também saiu e ministrou por algum tempo na Galiléia (Mt 11:1); juntos, atraíram um bocado de atenção. Na verdade, seu trabalho chegou a ser discutido até nos mais altos escalões do governo!

Herodes Antipas (Lc 3:1) era filho de Herodes, o Grande, e o homem que havia mandado matar João Batista (Mt 14:1-12; Lc 3:19, 20).

Quem era esse homem que fazia milagres? João Batista não havia feito nada de prodigioso (Jo 10:41), mas e se ele tivesse ressuscitado? Os judeus esperavam a vinda de Elias, e talvez a profecia estivesse se cumprindo (ver Ml 4:5; Mt 11:10-14; 17:11-13; Lc 1:17). Sem dúvida, a consciência de Herodes o estava acusando, e ele se perguntava se Deus não havia mandado João Batista de volta para julgá-lo.

Herodes fez várias tentativas de encontrar-se com Jesus, mas, ao contrário de algumas "celebridades religiosas" modernas, Jesus chamou o rei perverso de "raposa" e não se deixou intimidar por suas ameaças (Lc 13:31, 32). Quando Herodes e Jesus finalmente se encontraram, o rei ficou esperando por um milagre, mas o Filho de Deus não fez nem disse coisa alguma. O perverso rei Herodes havia calado a voz de Deus (Lc 23:6-12).

A conclusão (vv. 10, 11). Os apóstolos voltaram e deram um relatório empolgado de seu ministério, depois do que Jesus sugeriu que tirassem algum tempo para descansar (Mc 6:30-32). Como o conhecido palestrante Dr. Vance Havner costumava dizer: "Se não nos retirarmos para descansar, acabaremos por nos desintegrar". A missão de pregação e cura havia sido pesada, e todos precisavam de um tempo a sós para se renovar física e espiritualmente. Trata-se de um bom exemplo para obreiros cristãos ocupados e, por vezes, extenuados.

Atraídas pelos prodígios que Jesus realizava, as multidões não o deixavam em paz, seguindo-o de uma cidade a outra. Quando Jesus e os doze apóstolos chegavam a um local, a multidão já estava a sua espera, e Jesus se compadecia do povo e lhes ministrava (Mt 14:13, 14). O Filho do Homem não podia sequer tirar um dia de folga!

2. PROVISÃO (Lc 9:12-17).

Jesus não era o tipo de pessoa capaz de ensinar a Palavra e depois dizer ao povo

faminto: "Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos" (Tg 2:16). Os discípulos sentiam-se ansiosos para que a multidão fosse embora (Lc 18:15; ver Mt 15:23). Ainda não haviam assimilado a compaixão de Jesus e o peso que sentia em seu coração pelas multidões, mas um dia fariam como ele.

Quando combinamos os quatro relatos desse milagre, vemos que, primeiro, Jesus perguntou a Filipe onde poderiam comprar pão suficiente para alimentar aquela multidão. (É bem possível que houvesse umas dez mil pessoas presentes.) Na verdade, estava apenas testando Filipe, "porque ele [Jesus] bem sabia o que estava para fazer" (Jo 6:6). Em momentos de crise na vida, quando os recursos são poucos e as responsabilidades são muitas, é bom lembrar que Deus já resolveu o problema.

Jesus começou com aquilo que tinham em mãos: alguns pães e peixes doados generosamente por um rapaz que André havia encontrado (Jo 6:8, 9). Será que André conhecia o rapaz? Ou será que o rapaz simplesmente ofereceu seu lanche? Antes de pedir a Deus que faça o impossível, deve-se começar com o possível e entregar a ele o que temos. Aproveitando o ensejo, é bom agradecer ao Senhor pelas mãos que dão aos filhos algo que possam oferecer a Jesus.

O Senhor olhou para o céu, de onde vem nosso pão de cada dia (Mt 6:11), deu graças e abençoou o alimento; em seguida, multiplicou os pães e os peixes. Jesus foi o "produtor" e seus discípulos, os "distribuidores". O mais impressionante é que todos se serviram, ficaram satisfeitos e ainda sobram doze cestos com restos, um para cada discípulo. Jesus cuida bem de seus servos.

Esse milagre foi mais do que um ato de misericórdia pelo povo faminto, apesar de esse ter sido um aspecto importante. Também foi um sinal do caráter messiânico de Jesus e uma ilustração de como Deus, em sua graça, proveu a salvação dos seres humanos. No dia seguinte, Jesus pregou um sermão sobre o "pão da vida" e instou o povo a recebê-lo, assim como haviam recebido o pão (Jo 6:22-59). Mas o povo estava mais

interessado no estômago do que na alma e interpretou de modo totalmente incorreto o impacto espiritual do milagre. O desejo deles era coroar Jesus como Rei a fim de que lhes proveesse alimento para o resto da vida (Jo 6:14, 15)!

Depois que Jesus voltou ao céu, é bem possível que os discípulos tenham se animado ao lembrar desse milagre. Ele nos ensina a ter compaixão, a encarar os problemas como oportunidades para Deus trabalhar, a lhe entregar tudo o que temos, e a confiar que suprirá todas as nossas necessidades. Se fizermos nossa parte, ele fará o resto. "Deixe que as promessas de Deus brilhem sobre seus problemas", aconselhou sabiamente Corrie Ten Boom.

3. ENSINO (Lc 9:18-36)

No Evangelho de Lucas, a alimentação dos cinco mil marca o final do período chamado de "grande ministério na Galiléia" (Lc 4:14 - 9:17), depois do qual Jesus começaria sua jornada rumo a Jerusalém (ver Lc 9:51; 13:22; 17:11; 18:31 e 19:11, 28). A partir de então, passaria mais tempo retirado com os discípulos, preparando-os para o que os esperava. Há um paralelo entre este relato e o que encontramos no Livro de Atos sobre a última viagem de Paulo a Jerusalém. Em ambos os livros, temos um "conto de duas cidades": em Lucas, de Nazaré a Jerusalém; em Atos, de Jerusalém a Roma.

Nesta seção, veremos Jesus ensinando três lições básicas sobre sua pessoa, seu sacrifício e seu reino.

Sua pessoa (vv. 18-21). Se qualquer um de nós perguntasse aos amigos o que as pessoas dizem a nosso respeito, seria uma demonstração de orgulho, mas o mesmo não se aplica a Jesus Cristo. Todos precisam saber quem ele é, pois nosso destino eterno é determinado pelo que pensamos de Jesus (Jo 8:24; 1 Jo 4:1-3). É impossível estar enganado sobre Jesus e ter um relacionamento correto com Deus.

Jesus orou a noite toda antes de escolher seus discípulos (Lc 6:12, 13) e, aqui, ora antes de pedir sua confissão pessoal de fé.

9:7, 8), mas os discípulos deveriam ter convicções. Pedro era o porta-voz do grupo e deu uma resposta clara afirmando a divindade de Jesus Cristo. Essa foi a segunda vez que professou Cristo publicamente (Jo 6:68, 69). Com exceção de Judas (Jo 6:70, 71), todos os apóstolos criam em Jesus Cristo.

Jesus "mandou" (o termo refere-se a "uma ordem de um oficial militar") que não divulgassem essa verdade abertamente. Em primeiro lugar, a mensagem acerca de seu caráter messiânico não poderia ser separada da realidade de sua morte e ressurreição, sobre a qual Jesus estava prestes a ensinar os apóstolos. Foi uma lição difícil de assimilar, e, na verdade, só a compreenderam depois que Jesus havia ressuscitado (Lc 24:44-48). O povo judeu considerava Jesus principalmente como um homem que realizava curas e, possivelmente, um libertador. Se os apóstolos comesçassem a pregar que ele era, de fato, o Messias, o resultado talvez fosse uma grande rebelião contra Roma.

Seu sacrifício (vv. 22-26). Jesus já havia feito várias alusões a sua morte sacrificial, mas a partir desse momento, começa a ensinar tal verdade mais claramente a seus discípulos. João Batista o havia apresentado como o "Cordeiro de Deus" (Jo 1:29), e Jesus havia predito a "destruição" do templo de seu corpo (Jo 2:19). Ao se comparar à serpente no deserto (Jo 3:14) e também a Jonas (Mt 12:38-40), Jesus falava de sua morte e ressurreição.

Essa é a primeira de três declarações encontradas em Lucas sobre a paixão vindoura de Jesus em Jerusalém (Lc 9:43-45; 18:31-34). Fica claro que os doze apóstolos não compreenderam, em parte, por sua incredulidade e imaturidade e, em parte, por tais coisas lhes terem sido "ocultadas" por Deus. Jesus os ensinava à medida que eram capazes de assimilar a verdade (Jo 16:12). Deve ter sido um choque para eles saber que os próprios líderes religiosos matariam seu Messias.

No entanto, Jesus não se ateu a anunciar sua morte em particular. Fez uma declaração pública sobre a cruz a todos os seus

que isso foi necessário por causa do desejo de Pedro de proteger Jesus do sofrimento (Mt 16:22ss). É importante lembrar sempre que, nesse caso, Jesus está se referindo ao *discipulado*, não à *filiação*. Ninguém é salvo dos pecados porque toma a cruz e segue Jesus, mas por confiar no Salvador que morreu na cruz pelos pecados do mundo. Depois de nos tornarmos filhos de Deus é que passamos a ser seus discípulos.

A palavra contemporânea mais próxima de "discípulo" é, provavelmente, o termo "aprendiz". Um discípulo é mais do que um aluno que aprende lições por meio de exposições orais e de livros. É alguém que aprende vivendo e trabalhando com o mestre, por experiências práticas diárias. Muitos cristãos contentam-se em ser ouvintes que adquirem bastante conhecimento sem nunca colocá-los em prática.

Na sociedade romana, a cruz era um símbolo de vergonha, culpa, sofrimento e rejeição. Não havia maneira mais infame de morrer. Pessoas educadas não conversavam sobre a crucificação, e ninguém pensava em usar uma cruz como jóia de adorno, assim como hoje em dia ninguém pensa em usar um pingente de cadeira elétrica em ouro ou prata. Jesus apresentou requisitos rigorosos ao discipulado. Em primeiro lugar, deve-se dizer "não" a si mesmo - negação vai além de recusar prazeres e posses, incluindo o *ser interior*. Em seguida, é preciso tomar a cruz e seguir a Cristo diariamente. Isso significa identificar-se com ele em sua entrega, sofrimento e sacrifício. É impossível crucificar a si mesmo; só o que podemos fazer é entregar o corpo (Rm 12:1, 2) e deixar Deus cuidar do resto.

É evidente que esse tipo de vida parece loucura ao mundo. Para o cristão, é sabedoria. Salvar a vida é perdê-la, e quem pode consegui-la de volta? Mas entregar a vida a Cristo é salvá-la e vivê-la em toda a plenitude. Se o mundo todo pertencesse a uma só pessoa, ainda assim, ela seria pobre demais para pagar o preço necessário para recuperar sua vida perdida.

O discipulado é uma disciplina diária: seguir os passos de Jesus um dia de cada vez.

Uma faxineira, exausta, disse a uma amiga minha: "O maior problema da vida é que ela é tão diária!" Mas isso não é verdade. Uma das *melhores* coisas da vida é poder lidar com ela um dia de cada vez (Dt 33:25).

Nossa motivação deve ser a glória de Cristo. Qualquer um que se envergonha de Cristo jamais tomará a cruz e o seguirá. Se nos envergonharmos dele agora, ele se envergonhará de nós quando voltar (Mc 8:38; 2 Tm 2:11-13), e ficaremos envergonhados diante dele (1 Jo 2:28).

Seu reino (vv. 27-36). No que se refere ao relato dos Evangelhos, a transfiguração foi a única ocasião, durante seu ministério aqui na Terra, em que Cristo revelou sua glória. Lucas não usa o termo *transfigurar*, mas descreve a mesma cena (Mt 17:2; Mc 9:2). O termo significa "uma mudança de aparência que ocorre de dentro para fora", e o radical grego dá origem a nossa palavra *metamorfose*.

Quais são os motivos por trás desse acontecimento? Dentre outras coisas, foi o selo de aprovação de Deus para a confissão de fé de Pedro, segundo a qual Jesus é o Filho de Deus (Jo 1:14). Também foi uma maneira que o Pai usou para encorajar seu Filho, que começava a se dirigir a Jerusalém. O Pai lhe falara no batismo (Lc 3:22) e voltaria a falar durante a última semana do ministério do Filho aqui na Terra (Jo 12:23-28). Do outro lado do sofrimento na cruz, haveria um trono de glória, uma lição enfatizada por Pedro em sua primeira epístola (1 Pe 4:12 - 5:4).

As palavras de Jesus em Lucas 9:27 indicam que esse acontecimento foi uma demonstração (ou ilustração) do reino de Deus prometido. Parece lógico, uma vez que os discípulos estavam confusos em relação ao reino por causa das palavras de Jesus acerca da cruz. (Não devemos julgá-los com severidade, pois os profetas também ficaram perplexos - 1 Pe 1:10-12.) Jesus lhes garantiu que as profecias do Antigo Testamento se cumpririam, mas, antes de entrar na glória, era preciso que ele sofresse (ver, especialmente, 2 Pe 1:12-21).

Todavia, também se encontra aqui uma lição prática, pois é possível ter uma "trans-

figuração" espiritual cada dia ao andarmos com o Senhor. Romanos 12:1, 2 e 2 Coríntios 3:18 explicam como isso ocorre. Ao entregar o corpo, a mente e a volição a Deus, o Senhor nos transforma de dentro para fora, de modo que não nos conformamos mais com este mundo. Ao contemplá-lo na Palavra (o espelho), somos "transfigurados" pelo Espírito "de glória em glória". O nome teológico para essa experiência é *santificação*, o processo pelo qual nos tornamos mais semelhantes ao Senhor Jesus Cristo, sendo esse o objetivo do Pai para cada um de seus filhos (Rm 8:19; 1 Jo 3:2). É importante observar que, mais uma vez, Jesus estava orando, o que sugere que a oração é uma das chaves para uma vida transformada.

Pedro, Tiago e João haviam acompanhado Jesus quando ressuscitou a filha de Jairo (Lc 8:5ss) e também estariam com ele quando fosse orar no jardim (Mt 26:36-46). Essas três ocasiões trazem à memória Filipenses 3:10: "para o conhecer [a transfiguração], e o poder da sua ressurreição [a ressurreição da menina], e a comunhão dos seus sofrimentos [no jardim]".

Pode-se dizer que esse foi o maior "congresso bíblico" já realizado na Terra! Mesmo se não considerarmos a grande glória envolvida, por certo vemos aqui os palestrantes mais eminentes: Moisés, a Lei; Elias, os Profetas; e Jesus, que veio para cumprir a Lei e os Profetas. O grande tema: A "partida" de Jesus (o termo grego é *exodus*) que se daria em Jerusalém. Moisés havia conduzido Israel para fora da escravidão do Egito, e Elias os havia livrado da escravidão dos falsos deuses; mas Jesus estava prestes a morrer para libertar *um mundo pecador* da escravidão do pecado e da morte (Gl 1:4; Cl 1:13; Hb 2:14, 15).

Enquanto tudo isso se desenrolava, os três discípulos privilegiados dormiam! (Fariam o mesmo no jardim.) A sugestão de Pedro lembra a "Festa dos Tabernáculos" que, na Bíblia, é relacionada ao reino futuro (Lv 23:33-44; Zc 14:16-21). Pedro desejava que Jesus se apegasse à glória *sem passar pelo sofrimento*, mas esse não era o

O Pai interrompeu Pedro envolvendo a cena numa nuvem de glória (Êx 13:21, 22; 40:35, 38) de dentro da qual lhe falou. (Um dia, Pedro seria interrompido pelo Filho [Mt 17:24-27] e pelo Espírito [At 10:44].) Essas palavras extraordinárias do céu nos trazem à memória Deuteronômio 18:15; Salmo 2:7; e Isaías 42:1: Quando a nuvem se foi, Moisés e Elias também não estavam mais lá.

Por mais maravilhosas que sejam essas experiências, não constituem a base de uma vida cristã sólida, que só se desenvolve pela Palavra de Deus. As experiências passam, mas a Palavra de Deus permanece sempre a mesma. Quanto mais nos afastamos desses acontecimentos, menos impacto exercem sobre nossa vida. Por isso o Pai disse: "A ele ouvi" e por isso Pedro colocou essa mesma ênfase sobre a Palavra em seu relato (2 Pe 1:12-21). Nossa "transfiguração" pessoal vem da renovação interior (Rm 12:1, 2), e esta, por sua vez, vem da Palavra (2 Co 3:18).

4. LONGANIMIDADE (LC 9:37-62)

"Até quando estarei convosco e vos sofrerrei?" (Lc 9:41). É o tipo de lamento esperado de uma professora de jardim de infância ou de um instrutor militar impaciente, mas veio dos lábios do perfeito Filho de Deus! Temos a tendência de esquecer como Jesus precisou ser longânimo enquanto ministrava aqui na Terra, especialmente com seus discípulos.

Ao analisar esta seção no Evangelho de Lucas, podemos compreender melhor o que levou Jesus a se lamentar de tal modo: *estava profundamente entristecido com as deficiências de seus seguidores*. Havia dado aos apóstolos autoridade sobre Satanás e, no entanto, mostraram-se fracos demais para expulsar um demônio (Lc 9:37-45). Ao alimentar as cinco mil pessoas, Jesus havia lhes dado um exemplo de compaixão, e, no entanto, os apóstolos insistiam em demonstrar egoísmo e desamor (Lc 9:46-56). Ensinou claramente o que significava segui-lo, e, no entanto, seus discípulos estavam sempre querendo saber quem era o primeiro dentre eles (Lc 9:57-62). Não é de se admirar

Falta de poder (vv. 37-45). Não dá para ficar no alto da montanha quando há batalhas a combater no vale. Vemos aqui um “filho único” que precisava da ajuda de Jesus (Lc 7:12; 8:42), principalmente porque os discípulos haviam fracassado. Tinham o poder e a autoridade (Lc 9:1), mas não foram bem-sucedidos. Por quê?

Ao estudar os três relatos (Mt 17; Mc 9), descobrimos o que faltava na vida deles. O primeiro item da lista é fé (Mt 17:19, 20); faziam parte de uma geração incrédula e haviam perdido a confiança necessária para usar seu poder. Mas também faltavam oração e jejum (Mc 9:29), indicando que esses nove homens haviam deixado sua vida devocional deteriorar-se durante a breve ausência de Jesus. Não importa quantos dons espirituais possuímos, seu exercício nunca é automático.

O diabo fez uma última tentativa, atirando o menino ao chão (a palavra no original é um termo técnico grego usado em lutas esportivas), mas Jesus repreendeu o demônio e o expulsou. Num gesto de carinho, Jesus entregou o menino de volta ao pai (ver Lc 7:15) e chamou os doze apóstolos à parte para mais uma lição sobre a cruz. Afinal, seria na cruz que Jesus desferiria contra Satanás o último golpe vitorioso (Jo 12:31, 32; Cl 2:15).

Falta de amor (vv. 46-56). É evidente que os discípulos não tinham muito amor uns pelos outros, pois, do contrário, não ficariam discutindo quem era o maior dentre eles (Lc 9:46-48). Talvez essa discussão tenha começado por inveja (três dos discípulos haviam subido o monte com Jesus) ou por orgulho (os outros nove não haviam conseguido expulsar o demônio). Além do mais, pouco antes, Jesus havia pago o imposto que Pedro devia ao templo (Mt 17:24-27), o que também pode ter suscitado certa inveja.

Em seu reino, o exemplo de grandeza é uma criancinha – indefesa, dependente, sem qualquer *status*, vivendo pela fé. A única coisa pior do que uma criança tentando agir como adulto é um adulto agindo como criança! Há grande diferença entre ser semelhante

a uma criança e ser infantil (ver 1 Co 13:4, 5; 14:20).

Também demonstravam falta de amor pelos seguidores de Cristo que não faziam parte de seu grupo (Lc 9:49, 50). Era o tipo de atitude esperada de um “filho do trovão” (Mc 3:17). Talvez João estivesse tentando impressionar Jesus ao defender seu nome com tanto zelo, mas Jesus não ficou impressionado. Os cristãos que acreditam que seu grupo é o único reconhecido e abençoado por Deus terão uma surpresa e tanto quando chegarem ao céu.

Os apóstolos também não amavam seus inimigos (Lc 9:51-56). Tiago e João haviam visto o profeta Elias no monte e talvez tivessem resolvido imitá-lo e pedir fogo do céu (2 Rs 1)! Havia séculos que samaritanos e judeus eram inimigos (2 Rs 17:24-41), de modo que é compreensível o fato de essa vila ter se recusado a dar passagem a Jesus quando ele estava a caminho de Jerusalém (Jo 4:9, 20). Jesus repreendeu o espírito vingativo de seus apóstolos e simplesmente tomou outro caminho (Mt 5:37-48). Mais tarde, o evangelho chegaria a Samaria (At 8).

Falta de disciplina (vv. 57-62). Três homens poderiam ter se tornado discípulos, mas não preenchiam os requisitos que Jesus havia estabelecido. O primeiro era um escriba (Mt 8:19) que se ofereceu para seguir Jesus, mas mudou de idéia quando descobriu o preço de sua decisão: teria de negar a si mesmo. Ao que parece, estava acostumado com um lar confortável.

O segundo homem foi chamado por Jesus (que grande honra!), mas foi rejeitado, pois não tomou a cruz e morreu para si mesmo. Estava preocupado com o funeral de outra pessoa, quando na verdade deveria estar planejando o próprio funeral! Jesus não está sugerindo que se deve desonrar os pais, mas sim que não se deve permitir que nossa família enfraqueça o amor que temos pelo Senhor. Nosso amor por Cristo deve ser tão intenso a ponto de fazer o amor por nossa família parecer ódio (Lc 14:26).

O terceiro homem também se ofereceu como voluntário, mas não pôde seguir

a Cristo, pois estava olhando para trás ao invés de olhar adiante. Não há nada de errado em uma despedida afetuosa (1 Rs 19:19-21), mas se ela representa um empecilho para a obediência, torna-se pecaminosa. Jesus viu que esse homem não havia entregado o coração inteiramente a ele, mas ao sair para arar, iria olhar para trás (ver Gn 19:17, 26; Fp 3:13, 14).

Não é de se admirar que os trabalhadores sejam poucos (Lc 10:2)!

Ficamos com a impressão de que os ensinamentos de Jesus a seus discípulos e às

multidões não haviam surtido muito efeito. Faltava-lhes poder, amor e disciplina, e essas deficiências entristeciam o coração de Cristo. Se, nos dias de hoje, também nos faltarem tais fundamentos, não teremos como ser, verdadeiramente, discípulos de Jesus. No entanto, o Senhor coloca esses elementos essenciais a nossa disposição. "Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação" (2 Tm 1:7).

Somos uma alegria para Jesus Cristo ou estamos entristecendo seu coração?

QUAL É O PAPEL DO CRISTÃO?

LUCAS 10

Estas três cenas em Lucas 10 ilustram o ministério triplo de todo cristão e respondem à pergunta: "Qual é o papel do cristão?"

Em primeiro lugar, somos *embaixadores* do Senhor, enviados para representá-lo neste mundo (Lc 10:1-24). Também somos *peçoas disponíveis* em busca de oportunidades de demonstrar misericórdia para com nosso próximo em nome de Cristo (Lc 10:25-37). No entanto, o cerne de nosso ministério é a devoção a Cristo, de modo que devemos ser *adoradores* e dedicar tempo a ouvir sua Palavra e a ter comunhão com ele (Lc 10:38-42).

Quer estejamos na seara, quer na estrada, quer em casa, nosso maior privilégio e alegria é fazer a vontade de Deus.

1. EMBAIXADORES: REPRESENTANTES DO SENHOR (Lc 10:1-24)

Este acontecimento não deve ser confundido com o envio dos doze apóstolos (Mt 10; Lc 9:1-11). As incumbências são semelhantes, o que é de se esperar, pois os dois grupos foram enviados pelo mesmo Mestre, com a mesma missão fundamental. Os doze apóstolos ministraram por toda a Galiléia, mas esses homens foram à Judéia e não são chamados de apóstolos. São discípulos anônimos.

Por que esse acontecimento encontra-se registrado apenas em Lucas e por que Jesus escolheu setenta homens, não outro número qualquer? (Alguns textos dizem 72, e as evidências em favor de um ou de outro número são igualmente válidas.) Assim como os doze apóstolos eram associados numericamente aos doze filhos de Jacó e às doze

tribos de Israel, os setenta também podem ser associados às setenta nações relacionadas em Gênesis 10. A ênfase de Lucas é sobre o caráter universal da mensagem do evangelho, de modo que parece razoável o Espírito Santo tê-lo orientado a incluir esse episódio. Foi uma forma simbólica de dizer: "Jesus deseja que a mensagem seja proclamada a todas as nações".

Explicação (vv. 1-12). Os homens não são chamados de "apóstolos", mas ainda assim são "enviados [*apostello*] com a comissão" de representar Jesus. Portanto, são verdadeiramente embaixadores do Rei. Não apenas foram enviados *por* ele, mas também *adiante* dele, a fim de preparar o caminho para sua chegada. Sem dúvida, um chamado extremamente honrado.

Também foi um chamado difícil (Lc 10:2). Mesmo quando há muita gente para ajudar, a ceifa é um trabalho árduo; esses homens, porém, foram enviados a um campo enorme, com poucos trabalhadores para ajudá-los a realizar a grande colheita. Em vez de orar pedindo um trabalho mais fácil, deveriam orar pedindo mais trabalhadores para ajudá-los, uma oração que também devemos fazer. (Observe que o texto fala de *trabalhadores*, não de espectadores que oram pedindo mais trabalhadores! Há um número grande demais de cristãos pedindo que o Senhor envie outra pessoa para cuidar do trabalho que eles próprios não estão dispostos a fazer.)

Além disso, era um chamado perigoso. Ao invadir o território inimigo (Lc 10:17), seriam como um "cordeiro [enviado] para o meio de lobos" (Lc 10:3). Mas, enquanto confiassem no Senhor, seriam vitoriosos nas batalhas. Como Vance Havner costumava dizer: "Todo homem que leva Jesus Cristo a sério torna-se alvo do diabo. A maioria dos membros das igrejas não representa ameaça séria o suficiente para Satanás a ponto de suscitar sua oposição".

Para cumprir sua missão, esses homens precisariam de disciplina e de fé (Lc 10:4-8). O trabalho era urgente, e Jesus não desejava que carregassem o peso desnecessário de suprimentos nem que se demorassem

pelo caminho trocando as longas saudações típicas do Oriente. Deveriam crer que Deus proveria estadia e alimento para eles e não deveriam se sentir envergonhados de aceitar a hospitalidade que lhes fosse oferecida. Afinal, trabalhavam para o Senhor levando bênçãos aos lares. Além disso, “digno é o trabalhador do seu salário” (Lc 10:7; ver também 1 Co 9:14; 1 Tm 5:18).

Eram embaixadores da paz, curando os enfermos, libertando os possessos e levando as boas-novas da salvação aos pecadores. Como o exército de Josué em outros tempos, proclamavam paz às cidades. Se uma cidade rejeitasse a oferta de paz, escolhia, com isso, o julgamento (Dt 20:10-18). Rejeitar os embaixadores enviados por Deus é muito sério.

Convém observar que os poderes especiais concedidos por Jesus a seus apóstolos (Lc 9:1) e aos setenta não estão a nossa disposição hoje. Essas duas missões de pregação foram ministérios especiais, e Deus não prometeu repeti-los em nosso tempo. A comissão de Jesus a nós enfatiza a proclamação da mensagem, não a operação de milagres (Mt 28:19, 20; Lc 24:46-49).

Acusação (vv. 13-16). Essas palavras parecem um tanto severas, vindas do Filho de Deus, mas de maneira alguma devem ser ignoradas nem racionalizadas. Jesus citou o nome de três cidades antigas que haviam sido julgadas por Deus – Sodoma (Gn 19) e Tiro e Sidom (Ez 26 – 28; Is 23) – usando-as para advertir outras três cidades de sua época: Corazim, Betsaida e Cafarnaum. Essas três cidades haviam recebido mais privilégios do que as três cidades da Antiguidade, portanto tinham mais responsabilidade. Se Sodoma, Tiro e Sidom foram destruídas, como poderiam Corazim, Betsaida e Cafarnaum escapar?

Ouvir os embaixadores de Cristo é o mesmo que ouvir o próprio Cristo, e desprezar seus representantes é o mesmo que desprezar Aquele que os enviou. “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20:21; ver também 2 Co 5:18-21). A maneira de uma nação tratar um embaixador reflete o modo de tratar o governo que

esse embaixador representa. Para uma ilustração interessante desse fato, ver 2 Samuel 10.

Exultação (vv. 17-24). Vemos aqui uma alegria tripla: a alegria do serviço (Lc 10:17-19), a alegria da salvação (Lc 10:20) e a alegria da soberania (Lc 10:21-24).

Não é difícil entendermos a alegria dos setenta quando voltaram para relatar suas vitórias a Jesus. O Senhor dera-lhes poder e autoridade para curar, expulsar demônios e pregar a Palavra, e eles haviam sido bem-sucedidos! Em meio a grande alegria, fizeram questão de dar toda a glória a Deus (“pelo teu nome”).

Ao percorrer várias cidades, esses homens haviam testemunhado vitórias individuais, mas Jesus encarava essas vitórias como parte de uma guerra que depôs Satanás de seu trono e o derrotou (observar Is 14:4-23; Jo 12:31,32; e Ap 12:8, 9). Como cristãos, não temos forças em nós mesmos, mas podemos ser “fortalecidos no Senhor e na força do seu poder” (Ef 6:10ss). Por mais insignificante que seja a nossos olhos, cada vitória é importante para o Senhor. Satanás só será submetido ao julgamento final quando Jesus lançá-lo no lago de fogo (Ap 20:10), mas o povo de Deus pode, pela fé, apropriar-se hoje da vitória de Cristo no Calvário (Cl 2:15).

O inimigo não está disposto a desistir! Satanás certamente atacaria os servos de Cristo e tentaria destruí-los. Por isso, Jesus acrescentou palavras de ânimo em Lucas 10:19. Garantiu-lhes que sua autoridade não havia desaparecido depois que cumpriram a missão de pregar e que poderiam pisar com segurança e sem medo sobre a “serpente” (Gn 3:15; Ap 12:9).

O Senhor advertiu-os a não se alegrarem apenas com suas vitórias, mas principalmente com o fato de seus nomes terem sido arrolados no céu. (O verbo significa “foram arrolados e continuam arrolados”. Trata-se de uma garantia. Ver Fp 4:3; Ap 20:12-15.) Por mais maravilhosos que fossem os milagres que haviam realizado, o maior milagre de todos ainda é a salvação de uma alma perdida. O termo grego traduzido por “arrolar”

quer dizer “registrar formal e solenemente”. Esse termo era usado para a assinatura de um testamento, de uma certidão de casamento ou de um tratado de paz e também para o registro de um cidadão; o tempo perfeito no original indica que “permanece arrolado”.

Porém, nossa maior alegria não está no serviço nem na salvação, mas em nos sujeitar à vontade soberana do Pai celeste, pois esse é o alicerce tanto do serviço quanto da salvação. Vemos aqui o Deus Filho se regozijando por meio do Deus Espírito Santo por causa da vontade do Deus Pai! “Agrade-me fazer a tua vontade, ó Deus meu” (Sl 40:8).

Jesus não se regozijava porque os pecadores não eram capazes de ver a verdade de Deus, pois Deus “não [quer] que nenhum pereça” (2 Pe 3:9). Alegrou-se porque a *compreensão dessa verdade* não dependia de capacidades naturais nem de nível de instrução. Se esse fosse o caso, a maioria das pessoas do mundo ficaria de fora do reino de Deus. Quando os doze apóstolos e os setenta discípulos pregavam, não viram “sábios e instruídos” se humilharem para receber a verdade e a graça de Deus, mas sim os “pequeninos” – as pessoas comuns – crendo na Palavra (Lc 7:29, 30; 1 Co 1:26-29). Em sua vontade soberana, Deus ordenou que os pecadores se humilhassem antes de ser exaltados (Tg 4:6; 1 Pe 5:6).

Os embaixadores de Cristo são, de fato, privilegiados. Vêem e ouvem coisas que os grandes santos do Antigo Testamento ansiaram vislumbrar e ouvir, mas não lhes foi permitido. O Messias estava operando, e eles faziam parte de sua obra!

2. PRÓXIMOS: IMITANDO O SENHOR (Lc 10:25-37)

Esperava-se que os rabinos debatessem questões teológicas em público, e a pergunta que esse escriba (advogado) fez costumava ser discutida com frequência entre os judeus. Foi uma boa pergunta feita por um péssimo motivo, pois o escriba queria fazer Jesus cair numa armadilha. Mas o “feitiço virou contra o feiticeiro”, por assim dizer.

Jesus remeteu-o de volta à Lei, não porque a Lei nos salva (Gl 2:16, 21; 3:21), mas porque a Lei mostra que precisamos ser salvos. Não é possível haver conversão verdadeira enquanto não estivermos convencidos de que somos pecadores; a Lei é o instrumento de Deus para convencer do pecado (Rm 3:20).

O escriba deu a resposta certa, mas não a aplicou a si mesmo nem reconheceu a própria falta de amor tanto para com Deus quanto para com seu próximo. Assim, em vez de *ser justificado*, colocando-se à mercê de Deus (Lc 18:9-14), tentou *justificar-se* e escapar de sua situação difícil. Usou a velha tática de debate: “Defina esses termos. O que você quer dizer com ‘o próximo’? Quem é meu próximo?”

Jesus não disse que essa história é uma parábola, de modo que é possível tratar-se do relato de um acontecimento real. Jesus corria grande risco ao contar uma história em que os judeus eram apresentados de modo negativo e os samaritanos de modo positivo, e seu relato poderia ser usado contra ele. Um exemplo desse tipo não seria verossímil o suficiente para servir de parábola, de modo que seus ouvintes, inclusive o escriba, entenderam que o fato realmente havia ocorrido. De qualquer modo, trata-se de uma narração realista.

A pior coisa que se pode fazer com qualquer parábola, especialmente esta, é transformá-la numa alegoria em que tudo representa alguma outra coisa. A vítima torna-se o pecador perdido, quase morto (fisicamente vivo, mas espiritualmente morto), abandonado à beira da estrada da vida. O sacerdote e o levita representam a lei e os sacrifícios, ambos incapazes de salvar o pecador.

O samaritano é Jesus Cristo, que salva o homem, paga suas contas e promete voltar. A hospedaria é a Igreja, que cuida dos cristãos, e os dois denários são as duas ordenanças, o batismo e a Ceia do Senhor. Ao abordar as Escrituras dessa maneira, podemos fazer a Bíblia dizer praticamente qualquer coisa que nos convenha e, certamente, não encontraremos a mensagem verdadeira que Deus deseja nos transmitir.

A estrada de Jerusalém para Jericó era, de fato, perigosa. Uma vez que os funcionários do templo a usavam com tanta frequência, seria de se imaginar que os judeus ou os romanos tomassem providências para torná-la mais segura. No entanto, é muito mais fácil manter um sistema religioso do que fazer melhorias na vizinhança.

Não é difícil pensar em justificativas para a atitude do sacerdote e do levita. (Talvez nós mesmos já tenhamos usado algumas delas!) O sacerdote havia servido a Deus no templo a semana inteira e sentia-se ansioso por voltar para casa. Talvez houvesse bandidos por lá e estivessem usando a vítima como "isca". Por que se arriscar? De qualquer modo, não era culpa dele que o homem tivesse sido atacado. Por ser uma estrada movimentada, alguém acabaria ajudando o homem. O sacerdote deixou a responsabilidade para o levita que, por sua vez, não fez coisa alguma! O mau exemplo de um homem religioso tem grande poder.

Ao usar o samaritano como o herói, Jesus desconcertou os judeus, pois judeus e samaritanos eram inimigos (Jo 4:9; 8:48). Não foi um judeu que ajudou um samaritano; antes, um samaritano ajudou um judeu *que havia sido ignorado por seus compatriotas!* O samaritano demonstrou amor por aqueles que o odiavam, arriscou a própria vida, gastou seu dinheiro (o equivalente ao salário de dois dias de um trabalhador) e, tanto quanto sabemos, jamais foi publicamente reconhecido nem honrado.

O gesto do samaritano ajuda a entender o que significa "usar de misericórdia" (Lc 10:37) e ilustra o ministério de Jesus Cristo. O samaritano identificou a necessidade do homem desconhecido e se compadeceu dele. Não havia qualquer motivo lógico para que mudasse seus planos e gastasse seu dinheiro só para ajudar um "inimigo" necessitado, mas a misericórdia não precisa de motivos. Por ser especialista na Lei, o escriba certamente sabia que Deus exigia que seu povo tivesse misericórdia de estrangeiros e de inimigos (Êx 23:4, 5; Lv 19:33, 34; Mq 6:8).

Observe como Jesus "virou a mesa" de modo tão sábio em sua conversa com o

escriba. Numa tentativa de fugir a suas responsabilidades, o escriba havia perguntado "quem é meu próximo?". Jesus, porém, perguntou: "qual desses três foi o próximo da vítima?". A grande pergunta – "a quem posso demonstrar misericórdia?" – não tem relação alguma com geografia, cidadania ou raça. Onde quer que precisem de nós, podemos nos mostrar disponíveis e, como Jesus Cristo, usar de misericórdia.

O escriba quis discutir sobre o "próximo" de modo geral, mas Jesus forçou-o a considerar um homem específico em necessidade. Como é fácil falar de ideais abstratos e deixar de resolver problemas concretos! Podemos discutir coisas como "pobreza" e "oportunidades de trabalho" e, ainda assim, jamais auxiliar pessoalmente a alimentar uma família com fome nem ajudar alguém a arrumar emprego.

É claro, o escriba queria manter a discussão em nível complexo e filosófico, mas Jesus tornou-a simples e prática. Mudou o tópico do *dever* para o do *amor*, o *debate* para a *ação*. Com certeza, o Senhor não estava condenando debates e discussões, mas só alertando contra o uso de desculpas para não fazer nada. Eleger uma comissão para resolver um assunto nem sempre resolve!

Uma de minhas histórias prediletas sobre D. L. Moody ilustra essa idéia. Quando Moody participava de um congresso em Indianápolis, nos Estados Unidos, pediu ao cantor Ira Sankey que se encontrasse com ele às 6 da tarde em determinada esquina da cidade. Quando Sankey chegou, Moody pediu-lhe para subir em um caixote e cantar, e logo um grupo ajuntou-se a seu redor. Moody disse apenas algumas palavras, convidando os interessados a segui-lo até um teatro próximo. O auditório não demorou a lotar, e o evangelista pregou o evangelho para aquela gente espiritualmente faminta.

Quando os participantes do congresso começaram a chegar, Moody interrompeu a pregação e disse: "Precisamos encerrar nossa mensagem, pois os irmãos participantes do congresso vão ter um painel de discussão sobre 'Como Alcançar o Povo'". *Touché!*

É possível ler essa passagem e pensar apenas no “alto preço de se importar com o semelhante”, mas esse preço é muito mais alto se não nos importarmos. O sacerdote e o levita perderam muito mais com sua negligência do que o samaritano com sua preocupação. Perderam a oportunidade de aprimorar seu caráter e de ser bons mordomos do que Deus lhes dera. Poderiam ter sido uma boa influência num mundo mau, mas escolheram ser um péssimo exemplo. *Esse único gesto de misericórdia do samaritano tem inspirado o ministério assistencial em todo o mundo.* Jamais se deve considerar tal ministério um desperdício! Deus nunca permite que um ato de serviço feito com amor e em nome de Cristo se perca.

Tudo depende da maneira de encarar a situação. Para os ladrões, o viajante judeu era uma vítima a ser explorada, de modo que o atacaram. Para o sacerdote e o levita, era um incômodo a ser evitado, de modo que o ignoraram. Mas para o samaritano, era alguém necessitando de amor e de ajuda, de modo que cuidou dele. Hoje, Jesus diz o mesmo que falou ao escriba: “Vá e proceda continuamente de igual modo” (tradução literal).

3. ADORADORES: OUVINDO O SENHOR (Lc 10:38-42)

A adoração constitui o cerne de tudo o que somos e fazemos na vida cristã. É importante ser embaixadores atarefados, levando a mensagem do evangelho às almas perdidas. Também é essencial ser samaritanos misericordiosos, procurando socorrer os feridos e explorados que necessitam da misericórdia de Deus. Porém, antes de representar Cristo devidamente ou de imitá-lo em seu ministério de misericórdia e de cuidado, é preciso passar tempo com ele e aprender dele. É necessário dedicar tempo à santificação pessoal.

Maria de Betânia aparece três vezes nos relatos dos Evangelhos e, em cada ocasião, se encontra no mesmo lugar: aos pés de Jesus. Assentou-se a seus pés e ouviu sua Palavra (Lc 10:39); lançou-se a seus pés e dividiu com ele sua tristeza (Jo 11:32); e achou-se

a seus pés e derramou sua adoração (Jo 12:3). É interessante observar que, em cada uma dessas situações, o texto fala de algum tipo de fragrância: em Lucas 10, é a do alimento; em João 11, é a da morte (Jo 11:39); e em João 12, é a do perfume.

Maria e Marta costumam ser apresentadas de modo contrastante, como se cada cristão precisasse fazer uma escolha: *trabalhar* como Marta ou *adorar* como Maria. Sem dúvida, são personalidades e dons diferentes, mas isso não significa que, na vida cristã, trabalhar e adorar são duas coisas mutuamente exclusivas. Charles Wesley expressou isso com perfeição em um de seus hinos:

Fiel às ordens de meu Senhor,
Escolheria o que há de melhor:
Servir como Marta, com cuidadosa mão,
E como Maria, com amoroso coração.

Ao que parece, Jesus deseja ensinar que se deve imitar Maria na adoração e Marta no trabalho. Bem-aventurados os equilibrados!

Imagine a situação de Marta. Recebeu Jesus em sua casa e, então, o deixou de lado enquanto preparava uma refeição elaborada, da qual ele nem precisava! Sem dúvida, era preciso preparar uma refeição, mas o que fazemos *com Cristo* é muito mais importante do que aquilo que fazemos *para Cristo*. Mais uma vez, não se trata de duas atitudes mutuamente exclusivas, mas de uma questão de equilíbrio. Maria havia feito sua parte do trabalho na cozinha e foi “alimentar” sua alma com os ensinamentos de Jesus. Marta sentiu-se deixada de lado quando Maria saiu e começou a insinuar que Maria e Jesus nem se importavam com ela!

Poucas coisas causam tanto estrago à vida cristã quanto tentar trabalhar para Cristo sem dedicar tempo a ter comunhão com Cristo. “Porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15:5). Maria escolheu a melhor parte, a parte que não lhe poderia ser tirada. Sabia que não se vive “só de pão” (Mt 4:4).

Sempre que criticamos outros e ficamos com pena de nós mesmos por estar sobrecarregados, devemos fazer uma pausa e examinar nossa vida. Talvez, em meio a todos

os afazeres do dia-a-dia, estejamos deixando o Senhor de lado. O problema de Marta não era ter trabalho demais a fazer, mas permitir que o trabalho a distraísse e desgastasse. Tentava servir a dois senhores! Se servir a Cristo dificulta nossa vida, então algo em nosso serviço está terrivelmente errado!

Eis a chave para ter prioridades corretas: Jesus Cristo em primeiro lugar, depois os outros e, por fim, nós mesmos. É de suma importância passar tempo com Jesus cada dia, permitindo que compartilhe sua Palavra conosco. *A parte mais importante da vida cristã é a que só Deus vê.* A menos que tenhamos um encontro pessoal e particular com Cristo todos os dias, logo terminaremos como Marta: atarefada, porém não abençoada.

Em várias ocasiões de meu ministério pastoral, perguntei a pessoas com problemas sérios: "Como anda a sua vida devocional?" A reação mais comum é um olhar envergonhado, cabeça baixa e uma confissão sussurrada: "Há muito tempo não oro nem leio a Bíblia". E essas pessoas se perguntavam por que estavam com problemas!

De acordo com João 12:1, 2, Marta deve ter aprendido a lição, pois preparou um banquete para Jesus e seus doze apóstolos, sua irmã, seu irmão – ou seja, quinze pessoas – *sem se queixar de coisa alguma!* Tinha a paz de Deus no coração, pois havia aprendido a sentar-se aos pés de Jesus.

Somos embaixadores, pessoas disponíveis e adoradores, mas desses três papéis, o mais importante é o de adorador.

APRENDENDO AS LIÇÕES DA VIDA

LUCAS 11

Os ensinamentos de Jesus em Lucas 11 decorrem de uma reunião de oração, de um milagre e de um convite para jantar. Jesus usou essas três ocasiões para dar instruções sobre temas importantes: a oração, Satanás, oportunidades espirituais e a hipocrisia. É importante entender esses temas e aplicar as respectivas verdades a nossa vida.

1. ORAÇÃO (Lc 11:1-13)

A primazia da oração (v. 1). Costumamos pensar em João Batista como profeta e mártir, mas os discípulos de Jesus lembravam-se dele como homem de oração. João foi um bebê extraordinário, que recebeu o Espírito Santo antes mesmo de nascer e, ainda assim, precisava orar. Teve o privilégio de apresentar o Messias a Israel, no entanto, precisava orar. Jesus disse que João foi o maior dos profetas (Lc 7:28), e, mesmo assim, João dependia da oração. Se a oração era algo tão vital a um homem com todas essas vantagens, quanto mais não deve ser para nós, que não temos esses mesmos privilégios!

Os discípulos de João precisavam orar, e os discípulos de Jesus queriam aprender a orar melhor. Não pediram ao Mestre que lhes ensinasse a pregar ou a fazer grandes sinais; antes lhe pediram que os ensinasse a orar. Às vezes, achamos que seríamos cristãos melhores se tivéssemos a oportunidade de andar com Jesus como seus discípulos andaram quando ele esteve aqui na Terra, mas isso é pouco provável, pois os discípulos fracassaram várias vezes! Eram capazes de realizar milagres, no entanto, queriam aprender a orar.

Mas o maior argumento em favor da primazia da oração é o fato de Jesus ter sido um homem de oração. Até aqui, vimos que orou em seu batismo (Lc 3:21), antes de escolher os doze apóstolos (Lc 6:12), quando as multidões aumentaram (Lc 5:16), antes de pedir aos doze apóstolos que fizessem sua confissão de fé (Lc 9:18) e em sua transfiguração (Lc 9:29). Os discípulos sabiam que ele se retirava com frequência para orar sozinho (Mc 1:35) e desejavam aprender com ele o segredo do poder espiritual e da sabedoria.

Se Jesus Cristo, o Filho perfeito de Deus, dependeu da oração “nos dias da carne” (Hb 5:7), nós dependemos muito mais! A oração eficaz é a provisão para todas as necessidades e a solução para todos os problemas.

Um modelo de oração (vv. 2-4). Não há nada de errado em fazer essa oração pessoalmente ou com outros membros da igreja, desde que a façamos pela fé e com um coração sincero e submisso. Como é fácil “recitar” essas palavras sem que sejam nosso desejo verdadeiro, e o mesmo pode acontecer quando cantamos e pregamos! Mas a culpa é nossa, e não da oração.

Trata-se de um “modelo de oração” dado para servir de orientação em nossas orações (para o texto paralelo, ver Mt 6:9-15). Ela nos ensina que a oração verdadeira depende de um relacionamento espiritual com Deus, que nos permite chamá-lo de “Pai”, o que só é possível por meio de Jesus Cristo (Rm 8:14-17; Gl 4:1-7).

Bill Moyers, secretário de imprensa do ex-presidente norte-americano Lyndon Johnson, estava orando antes de um almoço com o gabinete presidencial quando Johnson gritou: “Fale mais alto Bill, não estou ouvindo nada”. Ao que Moyers respondeu calmamente: “Não estava falando com o senhor, presidente”. É bom lembrar que, quando oramos, estamos falando com Deus.

A verdadeira oração também envolve *responsabilidades*: honrar o reino de Deus e fazer a vontade de Deus (Lc 11:2). Alguém disse bem que o propósito da oração não é garantir que a vontade do homem seja feita

no céu, mas sim que a vontade de Deus seja feita aqui na Terra. Orar não é dizer o que desejamos e depois desfrutar disso egoisticamente. Orar é pedir que Deus nos use para realizar aquilo que *ele deseja*, de modo que seu nome seja glorificado, seu reino seja expandido e fortalecido e sua vontade seja feita. Se espero que Deus responda a minhas orações, devo avaliar todos os meus pedidos pessoais de acordo com esses parâmetros.

É importante que os cristãos conheçam a Palavra de Deus, pois é nela que descobrimos a vontade de Deus. Não se deve jamais separar a oração da Palavra (Jo 15:7). Durante meu ministério, tenho visto muitos cristãos professos desobedecerem a Deus e se defenderem, dizendo: "Orei sobre o assunto, e Deus disse que era certo". Isso inclui uma moça que se casou com um rapaz incrédulo (2 Co 6:14-18), um sujeito vivendo com uma moça que não era sua esposa (1 Ts 4:1-8) e um pastor que começou a própria igreja, pois as outras igrejas estavam erradas e somente ele possuía verdadeiro "discernimento espiritual" (Fp 2:1-16).

Uma vez que estamos firmes em nosso relacionamento com Deus e em sua vontade, é possível apresentar nossos *pedidos* (Lc 11:3, 4). Podemos pedir-lhe que supra nossas necessidades (não nossa ganância!) no dia de hoje, que nos perdoe pelo que fizemos ontem e que nos dirija para o futuro. Esses três pedidos abrangem todas as nossas necessidades: provisão material e física, perfeição moral e espiritual e proteção e orientação. Se orarmos dessa maneira, teremos certeza de orar dentro da vontade de Deus.

A perseverança na oração (vv. 5-8). Nesta parábola, Jesus não diz que Deus é como esse vizinho rabugento. Na verdade, diz justamente o contrário. Se um vizinho cansado e egoísta acaba suprimindo as necessidades do amigo importuno, quanto mais nosso Pai celeste amoroso não suprirá as necessidades dos próprios filhos! Argumenta do menor para o maior.

Vimos anteriormente que a oração é baseada em nossa *filiação* ("Pai Nosso"), não numa amizade; porém, Jesus usa a amizade

para ilustrar a persistência na oração. Deus, o Pai, não é como esse vizinho, pois nunca dorme, nunca fica impaciente nem irritado, é sempre generoso e tem prazer em suprir as necessidades de seus filhos. O amigo à porta teve de continuar batendo a fim de conseguir o que desejava, mas Deus responde prontamente quando seus filhos clamam (Lc 18:1-8).

A argumentação é clara: se, no final das contas, o homem batendo à porta foi recompensado por sua persistência, a perseverança na oração traz ainda mais bênçãos quando oramos a um Pai celestial que nos ama! Afinal, somos filhos que vivem *na casa dele!*

O termo traduzido por "importunação" quer dizer "impudência", "ausência de vergonha". Pode se referir ao homem que estava batendo à porta e que não teve vergonha de acordar seu amigo ou ao amigo dentro da casa. A hospitalidade com desconhecidos é uma lei fundamental do Oriente (Gn 18:1ss). Se alguém se recusasse a receber um hóspede, traria desgraça sobre toda a sua vila e seria marginalizado pelos vizinhos. O homem dentro da casa sabia disso e não desejava envergonhar a si mesmo, sua família nem sua vila, de modo que se levantou para suprir a necessidade do outro.

Por que nosso Pai celestial responde às orações? Não apenas responde para suprir as necessidades de seus filhos, como o faz de tal maneira a glorificar seu nome. "Santificado seja o teu nome." *Quando o povo de Deus ora, o que está em jogo é a reputação de Deus.* A maneira de cuidar de seus filhos serve de testemunho a todo o mundo de que ele é um Deus digno de confiança. De acordo com Phillips Brooks, a oração não é uma forma de superar a relutância de Deus; antes, é uma forma de captar sua mais nobre disposição. A persistência na oração não é uma tentativa de fazer Deus mudar de idéia ("Seja feita a tua vontade"), mas sim de nos colocar numa posição em que ele nos confie a resposta.

Promessas para a oração (vv. 9-13). Os tempos verbais desta passagem são importantes: "Pedi [continuem pedindo]... buscai [continuem buscando]... batei [continuem

batendo]...". Em outras palavras, *não procurem Deus só quando surgem emergências no meio da noite, mantenham-se constantemente em comunhão com o seu Pai*. Jesus chamou isso de "permanecer" (Jo 15:1ss), e Paulo nos exortou a "[orar] sem cessar" (1 Ts 5:17). Ao orar, Deus responderá ou mostrará por que não deve nos responder. Então, cabe a nós fazer o necessário para que o Pai nos confie sua resposta.

Observe que a lição encerra com uma ênfase sobre Deus como Pai (Lc 11:11-13). Pelo fato de Deus nos conhecer e nos amar, *não precisamos temer sua resposta*. Mais uma vez, Jesus constrói sua argumentação do menor para o maior: se um pai humano dá o que é melhor para os filhos, certamente o Pai celeste fará ainda mais pelos filhos, e isso inclui as "boas coisas do Espírito Santo" (comparar Lc 11:13 com Mt 7:11), bênçãos que, no Antigo Testamento, eram reservadas apenas a poucas pessoas especiais.

2. SATANÁS (LC 11:14-28)

Acusação (vv. 14-16). Este é o terceiro milagre de libertação realizado por Jesus que levou seus inimigos a acusá-lo de uma associação com Satanás (ver Mt 9:32-34; 12:22-37). Em vez de se regozijar por Deus ter enviado um Redentor, os líderes religiosos se rebelavam contra a verdade da Palavra de Deus e procuravam difamar a obra e o caráter de Cristo. Imagine gente tão cega que não conseguia distinguir entre a obra de Deus e a obra de Satanás!

"Belzebu" era um dos nomes do deus filisteu Baal (2 Rs 1:1-3) e significa "senhor das moscas". Uma variação desse nome é "Belzebul", que significa "senhor da habitação" e se encaixa com as ilustrações em Lucas 11:18-26. Os judeus costumavam usar essa designação para se referir a Satanás.

O pedido em Lucas 11:16 faz parte da acusação. Na verdade, diziam: "Se, de fato, está trabalhando em nome de Deus, prove isso nos dando um sinal do céu, não apenas fazendo um milagre na Terra". Estavam tentando Deus, algo muito perigoso.

Refutação (vv. 17-22). Jesus responde às acusações deles com três argumentos. Em

primeiro lugar, a acusação era ilógica. Por que Satanás lutaria contra si mesmo, dividindo o próprio reino? (Observe que Jesus acreditava no diabo como um ser real e que governa sobre um reino forte e unido. Ver Ef 2:1-3; 6:10ss.) Em segundo lugar, a acusação, na verdade, também os incriminava: com que poder os judeus expulsavam demônios? De que maneira suas obras eram diferentes das de Cristo? Os milagres de Cristo revelam claramente a presença do reino de Deus, não do reino de Satanás!

Por fim, sua acusação era, na verdade, um reconhecimento do poder de Cristo, pois só poderia derrotar Satanás por ser mais forte do que ele. Jesus retratou Satanás como um homem forte vestindo uma armadura, guardando seu palácio e seus bens. Mas Jesus invadiu o território dele, destruiu sua armadura e suas armas e tomou os espólios! (ver Jo 12:31-33; Cl 2:15; 1 Jo 3:8). Cristo "levou cativo o cativo" (Ef 4:8) e libertou os prisioneiros (Lc 4:18). Apesar de Deus lhe permitir uma autoridade limitada, Satanás é um inimigo derrotado.

Aplicação (vv. 23-28). É impossível ser neutro nessa guerra espiritual (Lc 11:23; ver também 9:50), pois a neutralidade representa uma oposição a Cristo. Há duas forças espirituais agindo no mundo, e devemos escolher uma delas. Satanás espalha e destrói, mas Jesus Cristo junta e constrói. Devemos fazer uma escolha e, se optarmos por não escolher um lado, já teremos decidido ficar contra o Senhor.

Jesus ilustra o perigo da neutralidade contando a história de um homem e de um demônio. O corpo do homem era a "casa" do demônio (Lc 11:24, observar também os vv. 17 e 21). Por algum motivo desconhecido, esse inquilino demoníaco decidiu sair da "casa" e ir para outro lugar. A situação do homem melhorou no mesmo instante, *mas o homem não convidou Deus a entrar em sua vida e habitar dentro dele*. Em outras palavras, o homem permaneceu neutro. O que aconteceu? O demônio voltou com outros sete ainda piores do que ele, e a situação do homem tornou-se abominável.

“Neutralidade religiosa é sempre covardia”, escreveu Oswald Chambers. “Deus transforma a covardia da neutralidade em terror”.

Ficar do lado de Jesus significa muito mais do que dizer as coisas certas, como a mulher que exclamou: “Bem-aventurada aquela que te concebeu, e os seios que te amamentaram!” (Lc 11:27). Sem dúvida, estava sendo sincera, mas não era suficiente. *Ficamos do lado de Jesus Cristo ao ouvir sua Palavra e obedecer a ela* (ver Lc 6:46-49; 8:19-21).

3. OPORTUNIDADE (Lc 11:29-36)

Pelo fato de conhecer o coração das pessoas, Jesus não se impressionava com as grandes multidões, mas o mesmo não acontecia com os discípulos. A fim de evitar que todo aquele “sucesso” balançasse os doze apóstolos, Jesus compartilhou com eles alguns *insights* sobre o que acontecia ao ministrarem a Palavra. O Mestre usa três ilustrações para mostrar a seriedade das oportunidades espirituais.

Jonas (vv. 29, 30, 32). Os líderes pediram repetidamente que Jesus lhes desse um sinal para provar que era o Messias. O único sinal que lhes prometeu foi o sinal de Jonas, o profeta, que representa a *morte*, o *sepultamento* e a *ressurreição*. É a ressurreição de Cristo que prova que ele é o Messias, o Filho de Deus (Rm 1:4), e foi isso o que Pedro pregou a Israel no Dia de Pentecostes (At 2:22ss). O testemunho da Igreja primitiva girava em torno da ressurreição de Cristo (At 1:22; 3:15; 5:30-32; 13:32, 33). Jonas era um milagre vivo, como também o é nosso Senhor Jesus Cristo.

Salomão (v. 31). A ênfase deste versículo não está nas obras de um profeta, mas na sabedoria de um rei. A rainha de Sabá fez uma longa viagem para ouvir a sabedoria de Salomão (1 Rs 10), mas o Filho de Deus encontrava-se *no meio deles*, e os judeus recusavam-se a crer em suas palavras! Mesmo que Jesus tivesse dado um sinal, isso não teria mudado o coração deles. Precisavam da sabedoria viva de Deus, mas contentavam-se com sua tradição religiosa antiquada.

É importante observar que essas ilustrações *envolviam gentios*. Quando Jonas pregou aos gentios de Nínive, eles se arrependeram e foram poupados. Quando uma rainha gentia ouviu as palavras do rei Salomão, maravilhou-se e creu. Se, com todos os seus privilégios, os judeus não se arrependessem, o povo de Nínive e a rainha de Sabá testemunhariam contra eles no julgamento final. O Senhor deu a Israel inúmeras oportunidades, mas ainda assim se recusaram a crer (Lc 13:34, 35; Jo 12:35-41).

Luz (vv. 33-36). A terceira ilustração, tirada da vida diária, não da história, já havia sido usada por Jesus em outra ocasião (Mt 6:22, 23). A Palavra de Deus é uma luz que brilha neste mundo escuro (Sl 119:105; Pv 6:23). Mas não basta a luz brilhar *externamente*, também deve penetrar em nossa vida, a fim de surtir algum efeito. “A revelação da tua palavra esclarece e dá entendimento aos simples” (Sl 119:130). Nem o Sol mais radiante é capaz de fazer um cego ver.

Quando cremos em Jesus Cristo, nossos olhos são abertos, a luz penetra nosso ser e nos tornamos filhos da luz (Jo 8:12; 2 Co 4:3-6; Ef 5:8-14). É importante usar a luz e *fixarmos nosso olhar na fé*. Se olharmos para as coisas de Deus e, ao mesmo tempo, olharmos para as coisas do mundo (1 Jo 2:16), a luz se transformará em trevas! O cristão não pode viver no “crepúsculo”, pois Deus exige total obediência e submissão (Lc 11:23).

Três homens da Bíblia ilustram essa verdade. Começaram na luz e terminaram em trevas, pois foram homens de mente dobre. É provável que o nome *Sansão* signifique “ensolarado” e, no entanto, Sansão terminou como um escravo cego num calabouço escuro, pois cedeu à “concupiscência da carne” (Jz 16). Ló começou como um peregrino junto a seu tio Abraão. Terminou como um bêbado incestuoso numa caverna (Gn 19:30-38), pois cedeu à “concupiscência dos olhos” (Gn 13:10, 11). Ló quis servir a dois senhores e olhar em duas direções.

O rei Saul começou seu reinado como um líder humilde, mas seu orgulho o levou à casa de uma feiticeira (1 Sm 28) e, em seguida, o fez cometer suicídio no campo de

batalha (1 Sm 31). Seu pecado foi a “soberba da vida”; não se humilhou e se recusou a obedecer à vontade de Deus.

Cada um de nós é controlado pela luz ou pela escuridão. O mais assustador é que algumas pessoas se endurecem de tal modo contra o Senhor que *não conseguem fazer distinção entre uma coisa e outra!* Acreditam que estão seguindo a luz quando, na verdade, seguem a escuridão. Os escribas e fariseus afirmavam “ver a luz” ao estudar a Lei, mas na verdade estavam vivendo em trevas (ver Jo 12:35-50).

4. HIPOCRISIA (Lc 11:37-54)

A essa altura do ministério de Cristo, quando os líderes religiosos já haviam decidido matá-lo, o que levou um fariseu a convidá-lo para uma refeição em sua casa? Se estivesse buscando a verdade de coração, teriam conversado com Jesus em particular. Ao que parece, procurava uma oportunidade de acusar Jesus e pensou tê-la encontrado, quando Jesus não realizou a lavagem cerimonial antes de comer (Mc 7:2, 3). Sabendo o que seu anfitrião pensava, Jesus lhe respondeu com uma “análise espiritual” dos fariseus.

Revelou sua insensatez (vv. 37-41). O erro fundamental dos fariseus era pensar que a retidão dependia somente de ações exteriores, minimizando, desse modo, as atitudes interiores. Tomavam todo cuidado para manter a aparência limpa, mas não davam atenção à perversidade interior. Pareciam esquecer que o mesmo Deus que criou o exterior também criou o “ser interior”, o qual também necessita ser purificado (Sl 51:6, 10).

Os fariseus gabavam-se de suas ofertas (Mt 6:1-4; Lc 18:11, 12), mas não entregavam ao Senhor o que estava dentro deles. A única maneira de purificar verdadeiramente o exterior era purificar o interior (Lc 11:41). Kenneth Wuest traduz esse versículo como: “Antes, dêem as coisas interiores como oferta e vejam como todas as coisas lhes são puras”. Não limpamos as palavras que saem de nossa boca escovando os dentes, mas sim purificando o coração.

Ele condenou seus pecados (vv. 42-52).

Esses seis “ais” são paralelos aos “ais” em Mateus 23. Jesus começou com os pecados dos fariseus (Lc 11:42-44), voltando-se, então, para os pecados dos escribas, pois sua interpretação da Lei servia de base a todo o sistema farisaico (Lc 11:45-52).

Os três primeiros “ais” condenam os fariseus por suas *prioridades erradas*. Faziam questão de dar o dízimo até de pequenas folhas e de sementes das ervas, mas esqueciam coisas importantes, como a justiça e o amor (Mq 6:7, 8). Eram especialistas em minúcias. Jesus não disse que deveriam parar de dar o dízimo, mas sim que deveriam colocar sua religiosidade no devido lugar.

Prezavam a *reputação* acima do caráter. Acreditavam que se tornariam mais espirituais ao se assentar nos lugares certos e ao ser reconhecidos pelas pessoas certas. Reputação é aquilo que as pessoas pensam que somos; caráter é aquilo que Deus sabe que somos.

É bem provável que a comparação, em Lucas 11:44, tenha enfurecido o anfitrião e os outros fariseus presentes. Os judeus deveriam tomar todo o cuidado para não se deixar contaminar por cadáveres (Nm 19:11-22; observar, especialmente, o v. 16), de modo que se certificavam sempre de marcar claramente a localização das sepulturas. No entanto, os fariseus eram como *sepulturas sem qualquer identificação (invisíveis)*; sua aparência não correspondia, de maneira alguma, à realidade! Isso significa que, *inconscientemente, contaminavam os outros quando, na verdade, pensavam estar ajudando-os a se tornar mais santos!* Ao invés de ajudar as pessoas, os fariseus as prejudicavam.

Os escribas sentiram a censura mordaz nas palavras de Jesus e tentaram se defender. Como resposta, Jesus usou três imagens vívidas: fardos, túmulos e chaves.

Os escribas eram especialistas em tornar os fardos das pessoas ainda mais pesados, mas não tinham compaixão para ajudá-las a carregá-los. Como é triste quando “ministros” da Palavra de Deus criam ainda mais dificuldades para os que já têm

problemas suficientes! Um amigo meu, que é pastor, ora diariamente: "Senhor, preciso da tua ajuda no dia de hoje para não tornar ainda maiores os problemas de ninguém". Eram esses "fardos religiosos" que Jesus tinha em mente quando fez o convite amável em Mateus 11:28-30.

Os escribas também eram especialistas em "embalsamar" o passado e em honrar profetas martirizados pela instituição religiosa à *qual pertenciam*. Tanto a história registrada na Bíblia quanto a história da Igreja revelam que os verdadeiros servos de Deus foram, com frequência, rejeitados pelos que mais precisavam de seu ministério, mas que a geração seguinte honrou esses homens e mulheres. Os fariseus eram como "sepulturas invisíveis", mas os escribas construíam túmulos sofisticados!

O primeiro martírio registrado no Antigo Testamento foi o de Abel, e o último, o de Zacarias (ver Gn 4:1-15; 2 Cr 24:20-27, lembrando que 2 Cr é o último livro da Bíblia hebraica). Jesus não insinuou que os escribas e fariseus eram *pessoalmente* responsáveis pelo martírio dos profetas do Antigo Testamento. Antes, afirmou que *pessoas exatamente como os escribas e fariseus* haviam feito tais coisas hediondas contra os servos de Deus. O maior crime de todos foi a crucificação do Filho de Deus.

Por fim, os escribas eram culpados de privar pessoas comuns do conhecimento da Palavra de Deus. Para piorar a terrível realidade de que eles próprios não entrariam no reino de Deus, impediam outros de entrar! Ensinar a Palavra de Deus é muito sério, e nem todos devem fazê-lo (Tg 3:1). Infelizmente, aquilo que alguns chamam de "estudo bíblico" muitas vezes não passa de um grupo de pessoas sem preparo trocando comentários ignorantes.

No entanto, essa questão tinha outro lado: os escribas haviam convencido o povo de que ninguém além de mestres autorizados era capaz de compreender e de explicar a Lei. Ainda vemos algumas demonstrações dessa autoridade arrogante hoje em dia. Professores que enfatizam excessivamente o estudo do grego e do hebraico dão às

pessoas a impressão de que o Espírito Santo não pode ensinar alguém que não sabe essas línguas. Há tantas "Bíblias de Estudo" hoje em dia (e muitas delas são extremamente úteis) que nos perguntamos se alguém é capaz de aprender alguma coisa a partir de um simples texto bíblico. Não devemos desprezar estudos cristãos sérios, mas é importante manter o equilíbrio.

Jesus é a chave para as Escrituras (Lc 24:44-48). Quando removemos a chave, não é possível entender o que Deus escreveu. Por mais proveitosos e necessários que sejam os estudos teológicos, os requisitos mais importantes para o estudo da Bíblia são um coração submisso e uma vontade obediente. Alguns dos melhores professores da Bíblia que conheci em meu ministério eram homens e mulheres que aprenderam a Palavra de Deus ajoelhados e no campo de batalha da vida. Não foram ensinados por homens, mas pelo Espírito.

Ele suscitou sua ira (vv. 53, 54). A última coisa que os hipócritas querem é ver seus pecados revelados, pois isso prejudica sua reputação. Em vez de se oporem ao Senhor, esses homens deveriam buscar sua misericórdia. Começaram a atacá-lo deliberadamente com perguntas capciosas, na esperança de pegá-lo em alguma heresia e de mandar prendê-lo. Que maneira vergonhosa de tratar o Filho de Deus!

No entanto, alguns sistemas religiosos de hoje não são muito diferentes daquele defendido pelos escribas e fariseus. Os líderes interpretam e aplicam a Palavra, pois os seguidores não têm permissão de fazer perguntas desagradáveis nem de levantar objeções. Também exploram o povo e fazem pouco ou nada para aliviar seus fardos. O pior de tudo é que usam o sistema religioso para encobrir os próprios pecados. A verdade de Deus deveria libertá-los, mas dentro desses grupos, só se experimenta escravidão cada vez maior.

Deus concedeu mestres à igreja (Ef 4:11), e devemos dar ouvidos a eles. Mas também devemos testar o que ouvimos de acordo com as Escrituras para ter certeza de que esses mestres estão ensinando a verdade

(1 Ts 5:19-21). Não se deve permitir que pessoa alguma coloque sobre nós o jugo da servidão e nos explore (2 Co 11:20).

É um privilégio ter a luz da Palavra de Deus e a oração. O inimigo deseja nos privar das bênçãos do crescimento espiritual e da liberdade. Seu plano é colocar a hipocrisia

no lugar da realidade e nos incentivar a nos preocupar mais com o exterior do que com o interior, prezando mais a reputação do que o caráter.

Esse perigo é tão grande que Jesus trata do assunto em mais detalhes em Lucas 12. Enquanto isso, devemos ter cuidado!

CUIDADO!

LUCAS 12

É possível que os discípulos não estivessem conscientes disso, mas corriam grande perigo. Viviam cercados de grandes multidões, cujo principal interesse não era ouvir verdades espirituais, mas sim ver Jesus fazer um milagre ou suprir uma necessidade pessoal. Ao mesmo tempo, os escribas e fariseus conspiravam contra Jesus e tentavam tirá-lo do caminho. Não foram poucos os servos de Deus arruinados pela armadilha da popularidade e do medo dos outros.

Em Lucas 12, o evangelista registra cinco advertências de Jesus. Quatro delas devem ser atendidas pelo povo de Deus hoje, para que sejamos discípulos fiéis. A quinta advertência é ao mundo perdido.

1. CUIDADO COM A HIPOCRISIA (Lc 12:1-12)

O termo *hipócrito* vem de uma palavra grega que significa “um ator”, “alguém que faz um papel”. Há hipócritas em todas as áreas da vida, pessoas que tentam impressionar os outros e esconder seu verdadeiro eu. Na vida cristã, hipócrita é alguém que tenta parecer mais espiritual do que é de fato. Essas pessoas sabem que estão fingindo e esperam não ser descobertas. Sua vida cristã não passa de uma farsa.

Não é difícil entender o que levou Jesus a dar as advertências em questão nesse determinado momento. Os discípulos talvez se sentissem tentados a obter popularidade agradando às multidões ou a evitar problemas agradando aos escribas e aos fariseus. Todos nós queremos ser aceitos, e parece muito fácil fingir ser aquilo que os outros querem ver.

De que maneira é possível guardar-se da hipocrisia?

Devemos entender a verdadeira natureza da hipocrisia (v. 1). Jesus comparou-a com o fermento (lêvedo), algo que os judeus sempre associavam ao mal (ver Êx 12:15-20). Paulo também usa o fermento para ilustrar o pecado. (Ver 1 Co 5:6-8; Gl 5:9). Assim como o fermento, a hipocrisia começa pequena, mas de forma rápida e silenciosa, e, ao crescer, contamina a pessoa inteira. A hipocrisia tem sobre o ego o mesmo efeito que o fermento tem sobre a massa do pão: ela o faz inchar (ver 1 Co 4:6, 18, 19; 5:2). Logo, o orgulho toma conta, e o caráter deteriora-se rapidamente.

Quem deseja ficar longe da hipocrisia deve evitar a primeira porção de “fermento”, por menor que seja. Uma vez que se começa a fingir, o processo é rápido e, quanto mais esperamos, mais a situação piora. Nas palavras de Sir Walter Scott: “Que teias emaranhadas tecemos, ao cultivar o hábito de enganar”.

A hipocrisia é tola e fútil (vv. 2, 3). Isso porque, na verdade, nada pode ser ocultado. Nesse caso, Jesus está se referindo principalmente a seus ensinamentos, mas o princípio aplica-se a outras áreas da vida. Os doze apóstolos poderiam sentir-se tentados a encobrir a verdade ou a dela abrir mão para que nem as multidões nem os fariseus se ofendessem (ver Lc 8:16-18; 11:33). A verdade de Deus não é como o fermento, mas sim como uma luz que não deve ser escondida. Um dia, as mentiras dos hipócritas serão reveladas, então por que fingir? Deixe sua luz brilhar!

Devemos entender o que causa a hipocrisia (vv. 4-7). Nestes versículos, Jesus fala cinco vezes do “medo”, portanto ensina que uma das principais causas da hipocrisia é o *medo dos outros*. Quando temos medo do que os outros vão dizer de nós ou fazer contra nós, tentamos impressioná-los a fim de obter sua aprovação. Se necessário, recorreremos até à mentira para cumprir nossos propósitos, e isso é hipocrisia. Infelizmente, muitos escribas e fariseus estavam mais preocupados com a reputação do que com o

caráter. O que as pessoas *pensavam* deles era mais importante do que aquilo que Deus *sabia* a respeito deles. O medo dos outros é sempre uma armadilha (Pv 29:25), e Jesus queria que seus discípulos a evitassem.

A solução para a hipocrisia é deixar de lado o que os outros digam ou façam e *temer somente a Deus*. O temor de Deus conquista todos os medos, pois a pessoa que verdadeiramente teme a Deus não precisa temer coisa alguma. Os homens só podem matar o corpo, mas Deus tem poder para condenar a alma! Uma vez que ele é o Juiz Supremo e que julga para toda a eternidade, é lógico que devemos colocar o temor de Deus acima de qualquer outra coisa. Nosso Deus nos conhece e cuida de nós. Ele cuida dos pardais, e nós somos muito mais valiosos do que pássaros; então, por que temer os homens?

Devemos professar Cristo abertamente (vv. 8, 9). Depois que fizemos isso, será mais fácil viver de maneira autêntica e evitar a hipocrisia. Como ter medo dos outros quando sabemos que Jesus Cristo dá testemunho de nós diante do Pai no céu? Não importa se nosso nome será reconhecido pelos homens aqui na Terra; o mais importante é que Deus nos reconheça no céu (ver 2 Tm 2:8-14).

Devemos depender do Espírito Santo (vv. 10-12). Jesus parece cair em contradição. Em Lucas 12:8, 9, ele exige que testemunhemos dele abertamente, mas em Lucas 12:10 diz que podemos falar contra ele e ser perdoados. Porém, se falarmos contra o Espírito, não haverá perdão. Isso significa que o Espírito Santo é mais importante do que o Filho de Deus?

Devemos observar que essa afirmação está ligada ao ministério do Espírito na vida dos apóstolos e por meio deles (Lc 12:11, 12). Os judeus rejeitaram *Deus, o Pai*, quando se recusaram a obedecer a João Batista e a se arrepender, pois João foi enviado pelo Pai. Rejeitaram *Deus, o Filho*, quando pediram a Pilatos para crucificá-lo. No entanto, esse pecado poderia ser perdoado, pois ainda havia o ministério do Espírito.

Deus não julgou a nação de imediato. Em vez disso, Jesus orou por eles quando

estava dependurado na cruz (Lc 23:34; ver também At 3:17). Depois, Deus enviou o Espírito Santo, que ministrou por intermédio dos apóstolos e de outros cristãos na Igreja. *Essa foi a última oportunidade para aos judeus, mas eles fracassaram ao rejeitar o testemunho do Espírito* (At 7:51). Lucas 12:11, 12 cumpriu-se nos primeiros capítulos do Livro de Atos, quando a mensagem foi pregada primeiro aos judeus (At 3:26; 13:46; Rm 1:16). O terceiro “pecado nacional” de Israel foi o apedrejamento de Estêvão (At 7), depois do qual o evangelho foi pregado aos samaritanos (At 8) e, em seguida, aos gentios (At 10). É importante observar a declaração de Estêvão: “Vós sempre resistis ao Espírito Santo” (At 7:51).

Não creio que o “pecado contra o Espírito Santo” seja cometido hoje em dia como foi por Israel séculos atrás. Creio que o único “pecado sem perdão” atualmente é a rejeição absoluta de Jesus Cristo (Jo 3:36). O Espírito de Deus dá testemunho através da Palavra, e o pecador pode rejeitar esse testemunho e resistir ao Espírito. Mas o Espírito dá testemunho de Cristo (Jo 16:7-15); portanto, a maneira como as pessoas tratam o Espírito é a maneira como tratam o Filho de Deus.

2. CUIDADO COM A AVAREZA (Lc 12:13-21)

Neste momento, um homem na multidão interrompeu Jesus e pediu que ele resolvesse um problema de família. Era esperado que os rabinos ajudassem a solucionar questões legais, mas Jesus recusou envolver-se. Sabia que qualquer resposta que desse não resolveria o *verdadeiro* problema, que era a avareza no coração dos dois irmãos (observar o uso de “vós” em Lc 12:14). Enquanto os dois homens fossem gananciosos, *nenhum* acordo seria satisfatório. Sua maior necessidade era uma transformação do coração. Como tantas pessoas hoje, queriam que Jesus lhes servisse, mas não estavam dispostos a lhe servir.

A avareza é a sede insaciável de uma quantidade cada vez maior de algo que acreditamos ser necessário para nos fazer sentir

verdadeiramente satisfeitos. Pode ser a sede de dinheiro ou das coisas que o dinheiro pode comprar, pode também ser a sede de cargos e de poder. Jesus deixou claro que a vida verdadeira não depende da abundância de posses. Não negou que temos certas necessidades básicas (Mt 6:32; 1 Tm 6:17). Apenas afirmou que não tornaremos a vida mais rica adquirindo *mais* coisas.

Mark Twain certa vez definiu "civilização" muito apropriadamente como "uma multiplicação ilimitada de necessidades desnecessárias". De fato, muitos cristãos já foram contaminados pela avareza e não sabem. Acreditam que a admoestação de Paulo em 1 Timóteo 6 aplica-se apenas aos "ricos e famosos". Comparado ao padrão de vida do restante do mundo, muitos cristãos norte-americanos são, de fato, abastados.

Jesus contou essa parábola a fim de relevar os perigos que se escondem num coração avarento. Ao lê-la, deve-se testar a própria reação às diversas experiências desse fazendeiro.

De que maneira reagimos ao *dilema* dele? Eis um homem cujo problema era ter riquezas demais! Caso exclamemos: "Gostaria de ter esse problema!", é possível que estejamos mostrando a avareza de nosso coração. Se herdasse, de repente, uma porção de bens, essa riqueza lhe traria complicações? Ou você simplesmente louvaria a Deus e lhe pediria que mostrasse o que fazer com esses bens?

A prosperidade tem seus perigos (Pv 30:7-9). A riqueza é capaz de sufocar a Palavra de Deus (Mt 13:22), de criar armadilhas e tentações (1 Tm 6:6-10, 17-19) e de dar uma falsa sensação de segurança. Dizem que o dinheiro não traz felicidade, mas *quem desejar viver nesse nível*, poderá encontrar satisfação no dinheiro. Os que se contentam com as coisas que o dinheiro pode comprar correm o risco de perder aquilo que o dinheiro não pode comprar.

Esse fazendeiro viu em sua riqueza uma oportunidade de satisfazer a si mesmo. Não pensou em Deus nem nos semelhantes.

De que maneira reagimos às *decisões* desse homem rico? Dizemos: "Assim é que

se faz negócios! Economizando agora a fim de garantir o futuro!". Mas Jesus considerou que as decisões do homem basearam-se em seu egoísmo (observe os onze pronomes possessivos) e o chamou de "Louco". A filosofia do mundo diz que devemos cuidar primeiro de nós mesmos, mas Jesus não apóia essa filosofia.

Claro que não há nada de errado em seguir certos princípios sólidos nos negócios nem em poupar para o futuro (1 Tm 5:8). Jesus não aprova o desperdício (Jo 6:12), mas também não aprova o egoísmo da avareza.

De que maneira reagimos aos *desejos* do fazendeiro? Dizemos: "Isso sim é que é vida! Ali está um homem de sucesso, cheio de satisfação e de segurança! O que mais poderia querer?". Mas Jesus não viu esse homem desfrutando a vida, e sim encarando a morte! Quando chega nosso momento de morrer, não há riqueza que nos mantenha vivos. A riqueza também não compra as oportunidades que perdemos enquanto pensávamos em nós mesmos, ignorando Deus e os semelhantes.

Jesus deixou claro que a vida, o sucesso e a segurança verdadeiros não se encontram na abundância de bens. Esse homem tinha uma visão equivocada da vida e da morte. Pensava que a vida vem do acúmulo de coisas e que a morte estava distante. No dia 11 de março de 1856, Henry David Thoreau escreveu em seu diário: "O mais rico dos homens é aquele cujos prazeres custam menos". E também: "Um homem é rico na proporção do número de coisas sem as quais pode viver".

Por fim, de que maneira reagimos à *morte* desse fazendeiro presunçoso? Nossa tendência é pensar: "Que pena esse sujeito ter morrido justo quando as coisas estavam indo tão bem para ele! Que tristeza não ter conseguido terminar seus grandes planos!" Mas o mais triste de tudo não era o que o homem havia deixado para trás, mas sim o que teria *pela frente*: uma eternidade sem Deus! O homem viveu sem Deus e morreu sem Deus, e sua riqueza não passou de uma circunstância desta vida. Deus não se impressiona com nosso dinheiro.

O que significa ser “rico para com Deus”? Significa reconhecer com gratidão que tudo o que temos vem de Deus e nos esforçar para usar o que ele nos dá para o bem de outros e para a glória de Deus. A riqueza pode ser *desfrutada* e *usada* ao mesmo tempo se nosso propósito é honrar a Deus (1 Tm 6:10ss). Ser rico para com Deus significa enriquecimento espiritual, não apenas prazer pessoal. Como é triste quando as pessoas são ricas nesta vida e pobres na outra! (ver Mt 6:19-34).

3. CUIDADO COM A PREOCUPAÇÃO (Lc 12:22-34)

O fazendeiro preocupou-se, porque tinha coisas demais, porém os discípulos se preocuparam por não ter o suficiente! Haviam aberto mão de tudo a fim de seguir a Cristo. Viviam pela fé, e a fé é sempre testada.

A preocupação é destrutiva. A palavra traduzida por *ansiosos*, em Lucas 12:22, significa “rasgado”, e “inquietações” (Lc 12:29) significa “ser mantido em suspense”. É o retrato de um navio sendo jogado de um lado para o outro numa tempestade. Na língua inglesa, o termo *preocupação* é derivado de uma palavra anglo-saxônica antiga, que quer dizer “estrangular”. Nas palavras de Corrie Ten Boom: “A preocupação não livra o dia de amanhã das aflições; apenas rouba do dia de hoje sua força”.

A preocupação também é enganosa. Ela nos dá uma perspectiva falsa da vida, de si mesmo e de Deus. A preocupação convence de que a vida é feita do que comemos e vestimos. Preocupamo-nos tanto com os *meios* que nos esquecemos inteiramente do *fim*, que é a glória de Deus (Mt 6:33). Há grande diferença entre sobreviver em função das necessidades e viver em plenitude.

A preocupação nos impede de enxergar o mundo a nosso redor e a maneira de Deus cuidar de sua criação. Deus deu beleza às flores e criou até mesmo os corvos, aves que os judeus consideravam impuras, as quais não podem semear nem ceifar. Logo, ele é capaz cuidar dos seres humanos, *aos quais deu a capacidade de trabalhar*. Jesus não está sugerindo que fiquemos de braços cruzados

esperando que nos alimente, pois até as aves trabalham arduamente para sobreviver. Antes, Jesus nos estimula a confiar em Deus e a cooperar com ele, usando as capacidades e oportunidades que nos dá (2 Ts 3:6-15).

A preocupação também nos cega para ela própria. Podemos chegar a ponto de pensar que a preocupação é um elemento positivo de nossa vida! Em Lucas 12:25, Jesus afirma que nossas preocupações não acrescentam um minuto sequer a nossa vida (Sl 39:5) nem um centímetro a nossa altura. A inquietação do fazendeiro rico não estendeu sua vida! Antes, a preocupação é capaz de encurtar nossos dias, privando-nos de nossa saúde e, por fim, de nossa vida.

Mais uma vez, Jesus argumenta do menor para o maior. Se Deus alimenta os pássaros, certamente alimentará seus filhos. Se embeleza as plantas que crescem num dia e são cortadas no dia seguinte, certamente proverá vestimentas para seu povo. O problema não é a falta de poder de Deus, pois ele pode fazer qualquer coisa; o problema é nossa falta de fé.

A preocupação é deformadora. Ela nos impede de crescer e nos torna semelhantes ao mundo que não conhece a salvação (Lc 12:30). Em resumo, a preocupação é contrária à vida cristã e é pecado. Como dar testemunho a um mundo perdido e encorajar as pessoas a depositar sua fé em Jesus Cristo se nós mesmos duvidamos de Deus e nos preocupamos? Não é uma incoerência pregar a fé e não praticá-la?

O falecido Peter Marshall, capelão do senado norte-americano, orou certa vez pedindo para que úlceras e gastrites não se tornassem a insígnia de nossa fé, mas muitas vezes é exatamente isso o que são!

Como vencer a preocupação? O primeiro passo é entender que *Deus conhece nossas necessidades* e que podemos confiar que ele proverá. Somos ovelhas de seu “pequeno rebanho”, filhos de sua família e servos de seu reino, e ele providenciará para que nossas necessidades sejam todas plenamente supridas. Uma vez que se *agrada* de nos dar seu reino, acaso não nos dará tudo de que precisamos? (ver Rm 8:32).

No entanto, os prazeres de Deus e nossos tesouros devem andar juntos. Devemos olhar para a Terra do ponto de vista do céu e ter certeza de que colocamos o reino de Deus em primeiro lugar em todas as coisas. A grande pergunta é: "Onde está seu coração?" Se nosso coração está nas coisas passageiras deste mundo, passaremos os dias preocupados. Mas, se estamos voltados para o que é eterno, a paz de Deus guardará nossa mente e coração (Fp 4:6-9). Em se tratando das coisas deste mundo, não devemos "esquentar a cabeça", estando dispostos até a vender o que temos para ajudar a outros (At 2:44, 45; 4:34, 35). Não é errado possuir coisas, desde que elas não nos possuam.

4. CUIDADO COM A NEGLIGÊNCIA (Lc 12:35-53)

Jesus desloca a ênfase da preocupação com o presente para a atenção quanto ao futuro. Os temas em Lucas 12 são interligados, pois uma das melhores maneiras de vencer a hipocrisia, a avareza e a preocupação é pensar na volta de Cristo. Para quem vive voltado para o futuro, é mais difícil cair nas armadilhas deste mundo. Nesta seção, Jesus explica como estar prontos para sua volta.

Esperar e vigiar (vv. 35-40). Os casamentos judaicos eram realizados à noite, e os servos do noivo deveriam esperá-lo voltar para a casa com a noiva. O marido recém-casado certamente não desejava ter de ficar esperando à porta da própria casa com a noiva a seu lado! Porém, os servos tinham de se certificar de que estavam prontos para trabalhar, com os mantos devidamente presos por seus cintos para ter liberdade de se movimentar (ver 1 Pe 1:13ss).

No entanto, o mais impressionante nessa história é que o mestre serve os servos! Nos casamentos judaicos, a noiva era tratada como uma rainha, e o noivo, como um rei, de modo que ninguém esperava que o "rei" servisse aos empregados. Nosso Rei ministrará a seus servos fiéis quando se encontrar conosco em sua volta e nos recompensará por nossa fidelidade.

"Vigiar" significa estar alerta e preparado, a fim de não ser pego de surpresa. Essa é a atitude que devemos ter em relação à segunda vinda de Jesus Cristo. Ele virá como o ladrão: sem ser anunciado nem esperado (Mt 24:43; 1 Ts 5:2; Ap 16:15).

O pastor presbiteriano Robert Murray McCheyne perguntava às pessoas de vez em quando: "Você acredita que Jesus vai voltar hoje?" Se a resposta fosse negativa, dizia: "Então é melhor se preparar, pois ele voltará justamente quando menos imagina!"

Trabalhar (vv. 41-48). Antes que alguém pensasse que só era preciso vigiar e esperar, Jesus acrescentou uma parábola para encorajar todos a estar trabalhando quando ele voltar. Os apóstolos eram responsáveis por alimentar a casa de Deus, sua Igreja. Porém, cada um de nós possui determinado trabalho a fazer neste mundo, uma incumbência que recebemos de Deus. Temos a responsabilidade de nos manter fiéis até sua volta. Talvez não pareçamos bem-sucedidos a nossos próprios olhos nem aos olhos do mundo, mas isso não importa. O que Deus quer é fidelidade (1 Co 4:2).

Uma vez que o cristão começa a pensar que o Senhor *não* está prestes a voltar, sua vida entra num processo de deterioração. Nosso relacionamento com os semelhantes depende de nosso relacionamento com o Senhor; de modo que, se pararmos de olhar para ele, também iremos parar de amar seu povo. A grande motivação da vida e do serviço cristão deve ser o desejo de agradar ao Senhor para que, em sua volta, ele nos encontre trabalhando fielmente.

Não creio que Lucas 12:46 ensine que cristãos infiéis percam a salvação, pois a vida eterna depende da fé em Jesus Cristo, não de boas obras (Ef 2:8-10; 2 Tm 2:11-13). A expressão "lançando-lhe a sorte" pode ter o sentido de "pôr de lado, separar", nesse caso, colocar junto a outros "infiéis". Cristo separará os cristãos fiéis dos infiéis; os fiéis serão recompensados, mas os servos infiéis perderão a recompensa (1 Co 3:13-15).

O julgamento de Deus será justo. Tomará como base o que o servo sabe sobre a vontade de Deus. Isso não quer dizer que,

quanto mais ignorantes somos, mais leniente será o julgamento final diante de Cristo! Somos admoestados a conhecer a vontade de Deus (Rm 12:2; Cl 1:9) e a crescer no conhecimento de Jesus Cristo (2 Pe 3:18). Jesus está declarando um princípio geral: quanto mais recebermos de Deus, mais teremos de prestar contas diante dele!

Guerrear (vv. 49-53). As coisas não serão fáceis enquanto estivermos esperando, vigiando e trabalhando, pois somos estrangeiros em território inimigo. As imagens que Jesus usa – fogo, batismo, divisão – referem-se a conflitos e a oposição. Para os judeus, o fogo era um símbolo de julgamento e, por certo, a vinda de Cristo a este mundo trouxe julgamento (Jo 9:39-41).

O “batismo” de Jesus em Lucas 12:50 refere-se a seu sofrimento e morte, retratados pelo seu batismo no rio Jordão (ver Sl 42:7 e Jn 2:3; observe sua referência a Jonas em Lc 11:29, 30). Os apóstolos certamente receberam um batismo de sofrimento ao testemunhar de Cristo depois de Pentecostes.

Lucas começou seu livro anunciando “paz na terra” (Lc 2:14), mas aqui Jesus parece contradizer essa promessa. Jesus concede paz aos que crêem nele (Rm 5:1), mas, com frequência, essa confissão de fé transforma-se numa declaração de guerra contra a família e os amigos. Jesus é motivo de divisão (ver Jo 7:12, 43; 9:16; 10:19), mas, mesmo que não haja “paz na terra”, há “paz no céu” (Lc 19:38) por causa da obra que Jesus Cristo consumou na cruz.

Depois de instruir os discípulos, Jesus voltou-se para o povo a seu redor e lhe deu um último aviso.

5. CUIDADO COM A TOLICE ESPIRITUAL (Lc 12:54-59)

Jesus usa duas ilustrações para mostrar claramente à multidão a importância de discernimento e de diligência nas questões espirituais. Fala primeiro das condições do tempo e, depois, de um litígio.

Discernimento (vv. 54-57). As pessoas es-
tariam muito melhor se soubessem discernir

questões espirituais como sabem discernir as condições do tempo. O povo era capaz de dizer que uma tempestade estava chegando, mas não conseguia antever o julgamento vindouro. Sabia que a temperatura mudaria, mas não conseguia “discernir sua época”. Havia séculos, Israel tinha as Escrituras proféticas e deveria saber o que Deus estava fazendo, mas seus líderes religiosos desviaram o povo do caminho certo.

Como é triste que, hoje em dia, as pessoas sejam capazes de prever o movimento dos corpos celestes, de dividir um átomo e de colocar alguém na Lua, mas não consigam enxergar o que Deus realiza no mundo. Sabem como chegar às estrelas, mas não sabem como chegar ao céu! Nosso mundo tão culto possui um bocado de conhecimento científico, mas pouca sabedoria espiritual.

Diligência (vv. 58, 59). Qualquer um faz tudo o que for preciso a fim de não ir para a cadeia, mas quantas pessoas se esforçam com tanto empenho a fim de não ir para o inferno? Se advogados e juízes perscrutassem a Palavra de Deus com tanta diligência quanto estudam seus livros de direito, poderiam adquirir sabedoria que lei alguma é capaz de dar.

A nação de Israel rumava para o julgamento, e o Juiz era o Deus Todo-Poderoso. No entanto, não procurava fazer um acordo amigável (Lc 13:34, 35). Jesus sabia que os exércitos romanos destruiriam a cidade e o templo (Lc 19:41-44), mas não podia obrigar o povo a arrepender-se. A dívida acumulava-se, e o povo não tinha como pagar um centavo sequer.

É possível aplicar essas verdades a nossa vida. Se soubéssemos que uma tempestade está para chegar, nos prepararíamos para ela. Se soubéssemos que um policial está vindo nos buscar para sermos julgados, arranjaríamos um advogado e tentaríamos resolver a situação sem ir a um tribunal. A tempestade da ira de Deus está chegando, e o Juiz está às portas (Tg 5:9).

“Eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação” (2 Co 6:2).

PERGUNTAS E RESPOSTAS

LUCAS 13

Um estudante judeu perguntou a seu mestre:

– Rabino, por que toda vez que faço uma pergunta, tu me respondes com outra pergunta?

Ao que o rabino replicou:

– E por que não deveria?

Ao prosseguir em sua jornada rumo a Jerusalém, Jesus se deparou com quatro situações envolvendo questões que precisavam de respostas.

“Perguntar a um homem sábio é o princípio da sabedoria”, diz um provérbio alemão. Nem todos os que interrogaram Jesus o fizeram pelos motivos certos, mas isso não impediu o Senhor de ensinar o que precisavam saber. Ao estudar suas respostas em Lucas 13, aprendemos mais sobre Jesus e seu ministério e também sobre como viver de modo agradável a ele.

1. UMA PERGUNTA POLÍTICA SOBRE JUSTIÇA (LC 13:1-9)

Pôncio Pilatos, o governador romano, não se dava com os judeus, pois desprezava suas convicções religiosas. Um exemplo dessa falta de entendimento pode ser vista na ocasião em que Pilatos levou as insígnias romanas para a cidade de Jerusalém, enfurecendo os líderes judeus, que se ofenderam com a presença da imagem de César na Cidade Santa. O governador ameaçou matar os que protestaram; estes, por sua vez, se *declararam dispostos a morrer!* Ao ver sua determinação, Pilatos cedeu e transferiu as insígnias para Cesaréia, mas esse não foi o fim do conflito.

A atrocidade mencionada em Lucas 13:1 pode ter ocorrido quando Pilatos “apropriou-

se” de dinheiro do tesouro do templo para ajudar a financiar um aqueduto. Uma multidão de judeus irados reuniu-se para protestar, e o governador colocou soldados à *paisana* no meio do povo. Usando armas escondidas, esses soldados mataram vários judeus inocentes e desarmados, episódio que só fez aumentar o ódio dos judeus contra o governante romano.

Uma vez que Jesus estava a caminho de Jerusalém, qualquer coisa que dissesse sobre Pilatos certamente chegaria à cidade antes dele. Se ignorasse a pergunta, a multidão o acusaria de ser partidário dos romanos e desleal com seu povo. Se defendesse os judeus e acusasse Pilatos, iria se complicar com os romanos, e os líderes judeus teriam um bom pretexto para mandar prendê-lo.

Jesus passou a questão para um plano mais elevado e evitou completamente o aspecto político. Em vez de falar sobre os pecados de *Pilatos*, tratou dos pecados das pessoas que o interrogavam. Respondeu à pergunta deles com outra pergunta!

Começou deixando claro que as tragédias que acontecem no mundo nem sempre são castigo divino e que é errado assumir o papel de Deus e julgar o semelhante. Os amigos de Jó cometeram esse erro ao dizer que as aflições de Jó evidenciavam seus pecados. Ao aplicar essa abordagem às tragédias em geral, será difícil explicar o sofrimento dos profetas, dos apóstolos e do próprio Senhor Jesus Cristo.

“Como explicar a morte das pessoas sobre as quais a torre de Siloé caiu?”, perguntou Jesus. “Não foi culpa de Pilatos. Então, será que foi culpa de Deus? Devemos acusá-lo dessa tragédia? As dezoito vítimas só estavam fazendo seu trabalho e, no entanto, morreram. Não estavam protestando nem tumultuando.”

Quando John Milton, o poeta cego inglês, já estava idoso e caíra no esquecimento, recebeu a visita de Charles II, filho do rei que os puritanos haviam decapitado.

– Sua cegueira é um julgamento de Deus por sua participação na oposição a meu pai – disse o rei.

Milton também respondeu com uma pergunta:

– Se perdi a *visão* por um julgamento de Deus, o que dizer de seu pai, que perdeu a *cabeça*?

Jesus prosseguiu mostrando a conclusão lógica dessa argumentação: se Deus castiga os pecadores dessa maneira, todos ali presentes precisavam arrepender-se, pois todos os seres humanos são pecadores! A pergunta não é: “por que essas pessoas morreram?”, mas sim: “que direito tinham de viver?” Ninguém é isento de pecado, de modo que todos devem estar preparados.

É mais fácil falar sobre o pecado do outro do que encarar os próprios pecados e possível morte. William Randolph Hearst, magnata editorial norte-americano, não permitia que ninguém mencionasse a morte em sua presença e, no entanto, *ele morreu*. Perguntei a um amigo meu qual era o índice de mortalidade em sua cidade, ao que ele respondeu: “um para um”. E acrescentou: “gente que nunca havia morrido antes está morrendo agora”.

De acordo com Levítico 19:23-35, os frutos de uma árvore recém-plantada só deveriam ser consumidos depois de três anos, e a colheita do quarto ano pertencia ao Senhor. Assim, o agricultor só poderia começar a consumir os figos no quinto ano. O homem da história, porém, *havia sete anos* que já esperava! Não é de se admirar que quisesse cortar a árvore infrutífera!

Essa parábola pode ser aplicada a indivíduos e à nação de Israel. Deus é bondoso e longânimo para com seu povo (2 Pe 3:9) e faz até mais do que é necessário para nos estimular a dar frutos (Mt 3:7-10). Deus tinha todo o direito de nos cortar, mas em sua misericórdia, resolveu nos poupar. Não devemos nos aproveitar atrevidamente da bondade e da longanimidade de Deus, pois, um dia, seremos julgados.

No entanto, a árvore também nos traz à memória a bondade especial de Deus para com Israel (Is 5:1-7; Rm 9:1-5) e sua paciência com eles. Deus esperou três anos durante o ministério de Jesus aqui na Terra, mas a nação não produziu frutos. Assim, esperou

mais cerca de quarenta anos antes de permitir que os exércitos romanos destruíssem Jerusalém e o templo; e, durante esses anos, a Igreja testemunhou com poder a mensagem do evangelho. Por fim, a árvore foi cortada.

É bastante sugestivo que essa parábola termine “em aberto”, cabendo aos ouvintes dar a conclusão (o Livro de Jonas é outro exemplo dessa abordagem). Será que a árvore deu frutos? O cuidado especial surtiu algum efeito? A árvore foi poupada ou cortada? Não temos como saber a resposta a essas perguntas, mas *podemos responder com respeito a nossa vida!* Mais uma vez, a pergunta não é: “O que aconteceu com a árvore?”, mas sim: “O que acontecerá comigo?”

Deus procura frutos. Não aceitará substitutos, e a hora de arrepender-se é *agora*. Da próxima vez que ficar sabendo de outra tragédia que tirou muitas vidas, pergunte a si mesmo: “Estou só ocupando espaço neste mundo ou produzindo frutos para a glória de Deus?”

2. UMA PERGUNTA LEGAL SOBRE O SÁBADO (LC 13:10-21)

Libertação (vv. 10-13). Se eu fosse um portador de deficiência por dezoito anos, não sei se teria me mostrado tão fiel indo adorar a Deus todas as semanas na sinagoga. Por certo, a mulher orava e pedia a ajuda de Deus e, no entanto, não havia sido liberta de sua enfermidade. Porém, o aparente des-caso de Deus não a deixou amargurada nem rancorosa. Lá estava ela na sinagoga.

Sempre sensível às necessidades dos outros, Jesus notou a mulher e a chamou à frente. Talvez os fiéis ali presentes tenham achado cruel Jesus expor publicamente a deficiência dela (ver Mt 12:13), mas o Senhor sabia o que estava fazendo. Em primeiro lugar, Satanás estava na sinagoga, e Jesus desejava desmascará-lo e derrotá-lo. Além disso, queria que a mulher o ajudasse a ensinar ao povo uma lição importante sobre a libertação.

Não é apenas Satanás que faz as pessoas se curvarem; o pecado (Sl 38:6), a tristeza

(Sl 42:5) e o sofrimento também podem ter esse efeito (Sl 44:25). Jesus Cristo é o único capaz de libertar o cativo. Falou, impôs as mãos sobre a mulher, ela foi curada e deu glória a Deus! Eis aí um culto do qual o povo jamais se esqueceu.

Indignação (v. 14). Em vez de se regozijar e de dar glória a Deus, o chefe da sinagoga (ver Lc 8:41) ficou extremamente irado. Não teve a coragem de expressar sua indignação a Jesus, de modo que repreendeu a congregação! Porém, quanto mais refletimos sobre seu discurso, mais ridículo parece. Suponhamos que o povo tivesse, de fato, levado os enfermos para serem curados; quem seria capaz de sará-los? Acaso Jesus teria esse tipo de poder? E, caso tivesse, por que não havia ajudado essas pessoas antes? Que hipócrita e covarde!

O cativo no qual o chefe da sinagoga vivia era pior do que a escravidão da mulher. Sua servidão afetava não apenas o corpo, mas também a mente e o coração. Estava tão preso e cego pelas tradições que acabou opondo-se ao Filho de Deus! Elbert Hubbard chamou a tradição de “um relógio que mostra que horas são”. O chefe da sinagoga não conseguia “discernir [a] época” (Lc 12:56) e era um homem condenado.

Justificação (vv. 15-17). Jesus poderia ter curado a mulher em qualquer outro dia da semana. Afinal, estava cativa havia dezoito anos, e um dia a mais não faria grande diferença. Mas o Senhor escolheu deliberadamente o sábado, pois desejava ensinar uma lição sobre a liberdade. Observe o uso dos termos “livre”, “desprender” e “livrar” (Lc 13:12, 15, 16).

Em primeiro lugar, Jesus defendeu a mulher e repreendeu o chefe da sinagoga. Lembrou-o de que tratava os animais melhor do que estava tratando aquela pobre mulher. Essa acusação incluía todos os demais presentes. Jesus argumentou partindo de uma verdade menor para outra maior: se Deus permite ajudar animais sedentos no sábado, não é seu desejo também que cuidemos das pessoas necessitadas, criadas à imagem dele? Qualquer tradição que nos impeça de ajudar os outros não vem de

Deus. Aliás, é fácil usar a tradição como desculpa para não cuidar do próximo.

De acordo com Jesus, a mulher era uma “filha de Abraão”, uma referência a sua situação espiritual, não a seu nascimento físico (Lc 19:9; Gl 3:7). Todas as mulheres judias presentes eram “filhas de Abraão”. Isso significa que essa mulher já se convertera antes de Jesus curá-la? Se esse era o caso, tanto quanto sabemos, ela é a única *cristã* do Novo Testamento a sofrer de uma aflição física decorrente de um ataque demoníaco. (Não sabemos exatamente o que era o “espinho na carne” de Paulo nem em que sentido era usado por Satanás para “esbofeteá-lo”. Ver 2 Co 12.)

Talvez se trate de uma questão de semântica, mas prefiro me referir à obra demoníaca na vida de cristãos como “opressão” em vez de “possessão”. Na verdade, o grego usa a palavra “endemoninhada”, de modo que não é preciso pensar em “possessão” em termos de ocupação de um espaço físico. Por certo, Satanás é capaz de atacar o corpo e a mente do povo de Deus e, de fato, o faz. Algumas opressões satânicas estendem-se por vários anos até alguém se dar conta de que é uma obra do diabo. Nem toda enfermidade é causada por demônios (Lc 6:17-19), de modo que não se pode jogar toda a culpa em Satanás.

Alguns dentre os presentes na sinagoga quiseram usar essa transgressão do sábado para acusar Jesus, mas ele os deixou tão envergonhados que não disseram coisa alguma. Sua lição foi clara: Satanás condena as pessoas à escravidão, mas a verdadeira liberdade vem pela fé em Cristo. O sábado que Deus deseja dar é um “descanso do coração”, que acontece mediante sua graça, não pela observância de tradições (Mt 11:28-30).

É provável que Jesus tenha contado as parábolas em Lucas 13:18-21 para o povo na sinagoga antes que ele e seus discípulos saíssem de lá. Jesus havia usado essas parábolas anteriormente, e os discípulos sabiam do que se tratava (Mt 13:31-33, 51). Há quem veja nessas histórias uma imagem do crescimento exterior e visível do reino (a

semente de mostarda) bem como de sua influência interior e invisível (o fermento). Ao usar essas parábolas, Jesus estava dizendo: "Vocês, líderes religiosos judeus, podem apegar-se a tradições mortas e se opor à verdade, mas o reino vivo de Deus continuará a crescer. Satanás será derrotado!"

Não devemos, porém, nos esquecer de outras duas considerações. Em primeiro lugar, Jesus já havia usado a imagem do fermento com uma conotação negativa (Lc 12:1), e não cairia em contradição. Em segundo lugar, o contexto de Mateus 13 sugere a oposição e aparente derrota do reino de Deus, não uma conquista mundial. Sem dúvida, haverá uma vitória final, mas, enquanto isso, muitas sementes lançadas não darão frutos, Satanás semeará imitações, e a rede pegará peixes de todo o tipo. Não vejo na história da Igreja nem em relatos contemporâneos qualquer sinal de que o reino de Deus já "permeou o mundo todo". Se levamos em consideração o crescimento populacional, estamos perdendo terreno!

Os judeus conheciam as Escrituras e reconheceram as imagens usadas por Jesus. O fermento representava o mal (Êx 12:14-20), e a árvore frondosa retratava um grande reino aqui da Terra (Ez 17:22-24; 31:3-9; Dn 4:20-22). A semente de mostarda produz um arbusto, não uma árvore. O reino seria contaminado por falsos mestres (Gl 5:1-9), e a pequena semente (o "pequenino rebanho", Lc 12:32) cresceria e se transformaria numa organização que abrigaria Satanás. (Os pássaros representam o maligno; Mt 13:19.) A Igreja de hoje se encaixa em ambas as descrições.

3. UMA PERGUNTA TEOLÓGICA SOBRE A SALVAÇÃO (LC 13:22-30)

Os acontecimentos registrados em João 9 e 10 encaixam-se entre Lucas 13:21 e 22. Convém observar, em João 10:40-42, que, depois disso, Jesus saiu da Judéia e atravessou o Jordão, entrando na Peréia. Foi nessa região que se desenrolaram os acontecimentos registrados em Lucas 13:22 - 17:10, enquanto Jesus se dirigia para Jerusalém.

Os escribas costumavam discutir a questão do número de pessoas que seriam salvas, e alguém pediu a Jesus para dar sua opinião sobre o assunto. Da mesma forma que havia feito com a questão a respeito de Pilatos, Jesus passou a discussão imediatamente para o nível pessoal. "A pergunta não é *quantos* serão salvos, mas se você será salvo ou não! Primeiro resolva isso, depois conversaremos sobre o que fazer para ajudar outros a serem salvos."

Às vezes, recebo "cartas teológicas" de ouvintes dos programas de rádio que desejam discutir predestinação, eleição e outras doutrinas complicadas. Quando respondo, costumo lhes fazer perguntas sobre sua vida de oração, seu testemunho e sua participação na igreja local. Normalmente, isso encerra a correspondência. Muitos cristãos professos desejam discutir doutrinas profundas, mas não querem colocá-las em prática, procurando ganhar outras pessoas para Jesus Cristo! Como orou D. L. Moody: "Senhor, salva os eleitos e elege mais alguns!"

"Muitos procurarão entrar e não poderão" (Lc 13:24). A parábola explica essa afirmação, concentrando-se principalmente no povo judeu daquela época. No entanto, há uma aplicação pessoal para todos nós hoje.

Jesus descreveu o reino como um grande banquete, tendo os patriarcas e os profetas como convidados de honra (Lc 13:28). Porém, muitos convidados demoraram demais para atender ao convite e, quando chegaram à sala de banquetes, era tarde demais, e as portas já estavam fechadas (ver Mt 22:1-14; Lc 14:15-24).

Mas o que os fez demorar tanto? A parábola sugere várias razões. Em primeiro lugar, a salvação não é fácil; o pecador deve passar por uma porta apertada e percorrer um caminho estreito (Lc 13:24; ver também 9:23ss). A maior parte das pessoas neste mundo quer tudo do jeito mais fácil - desejo que conduz à destruição (Mt 7:13, 14) - , e é muito mais simples andar com elas.

Outro motivo para o atraso foi sua falsa sensação de segurança. Jesus estivera entre eles. Haviam até comido com ele e desfrutado sua comunhão, *no entanto, em momento*

algum creram nele. Deus deu várias oportunidades e privilégios a seu povo, mas Israel desperdiçou-os (ver Lc 10:13-16). Deus é longânimo, mas chega um momento em que fecha a porta.

O orgulho também foi um fator importante: o povo recusava humilhar-se diante de Deus. A seus próprios olhos, eram os primeiros, mas aos olhos de Deus, eram os últimos – e os *gentios tomariam o lugar deles!* (ver Mt 21:43). Imagine os “cães gentios imundos” participando de um banquete com Abraão, Isaque e Jacó, enquanto os judeus ficavam do lado de fora!

Essas pessoas estavam perdidas, pois dependiam de sua religião antiga para salvá-las. Jesus as considerava “praticantes de iniquidades” e não “praticantes da justiça” (Is 64:4; Tt 1:16). É preciso mais do que reverência pela tradição para entrar no reino de Deus.

Porém, o próprio Jesus apresenta o motivo principal: “Vós não quisestes!” (Lc 13:34). A mente deles havia sido instruída pela Palavra (Lc 13:26) e seu coração havia sido tocado pelas obras poderosas de Jesus, mas sua vontade era obstinada e recusava sujeitar-se a ele. *Essa é a consequência mortal da demora.* Quanto mais os pecadores esperam, mais empedernido se torna seu coração. “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração” (Hb 4:7).

O compositor espanhol Manuel de Falla era conhecido por não responder às cartas que recebia. Quando ficou sabendo que um amigo havia falecido, comentou: “Que pena! Morreu antes de eu responder à carta que me escreveu há cinco anos!”

Quando os pecadores não aceitam o convite de Deus para o banquete, *eles é que morrem.* São “lançados fora” das alegrias do reino e castigados com “choro e ranger de dentes” (Lc 13:28). Trata-se do retrato de pessoas tomadas de arrependimento por sua insensatez ao se demorarem; infelizmente, porém, é tarde demais. Uma das agonias do inferno será a lembrança de oportunidades desperdiçadas.

Qual é a resposta? “Esforçai-vos por entrar pela porta estreita” (Lc 13:24). O verbo

esforçar-se era usado com relação aos esportes para se referir a um atleta dando o melhor de si para vencer a competição. Nosso termo “agonizar” vem do mesmo radical. Se as pessoas se esforçassem com relação às coisas espirituais com o mesmo empenho que dedicam a práticas esportivas, estariam muito melhor.

4. UMA PERGUNTA PESSOAL SOBRE O PERIGO (LC 13:31-35)

Jesus estava na Peréia, que era governada por Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande. Os fariseus queriam que Jesus voltasse à Judéia, onde os líderes religiosos poderiam vigiá-lo e, por fim, pegá-lo numa de suas armadilhas, de modo que tentaram espantá-lo da região onde se encontrava.

O ministério de Jesus perturbou Herodes, fazendo-o temer que João Batista, o qual havia assassinado, tivesse voltado dos mortos (Lc 9:7-9). Na verdade, a certa altura, Herodes quis se encontrar com Jesus para vê-lo realizar algum milagre (Lc 23:8)! Mas, ao que parece, o coração de Herodes tornou-se cada vez mais duro, pois aqui ele ameaça matar Jesus. A advertência dada pelos fariseus (Lc 13:31) era, sem dúvida, verdadeira, pois, do contrário, Jesus não teria lhes respondido dessa forma.

Jesus não tinha medo do perigo. Seguia um “cronograma divino”, e nada podia prejudicá-lo. Estava fazendo a vontade de Deus, de acordo com o tempo do Pai (ver Jo 2:4; 7:30; 8:20; 13:1; 17:1). Havia sido determinado desde a eternidade que o Filho de Deus seria crucificado em Jerusalém na Páscoa (1 Pe 1:20; Ap 13:8), e nem mesmo Herodes Antipas impediria o cumprimento dos propósitos de Deus. Pelo contrário, os inimigos de Jesus colaboraram para que a vontade de Deus se *cumprisse* (At 2:23; 3:13-18).

Jesus usou um pouco de “sarcasmo santo” em sua resposta. Comparou Herodes a uma raposa, animal não muito apreciado pelos judeus (Ne 4:3). Conhecida por sua astúcia, a raposa foi uma ilustração bastante apropriada para Herodes. Jesus tinha uma missão diante dele e a cumpriria. Afinal, andava

na luz (Jo 9:4; 11:9, 10), enquanto as raposas caçavam na escuridão!

No entanto, Jesus também comentou sobre sua nação: "Porque não se espera que um profeta morra fora de Jerusalém" (Lc 13:33). Essas palavras são paralelas ao que havia dito aos escribas e fariseus em Lucas 11:47-51. A nação não apenas rejeitou o convite amável de Deus para seu banquete, como também matou os servos que entregaram o convite (ver At 13:27)!

O coração de Cristo entristeceu-se profundamente ao ver a incredulidade e a rebelião a seu redor, e ele irrompeu num lamento sobre a situação lastimável do povo judeu. Foi um lamento de angústia, não uma expressão de ira. Seu coração compassivo estava aflito.

A imagem da galinha e de seus pintinhos não devia ser estranha a um povo rural como os judeus (ver Sl 91:4). Algumas referências do Antigo Testamento a "asas" dizem respeito às asas dos querubins no Santo dos santos do tabernáculo ou do templo (ver Êx 25:20; Rt 2:12; Sl 36:7, 8; 61:4). A galinha ajunta os pintinhos quando sente algum perigo se aproximando. Os fariseus avisaram Jesus de que ele corria perigo, mas na verdade *eles* é que estavam em perigo!

Nesse lamento, Jesus dirige-se à nação como um todo, não apenas aos fariseus que haviam tentado provocá-lo. O povo havia recebido inúmeras oportunidades de se arrepender e de receber a salvação, mas se recusou a dar ouvidos a seu chamado. A "casa" refere-se tanto à "família" de Jacó ("a casa de Israel") quanto ao templo ("a casa de Deus"), e ambos ficariam desertos. A cidade e o templo foram destruídos, e o povo foi disperso.

No entanto, Israel ainda tem um futuro. Virá o tempo em que o Messias voltará, será reconhecido e recebido pelo povo, que dirá: "Bendito o que vem em nome do Senhor" (Lc 13:35; ver também Sl 118:26). Algumas pessoas usaram essas palavras na "entrada triunfal" de Jesus (Lc 19:38), mas elas só se cumprirão quando ele voltar em glória (ver Zc 12:10; 14:4ss; Mt 24:30, 31).

A casa de Israel foi devastada. A nação não tem mais rei nem sacerdote, não tem um templo nem sacrifícios (Os 3:4, 5). Mas conta com a promessa de Deus de que não foi abandonada (Rm 11:1ss). Não haverá paz na Terra enquanto o Príncipe da Paz (Is 9:6) não estiver assentado no trono de Davi (Is 11:1ss).

Orai pela paz de Jerusalém (Sl 122:6)!

Esforce-se por entrar pela porta estreita!

UM CONVITE PARA JANTAR

LUCAS 14

Praticar a hospitalidade no sábado era parte importante da vida dos judeus, de modo que não há nada de estranho no convite que Jesus recebeu para uma refeição depois do culto semanal na sinagoga. Por vezes, os anfitriões o convidavam com sinceridade, desejosos de ouvir e de aprender mais sobre a verdade de Deus. Com frequência, porém, esses convites eram um pretexto para que os inimigos de Jesus o pudessem observá-lo e encontrar alguma coisa nele para criticar e condenar. Foi o que aconteceu na ocasião descrita em Lucas 14, quando um dos líderes dos fariseus convidou Jesus para jantar.

O Senhor estava plenamente cômico do que se passava no coração dos homens (Jo 2:24, 25), de modo que nunca era pego de surpresa. Na verdade, em vez de os anfitriões ou convidados julgarem Jesus, era ele quem os julgava quando menos esperavam. De fato, nesse sentido, o Senhor era uma pessoa perigosa de se ter por perto numa refeição ou como companheiro de viagem! Em Lucas 14 vemos Jesus tratando de cinco tipos diferentes de pessoas e revelando o que havia de falso em seu coração e em sua forma de pensar.

1. OS FARISEUS: FALSA PIEDADE (Lc 14:1-6)

Em vez de os conduzir ao arrependimento, as acusações severas de Jesus contra os escribas e os fariseus (Lc 11:39-52) só provocaram retaliações, levando-os a tramar contra ele. O fariseu que convidou Jesus para jantar também convidou um homem que sofria de hidropisia. A hidropisia é uma doença que,

por causa de problemas renais, cardíacos ou hepáticos, faz os tecidos se encherem de água e provoca muita dor. Que crueldade dos fariseus usar esse homem como instrumento para realizar seu plano perverso! Mas quem não ama ao Senhor também não ama ao próximo. Esse tratamento cruel foi muito pior do que o ato "ilegal" de Jesus naquele sábado.

O homem enfermo não teria sido convidado para o jantar se os fariseus não desejassem usá-lo como "isca" para pegar Jesus. Sabiam que Jesus não conseguia ficar na presença do sofrimento humano por muito tempo sem tomar uma providência. Se ignorasse o homem, se mostraria desapiedado; mas, se o curasse, estaria transgredindo abertamente a lei do sábado, e os fariseus poderiam acusá-lo. Colocaram o homem hidrópico bem diante do Mestre para que não tivesse como evitá-lo. Em seguida, esperaram que ele caísse na armadilha.

Não esqueça que Jesus já havia "transgredido" a tradição do sábado em pelo menos sete outras ocasiões. No dia de sábado, expulsou um demônio (Lc 4:31-37), curou uma febre (Lc 4:38, 39), permitiu que seus discípulos apanhassem espigas (Lc 6:1-5), curou um homem aleijado (Jo 5:1-9), curou um homem com uma das mãos paralisada (Lc 6:6-10), libertou uma mulher encurvada da escravidão demoníaca (Lc 13:10-17) e curou um homem cego de nascença (Jo 9). Não sabemos por que os inimigos de Cristo acharam necessário juntar mais provas, mas, de qualquer modo, o plano deu errado.

Quando Jesus lhes perguntou quais eram suas convicções acerca do sábado, lançou mão da armadilha que haviam preparado para usar contra ele. Para começar, eram incapazes de curar *em qualquer dia da semana*, e todos sabiam disso. Além do mais, se os fariseus dissessem que ninguém deveria ser curado no sábado, o povo os consideraria cruéis; se dessem permissão para curar, outros líderes religiosos os acusariam de transgredir a lei. O dilema estava, agora, nas mãos deles, não nas de Jesus, e precisavam encontrar uma saída. Como fizeram

em mais de uma ocasião, os escribas e fariseus fugiram da questão mantendo-se em silêncio.

Jesus curou o homem e o deixou partir, sabendo que a casa do fariseu não era o lugar mais seguro para ele. Em vez de testemunhar contra Jesus, o homem testemunhou contra os fariseus, pois era prova viva do poder restaurador do Senhor Jesus Cristo.

Jesus conhecia esses legalistas bem demais para deixá-los escapar. Sabia que, mesmo num sábado, livravam seus animais domésticos do perigo. Sendo assim, por que não permitir que libertasse um homem criado à imagem de Deus? Davam a impressão de insinuar que os animais eram mais importantes que as pessoas. (É triste que, mesmo hoje, há quem tenha mais amor por seus animais de estimação do que por seus familiares, vizinhos ou pelo mundo perdido.)

Jesus revelou a falsa piedade dos escribas. Diziam defender as leis divinas do sábado, quando, na verdade, abusavam do povo e acusavam o Salvador. Há grande diferença entre guardar a verdade de Deus e promover a tradição dos homens.

2. OS CONVIDADOS: FALSA POPULARIDADE (LC 14:7-11)

De acordo com especialistas em gestão de pessoas, quase todo mundo usa uma placa invisível que diz: "Por favor, faça com que eu me sinta importante". Se conseguirmos ler essa placa, nosso sucesso nos relacionamentos estará garantido. Se, porém, dissermos ou fizermos algo que leve os outros a se sentirem insignificantes, o fracasso também é certo. As pessoas reagirão com raiva e ressentimento, pois todos desejam ser notados e querem sentir-se importantes.

As coisas não eram diferentes nos dias de Jesus. Havia certos "símbolos de status" que ajudavam a elevar e proteger a posição social elevada dos indivíduos. Quem fosse convidado para "as casas certas" e chamado para se assentar "nos lugares certos", teria sua importância reconhecida. A ênfase recaía sobre a reputação, não sobre o caráter. Era mais importante assentar-se no lugar certo do que viver do jeito certo.

No tempo do Novo Testamento, quanto mais próximo do anfitrião, mais elevada seria a posição social do indivíduo e mais atenção (e convites) receberia de outros. Assim, quando as portas de uma casa se abriam em uma ocasião social, uma porção de gente corria para "a cabeceira" da mesa, a fim de obter essa proeminência.

Esse tipo de atitude é sintomático de um conceito equivocado de sucesso. "Procure ser um indivíduo de valor", disse Albert Einstein, "em lugar de se esforçar para ser alguém de sucesso". Salvo algumas exceções, normalmente quem tem valor, mais cedo ou mais tarde, é reconhecido e devidamente honrado. O sucesso resultante da autopromoção é temporário e pode terminar com um convite vergonhoso para que a pessoa se coloque em seu devido lugar (Pv 25:6, 7).

Quando Jesus aconselhou os convidados a procurar os lugares mais humildes, não lhes ensinou um "truque" para garantir a promoção. A falsa humildade que busca posições inferiores apenas como artifício para se dar bem é tão detestável a Deus quanto o orgulho que procura o lugar mais elevado. Deus não se impressiona com nosso status na sociedade nem na igreja. Não é influenciado pelo que dizem ou pensam a nosso respeito, pois vê o que há por trás das motivações de nosso coração (1 Sm 16:7). Deus continua a humilhar os arrogantes e a exaltar os humildes (Tg 4:6).

O filósofo e estadista inglês Francis Bacon comparou a fama a um rio que carrega facilmente "coisas leves e infladas", mas que submerge tudo o que é "pesado e sólido". É interessante folhear edições antigas de enciclopédias e ver quanta "gente famosa" do passado hoje está "esquecida".

A humildade é uma graça fundamental para a vida cristã e, no entanto, também é fugidia; quem descobre que a tem, acabou de perdê-la! Alguém disse bem que humildade não consiste em cultivar pensamentos modestos a nosso respeito, mas simplesmente em deixar de pensar em nós mesmos. Jesus é o maior exemplo de humildade, e devemos pedir que o Espírito

Santo nos capacite a ser seus imitadores (Fp 2:1-16).

3. O ANFITRIÃO: FALSA HOSPITALIDADE (Lc 14:12-14)

Jesus sabia que o anfitrião havia convidado os presentes por dois motivos: (1) para retribuir convites anteriores; e (2) para que ficassem em dívida com ele e continuassem a convidá-lo para outros banquetes. Esse tipo de hospitalidade não é uma expressão de amor e graça, mas sim uma demonstração de orgulho e de egoísmo. Estava “comprando” o reconhecimento dos convidados.

Jesus não proíbe convites a familiares e a amigos para visitar nossa casa, mas adverte a não receber somente familiares e amigos. Esse tipo de “comunhão” acaba se degenerando e criando um “grupo de admiração mútua”, no qual cada um tenta se sobressair, e ninguém ousa romper o círculo vicioso. Infelizmente, muitas atividades sociais da igreja encaixam-se nessa descrição.

Nossa motivação para compartilhar deve ser o louvor de Deus, não o aplauso das pessoas; devemos buscar a recompensa eterna no céu, não um reconhecimento temporário aqui na Terra. Um pastor amigo meu costuma lembrar-me: “Não se recebe a recompensa duas vezes!”, e ele está certo (ver Mt 6:1-18). No dia do julgamento, muitos que hoje ocupam os primeiros lugares, aos olhos dos homens, ficarão nos últimos lugares, aos olhos de Deus, e muitos que estão em último lugar, aos olhos dos homens, ocuparão os primeiros lugares, aos olhos de Deus (Lc 13:30).

No tempo de Jesus, não era considerado apropriado convidar pessoas pobres e aleijadas para banquetes públicos. (As mulheres também não podiam participar!) Jesus, porém, ordenou que os necessitados fossem colocados no topo da lista de convidados, pois não têm como retribuir. Se o coração estiver em ordem diante de Deus, o Senhor providenciará para que a pessoa seja devidamente recompensada. No entanto, obter algo de Deus não deve, em momento algum, ser a motivação para a generosidade. Quem serve ao semelhante

com despreendimento acumula tesouros no céu (Mt 6:20) e se torna “rico para Deus” (Lc 12:21).

Em nosso mundo moderno competitivo, é fácil o povo de Deus preocupar-se cada vez mais com lucros e prejuízos e menos com sacrifício e serviço. “O que ganho com isso?” pode facilmente se tornar a pergunta mais importante da vida (Mt 19:27ss). É preciso esforço para manter a atitude de despreendimento que Jesus Cristo demonstrou e para compartilhar com outros o que temos.

4. OS JUDEUS: FALSA SEGURANÇA (Lc 14:15-24)

Quando Jesus mencionou a “ressurreição dos justos”, um dos convidados empolgou-se e exclamou: “Bem-aventurado aquele que comer pão no reino de Deus!” O povo judeu imaginava o reino vindouro como um grande banquete, tendo Abraão, Isaque, Jacó e os profetas como convidados de honra (Lc 13:28; ver Is 25:6). Esse convidado anônimo estava certo de que, um dia, estaria presente no “banquete do reino” com eles! Jesus respondeu contando-lhe uma parábola que revelou as tristes conseqüências dessa falsa segurança.

No tempo de Jesus, quando alguém era convidado para jantar, avisava-se o dia, porém não a hora exata da refeição. O anfitrião precisava saber quantos convidados compareceriam, a fim de abater o número certo de animais e de preparar comida suficiente. Pouco antes de o banquete começar, o anfitrião enviava os servos à casa de cada um dos convidados para avisar que estava tudo pronto e que era hora de ir (ver Et 5:8; 6:14). Em outras palavras, cada um dos convidados dessa parábola já havia confirmado sua presença no banquete. O anfitrião esperava que comparecessem.

Porém, em vez de se apressarem para a festa, todos os convidados insultaram o anfitrião recusando-se a comparecer e apresentando desculpas esfarrapadas para sua mudança de planos.

O primeiro convidado desculpou-se dizendo que precisava ver um pedaço de terra que havia comprado. No Oriente, a compra

de uma propriedade era, com freqüência, um processo longo e complicado, de modo que aquele homem provavelmente teve várias oportunidades de avaliar o terreno que estava comprando. Qualquer um que compra uma propriedade sem nunca tê-la visto está, sem dúvida alguma, correndo um grande risco. Uma vez que a maioria dos banquetes era realizada à noite, o homem teria apenas poucos momentos de claridade, insuficientes até para uma vistoria superficial.

O segundo homem havia comprado dez bois e estava ansioso para experimentá-los. Mais uma vez, quem compraria tantos animais sem sequer avaliá-los antes? Não são muitos os consumidores em nosso mundo moderno que iriam adquirir um carro usado sem fazer um *test drive*. Além disso, como esse homem pretendia experimentar os bois no final da tarde? Sua declaração "vou experimentá-los!" dá a entender que estava a caminho de seu sítio quando o servo veio dar o último aviso para o jantar.

O terceiro convidado não tinha qualquer desculpa. Uma vez que envolviam preparativos elaborados, os casamentos judaicos não eram um compromisso de última hora, de modo que esse homem sabia há muito tempo que se casaria. Assim sendo, deveria ter recusado logo de início o convite para o banquete. Tendo em vista que apenas os homens eram convidados para tais ocasiões, o anfitrião não esperava mesmo que a esposa desse sujeito comparecesse. Um homem recém-casado recebia uma licença militar (Dt 24:5), mas não era liberado de compromissos sociais.

Claro que todas essas explicações eram apenas desculpas. Creio que foi Billy Sunday quem definiu uma desculpa como "um invólucro de motivos recheado de mentiras". Quem sabe inventar desculpas normalmente não sabe fazer muitas coisas mais. Esses três convidados, na verdade, esperavam receber outro convite, *mas no final das contas, isso não aconteceu.*

Uma vez que havia preparado um banquete para muitos convidados, o anfitrião não desejava desperdiçar toda aquela comida. Assim, mandou o servo reunir outro

grupo e levá-o ao salão de banquetes. Que tipo de gente ficaria nas ruas e becos da cidade ou por caminhos e atalhos? Os párias da sociedade: os vagabundos, os sem-teto, os indesejáveis, *o tipo de pessoa que Jesus veio salvar* (Lc 15:1, 2; 19:10). Talvez houvesse até alguns gentios no meio dessa gente!

O único motivo que poderiam ter para não aceitar o convite era o fato de não estarem preparados para um jantar tão sofisticado. Portanto, o servo convenceu-os a comparecer (ver 2 Co 5:20). Ninguém tinha desculpas. Os pobres não tinham como ir comprar bois; os cegos não tinham condições de examinar uma propriedade; e os miseráveis, coxos e cegos dificilmente se casavam. Seria um grupo de solitários e famintos felizes por "filar uma bóia".

O anfitrião não só chamou outros para tomar o lugar dos convidados como também *fechou as portas para que os primeiros convidados não pudessem entrar, caso mudassem de idéia* (ver Lc 13:22-30). A verdade é que o anfitrião estava irado. Dificilmente imaginamos Deus expressando sua ira justa contra os que rejeitam seus convites amáveis, mas versículos como Isaías 55:6 e Provérbios 1:24-33 advertem com severidade a não tratar com descaso os convites de Deus.

Essa parábola tem uma mensagem especial para os judeus presunçosos, tão certos de que "[comeriam] pão no reino de Deus". Em poucos anos, o evangelho seria rejeitado pelos líderes religiosos oficiais, e a mensagem de boas-novas seria levada aos samaritanos (At 8) e aos gentios (At 10; 13ss).

Porém, a mensagem dessa parábola também se aplica a todos os pecadores hoje. Deus ainda diz: "Vinde, porque tudo já está preparado". Não é mais preciso fazer coisa alguma para ter a alma salva, pois Jesus Cristo consumou a obra de redenção quando morreu na cruz e ressuscitou. O banquete está na mesa, o convite é gratuito, e somos todos convidados.

Hoje em dia, é cometido o mesmo erro que o dos convidados da parábola: protelar para atender ao convite, *contentando-se com menos*. Claro que não há nada de errado em ter uma propriedade, em examinar algo

que compramos ou em passar tempo com a esposa. Mas se essas coisas *boas* servem de empecilho para participarmos de coisas *melhores*, então se tornam coisas *ruins*. Aos olhos de seus amigos, as pessoas que inventaram desculpas eram bem-sucedidas, mas aos olhos de Jesus Cristo, eram fracassadas.

A vida cristã não é um funeral, mas sim um banquete, e estamos todos convidados. Cada um deve sair pelo mundo e proclamar a mensagem: "Vinde, porque tudo já está preparado!" Deus quer ver sua casa cheia, e "ainda há lugar". Ele deseja que vamos para casa (Mc 5:19), que passemos por ruas e becos (Lc 14:21), por caminhos e atalhos (Lc 14:23), e por todo o mundo (Mc 16:15) com o evangelho de Jesus Cristo.

Foi sobre essa parábola que D. L. Moody escreveu seu último sermão, chamado "Desculpas". Ele o pregou no dia 23 de novembro de 1899, em Kansas City, quando já estava bastante enfermo. "Preciso alcançar almas em Kansas City", disse aos alunos de sua escola em Chicago. "Nunca senti um desejo tão ardente de levar homens e mulheres a Cristo como agora!"

Com o coração disparado e apoiando-se em um órgão para não cair, Moody pregou o evangelho com grande coragem, e cerca de cinquenta pessoas entregaram a vida a Jesus naquela ocasião. No dia seguinte, Moody voltou para casa, onde veio a falecer um mês depois. Até o último instante, Moody estava "compelindo as pessoas a entrar".

5. AS MULTIDÕES: FALSAS EXPECTATIVAS (Lc 14:25-35)

Quando Jesus saiu da casa do fariseu, foi seguido por grandes multidões, mas não se impressionou com seu entusiasmo. Sabia que a maioria não estava nem um pouco interessada em coisas espirituais. Uns queriam apenas ver milagres, outros ficaram sabendo que Jesus alimentava os famintos, alguns esperavam que ele depusesse o governo romano e estabelecesse o reino prometido de Davi. Suas expectativas estavam erradas.

Jesus voltou-se para toda aquela gente e pregou um sermão com o objetivo delibera-

do de "peneirar" esses seguidores. Deixou claro que, em se tratando de discipulado pessoal, estava mais interessado em *qualidade* do que em *quantidade*. Em se tratando de salvar almas perdidas, deseja que sua casa fique cheia (Lc 14:23); mas no que se refere a discipulado pessoal, quer apenas os que estão dispostos a pagar o preço.

"Discípulo" é um aprendiz, alguém que acompanha o mestre a fim de aprender um ofício ou uma disciplina. Talvez o equivalente atual mais próximo seja o "estagiário", que aprende observando e fazendo. O termo *discípulo* era a designação mais comum para os seguidores de Jesus Cristo e é usado 257 vezes nos Evangelhos e no Livro de Atos.

Jesus parece fazer uma distinção entre salvação e discipulado. A salvação é oferecida a todos os que desejem aceitá-la pela fé, enquanto o discipulado é reservado a cristãos dispostos a pagar um preço. Salvação significa ir até a cruz e crer em Jesus Cristo, enquanto discipulado significa tomar a cruz e seguir a Jesus Cristo. Jesus deseja salvar o maior número possível de pecadores ("para que fique cheia a minha casa"), mas adverte sobre a necessidade de levar o discipulado a sério e, nessas três parábolas, deixa claro que há um preço a ser pago.

Em primeiro lugar, devemos amar a Cristo acima de todas as coisas, mais até do que a nossos familiares (Lc 14:26, 27). O termo *odiar* não significa antagonismo verdadeiro, mas sim "amar menos" (ver Gn 20:30, 31; Ml 1:2, 3; Mt 10:37). Nosso amor por Cristo deve ser tão intenso que, comparadas a ele, todas as outras afeições pareçam ódio. Na verdade, devemos odiar a própria vida e estar dispostos a carregar a cruz e segui-lo.

O que significa "carregar a cruz"? Significa identificar-se diariamente com Cristo na vergonha, no sofrimento e na entrega à vontade de Deus. Significa morrer para si mesmo, para os próprios planos e ambições e estar disposto a lhe servir conforme sua direção (Jo 12:23-28). A "cruz" é algo aceito espontaneamente como parte da vontade de Deus para a vida de cada um. O cristão que afirmou que seus vizinhos barulhentos são a "cruz" que deve carregar com certeza

não entendeu o significado de morrer para si mesmo.

Jesus apresenta três parábolas para explicar por que exige tanto de seus seguidores. Fala de um homem construindo uma torre, de um rei lutando numa guerra e do sal que perdeu o sabor. Costuma-se interpretar que o construtor da torre e o rei na guerra são os cristãos. Cada um deve "calcular o preço" antes de começar, a fim de não se propor a fazer algo que não seja capaz de terminar. Mas concordo com Campbell Morgan, que interpreta o construtor e o rei não como os cristãos, mas sim como Jesus Cristo. *Foi Jesus quem "calculou o preço", a fim de garantir que tivéssemos o tipo de material adequado para edificar a Igreja e para lutar contra o inimigo.* Não é possível fazer isso com seguidores titubeantes, que se recusam a pagar o preço.

Enquanto escrevo este capítulo, vejo nas prateleiras de minha biblioteca centenas de biografias e de autobiografias cristãs, histórias de homens e de mulheres piedosos, que contribuíram grandemente para a edificação da Igreja e para a luta contra o inimigo. Essas pessoas dispuseram-se a pagar o preço e foram abençoadas e usadas por Deus. Tiveram "sal" em seu caráter.

Jesus já dissera a seus discípulos que deveriam ser o "sal da terra" (Mt 5:13). Quando o pecador aceita Jesus Cristo como Salvador, ocorre um milagre, e o "barro" é transformado em "sal". O sal era um bem precioso naquele tempo; tanto que parte do soldo dos militares era pago em sal (daí o termo "salário").

O sal é um conservante, e o povo de Deus contribui para refrear o mal e a corrupção no mundo. O sal também é purificador, agindo como anti-séptico. Pode arder quando toca uma ferida, mas ajuda a combater a infecção. O sal dá sabor aos alimentos e, mais importante ainda, faz as pessoas ficarem com sede. Por meio de nosso caráter e

conduta, devemos fazer os outros terem sede de Cristo e da salvação que somente ele pode dar.

O sal moderno é puro e não perde o sabor, mas no tempo de Jesus, o sal era impuro e podia perder o sabor, especialmente quando entrava em contato com a terra. Uma vez perdida a salinidade, não havia como recuperá-la, e o sal era jogado no meio da rua. Quando um discípulo perde seu caráter cristão, torna-se imprestável e envergonha o nome de Cristo.

O discipulado é algo extremamente sério. Sem verdadeiros discípulos, Jesus não poderá construir a torre nem lutar na guerra. Como escreveu Oswald Chambers: "Há sempre um se ligado ao discipulado, deixando implícito que não é preciso ser discípulo, a menos que o indivíduo assim deseje. Em momento algum se vê coerção; Jesus não obriga pessoa alguma a segui-lo. Há somente uma forma de ser um discípulo: consagrar-se a Jesus".

Se você disser a Jesus que deseja tomar a cruz e segui-lo como seu discípulo, ele vai querer ter certeza de que você sabe onde pisa. Cristo não quer falsas expectativas, ilusões nem barganhas. Ele deseja usar as vidas como pedras para edificar sua Igreja, como soldados para combater seus inimigos e como sal para melhorar o mundo: e *está em busca de qualidade.*

Afinal, quando proferiu essas palavras, Jesus estava a caminho de Jerusalém, e veja o que aconteceu com ele quando chegou lá! Não quer que façamos por ele coisa alguma que ele mesmo já não tenha feito por nós.

Para alguns, Jesus diz: "Não podeis ser meus discípulos". Tais pessoas não estão dispostas a deixar tudo por ele, a suportar vergonha e opróbrio por amor a ele e a se deixar controlar pelo amor dele. Pior para elas. Você está disposto a ser discípulo de Jesus?

AS ALEGRIAS DA SALVAÇÃO

LUCAS 15

Na Escola Bíblica Dominical dirigida por D. L. Moody em Chicago, havia um menino que caminhava vários quilômetros para participar das aulas, e alguém lhe perguntou: “Por que não frequenta uma Escola Bíblica Dominical mais próxima de sua casa?”

A resposta do menino talvez tenha sido a mesma dada por publicanos e pecadores no tempo de Jesus: “Porque na escola aonde vou amam a gente”.

É bastante sugestivo que Jesus *atraía* pecadores, enquanto os fariseus os *repeliam* (o que isso revela sobre as igrejas de hoje?). Os pecadores procuravam Jesus não porque fazia o que queriam ou porque dizia o que gostavam de ouvir, mas porque cuidava deles. Entendia suas necessidades e procurava ajudá-los, enquanto os fariseus os criticavam e se mantinham distantes (ver Lc 18:9-14). Os fariseus tinham conhecimento da Lei do Antigo Testamento e desejo de manter pureza pessoal, no entanto, não tinham amor pelas almas perdidas.

A mensagem deste capítulo pode ser resumida em três palavras: *perdido*, *encontrado* e *alegria*. Jesus usou essas parábolas para refutar as acusações de escribas e fariseus escandalizados com seu comportamento. Já era problemático Jesus *receber de braços abertos* esses marginalizados e ensiná-los, mas chegava ao cúmulo de *comer com eles!* Os líderes religiosos judeus não haviam entendido que o “Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido” (Lc 19:10). Mais do que isso, não conseguiam enxergar que *eles próprios estavam entre os perdidos*.

Este capítulo deixa claro que existe uma mensagem de salvação: Deus acolhe e perdoa os pecadores arrependidos. Porém, essas parábolas também revelam que a *salvação apresenta dois aspectos*. Uma parte diz respeito a *Deus*: o pastor procura a ovelha, a mulher procura a moeda. A outra parte, porém, diz respeito ao *ser humano*, pois o filho desobediente arrependeu-se por sua própria vontade e voltou. A ênfase sobre apenas um desses aspectos resulta em um conceito distorcido de salvação, pois tanto a soberania divina quanto a responsabilidade humana devem ser levadas em consideração (ver Jo 6:37; 2 Ts 2:13, 14).

Uma vez que um dos temas principais deste capítulo é a alegria, veja três tipos de alegria que fazem parte da salvação. Nas palavras de C. S. Lewis: “No céu, alegria é assunto sério”, e você e eu vamos participar dessa alegria.

1. A ALEGRIA DE ENCONTRAR (Lc 15:1-10)

A história da ovelha perdida tocava o coração de homens e de meninos da multidão, enquanto as mulheres e as meninas se interessariam pela história da moeda perdida do colar de casamento. Jesus procurou alcançar o coração de todos.

A ovelha perdida (vv. 3-7). A ovelha perdeu-se por sua falta de senso de direção. Esses animias têm a tendência de se desencaminhar, por isso precisam de um pastor (Is 53:6; 1 Pe 2:25). Para os escribas e fariseus, era fácil ver os publicanos e pecadores como “ovelhas perdidas”, mas não aplicavam essa imagem a si mesmos! No entanto, o profeta deixou claro que todos pecaram e estão perdidos, e isso inclui os religiosos.

Cada uma das ovelhas era responsabilidade do pastor; se uma desaparecia e o pastor não era capaz de provar que ela havia sido morta por um predador, precisava pagar por ela (ver Gn 31:38, 39; Êx 22:10-13; Am 3:12). Isso explica por que deixaria o rebanho com outros pastores, sairia em busca do animal perdido e se alegraria ao encontrá-lo. Não encontrar a ovelha perdida

pesaria no bolso dele e lhe daria a vergonhosa reputação de pastor descuidado.

O fato de deixar as noventa e nove ovelhas não implicava que o pastor não se importasse com elas. Essas noventa e nove estavam em segurança, enquanto a ovelha perdida corria perigo. O fato de o pastor sair à procura de *uma* ovelha é prova de que cada um dos animais era importante para ele. Jesus não sugeriu, aqui, que os escribas e fariseus não precisavam da salvação, pois certamente não era o caso. Se atribuirmos um significado específico a cada parte da parábola, ela se torna uma alegoria, e distorcemos sua mensagem.

Quando um pecador se entrega ao Salvador, sua alegria é quadruplicada. Apesar de a história não dizer coisa alguma a respeito de como a ovelha se sentiu, certamente o coração da *pessoa encontrada* enche-se de alegria. Tanto as Escrituras (At 3:8; 8:39) quanto nossa experiência pessoal comprovam a alegria da salvação.

Mas há também a alegria de quem encontra o perdido. Sempre que ajudamos a conduzir uma alma perdida a Cristo, experimentamos maravilhosa alegria interior. Outros se alegram conosco, quando compartilhamos a boa notícia de que a família de Deus tem mais um filho. Além disso, há alegria no céu (Lc 15:7, 10). Os anjos sabem melhor do que nós que somos salvos de algo para algo e se alegram conosco.

A moeda perdida (vv. 8-10). A ovelha perdeu-se por não ter senso de direção, mas a moeda foi perdida por causa do descuido de alguém. É extremamente triste pensar que algum descuido em casa pode resultar na perda de uma alma.

Quando uma menina judia se casava, começava a usar na cabeça uma espécie de diadema com dez moedas de prata para indicar que agora era uma esposa. Era a versão judaica da aliança de casamento, e seria uma verdadeira tragédia perder uma dessas moedas. As casas na Palestina eram escuras, de modo que a mulher precisou acender uma candeia e procurar por toda a parte até achar a moeda perdida; podemos imaginar a alegria dela ao encontrá-la.

Não devemos estender excessivamente a interpretação de imagens parabólicas, mas vale a pena observar que a moeda poderia ter nela gravada a efígie de um governante (Lc 20:19-25). O pecador perdido tem em si a imagem de Deus, mesmo quando essa imagem foi desfigurada pelo pecado. Quando um pecador perdido é “encontrado”, Deus começa a restaurar essa imagem divina pelo poder do Espírito, e, um dia, o cristão será como Jesus Cristo (Rm 8:29; 2 Co 3:18; Cl 3:10; 1 Jo 3:1, 2).

Essas duas parábolas ajudam a entender o que significa estar perdido. Em primeiro lugar, quer dizer *estar fora do lugar*. As ovelhas devem ficar com o rebanho, e as moedas, presas à corrente. Os pecadores perderam a comunhão com Deus. Estar perdido também significa *estar impossibilitado de servir*. Uma ovelha perdida não é de proveito algum para o pastor, assim como não se pode comprar coisa alguma com uma moeda perdida. Um pecador perdido não pode experimentar a plenitude enriquecedora que Deus tem para ele em Jesus Cristo.

Mas invertendo tudo isso, ser “encontrado” (salvo) significa estar de volta ao lugar certo (reconciliado com Deus), ter a possibilidade de servir (a vida tem um propósito) e fora de perigo. Não é de se admirar que o pastor e a mulher alegraram-se e convidaram os amigos para compartilhar essa alegria!

Hoje em dia, é fácil ler essas duas parábolas sem dar muita atenção a sua mensagem, mas quem as ouve pela primeira vez deve ficar surpreendido. *Jesus estava dizendo que Deus procura os pecadores perdidos!* Não é de se admirar que os escribas e fariseus tivessem ficado ofendidos, pois em sua teologia legalista não havia lugar para um Deus desse tipo. Haviam esquecido que Deus procurou Adão e Eva quando pecaram e se esconderam dele (Gn 3:8, 9). Apesar de seu suposto conhecimento das Escrituras, os escribas e fariseus se esqueceram que Deus é como um Pai que se compadece de seus filhos rebeldes (Sl 103:8-14).

Poucas alegrias comparam-se à de encontrar os perdidos e levá-los ao Salvador. Como disse John Wesley: “A igreja não tem

outra coisa a fazer senão salvar almas. Portanto, dediquem-se e sejam consumidos por essa obra”.

2. A ALEGRIA DE VOLTAR (Lc 15:11-24)

Chamamos essa história de “Parábola do Filho Pródigo” (*pródigo* quer dizer “esbanjador”), mas poderia ser chamada também de “A Parábola do Pai Amoroso”, pois sua maior ênfase não é sobre a pecaminosidade do filho, e sim sobre a benevolência do pai. Ao contrário do pastor e da mulher nas parábolas anteriores, o pai não saiu à procura do filho, mas foi a lembrança da bondade do pai que levou o rapaz ao arrependimento e ao perdão (ver Rm 2:4). A história apresenta três experiências do rapaz.

Rebelião – ele foi para uma terra distante (vv. 11-16). De acordo com a lei judaica, a parte da herança do filho mais velho correspondia ao dobro da parte dos outros filhos (Dt 21:17), e, se o pai assim o desejasse, poderia distribuir a riqueza ainda em vida. O filho mais novo agiu dentro da lei quando pediu sua parte dos bens e mesmo quando os vendeu, mas certamente não foi um gesto amoroso de sua parte. Foi como dizer ao pai: “Gostaria que estivesse morto!”. Thomas Huxley disse: “As piores dificuldades de um indivíduo começam quando ele tem a possibilidade de fazer o que bem entende”. Que grande verdade!

Sempre que damos mais valor a coisas do que a pessoas, mais importância ao prazer do que ao dever e nos interessamos mais pelas paisagens distantes do que pelas bênçãos em nosso próprio lar, estamos procurando problemas. Certa vez, Jesus advertiu dois irmãos em conflito: “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza” (Lc 12:15). Isso porque, por mais coisas que possa obter, o avarento nunca fica satisfeito, e um coração insatisfeito leva a uma vida de decepção. O filho pródigo aprendeu do jeito difícil que é impossível desfrutar as coisas que o dinheiro pode comprar ao ignorar as coisas que o dinheiro não compra.

A “terra distante” não é, necessariamente, um lugar distante para onde vamos viajar, pois ela existe, em primeiro lugar, em nosso

coração. O filho mais novo sonhava em “desfrutar” sua liberdade longe do pai e do irmão mais velho. Se a ovelha perdeu-se por falta de senso de direção e a moeda foi perdida por falta de cuidado, o filho perdeu-se por obstinação. Desejava fazer as coisas a sua maneira, por isso se rebelou contra o pai, entristecendo profundamente o coração dele.

Mas a vida na terra distante não era o que o jovem esperava. Seus recursos esgotaram-se, seus amigos o deixaram, veio a fome, e o rapaz foi obrigado a fazer por um desconhecido o que havia se recusado a fazer pelo pai: trabalhar! Essa cena dramática é a maneira de Jesus enfatizar o que o pecado faz na vida dos que rejeitam a vontade do Pai. O pecado promete liberdade, mas traz apenas escravidão (Jo 8:34); promete sucesso, mas traz fracasso; promete vida, mas “o salário do pecado é a morte” (Rm 6:23). O rapaz pensou que “se encontraria”, mas, na verdade, se perdeu! Quando Deus é deixado de fora da vida, o prazer transforma-se em escravidão.

Arrependimento – ele caiu em si (vv. 17-19). “Arrependimento” significa “mudar de idéia”, e foi exatamente isso o que o rapaz fez enquanto cuidava dos porcos (que trabalho para um rapaz judeu!). Ele “caiu em si”, o que indica que, até então, estava “fora de si”. O pecado traz consigo uma “insanidade” que parece paralisar a imagem de Deus dentro do indivíduo e liberar o instinto “animal”. Os estudiosos dos textos de Shakespeare gostam de contrastar duas citações que descrevem essa contradição na natureza humana:

“Que obra-prima, o homem! Quão nobre pela razão! Quão infinito pelas faculdades! Como é significativo e admirável nas formas e nos movimentos! Nos atos quão semelhante aos anjos! Na apreensão, como se aproxima dos deuses...”

(*Hamlet, II, ii*)

“No seu melhor estado, é pouco pior que homem; no pior, pouco melhor do que animal”.

(*O Mercador de Veneza, I, ii*)

O rapaz mudou de idéia sobre si mesmo e sobre sua situação e admitiu que era um pecador. Reconheceu que o pai era um homem generoso e que servir na casa dele era melhor do que ser “livre” naquela terra distante. É a bondade de Deus, não apenas a maldade do homem, que nos conduz ao arrependimento (Rm 2:4). Se o rapaz tivesse pensado apenas em si mesmo – na fome, na saudade e na solidão –, teria entrado em desespero. Mas suas circunstâncias difíceis o ajudaram a ver o pai sob outra ótica, e isso lhe deu esperança. Se o pai era tão bom com os servos, talvez se mostrasse disposto a perdoar um filho.

Se o rapaz tivesse parado nesse ponto, só teria sentido pesar e remorso (2 Co 7:10), mas o verdadeiro arrependimento implica não apenas a mente e as emoções, mas também a volição: “Levantar-me-ei [...] irei [...] lhe direi [...]”. Nossas decisões podem ser nobres, mas a menos que as coloquemos em prática, jamais trarão qualquer benefício permanente. Se o arrependimento é, verdadeiramente, obra de Deus (At 11:18), o pecador obedecerá a Deus, crerá em Jesus Cristo e será salvo (At 20:21).

Regozijo – ele foi até o pai (vv. 20-24). Nessa passagem, Jesus responde às acusações dos escribas e fariseus (Lc 15:2), pois o pai não apenas correu para receber o filho, mas também honrou sua volta, preparando um grande banquete e convidando o povo de sua vila a participar. O pai nem deixou que o filho mais novo terminasse sua confissão; interrompeu-o, perdoou-o e mandou que começasse a comemoração!

É claro que esse pai humano ilustra a atitude do Pai celeste para com os pecadores que se arrependem: ele é rico em misericórdia e graça e grande em amor por eles (Ef 2:1-10). Tudo isso é possível por causa do sacrifício de seu Filho na cruz. Não importa o que alguns pregadores (e cantores) dizem, não somos salvos pelo amor de Deus; Deus ama o mundo todo e, no entanto, nem todo mundo é salvo. Somos salvos pela graça de Deus, e a graça é o amor que paga um preço.

No Oriente, não era apropriado a um homem de idade correr, mas o pai correu

ao encontro do filho. Um dos motivos óbvios para isso era seu amor por ele e seu desejo de lhe mostrar esse amor. Mas há outra questão envolvida. O filho desobediente havia envergonhado a família e a vila, e, de acordo com Deuteronômio 21:18-21, deveria ter sido morto por apedrejamento. *Se os vizinhos tivessem começado a apedrejá-lo, teriam acertado o pai que o abraçava!* Que imagem maravilhosa do que Jesus fez por nós na cruz!

O filho descobriu no próprio lar tudo o que havia esperado encontrar na terra distante: roupas, jóias, amigos, uma comemoração alegre, amor e segurança para o futuro. O que fez a diferença? Em lugar de dizer: “Pai, dá-me”, ele disse, “Pai, trata-me [...] como um de teus trabalhadores”. Estava disposto a ser um servo! É claro que o pai não pediu que trabalhasse para merecer seu perdão, pois não há boas obras suficientes para salvar dos pecados (Ef 2:8-10; Tt 3:3-7). Na terra distante, o filho pródigo aprendeu o significado da miséria; mas, de volta ao lar, descobriu o significado da misericórdia.

O anel era um sinal de filiação, e “a melhor roupa” (sem dúvida, do pai) era prova de que o filho estava sendo aceito de volta na família (ver Gn 41:42; Is 61:10; 2 Co 5:21). Os servos não usavam anéis, sapatos nem roupas caras. O banquete foi a maneira que o pai escolheu para demonstrar sua alegria e para compartilhá-la com outros. Se o rapaz tivesse sido tratado de acordo com a lei, teria havido um funeral, não um banquete. Que bela ilustração do Salmo 103:10-14!

É interessante observar a descrição que o pai faz da experiência do filho: estava morto, mas agora está vivo; estava perdido, mas agora foi encontrado. Essa é a experiência espiritual de todo pecador que vai até o Pai pela fé em Jesus Cristo (Jo 5:24; Ef 2:1-10). Veja os paralelos entre a volta do filho pródigo para o pai e nossa volta para Deus por meio de Cristo (Jo 14:6):

<i>O filho pródigo</i>	<i>Jesus Cristo</i>
Estava perdido (v. 24)	“Eu sou o caminho”
Era ignorante (v. 17)	“Eu sou a verdade”
Estava morto (v. 24)	“Eu sou a vida”

Só há uma forma de chegarmos ao Pai: pela fé em Jesus Cristo. Você já voltou para casa?

3. A ALEGRIA DE PERDOAR (Lc 15:25-32)

A essa altura da parábola, os escribas e os fariseus estavam certos de que haviam escapado do julgamento de Jesus, pois ele voltara a atenção para os publicanos e os pecadores retratados pelo filho pródigo. Porém, Jesus prosseguiu com a história apresentando o irmão mais velho, claramente uma ilustração dos escribas e fariseus. Os publicanos e pecadores eram culpados dos pecados óbvios da carne, mas os escribas e fariseus eram culpados dos pecados do espírito (2 Co 7:1). Seus atos exteriores podiam ser irrepreensíveis, mas suas atitudes interiores eram abomináveis (ver Mt 23:25-28).

Devemos reconhecer que o irmão mais velho possuía algumas virtudes louváveis. Trabalhava arduamente e obedecia ao pai. Não envergonhou sua casa nem sua vila e, ao que parece, tinha amigos suficientes para poder planejar uma boa festa (Lc 15:29). À primeira vista, é um cidadão exemplar e, comparado com o irmão, é quase um santo.

No entanto, por mais importantes que sejam a obediência e a diligência, não são as únicas provas de caráter. Jesus ensinou que os dois maiores mandamentos são amar a Deus e amar ao próximo (Lc 10:25-28), mas o irmão mais velho quebrou esses dois mandamentos divinos. Não amou a Deus (representado na história pelo pai) nem amou ao irmão. O irmão mais velho não quis perdoar o irmão que havia desperdiçado a herança e envergonhado o nome da família. Ao mesmo tempo, também se encheu de rancor contra o pai que, em sua graça, perdoou o rapaz desses mesmos pecados!

Quando consideramos os pecados do irmão mais velho, não é difícil entender por que retrata os escribas e os fariseus. Em primeiro lugar, *considerava-se virtuoso*. Anunciou abertamente os pecados do irmão, mas não foi capaz de ver os próprios pecados (ver Lc 18:9-14). Os fariseus definiam pecado especialmente em termos de ações exteriores,

não de atitudes interiores. Não entenderam coisa alguma da mensagem do Sermão do Monte e sua ênfase sobre as atitudes interiores e a santidade do coração (Mt 5 - 7).

Outra de suas faltas era o *orgulho*. E pensar que havia servido ao pai todos aqueles anos sem *já* desobedecer à vontade dele! Mas em vez de estar fazendo seu trabalho de coração, sempre sonhava em dar uma grande festa, na qual ele e os amigos pudessem se divertir. Fazia seu trabalho por obrigação e sem interesse. Como Jonas, o irmão mais velho fazia a vontade de Deus, *mas não de coração* (Jn 4; Ef 6:6). Era um trabalhador diligente e fiel – qualidades louváveis –, mas seu trabalho não era feito com amor, de modo a agradar o pai.

Também não podemos deixar de observar certa *indiferença para com o irmão desaparecido*. Ficou sabendo pelos servos que seu irmão havia voltado! O pai esperava pelo filho mais novo todos os dias, até que, um dia, o viu à distância; o irmão mais velho só ficou sabendo da volta do irmão porque os servos lhe contaram.

Apesar de saber que isso alegraria o coração do pai, o irmão mais velho não desejava que o irmão mais novo voltasse para casa. Por que dividir seus bens com alguém que havia desperdiçado a própria herança? Por que compartilhar o amor do pai com alguém que havia envergonhado a família e a vila? Os relatos sobre o estilo de vida do filho pródigo beneficiavam a imagem do irmão mais velho e, talvez, com isso, o pai amasse seu filho obediente ainda mais. A chegada do filho mais novo era uma ameaça ao filho mais velho.

Talvez o mais perturbador sobre o irmão mais velho seja sua *indignação* intensa. Sentia-se irado com o pai e com o irmão e se recusava a entrar na casa e a participar da comemoração alegre.

A ira é uma emoção normal e não é, necessariamente, pecaminosa. “Irai-vos, e não pequeis” (Ef 4:26; citação do Sl 4:4). Moisés, Davi, os profetas e Jesus demonstraram ira santa, como também devemos fazer hoje. Como disse o pastor puritano Thomas Fuller: a ira é um dos “tendões da alma”. Aristóteles

deu um ótimo conselho quando escreveu: “Qualquer um pode irar-se. Isso é fácil. Mas ficar irado com a pessoa certa, na medida certa e da maneira certa, isso é algo difícil e não está ao alcance de todos”.

O irmão mais velho ficou irado com o pai por haver dado ao mais novo a festa que sempre havia desejado. “Nunca me deste um cabrito sequer”, disse ele ao pai, “vindo, porém, este teu filho [...] tu mandaste matar para ele o novilho cevado”. Os sonhos do irmão mais velho haviam sido despedaçados, pois o pai perdoara o pródigo.

É claro que o irmão mais velho estava indignado por seu irmão mais novo receber toda a atenção e os presentes especiais do pai. A seu ver, o mais novo *não merecia nada disso*. Havia sido fiel? Não! Havia obedecido ao pai? Não! Então por que ser tratado com tanta bondade e amor?

Os fariseus tinham uma religião baseada nas boas obras. Ao jejuar, estudar, orar e ofertar, esperavam conquistar as bênçãos de Deus e merecer a vida eterna. Sabiam pouco ou nada sobre a graça de Deus. Porém, o que os alienava de Deus não era o que faziam, mas o que deixavam de fazer (ver Mt 23:23, 24). Quando viram Jesus receber e perdoar pessoas irreligiosas, se encheram de indignação e, pior ainda, não foram capazes de ver que *eles próprios precisavam do Salvador*.

O mesmo pai que correu ao encontro do filho pródigo saiu da casa onde estava acontecendo a festa para pedir que o filho mais velho entrasse e se alegrasse com eles. Como nosso Pai é bondoso e complacente e quanta paciência tem com nossas fraquezas! O pai explicou que não teria problema em oferecer uma festa ao filho mais velho e a seus amigos, mas o lembrou de que ele nunca lhe pedira isso. Além do mais, desde a divisão dos bens, o irmão mais velho era dono de tudo, podendo ter usado como lhe aprobevesse.

O irmão mais velho recusou-se a entrar; preferiu ficar amuado do lado de fora. Perdeu a alegria de perdoar o irmão e de restaurar a comunhão rompida, a alegria de agradar o pai e de reunir a família outra vez.

É estranho notar que o irmão mais velho era capaz de conversar amigavelmente com um servo, mas não fazia o mesmo com o pai e com o irmão!

Se nossa comunhão com Deus está rompida, não conseguimos ter comunhão com nossos irmãos e irmãs. Da mesma forma, se abrigamos em nosso coração algum rancor contra outros, também não somos capazes de ter comunhão com Deus (ver Mt 5:21-26; 1 Jo 4:18-21). Devemos perdoar os que pecam quando demonstram arrependimento e, com graça e humildade, procurar restaurá-los (Mt 18:15-35; Gl 6:1-5; Ef 4:32).

O pai deu a última palavra, de modo que não se sabe como a história terminou (ver Jn 4 para uma narrativa paralela). Sabe-se, porém, que os escribas e fariseus continuaram a opor-se a Jesus e a separar-se de seus seguidores e que, por fim, seus líderes foram responsáveis pela prisão e morte de Jesus. Apesar das súplicas do Pai, recusaram-se a entrar.

Neste capítulo, todos se alegraram, exceto o irmão mais velho. O pastor, a mulher e seus amigos alegraram-se ao encontrar algo. O filho mais novo alegrou-se ao voltar e ser recebido por um pai amoroso e bondoso. O pai alegrou-se ao receber o filho de volta em segurança. Mas o irmão mais velho não quis perdoar o irmão, de modo que não sentiu alegria alguma. Poderia ter se arrependido e participado da festa, mas se recusou e, assim, ficou do lado de fora, sofrendo.

Ao longo de meu ministério pastoral, tenho encontrado irmãos (e irmãs!) mais velhos que preferem alimentar sua indignação a desfrutar a comunhão com Deus e com seu povo. Uma vez que não estão dispostos a perdoar, afastam-se da igreja e até da família; têm certeza de que só eles estão certos e o mundo todo está errado. Podem falar em alta voz sobre os pecados de outros, mas não conseguem enxergar os próprios pecados.

“Eu nunca perdôo!”, disse o general Oglethorpe a John Wesley, o qual, por sua vez, respondeu: “Então, senhor, espero que nunca peques”.

Não fique de fora! Venha participar da festa!

OS DOIS LADOS DA RIQUEZA

LUCAS 16

O *Wall Street Journal* citou o seguinte comentário espiritual, anônimo, definindo o *dinheiro* como: “um artigo que pode ser usado como passaporte universal para todos os lugares, exceto para o céu, provedor universal de todas as coisas, exceto a felicidade”. O autor poderia ter acrescentado, ainda, que o dinheiro é o provedor universal da avarizia e da competição, além de um servo maravilhoso, porém um senhor cruel. O amor ao dinheiro ainda é a “raiz de todos os males” (1 Tm 6:10) e contribui para encher o mundo de corrupção e de concupiscência (1 Pe 1:4).

Ao ler os sermões e as parábolas de Cristo, uma das coisas que chamam a atenção é o fato de Jesus tratar, com freqüência, da questão das riquezas materiais. Ministrou a pessoas que, em sua maioria, eram pobres e que acreditavam que adquirir mais riqueza era a solução para todos os problemas. Jesus não ignorava as necessidades dos pobres e, por exemplo e ensinamentos, incentivou seus seguidores a compartilhar seus bens com os semelhantes. A Igreja primitiva era uma irmandade que compartilhava alegremente seus bens com os mais necessitados (At 2:44-47; 4:33-37).

Em seu retrato do filho pródigo e do irmão mais velho, Jesus descreveu duas filosofias opostas de vida. Antes do arrependimento, o filho pródigo *desperdiçou* a vida, enquanto o irmão mais velho apenas *gastou* sua vida trabalhando fielmente, porém sem alegria. Trata-se de duas atitudes incorretas, pois, como cristãos, devemos *investir* a vida para o bem de outros e para a glória de Deus. O

devemos viver como despenseiros e usar fielmente as oportunidades recebidas de Deus. Um dia, prestaremos contas ao Senhor daquilo que fizemos com tudo o que ele nos deu, de modo que convém dar ouvidos ao que Jesus diz neste capítulo sobre os dois lados da riqueza.

Nenhum dos dois relatos deste capítulo é definido como parábola por Jesus ou por Lucas, sendo provável, portanto, que Jesus estivesse descrevendo acontecimentos reais. Quer as narrações sejam factuais quer apenas parábolas, os valores espirituais são os mesmos.

1. O DIREITO DE USAR A RIQUEZA (Lc 16:1-13)

Um mordomo insensato (vv. 1, 2). Um mordomo ou despenseiro é uma pessoa que administra os bens de outra pessoa. Ele próprio não possui esses bens, mas tem o privilégio de desfrutá-los e de usá-los de modo a beneficiar seu senhor. O mais importante para o mordomo é servir ao senhor fielmente (1 Co 4:2). Ao ver as riquezas a seu redor, o mordomo deve lembrar que pertencem ao senhor e que não são propriedade particular dele, de modo que devem ser usadas de maneira a agradar e beneficiar o senhor.

O mordomo desta história *esqueceu* isso e começou a agir como se fosse o proprietário. Tornou-se um “mordomo pródigo”, que esbanjava os bens do senhor. Quando o senhor ficou sabendo dessa situação, pediu, no mesmo instante, um inventário de seus bens e uma auditoria dos livros de registro e despediu o mordomo.

Antes de julgar esse homem com severidade, devemos examinar nossa vida e determinar nossa fidelidade como mordomos do que Deus nos dá. Em primeiro lugar, somos mordomos das *riquezas materiais* que temos, quer sejam muitas quer poucas; um dia, teremos de prestar contas diante de Deus do modo de adquiri-las e de usá-las.

A mordomia cristã vai além do pagamento do dízimo de nossa renda, ficando o restante para ser usado como nos parecer

agradecer a Deus por *tudo* o que temos (Dt 8:11-18) e usar *tudo* conforme sua orientação. Devolver 10% de nossa renda a Deus é uma boa forma de começar a exercitar a mordomia fiel, mas precisamos lembrar que Deus também deve controlar o que fazemos com os outros 90%.

Também somos mordomos de nosso tempo (Ef 5:15-17). A expressão "remir o tempo" é um termo comercial, que significa "adquirir oportunidades". O tempo é a eternidade, transformada em pequenas porções de minutos preciosos e confiada a nós. Pode ser usada com sabedoria ou com negligência. A principal lição dessa narrativa é que o mordomo, por mais desonesto que tenha sido, usou a oportunidade com sabedoria e se preparou para o futuro. Para ele, a vida deixou de ser "divertimento" e se tornou um "investimento".

Como cristãos, também somos mordomos das *habilidades* e *dos dons* que Deus nos deu (1 Pe 4:10), e devemos usá-los para servir aos semelhantes. O ladrão diz: "o que é seu é meu, dê-me cá!" O egoísta diz: "o que é meu, é meu, fico com tudo!", mas o cristão deve dizer: "o que é meu é uma dádiva de Deus, vou compartilhá-la!". Somos mordomos e devemos usar nossas habilidades para ganhar os perdidos, encorajar outros cristãos e suprir as necessidades dos aflitos.

Por fim, o povo de Deus é mordomo do evangelho (1 Ts 2:4). Deus confiou-nos o tesouro de sua verdade (2 Co 4:7), e é preciso guardar esse tesouro (1 Tm 6:20) e investi-lo na vida de outros (2 Tm 2:2). O inimigo deseja roubar esse tesouro da igreja (Jd 3, 4), que, portanto, precisa manter-se vigilante e ter coragem.

Assim como o mordomo da história, um dia teremos de prestar contas da forma de administrar nossos bens (Rm 14:10-12; 2 Co 5:10). Quem tiver sido fiel receberá elogios e recompensas do Senhor (Mt 25:21; 1 Co 4:5); mas quem tiver sido infiel será salvo e entrará no céu, mas perderá as bênçãos (1 Co 3:13-15).

Vance Havner costumava dizer: "Deus nos chamou para participar do jogo, não para cuidar do placar". Quem for mordomo

fiel, receberá generosa recompensa de Deus, essa recompensa glorificará seu nome.

Um mordomo sábio (vv. 3-8). O mordomo sabia que seria mandado embora. Não tinha meios de mudar o passado, mas podia preparar-se para o futuro. Como? Fazendo amizade com os devedores de seu senhor para que o acolhessem quando o patrão o demitisse. Ofereceu a cada um deles um desconto generoso, desde que pagassem imediatamente, e todos ficaram mais do que satisfeitos em cooperar. Até mesmo o senhor elogiou o mordomo por seu plano astuto (Lc 16:8).

Jesus não elogiou o mordomo por roubar de seu senhor nem por incentivar outros a serem desonestos. *Jesus o elogiou por usar a oportunidade com sabedoria.* Os "filhos do mundo" são especialistas em aproveitar ao máximo as oportunidades de ganhar dinheiro, fazer amigos e levar alguma vantagem. O povo de Deus deve ficar atento e ser igualmente sábio ao administrar as questões espirituais da vida. Os "filhos do mundo" são mais sábios somente no que diz respeito a "sua própria geração"; vêem as coisas do dia de hoje, mas não as coisas da eternidade. Uma vez que os filhos de Deus vivem com os olhos voltados para o que é eterno, devem ser capazes de aproveitar mais ainda as oportunidades.

A aplicação (vv. 9-13). Jesus fez três admoestações com base na experiência do mordomo.

Em primeiro lugar, a *usar as oportunidades com sabedoria* (Lc 16:9). Um dia desses, a vida chegará ao fim, e não será mais possível ganhar nem gastar dinheiro. Assim, enquanto há oportunidade, deve-se investir o dinheiro em "fazer amigos" para o Senhor. Isso quer dizer ganhar para Cristo pessoas que, um dia, nos receberão de braços abertos no céu. Mais cedo ou mais tarde, a vida e os recursos chegarão ao fim, de modo que convém usá-los com sabedoria.

É triste ver como a riqueza de Deus está sendo desperdiçada por cristãos que vivem como se Jesus jamais tivesse morrido e como se o julgamento jamais fosse chegar. Um antigo ditado expressa bem essa verdade:

A única diferença entre meninos e homens é que os homens compram brinquedos mais caros.

A herança do passado deve ser usada com sabedoria no presente, a fim de garantir dividendos espirituais no futuro. Todos devemos ter o desejo de chegar ao céu e de encontrar pessoas que creram em Cristo porque investimos na pregação do evangelho ao redor do mundo, começando em casa. Henry David Thoreau escreveu, muito apropriadamente, que um homem é rico na proporção do número de coisas sem as quais é capaz de viver. Certa vez, ouvi Jacob Stam orar: "Senhor, a única coisa que sei sobre sacrifícios é como escrever essa palavra". Pergunto-me se, hoje, sequer sabemos escrever essa palavra!

A segunda admoestação de Jesus foi: *sejam fiéis na maneira de usar as riquezas materiais* (Lc 16:10-12). Ele deixa claro que é impossível separar o "espiritual" do "material". Observe os contrastes:

<i>O material</i>	<i>O espiritual</i>
a avareza	o Deus verdadeiro
(deus Mamom)	
o pouco	o muito
riquezas de origem injusta	verdadeiras riquezas
riquezas alheias	nossas riquezas

Por que Jesus preocupou-se com a maneira de usar o dinheiro? Porque o dinheiro não é um elemento neutro; é essencialmente nocivo, e somente Deus pode santificá-lo e usá-lo para o bem. É bastante significativo que tanto Paulo quanto Pedro tenham chamado o dinheiro de "sórdida ganância" (1 Tm 3:3, 8; Tt 1:7, 11; 1 Pe 5:2). Ao que parece, por sua própria natureza, o dinheiro contamina e corrompe todos os que o amam e deixam que ele controle sua vida. De acordo com Richard Foster, em seu livro *Dinheiro, sexo & poder* (Mundo Cristão, 2005, p. 68): "Não podemos usar Mamom com segurança até estar absolutamente certos de que lidamos não apenas com dinheiro, mas com o Mamom da iniquidade".

Os infiéis no uso do dinheiro também se mostram infiéis no uso das "verdadeiras riquezas" do reino de Deus. Não é possível ser ortodoxos na teologia e, ao mesmo tempo, heréticos no uso dos recursos financeiros. Deus não confia suas verdadeiras riquezas a obreiros ou a ministérios que desperdiçam dinheiro e que se recusam a oferecer uma prestação de contas honesta a quem os sustenta. Em se tratando de dinheiro, Paulo teve o maior cuidado para que tudo fosse honesto "não só perante o Senhor, como também diante dos homens" (2 Co 8:21).

Por fim, Jesus admoestou-nos a ser *inteiramente dedicados ao Senhor e firmes em nossos propósitos* (Lc 16:13; ver também Mt 6:19-24). Não se pode amar nem servir a dois senhores, assim como não é possível caminhar em duas direções ao mesmo tempo. Quem escolhe servir ao dinheiro, não pode servir a Deus. Quem escolhe servir a Deus, não servirá ao dinheiro. Jesus exige *integridade*, a dedicação total a Deus que o coloca acima de todas as coisas (Mt 6:33).

Se Deus é nosso Senhor, o dinheiro será nosso servo, e usaremos os recursos segundo a vontade de Deus. Mas se Deus não é nosso Senhor, *nos tornaremos servos do dinheiro*, e o dinheiro é um senhor cruel! Haverá *desperdício* da vida em vez de *investimento* da vida, e, um dia, ao atravessar as portas do céu, nos veremos sem amigos.

Nas palavras de Henry Fielding: "Se fizer do dinheiro seu deus, ele o perturbará como o diabo!" Jesus disse: "Faça do dinheiro seu servo e use as oportunidades de hoje como investimentos visando os dividendos de amanhã." Seja um mordomo sábio! Há almas a ganhar para o Salvador, e o dinheiro pode ajudar a realizar essa obra.

2. O USO INDEVIDO DO DINHEIRO (Lc 16:14-31)

Jesus falou principalmente aos discípulos, mas os fariseus também ouviam o que dizia, e sua reação inicial foi tudo menos espiritual. Eles o ridicularizaram (o termo grego usado aqui significa "empinar o nariz"). Apesar de suas práticas religiosas rígidas, amavam o

dinheiro e cultivavam valores ímpios. Professavam sua fé em Deus, mas, da mesma forma que os incrédulos, mediam a vida pelas riquezas e posses. *Hoje em dia, grande número de cristãos professos comete o mesmo erro.* Com os lábios honram ao Senhor, enquanto com as riquezas vivem como o mundo.

Os fariseus não podiam mais seguir o exemplo da maioria; era preciso que “se esforçassem por entrar no reino”, como outros estavam fazendo. Mesmo sabendo que João Batista era um profeta de Deus, os fariseus rejeitaram seu ministério e permitiram sua morte. Também rejeitaram o ministério de Jesus Cristo e, no final, pediram a Pilatos que o crucificasse. Quando a vida é controlada pelo amor ao dinheiro, abre-se a porta para todo tipo de pecado.

A Lei e os profetas permaneceram “até João”, pois João apresentou o Salvador à nação e anunciou a vinda do reino. Isso não significou negação ou depreciação da Lei, pois esta se cumpriu em Jesus Cristo (Mt 5:17-20). Os fariseus orgulhavam-se de sua obediência fiel à Lei de Moisés, mas não receberam o Salvador sobre o qual Moisés havia escrito!

O que levou Jesus a falar de divórcio e de segundo casamento ao tratar da questão da avareza? Os escribas e fariseus não apresentavam um consenso quanto a essa questão, e é possível que desejassem provocar Jesus a entrar numa controvérsia, mas Jesus frustrou seus planos. (Uma vez que a maioria dos casamentos e divórcios envolvia dinheiro, esse assunto não era inteiramente desconexo da discussão.) Alguns dos judeus eram bastante liberais em suas idéias acerca de divórcio e segundo casamento, enquanto outros eram bastante rígidos. Jesus já havia tratado a respeito disso anteriormente, de modo que não era um ensinamento novo (Mt 5:31, 32).

Depois de calar os fariseus que o ridicularizaram, Jesus apresentou uma descrição vívida do que lhes aconteceria, se continuassem com sua avareza e incredulidade. O relato gira em torno de um homem anônimo e de um mendigo chamado Lázaro

(“Deus é meu auxílio”) e adverte sobre a avareza usando vários contrastes.

Um contraste na vida (vv. 19-21). Trata-se, de fato, de um homem rico, uma vez que usava roupas caras e oferecia banquetes fartos todos os dias. A palavra que melhor descreve esse estilo de vida é “ostentação”. Esse homem era, sem dúvida, um dos “ricos e famosos”, admirado e invejado.

Por que uma pessoa é pobre e outra é rica? Se os judeus tivessem obedecido aos mandamentos de Deus com referência ao ano sabático e ao ano de jubileu, haveria pouca ou nenhuma pobreza na terra, pois as riquezas e as propriedades não teriam se concentrado nas mãos de uma minoria rica (ver Lv 25 e observar Êx 23:11; Dt 24:28, 29). Os profetas do Antigo Testamento condenaram os ricos por acumularem grandes propriedades e explorarem viúvas e pobres (Is 3:15; 10:2; Am 2:6; 4:1; 5:11, 12; 8:4-6; Hc 2:9-13). No tempo de Jesus, a Palestina encontrava-se sob o domínio de Roma, e a vida era extremamente difícil para as pessoas comuns.

Lázaro era um homem enfermo, talvez aleijado, pois “jazia” à porta do homem rico todos os dias (ver At 3:1, 2). Os únicos que lhe davam atenção eram os cães! O homem rico poderia ter ajudado Lázaro, mas o ignorou e continuou se esbaldando em seu prestígio e em suas riquezas. Sua vida era confortável, e ele se sentia seguro.

É evidente que o homem rico não possuía qualquer compreensão do conceito de mordomia, pois, do contrário, teria usado parte de sua riqueza para ajudar Lázaro. Não se sabe por que permitia que o mendigo acampasse na porta da frente de sua casa. Talvez pensasse ser suficiente dar um lugar para aquele homem ficar; talvez, de vez em quando, alguns dos convidados ricos que freqüentavam a casa dessem esmolas a Lázaro. Será que nenhum deles se lembrou do que o Antigo Testamento dizia sobre o cuidado com os pobres em textos como Provérbios 14:21; 19:17; 21:13 ou 28:27?

Um contraste na morte (v. 22). “O rico e o pobre se encontram; a um e a outro faz o SENHOR” (Pv 22:2). Como disse John Donne,

a morte é a “grande niveladora”. Apesar de sua riqueza, o homem rico faleceu (Sl 49:6-9) e, sem dúvida, “foi sepultado” com todo luxo. Mas, quando Lázaro morreu, foi “levado pelos anjos para o seio de Abraão”. Que diferença! Talvez o corpo do mendigo nem sequer tenha sido devidamente sepultado, apesar de os judeus costumarem demonstrar compaixão nesses casos. No entanto, certamente não foi um funeral judaico tradicional, com pranteadores contratados, especiarias caras e um túmulo sofisticado. Quando o corpo de Lázaro foi levado embora, é possível que os vizinhos tenham ficado contentes por não ter mais o mendigo em sua rua.

A morte ocorre quando o espírito deixa o corpo (Tg 2:26). Esse não é o fim, mas sim o começo de uma nova existência em outro mundo. Para o cristão, significa estar na presença do Senhor (2 Co 5:1-8; Fp 1:21). Para o incrédulo, significa estar longe da presença de Deus e em meio ao tormento.

Um contraste na eternidade (vv. 23-31).

Algumas versões usam o termo *inferno* em Lucas 16:23, mas a palavra grega não é “inferno”, e sim “Hades”. É o reino temporário dos mortos, enquanto estes aguardam o julgamento. O lugar permanente de castigo é o “inferno”, o lago de fogo. Um dia, a morte entregará os corpos, e o Hades entregará as almas (Ap 20:13, onde o termo correto é “Hades” e não “inferno”) e os perdidos serão julgados diante de Cristo (Ap 20:10-15).

Pela descrição de Jesus, vemos que o Hades possuía duas “alas”: uma correspondente ao paraíso, chamada de “seio de Abraão”, e outra correspondente ao castigo. Muitos teólogos acreditam que Cristo esvaziou a parte do Hades referente ao paraíso quando ressuscitou e voltou para junto do Pai (Jo 20:17; Ef 4:8-10). Sabemos que hoje o “paraíso” encontra-se no céu, onde Jesus reina em glória (Lc 23:43; 2 Co 12:1-4). As Escrituras não oferecem qualquer indicação de que as almas no céu podem se comunicar com as pessoas no Hades ou na Terra.

Essa narrativa serve de refutação para o chamado “sono da alma”, pois tanto o homem

rico quanto Lázaro estavam conscientes, um desfrutando conforto e outro sofrendo aflições. É uma questão extremamente séria refletir sobre o destino eterno e se deparar com a realidade do castigo divino.

C. S. Lewis citou uma lápide que dizia: “Aqui jaz um ateu: todo arrumado e sem ter lugar algum para ir” e comentou: “aposto como ele gostaria que isso fosse verdade!”

É interessante observar que, no Hades, o homem rico passou a orar! Primeiro, orou por si mesmo, para que Abraão tivesse misericórdia dele e permitisse que Lázaro lhe trouxesse algum alívio (Lc 16:23-26). Até mesmo uma gota de água fresca teria sido bem-vinda. Que diferença das festas suntuosas em que os servos faziam tudo o que ele pedia!

A palavra “tormento” é usada quatro vezes neste relato e se refere a uma dor definida. É a mesma palavra usada para a condenação temida pelos espíritos malignos (Mc 5:7) e para os julgamentos que Deus enviará sobre o mundo impenitente (Ap 9:5; 11:10; 20:10). Se o inferno é a prisão eterna dos condenados, o Hades é a cadeia temporária, e o sofrimento em ambos é extremamente real.

Há quem pergunte como um Deus amoroso permite a existência de um lugar desse tipo e, pior ainda, envia pessoas para lá. Quem faz esse tipo de pergunta revela falta de entendimento do amor de Deus ou da perversidade do pecado. O amor de Deus é um amor *santo* (“Deus é luz”; 1 Jo 1:5), não um sentimento superficial. O pecado é uma rebelião contra um Deus santo e amoroso. Deus não “manda as pessoas para o inferno”. Elas vão para lá por conta própria ao se recusarem a dar ouvidos ao convite de Deus e a crer em seu Filho. Os “incrédulos” aparecem em segundo lugar na lista dos que vão para o inferno, sendo citados antes mesmo dos assassinos (Ap 21:8; ver também Jo 3:18-21, 36).

Abraão deu dois motivos por que Lázaro não poderia dar o alívio que o rico estava pedindo: o caráter do homem rico e a natureza da situação eterna. O homem rico havia vivido em função das “coisas boas” da

Terra e experimentara grandes bênçãos temporais. Já havia recebido sua recompensa (Mt 6:2, 5, 16). Traçara o próprio destino ao deixar Deus de fora de sua vida, e naquele momento nem seu caráter nem seu destino poderiam ser mudados. Lázaro não tinha como deixar seu lugar de conforto e fazer sequer uma rápida visita ao lugar de tormento.

Então, o homem rico rogou por seus irmãos (Lc 16:27-31). Não disse: "Que bom que meus irmãos também virão para cá. Será ótimo ficarmos todos juntos!" De vez em quando, ouvimos alguém falar: "Não me importo de ir para o inferno, pois vou ter um bocado de gente para me fazer companhia!" *Mas no inferno não existe "companhia" nem amizade!* O inferno é um lugar de tormento e de solidão. Não é uma festa eterna, na qual cada pecador se diverte fazendo as mesmas coisas que costumava fazer na Terra.

Lucas 16:28 dá a entender que Lázaro havia testemunhado ao homem rico e, provavelmente, a seus irmãos, mas nenhum deles levava seu testemunho a sério. Mas, naquele momento, o testemunho de Lázaro seria de suma importância! Os irmãos sabiam que Lázaro havia morrido, de modo que, se o mendigo lhes aparecesse, ficariam aterrorizados e dariam ouvidos a suas palavras. *As pessoas no Hades preocupam-se com os perdidos, mas não podem fazer coisa alguma.*

Abraão explicou que somente uma coisa evitaria que aqueles homens acabassem no mesmo lugar que seu irmão: precisavam ouvir a Palavra de Deus e aceitá-la pela fé. Os escritos de Moisés e dos Profetas mostram aos pecadores como se arrepender e ser salvos, e os judeus ouviam suas palavras todos os sábados nas sinagogas. Os milagres servem para atestar a autoridade de quem está pregando, mas não são capazes de convencer do pecado nem de produzir fé salvadora no coração das pessoas (Jo 2:23-25). De fato, um homem chamado Lázaro voltou dos mortos, e *houve quem quisesse matá-lo* (ver Jo 11:43-57; 12:10)! Os que afirmam não ser possível realizar um evangelismo eficaz sem "sinais e prodígios" devem

meditar sobre essa passagem e também sobre João 10:41, 42.

Ao longo da vida do homem rico, Deus lhe falara de várias maneiras e permitira que possuísse riquezas, mas, ainda assim, o homem não havia se arrependido (Rm 2:4, 5). Lázaro testemunhara para o homem rico, e também havia as Escrituras do Antigo Testamento que os judeus conheciam na época, mas seu coração permanecera incrédulo. O fato de Lázaro ter morrido primeiro também foi um testemunho poderoso para o homem rico, lembrando-o de que, um dia, também morreria, mas até mesmo a presença da morte à porta de sua casa não foi suficiente para quebrantar seu coração.

Apesar de estar sofrendo os tormentos do Hades, o homem rico não mudou: continuou egocêntrico. Quando orou, foi por seu alívio pessoal e pela segurança de sua família. Não estava preocupado com os demais pecadores, mas apenas com seus cinco irmãos. Discutiu com Deus em vez de se sujeitar a sua vontade. Isso indica que o castigo dos pecadores perdidos não tem efeito corretivo; não serve para melhorá-los. O Hades e o inferno não são hospitais para enfermos; são prisões para condenados.

Lucas não diz como os fariseus cobiçosos reagiram a esse relato. Sem dúvida, conheciam Moisés e os Profetas, o que implicava uma responsabilidade ainda maior – e maior condenação (Jo 12:35-41).

Devemos nos lembrar de que o homem rico não foi condenado simplesmente por ser rico, assim como Lázaro não foi salvo simplesmente por ser pobre. Abraão foi um homem extremamente rico, no entanto, não estava no tormento do Hades. O homem rico depositou toda a confiança em suas riquezas e não creu no Senhor.

Nas palavras de C. S. Lewis: "O caminho mais seguro para o inferno é gradual: declive suave, macio debaixo dos pés, sem curvas fechadas, sem marcos nem placas".

"Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?" (Mc 8:36).

Jesus fez essa pergunta. Qual é sua resposta?

AQUILO QUE IMPORTA

LUCAS 17

Enquanto se dirigia para Jerusalém, Jesus continuou ensinando os discípulos, preparando-os para o que sofreria nessa cidade. Também os preparou para o tempo em que não estaria mais com eles, quando ministrariam a outros no nome dele. Assim, esse foi um período crítico na vida dos discípulos.

Neste capítulo, Lucas registra lições ensinadas por Jesus a seus discípulos sobre alguns dos princípios da vida cristã: perdão (Lc 17:1-6), fidelidade (Lc 17:7-10), gratidão (Lc 17:11-19) e prontidão (Lc 17:20-37).

1. PERDÃO (Lc 17:1-6)

Depois de advertir os fariseus sobre o pecado do amor ao dinheiro (Lc 16:14-31), Jesus dirigiu-se aos discípulos e os advertiu sobre alguns outros pecados, pois, infelizmente, ocasiões propícias para tropeços (“escândalos”) fazem parte da vida. Afinal, somos todos pecadores, vivendo em um mundo pecaminoso. Mas devemos atentar para não ser motivo de tropeço para outros, pois é algo extremamente sério pecar contra outro cristão e tentá-lo ao pecado (Rm 14:13; 1 Co 10:32; 1 Jo 2:10).

Ao falar dos “pequeninos” (Lc 17:2), Jesus se referia não apenas a crianças, mas também a cristãos novos na fé aprendendo os caminhos do Senhor (Mt 18:1-6; Lc 10:21). Uma vez que Lucas 17:1-10 faz parte do contexto que começa em Lucas 15:1, pode ser que esses “pequeninos” incluíssem publicanos e pecadores que creram em Jesus Cristo. Os fariseus haviam criticado Jesus, e é possível que tenham feito esses novos cristãos tropeçarem. Trata-se de um pecado tão sério que seria melhor ser lançado vivo ao

mar, para nunca mais ser visto, do que deliberadamente levar outros a tropeçar e pecar.

Suponhamos, porém, que nós não tenhamos pecado, mas que outro cristão tenha pecado contra nós. Jesus previu essa situação em Lucas 17:3, 4 e instruiu sobre como proceder. Em primeiro lugar, é preciso que uns se preocupem com os outros e atentem para o aviso de Jesus: “Acautelai-vos”. Isso significa cuidar uns dos outros e fazer todo o possível para guardar uns aos outros de pecar.

Se um irmão ou uma irmã pecar contra nós, devemos repreender essa pessoa em particular. A tendência de todos é ficar cheios de mágoas, alimentar ressentimentos e contar a outros o que aconteceu, mas essa é uma abordagem errada (ver Mt 18:15-20). Dizer “a verdade em amor” (Ef 4:15) é o primeiro passo para resolver diferenças pessoais.

O objetivo disso não é envergonhar nem magoar o transgressor, mas encorajá-lo a arrepende-se (Gl 6:1). Se houver arrependimento, devemos perdoar (Ef 4:32; ver também Mt 5:43-48). Na verdade, é preciso *desenvolver o hábito de perdoar*, pois é possível que outros pequem contra nós sete (ou setenta!) vezes por dia (Mt 18:21ss). Dificilmente alguém é capaz de pecar tanto num só dia, mas o uso de uma hipérbole enfatiza a argumentação de Jesus: não fiquem contando os pecados uns dos outros, pois o amor não mantém uma “lista negra” de ofensas (ver 1 Co 13:4-6). Devemos estar sempre prontos a perdoar os semelhantes, pois um dia talvez desejemos que nos perdoem!

Seria de esperar que os discípulos respondessem com uma oração pedindo: “aumente nosso amor!” Por certo, o amor é um elemento essencial do perdão, mas a fé é ainda mais importante. *A fim de obedecer a essas instruções e perdoar, é preciso fé viva.* A obediência em perdoar a outros é uma demonstração de confiança de que Deus cuidará das conseqüências, esclarecerá possíveis mal-entendidos e fará com que tudo coopere para o nosso bem e para a glória dele.

Cristãos maduros sabem que o perdão não é uma simples troca de palavras, como duas crianças que brigam e depois pedem desculpas uma para outra sem grandes considerações. O verdadeiro perdão inclui dor; alguém foi ferido, e há um preço a ser pago para que a ferida cicatrize. O amor *motiva-nos* a perdoar, mas a fé *ativa* o perdão, de modo que Deus a utilize para trazer bênçãos à vida de seu povo.

A imagem da semente de mostarda usada por Jesus transmite as idéias de vida e de crescimento. Apesar de extremamente pequena, a semente de mostarda tem vida dentro de si, podendo crescer e dar frutos (Mc 4:30-32). Se a fé for *viva* (Tg 2:14-26), crescerá e capacitará a pessoa a obedecer ao que Deus ordena. “Entrega o teu caminho ao SENHOR, confia nele, e o mais ele fará” (Sl 37:5). O perdão prova tanto a fé quanto o amor.

Por causa da natureza humana, sempre haverá ofensas que, facilmente, tornam-se oportunidades para pecar. O povo de Deus deve cultivar o hábito de encarar essas ofensas com honestidade e amor, perdoadando uns aos outros quando existe arrependimento. O pastor e poeta anglicano George Herbert escreveu: “Quem não é capaz de perdoar destrói a ponte sobre a qual ele próprio deve passar”.

2. FIDELIDADE (Lc 17:7-10)

Nesta passagem, Jesus contrabalança uma lição com outra. Havia o perigo de os doze apóstolos se empolgarem de tal modo com os feitos grandiosos de fé a ponto de esquecerem as responsabilidades diárias da vida! A fé que não redundava em fidelidade não realiza a obra de Deus. É importante ter fé para realizar coisas *difíceis* (Lc 17:1-3) e *impossíveis* (Lc 17:4-6), mas é essencial ter fé para realizar até mesmo *tarefas rotineiras* que o Senhor dá. Privilégios devem sempre ser contrabalançados com responsabilidades.

Fica claro que o servo da história era “pau para toda obra”, pois era responsável pelo cultivo da lavoura, pelo cuidado dos rebanhos e pelo preparo dos alimentos. Não era incomum, mesmo para pessoas com poucos

recursos financeiros, contratar pelo menos um servo, mas Jesus descreve uma situação impensável para aquela época: um senhor servindo ao servo! Na verdade, apresenta essa história com uma pergunta que significa: “Já imaginaram uma coisa dessas...?”, ao que os ouvintes responderiam: “De modo algum, isso é impossível!”

Jesus já havia falado de seu relacionamento com seus servos, e *havia prometido servi-los, se estes lhe fossem fiéis* (Lc 12:35-38). Mesmo sendo Senhor de tudo, permaneceu no meio deles como servo (Lc 22:27). Essa história enfatiza a fidelidade ao dever, quaisquer que sejam as exigências; a argumentação parte, mais uma vez, do menor para o maior. Se um servo comum é fiel em obedecer às ordens de seu senhor que não o recompensa (não agradece), quanto mais os discípulos de Cristo devem servir a seu Senhor amoroso, que prometeu recompensá-los fartamente!

Um servo fiel não deve esperar recompensa alguma, uma vez que não fez outra coisa senão cumprir seu dever. O termo traduzido por “inúteis” significa “desnecessários” ou “que não merecem coisa alguma”. Na verdade, o servo era extremamente útil para seu senhor, pois cuidava de seus campos, de seus rebanhos e de sua alimentação. Mas a declaração pode ser entendida como “meu senhor não me deve nada além daquilo que já me dá”. *As recompensas que Jesus dará a seus servos não são outra coisa senão dádivas da graça de Deus.* Não merecemos coisa alguma por lhe ter servido e obedecido.

Como seus servos, devemos ter cuidado para não ter uma atitude incorreta com respeito a nossas obrigações. Há dois extremos a evitar: o primeiro é simplesmente cumprir o dever, como escravos que trabalham *só por obrigação*; o segundo é cumprir o dever *por esperar alguma recompensa*. Como o industrial cristão R. G. LeTourneau costumava dizer: “Não compensa contribuir e esperar uma recompensa”. Esse princípio também se aplica ao serviço. Os dois extremos podem ser vistos na atitude do filho mais velho (Lc 15:25-32), que obedecia, mas

se sentia infeliz e esperava que o pai o recompensasse permitindo que oferecesse uma festa aos amigos.

Qual é, então, a atitude correta com respeito ao serviço cristão? “Fazendo, de coração, a vontade de Deus” (Ef 6:6). “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (Jo 14:15). Para quem nasceu de novo, “os seus mandamentos não são penosos” (1 Jo 5:3). Servir ao Senhor é um prazer, não apenas um dever, e obedecemos a Deus porque o amamos. “Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei” (Sl 40:8).

3. GRATIDÃO (Lc 17:11-19)

Os acontecimentos de João 11 ocorreram entre Lucas 17:10 e 11, enquanto Jesus se dirigia a Jerusalém. Na fronteira entre a Samaria e a Judéia, Jesus curou dez leprosos de uma só vez, milagre ainda mais significativo pelo fato de incluir um samaritano (ver Lc 10:30-37). Jesus usou esse acontecimento para ensinar uma lição sobre a gratidão a Deus.

O relato começa com *dez homens impuros* (Lc 17:11-13), todos com lepra (ver os comentários sobre Lc 5:12-15). Judeus e samaritanos não costumavam conviver, mas os miseráveis sempre acabam se encontrando. No caso desses dez homens, não fazia diferença, pois todos eram párias. Que importa o lugar onde a pessoa nasceu quando está vivendo como se estivesse morta? A presença de Jesus deu esperança a esses dez homens, e eles clamaram por misericórdia. O termo traduzido por “Mestre” é o mesmo usado por Pedro em Lucas 5:5 e significa “comandante supremo”. Sabiam que Jesus possuía controle absoluto sobre todas as enfermidades e sobre a morte e tinham fé que os ajudaria.

O relato prossegue falando de *dez homens ingratos* (Lc 17:17). Jesus ordenou que os homens se apresentassem ao sacerdote, o que, em si, já seria um ato de fé, uma vez que ainda não haviam sido curados. A cura se realizou quando se puseram a caminho para cumprir essa ordem, pois sua obediência comprovou sua fé (ver 2 Rs 5:1-14).

Seria de esperar que os dez homens corressem de volta para Jesus, a fim de agradecer a ele por essa nova chance de viver, mas somente um deles voltou... e nem sequer era um dos judeus. Deveriam ter ficado extremamente gratos pela providência de Deus em levar Jesus até aquela região, pelo amor de Jesus que o havia compelido a lhes dar atenção e pela graça e pelo poder de Deus, que realizaram sua cura. Deveriam ter improvisado um coral masculino e, juntos, entoado o Salmo 103!

Porém, antes de os julgarmos com muita severidade, devemos analisar como anda o nosso “QG” – “Quociente de Gratidão”. Com que frequência deixamos de dar o devido valor às bênçãos do Senhor e no esquecemos de agradecer-lhe? “Rendam graças ao SENHOR por sua bondade e por suas maravilhas para com os filhos dos homens!” (Sl 107:8, 15, 21, 31). Muitas vezes, gostamos de desfrutar as dádivas, mas nos esquecemos do Doador. Apressamo-nos em pedir, mas demoramos para agradecer.

Martin Rinkhart escreveu o hino “Demos graças ao nosso Senhor” durante a Guerra dos Trinta Anos, num período em que seus deveres como pastor eram extremamente árduos. Numa única semana, chegou a realizar trinta funerais, inclusive o de sua esposa; no entanto, escreveu as palavras tão belas desse hino como uma oração de agradecimento para sua família fazer antes das refeições. Apesar da guerra e da peste negra a seu redor, bem como da tristeza profunda em seu ser, Rinkhart foi capaz de agradecer ao Senhor de coração.

O relato de Lucas encerra com *um homem extraordinário* (Lc 17:15-19). O samaritano exclamou “Glória a Deus!”, prostrou-se aos pés de Jesus e agradeceu a ele. O mais lógico teria sido ele ir junto com os outros homens para o templo, mas se dirigiu primeiro ao Senhor Jesus com sacrifícios de louvor (Sl 107:22; Hb 13:15). Isso agradou ao Senhor mais do que todos os sacrifícios oferecidos pelos outros homens, apesar de estarem obedecendo à Lei (Sl 51:15-17). Em vez de *ir ao sacerdote*, o samaritano *tornou-se*

um sacerdote e fez um altar aos pés de Jesus (ver o Sl 116:12-19).

Quando voltou para Jesus, o homem recebeu algo maior do que a cura física: também foi salvo de seus pecados. "A tua fé te salvou" – essas são as mesmas palavras que Jesus disse à mulher que ungiu seus pés (Lc 7:50). Os nove amigos do samaritano foram declarados cerimonialmente puros pelo sacerdote, mas ele foi declarado *salvo* pelo Filho de Deus! Apesar de ser maravilhoso experimentar uma cura física, é ainda mais maravilhoso experimentar o milagre da salvação eterna.

Todo filho de Deus deve cultivar a virtude da gratidão. Não apenas prepara o coração para receber mais bênçãos, como também glorifica e agrada ao Pai. Um coração ingrato é terreno fértil para todo tipo de pecado (Rm 1:21ss).

4. PRONTIDÃO (Lc 17:20-37)

O povo judeu vivia num clima agitado de expectativa, especialmente na época da Páscoa, quando comemoravam sua libertação do Egito. Ansiavam por outro Moisés que os libertasse da servidão em que se encontravam. Alguns haviam depositado suas esperanças em João Batista, crendo que seria o libertador; posteriormente, voltaram a atenção para Jesus (Jo 6:15). O fato de Jesus estar indo para Jerusalém só fez aumentar a agitação (Lc 19:11). Talvez estivesse prestes a estabelecer o reino prometido!

Os fariseus eram os guardiões da Lei (Mt 23:2, 3), de modo que tinham o direito de interrogar Jesus sobre a manifestação do reino de Deus. Os mestres judeus costumavam discutir essas questões em público, e a resposta de Jesus pareceu-lhes satisfatória. No entanto, o Mestre reservou as lições mais detalhadas para seus discípulos.

O termo traduzido por "visível aparência" (Lc 17:20) só é usado nessa passagem do Novo Testamento. No grego clássico, é relacionado a "observar o futuro por meio de sinais". Dá a idéia de investigar, esperar por indicações e até mesmo pesquisar de modo científico. Jesus estava dizendo que o reino de Deus não viria com uma grande

"demonstração exterior", de modo que as pessoas pudessem prever sua chegada e acompanhar seu progresso.

A pergunta dos fariseus foi válida, mas também infeliz, pois Jesus havia ministrado no meio deles por cerca de três anos e ainda se encontravam em trevas espirituais. Não entendiam a natureza de Jesus nem da obra que realizava. Suas idéias acerca do reino eram políticas, não espirituais. Apesar de Jesus não negar que haveria um futuro reino aqui na Terra, sua ênfase é sobre a importância do reino *espiritual*, no qual só é possível entrar ao nascer de novo (Jo 3:1-8).

Há séculos, os tradutores e intérpretes da Bíblia consideram bastante complicada a declaração: "O reino de Deus está dentro de vós". É possível encontrar várias explicações para ela. De uma coisa podemos estar certos: Jesus não disse aos fariseus incrédulos que o reino de Deus estava dentro do coração deles!

A preposição grega pode significar "dentro", "no meio de" ou "entre". Jesus estava dizendo: "não procurem pelo reino de Deus 'pelo mundo afora' enquanto não o tiverem, primeiramente, dentro do próprio coração" (ver Rm 14:17). Ao mesmo tempo, é possível que também estivesse dizendo: "o que importa é o fato de eu estar aqui entre vocês, pois eu sou o Rei. Como poderão entrar no reino se rejeitam o Rei?" (ver Lc 19:38-40). Os fariseus preocupavam-se com os grandes acontecimentos do futuro, mas, enquanto isso, ignoravam as oportunidades do presente (Lc 12:54-57).

Tendo respondido à pergunta dos fariseus, Jesus volta-se, então, para seus discípulos, a fim de instruí-los sobre a vinda do reino. O Mestre os adverte a não se tornarem tão obcecados por sua volta a ponto de não fazer outra coisa senão procurar sinais disso. Sem dúvida, é bom esperar e ansiar por sua volta, mas, ao mesmo tempo, quando Cristo voltar, devemos estar ocupados realizando o trabalho do qual ele nos incumbiu (ver At 1:6-11).

Em primeiro lugar, sua vinda afetará o mundo todo, de modo que é tolice seguir falsos profetas que dizem: "ei-lo aqui!", ou

“lá está!”. Em segundo lugar, sua vinda será repentina como um relâmpago que corta o céu (Mt 24:27, 30). Apesar de o estudo das Escrituras proféticas ajudar a entender as características gerais dessa ocasião, não há como saber exatamente o dia e a hora (Mt 25:13; Lc 12:40, 46). É inútil investigar sinais e tentar calcular o dia de sua vinda.

Em seguida, Jesus usa dois acontecimentos do Antigo Testamento para ilustrar o caráter indubitável e repentino de sua vinda: o dilúvio (Gn 6 – 8) e a destruição de Sodoma (Gn 19). Em ambos os casos, o povo do mundo foi pego de surpresa, enquanto realizava suas atividades diárias, comendo, bebendo, casando-se, comprando e vendendo. Noé testemunhou a sua geração nos anos que antecederam o dilúvio (2 Pe 2:5), mas sua pregação não os converteu. Noé, sua esposa, seus três filhos e três noras – apenas oito pessoas – foram salvos da destruição ao entrarem na arca. Pedro considerou isso uma ilustração da salvação pela fé em Jesus Cristo (1 Pe 3:18-22).

Tanto Noé quanto Ló viveram em épocas de condescendência religiosa e de decadência moral não muito diferentes do que ocorre em nossos dias. Nos “dias de Noé”, o crescimento populacional era elevado (Gn 6:1), o desacato à lei crescia assustadoramente (Gn 6:5), e a terra havia se entregado à violência (Gn 6:11, 13). No tempo de Ló, a luxúria desnatural de Sodoma e Gomorra era abominável a Deus, de modo que devastou completamente as duas cidades. Somente Ló, duas de suas filhas e sua esposa (que, posteriormente também foi morta) foram salvos do terrível julgamento.

Lucas 17:30-36 descreve o que acontecerá quando Jesus Cristo voltar em julgamento para derrotar seus inimigos e estabelecer seu reino na Terra (Ap 19:11 – 20:6). Os cristãos de todas as eras da Igreja podem considerar esses versículos um aviso para si, mas é preciso lembrar que se aplicam especificamente a Israel no fim dos tempos (ver Mt 24:29-44). A vinda de Jesus para buscar sua Igreja e levá-la para o céu se dará “num momento, num abrir e fechar de olhos” (1 Co 15:52). Ninguém que estiver

no arrebatamento da Igreja precisará se preocupar se estará no alto de uma casa (“eirado”), num campo ou a caminho da casa de outra pessoa. Mas, quando o Senhor voltar à Terra, sua vinda será precedida de um “sinal” no céu (Mt 24:30, 31), e algumas pessoas tentarão correr para casa a fim de salvar alguma coisa. “Lembrai-vos da mulher de Ló”.

O verbo “tomado”, em Lucas 16:34-36, não significa “levado para o céu”, mas sim “levado para julgamento” (Mt 24:36-41). A pessoa “deixada para trás” é o cristão que entra no reino. Noé e sua família foram “deixados” a fim de recomeçar, enquanto todo o restante da população da Terra foi “levado” pelo dilúvio. Apesar de seus pecados, Ló e suas filhas foram “deixados”, enquanto o povo de Sodoma e Gomorra foi “levado”, quando o fogo e o enxofre destruíram as cidades.

O fato de ser noite em Lucas 17:34 e dia em Lucas 17:35, 36 indica que o mundo todo será afetado pela vinda de Jesus Cristo em glória. “Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá” (Ap 1:7).

Em três ocasiões, os discípulos ouviram Jesus pregar sobre pessoas sendo “tomadas” e “deixadas”, de modo que lhe fizeram uma pergunta bastante lógica: “Onde será isso?” Temos a impressão de que Jesus responde com um provérbio, que devia ser conhecido na época: “Onde estiver o corpo [cadáver, Mt 24:28], aí também se ajuntarão os abutres”. A descrição da batalha final em Apocalipse 19:17-21 certamente se assemelha à imagem de aves carniceiras refestelando-se com cadáveres.

Em outras palavras, quando o Senhor Jesus voltar para julgar os inimigos, os salvos serão separados dos perdidos. Quer seja dia ou noite, quer as pessoas estejam trabalhando ou dormindo, a separação e o julgamento serão inevitáveis. Os salvos serão deixados para entrar no reino glorioso, enquanto os perdidos serão levados para o julgamento”.

Apesar de esses versículos serem dirigidos, antes de tudo, ao Israel do fim dos tempos, enfatizam para a Igreja a importância

de estar preparada para a volta de Cristo. Não devemos ser como a mulher de Ló, cujo coração estava tão apegado a Sodoma a ponto de fazê-la olhar para trás, apesar do aviso dos anjos (Gn 19:17, 26). Hoje em dia, há muitos cristãos professos que considerariam a volta de Cristo uma interrupção dos seus planos (ver 1 Ts 5:1-11)! O aviso de Jesus em Lucas 17:33 tem paralelos em Mateus 10:39, em Lucas 9:24 e em João 12:25, sendo um princípio fundamental da vida cristã e do evangelho.

Jesus retratou a civilização como um corpo em decomposição e que, um dia, estaria

pronto a sofrer o julgamento. O cristão com discernimento encontra evidências desse fato por toda parte e sabe que os “dias de Noé” e os “dias de Ló” não tardarão. Nosso Senhor pode voltar a qualquer momento para buscar sua Igreja, de modo que não estamos à procura de sinais; antes, estamos cientes de que “os acontecimentos vindouros são precedidos de sua sombra”. Uma vez que vemos várias dessas coisas ocorrendo (Lc 21:28), sabemos que sua vinda se aproxima.

Estamos esperando sua volta, verdadeiramente ansiosos para que ele venha?

ENCONTROS E LIÇÕES

LUCAS 18

O estadista inglês Lord Chesterfield escreveu: “O saber [...] só pode ser adquirido ao ‘ler’ os seres humanos e estudar suas várias edições”.

Esse tipo de saber refere-se ao “conhecimento do mundo”, mas essa idéia também se aplica ao conhecimento *espiritual*. Podemos aprender muita coisa lendo o “livro da humanidade”, na vida diária, na história, nas biografias ou mesmo na ficção.

Este capítulo apresenta várias “edições” da humanidade, cada uma delas com uma lição espiritual a ensinar. Uma vez que era um médico cheio de compaixão, Lucas escreveu sobre viúvas e políticos, fariseus e publicanos, criancinhas e adultos, homens ricos e mendigos. Dentre esses personagens pitorescos, selecionei quatro “edições” para “leitura”, cada uma delas com importantes lições.

1. UMA VIÚVA EXIGENTE (Lc 18:1-8)

Lucas menciona as viúvas com mais freqüência do que todos os escritores dos Evangelhos juntos (Lc 2:37, 38; 4:25, 26; 7:11-17; 18:1-8; 20:45-47; 21:1-4). Apesar de Deus haver instruído seu povo a cuidar das viúvas, naquela época, muitas vezes era difícil essas mulheres se sustentarem (Êx 22:22-24; Dt 14:28, 29; 16:9-15; Sl 146:9; Is 1:17, 23; Jr 7:6). A Igreja primitiva considerava o cuidado com as viúvas uma responsabilidade séria (At 6:1; 1 Tm 5:3-10; Tg 1:27) e devemos seguir seu exemplo.

Ao estudar esta parábola, vamos procurar vê-la em seu contexto oriental. O “tribunal” não é um prédio sofisticado, mas uma tenda que costumava ser levada de um lugar

para outro ao longo do itinerário percorrido pelo juiz. Quem determinava o expediente era o juiz, que se assentava com toda pompa em sua tenda, cercado de assistentes. Qualquer um poderia assistir ao desenrolar dos processos do lado de fora da tenda, mas somente os que eram aprovados e aceitos poderiam apresentar sua causa para ser julgada. Normalmente, isso significava que a pessoa deveria procurar um dos assistentes, a fim de que este apresentasse o caso ao juiz.

A viúva precisava superar três obstáculos. Em primeiro lugar, pelo fato de ser mulher, praticamente não existia perante a lei. Na sociedade palestina do tempo de Jesus, as mulheres não pleiteavam suas causas. Em segundo lugar, uma vez que era viúva, não tinha um marido para representá-la no tribunal. Por fim, era pobre e, nem que quisesse, não poderia pagar suborno. Não é de se admirar que as viúvas pobres não recebessem o amparo legal que lhes era devido!

Agora que temos uma visão geral do contexto desta parábola, podemos compreender melhor do que Jesus está tratando. Seu objetivo principal é ensinar os discípulos a orar e, para esse fim, apresenta três contrastes.

O contraste entre orar e esmorecer (v. 1). É simples: se não orarmos, desanimaremos! O termo *esmorecer* descreve um cristão que perde o ânimo e fica desalentado a ponto de desejar desistir. Lembro-me de duas vezes em que desmaiei fisicamente; nunca me senti tão impotente quanto nessas ocasiões. Senti que minhas forças estavam sumindo, mas não havia nada que eu pudesse fazer!

Há uma relação entre o que Jesus diz em Lucas 18:1 e sua declaração em Lucas 17:37. Se a sociedade é como um cadáver em decomposição, o ambiente em que vivemos se encontra “poluído”, o que, por sua vez, afeta nossa vida espiritual. Porém, quando oramos, respiramos o “ar puro” do céu, que nos impede de desmaiar.

Mas o que significa “orar sempre” ou “orar sem cessar” (1 Ts 5:17)? Por certo não

significa passar o tempo todo repetindo orações, pois Jesus nos advertiu sobre esse tipo de oração (Mt 6:5-15). Antes, significa tornar a oração algo tão natural quanto nossa respiração regular. A menos que estejamos doentes ou sufocando, dificilmente pensamos em nossa respiração; ela é algo que simplesmente fazemos. O mesmo se aplica à oração: deve ser um hábito natural, o “ar” que nos dá vida.

A oração vai muito além das palavras que nos saem dos lábios; ela é o desejo do coração, e *nosso coração sempre anseia por algo de Deus*, mesmo quando não dizemos nada. Assim, “orar sempre” significa abrigar no coração desejos tão santos, tão compatíveis com a vontade de Deus, que estamos sempre em comunhão afetiva com o Pai, suplicando sua bênção.

Podemos escolher: desejamos orar ou esmorecer?

O contraste entre a viúva e os escolhidos de Deus (vv. 2-5). Jesus não disse que o povo de Deus é como essa mulher, pelo contrário. Uma vez que Jesus *não* nos comparou com ela, isso deve servir de incentivo para orar. Jesus argumenta do menor para o maior: “Se uma pobre viúva conseguiu o que merecia de um juiz egoísta, quanto mais os filhos de Deus receberão o que é certo do amoroso Pai celestial!”

Veja os contrastes. Para começar, a mulher era estrangeira, *enquanto nós somos filhos de Deus*, e ele cuida de seus filhos (Lc 11:13). A mulher não tinha acesso ao juiz, mas os filhos de Deus têm livre acesso a sua presença e podem aproximar-se a qualquer momento para obter a ajuda de que necessitam (Ef 2:18; 3:12; Hb 4:14-16; 10:19-22).

A mulher não tinha amigo algum no tribunal para ajudar a colocar seu pleito no rol das causas. Tudo o que lhe restava fazer era andar ao redor da tenda e aborrecer a todos, gritando para o juiz. Porém, quando os cristãos oram, têm no céu um Advogado (1 Jo 2:1) e um Sumo Sacerdote (Hb 2:17, 18) que os representa constantemente diante do trono de Deus.

Quando oramos, podemos abrir a Palavra e nos apropriar de várias promessas de

Deus, mas a viúva não tinha promessas às quais se apegar, enquanto tentava convencer o juiz a ouvir sua causa. Temos não apenas as promessas infalíveis de Deus, mas também o Espírito Santo, que nos ajuda em nossas orações (Rm 8:26, 27). Talvez o maior contraste seja o fato de a viúva ter se dirigido ao tribunal, enquanto os filhos de Deus achem-se ao trono da graça (Hb 4:14-16). Ela suplicou em meio a sua pobreza, enquanto nós temos à disposição todas as riquezas de Deus para suprir nossas necessidades (Fp 4:19). Não restam dúvidas: se não orarmos, nossa situação espiritual torna-se igual à dessa viúva pobre, e isso deve ser um estímulo para orarmos.

O contraste entre o juiz e o Pai (vv. 6-8). É fundamental lembrar que Jesus utiliza contrastes, pois, de outro modo, se conclui que é preciso “argumentar” com Deus ou “suborná-lo” para que responda a nossas orações! Deus *não* é como esse juiz, pois é um Pai amoroso, que atenta para todas as nossas súplicas, sendo generoso em suas dádivas e se preocupando com nossas necessidades, pronto a supri-las quando clamarmos. O juiz só ajudou a viúva por medo de que ela o “molestasse” – expressão que significa, literalmente, “deixar com um olho roxo” – ou seja, que acabasse com sua reputação. Deus responde às orações para sua glória e para nosso bem e nunca se aborrece quando o buscamos.

Como explicar, então, as *demoras* de Deus em responder a certas orações, especialmente quando consideramos o fato de Jesus ter declarado que Deus “depressa [nos] fará justiça”? (Lc 18:8). É importante nos lembrarmos que a demora de Deus não corresponde a falta de ação, mas sim a preparação. Deus está sempre respondendo às orações; de outro modo, Romanos 8:28 não estaria na Bíblia. Deus opera em todas as coisas em todo o tempo, fazendo com que tudo coopere para a realização de seus propósitos. No instante em que lhe fazemos um pedido de acordo com sua vontade (ver 1 Jo 5:14, 15), Deus começa a trabalhar. Talvez não o vejamos operando no momento, mas um dia a resposta virá.

A pergunta em Lucas 18:8 é associada ao que Jesus ensinou em Lucas 17:22-37: "Achará, porventura, [esse tipo de] fé na terra?". Não haverá grande fé no fim dos tempos. Oito pessoas foram salvas no tempo de Noé e somente quatro em Sodoma (e uma delas pereceu no caminho). Passagens como 1 Timóteo 4 e 2 Timóteo 3 apresentam um retrato sombrio dos últimos dias.

2. UM FARISEU ENGANADO (Lc 18:9-17)

Ao longo de seu ministério público, Jesus condenou a hipocrisia e a incredulidade dos fariseus (ver Lc 11:39-54). Descreveu-os como devedores falidos, incapazes de pagar sua dívida a Deus (Lc 7:40-50), convidados brigando pelos melhores lugares (Lc 14:7-14) e filhos orgulhosos de sua obediência, mas alheios às necessidades dos outros (Lc 15:25-32). O triste é que esses fariseus, tão enganados, acreditavam que estavam certos, e Jesus, errado. Essa idéia fica clara na parábola dessa passagem

O fariseu estava enganado a respeito da oração, pois orava a si mesmo, dizendo a Deus (e a qualquer um que estivesse ouvindo) como era bom. O fariseu usava a oração como forma de obter reconhecimento público, não como exercício espiritual para glorificar a Deus (Mt 6:5; 23:14).

Estava enganado a respeito de si mesmo, pois acreditava ser aceito por Deus em função do que fazia ou deixava de fazer. Os judeus deveriam jejuar apenas uma vez por ano, no dia da expiação (Lv 16:29), mas ele jejuava duas vezes por semana. Dava o dízimo de tudo o que adquiria, até mesmo das ervas de seu jardim (Mt 23:23).

Estava enganado quanto ao publicano, que também se encontrava no templo orando. O fariseu acreditava que o publicano era um grande pecador, mas o publicano voltou para casa justificado por Deus, enquanto o fariseu voltou para casa apenas satisfeito consigo mesmo. Ser "justificado" significa ser declarado justo diante de Deus com base no sacrifício de Jesus Cristo na cruz (Rm 3:19 - 4:25).

O publicano batia no peito com frequência, pois sabia onde se encontravam seus

maiores problemas e, assim, clamava a Deus por misericórdia. O publicano sabia da enormidade de seus pecados, mas o fariseu não fazia idéia do que havia dentro de seu coração. O orgulho do fariseu condenou-o, mas a fé humilde do publicano o salvou (ver Lc 14:11 e Is 57:15). Trata-se de outra versão da história do filho pródigo e de seu irmão mais velho (Lc 15:11ss).

As crianças levadas até Jesus são a antítese dos fariseus (Lc 18:15-17). Os judeus costumavam levar seus filhos pequenos ao rabino, a fim de receber sua bênção especial, de modo que é estranho ver os discípulos tentando impedi-las. Talvez tenham pensado que Jesus estava cansado ou tenham imaginado que Jesus não estava, de fato, interessado nas crianças. Que grande engano!

Todavia, essa não foi a primeira vez que os discípulos tentaram "livrar-se" de pessoas. Quiseram mandar embora a multidão faminta, mas Jesus alimentou a todos (Mt 14:15ss); quiseram impedir a mulher cananéia de rogar a Jesus que curasse sua filha (Mt 15:21ss), mas Jesus respondeu à sua oração. Os apóstolos ainda não possuíam a compaixão do Mestre, mas, com o tempo, ela se desenvolveria no coração deles.

Jesus não deseja que sejamos *infantis*, mas sim que sejamos *como crianças*. Uma criança inocente ilustra a humildade, a fé e a dependência. A criança maravilha-se de tal modo com as coisas que torna a vida empolgante. A única maneira de entrar no reino de Deus é tornar-se como uma criança e nascer de novo (Jo 3). Se os fariseus orgulhosos tivessem se tornado como crianças também teriam voltado para casa justificados.

3. UM JOVEM DESONESTO (Lc 18:18-34)

É possível que o jovem rico e influente (Mt 19:30) seja o único homem dos Evangelhos a colocar-se aos pés de Jesus e, depois, partir numa situação pior do que quando havia chegado. No entanto, suas circunstâncias eram por demais favoráveis! Era virtuoso e religioso, sério e sincero e, provavelmente, não teria encontrado dificuldade em ser

aceito como membro na maioria das igrejas de hoje. Todavia, se recusou a seguir a Jesus Cristo e, em vez disso, tomou o próprio rumo com grande tristeza.

Qual era o problema dele? Em uma só palavra: *desonestidade*. Apesar de ter buscado a Pessoa certa, de ter feito a pergunta certa e de ter recebido a resposta certa, *tomou a decisão errada*. Isso porque não foi honesto com Deus nem consigo mesmo. Assim, se recusou a fazer o que lhe foi ordenado. Mostrou-se um homem superficial, que dizia uma coisa e fazia outra. Vejamos as áreas de sua vida em que era desonesto.

Em sua visão de Cristo (vv. 18, 19). Era comum chamar um rabino de “Mestre” (Professor), mas dificilmente alguém o chamaria de “bom”. Os judeus reservavam esse adjetivo para Deus (Sl 25:8; 34:8; 86:5; 106:1). Isso explica por que Jesus pediu ao jovem que esclarecesse o que estava dizendo, pois, se acreditava, de fato, que Jesus era “bom”, *então deveria confessar que Jesus era Deus*. Ao fazer essa pergunta, Jesus não estava negando sua divindade, mas sim confirmando. Era um teste para o rapaz, a fim de ver se sabia mesmo o que acabara de dizer.

Seu comportamento subsequente mostra que não acreditava que Jesus era Deus. Se de fato acreditasse estar na presença do Deus Todo-Poderoso, como justificar a discussão educada sobre a Lei, a presunção acerca do próprio caráter e a recusa em obedecer à Palavra? Por certo, sabia que Deus vê o coração e conhece todas as coisas!

Em sua visão do pecado (vv. 20, 21). Também tinha uma visão superficial do próprio pecado. Sem dúvida, tentava sinceramente guardar a Lei, e talvez tenha sido isso o que o levou a aproximar-se do Mestre (Gl 3:24). Jesus não cita a Lei para ele como um meio de alcançar a salvação, pois a obediência à Lei não salva. Antes, coloca a lei diante do jovem como um espelho para revelar seus pecados (Rm 3:19, 20; Gl 2:21; 3:21).

Mas o rapaz olha no espelho e não vê as manchas e imperfeições em sua vida. Quando Jesus cita a segunda tábua da Lei, deixa de fora o último mandamento: “Não cobiçarás” (Êx 20:17). Jesus conhecia o coração

daquele jovem, de modo que, em vez de lhe dar um sermão sobre a cobiça, pediu-lhe que fizesse algo que uma pessoa cobiçosa não faria.

Ninguém é salvo por distribuir todas as riquezas entre os pobres, mas ninguém pode ser salvo a menos que se arrependa de seus pecados e os deixe. Esse jovem era escravo do seu dinheiro e se recusou a ter desapego por seus bens.

Em sua visão da salvação (vv. 22-34). O jovem pensava que a vida eterna era concedida àqueles que “faziam alguma coisa” (ver Lc 18:18), um conceito típico das convicções judaicas (Lc 18:9-12). Mas, quando Cristo lhe deu algo para fazer, ele se recusou a obedecer! Desejava ser salvo de acordo com suas próprias condições, não de acordo com o que Deus havia determinado, de modo que se virou e partiu profundamente entristecido.

Os discípulos ficaram estarelecidos quando Jesus anunciou que era difícil as pessoas ricas serem salvas. Os judeus acreditavam que as riquezas eram um sinal das bênçãos de Deus. De acordo com seu raciocínio, se os ricos não podiam ser salvos, que esperança haveria para eles? John D. Rockefeller teria concordado com os discípulos, pois certa vez disse que as riquezas são “uma dádiva do céu que significa ‘Tu és o meu filho amado, em ti me comprazo’”.

Não é o fato de possuir riquezas que impede as pessoas de entrarem no céu, pois Abraão, Davi e Salomão foram homens extremamente ricos. Antes, é o fato de *ser possuído* pelas riquezas e de *confiar* nelas que dificulta a salvação dos ricos. A riqueza dá uma falsa sensação de sucesso e de segurança, e quando as pessoas estão satisfeitas consigo mesmas, não sentem necessidade de buscar a Deus.

O comentário de Pedro em Lucas 18:28 dá a entender que possuía um conceito um tanto interesseiro do discipulado: “Que será, pois, de nós?” (Mt 19:27). Jesus prometeu a todos eles (observar o pronome “vos” em Lc 18:29) que seriam abençoados nesta vida e recompensados na vida seguinte, mas contrabalançou essas palavras com outra declaração sobre seu sofrimento

e morte iminentes. Como era possível Pedro estar pensando no benefício pessoal quando Jesus estava indo a Jerusalém para ser crucificado?

O jovem rico é uma advertência aos que desejam uma fé cristã que não mude seus valores nem perturbe seu estilo de vida. Jesus não ordenou a todos os pecadores que vendessem tudo e dessem aos pobres, mas ele nos mostra em que áreas de nossa vida estamos sendo desonestos.

4. UM MENDIGO DETERMINADO (Lc 18:35-43)

De acordo com Mateus, dois mendigos cegos encontraram Jesus quando ele saía de Jericó (Mt 20:29, 30), mas Lucas fala de apenas um mendigo cego, chamado Bartimeu, que abordou Jesus quando ele chegava a Jericó. Havia duas cidades chamadas Jericó: a cidade antiga, destruída, e a nova, construída por Herodes, o Grande, a menos de 2 quilômetros da cidade antiga. Os dois homens, um deles mais articulado que o outro, estavam assentados na entrada da cidade nova, de modo que o texto não apresenta qualquer contradição (ver Mc 10:46).

Naquele tempo, a cegueira era um mal comum e incurável, e não restava muita coisa para os cegos fazerem senão pedir esmolas. Os dois homens não eram cegos de nascença, pois pediram para “[tornar] a ver” (Lc 18:41; ver também Mt 20:34). Continuaram clamando a Jesus mesmo com todos os obstáculos no caminho: sua impossibilidade de ver Jesus, a oposição da multidão e a demora do Senhor em responder a eles. Não deixariam Jesus passar sem suplicar por misericórdia.

O fato de se dirigirem a ele como “Filho de Davi”, um título messiânico, indica que os dois mendigos judeus sabiam que Jesus era capaz de lhes restaurar a visão (Is 35:5; ver Lc 4:18). Jesus respondeu à sua fé e os curou, desencadeando grande transformação na

vida dos homens. Saíram das trevas e vieram para a luz; pararam de suplicar a Jesus e começaram a segui-lo; deixaram de clamar e começaram a louvar ao Senhor. Juntaram-se à multidão de peregrinos que se dirigia a Jerusalém e entoaram louvores a Deus em alta voz.

Fica evidente o contraste entre esses dois mendigos e o jovem rico (Lc 18:18-27). Os mendigos eram pobres e, no entanto, se tornaram ricos, enquanto o jovem era rico e tornou-se eternamente pobre. Os mendigos não alegaram possuir algum mérito especial e reconheceram abertamente sua necessidade, enquanto o jovem rico mentiu sobre si mesmo e se vangloriou de seu caráter. O jovem não creu em Jesus, de modo que foi embora muito triste; os dois mendigos crearam em Jesus e o seguiram com cânticos de louvor. “Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos” (Lc 1:53).

Essas “edições humanas” que acabamos de “ler” neste capítulo encorajam-nos a depositar nossa fé em Jesus Cristo sem nos importar com o que os outros digam ou façam. A viúva não se deixou desanimar pela atitude indiferente do juiz, nem o publicano pela atitude hipócrita do fariseu. Os pais levaram os pequeninos a Jesus apesar da atitude egoísta dos apóstolos, e os cegos clamaram a Jesus mesmo quando a multidão mandou que se calassem e que ficassem em seu lugar. Jesus sempre responde à fé e recompensa os que crêem.

Mas o jovem rico serve de advertência a todos os que acreditam que a salvação se dá em função do caráter. Esse jovem mostra como alguém pode estar perto de ser salvo e, ainda assim, dar as costas para Jesus, mostrando sua incredulidade. John Bunyan encerrou sua obra *O peregrino* com um aviso: “Fiquei sabendo que da porta do céu há caminho para o inferno, do mesmo modo que o há na cidade da Destruição”. Devemos atentar para esse aviso!

ENFIM, JERUSALÉM!

LUCAS 19

Quando Cristóvão Colombo navegou para o Leste em 1492, escreveu dois diários - um deles com informações falsas. Desejava que seus homens pensassem estar mais perto da terra natal do que de fato era o caso. Ao que parece, Colombo considerava o moral da sua tripulação mais importante do que a integridade do capitão.

Enquanto estava a caminho de Jerusalém, Jesus contou a seus discípulos o que aconteceria lá, mas eles não conseguiram compreender o que seu Mestre dizia (Lc 18:31-34). Alguns dentre a multidão pensavam que estava se dirigindo a Jerusalém a fim de libertar Israel do domínio de Roma e de dar início ao reino de Deus. Outros o seguiam simplesmente para ver qual seria o próximo milagre que realizaria.

Neste capítulo, Lucas volta sua atenção para a verdadeira identidade de Jesus ao apresentá-lo em um triplo ministério.

1. O SALVADOR QUE PROCURA OS PERDIDOS (Lc 19:1-10)

O nome *Zaqueu* significa "o justo", mas esse supervisor de coletores de impostos não fazia jus a seu nome. Por certo, a comunidade judaica em Jericó não o considerava justo, uma vez que não apenas arrecadava impostos do próprio povo, como também trabalhava para gentios impuros! Além do mais, os publicanos tinham a fama de recolher mais impostos do que era devido; quanto maior sua arrecadação, maior sua renda (Lc 3:12, 13). Ainda que, aos olhos dos judeus, Zaqueu não passasse de um traidor, aos olhos de Jesus era um precioso pecador perdido.

É interessante ver as transformações pelas quais Zaqueu passou naquele dia em decorrência da visita de Jesus a Jericó.

Um homem tornou-se uma criança (vv. 2-4). No Oriente, não era comum um homem adulto correr, especialmente um funcionário público de posses. Zaqueu, no entanto, correu pela rua como um garotinho seguindo um desfile e até subiu numa árvore! Sem dúvida, a curiosidade é uma das características da maioria das crianças e, nesse dia, Zaqueu deixou-se levar por sua curiosidade.

Como escreveu João Calvino: "A curiosidade e a simplicidade são uma espécie de preparação para a fé". Muitas vezes, é exatamente isso o que acontece e, por certo, foi o caso de Zaqueu. Por que havia tanta gente ali? Quem era esse Jesus de Nazaré a quem seguiam? O que estou perdendo?

Jesus disse: "Quem não receber o reino de Deus como uma criança de maneira alguma entrará nele" (Lc 18:17). Talvez o orgulho seja o maior empecilho para os "bem-sucedidos" crerem em Jesus Cristo.

Um homem que procurava foi encontrado (v. 5). Zaqueu pensou que estava procurando Jesus (Lc 19:3), mas, na verdade, era Jesus quem o procurava (Lc 19:10)! Não é próprio da natureza do pecador perdido buscar o Salvador (Rm 3:11). Quando nossos primeiros antepassados pecaram, esconderam-se de Deus, mas ele foi procurá-los (Gn 3:1-10). Jesus procurou os perdidos enquanto ministrava aqui na Terra, e hoje o Espírito Santo usa a Igreja para continuar a buscar os pecadores.

Não sabemos de que maneira Deus trabalhou no coração de Zaqueu a fim de prepará-lo para esse encontro com Jesus. Será que Levi, um ex-publicano (Lc 5:27-39), era um de seus amigos? Será que havia falado a Zaqueu sobre Jesus e orava por Zaqueu? É possível que Zaqueu tenha se cansado de suas riquezas e começado a ansiar por algo melhor? Não temos como responder a essas perguntas, mas podemos nos alegrar com o fato de que o Salvador, que procura os perdidos, encontrou um pecador em busca de um recomeço.

Um homem pequeno tornou-se grande (vv. 7, 8). Não era culpa de Zaqueu ser “de pequena estatura” e não conseguir ver acima da multidão. Fez o que estava a seu alcance para superar essa desvantagem, colocando sua dignidade de lado e subindo em uma árvore. Em termos espirituais, todos nós somos “de pequena estatura”, pois “todos [pecamos] e [carecemos] da glória de Deus” (Rm 3:23). Ninguém é capaz de atingir os parâmetros elevados de Deus; somos todos “pequenos demais” para entrar no céu.

Infelizmente, muitos pecadores consideram-se “grandes”. Medem sua estatura segundo parâmetros humanos – dinheiro, cargos, autoridade, popularidade –, coisas que são “abominação diante de Deus” (Lc 16:15). Acreditam que têm tudo, quando, na verdade, não têm coisa alguma (Ap 3:17).

Zaqueu creu em Jesus Cristo e se tornou um verdadeiro “filho de Abraão”, ou seja, um filho da fé (Rm 4:12; Gl 3:7). É impossível ser maior do que isso!

Um homem pobre tornou-se rico (vv. 9, 10). O povo pensava que Zaqueu era um homem rico, mas, na verdade, era apenas um pecador falido que precisava receber de Deus a dádiva da vida eterna, o presente mais precioso do mundo. Esse é o único caso nos quatro Evangelhos em que vemos Jesus se convidando para ir à casa de alguém e, com isso, ilustrando as palavras de Apocalipse 3:20.

Zaqueu não foi salvo porque prometeu fazer boas obras, mas sim porque respondeu pela fé ao convite bondoso de Cristo. Depois de crer no Salvador, demonstrou sua fé prometendo indenizar todos a quem havia defraudado. A fé salvadora vai além das palavras piedosas e dos sentimentos devotos. Cria uma relação viva com Cristo que resulta em mudança de conduta (Tg 2:14-26).

De acordo com a Lei mosaica, se um ladrão confessava voluntariamente seu crime, deveria restituir o que havia roubado com um acréscimo de 20% e levar uma oferta pela culpa ao Senhor (Lv 6:1-7). Se havia roubado algo que não pudesse restituir, deveria ressarcir quatro vezes o valor (Êx 22:1); e se havia sido encontrado com os bens em

questão, deveria ressarcir duas vezes o valor (Êx 22:4). Zaqueu não discutiu os detalhes da Lei; em vez disso, se ofereceu para pagar a indenização máxima, pois seu coração fora, verdadeiramente, transformado.

O filho de Deus nasce rico, pois compartilha de “Toda sorte de bênção espiritual” (Ef 1:3) Temos as riquezas da misericórdia e da graça de Deus (Ef 1:7; 2:4), bem como as riquezas de sua glória (Fp 4:19) e de sua sabedoria (Rm 11:33). São todas “insondáveis riquezas”, que jamais poderão ser inteiramente compreendidas ou completamente esgotadas (Ef 3:8).

O anfitrião tornou-se o convidado (v. 6). Jesus convidou-se para visitar Zaqueu, e este, por sua vez, recebeu-o com alegria. A *alegria* é um dos temas centrais do Evangelho de Lucas, e esse termo, ou seus co-relatos, aparece pelo menos vinte vezes ao longo do livro. Sem dúvida, a salvação deve produzir alegria no coração do que crê.

Zaqueu tornou-se um convidado na própria casa, pois agora Jesus era seu Senhor. Dispôs-se a obedecer e a fazer o que fosse preciso para dar um testemunho verdadeiro diante do povo. Por certo, houve quem criticasse Jesus por visitar a casa de um publicano (Lc 5:27-32), mas Jesus não atentou para essas palavras. Os críticos também precisavam ser salvos, mas não há evidência alguma de que tenham crido em Jesus.

Quando um dia começa, nunca sabemos como terminará. Para Zaqueu, aquele dia terminou em alegre comunhão com o Filho de Deus, pois o publicano havia sido transformado e tinha diante de si uma nova vida. Jesus ainda procura os perdidos e deseja ardentemente salvá-los. Você já foi encontrado?

2. O SENHOR RECOMPENSA OS FIÉIS (Lc 19:11-27)

A Páscoa era sempre uma época de grandes emoções para os judeus, pois os lembrava de sua libertação da escravidão no Egito. Essa celebração anual só aumentava o peso do jugo romano sobre eles e os fazia ansiar ainda mais por um libertador. É evidente que havia os grupos subversivos, como

os zelotes, que usavam táticas de guerrilha contra Roma, e os políticos, como os herodianos, que faziam acordos com os romanos; mas a maioria dos judeus não aceitava tais abordagens. O povo desejava que Deus cumprisse as profecias do Antigo Testamento e enviasse o Rei prometido.

Jesus sabia que grande parte da multidão esperava que estabelecesse o reino, de modo que contou esta parábola para esclarecer a situação. Muitos dos que o ouviram certamente associaram essas palavras a um acontecimento da história de Israel ocorrido vários anos antes. Quando Herodes, o Grande, faleceu no ano 4 a.C., deixou a Judéia para o filho, Arquelau, o qual teve de receber de Roma a aprovação dessa herança. Uma vez que os judeus não queriam Arquelau como seu governante, enviaram cinqüenta homens para pleitear sua causa diante de César Augusto, que, por sua vez, ratificou a herança, mas não concedeu a Arquelau o título de "rei".

Jesus explicou que o reino só viria no futuro, mas que seus servos deveriam ser fiéis no presente, realizando o trabalho do qual seu Senhor os havia incumbido. Nessa parábola, vemos três reações diferentes ao Senhor.

Obediência fiel (vv. 16-19, 24). Cada um dos servos recebeu em dinheiro uma quantia equivalente a três meses de salário de um trabalhador comum, de modo que podemos ter uma idéia do valor equivalente hoje em dia. A ordem do senhor foi para que "negociassem" com esse dinheiro. Poderiam entregá-lo a um investidor e receber os juros ou comprar bens e vendê-los posteriormente com algum lucro. O importante era devolverem a seu senhor mais do que ele havia lhes dado. Ficava a critério deles decidir como procederiam.

O relato fala de três dos dez servos e mostra que dois deles foram bem-sucedidos. O primeiro servo trouxe dez minas a mais; o segundo trouxe cinco minas a mais; e os dois foram devidamente recompensados. Esses homens fizeram seu trabalho com fidelidade, apesar de o senhor não lhes ter prometido qualquer recompensa antes de

partir e de não terem qualquer garantia de que voltaria, muito menos de que tomaria posse do tal reino.

A Parábola dos Talentos (Mt 25:14-30) é semelhante à Parábola das Minas, mas é importante não confundir as lições das duas. Nesta parábola, cada um dos dez servos deveria negociar com a mesma quantia, mas cada um recebeu recompensas diferentes. Na Parábola dos Talentos, os servos receberam quantias diferentes, mas a mesma recompensa: a aprovação e a alegria do Senhor (Mt 25:21). A Parábola dos Talentos ensina a fidelidade no uso dos diversos dons, à medida que Deus dá oportunidades de servir. Alguns possuem grandes habilidades, de modo que Deus lhes dá grandes oportunidades. O importante não são as habilidades que temos, mas a fidelidade ao usá-las para o Senhor. Se uma pessoa com menos habilidades for fiel, receberá a mesma recompensa que o mais talentoso dos líderes da igreja.

Na Parábola das Minas, cada servo recebe o mesmo valor que, provavelmente, representa a mensagem do evangelho (1 Ts 2:4; 1 Tm 1:11; 6:20). Nossos dons e habilidades são diferentes, mas nosso trabalho é o mesmo: compartilhar a Palavra de Deus, de modo que se multiplique e se propague por todo o mundo (1 Ts 1:8; 2. Ts 3:1). No dia de Pentecoste, havia apenas cento e vinte cristãos reunidos (At 1:15), mas antes que o dia chegasse ao fim, havia mais de três mil (At 2:41) e, logo, mais de cinco mil cristãos (At 4:4). Depois de algum tempo, os líderes judeus acusaram os discípulos de "[encher] Jerusalém" com a mensagem do evangelho! (At 5:28)

Em se tratando de dar testemunho, todos os cristãos começam no mesmo nível, de modo que a recompensa é proporcional à fidelidade e ao que cada um realiza. Os servos fiéis foram recompensados, sendo nomeados *governantes* de várias cidades. A recompensa pelo trabalho fiel é sempre... mais trabalho! Mas que grande honra o senhor ter confiado a esses servos o governo de tantas cidades! A maneira de servir ao Senhor hoje determina a recompensa e o ministério, quando ele vier estabelecer seu

reino aqui na Terra. A fidelidade de hoje é uma preparação para o serviço abençoado no futuro.

Desobediência infiel (vv. 20-23). Pelo menos um dos dez homens não obedeceu à ordem de seu senhor e, como resultado, perdeu até mesmo a mina que o senhor havia lhe dado. Um princípio fundamental da fé cristã é que as oportunidades perdidas representam recompensas perdidas e, *possivelmente, a perda do privilégio de servir*. Se não vamos usar os dons dados por Deus de acordo com sua orientação, para que tê-los? Outra pessoa poderia fazer melhor uso dos dons para a glória de Deus (ver Mt 13:12 e Lc 8:18).

“É sempre assim”, disse Charles Haddon Spurgeon, “homens cheios de graça e de fidelidade obtêm mais graça e novos meios de ser úteis, enquanto os homens infiéis afundam e só pioram sua situação. Devemos progredir, pois, do contrário, perderemos o que havíamos obtido. Na religião, é impossível ficar parado”.

O servo foi infiel porque seu coração não estava em ordem com seu senhor. Ele considerava seu senhor um homem severo, exigente e injusto. Não o amava; antes, tinha medo dele e receava lhe desagradar. Para não perder a mina, atraindo sobre si a ira do senhor, guardou o dinheiro, de modo que tivesse pelo menos alguma coisa para devolver ao senhor, caso ele voltasse e exigisse uma prestação de contas.

É triste quando um cristão é motivado por um medo servil, não por uma fé amorosa. Apesar de haver um “temor do Senhor” apropriado que todo cristão deve ter no coração, esse “temor” dever ser o respeito de um filho que ama, não o pavor de um servo assustado. “Não há nada que distorça e deforme mais a alma do que um conceito baixo ou indigno de Deus”, escreveu A. W. Tozer. É absolutamente essencial fazer a vontade de Deus de coração (Ef 6:6).

Rebelião total (vv. 14-27). Os “concedidos” e os “inimigos” são mencionados no início e no final e constituem parte importante da história, pois grande porção do povo daquela época encaixava-se nessa categoria.

Jesus estava perto de Jerusalém e, em poucos dias, ouviria a multidão gritar: “Não temos rei, senão César!” (João 19:15). Em outras palavras: “Não queremos que este reine sobre nós”.

Deus foi benevolente com Israel e concedeu à nação quase quarenta anos de graça para se arrepender antes de lhe sobrevir o julgamento (Lc 19:41-44). No entanto, devemos ver aqui uma advertência a todos os que rejeitam Jesus Cristo – quer judeus quer gentios –, pois durante esse tempo em que está no céu, Jesus Cristo está chamando as pessoas de toda a Terra para se arrependerem e se sujeitarem a ele.

Os servos fiéis obedeceram, pois confiavam em seu senhor e desejavam lhe agradar. O servo infiel desobedeceu, pois tinha medo de seu senhor. Esses cidadãos, no entanto, se rebelaram, pois odiavam seu rei (Lc 19:14). Jesus citou o Salmo 69:4 e disse a seus discípulos: “Odiaram-me sem motivo” (Jo 15:25).

Vivemos hoje o período entre Lucas 19:14 e 15, em que nosso Senhor está ausente, mas voltará conforme prometeu. Recebemos uma tarefa a cumprir e devemos ser fiéis até sua volta. O que o Rei nos dirá quando voltar? Suas palavras representarão recompensa, repreensão ou, possivelmente, castigo? “Ora, além disso, o que se requer dos despenseiros, é que cada um seja encontrado fiel” (1 Co 4:2).

3. O REI QUE OFERECE PAZ (LC 19:28-48)

O calendário tradicional para os acontecimentos da última semana de ministério de Cristo apresenta a seguinte seqüência:

Domingo – Entrada triunfal em Jerusalém.

Segunda-feira – Purificação do templo.

Terça-feira – Discussões com os líderes judeus.

Quarta-feira – Possivelmente, um dia de descanso.

Quinta-feira – Preparativos para a Páscoa.

Sexta-feira – Julgamento e crucificação.

Sábado – Jesus permanece sepultado.

Domingo – Jesus é ressuscitado dentre os mortos.

É importante não esquecer que, de acordo com o cálculo judaico, um dia vai de um pôr-do-sol a outro, de modo que nossa noite de quinta-feira corresponde à sexta-feira desse cálculo, ou seja, o Dia da Páscoa.

Preparação (vv. 28-36). Os donos da jumenta e do jumentinho (ver Mt 21:2) eram discípulos de Jesus e haviam deixado tudo preparado para ele. O plano foi executado sem maior alarde, pois os líderes judeus haviam avisado que qualquer um que confessasse Cristo seria excomungado (Jo 9:22). Uma vez que os líderes planejavam matar Jesus, era ainda mais importante que os donos desses animais fossem protegidos (Jo 7:1, 19, 25; 8:37; 11:47-57).

Para nós, o jumento é um animal humilde, mas para os judeus, era a montaria digna de um rei (1 Rs 1:33, 44). Jesus montou o jumentinho (Lc 19:35), enquanto a jumenta o acompanhava. O fato de o jumentinho nunca ter sido montado e de, ainda assim, ter se sujeitado a Jesus, mostra a soberania do Senhor sobre sua criação. O gesto de colocar vestes sobre os animais e ao longo do caminho e de agitar e espalhar ramos de árvores fazia parte da recepção tradicional judaica reservada à realeza.

Celebração (vv. 37-40). Essa foi a única ocasião em que Jesus permitiu algum tipo de manifestação pública em seu favor, e o fez por pelo menos dois motivos. Em primeiro lugar, estava cumprindo a profecia e se apresentando como rei de Israel (Zc 9:9). Não podemos dizer, ao certo, quanto essa multidão entendia o que estava acontecendo, apesar de citarem louvores de um salmo messiânico (Sl 118:25, 26). Sem dúvida, muitos dos peregrinos que se encontravam em Jerusalém para celebrar a Páscoa acreditavam que Jesus se livraria dos invasores romanos e estabeleceria seu reino glorioso.

O segundo motivo para permitir essa manifestação era forçar os líderes religiosos judeus a tomar uma atitude. O plano deles era prendê-lo *depois* da Páscoa (Mt 26:3-5), mas Deus havia determinado que seu Filho seria morto *durante* a Páscoa, como “O Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29; ver 1 Co 5:7). Todas as tentativas

anteriores de prender Jesus haviam falhado, pois “ainda não era chegada a sua hora” (Jo 7:30; 8:20; ver também Jo 13:1; 17:1). Quando viram essa grande celebração pública, os líderes concluíram que deveriam tomar uma atitude, e a cooperação voluntária de Judas resolveu o problema deles (Mt 26:14-16).

O tema da celebração era a paz. No início de seu Evangelho, Lucas mostra o anjo anunciando: “paz na terra” (Lc 12:14), mas, agora, o tema é a “paz no céu”. Uma vez que o Rei havia sido rejeitado, não poderia haver paz na Terra. Antes, haveria um conflito doloroso e constante entre o reino de Deus e o reino do mal (Lc 12:49-53). Não haveria paz na Terra, mas, graças à obra de Cristo na cruz, haveria “paz com Deus” no céu (Rm 5:1; Cl 1:20). Hoje, o apelo é: “Rogamos que vos reconcilieis com Deus” (2 Co 5:17-21).

Lamentação (vv. 41-44). Enquanto a multidão se regozijava, Jesus estava chorando! Essa é a segunda ocasião em que vemos Jesus chorar abertamente, sendo a primeira no túmulo de Lázaro (Jo 11:35). Lá, ele chorou silenciosamente, mas aqui, proferiu uma lamentação em alta voz, como era de costume ao prantejar os mortos. Fez como o profeta Jeremias ao chorar pela destruição de Jerusalém (Jr 9:1ss; ver também o Livro de Lamentações). Jonas olhou para Nínive e desejou que a cidade fosse destruída (Jn 4), enquanto Jesus olhou para Jerusalém e chorou, porque a cidade havia destruído a si mesma.

Não importava para onde dirigisse o olhar, Jesus encontrava motivos para chorar. Olhando para *trás*, via que a nação desperdiçara suas oportunidades e deixara passar o tempo da “visitação”. Olhando para *dentro*, via a ignorância e a cegueira espiritual no coração do povo. Já deveriam saber quem era Jesus, pois Deus lhes dera sua Palavra e enviara seus mensageiros para preparar-lhe o caminho.

Olhando *ao redor*, Jesus via cerimônias religiosas praticamente inúteis. O templo se tornara um covil de ladrões, e os líderes religiosos estavam determinados a matar seu

Messias. A cidade encontrava-se cheia de peregrinos comemorando uma festa, mas o coração do povo estava pesado com os fardos da vida e com seus pecados.

Olhando *adiante*, Jesus chorou pelo julgamento terrível que sobreviria à nação, à cidade e ao templo. No ano 70 d.C., os romanos sitiariam Jerusalém por 143 dias, matariam seiscentos mil judeus, levariam milhares cativos e, por fim, destruiriam a cidade e o templo. Por que tudo isso aconteceu? Porque o povo não se deu conta de que Deus os havia visitado! “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (Jo 1:11). “Não queremos que este reine sobre nós” (Lc 19:14).

Acusação (vv. 45-48). Jesus passou aquela noite em Betânia (Mt 21:17) e entrou em Jerusalém bem cedo no dia seguinte. Foi nessa ocasião que amaldiçoou a figueira (Mc 11:12-14) e purificou o templo pela segunda vez (ver Jo 2:13-22 para um relato da primeira purificação do templo).

O pátio dos gentios era a única parte do templo aberta a todos os que não eram judeus. Lá, os judeus poderiam testemunhar aos vizinhos “pagãos” e lhes falar do verdadeiro Deus vivo. Porém, em vez de ser usada para o evangelismo, essa área foi transformada num “mercado religioso”, onde os judeus de outros lugares poderiam trocar dinheiro e comprar sacrifícios. Os sacerdotes administravam esses negócios e desfrutavam um lucro considerável.

Em vez de *orar* pelo povo, os sacerdotes resolveram *explorar* o povo! O templo não era mais uma “Casa de Oração” (Is 56:7), mas sim, um “covil de salteadores” (Jr 7:11). Campbell Morgan lembra que um “covil de salteadores” é um lugar para onde os ladrões *fogem para se esconder* depois de cometer seus atos perversos. Os líderes religiosos estavam usando os serviços do santo templo para encobrir seus pecados (ver Is 1:1-20). Mas, antes de condenarmos essas pessoas com severidade, devemos refletir se alguma vez não fomos à igreja e participamos dos cultos apenas a fim de dar às pessoas a impressão de que somos piedosos.

Jesus ficava no templo e usava o local para reunir quem precisasse de ajuda. Curou muitos enfermos e aflitos e ensinou ao povo a Palavra de Deus. Os líderes religiosos hipócritas tentaram destruí-lo, mas sua hora ainda não havia chegado e não puderam tocá-lo. Nos dias subseqüentes, discutiram com o Senhor e tentaram usar suas palavras contra ele (Lc 20), mas não foram bem-sucedidos. Quando chegasse sua hora, Jesus se entregaria a esses líderes, e eles o crucificariam.

Com toda coragem, o Filho de Deus havia feito seu rosto “como um seixo” (ver Is 50:7) e se dirigido a Jerusalém. Durante a última semana de seu ministério, enfrentaria bravamente seus inimigos e iria à cruz para morrer pelos pecados do mundo.

Ele ainda nos chama para sermos corajosos!

ASSUNTOS RELEVANTES

LUCAS 20

Jesus já havia dito aos apóstolos que esperassem conflitos e sofrimento quando chegassem à Cidade Santa. “É necessário que o Filho do Homem sofra muitas coisas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas; seja morto e, no terceiro dia, ressuscite” (Lc 9:22). Jesus sabia muito bem o que estava por vir e não teve medo.

Neste capítulo, vemos os três grupos de líderes religiosos (Lc 20:1) e testemunhamos seu conflito com Jesus. Opuseram-se a ele por haver purificado o templo e por tê-los chamado de “salteadores”. Tentaram usar suas palavras contra ele a fim de forjar algum tipo acusação e de fazer com que fosse preso como inimigo do Estado.

Mas essa série de perguntas não foi apenas uma encenação. O termo traduzido por “rejeitar”, em Lucas 9:22 (ver também Lc 20:17), significa “rejeitar depois de examinar com cuidado”. Os judeus deveriam observar o cordeiro pascal com atenção do décimo até o décimo quarto dia para se certificar de que não possuía qualquer imperfeição (Êx 12:1-6). Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus (Jo 1:29), foi observado e examinado por seus inimigos durante essa última semana e, apesar de tudo o que viram e descobriram, ainda assim o rejeitaram.

Todavia, *Jesus também os examinava!* Enquanto o interrogavam, Jesus questionou-os, e suas respostas revelaram a ignorância, o ódio e a incredulidade do coração desses homens.

As perguntas de Jesus concentraram-se em quatro pessoas.

1. UMA PERGUNTA SOBRE JOÃO BATISTA (Lc 20:1-19)

A purificação do templo foi um acontecimento dramático que chamou a atenção do povo e, ao mesmo tempo, suscitou a ira da instituição religiosa. O fato de Jesus usar o templo diariamente como “central de operações” para ministrar ao povo deixou os membros do Sinédrio ainda mais indignados, de modo que decidiram interrogá-lo: “Dize-nos: com que autoridade fazes estas coisas? Ou quem te deu esta autoridade?”

A autoridade é um elemento essencial para o sucesso de qualquer organização social, política ou religiosa; sem autoridade, só há confusão. A autoridade dos sacerdotes vinha de Moisés, pois a Lei havia separado a tribo de Levi para servir no santuário. Os escribas eram estudiosos da Lei e afirmavam que sua autoridade vinha dos rabinos, cujas interpretações estudavam. Os anciãos de Israel eram os líderes das famílias e dos clãs, escolhidos em geral por sua experiência e sabedoria. Todos esses homens sentiam-se seguros de sua autoridade e não tiveram medo de confrontar Jesus.

Desejavam colocar Jesus contra a parede. Qualquer que fosse sua resposta para o dilema, ele se colocaria numa posição difícil. Se dissesse que *não* possuía autoridade alguma, teria problemas com os judeus por haver invadido o templo e agido como um profeta. Se dissesse que sua autoridade era proveniente de Deus, teria problemas com os romanos que estavam sempre atentos a supostos “messias”, especialmente na época da Páscoa (ver At 5:34-39; 21:37-39).

É interessante observar como Jesus usou de sabedoria, virando a mesa e colocando os líderes na defensiva. Primeiro, *fez uma pergunta* (Lc 20:3-8); em seguida, *apresentou uma parábola* (Lc 20:9-16); por fim, *citou uma profecia* (Lc 20:17, 18). Em cada uma dessas abordagens, revelou os pecados de Israel como nação.

Sua rejeição no passado (vv. 3-8). Jesus levou-os de volta a João Batista por dois motivos. Em primeiro lugar, João havia apontado para Jesus, apresentando-o à nação (Jo 1:15-34), de modo que, ao rejeitarem João,

na verdade estavam rejeitando ao Senhor Jesus Cristo. Em segundo lugar, existe um princípio espiritual de acordo com o qual Deus não pode revelar uma nova verdade se não estamos obedecendo às verdades que já conhecemos (ver Jo 7:14-17). Por que responder às perguntas deles, quando já haviam recusado sujeitar-se à mensagem de João Batista?

Nesse ponto, os líderes religiosos é que se viram num dilema! Qualquer resposta que dessem os colocaria numa situação difícil, de modo que decidiram permanecer calados. Foram dissimulados ao perguntar e desonestos ao evitar responder. Mesmo que Jesus tivesse lhes dado uma resposta, o *coração desses homens não estava preparado para recebê-la*. Se haviam desobedecido à mensagem de Deus transmitida por João Batista (Lc 7:24-30), fariam o mesmo com a mensagem do Filho de Deus. A parábola que Jesus conta trata desse tema.

Sua rebelião no presente (vv. 9-16). Esses homens conheciam as Escrituras e entenderam que Jesus estava falando sobre a "vinha" de Israel (Sl 80:8ss; Is 5:1-7). Deus, o Pai, abençoou a nação abundantemente e deu aos judeus uma terra rica e agradável. Tudo o que lhes pediu foi que obedecessem a seus estatutos e que lhe dedicassem a "colheita espiritual" que lhe cabia.

Em lugar de se mostrar agradecido pelas bênçãos e de dar ao Senhor o que lhe era devido com um coração alegre, o povo de Israel roubou a Deus e rejeitou seus mensageiros (ver Ne 9:26; Jr 7:25, 26; 25:4). Deus foi paciente e enviou uma série de servos, mas o povo recusou-se a obedecer (Mt 23:29-39). Por fim, ele enviou seu Filho amado (Lc 3:22), e eles o mataram. Com essa história, Jesus anunciou a própria morte.

De acordo com a lei judaica, qualquer um poderia tomar posse de uma propriedade sem dono. Os arrendatários talvez tivessem concluído que o proprietário estivesse morto, uma vez que não havia comparecido à vinha para tratar com eles pessoalmente. Se matassem o filho, poderiam tomar a vinha para si. *Era exatamente esse o raciocínio dos líderes judeus naquele momento, enquanto*

se encontravam diante de Jesus! (ver Jo 11:47-54).

Sua ruína no futuro (vv. 17, 18). Jesus olhou-os com firmeza e citou o Salmo 118:22. Os líderes sabiam que se tratava de um salmo messiânico e tinham ouvido a multidão gritar essas palavras, quando Jesus entrou na cidade (comparar Lc 19:38 com o Sl 118:26). Ao aplicar esse versículo a si mesmo, Jesus afirmava claramente ser o Messias. Claro que os "construtores" eram os líderes religiosos judeus (At 4:11).

No Antigo Testamento, a "pedra" é um símbolo usado com freqüência para Deus e para o Messias prometido (ver Gn 49:24; Êx 17:6; 33:22; Dt 32:4, 15, 30, 31; Is 8:14; 28:16; 1 Co 10:4). Uma vez que não crearam, os judeus tropeçaram no Messias e foram julgados. Para os que crêem em Jesus Cristo, ele é seu alicerce e a pedra angular da Igreja (1 Co 3:11; Ef 2:20).

Mas Jesus também fez referência a Daniel 2:34, 35, 44, 45, em que o Messias é retratado como uma "pedra destruidora" que esmiúça tudo o que se coloca em seu caminho. Jesus estava advertindo o Sinédrio de que, se o condenassem, estariam assinando a própria sentença de morte. O mesmo princípio aplica-se hoje, e os incrédulos devem atentar para esse aviso.

Quando os líderes rejeitaram João Batista, pecaram contra o Pai que o havia enviado. Quando crucificaram Jesus, pecaram contra o Filho. Jesus lhes dissera que era possível pecar contra ele e, ainda assim, ser perdoado, mas quem pecasse contra o Espírito Santo não teria perdão (Mt 12:24-37). *Isso porque o Espírito era a última testemunha de Deus à nação*. Os líderes judeus cometeram esse "pecado imperdoável" ao rejeitar categoricamente o testemunho do Espírito de Deus por intermédio dos apóstolos. A prova dessa rejeição foi o apedrejamento de Estêvão (At 7:51-60). A partir de então, o evangelho passou a ser pregado aos samaritanos (At 8) e, em seguida, aos gentios (At 10).

Nessa parábola, Jesus ilustra a natureza traiçoeira do pecado: *quanto mais pecamos, mais a situação se deteriora*. Os arrendatários

começaram a espancar alguns dos servos, ferindo outros, mas acabaram se tornando assassinos! Os líderes judeus *permitiram* que João Batista fosse morto, *pediram* que Jesus fosse crucificado e, por fim, *eles próprios apedrejaram Estêvão*. Pecaram contra o Pai, o Filho e o Espírito Santo e foi o fim do testemunho de Deus a eles.

Rejeitar a mensagem e os mensageiros de Deus é algo extremamente sério (ver Jo 12:35-43; Hb 2:1-4).

2. UMA PERGUNTA SOBRE CÉSAR (Lc 20:20-26)

Jesus sabia que os homens que o interrogaram eram espias enviados pelos fariseus e herodianos (Mc 12:13), mas ouviu pacientemente e depois respondeu. Normalmente, esses dois grupos viviam em conflito, mas se tornaram aliados ao encontrar um inimigo em comum. Desejavam discutir sobre os impostos e a autoridade de Roma na esperança de provocar Jesus para que ofendesse os judeus (dizendo que pagassem os tributos a César) ou os romanos (dizendo que não pagassem os tributos a César). Mas Jesus passou a discussão a um nível muito mais elevado e obrigou os espias a pensar na relação entre o reino de Deus e o reino dos homens.

A autoridade do governo é instituída por Deus e deve ser respeitada (Pv 8:15; Dn 2:21, 37, 38; Rm 13; 1 Pe 2:11-17). Por certo, somos cidadãos do céu (Fp 3:20) e peregrinos e estrangeiros na Terra, mas isso não significa que devemos ignorar nossas responsabilidades neste mundo. O governo humano é essencial para uma sociedade segura e ordeira, pois o ser humano é pecador e precisa ser controlado.

Jesus não sugeriu que devemos dividir nossa lealdade entre Deus e o governo. Uma vez que “as autoridades que existem foram por ele [Deus] instituídas” (Rm 13:1), *somos bons cidadãos quando obedecemos às autoridades por amor ao Senhor*. Quando a obediência a Deus entra em conflito com a obediência aos homens, devemos colocar Deus em primeiro lugar (At 4:19, 20; 5:29), mas devemos fazê-lo de maneira honrada e

em amor. Mesmo que não sejamos capazes de respeitar quem ocupa os cargos de governo, *devemos respeitar o cargo em si*. O conselho de Jeremias aos judeus no exílio da Babilônia ainda vale para os “estrangeiros e peregrinos” de Deus nos dias de hoje (Jr 29:4-7): “Procurai a paz da cidade”.

As moedas traziam gravados o nome e a efígie de César, de modo que, nesse sentido, o dinheiro era *dele*. Pagar o tributo significava simplesmente devolver a César aquilo que lhe pertencia. A imagem de Deus encontra-se gravada em nós, de modo que ele tem o direito de governar nossa vida como cidadãos de seu reino. Devemos procurar ser cidadãos exemplares, a fim de que Deus seja glorificado e os não salvos sejam atraídos pelo evangelho, tendo o desejo de se tornar cristãos (1 Pe 2:9-12; 3:8-17).

Infelizmente, alguns cristãos têm a idéia equivocada de que, quanto mais incômodos forem como cidadãos, mais agradarão a Deus e darão testemunho de Cristo. Não devemos jamais violar nossa consciência, mas, dentro do possível, devemos procurar ser pacificadores, não agitadores. Daniel é um exemplo a ser seguido (Dn 1).

3. UMA PERGUNTA SOBRE MOISÉS (Lc 20:27-40)

Os próximos da fila foram os saduceus, com uma pergunta hipotética baseada na Lei judaica do “casamento de levirato” (Gn 38; Dt 25:5-10). O termo *levirato* vem do latim *levir*, que significa “o irmão do marido”. Os saduceus consideravam apenas os Cinco Livros de Moisés como Escrituras e não acreditavam em anjos, espíritos, nem na ressurreição dos mortos (At 23:8). De acordo com eles, Moisés não havia escrito sobre essas doutrinas. O partido sacerdotal de Israel era constituído de saduceus, o que explica por que os sacerdotes opunham-se à pregação dos apóstolos sobre a ressurreição (At 4:1, 2) e por que desejavam matar Lázaro, que havia sido ressuscitado (Jo 12:10, 11).

Jesus demonstrou que seus opositores estavam errados e que sua pergunta revelava suposições que limitavam o poder de Deus e negavam a Palavra de Deus. A ressurreição

não é uma reconstrução; antes, é a concessão miraculosa de um novo corpo, associado ao antigo corpo, mas não igual a ele. Paulo comparou esse corpo a uma semente plantada, e o futuro corpo ressurreto a suas flores e frutos maravilhosos (1 Co 15:35-50). O corpo de Cristo ressurreto era semelhante àquele de antes da sua morte e, no entanto, era diferente! Seus amigos o reconheceram e até mesmo o sentiram; ele podia alimentar-se, mas também passar por portas fechadas, mudar de aparência e sumir de repente.

A vida futura com Deus não será apenas uma continuação desta vida num “plano mais elevado”. Manteremos a identidade e reconheceremos uns aos outros, porém não haverá morte, de modo que o casamento e a procriação não serão mais necessários. Os cristãos não se tornarão anjos. No céu, compartilharemos a imagem de Jesus Cristo e seremos superiores aos anjos (1 Jo 3:2). Os anjos aparecem nas Escrituras como homens, mas, na verdade, são seres espirituais sem sexualidade. Nesse sentido, seremos como eles, pois no céu não haverá casamento nem procriação.

Acaso Deus não é poderoso o suficiente para ressuscitar os mortos e lhes dar um corpo adequado para seu novo ambiente? Considerando-se que, hoje, ele dá corpos diferentes a vários elementos da criação, por que não poderia fazer o mesmo por seu povo na ressurreição (1 Co 15:35-44)? Em sua tentativa de ser “racional”, os saduceus negavam o próprio poder de Deus!

Mas Jesus foi além da lógica e os levou até a Palavra de Deus, especialmente ao que aconteceu com Moisés, conforme o relato de Êxodo 3. Deus identificou-se com Abraão, Isaque e Jacó e, desse modo, afirmou que esses três patriarcas continuavam vivos. Porém, se estavam vivos, então estavam “fora do corpo”, pois haviam morrido (Tg 2:26). Logo, deve haver um mundo de seres espirituais, pois, de outro modo, Moisés não teria escrito essas palavras. (A propósito, Moisés também confirmou a existência dos anjos; ver Gn 19:1, 15; 28:12; 32:1.)

Jesus mostrou que Êxodo 3:6, 15, 16 ensina não apenas a existência da vida depois

da morte, mas também a realidade da ressurreição. Essa verdade não é declarada diretamente, mas pode ser observada por inferência. Deus é o Deus do ser humano como um todo – espírito, alma e corpo (1 Ts 5:23) –, pois criou todas essas partes da pessoa. Não se atém a “salvar almas”, desprezando o restante do ser. Sua preocupação pelas pessoas em sua totalidade é inerente à própria natureza da atividade criadora de Deus. Portanto, Deus não manterá os espíritos desencarnados pela eternidade afora, mas dará corpos gloriosos apropriados para a perfeição celestial.

Outro elemento a ser considerado é a relação de aliança entre Deus e os patriarcas. Deus prometeu aos patriarcas bênçãos aqui na Terra, tanto a eles quanto a seus descendentes, mas não poderá cumprir essas promessas se seu povo viver para sempre como espíritos desencarnados. Como é possível haver novos céus e nova terra, sem uma glória corpórea para o povo de Deus?

Jesus afirmou aquilo que os saduceus negavam: a existência dos anjos, a realidade da vida depois da morte e a esperança da ressurreição futura – e o fez usando uma passagem de Moisés! É evidente que poderia ter citado outras passagens para ensinar sobre a ressurreição futura, mas tratou com seus adversários dentro do território deles (ver Jó 14:14; 19:25-27; Sl 16:9, 10; 17:15; Is 26:19; Ez 37; Dn 12:2).

4. UMA PERGUNTA SOBRE DAVI (Lc 20:41-44)

Enquanto os fariseus ainda estavam reunidos, Jesus fez-lhes uma última pergunta: “Que pensais vós do Cristo? De quem é filho?” (Mt 22:41, 42). Trata-se de uma *pergunta-chave* para todas as gerações e para cada indivíduo, pois a salvação e o destino eterno dependem do que se crê sobre Cristo (1 Jo 2:21-25; 4:1-6; 5:1).

Por certo, sabiam qual era a resposta esperada: “Ele é o Filho de Davi”. Para isso, tomavam por base versículos como 2 Samuel 7:13, 14; Isaías 11:1 e Jeremias 23:5. Deus havia determinado que o Messias viria da família de Davi e nasceria em Belém, a cidade

de Davi (Mq 5:2). A identificação de Jesus com Nazaré, não com Belém, mostra que o povo judeu não havia investigado os fatos relacionados a seu nascimento (Jo 7:40-53).

Em seguida, Jesus fez referência ao Salmo 110, o salmo citado com mais frequência no Novo Testamento. Os líderes religiosos judeus daquela época consideravam o Salmo 110 um salmo profético e afirmavam que, nesse cântico, Davi se referia ao Messias. Mas se o Messias é o *Senhor* de Davi, como pode ser *filho* de Davi? Um enigma e tanto!

A única explicação era que o Messias deveria ser Deus e homem. Como Deus eterno, o Messias é o Senhor de Davi, mas como homem, é filho de Davi (Rm 1:3; 9:4, 5; At 2:32-36; 13:22, 23).

No Domingo de Ramos, as multidões haviam aclamado Jesus como Filho de Davi, e ele não os havia repreendido (Mt 21:9; Mc 11:10). Ao aplicar o Salmo 110:1 a si mesmo, Jesus declarou ser o Messias prometido de Israel, o Filho de Deus.

Então por que os fariseus não criam nele? Porque sua mente estava fechada, seu coração encontrava-se endurecido, e seus olhos estavam cegos (Jo 12:37-50). Não tinham coragem de confessar a verdade e perseguiram os que professavam sua fé em Jesus Cristo. A pergunta de Jesus calou seus inimigos (Mt 22:46) e encerrou seu desafio público, mas nenhum deles reconheceu a derrota.

A hipocrisia e desonestidade dos fariseus e escribas tornava-os perigosos, de modo que Jesus advertiu o povo sobre eles (Lc 20:45-47; ver Mt 23). Os homens vêem a aparência, mas Deus vê o coração (1 Sm 16:7; Hb 4:12).

Esses líderes religiosos não buscavam santidade pessoal, mas sim reconhecimento

público. Por isso, usavam vestes especiais, esperavam receber títulos e saudações especiais e procuravam lugares especiais nas reuniões públicas.

Trata-se de uma situação duplamente triste. Em primeiro lugar, sua hipocrisia deliberada era apenas um disfarce que lhes permitia enganar e explorar o povo. O pior tipo de impostor é o charlatão religioso. Os líderes religiosos haviam transformado o templo de Deus num covil de salteadores e a devoção religiosa numa farsa. O povo em geral acreditava que seus líderes eram piedosos, quando, na realidade, eram homens que contaminavam e destruíam a alma dessas pessoas (Mt 23:13-36).

A segunda tragédia foi terem rejeitado o Messias e votado em favor de sua crucificação. Conduziram a nação à ruína, pois se negaram a reconhecer seus pecados e a confessar Jesus Cristo. Não podemos esquecer que esses homens eram grandes estudiosos da Palavra de Deus; porém, não aplicavam essas verdades à própria vida. Sua religião consistia em uma série de observâncias exteriores, não em uma transformação interior.

De acordo com Mateus (Mt 23:37-39), nesse momento Jesus voltou a proferir uma lamentação pela incredulidade cega de Israel e por sua relutância em crer nele.

Jesus lhes dera inúmeras oportunidades, mas foram todas desperdiçadas.

Agora, era tarde demais.

Essa mesma situação infeliz está se repetindo nos dias de hoje. Por isso, o Espírito Santo adverte: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração" (Hb 3:7, 8).

"Quantas vezes quis eu [...] e vós não o quisestes!" (Mt 23:37).

E QUANTO AO FUTURO?

LUCAS 21

Em seguida, foi a vez dos discípulos de fazerem perguntas.

O interrogatório começou quando uma viúva pobre chegou ao templo para entregar uma oferta ao Senhor (Lc 21:1-4). Comparadas às ofertas dos homens ricos, as duas moedas de cobre da mulher pareciam insignificantes, mas Jesus afirmou que ela havia ofertado mais do que todos os outros juntos. A pequena oferta da viúva não representa o *mínimo* que podemos dar, mas sim o *máximo*, tudo o que temos a oferecer. Significa devolver a Deus tudo o que lhe pertence.

Em se tratando de dar, Deus não olha apenas para a *porção*, mas também para a *proporção*. Os homens vêem o que é ofertado, mas Deus vê o que é guardado e, por esse parâmetro, avalia a oferta e a condição do coração. Nas palavras de Winston Churchill: "Sobrevivemos de acordo com o que recebemos, mas vivemos verdadeiramente de acordo com o que damos". Talvez ele tenha aprendido isso com Jesus (Lc 6:38) ou, ainda, com Paulo (2 Co 8:1-15).

O templo era uma construção vistosa, ornada com decorações caras que uma pobre viúva jamais poderia dar, e os discípulos comentaram sobre toda essa riqueza. Mas Jesus não se deixou impressionar e lhes disse que, um dia, aquele lindo templo seria destruído (Lc 21:5, 6). Já havia anunciado que a cidade seria devastada (Lc 19:41-44), mas aqui menciona, especificamente, a destruição do templo.

Jesus saiu do templo e se dirigiu ao monte das Oliveiras, onde Pedro, Tiago e João lhe fizeram três perguntas: (1) quando o templo

seria destruído? (2) quais seriam os sinais da vinda de Cristo? (3) quais seriam os sinais do fim dos tempos? (ver Mc 13:3, 4; Mt 24:3). Os discípulos pensavam que esses três acontecimentos ocorreriam ao mesmo tempo, mas Jesus explicou que não seria assim. Na verdade, o templo seria destruído primeiro e, em seguida, transcorreria um longo período antes de Cristo voltar e de estabelecer seu reino na Terra (ver Lc 19:11-27).

A resposta de Jesus constitui o que chamamos de "Discurso do Monte das Oliveiras", o maior sermão profético pregado por Jesus. Encontra-se registrado de modo mais detalhado em Mateus 24 e 25 e Marcos 13, de modo que convém comparar essas três passagens. Uma vez que Lucas escreveu pensando em leitores gentios, omitiu alguns dos elementos fortemente judaicos do sermão, mas, ao mesmo tempo, manteve as verdades essenciais a ser consideradas e aplicadas.

Cabe lembrar que essa mensagem foi dada a judeus, por um judeu, com respeito à nação de Israel. Apesar de certamente ter aplicações para o povo de Deus hoje, a ênfase é sobre Jerusalém, o povo de Israel e o templo. Jesus não está falando de sua volta para buscar a Igreja, acontecimento que pode ocorrer a qualquer momento e que não será precedido de sinais (1 Co 15:51-58; 1 Ts 4:13-18). "Porque tanto os judeus pedem sinais, quanto os gregos buscam sabedoria" (1 Co 1:22); mas a Igreja aguarda o Salvador (Fp 3:20, 21).

O sermão concentra-se num período do cronograma de Deus chamado de "Tribulação", quando Deus derramará sua ira sobre as nações do mundo. Vários estudiosos da Bíblia acreditam que a Tribulação terá início depois que Cristo voltar *nos ares* (1 Ts 4:13 - 5:11) e levar sua Igreja para o céu. Chegará a seu auge quando Jesus Cristo regressar à Terra e, nessa ocasião, derrotar seus inimigos e estabelecer seu reino (Ap 19:1 - 20:6).

Uma forma proveitosa de estudar esse sermão é considerá-lo em sua totalidade. Eis uma sugestão de esboço:

A primeira metade da Tribulação
(Mt 24:4-14; Mc 13:5-13; Lc 21:8-19)

O meio da Tribulação
(Mt 24:15-28; Mc 13:14-18; ver Dn 9:24-27)

A segunda metade da Tribulação
(Mt 24:29-31; Mc 13:19-27; Lc 21:25-27)

Admoestações finais
(Mt 24:32 - 25:51; Mc 13:28-37; Lc 21:28-36)

Jesus respondeu às perguntas de seus discípulos tratando de quatro tópicos relacionados ao futuro de Israel como nação.

1. A DESCRIÇÃO DA ERA (Lc 21:8-19)

As características apresentadas por Jesus podem ser encontradas em *todas* as eras da Igreja, pois desde o princípio houve falsos messias, insurreições nacionais e internacionais e perseguições religiosas. Mas tais coisas *umentarão* e se *intensificarão* quando a vinda de Cristo estiver próxima. Como disse bem o poeta e educador inglês Thomas Campbell: "Os acontecimentos vindouros são precedidos de suas sombras".

Haverá uma *ilusão religiosa* (Lc 21:8), e até mesmo o povo de Deus correrá o risco de ser enganado. Satanás é um falsificador que, há séculos, tem feito as pessoas se desviarem, enganando sua mente e cegando seu coração (2 Co 4:1-6; 11:1-4, 13-15). Em várias ocasiões, Israel deixou-se seduzir por falsos profetas e caiu em pecado, e a própria Igreja tem sua quota de falsos mestres (2 Pe 2).

A maioria das pessoas tem uma preocupação natural com o futuro, especialmente quando se trata de acontecimentos globais de caráter ameaçador. Os charlatães religiosos valem-se de tal preocupação e se aproveitam dessas pessoas. Em todas as eras, sempre há os que afirmam ser Cristo ou saber quando ele voltará. Esses falsos profetas muitas vezes "usam" as Escrituras para "provar" a exatidão de suas previsões, apesar de Cristo haver deixado claro que ninguém sabe quando ele voltará (Mt 24:36-44).

Jesus admoestou: "Vede que não sejais enganados!", e devemos levar esse aviso a

sério. A única maneira garantida de manter o equilíbrio em um mundo cheio de engano é conhecer as Escrituras e obedecer a Deus (2 Pe 3:17, 18). É tolice e prejudicial ficar obcecados com as profecias bíblicas e começar a deixar de lado as coisas práticas da vida cristã. Bem-aventurados os equilibrados!

Também haverá *tragédias por toda a Terra* (Lc 21:9-11). Tenho um amigo que mantém um registro de todos os terremotos ocorridos nos últimos anos. Outro estudioso de profecias tem uma lista de todas as guerras e tentativas de invasão. Ambos estão se esquecendo de que Jesus afirmou que guerras, terremotos, pestes e fomes *em si* não são sinais da sua vinda iminente. Essas coisas têm ocorrido ao longo de toda a história do mundo.

Todavia, durante a primeira metade da Tribulação, esses acontecimentos se multiplicarão e se intensificarão. Mateus 24:1-14 apresenta uma lista detalhada desses eventos e, ao comparar essa passagem com Apocalipse 6, encontramos vários paralelos:

<i>Acontecimento</i>	<i>Mateus</i>	<i>Apocalipse</i>
Falsos cristos	24:4, 5	6:1, 2
Guerras	24:6	6:3, 4
Fomes	24:7a	6:5, 6
Morte	24:7b-8	6:7, 8
Mártires	24:9	6:9-11
Caos mundial	24:10-13	6:12-17

Na verdade, grande parte do texto de Apocalipse 6 a 19 descreve o período de Tribulação em detalhes e segue o esboço de Mateus 24: (1) a primeira metade da Tribulação, capítulos 6 a 9; (2) o meio da Tribulação, capítulos 10 a 14; (3) a segunda metade da Tribulação, capítulos 15 a 19.

A admoestação de Jesus a seu povo é: "não se assustem!" É preciso que tais coisas ocorram; não há nada que se possa fazer para evitá-las. Isso não significa que o povo de Deus está sujeito a um destino inescapável; antes, quer dizer que os cristãos estão se submetendo ao plano de um Pai amoroso, que faz todas as coisas "conforme o conselho da sua vontade" (Ef 1:11).

Por fim, haverá *perseguição religiosa* tanto em nível oficial (Lc 21:12-15) como pessoal

(Lc 21:16-19). É evidente que a perseguição religiosa existe desde que Caim matou Abel (Mt 23:34-36; e veja At 4:1ss; 5:17ss; 6:9ss; 8:1ss). Jesus prometeu que seu povo sofreria (Jo 15:18 – 16:4, 32, 33), e essa promessa ainda vale para os dias de hoje (2 Tm 3:12). Mas a perseguição no fim dos tempos será muito mais grave, e muitos darão a vida por Cristo.

Observe as palavras de encorajamento que Jesus oferece a todos os que sofrem perseguições. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que sofremos *por amor ao nome dele* (Lc 21:12), o que é uma grande honra (At 5:41). Não importa o que as pessoas digam sobre nosso nome, mas é importante que o nome de Cristo seja glorificado.

Em segundo lugar, os tempos de sofrimento oferecem oportunidades de testemunho (Lc 21:13-15). Os apóstolos aproveitaram ao máximo o banco das testemunhas, quando foram presos e apresentados às autoridades (At 4 – 5), e os servos e mártires de Cristo, ao longo dos séculos, têm seguido esse exemplo. O termo *mártir* vem da palavra grega *martus*, que significa “uma testemunha” (ver 1 Pe 3:13-17).

A perseguição oficial colocará as testemunhas de Deus diante de pessoas importantes; quando isso acontecer, esses cristãos não devem temer, pois Deus lhes dará as palavras certas. Essa promessa não deve ser usada como desculpa por pastores ou professores de Escola Bíblica Dominical preguiçosos que não desejam estudar nem se preparar! Antes, é uma garantia às testemunhas fiéis de que Deus sempre lhes dará as palavras apropriadas quando precisarem delas.

Os santos não apenas serão perseguidos pelas autoridades como também sofrerão oposição de familiares e de amigos. Os familiares seguirão os passos de Judas e entregarão os parentes cristãos para serem mortos. O ódio, a prisão e a morte serão a sina de muitos filhos de Deus durante a Tribulação.

Mesmo diante de tudo isso, não devem se desesperar, pois Deus está no controle de tudo. Nem um fio de cabelo da cabeça deles cairá sem que seja a vontade soberana

de Deus (Mt 10:28-31). Sabendo disso, conseguirão suportar as aflições e enfrentar os desafios com fé e coragem.

Enquanto muitos cristãos hoje desfrutam de liberdade religiosa oficial e não enfrentam qualquer oposição da família, outros sofrem terrivelmente por sua fé, e essas palavras de Jesus servem de grande encorajamento. Tenho um amigo que foi pastor na Europa Oriental e, certa vez, um cristão polonês lhe disse: “Estamos orando pelos cristãos no Ocidente, pois as coisas são fáceis demais para vocês. Que o Senhor os ajude a não se tornarem complacentes em sua fé”.

É importante lembrar que os acontecimentos descritos por Jesus nessa passagem não são sinais de que sua volta está próxima, pois tais coisas vêm acontecendo há séculos. Porém, à medida que a vinda de Cristo se aproximar, elas se multiplicarão e intensificarão. Não importam as idéias que temos acerca da volta de Cristo, todos precisamos das três admoestações que ele nos dá: “não sejam enganados! não se assustem! não se preocupem!”

2. A DESTRUIÇÃO DO TEMPLO (Lc 21:20-24)

Este parágrafo só aparece no Evangelho de Lucas, portanto não tem paralelos em Mateus e Marcos, apesar da linguagem parecida em Mateus 24:16-21 e em Marcos 13:14-17. Mas fica claro que tanto Mateus quanto Marcos referem-se a acontecimentos correspondentes ao meio da Tribulação, quando o “abominável da desolação” estará instalado no templo dos judeus e o Anticristo (o governante do mundo) começará a perseguir Israel (Dn 9:24-27; Ap 13). Jesus adverte o povo para fugir e se esconder, pois a “grande tribulação” está prestes a sobrevir.

O relato de Lucas não se reporta a um acontecimento distante, que ocorrerá durante a Tribulação, mas à destruição de Jerusalém por Tito e o exército romano em 70 d.C., apenas quarenta anos depois do ministério de Jesus (ver Lc 19:41-44). Esse acontecimento terrível foi, em vários sentidos, um “ensaio geral” para o que ocorrerá quando Satanás

despejar sua ira sobre Israel e sobre os cristãos gentios durante a segunda metade da Tribulação (Ap 12:7-17). De acordo com o historiador judeu Josefo, quase um milhão de pessoas foram mortas pelos romanos e mais de cem mil foram levadas para o cativo quando a cidade foi tomada por Tito.

Essa não foi a primeira vez que Jerusalém foi “pisada pelos gentios”, pois os babilônios destruíram a cidade em 586 a.C., quando teve início o “tempo dos gentios” (ver Ez 30:3). Esse período significativo do plano de Deus terminará quando Jesus Cristo voltar à Terra, destruir todas as potências gentias e restabelecer seu reino de justiça (Dn 2:34-36, 44, 45; Ap 19:11ss).

Os cristãos de hoje que esperam pela volta de seu Senhor não devem aplicar Lucas 21:20-24 a sua situação. Jesus referia-se a Jerusalém no ano 70 d.C. Em Mateus 24:15-28 e em Marcos 13:14-23, falava da situação de Israel no meio da Tribulação. Uma vez que a vinda do Senhor para buscar a Igreja ocorrerá “num abrir e fechar de olhos” (1 Co 15:52), ninguém terá tempo de voltar para casa, a fim de buscar uma capa, e ninguém terá de se preocupar em viajar no sábado nem em cuidar de bebês que ainda mamam no peito.

Até esse ponto da mensagem, Jesus disse aos discípulos que o templo seria destruído e falou de sinais que indicariam o fim dos tempos. Agora, ele lhes fala da sua própria vinda no fim do período de Tribulação.

3. A VOLTA DE CRISTO (LC 21:25-28)

Apocalipse 15 a 19 descreve os sinais assustadores de julgamento que Deus enviará sobre a Terra durante a segunda metade do “tempo de angústia para Jacó” (Jr 30:7). Quando tais coisas ocorrerem, indicarão que a vinda de Cristo está próxima. O “bramido do mar” descreve a ascensão e a queda das nações, como ondas do mar numa tempestade (Sl 46:1-6; Ap 17:15). Será um tempo aterrador, e a população da Terra estremecerá de pavor, mas as pessoas não se arrependerão de seus pecados nem se voltarão para Deus pela fé (Ap 9:20, 21; 16:9-11).

De acordo com Mateus 24:29, o Sol e a Lua se escurecerão e as estrelas cairão (Is 13:10; 34:4; Jl 2:10, 31; 3:15). Mateus 24:30 afirma que “o sinal do Filho do Homem” aparecerá no céu. Não sabemos o que vem a ser esse “sinal”, mas encherá as nações da Terra de medo. Então, Jesus Cristo surgirá, e todos os olhos o verão (Ap 1:7). A nação de Israel finalmente reconhecerá seu Messias, se arrependerá, crerá e será salva (Zc 12:10-14; e verifique Mc 14:61, 62).

Esses sinais aterradores serão motivo de pânico para os perdidos do mundo, mas trarão esperança aos que creram no Senhor durante a Tribulação (Ap 7), pois esses cristãos saberão que sua vinda está próxima.

A aparição de Cristo será súbita, gloriosa e poderosa (Lc 21:27). A imagem usada nesse texto é tirada de Daniel 7:13, 14, uma passagem messiânica que os discípulos provavelmente conheciam. Os anjos prometeram que Jesus voltaria à Terra da mesma forma como havia partido (At 1:9-11), e é assim que será (Ap 1:7).

Há quem ignore ou mesmo ridicularize a doutrina da volta de Cristo. Afinal, a Igreja espera por isso há dois mil anos, e ele ainda não voltou! Pedro refuta essa acusação em 2 Pedro 3, ressaltando que Deus cumpre suas promessas, quer creiamos nelas quer não, e que Deus não mede o tempo como nós. Além disso, essa espera é um tempo para os *pecadores se arrependerem, serem salvos e estarem prontos quando Jesus voltar*. Apesar de essa aparente demora ser uma provação para a Igreja, é uma oportunidade para os perdidos.

Depois de responder a essas perguntas, Jesus aplica a mensagem ao coração dos discípulos dando-lhes duas admoestações finais: “Sabei!” e “Vigiai!”

4. AS RESPONSABILIDADES DOS CRISTÃOS (LC 21:29-38)

Na Bíblia, a figueira é usada com frequência para retratar Israel (Os 9:10; Lc 13:6-10). Alguns estudiosos interpretam essa passagem como uma indicação de que a criação do Estado de Israel, em 15 de maio de 1948, foi o “sinal” de que o Senhor não tardaria em

voltar. Sem dúvida, é um fato significativo Israel ser hoje uma nação independente depois de tantos séculos de sujeição política. Mas Lucas acrescentou as palavras “e todas as árvores” (Lc 21:29), sugerindo que há mais de uma nação envolvida. Talvez Jesus esteja alertando para o *desenvolvimento do nacionalismo ao redor do mundo*. Nos últimos anos, temos visto claramente um crescimento do nacionalismo, bem como o surgimento de novas nações, o que pode ser um “sinal” de que a volta de Cristo está próxima.

No entanto, a idéia central, nesse caso, é *saber o que está acontecendo*. Assim como a árvore florida indica que o verão está próximo, a ocorrência desses sinais indica a iminência da volta de Cristo (ver Lc 12:54-57 para uma passagem similar). O mais importante é o cristão *saber* que Deus está cumprindo suas promessas e que sua Palavra nunca falha (Js 23:14).

A qual “geração” podemos aplicar Lucas 21:32? Alguns que duvidam da volta literal de Cristo afirmam que essa declaração refere-se à geração dos apóstolos, de modo que a “vinda do Senhor” foi a vinda do Espírito Santo em Pentecostes (At 2) ou a destruição de Jerusalém em 70 d.C. *Mas nenhum dos sinais mencionados ocorreu nem antes nem durante esses acontecimentos*. Tais eventos também não culminaram com o livramento de Israel nem com o estabelecimento do reino.

É bem provável que seja uma referência à geração que estará na Terra quando todas essas coisas transcorrerem. Não sugere que demorará uma geração inteira para realizar tais coisas, pois, uma vez que tiverem início, tudo isso sobrevirá rapidamente. O termo grego traduzido por “geração” também pode significar “raça” e ser uma referência ao povo de Israel. Jesus empregou o termo dessa forma em Marcos 8:12, 38; 9:19. Assim, Jesus garante a seus discípulos que, apesar de todas as dificuldades, Israel sobreviverá; a

nação será protegida por Deus e não será destruída. Satanás sempre desejou acabar com a nação de Israel, mas jamais será bem-sucedido em seu intento.

Sua primeira admoestação foi “Sabei!” e a segunda, “Vigiai!” (Lc 21:34-36). Ambas se aplicam ao povo de Deus em todas as eras, mas terão especial significado para os judeus durante a Tribulação. Vigiar não quer dizer ficar parado à espera de sinais. Antes, significa ficar desperto, alerta, não ser pego despreparado. Essa admoestação é uma advertência para nós, pois hoje em dia é extremamente fácil ficar “sobrecarregados” com as preocupações desta vida e com as tentações do mundo e da carne (ver Lc 12:35-48).

Em meio a tempos de provação, é fácil desistir e começar a viver como o mundo incrédulo, tentação que os cristãos do período da Tribulação terão de enfrentar. Devem “vigiar e orar”, resistir às tentações a seu redor, a fim de estarem preparados quando o Senhor voltar.

Lucas 21:36 refere-se principalmente aos cristãos diante de Deus no julgamento, quando o Senhor voltar à Terra para estabelecer seu reino (Mt 25:31-46). As ovelhas entrarão no reino, enquanto os bodes serão lançados fora. Alguns do povo de Deus morrerão durante os julgamentos e perseguições da Tribulação, mas alguns “escaparão” e verão Jesus Cristo quando ele voltar em glória.

Se, nesse período *difícil*, os cristãos serão tentados a ceder ao mundo e à carne, os cristãos desta era de conforto e de abundância em que vivemos enfrentam perigos ainda maiores. Uma vez que não sabemos quando o Senhor voltará, devemos ser fiéis e estar preparados.

“Não estou à procura de sinais”, disse o falecido Vance Havner, “estou tentando ouvir um som”.

O som da trombeta! A voz do arcanjo!
“Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22:20).

NO CENÁCULO

LUCAS 22:1-38

Jesus “manifestou, no semblante, a intrépida resolução de ir para Jerusalém” (Lc 9:51), sabendo muito bem o que sucederia lá. Agora, tais acontecimentos estão prestes a se desenrolar.

O que se passou em Jerusalém não foi uma série de acidentes, mas sim uma sucessão de compromissos marcados pelo Pai e registrados séculos antes nas Escrituras do Antigo Testamento (Lc 24:26, 27). É impossível não admirar nosso Salvador e amá-lo ainda mais ao vê-lo entrar corajosamente nesse tempo de sofrimento e, por fim, de morte. Devemos lembrar que ele fez isso por nós.

Neste estudo, trataremos da refeição pascal no cenáculo.

1. ANTES DA REFEIÇÃO: PREPARAÇÃO (Lc 22:1-13)

Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos eram as três festas mais importantes do calendário judaico (Lv 23), e se esperava que os homens judeus fossem a Jerusalém todos os anos para celebrá-las (Dt 16:16). A festa da Páscoa comemorava a libertação de Israel da escravidão do Egito e era um tempo de lembrar e de se regozijar (Êx 11 – 12). Milhares de peregrinos animados aglomeravam-se dentro e ao redor de Jerusalém durante essa semana, sempre deixando os romanos preocupados com a possibilidade de uma rebelião. A Páscoa possuía forte conotação política e seria a ocasião ideal para algum pretense messias tentar subverter o domínio romano. Isso explica por que o rei Herodes e Pôncio Pilatos, o governador romano, estavam em Jerusalém e não em Tiberíades

e Cesaréia, respectivamente. Sua grande preocupação era manter a paz.

Os líderes religiosos preparam-se para cometer um crime (vv. 1-6). É incrível que esses homens tenham cometido o maior crime da história no feriado mais sagrado de Israel. Durante a Páscoa, os judeus deveriam remover todo o lêvedo (fermento) de suas casas (Êx 12:15), como forma de lembrar que seus antepassados haviam deixado o Egito às pressas, tendo de comer pão sem fermento. Jesus advertiu os discípulos sobre o “fermento dos fariseus, que é a hipocrisia” (Lc 12:1; ver também Mt 16:6; 1 Co 5:1-8), e aqui se vê essa hipocrisia em ação.

Os líderes religiosos haviam purificado suas casas, mas não seu coração (ver Mt 23:25-28). Havia muito tempo, desejavam prender Jesus e tirá-lo do caminho, mas não tinham conseguido elaborar um plano seguro que os protegesse do povo. Judas resolveu o problema deles. Garantiu que lhes entregaria Jesus em particular, de modo que não houvesse qualquer tumulto envolvendo o povo. A última coisa que o Sinédrio judeu queria era uma revolta messiânica na época da Páscoa (ver Lc 19:11).

Judas foi motivado e impelido por Satanás (Jo 13:2, 27), pois nunca foi um verdadeiro discípulo de Jesus Cristo. Seus pecados nunca foram purificados pelo Senhor (Jo 13:10, 11), e ele jamais creu nem recebeu a vida eterna (Jo 6:64-71). No entanto, nenhum dos apóstolos sequer suspeitou que Judas fosse um traidor. Temos motivos de sobra para crer que Judas havia recebido a mesma autoridade que os outros discípulos e que havia pregado a mesma mensagem e realizado os mesmos milagres. Isso mostra como uma pessoa pode estar perto do reino de Deus e ainda assim se perder (Mt 7:21-29).

Por que Judas traiu Jesus? Sabemos que era ladrão (Jo 12:4-6) e que o dinheiro teve um papel importante em seu ato terrível. No entanto, trinta moedas de prata não era um grande pagamento por um crime de tais proporções, de modo que outros fatores deveriam estar em jogo além do dinheiro. É possível que Judas visse em Jesus a salvação

para a nação de Israel e, portanto, o seguiu com a ambição de garantir um cargo no reino. É preciso lembrar que os apóstolos discutiam com frequência sobre quem seria o maior no reino, e, como tesoureiro, Judas certamente participou dessas discussões importantes.

Quando Judas percebeu que Jesus não estabeleceria um reino, mas que se entregaria às autoridades, voltou-se contra ele como forma de retaliação. O “fermento” em sua vida cresceu silenciosa e secretamente até produzir “maldade e [...] malícia” (1 Co 5:6-8). Pagamos um alto preço quando cooperamos com Satanás, e Judas deu cabo da própria vida (Mt 27:3-5). Satanás é mentiroso e assassino (Jo 8:44) e se reproduziu perfeitamente em Judas.

Jesus preparou-se para a Páscoa (vv. 7-13). O modo de Jesus fazer os preparativos para a Páscoa indica que tinha conhecimento das conspirações contra ele em andamento. Até a chegada dos discípulos no cenáculo, somente Jesus, Pedro e João sabiam onde a festa seria realizada. Se Judas soubesse, poderia ter sido tentado a informar as autoridades.

Pedro e João não tiveram dificuldade em localizar o homem carregando o cântaro de água, pois era uma atividade que os homens não costumavam fazer. Carregar água era serviço das mulheres. Como os proprietários da jumenta e do jumentinho (Lc 19:28-34), esse indivíduo anônimo era um discípulo de Jesus que havia colocado sua casa à disposição do Mestre para a última Páscoa.

É bem provável que Pedro e João tenham comprado um cordeiro aprovado e o levado ao templo para ser abatido. Em seguida, devem ter levado o cordeiro e os outros elementos da refeição para a casa onde se realizaria o encontro e onde o cordeiro seria assado. Sobre a mesa, deveria haver vinho, pães asmos e uma pasta de ervas amargas, que lembrava os judeus de sua longa e amarga escravidão no Egito (ver Êx 12:1-28).

Encontramos aqui uma questão cronológica a tratar, de modo a não deixar a impressão de que existe uma contradição entre os relatos dos Evangelhos. De acordo

com João 18:28, os líderes judeus ainda não haviam comido a Páscoa, e o dia em que Jesus foi julgado e condenado “era a *parasceve* [*parasceve* = sexta-feira] pascal” (Jo 19:14). Mas Jesus e seus discípulos já haviam comido a Páscoa!

Em sua excelente obra *Harmony of the gospels* [*Harmonia dos evangelhos*] (Harper & Row), Robert Thomas e Stanley Gundry sugerem uma possível solução para esse dilema (p. 320-23). Naquela época, os judeus calculavam os dias de duas maneiras: de um pôr-do-sol a outro ou de um nascer do sol a outro. A primeira forma de calcular era tradicionalmente judaica (Gn 1:5), enquanto a segunda era romana, apesar de ter precedentes bíblicos (ver Gn 8:22).

Se Mateus, Marcos e Lucas usaram o sistema judaico de cálculos e João usou o sistema romano, então não há contradição alguma. Devido a essa “sobreposição” de dias, os dois grupos comemoraram a mesma *data* em *dias* diferentes. Os sacerdotes do templo permitiam que os judeus levassem os cordeiros para ser sacrificados em ambos os dias. Tudo indica que os líderes romanos utilizaram a própria forma de cálculo (Jo 18:28), enquanto Jesus e os discípulos empregaram a forma tradicional judaica. Jesus foi crucificado na Páscoa, no momento em que os cordeiros estavam sendo abatidos, tornando-se, assim, o cumprimento desse tipo.

2. DURANTE A REFEIÇÃO: REVELAÇÃO (Lc 22:14-16, 21-38)

Quando se encontraram no cenáculo, os discípulos não sabiam o que esperar, mas aquela noite acabou lhes trazendo revelações dolorosas. Jesus, o Anfitrião da festa, recebeu-os com o beijo tradicional de paz (beijou inclusive Judas!) e, então, os homens se reclinaram ao redor da mesa, com Judas do lado esquerdo de Jesus e João a sua direita (Jo 13:23).

Jesus revelou seu amor (vv. 14-16). Essa revelação se deu por meio de *palavras* e também pelo que *fez*. Expressou aos amigos seu desejo profundo de compartilhar com eles a última Páscoa antes de seu sofrimento.

A Páscoa comemorava o êxodo de Israel do Egito vários séculos antes, mas Jesus realizaria um “êxodo” ainda maior na cruz. Compraria a redenção do pecado a um mundo de pecadores perdidos (Lc 9:31).

Em seguida, se levantou, cingiu-se com uma toalha e lavou os pés dos discípulos, inclusive de Judas (Jo 13:1-20). Mais tarde, naquela mesma noite, os apóstolos discutiriam novamente sobre qual deles seria o maior, indicando que ainda não haviam assimilado a lição sobre a humildade. Talvez Pedro tivesse essa cena em mente, quando admoestou seus leitores: “cingi-vos todos de humildade” (1 Pe 5:5; ver também Fp 2:1-11).

As palavras de Jesus em Lucas 22:16 indicam que não haveria mais Páscoas no calendário de Deus. A próxima festa será a grande “festa do reino”, quando ele voltar para estabelecer seu reino na Terra (Lc 22:28-30; 13:24-30; Mt 8:11, 12). Jesus olhou além do sofrimento e viu a glória; olhou além da cruz e viu a coroa. Com todo seu amor, abriu os braços, envolvendo todos os amigos.

Jesus revelou a presença da traição (vv. 21-23). Ele já havia dado a entender aos discípulos que um dentre eles não lhe era fiel (Jo 6:66-71), mas, nessa ocasião, falou abertamente sobre um traidor no meio deles. Não o fez apenas pelos outros discípulos, mas também por causa de Judas. Jesus havia beijado Judas e lavado seus pés e lhe dava outra oportunidade de se arrepender. É bastante significativo que Jesus não tenha identificado Judas abertamente como traidor, protegendo sua identidade até o fim.

Se Jesus sabia que Judas o trairia, por que o escolheu para ser um de seus apóstolos? E se alguém deveria trair Jesus, então por que condenar Judas? Afinal, estava simplesmente fazendo a vontade de Deus e cumprindo a profecia do Antigo Testamento (ver Sl 41:9; 55:12-14; comparar os Sl 69:25 e 109:8 com At 1:15-20).

Antes de escolher seus doze apóstolos, Jesus passou uma noite inteira em oração (Lc 6:12-16); assim, devemos crer que fazia a vontade do Pai ao escolher Judas (Jo 8:29). Mas a seleção de Judas não selou seu destino;

antes, foi sua oportunidade de observar Jesus Cristo de perto, de crer e de ser salvo. Em sua soberania, Deus determinou que seu Filho seria traído por um amigo, *mas a presciência divina não elimina a responsabilidade humana nem a necessidade de prestar contas*. Judas tomou todas as suas decisões livremente e seria julgado de acordo com isso, apesar de ter cumprido o decreto de Deus (At 2:23).

O fato de os discípulos ficarem perplexos com essa declaração estranha revela que não conheciam o verdadeiro caráter de Judas, nem o próprio coração (“Porventura sou eu?”), nem as profecias nos salmos. Também não se lembraram das declarações de Jesus de que seria traído e entregue nas mãos do inimigo (Mt 17:22; 20:18). Se Pedro houvesse entendido claramente o que estava acontecendo, é possível que tivesse usado sua espada contra Judas!

Muita coisa sobre Judas continua sendo um mistério para nós, e não devemos especular demais. Por certo, Judas dá testemunho da impecabilidade de Jesus Cristo, pois se havia alguém disposto a testemunhar contra Cristo, era Judas. Porém, as autoridades precisaram encontrar falsas testemunhas, a fim de elaborar suas acusações contra Jesus. Judas reconheceu que havia “[traído] sangue inocente” (Mt 27:4).

Nessa altura dos acontecimentos, Judas saiu do cenáculo, saindo para se encontrar com os líderes religiosos, a fim de fazer os preparativos para prender Jesus no Jardim. Judas saiu “e era noite” (Jo 13:30), pois obedecia ao príncipe das trevas (Lc 22:53). Infelizmente, para Judas, *ainda é noite e sempre será noite!*

Jesus revelou o caráter mundano dos discípulos (vv. 24-30). Não era essa a primeira vez que os discípulos cometiam esse pecado (Mt 20:20-28; Mc 9:33-37; Lc 9:46-48), mas diante do que Jesus dissera e fizera naquela noite, esse último episódio é indesculpável. Talvez a discussão tenha nascido de suas especulações sobre quem trairia o Mestre, ou talvez tenha havido algum ciúme por causa da disposição dos lugares ao redor da mesa. Quando há interesse em se

autopromover, não é preciso muita coisa para começar uma discussão.

Jesus precisou explicar que pensavam como gentios incrédulos, não como filhos de Deus. Os romanos, particularmente dados a competir por honrarias, fazendo todo o possível (quer fosse legal quer não) para conquistar promoções e reconhecimento, não servem de exemplo para nós. Jesus é nosso exemplo, e ele inverteu totalmente a verdadeira medida da grandeza.

A verdadeira grandeza é ser como Jesus, e isso significa ser servo dos outros. Um servo não discute sobre quem é o maior, pois sabe que é o menor e aceita isso das mãos de Deus. Uma vez que todos os cristãos devem ser servos, não há motivo algum para competir uns com os outros por honra e reconhecimento. Infelizmente, esse espírito competitivo é forte dentro das igrejas de hoje, levando as pessoas a promoverem a si mesmas e a seus ministérios como "os maiores".

Jesus encerrou sua lição sobre serviço lembrando-os da recompensa futura no reino (Lc 22:28-30). Apesar de suas fraquezas e falhas, os discípulos haviam acompanhado Jesus ao longo de todo seu ministério aqui na Terra, e Deus honraria sua fidelidade. Não devemos nos importar de ser servos, pois no reino futuro nos assentaremos em tronos! Aliás, nosso serviço fiel no presente é uma preparação para as recompensas que receberemos no porvir. Jesus deu o exemplo: primeiro a cruz, depois a coroa.

Jesus revelou a negação de Pedro (vv. 31-38). É interessante que essas palavras de advertência vêm imediatamente depois da discussão sobre quem era o maior! Imagine como os discípulos devem ter se sentido quando ficaram sabendo que não apenas um dentre eles trairia Jesus, mas também que o porta-voz e líder do grupo negaria ao Senhor publicamente! Se um homem forte como Pedro falharia com Jesus, que esperança haveria para os outros?

Como indica a palavra "vos", em Lucas 22:31, Satanás pediu todos os discípulos para peneirá-los como trigo. Esses homens haviam estado com Jesus em suas provações (Lc 22:28), e ele não os abandonaria quando

também fossem provados. Trata-se tanto de um aviso quanto de um encorajamento para Pedro e para os outros homens, e as orações de Jesus foram respondidas.

Pedro perdeu a coragem, mas não perdeu a fé; foi restaurado à comunhão com Cristo e usado grandemente para fortalecer o povo de Deus. A presunção autoconfiante de Pedro é uma advertência a nós, mostrando que ninguém conhece, de fato, o próprio coração (Jr 17:9) e que podemos fracassar em nossos pontos mais fortes. O ponto forte de Abraão era sua fé, e, no entanto, ela lhe faltou quando ele foi para o Egito e mentiu sobre Sara (Gn 12:10 – 13:4). O ponto forte de Moisés era sua mansidão (Nm 12:3), mas ele perdeu a calma, proferiu palavras severas e foi proibido por Deus de entrar na Terra Prometida (Nm 20). Pedro era um homem corajoso, mas sua coragem falhou, e ele negou Jesus três vezes. "Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia" (1 Co 10:12).

A palavra "converteres", em Lucas 22:32, significa "mudar de rumo". Pedro já era um homem salvo, mas logo tomaria um rumo errado e teria de se converter. Não perderia o dom da vida eterna, mas desobedeceria ao Senhor e colocaria em risco seu discipulado. Na verdade, todos os discípulos abandonariam Jesus, mas Pedro também o negaria. Devemos aprender essa lição com humildade.

Os discípulos não entenderam completamente o conselho de Jesus em Lucas 22:35-38, pois interpretaram suas palavras de maneira bastante literal. Isso ficou claro quando Pedro usou a espada no jardim (Lc 22:49-51). O que Jesus estava dizendo era: "Vocês estão entrando numa situação inteiramente nova agora. Se me prenderem, um dia também prenderão vocês. Se me tratarem como um criminoso (Is 53:12), um dia farão o mesmo com vocês; portanto, estejam preparados!"

Durante o ministério de Jesus, os discípulos haviam sido enviados com autoridade especial e foram tratados com respeito e admiração (Lc 9:1ss; 10:1ss). Naquele tempo, Jesus ainda era um rabino bastante popular,

e as autoridades não poderiam atacar seus discípulos. Mas agora sua hora havia chegado, e a situação mudaria radicalmente. Hoje, como povo de Deus, somos estrangeiros em território inimigo e devemos usar nossa fé e bom senso santificado para servir ao Senhor. Essa é uma excelente advertência às pessoas zelosas, que se colocam em dificuldades por insensatez e, depois, esperam que Deus realize milagres por elas. O apóstolo Paulo soube usar a “espada” do governo humano para proteger a si mesmo e ao evangelho (At 16:35-40; 21:37-40; 25:11; Rm 13).

A declaração dos discípulos: “Eis aqui duas espadas!” deve ter entristecido Jesus profundamente, pois indicava que não haviam entendido suas palavras. Será que pensaram que ele precisava de proteção ou que estava prestes a subverter o governo romano e estabelecer seu reino? “Basta” significa “Não me fales mais nisto” (Dt 3:26). Seu reino não avança pela espada de homens (Jo 18:36, 37), mas pelo poder da verdade de Deus, a Palavra de Deus que é mais afiada do que qualquer espada humana (Ef 6:17; Hb 4:12).

3. DEPOIS DA REFEIÇÃO: COMEMORAÇÃO (Lc 22:17-20)

Quando a refeição pascal estava chegando ao fim (Mt 26:25; Lc 22:20), Jesus instituiu a ordenança que a Igreja chama de “Santa Ceia”, “Ceia do Senhor” (ver 1 Co 10:16; 1 Co 11:20) ou, ainda, “Eucaristia”, do termo grego que significa “dar graças”.

A refeição pascal começou com uma oração de ação de graças; em seguida, beberam o primeiro de quatro cálices de vinho (o vinho era diluído com água e, portanto, não tinha efeito inebriante).

Em seguida, ingeriram as ervas amargas e cantaram os Salmos 113 e 114. Depois, beberam o segundo cálice de vinho e começaram a comer o cordeiro e o pão asmo. Após beber o terceiro cálice de vinho, cantaram os Salmos 115 a 118; e, por fim, passaram entre si o quarto cálice de vinho. É bem provável que Jesus tenha instituído a Santa Ceia entre o terceiro e quarto cálices de vinho.

Paulo apresenta a ordem da Santa Ceia em 1 Coríntios 11:23-26. Primeiro, Jesus partiu um pedaço do pão asmo, deu graças e dividiu-o com seus discípulos, dizendo que representava seu corpo entregue por eles. Depois, deu graças pelo cálice e o passou aos discípulos, dizendo que o vinho representava seu sangue. Foi uma observância simples, usando os elementos básicos de uma refeição comum dos judeus. Cristo santificou as coisas simples da vida e as usou para transmitir verdades espirituais profundas.

Jesus apresentou um dos propósitos da Santa Ceia quando disse: “faça isto em memória de mim” (1 Co 11:24, 25). Trata-se de uma observância memorial para lembrar o cristão de que Jesus Cristo deu seu corpo e seu sangue para a redenção do mundo. Os relatos da Santa Ceia não contêm indicação alguma de que algo “miraculoso” ocorreu quando Jesus abençoou o pão e o cálice. O pão continuou sendo pão e o vinho continuou sendo vinho, e o ato físico de receber os elementos não teve qualquer efeito especial sobre os discípulos. Quando participamos da Ceia, identificamo-nos com o corpo e com o sangue de Cristo (1 Co 10:16), mas nada no texto diz que recebemos seu corpo e seu sangue.

Outro propósito da Ceia é proclamar a morte de Cristo até que ele volte (1 Co 11:26). Ela nos estimula a *olhar para trás*, com amor e adoração, para o que ele fez por nós na cruz e a *olhar para frente* com esperança e anseio por sua segunda vinda. Uma vez que devemos ter cuidado para não chegar à mesa do Senhor com pecados conscientes em nossa vida, a Ceia também deve ser uma ocasião em que *olhamos para dentro*, examinando o coração e confessando os pecados (1 Co 11:27-32).

Outra bênção da Ceia é a lembrança da unidade da igreja: “somos unicamente um pão” (1 Co 10:17). A “Ceia do Senhor” não é propriedade exclusiva de uma única denominação cristã. Sempre que participamos da Ceia, estamos nos identificando com os cristãos de toda parte e somos lembrados de nossa obrigação de “preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Ef 4:3).

A participação física não é suficiente para receber as bênçãos da Ceia do Senhor. Também devemos ser capazes de “discernir o corpo” (1 Co 11:29), ou seja, de enxergar as verdades espirituais inerentes ao pão e ao cálice. Esse discernimento espiritual dá-se por meio do Espírito usando a Palavra. O Espírito Santo torna tudo isso real para nós quando nos colocamos diante da mesa do Senhor.

Depois da instituição da Ceia, Jesus ensinou aos discípulos diversas verdades básicas que precisavam saber, a fim de ministrar com eficácia em um mundo hostil (Jo 14 - 16). Orou por seus discípulos (Jo 17); e, em seguida, cantaram um hino e saíram do

Cenáculo, dirigindo-se então ao jardim do Getsêmani. Judas sabia que iriam para lá e deve ter deixado os guardas de plantão.

Ao recapitular essa passagem, é impressionante ver a calma e a coragem do Salvador. É ele quem está no controle, não Satanás, Judas ou o Sinédrio. É ele quem anima os apóstolos! E, pouco antes de morrer na cruz, ainda é capaz de cantar um hino! Isaac Watts expressou de modo bastante apropriado qual deve ser nossa resposta:

Amor admirável, tão divino.

Requer minha alma, minha vida, todo o meu ser.

JESUS É PRESO

LUCAS 22:39-71

Talvez a melhor maneira de entender as lições espirituais por trás dos acontecimentos trágicos daquela noite seja concentrar-se nos *símbolos* que aparecem no relato. A Bíblia não é apenas um livro de história e de biografias, mas também um livro de imagens repletas de significado e de mensagens para nós. Nesta passagem, encontramos seis símbolos que podem nos ajudar a compreender melhor o sofrimento e a morte de Jesus. São eles: um jardim solitário, um cálice custoso, um beijo hipócrita, uma espada inútil, um galo que canta e um trono glorioso.

1. UM JARDIM SOLITÁRIO (Lc 22:39)

O Filho do Homem deixou o cenáculo e, com os discípulos, dirigiu-se ao jardim do Getsêmani, no monte das Oliveiras, o lugar para onde costumava se retirar quando estava em Jerusalém (Lc 21:37). Sabendo que Jesus estaria lá (Jo 18:1, 2), Judas conduziu o bando de soldados romanos e de guardas do templo até o jardim para prender Jesus, que se entregou voluntariamente nas mãos de seus captores.

Mas por que um jardim? A história humana começa num jardim (Gn 2:7-25). Também é lá que começa a história do pecado humano (Gn 3). Para os remidos, a história chegará ao ápice numa cidade semelhante a um jardim, onde não haverá pecado (Ap 21:1 - 22:7). Mas entre o jardim onde o homem falhou e o jardim onde Deus reinará encontra-se o Getsêmani, jardim onde Jesus aceitou o cálice das mãos do Pai.

De acordo com João, quando Jesus foi para o jardim, atravessou o ribeiro de Cedrom

(Jo 18:1). Talvez João tivesse em mente a experiência do rei Davi, quando deixou Jerusalém fugindo de seu filho Absalão (2 Sm 15; ver especialmente o v. 23). Quando cruzaram o Cedrom, Davi e Jesus eram reis sem trono, acompanhados de seus amigos mais próximos, rejeitados pelo próprio povo. O nome *Cedrom* significa "sombrio, escuro", e *Getsêmani* quer dizer "prensa de olivas". Sem dúvida são nomes significativos.

Hoje em dia, os guias turísticos de Jerusalém levam os visitantes a quatro lugares diferentes que arrogam o título de jardim do Getsêmani. O mais aceito e mais visitado é, provavelmente, o local que fica fora do muro oriental de Jerusalém, próximo à Igreja de Todas as Nações. As oliveiras ali são, de fato, extremamente antigas, mas é pouco provável que sejam as mesmas do tempo de Jesus, uma vez que os romanos destruíram todas as árvores quando invadiram a Judéia em 70 d.C.

A localização geográfica do Getsêmani não é tão importante quanto a mensagem espiritual acerca do que Jesus fez enquanto estava lá, quando aceitou o "cálice" das mãos do Pai. O primeiro Adão rebelou-se no jardim do Éden e introduziu no mundo o pecado e a morte, mas o Último Adão (1 Co 15:45) sujeitou-se no jardim do Getsêmani e trouxe vida e salvação a todos os que crerem.

2. UM CÁLICE CUSTOSO (Lc 22:40-46)

Jesus deixou oito de seus discípulos em alguma parte do jardim e levou consigo Pedro, Tiago e João para orar num lugar mais retirado (Mc 14:32, 33). Essa foi a terceira vez que compartilhou uma ocasião especial com esses três discípulos. A primeira foi quando ressuscitou a filha de Jairo (Lc 8:41-56); a segunda, quando foi transfigurado diante deles (Lc 9:28-36). Tais fatos devem conter uma mensagem espiritual.

O comentarista inglês G. Campbell Morgan ressalta que cada uma dessas ocasiões possui uma relação com a morte. Na casa de Jairo, Jesus provou ser vitorioso sobre a morte e, no monte da transfiguração, foi glorificado por meio da morte. (Ele, Moisés e Elias falaram de seu "êxodo" de Jerusalém

[Lc 9:31.] No jardim, Jesus é entregue à morte. Tiago foi o primeiro dos apóstolos a morrer (At 12:1, 2), João foi o último, e Pedro sofreu perseguições intensas e acabou sendo crucificado. Portanto, essas três lições mostraram-se extremamente práticas para a vida deles.

Jesus é o Filho de Deus e sabia muito bem que seria ressuscitado dentre os mortos. No entanto, sua alma encheu-se de agonia ao antever o que se encontrava adiante dele. Nas horas subseqüentes, seria humilhado e insultado e sofreria vergonha e dor na cruz. Mais do que isso, seria feito pecado por nós, sendo separado de seu Pai. Jesus chamou essa experiência de “beber do cálice” (mais paralelos dessa imagem podem ser encontrados nos Sl 73:10; 75:8; Is 51:17, 22; Jr 25:15-28).

Uma comparação dos relatos dos Evangelhos mostra que Jesus orou três vezes sobre o cálice e voltou três vezes para os discípulos, encontrando-os adormecidos. Não faziam idéia das provações e do perigo diante deles. Como teria sido importante para Jesus receber o apoio dos discípulos em oração ao enfrentar o Calvário (ver Hb 5:7, 8)!

Lucas é o único evangelista que menciona “suor [...] como gotas de sangue”. O uso de *como* pode sugerir que o suor caía no chão semelhante a coágulos de sangue. No entanto, existe um fenômeno físico raro chamado *hematidrose* em que, sob condições de grande aflição, os pequenos vasos sangüíneos dentro das glândulas sudoríparas se rompem e produzem uma mistura de suor e sangue. O primeiro Adão pecou no jardim e foi condenado a viver pelo suor de seu rosto (Gn 3:19). Jesus, o Último Adão, obedeceu ao Pai num jardim e venceu o pecado de Adão (Rm 5:12-21).

Lucas também é o único autor que fala do ministério do anjo (Lc 22:43). Na verdade, tanto o Evangelho de Lucas quanto o Livro de Atos destacam a presença dos anjos na obra de Cristo. Os anjos não poderiam vir à Terra para morrer por nossos pecados, mas poderiam fortalecer nosso Salvador, enquanto aceitava corajosamente seu cálice da mão do Pai. Nas palavras de George

Morrison: “Toda vida tem seu Getsêmani e todo Getsêmani tem seu anjo”. Que grande estímulo ao povo de Deus, quando está em lutas e em oração por decisões difíceis, pelas quais se deve pagar um alto preço!

3. UM BEIJO HIPÓCRITA (Lc 22:47, 48)

Alguém definiu um beijo como “uma contração da boca decorrente de uma expansão do coração”. Porém, nem todos os beijos vêm de um coração amoroso, pois os beijos também podem ser enganosos. No caso de Judas, seu beijo nasceu da mais abjeta hipocrisia e traição.

Naquele tempo, os discípulos costumavam saudar os mestres com um beijo afetuosos e respeitoso. O beijo de Judas foi um sinal para mostrar aos guardas qual dos homens ali era Jesus (Mt 26:48, 49). Jesus havia ensinado no templo, dia após dia, e, no entanto, os guardas não foram capazes de reconhecê-lo!

A presença de um grupo tão grande de soldados armados mostra como, na verdade, Judas não sabia coisa alguma sobre o Senhor Jesus. Será que pensou que Jesus tentaria fugir ou, talvez, se esconder em algum lugar do jardim? É possível que Judas esperasse resistência de Jesus e dos outros discípulos, pois, de outro modo, não teria reunido tantos soldados para ajudar. Talvez temesse que Jesus realizasse um milagre; mas, se isso acontecesse, de que adiantaria um grupo de homens armados contra o Deus Todo-Poderoso?

Judas era dissimulado, um mentiroso, exatamente como Satanás que entrou nele (Jo 8:44; 13:27). Contaminou quase tudo o que tocou: seu nome (*Judá* quer dizer “louvor”), o grupo dos discípulos (Lc 6:13-16), as ofertas feitas a Cristo (Jo 12:1-8) e o beijo. Invadiu uma reunião de oração particular, contaminou-a com sua presença e traiu o Salvador *com um beijo*. “Leais são as feridas feitas pelo que ama, porém os beijos de quem odeia são enganosos” (Pv 27:6).

4. UMA ESPADA INÚTIL (Lc 22:49-53)

Os discípulos lembraram as palavras de Jesus sobre a espada (Lc 22:35-38), mas as

entenderam mal, de modo que perguntaram ao Mestre se deveriam usar as duas espadas. Sem esperar pela resposta, Pedro se adiantou e atacou um homem chamado Malco, um servo do sumo sacerdote (Jo 18:10, 26, 27).

O que levou Pedro a fazer isso? Em primeiro lugar, precisava agir de acordo com as palavras presunçosas que havia dito no cenáculo (Lc 22:33) e repetido a caminho do jardim (Mt 26:30-35). Pedro dormiu quando deveria orar, falou quando deveria ouvir e se vangloriou quando deveria temer. Agora, lutava quando deveria entregar-se!

Pedro cometeu uma série de erros ao atacar Malco. Para começar, lutou com o inimigo errado e com a arma errada. Nossos inimigos não são de carne e de sangue e não podem ser derrotados com armas comuns (2 Co 10:3-6; Ef 6:10-18). Ao ser tentado no deserto, Jesus derrotou Satanás com a Palavra de Deus (Mt 4:1-11), e essa é a arma que devemos usar (Ef 6:17; Hb 4:12).

Pedro também revelou uma atitude errada e confiou no tipo errado de energia. Enquanto Jesus se entregava, Pedro declarou guerra! Para isso, dependia do "braço de carne" (2 Cr 32:8). Sua abordagem à situação não foi em nada semelhante ao caráter de Cristo (Jo 18:36) e serve de advertência a nós no presente. O mundo perdido pode proceder desse modo, mas não é assim que os servos de Deus devem agir (Mt 12:19; 2 Tm 2:24).

É típico de Jesus demonstrar graça quando outros usam de malícia (Sl 103:10). Demonstrou graça para com Pedro ao repreender seu pecado de presunção e reparar o estrago que havia causado. Demonstrou graça para com Malco ao curar a orelha dele e graça para com o mundo todo ao entregar-se voluntariamente à turba e ir para o Calvário. Jesus não veio para julgar, mas para salvar (Lc 19:10; Jo 3:17).

O último milagre de Jesus antes da cruz não foi nada grandioso e chamativo. É bem provável que poucos homens presentes ali naquela noite sequer tenham ficado sabendo do que Pedro e Jesus fizeram. Jesus poderia ter convocado doze legiões de anjos (Mt 26:53), uma legião (seis mil soldados)

para cada um de seus onze discípulos e mais uma para si mesmo, mas não o fez. Em vez de realizar um feito espetacular, realizou um gesto de amor curando a orelha de um servo desconhecido e, em seguida, apresentou suas mãos para serem atadas.

É preciso decidir se passaremos a vida *fingindo*, como Judas; *lutando*, como Pedro ou *nos entregando à vontade perfeita de Deus*, como Jesus. O que escolheremos: o beijo, a espada ou o cálice?

5. UM GALO QUE CANTA (LC 22:54-62)

Antes de ser condenado e crucificado, Jesus passou por seis "julgamentos", sendo três deles diante dos judeus e outros três diante das autoridades romanas. Primeiro, foi levado a Anás, o antigo sumo sacerdote que ainda era um homem influente em Israel e que mantinha seu título (Jo 18:12, 13). Anás enviou Jesus a Caifás, o sumo sacerdote oficial (Mt 26:57). Por fim, quando raiou o dia, Jesus foi julgado diante do Sinédrio e declarado culpado (Lc 22:66-71).

Os judeus não tinham o direito de aplicar a pena capital (Jo 18:31, 32), de modo que, a fim de crucificar Jesus, precisaram levá-lo às autoridades romanas. Primeiro, foram até Pilatos (Lc 23:1-4), que tentou evitar uma decisão encaminhando o prisioneiro a Herodes (Lc 23:6-12), o qual, por sua vez, o mandou de volta para Pilatos (Lc 23:13-25)! Quando Pilatos se deu conta de que não lhe restava outra saída senão tomar uma posição, deu aos membros do Sinédrio o que pediram e condenou Jesus a morrer numa cruz romana.

Foi durante o segundo "julgamento" perante os judeus, diante de Caifás, que Pedro entrou no pátio da casa do sumo sacerdote e negou Jesus três vezes. Como isso aconteceu? Para começar, Pedro não levou a sério as advertências de Jesus (Mt 26:33-35; Lc 22:31-34) e também não "vigiou e orou", conforme Jesus os havia instruído no jardim (Mc 14:37, 38). Apesar de toda sua coragem e zelo, o apóstolo estava absolutamente despreparado para os ataques de Satanás.

Jesus foi levado para fora do jardim, e "Pedro seguia de longe" (Lc 22:54). Esse foi

o passo seguinte para a sua derrota. Apesar de todos os sermões pregados sobre esse texto criticando Pedro por seguir *de longe*, na verdade Pedro *nem sequer deveria estar lá*. As “ovelhas” deveriam espalhar-se e, posteriormente, se encontrar com Jesus na Galiléia (Mt 26:31). Aliás, quando foi preso, Jesus disse aos guardas: “deixai ir estes [discípulos]” (Jo 18:8, 9), um sinal claro para que não o seguissem.

Pedro e João seguiram a multidão e entraram no pátio da casa de Caifás (Jo 18:15, 16). Era uma noite fria (ainda assim, Jesus havia suado!). Pedro primeiramente se *aproximou* do braseiro (Jo 18:18) e, em seguida, se *assentou* com os servos e guardas (Lc 22:55). Ao assentar-se em território inimigo (Sl 1:1), Pedro tornou-se um alvo fácil. Enquanto pensava apenas no próprio conforto, seu mestre era insultado pelos soldados (Lc 22:63-65).

Primeiro, uma das servas do sumo sacerdote abordou Pedro, acusando-o de estar com Jesus e de ser um de seus discípulos. Pedro mentiu e disse: “Não sou discípulo dele, não o conheço e não sei do que você está falando!” Afastou-se do braseiro e foi até o alpendre (Mt 26:71), e o galo cantou pela primeira vez (Mc 14:68). Isso deveria ter servido de aviso para ele partir, mas o apóstolo deixou-se ficar por lá.

Logo, outra serva reparou em Pedro e disse aos que se encontravam por perto: “Este homem também estava com Jesus, o Nazareno! É um deles!” Pela segunda vez, Pedro mentiu e jurou não conhecer Jesus.

As suspeitas do povo cresceram quando um parente de Malco apareceu e perguntou: “Não vi você no jardim com Jesus?” Outros comentaram: “Com certeza você é um deles, pois sua maneira de falar o denuncia. Você fala como um galileu” (os galileus possuíam um dialeto distintivo). A essa altura, Pedro começou a praguejar e jurou não conhecer Jesus nem saber do que estavam falando. Então, o galo cantou novamente, e as palavras de Jesus se cumpriram (Mc 14:30).

Naquele instante, quando estava sendo levado para o próximo julgamento, Jesus

voltou-se para Pedro e o fitou. O olhar do Mestre quebrantou o coração do apóstolo, que aproveitou enquanto todos observavam Jesus e se esgueirou chorando amargamente. Pode-se dizer em favor de Pedro que Jesus só precisou *olhar* para ele a fim de levá-lo ao arrependimento.

Sem dúvida, foi um milagre um galo cantar na hora certa, quando todas as outras aves da cidade permaneciam em silêncio. Porém, o canto do galo foi mais do que um milagre que cumpriu as palavras de Jesus; também foi uma mensagem especial a Pedro, para ajudá-lo a restaurar sua comunhão com o Senhor. De que maneira o canto do galo encorajou o apóstolo Pedro?

Em primeiro lugar, serviu para lhe garantir que, mesmo sendo um prisioneiro, atado e aparentemente indefeso diante de seus captores, Jesus Cristo continuava no controle de todas as coisas. Foi uma oportunidade para Pedro lembrar-se das ocasiões em que havia visto Jesus exercer sua autoridade sobre os peixes, o vento, as ondas e até mesmo sobre as enfermidades e a morte. Por mais sombrio que fosse aquele momento para Pedro, Jesus ainda estava no controle de tudo!

Em segundo lugar, o canto do galo foi uma garantia a Pedro de que ele poderia ser perdoado. O apóstolo não prestara a devida atenção à Palavra de Deus. Contestara e desobedecera, tendo se adiantado a ela, mas, naquele instante, se “lembrou da palavra do Senhor” (Lc 22:61). Essa lembrança deu-lhe esperança. Isso porque a palavra de advertência também foi uma promessa de restauração! Pedro seria convertido e fortaleceria seus irmãos (Lc 22:32).

Por fim, o milagre do galo mostrou a Pedro que um novo dia começava. Não era um novo dia para Judas nem para os inimigos de Jesus, mas era um recomeço para Pedro, que se arrependeu e chorou amargamente. “Coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus” (Sl 51:17). Na manhã da ressurreição, o anjo enviou uma mensagem especial de ânimo a Pedro (Mc 16:7), e o próprio Jesus apareceu ao apóstolo naquele dia e restaurou a comunhão entre eles (Lc 24:34).

Em algum momento, todos nós acabaremos por falhar com o Senhor e, então (de uma forma ou de outra), ouviremos o “canto do galo”. Satanás dirá que não há mais esperança, mas essa não é a mensagem de Deus para nós. Certamente não foi o fim da linha para Pedro! Sua restauração foi tão completa que pôde dizer aos judeus: “Vós, porém, negastes o Santo e o Justo” (At 3:14). Pedro não tinha o texto de 1 João 1:9 para ler, mas sem dúvida experimentou a verdade dessas palavras no próprio coração.

6. UM TRONO GLORIOSO (Lc 22:63-71)

Jesus ainda não havia sido declarado oficialmente culpado e, no entanto, os soldados receberam permissão de escarnecer dele e de feri-lo. Nessa passagem, zombam de Jesus por haver afirmado ser Profeta; posteriormente, zombariam dele por haver afirmado ser Rei (Jo 19:1-3). Porém, por mais pecaminoso que tenha sido esse escárnio, na verdade, serviu para cumprir a promessa que o próprio Cristo havia feito (Mt 20:19). Cristo é o exemplo de como devemos nos comportar quando os pecadores nos ridicularizam e zombam de nossa fé (ver 1 Pe 2:18-25).

Acredita-se que o concílio judeu não poderia votar sobre penas capitais durante a noite, de modo que os principais sacerdotes, escribas e anciãos tiveram de se reunir novamente assim que o dia amanheceu. Não sabemos se essa regra estava em vigor no tempo de Cristo, mas se fosse o caso, isso explica por que o Sinédrio encontrou-se logo cedo.

Esse foi o ponto culminante do julgamento religioso, que girou em torno da questão: “Jesus de Nazaré é o Cristo de Deus?” Estavam certos de que as alegações de Jesus eram falsas e de que era culpado de blasfêmia, sendo que a pena para a blasfêmia era a morte (Lv 24:10-16).

Jesus conhecia o coração de seus acusadores e sabia de sua incredulidade e desonestidade intelectual (Lc 20:1-8). Não teria adiantado coisa alguma pregar um sermão ou entrar numa discussão. Já haviam rejeitado as provas que Jesus lhes oferecera (Jo

12:37-43), e se Jesus lhes tivesse revelado mais verdades, só teria aumentado sua responsabilidade, e o julgamento lhes sobreviria (Jo 9:39-41).

Jesus chamou a si mesmo de “Filho do Homem”, um título messiânico encontrado em Daniel 7:13, 14: Também afirmou ter o direito de assentar-se “à direita do Todo-Poderoso Deus” (Lc 22:69), uma referência clara ao Salmo 110:1, outra passagem messiânica. Era esse versículo que havia citado alguns dias antes em sua discussão com os líderes religiosos (Lc 20:41-44). Jesus olhou além do sofrimento da cruz e viu as glórias do trono (Fp 2:1-11; Hb 12:2).

O fato de Jesus encontrar-se assentado à direita do Pai é repetido com frequência no Novo Testamento (Hb 1:3; 8:1; 10:12; 12:2; 1 Pe 3:22; At 2:33; 5:31; 7:55, 56; Rm 8:34; Ef 1:20; Cl 3:1). Trata-se de um lugar de honra, autoridade e poder e, ao reivindicar essa honra, Jesus afirmou ser Deus.

Somente Lucas registra a pergunta direta em Lucas 22:70 e a resposta, também direta, de Jesus: “Vós dizeis que eu sou”, declaração que seria usada quando o levassem a Pilatos (Jo 19:7). Fico imaginando como os teólogos liberais, que afirmam que Jesus nunca disse ser Deus, explicam esse julgamento oficial. Os líderes religiosos sabiam do que Jesus estava falando e, por isso, o condenaram por blasfêmia.

O “julgamento religioso” encerrou-se, e o próximo passo era realizar um julgamento civil e convencer o governador romano de que Jesus de Nazaré era um criminoso que merecia a pena de morte. O Filho de Deus deveria ser crucificado, e só os romanos poderiam aplicar essa pena.

Ao se referir às autoridades judaicas, William Stalker escreveu em sua obra *The trial and death of Jesus Christ [O julgamento e a morte de Jesus Cristo]*: “Pode-se dizer que andaram de acordo com a luz deles, mas essa luz não passava de trevas”.

“Não há ninguém mais cego do que os que se recusam a ver”, escreveu Matthew Henry, conhecido comentarista bíblico.

“Enquanto tendes a luz, crede na luz, para que vos torneis filhos da luz” (Jo 12:36).

CONDENADO E CRUCIFICADO

LUCAS 23

O julgamento e a morte de Jesus Cristo revelaram tanto a perversidade do coração humano quanto a graça do coração de Deus. Enquanto os seres humanos mostravam o pior de si, Deus lhes dava o que tinha de melhor. “Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5:20). Jesus não foi crucificado porque homens perversos resolveram livrar-se dele. Sua crucificação foi “pelo determinado desígnio e presciência de Deus” (At 2:23), um compromisso marcado na eternidade (1 Pe 1:20; Ap 13:8).

Ao estudar este capítulo, observaremos seis encontros de Jesus durante essas horas críticas.

1. JESUS E PILATOS (Lc 23:1-25)

Pôncio Pilatos foi governador da Judéia de 26 d.C. a 36 d.C., quando foi chamado de volta a Roma e desapareceu da história oficial romana. Odiado pelos judeus ortodoxos, nunca chegou a entendê-los. Em certa ocasião, suscitou seu furor colocando estandartes romanos pagãos no templo de Jerusalém e, posteriormente, infiltrou espias no templo para calar os que protestavam (Lc 13:1-3).

O governador mostrou-se indeciso ao tratar do julgamento de Jesus. O Evangelho de João mostra sete atitudes de Pilatos ao sair para encontrar o povo e depois entrar para interrogar Jesus (Jo 18:29, 33, 38; 19:1, 4, 9, 13). Procurou desesperadamente uma forma de esquivar-se, mas não teve como escapar. Pilatos entrou para a história como o homem que julgou Jesus Cristo, declarou três vezes que não era culpado, mas, ainda assim, o crucificou.

A declaração de Pilatos (vv. 1-5). Os oficiais romanos normalmente começavam a trabalhar cedo, mas é provável que, naquela manhã, Pilatos tenha ficado surpreso ao descobrir que haviam colocado em suas mãos um caso de pena de morte, questão a ser resolvida justamente durante a Páscoa. Os líderes judeus sabiam que suas leis religiosas não tinham valor algum para um governante romano, de modo que enfatizaram o aspecto político de suas queixas contra Jesus. Apresentaram três acusações: corrompera a nação, opusera-se ao pagamento do tributo a César e afirmara ser rei.

Pilatos interrogou Jesus em particular sobre a questão crítica de sua realeza e concluiu que ele não havia cometido crime algum. Durante o julgamento, Pilatos declarou três vezes que Jesus era inocente (Lc 23:4, 14, 22). De acordo com Lucas, outras três testemunhas também declararam a inocência de Jesus: o rei Herodes (Lc 23:15), um dos criminosos (Lc 23:40-43) e um centurião romano (Lc 23:47).

A procrastinação de Pilatos (vv. 6-12). Os judeus rejeitaram o veredicto e intensificaram suas acusações contra Jesus. Político astuto que era, Pilatos aproveitou a menção da Galiléia para se livrar do caso de Jesus. Enviou-o para Herodes Antipas, o governante da Galiléia que havia ordenado a execução de João Batista e que estava ansioso para conhecer Jesus (Lc 9:7-9). Talvez o rei ardiloso pudesse encontrar uma forma de agradar os judeus.

Herodes deve ter ficado surpreso e um tanto nervoso quando os soldados colocaram Jesus diante dele. À medida que o interrogava, porém, se mostrou cada vez mais ousado e pediu que Jesus o divertisse com um milagre! Apesar do interrogatório persistente do rei e das acusações enérgicas dos judeus, Jesus não disse coisa alguma. Herodes havia calado a voz de Deus. Não era o rei quem estava julgando Jesus, mas sim o contrário.

Por fim, Herodes teve a audácia de zombar de Jesus e de permitir que seus soldados o vestissem com “um manto aparatoso”, do tipo usado por romanos aspirantes a cargos

públicos. Herodes não apresentou um veredicto oficial para o caso de Jesus (Lc 23:15), mas fica claro que não o considerou culpado de crime algum passível da pena de morte (Lc 23:15).

O único resultado dessa manobra política foi a restauração de uma amizade rompida. Herodes ficou agradecido por Pilatos lhe dar a oportunidade de conhecer Jesus e por honrá-lo pedindo seu conselho. Ao enviar Jesus de volta a Pilatos sem um veredicto, talvez Herodes estivesse dizendo: “caro Pilatos, uma vez que não estamos na Galiléia, você tem toda autoridade de agir e não pretendo interferir. Jesus é seu prisioneiro, não meu. Sei que tomará a decisão correta”. Por fim, o fato de os dois homens terem uma ameaça (ou um inimigo) em comum contribuiu para que colocassem de lado suas diferenças e restabelecessem sua relação amigável.

A negociação de Pilatos (vv. 13-23). Pilatos encontrou-se com os líderes judeus e declarou, pela segunda vez, que não considerava Jesus culpado das acusações que haviam apresentado contra ele. O fato de Herodes apoiar a decisão de Pilatos não deve ter impressionado os judeus, pois estes o desprezavam quase tanto quanto desprezavam os romanos.

Uma vez que era costume o governador romano libertar um prisioneiro na Páscoa, Pilatos propôs um acordo com os judeus: castigaria Jesus e depois o soltaria. Havia outro prisioneiro sob a custódia dos romanos, um criminoso chamado Barrabás, mas o governador estava certo de que os judeus não concordariam com sua libertação. Afinal, Barrabás era um ladrão (Jo 18:40), assassino e revolucionário (Lc 23:19). É possível que fosse um dos líderes do movimento dos zelotes que, na época, procurava derrubar o governo romano.

Não se deve imaginar que o populacho da cidade é que se encontrava reunido diante de Pilatos exigindo o sangue de Jesus, apesar de ser bem provável que uma multidão de curiosos houvesse se aglomerado por ali. Foram principalmente os líderes religiosos oficiais de Israel, em especial os sacerdotes (Lc 23:23), que clamaram a Pilatos e

que lhe disseram para crucificar Jesus. Não é inteiramente correto dizer que o mesmo povo que gritou “Hosana!” no Domingo de Ramos depois clamou “Crucifica-o!” na Sexta-Feira Santa.

A concessão de Pilatos (vv. 24, 25). Pilatos percebeu que, se não tratasse corretamente da situação, acabaria provocando uma revolta dos judeus, a última coisa que ele desejava durante a Páscoa. Assim, pediu que lhe trouxessem água e lavou as mãos diante da multidão, afirmando sua inocência (Mt 27:24, 25). Essa concessão comprova que sua grande preocupação era “contentar a multidão” (Mc 15:15). Barrabás foi solto, e Jesus, condenado a morrer em uma cruz romana.

Pilatos era um homem complicado. Declarou abertamente que Jesus era inocente e, no entanto, permitiu que fosse espancado e o condenou à morte. Interrogou Jesus meticulosamente e até estremeceu com suas respostas, mas a verdade da Palavra não fez diferença alguma em suas decisões. Seu desejo não era fazer a coisa certa, mas sim agradar o povo; estava mais preocupado com sua reputação do que com seu caráter. Se Herodes calou a voz de Deus, Pilatos abafou-a. Desperdiçou a oportunidade de fazer o que era certo.

2 JESUS E SIMÃO (LC 23:26)

Parte da humilhação do prisioneiro consistia em carregar sua cruz até o local da execução, de modo que, ao sair do palácio de Pilatos, Jesus carregava a cruz inteira ou, ao menos, a trave principal (Jo 19:17). Ao que parece, não foi capaz de prosseguir, pois os soldados tiveram de “recrutar” um cirineu chamado Simão para carregar a cruz no lugar dele (tratava-se de um procedimento previsto na lei romana; ver Mt 5:41). Quando pensamos em tudo o que Jesus havia sofrido desde sua prisão no jardim, não é difícil imaginá-lo sucumbindo sob o peso da cruz. No entanto, é preciso considerar também que o gesto de carregar a cruz era um sinal de culpa, e *Jesus não era culpado!*

Simão era um dos milhares de judeus de outros países que se dirigiam a Jerusalém

para celebrar as festas (At 2:5-11). Havia percorrido mais de 1.200 quilômetros desde a África para comemorar a Páscoa, e agora estava sendo humilhado no dia mais santo de todos! O que diria a sua família quando voltasse para casa?

Aquilo que pareceu uma tragédia para Simão, na verdade, foi uma oportunidade maravilhosa de aproximar-se de Jesus Cristo. (A propósito, onde estaria o outro Simão – Simão Pedro – que havia prometido a Jesus que o seguiria à prisão e até à morte?) É possível que Simão tenha ido a Jerusalém para participar das orações das 9 horas da manhã no templo, mas os soldados romanos mudaram os planos dele.

Temos bons motivos para crer que esse encontro com Jesus levou Simão a se converter. Marcos identifica-o como “pai de Alexandre e de Rufo” (Mc 15:21), dois homens que o evangelista pressupõe serem conhecidos de seus leitores romanos. Um cristão chamado Rufo é saudado por Paulo em Romanos 16:13, e é possível que se trate do filho de Simão, o cirineu. Ao que parece, Simão e seus dois filhos tornaram-se cristãos conhecidos e tidos em alta consideração na Igreja.

Antes de seu encontro com Jesus, Simão possuía religiosidade e devoção, mas depois de encontrar-se com Cristo, recebeu comunhão real e salvação. Naquela manhã, sua vida sofreu uma reviravolta física e espiritual e foi inteiramente transformada. Deus ainda pode usar situações difíceis, até mesmo humilhantes, para conduzir as pessoas ao Salvador.

3. JESUS E AS MULHERES DE JERUSALÉM (Lc 23:27-31)

As execuções públicas atraíam multidões de espectadores e, no caso de Jesus, é provável que a curiosidade fosse ainda maior. Além disso, Jerusalém estava abarrotada de peregrinos, e não é difícil imaginar que uma “grande multidão” tenha seguido os condenados até o Calvário.

Nessa multidão, havia um grupo de mulheres chorando e se lamentando, em uma demonstração pública de solidariedade a Jesus e de tristeza pela situação terrível de sua nação. Podemos observar que, no tocante

ao relato dos Evangelhos, nenhuma mulher foi inimiga de Jesus; este, por sua vez, também jamais demonstrou qualquer inimizade com respeito às mulheres. Seus exemplos, seus ensinamentos e, acima de tudo, sua redenção contribuíram grandemente para dar dignidade e respeitabilidade às mulheres. A notícia de seu nascimento foi dada a uma jovem judia, sua morte foi testemunhada por mulheres aflitas, e a primeira pessoa a receber as boas novas da ressurreição foi uma mulher que havia sofrido de possessão demoníaca.

Jesus apreciou a demonstração de solidariedade dessas mulheres e a utilizou para lhes ensinar uma lição importante. Enquanto choravam por causa da injustiça *da morte de um homem*, ele olhava adiante e se afligia com a terrível *destruição de uma nação inteira*, sentença absolutamente justa (ver Lc 19:41-44). Infelizmente, como a própria história mostra, quem mais sofreu foram as mulheres e as crianças. Os romanos tentaram obrigar os judeus a se renderem cortando seus suprimentos de alimento, e os homens famintos que defendiam a cidade tomaram a comida de suas mulheres e filhos que sofriam e, em alguns casos, mataram e comeram a própria família.

Durante os anos em que Jesus passou aqui na Terra, a nação de Israel era uma “árvore verde”. Foi um tempo de bênçãos e de oportunidades e deveria ter sido um tempo de frutificação. No entanto, a nação rejeitou-o e se transformou numa “árvore seca”, que só servia para ser queimada. Em várias ocasiões, Jesus quis reunir seu povo, mas este se recusou. Ao condenar o Salvador, o povo condenou a si mesmo.

Podemos fazer a seguinte paráfrase de suas palavras: “Se as autoridades romanas estão fazendo isso com Aquele que é inocente, o que farão com vocês, que são culpados? Quando o dia do julgamento chegar, quem poderá escapar?”

4. JESUS E OS MALFEITORES (Lc 23:32-43)

De acordo com a profecia, o Servo Sofredor seria “contado com os transgressores”

(Is 53:12; Lc 22:37), e dois ladrões (Mt 27:38) foram crucificados com Jesus. O termo grego usado para designar esses criminosos significa “aqueles que usam de violência para roubar abertamente”, distinguindo esses malfeitores dos que entravam em casas para furtar de modo sorrateiro. É possível que fossem culpados de assaltos a mão armada, envolvendo homicídio.

O nome *Calvário* vem do latim *calvaria*, que significa “caveira” (o termo grego é *kranion*, de onde vem nossa palavra “crânio”, e o nome aramaico é *Gólgota*). Esse nome não é explicado no Novo Testamento. Talvez o local se assemelhasse a um crânio, como no caso do “Calvário de Gordon”, próximo à Porta de Damasco em Jerusalém. Ou, talvez, o nome simplesmente tenha surgido do caráter repugnante das execuções realizadas naquele lugar.

Jesus foi crucificado por volta das 9 horas da manhã e permaneceu na cruz até as 3 da tarde, sendo que, do meio-dia às 3 horas, houve trevas sobre toda a terra (Mc 15:25, 33). Jesus falou sete vezes durante essas seis horas terríveis:

1. “Pai, perdoa-lhes” (Lc 23:34).
2. “Hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23:43).
3. “Mulher, eis aí teu filho” (Jo 19:25-27).
4. “Por que me desamparaste?” (Mt 27:46).
5. “Tenho sede!” (Jo 19:28).
6. “Está consumado!” (Jo 19:30)
7. “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!” (Lc 23:46).

Lucas registra apenas três dessas sete declarações: a primeira, a segunda e a última. A oração de Jesus por seus inimigos e seu ministério ao ladrão arrependido encaixam-se perfeitamente com o propósito de Lucas de mostrar Jesus Cristo como o Filho do Homem, o Salvador compassivo que cuidou dos necessitados.

Enquanto o pregavam na cruz, Jesus orou repetidamente: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23:34). Não apenas

colocava em prática o que havia ensinado (Lc 6:27, 28) como também cumpria a profecia de acordo com a qual “pelos transgressores intercedeu” (Is 53:12).

Não devemos usar essa oração para supor que a ignorância serve de base ao perdão ou que os que pecaram contra Jesus foram automaticamente perdoados por causa dessas orações. Por certo, tanto os judeus quanto os romanos não faziam idéia da *enormidade* de seu pecado, mas isso não era motivo para absolvê-los. A Lei previa um sacrifício para os pecados realizados por ignorância, mas não havia sacrifício algum para os pecados insolentes e deliberados (Êx 21:14; Nm 15:27-31; Sl 51:16, 17). A intercessão de Jesus adiou o julgamento sobre a nação em quase quarenta anos, dando-lhes a oportunidade de ser salvos (At 3:17-19).

Foi um ato providencial Jesus ter sido crucificado *entre* os dois ladrões, pois desse modo ambos tiveram o mesmo acesso ao Salvador. Ambos conseguiram ler o sobrecrito de Pilatos: “Este é Jesus de Nazaré, o rei dos judeus” e ambos puderam vê-lo dar a vida pelos pecados do mundo.

Um dos ladrões imitou a zombaria dos líderes religiosos e pediu que Jesus o salvasse da cruz, mas o outro não seguiu esse caminho. Talvez tenha raciocinado que, se aquele Homem era, de fato, o Cristo e se tinha um reino e havia salvado outros, poderia suprir sua maior necessidade, a salvação dos pecados. Ainda não estava pronto para morrer! O ladrão precisou ter coragem para ir contra a influência do amigo e a zombaria da multidão e precisou ter fé para crer num Rei que estava à beira da morte! Quando pensamos em tudo o que esse ladrão teve de superar, vemos que sua fé foi extraordinária.

Esse homem foi salvo inteiramente pela graça. Não a merecia e não podia fazer coisa alguma para obter sua salvação, de modo que foi uma dádiva de Deus (Ef 2:8,9). Também foi pessoal e inquestionável, garantida pela palavra de Jesus Cristo. O homem esperava receber algum tipo de ajuda no futuro, mas Jesus deu-lhe o perdão naquele

mesmo dia, e ele morreu e foi estar com o Senhor no paraíso (2 Co 12:1-4).

É importante observar que as pessoas presentes no Calvário cumpriram as profecias do Antigo Testamento ao lançar sortes pelas vestes de Jesus (Sl 22:18), zombar dele (Sl 22:6-8) e lhe oferecer vinagre para beber (Sl 69:21). Deus continuava assentado em seu trono, e sua Palavra ainda estava no controle.

5. JESUS E O PAI (Lc 23:44-49)

Não se deve esquecer que a obra realizada por Jesus na cruz envolveu uma transação eterna entre ele e o Pai. Jesus não morreu como um mártir que fracassara em uma causa perdida. Também não foi apenas um exemplo a ser seguido pelas pessoas. Isaías 53 deixa claro que Jesus não morreu pelos próprios pecados, pois não tinha pecado algum; antes, morreu por nossas transgressões. Fez de sua alma uma oferta pelo pecado (Is 53:4-6, 10-12).

As três horas de trevas foram uma ocorrência miraculosa. Não se tratou de um eclipse, pois era impossível ser lua cheia durante a Páscoa. Deus enviou as trevas que envolveram a cruz, enquanto seu Filho era feito pecado por nós (2 Co 5:21). Foi como se a natureza se solidarizasse com o Criador, enquanto ele sofria e morria. Quando Israel estava no Egito, três dias de trevas antecederam a primeira Páscoa (Êx 10:21ss). Quando Jesus estava na cruz, três horas de trevas antecederam a morte do Cordeiro de Deus pelos pecados do mundo (Jo 1:29).

Tanto em Mateus 27:45, 46 quanto em Marcos 15:33, 34, encontramos o registro do clamor de Jesus no final do período de trevas, uma citação em hebraico do Salmo 22:1: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" O texto não explica o que foi esse desamparo e como Jesus o sentiu, mas certamente está relacionado ao fato de ele haver se tornado pecado por nós.

Então, Jesus clamou em alta voz: "Está consumado!" (Jo 19:30), uma declaração de vitória. Havia terminado a obra da qual o Pai o havia incumbido (Jo 17:4). Seu trabalho de redenção estava completo, e os tipos

e profecias se cumpriram (Hb 9:24ss), de modo que o Salvador poderia descansar.

Em sua última declaração na cruz, Jesus dirigiu-se ao Pai dizendo: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!" (ver Sl 31:5). Na verdade, essa era uma oração que as crianças judias faziam antes de ir dormir, a qual mostra como Jesus morreu: de modo confiante, voluntário (Jo 10:17, 18) e vitorioso. Os que conhecem Jesus como seu Salvador podem morrer com essa mesma certeza e segurança (2 Co 5:1-8; Fp 1:20-23).

Quando o Senhor entregou seu espírito, o véu do templo rasgou-se ao meio "de alto a baixo" (Mc 15:38). Esse milagre anunciou aos sacerdotes e ao povo que o acesso à presença de Deus estava aberto a todos os que se aproximassem dele pela fé em Jesus Cristo (Hb 9:1 - 10:25). Os pecadores não precisam mais de templos, altares, sacrifícios e sacerdotes para achegar-se a Deus, pois todas essas coisas se cumpriram na obra consumada do Filho de Deus.

Lucas registra três reações aos acontecimentos dos últimos instantes da morte de Cristo. O centurião encarregado da execução testemunhou: "Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus" (Mc 15:39; Lc 23:47). Sem dúvida, ficou impressionado com a escuridão, o terremoto (Mt 27:54), e a maneira de Jesus sofrer e morrer. Também deve ter se surpreendido com o clamor de Jesus pouco antes de sua morte instantânea, pois as vítimas de crucificações muitas vezes levavam dias para morrer e não tinham forças para falar.

Aos poucos, o povo que foi "ver o espetáculo" começou a deixar o Calvário, alguns batendo no peito ao sentir sua culpa (Lc 18:13). Essas testemunhas eram seguidores de Jesus? O mais provável é que fossem apenas espectadores, curiosos para ver a execução; mas, certamente, viram e ouviram o suficiente para convencê-los de seus pecados.

Os amigos de Jesus também estavam lá, inclusive as mulheres que o haviam seguido (Lc 8:1-3; 24:22). É bastante significativo que essas mulheres tenham sido as últimas a deixar o lugar da crucificação e as primeiras a ir ao túmulo na manhã de domingo.

6. JESUS E JOSÉ DE ARIMATÉIA (Lc 23:50-56)

Tanto José quanto seu amigo, Nicodemos (Jo 19:38-42), eram membros do conselho judeu, mas não estavam presentes quando o conselho reuniu-se para votar sobre o caso de Jesus. Marcos 14:64 afirma que o conselho condenou-o por unanimidade, o que não teria acontecido se José e Nicodemos estivessem presentes.

É bem provável que José e Nicodemos soubessem, pelas Escrituras do Antigo Testamento, como Jesus morreria, de modo que concordaram em cuidar de seu sepultamento. Ao que tudo indica, o túmulo novo pertencia a José e havia sido preparado num jardim perto do Gólgota, mas não era para ele mesmo, e sim para Jesus. Nenhum homem rico prepararia o próprio túmulo tão próximo a um local de execuções e tão distante da própria casa. Pode até ser que, enquanto Jesus estava na cruz, os dois homens estivessem escondidos no túmulo, esperando o momento em que entregaria sua vida. Já deviam ter as especiarias e as faixas de tecido preparadas, pois não teriam como adquirir esses produtos durante a Páscoa.

Assim que Jesus morreu, José foi imediatamente até Pilatos pedir permissão para

sepultar Jesus, enquanto Nicodemos ficou no Calvário tomando conta do corpo. Com todo cuidado, removeram Jesus da cruz e o levaram rapidamente para o jardim, onde lavaram o corpo e o envolveram em especiarias. Foi um sepultamento temporário; depois do sábado, voltariam para preparar o corpo devidamente. Ao colocar o corpo de Jesus em seu novo túmulo, cumpriram as palavras de Isaías 53:9 e impediram que os romanos o jogassem no depósito de lixo do lado de fora da cidade. Os criminosos condenados perdiam o direito de ser devidamente sepultados, mas Deus providenciou para que o corpo de seu Filho fosse sepultado com dignidade e amor.

Era importante que o corpo fosse sepultado corretamente, pois Deus ressuscitaria Jesus dos mortos. Se houvesse alguma dúvida sobre sua morte ou sepultamento, isso afetaria a mensagem e o ministério do Evangelho (1 Co 15:1-8).

Depois de seis dias, Deus terminou a obra da "antiga criação" e descansou (Gn 2:1-3). Depois de seis horas, Cristo terminou a obra da "nova criação" (ver 2 Co 5:17) e descansou, no sábado, no túmulo de José.

Mas esse não foi o fim da história. Ele ressuscitaria!

O TRIUNFO DO FILHO DO HOMEM

LUCAS 24

Nas palavras de John Stott: "O cristianismo é, em sua essência, a religião da ressurreição. O conceito de ressurreição constitui seu cerne. Remover esse conceito é destruir o cristianismo".

A ressurreição de Jesus Cristo declara que ele é, de fato, o Filho de Deus, conforme afirmou ser (Rm 1:4). Também prova que seu sacrifício pelo pecado foi aceito e que a obra da salvação foi completada (Rm 4:24, 25). Os que crêem no Salvador podem andar em "novidade de vida", pois ele está vivo e lhes dá poder (Rm 6:4; Gl 2:20). A ressurreição de Cristo também mostra que ele é o Juiz que, um dia, virá e julgará o mundo (At 17:30, 31).

Não é de surpreender, portanto, que Satanás tenha atacado a verdade da ressurreição. A primeira mentira de Satanás é a idéia de que os discípulos entraram no túmulo e roubaram o corpo de Cristo (Mt 28:11-15), algo extremamente improvável. O túmulo ficou sob forte vigilância (Mt 27:61-66); teria sido praticamente impossível aos apóstolos dominarem os soldados, abrirem o túmulo e pegarem o corpo. Mas o maior obstáculo era o fato de os próprios apóstolos *não crearem que ele ressuscitaria!* Tendo em vista sua incredulidade, por que roubariam o corpo e tentariam fraudar essa ressurreição?

A segunda mentira é a idéia de que, na verdade, Jesus não morreu na cruz, mas apenas desmaiou e recobrou a consciência ao ser colocado no túmulo, onde a temperatura era mais baixa. Mas Pilatos fez questão de confirmar a morte com o centurião (Mc 15:44), e os soldados romanos que quebraram as pernas dos dois ladrões sabiam

que Jesus havia morrido (Jo 19:31-34). Além disso, de que maneira um "túmulo mais fresco" poderia transformar o corpo de Cristo de modo que fosse capaz de aparecer e de desaparecer bem como de atravessar portas fechadas?

A mensagem do evangelho baseia-se na morte de Cristo e *em sua ressurreição* (1 Co 15:1-8). Os apóstolos foram enviados como testemunhas de sua ressurreição (At 1:22), e a ênfase do Livro de Atos é sobre a ressurreição de Jesus Cristo.

Isso explica por que Lucas escolhe como ponto culminante de seu Evangelho o relato de algumas das aparições de Jesus depois de haver ressuscitado. Sua primeira aparição foi a Maria Madalena (Jo 20:11-18); depois, apareceu às "outras mulheres" (Mt 28:9, 10) e, em seguida, aos dois homens no caminho de Emaús (Lc 24:13-22). Em algum momento, também apareceu a Pedro (Lc 24:34) e ao meio-irmão, Tiago (1 Co 15:7).

Naquela noite, apareceu aos apóstolos (Lc 24:36-43), quando Tomé não estava presente (Jo 20:19-25). Uma semana depois, voltou a aparecer aos apóstolos, com o objetivo específico de ser visto por Tomé (Jo 20:26-31). Apareceu a sete dos apóstolos quando estavam pescando no mar da Galiléia (Jo 21). Antes da ascensão, também se encontrou várias vezes com os apóstolos, a fim de ensiná-los e de prepará-los para o ministério (At 1:1-12).

Aos verdadeiros discípulos de Jesus, saber que o Senhor estava vivo fez toda a diferença.

1. CORAÇÕES PERTURBADOS: O TÚMULO É ABERTO (Lc 24:1-12)

Não sabemos a que horas Jesus ressuscitou dos mortos no primeiro dia da semana, mas deve ter sido bem cedo pela manhã. O terremoto e o anjo (Mt 28:2-4) abriram o túmulo não para permitir que Jesus saísse, mas para deixar que as testemunhas entrassem. "Venham e vejam, saiam e contem!" é a ordem da Páscoa para a Igreja.

Maria Madalena havia sido ajudada de maneira especial por Jesus e se dedicara a segui-lo (Lc 8:2). Ficou junto à cruz (Mc 15:47)

e foi a primeira a chegar no túmulo. Juntamente com ela, estava Maria, mãe de Tiago, Joana e outras mulheres devotas (Lc 24:10), as quais desejavam terminar de preparar o corpo de Cristo para o sepultamento. Era uma tarefa triste, que deveria ser realizada com carinho, mas que foi transformada em alegria imensurável quando descobriram que Jesus estava vivo.

Sua maior preocupação era: "Quem nos removerá a pedra da entrada do túmulo?" (Mc 16:3). Os soldados romanos não romperiam o selo oficial de Roma para um grupo de mulheres judias. Mas Deus já havia resolvido o problema para as mulheres: o túmulo estava aberto, e *não havia um corpo a ser preparado!*

Nesse ponto, entram em cena os dois anjos. Mateus 28:2 e Marcos 16:5 mencionam apenas um deles, o que deu a mensagem às mulheres. Essa mensagem continha certa repreensão, chamando a atenção das mulheres para sua memória curta! Em mais de uma ocasião, Jesus disse aos seguidores que sofreria, seria morto e ressuscitaria (Mt 16:21; 17:22, 23; 20:17-19; Lc 9:22, 44; 18:31-34). Como é triste quando o povo de Deus se esquece de sua Palavra e leva uma vida de derrota! Hoje, o Espírito de Deus nos ajuda a lembrar de sua Palavra (Jo 14:26).

Obedientes a sua comissão, as mulheres correram para dar as boas novas aos discípulos, mas os homens não acreditaram nelas! (De acordo com Marcos 16:14, Jesus os repreendeu posteriormente por sua incredulidade.) Maria Madalena pediu a Pedro e a João que examinassem o túmulo (Jo 20:1-10), e os dois discípulos também viram as evidências de que Jesus não estava mais lá. No entanto, essas evidências só indicavam que o corpo havia desaparecido e que, aparentemente, não tinha havido qualquer violência.

Enquanto Maria ainda estava no sepulcro chorando, o próprio Jesus apareceu a ela (Jo 20:11-18). Uma coisa é ver um túmulo vazio e faixas, outra bem diferente é encontrar o Cristo ressurreto. Hoje em dia, não é possível ver as evidências do túmulo, mas temos o relato das testemunhas registrado

na Palavra de Deus. Colocando a fé em Jesus Cristo em prática, saberemos, *pessoalmente*, que ele está vivo em nós (Gl 2:20).

É importante lembrar que essas mulheres não esperavam ver Jesus vivo. Haviām se esquecido das promessas da ressurreição e tinham ido ao túmulo apenas para terminar de preparar o corpo. As evidências deixam claro que, quando viram Jesus, não sofriam de alucinações. Não faz sentido pensar que tanta gente tivesse a mesma alucinação ao mesmo tempo. Essas mulheres tornaram-se testemunhas entusiasmadas, proclamando até mesmo a seus líderes as boas novas de que Jesus Cristo está vivo!

2. CORAÇÕES DESANIMADOS: OS OLHOS SÃO ABERTOS (Lc 24:13-35)

Emaús era um vilarejo cerca de 12 quilômetros ao norte de Jerusalém. Os dois homens andando de Jerusalém para Emaús eram discípulos que se encontravam desanimados sem motivo. Haviām ouvido os relatos das mulheres de que o túmulo estava vazio e de que Jesus estava vivo, mas não creram. Sua esperança de que Jesus libertaria Israel (Lc 24:21) fora frustrada. Temos a impressão de que esses homens estavam desanimados e decepcionados porque Deus não havia feito o que desejavam. Viram a glória do reino, mas não entenderam o sofrimento.

Com toda sua bondade, Jesus caminhou ao lado deles e ouviu a conversa dos dois (Lc 24:17). Sem dúvida, citavam várias profecias do Antigo Testamento tentando se lembrar do que Jesus havia ensinado, mas não foram capazes de juntar todas as peças do quebra-cabeça de modo a encontrar uma explicação coerente. Jesus havia sido bem-sucedido ou havia fracassado? Por que teve de morrer? Haveria algum futuro para a nação?

Há certo tom de humor em Lucas 24:19 quando Jesus pergunta: "Quais [são as ocorrências destes últimos dias]?" *Ele havia sido o centro desses acontecimentos em Jerusalém e lhes pedia que contassem o que havia ocorrido!* Como o Senhor é paciente conosco e nos ouve, enquanto lhe contamos o que ele já sabe! (Rm 8:34). Mas é possível aproximar-se "confiadamente" ("livres para

falar”) de seu trono, derramar o coração diante dele e receber sua ajuda (Sl 62:8; Hb 4:16).

Quanto mais Cleopas falava, mais condenava a si mesmo e a seu amigo por sua incredulidade. De que outras provas precisavam? Várias pessoas (inclusive os apóstolos) haviam anunciado que o túmulo estava vazio. Anjos haviam declarado que Jesus estava vivo. Testemunhas o haviam visto com vida e ouvido suas palavras. As provas estavam todas bem diante dos olhos deles!

“E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17). Isso explica por que Jesus revelou a Palavra para aqueles dois homens, enquanto os três caminhavam para Emaús. O verdadeiro problema deles não estava na mente, mas sim no coração (ver Lc 24:25 e 32, e note o v. 38). Poderiam ter discutido o assunto durante dias, sem nunca chegar a uma resposta satisfatória. Precisavam de um novo entendimento da Palavra de Deus, e foi isso o que Jesus lhes deu. Revelou as Escrituras a eles e, em seguida, abriu-lhes os olhos de modo a perceberem que, não apenas Jesus estava vivo, mas também *estava ali com eles!*

Qual era o problema fundamental desses dois? Não criam em tudo o que os profetas haviam escrito sobre o Messias. Esse era o problema da maioria dos judeus daquela época: viam o Messias como um Salvador Conquistador, não como um Servo Sofredor. Ao ler o Antigo Testamento, viam a glória, mas não o sofrimento; enxergavam a coroa, mas não a cruz. Os mestres daquela época não eram muito diferentes de alguns dos “grandes pregadores” de hoje em dia, cegos para a mensagem *integral* da Bíblia.

Foi uma conferência bíblica e tanto! Imagine o Mestre supremo explicando as questões mais importantes do maior dos livros e derramando sobre a vida daqueles homens as maiores bênçãos possíveis: olhos abertos para vê-lo, coração aberto para receber a Palavra e lábios abertos para contar a outros o que Jesus lhes dissera!

Talvez Jesus tenha começado com Gênesis 3:15, a primeira promessa do Redentor, seguindo o caminho percorrido por essa promessa ao longo de todas as Escrituras. É

possível que tenha gastado algum tempo falando de Gênesis 22, quando Abraão colocou o filho único e tão amado sobre o altar. Sem dúvida, falou da Páscoa, dos sacrifícios levíticos, das cerimônias no tabernáculo, do dia da expiação, da serpente no deserto, do Servo Sofredor em Isaías 53 e das mensagens proféticas de Salmos 22 e 69. *A chave para compreender a Bíblia é ver Jesus Cristo em todas as suas páginas.* Ele não lhes ensinou apenas doutrinas e profecias, mas também lhes expôs “o que a seu respeito constava em todas as Escrituras” (Lc 24:27).

Esses homens haviam conversado com Jesus e ouvido suas palavras, e quando ele deu a entender que prosseguiria viagem sozinho, pediram que os acompanhasse. *Haviam sido conquistados pela Palavra de Deus* e nem sequer sabiam quem era aquele homem. Tudo o que sabiam era que seu coração “ardia” dentro deles e queriam que a bênção continuasse.

Quanto mais recebemos da Palavra de Deus, mais desejamos ter comunhão com o Deus da Palavra. Quem escreveu estas palavras do hino: “Além das páginas sagradas / Busco a ti, Senhor” expressou perfeitamente essa verdade. Entender o conteúdo bíblico pode nos tornar “senhores do saber” (1 Co 8:1), mas receber a verdade da Bíblia e caminhar com o Salvador fará nosso coração arder.

Primeiro, Jesus revelou as Escrituras a eles e, depois, abriu-lhes os olhos para que o reconhecessem. *Souberam, por experiência própria, que Jesus estava vivo.* Tinham as evidências do túmulo aberto, dos anjos, das testemunhas, das Escrituras e, agora, de sua experiência pessoal com o Senhor. O fato de Jesus ter desaparecido não significa que os tenha abandonado, pois mesmo que não o vissem mais, o Senhor permaneceria com eles, e voltariam a encontrar-se.

A maior prova de que compreendemos a Bíblia e de que nos encontramos com o Cristo vivo é ter algo empolgante para compartilhar com outros. Os dois homens saíram imediatamente de Emaús e voltaram a Jerusalém, a fim de contar aos cristãos que haviam se encontrado com Jesus. Mas,

quando chegaram à cidade, os apóstolos e os outros seguidores de Cristo ali reunidos *lhes contaram* que Jesus estava vivo e que havia aparecido a Pedro! Como nossos cultos seriam diferentes se todos os presentes falassem algo sobre o Cristo vivo! Se nossos cultos são “mortos”, é provável que não estejamos, verdadeiramente, caminhando com o Salvador ressurreto e ouvindo suas palavras.

A expressão “partir o pão” (ver Lc 24:30, 35) refere-se a uma refeição, não à Ceia do Senhor. Tanto quanto sabemos, Jesus só transmitiu as instruções sobre a Ceia do Senhor aos apóstolos, e é pouco provável que Jesus tenha celebrado a Ceia nessa ocasião. Jesus revelou-se a eles durante uma refeição qualquer e, muitas vezes, é assim que trabalha. É preciso aprender a vê-lo nas coisas do dia-a-dia. Porém, ao celebrar periodicamente a Ceia do Senhor, deseja-se que Jesus se revele de forma especial, sem se contentar com menos do que isso.

3. CORAÇÕES AFLITOS: SUA MENTE É ABERTA (Lc 24:36-46)

O dia havia sido tão repleto de acontecimentos emocionantes e ainda havia tanta coisa a explicar que dez dos apóstolos e outros seguidores de Cristo se encontraram naquela noite para compartilhar seus testemunhos. Enquanto Cleopas e seu amigo estavam contando sua história, *o próprio Jesus apareceu na sala, onde todos estavam reunidos atrás de portas fechadas!* (Jo 20:19).

Seria de esperar que esses cristãos dessem um longo suspiro de alívio e cantassem um hino de louvor, mas, em vez disso, ficaram aterrorizados e surpresos (Lc 24:37, 38). Pensaram que se tratava da aparição de um fantasma! Tudo aconteceu tão repentinamente que foram pegos de surpresa, apesar de vários deles terem visto o Cristo ressurreto. Marcos 16:14 dá a entender que essa expressão de medo estava, de algum modo, relacionada à condição do coração deles.

Jesus procurou acalmá-los. A primeira coisa que fez foi lhes dar sua bênção: “Paz seja convosco!” e repeti-la logo em seguida (Jo 20:19-21). “O Deus da paz” havia ressuscitado Jesus dentre os mortos e não tinham

o que temer (Hb 13:20, 21). Pelo sacrifício de Jesus na cruz, homens e mulheres podem ter paz com Deus (Rm 5:1) e desfrutar a paz de Deus (Fp 4:6, 7).

A próxima coisa que fez para acalmá-los foi mostrar-lhes suas mãos e seus pés feridos (Sl 22:16) e lhes garantir que não era um fantasma. Alguns cânticos falam de suas “cicatrizes”, mas não é esse o termo empregado nos relatos bíblicos. Seu corpo glorificado trazia os “sinais” do Calvário (Jo 20:24-29), e estes continuam visíveis até hoje (Ap 5:6, 9, 12). Alguém disse bem que as únicas obras humanas a chegar ao céu foram as marcas do Calvário no corpo do Salvador exaltado.

Jesus até comeu um pouco de mel e de peixe para provar aos discípulos hesitantes que estava mesmo vivo e que era real e os convidou a *sentir* seu corpo (Lc 24:39; 1 Jo 1:1). Com nosso conhecimento limitado, não somos capazes de explicar de que modo um corpo feito de carne e osso consegue passar através de portas fechadas, aparecer e desaparecer, ser glorificado e, ainda assim, levar as marcas da cruz. Mas sabemos que, um dia, seremos como ele e participaremos de sua glória (1 Jo 3:1, 2).

Lucas 24:41 descreve emoções confusas: “E, por não acreditarem eles ainda, por causa da alegria”. Era bom demais para ser verdade! Jacó teve o mesmo sentimento (Gn 45:26-28), e a nação de Israel também passou por essa experiência, quando Deus lhes deu grande livramento (Sl 126:1-3). Jesus disse aos discípulos que se alegraria quando o vissem novamente, e sua promessa se cumpriu (Jo 16:22).

A fonte absoluta de paz e de segurança é a Palavra de Deus, de modo que Cristo “lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras” do Antigo Testamento, como havia feito com os discípulos a caminho de Emaús. Afinal, os cristãos não estavam sendo enviados ao mundo para compartilhar suas experiências pessoais, mas sim a Palavra de Deus. Hoje, não podemos tocar nem sentir o Senhor, e isso não é necessário, mas podemos descansar em nossa fé na Palavra de Deus (1 Jo 1:1-5).

Jesus não apenas permitiu que compreendessem a Lei, os Profetas e os Salmos, mas também os lembrou de seus ensinamentos e explicou como tudo se encaixava. Em seguida, todos começaram a entender por que havia sido necessário Cristo sofrer e morrer bem como vislumbraram a relação entre a cruz e as promessas do reino (ver 1 Pe 1:10-12). Que grande privilégio tiveram ao ouvir Jesus explicar a Palavra!

4. CORAÇÕES ALEGRES: OS LÁBIOS DELES FORAM ABERTOS (Lc 24:47-53)

Mas o privilégio sempre traz consigo responsabilidades; cabia a esses seguidores de Cristo dar testemunho de tudo o que ele havia dito e feito (At 1:8). Uma testemunha é alguém que relata com sinceridade tudo o que viu e ouviu (At 4:20), e o verbo *testemunhar* e seus termos correlatos são usados cerca de vinte vezes no Livro de Atos. Como cristãos, não temos o papel de juízes nem de advogados de acusação enviados para condenar o mundo. Antes, somos testemunhas que apontam para Jesus Cristo e que dizem aos pecadores como ser salvos.

De que maneira um grupo de pessoas comuns esperava cumprir uma comissão dessas? Deus prometeu dar-lhes poder (Lc 24:49; At 1:8), e cumpriu sua promessa. No dia de Pentecostes, o Espírito Santo desceu sobre a Igreja e lhes deu poder para pregar a Palavra (At 2). Depois de Pentecoste, o Espírito continuou a encher os cristãos com grande poder (ver At 4:33).

Testemunhar não é algo que fazemos para o Senhor; antes, é algo que ele faz por meio de nós, se estivermos cheios do Espírito Santo. Existe grande diferença entre “vender o peixe” e testemunhar com o poder do Espírito. Como disse Vance Havner: “Não é pela argumentação que levamos pessoas a Cristo. Simão Pedro foi a Jesus porque André o procurou e lhe deu seu testemunho”. Testemunhamos com a autoridade do nome de Jesus e com o poder de seu Espírito, anunciando seu evangelho e sua graça.

Lucas 24:50-52 deve ser comparado com Marcos 16:19-20 e Atos 1:9-12. Por algum motivo, a Igreja não dá à ascensão de Cristo a proeminência que esse acontecimento merece. É importante pensar no que significou Jesus voltar ao céu e se assentar no trono de glória (Jo 17:5, 11). Sua ascensão é prova de que conquistou todos os inimigos e de que reina supremo “sobre todas as coisas” (Ef 1:18-23).

Hoje, Jesus ministra no céu como Sumo Sacerdote (Hb 7:25) e Advogado (1 Jo 2:1). Como Sumo Sacerdote, concede a graça necessária para que enfrentemos provações e tentações (Hb 4:14-16) e, se falharmos, como Advogado, ele nos perdoa e nos restaura, quando confessamos nossos pecados (1 Jo 1:6-10). Como o Cabeça glorificado da Igreja, Jesus Cristo está sempre capacitando seu povo, a fim de que viva para ele e de que o sirva neste mundo (Ef 4:7-16; Hb 13:20, 21). Por meio da Palavra de Deus e da oração, Cristo ministra a nós por seu Espírito e nos torna mais semelhantes a ele.

É evidente que também está preparando um lar no céu para seu povo (Jo 14:1-6) e, um dia, voltará e nos levará para que fiquemos junto dele para sempre.

A última coisa que Jesus fez foi abençoar seu povo, e a primeira coisa que seu povo fez foi adorá-lo! As duas coisas sempre andam juntas, pois ao adorá-lo em verdade, compartilhamos de suas bênçãos. Jesus não abriu os lábios deles apenas para testemunharem, mas também para adorá-lo e louvá-lo.

Lucas começou seu Evangelho com uma cena no templo (Lc 1:8ss) e o encerra da mesma forma (Lc 24:53). Que contraste entre o sacerdote incrédulo e mudo e os santos confiantes e alegres! Lucas explicou como Jesus foi a Jerusalém e realizou a obra da redenção. Seu livro começa e termina em Jerusalém. No entanto, em seu outro livro, chamado Atos dos Apóstolos, Lucas explica como o evangelho percorreu o caminho de Jerusalém a Roma!

O evangelho está saindo de sua Jerusalém e chegando até os confins da Terra?

JOÃO

ESBOÇO

Tema-chave: Jesus é o Cristo; creia e viva!

Versículo-chave: João 20:31

I. OPORTUNIDADE – 1:15 – 6:71

Ele se apresenta para:

- A. Seus discípulos – 1:19 – 2:12
- B. Os judeus – 2:13 – 3:36
- C. Os samaritanos – 4:1-54
- D. Os líderes judeus – 5:1-47
- E. As multidões – 6:1-71

II. OPOSIÇÃO – CAPÍTULOS 7 – 12

Conflito com os líderes judeus:

- A. Moisés – 7:1 – 8:11
- B. Abraão – 8:12-59
- C. A identidade do Messias – 9:1 – 10:42
- D. Seus poderes miraculosos – 11:1 – 12:36
- E. A recusa em crer no Messias – 12:37-50

III. RESULTADOS – CAPÍTULOS 13 – 21

- A. A fé dos discípulos – 13 – 17
- B. A incredulidade dos judeus – 18 – 19
- C. A vitória de Cristo – 20 – 21

CONTEÚDO

- 1. Deus está aqui!
(Jo 1)..... 366
- 2. Lições sobre Jesus
(Jo 2)..... 373

- 3. Uma questão de vida ou morte
(Jo 3)..... 379
- 4. A pecadora de Samaria
(Jo 4)..... 385
- 5. O Homem igual a Deus
(Jo 5)..... 391
- 6. Jesus perde sua multidão
(Jo 6)..... 398
- 7. Comemoração e dissensão
(Jo 7)..... 405
- 8. Contrastes e conflitos
(Jo 8)..... 411
- 9. Um cego revela a verdade
(Jo 9)..... 417
- 10. O bom Pastor e suas ovelhas
(Jo 10)..... 423
- 11. O último milagre – o último inimigo (Jo 11)..... 430
- 12. Cristo e a crise
(Jo 12)..... 436
- 13. O Servo soberano
(Jo 13:1-35)..... 443
- 14. Um coração perturbado
(Jo 13:36 – 14:31)..... 450
- 15. Relacionamentos e responsabilidades (Jo 15:1-17)..... 457
- 16. O que o Espírito está fazendo?
(Jo 15:18 – 16:16)..... 463
- 17. Haja alegria!
(Jo 16:16-33)..... 469
- 18. A oração do vencedor
(Jo 17)..... 474
- 19. Culpa e graça no jardim
(Jo 18:1-27)..... 481
- 20. “Padeceu sob Pôncio Pilatos”
(Jo 18:28 – 19:16)..... 487

21. "Até à morte, e morte de cruz" (Jo 19:17-42).....	494	23. O poder de sua ressurreição (Jo 20:19-31).....	506
22. A aurora de um novo dia (Jo 20:1-18).....	500	24. Transformado para servir (Jo 21).....	512

DEUS ESTÁ AQUI!

JOÃO 1

“**M**as, de fato, habitaria Deus na terra?”, perguntou Salomão ao consagrar o templo (1 Rs 8:27). Uma ótima pergunta! A glória de Deus havia habitado no tabernáculo (Êx 40:34) e no templo (1 Rs 8:10, 11), mas essa glória fora embora do meio do povo desobediente de Israel (Ez 9:3; 10:4, 18; 11:22, 23).

Então, algo maravilhoso aconteceu; a glória de Deus voltou a habitar com seu povo na Pessoa de seu Filho, Jesus Cristo. Os autores dos quatro Evangelhos apresentam apenas alguns episódios da vida de Jesus na Terra, pois seria impossível redigir uma biografia completa (Jo 21:25). Mateus escreveu especialmente a seus compatriotas judeus e enfatizou que Jesus de Nazaré havia cumprido as profecias do Antigo Testamento. Marcos escreveu aos romanos atarefados e, enquanto Mateus enfatizou o caráter de Rei, Marcos apresentou o Servo ministrando ao povo necessitado. Lucas escreveu seu Evangelho aos gregos e lhes apresentou o Filho do Homem, o Salvador compassivo.

Mas coube a João, o discípulo amado, escrever um livro tanto para judeus quanto para gentios, apresentando Jesus como o Filho de Deus. Sabemos que, quando João escreveu seu relato, tinha em mente tanto os gentios quando os judeus, pois em várias ocasiões “interpretou” palavras e costumes judaicos para seus leitores (Jo 1:38, 41, 42; 5:2; 9:7; 19:13, 17; 20:16). Para os judeus, enfatizou que Jesus não apenas cumpriu as profecias do Antigo Testamento, mas também seus *tipos*. Jesus é o Cordeiro de Deus (Jo 1:29) e a Escada entre o céu e a Terra (Jo

1:51; ver Gn 28). Ele é o Novo Templo (Jo 2:19-21) e oferece um novo nascimento (Jo 3:4ss). É a serpente que Moisés levantou no deserto (Jo 3:14) e o Pão de Deus que desceu do céu (Jo 6:35ss).

Enquanto os três primeiros Evangelhos concentram-se em descrever *acontecimentos* da vida de Cristo, João enfatiza o *significado* desses acontecimentos. Por exemplo, os quatro Evangelhos relatam a ocasião em que Jesus alimentou os cinco mil, mas somente João registra o sermão sobre “O Pão da Vida”, proferido logo depois do milagre e no qual Jesus interpretou ao povo o que havia feito.

Ao longo de todo o Evangelho de João, pode-se ver um tema constante: Jesus Cristo é o Filho de Deus, e, se nos entregarmos a ele, receberemos dele a vida eterna (Jo 20:31). Neste primeiro capítulo, João registra sete nomes e títulos de Jesus que o identificam como Deus eterno.

1. O VERBO (JO 1:1-3, 14)

Assim como nossas palavras revelam a outros o que se passa em nossa mente e coração, também Jesus Cristo é o “Verbo” de Deus, que nos revela sua mente e seu coração. “Quem me vê a mim vê o Pai” (Jo 14:9). Uma palavra é composta de letras, e Jesus Cristo é “Alfa e Ômega” (Ap 1:8), a primeira e a última letra do alfabeto grego. De acordo com Hebreus 1:1-3, Jesus Cristo é a *última* palavra de Deus para a humanidade, pois ele é o ápice da revelação divina.

Jesus é o Verbo eterno (vv. 1, 2). Existia desde o princípio, não por ter um princípio como criatura, mas por ser eterno. Ele é Deus e estava *com* Deus. “Antes que Abraão existisse, Eu Sou” (Jo 8:58).

Jesus Cristo é o Verbo criador (v. 3). Sem dúvida, há um paralelo entre João 1:1 e Gênesis 1:1, a “nova criação” e a “antiga criação”. Deus criou o mundo por meio da sua palavra: “Disse Deus [...] e houve [...]”. “Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir” (Sl 33:9). Deus criou todas as coisas por meio de Jesus Cristo (Cl 1:16), o que significa que Jesus não é um ser criado. Ele é o Deus eterno.

No grego, a expressão “foram feitas” encontra-se no tempo verbal perfeito, que indica um “ato concluído”. A criação está consumada. Não é um processo em andamento, apesar de Deus certamente continuar a operar em sua criação (Jo 5:17). A criação não é um processo, mas sim um produto acabado.

Jesus Cristo é o Verbo encarnado (v. 14). Quando ministrou na Terra, Jesus não era um fantasma nem um espírito, e seu corpo não era uma ilusão. Tanto João quanto os outros discípulos tiveram uma experiência pessoal que os convenceu da realidade do corpo de Jesus (1 Jo 1:1, 2). Apesar da ênfase de João sobre a divindade de Cristo, ele deixa claro que o Filho de Deus veio *em carne e osso* e, ainda que sem pecado, se sujeitou às fragilidades da natureza humana.

Em seu Evangelho, João ressalta que Jesus sentiu cansaço (Jo 4:6) e sede (Jo 4:7). Agitou-se no espírito e comoveu-se (Jo 11:33) e chorou abertamente (Jo 11:35). Quando estava na cruz, sentiu sede (Jo 19:28), morreu (Jo 19:30) e sangrou (Jo 19:34). Depois de sua ressurreição, provou a Tomé e aos outros discípulos que ainda possuía um corpo real (Jo 20:24-29), porém glorificado.

De que maneira “o Verbo se fez carne”? Pelo milagre do nascimento virginal (Is 7:14; Mt 1:18-25; Lc 1:26-38). Assumiu uma natureza humana sem pecado e se identificou conosco em todos os aspectos da vida, desde o nascimento até a morte. “O Verbo” não era um conceito abstrato nem uma filosofia, mas uma Pessoa real, que podia ser vista, tocada e ouvida. O cristianismo é Cristo, e Cristo é Deus.

A revelação da glória de Deus é um tema importante no Evangelho. Jesus revelou a glória de Deus em sua Pessoa, em suas obras e em suas palavras. João relata sete sinais maravilhosos (milagres) que declararam publicamente a glória de Deus (Jo 2:11). A glória da antiga aliança era passageira, mas a glória da nova aliança em Cristo é crescente (ver 2 Co 3). A Lei podia revelar o pecado, mas não removê-lo. Jesus Cristo veio com *plenu- tude* de graça e verdade, e essa plenitude

encontra-se à disposição de todos os que crerem nele (Jo 1:16).

2. A LUZ (Jo 1:4-13)

A *vida* é um tema-chave de João, sendo um termo usado 38 vezes neste Evangelho. Quais são os elementos essenciais da vida humana? Há pelo menos quatro: luz (se o Sol apagasse, tudo morreria), ar, água e alimento. Jesus é todas essas coisas! Ele é a Luz da vida e a Luz do mundo (Jo 8:12). Ele é “o sol da justiça” (Ml 4:2). Por meio do seu Espírito Santo, ele nos dá “fôlego de vida” (ver Jo 3:8; 20:22) e água viva (Jo 4:10, 13, 14; 7:37-39). Por fim, Jesus é o Pão da Vida que desceu do céu (Jo 6:35ss). Não apenas tem vida e dá vida, mas também é vida (Jo 14:6).

Luz e trevas são temas que se repetem ao longo de todo o Evangelho de João. Deus é luz (1 Jo 1:5), Satanás é o “poder das trevas” (Lc 22:53). As pessoas amam a luz ou as trevas, e esse amor controla seus atos (Jo 3:16-19). Os que crêem em Cristo são “filhos da luz” (Jo 12:35, 36). Assim como a primeira criação começou com a injunção “Haja luz!”, também a nova criação começa com a entrada da luz no coração do que crê (2 Co 4:3-6). A vinda de Jesus Cristo ao mundo foi a aurora de um novo dia para o ser humano pecaminoso (Lc 1:78, 79).

Espera-se que pecadores cegos recebam a luz com alegria, mas nem sempre é o caso. A vinda da verdadeira luz gerou conflito, pois sofreu a oposição dos poderes das trevas. Pode-se traduzir João 1:5, literalmente, assim: “E a luz continua resplandecendo nas trevas, e as trevas não a sobrepujaram nem compreenderam”. O verbo grego pode significar “superar” ou “captar, compreender”. Ao longo de todo o Evangelho de João, vemos as duas atitudes reveladas: as pessoas não entendem o que Jesus está dizendo e fazendo e, como resultado, opõem-se a ele. João 7 a 12 mostra o crescimento dessa oposição, que, por fim, levou à crucificação de Cristo.

Sempre que Jesus ensinava uma verdade espiritual, seus ouvintes a interpretavam de maneira material ou física. A luz não

consequia penetrar as trevas de sua mente. Foi assim quando falou sobre seu corpo ser o templo (Jo 2:19-21), sobre o novo nascimento (Jo 3:4), sobre a água viva (Jo 4:11), sobre a importância de comer sua carne (Jo 6:51ss), sobre a liberdade espiritual (Jo 8:30-36), sobre a morte como um sono (Jo 11:11-13) e sobre várias outras verdades espirituais.

Satanás esforça-se para manter as pessoas nas trevas, porque trevas significa morte e inferno, ao passo que luz significa vida e céu.

Esse fato ajuda a explicar o ministério de João Batista (Jo 1:6-8). João foi enviado como testemunha de Jesus Cristo, para dizer ao povo que a Luz havia chegado ao mundo. Apesar de todas as suas vantagens espirituais, a nação de Israel estava cega para o próprio Messias! O termo *testemunho* é uma palavra-chave nesse livro; João emprega o termo testemunho e co-relatos 26 vezes. João Batista foi uma das muitas pessoas que testemunharam sobre Jesus afirmando: "Este é o Filho de Deus!" Infelizmente, João Batista foi martirizado, e os líderes judeus não fizeram coisa alguma para impedir que isso acontecesse.

Por que a nação rejeitou Jesus Cristo? Porque "não o conheceu". O povo de Israel era espiritualmente ignorante. Jesus é a "verdadeira Luz" - a Luz original da qual toda outra luz é cópia -, mas os judeus contentaram-se com as cópias. Tinham Moisés e a Lei, o templo e os sacrifícios, mas não entendiam que essas "luzes" apontavam para a verdadeira Luz, a conclusão e a consumação da religião do Antigo Testamento.

Ao estudar o Evangelho de João, veremos Jesus ensinando ao povo que ele é o cumprimento de tudo o que se encontrava tipificado na Lei. Não bastava nascer judeu; era preciso nascer de novo, nascer do Espírito (Jo 3). Jesus realizou dois milagres no sábado para ensinar que tem um novo descanso a oferecer (Jo 5; 9). Ele é o maná que sacia (Jo 6), a água vivificadora (Jo 7:37-39). Ele é o Pastor de um novo rebanho (Jo 10:16), é uma nova Videira (Jo 15). Mas o povo estava tão acorrentado pela tradição religiosa que não era capaz de compreender as

verdades espirituais. Jesus veio a *seu* mundo, mundo criado por ele, mas seu próprio povo não o compreendeu nem o recebeu.

Viram suas obras e ouviram suas palavras. Observaram sua vida perfeita. Jesus deu-lhes inúmeras oportunidades de compreender a verdade, de crer e de receber a salvação. Jesus é o caminho, mas se recusaram a andar com ele (Jo 6:66-71). Ele é a verdade, mas se recusaram a crer nele (Jo 12:37ss). Ele é a vida, mas o crucificaram!

Os pecadores de hoje, porém, não precisam cometer os mesmos erros. Em João 1:12, 13, Deus promete que todo o que receber Cristo nascerá de novo e se tornará parte da família de Deus! João fala mais sobre esse novo nascimento em João 3, mas mostra aqui que se trata de um nascimento espiritual divino, não de um nascimento físico que depende da natureza humana.

A Luz continua a brilhar! Já recebeu essa Luz *pessoalmente* e se tornou um filho de Deus?

3. O FILHO DE DEUS (JO 1:15-28, 49)

João Batista é uma das pessoas mais importantes do Novo Testamento, no qual é mencionado pelo menos 89 vezes. João teve o privilégio especial de apresentar Jesus à nação de Israel. Também foi incumbido da difícil tarefa de preparar a nação para receber seu Messias. Chamou o povo ao arrependimento dos pecados e a dar testemunho desse arrependimento por meio do batismo e de uma vida transformada.

João apresenta um resumo da pregação de João Batista sobre Jesus Cristo (Jo 1:15-18). Primeiro, *ele é eterno* (Jo 1:15). Na verdade, João Batista nasceu seis meses antes de Jesus (Lc 1:36), de modo que essa afirmação refere-se à preexistência de Jesus, não ao dia de seu nascimento. Jesus existia antes de João Batista ser concebido.

Jesus Cristo tem *plenitude de graça e de verdade* (Jo 1:16, 17). A graça consiste no favor e na bondade de Deus, sendo concedida aos que não merecem e que não podem fazer coisa alguma para ser dignos dela. Se Deus nos tratasse de acordo com a verdade, nenhum de nós sobreviveria; mas

ele nos trata de acordo com sua graça e verdade. Em sua vida, morte e ressurreição, Jesus Cristo cumpriu todos os requisitos da Lei; agora, Deus pode compartilhar a plenitude da graça com os que crêem em Cristo. A graça sem a verdade seria enganosa, e a verdade sem a graça seria condenatória.

Em João 1:17, o evangelista não sugere que não havia graça sob a Lei de Moisés, pois isso não é verdade. Cada sacrifício era uma expressão da graça de Deus. A Lei também revelava a verdade de Deus. Mas, em Jesus Cristo, a graça e a verdade atingiram sua plenitude, e essa plenitude encontra-se a nossa disposição hoje. Somos salvos pela graça (Ef 2:8, 9), mas também vivemos pela graça (1 Co 15:10) e dependemos da graça de Deus em tudo o que fazemos. Podemos receber sucessivas graças, pois cada vez “ele dá maior graça” (Tg 4:6). João indica que uma nova ordem havia começado, e que essa ordem substituíra o sistema mosaico.

Por fim, *Jesus Cristo revela Deus* (Jo 1:18). No que diz respeito a sua essência, Deus é invisível (1 Tm 1:17; Hb 11:27). O homem pode ver Deus revelado na natureza (Sl 19:1-6; Rm 1:20) e em seus feitos poderosos na história, mas não pode ver o próprio Deus. Jesus Cristo revela Deus a nós, pois ele é “a imagem do Deus invisível” (Cl 1:15) e “a expressão exata do seu Ser” (Hb 1:3). O termo traduzido por “revelou” dá origem a nossa palavra exegese e significa “explicar, esclarecer, conduzir”. Jesus Cristo explica e interpreta Deus para nós. É simplesmente impossível entender Deus sem seu Filho, Jesus Cristo.

O termo *Filho* é usado pela primeira vez no Evangelho de João como um título para Jesus Cristo (Jo 1:18). O adjetivo *unigênito* significa “singular, sem par”. Não sugere que houve um tempo em que o Filho não existia e que, então, o Pai o fez existir. Jesus Cristo é o Deus eterno e, portanto, sempre existiu.

Em pelo menos nove ocasiões no Evangelho de João, Jesus é chamado de “Filho de Deus” (Jo 1:34, 49; 3:18; 5:25; 10:36; 11:4, 27; 19:7; 20:31). Cabe lembrar que o propósito de João ao escrever este livro é convencer seus leitores que Jesus é o Filho

de Deus (Jo 20:31). Em pelo menos 22 ocasiões, Jesus é chamado de “o Filho”. Não é apenas o Filho de Deus, mas é Deus, o Filho. Até mesmo os demônios reconheceram esse fato (Mc 3:11; Lc 4:41).

João Batista é uma das seis pessoas mencionadas no Evangelho de João que testemunharam que Jesus é Deus. As outras são Natanael (Jo 1:49), Pedro (Jo 6:69), o homem cego que foi curado (Jo 9:35-38), Marta (Jo 11:27) e Tomé (Jo 20:28). Se acrescentarmos a isso a palavra do próprio Cristo (Jo 5:25; 10:36), teremos sete testemunhos evidentes.

João relata quatro dias da vida de João Batista, de Jesus e dos primeiros discípulos. Continua essa seqüência em João 2, em que apresenta uma “semana da nova criação”, por assim dizer, paralela à semana da criação em Gênesis 1.

No primeiro dia (Jo 1:19-24), uma comissão de líderes religiosos judeus interrogou João Batista. Esses homens tinham todo o direito de investigar João Batista e seu ministério, pois eram os guardiões da fé. Fizeram-lhe várias perguntas, e ele lhes respondeu com clareza.

“Quem és, pois?”, é uma pergunta lógica. Ele era o Messias prometido? Era o profeta Elias que devia vir antes do Messias? (Ml 4:5). Grandes multidões haviam se reunido para ouvir João, e muitas pessoas haviam sido batizadas. Apesar de João não realizar milagres (Jo 10:41), é possível que essas pessoas acreditassem que ele era o Messias prometido.

João negou ser Elias ou o Messias. (Em certo sentido, ele era o Elias prometido. Ver Mt 17:10-13.) Não tinha coisa alguma a dizer sobre si mesmo, pois havia sido enviado para falar sobre o Messias! Jesus é o Verbo, enquanto João não passava de uma “voz” – e não se pode ver uma voz! João apontou para a profecia de Isaías (Is 40:1-3) e afirmou que ele era o cumprimento dessa palavra.

Depois de definir a identidade de João, a comissão perguntou-lhe o que estava fazendo. “Então, por que batizas?” João não havia recebido de seres humanos a autoridade para batizar, mas sim do céu, pois Deus

havia lhe dado essa missão (Mt 21:23-32). Os líderes religiosos judeus daquele tempo batizavam gentios que abraçavam a fé judaica, *mas João batizava judeus!*

João explicou que esse batismo era feito com água, mas que o Messias viria e faria um batismo espiritual. Mais uma vez, João deixou claro que não estava fundando uma nova religião nem procurando exaltar a si mesmo. Voltava o olhar das pessoas para o Salvador, o Filho de Deus (Jo 1:34). Veremos mais adiante que Jesus Cristo foi apresentado ao povo de Israel por meio do batismo.

4. O CORDEIRO DE DEUS (JO 1:29-34)

Esse é o segundo dia da semana registrado pelo apóstolo João, e, sem dúvida, alguns dos membros da comissão de líderes religiosos estavam presentes para ouvir a mensagem de João Batista. Dessa vez, chamou Jesus de “Cordeiro de Deus”, título que voltaria a usar no dia seguinte (Jo 1:35, 36). Em certo sentido, a mensagem da Bíblia pode ser resumida nesse título. A pergunta do Antigo Testamento é: “Onde está o cordeiro?” (Gn 22:7). Nos quatro Evangelhos, a ênfase é: “Eis o Cordeiro de Deus”. Ele está aqui! Depois que cremos nele, cantamos com o coro celestial: “Digno é o Cordeiro” (Ap 5:12).

O povo de Israel se acostumara a oferecer cordeiros como sacrifício. Na Páscoa, cada família deveria ter um cordeiro; e, ao longo do ano, dois cordeiros eram sacrificados no altar do templo diariamente, além de todos os outros cordeiros oferecidos como sacrifícios pessoais. Esses cordeiros eram entregues por homens a outros homens, mas aqui vemos o Cordeiro de Deus ser entregue por Deus a homens! Os cordeiros dos sacrifícios não poderiam remover o pecado, mas o Cordeiro de Deus pode. Aqueles cordeiros eram apenas para Israel, mas o Cordeiro de Deus derramaria seu sangue por todo o mundo.

Qual é a relação entre o batismo de João e Jesus como o Cordeiro de Deus? Os estudiosos, de modo geral, acreditam que, no Novo Testamento, o batismo era feito por

imersão e retratava a morte, o sepultamento e a ressurreição. Quando João Batista batizou Jesus, os dois retratavam o “batismo” pelo qual Jesus passaria *na cruz* quando morresse como Cordeiro sacrificial de Deus (Is 53:7; Lc 12:50). Seria pela morte, sepultamento e ressurreição que o Cordeiro de Deus “[cumpriria] toda a justiça” (Mt 3:15).

Talvez João estivesse enganado. Talvez não tivesse certeza de que Jesus de Nazaré fosse o Cordeiro de Deus ou o Filho de Deus. Mas o Pai revelou claramente a João a verdadeira identidade de Jesus ao enviar o Espírito na forma de uma pomba para pousar sobre ele. Que bela imagem da Trindade!

5. O MESSIAS (JO 1:35-42)

Esse é o terceiro dia da seqüência. O casamento em Caná (Jo 2:1) foi celebrado no sétimo dia e, uma vez que os casamentos judaicos eram realizados tradicionalmente na quarta-feira, podemos dizer que o terceiro dia era um sábado. No entanto, não foi um dia de descanso nem para João Batista nem para Jesus, pois João estava pregando e Jesus estava reunindo discípulos.

Os dois discípulos de João que seguiram Jesus foram João, o autor do Evangelho que agora estudamos, e seu amigo André. João Batista ficou feliz quando esses dois homens o deixaram para seguir Jesus, pois seu ministério era inteiramente voltado para Jesus. “Convém que ele cresça e que eu diminua” (Jo 3:30).

Ao perguntar-lhes: “Que buscais?”, Jesus obrigou-os a definir seus propósitos e objetivos. Estavam à procura de um líder revolucionário para derrubar o governo romano? Nesse caso, seria melhor se juntarem aos zelotes! André e João não sabiam, mas sua vida fora transformada pelo Filho de Deus.

A pergunta: “Onde assistes [moras]?” talvez signifique: “Se o Senhor estiver muito ocupado agora, podemos visitá-lo mais tarde”. Mas Jesus convidou-os a passar o dia com ele (eram 10 horas da manhã) e, sem dúvida, lhes falou um pouco de sua missão, revelou o que havia no coração deles e respondeu a suas perguntas. Os dois ficaram

tão impressionados que foram procurar seus irmãos e os levaram até Jesus. André encontrou Simão e João trouxe Tiago. Os dois foram, de fato, tutores dos irmãos (Gn 4:9)! Toda vez que vemos André no Evangelho de João, ele está levando alguém para Jesus: seu irmão, o menino com os pães e peixes (Jo 6:8) e os gregos que queriam ver Jesus (Jo 12:20, 21). Não há qualquer registro de sermões de André, mas ele certamente pregou com poder por suas ações e se dedicou a ganhar almas para Cristo de modo pessoal.

O testemunho que André deu a Simão foi: "Achamos o Messias". *Messias* é um termo hebraico que significa "ungido"; seu equivalente grego é "Cristo". Para os judeus, essa designação correspondia a "filho de Deus" (ver Mt 26:63, 64; Mc 14:61, 62; Lc 22:67-70). No Antigo Testamento, os profetas, sacerdotes e reis eram ungidos e, portanto, consagrados (separados) para um serviço específico. Os reis eram chamados de "ungidos de Deus" (ver 1 Sm 26:11; Sl 89:20); de modo que, quando os judeus falavam sobre seu Messias, tinham em mente o rei que viria para libertá-los e para estabelecer seu reino.

Os mestres judeus não apresentavam um consenso quanto ao que o Messias faria. Alguns o viam como um sofredor sacrificial (como em Is 53), enquanto outros o encaravam como um rei magnífico (como em Is 9 e 11). Jesus precisou explicar até mesmo a seus seguidores que a coroa deveria ser precedida da cruz, e que ele deveria sofrer antes de entrar em sua glória (Lc 24:13-35). Os judeus daquele tempo viram-se diante de um desafio crucial: determinar se Jesus era, de fato, o Messias (Jo 7:26, 40-44; 9:22; 10:24).

A conversa de Simão com Jesus mudou a vida do pescador e também resultou em um novo nome – *Pedro*, em grego, e *Cephas*, em aramaico, língua usada por Jesus –, que significa "uma rocha". Jesus teve um bocado de trabalho para transformar Simão numa rocha, mas, como sempre, o Senhor completou sua obra. A declaração "Tu és [...]; tu serás [...]" é um grande estímulo a todos os

que crêem em Cristo. Por certo, ele nos dá "o poder de [sermos] feitos" (Jo 1:12).

Convém observar que André e João creiam em Cristo pela pregação fiel de João Batista. Pedro e Tiago foram levados a Cristo pelo trabalho pessoal e compassivo de seus irmãos. Posteriormente, Jesus ganharia Filipe que, por sua vez, testemunharia a Natanael e o levaria a Jesus. Cada pessoa tem uma experiência diferente, pois Deus usa de vários meios para conduzir pecadores ao Salvador. O mais importante é crer em Cristo e procurar levar outros a ele.

6. O REI DE ISRAEL (JO 1:43-49)

Jesus chamou Filipe pessoalmente, e ele creu no Senhor e o seguiu. Não sabemos o que se passou no coração de Filipe, a fim de que estivesse pronto para seu encontro, pois Deus normalmente prepara a pessoa antes de chamá-la. Sabemos que Filipe demonstrou sua fé procurando compartilhá-la com o amigo Natanael.

João 21:2 dá a entender que pelo menos sete dos discípulos de Jesus eram pescadores, inclusive Natanael. Os pescadores são homens de coragem e determinação, que perseveram em seu trabalho, mesmo nas circunstâncias mais adversas. A princípio, Natanael duvidou de que alguma coisa digna e honrada pudesse vir de Nazaré. Jesus nasceu em Belém, mas cresceu em Nazaré e, por isso, levou consigo esse estigma (Mt 2:19-23). A designação "nazarenos" (At 24:5) implicava desprezo e rejeição.

Quando Natanael hesitou e discutiu, Filipe usou as palavras do próprio Jesus: "Vinde e vede" (Jo 1:39). Posteriormente, Jesus convidou: "Venha a mim e beba" (Jo 7:37) e "Vinde, comei." (Jo 21:12). "Venha" – esse é o grande convite da graça de Deus.

Quando Natanael encontrou-se com Jesus, descobriu que o Mestre já sabia tudo sobre ele! Ao chamá-lo de "verdadeiro israelita, em que não há dolo", Jesus certamente se referia a Jacó, o antepassado dos judeus, homem que usou de dolo para enganar seu irmão, seu pai e seu sogro. O nome de Jacó foi mudado para "Israel, um

príncipe com Deus". A referência à "escada de Jacó", em João 1:51, confirma essa idéia.

Quando Jesus revelou a Natanael que sabia onde ele havia estado e o que havia feito, Natanael convenceu-se de que se encontrava, de fato, diante do "Filho de Deus [...], o Rei de Israel". Sua experiência foi semelhante à da mulher samaritana junto ao poço. "Quando ele [o Messias] vier, nos anunciará todas as coisas [...]. Vinde comigo e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito" (Jo 4:25, 29). O ministério das igrejas também deve deixar espaço para a revelação do coração humano (1 Co 14:23-35).

Quando Filipe testemunhou a Natanael, apresentou Moisés e os Profetas como evidência (Jo 1:45). Talvez Jesus tenha dado a Filipe um "curso intensivo" sobre as profecias messiânicas do Antigo Testamento, como fez com os discípulos no caminho de Emaús (Lc 24:13ss). É sempre bom associar o testemunho pessoal à Palavra de Deus.

O título "Rei de Israel" era semelhante a "Messias, o Ungido", pois os reis eram sempre ungidos de Deus (ver Sl 2, especialmente os vv. 2, 6, 7). A certa altura do ministério de Jesus, as multidões quiseram proclamá-lo Rei, mas ele se recusou (Jo 6:15). No entanto, se apresentou como Rei (Jo 12:10ss) e declarou a Pilatos que havia nascido e vindo ao mundo para ser Rei (Jo 18:33-37).

Alguns estudiosos acreditam que Natanael e Bartolomeu são a mesma pessoa. João não fez menção alguma de Bartolomeu em seu Evangelho, enquanto os outros três evangelistas falam de Bartolomeu, mas não de Natanael. Nas listas de nomes, Filipe é ligado a Bartolomeu (Mt 10:3; Mc 3:18; Lc 6:14), de modo que é possível que os dois andassem juntos e que tenham ministrado juntos. Naquele tempo, era comum um homem ter dois nomes diferentes.

7. O FILHO DO HOMEM (Jo 1:50, 51)

"Filho do Homem" é um dos títulos que Jesus mais gostava de usar para si mesmo; aparece 83 vezes nos Evangelhos e pelo menos 12 vezes em João. Esse título refere-se tanto à divindade quanto a humanidade de Jesus. A visão em Daniel 7:13 apresenta o "Filho do Homem" em um contexto inequivocamente messiânico, e Jesus usou esse título da mesma forma (Mt 26:64).

Como Filho do Homem, Jesus é o "elo vivo" entre o céu e a Terra. Isso explica sua referência à "escada de Jacó" em Gênesis 28. Jacó era um fugitivo e pensava estar sozinho, mas Deus enviou seus anjos para guardá-lo e guiá-lo. Cristo é a "escada" de Deus entre o céu e a Terra. "Ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14:6). Em várias ocasiões no Evangelho de João, vemos Jesus lembrando as pessoas de que havia vindo do céu. O povo judeu sabia que a designação "Filho do Homem" dizia respeito ao Messias (Jo 12:34).

No final do quarto dia, Jesus tinha reunido seis homens que haviam crido e se tornado seus discípulos. Não deixaram tudo e o seguiram no mesmo instante, mas a seu tempo se dedicariam inteiramente a Jesus. Antes de se consagrarem ao Senhor, creram nele e experimentaram seu poder. Nos três anos seguintes, cresceriam na fé, aprenderiam mais sobre Jesus e, um dia, dariam continuidade ao ministério dele na Terra, para que a Palavra pudesse ser levada a toda a humanidade.

Jesus de Nazaré é Deus, que veio ao mundo em carne e osso. Quando Filipe o chamou de "filho de José", não estava negando que Cristo havia nascido de uma virgem nem que possuía natureza divina. Essa era apenas sua identidade diante da lei, pois os judeus eram identificados de acordo com sua filiação (Jo 6:42). O testemunho deste capítulo é claro: Jesus de Nazaré é Deus vindo em carne e osso. Deus está aqui!

LIÇÕES SOBRE JESUS

JOÃO 2

Os seis discípulos que creram em Jesus deram o primeiro passo de uma caminhada com Cristo que se estenderia por toda a vida e começaram a aprender mais sobre ele. Nós, que temos em mãos os relatos dos Evangelhos em sua totalidade, não damos o devido valor a esses acontecimentos, mas para os discípulos, cada dia e cada novo acontecimento revelavam maravilhas difíceis de compreender. Só neste capítulo, João registra três revelações extraordinárias de Jesus Cristo.

1. SUA GLÓRIA (JO 2:1-12)

O casamento ocorreu “três dias depois” do chamado de Natanael (Jo 1:45-51). Uma vez que Natanael foi chamado no quarto dia da semana registrada em João (Jo 1:19, 29, 35, 43), temos que o casamento foi celebrado no sétimo dia dessa “nova semana da criação”. Ao longo de todo seu Evangelho, João deixa claro que Jesus trabalhava dentro de um cronograma divino, obedecendo à vontade do Pai.

De acordo com a tradição judaica, as virgens deveriam casar-se na quarta-feira, enquanto as viúvas deveriam casar-se na quinta-feira. Uma vez que esse era o “sétimo dia” da semana especial da narrativa de João, era de se esperar que Jesus descansasse, da mesma forma que Deus descansara no sétimo dia da criação (Gn 2:1-3). Mas o pecado havia interrompido o descanso sabático de Deus, e era necessário que o Pai e o Filho trabalhassem (Jo 5:17; 9:4). Aliás, João relata dois milagres que Jesus realizou deliberadamente em dias de sábado (Jo 5; 9).

Nesse casamento, vemos Jesus desempenhando três papéis diferentes: o de Convidado, o de Filho e o de Anfitrião.

Jesus, o Convidado (vv. 1, 2). Jesus não era um eremita como João Batista (Mt 11:16-19) e aceitava convites para acontecimentos sociais. Não considerava um impedimento o fato de seus inimigos usarem isso contra ele (Lc 15:1, 2). Jesus teve as experiências de uma vida normal e as santificou com sua presença. O casal sábio convida Jesus para o seu casamento!

Nessa ocasião, estava acompanhado da mãe e de seis discípulos. Talvez a presença de mais sete convidados tenha contribuído para a crise, mas, se esse foi o caso, teria sido uma festa muito pequena. Temos motivos para crer que a família de Jesus aqui na Terra não era materialmente próspera, e é bem provável que seus amigos também não fossem pessoas ricas. Talvez a falta de vinho seja relacionada à falta de recursos para dar uma festa mais farta.

Jesus e seus discípulos foram convidados por causa de Maria ou de Natanael (Jo 21:2)? Jesus ainda não era muito conhecido e não havia realizado nenhum milagre. É pouco provável que tenha sido convidado pelo fato de as pessoas saberem quem ele era. O mais cabível é que tenha recebido o convite por ser da família de Maria.

Jesus, o Filho (vv. 3-5). Tendo em vista que os casamentos judaicos duravam uma semana, o noivo deveria ter uma quantidade adequada de suprimentos. Em primeiro lugar, a falta de vinho ou de comida causaria embaraço; e uma família culpada de tal grosseria poderia até mesmo ser multada! Assim, ficar sem vinho acabava custando caro, tanto em termos financeiros quanto sociais.

Por que Maria levou o problema até Jesus? Esperava mesmo que ele fizesse alguma coisa para suprir essa necessidade? Apesar de não haver declarado a verdade maravilhosa a outros, Maria sabia quem ele era. Maria devia ser bastante próxima da noiva ou do noivo, pois de outro modo provavelmente não teria demonstrado tanta preocupação pessoal com as comemorações,

nem ficaria sabendo que o vinho estava acabando. Talvez Maria estivesse ajudando a preparar e a servir a refeição.

Maria não disse a Jesus o que fazer; simplesmente lhe contou o problema. (Comparar com a mensagem de Maria e Marta a Jesus quando Lázaro estava enfermo – Jo 11:3.) A resposta de Jesus parece um tanto brusca e até mesmo áspera, mas não é o caso. “Mulher” era uma forma de tratamento educada (Jo 19:26; 20:13), e sua pergunta significa apenas: “Por que você está me envolvendo nessa questão?” Estava deixando claro para a mãe que não se encontrava mais sob sua tutela (é bem provável que José estivesse morto), mas que, dali por diante, seguiria as ordens do Pai. Jesus já havia feito alusão a isso vários anos antes (Lc 2:40-52).

Nesse ponto, João introduz um dos elementos-chave de seu registro, o conceito de “hora”. Jesus vivia de acordo com um “cronograma celestial”, determinado pelo Pai (ver Jo 7:30; 8:20; 12:23; 13:1; 17:1; observar também as palavras de Jesus em João 11:9, 10). Ao estudar o Evangelho de João, veremos como o autor desenvolve o conceito de “hora”.

As palavras de Maria para os servos mostram que estava disposta a deixar que seu Filho fizesse o que lhe aprouvesse e que confiava que ele faria a coisa certa. Também devemos obedecer a sua ordem: “Fazei tudo o que ele [Jesus] vos disser”. É interessante observar que foi Jesus, não Maria, quem assumiu o controle e resolveu o problema, e que Maria apontou não para si mesma, mas para Jesus.

Jesus, o Anfitrião (vv. 6-12). O primeiro milagre de Jesus não foi um acontecimento espetacular testemunhado por todos. Maria, os discípulos e os servos sabiam o que havia acontecido, mas ninguém na festa sequer suspeitou que um milagre havia ocorrido. Seu primeiro milagre foi um acontecimento discreto num casamento, contrastando com o último milagre registrado em João (Jo 11), um acontecimento público depois de um funeral.

Cada uma das seis talhas de pedra tinha capacidade para quase cem litros. Mas

o relato não diz que toda a água das talhas foi transformada em vinho. Sabemos apenas que todo o líquido que os servos tiravam das talhas e serviam transformava-se em vinho. A qualidade desse vinho novo era tão superior que recebeu elogios do homem encarregado do banquete, o que, sem dúvida, encheu a família do noivo de grande alegria.

O fato de esse ser o “princípio dos sinais” comprova, inequivocamente, a falsidade das histórias sobre milagres realizados por Jesus em sua infância. Tais histórias não passam de fábulas supersticiosas, que devem ser rejeitadas por todos os que aceitam a autoridade da Bíblia.

O milagre serviu para revelar a glória de Jesus aos discípulos (Jo 1:14) e para dar um fundamento mais sólido a sua fé. Apesar de os milagres, *por si mesmos*, não serem evidência suficiente para declarar que Jesus é o Filho de Deus (2 Ts 2:9, 10), por certo, o efeito cumulativo de inúmeros sinais os convenceria da divindade de Cristo. Os discípulos precisavam começar de algum lugar, e, nos meses seguintes, sua fé se tornaria cada vez mais profunda, à medida que conhecessem Jesus melhor.

No entanto, esse milagre vai além do simples ato de suprir uma necessidade humana e de salvar uma família de uma situação embaraçosa. Ao contrário dos outros três Evangelhos, João procura compartilhar o *significado interior* – a relevância espiritual – dos atos de Jesus, de modo que cada milagre é, na verdade, um “sermão prático”. É preciso cuidado para não “espiritualizar” demais esses acontecimentos, a ponto de perderem suas bases históricas; porém, ao mesmo tempo, não devemos nos apegar tanto à história a ponto de (como dizia A. T. Pierson) não enxergar a história de Deus.

Em primeiro lugar, o termo que João usa em seu livro não é *dunamis*, que enfatiza o poder, mas sim *semeion*, que significa “um sinal”. O que é um sinal? É algo que aponta para além de si, para outra coisa maior. Não bastava o povo crer nas obras de Jesus; precisavam crer nele e no Pai que o havia enviado (Jo 5:14-24). Isso explica por que, em várias

ocasiões, Jesus fez um sermão depois de um milagre e explicou o sinal. Em João 5, a cura do paralítico no sábado deu-lhe a oportunidade de falar sobre sua divindade como “o Senhor do sábado”. Ao alimentar os 5 mil (Jo 6), fez uma transição natural para o sermão sobre o Pão da Vida.

Se Jesus tivesse pregado um sermão depois de transformar a água em vinho, o que teria dito? É possível que tivesse dito ao povo que a alegria do mundo acaba e não pode ser recuperada, mas que a alegria que ele oferece se renova e sempre satisfaz. (Nas Escrituras, o vinho é um símbolo da alegria. Ver Jz 9:13 e Sl 104:15.) O mundo oferece o que tem de melhor logo no início e, depois que fomos “fisgados”, as coisas começam a se deteriorar. Jesus continua a oferecer o que há de melhor até o dia em que desfrutaremos as mais ricas bênçãos no reino eterno (Lc 22:18).

Mas, sem dúvida, Jesus também teria uma mensagem especial para seu povo, Israel. No Antigo Testamento, Israel é considerada “casada” com Deus e infiel a sua aliança de casamento (Is 54:5; Jr 31:32; Os 2:2ss). O vinho acabou, e Israel ficou com seis talhas vazias. Tinham água para a limpeza exterior, mas não havia nada que provesse a purificação e a alegria interior. Nesse milagre, Jesus trouxe plenitude onde havia vazios; trouxe alegria onde havia decepção e algo interior onde havia apenas algo exterior (água para lavagens cerimoniais).

Ao usar a expressão “três dias depois” (Jo 2:1), talvez João estivesse fazendo uma alusão à ressurreição de Jesus. Todas essas bênçãos são possíveis por causa de seu sacrifício na cruz e de sua ressurreição (Jo 2:19).

É interessante que o primeiro milagre de Moisés foi uma praga – a transformação da água em sangue (Êx 7:19ss), numa referência ao julgamento divino. O primeiro milagre de Jesus foi uma referência à graça divina.

Esse milagre também oferece uma lição prática aos que trabalham na obra de Deus. A água foi transformada em vinho porque os servos colaboraram com Jesus e obedeceram a suas ordens. Vários sinais descritos no

Evangelho de João envolvem a cooperação de um homem e de Deus: a alimentação dos 5 mil (Jo 6), a cura do homem cego de nascença (Jo 9) e a ressurreição de Lázaro (Jo 11). Quer distribuindo pão, removendo lama ou empurrando uma pedra, pessoas ajudaram o Senhor a realizar seus milagres.

É bastante sugestivo os servos terem ficado sabendo de onde havia vindo esse vinho especial (Jo 2:9). Quando Jesus curou o filho de um oficial do rei (Jo 4:46-54), também foram os servos que compartilharam de seu segredo. Não somos apenas servos de Cristo; também somos seus amigos e sabemos o que ele faz (Jo 15:15)

O vinho era bebida habitual do povo daquela época, mas não devemos usar esse milagre como argumento para o consumo de bebidas alcoólicas hoje em dia. Certa vez, um homem dado à bebida me disse:

– Afinal, Jesus transformou água em vinho!

Ao que eu respondi:

– Se você segue o exemplo de Jesus quanto à bebida, por que não segue também o exemplo dele em todas as outras coisas?

Em seguida, li para ele Lucas 22:18. De acordo com esse versículo, hoje Jesus é um abstinência total no céu!

Nos dias de hoje, o cristão sincero reflete sobre 1 Coríntios 8:9; 10:23, 31 antes de concluir que é sensato consumir bebidas alcoólicas. Lembro-me da história de um alcoólatra que trabalhava em uma mina de carvão e que se converteu e passou a testemunhar de Cristo com grande entusiasmo. Um de seus amigos tentou pegá-lo perguntando:

– Você acredita que Jesus transformou água em vinho?

– Sem dúvida alguma – ele respondeu.

– E, em minha casa, transformou vinho em móveis, roupas boas e comida para meus filhos!

Por fim, cabe observar que os judeus costumavam diluir o vinho com água, normalmente na proporção de três partes de água para uma de vinho. Apesar de a Bíblia não ordenar a abstinência total, por certo a

considera *extremamente louvável* e adverte contra a embriaguez.

2. SEU ZELO (JO 2:13-22)

Jesus, sua família e seus discípulos permaneceram alguns dias em Cafarnaum e, depois, se dirigiram a Jerusalém para a comemoração da Páscoa. Todo homem judeu deveria comparecer a três festas anuais na Cidade Santa: Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos (Dt 16:16). As festas mencionadas no Evangelho de João são: Páscoa (Jo 2:13; 6:4; 12:1), Tabernáculos (Jo 7:2) e Dedicção (Jo 10:22). É possível que, em João 5:1, a festa mencionada corresponda ao Purim (Et 9:26, 31).

Apesar de transgredir deliberadamente as tradições humanas dos fariseus, Jesus obedeceu aos estatutos da Lei e guardou a Lei fielmente. Em sua vida e morte, cumpriu a Lei de modo que, hoje, os cristãos não se encontram mais debaixo do “jugo que nem nossos pais puderam suportar” (At 15:10).

Jesus revelou seu zelo por Deus primeiramente ao *purificar o templo* (Jo 2:13-17). Os sacerdotes haviam estabelecido um negócio lucrativo de câmbio de moedas estrangeiras e de venda de animais para os sacrifícios. Sem dúvida, esse “mercado religioso” era conveniente para os judeus, que percorriam longas distâncias para adorar no templo, mas, com o passar do tempo, essa “conveniência” deixou de ser um ministério e se transformou num comércio. O mais triste é que os comerciantes realizavam suas transações no Pátio dos Gentios do templo, lugar onde os judeus deveriam ir ao encontro dos gentios para lhes falar do verdadeiro Deus vivo. Qualquer gentio que estivesse em busca da verdade dificilmente a encontraria em meio aos mercadores religiosos do templo.

De repente, Jesus entrou no templo e fez uma “faxina geral”! Teve o cuidado de não destruir os bens de ninguém (não soltou os pombos, por exemplo), mas deixou claro que ele estava no controle. O templo era a casa de seu Pai, e ele não permitiria que os líderes religiosos a profanassem com seu comércio.

Essa situação no templo era um sintoma claro da condição espiritual de Israel como nação. Sua religião não passava de uma rotina enfadonha, liderada por homens de mentalidade mundana, cujo maior desejo era exercer autoridade e enriquecer. Não apenas o vinho havia se esgotado no casamento, como também a glória havia deixado o templo.

Quando viram o zelo corajoso do Mestre, os discípulos se lembraram do Salmo 69:9: “Pois o zelo da tua casa me consumiu”. O Salmo 69 é de caráter claramente messiânico e aparece com frequência no Novo Testamento: Salmo 69:4 (Jo 15:25); Salmo 69:8 (Jo 7:3-5); Salmo 69:9 (Jo 2:17; Rm 15:3); Salmo 69:21 (Mt 27:34, 48) e Salmo 69:22 (Rm 11:9, 10).

Ainda havia um remanescente piedoso em Israel que amava a Deus e reverenciava seu templo (Lc 1:5-22; 2:25-38), mas quase todos os líderes religiosos eram falsos pastores que exploravam o povo. Quando Jesus purificou o templo, “declarou guerra” a esses líderes religiosos hipócritas (Mt 23), o que, por fim, levou a sua morte. Por certo, seu zelo pela casa de Deus o *consumiu!*

Jesus também revelou seu zelo ao *entregar sua vida* (Jo 2:18-22). Era lógico os líderes religiosos lhe perguntarem de onde vinha sua autoridade. Afinal, eram guardiões da fé judaica e tinham o direito de testar qualquer novo profeta que aparecia. “Os judeus pedem sinais” (1 Co 1:22). Em várias ocasiões durante o ministério de Jesus, os líderes pediram-lhe um sinal; ele se recusou a atendê-los, exceto pelo sinal de Jonas (Mt 12:39ss). O “sinal de Jonas” foi sua morte, sepultamento e ressurreição.

Jesus usou a imagem do templo para transmitir essa verdade. “Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei” (Jo 2:19). Por causa de sua cegueira espiritual, os que o ouviram não entenderam o que dizia. Ao longo de todo o Evangelho de João, vemos pessoas que não compreenderam as verdades *espirituais* e as interpretaram em termos materiais ou físicos (Jo 3:4; 4:11; 6:52). A construção do templo de Herodes foi iniciada no ano 20 a.C. e só foi concluída

em 64 d.C. Como era possível um homem “reconstruir” o templo em três dias?

É evidente que essa declaração prenunciava a morte e ressurreição de Cristo; e, depois da ressurreição, os discípulos lembraram essa ocasião. Mas seus inimigos também não se esqueceram do que Jesus havia dito e se valeram de sua declaração em seu julgamento (Mt 26:59-61); alguns do povo usaram essas palavras para zombar de Jesus, enquanto ele morria na cruz (Mt 27:40).

Ao escrever seu Evangelho, João incluiu várias imagens vívidas da morte do Salvador. A primeira delas é o sacrifício do Cordeiro em João 1:29, indicando que morreria como substituto dos pecadores. A destruição do templo é a segunda imagem (Jo 2:19), sugerindo a morte violenta que terminaria em ressurreição vitoriosa.

A terceira imagem é a da serpente erguida por Moisés no deserto (Jo 3:14), uma referência a Números 21:5-9. O Salvador seria feito pecado por nós (1 Pe 2:24). Sua morte seria voluntária (Jo 10:11-18): o Pastor daria a vida por suas ovelhas. Por fim, a imagem da semente que é plantada (Jo 12:20-25) ensina que sua morte produziria frutos para a glória de Deus. Sua morte e sepultamento deixariam a impressão de que Jesus havia fracassado, mas, no final, Deus lhe daria a vitória.

O templo era um elemento importante da fé judaica, pois era o local onde Deus deveria habitar. Todas as cerimônias e sacrifícios da religião judaica giravam em torno do templo. Diante disso, não é de se surpreender que o povo tenha reagido com tanto furor quando Jesus sugeriu que aquela construção, tão preciosa para eles, seria destruída. Afinal, se o corpo *dele* é o templo, aquela construção não seria mais necessária. Com essa declaração enigmática, na verdade Jesus previa o fim do sistema religioso judaico.

Mas esse era justamente um dos propósitos que João tinha em mente ao escrever seu Evangelho: o sistema legal chegou ao fim, e a “graça e a verdade” vieram por meio de Jesus Cristo. Ele é o novo sacrifício (Jo 1:29) e o novo templo (Jo 2:19). Mais adiante, o Evangelista afirma que a nova adoração

dependerá da integridade interior, não da geografia exterior (Jo 4:19-24).

3. SEU CONHECIMENTO (JO 2:23-25)

Enquanto estava em Jerusalém para a comemoração da Páscoa, Jesus realizou milagres que não são relatados em detalhes em Evangelho algum. É possível que esses sinais tenham chamado a atenção de Nicodemos (Jo 3:2). Por causa de tais prodígios, muitas pessoas afirmaram crer em Jesus Cristo, mas ele não aceitou essa confissão de fé. Não importava o que as pessoas dissessem a respeito de si mesmas nem o que outros afirmassem sobre elas. Cristo não aceitou o testemunho humano, pois, sendo Deus, sabia o que se passava no coração e na mente de cada um.

No grego, os verbos “crer”, em João 2:23, e “confiar”, em João 2:24, são a mesma palavra. Essas pessoas diziam crer em Jesus, mas ele não confiava nelas! Eram “crentes não salvos”! Uma coisa é reagir a um milagre; outra bem diferente é assumir um compromisso com Jesus Cristo e permanecer em sua Palavra (Jo 8:30, 31).

João não menosprezava a importância dos sinais, pois escreveu seu livro para registrar esses sinais e estimular os leitores a crer em Jesus Cristo e a receber a vida eterna (Jo 20:30, 31). Mas, ao longo deste Evangelho, João deixa claro que, a fim de ser salvo, não basta apenas crer em milagres. Ver sinais e crer neles seria um ótimo começo e, na verdade, até os discípulos começaram por aí e tiveram de crescer na fé (comparar Jo 2:11 e v. 22).

Ao longo de todo o Evangelho de João, encontramos o povo judeu dividido com respeito ao significado desses milagres (Jo 9:16; 11:45, 46). Os mesmos milagres que aproximaram Nicodemos de Jesus despertaram, em alguns dos outros líderes religiosos, o desejo de matá-lo! Tamanha era sua ousadia que chegaram a afirmar que Jesus realizava milagres pelo poder de Satanás. Os milagres de Jesus foram *testemunhos* (Jo 5:36) de que ele era o Filho de Deus, mas também foram *testes*, revelando o que havia dentro do coração do povo (Jo 12:37ss).

Os mesmos acontecimentos que abriram os olhos de alguns também deixaram outros ainda mais cegos (Jo 9:39-41).

É importante observar que Jesus associou seus milagres à verdade de sua mensagem. Sabia que o coração humano era atraído por coisas sensacionais. As 5 mil pessoas que alimentou proclamaram-no Rei, mas, depois de pregar o sermão sobre o Pão da Vida, muitas delas desapareceram. "A graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo" (Jo 1:17). A graça motivou Jesus a alimentar os famintos; a verdade motivou-o a lhes ensinar a Palavra. O povo desejava receber alimento físico, mas não a verdade espiritual e, portanto, abandonou o Mestre.

"Ele mesmo sabia o que era a natureza humana." Essa declaração é comprovada em várias ocasiões no Evangelho de João. Jesus conhecia o caráter de Simão (Jo 1:42). Sabia como Natanael era (Jo 1:46ss), e disse à mulher samaritana "tudo quanto [tinha] feito" (Jo 4:29). Sabia que os líderes judeus não tinham o amor de Deus em seu coração (Jo 5:42), e que um de seus discípulos não era, verdadeiramente, seu seguidor (Jo 6:64). Viu o arrependimento no coração da mulher adúltera (Jo 8:10, 11) e o intento homicida no coração de seus inimigos (Jo 8:40ss). Em várias partes de sua mensagem no cenáculo, Jesus revelou a seus discípulos sentimentos e dúvidas que se encontravam no coração deles.

Ao acompanhar o ministério de Jesus através do Evangelho de João, vemos o Mestre movendo-se gradativamente dos holofotes da popularidade para as sombras da rejeição. No começo, era fácil as pessoas seguirem a multidão apenas como espectadoras dos milagres. Mas quando as palavras de Jesus começaram a penetrar o coração e convencer do pecado, essa convicção só poderia resultar em conversão ou oposição. Era impossível manter-se neutro. Era preciso tomar uma decisão, e a maioria decidiu ficar contra ele.

Por certo, Jesus conhecia o coração humano. "Se, porventura, não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum creereis" (Jo 4:48). O povo que deseja ver suas obras, mas não quer saber de sua Palavra, não pode compartilhar de sua vida. O ditado "ver para crer" não é uma abordagem cristã (Jo 11:40; 20:29). Primeiro, devemos crer para, depois, ver. Os milagres servem apenas para nos conduzir à Palavra (Jo 5:36-38), e a Palavra gera a fé salvadora (Rm 10:17).

O conhecimento profundo que Cristo possuía do coração humano é outra evidência de sua divindade, pois somente Deus pode ver o ser interior. Esse parágrafo curto é preparatório para a conversa com Nicodemos, relatada no capítulo seguinte. É interessante observar a repetição do termo "homem" de João 2:25 a 3:1. Nicodemos desejava aprender mais sobre Jesus, mas acabou aprendendo mais sobre si mesmo!

UMA QUESTÃO DE VIDA OU MORTE

JOÃO 3

Benjamin Franklin não era apenas um grande estadista e inventor, mas também um ótimo correspondente, que recebia cartas de pessoas famosas do mundo todo. Certo dia, recebeu aquela que, possivelmente, foi a carta mais importante a chegar a sua mesa. Era uma correspondência do conhecido pregador inglês George Whitefield.

"Vejo que estás cada vez mais famoso no mundo erudito", escreveu Whitefield. "Assim como fizeste tamanho progresso na investigação dos mistérios da eletricidade, venho instar com toda humildade que atentes diligentemente para o mistério do novo nascimento. Trata-se de um estudo de suma importância e interesse que, quando dominado, o recompensará ricamente por seus esforços."

O novo nascimento é um dos temas-chave de João 3. Além disso, neste capítulo, vemos Jesus Cristo em três papéis diferentes: como Mestre (Jo 3:1-21), como Noivo (Jo 3:22-30) e como Testemunha (Jo 3:31-36).

1. JESUS CRISTO, O MESTRE (Jo 3:1-21)

Observamos anteriormente a ligação entre João 2:23-25 e 3:1. A princípio, o que chamou a atenção de Nicodemos foram os milagres de Jesus. Desejava saber mais sobre Jesus e as doutrinas que ensinava. O próprio Nicodemos era "o mestre dos judeus" (Jo 3:10, tradução literal) e tinha grande respeito pelo Mestre da Galiléia.

Nicodemos era fariseu, o que significa que vivia dentro das normas religiosas mais rígidas possíveis. Nem todos os fariseus eram hipócritas (como poderia se inferir pelos

comentários de Jesus registrados em Mt 23), e tudo indica que Nicodemos foi extremamente sincero em sua busca pela verdade. Foi procurar Jesus à noite, não porque temesse ser visto, mas provavelmente porque desejava ter uma conversa tranqüila e sem interrupções com o novo Mestre "vindo da parte de Deus". O fato de Nicodemos usar o plural ("sabemos") e de Jesus responder com "importa-vos" (Jo 3:7) pode indicar que Nicodemos representasse os líderes religiosos. Era um homem de altíssimo caráter moral e de profundo anseio espiritual, mas que sofria de grande cegueira espiritual.

A fim de ensinar Nicodemos a respeito das verdades básicas da salvação, o Senhor usou quatro ilustrações bem diferentes.

Nascimento (vv. 1-7). Jesus começou com o que era conhecido, a experiência universal do nascimento. O termo traduzido por "de novo" também significa "do alto". Apesar de todos os seres humanos terem passado pelo nascimento natural neste mundo, caso desejem ir para o céu, devem passar pelo nascimento espiritual do alto.

Deparamo-nos novamente com a cegueira dos pecadores: Nicodemos, líder religioso e homem culto, não entendeu o que o Salvador dizia. Jesus estava se referindo ao nascimento espiritual, mas Nicodemos não conseguia pensar além do nascimento físico. Hoje em dia, a situação não é diferente. Quando falamos às pessoas da necessidade de nascer de novo, é comum começarem a falar sobre a tradição religiosa de sua família, sobre a igreja onde são membros, sobre aspectos cerimoniais, e assim por diante.

Uma vez que era um Mestre paciente, Jesus tomou como ponto de partida as palavras do próprio Nicodemos e explicou melhor o novo nascimento. "Nascer da água" significa nascer fisicamente ("voltar ao ventre materno e nascer segunda vez"), mas nascer de novo significa nascer do Espírito. Assim como ambos os pais são necessários para que ocorra o nascimento físico, também são precisos dois "pais" para que se dê o nascimento espiritual: o Espírito de Deus (Jo 3:5) e a Palavra de Deus (Tg 1:18; 1 Pe 1:23-25). O Espírito de Deus usa a Palavra de Deus e,

quando o pecador crê, Deus concede vida espiritual.

Jesus não ensinou que o novo nascimento se dá pelo batismo com água. No Novo Testamento, o batismo é relacionado à morte, não ao nascimento; nem toda água do mundo seria suficiente para realizar a transformação espiritual de uma pessoa. A ênfase em João 3:14-21 é sobre o *crer*, pois a salvação só é possível pela fé (Ef 2:8, 9). A evidência da salvação é o testemunho do Espírito dentro do que crê (Rm 8:9), e o espírito entra em nossa vida quando cremos (At 10:43-48; Ef 1:13, 14).

Por certo, o batismo com água faz parte de nossa obediência a Cristo e de nosso testemunho de Cristo (Mt 28:18-20; At 2:41). Mas não deve ser transformado em parte essencial da salvação; de outro modo, nenhum homem ou mulher temente a Deus do Antigo Testamento teria sido salvo, tampouco o ladrão na cruz (Lc 23:39-43). Sempre houve apenas uma forma de ser salvo – a fé na promessa de Deus; o que mudou ao longo das eras foi a *manifestação exterior* dessa fé.

Para que o nascimento humano ocorra, é preciso haver trabalho de parto (Jo 16:21), e o mesmo acontece com o nascimento do alto. Nosso Salvador realizou um trabalho na cruz para que pudéssemos ser membros da família de Deus (Is 53:11). Os cristãos sinceros devem esforçar-se para orar e testemunhar, procurando sempre levar pecadores a Cristo (1 Co 4:15; Gl 4:19).

O filho herda a natureza dos pais, e o mesmo se aplica ao filho de Deus. Tornamos “co-participantes da natureza divina” (2 Pe 1:4). A natureza determina os anseios, o que explica por que o cristão anseia pelas coisas de Deus (1 Pe 2:2, 3) e perde o desejo de voltar para as coisas sórdidas do mundo que antes o atraíam (2 Pe 2:20-22). Alimenta-se da Palavra de Deus e cresce em maturidade espiritual (Hb 5:11-14).

É evidente que o nascimento também implica vida, e o nascimento espiritual do alto implica vida *de Deus*. João usa o termo vida 38 vezes em seu Evangelho. O oposto de vida é morte, e quem não crê em Jesus

Cristo não tem a vida de Deus, a vida eterna e abundante. *Assim como é impossível “fabricar” bebês, também é impossível “fabricar” cristãos!* A única maneira de se tornar parte da família de Deus é pelo novo nascimento (Jo 1:11-13).

O nascimento também implica um futuro, e fomos “[gerados] para uma viva esperança” (1 Pe 1:3). Um bebê recém-nascido não pode ter uma ficha na polícia nem ser preso, pois não tem passado! Quando nascemos de novo na família de Deus, nossos pecados são perdoados e esquecidos, e temos diante de nós um futuro promissor com uma nova esperança.

É bem provável que Nicodemos tivesse no rosto uma expressão de surpresa e de confusão, pois Jesus teve de lhe dizer: “Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo” (Jo 3:7). Mas Nicodemos havia nascido judeu e era parte do povo da aliança de Deus (Rm 9:4, 5)! Sem dúvida, seu nascimento era melhor do que o de um gentio ou de um samaritano! Além disso, levava uma vida exemplar, pois era um fariseu fiel! Seria de se entender que Jesus dissesse a um *romano* para nascer de novo, mas certamente não poderia dizer isso a um judeu!

O vento (vv. 8-13). Talvez uma brisa noturna soprasse, enquanto Nicodemos e Jesus conversavam no terraço. Tanto no hebraico quanto no grego, o termo “vento” também pode ser traduzido por “espírito”. Um dos símbolos do Espírito de Deus na Bíblia é o vento ou sopro (Jó 33:4; Jo 20:22; At 2:2). Assim como o vento, o Espírito é invisível; ao mesmo tempo, também é poderoso, e não se podem explicar nem prever seus movimentos.

Quando Jesus usou esse símbolo, Nicodemos deveria ter se lembrado imediatamente de Ezequiel 37:1-14. O profeta viu um vale cheio de ossos secos; mas quando profetizou ao vento, o Espírito veio sobre aquele lugar e deu vida aos ossos. Mais uma vez, a vida veio do trabalho conjunto do Espírito e da Palavra de Deus. A nação de Israel (inclusive Nicodemos e seus colegas do conselho) estava morta, e não havia esperança para

ela; apesar do moralismo e da espiritualidade do povo, precisavam da vida do Espírito.

O novo nascimento do alto é uma necessidade (“importa-vos nascer de novo”), mas também é mistério. Todos os que nascem do Espírito são como o vento: não se pode explicar nem prever o vento, nem o filho de Deus! Aliás, apesar de tudo o que sabemos sobre anatomia e fisiologia, o nascimento humano continua sendo um mistério. Cada nova vida é empolgante e diferente.

Nicodemos foi falar com Jesus “de noite” e continuava em trevas! Mesmo depois de Jesus haver lhe explicado, continuava não entendendo o novo nascimento. Jesus afirmou claramente que o conhecimento de Nicodemos do Antigo Testamento deveria ter lhe dado o esclarecimento de que precisava (Jo 3:10). Infelizmente, o “mestre de Israel” conhecia os fatos registrados nas Escrituras, mas não era capaz de compreender suas verdades.

Qual era o problema? Em primeiro lugar, os líderes religiosos recusavam submeter-se à autoridade do testemunho de Cristo (Jo 3:11). Ao prosseguir em nosso estudo, veremos como o “conflito de autoridades” se intensifica. Os líderes religiosos afirmavam crer em Moisés e, no entanto, não eram capazes de crer em Jesus (Jo 5:37-47). Os fariseus estavam mais preocupados com elogios humanos do que com a aprovação de Deus (Jo 12:37-50).

Por fim, Jesus perguntou: “Se, tratando de coisas terrenas, não me credes, como creereis, se vos falar das celestiais?” (Jo 3:12).

A serpente na haste (vv. 14-18). Por certo, Nicodemos conhecia a história relatada em Números 21:4-9. É uma história de pecado, pois o povo rebelou-se contra Deus e teve de ser castigado. Deus enviou serpentes abrasadoras que picaram o povo e causaram a morte de muitos. Também é uma história de graça, pois Moisés intercedeu pelo povo, e Deus proveu uma solução. Disse a Moisés que fizesse uma serpente de bronze e que a levantasse numa haste para que todos pudessem vê-la. Qualquer um que fosse picado e olhasse para a serpente

seria curado no mesmo instante. Assim é, igualmente, uma história de fé: as pessoas eram salvas quando olharam pela fé.

O verbo “levantar” possui duplo sentido: ser crucificado (Jo 8:28; 12:32-34) e ser glorificado e exaltado. Em seu Evangelho, João ressalta que a crucificação de Jesus foi, na verdade, um meio para sua glorificação (Jo 12:23ss). A cruz não foi o fim de sua glória, mas um instrumento para alcançá-la (At 2:33).

Assim como a serpente foi levantada na haste, o Filho de Deus seria levantado na cruz. Faria isso para nos salvar do pecado e da morte. No acampamento de Israel, a solução não seria matar serpentes, preparar remédios, ignorar o problema, sancionar leis sobre serpentes, nem subir até o alto da haste. A solução era olhar pela fé para a serpente que havia sido levantada.

O mundo sofre com o veneno do pecado, e “o salário do pecado é a morte” (Rm 6:23). Deus não enviou seu Filho para morrer somente por Israel, mas pelo mundo inteiro. De que maneira alguém nasce lá do alto? De que maneira é salvo da morte eterna? Credo em Jesus e voltando os olhos para ele pela fé.

No dia 6 de janeiro de 1850, uma tempestade de neve praticamente paralisou a cidade de Colchester, na Inglaterra, e um rapaz não conseguiu chegar à igreja que costumava freqüentar. Assim, se dirigiu a uma capela metodista muito simples perto de sua casa, onde um leigo despreparado substituíra o pastor que não havia aparecido. O texto de sua mensagem era Isaías 45:22: “Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra”. Fazia meses que esse rapaz estava infeliz, e seu coração pesava por causa de seus pecados; mas, apesar de ter crescido dentro da igreja (tanto seu pai quanto seu avô eram pastores), não tinha a certeza da salvação.

O pregador improvisado não tinha muito o que dizer, de modo que continuou repetindo o texto. “Não é preciso fazer uma faculdade para ser capaz de olhar”, gritava. “Qualquer um pode olhar, uma criança pode olhar”. Foi então que viu o jovem visitante

ali sentado, apontou para ele e disse: “Meu rapaz, você parece extremamente infeliz. Olhe para Jesus Cristo!”

O rapaz olhou para Cristo pela fé, e foi assim que o grande pregador, Charles Had-don Spurgeon, se converteu.

A diferença entre perecer e viver e entre condenação e salvação está na fé em Jesus Cristo. Jesus poderia muito bem ter vindo ao mundo como Juiz e destruído todos os pecadores rebeldes; mas, em seu amor, veio ao mundo como Salvador e *morreu por nós na cruz!* Tornou-se a “serpente levantada na haste”. A serpente do tempo de Moisés deu vida física aos israelitas que pereciam, mas Jesus Cristo dá vida eterna a todos os que crêem nele. Sua salvação é para o mundo todo!

Luz e trevas (vv. 19-21). Trata-se de uma das imagens mais relevantes do Evangelho de João (Jo 1:4-13). Por que os pecadores não se aproximam da “luz da vida”? Porque amam as trevas! Desejam prosseguir com seus atos de perversidade, e esse desejo os impede de se achegarem à luz, pois quanto mais o pecador aproxima-se da luz, mais evidentes tornam-se seus pecados. Não são os “problemas intelectuais” que impedem a pessoa de crer em Cristo; antes, é a cegueira moral e espiritual que a leva a continuar amando as trevas e odiando a luz.

É importante observar que, por fim, Nicodemos aproximou-se da luz. Estava nas trevas da confusão (Jo 3:1-21), mas acabou achegando-se à luz da confissão, quando se identificou com Cristo no Calvário (Jo 19:38-42). Entendeu que o Salvador levantado na cruz era, de fato, o Filho de Deus.

2. JESUS, O NOIVO (Jo 3:22-30)

Antes de João Batista ser preso por Herodes e de permanecer encarcerado, seu ministério se sobrepôs ao de Jesus. João não desejava que as pessoas o seguissem; seu ministério era apontar para o Cordeiro de Deus e instar o povo a crer nele. Porém, quando dois pregadores conhecidos trabalham numa obra parecida, é fácil amigos e inimigos se envolverem em competições e em comparações.

Ao que parece, alguns discípulos de João Batista começaram a discussão, a princípio em nível doutrinário – a questão da purificação –, mas logo passando para o nível pessoal. Alguns manuscritos de João 3:25 e algumas versões da Bíblia indicam que a contenda envolveu “um judeu”. Será que esse judeu era Nicodemos? Não há como dizer ao certo, mas é uma hipótese.

A questão da purificação era importante para os judeus (Mc 7:1-23). De acordo com a Lei do Antigo Testamento, era necessário que se mantivessem cerimonialmente puros a fim de servir e de agradar a Deus. Infelizmente, os fariseus acrescentaram tantas tradições à Lei que sua observância tornou-se um fardo.

Sem perceber, os discípulos de João colocaram seu mestre em uma situação de competição com Jesus! “E todos lhe saem ao encontro” (Jo 3:26) parece um lamento desesperado. É interessante observar que quatro dos maiores homens da Bíblia enfrentaram esse problema de comparação e de competição: Moisés (Nm 11:26-30), João Batista (Jo 3:26-30), Jesus (Lc 9:46-50) e Paulo (Fp 1:15-18). Muitas vezes, um líder sofre mais com seus discípulos zelosos do que com seus inimigos!

Como João Batista lidou com essa controvérsia? Em primeiro lugar, declarou sua convicção: todo ministério e toda bênção vêm de Deus, de modo que é impossível haver competição (Jo 3:27). Paulo teria concordado com ele (1 Co 3:1-9; 4:1-7). Os dons e as oportunidades vêm de Deus, e só ele deve receber toda glória.

Em seguida, João usou uma bela ilustração. Comparou Jesus a um Noivo e afirmou que ele próprio era apenas o padrinho do casamento (Jo 3:29). Uma vez que o Noivo e a noiva tivessem se unido, o trabalho do padrinho estaria completo. Seria tolice o padrinho querer “roubar a cena” do noivo e tomar seu lugar. A alegria de João era ouvir a voz do Noivo e saber que havia tomado a noiva para si.

Mesmo antes de seu nascimento, João Batista regozijou-se no Senhor (Lc 1:44). Ele estava contente de ser a voz anunciando que Jesus era o Verbo (Jo 1:23). Jesus era a Luz,

e João Batista era a testemunha apontando para a Luz (Jo 1:6-8).

Várias notas de imprensa e comentários sobre livros e também folhetos sobre congressos passam por minha mesa e, por vezes, o que leio me causa certa perturbação. Poucos palestrantes e escritores são pessoas comuns. Quase todos são “conferencistas mundiais” ou “palestrantes de renome” que já se dirigiram a “enormes platéias”. São sempre “altamente requisitados”, e a descrição de seus ministérios bem-sucedidos humilha até o apóstolo Paulo.

Um pastor presbiteriano de Melbourne, na Austrália, apresentou J. Hudson Taylor usando uma porção de superlativos e, especialmente, a palavra “grande”. Taylor foi até o púlpito e disse calmamente: “Queridos amigos, sou um pequeno servo de um Mestre ilustre”. Se João Batista estivesse na platéia, provavelmente teria gritado; “Aleluia!”

A imagem do Noivo era significativa para o povo judeu, pois Jeová havia feito uma “aliança de casamento” com a nação (Is 54:5; 62:4ss; Jr 2:2; 3:20; Ez 16:8; Os 2:19ss). Infelizmente, porém, Israel havia sido infiel a seus votos, e Deus o colocara temporariamente de lado. Hoje, Deus está chamando um povo para lhe dar seu nome, a Igreja, a noiva de Cristo (2 Co 11:1-3; Ef 5:22-33). Um dia, o Noivo virá buscar sua noiva a fim de levá-la para seu lar no céu (Ap 16:6-9; 21:9ss).

A idéia de *necessidade* é apresentada de três maneiras fundamentais neste capítulo: “importa” que o pecador nasça de novo (Jo 3:7), “importa” que o Salvador seja levantado (Jo 3:14) e “convém” que o servo diminua (Jo 3:30).

3. JESUS, A TESTEMUNHA (Jo 3:31-36)

Os estudiosos da Bíblia não apresentam um consenso quanto à identidade do interlocutor em João 3:31-36, se é João, o apóstolo, ou João Batista. De fato, alguns estudiosos acreditam que João 3:16-21 é uma fala do apóstolo João, não de Jesus Cristo. Os primeiros manuscritos não apresentam aspas, mas tendo em vista que todas as Escrituras

são inspiradas, na verdade não faz muita diferença saber quem disse tais palavras.

A ênfase desse parágrafo é sobre o “testemunho”, um dos temas-chave do Evangelho de João. O termo grego traduzido por “testemunho” é usado 47 vezes neste livro. João deu testemunho de Jesus (Jo 1:7; 5:33), mas Jesus também deu testemunho da verdade. Por que devemos dar ouvidos a seu testemunho? Por vários motivos.

Ele veio do céu (v. 31). Não apenas foi chamado do céu ou recebeu poder do céu, mas veio do céu. Era essa declaração que os judeus não aceitavam, pois sabiam que equivalia a dizer que Jesus era Deus (Jo 6:38-42). João Batista certamente não era “das alturas” nem dizia ser. Nenhum mensageiro de Deus veio “das alturas”. Somente Jesus Cristo pode fazer tal asserção e provar sua veracidade.

Uma vez que Jesus veio do céu, representa o Pai, e rejeitar seu testemunho é o mesmo que rejeitar o Pai (Jo 5:23). Sabemos que seu testemunho é verdadeiro, pois ele é o Deus verdadeiro. Podemos crer e confiar nisso.

É um testemunho de primeira mão (vv. 32, 33). Jesus fala do que viu e ouviu do Pai (Jo 8:38). Os que recebem esse testemunho e *tomam uma atitude* sabem por experiência pessoal que ele é verdadeiro (Jo 7:17). Os ensinamentos de Jesus não devem ser estudados de modo intelectual, separadamente da vida diária. É quando obedecemos à sua Palavra e a colocamos em prática que comprovamos sua veracidade e experimentamos seu poder.

O Pai autorizou seu Filho (vv. 34, 35). Jesus foi enviado por Deus (outro tema importante do Evangelho de João). Deus lhe deu a Palavra; Deus lhe deu o Espírito e Deus lhe deu todas as coisas (Jo 13:3). Que grande comissão! Rejeitar o testemunho do Filho é o mesmo que rebelar-se contra a autoridade suprema do universo.

Costumamos pensar no amor de Deus por um mundo perdido (Jo 3:16), mas João lembra do amor do Pai por seu Filho. Jesus é o “Filho amado” do Pai (Mt 3:17; Mc 1:11; Lc 3:22). O Pai ama o Filho e, por isso, deu-lhe

todas as coisas (Jo 5:20). É um amor que não retém coisa alguma.

Logo, quando recebemos seu testemunho, participamos de seu amor e de sua riqueza. Rejeitar o testemunho de Cristo é pecar contra o amor e a luz. Não é de se admirar que Jesus chorasse pela cidade de Jerusalém (Mt 23:37-39). Os judeus haviam rejeitado seu testemunho – tanto sua mensagem quanto seus milagres –, e sua rejeição trouxe julgamento.

Podemos escapar da ira de Deus (v. 36).

Essa é a única passagem do Evangelho e das epístolas de João em que encontramos a palavra “ira” (João a emprega seis vezes no Livro de Apocalipse). Esse versículo é paralelo a João 3:18 e deixa claro que, em se tratando do testemunho de Jesus Cristo, não é possível manter-se neutro: ou cremos nele ou o rejeitamos.

“Vida eterna” não significa apenas a eternidade no céu. O cristão pode desfrutar essa vida hoje! É a vida de Deus dentro do que crê. O oposto de vida eterna é morte eterna, ira de Deus. Uma pessoa não precisa morrer e ir para o inferno para estar debaixo da ira de Deus. “O que não crê já está julgado” (Jo 3:18). O veredicto já foi dado, mas a sentença ainda não foi executada, pois Deus é paciente e longânimo e continua a chamar os pecadores ao arrependimento (2 Pe 3:9).

Ao recapitular João 3, vemos que o apóstolo João enfatiza o relacionamento pessoal com Jesus Cristo.

Trata-se de um *relacionamento vivo*, que começa com o novo nascimento, o nascimento do alto. Ao receber Jesus Cristo em nossa vida, tornamo-nos participantes da vida dele e filhos da família de Deus.

Também é um *relacionamento de amor*, pois ele é o Noivo, e nós somos parte da noiva. Como João Batista, desejamos que Jesus Cristo cresça e que nós diminuamos. Ele deve receber toda a honra e a glória.

É um *relacionamento de aprendizado*, pois ele é uma Testemunha fiel que nos fala da verdade de Deus. Como é maravilhoso receber sua Palavra, meditar nela e torná-la parte de nossa vida!

Todavia, não devemos jamais esquecer o preço dessas bênçãos. Para que nascêssemos na família de Deus, Jesus Cristo teve de morrer. A fim de que pudéssemos entrar nesse relacionamento amoroso de salvação, Jesus teve de sofrer o ódio e a condenação dos homens. Teve de ser levantado na cruz para que pudéssemos experimentar o perdão e receber a vida eterna.

Jamais deixemos de apreciar essa dádiva preciosa!

“Convém que ele cresça e que eu diminua” (Jo 3:30).

A PECADORA DE SAMARIA

JOÃO 4

Em João 4, Jesus ministra a várias pessoas: a uma mulher samaritana pecadora, aos próprios discípulos, a muitos samaritanos que creram nele e a um aristocrata e sua família. O que essas pessoas tinham em comum? Sua fé em Jesus Cristo. João cumpre o propósito de seu Evangelho mostrando a seus leitores como gente de vários tipos e classes creu que Jesus é o Filho de Deus.

Vamos conhecer essas pessoas e descobrir como sua fé começou, cresceu e o que fez por eles e por outros.

1. A MULHER SAMARITANA (Jo 4:1-30)

Uma vez que os fariseus tentavam provocar uma competição entre Jesus e João Batista (Jo 3:25-30), Jesus saiu da Judéia e se dirigiu para o norte da Galiléia. Poderia escolher entre três caminhos para chegar a seu destino: (1) seguindo pela costa; (2) atravessando o Jordão e subindo pela Peréia; ou (3) indo por Samaria. Os judeus ortodoxos evitavam passar por Samaria por causa do ódio antigo e profundo existente entre eles e os samaritanos.

Os samaritanos eram uma raça mestiça, parte judia e parte gentia, que havia se formado durante o cativeiro assírio das dez tribos do norte a partir de 727 a.C. Rejeitados pelos judeus por não poderem provar sua genealogia, os samaritanos estabeleceram seu próprio templo e cultos religiosos no monte Gerizim, o que só serviu para aumentar o preconceito. A aversão dos fariseus pelos samaritanos era tal que oravam para que nenhum samaritano fosse revivido no dia da ressurreição! Numa tentativa de insultar

Jesus, seus inimigos o chamaram de samaritano (Jo 8:48).

Uma vez que operava dentro do plano de Deus, era necessário que Jesus passasse por Samaria. Lá, encontraria uma mulher e a conduziria à fé salvadora, o tipo de fé que teria impacto sobre uma vila inteira. Jesus não fazia acepção de pessoas. Em uma ocasião anterior, havia aconselhado um judeu moralista (Jo 3) e, agora, estava prestes a testemunhar a uma mulher samaritana imoral!

Chegou ao poço de Jacó por volta das 6 horas da tarde, horário em que as mulheres iam buscar água. Os discípulos foram à cidade mais próxima para buscar comida, enquanto Jesus esperou, de propósito, ao lado do poço. Estava cansado, faminto e sedento. João não mostra Jesus apenas como o Filho de Deus, mas também como um homem. Cristo passou pelas experiências normais da vida humana e é capaz de identificar-se conosco em cada uma delas.

Ao ler o diálogo entre Jesus e essa mulher, é interessante observar como o conhecimento da samaritana a respeito de Jesus vai crescendo até o ponto de reconhecer que ele é o Cristo. Sua experiência pode ser dividida em quatro estágios.

Ele é "um judeu" (vv. 7-10). Naquele tempo, não era considerado apropriado qualquer homem, especialmente um rabino, dirigir-se a uma mulher desconhecida em público (Jo 4:27). Mas Jesus colocou os costumes sociais de lado, pois o que estava em jogo era a salvação de uma alma. Sem dúvida, a mulher ficou surpresa quando ele lhe pediu um pouco de água. Supôs que fosse um rabino judeu; quem sabe, tentou "ler nas entrelinhas" e descobrir se havia uma segunda intenção em seu pedido. O que ele *realmente* desejava?

Em João 4:9, o apóstolo acrescenta uma informação entre parênteses para seus leitores gentios. Uma vez que os discípulos haviam ido até a cidade comprar comida, é evidente que, de uma forma ou de outra, os judeus tratavam com os samaritanos, mas essa relação não era amigável. A explicação parentética pode ser traduzida por "não pedem favores aos samaritanos" ou "não usam

os mesmos jarros que os samaritanos". Então, por que Jesus, um judeu, pediria para usar o jarro "contaminado" da mulher para beber água?

É evidente que o pedido de Jesus foi apenas uma forma de começar a conversa e de lhe falar sobre a "água viva". Quando testemunhava às pessoas, Jesus não usava uma "conversa de vendedor" padronizada. Com Nicodemos, falou de um novo nascimento; com essa mulher, falou da água viva.

Jesus mostrou-lhe que ela não tinha conhecimento de três fatos importantes: quem ele era, o que ele tinha para lhe oferecer e como ela receberia essa oferta. Ele era o Deus eterno dirigindo-se a ela e lhe oferecendo vida eterna! Os samaritanos eram tão cegos quanto os judeus (Jo 1:26), mas as palavras de Jesus despertaram o interesse da mulher, de modo que ela continuou a conversa.

"Maior do que Jacó" (vv. 11-15). Jesus falava da água espiritual, mas ela entendeu as palavras em sentido literal. Vemos, mais uma vez, como as pessoas confundem com facilidade as coisas materiais e as espirituais. Além disso, a mulher estava preocupada em saber como obter essa água, em vez de simplesmente pedir que Jesus lhe desse de beber.

Por certo, Jesus é maior do que Jacó – e maior do que o próprio poço! Podemos parafrasear sua resposta como: "quem *continuar a beber* dessa água material (ou de qualquer coisa que o mundo tenha para oferecer) voltará a ter sede. Mas quem *beber um gole* da água que eu ofereço jamais terá sede outra vez!" (ver Jo 4:13, 14). Trata-se de uma grande verdade, pois as coisas deste mundo nunca satisfazem completamente. Hoje, as pessoas no inferno clamam: "tenho sede!"

Observamos anteriormente que a *vida* é um dos conceitos centrais de João. Ele usa esse termo pelo menos 38 vezes. Como Campbell Morgan disse, a humanidade precisa de ar, água e alimento para viver (podemos acrescentar, ainda, que precisamos de luz), e Jesus Cristo provê todas essas coisas. Ele provê o "ar" (Espírito) de Deus (Jo 3:8; 20:22). Ele é o Pão da Vida (Jo 6:48) e a Luz da

Vida (Jo 1:4, 5), e também nos dá a água da vida.

A reação imediata da mulher foi pedir essa dádiva, mas ainda não sabia o que dizia. A semente da Palavra caiu em solo raso, e os brotos nasceram sem raízes (Mt 13:20, 21). Havia feito algum progresso, mas precisava percorrer um longo caminho, de modo que Jesus tratou-a com paciência.

"Um profeta" (vv. 16-24). A única maneira de preparar o solo do coração para a semente é ará-lo com a convicção do pecado. Por isso, Jesus mandou que fosse chamar o marido. Ele a forçou a admitir seu pecado. Não é possível haver conversão enquanto a pessoa não estiver convencida de seu pecado. Só depois dessa convicção e do arrependimento é que a fé salvadora poderá agir. Jesus havia despertado sua mente e suas emoções, mas também era preciso tocar em sua consciência e, para isso, deveria tratar de seu pecado.

A declaração: "Não tenho marido" é sua fala mais curta nesse diálogo todo. Isso porque o convencimento do pecado se dá "para que se cale toda boca" (Rm 3:19). Mas foi a melhor coisa que poderia ter acontecido!

Mas, em lugar de dar ouvido a Jesus, ela tentou levá-lo por um "desvio", discutindo as diferenças entre a religião judaica e a religião samaritana. É muito mais confortável discutir religião do que encarar os próprios pecados! Mas Jesus confrontou-a, mais uma vez, com sua ignorância espiritual: ela não sabia a quem adorar, onde adorar nem como adorar! Deixou claro que nem todas as religiões são iguais e aceitáveis aos olhos de Deus e que a adoração de alguns é fruto de ignorância e de incredulidade.

A única fé que Deus aceita é aquela dada ao mundo por meio dos judeus. A Bíblia tem origens judaicas, e o Salvador era judeu, como também o eram os primeiros cristãos. Um obreiro religioso em um aeroporto explicou-me que o salvador do mundo viera da Coréia, mas Jesus afirmou que "a salvação vem dos judeus". Somente os que têm o Espírito Santo habitando dentro de si e que obedecem à verdade podem adorar a Deus de modo aceitável.

Dizer que a adoração não se limitava mais ao templo dos judeus era uma declaração arrasadora, a qual pode ser ligada a João 2:19-21 e também às palavras de Estêvão em Atos 7:48-50. O Evangelho de João revela claramente que existe um novo sacrifício (Jo 1:29), um novo templo (Jo 2:19-21; 4:20-24), um novo nascimento (Jo 3:1-7) e uma nova água (Jo 4:11). Os judeus que lessem este Evangelho veriam que Deus havia estabelecido em Jesus Cristo um sistema totalmente novo. A Lei da antiga aliança havia sido cumprida e colocada de lado.

“O Cristo” (vv. 25-30). Apesar de sua ignorância, a mulher sabia de uma coisa: o Messias viria e revelaria os segredos do coração. Não sabemos onde aprendera essa verdade, mas essa semente se encontrava enterrada em seu coração até aquele momento e estava prestes a dar frutos. A resposta de Jesus a sua declaração foi, literalmente: “Eu que falo contigo sou o ‘Eu Sou’!”. Ele havia ousado proferir o nome santo de Deus!

Nesse momento, a mulher creu em Jesus Cristo e se converteu. Seu primeiro desejo foi compartilhar sua fé com outros, de modo que foi até a vila e contou aos homens que havia encontrado o Cristo. Quando consideramos como essa mulher conhecia pouca coisa das verdades espirituais, sentimo-nos envergonhados diante de seu zelo e de seu testemunho. Deus usou seu testemunho simples, e muitos foram até o poço encontrar Jesus. Os rabinos costumavam dizer: “É melhor todas as palavras da Lei serem queimadas do que serem entregues a uma mulher!” Mas Jesus não concordava com esse preconceito tacanho.

Por que a mulher largara seu pote, quando saiu correndo para a cidade? Por um só motivo: possuía, agora, a água viva em seu interior e estava satisfeita. Também, pretendia voltar; talvez, nesse meio-tempo, os discípulos e Jesus usassem o recipiente para satisfazer sua sede. Foram desfeitas as barreiras raciais e as desavenças que havia entre eles! Todos eram um só na fé e no amor!

Essa mulher não veio a crer em Cristo imediatamente. Jesus foi paciente com ela,

e, com isso, deixou um bom exemplo para nosso trabalho evangelístico de hoje. Certamente, a mulher não era exatamente um protótipo de convertida, mas ainda assim Deus usou sua vida para ganhar quase toda sua vila para Cristo!

2. OS DISCÍPULOS (JO 4:31-38)

Quando os discípulos voltaram com a comida, ficaram estarecidos ao ver Jesus conversando com uma mulher e, especialmente, com uma samaritana; ainda assim, não o interromperam. Aprenderam que seu Mestre sabia o que fazia e não precisava de seu conselho. Mas, depois que a mulher partiu, insistiram para que Jesus comesse com eles, pois sabiam que estava faminto.

Mas sua resposta foi: “Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis”, e, como de costume, os discípulos não entenderam. Pensaram que Jesus estava falando literalmente e imaginaram onde havia conseguido esse alimento. Então, Jesus explicou que fazer a vontade do Pai – nesse caso, conduzir a mulher à salvação – era o que verdadeiramente nutria sua alma. Os discípulos saciavam-se com pão, mas ele se saciava com a realização da obra do Pai.

“Procure o sustento de sua vida no trabalho de sua vida”, disse Phillips Brooks. A vontade de Deus deve ser a fonte de força e de satisfação do filho de Deus, como se estivesse participando de um banquete suntuoso. Se o que fazemos nos destrói em vez de nos edificar, devemos questionar se é, de fato, a vontade de Deus para nós.

Jesus não considerava a vontade de Deus um fardo pesado nem uma tarefa desagradável. Para ele, seu trabalho nutria sua alma. Fazer a vontade do Pai o alimentava e satisfazia interiormente. “Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei” (Sl 40:8). Agora a samaritana fazia a vontade do Pai, descobrindo nela empolgação e enriquecimento.

Em seguida, Jesus passou da imagem do alimento para a imagem da colheita, que é a fonte do alimento. Citou um provérbio judaico sobre esperar pela colheita e, em seguida, apontou para as pessoas da vila a

caminho do poço para se encontrar com ele graças ao testemunho da mulher. Os discípulos foram até a vila buscar alimento para si, mas não evangelizaram ninguém; no final, foi a mulher quem fez o trabalho deles!

A imagem da colheita é usada com frequência na Bíblia e se aplica ao ministério de ganhar almas. Tanto a Parábola do Semeador quanto a Parábola do Joio (Mt 13:1-30) são relacionadas a esse tema, do qual Paulo também trata em suas epístolas (Rm 1:13; 1 Co 3:6-9; Gl 6:9). Plantamos a semente da Palavra de Deus no coração dos que ouvem e procuramos cultivar essa semente com amor e oração. No devido tempo, a semente pode dar frutos para a glória de Deus.

Imagino que, ao chegarem perto de Sicar, os discípulos disseram: "Não pode haver colheita aqui! Essa gente despreza os judeus e não aceitaria nossa mensagem". Mas era justamente o contrário: aqueles campos estavam prontos para a ceifa e só precisavam de trabalhadores dedicados. Por algum motivo, quando se trata de testemunhar de Cristo, parece sempre ser o lugar errado e a hora errada! É preciso fé para lançar a semente, e devemos fazê-lo mesmo quando as circunstâncias parecem desanimadoras. Devemos atentar para o que diz Eclesiastes 11:4.

Na ceifa do Senhor, não há competição. Cada um recebe uma tarefa, e todos fazem parte do trabalho uns dos outros (1 Co 3:6-9). Um semeia, o outro colhe, mas todos os trabalhadores recebem a recompensa justa por seu trabalho.

João 4:38 dá a entender que outros haviam trabalhado em Samaria e feito preparativos para essa colheita. Não sabemos quem foram esses obreiros fiéis, nem precisamos saber, pois Deus os recompensará. Talvez algumas dessas pessoas tivessem ouvido as pregações de João Batista ou talvez alguns dos discípulos de João tivessem alcançado esse campo tão difícil. Alguns arqueólogos situam "Enom, perto de Salim" (Jo 3:23), próximo à cidade bíblica de Siquém, não muito distante de Sicar. Se esse é o caso, João Batista preparou o solo e plantou a semente, e

Jesus e seus discípulos fizeram a colheita. Por certo, a própria mulher plantou algumas sementes por meio de seu testemunho àque-la gente.

Os discípulos estavam aprendendo uma lição importante que lhes serviria de estímulo nos anos por vir. Não se encontravam sozinhos na obra do Senhor e não deveriam jamais considerar uma oportunidade de testemunhar como desperdício de tempo e de energia. É preciso fé para arar o solo e plantar a semente, mas Deus prometeu a colheita (Sl 126:5, 6; Gl 6:9). Poucos anos depois, Pedro e João participariam de outra colheita entre os samaritanos (At 8:5-25). Os que semeiam talvez não vejam o resultado de seu trabalho, mas os que colhem vêem e dão graças pelo esforço dos semeadores.

A palavra grega traduzida por "trabalho", em João 4:38, é o mesmo termo traduzido por "cansado", em João 4:6. Semear, cultivar e colher são tarefas difíceis não apenas no plano físico, mas também no plano espiritual. A seara não tem lugar para preguiçosos. O trabalho é difícil demais, e os trabalhadores são muito escassos.

3. OS SAMARITANOS (JO 4:39-42)

Vários samaritanos creram por causa do testemunho da mulher, e outros tantos creram quando ouviram Jesus pessoalmente. Tão grande era sua empolgação com Jesus que lhe pediram que ficasse algum tempo com eles. Jesus concordou e passou dois dias com os samaritanos. Durante essa estadia curta, a palavra do Mestre produziu frutos na vida dessas pessoas.

É importante que os recém-convertidos edifiquem sua fé sobre os alicerces da Palavra - a Bíblia. Esses samaritanos começaram sua jornada espiritual crendo nas palavras da mulher, mas logo aprenderam a crer na Palavra ensinada pelo Salvador. Sua salvação não foi "por tabela". Sabiam que haviam sido salvos, pois haviam crido na mensagem de Jesus. "Agora sabemos!", testemunharam com alegria.

Poderia se esperar desses samaritanos uma fé restritiva, tendo Jesus como Salvador somente de judeus e de samaritanos. Mas

declaram que ele era “o Salvador do mundo” (Jo 4:42). Converteram-se havia poucos dias, mas já possuíam visão missionária! Na verdade, sua visão mostrou-se mais ampla do que a dos apóstolos!

É interessante acompanhar o roteiro que levou Jesus a Samaria. Estava em Jerusalém (Jo 2:23) e foi para a Judéia (Jo 3:22). Da Judéia dirigiu-se à Samaria (Jo 4:4), onde os samaritanos o declararam “o Salvador do mundo”. Trata-se de um paralelo perfeito com Atos 1:8 – “e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra”. Jesus deu o exemplo. Se o seguirmos, ele também dará a colheita.

Essa mulher samaritana anônima foi uma cristã prolífica: deu frutos (“muitos samaritanos daquela cidade creram”), deu mais frutos (“muitos outros creram”) e continua a dar “muitos frutos” para a glória de Deus (ver Jo 15:1-5). Ninguém sabe quantos pecadores tiveram um encontro com o Salvador por causa do testemunho dessa mulher registrado em João 4.

4. O ARISTOCRATA (JO 4:43-54)

Jesus continuou sua viagem para a Galiléia (Jo 4:3) e chegou novamente a Caná. A Galiléia era conhecida como “*Galil ha goyim* – Galiléia dos gentios”. Ao que parece, Jesus sentira na Judéia (sua terra) a hostilidade crescente dos líderes religiosos, apesar de a verdadeira oposição só se manifestar meses depois. Mesmo tendo nascido em Belém, Jesus nunca se identificou totalmente com a Judéia. Era conhecido como um profeta da Galiléia (Mt 21:11; Jo 7:52). Jesus sabia que a resposta do povo a seu ministério em Jerusalém havia sido hipócrita e superficial (Jo 2:23-25), que não lhe dava honra alguma.

Por que Jesus voltou a Caná? Talvez desejasse cultivar a semente que havia plantado ali, quando compareceu à festa de casamento. Natanael era de Caná, de modo que talvez houvesse algum motivo pessoal para essa visita. Em Caná, Jesus foi recebido por um aristocrata de Cafarnaum, uma cidade a cerca de 30 quilômetros de lá. O homem ouvira

falar de seus milagres e percorrera essa distância toda para interceder pelo filho, que estava morrendo. O primeiro milagre de Caná foi realizado a pedido da mãe de Jesus (Jo 2:1-5), e nesse segundo milagre, Jesus atendeu ao pedido de um pai (Jo 4:47).

Não sabemos ao certo se esse homem era judeu ou gentio, e o texto também não diz exatamente qual era seu cargo no governo (era um “oficial do rei”). É possível que fosse membro da corte de Herodes, mas qualquer que fosse sua situação nacional ou social, fica claro que havia chegado ao fim da linha e precisava desesperadamente da ajuda do Salvador. O homem “rogou” que Jesus o acompanhasse até Cafarnaum para curar seu filho.

João 4:48 não é uma repreensão desse aristocrata. Antes, é o lamento de Jesus pela situação espiritual do povo em geral, tanto na Judéia quanto na Galiléia. “Ver para crer” sempre foi a filosofia “pragmática” do mundo perdido e, até mesmo, do mundo religioso. O aristocrata acreditava que Jesus era capaz de curar seu filho, mas havia duas falhas em seu raciocínio: achou que Jesus precisaria ir a Cafarnaum para salvar o menino e que, se a criança morresse enquanto estivessem a caminho, seria tarde demais.

A fé desse homem é admirável. Jesus simplesmente disse: “Vai [...] teu filho vive” (Jo 4:50). E o homem creu e se pôs a caminho de casa! Tanto a mulher samaritana quanto o aristocrata devem ter alegrado o coração de Jesus quando creram em sua palavra e agiram pela fé.

O menino foi curado no mesmo instante em que Jesus fez essa declaração, de modo que os servos do homem foram procurá-lo para lhe dar as boas notícias (mais um exemplo no qual os servos são os que sabem o que está acontecendo; ver Jo 2:9; 15:15). O menino havia sido curado na sétima hora, que, pelo sistema romano, correspondia às 7 horas da noite. Por certo, nem o pai nem os servos viajaram durante a noite, uma vez que era arriscado demais. A fé do pai era tão forte que adiou sua volta, mesmo ansiando ardentemente ver seu filho amado.

Quando o pai e os servos se encontraram no dia seguinte, o relato dos servos confirmou a fé do pai. É interessante observar que o pai pensou que a cura havia sido gradual ("se sentira melhor"), mas os servos relataram um restabelecimento completo e instantâneo.

Esse homem começou a ter fé em tempo de crise. Estava prestes a perder seu filho e não lhe restava outro recurso senão procurar o Senhor Jesus Cristo. Muita gente procurou Jesus em momentos de crise, e ele nunca as mandou embora. A fé que se manifestou em um momento crítico transformou-se em fé confiante: ele creu na Palavra e teve paz no coração. Foi capaz até de adiar sua viagem para casa, sabendo que o menino não corria mais perigo.

Sua fé confiante tornou-se uma fé confirmada. De fato, o menino havia sido completamente restabelecido! A cura ocorrera no instante exato em que Jesus ordenou. Foi esse fato que transformou a vida do aristocrata e de sua família. Ele creu que Jesus era o Cristo, o Filho de Deus, e compartilhou essa fé com seus familiares. Demonstrou, assim, uma fé contagiante e contou a outros sua experiência.

Esse é um dos vários milagres realizados por Jesus "à distância". Foi desse modo que ele curou o servo do centurião (Mt 8:5-13; é interessante observar que ele também vivia em Cafarnaum) e a filha de uma mulher cananéia (Mt 15:21-28). Essas duas pessoas eram gentias e, em termos espirituais, também estavam "separadas" e "longe" (Ef 2:12, 13). Não sabemos ao certo, mas talvez esse aristocrata também fosse um gentio.

João 4:54 não diz se essa cura foi o segundo milagre de Jesus, pois cairia em contradição com João 2:23 e 3:2. Esse foi o segundo milagre realizado por ele em Caná da Galiléia (ver Jo 2:1, 11). Sem dúvida, o povo daquela região foi privilegiado.

Mas devemos observar que esses dois milagres foram "particulares", não públicos. Maria, os discípulos e os servos sabiam da proveniência do vinho excelente na festa de casamento, mas os convidados não faziam idéia (é claro que os servos podem ter passado a história adiante). O filho do aristocrata foi curado em Cafarnaum, não em Caná, mas as notícias espalhavam-se rapidamente e, por certo, muitas pessoas ficaram sabendo.

O primeiro milagre de Jesus, realizado no casamento, revelou seu poder sobre o tempo. O Pai está sempre transformando água em vinho, mas esse processo leva uma ou duas estações para ser concluído. Jesus produziu o vinho de modo instantâneo. Nesse sentido, os milagres de Jesus foram réplicas instantâneas do trabalho que o Pai está sempre realizando. "Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também" (Jo 5:17). Estação após estação, o Pai sempre multiplica o pão, mas Jesus fez a mesma coisa num instante.

No segundo milagre relatado, Jesus demonstrou seu poder sobre o espaço. Jesus estava em Caná, e o menino enfermo, em Cafarnaum, mas isso não foi empecilho para que a cura se realizasse. O fato de o pai crer na Palavra e de só ficar sabendo do resultado no dia seguinte mostra sua fé confiante. Ele creu na palavra de Jesus, e devemos fazer o mesmo.

O HOMEM IGUAL A DEUS

JOÃO 5

Os dois primeiros milagres de Jesus registrados por João foram de natureza um tanto particular. Os servos e os discípulos no casamento sabiam que Jesus havia transformado a água em vinho, e os servos do aristocrata sabiam que ele havia curado o menino enfermo. O milagre registrado em João 5 não apenas foi público, mas também realizado num sábado, despertando a oposição dos líderes religiosos. Vemos aqui o início da “perseguição oficial” contra o Salvador.

O episódio a seguir pode ser dividido em três “atos”.

1. A CURA (JO 5:1-15)

Na igreja de Santa Ana em Jerusalém, os guias mostram aos visitantes a escavação profunda que revelou o Tanque de Betesda. O termo hebraico *Betesda* pode ser escrito de várias maneiras e tem várias interpretações. Alguns dizem que significa “casa de misericórdia” ou “casa de graça”, enquanto outros acreditam que quer dizer “lugar de dois escoamentos”. Há evidências históricas e arqueológicas de que, na Antiguidade, essa região era abastecida por dois reservatórios adjacentes.

O tanque fica perto da extremidade nordeste da Cidade Antiga, próximo à Porta das Ovelhas (Ne 3:1; 12:39). Talvez João visse algum tipo de significado espiritual nesse lugar, pois, no início de seu Evangelho, informou a seus leitores que Jesus Cristo é “o Cordeiro de Deus” (Jo 1:29).

Não sabemos que festa Jesus observava quando foi a Jerusalém, e não se trata de um fato vital. Seu grande propósito ao com-

parecer a essa comemoração não era guardar a tradição religiosa, mas curar um homem e usar o milagre como ponto de partida para uma mensagem dirigida ao povo. Esse milagre ilustrou o que ele havia dito em João 5:24 sobre o poder de sua Palavra e a dádiva da vida.

Apesar de ser verdade que alguns manuscritos omitem o final de João 5:3 e todo o versículo 4, também é fato que o acontecimento em questão (e as palavras do homem em Jo 5:7) não faria sentido se essa parte do texto fosse eliminada. Por que alguém, especialmente um homem enfermo havia tantos anos, ficaria em um mesmo lugar se não acontecesse nada de especial ali? Seria de se esperar que, depois de 38 anos em que *nada* acontecera a *ninguém*, o homem perdesse as esperanças fosse para outro lugar! No entanto, parece mais sábio aceitar o fato de que algo extraordinário mantinha todas essas pessoas deficientes junto ao tanque à espera da cura.

João descreve essas pessoas como “uma multidão de enfermos, cegos, coxos e paralíticos”. Quanto estrago o pecado fizera no mundo! Mas, segundo as profecias, a cura dessas enfermidades seria um dos ministérios do Messias (Is 35:3-6). Se os líderes religiosos não estivessem espiritualmente cegos para as Escrituras, teriam reconhecido seu Redentor.

Sob qualquer ponto de vista, esse milagre é uma ilustração da graça de Deus. Foi a graça que levou Jesus ao Tanque de Betesda, pois quem gostaria de misturar-se a uma multidão de desesperados? Jesus não curou todos eles; escolheu um homem e o restaurou. O fato de Jesus ter procurado esse homem, de ter falado com ele e de o ter curado e de, mais tarde, tê-lo encontrado no templo mostra como sua graça e misericórdia são maravilhosas.

João observou que o homem sofria daquela enfermidade havia 38 anos. Talvez o apóstolo visse nesse fato um retrato da própria nação, que vagara pelo deserto durante 38 anos (Dt 2:14). Em termos espirituais, Israel era uma nação de pessoas impotentes, esperando que algo acontecesse.

Jesus conhecia a vida desse homem (ver Jo 2:23, 24) e lhe perguntou se ele desejava ser curado. A resposta mais óbvia seria: "Sim, quero ser curado!" Mas, em vez disso, ele começou a apresentar desculpas! Havia passado tanto tempo nessa situação triste que sua vontade se encontrava tão paralisada quanto seu corpo. Mas, se compararmos João 5:6 com o versículo 40, veremos que Jesus também tinha em mente uma lição espiritual. Na verdade, esse homem ilustra o estado espiritual deplorável em que Israel se encontrava.

O Senhor curou-o pelo poder de sua palavra, ordenando que o homem fizesse justamente aquilo que não podia e lhe dando, ao mesmo tempo, a capacidade de cumprir a ordem (ver Mc 3:5; Hb 4:12). A cura foi imediata e, por certo, alguns da multidão ao redor do Tanque testemunharam o ocorrido. Jesus não curou mais ninguém, pois logo em seguida "se havia retirado" (Jo 5:13), de modo a não criar tumulto (o termo grego significa "se esquivar").

O milagre não teria causado maiores complicações se não tivesse ocorrido num sábado. Sem dúvida, Jesus poderia ter se dirigido ao Tanque um dia antes ou, até, esperado mais um dia. No entanto, desejava chamar a atenção dos líderes religiosos. Posteriormente, também curou um homem cego no sábado (Jo 9:1-14). Os escribas haviam feito uma lista de 39 trabalhos que não poderiam ser realizados no *shabbath*, e levar uma carga era um deles. Em vez de se alegrarem com o livramento maravilhoso daquele homem, os líderes religiosos o condenaram por carregar seu leito e, desse modo, transgredir a lei.

Não é fácil entender a relação entre esse homem e Jesus. Não há evidência alguma de que tenha crido em Cristo e se convertido, no entanto não se pode dizer que se opôs ao Salvador. Na verdade, não parecia saber quem o havia curado até se encontrar novamente com Jesus no templo. Sem dúvida, o homem estava no templo para agradecer a Deus e oferecer os devidos sacrifícios. É estranho não ter procurado desenvolver um relacionamento mais profundo com Aquele

que o havia curado, mas não são poucas as pessoas que aceitam de bom grado as dádivas ignorando o Doador.

Não sabemos se o homem "denunciou" Jesus por medo. Pelo menos, os líderes judeus o deixaram em paz, voltando suas acusações contra Jesus Cristo, e, ao contrário do homem curado em João 9, esse homem não foi expulso. As palavras de Jesus (Jo 5:14) dão a entender que o sofrimento físico do homem era resultante de pecados; mas Jesus não disse que os pecados dele estavam perdoados, como fez quando curou o homem que foi descido pelo telhado (ver Mc 2:1-12). É possível experimentar um milagre e, ainda assim, não ser salvo nem ir para o céu!

2. A CONTROVÉRSIA (JO 5:16-18)

Apesar de o homem curado ter transgredido a Lei, os líderes judeus não o perseguiram; antes, começaram a perseguir Jesus. Como guardiões da fé, os membros do Sinédrio judaico (o concílio governante religioso) tinham a responsabilidade de investigar os novos pregadores e mestres que apareciam em Israel, a fim de evitar que algum falso profeta fizesse o povo desviar-se. Havia avaliado o ministério de João Batista (Jo 1:19ss) e examinavam o ministério de Jesus.

Jesus havia curado um endemoninhado no sábado (Lc 4:31-37), levantando, desse modo, as suspeitas do Sinédrio. Alguns dias depois do milagre relatado em João 5, Jesus defendeu os discípulos, quando foram acusados de transgredir o sábado por apanhar espigas no campo (Mt 12:1-8), e, mais adiante, ainda curaria num sábado um homem com uma das mãos ressequidas (Mt 12:9-14). Jesus desafiou deliberadamente as tradições legalistas dos escribas e fariseus, pois haviam transformado o sábado – uma dádiva de Deus aos seres humanos – numa prisão de regulamentos e restrições.

Quando confrontaram Jesus com sua conduta ilegal, o Senhor simplesmente respondeu que fazia a mesma coisa que seu Pai! O descanso sabático de Deus foi rompido pelo pecado (ver Gn 3), e, desde a queda do homem, Deus continua buscando e

salvando os pecadores perdidos. Mas quando Jesus disse: "Meu Pai" em lugar da designação habitual "nosso Pai", que os judeus empregavam para Deus, afirmou ser igual a Deus.

Os líderes judeus entenderam de imediato as implicações dessa declaração e mudaram sua acusação de violação do sábado para blasfêmia, pois Jesus havia afirmado ser Deus. Os teólogos liberais que dizem que Jesus nunca afirmou ser Deus têm dificuldades com essa passagem.

É evidente que a blasfêmia era passível da pena de morte. Vemos aqui o início da "perseguição oficial" de Jesus, que culminou com sua crucificação. Em várias ocasiões nos dias seguintes, Jesus confrontou os inimigos com seu desejo perverso de dar cabo do Salvador (Jo 7:19, 25; 8:37, 59). Odiavam-no sem motivo (Jo 15:18-25). Ignoraram as suas boas obras em favor dos desamparados e desesperados e voltaram toda sua atenção para a tentativa de destruí-lo.

Jesus declarou ser igual a Deus porque ele é Deus. Esse é o tema do Evangelho de João. Os líderes judeus não tinham como refutar suas declarações, de modo que tentaram livrar-se dele. Por meio de sua crucificação e ressurreição, Jesus afirmou abertamente sua divindade e voltou as armas de seus inimigos contra eles.

O escritor inglês George MacDonald chamou a atenção para o fato de João 5:17 dar uma visão mais profunda dos milagres de Jesus. Ele fez *instantaneamente* aquilo que o Pai sempre faz progressivamente. Como mencionamos antes, na natureza, o Pai sempre transforma a água lentamente em vinho; mas Jesus o fez num instante. Pelos poderes da natureza, o Pai restaura ossos fraturados; mas Jesus os curou de imediato. Da sementeira até a colheita, a natureza sempre multiplica o pão; mas Jesus o multiplicou num piscar de olhos com as próprias mãos.

3. AS DECLARAÇÕES (JO 5:19-47)

Em resposta às acusações dos líderes religiosos, Jesus fez três declarações importantes comprovando sua filiação.

Declarou ser igual a Deus (vv. 19-23).

Em vez de negar as acusações, ele as confirmou! Se ouvíssemos alguém fazer uma declaração dessas hoje, diríamos tratar-se de uma piada ou de insanidade mental. Jesus certamente não era louco, e há evidências de sobra de que falava muito sério. Ou ele é aquilo que diz ser ou é um mentiroso. Se é um mentiroso, como explicar todo o bem que tem feito às pessoas necessitadas? Ninguém sequer confia em um mentiroso e, no entanto, os discípulos de Jesus estavam dispostos a morrer por ele.

Jesus afirmou ser um com o Pai em *suas obras*. Se a cura de um homem no sábado era pecado, então a culpa era do Pai! Jesus não fazia coisa alguma "por si mesmo", mas apenas realizando o mesmo trabalho que o Pai. O Pai e o Filho trabalhavam juntos, e faziam as mesmas coisas do mesmo modo. "Eu e o Pai somos um" (Jo 10:30).

Quando Jesus veio à Terra como homem, sujeitou-se ao Pai em todas as coisas. "Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade" (Hb 10:9). Encobriu sua glória e colocou de lado o exercício livre de seus atributos divinos. No deserto, Satanás o tentou a usar seus poderes divinos em benefício próprio, mas ele se recusou a agir de maneira independente. Dependia em tudo do Pai e do poder do Espírito Santo de Deus.

O Pai não apenas mostrou suas obras ao Filho e o capacitou a realizá-las, mas também compartilhou com ele seu amor (Jo 5:20). No início dos três primeiros Evangelhos, o pai chama Jesus de "meu Filho amado", e João repete essa declaração em João 3:35: Estamos acostumados a pensar que o Pai ama o mundo perdido, como diz João 3:16; mas também devemos nos lembrar do amor do Pai por seu Filho querido.

Uma vez que o Pai ama o Filho, ele lhe revela suas obras. Os líderes religiosos estavam cegos e não conseguiam entender o que Jesus fazia, pois não conheciam nem o Pai e nem o Filho. Na verdade, o Pai havia preparado obras ainda mais grandiosas que os deixariam maravilhados. Talvez Jesus estivesse se referindo à cura de Lázaro, pois em João 5:21 menciona a ressurreição dos mortos.

Para os líderes judeus, era blasfêmia Jesus afirmar ser capaz de ressuscitar os mortos, pois atribuíam esse poder somente a Deus. Diziam que Jeová tinha as três grandes chaves: a chave para abrir os céus e dar as chuvas (Dt 28:12); a chave para abrir o ventre e permitir a concepção (Gn 30:22); e a chave para abrir o túmulo e trazer quem desejasse de volta dos mortos (Ez 37:13). Tanto quanto se sabe pelos Evangelhos, a essa altura, Jesus ainda não havia ressuscitado ninguém, de modo que ao fazer essa declaração, atraía sobre si ainda mais oposição.

João 5:21 pode significar muito mais do que a ressurreição física de pessoas, pois certamente Jesus se referia a sua dádiva de vida espiritual aos que se encontravam espiritualmente mortos. Vemos Jesus explicando essa verdade em João 5:24-29.

Assim, Jesus afirmou ser igual ao Pai em suas obras, mas foi além e disse ser igual a ele na execução do julgamento (Jo 5:22). Para o judeu ortodoxo, Jeová era "o Juiz de toda a terra" (Gn 18:25); ninguém ousava aplicar a si mesmo esse título magnífico. Mas foi o que Jesus fez! Ao declarar ser o Juiz, também declarou ser Deus. "Porquanto [Deus] estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos" (At 17:31).

Jesus declarou sua igualdade em outra área, dizendo ter a mesma honra que o Pai (Jo 5:23). O fato de ser Juiz deveria levar os homens a honrá-lo. Uma declaração e tanto: se não honrarmos o Filho, não estaremos honrando o Pai! Os "religiosos" que dizem adorar a Deus, mas que negam a divindade de Jesus Cristo, não têm nem o Pai e nem o Filho. Sem Jesus, não é possível conhecer o Pai, nem adorá-lo, nem servi-lo.

Declarou ter autoridade para ressuscitar os mortos (vv. 24-29). Pela segunda vez, Jesus começa sua declaração com as palavras: "Em verdade, em verdade" (ver Jo 5:19, 24, 25). Vemos Jesus usando essa forma solene de discurso mais de vinte vezes ao longo do Evangelho de João. É como se estivesse dizendo: "Prestem atenção! O que vou dizer agora é importante!"

Nesse parágrafo extremamente interessante, Jesus fala de quatro ressurreições diferentes. Descreve a ressurreição dos pecadores para a vida eterna (ver Jo 5:24, 25; Ef 2:1-10). O pecador perdido é tão sem vida e tão desamparado quanto o corpo de um morto. Por mais que esse corpo seja devidamente preparado para o sepultamento, continua estando morto, e nenhum corpo é "mais morto" do que outro. Quem está morto está morto! Os pecadores não têm poder para salvar a si mesmos e certamente não podem conferir vida a si mesmos.

De que maneira podem ser ressuscitados? Ouvindo a Palavra de Deus e crendo no Filho de Deus. Jesus curou o homem paraplégico à beira do tanque de Betesda com sua palavra (Jo 5:8). Todas as vezes que ressuscitou alguém, foi por sua Palavra (Lc 7:11-17; 8:49-56; Jo 11:41-44). Sua Palavra "é viva, e eficaz" (Hb 4:12) e pode ressuscitar os pecadores da morte espiritual. Receber "vida eterna" significa que nunca mais morrerão espiritualmente nem serão julgados (Rm 8:1). Ouvir essa Palavra e crer é receber salvação; rejeitar essa Palavra é atrair sobre si a condenação (Jo 12:48).

A segunda ressurreição mencionada é a do próprio Cristo (Jo 5:26). Nossa vida é derivada, mas a vida dele é original, pois "A vida estava nele" (Jo 1:4). A morte não pode contê-lo, pois ele é o "Autor da vida" (At 2:24; 3:15). Jesus entregou sua vida e, depois, a tomou de volta (Jo 10:17, 18). Pelo fato de ter vida em si, pode compartilhá-la com todos os que crêem nele.

A terceira ressurreição citada é a futura ressurreição da vida, quando os cristãos serão ressurretos dos mortos (Jo 5:28, 29a). Essa verdade maravilhosa é explicada em 1 Tessalonicenses 4:13-18 e 1 Coríntios 15. É importante lembrar que ressurreição não é reconstrução. Não significa que Deus "junta os pedaços outra vez". O corpo ressurreto é um novo corpo, glorificado e apropriado para o novo ambiente celestial. A morte não é o fim para o cristão, e também não viveremos no céu como espíritos desencarnados. Deus salva a pessoa inteira, e isso inclui o corpo (Rm 8:23; Fp 3:20, 21).

Essa ressurreição da vida se dará quando Jesus voltar nos ares e chamar seu povo para junto de si.

A quarta ressurreição mencionada é a ressurreição do juízo (Jo 5:29b). Essa ressurreição diz respeito somente aos perdidos e se dará pouco antes de Jesus estabelecer os novos céus e a nova terra (Ap 20:11-15). Que acontecimento tremendo será, quando os mortos, "grandes e pequenos", estiverem diante de Jesus Cristo! O Pai entregou todo o julgamento ao Filho (Jo 5:22) e lhe concedeu autoridade para executar esse julgamento (Jo 5:27). Hoje, Jesus Cristo é o Salvador, mas, um dia, será o Juiz.

O título "Filho do Homem", em João 5:27, refere-se a Daniel 7:13, 14 e é, sem dúvida alguma, um título messiânico. Aparece doze vezes no Evangelho de João e oitenta vezes nos quatro Evangelhos. Os judeus conheciam esse título pela leitura do Livro de Daniel e sabiam que, ao usá-lo, Jesus afirmava ser o Messias e o Juiz.

Os cristãos receberão um corpo ressurreto para que possam reinar com Cristo em glória. Os incrédulos receberão um corpo ressurreto, porém não glorificado, para que sejam julgados e sofram nesse corpo os castigos que lhe são devidos. O corpo usado para o pecado sofrerá as conseqüências desse pecado.

O fato de Jesus ter autoridade para ressuscitar os mortos é prova de que é igual ao Pai e, portanto, é Deus.

Afirmou haver testemunhas válidas para corroborar sua declaração de divindade (vv. 30-47). O termo "testemunha" é uma palavra-chave no Evangelho de João, em que aparece mais de cinqüenta vezes. Jesus deu testemunho de si mesmo, mas sabia que este não seria aceito pelos líderes, de modo que chamou outras três testemunhas.

A primeira foi João Batista (Jo 5:30-35), o qual os líderes religiosos haviam interrogado detalhadamente (Jo 1:15ss). No final de seu ministério, Jesus voltou a apontar para os líderes o testemunho de João Batista (Mt 21:23-27). João sabia quem Jesus era e proclamou esse conhecimento fielmente ao povo de Israel. Disse ao povo que Jesus era

o Senhor (Jo 1:23), o Cordeiro de Deus (Jo 1:29, 36) e o Filho de Deus (Jo 1:34).

João Batista era "a lâmpada que ardia e alumia" (Jesus é a luz, Jo 8:12), e o povo judeu empolgou-se com seu ministério. Porém, esse entusiasmo se arrefeceu, e ninguém moveu uma palha para tentar livrar João, quando foi preso por Herodes. Os líderes consideravam João uma "celebridade local" (Mt 11:7, 8), mas se recusaram a aceitar sua mensagem de arrependimento. Os publicanos e pecadores receberam a mensagem de João e se converteram, mas os líderes religiosos não quiseram sujeitar-se à verdade (Mt 21:28-32).

Sempre que Deus levanta um líder espiritual que chama a atenção, existe o perigo de esse servo atrair gente que deseja apenas se beneficiar de sua popularidade, mas que não quer sujeitar-se a sua autoridade. Um "misto de gente" seguiu Moisés e o povo de Israel, quando saíram do Egito. Eram pessoas que se impressionaram com os milagres, mas que não se entregaram ao Senhor. Os profetas e apóstolos, bem como os grandes líderes da história da Igreja, tiveram de suportar pessoas superficiais que seguiram a multidão, mas se recusaram obedecer à verdade. Ainda há esse tipo de gente dentro das igrejas hoje.

A segunda testemunha de Jesus foram seus milagres (Jo 5:36). Como dissemos anteriormente, João escolheu sete "sinais" e os incluiu em seu Evangelho como prova de que Jesus é o Filho de Deus (Jo 20:30, 31). Jesus deixou claro que suas obras eram as obras de seu Pai (Jo 5:17-20; 14:10). Até mesmo Nicodemos teve de reconhecer que os milagres de Jesus o qualificavam como alguém "vindo da parte de Deus" (Jo 3:2).

Porém, a Bíblia também fala de milagres realizados por homens comuns, como Moisés, Elias e Paulo. Esses milagres provam que tais homens também foram enviados por Deus? Sem dúvida (ver Hb 2:3, 4), mas nenhum desses homens afirmou ser o Filho de Deus. Nenhum servo do Senhor, capaz de realizar as obras poderosas do Senhor, afirmaria ser o próprio Deus. O fato de Jesus fazer essa declaração, comprovada por

suas obras poderosas e por sua vida irrepreensível, mostra que sua declaração é verdadeira.

Jesus deu a entender que o Pai lhe entregou um ministério específico, a ser concluído enquanto ele estava aqui na Terra. “Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer” (Jo 17:4). Não apenas se encontrava dentro de um cronograma divino, como também seguiu um programa estabelecido por Deus. Devia realizar certas tarefas específicas, a fim de fazer a vontade do Pai.

Uma vez que a Lei do Antigo Testamento exigia o depoimento de duas ou três testemunhas (Nm 35:30; Dt 17:6), Jesus cumpriu essa exigência apresentando três testemunhas confiáveis.

A terceira e última testemunha convocada por Jesus foi a *Palavra do Pai* (Jo 5:37-47). O povo judeu reverenciava profundamente a Palavra escrita de Deus, especialmente a Lei que ele havia lhes dado por intermédio de Moisés. Moisés ouviu a voz de Deus e viu sua glória, mas encontramos essa mesma voz e glória na Palavra inspirada de Deus (ver 2 Pe 1:12-21). As Escrituras do Antigo Testamento dão testemunho de Jesus Cristo e, no entanto, as pessoas que receberam e que preservaram essa Palavra não foram capazes de reconhecer o próprio Messias. Por quê?

Pelo fato de não permitirem que a Palavra gerasse fé em seu coração (Jo 5:38). É provável que João 5:39 seja a declaração de um fato, não uma ordem a ser obedecida: “Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna”. Os escribas procuravam conhecer a Palavra de Deus, mas não conheciam o Deus da Palavra! Contavam todas as letras do texto, mas deixavam passar as verdades espirituais contidas nesse texto.

Por causa de meu ministério com programas de rádio, costumo receber cartas de pessoas que não concordam com minhas interpretações e aplicações das Escrituras e, por vezes, enviam comentários furiosos (não ouse transcrever aqui a linguagem que vi escrita em cartas de cristãos professos!). É

triste quando o “estudo” da Bíblia torna as pessoas arrogantes e militantes, não humildes e ansiosas para servir a outros, até mesmo aos que têm opiniões discordantes. A marca do verdadeiro estudo bíblico não é o conhecimento que ensoberbece, mas o amor que edifica (1 Co 8:1).

Portanto, havia algo de errado com esses líderes judeus em nível *intelectual*: não encontraram Cristo nas próprias Escrituras (ver 2 Co 3:14-18; 4:3-6). Porém, havia também algo de errado com respeito a sua *volição*: não creram no Salvador. Pelo fato de não terem a Palavra no coração, também não desejavam ter Cristo no coração.

Além disso, os líderes religiosos também tinham falta de amor no *coração*. “Não tendes em vós o amor de Deus” (Jo 5:42) – uma referência ao amor de Deus por eles, bem como à expressão do amor deles por Deus. Diziam amar a Deus, mas sua atitude para com Jesus Cristo mostrou que esse amor não era verdadeiro.

A atitude deles para com a Palavra de Deus era um empecilho para sua fé, mas as atitudes deles em relação a si mesmos e aos outros também eram entraves. Os fariseus gostavam de ser honrados pelos homens (ver Mt 23:1-12), mas não buscavam a honra que vem somente de Deus. Não honraram o Filho (Jo 5:23), pois ele não os honrou! Tendo rejeitado o verdadeiro Filho de Deus que veio em nome do Pai, um dia aceitarão um falso messias, o Anticristo, que virá em seu nome (Jo 5:43; e veja 2 Ts 2 e Ap 13). Quando rejeitamos o que é verdadeiro, acabamos aceitando o que é falso.

Jesus encerrou seu discurso enérgico advertindo os líderes judeus de que Moisés, ao qual tanto honravam, seria seu juiz, não seu salvador. As mesmas Escrituras que usaram para defender sua religião um dia testemunhariam contra eles. Os judeus *sabiam* o que Moisés havia escrito, mas não *criam* em suas palavras. Uma coisa é ter a Palavra nas mãos e na mente, outra bem diferente é tê-la no coração. Jesus é o Verbo que se fez carne (Jo 1:14), e a Palavra escrita dá testemunho do Verbo Encarnado. “E, começando por Moisés, discorrendo por

todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras" (Lc 24:27).

Os testemunhos de João Batista, dos milagres divinos e da Palavra de Deus unem-se para declarar que Jesus é, verdadeiramente, Um com o Pai e o Filho de Deus.

Jesus não se intimidou com as acusações dos líderes religiosos. Se compararmos os Evangelhos, veremos que, depois dos acontecimentos registrados em João 5, ele transgrediu o sábado deliberadamente outra vez! Permitiu que os discípulos apanhassem espigas no sábado e curou um homem com uma das mãos ressequidas (Mt 12:1-14). É bem provável que esses acontecimentos

tenham ocorrido na Galiléia, mas certamente as notícias chegaram aos ouvidos dos líderes em Jerusalém e na Judéia.

A cura do homem no sábado voltaria à baila (Jo 7:21-23) em ocasião posterior, e os líderes insistiriam em proteger a tradição em vez de entender a verdade (ver Mc 7:1-13). Porém, antes de julgá-los, talvez convenha examinarmos nossa vida e nossas igrejas. Estamos permitindo que tradições religiosas fechem nossos olhos para a verdade da Palavra de Deus? Ficamos tão envolvidos com o "estudo bíblico" que não vemos Jesus Cristo na Palavra? Nosso conhecimento da Bíblia nos dá apenas erudição ou nos faz arder o coração?

JESUS PERDE SUA MULTIDÃO

JOÃO 6

Por ser um livro com material seletivo (Jo 20:30, 31), o Evangelho de João não registra acontecimentos da vida de Jesus que não contribuem para o objetivo do autor. Há uma série de eventos entre a cura do paralítico (Jo 5) e a alimentação dos 5 mil, como podemos ver em Lucac 6:1 a 9:10 e em Marcos 3:1 a 6:30. Durante esse tempo, Jesus pregou o "Sermão da Montanha" (Mt 5 - 7) e apresentou as parábolas do reino (Mt 13).

A alimentação dos 5 mil foi um milagre de tal magnitude que se encontra registrado nos quatro Evangelhos. Uma grande multidão seguia Jesus havia dias, ouvindo seus ensinamentos e contemplando seus milagres. Jesus tentara afastar-se para descansar, mas o povo continuou a pressioná-lo (Mc 6:31-34). A compaixão de Jesus levou-o a ministrar a essas multidões de três maneiras diferentes.

1. JESUS ALIMENTA A MULTIDÃO (Jo 6:1-14)

O problema era, evidentemente, como alimentar uma multidão tão numerosa. Para isso, foram propostas quatro soluções.

Primeiro, os discípulos sugeriram que Jesus mandasse o povo embora (Mc 6:35, 36), ou seja, que se livrasse do problema (ver Mt 15:23). Mas Jesus sabia que as pessoas famintas desfaleceriam pelo caminho, se não fossem alimentadas. Era final do dia (Mt 14:15), tarde demais para viajar.

A segunda solução veio de Filipe, em resposta ao "teste" de Jesus (Jo 6:5): juntar dinheiro suficiente para comprar comida para o povo. Filipe "fez as contas" e chegou

à conclusão de que seria necessário o equivalente ao salário de duzentos dias de trabalho! Nem mesmo essa soma poderia prover alimento suficiente para saciar a fome de todos os homens, mulheres e crianças (Mt 14:21) ali presentes. Muitas vezes, acreditamos que o dinheiro é a resposta para todas as necessidades. No entanto, fica claro que Jesus estava apenas testando a fé de Filipe.

A terceira sugestão veio de André, mas ele não estava bem certo de como o problema seria resolvido. Encontrou um menino que havia trazido um lanche: dois peixes e cinco pães de cevada. Mais uma vez, André apresentou alguém a Jesus (ver Jo 1:40-42; 12:20-22). Não sabemos como André encontrou esse menino, mas foi a melhor coisa que poderia ter feito. Apesar de André não ocupar um lugar de destaque nos Evangelhos, tudo indica que gostava de tratar com as pessoas e de ajudar a resolver problemas.

A quarta solução foi apresentada por Jesus: a verdadeira solução. Ele pegou o lanche do menino, abençoou aquele alimento e o repartiu, entregando-o aos discípulos que, por sua vez, alimentaram a multidão! O milagre ocorreu nas mãos do Salvador, não na dos discípulos. Foi ele quem multiplicou o alimento; os discípulos tiveram o grande privilégio de distribuí-lo. Todos comeram até ficar satisfeitos, e os discípulos ainda recolheram doze cestos com sobras, o que mostra que Jesus também não desperdiçava coisa alguma.

A lição prática é clara: toda vez que surge uma necessidade, devemos entregar tudo a Jesus e deixar que ele faça o resto. Devemos começar com o que temos, colocando tudo nas mãos dele. O menino fez algo louvável ao dar sua refeição para Cristo, e a mãe do rapaz fez algo louvável ao lhe dar algo que pudesse entregar a Jesus. Aquele pequeno lanche ofertado foi tão importante para Jesus quanto o bálsamo valioso usado para ungir seus pés (Jo 12:1ss).

Mas será que Jesus fez mesmo um milagre? Talvez a generosidade do menino tenha constrangido as outras pessoas a compartilhar alimentos que haviam escondido. Essa é uma idéia absurda, pois Jesus conhecia o

coração de todos (Jo 2:24; 6:61, 64, 70) e afirmou que o povo estava faminto. Seria impossível esconder dele a existência dessa comida. Além disso, o próprio povo declarou que havia ocorrido um milagre e quis declarar Jesus seu Rei (Jo 6:14-16)! Se esse acontecimento tivesse sido resultado de uma manobra psicológica, o povo jamais reagiria dessa maneira. João não teria escolhido esse episódio como um dos "sinais", caso não tivesse sido, verdadeiramente, um milagre.

É interessante observar que, em duas ocasiões, João menciona que Jesus deu graças (Jo 6:11, 23). Mateus, Marcos e Lucas afirmam que Jesus olhou para o céu quando deu graças. Com esse ato, o Mestre lembrou o povo faminto que Deus é a fonte de todas as dádivas boas e necessárias. Trata-se de uma excelente lição para nós: em vez de nos queixarmos daquilo que não temos, devemos dar graças a Deus por aquilo que temos, e ele multiplicará esses recursos.

2. JESUS DEIXA A MULTIDÃO (JO 6:15-21)

Jesus compeliu os discípulos a entrar no barco (Mt 14:22; Mc 6:45), pois sabia que corriam perigo. A multidão estava empolgada e desejava declarar Jesus seu rei. É evidente que alguns dos discípulos teriam recebido de bom grado a oportunidade de se tornar famosos e poderosos! Judas seria o tesoureiro do reino e, quem sabe, Pedro seria nomeado primeiro-ministro! Mas esse não era o plano de Deus, e, mais que depressa, Jesus deu um basta nesse grande evento. Se o povo começasse um movimento revolucionário, a intervenção romana seria enérgica.

Jesus sabia que a tempestade se aproximava? Claro que sim. Então, por que colocou seus amigos deliberadamente em uma situação perigosa? Na verdade, foi justamente o contrário. Ele os salvou do perigo maior de serem arrebatados por uma multidão fanática. No entanto, havia outro motivo para a tempestade: Jesus precisa equilibrar nossa vida, pois, de outro modo, nos tornamos orgulhosos e caímos. Os discípulos sentiam-se extasiados depois de participar de um milagre tão emocionante. Assim, era preciso que enfrentassem uma tempestade e que

aprendessem a confiar ainda mais no Senhor. A alimentação dos 5 mil foi a lição, e a tempestade foi a prova depois da lição.

Algumas vezes nos vemos em meio a uma tempestade por *desobedecer* ao Senhor, como no caso de Jonas. Em outras ocasiões, porém, a tempestade vem justamente porque *obedecemos* ao Senhor. Quando isso acontece, podemos estar certos de que o Salvador intercederá por nós, se colocará a nosso lado e nos livrará. Anos depois, ao escrever seu relato, João viu nesse acontecimento uma imagem de Cristo e sua Igreja. Cristo está no céu intercedendo por nós, enquanto estamos no meio das tempestades da vida tentando alcançar a margem. Um dia, ele virá nos buscar, alcançaremos o porto em segurança, e todas as tempestades cessarão.

Na verdade, esse acontecimento é o conjunto de vários milagres. Tanto Jesus quanto Pedro andaram sobre as águas (Mt 14:28-32). Jesus acalmou a tempestade e, no mesmo instante, o barco chegou à outra margem. Tudo isso aconteceu durante a noite, e os discípulos foram as únicas testemunhas do que Jesus fez. Ele conduziu o povo a pastos verdejantes (Jo 6:10) e, depois, levou seus discípulos a águas de descanso (Sl 23:2). Que Pastor maravilhoso ele é!

Ao ler os relatos dos Evangelhos, é possível observar que Jesus nunca se deixou impressionar pelas multidões. Sabia que sua motivação não era sincera e que a maioria o seguia para ver seus milagres de cura. "Pão e circo" era a fórmula romana para manter o povo contente, e muitos se sentiam satisfeitos com essa dieta. Se tivessem comida e entretenimento, tudo estaria bem. Roma dedicava 93 dias do ano a jogos públicos patrocinados pelo governo. Era mais barato entreter a multidão do que lutar contra ela ou prendê-la.

Não devemos nos deixar enganar pela "popularidade" de Jesus Cristo em certos meios hoje em dia. Poucos desejam tê-lo como Salvador e Senhor. Muitos querem apenas ser curados ou ter suas necessidades supridas por ele. Outros tantos querem ser tirados de situações difíceis em que eles

mesmos se meteram. “Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida” (Jo 5:40).

3. JESUS ENSINA A MULTIDÃO (JO 6:22-71)

O propósito do sinal era dar a Jesus a oportunidade de falar à multidão. Trata-se, mais uma vez, de um ministério de “graça e verdade” (ver Jo 1:17). Em sua graça, Jesus alimentou o povo faminto, mas, em sua verdade, lhe deu a Palavra de Deus. O povo queria a comida, mas não a verdade, e, no final, quase todos abandonaram Jesus e se recusaram a andar com ele. Jesus perdeu sua multidão com um único sermão!

O dia seguinte começou com um mistério: como Jesus e seus discípulos haviam chegado a Cafarnaum? A multidão viu os discípulos entrando no barco, atravessando o mar da Galiléia até Cafarnaum e, depois, sumir na tempestade. Também haviam visto Jesus se retirar para um monte. Na manhã seguinte, porém, Jesus e seus discípulos estavam *juntos* em Cafarnaum! Não havia contornado o lago a pé e não havia nenhum sinal de que tinha tomado outro barco. Por certo, outros barcos haviam sido levados até lá pela tempestade, mas Jesus não havia desembarcado de nenhum deles.

Sem dúvida, algumas das pessoas que haviam sido alimentadas voltaram para casa, enquanto outras ficaram por lá para ver o que Jesus faria em seguida. Ao que parece, o sermão começou ao ar livre, passando depois para dentro da sinagoga (Jo 6:59). Era impossível a multidão toda participar do culto dentro da sinagoga, mas os que ficaram de fora ouviram o que Jesus dizia. Esse sermão sobre o “pão da vida” é, na verdade, um diálogo entre Cristo e o povo, especialmente os líderes religiosos (“os judeus”). Observamos a multidão reagindo de quatro maneiras em João 6: procurando Jesus (vv. 22-40), murmurando contra ele (vv. 41-51), discutindo entre si (vv. 52-59) e partindo (vv. 60-71).

Procurando Jesus (vv. 22-40). Os discípulos devem ter se impressionado com o fato de tanta gente ter ficado ali durante a tempestade para procurar seu Mestre, mas Jesus não se comoveu. Conhecia o coração

humano e sabia que, a princípio, a maioria das pessoas o seguira por causa dos milagres que realizava (Jo 6:2), mas agora o procuravam para que lhes desse de comer! Mesmo interessados apenas em milagres, ainda havia a possibilidade de salvação. Afinal, esse fora o ponto de partida para Nicodemos (Jo 3:1, 2). Mas o interesse do povo decaíra a um nível mais básico: queriam comida.

Jesus falou de dois tipos de alimento: um para o corpo, que, apesar de necessário, não é o mais importante; e outro para o ser interior, o espírito, que é o mais essencial. O povo não precisava de alimento, mas sim, de *vida*, e a vida é uma dádiva. O alimento *sustenta* a vida, mas Jesus *dá* a vida eterna. Isso nos lembra as palavras de Isaías: “Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão, e o vosso suor, naquilo que não satisfaz?” (Is 55:2).

O povo interpretou incorretamente o verbo *trabalhar* (v. 27) e imaginou que era preciso *esforçar-se* para obter a salvação, ignorando completamente o verbo *dar*. Imbuídos de uma religião legalista, acreditavam que era preciso “fazer alguma coisa” para merecer a vida eterna. Jesus deixou claro que o único “trabalho” necessário era crer no Salvador. Quando uma pessoa crê em Cristo, não está realizando uma boa obra que lhe dá o direito de receber a salvação. Por certo, não há crédito algum em crer, pois o que importa é o que Deus faz *em resposta a nossa fé* (ver Ef 2:8-10).

A multidão começou procurando Jesus, mas logo passou a lhe pedir sinais. “Porque [...] os judeus pedem sinais” (1 Co 1:22). Os rabinos ensinavam que, quando o Messias viesse, repetiria o milagre do maná (ver Êx 16). Se Jesus havia, de fato, sido enviado por Deus (ver Jo 6:29, 38, 57), então deveria provar isso fazendo maná descer do céu. Queriam “ver para crer”. Mas a fé que se baseia somente em sinais, não na verdade da Palavra de Deus, pode levar a pessoa a se desviar; pois até mesmo Satanás é capaz de realizar “prodígios da mentira” (2 Ts 2:8-10). Ver também João 2:18-25; 4:48.

João 6:31 cita o Salmo 78:24, que fala da incredulidade e da rebelião de Israel como nação.

Em sua resposta, Jesus procurou conduzir o povo a uma compreensão mais profunda da verdade. O maná havia sido dado por Deus, não por Moisés; deveriam parar de olhar para Moisés e voltar os olhos para Deus. Além disso, Deus *havia dado* o maná no passado, mas, agora, *dava* o verdadeiro pão na Pessoa de Jesus Cristo. O acontecimento passado encontrava-se encerrado, mas a experiência espiritual no presente continuava!

Jesus descreveu claramente o pão da vida: Ele é o verdadeiro Pão da Vida que desceu do céu. Não veio apenas para Israel, mas para todo o mundo. Veio não apenas para *sustentar* a vida, mas para *dar* vida! Em sete ocasiões nesse sermão, Jesus fala sobre “descer do céu” (Jo 6:33, 38, 41, 42, 50, 51, 58), uma declaração de sua divindade. O maná do Antigo Testamento era apenas um tipo de “verdadeiro pão”, o Senhor Jesus Cristo.

Esse diálogo iniciou quando a multidão procurou Cristo e pediu um sinal, mas logo os ouvintes começaram a pedir o “verdadeiro pão” sobre o qual Jesus estava falando. Assim como a mulher em Samaria, ainda não estavam prontos para a salvação (ver Jo 4:15). Ela queria a água viva para que não precisasse mais ir até o poço. A multidão queria o pão para que não precisasse mais trabalhar a fim de se sustentar. Hoje em dia, as pessoas só querem Jesus Cristo em função dos benefícios que pode lhes oferecer.

Em sua resposta a esse pedido impetuoso, Jesus usou duas palavras-chave que aparecem com frequência em seu sermão: *vir* e *crer*. Vir a Jesus significa crer nele e vice-versa. Crer não é apenas um exercício intelectual, a aquiescência mental a alguma doutrina. Crer é vir a Cristo e se entregar a ele. No encerramento de seu sermão, Jesus ilustrou o *vir* e o *crer* falando sobre *comer* e *beber*. Vir a Cristo e crer nele significa recebê-lo em nosso interior, como quem recebe comida e bebida.

João 6:35 apresenta a primeira de sete declarações de “Eu Sou” neste livro e que não aparecem nos outros Evangelhos (as outras seis se encontram em João 8:12; 10:7-9,

11-14; 11:25, 26; 14:6; 15:1, 5). Deus se revelou a Moisés pelo nome Eu Sou (Jeová; Êx 3:14). Deus é o Ser autônomo, “aquele que é, que era e que há de vir” (Ap 1:8). Ao usar a designação Eu Sou, Jesus afirmava claramente ser Deus.

João 6:37-40 apresenta a explicação de Jesus para o processo da salvação pessoal. Essas são algumas das palavras mais profundas do Mestre, e está fora de nosso alcance sondar completamente o âmago de sua mensagem. Suas palavras revelam que a salvação envolve tanto a soberania divina quanto a responsabilidade humana. O Pai dá as pessoas ao Filho (Jo 6:37, 39; 17:2, 6, 9, 11, 12, 24), mas essas pessoas devem *vir* a ele e *crer* nele. Jesus garantiu que ninguém que fosse até ele se perderia, mas que todos que o buscassem seriam ressuscitados no último dia. Nem mesmo a morte pode nos privar da salvação! (Com respeito ao “último dia”, ver Jo 6:40, 44, 54. Nessas passagens, Jesus se refere a sua volta e a acontecimentos finais, que serão o ponto culminante do plano de Deus para a humanidade.)

Nossa perspectiva humana limitada não nos permite entender de que maneira a soberania divina e a responsabilidade humana podem trabalhar juntas; mas da perspectiva de Deus, não há conflito algum. Quando o membro de uma igreja perguntou a Charles Spurgeon como era possível conciliar essas duas coisas, ele respondeu: “amigos não precisam ser conciliados”. É da vontade do Pai que os pecadores sejam salvos (1 Tm 2:4; 2 Pe 3:9) e que os que crêem em Cristo recebam sua salvação. Os cristãos recebem a vida eterna e pertencem a Jesus para sempre.

Murmurando contra Jesus (vv. 41-51). A afirmação de Jesus “Porque eu descí do céu” (Jo 6:38), perturbou os líderes religiosos, pois sabiam que se tratava de uma declaração de divindade. Pensavam conhecer Jesus, saber quem ele era e de onde havia vindo (ver Mt 13:53-58; Jo 7:40-43). É evidente que, *perante a lei*, Jesus era filho de José; mas não era seu filho biológico, uma vez que havia nascido de uma virgem (Lc 1:34-38). Os líderes associavam Jesus a Nazaré,

na Galiléia, não a Belém, na Judéia, e acreditavam que José era seu pai. Se houvessem examinado a questão mais a fundo, teriam descoberto a verdadeira identidade de Jesus.

Desde os tempos de Moisés, o povo de Israel era conhecido por sua murmuração (Êx 15:24; 17:3; Nm 14:2). Talvez os líderes e algumas pessoas do povo tenham entrado na sinagoga para continuar a discussão. A questão central era: "De onde ele veio?" Em pelo menos cinco ocasiões, Jesus usou a expressão "descer do céu", mas seus ouvintes se recusaram a aceitar essas palavras.

Jesus explicou, ainda, como o pecador pode se chegar a Deus pela verdade da Palavra (Jo 6:44, 45). O Pai atrai o pecador com sua Palavra. Para provar sua declaração, Jesus citou Isaías 54:13 (e, possivelmente, Jr 31:33, 34): "E serão todos ensinados por Deus". É pelo ensino da Palavra que Deus atrai as pessoas ao Salvador (ver Jo 5:24 e sua ênfase sobre ouvir a Palavra). O pecador ouve, aprende e vem, à medida que é atraído pelo Pai. Sem dúvida, trata-se de um mistério, mas, também, de uma realidade maravilhosa!

Basicamente, essa foi a mesma mensagem que Jesus apresentou depois de curar o paraplético (ver Jo 5:37-40). O povo queria ver algo quando, na realidade, precisava aprender algo. É pela Palavra que "vemos" Deus e recebemos a fé para vir a Cristo e crer nele (Rm 10:17).

Quando Jesus chamou a si mesmo de "Pão da Vida", não estava afirmando ser *ainda maior!* O maná serviu apenas para sustentar a vida do povo de Israel, mas Jesus dá vida ao mundo todo. Os israelitas comeram maná todos os dias, mas, por fim, pereceram. Porém, os que receberem Jesus Cristo viverão para sempre. Quando Deus deu o maná, ofereceu apenas uma dádiva; mas quando Jesus veio, ofereceu a si mesmo. Não custava nada para Deus enviar o maná todos os dias, mas quando enviou seu Filho, pagou um alto preço. O povo de Israel precisava comer o maná diariamente, mas o pecador que crê em Cristo *uma só vez* recebe a vida eterna.

Não é difícil ver o maná como uma imagem do Senhor Jesus Cristo. Era algo misterioso para Israel; tanto que o termo *maná* significa "O que é?" (ver Êx 16:15). Jesus também era um mistério para os que o viam. O maná descia do céu durante a noite, e Jesus veio ao mundo quando os pecadores encontravam-se em trevas morais e espirituais. O maná era pequeno (a humildade de Cristo), redondo (sua eternidade) e branco (sua pureza). Era adocicado (Sl 34:8) e supria devidamente as necessidades do povo.

O maná era enviado a um povo rebelde; era uma dádiva da graça de Deus. Tudo o que precisavam fazer era se abaixar e recolher o alimento. Se não o recolhessem, *pisariam nele*. O Senhor não está longe dos pecadores. Tudo o que precisavam fazer é humilhar-se e aceitar a dádiva oferecida por Deus.

Jesus encerra essa parte da mensagem falando de sua *carne*, termo usado mais seis vezes nesse diálogo. João 6:51 é uma declaração de que o Filho do Homem se entregará como sacrifício "pela vida do mundo". A morte vicária de Jesus Cristo é uma doutrina fundamental do Evangelho de João. Jesus daria a vida pelo mundo (Jo 3:16; 6:51), por suas ovelhas (Jo 10:11, 15), pela nação (Jo 11:50-52) e por seus amigos (Jo 15:12). Paulo aceita esse sacrifício em nível pessoal, e devemos fazer o mesmo: "vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gl 2:20). Não devemos limitar a obra que Cristo realizou na cruz. Ele não se sacrificou apenas por nossos pecados, mas pelos pecados de todo o mundo (1 Jo 2:2).

Discutindo entre si (vv. 52-59). O termo "discutir" significa "altercar, contender". Como judeus ortodoxos, os ouvintes conheciam a proibição divina de consumir carne humana e qualquer tipo de sangue (Gn 9:3, 4; Lv 17:10-16; 19:26). Vemos aqui outro exemplo, no Evangelho de João, em que as pessoas interpretam incorretamente uma verdade espiritual e a entendem de modo literal (ver Jo 2:19-21; 3:4; 4:11). Jesus disse apenas: "assim como vocês ingerem alimento e bebida, que são assimilados por seu

interior e que se tornam parte de vocês, também devem me receber no mais profundo de seu ser, de modo que eu lhes dê vida”.

De acordo com alguns intérpretes, Jesus se referia à Ceia do Senhor, e, portanto, comemos sua carne e bebemos seu sangue quando participamos dos elementos à mesa: o pão e o vinho. No entanto, não creio que Jesus tivesse em mente a Ceia (ou Eucaristia) quando disse essas palavras.

Em primeiro lugar, por que trataria da Ceia do Senhor com um grupo de incrédulos impertinentes? Nem sequer havia falado sobre esse assunto com os discípulos! Por que lançaria pérolas aos porcos?

Em segundo lugar, deixou claro que não estava falando em termos literais (Jo 6:63). Antes, usava uma analogia humana para transmitir uma verdade espiritual, como havia feito com Nicodemos e com a mulher samaritana.

Em terceiro lugar, Jesus mostrou que esse comer e beber eram *absolutamente essenciais* à vida eterna e não abriu exceções. Caso estivesse falando sobre a Ceia da igreja, então todos os que nunca participaram dessa experiência estariam espiritualmente mortos e a caminho do inferno. Isso incluiria todos os santos do Antigo Testamento, o ladrão na cruz e inúmeras pessoas que creram em Cristo em situações extremas (hospitais, acidentes, trincheiras etc.). Pessoalmente, não posso crer que nosso Deus, em sua imensa graça, excluiria da salvação os que não podem participar de uma cerimônia da igreja.

Outro fator a ser considerado é o tempo do verbo grego em João 6:50, 51 e 53. Trata-se do tempo aoristo, que representa uma ação realizada de uma vez por todas. A Ceia é uma prática que se repete, e é possível que a Igreja primitiva a celebrasse diariamente (At 2:46).

Convém observar, ainda, que o termo *carne* não é usado em nenhum dos relatos sobre a Ceia do Senhor, nem nos Evangelhos, nem em 1 Coríntios 11:23-34. O termo empregado nesses textos é “corpo”.

Caso se considere que Jesus está falando sobre a Ceia, também é preciso crer que,

de algum modo, os dois elementos – o pão e o fruto da videira – transformam-se literalmente no corpo e no sangue de Cristo, pois a Bíblia diz: “também quem de *mim* se alimenta por *mim* viverá.” (Jo 6:57, grifos nossos). De que maneira ocorre esse “milagre”? Qual é o segredo para realizá-lo? Por que não é visível?

As mensagens de Jesus registradas no Evangelho de João são repletas de símbolos e imagens. Se as entendêssemos de modo literal, estaríamos cometendo o mesmo erro que o dos primeiros ouvintes.

Partindo (vv. 60-71). Os ensinamentos de Jesus não eram difíceis de compreender, mas uma vez compreendidos, eram difíceis de aceitar. Os líderes religiosos judeus interpretaram incorretamente suas palavras e as rejeitaram. Ficaram “escandalizados” com o que ele ensinou. Ofenderam-se com sua declaração de haver descido do céu e com a idéia de que deveriam comer de sua carne e beber de seu sangue, a fim de ser salvos. Mas se haviam ficado ofendidos com essas duas questões, o que fariam se o vissem ascender de volta ao céu? (Jo 6:62).

Jesus explicou que sua linguagem era figurativa e espiritual, não literal. Não existe salvação na “carne”. Na verdade, o Novo Testamento não apresenta uma imagem positiva da “carne”. Como disse Paulo, “na minha carne, não habita bem nenhum” (Rm 7:18), e não devemos confiar nela (Fp 3:3).

De que maneira “comemos sua carne e bebemos seu sangue”? *Pela Palavra.* “As palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida” (Jo 6:63). “E o Verbo se fez carne” (Jo 1:14). Jesus disse a mesma coisa: “Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna” (Jo 5:24). Os escribas que conheciam o texto de Jeremias 31:31-34 devem ter compreendido o conceito de receber a Palavra de Deus em seu ser interior.

Em decorrência dessa mensagem, Jesus perdeu a maioria de seus discípulos. Quase todos voltaram para sua antiga vida, sua antiga religião e sua antiga situação desesperadora. Jesus Cristo é “o caminho” (Jo 14:6), mas eles se recusaram a andar por ele. Jesus

não se surpreendeu com essa deserção, pois conhece o coração de todas as pessoas.

Quando Jesus perguntou aos doze apóstolos se também planejavam abandoná-lo, foi Pedro quem falou e declarou sua fé. Para onde mais poderiam ir? "Tu tens as palavras da vida eterna." Pedro captou a mensagem! Sabia que Jesus falava da *Palavra*, não de carne e sangue em termos literais.

Pedro foi uma dentre várias pessoas que declararam sua fé em Jesus como Filho de Deus (ver Jo 1:34, 49; 3:18; 5:25; 9:35; 10:36; 11:4, 27; 19:7; 20:31). Seu único erro foi dar esse testemunho em nome de todo grupo. Pedro estava certo de que *todos* os

apóstolos criam em Jesus, o que mostra como Judas foi convincente. Nem Pedro suspeitou que Judas fosse um incrédulo!

A pregação da Palavra de Deus sempre serve para "peneirar" o coração dos ouvintes. Deus chama os pecadores para junto do Salvador pelo poder da Palavra. Os que rejeitam a Palavra, rejeitam o Salvador. Os que recebem a Palavra, recebem o Salvador e experimentam o novo nascimento, a vida eterna.

Você sente fome espiritual, porque precisa de Deus? Gostaria de admitir que precisa de salvação indo até o Senhor agora? Se deseja fazer isso, ele o salvará e satisfará suas necessidades *para sempre!*

COMEMORAÇÃO E DISSENSÃO

JOÃO 7

A Festa dos Tabernáculos comemorava a jornada de Israel pelo deserto e voltava os olhos do povo para o futuro, para o reino prometido do Messias. Durante essa festa, os judeus viviam em cabanas feitas de ramos de árvores para lembrar o cuidado providencial de Deus para com sua nação durante quase quarenta anos (Lv 23:33-44).

Celebrada na seqüência da Festa das Trombetas e do Dia da Expição – uma observância solene – a Festa dos Tabernáculos era uma época festiva para o povo. A área do templo era iluminada por candelabros para lembrar a coluna de fogo que havia guiado o povo no deserto e, todos os dias, os sacerdotes tiravam água do tanque de Siloé e a derramavam de um cântaro, lembrando o povo da provisão miraculosa de água da rocha.

A festa era um tempo de alegria para o povo, mas os dias de comemoração foram difíceis para Jesus, pois marcaram o começo de uma oposição aberta e intensa a sua Pessoa e a seu ministério. Desde a cura do paralítico no sábado, Jesus passou a ser alvo dos líderes judeus que desejavam matá-lo (Jo 7:1, 19, 20, 25, 30, 32, 44; e ver também 8:37, 40). Permaneceu na Galiléia, onde estava mais seguro, mas, a fim de observar devidamente a festa, teve de ir para Jerusalém.

João 7 apresenta três divisões cronológicas: antes da festa (vv. 1-10), no meio da festa (vv. 11-36) e no último dia da festa (vv. 37-52). As reações nesses períodos podem ser resumidas nas seguintes palavras: incredulidade, discussão e divisão.

1. ANTES DA FESTA: INCRELDULIDADE (Jo 7:1-10)

Maria e José tiveram filhos (Mt 13:55, 56; Mc 6:1-6) que eram, portanto, meios-irmãos de Jesus. É incrível que esses irmãos tenham vivido tantos anos com Jesus sem perceber o caráter singular de sua Pessoa. Por certo, sabiam de seus milagres (ver Jo 7:3, 4), tendo em vista que eram de conhecimento geral. Conviveram de perto com ele e, portanto, tiveram as melhores oportunidades de observá-lo e de testá-lo e, ainda assim, continuaram incrédulos.

Esses homens estavam subindo a Jerusalém para comemorar uma festa religiosa, no entanto não aceitavam o próprio Messias! Como é fácil seguir as tradições sem assimilar a verdade eterna! Os publicanos e pecadores regozijavam-se com sua mensagem, enquanto os meios-irmãos zombavam dele.

Sem dúvida, esses homens pensavam como o mundo: se deseja ter seguidores, deve usar as oportunidades para fazer algo espetacular. Jerusalém estaria cheia de peregrinos e seria um “palco” perfeito para Jesus apresentar-se e granjear discípulos. Claro que os irmãos sabiam da multidão de seguidores que desertara Jesus (Jo 6:66). Essa era sua chance de reaver o que havia perdido. Satanás sugeriu algo parecido, quando tentou Jesus no deserto três anos antes (Mt 4:1ss).

Jesus já recusara a oferta da multidão de proclamá-lo Rei (Jo 6:15) e não estava prestes a ceder de maneira alguma. As celebrações podem alcançar o sucesso pelo aplauso do povo, mas os servos de Deus sabem que isso não passa de ilusão. Ao realizar milagres durante a festa na “cidade oficial” da religião judaica, Jesus poderia reunir uma multidão, revelar-se como Messias e conquistar o inimigo. Claro que essa sugestão procedeu de corações e mentes cegas por uma incredulidade que, aliás, havia sido profetizada no Salmo 69:8 – “Tornei-me estranho a meus irmãos e desconhecido aos filhos de minha mãe”. (Uma vez que Jesus não era filho biológico de José, não poderia dizer “aos filhos de meu pai”.)

Não havia chegado a hora de Jesus revelar-se ao mundo (Jo 14:22ss). Um dia, ele voltará, e “todo olho o verá” (Ap 1:7). Observamos anteriormente que Jesus viveu de acordo com um “cronograma divino” determinado pelo Pai (Jo 2:4; 7:6, 8, 30; 8:20; 12:23; 13:1; 17:1).

Jesus usava de cautela, pois sabia que os líderes religiosos desejavam matá-lo. Apesar de esses líderes serem “religiosos”, faziam parte do “mundo” e odiavam Jesus por revelar a todos suas obras perversas. Por meio de seu caráter e de seu ministério, Cristo evidenciou a superficialidade e inanidade do sistema religioso imprestável e chamou o povo de volta à realidade da vida em Deus. A história revela que o “sistema religioso” muitas vezes persegue profetas enviados por Deus para preservar-se!

Alguns manuscritos e versões da Bíblia não trazem o termo *ainda* em João 7:8, mas sua ausência não muda a ênfase da declaração. Claro que Jesus não mentiu nem foi evasivo; antes, usava de prudência. O que teria acontecido se Jesus houvesse contado seus planos aos irmãos e eles os tivessem passado adiante? Essa informação teria chegado aos líderes? “Vou observar a festa quando chegar o momento certo”, foi o que Jesus disse. E, depois que sua família partiu, dirigiu-se a Jerusalém “em oculto”, de modo a não atrair atenção para si.

Vemos nessas atitudes de Jesus uma bela ilustração da soberania divina e da responsabilidade humana. O Pai tinha um plano para o Filho, e nada poderia frustrar esse plano. Jesus não tentou o Pai apressando-se para ir à festa nem se demorando depois de chegada a hora de partir. Compreender o tempo de Deus é algo que requer discernimento espiritual.

2. NO MEIO DA FESTA: DISCUSSÃO (Jo 7:11-36)

Podemos observar a presença de três grupos envolvidos nessa discussão pública sobre Jesus. Primeiro, evidentemente, havia os líderes judeus (“os judeus”), que viviam em Jerusalém e estavam ligados ao ministério no templo. Nesse grupo, se incluíam

os fariseus e os sacerdotes (a maioria dos quais eram saduceus), bem como os escribas. Apesar de suas divergências teológicas, esses homens concordavam em duas coisas: em sua oposição a Jesus Cristo e na determinação de livrar-se dele. Nicodemos e José de Arimatéia eram exceções (Jo 19:38-42).

O segundo grupo era formado pelo “povo” (Jo 7:12, 20, 31, 32). Tratava-se da multidão que se dirigira a Jerusalém para comemorar a festa e adorar. Muitos deles não se deixaram influenciar pelas atitudes dos líderes religiosos. Vemos em João 7:20 que “o povo” admirou-se de que alguém quisesse matar Jesus! Não estavam por dentro de todos os boatos que corriam pela cidade e tiveram de descobrir, da maneira mais difícil, que os líderes consideravam Jesus um transgressor da Lei.

O terceiro grupo era constituído de judeus que viviam em Jerusalém (Jo 7:25). Estes, em sua maioria, tomaram o partido dos líderes religiosos.

A discussão começou antes mesmo de Jesus chegar à cidade e girou em torno de seu caráter (Jo 7:11-13). Os líderes religiosos “o procuravam na festa”, enquanto o povo discutia se ele era um homem bom ou um charlatão. Tinha de ser uma coisa ou outra, pois um homem bom não enganaria ninguém. Sem dúvida, se Jesus não é o que afirma ser, então é um mentiroso.

Mas quando Jesus começou a ensinar abertamente no templo, a discussão passou a ser a respeito de *sua doutrina* (Jo 7:14-19). É evidente que caráter e doutrina andam juntos. Seria absurdo crer nos ensinamentos de um mentiroso. Os judeus admiravam-se com o que Jesus ensinava, pois o Mestre não possuía qualquer credencial das escolas rabínicas autorizadas. Porém, uma vez que lhe faltavam as “devidas credenciais”, seus inimigos consideravam que seus ensinamentos não passavam de opiniões próprias sem qualquer valor. Costuma-se dizer que Jesus ensinava com autoridade, enquanto os escribas e fariseus ensinavam por meio das autoridades, citando todos os rabinos famosos.

Jesus explicou que sua doutrina era proveniente do Pai. Já havia deixado claro que ele e o Pai eram um nas obras que realizava (Jo 5:17) e no julgamento que executava (Jo 5:30). Aqui o vemos afirmar que seus ensinamentos também vinham do Pai, declaração espantosa que ainda repetiria em outras ocasiões (Jo 8:26, 38). Quando ensino a Palavra de Deus, posso afirmar que a Bíblia tem autoridade, mas não posso dizer que todas as minhas interpretações da Bíblia têm a mesma autoridade. Jesus tinha o poder de declarar que possuía autoridade absoluta sobre tudo o que ensinava!

Mas não é verdade que *todo* líder religioso diz a mesma coisa? De que maneira, então, saberemos que Jesus ensinou a verdade? *Ao obedecer a suas ordens*. A Palavra de Deus mostra-se verdadeira para todos os que a cumprem de coração. Nas palavras do pregador inglês F. W. Robertson, "a obediência é o órgão do conhecimento espiritual". João 7:17 diz: "Se alguém quiser fazer a vontade dele [Deus], conhecerá a respeito da doutrina".

Isso explica por que os líderes judeus não entendiam os ensinamentos de Jesus: eram homens obstinados e não estavam dispostos a sujeitar-se a ele (Jo 5:40).

Acaso Jesus está sugerindo uma "prova prática" para a verdade divina? Estaria dizendo: "Experimente; se funcionar, deve ser verdade", desse modo dando a entender que, se não funcionar, será falso? De modo algum, pois esse tipo de prova só serviria para causar confusão. Quase todos os membros de inúmeras seitas poderiam dizer: "Experimentei o que essa seita ensina e descobri que funciona!"

Jesus fala de algo muito mais profundo. Não sugere uma "degustação" superficial, mas sim um compromisso espiritual íntimo com a verdade. Os judeus dependiam da erudição e das autoridades, e suas doutrinas eram de segunda mão; mas Jesus insistiu que devemos experimentar a autoridade da verdade *pessoalmente*. Os líderes judeus tentavam *matar Jesus* e, no entanto, ao mesmo tempo, afirmavam compreender a verdade de Deus e obedecer a ela. Isso mostra

como uma mente esclarecida e instruída não é garantia de um coração puro nem de uma vontade santificada. Alguns dos criminosos mais terríveis do mundo eram pessoas extremamente inteligentes e cultas.

Satanás ofereceu conhecimento a Adão e Eva, mas era um conhecimento com base na desobediência (Gn 3:5). Jesus ofereceu um conhecimento resultante da obediência: primeiro o jugo da responsabilidade, depois a alegria de conhecer a verdade de Deus. G. Campbell Morgan expressou essa idéia perfeitamente ao dizer: "Quando as pessoas são absoluta e completamente consagradas à verdade de Deus e desejam obedecer a ela acima de todas as coisas, descubram que os ensinamentos de Cristo são sagrados; são ensinamentos provenientes de Deus".

Se estamos, verdadeiramente, buscando a vontade de Deus, não nos preocupamos em saber quem receberá a glória. Toda a verdade vem de Deus, e somente ele merece toda a glória por aquilo que nos ensinou. Nenhum mestre ou professor pode receber o crédito pelo que só vem de Deus. Quem buscar essa glória, mostrará que seus ensinamentos vêm dele próprio, não de Deus. Essa é a origem de tantas seitas e divisões na igreja: alguém "inventa" uma doutrina, assume o crédito por ela e a usa para dividir o povo de Deus.

A primeira discussão foi com os judeus, mas os visitantes presentes na cidade também entraram no debate (Jo 7:20). Jesus havia anunciado com toda ousadia que os líderes desejavam matá-lo por ele haver transgredido o sábado e afirmar ser o Filho de Deus (ver Jo 5:10-18). Os judeus ortodoxos transgrediam a lei do sábado quando circuncidavam seus filhos nesse dia, então por que Jesus não podia curar no sábado? "Por que procurais matar-me?"

Fica claro que os visitantes não sabiam que seus líderes pretendiam matar Jesus, de modo que questionaram essa afirmação. No entanto, esse questionamento deu-se pela acusação extremamente séria de que Jesus estava endemoninhado. Não era uma acusação nova, pois os líderes a haviam feito antes (Mt 9:32ss; 10:25; 11:18, 19; 12:24ss).

Em outras palavras, dizia: “É loucura essa sua idéia de que alguém deseja matá-lo!”

Jesus usou a própria Lei de Moisés para refutar os argumentos do inimigo, mas sabia que não mudariam de opinião, pois seus parâmetros de julgamento não eram honestos. Avaliavam as coisas pela observação superficial dos fatos. Julgavam com base no que “parecia”, não no que “era”. Infelizmente, hoje muita gente comete o mesmo erro. João 7:24 é o oposto do versículo 17, em que Jesus pede devoção sincera à verdade.

Em seguida, os moradores de Jerusalém entraram na conversa (Jo 7:25). Sabiam que os líderes queriam matar Jesus e se admiraram de vê-lo pregando em público impunemente. Talvez os líderes tivessem se convencido de que ele era o Messias enviado por Deus! Então, por que não o adoravam e não orientavam outros a adorá-lo?

Sua pergunta (Jo 7:25) sugeria uma resposta negativa: “Os líderes não acreditam que esse é o Cristo, não é?” Defendiam essa conclusão pela lógica:

1. Ninguém sabe de onde virá o Messias.
2. Sabemos de onde veio Jesus de Nazaré.
3. Conclusão: Jesus não pode ser o Messias.

Mais uma vez, as pessoas não foram capazes de enxergar a verdade, pois haviam ficado cegas pelo que julgavam ser “fatos irrefutáveis”. Jesus havia se deparado com esse mesmo tipo de resistência na sinagoga em Cafarnaum (Jo 6:42ss). Até mesmo os mestres eruditos – os “construtores” tão competentes – não seriam capazes de identificar Jesus como a Pedra Angular, mesmo depois de passarem séculos estudando o “projeto arquitetônico” fornecido por Deus (At 4:11).

Nesse ponto, Jesus levantou a voz para que todos ouvissem (ver também Jo 7:37). É provável que estivesse falando em tom de ironia: “Pois bem, vocês pensam que me conhecem e que sabem de onde eu vim! Na verdade, não fazem idéia!” Em seguida, explicou por que não conheciam: *porque não conheciam o Pai!* Para os judeus ortodoxos

essa era uma acusação séria, pois se orgulhavam justamente de conhecer o Deus verdadeiro, o Deus de Israel.

Mas Jesus não parou aí: declarou com grande audácia que não apenas conhecia o Pai, mas também fora enviado por ele! Com isso, dizia mais uma vez que era Deus! Não havia simplesmente *nascido* neste mundo como qualquer ser humano; fora *enviado* ao mundo pelo Pai. Isso significava que existia antes de a Terra se formar.

Sem dúvida, esse foi um momento crítico de seu ministério, pois alguns dos líderes tentaram prendê-lo, mas “não era chegada a sua hora”. Muitos dos peregrinos creram nele. Essa fé se devia, em grande parte, a seus milagres, mas era um começo (ver Jo 2:23; 6:2, 26). A princípio, foram os milagres que despertaram o interesse de Nicodemos por Jesus (Jo 3:1, 2), mas, mais tarde, ele professou publicamente sua fé em Cristo.

Os fariseus e sacerdotes que lideravam a religião judaica ressentiram-se ao ver que o povo cria em Jesus. Ao que parece, esses “cristãos” não tinham medo de dizer o que haviam feito (Jo 7:13, 32). Dessa vez, os líderes enviaram guardas do templo para prender Jesus, mas foi Jesus quem os “cativou”! Advertiu-os de que tinham apenas “um pouco de tempo” para ouvir a verdade, crer e ser salvos (ver Jo 12:35ss). Não era Jesus quem corria perigo, mas sim os que haviam sido enviados para prendê-lo!

Como nas mensagens anteriores, o povo interpretou incorretamente suas palavras. Em seis meses, Jesus voltaria para o Pai no céu, e os judeus que não haviam sido salvos não poderiam segui-lo. Que contraste entre “também aonde eu estou, vós não podeis ir” (Jo 7:34) e “para que, onde eu estou, estejais vós também” (Jo 14:3)!

Se esses homens tivessem se mostrado dispostos a fazer a vontade de Deus, teriam conhecido a verdade. Em breve, seria tarde demais.

3. NO FINAL DA FESTA: DIVISÃO (Jo 7:37-52)

O sétimo dia encerrava a festa. Era o dia em que os sacerdotes marchavam sete vezes ao

redor do altar entoando o Salmo 118:25 e, pela última vez, derramavam a água tirada do tanque de Siloé. É provável que, quando estava sendo derramada a água que simbolizava aquela que Moisés havia tirado da rocha, Jesus levantou-se e, em alta voz, fez seu convite aos pecadores sedentos.

Diz-se que, nesse mesmo “grande dia”, o vigésimo primeiro dia do sétimo mês, o profeta Ageu fez uma profecia especial sobre o templo (Ag 2:1-9). Apesar de seu cumprimento final aguardar a volta de Cristo à Terra, certamente ocorreu um prenúncio de seu cumprimento parcial quando Jesus foi ao templo. Ageu 2:6, 7 é citado em Hebreus 12:26-29 com relação à volta do Senhor.

Jesus referia-se à experiência de Israel relatada em Êxodo 17:1-7. Aquela água não passava de uma imagem do Espírito de Deus. Todos os que cressem não apenas beberiam da água viva, mas também se tornariam canais dessa água para o mundo sedento! O “poço artesiano” prometido em João 4:14 tornou-se um rio caudaloso! Apesar de não haver qualquer Escritura profética específica sobre “rios de água” fluindo daquele que crê, não faltam versículos paralelos a essa idéia: Isaías 12:3; 15; 32:2; 44:3 e 58:11; Zacarias 14:8. É interessante observar que Zacarias 14:16ss fala da futura Festa dos Tabernáculos, quando Cristo for Rei.

A água para beber é um dos símbolos do Espírito Santo na Bíblia (a água para lavar é um dos símbolos da Palavra de Deus; ver Jo 15:3 e Ef 5:26). Assim como a água sacia a sede e produz fecundidade, também o Espírito de Deus sacia o ser interior e permite que dê frutos. Na festa, os judeus reconstituíam uma tradição que jamais poderia saciar o coração. Jesus ofereceu água viva e saciedade eterna!

Qual foi o resultado dessa declaração e desse convite? O povo ficou dividido: alguns defenderam Jesus, outros quiseram prendê-lo. “Ele é bom” ou “engana o povo”? (Jo 7:12). Ele é “o Cristo”? (Jo 7:31). É “o profeta” prometido? (Jo 7:40; Dt 18:15). Se ao menos tivessem examinado as evidências com sinceridade, teriam descoberto que ele era, de fato, o Cristo, o Filho de Deus. Associavam

Jesus à Galiléia (Jo 1:45, 46; 7:52), quando na realidade havia nascido em Belém (ver Jo 6:42 para um raciocínio semelhante).

Os guardas do templo voltaram à reunião do conselho com as mãos vazias. Por certo, não seria difícil prender Jesus, mas ainda assim não o fizeram. O que os deteve? “Jamais alguém falou como este homem.” Em outras palavras: “Esse Jesus é mais do que um homem! Um homem qualquer não fala dessa maneira!” Foram “cativados” pela Palavra de Deus, proferida pelo Filho de Deus.

Mais uma vez, os líderes recusaram-se a encarar os fatos com honestidade, preferindo, em vez disso, julgar com base em seus preconceitos e em sua análise superficial dos fatos. É muito mais fácil rotular (e difamar) as pessoas do que ouvir os fatos que apresentam. “Quer dizer que alguns do povo crêem em Cristo? Grande coisa! Afinal, essa gente simplória não sabe coisa alguma acerca da lei! Por acaso pessoas *importantes* – como nós – creram nele? Claro que não!” Essa mesma linha de argumentação voltou a ser usada quando os líderes tentaram desacreditar o testemunho do cego que Jesus havia curado (Jo 9:34).

Não é de se admirar que os “intelectuais” da época se recusassem a crer em Jesus Cristo, ou que os líderes religiosos o rejeitassem. Deus escondeu sua verdade dos “sábios e instruídos” e a revelou aos “pequeninos” na fé, os que se entregam a ele humildemente (Mt 11:25-27). Quando Deus o salvou, Paulo era um rabino extremamente inteligente e, ainda assim, teve de ser “derrubado” antes de reconhecer que Jesus Cristo era o Filho ressurreto de Deus. Em 1 Coríntios 1:26-31, encontramos a explicação de Paulo para a dificuldade de ganhar “pessoas religiosas e inteligentes” para Cristo.

Por certo, os líderes teriam enviado os guardas de novo, caso Nicodemos não se houvesse pronunciado. Esse homem aparece três vezes no Evangelho de João e, em cada uma dessas ocasiões, é identificado como o que “de noite, foi ter com Jesus” (ver Jo 3:1, 2; 19:39). Sem dúvida, Nicodemos

havia refletido e estudado muito desde sua primeira conversa com Jesus e não teve medo de defender a verdade.

Na opinião de Nicodemos, o conselho não dava a Jesus a devida oportunidade de ser ouvido. Já o haviam condenado e buscavam prendê-lo antes mesmo de lhe dar a chance de um julgamento justo e legal! Talvez Nicodemos tivesse em mente passagens das Escrituras como Êxodo 23:1 e Deuteronômio 1:16, 17; 19:15-21:

Nicodemos esperava que considerassem as palavras e as obras de Jesus. Foi o caráter de Jesus como Mestre que chamou a atenção de Nicodemos (Jo 3:2). Na verdade, Jesus apontou para suas obras como prova de sua divindade (Jo 5:32); instou o povo repetidamente a atentar para suas palavras. As duas coisas andam juntas, pois os milagres apontam para a mensagem, enquanto a mensagem interpreta o significado espiritual dos milagres.

Podemos ouvir o sarcasmo e o desprezo na resposta dos líderes: "Dar-se-á o caso que também tu és da Galiléia?" Recusaram-se a admitir que Nicodemos estava certo ao pedir um julgamento justo, mas só o que puderam fazer foi ridicularizá-lo. Trata-se de

uma antiga manobra polemista: na falta de argumentos, ataca-se o locutor.

Desafiaram Nicodemos a examinar as profecias para ver se alguma delas dizia que um profeta viria da Galiléia. Claro que Jonas era da Galiléia, e Jesus disse que Jonas era um retrato do Messias em sua morte, sepultamento e ressurreição (Mt 12:38-41). Talvez Nicodemos tenha lido Isaías 9:1, 2 (ver Mt 4:12-16) e começado a relacionar as grandes profecias messiânicas do Antigo Testamento. Se ele o fez, se convenceu de que Jesus de Nazaré era, de fato, o Filho de Deus.

Não é possível deixar de sentir pena das pessoas descritas neste capítulo, gente que reagiu da maneira errada ao que Jesus lhes ofereceu. Seus meios-irmãos reagiram com incredulidade; vários do povo discutiram sobre ele e acabaram divididos em suas opiniões. Se tivessem recebido a verdade prontamente e agido em obediência sincera, teriam se colocado aos pés de Jesus e confessado que ele é o Messias, o Filho de Deus.

Hoje, porém, as pessoas continuam a cometer o erro de deixar que seus preconceitos e avaliações superficiais as ceguem para a verdade.

Não deixe que isso aconteça com você!

CONTRASTES E CONFLITOS

JOÃO 8

A história da mulher flagrada em adultério faz parte das Escrituras? Em caso afirmativo, onde se encaixa no relato dos Evangelhos? João 7:53 a 8:11 não aparece em alguns dos manuscritos antigos e, nos casos em que aparece, nem sempre se encontra nessa parte do Evangelho de João. A maioria dos estudiosos concorda que essa passagem faz partes das Escrituras inspiradas (de acordo com F. F. Bruce, é “um fragmento de material autêntico do Evangelho”), onde quer que seja colocada.

Para muitos de nós, essa história encaixa-se perfeitamente aqui! Na verdade, o desenrolar de todo o capítulo pode muito bem ter se originado nesse acontecimento extraordinário no templo. Sem dúvida, a declaração de Jesus sobre ser a Luz do mundo (Jo 8:12) é cabível nesse contexto, como também o são suas palavras sobre o verdadeiro e o falso julgamento (Jo 8:15, 16, 26). A frase repetida: “perecereis no vosso pecado” (Jo 8:21, 24) pode claramente ser relacionada ao julgamento da mulher, e, na verdade, o capítulo termina com uma tentativa de apedrejar Jesus, um paralelo perfeito com o episódio inicial. A transição de João 7:52 para 8:12 seria brusca demais sem essa passagem.

Jesus viu-se novamente em conflito com os líderes religiosos judeus; dessa vez, porém, prepararam uma armadilha para ele na esperança de conseguir provas suficientes para prendê-lo e se livrar dele. Sua conspiração não deu certo, mas foi seguida de uma controvérsia. Neste capítulo, há uma série de contrastes que revelam a bondade de Cristo e a perversidade humana.

1. GRAÇA E LEI (JO 8:11)

A Festa dos Tabernáculos terminara, mas Jesus aproveitou a oportunidade para ministrar aos peregrinos que se encontravam no templo. Durante a festa, a notícia espalhou-se rapidamente: Jesus não apenas freqüentava o templo, como ensinava publicamente naquele local (ver Lc 21:37), no pátio das mulheres, onde ficava a tesouraria do templo (Jo 8:20). Os escribas e fariseus sabiam onde ele estaria, de modo que se uniram para tramar contra ele.

Difícilmente um casal era pego no ato de adultério. Imaginamos se o homem (que, em momento algum, foi acusado!) fazia parte da conspiração. De acordo com a Lei, *ambas* as partes culpadas deveriam ser apedrejadas (Lv 20:10; Dt 22:22) e não apenas a mulher. É um tanto suspeito que o homem tenha sido liberado. Os escribas e fariseus trataram a questão de maneira brutal, interrompendo Jesus enquanto ensinava e empurrando a mulher para o meio do povo.

É evidente que os líderes judeus tentavam colocar Jesus em uma situação sem saída. Se ele dissesse que a mulher deveria ser apedrejada, perderia sua reputação de “amigo dos publicanos e pecadores”. Sem dúvida, o povo o abandonaria e não aceitaria sua mensagem bondosa de perdão.

Mas, se dissesse que a mulher não deveria ser apedrejada, estaria transgredindo a Lei abertamente e poderia ser preso. Em mais de uma ocasião, os líderes religiosos tentaram jogar Jesus contra Moisés e, nessa situação, pareciam ter encontrado uma provocação perfeita (ver Jo 5:39-47; 6:32ss; 7:40ss).

Em vez de julgar a mulher, Jesus julgou os juízes! Certamente se indignou com a maneira como a trataram e com o fato de esses hipócritas condenarem outra pessoa em lugar de julgarem a si mesmos. Não sabemos o que estava escrevendo no chão de terra do templo. Será que simplesmente lembrava àqueles homens que os Dez Mandamentos haviam sido escritos “pelo dedo de Deus” (Êx 31:18), e que ele era Deus? Ou, quem sabe, os lembrava da advertência em Jeremias 17:13?

De acordo com a Lei judaica, os acusadores deveriam atirar as primeiras pedras (Dt 17:7). Jesus não pedia que homens sem pecado julgassem a mulher, pois ele era a única Pessoa sem pecado ali presente. Se nossos juízes tivessem de ser perfeitos, os bancos dos tribunais estariam vazios. Antes se referia ao *pecado específico da mulher*, que poderia ser cometido tanto com o corpo quanto com o coração (Mt 5:27-30). Condenados pela própria consciência, os acusadores saíram de cena em silêncio, deixando Jesus a sós com a mulher. Ele a perdoou e advertiu a que não pecasse mais (Jo 5:14).

Não se deve interpretar esse acontecimento como um exemplo de que Jesus não tratava o pecado com rigor ou de que desrespeitava a Lei. A fim de perdoar essa mulher, um dia Jesus teve de morrer por seus pecados. Além disso, Jesus cumpriu a Lei com tanto zelo que ninguém pôde acusá-lo justificadamente de opor-se a seus ensinamentos nem de menosprezar seu poder. Ao aplicar a Lei à mulher e *não a si mesmos*, os líderes judeus transgrediam tanto a letra quanto o espírito da Lei – e pensavam estar defendendo Moisés!

A Lei foi dada para revelar o pecado (Rm 3:20), e é preciso ser condenado pela Lei antes de ser purificado pela graça de Deus. A Lei e a graça são complementares, não concorrentes. Ninguém jamais foi salvo por guardar a Lei, mas ninguém foi salvo pela graça sem que *antes* tivesse sido convencido de seus pecados pela Lei. Antes de haver conversão, é preciso haver convicção da culpa.

O perdão de Cristo em sua graça também não é uma desculpa para pecar. Sua ordem foi: “Vai e não peques mais”. “Contigo, porém, está o perdão, para que te tenham” (Sl 130:4). Essa experiência do perdão repleto de graça deve servir de motivação para o pecador penitente viver em santidade e em obediência para a glória de Deus.

2. LUZ E TREVAS (JO 8:12-20)

A segunda grande declaração “Eu Sou” por certo se encaixa no contexto dos onze versículos de João 8. Talvez o Sol estivesse surgindo no horizonte (Jo 8:2), de modo que

Jesus comparou-se com o Sol nascente. No entanto, isso significaria que, mais uma vez, afirmava ser Deus, pois para o povo de Israel, o Sol era um símbolo do Deus Jeová (Sl 84:11; Ml 4:2). Nosso sistema possui somente um Sol, o centro e a fonte de toda a sua vida (Jo 1:4). “Deus é luz” (1 Jo 1:5), e onde quer que a luz brilhe, revela a perversidade humana (Ef 5:8-14).

A declaração “Eu Sou” de Jesus também se relacionava à Festa dos Tabernáculos, durante a qual os candelabros enormes do templo eram acesos para lembrar o povo da coluna de fogo que havia guiado Israel no deserto. Na verdade, João combina três “imagens do deserto”: o maná (Jo 6), a água da rocha (Jo 7) e a coluna de fogo (Jo 8).

“Seguir” ao Senhor Jesus significa crer e confiar nele, uma fé que redundará em *vida* e *luz* para o cristão. Os que não crêem andam em trevas, pois amam as trevas (Jo 3:17ss). Uma das mensagens mais importantes do Evangelho é que a luz espiritual brilha, mas as pessoas não são capazes de compreendê-la e tentam apagá-la (Jo 1:4, 5).

Depois que a mulher partiu, tudo indica que outro grupo de líderes judeus apareceu e, como de costume, discutiu com Jesus. Dessa vez, acusaram-no de dar testemunho de si mesmo, afirmando ser a Luz do mundo, sendo que os tribunais de Israel não permitiam que se testemunhasse de si mesmo.

Mas a luz *precisa* testemunhar de si mesma! Os únicos que não conseguem vê-la são os cegos.

Lembro-me da primeira vez em que fiz um vôo durante a noite. Fiquei encantado com a mudança das luzes coloridas da cidade lá embaixo. Quando o avião deixou a região de Nova Iorque e rumou noite adentro, observei com surpresa que era possível ver pontos de luz a vários quilômetros de distância. Então, entendi a necessidade dos blecautes durante a guerra; os inimigos seriam capazes de enxergar até a luz mais tênue e, desse modo, encontrar seu alvo. A luz dá testemunho de si mesma e revela que está presente.

Talvez os fariseus estivessem citando as palavras do próprio Jesus (ver Jo 5:31ss);

mas, mais que depressa, o Senhor refutou aquela argumentação. Uma das palavras-chave dessa seção é *testemunho*. Jesus deixou claro que o testemunho deles não era confiável, pois seu discernimento era falho. Seu julgamento tinha base em coisas externas e era apenas humano; mas o julgamento dele tinha base em conhecimento espiritual. A maneira de julgarem a mulher pega em adultério comprovou que não entendiam nem a Lei e nem o próprio coração pecaminoso.

Uma vez que desejavam usar a Lei para condenar a mulher e pegar Jesus numa armadilha, Jesus também usou a Lei para lhes responder. Citou um princípio encontrado em Deuteronômio 17:6 e 19:15, e também em Números 35:30, segundo o qual era preciso que dois homens dessem testemunho para validar um julgamento. Jesus tinha essas duas testemunhas: *ele* próprio deu testemunho e também *seu Pai*. Vemos em João 5:37-47 que o testemunho do Pai encontra-se na Palavra de Deus.

Que tristeza esses grandes estudiosos da Lei não serem capazes de reconhecer o Messias que se encontrava bem diante deles! Diziam conhecer a Lei de Deus, mas não conheciam o Deus da Lei. A Palavra não habitava no coração deles (Jo 5:38) nem haviam experimentado seu amor (Jo 5:42). Não conheciam o Pai e, portanto, não sabiam quem era o Filho.

Na verdade, Jesus nunca chegou a responder à sua pergunta: "Onde está teu Pai?" O termo *pai* é usado treze vezes neste capítulo, indicando que, em vez de evitar a questão, Jesus tratou-a com honestidade. Sabia que o "pai" deles não era Deus, mas sim o diabo! Apesar de muito religiosos, esses homens eram filhos do diabo!

A outra tentativa de prender Jesus foi frustrada pelo Pai, pois ainda não era chegada a hora de Cristo entregar sua vida. Quando o servo de Deus está dentro da vontade divina, tem coragem e paz ao realizar sua obra.

3. VIDA E MORTE (JO 8:21-30)

Jesus já havia mencionado que os deixaria (Jo 7:34), mas os judeus haviam interpretado

essa declaração equivocadamente. Assim, Jesus advertiu-os, mais uma vez: ele os deixaria, não poderiam segui-lo e, por isso, morreriam em seus pecados! Em lugar de crer, ao discutir com Jesus, desperdiçavam as oportunidades concedidas por Deus, e, muito em breve, essas oportunidades se esgotariam.

Mais uma vez, o povo não entendeu seus ensinamentos e pensou que Jesus planejava matar-se! O suicídio era um ato abominável para os israelitas, pois eram ensinados a honrar a vida. Se Jesus cometesse suicídio, seria enviado a um lugar de julgamento, o que, para eles, explicava por que não podiam segui-lo.

Na verdade, era justamente o contrário; *eles* estavam a caminho de um lugar de julgamento! Jesus voltava para o Pai no céu, e ninguém que não tivesse crido no Salvador seria capaz de acompanhá-lo. Jesus e os líderes dos judeus rumavam para lugares diferentes, pois vinham de *origens diferentes*: Jesus veio do céu, enquanto eles pertenciam à Terra. Jesus estava *no* mundo, mas não pertencia ao mundo (ver Jo 17:14-16).

O verdadeiro cristão é um cidadão do céu (Lc 10:20; Fp 3:20, 21). Sua afeição e atenção estão voltadas para o alto. Os que não são salvos, porém, pertencem a este mundo. Aliás, Jesus os chamou de "filhos do mundo" (Lc 16:8). Uma vez que não creram em Cristo e que seus pecados não foram perdoados, estão fadados a morrer em suas transgressões. Os cristãos "morrem no Senhor" (Ap 14:13), pois vivem no Senhor; os incrédulos morrem em seus pecados, pois vivem em seus pecados.

É inacreditável que alguns desses "eruditos" religiosos tenham perguntado a Jesus: "Quem és tu?" Ele lhes mostrara de inúmeras formas que era o Filho de Deus, mas rejeitaram suas evidências. A resposta de Jesus pode significar: "sou exatamente o que digo ser!" Em outras palavras: "por que devo lhes ensinar coisas novas ou lhes apresentar novas evidências quando nem sequer consideraram com sinceridade o testemunho que já lhes dei?"

Jesus afirmou sua divindade com grande ousadia em várias ocasiões (Jo 8:26).

Declarou que julgaria e, para os judeus, o julgamento pertencia somente a Deus. Afirmou que havia sido enviado por Deus e que ouvira de Deus as coisas que ensinava. Qual foi a reação dos líderes a essas declarações de divindade? Não entenderam! Deus revela sua verdade aos “pequeninos”, não “aos sábios e instruídos” (Lc 10:21).

Então, Jesus falou sobre a própria morte, quando seria “levantado” na cruz (Jo 3:14; 12:32). O verbo traduzido por “levantar” tem duplo sentido: “levantar na crucificação” e “levantar em exaltação e glorificação”. Jesus combinava esses dois significados com frequência, pois via sua crucificação em termos de glória, não apenas de sofrimento (Jo 12:23; 13:30, 31; 17:1). A mesma combinação de sofrimento e de glória é repetida na Primeira Epístola de Pedro.

Jesus se revelaria à nação de Israel em sua morte, sepultamento, ressurreição e ascensão. Foi essa a mensagem que Pedro pregou em Pentecostes (At 2), não se atendo à morte de Cristo, mas falando de sua ressurreição e exaltação à glória. Até mesmo um soldado romano, observando os acontecimentos no Gólgota, confessou: “Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus” (Mc 15:39). Seguindo o exemplo de Cristo (Lc 24:25-27), a Igreja primitiva mostrou, conforme as profecias do Antigo Testamento, tanto os sofrimentos quanto as glórias do Messias.

Jesus fez mais duas declarações extraordinárias: não apenas havia sido enviado pelo Pai, mas também o Pai estava com ele, pois sempre fazia o que agradava o Pai (Jo 8:29). Sem dúvida, os inimigos reagiram energicamente a essas palavras, mas alguns dos ouvintes creram nele. Não se pode dizer ao certo se foi a verdadeira fé salvadora (ver Jo 2:23-25), mas, a julgar pelo modo como Jesus lhes falou, estavam conscientes de sua decisão.

A salvação é uma questão de vida ou morte. Quem vive em pecado e rejeita o Salvador morre em seus pecados. Não existe alternativa. Ou recebemos a salvação pela graça ou experimentamos a condenação sob a Lei de Deus. Ou andamos na luz e temos

a vida eterna, ou andamos em trevas e experimentamos a morte eterna.

A passagem apresenta mais um contraste.

4. LIBERDADE E ESCRAVIDÃO (JO 8:31-47)

Quem são os ouvintes representados pelo pronome “lhes” em João 8:34? Nos versículos anteriores, Jesus dirigiu-se aos que “creram”, mencionados em João 8:30, e os admoestou a permanecer na Palavra – discipulado –, mostrando que haviam, de fato, sido salvos. Quando obedecemos à Palavra, crescemos em conhecimento espiritual e, ao crescer em conhecimento espiritual, crescemos em liberdade do pecado. A vida conduz ao saber, e o saber conduz à liberdade.

É pouco provável que o “lhes” se referisse a esses recém-convertidos, pois dificilmente teriam discutido com o Salvador! Se João 8:37 serve de base, Jesus dirigia-se aos mesmos judeus incrédulos que manifestaram oposição a ele ao longo de todo o diálogo (Jo 8:13, 19, 22, 25). Como antes, não entenderam sua mensagem. Jesus falava de liberdade espiritual, de liberdade do pecado, mas eles pensavam em liberdade política.

Sua afirmação de que os descendentes de Abraão jamais haviam sido escravos era claramente falsa e poderia ser refutada pelos próprios relatos das Escrituras do Antigo Testamento. O povo de Israel fora escravizado por sete nações, conforme registrado no Livro de Juízes. As dez tribos do Norte foram levadas cativas para a Assíria, enquanto as duas tribos do Sul passaram setenta anos no cativeiro na Babilônia. E, naquele exato momento, os judeus encontravam-se sob o domínio de Roma! Como é difícil para religiosos e orgulhosos admitirem suas deficiências e suas necessidades!

Jesus explicou que a diferença entre a liberdade e a escravidão espiritual é uma questão de ser filho ou escravo. O escravo pode viver dentro da casa, mas não faz parte da família e não tem qualquer garantia em relação ao futuro (talvez Jesus tivesse em mente Isaque e Ismael; ver Gn 21). “Todo o que comete pecado é escravo do pecado”. Esses líderes religiosos não apenas *morriam* em suas transgressões (Jo 8:21, 24), mas

também, naquele momento, *viviam* na escravidão do pecado!

De que maneira os escravos do pecado podem ser libertos? Somente pelo Filho, através do poder de sua Palavra. É importante observar a ênfase sobre a Palavra em João 8:38-47, sendo que Jesus já havia lhes dito: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8:32). Mas eles não abriram espaço para a Palavra de Cristo em seu coração.

O restante desta seção apresenta uma discussão em torno da palavra *pai*. Jesus identificou-se com o Pai celestial, mas identificou seus oponentes com o pai do inferno, Satanás. É evidente que os judeus declaravam que seu pai era Abraão (Lc 3:8ss), mas Jesus fez uma distinção exata entre “descendência de Abraão” (descendentes físicos) e “filhos de Abraão” (descendentes espirituais pela fé pessoal; Gl 3:6-14).

Esses líderes judeus que afirmavam ser filhos de Abraão eram muito diferentes dele. Em primeiro lugar, desejavam matar Jesus; Abraão era “amigo de Deus” e tinha comunhão com o Senhor em amor (Is 41:8). Além disso, Abraão ouviu a verdade de Deus e obedeceu, enquanto os líderes religiosos rejeitaram a verdade.

A natureza é determinada pelo nascimento, e o nascimento é determinado pela paternidade. Se Deus é nosso Pai, partilhamos de sua natureza divina (2 Pe 1:1-4); mas se Satanás é nosso pai, partilhamos de sua natureza perversa. Jesus não disse que *todos* os pecadores são filhos do diabo, apesar de todos certamente serem filhos da ira e da desobediência (Ef 2:1-3). Tanto nesta passagem quanto na Parábola do Joio (Mt 13:24-32, 36-43), Jesus chama os fariseus e outros que afirmavam “crer” nele de filhos do diabo. Satanás é um imitador (2 Co 11:13-15) e dá a seus filhos uma falsa justificação que não lhes permitirá entrar no céu (Rm 10:1-4).

Quais eram as características dos líderes religiosos que pertenciam ao diabo? Dentre outras coisas, rejeitaram a verdade (Jo 8:40) e tentaram matar Jesus por dizer a verdade. Não amavam a Deus (Jo 8:42) nem entendiam o que Jesus ensinava (Jo 8:43, 47). Os filhos de Satanás podem ser extremamente

instruídos em suas tradições religiosas, mas não têm conhecimento algum da Palavra de Deus.

Satanás é um mentiroso e um homicida. Mentiu aos nossos primeiros antepassados (“É assim que Deus disse...?”) e orquestrou a morte deles. Caim era um filho do diabo (1 Jo 3:12), pois era tanto mentiroso quanto homicida. Matou o irmão Abel e mentiu sobre o que havia feito (Gn 4). É de se admirar que esses líderes religiosos tenham mentido sobre Jesus, contratado testemunhas falsas e providenciado para que fosse morto?

A pior escravidão é aquela em que o cativo não reconhece sua situação. Pensa ser livre, quando, na verdade, é escravo. Os fariseus e outros líderes religiosos acreditavam ser livres, mas, na verdade, estavam sujeitos a uma terrível escravidão espiritual, servindo ao pecado e a Satanás. Negavam-se a encarar a verdade e, no entanto, somente a verdade poderia libertá-los.

5. HONRA E DESONRA (JO 8:48-59)

Os líderes não conseguiam refutar as declarações de Jesus, de modo que atacaram sua Pessoa. Alguns estudiosos acreditam que a declaração dos líderes em João 8:41 – “Nós não somos bastardos” – representa um insulto ao nascimento e ao caráter de Jesus. Afinal, Maria engravidou antes de se casar com José. Porém, os ataques pessoais em João 8:48 são bastante óbvios. Chamar um judeu de samaritano era um dos piores ultrajes possíveis, ainda mais somado à acusação de estar endemoninhado.

Observe que Jesus nem sequer se deu o trabalho de responder à afronta racial (é bem provável que o insulto também incluísse a insinuação de que Jesus fosse herege como os samaritanos). Eles o infamavam, mas Jesus honrava o Pai. Como vimos anteriormente, Jesus deixou claro que era impossível honrar o Pai sem honrar o Filho (Jo 5:23). Esses homens desejavam a própria glória (ver Jo 5:41-44), mas Jesus buscava a glória que pertence somente a Deus. A religião voltada inteiramente para a tradição e que deixa Cristo de fora, muitas vezes, não passa de uma “sociedade de admiração mútua” para

peçoas que desejam receber louvor dos homens.

Jesus advertira os líderes de que sua incredulidade os faria morrer em seus pecados e, agora, os convidava a crer e “não [ver] a morte, eternamente” (Jo 8:51). Havia dito isso antes em seu sermão na sinagoga (Jo 6:39, 40, 44, 54). Mais uma vez, os líderes não tiveram o discernimento espiritual necessário para entender o que Jesus dizia. Abraão estava morto e, no entanto, era um homem piedoso; os profetas fiéis também estavam mortos. As coisas que Jesus dizia só serviriam para convencê-los, ainda mais, de que estava possesso! (Jo 7:20).

Ao afirmar seu senhorio sobre a morte, declarava ser Deus (Jo 5:21-29). Não era uma honra que atribuíra a si mesmo; havia recebido essa honra do Pai. Na verdade, Abraão (do qual esses líderes afirmavam ser filhos) viu esse dia e se regozijou! Em lugar de se regozijarem, revoltavam-se e tentavam matar Jesus.

De que maneira Abraão “viu” o dia do Senhor, ou seja, sua vida e ministério na Terra? Da mesma forma que viu a cidade por vir: pela fé (Hb 11:10, 13-16). Deus não revelou a Abraão uma visão especial da vida e do ministério de Jesus, mas lhe deu a percepção espiritual para “ver” esses acontecimentos futuros. Sem dúvida, Abraão viu o nascimento miraculoso do Messias no nascimento do próprio filho, Isaque. Também viu o Calvário quando ofereceu Isaque a Deus (Gn 22). No ministério sacerdotal de Melquisedeque (Gn 14:17-24), Abraão pôde ver o sacerdócio celestial de Cristo. No

casamento de Isaque, Abraão vislumbrou um retrato do casamento do Cordeiro (Gn 24).

A declaração de Cristo em João 8:58 – “Antes que Abraão existisse, Eu Sou” – foi outra afirmação de sua filiação divina, e os líderes judeus a entenderam como tal. Mais uma vez, Jesus equiparou-se com Deus (Jo 5:18), cometendo, supostamente, o pecado de blasfêmia, uma transgressão passível da pena de morte (Lv 24:16). Jesus recebeu a proteção divina e simplesmente deixou aquele local, pois ainda não era chegada sua hora. Não se pode deixar de admirar sua coragem ao apresentar a verdade e convidar os líderes religiosos cegos a crer nele e a ser libertos.

As pessoas mais difíceis de ganhar para o Salvador são as que não têm consciência de sua necessidade. Estão sob a condenação de Deus e, no entanto, confiam que serão salvas por sua religião. Andam em trevas, em vez de seguirem a luz da vida. A escravidão do pecado transformou-as em “mortos-vivos” e, apesar de suas obras religiosas, infamam o Pai e o Filho. Foram pessoas assim que crucificaram Jesus Cristo e que Jesus chamou de filhos do diabo.

De quem você é filho? Deus é o seu Pai porque você recebeu Jesus Cristo em sua vida? (Jo 1:12, 13). Ou Satanás é seu pai porque depende de uma justificação falsa, recebida pelas obras, não pela fé em Jesus Cristo?

Se Deus é seu Pai, o céu é seu lar. Se ele não é seu Pai, então o inferno é seu destino.

Trata-se, verdadeiramente, de uma questão de vida ou morte!

UM CEGO REVELA A VERDADE

JOÃO 9

Jesus realizou milagres a fim de suprir necessidades humanas. Mas também usou esses milagres como um “trampolim” para transmitir verdades espirituais. Além disso, seus milagres serviram de “credenciais” para provar que ele era, de fato, o Messias. “Os cegos vêem” (Mt 11:5) – esse é o milagre messiânico que encontramos neste capítulo e que Jesus usa como base para um sermão curto sobre a cegueira espiritual (Jo 9:39-41) e para outro mais longo sobre os verdadeiros e os falsos pastores (Jo 10:1-18).

Acredita-se que, só nos Estados Unidos, uma pessoa fica cega a cada 20 minutos. O homem que vemos neste capítulo era cego *de nascença*; jamais havia contemplado a beleza da criação de Deus nem o rosto de entes queridos. Quando Jesus entrou em cena, tudo mudou, e o homem passou a enxergar. Todavia, o maior milagre não foi seus olhos terem sido aberto para o mundo, mas sim seu coração abrir-se para o Salvador. Confessar que Jesus era o Filho de Deus custou-lhe tudo o que possuía, mas ele se dispôs a pagar o preço.

A maneira mais fácil de compreender a mensagem deste capítulo é observar os estágios da compreensão cada vez maior que esse homem adquiriu acerca da identidade de Jesus.

1. “O HOMEM CHAMADO JESUS” (Jo 9:1-12)

Naquele tempo, não restavam muitas opções para um cego a não ser mendigar, e era isso o que o homem fazia quando Jesus passou por ele (Jo 9:8). Sem dúvida, muitos outros cegos teriam se alegrado imensamente em

ser curados, mas Jesus escolheu aquele homem (ver Lc 4:25-27). Ao que parece, ele e seus pais eram bem conhecidos na comunidade. Jesus o curou num sábado (Jo 9:14), perturbando e desafiando deliberadamente os líderes religiosos (Jo 5:9ss).

Os discípulos não viram o homem como alguém digno de misericórdia, mas sim como um tema de discussão teológica. É muito mais fácil discutir um assunto abstrato, como o “pecado”, do que ministrar a uma necessidade real na vida de uma pessoa. Os discípulos estavam certos de que a cegueira congênita do homem era resultado de pecados dele próprio ou de seus pais, mas Jesus discordou.

Em última análise, *todos* os problemas físicos são conseqüências da queda de Adão, pois foi sua desobediência que trouxe o pecado e a morte ao mundo (Rm 5:12ss). Mas atribuir uma deficiência específica a um pecado cometido por uma pessoa específica é algo que certamente está além da autoridade humana. Somente Deus sabe por que os bebês nascem com defeito, e somente Deus pode transformar esses defeitos em algo que beneficiará as pessoas e glorificará o nome do Senhor.

Sem dúvida, tanto o homem quanto seus pais haviam pecado em algum momento, mas Jesus não considerou esses pecados a causa da cegueira do homem. Também não deu a entender que Deus havia deliberadamente cegado o homem para que, anos depois, Jesus realizasse esse milagre. Uma vez que o manuscrito original não apresenta pontuações, podemos ler João 9:3, 4 da seguinte maneira:

Nem ele pecou nem seus pais. Mas, para que se manifestem nele as obras de Deus, é necessário que eu faça as obras daquele que me enviou enquanto é dia.

Jesus empregou um método singular para curar esse homem: colocou lama nos olhos dele e, em seguida, pediu que os lavasse. Certa ocasião, Jesus curou dois cegos simplesmente tocando os olhos deles (Mt 9:27-31); outro cego, curou colocando-lhe saliva

nos olhos (Mc 8:22-26). Apesar de o poder de cura ser o mesmo, Jesus usou vários métodos, a fim de que as pessoas não se concentrassem na *forma* e se esquecessem da *mensagem* da cura.

Havia pelo menos dois motivos para Jesus usar lama. Em primeiro lugar, era uma imagem da *encarnação*. Deus fez o primeiro homem do pó da terra e enviou seu Filho como um homem real. É interessante observar a ênfase sobre o significado de *Siloé* – “Enviado” – e relacionar esse fato com João 9:4, “as obras daquele que me enviou” (ver também Jo 3:17, 34; 5:36; 7:29; 8:18, 42). Jesus ofereceu uma pequena ilustração de sua vinda à Terra, enviado pelo Pai.

O segundo motivo para usar a lama foi a *irritação*; ela serviu para incentivar o homem a obedecer! Quem já teve algum tipo de irritação nos olhos sabe do desejo urgente de se livrar dessa sensação. Podemos comparar essa “irritação” com a obra do Espírito Santo, ao usar a Lei de Deus para julgar o pecador.

Mas a cura do homem criou um problema de *identificação*: ele era mesmo aquele cego que costumava mendigar? O que o havia feito ver? O restante do capítulo apresenta um conflito crescente em torno dessas duas perguntas. Os líderes religiosos negavam-se a aceitar o fato de que Jesus havia curado o homem e até mesmo de admitir que ele havia sido curado!

A pergunta: “Como se deu essa cura?” é repetida, de uma forma ou de outra, quatro vezes neste capítulo (Jo 9:10, 15, 19, 26), sendo feita primeiro pelos vizinhos e, depois, pelos fariseus. No entanto, os líderes não consideraram sua resposta satisfatória e foram perguntar aos pais do homem; por fim, voltaram a interrogá-lo. O processo pareceu oficial e eficiente, mas, na verdade, foi uma manobra extremamente evasiva, tanto da parte do povo quanto da parte dos líderes. Os fariseus desejavam livrar-se das evidências, e o povo temia dizer a verdade.

Estavam todos fazendo a pergunta errada! Não deveriam ter perguntado “como?”, mas sim “quem?”. Todos nós temos a tendência de querer saber “como”, de entender o

funcionamento do milagre em lugar de simplesmente crer no Salvador, o único que pode realizar o milagre. Nicodemos quis saber como voltar ao ventre da mãe (Jo 3:4, 9). “Como pode este dar-nos a comer a sua própria carne?” (Jo 6:52). A compreensão do processo (supondo que isso fosse possível) não é garantia de experimentar o milagre.

Quando lhe pediram para descrever sua experiência, o homem simplesmente relatou o que havia acontecido. Tudo o que sabia sobre quem havia realizado o milagre era que o homem chamava-se Jesus. É claro que não havia visto Jesus, mas ouvira sua voz. Além de não ter idéia da identidade de Jesus, o mendigo também não sabia de seu paradeiro. Até então, fora curado, mas ainda não havia sido salvo. A luz despontara no horizonte, mas só se tornaria verdadeiramente fulgurante quando ele contemplatesse a face de Jesus e o adorasse (ver Pv 4:18).

Pelo menos doze vezes, no Evangelho de João, Jesus é chamado de “um homem” (ver Jo 4:29; 5:12; 8:40; 9:11, 24; 10:33; 11:47, 50; 18:14, 17, 29; 19:5). João enfatiza que Jesus Cristo é Deus, mas contrabalança esse fato de maneira extraordinária ao lembrar que Jesus também foi homem. A encarnação não foi uma ilusão (1 Jo 1:1-4).

2. “UM PROFETA” (JO 9:13-23)

Tendo em vista que os fariseus eram guardiões da fé, procediam corretamente ao investigar o homem que havia sido curado. O fato de estudarem o milagre de modo tão detalhado é mais uma evidência de que Jesus, realmente, curou o homem. Uma vez que o homem havia *nascido* cego, o milagre foi ainda maior, pois a cegueira causada por enfermidades ou ferimentos pode desaparecer subitamente. Os milagres de Jesus mostram-se verdadeiros mesmo sob o escrutínio mais detalhado de seus inimigos.

Mas a grande preocupação dos fariseus era o fato de Jesus haver realizado essa cura num sábado. A Lei não permitia trabalhar no sábado, e, ao preparar a lama, aplicá-la nos olhos do homem e curá-lo, Jesus havia realizado três “trabalhos” ilegais. Os fariseus procuravam provas para levar Jesus a julgamento

quando, na verdade, deveriam estar louvando a Deus por um milagre.

Quando as pessoas se recusam a encarar as evidências com honestidade, esquivando-se por medo (ver Jo 9:22), é impossível chegar a uma conclusão unânime. Mais uma vez, Jesus foi a causa da divisão (Jo 9:16; ver também 7:12, 43). Os líderes religiosos julgavam com base em uma só idéia: ninguém que transgride o sábado pode ser um profeta de Deus. Sua mentalidade tacanha não difere muito daquela de alguns religiosos de nosso tempo. Os fariseus não se deram conta de que Jesus oferecia ao povo algo maior que o sábado: o verdadeiro descanso espiritual que vem de Deus (Mt 11:28-30).

Mas o mendigo não se deixou intimidar pelas ameaças dos fariseus. Quando lhe perguntaram sua opinião sobre Jesus, o homem respondeu com toda ousadia: “[Digo] que é profeta” (ver um paralelo em Jo 4:19). Alguns dos profetas do Antigo Testamento, como Moisés, Elias e Eliseu, realizaram milagres. Para o povo de Israel, seus profetas eram homens de Deus, capazes de fazer coisas maravilhosas pelo poder de Deus.

Mas os líderes religiosos não queriam que Jesus recebesse designação tão distinta. “Esse homem não é de Deus” (Jo 9:16). Talvez pudessem menosprezar o milagre e, assim, convencer o povo de que Jesus havia tramado uma encenação para, na verdade, enganar a todos. Teria sido um golpe ardiloso, em que Jesus “trocara” os mendigos, de modo que o homem com visão saudável não era o mesmo que o mendigo cego.

A melhor maneira de desmascarar o golpe seria interrogar os pais do mendigo, de modo que chamaram os dois e lhes perguntaram: (1) “É este o vosso filho?” e (2) “Como, pois, vê agora?” Caso se recusassem a responder a uma das perguntas, se veriam em sérios apuros; se dessem respostas diferentes daquelas que os líderes desejavam ouvir, também estariam em apuros. Um dilema e tanto!

Responderam à primeira pergunta francamente: aquele era seu filho e ele havia nascido cego. Responderam à segunda pergunta de modo evasivo: não sabiam como

ele havia sido curado nem quem o havia curado. Usaram a velha tática de “passar o problema para frente”, sugerindo que os fariseus interrogassem o próprio homem. Afinal, ele era maior de idade!

O que estava por trás dessas perguntas e das respostas furtivas? *O medo das pessoas*. Vimos essa mesma reação na Festa dos Tabernáculos (Jo 7:13), e voltaremos a encontrá-la na última Páscoa de Jesus (Jo 12:42). Essas pessoas buscavam a honra que vem dos homens, em vez da honra que vem de Deus (Jo 5:44). Sem dúvida, era algo extremamente sério ser expulso da sinagoga, mas era ainda mais sério rejeitar a verdade e se perder para sempre. “Quem teme ao homem arma ciladas” (Pv 29:25). Os fariseus tentavam fazer Jesus cair em suas armadilhas, os pais tentavam evitar uma armadilha, mas todos armavam ciladas para si mesmos! Os pais deveriam ter dado ouvidos ao conselho de Isaías 51:7 e 12.

Os fariseus tinham como “defender sua causa”, pois a Lei de Moisés e séculos da tradição judaica testemunhavam a seu favor. Mas não eram capazes de compreender que Jesus Cristo havia cumprido toda a lei cerimonial e trazia algo novo. Moisés representou a preparação, mas Jesus Cristo é a consumação (ver Jo 1:17).

3. “UM HOMEM DE DEUS” (JO 9:24-34)

Ansiosos por resolver o caso, os fariseus chamaram o homem de volta e, dessa vez, o colocaram sob juramento. “Dá glória a Deus” era uma forma de jurar num tribunal (ver Js 7:19).

Mas, logo de início, os “juízes” mostraram-se preconceituosos. “Sabemos que esse homem é pecador.” Advertiam a testemunha de que, se não cooperasse com o tribunal, poderia sofrer a expulsão. Mas o mendigo não se deixou intimidar. Havia experimentado um milagre e não tinha medo de lhes contar o que tinha se passado.

Não discutiu sobre o caráter de Jesus Cristo, pois isso estava além de seu conhecimento e experiência. Uma coisa, porém, ele sabia ao certo: agora podia ver. Seu testemunho (Jo 9:25) me traz à memória o

Salmo 27. Esse salmo torna-se extremamente significativo quando o lemos pensando neste capítulo e nos colocando no lugar do mendigo curado.

Pela quarta vez, os líderes perguntaram: "Que te fez ele? como te abriu os olhos?" (ver Jo 9:10, 15, 19 e 26). Não é difícil imaginar o homem cada vez mais impaciente. Afinal, tinha passado a vida inteira cego e havia tanta coisa para ver. Por certo, não queria se demorar num tribunal na sinagoga, olhando para rostos zangados e respondendo sempre às mesmas perguntas!

Admiramos a ousadia desse homem ao perguntar aos fariseus irados se também desejavam seguir Jesus! O homem esperava uma resposta negativa, mas ainda assim teve a coragem de perguntar. Uma vez que não tinham como refutar as evidências, os juízes começaram a insultar a testemunha e, mais uma vez, envolveram Moisés na discussão (Jo 5:46). Os fariseus eram homens cautelosos, que se consideravam conservadores, quando, na verdade, eram apenas retrógrados e inflexíveis. Um verdadeiro conservador pega o que há de melhor no passado e usa no presente, sem perder de vista as coisas novas que Deus faz. As coisas novas desenvolvem-se a partir das mais antigas (Mt 13:52). O retrógrado simplesmente preserva um passado petrificado. Opõe-se a mudanças e resiste às coisas novas que Deus faz. Se os fariseus compreendessem Moisés de fato, teriam reconhecido quem Jesus era e o que realizava.

Os líderes estavam certos sobre Moisés, mas não sobre Jesus. Não sabiam de onde ele viera. Jesus já lhes havia dito que viera do céu, de onde fora enviado pelo Pai (Jo 6:33, 38, 41, 42, 50, 51). Estavam certos de que ele era o filho biológico de Maria e de José e de que era da cidade de Nazaré (Jo 6:42; 7:41, 42). Não exerciam discernimento espiritual, mas sim julgavam "segundo a carne" (Jo 8:15).

O homem curado não conseguia acreditar que os fariseus não conhecessem o Homem que havia aberto os olhos dele. Quantas pessoas em Jerusalém eram capazes de curar os cegos? Em vez de investigar

o milagre, esses líderes deveriam estar investigando Aquele que havia feito o milagre e aprender com ele. Os especialistas rejeitaram a Pedra que lhes foi enviada (At 4:11).

Assim, o mendigo deu a esses homens uma lição prática de teologia. Talvez tivesse em mente o Salmo 66:18: "Se eu no coração contemplara a vaidade, o Senhor não me teria ouvido". Os líderes chamaram Jesus de pecador (Jo 9:24), e, no entanto, Jesus foi usado por Deus para curar o homem cego.

A isso, acrescentou um argumento indiscutível: Jesus curou um homem que havia nascido cego. Não se tinha conhecimento de outra cura como essa. Logo, Deus não apenas ouviu Jesus, mas também lhe concedeu o poder de dar visão ao homem. Como tinham coragem de dizer, então, que Jesus era um pecador?

Os intolerantes religiosos não querem encarar as evidências nem a lógica. Não estão abertos a qualquer idéia nova. Se os fariseus houvessem considerado com honestidade os fatos diante deles, teriam visto que Jesus é o Filho de Deus e crido nele para ser salvos.

Em lugar disso, os líderes voltaram a insultar o homem e lhe disseram que havia nascido em pecado. Porém, ele não *morre*ria em seus pecados (ver Jo 8:21, 24), pois, como o capítulo relata mais adiante, o mendigo creu em Jesus Cristo. Todos nós nascemos em pecado (Sl 51:5), mas não precisamos viver em pecado (Cl 3:6, 7) nem morrer em pecado. A fé em Jesus Cristo nos redime do pecado e nos dá uma vida de liberdade jubilosa.

Os líderes religiosos expulsaram o homem oficialmente da sinagoga local. Essa medida implicava a exclusão do convívio com familiares e amigos, fazendo-o passar a ser considerado pelos judeus um "publicano e pecador". Mas Jesus veio para salvar os que viviam à margem da sociedade e nunca os decepcionou.

4. "O FILHO DE DEUS" (Jo 9:35-41)

O Bom Pastor sempre cuida de suas ovelhas. Jesus ficou sabendo que o homem havia sido expulso, de modo que foi procurá-lo e se

revelou a ele. Cabe lembrar que o homem conhecia a voz de Jesus, mas não havia visto seu rosto.

Foi nesse momento que o homem chegou ao ápice de seu conhecimento de Jesus Cristo e de sua fé no Salvador. Não basta crer que Cristo é “um homem chamado Jesus”, ou “um profeta”, ou “um homem de Deus”. “Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus” (1 Jo 5:1). João escreveu seu Evangelho para provar que Jesus é o Filho de Deus e para apresentar aos leitores testemunhos de pessoas que se encontraram com Jesus e que confessaram que ele é o Filho de Deus. O mendigo curado é uma dessas testemunhas.

Jesus identificou-se como o Filho de Deus (ver Jo 9:35, RC, e também 5:25), e o mendigo creu e foi salvo (Jo 9:38). “As minhas ovelhas ouvem a minha voz” (Jo 10:27). Ele não “viu para crer”; ele *ouviu* e creu. Não apenas creu no Salvador, mas também o adorou. Se Jesus Cristo não é Deus, então por que aceitou essa adoração? Pedro, Paulo e Barnabé certamente não aceitaram ser adorados (ver At 10:25, 26; 14:11-15).

João Batista afirmou que Jesus é o Filho de Deus (Jo 1:34), como também o fez Natanael (Jo 1:49). Jesus afirmou ser o Filho de Deus (Jo 5:25, RC; 9:35), e Pedro fez o mesmo (Jo 6:69). Agora, o mendigo curado juntava-se a esse grupo de testemunhas.

Aonde quer que Jesus fosse, sempre havia fariseus presentes para tentar apanhar o Senhor em algum erro, tanto em palavras como em atitudes. Ao vê-los, Jesus encerrou a questão fazendo um sermão sobre a cegueira espiritual.

João 9:39 não é conflitante com João 3:16, 17. O *motivo* da vinda de Jesus foi a salvação, mas o *resultado* de sua vinda foi a condenação dos que não creram. O mesmo sol que faz as sementes nascerem e revelarem sua beleza também mostra as pragas antes escondidas nas sombras. Os líderes religiosos estavam cegos e não queriam reconhecer sua situação, por isso, a luz da verdade só aumentou sua cegueira. O mendigo reconheceu sua necessidade e recebeu visão física e espiritual. A pessoa mais cega

de todas é a que se recusa a ver, pensando estar de posse de “toda a verdade” e acreditando não ter mais o que aprender (Jo 9:28, 34).

Alguns fariseus que estavam por perto não gostaram do que ouviram Jesus dizer ao homem. “Acaso, também nós somos cegos?”, perguntaram, esperando uma resposta negativa. Jesus já havia respondido a essa pergunta quando disse que eram cegos guiando outros cegos (ver Mt 15:14). Estavam cegos por seu orgulho, por sua hipocrisia, por sua tradição e por sua interpretação equivocada da Palavra de Deus.

Jesus respondeu com um paradoxo: “Seria melhor se vocês fossem cegos. Mas, em vez disso, insistem que podem enxergar. Por isso, são culpados!” Se admitissem sua cegueira, pelo menos poderiam usá-la como justificativa para sua falta de entendimento sobre os acontecimentos. No entanto, *sabiam* o que se passava. Jesus realizara vários milagres, e os líderes religiosos optaram por ignorar essas evidências e tomar a decisão certa.

Jesus é a luz do mundo (Jo 8:12; 9:5). Os únicos que não são capazes de ver a luz são os cegos e os que se recusam a abrir os olhos, fazendo-se, portanto, de cegos. O mendigo sofrera de cegueira física e espiritual, no entanto, seus olhos e seu coração foram abertos, pois ouvira a Palavra, crendo, obedecendo e experimentando a graça de Deus. Em termos físicos, os fariseus possuíam visão saudável, mas, em termos espirituais, eram absolutamente cegos. Se tivessem dado ouvidos à Palavra e considerado as evidências diante deles com honestidade, teriam crido em Jesus Cristo e nascido de novo.

Em que sentido os fariseus eram capazes de “enxergar”? Viam a mudança na situação do mendigo cego e não podiam negar que ele havia sido curado. Podiam ver os grandes feitos de Jesus. Até mesmo Nicodemos, um desses líderes, impressionou-se com os milagres de Jesus (Jo 3:2). Se tivessem examinado as evidências com honestidade, teriam visto a verdade claramente. “Se alguém quiser fazer a vontade dele [de Deus], conhecerá a respeito da doutrina” (Jo 7:17).

“Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida” (Jo 5:40).

Na realidade, João 10 é a continuação do ministério de Jesus aos fariseus. A cura do homem cego torna-se o pano de fundo (Jo 10:21). Aliás, o termo traduzido por “expulsado”, em João 9:35, é traduzido por “fazer sair” em João 10:4. O mendigo foi expulso da sinagoga, mas foi recebido pelo Bom Pastor e acrescentado a seu rebanho! A ênfase de João 10 é sobre Jesus Cristo, o Bom e Verdadeiro Pastor, em contraste com os fariseus, os falsos pastores.

O mendigo curado não volta a aparecer no relato, mas certamente esse homem seguiu Jesus de perto e testemunhou dele.

Esperamos que tenha conseguido ganhar para Cristo seus pais relutantes. Apesar de a expulsão da sinagoga ter sido uma experiência difícil para ele, sem dúvida esse homem encontrou em sua comunhão com Jesus Cristo muito mais ajuda espiritual e encorajamento do que jamais encontraria nas tradições judaicas.

Ainda hoje, há quem precise escolher entre Cristo e a família, ou entre Cristo e sua tradição religiosa.

Mesmo pagando um alto preço, o mendigo curado tomou a decisão certa.

“Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito” (Pv 4:18).

O BOM PASTOR E SUAS OVELHAS

JOÃO 10

Um programa humorístico de televisão preparou uma “pegadinha” numa escola de ensino médio. Alguns membros da equipe do programa apresentaram-se aos melhores alunos da escola como consultores vocacionais em visita à escola para orientá-los sobre a carreira mais apropriada a cada um com base em “testes” e “entrevistas” que (para os alunos) pareciam autênticos.

Uma câmera escondida mostrava um rapaz aguardando com ansiedade os resultados dos testes. Por certo, o consultor lhe diria que era apto para ser reitor de uma universidade, presidente de um banco ou, quem sabe, cientista e pesquisador. Mas o “consultor” tinha outra coisa em mente. Com uma expressão tragicômica no rosto, o rapaz ouviu aquele profissional lhe dizer:

– Pois bem, depois de avaliars seus testes e entrevistas, encontramos a carreira ideal para você: pastor de ovelhas.

O aluno não sabia se ria ou se chorava. Afinal, quem, em perfeito juízo, sonharia em ser pastor? O que levaria alguém a dedicar a vida a uma porção de “ovelhas burras”, que sequer têm a capacidade de encontrar o caminho de volta para casa?

João 10 enfatiza imagens de ovelhas, apriscos e pastores. Sem dúvida, constituem um retrato das regiões rurais do Oriente, mas têm muito a nos ensinar hoje, mesmo em nosso mundo urbano e industrializado. Paulo usa uma imagem parecida ao admoestar os líderes espirituais da igreja de Éfeso (At 20:28ss). As verdades associadas ao pastor e a suas ovelhas podem ser encontradas ao longo de toda a Bíblia e continuam sendo relevantes para nós hoje. Os símbolos usados

por Jesus ajudam a entender quem ele é e o que deseja que façamos.

Talvez, a maneira mais fácil de abordar esse capítulo, um tanto complexo, do Evangelho de João, seja observar as três declarações que Jesus faz a respeito de si mesmo.

1. “EU SOU A PORTA” (Jo 10:1-10)

O sermão desenvolveu-se a partir do confronto de Jesus com líderes judeus, depois da expulsão do mendigo (Jo 9). Jesus lhes falara de modo sucinto sobre a luz e as trevas, mas aqui muda para a imagem do pastor e de suas ovelhas. Isso porque, para os judeus, o “pastor” representava qualquer tipo de líder, tanto político quanto espiritual. Consideravam pastores o rei e os profetas. Israel tinha o privilégio de ser o “povo e rebanho” de Deus (Sl 100:3). Esse contexto fica mais claro com a leitura de Isaías 56:9-12; de Jeremias 23:1-4; 25:32-38; de Ezequiel 34 e de Zacarias 11.

Jesus começou seu sermão com uma *ilustração conhecida* (Jo 10:1-6), que todos os seus ouvintes compreenderiam. O aprisco normalmente era um cercado, feito de pedras, com uma abertura. Durante a noite, o pastor (ou um porteiro) guardava o rebanho dentro do aprisco deitando-se nessa abertura e servindo de “porta”. Era comum colocar vários rebanhos no mesmo aprisco. Pela manhã, cada pastor chamava suas ovelhas, e, desse modo, os rebanhos eram separados. Cada ovelha reconhecia a voz de seu pastor.

O verdadeiro pastor entra no aprisco pela porta e é reconhecido pelo porteiro. Os ladrões e salteadores não podiam passar pela porta, portanto precisavam saltar o muro e entrar furtivamente no aprisco. Mesmo que conseguissem entrar, as ovelhas não os seguiriam, pois só obedeciam à voz do próprio pastor. Os falsos pastores não têm como *conduzir* as ovelhas, de modo que são obrigados a *carregá-las*.

Fica claro que os ouvintes não entenderam o que Jesus disse nem o propósito de suas palavras. (O termo traduzido por “parábola” significa “um ditado obscuro, um provérbio”. Os ensinamentos de Jesus em João

10 não são como as parábolas registradas nos outros Evangelhos.) Jesus deu essa lição quando o mendigo foi expulso da sinagoga (Jo 9:34). Os falsos pastores não se importaram com esse homem; antes, o maltrataram e o rejeitaram. Mas Jesus, o Pastor, foi procurá-lo e levá-lo para seu aprisco (Jo 9:35-38).

Infelizmente, João 10:1 é usado com frequência para ensinar que o aprisco é o céu e que não há outra forma de entrar senão por meio de Cristo. Trata-se de um ensinamento verdadeiro (At 4:12), mas que não tem como base esse versículo. Jesus deixou claro que o aprisco é a nação de Israel (Jo 10:16). Os gentios são as “outras ovelhas”, que não fazem parte do aprisco de Israel.

Quando Jesus veio ao povo de Israel, ele o fez conforme as Escrituras indicaram. Todo verdadeiro pastor deve ser chamado por Deus e enviado por ele. Se falar, verdadeiramente, da Palavra de Deus, as ovelhas “ouvirão sua voz” e não terão medo de segui-lo. O pastor autêntico ama as ovelhas e cuida delas.

Uma vez que o povo não entendeu essa linguagem simbólica, Jesus acrescentou uma aplicação a sua ilustração (Jo 10:7-10). Em duas ocasiões ele diz: “Eu sou a Porta”. Ele é a Porta do aprisco; permite que as ovelhas saiam do aprisco (a religião judaica) e entrem no rebanho. Os fariseus expulsaram o mendigo da sinagoga, mas Jesus o conduziu do judaísmo para o rebanho de Deus.

No entanto, o pastor não se atém a conduzir as ovelhas para fora; ele também as conduz para dentro do rebanho. Elas se tornam parte de “um só rebanho” (não “aprisco”), a Igreja de Cristo. Ele é a Porta da salvação (Jo 10:9). Os que crêem nele entram no rebanho do Senhor e têm o privilégio maravilhoso de sair para encontrar pastos verdejantes. Quando nos lembramos de que o pastor fazia o papel de “porta” no aprisco, essa imagem torna-se extremamente real.

Uma vez que é a Porta, Jesus livra os pecadores da escravidão e os conduz à liberdade. Eles são salvos! O verbo “salvar” significa “livrar de perigo e entregar em segurança”. Era usado para designar a condição de uma

pessoa que se recuperara de uma enfermidade grave, passara por uma tempestade, sobrevivera a uma guerra ou fora absolvida num tribunal. Alguns pregadores de hoje querem se livrar de termos “antiquados” como salvação, mas Jesus disse que, se alguém entrasse por ele, seria salvo.

Jesus referia-se, principalmente, aos líderes religiosos daquela época (Jo 10:8), sem condenar todos os profetas ou servos de Deus que haviam ministrado antes de ele vir ao mundo. Ao declarar que todos “são [e não, que “eram”] ladrões e salteadores”, Jesus deixa claro que tem em mente os líderes religiosos de seu tempo. Não eram verdadeiros pastores nem tinham a aprovação de Deus para seu ministério. Não amavam as ovelhas; antes, as exploravam e abusavam delas. O mendigo foi um excelente exemplo do que os “ladrões e salteadores” eram capazes de fazer.

O relato dos Evangelhos deixa claro que os líderes religiosos estavam interessados apenas em garantir os próprios interesses e em se proteger. Os fariseus eram gananciosos (Lc 16:14) e se aproveitavam até de viúvas necessitadas (Mc 12:40). Transformaram o templo de Deus em covil de salteadores (Mt 21:13) e tramaram a morte de Jesus para que Roma não lhes tirasse os privilégios (Jo 11:49-53).

O Verdadeiro Pastor veio salvar as ovelhas, mas os falsos pastores aproveitam-se delas. Por trás desses falsos pastores está “o ladrão” (Jo 10:10), provavelmente uma referência a Satanás. O ladrão deseja tirar as ovelhas do aprisco, matá-las e destruí-las. Porém, como veremos mais adiante, as ovelhas estão seguras nas mãos do Pastor e do Pai (Jo 10:27-29).

Ao passar pela “Porta”, recebemos vida e somos salvos. Ao entrar no rebanho e sair para a pastagem, desfrutamos vida abundante nos pastos verdejantes do Senhor. Suas ovelhas desfrutam plenitude e liberdade. Jesus não apenas deu sua vida por nós, mas também dá sua vida para nós a cada dia!

A ênfase desta seção é “a porta”. Em seguida, Jesus passa a falar do “pastor” e faz outra declaração.

2. "EU SOU O BOM PASTOR" (Jo 10:11-21)

Essa é a quarta declaração com "Eu Sou" que Jesus faz no Evangelho de João (Jo 6:35; 8:12; 10:9). Sem dúvida, ao fazer tais afirmações, mostra o contraste entre ele e os falsos pastores na liderança da religião judaica da época. Já havia chamado esses líderes de "ladrões e salteadores", e agora os descreve como "mercenários".

O termo traduzido por "bom" significa "intrinsecamente bom, belo, amável". Descreve algo ideal, um exemplo a ser seguido. A bondade de Cristo é inerente a sua natureza. Chamá-lo de "bom" é o mesmo que chamá-lo de "Deus" (Mc 10:17, 18).

Alguns dos grandes homens dos relatos bíblicos eram pastores: Abel, os patriarcas, Moisés e Davi, dentre outros. Ainda hoje, é possível ver, na Terra Santa, pastores conduzindo seus rebanhos e mostrando como conhecem bem cada uma das ovelhas, suas características individuais e suas necessidades especiais. É importante lembrar que, exceto pelos animais destinados a sacrifícios, os rebanhos de ovelhas em Israel não eram criados para o abate. Os pastores cuidavam das ovelhas para que dessem lã, leite e cordeiros.

Jesus destacou quatro ministérios que realiza como Bom Pastor.

Ele dá a vida pelas ovelhas (vv. 11-13). No antigo sistema sacrificial, as ovelhas morriam pelo pastor; agora, o Bom Pastor dá a vida pelas ovelhas! Em cinco ocasiões ao longo deste sermão, Jesus afirma claramente a natureza sacrificial de sua morte (Jo 10:11, 15, 17, 18). Não morreu como um mártir, executado por homens; morreu como um substituto, entregando a vida voluntariamente por nós.

O fato de Jesus dizer que morreu "pelas ovelhas" não pode ser separado do restante dos ensinamentos bíblicos sobre a cruz. Também morreu pela nação de Israel (Jo 11:50-52) e pelo mundo (Jo 6:51). Apesar de o sangue de Cristo ser *suficiente* para a salvação do mundo, só é *eficaz* para os que crêem.

Jesus apresenta um contraste entre ele próprio e os servos contratados (mercenários),

que cuidam das ovelhas apenas porque são pagos para fazer esse trabalho. Quando surge o perigo, o mercenário foge, enquanto o verdadeiro pastor permanece com o rebanho para cuidar das ovelhas. A frase-chave é: "a quem não pertencem as ovelhas" (v. 12). O Bom Pastor *compra as ovelhas*; elas *lhe pertencem* porque morreu por elas. São dele, e ele cuida delas. Por natureza, as ovelhas são animais sem grande inteligência, propensas a colocar-se em perigo e que, portanto, precisam dos cuidados do pastor.

Ao longo de toda a Bíblia, o povo de Deus é comparado, de modo muito apropriado, a ovelhas. Ao contrário dos porcos e dos cães, as ovelhas são consideradas animais puros (2 Pe 2:20-22). São indefesas e dependem do pastor (Sl 23). Nas palavras de Wesley, "são propensas a se perder" e devem ser procuradas e trazidas de volta com frequência (Lc 15:3-7). As ovelhas são animais pacíficos e úteis para o pastor. Destas e de outras maneiras, retratam os que creram em Jesus Cristo e que fazem parte do rebanho de Deus.

Ao contrário dos bons pastores, os fariseus não demonstraram qualquer amor ou interesse pelo mendigo, portanto, o expulsaram da sinagoga. Mas Jesus encontrou-o e cuidou dele.

Ele conhece suas ovelhas (vv. 14, 15). No Evangelho de João, o termo *conhecer* significa muito mais do que ter consciência intelectual. Refere-se ao relacionamento íntimo entre Deus e seu povo (ver Jo 17:3). No Oriente, os pastores conhecem as ovelhas individualmente, portanto sabem qual é a melhor maneira de cuidar de cada uma delas.

Em primeiro lugar, Jesus conhece nosso nome (ver Jo 10:3). Ele conhecia Simão (Jo 1:42) e lhe deu um novo nome. Chamou Zaqueu pelo nome (Lc 19:5); e, quando disse o nome de Maria no jardim, ela reconheceu seu Pastor (Jo 20:16). Quem já teve a sensação de ter perdido a "identidade" em meio a tantos documentos, senhas, cartões e cadastros em computadores, sabe como é reconfortante ter a certeza de que o Bom Pastor conhece suas ovelhas pelo nome.

Ele também conhece nossa natureza. Apesar de todas as ovelhas serem semelhantes quanto a sua natureza essencial, cada uma possui características distintivas, e o pastor afetuoso conhece essas peculiaridades. Uma ovelha pode ter medo de lugares altos, enquanto outra não gosta de sombras. O pastor fiel leva essas necessidades especiais em consideração ao cuidar do rebanho.

É interessante observar como os doze apóstolos eram tão diferentes uns dos outros. Pedro era impulsivo e extrovertido, enquanto Tomé era hesitante e cheio de dúvidas. André gostava de se relacionar com as pessoas e estava sempre apresentando alguém para Jesus, enquanto Judas queria usar os outros para benefício próprio. Jesus conhecia cada um desses homens pessoalmente e sabia como tratar com eles.

Uma vez que conhece nossa natureza, também conhece nossas necessidades. Muitas vezes, *nós mesmos* não sabemos do que precisamos. O Salmo 23 é uma bela descrição poética de como o Bom Pastor cuida de suas ovelhas. Nos pastos, junto às águas e mesmo nos vales, as ovelhas não precisam temer, pois seu pastor está cuidando delas e suprimindo suas necessidades. Se juntarmos os versículos 1 e 6 do Salmo 23, descobriremos que, “nada me faltará [...] todos os dias da minha vida”.

À medida que o pastor cuida de suas ovelhas, elas passam a conhecê-lo cada vez melhor. O Bom Pastor conhece suas ovelhas, e elas sabem quem ele é. Conhecem-no cada vez melhor ao ouvir sua voz (a Palavra) e ao experimentar seu cuidado diário. Ao seguir o Pastor, as ovelhas aprendem a amá-lo e a confiar nele. Ele ama “os seus” (Jo 13:1) e mostra esse amor pela maneira de cuidar deles.

O Bom Pastor traz outras ovelhas para o rebanho (v. 16). O “aprisco” é o judaísmo (Jo 10:1), mas há outro aprisco: os gentios que se encontram fora da aliança de Deus com Israel (Ef 2:11ss). No início de seu ministério, Jesus concentrou-se em cuidar das “ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 10:5, 6; 15:24-27). Os que se converteram em Pentecostes eram judeus e prosélitos (At 2:5,

14), mas a Igreja não deveria ser um “rebanho judeu”. Pedro levou o evangelho aos gentios (At 10 – 11), e Paulo transmitiu a mensagem aos gentios até os confins do império romano (At 13:1ss).

Existe apenas um rebanho, o povo de Deus que pertence ao Bom Pastor. O povo de Deus encontra-se espalhado por todo o mundo (ver At 18:1-11), e um dia ele chamará e juntará suas ovelhas.

A mensagem missionária do Evangelho de João é clara: “Porque Deus amou ao mundo” (Jo 3:16). Jesus desafiou os costumes da época e conversou com uma mulher samaritana. Recusou-se a defender a abordagem exclusivista dos líderes religiosos judeus. Morreu por um mundo perdido e deseja que seu povo alcance esse mundo com a mensagem da vida eterna.

O Bom Pastor retoma sua vida (vv. 17-21). Sua morte voluntária foi seguida de sua ressurreição vitoriosa. Do ponto de vista humano, tudo indicava que Jesus havia sido executado, mas do ponto de vista divino, havia entregado sua vida espontaneamente. Quando Jesus clamou na cruz: “Está consumado!”, entregou o espírito ao Pai por sua própria vontade (Jo 19:30). Três dias depois, também por sua própria vontade, retomou a vida e ressuscitou dentre os mortos. O Pai deu-lhe essa autoridade como prova de seu amor.

Em algumas passagens, as Escrituras ensinam que foi o Pai quem ressuscitou o Filho (At 2:32; Rm 6:4; Hb 13:20). Aqui, o Filho afirma possuir a autoridade para reaver sua vida. As duas coisas são verdade, pois o Pai e o Filho operam juntos em perfeita harmonia (Jo 5:17, 19). Em um sermão anterior, Jesus havia indicado que tinha o poder de se levantar dentre os mortos (Jo 5:26). Sem dúvida os judeus protestaram contra essa afirmação, pois era o mesmo que dizer: “Eu sou Deus!”

Qual foi a reação dos ouvintes a essa mensagem? “Rompeu nova dissensão entre os judeus” (Jo 10:19). É importante observar o termo *nova* (Jo 7:43; 9:16). A acusação de que Jesus estava endemoninhado voltou à baila (Jo 7:20; 8:48, 52). Há gente

que faz qualquer coisa para não encarar a verdade!

Uma vez que Jesus Cristo é “a Porta”, era esperado que houvesse divisão, pois a porta se fecha e deixa alguns do lado de dentro e outros do lado de fora. Ele é o Bom Pastor, e o pastor deve separar as ovelhas dos cabritos. É impossível permanecer neutro em relação a Jesus Cristo, pois o que cremos a respeito dele é uma questão de vida ou morte (Jo 8:24).

Sua terceira declaração é a mais espantosa.

3. “EU SOU O FILHO DE DEUS” (Jo 10:22-42)

Os acontecimentos desta seção ocorreram cerca de dois meses e meio depois dos fatos descritos em João 10:1-21. João juntou-os nesta passagem, pois, nas duas mensagens, Jesus emprega a imagem do pastor e das ovelhas.

A confrontação (vv. 22-24). A “Festa da Dedicção” (*Hanuká*, “festa das luzes”) é comemorada em dezembro, na mesma época que a celebração cristã do Natal. Essa festa comemora a reconsagração do templo por Judas Macabeu, em 164 a.C., depois de a casa do Senhor ter sido profanada pelos romanos. Esse fato histórico pode estar relacionado às palavras de Jesus em João 10:36, pois ele havia sido separado (consagrado) pelo Pai e enviado ao mundo. Os líderes judeus celebravam um grande acontecimento histórico e, ao mesmo tempo, deixavam passar a oportunidade de colocar a própria casa em ordem.

Os escribas e fariseus cercaram Jesus no templo, obrigando-o a parar e a escutar o que tinham a dizer. Haviam decidido que era chegada a hora de confrontá-lo e não permitiriam que se esquivasse. “Até quando nos deixarás a mente em suspenso?”, perguntavam repetidamente, “Se tu és o Cristo, dize-o francamente”.

A explicação (vv. 25-42). Jesus lembrou-os do que já lhes havia ensinado. Enfatizou o testemunho de suas *palavras* (“Já vo-lo disse”) e de suas *obras* (para respostas semelhantes, ver João 5:17ss, e 7:14ss).

Mas, dessa vez, Jesus deu-lhes uma explicação muito mais profunda, pois revelou aos líderes judeus o *motivo* pelo qual não compreendiam suas palavras nem o significado de suas obras: eles não eram ovelhas. Do ponto de vista humano, tornamo-nos ovelhas de Cristo quando cremos nele; mas, do ponto de vista divino, cremos porque somos ovelhas. Trata-se de um mistério que não se pode sondar nem explicar, mas que aceitamos e com o qual nos regozijamos (Rm 11:33-36). Deus tem suas ovelhas e sabe quem são. Elas ouvem sua voz e obedecem.

O pecador que ouve a Palavra de Deus não tem conhecimento algum da eleição divina. Descobre que Cristo morreu pelos pecados do mundo e que todo pecador pode receber a dádiva da vida eterna ao crer no Salvador. Quando esse pecador crê no Salvador, torna-se membro da família de Deus e ovelha de seu rebanho. Então, descobre que “[Cristo] nos escolheu nele antes da fundação do mundo” (Ef 1:4). Também aprende que cada pecador salvo é uma “dádiva de amor” do Pai para seu Filho (ver Jo 10:29; 17:2, 6, 9, 11, 12, 24).

Na Bíblia, a eleição divina e a responsabilidade humana coexistem em equilíbrio perfeito, e o que Deus uniu, nós, seres humanos, não devemos separar.

Jesus prosseguiu explicando que suas ovelhas estão seguras em suas mãos e nas mãos do Pai. Sua promessa é a de que “jamais perecerão” (Jo 3:16; 6:39; 17:12; 18:9). Os falsos pastores causam destruição (Jo 10:10, o mesmo termo grego); mas o Bom Pastor cuida para que suas ovelhas jamais pereçam.

A segurança das ovelhas de Deus é garantida de várias maneiras. Em primeiro lugar, por definição, temos a “vida eterna”, que não pode ser condicional e continuar sendo eterna. Em segundo lugar, essa vida é uma dádiva, não algo que conquistamos ou merecemos. Se não somos salvos pelas próprias boas obras, mas sim pela graça de Deus, não podemos nos perder por causa de nossas “obras más” (Rm 11:6). Acima de tudo, porém, está a promessa feita por Jesus de que suas ovelhas não perecerão, bem

como o fato de que suas promessas não podem ser quebradas.

É importante ter em mente que Jesus falava de ovelhas – os que crêem de verdade –, não de falsificações. O cão e o porco voltam ao pecado (2 Pe 2:20-22), mas a ovelha, por ser um animal puro, segue o Pastor até os pastos verdejantes. Os falsos mestres podem falar de sua fé e até de suas obras, mas nunca entrarão no reino dos céus (Mt 7:13-29). Quase todos conhecemos pessoas que afirmaram ser salvas, mas que demonstram com seus atos que nunca creram em Cristo de coração. Jesus não prometeu segurança aos que não são, verdadeiramente, suas ovelhas.

Ao recapitular os ensinamentos de Jesus sobre seu ministério como Bom Pastor, observamos três aspectos de seu relacionamento com suas ovelhas. É um relacionamento amoroso, pois morreu pelas ovelhas; é um relacionamento vivo, pois ele se preocupa com as ovelhas; por fim, é um relacionamento duradouro, pois guarda as ovelhas e cuida para que nenhuma se perca.

Jesus fez a declaração de João 10:30 sabendo que causaria o espanto de seus inimigos e que lhes daria mais motivos para que se opusessem a ele. Deu a “resposta franca” que os líderes religiosos lhe pediram. “Eu e o Pai somos um” – trata-se de uma das afirmações mais claras de sua divindade que encontramos nas Escrituras. É mais forte do que a declaração de que ele havia descido do céu (Jo 6) ou de que existia antes de Abraão (Jo 8:58).

O termo *um* não indica que Pai e Filho sejam Pessoas idênticas. Antes, mostra que são um em essência: o Pai é Deus, e o Filho é Deus, mas o Pai não é o Filho, e o Filho não é o Pai. Jesus não estava falando de identidade, mas sim de unidade (para o uso de termos semelhantes, ver Jo 17:21-24).

Os líderes judeus entenderam muito bem o que ele dizia! Alguns teólogos liberais modernos preferem atenuar essa declaração de Jesus, mas quem o ouviu sabia que ele afirmou: “Eu sou Deus” (ver Jo 10:33). Por certo, esse tipo de asserção era considerado blasfêmia e, de acordo com a Lei judaica,

era passível da pena de morte (ver Lv 24:16; Nm 15:30ss; Dt 21:22).

Jesus usa o Salmo 82:6 para refutar as acusações de seus adversários e detê-los. O Salmo 82 apresenta um tribunal em que Deus reúne os juizes da Terra para adverti-los de que, um dia, também serão julgados. O termo hebraico *elohim* pode ser traduzido por “deuses” ou “juizes”, como é o caso em Êxodo 21:6 e 22:8, 9. Também é uma das designações do Antigo Testamento para Deus. Os líderes judeus, sem dúvida, conheciam a própria linguagem e sabiam que Jesus dizia a verdade. Se Deus chamou juizes humanos de “deuses”, então por que apedrejar Jesus por usar a mesma designação para si mesmo?

João 10:36 é uma passagem de importância crítica, pois apresenta uma afirmação dupla da divindade de Cristo. Em primeiro lugar, o Pai santificou (separou) o Filho e o enviou ao mundo, e, em segundo lugar, Jesus declarou abertamente: “Sou Filho de Deus” (ver Jo 5:25). Jesus deu-lhes a “resposta franca” que haviam pedido, mas eles se recusaram a crer!

Poderiam ter aceitado sua mensagem? Jesus *convidou-os*, instando-os a crer, ainda que fosse apenas com base em seus milagres (Jo 10:37, 38). Se cressem nos milagres, conheceriam o Pai e, com isso, estaria aberto o caminho para que conhecessem o Filho e cressem nele. Seria uma simples questão de examinar as evidências com honestidade e de se mostrar dispostos a aceitar a verdade.

Mais uma vez, os líderes tentaram prender Jesus (ver Jo 7:44; 8:59), mas ele escapou e desapareceu de lá. Depois disso, só voltou a Jerusalém no “Domingo de Ramos”, quando se apresentou como Rei de Israel.

João Batista havia ministrado em Betânia (do outro lado do Jordão; Jo 1:28), mas não sabemos ao certo a localização dessa cidade. De acordo com o texto, ficava do outro lado do rio Jordão, talvez cerca de 25 a 30 quilômetros de Jerusalém. Alguns mapas situam o local praticamente do lado oposto a Jerusalém, a leste de Jericó.

Por que Jesus foi para lá? Em primeiro lugar, era um lugar seguro; era pouco provável

que os líderes religiosos o seguissem até essa cidade. Além disso, também era um bom lugar para se preparar para sua última semana de ministério público, quando entregaria a vida por suas ovelhas. As lembranças do próprio batismo, realizado por João, e de tudo o que ele havia experimentado naquela ocasião (Mt 3:13-17; Jo 1:20-34) devem ter fortalecido Jesus para o sofrimento que sabia que teria de suportar.

O povo continuou a procurar Jesus, e ele ministrou a todos. Convém observar que o testemunho de João Batista continuou dando frutos muito tempo depois de sua morte! O testemunho de Jesus Cristo levou muitos a crerem no Salvador. João Batista não fez milagres, mas mostrou o caminho

para os que desejavam encontrar o Cristo. "Convém que ele cresça e que eu diminua" (Jo 3:30).

Você já respondeu pessoalmente às três declarações importantes de Jesus neste capítulo?

Ele é "a Porta". Você já "entrou" pela fé e recebeu a salvação?

Ele é o Bom Pastor. Você já ouviu a voz dele e creu nele? Afinal, ele deu a vida por você!

Ele é o Filho de Deus. Você crê nisso? Já se entregou a ele e recebeu a vida eterna?

Lembre-se das palavras severas de advertência de Jesus: "porque, se não crerdes que EU SOU, morrereis nos vossos pecados" (Jo 8:24).

O ÚLTIMO MILAGRE – O ÚLTIMO INIMIGO

JOÃO 11

A ressurreição de Lázaro não foi o último milagre de Jesus antes da cruz, mas certamente foi o maior de todos e o que mais chamou a atenção de amigos e de inimigos. João escolheu esse milagre como o sétimo da série registrada em seu livro, pois foi, de fato, um ponto alto do ministério de Jesus na Terra. Já havia ressuscitado outras pessoas antes, mas Lázaro fora sepultado havia quatro dias. Um prodígio como esse não poderia ser negado nem ignorado pelos líderes judeus.

Se Jesus Cristo não tem poder sobre a morte, todas as suas outras obras não valem coisa alguma. “Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens” (1 Co 15:19). A morte é a última adversária (1 Co 15:26), mas Jesus Cristo derrotou de modo completo e permanente esse inimigo terrível.

A ênfase em João 11 é sobre a fé; o termo *crer* ou uma de suas variações pode ser encontrado pelo menos oito vezes neste relato. Outro tema presente nesta passagem é “a glória de Deus” (Jo 11:4, 40).

Em tudo o que disse e fez nesses últimos dias, Jesus procurou fortalecer a fé de três grupos de pessoas.

1. OS DISCÍPULOS (JO 11:1-16)

Às vezes, imagens os discípulos como “supersantos”, mas de modo algum esse era o caso. Faltaram com Cristo em várias ocasiões, e ele sempre procurou fortalecer a sua fé. Afinal, um dia, ele os deixaria, e teriam a responsabilidade de dar continuidade ao seu ministério. Não poderiam ter um ministério sólido com uma fé fraca.

Jesus estava em Betânia (do outro lado do Jordão), cerca de 30 quilômetros de Betânia, cidade de Lázaro (Jo 1:28; 10:40). Certo dia, um mensageiro chegou com a notícia triste de que Lázaro, o amigo querido de Jesus, estava enfermo. Se esse mensageiro não tivesse se demorado ao longo do caminho, é provável que tenha levado um dia para completar a viagem. Jesus mandou-o de volta no dia seguinte com a mensagem de ânimo registrada em João 11:4. Em seguida, esperou mais dois dias antes de partir para Betânia e, quando ele e os discípulos chegaram, Lázaro estava morto havia quatro dias. Isso significava que havia morrido *no mesmo* dia em que o mensageiro partira para buscar Jesus!

Os acontecimentos sucederam mais ou menos da seguinte maneira, considerando sempre um dia para a viagem:

Primeiro dia – o mensageiro vai buscar Jesus (Lázaro morre).

Segundo dia – o mensageiro volta a Betânia.

Terceiro dia – Jesus espera mais um dia e parte para Betânia.

Quarto dia – Jesus chega a Betânia.

Quando o mensageiro voltou para casa, descobriu que Lázaro já estava morto. De que adiantaria sua mensagem de ânimo às irmãs, se o irmão já estava morto e sepultado? Jesus pediu-lhes que cressem em sua palavra, por mais que as circunstâncias parecessem desalentadoras.

Sem dúvida, os discípulos ficaram confusos com várias questões. Em primeiro lugar, se Jesus amava tanto o amigo Lázaro, por que permitiu que caísse enfermo? Mais ainda, por que se demorou para ir a Betânia? E por que não curou Lázaro à distância, como havia feito com o filho do oficial do rei? (Jo 4:43-54). O relato deixa claro que havia um relacionamento extremamente afetuosos entre Jesus e essa família (Jo 11:3, 5, 36); no entanto, o comportamento de Jesus pareceu conflitar com esse amor.

O amor de Deus pelos seus não é uma afeição cheia de mimos, mas sim um amor

aperfeiçoador. O fato de nos amar e de nós o amarmos não é garantia de que seremos protegidos dos problemas e das dificuldades da vida. Afinal, o Pai ama seu Filho e, no entanto, permitiu que ele bebesse do cálice de sofrimento e que experimentasse a vergonha e a dor da cruz. Não devemos jamais pensar que amor e sofrimento são incompatíveis. Por certo, os dois se unem em Jesus Cristo.

Jesus Cristo poderia ter evitado que Lázaro adoecesse ou, ainda, poderia tê-lo curado de onde estava, mas escolheu não tomar atitude alguma. Viu nessa enfermidade uma oportunidade de glorificar o Pai. Para os cristãos, o mais importante não é ficar confortáveis, mas sim glorificar a Deus em tudo o que fazemos.

Em sua "oração" a Jesus, as duas irmãs não lhe disseram o que fazer. Simplesmente o informaram de uma necessidade e o lembraram de seu amor por Lázaro. Sabiam que era perigoso Jesus voltar para a Judéia, pois os líderes judeus estavam determinados a destruí-lo. Talvez esperassem que "proferisse uma palavra" e que a saúde de seu irmão fosse restaurada.

Em sua mensagem às irmãs, Jesus não disse que Lázaro não morreria. Prometeu apenas que a morte não seria o resultado *final*, pois o fim seria a glória de Deus. (É interessante observar que, mais uma vez, Jesus refere-se a si mesmo como "Filho de Deus".) Seu desejo era de que não esquecessem sua promessa, tanto que lembrou Marta dessa mensagem quando ela não quis permitir que o túmulo fosse aberto (Jo 11:40).

Quem se vê diante de enfermidades, de decepções, de demoras e até mesmo da morte, o único alento é a Palavra de Deus. Deve-se viver pela fé, não de acordo com as circunstâncias. A situação das irmãs parecia sem saída, mas ainda assim não deixaram de crer que Jesus era o Senhor de todas as situações. Vemos aqui um paralelo da promessa do Salmo 50:15: "invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás".

Jesus não se demorou a fim de esperar até Lázaro morrer, pois, quando recebeu a mensagem, seu amigo já havia falecido. Jesus

vivia de acordo com um cronograma divino (Jo 11:9) e aguardava o Pai lhe ordenar que fosse a Betânia. O fato de o homem estar morto havia quatro dias conferiu maior autenticidade ao milagre e uma oportunidade maior ainda de muitas pessoas – inclusive os próprios discípulos – crerem (ver Jo 11:15).

Quando Jesus anunciou que estava voltando para a Judéia, seus discípulos entraram em pânico, pois sabiam o perigo que essa viagem representava (Betânia ficava a pouco mais de 3 quilômetros de Jerusalém). Mas Jesus estava disposto a entregar a vida por seus amigos (Jo 15:13). Sabia que sua volta à Judéia e o milagre da ressurreição de Lázaro desencadeariam os acontecimentos de sua prisão e morte.

Jesus acalmou seus discípulos lembrando-os de que ele fazia todas as coisas de acordo com o tempo de seu Pai e de que nada nem ninguém poderia lhes fazer mal. Como vimos anteriormente, esse é um tema importante do Evangelho de João (Jo 2:4; 7:6, 8, 30; 8:20; 12:23; 13:1; 17:1). Mas os discípulos interpretaram equivocadamente não apenas o cronograma divino, mas também o motivo da visita. Pensaram que o fato de Lázaro estar adormecido indicava que convalescia! Trata-se de outro exemplo de sua incapacidade de compreender as verdades espirituais. "Se está dormindo, é porque está melhorando, então não precisamos ir a Betânia!"

Então, Jesus lhes disse com todas as letras que Lázaro estava morto (a morte do cristão é comparada ao sono; ver At 7:60; 1 Co 15:51; 1 Ts 4:13-18). Não disse que ficara feliz por seu amigo ter falecido, mas sim porque não estava lá quando isso aconteceu, pois agora poderia revelar seu grande poder a seus discípulos. O resultado seria a glória de Deus e o fortalecimento da fé desses homens.

Se a atitude de Tomé serve de indício, a fé dos discípulos certamente precisava ser fortalecida! Em aramaico, o nome Tomé significa "gêmeo"; o equivalente grego é "Dídimo". Não sabemos de quem ele era gêmeo, mas, ao considerar nossa incredulidade e

nossos sentimentos depressivos, há ocasiões em que *todos nós* somos seus irmãos gêmeos! Foi Tomé quem exigiu provas antes de aceitar a realidade da ressurreição de Cristo (Jo 20:24-28).

Tomé era um homem propenso a duvidar, mas não podemos deixar de observar sua grande lealdade: estava disposto a acompanhar Jesus numa viagem perigosa e a arriscar sua vida. Talvez não admiremos sua fé, mas certamente devemos elogiá-lo por sua fidelidade e coragem.

2. AS IRMÃS (JO 11:17-40)

Jesus preocupava-se não apenas com a fé dos discípulos, mas também com a fé de Maria e Marta (Jo 11:26, 40). Cada experiência de sofrimento e de prova deve aumentar nossa fé, mas esse tipo de crescimento espiritual não é automático. É preciso reagir de maneira positiva ao ministério da Palavra e ao Espírito de Deus. Jesus havia enviado uma promessa às duas irmãs (Jo 11:4) e estava prestes a descobrir como haviam recebido sua mensagem.

O acontecimento registrado em Lucas 10:38-42 deixa claro que Marta e Maria tinham personalidades bem diferentes. Marta era trabalhadora e ativa, enquanto Maria era contemplativa e se assentava aos pés de Jesus para ouvir suas palavras. Jesus não condenou Marta trabalhar, mas a repreendeu por ficar dividida entre tantas atividades. Precisava definir suas prioridades e concentrar seus esforços nas coisas que agradariam a Deus. Como diz um antigo hino de Charles Wesley, devemos ter uma vida equilibrada:

Fiel às ordens de meu Senhor,
Escolheria o que há de melhor:
Servir como Marta, com cuidadosa mão,
E como Maria, com amoroso coração.

Não é de surpreender que Marta corra ao encontro de Jesus, enquanto Maria fique em casa, chorando com os amigos. Uma vez que, posteriormente, Maria repetiu o que Marta havia dito quando saudou Jesus (Jo 11:32), é provável que as duas irmãs tenham repetido essas palavras com frequência uma

para a outra, enquanto esperavam Jesus chegar. Apesar de haver, talvez, certo tom de decepção nessa declaração, ela também mostra a fé dessas mulheres, pois ninguém jamais havia morrido na presença de Jesus. "Se" pode ser uma grande palavra. Como é inútil imaginar o que poderia ter acontecido se...!

Marta não tardou em declarar sua fé em Jesus Cristo (Jo 11:22), e ele respondeu a essa fé prometendo que seu irmão ressuscitaria. Jesus estava pensando na situação imediata, mas ela interpretou as palavras do Mestre como a certeza da ressurreição futura no último dia (Dn 12:2, 3; Jo 5:28, 29). Vemos aqui mais um caso no Evangelho de João em que a falta de percepção espiritual das pessoas não lhes permite entender as palavras de Jesus.

A resposta de Jesus é a quinta declaração de "Eu Sou". É importante observar que Jesus não negou o que Marta havia dito sobre a ressurreição futura. A ressurreição do corpo humano é uma das doutrinas fundamentais do judaísmo ortodoxo. Mas, com sua poderosa declaração de "Eu Sou", Jesus transformou completamente essa doutrina da ressurreição e, ao fazê-lo, consolou o coração de Marta.

Em primeiro lugar, tirou a doutrina da ressurreição das sombras e a trouxe para a luz. A revelação do Antigo Testamento sobre a morte e a ressurreição é obscura e incompleta, como se estivesse "encoberta". Na verdade, algumas passagens de Salmos e de Eclesiastes quase nos levam a crer que a morte é o fim e que não há esperança além do túmulo. Os falsos mestres gostam de usar essas passagens para apoiar seus ensinamentos heréticos, mas ignoram (ou interpretam indevidamente) os ensinamentos claros encontrados no Novo Testamento. Afinal, não foi Davi nem Salomão quem "trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho" (2 Tm 1:10), mas sim Jesus Cristo!

Por meio de seus ensinamentos, de seus milagres e de sua própria ressurreição, Jesus ensinou claramente a ressurreição do corpo humano. Declarou, de uma vez por todas, que a morte é real, que existe vida além da

morte e que, um dia, o corpo será ressurreto pelo poder Deus.

Também transformou essa doutrina de outra maneira: tirou-a de um livro e transferiu-a para uma pessoa, a saber, para si mesmo: "Eu sou a ressurreição e a vida" (Jo 11:25). Agradecemos a Deus por tudo o que Bíblia ensina (e Marta só conhecia o Antigo Testamento), mas sabemos que somos salvos pelo Redentor, não por uma doutrina escrita num livro. Quando o conhecemos pela fé, não precisamos temer a sombra da morte.

Quando estamos doentes, queremos um médico, não um livro sobre medicina ou uma fórmula química. Quando estamos sendo processados, queremos um advogado, não um livro sobre a lei. Semelhantemente, quando estamos encarando nosso último inimigo – a morte –, queremos um Salvador, não uma doutrina escrita num livro. Em Jesus Cristo, toda doutrina torna-se pessoal (1 Co 1:30). Quando pertencemos a ele, temos tudo o que precisamos na vida, na morte, no tempo e na eternidade!

Talvez a maior transformação realizada por Jesus tenha sido passar a doutrina da ressurreição do futuro para o presente. Marta olhava para o futuro, sabendo que Lázaro ressuscitaria e que ela voltaria a vê-lo. Seus amigos olhavam para o passado, dizendo: "Jesus poderia ter evitado que isso acontecesse!" (ver Jo 11:37). Mas Jesus tentou voltar a atenção de todos para o *presente*: onde quer que ele esteja, a ressurreição de Deus está disponível *agora* (Rm 6:4; Gl 2:20; Fp 3:10).

Jesus afirmou que, um dia, os cristãos serão ressuscitados (Jo 11:25). Assim, logo em seguida, revelou mais uma verdade: todo o que crer nele não morrerá eternamente, dando a entender que alguns cristãos jamais morrerão (Jo 11:26). Como isso é possível? A resposta encontra-se em 1 Tessalonicenses 4:13, 18. Quando Jesus Cristo voltar nos ares a fim de levar seu povo para casa, os que estiverem vivos por ocasião de sua volta nunca morrerão. Serão transformados e levados para encontrar-se com o Senhor nos ares!

Marta não hesitou em declarar sua fé. Usou três títulos diferentes para Jesus: Senhor, Cristo (Messias) e Filho de Deus. A afirma-

ção: "tenho crido" encontra-se no presente perfeito, indicando uma fé firme e segura. "Tenho crido e continuarei crendo".

Primeiro, Jesus tratou da fé de Marta; depois, se voltou para Maria. Por que Marta chamou Maria e falou com ela "em particular"? Possivelmente, por causa do perigo que Jesus corria: sabia que os líderes judeus desejavam prendê-lo. Quando Maria levantou-se para ir encontrar Jesus, os amigos que ali estavam imaginaram que ela iria chorar junto ao túmulo e decidiram acompanhá-la. Qual não foi a surpresa de todos quando viram Jesus!

Maria aparece três vezes nos relatos dos Evangelhos (Lc 10:39; Jo 11:32; 12:3). Assentou-se aos pés de Jesus e ouviu sua Palavra; prostrou-se a seus pés, derramou sua tristeza e se lançou a seus pés para louvá-lo e adorá-lo. As únicas palavras de Maria registradas nos Evangelhos encontram-se em João 11:32 e são uma repetição do que Marta já havia dito (Jo 11:21).

Maria não disse muita coisa, pois se encontrava profundamente entristecida e logo começou a chorar. Seus amigos prantearam com ela, como era o costume do povo judeu. O termo usado nesta passagem significa "um pranto alto, uma lamentação". Diante disso, Jesus sentiu seu espírito agitado e se comoveu. O que provocou essa reação em Jesus? A destruição causada pelo pecado no mundo que havia criado. A morte é um inimigo e, para Satanás, o medo da morte é uma arma poderosa (Hb 2:14-18).

O mistério da encarnação de Jesus poderia ser visto em sua pergunta em João 11:34. Jesus sabia que Lázaro morreria (Jo 11:11), mas teve de perguntar onde estava sepultado. Jesus nunca usava seus poderes divinos em situações nas quais tivesse condições de recorrer a meios humanos.

"Jesus chorou" é o versículo mais curto e mais profundo das Escrituras. Jesus chorou em silêncio (esse termo grego não aparece em nenhuma outra passagem do Novo Testamento), não em altos prantos, como os que lamentavam a seu redor. Mas por que chorou? Afinal, sabia que traria Lázaro de volta dos mortos (Jo 11:11).

As lágrimas de Jesus revelam a humanidade do Salvador. Passou por todas as experiências de nossa existência e sabe como nos sentimos. Na verdade, por ser o Deus-homem perfeito, Jesus experimentou tudo isso de maneira mais profunda do que nós. Suas lágrimas também nos mostram sua compaixão. Foi, de fato, um “homem de dores e que sabe o que é padecer” (Is 53:3). Hoje, é nosso Sumo Sacerdote misericordioso e fiel, e podemos nos aproximar do trono da graça e receber toda a ajuda de que precisamos (Hb 4:14-16).

Em suas lágrimas, vemos a tragédia do pecado, mas também a glória do céu. Talvez Jesus estivesse chorando *por* Lázaro e *com* suas irmãs, pois sabia que estaria chamando o amigo de volta do céu para um mundo perverso, onde, um dia, Lázaro teria de morrer outra vez. Jesus havia descido do céu e sabia o que Lázaro estava deixando para trás.

Os que estavam por perto consideraram as lágrimas de Jesus um sinal de seu amor. Mas houve quem perguntasse: “Se ele amava tanto seu amigo Lázaro, por que não fez algo para evitar sua morte?” Talvez tenham pensado que Jesus chorava por não poder mais fazer coisa alguma. E que suas lágrimas eram, portanto, de arrependimento. Em outras palavras, *na verdade, ninguém ali presente esperava um milagre!* Por esse motivo, ninguém pôde acusar Jesus de “tramar” esse episódio em conluio com as irmãs e com os amigos. Nem mesmo os discípulos creram que Jesus ressuscitaria Lázaro!

A única pessoa que declarou sua fé foi Marta (Jo 11:27) e, ainda assim, no último instante, hesitou. “Abrir o sepulcro? A essa altura, já está cheirando mal!” Jesus lembrou-a gentilmente da mensagem que lhe enviara pelo menos três dias antes (Jo 11:4), instando-a a crer nessas palavras. A verdadeira fé firma-se nas promessas de Deus e, desse modo, libera o poder de Deus. Marta cedeu, e a pedra foi removida.

3. OS JUDEUS (JO 11:41-57)

A partir desse ponto, a ênfase é sobre a fé dos espectadores, o povo que estava lá para consolar Marta e Maria. Jesus fez uma pausa

para agradecer ao Pai (Jo 11:41; ver também 6:11), porque sua oração já havia sido ouvida. Quando Jesus fez esse pedido? Provavelmente quando soube que o amigo estava enfermo (Jo 11:4). O Pai havia lhe revelado seu plano, e Jesus obedeceu à vontade do Pai. Jesus orou junto ao sepulcro por causa dos espectadores incrédulos, para que soubessem que Deus o havia enviado.

Um escritor puritano um tanto peculiar disse que, se Jesus não tivesse chamado Lázaro pelo nome quando clamou em alta voz, teria esvaziado o cemitério todo! Jesus chamou *Lázaro* para fora e o ressuscitou. Uma vez que Lázaro estava envolto em faixas, não tinha como andar até a abertura do sepulcro; de modo que deve ter sido levado até lá pelo poder de Deus. Foi um milagre incontestável, e nem mesmo o mais hostil dos espectadores poderia negar o que havia ocorrido.

A experiência de Lázaro ilustra, de maneira bastante apropriada, o que acontece com o pecador, quando ele crê no Salvador (Ef 2:1-10). Lázaro estava morto, como também estão todos os pecadores. Encontrava-se em estado de decomposição, pois a morte e a decomposição andam juntas. Todas as pessoas estão espiritualmente mortas, mas algumas estão em um estágio de decomposição mais avançado que outras. Ainda assim, é impossível estar “mais morto” ou “menos morto”.

Lázaro foi ressuscitado dentre os mortos pelo poder de Deus, e todos os que crêem em Cristo receberam nova vida e foram ressuscitados dentre seus pecados (ver Jo 5:24). Lázaro foi despido das faixas que o envolviam (ver Cl 3:1ss) e experimentou nova liberdade. Podemos vê-lo assentado com Cristo à mesa (Jo 12:2), e todos os cristãos estão “[assentados] nos lugares celestiais em Cristo Jesus” (Ef 2:6), desfrutando o alimento e a comunhão espirituais.

Muitas pessoas foram visitar Lázaro e ver com os próprios olhos a transformação extraordinária pela qual havia passado; e Deus usou seu “testemunho vivo” para que muitos outros fossem salvos (Jo 12:9-11). Não há qualquer palavra de Lázaro registrada nos

Evangelhos, mas seu viver diário bastou para convencer as pessoas de que Jesus é o Filho de Deus. Graças a seu testemunho eficaz, Lázaro foi perseguido pelos líderes religiosos, que também quiseram matá-lo para se livrar das evidências.

Assim como em outros milagres, o povo mostrou-se dividido quanto a suas reações. Alguns creram e, no "Domingo de Ramos", deram testemunho do milagre que Jesus havia realizado (Jo 12:17, 18). Outros, porém, foram imediatamente contar aos líderes o que havia acontecido em Betânia. Esses "informantes" chegaram bem perto do reino, e, no entanto, não encontramos indicação alguma de que tenham crido. Se o coração não se entrega à verdade, a graça de Deus não traz a salvação. Essas pessoas poderiam ter experimentado a ressurreição espiritual na própria vida!

Era necessário que o conselho dos judeus (Sinédrio) se reunisse e discutisse o que fazer com Jesus. Não estavam procurando a verdade, mas sim maneiras de proteger seus interesses egoístas. Se Jesus reunisse seguidores demais, acabaria atraindo a atenção das autoridades romanas o que, por sua vez, poderia ser prejudicial para as ambições dos líderes judeus.

Caifás, o sumo sacerdote, não era fariseu, mas sim saduceu (At 23:6-10). Entretanto, as duas facções não tinham problemas em unir forças quando se tratava de lutar contra um inimigo em comum. Sem que ele ou o conselho dos judeus tivessem consciência, Caifás fez uma profecia divina: Jesus morreria pela nação para que esta não perecesse. "Por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido" (Is 53:8). Fiel a sua visão de

uma família de Deus com membros de todo o mundo, João acrescentou uma explicação inspirada: Jesus não morreria apenas pelos judeus, mas por todos os filhos de Deus que seriam reunidos numa só família celestial (ver Jo 4:42 e 10:16).

Naquele dia, o Sinédrio decidiu oficialmente que Jesus deveria morrer (ver Mt 12:14; Lc 19:47; Jo 5:18; 7:1, 19, 20, 25). Os líderes achavam que *eles* estavam no controle da situação, mas, na verdade, era Deus quem colocava seu plano em andamento (At 2:23). A idéia era esperar até depois da Páscoa, mas os desígnios de Deus eram outros.

Jesus retirou-se para Efraim, cerca de 25 quilômetros ao norte de Jerusalém; ali permaneceu com os discípulos longe da agitação e das multidões. O povo reunia-se para a comemoração da Páscoa em Jerusalém, e os peregrinos perguntavam-se se Jesus compareceria à festa mesmo correndo perigo. Jesus estava na lista de "procurados", pois o Sinédrio ordenara a qualquer um que soubesse do paradeiro do Mestre que comunicasse essa informação aos líderes religiosos.

João 11 revela a divindade de Jesus Cristo e a depravação absoluta do coração humano. O homem rico no Hades argumentou: "se alguém dentre os mortos for ter com eles, arrepende-se-ão" (Lc 16:30). Lázaro havia voltado dos mortos, e os líderes desejavam matá-lo! Os milagres certamente revelam o poder de Deus, mas não podem, por si mesmos, transmitir a graça de Deus.

O palco estava preparado para o maior drama da história, durante o qual o ser humano mostraria o que tem de pior, e Deus lhe daria o que tem de melhor.

CRISTO E A CRISE

JOÃO 12

Este capítulo registra a segunda maior crise do ministério de Jesus de acordo com a visão do apóstolo João. A primeira grande crise ocorreu quando muitos de seus discípulos desistiram de andar com ele (Jo 6:66), apesar de ele ser “o caminho” (Jo 14:6). Aqui, João mostra que muitos outros se recusaram a crer no Messias (Jo 12:37ss), apesar de ele ser “a verdade”. A terceira crise se dá em João 19, em que Jesus é crucificado a pedido dos líderes religiosos, apesar de ser “a vida”.

João começou seu livro dizendo que Jesus “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (Jo 1:11). Nos doze primeiros capítulos, o apóstolo apresentou uma sucessão de depoimentos e de evidências para nos convencer de que Jesus é, verdadeiramente, o Cristo, o Filho de Deus. Todas essas evidências foram testemunhadas em primeira mão pelos líderes de Israel que, no entanto, rejeitaram seu Messias. Uma vez que havia sido desprezado pela própria nação, Jesus retirou-se com seus discípulos (“os seus”, Jo 13:1), aos quais amava profundamente.

Em João 12, vemos Jesus Cristo relacionando-se com quatro grupos distintos de pessoas e, ao estudar essa seção, encontramos algumas lições para nossa vida.

1. JESUS E SEUS AMIGOS (JO 12:1-11)

Jesus sabia que os líderes judeus haviam decidido prendê-lo e matá-lo (Jo 11:53, 57), mas ainda assim voltou para Betânia, localizada a pouco mais de 3 quilômetros da fortaleza de seus inimigos. Fez isso para que pudesse passar algum tempo sossegado com

seus amigos queridos, Lázaro, Marta e Maria. Como sempre, Marta ocupou-se em servir a todos, enquanto Maria ficou aos pés de Jesus em adoração (ver Lc 10:38-42).

A unção de Jesus realizada por Maria também aparece em Mateus 26:6-13 e em Marcos 14:3-9. Porém, não deve ser confundida como o relato em Lucas 7:36-50, no qual uma pecadora arrependida ungiu os pés de Jesus na casa de Simão, o fariseu. Maria era uma mulher virtuosa e ungiu os pés de Jesus na casa de Simão, um leproso que havia sido curado (Mc 14:3). Lucas 7 relata um episódio ocorrido na Galiléia, enquanto neste capítulo vemos um acontecimento ocorrido na Judéia. O fato de haver um “Simão” em cada um dos relatos não deve surpreender, pois esse era um nome comum naquela época.

Ao combinar os relatos dos três Evangelhos, vemos que Maria ungiu tanto a cabeça quanto os pés de Jesus. Foi um gesto do mais puro amor, pois ela sabia que o seu Senhor estava prestes a suportar grande sofrimento e a morrer. Pelo fato de se assentar aos pés de Jesus e de ouvi-lo falar, Maria sabia exatamente o que ele faria. É bastante significativo que Maria de Betânia não estivesse com as outras mulheres que foram ao túmulo ungir o corpo de Jesus (Mc 16:1).

Em certo sentido, Maria demonstrava sua devoção a Jesus antes que fosse tarde demais, enquanto o Senhor ainda estava vivo. Seu gesto de amor e de adoração foi público, espontâneo, sacrificial, generoso, pessoal e desembaraçado. Jesus chamou-o de “boa ação” (Mt 26:10; Mc 14:6), elogiando-a e defendendo-a das críticas.

Um assalariado comum precisaria trabalhar um ano para comprar esse tipo de bálsamo. Assim como Davi, Maria recusou-se a dar ao Senhor o que não havia lhe custado coisa alguma (2 Sm 24:24). Seu belo ato de adoração perfumou toda a casa onde estavam ceando, e a bênção desse gesto espalhou-se pelo mundo (Mt 26:13; Mc 14:9). Maria não fazia idéia de que sua demonstração de amor por Cristo naquela noite seria uma bênção para cristãos ao redor do mundo nos séculos vindouros!

Quando se colocou aos pés de Jesus, Maria assumiu a posição de escrava. Quando soltou os cabelos (algo que as mulheres judias não faziam em público), humilhou-se e depositou sua glória aos pés de Jesus (ver 1 Co 11:15). É evidente que seu gesto foi mal interpretado e criticado, mas não é raro isso acontecer quando alguém dá o que tem de melhor ao Senhor.

Foi Judas quem fez a primeira crítica e, infelizmente, os outros apóstolos seguiram seu exemplo. Não sabiam que Judas era um “diabo” (Jo 6:70) e consideraram admirável sua preocupação com os pobres. Afinal, Judas era o tesoureiro e, especialmente na época da Páscoa, teria o desejo de compartilhar com os menos favorecidos (ver Jo 13:21-30). Até o último instante, os discípulos creram que Judas era um seguidor devoto de seu Mestre.

João 12:4 registra as primeiras palavras de Judas nos quatro Evangelhos. Suas últimas palavras encontram-se em Mateus 27:4. Judas era um ladrão e costumava roubar da caixa de dinheiro pela qual era responsável. (O termo grego traduzido por “bolsa” referia-se, originalmente, a um estojo no qual eram guardados os bocais de instrumentos de sopro. Mais tarde, o termo passou a ser usado para caixas pequenas, especialmente as usadas para guardar dinheiro. A versão grega do Antigo Testamento usa esse termo em 2 Cr 24:8-10, referindo-se ao cofre do rei Joás.) Sem dúvida, Judas já havia resolvido abandonar Jesus e desejava tirar o máximo de proveito do que considerava ser uma situação precária. Talvez estivesse decepcionado, pois havia esperado que Jesus derrotasse os romanos e institísse seu reino, fazendo dele seu tesoureiro!

O gesto de Maria foi uma bênção para Jesus e para a própria vida. Também abençoou aquele lar, enchendo-o da fragrância do bálsamo (ver Fp 4:18); hoje, Maria é uma bênção para a Igreja ao redor do mundo. Seu ato de devoção no vilarejo de Betânia continua sendo bênção ao longo dos séculos.

Mas não se pode dizer o mesmo de Judas. Há muitas meninas chamadas “Maria”, mas nenhum pai em são juízo chamaria seu

filho de “Judas”. Esse nome aparece no dicionário como um verbete correspondente a “traidor”. Podemos ver Maria e Judas no contraste de Provérbios 10:7 – “A memória do justo é abençoada, mas o nome dos perversos cai em podridão”. “Melhor é a boa fama do que o unguento precioso” é o que diz Eclesiastes 7:1; e Maria teve ambos.

Mateus 26:14 dá a impressão de que, logo depois de ser repreendido por Jesus, Judas foi até os sacerdotes e fez as negociações necessárias para entregar Jesus nas suas mãos. No entanto, é provável que os acontecimentos registrados em Mateus 21 a 25 tenham ocorrido antes. Sem dúvida, a repreensão de Judas por Jesus em Betânia influenciou sua decisão de trair Jesus. Além disso, o fato de Jesus ter anunciado sua morte publicamente outra vez serviu de motivação para Judas escapar enquanto ainda havia tempo.

Ao observar esse episódio, vemos algumas pessoas que servem de exemplo para nós. Marta representa o *trabalho* ao servir a ceia que havia preparado para o Senhor. Seu serviço foi uma oferta de fragrância tão agradável quanto o bálsamo de Maria (ver Hb 13:16). Maria representa a *adoração*, e Lázaro representa o *testemunho* (Jo 11:9-11). O povo dirigia-se a Betânia só para ver esse homem que havia sido ressuscitado!

Como mencionamos anteriormente, o Novo Testamento não registra nenhuma palavra de Lázaro, mas sua vida miraculosa foi um testemunho eficaz do poder de Jesus Cristo (João Batista, por sua vez, não realizou milagre algum, mas suas palavras conduziram o povo a Jesus; ver Jo 10:40-42). Hoje, devemos andar “em novidade de vida” (Rm 6:4), pois fomos ressuscitados dentre os mortos (Ef 2:1-10; Cl 3:1ss). Na verdade, a vida cristã deve manter o equilíbrio entre esses três elementos: adoração, serviço e testemunho.

Mas o fato de Lázaro ser um “milagre ambulante” colocou-o em uma situação de perigo. Os líderes judeus resolveram matar não apenas Jesus, mas também o próprio Lázaro! Jesus estava certo quando os chamou de filhos do diabo, pois eram, de fato, assassinos (Jo 8:42-44). Expulsaram o cego curado da sinagoga em lugar de permitir que desse

testemunho de Cristo todo sábado e tentaram colocar Lázaro de volta em seu túmulo, pois estava estimulando o povo a crer em Cristo. Ao rejeitar evidências, é preciso livrar-se delas!

Essa noite tranqüila de comunhão – apesar da crueldade com que os discípulos trataram Maria – deve ter animado e fortalecido o coração de Jesus, de maneira especial, no momento em que estava prestes a encarar os compromissos da sua última semana antes da cruz. É bom examinar nosso coração e nosso lar e verificar se alegamos o coração de Jesus com nossa maneira de adorar, servir e testemunhar.

2. JESUS E OS PEREGRINOS DA PÁScoa (Jo 12:12-19)

Da tranqüilidade de um jantar em Betânia, João muda a cena para a agitação e barulho de um cortejo na entrada de Jerusalém. Os quatro Evangelhos registram esse acontecimento, e convém comparar seus relatos. Essa foi a única “manifestação pública” que Jesus permitiu durante seu ministério aqui na Terra. Seu propósito com isso era cumprir a profecia do Antigo Testamento (Zc 9:9). O resultado foi uma crescente animosidade da parte dos líderes religiosos, culminando com a crucificação do Salvador.

A multidão era constituída de três grupos distintos: (1) os visitantes de fora da Judéia (Jo 12:12, 18); (2) a população local que havia testemunhado a ressurreição de Lázaro (Jo 12:17); e (3) os líderes religiosos, extremamente preocupados com o que Jesus poderia fazer durante as comemorações (Jo 12:19). A cada festa, o povo enchia-se de expectativas, e todos ficavam imaginando se Jesus estaria presente e o que faria. Tudo indicava que Jesus instigaria uma revolução e que se estabeleceria como Rei, mas esse não era seu plano.

O que esse acontecimento representou para Jesus? Antes de tudo, foi parte de sua obediência à vontade do Pai. O profeta Zacarias (Zc 9:9) profetizou que o Messias entraria em Jerusalém dessa maneira, e Cristo cumpriu essa profecia. “Filha de Sião” é uma das designações da cidade de Jerusalém

(Jr 4:31; Lm 2:4, 8, 10). Sem dúvida, Jesus anunciava abertamente para o povo que ele era, de fato, o Rei de Israel (Jo 1:49), o Messias prometido. Por certo, muitos dos peregrinos esperavam que aproveitasse a ocasião para derrotar os romanos e libertar a nação de Israel.

O que essa manifestação representou para os romanos? O relato bíblico não diz qual foi a reação dos romanos, mas certamente observaram os acontecimentos daquele dia com grande atenção. Não era incomum os nacionalistas judeus tentarem instigar o povo durante a Páscoa, e talvez os romanos tenham considerado o cortejo de Jesus uma dessas manifestações patrióticas. Imagino que alguns soldados romanos devem ter sorrido ao ver a “Entrada Triunfal”, pois não parecia nem um pouco com as comemorações de triunfo em Roma.

Sempre que um general romano era vitorioso em solo estrangeiro, matando pelo menos 5 mil soldados inimigos e conquistando território para o império, recebia uma comemoração de triunfo ao voltar para a cidade. Era um desfile de grande esplendor, durante o qual o general vitorioso poderia exibir os troféus conquistados dos líderes inimigos que havia capturado. O desfile terminava na arena, onde alguns dos cativos lutavam contra animais selvagens para entreter o povo. Comparado com esses desfiles triunfais romanos, a entrada de Jesus em Jerusalém não foi nada.

O que a “Entrada Triunfal” representou para o povo de Israel? Os peregrinos receberam Jesus espalhando seus mantos diante dele e agitando ramos enquanto ele passava, simbolizando paz e vitória (Ap 7:9). Citaram Salmos 118:26, um salmo messiânico, e o proclamaram “Rei de Israel”. Mas, enquanto faziam isso, Jesus chorava (Lc 19:37-44)!

O nome *Jerusalém* significa “cidade de paz” ou “alicerce de paz”, e o povo esperava que Jesus lhe desse a paz de que precisava. Todavia, Jesus chorou por causa do que aconteceria a Israel: guerra, sofrimento, destruição e dispersão do povo. Quando Jesus nasceu, os anjos anunciaram “paz na terra” (Lc 2:13, 14); mas, em seu ministério, Jesus

anunciou “conflito na terra” (ver Lc 12:51ss). É bastante sugestivo a multidão ter gritado “Paz no céu” (Lc 19:38), pois o céu é o único lugar onde há paz hoje!

A nação desperdiçara suas oportunidades; seus líderes não reconheceram o tempo da visitação de Deus, mostrando-se ignorantes das pr oprias Escrituras. Quando Israel voltar a ver o Rei, será em circunstâncias bem diferentes (Ap 19:11ss). Virá em glória, não em humildade, e será acompanhado dos exércitos do céu. Será uma cena de vitória, pois virá para derrotar seus inimigos e estabelecer seu reino.

As Escrituras mostram repetidamente que não pode haver glória sem que esta seja precedida de sofrimento. Jesus sabia que precisava morrer na cruz antes de entrar na glória (Lc 24:26). Os teólogos judeus não tinham uma idéia clara do sofrimento do Messias e do reino glorioso anunciado pelos profetas. Alguns mestres acreditavam que haveria dois Messias: um que sofreria e outro que reinaria. Nem mesmo os pr oprios discípulos de Cristo sabiam exatamente o que aconteceria (ver Jo 11:16).

Qual foi a rea o dos líderes judeus   “Entrada Triunfal” de Jesus? Ao observar a multidão reunir-se e honrar Jesus, os fariseus acreditaram que Jesus havia sido bem-sucedido. Esperavam algum tipo de insurrei o durante a Páscoa; talvez, Jesus fizesse um grande milagre e conquistasse a mente e o cora o do povo agitado. Não tinham conhecimento algum do que se passava na mente e no cora o do Mestre! Não perceberam que Jesus os estava pressionando para que o Sinédrio tomasse uma providência durante a Páscoa. O Cordeiro de Deus deveria entregar sua vida quando os cordeiros pascais estivessem sendo abatidos.

A declara o: “Eis aí vai o mundo após ele” (Jo 12:19) foi tanto um exagero quanto uma profecia. Na se o seguinte, encontramos alguns visitantes estrangeiros.

3. JESUS E OS VISITANTES GENTIOS (Jo 12:20-36)

Depois de sua entrada em Jerusalém, Jesus purificou o templo pela segunda vez. Citou

Isaías 56:7 e Jeremias 7:11, dizendo: “Não está escrito: A minha casa será chamada casa de ora o para todas as na es? V s, porém, a tendes transformado em covil de salteadores” (Mc 11:17). Talvez os gregos tenham ouvido essas palavras e elas tenham lhes servido de ânimo.

Um dos temas centrais de João   Jesus como o Salvador do mundo, não são como Redentor de Israel.   o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1:29). “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira” (Jo 3:16). Os samaritanos identificaram Jesus corretamente como “o Salvador do mundo” (Jo 4:42). Ele entregou sua vida pelo mundo e concedeu vida ao mundo (Jo 6:33). Ele   a Luz do mundo (Jo 8:12). A ênfase universal do Evangelho de João   bem clara. Jesus trará para junto de si as “outras ovelhas” que se encontram fora do aprisco dos judeus (Jo 10:16; e ver 11:51, 52).

O texto original indica que esses judeus “estavam acostumados a vir a Jerusalém e a adorar durante a festa”. Não eram apenas curiosos, visitando a cidade pela primeira vez para ver o que se passava. Sem d vida, eram gentios que haviam abraçado o judaísmo e que freqüentavam a sinagoga, buscando a verdade, mas que ainda não haviam se tornado prosélitos. Jesus foi visitado por gentios quando pequeno (Mt 2); agora o visitam no fim de sua vida.

Esses homens pediram insistentemente (“rogaram”) a Filipe que arranjasse para eles uma audiência particular com Jesus. Por fim, Filipe foi falar com André (que estava sempre apresentando pessoas a Cristo), e André transmitiu o pedido dos estrangeiros a Jesus. Por certo, não eram poucos os que desejavam conversar a s s com Jesus, mas o povo em geral temia os fariseus (Jo 9:22). Uma vez que eram de outro país, esses visitantes gentios não sabiam do perigo ou não temiam as conseq ncias.

O desejo desses gentios de se encontrar com Jesus   admirável, pois os judeus diziam: “queremos ver de tua parte algum sinal” (Mt 12:38; 1 Co 1:22), mas esses homens disseram: “queremos ver Jesus” (Jo 12:21). Não há registro de que Jesus tenha

se encontrado com esses homens, mas sua mensagem em resposta ao pedido deles fala de verdades que todos nós precisamos ouvir.

O tema central dessa mensagem é a glória de Deus (Jo 12:23, 28). Seria de se esperar que Jesus dissesse: “É chegada a hora do Filho de Deus de ser crucificado”. Mas Jesus olhou além da cruz e viu a glória que viria depois (ver Lc 24:26; Hb 12:2). Aliás, a glória de Deus é um tema importante dos capítulos restantes do Evangelho de João (ver Jo 13:31, 32; 14:13; 17:1, 4, 5, 22, 24).

Jesus usou a imagem de uma semente para ilustrar a grande verdade espiritual de que não pode haver glória sem sofrimento, vida produtiva sem morte, vitória sem entrega. A semente, em si, é fraca e imprestável, mas quando é plantada, ela “morre” e se torna fecunda. A “morte” de uma semente traz beleza e abundância e cumpre seu propósito. Se uma semente pudesse falar, sem dúvida se queixaria de ser colocada na terra fria e escura. Mas só quando é plantada é que pode alcançar seu objetivo.

Os filhos de Deus são pequenos e insignificantes como sementes, mas trazem dentro de si a vida de Deus. Porém, essa vida não pode se consumir, a menos que nos entreguemos a Deus e deixemos que ele nos “plante”. É preciso morrer para si mesmo, a fim de viver para Deus (Rm 6; Gl 2:20). A única maneira de ter uma vida produtiva é seguir a Jesus Cristo em sua morte, sepultamento e ressurreição.

Com essas palavras, Jesus nos desafia hoje a entregar nossa vida a ele. É interessante observar o contraste entre solidão e fecundidade; perder a vida e manter a vida; servir a si mesmo ou servir a Cristo; agradar a si mesmo ou receber a honra de Deus.

Certa vez, li a respeito de alguns cristãos que foram visitar uma missão em um lugar remoto para ver como os missionários estavam passando. Ao ver a dedicada equipe trabalhando, ficaram impressionados com seu ministério, mas admitiram que ali faltava “civilização”.

– Com certeza vocês acabaram se enterrando neste lugar! – um dos visitantes exclamou.

– Não nos enterramos aqui – o missionário replicou. – Nós nos plantamos aqui.

Jesus sabia que o sofrimento e a morte estavam a sua espera, e sua natureza humana reagiu à perspectiva dessa provação. Sua alma angustiou-se não por estar questionando a vontade do Pai, mas por ter plena consciência de tudo o que a cruz envolvia. Devemos observar que Jesus não perguntou: “O que farei?”, pois sabia o que deveria fazer. Antes, perguntou: “O que direi?”, pois na hora do sofrimento e da entrega, só há duas orações que podemos fazer: “Pai, salva-me!” ou “Pai, glorifica o teu nome!”

Em um de meus programas de rádio fiz a seguinte afirmação: “O maior desejo de Deus não é nosso conforto, mas sim, nossa conformidade”. Mal o programa terminou, recebi um telefonema de um ouvinte anônimo.

– Conformidade com o quê? – vociferou do outro lado da linha. – Você nunca leu Romanos 12:2: “não vos conformeis com este século”?

– Claro que já li Romanos 12:2 – respondi. – E você, já leu Romanos 8:29? Deus nos destinou “para [sermos] conformes à imagem de seu Filho”.

Depois de uma longa pausa (felizmente era ele quem estava pagando pela ligação), resmungou um “tem razão” e desligou.

Conforto ou conformidade?, eis a questão. Se estamos em busca de uma vida confortável, faremos de tudo para proteger nossos planos e anseios, para salvar nossa vida e para nunca ser plantados. Mas, se entregarmos nossa vida e deixarmos que Deus nos plante, jamais estaremos sozinhos; antes, desfrutaremos a alegria de ser produtivos para a glória de Deus. “Se alguém me serve [judeu ou gentio], siga-me”. Trata-se de uma declaração equivalente a Mateus 10:39 e Marcos 8:36.

A oração: “Pai, glorifica o teu nome!” recebeu uma resposta do céu! Deus o Pai falou ao Filho e lhe garantiu duas coisas: a vida e ministério do Filho no passado haviam glorificado o Pai, e o sofrimento e morte do Filho no futuro também o glorificaríamos. É bastante significativo que o Pai tenha falado

ao Filho no começo do seu ministério (Mt 3:17), quando o Filho iniciou sua jornada rumo a Jerusalém (Mt 17:5), e agora, quando o Filho vivia os últimos dias antes da cruz. Deus sempre dá uma palavra de promessa para os que estão dispostos a sofrer por ele.

O povo ouviu um ruído, mas não se deu conta de que era uma mensagem. De que adiantou a voz se pronunciar por causa do povo, se este não a entendeu? A voz transmitiu uma promessa a Jesus, prestes a morrer pelo povo. Nesse sentido, a voz pronunciou-se por causa do povo. Ouviram Jesus orar e, em seguida, ouviram um estrondo do céu em resposta a essa oração. Isso deveria ter sido suficiente para convencê-los de que Jesus se comunicava com o Pai. Podemos traduzir João 12:30 por: "Essa voz se pronunciou mais por causa de vocês do que por minha causa".

Em seguida, Jesus falou claramente sobre a cruz. Era uma ocasião de julgamento para o mundo e para Satanás. A morte de Jesus Cristo daria a impressão de que o mundo perverso havia vencido, mas, na verdade, seria um julgamento deste mundo. Na cruz, Jesus derrotaria Satanás e seu sistema neste mundo (Gl 6:14). Apesar de ter permissão de ir e vir na Terra, Satanás é um inimigo derrotado. Enquanto servimos ao Senhor, conquistamos o maligno (Lc 10:17-19). Um dia, Satanás será expulso do céu (Ap 12:10) e, por fim, será julgado e lançado para sempre no lago de fogo, onde será prisioneiro (Ap 20:10).

Jesus já havia usado a expressão "ser levantado" em outras ocasiões (Jo 3:14; 8:28). Significa, basicamente, *ser crucificado* (ver Jo 12:33), mas também dá a idéia de *ser glorificado*. "Eis que o meu Servo procederá com prudência; será exaltado e elevado e será mui sublime" (Is 52:13).

Ao ser *crucificado*, o Filho do Homem foi *glorificado*!

A declaração "atrairei todos para mim" não sugere a salvação universal. Antes, significa "todos sem distinção", ou seja, judeus e gentios. Jesus não força ninguém a segui-lo, ele "atrai" (ver Jo 6:44, 45). Foi "levantado"

para que todos encontrassem o caminho (Jo 12:32), conhecessem a verdade (Jo 8:28) e recebessem a vida (Jo 3:14). A cruz lembra que Deus ama o mundo inteiro e que cabe à Igreja levar o evangelho ao mundo todo.

O povo não entendeu o que Jesus ensinava. Sabiam que "Filho do Homem" era um título messiânico, mas não conseguiam compreender por que o Messias seria crucificado! Afinal, o Antigo Testamento não ensinava que o Messias viveria para sempre? (Ver Sl 72:17; 89:36; 110:4; Is 9:7.)

Mas aquele não era o momento de discutir detalhes teológicos. Era um momento de crise (ver Jo 12:31, em que o termo grego *krisis* significa julgamento) e um tempo de oportunidade. A luz brilhava, e o povo deveria aproveitar essa oportunidade para ser salvo. Vimos essa imagem de luz e trevas em passagens anteriores deste Evangelho (Jo 1:4-9; 3:17-20; 8:12; 9:39-41). Com um simples passo de fé, essa gente poderia ter passado das trevas espirituais para a luz da salvação.

No que se refere ao relato de João, essa mensagem marca o final do ministério público de Cristo. Jesus partiu de lá e se escondeu. Sua ausência foi um julgamento sobre a nação que viu seus milagres, ouviu suas mensagens, examinou seu ministério e, no entanto, se recusou a crer no Salvador.

4. JESUS E OS JUDEUS INCRÉDULOS (Jo 12:37-49)

A palavra-chave desta seção, usada oito vezes, é *crer*. Primeiro, João explica a incredulidade do povo. Os israelitas *não criam* (Jo 12:37,38, com uma citação de Is 53:1); *não podiam crer* (Jo 12:39); *não deviam crer* (Jo 12:40, 41, com uma citação de Is 6:9, 10).

Apesar de todas as evidências claras que lhe foram apresentadas, a nação se recusou a crer. O "braço do SENHOR" lhe foi revelado com grande poder, no entanto fecharam os olhos para a verdade. Ouviram a mensagem ("pregação"), viram os milagres e ainda assim não creram.

Quando uma pessoa começa a resistir à luz, algo muda dentro de seu ser e, por fim, chega um momento em que lhe é impossível

crer. Em sua justiça, Deus permite uma “cegueira” que cobre os olhos dos que não levam a verdade a sério (essa citação pode ser encontrada em vários lugares do Novo Testamento; ver Mt 13:14, 15; Mc 4:12; Lc 8:10; At 28:25-27; Rm 11:8). É algo extremamente sério tratar a verdade de Deus com leviandade, pois quem assim procede pode perder a oportunidade de ser salvo. “Buscai o SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto” (Is 55:6).

Alguns não creram e outros, apesar de crerem, não confessaram publicamente sua fé em Cristo (Jo 12:42, 43). A princípio, Nicodemos e José de Arimatéia faziam parte desse último grupo, mas por fim professaram Cristo abertamente (Jo 19:38ss). Havia inúmeros fariseus (At 15:5) e até mesmo sacerdotes na Igreja primitiva (At 6:7). A luta entre a glória de Deus e a exaltação dos homens continuava em andamento (Jo 12:25, 26). Os que eram expulsos da sinagoga pagavam um alto preço por sua fé (Jo 9:22), e os “cristãos secretos” desejavam aproveitar o que havia de melhor nos dois mundos. Veja o que João 5:44 diz a esse respeito.

João 12:44-50 apresenta a última mensagem de Jesus antes de “se esconder” do povo. Mais uma vez, a ênfase é sobre a fé. Vários temas essenciais do Evangelho de João aparecem nessa mensagem: Deus enviou o Filho; ver o Filho significa ver o Pai; Jesus é a Luz do mundo; suas palavras são as palavras do próprio Deus; a fé em Cristo traz salvação; quem rejeita Cristo enfrentará

o julgamento eterno. A própria Palavra de Jesus julgará os que rejeitaram Cristo e sua mensagem!

É assustador pensar que, em seu julgamento, o pecador será confrontado com toda e qualquer parte das Escrituras que tenha lido ou ouvido. A própria Palavra rejeitada se torna-se seu juiz! Isso porque a Palavra escrita aponta para o Verbo Vivo, Jesus Cristo (Jo 1:14).

Muitas pessoas rejeitam a Palavra simplesmente porque temem os homens (Jo 12:42, 43). Entre os que irão para o inferno estão os “covardes” (Ap 21:8). Melhor temer a Deus e ir para o céu do que temer os homens e ir para o inferno!

O termo *julgar* é repetido quatro vezes na conclusão da mensagem, e é uma palavra extremamente solene. Jesus não veio para julgar, mas sim para salvar (Jo 3:18; 8:15). Mas, se o pecador se recusar a crer no Salvador, então o Salvador deve se transformar em Juiz. Na verdade, é o pecador quem determina o próprio julgamento.

Ao estudar estes doze capítulos do Evangelho de João, vimos Jesus Cristo em sua vida, seu ministério, seus milagres, sua mensagem e em seu desejo de salvar os pecadores.

Depois de refletir sobre as evidências, você está convicto de que Jesus Cristo é, de fato, o Filho de Deus e Salvador do mundo?

Você já creu nele e recebeu a vida eterna?

“Enquanto tendes a luz, crede na luz, para que vos torneis filhos da luz” (Jo 12:36).

O SERVO SOBERANO

JOÃO 13:1-35

Em três ocasiões ao longo de meu ministério, tive de pregar “mensagens de despedida” para igrejas onde havia pastoreado e posso garantir que não foi fácil. Talvez não tenha sido bem-sucedido, mas meu objetivo sempre foi preparar os membros dessas igrejas para o futuro. Para isso, era preciso advertir e instruir. Convidariam outro pastor e entrariam numa nova fase de ministério, e meu desejo era que estivessem “com a casa em ordem”.

João 13 a 17 é a “mensagem de despedida” de Jesus para seus discípulos amados, culminando com sua oração intercessora por eles e por nós. Outras mensagens de despedida nas Escrituras foram feitas por Moisés (Dt 31 - 33), Josué (Js 23 - 24) e Paulo (At 20). Jesus, porém, acrescentou uma aplicação prática de sua mensagem quando lavou os pés de seus discípulos. Foi uma lição que jamais esqueceriam.

Nesta passagem, vemos Jesus em quatro relacionamentos: com seu Pai celestial (Jo 13:1-5), com Simão Pedro (Jo 13:6-11), com todos os discípulos (Jo 13:12-17) e com Judas (Jo 13:18-35). Em cada uma dessas seções do Evangelho de João, podemos descobrir uma mensagem especial, uma verdade espiritual para nos ajudar em nossa vida cristã.

1. HUMILDADE: JESUS E O PAI (Jo 13:1-5)

Jesus havia entrado em Jerusalém no domingo e, na segunda-feira, havia purificado o templo. Terça-feira foi um dia de conflito, quando os líderes religiosos tentaram pegá-lo numa armadilha e conseguir provas para

mandar prendê-lo. Esses acontecimentos encontram-se registrados em Mateus 21 a 25. É provável que quarta-feira tenha sido um dia de descanso, mas na quinta-feira, vemos Jesus e seus discípulos no cenáculo, preparando-se para observar a Páscoa.

João 13:1-3 enfatiza o *que Jesus sabia*, enquanto João 13:4, 5 enfatiza o *que Jesus fez*.

Jesus sabia que “era chegada a sua hora”. Mais do que qualquer evangelista, João ressaltou como Jesus viveu dentro de um “cronograma divino” e fez a vontade do Pai. Observe o desenvolvimento desse tema:

2:4 - “Ainda não é chegada a minha hora”.

7:30 - “porque ainda não era chegada a sua hora”.

8:20 - “porque não era ainda chegada a sua hora”.

12:23 - “É chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem”.

13:1 - “sabendo Jesus que era chegada a sua hora”.

17:1 - “Pai, é chegada a hora”.

Qual era a “hora” determinada por Deus? Era a hora em que Cristo seria glorificado por meio de sua morte, ressurreição e ascensão. Do ponto de vista humano, significava sofrimento, mas do ponto de vista divino, significava glória. Em breve, Jesus deixaria este mundo e voltaria para o Pai que o havia enviado, pois seu trabalho aqui na Terra estava completo (Jo 17:4). O servo de Deus que está dentro da vontade de Deus é imortal até que tenha completado seu trabalho. Ninguém poderia prender Jesus, muito menos matá-lo, até que fosse chegada sua hora.

Jesus também sabia que seria traído por Judas. O discípulo traidor é mencionado oito vezes no Evangelho de João, mais do que em qualquer outro Evangelho. Satanás havia entrado em Judas (Lc 22:3) e lhe deu a inspiração necessária para iniciar o processo que terminaria com a prisão e a crucificação de Cristo. O verbo “pôr”, em João 13:2, significa, literalmente, “lançar” e traz à memória os dardos inflamados do maligno (Ef 6:16).

Judas era um incrédulo (Jo 6:64-71) e, portanto, não tinha o “escudo da fé” para se defender dos ataques de Satanás.

Por fim, Jesus sabia que o Pai havia lhe dado todas as coisas (Jo 13:3). Essa declaração é paralela a João 3:35 e também lembra Mateus 11:27. Mesmo em sua humilhação, Jesus possuía todas as coisas por meio do Pai. Era pobre e, no entanto, era rico. Pelo fato de Jesus saber quem era, de onde havia vindo, o que possuía e para onde estava indo, encontrava-se inteiramente no controle da situação. Como cristãos, sabemos que nascemos de Deus, que um dia vamos para junto de Deus e que, em Cristo, temos todas as coisas; assim, devemos ser capazes de seguir o exemplo de Cristo e de servir aos outros.

O que Jesus sabia contribuiu para determinar *o que ele fez* (Jo 13:4, 5). Os discípulos devem ter ficado estarrecidos quando viram o Mestre levantar-se da mesa onde ceavam, colocar de lado seu manto, envolver a cintura com uma toalha, tomar uma bacia de água e lavar os pés deles. Os servos judeus não lavavam os pés dos senhores; às vezes, os escravos gentios faziam esse serviço. Era uma tarefa humilhante, e Jesus a realizou. Um anfitrião ou anfitriã poderia lavar os pés de um convidado como sinal especial de afeição, mas não era uma prática comum.

Jesus sabia da existência de um espírito competitivo no coração de seus discípulos. Na verdade, poucos minutos depois, esses mesmos homens estariam discutindo entre si para saber qual dentre eles era o maior (Lc 22:24-30). Jesus lhes ensinou uma lição inesquecível sobre a humildade e, com seus gestos, repreendeu seu egoísmo e orgulho. Quanto mais refletimos sobre essa cena, mais profunda ela se torna. Sem dúvida, é uma ilustração perfeita daquilo que Paulo escreveu anos depois em Filipenses 2:1-16. É possível que Pedro tenha se lembrado desse acontecimento ao escrever sua primeira epístola instando seus leitores a “[cingir-se] todos de humildade” (1 Pe 5:5).

Muitas vezes, confundimos “os humildes de espírito” (Mt 5:3) com os “pobres de espírito”, e a verdadeira humildade com timidez

e inferioridade. Certa vez, pediram ao grande escritor inglês Samuel Johnson que preparasse um sermão para o funeral de uma menina. Disseram-lhe que a menina era gentil com pessoas inferiores a ela. Johnson respondeu que isso era louvável, mas que seria difícil determinar quem eram essas pessoas!

O Pai depositou todas as coisas nas mãos do Filho e, no entanto, *Jesus pegou uma toalha e uma bacia!* Sua humildade não vinha de sua pobreza, mas sim de sua riqueza. Era rico e, no entanto, se fez pobre (2 Co 8:9). De acordo com um provérbio malaio: “Quanto mais repleto de grãos é o cacho de arroz, mais ele se curva”.

É impressionante como o Evangelho de João revela a humildade de Jesus, mesmo quando exalta sua divindade: “O Filho nada pode fazer de si mesmo” (Jo 5:19, 30). “Porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade” (Jo 6:38). “O meu ensino não é meu” (Jo 7:16). “Eu não procuro a minha própria glória” (Jo 8:50). “A palavra que estais ouvindo não é minha” (Jo 14:24). Sua expressão suprema de humildade foi a morte na cruz.

Jesus era o Soberano, no entanto assumiu o lugar de servo. Tinha todas as coisas em suas mãos, no entanto pegou uma toalha. Era Senhor e Mestre, no entanto serviu aos seguidores. Alguém disse bem que humildade não é pensar em si mesmo como alguém inferior; antes, a verdadeira humildade é esquecer-se de si mesmo. A verdadeira humildade se desenvolve do nosso relacionamento com o Pai. Se nosso desejo é conhecer e fazer a vontade do Pai para que possamos glorificar seu nome, experimentaremos a alegria de seguir o exemplo de Cristo e de servir aos outros.

Como os discípulos naquela noite, precisamos encarecidamente de uma lição sobre a humildade. A Igreja está repleta do espírito secular de competitividade e de crítica, enquanto os cristãos discutem entre si para saber quem é o maior dentre eles. Crescemos em conhecimento, mas não em graça (ver 2 Pe 3:18). Nas palavras de Andrew Murray: “A humildade é o único solo em que

a graça cria raízes. A falta de humildade explica todos os defeitos e faltas”.

Jesus serviu aos discípulos por causa de sua humildade e de seu amor. É interessante contrastar João 13:1 com 1:11 e 3:16: Jesus veio “para o que era seu [o mundo], e os seus [as pessoas] não o receberam”. “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira.” No cenáculo, Jesus ministrou em amor a seus discípulos, e eles receberam Cristo e suas instruções. O texto grego de João 13:1 diz: “Ele os amou ao extremo”.

2. SANTIDADE: JESUS E PEDRO (JO 13:6-11)

Pedro foi ficando cada vez mais apreensivo e confuso, enquanto observava Jesus lavar os pés dos seus amigos. Ao ler sobre a vida de Cristo nos Evangelhos, é impossível não notar que, em várias ocasiões, Pedro falou impulsivamente e por ignorância e precisou ser repreendido por Jesus. Opôs-se à idéia de Cristo se entregar na cruz (Mt 16:21-23) e tentou interferir nos acontecimentos na transfiguração (Mt 17:1-8). Declarou a fé dos discípulos (Jo 6:66-71) sem saber que um deles era um traidor.

O termo traduzido por “lavar”, em João 13:5, 6, 8, 12 e 14, é *nipto* e significa “lavar uma parte do corpo”. O termo traduzido por “banhar”, em João 13:10, por sua vez, é *luo* e quer dizer “lavar-se por inteiro”. Trata-se de uma distinção importante, pois Jesus estava tentando ensinar a seus discípulos a importância de andar em santidade.

Quando um pecador crê no Salvador, é “banhado por inteiro”, e seus pecados são lavados, removidos e esquecidos (ver 1 Co 6:9-11; Tt 3:3-7 e Ap 1:5). “Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre” (Hb 10:17). Todavia, à medida que o cristão caminha neste mundo, é fácil contaminar-se. Quando isso acontece, não precisa banhar-se por inteiro novamente, mas apenas lavar aquela impureza. Deus prometeu que, quando confessássemos nossos pecados, ele nos purificaria (1 Jo 1:9).

Mas por que é tão importante “manter nossos pés limpos”? Se estamos contaminados, não é possível ter comunhão com o

Senhor. “Se eu não te lavar, não tens parte comigo” (Jo 13:8). O termo traduzido por “parte” é *meros* e tem o sentido de “participação, uma porção de algo”. Quando Deus nos “lava por inteiro” na salvação, realiza nossa *união* com Cristo; uma vez estabelecido, esse relacionamento não pode ser alterado (o verbo *lavar*, em Jo 13:10, se encontra no tempo perfeito, mostrando que se trata de algo resolvido de uma vez por todas). Todavia, nossa *comunhão* com Cristo depende de nos mantermos “incontaminado[s] do mundo” (Tg 1:27). Quando permitimos que pecados não confessados permaneçam em nossa vida, colocamos obstáculos em nossa caminhada com Cristo; precisamos, então, que nossos pés sejam lavados.

Essa verdade fundamental da vida cristã é ilustrada de maneira muito bonita pelo sacerdócio do Antigo Testamento. Em sua consagração, o sacerdote era banhado por inteiro (Êx 29:4), um ritual realizado uma só vez. No entanto, era normal ele se contaminar enquanto exercia seu ministério diário, de modo que precisava lavar as mãos e os pés na bacia de bronze que ficava no átrio (Êx 30:18-21). Só então poderia entrar no santuário para cuidar das lâmpadas, comer o pão da proposição e queimar o incenso.

O Senhor nos purifica pelo sangue de Cristo, ou seja, por sua obra na cruz (1 Jo 1:5-10) e pela aplicação de sua Palavra em nossa vida (Sl 119:9; Jo 15:3; Ef 5:25, 26). A “água da Palavra” pode manter nossa mente e nosso coração puros, de modo a evitarmos a contaminação deste mundo. Mas, se pecarmos, temos um Advogado na glória, que ouve nossas orações de confissão e nos perdoa (1 Jo 2:1, 2).

Pedro não entendeu o que Jesus estava ensinando, mas, em vez de esperar por uma explicação, agiu impulsivamente e tentou dizer a Jesus o que fazer. A negativa, em João 13:8, é veemente. De acordo com o estudioso do grego Kenneth Wuest, a declaração de Pedro pode ser traduzida por: “De maneira alguma lavarás os meus pés, não, nunca”. Pedro falava sério! Mas descobriu que rejeitar esse gesto de Cristo significaria perder

a comunhão com ele, de modo que foi para o outro extremo e pediu um banho completo!

Podemos aprender uma lição importante com Pedro: não se deve questionar a vontade ou a obra do Senhor nem tentar mudá-la. Ele sabe o que faz. Pedro teve dificuldade em aceitar o ministério de Cristo a ele, pois *ainda não estava preparado para ministrar a outros discípulos*. É preciso ter humildade e graça para servir a outros, mas essas duas virtudes também são necessárias para permitir que outros ministrem a nós. É maravilhoso ver como um espírito submisso é capaz de dar e receber para a glória de Deus.

João teve o cuidado de ressaltar que Pedro e Judas tinham relacionamentos diferentes com Jesus. Por certo, Jesus lavou os pés de Judas! Mas de nada adiantou, pois Judas não havia sido banhado por inteiro. Há quem ensine que Judas era um homem salvo que pecou e perdeu a salvação, mas não foi isso que Jesus disse. Jesus deixou bem claro que Judas jamais havia sido purificado de seus pecados e que era incrédulo (Jo 6:64-71).

Como é bom aprofundar nossa comunhão com o Senhor! O mais importante nesse processo é ser honestos com ele e conosco mesmos, mantendo os pés limpos.

3. BEM-AVENTURANÇA: JESUS E OS DISCÍPULOS (JO 13:12-17)

A chave desta passagem é João 13:17: "Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes". A seqüência é importante: humildade, santidade e, depois, felicidade. Aristóteles definiu a felicidade como "boa fortuna aliada à virtude [...] uma vida aprazível e segura". Isso pode ser suficiente para um filósofo, mas não basta para um cristão! A felicidade é resultado de uma vida conduzida dentro da vontade de Deus. Quando servirmos a outros humildemente, andarmos em seus caminhos de santidade e obedecermos a suas ordens, então desfrutaremos a verdadeira felicidade.

Jesus perguntou a seus discípulos se haviam entendido seu gesto, o que era pouco provável. Portanto, explicou: dera-lhes uma

lição sobre o serviço humilde, um exemplo a ser seguido. O mundo acredita que a felicidade é resultante de ser servidos por outros, mas experimentamos a verdadeira alegria quando servimos a outros em nome de Cristo. O mundo está sempre buscando a felicidade, mas isso é como perseguir o vento, pois nem uma coisa nem outra está a nosso alcance.

Jesus era seu Mestre, de modo que tinha todo o direito de ordenar que lhes servissem. Em vez disso, porém, foi ele quem lhes serviu! Deu-lhes um exemplo do verdadeiro ministério cristão. Em mais de uma ocasião ao longo dos três anos anteriores, ensinara-lhes lições sobre a humildade e o serviço, mas aqui lhes oferece uma demonstração prática. Talvez os discípulos se lembrem da lição sobre a criança (Mt 18:1-6), ou de como Jesus repreendeu Tiago e João quando pediram tronos no céu (Mt 20:20-28). Aos poucos, tudo se encaixava.

O servo (escravo) não é maior que seu senhor; assim, se o senhor tornar-se um servo, o que é feito dos servos? *Ficam no mesmo nível que o senhor!* Ao se tornar um servo, Jesus não nos empurrou para baixo: ele nos elevou! Dignificou o sacrifício e o serviço. É importante lembrar que os romanos não aceitavam a idéia de humildade, e os gregos desprezavam trabalhos braçais. Quando lavou os pés dos discípulos, Jesus combinou essas duas coisas.

O mundo pergunta: "Quantas pessoas trabalham para você?", mas o Senhor quer saber: "Para quantas pessoas você trabalha?" Quando eu ministrava em uma conferência no Quênia, um cristão africano me falou de um provérbio de sua região: "O chefe deve ser o servo de todos". Precisamos encarecidamente de líderes que sirvam e de servos que liderem. De acordo com G. K. Chesterton, um homem verdadeiramente grande é aquele que faz os outros se sentirem grandes, e foi isso o que Jesus fez com seus discípulos, *ensinando-os a servir*.

Todavia, não basta *saber* essa verdade; devemos colocá-la em prática. Tiago 1:22-27 deixa claro que as bênçãos são decorrentes de *fazer* o que a Palavra diz, não apenas

de ouvi-la. A última frase de Tiago 1:25 pode ser traduzida por: “esse homem será espiritualmente favorecido no que fizer”. O próprio estudo dessa passagem do Evangelho de João pode nos tocar emocionalmente ou nos esclarecer intelectualmente, mas não nos abençoará espiritualmente a menos que façamos o que Jesus ordenou. Essa é a única maneira de encontrar a felicidade duradoura.

É importante manter essas lições na ordem correta: humildade, santidade, felicidade. Sujeitar-se ao Pai, manter a vida pura e servir aos outros: essa é a fórmula de Deus para a verdadeira alegria espiritual.

4. HIPOCRISIA: JESUS E JUDAS (JO 13:18-35)

Uma sombra cobre a cena quando Jesus trata com Judas, o traidor. É importante observar que, em momento algum, Judas foi um cristão verdadeiro. Antes, foi um hipócrita que nunca creu em Jesus (Jo 6:64-71), que não foi banhado por inteiro (Jo 13:10, 11) e que não estava entre aqueles que o Pai havia escolhido para entregar ao Filho (Jo 13:18 e 17:12). Uma pessoa pode chegar muito perto da salvação e, ainda assim, se perder para sempre! Judas era o tesoureiro do grupo (Jo 12:6), e, sem dúvida, os outros discípulos o tinham em alta consideração.

Nesse momento, Jesus estava preocupado com duas coisas: cumprir a Palavra de Deus (Jo 13:18-30) e exaltar a glória de Deus (Jo 13:31-35).

O texto que Jesus cita das Escrituras é o Salmo 41:9: “Até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar”. Quando Davi escreveu esse salmo, é provável que estivesse se referindo a seu conselheiro Aitofel, que o traiu e colaborou com a rebelião de Absalão (ver 2 Sm 15 – 17). É bastante sugestivo que tanto Judas quanto Aitofel se enforcaram (2 Sm 17:23; Mt 27:3-10; At 1:18). Todavia, Judas não cometeu suicídio a fim de cumprir uma profecia bíblica, pois se esse fosse o caso, Deus seria o autor de seu pecado. Judas foi responsável por suas decisões, e estas, por sua vez, cumpriram a Palavra de Deus.

Jesus não desejava que a traição de Judas enfraquecesse a fé dos discípulos. Por isso, associou esse ato à Palavra de Deus: quando os discípulos vissem tudo isso se cumprir, sua fé seria fortalecida (ver Jo 8:28). Judas havia sido desleal, mas Jesus esperava que fossem leais a ele e a sua causa. Afinal, era Deus o Filho, enviado por Deus Pai. Os discípulos eram representantes escolhidos por Cristo; receber esses servos de Deus era o mesmo que receber o Pai e o Filho. Que privilégio enorme ser embaixadores do Rei!

É impressionante que os outros que estavam à mesa com Jesus não sabiam que Judas era um incrédulo e traidor. Até o momento exato de sua traição, Judas foi protegido pelo Salvador a quem traiu. Se Jesus tivesse revelado claramente o que sabia sobre Judas, é provável que os outros discípulos tivessem se voltado contra o traidor. Convém lembrar o que Pedro fez com Malco, quando os soldados foram prender Jesus!

Jesus sabia, desde o princípio, o que Judas faria contra ele (Jo 6:64), mas de modo algum o forçou a isso. Judas teve acesso aos mesmos privilégios espirituais que os outros discípulos e, no entanto, não lhe adiantaram coisa alguma. O mesmo Sol que derrete o gelo endurece a argila. Apesar de tudo que Jesus havia dito sobre dinheiro e de todas as suas advertências sobre a cobiça, Judas continuou sendo ladrão e roubando da caixa dos discípulos. Apesar de todas as advertências de Jesus sobre a incredulidade, Judas persistiu em sua rejeição. *Jesus chegou a lavar os pés de Judas!* No entanto, seu coração endurecido não se quebrou.

Jesus já havia falado de um traidor (Jo 6:70), mas os discípulos não deram atenção a suas palavras. Nesta passagem, quando fala claramente sobre o assunto, enquanto estão ao redor da mesa, os discípulos ficam perplexos.

Pedro fez um sinal a João, o discípulo que estava mais próximo de Jesus à mesa, e pediu que descobrisse quem era o traidor. Sem dúvida, nem todos os presentes ouviram a resposta de Jesus; estavam ocupados demais discutindo entre si quem poderia ser o traidor (Lc 22:23). Quando Jesus entregou

o pão a Judas, os outros discípulos entenderam que se tratava de uma demonstração de amor e de consideração. Aliás, Judas estava assentado no lugar de honra, de modo que o gesto de Jesus foi interpretado nesse contexto: o Mestre estava honrando Judas de maneira especial. Não é de se admirar que, quando Judas partiu, os outros tenham começado a discutir qual dentre eles seria o maior (Lc 22:24-30).

Por certo, João ficou atônito com essa revelação, mas antes que pudesse dizer ou fazer qualquer coisa, Jesus já havia mandado Judas prosseguir com seu intento. Apesar de Satanás ter entrado em Judas, era Jesus quem estava no controle. Jesus viveu de acordo com o cronograma que o Pai havia determinado para ele, e seu desejo era cumprir o que estava escrito na Palavra. Visto que Judas era o tesoureiro, os discípulos concluíram, logicamente, que Jesus o havia enviado numa missão especial. Judas havia expressado um interesse hipócrita pelos pobres (Jo 12:4-6), de modo que talvez estivesse saindo para realizar alguma obra de caridade.

É importante lembrar que Judas agia deliberadamente. Já se encontrara com os líderes religiosos judeus e concordara em lhes entregar Jesus, de tal maneira que não houvesse qualquer tumulto envolvendo o povo (Lc 21:37 - 22:6). Ouviu Jesus dizer: "mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do Homem está sendo traído! Melhor lhe fora não haver nascido!" (Mt 26:24). Ainda assim, persistiu em sua incredulidade e traição.

A frase curta de João: "E era noite" tem tremendo impacto, quando se considera que *luz* e *trevas* são imagens espirituais importantes em seu Evangelho. Jesus é a Luz do mundo (Jo 8:12), mas Judas rejeitou Jesus e saiu na escuridão; e, para Judas, *ainda é noite!* Os que fazem o mal odeiam a luz (Jo 3:18-21). Judas não deu ouvidos à advertência de Jesus em João 12:25, 26 - e os pecadores de hoje que continuam a imitá-lo terminarão no mesmo lugar que ele, a menos que se arrependam e creiam no Salvador.

No instante em que Judas saiu, o ambiente espaireceu, e Jesus começou a instruir os

discípulos e a prepará-los para sua crucificação e para sua volta ao céu. Foi depois de Judas ter se retirado que Jesus instituiu a Ceia do Senhor, algo do qual o traidor incrédulo certamente não poderia participar. Judas saiu na noite, controlado por Satanás, o príncipe das trevas; mas Jesus ainda estava na luz, compartilhando o amor e a verdade com os discípulos amados. Um contraste e tanto!

O próximo tema da passagem é a glória de Deus (Jo 13:31-35). Do ponto de vista humano, a morte de Cristo seria um ato infame, de sofrimento e humilhação indescritíveis; mas do ponto de vista divino, seria a revelação da glória de Deus. "É chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem" (Jo 12:23). João usa a designação "Filho do homem" doze vezes em seu Evangelho, sendo a última delas em João 13:31. De acordo com Daniel 7:13, trata-se de um título messiânico, e Jesus usou-o com essa conotação em algumas ocasiões (Mt 26:64).

Para Jesus, o que significava glorificar o Pai? Em sua oração ele diz: "Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer" (Jo 17:4). Esse é o modo de todos nós glorificarmos a Deus: realizando fielmente o trabalho que nos chama a fazer. No caso de Jesus, a vontade do Pai era que o Filho morresse pelos pecadores, ressuscitasse dentre os mortos e subisse ao céu. O Filho glorificou o Pai e o Pai glorificou o Filho (Jo 17:1, 5).

Chegaria o momento em que o Filho seria glorificado nesses discípulos (Jo 17:10), mas, por ora, não poderia segui-lo. Pedro disse a todos que seguiria Jesus até a morte (Lc 22:33), mas infelizmente acabou negando o Senhor três vezes.

Jesus havia dito aos judeus, em duas ocasiões, que procurariam por ele e que não poderiam achá-lo nem segui-lo (Jo 7:33-36; 8:21-24). Para os judeus incrédulos, informou que seriam incapazes de encontrá-lo, mas não fez essa mesma declaração a seus discípulos. Um dia, os discípulos que haviam crido nele seriam levados para junto dele (Jo 14:1-3) e também o veriam depois de sua ressurreição. Mas, durante seu sofrimento e

morte, era importante que não tentassem segui-lo.

Já ouvi sermões eloqüentes sobre o pecado de Pedro, que “seguia de longe” (Lc 22:54), enfatizando como deveria ter seguido Jesus mais de perto. A verdade é que, perto ou longe, Pedro não deveria estar seguindo Jesus! A declaração em João 13:33 comprova esse fato e, quando acrescentamos a isso Mateus 23:31 (uma citação de Zc 13:7) e as palavras de Jesus em João 18:8, as evidências são categóricas. Pedro desconsiderou esse aviso e se meteu em apuros.

A responsabilidade dos discípulos era amar uns aos outros como Cristo os amou. Certamente, precisariam desse amor nas próximas horas, quando seriam privados de seu Mestre e quando Pedro, seu valente porta-voz, falharia com Jesus e com eles. Na verdade, todos falhariam, e a única coisa que os manteria unidos seria seu amor por Cristo e uns pelos outros.

No texto original, o termo *amor* (e correlatos) é usado doze vezes em João 1 a 12, enquanto em João 13 a 21 aparece quarenta e quatro vezes! É uma palavra-chave na

mensagem de despedida que Cristo transmitiu a seus discípulos, bem como a tônica da sua oração sacerdotal (Jo 17:26). O adjetivo “novo”, no versículo 34, não se refere a algo “cronologicamente novo”, pois desde o tempo do Antigo Testamento, o amor sempre foi importante para o povo de Deus (ver Lv 19:18). Antes, se refere a “algo inédito ou original”. É o oposto de “desgastado”. A morte de Cristo na cruz daria novo poder e significado ao amor (Jo 15:13). Com a vinda do Espírito Santo, o amor teria novo poder na vida dos discípulos.

Esta seção começa e termina com o amor: o amor de Jesus pelos seus (Jo 13:1) e o amor dos discípulos uns pelos outros. O amor é a prova irrefutável de que pertencemos a Jesus Cristo. Tertuliano (155-220 d.C.), um patriarca da Igreja, comentou que os pagãos diziam uns para os outros sobre os cristãos: “Já reparou como amam uns aos outros?” De que modo manifestamos esse amor? Seguindo o exemplo de Jesus: entregando a vida pelos irmãos (1 Jo 3:16). E a melhor maneira de começar é lavando os pés uns dos outros em serviço sacrificial.

UM CORAÇÃO PERTURBADO

JOÃO 13:36 – 14:31

Esta seção começa e termina com a terna admoestação de Jesus: “Não se turbe o vosso coração” (Jo 14:1, 27). Não é de se admirar que os apóstolos estivessem perturbados. Afinal, Jesus havia anunciado que um deles era traidor e, em seguida, avisara Pedro de que negaria o Senhor três vezes. Sempre seguro de si, Pedro tinha certeza de que não apenas seguiria seu Senhor, mas também morreria com ele e por ele. Infelizmente, Pedro não conhecia o próprio coração, da mesma forma que não conhecemos *nosso* coração, com exceção de uma coisa que sabemos ao certo: nosso coração perturba-se com facilidade.

Talvez o golpe mais doloroso de todos tenha sido a descoberta de que Jesus estava prestes a deixá-los (Jo 13:33). Para onde iria? Poderiam ir com ele? Como chegariam ao lugar aonde ele estava indo? Essas eram algumas das perguntas confusas que passavam pela mente e pelo coração dos discípulos e que trocavam entre si enquanto conversavam à mesa.

De que maneira Jesus tranquilizou o coração perturbado dos discípulos? Dando-lhes seis promessas maravilhosas às quais se apegar, promessas das quais podemos nos apropriar hoje e, desse modo, desfrutar de um coração tranquilo.

1. VOCÊS VÃO PARA O CÉU (Jo 13:36 – 14:6)

Jesus não repreendeu Pedro por lhe perguntar para onde estava indo, mas sua resposta foi um tanto enigmática. Um dia, Pedro “seguiria” Jesus até a cruz (Jo 21:18, 19; 2 Pe 1:12-15) e, depois, até o céu. Diz a tradição

que Pedro foi crucificado, mas pediu para ser colocado de cabeça para baixo, pois não se considerava digno de morrer da mesma forma que o Mestre.

Justamente quando Pedro começava a se sentir um herói, Jesus anunciou sua desventura. A mensagem não apenas surpreendeu Pedro, como também deixou os outros apóstolos estarecidos. Afinal, se um homem valente como Pedro negaria o Senhor, que esperança haveria para o resto dos discípulos? Foi então que Jesus lhes deu uma mensagem para acalmar seu coração perturbado.

De acordo com Jesus, o céu é um lugar real. Não é uma ilusão religiosa, nem o fruto de uma mentalidade doentia e fantasiosa, mas sim o lugar onde Deus habita e onde Jesus está assentado à direita do Pai no dia de hoje. É descrito como um reino (2 Pe 1:11), uma herança (1 Pe 1:4), uma pátria e uma cidade (Hb 11:16) e um lar (Jo 14:2).

O termo *Pai* é usado quarenta e quatro vezes em João 13 a 17. O Filho de Deus diz que o céu é “a casa de meu Pai”. É um “lar” para os filhos de Deus. Alguns anos atrás, um jornal de Londres realizou um concurso para encontrar a melhor definição de “lar”. A sugestão vencedora foi: “Lar é o lugar onde somos mais bem tratados e onde mais nos queixamos”. O poeta Robert Frost disse que lar é o lugar onde os moradores são obrigados a acolhê-lo quando você chega lá. Uma ótima definição!

O termo grego *mone* é traduzido por “casa”, em João 14:2, e por “morada” em João 14:23. Significa apenas “cômodos, lugares de habitação”, de modo que não se deve pensar em termos de grandes casas. É uma pena que alguns hinos sem base bíblica tenham perpetuado a idéia equivocada de que os cristãos fiéis vão morar em lindas mansões na glória, enquanto os cristãos menos consagrados terão de se contentar com casas pequenas ou mesmo com cabanas. Neste exato momento, Jesus Cristo está preparando lugares para todos os que crêem de coração, e cada um desses lugares será maravilhoso. No tempo em que passou aqui na Terra, Jesus foi carpinteiro (Mc 6:3). Agora que voltou para a glória, está construindo

uma Igreja na Terra e um lar para essa Igreja no céu.

João 14:3 promete claramente que Jesus voltará para buscar seu povo. Alguns chegarão ao céu passando pelo vale da sombra da morte, mas os que estiverem vivos quando Jesus voltar *já* verão a morte (Jo 11:25, 26). Serão transformados à semelhança de Cristo e irão para o céu (1 Ts 4:13-18).

Uma vez que o céu é a casa do Pai, deve ser um lugar de amor e alegria. Quando o apóstolo João tentou descrever o céu, por pouco não lhe faltaram símbolos e comparações (Ap 21 - 22)! Por fim, apresentou uma lista das coisas que não estarão lá: morte, tristeza, choro, dor, noite etc. Será um lar maravilhoso e desfrutaremos dele para sempre!

A pergunta de Tomé revelou seu desejo profundo de estar com Jesus (ver Jo 11:16), tornando necessário que soubesse para onde o Mestre iria e como chegar lá. O Senhor deixou claro que iria para junto do Pai e que ele era o único caminho para chegar ao Pai. O céu é um lugar real, um lugar de amor e um lugar exclusivo. Nem todos vão para o céu, apenas os que crêem em Jesus Cristo (ver At 4:12; 2 Tm 2:4-6).

Jesus não se limita a ensinar o caminho ou a mostrar o caminho; *ele é o caminho*. Na verdade, "o Caminho" é um dos primeiros nomes dados à fé cristã (At 9:2; 19:9, 23; 22:4; 24:14, 22). A declaração de Jesus: "ninguém vem ao Pai senão por mim" elimina qualquer outro caminho proposto para chegar ao céu, como boas obras, cerimônias religiosas, ofertas vultosas etc. Existe somente um caminho: Jesus Cristo.

De que maneira essa promessa de ir para o céu ajudaria a acalmar o coração perturbado dos discípulos? A resposta é expressada de modo bastante apropriado num hino escrito há vários anos por J. M Gray: "Quem se importa com a jornada quando a estrada conduz ao lar?" A certeza de um lar celestial no fim da estrada da vida nos permite suportar com alegria os obstáculos e batalhas ao longo do caminho. Essa certeza deu ânimo ao próprio Cristo, "o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz" (Hb 12:2). Paulo tinha essa verdade

em mente quando escreveu: "Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós" (Rm 8:18).

2. VOCÊS JÁ CONHECEM O PAI (Jo 14:7-11)

Não precisamos esperar até chegar ao céu para conhecer o Pai. Podemos conhecê-lo no presente e receber dele os recursos espirituais de que precisamos para prosseguir em meio às dificuldades.

O que significa "conhecer o Pai"? No texto original, o verbo *conhecer* é usado 141 vezes no Evangelho de João, mas nem sempre tem o mesmo significado. Na verdade, de acordo com João, existem quatro "níveis" diferentes de *conhecimento*. O nível mais inferior é simplesmente ter conhecimento de um fato. O nível seguinte é compreender a verdade por trás desse fato. Todavia, podemos conhecer o fato e a verdade por trás dele e continuar perdidos em nossos pecados. Assim, o terceiro nível introduz o *relacionamento*: "conhecer" significa "crer em uma pessoa e ter um relacionamento com ela". Esse é o nível do conhecimento em João 17:3. Aliás, nas Escrituras, o termo "conhecer" é usado para o relacionamento mais íntimo entre um homem e uma mulher (Gn 4:1).

O quarto nível de conhecimento refere-se a "ter um relacionamento mais profundo com uma pessoa, ter uma comunhão mais profunda". Era a esse nível que Paulo se referia quando escreveu: "para o conhecer" (Fp 3:10). Jesus descreve esse relacionamento mais profundo em João 14:19-23, de modo que reservaremos outros comentários para essa seção.

Quando Jesus disse que conhecê-lo e vê-lo era o mesmo que conhecer e ver o Pai, afirmava ser Deus. Apesar de Jesus estar deixando os discípulos, a partir de então teriam compreensão cada vez mais clara do Pai.

Aprecio o desejo de Filipe de conhecer o Pai. Havia percorrido um longo caminho desde o dia em que Jesus o havia encontrado e

chamado (Jo 1:43-45). Todo cristão deve ter um desejo ardente de conhecer melhor a Deus. Lemos e estudamos a Palavra de Deus para conhecer melhor o Deus da Palavra.

A construção gramatical da pergunta em João 14:10 indica que Jesus esperava uma resposta afirmativa de Filipe: ele *cria* que Jesus estava no Pai e que o Pai estava nele. Sendo esse o caso, Filipe deveria ter percebido que as palavras de Jesus, bem como suas obras, eram provenientes do Pai e revelavam o Pai. Os cristãos de hoje não viram o Senhor Jesus pessoalmente (1 Pe 1:8), mas podemos ver Cristo e suas obras na Palavra. Ao longo de todo seu Evangelho, João enfatiza não ser possível separar as palavras de Cristo de suas obras, pois ambas vêm do Pai e revelam o Pai.

O verbo “*crer*”, em João 14:10, é conjugado no singular, pois Jesus falava com Filipe; mas em João 14:11, é usado no plural, pois o Mestre dirige-se a todos os discípulos. O tempo verbal, nos dois casos, é “*prossigam crendo*”. Deixem que sua fé cresça!

Quatrocentos anos antes de Jesus nascer, o filósofo grego Platão escreveu: “É uma tarefa difícil encontrar o Pai e Criador de todo o universo, e, falar dele a todos os homens ao encontrá-lo, é impossível”. Mas Platão estava errado! *Podemos* conhecer o Pai e Criador do universo, pois Jesus o revelou para nós. Por que deixar que nosso coração fique perturbado quando o Criador e Governante do universo é *nosso Pai*?

O Senhor do céu e da Terra é nosso Pai (Lc 10:21). Não precisamos ficar ansiosos, pois ele está no controle.

3. VOCÊS TÊM O PRIVILÉGIO DE ORAR (Jo 14:12-15)

“Por que orar quando pode se preocupar?”, diz uma placa que vi em vários lugares. A oração é um dos melhores remédios para um coração perturbado.

Óh! que paz perdemos sempre,
Óh! que dor no coração,
Só porque nós não levamos
Tudo a Deus em oração.

Todavia, a fim de que Deus responda a nossas orações e dê paz a nosso coração, devemos preencher certos requisitos. Na verdade, o próprio cumprimento dessas condições já é uma bênção.

Devemos orar com fé (v. 12). Essa é uma promessa da qual podemos nos apropriar, e, para isso, devemos ter fé. A expressão “em verdade, em verdade” mostra que se trata, sem dúvida alguma, de uma declaração solene. O fato de Jesus ter voltado para o Pai é um grande estímulo, pois hoje está intercedendo por nós junto ao Pai. Jesus voltará a falar sobre essa obra intercessora mais adiante.

As “outras [obras] maiores” referem-se, inicialmente, aos apóstolos, que receberam o poder de realizar milagres especiais como credencial de seu ministério (Rm 15:18, 19; Hb 2:3, 4). Esses milagres não eram maiores em termos de *qualidade*, pois “o servo não é maior do que seu senhor” (Jo 13:16), mas sim em termos de abrangência e de quantidade. Pedro pregou um sermão, e três mil pecadores converteram-se em um só dia! O fato de pessoas comuns realizarem esses sinais tornava-os mais maravilhosos e glorificava ainda mais a Deus (At 5:13-16).

Claro que não é o *próprio* cristão que realiza essas “coisas maiores”; antes, quem opera os milagres é Deus trabalhando dentro do cristão e por meio dele: “Cooperando com eles o Senhor” (Mc 16:20). “Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar” (Fp 2:13). A fé e as obras devem sempre andar juntas, pois é a fé que libera o poder de Deus em nossa vida.

Tanto o amor quanto a obediência fazem parte da oração eficaz. “Se eu no coração contemplara [encontrara e aprovara] a vaidade, o Senhor não me teria ouvido” (Sl 66:18).

Não obedecemos ao Senhor simplesmente porque desejamos que nossas orações sejam respondidas, como fazem as crianças antes do Natal. Obedecemos ao Senhor porque o amamos, e quanto mais obedecemos a ele, mais experimentamos seu amor. “Guardar” os mandamento significa dar-lhes valor, entesourar, preservar e

obedecer. "Do mandamento de seus lábios nunca me aparte, escondi no meu íntimo as palavras da sua boca" (Jó 23:12)

A oração feita com fé é um remédio maravilhoso para o coração perturbado. Sugiro que meditemos sobre Filipenses 4:6, 7 e que coloquemos essas palavras em prática!

Devemos orar em nome de Jesus (vv. 13, 14). Não se trata de uma "fórmula mágica" que acrescentamos automaticamente aos pedidos em nossas orações para garantir que Deus nos responderá. Pedir qualquer coisa ao Pai em nome de Jesus significa pedir o que Jesus pediria, o que lhe agradaria e o glorificaria, fazendo sua obra avançar. Quando um amigo diz: "Pode usar meu nome", está lhe dando um grande privilégio, bem como uma tremenda responsabilidade.

A expressão "tudo quanto" em João 14:13 é qualificada por tudo o que Deus revelou em sua Palavra sobre a oração; o mesmo se aplica à expressão "alguma coisa" em João 14:14. Deus não nos está dando *carta branca*; o elemento controlador é "em meu nome". Saber o nome de Deus significa conhecer sua natureza, aquilo que ele é e o que deseja que façamos. Deus responde às orações a fim de honrar seu nome; portanto, a oração deve estar dentro de sua vontade (1 Jo 5:14, 15). O primeiro pedido da oração do Pai Nosso é "Santificado seja o teu nome" (Mt 6:9). Qualquer pedido que não glorifica o nome de Deus não deve ser feito em nome de Jesus.

Devemos orar em obediência amorosa (v. 15). Quando amamos alguém, honramos seu nome, e jamais usamos esse nome de maneira depreciativa. O *amor* é um tema importante no Evangelho de João; o verbo e o substantivo são usados mais de cinquenta vezes no texto original.

4. TEMOS O ESPÍRITO SANTO (Jo 14:16-18)

Em sua mensagem no cenáculo, Jesus diz várias coisas sobre o Espírito Santo, pois, sem o Espírito de Deus, não é possível viver de modo agradável a Deus. Devemos saber quem o Espírito é, o que ele faz e como opera.

Jesus chama o Espírito de "outro Consolador" e "Espírito da verdade". O termo grego traduzido por "Consolador" é *parakletos* e somente João o emprega (Jo 14:16, 26; 15:26; 16:7; 1 Jo 2:1). Significa "chamado juntamente para assistir". O Espírito Santo não opera em nosso lugar, nem apesar de nós, mas sim em nós e através de nós.

A idéia de consolação também se expressa pelo termo *conforto*, originado em duas palavras do latim que significam "com força". Normalmente, associamos o ato de confortar a dar alívio, tranquilizar, consolar, o que, até certo ponto, não deixa de ser verdade. Mas o conforto real nos fortalece para encarar a vida com coragem e prosseguir. Não isenta de responsabilidades nem dá uma oportunidade de desistir mais facilmente. O termo *parakletos* é traduzido por "Advogado" em 1 João 2:1. Um "advogado" é alguém que nos representa em um tribunal e que se coloca a nosso lado enquanto defende nossa causa.

Como "Espírito da verdade", o Espírito Santo é relacionado a Jesus, a Verdade, e à Palavra de Deus, que é verdadeira (Jo 14:6; 17:17). O Espírito inspirou a Palavra e também esclarece a Palavra de modo que possamos compreendê-la. Mais adiante em sua mensagem, Jesus explica o ministério de ensino do Espírito. Uma vez que é o "Espírito de verdade", o Espírito Santo não pode mentir nem ser associado a qualquer falsidade. Nunca nos orienta a fazer qualquer coisa contrária à Palavra de Deus, pois, afinal, a Palavra de Deus é a verdade.

Se desejamos que o Espírito Santo opere em nossa vida, devemos ter como principal objetivo glorificar a Cristo e dar o devido valor à Palavra de Deus. Quando comparamos Efésios 5:18 a 6:9 com Colossenses 3:16 a 4:1, vemos que as duas passagens descrevem o mesmo tipo de vida cristã: alegre, agradecida e submissa. Estar cheio do Espírito é o mesmo que ser controlado pela Palavra. O Espírito da verdade usa a Palavra da verdade para nos guiar com respeito à vontade e à obra de Deus.

O Espírito Santo habita no cristão. É uma dádiva do Pai em resposta à oração do Filho.

Durante seu ministério aqui na Terra, Jesus guiou, guardou e ensinou seus discípulos, mas estava prestes a deixá-los. O Espírito Santo viria sobre eles e *habitaria neles*, assumindo o lugar do Mestre. Jesus chamou o Espírito de “outro Consolador”, e a palavra grega traduzida por “outro” significa “outro do mesmo tipo”. O Espírito de Deus não é diferente do Filho de Deus, pois ambos são Deus. O Espírito de Deus havia habitado *com* os discípulos na pessoa de Jesus, mas em breve passaria a habitar *dentro* deles.

É evidente que o Espírito de Deus já havia estado na Terra antes. Foi esse Espírito que deu poder aos homens e mulheres do Antigo Testamento para realizar a obra de Deus. Todavia, nesse tempo, o Espírito de Deus vinha sobre essas pessoas e podia se retirar delas. O Espírito de Deus deixou o rei Saul (1 Sm 16:14; 18:12); e, ao confessar seu pecado, Davi pediu que o Espírito não lhe fosse retirado (Sl 51:11). Em Pentecostes, o Espírito Santo foi concedido ao povo de Deus, a fim de permanecer conosco para sempre. Podemos entristecer o Espírito, mas ainda assim ele não nos deixa.

A maneira de tratarmos o Espírito Santo indica como tratamos o Senhor Jesus Cristo. O corpo do cristão é o templo do Espírito (1 Co 6:19, 20), de modo que o que fazemos com nosso corpo afeta o Espírito Santo que nele habita. O Espírito escreveu a Palavra de Deus, e a maneira de tratarmos a Bíblia é a maneira de tratarmos o Espírito de Deus e o Filho de Deus.

O mundo não pode receber o Espírito, porque vive de acordo com o que pode ver, não pela fé. Além disso, o mundo não conhece Jesus Cristo, e não se pode conhecer o Espírito sem o Filho. Na verdade, a presença do Espírito no mundo é condenatória, pois o mundo rejeitou Jesus Cristo. O termo traduzido por “órfãos”, em João 14:18, significa “sem consolo”. Não estamos sozinhos, abandonados, impotentes e desesperados. O Espírito nos acompanha por toda a parte, de modo que não precisamos nos sentir órfãos. Nosso coração também não precisa

se perturbar, pois o Espírito de Deus habita dentro de nós!

5. DESFRUTAMOS O AMOR DO PAI (JO 14:19-24)

“O amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado” (Rm 5:5). Os órfãos sentem-se indesejados e rejeitados, mas nosso Pai compartilha seu amor conosco. Jesus explica três manifestações desse amor.

Manifestou-se nos discípulos no passado (vv. 19, 20). João 14:19 enfoca a ressurreição de Cristo e suas aparições, depois disso, aos discípulos e a outros cristãos. O mundo viu Jesus pela última vez quando José de Arimatéia e Nicodemos tiraram seu corpo da cruz e o sepultaram. Quando voltar a vê-lo, ele virá em poder e grande glória para julgar os pecadores perdidos.

João 14:20 trata especialmente da vinda do Espírito em Pentecostes e a união dos cristãos com seu Senhor. Jesus voltou ao céu como o Senhor exaltado, o Cabeça da Igreja (Ef 1:19-23); em seguida, enviou seu Espírito para que os membros do corpo fossem unidos ao Cabeça em uma ligação viva. É evidente que os cristãos de hoje não viram Jesus depois de sua ressurreição ou em sua ascensão, mas somos unidos a ele pela presença do Espírito Santo em nós.

Manifesta-se aos cristãos no presente (vv. 21, 23, 24). É importante observar a repetição do termo *amor*. Se damos o devido valor à Palavra de Deus e lhe obedecemos, o Pai e o Filho compartilham seu amor conosco e habitam em nós. O termo traduzido por “morada”, em João 14:23, significa “fazer de algum lugar seu lar” e é usado também em João 14:2.

Quando um pecador crê em Jesus Cristo, nasce de novo, e, no mesmo instante, o Espírito entra em seu corpo e dá testemunho de que é filho de Deus. O Espírito habita em nós e não nos deixa. Mas, à medida que o cristão se entrega ao Pai, ama a Palavra, ora e obedece, desenvolve um relacionamento mais profundo com o Pai, o Filho e o Espírito. Pela salvação, vamos para o céu, mas pela submissão, o céu vem até nós!

Essa verdade é ilustrada nas experiências de Abraão e Ló, relatadas em Gênesis 18 e 19. Quando Jesus e os dois anjos visitaram a tenda de Abraão, sentiram-se em casa. Eles até tomaram uma refeição, e Jesus teve uma conversa pessoal com Abraão. Mas o Senhor não foi até Sodoma visitar Ló, pois não poderia sentir-se em casa naquele lugar. Assim, enviou dois anjos.

Nossa experiência com Deus deve ser cada vez mais profunda, e esse aprofundamento se dará à medida que nos entregarmos ao Espírito da verdade e permitirmos que nos ensine e que nos guie. Se amarmos a Deus e lhe obedecermos, ele manifestará seu amor por nós de maneira mais profunda a cada dia.

Manifestar-se-á na volta de Jesus Cristo (v. 19). O apóstolo Judas (não o Iscariotes) lembrou que Jesus havia dito que se manifestaria ao mundo (Jo 14:22). Mas isso parecia contradizer outras declarações que havia feito, como aquela em Mateus 24:30. Sua pergunta foi: "Donde procede, Senhor, que estás para manifestar-te a nós e não ao mundo?". Ou seja: "Houve uma mudança nos planos de Deus?"

Jesus havia sido rejeitado pelo próprio povo e, portanto, não pôde se manifestar a ele. Na verdade, o fato de não se manifestar ao mundo demonstrou sua misericórdia, pois se o tivesse feito, teria sido em julgamento. Revelou-se à sua Igreja e deixou a Igreja no mundo para dar testemunho do amor de Deus. No momento, espera pacientemente, dando aos pecadores a oportunidade de se arrepender e de ser salvos (2 Pe 3:1-10). Um dia, voltará (Ap 1:7), e o mundo o contemplará.

Uma das melhores maneiras de tranquilizar o coração perturbado é deixar-se envolver pelo amor de Deus. Quando nos sentimos "órfãos", devemos permitir que o Espírito de Deus nos revele o amor de Deus de maneira mais profunda. Nas palavras de Charles Spurgeon: "Uma pequena fé levará a alma para o céu, mas uma grande fé trará o céu para a alma". Nosso coração pode se tornar "o céu na Terra" quando temos comunhão com o Senhor e o adoramos.

6. TEMOS SUA DÁDIVA DE PAZ (Jo 14:25-31)

Shalom - paz - é uma palavra preciosa para o povo judeu. Significa muito mais do que a simples ausência de guerra ou de perigo. *Shalom* significa integridade, plenitude, saúde, segurança e até mesmo prosperidade, em seu melhor sentido. Quando desfrutamos a paz de Deus, temos alegria e contentamento. Mas a paz de Deus não é como a "paz" que o mundo oferece.

O mundo baseia sua paz em seus recursos, enquanto a paz de Deus depende de relacionamentos. Estar em ordem com Deus significa desfrutar a paz de Deus. O mundo depende da capacidade pessoal, mas os cristãos dependem da suficiência espiritual em Cristo. No mundo, a paz é algo pelo que as pessoas esperam e se esforçam; para os cristãos, a paz de Deus é uma dádiva maravilhosa, recebida pela fé. Os que não são salvos sentem paz quando não há problemas; os cristãos têm paz apesar das dificuldades por causa da presença do Espírito Santo em poder.

As pessoas do mundo vivem de acordo com o que podem ver e dependem do que é externo, mas os cristãos vivem pela fé e dependem do que é eterno. O Espírito de Deus nos ensina a Palavra e nos guia (não nos arrasta!) para a verdade. Também nos lembra do que nos ensinou para que possamos depender da Palavra de Deus nos momentos difíceis da vida. O Espírito usa a Palavra para nos dar sua paz (Jo 14:27), seu amor (Jo 15:9, 10) e sua alegria (Jo 15:11). Se isso não acalmar nosso coração perturbado, não há nada que possa tranquilizá-lo!

Mais uma vez, Jesus garantiu aos discípulos que voltariam a vê-lo (Jo 14:28). Deviam alegrar-se com a volta de Jesus ao Pai, pois isso possibilitaria que Cristo exercesse seu ministério maravilhoso de intercessão em nosso favor, como nosso Sumo Sacerdote no céu (Hb 2:17, 18; 4:14-16). Temos o Espírito dentro de nós, o Salvador acima de nós e a Palavra diante de nós - recursos tremendos para nos dar paz!

Em João 14:30, 31, Jesus cita dois grandes inimigos espirituais: o mundo e o diabo. Cristo venceu o mundo e o diabo (Jo 12:31),

e Satanás não tem poder sobre ele. Não há nada em Jesus Cristo que o diabo possa controlar. Uma vez que estamos "em Cristo", Satanás também não pode controlar nossa vida, a menos que permitamos. Nem Satanás nem o mundo podem perturbar nosso coração, se estivermos sob a "paz de Deus" por meio do Espírito Santo.

Quando Jesus diz: "pois o Pai é maior do que eu" (Jo 14:28), não nega sua divindade nem sua igualdade com Deus, pois, se o fizesse, cairia em contradição (Jo 10:30). Quando Jesus estava na Terra, limitou-se, necessariamente, a um corpo humano. Em um gesto espontâneo, colocou de lado o exercício independente de seus atributos divinos e se sujeitou ao Pai. Nesse sentido, o Pai era maior que o Filho. É evidente que, quando o Filho voltou para o céu, tudo o que havia colocado de lado lhe foi restituído (Jo 17:1, 5).

Jesus demonstrou seu amor pelo Pai (e pelo mundo) entregando-se voluntariamente na cruz. Não se escondeu nem fugiu, mas se dispôs a dar sua vida. É possível que, nesse momento, Jesus e seus discípulos tenham deixado o cenáculo (Jo 14:31), de modo que as palavras de Jesus, a partir desse ponto, foram ditas a caminho do jardim. Ou talvez tenham se levantado da mesa e passado ainda algum tempo no cenáculo, enquanto Jesus os instruía. Não é difícil imaginar Jesus falando da alegoria da vinha, enquanto caminhavam pelos vinhedos naquela noite.

Sua paz perfeita assegura-nos de que somente ele pode nos dar paz verdadeira. Jesus sempre está no controle da situação e nos capacita a conduzir nossa vida ao nos entregarmos a ele e recebermos seu legado de paz.

RELACIONAMENTOS E RESPONSABILIDADES

JOÃO 15:1-17

Esta é a sétima e última declaração de “Eu Sou” feita por Cristo conforme o registro do Evangelho de João. Porém, Jesus não se ateu a essa imagem, prosseguindo com a figura do “amigo”.

Esses dois retratos dos cristãos – como ramos e amigos – revelam tanto nossos privilégios quanto nossas responsabilidades. Como *ramos*, temos o privilégio de compartilhar a vida de Jesus e a responsabilidade de permanecer nele. Como *amigos*, temos o privilégio de conhecer sua vontade e a responsabilidade de obedecer.

1. OS RAMOS – DEVEMOS PERMANECER (Jo 15:1-11)

O cultivo dos vinhedos era uma atividade importante para a vida e a economia de Israel. O templo de Herodes era decorado com uma videira de ouro. Ao usar essa metáfora, Jesus recorreu a uma imagem que todos os judeus conheciam bem. Essa representação simbólica apresenta quatro elementos que é preciso compreender, a fim tirar proveito dos ensinamentos de Cristo nesta passagem.

A videira. Há três tipos de videira nas Escrituras. A videira do *passado* refere-se a Israel como nação (ver Sl 80:8, 19; Is 5:1-7; Jr 2:21; Ez 19:10-14 e Os 10:1). Num ato de sua graça maravilhosa, Deus “transplantou” Israel para Canaã e deu à nação todos os benefícios imagináveis. “Que mais se podia fazer ainda à minha vinha, que eu lhe não tenha feito?”, perguntou Deus (Is 5:4). Se há uma nação que teve tudo para ser bem-sucedida é Israel.

Mas a videira produziu uvas bravas! Ao invés de praticar justiça, praticou a opressão;

ao invés de produzir retidão, produziu iniquidade e clamores de aflição de suas vítimas. Deus teve de tratar com a nação de Israel castigando-a, mas nem sua disciplina teve resultados duradouros. Quando o próprio Filho de Deus veio cuidar da vinha, foi expulso e morto (Mt 21:33-46).

Também há uma videira do *futuro*, a “videira da terra”, em Apocalipse 14:14-20. Refere-se ao sistema do mundo gentio, amadurecendo para o julgamento de Deus. Os cristãos são ramos da “videira do céu”, mas os incrédulos são ramos da “videira da terra”. Os não salvos dependem do mundo para receber sustento e encontrar satisfação, enquanto os cristãos dependem de Jesus Cristo. A “videira da terra” será cortada e destruída quando Jesus Cristo voltar.

A videira do *presente* é nosso Senhor Jesus Cristo, e inclui, obviamente, seus ramos. Ele é a “Videira Verdadeira”, ou seja, “a original, da qual todas as outras videiras são cópias”. Como cristãos, não vivemos de substitutos! O simbolismo da videira e dos ramos é semelhante àquele da Cabeça e do corpo; temos um relacionamento vivo com Cristo e pertencemos a ele.

Quando morávamos em Chicago, tínhamos uma pequena videira no quintal de casa, mas não era nada parecida com aquelas cultivadas até hoje na Terra Santa. Nossa videira era uma planta extremamente frágil, e os ramos se quebravam com facilidade. As vinhas que encontramos na Terra Santa são grandes e fortes, e é praticamente impossível quebrar um dos ramos maduros *sem danificar a própria vinha*. Nossa união com Cristo é uma união *viva*, por isso podemos dar frutos; é uma união *afetuosa*, por isso podemos desfrutar nosso relacionamento com ele; é, também, uma união *duradoura*, por isso não precisamos temer.

Os ramos. Sozinho, um ramo é frágil e imprestável, servindo apenas para ser queimado (ver Ez 15). O ramo não é capaz de gerar a própria vida; antes, deve retirá-la da videira. É nossa comunhão com Cristo, por meio do Espírito, que nos permite dar frutos.

Muitas imagens de Cristo e dos cristãos apresentadas nas Escrituras enfatizam esse

conceito importante de *união e comunhão*: o corpo e seus membros (1 Co 12), a noiva e o Noivo (Ef 5:25-33), as ovelhas e o Pastor (Jo 10). Um membro que é separado do corpo morre. O casamento cria uma união, mas exige amor e devoção diários para manter a comunhão. O pastor traz as ovelhas para o rebanho, mas as ovelhas devem seguir o pastor, a fim de receber proteção e provisão.

Quanto antes descobirmos que somos apenas ramos, melhor será nosso relacionamento com o Senhor, pois veremos nossas fraquezas e confessaremos que necessitamos de sua força.

A palavra-chave é *permanecer*, usada onze vezes em João 15:1-11 (“esteja” em Jo 15:11). “Permanecer” significa manter a comunhão com Cristo de modo que trabalhe em nossa vida e por meio dela, a fim de produzir frutos. Sem dúvida, inclui a Palavra de Deus e a confissão dos pecados, a fim de que nada sirva de empecilho para essa comunhão com o Senhor (Jo 15:3). Também inclui a obediência a ele porque o amamos (Jo 15:9, 10).

Como saber se “permanecemos em Cristo”? Sentimos alguma coisa especial? Não, mas há evidências específicas que se mostram de maneira clara e inconfundível. Em primeiro lugar, quando permanecemos em Cristo, produzimos frutos (Jo 15:2). Discutiremos mais adiante o que são esses frutos. Em segundo lugar, sentimos o Pai nos “podando” para que possamos dar mais frutos (Jo 15:2). O cristão que permanece em Cristo recebe respostas para suas orações (Jo 15:7) e experimenta um amor cada vez mais profundo por Cristo e por outros cristãos (Jo 15:9, 12, 13). Também experimenta alegria (Jo 15:11).

Essa relação de permanência é natural para os ramos e para a vinha, mas deve ser cultivada na vida cristã, pois não se desenvolve automaticamente. Permanecer em Cristo exige adoração, meditação na Palavra de Deus, oração, sacrifício e serviço –, mas é uma grande alegria! Uma vez que começamos a cultivar essa comunhão mais profunda com Deus, não temos desejo algum de voltar à vida superficial do cristão indiferente.

O agricultor. A responsabilidade do viticultor é cuidar das videiras, e, de acordo com Jesus, esse é o trabalho do Pai. É ele quem “limpa” ou poda os ramos para que possam produzir mais frutos. Observe a progressão: nenhum fruto (Jo 15:2), fruto, mais fruto, muito fruto (Jo 15:5, 8). Muitos cristãos pedem a Deus que possam dar mais frutos, mas não gostam do processo necessário de poda pelo qual devem passar em resposta a essa oração!

O viticultor poda os ramos de duas maneiras: corta a madeira morta que pode servir para a proliferação de doenças e de insetos e remove partes ainda vivas, para que a vitalidade da planta não se dissipe, comprometendo a qualidade dos frutos. Na verdade, o viticultor remove cachos inteiros de uvas para que o resto da colheita seja de qualidade superior. Deus quer quantidade e qualidade.

O processo de poda é a parte mais importante do cultivo, e os que cuidam disso devem ser devidamente treinados, pois se não forem habilidosos, podem destruir uma colheita inteira. Em alguns vinhedos, os “podadores” passam por treinamentos que duram de dois a três anos, durante os quais aprendem exatamente onde cortar, quando cortar e até o ângulo exato dos cortes.

O maior julgamento que Deus pode trazer sobre um cristão é deixá-lo por conta própria, permitindo que faça as coisas a seu modo. Pelo fato de nos amar, Deus nos “poda” e nos estimula a dar mais frutos para sua glória. Se os ramos pudessem falar, confessariam que o processo de poda é doloroso, mas também expressariam sua alegria por produzir com mais abundância e qualidade.

O momento em que nosso Pai celeste mais se aproxima de nós é quando está nos podando. Por vezes, remove madeira morta que pode causar problemas; mas, com frequência, corta fora partes ainda vivas que estão nos privando de vigor espiritual. A poda não é apenas uma cirurgia espiritual que remove elementos nocivos. Também pode ser a remoção de coisas boas para que possamos desfrutar o que há de melhor. Sem dúvida, essa poda é dolorosa, mas também

proveitosa. Talvez não gostemos dela, mas certamente é necessária.

De que maneira o Pai nos poda? Por vezes, simplesmente usa a Palavra para nos convencer de nosso pecado e nos purificar (o termo traduzido por "limpar", em João 15:2, é o mesmo empregado em João 13:10; ver Ef 5:26, 27). Em outras ocasiões, precisa nos disciplinar (Hb 12:1-11). A dor é grande quando remove algo que consideramos precioso; mas à medida que a "colheita espiritual" é produzida, vemos que o Pai sabia o que estava fazendo.

Quanto mais permanecemos em Cristo, mais frutos produzimos, e quanto mais frutos produzimos, mais o Pai nos poda para que a qualidade mantenha-se no mesmo nível que a quantidade. Se o ramo não receber cuidados, produzirá vários cachos, mas serão de qualidade inferior. Deus é glorificado não apenas por uma colheita mais abundante, mas também por uma colheita excelente.

Os frutos. A palavra *resultados* aparece com frequência nas conversas entre obreiros cristãos, mas na verdade não se trata de um conceito bíblico. Uma máquina ou um robô pode dar resultados, mas é preciso haver um *organismo vivo* para produzir frutos. Essa produção exige tempo e cultivo; uma boa colheita não aparece de um dia para o outro.

É preciso lembrar que os frutos não são consumidos pelos ramos, mas sim aproveitados por outros. Não se deve produzir frutos para agradar a si mesmos, mas para servir aos outros. Devemos ser o tipo de pessoa que "alimenta" os semelhantes com nossas palavras e com nossas obras. "Os lábios do justo apascentam a muitos" (Pv 10:21).

A Bíblia fala de vários tipos de frutos espirituais. Damos frutos quando levamos outras pessoas a Cristo (Rm 1:13); quando somos parte da colheita (Jo 4:35-38); ao crescer em santidade e em obediência (Rm 6:22). Paulo considera as ofertas dos cristãos frutos de uma vida consagrada (Rm 15:28). "O fruto do Espírito" (Gl 5:22, 23) é o caráter cristão, que glorifica a Deus e mostra a realidade de

Cristo a outros. Até mesmo nossas boas obras e nosso serviço nascem dessa vida de permanência em Cristo (Cl 1:10). O louvor que vem do coração e dos lábios também é fruto para a glória de Deus (Hb 13:15).

Muitas dessas coisas podem ser falsificadas pela carne; porém, mais cedo ou mais tarde, as falsificações são descobertas, pois o verdadeiro fruto espiritual traz dentro de si *sementes para mais frutos*. As imitações de frutos criadas pelo ser humano são mortas e incapazes de se reproduzir, mas os frutos produzidos pelo Espírito se reproduzem sucessivamente. Haverá frutos, mais frutos e muitos frutos.

Um verdadeiro ramo ligado à vinha sempre dará frutos. Nem todos os ramos darão "supersafras", assim como nem todo campo produz, continuamente, colheitas extraordinárias (Mt 13:8, 23). Onde há vida sempre há frutos. Se o ramo não tem frutos, torna-se imprestável, portanto é lançado fora e queimado. Não creio que, nesta passagem, Jesus esteja ensinando que os verdadeiros cristãos podem perder a salvação, pois isso entraria em contradição com seus ensinamentos em João 6:37 e 10:27-30. Não é prudente desenvolver uma doutrina teológica com base numa parábola ou alegoria. Jesus estava ensinando uma verdade central – a vida produtiva do cristão – e não devemos tentar extrair muitas outras verdades dos detalhes. Assim como um ramo sem frutos não tem proveito, também um cristão sem frutos não contribui para a vinha, e ambos devem ser tratados. É triste quando um cristão outrora cheio de frutos abandona a fé e perde os privilégios da comunhão e do serviço. É bem mais provável que João 15:6 seja uma descrição da disciplina de Deus, não do destino eterno. "Há [para os cristãos] pecado para morte" (1 Jo 5:16).

Jesus havia falado sobre a paz (Jo 14:27); agora, menciona o amor e a alegria (Jo 15:9-11). O amor, a alegria e a paz são os três primeiros "frutos do Espírito" citados em Gálatas 5:22, 23. Nossa permanência em Cristo deve produzir amor, alegria e paz em nosso coração. Uma vez que o amamos, guardamos

seus mandamentos, e quando guardamos seus mandamentos, permanecemos em seu amor e o experimentamos de maneira mais profunda.

Em várias ocasiões ao longo do Evangelho de João, vemos Jesus falando sobre o amor do Pai por ele. Enfatizamos de tal modo o amor de Deus pelo mundo e pela Igreja que nos esquecemos de como o Pai ama o Filho. Pelo fato de o Pai amar o Filho, colocou todas as coisas nas mãos dele (Jo 3:35) e revelou todas as coisas a ele (Jo 5:20). O Pai ama o Filho desde antes da fundação do mundo (Jo 17:24); amou o Filho quando morreu na cruz (Jo 10:17). O mais impressionante é que os cristãos de hoje podem experimentar pessoalmente esse mesmo amor! Jesus orou para que “o amor com que me amaste esteja neles [os discípulos e cristãos de hoje]” (Jo 17:26).

Como ramos da Videira, temos o privilégio de permanecer em Cristo e a responsabilidade de dar frutos. Passamos agora para a segunda imagem, a dos *amigos*.

2. OS AMIGOS – DEVEMOS OBEDECER (Jo 15:12-17)

Quase todos têm muitos conhecidos, mas poucos amigos. até mesmo nossos amigos podem se mostrar pouco amáveis ou mesmo infiéis. O que dizer de Judas? “Até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar” (Sl 41:9). Até o amigo mais dedicado pode faltar conosco quando mais precisamos dele. Pedro, Tiago e João cochilaram no jardim, quando deveriam estar orando; Pedro negou Jesus três vezes. Nossa amizade com os que nos cercam e com o Senhor são falhas, mas a amizade dele para conosco é perfeita.

Não se deve, porém, interpretar a palavra *amigo* de maneira limitada, pois o termo grego significa “um amigo na corte”. Descreve o “círculo mais íntimo” ao redor de um rei ou imperador (em Jo 3:29, refere-se ao “padrinho” de casamento). Os “amigos do rei” desfrutavam de intimidade com o monarca e conheciam seus segredos, mas também eram seus súditos e deveriam obedecer a

suas ordens. Não existe, portanto, conflito algum entre ser amigo e ser servo.

A ilustração perfeita desse fato nas Escrituras é Abraão, o “amigo de Deus” (2 Cr 20:7; Is 41:8; Tg 2:23), também um servo de Deus (Gn 26:24). Em Gênesis 18, Jesus e dois anjos visitam Abraão quando a caminho de Sodoma para investigar o pecado da cidade. Apesar de estar quase com 100 anos de idade, Abraão interrompeu seu descanso do meio-dia, recebeu os visitantes e lhes ofereceu uma bela refeição. Nos quinze primeiros versículos desse capítulo de Gênesis, Abraão está realizando diferentes tarefas e, em duas ocasiões, refere-se a si mesmo como servo (Gn 18:3, 5). É interessante observar que esse homem idoso “correu”, “apressou-se” e incentivou os outros a cumprirem suas tarefas com presteza – um exemplo perfeito de servo. Além disso, não se assentou para comer com os convidados. Antes, permaneceu em pé ao lado deles, pronto para atender qualquer pedido, como convém a um verdadeiro servo.

Na última metade do capítulo, o ambiente muda e vemos Abraão tranqüilo e parado, em comunhão com o Senhor. Continua sendo um servo, mas nesse instante, também está sendo um amigo. “Ocultarei a Abraão o que estou para fazer?”, pergunta o Senhor. Como amigo de Deus, Abraão partilhava dos segredos de Deus.

Foi esse tipo de relacionamento que Jesus descreveu quando chamou os discípulos de “amigos”. Sem dúvida, era um relacionamento de *amor*, tanto por ele quanto uns pelos outros. Os “amigos do rei” não poderiam competir entre si pela atenção de seu soberano nem por benefícios no reino. Não faziam parte do “círculo mais íntimo” para se promover, mas para servir ao Rei. Essa imagem deve ter sido uma repreensão severa para os discípulos, que costumavam discutir entre si sobre qual deles era o maior!

Como é possível Jesus *ordenar* que amemos uns aos outros? O verdadeiro amor pode ser imposto dessa forma? Devemos lembrar que o amor cristão não é, em sua essência, um “sentimento”, mas sim um ato da *volição*. A prova desse amor não se encontra

em nossos sentimentos, mas em nossas ações, a ponto de entregarmos a vida por Cristo e uns pelos outros (1 Jo 3:16). Jesus entregou sua vida tanto por seus amigos quanto por seus inimigos! (Rm 5:10). Apesar de as emoções estarem, sem dúvida alguma, envolvidas no processo, o verdadeiro amor cristão procede da volição. Significa tratar os outros como Deus nos trata.

Assim, nossa amizade em Cristo implica amor e obediência. Mas também envolve conhecimento: ele nos informa de seus planos. Cristo é nosso Senhor (Jo 13:13, 16), mas não nos trata como servos. Ele nos trata como amigos, se obedecermos a seus mandamentos. Abraão era amigo de Deus, pois obedecia a Deus (Gn 18:19). Se temos amizade com o mundo, nossa relação com Deus será de inimizade (Tg 4:1-4). Apesar de ser um homem salvo, Ló vivia em Sodoma e não foi chamado de amigo de Deus (2 Pe 2:7). Deus revelou a Abraão o que planejava fazer com as cidades da planície e, assim, Abraão pôde interceder por Ló e por seus familiares.

É interessante observar que, no Evangelho de João, os servos sabiam o que acontecia! Na festa de casamento de Caná, ficaram sabendo da procedência do vinho (Jo 2:9), e os servos do oficial do rei testemunharam a cura do filho dele (Jo 4:51-53).

Um dos maiores privilégios como amigos de Cristo é aprender a conhecer melhor a Deus e participar de seus segredos. Nunca me esqueço de como meu coração foi tocado com o que Oswald Sanders disse a nossa equipe de obreiros: "Cada um escolhe a distância entre si e Deus". Somos seus amigos e devemos escolher estar próximos do trono, ouvindo sua Palavra, desfrutando sua intimidade e obedecendo a suas ordens.

Certo dia, quando era fugitivo, Davi estava próximo de Belém, sua cidade natal, e quis um gole de água do poço que ficava próximo da porta da cidade. Três de seus homens valentes estavam perto o suficiente de Davi para ouvi-lo suspirar por aquela água e arriscaram a vida para atender o desejo do rei (2 Sm 23:15-17). É isso o que significa ser amigo do rei.

Em João 15:16, Jesus lembra os discípulos de que sua posição privilegiada havia sido concedida pela graça. Jesus escolhera seus discípulos e não o contrário. Ele os escolheu do mundo (Jo 15:19) e os designou para fazer sua vontade. Vemos, outra vez, a palavra-chave *frutos*. Como ramos, compartilhamos da vida de Cristo e damos frutos; como amigos, compartilhamos seu amor e damos frutos. Como ramos, somos podados pelo Pai; como amigos, somos instruídos pelo Filho, e sua Palavra controla nossa vida.

O termo *designar* significa simplesmente "determinar" e se refere ao ato de separar alguém para um serviço específico. Pela graça de Deus, fomos escolhidos e separados pelo Senhor, a fim de proclamar o evangelho no mundo e de dar frutos. Ele nos enviou ao mundo (Jo 17:18) como embaixadores pessoais, a fim de falar a outros do Rei e de sua grande salvação. Quando testemunhamos a outros e os levamos a Cristo, estamos dando frutos para a glória de Deus.

Como mencionamos anteriormente, os sinais da verdadeira filiação, do discipulado (Jo 15:8) e da amizade (Jo 15:15) são os *frutos*. "Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis" (Mt 7:20). Os frutos verdadeiros permanecem; os que são forjados pelo homem, mais cedo ou mais tarde, desaparecem. Os frutos contêm sementes para produzir mais frutos, mantendo, portanto, um processo contínuo. O que é nascido do Espírito de Deus traz, em si, a marca da eternidade e permanece.

Nesta passagem, Jesus volta a tratar do privilégio da oração. Os amigos do rei certamente conversavam com seu soberano e lhe contavam suas dificuldades e necessidades. No tempo das monarquias, era considerado uma honra extremamente especial ser convidado a falar ao rei ou à rainha; no entanto, os amigos de Jesus Cristo podem falar com ele a qualquer momento. Para eles, o trono da graça é sempre acessível.

João 15:15, 16 resume o que significa ser amigo do Rei dos reis. É uma experiência que conduz à humildade, pois foi ele quem nos escolheu, não o contrário. É bom sempre lembrar esse fato para que não nos

tornemos orgulhosos e arrogantes. Isso significa que precisamos manter os ouvidos abertos para o que ele nos diz. "Ouviste o secreto conselho de Deus?" (Jó 15:8). "A intimidade do SENHOR é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança" (Sl 25:14). Devemos permanecer atentos e de prontidão.

Mas o propósito de tudo isso é que lhe obedecemos e que realizemos sua obra. O Rei tem certas tarefas que precisam ser levadas a cabo; se o amarmos, obedeceremos a suas ordens. Vamos nos esforçar para dar frutos que lhe agradem e que glorifiquem o Pai. Agradar ao Senhor deve ser nossa grande alegria.

Jesus encerra essa parte de sua mensagem lembrando seus discípulos (e nós) do mandamento supremo: amar uns aos outros. O Novo Testamento tem várias declarações com "uns aos outros", mas todas elas podem ser resumidas em "amar uns aos outros". Jesus já havia dado esse mandamento aos onze apóstolos (Jo 13:34, 35) e o repetiu mais duas vezes (Jo 15:12, 17). Essa afirmação ou alguma variação aparece inúmeras vezes ao longo das epístolas do Novo Testamento, especialmente na Primeira Epístola

de João. Os amigos do Rei devem não apenas amar seu soberano, mas também amar uns aos outros. O coração do Rei se enche de alegria ao ver seus amigos amando uns aos outros e trabalhando juntos para obedecer a suas ordens.

Este estudo começou na vinha e terminou na sala do trono! O próximo estudo nos levará ao campo de batalha, onde sentiremos o ódio do mundo perdido. Quem não permanece como ramo nem obedece como amigo jamais será capaz de enfrentar a oposição do mundo. Quem não ama ao semelhante, como espera ter algum amor pelas pessoas perdidas do mundo? Quem não marchar com os irmãos como amigo do Rei, jamais formará uma frente unida contra o adversário.

"Sem mim nada podeis fazer" (Jo 15:5).

Não ficamos simplesmente em desvantagem ou numa situação difícil. Ficamos absolutamente paralisados. *Não somos capazes de fazer coisa alguma!*

Mas quem permanece em Cristo e fica perto do trono é *capaz de fazer qualquer coisa* que o Rei ordenar!

Que grande privilégio – e que grande responsabilidade!

O QUE O ESPÍRITO ESTÁ FAZENDO?

JOÃO 15:18 – 16:15

Dois temas importantes a observar ao longo de toda esta seção extensa que vai de João 15:18 a 16:16: a oposição do mundo à Igreja e o ministério do Espírito na Igreja e por meio dela. Jesus havia falado sobre o amor (Jo 15:9-13, 17), mas aqui trata do ódio, usando essa palavra sete vezes. Parece incrível que alguém odeie a Jesus Cristo e a seu povo, mas essa é exatamente a situação em que nos encontramos hoje, e *parte desse ódio vem de pessoas religiosas*. Em poucas horas, os líderes religiosos de Israel condenariam o Messias e pediriam seu sangue.

Jesus havia ensinado claramente aos discípulos que, um dia, sofreriam perseguições. Mencionou esse fato no Sermão do Monte (Mt 5:10-12, 44) e em seu “sermão de comissão”, quando enviou os discípulos a ministrar (Mt 10:16-23). Em seu sermão de acusação dos fariseus, declarou abertamente que eles perseguiriam e matariam servos de Deus (Mt 23:34, 35); podemos encontrar uma advertência parecida em sua mensagem profética no monte das Oliveiras (Mc 13:9-13).

Ao longo do Evangelho de João, fica evidente que a instituição religiosa não apenas se opôs a Jesus, mas também procurou matá-lo (Jo 5:16; 7:19, 25; 8:37, 59; 9:22; ver ainda 11:8). Ao prosseguir com seu ministério, Jesus enfrentou ondas de ressentimento, de ódio e, por fim, oposição ostensiva. Assim, os discípulos não deveriam ter se surpreendido quando Jesus tocou na questão da perseguição, pois já haviam ouvido suas advertências e visto o Mestre enfrentar o ódio dos homens durante seu ministério.

Até Jesus voltar, ou até morrermos, devemos viver neste mundo hostil e enfrentar

contínua oposição. Como fazer isso? Qual é o segredo da vitória? É a presença e o poder do Espírito Santo de Deus em nossa vida. Esta é a principal seção da mensagem do cenáculo sobre o Espírito Santo e seu ministério.

Antes de estudar esta passagem e de ver as três formas do Espírito de ministrar à Igreja, devemos fazer uma pausa para nos lembrar da natureza e do caráter do Espírito Santo. Ele é uma Pessoa da Trindade, e Jesus referiu-se a ele como tal. O Espírito Santo tem mente (Rm 8:27), volição (1 Co 12:11) e emoções (Gl 5:22, 23).

Em João 15:26, as três Pessoas da Trindade são mencionadas: Jesus o Filho enviará o Espírito do Pai. Pelo fato de o Espírito Santo ser uma Pessoa, e de também ser Deus, o cristão tem Deus habitando em seu corpo! Se não tivéssemos o Espírito Santo dentro de nós, não poderíamos servir ao Senhor neste mundo perverso. Devemos andar no Espírito (Gl 5:16), adorar no Espírito (Fp 3:3) e testemunhar no Espírito (At 1:8).

Os cristãos podem suportar o ódio do mundo por causa dos ministérios especiais do Espírito Santo.

1. COMO CONSOLADOR, O ESPÍRITO DÁ ÂNIMO À IGREJA (JO 15:18 – 16:4)

Devemos começar esclarecendo o que Jesus quer dizer com “o mundo”, pois esse termo é usado nas Escrituras pelo menos de três maneiras diferentes. Pode significar o *mundo criado* (“o mundo foi feito por intermédio dele”; João 1:10), a *humanidade* (“Deus amou ao mundo de tal maneira”; Jo 3:16) ou a *sociedade separada de Deus e contrária a ele*. Por vezes, nos referimos a esse último caso como “o sistema do mundo”.

Ao ouvir as notícias no rádio, por exemplo, o locutor diz: “E agora, as notícias do mundo dos esportes!”. Claro que o “mundo dos esportes” não é um país ou planeta especial onde todos vivem ligados, de algum modo, a atividades esportivas. O “mundo dos esportes” refere-se a todas as organizações, pessoas, atividades, filosofias, etc. que fazem parte dos esportes. Algumas dessas coisas são visíveis, outras, invisíveis, mas

todas se encontram organizadas ao redor de um elemento central: os esportes.

Do ponto de vista cristão, “o mundo” inclui todas as pessoas, planos, organizações, atividades, filosofias, valores etc. que pertencem à sociedade sem Deus. Algumas dessas coisas podem ser culturais, enquanto outras são extremamente corrompidas, mas todas têm origem na mente e no coração do homem pecaminoso e promovem o que o homem pecaminoso deseja desfrutar e realizar. Como cristãos, é preciso cuidado para não amar o mundo (1 Jo 2:15-17) nem se conformar com o mundo (Rm 12:1, 2).

Jesus não doura a pílula quando diz aos discípulos que sua situação no mundo será crítica e até mesmo perigosa. Observe a progressão na oposição do mundo: ódio (Jo 15:18, 19), perseguição (Jo 15:20), expulsão e até morte (Jo 16:2).

Ao lermos o Livro de Atos, é possível acompanhar esses estágios de resistência.

Por que o sistema do mundo, inclusive o “mundo religioso”, odeia os cristãos, os que crêem em Cristo e que procuram segui-lo? Jesus apresenta vários motivos.

Somos identificados com Cristo (vv. 18, 20). Se o mundo odiou a Cristo, então também odiará os que se identificam com ele. Em João 15:20, Jesus cita uma declaração que havia feito anteriormente (Jo 13:16), e a lógica é clara. Ele é o Senhor, nós somos os servos. Ele é maior do que nós, de modo que deve receber o louvor e a glória. Mas o mundo se recusa a louvá-lo e a glorificá-lo! O mundo o odeia, portanto é natural que também nos odeie. Se, em toda a sua grandeza e perfeição, Jesus não escapou da perseguição, que esperança há para nós, com nossas imperfeições?

Podemos ver esse princípio em outras imagens da relação entre Cristo e os seus. Ele é o Pastor e nós, as ovelhas; e quando o Pastor é atacado, isso afeta as ovelhas (Mt 23:31). Ele é o Mestre e nós, os discípulos, os aprendizes. No entanto, é animador saber que, quando o povo de Deus é perseguido, nosso Senhor participa de seu sofrimento, pois ele é o Cabeça do corpo e nós, seus membros. “Saulo, Saulo, por que me persegues?”

(At 9:4). Qualquer coisa que o inimigo possa fazer contra nós já foi feita antes contra Jesus Cristo, e ele está conosco enquanto sofremos.

Não pertencemos ao mundo (v. 19). Quando cremos em Cristo, passamos a ter uma nova condição espiritual: estamos “em Cristo” e “fora deste mundo”. Por certo, ainda estamos *no* mundo em termos físicos, mas não pertencemos mais ao mundo em termos espirituais. Agora que somos “[participantes] da vocação celestial” (Hb 3:1), não estamos mais interessados nos tesouros nem nos prazeres do pecado neste mundo. Isso não significa estar isolados da realidade nem separados das necessidades do mundo, tão preocupados com o céu que não se faz bem algum na Terra. Antes, significa encarar as coisas da Terra do ponto de vista do céu.

O sistema do mundo funciona com base na conformidade. Enquanto uma pessoa segue as tendências e modas e aceita os valores do mundo, ela é aceita. Mas o cristão recusa-se a se “[conformar] com este século” (Rm 12:2). O cristão “é nova criatura” (2 Co 5:17) e não deseja mais viver como antes (1 Pe 4:1-4). Somos a luz do mundo e o sal da terra (Mt 5:13-16), mas um mundo em trevas não quer luz, e um mundo em decomposição não quer sal! Em outras palavras, o cristão não está apenas “fora de sintonia”, mas também, fora de lugar (ver Jo 17:14, 16 e 1 Jo 4:5).

O mundo é espiritualmente ignorante e cego (v. 21). Se alguém tivesse perguntado aos líderes religiosos de Jerusalém se conheciam o Deus que estavam tentando defender, teriam dito: “Claro que conhecemos! Israel conhece o verdadeiro Deus vivo há séculos!” Mas Jesus afirmou que esses homens *não* conheciam o Pai, portanto não poderiam conhecer o Filho (ver Jo 16:3). Os líderes religiosos sabiam muita coisa sobre o Deus Jeová e eram capazes de citar capítulos e versículos para defender suas doutrinas, mas não possuíam conhecimento pessoal de Deus.

Não era a primeira vez que Jesus falava sobre esse tema, pois já o havia mencionado

antes aos líderes religiosos que se opuseram a ele. “Não me conheceis a mim nem a meu Pai; se conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai” (Jo 8:19). “Entretanto, vós não o tendes conhecido; eu, porém, o conheço” (Jo 8:55). Jesus havia lhes ensinado a Palavra e demonstrado sua divindade por meio de sinais miraculosos e de uma vida piedosa; mas, ainda assim, os líderes de Israel continuaram cegos para a identidade de Cristo: “O mundo não o conheceu” (Jo 1:10).

O mundo religioso de hoje afirma conhecer Deus, mas não deseja reconhecer Jesus Cristo como o Filho de Deus e único Salvador do mundo. Satanás cegou o entendimento do mundo (2 Co 4:3, 4) e também seu coração (Ef 4:17-19). Como Saulo de Tarso, estão de tal modo convencidos de que sua “religião” e “retidão” são satisfatórias que, *em nome dessa religião*, perseguem o povo de Deus!

O mundo se recusa a reconhecer seu pecado (vv. 22-24; 16:1-4). Mais uma vez, Jesus enfatiza suas palavras e suas obras, uma ênfase que observamos ao longo de todo o Evangelho de João (Jo 3:2; 5:36-38; 10:24-27; 14:10, 11). O povo não tinha justificativa (“desculpa”) para seu pecado. Testemunhara as obras e ouvira as palavras de Jesus, mas não queria reconhecer a verdade. Todas as evidências haviam sido apresentadas, mas ninguém teve a honestidade de aceitá-las e de agir de acordo com elas.

Essa declaração é paralela ao que Jesus disse aos fariseus depois de ter curado o homem cego (Jo 9:39-41). Foram obrigados a reconhecer que Jesus havia curado um homem cego de nascença, mas não seguiram as evidências até sua conclusão lógica nem creram no Messias. Jesus lhes disse que eles eram os cegos! Mas, uma vez que admitiram ter visto um milagre, seu pecado foi ainda pior. Não pecaram por ignorância, mas deliberada e conscientemente. Isso porque a luz lhes revelou o próprio pecado, mas não quiseram encará-lo com honestidade. Sua atitude foi semelhante àquela descrita em 2 Pedro 3:5: “Porque, *deliberadamente*, esquecem” (grifos nossos).

De que maneira o Espírito Santo dá ânimo aos cristãos quando enfrentam o ódio e a oposição do mundo? Esse encorajamento é concedido principalmente pela Palavra de Deus. Em primeiro lugar, o Espírito lembra que essa oposição é expressa claramente por vários autores das Escrituras. Em João 15:25, Jesus cita os Salmos 35:19 e 69:4. A Palavra garantiu-lhe que o ódio do mundo não era decorrente de algo que havia feito para instigar, propositadamente, tal oposição. Hoje, podemos recorrer a passagens como Filipenses 1:28-30; 2 Timóteo 2:9-12; Hebreus 12:3, 4 e 1 Pedro 4:12ss. Também temos as palavras de encorajamento de Jesus, registradas nos Evangelhos.

Além disso, o Espírito testemunha a nós e por meio de nós em tempos de perseguição (Jo 15:26, 27). Lembra-nos de que o que estamos experimentando é “a comunhão de seus sofrimentos [de Cristo]” (Fp 3:10) e que é um privilégio ser injuriado em nome de Cristo (convém ler *com atenção* 1 Pe 4:12-19).

Para a Igreja, os tempos de perseguição também foram tempos de proclamação e de testemunho. Devemos estar “sempre preparados para responder a todo aquele que [nos] pedir razão da esperança que há em [nós]” (1 Pe 3:15). O Espírito testemunha a nós, a fim de que possamos testemunhar ao mundo (Mc 13:11). Sem o poder do Espírito de Deus não é possível dar um testemunho claro de Cristo (At 1:8).

Não há motivo para o cristão tropeçar (“escandalizar-se”, Jo 16:1), quando o mundo jogar mais lenha na fogueira da perseguição. Essa oposição deve ser esperada, se não por outros motivos, pelo simples fato de que o Senhor advertiu de que viria (observar, especialmente, a advertência de Jesus aos seus discípulos em Jo 13:19 e 14:29). Além disso, não é preciso scandalizar-se quando a perseguição vier de pessoas religiosas que, na verdade, pensam que estão servindo a Deus. O termo traduzido por “tributar”, em João 16:2, também pode significar “prestar serviços sacerdotais”. Essa declaração descreve claramente Saulo de Tarso, que pensava estar servindo a Deus

ao destruir a Igreja (ver At 7:57 - 8:3; 22:3, 4 e 26:9-12).

É triste quando “religiosos” perseguem e matam em nome de Deus. Apesar de ser verdade que “o sangue dos mártires é a semente da Igreja”, como disse Tertuliano, também é verdade que esse sangue mancha as páginas da história.

2. COMO PERSUASOR, O ESPÍRITO DÁ TESTEMUNHO POR MEIO DA IGREJA (Jo 16:5-11)

Durante três anos, Jesus esteve junto de seus discípulos para protegê-los de quaisquer ataques, mas está prestes a deixá-los. Havia lhes dito isso pouco antes, naquela mesma noite (Jo 13:33), e Pedro lhe perguntara para onde estava indo (Jo 13:36). Todavia, a pergunta de Pedro revelou mais preocupação *consigo mesmo* do que com o Senhor Jesus! Além disso, se concentrou no imediato, sem considerar as conseqüências finais. Jesus precisou explicar por que era importante *para eles* que ele voltasse para junto do Pai.

O principal motivo, obviamente, era que o Espírito Santo viesse e desse poder para a Igreja ser edificada e para testemunhar. Além disso, depois de sua ascensão, o Salvador poderia interceder por seu povo junto ao trono celestial da graça. Por mais falhos que fossem, os discípulos amavam o Mestre, e lhes foi difícil compreender essas novas verdades.

É importante observar que o Espírito veio *para a Igreja*, não para o mundo. Isso significa que trabalha na Igreja e por intermédio dela. O Espírito Santo não ministra no vazio. Assim como o Filho de Deus precisou ter um corpo a fim de fazer sua obra na Terra, também o Espírito de Deus precisa de um corpo para realizar seus ministérios, e esse corpo é a Igreja. Nosso corpo é um instrumento e um templo, e ele deseja nos usar para glorificar a Cristo e para dar testemunho ao mundo perdido.

Por vezes, ouvimos alguém orar: “Senhor, envia o teu Espírito para falar ao coração dos perdidos!” Sem dúvida é uma oração sincera, mas será que é bíblica? O Espírito não fica “flutuando” feito um fantasma pelos

corredores da Igreja, procurando ganhar os perdidos. O Espírito Santo trabalha por intermédio das pessoas nas quais ele habita. Quando o Espírito veio em Pentecostes, deu poder a Pedro para pregar, e foi a pregação da Palavra que convenceu os ouvintes dos seus pecados.

A palavra-chave nessa passagem é *conquerer* (Jo 16:8). Esse termo tem o sentido de “persuadir”, ou seja, levar a crer ou aceitar. A palavra usada no texto original também pode ser traduzida por “recriminar”. O mundo pode pensar que está julgando os cristãos, mas, na verdade, são os cristãos que julgam o mundo com seu testemunho de Jesus Cristo! Os cristãos são as testemunhas, o Espírito Santo é o “advogado de acusação” e os não salvos são réus. Todavia, o propósito dessa acusação não é condenar, mas sim trazer salvação.

O Espírito Santo convence o mundo de *um pecado* em particular, o pecado da *incredulidade*. A lei de Deus e a consciência humana podem convencer a pessoa de seus *pecados* específicos, mas é a obra do Espírito, por intermédio da Igreja, que revela a incredulidade do mundo perdido. Afinal, é a incredulidade que condena o pecador (Jo 3:18-21), não seus pecados individuais. Uma pessoa pode “limpar” sua vida, livrar-se de seus maus hábitos e, ainda assim, ir para o inferno.

O Espírito também convence o pecador da *justiça*, não da *injustiça*. A quem se refere essa justiça? A Jesus Cristo, o Cordeiro perfeito de Deus. O mundo rejeitou o Filho de Deus (Jo 1:10), de modo que voltou para junto do Pai. Quando estava aqui na Terra, foi acusado pelos homens de ser um blasfemo, transgressor, enganador e até mesmo endemoninhado. O Espírito de Deus revela o Salvador na Palavra e, desse modo, o glorifica (Jo 16:13, 14). O Espírito também revela Cristo na vida dos cristãos. O mundo não pode receber nem ver o Espírito de Deus, mas pode ver suas obras ao observar a vida dos cristãos fiéis.

O Espírito convence o pecador do *juízo*. Não podemos confundir essa declaração com Atos 24:25 (“Dissertando ele acerca da

justiça, do domínio próprio e do Juízo vindouro...”). Jesus estava se referindo a seu julgamento de Satanás, executado por sua morte na cruz (Jo 12:31). Satanás é o príncipe deste mundo, mas é um príncipe derrotado. Já foi julgado, e o veredicto foi declarado. Tudo o que resta ocorrer é a execução da sentença no dia em que Cristo voltar.

Quando um pecador é verdadeiramente convencido de seu pecado, seus olhos se abrem para a insensatez e a perversidade de sua incredulidade; então, confessa que não se encontra à altura da retidão de Cristo e percebe que está sob condenação, pois pertence ao mundo e ao diabo (Ef 2:1-3). A única pessoa que pode salvá-lo dessa situação trágica é Jesus Cristo, o Filho de Deus. Não é possível haver conversão sem que o pecador seja convencido de suas transgressões, e esse convencimento só é possível quando o Espírito de Deus usa a Palavra e o testemunho do cristão, que é filho de Deus.

Testemunhar é um grande privilégio, mas também é uma grande responsabilidade. Trata-se de uma questão de vida ou morte! Precisamos encarecidamente depender do Espírito Santo para nos guiar até as pessoas certas, nos dar as palavras certas e nos capacitar, com toda sua paciência, para que glorifiquemos a Jesus Cristo.

3. COMO MESTRE, O ESPÍRITO GUIA A IGREJA (JO 16:12-15)

Jesus sempre fez questão de transmitir a seus discípulos a dose certa de verdade no momento mais apropriado. Essa atitude é uma das marcas de um grande mestre. Hoje, o Espírito Santo é nosso Mestre, e ele segue o mesmo princípio: ensina as verdades que precisamos saber, no momento em que precisamos saber e quando estamos prontos para recebê-las.

Quando comparamos João 14:26 com 16:13, vemos o modo maravilhoso de Deus orientar a redação das Escrituras do Novo Testamento. O Espírito lembraria os discípulos do que Jesus lhes havia ensinado: os quatro Evangelhos. O Espírito também os “guiaria” a toda verdade: as epístolas. Além

disso, anunciaria “as coisas que hão de vir”: as Escrituras proféticas, especialmente o Livro de Apocalipse.

É de suma importância compreender que a obra do Espírito de Deus nunca é dissociada de Jesus Cristo nem da Palavra de Deus. “Esse dará testemunho de mim” (Jo 15:26); “Ele me glorificará” (Jo 16:14). Quem afirma que o Espírito de Deus o levou a fazer coisas contrárias ao exemplo de Cristo ou aos ensinamentos da Palavra está equivocado e foi enganado por Satanás. Jesus é a verdade (Jo 14:6), a Palavra é a verdade (Jo 17:17), e o Espírito Santo é “o Espírito da verdade”. Onde quer que o Espírito Santo esteja operando, a verdade deve estar presente.

A oração “[O Espírito] não falará por si mesmo” (Jo 16:13) não significa que o Espírito nunca se refere a si mesmo, pois quando escreveu a Bíblia, o Espírito fez menção de si mesmo várias vezes. Antes, significa que não fala de modo independente do Pai nem do Filho; não “inventa” uma mensagem diferente. João 16:13 fala de toda a Trindade, pois o Espírito de Deus não ignora o Pai nem o Filho. Os três trabalham juntos em harmonia.

A instrução do Espírito por intermédio dos apóstolos não foi diferente da instrução do Espírito por intermédio de Jesus Cristo. Alguns teólogos acham interessante contrastar o “cristianismo de Jesus” com o “cristianismo de Paulo”. Afirmam que Paulo “estragou” o cristianismo, tornando excessivamente teológica e complexa a “mensagem simples” de Jesus Cristo. Que interpretação mais infeliz! O que Jesus diz em João 14:26 e 16:13 nega claramente esse falso ensinamento. O mesmo Espírito Santo transmitiu as verdades encontradas nos quatro Evangelhos, nas epístolas e no Livro de Apocalipse e também escreveu a história e a doutrina contidas no Livro de Atos.

O ministério do Espírito consiste em nos enriquecer com os tesouros da verdade de Deus. Ele nos esclarece com a verdade de Deus e nos enriquece com os tesouros de Deus. A Palavra de Deus é uma mina riquíssima, repleta de ouro, prata e pedras preciosas (Pv

3:13-15; 8:10-21). Que grande alegria termos o Espírito para esclarecer sua Palavra!

Não estudamos a Palavra de Deus a fim de “discutir religião” com as pessoas nem para mostrar nossa compreensão das coisas espirituais. Estudamos a Palavra a fim de ver Jesus Cristo, de conhecer melhor a Deus e de glorificá-lo em nossa vida. Ao testemunhar

a um mundo hostil, o Espírito usa a Palavra que nos ensinou, e compartilhamos Jesus Cristo com os perdidos. Cabe a nós testemunhar, e cabe ao Espírito convencer.

Talvez alguns cristãos precisem deixar de agir como advogados de acusação, ou mesmo como juízes, para que o Espírito nos use como testemunhas fiéis.

HAJA ALEGRIA!

JOÃO 16:16-33

Esta seção – João 16:16-33 – encerra a mensagem no cenáculo e trata principalmente das emoções dos discípulos. Eles estavam profundamente entristecidos, confusos quanto a alguns dos ensinamentos de Jesus e amedrontados. É um grande estímulo para mim saber que os discípulos eram homens reais, com problemas reais, no entanto, o Senhor pôde usá-los para sua obra. Por vezes, temos a impressão equivocada de que esses homens eram diferentes de nós, de que haviam recebido conhecimento espiritual e coragem excepcionais, mas não é o caso. Eles eram humanos!

Um dos temas que se repete nesta seção é a *alegria* (Jo 16:20-22, 24, 33). Os onze apóstolos certamente não se sentiam muito alegres naquela noite! Mas o que Jesus lhes disse, a seu tempo, teve impacto sobre a vida deles e também pode ter sobre nossa vida hoje. Com todo carinho e paciência, Jesus lhes explicou como seu povo pode ter alegria.

1. UM PRINCÍPIO A COMPREENDER (Jo 16:16-22)

O princípio é simples: Deus nos dá alegria não por substituição, mas por transformação. A ilustração da mulher em trabalho de parto deixa isso claro. *O mesmo bebê que foi a causa da dor também deu alegria.* No nascimento, Deus não coloca outra coisa no lugar da dor da mulher. Antes, usa e transforma o que já está presente.

Todos os pais sabem como é ter um filho desconsolado porque um brinquedo quebrou ou um amigo foi embora. Os pais têm duas escolhas: podem colocar algo no

lugar do brinquedo quebrado ou do amigo ausente, ou podem transformar essa situação em uma nova experiência para a criança triste. Se a mãe sempre dá um brinquedo novo cada vez que outro quebra, a criança cresce esperando que todo problema seja resolvido por substituição. Se a mãe sempre telefona para outros amigos e os convida a brincar com o filho, a criança cresce esperando sempre que alguém a salve de uma situação de crise. O resultado é uma criança mimada ou incapaz de lidar com a realidade.

A substituição é a forma imatura de resolver problemas. A transformação é a resolução que lança mão da fé e da maturidade. Não se pode amadurecer emocional e espiritualmente se alguém sempre repuser nossos brinquedos quebrados.

Jesus não disse que a dor da mãe foi substituída por sua alegria, mas sim que essa dor foi *transformada* em alegria. O mesmo bebê que lhe causou dor também foi o motivo da alegria! O princípio também se aplica à vida cristã: Deus toma situações aparentemente impossíveis, opera pelo milagre de sua graça e transforma a tribulação em triunfo e a tristeza em alegria. “Mas o nosso Deus converteu a maldição em bênção” (Ne 13:2; ver Dt 23:5).

Os irmãos de José o venderam como escravo, e Potifar colocou-o na prisão como se fosse um criminoso, mas Deus transformou essa situação de derrota em vitória. A opressão do povo hebreu no Egito só fez com que se multiplicassem e prosperassem ainda mais. A perseguição assassina de Saul a Davi serviu para aproximar Davi ainda mais de Deus e o ajudou a redigir os salmos que dão ânimo a nosso coração até hoje. Até mesmo Jesus tomou a cruz, um símbolo de derrota e de vergonha, e a transformou em símbolo de vitória e de glória.

Ao entender esse princípio, compreendemos melhor os problemas e questionamentos dos discípulos.

Em João 16:16, Jesus anuncia que, em pouco tempo, não o veriam mais e, logo depois, o veriam. Trata-se de uma declaração intencionalmente enigmática (em Jo 16:25, se expressou através de “figuras” e

“comparações”), e os discípulos não a compreenderam. Esse fato também serve de estímulo para mim, pois, ao estudar a Bíblia, por vezes encontro declarações que não consigo compreender. Até mesmo os discípulos tiveram seus momentos de ignorância espiritual.

O que Jesus quis dizer com isso? Estava falando, provavelmente, dos acontecimentos iminentes em relação a sua morte e ressurreição. Depois de seu sepultamento, não o veriam por um pouco, mas, então, ele ressuscitaria e o veriam novamente. Jesus lhes dissera, em ocasiões anteriores, que ressuscitaria depois de três dias, mas suas palavras não penetraram a mente e o coração deles.

No entanto, creio que Jesus falava principalmente sobre sua volta ao Pai (“vou para o Pai”, Jo 16:17). O versículo 17 é ligado ao versículo 10: “porque vou para o Pai, e não me vereis mais”. Os discípulos não viveram para ver a volta de Cristo, mas morreram e o viram quando chegaram na glória. Em comparação com a eternidade, o tempo que a Igreja está esperando pela volta de Cristo não passa mesmo de “um pouco” (ver 2 Co 4:16-18). Na verdade, esse é o mesmo sentido de Hebreus 10:37: “Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará”.

Em lugar de pedir a Jesus que explicasse suas palavras, os discípulos começaram a discutir entre si, quase como se estivessem com vergonha de reconhecer sua falta de entendimento. Mas esse “intercâmbio de ignorância” não nos leva muito longe. É quando buscamos ao Senhor e pedimos sua ajuda que aprendemos as lições importantes da vida.

Os egípcios ficaram felizes quando os hebreus partiram (Sl 105:38), e o mundo se alegrou quando Jesus Cristo saiu de cena. Tanto os líderes religiosos quanto políticos daquela época esperavam que a empolgação dos primeiros discípulos arrefecesse e que o “movimento cristão” desaparecesse, mas não foi o que aconteceu. Jesus enviou o Espírito Santo para a Igreja, e ela leva sua graça para os confins da Terra. Os primeiros

cristãos chegavam a alegrar-se quando perseguidos (At 5:41).

Para a mãe que sente dores de parto, cada minuto pode parecer uma hora. Nosso conceito de tempo muda de acordo com nossos sentimentos. Trinta minutos na cadeira do dentista podem parecer horas, enquanto horas pescando ou jantando com amigos podem parecer pouco tempo. A mãe sente que o parto está levando muito tempo quando, na verdade, talvez seja apenas “um pouco”. Depois que o bebê nasce, a dor é esquecida, e o coração da mãe se enche de alegria.

O mundo de hoje não quer Jesus Cristo nem sua Igreja. O mundo se alegra, enquanto sofremos e ansiamos pela volta de nosso Senhor. Na verdade, toda a criação sofre “dores de parto” por causa do pecado e espera pela volta de Cristo (Rm 8:22). Quando o Noivo está fora, a noiva chora (Mt 9:15). Mas, em “pouco tempo”, ele voltará e iremos com ele para o céu desfrutar a casa do Pai.

Apesar de a aplicação imediata referir-se ao coração entristecido dos discípulos, a aplicação mais ampla diz respeito a todos do povo de Deus que aguardam a vinda de Jesus Cristo. Para nós, parece uma longa espera; mas Deus não mede o tempo da mesma forma que nós (ver 2 Pe 3). Mas, enquanto aguardamos, devemos lidar com nossas provações e dores de acordo com o princípio da *transformação*, não da *substituição*, a fim de sermos capazes de amadurecer na vida cristã.

2. UMA PROMESSA NA QUAL CRER (JO 16:23-28)

O tema central deste parágrafo é a oração: “Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa” (Jo 16:24). É importante observar que o texto usa palavras diferentes para “pedir”, apesar de intercambiáveis. João 16:19 e 23a usa “indagar” e “perguntar” referindo-se a fazer uma pergunta. João 16:23b, 24 e 26b (“rogarei”) usam o termo “pedir” com o sentido de “requisitar algo a um superior”. Jesus não usou este último termo em suas orações, pois é igual ao Pai. Como inferiores, aproximamo-nos de Deus

e pedimos sua bênção; mas Jesus falava como Filho, no mesmo nível do Pai.

A que período Jesus se refere quando diz “naquele dia” em João 16:23? Creio que se trata do tempo depois da vinda do Espírito. Em João 16:22, Jesus prometeu aos discípulos que os veria novamente e cumpriu essa promessa. Passou quarenta dias com eles depois da ressurreição, ensinando-lhes claramente as verdades que precisavam aprender, a fim de assumir seu lugar e de ministrar na Terra (At 1:3ss). A expressão “naquele dia” não pode se referir ao dia da sua volta para buscar a Igreja, pois não há indicação alguma nas Escrituras de que devemos orar a ele depois que chegarmos ao céu.

Jesus sabia que os discípulos desejavam lhe fazer uma pergunta (Jo 16:19). Garantiu-lhes que logo chegaria o dia em que não fariam mais perguntas. Em vez disso, orariam ao Pai, e ele supriria suas necessidades. Essa era uma promessa à qual precisavam encarecidamente se apegar: o Pai os amava, ouviria seus pedidos e não deixaria que nada lhes faltasse. Enquanto Jesus estava na Terra, supriu todas as necessidades de seus discípulos. Depois que voltasse para o céu, o Pai cuidaria deles. Eis a bela promessa e privilégio da oração.

Jesus mencionara a oração em várias outras ocasiões ao longo de seu ministério, e sua vida servira de exemplo de oração. Foi, verdadeiramente, um homem de oração. Em sua mensagem no cenáculo, Jesus enfatizou a oração (Jo 14:12-14; 15:7, 16; 16:23-26). Deixou claro que a oração feita com fé é um dos segredos da vida cristã que dá muitos frutos.

Em João 16:25-27, Jesus explicou que sua ressurreição e ascensão, bem como a vinda do Espírito, colocariam seus discípulos numa nova situação. Não lhes falaria mais em termos que exigissem discernimento espiritual para compreender suas palavras. Antes, lhes falaria claramente e lhes revelaria o Pai. No próprio cenáculo, usara várias imagens simbólicas para transmitir sua mensagem: o ato de lavar os pés, a “casa do Pai”, a videira e os ramos e o nascimento de uma criança. Nos dias subseqüentes, essas imagens se

tornariam mais claras, à medida que os discípulos fossem ensinados pelo Espírito de Deus.

O estudo bíblico não tem apenas o propósito de nos ajudar a compreender verdades profundas, mas também de nos levar a conhecer melhor o Pai. “Mas vos falarei claramente a respeito do Pai” (Jo 16:25). Se nossa leitura e estudo da Bíblia ficarem aquém disso, serão mais prejudiciais do que benéficos.

A situação mudaria não apenas em termos de instrução, mas também de oração. Jesus já lhes havia confidenciado isso em João 16:23. Voltaria para o céu a fim de estar com o Pai, e lá ministraria como nosso Sumo Sacerdote, intercedendo por nós (Rm 8:34; Hb 7:25) e como nosso Advogado (1 Jo 2:1). Na função de Sumo Sacerdote, Jesus nos dá graça de modo a nos guardar do pecado. Como nosso Advogado, ele nos restaura quando confessamos nossos pecados. Seu ministério no céu é o que possibilita nosso ministério de testemunho na Terra, pelo poder do Espírito.

Ao ler o Livro de Atos, descobrimos que a Igreja primitiva dependia da oração. Cria nas promessas de Deus e lhe pedia o que precisava. Seria bom se todo o povo de Deus recapitulasse com regularidade os ensinamentos de Jesus acerca da oração nessa mensagem no cenáculo. É motivo de grande alegria orar e receber respostas. Preencher os requisitos estabelecidos por Jesus para a oração bem-sucedida também dá alegria.

É possível encontrar alegria na oração e também regozijar-se ao compreender o princípio da *transformação*. Jesus falou, ainda, de um terceiro tipo de alegria, aquela de compartilhar sua vitória sobre o mundo.

3. UMA NOVA CONDIÇÃO DA QUAL SE APROPRIAR (JO 16:29-33)

Em João 16:29, 30, os discípulos saíram repentinamente de seu estupor espiritual e fizeram uma tremenda declaração de fé. Primeiro, afirmaram compreender o que Jesus lhes estava ensinando, apesar de essa afirmação provavelmente envolver certa presunção, como mostraram suas atitudes subseqüentes.

Pareciam não conseguir captar o significado de sua ressurreição prometida. Mesmo depois da ressurreição, continuaram desorientados quanto ao futuro de Israel (At 1:6ss). Não estou criticando os discípulos – em se tratando da nossa compreensão da Palavra de Deus, temos tantas deficiências quanto eles –, mas apenas sugerindo que sua afirmação foi um pouco arrogante.

Além de declararem sua compreensão, também afirmaram sua fé e certeza. “Agora vemos [...] por isso cremos.” Foi uma declaração magnífica de fé, e creio que Jesus a aceitou. Em sua oração registrada no capítulo seguinte, Jesus fala de seus discípulos ao Pai e relata a situação espiritual desses homens (Jo 17:6-8). Sem dúvida, conhecia as fraquezas deles, mas aprovou prontamente as evidências cada vez mais expressivas de sua fé e certeza.

Mas é possível ter fé, compreensão e certeza e, ainda assim, *faltar com o Senhor*. A menos que pratiquemos a fé, apliquemos a compreensão e descansemos na certeza, quando vierem as provações, seremos derubados. Foi o que aconteceu com os discípulos, exatamente como Jesus os havia advertido.

Em ocasião anterior, o Senhor avisara Pedro de que ele trairia seu Mestre; mas aqui adverte todo o grupo de discípulos de que também o abandonariam. João não cita a profecia do Antigo Testamento (Zc 13:7), mas ela aparece em Mateus 26:31. Essa declaração de Jesus deveria ter sido uma admoestação a Pedro para não segui-lo quando fosse preso. “Deixai ir estes” (Jo 18:8), disse Jesus no jardim. Sabia que não era seguro para os discípulos se demorarem por ali.

Jesus prometeu jamais nos deixar sozinhos (Mt 28:20; Hb 13:5); no entanto, foi o que os discípulos fizeram com ele. Pedro, Tiago e João o acompanharam até o jardim, mas adormeceram. Jesus sabia que o Pai estaria com ele. “Não sou eu só, porém eu e aquele que me enviou” (Jo 8:16). “E aquele que me enviou está comigo, não me deixou só” (Jo 8:29). Foi um grande estímulo para o Filho saber que fazia a vontade do Pai e que poderia contar com a ajuda dele.

Num dado momento, porém, Jesus sentiu a falta do Pai: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27:46; Sl 22:1). Quando se fez pecado por nós, foi separado do Pai. Cristo ficou sem ninguém para que nós jamais ficássemos sozinhos. Foi desamparado para que jamais fôssemos abandonados.

João 16:33 é o resumo e o ponto culminante da mensagem do cenáculo. Jesus deu esta mensagem para que os discípulos tivessem paz em meio a um mundo de tribulações. É importante observar o contraste entre “em mim” e “no mundo”. Essa é a condição da qual precisamos nos apropriar: estamos *em Cristo* e, portanto, podemos vencer o mundo e todo seu ódio.

George Morrison definiu ter paz como “estar de posse dos recursos adequados”. Em Jesus Cristo, temos todos os recursos de que precisamos. Mas a paz depende também de relacionamentos apropriados. Em nós mesmos, não temos coisa alguma; mas “em Cristo” temos tudo de que precisamos.

Todo cristão é *vencido* ou *vitorioso*. “E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1 Jo 5:4). O mundo deseja nos derrotar; por isso, Satanás usa o mundo para perseguir e pressionar os cristãos. O mundo quer nos adequar a seus padrões; não deseja que sejamos diferentes. Quando nos entregamos a Cristo e cremos nele, ele nos permite ser vitoriosos. Devemos nos apropriar dessa condição espiritual em Cristo e crer nele para receber a vitória.

“Tende bom ânimo” é uma das declarações que Jesus repetiu como encorajamento e significa, literalmente: “Agüentem firmes!” Há o “bom ânimo” de seu perdão (Mt 9:1-8), de seu poder (Mt 9:18-22) e de sua presença (Mt 14:22-27). Aqui em João 16:33, ele anuncia o bom ânimo de sua vitória sobre o mundo. Somos vencedores, pois, antes, ele conquistou a vitória por nós.

Ao recapitular esta seção, vemos como as três explicações que Jesus deu encaixam-se entre si. Ele revelou um princípio maravilhoso – Deus transforma a tristeza em alegria. Mas esse princípio só funciona em nossa vida se cremos em suas promessas e oramos. Deus determinou que sua obra deve

ser realizada por meio da oração feita com fé. Mas nossas orações não serão eficazes se não nos apropriarmos de nossa condição de vencedores em Jesus Cristo.

João 16:33 também é um prefácio para sua magnífica Oração Sacerdotal. Ele havia ensinado a Palavra aos discípulos e, em seguida, oraria por eles. A Palavra e a oração devem sempre andar juntas (At 6:4). Jesus emprega a palavra *mundo* dezenove vezes

nessa oração, pois por meio dela mostra como vencer o mundo. Ele próprio enfrentava oposição do mundo e *do diabo*, no entanto suportaria o sofrimento e conquistaria a vitória.

Temos alegria ao permitir que Deus transforme a tristeza em júbilo. Temos alegria quando Deus responde às orações. Temos alegria quando vencemos o mundo.

Haja alegria!

A ORAÇÃO DO VENCEDOR

JOÃO 17

Muitos estudiosos que procuram conciliar os relatos dos quatro Evangelhos acreditam que Jesus fez a oração registrada em João 17 ainda no cenáculo, quando terminou de instruir os discípulos. Em seguida, ele e os discípulos cantaram os salmos tradicionais da Páscoa, saíram do cenáculo e se dirigiram para o jardim do Getsêmani, onde Jesus costumava reunir-se com eles e orar (ver Mt 36:30-46 e Mc 14:26-42).

Quer tenha feito essa oração no cenáculo, quer a caminho do jardim, uma coisa é certa: trata-se da oração mais magnífica feita aqui na Terra e registrada em todas as Escrituras. João 17 é, sem dúvida alguma, o "Santo dos santos" do registro dos Evangelhos, e devemos abordar este capítulo com espírito de humildade e de adoração. Que privilégio enorme ouvir Deus, o Filho, conversar com o Pai quando está prestes a dar a vida como resgate pelos pecadores!

Apesar de tudo o que ocorreu posteriormente naquela noite, esta oração deixa claro que Jesus foi e é o Vencedor. Não foi uma "vítima"; ele foi e continua sendo o Vitorioso. Encorajou seus discípulos dizendo: "Tende bom ânimo; eu venci o mundo" (Jo 16:33). A palavra *mundo* é usada dezoito vezes nesta oração, de modo que é fácil ver como se encontra relacionada a João 16:33. Se compreendermos e aplicarmos as verdades reveladas nesta oração profunda, ela permitirá que também sejamos vencedores.

Não é difícil observar a progressão do raciocínio nesta oração. Em primeiro lugar, Jesus ora por si mesmo e diz ao Pai que concluiu sua obra aqui na Terra (Jo 17:1-5).

Em seguida, ora por seus discípulos, pedindo ao Pai que *os guarde e santifique* (Jo 17:6-19). Termina orando por nós e pela Igreja toda, para que possamos ser unidos nele e para que, um dia, participemos de sua glória (Jo 17:20-26).

Por que Jesus fez essa oração? Sem dúvida, se preparava para os sofrimentos que se encontravam diante dele. Ao contemplar a glória que o Pai lhe prometeu, deve ter recebido forças para seu sacrifício (Hb 12:1-3). No entanto, Jesus também pensava em seus discípulos (Jo 17:13). Essa oração deveria ter sido um grande estímulo para eles. Jesus orou pela segurança, pela alegria, pela união e pela glória futura de seus discípulos. Também orou por nós, para que soubéssemos de tudo o que fez por nós, tudo o que nos deu e tudo o que fará por nós quando chegarmos ao céu.

Nesta oração, Jesus declara quatro privilégios maravilhosos que temos como filhos de Deus, privilégios estes que contribuem para nos tornarmos vencedores.

1. COMPARTILHAMOS DE SUA VIDA (Jo 17:1-5)

Jesus começou orando por si mesmo, mas, ao fazê-lo, também orava por nós. "Uma oração por si mesmo não é, necessariamente, uma oração egoísta", escreveu R. A. Torrey, e um estudo das orações da Bíblia mostra que isso é verdade. A prioridade de Jesus era a glória de Deus, e essa glória seria concretizada em sua obra consumada na cruz. O servo de Deus tem todo o direito de lhe pedir a ajuda de que necessita para glorificar seu nome. "Santificado seja o teu nome" é o primeiro pedido da oração do Pai Nosso (Mt 6:9) e a primeira tônica dessa oração.

As palavras "Pai, é chegada a hora" lembram as muitas vezes que o Evangelho de João menciona "a hora", começando por João 2:4. Enquanto estava aqui na Terra, Jesus viveu de acordo com um "cronograma divino" e sabia que estava dentro da vontade do Pai. "Nas tuas mãos, estão os meus dias" (Sl 31:15).

Glória também é uma palavra importante na oração sacerdotal, aparecendo cinco

vezes nestes versículos. Devemos fazer uma distinção cuidadosa entre as diversas “glórias” sobre as quais Jesus fala. Em João 17:5, se refere a sua glória preencarnada, quando estava junto do Pai, a glória que colocou de lado quando veio à Terra para nascer, servir, sofrer e morrer. Em João 17:4, relata ao Pai sua vida e seu ministério na Terra e lhe dá glória, pois ele (Jesus) concluiu a tarefa da qual o Pai o havia incumbido. Em João 17:1 e 5, Jesus pede que sua glória preencarnada lhe seja restituída, de modo que o Filho glorifique o Pai ao voltar para o céu.

O termo *glória* é usado oito vezes na oração toda, de modo que constitui um tema relevante. Por certo, Jesus glorificou o Pai em seus milagres (Jo 2:11; 11:40), mas o Pai foi ainda mais glorificado por meio dos sofrimentos e da morte do Filho (ver Jo 12:23-25; 13:31, 32). De nosso ponto de vista, o Calvário foi uma demonstração repulsiva do pecado humano; mas do ponto de vista de Deus, a cruz revelou e magnificou a graça e a glória de Deus. Jesus anteviu sua volta ao céu quando disse: “[Consume] a obra que me confiaste para fazer” (Jo 17:4). Essa obra incluía suas mensagens e milagres na Terra (Jo 5:17-19), a preparação dos discípulos para seu futuro ministério e, acima de tudo, o sacrifício na cruz (Hb 9:24-28; 10:11-18).

É com base nessa “obra consumada” que nós, como cristãos, recebemos a dádiva da vida eterna (Jo 17:2, 3). O verbo *dar* e suas conjugações aparecem nesta oração pelo menos dezessete vezes. Em sete ocasiões, Jesus afirma que os cristãos são dádivas do Pai para o Filho (Jo 17:2, 6, 9, 11, 12, 24). Estamos acostumados a pensar no Filho como uma dádiva de amor do Pai para nós (Jo 3:16), mas Jesus afirma que os cristãos são a “dádiva de amor” do Pai para o Filho querido!

“A vida eterna” é um tema importante do Evangelho de João, sendo mencionada dezessete vezes. É uma dádiva gratuita de Deus para os que crêem em seu Filho (Jo 3:15, 16, 36; 6:47; 10:28). O Pai deu ao Filho a autoridade de conceder vida eterna aos que o Pai entregou ao Filho. Do ponto de vista humano, recebemos a dádiva da vida eterna quando cremos em Jesus Cristo. Mas,

do ponto de vista divino, já fomos entregues ao Filho na eleição divina eterna. Trata-se de um mistério que a mente humana não é capaz de entender nem explicar; resta-nos, portanto, aceitá-lo pela fé.

O que é a “vida eterna”? É conhecer a Deus pessoalmente. Não apenas saber coisas sobre ele, mas ter um relacionamento pessoal com ele pela fé em Jesus Cristo. Não podemos conhecer o Pai sem o Filho (Jo 14:6-11). Não basta simplesmente “crer em Deus”; em hipótese alguma essa convicção é capaz de salvar uma alma da condenação eterna. “Até os demônios crêem e tremem” (Tg 2:19). A discussão de Jesus com os líderes judeus (Jo 8:12ss) deixa claro que as pessoas podem ser sinceramente religiosas e, ainda assim, não conhecer a Deus. A vida eterna não é algo merecido pelo próprio caráter ou conduta; é uma dádiva que recebe quem reconhece que é pecador, arrepende-se e crê única e exclusivamente em Jesus Cristo.

O Pai atendeu ao pedido de seu Filho e lhe deu glória. Hoje, no céu, há um Homem glorificado, o Deus Homem, Jesus Cristo! Pelo fato de ele ter sido glorificado no céu, os pecadores podem ser salvos na Terra. Todo o que crer em Jesus Cristo receberá a dádiva da vida eterna.

Uma vez que compartilhamos de sua vida, somos vencedores, pois também participamos de sua vitória! “Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1 Jo 5:4). Nosso primeiro nascimento foi “em Adão” e nascemos derrotados. Em nosso novo nascimento pela fé em Cristo, nascemos vencedores.

Satanás tentou encobrir a verdade preciosa da obra consumada de Jesus Cristo, pois sabe que é o fundamento da vitória espiritual. “Eles, pois, o venceram [Satanás] por causa do sangue do Cordeiro” (Ap 12:11). Não devemos permitir que Satanás tire de nós o poder de vencer pela obra consumada de Cristo.

2. CONHECEMOS SEU NOME (JO 17:6-12)
Cristo deu aos seus a vida eterna (Jo 17:2), mas também lhes deu a revelação do nome

do Pai (Jo 17:6). No Antigo Testamento hebraico, Deus é chamado de "Jeová", o grande EU SOU (Êx 3:11-14). Jesus tomou o nome sagrado, "EU SOU", e o transformou em uma designação expressiva para seus discípulos: "eu sou o pão da vida" (Jo 6:35); "Eu sou a luz do mundo" (Jo 8:12); "Eu sou o bom pastor" (Jo 10:11), etc. Em outras palavras, Jesus revelou o nome do Pai ao mostrar a seus discípulos que ele era tudo de que precisavam.

Mas o nome do Pai é ainda mais abrangente, pois Jesus também ensinou aos discípulos que Deus – o grande EU SOU – era seu Pai celestial. O termo *Pai* é usado 44 vezes em João 13 a 17 e 106 vezes no Evangelho de João! Em suas mensagens para os judeus, deixou claro que o Pai o havia enviado, que ele era igual ao Pai e que suas palavras e obras eram provenientes do Pai. Foram declarações inequívocas de sua divindade, mas se recusaram a crer.

Na Bíblia, o "nome" refere-se à "natureza", pois muitas vezes os nomes são dados para revelar algo especial sobre a natureza da pessoa que recebe a designação. Jacó era dado a intrigas, e seu nome vem do radical hebraico que significa "pegar pelo calcanhar", isto é, fazer tropeçar, enganar (Gn 25:26). O nome *Isaque* quer dizer "riso" (Gn 21:6), pois o menino trouxe alegria a Abraão e a Sara. Até mesmo o nome de Jesus revela que ele é o Salvador (Mt 1:21).

A declaração: "manifestei o teu nome" significa "revelei a natureza de Deus". Um dos ministérios do Filho era revelar o Pai (Jo 1:18). O termo grego traduzido por "manifestar" significa "desdobrar, conduzir, mostrar o caminho". Jesus não revelou o Pai instantaneamente, em um esplendor de glória, pois seus discípulos não poderiam ter suportado tal experiência. Aos poucos, por meio de suas palavras e atos, ele lhes revelou a natureza de Deus, à medida que se mostraram capazes de assimilá-la (Jo 16:12).

A ênfase desta seção é sobre a segurança do cristão; Deus guarda os seus (Jo 17:11-12). Nossa segurança depende da natureza de Deus, não de nosso próprio caráter ou conduta. Quando estava na Terra, Jesus guardou

seus discípulos, que podiam depender dele. "Guardava-os no teu nome" (Jo 17:12). Se o Salvador, limitado num corpo humano, foi capaz de guardar os seus enquanto estava aqui na Terra, acaso não poderia guardá-los agora que se encontra glorificado no céu? O Filho e o Pai, com o Espírito Santo, certamente são capazes de guardar e de proteger o povo de Deus!

Além disso, o povo de Deus é a dádiva do Pai para seu Filho. Acaso o Pai daria ao Filho um presente que não fosse duradouro? Os discípulos haviam pertencido ao Pai pela criação e pela aliança (pois eram judeus), mas agora pertenciam ao Filho. Somos extremamente preciosos a seus olhos! Ele cuida de nós e, neste exato momento, está orando por nós! Sempre que nos sentirmos abandonados pelo Senhor ou que pensarmos que seu amor está distante, podemos ler Romanos 8:28-39 e nos regozijar!

Nossa segurança também se baseia no fato de estarmos aqui para glorificar ao Senhor (Jo 17:10). Com todas as suas imperfeições e deficiências, os discípulos receberam uma palavra de louvor: "Neles, eu sou glorificado". Por certo, Deus não seria glorificado se um dos seus, que creu no Salvador, não chegasse ao céu. Esse foi o argumento de Moisés quando a nação de Israel pecou: "Por que não de dizer os egípcios: Com maus intentos os tirou, para matá-los nos montes e para consumi-los da face da terra?" (Êx 32:12). Sem dúvida, Deus conhece todas as coisas, então por que salvar os que ele sabe que vão fracassar ao longo do caminho? Deus termina o que começa (Fp 1:6).

Deus proveu os recursos divinos para que possamos glorificá-lo e ser fiéis. Temos sua Palavra (Jo 17:7, 8), e ela nos revela tudo o que possuímos em Jesus Cristo. A palavra dá fé e segurança. Temos o Filho de Deus intercedendo por nós (Jo 17:9; Rm 8:34; Hb 4:14-16). Uma vez que o Pai sempre responde às orações do Filho (Jo 11:41, 42), este ministério intercessor ajuda a nos manter seguros e protegidos.

Também temos a comunhão da igreja: "para que eles sejam um, assim como nós" (Jo 17:11). O Novo Testamento não diz coisa

alguma sobre cristãos isolados; onde quer que encontremos cristãos, os vemos em comunhão. Isso porque todos do povo de Deus precisam uns dos outros. Jesus começou sua mensagem no cenáculo lavando os pés dos seus discípulos e lhes ensinado a ministrar uns aos outros. Nas horas subsequentes, esses homens (inclusive Pedro, tão seguro de si!) descobriram como eram fracos e quanto precisavam do encorajamento uns dos outros.

Assim, os cristãos estão seguros em Cristo por vários motivos: a própria natureza de Deus, a natureza da salvação, a glória de Deus e o ministério intercessor de Cristo. Mas e quanto a Judas? Estaria seguro? Como veio a cair? Por que Jesus não o guardou? Pelo simples motivo de que *Judas nunca pertenceu a Cristo*. Jesus guardou fielmente todos os que o Pai lhe deu, mas Judas nunca lhe foi dado pelo Pai. Judas não cria em Jesus Cristo (Jo 6:64-71); não havia sido purificado (Jo 13:11); não estava entre os escolhidos (Jo 13:18); não havia sido entregue a Cristo (Jo 18:8, 9).

Judas não é, de maneira alguma, um exemplo de cristão que "perdeu a salvação". Antes, exemplifica um incrédulo que *fingiu ser salvo* e que, no final, foi desmascarado. Jesus guarda todos os que o Pai lhe dá (Jo 10:26-30).

Somos vencedores, pois compartilhamos de sua vida. Há um terceiro privilégio que nos permite vencer.

3. TEMOS SUA PALAVRA (Jo 17:13-19)

"Eu lhes tenho dado a tua palavra" (Jo 17:14, ver também v. 8). A Palavra de Deus é a dádiva de Deus para nós. O Pai deu as palavras ao Filho (Jo 17:8), e o Filho as entregou aos discípulos que, por sua vez, as transmitiram a nós conforme a inspiração do Espírito (2 Tm 3:16; 2 Pe 1:20, 21). A Palavra é de origem divina, é uma dádiva preciosa do céu. Devemos sempre dar à Palavra de Deus o devido valor, pois os cristãos vitoriosos conhecem a Palavra e sabem como usá-la na vida diária.

De que maneira a Palavra de Deus nos permite vencer o mundo? Em primeiro lugar,

ela nos dá alegria (Jo 17:13), e essa alegria interior nos dá forças para vencer (Ne 8:10). Costumamos pensar em Jesus Cristo como um "homem de dores" (Is 53:3), o que de fato ele foi; mas também foi uma pessoa de profunda e constante alegria. João 17:13 é o cerne dessa oração, e seu tema é a *alegria!*

Jesus já havia se referido a sua alegria (Jo 15:11) e explicado que a alegria é decorrente de transformação, não de substituição (Jo 16:20-22). A alegria também vem das orações respondidas (Jo 16:23, 24). Aqui, deixa claro que a Palavra também dá alegria. O cristão não encontra alegria no mundo, mas sim na Palavra. Como João Batista, devemos nos regozijar grandemente ao ouvir a voz do Noivo (Jo 3:29).

Não dá para imaginar Jesus andando pela Terra com rosto triste e ar de melancolia. Jesus foi um homem alegre e revelou essa alegria a outros. Sua alegria não era a levianidade passageira do mundo pecaminoso, mas sim o gozo permanente do Pai e da Palavra. Não dependia de circunstâncias exteriores, mas dos recursos espirituais interiores que o mundo não era capaz de ver. É esse tipo de alegria que deseja ver em nossa vida, e só podemos obtê-la pela sua Palavra. "As tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração" (Jr 15:16). "Mais me regozijo com o caminho dos teus testemunhos do que com todas as riquezas" (Sl 119:14). "Alegro-me nas tuas promessas, como quem acha grandes despojos" (Sl 119:162).

A Palavra não apenas concede a alegria do Senhor, mas também *dá a certeza de seu amor* (Jo 17:14). O mundo nos odeia, mas podemos confrontar esse ódio com o amor de Deus, transmitido a nós pelo Espírito por meio da Palavra. O mundo nos odeia porque não pertencemos a seu sistema (Jo 15:18, 19) e nos recusamos a nos conformar com suas práticas e padrões (Rm 12:2). A Palavra revela a verdadeira natureza do mundo e mostra suas ilusões e seus artifícios cheios de perigo.

O mundo deseja tomar o lugar do amor do Pai em nossa vida (1 Jo 2:15-17), mas a Palavra de Deus nos permite desfrutar esse amor. Um dos primeiros passos para uma

vida mundana é colocar de lado a Palavra. D. L. Moody escreveu na contracapa de sua Bíblia: "Ou este livro o afastará do pecado ou o pecado o afastará deste livro". Assim como a coluna de fogo era escuridão para os egípcios, mas luz para Israel, também a Palavra de Deus é luz neste mundo escuro, incapaz de compreender as coisas de Deus (Êx 14:20; 1 Co 2:12-16).

A Palavra de Deus não apenas traz a alegria e o amor de Deus, mas também transmite o poder de Deus para vivermos em santidade (Jo 17:15-17). A tônica da oração de Jesus em João 17:6-12 foi a *segurança*, mas aqui sua ênfase muda para a *santidade* – uma vida santa prática que glorifica Deus. Estamos *no* mundo, mas não somos *do* mundo e não devemos viver *como* o mundo. Por vezes, achamos que seria mais fácil vivermos fora do mundo, mas isso não é verdade. Para qualquer lugar que vamos, carregamos conosco nosso ser interior pecaminoso e somos seguidos por poderes das trevas. Encontrei gente que se impôs um "isolamento espiritual", a fim de buscar mais santidade, só para descobrir mais tarde que isso nem sempre funciona.

A verdadeira santificação (ser separado para Deus) se dá pelo ministério da Palavra de Deus. "Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado" (Jo 15:3). Ao ser salvos, somos separados para Deus. Ao crescer na fé, experimentamos cada vez mais a santificação. Nosso amor pelo pecado é cada vez menor e nosso amor por Deus é cada vez maior. Desejamos lhe servir e ser bênção a outros. Tudo isso se dá por meio da Palavra.

A verdade de Deus foi dada em três "edições": sua Palavra é a verdade (Jo 17:17); seu Filho é a verdade (Jo 14:6); e seu Espírito é a verdade (1 Jo 5:6). Precisamos desses três elementos, a fim de experimentar a verdadeira santificação que toca todas as partes de nosso ser interior. Com a mente, *aprendemos* a verdade de Deus pela Palavra. Com o coração, *amamos* a verdade de Deus, seu Filho. Com a volição, nos entregamos ao Espírito e *vivemos* a verdade de Deus cada dia. É preciso que os três estejam presentes para que a santificação seja equilibrada.

Não basta apenas estudar a Bíblia e aprender uma porção de verdades doutrinárias. Também é preciso amar a Jesus Cristo cada vez mais ao se descobrir tudo o que ele é e tudo o que fez por nós. O aprendizado e o amor devem conduzir à vida prática, permitindo que o Espírito de Deus nos capacite a obedecer à sua Palavra. É assim que glorificamos a Deus neste mundo perverso.

A Palavra dá alegria, amor e poder para viver em santidade. Também dá o que é preciso para servir a Deus como testemunhas neste mundo (Jo 17:18, 19). A santificação não tem por objetivo o prazer egoísta e a vanglória; antes, serve para que representemos Cristo neste mundo e ganhemos outros para ele. Jesus se separou para nós e, agora, devemos nos separar para ele. O Pai enviou-o ao mundo e, agora, ele nos envia ao mundo. Recebemos ordens e devemos cumpri-las! Jesus encontra-se "separado" no céu, orando por nós, para que nosso testemunho dê frutos, levando muitos ao arrependimento e ao Senhor.

Como ser vencidos pelo mundo quando temos a Palavra de Deus para nos iluminar, capacitar e encorajar?

4. COMPARTILHAMOS DE SUA GLÓRIA (JO 17:20-26)

Nesta passagem, Jesus volta nossa atenção para o futuro. Começa a orar por nós, que vivemos hoje, pela Igreja ao longo de todas as eras. Já orou por segurança e por santidade e, agora, enfatiza a *unidade*. Sua preocupação é que seu povo viva em harmonia espiritual, como o Pai e o Filho são um. Como cristãos, podemos participar de diferentes denominações, mas pertencemos todos ao Senhor e uns aos outros.

Em várias ocasiões, os discípulos mostraram um espírito de egoísmo, competitividade e desunião e, com isso, devem ter entristecido profundamente o coração do Salvador. Fico imaginando como Jesus se sente quando vê o estado em que a Igreja se encontra hoje. Como escreveu o pregador puritano Thomas Brooks: "A discórdia e a divisão não condizem com cristão algum. Não causa espanto os lobos importunarem as ovelhas,

mas uma ovelha afligir outra é contrário à natureza e abominável”.

Qual é a base para a verdadeira unidade entre os cristãos? A pessoa e a obra de Jesus Cristo e sua glória (Jo 17:2-5). Ele já nos deu sua glória e promete que experimentaremos ainda mais dessa glória quando chegarmos ao céu. Qualquer que seja sua aparência exterior, todos os cristãos sinceros trazem dentro de si a glória de Deus. A harmonia cristã não se baseia nas coisas externas da carne, mas sim nas coisas eternas do Espírito no ser interior. Devemos enxergar além dos elementos do primeiro nascimento – raça, cor, aptidões – e construir a comunhão com base nos elementos essenciais do novo nascimento.

Já possuímos a glória de Deus dentro de nós (Jo 17:22, ver também Rm 8:29) e, um dia, contemplaremos essa glória no céu (Jo 17:24). À medida que crescemos no Senhor, a glória interior também começa a crescer e a se revelar naquilo que dizemos e fazemos e na forma como falamos e agimos. As pessoas não vêem nosso ser e nos glorificam; vêem e glorificam o ser de Deus (Mt 5:16; 1 Co 6:19, 20).

Uma das coisas que mais impressionam o mundo é a maneira como os cristãos amam uns aos outros e vivem em harmonia. É esse testemunho que Jesus deseja no mundo: “para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17:21). O mundo perdido não é capaz de ver Deus, mas pode ver os cristãos. Aquilo que o mundo enxerga em nós servirá de base para suas convicções acerca de Deus. Se enxergar amor e harmonia, crerá que Deus é amor. Se enxergar ódio e divisão, rejeitará a mensagem do evangelho.

Jesus garantiu que alguns crerão por causa de nosso testemunho (Jo 17:20), mas devemos testemunhar em verdade e amor. Em lugar de serem testemunhas fiéis, alguns cristãos são advogados de acusação e juízes e, com isso, afastam os pecadores do Salvador.

Os cristãos têm motivos de sobra para amar uns aos outros e para viver em harmonia. Cremos no mesmo Salvador, compartilhamos da mesma glória e, um dia, desfrutaremos o

mesmo céu! Pertencemos ao mesmo Pai e desejamos realizar a mesma obra: testemunhar ao mundo perdido que somente Jesus Cristo pode salvar do pecado. Apesar de diferirmos em questões doutrinárias de menor importância, cremos na mesma verdade e seguimos o mesmo exemplo que Jesus deu a seu povo de modo a viver em santidade. Por certo, os cristãos têm suas diferenças, mas temos muito mais coisas em comum, e isso deve servir de estímulo para amarmos uns aos outros e promovermos a unidade espiritual.

Quando preciso falar num funeral, costumo usar João 17:24. Como sabemos que os cristãos vão para o céu? Temos essa certeza por causa do preço que Jesus pagou (1 Ts 5:9, 10), da promessa que Jesus deu (Jo 14:1-6) e da oração que Jesus fez (Jo 17:24). O Pai sempre responde às orações do Filho, de modo que sabemos que os cristãos que morrem vão para o céu e contemplam a glória de Deus.

Não encontramos qualquer petição em João 17:25, 26. Jesus simplesmente relatou ao Pai seu ministério aqui no mundo e fez várias declarações importantes para nós. Afirmou que o mundo não conhece o Pai, mas que os cristãos o conhecem, pois o Filho nos revelou o Pai. O mundo certamente tem inúmeras oportunidades de conhecer o Pai, mas prefere continuar a viver com sua cegueira e dureza de coração. Nossa incumbência como cristãos é dar testemunho ao mundo perdido e compartilhar a mensagem salvadora de Deus.

Jesus também declarou a importância da verdade e do amor na Igreja. Os cristãos conhecem o nome (a natureza) de Deus e compartilham dessa natureza divina. Jesus deixou claro que a verdade e o amor devem andar juntos (ver Ef 4:15). Alguém disse bem que a verdade sem amor é brutalidade e o amor sem verdade é hipocrisia. A mente cresce ao receber a verdade, mas o coração cresce ao dar amor. O conhecimento, por si mesmo, leva ao orgulho (1 Co 8:1), mas o amor, por si mesmo, pode levar a decisões erradas (ver Fp 1:9, 10). O amor dos cristãos não deve ser cego!

Ao recapitular esta oração, observamos quais eram as prioridades espirituais no coração do Salvador: a glória de Deus, a santidade do povo de Deus; a unidade da Igreja; o ministério de compartilhar o evangelho com o mundo perdido. Fazemos bem em nos concentrar nessas mesmas prioridades.

Um dia, cada um de nós prestará contas de seu ministério. É muito sério saber que daremos um "relatório final" diante do trono de Cristo.

Espero que possamos dizer: "Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer" (Jo 17:4).

CULPA E GRAÇA NO JARDIM

JOÃO 18:1-27

O ministério particular de Jesus com seus discípulos havia chegado ao fim, e o drama da redenção estava prestes a começar. O ser humano mostraria toda a perversidade, e Deus responderia com toda sua bondade. “Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5:20).

Talvez a melhor maneira de visualizar as verdades contidas em João 18:1-27 e de compreender suas lições seja observar o simbolismo do relato. O Evangelho de João é repleto de símbolos – alguns mais óbvios do que outros – que transmitem algumas verdades espirituais importantes. Encontramos cinco desses símbolos nesta seção.

1. O JARDIM – OBEDIÊNCIA (JO 18:1)

O vale de Cedrom fica a leste de Jerusalém, entre o muro da cidade e o monte das Oliveiras; o jardim do Getsêmani encontra-se na encosta oeste desse monte. Jesus e seus discípulos iam a esse jardim com frequência para descansar, meditar e orar (Lc 22:39). Jerusalém estava cheia de peregrinos comemorando a Páscoa, e seria natural Jesus querer sair da cidade cheia para um lugar mais retirado. Sabia que Judas iria buscá-lo naquele local e estava preparado.

A história da humanidade começou em um jardim (Gn 2:8ss), onde o homem comeu seu primeiro pecado. O primeiro Adão desobedeceu a Deus e foi expulso do jardim, mas o Último Adão (1 Co 15:45) mostrou-se obediente ao entrar no Getsêmani. Foi em um jardim que o primeiro Adão trouxe o pecado e a morte para a humanidade; mas, por sua obediência, Jesus trouxe retidão e vida a todos os que crerem nele. Foi

“obediente até à morte e morte de cruz” (Fp 2:8).

Um dia, a história terminará em outro jardim, a cidade celestial que João descreve em Apocalipse 21 e 22. Nesse jardim, não haverá mais morte nem maldição alguma. O rio de água da vida fluirá incessantemente, e a árvore da vida dará frutos em abundância. O Éden foi o jardim da desobediência e do pecado; o Getsêmani foi o jardim da obediência e da submissão; o céu será o jardim eterno de prazer e de satisfação para a glória de Deus.

O nome Getsêmani significa “prensa”. Até hoje, ainda é possível ver oliveiras muito antigas no local, porém certamente não são as mesmas que estavam lá no tempo de Jesus. As olivas eram apanhadas e colocadas na prensa, que extraía seu azeite. Um retrato marcante da aflição. Da mesma forma, nosso Senhor passaria pela “prensa” e pelo “lagar” (Is 63:3) e sofreria o julgamento em nosso lugar.

O ribeiro de Cedrom também é significativo. Esse nome quer dizer “escuro, turvo” e se refere a suas águas que, com frequência, ficavam turvas pelo sangue dos sacrifícios do templo. Jesus e seus discípulos estavam prestes a passar por “águas escuras”, e Jesus sentiria as “ondas e vagas” da ira de Deus (Sl 42:7; ver também Jn 2:3).

O Cedrom possuía um significado histórico especial, pois o rei Davi havia atravessado esse ribeiro ao ser rejeitado por sua nação e traído por seu próprio filho, Absalão (2 Sm 15; ver também Jo 18:23). Jesus havia sido rejeitado por seu povo e, naquele exato momento, estava sendo traído por um de seus próprios discípulos! É importante observar que Aitofel, um dos conselheiros que traiu Davi, enforcou-se (2 Sm 17:23), e que Absalão, filho traidor de Davi, morreu pendurado em uma árvore onde se enroscara (2 Sm 18:9-17). Como se sabe, Judas também se enforcou (Mt 27:3-10).

Jesus estava plenamente cômico do que o esperava, no entanto foi para o jardim em obediência à vontade do Pai. Deixou oito homens perto da entrada e levou Pedro, Tiago e João consigo para outra parte do

jardim, a fim de orar (Mt 26:36-46; Mc 14:32-42). Sua alma humana ansiava pelo tipo de ânimo e companhia que poderiam lhe oferecer naquele momento crítico; mas, infelizmente, os três adormeceram! Não tiveram problema algum em alardear sua devoção a Cristo, mas, quando chegou a hora de provarem suas declarações, fracassaram completamente. Antes, porém, de julgar esses homens com severidade, devemos examinar nosso coração.

2. O BEIJO – TRAIÇÃO (JO 18:2-9)

É bem possível que Judas tenha passado cerca de três anos com Jesus. Durante esse tempo, ouviu seus ensinamentos e, no entanto, mal conhecia seu Mestre. O traidor levou consigo vários guardas do templo armados com espadas e porretes (Mt 26:55)! Quantos privilégios Judas desprezou e quantas oportunidades desperdiçou! O termo “escolta”, em João 18:3, pode ser traduzido por “coorte” ou “turba”. Uma coorte romana era um décimo de uma legião, ou seja, seiscentos homens! Judas não deve ter levado consigo para o jardim um número tão grande de homens, mas, ao que parece, esse era o contingente a sua disposição, caso fosse necessário. Será que ele não sabia que o Cordeiro de Deus se entregaria mansamente, sem necessidade de qualquer violência?

Jesus tinha o controle absoluto da situação; sabia o que estava para acontecer (ver Jo 13:1, 3, 11; 16:19). Temos a impressão de que Judas esperava algum tipo de manobra ardilosa de Jesus, por isso combinou de identificar o Mestre beijando-o (Mt 26:48, 49). Mas Jesus surpreendeu tanto Judas quanto os guardas que foram prendê-lo apresentando-se a eles sem qualquer coerção. Não tinha nada a temer e nada a esconder; entregaria a vida *voluntariamente* por suas ovelhas. Além disso, ao se entregar aos guardas, Jesus ajudou a proteger seus discípulos. Cuidou não apenas da segurança espiritual (Jo 17:11, 12), mas também da segurança física de seus seguidores.

Por que os soldados recuaram e caíram por terra quando Jesus disse: “Sou eu”? Essas palavras devem ter causado impacto sobre

os judeus ali presentes por ser equivalente à declaração de divindade “Eu Sou”. Os romanos, que estavam em maioria, devem ter se admirado com a postura de Jesus, que deixava evidente que estava no controle da situação. A cena toda causou grande impacto emocional sobre os presentes, e não sabemos o que Judas havia dito aos homens a fim de prepará-los para esse confronto. A escolta estava pronta para lutar, mas quando viu Jesus entregar-se e declarar sua divindade, ficou totalmente desarmada.

Talvez tenha havido algum tipo de manifestação de poder divino ou uma demonstração da majestade de Jesus Cristo. “Quando malfeitores me sobrevêm para me destruir, meus opressores e inimigos, eles é que tropeçam e caem” (Sl 27:2).

O beijo, que Judas deu repetidamente em seu Mestre, foi certamente um dos gestos de traição mais abjetos já registrados na história sacra e secular. Naquele tempo, o beijo era um sinal de afeição ou de devoção. Os membros da família se beijavam quando se encontravam e antes de partir, mas Judas não pertencia à família de Deus. Os discípulos cumprimentavam seu mestre com um beijo, em sinal de devoção e de obediência, mas Judas não era um verdadeiro seguidor de Jesus Cristo, apesar de pertencer a seu círculo de discípulos. No jardim, Judas não estava do lado dos amigos de Jesus, mas sim de seus inimigos!

Hoje, quando as pessoas fingem conhecer e amar ao Senhor, estão cometendo o mesmo pecado que Judas. A traição de Judas foi um ato desprezível, mas o uso do *beijo*, um sinal de afeição, foi a mais vil de todas as traições, nascida nas profundezas do inferno.

3. A ESPADA – REBELIÃO (JO 18:10)

Todos os discípulos haviam declarado corajosamente sua devoção a Cristo (Mt 26:35), e Pedro decidiu prová-la; assim, desembainhou a espada com um gesto rápido e começou a lutar! Não há dúvidas de que o apóstolo entendeu mal o que Jesus havia dito sobre as espadas um pouco antes naquela mesma noite (Lc 22:35-38). Jesus havia

avisado que, a partir de então, a situação dos discípulos mudaria e seriam tratados como transgressores. Não estava sugerindo que usassem espadas materiais para lutar as batalhas espirituais, mas sim que desenvolvessem uma nova mentalidade e que esperassem oposição e até mesmo perigo. Havia suprido suas necessidades e os protegera enquanto se encontrava com eles na Terra, mas agora voltava para junto do Pai. Assim, teriam de depender do Espírito Santo e usar de sabedoria. Ao que parece, Pedro tomou essa palavras literalmente e pensou que deveria declarar guerra!

A espada de Pedro simboliza a rebelião contra a vontade de Deus. Pedro deveria ter entendido que Jesus seria preso e se entregaria voluntariamente a seus inimigos (Mt 16:21ss; 17:22, 23; 20:17-19). Mas o apóstolo cometeu todos os erros possíveis! Lutou contra o inimigo errado, com a arma errada, pelo motivo errado e obteve o resultado errado! Resistiu abertamente à vontade de Deus, servindo de empecilho à obra que Jesus viera ao mundo para realizar. Apesar de admirarmos sua coragem e sinceridade, esse gesto certamente foi uma demonstração clara de zelo sem conhecimento.

Por que Pedro falhou desse modo? Em primeiro lugar, discutiu com Jesus quando este lhe advertiu que negaria seu Mestre naquela mesma noite. Adormeceu quando deveria orar; falou quando deveria ouvir. Imitou os inimigos que foram prender Jesus, pois eles também estavam armados com espadas. Pedro descobriria que a arma usada pelos servos de Deus em suas batalhas espirituais é a espada do Espírito (Hb 4:12; Ef 6:17) e, em Pentecostes, usaria essa espada para "conquistar" três mil almas!

Jesus não precisava da proteção de Pedro. Se quisesse ser libertado, poderia ter convocado legiões de anjos (Mt 26:52-54). De acordo com o relato de Lucas, Jesus curou a orelha de Malco (Jo 22:51), o que certamente foi um ato de sua graça. Também foi um ato de bondade para com Pedro, pois caso Malco não houvesse sido curado, é possível que Pedro também tivesse sido preso e crucificado! Pedro agia como um

dos zelotes judeus, não como um discípulo de Jesus Cristo.

Além do mais, foi um ato de bondade para com Malco. Afinal, era apenas um servo; por que se preocupou com ele? Era um inimigo, do lado dos homens que estavam lá para prender Jesus; merecia sofrer! Será que Malco chegou a segurar Jesus? Se o fez, colocou as mãos sobre o santo Filho de Deus. Mas, apesar de o servo ser um pecador que merecia a ira de Deus, Malco não foi julgado. Em vez disso, Deus o curou! Esse foi o último milagre público de Jesus antes da cruz.

É importante lembrar que esse milagre revela sua graça para conosco. Se Jesus tinha o poder de aturdir uma multidão armada e de curar uma orelha decepada, também poderia ter escapado da prisão, do julgamento e da morte. *Mas se sujeitou voluntariamente!* E o fez por nós!

É triste quando cristãos bem-intencionados, porém ignorantes, tomam a espada para "defender" o Senhor Jesus Cristo. Pedro feriu outro ser humano, algo que cristão algum deve fazer. Também prejudicou o testemunho de Cristo e deu a falsa impressão de que os discípulos de Cristo odiavam os inimigos e desejavam destruí-los (ver a resposta de Jesus a Pilatos em Jo 18:36).

4. O CÁLICE – SUBMISSÃO (JO 18:11-14)

Pedro segurava uma espada, mas Jesus segurava um cálice. Pedro resistia à vontade de Deus, mas o Salvador aceitava a vontade de Deus. Pouco antes, Jesus havia orado: "Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres" (Mt 26:39). O cálice representava o sofrimento que suportaria e a separação do Pai que experimentaria na cruz. Jesus fez essa oração três vezes, demonstrando como sentia no mais profundo de seu ser o preço que teria de pagar por nossa salvação. Sua alma deve ter se angustiado até o âmago diante da perspectiva de se tornar pecador!

O ato de beber do cálice é usado com frequência nas Escrituras para ilustrar experiências de sofrimento e tristeza. Quando a

Babilônia tomou Jerusalém, a cidade “[bebeu] o cálice da sua ira, o cálice de atordoamento” (Is 51:17). Jeremias descreveu a ira de Deus contra as nações como um cálice sendo derramado (Jr 25:15-28). Há, também, as imagens do cálice da consolação (“copo”; Jr 16:7) e do cálice transbordante de alegria (Sl 23:5).

Jesus comparou seu sofrimento a beber de um cálice e passar por um batismo (Mt 20:22, 23). Quando instituiu a ceia, comparou o cálice a seu sangue, derramado pela remissão dos pecados (Mt 26:27, 28). Era uma imagem que os discípulos conheciam e que não nos é estranha hoje. Em linguagem figurativa, o cálice representa uma dor ou aflição. O fato de alguns troféus terem o formato de um cálice pode sugerir que os vencedores tiveram de passar por experiências difíceis a fim de conquistar a vitória.

Jesus foi capaz de aceitar o cálice, pois este foi preparado pelo Pai e lhe foi dado por sua mão. Não resistiu à vontade do Pai, pois veio cumprir essa vontade e consumir a obra da qual o Pai o havia incumbido. “Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei” (Sl 40:8). Uma vez que o conteúdo do cálice havia sido medido e misturado pelo Pai, Jesus sabia que não precisava temer.

Trata-se de uma excelente lição para nós: não precisamos jamais temer os cálices que o Pai nos entrega. Para começar, nosso Salvador já bebeu do cálice antes de nós, e estamos apenas seguindo seus passos. Não precisamos temer o cálice, pois o Pai o preparou para nós em amor. Se pedirmos pão, ele nunca nos dará uma pedra; o cálice que ele prepara não contém coisa alguma que nos faça mal. Talvez passemos por dores e aflições, mas, a seu tempo, o Pai as transformará em glória.

Jesus entregou-se voluntariamente a seus inimigos. Eles o amarraram e o levaram para a casa de Anás, que não ficava muito distante dali. Anás havia servido como sumo sacerdote até ser deposto pelos romanos e substituído por seu genro Caifás. Deus havia ordenado que somente um homem servisse como sumo sacerdote por toda a vida, e o

fato de haver dois sumos sacerdotes mostra em que condição encontrava-se a instituição religiosa judaica. Acredita-se que a família do sumo sacerdote dirigia os “negócios” no templo, e o fato de Jesus ter purificado o templo em duas ocasiões deve ter suscitado a ira desses líderes contra ele.

O “julgamento” diante de Anás foi mais uma audiência informal. Também foi ilegal e brutal, como se pode observar pelo absurdo de um guarda ter permissão para espancar um prisioneiro e pelo fato de um homem que não ocupava qualquer cargo oficial ter poder de interrogar o acusado.

É evidente que Anás procurava algum tipo de evidência para usar como base para uma acusação que levasse a um veredicto de pena capital. Que doutrinas Jesus estava ensinando? O que havia de subversivo em seus ensinamentos? Jesus lhes disse para perguntar ao povo que o havia ouvido, pois jamais dissera coisa alguma em segredo. Na verdade, o próprio Anás poderia ter ouvido Jesus falar!

E quanto aos discípulos de Jesus? Eram um bando organizado para depor o governo? Um deles não havia usado uma espada no jardim? Jesus teve o cuidado de não dizer coisa alguma acerca de seus discípulos. É impressionante observar que, enquanto Pedro estava no pátio negando o Mestre, Jesus estava no tribunal protegendo Pedro!

A lei judaica exigia que as testemunhas fossem chamadas para depor antes que o prisioneiro fosse interrogado. Anás transgrediu essa lei e, por fim, o conselho contratou *falsas* testemunhas. Jesus conhecia seus direitos (“dá testemunho do mal”, Jo 18:23), mas não os exigiu. Sua atitude serve de exemplo para nós quando sofremos injustamente (1 Pe 2:19-25; 4:12-19).

5. O FOGO – NEGAÇÃO (JO 18:15-27)

Jesus havia predito que Pedro o negaria três vezes (Mt 26:34; Jo 13:38), mas que seria restaurado à comunhão e ao serviço (Lc 22:32). Pedro seguiu a multidão quando deveria estar fugindo (Jo 18:8; e veja Mt 26:30-32). Se tivesse seguido seu caminho, jamais teria negado ao Senhor. Apesar de

certamente admirarmos seu amor e sua coragem, não podemos concordar com suas ações, pois ele se expôs à tentação. Foi sobre isso que Jesus o advertiu no jardim (Mt 26:41).

Não sabemos quem era o outro discípulo que acompanhou Pedro até o pátio da casa do sumo sacerdote. É provável que fosse João, apesar de ser difícil imaginar como um pescador conhecia o sumo sacerdote e sua família. Será que esse "outro discípulo" era Nicodemos ou José de Arimatéia? Sem dúvida, como membros do conselho, os dois tinham acesso a essa casa.

Ao observar Pedro, vemo-lo passando gradativamente da tentação ao pecado, num paralelo com o Salmo 1:1. Primeiro, Pedro "[andou] no conselho dos ímpios" ao seguir Jesus até a casa de Anás, quando deveria ter seguido o conselho de Jesus e se apresado em sair de lá. Então, se "deteve" com os pecadores junto ao fogo (Jo 18:16, 18); e não tardou para que estivesse "assentado" com os escarnecedores (Lc 22:55). Era tarde demais. Em pouco tempo, teria negado Jesus três vezes.

Primeiro, uma serva perguntou: "Não és tu também um dos discípulos deste homem?" O texto grego sugere que esperava uma resposta negativa, e foi exatamente o que recebeu! Pedro negou Jesus ao afirmar que não pertencia ao grupo de seus discípulos.

Uma vez que Pedro permaneceu junto ao fogo, não é de se admirar que tenha sido abordado novamente. (Naquela mesma noite, Jesus havia transpirado enquanto orava no jardim!) Outra serva lhe fez a mesma pergunta, mais uma vez, esperando uma resposta negativa. João 18:25 dá a entender que outras pessoas que estavam ao redor do fogo também repetiram a pergunta para Pedro.

Então, um dos parentes de Malco interrogou Pedro! Nesse caso, a construção gramatical do grego indica que o homem esperava uma resposta afirmativa: "Vi você no jardim com Jesus, não? Claro que sim!" Afinal, esse homem deve ter olhado bem para Pedro e é provável que estivesse ao lado de Malco quando Jesus foi preso. Alguns dos que estavam por perto entraram na discussão

(Mt 26:73; Mc 14:70), de modo que Pedro talvez tenha se visto cercado de inquisidores.

A certa altura, sua resistência cedeu, e ele começou a "praguejar e a jurar" (Mt 26:74). Isso não significa que soltou uma sucessão de blasfêmias, mas sim que se colocou sob maldição para enfatizar sua declaração. Estava sendo julgado, de modo que jurou a fim de convencer seus acusadores de que estava dizendo a verdade.

Foi nesse momento que o galo começou a cantar (Jo 18:27), conforme Jesus havia predito (Mt 26:34). Havia quatro "vigílias": da noite (18 às 21 horas), da meia-noite (21 horas à meia-noite), do cantar do galo (da meia-noite às 3 horas) e da manhã (3 às 6 horas) – (ver Mc 13:35). O canto do galo lembrou Pedro das palavras de Jesus, e o apóstolo saiu de lá chorando amargamente.

O canto do galo também serviu de garantia a Pedro de que, mesmo amarrado e sendo atormentado pelas autoridades, Jesus era absolutamente Senhor da situação e, ao controlar um pássaro, asseverou sua soberania. De acordo com Gênesis 1:26, Deus deu ao ser humano autoridade sobre os peixes, aves e animais em geral. Pedro havia visto Jesus exercer essa autoridade sobre os peixes (Mt 17:24-27; Lc 5:1-11) e os animais (Mt 21:1-11); mas, nessa ocasião, reconheceu a autoridade de seu Mestre sobre os pássaros.

O canto do galo também foi um convite ao arrependimento. "Tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos" (Lc 22:32). Segundo o relato de Lucas, Jesus se voltou para Pedro e o fitou (Lc 22:61), e esse olhar de amor quebrantou o coração de Pedro. O apóstolo havia sido testemunha dos sofrimentos de Cristo (1 Pe 5:1), e sua negação só aumentou a dor do Mestre.

É importante lembrar que o canto do galo anuncia o raiar de um novo dia! "Ao anoitecer, pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã" (Sl 30:5). Convém fazer um contraste entre Pedro e Judas. Pedro chorou por seus pecados e se arrependeu, enquanto Judas reconheceu seus pecados, mas nunca experimentou verdadeiro arrependimento; sentiu apenas remorso. Quando Judas saiu

do cenáculo, "era noite" (Jo 13:30); mas quando Pedro chorou amargamente, era o começo de um novo dia. Trata-se do contraste entre a tristeza piedosa que leva ao verdadeiro arrependimento e a tristeza do mundo (desgosto e remorso) que leva à morte (2 Co 7:9, 10). Veremos mais adiante que Jesus restaurou Pedro (Jo 21) e o capacitou para servi-lo com grande poder e bênção.

Naquela noite, houve culpa e graça no jardim. Culpa da parte de Pedro, por resistir à vontade de Deus; culpa da parte de Judas, pois sua traição abjeta; culpa da parte da multidão, por rejeitar o Filho de Deus e tratá-lo como se fosse o pior dos criminosos.

Mas Jesus demonstrou sua graça! Como o rei Davi, atravessou o Cedrom absolutamente cômico de que estava sendo traído. Dirigiu-se ao jardim do Getsêmani em submissão à vontade do Pai. Curou a orelha de Malco e protegeu seus discípulos. Entregou-se nas mãos dos pecadores para que pudesse sofrer e morrer por nós.

Amor admirável e divino assim,
Requer minha vida, minh'alma, tudo de mim.

O que você está segurando hoje - a espada ou o cálice?

“PADECEU SOB PÔNCIO PILATOS”

JOÃO 18:28 – 19:16

Muito antes de prenderem Jesus, os líderes judeus já haviam decidido matá-lo (Jo 11:47-54). Mas o concílio judeu não tinha o direito de executar prisioneiros; de modo que precisavam obter a cooperação e aprovação de Roma. Isso significava uma visita ao procurador romano, Pôncio Pilatos.

Tanto o “juízo” judeu quanto o romano se deram em três estágios. Depois de ser preso, Jesus foi levado à casa de Anás, onde passou por um interrogatório informal (Jo 18:12-14, 19-23). Anás esperava obter informações que implicassem Jesus como inimigo do Estado. O sacerdote desejava provar que a doutrina e os discípulos de Jesus eram anti-romanos, pois desse modo Jesus seria passível da pena de morte.

O segundo estágio do juízo judeu ocorreu diante de Caifás e dos membros do Sinédrio que o sumo sacerdote conseguiu reunir àquela hora da noite (Mt 26:57-68; Mc 14:53-65). Quando Jesus professou claramente que era o Cristo, o conselho o considerou culpado de blasfêmia e, portanto, segundo a sua lei, passível da pena capital. Contudo, o conselho teria de se reunir logo cedo no dia seguinte e dar o veredicto, pois era ilegal julgar casos capitais à noite. Assim, o terceiro estágio do juízo judeu ocorreu o mais cedo possível e condenou Jesus à morte (Mt 27:1; Lc 22:66-71).

Os três estágios do juízo romano foram: o primeiro comparecimento perante Pilatos (Jo 18:28-38); o comparecimento perante Herodes (Lc 23:6-12); e o segundo comparecimento perante Pilatos (Jo 18:39 – 19:16; ver também Mt 27:15-26; Mc 15:6-15 e Lc 23:13-25). Como podemos observar,

o apóstolo João registra apenas os interrogatórios de Anás e de Pilatos e menciona Caifás só de passagem. Concentra seu relato no julgamento romano. Quando João escreveu este Evangelho, a nação dos judeus havia sido dispersa pelos romanos, Jerusalém havia sido destruída e o que importava, de fato, era o poder romano.

Pôncio Pilatos ocupou seu cargo de 26 a 36 d.C. e não contou com a simpatia dos judeus. Podia ser implacável, quando assim o desejasse (ver Lc 13:1, 2), mas também entendia o funcionamento do poder judeu e sabia como usá-lo. A forma de lidar com o julgamento de Jesus revela que era um homem indeciso, fraco e dado a fazer concessões indevidas. O lema de Roma era: “ainda que os céus desabem, que se faça justiça!” Pilatos não se preocupava com a justiça; sua única preocupação era sua segurança pessoal, seu cargo e sua pátria. No final, não conseguiu proteger coisa alguma.

Ao ler o relato de João, vê-se que Pilatos tentou encontrar uma saída que agradasse ambas as partes. Tinha medo da multidão, mas passou a temer cada vez mais o prisioneiro! Em pelo menos três ocasiões, declarou que Jesus não era culpado de crime algum (Lc 23:14; Jo 19:4; Lc 23:22; Jo 19:6). No entanto, se recusou a soltá-lo.

O “juízo” romano realizado por Pilatos girou em torno de quatro perguntas críticas.

1. “QUAL É A ACUSAÇÃO?” (JO 18:28-32)

Assim que o Sinédrio votou em favor da condenação de Jesus, os guardas o levaram para o palácio onde Pilatos estava morando durante a Páscoa. Era costume, na época, o governador romano mudar-se para Jerusalém durante a Páscoa, a fim de estar por perto caso os judeus realizassem algum tipo de manifestação nacionalista. Os líderes religiosos não hesitaram em condenar um homem inocente, mas tiveram o cuidado de não se contaminar caminhando em solo gentio! Seria uma tragédia contaminar-se cerimonialmente durante os sete dias de Páscoa!

Nada mais lógico do que Pilatos querer saber da acusação oficial. Em vez de apresentar claramente suas acusações, os líderes judeus usaram de circunlóquios, e é provável que tenham levantado as suspeitas do político romano astucioso. Lucas 23:2 relaciona três "acusações oficiais": (1) corrompeu a nação; (2) opôs-se ao pagamento de tributos a César; e (3) afirmou ser o Messias e Rei judeu.

Pilatos não tinha desejo algum de envolver-se com um litígio entre judeus, especialmente na época da Páscoa, de modo que tentou esquivar-se. Afinal, se o prisioneiro estava criando problemas para os judeus, eles que o julgassem sob sua própria lei. Roma permitia que os judeus mantivessem certa autonomia jurídica, especialmente com referência a suas leis e costumes religiosos (para outro exemplo, ver At 18:12-16).

Se somente os judeus tivessem julgado e condenado Jesus, ele teria sido morto por apedrejamento; porém Deus havia determinado que seu Filho seria crucificado (ver Jo 3:14; 8:28; 12:32, 33). Jesus deveria carregar sobre si a maldição da Lei e se tornar maldição por nós. Para isso, deveria ser dependurado num madeiro (Dt 21:22, 23; Gl 3:13). O fato de os romanos permitirem que os judeus apedrejassem Estêvão mostra que, em alguns casos de pena capital, Roma tolerava as decisões do Sinédrio (At 7:57-60).

Quando consideramos com atenção as três acusações feitas contra Jesus, vemos de imediato que nenhuma delas poderia ser provada. Em primeiro lugar, não havia "pervertido" a nação, nem política nem religiosamente. Por certo, havia censurado publicamente os fariseus e seu sistema religioso, mas não fora o primeiro nem o único a fazê-lo. Jesus havia abençoado a nação e renovado as esperanças do povo. O fato de alguns militantes judeus verem nele um possível Rei (Jo 6:15) não era culpa de Jesus, que, aliás, fugiu de todas essas manifestações políticas.

Quanto a sua oposição ao pagamento de tributos a César, *Jesus ensinou justamente o contrário!* Afirmou que o povo deveria

"[dar], pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus" (Mt 22:21).

Afirmou ser Rei, mas não com uma conotação política. Até mesmo seus discípulos só entenderam completamente essa verdade depois da ressurreição (At 1:1-8). Não é de se admirar que o povo em geral tivessem interpretado incorretamente suas palavras (Lc 19:11). É evidente que os líderes judeus estavam dispostos a lançar mão de qualquer indício que pudessem usar contra ele e, para isso, recorreram até a falsas testemunhas!

2. "ÉS TU O REI DOS JUDEUS?" (Jo 18:33-38)

Todos os autores dos Evangelhos registram essa pergunta. Como governador romano, Pilatos certamente teria interesse nas asserções de qualquer rei. A expectativa messiânica era sempre grande na época da Páscoa, e seria fácil um impostor judeu instigar o povo a um tumulto ou revolução contra Roma. Sem dúvida, Pilatos sentiu que estava em território seguro ao perguntar a Jesus sobre sua realeza.

No entanto, não estava preparado para a resposta que recebeu. "Tu o dizes" (Mt 27:11), à qual Jesus acrescentou a própria pergunta: "Vem de ti mesmo esta pergunta ou to disseram outros a meu respeito?" (Jo 18:34). O que, de fato, Jesus estava perguntando? "A que tipo de rei você se refere? A um rei romano ou judeu? A um rei político ou espiritual?" Jesus não se esquivava de responder, mas sim forçava Pilatos a esclarecer a questão *para si mesmo*. Afinal, não era Jesus quem estava sendo julgado; era Pilatos!

Se Pilatos tinha em mente um rei romano, então Jesus poderia ser considerado um rebelde. Se o governador se referia a um rei judeu, então a questão política poderia ser colocada de lado. É interessante observar que Pilatos chamou Jesus de "rei" pelo menos quatro vezes durante o julgamento e chegou a usar esse título na placa que mandou colocar sobre a cruz (Jo 18:39; 19:3, 14, 15, 19).

A resposta de Pilatos a Jesus mostrou o que os romanos pensavam acerca dos judeus: "Porventura, sou judeu?" Sem dúvida,

essas palavras foram ditas com um tom de desdém e de sarcasmo. Jesus não havia sido preso por Pilatos, mas sim pelos líderes da própria nação! Onde há fumaça há fogo, de modo que Pilatos perguntou: "Que fizeste?"

Com toda boa vontade, Jesus concordou em explicar a própria identidade e seu reino. Reconheceu que era Rei, mas que a autoridade de seu reino não é deste mundo. Os judeus estavam sob a autoridade do imperador romano, mas a autoridade de Jesus vinha de Deus. Seu reino é espiritual, está no coração de seus seguidores, e ele não dependia de meios do mundo ou da carne para levar sua causa adiante. Se seu reino fosse deste mundo, àquela altura, seus seguidores teriam se reunido para libertá-lo.

Jesus não afirmou que não tinha reino algum neste mundo, nem disse que jamais reinaria na Terra. Ele tem um reino neste mundo, onde quer que haja pessoas que crêem nele e que se entregam a sua soberania. Um dia, voltará e estabelecerá seu reino de justiça na Terra (Dn 7:13-28). A preocupação de Pilatos era com a origem desse reino. De onde Jesus tirava sua autoridade?

Em João 18:37, Jesus explica sua identidade e a natureza de seu reino. É bem possível que Pilatos não tenha compreendido essas palavras profundas, mas hoje podemos discernir parte do significado que Jesus tinha em mente. O fato de haver "nascido" indica sua humanidade, enquanto o fato de ter "vindo ao mundo" indica sua divindade. Mostra que ele existia antes de seu nascimento em Belém, uma verdade importante e que aparece com freqüência no Evangelho de João (ver Jo 1:9, 10; 3:17, 19; 9:39; 10:36; 12:46; 16:28; 17:18).

Jesus não apenas revelou a Pilatos sua origem, como também lhe explicou seu ministério: dar testemunho da verdade. Seu reino era o reino espiritual da verdade, e ele não ganhava adeptos para sua causa à força, mas por persuasão e convencimento. Proferia a verdade da Palavra de Deus, e todos os que eram seu povo respondiam a seu chamado (ver Jo 8:47; 10:27). A arma de Roma era a espada, mas a arma de Cristo era a verdade de Deus, a espada do Espírito (Ef 6:17).

Não sabemos com que atitude Pilatos fez a famosa pergunta: "Que é a verdade?" Em seu ensaio clássico *Acerca da verdade*, Francis Bacon escreveu: "'Que é a verdade?', perguntou Pilatos a Jesus; e não esperou pela resposta". Mas não se pode dizer ao certo se Pilatos estava zombando de Jesus. Talvez estivesse sendo sincero. Filósofos romanos e gregos haviam passado séculos discutindo exatamente essa questão e não haviam chegado a conclusão alguma. Uma vez que não sabemos se Pilatos fez essa pergunta com um suspiro de lamento ou com ar de sarcasmo, não convém julgar o que se passou.

Pelo menos, teve a coragem de encarar a multidão e de dar o veredicto: "Eu não acho nele crime algum". Porém, não obteve a reação que esperava, pois os sacerdotes e anciãos judeus passaram a acusar Jesus com mais veemência! (ver Mt 27:12-14). Para espanto de Pilatos, Jesus calou-se diante de seus acusadores (1 Pe 2:21-23). Esse Rei não era sequer capaz de se defender? Se não falasse, como seria possível encontrar quaisquer provas? Pilatos estava diante de um dilema.

Mas os sumos sacerdotes e anciãos resolveram esse problema quando gritaram que Jesus havia causado alvoroço até mesmo na Galiléia (Lc 23:5). A Galiléia era responsabilidade de Herodes! Por que não enviar o prisioneiro a Herodes, uma vez que este também passava a Páscoa em Jerusalém? Lucas 23:6-12 registra os acontecimentos ocorridos entre João 18:38 e 39. A decisão de Pilatos não resolveu seu problema, pois Herodes enviou Jesus de volta para ele! Sua manobra serviu para reatar as relações entre os dois governantes, mas Pilatos teve de lidar com Jesus e com os judeus.

3. "QUEREIS, POIS, QUE VOS SOLTE O REI DOS JUDEUS?" (JO 18:39 - 19:7)

Uma vez que Herodes não encontrou em Jesus crime algum passível da pena de morte, Pilatos confrontou os líderes judeus e procurou libertar o prisioneiro. Convocou os sumos sacerdotes e líderes e lhes disse que nem ele nem Herodes haviam encontrado qualquer culpa em Jesus e que o próximo

passo seria castigá-lo e deixá-lo ir. Os judeus já haviam deixado claro que desejavam que Jesus morresse (Jo 18:31), mas Pilatos tentava, sem sucesso, ter uma atitude nobre.

Na esperança de tornar sua sugestão mais atraente, Pilatos propôs aos líderes judeus uma barganha. Durante a Páscoa, era costume o governador libertar um prisioneiro como forma de agradar aos judeus; então, por que não libertar Jesus? Outro candidato ao indulto era Barrabás; mas por que os judeus aceitariam que libertasse um ladrão (Jo 18:40), um preso conhecido (Mt 27:16), um revolucionário e assassino (Lc 23:19)? Quem iria querer um criminoso desse em liberdade?

Por mais incrível que pareça, o povo pediu que Pilatos soltasse Barrabás! A multidão ali presente foi persuadida pelos sumos sacerdotes e anciãos (Mt 27:20), cujas convicções religiosas não promoviam a justiça nem a equidade. Os sentimentos nacionalistas eram sempre mais intensos na época da Páscoa, e um voto *em favor* de Barrabás era um voto *contra* Roma. Apesar de Jesus ser uma figura popular, sem dúvida, muitos haviam se decepcionado com o fato de ele não ter liderado uma revolução para derrubar o governo romano. Talvez tivessem esperado que sua "entrada triunfal", poucos dias antes, fosse o primeiro passo da libertação do povo judeu.

É impossível explicar como uma multidão escolhe seus heróis. É provável que muitos judeus admirassem Barrabás por sua sagacidade, coragem e oposição a Roma. Ainda assim, se tivessem comparado honestamente os dois "candidatos", teriam escolhido Jesus Cristo. Mas, quando uma multidão é manipulada por líderes astutos e se encontra em clima de fervor patriótico, perde a noção da realidade e começa a pensar com os sentimentos, não com a razão. Seu voto de condenação não revelou coisa alguma a respeito do Filho de Deus, mas foi bastante revelador quanto à natureza da própria multidão.

Sempre à procura de alguma outra idéia, Pilatos tentou uma nova abordagem: a compaixão. A multidão havia gritado: "Crucifica-o!"

(Mc 15:14), mas talvez fosse suficiente açoiatar Jesus para apaziguar o povo. Que ser humano poderia olhar para um homem açoiado e ainda desejar que fosse crucificado? O açoite era um chicote de couro com nós e pedaços de metal ou ossos, e não eram poucos os prisioneiros que não sobreviviam a esse flagelo. Como é terrível pensar que o Filho de Deus foi submetido a tamanha crueldade! Apesar de inocente, foi tratado como culpado e se sujeitou a isso por nós. Foi esbofetado no rosto diante de Anás (Jo 18:22), cuspidado e espancado diante de Caifás e do conselho (Mt 26:67). Pilatos mandou açoiá-lo, e os soldados o esbofetearam (Jo 19:1-3); antes, de levá-lo para o Calvário, zombaram dele e bateram nele com um caniço (Mc 15:19). Como Jesus sofreu por nós!

Pilatos o havia chamado de "o rei dos judeus" (Jo 18:39), de modo que os soldados resolveram que o "rei" deveria ter uma coroa e um manto. Os judeus haviam escarnecido dele por haver afirmado ser um profeta (Mt 26:67, 68), e os gentios fizeram o mesmo por haver afirmado ser Rei. O tempo verbal no texto grego de João 19:3 indica que os soldados zombaram dele e o esbofetearam *repetidamente*. As forças do inferno devem ter se deleitado com o que acontecia no palácio de Pilatos.

O pecado trouxe ao mundo cardos e abrolhos (Gn 3:17-19), de modo que era apropriado ao Criador usar uma coroa de espinhos ao tomar sobre si os pecados do mundo na cruz. O metal que ele próprio havia criado e colocado no solo foi usado para fazer os pregos que atravessaram suas mãos e seus pés.

Pilatos dirigiu-se ao povo pela terceira vez (Jo 18:29, 38; 19:4), agora, trazendo Jesus consigo. Sem dúvida, ver o prisioneiro açoiado e humilhado suscitaria alguma piedade no coração dos presentes; mas não foi o que aconteceu. Pela segunda vez, Pilatos declarou que não havia encontrado culpa alguma em Jesus, mas suas palavras só serviram para instigar o ódio do povo. A declaração: "Eis que vo-lo apresento" pode ser entendida como: "Vejam esse pobre sujeito! Será que não sofreu o suficiente? Tenham

piedade dele e me deixem libertá-lo". Foi uma tentativa nobre da parte de Pilatos, mas não funcionou.

O insucesso de Pilatos ensina uma lição importante: é preciso mais do que emoções para levar um pecador à salvação. Existe um conceito de expiação chamado "teoria da influência moral" que se encaixaria perfeitamente com a abordagem do governador. De acordo com essa idéia, a consciência do sofrimento de Jesus toca o coração do pecador de tal modo que ele deixa o pecado e começa a amar a Deus. Trata-se de um conceito absolutamente subjetivo, que não leva em consideração a santidade de Deus nem a importância de satisfazer a justiça divina.

Se havia uma multidão que poderia ser movida pela piedade, era aquela diante de Pilatos. Que nação havia sofrido mais que os judeus? Lá estava um compatriota seu padecendo, injustamente, nas mãos dos romanos, e, ainda assim, os judeus não se arrependiam nem mostraram qualquer sinal de piedade! Se pecadores que viram o próprio Cristo em seu sofrimento não se arrependeram, que esperança há para os que, mais de vinte séculos depois, só lêem sobre suas aflições?

A cruz vai muito além de uma demonstração do sofrimento injusto. Nessa cruz, o Filho de Deus pagou pelos pecados do mundo e, desse modo, declarou o amor de Deus pelo mundo e defendeu a santidade e a justiça de Deus. Não somos salvos por sentir pena de Jesus. Somos salvos por nos arrepender de nossos pecados e crer em Jesus, o Substituto sem pecado algum. Nas palavras de Leon Morris: "Se Cristo não estava cumprindo um propósito com sua morte, o que temos diante de nós não passa de uma grande encenação".

Isso não significa que é errado o cristão meditar sobre a cruz e sobre o sofrimento de Cristo. Esse tipo de reflexão ajuda a lembrar o preço que Jesus pagou por nós, mas não devemos confundir verdadeira emoção espiritual com sentimentalismo. Uma coisa é chorar durante um culto, outra bem diferente é fazer sacrifícios, sofrer e servir depois

do culto. Não devemos nos ater a contemplar a cruz; devemos carregá-la.

Pela terceira vez, Pilatos anunciou: "Não acho nele crime algum". A multidão poderia ter gritado: "Então, por que ordenaste que o açoitassem?". Havia uma discrepância entre os atos e as palavras de Pilatos. Era um homem indeciso que, como tantos políticos, esperava encontrar uma saída que agradasse a todos. O mestre chinês Confúcio definiu "covardia" como "saber o que é certo e não o fazer".

Os líderes religiosos tinham uma resposta preparada: "Temos uma lei, e, de conformidade com a lei, ele deve morrer, porque a si mesmo se fez Filho de Deus" (Jo 19:7). Essa declaração não aparece nos relatos dos outros evangelistas (ver, porém, Mt 26:63, 64), mas se encaixa perfeitamente nos propósitos de João ao escrever seu Evangelho (Jo 20:31).

4. "DONDE ÉS TU?" (JO 19:8-16)

Os romanos e gregos possuíam inúmeros mitos sobre deuses que vinham à Terra como homens (ver At 14:8-13), portanto é provável que Pilatos tivesse tais histórias em mente ao reagir à designação "Filho de Deus". O governador já havia ficado impressionado com as palavras e com o comportamento de Jesus; jamais conhecera um prisioneiro como ele. De fato, seria um deus vindo à Terra? Possuiria poderes sobrenaturais? Não é de se admirar que o governador romano estivesse ficando com medo! Além disso, a esposa de Pilatos lhe enviara uma mensagem enigmática advertindo-o a não se envolver com Jesus (Mt 27:19). Jesus havia até aparecido a ela em sonhos!

Por que Jesus não respondeu à pergunta de Pilatos? Porque já lhe havia respondido anteriormente (Jo 18:36, 37). Existe um princípio espiritual básico, segundo o qual Deus nunca revela verdades novas enquanto não agirmos de acordo com as verdades que já sabemos. Além disso, Pilatos já deixara claro que não tinha qualquer interesse pessoal em verdades espirituais. Sua grande preocupação era manter a ordem em Jerusalém, enquanto tentava resolver o julgamento

de Jesus de Nazaré. Pilatos não merecia uma resposta!

O medo e a ira muitas vezes andam juntos. Quando tememos ser fracos, vamos para o outro extremo e tentamos parecer fortes. Foi o que Pilatos fez ao lembrar Jesus de sua autoridade romana. Mas, em vez de demonstrar o seu poder, essa declaração revelou sua fraqueza. Se tinha autoridade para libertar Jesus, *por que não o fez?* Condenou a si mesmo com suas palavras arrogantes.

É evidente que o silêncio de Jesus, tanto diante de Herodes quanto de Pilatos, cumpriu a profecia de Isaías 53:7. Posteriormente, Pedro usou essa atitude como um exemplo a ser seguido pelos cristãos em meio ao sofrimento (1 Pe 2:18-23).

João 19:11 registra as últimas palavras de Jesus a Pilatos, palavras que revelam sua fé no Pai e sua sujeição à vontade dele (ver 1 Pe 2:23; 4:19). Toda autoridade vem de Deus (Rm 13:1ss). Jesus sujeitou-se a Roma e aos judeus, pois, antes de tudo, estava sujeito a Deus. Pilatos vangloriava-se de sua autoridade (Jo 19:10), mas Jesus o lembrou de que essa suposta autoridade lhe havia sido delegada por Deus. Um dia, Deus o chamaria para prestar contas sobre a maneira como havia usado seus privilégios e cumprido suas responsabilidades.

A quem Jesus se referia quando disse "quem me entregou a ti"? Certamente não a Deus, pois ele não peca e não pode pecar. Jesus estava falando de Caifás, o sumo sacerdote corrupto que, há tempo, havia decidido que Jesus deveria morrer (Jo 11:47-54). Caifás conhecia as Escrituras e havia tido a oportunidade de examinar as evidências. Mas deliberadamente fechou os olhos e endureceu o coração, providenciando para que Jesus não recebesse um julgamento justo. Foram os companheiros de Caifás que instigaram a multidão a gritar: "Crucifica-o!" Pilatos era um pagão espiritualmente cego, mas Caifás era um judeu que tinha conhecimento das Escrituras. Portanto, o pecado maior era de Caifás, não de Pilatos.

Pilatos estava diante de um grande dilema. Como investigaria a declaração de que Jesus era o "Filho de Deus"? Além disso, não

havia evidência alguma de que fosse um agitador ou um revolucionário. Em um último rompante de coragem, Pilatos tentou libertar Jesus. João não descreve as providências que o governante tomou (o texto grego diz que Pilatos "continuava tentando soltá-lo"). De qualquer modo, não foi bem-sucedido. Aliás, a multidão começou a chamar *Pilatos* de traidor de César! Essa acusação foi demais para o governador que, finalmente, deu seu veredicto e entregou Jesus para ser crucificado. De acordo com Mateus, Pilatos lavou as mãos diante da multidão (Mt 27:24), mas esse gesto não purificou seu coração. Quem estava sendo julgado era o próprio Pilatos, não Jesus!

É bem provável que João tenha usado o cálculo de tempo romano, de modo que a "hora sexta" corresponde às seis da manhã. Marcos diz que Jesus foi crucificado na "hora terceira", que no sistema de cálculo judaico equivalia às nove da manhã. Uma vez que João afirma que foi "cerca da sexta hora", não precisamos tentar esclarecer como Jesus levou três horas para percorrer o caminho entre o palácio de Pilatos e o Calvário.

A "parasceve" refere-se à preparação para o sábado (ver Jo 19:31), que começava ao pôr-do-sol na sexta-feira. Uma vez que era sábado de Páscoa, tratava-se de um dia especialmente santo. Os líderes religiosos estavam mais preocupados em seguir suas tradições do que em conhecer a verdade e em obedecer à vontade de Deus. Em um dia santo e solene, crucificaram o próprio Messias, o Filho de Deus!

A última palavra foi da multidão: "Não temos rei senão César!" "Não queremos que este reine sobre nós" (Lc 19:14). Alguns pastores bem-intencionados costumam pregar que a mesma multidão que gritou "Hosana!", no Domingo de Ramos, virou a casaca e gritou "Crucifica-o!", na Sexta-Feira Santa. Todavia, foram duas multidões diferentes que se manifestaram. O povo presente no Domingo de Ramos vinha quase todo da região da Galiléia, onde Jesus era extremamente benquisto. O povo no palácio de Pilatos vinha da Judéia e de Jerusalém, onde os líderes religiosos eram extremamente influentes.

Se as coisas tivessem corrido segundo o desejo dos discípulos galileus, eles teriam se revoltado e libertado Jesus!

Do ponto de vista humano, o julgamento de Jesus foi o maior crime e tragédia da humanidade. Do ponto de vista de Deus, foi o cumprimento das profecias e a realização da vontade de Deus. O fato de Deus ter planejado tudo isso não absolve os envolvidos de suas responsabilidades. Tanto que, em Pentecostes, Pedro colocou as duas idéias juntas numa só declaração (At 2:23).

Quando Israel pediu um rei e Deus lhes deu Saul, a nação rejeitou Deus Pai (1 Sm 8:5-7). Quando pediram Barrabás, rejeitaram Deus Filho. Hoje, rejeitam as súplicas de Deus Espírito Santo (At 7:51; Rm 10:21). Porém, chegará um dia em que verão seu Rei, crerão e serão salvos (Zc 12:10, 11; Mt 24:30; Ap 1:7).

Tanto a nação quanto o governador estavam sendo julgados, e ambos fracassaram terrivelmente.

Que não façamos o mesmo!

“ATÉ À MORTE, E MORTE DE CRUZ”

JOÃO 19:17-42

O Credo dos Apóstolos declara sem rodeios: “Foi crucificado, morto e sepultado”. Esses três acontecimentos são descritos em João 19:17-42, fatos momentosos que devemos compreender não apenas do ponto de vista histórico, mas também doutrinário. Tanto os fatos ocorridos quanto os motivos por trás destes são importantes para os que desejam ir para o céu.

1. CRUCIFICADO (Jo 19:17-27)

Pilatos entregou Jesus aos líderes religiosos que, com a ajuda dos soldados romanos, o levaram para ser crucificado. De acordo com Cícero, estadista e filósofo romano, a crucificação “era o mais cruel e vergonhoso dos castigos. Que este jamais se aproxime do corpo de um cidadão romano e nem sequer chegue perto de seus pensamentos, olhos ou ouvidos”.

É provável que a crucificação tenha se originado entre os persas ou fenícios, mas foi usada particularmente pelos romanos. Nenhum cidadão romano poderia ser crucificado, apesar de haver exceções. Essa forma de pena capital era reservada aos criminosos mais sórdidos, especialmente os que instigavam insurreições. Hoje, vemos a cruz como um símbolo de glória e de vitória, mas, no tempo de Pilatos, representava a forma mais ignóbil de rejeição, vergonha e sofrimento. Foi Jesus quem transformou seu significado.

Era comum o prisioneiro carregar a cruz, ou pelo menos a trave mestra, do local onde havia sido julgado até o local da execução. Jesus começou a caminhada de mais de um quilômetro e meio carregando sua cruz, um peso que foi aliviado posteriormente por

Simão, o cirineu, quando os soldados romanos o “recrutaram” para esse trabalho. As Escrituras não explicam por que Jesus foi aliviado de seu fardo. Estaria enfraquecido demais para levar todo esse peso depois dos açoites? Sua fraqueza estaria atrasando a procissão, e os judeus desejavam terminar logo com a execução, a fim de celebrar o sábado de Páscoa? Uma coisa é certa: o ato de carregar a cruz era uma declaração de culpa, e *Jesus não era culpado* (ver Mc 15:20, 21 e Rm 16:13).

O criminoso também deveria usar uma placa descrevendo seu crime. A única descrição registrada nos Evangelhos é aquela escrita por ordem de Pilatos: “Este é Jesus, o Rei dos Judeus”. Os líderes religiosos protestaram contra esse título, mas Pilatos se recusou a mudá-lo. Sabia que os sacerdotes e anciãos invejavam Jesus e desejavam destruí-lo (Mt 27:18). Uma vez que era um político astuto, entendia bem o funcionamento do sistema religioso dos judeus. Sabia que essa placa os insultaria e envergonharia, e era exatamente isso o que desejava fazer.

O fato de o título ter sido escrito em hebraico (aramaico), grego e latim é bastante significativo. Em primeiro lugar, mostra que Jesus foi crucificado no ponto de encontro de vários povos e nações, um local cosmopolita. O hebraico era a língua da religião; o grego, da filosofia; e o latim, da lei; esses três elementos se combinaram para crucificar o Filho de Deus. Porém, sua obra na cruz foi por todo o mundo. Em seu Evangelho, João enfatiza a dimensão global da obra de Cristo. Sem se dar conta, quando Pilatos preparou esse título, escreveu um “folheto evangelístico”, pois um dos ladrões descobriu que Jesus era Rei e pediu para entrar em seu reino.

Jesus foi crucificado fora da cidade (Hb 13:11-13), entre dois criminosos, possivelmente associados a Barrabás. Não sabemos onde a cruz de Cristo foi colocada. A topografia da região de Jerusalém sofreu tantas alterações desde 70 d.C., quando Tito e os romanos destruíram a cidade, que é impossível determinar com exatidão tanto o caminho percorrido por Jesus até a cruz quanto

o local onde esta foi colocada. Hoje em dia, os turistas que vão a Israel visitam a Igreja do Santo Sepulcro e o "Calvário de Gordon", próximo ao sepulcro no jardim.

O termo aramaico *Gólgota* significa "crânio, caveira"; o correspondente em latim é Calvário. O texto bíblico não explica esse nome peculiar. Por certo, o povo judeu não permitiria que crânios cerimonialmente impuros fossem deixados em um lugar de execução pública! O corpo (com a cabeça intacta) era sepultado (quando o executado tinha amigos e parentes) ou lançado no depósito de lixo da cidade. O "Calvário de Gordon" não se parece com uma caveira, mas não sabemos qual era o aspecto da região mais de dois mil anos atrás.

O fato de Jesus ter sido crucificado com dois ladrões conhecidos só fez aumentar a vergonha. Mas também cumpriu a profecia de Isaías 53:12: "foi contado com os transgressores". Foi tratado como um criminoso qualquer!

Hoje em dia, as execuções de criminosos são realizadas com extrema privacidade, mas Jesus foi pregado numa cruz, onde ficou dependurado para que todos o vissem. Era tempo de Páscoa, e Jerusalém estava abarrotada de visitantes. As execuções eram realizadas fora da cidade, em um local por onde muitas pessoas passavam. Visto que Jesus era bastante conhecido, seu julgamento e condenação devem ter sido assunto de várias discussões. Nada mais natural do que o povo aglomerar-se para ver aquela cena lúgubre.

Os soldados estavam lá cumprindo seu trabalho. Na maioria das execuções romanas, um centurião recebia quatro soldados para auxiliá-lo. Considerando-se que Jesus era um mestre popular com muitos seguidores, é possível que Pilatos tenha colocado mais guardas no Gólgota. Esses soldados tinham o privilégio de dividir os pertences pessoais dos executados, de modo que repartiram entre si tudo o que Jesus possuía – suas roupas. É provável que tivesse um turbante, um par de sandálias, uma roupa de baixo (a túnica sem costura), uma veste e um cinto. Cada um dos soldados ficou com uma peça

e, depois, os quatro lançaram sortes para ver quem ficaria com a túnica sem costura. Assim, cumpriram a profecia do Salmo 22:18.

Ao contrário dos escritores dos outros Evangelhos, João não fala dos transeuntes que, certamente instigados pelos líderes religiosos, proferiram insultos contra Jesus (Mc 15:29-32). Ao ler o Salmo 22, vemos como Davi usou a imagem de *animais* para descrever as pessoas que perseguiram Cristo: touros (Sl 22:12), leões (Sl 22:13, 21) e cães (Sl 22:16, 20). Quando seres humanos rejeitam seu Senhor, transformam-se em animais.

Um grupo de mulheres e o apóstolo João permaneceram algum tempo próximos da cruz. (Posteriormente, juntaram-se a um grupo de amigos do Messias que se encontrava mais afastado da cruz [Mt 27:55, 56; Mc 15:40, 41]). João cita especificamente quatro mulheres: Maria, a mãe de Jesus; Salomé, irmã de Maria e mãe de Tiago e João; Maria, esposa de Clopas e também Maria Madalena. Foi preciso grande coragem para permanecerem junto de Cristo em meio a tanto ódio e escárnio, mas a presença desses seguidores fiéis deve ter sido fonte de ânimo para Jesus.

A primeira vez que Maria aparece no Evangelho de João foi em um casamento (Jo 2:1-11); aqui a vemos se preparando para um funeral. Era chegada a hora! Estava sendo traspasada pela "espada", conforme havia sido profetizado (Lc 2:35). Seu silêncio é significativo, pois, se havia alguém que poderia salvar Jesus, era sua mãe. Tudo o que precisava fazer era desmentir as declarações do Filho, mas não disse coisa alguma! Que testemunho maravilhoso da divindade de Cristo.

Jesus afirmou seu amor por ela e lhe deu seu mais excelente discípulo, aquele que havia se reclinado junto ao peito do Mestre, para ser seu filho adotivo e para cuidar dela. Não sabemos se João tirou Maria de lá imediatamente e a levou para casa. Sabemos, porém, que cuidou da mãe do Mestre e que Maria encontrava-se entre os cristãos reunidos no cenáculo à espera de Pentecostes (At 1:14). Mesmo enquanto realizava a grande obra de redenção, Jesus mostrou-se fiel a

suas responsabilidades como filho. Que grande honra para João tomar o lugar de Jesus na vida de Maria!

Não devemos confundir Maria Madalena com a “mulher pecadora” descrita em Lucas 7:36ss. Jesus havia libertado Maria Madalena da possessão demoníaca (Mc 16:9; Lc 8:2), e ela usou seus recursos para ajudar Jesus em seu ministério. Salomé havia pedido a Jesus que reservasse tronos a seus dois filhos (Mt 20:20-29), e ele havia negado seu pedido. É de se imaginar o que se passava em sua mente enquanto via Jesus morrendo na cruz. Essa cena deve ter servido para repreendê-la por seu egoísmo.

2. MORTO (Jo 19:28-30)

Jesus sabia o que estava acontecendo; encontrava-se inteiramente no controle, enquanto obedecia à vontade do Pai. Havia se recusado a beber o vinho entorpecente que sempre era oferecido aos que estavam para ser crucificados (Mt 27:34). Cumpriu as Escrituras (Sl 69:21) quando disse: “Tenho sede”. Suportou sofrimento físico real, pois seu corpo humano era real. Havia acabado de sair de três horas de trevas quando sentiu a ira de Deus e a separação do Pai (Mt 27:45-49). A combinação de trevas, sede e isolamento descreve perfeitamente o inferno! Sua sede tinha origem física (Sl 22:15), mas também era de ordem espiritual (Sl 42:1, 2).

Um dos soldados compadeceu-se de Jesus e molhou seus lábios com o vinagre de vinho barato que os soldados bebiam. Não devemos imaginar Jesus dependurado muito no alto, quase inacessível. Seus pés provavelmente estavam a pouco mais de um metro do chão, de modo que não seria difícil colocar uma esponja na ponta de uma vara e dar de beber a Jesus. Hoje, podemos “dar de beber” a Jesus compartilhando com os necessitados (Mt 25:34-40).

O Salmo 69 apresenta fortes nuances messiânicas, como podemos observar, por exemplo, no versículo 3: “secou-se-me a garganta”. Jesus se refere ao versículo 4 em João 15:25, e podemos relacionar o versículo 8 a João 7:3-5. O versículo 9 é citado em João 2:17, e João 19:28,29 faz referência

ao versículo 21. Convém observar, ainda, a ênfase sobre a “afronta” (Sl 69:7-10, 19, 20) e a imagem das “profundezas das águas” (Sl 69:14, 15, e veja Lc 12:50).

Enquanto estava na cruz, Jesus fez sete declarações conhecidas como “as sete palavras da cruz”. Primeiro, pensou nos outros: nos que o crucificaram (Lc 23:34), no ladrão que creu (Lc 23:39-43) e em sua mãe (Jo 19:25-27). A palavra central diz respeito ao Pai (Mt 27:45-49); e as três últimas declarações são sobre si mesmo: seu corpo (Jo 19:28, 29), sua alma (Jo 19:30; e veja Is 53:10) e seu espírito (Lc 23:46).

O gole de vinagre não saciou inteiramente sua sede, mas lhe permitiu proferir sua declaração de triunfo em alta voz: “Está consumado!” Apesar de ser verdade que os sofrimentos de Cristo haviam chegado ao fim, essa declaração dramática é muito mais profunda. Muitos dos tipos e profecias do Antigo Testamento haviam se cumprido, e o sacrifício pelo pecado, de uma vez por todas, fora completado.

Hoje em dia, o termo *tetelestai* soa estranho a nós, mas, naquele tempo, era empregado com freqüência no cotidiano. Um servo usava essa expressão para relatar a seu senhor “[consumei] a obra que me confiasse para fazer” (ver Jo 17:4). Também era usado pelo sacerdote depois de examinar um animal para o sacrifício e de não encontrar nele qualquer defeito. Jesus certamente é o Cordeiro perfeito de Deus, sem qualquer mácula ou defeito. Quando um artista completava uma pintura ou um escritor terminava um manuscrito, podia dizer: “Está consumado!” A morte de Jesus na cruz “completa o quadro” que Deus estava pintando, a história que vinha escrevendo havia séculos. A cruz nos permite compreender as cerimônias e profecias do Antigo Testamento.

Talvez o uso mais significativo de *tetelestai* seja comercial, quando mercadores diziam: “A dívida está paga!” Ao se entregar na cruz, Jesus cumpriu inteiramente os requisitos justos de uma lei santa; pagou toda a dívida. Nenhum dos sacrifícios do Antigo Testamento poderia remover os pecados; seu sangue apenas *cobria* o pecado. Mas o

Cordeiro de Deus derramou seu sangue, que pode *tirar* os pecados do mundo (Jo 1:29; Hb 9:24-28).

Certa vez, um evangelista um tanto excêntrico chamado Alexander Wooten foi abordado por um rapaz irreverente que lhe perguntou: “O que devo fazer para ser salvo?”

“É tarde demais!”, respondeu Wooten. E continuou o que estava fazendo.

O jovem assustou-se. “Quer dizer que é tarde demais para eu ser salvo?”, perguntou. “Não há nada que eu possa fazer?”

“Tarde demais!”, disse Wooten. “*Já foi tudo feito! Você só precisa crer.*”

A morte de Jesus Cristo é um tema importante no Evangelho de João. Foi anunciada por João Batista mesmo antes de Jesus começar oficialmente seu ministério (Jo 1:29, 35, 36). Jesus a menciona pela primeira vez em João 3:14, em que encontramos, sem dúvida alguma, a imagem da crucificação (ver também Jo 8:28; 12:32). Jesus falou em várias ocasiões sobre “tomar a cruz” (Mt 10:38; 16:24). Depois da confissão de fé de Pedro, Jesus anunciou claramente que seria morto (Mt 16:21) e, posteriormente, disse aos discípulos que seria crucificado (Mt 20:17-19).

Podemos encontrar no Evangelho de João diversos retratos da morte de Jesus: o cordeiro abatido (Jo 1:29); o templo destruído (Jo 2:19); a serpente levantada (Jo 3:14); o pastor que dá a vida por suas ovelhas (Jo 10:11-18); e a semente plantada no solo (Jo 12:20-25). Essas imagens deixam claro que a morte de Jesus não seria um acidente, mas sim um compromisso determinado por Deus. Estritamente falando, Jesus não foi assassinado; antes, entregou sua vida por nós de modo espontâneo. Sua morte foi uma expiação, não um exemplo. Na cruz ele consumou, de fato, a obra de redenção.

Alguns incrédulos inventaram a idéia de que, na verdade, Jesus não morreu, mas que apenas “desfaleceu” na cruz e, depois, voltou a si ao ser colocado num túmulo onde o ar estava mais fresco. Mas as testemunhas da morte de Jesus Cristo são numerosas demais: o centurião (Mc 15:44, 45); todos os autores dos Evangelhos; os anjos (Mt 28:5, 7); os

judeus (At 5:28); o próprio Cristo (Lc 24:46; Ap 1:18); e até mesmo as hostes de adoradores no céu (Ap 5:9, 12). Naturalmente, Paulo, Pedro e João também falam da morte de Cristo em suas epístolas.

Sua morte foi voluntária: entregou espontaneamente seu espírito (Jo 19:30; ver também 10:17, 18). Ele “a si mesmo se entregou” (Gl 2:20). Ofereceu a si mesmo como resgate (Mc 10:45), como sacrifício para Deus (Ef 5:2) e propiciação pelos pecados (1 Jo 2:2). Em Lucas 9:31, sua morte é chamada de “partida”, e o termo grego equivalente é “êxodo”, indicando o cordeiro pascal e o livramento da escravidão. Será preciso uma eternidade para revelar tudo o que se passou quando Jesus Cristo morreu na cruz.

3. SEPULTADO (JO 19:31-42)

O sepultamento de Cristo envolveu dois grupos: os soldados romanos (Jo 19:31-37) e os cristãos judeus (Jo 19:38-42). Não era incomum os condenados permanecerem longo tempo na cruz e sofrerem morte lenta, de modo que os líderes religiosos fizeram todo o possível para apressar a morte de Jesus e dos dois ladrões. Mas Jesus estava no controle; entregou seu espírito na “hora nona”, ou seja, às três da tarde (ver Mt 27:45-50). As três últimas “palavras da cruz” foram proferidas dentro de um período bastante curto, pouco antes de Jesus entregar sua vida.

É impressionante que os soldados romanos *não fizeram* o que lhes havia sido ordenado – quebrar as pernas de Jesus – mas *fizeram* o que não lhes havia sido ordenado – traspassar seu lado! Nos dois casos, cumpriram a Palavra de Deus! Os ossos do cordeiro pascal não deveriam ser quebrados (Êx 12:46; Nm 9:12; ver também Sl 34:20), de modo que Deus protegeu os ossos de Cristo. Seu lado deveria ser traspassado (Zc 12:10; Ap 1:7), e foi exatamente o que os soldados fizeram.

João viu um significado especial no sangue e na água que saíram do ferimento no lado. Em primeiro lugar, serviram para comprovar que Jesus possuía um corpo real (ver 1 Jo 1:1-4) e experimentou uma morte real.

Quando João escreveu seu Evangelho, já havia falsos mestres na Igreja afirmando que Jesus não teve um corpo verdadeiramente humano. Também é possível ver um significado simbólico nesses dois elementos: o sangue se refere à justificação, e a água, à santificação e purificação. O sangue trata da culpa do pecado; a água trata da mácula do pecado. Alguns estudiosos associam João 19:34 a 1 João 5:6, mas as duas passagens não possuem, necessariamente, uma ligação forte. Em 1 João 5, o apóstolo fala das evidências de que Jesus Cristo é Deus encarnado e apresenta três testemunhas: o Espírito, a água e o sangue (1 Jo 5:6, 8). O Espírito é relacionado a Pentecostes; a água, ao batismo; e o sangue, à crucificação. Nesses acontecimentos, Deus deixou claro que Jesus Cristo era quem afirmava ser, o Deus encarnado. Na verdade, em João 19:35, o apóstolo mostra que a água e o sangue deveriam servir de estímulo para os leitores crerem que Jesus é o Cristo (ver Jo 20:31).

Quando os soldados terminaram seu trabalho repulsivo, entraram em cena os amigos de Jesus, e, desse ponto em diante, no que se refere ao registro, nenhum incrédulo tocou no corpo de Cristo. Deus havia providenciado dois homens de posição elevada para preparar o corpo para o sepultamento e o colocar em um túmulo apropriado. Se José e Nicodemos não estivessem lá, é bem provável que o corpo tivesse sido "levado embora e lançado em uma vala qualquer amaldiçoada", como diz James Stalker em sua obra clássica *The trial and death of Jesus [O julgamento e morte de Jesus]*. Caso amigos dos executados se manifestassem, os romanos não se importavam nem um pouco de se livrar do corpo e de passá-lo adiante.

Quando reunimos as informações disponíveis sobre José de Arimatéia, vemos que era um homem rico (Mt 27:57), membro proeminente do conselho dos judeus (Mc 15:43), um homem bom e reto, que não consentia com todas as atitudes do conselho (Lc 23:50, 51), parte da minoria de judeus que orava pela vinda do Messias e que creu em Cristo (Mc 15:43, ver também Lc 2:25-38),

sendo discípulo de Jesus Cristo (Jo 19:38). Foi ele quem pediu o corpo de Jesus e, juntamente com seu amigo Nicodemos, deu ao Salvador um sepultamento apropriado.

Mas há certos mistérios acerca de José de Arimatéia que causam perplexidade e que nos convidam a investigá-lo mais de perto. Por que possuía um túmulo tão próximo de um local de execução? A maioria dos judeus piedosos desejava ser sepultada na Cidade Santa, mas um homem abastado como José certamente podia pagar por um lugar melhor para seu túmulo. Imagine os parentes indo visitar o local de seu sepultamento e tendo de ouvir as imprecações e clamores de criminosos nas cruzes não muito longe dali (ver Jo 19:41)!

Mateus, Lucas e João dizem que o túmulo era novo e nunca havia sido usado. "O depositou no seu [de José] túmulo novo" (Mt 27:60); José havia mandado fazer o túmulo *para si mesmo* ou *para Jesus*?

João diz que José era um discípulo de Jesus, "ainda que ocultamente, pelo receio que tinha dos judeus". O termo grego traduzido por "ocultamente" está no participípio perfeito passivo e pode ser traduzido também por "tendo sido mantido oculto". Em Mateus 13:35, essa mesma forma verbal é traduzida por "coisas ocultas" ou, ainda, "coisas mantidas em segredo". Em outras palavras, José era o "agente secreto" de Deus no Sinédrio! Do ponto de vista humano, José manteve-se "disfarçado", pois temia os judeus (Jo 7:13; 9:22; 12:42); mas do ponto de vista divino, foi protegido para que pudesse estar disponível no momento de sepultar o corpo de Jesus.

Vimos Nicodemos em nosso estudo de João 1 a 12. É importante observar que, cada vez que ele é mencionado, é identificado como o homem que "de noite, foi ter com Jesus" (Jo 3:1ss; Jo 7:50-53). Mas esse homem que começou confuso no meio da noite (Jo 3), terminou confessando sua fé abertamente em plena luz do dia! Nicodemos saiu das trevas para a luz e, juntamente com José de Arimatéia, não teve vergonha de se identificar publicamente com Jesus Cristo. É evidente que, quando esses

dois homens tocaram no corpo sem vida, tornaram-se cerimonialmente impuros e, portanto, não puderam participar da Páscoa. Mas que diferença fazia? Afinal, haviam encontrado o Cordeiro de Deus!

Fica claro que José e Nicodemos planejaram cuidadosamente aquilo que fariam junto ao Calvário. Por certo, não poderiam ter arranjado um túmulo de última hora nem ter comprado mais de trinta quilos de especiarias caras com tanta presteza durante a Páscoa, quando muitos comerciantes não estavam trabalhando. Assim que Jesus morreu, José dirigiu-se a Pilatos e recebeu permissão de levar o corpo. Nicodemos ficou junto à cruz para se certificar de que nada aconteceria ao corpo. É possível até que os dois homens estivessem esperando *dentro do túmulo novo* com as especiarias e as faixas, prontos para o momento em que o Salvador entregaria sua vida.

Não havia tempo a perder, e os homens trabalharam rapidamente. Não conseguiram lavar e ungir o corpo de Jesus com todo o esmero exigido pela tradição, mas fizeram o melhor que puderam. Era importante manter o corpo em segurança, longe dos romanos e dos líderes judeus. Maria de Betânia já havia ungido o corpo para o sepultamento (Mc 14:8; Jo 12:1-8). Algumas das outras mulheres observaram os homens ministrarem a Jesus e testemunharam seu sepultamento (Mt 27:61; Mc 15:47). Planejaram voltar depois do sábado e terminar o embalsamamento (Lc 23:55 - 24:1).

Tudo isso nos leva a perguntar: "Como José de Arimatéia e Nicodemos souberam que deveriam fazer os preparativos para o sepultamento?" O que segue é apenas conjectura da minha parte, mas me parece razoável.

Quando Nicodemos visitou Jesus, estava impressionado com seus milagres e ensinamentos, mas não foi capaz de entender o que significava nascer de novo. Por certo, depois de conversar com Jesus, Nicodemos examinou as Escrituras e pediu a Deus que

o orientasse com respeito a essas questões espirituais tão importantes.

Na reunião decisiva do conselho, registrada em João 7:45-53, Nicodemos manifestou-se com ousadia e defendeu o Salvador! Seus colegas o ridicularizaram por pensar que um profeta podia vir da Galiléia! "Examina e verás", disseram. E foi exatamente isso o que Nicodemos fez. É provável que José tenha se juntado a ele em segredo e revelado que também estava convencido de que Jesus de Nazaré era, de fato, o Messias de Israel, o Filho de Deus.

Ao examinarem o Antigo Testamento, Nicodemos e José devem ter encontrado as profecias messiânicas e observado que muitas delas se cumpriram em Jesus Cristo. Por certo, o consideraram o "Cordeiro de Deus" e concluíram que seria sacrificado na Páscoa. Jesus já havia dito a Nicodemos que seria "levantado" (Jo 3:14), termo que se referia à crucificação. Uma vez que os cordeiros pascais eram abatidos por volta das três da tarde, os dois homens sabiam quase o horário exato em que o Cordeiro de Deus morreria na cruz! Sem dúvida, leram Isaías 53 e viram o versículo 9: "Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte". Jesus seria sepultado no túmulo de um homem rico!

José providenciou para que o túmulo fosse escavado e para que fossem compradas as faixas e especiarias necessárias para o sepultamento. É possível que tenham se escondido dentro do túmulo durante as seis horas de agonia de Cristo na cruz. Quando ouviram o clamor: "Está consumado! Nas tuas mãos entrego o meu espírito", souberam que havia morrido e entraram em ação. Mostraram-se corajosos ao se identificarem com Jesus Cristo no momento em que o Mestre parecia haver fracassado inteiramente. Tanto quanto sabemos, somente João estava com eles junto à cruz.

O sábado estava prestes a começar. Jesus terminara a obra da "nova criatura" (2 Co 5:17) e descansaria.

A AURORA DE UM NOVO DIA

JOÃO 20:1-18

Se o Evangelho de João fosse uma biografia qualquer, o capítulo 20 não existiria. Sou leitor inveterado de biografias e posso dizer que a maioria delas termina com a morte e o sepultamento da pessoa em questão. Ainda estou para ler uma biografia que fale da ressurreição de alguém! O fato de João ter continuado seu relato e compartilhado seu entusiasmo com o milagre da ressurreição mostra que Jesus Cristo não é como qualquer outro homem. Ele é, de fato, o Filho de Deus.

A ressurreição é parte essencial da mensagem do evangelho (1 Co 15:1-8) e uma chave para a doutrina da fé cristã. Prova que Jesus Cristo é o Filho de Deus (At 2:32-36; Rm 1:4) e que sua obra expiatória na cruz foi consumada e é eficaz (Rm 4:24, 25). A cruz e o túmulo vazios são os “recibos” de Deus, dizendo que a dívida foi paga. Jesus Cristo não é apenas o Salvador, mas também o Santificador (Rm 6:4-10) e o Intercessor (Rm 8:34). Um dia, voltará como Juiz (At 17:30, 31).

Desde o princípio, os inimigos de Jesus tentaram negar o fato histórico de sua ressurreição. Os líderes judeus afirmaram que o corpo de Cristo havia sido tirado de seu túmulo. Trata-se de uma declaração absurda, pois como seus seguidores poderiam ter roubado o corpo? Havia soldados romanos guardando o túmulo, e um selo oficial romano fora colocado na pedra de entrada. Além disso, os discípulos *não acreditavam* que Jesus voltaria dos mortos; seus inimigos é que se lembraram de suas palavras (Mt 27:62-66). Por certo, não foram *eles* que roubaram o corpo! A última coisa que desejavam era que alguém acreditasse que Jesus havia, de

fato, ressuscitado. Seus amigos *não podiam* roubar o corpo, e seus inimigos *não queriam* roubá-lo, então quem o levou?

Talvez os discípulos tenham recebido “visões” do Senhor ressurreto e as tenham interpretado como evidências da ressurreição de Cristo. Mas *não esperavam vê-lo* e, portanto, não estavam psicologicamente predispostos a sofrer uma alucinação. Como seria possível mais de quinhentas pessoas terem a mesma alucinação ao mesmo tempo (1 Co 15:6)?

É bem pouco provável que os discípulos de Jesus tenham ido para o túmulo errado. Observaram com atenção onde ele havia sido sepultado (Mt 27:61; Mc 15:47; Lc 23:55-57). Amavam o Mestre e dificilmente teriam se confundido quanto ao local de seu sepultamento. A preocupação que as mulheres expressaram quando estavam se aproximando do túmulo (quem removeria a pedra da entrada? [Mc 16:1-3]) mostra que sabiam para onde estavam indo.

Quanto à argumentação absurda de que Jesus não morreu, mas apenas desmaiou e depois voltou a si, não é preciso dizer muita coisa. Várias testemunhas viram que Jesus estava morto quando seu corpo foi tirado da cruz. Posteriormente, foi visto com vida por testemunhas confiáveis. A única conclusão lógica é que Jesus cumpriu sua promessa e ressurgiu dentre os mortos.

Mas nem mesmo os seguidores mais próximos de Cristo compreenderam, de imediato, a verdade maravilhosa da ressurreição. Só aos poucos esses homens e mulheres profundamente entristecidos começaram a se dar conta de que seu Mestre estava vivo! A consciência plena de que Jesus havia ressuscitado foi transformadora. Transformou em júbilo as lágrimas de Maria Madalena (Jo 20:1-18); transformou em coragem os temores dos dez discípulos (Jo 20:19-23); transformou em certeza a dúvida de Tomé (Jo 20:24-31). No caso de Maria, a ênfase é sobre o amor; para os dez discípulos, a ênfase é sobre a esperança, e, no caso de Tomé, a ênfase é sobre a fé.

Ao refletir sobre a experiência de Maria Madalena naquela manhã do Dia do Senhor,

podemos ver três estágios de sua compreensão da verdade da ressurreição. Pedro e João também fazem parte dessa experiência.

1. UMA FÉ OBSCURECIDA (JO 20:1, 2)

Maria Madalena e várias outras mulheres combinaram de ir ao túmulo ao raiar do primeiro dia da semana, com o propósito de demonstrar seu amor por Cristo e de terminar os preparativos para o sepultamento. As circunstâncias haviam obrigado José de Arimatéia e Nicodemos a preparar o corpo às pressas, e as mulheres desejavam concluir esse trabalho. Sua grande preocupação era descobrir uma forma de entrar no túmulo. Talvez os soldados romanos se compadecessem delas e as ajudassem.

O que não sabiam era que um terremoto havia ocorrido e um anjo havia colocado a pedra de lado! Ao que parece, Maria Madalena adiantou-se ao grupo de mulheres e chegou antes ao túmulo. Quando viu que a pedra havia sido removida da abertura do túmulo, concluiu que alguém havia entrado lá e roubado o corpo de seu Senhor. Há quem critique Maria por suas conclusões precipitadas, mas ao considerarmos as circunstâncias, é difícil imaginar como poderia ter concluído qualquer outra coisa. Ainda estava escuro, ela estava sozinha e, como os outros seguidores de Jesus, não acreditava que ele ressuscitaria.

Apressou-se em dar a notícia a Pedro e a João, que deveriam estar hospedados juntos em algum lugar que os outros cristãos conheciam. Talvez estivessem no cenáculo, onde haviam se reunido com Jesus. É interessante que Maria tenha usado a primeira pessoa do plural (“não sabemos”) de modo a incluir outras mulheres que, enquanto Maria falava com os apóstolos, descobriram que Jesus estava vivo (ver Mc 16:1-8 e Lc 24:1-8). As mulheres saíram do túmulo e transmitiram a mensagem dos anjos aos outros discípulos.

É bastante sugestivo que as primeiras testemunhas da ressurreição de Cristo tenham sido *mulheres que creram*. Entre os judeus daquela época, o testemunho das mulheres não era tido em alta consideração.

Os rabinos costumavam dizer: “É melhor que as palavras da Lei sejam queimadas do que entregues a uma mulher”. Mas essas mulheres cristãs tinham uma mensagem muito mais importante do que a Lei, pois sabiam que o Salvador estava vivo.

A fé de Maria não se extinguiu; havia apenas sido temporariamente obscurecida. Ainda que encoberta, a luz ainda estava ali. A condição espiritual de Pedro e de João não era muito diferente, mas logo os três saíram das sombras para a luz.

2. O ALVORECER DA FÉ (JO 20:3-10)

João 20:3 dá a entender que Pedro foi o primeiro a correr para o túmulo, mas João 20:4 diz que João chegou lá antes dele. Talvez João fosse mais jovem e vigoroso, ou simplesmente corresse mais rápido que Pedro. É tentador espiritualizar essa “corrida” e relacioná-la a Isaías 40:31 e a Hebreus 12:1, 2. Quando um cristão não está em comunhão com o Senhor, é difícil completar a corrida da fé. Porém, os dois homens merecem crédito por terem a coragem de correr em território inimigo sem saber o que se encontrava adiante. Aquela história toda poderia ser uma armadilha astuciosa para pegar os discípulos.

Quando João chegou ao túmulo, teve a cautela de permanecer do lado de fora e de olhar para dentro. Talvez desejasse que Pedro estivesse com ele quando entrasse na câmara onde o corpo ficava. O que João viu? Faixas sobre a pedra sem qualquer evidência de violência nem de crime. *Mas não havia nada além das faixas!* Pareciam um casulo vazio, ainda com a forma do corpo de Jesus.

Pedro chegou e, como seria de se esperar dele, em um gesto impulsivo, entrou logo no túmulo. Também viu as faixas de linho sobre a pedra e o lenço para a cabeça enrolado cuidadosamente e colocado de lado. Ladrões de túmulos não desenrolariam o corpo com todo cuidado, deixando tudo arrumado. Na verdade, considerando-se que as faixas eram enroladas com especiarias, seria quase impossível desenrolá-las sem danificar o tecido. A única explicação possível

era que Jesus *havia passado pelo tecido* quando ressuscitou.

João entrou no túmulo e olhou para suas evidências. “Viu, e creu.”

Ao escrever esse relato, João usou três termos gregos diferentes para ver. Em João 20:5, o verbo significa apenas “espiar, olhar de relance”. Em João 20:6, significa “olhar com cuidado, observar”. O termo “viu”, em João 20:8, quer dizer “perceber com uma compreensão intelectual”. Sua fé na ressurreição estava nascendo como um novo dia!

É difícil acreditar que os seguidores de Jesus não esperavam vê-lo sair do túmulo com vida. Afinal, ele lhes dissera, em várias ocasiões, que ressuscitaria dentre os mortos. Logo no início de seu ministério, declarou: “Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei” (Jo 2:19). Os discípulos se recordaram das palavras de Jesus depois de sua ressurreição (Jo 2:22); mas seus inimigos também se lembraram (Mt 27:40, 63, 64).

Jesus comparou-se a Jonas (Mt 12:40) e, em duas ocasiões, anunciou claramente sua ressurreição no terceiro dia (Mt 16:21; 20:19). Na quinta-feira de sua última semana de ministério, prometeu novamente que ressuscitaria e que se encontraria com seus discípulos na Galiléia (Mt 26:32, e veja Lc 24:6, 7).

Que tipo de fé Pedro e João exercitaram nesse estágio de sua experiência espiritual? Sua fé baseava-se nas evidências. Viram as faixas e tiveram certeza de que o corpo de Jesus não estava lá. Porém, por mais eficazes que sejam as evidências para convencer a mente, não são suficientes para transformar a vida. Nós, que vivemos séculos depois desses acontecimentos, não podemos examinar as evidências, pois as provas materiais (o túmulo, as faixas) não existem mais. Porém, temos o registro da Palavra de Deus (Jo 20:9), um registro verdadeiro (Jo 19:35; 21:24). Na realidade, era justamente a *fé na Palavra* que Jesus desejava nutrir em seus discípulos (ver Jo 2:22; 12:16; 14:26). Pedro deixou claro que sua fé não se baseava em suas experiências pessoais, mas sim na Palavra de Deus (1 Pe 1:12-21).

Os discípulos só possuíam as Escrituras do Antigo Testamento, de modo que é a elas que João se refere em João 20:9. A Igreja primitiva usava o Antigo Testamento para provar tanto a judeus quanto a gentios que Jesus Cristo é o Cristo, que morreu pelos pecadores e ressuscitou (At 9:22; 13:16ss; 17:1-4 etc). O evangelho inclui o fato de “que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1 Co 15:4). Que Escrituras os apóstolos tinham em mente?

Paulo encontrou indicações da ressurreição no Salmo 2:7 (At 13:33). Pedro, no Salmo 16:8-11 (At 2:23-36 e note 13:35). Pedro também fez referência ao Salmo 110:1 (At 2:34, 35). A declaração “e prolongará os seus dias”, em Isaías 53:10, também é interpretada como um prenúncio da ressurreição de Cristo. O próprio Jesus usou o profeta Jonas para ilustrar sua morte, sepultamento e ressurreição (Mt 12:38-40), o que incluía a parte da mensagem sobre os “três dias”. Paulo encontrou uma imagem da ressurreição na Festa das Primícias (Lv 23:9-14; 1 Co 15:20-23), o que também incluía o “terceiro dia”. Alguns estudiosos acreditam que o “terceiro dia”, em Oséias 6:2, também diz respeito à ressurreição.

Depois de sua ressurreição, Jesus não se revelou a todos, mas apenas a testemunhas selecionadas que compartilhariam as boas novas com outros (At 10:39-43). O testemunho da ressurreição pode ser encontrado nas Escrituras, no Novo Testamento, e ambos os Testamentos mostram-se coerentes quanto a esse testemunho. Juntos, a Lei, os Salmos, os Profetas e os Apóstolos dão testemunho de que Jesus Cristo está vivo!

Pedro e João viram as evidências e crearam. Posteriormente, o Espírito Santo confirmou sua fé através das Escrituras do Antigo Testamento e, antes de aquele dia terminar, se encontrariam com o Mestre pessoalmente! A fé que havia sido obscurecida começou a nascer, e sua luz se tornaria ainda mais radiante.

3. O ESPLENDOR DA FÉ (JO 20:11-18)

Quando penso em Maria Madalena sozinha no jardim, lembro-me de Provérbios 8:17:

“Eu amo os que me amam; os que me procuram me acham”. Maria amava seu Senhor e foi logo cedo ao jardim para expressar esse amor. Quando chegou ao túmulo, Pedro e João já haviam voltado para casa, de modo que não lhe transmitiram a conclusão a que haviam chegado depois de examinar as evidências que encontraram. Maria ainda pensava que Jesus estava morto. Outro versículo vem à mente, Salmo 30:5: “Ao anoitecer, pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã”.

O pranto de Maria era o lamento em alta voz, uma expressão de tristeza característica do povo judeu (Jo 11:31, 33). Por certo, não há nada de errado com a tristeza sincera, pois Deus nos criou para verter lágrimas, e o choro é um excelente remédio para o coração aflito. Mas o pesar do cristão deve ser diferente da tristeza desesperada do mundo (1 Ts 4:13-18), pois nascemos de novo “para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos” (1 Pe 1:3). Não choramos porque nossos entes queridos foram para o céu, mas porque nos deixaram para trás e sentimos saudades deles.

Quando Maria olhou para o sepulcro, viu dois homens vestidos de branco. Sua posição – cada um numa extremidade da plataforma onde o corpo deveria ficar – lembra os querubins no propiciatório da arca da aliança (Êx 25:17-19). Também é como se Deus estivesse dizendo: “Agora, há um novo propiciatório! Meu Filho pagou o preço pelo pecado e permitiu que houvesse livre acesso à presença de Deus!” Ao que parece, Maria não se assustou ao ver esses homens, e tudo indica que não sabia que eram anjos. A conversa rápida não serviu para consolá-la nem tranquilizá-la. Estava decidida a encontrar o corpo de Jesus.

Por que Maria voltou-se para trás em vez de continuar a conversa com os dois desconhecidos? Será que ouviu um barulho atrás de si? Ou será que os anjos se levantaram ao reconhecer a presença de seu Senhor? Talvez as duas coisas, ou nenhuma delas. De qualquer modo, por que Maria se demorou ali no túmulo, uma vez que estava

certa de que o corpo de Jesus não se encontrava mais ali?

Por que não reconheceu Aquele pelo qual procurava com tanto anseio? É possível que Jesus tenha se ocultado dela propositalmente, como fez quando caminhou com os discípulos na estrada para Emaús (Lc 24:13-32). Ainda era cedo e devia estar escuro nessa parte do jardim. Também é provável que seus olhos estivessem turvos de lágrimas.

Jesus lhe fez a mesma pergunta que os anjos haviam feito: “Por que choras?”. Que tristeza pensar que chorava, quando poderia estar louvando, caso tivesse percebido que Cristo estava vivo! Então, acrescentou: “A quem procuras?” (havia feito a mesma pergunta à multidão no jardim; Jo 18:4). É animador saber que Jesus conhece todas as nossas tristezas. O Salvador sabia que o coração de Maria estava aflito e que sua mente estava confusa e não a repreendeu. Antes, revelou-se a ela com toda ternura.

Tudo o que precisou fazer foi dizer o nome dela, e Maria o reconheceu. As ovelhas reconhecem sua voz quando Jesus as chama pelo nome (Jo 10:3). Ao que parece, Maria não estava olhando para Jesus enquanto ele falava, pois ele disse seu nome, e ela se voltou para o Senhor. Que surpresa maravilhosa ver a face do Mestre amado!

Tudo o que conseguiu dizer foi “Raboni – meu Mestre”. O título *Raboni* é usado somente em mais uma passagem dos Evangelhos, Marcos 10:51 (no texto grego “Mestre” é “Raboni”). Rabino e Raboni eram termos equivalentes de respeito. Posteriormente, os judeus passaram a distinguir entre três níveis de mestres: rabi (o mais baixo), rabino e raboni (o mais alto).

Maria não apenas falou com Jesus, mas também se agarrou a seus pés. Foi um gesto natural, pois, agora que o havia encontrado, não desejava perdê-lo. Ela e outros cristãos ainda precisavam aprender muita coisa sobre o novo estado de glória do Mestre; ainda desejavam se relacionar com ele da mesma forma como haviam feito durante seus anos de ministério antes da cruz.

Jesus permitiu que outras mulheres abraçassem seus pés (Mt 28:9) e não as proibiu

de expressar sua devoção. Então, por que disse a Maria: “Não me detenhas”? Um dos motivos era o fato de que voltaria a vê-lo, uma vez que ainda não havia subido para o Pai. Depois de sua ressurreição, permaneceu na Terra ainda quarenta dias e apareceu com freqüência a seus seguidores para lhes ensinar verdades espirituais (At 1:1-9). Maria não precisava entrar em pânico; esse não seria seu último encontro com o Senhor.

Outro motivo era o fato de ter um trabalho a fazer: dizer aos irmãos de Jesus que ele estava vivo e que subiria ao Pai. “Ele não se envergonha de lhes chamar irmãos” (Hb 2:11). “A meus irmãos declararei o teu nome” (Sl 22:22). Ele havia chamado seus seguidores de *servos* (Jo 13:16), de *amigos* (Jo 15:15) e aqui os chama de *irmãos*. Com isso, indica que participavam de seu poder e de sua glória.

Alguns estudiosos acreditam que Jesus voltou para o Pai naquela manhã e que essa foi a ascensão à qual se referia, mas não há qualquer outra passagem do Novo Testamento que corrobore essa interpretação. A meu ver, afirmar que estava cumprindo o simbolismo do Dia da Expição e apresentando o sangue ao Pai é ir longe demais (Lv 16). Digase de passagem que *não tinha sangue algum para apresentar*; já havia realizado esse ato na cruz, quando foi feito pecado por nós. O corpo ressurreto e glorificado de Jesus era de “carne e osso” (Lc 24:39), não de “carne e sangue”. A ressurreição, em si, era prova de que a obra de redenção havia sido consumada (“e ressuscitou por causa da nossa justificação”, Rm 4:24, 25). O que mais lhe restava fazer?

Jesus nunca usou as expressões “nosso Pai” e “nosso Deus”. Seu relacionamento com o Pai era diferente daquele dos discípulos e teve o cuidado de fazer essa distinção. Dizemos “nosso Pai” e “nosso Deus”, pois todos os cristãos pertencem à mesma família e são iguais diante de Deus. Jesus lembrou Maria e os outros cristãos de que Deus era o Pai deles e que ele estaria com o Pai no céu depois de sua ascensão. Em sua mensagem no cenáculo, Jesus havia lhes ensinado que voltaria ao Pai, a fim de que o Espírito viesse sobre eles.

Apesar de ser o mesmo Jesus, apenas em um corpo glorificado, o relacionamento não era exatamente o mesmo. É preciso cuidado para não nos relacionarmos com Cristo “segundo a carne” (2 Co 5:16), ou seja, como se ainda se encontrasse em seu estado de humilhação. Hoje, ele é o Filho de Deus, exaltado na glória, e devemos honrá-lo como tal. A familiaridade imatura que algumas pessoas demonstram em público ao testemunhar, orar ou cantar revela que não compreendem as palavras de Paulo em 2 Coríntios 5:16. Quando João estava com Jesus à mesa, reclinou-se junto ao peito do Mestre (Jo 13:23); mas, quando João viu Jesus na ilha de Patmos, caiu a seus pés como morto! (Ap 1:17).

Teria sido egoísmo e desobediência Maria agarrar-se a Jesus e tê-lo mantido apenas junto de si. Assim, ela se levantou, foi até o local onde os discípulos estavam reunidos e lhes deu as boas novas de que havia visto Jesus vivo. “Vi o Senhor” (ver Jo 20:14, 18, 20, 25, 29). De acordo com Marcos, esses cristãos choravam e se lamentavam... e não creram em Maria (Mc 16:9-11)! A própria Maria havia chorado, e Jesus havia transformado sua tristeza em alegria. Se tivessem crido, o grande pesar deles também teria sido transformado em júbilo. A incredulidade acaba com todo o ânimo. Não é de admirar que Deus nos advirta a respeito do “perverso coração de incredulidade” (Hb 3:12).

Maria não apenas relatou o fato de que Jesus havia ressuscitado e de que ela o havia visto pessoalmente, mas também transmitiu as palavras que ele havia lhe dito. Vemos, mais uma vez, a importância da Palavra de Deus. Maria não tinha como transferir sua experiência àquele grupo, mas poderia compartilhar com eles a Palavra, e a fé vem pela Palavra (Rm 10:17). O Cristo vivo compartilhou sua Palavra viva (1 Pe 1:23-25).

É bom ter uma fé que se baseie em evidências sólidas, mas essas evidências devem nos levar à Palavra, e esta, por sua vez, deve nos levar ao Salvador. Uma coisa é aceitar uma doutrina e defendê-la, outra bem diferente é ter um relacionamento com o Deus vivo. Pedro e João creram que Jesus estava

vivo, mas só se encontraram pessoalmente com o Salvador naquela noite, experiência que foi compartilhada pelos outros discípulos (Jesus apareceu a Pedro em algum momento da tarde; Lc 24:34; 1 Co 15:5). A evidência que não conduz à experiência não passa de dogma vazio. A chave para a fé é a Palavra de Deus.

Robert W. Dale, um dos grandes pastores e teólogos congregacionais da Inglaterra, preparava um sermão de Páscoa quando foi tocado com grande poder por uma nova consciência do Senhor ressurreto.

“Cristo está vivo!”, disse a si mesmo. “Vivo – vivo – vivo!” Fez uma pausa e então disse: “É possível, mesmo? Está tão vivo quanto eu?”

Levantou-se de sua cadeira e começou a andar pelo escritório repetindo: “Cristo está vivo! Cristo está vivo!”

Dale conhecia e acreditava nessa doutrina havia anos, mas, naquele dia, foi sobrepujado por sua realidade. A partir de então, o Cristo vivo passou a ser o tema de suas pregações, e pedia que sua congregação cantasse um hino de Páscoa todas as manhãs de domingo. “Meu desejo é que o povo de minha igreja capte a realidade gloriosa de que Cristo está vivo e se regozije com ela; e como sabemos, domingo é o dia em que Cristo deixou os mortos”.

A fé histórica diz: “Cristo está vivo!”

A fé salvadora diz: “Cristo vive em *mim!*”
Você tem a fé salvadora?

O PODER DE SUA RESSURREIÇÃO

JOÃO 20:19-31

A notícia de que Jesus estava vivo começou a espalhar-se entre seus seguidores, primeiro timidamente, depois com entusiasmo. Nem mesmo seus discípulos creram nos relatos, e Tomé exigiu provas. Mas em todo lugar onde as pessoas eram confrontadas com a realidade da ressurreição de Cristo, sua vida era transformada. Na verdade, essa mesma experiência transformadora encontra-se a nossa disposição hoje. Ao ler em João 20:19-31 as mudanças ocorridas na vida dessas pessoas, convém perguntar: “Tive um encontro pessoal com o Cristo ressurreto? Ele já transformou *minha vida*?”

1. DO MEDO À CORAGEM (JO 20:19-25)

Jesus descansou no túmulo durante o sábado e ressuscitou dos mortos no primeiro dia da semana. Muita gente acredita com sinceridade que o domingo é o “*shabbath* cristão”, mas o domingo não é o dia de *shabbath*. O sétimo dia da semana, o *shabbath*, comemora a obra consumada de Deus na criação (Gn 2:1-3). O Dia do Senhor comemora a obra consumada de Cristo na “nova criação”. Deus Pai trabalhou durante seis dias e, depois, descansou. Deus o Filho sofreu na cruz durante seis horas e, depois, descansou.

Deus deu o *shabbath* a Israel como um “sinal” especial de que era seu povo (Êx 20:8-11; 31:13-17; Ne 9:14). A nação deveria usar esse dia para descanso e revigoramento físico, tanto das pessoas quanto dos animais domésticos, mas para Israel, não foi determinado como um dia especial de reunião e de culto. Infelizmente, os escribas e fariseus acrescentaram toda espécie de restrição para a observância do *shabbath*, até que este se

tornou um dia de servidão, não de bênção. Jesus guardou o *shabbath*, mas quebrou deliberadamente as tradições desse dia.

No primeiro dia da semana o Cristo ressurreto apareceu em pelo menos cinco ocasiões: a Maria Madalena (Jo 20:11-18), às outras mulheres (Mt 28:9, 10), a Pedro (1 Co 15:5 e Lc 24:34), aos dois discípulos no caminho para Emaús (Lc 24:13-32) e aos discípulos, com exceção de Tomé (Jo 20:19-25). No domingo seguinte, os discípulos voltaram a se encontrar e, dessa vez, Tomé também estava presente (Jo 20:26-31). Ao que parece, desde o princípio, os discípulos encontravam-se no final do domingo, que passou a ser chamado de “Dia do Senhor” (Ap 1:10). Tudo indica que a Igreja primitiva reunia-se no primeiro dia da semana para adorar ao Senhor e comemorar sua morte e ressurreição (At 20:7; 1 Co 16:1, 2).

O *shabbath* havia terminado quando Jesus ressuscitou (Mc 16:1). Sua ressurreição aconteceu no primeiro dia da semana (Mt 28:1; Lc 24:1; Jo 20:1). A mudança do sétimo para o primeiro dia não se deu por algum decreto da Igreja; foi, desde o princípio, decorrente da fé e do testemunho dos primeiros cristãos. Durante séculos, o *shabbath* judaico foi associado à Lei: seis dias de trabalho e um dia de descanso. Mas o dia do Senhor, o primeiro dia da semana, é associado à graça: primeiro vem a fé salvadora no Cristo vivo e depois, as obras.

Não há evidência alguma nas Escrituras de que Deus tenha dado o mandamento original do *shabbath* aos gentios, nem de que o tenha repetido à Igreja. Nove dos Dez Mandamentos são repetidos nas epístolas às igrejas, mas não o mandamento sobre o *shabbath*. Contudo, Paulo deixa claro que os cristãos não devem tornar os “dias especiais” numa prova de comunhão ou espiritualidade (Rm 14:5ss; Cl 2:16-23).

De que maneira Jesus transformou o medo dos discípulos em coragem? Em primeiro lugar, *foi ter com eles*. Não sabemos onde esses homens assustados estavam reunidos atrás de portas fechadas, mas Jesus encontrou-os e tranqüilizou-os. Em seu corpo ressurreto, era capaz de entrar em um cômodo

sem sequer abrir as portas! Era um corpo sólido, pois Jesus pediu que o tocassem e até comeu junto com eles (Lc 24:41-43). Mas era um tipo diferente de corpo, não sujeito ao que chamamos de "leis da natureza".

É impressionante que esses homens estivessem assustados. As mulheres haviam relatado que Jesus estava vivo, e os dois discípulos de Emaús haviam dado seu testemunho pessoal (Lc 24:33-35). Tudo indica que Jesus havia aparecido a Pedro em algum momento daquela tarde (Mc 16:7; Lc 24:34; 1 Co 15:5), apesar de a restauração pública de Pedro ter ocorrido posteriormente (Jo 21). Não é de se admirar que, nessa ocasião, Jesus "censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração" (Mc 16:14).

Mas suas primeiras palavras foram a saudação tradicional: "Shalom - Paz seja convosco!" Poderia tê-los repreendido pela infidelidade e covardia que haviam demonstrado no final de semana anterior, mas não o fez. "Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades" (Sl 103:10). A obra na cruz trouxe paz (Rm 5:1; Ef 2:14-17), e a mensagem que transmitiriam seria o evangelho da paz (Rm 10:15). O ser humano havia declarado guerra contra Deus (Sl 2; At 4:23-30), mas Deus declararia "Paz!" a todos os que cressem.

Jesus não apenas foi ter com eles, mas também os *tranqüilizou*. Mostrou-lhes suas mãos e lado feridos e lhes deu a oportunidade de descobrir que era, de fato, o Senhor, não um fantasma (os Evangelhos não falam de feridas nos pés de Cristo, mas o Salmo 22:16 indica que seus pés também foram pregados à cruz).

Mas as feridas não representavam apenas uma identificação; também eram evidência de que o preço pela salvação havia sido pago e de que o ser humano poderia, de fato, ter "paz com Deus". A base para toda essa paz encontra-se na pessoa e na obra de Jesus Cristo. Ele morreu por nós, ressuscitou dentre os mortos em vitória e, agora, vive para nós. Mesmo com todos os nossos medos, não somos capazes de trancá-lo para fora! Ele vem até nós em sua graça e renova

a nossa confiança por meio de sua Palavra. "Leais são as feridas feitas pelo que ama" (Pv 27:6).

Quando Jesus viu que o medo dos discípulos havia se transformado em alegria, *comissionou-os*: "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio" (Jo 20:21). Cabe lembrar que não estavam presentes apenas os apóstolos; havia outros ali, como os discípulos de Emaús. Essa comissão não foi a "ordenação formal" de uma ordem eclesial, mas sim uma consagração de seus seguidores ao evangelismo mundial. Devemos assumir o lugar de Jesus neste mundo (Jo 17:18). Que grande privilégio e que enorme responsabilidade! A consciência de que Jesus nos ama da mesma forma que o Pai o ama (Jo 15:9; 17:26) e de que estamos no Pai assim como ele está (Jo 17:21, 22) deve nos conduzir à verdadeira humildade. Também devemos aceitar com humildade o fato de que Jesus nos enviou ao mundo da mesma forma que o Pai o enviou. Quando estava prestes a subir ao céu, Jesus lembrou seus seguidores da incumbência de levar a mensagem ao mundo todo (Mt 28:18-20).

Os discípulos devem ter se alegrado grandemente ao perceber que, apesar de serem tão falhos, o Senhor lhes confiava sua Palavra e sua obra. Eles o haviam abandonado e fugido, mas agora Jesus os enviaria para representá-lo. Pedro o havia negado três vezes, no entanto, em poucos dias, pregaria a Palavra (e acusaria os judeus de negarem a Jesus - At 3:13, 14!) e milhares seriam salvos.

Jesus foi ter com eles e os tranqüilizou; além disso, ele os *capacitou* pelo Espírito Santo. João 20:22 lembra Gênesis 2:7, quando Deus soprou vida no primeiro ser humano. Tanto no hebraico quanto no grego, o termo "sopro" também significa "espírito". O sopro de Deus na primeira criação deu vida física, mas o sopro de Jesus Cristo na nova criação deu vida espiritual. Os cristãos receberiam o batismo do Espírito em Pentecostes e teriam poder para realizar seu ministério (At 1:4, 5; 2:1-4). Sem o enchimento do Espírito, não seriam capazes de testemunhar de modo eficaz. O Espírito havia

habitado *com* eles na Pessoa de Cristo, mas a partir de então estaria *dentro* deles (Jo 14:17).

Não se deve interpretar João 20:23 de modo a crer que Jesus deu a um grupo seleto de pessoas o direito de perdoar pecados e de permitir a entrada no céu. Jesus havia dito palavras semelhantes em outra ocasião (Mt 16:19), mas não estava separando os apóstolos (e seus sucessores) como uma "elite espiritual" incumbida de tratar do pecado do mundo. Cabe lembrar que havia outros ali presentes além dos discípulos e que Tomé não estava lá!

Uma compreensão correta do texto grego pode ser útil neste caso. Alguns anos atrás, me correspondi com o grande estudioso do grego Dr. Julius R. Mantey (hoje falecido) sobre esse versículo e ele me garantiu que a tradução correta, tanto aqui quanto em Mateus 16:19, deve ser: "Os pecados que perdoardes, já terão sido perdoados; os pecados que retiverdes, já terão sido retidos". Em outras palavras, os discípulos não ofereceriam o perdão dos pecados, mas apenas proclamariam o perdão com base na mensagem do evangelho. Outro estudioso da língua grega, o Dr. Kenneth Wuest, traduz esse texto como "foram perdoados anteriormente".

Ao se espalharem pelo mundo, os primeiros cristãos anunciaram as boas novas da salvação. Se os pecadores se arrependessem e cressem em Jesus Cristo, seus pecados seriam perdoados! "Quem pode perdoar pecados, senão um, que é Deus?" (Mc 2:7). Tudo o que o cristão pode fazer é anunciar a mensagem do perdão; é Deus quem realiza o milagre do perdão. Se os pecadores crerem em Jesus Cristo, podemos declarar com toda a autoridade que seus pecados foram perdoados, mas não somos nós quem oferecemos esse perdão.

A essa altura, os temores dos discípulos haviam se dissipado. Não tinham dúvidas de que seu Senhor estava vivo e de que estava cuidando deles. Tinham "paz com Deus" e também "a paz de Deus" (Fp 4:6, 7). Receberam uma comissão sublime e sagrada bem como o poder para cumpri-la. Foi-lhes dado

o enorme privilégio de levar as boas novas de perdão ao mundo todo. Tudo o que lhes restava fazer era esperar em Jerusalém até que também lhes fosse dado o Espírito Santo.

2. DA INCREULIDADE À CONVICÇÃO (Jo 20:26-28)

Por que Tomé não estava com os outros discípulos quando se reuniram no final do dia da ressurreição? Sentia-se tão decepcionado que não quis se encontrar com seus amigos? Quando estamos desanimados e derrotados, precisamos ainda mais dos amigos! A solidão só alimenta o desânimo e, o que é ainda pior, leva-nos a sentir pena de nós mesmos.

Talvez Tomé estivesse com medo. Mas João 11:16 parece indicar que era, em geral, um homem corajoso, disposto a ir à Judéia e morrer com Jesus! João 14:5 mostra que Tomé era um homem preocupado com as coisas espirituais, que desejava saber a verdade e que não tinha vergonha de fazer perguntas. Ainda assim, temos a impressão de que a visão de mundo de Tomé era um tanto "pessimista". É importante observar, porém, que Jesus não o repreendeu por suas dúvidas, mas sim por sua incredulidade: "Não sejas incrédulo, mas crente". Muitas vezes, a dúvida é uma questão intelectual: desejamos crer, mas nossa fé é sobrepujada por problemas e perguntas. A incredulidade é um problema moral: simplesmente nos recusamos a crer.

Em que Tomé se recusou a crer? Nos relatos de outros cristãos de que Jesus Cristo estava vivo. O verbo "dizer", em João 20:25, significa que os discípulos "disseram-lhe repetidamente" que haviam visto o Senhor Jesus Cristo vivo. Sem dúvida, as mulheres e os discípulos a caminho de Emaús também deram seu testemunho. Por um lado, admiramos o desejo de Tomé de ter uma experiência *pessoal*, mas por outro, devemos reconhecer seu erro ao impor condições para Jesus cumprir.

Como a maioria das pessoas daquela época, esse discípulo tinha dois nomes: "Tomé" é aramaico e "Dídimo" é grego e ambos significam "gêmeos". De quem Tomé

era gêmeo? Não se sabe... mas, às vezes, sentimos como se fôssemos gêmeos de Tomé! Quantas vezes nos recusamos a crer e insistimos que Deus nos desse provas de si!

A experiência de Tomé é uma ótima admoestação para que não deixemos de nos encontrar com o povo de Deus no Dia do Senhor (Hb 10:22-25). Uma vez que Tomé não estava presente, perdeu a oportunidade de ver Jesus Cristo, de ouvir suas palavras de paz e de receber sua comissão e sua dádiva de vida espiritual. Teve de suportar uma semana de incredulidade, na qual poderia ter experimentado alegria e paz. Quando nos sentirmos tentados a não ir à igreja, devemos nos lembrar de Tomé, pois não sabemos que bênçãos espirituais perderemos se ficarmos em casa.

No entanto, é preciso dar crédito a Tomé por estar presente na reunião da semana seguinte. Os outros dez homens haviam contado a ele como tinham visto as mãos e o lado de Jesus (Jo 20:20), de modo que Tomé usou isso como teste. Havia testemunhado Jesus ressuscitar Lázaro, então por que questionou a ressurreição do próprio Cristo? Ainda assim, quis "ver para crer".

As palavras de Tomé ajudam a entender a diferença entre *dúvida* e *incredulidade*. Podemos expressar dúvida dizendo: "Não acredito! Há problemas demais!" Entretanto, expressamos incredulidade dizendo: "*Eu me recuso a acreditar, a menos que receba as provas que estou exigindo!*" Aliás, no texto grego, a negação é enfática: "Nego-me terminantemente a crer!"

Ninguém precisou contar a Jesus as palavras de Tomé; ele as havia ouvido. Assim, no próximo Dia do Senhor, Jesus apareceu na sala cujas portas, mais uma vez, estavam trancadas e tratou pessoalmente de Tomé e de sua incredulidade. Saudou a todos mais uma vez com "*Shalom* - Paz seja convosco!" Nem a incredulidade de Tomé poderia privar os outros discípulos da paz e da alegria em Cristo.

Que grande bondade de Jesus descer até nosso nível de experiência, a fim de nos elevar ao nível onde devemos estar! O Senhor concedeu as "provas de fé" solicitadas

por Gideão (Jz 6:36-40) e também atendeu ao pedido de Tomé. Não há registro algum de que Tomé tenha aceitado o convite do Senhor. Quando chegou a hora de provar sua fé, Tomé não precisou de mais nenhuma evidência!

As palavras de Jesus podem ser traduzidas literalmente por: "Pare de ser tão incrédulo e torne-se um crente". Jesus viu um processo perigoso em andamento dentro do coração de Tomé e desejou interrompê-lo. O melhor comentário sobre isso se encontra em Hebreus 3, em que Deus adverte contra o "perverso coração de incredulidade" (Hb 3:12).

Não é fácil entender a psicologia da dúvida e da incredulidade. Talvez sejam elementos ligados a características de personalidade, que tornam algumas pessoas mais crédulas do que outras. Talvez Tomé se encontrasse deprimido a ponto de querer desistir, de modo que "lançou um desafio", sem esperar, de fato, que Jesus o aceitasse. De qualquer modo, Tomé foi confrontado com as próprias palavras e teve de tomar uma decisão.

João 20:29 dá a entender que o testemunho de Tomé não veio do fato de ele ter tocado Jesus, mas sim de ter visto Jesus. "Senhor meu e Deus meu!" - essas palavras são o último testemunho da divindade de Jesus Cristo, registradas por João em seu Evangelho. Os outros testemunhos vêm de João Batista (Jo 1:34); Natanael (Jo 1:49); Jesus (Jo 5:25; 10:36); Pedro (Jo 6:69); o cego curado (Jo 9:35); Marta (Jo 11:27); e, obviamente, do próprio João (Jo 20:30, 31).

Para nós, é um grande estímulo saber que Deus se interessou pessoalmente e se preocupou com o "Tomé incrédulo". Mostrou o desejo de fortalecer a fé de Tomé e de incluí-lo nas bênçãos reservadas aos seguidores de Cristo. Tomé serve para nos lembrar de que a incredulidade priva-nos de bênçãos e de oportunidades. Pode parecer sofisticado e intelectual questionar o que Jesus fez, mas tais perguntas normalmente indicam um coração endurecido, não uma mente perscrutadora. Tomé representa a "abordagem científica" à vida - abordagem

que não funcionou! Afinal, quando o céptico diz: "Recuso-me a crer a menos que...", já está reconhecendo que tem fé. Crê na validade do teste ou experimento que ele próprio elaborou. Se esse indivíduo crê na validade da própria "abordagem científica", por que não é capaz de crer no que Deus revelou?

Devemos nos lembrar de que todo mundo vive pela fé. A grande diferença é o objeto dessa fé. Os cristãos depositam sua fé em Deus e em sua Palavra, enquanto os não salvos depositam sua fé em si mesmos.

3. DA MORTE À VIDA (JO 20:29-31)

João não seria capaz de terminar seu livro sem transpor o milagre da ressurreição para a realidade de seus leitores. Não devemos invejar Tomé e os demais discípulos como se não pudéssemos experimentar o poder da ressurreição de Cristo em nossa vida hoje. *Foi justamente por isso que João escreveu este Evangelho* – para que as pessoas de todas as eras soubessem que Jesus é Deus e que a fé em Cristo traz vida eterna.

Não é necessário "ver" Jesus Cristo para crer. Sem dúvida, foi uma bênção aos primeiros cristãos ver seu Senhor e saber que estava vivo, mas não foi isso o que os salvou. Não foram salvos por ver, mas por crer. O Evangelho todo de João enfatiza a fé e faz cerca de cem referências à fé em Jesus Cristo.

Hoje, Cristo não é mais visível, de modo que não podemos contemplá-lo operando os mesmos milagres (sinais) descritos por João em seu livro. Porém, o registro desses fatos está a nossa disposição, e é tudo de que precisamos. "E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo" (Rm 10:17; e note 1 Jo 5:9-13). Quem lê o relato de João fica face a face com Jesus Cristo, observando de perto como ele viveu, o que disse e fez. Todas essas evidências apontam para a conclusão de que ele é, verdadeiramente, o Filho de Deus encarnado, o Salvador do mundo.

Os sinais que João escolheu e descreveu em seu livro são provas da divindade de Cristo e são importantes. Mas os pecadores não são salvos pela fé em milagres, mas sim

pela fé em Jesus Cristo. Muitos judeus em Jerusalém creram em Jesus por causa de seus milagres, mas Jesus não creu nesses judeus (Jo 2:23-25)! Grandes multidões o seguiram por causa de seus milagres (Jo 6:2); mas, no final, a maior parte dessa gente o abandonou para sempre (Jo 6:66). Até mesmo os líderes religiosos que tramaram sua morte acreditavam em seus milagres, mas essa "fé" não os salvou (Jo 11:47ss).

A fé nos milagres deve conduzir à fé na Palavra e à fé pessoal em Jesus Cristo como Salvador e Senhor. Jesus ressaltou que a fé em suas obras (milagres) era apenas o *primeiro passo* para a fé na Palavra de Deus (Jo 5:36-40). O pecador deve "ouvir" a Palavra de Deus a fim de ser salvo (Jo 5:24).

João não precisou descrever cada um dos milagres realizados por Jesus; na verdade, a seu ver, seria impossível escrever um relato completo (Jo 21:25). A vida e o ministério de Jesus Cristo foram ricos e abrangentes demais para que qualquer autor, mesmo divinamente inspirado, pudesse descrevê-los em detalhes. Mas um relato completo desse tipo não é necessário. Os fatos básicos estão a nossa disposição para que os leiamos e possamos refletir neles. O texto contém verdades suficientes a fim de que qualquer pecador creia e seja salvo!

O tema do Evangelho de João é: "Jesus é o Cristo, o Filho de Deus". O apóstolo apresentou três provas para sua tese: as obras de Cristo, a conduta de Cristo e as palavras de Cristo. Em seu Evangelho, vemos Jesus realizando milagres, mostrando uma conduta irrepreensível diante de seus inimigos e proferindo palavras que ninguém mais poderia dizer.

Assim, ou Jesus era um louco, ou estava mentindo, ou era, de fato, tudo o que declarava ser. Apesar de alguns de seus inimigos o terem acusado de ser louco ou mentiroso, a maioria dos que observaram e ouviram suas palavras concluiu que Jesus era único, diferente de todas as pessoas que haviam conhecido. Como poderia um louco ou mentiroso fazer o que Jesus fez? *Quem cria nele tinha a vida transformada!* Isso não acontece quando se crê em um louco ou mentiroso.

Afirmou ser Deus encarnado, Filho de Deus e Salvador do mundo. Ele é tudo isso!

João não se contentou em desenvolver um tema, pois desejava alcançar determinado objetivo. Desejava que seus leitores cressem em Jesus Cristo e fossem salvos! Não escreveu uma biografia para entreter os leitores, nem uma história para aumentar sua erudição. Transmitia boas novas para transformar a vida das pessoas.

Uma das palavras-chave do Evangelho de João é "vida"; ele a emprega pelo menos 38 vezes. Jesus oferece vida eterna aos pecadores, e a única maneira de obtê-la é pela fé pessoal em Cristo.

Se é verdade que os pecadores precisam ter vida, fica implícito que estão *mortos*. "Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados" (Ef 2:1). A salvação não é uma recuperação, mas sim uma ressurreição (Jo 5:24). O pecador perdido não está enfermo ou fraco; *está morto*.

A vida é concedida "em seu nome". O que é o seu nome? No Evangelho de João, a

ênfase é sobre sua designação "Eu Sou". Jesus faz sete grandes declarações de "Eu Sou" neste Evangelho, oferecendo ao pecador tudo de que ele precisa.

A vida eterna não é um "tempo sem fim", pois até mesmo os perdidos viverão para sempre no inferno. A "vida eterna" é a *própria vida de Deus vivida agora*. O cristão não precisa morrer para ter vida eterna; ele a tem em Cristo hoje.

Os dez discípulos sofreram uma transformação do medo para a coragem, e Tomé, da incredulidade para a convicção. Agora, João *nos* convida a crer em Jesus Cristo e ser transformados da morte para a vida.

Se já tomou essa decisão transformadora, agradeça a Deus pelo dom precioso da vida eterna.

Se ainda não tomou essa decisão, *faça-o agora*.

"Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus" (Jo 3:36).

TRANSFORMADO PARA SERVIR

JOÃO 21

Um leitor qualquer poderia concluir que seria apropriado João terminar seu livro com o testemunho dramático de Tomé (Jo 20:28-31) e imaginar o que levou João a acrescentar mais um capítulo. Este capítulo é dedicado, basicamente, ao apóstolo Pedro, companheiro de ministério muito próximo de João (At 3:1). João não desejava terminar seu Evangelho sem contar aos leitores que Pedro havia sido restaurado a seu apostolado. Sem essas últimas informações, seria difícil entender a posição tão proeminente que Pedro ocupa nos doze primeiros capítulos do Livro de Atos.

João tinha ainda outro propósito em mente: desejava refutar os rumores absurdos que haviam se espalhado entre os cristãos de que ele viveria para ver Cristo voltar (Jo 21:23). O apóstolo deixou claro que as palavras de Jesus haviam sido interpretadas de modo absolutamente equivocado.

Creio que João tinha mais um objetivo em mente: desejava ensinar como devemos nos relacionar com o Cristo ressurreto. Durante os quarenta dias entre sua ressurreição e ascensão, Jesus aparecia e desaparecia conforme lhe convinha, visitando os discípulos e preparando-os para a vinda do Espírito e seus futuros ministérios (At 1:1-9). Os discípulos nunca sabiam quando o Senhor Jesus apareceria novamente, de modo que deveriam permanecer sempre alertas! (O fato de Cristo poder voltar *hoje* deveria nos manter igualmente alertas!) Foi um tempo importante para os discípulos, pois estavam prestes a tomar o lugar de Jesus no mundo e a começar a transmitir sua mensagem a outros.

Vejo neste capítulo três retratos do cristão, cada um com uma respectiva responsabilidade.

1. SOMOS PESCADORES DE HOMENS – DEVEMOS OBEDECER AO SENHOR (Jo 21:1-8)

O Senhor havia instruído seus discípulos a se encontrarem com ele na Galiléia, o que explica por que estavam no mar da Galiléia ou mar de Tiberíades (Mt 26:32; 28:7-10; Mc 16:7). Mas João não diz por que Pedro decidiu ir pescar, e os estudiosos da Bíblia não apresentam um consenso quanto a essa questão. Alguns afirmam que estava fazendo algo perfeitamente legítimo, pois, afinal, precisava pagar suas contas, e a melhor maneira de levantar seu sustento era pescar. Por que ficar ocioso? Mãos à obra!

Outros acreditam que Pedro havia sido chamado para *deixar* essa vida (Lc 5:1-11) e que foi errado voltar para ela. Além disso, ao sair para pescar, levou outros seis discípulos consigo! Se estava errado, os outros também estavam, e é muito triste quando um cristão faz outros se desviarem.

A propósito, é interessante observar que pelo menos sete dos doze apóstolos provavelmente eram pescadores. Por que Jesus chamou tantos pescadores para segui-lo? Dentre outras coisas, porque os pescadores eram corajosos, e Jesus precisa de seguidores valentes. Também eram dedicados a um só propósito e não se distraíam com facilidade. Pescadores não desistem! (Estamos nos referindo, obviamente, a pescadores profissionais, não a pessoas desocupadas pescando durante as férias!) Sabem como obedecer a ordens e como trabalhar em equipe.

Não sabemos se Pedro e seus amigos estavam certos ou errados – apesar de, pessoalmente, crer que estavam errados –, mas de uma coisa sabemos: seus esforços foram em vão. Acaso haviam se esquecido das palavras de Jesus: “Porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15:5)? Havia trabalhado a noite toda sem pescar coisa alguma. Sem dúvida, Pedro lembrava-se do que havia acontecido dois anos antes, quando Jesus o

chamou para o discipulado em tempo integral (Lc 5:1-11). Nessa ocasião, Pedro lançou as redes a noite toda, mas continuaram vazias. Então, Jesus transformou seu fracasso em sucesso.

Talvez a impulsividade e a presunção de Pedro estivessem se revelando novamente. Foi sincero, trabalhou com afinco, mas não obteve resultados – como acontece com alguns cristãos na obra do Senhor! Acreditam sinceramente que estão fazendo a vontade de Deus, mas seu trabalho é em vão. Estão servindo sem orientação de Deus e não podem esperar as bênçãos dele.

Em algumas ocasiões depois de sua ressurreição, Jesus não foi reconhecido (Lc 24:16; Jo 20:14), e seus discípulos não o identificaram quando chegaram à praia ao amanhecer. A pergunta dele esperava uma resposta negativa: “Não conseguiram pegar nada para comer, não é?” A resposta dos pescadores foi curta, talvez um pouco acanhada: “Não”.

Era hora de Jesus assumir o controle da situação, exatamente como havia feito quando chamou Pedro para ser seu discípulo. Disse-lhes onde lançar as redes, e eles obedeceram e pegaram 153 peixes! A diferença entre o sucesso e o fracasso era a largura do barco! Nunca estamos longe do sucesso quando permitimos que Jesus dê as ordens e, normalmente, estamos mais próximos do sucesso do que imaginamos.

Foi João quem percebeu primeiro que o homem na praia era seu Senhor e Mestre. Também foi João quem se reclinou junto ao peito de Jesus na mesa da ceia (Jo 13:23) e que ficou junto à cruz, enquanto seu Senhor sofria e morria (Jo 19:26). É o amor que nos leva a reconhecer Jesus e a compartilhar com outros as boas-novas: “É o Senhor!”

Com sua impetuosidade característica, Pedro colocou sua túnica (aqui, o termo “despido” significa simplesmente “trabalhando sem a veste”) e mergulhou na água! Desejava chegar até Jesus! Trata-se de um contraste com Lucas 5:8, em que Pedro pediu ao Senhor que se afastasse dele. Os outros seis homens seguiram no barco, trazendo a rede cheia de peixes. Na experiência relatada em

Lucas 5, as redes começaram a se romper, mas aqui se mantiveram intactas.

Talvez possamos ver nestes dois “milagres da pesca” uma ilustração de como o Senhor ajuda seu povo a pescar almas perdidas. Sem sua orientação e bênção, todos os nossos esforços são em vão. Em nosso tempo presente, não sabemos exatamente quantos peixes pegamos e, por vezes, temos a impressão de que a rede está se rompendo. Mas, no fim dos tempos, quando encontrarmos o Senhor, por mais peixes que haja na rede, nenhum deles se perderá, e ficaremos sabendo quantos foram pegos.

Jesus chamou seus discípulos (e também *nos* chama) para ser “pescadores de homens”. Não foi Jesus quem inventou essa expressão; era usada havia tempo por mestres gregos e romanos. Ser um “pescador de homens”, naquela época, significava procurar persuadir as pessoas e “apanhá-las” com a verdade. Um pescador pega peixes vivos, mas quando ficam presos na rede, eles morrem. Uma testemunha cristã pega “peixes mortos” (em seus pecados), mas quando são apanhados na rede, Cristo lhes dá vida!

Agora entendemos por que Jesus tinha tantos pescadores em seu círculo de discípulos. Os pescadores sabem trabalhar; têm coragem e fé para “ir até o fundo”; têm paciência e persistência e não desistem. Sabem cooperar entre si e usar os equipamentos do barco. Que grande exemplo a seguir em nossa “pescaria” para Jesus Cristo!

Somos de fato “pescadores de homens”, e há “peixe” a nosso redor. Se obedecermos à sua direção, pegaremos o peixe.

2. SOMOS PASTORES – DEVEMOS AMÁ-LO (Jo 21:9-18)

Jesus encontrou-se com seus discípulos na praia, onde já havia preparado um café da manhã para eles. Essa cena toda deve ter trazido fortes memórias a Pedro e tocado sua consciência. Sem dúvida, se lembrou daquela primeira pescaria (Lc 5:1-11), talvez da ocasião em que Jesus alimentou os 5 mil com pão e peixe (Jo 6). Foi no final desse último acontecimento que Pedro fez sua

confissão explícita de fé em Jesus Cristo (Jo 6:66-71). As brasas na areia provavelmente o lembravam do braseiro junto ao qual havia negado ao Senhor (Jo 18:18). É bom recordar o passado, pois podemos ter algo a confessar.

Há três “convites” que se destacam no Evangelho de João: “Vinde e vede” (Jo 1:39); “Venha a mim e beba” (Jo 7:37) e “Vinde, comei” (Jo 21:12). Quanto amor da parte de Jesus alimentar Pedro antes de tratar de suas necessidades espirituais! Deu a Pedro a oportunidade de se secar, de se aquecer, de satisfazer sua fome e de desfrutar comunalmente pessoal. Trata-se de um bom exemplo para nós ao cuidarmos do povo de Deus. Sem dúvida, o espiritual é mais importante do que o físico, mas o cuidado com o físico prepara o caminho para o ministério espiritual. Jesus não enfatiza a “alma” de tal modo a negligenciar o corpo.

Pedro e seu Senhor já haviam se encontrado em particular e, sem dúvida, trataram do pecado de Pedro (Lc 24:34; 1 Co 15:5), porém uma vez que Pedro negou a Jesus *publicamente*, também era importante que fosse restaurado em público. O pecado só deve ser tratado na medida em que é conhecido. Os pecados particulares devem ser confessados em particular, os pecados públicos devem ser confessados em público. Uma vez que Pedro negara Jesus três vezes, Jesus lhe fez três perguntas pessoais. Também o encorajou dando-lhe uma comissão tripla, que o restaurou a seu ministério.

O elemento-chave é o amor de Pedro pelo Senhor, e esse também deve ser o elemento central hoje. Mas a que Jesus se referia quando perguntou: “Amas-me mais do que estes outros?” Queria saber se Pedro o amava mais do que aos outros discípulos ali presentes? Provavelmente não, pois isso nunca havia sido um problema entre os discípulos. Todos amavam ao Senhor Jesus sobre todas as coisas, apesar de nem sempre lhe obedecerem completamente. Talvez Jesus estivesse perguntando se Pedro o amava mais do que amava seus barcos e redes. Mais uma vez, isso é pouco provável, pois não há evidência alguma de que Pedro desejasse voltar

permanentemente a sua antiga ocupação. Tudo indica que seu trabalho de pesca não competia com seu amor pelo Salvador.

Essa pergunta provavelmente queria dizer: “Você me ama – como você mesmo afirmou – mais do que os outros discípulos me amam?” Pedro havia se gabado de seu amor por Cristo e o havia até contrastado com o amor de outros discípulos. “Por ti darei a própria vida” (Jo 13:37). “Ainda que venhas a ser um tropeço para todos, nunca o serás para mim” (Mt 26:33). Essas declarações jactanciosas podem indicar que Pedro acreditava amar a Jesus mais do que os outros discípulos.

Diversos comentaristas destacam que, nesse diálogo, são usados dois termos diferentes para “amor”. Em suas perguntas em João 21:15, 16, Jesus usa a palavra *ágape*, termo grego para o tipo mais elevado de amor, um amor sacrificial, amor divino. Pedro usa sempre *phileo*, o amor de um amigo por outro, a afeição pelo outro. Em João 21:17, tanto Jesus quanto Pedro usam *phileo*.

Entretanto, é de se duvidar que devamos dar tanta ênfase a essa questão, pois as duas palavras são usadas com frequência de maneira intercambiável no Evangelho de João. Em João 3:16, o amor de Deus pelo homem é amor *ágape*, mas em João 16:27, é amor *phileo*. O amor do Pai por seu Filho é *ágape* em João 3:35, mas *phileo* em João 5:20. Os cristãos devem amar uns aos outros. Em João 13:34, esse amor é *ágape*, mas em João 15:19, é *phileo*. Ao que parece, João usava essas duas palavras como sinônimos, ainda que houvesse uma diferença sutil entre ambas.

Antes de julgar Pedro com muita severidade, é bom considerar duas outras questões. Ao responder às duas primeiras perguntas, Pedro afirmou seu amor *ágape* quando disse: “Sim, Senhor!”. O fato de o próprio Pedro usar *phileo* não nega sua concordância sincera com o uso de *ágape* por Jesus. Em segundo lugar, Pedro e Jesus, sem dúvida, conversaram em aramaico, apesar de o Espírito Santo haver orientado o escritor do Evangelho a registrar o diálogo em grego. Pode não ser prudente enfatizar excessivamente as distinções do grego nesse caso.

Apesar de seus defeitos e falhas, Pedro amava verdadeiramente ao Senhor e não tinha vergonha de reconhecer esse amor. Por certo, os outros homens estavam ouvindo esse diálogo e sendo ministrados por suas palavras, pois também haviam faltado com o Senhor depois de se gabar de sua devoção. Pedro já havia confessado seu pecado e sido perdoado. Agora, estava sendo restaurado ao apostolado e à liderança.

A imagem muda, então, do pescador para o pastor. Pedro deveria ministrar tanto como evangelista (pegando peixes) quanto como pastor (cuidando do rebanho). É triste separar essas duas coisas, pois devem sempre andar juntas. Os pastores devem evangelizar (2 Tm 4:5) e pastorear as pessoas que ganharam para Cristo, de modo que amadureçam em sua fé.

Jesus deu três admoestações a Pedro: "Apascenta os meus cordeiros"; "Pastoreia as minhas ovelhas"; "Apascenta as minhas ovelhas". Tanto os cordeiros quanto as ovelhas mais velhas precisam ser alimentados e conduzidos, e esse é o trabalho do pastor espiritual. Ser pastor do rebanho de Deus é uma responsabilidade assustadora (1 Pe 5:2)! Há inimigos que desejam destruir o rebanho, e o pastor deve estar sempre alerta e cheio de coragem (At 20:28-35). Por natureza, as ovelhas são ignorantes e indefesas e precisam da proteção e de orientação do pastor.

Por certo, o Espírito Santo prepara os que devem servir como pastores e coloca essas pessoas nas igrejas (Ef 4:11ss), mas cada cristão, como indivíduo, também deve ajudar a cuidar do rebanho. Cada um de nós recebeu um ou mais dons do Senhor, e devemos usar o que ele nos deu para ajudar a proteger e aperfeiçoar o rebanho. As ovelhas têm a tendência de se perder, portanto devemos cuidar uns dos outros e nos exortar mutuamente.

Jesus Cristo é o Bom Pastor (Jo 10:11), o Grande Pastor (Hb 13:20, 21) e o Supremo Pastor (1 Pe 5:4). Os pastores são "assistentes" que devem obedecer ao Senhor ao cuidar do rebanho. *A coisa mais importante que um pastor pode fazer é amar a Jesus Cristo.*

Quem ama verdadeiramente a Jesus Cristo também amará suas ovelhas e cuidará delas com amor. O termo grego para "ovelhas", no final de João 21:17, significa "ovelhas preciosas". As ovelhas de Jesus Ihe são preciosas, e ele deseja que seus ministros amem e cuidem delas pessoalmente e com ternura (ver Ez 34, em que Deus condena os pastores infiéis, os líderes de Judá). Um pastor que ama o rebanho servirá fielmente, a qualquer custo.

3. SOMOS DISCÍPULOS – DEVEMOS SEGUI-LO (JO 21:19-25)

Jesus havia acabado de falar sobre a vida e o ministério de Pedro e, agora, trata de sua morte. Pedro deve ter estremeado ao ouvir o Senhor discutir sua morte de maneira tão clara. Sem dúvida, Pedro sentia-se alegre por ter sido restaurado à comunhão e ao apostolado. Por que, então, falar do martírio?

A primeira vez que Jesus falou da própria morte, Pedro protestou (Mt 16:21ss). No jardim, usou a espada numa tentativa inútil de proteger o Mestre. Havia se gabado de que morreria pelo Senhor Jesus, mas, quando a pressão aumentou, Pedro fracassou completamente (se estivéssemos no lugar dele, provavelmente teríamos feito pior!). Qualquer um que se coloca a serviço do Senhor deve confrontar com honestidade a questão da morte. Quem resolve essa questão está pronto para viver e servir! A morte do próprio Senhor Jesus Cristo é um tema que se repete ao longo do Evangelho de João: ele sabia que sua "hora" chegaria e estava preparado para obedecer à vontade do Pai. Como seus seguidores, devemos nos entregar – assim como ele se entregou por nós – e ser um "sacrifício vivo" (Rm 12:1, 2) "oferecido por libação" (2 Tm 4:6-8), se essa for a vontade de Deus.

Um pouco antes, naquela manhã, Pedro "cingiu-se" e lançou-se ao mar rumando para a praia (Jo 21:7). Um dia, alguma outra pessoa o cingiria – e o executaria (ver 2 Pe 1:13, 14). Diz a tradição que, de fato, Pedro foi crucificado, mas que pediu para ser colocado de ponta cabeça na cruz, pois não era

digno de morrer exatamente da forma como seu Mestre havia morrido.

Mas a morte de Pedro não seria uma tragédia; sua morte glorificaria a Deus! A morte de Lázaro glorificou a Deus (Jo 11:4, 40), como também a morte de Jesus (Jo 12:23ss). A grande preocupação de Paulo era glorificar a Deus, quer por meio de sua vida, quer por meio de sua morte (Fp 1:20, 21). Esse também deve ser nosso desejo.

As palavras de Jesus: "Quanto a ti, segue-me" devem ter enchido o coração de Pedro de nova alegria e amor. Literalmente, Jesus disse: "Continua a seguir-me". No mesmo instante, Pedro começou a seguir a Jesus, exatamente como havia feito antes de negá-lo. Mas, por um momento, *Pedro desviou o olhar do Senhor Jesus*, um erro que havia cometido pelo menos em duas outras ocasiões. Depois da primeira grande pesca, Pedro deixou de olhar para Jesus e olhou *para si mesmo*. "Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador" (Lc 5:8). Quando andava sobre o mar tempestuoso com Jesus, deixou de olhar para o Senhor e começou a olhar para o vento e para as ondas; no mesmo instante, começou a afundar (Mt 14:30). É perigoso olhar para as circunstâncias em vez de olhar para o Senhor.

Por que Pedro desviou os olhos do Senhor e olhou para trás? Porque ouviu alguém andando atrás dele. Era o apóstolo João, que também seguia a Jesus Cristo. Pedro fez algo tolo e perguntou a Jesus: "O que será dele?" Ou seja: "Senhor, tu me disseste o que acontecerá comigo. E o que sucederá com João?"

Jesus repreendeu Pedro e o lembrou de que seu trabalho era seguir o Mestre e não se intrometer na vida de outros seguidores. Devemos ter o cuidado de não desviar os olhos do Senhor e começar a olhar para os outros cristãos! "Olhar para Jesus" deve ser o objetivo e a prática de todo cristão (Hb 12:1, 2). Quando nos distraímos conosco mesmos, com as circunstâncias ou com outros cristãos, desobedecemos ao Senhor e, possivelmente, nos desviamos da vontade de Deus. É preciso manter os olhos da fé fixos única e exclusivamente no Senhor.

Isso não significa ignorar os outros, pois temos a responsabilidade de cuidar uns dos outros (Fp 2:1-4). Antes, não devemos permitir que nossa curiosidade sobre os outros nos distraia de seguir ao Senhor. Deus tem um plano para nós; também tem planos para nossos amigos e conhecidos cristãos. A maneira de trabalhar na vida dessas pessoas não é de nossa conta. Nossa responsabilidade é segui-lo por onde nos conduzir (ver Rm 14:1-13).

Lembro-me de uma época crítica em meu ministério, quando me sentia perturbado pelo fato de outros ministros parecerem receber "bênçãos" abundantes de Deus, enquanto minha colheita parecia tão escassa. Devo confessar que os invejava e desejava que Deus tivesse me dado os dons que possuíam. Mas o Senhor me repreendeu com amor: "Que te importa? Quanto a ti, segue-me". Foi exatamente a mensagem de que eu precisava e à qual tenho procurado dar ouvidos desde então.

Jesus não disse que João viveria até Cristo voltar, mas foi assim que alguns cristãos desorientados entenderam essa declaração. Santos confusos causam mais problemas que pecadores perdidos! A interpretação incorreta da Palavra de Deus leva a uma compreensão equivocada sobre o povo de Deus e sobre os planos de Deus para os seus filhos.

Todavia, a declaração de Jesus sobre João apresenta, de fato, um tom enigmático. Jesus não disse que João viveria até sua volta, mas também não disse que João morreria antes de ele voltar. Na verdade, João viveu mais do que os outros discípulos e testemunhou a volta de Cristo por meio das visões registradas no Livro de Apocalipse.

Ao chegar no final de seu livro, João reafirmou a credibilidade de seu testemunho. (É importante lembrar que *testemunho* é um tema-chave do Evangelho de João, no qual o substantivo é usado 24 vezes.) João testemunhou esses acontecimentos com os próprios olhos e os escreveu para nós sob a orientação do Espírito Santo. Poderia ter incluído muitas outras coisas, mas relatou apenas o que o Espírito lhe disse para escrever.

O livro termina com Pedro e João juntos seguindo Jesus; ele os conduziu para o Livro de Atos! Que experiência emocionante receber o poder do Espírito e testemunhar de Jesus Cristo! Se não tivessem crido nele, sendo transformados por ele e passando a segui-lo, não teriam nada além de pescadores bem-sucedidos no mar da Galiléia, e o mundo jamais teria ouvido falar deles.

Jesus Cristo transforma vidas hoje. Onde quer que encontre alguém que creia e que

esteja disposto a sujeitar-se a sua vontade, a ouvir sua Palavra e a seguir seu caminho, começa a transformar essa pessoa e a realizar coisas extraordinárias por meio dela.

Exceto pelos relatos bíblicos, Pedro e João saíram de cena há séculos, mas nós ainda estamos aqui. Assumimos o lugar de Jesus e dos apóstolos. Trata-se de um grande privilégio e de uma responsabilidade enorme! Só seremos bem-sucedidos à medida que permitimos que o Senhor nos transforme.

ATOS

ESBOÇO

Tema-chave: A expansão da Igreja no mundo

Versículo-chave: Atos 1:8

I. O MINISTÉRIO DE PEDRO – CAPÍTULOS 1 – 12

Jerusalém como centro

Ministério voltado principalmente para Israel

- A. Pedro e os judeus – 1 – 7
- B. Pedro e os samaritanos – 8
- C. A conversão de Paulo – 9
- D. Pedro e os gentios – 10 – 11
- E. A prisão e libertação de Pedro – 12

II. O MINISTÉRIO DE PAULO – CAPÍTULOS 13 – 28

Antioquia na Síria como centro

Ministério voltado principalmente para os gentios

- A. A primeira viagem missionária de Paulo – 13 – 14
- B. O concílio em Jerusalém – 15
- C. A segunda viagem missionária de Paulo – 16:1 – 18:22
- D. A terceira viagem missionária de Paulo – 18:23 – 21:17
- E. A prisão de Paulo e a viagem para Roma – 21:18 – 28:31

CONTEÚDO

- 1. A fé dos primeiros cristãos (At 1)..... 520
- 2. Poder do céu! (At 2)..... 526
- 3. O poder do nome de Cristo (At 3:1 – 4:4)..... 532
- 4. Perseguição, oração e poder (At 4:5-31)..... 538
- 5. Cuidado com a serpente! (At 4:32 – 5:16)..... 544
- 6. A verdade e suas conseqüências (At 5:17-42)..... 550
- 7. Estêvão, o homem coroadado por Deus (At 6 – 7)..... 556
- 8. Uma Igreja em movimento (At 8)..... 562
- 9. Saulo é conquistado por Deus (At 9:1-31)..... 568
- 10. O ministério miraculoso de Pedro (At 9:32 – 10:48)..... 574
- 11. Espaço para os gentios (At 11)..... 580
- 12. Desperte para um milagre! (At 12)..... 586
- 13. Deus abre as portas (At 13 – 14)..... 591
- 14. Não feche as portas! (At 15:1-35)..... 597
- 15. Mais portas abertas (At 15:36 – 16:40)..... 603
- 16. Respondendo à Palavra de Deus (At 17)..... 609
- 17. É sempre cedo demais para desistir (At 18:1-22)..... 615
- 18. Entusiasmo em Éfeso (At 18:23 – 19:41)..... 621
- 19. A despedida de um ministro (At 20)..... 627
- 20. O missionário incompreendido (At 21:1 – 22:29)..... 634

21. Paulo, o prisioneiro (At 22:30 - 23:35).....	641	23. Paulo, o advogado de defesa (At 25 - 26).....	654
22. Paulo, a testemunha (At 24).....	647	24. Paulo chega a Roma (At 27 - 28).....	660

A FÉ DOS PRIMEIROS CRISTÃOS

ATOS 1

Um famoso produtor de Hollywood disse certa vez que, para um filme fazer sucesso, deve começar com um terremoto e se desenrolar até chegar ao clímax. Por certo, Lucas não seguiu essa fórmula ao escrever o Livro de Atos. Exceto pela ascensão de Jesus Cristo, os acontecimentos relatados em Atos 1 são tudo menos dramáticos. Afinal, o que pode haver de emocionante em uma reunião de negócios?

Então, por que registrar esses acontecimentos? Por que Lucas não começou com a história de Pentecostes? Por vários motivos.

Em primeiro lugar, Lucas estava escrevendo o segundo volume de uma obra mais ampla, que iniciava com o Evangelho de Lucas (ver Lc 1:1-4); precisava começar com as devidas saudações e introduções. Não sabemos quem era Teófilo nem mesmo se era cristão, mas a saudação de Lucas dá a entender que talvez fosse um importante oficial romano (ver At 23:26; 24:3; 26:25). É bem provável que Teófilo fosse cristão, ou pelo menos alguém buscando e estudando com cuidado a fé cristã. Seu nome significa “amigo de Deus”, e esperamos que tenha feito jus a ele.

O mais importante, porém, é que Lucas precisava fazer ponte entre seu Evangelho e o Livro de Atos (Lc 24:50-53). No final de seu Evangelho, os cristãos estavam no templo, louvando a Deus. Agora, Lucas retoma a história e explica o que aconteceu em seguida. Podemos imaginar como seria confuso virar a página do Evangelho de João e nos deparar com... Romanos! “Como foi que a Igreja chegou a Roma?”, perguntaríamos. A resposta encontra-se no Livro de Atos.

O Livro de Atos também é um relato da obra do Espírito Santo na Igreja e por meio dela. O Evangelho de Lucas registra “todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar” em seu corpo humano, e o Livro de Atos relata o que Jesus *continuou* a fazer e ensinar por meio de seu corpo espiritual, a Igreja. Ainda hoje, as congregações podem aprender muita coisa sobre a vida e o ministério da Igreja com este livro, que inclui até mesmo as reuniões de negócios!

Neste capítulo, vemos os cristãos cuidando de “algumas pendências” e preparando-se para o Pentecostes. O que disseram e fizeram revela aquilo em que a Igreja acreditava. Em que depositavam sua fé?

1. TINHAM FÉ NO CRISTO RESSURRETO (AT 1:1-11)

Depois de sua ressurreição, Jesus permaneceu na Terra por mais quarenta dias e ministrou a seus discípulos. Já abrira a mente deles para que compreendessem a mensagem do Antigo Testamento acerca do Messias (Lc 24:44-48), mas ainda havia outras lições que precisavam aprender antes de dar início a seu ministério. Durante esses quarenta dias, Jesus aparecia e desaparecia, e os cristãos nunca sabiam onde estaria. Foi uma excelente maneira de preparar a Igreja, pois em breve não o teriam mais na Terra para instruí-los pessoalmente. Os cristãos de hoje não sabem quando o Senhor voltará, de modo que nossa situação é parecida com a deles.

O Senhor ensinou-lhes várias lições importantes durante esse período de seu ministério.

A realidade da sua ressurreição (v. 3a).

Quarenta dias antes, é possível que alguns cristãos ainda tivessem dúvidas (Mc 16:9-14), mas àquela altura, a realidade da ressurreição de Jesus já era um fato inquestionável. A fim de fortalecer sua fé, ele lhes deu “muitas provas incontestáveis”, que Lucas não explica. Sabemos que, quando Jesus encontrou os discípulos, convidou-os a tocar seu corpo e comeu na presença deles (Lc 24:38-43). Quaisquer que tenham sido essas provas, foram convincentes.

A fé em sua ressurreição era importante para a Igreja, pois seu poder espiritual dependia dessa convicção. Além disso, a ressurreição faz parte da mensagem do evangelho (Rm 10:9, 10; 1 Co 15:1-8); se Jesus estivesse morto, a Igreja não teria o que dizer. Por fim, segundo a posição oficial dos judeus, os discípulos de Jesus haviam tirado seu corpo da sepultura (Mt 28:11-15), e os cristãos precisavam ser capazes de refutar essa idéia ao testemunhar para a nação.

Esses cristãos foram escolhidos para ser testemunhas especiais da ressurreição de Cristo, e essa era a ênfase do seu ministério (At 1:22; 2:32; 3:15; 5:30-32). A maioria das pessoas em Jerusalém sabia que Jesus de Nazaré havia sido crucificado, mas não sabiam que ele havia ressuscitado dentre os mortos. Por meio de suas palavras, atitudes e obras poderosas, os cristãos contaram ao mundo que Jesus estava vivo. Esse era o "sinal de Jonas" que Jesus havia prometido à nação (Mt 12:38-41): sua morte, seu sepultamento e sua ressurreição.

A vinda de seu reino (v. 3b). Trata-se de uma referência ao reinado de Deus sobre o coração e a vida dos que creram em Cristo (ver Mt 6:33; Rm 14:17; 1 Jo 3:1-9). Quando lemos os quatro Evangelhos, descobrimos que os apóstolos tinham uma visão bastante política do reino e se preocupavam com as próprias posições e privilégios. Uma vez que eram judeus patriotas, desejavam derrotar os inimigos e estabelecer definitivamente o reino glorioso do Messias. Não tinham consciência de que, antes, era preciso haver uma transformação espiritual no coração do povo (ver Lc 1:67-79).

Jesus não repreendeu os discípulos quando "lhes perguntaram [repetidamente]" sobre o futuro do reino judeu (At 1:7). Afinal, der-lhes entendimento para compreenderem as Escrituras (Lc 24:44), portanto sabiam o que perguntavam. Porém, Deus não nos revelou seu cronograma, de modo que é inútil perguntar. O mais importante não é ter curiosidade sobre o futuro, mas sim ocupar-se do presente, compartilhando a mensagem do reino *espiritual* de Deus. Essa é outra

ênfase do Livro de Atos (ver At 8:12; 14:22; 20:25; 28:23, 31).

O poder do Espírito Santo (vv. 4-8). João Batista havia anunciado um futuro batismo do Espírito Santo (Mt 3:11; Mc 1:8; Lc 3:16; Jo 1:33; e ver At 11:16), e a profecia estava prestes a se cumprir. Jesus também havia prometido a vinda do Espírito (Jo 14:16-18, 26; 15:26, 27; 16:7-15). Os discípulos receberiam poder para servir ao Senhor e fazer sua vontade (Lc 24:49). João havia falado do batismo "com o Espírito Santo e com fogo", mas Jesus não menciona o fogo. Isso porque o "batismo com fogo" será o julgamento futuro, quando a nação de Israel passará pela tribulação (Mt 3:11, 12). a aparição de "línguas de fogo" em Pentecostes (At 2:3) não pode ser chamada de "batismo".

Atos 1:8 é um versículo-chave. Em primeiro lugar, explica que o poder da Igreja vem do Espírito Santo, não dos homens (ver Zc 4:6). À medida que recebeu novas oportunidades e que enfrentou diferentes obstáculos, o povo de Deus foi enchido repetidamente pelo Espírito (At 2:4; 4:8,31; 9:17; 13:9). Pessoas comuns foram capazes de fazer coisas extraordinárias, pois o Espírito de Deus operava em sua via. O ministério do Espírito Santo não é um luxo, mas sim é uma necessidade básica.

"Testemunha" é uma palavra-chave no Livro de Atos e aparece vinte e nove vezes na forma de substantivo ou verbo. Uma testemunha é alguém que relata o que viu e ouviu (At 4:19, 20). Quem está no banco das testemunhas em um tribunal não apresenta ao juiz suas idéias e opiniões, pois ele está interessado apenas em ouvir o que a testemunha sabe. O termo *mártir* vem de uma palavra grega que pode ser traduzida por "testemunha", e muitos do povo de Deus selaram seu testemunho entregando a própria vida.

Hoje, fala-se muito sobre "ganhar almas", o que não deixa de ser uma ótima ênfase. *Alguns* do povo de Deus são chamados para o evangelismo (Ef 4:11), mas *todos* do povo de Deus devem ser testemunhas e falar do Salvador aos perdidos. Nem todo cristão pode conduzir o pecador à fé e a uma

decisão (apesar de a maioria de nós ser capaz de se esforçar um pouco mais nesse sentido), mas todo cristão pode dar testemunho fiel do Salvador. “A testemunha verdadeira livra almas” (Pv 14:25).

Atos 1:8 também apresenta um esboço geral do Livro de Atos, descrevendo geograficamente a propagação do evangelho: de Jerusalém (At 1 – 7) para a Judéia e Samaria (At 8 – 9), depois para os gentios e até os confins da Terra (At 10 – 28). Não importa onde vivemos; como cristãos, devemos começar a testemunhar em casa e depois “por todo o mundo”. Como Oswald J. Smith costumava dizer: “A luz cujo resplendor chega mais longe brilhará com mais intensidade no próprio lar”.

A certeza de sua volta (vv. 9-11). A ascensão de Jesus ao céu foi uma parte importante de seu ministério, pois se não tivesse voltado para junto do Pai, não poderia ter enviado a dádiva prometida do Espírito Santo (Jo 16:5-15). Além disso, neste momento, o Salvador é nosso Sumo Sacerdote, que intercede por nós e nos dá a graça de que precisamos para viver e para lhe servir (Hb 4:14-16). Também é nosso Advogado diante do Pai, perdoadando-nos quando confessamos nossos pecados (1 Jo 1:9 – 2:2). O Cabeça da Igreja, o Cristo exaltado e glorificado, trabalha com seu povo aqui na Terra e o ajuda a cumprir seus propósitos (Mc 16:19, 20).

Enquanto os cristãos observavam Jesus ser levado para a glória, dois anjos apareceram e os repreenderam com brandura. Tanto no ministério descrito em Atos como hoje, os anjos exercem uma função importante, mesmo que não possamos vê-los (ver At 5:19, 20; 8:26; 10:3-7; 12:7-10, 23; 27:23). São servos dos santos (Hb 1:14).

Os dois mensageiros garantiram aos cristãos que Jesus Cristo voltaria da mesma forma como havia partido. Ao que parece, trata-se de uma referência a sua vinda em público, “com as nuvens” (Mt 24:30; 26:64; Ap 1:7), não a sua vinda para buscar a Igreja, “num abrir e fechar de olhos” (1 Co 15:51, 52; 1 Ts 4:13-18). Quaisquer que sejam as idéias das pessoas acerca do cronograma

profético de Deus, os cristãos concordam que Jesus voltará e que virá a qualquer momento. Esse fato, por si só, deve ser um grande estímulo para o serviço cristão fiel (Lc 12:34-48).

2. TINHAM FÉ UNS NOS OUTROS (At 1:12-14)

Obedeceram às ordens de seu Senhor e voltaram para Jerusalém “tomados de grande júbilo” (Lc 24:52). É bem provável que o grupo estivesse realizando seus encontros no cenáculo, onde havia sido celebrada a última ceia na Páscoa, mas também adoravam no templo (Lc 24:53).

Que variedade de pessoas constituía aquela primeira assembléia de cristãos! Havia homens e mulheres, apóstolos e pessoas “comuns” e até membros da família de Jesus aqui na Terra (ver Mt 13:55; Mc 6:3). Seus “irmãos” não haviam crido nele durante seu ministério (Jo 7:5), mas se converteram depois de sua ressurreição (At 1:14). Maria também fazia parte dessa congregação, participando do culto de adoração e de oração junto com os outros. Essa comunidade inteira girava em torno do Cristo ressureto, e todos o adoravam e o exaltavam.

Como seria fácil alguém causar divisão nessa bela reunião de pessoas humildes! Os membros da família do Senhor poderiam ter exigido reconhecimento especial, ou Pedro poderia ter sido criticado por negar covardemente ao Salvador. Ou, ainda, Pedro poderia ter culpado João, pois foi ele quem o levou à casa do sumo sacerdote (Jo 18:15, 16). João poderia ter lembrado os outros de que *ele* havia sido fiel e permanecido junto à cruz e que fora escolhido por Jesus para cuidar da mãe de Jesus. Mas nada disso aconteceu. Aliás, ninguém mais discutia quem dentre eles era o maior!

A idéia de unanimidade é vital no Livro de Atos (1:14; 2:1, 46; 4:24; 5:12; 15:25; ver também 2:44). Havia entre esses cristãos uma harmonia maravilhosa que unia todos em Cristo (Sl 133; Gl 3:28), o tipo de harmonia de que os cristãos precisam hoje. “Não desejo que os muros de separação entre as diferentes ordens e denominações cristãs

sejam derrubados”, disse o pregador inglês Rowland Hill, “mas que sejam reduzidos o suficiente para que nos cumprimentemos com mais facilidade por sobre eles”.

Não basta aos cristãos ter fé no Senhor, também precisam ter fé uns nos outros. O Senhor havia dado a essas cento e vinte pessoas (At 1:15) a grande responsabilidade de testemunhar ao mundo perdido, e nenhuma delas seria capaz de cumprir essa missão sozinha. Nos dias subseqüentes, os cristãos sofreriam grandes perseguições. Um deles, Tiago, daria a vida por Cristo. Não era hora de perguntar: “Quem é o maior?” ou “Quem cometeu o pecado mais grave?” Era hora de orarem juntos e de permanecerem unidos no Senhor. Enquanto esperavam e adoravam em união, eram devidamente preparados para o trabalho que tinham pela frente.

3. TINHAM FÉ NA ORAÇÃO (At 1:15, 24, 25)

A oração tem um papel decisivo na história da Igreja, conforme relatada no Livro de Atos. Os cristãos oravam pedindo orientação para tomar decisões (At 1:15-26) e coragem para testemunhar de Cristo (At 4:23-31). Na verdade, a oração era parte integrante de seu ministério diário (At 2:42-47; 3:1; 6:4). Estêvão orou enquanto estava sendo apedrejado (At 7:55-60). Pedro e João oraram pelos samaritanos (At 8:14-17), e Saulo de Tarso orou depois de sua conversão (At 9:11). Pedro orou antes de ressuscitar Dorcas (At 9:36-43). Cornélio orou para que Deus lhe mostrasse como ser salvo (At 10:1-4), e Pedro estava no terraço orando quando Deus lhe disse como responder às orações de Cornélio (At 10:9).

Os cristãos da casa de João Marcos oraram por Pedro quando o apóstolo estava na prisão, e o Senhor o livrou tanto da prisão quanto da morte (At 12:1-11). A igreja de Antioquia jejuou e orou antes de enviar Barnabé e Paulo (At 13:1-3; notar 14:23). Foi em uma reunião de oração em Filipos que Deus tocou o coração de Lídia (At 16:13); em outra reunião de oração em Filipos, Deus abriu as portas da prisão (At 16:25ss). Paulo orou por seus amigos antes de partir em

viagem (At 20:36; 21:5). No meio de uma tempestade, orou pedindo a bênção de Deus (At 27:35) e, depois de uma tempestade, orou para que Deus curasse um homem enfermo (At 28:8). Em quase todos os capítulos de Atos, encontramos alguma referência à oração, e este livro deixa muito claro que algo sempre acontece quando o povo de Deus ora.

Essa é certamente uma boa lição para a Igreja de hoje. A oração é tanto um termômetro como um termostato para a igreja local; o fato de a “temperatura espiritual” se elevar ou reduzir depende das orações do povo de Deus.

John Bunyan, autor de *O peregrino*, disse: “A oração é um escudo para a alma, um sacrifício para Deus e um flagelo para Satanás”. No Livro de Atos, vê-se que a oração alcança tudo isso.

4. TINHAM FÉ NA ORIENTAÇÃO DE DEUS (At 1:16-23)

O Senhor Jesus não estava mais com eles para guiá-los pessoalmente, mas nem por isso ficaram sem a orientação do Senhor, pois tinham a Palavra de Deus e a oração. Na verdade, vemos no registro do Livro de Atos que a Palavra de Deus e a oração constituíam os alicerces do ministério da Igreja (At 6:4).

Há quem critique Pedro por assumir a liderança da Igreja, mas creio que estava fazendo a vontade de Deus. Jesus havia deixado claro que Pedro deveria ser o líder (Mt 16:19; Lc 22:31, 32; Jo 21:15-17). Não era maior do que os outros, mas todos reconheciam sua liderança. Seu nome é mencionado em primeiro lugar em todas as listas dos apóstolos, inclusive Atos 1:13.

Mas Pedro e os outros deveriam ter esperado até receber o Espírito? Cabe lembrar que o Senhor já lhes havia concedido o Espírito (Jo 20:22). Quando o Espírito veio em Pentecostes, foi com o propósito de enchê-los de poder e de batizá-los para constituírem o corpo de Cristo.

Também não podemos esquecer que o Senhor havia aberto o entendimento deles para que compreendessem as Escrituras

(Lc 24:45). Quando Pedro mencionou os Salmos 69:25 e 109:8, não o fez por conta própria, mas sim por orientação do Espírito de Deus. Sem dúvida alguma, esses cristãos acreditavam na inspiração divina das Escrituras do Antigo Testamento (At 1:16; e ver 3:18; 4:25) e, também, que essas Escrituras possuíam uma aplicação prática para sua situação.

Certa vez, um ouvinte de meu programa de rádio me escreveu perguntando: "Por que o senhor prega sobre o Antigo Testamento? Afinal, não passa de história antiga; Jesus cumpriu tudo isso!" Expliquei a essa pessoa que a única "Bíblia" que a Igreja primitiva possuía era o Antigo Testamento, no entanto puderam usá-lo para descobrir a vontade de Deus. Precisamos de ambos os Testamentos; aliás, os autores do Novo Testamento citam com frequência textos do Antigo Testamento para provar sua argumentação. Como disse Agostinho: "O Novo encontra-se oculto no Antigo; o Antigo é revelado pelo Novo".

Sem dúvida, deve-se interpretar o Antigo Testamento à luz do Novo, mas não é certo pensar que Deus não fala mais a seu povo por meio das Escrituras do Antigo Testamento. "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino" (2 Tm 3:16, grifos nossos). "Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus" (Mt 4:4, grifos nossos). Devemos usar a Bíblia como um todo e comparar uma passagem das Escrituras com outra ao procurar descobrir a vontade de Deus.

Alguns acreditam que foi um erro escolher outro apóstolo, pois Paulo foi escolhido por Deus para completar o grupo. Escolheram Matias, e ninguém nunca mais ouviu falar dele!

Com exceção de Pedro e de João, *nenhum dos doze apóstolos* é mencionado pelo nome no Livro de Atos depois 1:13! Paulo não poderia ter "completado o grupo", pois não preencheria as qualificações divinas estabelecidas em Atos 1:21, 22. Paulo não foi batizado por João Batista; não viajou com os apóstolos enquanto Jesus estava na Terra e, apesar de ter visto o Cristo

glorificado, não testemunhou a ressurreição como os primeiros apóstolos.

Paulo deixou claro que *não* deveria ser contado entre os doze apóstolos (1 Co 15:8; Gl 1:15-24), e eles sabiam disso. Se os doze apóstolos consideravam que Paulo era um deles, certamente não demonstraram isso! Pelo contrário; só aceitaram receber Paulo na igreja de Jerusalém quando Barnabé veio em sua defesa! (At 9:26, 27). Os doze apóstolos ministraram em primeiro lugar às doze tribos de Israel, enquanto Paulo foi enviado aos gentios (Gl 2:1-10).

Paulo não era um dos doze apóstolos. Pedro e os outros cristãos estavam dentro da vontade de Deus quando escolheram Matias, e Deus endossou essa escolha ao conceder a Matias o poder do Espírito Santo, o mesmo Espírito que havia sido dado aos outros homens que Jesus tinha escolhido pessoalmente (At 2:1-4, 14).

Em Pentecostes, era necessário que doze homens testemunhassem às doze tribos de Israel; também era preciso que doze homens fossem preparados para se assentar nos doze tronos para julgar as doze tribos (Lc 22:28-30). Em Atos 2 a 7, vemos os cristãos testemunhando principalmente para Israel, "primeiro [para o] judeu" (ver Rm 1:16; At 3:26; 13:46). Uma vez que a mensagem alcançou os gentios (At 10 - 11), a ênfase sobre os judeus começou a diminuir. Os apóstolos não escolheram ninguém para substituir Tiago quando este foi martirizado (At 12). Isso porque o testemunho oficial a Israel havia sido concluído, e a mensagem deveria, a partir de então, ser levada a judeus e gentios sem qualquer distinção. Não era mais necessário haver doze apóstolos para testemunhar às doze tribos de Israel.

O relato de Pedro da compra da terra e da morte de Judas parece contradizer Mateus 27:3-10; mas, na verdade, é um complemento desse relato. Judas não comprou o campo pessoalmente, mas uma vez que a propriedade foi paga com seu dinheiro, nesse sentido, foi adquirida por ele. Uma vez que as trinta peças de prata foram consideradas "dinheiro de sangue", a propriedade foi chamada de "Campo de Sangue"

(Mt 27:8). O nome do campo não foi dado por causa do sangue de Judas, pois os judeus não usariam como cemitério um lugar que havia sido contaminado por um suicídio. Judas enforcou-se e, ao que parece, a corda se rompeu, e seu corpo (possivelmente já inchado) abriu-se quando caiu no chão.

Os cristãos oraram pedindo a orientação de Deus antes de "votar", pois desejavam escolher o homem que Deus já havia separado para essa função (Pv 16:33). O Senhor exaltado operava dentro deles e por meio deles. Essa é a última ocasião nas Escrituras em que se lançam sortes, e os cristãos de hoje não têm motivo algum para usar essa abordagem a fim de determinar a vontade de Deus. Apesar de nem sempre ser fácil descobrir o que Deus deseja que se faça, quem estiver disposto a obedecer ao

Senhor conhecerá sua vontade (Jo 7:17). O importante é seguir o exemplo da Igreja primitiva e enfatizar a Palavra de Deus e a oração.

Nem todos os seguidores do Senhor se reuniram no cenáculo, pois havia apenas cento e vinte pessoas presentes. 1 Coríntios 15:6 afirma que pelo menos quinhentas pessoas viram o Cristo ressurreto de uma só vez. Os estudiosos da Bíblia não apresentam um consenso quanto ao tamanho da população da Palestina naquele tempo. Os cálculos variam de seiscentos mil a quatro milhões de habitantes. Qualquer que seja o número exato, os cento e vinte cristãos ainda eram uma minoria, no entanto transformaram o mundo para Cristo!

O segredo deles era o poder do Espírito Santo, e Lucas explica isso em Atos 2.

PODER DO CÉU!

ATOS 2

“**N**ão vamos transformar o mundo pela crítica nem pela conformidade, mas sim pela combustão dentro de vidas inflamadas pelo Espírito de Deus”, declarou Vance Havner com toda razão.

A Igreja primitiva não tinha nada do que consideramos essencial para o sucesso hoje – propriedades, dinheiro, influência política, status social –, no entanto, ganhou multidões para Cristo e viu a implantação de inúmeras igrejas por todo o mundo romano. Isso se deu pelo poder do Espírito Santo que capacitava seu ministério. Os primeiros cristãos eram pessoas “inflamadas pelo Espírito de Deus”.

Esse mesmo poder do Espírito Santo encontra-se a nossa disposição hoje para nos tornar testemunhas mais eficazes de Cristo. Quanto melhor entendermos a forma como o Espírito operou em Pentecostes, mais capazes seremos de nos relacionar com ele e de experimentar seu poder. O ministério do Espírito é glorificar a Cristo na vida e no testemunho do cristão (Jo 16:14), e é isso o que importa. Atos 2 nos ajuda a entender o Espírito Santo mediante o registro de quatro experiências na vida da Igreja.

1. A IGREJA ESPERANDO PELO ESPÍRITO (AT 2:1)

Pentecostes significa “qüinquagésimo”, pois se refere a uma festa realizada cinquenta dias depois da Festa das Primícias (Lv 23:15-22). O calendário das celebrações de Israel em Levítico 23 é um esboço do ministério de Jesus Cristo. A Páscoa retrata sua morte como Cordeiro de Deus (Jo 1:29; 1 Co 5:7), e a Festa das Primícias representa sua ressurreição dentre os mortos (1 Co 15:20-23).

Cinquenta dias depois da Festa das Primícias, observava-se a Festa de Pentecostes, que retrata a formação da Igreja. Em Pentecostes, os judeus comemoravam a entrega da Lei, mas os cristãos comemoram a dádiva do Espírito Santo à Igreja.

A Festa das Primícias era celebrada no dia seguinte ao *shabbath* após da Páscoa, ou seja, sempre no primeiro dia da semana (o *shabbath* é o sétimo dia). Jesus ressuscitou no primeiro dia da semana e se tornou “as primícias dos que dormem” (1 Co 15:20). Uma vez que Pentecostes era comemorado cinquenta dias depois – sete semanas e mais um dia –, então também era observado no primeiro dia da semana. Os cristãos reúnem-se para adorar no domingo, o primeiro dia da semana, porque nesse dia o Senhor ressuscitou e, também, nesse dia a Igreja recebeu o Espírito Santo.

Na Festa das Primícias, o sacerdote movia um feixe de grãos diante do Senhor, mas em Pentecostes apresentava dois pães. Em Pentecostes, o Espírito Santo batizou os cristãos e os uniu em um só corpo. Os cristãos judeus receberam esse batismo em Pentecostes, e os cristãos gentios, na casa de Cornélio (At 10), daí os dois pães apresentados pelo sacerdote (ver 1 Co 10:17). O fato de os pães serem levedados (conterem fermento) indica a presença do pecado na Igreja, enquanto ela se encontra na Terra. A Igreja só será aperfeiçoada quando chegar ao céu.

Não se deve concluir que os milagres de Pentecostes foram decorrentes da reunião de oração que durou dez dias, nem que devemos orar como eles fizeram a fim de experimentar “outro Pentecostes”. Assim como a morte de Cristo no Calvário, Pentecostes foi um acontecimento definitivo que não se repetirá. A Igreja pode ficar novamente cheia do Espírito e, sem dúvida, a oração perseverante é um elemento essencial do poder espiritual, mas assim como não é cabível pedir outro Calvário, também não se deve pedir outro Pentecostes.

2. A IGREJA ADORANDO AO SENHOR (AT 2:2-13)

Ao estudar os acontecimentos relacionados a Pentecostes, é importante separar os

elementos *essenciais* dos *secundários*. O Espírito *veio*, e o povo ouviu o som de um vento impetuoso e viu línguas de fogo. O Espírito *batizou* e *encheu* os cristãos, e eles *falaram* enquanto louvavam a Deus em várias línguas. O Espírito *deu poder* a Pedro para pregar e *tocou* o coração dos ouvintes, de modo que três mil dentre os presentes creram em Cristo e foram salvos. Vejamos agora cada um desses ministérios.

O Espírito veio (vv. 2, 3). O Espírito Santo já estava operando antes de Pentecostes e havia se mostrado ativo na criação (Gn 1:1, 2), na história do Antigo Testamento (Jz 6:34; 1 Sm 16:13) e na vida e ministério de Jesus (Lc 1:30-37; 4:1, 14; At 10:38). Duas coisas, porém, não seriam mais as mesmas: (1) o Espírito passaria a habitar nas pessoas, não apenas a vir sobre elas; e (2) sua presença seria permanente, não apenas temporária (Jo 14:16, 17). O Espírito não poderia ter vindo antes, pois era essencial que Jesus morresse, ressuscitasse e voltasse ao céu, a fim de que o Espírito fosse concedido (Jo 7:37-39; 16:7ss). Convém lembrar a seqüência do calendário judaico em Levítico 23: Páscoa, Primícias e Pentecostes.

A vinda do Espírito foi acompanhada de três sinais maravilhosos: o som de um forte vento, línguas de fogo e os cristãos louvando a Deus em várias línguas. Tanto no hebraico quanto no grego, a palavra usada para *Espírito* também significa "vento" (Jo 3:8). O povo não *sentiu* o vento, mas sim ouviu seu som. É provável que os cristãos estivessem no templo quando isso aconteceu (Lc 24:53). O termo *casa* em Atos 2:2 pode se referir ao templo (ver At 7:47). As línguas de fogo simbolizavam o testemunho poderoso da Igreja ao povo. Campbell Morgan lembra que nossas línguas podem ser "abrasadas" pelo céu ou pelo inferno! (Tg 3:5, 6). A combinação de vento e fogo gera grandes labaredas!

O Espírito batizou (1:5). O termo grego *baptizo* tem dois significados, um literal e outro figurativo. Literalmente, a palavra significa "submergir", mas seu sentido figurativo é "ser identificado com". O batismo do Espírito é o ato de Deus pelo qual ele identificou os cristãos com o Cabeça da Igreja, o

Cristo exaltado, e formou o corpo espiritual de Cristo na Terra (1 Co 12:12-14). Em termos históricos, isso ocorreu em Pentecostes; hoje, ocorre sempre que um pecador crê em Jesus Cristo e nasce de novo.

Quando lemos sobre o "batismo" no Novo Testamento, devemos usar de discernimento a fim de entender se o termo deve ser interpretado de modo literal ou simbólico. Em Romanos 6:3, 4 e Gálatas 3:27, 28, por exemplo, a referência é simbólica, uma vez que o batismo com água não leva o pecador a Jesus Cristo. Somente o Espírito Santo pode fazer isso (Rm 8:9; 1 Co 12:13; ver At 10:44-48). O batismo com água é um testemunho público da identificação da Pessoa com Jesus Cristo, enquanto o batismo com o Espírito é a experiência pessoal e particular que identifica a pessoa com Cristo.

É importante observar que, em termos históricos, o batismo do Espírito ocorreu em dois estágios: os cristãos judeus foram batizados em Pentecostes, e os cristãos gentios foram batizados e passaram a fazer parte do corpo de Cristo na casa de Cornélio (At 10:44-48; 11:15-17; e ver Ef 2:11-22).

O Espírito encheu (v. 4). Ao encher a pessoa, o Espírito lhe dá poder para testemunhar e servir (At 1:8). Não somos exortados a ser batizados pelo Espírito, pois isso é algo que Deus faz, de uma vez por todas, quando cremos em seu Filho. Porém, Deus ordena que sejamos cheios do Espírito (Ef 5:18), pois precisamos de seu poder constantemente, a fim de servir a Deus com eficácia. Em Pentecostes, os cristãos ficaram cheios do Espírito e experimentaram o batismo do Espírito; depois disso, porém, foram novamente cheios do Espírito em várias ocasiões (At 4:8, 31; 9:17; 13:9), mas não receberam outros batismos.

Alguém pode perguntar: "Que diferença faz usar uma palavra ou outra? O importante é ter a experiência!" Duvido que os que dizem isso apliquem esse princípio a outras áreas da vida, como a medicina, a mecânica ou a culinária. Que diferença faz o farmacêutico aviar uma receita com arsênico ou aspirina, desde que sejamos curados? Que diferença faz um mecânico instalar um

alternador ou um carburador, desde que o carro funcione?

O Espírito Santo revelou a verdade de Deus por meio de *palavras* (1 Co 2:12, 13), e essas palavras devem ter determinados significados que, por sua vez, não devem ser alterados. A regeneração não deve ser confundida com a justificação, nem a propiciação com a adoção. Cada uma dessas palavras é importante dentro do plano de Deus para a salvação e deve ser definida com precisão e usada com cuidado.

O batismo do Espírito significa que pertença ao corpo de Cristo; a plenitude do Espírito significa que meu corpo pertence a ele. O batismo é definitivo; a plenitude se renova e se repete quando cremos em Deus e recebemos mais poder para testemunhar. O batismo envolve todos os demais cristãos, pois nos torna um só no corpo de Cristo (Ef 4:1-6); a plenitude, por sua vez, é pessoal e individual. Trata-se de duas experiências distintas que não devem ser confundidas.

O Espírito falou (vv. 5-13). É importante observar que os cristãos estavam louvando a Deus e não pregando o evangelho, e que usaram línguas conhecidas, não “línguas estranhas” (At 2:6, 8). Lucas cita quinze lugares diferentes e afirma claramente que os cidadãos desses lugares ouviram Pedro e os outros declararem as obras maravilhosas de Deus *em línguas que podiam compreender*. O termo grego traduzido por “língua”, em Atos 2:6 e 8 é *dialektos* e se refere à linguagem ou dialeto de um país ou região (At 21:40; 22:2; 26:14). A menos que as Escrituras indiquem o contrário, devemos supor que as outras menções a “falar em línguas” em Atos e 1 Coríntios referem-se a uma experiência semelhante: cristãos louvando a Deus no Espírito em línguas conhecidas.

Por que Deus fez isso? Em primeiro lugar, Pentecostes foi uma inversão do julgamento na torre de Babel, quando Deus confundiu as línguas dos homens (Gn 11:1-9). O julgamento de Deus em Babel dispersou o povo, mas sua bênção em Pentecostes uniu os cristãos no Espírito. Em Babel, as pessoas não conseguiam entender-se, mas em Pentecostes, ouviram e compreenderam o louvor a

Deus. A torre de Babel foi criada para exaltar o homem e celebrar seu nome, mas Pentecostes trouxe louvores a Deus. A construção da torre de Babel foi um ato de rebelião, mas Pentecostes foi um ministério de submissão humilde a Deus. Um contraste e tanto!

Outro motivo para o dom de línguas foi tornar o evangelho conhecido em todo o mundo. Deus deseja falar a todas as pessoas na língua de cada um e transmitir a mensagem da salvação em Jesus Cristo. A ênfase do Livro de Atos é sobre a evangelização mundial, “até aos confins da terra” (At 1:8). O “Espírito de Cristo é o espírito de missões”, disse Henry Martyn, “e quanto mais nos aproximamos dele, mais intensamente missionários devemos nos tornar”.

Ao que parece, o som do vento atraiu as pessoas para o templo onde os cristãos estavam reunidos, mas foi o louvor dos cristãos que prendeu sua atenção. Os ouvintes indiferentes zombaram dos cristãos e os acusaram de estar embriagados, mas outros se mostraram sinceramente interessados em descobrir o que estava acontecendo. O povo ficou perplexo (At 2:7, 12) e, depois, maravilhado (At 2:7).

É interessante que os escarnecedores tenham acusado os cristãos de embriaguez, pois o vinho é associado ao Espírito Santo (Ef 5:18). Paulo faz um *contraste* entre os dois, pois quando um homem está cheio de bebida forte, perde o controle de si mesmo e acaba envergonhado; mas quando uma pessoa está cheia do Espírito, possui domínio próprio e glorifica a Deus. A bebida forte pode trazer alegria passageira, mas o Espírito oferece satisfação profunda e alegria duradoura.

3. A IGREJA TESTEMUNHANDO AOS PERDIDOS (At 2:14-41)

Pedro não pregou em línguas; dirigiu-se ao público em aramaico, uma língua que todos entendiam. A mensagem foi dada por um judeu a judeus (At 2:14, 22, 29, 36), em um dia santo judeu, falando da ressurreição do Messias judeu que sua nação havia crucificado. Os gentios presentes ali eram prosélitos

do judaísmo (At 2:10). Pedro só abriria a porta da salvação aos gentios depois de sua visita a Cornélio (At 10). Em seu sermão, Pedro explicou três coisas.

O que havia acontecido: o Espírito fora derramado (vv. 14-21). A adoração jubilosa dos cristãos não era resultado de muito vinho; era prova da vinda do Espírito Santo de Deus para habitar em seu povo. Os judeus ortodoxos não comiam nem bebiam antes das nove horas da manhã do *shabbath* ou de outros dias santos e, normalmente, também não tomavam vinho, a não ser acompanhando as refeições.

Pedro não disse que Pentecostes era o cumprimento de Joel 2:28-32, pois os sinais e prodígios prenunciados nessa passagem não ocorreram. Ao ler a profecia de Joel dentro de seu contexto, vemos que trata de Israel como nação no fim dos tempos, com relação ao "Dia do SENHOR". O Espírito Santo, porém, conduziu Pedro de modo a encontrar nessa profecia uma aplicação para a Igreja. Eis suas palavras: "O que ocorre [aqui, hoje] é o que foi dito por intermédio do profeta Joel". Para os judeus, tal declaração deve ter parecido absurda, pois acreditavam que o Espírito de Deus só era dado a uns poucos eleitos (ver Nm 11:28, 29). No entanto, lá estavam cento e vinte dos seus compatriotas judeus, homens e mulheres, desfrutando a bênção do mesmo Espírito Santo que havia dado poder a Moisés, Davi e os profetas.

Era, de fato, o começo de uma nova era, os "últimos dias" nos quais Deus concluiria seu plano de salvação para a humanidade. Jesus havia consumado a grande obra de redenção e não havia mais nada a ser feito senão compartilhar as Boas Novas com o mundo, a começar pela nação de Israel. Seu convite é: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (At 2:21).

Como havia acontecido: Jesus estava vivo (vv. 22-35). As notícias correm no Oriente, e é provável que a maioria dos adultos em Jerusalém, quer residentes ou visitantes, soubesse da prisão, julgamento e crucificação de Jesus de Nazaré. Também tinham ouvido rumores de uma "declaração oficial" de que os seguidores de Jesus haviam roubado

seu corpo, a fim de fazer as pessoas crerem que ele havia cumprido sua palavra e ressuscitado dentre os mortos.

Mas Pedro lhes disse a verdade: Jesus de Nazaré havia, de fato, ressuscitado dentre os mortos, e sua ressurreição prova que ele é o Messias! Pedro lhes deu quatro provas da ressurreição de Jesus Cristo de Nazaré e os convidou a crer em Cristo e ser salvos.

Sua primeira prova foi a pessoa de Jesus Cristo (vv. 22-24). O público de Pedro sabia que Jesus era uma pessoa real da cidade de Nazaré e que havia realizado muitos sinais e milagres (com referência a "Jesus de Nazaré", ver At 2:22; 3:6; 4:10; 6:14; 10:38; 22:8; 26:9 e também 24:5). Não havia dúvidas de que a mão de Deus estava sobre ele. Haviam ouvido suas palavras e observado sua vida. Haviam até mesmo visto Jesus ressuscitar os mortos e sabiam que seu caráter e conduta eram irrepreensíveis – nada "se passou em algum lugar escondido" (At 26:26)!

Era impossível crer que tal homem tivesse sido derrotado pela morte. Por um lado, a morte de Jesus foi um crime terrível (At 2:23), por outro, foi uma vitória maravilhosa (At 2:24).

A segunda prova de Pedro foi a profecia de Davi (vv. 25-31). Pedro cita o Salmo 16:8-11, passagem que, obviamente, não se aplicava a Davi, já morto e sepultado. Uma vez que era um profeta de Deus, Davi escreveu sobre o Messias, afirmando que sua alma não permaneceria no Hades (o reino dos mortos), nem seu corpo ficaria na cova onde sofreria decomposição.

A terceira prova foi o testemunho dos cristãos (v. 33). Depois de sua ressurreição, Jesus não apareceu ao mundo todo, apenas para aos próprios seguidores, aos quais incumbiu de testemunhar que ele estava vivo (At 1:3, 22). Mas o que dizer da credibilidade dessas pessoas? Eram testemunhas confiáveis? Sem dúvida! Antes da ressurreição de Cristo, nem os discípulos acreditavam que Jesus ressuscitaria e eles próprios tiveram de ser convencidos (Mc 16:9-14; At 1:3). Não tinham coisa alguma a ganhar pregando

uma mentira, pois sua mensagem suscitou oposição oficial e até levou alguns dos cristãos à prisão e morte. De tempos em tempos, surgem uns poucos fanáticos dispostos a crer em uma mentira e a promovê-la, mas quando milhares crêem em uma mensagem corroborada por milagres, não é fácil descartá-la. As testemunhas eram confiáveis.

A quarta prova que Pedro apresentou da ressurreição de Cristo foi a presença do Espírito Santo (vv. 33-35). Pela lógica, se o Espírito Santo está no mundo, Deus deve tê-lo enviado. Joel prometeu que, um dia, o Espírito viria, e o próprio Jesus prometeu enviar a dádiva do Espírito Santo a seu povo (Lc 24:49; Jo 14:26; 15:26; At 1:4). Mas se Jesus estivesse morto, não poderia enviar o Espírito; logo, se conclui que está vivo. Além disso, não poderia enviar o Espírito a menos que tivesse voltado para o céu, para junto do Pai (Jo 16:7); assim, Jesus subiu ao céu! Para apoiar essa declaração, Pedro cita Salmos 110:1, afirmação que certamente não se aplicava a Davi (ver Mt 22:41-46).

A conclusão de Pedro é, ao mesmo tempo, uma declaração e uma acusação: Jesus é o Messias, *mas vocês o crucificaram!* (ver At 2:23). Pedro não apresenta a cruz como o lugar onde o Substituto Irrepreensível deu a vida pelo mundo, mas sim como o lugar onde Israel matou o próprio Messias! O povo de Israel cometeu o maior crime de toda a história! Restava alguma esperança? Sim, pois Pedro oferece mais explicação que traz boas-novas para o coração dos ouvintes.

Por que havia acontecido: para salvar os pecadores (vv. 36-41). O Espírito Santo usou a mensagem de Pedro para tocar o coração dos ouvintes. (Em At 5:33 e 7:54, vemos outro termo que sugere ira em vez de convencimento da culpa pelo pecado.) Afinal, se eram culpados de crucificar seu Messias, Deus poderia fazer coisas terríveis com eles! É importante observar que o povo dirigiu sua pergunta não apenas a Pedro, mas também aos demais apóstolos, pois os doze participavam do testemunho naquele dia, e Pedro era apenas um dentre os outros.

Pedro lhes disse como ser salvos: deviam se arrepender de seus pecados e crer

em Jesus Cristo. Demonstrariam a sinceridade de seu arrependimento e fé sendo batizados no nome de Jesus Cristo e, desse modo, se identificariam publicamente com o Messias e Salvador. Somente pelo arrependimento e pela fé em Cristo poderiam receber a dádiva do Espírito (Gl 3:2, 14), promessa que se aplicava tanto a judeus como a gentios "que ainda estão longe" (Ef 2:13-19).

Infelizmente, algumas traduções de Atos 2:38 dão a entender que as pessoas devem ser batizadas a fim de ser salvas, mas não é isso o que a Bíblia ensina. O termo grego *eis* (traduzido por "para" na oração "para remissão dos vossos pecados") pode significar "em função de" ou "com base em". Em Mateus 3:11, vemos que João Batista batizava com base no arrependimento das pessoas. Atos 2:38 não deve ser usado para ensinar a salvação pelo batismo. Se o batismo é essencial para a salvação, é estranho que Pedro não diga coisa alguma sobre isso em seus outros sermões (At 3:12-26; 5:29-32; 10:34-43). Aliás, as pessoas na casa de Cornélio receberam o Espírito Santo *antes de serem batizadas* (At 10:44-48)! Uma vez que a Bíblia ordena que os cristãos sejam batizados, é importante ter a consciência limpa e obedecer (1 Pe 3:21), mas não se deve considerar o batismo parte da salvação. Se fosse o caso, ninguém em Hebreus 11 seria salvo, pois nenhuma dessas pessoas foi batizada.

Atos 2:40 indica que os apóstolos continuaram a compartilhar da Palavra e a instar o povo a crer em Jesus Cristo. Olharam para a nação de Israel e viram uma "geração perversa", que se encontrava sob condenação (Mt 16:4; 17:17; Fp 2:15). Na realidade, dentro de menos de quarenta anos, Roma viria e destruiria a cidade e o templo e dispersaria o povo. A história se repetia. Durante os quarenta anos no deserto, a nova geração "salvou-se" da geração mais antiga que se rebelara contra Deus. O Senhor estava dando a seu povo mais quarenta anos de graça e, só naquele dia, três mil pessoas se arrependeram, creram e foram salvas.

4. A IGREJA CAMINHANDO NO ESPÍRITO (AT 2:42-47)

Os cristãos continuaram a usar o templo como lugar de reunião e de ministério, mas também passaram a encontrar-se nos lares de várias pessoas. Os três mil novos convertidos precisavam ser instruídos na Palavra e ter comunhão com o povo de Deus, a fim de crescer e de se tornar testemunhas eficazes. A Igreja primitiva não se ateu a converter pessoas, também as *discipulou* (Mt 28:19, 20).

Convém explicar duas frases de Atos 2:42. "Partir do pão", provavelmente, é uma referência às refeições regulares, mas, no final de cada refeição, é bem possível que fizessem uma pausa para se lembrar do Senhor celebrando o que chamamos de "Ceia do Senhor" ou "Santa Ceia". O pão e o vinho eram elementos comuns sempre presentes na mesa dos judeus. O termo *comunhão* não significa apenas "estar juntos". Quer dizer "ter em comum", podendo ser uma referência ao compartilhamento de bens materiais praticado na Igreja primitiva. Por certo, não se tratava de uma forma de comunismo, pois foi um programa inteiramente voluntário, temporário (At 11:27-30) e motivado pelo amor.

A igreja foi unificada (At 2:44), exaltada (At 2:47a) e multiplicada (At 2:47b). Seu testemunho entre os judeus era poderoso, não apenas em função dos milagres realizados pelos apóstolos (At 2:43), mas também pelo amor que os membros da comunidade tinham uns pelos outros e por seu serviço ao Senhor. O Senhor ressurreto continuou a operar por meio deles (Mc 16:20), e o povo continuou a ser salvo. Uma igreja e tanto!

Os cristãos que vemos no Livro de Atos não se contentavam em se encontrar uma vez por semana para "o culto habitual". Encontravam-se diariamente (At 2:46), cuidavam uns dos outros diariamente (At 6:1), ganhavam almas diariamente (At 2:47), examinavam as Escrituras diariamente (At 17:11) e cresciam em número diariamente (At 16:5). A fé cristã era uma realidade diária, não uma rotina semanal. Isso porque o Cristo ressurreto era uma verdade viva para eles, e seu poder de ressurreição operava na vida deles por meio do Espírito.

A promessa ainda vale para nós hoje: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (At 2:21; Rm 10:13). Você já invocou o nome do Senhor? Já creu em Jesus Cristo como seu Salvador?

O PODER DO NOME DE CRISTO

ATOS 3:1 – 4:4

Atos 3 e 4 enfatizam o nome do Senhor Jesus (At 3:6, 16; 4:7, 10, 12, 17, 18, 30). É evidente que um nome envolve muito mais do que uma forma de identificação. Pode implicar autoridade, reputação e poder. Quando alguém diz: "Use meu nome!", esperamos sinceramente que seja digno de ser usado. Se uma ordem é dada no nome do presidente da República ou do primeiro-ministro, os que a recebem são obrigados a obedecer. Se eu tentasse dar ordens no lugar dessas autoridades (supondo que conseguisse fazer isso), ninguém prestaria muita atenção, pois meu nome não tem o respaldo de qualquer autoridade oficial.

Mas o nome do Senhor Jesus tem *toda* autoridade, pois ele é o Filho de Deus (Mt 28:18). Uma vez que seu nome "está acima de todo nome" (Fp 2:9-11), Jesus merece nossa adoração e obediência. A grande preocupação dos primeiros cristãos era que o nome de Jesus Cristo, o Filho de Deus, fosse glorificado, e os cristãos de hoje devem ter a mesma motivação.

Ao estudar esta seção, convém observar que ela apresenta forte ênfase sobre os judeus. Pedro dirigiu-se aos homens judeus (At 3:12) e os chamou de "filhos dos profetas e da aliança que Deus estabeleceu com vossos pais" (At 3:25). Fez referência aos patriarcas de Israel (At 3:13) e também aos profetas (At 3:18, 21-25). A expressão "tempos da restauração" (At 3:21) é, sem dúvida alguma, de caráter judaico e se refere ao reino messiânico prometido pelos profetas. Nestes capítulos, a mensagem continua sendo transmitida "primeiramente a vós outros

[os judeus]" (At 3:26) e apresentada em termos judaicos.

Há três estágios neste evento, e cada estágio revela algo maravilhoso sobre Jesus Cristo.

1. ADMIRAÇÃO: JESUS, O MÉDICO (AT 3:1-10)

Os cristãos ainda estavam ligados ao templo e às horas tradicionais de oração (Sl 55:17; Dn 6:10; At 10:30). É importante lembrar que Atos 1 a 10 descreve uma transição de Israel para os gentios, do "cristianismo judaico" (ver At 21:20) para "um só corpo" constituído tanto de judeus quanto de gentios. Só depois de vários anos os cristãos judeus compreenderam inteiramente o lugar dos gentios nos planos de Deus, e essa compreensão não se deu sem conflitos.

O contraste entre Atos 2 e 3 é interessante: Pedro, o pregador – Pedro o obreiro pessoal; multidões – um homem pobre; ministério que resultou em bênção – ministério que resultou em prisão e perseguição. Os acontecimentos em Atos 3 exemplificam a última frase de Atos 2:47 e mostram como o Senhor acrescentava membros a sua Igreja diariamente. Apesar de o Espírito Santo não ser citado nesse capítulo, certamente atuava por meio dos apóstolos, realizando seu ministério de glorificação de Jesus Cristo (Jo 16:14).

Pedro e João são vistos juntos com frequência ao longo das Escrituras. Eram sócios no negócio de pesca (Lc 5:10); prepararam a última Páscoa dos judeus para Jesus (Lc 22:8); correram para o sepulcro na manhã do primeiro domingo de Páscoa (Jo 20:3, 4); e ministraram aos samaritanos que crearam em Jesus Cristo (At 8:14). Uma vez que viviam na plenitude do Espírito Santo, os discípulos deixaram de competir por grandeza e, finalmente, passaram a trabalhar juntos com afinco para edificar a Igreja (Sl 133).

O fato de Pedro notar esse mendigo coxo é outra evidência do ministério do Espírito. Sem dúvida, milhares de pessoas encontravam-se aglomeradas perto do templo (At 4:4) e, no meio dessa multidão, havia

inúmeros mendigos, mas o Senhor ordenou a Pedro que curasse um mendigo coxo que se encontrava junto à Porta Formosa. Havia nove portas que davam acesso ao pátio dos gentios e ao templo propriamente dito. Os estudiosos não apresentam um consenso, mas é provável que a Porta Formosa fosse a "Porta Oriental" que dava acesso ao pátio das mulheres. A porta era feita de bronze de Corinto e parecia de ouro; sem dúvida, um excelente lugar para um homem coxo pedir esmolas.

A prática de dar esmolas era parte importante da fé judaica, e as cercanias do templo eram uma região lucrativa para os mendigos. Uma vez que os recursos dos cristãos eram comunitários (At 2:44, 45), os dois apóstolos não tinham dinheiro para dar; mas a maior necessidade daquele homem não era financeira. Precisava de salvação para sua alma e de cura para o corpo, e dinheiro não lhe daria nem uma coisa nem outra. Pelo poder do nome de Jesus, o mendigo foi completamente curado e ficou tão contente e entusiasmado que parecia uma criança, saltando de um lado para o outro e louvando a Deus.

É fácil ver nesse homem uma ilustração da salvação. Ele nasceu coxo; todos nós nascemos sem poder andar de maneira agradável a Deus. Adão, nosso antepassado, caiu e passou sua deficiência adiante para todos os seus descendentes (Rm 5:12-21). O homem era pobre; como pecadores, estamos falidos diante de Deus, incapazes de pagar a dívida tremenda que temos com ele (Lc 7:36-50). Estava "fora do templo"; por mais perto da porta que fiquem, todos os pecadores encontram-se longe de Deus. O homem foi curado totalmente pela graça de Deus. Sua cura foi imediata (Ef 2:8, 9). Deu provas do que Deus havia feito: "de um salto se pôs em pé, passou a andar [...] saltando e louvando a Deus" (At 3:8). Identificou-se publicamente com os apóstolos, tanto quando foram ao templo (At 3:11) quanto na ocasião em que foram presos (At 4:14). Ao ser capaz de andar, não deixou dúvidas sobre *de que lado estava!*

2. ACUSAÇÃO: JESUS, O FILHO DE DEUS (At 3:11-16)

A cura do mendigo coxo fez a multidão ajuntar-se ao redor dos três. O Pórtico de Salomão, do lado leste do templo, era um corredor onde Jesus havia ministrado (Jo 10:23) e onde a igreja reunia-se para adorar (At 5:12).

Em seu sermão de Pentecostes, Pedro refutara a acusação de que os cristãos estivessem embriagados. Neste sermão, teve de refutar a idéia de que ele e João haviam curado o homem com o próprio poder (Paulo e Barnabé enfrentaram uma situação semelhante depois de curarem um coxo; ver Atos 14:8-18). Pedro esclareceu de imediato a fonte do milagre: Jesus Cristo, o Filho de Deus. Com toda sabedoria, o apóstolo afirmou que Aquele era o Deus de seus pais, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó.

Sem dúvida, o Espírito encheu Pedro de ousadia de modo que ele lembrasse os judeus da forma como haviam tratado Jesus. Eles o haviam negado e entregado para ser crucificado. Além disso, pediram que Barabás, um homem culpado, fosse solto para que Jesus, um prisioneiro inocente, fosse crucificado! A fim de convencê-los de seus crimes, Pedro usou vários nomes e títulos diferentes para o Senhor: Filho de Deus, Jesus, o Santo, o Justo, o Autor da vida. Os judeus não haviam entregue um homem qualquer para ser crucificado pelos romanos!

O Calvário pode ter sido a última palavra do ser humano, mas o sepulcro vazio foi a última palavra de Deus. Ele glorificou seu Filho ressuscitando-o dentre os mortos e levando-o de volta ao céu. O Cristo entronizado havia enviado seu Espírito Santo e operava no mundo por meio da Igreja. O mendigo curado era prova de que Jesus estava vivo. Se havia um povo culpado, era aquele ao qual Pedro se dirigiu no templo. Eram culpados de matar o próprio Messias!

Hoje em dia, é bem provável que ninguém fizesse uma mensagem desse tipo em uma reunião evangelística, pois essas palavras eram voltadas especificamente ao público judeu de Pedro. Assim como em Pentecostes, Pedro falava a pessoas que

conheciam as Escrituras e que estavam a par dos últimos acontecimentos em Jerusalém (ver Lc 24:18). Não era um grupo de pagãos ignorantes sem qualquer conhecimento religioso. Além disso, os líderes judeus haviam, de fato, cometido uma grande injustiça ao prender e condenar Jesus e pedir a Pilatos que o crucificasse. Não sabemos quantos cidadãos concordaram com essa decisão, mas podemos imaginar o remorso do povo ao descobrir que haviam traído e assassinado o próprio Messias.

Antes de o pecador experimentar a conversão, precisa ser convencido da culpa de seus pecados. A menos que um paciente esteja convencido de que está enfermo, jamais aceitará qualquer diagnóstico nem fará qualquer tratamento. Pedro transformou o templo em um tribunal e apresentou ao público todas as provas. De que maneira dois simples pescadores poderiam realizar tamanho milagre senão pelo poder de Deus? Ninguém ousaria negar o milagre, pois o mendigo estava lá, diante de todos, em "saúde perfeita" (At 3:16; 4:14). Se aceitassem o milagre, teriam de reconhecer que Jesus Cristo é, verdadeiramente, o Filho de Deus e que seu nome tem poder.

3. ÂNIMO: JESUS, O SALVADOR (At 3:17 - 4:4)

Mas Pedro não deixou o povo sem esperança. Na verdade, pareceu quase defendê-los ressaltando que agiram por ignorância (At 3:17) e, ao mesmo tempo, cumpriram a Palavra de Deus (At 3:18).

A Lei do Antigo Testamento faz distinção entre os pecados deliberados e os pecados por ignorância (ver Lv 4 - 5; Nm 15:22-31). A pessoa que pecava "atrevidamente" demonstrava sua rebelião contra Deus e era culpada de grande transgressão. Deveria ser "eliminada do meio do seu povo" (Nm 15:30, 31), o que poderia significar excomunhão ou até mesmo morte. O pecador arrogante e provocador era condenado, mas quem pecava involuntariamente e sem intenção deliberada tinha a oportunidade de se arrepender e de buscar o perdão de Deus. A ignorância não

remove a culpa do pecador, mas atenua as circunstâncias.

Jesus havia orado: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23:34), e Deus havia respondido a essa oração. Em vez de enviar seu julgamento, enviou o Espírito Santo para dar poder à Igreja e levar os pecadores ao arrependimento. A situação de Israel era semelhante à de alguém que havia praticado homicídio culposo que, ao matar alguém sem premeditação maliciosa, poderia correr para a cidade de refúgio mais próxima (Nm 35:9-34). Enquanto permanecesse naquela cidade, estaria seguro, pois os vingadores não seriam capazes de se aproximar dele para matá-lo. Quando o sumo sacerdote morria, o homem poderia voltar para casa. Pedro convidou os "homicidas culposos" ali presentes a correrem pela fé para Jesus Cristo e a encontrarem nele seu refúgio (Hb 6:18).

Em seu sermão anterior, Pedro havia explicado que a cruz era o lugar de intersecção da soberania divina com a responsabilidade humana (At 2:23); repete tal verdade nesta parte de seu segundo sermão (At 3:17, 18). Encontramos aqui certos mistérios que a mente humana não é capaz de perscrutar completamente, de modo que devemos aceitá-los pela fé. Deus traçou um plano desde a eternidade; no entanto, dentro desse plano, não forçou ninguém a agir contra a própria vontade. Os profetas haviam prenunciado os sofrimentos e a morte do Messias, e, sem se dar conta do que estava fazendo, a nação cumpriu essas profecias. Mesmo quando não permitimos que Deus governe, ainda assim ele prevalece e sempre cumpre seus propósitos e desígnios.

Depois de declarar o crime, de apresentar as provas e de explicar a natureza do pecado do povo, Pedro ofereceu-lhes a absolvição (At 3:19-26)! Que coisa mais estranha um advogado de acusação transformar-se em um advogado de defesa e em juiz clemente! O objetivo maior de Pedro era estimular seu povo a crer em Cristo e a experimentar a salvação que concede pela graça.

O que o apóstolo disse a seus ouvintes? Em primeiro lugar, *deveriam arrepender-se de*

seus pecados (ver At 2:38; 5:31; 17:30), uma decisão que representava mudança de mentalidade em relação a si mesmos, ao pecado e a Jesus Cristo. Arrepende-se é muito mais do que “lamentar pelos pecados”. Como disse uma garotinha na escola dominical: “é se arrepender o suficiente para não fazer mais isso!” O falso arrependimento pelo pecado pode não passar de pesar (“lamento ter sido pego em flagrante!”) ou remorso (“isso me deixa muito chateado!”), e a tendência desse tipo de sentimento é simplesmente passar. Arrepende-se não é o mesmo que “fazer penitência”, como se fosse preciso realizar algum tipo de sacrifício especial a Deus, a fim de provar nossa sinceridade. O verdadeiro arrependimento implica reconhecer que as palavras de Deus são verdadeiras e, por esse motivo, transformam nossa maneira de encarar nossos pecados e o Salvador.

A mensagem de arrependimento não era novidade para os judeus, pois tanto João Batista quanto Jesus a haviam pregado (Mt 3:2; 4:17). Em certo sentido, o arrependimento é uma dádiva de Deus (At 11:18); por outro lado, é uma resposta do coração ao ministério do Espírito de Deus que nos convence do pecado (At 26:20). A pessoa que se arrepende com sinceridade não tem grande dificuldade em depositar sua fé no Salvador.

Em segundo lugar, deveriam ser *convertidos*, deveriam “mudar de rumo” e exercitar a fé salvadora em Jesus Cristo. A mensagem bíblica consiste no “arrependimento para com Deus e fé em nosso Senhor Jesus Cristo” (At 20:21), e as duas coisas andam juntas. A menos que deixemos de lado nossos pecados, não poderemos crer em Jesus Cristo e receber a salvação. Infelizmente, alguns pregadores têm ignorado de tal modo a doutrina do arrependimento que falta a seus “convertidos” uma consciência verdadeira de seus pecados. O evangelismo equilibrado apresenta ao pecador tanto o arrependimento quanto a fé.

Pedro anunciou o que aconteceria caso se arrependessem e se voltassem para Jesus Cristo: seus pecados seriam cancelados,

viveriam tempos de refrigério na presença do Senhor, e ele enviaria Jesus Cristo. A promessa aplicava-se ao indivíduo (perdão dos pecados) e à nação (tempos de refrigério espiritual). Na verdade, Pedro pedia um *arrependimento nacional*, pois, por meio de seus líderes, a nação havia negado o Messias e o condenara à morte. De acordo com essa declaração, se a nação se arrependesse e crescesse, o Messias voltaria e estabeleceria seu reino prometido. A nação não se arrependeu – como Deus já sabia –, de modo que a mensagem foi transmitida, então, aos samaritanos (At 8) e aos gentios (At 10).

A ênfase em Atos 3:22-25 é sobre os *profetas* que haviam anunciado a vinda do Messias. Pedro cita palavras de Moisés (Dt 18:15, 18, 19) e lembra os ouvintes de que Moisés havia previsto a chegada de um Profeta, e esse Profeta era o Messias (ver Lc 24:19; Jo 1:19-28; 6:14). Não obedecer (“ouvir”) a esse Profeta era sinônimo de condenação. Mas Moisés não foi o único a pre-nunciar a vinda de Jesus Cristo, pois todos os profetas deram o mesmo testemunho (ver Lc 24:25-27, 44-48).

A que Pedro se referia quando falou sobre “estes dias”? Aos dias da vida e ministério de Jesus Cristo, em que os profetas de Deus falariam a seu povo e lhe ofereceriam a salvação. O fato de Israel tê-los rejeitado tornava a nação particularmente culpada, pois, como “filhos dos profetas e da aliança”, os judeus eram um povo privilegiado. Estavam pecando consciente e deliberadamente!

Quando Deus chamou Abraão, firmou com ele e seus descendentes uma aliança incondicional, segundo a qual as nações do mundo seriam abençoadas por meio deles (Gn 12:1-3). Essa promessa se cumpriu quando Jesus Cristo veio ao mundo por meio do povo judeu (Gl 3:6-14). A mensagem do evangelho foi transmitida “primeiro aos judeus”, pois eram o instrumento que Deus havia escolhido para abençoar os gentios. Tanto os primeiros cristãos quanto os primeiros missionários eram judeus (At 3:26; 13:46; Rm 1:16).

Convém observar, porém, que Pedro não permitiu que essas “bênçãos nacionais”

sobrepujassem a responsabilidade pessoal dos indivíduos que ouviam essa mensagem (At 3:26). Deus enviou Jesus Cristo a cada um que deixar suas iniquidades (ver At 3:20). O arrependimento nacional depende do arrependimento individual, a resposta do pecador como indivíduo à mensagem da salvação. Pedro se dirigia a uma grande multidão, mas ainda assim personalizou sua aplicação.

Sua mensagem produziu dois resultados opostos: (1) cerca de dois mil judeus creram na Palavra e se converteram, e (2) os líderes religiosos rejeitaram a mensagem e tentaram calar os apóstolos. Vemos aqui o começo da perseguição sobre a qual Jesus havia advertido seus seguidores (Mt 10:17, 18; Lc 21:12-15; Jo 15:18 - 16:4).

Não é de surpreender que os saduceus tenham rejeitado a mensagem, pois não acreditavam na ressurreição do corpo humano (At 23:6-8). A declaração destemida de Pedro de que Jesus Cristo havia ressuscitado dentre os mortos ia totalmente contra as convicções religiosas desse grupo. Se o povo em geral questionasse a teologia de seus líderes espirituais, poderia abalar a autoridade de todo o conselho judeu. Em vez de examinar as evidências com honestidade, os líderes prenderam os apóstolos e os mantiveram encarcerados durante a noite com a intenção de interrogá-los no dia seguinte. Contudo, a chegada da guarda do templo não impediu que dois mil homens cressem em Jesus Cristo e se juntassem aos cristãos de Jerusalém.

Ao recapitular essa seção de Atos, não podemos deixar de nos impressionar com algumas verdades práticas que devem servir de estímulo para todos nós ao testemunharmos de Cristo.

1. Deus é longânimo para com os pecadores. Os líderes de Israel haviam rejeitado o ministério de João Batista (Mt 21:23-27) e de Jesus, no entanto Deus lhes deu a oportunidade de se arrepender e de ser salvos. Haviam negado e assassinado o próprio Messias, no entanto Deus reteve seu julgamento pacientemente e enviou o Espírito Santo para lidar com eles. O povo de Deus

hoje deve ter paciência ao testemunhar para o mundo perdido.

2. O verdadeiro testemunho inclui as "más notícias" do pecado e da culpa, bem como as "boas notícias" da salvação pela fé em Jesus Cristo. Não pode haver fé em Cristo sem antes haver arrependimento do pecado. É ministério do Espírito Santo convencer os pecadores da sua culpa (Jo 16:7-11), e o Espírito realizará essa obra quando dermos testemunho fiel e usarmos a Palavra de Deus.

3. A fim de alcançar as massas, é preciso tocar cada pecador como indivíduo. Pedro e João ganharam o mendigo coxo para Cristo, e sua vida transformada levou à conversão de dois mil homens! O servo de Deus que não tem tempo para trabalhar pessoalmente com o indivíduo não receberá muitas oportunidades de ministrar às grandes multidões. Assim como Jesus, os apóstolos dedicaram tempo aos indivíduos.

4. A melhor apologia da fé cristã é uma vida transformada. O mendigo curado foi a "prova número 1" na defesa da ressurreição de Jesus Cristo apresentada por Pedro. Inspirado por João 12:9-11, em seus ministérios evangelísticos, o pastor metodista Samuel Chadwick costumava orar por um "Lázaro" em cada campanha, um "grande pecador", cuja conversão causaria espanto a toda a comunidade. A cada reunião, Deus respondia suas orações, e pessoas infames e perversas aceitavam a Cristo e se tornavam testemunhas por meio de sua vida transformada. Ao procurar os "casos perdidos", testemunharemos o que Deus é capaz de fazer!

5. Sempre que Deus abençoa, Satanás aparece para opor-se à obra e para calar as testemunhas; com freqüência, usa pessoas religiosas para isso. O mesmo tipo de gente que se opôs ao ministério de Jesus Cristo também se opôs ao trabalho dos apóstolos e fará oposição a nosso ministério hoje. Devemos esperar esse antagonismo, mas jamais permitir que nos impeça de trabalhar! O mais importante não é nosso conforto, mas sim a glorificação do nome do Senhor por meio da pregação do evangelho.

6. Deus prometeu abençoar e usar sua Palavra, de modo que devemos ser fiéis em nosso testemunho. Jesus orou pedindo para que nosso testemunho fosse bem-sucedido (Jo 17:20), de modo que temos todo encorajamento de que precisamos. O nome de Jesus tem poder, e não precisamos ter medo de testemunhar e de chamar os pecadores ao arrependimento.

7. O nome de Jesus Cristo tem poder! Ainda que, hoje, não realizemos os mesmos milagres apostólicos que observamos na Igreja primitiva, podemos nos apropriar da autoridade de Jesus Cristo, conforme ele nos instruiu na Palavra.

É possível pregar a "remissão de pecados" em nome de Deus (Lc 24:47) para que

as pessoas creiam e tenham "vida em seu nome" (Jo 20:31). Também é possível dar a alguém um copo de água fresca em nome de Jesus (Mc 9:41) e receber uma criança em seu nome (Mt 18:5). Esses ministérios talvez não pareçam tão espetaculares quanto curar um aleijado, mas ainda assim são essenciais para a obra de Deus.

Podemos pedir em nome de Jesus quando oramos (Jo 14:13, 14; 15:16; 16:23-26). Ao pedir algo ao Pai "em nome de Jesus Cristo", é como se o próprio Jesus estivesse pedindo. A lembrança desse fato ajudará a evitar pedir coisas indignas do nome de Cristo.

Sem dúvida, o nome de Jesus Cristo tem autoridade e poder. Portanto, avancemos e conquistemos em seu nome!

PERSEGUIÇÃO, ORAÇÃO E PODER

ATOS 4:5-31

A Igreja primitiva não tinha as “vantagens” que alguns ministérios se orgulham de possuir e das quais dependem hoje em dia. Não tinham recursos providos por doadores ricos. Seus pastores não possuíam credenciais de instituições acadêmicas famosas nem contavam com o apoio dos líderes políticos de sua época. A maioria de seus ministros havia passado tempo na cadeia e dificilmente se tornaria *membro*, quanto mais *líder* de igrejas como as nossas. Qual era, de fato, o segredo de seu sucesso? Este capítulo oferece uma resposta: os cristãos da Igreja primitiva sabiam orar para que a mão de Deus operasse com grande poder.

Quando alguém pediu a Charles Haddon Spurgeon que explicasse o segredo de seu ministério extraordinário, o grande pregador inglês respondeu: “Meu povo ora por mim”. Agostinho disse: “Ore como se tudo dependesse de Deus e trabalhe como se tudo dependesse de você”. A oração não é uma fuga das responsabilidades; é nossa resposta à *capacidade* de Deus. A verdadeira oração dá energia para servir e lutar.

Mais uma vez, a atenção se volta para o nome do Senhor Jesus Cristo (At 4:7, 10, 12, 17, 18). Neste capítulo, vemos o que três grupos de pessoas fazem com esse nome.

1. OS APÓSTOLOS: DEFENDEM O NOME DE CRISTO (AT 4:5-14)

O tribunal (vv. 5-7). O tribunal era constituído, basicamente, da família do sumo sacerdote. O sistema religioso judaico havia se tornado tão corrupto que os cargos eram passados de um parente para outro sem

qualquer consideração pela Palavra de Deus. Quando Anás foi deposto do sacerdócio, seu genro Caifás foi indicado para tomar seu lugar. Aliás, os cinco filhos de Anás ocuparam, em algum momento, um cargo oficial. Alguém definiu “nepotismo” como “a prática de homens que são maus, mas sabem dar boas dádivas aos seus filhos”. Anás, sem dúvida, se encaixa nessa descrição.

Tratava-se de uma reunião oficial do sinédrio (At 4:15), o mesmo conselho que, poucos meses antes, condenara Jesus à morte e que reconhecia Pedro e João como companheiros de Jesus (At 4:13). O sinédrio era responsável por proteger a fé judaica, o que implicava examinar todos os novos mestres e ensinamentos que surgiam (ver Dt 13). Por certo, tinham o direito de investigar o que a igreja fazia, mas não de mandar prender homens inocentes nem de se recusar a examinar as evidências com honestidade.

O que estava em pauta era uma questão legal, mas os membros do conselho fizeram todo o possível para não reconhecer que um milagre havia ocorrido (At 4:14). Foram evasivos e se referiram ao milagre apenas como “isto”. É provável que também tenham se mostrado desdenhosos, de modo que sua pergunta pode ser parafraseada como: “Onde gentinha como vocês arranja poder e autoridade para fazer uma coisa dessas?” Mais uma vez, a questão era “em nome de quem?” Afinal, os apóstolos poderiam ter um pacto com o demônio, pois até mesmo Satanás é capaz de fazer milagres!

A causa (vv. 8-14). Pedro falou pelo poder do Espírito Santo de Deus. É importante observar que Pedro foi, mais uma vez, cheio do Espírito (ver At 2:4), uma experiência que se repetiria antes do fim daquele dia (At 4:31). Existe somente um batismo do Espírito, que ocorre na conversão (1 Co 12:13), mas o cristão pode receber a plenitude do Espírito repetidamente, a fim de dar testemunho eficaz de Jesus Cristo (Ef 5:18ss).

Pedro começou respeitosamente com uma explicação sobre a forma como o milagre havia ocorrido. Claro que os membros do sinédrio haviam visto aquele mendigo coxo várias vezes; talvez até lhe houvessem

dado esmolos e orado piedosamente por ele. De que maneira esse homem conhecido foi curado? “Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno!” Essas palavras devem ter atravessado o coração dos líderes do conselho. Pensaram estar livre do Profeta de Nazaré, mas seus seguidores diziam a todos que Jesus estava vivo! Uma vez que os saduceus não acreditavam na ressurreição, a afirmação de Pedro foi praticamente uma declaração de guerra.

Mas o Espírito dera a Pedro as palavras certas (ver Lc 21:12-15), e o apóstolo citou o Salmo 118:22, sem sombra de dúvida, uma referência messiânica (ver Mt 21:42; 1 Pe 2:4-8). Pedro deixou claro que os membros do conselho eram os “construtores” e que haviam rejeitado a pedra angular – Jesus Cristo, o Filho de Deus.

A imagem da “pedra” não era novidade para esses especialistas nas Escrituras do Antigo Testamento. Sabiam que “rocha” ou “pedra” era um símbolo de Deus (Dt 32:4, 15, 18, 31; 2 Sm 22:2; Sl 18:2; Is 28:16), e que o profeta Daniel empregara essa imagem para retratar o Messias e a vinda do seu reino à Terra (Dn 2:31-45). Os judeus tropeçaram na pedra (Rm 9:32; 1 Co 1:23) e a rejeitaram, exatamente como o Salmo 118:22 havia previsto. Mas, para os que crêem em Jesus Cristo, ele é a “pedra angular, eleita e preciosa” (1 Pe 2:4-8) e o “fundamento dos apóstolos e profetas [...] a pedra angular” (Ef 2:20).

Pedro prosseguiu explicando que Jesus não é apenas a Pedra, mas também o Salvador (At 4:12). O apóstolo viu na cura do mendigo um retrato da cura espiritual que se dá com a salvação. A expressão “foi curado”, em Atos 4:9, é uma tradução do mesmo termo grego traduzido por “salvos” em Atos 4:12, pois a salvação implica plenitude e saúde espiritual. Jesus Cristo é o Médico dos médicos, o único que pode curar o grande mal da humanidade, a doença chamada pecado (Mc 2:14-17). É claro que, ao falar, Pedro também tinha em mente “todo o povo de Israel” (ver At 4:10), pois a mensagem ainda estava sendo pregada exclusivamente aos judeus. Até mesmo o Salmo 118 citado

por Pedro refere-se à futura salvação de Israel como nação.

2. O CONSELHO: OPÕE-SE AO NOME DE CRISTO (AT 4:15-22)

Seu problema (vv. 13, 14). Estavam em um dilema e não tinham saída. Não podiam negar o milagre, pois o homem estava em pé diante deles e, no entanto, não tinham como explicar de que maneira “homens iletrados e incultos” haviam realizado um feito tão poderoso. Pedro e João eram simples pescadores, não escribas profissionais ou ministros autorizados pela religião judaica. Eram discípulos de Jesus, o Nazareno, mas ele estava morto! O conselho notou a coragem e segurança de Pedro e João, bem como o poder das palavras de Pedro, o que só serviu para aumentar a perplexidade dos líderes judeus.

É importante observar que, por si mesmo, o milagre não foi prova da ressurreição de Cristo nem mesmo da veracidade da mensagem de Pedro. Satanás pode fazer milagres (2 Ts 2:9, 10) e falsos profetas podem realizar prodígios (Dt 13:1-5). O milagre e a mensagem, *dentro do contexto que vinha se desenvolvendo desde Pentecostes*, era mais uma evidência de que Jesus Cristo estava vivo e continuava operando na Igreja pelo seu Espírito Santo. Nos dois sermões, Pedro usou o Antigo Testamento como base para sua argumentação e como explicação para suas declarações, prova de que era um verdadeiro profeta de Deus (Dt 13:1-5; Is 8:20). Os milagres não substituem a Palavra de Deus (Lc 16:27-31).

Sua deliberação (vv. 15-18). O conselho não buscava a verdade, mas sim uma forma de evitá-la! Se tivessem considerado as evidências de maneira honesta e ouvido a mensagem do apóstolo com mansidão, poderiam ter sido salvos, mas seu orgulho e a dureza de seu coração colocaram-se no caminho da salvação. Alguns dos principais sacerdotes e anciãos haviam se deparado com um dilema parecido durante a Páscoa, quando tentaram pegar Jesus no templo (Mt 21:23-27). Certas pessoas nunca aprendem! Mas a reação deles é prova de que os

milagres, por si mesmos, não são capazes de convencer do pecado nem converter o pecador perdido. Só a Palavra de Deus pode fazer isso (ver Jo 11:45-53; At 14:1-20).

Sua conclusão. Sua idéia foi deixar que o movimento tivesse “morte natural”. Para isso, ameaçaram os apóstolos e os proibiram de ensinar e pregar no nome de Jesus. Essa sentença oficial mostra quanto o inimigo teme o testemunho da Igreja, pois Satanás tem procurado calar o povo de Deus desde o princípio. Infelizmente, no caso de muitos cristãos, ele é bem-sucedido ao transformá-los em “testemunhas silenciosas” dentro da Igreja. Até mesmo o filósofo existencialista Albert Camus disse: “O que o mundo espera dos cristãos é que se expressem em voz alta e clara [...] de tal maneira que nenhuma dúvida sequer, por mais ínfima que seja, possa surgir no coração até do mais simples dos homens”.

O conselho não queria que a mensagem do evangelho se propagasse; no entanto, foi exatamente isso que aconteceu! De cento e vinte homens e mulheres de oração em Atos 1, a Igreja cresceu para mais de três mil pessoas no dia de Pentecostes e, a essa altura, já havia mais de cinco mil discípulos! Nos dias subseqüentes, “crescia mais e mais a multidão de crentes, tanto homens como mulheres, agregados ao Senhor” (At 5:14; ver também 6:1, 7). As tentativas de Satanás de calar a Igreja só produziram um testemunho ainda mais forte para o Senhor.

O fracasso do conselho (vv. 19-22). O fracasso dos líderes ficou claro quando Pedro se recusou a ser intimidado por suas ameaças. Todos precisamos seguir o exemplo de Pedro e tomar decisões com base na pergunta: “Isto é certo?”, e não: “As pessoas vão gostar disto?”, ou “Isto é seguro?” Mas, antes de fazer oposição às autoridades do governo, devemos ter certeza de que estamos firmados em ensinamentos claros da Palavra de Deus. Pedro sabia o que o Senhor havia ordenado aos cristãos (At 1:8) e estava determinado a obedecer a qualquer custo.

Hoje em dia, está na moda promover as causas mais diversas pela oposição ao governo, pela desobediência à lei e pela defesa

de ações com base na consciência. Uma vez que até mesmo alguns cristãos estão envolvidos nessa abordagem de ação social, é importante entender o tipo de “desobediência civil” praticada pelas pessoas da Bíblia. Pedro e João não foram os únicos que desobedeceram às autoridades a fim de servir a Deus. Se fizéssemos uma lista de figuras bíblicas “subversivas, zelosas e conscienciosas”, poderíamos incluir, dentre outras: as parteiras hebréias no Egito (Êx 1), os pais de Moisés (Hb 11:23), Daniel (Dn 1; 6) e os três rapazes de Judá (Dn 3). Quando examinamos os relatos, descobrimos os princípios bíblicos que orientaram essas pessoas, princípios estes nem sempre seguidos hoje.

Em primeiro lugar, esses “subversivos” tinham uma mensagem de Deus que não poderia ser questionada. As parteiras e o pai de Moisés sabiam que era errado matar os bebês hebreus. Daniel e seus amigos sabiam que era errado consumir alimentos oferecidos a ídolos ou se curvar diante de ídolos em adoração. Pedro e João sabiam que estavam seguindo as ordens do Mestre de pregar o evangelho até os confins da Terra e que seria errado obedecer ao sinédrio. Todas essas pessoas obedeciam fielmente a uma palavra clara de Deus, não apenas agindo por algum capricho egoísta de sua parte.

Em segundo lugar, sua convicção abrangia todas as áreas de sua vida. Em outras palavras, faziam tudo “por motivo de sua consciência para com Deus” (1 Pe 2:19), pois pertenciam a Deus. O estudante universitário de hoje, cuja consciência lhe permite colar nas provas ou dirigir embriagado, mas não lhe permite cumprir o serviço militar, não me convence que está, de fato, cultivando uma consciência saudável. Quando a vida toda de uma pessoa é dirigida por uma consciência piedosa, creio que é mais fácil confiar em suas decisões, mesmo que não sejam vistas com bons olhos.

É importante observar, também, que nossos exemplos da Bíblia agiram com respeito e cortesia, mesmo ao desafiar a lei. O cristão pode respeitar a autoridade e, ao mesmo tempo, desobedecer às autoridades (ver Rm 13; Tt 3:1, 2; 1 Pe 2:13-25). Daniel

procurou não colocar seu guarda em uma situação difícil, e, quando os apóstolos eram presos, usavam o encarceramento como oportunidade de testemunhar. Um contraste e tanto com alguns “cristãos subversivos” modernos, que parecem especializar-se em acusar e em condenar em lugar de se dedicar a testemunhar em amor.

É evidente que o maior exemplo de sofrimento injusto vem de Jesus Cristo, e devemos imitá-lo (ver 1 Pe 2:13-25). Jesus ensina que o protesto justificado contra as injustiças sempre envolve sacrifício e sofrimento e deve ser motivado pelo amor. O povo de Deus deve ter cuidado para não envolver os preconceitos com um manto de “indignação justa” nem se fazer de soldados corajosos da consciência. É preciso examinar o coração com honestidade e se certificar de não estar promovendo uma “guerra santa” só para satisfazer frustrações interiores.

Uma vez que não tinham qualquer acusação formal a apresentar, os membros do conselho ameaçaram os apóstolos e, depois, os liberaram. Afinal, é preciso agir com cautela quando se tem diante de si um milagre vivo!

3. A IGREJA: INVOCA O NOME DE CRISTO (AT 4:23-31)

A maior concentração de poder naquele dia se deu na reunião de oração realizada depois do interrogatório. Essa é uma das grandes orações registradas na Bíblia e um ótimo exemplo para seguirmos.

Em primeiro lugar, foi uma oração nascida do desejo de dar testemunho e de servir ao Senhor. Pedro e João haviam acabado de voltar “das trincheiras”, e a igreja reuniu-se para orar a fim de derrotar o inimigo. Hoje em dia, com muita frequência, os cristãos se reúnem para orar como quem vai para um espetáculo ou para uma festa. Praticamente não há qualquer idéia de urgência nem de perigo, pois a maioria de nós leva uma vida cristã confortável. Se outras pessoas estivessem dando testemunho de Cristo em sua vida diária, haveria mais urgência e bênção quando a igreja se reúne para orar.

Foi uma reunião de oração harmoniosa, pois, “unânicos, levantaram a voz a Deus” (At 4:24; ver 1:14). O povo se unia em sua mente e coração, e Deus agradou-se de responder a seus pedidos. As divisões dentro da igreja representam sempre um obstáculo para as orações e privam a igreja de seu poder espiritual.

Sua oração foi firmemente fundamentada na Palavra de Deus, nesse caso, no Salmo 2. A Palavra de Deus e a oração devem sempre andar juntas (Jo 15:7). Deus fala por sua Palavra e diz o que deseja que façamos. Falamos com Deus na oração e nos colocamos à disposição dele para fazer a sua vontade. A verdadeira oração não consiste em dizer a Deus o que fazer, mas em pedir que Deus faça sua vontade em nós e por meio de nós (1 Jo 5:14, 15). É pedir que a vontade de Deus seja feita na Terra, não que a vontade humana seja feita no céu.

Não oraram para que suas circunstâncias fossem alteradas, nem para que seus inimigos fossem depostos dos cargos. Antes, pediram que Deus lhes desse poder para fazer o melhor uso possível das circunstâncias e realizar o que ele já havia determinado (At 4:28). Não foi uma demonstração de “fatalismo”, mas de fé no Senhor da história que tem um plano perfeito e é sempre vitorioso. Pediram capacitação divina, não uma rota de fuga; e Deus lhes deu o poder de que precisavam.

“Não orem pedindo uma vida fácil”, escreveu Phillips Brooks. “Orem para ser homens e mulheres mais fortes. Não orem para que suas incumbências estejam à altura de seu poder. Orem por poder suficiente para suas incumbências.” Foi assim que esses primeiros cristãos oraram, e é assim que o povo de Deus deve orar hoje.

Dirigiram-se a Deus como “Soberano Senhor”, o Deus que está no controle de todas as coisas. O termo grego para soberano é a origem de nossa palavra *déspota*, um governante que exerce poder absoluto, quer de modo benevolente quer abusivo. Simeão usou esse mesmo título quando orou no templo (Lc 2:29). É bom conhecer o Senhor Soberano quando enfrentamos perseguição.

Também o abordaram como Criador, pois, afinal de contas, se nosso Pai é “Senhor do céu e da terra”, o que temos a temer? (ver Mt 11:25-30). Neemias dirigiu-se a Deus com base nesse mesmo princípio (Ne 9:6), como também o fizeram o salmista (ver Sl 145) e o profeta Isaías (Is 42). Anos depois, quando escreveu sua primeira epístola, Pedro encorajou os santos aflitos a se entregar ao fiel Criador (1 Pe 4:19).

O Salmo 2 descreve a rebelião das nações contra o Senhor e seu Ungido. Originalmente, esse salmo desenvolveu-se a partir da coroação de um novo rei em Israel, possivelmente de Davi. Mas sua mensagem final aponta para o Rei dos reis, Jesus Cristo. Sempre que um novo rei era entronizado, os governantes vassallos a seu redor deveriam apresentar-se e demonstrar sua submissão a ele, mas alguns se recusavam a fazê-lo. Deus apenas riu da rebelião desses homens, pois sabia que jamais poderiam opor-se a seu Rei.

Os primeiros cristãos aplicaram a mensagem desse salmo à própria situação e identificaram seus adversários como Herodes, Pilatos, os romanos e os judeus. Esses inimigos uniram-se contra Jesus Cristo e o crucificaram, no entanto Deus o havia ressuscitado dentre os mortos e entronizado no céu. Tudo isso fazia parte do plano perfeito de Deus (ver At 2:23; 3:18), de modo que não era preciso temer.

A Igreja primitiva acreditava firmemente na soberania de Deus e em seu plano perfeito para seu povo. Convém observar, porém, que não permitiam que sua fé na soberania divina anulasse a responsabilidade humana, pois davam testemunho fiel e oravam. Quando o povo de Deus perde o equilíbrio e enfatiza excessivamente a soberania de Deus ou a responsabilidade humana, a Igreja perde poder. Mais uma vez, somos lembrados das palavras sábias de Agostinho: “Ore como se tudo dependesse de Deus e trabalhe como se tudo dependesse de você”. A fé em um Senhor Soberano é um grande estímulo para o povo de Deus continuar servindo ao Senhor quando as coisas ficam difíceis.

Não pediram proteção, pediram poder. Não pediram fogo do céu para destruir os inimigos (ver Lc 9:51-56), pediram poder do céu para pregar a Palavra e curar os enfermos (ver Mt 5:10-12, 43-48). Seu grande desejo era ter ousadia diante da oposição (ver At 4:17). A ênfase é sobre a mão de Deus operando na vida da Igreja (At 4:28, 30), não sobre a mão humana trabalhando para Deus. A oração feita com fé libera o poder de Deus e permite que a mão de Deus opere (Is 50:2; 64:1-8).

Por fim, devemos observar que o desejo desses cristãos era glorificar o Servo de Deus, Jesus Cristo (At 4:27, 30). Era o nome dele que lhes dava poder para ministrar a Palavra e para realizar milagres; somente seu nome era digno de glória. O maior propósito da oração respondida é a glória de Deus, não as necessidades dos homens.

Deus respondeu fazendo estremecer o local onde estavam reunidos e enchendo seu povo, mais uma vez, do Espírito de Deus (At 4:31). Essa demonstração do poder divino lhes deu a ousadia de que precisavam para continuar servindo ao Senhor apesar da perseguição oficial. Não se tratou de um “segundo Pentecostes”, pois é impossível haver outro, assim como é impossível haver outro Calvário. Foi uma renovação da plenitude do Espírito, a fim de preparar os cristãos para servir ao Senhor e ministrar ao povo.

Em nosso próximo estudo, trataremos de Atos 4:32-37, mas é interessante observar que a nova plenitude do Espírito também criou uma união ainda mais profunda entre esses cristãos (At 4:34), um desejo mais intenso de se sacrificar e de compartilhar uns com os outros. Desfrutaram “abundante poder” e “abundante graça”, as marcas de excelência da Igreja. O resultado foi uma “abundante colheita” de almas para o Senhor.

“Senhor, tu és Deus!” Que declaração de fé e que aplicação prática de uma teologia correta! Porém, esses cristãos jamais poderiam ter orado de tal maneira se sua vida não estivesse sob o controle de Deus. A ousadia na oração é decorrente da fidelidade

e do serviço na vida prática. A soberania de Deus não é uma doutrina abstrata que aceitamos e defendemos. É uma verdade viva em função da qual vivemos e da qual dependemos para todas as necessidades. Quando somos leais ao Senhor e o colocamos em primeiro lugar (At 4:19), podemos crer que ele será fiel e nos levará até o fim.

O nome de Jesus Cristo não perdeu o poder, mas muitos do povo de Deus não têm mais esse poder, pois deixaram de orar

ao Deus soberano. “Nada está além do alcance da oração, exceto o que está fora da vontade de Deus.” Não sei quem disse essas palavras, mas se trata de uma declaração verdadeira. Como sugeriu R. A. Torrey, o conhecido evangelista e educador: “Ore por grandes coisas, espere grandes coisas, trabalhe para alcançar grandes coisas, mas, acima de tudo, ore”.

A Igreja primitiva orou, e Deus respondeu com grande poder.

CUIDADO COM A SERPENTE!

ATOS 4:32 – 5:16

Satanás havia fracassado totalmente em sua tentativa de calar o testemunho da igreja. Mas o inimigo nunca desiste; apenas muda de estratégia. Em sua primeira abordagem, havia atacado a igreja externamente, na esperança de que a prisão e as ameaças assustassem os líderes. Quando isso não deu certo, Satanás decidiu atacar *internamente* e usar pessoas que faziam parte da comunhão dos cristãos.

Devemos encarar o fato de que Satanás é um inimigo astuto. Caso não seja bem-sucedido como “leão devorador” (1 Pe 5:8), ataca novamente como “serpente enganadora” ou “anjo de luz” (2 Co 11:3, 13, 14). Satanás é um homicida e um mentiroso (Jo 8:44), e a igreja deve estar preparada para os dois tipos de ataque.

1. A GENEROSIDADE DOS CRISTÃOS (At 4:32-37)

Os cristãos haviam orado, e o Espírito de Deus os havia enchido e lhes dado novo poder. A igreja que depende da oração com fé experimentará a bênção do Espírito Santo em seu ministério. Como determinar se uma igreja está, de fato, cheia do Espírito? Ao voltar para o relato da primeira ocasião em que o Espírito encheu os cristãos em Pentecostes (At 2:44-47), vemos três características que se destacam em uma igreja cheia do Espírito.

É unida (At 2:44, 46). Trata-se de uma união concedida por Deus, não de uma uniformidade organizacional humana. A igreja é um organismo que se mantém coeso pela vida, e essa vida vem do Espírito Santo. Sem dúvida, a igreja deve ser organizada, pois o organismo desordenado não é capaz de

sobreviver. Quando, porém, a organização começa a representar um empecilho para a vida espiritual e o ministério, a igreja torna-se apenas mais uma instituição religiosa que existe com o único propósito de se manter. Quando o Espírito Santo opera, o povo de Deus une-se em suas convicções doutrinárias, na comunhão, nas ofertas e na adoração (At 4:42).

Tem grande poder e conta “com a simpatia de todo o povo” (At 2:47). Apesar da oposição dos governantes, o povo em geral se sentia atraído pelos cristãos, pois algo novo e empolgante estava acontecendo. Quando líderes religiosos tentaram calar a igreja, foram refreados por medo do povo (At 4:21; 5:26). Por certo, uma igreja cheia do Espírito terá inimigos, mas o que o Senhor faz atrairá a atenção e a admiração das pessoas que anseiam conhecer a Deus.

É multiplicada, pois o Senhor acrescenta novos cristãos diariamente (At 2:47). Em uma igreja cheia do Espírito, o evangelismo não é uma incumbência de poucos escolhidos, mas o prazer diário e ministério de toda a congregação. Na Igreja primitiva, cada membro procurava ser uma testemunha eficaz para Jesus Cristo onde quer que estivesse. Não é de admirar que a Igreja tenha crescido de cento e vinte para cinco mil membros em tão pouco tempo!

Que efeito o ataque de Satanás teve sobre a condição espiritual da igreja? Não teve efeito algum! O fato de Pedro e João terem sido presos, interrogados e ameaçados não afetou, de maneira alguma, a vida espiritual da igreja, pois ela continuava unida (At 4:32), com grande poder (At 4:33) e se multiplicando (At 4:32).

Uma evidência da união da igreja era a forma dos cristãos de se sacrificarem e compartilharem uns com os outros. Quando o Espírito Santo opera, contribuir é uma bênção, não um fardo. Não devemos nos esquecer de que esse “comunismo cristão” era bastante diferente do comunismo político de nossos dias. O que os cristãos faziam era inteiramente voluntário (At 5:4) e motivado pelo amor. Sem dúvida, muitos dos recém-convertidos estavam apenas de passagem

em Jerusalém, visitando a cidade durante as festas, e precisavam depender de seus amigos cristãos para suprir suas necessidades diárias.

Também não devemos imaginar que todos os cristãos venderam todos os seus bens e levaram o dinheiro para os apóstolos. Atos 4:34 dá a entender que, “de tempos em tempos”, alguns dos membros vendiam propriedades e doavam o valor para o fundo comunitário. Quando alguém da congregação tinha uma necessidade, o Espírito orientava outra pessoa a vender algo e suprir essa necessidade.

Apesar de servirem de exemplo o espírito de sacrifício e a generosidade amorosa da Igreja primitiva, os cristãos de hoje não têm a obrigação de implantar essas práticas em suas congregações. Os princípios da contribuição cristã encontram-se descritos nas epístolas, especialmente em 2 Coríntios 8 e 9; em momento algum, esses textos instruem os cristãos a entregar todo o seu dinheiro ao pastor (At 4:35), como se ele fosse um apóstolo. O que importa para nós hoje é o *espírito* da contribuição, não a *letra* de seu sistema.

José, cujo apelido era “Barnabé” (“filho de exortação”), é apresentado neste ponto por vários motivos. Em primeiro lugar, era um contribuinte generoso e um ótimo exemplo do que Lucas estava descrevendo. Em segundo lugar, ao que parece, seu gesto nobre encheu Ananias e Safira de inveja, de modo que tentaram impressionar a igreja com sua oferta e acabaram mortos. Em terceiro lugar, Barnabé exerceu um ministério extremamente importante na Igreja, sendo mencionado pelo menos vinte e cinco vezes no Livro de Atos e outras cinco vezes nas epístolas. Na verdade, foi Barnabé quem incentivou Paulo, quando este estava começando a servir ao Senhor (At 9:26, 27; 11:19-30; 13:1-5), e quem deu a seu sobrinho João Marcos o estímulo necessário depois de haver falhado (At 13:13; 15:36-41; Cl 4:10).

Os levitas não poderiam possuir terras, de modo que é difícil entender como Barnabé adquiriu a propriedade que vendeu. Talvez essa lei específica (Nm 18:20; Dt 10:9)

se aplicasse somente à Palestina e sua propriedade estivesse em Chipre, ou talvez os líderes religiosos corruptos não estivessem aplicando a lei devidamente. Há muita coisa que não sabemos sobre José Barnabé, mas de uma coisa temos certeza: era um homem cheio do Espírito que serviu de estímulo para a Igreja, pois deu tudo de si ao Senhor. Nem todo cristão será como Pedro ou João, mas todos podemos ser como Barnabé e ter um ministério de encorajamento.

2. A HIPOCRISIA DE ANANIAS E SAFIRA (AT 5:1-11)

Como escreveu George McDonald: “Metade da infelicidade do mundo decorre da tentativa de *aparentar* em lugar da tentativa de *ser*”. Jesus chamou isso de “hipocrisia”, que significa simplesmente “usar uma máscara, desempenhar um papel como ator”. Não devemos imaginar que, quando não conseguimos atingir nossos ideais, estamos sendo hipócritas, pois nenhum cristão é capaz de viver à altura de tudo o que sabe ou tem no Senhor. A hipocrisia é a dissimulação *deliberada*, a tentativa de fazer as pessoas acreditarem que somos mais espirituais do que, na realidade, é o caso.

Quando pastoreava minha primeira igreja, o Senhor nos orientou a construir um templo. Nossa congregação não tinha muitos recursos, de modo que o projeto precisou ser modesto. A certa altura do planejamento, sugeri ao arquiteto que talvez pudesse projetar um edifício simples com uma fachada mais elaborada de modo a parecer uma igreja sofisticada.

“De maneira alguma!”, respondeu o arquiteto. “A igreja representa a verdade e a honestidade, e qualquer projeto meu não será apenas de fachada! Um edifício deve dizer a verdade, não fazer de conta que é outra coisa”.

Anos depois, me deparei com um poema que, por si mesmo, é um sermão:

Constroem da igreja a fachada,
Como a de uma catedral requintada.
Então, querendo enganar ao Senhor,
Fazem os fundos sem qualquer primor.

Esse foi o pecado de Ananias e Safira: ergueram uma bela “fachada”, a fim de esconder seu pecado sórdido, pecado este que lhes custou a vida.

O nome “Ananias” significa “Deus é cheio de graça”, mas Ananias descobriu que Deus também é santo. “Safira” quer dizer “bela”, mas o pecado tornou seu coração repulsivo. Por certo, há quem fique estarecido ao ler que Deus matou duas pessoas só porque mentiram sobre uma transação comercial e sobre sua oferta à igreja. Mas quando consideramos os elementos relacionados a esse pecado, devemos concordar que Deus os julgou retamente.

Convém observar que o Senhor julga o pecado com severidade *no começo de um novo período na história da salvação*. Logo depois que o tabernáculo foi erguido, Deus matou Nadabe e Abiú por tentarem apresentar “fogo estranho” ao Senhor (Lv 10). Também providenciou a execução de Acã por desobedecer a ordens depois que Israel havia entrado na Terra Prometida (Js 7). Apesar de Deus certamente não ser responsável pelos pecados dessas pessoas, usou esses julgamentos como advertência a seu povo, inclusive a nós (1 Co 10:11, 12).

Em primeiro lugar, o pecado de Ananias e Safira foi *instigado por Satanás* (At 5:3), uma questão extremamente séria. Se Satanás não consegue derrotar a igreja com ataques externos, infiltra-se em seu meio e trabalha em seu interior (At 20:28-31). Sabe como enganar a mente e o coração dos membros da igreja, mesmo de cristãos sinceros, e como os manipular de modo que sigam suas ordens. Costumamos esquecer que a admoestação sobre a armadura espiritual (Ef 6:10-18) foi escrita para o povo de Deus, não para incrédulos, pois são os cristãos que correm o perigo de ser usados por Satanás para realizar seus propósitos perversos.

Oliver Wendell Holmes escreve: “O pecado tem muitos aparelhos, mas a mentira é o cabo universal que se ajusta a todos eles”. Satanás é um mentiroso e homicida (Jo 8:44). Mentiu *para esse casal e por meio dele*, e essa mentira levou-os à morte. Ao julgar Ananias e Safira, Deus também estava

julgando Satanás, mostrando a todos que não toleraria a dissimulação em sua Igreja.

O pecado deles foi *motivado pelo orgulho*, algo que Deus considera particularmente abominável e que julga (Pv 8:13). Por certo, a igreja louvava ao Senhor pela oferta generosa de Barnabé quando Satanás sussurrou ao casal: “Vocês também podem desfrutar desse tipo de glória! Façam os outros pensarem que são tão espirituais quanto Barnabé!” Ao invés de resistir às investidas de Satanás, Ananias e Safira cederam ao inimigo e planejaram uma estratégia.

Jesus deixou claro que devemos ter cuidado com a maneira de contribuir, a fim de não receber a glória que é devida a Deus (Mt 6:1-4, 19-34). Os fariseus costumavam chamar a atenção para suas ofertas e recebiam o louvor de homens, mas essa seria sua única recompensa! Tudo o que possuímos foi dado por Deus; somos mordomos, não proprietários. Devemos usar o que ele nos dá somente para sua glória (ver Jo 5:44).

Daniel Defoe chamou o orgulho de “governante do inferno”. De fato, foi o orgulho que transformou Lúcifer em Satanás (Is 14:12-15) e foi o orgulho (“como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal”) que fez nossos primeiros antepassados caírem em pecado (Gn 3). O orgulho abre a porta para todos os outros pecados, pois uma vez que passamos a nos preocupar mais com nossa reputação do que com nosso caráter, não há fim para os artifícios que usaremos visando manter a aparência diante dos outros.

A terceira característica do pecado de Ananias e Safira é particularmente perversa: foi um pecado *voltado contra a Igreja de Deus*. Tudo indica que eles eram cristãos. O nível espiritual da igreja naquela época era tão elevado que dificilmente alguém que apenas se dissesse cristão conseguiria participar da comunhão por muito tempo sem que se percebesse sua falsidade. O fato de mentirem ao Espírito (At 5:3) e de tentarem o Espírito (At 5:9) mostra que tinham o Espírito de Deus vivendo dentro deles.

Deus ama sua Igreja e é zeloso ao cuidar dela, pois a Igreja foi comprada com o sangue do Filho de Deus (At 20:28; Ef 5:25)

e colocada na Terra para glorificá-lo e realizar sua obra. Satanás deseja destruir a Igreja, e a maneira mais fácil de fazê-lo é usar os que fazem parte da comunhão dos santos. Se Pedro não tivesse mostrado discernimento, Ananias e Safira teriam se tornado pessoas influentes dentro da Igreja! Satanás continuaria trabalhando por meio deles para cumprir seus propósitos!

A Igreja é "coluna e baluarte da verdade" (1 Tm 3:15), e Satanás a ataca com suas mentiras. A Igreja é o templo de Deus, onde ele habita (1 Co 3:16), e Satanás deseja se mudar para dentro dela e habitar nela também. A Igreja é o exército de Deus (2 Tm 2:1-4), e Satanás procura se infiltrar em seu meio e conseguir o maior número possível de traidores. Enquanto Satanás lança ataques externos, a Igreja está segura; mas, quando penetra seu interior, a Igreja corre perigo.

É fácil condenar Ananias e Safira por sua desonestidade, mas devemos examinar a própria vida e ver se estamos praticando aquilo que professamos. Cantamos os hinos e corinhos de coração ou nosso louvor não passa de uma prática rotineira? "Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim" (Mt 15:8). Se Deus matasse os "dissimulados religiosos" de hoje, quanta gente restaria nas igrejas?

Este capítulo não descreve um caso de "disciplina eclesiástica". Antes, é um exemplo do julgamento pessoal de Deus. "O Senhor julgará o seu povo. Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10:30, 31). Se Ananias e Safira tivessem julgado o próprio pecado, não teriam sofrido o julgamento de Deus (1 Co 11:31), mas concordaram em mentir, e Deus teve de lidar com eles.

Ananias estava morto e enterrado, e Safira nem sabia! Satanás sempre mantém seus servos desinformados e no escuro, enquanto Deus guia seus servos na luz (Jo 15:15). Pedro acusou Safira de tentar o Espírito de Deus, ou seja, de desobedecer deliberadamente a Deus para ver até onde ele iria (Êx 17:2; Dt 6:16). Na verdade, os dois provocaram Deus e o desafiaram a tomar uma atitude - e foi exatamente o que ele fez, de

modo rápido e decisivo. "Não tentarás o Senhor, teu Deus" (Mt 4:7).

Devemos lembrar sempre que seu pecado não foi roubar dinheiro de Deus, mas sim mentir e deixar de dar a Deus a glória que lhe era devida. Não tinham obrigação de vender sua propriedade nem de dar o dinheiro para a igreja (At 5:4). Seu anseio por reconhecimento deu origem ao pecado em seu coração (At 5:4, 9), um pecado que acabou gerando morte (Tg 1:15).

O resultado foi uma onda de temor piedoso que se espalhou por toda a igreja e entre os que ouviram o relato (At 5:11). Passamos de "abundante poder" para "abundante graça" (At 4:33) e, daí, para "abundante temor", e todos esses elementos devem estar presentes na igreja. "Retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor" (Hb 12:28, 29).

3. O MINISTÉRIO DOS APÓSTOLOS (AT 5:12-16)

Vimos que a igreja na plenitude do Espírito é unida, admirada e multiplicada. Satanás deseja dividir a igreja, envergonhá-la e diminuí-la, e, se o permitirmos, é exatamente o que fará.

Porém, a igreja descrita aqui triunfou completamente sobre os ataques de Satanás! O povo continuou unido (At 5:12), sendo admirado pelos de fora (At 5:13) e se multiplicando (At 5:14). Multidões foram ganhas para Cristo e, pela primeira vez, Lucas menciona a salvação de mulheres. Tanto em seu Evangelho quanto em Atos, Lucas fala bastante sobre as mulheres e sobre seu relacionamento com Cristo e com a igreja. Em Atos, encontramos pelo menos doze referências a mulheres, à medida que Lucas mostra seu papel crítico na Igreja apostólica. Trata-se de algo extraordinário, quando consideramos a situação geral da mulher dentro da cultura daquela época (ver Gl 3:26-28).

Deus deu aos apóstolos o poder de realizar milagres. Apesar de ser fato que alguns dos outros membros exerceram poderes miraculosos (At 6:8), a maioria dos milagres

foi realizada pelos apóstolos. Esses “sinais e prodígios” foram usados por Deus para autenticar o ministério apostólico (Rm 15:18, 19; 2 Co 12:12; Hb 2:4).

Assim como havia julgamentos especiais no início de uma nova era, também havia milagres especiais. Não encontramos qualquer milagre em Gênesis, mas no começo da era da Lei, Moisés realizou grandes sinais e prodígios. Elias e Eliseu operaram milagres no começo da grande era dos profetas, e Jesus e os apóstolos fizeram sinais e prodígios no início da era do evangelho. Cada vez que Deus abria uma nova porta, chamava a atenção dos seres humanos para esse fato. Era sua maneira de dizer: “Sigam esses líderes, pois eu os enviei”.

Os grandes prodígios realizados pelos apóstolos foram um cumprimento da promessa de Deus de que realizariam grandes obras em resposta às orações feitas com fé (Jo 14:13, 14). Os milagres operados por Jesus durante seu ministério aqui na Terra tinham três propósitos: (1) demonstrar compaixão e suprir as necessidades humanas; (2) apresentar suas credenciais como Filho de Deus; e (3) transmitir verdades espirituais. Quando alimentou os cinco mil, por exemplo, esse milagre supriu as necessidades físicas dessa multidão, revelou que Jesus era o Filho de Deus e lhe deu a oportunidade de pregar um sermão sobre o Pão da Vida (Jo 6).

Os milagres apostólicos seguiram um padrão semelhante. Pedro e João curaram o mendigo coxo e supriram sua necessidade, mas Pedro usou esse milagre para pregar sobre a salvação e para provar ao povo e ao concílio que ele e João eram, de fato, servos do Cristo vivo. Uma das qualificações de um apóstolo era que tivesse visto o Cristo ressuscitado (At 1:22; 1 Co 9:1); uma vez que hoje ninguém pode dizer que teve essa experiência, a Igreja não possui mais apóstolos. Os apóstolos e profetas lançaram os alicerces para a Igreja (Ef 2:20), e os pastores, mestres e evangelistas edificam a Igreja sobre esses alicerces. Se não há mais apóstolos, não pode mais haver os mesmos “sinais do apostolado” encontrados no Livro de Atos (2 Co 12:12).

Claro que isso não quer dizer que Deus seja limitado e que não seja mais capaz de realizar milagres para seu povo! No entanto, significa que não existe mais a necessidade de milagres como um meio de confirmação. Hoje, temos a Palavra de Deus completa e testamos os mestres por sua mensagem, não por seus milagres (1 Jo 2:18-29; 4:1-6). Além disso, devemos lembrar sempre que Satanás é um falsificador e que pode enganar os incautos. No Antigo Testamento, qualquer profeta que realizava milagres mas, ao mesmo tempo, levava o povo a se desviar da Palavra de Deus era considerado um falso profeta e era morto (Dt 13). O que importa não é a realização de milagres, mas sim a proclamação de uma mensagem fiel à Palavra de Deus.

Um ouvinte do programa de rádio me escreveu com a intenção de discutir comigo essa questão, insistindo que havia casos atuais de pessoas ressuscitadas dentre os mortos. Escrevi de volta e, com toda gentileza, pedi que me enviasse os depoimentos das testemunhas e provas que qualificariam em um tribunal. Ele respondeu e admitiu honestamente que não possuía esse tipo de evidência, mas que acreditava, pois havia escutado um pastor falar sobre essas ressurreições na televisão. A maioria dos milagres registrados na Bíblia foi realizada em público para todos verem e não seria difícil provar sua autenticidade diante de um tribunal.

Pedro e os demais apóstolos ministraram de maneira semelhante a Cristo, com pessoas de toda parte trazendo-lhes seus queridos enfermos e aflitos (Mt 4:23-25; Mc 1:45; 2:8-12). Devia ser difícil para eles andar pelas ruas, pois o povo se ajuntava a seu redor e colocava enfermos sobre leitos diante deles. Alguns tinham até crenças supersticiosas e afirmavam que a sombra de Pedro tinha poder de curar.

É importante observar que *todas essas pessoas foram curadas*. Ninguém foi mandado embora ou deixou de ser curado por “falta de fé”. Foram dias em que o grande poder de Deus falou a Israel e lhes disse que Jesus de Nazaré era, de fato, seu Messias e Salvador. “Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria”

(1 Co 1:22), e Deus deu aos judeus os sinais que pediam. O mais importante não era curar os enfermos, mas ganhar almas perdidas para Cristo, à medida que multidões se juntaram à igreja. O Espírito deu-lhes poder de fazer prodígios e de testemunhar (At 1:8), pois os milagres por si mesmos, sem a Palavra de Deus, não salvam os perdidos.

O maior milagre de todos é a transformação de um pecador em um filho de Deus,

milagre realizado pela graça de Deus. Esse é o milagre que supre a maior de todas as necessidades, o mais duradouro e pelo qual foi pago o mais alto preço: o sangue do Filho de Deus.

E esse é o milagre do qual todos nós podemos participar ao compartilhar a mensagem do evangelho, "porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê" (Rm 1:16).

A VERDADE E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

ATOS 5:17-42

De depois de Pentecostes, a mensagem da ressurreição de Jesus Cristo espalhou-se, à medida que testemunhas com o poder do Espírito compartilhavam o evangelho com os perdidos. A pregação da Palavra foi acompanhada de sinais e prodígios, e ninguém tinha como negar que Deus operava de maneira diferente no meio de seu povo.

Mas nem todos estavam satisfeitos com o sucesso da Igreja. A "instituição religiosa oficial" que fizera oposição ao ministério de Jesus e que o havia crucificado assumiu a mesma posição hostil com relação aos apóstolos. "Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros", disse Jesus. "Eles vos expulsarão das sinagogas; mas vem a hora em que todo o que vos matar julgará com isso tributar culto a Deus" (Jo 15:20; 16:2). Essas palavras começavam a se cumprir.

Era o antigo conflito entre a verdade viva e a tradição morta. O vinho novo não poderia ser colocado em odres velhos, nem o tecido novo poderia ser costurado em vestes gastas (Mt 9:14-17). O mártir inglês Hugh Latimer disse: "Sempre que houver perseguição, grandes são as probabilidades de que a verdade está do lado perseguido".

Vemos nesse relato quatro reações diferentes à verdade de Deus, reações estas que ainda podemos encontrar hoje.

1. O CONSELHO: A VERDADE É ATACADA (At 5:17-28)

O sumo sacerdote e seus colegas tinham três motivos para prender os apóstolos (desa vez, detiveram todos os apóstolos) e interrogá-los. Em primeiro lugar, Pedro e João não haviam obedecido às ordens oficiais de

parar de pregar em nome de Jesus Cristo. Eram culpados de transgredir a lei nacional. Em segundo lugar, o testemunho da igreja refutava as doutrinas defendidas pelos saduceus, apresentando diversas provas de que Jesus Cristo estava vivo. Em terceiro lugar, os líderes religiosos estavam cheios de inveja do grande sucesso desses homens sem qualquer preparo ou autoridade oficial (ver Mt 27:18; At 13:45). As tradições dos patriarcas não haviam atraído tanta atenção nem granjeado tantos seguidores em tão pouco tempo. É impressionante como a inveja pode ser ocultada sob o manto da "defesa da fé".

Os apóstolos não resistiram à prisão nem organizaram um protesto público. Seguiram mansamente a guarda do templo e passaram algumas horas na cadeia pública. Mas, durante a noite, um anjo os libertou e lhes disse para voltar a testemunhar no templo (é evidente que os saduceus não acreditavam em anjos; ver At 23:8). No Livro de Atos, encontramos vários episódios de ministração angelical, enquanto Deus cuidava de seu povo (At 8:26; 10:3, 7; 12:7-11, 23; 27:23). Os anjos são servos que ministram a nós enquanto servimos ao Senhor (Hb 1:14).

Como no livramento de Pedro (At 12:7-11), nem os guardas nem os líderes sabiam que os prisioneiros haviam sido libertos. Temos vontade de sorrir ao pensar na expressão dos guardas quando descobriram que seus prisioneiros mais importantes haviam desaparecido. Podemos apenas imaginar o espanto dos líderes invejosos do sinédrio ao receber o relatório dos guardas! Tentavam impedir os milagres, mas conseguiram apenas multiplicar esses prodígios!

Que contraste enorme entre os apóstolos e os membros do conselho! O conselho era erudito, ordenado e aprovado, no entanto não possuía qualquer ministério de poder. Os apóstolos eram leigos comuns, no entanto, o poder de Deus operava em sua vida. O conselho tentava, desesperadamente, proteger a si mesmo e suas tradições mortas, enquanto os apóstolos arriscavam a vida para compartilhar a Palavra viva de Deus. A igreja dinâmica desfrutava o que

havia de novo, enquanto o conselho defendia o que havia se tornado obsoleto.

Podemos observar diversas emoções se manifestando nessa seção: inveja (At 5:17), perplexidade (At 5:24) e medo (At 5:26; ver 4:21 e Mt 21:26). No entanto, quando os apóstolos entraram, o sumo sacerdote os acusou com toda audácia de estarem desafiando a lei e causando tumulto. Sequer usou o nome de Jesus, referindo-se antes a “[esse] nome” e ao “sangue desse homem”, como que temendo proferir o nome de Jesus e contaminar seus lábios ou atrair sobre si a ira de Deus (ver Jo 15:21).

Mas até mesmo essa acusação odiosa foi um reconhecimento de que a igreja crescia e cumpria sua missão! A ira dos homens louvava ao Senhor (Sl 76:10). O sumo sacerdote percebeu que, se os apóstolos estavam certos, então os líderes judeus haviam errado ao condenar Jesus Cristo. De fato, se os apóstolos tinham razão, então o conselho era culpado de derramar seu sangue (Mt 27:25; 1 Ts 2:14-16). No desenrolar do “juízo”, os apóstolos tornaram-se os juizes, e os membros do conselho, os acusados.

2. OS APÓSTOLOS: A VERDADE É AFIRMADA (AT 5:29-32)

Os apóstolos não mudaram suas convicções (At 4:19, 20). Obedeceram a Deus e confiaram que ele cuidaria das conseqüências. Não poderiam servir a dois senhores e já haviam declarado de que lado estavam. Se tivessem agido como diplomatas em vez de embaixadores (2 Co 5:20), poderiam ter agradado a todos e escapado do açoite. Mas permaneceram firmes diante do Senhor, e ele honrou sua coragem e fé.

Também não mudaram sua mensagem (At 5:30-32). Pedro acusou os líderes de terem assassinado Jesus (ver At 3:13, 14; 4:10) e, mais uma vez, afirmou com toda ousadia que Jesus havia ressuscitado dentre os mortos. Não apenas havia ressuscitado, como também Deus o havia exaltado para o céu. A obra do Espírito Santo, nos últimos dias, era evidência de que Jesus voltara para o céu e enviara seu Espírito, conforme havia prometido. Os saduceus, por certo, não

gostaram de ouvir os apóstolos falando sobre ressurreição.

A posição de Jesus Cristo à direita do Pai é um dos temas-chave das Escrituras. A direita é, evidentemente, um lugar de honra, poder e autoridade. O Salmo 110:1 é a profecia básica, mas há muitas outras referências: Mateus 22:44; Marcos 14:62; 16:19; Atos 2:33, 34; 5:31; Romanos 8:34; Efésios 1:20; Colossenses 3:1; Hebreus 1:3; 8:1; 10:12; 12:2 e 1 Pedro 3:22. Em breve, Estêvão veria Jesus à direita de Deus (At 7:55).

Em seu segundo sermão, Pedro chamou Jesus de “Autor da vida” (At 3:15); aqui se refere ao Senhor como “Príncipe e Salvador”. O termo *Príncipe* pode significar “um desbravador, o que vai à frente, que dá origem”. O sinédrio não estava interessado em desbravar coisa alguma; tudo que seus membros desejavam era proteger os direitos adquiridos e manter as coisas exatamente como estavam (ver Jo 11:47-52). Como “Autor da vida”, Jesus nos salva e nos oferece experiências empolgantes ao caminharmos em “novidade de vida” (Rm 6:4). Há sempre novas trilhas a desbravar.

Hebreus 2:10 o chama de “Autor da salvação”, e o termo traduzido por “Autor” também pode significar “capitão”, pois nossa salvação não é estática. A vida cristã não é um estacionamento, mas sim uma plataforma de lançamento! Não basta nascer de novo; é preciso crescer espiritualmente (2 Pe 3:18) e progredir na caminhada. Em Hebreus 12:2, Jesus é chamado de “Autor e Consumador da fé”, expressão que sugere que ele nos conduz a novas experiências que provam nossa fé e que promovem seu crescimento. Um dos temas centrais de Hebreus é “deixemo-nos levar para o que é perfeito” (Hb 6:1), e não podemos ser aperfeiçoados se não seguirmos a Cristo nem desbravarmos novas áreas da fé e do ministério.

O título *Salvador* não era novidade para os membros do conselho, pois era usado para médicos (que salvam a vida das pessoas), filósofos (que resolvem problemas das pessoas) e estadistas (que livram as pessoas do perigo e da guerra). Aplicava-se até mesmo ao Imperador. Mas somente Jesus Cristo

é o verdadeiro Salvador que livra todos os que nele crêem do pecado, da morte e do julgamento.

Pedro voltou a chamar a nação ao arrependimento (At 2:36; 3:19-26; 4:10-12) e prometeu que a dádiva do Espírito Santo seria concedida aos que obedecessem a Deus. Isso não significa que a dádiva do Espírito seja uma recompensa pela obediência, pois uma dádiva só pode ser recebida pela fé. A frase "Ihe obedecem" é a mesma "obedeciam à fé", em Atos 6:7, e significa "obedecer ao chamado de Deus e crer no Filho de Deus". Deus não *sugere* que os pecadores se arrependam e creiam; ele *ordena* que o façam (At 17:30).

Os apóstolos testemunharam com intrepidez diante do supremo tribunal judeu. O Espírito de Deus capacitou-os e não tiveram medo. Afinal, Jesus havia prometido estar com eles e, por meio de seu Espírito Santo, dar-lhes poder para testemunhar e servir. Eram as testemunhas de sua ressurreição (At 1:22; 2:24, 32; 3:15, 26; 4:10), e ele os levaria até o fim.

3. GAMALIEL: A VERDADE É EVITADA (AT 5:33-39)

Gamaliel era um fariseu que, provavelmente, não queria que os saduceus obtivessem qualquer vitória. Era um estudioso extremamente respeitado pelo povo, um tanto liberal na aplicação da Lei e, ao que parece, moderado em sua abordagem dos problemas. De acordo com os judeus, "Quando Rabban Gamaliel, o Ancião, faleceu, a glória da Lei cessou e a pureza e abstinência morreram". Paulo foi instruído por Gamaliel (At 22:3). O "conselho" de Gamaliel foi imprudente e perigoso, mas Deus usou-o para livrar os apóstolos da morte. O fato de os saduceus darem ouvidos às palavras de um fariseu mostra como Gamaliel era respeitado.

Apesar de Gamaliel ter tentado usar uma lógica fria, não o calor das emoções, sua abordagem foi errada. Para começar, colocou Jesus na mesma categoria que dois rebeldes, o que significa que *já havia rejeitado as evidências*. Para ele, esse "Jesus de Nazaré" era apenas mais um judeu zeloso que havia

tentando libertar a nação de Roma. Mas acaso Teudas e Judas haviam feito as mesmas coisas que Jesus? Havia ressuscitado mortos? Com uma distorção astuta de sua lógica, o fariseu convenceu o conselho de que não havia com que se preocupar! Os agitadores vêm e vão; só é preciso ter paciência.

Além disso, Gamaliel partiu do pressuposto de que "a história se repete". Teudas e Judas se rebelaram, foram subjugados, e seus seguidores foram dispersos. Só era preciso dar tempo a esses galileus e, logo, também debandariam, e nunca mais se ouviria falar de Jesus de Nazaré. Apesar de alguns estudiosos observarem a presença de "ciclos" na história, é provável que sejam apenas aparentes. Quando escolhemos as evidências apropriadas, é possível provar quase qualquer coisa usando a história. O nascimento, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo jamais aconteceram antes e nunca se repetirão. Deus havia irrompido na história e visitado a Terra!

Gamaliel também tinha a idéia equivocada de que, se algo não era de Deus, não daria certo. Mas essa idéia não levava em consideração a natureza pecaminosa humana e a presença de Satanás no mundo. De acordo com Mark Twain, enquanto a verdade ainda está calçando seus sapatos, a mentira já deu uma volta ao redor do mundo. No final, a verdade de Deus será vitoriosa, mas, enquanto isso, Satanás pode se mostrar extremamente forte e influenciar multidões.

Apesar do que afirma o pragmatismo, o sucesso não é prova de que algo é verdadeiro. Seitas falsas muitas vezes crescem mais rapidamente que a Igreja de Deus. Este mundo é um campo de batalha em que verdade e engano travam combate mortal e, com frequência, tem-se a impressão de que a verdade está "com a corda no pescoço", enquanto a mentira está assentada arrogantemente em seu trono. Quanto tempo o conselho deveria esperar para determinar se o novo movimento sobreviveria? Que provas poderiam usar para verificar se estava ou não sendo bem-sucedido? Sob qualquer ponto de vista, a "lógica" de Gamaliel é insensata.

Mas a maior deficiência de seu conselho era sua motivação: incentivou a neutralidade quando o conselho estava diante de uma situação de vida ou morte que exigia uma decisão. “Vamos esperar para ver o que acontece”, normalmente, não é uma forma de neutralidade; é *uma decisão clara*. Gamaliel estava votando: “Não!”, mas dizendo: “quem sabe algum dia...”.

Muitas coisas na vida não exigem uma decisão corajosa com base na consciência. Um colega de seminário ficou emocionalmente perturbado quanto tentou tomar todas as decisões de acordo com sua consciência, inclusive o que comeria no café da manhã e que caminho escolheria para ir a uma loja. Porém, quando encaramos questões sérias de consciência, devemos examinar as evidências com cuidado. Foi exatamente o que Gamaliel se recusou a fazer. Perdeu a oportunidade de ser salvo, pois transformou a reunião em uma simples discussão sobre revolucionários judeus.

Jesus deixou claro que é impossível permanecer neutro em relação a ele e sua mensagem. “Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha” (Mt 12:30). Os membros do conselho conheciam as palavras de Elias: “Até quando coxeareis entre dois pensamentos?” (1 Rs 18:21). Há momentos em que manter a neutralidade significa tomar uma decisão silenciosa (e, talvez, covarde) de rejeitar a oferta de Deus. É bastante sugestivo que o primeiro grupo citado entre os que vão para o inferno seja o dos “covardes” (Ap 21:8), pessoas que tinham conhecimento da verdade, mas ficaram com medo de assumir uma posição.

Se Gamaliel estava mesmo com medo de lutar contra Deus, por que não investigou as evidências com honestidade, examinando diligentemente as Escrituras, ouvindo as testemunhas e pedindo a Deus que lhe desse sabedoria? Essa era uma oportunidade única em sua vida! Daniel Defoe, autor da obra *Robinson Crusoe*, afirmou que ninguém nasce covarde. “A verdade constitui o homem corajoso”, escreveu, “e a culpa transforma o corajoso em um covarde”. O que

alguns homens chamam de cautela, Deus chamaria de covardia. Os apóstolos eram verdadeiros embaixadores, enquanto Gamaliel não passava de um “político religioso”.

4. A IGREJA: A VERDADE É ANUNCIADA (AT 5:40-42)

Parte do conselho desejava matar os apóstolos (At 5:33), mas o discurso de Gamaliel abrandou esse ímpeto violento. Numa decisão “conciliatória”, o sinédrio decidiu ordenar que os apóstolos fossem açoitados, de modo que cada homem recebeu trinta e nove chibatadas (ver Dt 25:1-3; 2 Co 11:24). Então, os líderes ordenaram que os apóstolos não voltassem a falar em Jesus Cristo, pois, do contrário, algo pior poderia lhes acontecer (reler At 2:22; 3:6, 16; 4:10, 12, 17, 18, 30).

Quando as pessoas se recusam a tratar de desentendimentos com base em princípios e na verdade, com freqüência recorrem à violência verbal ou física e, por vezes, a ambas. O mais triste é que essa violência costuma ser disfarçada de patriotismo ou de zelo religioso. Onde falta entendimento, a violência assume o controle, e as pessoas começam a destruir umas às outras em nome de sua nação ou de seu Deus. Infelizmente, até mesmo a história da religião é marcada por relatos de perseguições e de “guerras santas”. De acordo com William Temple, os cristãos “são chamados para realizar a mais difícil de todas as tarefas: lutar sem ódio, resistir sem amargura e, no final, se Deus assim o desejar, triunfar sem um espírito vingativo”.

De que maneira os apóstolos reagiram ao tratamento ilegal que receberam dos líderes religiosos de sua nação? Eles se regozijaram! Jesus havia lhes dito para esperar perseguições e os havia instruído a se regozijar quando isso acontecesse (Mt 5:10-12). A oposição humana representava a aprovação divina, e, na verdade, era um privilégio sofrer pelo nome de Jesus (Fp 1:29).

Parafrazeando Phillips Brooks, o propósito da vida é glorificar a Deus construindo o caráter por meio da verdade. O sinédrio pensava que havia conquistado uma grande

vitória, quando, na verdade, havia experimentado uma derrota esmagadora. Sem dúvida, congratularam uns aos outros por defender a fé com tamanha competência! Mas os verdadeiros vencedores foram os apóstolos, pois cresceram em sua piedade ao se entregar à vontade de Deus e sofrer por seu Mestre. Em anos vindouros, Pedro discorreria em sua primeira epístola sobre o significado do sofrimento para o cristão; nesse momento, porém, aprendia as lições.

Nem ameaças nem açoites os impediram de testemunhar de Jesus Cristo. Pelo contrário; essa perseguição levou-os a confiar ainda mais em Deus e a buscar poder ainda maior para seu ministério. Os verdadeiros cristãos não desistem. Os apóstolos tinham uma comissão a cumprir e pretendiam continuar a trabalhar, enquanto seu Senhor os capacitasse para isso. Atos 5:42 resume o padrão apostólico de evangelismo, dando-nos um excelente exemplo.

Em primeiro lugar, testemunhavam “todos os dias”. Isso significa que aproveitavam todas as oportunidades de dar testemunho, onde quer que estivessem (Ef 5:15, 16). Bem ou mal, *todo* cristão é uma testemunha, e nosso testemunho pode aproximar ou afastar as pessoas de Cristo. Um ótimo hábito é começar cada dia pedindo sabedoria e graça para testemunhar de Cristo em amor. Se buscarmos de coração as oportunidades e esperarmos que Deus as conceda, jamais nos veremos sem portas abertas para falar do evangelho.

D. L. Moody testemunhava destemidamente de Cristo e procurava falar sobre questões espirituais para pelo menos uma pessoa por dia. “Como vai sua alma hoje?”, perguntava; ou “Você ama ao Senhor? Você pertence a Jesus Cristo?”. Alguns se ofendiam com sua abordagem direta; mas não foram poucos os que se entregaram a Cristo nessas ocasiões. “Quanto mais usamos os meios e as oportunidades que temos”, dizia Moody, “mais capacidade e oportunidades teremos”. E também: “Vivo em função das almas e da eternidade; desejo ganhar almas para Cristo”. Não se contentava apenas em falar às multidões; também se sentia impelido a

conversar com as pessoas individualmente e a instá-las a crer em Jesus Cristo.

Os cristãos testemunhavam “no templo”. Afinal, era o lugar mais fácil de alcançar as pessoas “religiosas”. Por muitos anos, a Igreja foi considerada apenas outra “seita” da fé judaica, e muitas sinagogas mantiveram as portas abertas para os cristãos. Em suas viagens missionárias, Paulo sempre ia primeiro para a sinagoga da cidade ou para alguma casa de oração dos judeus e dava seu testemunho nesses locais até ser expulso.

Muitas vezes, tenho aconselhado recém-convertidos a voltar a suas comunidades de origem e a testemunhar de Cristo até que alguém peça para se retirarem (ver 1 Co 7:17-24). Os apóstolos não abandonaram o templo dos judeus, apesar de saber que a antiga dispensação havia chegado ao fim e que, um dia, o templo seria destruído. Não procuravam uma saída conciliatória, mas sim oportunidades de alcançar mais pessoas para Cristo.

Enquanto ministrei na igreja Moody, em Chicago, tive a alegria de levar a Cristo um pastor muito capaz que ministrava a uma congregação de pessoas de classe alta. Ele voltou para sua igreja e começou a falar de Cristo, e várias pessoas foram salvas. Depois disso, os líderes de sua denominação intervieram e ameaçaram demiti-lo.

– O que devo fazer? – perguntou-me.

– Fique lá até expulsarem você. Seja amoroso e gentil, mas não desista!

Acabou sendo obrigado a sair daquela igreja, mas antes disso, influenciou muita gente, tanto em sua congregação quanto na comunidade. Hoje, Deus o está usando de maneira extraordinária para testemunhar e treinar outros para falarem de Cristo. Ele consegue alcançar igrejas e grupos que jamais me convidariam!

Os primeiros cristãos também testemunhavam “de casa em casa”. Ao contrário das congregações de hoje, essas pessoas não tinham um local específico para fazer seus cultos. Os cristãos encontravam-se nos lares uns dos outros e, nessas casas, adoravam ao Senhor, ouviam os ensinamentos e procuravam ganhar almas para Cristo (ver At 2:46). Paulo referiu-se a várias “congregações

domésticas" desse tipo ao saudar os santos em Roma (Rm 16:5, 10, 11, 14). A Igreja primitiva levava a Palavra para dentro dos lares das pessoas, e devemos seguir seu exemplo. Isso não significa que é errado ter um lugar específico para o ministério da igreja, mas apenas que não devemos limitar esse ministério às quatro paredes do templo.

Seu ministério era incessante. As autoridades haviam ordenado que parassem de testemunhar, mas em lugar de acatarem essa ordem, testemunharam ainda mais! Não o fizeram para desafiar a lei, mas sim para obedecer ao Senhor. Seu testemunho não era algo que ligavam e desligavam dependendo da situação. Dedicavam-se continuamente a essa atividade, enquanto Deus lhes dava oportunidades.

O testemunho da igreja incluía o ensino e a pregação, uma combinação equilibrada. O termo traduzido por "pregar" dá origem a nosso verbo *evangelizar*, sendo esta a primeira de quinze vezes em que é usado em Atos. Significa simplesmente "pregar o evangelho, compartilhar as boas-novas de Jesus Cristo" (ver 1 Co 15:1-8 para uma declaração oficial da mensagem do evangelho).

Contudo, a proclamação deve ser contrabalançada com o ensino (ver At 2:42), de modo que os pecadores saibam *em que* devem crer, e os recém-convertidos entendam *por que* creram. A mensagem não produz frutos se a pessoa não a compreender e não tomar uma decisão inteligente (Mt

13:18-23). Os cristãos só podem crescer se a Palavra de Deus lhes for ensinada (1 Pe 2:1-3).

Por fim, o cerne de seu testemunho era Jesus Cristo. Era exatamente o nome que o sinédrio havia condenado! A Igreja primitiva não perdia tempo discutindo religião ou condenando a instituição vigente; apenas falava ao povo de Jesus Cristo e instava as pessoas a crerem nele. "Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor" (2 Co 4:5). "E sereis minhas testemunhas" (At 1:8).

Tive o privilégio de pregar em um culto de comemoração do quadragésimo aniversário do ministério de um pastor amigo meu, cujo trabalho tem abençoado muitas pessoas. Vários de seus amigos participaram do culto e expressaram com muita sinceridade seu amor por ele e sua apreciação por seu ministério. À medida que o culto se desenvolava, meu amigo foi ficando cada vez mais sem jeito e, quando chegou minha vez de trazer a mensagem, ele se inclinou e sussurrou no meu ouvido:

- Warren, por favor, fale de Jesus!

Em seu inteligente e persuasivo livro *The gospel blimp*, o hoje falecido Joe Bayly escreveu: "Jesus Cristo não entregou o evangelho a uma agência de publicidade; ele comissionou discípulos".

Essa comissão ainda vale para nós hoje.

Em sua vida, essa tarefa é uma comissão ou uma omissão?

ESTÊVÃO, O HOMEM COROADO POR DEUS

ATOS 6 - 7

O Novo Testamento usa duas palavras para "coroa": *diadema*, que significa "uma coroa real" e dá origem ao homônimo em nossa língua, e *stephanos*, que quer dizer "coroa de vitória" e de onde vem o nome Estêvão. Uma pessoa pode herdar um *diadema*, mas precisa esforçar-se para obter um *stephanos*.

Atos 6 e 7 concentram-se no ministério e martírio de Estêvão, um cristão cheio do Espírito que foi coroado pelo Senhor. "Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida" (Ap 2:10). Estêvão foi fiel tanto em sua vida quanto em sua morte, portanto é um excelente exemplo para nós.

Estes capítulos apresentam Estêvão como um servo fiel em quatro áreas do ministério.

1. ESTÊVÃO, O SERVO (AT 6:1-7)

A igreja passava pelas "dores do crescimento", e os apóstolos sentiam cada vez mais dificuldade de ministrar a todos. Os "helenistas" eram judeus que falavam grego; mudaram-se para a Palestina vindos de outras nações, e é possível que não falassem aramaico. Os "hebreus", por sua vez, eram os residentes judeus da terra que falavam tanto aramaico quanto grego. O fato de os "forasteiros" estarem sendo deixados de lado criou uma situação que poderia ter dividido a igreja. No entanto, os apóstolos trataram dessa questão com grande sabedoria e não deram a Satanás a oportunidade de abalar a comunhão da igreja.

Quando uma igreja enfrenta problemas sérios, essa fase oferece aos líderes e membros inúmeras oportunidades. Dentre outras coisas, os problemas são a oportunidade de

avaliar nosso ministério e de descobrir que mudanças precisam ser feitas. Em tempos de sucesso, é fácil manter o *status quo*, e há certo perigo nesse conforto. Henry Ward Beecher chamou o sucesso de "ninho do ano anterior, do qual os pássaros já voaram embora". Qualquer ministério ou organização que acredita que seu sucesso continuará sem que seja necessária qualquer intervenção ruma para o fracasso. É preciso avaliar a vida e o ministério com frequência, a fim de não deixar de dar o devido valor ao que se possui.

Os apóstolos analisaram a situação e concluíram que eles eram os culpados: estavam tão atarefados servindo às mesas que deixaram de dar a atenção necessária aos ministérios da Palavra de Deus e da oração. Haviam criado seu próprio problema, pois tentavam fazer coisas demais ao mesmo tempo. Ainda hoje, alguns pastores ocupam-se tanto com tarefas secundárias que deixam de dedicar o tempo necessário para o estudo e a oração. A igreja começa a sofrer de uma "deficiência espiritual" que favorece o desenvolvimento de problemas.

Isso não significa que servir às mesas seja um trabalho inferior, pois todos os ministérios da igreja são importantes. Trata-se, porém, de uma questão de prioridades; os apóstolos faziam trabalhos que outros estavam igualmente aptos a realizar. D. L. Moody costumava dizer que era melhor colocar dez homens para trabalhar do que tentar fazer o trabalho de dez homens. Sem dúvida, é melhor para nós, para os trabalhadores que recrutamos e para a igreja como um todo.

Os problemas na igreja servem de oportunidade para exercitar nossa fé, não apenas no Senhor, mas também uns nos outros. Os líderes sugeriram uma solução, e todos os membros concordaram. A assembléia escolheu sete homens qualificados, e os apóstolos os consagraram para o ministério. A igreja não teve medo de fazer ajustes em sua estrutura, a fim de dar espaço para a expansão do ministério. Quando a estrutura e o ministério entram em conflito, temos a oportunidade de confiar que Deus nos guiará para encontrarmos uma solução. É triste

quando as igrejas destroem ministérios por se recusarem a modificar suas estruturas. Os apóstolos não tinham medo de compartilhar sua autoridade e de ministrar junto a outros.

Os problemas também oferecem a oportunidade de expressar o amor. Os líderes e membros da igreja, em sua maioria hebreus, escolheram seis helenistas e um gentio prosélito! Que ilustração maravilhosa de Romanos 12:10 e de Filipenses 2:1-4! Ao resolver problemas na igreja, devemos pensar nos outros, não apenas em nós mesmos.

Costumamos chamar esses sete homens de Atos 6 de "diáconos", pois o termo grego *diakonos* é usado em Atos 6:1 ("distribuição"), e o verbo *diakoneo* ("servir") é usado em Atos 6:2. No entanto, não recebem oficialmente este título aqui. Filipenses 1:1 fala de diáconos e 1 Timóteo 3:8-13 apresenta as qualificações para essa função. O termo significa simplesmente "servo". Esses sete homens eram servos humildes da igreja e seu trabalho permitiu que os apóstolos dessem continuidade ao ministério importante que exerciam no meio do povo.

Um desses homens era Estêvão, e a ênfase em sua vida é sobre a *plenitude*: ele era cheio do Espírito Santo e de sabedoria (At 6:3, 10), cheio de fé (At 6:5) e de poder (At 6:8). Nas Escrituras, ser "cheio de" significa ser "controlado por". Esse homem era controlado pelo Espírito Santo, pela fé, pela sabedoria e pelo poder. Era controlado por Deus, submisso ao Espírito Santo e procurava levar as pessoas a Cristo.

Qual é o resultado disso tudo? A bênção de Deus continuou e aumentou! A igreja permanecia unida (At 6:5), multiplicando-se (At 6:7) e operando em poder (At 6:8). Atos 6:7 é um dos diversos "sumários" do livro, com declarações que informam que a história chegou a uma conjuntura importante (ver At 2:41; 4:4; 5:12-16; 6:7; 9:31; 12:24; 16:5; 19:20 e 28:31). Em Atos 6:7, Lucas descreve o auge do ministério em Jerusalém, pois a perseguição depois da morte de Estêvão levaria o evangelho a Samaria e, posteriormente, aos gentios. Acredita-se que havia cerca de oito mil sacerdotes ligados ao ministério do templo em Jerusalém e

"muitíssimos" creram em Jesus Cristo como seu Salvador!

2. ESTÊVÃO, A TESTEMUNHA (AT 6:8-15)

Esse homem cheio do Espírito não limitou seu ministério a servir às mesas; também ganhou almas para Cristo e operou milagres. Até esse ponto, os milagres haviam sido realizados pelos apóstolos (At 2:43; 5:12), mas aqui Deus também dá esse poder a Estêvão. Isso fazia parte de seu plano de usar Estêvão para testemunhar aos líderes de Israel. O testemunho poderoso de Estêvão seria o ponto culminante do testemunho da igreja aos judeus. Então, a mensagem seria levada a Samaria e, em seguida, aos gentios.

Judeus de várias nações viviam em Jerusalém, em seus próprios "bairros", e alguns desses grupos étnicos possuíam as próprias sinagogas. Os "Libertos" eram descendentes dos judeus que haviam sido cativos, mas que obtiveram sua liberdade de Roma. Uma vez que Paulo era de Tarso, na Cilícia (At 21:39), é possível que tenha ouvido Estêvão na sinagoga e talvez até discutido com ele. Porém, não havia quem se equiparasse ou que resistisse à sabedoria e ao poder de Estêvão (ver Lc 21:15). Assim, a única alternativa era destruí-lo.

O tratamento que Estêvão recebeu é paralelo à forma como os líderes judeus trataram Jesus. Primeiro, contrataram falsas testemunhas para depor contra ele. Em seguida, instigaram o povo que, por sua vez, o acusou de atacar a Lei de Moisés e o templo. Por fim, depois de ouvirem seu testemunho, o executaram (ver Mt 26:59-62; Jo 2:19-22).

Os judeus guardavam sua Lei com grande zelo e não conseguiam entender de que maneira Cristo havia vindo para cumprir a Lei e dar início à nova era. Orgulhavam-se de seu templo e se recusavam a crer que Deus permitiria que fosse destruído. Estêvão deparou-se com o mesmo tipo de cegueira espiritual que Jeremias enfrentou em seu ministério (ver Jr 7). A Igreja sofreu a oposição da tradição judaica por muitos anos, tanto de pessoas do próprio meio (At 15) como de falsos mestres de fora (Gl 2:4).

Os adversários de Estêvão o surpreenderam e o levaram preso enquanto ministrava (“o arrebataram”, ou seja, “lhe sobrevieram repentinamente”; At 6:12); e o colocaram perante o mesmo conselho que havia julgado Jesus e os apóstolos. Estêvão nem sequer precisava falar a fim de testemunhar, pois o brilho de seu rosto deixava claro a todos que ele era um servo de Deus. Sem dúvida, os membros do sínédrio se lembraram do rosto resplandecente de Moisés (Êx 34:29, 30). Era como se Deus estivesse dizendo: “Este homem não é contra Moisés! Ele é como Moisés: meu servo fiel!”

3. ESTÊVÃO, O JUIZ (AT 7:1-53)

Este é o discurso mais longo do Livro de Atos e também um dos mais importantes. Nele, Estêvão recapitulou toda a história de Israel e as contribuições feitas por vários de seus líderes: Abraão (At 7:2-8), José (At 7:9-17), Moisés (At 7:18-44), Josué (At 7:45) e Davi e Salomão (At 7:46-50). Mas esse discurso foi mais do que uma narração de fatos conhecidos; também foi uma refutação das acusações dos líderes contra Estêvão e uma revelação dos pecados de sua nação. Estêvão usou as próprias Escrituras dos judeus para provar que sua nação era culpada de pecados piores do que aqueles dos quais ele era acusado. Que pecados eram esses?

Interpretaram incorretamente as próprias raízes espirituais (vv. 1-8). O discurso de Estêvão começa com “O Deus da glória” e termina com a glória de Deus (At 7:55); e durante todo o tempo em que falou, o rosto de Estêvão irradiou essa mesma glória! Isso porque Israel era a única nação que havia recebido o privilégio de ter a glória de Deus como parte de sua herança (Rm 9:4). Infelizmente, a glória de Deus havia partido, primeiro do tabernáculo (1 Sm 4:19-22), depois do templo (Ez 10:4, 18). A glória de Deus viera em seu Filho (Jo 1:14), mas a nação o havia rejeitado.

Abraão foi o fundador do povo hebreu, e seu relacionamento com Deus era definido pela graça e pela fé. Em sua graça, Deus havia se manifestado a ele e o havia chamado das trevas do paganismo para a luz da

salvação, e Abraão havia respondido pela fé. Abraão foi salvo pela graça, por meio da fé, não porque era circuncidado, guardava uma lei ou adorava em um templo. Todas essas coisas vieram depois (ver Rm 4; Gl 3). Ele creu nas promessas de Deus, e foi essa fé que o salvou.

Deus prometeu a terra aos descendentes de Abraão e, em seguida, disse a Abraão que seus descendentes sofreriam no Egito antes de entrarem na terra e de desfrutá-la. Tudo ocorreu exatamente como Deus havia prometido. Desde o início, Deus tinha um plano sábio para seu povo, e esse plano se cumpriria desde que o povo cresse em sua Palavra e obedecesse à sua vontade.

Abraão era extremamente reverenciado pelos judeus, que se orgulhavam de ser seus “filhos”, mas confundiam a descendência física com a experiência espiritual e dependiam de sua herança nacional em vez de sua fé pessoal. João Batista os havia advertido sobre esse pecado (Mt 3:7-12), e Jesus também (Jo 8:33-59). Os judeus não conseguiam enxergar a fé simples de Abraão e dos patriarcas e a encheram de tradições criadas por homens, atrelando a salvação a boas obras, não à fé. Deus não tem netos. Cada um de nós deve nascer na família de Deus pela fé pessoal em Jesus Cristo (Jo 1:11-13).

Os judeus orgulhavam-se de sua circuncisão, mas não entendiam que o ritual simbolizava um relacionamento espiritual interior com Deus (Dt 10:16; Jr 4:4; 6:10; At 7:51; Gl 5:1-6; Fp 3:3; Cl 2:11, 12). Ao longo dos anos, o cumprimento do ritual havia tomado o lugar do gozo da realidade, algo que continua acontecendo nas igrejas hoje.

Rejeitaram os libertadores que Deus lhes enviou (vv. 9-36). Juntei as sessões que falam sobre José e Moisés, pois esses dois heróis de Israel têm algo em comum: a princípio, ambos foram rejeitados como libertadores, mas foram aceitos posteriormente. Os irmãos de José o odiavam e o venderam como escravo; no entanto, anos depois, ele se tornou seu libertador. Reconheceram José “na segunda vez” (At 7:13), quando voltaram

para o Egito a fim de buscar mais alimentos. Israel rejeitou Moisés da primeira vez que tentou libertá-los da escravidão egípcia. Ele teve de fugir para não ser morto (Êx 2:11-22), mas quando se apresentou ao povo pela segunda vez, os hebreus o aceitaram, e Moisés os libertou (At 7:35).

Esses dois acontecimentos ilustram a maneira de Israel tratar Jesus Cristo. A nação rejeitou o Messias quando este veio pela primeira vez (Jo 1:11), mas quando Cristo voltar, ela o reconhecerá e o receberá (Zc 12:10; Ap 1:7). Apesar do que os judeus fizeram com seu Filho, Deus não rejeitou seu povo (Rm 11:1-6). Hoje, Israel sofre de cegueira espiritual parcial que, um dia, será removida (Rm 11:25-32). Vários indivíduos judeus estão sendo salvos, mas a nação como um todo não consegue enxergar a verdade de Jesus Cristo.

Antes de encerrar esta seção, devemos tratar de algumas contradições aparentes entre o discurso de Estêvão e as Escrituras do Antigo Testamento.

Gênesis 46:26, 27 afirma que a casa de Jacó era constituída de setenta pessoas, inclusive a família de José, que já se encontrava no Egito; mas Estêvão fala de setenta e cinco pessoas (At 7:14; ver Êx 1:1-5). O texto hebraico apresenta o número setenta tanto em Gênesis como em Êxodo, mas a Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento) diz setenta e cinco. De onde surgiu esse número da Septuaginta? Ao fazer a contagem, os tradutores incluíram os netos de José (1 Cr 7:14, 15, 20-25). Uma vez que Estêvão era um judeu helenista, usou, naturalmente, a Septuaginta. Não existe aqui qualquer contradição; o total depende dos elementos incluídos.

Atos 7:16 sugere que Jacó foi sepultado em Siquém, mas Gênesis 50:13 afirma que ele foi sepultado numa caverna em Macpela, em Hebrom, juntamente a Abraão, Isaque e Sara (Gn 23:17). José foi sepultado em Siquém (Js 24:32). É provável que os filhos de Israel tenham levado embora do Egito os restos mortais de todos os filhos de Jacó, não apenas os de José, e que os tenham sepultado em Siquém. Os "pais" mencionados

em Atos 7:15 seriam, então, os doze filhos de Jacó.

Mas quem comprou o sepulcro em Siquém, Abraão ou Jacó? Estêvão parece afirmar que a compra foi feita por Abraão, mas o Antigo Testamento diz que foi Jacó quem comprou a propriedade (Gn 33:18-20). Abraão comprou a caverna de Macpela (Gn 23:14-20). A explicação mais simples é que, na verdade, Abraão comprou as duas propriedades, e, posteriormente, Jacó teve de readquirir a terra de Siquém. Abraão mudou-se em várias ocasiões, e os habitantes daquela terra podem facilmente ter ignorado a transação ou se esquecido dela.

Desobedeceram à Lei (vv. 37-43). Os adversários de Estêvão o acusaram de falar contra a Lei sagrada de Moisés, mas a história de Israel revelava que a nação havia *transgredido* a Lei repetidamente. Deus havia dado a Lei a sua "congregação" no deserto, junto ao monte Sinai, entregara ao povo sua Palavra viva por intermédio de anjos (ver At 7:53; Gl 3:19). Mal o povo havia recebido a Lei e já lhe desobedeceu pedindo a Arão lhes confeccionasse um ídolo (Êx 32), quebrando, desse modo, dois dos Dez Mandamentos (Êx 20:1-6).

Os hebreus haviam adorado ídolos no Egito (Js 24:14; Ez 20:7, 8), e depois de se estabelecerem na Terra Prometida, foram adotando, aos poucos, os ídolos das nações pagãs a seu redor. Deus disciplinou-os repetidamente e enviou seus profetas para adverti-los. Então, os judeus foram levados para a Babilônia, onde finalmente foram curados de sua idolatria.

Atos 7:42 deve ser comparado com Romanos 1:24-28, pois todos esses versículos descrevem o julgamento de Deus ao "remover sua mão" e permitir que os pecadores façam o que bem entenderem. Quando Estêvão citou Amós 5:25-27, revelou aquilo que, na realidade, os judeus faziam todos aqueles anos: por fora, adoravam Jeová, mas por dentro, adoravam deuses de outras nações! A forma da pergunta em Atos 7:42 exige uma resposta negativa: "Não! Vocês não estavam oferecendo esses sacrifícios ao Senhor!"

Em nossos tempos de “pluralismo” e de “tolerância”, devemos entender por que Deus odiava as religiões pagãs e ordenou que Israel as destruísse. Em primeiro lugar, essas religiões eram indescritivelmente obscenas em sua adoração do sexo e uso de prostitutas cultuais. Suas práticas também eram brutais, chegando a incluir o sacrifício de crianças aos deuses. Eram, basicamente, formas de adoração demoníaca e abriam espaço a toda sorte de prática perversa da parte dos judeus. Se a nação tivesse deixado o verdadeiro Deus vivo e sucumbido à idolatria, teria sido o fim do remanescente piedoso e do cumprimento da promessa de um Redentor.

Deus lhes deu sua Lei para protegê-los das influências pagãs a seu redor e para permitir que desfrutassem as bênçãos da terra. Era a Lei que fazia deles um povo santo, diferente das outras nações. Quando Israel derrubou esse muro de distinção desobedecendo à Lei de Deus, abriu mão das bênçãos de Deus e teve de ser disciplinado.

Desprezaram seu templo (vv. 44-50). As testemunhas acusaram Estêvão de tentar destruir o templo, mas foi exatamente isso o que a nação dos judeus fez! Moisés construiu o tabernáculo e, pela graça, a glória de Deus foi habitar no Santo dos santos (Êx 40:34-38). Salomão construiu o templo, onde a glória de Deus também foi habitar (1 Rs 8:10, 11). Mas, ao longo dos anos, o culto no templo se degenerou e se transformou em mera formalidade religiosa, até que, por fim, o povo chegou a colocar ídolos no templo (2 Rs 21:1-9; Ez 8:7-12). Jeremias advertiu o povo sobre a fé supersticiosa no templo e lhes disse que haviam transformado a casa de Deus em um covil de salteadores (Jr 7:1-16).

Se a nação tivesse dado ouvidos aos próprios profetas, teria escapado dos horrores do cerco babilônio (ver o Livro de Lamentações) e da destruição de sua cidade e do templo. Até mesmo Salomão reconheceu a verdade que Deus não habita em edifícios (1 Rs 8:27), e o profeta Isaías deixou isso ainda mais claro (Is 66:1, 2). Na realidade, não temos coisa alguma para oferecer a

Deus, pois tudo vem dele; como pode o Criador do universo ser contido em um edifício feito por mãos humanas? (At 17:24). A defesa do templo pelos judeus contrariava a lógica e as Escrituras.

Resistiram obstinadamente a seu Deus e à verdade (vv. 51-53). Esse é o ponto culminante do discurso de Estêvão, a aplicação pessoal que traspassou o coração de seus ouvintes. Ao longo dos séculos, Israel se recusara a submeter-se a Deus e a obedecer às verdades por ele reveladas. Seus ouvidos não escutavam a verdade, seu coração não recebia a verdade e seu pescoço não se curvava à verdade. Em decorrência disso, mataram o próprio Messias!

A nação não quis aceitar a nova verdade que Deus vinha revelando ao longo das eras. Em vez de enxergar a verdade de Deus como uma semente que produz frutos e mais sementes, os líderes “embalsamavam” a verdade e se recusavam a aceitar qualquer coisa nova. Quando Jesus veio ao mundo, a verdade de Deus estava incrustada de tantas tradições que o povo não conseguiu reconhecê-la quando esta lhe foi apresentada. As tradições mortas dos homens haviam substituído a verdade viva de Deus (ver Mt 15:1-20).

4. ESTÊVÃO, O MÁRTIR (AT 7:54-60)

Perguntamo-nos em que mundo vivemos quando homens bons e piedosos como Estêvão podem ser assassinados por intolerantes religiosos! No entanto, em nossa era “esclarecida” também nos deparamos com problemas desse tipo: terroristas que fazem reféns, bombas que matam pessoas inocentes, assassinatos e outras atrocidades, tudo por causa de questões políticas ou religiosas. O coração humano não mudou nem pode ser mudado sem a graça de Deus.

Em que resultou a morte de Estêvão? Para o próprio Estêvão, sua morte foi uma coroação (Ap 2:10). Ele viu a glória de Deus e o Filho de Deus prontos a recebê-lo no céu (ver Lc 22:69). Nosso Senhor assentou-se depois de subir ao céu (Sl 110:1; Mc 16:19), mas se levantou para receber na glória o primeiro mártir cristão (Lc 12:8). Essa é a

última vez que a designação “Filho do Homem” é usada nas Escrituras. Trata-se, sem dúvida alguma, de um título messiânico (Dn 7:13, 14), e, ao usá-lo, Estêvão testemunhou mais uma vez que Jesus é, verdadeiramente, o Messias de Israel.

Estêvão não apenas foi julgado de maneira semelhante a Cristo, como também morreu com orações semelhantes em seus lábios (Lc 23:34, 46; At 7:59, 60). Um sujeito inconveniente gritou a um evangelista que pregava na rua:

– Por que Deus não interveio quando Estêvão estava sendo apedrejado?

Ao que o evangelista respondeu:

– Deus interveio, sim. Concedeu a Estêvão a graça de perdoar seus assassinos e de orar por eles!

Que resposta perfeita!

Para Israel, a morte de Estêvão representou *condenação*. Era seu terceiro homicídio: *permitiram* que João Batista fosse morto; *pediram* que Jesus fosse morto e *mataram* Estêvão com as próprias mãos. Quando permitiram que Herodes matasse João, os judeus pecaram contra Deus Pai, que enviara João (Mt 21:28-32). Quando pediram a Pilatos que crucificasse Jesus, pecaram contra Deus Filho (Mt 21:33-46). Quando apedrejaram Estêvão, pecaram contra o Espírito Santo, que operava nos apóstolos e por meio deles (Mt 10:1-8; At 7:51). Jesus afirmou que tal pecado era imperdoável (Mt 12:31, 32). O julgamento sobreveio, finalmente, no ano 70 d.C., quando Tito e os exércitos romanos destruíram Jerusalém e o templo.

Para a igreja em Jerusalém, a morte de Estêvão significou *liberação*. Desde Pentecostes, testemunhavam “primeiro aos judeus”, mas, a partir de então, seriam guiados pelo Espírito a levar a mensagem para fora de Jerusalém, transmitindo-a aos samaritanos (At 8) e até mesmo aos gentios (At 11:19-26). A oposição do inimigo ajudou a evitar que a igreja se tornasse uma “seita” judaica e incentivou os cristãos a cumprir a comissão de Atos 1:8 e Mateus 28:18-20.

Por fim, no que se refere a Saulo (At 7:58), a morte de Estêvão acabou representando

salvação. Esse acontecimento ficou marcado em sua memória para sempre (At 22:17-21) e, sem dúvida, a mensagem, as orações e a morte gloriosa de Estêvão foram usadas pelo Espírito Santo, a fim de preparar Saulo para seu encontro com o Senhor (At 9). Deus nunca desperdiça o sangue de seus santos. Um dia, Saulo veria a mesma glória que Estêvão viu, contemplaria o Filho de Deus e o ouviria falar!

Quando os cristãos morrem, eles “dormem” (Jo 11:11; 1 Ts 4:13). O corpo dorme e o espírito vai para junto do Senhor no céu (At 7:59; 2 Co 5:6-9; Fp 1:23; Hb 12:22, 23). Quando Jesus voltar, trará consigo o espírito daqueles que morreram (1 Ts 4:14), seu corpo será ressuscitado e glorificado, e o corpo e o espírito serão unidos na glória “para sempre com o Senhor”. Apesar de os cristãos chorarem a morte de entes querido (At 8:2), essa tristeza não é desesperada, pois sabemos que nos encontraremos novamente quando morrermos ou quando Cristo voltar.

Deus não nos chama para sermos mártires, mas sim “sacrifícios vivos” (Rm 12:1, 2). Em alguns aspectos, é mais difícil viver para Cristo do que *morrer* por ele; mas se vivermos para ele, seremos preparados para morrer por ele, caso Deus nos chame a fazê-lo.

Em 1948, Jim Elliot – um mártir entre os índios aucas no Equador – escreveu em seu diário: “Não anseio por uma vida longa, mas por uma vida plena como a tua, Senhor Jesus”. Dois anos depois, escreveu: “Não devo achar estranho se Deus leva, ainda em sua mocidade, os que eu teria deixado mais tempo na Terra. Deus está povoando a Eternidade, e não devo limitá-lo a homens e mulheres idosos”.

Como Estêvão, Jim Elliot e seus quatro companheiros foram chamados em 8 de janeiro de 1956 para “povoar a Eternidade” ao serem mortos pelos índios que tentavam ganhar para Cristo. O que aconteceu com os aucas desde então prova que o sangue dos mártires é, de fato, a semente da Igreja, pois hoje muitos aucas são cristãos.

“Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Ap 2:10).

UMA IGREJA EM MOVIMENTO

ATOS 8

“**H**á uma coisa mais forte que todos os exércitos do mundo”, escreveu Vitor Hugo, “uma idéia cuja hora é chegada”.

O evangelho de Jesus Cristo é muito mais do que uma idéia. O evangelho é “o poder de Deus para todo aquele que crê” (Rm 1:16). É a “dinamite” de Deus para derrubar as barreiras do pecado e libertar os cativos. Sua hora havia chegado, e a Igreja estava em movimento. O “sal” estava saindo do “salheiro de Jerusalém” para ser espalhado por toda a Judéia e Samaria, exatamente como o Senhor havia ordenado (At 1:8).

Os acontecimentos de Atos 8 giram em torno de quatro homens.

1. UM PERSEGUIDOR ZELOSO – SAULO (AT 8:1-3)

O Livro de Atos e as epístolas fornecem informações suficientes para traçarmos um esboço do começo da vida de Saulo. Ele nasceu em Tarso, na Cilícia (At 22:3), um “hebreu entre os hebreus” (ver 2 Co 11:22; Fp 3:5), “filho de fariseus” (At 23:6) e cidadão romano (At 16:37; 22:25-28). Foi educado por Gamaliel em Jerusalém (At 22:3) e se tornou um fariseu devoto (At 26:4, 5; Fp 3:5). No tocante à Lei, sua vida era irrepreensível (Fp 3:6). Era um dos jovens fariseus mais promissores de Jerusalém, a caminho de se tornar um grande líder da fé judaica (Gl 1:14).

Saulo demonstrou seu zelo pela Lei de maneira bastante clara em sua perseguição à Igreja (Gl 1:13, 14; Fp 3:6). Acreditava sinceramente que servia a Deus ao perseguir os cristãos, de modo que o fazia com a consciência tranqüila (2 Tm 1:3). Obedecia à luz

que conhecia, até que Deus lhe deu mais luz, à qual ele também obedeceu e, assim, se tornou cristão!

De que maneiras Saulo perseguia a Igreja? “Assolava a igreja”; o verbo “assolar” nesse caso descreve um animal selvagem despedaçando a vítima. Quando Cristo se dirigiu a Saulo na estrada de Damasco, comparou-o a uma fera (At 9:5)! O apedrejamento de Estêvão, com o qual Saulo consentiu, demonstrou quão longe o fariseu zeloso estava disposto a ir a fim de cumprir seu propósito. Perseguiu homens e mulheres “até à morte” (At 22:4), invadindo casas e sinagogas (At 22:19). Ordenou que cristãos fossem presos e açoitados (At 22:19; 26:9-11). Se renunciavam a fé em Jesus Cristo (“obrigando-os até a blasfemar”, At 26:11), eram libertos; se não abjuravam, podiam ser mortos.

Anos depois, Paulo descreveu-se como “demasiadamente enfurecido contra eles” (At 26:11), “blasfemo [condenou Jesus Cristo], e perseguidor, e insolente” (1 Tm 1:13). Era um homem de grande autoridade, cuja devoção a Moisés controlava inteiramente sua vida, chegando quase a destruí-la. Agiu desse modo “na ignorância, na incredulidade” (1 Tm 1:13), e Deus usou de misericórdia para com ele e o salvou. Saulo de Tarso era a última pessoa em Jerusalém que teríamos escolhido para ser o grande apóstolo aos gentios!

2. UM PREGADOR FIEL – FILIPE (AT 8:4-8)

A perseguição faz com a Igreja aquilo que o vento faz com a semente: espalha e aumenta a colheita. A palavra traduzida por “dispersos” (*diaspeiro*, At 8:1, 4) significa “espalhar sementes”. Os cristãos em Jerusalém eram as sementes de Deus, e a perseguição foi usada por Deus para plantá-los em novo solo, a fim de que dessem frutos (Mt 13:37, 38). Alguns foram espalhados em toda a Judéia e Samaria (ver At 1:8), enquanto outros foram levados para campos mais distantes (At 11:19ss).

Os samaritanos eram um povo “mestiço”, resultante da miscigenação de judeus e gentios. Tiveram origem quando os assírios

capturaram Israel – as dez tribos do Norte – em 732 a.C., deportaram muitos do povo e trouxeram gente de outras terras, que se casaram com os judeus. Os samaritanos possuíam o próprio templo e sacerdócio e se opunham abertamente a qualquer confraternização com os judeus (Jo 4:9).

Não há nada nas Escrituras que nos leve a crer que Deus permitiu essa perseguição porque seu povo foi negligente e teve de ser forçado a deixar Jerusalém. O fato de Saulo perseguir os cristãos “mesmo por cidades estranhas [estrangeiras]” (At 26:11) indica que o testemunho deles estava dando frutos inclusive fora de Jerusalém. Também não devemos criticar os apóstolos por permanecerem na cidade. Antes, sua coragem e devoção ao dever são admiráveis. Afinal, alguém precisava ficar lá para cuidar da igreja.

Por causa do testemunho e da morte de Estêvão, é possível que a perseguição tenha se concentrado nos judeus helenistas, não nos judeus “nativos”. Era mais fácil Saulo e seus ajudantes identificarem os cristãos helenistas, uma vez que muitos cristãos judeus “nativos” ainda eram bastante ligados ao judaísmo e ao templo. Pedro ainda guardava as leis de restrição alimentar quando Deus o chamou para evangelizar Cornélio (At 10:9-16).

Filipe foi escolhido como diácono (At 6:5), mas, como Estêvão, cresceu dentro de seu ministério e se tornou um grande evangelista (ver At 21:8). Deus o dirigiu para que evangelizasse em Samaria, região proibida aos apóstolos (Mt 10:5, 6). Tanto João Batista quanto Jesus ministraram em Samaria (Jo 3:23; 4:1ss), de modo que Filipe deu continuidade à obra deles (Jo 4:36-38).

O verbo “pregar”, em Atos 8:4, significa “pregar o evangelho, evangelizar”, enquanto o verbo “anunciar”, em Atos 8:5, significa “apregoar como arauto”. Filipe era um arauto comissionado por Deus para transmitir sua mensagem ao povo de Samaria. Rejeitar o mensageiro seria o mesmo que rejeitar a mensagem e se rebelar contra a autoridade por trás do arauto, o Deus Todo-Poderoso. A maneira como as pessoas respondem ao

mensageiro de Deus é um assunto extremamente sério.

Filipe não apenas anunciou a Palavra de Deus, mas também demonstrou o poder de Deus realizando milagres. Até então, a operação de milagres havia se limitado aos apóstolos (At 2:43; 5:12), no entanto, Estêvão e Filipe também realizaram sinais e prodígios pelo poder Deus (At 6:8). Todavia, a ênfase aqui é sobre a Palavra de Deus: ao ver os milagres, o povo deu ouvidos à Palavra, e, ao crer na Palavra, o povo foi salvo. Ninguém jamais foi salvo apenas por causa de milagres (Jo 2:23-25; 12:37-41).

A grande perseguição (At 8:1) combinada com a pregação do evangelho resultou em grande alegria! Tanto em seu Evangelho quanto no Livro de Atos, Lucas enfatiza a alegria da salvação (Lc 2:10; 15:7, 10; 24:52; At 8:8; 13:52; 15:3). Os samaritanos que ouviram o evangelho e creram foram libertos de suas aflições físicas, da possessão demoníaca e, acima de tudo, de seus pecados. Não é de se admirar que houvesse grande alegria!

O evangelho havia passado do “território judeu” para a Samaria, onde o povo era mestiço de judeus e gentios. Em sua graça, Deus construiu uma ponte entre dois povos afastados e tornou os cristãos um só corpo em Cristo. Em breve, estenderia essa ponte aos gentios e os incluiria na comunhão. Ainda hoje, precisamos de “construtores de pontes” como Filipe, homens e mulheres que levem o evangelho a territórios inexplorados e que ousem desafiar os preconceitos de longa data. “Por todo o mundo [...] a toda criatura” ainda é a comissão de Deus para nós.

3. UM IMPOSTOR ASTUTO – SIMÃO O MÁGICO (AT 8:9-25)

De acordo com um princípio básico encontrado nas Escrituras, em todo lugar que Deus semeia cristãos verdadeiros, mais cedo ou mais tarde, Satanás semeia suas falsificações (Mt 13:24-30, 36-43). Foi o que aconteceu no ministério de João Batista (Mt 3:7ss), no ministério de Jesus (Mt 23:15, 33; Jo 8:44) e também aconteceria no ministério de Paulo

(At 13:6ss; 2 Co 11:1-4, 13-15). O inimigo ataca como um leão devorador e, quando essa abordagem não funciona, infiltra-se como uma serpente para enganar. O instrumento de Satanás, nesse caso, foi um mágico chamado Simão.

O termo traduzido por “iludir”, em Atos 8:9 e 11, significa “maravilhar, confundir” e é traduzido por “extasiar” em Atos 8:13: O povo admirava-se com as coisas que Simão fazia e, portanto, acreditava no que ele dizia. Para eles, Simão era o “Grande Poder de Deus”. Mas o poder das mágicas de Simão vinha de Satanás (2 Ts 2:1-12) e era usado para engrandecimento próprio, enquanto o poder dos milagres de Filipe vinha de Deus e era usado para glorificar a Cristo. À medida que os samaritanos ouviam a mensagem de Filipe, criam em Jesus Cristo, nasciam de novo e eram batizados, Simão perdia seguidores.

O que significa a expressão: “O próprio Simão abraçou a fé”? (At 8:13). A melhor forma de responder a essa pergunta é fazer outra: qual era a base de sua “fé”? Sua fé não era baseada na Palavra de Deus, mas nos milagres que viu Filipe realizar. Certamente não creu de *todo* o coração (At 8:37). Sua fé era como aquela do povo de Jerusalém que testemunhou os milagres de Jesus (Jo 2:23-25), ou até como a dos demônios (Tg 2:19). Simão continuou com Filipe não para ouvir a Palavra e aprender mais sobre Jesus Cristo, mas para ver os milagres e, quem sabe, aprender como eram feitos.

É importante observar que os samaritanos não receberam o dom do Espírito Santo quando se converteram. Foi necessário dois apóstolos – Pedro e João – virem de Jerusalém e imporem as mãos sobre os convertidos, a fim de que recebessem o dom do Espírito. Isso porque Deus desejava unir os cristãos samaritanos com os primeiros cristãos da igreja de Jerusalém. Não desejava duas igrejas que perpetuassem a divisão e o conflito que havia se arrastado por séculos. Jesus dera a Pedro as “chaves do reino dos céus” (Mt 16:13-20), o que significava que Pedro tinha o privilégio de “abrir as portas da fé” para outros. Abriu essas portas aos

judeus em Pentecostes e fez o mesmo pelos samaritanos. Posteriormente, também abria as portas da fé para os gentios (At 10).

É importante lembrar que os dez primeiros capítulos de Atos registram um período de transição de judeus para samaritanos e, depois, para gentios. O parâmetro de Deus para hoje é apresentado em Atos 10: o pecador ouve o evangelho, recebe o dom do Espírito e, em seguida, é batizado. É perigoso basear qualquer doutrina ou prática somente no que se encontra registrado em Atos 1 a 10, pois podemos acabar desenvolvendo uma teologia em cima de algo temporário e transitório. Os que afirmam que é preciso ser batizado para receber o dom do Espírito (At 2:38) têm dificuldade de explicar o que se passou com os samaritanos; e os que dizem ser necessário haver “imposição de mãos” para receber o Espírito depa-ram-se com dificuldades em Atos 10. Uma vez que aceitamos Atos 1 a 10 como um período de transição no plano de Deus, sendo Atos 10 seu ponto culminante, esses problemas se resolvem.

A perversidade do coração de Simão foi revelada por inteiro pelo ministério dos dois apóstolos. Simão não desejava apenas realizar milagres, mas também ter o poder de transmitir o dom do Espírito Santo a outros – e estava disposto a pagar por esse poder! É dessa passagem que vem o termo *simonia*, que significa “comprar e vender cargos e privilégios eclesiásticos”.

Ao estudar o Livro de Atos, vê-se, em várias ocasiões, o evangelho chocando-se com o dinheiro e com os “grandes negócios”. Ananias e Safira perderam a vida por mentirem sobre sua oferta (At 5:1-11). Paulo levou à falência uma adivinhadora em Filipos e acabou preso (At 16:16-24). Também causou problemas aos ourives de Éfeso e desencadeou um tumulto (At 19:23-41). A Igreja primitiva tinha suas prioridades no devido lugar: era mais importante pregar a Palavra do que conseguir o apoio de pessoas ricas e influentes do mundo.

As palavras de Pedro a Simão indicam claramente que o mágico não era convertido. “O teu dinheiro seja contigo para perdição!”

é uma linguagem bastante forte para se usar com um cristão. Ele não tinha “parte nem sorte [naquele] ministério”, e seu coração não estava em ordem diante de Deus. Apesar de não ser estranho chamar os cristãos ao arrependimento (ver Ap 2 - 3), a injunção para arrepender-se costuma ser dirigida a incrédulos. O termo “intento”, em Atos 8:22, significa “intriga ou trama” e é usado com uma conotação negativa. O fato de Simão encontrar-se “em fel de amargura” (Dt 29:18; Hb 12:15) e em “laço de iniquidade” mostra que, de fato, não havia nascido de novo.

A resposta de Simão a essas palavras severas de advertência não foi nada animadora. Estava mais preocupado em evitar o julgamento do que em acertar a vida com Deus! Não há evidência alguma de que tenha se arrependido e buscado o perdão. Um pecador que deseja que outros orem por ele, mas que se recusa a orar por si mesmo, não entrará no reino de Deus.

Esse episódio serve apenas para mostrar como alguém pode chegar perto da salvação e, ainda assim, não ser convertida. Simão ouviu o evangelho, viu os milagres, professou sua fé em Cristo e foi batizado, no entanto, nunca chegou a nascer de novo. Era uma das falsificações engenhosas de Satanás e, se Pedro não houvesse desmascarado a perversidade de seu coração, Simão teria sido aceito como membro da congregação dos samaritanos!

Apesar de a perseguição ainda estar em andamento, Pedro e João voltaram para Jerusalém, pregando o evangelho em “muitas aldeias dos samaritanos”. Não perderam nenhuma oportunidade de compartilhar as boas novas, agora que as portas de Samaria estavam abertas.

4. UM INTERESSADO APREENSIVO – O ETÍOPE (AT 8:26-40)

Filipe não foi apenas um pregador fiel, mas também um obreiro obediente no ministério pessoal. Assim como seu Mestre, estava disposto a deixar de lado as multidões para tratar de uma única alma perdida. O anjo poderia ter dito a esse oficial etíope como

encontrar a salvação, mas Deus não comisionou os anjos para essa tarefa, e sim seu povo. Os anjos nunca experimentaram pessoalmente a graça de Deus, de modo que não podem dar testemunho do que significa ser salvo.

Certa vez, D. L. Moody perguntou a um homem sobre sua alma, ao que o homem respondeu:

- Isso não é da sua conta!

- Claro que é da minha conta- disse Moody, e o homem retrucou sem hesitar:

- Então você deve ser D. L. Moody!

Todo cristão é incumbido de compartilhar o evangelho com outros e de fazê-lo sem medo e sem precisar se desculpar.

A experiência de Filipe deve servir de estímulo para nós em nosso testemunho pessoal do Senhor. Em primeiro lugar, Deus dirigiu Filipe até a pessoa certa na hora certa. É pouco provável que anjos venham nos instruir, mas podemos contar com a orientação do Espírito Santo em nosso testemunho, se estivermos andando no Espírito e orando a Deus pedindo sua direção.

Certa vez, refletia sobre meu chamado para o ministério quando senti o desejo de fazer mais uma visita a uma mulher que frequentava nossa igreja, mas que não era cristã professa. Minha primeira reação foi dizer para mim mesmo que seria tolice visitá-la àquela hora, uma vez que já era quase noite e ela provavelmente estava preparando o jantar para sua família. Mas fui à casa dela de qualquer modo e descobri que, durante todo aquele dia, ela havia sentido claramente o peso de seus pecados! Em poucos minutos, abriu seu coração para Cristo e o recebeu em sua vida. Como fiquei feliz de obedecer à direção do Espírito!

Esse oficial da corte não era da região que conhecemos hoje como Etiópia, mas sim da Núbia, ao sul do Egito. Uma vez que era um eunuco, não poderia ser prosélito (Dt 23:1), mas recebeu permissão de se tornar um “convertido” ou “prosélito à porta”. Considerava sua vida espiritual importante o suficiente para viajar mais de 300 quilômetros até Jerusalém, a fim de adorar a Deus; mas seu coração ainda não estava satisfeito.

Esse etíope representa muitas pessoas religiosas de hoje em dia, que lêem as Escrituras e buscam a verdade, mas ainda não creram em Jesus Cristo como seu Salvador. São pessoas sinceras, mas estão perdidas! Precisam de alguém que lhes mostre o caminho.

Ao se aproximar do carro, Filipe ouviu o homem lendo uma passagem do profeta Isaías (naquele tempos, as pessoas costumavam ler em voz alta quando estavam estudando). Deus já havia preparado o coração do homem para receber o testemunho de Filipe! Se obedecermos à direção de Deus, podemos estar certos de que ele irá adiante de nós e preparará o caminho para nosso testemunho.

Estava lendo Isaías 53, a passagem sobre o Servo Sofredor. Esse texto descreve Jesus Cristo em seu nascimento (Is 53:1, 2), em sua vida e ministério (Is 53:3), em sua morte vicária (Is 53:4-9) e em sua ressurreição vitoriosa (Is 53:10-12). Isaías 53:4 deve ser relacionado a 1 Pedro 2:24; Isaías 53:7 a Mateus 26:62, 63; Isaías 53:9 a Mateus 27:57-60; e Isaías 53:12 a Lucas 23:34, 37.

O etíope concentrou-se no texto de Isaías 53:7, 8, que descreve o Senhor como sacrifício voluntário pelos pecadores, a ponto de perder seus direitos humanos. Enquanto ouvia a explicação de Filipe, o etíope começou a entender o evangelho, pois o Espírito de Deus abria sua mente para a verdade de Deus. Não basta ao pecador perdido ansiar pela salvação; também precisa entender o plano de Deus para a salvação. É o coração que compreende a Palavra, e esta, por fim, dá frutos (Mt 13:23).

O conceito de sacrifício vicário pode ser encontrado ao longo de toda a Bíblia. Deus matou animais a fim de confeccionar vestimentas para Adão e Eva (Gn 3:21). Proveu um carneiro para morrer no lugar de Isaque (Gn 22:13). Na Páscoa, os cordeiros inocentes morriam no lugar do povo de Israel (Êx 12); e todo o sistema religioso judaico tinha base no derramamento de sangue (Lv 17, especialmente o v. 11). Jesus Cristo é o cumprimento tanto dos tipos

quanto das profecias do Antigo Testamento (Jo 1:29; Ap 5).

“A fé vem pela pregação, e a pregação, pela Palavra de Deus” (Rm 10:17). O etíope creu em Jesus Cristo e nasceu de novo! Sua experiência foi tão real que insistiu em parar a caravana e ser batizado naquele instante! Não era um “agente secreto de Cristo”; desejava que todos soubessem o que o Senhor havia feito por ele.

Como sabia que cristãos devem ser batizados? Talvez Filipe tenha lhe falado do batismo em seu testemunho, ou talvez o etíope tenha visto pessoas serem batizadas enquanto estava em Jerusalém. Sabemos que os gentios eram batizados quando se tornavam prosélitos. Ao longo de todo o Livro de Atos, o batismo é uma parte importante do compromisso do cristão com Cristo e de seu testemunho.

Apesar de Atos 8:37 não aparecer em todos os manuscritos do Novo Testamento, por certo não apresenta nada antibíblico (Rm 10:9, 10). No tempo da Igreja primitiva, os cristãos só eram batizados depois de testemunhar claramente a sua fé em Jesus Cristo. É importante lembrar, também, que o etíope não falava apenas a Filipe, mas também aos membros da caravana que estavam perto de seu carro. Era um homem importante e, com certeza, seus servos prestavam toda atenção em suas palavras.

Filipe foi arrebatado pelo Espírito para ministrar em outro lugar (comparar com 1 Rs 18:12), mas o tesoureiro “foi seguindo o seu caminho, cheio de júbilo” (ver At 8:8). Deus não permitiu que Filipe prosseguisse com o trabalho necessário de discipular esse recém-convertido, mas certamente proveu alguém para ministrar ao etíope quando ele voltou para casa. O oficial era um eunuco, mas foi aceito por Deus (ver Is 56:3-5).

Filipe “veio a achar-se em Azoto”, a cerca de 30 quilômetros de Gaza; em seguida, viajou até Cesaréia, uma jornada de quase 100 quilômetros. Assim como Pedro e João, Filipe foi pregando ao longo de todo o caminho de volta para casa (At 8:25). Vinte anos depois, encontramos Filipe vivendo

em Cesaréia e ainda servindo a Deus como evangelista (At 21:8ss).

Ao acompanhar a expansão do evangelho durante esse período de transição (At 2 - 10), vê-se como o Espírito Santo alcança o mundo todo. Em Atos 8, o etíope que se converteu era descendente de Cão (Gn 10:6, em que "Cuxe" refere-se à Etiópia). Atos 9 relata a conversão de Saulo de Tarso, um judeu e, portanto, um descendente de Sem (Gn 10:21ss). Atos 10 relata como os gentios, descendentes de Jafé (Gn 10:2-5), encontram Jesus Cristo. O mundo todo foi povoado por Sem, Cão e Jafé (Gn 10:1); e Deus deseja que o mundo todo - todos os seus descendentes - ouçam a mensagem do evangelho (Mt 28:18-20; Mc 16:15).

Em outubro de 1857, J. Hudson Taylor começou seu ministério em Ningpo, na China, e levou a Cristo o sr. Nyi. Esse homem encheu-se de alegria e quis compartilhar sua fé com outros.

Certo dia, o sr. Nyi perguntou a Hudson Taylor há quanto tempo o povo da Inglaterra sabia dessas boas-novas. Taylor reconheceu que a Inglaterra tinha conhecimento do evangelho havia séculos.

- Meu pai morreu buscando a verdade - disse o sr. Nyi. - Por que vocês não vieram antes?"

Taylor não teve como responder a essa pergunta dolorosa.

Há quanto tempo você conhece o evangelho? Até onde já compartilhou as boas-novas?

SAULO É CONQUISTADO POR DEUS

ATOS 9:1-31

A conversão de Saulo de Tarso, um dos principais perseguidores dos cristãos, foi, possivelmente, um dos maiores acontecimentos da Igreja depois da vinda do Espírito em Pentecostes. O próximo grande acontecimento seria a conversão dos gentios (At 10), dos quais Saulo (Paulo) se tornaria apóstolo. Deus estava dando continuidade a seu plano de levar o evangelho a todo o mundo.

“Paulo era um homem importante”, disse Charles Spurgeon, “e não tenho dúvidas que, no caminho para Damasco, estava montado sobre um cavalo muito alto. Mas foram precisos apenas alguns segundos para mudar esse homem. Deus não demorou a colocá-lo em seu devido lugar!”

O relato da conversão de Saulo é apresentado três vezes em Atos, nos capítulos 9, 22 e 26. De acordo com o registro do capítulo 9, Saulo teve quatro encontros que, em conjunto, transformaram sua vida.

1. O ENCONTRO COM JESUS (At 9:1-9)

Ao olhar para Saulo *na estrada* (At 9:1, 2), vemos um homem zeloso que pensava estar, verdadeiramente, servindo a Deus ao perseguir a Igreja. Se alguém o houvesse detido a fim de perguntar o motivo, é possível que tivesse dito algo como: “Jesus de Nazaré está morto. Você espera que eu acredite que um João-ninguém crucificado é o Messias prometido? De acordo com nossa Lei, qualquer um que é pendurado em um madeiro é maldito (Dt 21:23). Acaso Deus transformaria um falso profeta amaldiçoado no Messias? De modo algum! Seus seguidores estão pregando que Jesus está vivo e operando milagres por meio deles, mas esse

poder vem de Satanás, não de Deus. Trata-se de uma seita perigosa, e pretendo eliminá-la antes que destrua o judaísmo histórico!”

Apesar de sua grande erudição (At 26:24), Saulo estava espiritualmente cego (2 Co 3:12-18) e não compreendia o que o Antigo Testamento ensinava, de fato, sobre o Messias. Como no caso de inúmeros outros compatriotas, a cruz foi um tropeço para ele (“escândalo”; 1 Co 1:23), pois dependia da própria justificação, não da justificação de Deus (Rm 9:30 – 10:13; Fp 3:1-10). Ainda hoje, muitos religiosos que se consideram virtuosos não percebem que precisam de um Salvador e se ofendem quando dizemos que são pecadores.

A atitude de Saulo era semelhante à de um animal furioso, do qual até o fôlego representava um perigo (ver At 8:3). Como muitos outros rabinos, acreditava que era preciso obedecer completamente à Lei antes que o Messias viesse. No entanto, aqueles “hereges” pregavam contra a Lei, o templo e a tradição dos patriarcas (At 6:11-13). Saulo devastou as igrejas na Judéia (Gl 1:23) e, em seguida, obteve permissão do sumo sacerdote para perseguir os discípulos de Jesus até em Damasco. Não foi uma iniciativa insignificante, pois contou com a autoridade do supremo concílio dos judeus (At 22:5).

Damasco possuía uma grande população de judeus, e se acredita que houvesse de trinta a quarenta sinagogas na cidade. O fato de já haver cristãos por lá mostra como a Igreja pregara a mensagem com eficácia. É possível que alguns cristãos de Damasco fossem fugitivos da perseguição em Jerusalém, o que explica por que Saulo desejava autoridade para levá-los de volta. Naquela época, os cristãos ainda eram associados às sinagogas judaicas, e seu rompimento com o judaísmo só se deu alguns anos depois (ver Tg 2:2).

Então, de repente, Saulo estava *no chão!* (At 9:4). Não foi derrubado por uma insolação nem por um ataque de epilepsia, mas pelo encontro pessoal com Jesus Cristo. Por volta do meio-dia, viu uma luz resplandecente no céu (At 22:6) e ouviu uma voz dizer seu nome (At 22:6-11). Os homens que

estavam com ele também caíram por terra (At 26:14) e ouviram um som, mas não compreenderam as palavras proferidas do céu. Levantaram-se confusos (At 9:7) e ouviram Saulo dirigir-se a alguém, mas não conseguiram entender o que estava acontecendo.

Naquele dia, Saulo de Tarso fez algumas grandes descobertas. Em primeiro lugar, descobriu, para sua surpresa, que, de fato, Jesus de Nazaré estava vivo! Era acerca desse fato que os cristãos testemunhavam continuamente (At 2:32; 3:15; 5:30-32), mas Saulo se recusara a aceitar tais testemunhos. Se Jesus estava vivo, Paulo precisava mudar sua opinião a respeito dele e de sua mensagem. Precisava arrepender-se, algo extremamente difícil para um fariseu, uma vez que, a seus próprios olhos, era tão virtuoso.

Saulo também descobriu que era um pecador perdido e que corria o risco de ser julgado por Deus. “Eu sou Jesus, a quem tu persegues” (At 9:5). Saulo acreditava estar servindo a Deus, quando, na realidade, estava perseguindo o Messias! Comparadas à santidade de Jesus Cristo, as boas obras de Saulo e seu farisaísmo legalista pareciam trapos imundos (Is 64:6; Fp 3:6-8). Todos os seus valores mudaram. Ao crer em Jesus Cristo, tornou-se uma nova pessoa.

O Senhor tinha uma incumbência especial para Saulo (At 26:16-18). O hebreu zeloso se tornaria o apóstolo aos gentios; o perseguidor se tornaria um pregador; e o fariseu legalista se tornaria o proclamador da graça de Deus. Até aquele momento, Saulo havia agido como um animal selvagem, lutando contra os aguilhões, mas se tornaria um vaso de hora, um instrumento usado pelo Senhor para pregar o evangelho até os confins da Terra. Que transformação!

Quase trinta anos depois, Paulo escreveu que Cristo o havia “conquistado” na estrada para Damasco (Fp 3:12). Saulo estava a caminho de prender outros, quando foi preso pelo Senhor. Teve de perder sua religião antes de receber a justificação de Cristo. Sua experiência de conversão é singular; hoje, os pecadores não ouvem a voz de Deus nem vêem luzes ofuscantes. Mas a experiência de Paulo é um exemplo de como

Israel será salvo quando Jesus Cristo voltar e se revelar a seu povo (Zc 12:10; Mt 24:29ss; 1 Tm 1:12-16). Sua salvação, sem dúvida, é um grande estímulo a qualquer pecador, pois se o “maior dos pecadores” pôde ser salvo, por certo todos podem!

Convém observar que os homens que estavam com Saulo viram a luz, mas não viram o Senhor; ouviram um som, mas não ouviram a voz proferir as palavras (ver Jo 12:27-29). Ficamos imaginando se, posteriormente, algum deles aceitou a Cristo pelo testemunho de Saulo. Não há dúvida de que Saulo viu o Senhor Jesus Cristo glorificado (1 Co 15:7-10).

Os homens levaram Saulo para a cidade (At 9:8, 9), pois o touro furioso (At 9:1) havia se tornado um cordeiro dócil! O líder teve de ser conduzido, pois ficou cego pela visão resplandecente. Seus olhos espirituais haviam sido abertos, mas seus olhos físicos estavam fechados. Deus o humilhara inteiramente, preparando Paulo para ser ministrado por Ananias. Saulo orou e jejuou por três dias (At 9:11), durante os quais começou a reavaliar suas convicções. Havia sido salvo pela graça – não pela Lei – por meio da fé no Cristo vivo. Deus começou a instruir Saulo e a lhe mostrar a relação entre o evangelho da graça de Deus e a religião mosaica tradicional que havia praticado ao longo de toda a vida.

2. O ENCONTRO COM ANANIAS (AT 9:10-19)

Ananias era um judeu devoto (At 22:12) que cria em Jesus Cristo. Conhecia a reputação de Saulo e sabia que o fariseu estava a caminho de Damasco para prender cristãos. A viagem de Jerusalém para Damasco levava até uma semana, mas alguns cristãos de Jerusalém chegaram antes na cidade para avisar os irmãos em Cristo.

É interessante observar em Atos 9 os nomes diferentes usados para o povo de Deus: discípulos (At 9:1, 10, 19, 25, 26, 36, 38), os que são do Caminho (At 9:2), santos (At 9:13, 32, 41), todos os que invocam o nome de Deus (At 9:14, 21) e irmãos (At 9:17, 30). Costumamos usar o termo *cristãos*,

mas essa designação só surgiu mais tarde (At 11:26). O termo mais usado no Livro de Atos é “discípulos”, mas não encontramos essa mesma designação nas epístolas. Nelas, o termo *santo* é o título usado com mais frequência para o povo de Deus.

Ananias encontrava-se à disposição da vontade de Deus, mas certamente não se sentia ansioso por obedecer! O fato de Saulo estar “orando” em vez de estar “caçando” deveria ter servido de estímulo a Ananias. “A oração é o autógrafo do Espírito Santo sobre o coração renovado”, disse Charles Spurgeon (ver Rm 8:9, 14-16). Saulo havia deixado de crer em si mesmo e passou a crer no Senhor, esperando que lhe mostrasse o que fazer. Saulo já havia tido uma visão na qual era ministrado por um homem chamado Ananias (*Hananiah* = “o Senhor é cheio de graça”), e como Ananias poderia se recusar a obedecer?

Atos 9:15 é um bom resumo da vida e do ministério de Paulo. Tudo foi inteiramente pela graça, pois ele não escolheu a Deus; foi Deus quem o escolheu (1 Tm 1:14). Era o instrumento de Deus (2 Tm 2:20, 21), e Deus o usaria para cumprir seus propósitos (Ef 2:10; Fp 2:12, 13). O nome de Deus seria glorificado, pois seu servo levaria o evangelho a judeus e gentios, a reis e homens do povo, e sofreria por amor a Cristo. Essa é a primeira referência que o Livro de Atos faz à pregação do evangelho aos gentios (ver também At 22:21; 26:17).

Uma vez convencido, Ananias não perdeu tempo; dirigiu-se imediatamente à casa de Judas, a fim de ministrar a Saulo. O fato de Ananias tê-lo chamado de “irmão” deve ter alegrado o coração do fariseu cego. Saulo não apenas ouviu a voz de Ananias, mas também sentiu suas mãos (At 9:12, 17). Pelo poder de Deus, seus olhos foram abertos, e ele voltou a ver! Também foi cheio do Espírito Santo e batizado e, por fim, se alimentou.

Algumas traduções de Atos 22:16 dão a impressão de que era necessário que Saulo fosse batizado a fim de ser salvo, mas não é o caso. Os pecados de Saulo foram lavados quando ele “[invocou] o nome do Senhor” (At 2:21; Rm 10:13). Kenneth Wuest traduz

Atos 22:16 por: “Tendo levantado, seja batizado e lave teus pecados depois de haver invocado o nome”. A versão grega não emprega o particípio, mas sim o particípio aoristo (“tendo invocado”). Ele invocou o nome do Senhor *antes* de ser batizado.

Saulo passou algum tempo com os cristãos de Damasco e, sem dúvida, aprendeu com eles. Só podemos imaginar como deve ter sido o disciplinado do grande apóstolo Paulo! Descobriu que os cristãos eram pessoas amorosas, que não mereciam a perseguição que as havia feito sofrer; descobriu que conheciam a verdade da Palavra de Deus e que seu único desejo era compartilhá-la com outros.

Antes de deixarmos esta seção, devemos enfatizar algumas lições práticas que convêm a todo cristão aprender.

Em primeiro lugar, *Deus pode usar até o cristão mais desconhecido*. Se não fosse pela conversão de Saulo, nunca teríamos ouvido falar de Ananias, no entanto, esse homem teve um papel importante na obra da Igreja. Por trás de muitos servos do Senhor de renome, há cristãos menos conhecidos que os influenciaram. Deus mantém seus registros e providenciará para que todo servo receba a devida recompensa. O importante não é a fama, mas sim a fidelidade (1 Co 4:1-5).

A experiência de Ananias também lembra que *não devemos jamais ter medo de obedecer à vontade de Deus*. A princípio, Ananias discutiu com o Senhor e apresentou bons argumentos para não visitar Saulo. Mas o Senhor estava no controle de tudo, e Ananias obedeceu pela fé. Quando Deus nos dá uma ordem, devemos lembrar que ele está trabalhando “dos dois lados da linha” e que sua vontade perfeita é sempre o que há de melhor.

Encontramos ainda um terceiro estímulo: *a obra de Deus é sempre equilibrada*. Deus contrabalançou um grande milagre público com um encontro discreto na casa de Judas. A luz ofuscante e a voz do céu foram acontecimentos dramáticos, mas a visita de Ananias foi um tanto comum. A mão de Deus empurrou Saulo de sua posição elevada, mas

Deus usou a mão de um homem para oferecer a Saulo aquilo que ele mais precisava. Deus lhe falou do céu, mas também falou através de um discípulo obediente que lhe transmitiu a mensagem. Os acontecimentos “comuns” são parte tão essencial do milagre quanto os extraordinários.

Por fim, *não devemos jamais subestimar o valor de uma pessoa levada a Cristo*. Pedro ministrou a milhares de pessoas em Jerusalém, e Filipe teve uma grande colheita entre os samaritanos, mas Ananias foi enviado para falar a apenas um homem. Mas um homem e tanto! Saulo de Tarso tornou-se o apóstolo Paulo, cuja vida e ministério influenciaram, desde então, povos e nações inteiras. Até mesmo os historiadores seculares reconhecem que Paulo é uma das figuras críticas da história mundial.

No dia 21 de abril de 1855, Edward Kimball levou um de seus alunos da escola dominical a Cristo. Naquele momento, não fazia idéia de que Dwight L. Moody, um dia, se tornaria um dos maiores evangelistas do mundo. O ministério de Norman B. Harrison num pequeno congresso bíblico foi usado por Deus para levar Theodore Epp a Cristo, e Deus usou Theodore Epp para construir o ministério *Back to the Bible [De Volta à Bíblia]*, de alcance mundial. Cabe a nós levar homens e mulheres a Cristo; cabe a Deus usá-los para sua glória. Toda pessoa é importante para Deus.

3. SEU ENCONTRO COM A OPOSIÇÃO (At 9:20-25)

Sem qualquer demora, Saulo começou a proclamar o Cristo que havia perseguido, declarando com toda ousadia que Jesus Cristo é o Filho de Deus. Essa é a única passagem no Livro de Atos em que esse título aparece, mas Paulo empregou-o em suas epístolas pelo menos quinze vezes e fez dele uma das principais ênfases de seu ministério. A transformação dramática na vida de Saulo causou espanto aos judeus de Damasco. O testemunho de todo recém-convertido deve começar no lugar onde ele está, de modo que Saulo iniciou seu ministério em Damasco (At 26:20).

É provável que essa tenha sido a ocasião em que Paulo visitou a Arábia (Gl 1:7). Se Lucas a tivesse incluído em seu relato, provavelmente a teria inserido entre Atos 9:21 e 22. Não sabemos ao certo quanto tempo ficou na Arábia, mas sabemos que, três anos depois, estava de volta em Jerusalém (Gl 1:18).

Por que ele foi para a Arábia? Provavelmente porque Deus o instruiu a passar algum tempo sozinho, de modo que pudesse ensinar sua Palavra a Saulo. Muitas coisas precisavam ser esclarecidas na mente de Saulo antes que pudesse ministrar de modo eficaz como apóstolo de Jesus Cristo. Caso Saulo tenha se dirigido à região próxima ao monte Sinai (Gl 4:25), precisou de grande coragem e força para realizar essa viagem. Talvez tenha vindo dessa ocasião sua experiência com “perigos de salteadores” e “perigos no deserto” (2 Co 11:26). É possível que também tenha evangelizado enquanto estava na Arábia, pois, quando voltou a Damasco, já era um homem marcado para morrer.

O mais importante com relação a sua passagem pela Arábia é o fato de que Saulo não “[consultou] carne e sangue”, mas recebeu sua mensagem e missão diretamente do Senhor (ver Gl 1:10-24). Não tomou coisa alguma emprestada dos apóstolos em Jerusalém, pois só se encontrou com eles pela primeira vez três anos depois de sua conversão.

Ao voltar a Damasco, Saulo começou a testemunhar novamente, e os judeus tentaram calá-lo. O apóstolo sentiria, a partir de então, como era ser a caça em vez de caçador! Esse foi apenas o começo das coisas terríveis que sofreria em nome de Cristo (At 9:16). Deve ter sido extremamente humilhante para Saulo ser conduzido até Damasco sem conseguir enxergar e depois ser retirado da cidade às escondidas como um criminoso (ver 2 Co 11:32, 33).

Ao longo de sua vida, o grande apóstolo foi odiado, caçado e traído tanto por judeus quanto por gentios (“em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios”; 2 Co 11:26). Ao ler o Livro de Atos, vemos como

a oposição e perseguição cresceram até o apóstolo terminar como prisioneiro em Roma (At 13:45, 50; 14:19; 17:5, 13; 18:12; 20:3, 19; 21:10, 11, 27ss). Todavia, ele considerou um grande privilégio poder sofrer por amor a Cristo, e devemos fazer o mesmo. "Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos" (2 Tm 3:12).

4. O ENCONTRO COM OS CRISTÃOS DE JERUSALÉM (AT 9:26-31)

A experiência de Paulo com a igreja de Jerusalém deu-se em dois estágios.

Rejeição (v. 26). A princípio, os cristãos da igreja de Jerusalém tiveram medo de Saulo. A tradução literal do grego diz que Saulo "procurou continuamente" participar da comunhão dos cristãos, mas eles não o aceitaram. Em primeiro lugar, tinham medo dele e provavelmente pensavam que sua nova atitude amistosa era apenas um subterfúgio para se infiltrar no meio deles e os levar presos. Além disso, não acreditavam sequer que fosse discípulo de Jesus Cristo, quanto mais um apóstolo que havia visto o Salvador ressurreto.

Essa atitude nos parece estranha, pois, sem dúvida, os cristãos de Damasco avisaram a igreja de Jerusalém que Saulo havia se convertido e pregava o evangelho. Talvez o "sumiço" de Saulo durante três anos tenha dado um ar suspeito a esses testemunhos. Onde estivera? O que havia feito? Por que havia esperado tanto para entrar em contato com os líderes de Jerusalém? Além disso, com que direito se chamava de apóstolo, uma vez que não havia sido escolhido por Jesus Cristo? Uma série de perguntas sem respostas contribuiu para criar um clima de suspeita e medo.

Aceitação (vv. 27-31). Foi Barnabé quem ajudou a igreja de Jerusalém a aceitar Saulo. Vimos José, o "filho de exortação", em Atos 4:36, 37, e voltaremos a encontrá-lo ao longo de nosso estudo do Livro de Atos. Barnabé "tomou Saulo consigo", levou-o aos líderes da igreja e os convenceu de que Saulo era um cristão e também um apóstolo escolhido. Havia, de fato, visto o Cristo ressurreto

(1 Co 9:1). Não é necessário inventar algum "motivo oculto" para a amizade que Barnabé ofereceu a Saulo. Fazia parte de sua natureza exortar, encorajar os outros.

Parece haver uma contradição entre Atos 9:27 e Gálatas 1:18, 19. Como foi possível Barnabé apresentar Saulo "aos apóstolos" (plural), se Saulo só se encontrou com Pedro? É evidente que, nesse caso, Lucas emprega o termo "apóstolo" com o sentido mais amplo de "líder espiritual". Até Gálatas 1:19 chama Tiago, o irmão do Senhor, de apóstolo; e Barnabé é chamado de apóstolo em Atos 14:4 e 14. Em suas epístolas, Paulo usa ocasionalmente o termo "apóstolo" para designar um mensageiro ou agente especial da Igreja (Rm 16:7; 2 Co 8:23; Fp 2:25 no original em grego). Assim, não existe qualquer contradição real; Saulo se encontrou com os líderes da igreja de Jerusalém.

Saulo começou a testemunhar aos helenistas, judeus de fala grega, que haviam tramado o julgamento e a morte de Estêvão (At 6:9-15). Saulo era um deles, pois havia nascido e crescido em Tarso e, sem dúvida, sentia a obrigação de dar continuidade ao trabalho de Estêvão (At 22:20).

Os judeus helenistas não estavam dispostos a permitir esse tipo de testemunho, de modo que conspiraram para matá-lo.

A esta altura, convém ler Atos 22:17-21. Deus falou a Saulo no templo e o lembrou de sua comissão de levar a mensagem aos gentios (At 9:15). Podemos observar o tom de urgência na ordem de Deus: "Apressa-te e sai logo de Jerusalém, porque não receberão o teu testemunho a meu respeito" (At 22:18). Saulo compartilhou essa mensagem com os líderes da igreja, e eles o ajudaram a voltar para sua cidade natal de Tarso. O fato de crerem no testemunho de Saulo acerca da visão comprova que o haviam aceitado plenamente na igreja.

Só voltaremos a ver Saulo em Atos 11:25. Mais uma vez, Barnabé o encontra e o leva à igreja de Antioquia, onde ministram juntos. O trabalho em Antioquia deu-se sete anos depois que Saulo saiu de Jerusalém e cerca de dez anos depois de sua conversão. Temos bons motivos para crer que Saulo

usou Tarso como sua "central de operações" para levar o evangelho aos gentios nessa parte do império romano. Ministrou nas "regiões da Síria e da Cilícia" (Gl 1:21), onde fundou igrejas (At 15:41). Alguns estudiosos da Bíblia acreditam que as igrejas gálatas foram fundadas nessa época.

É bem provável que algumas das provações relacionadas em 2 Coríntios 11:24-26 tenham ocorrido durante esse período. O Livro de Atos registra somente um açoite infligido pelos romanos (16:22), deixando de fora outros dois. Semelhantemente, os cinco açoites infligidos pelos judeus não são registrados em Atos nem em outras epístolas. Lucas fala de apenas um naufrágio (At 27), mas não temos registros dos outros dois. Qualquer um que pensa que Paulo tirou férias durante esses anos está redondamente enganado!

Atos 9:31 é mais um resumo inserido por Lucas ao longo de seu livro (ver At 2:46, 47; 4:4, 32; 5:12-14). É importante observar que as localizações geográficas são paralelas às

encontradas em Atos 1:8. Com isso, Lucas mostra que a mensagem estava sendo propagada exatamente como o Senhor havia ordenando. Em breve, o centro não seria mais Jerusalém, e sim Antioquia; o líder principal não seria mais Pedro, e sim Paulo, e o evangelho seria levado até os confins da Terra.

Para as igrejas, foi um tempo de "paz", mas não de complacência, pois cresceram espiritual e numericamente. Aproveitaram a oportunidade para reparar e fortalecer suas velas antes da próxima tempestade. A porta da fé havia sido aberta para os judeus (At 2) e para os samaritanos (At 8) e, em breve, também o seria para os gentios (At 10). Saulo sai de cena e Pedro volta a aparecer, mas logo Pedro sairá do palco central (exceto por uma pequena citação em At 15), e Paulo ocupará o restante das páginas do Livro de Atos.

Deus muda de obreiros, mas sua obra continua. Temos o privilégio de participar dessa obra hoje!

O MINISTÉRIO MIRACULOSO DE PEDRO

ATOS 9:32 – 10:48

Qual é o maior milagre que Deus pode fazer para nós? Alguns diriam que é a cura do corpo. Outros votariam em favor da ressurreição dos mortos. Mas, a meu ver, o maior milagre de todos é a salvação de um pecador. Isso porque custou alto preço, produz os maiores resultados e traz mais glória a Deus.

Nesta seção, veremos Pedro participando de três milagres: a cura de Enéias, a ressurreição de Dorcas e a proclamação da mensagem de salvação a Cornélio e sua casa.

1. UM GRANDE MILAGRE – UMA CURA FÍSICA (AT 9:32-35)

O apóstolo realizava um ministério itinerante (At 8:25) quando visitou os cristãos em Lida, cidade predominantemente gentia, pouco menos de 50 quilômetros de Jerusalém. É possível que essa região tenha sido evangelizada inicialmente por pessoas que se converteram em Pentecostes ou, talvez, por cristãos fiéis dispersos por toda parte pela grande perseguição. Sem dúvida, Filipe também evangelizou e ministrou nessa região (At 8:40).

Não sabemos muita coisa sobre Enéias. Quantos anos tinha? Era cristão? Era judeu ou gentio? Lucas só diz que, havia oito anos, sofria de paralisia, o que significa que era aleijado e que dependia dos outros. Era um peso para si mesmo e para aqueles a seu redor e não tinha perspectiva alguma de melhorar.

O primeiro milagre de Pedro havia sido a cura de um homem aleijado (At 3), milagre que se repete com Enéias. Ao lermos o

Livro de Atos, vemos paralelos entre os ministérios de Pedro e de Paulo. Ambos ajudaram aleijados. Ambos foram presos e miraculosamente libertos. Ambos foram tratados como deuses (At 10:25, 26; 14:8-18), e ambos testemunharam com intrepidez diante de autoridades. Ambos tiveram de confrontar falsos profetas (At 8:9-24; 13:6-12). Nenhum leitor sério do Livro de Atos é capaz de desenvolver uma preferência por Paulo ou por Pedro (1 Co 1:12). “Mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos” (1 Co 12:6).

Pela autoridade de seu nome, o Cristo ressurreto restabeleceu Enéias completamente (ver At 3:6, 16; 4:10). A cura foi instantânea, e o homem conseguiu se levantar e arrumar sua cama. Tornou-se um milagre ambulante! Atos 9:35 não dá a entender que toda a população de Lida e Sarona foi salva, mas apenas todos os que tiveram contato com Enéias. O simples fato de vê-lo andar convenceu-os de que Jesus estava vivo e de que precisavam crer nele (ver Jo 12:10, 11 para um caso parecido).

Por mais importante e proveitosa que tenha sido a cura miraculosa de Enéias, podemos estar certos de que Pedro exerceu um ministério mais amplo em Lida. Evangelizou, ensinou e encorajou os cristãos e procurou fundamentar a igreja na fé. Jesus havia encarregado Pedro de cuidar das ovelhas (Jo 21:15-17), e Pedro cumpriu essa missão fielmente.

2. UM MILAGRE AINDA MAIOR – UMA RESSURREIÇÃO (AT 9:36-43)

Joje, chamada hoje de Jafa, é uma cidade litorânea cerca de 15 quilômetros de Lida. É uma cidade importante no relato bíblico, pois foi lá que o profeta Jonas embarcou quando estava tentando fugir de Deus (Jn 1:1-3). Jonas dirigiu-se a Joje na esperança de não precisar pregar aos gentios, mas foi em Joje que Pedro recebeu seu chamado para pregar aos gentios! Uma vez que Jonas desobedeceu a Deus, o Senhor enviou uma tempestade que causou temor nos marinheiros gentios. Uma vez que Pedro obedeceu ao Senhor, Deus enviou o “vento do Espírito”

aos gentios e lhes concedeu grande alegria e paz. Um contraste e tanto!

Parecia uma tragédia terrível demais uma serva de Deus tão amada e competente como Dorcas (Tabita = gazela) falecer quando a igreja precisava tanto dela. Isso acontece nas igrejas locais, e é um golpe extremamente duro. Em meu ministério pastoral, sofri a perda de santos que dificilmente poderiam ser substituídos na igreja, e, no entanto, tudo o que podemos dizer é: “O SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!” (Jó 1:21).

Os cristãos de Jope ficaram sabendo que Pedro estava nas cercanias e mandaram chamá-lo imediatamente. Não há qualquer registro em Atos de que algum dos outros apóstolos já houvesse ressuscitado mortos, de modo que o fato de mandarem chamar Pedro foi uma prova de sua fé no poder do Cristo ressurreto. Quando Jesus ministrou na Terra, ressuscitou pessoas dentre os mortos; assim sendo, por que não poderia fazer o mesmo de seu trono exaltado na glória?

Costumamos pensar nos apóstolos como líderes que diziam aos outros o que fazer, mas, em várias ocasiões, acontecia justamente o contrário! (para a “filosofia de ministério” de Pedro, ver 1 Pe 5). Pedro era um líder que servia ao povo e se mostrou pronto para responder a seu chamado. Pedro havia recebido o poder de curar e o havia usado para glorificar a Deus e ajudar os outros, não para promover a si mesmo.

De acordo com os costumes judeus, o corpo deveria primeiro ser lavado e, depois, ungido com especiarias em preparação para o sepultamento. Quando Pedro chegou ao cenáculo onde Dorcas estava, encontrou aos prantos um grupo de viúvas, mulheres que haviam sido ajudadas por Dorcas em seu ministério. É importante lembrar que, naquele tempo, as viúvas e órfãos não recebiam qualquer tipo de “subsídio” do governo, e as pessoas necessitadas dependiam da ajuda dos conhecidos. A Igreja tem a obrigação de ajudar as pessoas verdadeiramente necessitadas (1 Tm 5:3-16; Tg 1:27).

O relato da ressurreição de Dorcas por Pedro deve ser comparado ao relato da

ressurreição da filha de Jairo por Jesus (Mc 5:34-43). Em ambos os casos, foi pedido aos pranteadores que se retirassem, e as palavras proferidas foram quase as mesmas: *talitha cumi* – “Menina, levanta-te!” e *Tabitha cumi* – “Tabita, levanta-te!” Sem temer tornar-se cerimonialmente contaminado, Jesus tomou a menina pela mão antes de lhe falar. Pedro, por sua vez, tomou Dorcas pela mão depois de ela voltar à vida. Nos dois casos, foi o poder de Deus que operou a ressurreição, pois era impossível que um morto exercesse sua fé.

Assim como a cura de Enéias, a ressurreição de Dorcas atraiu a atenção do povo, e muitos creram em Jesus Cristo. Durante os “muitos dias” que Pedro ficou em Jope, procurou fundamentar a fé desses recém-convertidos na Palavra, pois não é possível desenvolver uma fé sólida apenas com base em milagres.

Pedro fez bem em se demorar em Jope, pois ali Deus se encontrou com ele de forma inédita e emocionante. Os servos de Deus não precisam estar sempre em movimento. Devem reservar tempo para ficar a sós com Deus, refletir, meditar e orar, especialmente ao experimentar grandes bênçãos. Sem dúvida, havia muitos enfermos para Pedro visitar e curar, mas Deus tinha outros planos. Deteve seu servo propositadamente em Jope, a fim de prepará-lo para o terceiro uso das “chaves”.

É bastante sugestivo que Pedro tenha se hospedado na casa de um curtidor, pois os rabinos judeus consideravam os curtidores “impuros” (ver Lv 11:35-40). Deus guiava Pedro um passo de cada vez em sua passagem do legalismo judaico para a liberdade oferecida por sua maravilhosa graça.

3. O MAIOR DE TODOS OS MILAGRES – A SALVAÇÃO DOS PECADORES (At 10:1-48)

O capítulo 10 é crucial para o Livro de Atos, pois relata a salvação dos gentios. Vemos Pedro usando as “chaves do reino” pela terceira e última vez. Ele havia aberto a porta para a fé dos judeus (At 2) e também dos samaritanos (At 8), e Deus o estava usando

para conduzir os gentios à comunhão dos cristãos (ver Gl 3:27, 28; Ef 2:11-22).

Esse acontecimento ocorreu cerca de dez anos depois de Pentecostes. Por que os apóstolos esperaram tanto para levar o evangelho aos gentios? Afinal, em sua Grande Comissão (Mt 28:19, 20), Jesus lhes disse para irem por *todo o mundo*, e o mais lógico seria procurarem seus vizinhos gentios o mais rápido possível. Mas Deus tem seu tempo e seus planos, e a transição de judeus para samaritanos e, posteriormente, para gentios foi gradual.

O apedrejamento de Estêvão e a perseguição subsequente representaram o ponto culminante do testemunho dos apóstolos aos judeus. Em seguida, o evangelho foi levado aos samaritanos. Quando Deus salvou Saulo de Tarso, separou para si aquele que seria seu enviado especial aos gentios. Era chegada a hora de abrir a porta da fé (At 14:27) para os gentios e de trazê-los para a família de Deus.

Esse drama extraordinário se desenrola em quatro atos.

Preparação (vv. 1-22). Antes de salvar os gentios, Deus teve de preparar Pedro para que levasse a mensagem, e Cornélio para que ouvisse a mensagem. A salvação é uma obra divina realizada pela graça, mas Deus opera por meio de instrumentos humanos. Os anjos podem transmitir as mensagens de Deus aos homens, mas não podem lhes pregar o evangelho. Esse é nosso privilégio e responsabilidade.

Cesaréia fica a pouco mais de 100 quilômetros a noroeste de Jerusalém, 45 quilômetros ao norte de Jope (Jafa). Naquele tempo, Cesaréia era a capital romana da Judéia, uma cidade conhecida pela beleza de suas obras arquitetônicas. Era lá que vivia Cornélio, o centurião romano cujo coração havia se cansado de mitos pagãos e de rituais religiosos inúteis e que havia se voltado para o judaísmo na esperança de encontrar a salvação. Cornélio se identificara com o judaísmo tanto quanto possível sem se tornar um prosélito. Havia muitos “tementes a Deus” como ele no mundo antigo (At 13:16) que se mostraram um campo pronto para a colheita espiritual.

É importante observar como uma pessoa pode ser extremamente religiosa e, ainda assim, não ser salva. Sem dúvida, Cornélio era sincero em sua obediência à Lei de Deus, em seus jejuns e em sua generosidade para com o povo judeu (comparar com Lc 7:1-10). Não tinha permissão de oferecer sacrifícios ao Senhor no templo, de modo que apresentava suas orações a Deus como sacrifícios (Sl 141:1, 2). Em todos os sentidos, era um modelo de probidade religiosa, no entanto, não era salvo.

A diferença entre Cornélio e muitas pessoas religiosas de sua época estava no fato de ele saber que sua devoção religiosa não era suficiente para salvá-lo. Hoje, grande número de indivíduos religiosos acha que seu caráter e suas boas obras são suficientes para garantir um lugar no céu e não têm consciência alguma do próprio pecado nem da graça de Deus. Em suas orações, Cornélio pedia que Deus lhe mostrasse o caminho da salvação (At 11:13, 14).

Em vários sentidos, John Wesley era como Cornélio: um homem religioso, membro de uma igreja, pastor e filho de pastor. Pertencia a um “clube religioso” em Oxford, cujo propósito era aperfeiçoar a vida cristã. Wesley trabalhou em missões estrangeiras, mas mesmo enquanto pregava a outros, não tinha certeza da própria salvação.

No dia 24 de maio de 1738, Wesley compareceu com uma certa relutância a uma pequena reunião em Londres, onde alguém estava lendo em voz alta um comentário de Martinho Lutero sobre Romanos. “Por volta de quinze para as nove”, escreveu Wesley em seu diário, “enquanto ele descrevia a transformação que Deus opera no coração pela fé em Cristo, senti meu coração ser tocado de maneira estranha; senti que cria única e exclusivamente em Cristo para a salvação e recebi a convicção de que ele havia removido meus pecados e de que salvara minha vida da lei do pecado e da morte”. O resultado dessa experiência foi o grande reavivamento wesleyano, que não apenas conduziu muitos ao reino de Deus, mas também transformou a sociedade britânica mediante a ação social cristã.

Deus enviou um anjo para instruir Cornélio, e, como bom militar, o centurião obedeceu imediatamente. Mas por que chamar Pedro, que estava a 45 quilômetros, em Jope, quando Filipe, o evangelista, já estava em Cesaréia (At 8:40)? Porque Pedro, não Filipe, recebera as “chaves”. Deus não apenas trabalha na hora certa, mas também por meio dos servos certos; os dois elementos são essenciais.

Pedro também precisou ser preparado para esse acontecimento, uma vez que vivera como judeu ortodoxo a vida inteira (At 10:14). A Lei de Moisés era um muro entre judeus e gentios, e esse muro havia sido derrubado pela cruz (Ef 2:14-18). No que se referia às alianças e promessas aos judeus, os gentios eram considerados estrangeiros e forasteiros (Ef 2:11-13). Mas tudo isso estava prestes a mudar, e Deus declararia que, em se tratando de judeus e de gentios, “não há distinção” quanto à condenação (Rm 3:22, 23) nem quanto à salvação (Rm 10:12, 13).

Por que Deus usou uma visão sobre alimentos para ensinar a Pedro que os gentios não eram impuros? Em primeiro lugar, Pedro estava faminto, e a visão da comida certamente “tocou fundo”. Em segundo lugar, a distinção entre “alimentos limpos e imundos” era um grande problema entre os judeus e os gentios daquela época. Tanto que os amigos cristãos de Pedro o criticaram por ele comer com gentios (At 11:1-3)! Deus usou uma regra muito antiga (Lv 11) para ensinar a Pedro uma lição espiritual importante.

Outro motivo remete a algo que Jesus havia ensinado a Pedro e aos outros discípulos quando ministrava na Terra (Mc 7:1-23). Naquela ocasião, Pedro não compreendeu plenamente o que Jesus dizia, mas logo tudo faria sentido. Deus não estava mudando apenas a dieta de Pedro; estava transformando todo seu sistema. O judeu não era “puro” e o gentio, “impuro”; antes, *tanto judeus quanto gentios eram “impuros” diante de Deus!* “Porque Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos” (Rm 11:32). Isso significava que um gentio não precisava tornar-se judeu a fim de ser cristão.

Apesar de a recusa de Pedro ser a mais educada possível, ainda assim foi errada. Como escreveu Graham Scroggie: “É possível dizer ‘não’ e é possível dizer ‘Senhor’, mas não se pode dizer ‘não Senhor!’” Se ele é, verdadeiramente, Senhor, só podemos dizer “sim!” a ele e obedecer a suas ordens.

O tempo de Deus é sempre perfeito, e os três homens de Cesaréia chegaram à porta justamente enquanto Pedro refletia sobre o significado da visão. O Espírito ordenou que Pedro se encontrasse com os homens e os acompanhasse. A expressão “nada duvidando” (At 10:20) significa “sem fazer qualquer distinção”. Ela volta a aparecer em Atos 11:12 (“sem hesitar”), e um termo semelhante é usado em Atos 11:2 (“o argüiram” = “fizeram distinção”). Pedro não deveria mais fazer qualquer distinção entre judeus e gentios.

Explicação (vv. 23-33). O fato de Pedro permitir que os gentios se hospedassem com ele é outra indicação de que os muros estavam caindo. Pedro escolheu seis cristãos judeus para acompanhá-lo em seu testemunho (At 11:12), três vezes o número oficialmente necessário. Levava pelo menos dois dias para percorrer os 45 quilômetros entre Jope e Cesaréia. Quando Pedro chegou, descobriu que Cornélio havia reunido parentes e amigos para ouvirem a mensagem da vida. Testemunhava mesmo antes de se tornar cristão!

Teria sido muito fácil Pedro aceitar a honra e usar a situação para se promover; mas Pedro era um servo, não uma celebridade (1 Pe 5:1-6). Quando anunciou que não considerava os gentios impuros, suas palavras devem ter causado espanto e trazido alegria ao coração de seus ouvintes. Durante séculos, os judeus haviam usado o Antigo Testamento para declarar os gentios impuros, e alguns judeus chegavam a chamar os gentios de “cães”.

A parte mais extraordinária desta seção é a pergunta de Pedro: “Por que razão me mandaste chamar?” (At 10:29). Por acaso, Pedro não sabia que havia sido chamado até aquele local para pregar o evangelho? Havia se esquecido da comissão de Atos 1:8

para ir “até aos confins da terra”? Hoje, podemos olhar para a seqüência de acontecimentos na Igreja e entender o que Deus fazia, mas talvez não tenha sido tão fácil vivenciar esses acontecimentos. Na verdade, a igreja de Jerusalém questionou as atitudes de Pedro (At 11:1-18) e, posteriormente, convocou uma reunião para tratar do lugar dos gentios na Igreja (At 15).

Cornélio relatou sua experiência com o anjo e explicou a Pedro o motivo de haver sido chamado: estava lá para dizer a Cornélio, sua família e seus amigos como podiam ser salvos (At 11:14). Não eram gentios interessados querendo uma palestra sobre a religião judaica. Eram pecadores perdidos implorando para saber como encontrar a salvação.

Antes de passar para a seção seguinte, convém ressaltar algumas verdades importantes. Em primeiro lugar, a idéia de que “todas as religiões são boas” é completamente falsa. Os que dizem que devemos adorar o “Deus de muitos nomes” e não “mudar a religião das outras pessoas” estão em conflito com as Escrituras. “A salvação vem dos judeus” (Jo 4:22), e não pode haver salvação sem a fé em Jesus Cristo, que nasceu judeu. Cornélio tinha piedade e moralidade, mas não tinha a salvação. Há quem diga, talvez: “Deixem Cornélio em paz! Sua religião faz parte de sua cultura, e seria uma vergonha mudar sua cultura, dessa maneira!” Se Cornélio não ouvisse a mensagem do evangelho e não cresse em Jesus Cristo, não haveria esperança alguma para ele.

Em segundo lugar, o Salvador que busca (Lc 19:10) encontrará o pecador que busca (Jr 29:13). Por isso é tão essencial que, como filhos de Deus, obedeçamos à sua vontade e falemos da Palavra a outros. Nunca sabemos quando nosso testemunho de Cristo é exatamente aquilo pelo que a pessoa orava e pedia.

Em terceiro lugar, sem dúvida foi um privilégio para Pedro ministrar a uma congregação tão exemplar (At 10:33). Estavam todos presentes, desejavam ouvir a Palavra, ouviram-na, creram e obedeceram. O que mais um pastor poderia desejar?

Proclamação (vv. 34-43). Não pode haver fé sem a Palavra (Rm 10:17), e Pedro pregou a Palavra. Em se tratando de nacionalidade e de raça, Deus não faz qualquer distinção. Em se tratando de pecado e de salvação, “para com Deus não há acepção de pessoas” (Rm 2:11; 3:22, 23; 10:1-13). Todos os seres humanos têm o mesmo Criador (At 17:26), e todos precisam do mesmo Salvador (At 4:12). Atos 10:35 não ensina que somos salvos pelas obras, pois, se o fizesse, Pedro estaria se contradizendo (At 10:43). “Temer a Deus e fazer o que é justo” é uma descrição da vida cristã. Temor a Deus é reverenciá-lo e crer nele (Mq 6:8). A evidência dessa fé é uma vida de retidão.

Em seguida, Pedro resumiu a história da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Cornélio e seus amigos sabiam da vida e da morte de Cristo. “Porquanto nada se passou em algum lugar escondido” (At 26:26). Pedro deixou claro que Israel era o instrumento de Deus para realizar sua obra (At 10:36), mas Jesus é “Senhor de todos”, não apenas Senhor de Israel. Desde a fundação de Israel como nação, Deus deixou claro que as bênçãos partiriam de Israel para todo o mundo (Gn 12:1-3).

O público em geral tinha conhecimento da vida, do ministério e da morte de Cristo, mas os apóstolos e outros cristãos eram testemunhas de sua ressurreição. Pedro responsabilizou os líderes judeus pela crucificação de Cristo (At 3:15; 4:10; 5:30), como também o fez Estêvão (At 7:52). Paulo adotaria essa mesma ênfase (1 Ts 2:14-16).

Depois de terminar seu relato da base histórica para a mensagem do evangelho – a morte e a ressurreição de Cristo –, Pedro anunciou-lhes as boas-novas: “Todo aquele que nele crê recebe a remissão de pecados” (At 10:43; ver 2:21). Os ouvintes tomaram para si a expressão “todo aquele”; aplicaram-na à própria vida, creram em Jesus Cristo e foram salvos.

Justificação (vv. 44-48). Pedro estava apenas começando sua mensagem quando a congregação creu, e o Espírito Santo interrompeu a reunião (At 11:15). Deus Pai interrompeu Pedro no monte da Transfiguração

(Mt 17:4, 5), e Deus Filho o interrompeu quando tratavam da questão do imposto do templo (Mt 17:24-27). Aqui, Deus Espírito também o interrompe, e Pedro não chega a terminar seu sermão! Como seria bom se os pregadores de hoje sofressem interrupções desse tipo!

O Espírito Santo dava testemunho aos seis judeus presentes de que esses gentios haviam, verdadeiramente, nascido de novo. Afinal, esses homens não haviam tido a mesma visão que Pedro nem entendido que agora os gentios estavam em pé de igualdade com os judeus. Isso não significa que todo recém-convertido deva mostrar que foi salvo falando em línguas, ainda que todo cristão sincero sem dúvida use sua língua para glorificar a Deus (Rm 10:9, 10). Tratou-se de um acontecimento paralelo a Pentecostes: o mesmo Espírito que havia vindo sobre os cristãos judeus também viera sobre os gentios (At 11:15-17; 15:7-9). Não é de surpreender que os homens tenham se admirado.

Com esse acontecimento, encerrou-se o período de transição no início da história da Igreja. Cristãos entre os judeus, samaritanos e gentios receberam o Espírito de Deus e se encontram unidos no corpo de Cristo (1 Co 12:13; Gl 3:27).

Esses gentios não foram salvos pelo batismo; antes, foram batizados para dar testemunho da salvação. Usar Atos 2:28 para ensinar a salvação pelo batismo e Atos 8:14-16 para ensinar a salvação pela imposição de mãos é ignorar o caráter transitório do plano que Deus desenrolava. Os pecadores sempre foram salvos pela fé; esse é um princípio que Deus nunca mudou. Mas Deus muda seus métodos de operação, como podemos ver em Atos 1 a 10. A experiência de Cornélio e de seus familiares e amigos deixa bastante claro que o batismo não é essencial para a salvação. A partir desse momento, a seqüência seria: ouvir a Palavra, crer em Cristo, receber o Espírito e, então, ser batizado e unido a outros cristãos na igreja para servir e adorar a Deus.

Pedro passou algum tempo em Cesaréia e ajudou a fundamentar esses recém-convertidos na verdade da Palavra. Talvez Filipe o tenha assistido. Essa experiência toda é uma ilustração da comissão de Mateus 28:19, 20. Pedro foi aonde Deus o enviou e fez discípulos entre os gentios. Então, ele os batizou e lhes ensinou a Palavra.

Essa mesma comissão aplica-se à Igreja hoje. Está sendo devidamente cumprida?

ESPAÇO PARA OS GENTIOS

ATOS 11

Atos 11 descreve o relacionamento da igreja de Jerusalém com os gentios de Cesaréia e de Antioquia que creram em Jesus Cristo como Salvador e Senhor. A comunhão com essas pessoas era uma experiência nova para os cristãos judeus que, durante toda a vida, haviam considerado os gentios pagãos e forasteiros. De acordo com a tradição, um gentio deveria “tornar-se judeu” a fim de ser aceito; agora, porém, judeus e gentios encontravam-se unidos na Igreja pela fé em Jesus Cristo (Gl 3:26-28).

Atos 11 descreve três reações dos cristãos judeus aos cristãos gentios. Ao estudar essas atitudes, entendemos melhor como os cristãos de hoje devem se relacionar uns com os outros.

1. ACEITARAM OS GENTIOS (At 11:1-18)

Assim que Pedro voltou a Jerusalém, foi procurado por membros de um partido extremamente legalista dentro da Igreja da Judéia (“os que eram da circuncisão”), que o repreenderam por ter comunhão com os gentios e por comer com eles. É importante lembrar que esses cristãos judeus ainda não haviam compreendido a relação entre a Lei e a graça, entre judeus e gentios e entre Israel e a Igreja. Hoje, a maioria dos cristãos entende essas verdades; mas, afinal, temos à nossa disposição as epístolas aos Romanos, Gálatas, Efésios e Hebreus! Havia na igreja muitos sacerdotes convertidos que continuavam a zelar pela Lei (At 6:7). Até mesmo para os cristãos judeus em geral deve ter sido difícil fazer a transição (At 21:20). Não se tratava apenas de religião, mas também de cultura,

e é sempre muito difícil mudar costumes culturais.

A expressão “o argüiram” vem do mesmo termo traduzido por “nada duvidando”, em Atos 10:20, e “sem hesitar”, em 11:12, e significa “fazer distinção”. Esses legalistas faziam distinção entre gentios e judeus mesmo depois de Pedro demonstrar que não havia diferença alguma! Deus havia declarado os gentios “puros”, ou seja, aceitáveis a Deus pelo mesmo critério que os judeus: a fé em Jesus Cristo.

Pedro não tinha o que temer, pois, afinal, apenas seguira ordens do Senhor, e o Espírito havia confirmado claramente a salvação dos gentios. O apóstolo fez uma recapitulação de toda a experiência desde o início, e, quando terminou, os legalistas judeus retiraram todas as suas acusações e glorificaram a Deus pela salvação dos gentios (At 11:18). Essa atitude, porém, não encerrou a questão. Posteriormente, esse mesmo partido legalista envolveu-se em uma controvérsia com Paulo a respeito da salvação dos gentios (At 14:26 – 15:2). Mesmo depois da assembléia em Jerusalém, os mestres legalistas continuaram a atacar Paulo e a invadir as igrejas que fundava. Desejavam atrair os cristãos para uma vida de obediência à Lei (Gl 1:6ss; Fp 3:1-3, 17-21). É possível que muitos desses legalistas fossem cristãos sinceros, mas não compreendiam sua liberdade em Jesus Cristo (Gl 5:1ss).

Ao se defender em Atos 11, Pedro apresentou três evidências: a visão de Deus (At 11:5-11), o testemunho do Espírito (At 11:12-15, 17) e o testemunho da Palavra (At 11:16). É evidente que nenhum desses homens havia recebido a mesma visão, mas confiaram no relato de Pedro, pois sabiam que fora tão ortodoxo quanto eles em sua vida pessoal (At 10:14). Difícilmente procuraria os gentios por conta própria, inventando, depois, uma história para se justificar.

O testemunho do Espírito foi crucial, pois foi um depoimento do próprio Deus de que havia, de fato, salvado os gentios. É interessante que Pedro teve de *voltar até Pentecostes* para encontrar um exemplo do que havia ocorrido na casa de Cornélio! Isso indica que

o “batismo do Espírito Santo” (At 11:16), acompanhado dos discursos em línguas, não era uma ocorrência diária na Igreja primitiva. Pedro não pôde usar a experiência dos samaritanos como exemplo, pois estes receberam o dom do Espírito pela imposição das mãos dos apóstolos (At 8:14-17). Cornélio e sua casa receberam o Espírito no momento em que creram em Jesus Cristo. O mesmo acontece hoje.

“Quem era eu para que pudesse resistir a Deus?”, perguntou Pedro. Os legalistas não foram capazes de responder, pois, do começo ao fim, a conversão dos gentios foi obra da graça de Deus. Ele lhes deu o dom do arrependimento e o dom da salvação quando creram. Em anos vindouros, Deus usaria as cartas de Paulo para explicar o conceito de “um só corpo”, segundo o qual os cristãos judeus e gentios são unidos em Cristo (Ef 2:11 – 3:12). Mas, naquele tempo, esse “mistério” ainda estava oculto, de modo que não devemos julgar esses cristãos de Jerusalém que não se sentiram à vontade com a presença dos gentios na igreja.

Os cristãos devem aceitar uns aos outros e não discutir sobre diferenças culturais e questões secundárias de convicção pessoal (Rm 14 – 15). Alguns cristãos judeus da Igreja primitiva desejavam que os gentios se tornassem judeus, e alguns cristãos gentios desejavam que os judeus se tornassem gentios! Trata-se de uma atitude que pode causar sérias divisões até mesmo nas igrejas de hoje, de modo que convém seguir o exemplo de Atos 11:18 bem como a admoestação de Romanos 14:1 e receber os que Deus também recebeu.

2. ENCORAJARAM OS GENTIOS (AT 11:19-26)

Quando os cristãos foram dispersos durante a perseguição de Paulo contra a Igreja (At 8:11), alguns chegaram até Antioquia, a capital da Síria, a quase 500 quilômetros ao norte de Jerusalém (é importante não confundir essa cidade com Antioquia da Pisídia; ver At 13:14). Havia pelo menos dezesseis cidades chamadas Antioquia no mundo antigo, mas esta era uma das maiores.

Com cerca de meio milhão de habitantes, Antioquia era a terceira maior cidade do império romano, depois de Roma e Alexandria. Suas construções grandiosas contribuíram para que fosse chamada de “Antioquia, a Cidade Dourada, Rainha do Oriente”. Sua rua principal tinha mais de 7 quilômetros de extensão; era calçada de mármore e ladeada de colunas desse mesmo material. Naquela época, era a única cidade do mundo antigo com iluminação noturna.

Porto movimentado e centro de luxo e de cultura, Antioquia atraía pessoas de todo tipo, inclusive oficiais romanos aposentados e abastados que passavam os dias conversando nas casas de banho ou apostando nas corridas. Com sua enorme população cosmopolita e seu grande poder político e comercial, a cidade oferecia à igreja oportunidades extraordinárias de evangelismo.

Antioquia era uma cidade perversa, superada apenas, talvez, pela cidade de Corinto. Apesar de todas as divindades sírias, gregas e romanas que os cidadãos de Antioquia adoravam, os santuários locais eram consagrados a Dafne, cuja veneração incluía práticas imorais. Nas palavras de James A. Kelso, em sua obra *An archeologist follows the apostle Paul [Um arqueólogo acompanha o apóstolo Paulo]*: “Antioquia era a Nova York do mundo antigo. Lá, onde todos os deuses da Antiguidade eram adorados, era preciso que Cristo fosse exaltado”. A igreja que se estabeleceu em Antioquia não apenas se mostrou eficaz em seu ministério à cidade como também enviou a Paulo para ganhar o mundo gentio para Cristo.

Quando os cristãos perseguidos chegaram a Antioquia, não se sentiram nem um pouco intimidados pela grandiosidade das construções ou pelo orgulho dos cidadãos. Tinham a Palavra de Deus em seus lábios e a mão de Deus sobre seu testemunho, e muitos pecadores arrependeram-se e creram. Foi uma obra espetacular da graça maravilhosa de Deus.

Os líderes da igreja em Jerusalém tinham a responsabilidade de “pastorear” o rebanho disperso, que passou a incluir congregações

gentias de lugares distantes como a Síria. Ao que parece, os apóstolos ministravam fora de Jerusalém naquela ocasião, de modo que os presbíteros enviaram Barnabé a Antioquia, a fim de descobrir o que se passava entre os gentios. Foi uma escolha sábia, pois Barnabé fez jus ao seu nome, "filho de exortação" (At 4:36).

Atos 11:24 apresenta um "perfil espiritual" de Barnabé que nos parece ser um exemplo de vida cristã a ser imitado. Era um homem justo, que obedecia à Palavra em sua vida diária e, portanto, de caráter irrepreensível. Era cheio do Espírito, o que explica a eficácia de seu ministério. O fato de ser um homem de fé fica evidente na maneira de exortar a igreja e, mais tarde, também de exortar Saulo. Os novos cristãos e as novas igrejas precisam de pessoas como Barnabé para encorajá-los em seu crescimento e ministério.

De que maneira Barnabé foi um estímulo a esses cristãos gentios? Em primeiro lugar, se regozijou com o que viu. Adorar a Deus com gentios foi uma experiência nova para ele, mas abordou essa situação com uma atitude positiva, sem procurar coisas para criticar. Aquele ministério era obra de Deus, e Barnabé agradeceu pela graça divina.

Ao ensinar a Palavra de Deus ao povo, enfatizou a devoção do coração. A expressão "permanecer no Senhor" não significa que deviam "manter-se salvos". A mesma graça que nos salvou também nos guarda (1 Co 15:10; Hb 13:9). Essa expressão traz à memória a admoestação de Josué a Israel em Josué 22:5. Permanecer no Senhor é amar ao Senhor, andar em seus caminhos, obedecer à sua Palavra e servi-lo de todo o coração. Significa que pertencemos somente a ele e que cultivamos nossa devoção a ele. "Ninguém pode servir a dois senhores" (Mt 6:24).

O trabalho de Barnabé em Antioquia teve dois resultados maravilhosos. Em primeiro lugar, o testemunho da igreja causou grande impacto na cidade, de modo que "muita gente se uniu ao Senhor" (At 11:24). Quando os cristãos estão fundamentados na

Palavra, seu testemunho aos perdidos é vivo e eficaz e há um equilíbrio dentro da igreja entre a edificação e o evangelismo, entre o ensinamento e o testemunho.

Em segundo lugar, o crescimento da igreja criou a necessidade de mais pessoas para ajudar, de modo que Barnabé foi até Tarso e chamou Saulo. Mas por que ir a um lugar tão distante só para encontrar um assistente? Por que não pedir que a igreja de Jerusalém enviasse Nicolau, um diácono nascido em Antioquia? (At 6:5). Porque Barnabé sabia que Deus havia incumbido Saulo de ministrar aos gentios (At 9:15; 22:21; 26:17). Convém lembrar que Barnabé fez amizade com Saulo em Jerusalém (At 9:26, 27) e, sem dúvida, os dois conversavam sobre o chamado especial que Saulo havia recebido de Deus.

Saulo já era convertido havia cerca de dez anos quando Barnabé levou-o a Antioquia. O Novo Testamento não diz o que Saulo foi fazer em Tarso depois de deixar Jerusalém (At 9:28-30), mas é provável que estivesse ocupado evangelizando judeus e gentios em sua cidade natal. Talvez tenha sido nesse período que fundou as igrejas na Cilícia (At 15:23, 41; Gl 1:21) e que passou por alguns dos sofrimentos relatados em 2 Coríntios 11:23-28. Sem dúvida alguma, não teve uma vida fácil enquanto testemunhava nas sinagogas!

O que Barnabé fez por Saulo precisa ser colocado em prática nas igrejas de hoje. Os cristãos maduros precisam chamar outros membros do corpo e encorajá-los em seu serviço ao Senhor. Uma das políticas de D. L. Moody era dar alguma incumbência a todos os recém-convertidos. A princípio, poderia ser alguma tarefa simples, como distribuir hinários ou receber as pessoas na entrada da igreja, mas cada convertido deveria ter uma ocupação. Como mencionamos anteriormente, Moody costumava dizer: "É melhor colocar dez homens para trabalhar do que fazer o serviço de dez homens". Muitos dos "assistentes" de Moody tornaram-se excelentes obreiros cristãos trabalhando de modo independente e multiplicando o testemunho da Palavra.

Em Antioquia, os discípulos de Jesus Cristo foram chamados pela primeira vez de *crístãos*. O sufixo em latim correspondente a nosso “ão” significa “pertencente ao partido de”. Como forma de zombaria, os cidadãos de Antioquia juntaram o sufixo em latim ao nome grego “Cristo” [N. do T.: do grego *Christós* – *o que foi ungido*], resultando na designação *crístão*. O termo aparece apenas três vezes no Novo Testamento: em Atos 11:26; 26:28 e 1 Pedro 4:16.

Infelizmente, a palavra *crístão* perdeu muito de seu significado ao longo dos séculos e não quer dizer mais “aquele que deixou o pecado, creu em Jesus Cristo e recebeu a salvação pela graça” (At 11:21-23). Muita gente que não nasceu de novo se considera “crístão” simplesmente porque afirma não ser “pagão”. Afinal, participa de uma igreja, freqüenta os cultos com certa regularidade e, de vez em quando, até contribui para o trabalho da igreja! Mas é preciso mais do que isso para o pecador tornar-se filho de Deus. É preciso arrependimento do pecado e fé em Jesus Cristo, que morreu por nossos pecados na cruz e ressuscitou para nos dar vida eterna.

Os seguidores de Cristo na Igreja primitiva *sofreram* por serem crístãos (1 Pe 4:16). David Otis Fuller certa vez perguntou: “Se você fosse preso sob a acusação de ser crístão, haveria provas suficientes para condená-lo?” Ótima pergunta! E a resposta é uma questão de vida ou morte.

3. RECEBERAM A AJUDA DOS GENTIOS (AT 11:27-30)

Os apóstolos e os profetas lançaram os alicerces da Igreja (Ef 2:20), mas, no devido tempo, saíram de cena. Afinal, não se pode apenas construir alicerces indefinidamente! Os profetas do Novo Testamento recebiam suas mensagens do Senhor pelo Espírito Santo e a transmitiam ao povo, às vezes em determinada língua. Essa mensagem deveria ser interpretada e, depois disso, devidamente avaliada, a fim de constatar se era, de fato, uma comunicação de Deus (ver 1 Co 12:10; 14:27-33; 1 Ts 5:19-21).

Os profetas do Novo Testamento recebiam suas mensagens *diretamente* do Senhor, mas os ministros e mestres de hoje recebem suas mensagens *indiretamente* através das Escrituras. Temos a nosso dispor a Palavra de Deus completa, que o Espírito Santo usa para nos ensinar e guiar. 1 Coríntios 12:10 associa os dons da profecia, do discernimento, de línguas e de interpretação de línguas. Por certo, o Espírito é soberano e pode dar ao crístão qualquer dom que aprovar ao Senhor (1 Co 12:11), mas, uma vez que os apóstolos e profetas saíram de cena e que a revelação de Deus em sua Palavra foi completada, podemos observar que houve uma mudança.

Hoje em dia, há pessoas que afirmam receber “palavras de revelação” e “palavras de sabedoria” especiais do Senhor, mas tais revelações são suspeitas e até perigosas. “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva” (Is 8:20). “Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Não deis ouvidos às palavras dos profetas que entre vós profetizam e vos enchem de vãs esperanças; falam as visões do seu coração, não o que vem da boca do SENHOR” (Jr 23:16).

O Espírito disse a Ágabo (ver At 21:10, 11) que logo haveria uma grande fome, o que de fato ocorreu no reinado de Cláudio César (41 - 54 d.C.), quando as colheitas foram escassas durante vários anos. Os escritores da Antiguidade citam pelo menos quatro grandes fomes: duas em Roma, uma na Grécia e outra na Judéia. A escassez de alimentos na Judéia foi especialmente grave e, de acordo com o historiador judeu Josefo, muitas pessoas morreram por falta de recursos para comprar a pouca comida que havia disponível.

Ágabo entregou sua mensagem aos crístãos de Antioquia, e eles resolveram ajudar seus irmãos crístãos da Judéia. A finalidade de uma profecia genuína não é de satisfazer nossa curiosidade sobre o futuro, mas sim de encorajar nosso coração a fazer a vontade de Deus. Os crístãos não podiam impedir a vinda da fome mas podiam mandar ajuda aos necessitados.

Esta passagem ilustra um princípio espiritual importante: se as pessoas foram uma bênção espiritual para nós, devemos ministrá-lhes por meio de nossos recursos materiais. “Mas aquele que está sendo instruído na palavra faça participante de todas as coisas boas aquele que o instrui” (Gl 6:6). Os cristãos de Jerusalém haviam levado o evangelho a Antioquia. Enviaram Barnabé para exortar os recém-convertidos. Nada mais certo do que os gentios de Antioquia retribuírem e enviarem a ajuda material de que seus irmãos e irmãs na Judéia precisavam. Alguns anos depois, Saulo recolheria uma oferta parecida das igrejas gentias e a levaria aos cristãos de Jerusalém (At 24:17; ver também Rm 15:23-28).

É importante observar que havia ocorrido uma mudança na igreja de Jerusalém. Antes, ninguém da igreja precisava de coisa alguma (At 4:34), nem era necessário pedir a ajuda de outros. Aqueles primeiros anos foram como “o Paraíso na terra”, enquanto Deus abençoava seu povo ricamente e os usava para testemunhar à nação incrédula. Foram “tempos de refrigério” do Senhor (At 3:20). À medida que a mensagem passou dos judeus para os samaritanos e gentios, o “programa de partilha” de Jerusalém foi desaparecendo, e as coisas voltaram ao normal.

O parâmetro bíblico para a oferta nos dias de hoje não é Atos 2:44, 45 e 4:31-35, mas sim Atos 11:29: “cada um conforme as suas posses”. Os ensinamentos de Paulo em 2 Coríntios 8 e 9 seguem esse parâmetro. A prática do “comunismo cristão” só se deu em Jerusalém como medida temporária, enquanto o evangelho era pregado “primeiro aos judeus”. Como o cuidado de Deus pelo povo de Israel no deserto, foi uma demonstração prática das bênçãos que Deus concederia, caso a nação se arrependesse e crescesse.

O fato de a igreja escolher Barnabé e Saulo para levar a oferta a Jerusalém mostra sua confiança neles. Esses dois homens trabalhavam juntos no ensino da Palavra e uniram esforços no ministério prático de assistência aos cristãos necessitados de Jerusalém. Por certo, também ministraram a Palavra pelo caminho, ao percorrerem a longa jornada

de Antioquia a Jerusalém. Em pouco tempo, o Espírito levaria esses dois amigos a se unirem para levar o evangelho aos gentios de outras terras (At 13:1ss); ainda percorreriam muitos quilômetros juntos.

Outro resultado desse ministério importante foi o acréscimo de João Marcos à “equipe” (At 12:25). É bem provável que Marcos tenha se convertido através do ministério de Pedro (1 Pe 5:13). A casa de sua mãe era um dos locais onde os cristãos de Jerusalém se reuniam (At 12:12), e ela e Barnabé eram parentes (Cl 4:10). Apesar de João Marcos ter fracassado em sua primeira missão (At 13:13) e de ter contribuído para o rompimento entre Barnabé e Paulo (At 15:38-40), tornou-se, posteriormente, assistente dedicado de Paulo (2 Tm 4:11) e foi usado por Deus para escrever o Evangelho de Marcos.

O termo *presbíteros*, em Atos 11:30, só havia sido usado anteriormente em Atos para se referir aos líderes judeus (At 4:5, 23; 6:12). Na Igreja, os presbíteros eram cristãos maduros que cuidavam da supervisão espiritual do ministério (1 Pe 5:1; 2 Jo 1). Ao comparar Atos 20:17 e 28 e Tito 1:5 e 7, vemos que “presbítero” e “bispo” [supervisor] são títulos equivalentes. Os presbíteros/bispos eram os “pastores” do rebanho auxiliados pelos diáconos. As qualificações para ambos se encontram em 1 Timóteo 3.

Sempre que Paulo fundava uma igreja, providenciava para que presbíteros qualificados fossem ordenados, a fim de liderar as congregações (At 14:23; Tt 1:5). Na igreja de Jerusalém, os apóstolos e presbíteros eram responsáveis pela liderança espiritual (At 15:2, 4, 6, 22). A delegação da igreja de Antioquia não ignorou os líderes espirituais de Jerusalém; antes, entregou a oferta nas mãos deles para que a distribuíssem entre os membros necessitados. Trata-se de um princípio importante, que deve ser seguido nos dias de hoje, quando tantas organizações desejam obter o apoio das igrejas locais.

Essa experiência dos cristãos judeus de receber a ajuda dos gentios contribuiu para que desenvolvessem uma atitude de humildade? Talvez. Mas também foi uma demonstração belíssima de amor e um testemunho

maravilhoso da união da Igreja. Como disse Sir Winston Churchill: "Sobrevivemos com o que recebemos por nosso trabalho, mas verdadeiramente vivemos de acordo com o que contribuimos". Essa experiência foi enriquecedora para as igrejas tanto em Jerusalém quanto em Antioquia, pois, quando a graça de Deus está no controle, há bênçãos reservadas tanto para os que contribuem, quanto para os que recebem.

É triste quando indivíduos cristãos e igrejas inteiras se esquecem dos que foram uma

bênção espiritual para eles. A igreja de Antioquia é um excelente exemplo de como nós, cristãos, devemos demonstrar gratidão de maneiras práticas aos que nos ajudaram em nossa vida cristã. Alguém perguntou a Phillips Brooks o que ele faria para trazer de volta à vida uma igreja morta, ao que ele respondeu: "Levantaria uma oferta missionária!"

Tanto para indivíduos quanto para igrejas, pensar sinceramente nos outros ainda é a melhor maneira de ser feliz e de ter uma vida cristã proveitosa.

DESPERTE PARA UM MILAGRE!

ATOS 12

Imagine ser acordado por um anjo e despertar para um milagre!

Foi o que aconteceu com Pedro quando estava na prisão pela terceira vez, à espera de seu julgamento e morte certa. Anos depois, quando escreveu sua primeira epístola, Pedro talvez tivesse essa experiência em mente ao citar o Salmo 34:15 e 16: "Porque os olhos do Senhor repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos às suas súplicas, mas o rosto do Senhor está contra aqueles que praticam males" (1 Pe 3:12). Sem dúvida, essa citação resume o que Deus fez por Pedro e revela três certezas maravilhosas para dar encorajamento em tempos difíceis.

1. DEUS VÊ NOSSAS TRIBULAÇÕES (AT 12:1-4)

"Porque os olhos do Senhor repousam sobre os justos" (1 Pe 3:12).

Deus viu e atentou para o que Herodes Agripa fazia contra seu povo. Esse homem perverso era neto de Herodes, o Grande, que havia mandado matar as crianças de Belém, sobrinho de Herodes Antipas, que havia ordenado a decapitação de João Batista. Família de gente dada a intrigas e assassinatos, desprezada pelos judeus que não aceitavam a idéia de ser governados por edomitas. É evidente que Herodes sabia disso, de modo que perseguiu a igreja a fim de convencer os judeus de sua lealdade às tradições de seus antepassados. Agora que os gentios haviam sido aceitos abertamente pela igreja, o plano de Herodes parecia ainda mais apropriado para os judeus nacionalistas que não queriam coisa alguma com os "pagãos".

Herodes ordenou a prisão de vários cristãos, dentre eles Tiago (irmão de João), o qual ordenou que fosse decapitado. Assim, Tiago tornou-se o primeiro dos apóstolos a ser martirizado. Quando refletimos sobre sua morte à luz de Mateus 20:20-28, ela adquire um significado especial. Tiago e João, juntamente com a mãe, haviam pedido tronos, mas Jesus deixou claro que não poderia haver glória sem sofrimento. "Podeis vós beber o cálice que eu estou para beber?", perguntou Jesus (Mt 20:22). "Podemos", responderam os dois com ousadia.

Por certo, não sabiam o que estavam dizendo, mas acabaram descobrindo o alto preço de receber um trono na glória: Tiago foi preso e morto, e João foi exilado na ilha de Patmos, como prisioneiro de Roma (Ap 1:9). De fato, beberam do cálice e compartilharam do batismo de sofrimento que seu Senhor havia experimentado!

Se os judeus haviam ficado contentes com a morte de Tiago, ficariam ainda mais satisfeitos com a execução de Pedro! Deus permitiu que Herodes prendesse Pedro e que o colocasse sob forte vigilância na prisão. Havia dezesseis soldados para guardá-lo, quatro para cada turno, mais dois soldados para guardar a porta, além de outros dois guardas a quem o apóstolo ficava acorrentado. Afinal, da última vez que fora preso, Pedro havia desaparecido misteriosamente da prisão, e Herodes não estava disposto a permitir que isso se repetisse.

Por que Deus permitiu que Tiago morresse, mas salvou Pedro? Afinal, ambos eram servos dedicados do Senhor e necessários para a Igreja. A única resposta é a *vontade soberana de Deus*, justamente aquilo sobre o que Pedro e a igreja haviam orado depois de sua segunda perseguição (At 4:24-30). Herodes estendera sua mão para destruir a igreja, mas Deus estenderia sua mão para realizar sinais e prodígios, a fim de glorificar seu Filho (At 4:28-30). Deus permitiu que Herodes matasse Tiago, mas o impediu de fazer mal a Pedro. O trono celeste estava no controle, não o governante aqui da Terra.

É importante observar que a igreja não escolheu um substituto para Tiago, como

havia feito no caso de Judas (At 1:15-26). Enquanto o evangelho era levado “primeiro aos judeus”, era necessário ter um grupo completo de doze apóstolos para testemunhar às doze tribos de Israel. O apedrejamento de Estêvão encerrou esse testemunho especial a Israel, de modo que o número de testemunhas oficiais não importava mais.

É bom saber que, por mais difíceis que sejam as provações ou por mais decepcionantes que sejam as notícias, Deus ainda está assentado em seu trono e está no controle de todas as coisas. Talvez nem sempre compreendamos seus caminhos, mas sabemos que sua vontade soberana é o que há de melhor.

2. DEUS OUVI NOSSAS ORAÇÕES (AT 12:5-17)

“E os seus ouvidos estão abertos às suas súplicas” (1 Pe 3:12).

As palavras “mas havia oração incessante” constituem o ponto crítico desta história. Não devemos jamais subestimar o poder de uma igreja que ora! “O anjo chamou Pedro na prisão”, disse o pregador puritano Thomas Watson, “mas foi a oração que foi buscar o anjo”. Acompanhem as cenas do relato emocionante de Atos 12.

Pedro dorme (vv. 5, 6). Será que conseguiríamos dormir a sono solto se estivéssemos acorrentados a dois soldados romanos diante da possibilidade de sermos executados no dia seguinte? Provavelmente não, mas foi o que Pedro fez. Dormia tão pesadamente que o anjo teve de tocá-lo para que despertasse!

Não foi o fato de já ter sido preso em outras ocasiões que deu tranquilidade ao coração de Pedro. Essa experiência foi diferente das outras duas. Dessa vez, estava sozinho, e o livramento não veio de imediato. Nas outras ocasiões, a prisão havia ocorrido depois de grandes vitórias, mas, dessa vez, veio depois da morte de Tiago, seu querido amigo e companheiro de ministério. Era uma situação inteiramente nova.

O que deu a Pedro tanta confiança e paz? Em primeiro lugar, havia muitos cristãos orando por ele (At 12:12) continuamente,

ao longo de toda a semana, e isso ajudou a lhe dar paz (Fp 4:6, 7). A oração é capaz de nos trazer à memória as promessas da Palavra de Deus, como por exemplo: “Em paz me deito e logo pego no sono, porque, SENHOR, só tu me fazes repousar seguro” (Sl 4:8). Ou “não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel” (Is 41:10).

Mas o principal motivo da paz que Pedro sentia era sua consciência de que Herodes não poderia matá-lo. Jesus prometera que Pedro viveria até uma idade avançada e, então, seria executado em uma cruz romana (Jo 21:18, 19). Pedro simplesmente se apropriou dessa promessa e entregou a situação toda ao Senhor, e Deus lhe deu paz e descanso. Não sabia como ou quando Deus o livraria, mas sabia que o livramento estava a caminho.

Pedro obedece (vv. 7-11). Vemos aqui, mais uma vez, o ministério de anjos (At 5:19; 8:26; 10:3, 7) e somos lembrados de que eles cuidam dos filhos de Deus (Sl 34:7). O anjo trouxe luz e liberdade à cela da prisão, mas os guardas nem suspeitaram do que estava acontecendo. A fim de ser libertado, Pedro precisou obedecer às ordens do anjo. É provável que tenha pensado que se tratasse de um sonho ou de uma visão, mas ainda assim se levantou e seguiu o anjo para fora da prisão e até a rua. Só então se deu conta de que havia vivenciado mais um milagre.

O anjo ordenou que Pedro prendesse as vestes no cinto e calçasse as sandálias. Sem dúvida, eram coisas bastante triviais para fazer durante um milagre! Mas Deus, muitas vezes, junta o miraculoso ao trivial para nos incentivar a manter o equilíbrio. Jesus multiplicou pães e peixes, mas, em seguida, ordenou que os discípulos recolhessem os restos. Ressuscitou a filha de Jairo e, logo depois, pediu aos pais que dessem à menina algo para comer. Até mesmo em seus milagres, Deus é sempre prático.

Somente Deus pode fazer o extraordinário, mas seu povo deve fazer coisas triviais. Jesus ressuscitou Lázaro, mas os homens

tiveram de remover a pedra da entrada do túmulo. O mesmo anjo que removeu as correntes das mãos de Pedro poderia ter colocado as sandálias nos pés do apóstolo, mas pediu que Pedro o fizesse. Deus nunca desperdiça milagres.

Pedro teve de se levantar antes de caminhar. Trata-se de uma excelente lição sobre humildade e obediência. Na verdade, é possível que, daquela noite em diante, toda vez que Pedro calçava as sandálias, lembrava o milagre da prisão e era estimulado a crer no Senhor.

Seu livramento ocorreu na época da Páscoa, quando os judeus celebravam o êxodo do Egito. O verbo “livrar”, em Atos 12:11, é o mesmo termo que Estêvão usou ao falar do êxodo de Israel (At 7:34). Pedro experimentou um novo tipo de “êxodo” em resposta às orações do povo de Deus.

Pedro bate à porta (vv. 12-16). Enquanto Pedro seguia o anjo, Deus foi abrindo caminho, e, quando o apóstolo ficou livre, o anjo desapareceu. Havia terminado seu trabalho e deixado ao encargo de Pedro crer no Senhor e de usar o bom senso para dar o próximo passo. Uma vez que foram as orações do povo de Deus que ajudaram Pedro a ser liberto, o apóstolo decidiu que o lugar mais apropriado para se encaminhar seria a reunião na casa de Maria. Além disso, desejava lhes dar a boa notícia de que Deus havia respondido a suas orações. Assim, Pedro se dirigiu à casa de Maria, mãe de João Marcos.

Quando lembramos que: (a) muitas pessoas estavam orando; (b) oravam com fervor; (c) oravam dia e noite por vários dias; e (d) oravam especificamente pela libertação de Pedro, a cena descrita a seguir é quase cômica. A resposta a todas essas orações estava a sua porta, mas não tiveram fé para abri-la e deixar Pedro entrar! Deus conseguiu tirar Pedro da prisão, mas Pedro não conseguiu entrar em uma reunião de oração!

É claro que poderiam ser os soldados de Herodes batendo à porta em busca de mais cristãos para prender. Rode (“rosa”) precisou de coragem para atender à porta, mas podemos imaginar qual não foi sua surpresa

quando reconheceu a voz de Pedro! Ficou tão feliz que se esqueceu de abrir a porta! O pobre apóstolo teve de continuar batendo e chamando, enquanto os “homens e mulheres de fé” na reunião de oração resolviam o que fazer! Quanto mais tempo precisava esperar à porta, mais perigo corria.

A exclamação “É o seu anjo!” (At 12:15) mostra que acreditavam em “anjos da guarda” (Mt 18:10; Hb 1:14). A pergunta lógica seria: “Por que um anjo se daria o trabalho de bater à porta?” Só precisava entrar. Infelizmente, uma teologia correta misturada com uma dose de incredulidade gera medo e confusão.

Devemos encarar o fato de que, mesmo nas reuniões de oração mais fervorosas, por vezes ainda existe certo espírito de dúvida e incredulidade. Somos como o pai que clamou a Jesus: “Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé!” (Mc 9:24). Esses cristãos de Jerusalém acreditavam que Deus poderia responder a suas orações, de modo que clamaram dia e noite. Mas quando a resposta bateu à sua porta, se recusaram a crer. Em sua graça, Deus honra até a fé mais fraca, mas poderia fazer muito mais se confiássemos nele plenamente.

Convém observar que Atos 12:16 emprega o plural: “então, eles abriram, viram-no e ficaram atônitos”. Temos a impressão de que, por uma questão de segurança, decidiram abrir a porta *juntos* e encarar *juntos* o que estava do outro lado. Rode teria aberto a porta sozinho, mas estava feliz demais. É louvável que uma serva humilde tenha reconhecido a voz de Pedro e se gozificado por ele estar livre. Sem dúvida, Rode cria no Senhor Jesus Cristo e era amiga de Pedro.

Pedro faz uma declaração (v. 17). Ao que parece, todos começaram a falar ao mesmo tempo, e Pedro teve de pedir silêncio. Relatou rapidamente o milagre de seu livramento e, sem dúvida, agradeceu a todos por suas orações. Pediu que contassem o que havia acontecido a Tiago, o meio-irmão de Jesus, líder da congregação de Jerusalém (Mt 13:55; At 15:13ss; Gl 1:19) e autor da epístola homônima.

Ninguém sabe para onde Pedro foi em seguida! Trata-se de um segredo muito bem guardado. Exceto por uma rápida passagem por Atos 15, Pedro sai das páginas do Livro de Atos, que passam a ser ocupadas por relatos sobre Paulo e seu ministério entre os gentios. De acordo com 1 Coríntios 9:5, Pedro realizou um ministério itinerante acompanhado da esposa, e 1 Coríntios 1:12 dá a entender que visitou a cidade de Corinto. Não há qualquer evidência nas Escrituras de que Pedro tenha fundado a igreja em Roma. Na verdade, se tivesse sido o caso, é pouco provável que Paulo tivesse viajado até lá, pois costumava exercer seu ministério em lugares onde outros apóstolos ainda não haviam trabalhado (Rm 15:18-22). Além disso, ao escrever sua Epístola aos Romanos, Paulo certamente teria dito algo a Pedro ou sobre ele.

Antes de passar para a seção seguinte, pode ser proveitoso refletir sobre a melhor maneira de os cristãos orarem pelos que se encontram na prisão, pois ainda hoje há muitas gente presa por crer em Cristo. “Lembra-vos dos encarcerados, como se presos com eles” é a instrução de Hebreus 13:3. Em outras palavras, devemos orar por eles como gostaríamos que orassem por nós se estivéssemos na mesma situação.

Devemos pedir que Deus lhes dê graça para suportar o sofrimento, a fim de serem testemunhas vitoriosas para o Senhor. Devemos pedir ao Espírito que ministre a Palavra a esses prisioneiros e que os faça lembrar das Escrituras. Podemos pedir que Deus proteja os seus e que lhes dê sabedoria para lidar com o inimigo cada dia. Devemos pedir a Deus que, se for da sua vontade, sejam libertos da prisão e do sofrimento e reunidos com seus entes queridos.

3. DEUS LIDA COM NOSSOS INIMIGOS (At 12:18-25)

“Mas o rosto do Senhor está contra aqueles que praticam males” (1 Pe 3:12).

Se o relato tivesse terminado com a partida de Pedro, ficaríamos imaginando o que foi feito de Herodes e dos guardas. Não sabemos a que horas o anjo libertou Pedro,

mas quando o grupo seguinte de soldados entrou na cela, qual não foi sua consternação ao descobrir que os guardas estavam lá, mas o prisioneiro havia desaparecido! Se a guarda recém-chegada teve de despertar os soldados da guarda anterior, certamente não o fez de modo gentil. Se a guarda anterior estava acordada e alerta, não deve ter sido fácil explicar a situação aos outros soldados. Como um prisioneiro acorrentado conseguiu escapar, quando havia quatro guardas na cela e as portas estavam trancadas?

De acordo com a lei romana, se um guarda deixasse um prisioneiro escapar, deveria receber o mesmo castigo que o prisioneiro teria recebido, mesmo que fosse a pena de morte (ver At 16:27; 27:42). A lei não se aplicava com tanto rigor à jurisdição de Herodes e, portanto, não tinha a obrigação de mandar matar os guardas; mas, sendo quem ele era, mandou executá-los mesmo assim. Em vez de matar um homem para cair nas graças dos judeus, matou quatro na esperança de lhes agradar ainda mais. “O justo é libertado da angústia, e o perverso a recebe em seu lugar” (Pv 11:8). Essa verdade é ilustrada pela morte de Herodes. Apesar de Deus nem sempre fazer justiça tão rapidamente, não há dúvida de que o Juiz de toda a Terra fará o que é certo (Gn 18:25; Ap 6:9-11).

O povo de Tiro e Sidom, que dependia dos alimentos que adquiria dos judeus (ver Ed 3:7) havia, de algum modo, desagradado o rei Herodes e corria o risco de perder sua assistência. Como bons políticos, subornaram Blasto, encarregado da câmara (quarto de dormir) do rei e, portanto, um funcionário de confiança; este, por sua vez, convenceu o rei a se encontrar com a delegação estrangeira. Era uma oportunidade para o rei orgulhoso demonstrar sua autoridade e glória e para os delegados lhe agradarem com suas lisonjas.

De acordo com o historiador judeu Josefo, a cena ocorreu durante uma festa em homenagem ao imperador Cláudio e, nessa ocasião, Herodes vestia um belíssimo traje de prata. Não sabemos o que o rei disse em

seu discurso, mas sabemos que seu objetivo era impressionar o povo. E conseguiu! Falaram ao ego do rei e lhe disseram que ele era um deus, deixando-o absolutamente enlevado.

No entanto, Herodes não deu glória a Deus, de modo que essa cena toda não passou de idolatria.

“Eu sou o SENHOR, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem” (Is 42:8; ver 48:11). Em vez de Pedro ser morto por Herodes, o rei é que foi morto pelo Deus de Pedro! Talvez o mesmo anjo que livrou Pedro também tenha ferido o rei. Herodes caiu enfermo, com uma doença que atacou seus intestinos e, segundo Josefo, morreu cinco dias depois, no ano de 44 d.C.

Esse acontecimento é mais do que uma página da história antiga, pois tipifica o mundo e as pessoas de hoje. Os cidadãos de Tiro e Sidom só estavam preocupados em conseguir alimento suficiente para encher o estômago. Sem dúvida, o alimento é essencial à vida, mas há algo de errado quando estamos dispostos a pagar qualquer preço por ele. A delegação sabia que conseguiria o que desejava, se lisonjeasse o rei e o chamasse de deus.

É impossível não ver no rei Herodes uma ilustração do futuro “homem da iniquidade” que, um dia, governará sobre o mundo e perseguirá o povo de Deus (2 Ts 2; Ap 13). O “homem da iniquidade” (ou Anticristo) afirmará ser um deus e exigirá que o mundo todo o adore. Mas Jesus Cristo voltará e julgará tanto esse homem quanto seus seguidores (Ap 19:11-21).

O mundo ainda vive em função de aplausos e prazeres. O ser humano tornou-se seu deus (Rm 1:25). O mundo continua buscando apenas o físico e ignora o espiritual (ver 1 Jo 2:15-17). Vive pela força e pela lisonja, não pela fé e pela verdade e, um dia, o mundo será julgado.

Hoje, assim como no Israel da Antiguidade, a Igreja sofre por causa de pessoas como Herodes, que usam sua autoridade para se opor à verdade. Desde o Faraó do Egito, o povo de Deus sofre sob o domínio

de déspotas e de seus governos, e Deus sempre preservou seu testemunho no mundo. Nem sempre Deus julgou os governantes como fez com Herodes, mas sempre cuidou de seu povo e providenciou para que não sofressem nem morressem em vão. A liberdade de que desfrutamos hoje foi comprada pelos que abriram mão de ser livres.

A Igreja primitiva não tinha qualquer influência política nem amigos em altos escalões para “mexer os pauzinhos” por eles. Em vez disso, se dirigiam ao trono mais elevado de todos, o trono da graça. Os primeiros cristãos eram um povo de oração, pois sabiam que Deus poderia resolver seus problemas. O trono glorioso de Deus era muito maior do que o trono de Herodes, e o exército celestial de Deus poderia derrotar os frágeis soldados de Herodes a qualquer momento! Não precisavam pagar subornos para conseguir que se fizesse justiça. Simplesmente levavam seu pleito à Suprema Corte e o entregavam ao Senhor!

Qual foi o resultado de tudo isso? “A palavra do Senhor crescia e se multiplicava” (At 12:24). Trata-se de mais um dos resumos ou “relatórios de progresso” de Lucas, dos quais o primeiro se encontra em Atos 6:7 (ver 9:31; 16:5; 19:20; 28:31). Lucas está cumprindo o propósito de seu livro ao mostrar como, a partir de suas origens modestas em Jerusalém, a Igreja espalhou-se por todo o mundo romano. Que grande estímulo para nós hoje!

No início de Atos 12, Herodes parecia no controle, e tudo indicava que a Igreja perdia a batalha. Mas, no final do capítulo, Herodes está morto, enquanto a Igreja está bem viva e crescendo rapidamente!

Era uma Igreja que orava, por isso foi bem-sucedida.

Quando estava em dificuldades, a missionária Isobel Kuhn orava: “Se este obstáculo vem de ti, Senhor, eu o aceito; mas, se vem de Satanás, eu o rejeito e também a todas as suas obras em nome do Calvário!” E Alan Redpath costuma dizer: “Vamos manter a cabeça erguida e os joelhos dobrados – a vitória está do nosso lado!”

DEUS ABRE AS PORTAS

ATOS 13 – 14

Costumamos identificar a pregação do evangelho com os vilarejos tranqüilos da Palestina onde Jesus ministrou. Por esse motivo, muitos cristãos ficam surpresos ao descobrir que a Igreja do Livro de Atos era quase totalmente *urbana*. De acordo com o historiador Wayne A. Meeks: “uma década depois da crucificação de Jesus, a cultura dos vilarejos palestinos havia sido deixada para trás, e a cidade greco-romana passou a ser o ambiente predominante do movimento cristão” (*The first urban christians [Os primeiros cristãos urbanos]*, p. 11).

A Igreja começou em Jerusalém e, em seguida, se espalhou para outras cidades, como Samaria, Damasco, Cesaréia e Antioquia na Síria. Pelo menos quarenta cidades diferentes são citadas em Atos. De Antioquia, Paulo e seus ajudantes levaram o evangelho a todo o mundo conhecido na época. Na verdade, o relato de Atos 13 a 28 é quase uma revisão da geografia antiga. Por volta do ano 56 d.C., o apóstolo Paulo escreveu: “desde Jerusalém e circunvizinhanças até ao Ilírico, tenho divulgado o evangelho de Cristo” (Rm 15:19). Impressionante!

Nestes dois capítulos, Lucas descreve o ministério de Paulo em seis cidades, começando e terminando em Antioquia.

1. ANTIOQUIA DA SÍRIA – DECISÃO (AT 13:1-5)

O falecido Henry Martyn, missionário na Índia e na Pérsia, disse certa vez: “O Espírito de Cristo é o espírito de missões, e quanto mais nos aproximamos de Cristo, mais intensamente missionários devemos nos tornar”. Paulo (Saulo) e Barnabé tiveram essa

experiência ao ministrar em Antioquia e ao ser chamados pelo Espírito para levar o evangelho ao mundo romano.

Até então, Jerusalém havia sido o centro do ministério cristão, e Pedro fora o principal apóstolo. Desse ponto em diante, Antioquia da Síria torna-se o novo centro (At 11:19ss), e Paulo, o novo líder. É o evangelho em movimento!

Lucas relaciona cinco homens que ministravam na igreja: *Barnabé*, sobre o qual já lemos (At 4:36, 37; 9:27; 11:22-26); *Simeão*, que talvez fosse da África, uma vez que tinha o sobrenome “Níger” (ou “negro”); *Lúcio* de Cirene, que talvez tenha sido um dos fundadores da igreja em Antioquia (At 11:20); *Manaém*, um amigo íntimo (ou talvez um irmão adotivo) de Herodes Antipas, que havia mandado matar João Batista; e *Saulo* (Paulo), o último da lista, mas que em breve seria o primeiro.

Estes homens serviam ao Senhor como “profetas e mestres” nas igrejas locais. Os profetas ajudaram a lançar os alicerces da Igreja ao proclamarem a Palavra de Deus (Ef 2:20; 1 Co 14:29-32). Eram mais “proclamadores” do que “prenunciadores”, apesar de, em algumas ocasiões, anunciarem coisas vindouras (At 11:27-30). Os mestres ajudaram a fundamentar os convertidos nas doutrinas da fé (2 Tm 2:2).

Deus já havia chamado Paulo para ministrar aos gentios (At 9:15; 21:17-21) e convocou Barnabé a trabalhar com ele. A igreja confirmou seu chamado e os enviou para o campo missionário. Faz parte do ministério do Espírito Santo, trabalhando por meio da igreja local, preparar e chamar cristãos para ir a outras partes e servir. As juntas missionárias de hoje são apenas “agências” que enviam os obreiros e agilizam o trabalho autorizado pela igreja local.

Para ajudá-los, Barnabé e Paulo levaram consigo João Marcos. Ele era primo de Barnabé (Cl 4:10), e a casa de sua mãe em Jerusalém era um dos lugares onde os cristãos se reuniam (At 12:12). É bem provável que tenha sido Pedro quem levou João Marcos à fé em Jesus Cristo (1 Pe 5:13). Por certo, João Marcos ajudou Barnabé e Paulo de

várias maneiras, liberando-os de tarefas e detalhes que poderiam ter interferido em seu ministério importante da Palavra.

2. PAFOS – DISSIMULAÇÃO (At 13:6-12)

Era lógico que passassem primeiro por Chipre, pois aquela era a terra natal de Barnabé (At 4:36). Lucas não dá qualquer detalhe do ministério em Salamina, o grande centro comercial da extremidade oriental da ilha. Imaginamos que algumas pessoas da região creram no evangelho e que se formou ali uma congregação local. Em seguida, os missionários deslocaram-se quase 150 quilômetros até Pafos, na extremidade ocidental da ilha, onde, pela primeira vez, se depararam com alguma oposição.

Pafos era a capital de Chipre, e seu principal governante romano era Sérgio Paulo, um “homem inteligente” que desejava ouvir a Palavra de Deus. Sofreu a oposição de um falso profeta judeu chamado Barjesus, “Filho de Jesus [Josué]”. É raro encontrar um falso profeta e mágico judeu, pois tradicionalmente os judeus mantinham distância de tais atividades demoníacas. O nome *Elimas* significa “mágico” ou “homem sábio” (ver os “magos” de Mt 2).

Esse acontecimento ilustra a lição que Jesus ensinou com a Parábola do Joio e do Trigo (Mt 13:24-30, 36-43): onde quer que o Senhor semeie verdadeiros filhos (o trigo), Satanás o seguirá e semeará uma falsificação (o joio), um filho do diabo. Paulo reconheceu que Elimas era um filho do diabo (Jo 8:44) e, como julgamento de Deus, cegou o falso profeta. Esse milagre também serviu de evidências a Sérgio Paulo de que Paulo e Barnabé eram servos do Deus verdadeiro e pregavam a mensagem verdadeira da salvação (Hb 2:4). O governante romano creu e foi salvo.

Atos 13:9 é o primeiro lugar onde encontramos o nome *Paulo*, tão conhecido no Novo Testamento. Como cidadão romano, é bem provável que o nome completo do apóstolo fosse “Saulo Paulo”, pois muitos judeus tinham dois nomes, um judeu e outro romano.

3. PERGE – DESERÇÃO (At 13:13)

Por que João Marcos desertou seus amigos e voltou para Jerusalém? Talvez estivesse simplesmente com saudades, ou tivesse ficado descontente por Paulo começar a assumir a liderança no lugar de Barnabé, primo de Marcos (ver “Paulo e seus companheiros”; At 13:13). Marcos era um judeu devoto e talvez tenha se sentido pouco à vontade com os gentios salvos. Alguns estudiosos acreditam que a volta de João Marcos para Jerusalém ajudou a desencadear a oposição dos legalistas judaizantes, que, mais tarde, entraram em conflito com Paulo (ver At 15 e a Epístola aos Gálatas).

Outra possibilidade é que tenha temido o perigo, à medida que o grupo se dirigia a regiões novas e difíceis. Qualquer que tenha sido o motivo dessa deserção, João Marcos fez algo tão sério que Paulo não o quis mais de volta em sua “equipe” (At 15:36ss)! Posteriormente, chamou Timóteo para tomar o lugar de Marcos (At 16:1-5). Mas João Marcos redimiou-se e, por fim, recebeu a aceitação e aprovação de Paulo (2 Tm 4:11).

Ao longo de meu ministério como pastor e membro de várias juntas missionárias, tenho visto novos obreiros fazerem exatamente a mesma coisa que João Marcos e é sempre muito triste. Mas também tenho visto alguns deles serem restaurados ao serviço missionário graças às orações e ao encorajamento do povo de Deus. De acordo com A. T. Robertson, Marcos “tremeluziu em meio à crise”, mas a luz nunca apagou completamente. Essa verdade é um estímulo para todos nós.

4. ANTIOQUIA DA PISÍDIA – DISCUSSÃO (At 13:14-52)

Paulo e Barnabé viajaram cerca de 160 quilômetros para o norte e subiram cerca de 1.200 metros até chegar a essa cidade importante na estrada romana. Ao acompanhar as viagens de Paulo em Atos, observa-se que ele escolhia cidades estratégicas para fundar igrejas e, a partir destas, evangelizava as regiões ao redor. Também se observa que, onde era possível, começava seu ministério na sinagoga local, pois sentia

grande responsabilidade por seu povo (Rm 9:1-5; 10:1). Nas sinagogas, encontrava tanto judeus quanto gentios dispostos a ouvir a Palavra de Deus.

Este é o primeiro sermão de Paulo registrado no Livro de Atos e pode ser dividido em três partes, sendo que cada uma delas começa com as expressões “varões israelitas” e “irmãos”.

Preparação (vv. 16-25). Nesta seção, Paulo faz uma recapitulação da história de Israel, culminando com o ministério de João Batista e a vinda do Messias. Deixa claro que era Deus quem operava em Israel e por meio dele, preparando o caminho para a vinda do Messias prometido. Também lembra os ouvintes de que a nação nem sempre havia sido fiel ao Senhor e à aliança, mas que em várias ocasiões havia se rebelado. Todo judeu piedoso sabia que o Messias viria da família de Davi e que um profeta denunciaria sua vinda. João Batista foi esse profeta.

Declaração (vv. 26-37). Uma vez que Paulo se dirigia tanto a judeus quanto a gentios “tementes a Deus” na congregação, mudou sua abordagem, passando da terceira pessoa (eles) para a segunda pessoa (vós). Explicou aos ouvintes por que os líderes em Jerusalém rejeitaram e crucificaram o Messias de sua nação. Não se tratava de não terem lido nem ouvido a mensagem dos profetas, mas de não terem compreendido essa mensagem. Além disso, a crucificação de Jesus de Nazaré fora prometida até mesmo nos escritos dos profetas (Pedro usa essa mesma abordagem em sua segunda mensagem, At 3:12-18).

O acontecimento crítico foi a ressurreição de Jesus Cristo: “Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos” (At 13:30). (Ver At 13:33, 34, 37 e observar que o verbo “levantar”, em At 13:22, 23 significa “trazer”, conforme traduzido no v. 23.) Paulo lhes declarou o evangelho, “a palavra desta salvação” (At 13:26), as boas-novas (ver At 13:32). Cristo morreu, foi sepultado e ressurgiu!

Tendo em vista que se dirigia à congregação de uma sinagoga, Paulo usou as Escrituras do Antigo Testamento para apoiar sua argumentação. Em Atos 13:33, encontramos

uma citação do Salmo 2:7 e podemos observar que se trata de uma referência à *ressurreição* de Cristo, não a seu nascimento. O “sepulcro novo” (Jo 19:41) foi como um “ventre” que deu à luz Jesus Cristo na glória de sua ressurreição.

Em seguida, citou Isaías 55:3, referindo-se à aliança que Deus havia feito com Davi, as “fiéis misericórdias prometidas a Davi”. Deus havia prometido a Davi que o Messias viria de sua linhagem (2 Sm 7:12-17). Era uma “aliança para sempre” com um trono que seria estabelecido perpetuamente (2 Sm 7:13, 16). Se Jesus era o Messias, e se morreu e permaneceu morto, não poderia cumprir essa aliança. Portanto, Jesus teve de ser ressuscitado dentre os mortos, a fim de provar que a aliança era verdadeira.

Para sua terceira citação, usou o Salmo 16:10, a mesma passagem citada por Pedro em sua mensagem em Pentecostes (At 2:24-28). Os judeus consideravam o Salmo 16 um salmo messiânico e era claro que sua promessa não se aplicava a Davi, que havia morrido e cujo corpo fora sepultado e sofrido decomposição. Assim, aplicava-se, necessariamente, a Jesus Cristo, o Messias.

Aplicação (vv. 38-52). Paulo havia lhes declarado as Boas Novas (At 13:32), e só lhe restava apresentar uma aplicação pessoal e “puxar a rede”. Disse-lhes que, pela fé em Jesus Cristo, poderiam ter duas bênçãos que a Lei jamais seria capaz de oferecer: o perdão de seus pecados e a justificação diante do trono de Deus.

A justificação é o ato pelo qual Deus declara que o pecador que crê é justo em Jesus Cristo. Refere-se ao cristão diante do trono de Deus. Os judeus aprendiam que Deus justificava os retos e castigava os perversos (2 Cr 6:22, 23). Mas Deus justifica os ímpios que crêem em Jesus Cristo (Rm 4:1-8).

A Lei não pode justificar o pecador; serve apenas para condená-lo (Rm 3:19, 20; Gl 2:16). Deus não apenas perdoa nossos pecados, mas também nos dá a própria retidão de Cristo e a “deposita” em nossa conta! Sem dúvida, Paulo dava boas notícias para aqueles da congregação de judeus e gentios

que não tinham paz no coração, apesar de serem religiosos.

Paulo encerrou sua mensagem com uma advertência de Habacuque 1:5 (ver também Is 29:14). No tempo de Habacuque, a "obra tal" que Deus realizava era levantar os caldeus para disciplinar seu povo, obra tão extraordinária que ninguém acreditaria nela. Afinal, por que Deus usaria uma nação pagã perversa para castigar o próprio povo escolhido, por mais pecador que fosse? Deus usava gentios para castigar judeus! Mas a "obra tal" do tempo de Paulo era que Deus usava judeus para salvar gentios!

Em decorrência disso, muitos judeus e prosélitos creram e se juntaram a Paulo e Barnabé. Os gentios ficaram especialmente entusiasmados com a mensagem de Paulo e pediram que lhes falasse mais sobre o assunto, o que ele fez no sábado seguinte. O povo havia se empenhado em espalhar a notícia, pois, no sábado seguinte, uma grande multidão reuniu-se ali. É provável que a maioria fosse de gentios, o que deixou os judeus irados e cheios de inveja.

Em sua última mensagem na sinagoga, Paulo declarou que Deus havia enviado sua Palavra primeiramente aos judeus (At 3:26; Rm 1:16), mas eles a haviam rejeitado. Assim, Paulo levaria as boas-novas aos gentios e, para apoiar sua decisão, citou Isaías 49:6 (ver, também, Lc 2:29-32). Estava disposto a ir até os confins da Terra para ganhar almas para Cristo!

Atos 13:48 apresenta o lado divino do evangelismo, pois Deus escolheu seu povo (Ef 1:4). O termo traduzido por *destinados* significa "registrados" e indica que o povo de Deus tem seu nome escrito no livro de Deus (Lc 10:20; Fp 4:3). Mas Atos 13:49 apresenta o lado humano do evangelismo: se não pregarmos a Palavra, ninguém poderá crer e ser salvo. Os dois lados são essenciais (ver 2 Ts 2:13, 14 e Rm 10:13-15).

Os judeus incrédulos não ficaram de braços cruzados enquanto Paulo e Barnabé assumiam o controle. Primeiro, discutiram com eles, e, depois, tomaram medidas judiciais e os expulsaram da cidade. Os missionários não desanimaram: sacudiram a poeira dos

pés (Lc 9:5; 10:11) e foram para a cidade seguinte, deixando para trás um grupo de discípulos cheios de júbilo.

5. ICÔNIO - DIVISÃO (At 14:1-7)

Mais grega do que romana, essa cidade ficava na província romana da Galácia. O ministério de Paulo na sinagoga local foi abençoado de maneira singular, uma vez que muitos judeus e gentios creram no Senhor. Mais uma vez, os judeus incrédulos tentaram incitar o ódio e a oposição, mas os missionários permaneceram ali e testemunharam de Cristo com grande ousadia (ver a conjunção "entretanto" em At 14:3).

Deus também capacitou os homens de modo que fizessem sinais e prodígios, apresentando-os como suas "credenciais" de que eram, de fato, servos do Deus verdadeiro (ver At 15:12; Gl 3:5; Hb 2:4). A fé não se baseia em milagres (Lc 16:27-31; Jo 2:23-25), mas pode ser estimulada por eles. O mais importante é "a palavra da sua graça", que realiza a obra da graça de Deus (At 14:26).

Em decorrência disso, a cidade ficou dividida, e os cristãos foram ameaçados de humilhação pública e de apedrejamento. Obedientes ao conselho de seu Senhor em Mateus 10:23, fugiram daquela região e foram para outro distrito romano, onde continuaram a ministrar a Palavra de Deus.

6. LISTRA - DESILUSÃO (At 14:8-20)

Listra também ficava na província romana da Galácia, cerca de 30 quilômetros a sudoeste de Icônio. Essa foi a primeira de três visitas de Paulo a Listra, e sua estadia na cidade foi repleta de acontecimentos! Em sua segunda viagem missionária, Paulo chamou Timóteo para trabalhar com ele quando estavam em Listra (At 16:1-5); também visitou a igreja dessa cidade em sua terceira viagem (At 18:23). Devemos observar quatro reações diferentes que se manifestaram durante sua visita.

A reação do paralítico à Palavra (vv. 8-10). Tanto Pedro quanto Paulo curaram homens paralíticos de nascença (At 3). Se a deficiência física dessas pessoas tivesse sido

causada por alguma enfermidade ou acidente, a cura poderia ter sido atribuída a alguma mudança em sua saúde. Nesses casos, porém, a cura foi inequivocamente miraculosa.

O termo traduzido por “falar”, em Atos 14:9, significa uma conversa trivial, apesar de ser usado, por vezes, para o discurso formal. É provável que Paulo estivesse simplesmente conversando com alguns cidadãos no mercado, falando-lhes de Jesus, quando o homem ouviu o que ele dizia. A Palavra produziu fé (Rm 10:17) e fé trouxe a cura.

A reação da multidão ao paralítico (vv. 11-13). Os milagres, por si mesmos, não convencem ninguém de seus pecados nem produzem fé. É preciso que sejam acompanhados da Palavra (At 14:3). Tratava-se de uma multidão supersticiosa, que interpretou os acontecimentos à luz da própria teologia. Identificaram Barnabé com Júpiter (Zeus), o maior dos deuses, e Paulo com Mercúrio (Hermes), o mensageiro dos deuses. Júpiter era o padroeiro da cidade, de modo que o sacerdote de Júpiter viu nessa ocasião uma excelente oportunidade de ganhar projeção e levar o povo a honrar seu deus.

A reação dos apóstolos à multidão (vv. 14-19). Teria sido muito fácil aceitar a adoração do povo e usar essa honra como base para lhes ensinar a verdade, mas não é assim que os verdadeiros servos de Deus ministram (2 Co 4:1, 2; 1 Ts 2:1-5). Paulo e Barnabé opuseram-se ao que o povo fazia e, com toda intrepidez, lhes disseram que os deuses de Listra eram “coisas vãs”.

A mensagem de Paulo não se baseou no Antigo Testamento, pois se tratava de um público gentio pagão; assim, começou com o testemunho de Deus na criação (ver At 17:22ss). Deixou claro que há somente um Deus que é o Deus vivo, o Deus que provê e o Deus que perdoa. Ele tem sido paciente com as nações pecadoras (At 17:30) e não as tem julgado por seus pecados como merecem.

A multidão acalmou-se, mas quando alguns judeus agitadores chegaram de Antioquia e

Ícônio, a multidão deixou-se instigar por esses agitadores e apedrejou Paulo. De uma hora para outra, Paulo passou de deus venerado a criminoso prestes a ser executado! Emerson chamou uma multidão de “sociedade de corpos privando-se voluntariamente de qualquer bom senso” e, muitas vezes, é exatamente isso o que acontece.

A reação dos discípulos a Paulo (v. 20). Os recém-convertidos em Listra viram-se em uma situação de crise. Eram minoria, seu líder havia sido apedrejado, e seu futuro parecia extremamente desanimador. Mas, ainda assim, ficaram do lado de Paulo! É bem provável que tenham se reunido para orar por ele, sendo esse um dos motivos pelos quais Deus o levantou. O texto não diz se Paulo estava morto. Esse foi o único apedrejamento que o apóstolo sofreu (2 Co 11:25), mas foi para a glória de Deus. Talvez tenha sido esse acontecimento que tocou Timóteo mais profundamente e, por fim, o levou a juntar-se a Paulo (2 Tm 3:10).

7. ANTIOQUIA DA SÍRIA – DECLARAÇÃO (AT 14:21-28)

Na viagem de volta para Antioquia, os missionários participaram de vários ministérios importantes.

Em primeiro lugar, pregaram o evangelho e fizeram “muitos discípulos” (v. 21). É difícil entender como voltaram às cidades de onde haviam sido expulsos, mas o Senhor abriu as portas.

Em segundo lugar, fortaleceram os cristãos nas coisas de Cristo e os exortaram (v. 22) a permanecer firmes na fé. A continuidade é prova da verdadeira fé em Jesus Cristo (Jo 8:31, 32; At 2:42). Paulo deixou bastante claro que levar a vida cristã não era fácil, e todos deveriam esperar tribulações e sofrimentos antes de ver o Senhor na glória.

Em terceiro lugar, organizaram as igrejas (At 14:23-25). A igreja local é um organismo e também uma organização, pois um organismo não tem como sobreviver se não for organizado. Paulo e Barnabé ordenaram líderes espirituais, incumbindo-os da responsabilidade de cuidar do rebanho. Se compararmos Tito 1:5 e 7, veremos que “presbítero”

e "bispo" são designações para a mesma função e que os dois equivalem a "pastor". O uso do termo *eleição* indica que, talvez, Paulo tenha escolhido esses homens e a congregação tenha dado seu voto de aprovação, ou ainda que o povo tenha escolhido esses líderes por meio de votação e Paulo os tenha ordenado (ver At 6:1-6).

Por fim, prestaram contas à igreja que os havia enviado, relatando a obra que Deus realizara (At 14:26-28). Haviam passado pelo menos um ano fora, e sua volta deve ter sido emocionante tanto para eles quanto para a igreja. Pela graça de Deus, cumpriram a missão que Deus havia lhes dado e, com toda alegria, relataram à igreja as bênçãos recebidas.

É bem possível que esse seja o primeiro "congresso missionário" da história da Igreja, e deve ter sido um acontecimento e tanto! Certa vez, um líder da igreja me disse: "Não me importo de lhe dar todo o dinheiro que pedir para missões; mas, por favor, não me obrigue a ouvir os missionários falarem!" Senti pena desse homem, pois sua vida espiritual estava tão debilitada que não era capaz de ouvir os relatos daquilo que Deus fazia nos cantos mais difíceis da seara.

Ao recapitular a primeira viagem missionária de Paulo, vemos os princípios que a nortearam, os quais se aplicam aos dias de hoje.

Paulo trabalhou principalmente nas cidades mais importantes e desafiou os cristãos desses locais a levar a mensagem às regiões mais distantes.

Usou uma abordagem com as congregações das sinagogas e outra com os gentios. Para judeus e prosélitos, citou as Escrituras do Antigo Testamento; mas ao pregar para os gentios, enfatizou o Deus da criação e

sua bondade para com as nações. Seu ponto de partida foi diferente, mas, nos dois casos, chegou à mesma questão central: a fé no Senhor Jesus Cristo.

Dedicou-se particularmente a estabelecer e a organizar as igrejas locais. Jesus pensava na igreja local quando proferiu aquilo que chamamos de "Grande Comissão" (Mt 28:19, 20). Depois de fazer discípulos, é preciso batizá-los (uma responsabilidade principalmente da igreja local) e, então, ensinar-lhes a Palavra de Deus. Ao ganhar pessoas para Cristo, cumprimos apenas um terço da comissão! É necessário que a congregação local de cristãos ajude a obedecer ao que Jesus ordenou.

O apóstolo fundamentou os cristãos na Palavra de Deus. Ela é a única fonte de força e estabilidade quando vêm as perseguições - e estas sempre vêm. Paulo não pregou um "evangelho do sucesso", do tipo que costuma ser tão bem aceito pelo povo e retrata uma vida cristã sem dificuldades.

O mais impressionante é que Paulo e seus companheiros fizeram tudo isso sem os meios de transporte e comunicação modernos que temos a nossa disposição hoje. Bob Pierce costumava dizer no ministério Mocidade para Cristo: "Outros fizeram tanto com tão pouco, enquanto nós fizemos tão pouco com tanto!" Se a riqueza desperdiçada só pelos cristãos norte-americanos fosse investida em evangelização, poderia levar milhões de pessoas perdidas à salvação.

Paulo e Barnabé anunciaram que a "porta da fé" havia sido aberta aos gentios.

Essa porta continua aberta tanto para judeus quanto para gentios. Devemos passar por ela e ajudar a levar o evangelho a outros.

NÃO FECHAS AS PORTAS!

ATOS 15:1-35

O progresso do evangelho muitas vezes tem sido obstruído por pessoas com a mente fechada que se colocam à frente de portas abertas e que impedem outros de passar. Em 1786, quando William Carey colocou a responsabilidade para com missões mundiais em pauta em uma reunião de obreiros em Northampton, Inglaterra, o eminente Dr. Ryland lhe disse:

- Rapaz, sente-se! Quando aprover a Deus converter os pagãos, ele o fará sem a nossa ajuda!

Mais de um servo do Senhor, cheio do Espírito de Deus, já teve de passar pelas portas da oportunidade sem o apoio da Igreja e dos líderes religiosos.

Paulo e seus companheiros enfrentaram o mesmo desafio na assembléia em Jerusalém cerca de vinte anos depois de Pentecostes. Defenderam bravamente a verdade do evangelho e a expansão missionária da Igreja. O acontecimento em questão se deu em três estágios.

1. A DISCUSSÃO (AT 15:1-5)

Tudo começou quando alguns mestres judeus legalistas chegaram a Antioquia e ensinaram que, a fim de ser salvos, os gentios deveriam receber a circuncisão e obedecer à Lei de Moisés. Esses homens eram ligados à congregação de Jerusalém, mas não eram autorizados por ela (At 15:24). Identificados com os fariseus (At 15:5), esses "falsos irmãos" desejavam privar tanto cristãos judeus quanto gentios da liberdade em Cristo (Gl 2:1-10; 5:1ss).

Não causa grande surpresa saber que havia pessoas na igreja de Jerusalém defen-

dendo energeticamente a Lei de Moisés sem conhecer a relação entre a Lei e a graça. Eram judeus ensinados a respeitar e a obedecer à Lei de Moisés, e, afinal de contas, as epístolas aos Romanos, Gálatas e Hebreus ainda não haviam sido escritas! Havia um grande grupo de sacerdotes na congregação de Jerusalém (At 6:7), bem como de pessoas que ainda seguiam algumas das práticas do Antigo Testamento (ver At 21:20-26). Era um período de transição, e tempos assim são sempre difíceis.

O que esses legalistas faziam e por que eram tão perigosos? Tentavam misturar a Lei e a graça e colocar vinho novo em odres velhos e frágeis (Lc 5:36-39). Costuravam o véu rasgado do santuário (Lc 23:45) e colocavam obstáculos no caminho novo e vivo para Deus aberto por Jesus ao morrer na cruz (Hb 10:19-25). Reconstruíam o muro de separação entre judeus e gentios que Jesus derrubara no Calvário (Ef 2:14-16). Colocavam o jugo pesado do judaísmo sobre os ombros dos gentios (At 15:10; Gl 5:1) e pediam que a igreja saísse da luz e fosse para as sombras (Cl 2:16, 17; Hb 10:1). Diziam: "Antes de se tornar um cristão, o gentio precisa tornar-se judeu! Não basta simplesmente crer em Jesus Cristo. Também é preciso obedecer à Lei de Moisés!".

Encontramos aqui várias questões importantes, sendo uma delas a obra de Cristo na cruz, conforme a declaração da mensagem do evangelho (1 Co 15:1-8; Hb 10:1-18). Deus pronuncia um anátema solene sobre todo o que pregar qualquer outro evangelho que não seja o evangelho da graça de Deus em seu Filho, Jesus Cristo (Gl 1:1-9). Quando qualquer líder religioso diz: "Você só pode ser salvo se fizer parte de nosso grupo!" ou "Você só pode ser salvo se participar de nossas cerimônias e obedecer às nossas regras!", está acrescentando esses elementos ao evangelho e negando a obra consumada de Jesus Cristo. Paulo escreveu sua Epístola aos Gálatas para deixar claro que a salvação se dá inteiramente pela graça de Deus, pela fé em Cristo e *mais nada!*

Outra questão que pode ser observada é a natureza do plano missionário da Igreja.

Se esses legalistas (aos quais chamamos "judaizantes") estavam certos, então Paulo e Barnabé estavam redondamente enganados quanto a seu ministério. Além de pregar o evangelho, deveriam estar ensinando aos gentios a viver como bons judeus. Não é de se admirar que Paulo e Barnabé contendessem e discutissem acirradamente com esses falsos mestres (At 15:2,7)! Os cristãos de Antioquia estavam sendo "perturbados" e "transtornados" (At 15:24), e essa mesma confusão e desintegração não tardariam em se espalhar pelas igrejas gentias que Paulo e Barnabé haviam fundado. Era uma declaração de guerra que Paulo e Barnabé não poderiam ignorar.

Deus deu uma revelação a Paulo, instruindo-o a levar a questão para os líderes da igreja em Jerusalém (Gl 2:2), decisão que recebeu o apoio da congregação de Antioquia ("eles", em At 15:2). A assembléia não foi um "concílio eclesiástico", estritamente falando, mas sim um encontro de líderes que ouviram os vários grupos envolvidos e, em seguida, apresentaram sua decisão. Apesar de a "igreja mãe" em Jerusalém ter grande influência, cada igreja local era autônoma.

2. A DEFESA (AT 15:6-18)

Ao que parece, essa assembléia estratégica foi constituída de pelo menos quatro reuniões: (1) uma recepção pública para Paulo e seus companheiros (At 15:4); (2) uma reunião particular com Paulo e os principais líderes (Gl 2:2); (3) outra reunião pública na qual os líderes judaizantes apresentaram sua argumentação (At 15:5, 6 e Gl 2:3-5); e (4) um debate público descrito em Atos 15:6ss. Nesse debate, quatro líderes proeminentes apresentaram sua argumentação em favor de manter as portas da graça abertas para os gentios perdidos.

Pedro recapitulou o passado (vv. 6-11).

Temos a impressão de que Pedro aguardou pacientemente enquanto o "grande debate" se desenrolava, esperando que o Espírito o orientasse. "Responder antes de ouvir é estultícia e vergonha" (Pv 18:13). Pedro lembrou a igreja de quatro ministérios importantes que Deus realizara aos gentios,

ministérios estes nos quais havia desempenhado importante papel.

Em primeiro lugar, Deus escolheu Pedro para pregar o evangelho aos gentios (At 15:7). Jesus dera a Pedro as chaves do reino (Mt 16:19), e ele as havia usado para abrir as portas da fé a judeus (At 2), a samaritanos (At 8:14-17) e a gentios (At 10). Os apóstolos e irmãos da Judéia censuraram Pedro por visitar gentios e comer com eles, mas ele apresentou diante deles uma defesa satisfatória (At 11:1-18). Convém observar que Pedro deixou claro que Cornélio e sua casa foram salvos por ouvir a Palavra e crer, não por obedecer à Lei de Moisés.

Em segundo lugar, Deus concedeu o Espírito Santo aos gentios para dar testemunho de que haviam, verdadeiramente, nascido de novo (At 15:8). Somente Deus pode ver o coração humano; assim, se essas pessoas não tivessem sido salvas, Deus jamais teria lhes concedido o Espírito (Rm 8:9). Mas não receberam o Espírito por guardar a Lei, mas sim por crer na Palavra de Deus (At 10:43-46; ver Gl 3:2). A mensagem de Pedro foi: "todo aquele que nele crê recebe remissão de pecados" (At 10:43) e não: "todo aquele que crê e guarda a Lei de Moisés".

Em terceiro lugar, Deus eliminou uma diferença (At 15:9, 11). Durante séculos, Deus determinara uma distinção entre judeus e gentios, e cabia aos líderes religiosos judeus proteger e manter essa distinção (Lv 10:10; Ez 22:26; 44:23). Jesus ensinou que as leis alimentares judaicas não tinham qualquer relação com a santidade interior (Mc 7:1-23), e Pedro reaprendeu essa lição quanto recebeu a visão no terraço em Jope (At 10:1ss).

Desde a obra de Cristo no Calvário, Deus não faz distinção alguma entre judeus e gentios no que se refere ao pecado (Rm 3:9, 22) e à salvação (Rm 10:9-13). A purificação do coração dos pecadores dá-se exclusivamente pela fé em Cristo; a salvação não é concedida pela observância da Lei (At 15:9). Seria de se esperar que Pedro concluísse sua defesa dizendo: "Eles [os gentios] foram salvos como nós, os judeus", mas disse justamente o contrário! "[Nós, os

judeus] fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles [os gentios] o foram”.

O quarto ministério de Deus – e a declaração mais enfática de Pedro – foi a remoção do jugo da Lei (At 15:10). De fato, a Lei era um jugo que pesava sobre os judeus, mas esse jugo havia sido removido por Jesus Cristo (ver Mt 11:28-30; Gl 5:1ss; Cl 2:14-17). Afinal, a Lei havia sido dada a Israel para protegê-lo dos males do mundo gentio e prepará-lo para trazer o Messias ao mundo (Gl 4:1-7). A Lei não tem poder de purificar o coração do pecador (Gl 2:21), de conceder o dom do Espírito Santo (Gl 3:2), nem de dar vida eterna (Gl 3:21). Aquilo que a Lei não era capaz de fazer, Deus realizou por meio do próprio Filho (Rm 8:1-4). Os que creram em Cristo receberam a justificação da Lei de Deus no coração e, por meio do Espírito, obedecem à vontade de Deus. Não são motivados pelo medo, mas pelo amor, pois “o cumprimento da lei é o amor” (Rm 13:8-10).

Paulo e Barnabé falaram do presente (v. 12). O testemunho de Pedro causou grande impacto sobre a congregação, pois todos permaneceram calados até que tivesse terminado. Então, Paulo e Barnabé se levantaram e contaram a todos o que Deus havia feito entre os gentios por meio de seu testemunho. Lucas usou apenas uma frase para resumir esse relatório, uma vez que já o havia apresentado em detalhes em Atos 13 e 14. Paulo e Barnabé eram extremamente respeitados pela igreja (ver At 15:25, 26), de modo que seu testemunho tinha grande peso.

Sua ênfase foi sobre os milagres para os quais Deus lhes havia dado poder para realizar entre os gentios. Esses milagres eram prova de que Deus operava por meio deles (Mc 16:20; At 15:4) e de que eram os mensageiros escolhidos por Deus (Rm 15:18, 19; Hb 2:2-4). “Aquele, pois, que vos concede o Espírito e que opera milagres entre vós, porventura, o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé?” (Gl 3:5). Havia pregado a graça, não a lei, e Deus havia honrado essa mensagem.

Se recapitularmos o relatório da primeira viagem missionária (At 13 – 14), veremos que a ênfase é sobre a obra de Deus, não sobre a fé dos homens. Ver Atos 13:8, 12, 39, 41, 48; 14:1, 22, 23, 27. Convém observar, também, a ênfase sobre a graça (At 13:43; 14:3, 26). Deus abriu aos gentios “a porta da fé”, não “a porta da Lei”. Prova disso é que a igreja de Antioquia, a congregação que enviou Paulo e Barnabé, foi fundada por pessoas que “crendo, se converteram ao Senhor” (At 11:21) e experimentaram a graça de Deus (At 11:23). Foram salvos da mesma forma como os pecadores o são nos dias de hoje, “pela graça [...] mediante a fé” (Ef 2:8, 9).

Tanto Pedro quanto Paulo receberam de Deus visões bastante específicas, instruindo-os a testemunhar aos gentios (At 10:1ss; 22:21). Paulo, porém, foi separado por Deus como o apóstolo aos gentios (Rm 11:13; Gl 2:6-10; Ef 3:1-12). Se os pecadores gentios deviam obedecer à lei de Moisés a fim de ser salvos, por que Deus deu a Paulo o evangelho da graça e o enviou aos gentios? Deus poderia muito bem ter enviado Pedro!

Pedro recapitulou os ministérios de Deus aos gentios no passado, e Paulo e Barnabé relataram a obra de Deus entre os gentios no presente. Tiago foi o último a falar e se concentrou no futuro.

Tiago relacionou todas essas coisas ao futuro (vv. 13-18). Tiago era irmão de Jesus (Mt 13:55; Gl 1:19) e escreveu a Epístola de Tiago. Ele e seus irmãos só creram em Cristo depois da ressurreição (Jo 7:5; 1 Co 15:7; At 1:14). Tiago apresentava forte inclinação para a Lei (há pelo menos dez referências à Lei em sua epístola) e, portanto, desfrutava maior aceitação entre o partido legalista da igreja de Jerusalém.

A idéia central do discurso de Tiago é *concordância*. Em primeiro lugar, afirmou concordar plenamente com Pedro de que Deus estava salvando os gentios pela graça. Os judaizantes devem ter se espantado quando Tiago chamou esses gentios salvos de “um povo para o seu nome [de Deus]”, pois, durante séculos, essa designação honrosa coube somente aos judeus (ver Dt 7:6; 14:2;

28:10). Hoje, em sua graça, Deus está chamando um povo, uma Igreja de judeus e gentios. Na verdade, o termo grego para "igreja" (*ekklesia*) significa "uma assembléia chamada para fora". Mas, se são chamados para fora, sua salvação é inteiramente pela graça, não pela observância da Lei!

Os judaizantes não entendiam como os gentios e os judeus poderiam se relacionar dentro da Igreja ou como a Igreja encaixava-se na promessa de Deus de estabelecer um reino para Israel. O Antigo Testamento declarava tanto a salvação dos gentios (Is 2:2; 11:10), quanto o estabelecimento futuro de um reino glorioso para Israel (Is 11 - 12; 35; 60), mas não explicava a relação entre essas duas promessas. Os legalistas da Igreja zelavam tanto pela glória futura de Israel quanto pela glória passada de Moisés e da Lei. Parecia-lhes que aceitar os gentios como "iguais", no que se referia às questões espirituais, era uma atitude que colocava em risco o futuro de Israel.

Hoje, é possível compreender melhor essa verdade, pois Paulo a explicou em Efésios 2 e 3 e Romanos 9 a 11. Os judeus e gentios salvos eram membros do mesmo corpo e "um em Cristo Jesus" (Gl 3:28). A verdade acerca da Igreja, o corpo de Cristo, era um "mistério" (um "segredo santo") oculto nas eras passadas, mas revelado à Igreja pelo Espírito. O plano de Deus para a Igreja com relação a esse mistério não cancela seu grande plano para Israel com relação às profecias. Paulo deixa claro em Romanos 9 a 11 que há um futuro para Israel e que Deus cumprirá as "promessas do reino" que fez a seu povo.

Tiago afirmou que os profetas também concordavam com essa conclusão, e, para provar, citou Amós 9:11, 12. É importante observar que não disse que as declarações de Pedro, Paulo e Barnabé eram um *cumprimento* dessa profecia. Disse apenas que as palavras de Amós *concordavam com o testemunho deles*. Em uma leitura atenta de Amós 9:8-15, vemos que o profeta revela acontecimentos do fim dos tempos, quando Deus reunirá seu povo, Israel, o levará para sua terra e o abençoará abundantemente.

A "espiritualização" dessas promessas complica seu sentido claro e anula a argumentação de Tiago.

Amós também profetizou que a casa ("tabernáculo") caída de Davi seria levantada, e Deus cumpriria sua aliança com Davi, segundo a qual um rei se assentaria em seu trono (ver 2 Sm 7:25-29). Esse futuro rei será, sem dúvida, Jesus Cristo, o Filho de Davi (2 Sm 7:13, 16; Is 9:6, 7; Lc 1:32), que governará sobre Israel durante o reino. Na verdade, o único judeu vivo hoje que pode provar sua genealogia e defender sua realeza é Jesus Cristo!

Deus revelou essas verdades a seu povo de maneira gradual, mas seu plano havia sido determinado desde o princípio. Nem a cruz nem a Igreja foram um "plano de emergência" de Deus (At 2:23; 4:27, 28; Ef 1:4). Os judaizantes acreditavam que Israel deveria ser "levantado" em seu reino glorioso antes de os gentios poderem receber a salvação, mas Deus revelou que seria por meio da "queda" de Israel que os gentios encontrariam a salvação (Rm 11:11-16). Na ocasião da assembléia em Jerusalém, a casa e o trono de Davi se encontravam, de fato, caídos; mas, um dia, seriam restaurados, e o reino seria estabelecido.

3. A DECISÃO (AT 15:19-35)

Dirigidos pelo Espírito Santo (At 15:28), os líderes e a igreja toda (At 15:22) tomaram duas decisões: uma de caráter doutrinário acerca da salvação e outra de caráter prático acerca da vida cristã.

A decisão doutrinária já foi examinada anteriormente. A igreja concluiu que judeus e gentios eram todos pecadores diante de Deus e que só poderiam ser salvos pela fé em Cristo Jesus. Há somente uma necessidade e somente um evangelho para suprir essa necessidade (Gl 1:6-12). Deus tem somente um plano: chama um povo para seu nome. Israel foi colocado de lado, mas não foi rejeitado (Rm 11:1ss); quando o plano de Deus para a Igreja se completar, começará a cumprir as promessas do reino aos judeus.

Mas toda doutrina deve levar ao dever. Tiago enfatiza esse fato em sua epístola

(Tg 2:14-26), e Paulo faz o mesmo em suas cartas. Não basta simplesmente aceitar uma verdade bíblica; devemos aplicá-la pessoalmente à vida diária. Os problemas da igreja não são resolvidos pela sanção de decretos, mas pelas revelações que Deus nos dá em sua Palavra.

Tiago aconselhou a igreja a escrever aos cristãos gentios e a compartilhar as decisões da assembléia. Essa carta pedia obediência a duas *ordens* e uma disposição de concordar com duas *concessões*. As duas ordens eram que os cristãos se afastassem de toda e qualquer idolatria e imoralidade, pecados predominantes no meio dos gentios (ver 1 Co 8 - 10). As duas concessões eram que se abstivessem prontamente de comer sangue e carne de animais abatidos por estrangulação. As duas ordens não criam qualquer problema em particular, pois a idolatria e a imoralidade sempre foram erradas aos olhos de Deus, tanto para judeus quanto para gentios. Mas e quanto às duas concessões com respeito aos alimentos?

É importante lembrar que a Igreja primitiva costumava fazer várias refeições comunitárias e praticar a hospitalidade. A maioria das igrejas se reunia em casas, e algumas congregações realizavam "refeições de comunhão" com a Ceia do Senhor (1 Co 11:17-34). Essas refeições provavelmente não eram muito diferentes dos almoços e jantares organizados na igreja, nos quais cada um leva um prato. Se os cristãos gentios comessem alimentos que os judeus consideravam "impuros", isso causaria divisão na igreja. Paulo trata desse problema claramente em Romanos 14 e 15.

A proibição de comer sangue foi determinada por Deus antes do tempo da Lei (Gn 9:4) e foi repetida por Moisés (Lv 17:11-14; Dt 12:23). Se um animal era morto por estrangulação, parte do sangue permanecia no corpo e tornava a carne inapropriada para o consumo pelos judeus. Daí a admoestação de não usar esse tipo de abate. A carne *kosher* vem de animais puros devidamente abatidos, de modo que o sangue seja totalmente escoado do corpo.

É muito bonito ver como essa carta expressava a harmonia amorosa de pessoas

que haviam discutido entre si e defendido pontos de vista opostos. Os judeus legalistas abriram mão da idéia de que os gentios deveriam ser circuncidados a fim de ser salvos, e os gentios aceitaram prontamente a mudança em seus hábitos alimentares. Foi um acordo conciliatório feito em amor, que não afetou de maneira alguma a verdade do evangelho. Como toda pessoa casada e todo pai ou mãe sabem, há certas ocasiões em que é errado fazer concessões, mas também há momentos em que é a coisa mais certa a fazer. Samuel Johnson fez uma colocação sábia quando disse: "A vida não subsiste em sociedade, mas nas concessões mútuas". É difícil amar e viver com quem está sempre certo, que insiste que as coisas sejam feitas a sua maneira.

Quais são os resultados práticos dessa decisão? Em primeiro lugar, o fortalecimento da união da igreja, evitando que se dividisse em dois grupos extremos: "Lei" versus "graça". É importante observar que não se trata de concessões *doutrinárias*, pois estas são sempre erradas (Jd 3). Antes se refere ao processo de troca mútua em questões práticas da vida, de modo que as pessoas vivam e trabalhem juntas em amor e em harmonia.

Em segundo lugar, essa decisão possibilitou que a igreja apresentasse um testemunho unificado aos judeus incrédulos (At 15:21). Grande parte da igreja ainda se identificava com a sinagoga judaica; é bem provável que, em algumas cidades, a congregação inteira de algumas sinagogas - judeus, gentios prosélitos e gentios "tementes a Deus" - cria em Jesus Cristo. Se os cristãos gentios abusassem de sua liberdade em Cristo e comessem carne contendo sangue, essa atitude ofenderia tanto a judeus salvos como a amigos não salvos que desejavam ganhar para Cristo. Tratava-se, simplesmente, de não ser uma pedra de tropeço para os fracos ou perdidos (Rm 14:13-21).

Em terceiro lugar, essa decisão trouxe bênçãos quando a carta foi compartilhada com as várias igrejas e congregações. Paulo e Barnabé, acompanhados de Judas e Silas, levaram as boas-novas a Antioquia, e a igreja

regozijou-se e foi encorajada ao saber que não precisaria carregar o jugo pesado da Lei (At 15:30, 31). Em sua segunda viagem missionária, Paulo compartilhou essa carta com as igrejas que fundara na primeira viagem. O resultado foi um fortalecimento da fé dessas igrejas e um aumento no número de fiéis (At 16:5).

Temos muito a aprender com essa experiência difícil da Igreja primitiva. Para começar, os problemas e as diferenças são oportunidades de crescimento, mas também podem dar lugar a dissensão e divisão. As igrejas precisam trabalhar juntas e ter tempo de ouvir, amar e aprender. Quantos conflitos e rompimentos dolorosos não poderiam ter sido evitados se alguns do povo de Deus tivessem dado ao Espírito tempo para falar e operar.

A maioria das divisões é causada por "seguidores" e "líderes". Um líder poderoso forma um grupo de seguidores, recusa-se a ceder até nas menores questões e logo provoca uma divisão. Grande parte dos problemas da igreja não decorre de disparidades doutrinárias, mas de diferentes pontos de vista acerca de questões práticas. De que cor devemos pintar a cozinha da igreja? Podemos mudar a seqüência da liturgia? Soube de uma igreja que se dividiu porque não foi possível chegar a um acordo quanto ao lado do púlpito em que deveria colocar o órgão e o piano!

Os cristãos precisam aprender a arte de fazer concessões em amor. Precisam organizar suas prioridades a fim de saber quando lutar por algo que é verdadeiramente importante na igreja. É uma decisão pecaminosa seguir um membro influente da igreja que luta para fazer sua opinião prevalecer em alguma questão secundária. Toda congregação precisa de uma dose freqüente do amor descrito em 1 Coríntios 13, a fim de evitar dissensões e divisões.

Ao tratar de nossas diferenças, devemos perguntar: "De que maneira nossa decisão afetará o testemunho unido da igreja ao mundo perdido?" Jesus orou pedindo que seu povo fosse unido para que o mundo pudesse crer nele (Jo 17:20, 21). União não é sinônimo de uniformidade, pois a harmonia baseia-se no amor, não na Lei. As igrejas precisam de diversidade em meio à união (Ef 4:1-17), pois essa é a única maneira de o corpo amadurecer e realizar seu trabalho no mundo.

Deus abriu uma porta maravilhosa de oportunidade para levarmos o evangelho da graça a um mundo condenado. Mas, mesmo na Igreja de hoje, ainda existem forças que desejam fechar essa porta. Há pessoas que pregam "outro evangelho" que não é o evangelho de Jesus Cristo. Devemos ajudar a manter essa porta aberta e alcançar o maior número possível de almas.

MAIS PORTAS ABERTAS

ATOS 15:36 – 16:40

Para o apóstolo Paulo, a igreja de Antioquia não era um estacionamento, mas sim uma plataforma de lançamento. Não podia acomodar-se a um “ministério confortável”, enquanto havia portas abertas para pregar o evangelho.

Paulo teria concordado plenamente com as palavras de Robertson McQuilken em seu livro *The great omission [A grande omissão]*: “Em um mundo no qual nove dentre dez pessoas estão perdidas, três dentre quatro nunca ouviram falar de uma saída e uma dentre duas não pode ouvir, a Igreja ainda dorme. Acaso pensamos haver outro caminho? Ou não nos importamos tanto assim?” Paulo se importava, e devemos seguir seu exemplo.

Vários elementos dessa segunda viagem indicam que, apesar dos aparentes obstáculos e das dificuldades pessoais que surgiram, Deus ainda operava.

1. UM NOVO COMPANHEIRO (AT 15:36-41)

Paulo e Barnabé concordavam sobre a importância da viagem, mas não sobre a formação da “equipe”. Vemos aqui dois homens dedicados que acabaram de ajudar a promover a união dentro da igreja e que, no entanto, não conseguiam resolver suas diferenças! Por mais perturbadores e dolorosos que sejam esses conflitos, aparecem com frequência na história da Igreja; no entanto, Deus predomina sobre eles e realiza seus propósitos.

Não causa surpresa Barnabé defender João Marcos, pois os dois eram primos (Cl 4:10), e os laços de família deviam ser fortes.

Mas, além disso, Barnabé era o tipo de pessoa que procurava ajudar os outros de todas as maneiras, o que explica por que a igreja o chamava de “filho de exortação” (At 4:36). Estava disposto a dar a João Marcos a oportunidade de servir ao Senhor e de provar seu valor. Assim, Barnabé insistiu que levassem João Marcos consigo na viagem.

Mas Paulo mostrou-se igualmente irreduzível em sua posição de que não deveriam levar Marcos! Afinal, na primeira viagem missionária, ele desertara, voltando para casa (At 13:13) e dando mostras de fraqueza. O ministério era importante demais, o trabalho exigia muito deles, e não poderiam pedir a ajuda de alguém não confiável.

A discussão continuou e se transformou em *discórdia* (o termo *paroxismo* vem da palavra traduzida por “desavença” nesse versículo), e a única solução aparente era os amigos dividirem o território e se separarem. Barnabé foi para Chipre, sua terra natal, levando consigo Marcos; Paulo chamou Silas e ambos se dirigiram à Síria e Cilícia (ver At 15:23).

Quem estava certo? Na verdade, não faz muita diferença. Talvez ambos estivessem certos em alguns aspectos e errados em outros. Sabemos que, no final, João Marcos teve o ministério restaurado e recebeu o amor e apreciação de Paulo (ver Cl 4:10; 2 Tm 4:11; Fm 23, 24). Mesmo quem é bom e piedoso às vezes discorda de outros na igreja; esse é um dos fatos tristes da vida que devemos aceitar. Paulo olhava para as pessoas e perguntava: “O que elas podem fazer pela obra do Senhor?”, enquanto Barnabé olhava para as pessoas e perguntava: “O que a obra do Senhor pode fazer por elas?” As duas perguntas são importantes para o trabalho de Deus, e, por vezes, é difícil manter o equilíbrio.

Como novo companheiro de viagem e ministério, Paulo escolheu Silas, um dos líderes da igreja, um profeta (At 15:22, 32) e escolhido para transmitir às igrejas as decisões da assembleia de Jerusalém (At 15:27). O nome “Silas” é, provavelmente, uma versão grega do nome *Saulo*. Foi co-autor com Paulo das Epístolas aos Tessalonicenses e

secretário de Pedro quando este escreveu sua primeira epístola (1 Pe 5:12). Como Paulo, também era cidadão romano (At 16:37).

Deus usa diferentes obreiros, mas sua obra prossegue. Agora, em vez de uma equipe missionária, havia *duas!* Se Deus dependesse de pessoas perfeitas para realizar sua obra, jamais conseguiria fazer coisa alguma. Nossas limitações e imperfeições são bons motivos para dependermos da graça de Deus, pois nossa suficiência vem somente dele (2 Co 3:5).

2. UM NOVO AJUDANTE (AT 16:1-5)

Paulo e Silas aproximaram-se de seu destino pelo leste, de modo que passaram primeiro por Derbe antes de chegar a Listra, rota exatamente oposta à da primeira viagem (At 14:6-20). Os missionários iam de igreja em igreja transmitindo as decisões da assembléia em Jerusalém e ajudando a firmar os cristãos na fé. Como resultado, o testemunho dos cristãos deu frutos, e a igreja crescia em número cada dia (ver At 2:47). Sem dúvida, foi uma viagem extremamente bem-sucedida, mas me pergunto se alguns dos cristãos não quiseram saber o que havia acontecido com Barnabé e imagino o que Paulo lhes respondeu.

Talvez a melhor coisa que aconteceu em Listra foi Paulo ter chamado Timóteo para tomar o lugar de João Marcos como seu assistente. É provável que Timóteo tenha se convertido pelo ministério do apóstolo, quando este visitou Listra pela primeira vez, pois Paulo chamou-o de "meu filho amado" (1 Co 4:17) e de "verdadeiro filho na fé" (1 Tm 1:2). A mãe e a avó de Timóteo haviam preparado o caminho para sua conversão ao serem as primeiras da família a crer em Cristo (2 Tm 1:5). Por certo, o jovem Timóteo testemunhou o sofrimento de Paulo em Listra (At 14:19, 20; 2 Tm 3:10, 11), e o Senhor aproximou-o do apóstolo. Timóteo foi o companheiro e colaborador predileto de Paulo (Fp 2:19-23), talvez o filho que Paulo nunca teve, mas sempre quis.

Tendo em vista as excelentes recomendações recebidas das igrejas (1 Tm 3:7), Timóteo foi ordenado por Paulo e passou a

fazer parte de sua "equipe" (1 Tm 4:14; 2 Tm 1:6). O próximo passo de Paulo foi providenciar para que Timóteo fosse circuncidado, atitude que parece contradizer a decisão da assembléia de Jerusalém. Por trás dessa decisão de Paulo, porém, havia um princípio espiritual importante.

De acordo com a decisão da assembléia de Jerusalém, não era necessário ser circuncidado *a fim de receber a salvação*. Paulo não permitiu que Tito fosse circuncidado, pois não desejava que os inimigos pensassem que promovia sua causa (Gl 2:1-5). A controvérsia em Jerusalém havia girado em torno da verdade do evangelho, não da adequação de um homem ao serviço de Deus. A preocupação de Paulo com relação a Timóteo referia-se a sua adequação para servir, não a sua salvação.

Timóteo trabalharia tanto com os judeus quanto com os gentios da igreja, e era essencial que não os ofendesse. Assim, Paulo pediu que Timóteo fosse circuncidado (ver 1 Co 9:19-23). O que estava em jogo não era a salvação ou o caráter pessoal de Timóteo, mas sim uma providência para evitar problemas sérios que poderiam ser pedra de tropeço em seu serviço ao Senhor (Rm 14:13-15). Um líder espiritual sábio discerne como e quando aplicar os princípios da Palavra de Deus, quando permanecer firme e quando ceder.

Nos anos subseqüentes, Timóteo teve um papel importante na expansão e fortalecimento das igrejas. Viajou com Paulo e foi, em várias ocasiões, um embaixador especial enviado a lugares problemáticos da obra, como Corinto. Tornou-se pastor da igreja de Éfeso (1 Tm 1:3) e, provavelmente, foi a Roma ficar com Paulo pouco antes do martírio do apóstolo (2 Tm 4:21).

3. UMA NOVA VISÃO (AT 16:6-40)

Nesta seção, vemos três "aberturas" importantes.

Deus abriu caminho (vv. 6-12). Depois de visitar as igrejas que havia fundado, Paulo tentou desbravar novos territórios para o Senhor viajando rumo ao Oriente, para a Ásia Menor, à Bitínia, mas o Senhor fechou

a porta. Não sabemos de que maneira Deus revelou sua vontade sobre essa questão, mas podemos imaginar que Paulo ficou decepcionado e, talvez, um tanto desanimado. Tudo corria tão bem em sua segunda viagem e essas portas fechadas devem tê-lo pego de surpresa. Contudo, é reconfortante ver que mesmo os apóstolos não sabiam sempre com toda clareza qual era a vontade de Deus para seu ministério! Deus já havia planejado que a mensagem chegaria a esses lugares em outra ocasião (At 18:19 - 19:41; ver 1 Pe 1:1).

Em sua graça soberana, Deus conduziu Paulo ao Ocidente, em direção à Europa, não para o Oriente, em direção à Ásia. Em Trôade, Paulo teve uma visão na qual um homem o chamou para ir à Macedônia. "Nada fortalece mais um homem do que um pedido de socorro", escreveu George MacDonald, e, mais que depressa, Paulo atendeu ao pedido da visão (comparar com At 26:19).

Convém observar o uso da primeira pessoa do plural em Atos 16:10, pois Lucas, que escreveu o Livro de Atos, juntou-se à equipe de Paulo em Trôade. Encontramos três seções de Atos narradas na primeira pessoa do plural: Atos 16:10-17; 20:5-15 e 27:1 - 28:16: Em Atos 17:1, Lucas muda para a terceira pessoa do plural ("eles"), indicando a possibilidade de que tenha ficado em Filipos para pastorear a igreja de lá depois que Paulo partiu. A próxima seção com "nós" começa em Atos 20:5 e é relacionada à viagem de Paulo à Macedônia. Lucas dedicou uma parte considerável do texto ao ministério de Paulo em Filipos, de modo que talvez morasse nessa cidade. Alguns estudiosos acreditam que Lucas pode ter sido o homem que apareceu na visão de Paulo.

Trôade ficava a cerca de 240 quilômetros de Neápolis, o porto de Filipos, ou seja, cerca de dois dias de viagem. Em outra ocasião, a viagem na direção oposta levou cinco dias, o que pode ser atribuído, aparentemente, a ventos contrários (At 20:6). Filipos ficava mais para o interior, a 15 quilômetros de Neápolis, e a forma como Lucas descreve a cidade indica que ele era, de fato, um de seus cidadãos mais ufanos.

Filipos era uma colônia de romana, o que significa que seguia todos os costumes de Roma. O imperador organizava "colônias" ordenando que cidadãos romanos, especialmente militares aposentados, vivessem em determinadas regiões de modo a ter cidades fortes pró-romanas em locais estratégicos. Em troca, os "colonos" recebiam certos privilégios políticos, sendo um dos principais, a isenção fiscal. Essa era a recompensa por deixarem seu lar na Itália para morar em outras partes do império.

Deus abriu o coração de Lídia (vv. 13-15). Apesar de saberem que haviam sido chamados por Deus para aquele local, Paulo e seus amigos não se puseram a evangelizar de imediato. Por certo, precisavam descansar, orar e planejar os próximos passos. Não basta saber *onde* Deus deseja que trabalhem; também devemos saber *quando* e *como*.

A população de judeus em Filipos devia ser pequena, uma vez que não havia sequer uma sinagoga na cidade. (Era preciso reunir dez homens para fundar uma sinagoga.) Na visão de Paulo em Trôade, um *homem* havia aparecido, mas, ao chegar a Filipos, o apóstolo começou a ministrar a um grupo de *mulheres*! De acordo com os rabinos, era melhor que as palavras da Lei fossem queimadas do que serem entregues a uma mulher; mas essa não era mais a filosofia de Paulo. Havia sido obediente, e o Senhor fora adiante dele, preparando-lhe o caminho.

Lídia era uma mulher de negócios bem-sucedida procedente de Tiatira, cidade famosa por sua tintura púrpura. É provável que fosse encarregada da filial de uma associação de artesãos em Filipos. Deus a trouxe das terras longínquas da Grécia para que ouvisse o evangelho e se convertesse. Era "temente a Deus", uma gentia que não se tornara inteiramente prosélita, mas que adorava publicamente com os judeus e que também estava em busca da verdade.

Paulo falou-lhe da Palavra (o verbo traduzido por "dizer", em Atos 16:14, refere-se a uma conversa pessoal, não a uma pregação), Deus abriu seu coração para a verdade, ela creu e foi salva. Não se envergonhou de

identificar-se com Cristo sendo batizada, e insistiu para que os missionários ficassem hospedados em sua casa. Todos de sua casa haviam se convertido, de modo que foi uma excelente oportunidade de Paulo e seus companheiros lhes ensinarem a Palavra, fundando uma igreja (falaremos da "salvação de toda a casa" ao tratarmos de At 16:31).

Não devemos concluir que, pelo fato de o Senhor ter aberto o coração de Lídia, sua atitude na conversão foi totalmente passiva. Ela ouviu atentamente a Palavra de Deus, e é a Palavra que conduz o pecador ao Salvador (Jo 5:24). O mesmo Deus que determinou o fim - a salvação de Lídia - *preparou os meios para alcançar esse fim* - o testemunho que Paulo lhe deu de Jesus Cristo. Trata-se de uma bela ilustração de 2 Tessalonicenses 2:13, 14.

Deus abriu as portas da prisão (vv. 16-40). Logo que almas perdidas são salvas, Satanás começa a colocar obstáculos para a obra de Deus. Nesse caso, usou uma menina endemoninhada que dava grande lucro a seus senhores lendo a sorte das pessoas. Sempre que Paulo e seus colaboradores iam ao lugar de oração para dar seu testemunho, essa menina gritava: "Estes homens são servos do Deus Altíssimo e vos anunciam o caminho da salvação". Paulo não queria que o evangelho nem o nome de Deus fosse "promovido" por uma escrava de Satanás, de modo que expulsou o demônio. Afinal, Satanás pode dizer a verdade agora e, logo em seguida mentir. Os não salvos não têm como discernir entre uma coisa e outra.

Os senhores não tinham interesse algum na menina; estavam preocupados apenas com o lucro que gerava para eles, mas que havia cessado (o conflito entre dinheiro e ministério aparece com frequência em At 5:1-11; 8:18-24; 19:23ss; 20:33, 34). Só lhes restou recorrer à lei romana e, a seu ver, era praticamente uma causa ganha, uma vez que os missionários difundiam uma religião não aprovada por Roma. Impelidos por preconceitos raciais e religiosos, os magistrados agiram precipitadamente e não investigaram a questão a fundo. Essa negligência de sua parte acabou por lhes causar embaraços.

Por que Paulo e Silas não se valeram de sua cidadania romana? (ver At 22:25-29; 25:11, 12). Talvez ainda não fosse chegada a hora, ou talvez Paulo guardasse essa arma para uma ocasião futura mais apropriada. Ele e Silas foram despedidos, açoitados (ver 2 Co 11:23, 25) e colocados na prisão. Tudo indicava que era o fim de seu testemunho em Filipos, mas Deus tinha outros planos.

Em vez de se queixarem ou de invocarem a Deus para que julgasse seus inimigos, os dois homens oraram e louvaram a Deus. Quando estamos sofrendo, não é fácil cantar louvores no meio da escuridão, mas Deus "inspira canções de louvor durante a noite" (Jó 35:10; ver também Sl 42:8). "Qualquer tolo é capaz de cantar durante o dia", disse Charles Haddon Spurgeon. "É fácil cantar quando conseguimos ler a partitura à luz do sol; mas o cantor habilidoso consegue cantar quando não há sequer um raio de luz para iluminar as notas [...]. Os cânticos noturnos vêm somente de Deus; não se encontram ao alcance dos homens."

A oração e o louvor são armas poderosas (2 Cr 20:1-22; At 4:23-27). Deus respondeu sacudindo os alicerces da prisão, fazendo as portas se abrirem e soltando as algemas dos prisioneiros. Poderiam ter fugido para a liberdade, mas ficaram exatamente onde estavam. Para começar, Paulo assumiu o controle, e o temor do Senhor caiu sobre aqueles pagãos. Os prisioneiros devem ter se dado conta de que havia algo de extraordinário em relação àqueles dois pregadores judeus!

Paulo voltou a atenção para o carcereiro, o homem que ele desejava ganhar para Cristo. De acordo com a lei romana, se um guarda perdia um prisioneiro, sofreria a mesma pena que o prisioneiro teria recebido; logo, é bem possível que estivessem presos ali alguns condenados à pena capital. O carcereiro preferia cometer suicídio a ter de encarar a humilhação e a execução. Alguém insensível e vingativo teria deixado aquele homem cruel se matar, mas Paulo não era esse tipo de pessoa (ver Mt 5:10-12, 43-48). Era o carcereiro, não Paulo, quem estava preso, e o apóstolo não apenas salvou a vida

desse homem, mas também lhe mostrou o caminho para a vida eterna em Cristo.

“Que devo fazer para que seja salvo?”, esse é o clamor de pessoas perdidas pelo mundo afora, e devemos lhes dar a resposta certa. Os legalistas da igreja teriam respondido: “Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos” (At 15:1). Mas Paulo deu a resposta certa – a fé em Jesus Cristo. No Livro de Atos, a ênfase é única e exclusivamente sobre Jesus Cristo (At 2:38, 39; 4:12; 8:12, 37; 10:10-43; 13:38, 39).

A expressão “e tua casa” não significa que a fé do carcereiro salvaria automaticamente toda a família. A fim de nascer de novo, cada pecador deve crer em Cristo pessoalmente, pois não é possível ser salvos “por tabela”. A oração quer dizer “e tua casa será salva se também crer”. Não devemos interpretar que essa declaração trata da salvação de crianças pequenas (com ou sem batismo), pois fica claro que Paulo falava de pessoas com idade suficiente para ouvir a Palavra (At 16:32), crer e se regozijar (At 16:34).

A chamada “salvação de toda a casa” – ou seja, o conceito de que a decisão do cabeça da casa também salva os membros da família – não tem qualquer base bíblica. As pessoas da família de Cornélio tinham idade suficiente para responder a seu convite (At 10:24), compreender a Palavra e crer (At 10:44; 11:15-17; 15:7-9). A casa de Crispo também era constituída de pessoas com idade suficiente para ouvir a Palavra e crer (At 18:8). Essas passagens não sugerem, de maneira alguma, que adultos tenham tomado uma decisão pelas crianças.

É comovente ver a atitude transformada do carcereiro ao lavar os ferimentos desses dois prisioneiros que agora eram seus irmãos em Cristo. Uma das evidências do verdadeiro arrependimento é um desejo motivado pelo amor de reparar e de restaurar a comunhão com aqueles a quem fizemos mal. Devemos não apenas lavar os pés uns dos outros (Jo 13:14, 15), mas também limpar os ferimentos que causamos.

E quanto aos outros prisioneiros? Lucas não dá detalhes, mas é possível que alguns

deles também tenham se convertido com o testemunho de Paulo, Silas e do carcereiro. Alguns desses prisioneiros talvez estivessem esperando sua execução, de modo que devem ter se alegrado imensamente ao ouvir a mensagem da salvação. Paulo e Silas não deram atenção alguma às suas próprias dores e se regozijaram com o que Deus fez naquela prisão em Filipos. Sem dúvida, o carcereiro se juntou à congregação na casa de Lídia.

Os magistrados da cidade sabiam que não tinham acusações convincentes contra Paulo e Silas e, portanto, ordenaram que o carcereiro os libertasse. No entanto, Paulo não estava disposto a sair furtivamente da cidade, pois tal atitude teria suscitado uma série de suspeitas. As pessoas perguntariam: “Quem eram aqueles homens? Eram culpados de algum crime? Por que foram embora com tanta pressa? Em que os seguidores crêem?” Paulo e seus colaboradores desejavam deixar para trás um testemunho sólido de sua integridade e também um bom testemunho para a nova igreja em Filipos.

Foi nesse momento que Paulo valeu-se de sua cidadania romana e questionou desmiedadamente a legalidade do tratamento que recebera dos magistrados. Não foi uma questão de vingança pessoal, mas sim um desejo de garantir proteção e respeito à igreja. Apesar de o relato não dizer que os magistrados retrataram-se oficialmente e publicamente, afirma que se dirigiram a Paulo e Silas respeitosamente e que os acompanharam para fora da prisão, pedindo com toda gentileza que deixassem a cidade. Paulo e Silas ainda ficaram em Filipos tempo suficiente para visitar os recém-convertidos e exortá-los no Senhor.

Ao rever este capítulo, observamos que a obra do Senhor progride em meio a dificuldades e desafios. Às vezes, os obreiros têm conflitos entre si, e, em outras ocasiões, os problemas vêm de fora. Também é interessante notar que nem todo pecador encontra-se com Cristo da mesma forma. Timóteo foi salvo, em parte, pela influência de sua mãe e de sua avó piedosas. Lídia

converteu-se por meio de uma conversa tranqüila com Paulo em uma reunião de oração entre judeus, enquanto a conversão do carcereiro ocorreu em uma situação dramática. Em um instante era um suicida em potencial, no momento seguinte, um filho de Deus!

Pessoas diferentes tiveram experiências diferentes, no entanto todas foram transformadas pela graça de Deus.

Outros ainda esperam ouvir o plano simples da salvação que Deus oferece. Você as ajudará a conhecê-lo? Seu testemunho de Cristo será ousado?

RESPONDENDO À PALAVRA DE DEUS

ATOS 17

Este capítulo descreve o ministério de Paulo em três cidades e a reação de algumas pessoas dessas cidades à Palavra de Deus. Estas imagens são apenas retratos, não murais, pois Lucas não oferece muitos detalhes. Mas, ao estudar as três reações diferentes que apresentaram, é possível, sem dúvida alguma, identificar vários elementos de nosso mundo moderno e compreender melhor o que se deve esperar ao testemunhar de Cristo hoje.

1. TESSALÔNICA – RESISTIRAM À PALAVRA (AT 17:1-9)

Seguindo a famosa Via Egnácia, Paulo e Silas viajaram mais de 150 quilômetros de Filipos a Tessalônica (o nome de Timóteo só volta a aparecer em At 17:14, de modo que talvez tenha ficado em Filipos). Tanto quanto se pode observar, os missionários não pararam a fim de ministrar em Anfípolis nem em Apolônia. Talvez não houvesse sinagogas nessas cidades, e Paulo certamente esperava que os recém-convertidos de Filipos levassem a mensagem a seus vizinhos. Paulo costumava ministrar nas cidades maiores e transformá-las em centros de evangelismo a toda a região (ver At 19:10, 26; e 1 Ts 1:8).

O apóstolo sabia que Tessalônica (atual Salônica) era uma cidade estratégica para a obra do Senhor. Não apenas era a capital da Macedônia, mas também um centro comercial equiparável apenas a Corinto. A cidade possuía um excelente porto, e por ela passavam diversas rotas comerciais. Apesar de ser controlada pelos romanos, Tessalônica era predominantemente grega. Era uma “cidade livre”, o que significava que possuía

uma assembléia de cidadãos eleitos, podia cunhar as próprias moedas e não tinha guarda romana alguma dentro de seus muros.

Durante a semana, Paulo fazia tendas (At 18:3; 1 Ts 2:9; 2 Ts 3:7-10), mas no sábado ministrava na sinagoga, onde sabia que encontraria judeus devotos, gentios “tementes a Deus” e prosélitos. Seu testemunho estendeu-se por apenas três sábados, depois do que foi obrigado a ministrar fora da sinagoga. Não sabemos exatamente quanto tempo Paulo ficou em Tessalônica, mas foi o suficiente para receber a ajuda financeira da igreja de Filipos em duas ocasiões (Fp 4:15, 16). Ao ler 1 Tessalonicenses 1, vê-se como Deus abençoou o ministério de Paulo e como a mensagem espalhou-se de Tessalônica para outros lugares. Seu ministério ali pode não ter sido longo, mas foi eficaz.

Quatro palavras-chave em Atos 17:2, 3 descrevem a abordagem de Paulo à congregação da sinagoga. Primeiro, *arrazoou* com eles, o que significa que dialogou com eles por meio de perguntas e de respostas. Em seguida, *lhes explicou* (“expondo”) as Escrituras e *provou* (“demonstrando”) que Jesus é, de fato, o Messias. O termo traduzido por “demonstrar” significa “colocar lado a lado ao apresentar as evidências”. O apóstolo colocou diante deles uma série de provas do Antigo Testamento de que Jesus de Nazaré é o Messias de Deus.

Paulo *anunciou* a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, que é a mensagem do evangelho (1 Co 15:1ss). Nos sermões do Livro de Atos, pode-se ver uma ênfase sobre a ressurreição, pois os cristãos foram chamados a ser testemunhas da ressurreição (At 1:21, 22; 2:32; 3:15; 5:32). Nas palavras de John R. W. Stott: “O cristianismo é, em sua essência, uma religião da ressurreição. O conceito de ressurreição encontra-se em seu cerne. Se o removermos, destruímos o cristianismo”.

As três semanas de ministério de Paulo resultaram na conversão de grande número de pessoas, especialmente prosélitos gregos e mulheres influentes. Dentre os homens que se converteram, estavam Aristarco e Secundo que, mais tarde, viajaram com Paulo (At 20:4). Lucas usa várias expressões para indicar o

grande número de pessoas que creram: “não poucos”, “numerosa multidão”, “muitos” (ver At 17:4, 12).

Esses resultados, porém, não alegraram o coração de todos. Os judeus incrédulos encheram-se de inveja do ministério de Paulo e se angustiaram ao ver os gentios e mulheres influentes deixando a sinagoga. A esperança de Paulo era que a salvação dos gentios “incitaria” os judeus e os levaria a estudar as Escrituras e a descobrir seu Messias prometido (Rm 11:13, 14), mas, nesse caso, só os incitou à perseguição contra a jovem igreja.

Os judeus queriam colocar os missionários diante da assembléia da cidade (“trazê-los para o meio do povo”, At 17:5; ver 19:30), de modo que criaram um tumulto para chamar a atenção dos magistrados. A violenta multidão não conseguiu encontrar Paulo e Silas, por isso prendeu Jasom, o anfitrião de Paulo e seus amigos, arrastando-o juntamente com alguns cristãos perante as autoridades. Os judeus apresentaram acusações semelhantes às usadas no julgamento de Jesus; de acordo com eles, os cristãos perturbavam a paz e promoviam a traição (Lc 23:2). Seu crime era “[afirmar] ser Jesus outro rei”.

O termo grego traduzido por “outro” significa “outro de tipo diferente”, ou seja, um rei diferente de César. Ao ler as duas cartas de Paulo aos tessalonicenses, observamos sua forte ênfase sobre a realeza de Cristo e a promessa de sua volta. Por certo, o reino do Senhor não é político nem “deste mundo” (Jo 18:36, 37), mas não se pode esperar que pagãos incrédulos entendam isso.

A realeza de Jesus Cristo é diferente daquela de qualquer outro governante deste mundo. Ele não conquista com exércitos, mas sim com embaixadores, e suas armas são a verdade e o amor. Traz paz aos homens ao perturbar a paz e virar tudo de cabeça para baixo! É vencedor por meio da cruz na qual morreu pelos pecadores perdidos do mundo inteiro e até por seus inimigos (Rm 5:6-10).

A multidão ficou alvoroçada quando não conseguiu encontrar Paulo e Silas, de modo que se contentou em colocá-los sob fiança.

Jasom teve de pagar às autoridades e de garantir que Paulo e Silas deixariam a cidade e não voltariam mais. É possível que Jasom fosse parente de Saulo, o que tornaria essa transação ainda mais significativa (Rm 16:21). Paulo considerou essa proibição um artifício de Satanás para dificultar seu trabalho (1 Ts 2:18), mas, por certo, esse percalço não impediu a igreja de Tessalônica de propagar as boas-novas e ganhar almas para Cristo (1 Ts 1:6-9).

2. BERÉIA – RECEBERAM A PALAVRA (AT 17:10-15)

Paulo e Silas deixaram a cidade sob o manto da escuridão e se dirigiram a Beréia, cerca de 70 quilômetros de Tessalônica. Ao que parece, Timóteo não estava com eles, e é provável que tenha ficado trabalhando em Filipos. Posteriormente, se reuniria com Paulo em Atenas (At 17:15), depois do que seria enviado para Tessalônica a fim de encorajar a igreja em seu tempo de perseguição (1 Ts 3:1ss). Uma vez que Timóteo era gentio e que não havia participado do tumulto, tinha mais liberdade de ministrar na cidade. As medidas tomadas contra Paulo e que o impediam de entrar na cidade não se aplicavam a seu jovem assistente.

Em Beréia, Paulo foi à sinagoga, onde encontrou um grupo de pessoas extremamente interessadas no estudo das Escrituras do Antigo Testamento. Na verdade, se reuniam *diariamente* para examinar as Escrituras e determinar a veracidade da pregação de Paulo. O apóstolo alegrara-se imensamente com a recepção do povo de Tessalônica à Palavra (1 Ts 2:13), de modo que esses “nobres bereianos” devem ter lhe servido ainda mais de encorajamento. Devemos todos imitar os cristãos de Beréia e estudar a Palavra de Deus fielmente cada dia, discutindo-a e examinando as mensagens que ouvimos.

Deus usou sua Palavra para que muitos cressem em Cristo. Um dos homens que se converteu foi Sópatro, o qual posteriormente ajudou Paulo (At 20:4). É possível que fosse o mesmo homem (Sosípatro) que enviou saudações aos cristãos em Roma (Rm 16:21).

Mais uma vez, Satanás colocou o inimigo em campo: os judeus incrédulos de Tessalônica foram a Beréia e instigaram o povo da cidade (ver 1 Ts 2:13-20). Como ficaram sabendo que Paulo e Silas ministravam em Beréia? Talvez o testemunho cada vez maior dos bereianos tenha chegado até Tessalônica, ou talvez algum agitador tenha levado a mensagem a seus amigos em Tessalônica. Satanás também tem seus "missionários", e eles trabalham incessantemente (2 Co 11:13-15).

Os cristãos de Beréia foram mais astutos que o inimigo e levaram Paulo para o mar, colocando-o a bordo de um navio para Atenas. Mais uma vez, Paulo teve de deixar o lugar em que ministrava e se separar de pessoas pelas quais havia desenvolvido grande afeição. Silas e Timóteo reuniram-se com Paulo mais tarde em Atenas, e Timóteo foi enviado a Tessalônica para ajudar os cristãos dessa cidade (1 Ts 3:1-6). Silas também foi enviado numa missão especial para algum lugar da Macedônia (Filipos?), e, posteriormente, os dois se encontraram com Paulo em Corinto (At 18:1-5).

3. ATENAS – RIDICULARIZARAM A PALAVRA (AT 17:16-34)

Ao chegar a Atenas, o objetivo de Paulo não era ver as atrações da cidade, mas sim ganhar almas para Cristo. O falecido Noel O. Lyons, que durante muitos anos foi diretor da organização *Greater Europe Mission*, costumava dizer: "Milhões de turistas visitam a Europa, enquanto milhões de cristãos a ignoram". A Europa precisa do evangelho hoje tanto quanto precisava no tempo de Paulo e não devemos perder as oportunidades que nos são oferecidas. Assim como Paulo, devemos ter sempre os olhos abertos e o coração quebrantado.

A cidade. Por essa época, Atenas encontrava-se em um período de declínio, mas ainda era reconhecida como centro cultural e acadêmico. A glória de sua política e comércio havia há muito desvanecido. A cidade possuía uma universidade e diversas construções famosas, mas não era mais tão influente quanto em outros tempos. Havia se

entregado a uma forma refinada de paganism, alimentada pela idolatria, filosofia e pelo gosto por novidades (At 17:21).

De acordo com Conybeare e Hawson, em sua obra *Life and epistles of St. Paul [A vida e as epístolas de São Paulo]*, "A religião grega não passava de uma deificação dos atributos humanos e dos poderes da natureza" (p. 280-81). Os mitos gregos falavam de deuses e deusas que, em meio às próprias rivalidades e ambições, agiam mais como seres humanos do que como divindades, e o panteão não era pequeno! Como alguém disse em tom de piada, em Atenas era mais fácil encontrar um deus do que um homem. O coração de Paulo encheu-se de pesar ao ver a "idolatria dominante na cidade".

Hoje, admiramos as esculturas e a arquitetura gregas como belas obras de arte, mas no tempo de Paulo, grande parte dessas obras se relacionava diretamente à religião. Paulo sabia que a idolatria era demoníaca (1 Co 10:14-23) e que os muitos deuses gregos eram apenas personagens de uma história, incapazes de transformar a vida dos homens (1 Co 8:1-6). Apesar de toda a sua cultura e sabedoria, os gregos não conheciam o Deus verdadeiro (1 Co 1:18-25).

Quanto às novidades, eram a grande atração tanto para os cidadãos quanto para os visitantes (At 17:21). Dedicavam o tempo de lazer a contar ou a ouvir "as últimas novidades". De acordo com Eric Hoffer: "O medo de se tornarem 'obsoletas' impede as pessoas de se tornarem qualquer coisa". A pessoa que corre atrás do que é novo e que desconsidera o que é antigo logo se vê sem raízes profundas o suficiente para nutrir sua vida. Também descobre que nada é, verdadeiramente, novo; nossa memória é que não funciona bem (Ec 1:8-11).

A cidade também se dedicava à filosofia. Quando pensamos na Grécia, lembramos imediatamente de Sócrates, de Aristóteles e de inúmeros outros pensadores, cujas obras ainda lemos e estudamos hoje. O colunista de jornal Franklin P. Adams certa vez definiu a filosofia como "respostas ininteligíveis a problemas insolúveis", mas os gregos discordariam dele, preferindo pensar como

Aristóteles, segundo o qual a filosofia é “a ciência que considera a verdade”.

Ao testemunhar em Atenas, Paulo teve de confrontar filosofias antagônicas: o epicurismo e o estoicismo. Hoje em dia, associamos a idéia de epicurismo à apreciação da “boa vida”, especialmente da gastronomia. Mas a filosofia epicurista ia muito além. Em certo sentido, Epicuro, fundador dessa escola de pensamento, era um “existencialista” que buscava a verdade por meio das experiências pessoais, não do raciocínio. Os epicureus eram materialistas e ateus, e seu objetivo na vida era sentir prazer. Para alguns, o “prazer” representava tudo o que era inteiramente físico; mas, para outros, significava uma vida de serenidade refinada, sem qualquer dor ou ansiedade. O verdadeiro epicureu evitava os extremos e procurava desfrutar a vida mantendo um equilíbrio sem, no entanto, deixar de ter o prazer como grande alvo.

Os estóicos rejeitavam a idolatria dos cultos pagãos e ensinavam que havia um “Deus Mundial”. Eram panteístas e enfatizavam a disciplina e o domínio-próprio. O prazer não era bom e a dor não era má. A coisa mais importante da vida era seguir a própria razão e ser auto-suficiente sem se deixar abalar pelos sentimentos interiores e as circunstâncias exteriores. Por certo, tal filosofia só alimentava o orgulho e ensinava que o ser humano não precisa da ajuda de Deus. É importante observar que os dois primeiros líderes da escola estóica cometeram suicídio.

Os epicureus diziam “proveite a vida!”, enquanto os estóicos diziam “agüente a vida!”, mas cabia a Paulo explicar que poderiam receber a vida pela fé no Filho ressurreto de Deus.

O testemunho. “Pareceu-nos bem ficar sozinhos em Atenas” (1 Ts 3:1). Paulo olhava para a cidade idólatra e “seu espírito se revoltava” (o mesmo termo é traduzido por “desavença” em At 15:39 – “paroxismo”). Assim, usou as oportunidades disponíveis para compartilhar as boas novas do evangelho. Como era seu costume, “dialogou” na sinagoga com os judeus, mas também

testemunhou aos gregos no mercado (*ágora*). Qualquer um que desejasse conversar era recebido de braços abertos pelo apóstolo em suas “aulas” diárias.

Não demorou muito tempo para os filósofos ficarem sabendo dessa “novidade” que acontecia no *ágora*, e logo foram ouvir Paulo e, provavelmente, discutir com ele. Um grupo ridicularizou Paulo e o chamou de “tagarela”. O termo usado significa, literalmente, “um pássaro pegando sementes” e se refere a alguém que junta vários tipos de idéias e ensina conceitos emprestados de outros como se fossem seus – uma descrição nada lisonjeira do maior missionário e teólogo da Igreja.

O segundo grupo mostrou-se confuso porém interessado. Pensaram que, como eles, Paulo acreditava em vários deuses, pois pregava sobre “Jesus e Anastasis” (o termo grego para “ressurreição”). A palavra traduzida por “pregar”, em Atos 17:18, significa “pregar o evangelho”. Os que dizem que Paulo mudou suas táticas evangelísticas em Atenas na esperança de atrair os intelectuais estão equivocados. Ele pregou o evangelho em Atenas com a mesma ousadia que pregara em Beréia e que pregaria em Corinto.

A defesa. O Conselho do Areópago era responsável por supervisionar a religião e a educação na cidade, de modo que era natural investigarem a “nova doutrina” que Paulo ensinava. Convidaram-no gentilmente a apresentar sua doutrina no que parece ter sido uma reunião informal do conselho no monte Marte. Paulo não estava sendo julgado; os membros do conselho só desejavam que lhes explicasse o que dizia ao povo no *ágora*. Afinal, a tônica da vida em Atenas era ouvir e contar novidades, e Paulo tinha algo novo a dizer!

Essa mensagem de Paulo é uma obra-prima da comunicação. O apóstolo partiu daquilo que o povo conhecia, referindo-se a seu altar dedicado a um deus desconhecido. Depois de despertar o interesse dos ouvintes, explicou quem é esse Deus e como ele é. Concluiu sua mensagem com uma aplicação pessoal que colocou uma decisão moral diante de cada membro do conselho,

sendo que alguns deles decidiram em favor de Jesus Cristo.

Paulo começou seu discurso com um elogio: "Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos" (At 17:22). Na verdade, eram tão religiosos que tinham um altar para um deus que nem conheciam, a fim de garantir que nenhuma divindade beneficente fosse deixada de fora. Se não sabiam quem era esse deus, como poderiam adorá-lo? Ou como esse deus seria capaz de ajudá-los? Foi esse Deus que Paulo proclamou.

Nessa mensagem, que se parece seu sermão em Listra (At 14:15-17), Paulo compartilhou quatro verdades fundamentais sobre Deus.

A grandeza de Deus: ele é o Criador (v. 24). Toda pessoa que pensa, pergunta: "De onde vim? Por que estou aqui? Para onde estou indo?" A ciência procura responder à primeira pergunta e a filosofia trata da segunda, mas somente a fé cristã apresenta uma resposta satisfatória às três. Os epicureus, que também eram ateus, diziam que tudo era matéria e que a matéria sempre havia existido. Os estóicos diziam que tudo era Deus, o "Espírito do Universo". Na verdade, Deus não havia criado coisa alguma; apenas organizara a matéria e lhe conferira certa "lei e ordem".

Mas Paulo afirmou com toda intrepidez: "No princípio, Deus!" Deus fez o mundo e tudo o que nele há, e é Senhor sobre tudo o que criou. Não é um Deus distante, separado da criação; também não é um Deus cativo, preso na criação. É grande demais para ser contido em templos feitos por mãos humanas (1 Rs 8:27; Is 66:1, 2; At 7:48-50), mas não é grande demais para se preocupar com as necessidades dos seres humanos (At 17:25). Só podemos imaginar como os membros do Conselho reagiram à declaração de Paulo sobre os templos, pois bem ali na Acrópole havia diversos santuários dedicados a Atena.

A bondade de Deus: ele é o Provedor (v. 25). Os homens podem orgulhar-se de servir a Deus, mas na verdade é Deus quem serve os homens. Se Deus é Deus, então é

auto-suficiente e não precisa de coisa alguma que o ser humano possa oferecer. Não apenas o templo é incapaz de conter Deus, como seus cultos são incapazes de acrescentar coisa alguma a Deus! Em duas declarações sucintas, Paulo devastou todo o sistema religioso da Grécia!

É Deus quem nos dá aquilo de que precisamos: "vida, respiração, e tudo mais". Deus é a fonte de toda dádiva boa e perfeita (Tg 1:17). Ele nos deu vida e sustenta essa vida com sua bondade (Mt 5:45). É a bondade de Deus que deve conduzir os homens ao arrependimento (Rm 2:4). Mas, em vez de adorar ao Criador e de glorificá-lo, os homens adoram sua criação e glorificam a si mesmos (Rm 1:18-25).

O governo de Deus: ele é o Soberano (vv. 26-29). Os deuses dos gregos eram seres distantes, que não demonstravam qualquer preocupação pelos problemas e necessidades dos homens. Mas o Deus da criação também é o Deus da história e da geografia! Criou a humanidade "de um só" homem (At 17:26), de modo que todas as nações são feitas da mesma substância e do mesmo sangue. Os gregos acreditavam ser uma raça especial e diferente das outras nações, mas Paulo afirmou o contrário. Até mesmo a terra preciosa que veneravam era uma dádiva de Deus. Não é o poder humano, mas sim a soberania divina que determina a ascensão e queda das nações (Dn 4:35).

Deus não é uma divindade distante: "Não está longe de cada um de nós" (At 17:27). Assim, os homens devem buscar a Deus e conhecê-lo em verdade. A essa altura de seu discurso, Paulo citou o poeta Epimênides: "Pois nele vivemos, e nos movemos e existimos". Em seguida, acrescentou as palavras de outros dois poetas, Arato e Cleantes: "Porque dele também somos geração". Paulo não dizia que todos na Terra são filhos espirituais de Deus, pois os pecadores tornam-se filhos de Deus somente pela fé em Jesus Cristo (Jo 1:11-13). Antes, afirmava a "paternidade" de Deus em sentido *natural*, pois o homem foi criado à imagem de Deus (Gn 1:26). Nesse sentido, Adão era "filho de Deus" (Lc 3:38).

Com isso, Paulo chegou à conclusão lógica: Deus nos fez à sua imagem, de modo que é tolice fazer deuses à nossa imagem! A religião grega não passava da criação e de adoração de deuses moldados segundo os seres humanos e que agiam como homens. Paulo mostrou-lhes não apenas o disparate dos templos e de seus rituais, mas também a insensatez de toda a idolatria.

A graça de Deus: ele é o Salvador (vv. 30-34). Ao encerrar sua mensagem, Paulo resumiu as evidências claras da graça de Deus. Durante séculos, Deus mostrou-se paciente com o pecado e com a ignorância dos homens (ver At 14:16; Rm 3:25). Isso não significa que os homens não eram culpados (Rm 1:19, 20), mas apenas que Deus reteve sua ira. No devido tempo, Deus enviou um Salvador e, agora, ordena que todos os homens se arrependam de seus caminhos insensatos. Esse Salvador foi morto e ressuscitou dentre os mortos e, um dia, voltará para julgar o mundo. A prova de que julgará é o fato de ter ressuscitado.

Para os membros do Conselho, a idéia mais difícil de aceitar foi a doutrina da ressurreição. Os gregos consideravam o corpo apenas uma prisão e, quanto antes a pessoa deixasse o corpo, mais feliz seria. Por que trazer um corpo morto de volta à vida? E por que Deus se daria o trabalho de julgar cada ser humano pessoalmente? Esse tipo de ensinamento era, sem dúvida alguma, totalmente incompatível com a filosofia grega.

A mensagem de Paulo gerou três reações distintas. Alguns riram, escarneceram e não levaram a mensagem de Paulo a sério. Outros se interessaram, mas quiseram saber mais

detalhes. Um pequeno grupo aceitou a pregação de Paulo, creu em Jesus Cristo e foi salvo. Esperamos que os outros que adiaram sua decisão também tenham crido em Jesus Cristo.

Ao contrastar os resultados aparentemente escassos em Atenas com a grande colheita em Tessalônica e Beréia, é tentador concluir que o ministério de Paulo nessa cidade foi um fracasso total. Se o fizermos, porém, estaremos tirando uma conclusão precipitada e equivocada. Ninguém pediu que Paulo deixasse a cidade, de modo que podemos supor que ele se demorou mais algum tempo em Atenas e continuou a pregar e a ministrar tanto a cristãos quanto a incrédulos. Não era fácil para os atenienses orgulhosos, sofisticados e sábios aceitar a mensagem do evangelho, que deveria conduzi-los à humildade, especialmente quando Paulo resumiu a história da Grécia na expressão: "os tempos da ignorância". O solo não era profundo e tinha muitas ervas daninhas, mas, ainda assim, houve uma pequena colheita. Afinal, uma alma vale o mundo inteiro!

Ainda precisamos de testemunhas que invadam "os corredores da erudição" e que apresentem Cristo aos que têm a sabedoria deste mundo, mas são ignorantes da verdadeira sabedoria do mundo vindouro. "Não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento" (1 Co 1:26); mas alguns são chamados, e Deus pode usá-lo para chamá-los.

Devemos levar o evangelho a nossa "Atenas".

É SEMPRE CEDO DEMAIS PARA DESISTIR

ATOS 18:1-22

Um homem tirava a neve da frente de sua garagem, quando dois meninos se aproximaram dele e perguntaram:

- Quer que a gente limpe a entrada para o senhor? Apenas dois dólares.

O homem respondeu, um tanto perplexo:

- Como podem ver, eu mesmo estou fazendo o serviço.

- Claro - disse um dos pequenos empreendedores. - Por isso perguntamos. A maior parte das vezes, a gente trabalha para quem já está no meio do serviço e morrendo de vontade de desistir!

V. Raymond Edman costumava dizer aos alunos de Wheaton College em Illinois: "É sempre cedo demais para desistir!". E Charles Spurgeon lembrava sua congregação em Londres de que "Perseverando, o caracol chegou até a arca".

Com uma população de cerca de duzentas mil pessoas, Corinto não devia ser o lugar mais fácil do império romano onde começar uma igreja, no entanto, foi para lá que Paulo se dirigiu sozinho, quando partiu de Atenas. Foram tempos difíceis, mas o apóstolo não desistiu.

Corinto era conhecida em todo o império romano por sua perversidade (Rm 1:18-32 foi escrito em Corinto!). Graças a sua localização, a cidade era um centro comercial e ponto de parada de viajantes. Dinheiro e depravação, filosofias estranhas e novas religiões - tudo era bem recebido ali. A cidade era capital da Acaia e uma das duas cidades mais importantes que Paulo visitou. A outra foi Éfeso.

Quando Deus abre portas, o inimigo tenta fechá-las, e há ocasiões em que nós

mesmos fechamos as portas, pois desanimamos e desistimos. Quando Paulo ministrou em Corinto, Deus lhe deu exatamente os estímulos de que precisava para prosseguir, e estes também se encontram a nossa disposição hoje.

1. COLABORADORES DEDICADOS (At 18:1-5)

Depois de ministrar aos filósofos da Grécia, Paulo chegou a Corinto decidido a engrandecer Jesus Cristo e a cruz, a depender do Espírito Santo e a apresentar o evangelho com simplicidade (1 Co 2:1-5). Havia muitos filósofos e mestres itinerantes em Corinto que se aproveitavam da população supersticiosa e ignorante, e a mensagem e ministério de Paulo poderiam ser interpretados indevidamente.

Um dos recursos que usou para se diferenciar dos "charlatões religiosos" foi trabalhar como fabricante de tendas. Pela providência de Deus, encontrou um casal judeu - Áqüila e Priscila ("Prisca"; 2 Tm 4:19) - , que, como Paulo, trabalhavam com couro. Os rabinos judeus não aceitavam dinheiro de seus alunos, levantando seu sustento ao exercer uma profissão. Esperava-se que todos os meninos judeus aprendessem uma ocupação, qualquer que fosse a profissão que escolhessem mais tarde. Os rabinos diziam: "Aquele que não ensina o filho a trabalhar, o está ensinando a roubar". Assim, Paulo de Tarso aprendeu a fazer tendas de couro e se sustentou enquanto exercia seu ministério (ver At 18:3; 1 Co 9:6-15; 2 Co 11:6-10).

Não sabemos ao certo se Áqüila e Priscila já eram cristãos naquele tempo, mas é provável que sim. Talvez tenham sido os membros fundadores da igreja em Roma. Sabemos que eram um casal dedicado e que serviram fielmente, arriscando a própria vida por Paulo (Rm 16:3, 4). Ajudaram-no em Éfeso (At 18:18-28), onde a igreja reunia-se em sua casa (1 Co 16:19). Áqüila e Priscila eram membros importantes da "equipe" de Paulo, e ele agradeceu a Deus por esses colaboradores. Todo pastor e missionário é grato a Deus por pessoas como Áqüila e Priscila,

gente com as mãos, o coração e o lar consagrados à obra do Senhor.

Paulo vivia e trabalhava com Áqüila e Priscila, mas aos sábados testemunhava sem qualquer constrangimento na sinagoga. Afinal, esse era o motivo de sua estadia em Corinto. Quando Silas e Timóteo chegaram da Macedônia (At 17:14, 15; 18:5), trouxeram uma oferta (2 Co 11:9) que permitiu a Paulo dedicar-se em tempo integral à pregação do evangelho. Que grande alegria deve ter sido para Paulo ver seus amigos e ouvir a boa notícia de que as igrejas que haviam começado juntos permaneciam firmes no Senhor (1 Ts 3).

Todos concordam que Paulo foi um grande cristão e evangelista missionário, mas quanto ele teria conseguido realizar *sozinho*? Amigos como Áqüila e Priscila, Silas e Timóteo e os cristãos generosos da Macedônia permitiram que Paulo servisse melhor a Deus. No momento de maior necessidade, Paulo recebeu encorajamento tanto de amigos cristãos que conhecia há anos quanto dos que havia acabado de conhecer.

Sem dúvida, isso deve servir de lembrança para que estimulemos nossos amigos na obra do Senhor. Como escreveu Ralph Waldo Emerson: "É evidente que Deus não deseja que sejamos todos ricos, poderosos ou grandes, mas, por certo, deseja que sejamos todos amigos". Paulo expressou essa idéia em Gálatas 6:2: "Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo". Humanamente falando, não teria havido uma igreja em Corinto se não fosse pela dedicação e pelo serviço de várias pessoas.

2. OPOSIÇÃO (AT 18:6-8)

Sempre que Deus abençoa um ministério, podemos esperar não apenas mais oportunidades, mas também mais oposição. "Porque uma porta grande e oportuna para o trabalho se me abriu; e há muitos adversários" (1 Co 16:9). Afinal, o inimigo fica furioso quando invadimos seu território e libertamos seus escravos. Assim como em Tessalônica e Beréia (At 17:5-13), os judeus incrédulos que rejeitaram a Palavra causaram problemas a Paulo e a seus amigos (ver 1 Ts 2:14-16).

Essa oposição normalmente é prova de que Deus está operando, portanto deve ser motivo de encorajamento. Spurgeon costumava dizer que o diabo nunca chuta um cavalo morto!

A oposição dos judeus havia forçado Paulo a deixar Tessalônica e Beréia, mas em Corinto, só aumentou sua determinação de ficar na cidade e de fazer seu trabalho. É sempre cedo demais para desistir! Como o intrépido Cristóvão Colombo, Paulo poderia escrever em seu diário: "Hoje, navegamos adiante!"

Podemos encontrar duas imagens interessantes do Antigo Testamento em Atos 18:6. Sacudir as vestes era um gesto de julgamento que significava: "Você teve sua oportunidade, mas a desperdiçou". Hoje em dia, dizemos que lavamos as mãos com respeito a uma situação (ver Ne 5:13; comparar com At 13:51 e Mt 10:14). Apesar de Paulo nunca ter deixado de testemunhar aos judeus, seu grande chamado era para evangelizar os gentios (At 13:46-48; 28:28).

Ter sangue *nas mãos* significa ser responsável pela morte de outra pessoa por não tê-la avisado de algo. Trata-se de uma imagem relacionada aos vigias nos muros da cidade, cuja incumbência era permanecer alertas e avisar da aproximação de qualquer perigo (ver Ez 3:17-21; 33:1-9). Mas ter sangue *sobre a cabeça* significa que o indivíduo é culpado do próprio julgamento. A pessoa teve a oportunidade de ser salva, mas a recusou (ver Js 2:19). As mãos de Paulo estavam limpas (At 20:26), pois havia sido fiel em sua incumbência de declarar a mensagem do evangelho. O sangue dos judeus estava sobre a cabeça deles, pois haviam rejeitado a verdade de Deus.

No momento exato, Deus colocou outro amigo na vida de Paulo - o gentio temente a Deus, Tício Justo. Alguns estudiosos da Bíblia acreditam que seu nome completo era Gaio Tício Justo e que seja o "Gaio, meu hospedeiro" citado em Romanos 16:23. A relação entre Gaio e Crispo em Atos 18:7, 8 e 1 Coríntios 1:14 é, sem dúvida, significativa.

Paulo deixou a sinagoga e passou a usar a casa de Tício Justo como seu local de

pregação, sendo importante lembrar que a casa de Tício ficava exatamente ao lado da sinagoga! Sem dúvida, foi uma decisão sábia de Paulo, pois, assim, continuou a ter contato com judeus e gentios prosélitos, e, como resultado, até o chefe da sinagoga se converteu. O chefe da sinagoga era encarregado de providenciar a manutenção do edifício onde se realizavam as reuniões e de garantir que estas ocorressem com regularidade e de forma ordeira. Temos aqui outro caso em que uma família inteira se entregou ao Senhor (At 10:24, 44; 16:15, 34). Os judeus de Corinto devem ter ficado profundamente perturbados com essa conversão!

Ao examinar o ministério de Paulo em Corinto, vemos que cupria a comissão dada por Jesus em Mateus 28:19, 20. Paulo foi a Corinto ("Ide"), ganhou pessoas para Cristo ("fazei discípulos") e depois as batizou e ensinou (ver At 18:11). Também experimentou o que Jesus havia garantido a seus servos: "Eis que estou convoco todos os dias" (At 18:9, 10).

Seguindo o exemplo de Jesus e de seus discípulos, quando o Senhor ministrou aqui na Terra (Jo 4:1, 2; e ver At 10:46-48), foram os colaboradores de Paulo que batizaram a maior parte dos recém-convertidos (1 Co 1:11-17). O importante é a obediência do cristão ao Senhor, não o nome de quem o batiza. Quando me tornei o pastor sênior da Igreja Moody em Chicago, um dos membros mais idosos me disse cheio de orgulho: "Fui batizado pelo Dr. Ironside!" e ficou surpreso por eu não me impressionar. Tenho certeza de que o Dr. Ironside teria repreendido esse homem em amor por falar de tal maneira, pois Ironside era um homem humilde, que desejava exaltar o nome de Cristo, não seu próprio nome.

Caminhar pela fé significa vislumbrar oportunidades até mesmo em meio a oposição. Um pessimista enxerga apenas os problemas; um otimista vê apenas o potencial; um realista vislumbra o potencial dos problemas. Paulo não fechou os olhos para as muitas dificuldades e perigos da situação em Corinto, mas olhou para eles do ponto de vista divino.

Ter fé significa, simplesmente, obedecer à vontade de Deus apesar dos sentimentos, circunstâncias e conseqüências. Nunca houve local algum em que fosse fácil servir a Deus; se alguém encontrar um lugar assim, é possível que haja algo de errado. Paulo lembrou a Timóteo: "Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos" (2 Tm 3:12).

Nas palavras de Francis Bacon: "A prosperidade é a bênção do Antigo Testamento; a adversidade é a bênção do Novo Testamento". Paulo não permitiu que a adversidade o impedisse de servir a Deus.

3. PALAVRAS DE SEGURANÇA (AT 18:9-17)

A conversão de Crispo, um importante líder judeu, criou mais oportunidades e causou mais oposição do inimigo! Por certo, a comunidade judaica em Corinto ficou furiosa com o sucesso de Paulo e fez todo o possível para calá-lo e se livrar dele. Lucas não dá detalhes, mas tenho a impressão de que entre Atos 18:8 e 9, a situação tornou-se particularmente perigosa e difícil. Talvez Paulo estivesse pensando em deixar a cidade, quando o Senhor dirigiu-se a ele e lhe deu a segurança de que precisava.

É típico do Senhor nos falar quando estamos mais necessitados. Ele nos diz com ternura: "Não temas!" e, quaisquer que sejam as circunstâncias, suas palavras acalmam a tempestade em nosso coração. Foi assim que deu segurança a Abraão (Gn 15:1), Isaque (Gn 26:24) e Jacó (Gn 46:3), bem como a Josafá (2 Cr 20:15-17), Daniel (Dn 10:12, 19), Maria (Lc 1:30) e Pedro (Lc 5:10). Algumas passagens bastante apropriadas sobre as quais meditamos quando nos sentimos sozinhos e derrotados são Hebreus 13:5 e Isaías 41:10 e 43:1-7, e, depois de refletir sobre essas palavras, podemos nos apropriar, pela fé, da presença de Deus. Ele está conosco!

Quando era um rapaz, o famoso pregador inglês G. Campbell Morgan costumava ler a Bíblia todas as semanas para duas senhoras de idade. Uma noite, quando terminou de ler as últimas palavras de Mateus 28, Morgan disse às duas senhoras:

- Que promessa maravilhosa!

- Meu jovem - uma delas respondeu -, isso não é uma promessa, é uma certeza!

Jesus já havia aparecido a Paulo na estrada para Damasco (At 9:1-6; 26:12-18) e também lhe apareceria no templo (At 22:17, 18). Paulo seria encorajado novamente pelo Senhor quando estivesse preso em Jerusalém (At 23:11) e, posteriormente, em Roma (2 Tm 4:16, 17). O anjo do Senhor também apareceria a Paulo, em meio à tempestade, para garantir a segurança dos passageiros e da tripulação (At 27:23-25). Um dos nomes de Jesus é "Emanuel - Deus conosco" (Mt 1:23), e ele faz jus a esse nome.

Paulo foi encorajado não apenas pela presença do Senhor, mas também por suas promessas. Jesus garantiu a seu apóstolo que ninguém lhe faria mal e que ele conduziria muitos pecadores ao Salvador. A declaração: "Tenho muito povo nesta cidade" deixa implícita a doutrina da eleição divina, pois "o Senhor conhece os que lhe pertencem" (2 Tm 2:19). A Igreja de Deus é constituída de pessoas "[escolhidas] nele antes da fundação do mundo" (Ef 1:4; ver também At 13:48).

É importante observar que a soberania de Deus na eleição não restringe a responsabilidade humana no evangelismo. Muito pelo contrário! A eleição divina é um dos grandes estímulos à pregação do evangelho. Pelo fato de Paulo saber que Deus havia separado pessoas para serem salvas, permaneceu onde estava e pregou o evangelho com fé e coragem. A responsabilidade de Paulo era obedecer à comissão; a responsabilidade de Deus era salvar os pecadores. Se a salvação dependesse de seres humanos, todos os nossos esforços seriam em vão; mas uma vez que "Ao Senhor pertence a salvação" (Jn 2:9), podemos esperar que abençoe sua Palavra e que salve as almas perdidas.

De acordo com John Stott, em sua obra *God's new society [A nova sociedade de Deus]* (InterVarsity, p. 37): "Em momento algum as Escrituras revelam o mistério da eleição, e é preciso cuidado com qualquer um que tente sistematizar esse mistério com excessiva precisão ou rigor. É pouco provável

que encontremos uma solução simples para um problema que tem confundido as mentes mais brilhantes da cristandade há séculos".

O mais importante é aceitar a verdade de Deus e agir em função dela. Paulo não gastou tempo especulando sobre a soberania divina e a responsabilidade humana da forma como alguns cristãos, desligados da realidade, fazem hoje em dia. *Ele pôs mãos à obra e tentou ganhar almas para Cristo!* Não sabemos quem são os eleitos de Deus, de modo que levamos o evangelho a toda criatura e deixamos que Deus faça o resto. Certamente, não nos cabe discutir a eleição com os que não são salvos! D. L. Moody disse certa vez a alguns não convertidos: "A eleição divina lhes diz respeito tanto quanto o sistema de governo da China!"

Antes de passar para o tema seguinte, convém observar que é nossa responsabilidade pessoal nos certificarmos de que estamos entre os eleitos de Deus. "Por isso, irmãos, procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição" (2 Pe 1:10). Para os teóricos mais curiosos que perguntaram sobre o número de eleitos, Jesus respondeu: "Esforçai-vos por entrar pela porta estreita!" (Lc 13:23, 24). Em outras palavras: "O que você mais precisa é da salvação para sua vida, não de especulações sobre os outros! Certifique-se de que está salvo; então, falaremos dessas verdades maravilhosas".

Paulo permaneceu em Corinto, sabendo que Deus estava com ele e que pessoas seriam salvas. Apesar da oposição de Satanás durante aqueles dezoito meses de testemunho, Paulo experimentou muitas vitórias. A igreja não era constituída de muitos poderosos e nobres (1 Co 1:26-31), mas de pecadores cuja vida foi transformada pela graça de Deus (1 Co 6:9-11).

Lucas relata apenas um exemplo da proteção divina durante o ministério de Paulo em Corinto (At 18:12-17), mas, ainda assim, é um acontecimento significativo. A chegada de um novo procônsul encheu os judeus incrédulos de esperança de que Roma declarasse essa nova "seita cristã" ilegal. Transgrediram a lei atacando Paulo e o obrigando a

comparecer perante um tribunal. Não foi a primeira vez que judeus fanáticos tentaram provar que Paulo estava desobedecendo à lei romana (At 16:19-24; 17:6, 7).

Uma vez que era cidadão romano, Paulo estava preparado para se defender. No entanto, isso não foi necessário, pois Gálio defendeu Paulo! O procônsul percebeu imediatamente que a verdadeira situação não dizia respeito à aplicação da lei romana, mas à interpretação da religião judaica, de modo que se recusou a julgar o caso! Mas esse não foi o fim da questão. Os gregos que observavam a cena agarraram Sóstenes, o homem que substituiu Crispo como chefe da sinagoga, e o espancaram diante do procônsul. Sem dúvida, foi uma demonstração flagrante de anti-semitismo, mas Gálio fingiu que não viu. Se esse Sóstenes é a mesma pessoa que Paulo menciona em 1 Coríntios 1:1, então ele também se converteu - e os judeus tiveram de encontrar outro chefe para sua sinagoga! Seria interessante saber exatamente o que aconteceu. Teriam Paulo e alguns cristãos visitado Sóstenes e ministrado a ele? Talvez Crispo, seu antecessor, tenha ajudado a lavar suas feridas (ver At 16:33) e usado essa oportunidade para lhe falar do amor de Cristo.

A providência de Deus é estranha e maravilhosa! Os judeus tentaram forçar o procônsul romano a declarar a fé cristã ilegal, mas Gálio acabou fazendo justamente o contrário. Ao se recusar a julgar o caso, Gálio deixou claro que Roma não se envolveria com questões referentes às controvérsias religiosas dos judeus. No que lhe dizia respeito, Paulo e seus discípulos tinham tanto direito quanto os judeus de praticar sua religião e de compartilhá-la com outros.

No Livro de Atos, Lucas enfatiza a relação entre o governo romano e a Igreja cristã. Apesar de ser verdade que um conselho judeu proibiu os apóstolos de pregar (At 4:17-21; 5:40), não há qualquer evidência em Atos de que Roma tenha feito o mesmo. Aliás, em Filipos (At 16:35-40), Corinto e Éfeso (At 19:31), os governantes romanos mostraram-se não apenas tolerantes, mas também cooperativos. Paulo usou sua cidadania romana

com sabedoria e, assim, o governo trabalhou em seu favor, não contra ele. Além disso, o apóstolo teve o cuidado de não acusar o governo nem de tentar escapar de sua autoridade (At 25:10-12).

4. A VONTADE DE DEUS (AT 18:18-22)

Para Paulo, "Se Deus quiser" (At 18:21) era mais do que um lema religioso; era uma das forças e estímulos de sua vida e ministério. Conhecer e fazer a vontade de Deus é uma das bênçãos da vida cristã (At 22:14). Em algumas de suas cartas, Paulo afirma ser "chamado pela vontade de Deus para ser apóstolo de Jesus Cristo" (1 Co 1:1; 2 Co 1:1; Ef 1:1; Cl 1:1; 2 Tm 1:1). No momento mais crítico de sua vida e ministério, Paulo encontrou coragem na declaração: "Faça-se a vontade do Senhor!" (At 21:14).

Depois de 18 meses de ministério, Paulo entendeu que era a vontade de Deus que deixasse Corinto e voltasse para sua igreja em Antioquia. Seus amigos, Priscila e Áquila (Lucas varia a seqüência dos nomes), o acompanharam até Éfeso e ficaram lá quando partiu para Cesaréia. Em Atos 18:24, encontramos o relato sobre a igreja de Éfeso e o papel importante desse casal.

Cencrécia era o porto de Corinto, e já havia uma congregação de cristãos no local (Rm 16:1). Foi nessa cidade que Paulo raspou a cabeça "porque tomara voto". É provável que se trate de uma referência ao voto nazireu descrito em Números 6. Uma vez que o voto nazireu era de caráter absolutamente voluntário, ao fazê-lo, Paulo não estava abandonando a lei da graça. O voto não era uma questão de salvação, mas sim de devoção pessoal ao Senhor. Paulo deixou o cabelo crescer durante certo tempo e, então, o raspou ao completar o voto. Também se absteve de consumir o fruto da videira de qualquer forma.

O texto não diz por que Paulo fez esse voto. Talvez tenha sido parte de sua consagração especial a Deus nos dias difíceis do início do ministério em Corinto. Ou talvez tenha sido uma expressão de gratidão a Deus por tudo o que o Senhor havia feito por ele e por seus colaboradores. De acordo com a

Lei judaica, o voto nazireu deveria ser completado em Jerusalém com a oferta dos devidos sacrifícios. O cabelo era raspado no final do voto, não no começo, e não era necessário estar em Jerusalém para fazer o voto.

Lucas não diz quanto tempo Paulo permaneceu em Éfeso, mas fica claro que não foi uma estadia longa. Os judeus da cidade mostraram-se muito mais receptivos ao evangelho e pediram que Paulo ficasse lá, mas o apóstolo desejava ir a Jerusalém para completar seu voto e, em seguida, para Antioquia, a fim de colocar a igreja a par de seu ministério. No entanto, ele prometeu que voltaria, e cumpriu sua promessa (At 19:1).

Paulo desejava chegar a Jerusalém a tempo para uma das festas anuais, mas não devemos interpretar isso como sinal de que o apóstolo e os cristãos primitivos sentiam-se na obrigação de observar as festas judaicas (ver At 20:16). Sua presença em Jerusalém durante as festas (nesse caso, a Páscoa dos judeus) daria a Paulo a oportunidade de conhecer líderes judeus importantes vindos de todo o império romano e de testemunhar a eles. Também poderia ministrar aos

cristãos judeus que haviam voltado a sua terra natal.

Paulo ensinou claramente que a observância a festas religiosas não era uma forma de obter a salvação nem parte essencial da santificação (Gl 4:1-11). Os cristãos têm liberdade de seguir sua consciência, desde que não julguem os outros nem lhes sirvam de pedra de tropeço (Rm 14:1 - 15:7). Além disso, é importante lembrar a posição pessoal de Paulo com respeito a essas questões da prática judaica (1 Co 9:19-23).

Ao chegar a Cesaréia, Paulo subiu até Jerusalém e saudou os cristãos da cidade. Em seguida, foi a Antioquia e relatou a sua igreja de origem tudo o que Deus havia feito em sua segunda viagem missionária. O apóstolo havia passado pelo menos dois anos fora de Antioquia e, sem dúvida, os cristãos de lá ficaram extremamente felizes de vê-lo e ao ouvi-lo falar da obra de Deus entre os gentios.

Não há provas de que isso tenha acontecido, mas é bem possível que Paulo tenha lembrado aos cristãos de Antioquia em várias ocasiões: "É sempre cedo demais para desistir!" - fato do qual devemos nos lembrar hoje.

ENTUSIASMO EM ÉFESO

ATOS 18:23 – 19:41

Não sabemos quanto tempo Paulo ficou em Antioquia antes de partir para sua terceira viagem missionária, mas talvez tenha chegado a passar um ano ali. Em sua segunda viagem, o apóstolo visitou as igrejas e fortaleceu os cristãos. Lucas não descreve a terceira viagem em detalhes, pois seu propósito principal é mostrar como Paulo chegou a Éfeso e seu desejo é compartilhar com os leitores o ministério maravilhoso que Deus deu a Paulo nessa cidade estratégica, tão envolvida com a idolatria e o ocultismo.

Éfeso era a capital da província romana da Ásia e seu centro comercial mais importante, com uma população em torno de 300 mil habitantes. Graças a seu grande porto, Éfeso enriqueceu por meio do comércio e, graças ao templo de Diana, atraía inúmeros visitantes que desejavam ver uma das sete maravilhas do mundo.

É provável que, na época de Paulo, o templo tivesse cerca de 400 anos. O templo media cerca de 140 metros de comprimento por mais de 78 metros de largura; tinha cem colunas de quase 17 metros de altura. No recinto sagrado, ficava a “imagem sagrada” de Artêmis (Diana) que, supostamente, caíra do céu (At 19:35) e, de fato, talvez fosse um meteorito. Uma vez que Ártemis era a deusa da fertilidade, a prostituição cultual constituía parte importante de sua adoração, e centenas de sacerdotisas encontravam-se disponíveis no templo.

Os três anos que Paulo ficou em Éfeso (At 20:31) – sua estadia mais longa em qualquer cidade – foram, sem dúvida, emocionantes e produtivos. Vejamos algumas das

pessoas com as quais se encontrou durante este ministério.

1. UM HOMEM COM UMA MENSAGEM INCOMPLETA (AT 18:23-28)

Quando Paulo partiu de Éfeso a fim de ir para Jerusalém, deixou na cidade seus amigos Áqüila e Priscila para que dessem testemunho na sinagoga. Podemos apenas imaginar a surpresa deles quando, certo sábado, ouviram um mestre judeu chamado Apolo ensinar as mesmas verdades nas quais eles criam e que também ensinavam!

Sem dúvida, Apolo era um homem excepcional em vários sentidos. Era de Alexandria, a segunda cidade mais importante do império romano. Centro de educação e de filosofia, a cidade fora fundada por Alexandre, o Grande (daí o seu nome) e possuía uma universidade com uma biblioteca contendo quase 700 mil livros. A população de Alexandria (cerca de 600 mil habitantes) era extremamente cosmopolita, constituída de egípcios, romanos, gregos e judeus. Pelo menos um quarto da população era de judeus, e a comunidade judaica era bastante influente.

Apolo conhecia bem as Escrituras do Antigo Testamento e as ensinava com eloquência e poder. Tinha um espírito fervoroso e era diligente em sua apresentação da mensagem. Possuía ousadia suficiente para entrar na sinagoga e pregar aos judeus. O único problema era que esse homem cheio de entusiasmo proclamava um evangelho incompleto. Sua mensagem só chegava até João Batista! Não sabia coisa alguma acerca do Calvário, da ressurreição de Cristo nem da vinda do Espírito em Pentecostes. Apesar de seu zelo, faltava-lhe conhecimento espiritual (Rm 10:1-4).

O ministério de João Batista foi parte importante do plano da redenção. Deus enviou João a fim de preparar a nação de Israel para seu Messias (Jo 1:15-34). O batismo de João era um batismo de arrependimento: os que eram batizados olhavam para o Messias que estava por vir (At 19:4). João também proclamava o batismo futuro do Espírito Santo (Mt 3:11; Mc 1:8), que se deu

no dia de Pentecostes (At 1:5). Apolo conhecia as promessas, mas não sabia de seu cumprimento.

Afinal, de onde Apolo tirou sua mensagem? Uma vez que Alexandria era um centro acadêmico famoso, é possível que alguns dos discípulos de João Batista (Mt 14:12; Lc 11:1) tenham ido para lá, enquanto Cristo ainda ministrava na Terra, e que tenham compartilhado com os judeus tudo o que sabiam. O termo "instruído", em Atos 18:25, significa "catequizado" e indica que Apolo recebeu instrução formal acerca das Escrituras. Essa instrução, porém, limitava-se aos fatos sobre o ministério de João Batista. A mensagem de Apolo não era incorreta nem insincera, apenas incompleta.

Quando viajo para dar palestras em congressos, quem faz todo o planejamento do roteiro e do caminho é minha esposa (consigo me perder até em um estacionamento!). Em uma de nossas viagens, ficamos confusos quando não encontramos certa estrada. Foi quando descobrimos que nosso mapa estava desatualizado! Assim que conseguimos um mapa novo, tudo deu certo. Apolo tinha um mapa antigo, que fora exato por algum tempo, mas agora precisava encarecidamente de um mapa novo. Assim, Priscila e Áquila contaram-lhe as novidades.

O casal não o instruiu em público, pois isso só teria confundido os judeus. Convidaram-no para o jantar de sábado na casa deles e lhe falaram de Jesus Cristo e da vinda do Espírito Santo. Conduziram-no a um conhecimento mais profundo de Cristo e, no sábado seguinte, Apolo voltou à sinagoga e contou aos judeus o resto da história! Seu ministério foi tão eficaz que os cristãos de Éfeso o recomendaram com muitos elogios para as igrejas da Acaia. Lá, ele não apenas fortaleceu os santos, como também debateu com judeus incrédulos e convenceu vários deles de que Jesus Cristo é o Messias.

Apolo ministrou durante algum tempo na igreja de Corinto (At 19:1), onde sua erudição e eloquência chamaram a atenção (1 Co 1:12; 3:4-6, 22; 4:6). É triste que uma "panelinha" tenha se formado ao redor dele e

contribuído para causar divisão na igreja, pois, sem dúvida, Apolo era amigo de Paulo e seu colaborador de confiança (1 Co 16:12; Tt 3:13).

2. DOZE HOMENS COM UM TESTEMUNHO INCOERENTE (AT 19:1-10)

Quando Paulo voltou a Éfeso, encontrou doze homens que se diziam "discípulos" cristãos, mas cuja vida demonstrava que faltava algo. Paulo lhes perguntou: "Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes?" (At 19:2). Trata-se de uma pergunta importante, pois o *testemunho do Espírito é uma das provas indispensáveis de que uma pessoa verdadeiramente nasceu de novo* (Rm 8:9, 16; 1 Jo 5:9-13), e recebemos o Espírito quando cremos em Jesus Cristo (Ef 1:13).

Sua resposta revelou a falta de clareza e de firmeza de sua fé, pois nem sequer sabiam que o Espírito Santo havia sido concedido! Como discípulos de João Batista, tinham conhecimento da existência do Espírito Santo e sabiam que o Espírito batizaria o povo de Deus (Mt 3:11; Lc 3:16; Jo 1:32, 33). É possível que esses homens fossem alguns dos primeiros "convertidos" de Apolo e que, portanto, não compreendessem plenamente o que Cristo havia feito.

Por que Paulo perguntou a eles sobre o batismo? Porque, no Livro de Atos, a experiência de batismo da pessoa indica sua experiência espiritual. Atos 1 a 10 registra um período de transição entre o ministério dos apóstolos aos judeus e seu ministério aos gentios. Durante esse período de transição, Pedro usou as "chaves do reino" (Mt 16:19) e abriu a porta da fé aos judeus (At 2), aos samaritanos (At 8:14ss) e, por fim, aos gentios (At 10).

É importante observar que o padrão usado por Deus hoje é apresentado em Atos 10:43-48: os pecadores ouvem a Palavra, creem em Jesus Cristo, recebem o Espírito imediatamente e, em seguida, são batizados. Os gentios de Atos 10 não receberam o Espírito pela água do batismo nem pela imposição das mãos dos apóstolos (At 8:14-17).

O fato de esses homens não terem o Espírito habitando dentro deles comprovava

que, na verdade, não eram nascidos de novo. No entanto, haviam sido batizados com o batismo de João, o mesmo batismo que os apóstolos haviam recebido (ver At 1:21, 22)! O que havia de errado com eles?

Há quem diga que esses homens já eram salvos, mas que lhes faltava a plenitude do Espírito. Por isso, Paulo explicou-lhes como ser “batizados pelo Espírito” e, assim, tiveram uma vida vitoriosa. Mas não é isso o que diz o relato bíblico. Paulo sentiu que esses homens não tinham o testemunho do Espírito em sua vida e que, portanto, não eram convertidos. Por certo, o apóstolo não discutiria a plenitude do Espírito com não salvos! Fica claro que esses doze homens haviam sido batizados e procuravam ser religiosos, mas lhes faltava algo. Infelizmente, temos pessoas exatamente como eles em nossas igrejas hoje!

Paulo explicou-lhes que o batismo de João era um batismo de arrependimento que *olhava para o futuro*, para a vinda do Messias prometido, enquanto o batismo cristão era um batismo que *olhava para o passado*, para a obra consumada de Cristo na cruz e para sua ressurreição vitoriosa. O batismo de João estava do “outro lado” do Calvário e de Pentecostes. Foi correto em seu devido tempo, mas esse tempo havia terminado.

Convém lembrar que João Batista foi um profeta que ministrou debaixo da antiga dispensação (Mt 11:7-14). A antiga aliança fora encerrada não por João no rio Jordão, mas por Jesus Cristo, no Calvário (Hb 10:1-18). O batismo de João foi importante para os judeus de sua época (Mt 21:23-32), mas não vale mais para a Igreja hoje. Em certo sentido, bastante real, esses homens eram como os “fiéis do Antigo Testamento” que aguardavam a vinda do Messias. Por certo, Paulo lhes explicou várias verdades fundamentais que Lucas não registrou em seu relato. Então, ele os batizou, pois seu primeiro batismo não foi, verdadeiramente, um batismo cristão.

Por que foi necessário a Paulo impor as mãos sobre esses homens a fim de que recebessem o Espírito Santo? Não estava, com isso, contradizendo a experiência de Pedro

em Atos 10:44-48? Não, se nos lembrarmos de que se tratava de um grupo especial de homens que ajudariam a fundar a igreja de Éfeso. Ao usar Paulo para transmitir o dom do Espírito, Deus afirmou a autoridade apostólica de Paulo e uniu a igreja de Éfeso a outras igrejas, bem como à “igreja mãe” em Jerusalém. Quando Pedro e João impuseram as mãos sobre os cristãos samaritanos, uniram-nos à igreja de Jerusalém e fecharam a fenda que, havia séculos, separava judeus e gentios.

Aquilo que Deus fez por esses doze homens por intermédio de Paulo não é normativo para a Igreja de hoje. Sabemos disso porque tal procedimento não se repetiu. Todos os que se converteram em Éfeso durante o ministério de Paulo receberam o dom do Espírito Santo *quando creram no Salvador*. Paulo deixa tal fato claro em Efésios 1:13, 14, e esse é o padrão para hoje.

Em Atos 19:6, vemos o último caso da manifestação do dom de línguas no Livro de Atos. Os cristãos falaram em línguas em Pentecostes e louvaram a Deus, e seus ouvintes reconheceram essas línguas como sendo seus próprios idiomas (At 2:4-11), não alguma “língua celestial”. Os cristãos gentios na casa de Cornélio também falaram em línguas (At 10:44-46), e sua experiência foi idêntica àquela dos judeus em Atos 2 (ver At 11:15). Trata-se de um fato de relevância histórica, uma vez que o Espírito batizava tanto judeus (At 2) quanto gentios (At 10), de modo a constituírem o corpo de Cristo (ver 1 Co 12:13).

Hoje, o dom de línguas não é evidência do batismo do Espírito Santo nem da plenitude do Espírito. Paulo perguntou: “Falamos todos em outras línguas?” (1 Co 12:30), e a estrutura gramatical, no grego, exige uma resposta negativa. Quando Paulo escreveu a seus amigos de Éfeso sobre a plenitude do Espírito Santo, não fez qualquer menção das línguas (Ef 5:18ss). Em parte alguma das Escrituras somos admoestados a buscar o batismo do Espírito Santo ou o dom de línguas, mas a Bíblia ordena que sejamos cheios do Espírito. Convém ler a epístola de Paulo à igreja de Éfeso e observar as diversas referências

ao Espírito Santo de Deus e sua obra na vida do cristão.

3. SETE HOMENS COM UM PODER INADEQUADO (AT 19:11-20)

É impressionante que Paulo tenha conseguido testemunhar na sinagoga por três meses antes de ser impedido de continuar esse trabalho. Sem dúvida, o ministério fiel de Áqüila e Priscila contribuiu de maneira significativa para esse sucesso. Todavia, a dureza do coração começou a aparecer (Hb 3:7ss), de modo que Paulo deixou a sinagoga e transferiu seu ministério para uma sala de aula, levando consigo seus discípulos. É provável que usasse a sala "fora do expediente" (das 11 da manhã às 4 da tarde), quando muitos ainda estavam descansando. Paulo ministrou dessa forma por mais ou menos dois anos, "dando ensejo a que todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos" (At 19:10).

Por certo, foi um ministério vitorioso! Ao que parece, todos sabiam o que Paulo dizia e fazia (ver At 19:17, 20)! Até os inimigos de Paulo eram obrigados a reconhecer que a Palavra se espalhava e que as pessoas estavam sendo salvas (At 19:26). Dois fatores possibilitaram que isso ocorresse: o testemunho dos cristãos ao irem de um lugar para outro e os "milagres extraordinários" que Deus permitiu que Paulo realizasse em Éfeso (At 19:11).

Ao longo da história bíblica, encontramos três períodos especiais de milagres: (1) o tempo de Moisés; (2) o tempo de Elias e de Eliseu; e (3) o tempo de Jesus e de seus apóstolos. Cada um desses períodos durou menos de cem anos, e é evidente que nem todos os milagres foram registrados (ver Jo 20:30, 31).

Quando Jesus operava milagres, costumava ter em mente pelo menos três propósitos: (1) demonstrar sua compaixão e suprir necessidades humanas; (2) ensinar uma verdade espiritual; e (3) mostrar que era, de fato, o Messias. Os apóstolos seguiram as mesmas diretrizes. Na verdade, sua capacidade de operar milagres era uma

das provas da autoridade apostólica (Mc 16:20; Rm 15:18, 19; 2 Co 12:12; Hb 2:1-4). Os milagres, *por si mesmos*, não salvam os pecadores (Lc 16:27-31; Jo 2:23-25). Devem estar ligados à mensagem da Palavra de Deus.

Deus permitiu que Paulo operasse "milagres extraordinários", pois Éfeso era um centro de ocultismo (At 19:18, 19), e Paulo demonstrava o poder de Deus bem dentro do território de Satanás. No entanto, é importante lembrar que, onde quer que o povo de Deus ministre a verdade, Satanás envia suas falsificações para se opor a essa obra. Jesus ensinou essa verdade na Parábola do Joio e do Trigo (Mt 13:24-30, 36-43); Pedro passou por essa experiência em Samaria (At 8:9ss), e Paulo em Pafos (At 13:4-12). Satanás imita tudo o que o povo de Deus faz, pois sabe que o mundo perdido não é capaz de distinguir uma coisa da outra (2 Co 11:13-15).

Não era incomum que os sacerdotes judeus tentassem expulsar demônios (Lc 11:19), mas era raro usarem o nome de Jesus Cristo. Uma vez que esses homens não tinham um relacionamento pessoal com o Salvador, também precisaram invocar o nome de Paulo, mas seu artifício não funcionou. O demônio respondeu: "Conheço a Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?" Então o homem endemoninhado atacou os sete sacerdotes e os fez fugir da casa onde estavam.

Caso esse exorcismo houvesse funcionado, teria desacreditado o nome de Jesus Cristo e o ministério da igreja em Éfeso. (Paulo se deparou com uma situação semelhante em Filipos; ver At 16:16ss). Deus, porém, usou esse artifício dos sacerdotes para tocar o coração de cristãos ainda envolvidos com o ocultismo. Em vez de infamar o nome de Jesus, esse acontecimento levou a Palavra de Deus a se espalhar ainda mais rapidamente.

O tempo dos verbos em Atos 19:18 indica que o povo "continuou crendo [...] continuou confessando [...] continuou denunciando publicamente...". Ao que parece, esses cristãos não se livraram inteiramente do pecado e

ainda se dedicavam à prática da magia, mas o Senhor tratou dessa questão. O valor total dos livros de artes mágicas queimados era equivalente ao salário anual de 150 homens! Esses cristãos não se apegaram a seus objetos caros, mas se arrependeram e deixaram seu pecado.

4. UMA TURBA DE CIDADÃOS INDIGNADOS (AT 19:21-41)

Em Atos 19:21, encontramos a primeira menção do plano de Paulo de ir a Roma. A execução desse plano é descrita na última terça parte do Livro de Atos. Em breve, Paulo escreveria aos cristãos de Roma e lhes expressaria o seu desejo (Rm 1:13-15; 15:22-29). Antes, porém, precisava visitar as igrejas na Macedônia e Acaia, a fim de completar a “oferta de amor” que levantava para os cristãos necessitados em Jerusalém (At 24:17; Rm 15:25-33; 1 Co 16:3-7). Enquanto permaneceu em Éfeso (1 Co 16:8, 9), enviou Timóteo para ajudá-lo a concluir esse trabalho (1 Co 4:17; 16:10, 11).

Foi a essa altura que Satanás atacou novamente, não como enganador (2 Co 11:3, 4), mas como destruidor (1 Pe 5:8) e homicida (Jo 8:44). Satanás incitou uma associação de ourives para que fizessem um protesto público contra Paulo e o evangelho. Talvez Paulo estivesse se referindo a esse tumulto quando escreveu: “lutei em Éfeso com feras” (1 Co 15:32). O inimigo fora repetidamente derrotado ao longo dos três anos do ministério de Paulo em Éfeso. Teria sido o golpe de mestre de Satanás culminar esse ministério com um ataque organizado envolvendo toda a cidade e, possivelmente, resultando na prisão e até mesmo na execução de Paulo.

Em toda parte onde o evangelho é pregado em poder, sofrerá a oposição de pessoas que ganham dinheiro com a superstição e o pecado. Paulo não suscitou a oposição dos ourives fazendo manifestações diante do templo de Diana ou organizando comícios contra a idolatria. Tudo o que fez foi ensinar a verdade diariamente e enviar os convertidos para dar testemunho aos não salvos da cidade. À medida que os cidadãos foram

se convertendo, os ourives foram perdendo a clientela.

“Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males” (1 Tm 6:10). Demétrio e seus ourives promoviam a idolatria e a imoralidade a fim de garantir o próprio sustento, enquanto Paulo proclamava o verdadeiro Deus vivo e conduzia as pessoas à purificação e à santidade mediante a graça de Deus. Os ourives estavam mais preocupados com seu trabalho e com seus lucros do que com Diana e seu templo, mas tiveram a astúcia de não deixar suas verdadeiras motivações transparecerem.

Nas palavras de Benjamin Franklin, uma turba é “um monstro com uma porção de cabeças, mas sem nenhum cérebro”. Como é triste quando as pessoas se deixam levar por um pequeno grupo de líderes egoístas que dominam a arte da manipulação! Demétrio usou as duas coisas que os efésios mais apreciavam: a honra da cidade e a magnificência de sua deusa e de seu templo. Sem a ajuda do rádio, da televisão ou do jornal, começou a espalhar sua propaganda e, em pouco tempo, causou grande rebuliço na cidade toda.

Na obra *The unfinished country [O país inacabado]*, Max Lerner comenta: “Em sua ignorância, cegueira e confusão, toda multidão é uma Liga de Homens Assustados à procura de segurança na ação coletiva”. Foi uma “multidão religiosa” que gritou “Crucifica-o! Crucifica-o!” a Pilatos e, por fim, conseguiu o que queria. Se essa turba de efésios tivesse conseguido o que queria, Paulo teria sido preso e executado antes que a lei interferisse para protegê-lo.

A multidão confusa – cerca de 25 mil pessoas gritando – encheu o anfiteatro; a maioria nem sabia o que estava acontecendo nem por que estava lá. Uma vez que não conseguiram achar Paulo, os homens revoltados agarram os colaboradores do apóstolo – Gaio (não o Gaio de At 20:4; Rm 16:23; 1 Co 1:14) e Aristarco (At 20:4). Paulo quis entrar no anfiteatro – que oportunidade maravilhosa de pregar o evangelho! –, mas os cristãos e alguns líderes da cidade agiram com sabedoria e o aconselharam a manter-se afastado (At 19:30, 31).

O preconceito racial não tardou a entrar em cena, quando um judeu chamado Alexandre tentou se dirigir à multidão (At 19:33, 34). Sem dúvida, desejava explicar que os moradores judeus de Éfeso não apoiavam a mensagem nem o ministério de Paulo e, portanto, não deveriam ser usados como bodes expiatórios só para satisfazer a multidão. Mas a simples presença desse homem instigou a turba que, por mais de duas horas, não fez outra coisa senão gritar: "Grande é a Diana dos efésios!" A multidão sabia que os judeus não aceitavam a idolatria e não prestavam culto a Diana. A única coisa que protegia os judeus era a lei romana, que lhes garantia liberdade religiosa.

Foi um escrivão da cidade que, finalmente, conseguiu controlar a situação e o fez, principalmente, por motivos políticos. Com a permissão de Roma, Éfeso era uma "cidade livre" com a própria assembleia eleita, mas os romanos teriam aceitado, de bom grado, qualquer pretexto para remover esses privilégios (At 19:40). A fim de acalmar a multidão e de tranquilizá-la, o escrivão usou a mesma tática que os ourives haviam empregado para começar o tumulto: apelou para a grandeza da cidade e de sua deusa.

Lucas registra a declaração oficial de que os cristãos eram inocentes de qualquer crime, público (At 19:37) ou privado (At 19:38). Paulo recebeu essa mesma "aprovação oficial" em Filipos (At 16:35-40) e em Corinto (At 18:12-17), e voltaria a recebê-la depois de sua prisão em Jerusalém. Ao longo de

todo o Livro de Atos, Lucas deixa claro que a perseguição contra a igreja foi incitada por judeus incrédulos, não por romanos. Tanto que Paulo usou sua cidadania romana para proteger a si mesmo, a seus amigos e às congregações locais.

A multidão foi dispensada e, sem dúvida, muitos voltaram para casa parabenizando-se por terem defendido com sucesso sua grande cidade e sua deusa célebre. É de duvidar que um número razoável tenha questionado a veracidade de sua religião ou tomado o propósito de examinar o que Paulo vinha pregando havia três anos. É muito mais fácil crer em uma mentira e seguir a multidão.

Mas Éfeso não existe mais, nem a adoração em grande escala da deusa Diana dos efésios. A cidade e o templo desapareceram. Hoje, Éfeso recebe a visita principalmente de arqueólogos e grupos de turismo da Terra Santa. No entanto, o evangelho da graça de Deus e a Igreja de Jesus Cristo permanecem! Temos quatro cartas inspiradas enviadas aos cristãos de Éfeso: Efésios, 1 e 2 Timóteo e Apocalipse 2:1-7. O nome de Paulo é honrado, mas o nome de Demétrio foi esquecido (se não fosse por Paulo, sequer saberíamos de Demétrio!).

A Igreja ministra pela persuasão, não pela propaganda. Compartilhamos a verdade de Deus, não as mentiras religiosas de homens. Nossa motivação é o amor, não a ira; a glória de Deus, não o louvor dos homens. Por isso a Igreja continua a existir, e devemos fazer nossa parte para preservá-la.

A DESPEDIDA DE UM MINISTRO

ATOS 20

Na última terça parte do livro de Atos, Lucas registra a viagem de Paulo a Jerusalém, sua prisão nessa cidade e sua viagem a Roma. O Evangelho de Lucas segue padrão semelhante, uma vez que Lucas descreve a viagem de Jesus a Jerusalém para morrer (Lc 9:53; 13:33; 18:31; 19:11, 28). Assim como Jesus “manifestou no semblante a intrépida resolução de ir para Jerusalém” e de fazer a vontade do Pai (Lc 9:51; Is 50:7), também Paulo decidiu pagar qualquer preço para completar sua carreira com alegria (At 20:24).

Este capítulo descreve três “acontecimentos de despedida”, quando Paulo encerrou seu ministério na Macedônia, Acaia e Ásia.

1. UMA VIAGEM DE DESPEDIDA (AT 20:1-5)

“Não creio que volte a visitar este país!” D. L. Moody fez essa declaração em 1867 ao realizar sua primeira viagem para a Inglaterra. Sentiu-se tão mareado durante a viagem, que decidiu nunca mais entrar num navio; mas com ou sem enjôo, voltou mais cinco vezes à Inglaterra.

Paulo estava pronto para outra viagem. Desejava visitar pelo menos mais uma vez todas as igrejas que o Senhor o havia ajudado a fundar, pois era um homem que se preocupava com o rebanho. “A preocupação com todas as igrejas” era sua maior alegria e também seu fardo mais pesado (2 Co 11:23-28).

Depois do tumulto, Paulo saiu de Éfeso e rumou para a Macedônia e para a Acaia (ver At 19:21). Esperava encontrar-se com Tito em Trôade e receber um relato dos problemas

em Corinto, mas Tito não apareceu (2 Co 2:12, 13). Por fim, os dois se encontraram na Macedônia, e Paulo se regozijou ao ouvir as boas notícias que Tito lhe transmitiu (2 Co 7:5-7). A princípio, Paulo havia planejado fazer mais duas visitas a Corinto (2 Co 1:15, 16), mas, em vez disso, visitou a cidade apenas mais uma vez, permanecendo lá por três meses (At 20:3; 1 Co 16:5, 6). Foi durante essa visita que escreveu a Epístola aos Romanos.

Paulo tinha em mente dois objetivos ao visitar as diversas igrejas. Seu propósito principal era encorajar e fortalecer os cristãos para que se mantivessem firmes no Senhor e testemunhassem de Cristo com eficácia. Seu segundo propósito era terminar de levantar a oferta aos cristãos necessitados em Jerusalém (Rm 15:25-27; 1 Co 16:1-9; 2 Co 8 - 9). Os homens que o acompanharam (At 20:4) eram representantes das igrejas, nomeados para viajar com Paulo e ajudar a cuidar da oferta (2 Co 8:18-24).

Paulo foi obrigado a mudar de planos novamente, dessa vez por causa de uma conspiração dos judeus para matá-lo no mar. Em vez de navegar para Corinto, viajou por terra, passando pela Acaia e Macedônia e tomando um navio de Filipos para Trôade, onde sua “equipe” havia combinado de se encontrar. Uma vez que não gosto de viagens nem de mudanças nos planos, admiro Paulo por sua coragem, perseverança e flexibilidade. Apesar das complicações e atrasos nas viagens de hoje, tudo é muito mais fácil do que no tempo de Paulo - e ainda assim nos queixamos! Ele seguiu avante!

2. UM CULTO DE DESPEDIDA (AT 20:6-12)

Paulo não conseguiu chegar a Jerusalém em tempo para a festa anual da Páscoa dos judeus, de modo que planejou estar na cidade pelo menos para Pentecostes (At 20:16). Devemos observar a mudança de pronomes para a primeira pessoa do plural, uma vez que Lucas juntou-se ao grupo a essa altura da viagem (ver At 16:17). É provável que estivesse ministrando em Filipos, de onde passou a acompanhar Paulo durante a última

parte da viagem. Paulo deve ter se alegrado por poder estar novamente na companhia de Lucas, Tito e Timóteo. Os missionários passaram uma semana em Trôade para desfrutar a comunhão com os cristãos desse local. É possível que também estivessem aguardando a partida do próximo navio.

Lucas apresenta um relato sucinto de um culto na igreja de Trôade, a partir do qual podemos ver como os cristãos daquele local reuniam-se e adoravam ao Senhor. Consideremos os elementos desse relato.

O Dia do Senhor. Para começar, se reuniam no primeiro dia da semana, não no sétimo dia, que era o *shabbath* (ver também 1 Co 16:1, 2). O primeiro dia passou a ser chamado de “Dia do Senhor”, pois foi nele que o Senhor Jesus Cristo ressurgiu dentre os mortos (Ap 1:10). Também devemos nos lembrar de que a Igreja nasceu no primeiro dia da semana, quando o Espírito veio em Pentecostes. Durante os primeiros anos da Igreja, os cristãos mantiveram algumas das tradições judaicas, como os horários de oração (At 3:1). Mas, com o passar do tempo, foram deixando o calendário mosaico e desenvolvendo os próprios padrões de culto, à medida que eram instruídos pelo Espírito Santo.

O povo do Senhor. A igreja reunia-se à noite, uma vez que o domingo não era um dia de folga no qual as pessoas estavam liberadas de seus trabalhos diários. Por certo, alguns dos cristãos eram escravos e não podiam ir à reunião até que tivessem terminado todo o trabalho. Os cristãos encontravam-se em um cenáculo, pois não tinham um templo para a igreja. É possível que esse espaço fizesse parte da casa de algum dos membros da congregação que, por sua vez, deveria ser um grupo cosmopolita. No entanto, as distinções nacionais e sociais de seus membros não faziam diferença alguma: eram todos “um em Cristo Jesus” (Gl 3:28).

A Ceia do Senhor. A Igreja primitiva realizava uma refeição comunitária chamada *ágape* ou “refeição de comunhão”, depois da qual observava a Ceia do Senhor (At 2:42; 1 Co 11:17-34). O ato de “partir o pão”, em

Atos 20:7, se refere à Ceia do Senhor, enquanto em Atos 20:11 descreve uma refeição comum. Ao compartilhar e comer juntos, os membros da igreja desfrutavam comunhão e também davam testemunho de sua unidade em Cristo. Os escravos, por exemplo, comiam na mesma mesa que seus senhores, algo absolutamente extraordinário naquele tempo.

É bem possível que a igreja observasse a Ceia do Senhor a cada Dia do Senhor, quando se encontravam para ter comunhão e adorar. Na verdade, alguns cristãos provavelmente terminavam muitas das refeições no próprio lar comendo o pão e bebendo o vinho em memória da morte do Senhor. Apesar de as Escrituras não apresentarem instruções específicas quanto a essa prática (“todas as vezes”; 1 Co 11:26), o exemplo da Igreja primitiva é um incentivo para nos encontrarmos à mesa do Senhor com frequência. A Ceia, porém, não deve se tornar apenas uma rotina, pois, desse modo, perderíamos as bênçãos envolvidas.

A mensagem do Senhor. A Palavra de Deus era proclamada em todas as reuniões dos cristãos e incluía a leitura em voz alta das Escrituras do Antigo Testamento (1 Tm 4:13) bem como de quaisquer cartas apostólicas que a igreja tivesse recebido (Cl 4:16). É triste ver como a Palavra é deixada de fora dos cultos hoje em dia. Sabendo que aquela, provavelmente, seria sua última reunião com os cristãos em Trôade, Paulo pregou um longo sermão, depois do qual comeu e conversou com o povo até o amanhecer. Duvido que alguém tenha se queixado. Que bom seria se pudéssemos ter estado lá para ouvir o apóstolo Paulo pregar!

A Palavra de Deus é importante para o povo de Deus, e a pregação e o ensino da Palavra devem sempre ser enfatizados. A igreja se reúne para a edificação e também para a celebração, e essa edificação se dá por meio da Palavra. “Prega a Palavra”: essa ainda é a admoestação de Deus aos líderes espirituais (2 Tm 4:2). De acordo com D. Martyn Lloyd-Jones: “Os períodos e eras decadentes da história da Igreja sempre foram aqueles nos quais a pregação entrou em

declínio" (*Preachers and preaching [Pregadores e a pregação]*, Zondervan, p. 24).

O poder do Senhor. Quer tenha sido a hora avançada ou o lugar abafado (mas certamente não por enfado do sermão de Paulo!), Êutico ("Afortunado") adormeceu e sofreu uma queda fatal de uma das janelas do cenáculo. Mas Paulo o ressuscitou dentre os mortos, e a igreja foi consolada. O poder de Deus estava presente e operante em seu povo.

Quantos anos tinha Êutico? O termo grego *neanias* usado em Atos 20:9 se refere a um homem com idade entre 24 e 40 anos. O termo *paida*, em Atos 20:12, é usado para uma criança ou um adolescente. De acordo com Howard Marshall, estudioso proeminente da língua grega, Êutico "era um jovem de 8 a 14 anos de idade". Uma vez que a palavra *paida* pode significar "servo", é possível que o menino também fosse um servo. Talvez tivesse trabalhado muito durante o dia e estivesse cansado, de modo que não causa espanto ter adormecido durante o longo sermão!

Não devemos julgar esse jovem com severidade. Pelo menos foi à reunião e tentou ficar acordado. Sentou-se em um local ventilado e deve ter se esforçado para não cochilar, mas acabou sendo vencido pelo sono. O tempo verbal no grego indica que adormeceu aos poucos, não que caiu no sono de repente.

Além disso, também não devemos ser duros demais com Paulo. Afinal, estava pregando seu sermão de despedida e tinha muito o que dizer para o próprio bem daquela congregação. Os que estavam sentados perto de Êutico deveriam ter prestado atenção no jovem, mas é evidente que estavam absortos com as palavras de Paulo. De qualquer modo, Paulo interrompeu seu sermão e se apressou até o piso térreo para trazer o jovem de volta à vida. Sua abordagem lembra Elias (1 Rs 17:21, 22) e Eliseu (2 Rs 4:34, 35).

Talvez devêssemos nos perguntar: "O que nos faz ficar acordados?" Cristãos que cochilam durante um culto de uma hora, de algum modo conseguem ficar acordados

quando estão pescando logo cedo, assistindo esportes, *shows* ou programas de televisão que se estendem até tarde da noite. Além disso, devemos nos preparar fisicamente para o culto congregacional, a fim de estarmos nas melhores condições possíveis.

Como disse Spurgeon: "Lembrem-se de que, se adormecermos durante o sermão e morrermos, não teremos apóstolo algum para nos trazer de volta à vida!"

3. UMA MENSAGEM DE DESPEDIDA (At 20:13-38)

Paulo decidiu caminhar de Trôade até Assôs, um percurso de cerca de 30 quilômetros. O que o levou a fazer isso? Em primeiro lugar, essa decisão permitiu que passasse mais tempo com os cristãos em Trôade, enquanto Lucas e o restante da equipe iam adiante (At 20:13). O navio deveria levar pelo menos um dia para atravessar de Trôade a Assôs, e Paulo provavelmente poderia fazer o percurso por terra em menos de dez horas. Além disso, é bem possível que Paulo também desejasse passar algum tempo sozinho para conversar com o Senhor sobre sua viagem a Jerusalém. O apóstolo deve ter sentido que tinha muitos dias difíceis pela frente. É possível que também estivesse refletindo sobre a mensagem que pregaria aos presbíteros de Éfeso. Por fim, o exercício, sem dúvida, lhe faria bem! Até mesmo apóstolos inspirados precisavam cuidar do corpo. Pessoalmente, prefiro caminhar a viajar de navio!

Pentecostes (At 20:16) era comemorado cinquenta dias depois da Páscoa dos judeus (At 20:6), e Paulo já havia gasto doze desses dias em sua viagem de Filipos a Trôade (At 20:6). Uma vez que o apóstolo levou mais quatro dias para chegar a Mileto, decidiu não passar por Éfeso a fim de não perder mais tempo valioso. Antes, convidou os líderes da igreja de Éfeso a viajarem cerca de 50 quilômetros e se encontrarem com ele em Mileto, onde o navio esperava para descarregar e, depois, receber sua nova carga. Paulo não era de perder tempo nem de desperdiçar oportunidades.

No Livro de Atos, Lucas relata oito mensagens apresentadas pelo apóstolo Paulo a

diversas pessoas: a congregação de uma sinagoga judaica (At 13:14-43); gentios (At 14:14-18; 17:22-34); líderes da igreja (At 20:17-38); uma multidão de judeus (At 22:1-21); o conselho judeu (At 23:1-10); e vários governantes (At 24:10-21; 26:1-32). Seu discurso aos presbíteros de Éfeso é singular, uma vez que mostra Paulo não como evangelista ou defensor da fé, mas como pastor. Essa mensagem permite vislumbrar o modo que Paulo ministrou em Éfeso durante três anos.

O termo traduzido por “presbíteros” é a palavra grega *presbuteros*, que se refere a uma pessoa madura escolhida para servir em um cargo (At 14:23). Essas mesmas pessoas são chamadas de “bispos” em Atos 20:28, texto em que é usado o termo grego *episkopos*. Foram escolhidos para “pastorear” (At 20:28). Paulo referiu-se à igreja como um “rebanho” (At 20:28, 29), de modo que esses homens também eram pastores. Assim, nas igrejas do Novo Testamento, as designações *presbítero*, *bispo* e *pastor* eram sinônimas. As qualificações para essa função são apresentadas em 1 Timóteo 3:1-7 e em Tito 1:5-9:

A mensagem de despedida de Paulo pode ser dividida em três partes. Primeiro, recapitulou o passado (At 20:18-21); em seguida, falou sobre o presente (At 20:22-27); por fim, se referiu ao futuro (At 20:28-35). Na primeira parte, enfatizou sua fidelidade ao Senhor e à igreja ao ministrar durante três anos em Éfeso. A segunda seção revela os sentimentos de Paulo tanto em vista do passado quanto do futuro. Na terceira parte, advertiu-os sobre os perigos enfrentados pela igreja.

Uma recapitulação do passado (vv. 18-21). Em seu ministério, Paulo não trabalhava de maneira gradual, como um diplomata tentando sentir primeiro onde pisava. “Desde o primeiro dia”, se entregou sem qualquer restrição à obra do Senhor em Éfeso, pois Paulo era um embaixador, não um diplomata.

O motivo de seu ministério pode ser encontrado na expressão “servindo ao Senhor” (At 20:19).

Não se interessava em ganhar dinheiro (At 20:33) nem em desfrutar de uma vida fácil (At 20:34, 35), pois era servo Jesus Cristo (At 20:24; Rm 1:1). Paulo fez questão de deixar claro que seus motivos para ministrar eram espirituais, não egoístas (1 Ts 2:1-13).

Seu modo de ministrar foi exemplar (At 20:18, 19). Levou uma vida coerente que qualquer um poderia investigar, pois não tinha coisa alguma a esconder. Trabalhou com humildade, não como uma “celebridade religiosa” exigindo que outros o servissem. Mas sua humildade não era sinal de fraqueza, pois teve a coragem de enfrentar tribulações e perigos sem desistir. Paulo não se envergonhava de admitir a seus amigos que também enfrentara tempos de lágrimas (ver também At 20:31, 37; Rm 9:1, 2; 2 Co 2:4; Fp 3:18).

A mensagem de seu ministério (At 20:20, 21) tornou-se amplamente conhecida, pois ele a proclamou e ensinou publicamente (At 19:9), bem como em várias igrejas reunidas nos lares da congregação. Disse aos pecadores que se arrependessem de seus pecados e cressem em Jesus Cristo. Essa mensagem era “o evangelho da graça de Deus” (At 20:24), e é a única mensagem que pode salvar o pecador (1 Co 15:1-8; Gl 1:6-12).

Além disso, Paulo os lembrou de que, em seu ministério, não havia retido coisa alguma que lhes fosse proveitosa. Anunciou-lhes “todo o desígnio de Deus” (At 20:27). Foi uma mensagem equilibrada, que incluiu doutrinas e deveres, bem como privilégios e responsabilidades referentes à vida cristã. Em suas pregações, Paulo não fazia concessões, mas também não ia a extremos. Além disso, mantinha equilibradas suas perspectivas de trabalho e as congregações já existentes, testemunhando tanto a judeus quanto a gentios.

Um testemunho sobre o presente (vv. 22-27). As palavras “e, agora” mudam a ênfase do passado para o presente, enquanto Paulo abre seu coração e diz a seus amigos exatamente como se sente. Não escondeu deles o fato de que havia resolvido, em seu espírito (At 19:21), ir a Jerusalém, apesar de

saber dos perigos e até do risco de ser morto. Uma cidade após a outra, o Espírito havia lhe dado testemunho dessa mensagem. Qualquer indivíduo com menos caráter teria encontrado uma forma de fugir, mas não Paulo. Era comprometido demais com seu chamado e com sua devoção a Jesus Cristo para simplesmente procurar uma saída fácil e segura. Em seu testemunho, Paulo usou seis imagens para explicar por que estava determinado a ir a Jerusalém e, se necessário, morrer por Jesus Cristo.

Paulo se considerava *um contador* (At 20:24) que havia feito um balanço de sua vida e decidido que Jesus Cristo era seu bem mais precioso. No começo de seu ministério, fizera um cálculo parecido, voluntariamente colocando as coisas espirituais em primeiro lugar (Fp 3:1-11).

Também se considerava *um corredor* que desejava terminar a corrida com uma vitória jubilosa (Fp 3:12-14; 2 Tm 4:8). “A vida [...] minha carreira e o ministério” são os elementos-chave. Paulo estava ciente de que sua vida era uma dádiva de Deus e de que Deus tinha um plano especial para ele, o qual se cumpriria em seu ministério. Paulo era dedicado a um grande Senhor e motivado por um grande propósito, a saber, a edificação da igreja.

A terceira imagem é de *um despenseiro*, pois seu ministério era algo que havia “[recebido] do Senhor”. O despenseiro não possui coisa alguma, mas, ao mesmo tempo, usufrui todas as coisas. Seu único propósito é servir seu senhor e a ele agradecer. “O que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel” (1 Co 4:2). Um dia, o despenseiro deve prestar contas de seu ministério, e Paulo estava preparado.

A imagem seguinte é de *uma testemunha* do “evangelho da graça de Deus” (At 20:24; ver o v. 21). O termo traduzido por *testemunhar* significa “dar testemunho solene” e lembra a seriedade da mensagem e do ministério. Compartilhar o evangelho com outros é uma questão de vida ou morte (2 Co 2:15, 16). Paulo foi uma testemunha fiel tanto por seu modo de viver (At 20:18) quanto pela mensagem que pregou.

O quinto retrato é de *um arauto* (At 20:25). O termo *pregar* significa “proclamar a mensagem como o arauto do rei”. A testemunha conta o que lhe aconteceu, mas o arauto proclama o que o rei lhe ordena. É um homem comissionado e enviado com uma mensagem, a qual deve transmitir fielmente. Uma vez que é enviado pelo rei, seus ouvintes devem ter cuidado com a forma de receber tanto a mensagem quanto o mensageiro.

A última e talvez a mais dramática imagem é a de *um vigia* (At 20:26). Como em Atos 18:6, trata-se de uma referência ao “atalaia” de Ezequiel 3:17-21; 33:1-9. Ser escolhido como vigia era um chamado momentoso! Sua função era permanecer desperto e alerta, pronto a soar o alarme, caso visse algum perigo se aproximando. Devia ser fiel e destemido, pois era responsável pela segurança de muitas pessoas. Paulo havia sido um vigia fiel (At 20:31), pois proclamara aos pecadores e aos cristãos todos os desígnios de Deus. Infelizmente, hoje em dia temos muitos vigias infiéis, que pensam apenas em si mesmos (Is 56:10-13).

Alguns soldados perguntaram a seu novo capelão se acreditava na existência do inferno para pecadores perdidos. Ele sorriu e respondeu que não. “Então, está perdendo seu tempo”, disse um dos homens, “pois se o inferno não existe, não precisamos de sua ajuda, e, se existe, está nos levando pelo caminho errado. De um jeito ou de outro, estamos melhor sem o senhor”.

Uma advertência quanto ao futuro (vv. 28-38). Paulo encerrou sua mensagem de despedida advertindo os líderes sobre os perigos que deveriam reconhecer e tratar, a fim de proteger e de conduzir a igreja. Não se deve jamais subestimar a enorme importância da igreja. Ela é importante para Deus Pai, pois leva seu nome – é a “igreja de Deus”. É importante para o Filho, pois derramou seu sangue por ela; e é importante para o Espírito Santo, pois ele chama e capacita pessoas a ministrar à igreja. É muito sério ser um líder espiritual na igreja do Deus vivo.

Em primeiro lugar, há os perigos a *nosso redor*, os “lobos vorazes” que desejam

destruir o rebanho (At 20:29). Paulo se referia aos falsos mestres, os charlatões que exploram a igreja visando o benefício próprio (Mt 7:15-23; 10:16; Lc 10:3; 2 Pe 2:1-3). É extremamente importante os cristãos conhecerem a Palavra de Deus e serem capazes de detectar e derrotar esses defraudadores religiosos.

No entanto, existem ainda os perigos em nosso meio (At 20:30), representados pelas pessoas dentro da Igreja que anseiam por cargos e poder. A história da Igreja, antiga e moderna, é repleta de relatos de pessoas como Diótrefes, "que [gostam] de exercer primazia" (3 Jo 9-11). É assustador constatar que mais de um falso profeta começou dentro da igreja cristã! Convém ler e atentar para 1 João 2:18, 19.

Também há os perigos dentro de nós (At 20:31-35), aos quais Paulo parece dar a maior ênfase. "Atendei por vós" (At 20:28). O apóstolo cita cinco pecados especialmente destrutivos para a vida e o ministério dos líderes espirituais da igreja.

O primeiro deles é o descuido (At 20:31) – não permanecer alerta e esquecer o preço que outros tiveram de pagar para que pudéssemos receber a verdade de Deus. "Vigiai, lembrando-vos" são palavras às quais devemos dar ouvidos. É extremamente fácil esquecer hoje da labuta e das lágrimas dos que nos precederam na obra do Senhor (Hb 13:7). As admoestações "com lágrimas" de Paulo devem ser uma lembrança constante da necessidade de levar nossas responsabilidades a sério.

O segundo pecado é a superficialidade (At 20:32). Não é possível edificar a igreja sem que Deus edifique nossa vida diariamente. Há um equilíbrio entre a oração ("encomendo-vos ao Senhor") e a Palavra de Deus ("e à palavra da sua graça"), pois ambas devem sempre trabalhar juntas (1 Sm 12:23; Jo 15:7; At 6:4). Somente a Palavra de Deus é capaz de nos edificar e enriquecer, e o líder espiritual deve dedicar um tempo diário à Palavra de Deus e à oração.

O terceiro pecado que devemos evitar é a cobiça (At 20:33). Trata-se de um anseio profundo e controlador por aquilo que os

outros têm e por mais daquilo que nós já temos. "Não cobiçarás" é o último dos Dez Mandamentos; mas quem cobiça quebra os outros nove mandamentos! Os que cobiçam também roubam, mentem e matam para conseguir o que desejam e até desonram os pais. A cobiça é idolatria (Ef 5:5; Cl 3:5). Nas qualificações para a função de presbítero, encontramos declarado expressamente que esse líder não deve ser avarento (1 Tm 3:3).

Paulo também mencionou a *preguiça* (At 20:34). O apóstolo poderia ter usado sua autoridade apostólica para exigir apoio financeiro e ter uma vida mais tranqüila; em vez disso, porém, se sustentava fazendo tendas. Não é errado que obreiros cristãos sejam pagos, "porque digno é o trabalhador do seu salário" (Lc 10:7; 1 Tm 5:18). No entanto, devem se esforçar para ser verdadeiramente verdadeiramente *dignos* desse salário! (Ver Pv 24:30-34.)

Por fim, Paulo advertiu-os sobre o *egoísmo* (At 20:35). O verdadeiro ministério significa dar, não receber; significa seguir o exemplo do Senhor Jesus Cristo. Earl V. Pierce costumava chamar isso de "bem-aventurança suprema", pois, ao contrário das demais bem-aventuranças, ela nos mostra como ser ainda *mais* abençoados! Essas palavras de Jesus não se encontram registradas nos Evangelhos, mas faziam parte da tradição oral e estavam guardadas na memória de Paulo.

Essa bem-aventurança não dá a entender que os que recebem são "menos abençoados" do que os que dão (o mendigo em At 3 não concordaria com isso!). Poderíamos fazer uma paráfrase dizendo: "É melhor compartilhar com o semelhante do que guardar o que temos e acumular cada vez mais". Em outras palavras, a bênção não se encontra na capacidade de acumular riquezas, mas na prática de compartilhá-las. Afinal, Jesus fez-se pobre para nos tornar ricos (2 Co 8:9). Um dos melhores comentários sobre isso está em Lucas 12:16-31.

Paulo encerrou essa ocasião memorável ajoelhando-se e orando por seus amigos, depois do que todos choraram muito. É difícil

dizer adeus, especialmente ao saber que não veremos mais nossos amigos nesta vida. Mas temos a maravilhosa certeza de que, um dia, quando Jesus Cristo voltar, veremos nossos

amigos cristãos e entes queridos no céu (1 Ts 4:13-18).

Enquanto isso, há um trabalho a fazer – portanto, mãos à obra!

O MISSIONÁRIO INCOMPREENDIDO

ATOS 21:1 – 22:29

“Será que é mesmo tão horrível ser incompreendido?”, perguntou Ralph Waldo Emerson. “Pitágoras, Sócrates foram incompreendidos, como também Jesus, Lutero, Copérnico, Galileu e Newton... Ser grande é ser incompreendido.”

Emerson poderia ter acrescentado que o apóstolo Paulo foi incompreendido tanto por seus amigos quanto por seus inimigos. Três dessas incompreensões – e suas conseqüências – são relatados nestes capítulos.

1. OS AMIGOS DE PAULO NÃO ENTENDERAM SEUS PLANOS (At 21:1-17)

O amor de Paulo pelos presbíteros de Éfeso pelo apóstolo era tanto que só com muito esforço o apóstolo conseguiu se separar deles e partir. Ele e sua equipe navegaram de Mileto para Cós, depois para Rodes, seguindo então para Pátara, em um total de três dias de viagem. Mas Paulo não estava contente com o navio costeiro que parava em todos os portos, de modo que embarcou em outro navio que ia diretamente para a Fenícia, uma viagem de cerca de 650 quilômetros.

Tiro (vv. 3-6). Seria o primeiro contato de Paulo com os cristãos em Tiro, apesar de ser bem provável que sua perseguição contra os cristãos em Jerusalém tenha contribuído para começar essa igreja (At 11:19). O apóstolo e seus companheiros tiveram de sair à procura dos cristãos, o que indica que não deveria haver uma congregação muito grande e, ao que parece, também não havia uma sinagoga na cidade. Permaneceram com os cristãos de Tiro durante uma semana,

enquanto o navio era descarregado e recebia nova carga.

Paulo dedicara boa parte de sua terceira viagem missionária à coleta de uma oferta aos cristãos da Judéia. Foi uma forma prática dos gentios de mostrarem sua união com os irmãos e irmãs e de retribuírem o bem que os judeus haviam feito ao compartilhar o evangelho com os gentios (Rm 15:25-27). A igreja estava sempre sob a ameaça de divisão, pois os extremistas judeus (judaizantes) desejavam que os gentios vivessem de acordo com os costumes judaicos e seguissem a Lei de Moisés (At 15:1ss). Em todo lugar em que Paulo ministrava, esses extremistas tentavam dificultar seu trabalho e roubar convertidos. Paulo esperava que essa visita a Jerusalém com a oferta ajudasse a fortalecer a comunhão entre judeus e gentios,

Então, Paulo começou a receber mensagens de amigos avisando que sua visita a Jerusalém seria difícil e perigosa. É evidente que já suspeitava disso, sabendo como os falsos mestres costumavam agir (Rm 15:30, 31); mas essas mensagens foram extremamente pessoais e veementes. Em Tiro, os cristãos “recomendavam a Paulo que não fosse a Jerusalém”, sendo que a forma do verbo no grego indica uma ação repetida e persistente.

Depois de uma semana em Tiro, Paulo partiu com sua equipe. É comovente ver como esses cristãos haviam se afeiçoado ao apóstolo, mesmo conhecendo-o por tão pouco tempo. A primeira parada foi Ptolemaida, onde os missionários passaram o dia com os cristãos de lá e, em seguida, navegaram para Cesaréia, seu destino final.

Cesaréia (vv. 7-14). Os missionários ficaram com Filipe, um dos primeiros diáconos (At 6:1-6), que também havia trabalhado como evangelista (At 8:5ss). Fazia cerca de vinte anos que chegara a Cesaréia e fundara ali sua “base de operações” (At 8:40). Uma vez que Filipe havia trabalhado com Estêvão e que Paulo havia participado da morte de Estêvão, esse deve ter sido um encontro interessante.

Enquanto Paulo descansava em Cesaréia, foi procurado pelo profeta Ágabo, que lhe

deu a segunda mensagem de aviso do Senhor. Cerca de quinze anos antes, Paulo e Ágabo haviam trabalhado juntos levantando uma oferta para as vítimas da grande fome que assolou a Judéia (At 11:27-30), de modo que não eram desconhecidos. Ágabo transmitiu sua mensagem de maneira dramática, atando as próprias mãos e pés com o cinto de Paulo e dizendo ao apóstolo que fariam o mesmo com ele em Jerusalém.

Assim como os cristãos de Tiro, os cristãos de Cesaréia imploraram a Paulo que não fosse a Jerusalém. Sem dúvida, homens escolhidos pelas igrejas poderiam entregar a oferta a Tiago e aos presbíteros de Jerusalém, de modo que não era necessário Paulo ir pessoalmente. Mas Paulo calou-os, dizendo que estava pronto não apenas a ser preso, mas, se necessário, a morrer pelo nome do Senhor Jesus Cristo.

Convém fazer uma pausa aqui para considerar se Paulo fez a coisa certa ao viajar para Jerusalém. Se parece inapropriado, ou mesmo blasfemo, examinar as ações de um apóstolo, devemos ter em mente que ele era um ser humano como qualquer outro. As epístolas de Paulo foram inspiradas, mas isso não significa que tudo o que ele fez foi perfeito. Quer estivesse certo quer errado, sem dúvida, temos muito a aprender com sua experiência.

Do lado dos que são *contra*, essas repetidas mensagens parecem advertências para Paulo ficar longe de Jerusalém. Aliás, vinte anos antes, o Senhor havia ordenado que Paulo deixasse Jerusalém, pois os judeus não aceitariam seu testemunho (At 22:18). O apóstolo já havia escrito aos romanos sobre os perigos da Judéia (At 15:30, 31) e compartilhara as mesmas impressões com os presbíteros de Éfeso (At 20:22, 23), de modo que estava plenamente ciente dos problemas envolvidos.

Do lado dos que são *a favor*, os pronunciamentos proféticos podem ser entendidos como avisos ("Prepare-se!"), não como proibições ("Você não deve ir!"). A declaração em Atos 21:4 não emprega o negativo grego *ou*, que significa proibição absoluta, mas *me*, "alguém acredita que algo não é" (*Manual*

Greek Lexicon of the New Testament, de G. Abbott-Smith, p. 289). Ágabo não proibiu Paulo de ir à Jerusalém; apenas lhe disse o que esperar caso resolvesse ir. Quanto à ordem do Senhor em Atos 22:18, esta dizia respeito a um momento específico e não deve ser interpretada como uma proibição aplicável ao resto da vida de Paulo. Apesar de ser fato que Paulo evitou Jerusalém, também é verdade que voltou para lá em outras ocasiões: com a oferta para os judeus durante a grande fome (At 11:27-30); a fim de participar da assembléia de Jerusalém (At 15:1ss); e depois de sua segunda viagem missionária (At 18:22).

Tendo em vista a declaração de Paulo em Atos 23:1 e as palavras de estímulo do Senhor em Atos 23:11, é difícil crer que o apóstolo tenha desobedecido deliberadamente à vontade revelada de Deus. A profecia de Deus revelada a Ananias (At 9:15) sem dúvida se cumpriu nos meses que seguiram, à medida que Paulo teve oportunidade de testemunhar de Cristo.

Em vez de acusar Paulo de ter transigido, devemos louvá-lo por sua coragem, pois, ao ir a Jerusalém, tomou a vida nas próprias mãos, a fim de resolver o problema mais premente da Igreja: a fenda cada vez maior entre os judeus legalistas da "extrema direita" e os cristãos gentios. Os problemas começaram a se formar na assembléia de Jerusalém (At 15), e os legalistas passaram a seguir Paulo e a tentar tomar seus convertidos. A situação era séria, e Paulo sabia que fazia parte não apenas do problema, mas também da solução. No entanto, não poderia resolver o problema a distância, por meio de representantes; teria de ir a Jerusalém pessoalmente.

Jerusalém (vv. 15-17). Um grupo de cristãos saiu de Cesaréia e acompanhou Paulo até Jerusalém, provavelmente para celebrar a festa. Era uma viagem de mais de 100 quilômetros, uma distância que levava pelo menos três dias para ser percorrida a pé ou dois dias num animal de montaria. Que comunhão maravilhosa devem ter desfrutado ao relembrar o que Deus fizera na vida deles e por meio deles! Que grande estímulo

deve ter sido para Paulo ter esses amigos a seu lado quando estava a caminho de enfrentar os desafios em Jerusalém.

A cidade deveria estar abarrotada de peregrinos, mas Paulo e seu grupo planejavam ficar hospedados na casa de Mnasom, um "velho discípulo" que vivia em Jerusalém e que passara algum tempo visitando Cesaréia. Será que se convertera por ocasião das pregações de Pedro em Pentecostes? Ou será que Barnabé, seu conterrâneo de Chipre, o levava a Cristo? (At 4:36). Não encontramos essa informação no relato, mas sabemos que Mnasom era hospitaleiro e que ajudou Paulo em um momento estratégico do ministério do apóstolo.

A nosso ver, Lucas poderia ter dado mais detalhes sobre o primeiro encontro com os líderes de Jerusalém. Tiago e os outros líderes receberam Paulo com alegria, mas como reagiram à oferta dos gentios? O texto não diz. Alguns ficaram desconfiados? Anos depois, o escritor romano Martial afirmou: "Presentes são como anzóis!", e talvez alguns dos presbíteros de Jerusalém tenham pensado o mesmo sobre essa oferta. Sem dúvida, a ala legalista da igreja questionava tudo o que Paulo dizia ou fazia.

2. A IGREJA DE JERUSALÉM NÃO ENTENDEU SUA MENSAGEM (AT 21:18-26)

Ao que parece, o primeiro encontro foi dedicado principalmente à comunhão e às questões pessoais, pois, no segundo encontro, Paulo recebeu a palavra para dar um relatório de seu ministério aos gentios. Anos antes, os líderes de Jerusalém haviam concordado que Paulo deveria ministrar aos gentios (Gl 2:7-10), e os presbíteros se regozijaram com o que ouviram. A expressão "contou minuciosamente" significa "relatou em detalhes, item por item". Paulo apresentou um relato completo e preciso não do que havia feito, mas do que o Senhor fizera por meio de seu ministério (ver 1 Co 15:10).

Temos a impressão de que os legalistas trabalhavam nos bastidores. Assim que Paulo terminou seu relato, os presbíteros trouxeram à baila certos boatos que circulavam entre os judeus cristãos acerca de Paulo.

Alguém disse bem que, apesar de um boato não ter pernas sobre as quais se firmar, corre extremamente rápido!

O que esses inimigos diziam a respeito de Paulo? Quase as mesmas coisas que haviam dito sobre Jesus e Estêvão: que ensinava os judeus a abandonar as leis e os costumes recebidos de Moisés e dos patriarcas. Não se preocupavam com o fato de Paulo ensinar cristãos gentios, pois a relação entre os gentios e a Lei havia sido resolvida na assembléia de Jerusalém (At 15). De fato, os presbíteros repetiram em detalhes o que havia sido decidido naquela ocasião (At 21:25), provavelmente pensando nos companheiros gentios de Paulo. Os líderes mostraram-se especialmente preocupados com o fato de que a presença de Paulo na cidade causasse divisão ou tumulto entre as "dezenas de milhares [de] judeus que creiam, e todos são zelosos da lei" (At 21:20).

Mas por que tantos cristãos judeus ainda se apegavam à Lei de Moisés? Não haviam lido as epístolas de Paulo aos romanos e aos gálatas? Provavelmente não, e mesmo que tivessem, é extremamente difícil mudar costumes antigos. Na verdade, um dia Deus teria de mandar uma carta especial aos judeus, a Epístola aos Hebreus, para explicar a relação entre a Antiga e a Nova Aliança. Como Donald Grey Barnhouse costumava dizer, "O Livro de Hebreus foi escrito para os hebreus com o propósito de lhes dizer que deixassem de ser hebreus!" Só quando a cidade e o templo foram destruídos, no ano 70 d.C., o culto judaico tradicional deixou de existir.

Por certo, Paulo alertou os gentios a que não se envolvessem com a antiga religião judaica (Gl 4:1-11); mas em momento algum disse aos judeus que era errado praticarem seus costumes, *desde que não depositassem sua fé nas cerimônias nem usassem seus costumes como uma prova de comunhão* (Rm 14:1 - 15:7). Tinham liberdade de observar os dias especiais e as regras alimentares, e os cristãos não deveriam julgar nem condenar uns aos outros. A mesma graça que dava aos gentios a liberdade de se abster, também dava aos judeus a liberdade de observar seus

costumes. Tudo o que Deus pedia deles era que aceitassem uns aos outros sem criar problemas nem divisões.

Parece incrível que os inimigos de Paulo o tenham acusado de tais coisas, pois todas as evidências apontavam para o oposto do que diziam. Paulo providenciara para que Timóteo fosse circuncidado antes de levá-lo consigo na segunda viagem missionária (At 16:1-3). Fizera um voto judaico enquanto estava em Corinto (At 18:18) e tinha por princípio não ofender os judeus de qualquer forma transgredindo deliberadamente seus costumes ou a Lei de Moisés (1 Co 9:19-23). Todavia, os boatos normalmente não têm base em fatos; antes, se alimentam de meias-verdades, preconceitos e mentiras.

Os líderes sugeriram que Paulo demonstrasse publicamente sua reverência pela Lei judaica. Pediram apenas que acompanhasse quatro homens que realizavam um voto nazireu (Nm 6), pagasse pelo sacrifício deles e que os acompanhasse ao templo, quando fossem purificar-se, e Paulo concordou com o pedido. Caso tivesse se tratado de uma questão envolvendo a salvação de alguém, podemos estar certos de que o apóstolo jamais teria cooperado, pois tal atitude representaria uma concessão em sua mensagem da salvação pela graça e por meio da fé. Mas o voto referia-se à devoção pessoal de cristãos judeus que haviam recebido a liberdade de aceitar ou de rejeitar os costumes judaicos.

Paulo comunicou ao sacerdote no dia seguinte e participou da cerimônia de purificação, mas ele mesmo não tomou nenhum voto. Ele e os homens precisavam esperar sete dias e, então, oferecer os sacrifícios prescritos. O plano parecia seguro e sensato, mas não funcionou. Em vez de trazer paz, causou grande alvoroço; e Paulo acabou prisioneiro.

3. OS JUDEUS NÃO ENTENDERAM O MINISTÉRIO DE PAULO (At 21:27 - 22:29)

Havia no templo um muro que separava o pátio dos gentios das demais áreas, e os gentios não tinham permissão de ir além do muro (ver Ef 2:14). Uma inscrição solene no

muro dizia: "Nenhum forasteiro pode ultrapassar esta barreira que cerca o santuário e seus recintos. Qualquer intruso pego em flagrante será culpado da morte resultante". Os romanos concederam aos líderes religiosos judeus a autoridade de tratar de qualquer um que transgredisse essa lei, dando-lhes, inclusive, o direito de realizar execuções. Essa lei tem papel importante no que sucedeu a Paulo uma semana depois que ele e os quatro nazireus começaram suas cerimônias de purificação.

Alguns judeus da Ásia viram Paulo no templo e concluíram, precipitadamente, que ele havia profanado os recintos sagrados levando gentios para dentro do templo. É bem provável que esses judeus fossem de Éfeso, pois reconheceram Trófimo, um amigo de Paulo originário de Éfeso. Agindo apenas com base em emoções e sem qualquer raciocínio coerente, os homens deduziram que: (1) os amigos gentios de Paulo o acompanhavam por toda parte; (2) Paulo foi visto no templo, de modo que seus amigos também deveriam estar lá! Assim funciona a lógica do preconceito.

Agarraram Paulo e o teriam linchado, caso os guardas romanos não tivessem intervindo no último instante (havia pelo menos mil soldados no forte de Antônia, na extremidade noroeste da área do templo). A multidão no templo se alvoroçou toda, mesmo sem fazer idéia do que se passava. Essa cena lembra o tumulto em Éfeso (comparar At 21:30 com At 19:29, e At 21:34 com At 19:32). Foi preciso que Cláudio Lísias, comandante romano (ver At 23:26), enviasse dois centuriões e, possivelmente, duzentos soldados para controlar a turba e salvar Paulo. Na verdade, o capitão pensou que Paulo fosse um rebelde egípcio procurado pelos romanos por instigar uma revolta (At 21:38), o que explica por que ordenou que o apóstolo fosse preso com duas correntes (ver At 21:11).

Ao ser interrogado por Cláudio, o povo não conseguiu explicar o que havia causado o tumulto, pois na verdade não sabiam coisa alguma. Os agitadores que haviam iniciado a confusão devem ter escapado durante

o alvoroço, cientes de que não poderiam provar suas acusações. Uma vez que não obteve a colaboração do povo no templo, Cláudio Lísias decidiu interrogar Paulo; os soldados levaram o apóstolo do pátio dos gentios para o quartel. Enquanto Paulo era conduzido para fora, a multidão gritava irada: "Mata-o!" Vemos aqui mais uma cena que nos faz lembrar a prisão e o julgamento de Jesus (Lc 23:18, 21; Jo 19:15).

A essa altura, Paulo decidiu que o momento era apropriado para falar, e o capitão se espantou ao ver que seu prisioneiro perigoso falava grego. Paulo pediu a permissão de Cláudio para se dirigir ao povo, e o comandante consentiu, talvez na esperança de conseguir informações suficientes para fazer um relatório oficial. Sua expectativa foi frustrada (ver At 23:23-30), pois Paulo dirigiu-se aos judeus em sua língua nativa, o aramaico, o que por sua vez ajudou a acalmar a multidão. Não conseguiu terminar seu discurso, mas ainda assim explicou três aspectos importantes de sua vida e ministério.

Sua conduta inicial (22:3-5). Paulo fora um dos principais rabinos de seu tempo (Gl 1:13, 14), de modo que alguns na multidão certamente o conheciam. É interessante observar como o apóstolo faz uma lista de suas credenciais: era judeu, nascido em Tarso, criado em Jerusalém, instruído por Gamaliel, seguidor da Lei, perseguidor zeloso da Igreja e representante do Sinédrio. Diante desse histórico tão respeitável, não restava a seus compatriotas outra opção senão ouvir!

Em vez de acusá-los de participar de uma revolta, Paulo elogiou-os por serem "zeloso[s] para com Deus" (abordagem semelhante à que havia usado com os atenienses; At 17:22). Reconheceu que também havia ordenado que as pessoas fossem presas, acorrentadas e até mesmo mortas. A fé cristã era conhecida como "o Caminho" (At 9:2; 19:9, 23; 24:14, 22), provavelmente uma referência à declaração de Jesus: "Eu sou o caminho" (Jo 14:6).

Sua conversão extraordinária (22:6-16). Lucas registra a experiência de conversão de Paulo em Atos 9, um relato que Paulo

voltaria a apresentar a Félix e a Agripa (At 26:1-32). É difícil imaginar uma multidão dessas hoje ouvindo em silêncio um testemunho como o que Paulo deu. No entanto, para as pessoas daquela época, a ocorrência de acontecimentos miraculosos era algo esperado, de modo que, sem dúvida, foram cativadas pela história fascinante de Paulo (ver At 23:9). Além disso, o fato de Paulo estar executando ordens oficiais do Sinédrio quando teve sua experiência de conversão lhe dava certo ar de autoridade.

Em seu testemunho, Paulo declarou que Jesus de Nazaré estava vivo. Paulo viu sua glória e ouviu sua voz. O povo que ouvia seu discurso conhecia a posição oficial dos judeus, segundo a qual Jesus de Nazaré era um impostor que havia sido crucificado e cujo corpo havia sido roubado do túmulo por seus discípulos. Estes, por sua vez, haviam começado a espalhar o boato de que Jesus havia ressuscitado dentre os mortos. Sem dúvida, o próprio Paulo havia acreditado na versão oficial da história quando perseguia a Igreja.

Os homens que estavam com Paulo viram uma luz resplandecente, mas não ficaram cegos como ele; também ouviram um som, mas não entenderam o que estava sendo dito (At 9:7). Só podemos imaginar o espanto de Paulo ao descobrir que Jesus estava vivo! No mesmo instante, teve de mudar inteiramente sua maneira de pensar (arrependimento) e de deixar que o Senhor ressurreto assumisse o controle.

É importante observar a sabedoria de Paulo ao se identificar ao falar de Ananias, um judeu devoto que guardava a Lei e o chamava de "irmão". Podemos notar, ainda, que Ananias atribuiu a experiência maravilhosa de Paulo ao "Deus de nossos pais" (At 22:14). Ao citar Ananias, Paulo deu motivo para seus ouvintes aceitarem sua experiência de salvação e seu chamado para servir. Paulo havia visto "o Justo", um título usado para o Messias (ver At 3:14; 7:52). Então, o apóstolo havia sido comissionado por Deus para levar essa mensagem a "todos os homens". Essa comissão incluía os gentios, fato que Paulo só mencionou posteriormente.

Em algumas versões da Bíblia, Atos 22:16 parece indicar que o batismo é um requisito para a purificação dos pecados, mas não é esse o caso. Em sua *Tradução expandida do Novo Testamento*, o estudioso do grego Kenneth Wuest sugere: "Tendo ressuscitado, sede batizados e lavai os vossos pecados, tendo antes invocado o seu nome". Somos salvos ao invocar o nome do Senhor pela fé (At 2:21; 9:14) e damos testemunho dessa fé pelo batismo. De acordo com Atos 9:17, Paulo recebeu o Espírito antes de ser batizado, o que indica que já havia nascido de novo. É a "invocação" e não o batismo que realiza a purificação.

Sem dúvida, muitos ouvintes de Paulo tinham conhecimento a respeito da nova "seita cristã" que surgira e também dos batismos que haviam ocorrido, do apedrejamento de Estêvão e dos milagres que os seguidores do "Caminho" haviam realizado. Paulo não se dirigia a pessoas ignorantes, pois nenhuma dessas coisas havia se passado "em algum lugar escondido" (At 26:26).

Seu chamado especial (22:17-29). Depois de sua conversão, Paulo havia ministrado em Damasco e, em seguida, se dirigido à Arábia, talvez a fim de evangelizar e de meditar sobre a Palavra de Deus (At 9:19-25; Gl 1:16, 17). Quando o apóstolo voltou para Jerusalém, os líderes da igreja só o aceitaram depois que Barnabé intercedeu por ele (At 9:26-29). Podemos observar como, mais uma vez, Paulo enfatiza os elementos judaicos de sua experiência, pois os judeus certamente se impressionariam com um homem que havia orado no templo e recebido uma visão de Deus.

O Senhor instruiu Paulo a deixar Jerusalém, pois o povo de lá não aceitaria seu testemunho. Ao obedecer a essa ordem, Paulo havia salvado sua própria vida, pois os judeus helenistas haviam feito planos para matá-lo (At 9:29, 30). Mas antes de obedecer, Paulo discutiu com o Senhor! Desejava mostrar aos judeus que era uma pessoa transformada e lhes dizer que Jesus era o Messias e que estava vivo. Se Paulo ganhasse alguns deles para o Senhor, poderia considerar isso uma compensação parcial pelo

mal que causara, especialmente na execução de Estêvão.

A ordem do Senhor foi: "Vai, porque eu te enviarei para longe, aos gentios" (At 22:21). Paulo estava prestes a explicar por que se envolvera com os gentios, mas os judeus no pátio do templo não permitiram que prosseguisse. O judeu verdadeiramente devoto não aceitava coisa alguma relacionada aos gentios! Se Paulo não houvesse proferido essa palavra, talvez tivesse sido libertado em seguida, e é possível que ele *soubesse disso*. Todavia, deveria permanecer fiel a seu testemunho a qualquer custo. Paulo preferia ser um prisioneiro a abrir mão de sua responsabilidade para com as almas perdidas e com as missões! Seria bom se tivéssemos mais cristãos assim hoje.

Quando Cláudio viu que a multidão se revoltava outra vez, levou Paulo para dentro do quartel para que, "sob açoite, fosse interrogado". O apóstolo já havia mencionado que era de Tarso, mas não lhes falara de sua cidadania romana. Era ilegal açoitar um cidadão de Roma. Não sabemos de que maneira as pessoas comprovavam sua cidadania naquela época; talvez carregassem consigo algo semelhante a nossas carteiras de identidade.

Cláudio deve ter ficado estarecido ao descobrir que esse agitador judeu, que falava aramaico e grego era, na verdade, um cidadão romano. "A mim me custou grande soma de dinheiro este título de cidadão", disse ele cheio de orgulho, indicando que havia obtido sua cidadania mediante suborno de magistrados romanos, pois, na realidade, tal título não podia ser comprado. Mas Paulo levava vantagem sobre o comandante, pois havia nascido em liberdade e como cidadão romano graças a seu pai. Não temos detalhes de como o pai do apóstolo havia obtido sua liberdade, mas Paulo soube usar essa cidadania romana para a causa de Cristo.

Os soldados haviam cometido dois erros: acorrentaram Paulo e planejaram açoitá-lo, portanto se apressaram a remediá-los. Por certo, Cláudio e seus homens trataram Paulo com toda gentileza depois que descobriram

que era cidadão romano. Deus estava usando o grande poder do império para proteger seu servo e, no devido tempo, iria levá-lo a Roma.

A estadia toda de Paulo em Jerusalém foi repleta de mal-entendidos, mas ele não desistiu. Talvez, a essa altura, alguns de seus amigos dissessem: "Nós avisamos!" Para Paulo e seus colaboradores, talvez parecesse um

beco sem saída, mas Deus tinha outros planos para eles. Paulo voltaria a testemunhar repetidamente a pessoas com as quais jamais teria se encontrado se não fosse um prisioneiro romano. O missionário de Deus chegou a Roma - e foram os romanos que pagaram suas despesas de viagem!

É isso o que acontece quando o povo de Deus está disposto a ser ousado!

PAULO, O PRISIONEIRO

ATOS 22:30 – 23:35

Certa vez, fui chamado a testemunhar em uma audiência sobre a guarda de uma criança envolvendo um homem que cumprira pena na prisão. Era uma experiência nova para mim e estava completamente despreparado para a primeira pergunta que o advogado me fez:

– Reverendo, o Senhor acredita que um ex-presidiário é capaz de criar uma criança?

– Isso depende do homem – respondi com toda coragem. – Alguns dos grandes homens da história passaram tempo na prisão: João Batista, John Bunyan e até o apóstolo Paulo.

– Responda simplesmente sim ou não – ordenou o juiz encerrando ali meu sermão.

“O preso Paulo” (At 23:18) – foi assim que os soldados romanos chamaram o apóstolo, designação que ele próprio usou para si com frequência (Ef 3:1; 4:1; 2 Tm 1:8; Fm 1, 9). Paulo encontrava-se sob “custódia militar”, o que significa que ficava preso a um soldado romano responsável por ele. Os prisioneiros sob “custódia pública” eram colocados em prisões comuns, lugares horríveis para qualquer ser humano (At 16:19-24).

No caso de Paulo, porém, seus amigos podiam visitá-lo e cuidar de suas necessidades pessoais. Infelizmente, com referência a Paulo, Lucas não diz que “havia oração incessante a Deus por parte da igreja a favor dele” (ver At 12:5). Não há qualquer registro de que a igreja tenha tomado alguma providência para ajudá-lo, nem em Jerusalém nem durante os dois anos que passou em Cesaréia.

Temos diante de nós uma passagem emocionante, na qual vemos sobre três confrontos com os quais Paulo se envolveu.

1. PAULO E O CONSELHO JUDEU (AT 22:30 – 23:10)

Ao descobrir que Paulo era cidadão de Roma, o capitão romano viu-se diante de dois problemas. Em primeiro lugar, deveria informar o prisioneiro das acusações formais contra ele, uma vez que esse era o direito de Paulo como cidadão romano. Em segundo lugar, precisava registrar as acusações formais, a fim de fazer um relatório para seus superiores. Estava certo de que Paulo fizera algo errado, pois, de outro modo, o que levaria o povo a desejar se livrar dele? No entanto, ninguém parecia saber quais haviam sido seus crimes. Que situação difícil para esse oficial romano!

A coisa mais lógica a fazer era deixar que o próprio povo de Paulo o julgasse, de modo que o capitão providenciou uma reunião extraordinária do conselho judeu (Sinédrio). Esse grupo era constituído de setenta (ou setenta e um) dos principais mestres judeus e presidido pelo sumo sacerdote. Era sua responsabilidade interpretar e aplicar a Lei judaica sagrada às questões de sua nação e levar a julgamento os que transgrediam a Lei. Nos casos em que houvesse necessidade, o governo romano dava liberdade para que o conselho aplicasse a pena de morte.

O capitão e sua guarda (At 23:10) levaram Paulo à sala do conselho e assumiram a posição de observadores. Ciente da maneira que os judeus do templo trataram Paulo, Cláudio ficou por perto com sua guarda, a fim de evitar que o prisioneiro fosse levado embora e executado. Nenhum soldado romano poderia se dar o luxo de perder um prisioneiro, pois se isso acontecesse, corria o risco de perder a própria vida. A perda de um prisioneiro contra o qual não havia acusações claras poderia ser particularmente vergonhosa a um oficial romano.

Vendo-se diante do conselho e examinando seus membros atentamente, Paulo decidiu começar com uma abordagem pessoal. Ao tratá-los como “Varões, irmãos”, Paulo identificou-se imediatamente com os judeus, o que, sem dúvida, ajudou a prender a atenção de seus compatriotas.

O termo grego traduzido por “andar”, no versículo 1, significa “viver como cidadão” e dá origem à palavra *política*. Paulo afirmou ser um judeu leal, que vivera como cidadão exemplar sem transgredir a Lei. Ainda que os judeus o tivessem condenado, sua consciência não o acusava de coisa alguma.

“Consciência” é uma das palavras prediletas de Paulo, e ele a emprega duas vezes no Livro de Atos (23:1; 24:16) e 21 vezes em suas epístolas. O termo significa “conhecer com, ou saber em conjunto com”. A consciência é o “juiz” ou a “testemunha” interior que aprova quando fazemos o que é certo e reprovamos quando fazemos o que é errado (Rm 2:15). A consciência não *determina* os padrões, apenas os *aplica*. Se um ladrão denunciasse os companheiros de crime, sua consciência o condenaria tanto quanto a consciência de um cristão o perturbaria, se ele mentisse sobre seus amigos. Sejam bons ou maus, certos ou errados, a consciência apenas aplica os padrões às pessoas.

A consciência pode ser comparada a uma janela que deixa penetrar a luz. A Lei de Deus é a luz; quanto mais limpa a janela, mais luz deixará entrar. À medida que a janela fica suja, a luz é ofuscada e, por fim, se transforma em trevas. Uma “boa consciência” ou uma “consciência limpa” (1 Tm 3:9) é aquela que deixa a luz de Deus entrar, de modo que sejamos convencidos da culpa, se fizermos algo errado, e encorajados, se fizermos o que é certo. A consciência “contaminada” (1 Co 8:7) é aquela contra a qual se pecou com tanta freqüência a ponto de não ser mais confiável. Se o indivíduo persiste em pecar contra a consciência, pode desenvolver a chamada “má consciência” (Hb 10:22) ou “consciência cauterizada” (1 Tm 4:2). Nesse caso, sente-se culpado ao fazer a coisa certa, não o que é errado!

Paulo havia perseguido a Igreja e até causado a morte de pessoas inocentes; diante disso, como afirmava ter uma boa consciência? *Havia vivido de acordo com o que conhecia*, e isso é suficiente para a boa consciência. Depois de se tornar cristão e de a luz fulgurante de Deus resplandecer em seu coração (2 Co 4:6), Paulo passou a enxergar

as coisas de outra maneira e se deu conta de que era o “principal dos pecadores” (ver 1 Tm 1:15).

O sumo sacerdote Ananias (que não deve ser confundido com Anás em At 4:6) ficou tão irado ao ouvir que Paulo vivera “com toda a boa consciência” que ordenou ao membro do conselho mais próximo que batesse na boca do apóstolo. (Jesus foi tratado de maneira semelhante – ver Jo 18:22). Por certo, foi um gesto ilegal e cruel, pois afinal não haviam provado que Paulo era culpado de coisa alguma. Sem dúvida, era esperado que o sumo sacerdote demonstrasse honestidade e justiça, sem falar da compaixão e preocupação (Lv 19:15; Hb 5:2).

Paulo respondeu com o que, para mim, parece ser uma ira justificada, apesar de muitos discordarem. Quando lhe ordenaram que confirmasse o que havia dito, Paulo não se desculpou. Antes, demonstrou respeito pelo cargo, mas não pelo *homem* que o ocupava. Na realidade, Ananias foi um dos homens mais corruptos a ser nomeado sumo sacerdote. Roubava dízimos de outros sacerdotes e fazia de tudo para aumentar sua autoridade. Era conhecido como um homem brutal que se importava mais com o favor de Roma do que com o bem de Israel.

Ao chamar Ananias de “parede branqueada”, Paulo disse simplesmente que era um hipócrita (Mt 23:27; ver Ez 13:10-12). As palavras de Paulo foram proféticas, pois, de fato, Deus feriu esse homem perverso. Quando os judeus se revoltaram contra Roma no ano 66 d.C., Ananias teve de fugir, pois o povo sabia que ele era simpatizante de Roma. Os guerrilheiros judeus o encontraram escondido em um aqueduto do palácio de Herodes e o mataram. Foi uma morte vergonhosa para um homem desprezível.

A resposta de Paulo em Atos 23:5 recebe várias interpretações. Alguns acreditam que Paulo não sabia quem era o sumo sacerdote. Ou, talvez, que estivesse falando com sarcasmo: “Seria possível tal homem ser o sumo sacerdote?”. Uma vez que se tratava de uma reunião informal do conselho, talvez o sumo sacerdote não estivesse usando suas vestes tradicionais, nem assentado

em seu lugar de costume. Além disso, Paulo havia passado muitos anos longe dos meios religiosos judeus e, portanto, provavelmente não conhecia vários dos membros do conselho.

A citação de Êxodo 22:28 pode indicar que Paulo não sabia que a ordem para lhe bater na boca viera do sumo sacerdote. Mais uma vez, convém observar que Paulo demonstrou respeito pelo cargo, porém não pelo homem que o ocupava. Há uma diferença clara.

Ao perceber que sua abordagem pessoal não foi bem-sucedida, Paulo usou, em seguida, a abordagem doutrinária. Declarou que a verdadeira questão era sua fé na doutrina da ressurreição, sobre a qual os fariseus e saduceus discordavam energicamente. Paulo sabia que, ao defender essa doutrina importante, dividiria o conselho e levaria os membros a discutir entre si, e foi exatamente o que aconteceu. A reação foi tão violenta que Cláudio e seus homens tiveram de correr até a sala do conselho e, pela segunda vez, salvar o prisioneiro!

Não creio que Paulo estivesse fazendo um jogo político ao usar essa abordagem. Depois de seu conflito infeliz com o sumo sacerdote, Paulo percebeu que não havia como receber um julgamento justo do Sinédrio. Se o julgamento prosseguisse, poderia ter sido condenado e levado para fora, a fim de ser apedrejado como blasfemo. Se tivessem oportunidade de testemunhar, os judeus da Ásia provavelmente jogariam mais lenha na fogueira com suas falsidades. A coisa mais sábia a fazer era encerrar a audiência o mais rápido possível e confiar que Deus usaria as legiões romanas para protegê-lo dos judeus.

Existe ainda outro elemento a ser considerado: Paulo estava absolutamente certo ao afirmar que a questão central era a doutrina da ressurreição, não a "ressurreição dos mortos" em geral, mas a ressurreição de Jesus Cristo (ver At 24:21; 26:6-8; 28:20). Caso lhe tivesse sido dada a oportunidade, Paulo teria proclamado o evangelho de "Jesus Cristo e da ressurreição", como fizera anteriormente diante das congregações judaicas em

várias partes do império. A ressurreição é o cerne do testemunho no Livro de Atos (ver At 1:22; 2:32; 3:15).

Tanto Jesus quanto os apóstolos haviam sido interrogados perante o Sinédrio; agora, Paulo dera seu testemunho a esses líderes religiosos judeus. O conselho teve oportunidades extraordinárias de ouvir a Palavra e, ainda assim, se recusou a crer!

2. PAULO E O SENHOR JESUS (AT 23:11)

Alguns anos depois da conversão de Paulo, quando a vida do apóstolo estava em perigo em Jerusalém, Jesus lhe apareceu no templo e lhe disse o que fazer (At 22:17-21). Quando Paulo estava desanimado em Corinto e considerando a possibilidade de ir para outro lugar, Jesus lhe apareceu e lhe deu coragem para permanecer em Corinto (At 18:9, 10). Aqui, quando Paulo certamente se encontrava numa "maré baixa" de seu ministério, Jesus lhe apareceu novamente para encorajar e instruir seu servo. Mais tarde, Paulo receberia o estímulo necessário durante uma tempestade (At 27:22-25) e em seu julgamento em Roma (2 Tm 4:16, 17). "E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século" (Mt 28:20).

A mensagem do Senhor a Paulo foi de *encorajamento*. A injunção "Coragem!" é semelhante a "Tem bom ânimo!" Jesus proferiu essas palavras com freqüência durante seu ministério aqui na Terra. Disse-as ao paralítico (Mt 9:2) e à mulher que sofria de hemorragia (Mt 9:22). Bradou-as aos discípulos durante a tempestade (Mt 14:27) e repetiu-as no cenáculo (Jo 16:33). Como povo de Deus, podemos sempre ter bom ânimo em tempos de dificuldade, pois o Senhor está conosco e nos levará até o fim.

Também foi uma mensagem de *aprovação*. O Senhor não repreendeu Paulo por ir a Jerusalém. Antes, o elogiou pelo testemunho que dera, mesmo que suas palavras não tivessem sido aceitas. Ao ler o relato dos dias que Paulo passou em Jerusalém, temos a impressão de que tudo o que ele fez ali foi um fracasso absoluto. Sua tentativa de receber o apoio dos judeus legalistas só serviu para provocar um tumulto no templo, e seu

testemunho perante o Sinédrio causou uma grande confusão. Mas o Senhor se agradou do testemunho de Paulo, e, na verdade, é isso o que importa.

Por fim, foi uma mensagem de *confirmação*. Paulo deveria ir a Roma! Esse havia sido o desejo do apóstolo há meses (At 19:21; Rm 15:22-29), mas os acontecimentos em Jerusalém deram a impressão de que tal desejo não se realizaria. Que grande encorajamento essa promessa representou para Paulo nas semanas seguintes, semanas difíceis durante as quais os líderes mentiram a seu respeito, fanáticos tentaram matá-lo e os magistrados o ignoraram. Em tudo isso, Deus estava com ele, cumprindo seu plano perfeito de levar seu servo fiel a Roma.

3. PAULO E OS CONSPIRADORES JUDEUS (AT 23:12-35)

Desde o início de seu ministério, Paulo arriscara sua vida ao testemunhar sobre Cristo em Damasco (At 9:22-25). Durante a primeira visita que fez a Jerusalém depois de sua conversão, sofreu um atentado dos judeus helenistas (At 9:29). Os judeus também o expulsaram de Antioquia da Pisídia (At 13:50, 51) e ameaçaram apedrejá-lo em Icônio (At 14:5). O apóstolo foi apedrejado em Listra (At 14:19, 20); em Corinto, os judeus tentaram prendê-lo (At 18:12-17). Em Éfeso, conspiraram contra sua vida (At 20:19) e até planejaram matá-lo no mar (At 20:3). As palavras de Paulo em 1 Tessalonicenses 2:14-16 adquirem significado especial quando levamos em consideração tudo o que ele sofreu nas mãos de seus compatriotas.

Talvez a conspiração contra a vida de Paulo tenha sido engendrada pelos judeus da Ásia (At 21:27-29). Alguns dos principais sacerdotes e anciãos concordaram em cooperar com eles e influenciar Cláudio. Era natural o conselho desejar obter mais informações sobre Paulo, e não seria difícil armar uma cilada para ele e seus colaboradores e matar o apóstolo. Se isso colocasse o comandante em uma situação difícil junto a seus superiores, receberia a proteção do sumo sacerdote. Havia precedentes para

esse tipo de colaboração entre romanos e judeus (Mt 28:11-15).

Mas os quarenta e tantos homens em jejum e os líderes religiosos não levaram em consideração o fato de Paulo ser apóstolo de Jesus Cristo e de que o Senhor exaltado observava tudo do céu. Na conversão de Paulo, o Senhor lhe disse que sofreria, mas também lhe prometeu que ficaria livre de seus inimigos (At 9:15, 16; 26:16, 17). Paulo apegou-se a essa promessa ao longo de toda a vida, e Deus foi fiel.

Não temos qualquer informação sobre a irmã e o sobrinho de Paulo, exceto o que se encontra registrado nesta passagem. Filipenses 3:8 dá a entender que Paulo perdeu a família quando se tornou cristão, mas não sabemos se seus parentes se converteram depois (o termo "parentes", em Rm 16:7, 11, significa "compatriotas judeus", conforme é traduzido em Rm 9:3.) Uma vez que, havia muito tempo, a família de Paulo era associada aos fariseus (At 23:6), sem dúvida sua irmã estava em contato com "os poderes governantes" e tinha acesso às notícias que circulavam nesses meios. As esposas com certeza conversavam umas com as outras, e é possível passar um segredo adiante contando-o a uma pessoa de cada vez!

É pouco provável que essa irmã e o sobrinho fossem cristãos, pois, se fosse o caso, certamente não teriam acesso aos círculos religiosos oficiais em Jerusalém. Eram judeus devotos e sabiam que se tratava de uma conspiração perversa (Êx 23:2). Foi a providência de Deus que lhes permitiu tomar conhecimento dessa notícia e transmiti-la em particular a Cláudio. Nas palavras de Agostinho: "Confie o passado à misericórdia de Deus, o presente a seu amor, e o futuro a sua providência".

Por certo, a coragem e a integridade do comandante Cláudio Lísias são dignas de admiração. Como saber se o rapaz dissera a verdade? Paulo já havia causado tantos problemas a Cláudio que teria sido um alívio ver-se livre dele! Os judeus não sabiam que Cláudio estava a par de sua conspiração, de modo que poderia ter usado esse

“conhecimento privilegiado” em benefício próprio. Nenhum soldado romano poderia se dar o luxo de perder um prisioneiro, mas sempre havia um jeito de fazer as coisas se desenrolarem de modo proveitoso.

Ao longo de todo o Livro de Atos, Lucas refere-se aos oficiais romanos de maneira favorável, desde o centurião Cornélio em Atos 10 até o centurião Júlio em Atos 27:1, 3, 43. Não há registro algum de que qualquer *oficial* romano tenha perseguido a igreja; a oposição era instigada por judeus incrédulos. Apesar de o império ter seus oportunistas políticos corruptos, em sua maior parte, os líderes militares romanos eram homens de caráter, que respeitavam a lei romana.

O plano de Cláudio era simples e sábio. Estava ciente de que precisava tirar Paulo de Jerusalém, pois, do contrário, seu prisioneiro seria alvo de sucessivas conspirações contra sua vida, e uma delas poderia acabar bem-sucedida. Também sabia que precisava definir as acusações contra Paulo, pois, do contrário, ele próprio poderia ser acusado de deter ilegalmente um cidadão romano. Enviar Paulo a Cesaréia e colocá-lo sob a autoridade de Félix, o governador romano, resolveria os dois problemas.

Se Paulo fosse um cidadão comum tentando percorrer os cerca de 100 quilômetros de Jerusalém a Cesaréia, seria um alvo fácil para os conspiradores. Mas Deus providenciou para que 470 soldados, quase metade da guarnição do templo, o protegessem! Mais uma vez em sua carreira, Paulo foi levado para fora de uma cidade às escondidas durante a noite (At 9:25; 17:10).

A carta oficial do comandante é extremamente interessante. Como seria de se esperar, Cláudio retratou a si mesmo e a seus homens da maneira mais favorável que pôde. Apesar de ser verdade que salvaram Paulo de ser morto, não foi, a princípio, pelo fato de ser romano. Cláudio pensava que Paulo era egípcio e, por pouco, não ordenou que fosse açoitado!

Atos 23:29 é outra das “declarações oficiais” de Lucas acerca das autoridades romanas, comprovando que os cristãos não eram considerados criminosos. Os oficiais

em Filipos haviam praticamente pedido desculpas a Paulo (At 16:35-40), e, em Corinto, Gálio se recusara a julgá-lo (At 18:14, 15). Em Éfeso, o escrivão da cidade declarou a 25 mil pessoas que os cristãos eram inocentes (At 19:40), e aqui vemos o comandante da fortaleza do templo escrevendo a mesma coisa. Posteriormente, Festo (At 25:24, 25) e Herodes Agripa (At 26:31, 32) também declarariam que Paulo devia ser libertado. Até mesmo os líderes religiosos de Roma foram obrigados a reconhecer que não haviam recebido qualquer notícia oficial contrária a Paulo (At 28:21).

Partindo às 9 horas da noite, Paulo e sua escolta foram de Jerusalém a Antipátride, uma viagem de cerca de 60 quilômetros. A jornada deve ter sido feita em marcha rápida durante toda a noite para que tantas pessoas percorressem uma distância tão grande em tão pouco tempo. Em seguida, a cavalaria prosseguiu com Paulo, enquanto 200 soldados voltaram ao quartel, uma vez que a parte mais perigosa da viagem havia sido concluída. Percorreram mais 43 quilômetros até Cesaréia, onde Paulo foi entregue oficialmente a Félix. O apóstolo estava protegido dos conspiradores judeus, mas será que estava seguro nas mãos de Félix?

Antônio Félix era governador (procurador) da Judéia. Era casado com Drusila, uma judia, filha de Herodes Agripa I (At 12:1), que havia deixado o marido para se tornar a terceira esposa de Félix. Também era irmã de Herodes Agripa II (At 25:13ss). De acordo com o historiador romano Tácito, Félix “exercia o poder de um rei com o espírito de um escravo”. Era chamado de “rufião vulgar” e fazia jus a essa designação.

Além de ter sido acompanhado de uma escolta digna de um rei, Paulo não foi colocado em uma prisão comum, mas sim no palácio construído por Herodes, o Grande, que servia de quartel-general para o governador. Pergunto-me se cristãos de Cesaréia ficaram sabendo da presença de Paulo e procuraram oferecer-lhe assistência e ânimo. Devem ter se lembrado da visita de Ágabo e percebido que sua terrível profecia havia se cumprido (At 21:10-14).

Ao recapitular os acontecimentos registrados neste capítulo, é impossível não ficar impressionado com o compromisso do apóstolo Paulo com seu chamado. "Porém em nada considero a vida preciosa para mim mesmo" (At 20:24). Se houve um homem que ousou seguir Cristo a qualquer custo, esse homem foi Paulo. Não procurava a alternativa mais fácil, mas sim a que mais honraria o nome do Senhor e que ganharia mais almas para Cristo. Estava disposto a se tornar um prisioneiro, caso isso contribuísse para propagar o evangelho.

Também nos impressiona a maravilhosa providência de Deus ao cuidar de seu servo. "O anjo do SENHOR acampa-se ao redor dos que o temem e os livra" (Sl 34:7). "Confie-mos em Deus e sejamos corajosos por amor ao evangelho", escreveu Charles Spurgeon, "e o próprio Senhor nos guardará do mal".

O povo de Deus pode se permitir ser ousado dentro da vontade de Deus, pois sabe que seu Salvador é confiável e realizará sua vontade perfeita. Paulo estava desacompanhado, mas não estava só! O Senhor estava com ele, e não havia coisa alguma a temer.

PAULO, A TESTEMUNHA

ATOS 24

“A lei foi a expressão mais característica e duradoura do espírito romano”, escreveu o historiador Will Durant em sua obra *Caesar and Christ* [César e Cristo]. “Na lei romana, a primeira pessoa era o cidadão”. Em outras palavras, era responsabilidade do tribunal proteger o cidadão do Estado; mas, com muita freqüência, vários tipos de corrupção afetavam o sistema e tornavam a justiça praticamente inacessível ao indivíduo comum. Paulo não tardaria em descobrir como o governador romano poderia ser corrupto.

De acordo com Arnold Toynbee: “O segredo do governo romano era o princípio do controle indireto”. Isso significava que a verdadeira responsabilidade administrativa recaía sobre os ombros das autoridades locais. A Roma imperial só se envolvia quando havia algum perigo externo ou quando havia conflito entre as unidades administrativas.

Neste capítulo, vemos o sistema legal romano em funcionamento e a contribuição de três homens.

1. TÉRTULO: ACUSAÇÕES FALSAS (AT 24:1-9)

Podemos observar, ao longo do relato bíblico, que as pessoas sempre *sobem* quando se dirigem a Jerusalém, mas *descem* quando deixam a cidade. Isso explica por que os líderes judeus “desceram” a Cesaréia. O sumo sacerdote Ananias estava acompanhado de alguns ancião judeus e também de um advogado para apresentar sua causa e defender suas acusações. A lei romana era tão complexa quanto nossa lei moderna, de modo que era necessário ter especialistas

para compreendê-la e aplicá-la com sucesso ao caso de cada cliente.

Tértulo começou com a *lisonja* habitual, considerada parte normal da rotina judiciária. Afinal, antes de ganhar a causa, era preciso conquistar a simpatia do juiz. Tácito, o orador e político romano, afirmou que os lisonjeadores são “os piores dos inimigos”, e Salomão escreveu que “a boca lisonjeira é causa de ruína” (Pv 26:28).

O advogado elogiou Félix pelas diversas reformas do governador que haviam promovido a paz. Essa declaração nos leva a imaginar por que foram necessários quase 500 soldados para proteger um só homem em trânsito entre Jerusalém e Cesaréia. É verdade que Félix reprimira algumas revoltas, mas, por certo, isso não havia trazido paz completa à região. Na realidade, ao mesmo tempo que subjugava os ladrões em seu governo, Félix contratava bandidos para assassinar o sumo sacerdote Jônatas! Que reformas!

No entanto, as denúncias do promotor público contra Paulo não eram mais verdadeiras do que sua lisonja. Tértulo apresentou três acusações: uma pessoal (“este homem é uma peste”), uma política (“promove sedições” e é líder de uma religião ilegal) e uma religiosa (“tentou profanar o templo”).

Quanto a Paulo ser “uma peste”, a interpretação dessa designação depende do ponto de vista. Os judeus desejavam manter suas tradições antiquíssimas, enquanto Paulo defendia algo novo. Os romanos temiam qualquer coisa que afetasse o equilíbrio delicado da sua “paz” no império e o histórico de problemas e tumultos relacionados a Paulo era longo e incontestável. Como Vance Havner costumava dizer: “Por onde Paulo passava, ocorria sempre uma revolta ou um reavivamento!”

A acusação pessoal era baseada nos conflitos dos judeus com Paulo em diferentes regiões do império romano. Conforme observamos anteriormente, eram os próprios compatriotas do apóstolo, não as autoridades romanas, que dificultavam a vida de Paulo em cada cidade. Os judeus da Ásia (At 21:27), sem dúvida, teriam histórias para contar sobre Listra, Corinto e Éfeso! A primeira

acusação nos traz à memória as acusações feitas contra Jesus em seu julgamento (Lc 23:1, 2, 5).

A acusação política era muito mais séria, pois nenhum oficial romano desejava ser culpado de permitir atividades ilegais que perturbariam a "Pax Romana". Roma havia dado aos judeus a liberdade de praticar sua religião, mas os oficiais romanos mantinham o povo sob vigilância, a fim de que não se aproveitassem de seus privilégios para enfraquecer o império. Quando Tértulo chamou Paulo de "instigador de insurreições entre todos os judeus por toda a parte do império romano" (tradução de Wuest), despertou de imediato a atenção do governador. Sem dúvida, tal declaração não passava de exagero, mas não são poucas as causas ganhas em tribunais por meio da distorção da verdade.

Tértulo sabia que havia certa base para essa acusação, pois Paulo pregava aos judeus que Jesus Cristo era seu Rei e Senhor. Para os romanos e para os judeus incrédulos, essa mensagem soava como traição a César (At 16:20, 21; 17:5-9). Além disso, era ilegal fundar uma nova religião no império romano sem a aprovação das autoridades. Se, de fato, Paulo era o "principal agitador da seita dos nazarenos", não seria difícil seus inimigos encontrarem vários motivos para acusá-lo.

Naquele tempo, a fé cristã ainda era identificada com os judeus, que tinham a permissão de Roma para praticar sua religião. Alguns gentios interessados e outros gentios "tementes a Deus" freqüentavam as sinagogas, de modo que a presença de gentios nas igrejas não criava qualquer problema legal. Os problemas começaram quando o número de cristãos gentios aumentou e mais congregações separaram-se das sinagogas. Roma passou a reconhecer a diferença entre judeus e cristãos e não desejava que uma religião rival se desenvolvesse no império, trazendo mais complicações.

A terceira acusação de Tértulo exigia cautela, pois envolvia um oficial romano que havia salvado a vida de um homem. A maioria das autoridades romanas, como Félix,

não tinha qualquer interesse em casos que envolvessem a Lei judaica (Jo 18:28-31; At 16:35-40; 18:12-17). Quanto menos judeus chegassem aos tribunais romanos, melhor para o império. Tértulo teve de apresentar essa terceira acusação de modo a transmitir uma imagem positiva dos judeus sem comprometer a imagem dos romanos, e se saiu muito bem.

Em primeiro lugar, atenuou a acusação dos judeus da Ásia, segundo os quais Paulo havia profanado o templo (At 21:28). Nas palavras de Tértulo, o apóstolo "tentou profanar o templo" (At 24:6). Qual era o motivo dessa mudança? Em primeiro lugar, os acusadores de Paulo sabiam que a acusação inicial não poderia ser comprovada, caso se fizesse uma investigação dos fatos. Mais do que isso: os judeus da Ásia que começaram a história toda haviam desaparecido! Sem testemunhas, não haveria provas nem possibilidade de condenação.

Ao comparar o relato que Lucas apresenta da prisão de Paulo (At 21:27-40) com o relato do comandante (At 23:25-30) e o do advogado (At 24:6-8), entendemos bem como é fácil juízes e júris ficarem confusos. Tértulo dá a impressão de que Paulo era, de fato, culpado de profanar o templo, de modo que os judeus estavam dentro de seus direitos ao prendê-lo, e de que o capitão havia saído da linha ao interferir. Era Cláudio, não os judeus, o culpado de tratar um cidadão romano com violência! Mas Félix tinha diante de si a carta oficial do comandante e sentia-se muito mais inclinado a crer em seu oficial do que em um advogado judeu helenista.

Tértulo sabia que os judeus tinham a autoridade de Roma para prender e julgar os que transgrediam a Lei judaica. Por certo, os romanos acreditavam que a devoção dos judeus a sua tradição era excessiva e supersticiosa. No entanto, Roma adotou uma atitude prudente ao deixar que resolvessem seus problemas sozinhos. Os judeus tinham até permissão de executar os transgressores em casos capitais, como a "ofensa" de Paulo ao permitir que gentios atravessassem a barreira de proteção do templo (At 21:28, 29). Tértulo argumentou que, se Cláudio não

tivesse interferido, os próprios judeus teriam julgado Paulo, o que por sua vez teria poupado Roma de um bocado de problemas e despesas.

Ao encerrar sua argumentação, Tértulo insinuou que Cláudio Lísias deveria estar presente pessoalmente, em vez de enviar apenas os líderes judeus para apresentar o pleito em questão. Qual era o motivo de sua ausência? Não era capaz de defender sua causa? Estava tentando fugir de suas responsabilidades e passar o problema adiante? Tanto quanto sabemos, nos dois anos que Paulo passou em Cesaréia, Cláudio não se apresentou em momento algum para contar sua versão da história, e ficamos imaginando a que se deve seu silêncio.

Mas Paulo, estava lá, e Félix podia obter dele a verdade. "Se você examinar Paulo, verá que é verdade o que digo", disse o advogado. Os outros membros da delegação de judeus se uniram ao confirmar as palavras do advogado, que não era surpresa para ninguém.

2. PAULO: RESPOSTAS VERDADEIRAS (At 24:10-21)

O governador não interrogou Paulo. Fez apenas um sinal com a cabeça indicando que era a vez do apóstolo falar. Paulo não lisonjeou Félix (ver 1 Ts 2:1-6); apenas reconheceu que o governador era um homem experiente e, portanto, de grande conhecimento. Depois dessa introdução breve, porém honesta, Paulo prosseguiu respondendo às acusações de Tértulo (At 24:10-16), dos judeus da Ásia (At 24:17-19) e do conselho judeu (At 24:20, 21).

No que se referia à acusação de causar tumulto no templo, Paulo estava lá para adorar, não para liderar uma revolta. Como poderia ser comprovado pelas atas do templo, Paulo se registrara para pagar as despesas de quatro judeus que haviam feito o voto nazireu. Não pregou no templo nem nas sinagogas de Jerusalém, tampouco nas ruas da cidade (anos antes, Paulo havia feito um acordo com Pedro de não evangelizar os judeus em Jerusalém; ver Gl 2:7-10). Ninguém poderia provar que fosse culpado de

liderar qualquer rebelião, quer contra judeus quer contra romanos.

Além disso, uma vez que havia passado apenas uma semana em Jerusalém (os doze dias, em At 24:11, menos os cinco dias, em At 24:1), dificilmente se diria que teve tempo suficiente de organizar e de liderar um ataque ao templo! Apesar de os estudiosos da vida de Paulo não apresentarem um consenso quanto a todos os detalhes, acredita-se que a ordem dos acontecimentos foi semelhante à descrição abaixo:

Primeiro dia - Paulo chega a Jerusalém (21:17).

Segundo dia - Encontra-se com Tiago e com os presbíteros (21:18).

Terceiro dia - Vai ao templo com os nazireus (21:26).

Quarto dia - No templo.

Quinto dia - No templo.

Sexto dia - É preso no templo (21:27).

Sétimo dia - Encontra-se com o conselho judeu (23:1-10).

Oitavo dia - Sofre ameaças; é levado para Cesaréia (23:12, 23).

Nono dia - Chega a Cesaréia (23:33).

Décimo dia - Fica à espera dos líderes de Jerusalém convocados por Félix.

Décimo primeiro dia - Continua à espera dos líderes.

Décimo segundo dia - Espera; líderes chegam; é marcada a audiência.

Décimo terceiro dia - Audiência com Félix.

É evidente que os quatro homens que fizeram voto nazireu já estavam cumprindo seus deveres no templo quando Tiago sugeriu que Paulo pagasse suas despesas (At 21:24). Supondo que haviam começado no dia antes da chegada de Paulo a Jerusalém, quando Paulo foi preso, estariam no sétimo dia de suas obrigações (At 21:27). Atos 21:27 diz que "já estavam por findar os sete dias", indicando que os acontecimentos ocorreram no sétimo dia da programação, o sexto dia de Paulo na cidade.

Os mensageiros oficiais romanos enviados de Cesaréia a Jerusalém devem ter

levado dois dias para chegar a Jerusalém, e Ananias e seus colaboradores devem ter gastado mais um dia para chegar a Cesaréia. É pouco provável que tenham protelado, pois se tratava de um caso importante demais.

Depois de refutar com sucesso as acusações de causar tumulto no templo, Paulo tratou das acusações de sedição e de hereesia. Apesar de o sumo sacerdote ser saduceu, certamente havia fariseus na delegação oficial de judeus, de modo que Paulo apelou mais uma vez para suas raízes religiosas nas Escrituras. O fato de Paulo ser cristão não significava que adorasse a um Deus diferente daquele de seus antepassados. Significava, apenas, que adorava a esse Deus de maneira nova e viva, pois a única maneira de adorar ao Pai é por meio de Jesus Cristo (Jo 5:23). Sua fé continuava fundamentada nas Escrituras do Antigo Testamento que, por sua vez, davam testemunho de Jesus Cristo.

Os saduceus aceitavam os cinco Livros de Moisés (a Lei), mas não o restante do Antigo Testamento. Rejeitavam a doutrina da ressurreição, pois afirmavam que esta não podia ser encontrada em parte alguma dos escritos de Moisés (Jesus refutou essa argumentação, mas escolheram ignorá-lo; ver Mt 22:23-33). Ao declarar sua fé pessoal na ressurreição, Paulo afirmou suas convicções ortodoxas e se identificou com os fariseus. Mais uma vez, os fariseus viram-se em um dilema, pois se a fé do apóstolo era tão herética, o mesmo poderia ser dito acerca das convicções que eles próprios defendiam!

Paulo e os cristãos primitivos não se consideravam "ex-judeus", mas sim "judeus plenos". Para eles, o Antigo Testamento era um novo Livro, pois ali encontraram seu Messias. Sabiam que não precisavam mais de rituais da Lei judaica para agradar a Deus, mas viam nessas cerimônias e ordenações uma revelação do Salvador. Tanto como fariseu quanto como cristão, Paulo sempre se esforçara para ter uma consciência pura e procurara agradar ao Senhor.

Depois de responder às falsas acusações de Tértulo, Paulo prosseguiu refutando as falsas acusações dos judeus da Ásia, segundo

os quais ele havia profanado o templo (At 24:17-19). O propósito de sua viagem a Jerusalém não era profanar o templo, mas sim entregar aos judeus a oferta de que tanto precisavam e apresentar seus sacrifícios ao Senhor no templo (essa é a única ocasião em que a oferta especial em dinheiro é mencionada no Livro de Atos). Quando os judeus da Ásia o viram no templo, o apóstolo encontrava-se com os quatro homens que cumpriam seus votos nazireus. Como seria possível que Paulo estivesse adorando a Deus e, ao mesmo tempo, profanando a casa de Deus? Havia um sacerdote encarregado de supervisionar as atividades de Paulo no templo, de modo que, se a casa de Deus havia sido profanada, o sacerdote era igualmente responsável. Paulo apenas obedecia à Lei.

Paulo chega, assim, ao cerne de sua defesa, pois a lei romana exigia que os acusadores ficassem frente a frente com os acusados durante o julgamento; caso contrário, as acusações eram retiradas. Em uma demonstração de prudência, Ananias não incluía em sua comitiva oficial nenhum judeu helenista, pois estava certo de que seu testemunho seria submetido ao escrutínio oficial. Tais homens eram capazes de começar alvoroços, mas não se mostravam competentes na hora de apresentar fatos.

Paulo encerrou sua defesa respondendo aos membros do conselho judeu (At 24:20, 21). Em lugar de lhe dar uma audiência justa, o sumo sacerdote do sínédrio o maltratara e se recusara a ouvir tudo o que tinha a dizer. Ananias certamente ficou grato por Paulo não mencionar o tapa na boca, pois era contra a lei tratar um cidadão romano dessa maneira.

Observamos certo sarcasmo santo na declaração final de Paulo? Suas palavras podem ser parafraseadas como: "Se cometi alguma perversidade, foi, provavelmente, esta: lembrei os membros do conselho judeu de nossa grande doutrina da ressurreição". Convém lembrar que o Livro de Atos é um registro dos primeiros testemunhos da Igreja acerca da ressurreição de Jesus Cristo (At 1:22). Os saduceus haviam há

muito abandonado essa doutrina, e os fariseus não lhe atribuíam a devida relevância prática. É claro que Paulo relacionava essa doutrina com a ressurreição de Jesus Cristo, e era justamente isso o que o Sinédrio não queria.

Haviam acusado Paulo de ser antijudeu e anti-romano, mas não tinham como provar suas acusações. Se os líderes judeus tivessem investigado mais a fundo qualquer uma das acusações, o pleito contra Paulo teria perdido toda a fundamentação. No entanto, havia evidências circunstanciais suficientes para semear dúvidas na mente dos oficiais romanos e, talvez, houvesse preconceito racial suficiente para regar essa semente e fazê-la crescer. Afinal, o imperador Claudius não expulsara os judeus de Roma (At 18:2)? Talvez Paulo também devesse ficar sob observação.

3. FÉLIX: ATITUDES INSENSATAS (At 24:22-27)

Se houve um homem que falhou em âmbito pessoal e oficial foi Félix, o governador da Judéia. Sem dúvida, não poderia alegar ignorância dos fatos, pois “[conhecia] mais acuradamente as coisas com respeito ao Caminho” (At 24:22). Sua esposa, Drusila, era judia e talvez o mantivesse informado do que se passava no meio do povo e, como oficial romano, é possível que investigasse tais coisas com todo cuidado (ainda que em segredo). Félix viu a luz, mas preferiu viver em trevas.

O governador providenciou para que Paulo fosse bem tratado e, ao mesmo tempo, guardado com toda segurança. O termo “detido”, em Atos 24:23, significa que Paulo não foi colocado em uma prisão comum nem mantido em confinamento rigoroso. Desfrutava de liberdade limitada dentro do palácio, permanecendo todo o tempo acorrentado a um soldado (a troca de guardas ocorria a cada seis horas, de modo que o apóstolo tinha sempre a seu lado um “ouvinte cativo!”). Os amigos de Paulo tinham permissão de ministrá-lo – o que, de acordo com o termo grego, significa que poderiam ajudá-lo como seus servos

–, de modo que tinham permissão de ir e vir para suprir suas necessidades. Não se sabe qual foi o ministério de Paulo durante esses dois anos em Cesaréia, mas se pode ter certeza de que continuou a testemunhar fielmente sobre o Senhor.

O relato de um desses testemunhos é registrado por Lucas e torna ainda maior a culpa de Félix. O governador não apenas era intelectualmente bem informado como também havia temor em seu coração. No entanto, se recusou a obedecer à verdade. Não basta conhecer os fatos acerca de Cristo nem reagir emocionalmente a uma mensagem. É preciso haver arrependimento voluntário do pecado e fé no Salvador. “Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida” (Jo 5:40).

Deve ter sido a curiosidade de sua esposa, Drusila, que levou Félix a chamar Paulo para outra audiência. Drusila desejava ouvir Paulo falar, pois, afinal, sua família havia se envolvido com os que seguiam “o caminho” em várias ocasiões. Seu bisavô havia tentado matar Jesus em Belém (Mt 2); seu tio-avô havia mandado executar João Batista e zombado de Jesus (Lc 23:6-12); e, de acordo com Atos 12:1, 2, seu pai havia mandado matar o apóstolo Tiago.

Lucas apresenta apenas os três pontos do sermão de Paulo ao casal infame: justiça, domínio próprio e o juízo vindouro – um esboço e tanto! Paulo apresentou a eles três motivos coercivos para que se arrependessem e cressem em Jesus Cristo.

Em primeiro lugar, deveriam tomar alguma atitude em relação ao *pecado passado* (“justiça”). Em 1973, Dr. Karl Menninger, um dos maiores psiquiatras do mundo, publicou um livro surpreendente chamado *Whatever became of sin? [Que fim levou o pecado?]*. Nessa obra, ressaltou que o termo *pecado* foi eliminado gradualmente de nosso vocabulário, e, “junto com o termo, o conceito a ele relacionado”. Falamos de erros, fraquezas, tendências hereditárias, falhas e até culpas, mas não encaramos a realidade do pecado.

“As pessoas deixaram de ser pecaminosas”, escreveu a conhecida escritora e

poetisa norte-americana Phyllis McGinley. "Agora, são apenas imaturas, menos privilegiadas, assustadas ou, mais especificamente, doentes". Mas um Deus santo exige justiça; essa é a má notícia. No entanto, a boa notícia é que esse mesmo Deus santo *concede* a própria justiça aos que crêem em Jesus Cristo (Rm 3:21-26). Não é possível sermos salvos pela própria retidão constituída de boas obras, apenas pela justiça de Cristo, à qual temos acesso por sua obra de salvação consumada na cruz.

O segundo ponto do sermão de Paulo refere-se ao domínio próprio: devemos ter uma atitude com respeito à *tentação presente*. O ser humano é capaz de controlar quase tudo, menos a si mesmo. Vemos em Félix e Drusila exemplos perfeitos de falta de domínio próprio. Ela se divorciou do marido para se tornar a terceira esposa de Félix e, apesar de ser judia, vivia como se Deus jamais tivesse dado os dez mandamentos no Sinai. Félix era um oficial inescrupuloso que não hesitava em mentir, nem mesmo em mandar matar, a fim de conseguir livrar-se de seus inimigos e de se promover. Domínio próprio era algo que ambos desconheciam.

O terceiro ponto de Paulo é decisivo: "o juízo vindouro". Devemos ter uma atitude com respeito ao *juízo futuro*. Talvez Paulo tenha dito a Félix e Drusila o mesmo que disse aos filósofos gregos: Deus "estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça" pelo Senhor Jesus Cristo (At 17:31). Ou Jesus Cristo é nosso Salvador ou é nosso juiz. Como saber que Jesus Cristo é Juiz? Porque Deus julgará o mundo "por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos" (At 17:31). Voltamos à questão da ressurreição!

"Ficou Félix amedrontado" (At 24:25), o que significa, literalmente, que estava aterrorizado. Os líderes romanos orgulhavam-se de sua capacidade de permanecer impassíveis sob qualquer circunstância, mas uma palavra de acusação de Deus apoderou-se do coração de Félix, e ele não pôde esconder seu temor. Paulo diagnosticara o caso e

oferecera a solução. Cabia a Félix aceitar a oferta.

O que o governador romano fez? *Procrastinou!* "Quando houver uma ocasião mais conveniente, voltarei a chamá-lo", disse ao apóstolo. "A procrastinação é a saqueadora do tempo", escreveu Edward Young. Talvez tivesse em mente o provérbio inglês: "*um dia desses é o mesmo que o Dia de São Nunca*". A procrastinação também saqueia almas. A "ocasião mais conveniente" para um pecador ser salvo é *agora*. "Eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação" (2 Co 6:2).

- Creio que cada pessoa tem um tempo certo para ser salva - disse um homem para o qual eu estava testemunhando. - Só posso ser salvo quando chegar meu tempo certo.

- E quais são os sinais de que é chegado seu tempo? - perguntei.

- Bem -, respondeu lentamente. - Não sei explicar com toda certeza...

- Então, como vai saber quando deve ser salvo? - perguntei inutilmente, uma vez que a insensatez de sua atitude não lhe causava a menor perturbação. Espero que tenha sido salvo antes de morrer.

Consideremos, agora, as atitudes insensatas de Félix. Sua atitude em relação à Palavra de Deus era insensata, pois pensava que poderia "pegar ou largar". Mas Deus "agora [...] *notifica* [ordena] aos homens que todos, em toda parte, se arrependam" (At 17:30, grifos nossos). Quando Deus fala, homens e mulheres devem ouvir e obedecer.

A atitude do governador em relação a seus pecados também era insensata. Sabia que era pecador, no entanto se recusava a deixar seus pecados e a obedecer ao Senhor. Sua atitude em relação à graça de Deus era igualmente insensata. O Senhor havia sido longânimo com Félix, mas o governador não se entregou. Félix não sabia, ao certo, se viveria mais um dia, no entanto insistia em sua procrastinação tola. "Não te glories do dia de amanhã, porque não sabes o que trará à luz" (Pv 27:1).

Em vez de dar ouvidos a Paulo, Félix tentou "usar" o apóstolo em seus jogos políticos,

talvez na esperança de extorquir algum dinheiro da igreja ou de obter o favor dos judeus. O fato de Félix ter conversado com Paulo em outras ocasiões não é prova de que seu coração estivesse interessado em coisas espirituais. Os amigos de Paulo iam e vinham livremente, e talvez alguns deles tivessem acesso à oferta generosa das igrejas gentias. Sem dúvida, Paulo continuou testemunhando ao governador, mas de nada adiantou. Quando Félix foi substituído, deixou Paulo na prisão; na verdade, porém, o governador romano é que se encontrava cativo.

Félix possuía uma mente esclarecida (At 24:22), suas emoções haviam sido tocadas (At 24:25), mas sua volição não havia cedido. Tentou ganhar o mundo, mas, tanto quanto sabemos, perdeu sua alma. Procrastinou até chegar ao inferno.

Clarence Macartney contava uma história sobre uma reunião no inferno. Satanás reuniu-se com seus quatro demônios mais importantes e ordenou que criassem uma nova mentira para capturar mais almas.

- Já sei! - exclamou um dos demônios.
- Vou à Terra dizer às pessoas que Deus não existe.

- Não vai funcionar - disse Satanás. - É só olhar em volta para ver que existe um Deus.

- Vou lhes dizer que o céu não existe - sugeriu o segundo demônio, mas Satanás rejeitou sua idéia.

- Todos sabem que existe vida depois da morte e querem ir para o céu.

- Então vamos lhes dizer que o inferno não existe! - disse o terceiro demônio.

- Não - retrucou Satanás. - A consciência dos pecadores lhes diz que seus pecados serão julgados. Precisamos de uma mentira melhor.

Então, muito tranqüilamente, o último demônio falou:

- Creio que tenho a solução para o problema. Vou à Terra dizer a todos que *não precisam ter pressa*.

O momento ideal para crer em Jesus Cristo é *agora!* E o momento ideal para contar aos outros as boas-novas do evangelho é *agora!*

PAULO, O ADVOGADO DE DEFESA

ATOS 25 - 26

Pórcio Festo, o novo governador, era um homem de mais caráter do que seu antecessor e assumiu suas incumbências com a intenção de fazer o que era certo. No entanto, não demorou a descobrir quanto era difícil lidar com a política dos judeus, especialmente com um caso que se arrastava havia dois anos, envolvendo um prisioneiro contra o qual não havia qualquer acusação formal, o apóstolo Paulo. O prisioneiro era um judeu cujos compatriotas desejavam matar e também era um cidadão romano cujo governo não sabia o que fazer com ele.

Que dilema! Se Festo libertasse Paulo, iria se complicar com os judeus, um risco que o governador não ousava correr. Mas, se mantivesse Paulo na prisão, teria de explicar por que um cidadão romano estava sendo detido sem qualquer acusação oficial definida. Festo sabia que deveria agir com rapidez e se aproveitar do fato de ser um novato que havia acabado de entrar em cena. Se demorasse, só complicaria ainda mais um problema extremamente difícil.

Estes dois capítulos mostram Festo em três situações diferentes, cada uma delas relacionada ao apóstolo Paulo.

1. CONCILIAÇÃO: FESTO E OS LÍDERES JUDEUS (AT 25:1-12)

Sabendo como era importante cultivar um bom relacionamento com os líderes judeus, Festo não perdeu tempo e foi visitar a cidade santa e suas autoridades religiosas; os líderes religiosos, por sua vez, também não perderam tempo e quiseram saber do caso de Paulo. O novo sumo sacerdote era Ismael;

fora nomeado no lugar de Jônatas, que havia sido morto por Félix. Ismael desejava ressuscitar a conspiração de dois anos antes e remover Paulo do caminho de uma vez por todas (At 23:12-15).

É pouco provável que o novo governador soubesse da conspiração inicial ou que sequer suspeitasse do desejo dos líderes religiosos judeus de derramar sangue. Uma vez que um tribunal romano poderia reunir-se tanto em Jerusalém quanto em Cesaréia, transferir Paulo seria um procedimento normal. Era bem possível que Festo não exigisse uma escolta tão numerosa quanto aquela ordenada por Cláudio Lísias, de modo que não haveria grande dificuldade em preparar uma emboscada. Por fim, uma vez que se tratava de uma questão envolvendo um prisioneiro judeu e a Lei judaica, o lugar mais lógico para se reunirem seria Jerusalém.

Desde que Paulo havia chegado a Jerusalém, os judeus incrédulos haviam pedido sua morte aos brados (At 21:27-31; 22:22; 23:10-15; 25:3); mas Festo permanecia alheio a tudo isso. Paulo fora avisado do perigo que corria, mas também recebera garantias de que o Senhor o protegeria e usaria seu testemunho para, em seguida, levá-lo em segurança a Roma (At 23:11; 26:17). A situação tornava-se cada vez mais séria, pois agora o próprio conselho - não apenas um grupo de forasteiros - tramava matar o apóstolo. Seria de se esperar que toda essa ira tivesse se acalmado ao longo do intervalo de dois anos, mas não foi o que aconteceu. Satanás, o homicida, trabalhava com afinco (Jo 8:44).

Festo mostrou-se sábio ao recusar cooperar com o plano dos judeus. No entanto, convidou os líderes a acompanhá-lo até Cesaréia e confrontar Paulo de uma vez por todas. Isso daria a Festo a oportunidade de examinar o caso em sua totalidade e de obter mais fatos a respeito dele. Os judeus concordaram, mas a audiência não trouxe à tona qualquer novidade. A delegação dos judeus (dessa vez, sem um advogado presente), apenas repetiu as mesmas acusações infundadas e impossíveis de provar, na esperança de que o governador concordasse

com eles e ordenasse a execução de Paulo (At 25:15, 16).

Qual foi a atitude de Paulo? Mais uma vez, declarou que era inocente de qualquer crime contra a Lei judaica, contra o templo e contra o governo romano. Festo percebeu que não faziam progresso algum, portanto perguntou a Paulo se estava disposto a ser julgado em Jerusalém. O governador fez isso para agradar os judeus, provavelmente sem perceber que colocava em risco a vida de seu prisioneiro célebre. Mas um tribunal romano não poderia transferir uma causa a outro tribunal sem o consentimento do acusado, e Paulo se recusou a ir a Jerusalém! Antes, asseverou o direito de todo cidadão romano de apelar para César.

O que levou Paulo a tomar essa sábia decisão? Em primeiro lugar, sabia que seu destino era Roma, não Jerusalém; a maneira mais rápida de chegar à capital do império era apelando para César. Paulo sabia que os judeus não haviam perdido as esperanças de matá-lo; assim, o mais prudente era manter-se sob a proteção de Roma. Ao apelar para César, Paulo forçou os romanos a protegê-lo e a levá-lo para Roma. Por fim, Paulo estava ciente de que jamais teria um julgamento justo em Jerusalém, então por que ir até lá?

Os líderes judeus devem ter ficado furiosos quando, com uma só declaração, Paulo tirou o caso das mãos deles. Deixou claro que estava disposto a morrer caso pudesse ser provado que era culpado de algum crime capital, mas antes precisaria ser justamente condenado. Festo reuniu-se com seu conselho oficial, e todos concordaram em enviar Paulo a Nero para ser julgado. Sem dúvida, o novo governador ficou um tanto envergonhado de ter lidado com o caso tão inadequadamente a ponto de o prisioneiro ser forçado a apelar para César; mas era a César que deveria enviá-lo!

2. CONFERÊNCIA: FESTO E AGRIPA (At 25:13-22)

No entanto, os problemas do novo governador não haviam terminado. Não ofendera os judeus, mas também não determinara as

acusações legais contra o prisioneiro. Como mandar um prisioneiro tão notório ao imperador sem uma relação dos crimes dos quais estava sendo acusado?

Por essa época, Festo recebeu uma visita oficial de Herodes Agripa II e da irmã de Herodes, Berenice. O jovem rei, último de sua dinastia a governar, era bisneto do Herodes que havia mandado matar os bebês em Belém e filho do Herodes que havia ordenado a execução do apóstolo Tiago (At 12). O fato de sua irmã viver com ele levantava grandes suspeitas da parte dos judeus, pois sua Lei condenava claramente as relações incestuosas (Lv 18:1-18; 20:11-21). Roma havia concedido a Herodes Agripa II jurisdição legal sobre o templo em Jerusalém, de modo que era lógico Festo comentar com ele o caso de Paulo.

Festo era astuto o suficiente para saber que o caso de Paulo não tinha relação alguma com a lei civil. Tratava-se, em todos os aspectos, de "coisas referentes à lei que os rege" (At 18:14, 15; 23:29), com as quais os romanos não estavam preparados para lidar, especialmente a doutrina da ressurreição. Atos 25:19 deixa claro que Paulo defendia muito mais do que a ressurreição em geral. Declarava e defendia a ressurreição de Jesus Cristo. Conforme observamos em nossos estudos, essa é a principal ênfase do testemunho da Igreja no Livro de Atos.

Festo deu a impressão de que desejava transferir o julgamento para Jerusalém, pois as "questões judaicas" só poderiam ser resolvidas por judeus em seu próprio território (At 25:20). É evidente que estava mentindo para agradar aos líderes judeus, dos quais Herodes conhecia a maioria. Festo precisava de algo definido para enviar ao imperador Nero, e talvez Agripa tivesse alguma sugestão (em At 25:21 "César" é um título para o imperador, não um nome próprio).

O rei era especialista em questões relacionadas aos judeus (At 26:2, 3) e, sem dúvida, teria grande interesse em saber mais sobre esse homem que havia causado tumulto no templo. Talvez Herodes pudesse ajudar Festo a descobrir as verdadeiras acusações contra Paulo, e talvez Festo pudesse

ajudar Herodes a obter mais informações sobre o que se passava entre os judeus na cidade santa.

3. CONFRONTAÇÃO: FESTO, AGRIPA E PAULO (At 25:23 - 26:32)

É incrível ver tanta pompa e cerimônia por causa de um judeu insignificante que pregava o evangelho de Jesus Cristo! Mas o Senhor havia prometido a Paulo que o apóstolo daria seu testemunho "perante os gentios e reis" (At 9:15) e estava cumprindo sua promessa novamente. Uma vez que Paulo tivesse terminado de testemunhar, todos os seus ouvintes saberiam como ser salvos e seriam indesculpáveis se rejeitassem o evangelho.

A reunião aconteceu na "sala de audiência" do palácio, onde estavam presentes os principais líderes militares e civis do governo romano. É bem provável que diversos oficiais tivessem discutido o caso de Paulo muitas vezes durante os dois anos em que estava sob custódia, portanto poucos dentre os presentes não sabiam do que se tratava.

Sem dúvida, Festo exagerava ao dizer que "toda a multidão dos judeus" havia acusado Paulo, mas declarações desse tipo devem ter agradado os judeus presentes. Em Atos 25:25, vemos a segunda "declaração oficial" de Lucas, afirmando a inocência de Paulo (ver At 23:29); encontramos outras declarações semelhantes nos capítulos seguintes do livro.

Em seu discurso floreado diante de Agripa, Festo revelou seu desejo de que o rei interrogasse Paulo (At 25:26); no entanto, não há registro algum de que Agripa tenha atendido a esse pedido. Na verdade, antes que essa reunião chegasse ao fim, Paulo tornou-se o juiz, e Festo, Agripa e Berenice passaram a ser os réus! Por certo, Paulo estava se defendendo (At 26:24), mas, ao mesmo tempo, apresentava a verdade do evangelho e testemunhava a respeito da diferença que Jesus Cristo pode fazer na vida de uma pessoa. Trata-se do discurso mais longo de Paulo no Livro de Atos.

O rei Agripa dirigia a reunião e permitia que o apóstolo falasse livremente. Em sua rápida introdução, Paulo agradeceu a Agripa

com sinceridade por essa audiência, pois sabia que o rei era especialista em questões religiosas judaicas. Apesar de não mencionar coisa alguma nessa ocasião, Paulo sabia que o rei acreditava nos profetas do Antigo Testamento (At 26:27). O apóstolo também deu a entender que seu discurso poderia se delongar e que apreciaria a paciência do rei em ouvi-lo até o fim.

A defesa de Paulo pode ser resumida em cinco declarações principais.

"Vivi fariseu" (26:4-11). Os judeus sabiam que Paulo havia passado a juventude em Jerusalém, de modo que não era preciso entrar em muitos detalhes. Foi fariseu devoto (Fp 3:5) e filho de fariseu (At 23:6), e seus colegas reconheciam seu futuro promissor como rabino (Gl 1:13, 14). Sua convicção acerca da ressurreição e da "esperança" de Israel levou-o a se tornar prisioneiro (ver At 23:6; 24:15). Mais uma vez, vemos Paulo apelando para a ortodoxia judaica e para sua lealdade à tradição hebraica.

Convém observar sua menção de "nossas doze tribos" (At 26:7). Apesar de ser fato que as dez tribos do Norte (Israel) haviam sido conquistadas pelos assírios em 722 a.C., sendo parcialmente assimiladas, essas tribos não foram "perdidas" nem exterminadas. Tanto Jesus (Mt 19:28) quanto Tiago (Tg 1:1) e o apóstolo João (Ap 7:4-8; 21:12) falaram de todas as doze tribos. Deus sabe onde seu povo escolhido está e cumprirá as promessas que lhe fez.

O pronome vós, em Atos 26:8, indica que Paulo deve ter olhado ao redor e se dirigido a todos os ouvintes. É evidente que os gregos e romanos não acreditavam na doutrina da ressurreição (At 17:31, 32), tampouco os saduceus ali presentes (At 23:8). Para Paulo, tratava-se de uma doutrina crucial, pois se não havia ressurreição, então Jesus Cristo continuava morto, e Paulo não tinha evangelho algum para pregar. (Para a argumentação de Paulo acerca da ressurreição e do evangelho, ver 1 Co 15.)

Paulo não foi apenas um fariseu, mas também um perseguidor zeloso da Igreja. Havia castigado os cristãos e tentado obrigá-los a negar Jesus Cristo. Também havia

colaborado para que alguns fossem executados. A expressão "dava o meu voto" (At 26:10) dá a impressão de que Paulo fora membro oficial do Sinédrio, mas se fosse o caso, teria mencionado tal fato em algum de seus discursos. É bem provável que a expressão signifique apenas que ele "votou contra eles" como representante especial do sumo sacerdote (At 9:2, 14).

Nos primeiros anos da Igreja, os cristãos judeus continuaram a se reunir nas sinagogas, e foi nesses locais que Paulo os caçou e castigou (Mt 10:17; 23:34). O que, em sua juventude, Paulo havia considerado "zelo religioso" (Gl 1:13, 14) passou a ser, em sua idade mais madura, como a loucura de um homem "demasiadamente enfurecido" (At 26:11). Feito um animal selvagem, havia "[assolado] a igreja" (At 8:3), "respirando ainda ameaças e morte" (At 9:1).

"Vi uma luz" (26:12, 13). Paulo não se contentou em atuar em Jerusalém e pediu autoridade para visitar as sinagogas de cidades distantes. O zelo do perseguidor havia causado uma dispersão dos cristãos, e estes haviam levado sua mensagem aos judeus de outras comunidades (At 8:4).

Paulo considerava-se um homem esclarecido; afinal, era um judeu (Rm 9:4, 5), um estudioso (At 22:3) e um fariseu. Na realidade, porém, vivia em profundas trevas espirituais. Antes de se converter, havia estudado a Lei, mas não entendera que o propósito dela era levá-lo a Cristo (Gl 3:24). Havia sido um fariseu hipócrita, que precisava descobrir que as boas obras e um caráter respeitável jamais o salvariam nem o levariam para o céu (Fp 3:1-11).

A luz que Paulo viu era sobrenatural, pois era a glória de Deus revelada do céu (comparar com At 7:2, 55, 56). Essa luz o deixara cego por três dias (At 9:8, 9), mas seus olhos espirituais foram abertos para contemplar o Cristo vivo (2 Co 4:3-6). No entanto, não bastava ver a luz; também era preciso ouvir a Palavra de Deus.

"Ouvi uma voz" (26:14-18). Os companheiros de Paulo enxergaram a luz, mas não viram o Senhor; haviam ouvido um som, mas não conseguiram entender as

palavras. Todos caíram por terra, mas somente Paulo permaneceu nessa posição (At 9:7). Jesus Cristo falou a Paulo usando o aramaico, a língua dos judeus, chamou-o pelo nome e lhe disse que era inútil continuar lutando contra o Senhor. Naquele momento, Paulo fez duas descobertas surpreendentes: Jesus de Nazaré estava vivo e tão unido a seu povo que o sofrimento deles era seu sofrimento! Paulo não perseguia apenas a Igreja, mas também o próprio Messias!

Que grande estímulo saber que Deus, em sua graça, fala a seus inimigos! Deus falava com Paulo, mas Paulo lhe resistia, "[recalcitrando] contra os aguilhões". O que eram esses "aguilhões"? Sem dúvida, o testemunho e a morte de Estêvão (At 22:20) bem como o testemunho fiel de outros cristãos que sofreram por causa de Paulo. Talvez Paulo também lutasse contra o vazio e a fragilidade do judaísmo e sua incapacidade de cumprir com perfeição todos os preceitos da Lei. Apesar de poder dizer que andava "com toda boa consciência" (At 23:1; Fp 3:6), em seu coração, certamente sabia como estava longe de alcançar os padrões santos de Deus (Rm 7:7-16).

O termo *ministro*, em Atos 26:16, significa "remador inferior" e se refere ao escravo mais humilde das galés. Paulo era acostumado a ser um líder honrado, mas depois de sua conversão, passou a ser um servo subordinado, e Jesus Cristo tornou-se seu Senhor. O Senhor havia prometido que estaria com Paulo e que o protegeria; também prometeu revelar-se a ele. Paulo viu o Senhor na estrada de Damasco e, outra vez, três anos depois, no templo (At 22:17-21). Posteriormente, o Senhor também lhe apareceu em Corinto (At 18:9) e em Jerusalém (At 23:11), e voltaria a se revelar a seu servo posteriormente.

Sem dúvida, foi uma surpresa para Paulo ouvir, depois de sua conversão, que o Senhor o enviava aos gentios. Amava seu povo profundamente e teria vivido e morrido a fim de ganhá-los para Cristo (Rm 9:1-3), mas esse não era o plano de Deus. Paulo seria sempre o "apóstolo aos gentios".

Atos 26:18 descreve tanto a situação espiritual dos perdidos quanto a provisão da graça de Cristo para os que crêem. Encontramos paralelos dessa passagem em Isaías 35:5; 42:6ss; e 61:1. O pecador perdido é como um prisioneiro cego em um calabouço escuro, e só Cristo pode abrir seus olhos e lhe dar luz e liberdade (2 Co 4:3-6). Mas, depois que o prisioneiro é liberto, o que acontece com o registro oficial de seus crimes e com sua culpa? O Senhor perdoa os pecados e limpa seu registro! Então, o aceita em sua família como seu filho e divide com ele sua herança!

O que o pecador deve fazer? Crer em Jesus Cristo ("pela fé em mim" - At 26:18). Paulo perdera sua religião para ganhar a salvação! Em um só instante, descobriu que todas as suas obras de justiça não passavam de trapos imundos aos olhos de Deus e que carecia da justiça de Cristo (Is 64:6).

"Não fui desobediente" (26:19-21). Quando Paulo perguntou ao Senhor o que deveria fazer (ver At 9:6), sua pergunta fora sincera. Quando o Senhor lhe respondeu, obedeceu de imediato. Começou a testemunhar em Damasco, o que quase lhe custou a vida (At 9:20-25). Ao testemunhar aos judeus de Jerusalém, estes também tentaram matá-lo (At 9:29, 30). Apesar do abatimento e dos perigos constantes, Paulo permanecera obediente a seu chamado e à visão que Jesus Cristo havia lhe dado. Não considerava sua vida preciosa para si mesmo (ver At 20:24).

Em Atos 26:21, Paulo explica de modo bastante claro a Agripa e a Festo os acontecimentos que se desenrolaram no templo e o motivo de tais ocorrências. Foi "por causa disto" que Paulo foi atacado e quase morto: sua declaração de que Jesus de Nazaré estava vivo e era o Messias de Israel, seu ministério aos gentios e a oferta das bênçãos da aliança de Deus tanto a judeus como a gentios, *nos mesmos termos de arrependimento e fé* (ver At 20:21). Os judeus nacionalistas orgulhosos não queriam saber de um judeu que tratava gentios como se fossem um povo escolhido também!

"Permaneço até ao dia de hoje" (26:22-32). Uma coisa é ter um grande começo,

com visões e vozes, outra bem diferente é perseverar, especialmente quando as coisas ficam difíceis. O fato de Paulo haver prosseguido era prova de sua conversão e evidência de sua fidelidade ao Senhor. Ele foi salvo pela graça de Deus, que também o capacitou a servir (1 Co 15:10).

A palavra que resume com mais perfeição a vida e o ministério de Paulo é "testemunha" (ver At 26:16). Ele simplesmente compartilhava com outros o que havia aprendido e experimentado como seguidor de Jesus Cristo. Sua mensagem não era algo inventado, pois se encontrava firmemente fundamentada nas Escrituras do Antigo Testamento. Devemos lembrar que Paulo e os outros apóstolos não tinham o Novo Testamento; antes, usavam o Antigo Testamento para levar os pecadores a Cristo e promover o crescimento dos recém-convertidos.

Atos 26:23 é um resumo do evangelho (1 Co 15:3, 4), e cada parte pode ser corroborada pelo Antigo Testamento. Ver, por exemplo, Isaías 52:13 - 53:12 e o Salmo 16:8-11. Paulo poderia até defender seu chamado aos gentios usando Isaías 49:6 (ver também At 13:47). Jesus não foi a primeira pessoa a ser ressuscitada dentre os mortos, mas foi o primeiro a ressuscitar e a não morrer novamente. Ele é "as primícias dos que dormem" (1 Co 15:20).

Em sua mensagem no templo, quando Paulo disse a palavra *gentios*, a multidão se enfureceu (At 22:21, 22). Foi essa mesma palavra que o apóstolo usou quando Festo reagiu e, aos brados, acusou Paulo de estar louco. É estranho Festo não ter considerado Paulo igualmente louco por perseguir a igreja! (At 26:11). Ninguém chamou D. L. Moody de louco quando se esforçava para vender sapatos e ganhar dinheiro, mas quando começou a ganhar almas para Cristo, as pessoas o apelidaram de "Moody, o Maluco". Não foi a primeira vez que alguém chamou Paulo de "louco" (2 Co 5:13); o apóstolo apenas seguia os passos de seu Mestre (Mc 3:20, 21; Jo 10:20).

Paulo se dirigia ao rei Agripa, mas a interrupção exaltada de Festo obrigou-o a responder. Lembrou Festo de que os fatos sobre o

ministério de Jesus Cristo, inclusive de sua morte e ressurreição, eram de conhecimento geral, e que “nada se passou em algum lugar escondido”. O Sinédrio judeu estava envolvido, bem como Pilatos, o governador romano. Jesus de Nazaré foi uma personalidade pública famosa durante três anos, e multidões o seguiram. Então, como o governador poderia alegar ignorância?

Festo não havia interrompido porque acreditava que Paulo era mesmo louco. Se fosse esse o caso, teria tratado Paulo com gentileza e ordenado que alguns de seus guardas o escoltassem a um lugar onde pudesse descansar e ficar em segurança. Além do mais, que oficial romano mandaria um maluco delirante para ser julgado perante o imperador? Na verdade, o governador só mostrava como as palavras de Paulo haviam despertado a culpa em seu coração e como o próprio Festo estava tentando escapar.

Mas Paulo também não se esqueceu do rei Agripa, um judeu versado em tais questões. Ao perguntar se o rei acreditava nos profetas, Paulo o forçava a assumir uma posição. Sem dúvida, o rei não poderia repudiar aquilo em que todos os judeus criam! Mas Agripa sabia que, se declarasse sua fé nos profetas, seria confrontado com a pergunta: “Jesus de Nazaré é aquele sobre o qual os profetas escreveram?”

Festo evitou assumir uma posição acusando Paulo de louco. O rei Agripa fugiu da pergunta de Paulo (e do dilema que esta apresentava) adotando uma atitude superior e fazendo pouco do testemunho de Paulo. Sua resposta em Atos 26:28 pode ser parafraseada como: “Você acredita que, em tão pouco tempo, e com tão poucas palavras, é capaz de me persuadir a me tornar um cristão?” Talvez tenha dito isso com sorriso malicioso e um tom de zombaria. Mas, sem

dúvida, proferiu a própria sentença de morte (Jo 3:18-21, 36).

A resposta de Paulo foi cortês: “Assim Deus permitisse que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem tais qual eu sou, exceto estas cadeias” (At 26:29). Festo e Agripa sabiam que seu prisioneiro tinha compaixão deles e que não escapariam facilmente do desafio que lhes apresentava. O melhor a fazer era encerrar a reunião, de modo que o rei se levantou e avisou a todos que a audiência havia chegado ao fim.

Tanto Agripa quanto Festo declararam Paulo inocente de qualquer crime passível da pena de morte. Lucas apresenta essas declarações oficiais repetidamente para que seus leitores entendam que Paulo era um homem inocente (ver At 16:35-40; 18:12-17; 23:29; 25:25). Na verdade, se não tivesse apelado para César, Paulo poderia ter sido libertado. Foi tolice de sua parte fazer tal apelo? De modo algum, pois foi seu apelo a César que, finalmente, pôs um ponto final nas acusações dos líderes judeus. Sabiam que não poderiam lutar contra Roma e vencer.

O que Agripa e Festo não entenderam é que *Paulo* fora o juiz, e *eles*, os prisioneiros em julgamento. O apóstolo lhes mostrara a luz e o caminho para a liberdade, mas haviam deliberadamente fechado os olhos e voltado para seus pecados. É possível que tenham se sentido aliviados com o fato de que Paulo, em breve, estaria em Roma e não lhes causaria mais problemas. O julgamento havia acabado, mas a sentença contra eles ainda estava por vir e não falharia. Como é maravilhoso ter a oportunidade de crer em Jesus Cristo e ser salvo! Como é terrível desperdiçar essa oportunidade e, talvez, nunca mais ter outra!

PAULO CHEGA A ROMA

ATOS 27 - 28

“Importa-me ver também Roma.” Essas foram as palavras de Paulo durante seu ministério em Éfeso (At 19:21), mas ele não fazia idéia de tudo o que lhe aconteceria antes que chegasse à cidade imperial: prisão ilegal, julgamentos perante judeus e romanos, reclusão e até mesmo naufrágio. O apóstolo desejava, havia muito tempo, pregar o evangelho em Roma (Rm 1:14-16) e depois ir para a Espanha (Rm 15:28), mas não planejava viajar como prisioneiro. Em meio a todos os percalços, Paulo confiou na promessa de Deus de que testemunharia em Roma (At 23:11); e o Senhor o acompanhou até o fim.

Por que Lucas dedica uma sessão tão extensa de seu livro à descrição de uma viagem e de um naufrágio? Sem dúvida, poderia ter resumido esse relato para nós. Mas Lucas era um excelente escritor, inspirado pelo Espírito de Deus, e sabia o que fazia. Em primeiro lugar, essa narrativa emocionante contrabalança os discursos que a antecedem e acrescenta um elemento dramático ao relato. Além disso, Lucas era um historiador minucioso que apresentou os fatos importantes sobre seu herói e sua viagem a Roma.

No entanto, talvez o maior propósito de Lucas fosse apresentar Paulo como o líder corajoso e capaz de assumir o comando de uma situação difícil num momento de crise intensa. As gerações futuras amariam e admirariam Paulo ainda mais pelo que o apóstolo havia feito quando estava a caminho de Roma.

Desde tempos mais remotos, é comum os escritores retratarem a vida como uma

jornada. A obra *O peregrino*, de John Bunyan, é baseada nesse tema, como também o é a *Odisséia* de Homero. Por certo, Lucas não estava escrevendo uma alegoria, mas usou esse acontecimento relevante para mostrar como a fé de um homem pode fazer uma enorme diferença para ele e para outros nas “tempestades da vida”. Que grande estímulo para nossa fé!

Na jornada de Paulo a Roma, vemos o grande apóstolo em quatro papéis importantes.

1. PAULO OFERECE CONSELHO (AT 27:1-20)

Lucas não mais se incluía no relato desde Atos 21:18, mas, a partir daqui, acompanha Paulo e Aristarco (At 19:29; 20:2, 4) na viagem a Roma. É possível que Lucas tenha recebido permissão de viajar com Paulo como seu médico e Aristarco, na função de assistente pessoal do apóstolo. Paulo deve ter agradecido a Deus com fervor por seus amigos fiéis que abriram mão de sua liberdade e até arriscaram a vida para que ele recebesse a ajuda de que precisava. Não há evidência alguma de que Lucas ou Aristarco tenham sido presos e, no entanto, Paulo diz que Aristarco é “prisioneiro comigo” (Cl 4:10). É possível que se trate de uma referência a uma reclusão voluntária da parte de Aristarco, a fim de assistir Paulo.

O apóstolo não era o único prisioneiro que Júlio e seus homens levavam para Roma, pois o texto diz que havia “alguns outros presos” com eles. O termo grego significa “outros de um tipo diferente” e pode indicar que, ao contrário de Paulo, esses homens iam a Roma para ser executados, não julgados. Que grande misericórdia seus caminhos se cruzarem com os de Paulo, que poderia lhes dizer como ir para o céu quando morressem!

O centurião encontrou um navio de cabotagem que partiria de Cesaréia, e todos embarcaram e percorreram os 130 quilômetros de Cesaréia até Sidom em um dia. Em Sidom, Paulo recebeu permissão de visitar os amigos e de fazer os preparativos necessários para a longa viagem. Lucas relata a bondade de um oficial romano para com

o apóstolo Paulo (At 24:23) e também fala do encorajamento oferecido pelos cristãos de Sidom. Mesmo que o relato não cite o nome desses cristãos, estes se encontram registrados no livro de Deus e, um dia, serão recompensados (Fp 4:3).

De Sidom para Mirra, a viagem tornou-se difícil por causa de ventos vindos do oeste. Em Mirra, o oficial romano chamado Júlio encontrou um navio rumando para a Itália e, assim, deixou a embarcação costeira mais lenta e embarcou Paulo e os outros nesse navio maior que vinha do Egito e levava 276 passageiros (At 27:37, 38). Roma importava grande parte dos seus cereais do Egito, e o governo romano remunerava bem os capitães desses navios.

Os ventos fortes voltaram a dificultar a viagem, de modo que foram necessários "muitos dias" para percorrer os mais de 200 quilômetros de Mirra a Cnido. Então, o piloto manobrou a embarcação para su-sudoeste rumo a Creta, passando por Salmona e, por fim, com grande dificuldade, chegaram a Bons Portos. Havia sido uma viagem extremamente complicada, um presságio do que ainda estava por vir.

O centurião precisava decidir se inverniariam em Bons Portos ou se partiriam e tentariam chegar ao porto de Fenice (Fenícia, ver At 27:12), na costa sul de Creta, cerca de 64 quilômetros de distância. Sua abordagem a essa decisão é uma ilustração clássica de como *não* se deve determinar a vontade de Deus.

Paulo admoestou-o a permanecer em Bons Portos. Já haviam enfrentado ventos contrários, e era o começo da época de tempestades. O "Dia do Jejum" é uma referência ao Dia da Expição, observado em setembro/outubro, e todo marinheiro sabia quanto era difícil navegar entre meados de setembro e meados de novembro e como era impossível viajar de meados de novembro a fevereiro.

Atos 27:10 parece tanto uma profecia que nos vemos propensos a crer que Deus deu a Paulo uma premonição do perigo. O apóstolo já havia passado por três naufrágios (2 Co 11:25), de modo que falava por

experiência própria (o termo grego traduzido por "vejo", em At 27:10, significa "percebo de acordo com experiências passadas"). Porém, os homens no comando fizeram pouco do aviso de Paulo, atitude da qual ainda se arrependeriam.

Que fatores influenciaram a decisão de Júlio? Em primeiro lugar, Bons Portos não poderia ser considerado um lugar confortável para se acomodar, pois era totalmente aberto para as tempestades de inverno, enquanto o porto de Fenice era mais protegido. Júlio também deu ouvidos à "opinião abalizada" do piloto e do capitão ("mestre") do navio. De acordo com o conselho deles, deveriam rumar para Fenice o mais rápido possível. Sem dúvida, poderiam percorrer os 60 e poucos quilômetros em segurança; além disso, já haviam perdido tempo demais (At 27:9). Quando Júlio somou os votos, concluiu que eram três contra um a favor de partirem. Afinal, a maioria não pode estar errada, especialmente quando inclui especialistas no assunto!

O argumento crítico, porém, veio com uma mudança animadora no tempo, quando um vento suave do Sul começou a soprar – exatamente o que precisavam. Enquanto o navio se afastava do porto, é possível que Júlio, o piloto e o capitão tenham dado um sorriso condescendente a Paulo e a seus dois amigos como quem diz: "Viram só? Estavam errados!"

Mas não tardou para que a situação sofresse uma reviravolta e Paulo provasse estar certo. O vento suave do Sul transformou-se em um "tufão de vento" que os marinheiros chamavam de *Euroaquilão*, uma mistura de grego e latim que significa "um vento do nordeste". A tripulação teve de deixar o navio ir à deriva, pois era impossível manobrá-lo, e o vento levou-os mais de 36 quilômetros para o sul, para a ilha de Cauda. Lá, os marinheiros recolheram o pequeno barco (que todos os navios maiores costumavam rebocar) para que não o perdessem nem colidissem com ele causando avarias à embarcação maior.

A tempestade foi ganhando intensidade, e a tripulação fez todo o possível para evitar

que o navio afundasse. Amarram cordas (ou correntes) ao redor do casco para que não se desintegrasse e baixaram algumas das velas. No segundo dia, começaram a atirar ao mar a carga de cereais e, no terceiro dia, lançaram fora a armação do navio (é interessante observar que Lucas usa a primeira pessoa do plural em At 27:19). A tempestade os impedia de ver o Sol e as estrelas, de modo que era impossível determinarem sua posição. A situação parecia perdida, tudo porque um homem se recusou a ouvir o mensageiro de Deus.

Às vezes, nos colocamos em meio a tempestades pelos mesmos motivos: ficamos impacientes (At 27:9), aceitamos conselhos abalizados, porém contrários à vontade de Deus, seguindo a maioria e nos fiando nas condições "ideais" (At 27:13). "Aquele que crer não foge" (Is 28:16). Vale a pena ouvir a Palavra de Deus.

2. PAULO OFERECE ENCORAJAMENTO (AT 27:21-44)

Como disse Joseph Parker, "Paulo começou como prisioneiro, mas terminou como capitão". O apóstolo "assumiu o controle" da situação quando ficou evidente que ninguém mais sabia o que fazer. A crise não faz a pessoa, a crise mostra do que a pessoa é feita e, normalmente, faz aflorar a verdadeira liderança. Paulo repreendeu o centurião, o piloto e o capitão com brandura por ignorarem sua advertência. Em breve, descobririam que Deus poupou todos eles somente por causa do apóstolo.

Paulo encorajou a tripulação e os passageiros de quatro maneiras:

Compartilhou com eles a Palavra de Deus (vv. 22-26). Um mensageiro do Senhor havia visitado Paulo e lhe dissera que o navio e a carga se perderiam, mas os passageiros seriam poupados e lançados na ilha. Mais uma vez, o Senhor deu-lhe uma palavra especial de ânimo no momento certo (At 18:9, 10; 23:11). Hoje, é pouco provável que recebamos visões, mas temos as promessas da Palavra de Deus para nos dar ânimo (Is 41:10; 43:1-5; Rm 15:4). Deus fez isso por amor a Paulo e honrou a fé de seu servo.

Foi um testemunho e tanto a todos a bordo do navio em apuros!

Ele os advertiu (vv. 27-32). Durante as duas semanas que haviam passado no mar, o navio havia sido desviado de seu curso em mais de 800 quilômetros e se encontrava à deriva no mar Adriático (chamado hoje de mar Jônio, que não é o mesmo que o atual mar Adriático). Ao sondar a profundidade, a tripulação descobriu que a água ficava mais rasa (uma variação de 40 metros para 30 metros), indicando a proximidade da terra. A julgar pelo bramido das ondas, o navio rumava para as rochas.

A fim de manter a proa voltada para a praia, alguns dos marinheiros jogaram quatro âncoras da popa. Enquanto isso, outros tentaram fugir do navio usando o bote que fora colocado a bordo (At 27:16). Seu ato demonstrou não apenas egoísmo e revolta, mas também incredulidade. Paulo falara a todos da promessa de Deus de guardar a tripulação e os passageiros que o estavam acompanhando na viagem (At 27:24). Os homens que tentassem abandonar o navio colocariam em risco a própria vida e também a de outros a bordo. É difícil dizer se os soldados fizeram bem em cortar as amarras do bote, mas, em situações de emergência, por vezes é preciso tomar medidas radicais.

Deu um bom exemplo (vv. 33-38). Como faz diferença quando uma pessoa crê em Deus! Em vez de desejar, em vão, que a situação mudasse (At 27:29) ou de mostrar egoísmo tentando fugir (At 27:30), Paulo preparou-se para o que teria de fazer quando raiasse o dia. Não é difícil entender por que todos tenham jejuado duas semanas, mas era chegada a hora de se alimentarem. Cuidar da própria saúde é parte importante da vida cristã, e nem mesmo um apóstolo poderia abusar de seu corpo.

Paulo tomou o pão e agradeceu a Deus por ele (um bom exemplo a seguir quando fazemos nossas refeições em lugares públicos). Seu exemplo animou os outros a fazerem o mesmo, e logo todos estavam se sentindo melhor. Há ocasiões em que o cristão pode mudar todo o ambiente simplesmente crendo em Deus e tornando essa fé visível.

Ele os salvou (vv. 39-44). Quando raiou o dia, o piloto viu onde estavam e se esforçou ao máximo para levar o navio até a praia. No entanto, seus esforços foram em vão; o navio encalhou, e as ondas começaram a destruir a popa. Só restava aos passageiros lançar-se ao mar e nadar para a terra.

É evidente que os soldados estavam preocupados com os prisioneiros, pois, se um prisioneiro escapasse, o soldado seria responsabilizado e passível de execução. Mais uma vez, foi a presença de Paulo que salvou a vida deles. Como o Senhor havia prometido, todos chegaram à praia em segurança e ninguém se perdeu. Tenho a impressão de que Paulo havia compartilhado o evangelho com os outros passageiros e que alguns deles receberam Jesus Cristo em sua vida. Lucas não dá detalhes, mas é difícil acreditar que o apóstolo agisse de outro modo.

Antes de encerrar esta seção emocionante de Atos, devemos observar algumas lições práticas que nos ensina. Em primeiro lugar, as tempestades muitas vezes sobrevêm quando desobedecemos à vontade de Deus (Jonas é um bom exemplo dessa verdade). Mas, nesse caso, a culpa não foi de Paulo, e sim do centurião encarregado do navio. Por vezes, também sofremos em decorrência da incredulidade de outros.

Em segundo lugar, as tempestades da vida servem para revelar o caráter. Alguns marinheiros mostraram-se egoístas e tentaram escapar, enquanto para outros parecia não restar outra opção senão esperar pelo melhor, mas Paulo creu em Deus e obedeceu à sua vontade.

Em terceiro lugar, nem mesmo as piores tempestades podem esconder a face de Deus ou frustrar seus planos. Paulo recebeu a palavra de garantia de que precisava. Deus prevaleceu, e seu servo chegou a Roma em segurança.

Por fim, as tempestades podem nos dar a oportunidade de servir a outros e de dar testemunho de Jesus Cristo. Paulo era o homem mais valioso dentro daquele navio! Sabia orar, tinha fé em Deus e se relacionava com o Todo-Poderoso.

3. PAULO OFERECE AJUDA (AT 28:1-10)

Deus os havia levado à ilha de Malta (que significa "refúgio"), onde a população local recebeu todos os 276 passageiros e procurou acomodá-los da melhor maneira possível. Para os gregos, qualquer um que não falasse sua língua era considerado "bárbaro", mas essas pessoas mostraram-se gentis e solidárias. A tempestade acalmou, mas o tempo continuava frio, de modo que os malteses prepararam uma fogueira.

Depois de tudo o que havia feito pelos passageiros, Paulo poderia muito bem ter pedido um trono e exigido que o servissem! Em vez disso, pôs-se a trabalhar, ajudando a juntar lenha para a fogueira. Nenhuma tarefa é pequena demais para os servos de Deus que têm a "mente de Cristo" (Fp 2:1-13; ver também 1 Co 2:16).

Em um dia chuvoso, um senhor acompanhado de duas mulheres chegou em Northfield, onde pretendia matricular a filha na escola de D. L. Moody para moças. Os três precisaram de ajuda para levar a bagagem da estação de trem para o hotel, de modo que o senhor chamou um homem de aparência comum numa carroça, supondo que se tratava de um taxista local. O "taxista" disse que esperava alguns alunos, mas o senhor mandou que o levassem para o hotel. O visitante admirou-se quando o "taxista" não cobrou a corrida, mas ficou ainda mais pasmo quando descobriu que o "taxista" era o próprio D. L. Moody! Como Paulo, Moody foi um líder porque soube ser um servo.

O episódio da víbora traz à memória a experiência de Paulo em Listra (At 14:6-18). Primeiro, o povo pensou que a Justiça, uma de suas deusas, havia encontrado esse prisioneiro notório que deveria ter se afogado, mas, de algum modo, havia escapado. (Se ao menos soubessem da verdade!) Quando Paulo não inchou e não morreu, decidiram que ele deveria ser um deus! Esse é o raciocínio dos que julgam pelas aparências.

A víbora foi uma arma usada por Satanás para tirar Paulo de seu caminho? A tempestade não afogou o apóstolo, mas quem sabe cairia numa armadilha escondida.

Como cristãos, devemos estar sempre alertas, pois a serpente ou o leão pode nos atacar (2 Co 11:3; 1 Pe 5:8). Também devemos lembrar sempre que estamos sendo observados e usar essas oportunidades para engrandecer o nome de Cristo.

Paulo e seus companheiros passaram três meses em Malta e, graças a Paulo, foram tratados com bondade e receberam presentes generosos em sua despedida. Os passageiros haviam perdido tudo no naufrágio e ficaram gratos por terem suas necessidades supridas. Lucas não menciona qualquer trabalho evangelístico na ilha, mas podemos crer que Paulo compartilhou o evangelho com todos os que se mostraram dispostos a ouvir. Por certo, seu livramento miraculoso do mar e seu poder de curar suscitaram o interesse do povo, e Paulo deu toda a glória a Deus (Mt 5:16).

4. PAULO PREGA AOS CRISTÃOS (At 28:11-31)

Não sabemos se todos os 276 passageiros ou apenas Júlio, sua guarda e os prisioneiros embarcaram no navio alexandrino. Também não sabemos o motivo de Lucas se dar o trabalho de identificar o navio. Na mitologia grega, a designação "Dióscuros" referia-se a Cástor e Pólux, filhos gêmeos de Zeus considerados protetores dos homens no mar. Vários navios romanos levavam esse emblema como forma de pedir segurança. De Malta a Siracusa eram 130 quilômetros; até Régio, mais 110 quilômetros e cerca de 290 quilômetros até Putéoli, o porto de Nápoles. Dessa vez, o "vento sul" era exatamente o que precisavam, a fim de fazer a viagem com rapidez e segurança.

Em Putéoli, os cristãos insistiram para que Paulo e seus amigos, com Júlio, sua guarda e os prisioneiros, permanecessem ali uma semana para descansar, e Júlio consentiu. O centurião sabia que Paulo havia salvado a vida de todos, e talvez estivesse começando a se interessar por aquilo que os cristãos poderiam oferecer.

Não sabemos como, mas, de alguma forma, a notícia da chegada de Paulo se espalhou. Talvez Aristarco não tenha acompanhado

Paulo e Lucas a bordo do navio, percorrendo o caminho por terra até chegar a Roma, onde se encontrou com os amigos de Paulo (Rm 16 cita o nome de pelo menos vinte e seis desses amigos). Ou, ainda, talvez uma delegação de Cesaréia tenha viajado para Roma assim que Paulo apelou para César.

Júlio e seu grupo pegaram a famosa Via Ápia e percorreram os 200 quilômetros de Putéoli a Roma. O primeiro grupo de cristãos foi ao encontro de Paulo na Praça de Ápio, cerca de 70 quilômetros de Roma; o segundo grupo encontrou-se com ele nas Três Vendas, a pouco mais de 15 quilômetros da cidade (alguns cristãos vão mais longe do que outros!). Por certo, esses encontros foram um grande estímulo ao apóstolo. Poderiam ter comunhão e ser uma bênção uns para os outros.

A grande preocupação de Paulo era com seu testemunho aos judeus em Roma. Não haviam recebido qualquer instrução especial sobre o apóstolo, mas sabiam que a "seita cristã" estava sendo criticada em vários lugares (At 28:21, 22). Quando lemos a Epístola de Paulo aos Romanos, temos a impressão de que os judeus em Roma haviam interpretado incorretamente alguns de seus ensinamentos (Rm 3:8; 14:1ss). O apóstolo deixou claro que seu apelo a César não deveria ser interpretado como uma acusação contra sua nação. Na verdade, era prisioneiro *por amor a seu povo e à "esperança de Israel"*.

No dia combinado, Paulo passou "desde a manhã até à tarde" explicando as Escrituras e mostrando Cristo na Lei e nos profetas. Havia "procurado persuadir" seus ouvintes judeus dessa maneira, em uma sinagoga após a outra e, agora, compartilhava a Palavra com líderes de várias sinagogas em Roma.

Como resultado, alguns foram persuadidos, outros não. Quando os líderes judeus deixaram a casa de Paulo, ainda discutiam entre si! Mas Paulo havia testemunhado fielmente aos judeus em Roma e, em seguida, falaria aos gentios.

O apóstolo citou as palavras de Isaías a esses líderes (Is 6:9, 10), usando um texto que

descrevia sua condição espiritual lamentável. Jesus usara essa passagem em conjunto com suas parábolas sobre o reino (Mt 13:13-15; Mc 4:12; Lc 8:10). Em seu Evangelho, o apóstolo João aplicou-as a Israel (Jo 12:39, 40), e Paulo citou-as em sua Epístola aos Romanos (Rm 11:7, 8). Uma coisa é *escutar*, outra bem diferente é *ouvir*; também há grande diferença entre *enxergar* e *ver*. Se havia um grupo que deveria ter discernimento espiritual era o de líderes judeus, mas seu coração estava endurecido e entorpecido. Muitas vezes, os que desfrutavam de mais privilégios no âmbito espiritual não estão prontos a tomar decisões espirituais quando precisam.

Mas a incredulidade desses homens não acabou com o ministério evangelístico do apóstolo. Paulo anunciou que a palavra de salvação que alguns dos judeus haviam rejeitado seria proclamada aos gentios, "e eles a ouvirão". Trata-se de um dos temas centrais do Livro de Atos: o modo como o evangelho alcançou de judeus a gentios e foi proclamado desde Jerusalém até Roma. Sem o Livro de Atos, viraríamos a última página do Evangelho de João, encontraríamos a Epístola aos Romanos e perguntaríamos: "Como o evangelho passou dos judeus em Jerusalém para os gentios em Roma?"

Paulo mantinha as portas de sua casa sempre abertas a qualquer um que desejasse conversar sobre as coisas do reino de Deus. Permanecia acorrentado a um guarda, cujo turno durava seis horas, mas que era obrigado a ouvir enquanto Paulo pregava, ensinava e orava. Não é se de admirar que alguns deles tenham sido salvos (Fp 1:12-14; 4:22)!

Durante esses dois anos em Roma, Paulo escreveu as epístolas aos Filipenses, aos Efésios, aos Colossenses e a Filemom. Esperava ser libertado (Fp 1:23-27; 2:24; Fm 22), e a maioria dos estudiosos acredita que foi exatamente o que aconteceu. Ao longo desses anos, teve ao seu lado Timóteo (Fp 1:1; 2:19; Cl 1:1) bem como João Marcos, Lucas, Aristarco, Epafros, Justo e Demas (Cl 4:10-14; Fm 24). Também se encontrou com Onésimo - o escravo fugido de Filemom -

e o conduziu a Cristo (Fm 10-21). Epafrodito levou-lhe uma oferta da igreja de Filipos e quase morreu, enquanto ministrava ao apóstolo (Fp 2:25-30; 4:18). Tíquico foi o "carteiro" de Paulo, que entregou as epístolas aos Efésios (Ef 6:21), aos Colossenses (Cl 4:7-9) e a Filemom.

Lucas concluiu seu livro antes da audiência de Paulo e, portanto, não relata o resultado do julgamento. Temos excelentes motivos para crer que Paulo foi, de fato, libertado, continuou seu ministério, viajando, provavelmente, até a Espanha (Rm 15:24, 28). Durante esse período (63-66/67 d.C.), escreveu as epístolas a Timóteo e a Tito. Deixou Tito em Creta (Tt 1:5), Trófimo caiu doente, e Paulo deixou-o em Mileto (2 Tm 4:20) e Timóteo ficou em Éfeso (1 Tm 1:3). Planejava encontrar-se com alguns de seus colaboradores em Nicópolis (Tt 3:12, 13) depois de visitar algumas igrejas que havia fundado. Aonde quer que fosse, procurava conduzir judeus e gentios à fé em Jesus Cristo.

Foi preso novamente, ao que tudo indica, no ano 67 d.C., vendo-se, dessa vez, em uma situação muito diferente. Não permaneceu sob custódia domiciliar, mas ficou acorrentado em uma prisão, sendo tratado como criminoso (2 Tm 1:16; 2:9). Uma vez que o inverno se aproximava, pediu a Timóteo que lhe trouxesse sua capa (2 Tm 4:13). Porém, o que mais o entristeceu em sua segunda reclusão foi ser abandonado pelos cristãos de Roma (2 Tm 4:16, 17). O grande apóstolo aos gentios foi desamparado pelas mesmas pessoas às quais se dedicou a ajudar.

Até mesmo Demas o abandonou, e somente Lucas permaneceu com ele (2 Tm 4:10, 11). A família de Onesíforo cuidou dele (2 Tm 1:16-18), mas o apóstolo teve saudades de Timóteo e de Marcos e desejou tê-los a seu lado (2 Tm 1:4; 4:9, 21). Paulo sabia que o fim se aproximava (2 Tm 4:6-8). De acordo com a tradição, o apóstolo foi decapitado em Roma em 67/68 d.C.

Lucas não escreveu o Livro de Atos simplesmente como um registro de história antiga. Escreveu-o para estimular a Igreja em

todas as eras a ser fiel ao Senhor e a levar o evangelho aos confins da Terra. Nas palavras de Charles Spurgeon: "O que começou com tanto heroísmo deve ter continuidade

com zelo fervoroso, uma vez que a Palavra nos garante que o mesmo Senhor é poderoso para realizar seus desígnios divinos".

"Eis que estou convosco todos os dias!"

ROMANOS

ESBOÇO

Tema-chave: A justiça de Deus

Versículo-chave: Romanos 1:17

I. INTRODUÇÃO – 1:1-17

II. PECADO – A NECESSIDADE DE JUSTIÇA – 1:18 – 3:20

- A. Os gentios são culpados – 1:18-32
- B. Os judeus são culpados – 2:1 – 3:8
- C. O mundo todo é culpado – 3:9-20

III. SALVAÇÃO – A DECLARAÇÃO DA JUSTIÇA – 3:21 – 5:21

- A. A justificação é declarada – 3:21-31
- B. A justificação é ilustrada em Abraão – 4
- C. A justificação é explicada em Adão – 5

IV. SANTIFICAÇÃO – A DEFESA DA JUSTIÇA – CAPÍTULOS 6 – 8

- A. Vitória – a carne – 6
- B. Liberdade – a lei – 7
- C. Penhor – o Espírito – 8

V. SOBERANIA – A RECUSA DA JUSTIÇA – CAPÍTULOS 9 – 11

- A. As riquezas de Israel no passado – 9
- B. A rejeição de Israel no presente – 10
- C. A restauração de Israel no futuro – 11

VI. SERVIÇO – A DEMONSTRAÇÃO DA JUSTIÇA – 12:1 – 15:7

- A. Na igreja – 12

B. Na sociedade – 13

C. Para com o cristão mais fraco – 14:1 – 15:7

VII. CONCLUSÃO – 15:8 – 16:27

CONTEÚDO

1. Preparado para Roma (Rm 1:1-17)..... 668
2. Entregues por Deus (Rm 1:18 – 3:20)..... 674
3. Pai Abraão (Rm 3:21 – 4:25)..... 680
4. Viva como um rei! (Rm 5)..... 686
5. Morrer para viver (Rm 6)..... 691
6. Os cristãos e a Lei (Rm 7)..... 696
7. Liberdade e plenitude (Rm 8)..... 702
8. Deus se enganou? (Rm 9)..... 708
9. A justiça errada (Rm 10)..... 713
10. Deus não desistiu de Israel (Rm 11)..... 718
11. Vida correta, relacionamentos corretos (Rm 12 – 13)..... 723
12. Quando os cristãos discordam entre si (Rm 14:1 – 15:7)..... 729
13. Um homem ativo (Rm 15:8 – 16:27)..... 735

PREPARADO PARA ROMA

ROMANOS 1:1-17

Em 24 de maio de 1738, um missionário desanimado foi, “de muita má vontade”, a um encontro religioso em Londres. Nesse encontro, Deus operou um milagre. “Por volta de 8h45”, escreveu o missionário em seu diário, “senti meu coração ser tocado de maneira um tanto estranha: senti que cria única e exclusivamente em Cristo para a salvação e recebi a convicção de que ele havia removido meus pecados e havia salvado minha vida da lei do pecado e da morte”.

O missionário era John Wesley. A mensagem que ouviu naquela noite foi o prefácio do comentário de Martinho Lutero sobre Romanos. Poucos meses antes, John Wesley havia escrito em seu diário: “Fui para a América a fim de converter os índios, mas quem há de me converter?”. Naquela noite, na rua Aldersgate, sua pergunta foi respondida. O resultado foi o grande reavivamento wesleyano que varreu a Inglaterra e que transformou a nação.

A Epístola de Paulo aos Romanos continua a transformar a vida das pessoas, como fez com Martinho Lutero e John Wesley. A Escritura que se destacou de todas as outras e que tirou Lutero da mera religião, conduzindo-o à alegria da salvação pela graça, por meio da fé, foi Romanos 1:17: “O justo viverá por fé”. Tanto a Reforma protestante quanto o reavivamento wesleyano foram fruto dessa carta maravilhosa escrita por Paulo quando estava em Corinto em 56 d.C. A carta foi levada aos cristãos de Roma por uma das diaconisas da igreja de Cencréia, a irmã Febe (Rm 16:1).

É impressionante pensar que podemos estudar a mesma carta inspirada que deu

vida e poder a Lutero e Wesley! E o mesmo Espírito Santo que os ensinou também pode nos ensinar! Se compreendermos a mensagem dessa carta como fizeram os homens de fé dos séculos passados, experimentaremos um reavivamento em nosso coração, em nosso lar e em nossa igreja.

Nos primeiros versículos da carta, Paulo apresenta-se aos cristãos em Roma. É possível que alguns deles o conhecessem pessoalmente, uma vez que os saúda no último capítulo; mas muitos deles não haviam se encontrado com o apóstolo. Assim, nos 17 versículos iniciais, Paulo procura aproximar-se de seus leitores romanos de três formas.

1. APRESENTA SUAS CREDENCIAIS (Rm 1:1-7)

Na Antiguidade, quando alguém escrevia uma carta, começava sempre com o próprio nome. No entanto, havia muitos homens chamados Paulo naquele tempo, de modo que o escritor teve de se identificar mais detalhadamente e de convencer seus leitores de que tinha o direito de lhes enviar a carta. Quais eram as credenciais de Paulo?

Era um servo de Jesus Cristo (v. 1a). O termo que Paulo usa para servo era particularmente significativo para os romanos, pois se referia a um escravo. Acredita-se que havia cerca de sessenta milhões de escravos em todo o império romano, e um escravo não era considerado uma pessoa, mas apenas uma propriedade. Em sua terna devoção, Paulo tornou-se escravo de Cristo para lhe servir e fazer sua vontade.

Era um apóstolo (v. 1b). O termo significa “alguém enviado por certa autoridade com uma comissão”. Naquela época, aplicava-se aos representantes do imperador ou aos emissários de um rei. Um dos requisitos para ser apóstolo da Igreja era ter visto o Cristo ressurreto (1 Co 9:1, 2). Paulo viu Cristo quando estava na estrada de Damasco (At 9:1-9), e foi nessa ocasião que o Senhor o chamou para ser seu apóstolo aos gentios. Paulo recebeu de Cristo revelações divinas que deveria compartilhar com as igrejas.

Era um pregador do evangelho (vv. 1c-4). Quando era um rabino judeu, Paulo

consagrou-se, como fariseu, às leis e tradições dos judeus. Mas quando entregou a vida a Cristo, se consagrou ao evangelho e ao ministério. O termo *evangelho* significa “as boas novas”. É a mensagem de que Cristo morreu por nossos pecados, foi sepultado, ressuscitou e agora pode salvar todo o que crer nele (1 Co 15:1-4). É o “evangelho de Deus” (Rm 1:1), pois Deus é sua origem; não foi inventado pelo homem. É o evangelho de Cristo, pois seu cerne é Cristo, o Salvador. Paulo também o chama de “evangelho de seu Filho” (ver Rm 1:9), o que mostra que *Jesus Cristo é Deus!* Em Romanos 16:25, 26, Paulo o chama de “meu evangelho”. Com isso, se refere à ênfase especial que dava, em seu ministério, à doutrina da Igreja e ao lugar dos gentios no plano de Deus.

O evangelho não é uma mensagem nova; foi prometida, no Antigo Testamento, desde Gênesis 3:15. O profeta Isaías certamente pregou o evangelho em passagens como Isaías 1:18 e nos capítulos 53 e 55. A salvação que desfrutamos hoje foi prometida pelos profetas, mesmo que estes não compreendessem plenamente tudo o que pregavam e escreviam (1 Pe 1:10-12).

Jesus Cristo é o cerne da mensagem do evangelho. Paulo identifica Cristo como um homem, um judeu e o Filho de Deus. Nasceu de uma virgem (Is 7:14; Mt 1:18-25) na família de Davi, fato que lhe conferia o direito ao trono de Davi. Morreu pelos pecados do mundo e foi ressuscitado dentre os mortos. É esse acontecimento maravilhoso da morte vicária e da ressurreição vitoriosa que constitui o evangelho, e era esse evangelho que Paulo pregava.

Era um missionário aos gentios (vv. 5-7). *Missionário* é o termo em latim para “apóstolo – aquele que é enviado”. É provável que houvesse várias congregações de cristãos em Roma, não apenas uma igreja, uma vez que, em Romanos 16, Paulo saúda grupos que se reuniam nas casas (Rm 16:5, 10, 11, 14). Não sabemos ao certo como essas igrejas começaram, mas é bem possível que os cristãos de Roma presentes em Pentecostes tenham fundado essas congregações

ao voltarem para casa (At 2:10). Os grupos eram constituídos tanto de judeus quanto de gentios, pois, nesta carta, Paulo dirige-se a ambos (*judeus*: Rm 2:17-29; 4:1; 7:1; *gentios*: Rm 1:13; 11:13-24; 15:15-21). As igrejas em Roma não foram fundadas por Pedro nem por outro apóstolo. Se tivesse sido o caso, Paulo não teria planejado visitar Roma, pois costumava ministrar apenas onde nenhum apóstolo havia trabalhado (Rm 15:20, 21).

Observe a repetição do termo *chamado*. Paulo foi chamado para ser apóstolo; os cristãos foram chamados para ser de Jesus Cristo; também foram chamados para ser santos (não serão santos algum dia; já o são no presente; um santo é alguém separado; quem crê em Jesus Cristo é separado e santo). A salvação não é algo que fazemos para Deus; é algo para o que Deus nos chama em sua graça (2 Ts 2:13, 14). Quando cremos em Cristo, somos salvos por sua graça e experimentamos sua paz.

A comissão especial de Paulo era levar o evangelho aos gentios e, por isso, planejava ir a Roma, a capital do império. Era um pregador do evangelho, e o evangelho era para todas as nações. Paulo também desejava levar a mensagem de Cristo até a Espanha (Rm 15:28).

Depois de apresentar suas credenciais, Paulo prossegue criando uma segunda ligação entre si e os cristãos em Roma.

2. EXPRESSA SUA PREOCUPAÇÃO (Rm 1:8-15)

Não é difícil entender a preocupação de Paulo com as igrejas que *ele* havia fundado, mas por que se interessaria pelos cristãos em Roma? A maioria deles não o conhecia e, no entanto, desejava garantir-lhes sua profunda preocupação com o bem deles. Vejamos as evidências dessa preocupação de Paulo.

Era grato por eles (v. 8). “Todo o mundo” – ou seja, todo o império romano – sabia da fé dos cristãos em Roma. Era relativamente comum viajar naquela época, e “todos os caminhos levavam a Roma”. Não é de se admirar que o testemunho da igreja tenha

se espalhado por outras terras, uma expansão que facilitava o ministério itinerante de Paulo, e o apóstolo poderia apontar para esse testemunho que partia do centro do império romano.

Orava por eles (vv. 9, 10). Os romanos não sabiam que Paulo os apoiava em oração, mas o Senhor sabia e honrava essas orações (fico imaginando quantos de nós sabem quem são todas as pessoas que oram por nós). Uma das ênfases da oração de Paulo era seu pedido para que Deus lhe permitisse visitar Roma e ministrar às igrejas daquela região. Seu desejo era ter visitado essas congregações antes, mas estivera ocupado com seu trabalho missionário (Rm 15:15-33). Estava prestes a sair de Corinto e ir a Jerusalém para entregar a oferta especial enviada pelas igrejas gentias aos cristãos judeus necessitados. Esperava poder viajar de Jerusalém para Roma e, em seguida, para a Espanha e desejava que tudo desse certo em sua viagem.

Na realidade, essa viagem de Paulo foi cheia de perigos, e o apóstolo chegou a Roma não apenas como um pregador, mas como prisioneiro. Havia sido preso no templo em Jerusalém, acusado falsamente pelos líderes judeus e, por fim, enviado a Roma como prisioneiro do imperador, a fim de ser julgado perante César. Quando Paulo escreveu esta carta, não fazia idéia de que ficaria encarcerado e de que sofreria até um naufrágio antes de chegar a Roma! No final da carta (Rm 15:30-33), o apóstolo pede aos cristãos em Roma que orassem por ele, enquanto planejava a viagem. Que bom que atenderam a seu pedido!

Ele os amava (vv. 11, 12). "Muito desejo ver-vos". Paulo foi um grande missionário, mas essas palavras vêm do coração de um pastor. Alguns cristãos em Roma eram amigos queridos de Paulo, como Priscila e Áqüila (Rm 16:3, 4), que arriscaram a vida por ele; a "estimada Pérside" (Rm 16:12) e outros que trabalharam e sofreram com ele. Mas também amava os cristãos que não conhecia e ansiava pela oportunidade de compartilhar com eles algumas dádivas espirituais. Aguardava com grande expectativa a oportunidade de passar algum tempo com

eles para que que abençoassem uns aos outros no amor de Cristo.

Estava em dívida com eles (vv. 13, 14). Como apóstolo aos gentios, Paulo tinha obrigação de ministrar em Roma. Teria cumprido essa obrigação antes, se outros trabalhos não o tivessem impedido. Em algumas ocasiões, Paulo foi impedido por entraves de Satanás (1 Ts 2:17-20); mas, nesse caso, o obstáculo foi seu trabalho para o Senhor. Havia tanto a fazer na Ásia Menor e na Grécia que o apóstolo não teve oportunidade de ir a Roma. Mas teria de pagar sua dívida, pois havia recebido ordens de Deus.

Para os gregos, todos os estrangeiros eram bárbaros. Imbuídos de séculos de filosofia, consideravam-se sábios e acreditavam que todo o resto do mundo era insensato. Mas Paulo sentia-se responsável por todos os homens, assim como nós precisamos nos preocupar com o mundo todo. Paulo não se livraria de sua dívida enquanto não contasse ao maior número de pessoas possível as boas-novas da salvação em Cristo.

Estava ansioso para visitá-los (v. 15). Dois termos gregos diferentes são traduzidos por *pronto* em algumas versões da Bíblia. Um deles significa "preparado", como no caso de Atos 21:13: "Pois estou pronto [...] até para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus". O outro, usado em Romanos 1:15, quer dizer "ansioso, desejoso". Apesar de estar preparado, Paulo não estava desejoso de morrer. No entanto, sentia-se ansioso por visitar Roma, a fim de ministrar para os cristãos daquela cidade. Não era a expectativa de um turista, mas de um homem que desejava ganhar almas para Cristo.

Depois de ler essas cinco evidências da preocupação de Paulo pelos santos em Roma, esses cristãos só poderiam dar graças a Deus pelo apóstolo e por seu desejo de visitá-los e de ministrar-lhes. Na verdade, a Epístola aos Romanos, na qual Paulo explica o evangelho que pregava, foi sua carta de apresentação, preparando esses cristãos para sua visita. Sem dúvida, os falsos mestres já haviam chegado a Roma e tentavam envenenar as congregações de lá contra Paulo (ver Rm 3:8). Alguns provavelmente o

acusavam de ser inimigo da Lei; outros diziam que era traidor de sua nação. Outros, ainda, distorciam seus ensinamentos sobre a graça e tentavam provar que ele incentivava uma vida libertina. Não é de se admirar que Paulo estivesse ansioso para ir a Roma! Desejava compartilhar com eles a plenitude do evangelho de Cristo.

Mas será que o evangelho de Cristo teria sobre essa grande cidade o mesmo impacto que havia tido em outros lugares? Paulo seria bem-sucedido na capital do império ou sua visita seria um fracasso? Por certo, o apóstolo sentia essas objeções e dúvidas, e foi por isso que criou uma terceira ligação com seus leitores.

3. AFIRMA SUA CONVICÇÃO (Rm 1:16, 17)

Que testemunho: “Sou devedor! Estou pronto! Não me envergonho!” Por que Paulo sequer teria sido tentado a envergonhar-se do evangelho ao planejar sua viagem para Roma? Em primeiro lugar, o evangelho era identificado com um carpinteiro judeu pobre que fora crucificado. Os romanos não cultivavam qualquer apreciação especial pelos judeus, e a crucificação era a forma de execução mais abjeta, reservada a criminosos. Por que deveriam crer num judeu que havia sido crucificado?

Roma era uma cidade altiva, e o evangelho vinha de Jerusalém, a capital de uma das nações minúsculas que Roma havia conquistado. Os cristãos daquela época não faziam parte da elite da sociedade; eram pessoas comuns e, até mesmo, escravos. Roma teve muitos grandes filósofos e filosofias; por que dar atenção a uma fábula sobre um judeu que ressuscitou dentre os mortos? (1 Co 1:18-25). Os cristãos consideravam-se irmãos e irmãs, todos membros de um só corpo em Cristo, o que ia contra todo o orgulho e dignidade dos romanos. É quase cômico pensar que um judeu desconhecido, que vivia da confecção de tendas, planejasse ir a Roma pregar tal mensagem.

Paulo não se envergonhava do evangelho. Ele confiava em sua mensagem e nos deu várias razões por que não se envergonhava.

A origem do evangelho: é o evangelho de Cristo (v. 16a). Qualquer mensagem vinda de César chamava de imediato a atenção dos romanos. Mas a mensagem do evangelho vinha do Filho de Deus! Em sua frase de abertura, Paulo a chamou de “evangelho de Deus” (Rm 1:1). Como o apóstolo poderia envergonhar-se de tal mensagem, quando era vinda de Deus e tratava de seu Filho, Jesus Cristo?

Quando eu cursava o ensino médio, fui escolhido para ser monitor da diretoria do colégio. Os outros monitores ficavam nos corredores da escola, mas eu tinha o privilégio de ficar à porta da diretoria. Fazia parte das minhas incumbências transmitir recados a professores e funcionários, e de vez em quando até a outras escolas. Era divertido entrar nas salas e interromper a aula! Nenhum professor me repreendia pela interrupção, pois todos sabiam que eu trazia recados do diretor. Não precisava ter medo nem vergonha, pois sabia de onde vinha a mensagem que eu transmitia.

A operação do evangelho: é o poder de Deus (v. 16b). Por que se envergonhar do poder? Essa era a coisa da qual Roma mais se orgulhava. A Grécia tinha a filosofia, mas Roma tinha poder. O temor de Roma pairava sobre o império como uma nuvem. Afinal, não eram conquistadores? Não havia legiões romanas postadas ao longo de todo o mundo conhecido? Mas, com todo seu poderio militar, Roma ainda era uma nação fraca. O filósofo Sêneca chamou a cidade de Roma de “fossa de iniquidade”, e o escritor Juvenal chamou-a de “esgoto imundo, inundado pelas escórias do império”.

Não é de se admirar que Paulo não se envergonhasse: levaria à cidade corrompida de Roma a única mensagem com poder para transformar a vida dos seres humanos! O apóstolo vira o evangelho operando em cidades perversas como Corinto e Éfeso e estava convicto de que também agiria em Roma. O evangelho transformara a própria vida dele, e Paulo sabia que as boas novas eram capazes de transformar a vida de outros. Havia um terceiro motivo pelo qual Paulo não se envergonhava.

O efeito do evangelho: é o poder de Deus para a salvação (v. 16c). A palavra “salvação” era extremamente significativa no tempo de Paulo. Seu sentido principal era “livramento” e se aplicava ao livramento pessoal e nacional. O imperador era considerado um salvador, como também o era um médico que curava alguém de uma enfermidade. O evangelho livra os pecadores do castigo e do poder do pecado. A “salvação” é um dos temas centrais desta epístola e é a grande necessidade da raça humana (ver Rm 10:1, 9, 10). A única maneira de homens e mulheres serem salvos é pela fé em Jesus Cristo, conforme é proclamado no evangelho.

O alcance do evangelho: “todo aquele que crê” (vv. 16d, 17). Não se tratava de uma mensagem exclusiva apenas para judeus ou para gentios; era para todas as pessoas, pois *todas as pessoas precisam ser salvas*. “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” – essa foi a comissão dada por Cristo (Mc 16:15). A expressão “primeiro do judeu” não dá a entender que o judeu é melhor que o gentio, pois não há diferença alguma entre um e outro, nem na condenação e nem na salvação (Rm 2:6-11; 10:9-13). O evangelho foi transmitido “primeiro ao judeu” no ministério de Jesus Cristo (Mt 10:5-7) e dos apóstolos (At 3:26). Como é maravilhoso ter uma mensagem de poder, apropriada para ser levada a *todas as pessoas!*

Deus não pede que as pessoas se *comportem bem* a fim de ser salvas, mas sim que *creiam*. É a fé em Cristo que salva o pecador. A vida eterna em Cristo é a única dádiva perfeita para todas as pessoas, quaisquer que sejam suas necessidades ou sua situação na vida.

Romanos 1:17 é o versículo-chave da epístola. Nele, Paulo anuncia o tema: “a justiça de Deus”. O termo “justiça” (e variações como justo, justificação e justificado) é usado mais de 60 vezes nesta carta. A justiça de Deus é revelada no evangelho, pois, pela morte de Cristo, Deus revelou sua justiça ao punir o pecado e, na ressurreição de Cristo, revelou sua justiça ao oferecer a salvação ao pecador que crê. O dilema: “como

é possível um Deus santo perdoar pecadores e, ainda assim, permanecer santo?”, é solucionado no evangelho. Pela morte de Jesus Cristo, Deus pode ser “justo e o justificador” (Rm 3:26).

O evangelho revela uma justificação *pela fé*. No Antigo Testamento, a justificação dava-se *pelas obras*, mas o pecador logo descobria que não era capaz de obedecer à Lei de Deus nem de preencher todos os requisitos justos. Aqui, Paulo faz referência a Habacuque 2:4: “mas o justo viverá pela sua fé”. Esse versículo é citado três vezes no Novo Testamento: Romanos 1:17; Gálatas 3:11 e Hebreus 10:38: Romanos explica “o justo”; Gálatas explica “viverá” e Hebreus explica “pela fé”. Encontramos mais de 60 referências à fé ou à incredulidade em Romanos.

Ao estudar Romanos, entramos em um tribunal. Primeiro, Paulo chama judeus e gentios a depor e os declara culpados diante de Deus. Em seguida, explica o plano maravilhoso de salvação que Deus oferece – a justificação pela fé. Nesse ponto, refuta seus acusadores e defende a salvação divina. “Esse plano de salvação será um incentivo para as pessoas pecarem!”, exclamam os acusadores. “É contrário à Lei de Deus!”. Mas Paulo contesta essas declarações e, ao fazê-lo, explica de que maneira o cristão pode ter vitória, liberdade e segurança.

Os capítulos 9 a 11 não constituem uma digressão. Havia cristãos judeus nas congregações romanas e seria natural perguntarem: “E quanto a Israel? Qual é a relação entre a justiça de Deus e Israel nessa nova era da Igreja?” Nesses três capítulos, Paulo apresenta um relato completo da história passada, presente e futura de Israel.

Conclui, então, com uma consequência prática da justificação de Deus na vida do cristão. Inicia com a dedicação a Deus (Rm 12:1, 2), tem continuidade com o ministério na igreja (Rm 12:3-21) e, depois, com a obediência ao governo (Rm 13:1-14). Também diz a judeus e gentios, fortes e fracos, como viver em harmonia e com alegria. Na última seção (Rm 15:14 – 16:27), explica seus planos e saúda seus amigos.

Em resumo, a Epístola aos Romanos diz que devemos colocar tudo em ordem – com Deus, conosco mesmos e com os outros. A justiça de Deus recebida pela fé

permite que vivamos corretamente. Essa era a mensagem que Roma precisava ouvir naqueles dias e que nós precisamos ouvir hoje.

ENTREGUES POR DEUS

ROMANOS 1:18 – 3:20

“**A**tenção, o tribunal está em sessão!” Paulo poderia ter usado essas palavras intimidantes nesta parte de sua carta, pois Romanos 1:18 é a porta de acesso ao tribunal de Deus. O tema central de Romanos é a justiça de Deus, mas Paulo começa falando da *perversão* humana. Enquanto o ser humano não reconhece que é pecador, não é capaz de dar o devido valor à salvação que Deus, em sua graça, lhe concede por meio de Jesus Cristo. Paulo seguiu o padrão bíblico básico: primeiro, a Lei e a condenação; depois, a graça e salvação.

Nesta seção, Deus faz três declarações que, juntas, mostram como todos os seres humanos são pecadores e precisam de Jesus Cristo.

1. O MUNDO GENTIO É CULPADO (RM 1:18-32)

Paulo apresenta uma imagem desagradável. Confesso que existem alguns bairros dos quais não gosto e pelos quais evito passar. O fato de evitá-los não muda nem elimina esses lugares. A descrição que Deus faz dos pecadores não é nem um pouco bonita, mas não podemos evitá-la. Esta seção não ensina evolução (que o ser humano começou numa posição inferior e alcançou uma posição mais elevada); antes, ensina a *degeneração*: os seres humanos começaram em uma posição exaltada e, por causa do pecado, afundaram até um nível mais baixo que o dos animais. Essa *degeneração* trágica é marcada por quatro estágios.

Inteligência (vv. 18-20). A história humana começou com o homem conhecendo Deus. A história humana não fala de seres

irracionais, que começaram adorando ídolos e evoluíram até se transformar em homens que adoram a Deus. Muito pelo contrário: os homens começaram conhecendo a Deus, mas abandonaram a verdade e rejeitaram o Senhor. Deus revelou-se aos seres humanos pela criação, por aquilo que havia feito. Ao observar o mundo a seu redor, o ser humano poderia reconhecer a existência de um Deus com sabedoria para planejar e poder para criar. Os seres humanos também tinham consciência de que seu Criador era eterno e podiam ver “... o seu eterno poder, como também a sua própria divindade” (Rm 1:20), pois, se Deus é o Criador, então não foi criado. Esses fatos acerca de Deus não estão ocultos na criação; antes, “claramente se reconhecem” (Rm 1:20). “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos” (Sl 19:1).

O verbo traduzido por “deter”, em Romanos 1:18, também pode significar “reprimir, impedir”. Os seres humanos conheciam a verdade acerca da Deus, mas não permitiram que operasse em sua vida. Reprimiram a verdade de Deus a fim de escapar de sua condenação e de viver a seu modo. O resultado, evidentemente, foi a recusa da verdade (Rm 1:21, 22) e a distorção dessa verdade numa mentira (Rm 1:25). Por fim, o ser humano abandonou a verdade e se tornou semelhante a um animal, tanto em sua forma de pensar como de viver.

Ignorância (vv. 21-23). Fica evidente que os seres humanos tinham conhecimento de Deus, mas se *recusaram* a conhecer a Deus e a honrá-lo. Em vez de serem gratos por tudo o que Deus havia lhes dado, os seres humanos recusaram-se a lhe dar graças ou a glória que lhe era devida. Estavam dispostos a usar todas as dádivas de Deus, mas não a adorar e louvar a Deus por essas dádivas. O resultado foi um raciocínio nulo e um coração obscurecido. O adorador transformou-se em filósofo, mas sua sabedoria vazia só serviu para revelar sua insensatez. Paulo resumiu toda a história da Grécia em uma só declaração dramática: “os tempos da ignorância” (At 17:30). 1 Coríntios 1:18-31 pode

ser uma leitura bastante proveitosa a esta altura de nosso estudo.

Depois de reprimir a verdade de Deus e de se recusar a reconhecer a glória de Deus, o ser humano ficou sem um deus; mas faz parte da constituição humana a necessidade de adoração. Se não adora ao Deus verdadeiro, adorará um deus falso, *mesmo que ele próprio tenha de confeccioná-lo!* Esse fato explica a tendência humana a se entregar à idolatria. O ser humano trocou a glória do Deus verdadeiro por deuses substitutos que ele próprio havia feito. Colocou a vergonha no lugar da glória, a corruptibilidade no lugar da incorruptibilidade, as mentiras no lugar da verdade.

É importante observar que o primeiro item da lista de falsos deuses é o *homem*, cumprindo, assim, o propósito de Satanás ao dizer a Eva: “como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal” (Gn 3:5). Satanás encorajou o homem a exaltar a si mesmo. Em vez de os seres humanos serem feitos à imagem de Deus, fizeram deuses para si a sua própria imagem e se rebaixaram a ponto de adorar aves, insetos e outros animais!

Imoralidade (vv. 24-27). Da idolatria para a imoralidade é um passo. Se o homem é seu próprio deus, então pode agir como bem entender e satisfazer todos os seus desejos sem temer qualquer julgamento. Chegamos ao auge da luta contra a verdade de Deus, quando o ser humano troca a verdade de Deus pela “mentira” e abandona a verdade inteiramente. A “mentira” é a idéia de que o ser humano é seu próprio deus, de que deve adorar e servir a si mesmo, não ao Criador. No jardim, Satanás usou a “mentira” para levar Eva a pecar: “Sereis como Deus!”. Satanás sempre quis para si a adoração que é devida somente a Deus (Is 14:12-15; Mt 4:8-10) e, na idolatria, recebe essa adoração (1 Co 10:19-21).

O resultado dessa autodeificação foi a entrega aos próprios prazeres, e, aqui, Paulo fala de um pecado abominável, desenfreado naquela época, e que tem se tornado preponderante hoje: a homossexualidade. Trata-se de um pecado condenado repetidamente nas Escrituras (Gn 18:20ss; 1 Co

6:9, 10; Jd 7). Paulo o caracteriza como “infame” e “contrário à natureza”. Não se refere apenas aos homens, pois “até as mulheres” entregaram-se a esse pecado.

Por causa de sua transgressão, Deus “os entregou” (Rm 1:24, 26), o que significa que permitiu que continuassem pecando e que colhessem as conseqüências. Receberam “em si mesmos, a merecida punição do seu erro” (Rm 1:27). Esse é o significado de Romanos 1:18: “A ira de Deus está sendo revelada do céu” (tradução literal). Deus não revelou sua ira enviando fogo do céu, mas abandonando os pecadores à própria vida lasciva. No entanto, ainda resta mais um estágio.

Impenitência (vv. 28-32). Seria de se esperar que, quando o ser humano começasse a sentir as conseqüências trágicas de seus pecados, se arrependesse e buscasse ao Senhor; mas aconteceu justamente o contrário. Pelo fato de haver abandonado Deus, só restava ao homem corromper-se cada vez mais. Rejeitou até a presença de Deus em seu entendimento! Assim, dessa vez “Deus os entregou a uma disposição mental reprovável” (Rm 1:28), ou seja, a uma mente depravada, incapaz de discernir corretamente. Tais homens haviam se entregado inteiramente ao pecado, e Paulo cita 24 transgressões específicas que continuam sendo praticadas hoje. (Para outras listas, ver Mc 7:20-23; Gl 5:19-21; 1 Tm 1:9, 10 e 2 Tm 3:2-5.)

Mas o pior ainda está por vir. Esses homens não apenas se rebelaram abertamente contra Deus e pecaram como também incentivaram outros e os aplaudiram quando fizeram o mesmo. Até que ponto o ser humano pode descer! Começou glorificando a Deus, mas acabou trocando a glória por ídolos. Começou conhecendo Deus, mas acabou recusando o conhecimento de Deus em sua mente e coração. Começou como a mais exaltada das criaturas de Deus, criada à imagem de Deus, mas terminou mais baixo do que os animais, pois adorou a essas criaturas como se fossem deuses. O veredicto? “Tais homens são, por isso, indesculpáveis” (Rm 1:20).

Esta passagem das Escrituras apresenta provas incontestáveis de que aqueles que

não são salvos estão perdidos. Como disse Dan Crawford, missionário inglês na África: "Os pagãos pecam consciente e deliberadamente". Daí, a necessidade premente de levar o evangelho a todos os homens, pois essa é a única maneira de serem salvos.

2. O MUNDO JUDEU É CULPADO (Rm 2:1 - 3:8)

A quem Paulo se refere em Romanos 2:1-16? Os estudiosos não apresentam um consenso. Alguns acreditam que suas palavras são dirigidas ao pagão virtuoso que não cometeu os pecados citados em Romanos 1:18-32, mas que procurou viver de modo digno. Minha impressão, porém, é que nessa seção Paulo dirige-se aos líderes judeus. Em primeiro lugar, a argumentação sobre a Lei em Romanos 2:12-16 é muito mais relevante para um judeu do que para um gentio. Além disso, em Romanos 2:17, o apóstolo refere-se, claramente, a seu leitor como "judeu". Tal designação seria estranha se, na primeira metade do capítulo, estivesse se dirigindo a gentios.

Não era uma tarefa simples demonstrar que os judeus eram culpados, pois a desobediência a Deus era justamente o pecado que se recusavam confessar. Os profetas do Antigo Testamento foram perseguidos por acusar Israel de pecar, e Jesus foi crucificado pelo mesmo motivo. Paulo convocou quatro testemunhas para provar a culpa do povo judeu.

Os gentios (vv. 1-3). Sem dúvida, os judeus aprovaram quando Paulo condenou os gentios em Romanos 1:18-32: Na verdade, o orgulho nacional e religioso judeu os incentivava a desprezar os "cães gentios" e a se manter inteiramente afastados deles. Paulo usa essa atitude julgadora para provar a culpa dos judeus; *pois estavam praticando exatamente aquilo que condenavam nos gentios!* Pensavam que, por serem o povo escolhido de Deus, estavam livres do julgamento. Mas Paulo afirmou que o fato de Deus ter eleito os judeus aumentava sua responsabilidade e a necessidade de prestarem contas de seus atos.

Deus julga de acordo com a verdade. Não há um parâmetro para os judeus e outro

para os gentios. Qualquer um que ler a lista de pecados em Romanos 1:29-32 não pode escapar do fato de que toda pessoa é culpada de pelo menos uma dessas transgressões. Há pecados "tanto da carne como do espírito" (2 Co 7:1); há "filhos pródigos" e "filhos mais velhos" (ver Lc 15:11-32). Ao condenar os gentios por seus pecados, na verdade os judeus condenavam a si mesmos. Nas palavras do velho ditado: "Enquanto apontamos o dedo para alguém, outros três dedos apontam para nós".

A bênção de Deus (vv. 4-11). Para os judeus, as bênçãos que recebiam de Deus não representavam um tratamento especial, mas sim maior responsabilidade de obedecer e de glorificar ao Senhor. Em sua bondade, Deus dera a Israel grandes riquezas materiais e espirituais: uma terra magnífica, uma Lei justa, um templo e sacerdócio, o cuidado providencial de Deus e muitas outras bênçãos. Deus havia suportado com paciência os muitos pecados e rebeliões de Israel e lhes enviara seu Filho, o Messias. Mesmo depois de Israel crucificar Cristo, Deus concedeu à nação quase mais quarenta anos de graça e reteve seu julgamento. Não é o *julgamento* de Deus que conduz os homens ao arrependimento, mas sim sua *bondade*. Ainda assim, Israel não se arrependeu.

Em Romanos 2:6-11, Paulo não ensina a salvação pelo caráter ou pelas boas ações. Antes, explica outro princípio fundamental do julgamento divino: da mesma forma que Deus julga de acordo com a verdade, também julga de acordo com as ações. Nessa passagem, Paulo trata dos atos coerentes na vida de uma pessoa, do impacto total de seu caráter e conduta. Davi, por exemplo, cometeu pecados terríveis; mas, a tônica geral de sua vida foi a obediência a Deus. Judas confessou seu pecado e forneceu o dinheiro para a construção de um cemitério para estrangeiros; mas, a tônica geral de sua vida foi a desobediência e a incredulidade.

A verdadeira fé salvadora redundava em obediência e em uma vida piedosa, apesar dos fracassos ocasionais. Quando Deus pesou as obras dos judeus, constatou que eram tão perversos quanto os gentios. O fato

de os judeus celebrarem alguma festa religiosa de tempos em tempos ou mesmo de guardarem o *shabbath* regularmente não mudava a realidade de que, em sua vida diária, eram desobedientes a Deus. As bênçãos de Deus não os levaram ao arrependimento.

A Lei de Deus (vv. 12-24). A declaração de Paulo em Romanos 2:11: "Porque para com Deus não há acepção de pessoas" era uma ofensa aos judeus, pois estes se consideravam dignos de um tratamento especial, uma vez que eram os escolhidos de Deus. No entanto, Paulo explicou que a Lei judaica tornava a culpa de Israel muito maior! Deus não deu a Lei aos gentios, de modo que não seriam julgados de acordo com a Lei. Na verdade, os gentios possuíam "a norma da lei gravada no seu coração" (Rm 2:15). Não importa aonde vamos, sempre encontramos gente com percepção de certo ou errado, dotadas de um juiz interior que a Bíblia chama de "consciência". Em todas as culturas, encontramos o senso de pecado, o medo do julgamento e uma tentativa de expiar erros pelas transgressões e de apaziguar os deuses temidos.

Os judeus vangloriavam-se da Lei. Eram diferentes de seus vizinhos pagãos que adoravam ídolos! Mas Paulo deixa claro que o mais importante não era *possuir* a Lei, mas sim *praticar* a Lei. Os judeus consideravam os gentios cegos, perdidos, insensatos, imaturos e ignorantes! Mas se Deus considerava culpados os gentios "destituídos", os judeus "privilegiados" eram mais culpados ainda! Deus não apenas julga os homens de acordo com a verdade (Rm 2:2), e "segundo o seu procedimento" (Rm 2:6), como também julga "os segredos dos homens" (Rm 2:16). Ele vê o que está no coração.

O povo judeu possuía uma religião de rituais exteriores, não de atitudes interiores. Por fora, mantinham uma aparência virtuosa, mas e quanto ao coração? A acusação de Jesus contra os fariseus, em Mateus 23, ilustra esse princípio com perfeição. Deus não apenas vê os atos, mas também vê "os pensamentos e propósitos do coração" (Hb 4:12). Era possível um judeu ser culpado de roubo, adultério e idolatria (Rm 2:21, 22),

mesmo que ninguém visse qualquer manifestação exterior desses crimes. No sermão do monte, Jesus diz que tais pecados podem ser cometidos no coração.

Em vez de glorificar a Deus no meio dos gentios, os judeus o infamavam, e, para provar esse fato, Paulo cita Isaías 52:5. Os gentios pagãos tinham contato diário com os judeus em suas transações comerciais e em outras atividades e não se deixavam enganar pela devoção dos judeus à Lei. A mesma Lei que os judeus afirmavam obedecer também os acusava!

Circuncisão (vv. 25-29). Essa era a grande marca da aliança e uma prática que iniciou com Abraão, pai do povo judeu (Gn 17). Para os judeus, os gentios eram "cães incircuncisos". O mais triste é que os judeus fiavam-se na marca física, em vez de depositarem sua fé na realidade espiritual que esse sinal representava (Dt 10:16; Jr 9:26; Ez 44:9). O verdadeiro judeu era aquele que possuía uma experiência espiritual *interior* no coração, não apenas uma cirurgia física exterior. Hoje em dia, muita gente comete o mesmo erro com relação ao batismo, à Ceia do Senhor, ou mesmo à participação em uma igreja como membro.

Deus julga de acordo com os "segredos" do coração (Rm 2:16), portanto não se impressiona com meras formalidades exteriores. Um gentio obediente incircunciso era mais aceitável do que um judeu desobediente circuncidado. Na realidade, o judeu desobediente transforma sua circuncisão em *incircuncisão* aos olhos de Deus, pois Deus vê o coração. Os judeus louvavam uns aos outros por sua obediência à Lei; todavia, o louvor mais importante "não procede dos homens, mas de Deus" (Rm 2:29). Quando nos lembramos de que a designação "judeu" vem de "Judá", que significa "louvor", essa declaração adquire outro significado (Gn 29:35; 49:8).

Resumo final (vv. 1-8). As quatro testemunhas de Paulo estavam de acordo: os judeus eram culpados diante do Senhor. Em Romanos 3:1-8, Paulo resume sua argumentação e contesta os judeus que tentam discutir com ele e lhe fazem três perguntas:

(1) “Qual é, pois, a vantagem do judeu?” Resposta: o judeu tem todas as vantagens possíveis, especialmente o fato de possuir a Palavra de Deus. (2) “A incredulidade dos judeus anulará a fidelidade de Deus?” Resposta: De modo algum – na verdade, comprova a fidelidade divina. (3) “Se o nosso pecado ressalta a justiça de Deus, como é possível ele nos julgar?” Resposta: Não fazemos o mal para que redunde em algum bem. Deus julga o mundo com justiça.

3. O MUNDO TODO É CULPADO (Rm 3:9-20)

A terceira declaração é óbvia, pois Paulo já provou que tanto judeus quanto gentios são culpados diante de Deus. Assim, afirma que todos os homens são pecadores e comprova esse fato com várias citações do Antigo Testamento. É interessante observar o uso de “nenhum”, “não há” e “todos”, asseverando, assim, a universalidade da culpa humana.

Sua primeira citação é do Salmo 14:1-3. Esse salmo começa com as palavras: “Diz o insensato em seu coração: Não há Deus”. Em algumas versões, o termo “há” é colocado em *itálico* para indicar que foi acrescentado pelos tradutores. Assim, essa frase também pode ser lida como: “Diz o insensato em seu coração: Não, Deus!” Vê-se um paralelo com a descrição da degeneração do homem em Romanos 1:18-32, pois tudo começou quando o homem disse não para Deus.

Estes versículos indicam que todo o ser interior do homem está sob o controle do pecado: sua *mente* (“não há quem entenda”); seu *coração* (“não há quem busque a Deus”) e sua *volição* (“não há quem faça o bem”). Ao ser medido de acordo com a justiça perfeita de Deus, nenhum ser humano é inculpável. Nenhum pecador busca ao Senhor, de modo que é Deus quem deve buscar os pecadores (Gn 3:8-10; Lc 19:10). O homem se desviou, tornou-se inútil tanto para si mesmo quanto para Deus. As parábolas de Jesus, em Lucas 15, ilustram esse fato com perfeição.

Em Romanos 3:13-18, Paulo apresenta uma radiografia completa de um pecador.

Suas citações são: versículo 13a – Salmos 5:9; versículo 13b – Salmos 140:3; versículo 14 – Salmos 10:7; versículos 15-17 – Isaías 59:7, 8; versículo 18 – Salmos 36:1.

Romanos 3:13 e 14 enfatizam a fala humana – a garganta, a língua, os lábios e a boca. A relação entre palavras e caráter pode ser vista em Mateus 12:34: “Porque a boca fala do que está cheio o coração”. Por natureza, o pecador encontra-se espiritualmente morto (Ef 2:1-3), portanto, a única coisa que pode sair de sua boca é morte. A boca condenada pode se tornar uma boca convertida e confessar “Jesus como Senhor” (Rm 10:9, 10). “Porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado” (Mt 12:37).

Em Romanos 3:15 e 16, Paulo descreve os pés do pecador. Assim como suas palavras são enganosas, seus caminhos são destrutivos. Os pés dos cristãos são calçados com “a preparação do evangelho da paz” (Ef 6:15); mas por onde o pecador passa, traz consigo morte, destruição e miséria. Mesmo que essas tragédias não ocorram imediatamente, é certo que, mais cedo ou mais tarde, virão. O pecador está no caminho largo que leva à destruição (Mt 7:13, 14); ele precisa arrepender-se, crer em Jesus Cristo e tomar o caminho estreito que conduz à vida.

Romanos 3:17 trata da mente do pecador: ele não conhece o caminho da paz de Deus. Foi isso o que levou Jesus a chorar sobre Jerusalém (Lc 19:41-44). O pecador não deseja conhecer a verdade de Deus (Rm 1:21, 25, 28), preferindo, antes, crer na mentira de Satanás. O caminho da paz de Deus é por meio de Jesus Cristo: “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5:1).

Romanos 3:18, que cita Salmos 36:1, mostra o orgulho desdenhoso do pecador: “Não há temor de Deus diante de seus olhos”. Convém ler o salmo inteiro para compreender seu contexto mais amplo. A ignorância mencionada em Romanos 3:17 é causada pelo orgulho do versículo 18; pois o “temor do SENHOR é o princípio do saber” (Pv 1:7).

Essas citações da Lei de Deus – as Escrituras do Antigo Testamento – levam a uma conclusão: *o mundo inteiro é culpado diante de Deus!* Pode haver quem deseje discutir, mas todos são calados. Não há debate nem defesa. Judeus ou gentios, todos são culpados. Os judeus são condenados pela Lei da qual se vangloriam; os gentios, com base na criação e na consciência.

A expressão “visto que”, em Romanos 3:20, tem o sentido de “porque” e dá o motivo pelo qual o mundo todo é culpado. Ninguém é capaz de obedecer à Lei de Deus e de ser justificado (declarado justo) a seus olhos. Por certo, “os que praticam a Lei não de ser justificados” (Rm 2:13), mas *ninguém é capaz de fazer aquilo que a Lei ordena!* Essa incapacidade é uma das formas de os seres humanos saberem que são pecadores. Quando tentam obedecer à Lei, fracassam

completamente e precisam clamar pela misericórdia de Deus. Nem judeus, nem gentios são capazes de obedecer à Lei de Deus; assim, Deus precisa de algum outro meio para salvar os pecadores. A explicação do que vem a ser esse meio pelo qual o homem pode ser salvo é o que ocupa o restante desta epístola de Paulo.

A melhor maneira de encerrar esta seção é fazendo duas perguntas simples: sua boca já foi calada? Você continua vangloriando-se da própria justiça e se defendendo diante de Deus? Se esse é o caso, então talvez nunca tenha sido salvo pela graça de Deus. Ele só pode nos salvar quando nos calamus diante dele como pecadores. Enquanto estivermos nos defendendo e louvando nossos esforços, não poderemos ser salvos pela graça. O mundo todo é culpado diante de Deus, e isso inclui você e eu!

PAI ABRAÃO

ROMANOS 3:21 - 4:25

O tema de Paulo na segunda seção de sua carta é a *salvação* – a *declaração da justiça*. Na seção anterior, provou que todos os homens são pecadores; em seguida, explicará como os pecadores podem ser salvos. O termo técnico teológico para salvação é *justificação pela fé*. A justificação é o ato de Deus pelo qual declara o pecador que crê como sendo justo em Cristo com base na obra consumada de Cristo na cruz. Cada uma das partes dessa definição é importante, de modo que devemos considerá-las com cuidado.

Em primeiro lugar, a justificação é um ato, não um processo. Não há níveis de justificação; todo o que crê encontra-se na mesma posição justificada diante de Deus. Além disso, a justificação é realizada por Deus, não pelo homem. Nenhum pecador é capaz de justificar-se diante de Deus. O mais importante, porém, é que a justificação não significa que Deus nos *torna* justos, mas que nos *declara* justos. A justificação é uma questão legal. Deus coloca a justiça de Cristo em nosso registro no lugar de nossa pecaminosidade, e ninguém pode mudar esse registro.

É importante não confundir justificação com santificação. A santificação é o processo pelo qual Deus torna o cristão cada vez mais semelhante a Cristo. A santificação pode mudar a cada dia, enquanto a justificação nunca muda. Quando o pecador crê em Jesus Cristo, Deus o declara justo, e essa declaração jamais será revogada. Deus nos vê e nos trata como se jamais tivéssemos pecado!

Mas, como o Deus santo pode declarar justos os pecadores? A justificação é apenas

um “conceito fictício” sem qualquer fundamento real? Nesta seção de Romanos, Paulo responde a essas perguntas de duas maneiras. Em primeiro lugar, explica a justificação pela fé (Rm 3:21-31); depois, ilustra a justificação pela fé usando a vida de Abraão (Rm 4:1-25).

1. A JUSTIFICAÇÃO É EXPLICADA (RM 3:21-31)

“Mas agora, a justiça de Deus [...] foi manifestada” (Rm 3:21, tradução literal). Deus revelou sua justiça de várias maneiras antes da revelação plena do evangelho: por meio de sua Lei, de seus julgamentos contra o pecado, de seus apelos por meio dos profetas, de sua bênção sobre os obedientes. O evangelho, porém, revela um novo tipo de justificação (Rm 1:16, 17), cujas características são descritas nesta seção.

Sem a Lei (v. 21). Debaixo da Lei do Antigo Testamento, a justificação dava-se quando o homem se *comportava bem*; mas, sob o evangelho, a justificação se dá quando o homem *crê*. A Lei em si revela a justiça de Deus, pois “a lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom” (Rm 7:12). Além disso, a Lei dava testemunho dessa justificação do evangelho, apesar de ela própria não ter poder para justificar. Começando em Gênesis 3:15 e continuando ao longo de todo o Antigo Testamento, vemos o testemunho da salvação pela fé em Jesus Cristo. Os sacrifícios, as profecias e os tipos do Antigo Testamento, bem como as principais “Escrituras do evangelho” (como Is 53), davam testemunho dessa verdade. A Lei podia afirmar a justiça de Deus, mas não podia oferecê-la ao homem pecador, pois somente Jesus Cristo pode fazer isso (ver Gl 2:21).

Mediante a fé em Cristo (v. 22a). O valor da fé consiste no valor de seu objeto. Todos os seres humanos crêem em alguma coisa, mesmo que seja apenas em si mesmos; o cristão, porém, crê em Jesus Cristo. A justiça da Lei é uma recompensa por obras realizadas. A justiça do evangelho é uma dádiva concedida por meio da fé. Muita gente diz: “Eu acredito em Deus!”, mas não é isso o que nos salva. O que salva e justifica

o pecador é a fé pessoal e individual em Jesus Cristo. Até mesmo os demônios no inferno crêem em Deus e estremeçam, no entanto isso não os salva (Tg 2:19).

Para todos (vv. 22b, 23). Deus deu sua Lei aos judeus e não aos gentios; mas as boas novas da salvação por meio de Cristo são para todos, pois todos precisam ser salvos. Em se tratando de condenação, não há diferença alguma entre judeus e gentios. “Todos pecaram e estão aquém da glória de Deus” (Rm 3:23, tradução literal). Deus declarou todos os homens culpados para que pudesse oferecer a todos o dom gratuito da salvação.

Pela graça (v. 24). Deus possui dois tipos de atributos: *absolutos* (o que ele é, em si mesmo) e *relativos* (a maneira como se relaciona com o mundo e os seres humanos). Um de seus atributos absolutos é o amor: “Deus é amor” (1 Jo 4:8). Quando Deus relaciona tal amor a nós, esse atributo transforma-se em *graça* e *misericórdia*. Em sua misericórdia, Deus não nos dá o que merecemos e, em sua graça, ele nos dá o que não merecemos. O mesmo termo grego traduzido aqui por “gratuitamente” é traduzido por “sem motivo” em João 15:25: Somos justificados *sem motivo!* Não há coisa alguma em nós que nos torne merecedores da salvação de Deus. É tudo obra de sua graça!

A um alto preço para Deus (vv. 24b, 25). A salvação é gratuita, mas não é barata. Há três palavras que expressam o preço que Deus pagou por nossa salvação: propiciação, redenção e sangue. Em termos humanos, “propiciar” significa, nesse caso, apaziguar alguém que está irado, normalmente através de um presente. Mas seu significado na Bíblia é outro. A “propiciação” refere-se ao cumprimento da santa Lei de Deus, a satisfação de todos os seus requisitos justos, para que Deus perdoe gratuitamente os que crerem em Cristo. O termo “sangue” nos diz qual foi o preço. Jesus teve de morrer na cruz a fim de cumprir a Lei e de justificar os pecadores.

A melhor ilustração dessa verdade é a celebração judaica do Dia da Expição, descrita em Levítico 16. Nessa ocasião, dois

bodes eram apresentados no altar, e um deles era escolhido como sacrifício. O bode era abatido, e seu sangue era levado para o Santo dos Santos e aspergido sobre o propiciatório – a cobertura de ouro da arca da aliança. O sangue aspergido sobre a arca cobria simbolicamente as duas tábuas da Lei dentro da arca. O sangue derramado satisfazia (temporariamente) os requisitos justos do Deus santo.

Em seguida, o sacerdote colocava as mãos sobre a cabeça do outro bode e confessava os pecados do povo. Então, o bode era solto no deserto, onde, simbolicamente, levava para longe os pecados do povo. “Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões” (Sl 103:12). No tempo do Antigo Testamento, o sangue dos animais não tinha o poder de remover o pecado; podia apenas cobri-lo até que Jesus viesse e pagasse o preço para obter a salvação consumada. Deus “deixava passar” os pecados cometidos anteriormente (Rm 3:25, tradução literal), sabendo que seu Filho viria para consumir a obra. Pela morte e ressurreição de Cristo, haveria “redenção” – a compra do pecador e sua libertação.

G. Campbell Morgan tentava explicar a “salvação gratuita” a um trabalhador em uma mina de carvão, mas o homem não conseguia entender. “Mas eu preciso pagar pela salvação”, insistia o homem. Então, num *insight* divino, Morgan perguntou: “Como você desceu até o fundo da mina hoje cedo?” “Foi fácil”, respondeu o homem. “Peguei o elevador e descí.”

Então Morgan lhe perguntou: “Não foi fácil demais? Não lhe custou alguma coisa?”

O homem riu e comentou: “Para mim não custou nada, mas a empresa deve ter pago um dinheirão para instalar o elevador”. Então, ele entendeu: “Para *mim* a salvação não custa coisa alguma; para *Deus*, custou a vida de seu Filho”.

Em perfeita justiça (vv. 25a, 26). Deus deve ser perfeitamente coerente consigo mesmo. Não pode transgredir a própria Lei nem contrariar a própria natureza. “Deus é amor” (1 Jo 4:8), e “Deus é luz” (1 Jo 1:5). Um Deus de amor deseja perdoar os pecadores,

mas um Deus de santidade deve punir o pecado e preservar sua Lei justa. De que maneira Deus pode ser, ao mesmo tempo, “justo e o justificador”? A resposta encontra-se em Jesus Cristo. Quando Jesus estava na cruz e sofreu a ira de Deus pelos pecados do mundo, preencheu completamente todos os requisitos da Lei de Deus e *expressou plenamente o amor do coração de Deus*. Os sacrifícios de animais no Antigo Testamento não removiam o pecado; mas, quando Jesus morreu, sua obra consumada alcançou até Adão e tratou desses pecados. Ninguém (inclusive Satanás) poderia acusar Deus de injusto ou de desonesto por haver, aparentemente, deixado passar os pecados do tempo do Antigo Testamento.

Para confirmar a Lei (vv. 27-31). Uma vez que alguns de seus leitores eram judeus, Paulo desejava detalhar a relação entre o evangelho e a Lei. A doutrina da justificação pela fé não é contrária à Lei, pois confirma a Lei. Ao concretizar o plano da salvação, Deus obedeceu à própria Lei. Com sua vida e morte, Jesus cumpriu inteiramente os requisitos da Lei. Deus não tem dois caminhos que conduzem à salvação, uma para os judeus e outro para os gentios; pois ele é Deus. É coerente com a própria natureza e com a própria Lei. Se a salvação fosse pela Lei, os homens teriam motivo para se vangloriar; mas o princípio da salvação pela fé torna impossível qualquer vanglória da parte dos homens. Quando o nadador é salvo de um afogamento, não se vangloria de ter confiado no salvavidas. O que mais poderia ter feito? Quando um pecador crê e é justificado pela fé, não pode se gabar de sua fé, mas pode gloriar-se em seu Salvador maravilhoso.

Em Romanos 4 - 8, Paulo explica de que maneira o grande plano da salvação oferecida por Deus era perfeitamente coerente com as Escrituras do Antigo Testamento. Começa sua explanação com Abraão, o pai do povo de Israel.

2. A JUSTIFICAÇÃO É ILUSTRADA (RM 4:1-25)

É bem provável que os cristãos judeus em Roma tenham perguntado mais que depressa:

“Qual é a relação entre essa doutrina da justificação pela fé a nossa história? Você diz que a Lei e os Profetas dão testemunho dessa doutrina. Mas e quanto a Abraão?”

Paulo aceitou o desafio e explicou de que maneira Abraão havia sido salvo. Abraão era chamado de “nosso pai”, referindo-se especialmente à descendência natural e física dos judeus. Mas, em Romanos 4:11, Abraão também é chamado de “pai de todos os que crêem”, ou seja, de todos que aceitaram a Cristo (ver Gl 3:1-18). Paulo apresenta três fatos importantes sobre a salvação de Abraão que comprovam como a experiência espiritual do patriarca foi semelhante àquela dos cristãos de hoje.

Foi justificado pela fé, e não por obras (vv. 1-8). Paulo chamou duas testemunhas para corroborar essa declaração: Abraão (Gn 15:6) e Davi (Sl 32:1, 2). Em Romanos 4:1-3, Paulo trata da experiência de Abraão conforme o relato de Gênesis 15: Abraão havia derrotado os reis (Gn 14) e se perguntava se voltariam para lutar. Deus lhe apareceu em uma visão e disse: “Não temas, Abraão, eu sou o teu escudo, e o teu galardão será sobremodo grande” (Gn 15:1). No entanto, o maior desejo de Abraão era ter um herdeiro. Deus havia lhe prometido um filho, mas até então não havia cumprido essa promessa.

Foi nessa ocasião que Deus lhe disse para olhar para as estrelas e prometeu: “Será assim a tua posteridade [descendência]”. *E Abraão creu na promessa de Deus*. O termo hebraico traduzido como *creu* significa “dizer amém”. Sua fé lhe foi imputada para justiça.

O termo *imputar* em Romanos 4:3 é uma palavra grega que significa “colocar na conta de alguém, depositar” e é um termo bancário. O mesmo verbo é usado onze vezes neste capítulo e traduzido como “considerar” (Rm 4:4), “imputar” (Rm 4:8, 9, 11, 22, 24), “atribuir” (Rm 4:6, 10) e “levar em conta” (Rm 4:23). Quando uma pessoa trabalha, recebe um salário, e esse dinheiro é depositado em sua conta. Mas Abraão não trabalhou para merecer a salvação; simplesmente creu na Palavra de Deus. Foi Jesus Cristo quem realizou a obra na cruz, e sua justiça foi colocada na conta de Abraão.

Romanos 4:5 faz uma declaração espantosa: Deus justifica o ímpio! A Lei diz “porque não justificarei o ímpio” (Êx 23:7). A ordem para o juiz do Antigo Testamento era que “[justificasse] ao justo e [condenasse] ao culpado” (Dt 25:1). Quando Salomão consagrou o templo, pediu que Deus condenasse os perversos e justificasse os justos (1 Rs 8:31, 32). Mas Deus justifica os ímpios – *pois não há justos para serem justificados!* Ele coloca nossos pecados na conta de Cristo e “deposita” a justiça de Cristo em nossa conta.

Em Romanos 4:6-8, Paulo usa Davi como testemunha, citando um dos salmos de confissão do rei depois de seu pecado terrível com Bate-Seba (Sl 32:1, 2). Davi faz duas declarações surpreendentes: (1) Deus perdoa os pecados e atribui justiça sem obras; (2) Deus não imputa nossos pecados. Em outras palavras, uma vez que somos justificados, nosso registro contém somente a justiça perfeita de Cristo e *não mais os nossos pecados*. Sem dúvida, os cristãos pecam, e esses pecados precisam ser perdoados, a fim de que tenhamos comunhão com Deus (1 Jo 1:5-7); *mas esses pecados não são usados para nos condenar*. Deus mantém um registro de nossas obras para que nos recompense quando Jesus vier, mas não mantém um registro de nossos pecados.

Foi justificado pela graça, e não pela lei (vv. 9-17). Como vimos, os judeus vangloriavam-se de sua circuncisão e da Lei. A fim de um judeu ser justificado diante de Deus, deveria ser circuncidado e obedecer à Lei. Em Romanos 2:12-29, Paulo já havia deixado clara a necessidade de uma obediência *interior* à Lei e de uma “circuncisão do coração”. A mera observância exterior jamais salvará o pecador perdido.

No entanto, Abraão foi declarado justo quando ainda era incircunciso. Do ponto de vista dos judeus, nessa ocasião Abraão ainda era um gentio. O patriarca estava com 99 anos de idade quando foi circuncidado (Gn 17:23-27), ou seja, mais de catorze anos depois dos acontecimentos relatados em Gênesis 15: A conclusão é óbvia: a circuncisão não tem qualquer relação com a justificação.

Qual era, então, a finalidade da circuncisão? Era um sinal e um selo (Rm 4:11). Como sinal, era evidência de que o indivíduo pertencia a Deus e cria em suas promessas. Como selo, lembrava que Deus havia dado sua palavra e a cumpriria. Os cristãos são selados pelo Espírito Santo (Ef 1:13, 14). Também passaram por uma circuncisão espiritual do coração (Cl 2:10-12), não apenas uma pequena cirurgia física, mas sim a remoção da antiga natureza pela morte e ressurreição de Cristo. A circuncisão não foi um acréscimo à salvação de Abraão, apenas uma forma de testemunhá-la.

Mas Abraão também foi justificado antes de a Lei ser dada ao povo de Israel, e é esse fato que Paulo discute em Romanos 4:13-17: A palavra-chave nessa passagem é “promessa”. Abraão foi justificado por crer na promessa de Deus, não por obedecer à Lei de Deus, pois Deus ainda não havia dado a Lei por meio de Moisés. A promessa a Abraão foi dada inteiramente pela graça. Abraão não a merecia, nem se esforçou para obtê-la. O mesmo acontece hoje, pois Deus justifica os ímpios por crerem em sua promessa, não por obedecerem à sua Lei. A Lei não foi dada para salvar as pessoas, mas para lhes mostrar que precisavam ser salvas (Rm 4:15).

O fato de Abraão ter sido justificado pela graça, não pela Lei, comprova que a salvação é para todos os homens. Abraão é o pai de todos os que crêem, sejam eles judeus ou gentios (Rm 4:16; Gl 3:7, 29). Em vez de os judeus se queixarem que Abraão não havia sido salvo pela Lei, deveriam se regozijar de que a salvação de Deus encontra-se disponível a todos os homens e que Abraão tem uma família espiritual (todos os que crêem verdadeiramente), bem como uma família física (a nação de Israel). Paulo considerou esse fato um cumprimento de Gênesis 17:5: “porque por pai de numerosas nações te constituí”.

Foi justificado pelo poder da ressurreição, não por esforço humano (vv. 18-25). Estes versículos expandem as palavras de Romanos 4:17, “que vivifica os mortos”. Paulo considera o rejuvenescimento físico de

Abraão um retrato da ressurreição dentre os mortos e, em seguida, o associa à ressurreição de Cristo.

Um dos motivos pelos quais Deus demorou a dar um filho a Abraão e Sara foi para permitir que perdessem toda sua força natural. Era impensável um homem de 99 anos gerar um filho no ventre de sua esposa de 89 anos! Do ponto de vista reprodutivo, tanto Abraão quanto Sara estavam mortos.

No entanto, Abraão não viveu de acordo com as aparências, mas sim pela fé. Deus promete e cumpre. Tudo o que precisamos fazer é crer. A fé inicial de Abraão relatada em Gênesis 15 não se enfraqueceu ao longo dos anos subseqüentes. Em Gênesis 17 e 18, Abraão “pela fé, se fortaleceu”. Foi essa fé que lhe deu forças para gerar um filho em sua velhice.

A aplicação para a salvação é clara: antes de liberar seu poder salvador, Deus deve esperar até que o pecador esteja “morto” e não seja capaz de fazer coisa alguma por si mesmo. O pecador não pode ser salvo pela graça enquanto acreditar que é forte o suficiente para fazer aquilo que agrada a Deus. Foi quando Abraão reconheceu que estava “morto” que o poder de Deus operou em seu corpo. É quando o pecador reconhece estar espiritualmente morto e incapacitado que Deus pode salvá-lo.

Por causa da ressurreição de Jesus Cristo, o evangelho “é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rm 1:16). Romanos 4:24 e 10:9, 10 são paralelos. Jesus Cristo “foi entregue para morrer por nossas transgressões e ressurreto para nossa justificação” (Rm 4:25, tradução literal). Isso significa que a ressurreição de Cristo comprova que Deus aceitou o sacrifício de seu Filho e que, agora, os pecadores podem ser justificados sem que Deus quebre sua própria Lei nem contrarie sua própria natureza.

A chave, evidentemente, é “a nós que cremos” (Rm 4:24). Encontramos mais de sessenta referências à fé ou à incredulidade na Epístola aos Romanos. O poder salvador de Deus é experimentado por aqueles que crêem em Cristo (Rm 1:16). Sua justificação é concedida aos que crêem (Rm 3:22).

Somos justificados pela fé (Rm 5:1). O objeto da nossa fé é Jesus Cristo, que morreu por nós e ressuscitou.

Todos esses fatos tornam a fé de Abraão ainda mais maravilhosa. Ele não tinha uma Bíblia para ler; apenas a simples promessa de Deus. Estava quase sozinho em sua fé, cercado de pagãos incrédulos. Não poderia olhar para trás e ver uma longa história de fé; na verdade, ajudava a escrever essa história. No entanto, Abraão creu em Deus. Hoje em dia, as pessoas têm a Bíblia completa para ler e estudar. Têm a comunhão da igreja e podem inspirar-se em séculos de fé registrados na história da Igreja e nas Escrituras. Ainda assim, se recusam a crer!

Harry Ironside, que durante dezoito anos pastoreou a igreja Moody em Chicago, contava a história de uma visita que havia feito a uma Escola Bíblica Dominical enquanto estava em férias.

O professor perguntou:

– Como as pessoas eram salvas no Antigo Testamento?

Depois de uma pausa, um homem respondeu:

– Guardando a Lei.

– Isso mesmo – disse o professor.

Mas Ironside interrompeu:

– Em minha Bíblia está escrito que ninguém será justificado por obras da Lei.

Um tanto sem graça, o professor perguntou:

– Alguém mais tem uma sugestão?

– Levando sacrifícios a Deus – outro aluno respondeu.

– Muito bem! – disse o professor, e tentou prosseguir a aula.

Mas Ironside o interrompeu novamente:

– Em minha Bíblia está escrito que é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados.

A essa altura, o professor despreparado viu que o visitante sabia mais sobre a Bíblia do que ele e falou:

– Então, por que o *senhor* não explica como as pessoas eram salvas no Antigo Testamento?

E foi o que Ironside fez, dizendo-lhes que eram salvas pela fé, da mesma forma como

nos dias de hoje! Hebreus 11 usa a expressão “pela fé” vinte e uma vezes.

O judeu pode ser considerado, fisicamente, filho de Abraão; mas será que é filho *espiritual* de Abraão? Abraão é o pai de todos os

que crêem em Jesus Cristo e que são justificados pela fé. O gentio jamais pode ser descendente natural de Abraão, mas pode ser um de seus descendentes *espirituais*. “A fé [em Deus] foi imputada a Abraão para justiça.”

VIVA COMO UM REI!

ROMANOS 5

Uma vez que Romanos é um livro de lógica, encontramos várias conjunções causais e conclusivas. Temos o “visto que” da *condenação* em Romanos 3:20, o “pois” da *justificação* em Romanos 5:1, de *nenhuma condenação* em Romanos 8:1 e de *consagração* em Romanos 12:1. Ao apresentar sua argumentação, Paulo provou que o mundo todo é culpado diante de Deus e que ninguém pode ser salvo por obras religiosas, como a observância da Lei. Explicou que o caminho que Deus oferece para a salvação sempre foi “pela graça [...] mediante a fé” (Ef 2:8, 9) e usou Abraão como ilustração. Se o leitor da epístola parasse nesse ponto, estaria ciente de que *precisa e pode* ser salvo.

No entanto, há muito mais coisas que o pecador precisa saber sobre a justificação pela fé. Pode ter certeza de que essa justificação é duradoura? Como é possível Deus salvar um pecador pela morte de Cristo na cruz? Em Romanos 5, Paulo explica as duas últimas palavras do capítulo 4: “nossa justificação” e esclarece duas verdades fundamentais: as bênçãos de nossa justificação (Rm 5:1-11) e a base para nossa justificação (Rm 5:12-21).

1. AS BÊNÇÃOS DE NOSSA JUSTIFICAÇÃO (RM 5:1-11)

Ao relacionar essas bênçãos, Paulo cumpre dois propósitos. Em primeiro lugar, mostra como é maravilhoso ser cristão. Nossa justificação não é apenas uma garantia de que vamos para o céu, por mais emocionante que seja essa idéia, mas também é a fonte de bênçãos tremendas que desfrutamos aqui e agora.

Seu segundo propósito é garantir a seus leitores que a justificação é duradoura. Seus leitores, especialmente os judeus, provavelmente perguntariam: “É possível essa experiência espiritual ser duradoura, uma vez que não exige a obediência à Lei? E quanto às provações e sofrimentos da vida? E quanto ao julgamento vindouro?” Quando Deus nos declarou justos em Jesus Cristo, deu sete bênçãos espirituais para garantir que não nos perderemos.

Paz com Deus (v. 1). A pessoa não salva é inimiga de Deus (ver Rm 5:10; 8:7), pois não é capaz de cumprir a Lei de Deus nem de obedecer à sua vontade. Dois versículos de Isaías deixam isso claro: “Para os perversos, todavia, não há paz, diz o SENHOR” (Is 48:22); “O efeito da justiça será paz” (Is 32:17). Condenação significa que Deus nos declara *pecadores*, o que, por sua vez, equivale a uma declaração de *guerra*. Justificação significa que Deus nos declara *justos*, o que, por sua vez, representa uma declaração de *paz*, possibilitada pela morte de Cristo na cruz. “Encontraram-se a graça e a verdade, a justiça e a paz se beijaram” (Sl 85:10). “Porque a lei suscita a ira” (Rm 4:15), então ninguém condenado pela Lei pode desfrutar de paz com Deus. Mas, quando somos justificados pela fé, somos declarados justos, e a Lei não pode nos condenar nem declarar guerra!

Acesso a Deus (v. 2a). Os judeus eram separados da presença de Deus pelo véu do templo, e os gentios eram isolados pelo muro externo do templo, no qual se lia uma advertência declarando que qualquer gentio que passasse daquele ponto seria morto. Mas, quando Jesus morreu, rasgou o véu (Lc 23:45) e destruiu o muro (Ef 2:14). Em Cristo, judeus e gentios que crêem têm acesso a Deus (Ef 2:18; Hb 10:19-25) e podem lançar mão das riquezas inesgotáveis da graça de Deus (Ef 1:7; 2:4; 3:8). Vivemos “na graça” de Deus, não “na lei”. A justificação indica nossa posição, enquanto a santificação indica nossa condição. Qualquer que seja sua aparência, o filho do rei tem acesso à presença do pai. O termo “acesso”, nesse caso, significa “permissão para entrar na presença do rei mediante o favor de outrem”.

Esperança gloriosa (v. 2b). A “paz com Deus” trata do passado: Deus não nos condenará mais por nossos pecados. O “acesso a Deus” trata do presente: podemos entrar em sua presença a qualquer momento e obter a ajuda de que precisamos. A “esperança na glória de Deus” trata do futuro: um dia, participaremos da glória de Deus! O termo “gloriamo-nos” pode ser traduzido como “orgulhamo-nos” não só em Romanos 5:2, mas também em Romanos 5:3 e 11. Quando éramos pecadores, não tínhamos do que nos orgulhar (Rm 3:27), pois estávamos aquém da glória de Deus (Rm 3:23). Mas em Cristo, orgulhamo-nos de sua justiça e glória! Paulo desenvolve esse conceito em Romanos 8:18-30:

Caráter cristão (vv. 3, 4). A justificação não é uma fuga das tribulações da vida. “No mundo, passais por aflições” (Jo 16:33). Porém, para o cristão, as tribulações trabalham em seu favor, não contra ele. Não há sofrimento que nos separe de Deus (Rm 8:35-39); antes, as provações nos aproximam do Senhor e nos tornam mais semelhantes a ele. O sofrimento constrói o caráter cristão. O termo “experiência”, em Romanos 5:4, significa “o caráter que foi provado”. A seqüência é: tribulação – paciência – caráter provado – esperança. Nosso termo “tribulação” vem do latim *tribulum*. No tempo de Paulo, o *tribulum* era um pedaço pesado de madeira com cravos de metal usado para debulhar cereais. Ao ser arrastado sobre os cereais, o *tribulum* separava o grão da palha. Ao passarmos por tribulações e dependermos da graça de Deus, as dificuldades nos purificam e nos ajudam a eliminar a palha.

O amor de Deus dentro de nós (vv. 5-8). “A esperança que se adia faz adoecer o coração” (Pv 13:12). Mas enquanto aguardamos essa esperança tornar-se realidade, “o amor de Deus é derramado em nosso coração”. É interessante observar como experimentamos nessas circunstâncias os três primeiros “frutos do Espírito”: amor (Rm 5:5), alegria (“gloriamo-nos” Rm 5:2) e paz (Rm 5:1). Antes de ser salvos, Deus provou seu amor por nós enviando Cristo para morrer por nós. Agora que somos seus filhos,

certamente seremos ainda mais amados por ele. É a experiência interior desse amor por meio do Espírito que nos sustenta enquanto passamos por tribulações.

Durante vários meses, visitei no hospital um rapaz que havia sofrido queimaduras extremamente graves. Não sei quantas cirurgias e enxertos de pele foram necessários ao longo daqueles meses, nem quantos especialistas o trataram. Todavia, o que o sustentou nesse tempo não foram as explicações dos médicos, mas sim as promessas que lhe fizeram de que se recuperaria. Essa era sua esperança. E o que sustentou essa esperança foi o amor de seus familiares e dos muitos amigos que o apoiaram. Essas pessoas foram instrumentos do amor de Deus. De fato, o rapaz se recuperou e hoje dá glória ao nome de Deus.

Fé (Rm 5:1), esperança (Rm 5:2) e amor (Rm 5:5) se combinam para dar paciência ao cristão em meio às provações da vida. E a paciência permite que o cristão cresça em caráter e se torne um filho maduro de Deus (Tg 1:1-4).

A salvação da ira vindoura (vv. 9, 10). Paulo desenvolve sua argumentação do menor para o maior. Se Deus nos salvou quando éramos seus inimigos, sem dúvida continuara a nos salvar agora que somos seus filhos. Há uma “ira vindoura”, mas esta não se voltará contra nenhum cristão verdadeiro (1 Ts 1:9, 10; 5:8-10). Paulo argumenta ainda que, se a morte de Cristo fez tanto por nós, quanto mais o Salvador não fará em nosso favor com sua vida ao interceder por nós no céu! A afirmação “seremos salvos pela sua vida” refere-se a Romanos 4:25: “ressuscitou por causa da [para] nossa justificação”. Porque ele vive, somos eternamente salvos (Hb 7:23-25).

Um testamento não tem valor algum enquanto a pessoa que o escreveu ainda está viva. Quando falece, o testamenteiro assume o controle e providencia para que o testamento seja cumprido, e a herança, distribuída. Mas suponhamos que o testamenteiro seja sem escrúpulo e queira ficar com a herança. Ele pode imaginar muitas formas de evitar a lei e roubar a herança.

Jesus Cristo nos incluiu em seu testamento e o escreveu com seu sangue. “Este é o cálice da nova aliança [testamento] no meu sangue derramado em favor de vós” (Lc 22:20). Morreu por nós para que o testamento entrasse em vigor; ressuscitou dentre os mortos e voltou para o céu para garantir que o testamento se cumpra e para distribuir a herança. Assim, somos “salvos pela sua vida”.

Reconciliação com Deus (v. 11). O termo *reconciliação* pode significar “expição”, e se refere à restauração da comunhão com Deus. Também é mencionado em Romanos 5:10: Em Romanos 1:18-32, Paulo explicou de que maneira os homens declararam guerra contra Deus e, em decorrência disso, tornaram-se merecedores da condenação eterna. Mas Deus não declarou guerra contra os homens. Antes, enviou seu Filho como Pacificador (Ef 2:11-18), para que os homens fossem reconciliados com Deus.

Uma recapitulação dessas sete bênçãos da justificação nos mostra como a salvação em Cristo é garantida. Recebemos, inteiramente sem a Lei e puramente pela graça, uma salvação que trata do passado, do presente e do futuro. Cristo morreu por nós; Cristo vive por nós; Cristo está vindo para nos buscar! Aleluia, que Salvador maravilhoso!

2. A BASE DE NOSSA JUSTIFICAÇÃO (Rm 5:12-21)

Como é possível Deus salvar os pecadores por meio da pessoa de Jesus Cristo? Entendemos que, de algum modo, Cristo tomou nosso lugar da cruz, mas como foi possível fazer tal substituição?

Paulo responde a essas perguntas nesta passagem, que constitui o cerne da epístola. A fim de compreender esses versículos, devemos entender algumas verdades fundamentais. Em primeiro lugar, é importante observar a repetição do pequeno artigo *um*, usado dez vezes na passagem. A idéia central é nossa identificação com Adão e com Cristo. Em segundo lugar, convém observar a repetição do verbo *reinar*, usado cinco vezes. Paulo visualiza dois homens – Adão e Cristo – cada um deles governando sobre

um reino. Por fim, devemos atentar para a expressão *muito mais*, que se repete duas vezes e indica que, em Jesus Cristo, ganhamos muito mais do que tudo o que perdemos em Adão!

Em resumo, esta seção apresenta um contraste entre Adão e Cristo. Adão recebeu domínio sobre a antiga criação, pecou e perdeu seu reino. Por causa do pecado de Adão, toda a humanidade encontra-se sob condenação e morte. Cristo veio como Rei de uma nova criação (2 Co 5:17). Por sua obediência na cruz, trouxe justiça e justificação. Cristo não apenas reverteu os danos causados pelo pecado de Adão, como também realizou “muito mais” ao nos tornar filhos de Deus. Parte desse “muito mais” é explicada em Romanos 5:1-11.

Às vezes, ouvimos algum cético perguntar: “Foi justo Deus condenar o mundo todo só por causa da desobediência de um homem?” A resposta, evidentemente, é que não apenas foi uma medida justa, mas também sábia e bondosa. Em primeiro lugar, se Deus tivesse testado cada ser humano individualmente, o resultado teria sido o mesmo: desobediência. Mais importante, porém, é que, ao condenar toda a raça humana por meio de um só homem (Adão), Deus pôde, então, salvar toda a raça humana também meio de um só Homem (Jesus Cristo)! Cada um de nós se encontra racialmente ligado a Adão, de modo que seu ato nos afeta (Hb 7:9, 10 apresenta o exemplo do cabeça de uma raça). Os anjos caídos não podem ser salvos, pois não constituem uma raça. Pecaram individualmente e foram julgados individualmente. Não podem ter um representante que tome sobre si seu julgamento e que os salve. Mas, pelo fato de estarmos perdidos por associação a Adão, o cabeça da raça humana, podemos ser salvos por Cristo, o Cabeça da nova criação. Vemos, nesse plano, a bondade e a sabedoria de Deus.

Resta uma última questão a ser respondida: De que maneira sabemos que nos encontramos racialmente unidos a Adão? A resposta está em Romanos 5:12-14, e a argumentação desenvolve-se da seguinte maneira: sabemos que todos os seres humanos

morrem. A morte é resultado da desobediência à Lei. Desde Adão até Moisés, não havia Lei, mas, ainda assim, os homens morreram nesse período. Um resultado geral exige uma causa geral. Qual é essa causa? Só pode ser uma coisa: a desobediência de Adão. O pecado de Adão resultou em sua morte. Todos os seus descendentes morreram (Gn 5), no entanto a Lei ainda não havia sido dada. Conclusão: morreram por causa do pecado de Adão. A declaração: "Por um só homem entrou o pecado no mundo" (Rm 5:12) significa que, quando Adão pecou, *todos os homens pecaram*. Os seres humanos não morrem por causa de seus próprios atos de pecado; de outro modo, os bebês não morreriam (Rm 9:11). Antes, morrem porque se encontram racialmente ligados a Adão, e, "em Adão, todos morrem" (1 Co 15:22).

Uma vez que compreendemos essas verdades gerais sobre a passagem, podemos examinar agora os contrastes que Paulo faz entre Adão e Cristo e entre o pecado de Adão e o ato de obediência de Cristo na cruz.

O contraste entre a transgressão de Adão e o dom gratuito de Cristo (v. 15). A transgressão de Adão causou a morte de muitos; a obediência de Cristo fez a graça de Deus abundar dando vida a muitos. O termo "muitos" (literalmente, "os muitos") tem o mesmo sentido que "todos os homens" em Romanos 5:12 e 18: É interessante observar o uso de "muito mais", pois a graça de Cristo concede não apenas vida física, mas também vida espiritual e abundante. Cristo conquistou a morte e, um dia, ressuscitará o corpo de todos os que morreram "em Cristo". Caso se ativesse a isso, estaria apenas revertendo as conseqüências do pecado de Adão; no entanto, faz "muito mais". Dá a vida eterna abundantemente a todos os que crêem nele (Jo 10:10).

O contraste entre as conseqüências do pecado de Adão e as conseqüências da obediência de Cristo (v. 16). O pecado de Adão trouxe julgamento e condenação; a obra de Cristo na cruz traz justificação. Quando Adão pecou, foi declarado iníquo e foi condenado. Quando um pecador crê

em Cristo, é justificado – declarado justo em Cristo.

O contraste entre os dois "reinos" (v. 17). Por causa da desobediência de Adão, a morte passou a reinar. Ao ler o "livro da genealogia de Adão", em Gênesis 5, vemos a repetição solene das palavras: "e morreu". Em Romanos 5:14, Paulo argumenta que, "desde Adão até Moisés", os homens não morreram pelo mesmo motivo que Adão – por transgredir uma lei revelada de Deus –, pois a Lei ainda não havia sido dada. "Porque o salário do pecado é a morte" (Rm 6:23). Uma vez que o *pecado* estava reinando sobre a vida dos homens (Rm 5:21), a *morte* também reinava (Rm 5:14, 17).

Mas, em Jesus Cristo, entramos em um novo reino: "Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas *justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo*" (Rm 14:17, ênfase do autor). "Justificados, pois, mediante a fé", somos declarados *justos*, temos *paz* com Deus e nos *alegramos* na esperança da glória de Deus. É importante observar que somos *nós* quem reinamos! "Muito mais [eles]... reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo". Em Adão, perdemos nosso direito de reinar, mas em Jesus Cristo, governamos como reis. E reinamos "muito mais"! Nosso reino espiritual é muito maior do que o reino terreno de Adão, pois recebemos "a abundância da graça e o dom da justiça" (Rm 5:17).

O contraste entre o "ato único" de Adão e de Cristo (vv. 18, 19). Adão não teve de cometer uma série de pecados. Em um só ato, Deus testou Adão, e ele foi reprovado. Esse ato é chamado de "ofensa" e de "desobediência". O termo *ofensa* significa "invadir, passar dos limites". Deus definiu até onde Adão poderia ir, e Adão decidiu passar desses limites determinados. "De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn 2:16, 17).

Contrastando com "uma só ofensa", vemos "um só ato de justiça", ou seja, a obra justa de Cristo na cruz. Em Romanos 5:19,

Paulo chama esse ato de “obediência de um só” (ver Fp 2:5-12). O sacrifício da cruz não apenas possibilitou a “justificação”, mas também a “justificação *que dá vida*” (ênfase minha). A justificação não é apenas um termo legal que descreve nossa posição diante de Deus (“como se nunca tivéssemos pecado”); também tem como resultado certo tipo de vida. A expressão “justificação que dá vida”, em Romanos 5:18, é paralela a “se tornarão justos” em Romanos 5:19: Em outras palavras, nossa justificação é resultado de uma união viva com Cristo. Essa união deve redundar em outro tipo de vida, uma vida justa de obediência a Deus. Nossa ligação com Adão nos tornou pecadores; nossa união com Cristo nos permite “reinar em vida”.

O contraste entre a Lei e a graça (vv. 20, 21). “Sobreveio a lei” ou “Então a lei veio ao lado” (tradução literal). A graça não é um acréscimo ao plano de Deus; a graça faz parte desse plano desde o início. Deus tratou com Adão e Eva pela graça; fez o mesmo com os patriarcas e com a nação de Israel. Deu a Lei por intermédio de Moisés, não para substituir sua graça, mas para revelar a necessidade do ser humano de receber essa graça. A Lei era temporária, mas a graça é eterna.

Mas, à medida que a Lei fez os pecados do homem se multiplicar, a graça mostrou-se ainda mais abundante. A graça de Deus era mais do que suficiente para tratar dos pecados do homem. Apesar de o pecado e a morte ainda estarem governando neste mundo, a graça de Deus também reina por meio da justiça de Cristo. O corpo do cristão está sujeito à morte, e sua velha natureza o tenta a pecar; mas, em Jesus Cristo, pode “reinar em vida”, pois faz parte do reino da graça de Cristo.

Uma história do Antigo Testamento nos ajuda a entender o conflito entre esses dois

“reinos” hoje. Deus rejeitou Saul como rei de Israel e ungiu Davi. No devido tempo, os que confiaram em Davi participaram de seu reino de paz e alegria. Os que confiaram em Saul foram envergonhados e derrotados.

Assim como Davi, Jesus Cristo é o Rei ungido de Deus. Assim como Saul, Satanás ainda tem liberdade de atuar neste mundo e de tentar granjear aliados. O pecado e a morte reinam na “antiga criação”, da qual Adão é o cabeça, mas a graça e a justiça reinam na “nova criação”, da qual Cristo é o Cabeça. Ao nos sujeitarmos a ele, “reinaamos em vida”.

De acordo com Romanos 5:14, Adão “prefigurava aquele que havia de vir”. Adão foi um tipo ou retrato de Jesus Cristo. Adão veio da terra, mas Jesus Cristo veio do céu (1 Co 15:47). Adão foi provado num jardim cercado de beleza e amor; Jesus foi tentado em um deserto e sofreu a morte dolorosa da cruz, cercado de ódio e indignidade. Adão agiu como um ladrão e foi expulso do paraíso; mas quando estava na cruz, Jesus Cristo voltou-se para um ladrão e disse: “Hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23:43). O Antigo Testamento é o “livro da genealogia de Adão” (Gn 5:1) e termina com a palavra “maldição” (Ml 4:6). O Novo Testamento é o “Livro da genealogia de Jesus Cristo” (Mt 1:1) e seu último capítulo diz: “Nunca mais haverá qualquer maldição” (Ap 22:3).

Não podemos evitar a ligação com Adão, pois é uma conseqüência natural de nosso primeiro nascimento, sobre o qual não tivemos controle algum. No entanto, podemos fazer algo para não *permanecer* em Adão, pois temos a oportunidade de experimentar um segundo nascimento – o novo nascimento do alto –, pelo qual somos ligados a Cristo. Por isso Jesus disse: “Importa-vos nascer de novo” (Jo 3:7).

MORRER PARA VIVER

ROMANOS 6

Durante um julgamento, é comum os advogados interromperem exclamando: "Objeção, Meritíssimo!" Alguns dos cristãos romanos devem ter sentido vontade de fazer isso quando esta carta foi lida para eles e, ao que parece, Paulo anteviu essa reação. Em Romanos 6 a 8, Paulo defende sua doutrina de justificação pela fé e prevê três objeções: (1) "Se a graça de Deus abunda quando pecamos, então vamos continuar pecando para experimentar ainda mais graça" (Rm 6:1-14); (2) "Se não estamos mais debaixo da Lei, então podemos fazer o que bem entendermos" (Rm 6:15 - 7:6); e (3) "Você transformou a Lei de Deus em pecado" (Rm 7:7-25).

Essas objeções comprovariam que os leitores não haviam compreendido nem a Lei nem a graça e caíram em um de dois extremos: de um lado, o legalismo, e, de outro, a licenciosidade. Assim, ao defender a justificação, Paulo também explica a santificação. Diz como podemos ter uma vida de vitória (Rm 6), liberdade (Rm 7) e segurança (Rm 8). Explica nossa relação com a carne, a Lei e o Espírito Santo. Em Romanos 6, Paulo dá três instruções para se obter vitória sobre o pecado.

1. SABER (RM 6:1-10)

O uso dos termos "sabendo" (Rm 6:6), "ignoraís" (v. 3) e "sabedores" (v. 9) indica que Paulo desejava que compreendêssemos uma doutrina básica. A vida cristã depende do aprendizado cristão; o dever é sempre fundamentado na doutrina. Ao manter um cristão na ignorância, Satanás o impede de ter qualquer poder.

Nessa passagem, Paulo ensina a verdade essencial da identificação do cristão com Jesus Cristo em sua morte, sepultamento e ressurreição. Assim como nos identificamos com Adão no pecado e na condenação, também nos identificamos agora com Cristo na justiça e justificação. Em Romanos 5:12, Paulo faz uma transição da discussão "dos pecados" para a discussão "do pecado" - dos atos para o princípio, do fruto para a raiz. Jesus Cristo não apenas morreu *por* nossos pecados como também morreu *para* o pecado, e nós morremos com ele. O quadro a seguir talvez explique melhor esse contraste.

Romanos 3:21 - 5:21

Substituição:

Ele morreu por nós

Ele morreu *por* nossos pecados

Ele pagou o preço do pecado

Justificação: justiça imputada (colocada em nossa conta)

Salvos pela morte de Cristo.

Romanos 6 - 8

Identificação:

Morremos com ele

Ele morreu *para* o pecado

Acabou com o poder do pecado

Santificação: justiça transmitida (infundida em nossa vida)

Salvos pela vida de Cristo.

Em outras palavras, a justificação pela fé não é apenas uma questão legal entre Deus e nós; é um relacionamento vivo. É uma "justificação que dá vida" (Rm 5:18). Estamos em Cristo e somos identificados com ele. Portanto, tudo o que aconteceu com Cristo aconteceu conosco. Quando ele morreu, nós morremos. Quando ressuscitou, nós ressuscitamos. Agora, estamos assentados com ele nos lugares celestiais! (ver Ef 2:1-10; Cl 3:1-3). Em função dessa ligação viva com Cristo, o cristão se relaciona de maneira completamente diferente com o pecado.

Está morto para o pecado (vv. 2-5). A ilustração de Paulo é o batismo. O termo grego tem dois significados: (1) um literal -

mergulhar ou submergir; e (2) um figurativo – ser identificado com. Um exemplo do segundo caso é 1 Coríntios 10:2: “Tendo sido batizados, assim na nuvem como no mar, com respeito a Moisés”. A nação de Israel foi identificada com seu líder, Moisés, quando cruzou o mar Vermelho.

Ao que parece, nesse parágrafo Paulo tem em mente tanto o sentido literal quanto o figurativo, pois usa a experiência do batismo com água pelo qual seus leitores passaram para lembrá-los de sua identificação com Cristo por meio do batismo do Espírito Santo. Ser “batizados em Cristo Jesus” (Rm 6:3) corresponde a: “Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo” (1 Co 12:13). Há uma diferença entre o batismo com água e o batismo do Espírito (Jo 1:33). Quando um pecador crê em Cristo, seu novo nascimento é imediato, e ele passa a fazer parte da família de Deus, recebendo o Espírito Santo. Uma boa ilustração disso é Cornélio e sua família ao ouvirem Pedro pregar (At 10:34-48). Quando creram em Cristo, receberam imediatamente o Espírito Santo. Depois disso, foram batizados. As palavras de Pedro “todo aquele que nele crê recebe remissão de pecados” foi a promessa de que precisavam. Eles creram e foram salvos.

Há um consenso entre os historiadores de que a forma de batismo usada pela Igreja primitiva era a imersão. Os cristãos eram “sepultados” na água e trazidos de volta, retratando a morte, sepultamento e ressurreição. O batismo por imersão (a ilustração que Paulo usa em Rm 6) retrata a identificação do cristão com Cristo em sua morte, ressurreição e sepultamento. É um símbolo exterior de uma experiência interior. Paulo não diz que a imersão na água era o equivalente a ser colocado “em Jesus Cristo”, pois isso foi obra do Espírito Santo quando creram. A imersão retrata justamente essa obra: o Espírito Santo os identificou com Cristo em sua morte, sepultamento e ressurreição.

Isso significa que o cristão se relaciona de forma diferente com o pecado. Está “morto para o pecado”. “Estou crucificado com Cristo” (Gl 2:19). Se um alcoólatra morre,

não pode mais ser tentado pelo álcool, pois seu corpo está morto para todos os sentidos físicos. Não pode ver, provar, sentir o cheiro ou desejar o álcool. Em Jesus Cristo, morremos para o pecado, a fim de que não desejemos mais “permanecer em pecado”. Mas não estamos apenas mortos para o pecado; também estamos vivos em Jesus Cristo. Fomos ressuscitados dentre os mortos e agora andamos no poder da ressurreição de Cristo. Andamos em “novidade de vida”, pois compartilhamos a vida de Cristo. “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim [...] vivo pela fé no Filho de Deus” (Gl 2:19, 20).

Essa grande verdade espiritual é ilustrada no milagre da ressurreição de Lázaro (Jo 11). Quando Jesus chegou a Betânia, Lázaro já estava sepultado havia quatro dias, de modo que sua morte era um fato inconteste. Pelo poder da palavra (“Lázaro, vem para fora!”; Jo 11:43), Jesus o ressuscitou dentre os mortos. Mas quando Lázaro apareceu na entrada do túmulo, ainda estava envolto em sua mortalha, de modo que Jesus ordenou: “Desatai-o e deixai-o ir”. Lázaro havia sido ressuscitado para andar em “novidade de vida”. Em João 12, vemos Lázaro assentado à mesa junto de Cristo, tendo comunhão com ele. Morto – ressuscitado dentre os mortos – liberto para andar em novidade de vida – assentado com Cristo: todos esses fatos ilustram as verdades espirituais de nossa identificação com Cristo conforme esta é apresentada em Efésios 2:1-10:

Muitos cristãos encontram-se “em cima do muro”: vivem entre o Egito e Canaã – salvos mas não plenos. Ou, então, vivem entre a Sexta-Feira Santa e a Páscoa, crendo na cruz mas sem o poder e a glória da ressurreição. Romanos 6:5 mostra que nossa união com Cristo garante que, se morrermos, receberemos a ressurreição futura. No entanto, Romanos 6:4 ensina que compartilhamos *hoje* do poder da ressurreição de Cristo. “Portanto, se fostes ressuscitado juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto [...] porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus” (Cl 3:1, 3).

Fica claro, portanto, que o cristão não pode, deliberadamente, viver em pecado, pois se relaciona de forma diferente com o pecado por causa de sua identificação com Cristo. O cristão morreu para a antiga vida e foi ressuscitado para uma nova vida. Assim como Lázaro não desejava voltar para o túmulo e vestir novamente sua mortalha, o cristão também não deseja voltar para o pecado. Diante disso, Paulo apresenta o segundo fato.

Não deve servir ao pecado (vv. 6-10). O pecado é um senhor cruel, e o corpo humano é um servo desejoso. O corpo é neutro, não pecaminoso. Pode ser controlado pelo pecado ou por Deus. No entanto, a natureza decaída do homem, que não é transformada pela conversão, dá ao pecado um ponto de apoio que pode ser usado para suas tentativas de ataque e controle. Paulo expressa esse problema da seguinte forma: "Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuar-lo" (Rm 7:18).

Paulo introduz aqui um fato extraordinário: o velho homem (o velho ego ou ser interior) foi crucificado com Cristo, de modo que o corpo não precisa ser controlado pelo pecado. O termo "destruído", em Romanos 6:6, não significa "aniquilado", mas sim "desativado, tornado ineficaz". A mesma palavra grega é traduzida por "desobrigada" em Romanos 7:2. Se o marido de uma mulher falece, ela se vê "desobrigada" dele quanto à lei e livre para se casar novamente. Há uma mudança no relacionamento. A lei continua a existir, mas não exerce mais autoridade sobre a mulher, pois o marido está morto.

O pecado deseja ser nosso senhor. Encontra um ponto de apoio em nossa velha natureza e, por meio desta, procura controlar os membros de nosso corpo. Mas em Jesus Cristo, morremos para o pecado, e a velha natureza foi crucificada, de modo que nossa antiga vida foi desativada. Paulo não descreve uma experiência; declara um fato. A experiência prática vem depois. É um fato histórico que Jesus Cristo morreu na cruz.

Também é um fato histórico que o cristão morre com Cristo e que "quem morreu está justificado do pecado" (Rm 6:7). Não está "livre para pecar", como declararam falsamente os adversários de Paulo, mas "livre do pecado".

O pecado e a morte não exercem domínio algum sobre Cristo. Estamos "em Cristo, portanto o pecado e a morte não exercem domínio algum sobre nós. Jesus Cristo não morreu apenas "pelos pecados", mas também "para o pecado". Ou seja, não apenas pagou o preço pelo pecado, mas acabou com o poder do pecado. Esse conceito de domínio nos remete a Romanos 5:12-21, onde Paulo trata dos "reinos" do pecado, da morte e da graça. Por meio de Cristo, "reinamos em vida" (Rm 5:17), de modo que o pecado não controla mais nossa vida.

A grande questão agora é: "creio nos fatos histórico; mas, como isso funciona na vida diária?" Com isso, Paulo passa à segunda instrução.

2. CONSIDERAR (RM 6:11)

A palavra "considerar" tem vários significados: "apreciar, imaginar, julga, ponderar", dentre outros, mas nenhum deles se aplica a este versículo. O termo *considerar* é a tradução de uma palavra grega usada 41 vezes no Novo Testamento – 19 vezes só em Romanos. Aparece em Romanos 4, onde é traduzida por "imputar" ou "atribuir". Significa "levar em conta, calcular, estimar".

Assim, *considerar* pode significar "levar em conta"; ou seja, aquilo que Deus diz em sua Palavra vale para nossa vida.

Paulo não diz a seus leitores para se sentirem como se estivessem mortos para o pecado nem mesmo para entenderem esse fato plenamente, mas sim para agirem de acordo com a Palavra de Deus e se apropriarem desse fato para sua vida. A consideração é uma questão de fé que resulta em ação. É como endossar um cheque; se cremos, de fato, que o cheque tem fundos, colocamos nossa assinatura no verso do cheque e sacamos o dinheiro. Considerar não é se apropriar de uma promessa, mas agir em função de um fato. Deus não ordena

que morramos para o pecado. Ele diz que *estamos* mortos para o pecado e vivos para Deus e, em seguida, ordena que ajamos de acordo. O fato continuará sendo válido, mesmo que não obedecemos.

A primeira instrução de Paulo ("saber") refere-se à *mente*, enquanto esta ("considerar") se concentra no *coração*. A terceira instrução diz respeito à *volição*.

3. OFERECER (RM 6:12-23)

O verbo *oferecer* é usado cinco vezes nesta seção (Rm 6:13, 16 e 19) e significa "colocar à disposição, apresentar, oferecer como sacrifício". De acordo com Romanos 12:1, o corpo do cristão deve ser apresentado ao Senhor como "sacrifício vivo" para a glória de Deus. Os sacrifícios do Antigo Testamento eram mortos. O Senhor pode pedir que alguns de nós sacrifiquemos a vida por ele, mas pede que todos *vivamos* por ele.

Como nos entregar (vv. 12, 13). Trata-se de um ato da volição com base no conhecimento que temos daquilo que Cristo fez por nós. É um ato inteligente, não uma decisão impulsiva do momento, baseada em algum estímulo emocional. É importante observar o tempo verbal desses versículos. A tradução literal é: "Não permitam constantemente que o pecado reine sobre seu corpo moral, de modo que estejam sempre obedecendo aos seus desejos lascivos. Também não entreguem seus membros continuamente como armas [ou instrumentos] de perversidade do pecado; antes, entreguem-se de uma vez por todas a Deus". Essa entrega definitiva é descrita em Romanos 12:1.

É preciso que o cristão realize uma entrega decisiva e completa de seu corpo a Jesus Cristo. Isso não significa que não serão necessários outros passos de entrega. Nosso relacionamento com Cristo deve aprofundar-se, à medida que andamos com ele. No entanto, não pode haver passos subsequentes enquanto não for dado o primeiro passo. O tempo do verbo, em Romanos 12:1, corresponde ao tempo verbal em Romanos 6:13 – uma entrega definitiva ao Senhor. Por certo, renovamos essa decisão

cada dia, mas até mesmo essa prática tem como base a entrega total e definitiva.

Por que o Senhor deseja que lhe entreguemos nosso corpo? Em primeiro lugar, o corpo do cristão é o templo de Deus, e o Senhor quer usá-lo para sua glória (1 Co 6:19, 20; Fp 1:20, 21). No entanto, Paulo escreveu que o corpo também é um instrumento e uma arma de Deus (Rm 6:13). O Senhor deseja usar os membros do corpo como instrumentos para construir seu reino e como armas para lutar contra seus inimigos.

A Bíblia fala de pessoas que permitiram que Deus usasse seu corpo para cumprir os propósitos divinos. Deus usou a vara na mão de Moisés e conquistou o Egito. Usou a funda na mão de Davi e derrotou os filisteus. Os pés consagrados de Paulo o levaram de uma cidade a outra para que seus lábios proclamassem o evangelho. Os olhos do apóstolo João receberam visões do futuro, seus ouvidos escutaram a mensagem de Deus e suas mãos escreveram tudo em um livro que se encontra a nosso dispor.

No entanto, também podemos encontrar relatos bíblicos nos quais os membros do corpo foram usados para propósitos pecaminosos. Os olhos de Davi voltaram-se para a esposa de seu próximo; sua mente planejou uma conspiração perversa, e sua mão assinou covardemente a ordem para matar o marido dessa mulher. Ao lermos o Salmo 51, vemos que o corpo todo de Davi foi afetado pelo pecado: os olhos (Sl 51:3), a mente (Sl 51:6), os ouvidos (Sl 51:8), o coração (Sl 51:10), os lábios e a boca (Sl 51:14,15). Não é de se admirar que ele orasse pedindo uma purificação *completa!* (Sl 51:2).

Por que nos entregar (vv. 14-23). O motivo para nossa entrega pode ser resumido em três palavras: *graça* (Rm 6:14, 15), *liberdade* (Rm 6:16-20) e *frutos* (Rm 6:21-23).

Graça (vv. 14, 15). É por causa da graça de Deus que nos oferecemos a ele. Paulo provou que não somos salvos pela Lei e que não vivemos sob a Lei. O fato de sermos salvos pela graça não serve de desculpa para pecarmos; antes, nos dá um motivo para obedecer. O pecado e a Lei andam juntos. "O aguilhão da morte é o pecado, e a força

do pecado é a lei" (1 Co 15:56). Uma vez que não estamos mais debaixo da Lei, e sim da graça, o pecado perde seu poder.

Liberdade (vv. 16-20). A ilustração do servo e do escravo é clara. Aquilo a que nos entregamos torna-se nosso senhor. Antes de sermos salvos, éramos escravos do pecado. Agora que pertencemos a Cristo, estamos livres dessa antiga escravidão e nos tornamos servos de Cristo. Romanos 6:19 indica que o cristão deve se entregar ao Senhor com tanto entusiasmo quanto se entregava ao pecado. Certa vez, um amigo comentou comigo: "Quero ser tão bom em servir a Deus quanto era em pecar!" Entendi o que ele dizia, pois antes de se converter, era praticamente "o principal dos pecadores".

A pessoa não salva é livre no sentido de que é *isenta da justiça* (Rm 6:20). Mas sua sujeição ao pecado só aprofunda ainda mais a escravidão e torna cada vez mais difícil fazer o que é certo. O filho pródigo é um exemplo disso (Lc 15:11-24). Quando estava em casa, decidiu que queria sua liberdade, de modo que deixou o lar para encontrar sua identidade e aproveitar a vida. Mas sua rebelião só fez aumentar sua escravidão. Era escravo dos desejos, das perversidades e, por fim, se tornou literalmente um escravo que cuidava de porcos. Desejava encontrar sua identidade, mas, no final, acabou se perdendo! O que ele pensou ser liberdade mostrou-se o pior tipo de escravidão. Só quando voltou para casa e se *sujeitou a seu pai* é que encontrou a verdadeira liberdade.

Frutos (vv. 21-23). Se servimos a um senhor, podemos esperar receber um salário. O pecado paga um salário – a morte! Deus também paga um salário – a santidade e a vida eterna. Na vida antiga, produzíamos frutos que nos envergonhavam. Na nova vida em Cristo, produzimos frutos que glorificam a Deus e que nos alegram. Costumamos aplicar Romanos 6:23 aos não salvos e, sem dúvida, é o caso, mas também se trata de uma advertência aos que têm a salvação. (Afinal, essas palavras foram escritas para cristãos.) "Há pecado para morte" (1 Jo 5:16). "Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem" (1 Co 11:30). Sansão, por exemplo, recusou-se a consagrar a Deus, preferindo entregar-se às concupiscências da carne, e o resultado foi a morte (Jz 16). Se o cristão se recusa a entregar seu corpo ao Senhor, mas usa seus membros para propósitos pecaminosos, corre o risco de ser disciplinado pelo Pai, o que pode significar a morte (ver Hb 12:5-11, observando, especialmente, o final do v. 9).

Devemos dar ouvidos a essas três instruções a cada dia. Devemos SABER que fomos crucificados com Cristo e que estamos mortos para o pecado. Devemos CONSIDERAR esse fato como uma verdade para nossa vida. E devemos ENTREGAR nosso corpo ao Senhor para ser usado para sua glória.

Agora que SABEMOS estas verdades, vamos CONSIDERÁ-LAS verdadeiras em nossa vida e nos ENTREGAR ao Senhor.

OS CRISTÃOS E A LEI

ROMANOS 7

Existe algo inerente à natureza humana que nos faz desejar ir a extremos, uma fraqueza da qual os cristãos não estão inteiramente livres. Há quem argumente que, “uma vez que fomos salvos pela graça, temos liberdade de viver como bem entendermos”, o que corresponde a um extremo de *licenciosidade*.

“Não podemos ignorar a Lei de Deus”, argumentam outros. “Por certo, somos salvos pela graça, mas devemos viver sob a Lei a fim de agradar a Deus”, o que corresponde ao extremo do *legalismo*.

Paulo responde ao primeiro grupo em Romanos 6, e, em Romanos 7, apresenta sua réplica ao segundo grupo. O termo *lei* é usado dezesseis vezes neste capítulo. Em Romanos 6, Paulo explicou como deixar de praticar as obras de perversidade; em Romanos 7, explica como *não* fazer obras de bondade. “Não somos justificados pela observância da Lei”, argumenta o apóstolo, “e não podemos ser santificados guardando a Lei”.

Todo cristão em crescimento entende a experiência de Romanos 6 e 7. Uma vez que aprendemos como “saber, considerar e entregar”, começamos a conquistar vitórias sobre os hábitos da carne e sentimos que estamos nos tornando mais espirituais. Estabelecemos padrões elevados para nós mesmos e, por algum tempo, temos a impressão de que alcançamos esses padrões. *Então, tudo cai por terra!* Começamos a enxergar lugares mais profundos de nosso coração e descobrimos pecados cuja presença desconhecíamos até então. A santa Lei de Deus adquire novo poder, e nos perguntamos se

somos capazes de fazer algo de bom! Sem que percebamos, passamos a viver no “legalismo” e descobrimos a verdade sobre o pecado, a Lei e nós mesmos.

O que é, de fato, o “legalismo”? É a convicção de que é possível tornar-se santo e agradar a Deus obedecendo à Lei. É medir a espiritualidade de acordo com o que deve ou não fazer. A deficiência do legalismo é que vê os *pecados* (plural), mas não o *pecado* (a raiz do problema). O legalismo nos julga de acordo com elementos exteriores, não com os interiores. Além disso, não compreende o verdadeiro propósito da lei de Deus e a relação entre a Lei e a graça.

Ao longo de meu ministério pastoral, tenho aconselhado pessoas que sofreram danos emocionais e espirituais graves por tentarem levar uma vida santa de acordo com padrões elevados. Tenho visto também as conseqüências dessas tentativas: a pessoa torna-se hipócrita ou sofre um colapso e abandona seus anseios por uma vida piedosa. Também tenho observado que muitos legalistas são extremamente severos com outros – críticos, desamorosos e rancorosos. Paulo desejava poupar seus leitores dessa experiência difícil e perigosa. Em Romanos 7, discute três tópicos que, se devidamente compreendidos e aplicados, podem nos livrar do legalismo.

1. A AUTORIDADE DA LEI (RM 7:1-6)

Na verdade, estes versículos dão continuidade à discussão iniciada por Paulo em Romanos 6:15, em resposta à pergunta: “Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça?” O apóstolo usou a ilustração de um senhor e de seu servo para explicar de que maneira o cristão deve se entregar a Deus. Nesta passagem, emprega a ilustração de um marido e de sua esposa para mostrar que os cristãos têm um novo relacionamento com a Lei em decorrência de sua união com Jesus Cristo.

A ilustração é simples, mas sua aplicação é profunda. Quando um homem e uma mulher se casam, estão unidos para o resto da vida. O casamento é uma união física (“tornando-se os dois uma só carne”; Gn 2:24) e

só pode ser rompida por uma causa física, como, por exemplo, a morte. Mateus 5:31-34; 19:1-12 dá a entender que a infidelidade também rompe o laço matrimonial, mas Paulo não traz essa questão à baila. Não discute o casamento e o divórcio; usa o casamento para ilustrar sua argumentação.

Enquanto os dois estão vivos, marido e esposa encontram-se sob a autoridade da lei do casamento. Se a esposa deixa o marido e se casa com outro homem, comete adultério. Mas, se o marido morre, ela está livre para se casar novamente, pois não é mais esposa dele. A morte rompeu a relação de casamento e liberou a mulher.

A aplicação em Romanos 7:4-6 encerra a argumentação. Paulo fala de dois fatos maravilhosos que explicam o relacionamento do cristão com a Lei.

Morremos para a Lei (vv. 4, 5). Temos a impressão de que Paulo se confundiu em sua ilustração, mas não é o caso. Quando não éramos salvos (“vivíamos segundo a carne; Rm 7:5), estávamos sob a autoridade da Lei de Deus. Éramos condenados por essa Lei. Quando cremos em Cristo e fomos unidos a ele, *morremos para a Lei*, da mesma forma como morremos para a carne (Rm 6:1-10). Não foi a Lei que morreu, mas nós.

No entanto, na ilustração de Paulo sobre o casamento, é o *marido* quem morre e a esposa quem se casa novamente. Se a esposa representa os cristãos e o marido representa a Lei, a aplicação não confere com a ilustração. Se a esposa morresse na ilustração, a única maneira de se casar novamente seria voltando dos mortos. Mas é exatamente isso o que Paulo deseja ensinar! Quando cremos em Cristo, morremos para a Lei; mas, em Cristo, ressuscitamos dentre os mortos e estamos “casados” (unidos) com Cristo, de modo que podemos ter um novo tipo de vida!

A Lei não morreu, pois a Lei de Deus continua a governar sobre os homens. Morremos para a Lei, e ela não tem domínio sobre nós. No entanto, não nos encontramos “sem lei”; fomos unidos a Cristo, compartilhamos sua vida e, desse modo, andamos em “novidade de vida”. Em Romanos 8:4, a

argumentação chega ao seu auge: “a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito”. Na antiga vida de pecado, “[frutificávamos] para a morte”, mas na nova vida pela graça, “[frutificamos] para Deus”. Estar “morto para a lei” não significa levar uma vida sem Lei. Quer dizer apenas que a *motivação* e a *dinâmica* de nossa vida não vem da Lei, mas sim da graça de Deus por meio de nossa união com Cristo.

Somos libertos da Lei (v. 6). Trata-se da conclusão lógica: a Lei não pode exercer autoridade sobre um morto. Algumas versões dão a entender que a Lei morreu, mas Paulo escreve: “estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos”. A morte representa livramento (ver Rm 6:9, 10). No entanto, somos libertos para servir. A vida cristã não é uma vida de independência e de rebelião. Morremos para a Lei a fim de que pudéssemos “nos casar com Cristo”. Fomos libertos da Lei para que pudéssemos servir a Cristo. Essa verdade contesta as acusações falsas de que Paulo não respeitava lei alguma.

Qual é a diferença entre o serviço cristão e nossa antiga vida de pecado? Em primeiro lugar, o Espírito de Deus nos dá forças, à medida que procuramos obedecer e servir ao Senhor. (O termo “espírito”, em Rm 7:6, deveria estar em letra maiúscula – “novidade de Espírito”). Não recebíamos qualquer capacitação debaixo da Lei. Os mandamentos de Deus encontravam-se escritos em pedras e deveriam ser lidos para as pessoas. Mas, sob da graça, a Palavra de Deus encontra-se escrita em nosso coração (2 Co 3:1-3); andamos em “novidade de vida” (Rm 6:4) e servimos em “novidade de espírito” (Rm 7:6). Portanto, o cristão não está mais debaixo da autoridade da Lei.

2. O MINISTÉRIO DA LEI (RM 7:7-13)

Os opositores de Paulo não tardariam em perguntar: “De que adianta a Lei, se não precisamos mais dela? Um ensinamento como o seu transforma a Lei em pecado!” A fim de responder a essa possível objeção, Paulo explica os ministérios da Lei, ministérios estes que continuam ativos hoje.

A Lei revela o pecado (v. 7). “Pela lei vem o pleno conhecimento do pecado” (Rm 3:20). “Onde não há lei, também não há transgressão” (Rm 4:15). A Lei é um espelho que revela o ser interior e mostra como somos imundos (Tg 1:22-25). Convém observar que, nessa discussão, Paulo não usa o homicídio, roubo ou adultério, mas a *cobiça*. Trata-se do último mandamento, diferente dos outros nove, no sentido de que é uma atitude interior, não uma ação exterior. A cobiça leva à transgressão de todos os outros mandamentos! É um pecado traiçoeiro, que a maioria das pessoas não reconhece na própria vida, mas que a Lei de Deus revela.

O jovem rico em Marcos 10:17-27 é um bom exemplo do uso da Lei para revelar o pecado e mostrar ao ser humano sua necessidade de um Salvador. O jovem rico era extremamente virtuoso em suas atitudes exteriores, mas jamais havia encarado seus pecados interiores. Jesus não lhe falou da Lei porque esta poderia salvá-lo, mas porque o jovem não tinha consciência da própria pecaminosidade. Por certo, jamais havia cometido adultério, roubado alguém, dado falso testemunho ou desrespeitado os pais; mas e quanto à cobiça? Quando Jesus lhe disse para vender seus bens e dá-los aos pobres, o jovem foi embora muito triste. O mandamento “não cobiçarás” havia lhe revelado quanto ele era pecador! Em vez de reconhecer seu pecado, rejeitou Cristo e se retirou sem se converter.

A Lei suscita o pecado (vv. 8, 9). É mais fácil entender estes versículos quando lembramos que Paulo era um fariseu devoto, o qual, antes de sua conversão, procurara obedecer à Lei (ver Fp 3:1-11 e Gl 1 para outras informações autobiográficas de Paulo com respeito à Lei). Também devemos ter em mente que “a força do pecado é a lei” (1 Co 15:56). Uma vez que temos uma natureza pecaminosa, a Lei certamente despertará essa natureza pecaminosa como um ímã atrai o aço.

Existe algo inerente à natureza humana que deseja rebelar-se sempre que uma lei é dada. Certa vez, estava em Lincoln Park, na

cidade de Chicago, observando os bancos recém-pintados e notei que havia uma pequena placa em cada banco: “Não toque”. Enquanto estava lá, vi várias pessoas estenderam a mão deliberadamente e tocaram a tinta fresca! Por quê? Porque a placa dizia para não fazerem isso! É só dizer a uma criança para não se aproximar da água e ela fará exatamente isso! Por quê? “[Por que] o peador da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar” (Rm 8:7).

Os cristãos que procuram viver de acordo com regras e regulamentos descobrem que seu sistema legalista só suscita mais pecado e cria mais problemas. As igrejas da Galácia eram extremamente legalistas e tiveram vários tipos de problemas. “Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos” (Gl 5:15). Seu legalismo não os tornava mais espirituais, e sim mais pecaminosos, pois a Lei suscita o pecado inerente a nossa natureza.

A Lei mata (vv. 10, 11). “Porque, se fosse promulgada uma lei que pudesse dar vida, a justiça, na verdade, seria procedente de lei” (Gl 3:21). Mas a Lei não pode dar vida; apenas mostra ao pecador que ele é culpado e que foi condenado. Isso explica por que os cristãos de igrejas legalistas não crescem nem dão frutos. Vivem de acordo com a Lei, e a Lei sempre mata. Há poucas coisas mais mortas do que uma igreja ortodoxa que se orgulha de seus “padrões elevados” e tenta alcançá-los com suas próprias forças. Muitas vezes, membros de igrejas desse tipo começam a julgar e condenar outros, e o resultado triste é contenda, seguida de divisão que deixa membros – ou ex-membros – irados e amargurados.

À medida que o cristão recém-convertido cresce, entra em contato com várias filosofias de vida cristã. Pode ler livros, ouvir palestras e CDs e receber uma grande quantidade de informação. Mas, se não tiver cuidado, começará a seguir um líder humano e aceitar seus ensinamentos como se fossem lei. Essa prática é uma forma bastante sutil de legalismo e acaba com o crescimento

espiritual. Nenhum mestre humano pode tomar o lugar de Cristo; nenhum livro pode tomar o lugar da Bíblia. Os homens fornecem informações, mas somente o Espírito pode dar esclarecimento e ajudar a compreender as verdades espirituais. O Espírito ilumina e capacita as pessoas, algo que nenhum líder humano consegue fazer.

A Lei mostra o caráter maligno do pecado (vv. 12, 13). Os não salvos sabem da existência do pecado, mas não de seu caráter maligno. Muitos cristãos não têm consciência da verdadeira natureza do pecado. Justificamos os pecados com termos como “erros” ou “fraquezas”, mas Deus condena o pecado e procura nos mostrar que é “sobremaneira maligno”. Enquanto não percebermos como o pecado é maligno, não teremos o desejo de nos opor a ele nem de viver em vitória.

Paulo apresenta uma argumentação extraordinária: (1) a Lei não é pecaminosa – é santa, justa e boa; (2) porém, a Lei revela o pecado, suscita o pecado e, então, usa-o para nos matar; se esses são os resultados de algo tão bom quanto a Lei, então alguma coisa está extremamente errada; (3) conclusão: vemos como o pecado é pernicioso, uma vez que pode usar algo bom como a Lei para produzir resultados tão infelizes. De fato, o pecado é “sobremaneira maligno”. O problema não é a Lei; o problema é nossa natureza pecaminosa. Essa constatação prepara o caminho para o terceiro tópico deste capítulo.

3. A INCAPACIDADE DA LEI (RM 7:14-25)

Depois de explicar os propósitos da Lei, Paulo fala das limitações da Lei.

A Lei não pode nos transformar (v. 14). O caráter da Lei é descrito em quatro palavras: santo, justo, bom e espiritual. Ninguém pode negar que a Lei é santa e justa, pois vem de um Deus santo que é perfeitamente justo em tudo o que diz e faz. A Lei é boa, pois revela a santidade de Deus e ajuda a ver nossa necessidade de um Salvador.

O que significa a declaração “a Lei é espiritual”? Significa que trata do ser interior,

da parte espiritual do ser humano, bem como de suas ações exteriores. A ênfase da Lei dada em Êxodo era sobre as ações exteriores. Mas, ao repetir a Lei em Deuterônimo, Moisés enfatizou a qualidade interior da Lei com respeito ao coração do homem. Essa ênfase espiritual é apresentada claramente em Deuterônimo 10:12, 13: A repetição do termo “amor” em Deuterônimo também mostra que a interpretação mais profunda da Lei diz respeito ao ser interior (Dt 4:37; 6:4-6; 10:12; 11:1; 30:6, 16, 20).

Nossa natureza é carnal; mas a natureza da Lei é espiritual. Isso explica a reação da velha natureza à Lei. Alguém disse bem que: “A velha natureza não respeita lei alguma, enquanto a nova natureza não precisa de lei alguma”. A Lei não é capaz de transformar a velha natureza; pode apenas revelar como é pecaminosa. O cristão que tenta viver sob a Lei não elimina a velha natureza, mas apenas a desperta.

A Lei não pode nos capacitar a fazer o bem (vv. 15-21). Paulo declara três vezes nesta passagem que o pecado habita em nós (Rm 7:14, 18, 20). Trata-se de uma referência clara à velha natureza. Também é fato que o Espírito Santo habita em nós, e, em Romanos 8, Paulo explica de que maneira o Espírito de Deus nos capacita a viver em vitória, algo que está fora do alcance da Lei.

O uso repetido da primeira pessoa nessa seção indica que o autor passa por um problema com seu ser interior. Isso não significa que o cristão tenha personalidade dividida, pois não é o caso. A salvação promove a integridade do ser humano. No entanto, a passagem indica que a mente, a volição e o corpo do cristão podem ser controlados pela velha natureza ou pela nova natureza, pela carne ou pelo Espírito. As declarações que vemos aqui mostram que o cristão enfrenta dois problemas sérios: (1) não consegue fazer o bem que deseja; e (2) faz o mal que não deseja.

Isso significa que Paulo não era capaz de controlar a si mesmo de modo a não transgredir a Lei de Deus, que era mentiroso, ladrão e homicida? Claro que não! O que Paulo dizia é que, *por si mesmo*, não era

capaz de obedecer à Lei de Deus, e, mesmo quando o fazia, o mal ainda estava presente. Todos os seus atos eram sempre maculados pelo pecado. Mesmo depois de dar o melhor de si, era obrigado a reconhecer que não passava de um “servo inútil” (ver Lc 17:20). “Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim” (Rm 7:21). É evidente que se trata de um problema distinto daquele apresentado em Romanos 6. A questão apontada naquele trecho era: “como deixar de fazer o que é mau?”, enquanto aqui é: “como fazer qualquer coisa boa?”

O legalista diz: “Obedeça à Lei e você se sairá bem e terá uma vida boa”. Mas a Lei apenas revela e suscita o pecado, mostrando como ele é maligno! É impossível obedecer à Lei, pois temos uma natureza pecaminosa que se rebela contra a Lei. Mesmo quando acreditamos fazer o que é certo, o pecado continua presente. A Lei é boa, mas, por natureza, somos perversos! Assim, o legalista está errado, pois a Lei não pode nos capacitar a fazer o bem.

A Lei não pode nos libertar (vv. 21-25).

O cristão possui uma velha natureza que deseja mantê-lo cativo. “Vou me livrar desses antigos pecados”, diz o cristão para si mesmo. “Decido aqui e agora que não vou mais fazer isso”. Então, o que acontece? Emprega toda sua força de vontade e energia e, por algum tempo, é bem-sucedido; mas, quando menos espera, cai novamente. Por quê? Porque tentou vencer sua velha natureza com a Lei, e a Lei não pode nos livrar da velha natureza. Quando agimos sob a Lei, estamos apenas tornando a velha natureza ainda mais forte, pois “a força do pecado é a lei” (1 Co 15:56). Em vez de ser como um dínamo que fornece poder para vencer, a Lei é um ímã que atrai todo tipo de pecado e corrupção existente dentro de nós. O ser interior pode sentir prazer na Lei de Deus (Sl 119:35), mas a velha natureza se compraz em transgredir a Lei de Deus. Não é de se admirar que o cristão que vive debaixo da Lei acabe desanimando e desistindo! É um prisioneiro, e sua condição é “miserável” (o termo grego indica uma pessoa exausta depois de uma batalha). O

que pode ser mais triste do que dedicar toda sua energia a tentar viver uma vida boa e descobrir que o melhor que é capaz de fazer ainda deixa a desejar?

Há algum livramento? Claro que sim! “Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor”. Uma vez que o cristão se encontra unido com Cristo e morto para a Lei, não está mais sujeito a sua autoridade. Antes, está vivo para Deus e é capaz de se valer do poder do Espírito Santo. Romanos 8 explica essa vitória.

A última frase do capítulo não ensina que o cristão tem uma vida dividida: pecando com a carne, mas servindo a Deus com a mente. Isso significaria que o corpo está sendo usado de duas maneiras diferentes *ao mesmo tempo*, o que é impossível. O cristão tem consciência de que existe um conflito entre a carne e o Espírito se desenrolando dentro dele (Gl 5:16-18), mas sabe que o controle pode ser exercido por um ou pelo outro.

Ao falar da “mente”, Paulo refere-se ao “homem interior” (Rm 7:22). Desenvolve essa idéia em Romanos 8:5-8: A velha natureza não é capaz de fazer qualquer coisa boa. Tudo o que a Bíblia diz sobre a velha natureza é negativo: “na minha carne, não habita bem nenhum” (Rm 7:18); “a carne para nada aproveita” (Jo 6:63); “não confiamos na carne” (Fp 3:3). Se dependermos da energia da carne, não poderemos servir e agradar a Deus nem fazer coisa alguma que se aproveite. Mas, se nos entregarmos ao Espírito Santo, teremos o poder necessário para obedecer à vontade de Deus. A carne jamais servirá à Lei de Deus, pois está em guerra com Deus. Mas o Espírito só pode obedecer à Lei de Deus! Portanto, o segredo para fazer o bem é se entregar ao Espírito Santo!

Paulo havia deixado essa verdade subentendida em versículos anteriores deste capítulo ao escrever: “Assim, meus irmãos, também vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, a saber, aquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que frutifiquemos para Deus” (Rm 7:4). Assim como morremos para a velha natureza,

também devemos morrer para a Lei. Estamos, porém, unidos a Cristo e vivos em Cristo, de modo que podemos dar frutos para Deus. É nossa união com Cristo que nos capacita a fim de servirmos a Deus de modo aceitável. “Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2:13). Isso resolve o problema de Paulo em Romanos 7:18: “Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuar-lo”.

A velha natureza não respeita lei alguma, e a nova natureza não precisa de lei

alguma. O legalismo torna o cristão miserável, pois aflige a nova natureza e provoca a velha natureza! O legalista torna-se um fariseu, cujas ações exteriores são aceitáveis, mas cujas atitudes interiores são desprezíveis. Não é de se admirar que Jesus os chamasse de “sepulcros caiados, que, por fora, se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia!” (Mt 23:27). Como podemos nos tornar miseráveis!

Mas o melhor ainda está por vir! Romanos 8 explica a obra do Espírito Santo superando o mal e produzindo o bem.

LIBERDADE E PLENITUDE

ROMANOS 8

No dia 6 de janeiro de 1941, o presidente Franklin Delano Roosevelt falou ao congresso dos Estados Unidos sobre a situação da guerra na Europa. Muitas de suas palavras naquele dia foram esquecidas, mas, no encerramento de seu discurso, Roosevelt disse que ansiava por “um mundo alicerçado em quatro liberdades humanas essenciais”. Especificou-as como: liberdade de expressão, liberdade de culto, liberdade da miséria e liberdade do medo. Suas palavras continuam vivas na memória de muitos, mesmo que esses ideais ainda não tenham se concretizado em todas as partes do mundo.

Romanos 8 é a “Declaração de Liberdade” do cristão, pois neste capítulo Paulo declara as quatro liberdades espirituais que desfrutamos em decorrência de nossa união com Jesus Cristo. Ao estudar este capítulo, vemos a ênfase sobre o Espírito Santo, mencionado treze vezes. “Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (2 Co 3:17).

1. LIBERDADE DO JULGAMENTO – NENHUMA CONDENAÇÃO (RM 8:1-4)

Em Romanos 3:20, a conjunção causal “visto que” mostra que ninguém será justificado por obras da Lei, enquanto Romanos 8:1, outra conjunção conclusiva – “agora, pois” – deixa claro que “já *nenhuma* condenação há” (ênfase do autor): uma verdade extraordinária e a conclusão de uma argumentação primorosa. A base para essa certeza maravilhosa é a expressão “em Cristo”. Em Adão, fomos condenados, mas em Cristo não há condenação alguma!

O versículo não diz “nenhum erro”, “nenhum fracasso” e, nem mesmo, “nenhum pecado”. Os cristãos caem, cometem erros e pecam. Abraão mentiu sobre a esposa; Davi cometeu adultério; Pedro tentou matar um homem com sua espada. Por certo, esses homens sofreram as conseqüências de seus pecados, mas não sofreram a condenação.

A Lei condena, mas o cristão tem uma nova relação com a Lei, portanto não pode ser condenado. Paulo faz três declarações sobre o cristão e a Lei que, juntas, se resumem em *nenhuma* condenação.

A Lei não tem direito algum sobre nós (v. 2). Fomos libertos da lei do pecado e da morte. Temos vida no Espírito. Em Cristo, passamos para uma esfera de existência completamente distinta. Paulo descreve a “lei do pecado e da morte” em Romanos 7:7-25 e a “lei do Espírito da vida” em Romanos 8: A Lei não tem mais jurisdição sobre nós; estamos mortos para a Lei (Rm 7:4) e livres da Lei (Rm 8:2).

A Lei não pode nos condenar (v. 3). Isso porque Cristo já sofreu essa condenação por nós na cruz. A Lei não pode salvar, mas apenas condenar. No entanto, Deus enviou seu Filho para nos salvar e fazer aquilo que a Lei não era capaz de fazer. Jesus não veio como um anjo, mas sim como um homem. Não veio “em carne pecaminosa”, pois nesse caso, teria sido um pecador. Antes, veio “em *semelhança* de carne pecaminosa”, como homem. Carregou nossos pecados em seu corpo na cruz.

A lei determina que não se pode ser julgado duas vezes pelo mesmo crime. Uma vez que Jesus Cristo sofreu o castigo pelos nossos pecados, e uma vez que estamos “em Cristo”, Deus não nos condenará.

A Lei não pode nos controlar (v. 4). O cristão tem uma vida justa, não pelo poder da Lei, mas pelo poder do Espírito Santo. A Lei não tem poder de produzir santidade; pode apenas revelar e condenar o pecado. Mas o Espírito Santo que habita dentro de nós nos capacita a andar em obediência à vontade de Deus. A justiça que Deus exige em sua Lei é cumprida pelo poder do Espírito. No Espírito Santo, temos vida e liberdade

(Rm 8:2) e o preceito da lei se cumpre em nós (Rm 8:4).

O legalista tenta obedecer a Deus com as próprias forças e não consegue cumprir os preceitos justos de Deus. O cristão guiado pelo Espírito entrega-se ao Senhor e experimenta a obra santificadora do Espírito em sua vida. "Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2:13). É esse fato que leva à segunda liberdade que os cristãos desfrutam.

2. LIBERDADE DA DERROTA – NENHUMA OBRIGAÇÃO (RM 8:5-17)

"Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne, como se constrangidos a viver segundo a carne" (Rm 8:12). Não temos obrigação nenhuma para com nossa velha natureza. O cristão pode viver em vitória. Nesta seção, Paulo descreve a vida em três níveis diferentes e estimula seus leitores a viver no mais elevado desses níveis.

"Não tendes o Espírito" (vv. 5-8). Paulo não está descrevendo dois tipos de cristão, um carnal e outro espiritual. Antes, contrasta os que têm a salvação com os que não têm. Há quatro contrastes.

Na carne – no Espírito (v. 5). O não salvo não tem o Espírito de Deus (Rm 8:9) e vive *na carne* e *para a carne*. Seus pensamentos giram em torno das coisas que satisfazem a carne. O cristão, entretanto, tem o Espírito de Deus dentro de si e vive em uma esfera inteiramente nova e diferente. Seus pensamentos giram em torno das coisas do Espírito. Isso não significa que o não salvo nunca faz nada de bom e o salvo nunca faz nada errado. Significa que a propensão da vida de cada um é diferente. Um vive em função da carne; o outro, em função do Espírito.

Morte – vida (v. 6). O não salvo está vivo em termos físicos, mas no que diz respeito ao espírito, está morto. O ser interior está morto para Deus e não responde às coisas do Espírito. A pessoa pode ser moral, e até mesmo religiosa; mas lhe falta vida espiritual. Precisa do "Espírito da vida, em Cristo Jesus" (Rm 8:2).

Guerra com Deus – paz com Deus (vv. 6, 7). Ao estudar Romanos 7, vimos que a velha natureza rebela-se contra Deus e se recusa a sujeitar-se à Lei de Deus. Os que creram em Cristo desfrutam "paz com Deus" (Rm 5:1), enquanto os não salvos estão em guerra com Deus. "Para os perversos, todavia, não há paz, diz o SENHOR" (Is 48:22).

Agradar a si mesmo – agradar a Deus (v. 8). Estar "na carne" significa estar perdido, longe de Cristo. O não salvo vive para agradar a si mesmo e raramente pensa em agradar a Deus. A raiz do pecado é o egoísmo – aquilo que nós queremos, não a vontade de Deus.

Não ter a salvação e não ter o Espírito é o nível mais baixo de vida. No entanto, ninguém precisa permanecer nesse nível. Pela fé em Cristo, todos podem passar para o segundo nível.

"Tendes o Espírito" (vv. 9-11). "Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" (Rm 8:9). A prova da conversão é a presença do Espírito Santo dentro de nós, testemunhando que somos filhos de Deus (Rm 8:16). Nosso corpo torna-se o templo do Espírito Santo (1 Co 6:19, 20). Apesar de o corpo ser destinado à morte por causa do pecado (a menos, é claro, que o Senhor volte antes), o Espírito dá vida a esse corpo no presente para que possamos servir a Deus. Se morrermos, um dia o corpo será ressuscitado dentre os mortos, pois o Espírito Santo selou cada um dos cristãos (Ef 1:13, 14).

Que diferença enorme para nosso corpo ter o Espírito Santo habitando em nós! Experimentamos nova vida, e até nossa capacidade física adquire uma nova dimensão. Quando o evangelista D. L. Moody descreveu sua experiência de conversão, disse: "Estava em um novo mundo. Na manhã seguinte, o brilho do sol era mais intenso, o canto dos pássaros mais doce... as árvores agitavam seus galhos de tanta alegria e toda a natureza estava em paz". A vida em Cristo é vida abundante.

Existe, porém, um terceiro nível de experiência para o qual os outros dois são a preparação.

“Sois do Espírito!” (vv. 12-17). Não basta ter o Espírito, é preciso pertencer ao Espírito! Só então, ele compartilhará conosco a vida abundante a nosso dispor em Cristo. Não devemos coisa alguma à carne, pois a carne só causou problemas em nossa vida. Temos obrigação com o Espírito Santo, pois foi ele que nos convenceu de nosso pecado, relevou Cristo a nós e nos concedeu vida eterna, quando cremos em Jesus. Por isso, ele é “Espírito de vida”, capaz de nos conceder o poder de que precisamos para obedecer a Cristo e de nos capacitar a ser mais semelhantes a Cristo.

Mas também é Espírito de morte, pois nos capacita a “mortificar” os atos pecaminosos do corpo. Ao entregar os membros do corpo ao Espírito (Rm 6:12-17), ele aplicará em nós a morte e a ressurreição de Cristo. Mortificará as coisas da carne e reproduzirá as coisas do Espírito.

O Espírito Santo também é “Espírito de adoção” (Rm 8:14-17). No Novo Testamento, o termo *adoção* significa “ser aceito na família como um filho adulto”. Quando chegamos a Deus, passamos a fazer parte de sua família pelo novo nascimento. Mas, no instante em que nascemos para a família de Deus, ele nos adota e nos confere a posição de filho adulto. Um bebê não sabe andar, falar, tomar decisões nem usar os bens da família. Mas o cristão pode fazer todas essas coisas, a partir do momento em que nasce de novo.

Pode andar e ser “guiado pelo Espírito” (Rm 8:14). Nesse caso, o verbo significa “ser voluntariamente conduzido”. Quando nos entregamos ao Espírito, ele nos guia por meio de sua Palavra cada dia. Não estamos sob a escravidão da Lei e não temos medo de agir. Temos a liberdade do Espírito e seguimos a Cristo. O cristão também pode dizer: “Aba, Pai” (Rm 8:15). Não seria espantoso se um bebê recém-nascido olhasse para seu pai e o cumprimentasse? Primeiro, o Espírito diz: “Aba, Pai” a nós (Gl 4:6), então nós dizemos as mesmas palavras a Deus (“Aba” significa “papai” – uma forma carinhosa de tratamento).

Um bebê não é capaz de assinar cheques, mas, pela fé, o filho de Deus pode lançar

mão de suas riquezas espirituais, pois é herdeiro de Deus e co-herdeiro com Cristo (Rm 8:17). O Espírito nos ensina pela Palavra, e, então, recebemos a riqueza de Deus pela fé. Que grande emoção termos o “Espírito de adoção” operando em nossa vida!

O cristão não precisa ser derrotado. Pode entregar o corpo ao Espírito e, pela fé, vencer a velha natureza. O Espírito de vida lhe dá poder para isso. O Espírito de morte permite que o cristão vença a carne, e o Espírito de adoção o enriquece e o conduz dentro da vontade de Deus.

3. LIBERDADE DO DESÂNIMO – NENHUMA FRUSTRAÇÃO (Rm 8:18-30)

Nesta seção, Paulo trata do problema extremamente real do sofrimento e da dor. Talvez a melhor maneira de entender esta seção seja observar os três “gemidos” discutidos.

Os gemidos da criação (vv. 18-22). Quando Deus concluiu sua criação, viu que era boa (Gn 1:31); hoje, porém, a criação geme. Há sofrimento, morte e dor, todos decorrentes do pecado de Adão. Não é culpa da criação. É importante observar as palavras que Paulo usa para descrever a situação da criação: sofrimento (Rm 8:18), vaidade (Rm 8:20), cativo (Rm 8:21), corrupção (Rm 8:21) e angústias (Rm 8:22). No entanto, tais gemidos não são em vão; Paulo os compara a uma mulher em trabalho de parto. A dor está presente, mas terminará quando a criança nascer. Um dia, a criação será liberta e deixará de gemer para se tornar gloriosa! O cristão não se concentra nos sofrimentos de hoje; olha para frente, para a glória de amanhã (Rm 8:18; 2 Co 4:15-18). O cativo doloroso de hoje se transformará na liberdade gloriosa de amanhã!

Os gemidos dos cristãos (vv. 23-25). O motivo pelo qual gememos é o fato de termos experimentado “as primícias do Espírito”, um antegozo da glória vindoura. Assim como a nação de Israel provou as primícias da terra de Canaã quando os espias voltaram (Nm 13:23-27), também nós, cristãos, provamos as bênçãos do céu por intermédio do ministério do Espírito. Isso desperta em nós o desejo de ver o Senhor, de receber

um novo corpo e de viver com ele e de lhe servir para sempre. Aguardamos a “adoção”, que é a redenção do corpo quando Cristo voltar (Fp 3:20, 21). Esse é o ponto culminante da “adoção” que acontece no momento da conversão, quando o “Espírito de adoção” nos insere na família de Deus como filhos adultos. Quando Cristo voltar, participaremos plenamente de sua herança.

Enquanto isso, aguardamos com esperança. “Porque, na esperança, fomos salvos” (Rm 8:24). Que esperança? “A bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus” (Tt 2:13). O melhor ainda está por vir! O cristão não se frustra ao ver e experimentar o sofrimento e a dor neste mundo. Sabemos que o sofrimento é temporário e, um dia, dará lugar à glória eterna.

O Espírito Santo geme (vv. 25-30). Deus se preocupa com as provações de seu povo. Quando ministrava na Terra, Jesus gemeu ao ver o que o pecado fazia com a humanidade (Mc 7:34; Jo 11:33, 38). Hoje, o Espírito continua a gemer conosco e sente o peso de nossas fraquezas e sofrimentos. Mas o Espírito não se atém a gemer. Ele ora por nós por meio desses gemidos, a fim de que sejamos conduzidos para a vontade de Deus. Nem sempre sabemos qual é a vontade de Deus. Nem sempre sabemos orar, mas o Espírito intercede por nós para que vivamos dentro da vontade de Deus, apesar do sofrimento. O Espírito “nos assiste em nossa fraqueza”.

O cristão não precisa desanimar em momentos de sofrimento e de provação, pois sabe que Deus trabalha no mundo (Rm 8:28) e que o Senhor tem um plano perfeito (Rm 8:29). Seu plano tem dois objetivos: nosso bem e sua glória. No final, ele nos tornará semelhantes a Jesus Cristo! O melhor de tudo, porém, é saber que seu plano será bem-sucedido. Esse plano começou na eternidade, quando Deus nos escolheu em Cristo (Ef 1:4, 5). Ele nos predestinou para que, um dia, sejamos como seu Filho. A predestinação aplica-se apenas aos salvos. Nenhuma passagem das Escrituras ensina que Deus predestina as pessoas à condenação

eterna. A condenação de tais pessoas deve-se a sua recusa em crer em Cristo (Jo 3:18-21). Os que são escolhidos por Deus são chamados por ele (ver 2 Ts 2:13, 14); quando respondem ao chamado de Deus, ele os justifica e também os glorifica. Isso quer dizer que o cristão já foi glorificado em Cristo (Jo 17:22); a revelação de sua glória aguarda a vinda do Senhor (Rm 8:21-23).

Como é possível nos sentirmos desanimados ou frustrados quando já participamos da glória de Deus? Nosso sofrimento de hoje é apenas uma garantia de que receberemos muito mais glória quando Jesus Cristo voltar!

4. LIBERDADE DO MEDO – NENHUMA SEPARAÇÃO (RM 8:31-39)

Não há nenhuma condenação, pois compartilhamos da retidão de Deus, e a Lei não pode nos condenar. Não há nenhuma obrigação, pois temos o Espírito de Deus que nos capacita a vencer a carne e a viver para Deus. Não há frustração alguma, pois compartilhamos da glória de Deus, a bendita esperança da volta de Cristo. Não há qualquer separação, pois experimentamos o amor de Deus. “Quem nos separará do amor de Cristo?” (Rm 8:35).

A ênfase desta última seção é sobre a segurança do cristão. Não precisamos temer o passado, o presente ou o futuro, pois estamos seguros no amor de Cristo. Paulo oferece cinco argumentos para provar que o cristão não pode ser separado de seu Senhor.

Deus é por nós (v. 31). O Pai é por nós e provou esse fato entregando seu Filho (Rm 8:32). O Filho é por nós (Rm 8:34) e o Espírito também (Rm 8:26). Deus faz todas as coisas cooperarem para nosso bem (Rm 8:28). Deus é por nós em sua Pessoa e em sua providência. Por vezes, lamentamos como Jacó: “Todas estas coisas me sobrevêm” (Gn 42:36), quando, na verdade, tudo está trabalhando em nosso favor. A conclusão é óbvia: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?”

O cristão precisa começar cada dia ciente de que Deus é por ele. Não há nada a temer, pois o Pai amoroso deseja apenas o que é melhor para seus filhos, mesmo quando

precisamos passar por provações para receber o que ele tem de melhor a oferecer. “Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o SENHOR; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais” (Jr 29:11).

Cristo morreu por nós (v. 32). Vemos aqui uma argumentação em ordem crescente. Se, quando éramos pecadores, Deus nos deu seu melhor, agora que somos filhos de Deus, acaso ele não nos dará tudo de que precisamos? Jesus empregou essa mesma argumentação quando tentou convencer as pessoas de que era inútil se preocupar e temer. Se Deus cuida dos pássaros e das ovelhas, e até mesmo dos lírios, certamente cuidará de nós! Deus se relaciona com seus filhos com base na graça do Calvário, não com base na Lei. Deus concede todas as coisas em abundância aos que lhe pertencem!

Deus nos justificou (v. 33). Isso significa que nos declarou justos em Cristo. Satanás deseja nos acusar (Zc 3:1-7; Ap 12:10), mas, em Cristo Jesus, somos justos diante de Deus. Somos os eleitos de Deus – escolhidos em Cristo e aceitos em Cristo. Uma vez que é Deus quem nos justifica, por certo não nos acusa. Para ele, acusar os seus seria o mesmo que dizer que sua salvação falhou e que continuamos vivendo em nossos pecados.

Podemos experimentar paz no coração quando entendemos o significado da justificação. Quando Deus declara que o pecador que crê foi justificado em Cristo, trata-se de uma declaração inalterável. Nossas experiências com Cristo mudam cada dia, mas a justificação é sempre a mesma. Podemos nos acusar a nós mesmos ou sofrer a acusação de outros, mas Deus jamais nos acusa. Jesus já pagou o castigo, e estamos seguros nele.

Cristo intercede por nós (v. 34). A segurança do que crê em Cristo se deve a uma intercessão dupla: o Espírito intercede (Rm 8:26, 27) e o Filho de Deus intercede (Rm 8:34). O mesmo Salvador que morreu por nós intercede por nós no céu. Como nosso Sumo Sacerdote, pode nos dar a graça de que precisamos para superar a tentação e derrotar o inimigo (Hb 4:14-16). Como nosso

Advogado, pode perdoar nossos pecados e restaurar nossa comunhão com Deus (1 Jo 1:9 – 2:2). Essa intercessão significa que Jesus Cristo nos representa diante do trono de Deus e que não precisamos nos defender.

Paulo deixa esse ministério de intercessão subentendido em Romanos 5:9, 10. Não apenas somos salvos por sua morte, mas também por sua vida. “Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hb 7:25). Pedro pecou contra o Senhor, mas foi perdoado e restaurado à comunhão por causa de Jesus Cristo. “Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos” (Lc 22:31, 32). Ele está rogando por todos nós, e esse ministério garante que estamos seguros.

Cristo nos ama (vv. 35-39). Em Romanos 8:31-34, Paulo prova que Deus não falha conosco; mas será que podemos falhar com ele? E se vacilarmos em meio a alguma grande provação ou tentação? O que será de nós? Paulo trata desse problema nesta última seção e explica que nada nos separará do amor de Jesus.

Em primeiro lugar, Deus não nos protege das dificuldades da vida, porque precisamos delas para nosso crescimento espiritual (Rm 5:3-5). Em Romanos 8:28, Deus garante que as dificuldades da vida trabalham a *nosso favor*, não *contra nós*. Deus permite que venham as provações, a fim de usá-las para nosso bem e para a sua glória. Uma vez que suportamos as provações por amor a ele (Rm 8:36), é possível nos abandonar? De modo algum! Antes, quando passamos pelas dificuldades da vida, ele está mais próximo de nós.

Além disso, ele nos dá o poder de conquistar a vitória (Rm 8:37). Somos “mais que vencedores”; literalmente, somos “supervencedores” por meio de Jesus Cristo! Ele nos dá vitória sobre vitória! Não precisamos temer a vida nem a morte, nem as coisas do presente, tampouco as do futuro, pois Jesus Cristo nos ama e deseja nos dar a vitória. Não se trata de uma promessa condicional:

“Se fizermos isso, Deus fará aquilo”. Essa garantia em Cristo é um fato comprovado, e nos apropriamos dele porque estamos em Cristo. Nada pode nos separar de seu amor! Podemos crer nessa verdade e nos regozijar!

Ao recapitular este capítulo maravilhoso, vemos que o cristão é plenamente vitorioso. Estamos livres do julgamento, pois Cristo morreu por nós e temos sua justiça. Estamos livres da derrota, pois Cristo vive em nós por

seu Espírito e participamos de sua vida. Estamos livres do desânimo, pois Cristo virá nos buscar e participaremos de sua glória. Estamos livres do medo, pois Cristo intercede por nós e não podemos ser separados de seu amor.

Nenhuma condenação! Nenhuma obrigação! Nenhuma frustração! Nenhuma separação! Se Deus é por nós, quem será contra nós?

DEUS SE ENGANOU?

ROMANOS 9

É um tanto estranho Paulo interromper sua discussão sobre a salvação e dedicar uma longa seção de três capítulos à nação de Israel. Por que passa dos ensinamentos doutrinários de Romanos 8 aos deveres práticos de Romanos 12 a 15? Um estudo minucioso de Romanos 9 a 11 revela que, na verdade, essa seção não constitui uma interrupção. Antes, é uma parte necessária da argumentação de Paulo em favor da justificação pela fé.

Para começar, os judeus consideravam Paulo um traidor. Ele ministrava aos gentios e ensinava a liberdade da Lei de Moisés. Havia pregado em várias sinagogas e causado inúmeros problemas, e, sem dúvida, muitos dos cristãos judeus em Roma haviam ouvido falar de sua reputação duvidosa. Nestes capítulos, Paulo demonstra seu amor por Israel e seu anseio pelo bem de seu povo. Esse é o motivo pessoal do apóstolo para tratar dessa questão.

Mas há, também, um motivo doutrinário. Em Romanos 8, Paulo havia argumentado que o cristão está seguro em Jesus Cristo e que a eleição de Deus permanece (Rm 8:28-30). Mas alguém poderia perguntar: "E quanto aos judeus? Foram escolhidos por Deus, e, no entanto, você diz que foram colocados de lado, e que Deus está edificando sua Igreja. Deus não cumpriu suas promessas a Israel?" O que está em jogo, em outras palavras, é o próprio caráter de Deus. Se Deus não foi fiel aos judeus, como ter certeza que será fiel à Igreja?

Romanos 9 enfatiza a eleição passada de Israel; Romanos 10, a rejeição presente de Israel e Romanos 11, a restauração futura

de Israel. Israel é a única nação do mundo que possui uma história completa – passado, presente e futuro. Em Romanos 9, Paulo defende o caráter de Deus mostrando que, na verdade, a história de Israel engrandece os atributos de Deus. Cita especificamente quatro desses atributos divinos: a fidelidade (Rm 9:1-13), a justiça (Rm 9:14-18), a eqüidade (Rm 9:19-29) e a graça (Rm 9:30-33). Podemos observar que essas divisões correspondem às três perguntas de Paulo: "Há injustiça da parte de Deus?" (Rm 9:14). "De que se queixa ele ainda?" (Rm 9:19) e "Que diremos, pois?" (Rm 9:30).

1. A FIDELIDADE DE DEUS (RM 9:1-13)

É impressionante como Paulo passa da alegria de Romanos 8 para a tristeza e o peso de Romanos 9. Quando olha para Cristo, o apóstolo se regozija; mas quando olha para o povo perdido de Israel, ele chora. Como Moisés (Êx 32:30-35), estava disposto a ser amaldiçoado e separado de Cristo, caso isso pudesse salvar Israel. Paulo foi um homem e tanto! O apóstolo mostrou-se disposto a ficar fora do céu por amor aos salvos (Fp 1:22-24) e a ir para o inferno por amor aos perdidos.

Seu tema é a eleição de Israel por Deus, e a primeira questão da qual ele trata é a bênção da eleição (Rm 9:4, 5). Israel foi adotado por Deus para ser seu povo (Êx 4:22, 23). O Senhor lhes deu sua glória no tabernáculo e no templo (Êx 40:34-38; 1 Rs 8:10, 11). A glória que Moisés contemplou no monte Sinai foi habitar com Israel (Êx 24:16, 17). Deus deu a Israel suas alianças, primeiro a Abraão, depois a Moisés e Davi. Também lhes deu a Lei para governar a vida política, social e religiosa e para garantir que seriam abençoados, se obedecessem. Deu-lhes o culto, o ministério no tabernáculo e no templo. Também lhes deu as promessas e os patriarcas. O propósito de todas essas bênçãos era que Jesus Cristo viesse ao mundo por meio de Israel (Rm 9:5 afirma a divindade de Jesus Cristo). Todas essas bênçãos foram dadas generosamente apenas a Israel.

No entanto, apesar de tais bênçãos, Israel fracassou. Quando o Messias veio, Israel o rejeitou e crucificou. Ninguém sabia disso

melhor do que Paulo, pois, em sua juventude, ele próprio havia perseguido a Igreja. O fracasso de Israel significava que a Palavra de Deus havia falhado? (o termo grego traduzido aqui por “falhar” refere-se a um navio saindo do curso). A resposta é: “De modo algum! Não importa o que os homens façam com sua Palavra, Deus é fiel”. Aqui, Paulo explica a base para a eleição de Israel.

Não foi por descendência natural (vv. 6-10). Como vimos em Romanos 2:25-29, há uma diferença entre os descendentes naturais de Abraão e os filhos espirituais de Abraão. Na verdade, Abraão teve dois filhos, Ismael (com Hagar) e Isaque (com Sara). Uma vez que Ismael era o primogênito, deveria ter sido o escolhido; mas Deus escolheu Isaque. Rebeca e Isaque tiveram gêmeos, Esaú e Jacó. Como primogênito, Esaú deveria ter sido o escolhido, mas Deus escolheu Jacó. E, ao contrário de Ismael e Isaque, que eram apenas irmãos consangüíneos (de mães diferentes), Esaú e Jacó eram irmãos por parte de pai e mãe. Deus não baseou sua eleição no elemento físico. Portanto, se a nação de Israel – os descendentes físicos de Abraão – rejeitou a Palavra de Deus, isso não anula, de maneira alguma, os propósitos eletivos de Deus.

Não foi por mérito humano (vv. 11-13). Deus escolheu Jacó antes de os bebês nascerem. Os dois meninos não haviam feito qualquer bem ou mal, de modo que a escolha de Deus não se baseou em sua conduta nem em seu caráter. Romanos 9:13 é uma citação de Malaquias 1:2, 3 e diz respeito às nações (Israel e Edom), não a pecadores individuais. João 3:16 deixa claro que Deus ama os pecadores. Essa declaração é relacionada à eleição nacional, não individual. Uma vez que o fato de Israel ter sido escolhida por Deus não depende de mérito humano, sua desobediência não anula os propósitos eletivos de Deus. Deus é fiel mesmo quando seu povo é infiel.

2. A EQÜIDADE DE DEUS (RM 9:14-18)

O fato de Deus escolher um e não o outro parece mostrar que ele é iníquo. “Há injustiça da parte de Deus?”, Paulo pergunta, e

logo em seguida responde: “De modo nenhum!” É impensável que o Deus santo proceda com qualquer iniquidade. A eleição é sempre uma questão da mais absoluta graça. Se Deus agisse apenas com base na equidade, ninguém jamais seria salvo. Paulo cita Êxodo 33:19 para mostrar que a compaixão e a misericórdia de Deus são oferecidas de acordo com a vontade de Deus, não do homem. Todos merecemos condenação, não misericórdia. A citação de Êxodo 33 refere-se à idolatria de Israel, enquanto Moisés estava no monte recebendo a Lei. A nação inteira merecia ser destruída, no entanto Deus matou somente três mil pessoas – não porque eram mais perversas ou menos piedosas, mas simplesmente por causa de sua graça e misericórdia.

Em seguida, Paulo cita Êxodo 9:16 usando Faraó como ilustração. Moisés fazia parte do povo escolhido de Deus, e Faraó não. Contudo, ambos eram pecadores. Na verdade, ambos eram assassinos! Ambos viram os prodígios de Deus. No entanto, Moisés foi salvo e Faraó se perdeu. Deus levantou Faraó para que pudesse revelar sua glória e poder; e teve misericórdia de Moisés para que pudesse usá-lo a fim de livrar o povo de Israel. Faraó era um governante poderoso, e Moisés era apenas um pastor hebreu. No entanto, foi Moisés quem experimentou a misericórdia e a compaixão de Deus – pois Deus assim o desejou. O Senhor é soberano em sua obra e age de acordo com sua vontade e seus propósitos. Portanto, não foi uma questão de equidade, mas sim da vontade soberana de Deus.

Deus é santo e deve castigar o pecado; mas Deus é amoroso e deseja salvar os pecadores. A salvação de todos seria uma negação de sua santidade, mas a perdição de todos seria uma negação do seu amor. A solução para esse dilema é a eleição soberana de Deus.

Como um professor de seminário me disse certa vez: “Tente explicar a eleição e pode acabar perdendo o juízo; tente livrar-se dela e perderá a alma!”

Deus escolheu Israel e condenou o Egito, pois esse era seu propósito soberano.

Ninguém pode censurar Deus pela maneira de estender sua misericórdia, pois Deus é justo.

Antes de passar para a seção seguinte, deve-se discutir o “endurecimento” de Faraó (Rm 9:18). Esse processo de endurecimento é mencionado pelo menos quinze vezes em Êxodo 7 a 14: Em algumas ocasiões, o texto diz que Faraó endureceu o coração (Êx 8:15, 19, 32); outras vezes, afirma que Deus endureceu o coração de Faraó (Êx 9:12; 10:1, 20, 27). Ao declarar sua Palavra e revelar seu poder, Deus deu a Faraó a oportunidade de se arrepender; em vez disso, porém, Faraó resistiu a Deus e endureceu o coração. A culpa não foi de Deus, mas de Faraó. O mesmo sol que derrete o gelo endurece a argila. Deus não tratou Faraó com injustiça, pois lhe deu várias oportunidades de se arrepender e de crer.

3. A JUSTIÇA DE DEUS (RM 9:19-29)

Mas essa realidade da vontade soberana de Deus parece criar um novo problema. “Se Deus é soberano, então quem pode lhe resistir? E se alguém lhe resiste, que direito ele tem de julgar?” Trata-se da questão antiqüíssima da justiça de Deus em sua operação na história humana.

Lembro-me de testemunhar e de distribuir folhetos em uma esquina de Chicago. A maioria das pessoas aceitava o folheto muito educadamente, mas um homem pegou o papel, amassou-o e jogou na sarjeta. O nome do folheto era “Quatro Coisas que Deus Quer que Você Saiba”.

- Deixe-me falar de algumas coisas que eu gostaria que Deus soubesse! - disse o homem. - Por que há tanta tristeza e tragédias neste mundo? Por que os inocentes sofrem enquanto os ricos ficam impunes? Não venha me dizer que existe um Deus! Se ele existe, então é o maior pecador de todos os tempos!

Com uma expressão de sarcasmo, o homem zangado virou as costas e se perdeu na multidão.

Sabemos que a natureza de Deus é perfeitamente justa. “Não fará justiça o Juiz de toda a terra?” (Gn 18:25). É impensável que

Deus possa ter um propósito injusto ou que possa cometer qualquer injustiça. Mas, às vezes, parece ser exatamente isso que acontece. Ele teve misericórdia de Moisés, mas condenou Faraó. Isso é justo? Escolheu Israel e rejeitou as outras nações. Isso é justo? Paulo apresenta três respostas para essa acusação.

Quem somos nós para discutirmos com Deus? (vv. 19-21). Trata-se de uma argumentação lógica. Deus é o Oleiro e nós somos o barro. Deus é mais sábio do que nós, portanto, é tolice de nossa parte questionar sua vontade ou resistir a ela (uma referência a Isaías 45:9). Por certo, o barro não tem vida e é passivo nas mãos do oleiro. Nós, no entanto, temos sentimentos, intelecto e volição e podemos lhe resistir, se assim o desejarmos (ver Jeremias 18, em que essa idéia é desenvolvida em mais detalhes). Mas é Deus quem determina se um homem será um Moisés ou um Faraó. Nem Moisés, nem Faraó, nem qualquer outra pessoa puderam escolher seus pais, sua estrutura genética ou o tempo e o lugar em que nasceram. Devemos crer que essas questões estão nas mãos de Deus.

Todavia, isso não nos redime de nossas responsabilidades. Faraó teve grandes oportunidades de aprender sobre o Deus verdadeiro e crer nele, no entanto escolheu se rebelar. Paulo não desenvolve esse aspecto dessa verdade, pois seu tema é a soberania divina, não a responsabilidade humana. Uma coisa não anula a outra, mesmo que nossa mente finita não seja capaz de compreender ambas plenamente.

Deus tem seus propósitos (vv. 22-24). Não devemos jamais imaginar que Deus teve algum prazer em ver um tirano como Faraó agindo. Apenas o tolerou. Deus disse a Moisés: “Certamente, vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus exatores. Conheço-lhe o sofrimento” (Êx 3:7). O fato de Deus ser longânimo indica que deu a Faraó várias oportunidades de ser salvo (ver 2 Pe 3:9). O termo “preparados” em Romanos 9:22 não dá a entender que Deus fez de Faraó um “vaso de ira”. Esse verbo é o que os gramáticos

gregos chamam de voz média e indica uma ação reflexiva. Assim, a frase deve ser traduzida por: “prepararam a si mesmos para a perdição”. Deus prepara os homens para a glória (Rm 9:23), mas os pecadores preparam a si mesmos para o julgamento. Em Moisés e Israel, Deus revelou as riquezas de sua misericórdia; em Faraó e no Egito, Deus revelou seu poder e sua ira. Uma vez que nenhum dos dois merecia qualquer misericórdia, Deus não pode ser acusado de injustiça.

Em última análise, é evidente que o propósito de Deus era formar sua Igreja tanto com judeus quanto com gentios (Rm 9:24). Os cristãos de hoje são, pela graça de Deus, “vasos de misericórdia” que ele está preparando para a glória, uma verdade que nos traz à memória Romanos 8:29, 30.

Todas estas coisas foram profetizadas (vv. 25-29). Primeiro, Paulo cita Oséias 2:23, uma declaração de que Deus colocaria os judeus de lado e chamaria os gentios. Em seguida, o apóstolo cita Oséias 1:10 para provar que esse novo povo que está sendo chamado será o povo de Deus e “filhos do Deus vivo”. Então, cita Isaías 10:22, 23 para mostrar que somente um remanescente de Israel será salvo, enquanto a maior parte dessa nação sofrerá o julgamento. É bem provável que Romanos 9:28 se refira ao julgamento de Deus durante a Tribulação, quando a nação de Israel será perseguida e julgada e restará apenas um pequeno remanescente que entrará no reino quando Jesus Cristo voltar à Terra. Mas a aplicação para os dias de hoje é clara: somente um remanescente dos judeus crê em Jesus Cristo, e este constitui, com os gentios, aqueles “a quem também [Deus] chamou” (Rm 9:24). A citação final de Isaías 1:9 enfatiza a graça de Deus por poupar o remanescente fiel.

Mas o que tudo isso prova? Que Deus não foi injusto ao salvar alguns e julgar outros, pois estava apenas cumprindo as profecias do Antigo Testamento dadas séculos antes. Teria sido injusto se não tivesse mantido a própria Palavra. Mais do que isso, porém, as profecias mostram que a eleição de Deus possibilitou a salvação dos gentios, um ato da graça de Deus. No Êxodo, Deus

rejeitou as outras nações e escolheu o povo de Israel, de modo que, por meio de Israel, pudesse salvar os outros povos. A nação de Israel rejeitou a vontade de Deus, mas isso não frustrou seus propósitos. Um remanescente judeu ainda é fiel, e a Palavra de Deus se cumpriu.

Até aqui, Paulo defendeu o caráter de Deus mostrando sua fidelidade, sua equidade e sua justiça. A rejeição de Israel não anulou a eleição de Deus; apenas provou que ele é fiel ao seu caráter e a seus propósitos.

4. A GRAÇA DE DEUS (RM 9:30-33)

Em seguida, Paulo passa da soberania divina para a responsabilidade humana. Convém observar que o apóstolo não diz “eleitos” ou “não eleitos”, mas sim enfatiza a fé. Eis um paradoxo: os judeus buscaram a justiça, mas não a encontraram, enquanto os gentios, que não a estavam buscando, a encontraram! Isso porque Israel tentou ser salvo pelas obras, não pela fé. Rejeitou a “justiça da graça” e tentou agradar a Deus com a “justiça da Lei”. Os judeus acreditavam que os gentios deveriam se *elev*ar ao nível de Israel para ser salvos; na verdade, os judeus é que deviam se *rebaix*ar ao nível dos gentios para ser salvos. “Porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3:22, 23). Em vez de permitir que seus privilégios religiosos (Rm 9:1-5) os conduzissem a Cristo, usaram esses privilégios como um substituto para Cristo.

Vemos, porém, a graça de Deus: a rejeição de Israel representa a salvação dos gentios! A última citação de Paulo é de Isaías 28:16: Refere-se a Cristo, a Pedra da Salvação (ver Sl 118:22). Deus ofereceu Cristo para ser uma Pedra Fundamental, mas Israel o rejeitou, e ele se tornou uma pedra de tropeço. Em vez de ser “edificada” sobre essa Pedra, Israel caiu (Rm 11:11); mas, como veremos, sua queda possibilitou a salvação dos gentios pela graça de Deus.

Devemos decidir que tipo de justiça buscamos, se dependemos de boas obras e do nosso caráter ou se cremos somente em Cristo para receber a salvação. Deus não salva as pessoas com base em seu nascimento

ou comportamento. Ele as salva “pela graça [...] mediante a fé” (Ef 2:8, 9). Não se trata de uma questão de estar ou não entre os eleitos de Deus. Esse é um mistério que somente Deus conhece. O Senhor oferece a salvação pela fé. Essa oferta é feita “a quem quiser” (Ap 22:17). Depois que cremos em Cristo, temos o testemunho e as evidências de que estamos entre seus eleitos (Ef 1:4-14; 1 Ts 1:1-10). Antes, porém, devemos crer em Cristo e receber pela fé a justiça de Deus, a única que pode nos garantir a eternidade no céu.

Ninguém pode negar que a soberania divina e a responsabilidade humana são envoltas em mistérios. Em momento algum, Deus pede que optemos por uma dessas verdades, pois ambas vêm de Deus e fazem

parte de seu plano. Não se encontram em uma relação de competição, mas sim de cooperação. O fato de não sermos capazes de compreender plenamente como essas duas verdades funcionam em conjunto não anula a realidade de sua inter-relação. Quando um homem perguntou a Charles Spurgeon como ele conciliava a soberania divina com a responsabilidade humana, Spurgeon respondeu: “Nunca tento reconciliar amigos!”

Todavia, a tônica deste capítulo é clara: a rejeição de Cristo por Israel não nega a fidelidade de Deus. Romanos 9 não anula Romanos 8: Deus continua sendo fiel, reto, justo e bondoso, e podemos confiar que ele realizará seus propósitos e cumprirá suas promessas.

A JUSTIÇA ERRADA

ROMANOS 10

O tema deste capítulo é a rejeição de Israel no presente. Paulo passa da soberania divina (Rm 9) para a responsabilidade humana. Dá continuidade ao tema da justiça, apresentado no final do capítulo anterior (Rm 9:30-33) e explica três aspectos da rejeição por Israel.

1. OS MOTIVOS DA SUA REJEIÇÃO (RM 10:1-13)

Seria de se imaginar que, como nação, Israel aguardasse com ansiedade a vinda do seu Messias, estando preparado para recebê-lo. Há séculos, conheciam as profecias do Antigo Testamento e praticavam a Lei, um “aio” para conduzi-los a Cristo (Gl 3:24). Deus havia procurado preparar a nação, mas quando Jesus Cristo veio, Israel o rejeitou. “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (Jo 1:11). Por certo, havia um remanescente fiel dentre o povo que esperava a vinda do Messias, pessoas como Simeão e Ana (Lc 2:25-38); mas a maioria não estava preparada quando ele chegou.

Como explicar esse acontecimento trágico? Paulo apresenta vários motivos pelos quais Israel rejeitou seu Messias.

Não sentiam necessidade de salvação (v. 1). Houve um tempo em que Paulo teria concordado com seu povo, pois ele próprio havia resistido ao evangelho e considerado Jesus Cristo um impostor. Para Israel, eram os gentios que precisavam da salvação, mas de modo algum os judeus. Em várias de suas parábolas, Jesus ressaltou essa atitude errada: o irmão mais velho (Lc 15:11-32) e o fariseu (Lc 18:9-14) são dois exemplos. Israel teria se contentado com a salvação política

do domínio romano, mas não sentia necessidade de salvação espiritual dos próprios pecados.

Possuíam grande zelo por Deus (v. 2). Quando Israel voltou do cativeiro da Babilônia para sua terra, estava curado de sua idolatria. No templo e nas sinagogas locais, adorava-se e servia-se somente ao Deus verdadeiro e ensinava-se somente a Lei verdadeira. Os judeus eram tão zelosos que “aperfeiçoaram” a Lei de Deus e acrescentaram suas tradições, tornando-as iguais à Lei. O próprio Paulo havia sido zeloso para com a Lei e as tradições (At 26:1-11; Gl 1:13, 14).

No entanto, esse zelo não era baseado em conhecimento; era calor sem luz. Infelizmente, muitas pessoas religiosas hoje em dia cometem o mesmo erro. Acreditam que suas boas obras e gestos religiosos as salvarão, quando, na verdade, essas práticas as impedem de ser salvas. Por certo, muitas delas são sinceras e devotas, mas a sinceridade e a devoção não têm poder de salvar a alma. “Visto que ninguém será justificado diante dele [de Deus] por obras da lei” (Rm 3:20).

Eram orgulhosos e hipócritas (v. 3). Israel não conhecia a justiça de Deus, não por ninguém nunca lhe ter falado dela, mas por se recusar a aprender. Há uma ignorância decorrente da falta de oportunidade, mas Israel teve diversas oportunidades de ser salvo. Em seu caso, a ignorância devia-se a uma resistência deliberada e obstinada à verdade. Recusavam-se terminantemente a sujeitar-se a Deus. Orgulhavam-se de suas boas obras e virtudes religiosas e não desejavam reconhecer seus pecados nem crer no Salvador. Paulo vivia nesse mesmo erro antes de seu encontro com o Senhor (Fp 3:1-11).

Certo dia, quando o pastor presbiteriano Robert Murray McCheyne distribuía folhetos, entregou um deles para uma senhora bem vestida. Olhou-o com um ar de superioridade e disse:

– Pelo visto, não sabe quem eu sou!

Com seu jeito sempre gentil, McCheyne respondeu:

– Minha senhora, está chegando o dia do julgamento, e, nesse dia, não fará diferença alguma quem você é!

Interpretavam incorretamente sua própria Lei (vv. 4-13). Tudo na religião judaica apontava para a vinda do Messias – seus sacrifícios, o sacerdócio, os cultos no templo, as festas religiosas e as alianças. Sua Lei revelava que eram pecadores e precisavam de um Salvador. Mas, em vez de deixarem que a Lei os conduzisse a Cristo (Gl 3:24), adoraram a Lei e rejeitaram o Salvador. A Lei era uma placa de indicação para lhes mostrar o caminho, mas não era capaz de levá-los a seu destino. A Lei não tem poder de oferecer justificação; apenas conduz o pecador ao Salvador que pode justificá-lo.

Cristo é “o fim da lei”, pois, por meio de sua morte e ressurreição, encerrou o ministério da Lei para os que crêem. No que diz respeito aos cristãos, a Lei chegou ao fim. A justiça da Lei se cumpre na vida do cristão por meio do poder do Espírito (Rm 8:4); mas o reinado da Lei terminou (ver Ef 2:15; Cl 2:14). “Pois não estais debaixo da lei, e sim da graça” (Rm 6:14).

Paulo cita passagens do Antigo Testamento para provar a seus leitores que nem sequer compreendiam sua própria Lei. Começa com Levítico 18:5, que declara o propósito da Lei: quem lhe obedece, vive.

“Mas nós lhe obedecemos!”, poderiam argumentar; e Paulo responderia: “Vocês lhe obedeceram externamente, mas não creram nela de coração”. Em seguida, o apóstolo cita Deuteronômio 30:12-14 e atribui a essa passagem um significado espiritual mais profundo. O tema da mensagem de Moisés era “o mandamento” (Dt 30:11), ou seja, a Palavra de Deus. Moisés argumentou que o povo de Israel não tinha motivo algum para desobedecer à Palavra de Deus, pois ela lhes havia sido explicada claramente e não estava longe deles. De fato, Moisés instou-os a receber a Palavra no coração (ver Dt 5:29; 6:5-12; 13:3; 30:6). A ênfase em Deuteronômio é sobre o coração, a condição espiritual interior, não apenas sobre atos exteriores de obediência.

Paulo nos dá a interpretação espiritual dessa admoestação. Para ele, “o mandamento” ou “Palavra” refere-se a Cristo, o Verbo de Deus. Assim, usa a designação “Cristo”

no lugar de “o mandamento”. Diz que o caminho da salvação que Deus oferece não é difícil nem complicado. Não precisamos ir ao céu nem ao reino dos mortos para encontrar Cristo. Ele está perto de nós. Ou seja, o evangelho de Cristo – a Palavra de fé – está disponível e é acessível. O pecador não precisa se exaurir, realizando obras a fim de ser salvo. Tudo o que precisa fazer é crer em Cristo. A própria Palavra nos lábios dos judeus religiosos era a Palavra de fé. A própria Lei que liam e recitavam apontava para Cristo.

Então, Paulo cita Isaías 28:16 – versículo usado anteriormente em Romanos 9:33 – para mostrar que a salvação é *pela fé*: “Todo aquele que nele crê não será confundido”. Em Romanos 10:9, 10, deixa claro que a salvação é *pela fé*: cremos no coração, somos justificados por Deus e, então, confessamos Cristo abertamente e sem qualquer timidez.

Por fim, Paulo cita Joel 2:32, a fim de provar que essa salvação está à disposição de todos: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”. Paulo já havia mostrado que, no tocante à condenação, “não há distinção” (Rm 3:20-23); agora, afirma que, no tocante à salvação, também “não há distinção”. Em vez de os judeus terem uma justiça especial e exclusiva por meio da Lei, foram declarados tão pecadores quanto os gentios que condenavam.

Esta seção toda enfatiza a diferença entre a “justiça da lei” e a “justiça da fé”. Podemos observar os contrastes na síntese abaixo:

<i>A justiça da Lei</i>	<i>A justiça da fé</i>
Exclusiva para os judeus	Para “todos”
Baseada em obras	Somente pela fé
Justificação própria	Justificação de Deus
Não pode salvar	Traz salvação
Obedecer ao Senhor	Invocar o Senhor
Conduz ao orgulho	Glorifica a Deus

Depois de explicar os motivos pelos quais Israel rejeitou a justiça de Deus, Paulo passa ao aspecto seguinte da questão.

2. A SOLUÇÃO PARA ESSA REJEIÇÃO (Rm 10:14-17)

Esta passagem é usada com freqüência como base para projetos missionários da Igreja, o que não deixa de ser apropriado, mas sua aplicação principal diz respeito à nação de Israel. A única maneira de os judeus incrédulos serem salvos é invocando o Senhor. Antes, porém, de invocarem seu nome, é preciso que creiam. Para os judeus, isso significava crer que Jesus Cristo de Nazaré é, verdadeiramente, o Filho de Deus e o Messias de Israel. Também significa crer em sua morte e ressurreição (Rm 10:9, 10). Mas, a fim de crer, deveriam ouvir a Palavra, pois é ela que produz a fé no coração do que ouve (Rm 10:17). Isso significa que um arauto da Palavra precisa ser enviado, e quem envia é o Senhor. Nesse ponto, é possível que Paulo estivesse se lembrando de seu próprio chamado para pregar a Palavra aos gentios (At 13:1-3).

A citação em Romanos 10:15 pode ser encontrada em Isaías 52:7 e em Naum 1:15. A referência em Naum trata da destruição do império assírio, os inimigos odiados dos judeus. Nínive era sua cidade mais importante, um lugar perverso para o qual Deus havia enviado Jonas cerca de cento e cinquenta anos antes de Naum escrever essas palavras. Deus havia sido paciente com Nínive, mas seu julgamento estava próximo. Era essa "coisa boa" que o mensageiro anunciava aos judeus, e era isso o que tornava seus pés tão formosos.

Isaías usa essa declaração para um acontecimento *futuro* – a volta de Cristo e o estabelecimento de seu reino glorioso. "O teu Deus reina!" (ver Is 52:7-10). O mensageiro dos pés formosos anunciou que Deus havia derrotado os inimigos de Israel e que o Messias reinava em Jerusalém.

No entanto, Paulo aplica essa citação ao *presente*: os mensageiros do evangelho levam as boas-novas a Israel hoje. Algumas versões da Bíblia referem-se à proclamação do "evangelho da paz". Essa "paz" é a "paz com Deus" (Rm 5:1) e a paz que Cristo trouxe entre judeus e gentios ao formar um só corpo, a Igreja (Ef 2:13-17). A solução para a

rejeição de Israel é ouvir a Palavra do evangelho e crer em Jesus Cristo.

A próxima citação de Paulo é Isaías 53:1, comprovando que nem todo Israel obedeceria à Palavra de Deus. Esse versículo é a introdução a uma das passagens messiânicas mais magníficas do Antigo Testamento. Tradicionalmente, os estudiosos judeus aplicavam Isaías 53 à nação de Israel, não ao Messias; no entanto, muitos rabinos da Antiguidade consideravam essas palavras um retrato do Messias sofredor levando sobre si os pecados do povo (ver At 8:26-40). No tempo de Isaías, o povo não creu na Palavra de Deus e continua se recusando a crer até hoje. João 12:37-41 cita Isaías 53:1 para explicar por que a nação viu os milagres de Cristo e, ainda assim, se recusou a crer. Pelo fato de não terem crido, haviam sofrido o julgamento e não eram mais capazes de crer.

Convém observar que crer em Cristo não é apenas uma questão de acreditar, mas também de obedecer. Não crer em Cristo é desobedecer a Deus. "Agora, porém, [Deus] notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam" (At 17:30). Romanos 6:17 também equipara "crer" a "obedecer". A verdadeira fé deve influenciar a volição e resultar em uma vida transformada.

Não se pode jamais subestimar o ministério missionário da Igreja. Apesar de essa passagem se referir, em primeiro lugar, a Israel, também se aplica a todas as almas perdidas ao redor do mundo. Essas pessoas não podem ser salvas se não invocarem o Senhor Jesus Cristo. Todavia, não podem invocar se não crerem. A fé vem pelo ouvir, de modo que devem ouvir a mensagem. Mas como hão de ouvir? É preciso que um mensageiro leve a mensagem até elas. Mas isso significa que Deus deve chamar um mensageiro e que este deve ser enviado. Que privilégio enorme ser um dos mensageiros de Deus e ter pés formosos!

Enquanto escrevia este capítulo, o telefone tocou, e um empresário de nossa cidade comunicou que mais uma alma havia sido ganha para Cristo. O homem ao telefone tivera sérios problemas espirituais no passado, e Deus havia me usado para ajudá-lo.

Desde então, ele levara muitas pessoas a Cristo, inclusive alguns colegas de trabalho. Ele me telefonou para me dar a boa notícia que de havia levado um de seus amigos a Cristo, outro milagre de uma reação em cadeia que vinha se desenvolvendo há mais de três anos. Meu amigo tem pés formosos e, aonde ele vai, compartilha as boas-novas do evangelho.

Há quem compartilhe as boas-novas em casa, outros são enviados a lugares distantes. Apesar de algumas portas fechadas, existem mais portas abertas para o evangelho do que nunca, e hoje temos instrumentos ainda melhores a nossa disposição. Meu amigo missionário e professor de missões, o falecido E. Meyers Harrison, costumava dizer que há quatro motivos para a Igreja enviar missionários: (1) *a ordem lá do alto* – “ide por todo o mundo” (Mc 16:15); (2) *o clamor aqui embaixo* – “eu te imploro que o mandes à minha casa paterna” (Lc 16:27); (3) *o chamado de fora* – “[vem] e ajuda-nos” (At 16:9); e (4) *a compulsão interior* – “pois o amor de Cristo nos constrange” (2 Co 5:14).

Paulo ainda tem um aspecto a discutir sobre a rejeição de Cristo por Israel.

3. OS RESULTADOS DE SUA REJEIÇÃO (RM 10:18-21)

Essa rejeição teve três resultados, cada um deles confirmado por uma citação do Antigo Testamento.

Israel é culpado (v. 18). Talvez alguém tenha argumentado com Paulo: “Mas como sabe que Israel realmente ouviu a mensagem?” Sua resposta poderia ser o Salmo 19:4, o qual enfatiza a revelação de Deus no mundo. Deus se revela na criação (Sl 19:1-6) e em sua Palavra (Sl 19:7-11). O “Livro da Natureza” e o “Livro da Revelação” são constantes proclamações da glória de Deus. Israel foi beneficiado por ambos os livros, pois viu Deus operando na natureza e recebeu a Palavra escrita de Deus. Israel escutou, mas *não deu ouvidos*. Não é de se admirar que, em várias ocasiões, Jesus tenha dito às multidões: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”.

A mensagem é levada aos gentios (vv. 19, 20). Que graça maravilhosa! Quando Israel rejeitou seu Messias, Deus enviou o evangelho aos gentios para que fossem salvos. Moisés previu esse acontecimento em Deuteronômio 32:21. Paulo havia mencionado esse fato anteriormente em Romanos 9:22-26: Um dos motivos pelos quais Deus enviou o evangelho aos gentios foi para provocar os ciúmes dos judeus (Rm 10:19; 11:11). Foi um ato da graça divina tanto para os judeus quanto para os gentios. O profeta Isaías também predisse que Deus salvaria os gentios (Is 65:1).

Ao estudar o Novo Testamento, descobrimos que o princípio do evangelismo, via de regra, é: “primeiro ao judeu”. Jesus começou seu ministério com os judeus. Quando enviou seus discípulos em sua primeira viagem missionária, proibiu-os de pregar a gentios e samaritanos (Mt 10:1-6). Depois de sua ressurreição, ordenou que aguardassem em Jerusalém, onde deveriam começar seu ministério (Lc 24:46-49; At 1:8). Nos sete primeiros capítulos de Atos, o ministério é exclusivamente aos judeus e gentios prosélitos. No entanto, quando os judeus apedrejaram Estêvão e passaram a perseguir os cristãos, Deus enviou o evangelho aos samaritanos (At 8:1-8) e, posteriormente, aos gentios (At 10).

Os cristãos judeus ficaram estarecidos quando Pedro foi pregar aos gentios (At 11:1-18). Todavia, o apóstolo explicou que Deus o havia enviado e que estava claro para ele que judeus e gentios eram salvos da mesma forma – pela fé em Cristo. Mas a oposição de judeus legalistas foi tanta que as igrejas tiveram de realizar uma assembléia para discutir a questão. Atos 15 relata os acontecimentos dessa assembléia. Concluíram que judeus e gentios eram todos salvos pela fé em Cristo e que um judeu não precisava se tornar um prosélito antes de poder abraçar a fé cristã.

Deus ainda anseia por seu povo (v. 21). Trata-se de uma citação de Isaías 65:2. “Todo dia” certamente é uma referência ao “dia da salvação” presente, ou seja, o dia da graça em que vivemos. Apesar de Israel ter sido colocado de lado como nação, os judeus

como indivíduos podem ser e estão sendo salvos. A expressão "todo dia" nos lembra do ministério de Paulo aos judeus em Roma, quando chegou à capital do império como prisioneiro. "Desde a manhã até à tarde", Paulo lhes explicava as Escrituras e procurava persuadi-los de que Jesus é o Messias (At 28:23). Por meio de Paulo, Deus abria seus braços de amor a seu povo desobediente, ansiando por eles, pedindo que voltassem. O favor de Deus com os gentios não mudou seu amor pelos judeus.

Deus deseja usar nossa vida para levar o evangelho tanto aos judeus quanto aos

gentios. Deus pode usar nossos pés e nossos braços como usou os de Paulo. Jesus Cristo chorou sobre Jerusalém e almejou reunir o povo em seus braços! Em vez disso, esses braços foram estendidos em uma cruz, onde ele morreu voluntariamente tanto por judeus quanto por gentios. Deus é longânimo e paciente, "não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento" (2 Pe 3:9).

A paciência de Deus com Israel se esgotará? A nação tem algum futuro? Como o próximo capítulo mostra, há um futuro para Israel.

DEUS NÃO DESISTIU DE ISRAEL

ROMANOS 11

Há séculos, a nação de Israel tem sido motivo de perplexidade para muitos. O governo romano reconhecia a religião judaica, mas ainda assim chamava a nação de *secta nefaria* - "uma seita execrável". Sem saber o que fazer com Israel, o grande historiador Arnold Toynbee classificou-a como uma "civilização fóssil". Por algum motivo, ela não se encaixava em nenhuma de suas teorias históricas.

Paulo usou este capítulo todo de Romanos 11 para apresentar provas de que Deus não desistiu de Israel. Não se deve aplicar este capítulo à Igreja de hoje, pois Paulo discutia o futuro literal de uma nação literal. A fim de provar que os judeus têm um futuro dentro do plano de Deus, o apóstolo chamou cinco testemunhas.

1. O PRÓPRIO PAULO (RM 11:1)

"Terá Deus, porventura, rejeitado o seu povo? De modo nenhum! Porque eu também sou israelita." Se Deus desprezou seu povo, como explicar a conversão do apóstolo Paulo? O fato de sua conversão ser apresentada três vezes no Livro de Atos é bastante significativo (At 9, 22, 26). Por certo, Lucas não escreveu esses capítulos nem repetiu a história simplesmente para exaltar Paulo. A verdade é que essas passagens foram escritas para mostrar a conversão de Paulo como uma ilustração da futura conversão de Israel como nação. Paulo referiu-se a si mesmo como "nascido fora de tempo" (1 Co 15:8). Em 1 Timóteo 1:16, afirmou que Deus o salvou "para que em mim, o principal, evidenciasse Jesus Cristo a sua completa longanimidade, e servisse eu de

modelo a quantos hão de crer nele para a vida eterna".

Os relatos da conversão de Paulo têm pouca coisa em comum com a experiência de salvação de hoje. Por certo, nenhum de nós viu Cristo em glória, nem, literalmente, o ouviu falar do céu. Não fomos cegados pela luz do céu nem atirados por terra. De que maneira, então, a conversão de Paulo é um "padrão"? Ela é um retrato de como a nação de Israel será salva quando Jesus Cristo voltar para estabelecer seu reino na Terra. Os detalhes da restauração e salvação futuras de Israel são apresentados em Zacarias 12:10 - 13:1. A nação verá Cristo voltar (Zc 14:4; At 1:11; Ap 1:7), o reconhecerá como seu Messias, se arrependerá e o receberá. Será uma experiência semelhante à de Saulo de Tarso, quando estava a caminho de Damasco para perseguir os cristãos (At 9).

Foi por isso que Paulo usou a si mesmo como primeira testemunha. O fato de ter sido salvo não prova que haja futuro para Israel. O que é relevante, nesse caso, é o modo de ter sido salvo.

2. O PROFETA ELIAS (RM 11:2-10)

Israel é a nação eleita de Deus; o Senhor a "conheceu de antemão", ou seja, a escolheu para si. A rejeição de Cristo por grande parte de Israel não prova que Deus rejeitou seu povo. Em sua época, Elias pensou que a nação havia se afastado inteiramente de Deus (ver 1 Rs 19). No entanto, o profeta descobriu que ainda havia um remanescente fiel. Pensou que era o único servo fiel de Deus que ainda restava, mas descobriu que havia mais sete mil.

Paulo referiu-se a esse "remanescente" em Romanos 9:27, uma citação de Isaías 10:22, 23. Em momento algum, a nação inteira de Israel foi fiel ao Senhor. Deus faz uma distinção entre os filhos naturais de Abraão e seus filhos espirituais (Rm 2:25-29). A participação dos judeus na aliança por meio da circuncisão não lhes garantia a salvação. Como Abraão, deveriam crer em Deus, a fim de receber sua justiça (Rm 4:1-5).

Convém observar que esse remanescente é salvo pela graça, não pelas obras

(Rm 11:5, 6). Devemos considerar, também, o paralelo em Romanos 9:30-33: É impossível misturar a graça e as obras, pois uma cancela a outra. A maior preocupação de Israel sempre foi tentar agradar a Deus com boas obras (Rm 9:30 - 10:4). A nação recusou-se a se submeter à justiça de Cristo; o mesmo acontece hoje em dia com pessoas religiosas e que se consideram virtuosas.

Se um remanescente havia sido salvo, provando, desse modo, que Deus não desistira de seu povo, o que havia acontecido com o restante de Israel? Foi endurecido (algumas traduções trazem o termo, menos adequado, "cegados" (Rm 11:7) Esse endurecimento foi decorrente de sua resistência à verdade, da mesma forma que o coração de Faraó foi endurecido porque ele resistiu à verdade. Para apoiar sua declaração, Paulo cita Isaías 29:10 e também se refere a Deuterônimo 29:4. Não causa espanto que um governante pagão tenha se endurecido contra o Senhor, mas não é de se esperar que o povo de Deus faça o mesmo.

Romanos 11:9, 10 é uma citação do Salmo 69:22, 23. Trata-se de um dos salmos messiânicos mais importantes, citado em várias ocasiões ao longo do Novo Testamento. Convém observar especialmente Romanos 11:4, 9, 21, 22. A expressão "torne-se-lhe a mesa em laço e armadilha" significa que suas bênçãos se transformarão em fardos e em julgamentos. Foi o que aconteceu a Israel: suas bênçãos espirituais deveriam tê-los conduzido a Cristo; em vez disso, porém, se tornaram em uma armadilha e os impediram de chegar a Cristo. As próprias práticas e observâncias religiosas tornaram-se substitutos para a experiência real de salvação. Infelizmente, muitas pessoas cometem o mesmo erro hoje, quando dependem de práticas e de rituais religiosos em vez de crer em Cristo, que se encontra retratado nessas atividades.

Paulo deixou claro que o endurecimento de Israel não é total nem definitivo, o que prova que Deus tem um futuro para sua nação. "Veio endurecimento em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios" (Rm 11:25). A existência de um

remanescente fiel hoje, como no tempo de Elias, é evidência de que Deus ainda tem um plano para seu povo. Paulo não cometeu o mesmo erro de Elias dizendo: "Eu fiquei só". Sabia que havia um remanescente em Israel que confiava em Deus.

3. OS GENTIOS (RM 11:11-15)

Em Romanos 2:1-3, Paulo usa os gentios para provar que os judeus são culpados, mas aqui usa os gentios para garantir que Israel será restaurado no futuro. Sua lógica nesta passagem é extraordinária. Quando os judeus rejeitaram o evangelho, Deus o enviou aos gentios, e estes creram e foram salvos. Três tragédias ocorreram em Israel: Israel *caiu* (Rm 11:11), foi *abatido* (Rm 11:12) e *rejeitado* (Rm 11:15). Nenhuma dessas palavras indica um julgamento *terminante* sobre Israel. Mas o mais impressionante é que, apesar de Israel ter caído, a salvação foi levada aos gentios. Deus prometeu que os gentios seriam salvos (Rm 9:25, 26) e cumpriu sua promessa. Acaso também não cumprirá sua promessa aos judeus?

É importante entender que as promessas do Antigo Testamento aos gentios eram ligadas à "ascensão" de Israel - a entrada em seu reino. Profecias como Isaías 11 e Isaías 60 deixam claro que os gentios participarão do reino de Israel. No entanto, Israel não "ascendeu"; em vez disso, *caiu!* O que Deus deveria fazer, então, com os gentios? Deus introduziu um novo elemento - a Igreja - no qual judeus e gentios que crêem são um só corpo em Cristo (Ef 2:11-22). Em Efésios 3, Paulo chama esse novo elemento de "mistério", ou seja, um "segredo santo" não revelado no Antigo Testamento. Isso significa que Deus abandonou seu plano para o reino de Israel? Certamente que não! Israel foi apenas colocado de lado até chegar a hora de os desígnios de Deus para seu povo se cumprirem.

Paulo afirma que os gentios possuíam um ministério crítico em relação a Israel. Hoje, os gentios salvos provocam os "cíúmes" dos judeus (ver Rm 10:19) por causa das riquezas espirituais que possuem em Cristo. No momento, Israel encontra-se

espiritualmente falido, enquanto os cristãos têm “toda sorte de bênção espiritual” em Cristo (Ef 1:3). (Se um judeu não salvo visitasse uma igreja qualquer, será que sentiria ciúmes e desejaria possuir aquilo que nos foi concedido ou se sentiria apenas provocado?)

Israel tem um futuro. Paulo o chama de “sua plenitude” (Rm 11:12) e de “seu restabelecimento” (Rm 11:15). No momento, Israel encontra-se espiritualmente caído, mas quando Cristo voltar, a nação se erguerá novamente. Está separado de Deus, mas, um dia, será recebido por ele novamente. Deus jamais romperá a aliança com seu povo, e sua promessa de restaurá-lo não falhará (ver Jr 31:35-37, em que Deus associa suas promessas a Israel ao Sol, à Lua e às estrelas).

4. OS PATRIARCAS (RM 11:16-24)

Paulo passa da sua visão do futuro a uma retrospectiva mostrando a herança espiritual de Israel. Desde o princípio, Israel foi um povo especial e separado por Deus. Paulo usa duas ilustrações para corroborar sua argumentação de que Deus não desistiu dos judeus.

O pedaço de massa (v. 16a). Trata-se de uma referência a Números 15:17-21. A primeira parte da massa deveria ser oferecida a Deus como símbolo de que a massa toda pertencia a ele. A mesma idéia fazia parte da Festa das Primícias, quando o sacerdote oferecia ao Senhor um feixe de cereal indicando que toda a colheita pertencia a Deus (Lv 23:9-14). A idéia por trás desse gesto é que, quando Deus aceita a parte oferecida, também santifica o todo.

Ao aplicar esse conceito à história de Israel, podemos entender a argumentação de Paulo. Deus aceitou Abraão, o fundador de Israel, e, ao fazê-lo, separou, do mesmo modo, seus descendentes. Deus também aceitou outros patriarcas, Isaque e Jacó, apesar de seus pecados e deficiências. Isso significa que Deus deve aceitar “a totalidade” da massa – a nação de Israel.

A oliveira (vv. 16b-24). Essa árvore é um dos símbolos de Israel (Jr 11:16, 17; Os 14:4-6). Ao estudar esta passagem, é importante lembrarmos que Paulo não está tratando do

relacionamento individual dos cristãos com Deus, mas sim do lugar de Israel no plano de Deus. As raízes sustentam a árvore – mais um símbolo dos patriarcas que fundaram a nação. Deus fez suas alianças com Abraão, Isaque e Jacó e não pode negá-las nem mudá-las. Assim, é a promessa de Deus a Abraão que sustenta Israel até hoje.

Muitos judeus não creram; e, para esses judeus incrédulos, Paulo usa como ilustração os ramos removidos da árvore. Mas o apóstolo vê algo surpreendente acontecer: outros ramos são enxertados na árvore e compartilham de sua vida. Esses ramos são os gentios. Em Romanos 11:24, Paulo descreve esse “enxerto” como sendo “contra a natureza”. Normalmente, um ramo cultivado é enxertado numa árvore brava e compartilha de sua vida mas não produz seus frutos. Nesse caso, porém, o “ramo bravo” (os gentios) foi enxertado na árvore cultivada! “Porque a salvação vem dos judeus” (Jo 4:22).

Dizer que a oliveira, com seus ramos enxertados, é um retrato da Igreja seria extremamente equivocado. Na Igreja, não há distinção; os cristãos são “um em Cristo Jesus” (Gl 3:28). Deus não olha para os membros do corpo de Cristo e os vê como judeus ou gentios. A oliveira retrata o relacionamento entre judeus e gentios dentro do plano de Deus. O ato de “quebrar” os ramos equivale a tropeçar e cair em Romanos 11:11, a ser abatido em Romanos 11:12 e a ser rejeitado em Romanos 11:15. Interpretar essa ilustração com respeito ao destino do cristão como indivíduo é distorcer a verdade que Paulo está tentando comunicar.

Paulo adverte os gentios que, tendo em vista sua dívida de gratidão a Israel, não havia motivos para se vangloriarem de sua situação espiritual (Rm 11:18-21). Os gentios entraram no plano de Deus pela fé, não por mérito próprio. Paulo se refere aos gentios de modo coletivo, não à experiência individual de um ou outro cristão.

É importante observar que, de acordo com a profecia bíblica, a igreja gentia professa será “cortada fora” por causa de sua apostasia. 1Timóteo 4 e 2 Timóteo 3, bem

como 2 Tessalonicenses 2, indicam que, nos últimos dias, a igreja professa deixará a fé. *Não há esperança alguma para a igreja apóstata, mas há esperança para o Israel apóstata!* O que justifica essa discrepância são as raízes da oliveira. Deus manterá suas promessas aos patriarcas, mas removerá os gentios por causa de sua incredulidade.

Não importa quanto Israel se afaste de Deus, as raízes ainda são boas. Deus ainda é "o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó" (Êx 3:6; Mt 22:23). Ele será fiel às promessas que fez a esses patriarcas. Isso significa que a oliveira voltará a florescer!

5. O PRÓPRIO DEUS (Rm 11:25-36)

Paulo guardou sua melhor testemunha para o final. Provou que até o caráter e a obra de Deus estavam envolvidos no futuro de Israel. Os homens podem discutir sobre as profecias e diferir em suas interpretações, mas que todos saibam que estão tratando com o povo de Deus, Israel.

O tempo de Deus (v. 25). O que aconteceu a Israel faz parte do plano de Deus, e ele sabe o que faz. O endurecimento (Rm 11:7) de Israel como nação não é total nem definitivo: é parcial e temporário. Quando tempo durará? "Até que haja entrado a plenitude dos gentios" (Rm 11:25). Há uma "plenitude" para Israel (Rm 11:12) e para os gentios. Hoje, em sua graça Deus está visitando os gentios e constituindo dentre eles um povo para seu nome (At 15:12-14). É evidente que indivíduos judeus estão sendo salvos, mas esta era presente é, acima de tudo, o tempo em que Deus está chamando os gentios e construindo sua Igreja. Quando esta era chegar ao fim e a plenitude dos gentios tiver entrado, então Deus voltará a tratar de Israel como nação.

Romanos 11:25 é um dos vários versículos da Bíblia que usam "até". Podemos encontrar outras referências em Mateus 23:32-39; Lucas 21:24 e Salmos 110:1. É tranquilizador o fato de Deus saber qual é o momento de nos encontrarmos e que ele nunca se atrasa para cumprir sua vontade.

A promessa de Deus (v. 26). Temos aqui uma referência a Isaías 59:20, 21 e devemos

ler Isaías 60 para completar o quadro. Deus prometeu salvar seu povo e cumprirá sua promessa. Há quem interprete que essas palavras dizem respeito à salvação de indivíduos por meio do evangelho, mas creio que o profeta se referia à salvação de Israel como nação. A declaração "todo o Israel será salvo" não significa que todo judeu que já viveu se converterá, mas sim que os judeus que estiverem vivos quando o Redentor voltar o verão, o receberão e serão salvos. Zacarias 12 e 13 dá mais detalhes. A meu ver, as profecias da restauração nacional de Israel são detalhadas demais para permitir que as espiritualizemos e apliquemos à Igreja de hoje.

A aliança de Deus (vv. 27, 28). Trata-se, evidentemente, de uma continuação da citação de Isaías 59; mas a ênfase agora é sobre a aliança de Deus com Israel. Deus escolheu Israel pela graça, não por qualquer mérito da parte do povo (Dt 7:6-11; 9:1-6). Se a nação não foi escolhida por sua bondade, pode ser rejeitada por seu pecado? "Eleição" significa graça, não mérito. O povo judeu era "inimigo" dos cristãos gentios por causa de sua atitude hostil para com o evangelho. Mas, para Deus, os judeus são "amados por causa dos patriarcas". Deus não romperá sua aliança com Abraão, Isaque e Jacó.

A natureza de Deus (v. 29). "Porque eu, o SENHOR, não mudo" (Ml 3:6). "Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa" (Nm 23:19). As dádivas e o chamado de Deus para Israel não podem ser retirados nem alterados, pois, de outro modo, Deus deixaria de ser fiel a sua natureza perfeita. O fato de Israel talvez não desfrutar suas dádivas ou de não viver à altura de seus privilégios como nação eleita não afeta em nada essa realidade. Não importa o que os homens façam, Deus será coerente com sua natureza e fiel à sua Palavra. "A incredulidade deles anulará a fidelidade de Deus?" (Rm 3:3, tradução literal).

A graça de Deus (vv. 30-32). "Vocês, gentios, foram salvos por causa da incredulidade dos judeus", diz Paulo. "Agora, que, por meio de sua salvação, Israel venha a

conhecer a Cristo". Convém observar que Paulo lembra os gentios salvos repetidamente que eles têm uma obrigação espiritual para com Israel, de lhes "provocar ciúmes" (Rm 10:19; 11:11, 14). O endurecimento de Israel é apenas "em parte" (Rm 11:25), o que significa que há salvação para os judeus como indivíduos. "Deus a todos encerrou na desobediência" – tanto judeus quanto gentios – de modo que *todos* possam ter a oportunidade de ser salvos pela graça. "Não há distinção". Se Deus pode salvar judeus por sua graça e misericórdia hoje, por que não pode salvá-los no futuro?

Devemos lembrar que Deus escolheu os judeus para que os gentios fossem salvos. "Em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gn 12:1-3) – essa foi a promessa de Deus a Abraão. Infelizmente, Israel tornou-se exclusivista e não compartilhou a verdade com os gentios. Acreditavam que os gentios precisavam se tornar judeus a fim de ser salvos. Mas Deus declarou que tanto judeus quanto gentios estavam perdidos e condenados. Assim, pode ter misericórdia de todos por causa do sacrifício de Cristo na cruz.

A sabedoria de Deus (vv. 33-36). Depois de contemplar o grande plano de salvação

de Deus para os judeus e gentios, Paulo não pode fazer outra coisa senão entoar um cântico de louvor. Como alguém comentou: "A teologia transforma-se em doxologia!" Somente um Deus tão sábio como nosso Deus poderia tomar a queda de Israel e transformá-la em salvação para o mundo! Seus planos nunca serão frustrados, nem seus propósitos deixarão de ser cumpridos. Nenhum ser humano é capaz de conhecer de todo a mente do Senhor, e, quanto mais estudamos seus caminhos, mais lhe damos louvor. Devemos concluir que Deus *não sabe* o que faz e que a nação de Israel frustrou completamente seus planos? É claro que não! Deus é sábio demais para fazer planos que não se cumprirão. Israel não lhe permitiu governar, de modo que Deus precisou prevalecer.

Paulo convocou cinco testemunhas e todas concordaram: Israel tem um futuro. Quando Israel se recuperar de sua "queda", o mundo experimentará as riquezas da graça de Deus como nunca antes. Quando Jesus Cristo voltar e se assentar no trono de Davi para governar sobre seu reino, Israel será "reconciliado" e "recebido", e será como uma ressurreição!

VIDA CORRETA, RELACIONAMENTOS CORRETOS

ROMANOS 12 – 13

Paulo conclui todas as suas cartas com uma lista de deveres práticos com base nas doutrinas discutidas. Na vida cristã, a doutrina e o dever andam juntos. Nossas convicções ajudam a determinar nosso comportamento. Não basta compreender as explicações doutrinárias de Paulo; devemos transformar nossa *aprendizagem* em *prática* e mostrar, por meio de nossa vida diária, que cremos na Palavra de Deus.

Esta seção concentra-se nos *relacionamentos*. A expressão “teologia relacional” é relativamente nova, mas o conceito existe há muito tempo. Se nos relacionarmos corretamente com Deus, também nos relacionaremos corretamente com as pessoas que fazem parte de nossa vida. “Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso” (1 Jo 4:20).

1. NOSSO RELACIONAMENTO COM DEUS (RM 12:1, 2)

Esta é a quarta conjunção da Epístola aos Romanos. Em Romanos 3:20, é o “visto que” causal da condenação, declarando que o mundo todo é culpado diante de Deus. Em Romanos 5:1 é o “pois” conclusivo da justificação e Romanos 8:1 é o “pois” conclusivo da garantia. Em Romanos 12:1, encontramos o “pois” conclusivo da consagração, e essa consagração é a base para os outros relacionamentos dos quais Paulo trata nesta seção.

O que é a verdadeira consagração? Conforme a descrição de Paulo neste capítulo, a consagração cristã envolve três passos.

Entregar o corpo a Deus (v. 1). Antes de crer em Cristo, usávamos o corpo para

prazeres e propósitos pecaminosos; agora que pertencemos ao Senhor, usamos o corpo para sua glória. O corpo do cristão é o templo de Deus (1 Co 6:19, 20), pois o Espírito de Deus habita nele (Rm 8:9). É nosso privilégio glorificar e engrandecer a Cristo com nosso corpo (Fp 1:20, 21).

Assim como Jesus Cristo precisou ter um corpo para realizar a vontade de Deus na Terra, também devemos entregar o corpo a Cristo para que possa continuar a obra de Deus por meio de nós. Devemos entregar os membros de nosso corpo como “instrumentos de justiça” (Rm 6:13) para o Espírito Santo realizar a obra de Deus. Os sacrifícios do Antigo Testamento eram sacrifícios mortos, mas devemos ser sacrifícios vivos.

Há dois “sacrifícios vivos” na Bíblia que ajudam a entender o verdadeiro significado desse conceito. O primeiro é Isaque (Gn 22); o segundo é nosso Senhor Jesus Cristo. Isaque colocou-se voluntariamente no altar e se mostrou disposto a morrer em obediência à vontade de Deus, mas o Senhor enviou o cordeiro que tomou seu lugar. Ainda assim, Isaque “morreu” para si mesmo e se entregou prontamente à vontade de Deus. Quando saiu do altar, Isaque era um “sacrifício vivo” para a glória de Deus.

É evidente que o Senhor Jesus Cristo é a ilustração perfeita de um “sacrifício vivo”, pois, na verdade, morreu como sacrifício em obediência à vontade do Pai. No entanto, ressuscitou e hoje está no céu como “sacrifício vivo”, levando ainda em seu corpo as marcas do Calvário. Ele é nosso Sumo Sacerdote (Hb 4:14-16) e nosso Advogado (1 Jo 2:1) diante do trono de Deus.

O termo “apresentar”, neste versículo, significa “apresentar-se de uma vez por todas”. Ordena uma entrega definitiva do corpo ao Senhor, como os noivos se entregam um ao outro na cerimônia de casamento. É essa entrega definitiva que determina o que fazem com o corpo. Paulo apresenta dois motivos para essa consagração: (1) é a atitude certa diante de tudo o que Deus fez por nós – “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus (ênfase do autor); (2) essa entrega é nosso “culto racional” ou nossa

“adoração espiritual”, o que significa que, quando consagramos nosso corpo ao Senhor, cada dia é uma experiência de adoração.

Entregar a mente a Deus (v. 2a). O mundo quer controlar nossa mente, mas Deus quer transformá-la (ver Ef 4:17-24; Cl 3:1-11). O termo traduzido aqui por *transformar* é o mesmo traduzido por *transfigurar* em Mateus 17:2. Em nossa língua, equivale à palavra “metamorfose”. Descreve uma mudança que ocorre de dentro para fora. O mundo deseja mudar nossa mente e, para isso, exerce pressão externa. Mas o Espírito Santo transforma nossa mente, liberando poder interior. Se o mundo controla nossa maneira de pensar, somos *conformados*, mas se Deus controla nossa maneira de pensar, somos *transformados*.

Deus transforma nossa mente e a focaliza nas coisas espirituais usando sua Palavra. Ao passar tempo meditando sobre a Palavra de Deus, memorizando-a e assimilando-a em nosso ser interior, aos poucos, Deus torna nossa mente cada vez mais espiritual (ver 2 Co 3:18).

Entregar a volição a Deus (v. 2b). A mente controla o corpo e a volição controla a mente. Muitas pessoas acreditam que podem controlar a volição pela “força de vontade”, mas normalmente não são bem-sucedidas. (Essa é a experiência que Paulo relata em Rm 7:15-21.) Somente quando entregamos nossa volição a Deus é que seu poder assume o controle e nos dá a força de vontade de que precisamos para ser cristãos vitoriosos.

Entregamos nossos desejos a Deus pela oração disciplinada. Ao passarmos tempo em oração, entregamos a Deus nossa volição e oramos como Jesus Cristo: “Faça-se a tua vontade, e não a minha”. Devemos orar sobre todas as coisas e permitir que Deus faça o que lhe aprouver em todas as coisas.

Há muitos anos, tenho tentado começar cada dia entregando meu corpo ao Senhor. Em seguida, dedico algum tempo com sua Palavra e deixo que transforme a minha mente e prepare meus pensamentos para o novo dia. Em seguida, entrego os planos para aquele dia nas mãos dele e deixo que o

Senhor faça o que for melhor. Oro especialmente por aquelas tarefas que me perturbam ou que me deixam preocupado – e o Senhor sempre me ajuda a completá-las. Para termos um relacionamento correto com Deus, devemos começar o dia entregando-lhe o corpo, a mente e os desejos.

2. NOSSO RELACIONAMENTO COM OUTROS CRISTÃOS (RM 12:3-16)

Paulo está se dirigindo a cristãos que fazem parte das igrejas em Roma. Descreve seu relacionamento uns com os outros comparando-os aos membros de um corpo. (O apóstolo usa essa mesma imagem em 1 Co 12; Ef 4:7-16.) A idéia central é que cada cristão é uma parte viva do corpo de Cristo e cada um tem uma função espiritual a exercer. Cada cristão tem um dom (ou dons) que deve ser usado para edificar o corpo e aperfeiçoar os outros membros. Em resumo, pertencemos uns aos outros, ministramos uns aos outros e precisamos uns dos outros. Quais são os elementos essenciais para o ministério espiritual e o crescimento no corpo de Cristo?

Avaliação honesta (v. 3). Cada cristão deve saber quais são seus dons espirituais e qual ministério (ou ministérios) deve exercer na igreja local. Não é errado um cristão reconhecer esses dons na própria vida ou na vida de outros. O problema é nossa tendência de não nos avaliarmos com honestidade. Nada causa mais estragos à igreja local do que um cristão que se superestima e tenta realizar um ministério para o qual não é qualificado. (Por vezes, também ocorre o oposto, e as pessoas se subestimam, o que é igualmente errado.)

Nossos dons são concedidos pela graça de Deus. Devem ser aceitos e exercitados pela fé. Fomos salvos “pela graça [...] mediante a fé” (Ef 2:8, 9) e devemos viver da mesma forma. Uma vez que nossos dons vêm de Deus, não podemos assumir crédito algum por eles. Tudo o que nos cabe fazer é aceitá-los e usá-los para honrar o nome de Deus (ver 1 Co 15:10, em que Paulo dá seu testemunho pessoal acerca dos dons).

Certa vez, pastoreei uma igreja com dois homens que tinham atitudes opostas em

relação a seus dons: um deles sempre fazia pouco de seus dons e não os usava, enquanto o outro se vangloriava o tempo todo de dons que não possuía. Na verdade, os dois estavam sendo orgulhosos, pois os dois se recusavam a reconhecer a graça de Deus e a dar-lhe glória. Moisés cometeu um erro parecido quando Deus o chamou (Êx 4:1-13). Quando os cristãos de uma igreja conhecem seus dons, os aceitam pela fé e os usam para a glória de Deus, o Senhor pode abençoar de maneira maravilhosa.

Cooperação fiel (vv. 4-8). Cada cristão possui um dom diferente, e Deus concedeu esses dons para que a igreja local possa crescer de maneira equilibrada. Mas cada cristão deve exercitar seu dom pela fé. Talvez não vejamos os resultados de nosso ministério, mas o Senhor vê e abençoa. É interessante observar que a "exortação" (encorajamento) é um ministério espiritual tão válido quanto pregar ou ensinar. Contribuir financeiramente e demonstrar misericórdia também são dons importantes. Para alguns, Deus deu a habilidade de governar ou de administrar as diversas funções da igreja. Qualquer que seja nosso dom, devemos consagrá-lo a Deus e usá-lo para o bem de toda a igreja.

É triste quando apenas um dos dons é enfatizado em uma igreja local em detrimento de todos os outros. "Porventura, são todos apóstolos? Ou, todos profetas? São todos mestres? Ou, operadores de milagres? Têm todos dons de curar? Falam todos em outras línguas? Interpretam-nas todos?" (1 Co 12:29, 30). A resposta para todas essas perguntas é "não". Quando o cristão subestima os outros dons e enfatiza o seu próprio, nega o propósito para o qual os dons foram concedidos: o benefício de todo o corpo de Cristo. "A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso" (1 Co 12:7).

Os dons espirituais são instrumentos que devem ser usados para a edificação, não brinquedos para a recreação nem armas de destruição. Em Corinto, os cristãos estavam acabando com o ministério, pois usavam indevidamente os dons espirituais. Exercitavam esses dons como um fim em si mesmo, não

como um meio de edificar a igreja. Enfatizavam tanto os dons espirituais que perderam as virtudes espirituais! Tinham os dons do Espírito, mas lhes faltavam os frutos do Espírito: amor, alegria, paz etc. (Gl 5:22, 23).

Participação amorosa (vv. 9-16). A ênfase desta passagem é sobre as atitudes dos que exercitam os dons espirituais. É possível usar um dom espiritual de maneira não espiritual. Paulo também deixa isso claro em 1 Coríntios 13, o maravilhoso "capítulo do amor" no Novo Testamento. O amor é o sistema circulatório do corpo espiritual, permitindo que todos os membros funcionem de maneira saudável e harmoniosa. É preciso ser um amor honesto, não hipócrita (Rm 11:9); também deve ser humilde, não orgulhoso (Rm 11:10). A oração "preferindo-vos em honra uns aos outros" refere-se a tratar os outros como mais importantes do que nós (Fp 2:1-4).

Servir a Cristo, normalmente, traz oposição satânica e dias de desânimo. Paulo admoesta seus leitores a manter seu zelo espiritual, pois estão servindo ao Senhor, não a homens. Os cristãos não podem permitir que seu zelo esfrie quando a vida fica difícil. "Regozijai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, na oração, perseverantes" (Rm 12:12).

Por fim, Paulo os lembra de que devem se colocar no lugar dos outros. A comunhão cristã vai muito além de um tapinha nas costas e de um aperto de mão. Significa dividir os fardos e as bênçãos para que todos cresçamos juntos e glorifiquemos ao Senhor. Se os cristãos não conseguem se entender, não podem enfrentar os inimigos. Uma atitude humilde e uma disposição para compartilhar são as marcas de um cristão que, verdadeiramente, ministra ao corpo. Jesus ministrou a pessoas comuns, e elas o ouviram com alegria (Mc 12:37). A igreja local que resolve dedicar-se apenas à "classe alta" está fora do ideal cristão de ministério.

3. NOSSO RELACIONAMENTO COM OS INIMIGOS (RM 12:17-21)

O cristão que procura obedecer a Deus terá inimigos. Jesus tinha inimigos quando ministrava aqui na Terra. Não importava por onde

Paulo e os outros apóstolos passavam, sempre havia inimigos para se opor a seu trabalho. Jesus advertiu os discípulos de que seus piores inimigos poderiam ser as pessoas de sua própria casa (Mt 10:36). Infelizmente, alguns cristãos têm inimigos porque lhes falta amor e paciência, não porque sejam fiéis em seu testemunho. Há uma diferença entre participar do "escândalo da cruz" (Gl 5:11; 6:12-15) e ser um motivo de escândalo!

O cristão não deve fazer papel de Deus e tentar se vingar. A maioria das pessoas tem a filosofia de pagar com a mesma moeda, mas os cristãos devem viver num patamar mais elevado e pagar o mal com o bem. É evidente que isso exige *amor*, pois nossa tendência é sempre reagir. Também exige fé, pois precisamos crer que Deus pode operar e fazer sua vontade em nossa vida e na vida daqueles que nos magoam. Devemos "[dar] lugar à ira" - a ira de Deus (Dt 32:35).

Certa vez, um amigo meu ouviu um pregador criticá-lo em um programa de rádio e dizer coisas a seu respeito que não apenas eram indelicadas, mas também incorretas. Meu amigo ficou extremamente zangado e planejava reagir, quando um pastor lhe disse: "Não faça isso. Se você se defender, o Senhor não poderá defendê-lo. Deixe tudo nas mãos de Deus". Meu amigo seguiu esse conselho sábio, e o Senhor o vindicou.

A admoestação de Romanos 12:20 traz à memória as palavras de Jesus em Mateus 5:44-48. São palavras fáceis de ler, mas difíceis de praticar. Sem dúvida, precisamos orar e pedir a Deus que nos dê amor ao procurarmos demonstrar bondade para com nossos inimigos. Eles se aproveitarão de nós? Vão nos odiar ainda mais? Só Deus sabe. Nossa tarefa não é nos proteger, mas sim obedecer ao Senhor e deixar os resultados por sua conta. Quando Paulo insta a pagar o mal com o bem em nome do Senhor, faz referência a Provérbios 25:21, 22: As "brasas vivas" talvez sejam a vergonha que nossos inimigos sentirão quando lhes pagarmos o mal com o bem.

Como filhos de Deus, devemos viver no nível mais elevado - pagando o mal com o bem. O mal só pode ser sobrepujado através

do bem. Se pagarmos com a mesma moeda, só alimentaremos ainda mais o conflito. Mesmo que nosso inimigo não seja cristão, experimentamos o amor de Deus em nosso coração e crescemos na graça.

4. NOSSO RELACIONAMENTO COM O ESTADO (Rm 13:1-14)

Deus estabeleceu três instituições: o lar (Gn 2:18-25), o governo (Gn 9:1-17) e a Igreja (At 2). Nesta epístola, Paulo se dirige a cristãos que se encontram no centro do império romano. A essa altura, as grandes perseguições ainda não haviam começado, mas estavam a caminho. O cristianismo ainda era considerado uma seita do judaísmo, e a religião judaica tinha a aprovação de Roma. Mas, um dia, seria extremamente difícil, senão impossível, um cristão manter-se leal ao imperador. Não poderia colocar incenso no altar e declarar "César é deus!"

Em nosso tempo, há quem instigue tumultos e revoltas *em nome de Cristo!* Tais pessoas afirmam que é uma atitude cristã desobedecer à lei, se rebelar contra as autoridades e permitir que cada um faça o que parece certo a seus próprios olhos. Neste capítulo, Paulo refuta essa idéia explicando quatro motivos pelos quais o cristão deve se sujeitar às leis do Estado.

Por causa do castigo (vv. 1-4). Foi Deus quem estabeleceu os governos do mundo (ver At 17:24-28). Isso não significa que seja responsável pelos pecados de tiranos, mas sim que a autoridade de governar é proveniente de Deus. Foi essa lição que Nabucodonosor teve de aprender da maneira mais difícil (ver Dn 4, especialmente os vv. 17, 25 e 32). Resistir à lei é o mesmo que resistir ao Deus que instituiu o governo no mundo, e tal resistência atrai o respectivo castigo.

Os governantes devem empunhar a espada; ou seja, devem ter o poder para castigar e até mesmo para tirar a vida. Deus estabeleceu o governo humano porque o homem é pecador e precisa de algum tipo de autoridade sobre si. Deus deu a espada aos governantes e, com ela, a autoridade de castigar e até mesmo executar. A pena de morte foi ordenada em Gênesis 9:5, 6 e continua em

vigor. Apesar de nem sempre podermos respeitar a pessoa que ocupa o cargo, devemos respeitar o cargo em si, pois o governo foi ordenado por Deus.

Em mais de uma ocasião ao longo de seu ministério, Paulo usou a lei romana para proteger sua vida e ampliar sua obra. Temos a impressão de que os centuriões mencionados no Livro de Atos são homens de caráter e de altos ideais. Mesmo que os governantes não sejam cristãos, ainda assim são “ministros de Deus”, pois foi ele quem estabeleceu a autoridade do Estado.

Por causa da consciência (vv. 5-7). Essa motivação mostra-se um tanto mais elevada que a anterior. Qualquer cidadão pode obedecer à lei por medo do castigo, mas o cristão deve lhe obedecer por uma questão de consciência. É evidente que, se o governo interfere na consciência, o cristão deve obedecer a Deus, não aos homens (At 5:29). Mas quando a lei é correta, o cristão deve lhe obedecer, a fim de manter a consciência limpa (1 Tm 1:5, 19; 3:9; 4:2; At 24:16).

O governo dos Estados Unidos possui um “Fundo de Consciência” para as pessoas que desejam pagar suas dívidas para com o governo e permanecer anônimas. Alguns municípios têm um fundo parecido. Li sobre uma cidade que havia investigado alguns casos de fraude fiscal e anunciado que vários cidadãos seriam indiciados. Ao fazer essa declaração, porém, não foram citados os nomes dos culpados. Naquela semana, várias pessoas foram à prefeitura para “colocar os impostos em ordem” – e muitas delas nem estavam na lista daqueles que seriam indiciados. Quando a consciência começa a trabalhar, não conseguimos conviver conosco mesmos até colocar tudo em ordem.

Romanos 13:7 ordena que paguemos tudo o que devemos: impostos, taxas, respeito, honra. Se não pagarmos nossos impostos, demonstraremos desrespeito para com a lei, as autoridades e o Senhor, e essa falta de consideração afeta, inevitavelmente, a consciência do cristão. Podemos não concordar com o que é feito com o dinheiro dos

violar nossa consciência nem nos recusar a pagar.

Por causa do amor (vv. 8-10). Paulo amplia o círculo de responsabilidade de modo a incluir outras pessoas além das autoridades. “Amam-vos uns aos outros” é o princípio fundamental da vida cristã. É o “novo mandamento” que Cristo nos deu (Jo 13:34). Quando praticamos o amor, não precisamos de nenhuma outra lei, pois o amor abrange todas as coisas! Se amarmos os outros, não pecaremos contra eles. Isso explica por que o Novo Testamento não se refere com frequência aos Dez Mandamentos. Na verdade, o mandamento acerca do sábado sequer é mencionado em qualquer das epístolas. Como cristãos, não vivemos sob a Lei, mas sim sob a graça. Nossa motivação para obedecer a Deus e ajudar os outros é o amor de Cristo em nosso coração.

A frase: “A ninguém fiquéis devendo coisa alguma” também se refere às práticas financeiras do cristão? Alguns acreditam que sim e afirmam que é pecado ter dívidas. J. Hudson Taylor, o piedoso missionário na China, recusava-se a fazer qualquer dívida tomando por base esse versículo. Charles Spurgeon, conhecido pregador batista, tinha a mesma convicção. No entanto, a Bíblia não proíbe fazer empréstimos nem realizar transações legais que envolvam juros. O que a Bíblia proíbe é a cobrança de juros abusivos, a extorsão de irmãos [e a inadimplência no caso de dívidas honestas (ver Êx 22:25-27; Ne 5:1-11). Mateus 25:27 e Lucas 19:23 indicam que os negócios bancários e os investimentos financeiros não são errados. Sem dúvida, não devemos fazer dívidas desnecessárias nem assinar contratos que não seremos capazes de cumprir. “Não furtares.” No entanto, aplicar Romanos 13:8 a todo tipo de obrigação legal envolvendo dinheiro me parece uma interpretação forçada.

Nesta seção, Paulo concentrou-se no cerne do problema: o coração humano. Pelo fato de o coração do homem ser pecaminoso, Deus instituiu o governo. No entanto, as leis não têm poder de mudar o coração; ele continua sendo egoísta e só pode ser trans-

Por causa de Jesus (vv. 11-14). Percorremos um longo caminho nesta apresentação dos motivos para obedecer à lei: do medo à consciência, da consciência ao amor, e do amor à nossa devoção a Jesus Cristo! A ênfase é sobre a volta iminente de Cristo. Como seus servos, desejamos que, ao voltar, ele nos encontre fiéis. A consumação de nossa salvação está próxima, e o dia está raiando! Portanto, devemos estar preparados!

Diante da volta iminente de Cristo, Paulo dá várias admoestações. A primeira é: "Acordem!" e pode ser relacionada a 1 Tessalonicenses 5:1-11 e também a Mateus 25:1-13: A segunda é "Purifiquem-se!". Não queremos ser encontrados vestidos com roupas sujas quando o Senhor voltar (1 Jo 2:28 - 3:3). O cristão reveste-se da armadura da luz, não das obras das trevas. Não tem

motivo algum para se envolver com os prazeres pecaminosos do mundo. Por fim, Paulo admoesta: "Cresçam!" (Rm 13:14). "[Revestir-se] do Senhor Jesus Cristo" significa tornar-se mais semelhante a ele e receber pela fé aquilo que ele tem preparado para nossa vida diária. Nosso crescimento é relacionado a nossa alimentação. Por isso, Deus nos adverte a não dispormos de coisa alguma da carne. Se nos alimentarmos das coisas da carne, falharemos; mas se alimentarmos o ser interior com as coisas nutritivas do Espírito, seremos bem-sucedidos.

Em outras palavras, o cristão deve ser um cidadão exemplar. Nem sempre os cristãos concordam com respeito a questões e partidos políticos, mas todos podem concordar quanto a sua atitude em relação ao governo humano.

QUANDO OS CRISTÃOS DISCORDAM ENTRE SI

ROMANOS 14:1 – 15:7

A desunião sempre foi um grande problema no meio do povo de Deus. Até mesmo o Antigo Testamento registra as guerras civis e conflitos familiares em Israel, e quase toda igreja local no Novo Testamento teve de lidar com divisões. Os coríntios dividiram-se por causa de líderes humanos, e alguns membros da igreja chegaram a levar outros à justiça (1 Co 1:10-13; 6:1-8). Os cristãos da Galácia estavam “se mordendo e devorando uns aos outros” (ver Gl 5:15), e os cristãos de Éfeso e Colossos precisaram ser lembrados da importância da união entre os cristãos (Ef 4:1-3; Cl 2:1, 2). Na igreja de Filipos, o conflito entre duas mulheres resultou na divisão da igreja (Fp 4:1-3). Não é de se admirar que o salmista tenha escrito: “Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos!” (Sl 133:1).

Alguns desses problemas eram decorrentes das origens dos cristãos nas igrejas. Os judeus, por exemplo, haviam sido salvos em um contexto legalista, rígido e extremamente difícil de deixar para trás. Os gentios nunca precisaram se preocupar com a observância de dietas e dias especiais. A primeira assembléia da história da Igreja discutiu a relação entre os cristãos e a Lei (At 15).

Havia divisão entre os cristãos em Roma por causa das dietas e de dias especiais. Alguns membros da comunidade acreditavam que era pecado comer carne, de modo que adotaram uma dieta vegetariana. Outros acreditavam que era pecado observar os dias santos dos judeus. Se cada cristão tivesse guardado sua convicção para si, não teria havido problema; mas não foi o que aconte-

a criticar e julgar uns aos outros. Cada grupo acreditava que o outro não era tão espiritual quanto deveria ser.

Infelizmente, temos problemas parecidos hoje em dia por causa de algumas questões que não ficam inteiramente claras. Sabemos que algumas atividades são erradas, pois a Bíblia as condena explicitamente. Sabemos, também, que outras são certas, pois a Bíblia as aprova claramente. No entanto, em se tratando de áreas que não são definidas de maneira inequívoca nas Escrituras, precisamos de algum outro tipo de orientação. Paulo apresenta os princípios para essa orientação. Explica de que modo os cristãos podem discordar com respeito a coisas secundárias e, ainda assim, manter a união dentro da igreja. Oferece aos seus leitores três admoestações importantes.

1. ACOLHER UNS AOS OUTROS (Rm 14:1-12)

Podemos observar que esta seção começa e termina com a mesma admoestação (Rm 15:7). Paulo se dirige aos “fortes na fé”, ou seja, os que compreendiam a liberdade em Cristo e não eram escravos de dietas e da observância a dias santos. Os “débeis na fé” eram os cristãos imaturos, que se sentiam constrangidos a obedecer a regras legalistas com respeito à alimentação e às ocasiões de adoração. Muitas pessoas acreditam que os cristãos que seguem as regras mais rígidas são os mais maduros, mas nem sempre esse é o caso. Nas igrejas em Roma, os cristãos mais fracos eram os que se apegavam à Lei e não desfrutavam sua liberdade no Senhor. Os cristãos débeis julgavam e condenavam os cristãos fortes, e estes, por sua vez, desprezavam os débeis.

“Acolhei-vos uns aos outros!” – essa é a primeira admoestação de Paulo, para a qual ele apresenta quatro motivos.

Deus nos acolheu (vv. 1-3). Não é nossa responsabilidade decidir quais são os requisitos para a comunhão cristã na igreja; isso é algo que somente o Senhor pode fazer. Determinar restrições criadas por homens com base em preconceitos (ou mesmo convic-

Devemos acolher uns aos outros porque Deus nos acolheu. Talvez Agostinho tenha expressado essa questão de maneira mais adequada ao dizer: "Nas coisas essenciais, união; nas coisas não-essenciais, liberdade; em todas as coisas, caridade".

Quando Deus enviou Pedro a pregar o evangelho aos gentios, a igreja criticou o apóstolo por haver comido com esses recém-convertidos (At 11:1-3). No entanto, Deus revelou claramente que aceitava os gentios ao lhes conceder o mesmo Espírito Santo que concedera aos cristãos judeus em Pentecostes (At 10:44-48; 11:15-18). Pedro não seguiu essa verdade de modo coerente, pois, em uma ocasião posterior, se recusou a ter comunhão com os cristãos gentios de Antioquia, e Paulo precisou repreendê-lo (Gl 2:11-13). Deus mostrou tanto a Pedro quanto a Paulo que a comunhão cristã não deve se basear em alimentos nem em calendários religiosos.

Toda igreja tem cristãos mais fortes e mais fracos. Os mais fortes compreendem e praticam as verdades espirituais, mas os mais fracos ainda não alcançaram esse mesmo nível de maturidade e liberdade. Os mais fracos não devem condenar os mais fortes e dizer que estes não são espirituais. Os mais fortes não devem desprezar os mais fracos e dizer que estes são imaturos. Deus acolheu tanto os fracos quanto os fortes e, portanto, devem acolher uns aos outros.

Deus sustenta os seus (v. 4). Os cristãos mais fortes estavam sendo julgados pelos mais fracos, e Paulo condena essa atitude, pois é errado um cristão débil assumir o lugar de Deus na vida de um cristão forte. Deus é o Senhor; o cristão é o servo. É errado qualquer um interferir nessa relação.

É um grande estímulo saber que nosso sucesso na vida cristã não depende das opiniões ou das atitudes de outros cristãos. Deus é o Juiz, e ele é capaz de nos manter firmes. O termo "servo", neste versículo, indica que os cristãos devem se ocupar da obra do Senhor; desse modo não terão tempo nem disposição para julgar nem para condenar outros cristãos. As pessoas ocupadas em ganhar almas para Cristo têm coisas mais

importantes a fazer do que investigar a vida de outros cristãos!

Jesus Cristo é Senhor (vv. 5-9). O termo "Senhor" é usado sete vezes nestes versículos. Nenhum cristão tem o direito de "fazer papel de Deus" na vida de outro. Podemos orar, aconselhar e até mesmo admoestar, mas não podemos tomar o lugar de Deus. O que faz com que um alimento ou um dia seja "santo"? É o fato de o relacionarmos ao Senhor. A pessoa que considera certo dia santo "para o Senhor o faz". O cristão que come carne dá graças ao Senhor, e o cristão que se abstém da carne, se abstém "para o Senhor". A oração "cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente" (Rm 14:5) significa: cada um esteja certo de que aquilo que faz é para o Senhor, não apenas por causa de algum preconceito ou capricho.

Alguns parâmetros e práticas de nossas igrejas locais são tradições. Mas nem por isso são, necessariamente, baseados nas Escrituras. Alguns talvez se lembrem de quando cristãos devotos se opuseram a programas de rádio evangélicos porque Satanás é o "príncipe da potestade do ar"! Há quem considere até a tradução Bíblia que alguém lê um teste de ortodoxia. A igreja sofre divisões e é enfraquecida quando os cristãos não permitem que Jesus Cristo seja o Senhor.

Uma ilustração interessante dessa verdade pode ser encontrada em João 21:15-25: Jesus havia restaurado Pedro a sua posição de apóstolo, dizendo-lhe mais uma vez: "Segue-me". Pedro começou a seguir Cristo e, enquanto andavam, ouviu alguém caminhando atrás deles. Era o apóstolo João.

Então, Pedro perguntou a Jesus: "E quanto a este?"

Devemos observar com atenção a resposta de Jesus: "Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me". Em outras palavras, "Pedro, esteja certo de que você me colocou como Senhor de sua vida. Deixe que eu me preocupe com João". Sempre que ouço cristãos condenando outros sobre algum ponto controverso, algo que não é essencial nem

proibido na Palavra, tenho vontade de dizer: "Que te importa? Siga a Cristo! Deixe que ele seja o Senhor!"

Paulo enfatiza a união do cristão com Cristo: "Porque, se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. Quer, pois, vivamos ou morramos, somos do Senhor" (Rm 14:8). Nossa primeira responsabilidade é para com o Senhor. Se os cristãos se dirigissem a Deus em oração em vez de se dirigirem aos irmãos com críticas, as igrejas teriam uma comunhão mais forte.

Jesus Cristo é Juiz (vv. 10-12). Paulo pergunta ao cristão mais fraco: "Tu, porém, por que julgas teu irmão?" Em seguida, pergunta ao cristão mais forte: "E tu, por que desprezas o teu?" Tanto os fortes quanto os fracos terão de comparecer perante o Senhor no julgamento final e não julgarão uns aos outros – serão julgados por Cristo.

O "tribunal de Deus" é o lugar onde as obras do cristão serão julgadas pelo Senhor. Não tem nada a ver com nossos pecados, pois Cristo já pagou por eles, portanto não podem ser usados para nos condenar (Rm 8:1). O termo traduzido aqui por "tribunal" é a palavra grega *bema*, que se refere ao lugar onde os juízes ficavam nas competições atléticas. Se, durante os jogos, viam algum atleta transgredir as regras, imediatamente o desqualificavam. No final da competição, esses mesmos juízes distribuía os prêmios (ver 1 Co 9:24-27). 1 Coríntios 3:10-15 apresenta outra imagem do tribunal de Deus. Paulo compara nossos ministérios com a construção de um templo. Se construirmos com materiais baratos, o fogo os consumirá. Se usarmos materiais preciosos e duradouros, nossas obras permanecerão. Se nossas obras passarem no teste, receberemos a recompensa. Se forem queimadas, perderemos a recompensa, mas ainda seremos salvos "como que através do fogo".

De que maneira o cristão pode se preparar para o tribunal de Deus? Aceitando o senhorio de Jesus Cristo em sua vida e lhe obedecendo fielmente. Em vez de julgar ou

e nos certificar de que estamos preparados para nos encontrar com Cristo no *bema* (ver Lc 12:41-48; Hb 13:17 e 1 Jo 2:28).

O fato de que nossos pecados nunca mais serão usados contra nós não deve servir de encorajamento para desobedecermos a Deus. O pecado em nossa vida nos impede de servir a Cristo da maneira como deveríamos, e isso significa que perdemos a recompensa. Ló é um bom exemplo dessa verdade (Gn 18 - 19). Não andava com Deus como seu tio Abraão e, como resultado, perdeu seu testemunho até mesmo dentro de sua família. Quando, por fim, sobreveio o julgamento, Ló foi poupado do fogo e do enxofre, mas tudo aquilo a que havia dedicado sua vida foi consumido. Ele foi salvo "como que através do fogo".

Paulo explica que os cristãos não precisam prestar contas sobre ninguém mais além de si mesmos. Assim, devem se certificar de que essa prestação de contas será positiva. Sua ênfase aqui é sobre o princípio do senhorio – fazer de Jesus Cristo o Senhor de nossa vida e deixar que ele também seja o Senhor sobre a vida de outros cristãos.

Dois dos cristãos mais famosos da Inglaterra vitoriana foram Charles Spurgeon e Joseph Parker, ambos homens que pregaram o evangelho com grande poder. No começo do ministério, os dois chegaram a pregar na igreja um do outro. Então, tiveram um desentendimento, e essa desavença chegou aos jornais. Spurgeon acusou Parker de não ser espiritual, pois costumava ir ao teatro. O mais interessante é que Spurgeon fumava charutos, prática condenada por muitos cristãos. Quem estava certo? Quem estava errado? Talvez os dois estivessem errados! Em se tratando de assuntos questionáveis na vida cristã, será que os cristãos não podem discordar sem desconiliar?

Certa vez, um amigo disse:

– Descobri que o Senhor abençoa as pessoas das quais discordo! – e eu mesmo aprendi essa lição.

Quando Jesus Cristo é o Senhor, deixamos que ele trate de seus servos como

2. EDIFICAR UNS AOS OUTROS (Rm 14:13-23)

Se nos ativéssemos à primeira admoestação, poderíamos imaginar que os cristãos deveriam deixar uns aos outros em paz e permitir que os fracos permanecessem fracos. No entanto, esta segunda admoestação explica a situação em mais detalhes. A ênfase aqui não é sobre a relação entre “servos e senhores”, mas sim sobre a relação entre “irmãos” – o princípio do amor fraternal. Se amarmos uns aos outros, procuraremos edificar uns aos outros e promover o crescimento mútuo na fé. Paulo compartilha vários fatos para promover a colaboração entre os irmãos.

Os cristãos exercem influência mútua (vv. 13-15). Podemos afetar a vida uns dos outros de várias maneiras. Podemos ser causa de tropeço, entristecer ou mesmo destruir a outros. Paulo está se referindo à maneira dos cristãos mais fortes de afetarem os mais fracos. O apóstolo trata de um problema semelhante em 1 Coríntios 8 a 9, em que a pergunta é: “o cristão deve comer carne que foi oferecida a ídolos em templos pagãos?” Nesta passagem, Paulo ressalta que o conhecimento e o amor devem andar juntos. “O saber ensoberbece, mas o amor edifica” (1 Co 8:1). O cristão mais forte possui conhecimento espiritual, mas se não praticar o amor, seu conhecimento ofenderá o cristão mais fraco. O saber deve ser contrabalançado pelo amor.

É comum as crianças terem medo do escuro e pensarem que há algo escondido dentro do armário. Claro que a mãe sabe que a criança está perfeitamente segura, mas seu conhecimento não é suficiente para tranquilizar ou consolar a criança. É impossível fazer uma criança perder o medo por meio da argumentação. Quando a mãe senta-se na beira da cama, conversa com a criança com todo carinho e lhe garante que está segura, a criança consegue dormir sem medo. O conhecimento combinado com o amor ajuda a pessoa fraca a se fortalecer.

“Nenhuma coisa é de si mesma impura”, diz Paulo (Rm 14:14). Nenhum alimento, pessoa ou dia é impuro (ler Atos 10 para ver como Pedro aprendeu essa lição). O que

determina a qualidade de algo é seu efeito sobre a pessoa. Alguém pode ler certos livros e não se sentir perturbado, enquanto um cristão mais fraco pode ler os mesmos livros e ser tentado a pecar. A questão não é tanto “De que maneira isso nos afeta?”, mas sim: “De que maneira isso afetará nosso irmão?” Será um tropeço para ele? Isso o entristecerá ou destruirá ao incentivá-lo a pecar? Vale mesmo a pena prejudicar um irmão só para podermos desfrutar um alimento? De modo algum!

Os cristãos devem ter prioridades (vv. 16-18). Assim como os fariseus da Antiguidade, nós cristãos temos a tendência de nos concentrar nas minúcias (Mt 23:23, 24). Vi igrejas se dividirem por causa de questões insignificantes, quando comparadas com o que há de mais vital na fé cristã. Já ouvi falar de igrejas que se dividiram por causa de coisas secundárias, como o lugar onde o piano deveria ficar no templo ou a prática de servir refeições na igreja aos domingos. “Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo” (Rm 14:17). “Não é a comida que nos recomendará a Deus, pois nada perderemos, se não comermos, e nada ganharemos, se comermos” (1 Co 8:8).

Nossas prioridades não devem ser as coisas externas, mas sim as coisas eternas: retidão, paz e alegria. De onde elas vêm? Do Espírito Santo de Deus operando em nossa vida (ver Rm 5:1, 2). Se cada cristão se entregasse ao Espírito e se concentrasse em levar uma vida piedosa, não veríamos cristãos discutindo entre si por causa de coisas secundárias. As prioridades espirituais são essenciais para a harmonia na igreja.

Os cristãos devem ajudar uns aos outros a crescer (vv. 19-21). Tanto o cristão mais forte quanto o mais fraco precisam crescer. O mais forte precisa crescer em *amor*, enquanto o mais fraco precisa crescer em *conhecimento*. Enquanto um irmão for débil na fé, devemos tratá-lo com amor em meio a sua imaturidade. No entanto, se realmente o amarmos, o ajudaremos a crescer. É errado um cristão permanecer imaturo e com uma consciência hipersensível.

Uma ilustração do lar pode nos ajudar a entender melhor as implicações dessa questão. Os pais têm o cuidado de não deixar qualquer objeto perigoso, como, por exemplo, uma tesoura, ao alcance do filho. Mas, à medida que essa criança se torna mais madura, os pais podem adaptar as regras da casa e tratar o filho de maneira mais adulta. É natural uma criança tropeçar quando está aprendendo a andar. Mas sabemos que algo não está certo quando um adulto tropeça o tempo todo.

Os cristãos recém-convertidos precisam uma comunhão que os proteja e estimule seu crescimento. No entanto, não podemos tratá-los como “bebês” a vida toda! Os cristãos mais velhos devem usar de amor e paciência e cuidar para não fazê-los tropeçar. Todavia, esses cristãos mais novos devem “[crescer] na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2 Pe 3:18). Ao amadurecer na fé, podem ajudar outros cristãos a crescer também. Voltar todo o ministério da Escola Bíblica Dominical ou da igreja local apenas para os “bebês” na fé acaba impedindo seu crescimento e atrapalhando o ministério dos cristãos mais maduros. Os mais fracos devem aprender com os mais fortes, os mais fortes devem amar os mais fracos. O resultado será paz e maturidade para a glória de Deus.

Os cristãos não devem impor suas opiniões sobre os outros (vv. 22, 23). Certas verdades devem ser aceitas pelos cristãos porque constituem os alicerces da fé. Mas outras áreas de divergência não precisam ser transformadas em testes de comunhão. Se temos uma convicção sincera recebida de Deus sobre determinada questão, devemos guardá-la para nós mesmos e não tentar impô-la sobre outros. Nenhum cristão pode “tomar emprestadas” as convicções de outro e ter uma vida cristã honesta. A menos que as aceite e que as pratique pela fé, estará pecando ao tomá-las para si. Mesmo que as convicções de uma pessoa sejam imaturas, não deve jamais violar sua consciência. Um cristão maduro, por exemplo, sabe que um ídolo não é coisa alguma.

se converter e deixar a idolatria pagã pode ter certos receios quanto aos ídolos. Se o cristão mais forte obriga o cristão mais fraco a comer carne sacrificada a um ídolo, o recém-convertido pode ter problemas com sua consciência e, com isso, se tornar ainda mais débil (ver 1 Co 8 – 9).

A consciência é fortalecida pelo conhecimento. No entanto, o conhecimento deve ser contrabalançado pelo amor; de outro modo, o saber destruirá ao invés de edificar. O fato de que “nenhuma coisa é de si mesma impura” (Rm 14:14, 20) não é suficiente para promover o crescimento de um cristão e o desenvolvimento de sua consciência. Os cristãos podem ter convicções diferentes sobre várias coisas, mas devem manter-se firmes a elas em amor.

3. AGRADAR UNS AOS OUTROS (Rm 15:1-7)

Paulo coloca-se junto aos cristãos mais fortes ao tratar de um problema fundamental: o *egoísmo*. O verdadeiro amor cristão não é egoísta; antes, procura compartilhar com os outros e fazê-los felizes. Mostra-se disposto até a carregar os mais novos na fé a fim de ajudá-los em seu desenvolvimento espiritual. Não se trata de suportar essas pessoas, mas sim de encorajá-las!

É evidente que o maior exemplo disso vem de Jesus Cristo. Ele pagou um preço tremendo a fim de ministrar a nós. Paulo usa o Salmo 69:9 para apoiar sua argumentação. Uma pessoa mais madura na fé pensa que faz um grande sacrifício quando abre mão de alguma comida ou bebida? Nesse caso, deve comparar seu sacrifício com aquele que Cristo fez na cruz. Nenhum sacrifício que fazemos pode se equiparar àquele do Calvário.

A maturidade espiritual de uma pessoa é revelada por seu discernimento. Ela se mostra disposta a abrir mão de seus direitos para que outros possam ser ajudados. Não faz isso como um fardo, mas como uma bênção. Assim como os pais amorosos fazem sacrifícios pelos filhos, os cristãos mais maduros sacrificam-se para ajudar os mais novos

Paulo fala de duas fontes de poder espiritual às quais devemos recorrer a fim de viver de modo agradável aos outros: a Palavra de Deus (Rm 15:4) e a oração (Rm 15:5, 6). Devemos confessar que, por vezes, ficamos impacientes com os cristãos mais novos, da mesma forma como os pais ficam impacientes com os filhos. No entanto, a Palavra de Deus pode nos dar a "paciência e consolação" de que precisamos. Paulo encerra essa seção orando por seus líderes, para que também recebam de Deus a união espiritual que só ele pode dar.

Isso mostra que a igreja local deve concentrar-se na Palavra de Deus e na oração. A primeira ameaça real à harmonia na igreja surgiu quando os apóstolos começaram a ficar ocupados demais, a ponto de não terem tempo para ministrar a Palavra de Deus e de orar (At 6:1-7). Quando encontraram

outros com os quais dividir seus fardos, voltaram a seu ministério, e a igreja teve harmonia e crescimento.

O resultado disso tudo, evidentemente, é a glória a Deus (Rm 15:7). A desunião e a discórdia não glorificam a Deus, mas sim tiram dele a glória que lhe é devida. As palavras de Abraão a Ló também valem para nós nos dias de hoje: "Não haja contenda entre mim e ti [...] porque somos parentes chegados" (Gn 13:8). Os vizinhos os observavam, e Abraão desejava que vissem como ele e Ló eram diferentes dos outros porque adoravam o Deus verdadeiro. Em sua oração em João 17, Jesus pede pela união da Igreja para a glória de Deus (Jo 17:20-26).

Devemos acolher uns aos outros, edificar uns aos outros e agradar uns aos outros - tudo para a glória de Deus.

UM HOMEM ATIVO

ROMANOS 15:8 – 16:27

Uma das palavras-chave dos últimos capítulos de Romanos é “ministério”. Na verdade, Paulo usa três termos gregos diferentes para tratar desse tema. Em Romanos 15:8, 25, 31 e 16:1, emprega uma designação referente a um servo ou serviço. Nossa designação “diácono” vem dessa palavra. Em Romanos 15:16 e 27 (o termo “ministro” e a expressão “servi-los”), o apóstolo usa a palavra comum para o serviço em um cargo público ou no templo. Em Romanos 15:16, emprega uma expressão (“sagrado encargo”), que não se encontra em nenhuma outra parte do Novo Testamento grego e que significa “realizar ritos sagrados, ministrar em serviço sacerdotal”.

Nesta seção, Paulo explica quatro ministérios diferentes.

1. O MINISTÉRIO DE JESUS CRISTO AOS GENTIOS (Rm 15:8-13)

O exemplo supremo de ministério deve sempre ser Jesus Cristo. “Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve” (Lc 22:27). Cristo veio, em primeiro lugar, para ministrar aos judeus, a fim de que, por meio de Israel, pudesse ministrar aos gentios. O princípio de evangelismo “primeiro ao judeu” foi seguido tanto no ministério de Cristo aqui na terra quanto no ministério da Igreja em seu início.

João Batista, por exemplo, veio ministrar à nação de Israel a fim de prepará-la para o Messias. Quando Jesus começou seu ministério, dedicou-se somente ao povo de Israel. Quando enviou seus apóstolos, ordenou-lhes: “Não tomeis rumo aos gentios, nem

preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 10:5, 6). Isso não significa que Jesus ignorou os gentios como indivíduos, pois ministrou a alguns deles (Mt 8:5-13; 15:21-28); todavia, sua ênfase foi sobre Israel.

Depois de sua ressurreição, Jesus ordenou que os apóstolos permanecessem em Jerusalém e começassem seu ministério nessa cidade (Lc 24:44-49). O período registrado em Atos 1 - 7 é caracterizado por um ministério voltado exclusivamente para os judeus e gentios prosélitos. Só em Atos 8 vemos o evangelho ser levado aos samaritanos e, em Atos 10, aos gentios. Então, pelo ministério de Paulo, as boas-novas foram proclamadas por todo o império romano (At 13:1-3).

Quando veio ao mundo e morreu, Jesus Cristo confirmou as promessas que Deus havia feito a Abraão e aos outros “pais” do povo de Israel (ver Lc 1:30-33, 46-55 e 67-80). Algumas delas já se cumpriram, mas muitas ainda aguardam seu cumprimento quando Cristo voltar à Terra para estabelecer seu reino.

Foi egoísmo da parte de Deus concentrar-se nos judeus? Não, pois seria por meio dos judeus que enviaria as boas-novas da salvação aos gentios. Os primeiros cristãos foram judeus que creram! “Porque a salvação vem dos judeus” (Jo 4:22). No período do Antigo Testamento, Deus escolheu Israel para ministrar aos gentios; em vez disso, porém, Israel imitou os costumes idólatras dos gentios e teve de ser disciplinado. No período do Novo Testamento, Deus escolheu os cristãos judeus para levar as boas-novas aos gentios, e eles lhe obedeceram.

Podemos observar uma bela progressão nas promessas que Paulo cita em Romanos 15:9-12:

- Os judeus glorificam a Deus *entre* os gentios (Rm 15:9, citando Sl 18:49).
- Os gentios se alegram *com* os judeus (Rm 15:10, citando Dt 32:43).
- Todos os judeus e gentios louvam a Deus *juntos* (Rm 15:11, citando Sl 117:1).
- Cristo reinará *sobre* judeus e gentios

Romanos 15:8 refere-se ao período dos Evangelhos e Atos 1 a 7. Romanos 15:9 descreve o ministério de Paulo em seu testemunho aos gentios. Romanos 15:10 pode ser aplicado à assembléia da igreja em Atos 15, quando os gentios são colocados na mesma posição que o “seu povo”. Hoje, judeus e gentios louvam a Deus juntos na igreja.

O verbo “esperar”, no final de Romanos 15:12, é, na verdade, o termo “esperança”. Em outros tempos, os gentios “não [tinham] esperança” (Ef 2:12), mas agora, em Cristo, têm esperança. Os cristãos não apenas têm esperança, mas também alegria, paz e poder (Rm 15:13). O Espírito Santo de Deus compartilha com eles essas bênçãos, à medida que se entregam a ele.

Pelo fato de os judeus cristãos terem sido fiéis em levar o evangelho aos gentios, hoje, as nações do mundo têm a oportunidade de crer em Cristo como seu Salvador.

2. O MINISTÉRIO DE PAULO AOS GENTIOS (RM 15:14-24)

Não temos como apreciar plenamente a mensagem da graça de Deus se não compreendermos o ministério distintivo de Paulo. O apóstolo explica as características desse ministério.

Foi recebido pela graça (vv. 14, 15). Quando era Saulo de Tarso, o rabino zeloso, Paulo sabia muito pouco sobre a graça de Deus. Perseguiu a Igreja e procurou destruí-la, mas experimentou a graça de Deus quando se encontrou com Jesus Cristo na estrada para Damasco (At 9). Foi a graça de Deus que o salvou, que o chamou e fez dele um apóstolo (1 Co 15:8-11). “Por intermédio de quem viemos a receber graça e apostolado por amor do seu nome” (Rm 1:5). Em Efésios 3, Paulo explica seu ministério aos gentios em mais detalhes.

Foi dedicado ao evangelho (v. 16). Como mencionamos anteriormente, neste versículo Paulo usa duas palavras diferentes para *ministro*, mas a ênfase é sobre o serviço sacerdotal. Paulo considera-se um sacerdote no altar, oferecendo a Deus os gentios que ganhou para Cristo. São um “sacrifício espiritual” para a glória de Deus (ver 1 Pe

2:5). Até mesmo sua pregação do evangelho é um “sagrado encargo”. Essa visão mais profunda do ministério certamente confere dignidade e responsabilidade a nosso serviço. É importante que os sacerdotes ofereçam a Deus apenas o que há de melhor (ver Mt 1:6-14).

Convém observar como toda a Trindade encontra-se envolvida no ministério da Palavra. Paulo era um ministro de Jesus Cristo; pregava o “evangelho de Deus” e servia no poder do Espírito Santo de Deus que santificava seu ministério. Que grande privilégio e, ao mesmo tempo, que responsabilidade ser um servo do Deus Triúno, ganhando os perdidos para Jesus Cristo! Devemos lembrar que ganhar almas é um ministério sacerdotal e uma incumbência sagrada. Também devemos servir ao Senhor com dedicação e devoção, como os sacerdotes lhe serviam no templo.

Foi realizado para a glória de Deus (v. 17). “Tenho, pois, motivo de gloriar-me em Cristo Jesus nas coisas concernentes a Deus”. O termo traduzido por “gloriar-me” significa “me gabar, me orgulhar”. Paulo usa esse mesmo termo em Romanos 2:17, 23; 3:27; 4:2 (“se gloriar”) e 5:2, 3, 11. O apóstolo não estava se gabando de seu ministério. Estava se gloriando naquilo que o Senhor havia feito. Paulo não serviu e sofreu para engrandecer o próprio nome, pois tinha em mente propósitos muito mais elevados. Desejava glorificar a Jesus Cristo. “Para em todas as coisas ter a primazia” (Cl 1:18).

Foi realizado pelo poder de Deus (vv. 18, 19). O Espírito Santo deu poder a Paulo para ministrar e o capacitou a realizar grandes sinais e prodígios. Os milagres que Deus permitiu que Paulo realizasse serviram como “sinais” de que o apóstolo havia sido enviado por Deus e revelaram o Senhor a outros. Também foram “prodígios” no sentido de que causaram espanto nas pessoas. Todavia, o propósito desses sinais e prodígios sempre foi abrir caminho para a pregação do evangelho. Os milagres autenticavam a mensagem e o mensageiro (Hb 2:1-4). *Por si mesmos*, os milagres não têm poder algum de salvar os perdidos. Quando Paulo curou um aleijado

em Listra (At 14), a reação imediata foi totalmente pagã: as pessoas chamaram Paulo e Barnabé de deuses e tentaram adorá-los! Quando Paulo compartilhou o evangelho com eles, não reagiram com tanto entusiasmo. Por fim, o povo da cidade o apedrejou e largou do lado de fora dos muros da cidade, pensando que havia morrido.

O Espírito de Deus concedeu poder a Paulo para compartilhar a Palavra com o propósito de “conduzir os gentios à obediência” (Rm 15:18). Foi “por palavra e por obras” que o apóstolo compartilhou as boas-novas.

Hoje em dia, normalmente não temos o poder de realizar sinais e prodígios, pois esse foi um dom especial concedido aos apóstolos. Mas “por palavras e por obras” podemos compartilhar o amor de Deus com os perdidos a nosso redor. As mudanças de conduta e caráter são tão miraculosas quanto a cura de enfermos.

Foi realizado de acordo com o plano de Deus (vv. 20-24). Deus havia traçado um plano especial para Paulo seguir: não deveria pregar onde outros apóstolos haviam ministrado. (Essa é uma das provas de que Pedro não fundou as igrejas de Roma nem esteve nessa cidade, pois se tivesse sido o caso, Paulo não teria ministrado na capital do império.) “Desde Jerusalém e circunvizinhanças até ao Ilírico” (Rm 15:19) – uma área correspondente a cerca de 2.250 quilômetros! Só quando consideramos como as viagens eram lentas e perigosas (2 Co 11:26, 27), damos o devido valor às realizações extraordinárias do ministério missionário de Paulo. Apesar de não ser errado participar do trabalho de algum outro obreiro (Jo 4:38), também é bom ter um ministério pioneiro e levar o evangelho para um novo território. Paulo cita Isaías 52:15 como indicação da sanção divina para esse tipo de ministério.

Paulo não visitou Roma antes porque havia uma área extensa e repleta de oportunidades em outras partes do império romano. Não foi impedido de ir a Roma por oposição satânica ou obstáculos físicos, mas pelo desafio de completar seu trabalho no lugar onde

pôde chegar a dizer que não havia mais lugares para ministrar nessas regiões. Isso não significa que Paulo ministrou pessoalmente a todos os indivíduos, mas que levou o evangelho e, em cada um desses lugares, deixou igrejas e cristãos para testemunhar e dar continuidade à obra. Paulo terminava uma tarefa antes de começar outra, um bom exemplo para nossos ministérios evangelísticos de hoje.

Durante muitos anos Paulo desejou visitar Roma e, em seguida, viajar para a Espanha. Mas não há registros de que isso, de fato, tenha ocorrido. De acordo com a tradição, depois de ter sido libertado em Roma, Paulo chegou à Espanha e, possivelmente, até a Bretanha, mas nem sempre a tradição da Igreja é confiável.

3. O MINISTÉRIO DOS GENTIOS AOS JUDEUS (RM 15:25-33)

Paulo e seus colaboradores haviam recebido uma oferta especial das igrejas gentias da Grécia para os cristãos judeus necessitados de Jerusalém. Os detalhes da coleta dessa oferta encontram-se registrados em 2 Coríntios 8 – 9. Essa oferta especial cumpriu vários propósitos. Em primeiro lugar, foi uma expressão de amor dos gentios por seus irmãos judeus. Em segundo lugar, foi um auxílio prático num momento em que os cristãos pobres de Jerusalém encontravam-se mais carentes. Por fim, ajudou a unir e aproximar judeus e gentios na Igreja.

Paulo considerou essa oferta o pagamento de uma dívida. Os gentios haviam recebido riquezas *espirituais* dos judeus. Estavam retribuindo com riquezas *materiais* e pagando sua dívida. Paulo se julgava “devedor” de todos (Rm 1:14). Também considerava os cristãos gentios devedores dos judeus, pois foram os judeus que levaram aos gentios a Palavra de Deus, e foi por meio deles que o Filho de Deus veio ao mundo. Nós, cristãos, também devemos nos sentir devedores a Israel e pagar essa dívida orando por ele, compartilhando o evangelho e ajudando materialmente. O anti-semitismo não tem absolutamente espaço algum na vida

Essa oferta não foi apenas o pagamento de uma dívida, mas também um “fruto” (Rm 15:28). Paulo não roubou coisa alguma das igrejas! Esse fruto foi o resultado natural do relacionamento desses gentios com o Senhor (ver Jo 15:1-8).

Quando a vida do Espírito flui através da igreja, esta não sente dificuldade em ofertar. Em 2 Coríntios 8:1-5, Paulo descreve o milagre da graça ocorrido nas igrejas da Macedônia.

Paulo sentia-se ansioso para que essa oferta fosse recebida e aceita pelos cristãos judeus. Com a ajuda de Deus, desejava criar um vínculo mais próximo entre a igreja-mãe em Jerusalém e suas “filhas” em outras partes do império. Infelizmente, ainda havia judeus que se opunham à mensagem da graça aos gentios e que desejavam que os gentios se tornassem judeus e aceitassem a Lei judaica. (Os estudiosos da Bíblia os chamam de “judaizantes”. Seguiam Paulo por toda parte e tentavam tirar dele as igrejas que fundava. A Epístola aos Gálatas foi escrita para combater as obras perversas desses legalistas.)

As palavras “luteis juntamente”, em Romanos 15:30, trazem à mente um atleta dando o melhor de si numa competição. Talvez “vos esforceis juntamente” seja uma expressão mais apropriada para essa idéia. No original, o mesmo termo é usado para falar das orações de Epafras em Colossenses 4:12: Devemos ser tão fervorosos em nossa oração quanto um atleta é dedicado em suas competições.

4. O MINISTÉRIO DOS CRISTÃOS A PAULO (Rm 16:1-27)

Que capítulo extraordinário! Nele, Paulo saúda pelo menos 26 pessoas por nome e dois cristãos anônimos; saúda, também, várias igrejas que se reuniam em lares. Encerra com saudações de nove cristãos que estavam com ele em Corinto, onde escreveu a carta. Tudo isso é importante, por mostrar que Paulo não apenas ganhava almas para Cristo, mas também fazia amigos. Não tentou levar uma vida isolada; tinha amigos no Senhor e lhes dava o devido valor. Esses amigos o ajudavam tanto pessoalmente quanto

em seu ministério. Ao ler várias biografias cristãs, descobri que os servos que Deus mais usou foram aqueles capazes de fazer amigos. Eles se multiplicavam na vida de seus amigos e colaboradores de ministério. Apesar de haver espaço para o cristão mais recluso que vive a sós com o Senhor, tenho a convicção de que quase todos nós precisamos uns dos outros. Somos ovelhas, e as ovelhas vivem em rebanhos.

Alguns amigos para saudar (vv. 1-16).

O apóstolo começa com Febe, membro da igreja de Cencreia, que entregou a carta aos irmãos de Roma. Nunca uma mensageira levou consigo carta mais importante! Cencreia era o porto de Corinto, de modo que Febe provavelmente conheceu a Cristo durante o ano e meio em que Paulo ministrou em Corinto. No original, o termo traduzido pelo verbo “servindo” é o feminino de *diácono*, e alguns estudiosos acreditam que Febe era “diaconisa” da igreja. Trata-se de algo possível, uma vez que havia na Igreja primitiva mulheres que serviam visitando os enfermos, auxiliando as mulheres mais jovens e ajudando os pobres. Paulo reconhece que Febe foi uma “protetora” tanto para ele quanto para outros cristãos e estimula a igreja a cuidar dela.

Como seria bom se tivéssemos mais detalhes sobre as histórias por trás de cada um desses nomes! Vimos Priscila e Áqüila no Livro de Atos (18:1-3, 18, 19, 26). Não sabemos, porém, como e quando arriscaram a vida por Paulo, mas sem dúvida apreciamos o que fizeram! (ver também 1 Co 16:19; 2 Tm 4:19). Na ocasião em que a carta foi escrita, Priscila e Áqüila estavam em Roma e havia uma igreja se reunindo na casa delas. Neste capítulo, Paulo saúda várias congregações desse tipo (Rm 16:10, 11, 14, 15).

O apóstolo expressa sua estima especial por quatro pessoas, usando as designações “querido” para Epêneto (Rm 16:5), “dileto” para Ampliato (Rm 16:8), “amado” para Estáquis (Rm 16:9) e “estimada” para Pérside (Rm 16:12). Paulo se lembrava particularmente de Epêneto, pois havia sido o primeiro convertido na Ásia. Ao que parece, pertencia à casa de Estéfanos, pois as pessoas de

1 Coríntios 16:15 são chamadas de “primícias da Acaia”.

Andrônico e Júnias são chamados de “parentes”, o que pode indicar que eram parentes de sangue do apóstolo ou, apenas, que também eram judeus, possivelmente da tribo de Benjamim, como Paulo. Em alguma ocasião, haviam ficado presos com Paulo. O termo “apóstolos”, nesse caso, não indica que tinham a mesma posição que Paulo, mas apenas que eram “mensageiros” do Senhor. Esse termo pode ter um significado mais restrito e outro mais amplo.

É possível que o Rufo mencionado em Romanos 16:13 seja o mesmo citado em Marcos 15:21, mas não há como ter certeza. Se esse é o caso, então a experiência de Simeão junto ao Calvário resultou em sua conversão e também na de sua família. Paulo e Rufo não eram parentes. “Igualmente a sua mãe, que também tem sido mãe para mim” significa apenas que a mãe de Rufo havia sido como uma mãe para Paulo (ver Mc 10:30).

Essa lista mostra o papel que as pessoas desempenharam no ministério de Paulo e no ministério das igrejas. Febe foi “protetora” de muitos. Priscila e Áqüila foram “cooperadores” e “arriscaram a própria cabeça” por Paulo. A conversão de Epêneto levou à salvação de outros na Ásia. Maria “muito trabalhou por vós”. Andrônico e Júnias foram para a prisão com Paulo. Não resta outra coisa a fazer senão dar graças por esses cristãos dedicados que cumpriram seus ministérios para a glória de Deus. Que muitos possam seguir seu exemplo!

Alguns inimigos a evitar (vv. 17-20). Nem todo mundo colaborava com Paulo para propagar o evangelho. Havia pessoas que, por motivos egoístas, dividiam as igrejas ao ensinar doutrinas falsas. É provável que sejam os mesmos judaizantes que causaram problemas a Paulo em outras igrejas (ver Fp 3:17-21). Em vez de pregarem a verdade, esses homens espalhavam as próprias idéias religiosas e usavam de dissimulação e de discursos engenhosos. Temos esse mesmo problema hoje, e os cristãos devem ter cui-

porta com revistas, livros e fitas, tentando nos convencer de que ensinam a verdade. Paulo dá duas instruções: notá-los bem (identificá-los) e evitá-los.

Trata-se de uma questão de obediência ao Senhor e de testemunho aos outros. O apóstolo não falava de fazer nem de manter amigos, mas de agradar a Deus e de manter um testemunho coerente. Romanos 16:20 indica que, na realidade, esses falsos mestres são enviados por Satanás e, um dia, serão completamente derrotados.

Alguns servos fiéis a honrar (vv. 21-27). Que lista de heróis! Timóteo é mencionado com freqüência no livro de Atos e nas Epístolas. Era um dos “filhos na fé” de Paulo e trabalhou com o apóstolo em vários lugares difíceis (ver Fp 2:19-24). Lúcio era um compatriota judeu, como também o eram Jasom e Sosípatro. Não há evidência alguma de que foi esse mesmo Jasom que protegeu Paulo em Tessalônica (At 17:1-9). É bem provável que esse Jasom fosse um gentio.

Tércio foi o secretário que escreveu a carta enquanto Paulo a ditava. Gaio foi o homem que abriu a casa para hospedar Paulo, enquanto o apóstolo estava em Corinto. 1 Coríntios 1:14 relata como Paulo ganhou Gaio para Cristo e o batizou quando fundou a igreja de Corinto. Tudo indica que havia uma congregação de cristãos se reunindo na casa dele. Erasto ocupava um cargo importante na cidade, provavelmente de tesoureiro. O evangelho alcançou tanto os mais altos escalões de Corinto quanto o povo mais humilde (1 Co 1:26-31; 6:9-11).

É provável que Paulo tenha escrito Romanos 16:24 de próprio punho, uma vez que esse era o “selo oficial” que ele colocava em todas as suas cartas (ver 2 Ts 3:17, 18).

A bênção final é a mais longa escrita por Paulo em suas epístolas e reflete seu ministério específico entre os gentios. O “mistério” diz respeito ao plano de Deus de unir os cristãos judeus e gentios em um só corpo, a Igreja (ver Ef 3). Essa era a mensagem especial de Paulo. Foi por causa dessa mensagem que os judaizantes perseguiram o apóstolo, uma vez que desejavam manter

quanto os gentios das igrejas em Roma precisavam saber qual era o plano de Deus. Paulo explica algumas dessas coisas em Romanos 9 a 11.

Os cristãos são edificados pela verdade, por isso Paulo escreveu a Epístola aos Romanos: a fim de explicar o plano de Deus para a salvação aos cristãos de modo que fossem fortalecidos e que compartilhassem

a verdade com os perdidos. Afinal, não podemos compartilhar com os outros o que nós mesmos não temos.

Isso significa que nosso estudo de Romanos deve nos tornar mais firmes na fé e mais entusiasmados em compartilhar Cristo com outros. Como resultado, "ao Deus único e sábio [seja] dada glória, por meio de Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos".

1 CORÍNTIOS

ESBOÇO

Tema-chave: A sabedoria de Deus

Versículos-chave: 1 Coríntios 2:6-8

I. SAUDAÇÃO – 1:1-3

II. REPREENSÃO: INFORMAÇÃO DO PECADO NA IGREJA – 1:4 – 6:20

- A. Divisões na igreja – 1:4 – 4:21
- B. Disciplina na igreja – 5
- C. Litígio nos tribunais – 6:1-8
- D. Profanação no mundo – 6:9-20

III. INSTRUÇÃO: RESPOSTA ÀS PERGUNTAS DOS CORÍNTIOS – 7:1 – 16:12

- A. Casamento – 7
- B. Alimentos oferecidos a ídolos – 8 – 10
- C. Regulamentos da igreja – 11
- D. Dons espirituais – 12:1 – 14:40
- E. A ressurreição – 15
- F. A oferta – 16:1-12

IV. CONCLUSÃO – 16:13-24

CONTEÚDO

Sabedoria com respeito:

1. Ao chamado do cristão (1 Co 1)..... 742
2. À mensagem cristã (1 Co 2)..... 748
3. À igreja local (1 Co 3)..... 754
4. Ao ministério cristão (1 Co 4)..... 760
5. À disciplina na igreja (1 Co 5 – 6)..... 766
6. Ao casamento cristão (1 Co 7)..... 772
7. À liberdade cristã (1 Co 8; 10)..... 777
8. Às prioridades pessoais (1 Co 9)..... 783
9. À ordem na igreja (1 Co 11)..... 789
10. À igreja como corpo (1 Co 12 – 13)..... 795
11. Ao uso dos dons espirituais (1 Co 14)..... 801
12. À ressurreição (1 Co 15)..... 808
13. À mordomia cristã (1 Co 16)..... 814

SABEDORIA COM RESPEITO AO CHAMADO DO CRISTÃO

1 CORÍNTIOS 1

“Jesus sim! Igreja não!” Esse era um lema conhecido entre os jovens da década de 1960. Sem dúvida, poderiam tê-lo usado com sinceridade na igreja de Corinto em 56 d.C., pois essa igreja local passava por sérias dificuldades. Infelizmente, os problemas não se limitavam ao âmbito da comunidade cristã, mas eram também do conhecimento dos incrédulos de fora da igreja.

Para começar, a igreja de Corinto era uma igreja *depravada*. Alguns de seus membros eram culpados de imoralidade sexual; outros se embebedavam; outros, ainda, usavam a graça de Deus como desculpa para levar uma vida mundana. Também era uma igreja *dividida*, na qual pelo menos quatro grupos competiam pela liderança (1 Co 1:12). Isso significa que era uma igreja *desonrada*. Em vez de glorificar a Deus, servia de empecilho para o avanço do evangelho.

Isso aconteceu porque os membros da igreja permitiram que os pecados do mundo se infiltrassem na congregação local. Corinto era uma cidade corrompida e repleta de todo tipo de imoralidade e de prazer mundano. Uma das acusações mais abjetas que se podia fazer contra um indivíduo era chamá-lo de “coríntio”. Todos sabiam do que se tratava.

Corinto também era uma cidade arrogante e filosófica, pela qual passavam inúmeros pregadores itinerantes promovendo suas especulações. Infelizmente, alguns membros da igreja começaram a aplicar essa abordagem filosófica ao evangelho, promovendo, desse modo, a divisão dentro da igreja. Em vez de ser unida em torno da mensagem do evangelho, a congregação era composta de diferentes “escolas de pensamento”.

Podemos encontrar uma descrição da cidade de Corinto em Romanos 1:18-32. Paulo escreveu a Epístola aos Romanos quando estava em Corinto. Talvez pudesse olhar pela janela e ver os pecados que incluía em sua lista!

Claro que é fácil ter problemas com pessoas arrogantes, dependentes da sabedoria humana e adeptas de um estilo de vida mundano. A fim de ajudar os cristãos de Corinto a resolver seus problemas, Paulo começa a carta lembrando-os de seu chamado em Cristo e ressalta três aspectos importantes desse chamado.

1. CHAMADOS PARA A SANTIDADE (1 Co 1:1-9)

Primeiro, Paulo ataca os problema graves de depravação dentro da igreja, sem, no entanto, dizer coisa alguma sobre o problema em si. Em vez disso, usa uma abordagem positiva e lembra os cristãos de sua posição exaltada e santa em Cristo Jesus. Em 1 Coríntios 1:1-9, descreve a igreja que Deus vê; em 1 Coríntios 1:10-31, descreve a igreja que os homens vêem. Aquilo que somos em Cristo em termos *posicionais* também devemos ser na prática da vida diária, mas nem sempre é o que fazemos.

Vejamos as características da igreja em função de nosso chamado à santidade em Cristo Jesus.

Separados por Deus (vv. 1-3). No grego, o termo *igreja* significa “um povo chamado para fora”. Toda igreja tem dois endereços, um geográfico (“em Corinto”) e outro espiritual (“em Cristo Jesus”). A igreja é constituída de santos, ou seja, pessoas “santificadas” ou “separadas” por Deus. Um santo não é alguém que morreu e agora é venerado pelos homens por causa de sua vida santa. Paulo escreve para santos vivos, pessoas que, pela fé em Jesus Cristo, foram separadas para agradar e servir a Deus.

Em outras palavras, todo cristão sincero é um santo, pois foi separado por Deus e para Deus.

Um amigo cristão que trabalha como fotógrafo me contou sobre um lindo casamento que fotografou. A noiva e o noivo saíram

da igreja e estavam indo para a limusine, quando a noiva pôs-se a correr em direção a um carro do outro lado da rua! O automóvel estava com o motor ligado e havia um homem ao volante. Assim que ela entrou, os dois partiram a toda velocidade, deixando para trás um noivo atônito. Descobriu-se, mais tarde, que o motorista do “carro de fuga” era um ex-namorado da noiva, um homem que havia se gabado de que “poderia ficar com ela quando quisesse”. Nem é preciso dizer que o marido pediu a anulação do casamento.

Quando um homem e uma mulher prometem amar um ao outro, estão se separando um para o outro, e qualquer relacionamento fora do casamento é pecaminoso. Da mesma forma, o cristão pertence inteiramente a Jesus Cristo; é separado única e exclusivamente para ele. Mas também faz parte de uma comunhão mundial – a Igreja –, “todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Co 1:2). Um cristão depravado e infiel peca não apenas contra o Senhor, mas também contra seus irmãos e irmãs em Cristo.

Enriquecidos pela graça de Deus (vv. 4-6). A salvação é um dom da graça de Deus; mas, quando somos salvos, também recebemos dons espirituais (dos quais Paulo trata mais detalhadamente em 1 Co 12 – 14). A palavra grega traduzida por “enriquecidos” dá origem a nosso termo *plutocrata*, “pessoa influente e preponderante por seu dinheiro”. Os coríntios eram especialmente ricos em dons espirituais (2 Co 8:7), mas não usavam esses dons de maneira espiritual. O fato de Deus ter nos chamado, separado e enriquecido deve servir de estímulo para vivermos em santidade.

À espera da volta de Cristo (v. 7). Paulo tratará dessa questão mais extensivamente em 1 Coríntios 15. Os cristãos à espera de seu Salvador levarão uma vida irrepreensível (1 Jo 2:28 – 3:3).

Na dependência da fidelidade de Deus (vv. 8, 9). A obra de Deus foi confirmada neles (1 Co 1:6), mas também foi confirmada para eles na Palavra. Trata-se de um ter-

confirmar uma transação. Temos o Espírito dentro de nós e a Palavra diante de nós, ambos garantindo que Deus manterá seu “contrato” de salvação conosco até o fim. Essa garantia certamente não é desculpa para pecarmos! Antes, é a base para um relacionamento cada vez mais profundo de amor, confiança e obediência.

À luz desses fatos, como era possível o povo da congregação de Corinto envolver-se com os pecados do mundo e da carne? Foram eleitos, enriquecidos e confirmados. Eram santos, separados para a glória de Deus! Infelizmente, sua prática não condizia com sua posição.

Quando Paulo menciona a palavra *comunhão*, em 1 Coríntios 1:9, introduz mais um aspecto do chamado do cristão.

2. CHAMADOS PARA A COMUNHÃO (1 Co 1:10-25)

Depois de falar do problema de depravação na igreja, Paulo volta-se agora para a questão da divisão dentro da igreja. Isso sempre foi um problema no meio do povo de Deus, e quase todas as epístolas do Novo Testamento tratam desse assunto ou o mencionam de alguma forma. Nem mesmo os doze apóstolos se entendiam o tempo todo.

Em 1 Coríntios 1:13, Paulo apresenta a seus leitores três perguntas importantes, que são a chave para esse parágrafo longo.

Cristo está dividido (vv. 10-13a)? O verbo significa “Cristo foi dividido e suas várias partes foram distribuídas para diferentes pessoas?” Trata-se de uma idéia absurda que deve ser imediatamente rejeitada. Paulo não pregava um Cristo, Apolo outro e Pedro outro ainda. Existe apenas um Salvador e um evangelho (Gl 1:6-9). Então, como os coríntios criaram essa divisão em quatro partes? Por que havia “contendas” entre eles?

Um dos motivos é que consideravam o evangelho de um ponto de vista filosófico. Corinto era uma cidade repleta de mestres e de filósofos, e todos desejavam falar de sua “sabedoria”.

Outro motivo é que a natureza humana gosta de seguir líderes humanos. Nossa ten-

espirituais que nos ajudam e cujo ministério entendemos e gostamos. Em vez de enfatizar a *mensagem* da Palavra, os coríntios estavam enfatizando o *mensageiro*. Deixaram de atentar para o Senhor e passaram a olhar para os servos do Senhor, e isso criou competição.

Em 1 Coríntios 3, Paulo afirma que não pode haver competição entre os verdadeiros servos de Deus. É uma prática pecaminosa os membros da igreja compararem pastores, ou os cristãos seguirem líderes humanos e se tornarem discípulos de homens, não de Jesus Cristo. O culto a certas "personalidades" dentro da igreja hoje é uma desobediência direta à Palavra de Deus. Toda e qualquer preeminência cabe somente a Jesus Cristo (Cl 1:18).

Nesta seção, Paulo usa várias palavras-chave para enfatizar a união dos santos em Cristo. Chama os leitores de *irmãos*, lembrando-os de que pertencem a uma só família. A expressão "inteiramente unidos" é um termo médico que descreve a unidade do corpo humano, *entretecido em um único todo*. Assim, possuíam uma união *em amor* como membros do corpo. Também eram identificados pelo nome de Jesus Cristo, provavelmente uma referência ao batismo.

Não sabemos quem eram as pessoas da "casa de Cloe", mas sua atitude de coragem e de devoção é louvável. Não tentaram esconder seus problemas. Antes, ao sentir o peso dessas dificuldades, procuraram a pessoa certa, sem ter medo de ser mencionados por Paulo. Ao contrário do que vemos com frequência nas igrejas de hoje, não usaram de jogos e estratégias - abordagens que normalmente só pioram a situação.

Paulo foi o ministro que fundou a igreja, de modo que a maioria dos membros provavelmente havia se convertido por meio de seu ministério. Apolo foi o sucessor de Paulo (At 18:24-28) e realizou um ministério igualmente eficaz. Não temos qualquer registro de que Pedro (Cefas) tenha visitado Corinto, a menos que 1 Coríntios 9:5 indique tal visita. Cada um desses homens possuía personalidade distinta e abordagem diferente ao ministério da Palavra; no entanto, *trabalharam em conjunto* (1 Co 3:3-8; 4:6).

Fostes batizados em nome de Paulo (vv. 13b-17)? Devemos lembrar que o batismo era uma questão importante na igreja do Novo Testamento. Quando um pecador entregava sua vida a Cristo e era batizado, desligava-se de sua antiga vida e, com frequência, era rejeitado pela família e seus amigos. Naquele tempo, era preciso pagar um alto preço para ser batizado.

Assim como Jesus não batizou convertidos (Jo 4:1, 2), tanto Pedro (At 10:48) quanto Paulo deixaram que seus colaboradores realizassem os batismos. Até que a igreja tivesse crescido em Corinto, Paulo batizou algumas pessoas, mas esse não foi seu ministério principal. Nesta seção, Paulo não minimiza a importância do batismo, mas sim o coloca em seu devido lugar, uma vez que os coríntios atribuíam valor excessivo a esse ritual. Uns se gabavam de terem sido batizados por Apolo, outros de terem sido batizados por Paulo.

É errado identificar o nome do celebrante de nosso batismo com qualquer um além de Jesus. Li sobre pessoas que fazem questão de ser batizadas por certo pastor, usando água especial (normalmente do rio Jordão), em um dia especial, como se essas coisas fossem o mais importante! Em vez de honrarem ao Senhor Jesus Cristo e de promoverem a união da igreja, essas pessoas exaltam homens e criam desunião.

Crispo havia sido chefe da sinagoga em Corinto (At 18:8); Gaio provavelmente era o dono da casa em que Paulo estava hospedado, quando escreveu Romanos (Rm 16:23). A casa de Estéfanos (1 Co 1:16) provavelmente é descrita parcialmente em 1 Coríntios 16:15-18: Ao que parece, Paulo não carregava consigo um registro das pessoas que havia batizado. O mais importante era que o nome delas estivesse escrito no livro de Deus.

Paulo foi crucificado por vocês (vv. 18-25)? A menção da cruz em 1 Coríntios 1:17 abre esta longa seção sobre o poder do evangelho. É interessante observar como Paulo aborda o problema da divisão na igreja. Em primeiro lugar, ressalta a unidade de Cristo: há somente um Salvador e um corpo. Em

seguida, lembra os coríntios de seu batismo, um retrato do batismo espiritual por meio do qual passaram a ser parte do corpo de Cristo (1 Co 12:13). Depois, os leva até a cruz.

A crucificação não era apenas uma morte horrível, mas também vergonhosa. Era contra a lei crucificar um cidadão romano. Esse tipo de execução jamais era mencionado nos círculos mais elevados da sociedade, assim como hoje não falamos da câmara de gás ou da cadeira elétrica durante um jantar.

A palavra-chave desse parágrafo, usada oito vezes, é *sabedoria*. A idéia principal expressa por Paulo é de que não devemos jamais misturar a sabedoria humana com a mensagem revelada de Deus. Toda a seção sobre sabedoria (1 Co 1:17 - 2:16) apresenta vários contrastes entre a Palavra revelada de Deus e a sabedoria humana.

A sabedoria de Deus revela-se acima de tudo na cruz de Jesus Cristo, mas nem todos vêem isso. Paulo fala de três atitudes diferentes em relação à cruz.

Alguns tropeçam na cruz (v. 23a). Essa era a atitude dos judeus, pois sua ênfase é sobre os sinais miraculosos, e a cruz parece ser uma fraqueza. A história de Israel é repleta de acontecimentos miraculosos, desde o êxodo do Egito até os dias de Elias e Eliseu. Quando Jesus estava ministrando na Terra, os líderes judeus pediram repetidamente que lhes desse um sinal do céu, mas ele se recusou.

A nação de Israel não entendia as próprias Escrituras sagradas. Estava à procura de um Messias que se manifestaria como poderoso conquistador e que derrotaria todos os seus inimigos. Estabeleceria seu reino e restituiria a glória a Israel. A pergunta dos apóstolos em Atos 1:6 mostra como essa esperança era forte entre os judeus.

Ao mesmo tempo, os escribas viam, no Antigo Testamento, que o Messias sofreria e morreria. Passagens como o Salmo 22 e Isaías 53 indicavam outro tipo de Messias, e os estudiosos não conseguiam conciliar as duas imagens proféticas aparentemente contraditórias. Não compreendiam que seu

entrar na glória (ver Lc 24:13-35) e que o futuro reino messiânico seria precedido da era da Igreja.

Pelo fato de os judeus estarem à procura de poder e de glória, tropeçaram na fraqueza da cruz. Como era possível alguém crer num carpinteiro desempregado de Nazaré que morreu vergonhosamente como um criminoso comum? No entanto, o evangelho de Jesus Cristo é "o poder de Deus para a salvação" (Rm 1:16). Em vez de ser um testemunho de fraqueza, a cruz é um instrumento extraordinário de poder. Afinal, "a fraqueza de Deus [na cruz] é mais forte do que os homens" (1 Co 1:25).

Alguns zombam da cruz (v. 23b). Essa era a atitude dos gregos. Para eles, a cruz era loucura. Os gregos enfatizavam a sabedoria, e, até hoje, estudamos os escritos de seus filósofos. Mas não viam sabedoria alguma na cruz, pois consideravam o Calvário do ponto de vista humano. Se o tivessem considerado do ponto de vista divino, teriam discernido a sabedoria do plano maravilhoso de Deus para a salvação.

Paulo chama três homens para dar testemunho: o sábio (o especialista), o escriba (o intérprete e escritor) e o polemista (o filósofo e argumentador). Propõe aos três a seguinte pergunta: por meio de seus estudos da sabedoria humana, chegaram a conhecer a Deus de maneira pessoal? A resposta inevitável é "não"! O fato de zombarem da cruz e de a considerarem loucura deixa claro que tais pessoas estão perecendo.

Paulo cita Isaías 29:14 em 1 Coríntios 1:19, provando que Deus reprovou a sabedoria humana. Em seu discurso no Areópago, Paulo teve a coragem de dizer aos filósofos que a história grega e a romana eram "tempos de ignorância" (At 17:30). Não estava sugerindo que não sabiam coisa alguma, pois Paulo ficou ciente das realizações dos pensadores gregos. Contudo, sua sabedoria não lhes permitia encontrar Deus e experimentar a salvação.

Alguns crêem e experimentam o poder e a sabedoria da cruz (v. 24). Quer o apóstolo se dirija ao público judeu quer ao grego, sua

crucificado. “Pela loucura da pregação” (1 Co 1:21) não é uma referência ao ato de pregar, em si, mas ao conteúdo da mensagem. Uma tradução mais adequada pode ser “Pela loucura daquilo que era pregado”.

Os que foram chamados pela graça de Deus e que responderam pela fé (ver 2 Ts 2:13, 14) entendem que a cruz de Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus. A chave não é o Cristo da manjedoura, o Cristo do templo ou da praça pública, mas sim o Cristo da cruz. Foi na morte de Cristo que Deus revelou a loucura da sabedoria humana e a fraqueza do poder humano.

Somos chamados a participar da comunhão por causa de nossa união com Jesus Cristo: ele morreu por nós; fomos batizados em seu nome; somos identificados com sua cruz. Que alicerce maravilhoso para a unidade espiritual!

3. CHAMADOS PARA GLORIFICAR A DEUS (1 Co 1:26-31)

Os coríntios tinham a tendência de se “ensoberbecer” (1 Co 4:6, 18, 19; 5:2). Mas o evangelho da graça de Deus não deixa espaço para a vanglória pessoal. Deus não se impressiona com nossa aparência, nossa posição social, nossas realizações, nossas origens ou nossa situação financeira. Convém observar que Paulo diz que “não foram chamados muitos”, não que “não foi chamado nenhum”. Encontramos alguns cristãos de posição social elevada no Novo Testamento, mas não são muitos. A descrição que Paulo faz dos convertidos certamente não é das mais elogiosas (1 Co 6:9-11).

Paulo os lembra de sua identidade (v. 26). Não eram sábios, nem poderosos, nem nobres. Deus não os chamou *por causa* do que eram, mas *apesar* disso! A igreja de Corinto era constituída principalmente de pessoas comuns, pecadores inveterados. Antes de sua conversão, Paulo havia sido extremamente zeloso e teve de abrir mão de sua religião para ter um lugar no céu! Os coríntios estavam no outro extremo, no entanto não estavam fora do alcance da salvação de Deus.

Paulo lembrou os coríntios do motivo de terem sido chamados por Deus (vv. 27-29). Deus escolheu os loucos, os fracos, os de origem inferior (“humildes”) e os desprezados para mostrar ao mundo arrogante sua necessidade e a graça divina. O mundo perdido admira as origens, a posição social, o sucesso financeiro, o poder e o reconhecimento. Mas nenhuma dessas coisas garante a vida eterna.

A mensagem e o milagre da graça de Deus em Jesus Cristo são absolutamente desconcertantes para os grandes e os poderosos do mundo (“para envergonhar”; v. 27). Os sábios deste mundo não são capazes de entender como Deus transforma pecadores em santos, e os poderosos deste mundo vêm-se impotentes ao tentar reproduzir esse milagre. A “loucura” de Deus confunde os sábios, e sua “fraqueza” confunde os poderosos!

Os anais da história da Igreja encontram-se repletos de relatos de grandes pecadores cuja vida foi transformada pelo poder do evangelho. Em meu próprio ministério, bem como no ministério da maioria dos pastores e pregadores, vemos coisas espantosas acontecerem que nem advogados nem psicólogos são capazes de explicar. Vemos adolescentes delinqüentes tornarem-se alunos bem-sucedidos e cidadãos produtivos. Vemos casamentos restaurados e lares reconstruídos, para espanto de juízes e de advogados.

E por que Deus revela a loucura e a fraqueza do sistema deste mundo mesmo com sua filosofia e religião? “A fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus” (1 Co 1:29). A salvação deve ser inteiramente pela graça; de outro modo, Deus não recebe a glória que lhe é devida.

É essa verdade que Paulo deseja transmitir aos coríntios, pois eram culpados de se gloriar em homens (1 Co 3:21). Se nos gloriamos em pessoas – mesmo que sejam piedosas como Pedro e Apolo –, privamos Deus da glória que somente ele merece. Era essa atitude pecaminosa de orgulho que contribuía para a divisão da igreja.

Por fim, Paulo lembra os coríntios de tudo o que têm em Jesus Cristo (vv. 30, 31). Uma vez que todo aquele que crê está

“em Cristo” e tem tudo de que necessita, por que competir entre si ou se comparar uns com os outros? Foi o Senhor quem fez tudo! “Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor” (1 Co 1:31, uma citação de Jr 9:24, repetida em 2 Co 10:17).

As bênçãos espirituais de que precisamos não são abstrações que escapam por entre nossos dedos; antes, se encontram todas na Pessoa de Jesus Cristo. Ele é nossa sabedoria (Cl 2:3), nossa justiça (2 Co 5:21), nossa santificação (Jo 17:19) e nossa redenção (Rm 3:24).

Na verdade, a ênfase dessa passagem é que Deus mostra sua sabedoria por meio da justiça, da santificação e da redenção que temos em Cristo. Cada um desses termos teológicos tem um significado especial para os cristãos. A *justiça* refere-se a nossa posição diante de Deus. Fomos justificados: Deus nos declarou justos em Jesus Cristo. No entanto, também somos *santificados*, separados para pertencer a Deus e lhe servir. A *redenção* enfatiza o fato de que somos livres porque Jesus Cristo pagou o preço por nós na cruz. Quando Cristo voltar, todos os que creram experimentarão a redenção plena.

Assim, em certo sentido, temos aqui os três tempos da salvação: fomos salvos do

castigo do pecado (justiça); estamos sendo salvos do poder do pecado (santificação) e seremos salvos da presença do pecado (redenção). Cada cristão tem todas essas bênçãos em Jesus Cristo!

Assim, por que se gloriar em homens? O que Paulo tem que nós não temos? Pedro tem mais de Jesus Cristo do que nós? Devemos nos gloriar no Senhor, não em nós mesmos ou em nossos líderes espirituais.

Ao lembrar este capítulo, podemos ver quais eram os erros que os coríntios cometiam e que contribuíam para criar problemas na igreja. Em vez de viverem à altura de seu santo chamado, seguiam os padrões do mundo. Ignoravam o fato de que eram chamados para ter maravilhosa comunhão espiritual com o Senhor e uns com os outros. Antes, se identificavam com líderes humanos e criavam divisões na igreja. Em vez de glorificar a Deus e à graça, agradavam a si mesmos e se gabavam de homens.

Eram um igreja depravada, dividida e desonrada!

Antes, porém, de julgar os coríntios, devemos examinar nossas igrejas e nossa vida. Fomos chamados para ser santos, para ter comunhão e para glorificar a Deus. Vivemos à altura desse chamado?

SABEDORIA COM RESPEITO À MENSAGEM CRISTÃ

1 CORÍNTIOS 2

Minha esposa dirigia enquanto viajávamos para Chicago, e eu estava no banco do passageiro lendo um manuscrito que a editora havia pedido que eu revisasse. De tempos em tempos, gemia, grunhia ou balançava a cabeça. A certa altura, não agüentei e disse:

- Não acredito nisso!
- Pelo jeito você não está gostando do livro - disse ela. - Algum problema?
- Com certeza! - respondi. - O autor não conhece, de fato, a mensagem do evangelho. Assim, não sobra muita coisa aproveitável em seu texto.

Em outros tempos, o autor havia sido fiel ao evangelho, mas ao longo dos anos, começara a abordá-lo de maneira filosófica (e, infelizmente, política). O resultado era uma mensagem híbrida que, de modo algum, poderia continuar sendo chamada de evangelho.

Vale a pena observar que, quando Paulo ministrou em Corinto, obedeceu à comissão do Senhor e pregou o evangelho. Podemos ver um excelente paralelismo entre Mateus 28:18-20 e Atos 18:1-11

A comissão de Cristo (Mt 28:18-20)

"Ide, portanto" (v. 19)

"fazei discípulos" (v. 19)

"batizando-os" (v. 19)

"ensinando-os" (v. 20)

"E eis que estou convosco" (v. 20).

O ministério de Paulo (At 18:1-11)

Paulo chegou a Corinto (v. 1)

muitos ouviram e creram (v. 8)

e foram batizados (v. 8)

durante um ano e seis meses, o apóstolo

ensinou a Palavra em Corinto (v. 11)

"Porquanto eu estou contigo" (v. 10)

O que aconteceu em Corinto continua acontecendo nas igrejas hoje: pessoas misturando filosofia (sabedoria humana) com a mensagem revelada de Deus e causando confusão e divisão. Pregadores diferentes têm a própria "interpretação" da mensagem de Deus; alguns até inventam o próprio vocabulário!

Paulo explica três fundamentos da mensagem do evangelho e insta seus leitores a voltarem a esses princípios.

1. O CERNE DO EVANGELHO É A MORTE DE CRISTO (1 Co 2:1-5)

Paulo lembra os coríntios de sua abordagem (vv. 1, 2). O "eu" introdutório pode ser traduzido por "conformemente", tomando por base 1 Coríntios 1:31 - a glória de Deus. Paulo não havia ido a Corinto para se promover nem para começar um "fã-clubes religioso". Estava lá para glorificar a Deus.

Os filósofos e mestres itinerantes dependiam de sua sabedoria e eloquência para granjear seguidores. A cidade de Corinto estava abarrotada de "encantadores". Paulo não dependia de um discurso eloquente nem de uma argumentação engenhosa; simplesmente declarava a Palavra de Deus no poder do Espírito. Era um embaixador, não um "vendedor do evangelho".

Caso usasse de oratória e de filosofia espetaculares, Paulo teria exaltado a si mesmo e escondido justamente o Cristo que estava lá para proclamar! Deus o havia enviado para pregar o evangelho "não com sabedoria de palavra, para que se não anule a cruz de Cristo" (1 Co 1:17).

Certa igreja tinha um belo vitral exatamente atrás do púlpito. O vitral retratava Jesus Cristo na cruz. Um pastor convidado, bem mais baixo que o pastor titular, pregava certo domingo. Uma garotinha passou algum tempo ouvindo; depois se virou para a mãe e perguntou:

- Onde está o homem que sempre fica ali na frente para a gente não ver Jesus?

Muitos pregadores da Palavra engrandecem de tal modo a si mesmos e a seus dons que deixam de revelar a glória de Jesus Cristo. Paulo gloriava-se na cruz de Cristo (Gl 6:14) e fazia dela o centro de sua mensagem.

Em seguida, Paulo lembra os coríntios de sua atitude (vv. 3, 4). Apesar de ser um apóstolo, dirigiu-se a eles como servo humilde. Não dependia de si mesmo; esvaziou-se para que Cristo fosse tudo. Anos mais tarde, Paulo voltou a falar sobre isso, fazendo um contraste entre si mesmo e os falsos mestres que invadiram Corinto (2 Co 10:1-12). Paulo aprendera que, quando era fraco, Deus o fazia forte.

O apóstolo dependia do poder do Espírito Santo. Não era sua experiência nem habilidade que dava poder a seu ministério; era a obra do Espírito de Deus. Sua pregação era uma “demonstração”, não um “espetáculo”. O termo traduzido por *demonstração* significa “prova legal apresentada em um tribunal”. O Espírito Santo usava a pregação de Paulo para transformar vidas, e, para o apóstolo, isso era prova suficiente de que sua mensagem era de Deus. Os pecadores perversos eram transformados pelo poder de Deus (1 Co 6:9-11)!

No entanto, devemos observar que Paulo não está dizendo aos ministros que devem ser deliberadamente desleixados ou que não devem usar os dons que Deus lhes deu. Homens como Charles Spurgeon e George Whitefield eram oradores talentosos, cujas palavras tinham grande poder, *mas não dependiam de seus talentos naturais*. Antes, confiavam que o Espírito de Deus operaria no coração de seus ouvintes – e era exatamente isso que acontecia. Os que ministram a Palavra devem se preparar e usar todos os dons que Deus lhes deu – mas não devem se fiar em si mesmos (ver 2 Co 3:5).

Por fim, Paulo os lembra de seu alvo (v. 5). O desejo do apóstolo era que confiassem em Deus, não no mensageiro que Deus enviara. Se tivesse dependido da sabedoria humana e apresentado o plano de salvação dentro de um sistema filosófico, os coríntios teriam depositado sua confian-

haver proclamado a Palavra de Deus no poder de Deus, seus convertidos depositavam sua fé em uma *demonstração*: experimentavam o poder de Deus na própria vida.

Anos atrás, um cristão muito sensato me disse: “Quando estiver levando pessoas a Cristo, nunca lhes diga que foram salvas porque fizeram isto ou aquilo. Cabe ao Espírito Santo testemunhar às pessoas que receberam a salvação. A menos que ele opere, não há salvação alguma”. Sem dúvida, um conselho sábio!

Lembro-me de um homem que freqüentava fielmente uma igreja que eu pastoreava – não era salvo, mas também não era hostil ao evangelho. Muitas pessoas oravam por ele, enquanto continuava a ouvir a Palavra. Um dia, um amigo cristão resolveu ganhá-lo para Cristo a qualquer custo! Passou horas apresentando uma série de argumentos e, por fim, o homem orou confessando seus pecados. Depois, parou de ir à igreja! Por quê? Porque havia sido persuadido a fazer algo sem sinceridade e sabia que não poderia levar sua decisão adiante. Posteriormente, se entregou de coração a Cristo, por meio do Espírito, e recebeu a certeza da salvação. Até aquele ponto, se alguém lhe perguntava se ele era salvo, sua resposta era:

– Claro... o Roberto me disse que sim!

Que diferença quando o Espírito nos dá essa certeza!

O evangelho ainda é o poder de Deus para transformar a vida dos homens (Rm 1:16). A eficácia do evangelismo não depende de nossos argumentos nem de expedientes persuasivos, mas sim do poder de Deus operando em nossa vida e por meio da Palavra que compartilhamos.

2. O EVANGELHO FAZ PARTE DO PLANO ETERNO DO PAI (1 CO 2:6-9)

A salvação foi comprada pelo Filho, mas foi planejada pelo Pai. Os que falam sobre o “evangelho simples” estão, ao mesmo tempo, certos e errados. Sem dúvida, a mensagem do evangelho é simples o suficiente para que até um incrédulo iletrado a compreenda, venha a crer e seja salvo. No entanto, essa

de nem o teólogo mais brilhante ser capaz de sondar seu âmago.

O evangelho possui uma “sabedoria de Deus” que desafia o intelecto mais astuto. Todavia, tal sabedoria não é para as massas nem para cristãos imaturos. É reservada a cristãos maduros que estão crescendo em seu entendimento da Palavra de Deus. (O termo “experimentados”, em 1 Coríntios 2:6, significa “maduros”. Ver 1 Co 3:1-4.) Talvez aqui Paulo esteja respondendo àqueles membros da igreja que promoviam Apolo, um mestre eloqüente e profundo (At 18:24-28).

Quais são as características dessa sabedoria?

Ela vem de Deus, e não do homem (v. 6). Ela instrui o cristão maduro sobre o plano eterno e imensurável que Deus tem para seu povo e sua criação. Nem o mais sábio dos “poderosos desta época” é capaz de inventar ou de descobrir a sabedoria maravilhosa de Deus sobre a qual Paulo fala.

Ela foi escondida (v. 7). Assim, é chamada de mistério, pois, no Novo Testamento, um mistério é um “segredo santo”, uma verdade oculta em eras passadas, mas revelada agora ao povo de Deus. O Senhor usou Paulo de maneira especial para compartilhar vários “mistérios” relacionados ao evangelho (ver Ef 3). É importante observar, porém, que Paulo usa a primeira pessoa do plural, tendo o cuidado de não deixar de fora os outros apóstolos.

Ela envolve os desígnios de Deus (v. 7). Isso significa que Deus criou um plano, colocou-o em ação e providenciará para que seja bem-sucedido. O grande plano de redenção não é uma improvisação apresada da parte de Deus, depois de ver o que o homem havia feito. Apesar de tudo isso nos deixar perplexos, devemos aceitar a verdade bíblica da eleição e da predestinação divina. Até mesmo a morte de Jesus Cristo foi ordenada por Deus (At 2:22, 23; 1 Pe 1:18-20), ainda que homens tenham sido responsabilizados por esse ato perverso. Um dos segredos da oração eficaz é apegar-se aos propósitos de Deus pela fé (At 4:23-31).

Ela redundará em glória para o povo de Deus (v. 7). Uma das explicações mais completas do plano de Deus ao longo das eras se encontra em Efésios 1. Em três ocasiões nessa passagem, Paulo mostra que tudo é feito para a glória de Deus (Ef 1:6, 12, 14). É absolutamente maravilhoso pensar que um dia participaremos da própria glória de Deus! (ver Jo 17:22-24; Rm 8:28-30).

Ela é oculta aos não salvos (v. 8). Quem são os “poderosos deste século” aos quais Paulo se refere? Sem dúvida, os governantes que estavam no poder quando Jesus veio à Terra, ou seja, os líderes que não souberam identificá-lo (At 3:17; 4:25-28). A oração de Jesus na cruz – “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23:34) – reflete essa verdade. Por certo, a ignorância não *justifica* o pecado deles, pois Cristo lhes deu todas as provas necessárias para que cressem, mas se recusaram.

No entanto, há uma interpretação alternativa. É possível que Paulo esteja se referindo a *governantes espirituais e demoníacos desta era* (Rm 8:38; Cl 2:15; Ef 6:12ss). Essa idéia se encaixa melhor com 1 Coríntios 2:6, pois, sem dúvida, Pilatos, Herodes e outros governantes não eram conhecidos por ter alguma sabedoria especial. A sabedoria desta era vem dos governantes desta era, dos quais Satanás é o príncipe (Jo 12:31; 14:30; 16:11). É evidente que os líderes espirituais têm de operar na vida dos governantes humanos e por meio deles. Portanto, talvez não convenha forçar uma distinção (Jo 13:2, 27).

Mas se essa interpretação é verdadeira, coloca-nos diante de uma série de considerações desafiadoras. As forças satânicas, inclusive o próprio Satanás, não entenderam o maravilhoso plano eterno de Deus. Pelas Escrituras do Antigo Testamento, sabiam que o Filho de Deus nasceria e morreria, mas não foram capazes de compreender o significado pleno da cruz, pois Deus ocultou essas verdades. Na realidade, tais fatos estão sendo revelados a principados e potestades (Ef 3:10) por intermédio da igreja hoje.

Satanás pensou que o Calvário tivesse sido a grande derrota de Deus, mas na verdade foi a maior vitória de Deus e *derrota*

de Satanás! (Cl 2:15). Satanás tentou matar Jesus desde o nascimento do Messias neste mundo, pois não sabia ao certo quais seriam os resultados mais abrangentes da morte e ressurreição de Cristo. Se os governantes demoníacos tivessem compreendido, não teriam "tramado" a morte de Cristo. (É claro que tudo isso fazia parte do plano eterno de Deus, pois era ele quem estava no controle, não Satanás.)

Por fim, esta sabedoria aplica-se à vida do cristão hoje (v. 9). Este versículo é usado com freqüência em funerais e aplicado ao céu, mas sua aplicação principal diz respeito à vida do cristão *hoje*. O versículo seguinte deixa claro que Deus está nos revelando tais coisas aqui e agora.

Trata-se de uma citação (adaptada) de Isaías 64:4. O contexto imediato é relacionado a Israel no cativeiro, esperando o livramento de Deus. A nação havia pecado e, como disciplina, fora mandada para a Babilônia. O povo clamou a Deus, pedindo que descesse para livrá-los. Depois de setenta anos de exílio, Deus respondeu a suas orações. Deus tinha planos para seu povo, e ninguém precisava temer coisa alguma (Jr 29:11).

Paulo aplicou esse princípio à igreja. Quaisquer que sejam as circunstâncias, nosso futuro está seguro em Jesus Cristo. Na verdade, os planos de Deus para seu povo são tão maravilhosos que nossa mente não é capaz sequer de começar a concebê-los ou a compreendê-los! Deus ordenou tais coisas para sua glória (1 Co 2:7). É glória desde a Terra até o céu!

Para os que amam a Deus, todo dia é um bom dia (Rm 8:28). Pode não *parecer* bom ou podemos não *sentir* que é bom, mas quando Deus realiza seu plano, podemos ter certeza de que é o melhor. É quando deixamos de crer no Senhor ou lhe obedecer, quando nosso amor por ele esfria, que a vida se torna sombria. Se caminharos com Deus em sabedoria, desfrutaremos suas bênçãos.

Consideramos nesta passagem duas verdades fundamentais acerca do evangelho:

e ela faz parte do grande plano eterno do Pai. Os cristãos em Corinto haviam esquecido o preço pago por sua salvação; havia deixado de olhar para a cruz. Também estavam se ocupando de questões secundárias - coisas de criança -, pois haviam deixado de se maravilhar com a magnitude do plano de Deus para eles. Era necessário que voltassem ao ministério do Espírito Santo - tema do qual Paulo trata a seguir.

3. O EVANGELHO É REVELADO PELO ESPÍRITO MEDIANTE A PALAVRA (1 Co 2:10-16)

Nossa salvação envolve as três Pessoas da Divindade (Ef 1:3-14; 1 Pe 1:2). Não podemos ser salvos sem a graça eletiva do Pai, sem o sacrifício amoroso do Filho e sem o ministério de persuasão e de regeneração do Espírito. Não basta dizer: "Creio em Deus". Que Deus? A menos que seja no "Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo" (Ef 1:3), não pode haver salvação.

Esse aspecto trinitário da salvação ajuda a entender melhor alguns de seus mistérios. Muitos se sentem confusos (ou assustados) quando ouvem falar da predestinação. No que se refere ao Pai, fui salvo quando me escolheu em Cristo antes da fundação do mundo (Ef 1:4); mas não sabia disso na noite em que aceitei a Cristo! Era uma parte oculta do maravilhoso plano eterno de Deus.

No que se refere a Deus o Filho, fui salvo quando morreu na cruz por mim. Ele morreu pelos pecados do mundo inteiro e, no entanto, nem todo o mundo é salvo. Entra em cena o Espírito Santo: no que se refere ao Espírito, fui salvo em maio de 1945, em uma campanha evangelística do ministério Mocidade para Cristo, onde ouvi Billy Graham (na época, um jovem evangelista) pregar o evangelho. Foi então que o Espírito Santo aplicou a Palavra a meu coração, eu cri e Deus me salvou.

Paulo ressalta quatro ministérios importantes do Espírito Santo de Deus.

O Espírito habita nos cristãos (v. 12). No exato momento em que cremos em Jesus Cristo, o Espírito de Deus entrou em nosso

6:19, 20). Ele nos batizou (identificou) para fazer parte do corpo de Cristo (1 Co 12:13). Ele nos selou (Ef 1:13, 14) e permanecerá conosco (Jo 14:16). Ele é a dádiva de Deus para nós.

O Espírito Santo é o Espírito de liberdade (2 Co 3:17). Não recebemos o “espírito do mundo”, pois fomos chamados a deixar este mundo e não pertencer mais a ele (Jo 17:14, 16). Não estamos mais sob a autoridade de Satanás e do sistema que governa o mundo.

Também não recebemos um “espírito de escravidão, para [vivermos], outra vez, atemorizados” (Rm 8:15). O Espírito Santo ministra à nossa vida e torna o Pai real para nós. Podemos ligar esse fato a 2 Timóteo 1:7: “Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação”. Desfrutamos uma profusão de recursos espirituais, pois o Espírito habita em nós!

O Espírito sonda (vv. 10, 11). Não há como saber o que se passa dentro da personalidade de cada pessoa, mas o espírito humano dentro dela sabe. Também não somos capazes de conhecer “as profundezas” de Deus, a menos que, de algum modo, entremos na personalidade de Deus. Não podemos fazer isso, mas, pelo seu Espírito, Deus entrou em nossa personalidade. Por meio do Espírito Santo, todo cristão se torna participante da própria vida de Deus.

O Espírito Santo conhece as “profundezas de Deus” e as revela a nós. 1 Coríntios 2:10 deixa claro que essas “profundezas de Deus” são outra descrição do que “Deus tem preparado para aqueles que o amam” (1 Co 2:9). Deus deseja que descubramos *hoje* todas as bênçãos de sua graça planejadas para nós.

O Espírito ensina (v. 13). Jesus prometeu que seu Espírito nos ensinaria (Jo 14:26) e nos conduziria à verdade (Jo 16:13). No entanto, devemos observar com cuidado a seqüência dos fatos: o Espírito ensinou Paulo sobre a Palavra, e só depois Paulo ensinou aos cristãos. A verdade de Deus encontra-se na Palavra de Deus, e é extremamente importante observar que essas verdades

espirituais são apresentadas por meio de *palavras* específicas. A Bíblia não contém apenas pensamentos inspirados, mas também *palavras* inspiradas. “Porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam, e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste” (Jo 17:8).

Cada um de nossos quatro filhos tem vocação diferente. Temos um pastor, uma enfermeira, um *designer* de equipamentos eletrônicos e uma secretária em uma imobiliária. Cada um aprendeu um vocabulário específico, a fim de ser bem-sucedido em sua área. O único que entendo melhor é o pastor.

O cristão bem-sucedido aprende e usa o vocabulário do Espírito. Conhece o significado da justificação, santificação, adoção, propiciação, eleição, inspiração e assim por diante. Ao compreender o vocabulário de Deus, passamos a compreender a Palavra de Deus e sua vontade para nossa vida. Se o aluno de engenharia entende os termos técnicos de química, física ou eletrônica, que dificuldade pode haver para o cristão, ensinado pelo Espírito, aprender o vocabulário da verdade cristã?

No entanto, ouço membros de igreja dizerem: “Não preguem doutrina. Queremos ouvir sermões que toquem nosso coração e que nos animem!” Sermões baseados em quê? Se não são baseados na doutrina, não servem para coisa alguma! Mas as pessoas queixam-se que a doutrina é enfadonha, o que não é verdade, quando ela é apresentada da maneira como a Bíblia a apresenta. Para mim, a doutrina é empolgante! Que emoção estudar a Bíblia e deixar que o Espírito nos ensine sobre “as profundezas de Deus” (1 Co 2:10)!

De que maneira o Espírito ensina o cristão? Compara “coisas espirituais com espirituais”. Traz à memória o que nos ensinou (Jo 14:26), relaciona essa verdade com algo novo e, em seguida, nos guia até uma nova verdade ou novas aplicações de uma verdade conhecida. Que grande alegria colocar-se diante das páginas da Bíblia e deixar que o Espírito revele a verdade de Deus! O

problema é que muitos cristãos estão ocupados demais para esse tipo de meditação tranqüila. Quanto enriquecimento essas pessoas estão perdendo!

O Espírito Santo é semelhante a um pai de família que “tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas” (Mt 13:52). O que é novo sempre surge do que é velho e nos ajuda a compreender melhor as coisas conhecidas. Ao compararmos partes das Escrituras entre si, Deus nos dá novos *insights* sobre verdades há muito conhecidas. Jesus baseou seus ensinamentos no Antigo Testamento, no entanto as pessoas se admiraram com o que ensinou por ser tão novo e empolgante.

Acredito que devemos separar um tempo para ler a Palavra e nela meditar diariamente. É interessante seguir um cronograma de leitura e reservar um tempo para orar, pensar e meditar. Devemos deixar o Espírito de Deus sondar a Palavra e nos ensinar. O estudo e a aplicação da doutrina bíblica podem transformar nossa vida.

O Espírito amadurece o cristão (vv. 14-16). Vemos aqui um contraste entre o salvo (chamado de “espiritual”, pois nele habita o Espírito) e o não salvo (chamado de “natural”, pois não possui o Espírito dentro de si). Em 1 Coríntios 3:1-4, Paulo apresenta ainda outro tipo de pessoa: o “homem carnal”, o cristão imaturo que vive na infantilidade espiritual, pois não se alimenta da Palavra nem se desenvolve.

Na vida de todo cristão, houve um tempo em que cada um foi um homem “natural”, dotado apenas das coisas naturais. Quando cremos no Salvador, o Espírito entrou em nós e nos elevou ao plano “espiritual”, para sermos capazes de viver na esfera do Espírito. *Então, tivemos de crescer!* O não salvo não pode receber as coisas do Espírito, pois não crê em tais coisas nem é capaz de compreendê-las. O cristão, porém, recebe as coisas do Espírito diariamente e, com isso,

Uma das marcas da maturidade é o discernimento – a capacidade de penetrar as camadas além da superfície e de ver as coisas como realmente são. Quem não recebe a salvação deixa-se levar pelas aparências e, na verdade, não vê coisa alguma. É espiritualmente cego. O cristão que está amadurecendo cresce em seu discernimento espiritual e, com a ajuda do Espírito, desenvolve a capacidade de compreender cada vez mais a mente e a vontade de Deus. Os coríntios careciam desse discernimento; eram espiritualmente ignorantes.

Ter “a mente de Cristo” não significa ser infalível e começar a fazer papel de Deus na vida de outras pessoas. Ninguém pode instruir Deus (Paulo cita Is 40:13; ver também Rm 11:33-36). Ter “a mente de Cristo” significa encarar a vida do ponto de vista do Salvador, levando em consideração seus valores e desejos. Significa ter os pensamentos de Deus e não pensar da mesma forma que o mundo.

A pessoa não salva não compreende o cristão: cada um vive em um mundo diferente. 1 Coríntios 2:15 não dá a entender que a pessoa não salva não pode mostrar as falhas que vê na vida do cristão (como acontece com freqüência), mas sim que não pode, verdadeiramente, alcançar um conhecimento pleno do que vem a ser a vida do cristão. Quando Paulo diz, nesse versículo, que o homem espiritual não é julgado “por ninguém”, isso inclui outros cristãos. Devemos ter todo cuidado para não nos tornarmos ditadores espirituais na vida de outros membros do povo de Deus (2 Co 1:24).

De tão absortos que se encontravam com os dons miraculosos do Espírito, os cristãos de Corinto deixavam de lado os ministérios básicos do Espírito. Enfatizavam o Espírito em detrimento do Pai e do Filho.

Bem-aventurados os equilibrados! E bem-aventurados os que compreendem e que compartilham “todo o desígnio de Deus” (At

SABEDORIA COM RESPEITO À IGREJA LOCAL

1 CORÍNTIOS 3

O inglês G. Campbell Morgan, pastor e estudioso da Bíblia, teve quatro filhos. Todos se tornaram pastores. Alguém perguntou a um dos netos se também desejava ingressar no ministério e o menino respondeu:

- Não. Pretendo ter um emprego de verdade.

O que um pastor deve fazer? Qual é, de fato, a "obra do ministério"? Se não soubermos como responder a essas questões, também não saberemos como avaliar o trabalho do ministro. Talvez não haja um assunto mais problemático do que esse na igreja local. Como saber se o pastor e os líderes estão fazendo seu trabalho?

Neste capítulo, Paulo pinta três retratos da igreja e, usando esses retratos, afirma que o ministério deve ter certos resultados. A igreja é uma *família*, e seu objetivo é a *maturidade* (1 Co 3:1-4). A igreja é um *campo*, e seu objetivo é *quantidade* (1 Co 3:5-9a). A igreja é um *templo*, e seu objetivo é *qualidade* (1 Co 3:9b-23).

1. A FAMÍLIA – MATURIDADE (1 Co 3:1-4)

Paulo havia explicado que existem dois tipos de pessoa no mundo – o homem natural (não salvo) e o homem espiritual (salvo). Agora, esclarece que há dois tipos de pessoas salvas: os cristãos maduros e os imaturos (carnais). Um cristão cresce em maturidade ao permitir que o Espírito o ensine e o dirija, dando-lhe o alimento da Palavra. O cristão imaturo vive em função das coisas da carne e tem pouco interesse nas coisas do Espírito. É evidente que alguns são imaturos porque se converteram há pouco tempo;

mas não é deles que Paulo fala nesta passagem.

Paulo foi o "pai espiritual" que deu origem a essa família (1 Co 4:15). Durante os dezoito meses em que ministrou em Corinto, Paulo tentou alimentar seus filhos espirituais e ajudá-los a amadurecer na fé. Como em uma família humana, em que todos ajudam um bebê recém-nascido a crescer e a amadurecer, também na família de Deus devemos encorajar a maturidade espiritual.

Quais são as marcas da maturidade? Dentre outras coisas, podemos identificar uma pessoa madura por sua *dieta*. Enquanto escrevo este capítulo, acompanhamos o crescimento de nossos dois netos. Becky ainda está sendo amamentada, mas Jonathan já se senta à mesa e usa sua caneca (algumas vezes com menos sucesso do que outras) e seus talheres. À medida que as crianças crescem, aprendem a comer alimentos diferentes. Depois de se alimentar de leite, passam a *suportar* (esse é o termo que Paulo emprega) a carne.

Qual é a diferença? A resposta habitual é que o "leite" representa as coisas fáceis da Palavra, enquanto a "carne" representa suas doutrinas mais complexas. No entanto, discordo dessa explicação tradicional e baseio minha convicção em Hebreus 5:10-14. A meu ver, essa passagem ensina que o "leite" representa aquilo que Jesus Cristo fez na Terra, enquanto a "carne" diz respeito ao que ele faz agora no céu. O autor de Hebreus desejava ensinar seus leitores sobre o sacerdócio celestial de Jesus Cristo no presente, mas não podia fazê-lo, pois seus leitores ainda eram muito imaturos (ver Hb 6:1-4).

A Palavra é nosso alimento espiritual: leite (1 Pe 2:2), pão (Mt 4:4), carne (Hb 5:11-14) e até mesmo mel (Sl 119:103). Assim como o corpo precisa de uma dieta equilibrada a fim de se manter saudável, também o ser interior necessita uma dieta balanceada de alimentos espirituais. O bebê começa com leite, mas à medida que cresce e que seus dentes se desenvolvem, precisa de comida sólida.

Não é difícil determinar a maturidade ou imaturidade espiritual de um cristão se

soubermos qual é seu tipo de “dieta”. O cristão imaturo não sabe muita coisa sobre o ministério presente de Cristo no céu. Sabe dos fatos acerca da vida e do ministério de Jesus na Terra, mas não das verdades sobre seu ministério no céu hoje. Vive de “histórias da Bíblia”, não de doutrinas bíblicas. Não compreende 1 Coríntios 2:6, 7.

Em meu ministério itinerante, tenho pregado em centenas de igrejas e congressos e sempre sou grato pelas congregações que expressam o desejo de ser instruídas e edificadas, não entretidas. É importante pregarmos o evangelho aos perdidos, mas também é importante *interpretarmos* o evangelho aos salvos. O Novo Testamento, em sua totalidade, é uma interpretação e aplicação do evangelho. Paulo não escreveu a Epístola aos Romanos, por exemplo, para dizer aos romanos como ser salvos, pois já eram cristãos. Escreveu essa carta para lhes explicar as implicações reais de sua salvação, para falar sobre “as profundezas de Deus” e sobre sua aplicação à vida diária.

Há outra maneira de determinar a maturidade: o cristão maduro pratica o amor e procura entender-se com os outros. As crianças gostam de brigar e de protestar; também gostam de se identificar com seus heróis, sejam eles de Hollywood ou do mundo dos esportes. Os “bebês” de Corinto brigavam para saber qual era o pregador mais proeminente – Paulo, Apolo ou Pedro. Pareciam crianças no *playground*:

- Meu pai é mais forte do que o seu!
- Meu pai ganha mais dinheiro do que o seu!

Quando cristãos imaturos e sem discernimento espiritual assumem cargos de liderança na igreja, os resultados são trágicos. Recebi telefonemas de vários pastores desiludidos me perguntando o que fazer com líderes da igreja que não vivem de acordo com seu discurso exemplar. (Devo ser justo e dizer que, por vezes, são os líderes que me escrevem perguntando o que fazer com seu pastor imaturo!)

O trabalho do pastor é ajudar a igreja a crescer espiritualmente e amadurecer no Se-

constante e equilibrado da Palavra. Efésios 4:1-16 explica como isso acontece: é necessário que cada membro do corpo contribua. Deus concede dons espirituais a seu povo e, em seguida, coloca essas pessoas com seus respectivos dons em várias igrejas, a fim de edificar os cristãos. Os cristãos edificam a igreja à medida que eles próprios crescem.

Paulo fala mais sobre os dons espirituais em 1 Coríntios 12 a 14, mas é importante observar que um cristão maduro usa seus dons como instrumentos para edificar, enquanto um cristão imaturo usa seus dons como brinquedos para o próprio entretenimento ou como troféus dos quais se gabar. Muitos membros da igreja de Corinto gostavam de “exibir” seus dons, mas não estavam interessados em servir uns aos outros e edificar a igreja.

Em que consiste o ministério? Envolve o amor, a alimentação e a disciplina da família de Deus para que seus filhos amadureçam na fé e se tornem mais semelhantes a Jesus Cristo.

2. O CAMPO – QUANTIDADE (1 Co 3:5-9A)

Paulo gostava de imagens do campo e as usava com freqüência em suas cartas. A expressão “lavoura de Deus” indica que somos “o campo cultivado de Deus, seu jardim”. Na parábola do semeador, Jesus compara o coração humano com o solo e a Palavra de Deus com a semente (Mt 13:1-9, 18-23). Paulo toma essa imagem *individual* e a transforma em uma imagem *coletiva*: a igreja local é um campo que deve dar frutos. O trabalho do ministro é semear o campo, cultivar o solo, regar as plantas e colher os frutos.

De que maneira essa imagem da igreja como um “campo” aplica-se aos problemas dos coríntios? Em primeiro lugar, quem deve ocupar a posição de proeminência é Deus, não os lavradores. Paulo e Apolo eram apenas servos que haviam feito seu trabalho. Foi Deus quem concretizou o resultado de seus esforços. Até mesmo a fé dos cristãos era uma dádiva de Deus (1 Co 3:5). É errado con-

devemos olhar para o Senhor da ceifa, a fonte de todas as bênçãos.

Convém observar a ênfase desse parágrafo sobre o *aumento* ou *crescimento*. Por que comparar pastores ou estatísticas? Deus é a fonte de crescimento; homem algum pode assumir esse crédito. Além disso, ninguém pode fazer *todo* o trabalho necessário. Paulo plantou a semente, Apolo a regou, mas somente Deus é capaz de fazê-la crescer (1 Co 3:6). Essa imagem nos mostra três lições básicas.

Primeira: A diversidade do ministério.

Um obreiro dedica-se a arar o solo; outro planta a semente; outro rega a semente. Com o passar do tempo, as plantas crescem e começam a dar frutos, e outros trabalhadores fazem a colheita. Essa ênfase sobre a diversidade também pode ser vista quando Paulo compara a igreja com um corpo constituído de várias partes diferentes.

Segunda: A unidade nos propósitos.

Qualquer que seja o trabalho que uma pessoa realiza para o Senhor, ainda assim faz parte da colheita. “Ora, o que planta e o que rega são um” (1 Co 3:8). Paulo, Apolo e Pedro não competiam entre si. Antes, cada um realizava sua incumbência sob o senhorio de Jesus Cristo. Apesar de haver diversidade no ministério, também há unidade em seu propósito; e deve haver, igualmente, unidade de espírito.

Terceira: A humildade de espírito. Não são os trabalhadores humanos que produzem a colheita; ela vem das mãos do Senhor da ceifa. “... mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento” (1 Co 3:6, 7). É verdade que Deus ordenou que os seres humanos fossem seus ministros aqui na Terra, mas sem a bênção de Deus, seus esforços não teriam sucesso algum. Os coríntios orgulhavam-se de sua igreja, e vários grupos dentro da congregação orgulhavam-se de seus líderes. Mas essa atitude jactanciosa estava dividindo a igreja, pois Deus não recebia a glória que lhe era devida.

Vemos Jesus expressar a mesma idéia no relato em João 4:34-38. O semeador e o

segador não apenas trabalham juntos, mas um dia se regozijarão juntos e receberão suas recompensas. Não pode haver ministérios isolados, pois cada obreiro participa do trabalho do outro. Tive o privilégio de levar a Cristo pessoas que não conhecia, mas em cujo coração outros haviam lançado a semente e a haviam regado com seu amor e orações.

“E cada um receberá o seu galardão, segundo o seu próprio trabalho” (1 Co 3:8). O que as pessoas pensam de nosso ministério não importa; o mais essencial é o que Deus pensa. Nossa recompensa não deve ser o louvor de homens, mas o “muito bem!” do Senhor da ceifa.

Deus deseja aumentar seu campo. Quer que cada igreja local produza o fruto do Espírito (Gl 5:22, 23), santidade (Rm 6:22), ofertas (Rm 15:26), boas obras (Cl 1:10), louvores ao Senhor (Hb 13:15) e almas ganhas para Cristo (Rm 1:13). O crescimento espiritual deve ser acompanhado de certo crescimento quantitativo. *Os frutos contêm sementes para produzir mais frutos.* Se os frutos de nosso ministério são verdadeiros, a seu tempo produzirão “mais fruto ainda [...] muito fruto” (Jo 15:1-8).

Os que servem no ministério devem estar sempre cuidando do “solo” da igreja. É preciso diligência e trabalho árduo para produzir uma colheita. Um pregador ou professor de Escola Bíblica Dominical indolente é como o agricultor preguiçoso sobre o qual Salomão fala em Provérbios 24:30-34. Satanás está ocupado semeando discórdia, mentiras e pecado; e nós devemos estar ocupados preparando o solo e plantando a boa semente da Palavra de Deus.

3. O TEMPLO – QUALIDADE (1 Co 3:9B-23)

De acordo com a explicação habitual, essa passagem descreve a edificação da vida do cristão. Todos nós edificamos sobre o alicerce, que é Cristo, mas alguns usam materiais de boa qualidade, enquanto outros usam materiais de qualidade inferior. O tipo de material que usamos determina o tipo de recompensa que receberemos.

Apesar de se tratar de uma *aplicação* válida desta passagem, não é sua *interpretação* principal. Paulo fala aqui da edificação da igreja local, do templo de Deus (em 1 Co 6:19, 20, o cristão como indivíduo é o templo de Deus; mas, aqui, o texto refere-se à congregação local. Em Efésios 2:19-22, a Igreja toda é comparada ao templo de Deus). Paulo ressalta que, um dia, Deus julgará as obras relacionadas à congregação local. “E qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará” (1 Co 3:13).

Deus se preocupa em que edifiquemos com qualidade. A igreja não é propriedade do pastor nem da congregação. Ela é a igreja *de Deus*. “Edifício de Deus sois vós” (1 Co 3:9). A fim de construir a igreja local de acordo com o que Deus deseja, é preciso cumprir certos requisitos.

Em primeiro lugar, devemos edificar sobre o alicerce apropriado (vv. 10, 11). Esse alicerce é Jesus Cristo. Quando Paulo foi a Corinto, decidiu pregar somente “a Jesus Cristo e este crucificado” (1 Co 2:1, 2). Lançou o único alicerce duradouro. Em mais de trinta anos de ministério, tenho visto “igrejas” tentarem construir sobre um pastor famoso, um determinado método ou uma ênfase doutrinária que acreditavam ser importante; no entanto, esses ministérios simplesmente não duraram. Os coríntios enfatizavam as personalidades – Paulo, Pedro, Apolo –, quando, na verdade, deveriam glorificar a Cristo.

O alicerce é lançado pela proclamação do evangelho de Jesus Cristo. Trata-se da parte mais importante da construção, pois determina o tamanho, a forma e a resistência da estrutura. Um ministério pode ser bem-sucedido por algum tempo, mas se não é fundamentado em Cristo, acabará desmoronando e desaparecendo.

Lembro-me de um pastor que “descobriu uma grande verdade” na Bíblia (na realidade, encontrou-a em alguns livros) e decidiu edificar sua igreja sobre a fomentação dessa “grande verdade”. Causou uma divisão dentro da igreja e levou consigo um grupo “dedicado à verdade” que havia descober-

Hoje, esse grupo se dispersou, e o pastor vai de igreja em igreja tentando granjear adeptos para sua causa. Esse homem construiu sobre o fundamento errado.

Em segundo lugar, devemos construir com os materiais apropriados (vv. 12-17). Paulo descreve dois tipos opostos de materiais, como podemos ver no quadro abaixo:

<i>Ouro, prata e pedras preciosas</i>	<i>Madeira, feno e palha</i>
Permanentes, belos, valiosos, difíceis de obter.	Passageiros e temporários, comuns e até mesmo feios, baratos, fáceis de obter.

O que Paulo deseja simbolizar com essa seleção de materiais? Não está falando de pessoas, pois os cristãos são “como pedras que vivem” (1 Pe 2:5). A meu ver, Paulo está se referindo às *doutrinas da Palavra de Deus*. Em cada seção deste capítulo, a Palavra é simbolizada de uma forma que corresponde à imagem da igreja que Paulo usa. A Palavra é alimento para a família, semente para o campo e material de construção para o templo.

O Livro de Provérbios apresenta a sabedoria da Palavra de Deus como um tesouro que devemos buscar e proteger e no qual devemos investir na vida diária. Consideremos as seguintes passagens:

Feliz o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento; porque melhor é o lucro que ela dá do que o da prata, e melhor a sua renda do que o ouro mais fino. Mais preciosa é do que pérolas (3:13-15a).

Filho meu, se aceitares as minhas palavras e esconderes contigo os meus mandamentos, para fazeres atento à sabedoria o teu ouvido e para inclinares o coração ao entendimento, e, se clamares por inteligência, e por entendimento alçares a voz, se buscares a sabedoria como a prata e como a tesouros escondidos a procurares, então, entenderás o temor do SENHOR e acharás o conheci-

Aceitai o meu ensino, e não a prata, e o conhecimento, antes do que o ouro escolhido. Porque melhor é a sabedoria do que jóias, e de tudo o que se deseja nada se pode comparar com ela (8:10, 11).

Quando lembramos que, nos três primeiros capítulos de 1 Coríntios, Paulo escreve sobre a *sabedoria*, não temos dificuldade de encontrar uma ligação. Os coríntios tentavam edificar sua igreja por meio da sabedoria humana, a sabedoria deste mundo, enquanto deveriam depender da sabedoria de Deus encontrada na Palavra.

Para mim, isso indica que os ministros da Palavra devem sondar as profundezas das Escrituras e buscar seus tesouros – ouro, prata e pedras preciosas – e usar essas verdades para a edificação da vida das pessoas. D. L. Moody costumava dizer que os convertidos não devem ser apenas contados, mas também pesados. Deus está interessado tanto em *qualidade* quanto em *quantidade*, e Paulo deixa claro que é possível ter as duas coisas. Um servo fiel do Senhor pode trabalhar do campo e ver o crescimento, e pode edificar com a Palavra de Deus e ver beleza e bênçãos eternas.

É algo extremamente sério fazer parte da edificação do templo de Deus. 1 Coríntios 3:16, 17 adverte que, se construirmos o templo de Deus usando materiais baratos, Deus nos destruirá! Claro que isso não significa condenação eterna, pois 1 Coríntios 3:15 garante que todo o que trabalhar nessa obra será salvo, mesmo que perca a recompensa. Creio que Paulo está dizendo que construímos na igreja *o que construímos em nossa vida*. Amy Carmichael, missionária veterana na Índia, costumava dizer: “Nossa obra jamais chegará a lugares mais profundos do que os que nós mesmos alcançamos”. Assim, se não construirmos na igreja valores duradouros, acabaremos demolindo nossa própria vida. Podemos parecer bem-sucedidos para os homens, mas “manifesta se tornará a obra de cada um; pois o Dia a demonstrará” e, nesse dia, alguns ministros verão sua obra se transformar em fumaça.

Não é sábio comparar um servo do Senhor com outro, e Paulo adverte em 1 Coríntios 4:5: “Portanto, nada julgueis antes do tempo”.

Pastores mais jovens costumavam perguntar a Campbell Morgan o segredo de seu sucesso no púlpito. Morgan respondia: “Sempre lhes digo a mesma coisa – trabalho; trabalho árduo e, depois, mais trabalho!” Às seis horas da manhã, Morgan já estava em seu escritório escavando os tesouros da Palavra. Podemos encontrar madeira, feno e palha em nosso quintal; não é muito difícil juntar esses materiais. Mas se queremos ouro, prata e pedras preciosas, *precisamos escavar em busca desses tesouros*. Pastores e professores de Escola Bíblica Dominical indolentes terão de prestar contas de muita coisa no tribunal de Cristo, como também os que *roubam* de outros para construir, em vez de estudar e de preparar o próprio material.

Em terceiro lugar, devemos construir de acordo com um projeto apropriado (vv. 18-20). Alguns membros de igreja ficam perplexos quando descobrem que não se pode dirigir uma congregação da mesma forma como se administra um negócio. Isso não significa que não devemos seguir princípios adequados de gestão, mas o funcionamento de uma igreja é totalmente distinto. Existe a sabedoria do mundo que funciona para o mundo, mas que não funcionará para a igreja.

O mundo depende de promoção, do prestígio e da influência do dinheiro e das pessoas importantes. A igreja depende da oração, do poder do Espírito, da humildade, do sacrifício e do serviço. A igreja que imita o mundo pode parecer bem-sucedida neste mundo, mas, na eternidade, se transformará em cinzas. A igreja no Livro de Atos não tinha nenhum dos “segredos do sucesso” que parecem tão importantes hoje. Não tinha quaisquer propriedades; não tinha influência no governo; não tinha fundos (“Não possuo nem prata nem ouro”, disse Pedro); seus líderes eram homens comuns, sem preparo acadêmico especial em instituições prestigiosas; não estavam envolvidos em

grandes controvérsias; não traziam convidados famosos para os cultos; no entanto, revolucionaram o mundo!

Deus tem um plano específico para cada congregação (Fp 2:12, 13). Cada pastor e líder da igreja deve buscar ao Senhor e pedir sabedoria. 1 Coríntios 3:19 adverte que a sabedoria do homem serve apenas de armadilha (uma citação de Jó 5:13); e 1 Coríntios 3:20 diz que a sabedoria do homem conduz apenas à vaidade e futilidade (uma citação do Sl 94:11). Apesar de a igreja precisar se identificar com as *necessidades* do mundo, não deve imitar a *sabedoria* do mundo.

Por fim, devemos construir pelo motivo certo (vv. 21-23). Esse motivo é a glória de Deus. Os membros da igreja de Corinto se gloriavam em homens, o que é errado. Comparavam uns com os outros (1 Co 4:6), e com essas atitudes carnis dividiam a igreja. Se estivessem buscando somente a glória de Deus, teria havido harmonia na congregação.

Paulo encerra este apelo ressaltando que cada cristão possui todas as coisas em Cristo. Os servos de Deus pertencem a *todos* os cristãos. Nenhum membro da igreja deve dizer: "Pertença a Paulo!" ou "Gosto de Pedro!", pois todos os servos pertencem, igualmente, a todos os membros. Talvez seja inevitável ter preferências pessoais, no que se refere à maneira de pessoas diferentes ministrarem a Palavra. No entanto, não

devemos permitir que essas preferências tornem-se preconceitos causadores de divisão. Na verdade, o pastor do qual menos gosto talvez seja o do qual mais preciso!

"Tudo é vosso" - o mundo, a vida, a morte, as coisas do presente, as coisas vindouras! Como somos ricos em Cristo! Se todas as coisas pertencem a todos os cristãos, que motivo há para competição e rivalidade? "Não olhem para os homens", Paulo admoesta. "Mantenham seus olhos em Cristo e trabalhem para edificar a igreja!"

"Vós [sois] de Cristo" - esse fato traz equilíbrio. Temos todas as coisas em Jesus Cristo, mas não devemos nos descuidar e usar dessa liberdade de modo insensato. "Tudo é vosso" refere-se à *liberdade* cristã. "Vós [sois] de Cristo" refere-se à *responsabilidade*. A fim de edificar uma igreja, que não se transformará em cinzas quando for provada pelo fogo, precisamos das duas coisas.

Como é importante orar pelos que ministram a Palavra! Cabe a eles alimentar a família de Deus e conduzir os "bebês" à maturidade. Devem plantar a semente no campo e orar para que produza em abundância. Devem escavar os tesouros da Palavra e usá-los para a edificação do templo. Não é de se admirar que Paulo tenha clamado: "Quem, porém, é suficiente para estas coisas?", mas logo respondeu: "A nossa suficiência vem de Deus" (2 Co 2:16; 3:5).

SABEDORIA COM RESPEITO AO MINISTÉRIO CRISTÃO

1 CORÍNTIOS 4

Em 1 Coríntios 3, Paulo apresentou três retratos da igreja local. Aqui, apresenta três retratos do ministro – um despenseiro (1 Co 4:1-6), um espetáculo (1 Co 4:7-13) e um pai (1 Co 4:14-21). Seu objetivo é levar os leitores a compreenderem como Deus mede e avalia o serviço de um cristão. 1 Coríntios 4:6 explica o propósito de Paulo: “A fim de que ninguém se ensoberbeça a favor de um em detrimento do outro”.

Em se tratando de avaliar os obreiros e seus ministérios, deve-se evitar extremos. Por um lado, não se pode ser tão indiferentes a ponto de aceitar qualquer um que aparecer. Por outro lado, porém, não se pode ser tão críticos a ponto de desaprovar até alguém como Paulo. É importante “provarmos os espíritos” (ver 1 Jo 4:1-6 e 2 Jo), mas ao fazê-lo, devemos ter cuidado para não entristecer o Espírito.

Nestes três retratos do ministério, Paulo apresenta três características do verdadeiro ministro de Jesus Cristo.

1. FIDELIDADE – O DESPENSEIRO (1 Co 4:1-6)

Paulo responde aos líderes de várias facções da igreja quando chama Apolo, Pedro e a si mesmo de “ministros de Cristo”. O termo traduzido por *ministros* significa, literalmente, “remador” e se refere aos escravos que remavam nas enormes galés romanas. Em outras palavras, Paulo está dizendo: “Não somos os capitães do navio, mas apenas escravos de uma galé, obedecendo a ordens. Por acaso um escravo é maior do que outro?”

Em seguida, o apóstolo explica a imagem do *despenseiro*. Um despenseiro é um

servo que administra todos os bens de seu senhor, mas ele próprio não possui coisa alguma. José era o despenseiro-chefe (“mordomo”; Gn 39) da casa de Potifar. A igreja é a “família da fé” (Gl 6:10), e os ministros são despenseiros que compartilham da riqueza de Deus com a família (Mt 13:52). Paulo chama as riquezas espirituais de “mistérios de Deus”. Pode ser proveitoso recapitular nosso comentário sobre *mistério*, um importante termo usado em 1 Coríntios 2:7.

A responsabilidade do despenseiro é ser *fiel a seu senhor*. Talvez não agrade aos membros da família, talvez não agrade a alguns dos outros servos, mas, se agradar ao senhor, é um bom despenseiro. A mesma idéia é expressada em Romanos 14:4.

Assim, a questão principal não é: “será que todos gostam de Paulo?”, ou “será que Apolo prega melhor do que Paulo?” A questão mais importante é: “Será que Paulo, Apolo e Pedro foram fiéis à obra da qual Deus os incumbiu?” Jesus tinha essa mesma prova em mente ao contar a parábola relatada em Lucas 12:41-48. Se um servo de Deus é fiel em sua vida pessoal, seu lar e seu ministério da Palavra, é um bom despenseiro e será devidamente recompensado.

Mas um servo está sempre sendo julgado. Sempre há alguém criticando o que outros fazem. Paulo fala de três julgamentos na vida do despenseiro.

O julgamento dos homens (v. 3a). Paulo não se perturbava quando criticado, pois sabia que o julgamento de seu Senhor era muito mais importante. A expressão *tribunal humano* significa, literalmente, “dia do homem”. Trata-se de um contraste com o dia vindouro do julgamento de Deus (1 Co 1:8; 3:13).

O julgamento do próprio servo (vv. 3b, 4a). Paulo não sabia de coisa alguma que estivesse faltando em sua vida e ministério, mas nem por isso se considerava justificado. Por vezes, não conhecemos nosso ser interior. A linha divisória entre a consciência tranqüila e a justificação própria pode ser muito fina, de modo que devemos ter cuidado.

O julgamento mais importante é o julgamento de Deus (v. 4b). Sem dúvida, Deus

nos julga no presente por meio de sua Palavra (Hb 4:12) e do ministério do Espírito. Às vezes, usa o ministério de um amigo que nos ama para nos ajudar a reconhecer e a confessar um pecado (Mt 18:15-17). Mas a referência principal, neste caso, é a avaliação final pela qual todo cristão passará no tribunal de Deus (Rm 14:10; 2 Co 5:10). Nessa ocasião, a verdade será revelada e os servos fiéis serão recompensados.

Esses versículos não devem ser usados para nutrir uma independência presunçosa nas pessoas. A igreja local é uma família, e os membros da família devem promover o crescimento uns dos outros. Há um lugar para a honestidade e para as críticas feitas em amor (Ef 4:15). Se aquele que nos critica está certo, está nos ajudando. Se está errado, podemos ajudá-lo. De um jeito ou de outro, a verdade é fortalecida.

O “portanto” que Paulo usa em 1 Coríntios 4:5 indica que está prestes a apresentar uma aplicação pessoal das verdades que acabou de discutir. Assim, o apóstolo encerra esta seção com três admoestações.

Em primeiro lugar, “vocês estão julgando os servos de Deus na hora errada” (v. 5). Somente quando o Senhor voltar é que avaliará a vida e o ministério dessas pessoas, de modo que devemos esperar até então. Na verdade, não conhecemos o coração dos outros e não temos como julgar suas motivações. Somente Deus pode fazer isso. “O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração” (1 Sm 16:7).

Os coríntios que julgavam Paulo “faziam papel de Deus” e se apropriavam dos privilégios que só cabem a Deus. Quantas vezes cometi o mesmo erro em meu ministério! Como é fácil interpretar uma situação incorretamente e julgar mal uma pessoa!

Em segundo lugar, “vocês estão usando o parâmetro errado” (v. 6a). Os coríntios mediam os outros de acordo com suas preferências e preconceitos pessoais e faziam comparações entre os ministros. A única base verdadeira para a avaliação é “o que está escrito” – a Palavra de Deus.

A Bíblia revela claramente como deve

necessidade alguma de desenvolver novos parâmetros para hoje. Com frequência, recebo cartas de igrejas à procura de pastores perguntando se posso recomendar candidatos. Muitas vezes, as exigências dessas igrejas vão além do que Deus requer em sua Palavra. Trata-se, mais uma vez, do problema discutido por Paulo em 1 Coríntios 1 e 2 – a sabedoria dos homens em contraste com a sabedoria de Deus.

Em terceiro lugar, “vocês estão julgando pelo motivo errado” (v. 6b). Cada grupo da igreja rebaixava outros ministros, a fim de exaltar o homem que preferiam. Seu motivo não era, de modo algum, espiritual. Promoviam a divisão na igreja pelo partidismo e o favorecimento de uma pessoa em detrimento de outras. Precisavam examinar o próprio coração e se livrar do orgulho que destruía a igreja.

Os servos de Deus são despenseiros de sua verdade, e a questão decisiva é: *esses despenseiros foram fiéis na obediência e no ensino da Palavra de Deus? Não apenas pregando, mas também praticando a Palavra?* Os depoimentos de Samuel (1 Sm 12:1-5) e de Paulo (At 20:17ss) dão testemunho dessa verdade.

2. HUMILDADE – O ESPETÁCULO (1 Co 4:7-13)

Ao chamar a si mesmo e aos outros apóstolos de “espetáculo ao mundo” (1 Co 4:9), Paulo usa uma imagem conhecida dos cidadãos do império romano. O governo mantinha o povo pacificado, oferecendo entretenimento nas diversas cidades do império. Os anfiteatros ficavam lotados de gente ansiosa para ver homens competindo em esportes e de prisioneiros lutando contra animais selvagens (na verdade, o termo grego traduzido por *espetáculo* dá origem à nossa palavra “teatro”). O Coliseu em Roma tornou-se o centro desse tipo de “entretenimento”.

Quando a “apresentação principal” terminava, os prisioneiros mais desprezíveis e fracos eram colocados na arena para lutar contra as feras. Ninguém esperava muita

Que retrato dos apóstolos de Jesus Cristo! No entanto, constitui o pano de fundo para uma série de contrastes que Paulo faz a fim de tentar conduzir os coríntios à humildade.

Reis – prisioneiros (vv. 7-9). A pergunta em 1 Coríntios 4:7 deve levar todos nós a refletir. “Quem é que te faz sobressair?” Gosto de uma tradução que diz: “Quem te considera superior?” Um pastor jovem disse certa vez a um amigo meu: “Por favor, ore por mim, para que eu permaneça humilde”. E meu amigo retrucou: “Mas que motivos você tem para se orgulhar?” Por que algum de nós se consideraria superior? Talvez nossa opinião tendenciosa nos faça sentir tão importantes. O melhor comentário sobre 1 Coríntios 4:7 é o testemunho de João Batista: “O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada [...] Convém que ele [Cristo] cresça e que eu diminua” (Jo 3:27, 30).

Paulo usa certo “sarcasmo santo” em 1 Coríntios 4:8 ao descrever os coríntios como reis. “Gostaria de poder reinar com vocês e ser importante!”, diz o apóstolo. “Mas, em vez disso, devo entrar na arena e sofrer por amor ao Senhor Jesus Cristo. Vocês têm a primazia diante dos homens, mas os apóstolos são os últimos entre eles”. Aos olhos de Deus, os apóstolos eram os primeiros (1 Co 12:28), mas aos olhos dos homens, eram os últimos.

Não há lugar para o orgulho no ministério. Se um líder verdadeiro como Paulo se considerava “um espetáculo no final da programação”, o que dizer de nós? É errado os membros da igreja medirem seus pastores usando parâmetros diferentes dos que foram dados por Deus. Também é errado se vangloriar do ministro pelo qual tem predileção. Isso não significa que os servos fiéis não devam ser reconhecidos e honrados, mas em todas as coisas Deus deve ser glorificado (1 Ts 5:12, 13).

Sábios – loucos (v. 10a). De acordo com os padrões dos homens, Paulo era um louco. Se tivesse continuado sua carreira de rabino, poderia ter galgado a cargos elevados dentro da religião judaica (Gl 1:14). Ou,

ainda, se tivesse tomado o partido dos judeus legalistas na igreja de Jerusalém e deixado de lado o ministério aos gentios, poderia ter evitado várias perseguições (At 15; 21:17ss). Mas Paulo estava sendo sincero quando perguntou ao Senhor qual era seu desejo para a vida dele (ver At 9:6).

Os coríntios eram sábios a seus próprios olhos, mas, na verdade, aos olhos de Deus não passavam de loucos. Ao dependerem da sabedoria e dos padrões do mundo, agiam como loucos. Os que buscam a sabedoria espiritual tornam-se loucos aos olhos do mundo (1 Co 3:18). Gosto de citar as palavras do mártir Jim Elliot: “Não é louco quem dá aquilo que não pode guardar a fim de ganhar o que não pode perder”.

Fortes – fracos (v. 10b). Houve um tempo em que Paulo se vangloriava de suas forças; mas, então, teve um encontro com Jesus Cristo e descobriu que as coisas que considerava habilidades eram, na verdade, deficiências (Fp 3). Por meio do próprio sofrimento, Paulo descobriu que a força espiritual vinha de sua fraqueza pessoal (2 Co 12:7-10). A força que se considera como tal é, na verdade, uma fraqueza; mas a fraqueza que se reconhece como tal se transforma em força.

Os coríntios orgulhavam-se de suas realizações espirituais. As façções da igreja orgulhavam-se de seus líderes espirituais e ministros prediletos. Tudo isso, porém, não passava de fraqueza. A verdadeira força só é experimentada quando Deus é glorificado. “Porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2 Co 12:9).

Nobre – desprezado (vv. 10c-13). Este era o ponto crítico da questão: os cristãos em Corinto desejavam a honra que vem dos homens, não a honra que vem de Deus. Tentavam “tomar emprestada” alguma glória se relacionando com “homens importantes”. A isso Paulo responde: “Se vocês se relacionarem conosco, devem estar preparados para sofrer. Nós, os apóstolos, não somos nobres; somos homens desprezados!”.

Em seguida, Paulo descreve as privações e sofrimentos que teve de suportar como servo de Deus. O fato de ter trabalhado com

as próprias mãos fazendo tendas podia ser considerado por muitos algo humilhante, pois os gregos desprezavam o trabalho manual.

Paulo também descreve sua reação à maneira das pessoas de o tratarem, algo que, em si mesmo, ajudou a transformá-lo em um grande homem. Aquilo que a vida faz conosco depende do que ela encontra dentro de nós. Quando Paulo foi ultrajado, fez como Jesus e abençoou os que o insultaram (Mt 5:44). Quando foi perseguido, suportou pela graça de Deus e não se vingou. Quando foi difamado, buscou a reconciliação. Em todas as coisas, procurou responder com amor.

E qual foi o resultado? "Até agora, temos chegado a ser considerados lixo do mundo, escória de todos" (1 Co 4:13). "Tira tal homem da terra, porque não convém que ele viva!" (At 22:22). Paulo e os outros apóstolos receberam o mesmo tratamento que seu Senhor. No entanto, Deus os vindicou e glorificou seu nome. Serviço fiel e disposição humilde: essas são duas características importantes de um servo de Jesus Cristo. Devemos estar dispostos a trabalhar e a sofrer. Uma coisa é ser fiel, outra bem diferente é ser bem aceito por todos. No entanto, há uma terceira característica que ajuda a equilibrar a fidelidade e a humildade.

3. TERNURA – O PAI (1 CO 4:14-21)

Em outra passagem, Paulo compara a igreja local a uma família (1 Co 3:1-4). Aqui, porém, compara o ministro a um "pai espiritual". Em suas cartas, Paulo nunca se chamou de "pai", pois atentou para o ensinamento de Jesus Cristo em Mateus 23:8-12. Mas, ao se comparar com um "pai espiritual", Paulo lembra a igreja dos ministérios importantes que realizou em favor dela.

Em primeiro lugar, Paulo fundou a família (vv. 14, 15). Os coríntios eram os filhos na fé e queridos ao apóstolo. Sempre que compartilhamos o evangelho com alguém e temos o prazer de levar essa pessoa a Cristo, tornamo-nos "pais espirituais". Isso não nos dá qualquer autoridade especial sobre a fé dessa pessoa (2 Co 1:24), mas cria um relacionamento especial que Deus pode

crescer. A igreja local é a família de Deus, que contribui para o desenvolvimento dos "bebês" na fé.

É importante observar que Paulo não assume o "crédito" dessa conversão. Seu nascimento espiritual se dá *em Cristo* e *por meio do evangelho*. Os pecadores nascem de novo pelo ministério do Espírito de Deus e da Palavra de Deus (Jo 3:6; 1 Pe 1:23-25). Paulo foi o "pai" que ficou ao lado deles e que ajudou nesse nascimento.

Uma criança pode ter várias pessoas que cuidam dela e que a ensinam, mas têm apenas um pai. Possui um relacionamento especial com esse pai, e a posição dele não pode ser ocupada por mais ninguém. Corinto não tinha uma igreja antes da visita de Paulo, de modo que mesmo a segunda geração de cristãos dessa igreja era resultado do ministério eficaz do apóstolo.

Paulo fundou a igreja, e Apolo, seu sucessor, ensinou o povo. De algum modo que não fica claro nas Escrituras, Pedro também ministrou em Corinto. (Talvez não tenha estado lá pessoalmente, mas é possível que outros mestres de Jerusalém tenham ministrado em Corinto como "representantes" de Pedro.) Os filhos de Deus precisam do ministério de vários mestres, mas não devem se esquecer de seu "pai espiritual" (ou "mãe") que os levou a Cristo.

Em segundo lugar, Paulo foi um exemplo para a família (vv. 16, 17). Os filhos costumam imitar os pais, tanto nas coisas boas quanto nas coisas ruins. De acordo alguns pesquisadores, os adolescentes aprendem a beber em casa, não com os amigos. Suspeito que outros maus hábitos também são adquiridos dessa mesma forma.

O termo *imitadores* significa, literalmente, "mímicos". Paulo dá essa mesma admoestação em Filipenses 3:17, mas não devemos imaginar com isso que o apóstolo está se enaltecendo. As crianças pequenas aprendem primeiro pelo exemplo e, depois, pela explicação. Quando Paulo pastoreou a igreja em Corinto, deu aos recém-convertidos o exemplo de amor, de devoção a Cristo, de sacrifício e de serviço. "Sede meus imitadores,

Paulo foi um bom exemplo porque seguiu Jesus Cristo, o mais perfeito Exemplo de todos.

Todavia, Paulo também foi um bom mestre. Uma criança precisa de bons exemplos e de instrução, a fim de amadurecer. Paulo enviou Timóteo (também um de seus filhos na fé) para lembrar a igreja das doutrinas e práticas que Paulo havia ensinado. Timóteo não levou a carta para a igreja (1 Co 16:10), mas, ao que parece, foi adiante a fim de preparar o caminho para essa carta.

Deus não tem padrões diferentes para igrejas diferentes. Pode realizar sua vontade de maneiras distintas (Fp 2:12, 13), mas as doutrinas e princípios fundamentais são os mesmos. Pelo fato de as igrejas haverem se afastado da sabedoria de Deus e, em seu lugar, terem colocado a sabedoria humana, observamos sérias diferenças doutrinárias entre as diversas igrejas. Os homens foram além daquilo "que está escrito" (1 Co 4:6) e, com isso, causaram divisão na igreja.

Em terceiro lugar, Paulo foi fiel na disciplina da família (vv. 18-21). A criança precisa ser quebrantada, mas não destruída. Antes de ser domado, um potro é um animal perigoso e que não pode ser usado. Uma vez que aprende a obedecer, porém, torna-se manso e útil. O orgulho tem efeito terrível sobre a vida do cristão e da igreja. O fermento do pecado (1 Co 5:6-8) havia levado os coríntios a "se estufar" de tal modo que chegaram a dizer: "Paulo não virá nos disciplinar! Ele ladra mas não morde!" (ver 2 Co 10:8-11).

Paulo havia sido paciente com a desobediência dos coríntios, mas os advertiu de que havia chegado a hora de serem disciplinados. Não fez como a mãe condescendente que grita ao filho mimado: "Esta é a última vez que eu te aviso pela última vez!"

Os pais fiéis devem disciplinar os filhos. Não basta ensinarem e serem exemplos; também precisam castigar quando os filhos se rebelam e se recusam a obedecer. Paulo teria preferido ser brando e tratar do pecado deles de maneira afável, mas a atitude dos coríntios dificultou essa abordagem. Eram tão presunçosos que se orgulhavam até de sua desobediência! (1 Co 5:1, 2).

Este parágrafo contrasta o *discurso* e o *poder*, as palavras e as ações. Os coríntios arrogantes viviam contando vantagem, como as crianças costumam fazer, mas suas atitudes não condiziam com suas palavras. Sua religião era apenas da boca para fora. Paulo estava preparado para agir de acordo com seu discurso, tomando providências que revelariam o pecado dos coríntios e a santidade de Deus.

Esta seção prepara o caminho para os dois capítulos seguintes que tratam da disciplina dentro da igreja local. Havia inúmeros pecados contumazes na igreja de Corinto, e Paulo estava preparado para tratar deles. Já lhes escrevera uma carta sobre a questão (1 Co 5:9), mas a congregação não lhe havia obedecido. Então, alguns dos membros mais espirituais entraram em contato com Paulo (1 Co 1:11; 16:17) e compartilharam o peso que havia em seu coração. Alguns líderes da igreja haviam escrito a Paulo pedindo orientação (1 Co 7:1), e a oração do apóstolo era para que seguissem os conselhos que lhes havia dado.

De acordo com um princípio geral, os que não são capazes de se controlar devem ser governados por outros. As seguradoras e autoridades médicas instam os motoristas a usarem cinto de segurança, mas muitos deles se recusam. Assim, o governo precisou criar uma lei *exigindo* que os motoristas usem cinto de segurança, e os infratores são penalizados.

Paulo deu à igreja de Corinto a oportunidade de colocar a casa em ordem. Nos capítulos seguintes, explica de que maneira a congregação local deve ser dirigida segundo a vontade de Deus. Infelizmente, a igreja não obedeceu de imediato. Paulo teve de fazer uma visita rápida a Corinto e passou por experiências dolorosas durante sua estadia nessa cidade (2 Co 2:1; 12:14; 13:1). Em seguida, lhes escreveu uma carta extremamente enérgica (1 Co 7:8-12) que, possivelmente, foi entregue por Tito.

Para a glória de Deus, a maioria das questões foi resolvida. Mesmo depois de terminada a crise, ainda havia coisas para colocar em ordem (2 Co 12:20 - 13:5).

Não é fácil ser um ministro da Palavra de Deus. Como despenseiros, devemos ser fiéis ao Senhor a despeito do que os homens nos façam ou digam a nosso respeito. As pessoas do mundo nos tratarão como

seres desprezíveis. Nossos próprios filhos na fé nos causarão mágoas e precisarão ser disciplinados.

Os servos fiéis do Senhor merecem nosso amor, obediência e apoio em oração.

SABEDORIA COM RESPEITO À DISCIPLINA NA IGREJA

1 CORÍNTIOS 5 – 6

A igreja em Corinto não era apenas uma igreja dividida, mas também desonrada. Havia pecado no meio de sua congregação, e, infelizmente, todos sabiam disso. No entanto, a igreja demorou a tomar uma atitude.

Nenhuma igreja é perfeita, mas a imperfeição humana jamais deve servir de pretexto para o pecado. Assim como os pais precisam disciplinar os filhos em amor, a igreja local também deve exercitar a disciplina sobre os membros da congregação. A disciplina da igreja não consiste em um grupo de “policiais piedosos” à caça de um transgressor. Antes, é constituída de um grupo de irmãos e irmãs profundamente entristecidos, desejosos de restaurar um membro caído da família.

Visto que alguns membros de Corinto não desejavam encarar e mudar a situação, Paulo pediu à igreja que considerasse três elementos importantes.

1. A IGREJA (1 Co 5:1-13)

“Qual será o efeito desse pecado sobre a igreja?” – esta é, sem dúvida, uma consideração crítica. Os cristãos são “chamados para ser santos” (1 Co 1:2), e isso significa uma vida de santidade para a glória de Deus. Se um cristão ama sua igreja, não permanecerá de braços cruzados enquanto o pecado enfraquece e, possivelmente, destrói seu testemunho.

Qual deve ser nossa posição? Paulo dá três instruções específicas a serem seguidas pela igreja.

Lamentar o pecado (vv. 1, 2). Trata-se do mesmo termo usado para prantear os

mortos, que é, talvez, o tipo de tristeza mais profunda e dolorosa que uma pessoa pode sentir. Em vez de se lamentarem, os coríntios se vangloriavam. Gabavam-se do fato de terem uma mente tão aberta que até os sexualmente impuros poderiam ser considerados membros de boa reputação!

O pecado em questão era uma forma de incesto: um cristão professo (e membro da igreja) vivia uma relação conjugal com a madrasta. Uma vez que Paulo não julgou a mulher (1 Co 5:9-13), podemos supor que não era membro da igreja, provavelmente nem sequer cristã. Esse tipo de pecado era condenado pela Lei do Antigo Testamento (Lv 18:6-8; 20:11) bem como pelas leis das nações gentias. Paulo mostrou à igreja sua situação vergonhosa dizendo: “Nem mesmo os gentios incrédulos praticam esse tipo de pecado!”

Apesar de ser verdade que a vida do cristão é uma festa (1 Co 5:8), há ocasiões em que se torna um funeral. Sempre que um irmão ou irmã em Cristo cai em pecado, é hora de a família lamentar o pecado e buscar ajuda para o cristão caído (Gl 6:1, 2). No tocante às coisas do Senhor, o irmão em Corinto estava “morto”. Não tinha comunhão com o Senhor nem com aqueles da igreja que viviam em santidade.

Julgar o pecado (vv. 3-5). Apesar de os cristãos não deverem julgar as motivações uns dos outros (Mt 7:1-5), nem seus ministérios (1 Co 4:5), certamente é esperado que sejamos honestos sobre a conduta uns dos outros. Em meu próprio ministério pastoral, nunca senti qualquer prazer em ter de iniciar um processo de disciplina dentro da igreja; no entanto, uma vez que a disciplina é ordenada pelas Escrituras, devemos obedecer a Deus e colocar nossos sentimentos de lado.

Nesta passagem, Paulo descreveu uma reunião oficial com o propósito de tratar do transgressor de acordo com as instruções divinas. O pecado público deve ser julgado e condenado publicamente. (Para as instruções de Jesus a esse respeito, convém estudar Mt 18:15-20.) O pecado não deveria ser “varrido para debaixo do tapete”, pois,

afinal, era de conhecimento geral até mesmo dos incrédulos de fora da igreja.

A igreja deveria se reunir e expulsar o transgressor. É importante observar as palavras enérgicas que Paulo usa para instruí-los: “tirado do vosso meio” (1 Co 5:2), “entregue a Satanás” (1 Co 5:5), “lançai fora” (1 Co 5:7) e “expulsai” (1 Co 5:13). Paulo não sugere que esse malfeitor seja tratado com brandura. Tomamos por certo, evidentemente, que, antes disso, os líderes da igreja haviam procurado restaurar esse homem pessoalmente.

As instruções deveriam ser levadas a cabo pela autoridade de Jesus Cristo – em seu nome –, não apenas pela autoridade da igreja local. Ser membro de uma igreja é algo muito sério e não deve ser tratado com descuido ou leviandade.

O que significa entregar um cristão “a Satanás”? Não quer dizer privá-lo da salvação, pois, para começar, não é a igreja que concede a salvação. Quando um cristão está em comunhão com o Senhor e com a igreja local, desfruta de proteção especial dos ataques de Satanás. Mas, quando se encontra fora da comunhão com Deus e com a igreja local, vê-se mais exposto ao inimigo. Deus poderia permitir que Satanás atacasse o corpo do transgressor, de modo que este se arrependesse e voltasse para o Senhor.

Expurgar o pecado (vv. 6-13). Vemos aqui uma imagem da refeição pascal (Êx 12). Jesus é o Cordeiro de Deus que derramou seu sangue para nos livrar do pecado (Jo 1:29; 1 Pe 1:18-25). Os hebreus no Egito foram libertos da morte ao aplicar o sangue do cordeiro nas ombreiras e na verga das portas. Depois disso, os hebreus comeram a refeição pascal em família. Um dos requisitos era que não houvesse qualquer lêvedo (fermento) na casa. Nem mesmo o pão consumido na refeição deveria ser levedado.

O fermento é uma imagem do pecado. É pequeno, porém poderoso; trabalha em oculto; faz a massa “inchar” e se espalha. O membro da igreja de Corinto que vivia em pecado era como um pedaço de fermento: contaminava toda a massa do pão

(a congregação). Era como um câncer para o corpo e precisava ser extirpado por meio de uma cirurgia radical.

A igreja deve se livrar de todo o “velho fermento” – as coisas que pertencem a nosso antigo estilo de vida antes de crermos em Cristo. Também devemos nos livrar da malícia e da perversidade (havia muitas mágoas entre os membros da igreja de Corinto) e, em seu lugar, colocar a sinceridade e a verdade. Assim como um pão (1 Co 10:17), a igreja local deve ser o mais pura possível.

Todavia, a igreja não deve julgar nem condenar os que estão *fora* da fé. Esse julgamento será realizado por Deus no futuro. Em 1 Coríntios 5:9-13, Paulo enfatiza novamente a importância da separação do mundo. Os cristãos não devem ser *isolados*, mas sim separados. Não podemos evitar o contato com os pecadores, mas podemos evitar ser contaminados por eles.

Se um cristão professo é culpado dos pecados citados nessa passagem, a igreja deve tratar dessa pessoa. Os membros individuais não devem se “associar” a ele (1 Co 5:9 – “se misturar, se relacionar intimamente”). Não devem *comer* com ele, o que pode ser uma referência à hospitalidade em particular ou, mais provavelmente, à observância pública da Ceia do Senhor (ver 1 Co 11:23-34).

A disciplina da igreja não é algo fácil e, muitas vezes, não é vista com bons olhos por todos, mas ainda assim é importante. Caso seja feita corretamente, Deus pode convencer o cristão caído de seu pecado e restaurar sua vida. 2 Coríntios 2:1-11 dá a entender que o homem se arrependeu e foi restaurado à comunhão.

2. OS PECADORES PERDIDOS (1 Co 6:1-8)

A igreja em Corinto perdia rapidamente seu testemunho à cidade. Não apenas os incrédulos sabiam da imoralidade na congregação, como também tinham conhecimento de processos legais envolvendo membros da igreja. Não se tratava somente de pecados da carne, mas também de pecados do espírito (2 Co 7:1).

Os gregos em geral, especialmente os atenienses, eram conhecidos por sua ligação com os tribunais de justiça. Em uma peça do dramaturgo grego Aristófanes, um dos personagens olha para um mapa e pergunta onde fica a Grécia. Quando alguém lhe mostra, ele responde que deve ser um engano, pois não vê julgamento algum em andamento! No entanto, os Estados Unidos estão adquirindo uma fama parecida: em um período recente de doze meses, foram mais de 200 mil processos civis levados às cortes federais. Há quase um milhão de advogados cuidando desses processos, e o número de profissionais nessa área só tem aumentado. Em um ano, os tribunais estaduais recebem mais de doze milhões de processos.

Paulo vê três aspectos trágicos envolvidos nessa situação.

Em primeiro lugar, *os cristãos davam um péssimo testemunho aos não cristãos*. Até mesmo os judeus incrédulos tratavam de seus litígios nos tribunais das próprias sinagogas. Ao levar os problemas dos cristãos aos tribunais do Estado e discuti-los diante de "injustos" e de "incrédulos", os cristãos enfraqueciam o testemunho do evangelho.

Em segundo lugar, *a congregação não vivia à altura de sua posição em Cristo*. Uma vez que, um dia, os santos participarão do julgamento do mundo e até dos anjos caídos, devem ser capazes de acertar suas diferenças aqui na Terra. Os coríntios orgulhavam-se de seus dons espirituais maravilhosos. Então, por que não usavam esses dons para resolver seus problemas?

Os estudiosos da Bíblia não apresentam um consenso quanto ao significado de 1 Coríntios 6:4. Alguns acreditam que se trata de certo sarcasmo: "Vocês estariam em uma situação melhor se pedissem ao membro mais fraco da igreja para resolver a questão do que a levando para o mais qualificado dos juizes incrédulos!" Outros entendem a oração "constituís um tribunal daqueles que não têm nenhuma aceitação na igreja" como uma referência a juizes pagãos. Talvez Paulo esteja dizendo que Deus pode até usar o menor dos membros de uma igreja para

discernir sua vontade. O resultado continua sendo o mesmo: é errado os cristãos levarem processos legais contra outros cristãos aos tribunais civis.

Existem, por vezes, "processos amigáveis" exigidos pela lei para acertar determinadas questões. Não é a esse tipo de processo que Paulo se refere. Ao que parece, os membros da igreja litigavam entre si, tentando ganhar sua causa nos tribunais. Fico feliz em ver que, hoje em dia, é comum encontrar nas igrejas advogados cristãos dispostos a servir de árbitros em processos civis e ajudar a resolver tais questões fora dos tribunais.

O terceiro aspecto trágico: *os membros que processavam uns aos outros já haviam perdido*. Mesmo que alguns deles ganhassem o processo, todos haviam sofrido uma perda muito maior por sua desobediência à Palavra de Deus. A declaração: "O só existir entre vós demandas já é completa derrota para vós outros" (1 Co 6:7) pode ser traduzida por: "Esse simples fato já é uma derrota completa para vocês". Sem dúvida, Paulo está se referindo a Mateus 5:39-42. Melhor perder dinheiro ou bens do que perder um irmão em Cristo e também nosso testemunho.

Ao longo dos anos em que estou no ministério, tenho visto o resultado de igrejas e de membros de igreja tentando resolver problemas pessoais na justiça. Ninguém sai ganhando, exceto o diabo! Os coríntios que recorriam à justiça desonravam o nome do Senhor e da igreja tanto quanto o homem culpado de incesto, portanto precisavam ser disciplinados.

Lembro-me de um aluno de teologia que me telefonou para dizer que havia decidido processar seu seminário. Ao que parece, a administração não lhe permitiu fazer algo que considerava absolutamente necessário a sua educação acadêmica. Aconselhei-o a "esfriar a cabeça", a conversar com o conselheiro do corpo docente e a procurar outra solução. Seguiu meu conselho e, ao fazê-lo, não apenas evitou dar um péssimo testemunho, mas também cresceu espiritualmente por meio dessa experiência.

3. O SENHOR (1 Co 6:9-20)

Havia grande devassidão na cidade de Corinto. Era uma sociedade permissiva, com uma filosofia semelhante à do mundo de hoje. Uma vez que o sexo é uma função física normal, por que não usá-lo como nos parece melhor? Paulo ressaltou que Deus criou o sexo quando fez o primeiro homem e a primeira mulher, portanto tem o direito de nos dizer como usá-lo. A Bíblia é o "manual do proprietário" e deve ser obedecida.

Deus condena os pecados sexuais, alguns dos quais são citados por Paulo em 1 Coríntios 6:9. Naquele tempo, a idolatria e a lascívia andavam juntas. Os termos "efeminados" e "sodomitas" referem-se aos parceiros ativos e passivos em uma relação homossexual (Paulo trata do homossexualismo e especificamente do lesbianismo em Rm 1:26, 27). Em 1 Coríntios 6:10, Paulo repreende os membros culpados de pecados do espírito, os que litigavam uns contra os outros por causa de sua cobiça.

No entanto, Deus também pode purificar os pecados sexuais e transformar os pecadores em novas criaturas em Cristo. "Mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados" (1 Co 6:11). Os tempos verbais indicam uma transação concluída. Agora, em função de tudo o que Deus havia feito por eles, tinham uma obrigação para com o Senhor de usar o corpo para seu serviço e para sua glória.

Deus, o Pai (vv. 12-14). Foi ele quem criou nosso corpo e, um dia, o ressuscitará em glória (1 Co 15 trata da ressurreição em mais detalhes). Uma vez que nosso corpo tem uma origem tão maravilhosa e um futuro ainda mais maravilhoso, como dedicá-lo a propósitos tão perversos?

Os coríntios usavam dois argumentos. Em primeiro lugar: "Todas as coisas me são lícitas" (1 Co 6:12). Essa era uma expressão em voga em Corinto e tomava como base um conceito falso da liberdade cristã. Não fomos libertos só para entrar em outro tipo de servidão! Como cristãos, devemos nos perguntar: "Isso irá me escravizar? Essa atividade é, de fato, proveitosa para minha

O segundo argumento deles era: "Os alimentos são para o estômago, e o estômago, para os alimentos" (1 Co 6:13). Consideravam o sexo um apetite a ser saciado, não uma dádiva a ser guardada e usada com cuidado. A lascívia está para o sexo assim como a glotonaria está para os alimentos; os dois são pecaminosos e têm conseqüências trágicas. Só porque temos certos desejos normais, dados por Deus na criação, isso não significa que devemos nos entregar a eles e satisfazê-los a todo tempo. O sexo fora do casamento é destrutivo, enquanto o sexo dentro do casamento pode ser criativo e belo.

Pode haver emoção e prazer na experiência sexual fora do casamento, *mas não há enriquecimento*. O sexo fora do casamento é como o assalto a um banco: o ladrão fica com alguma coisa que não lhe pertence e pela qual terá de pagar um dia. O sexo dentro do casamento pode ser como depositar dinheiro num banco: há garantias, segurança e dividendos. Como qualquer conselheiro matrimonial cristão poderia nos dizer, o sexo dentro do casamento pode edificar um relacionamento que proporcionará alegria no futuro; mas o sexo fora do casamento é uma forma de enfraquecer relacionamentos futuros.

Deus, o Filho (vv. 15-18). O corpo do cristão é um membro de Cristo (ver 1 Co 12:12ss). Não podemos estar ligados a Cristo e ao pecado ao mesmo tempo. No entanto, alguns cristãos não viam nada de errado em visitar prostitutas culturais (havia mais de mil prostitutas só no templo de Afrodite) e em se entregar à impureza sexual.

Jesus Cristo nos comprou por um preço (1 Co 6:20); portanto, nosso corpo lhe pertence. Somos um espírito com o Senhor e devemos entregar nosso corpo a ele como sacrifício vivo (Rm 12:1, 2). Se começamos cada dia entregando nosso corpo a Cristo, essa decisão terá grande influência sobre o que faremos com nosso corpo ao longo do dia.

Paulo refere-se ao relato da criação (Gn 2:24) para explicar a seriedade do pecado

uma mulher envolve *toda a sua personalidade*. Há uma experiência muito mais íntima de “união” que traz consigo conseqüências profundas e duradouras. Paulo adverte que o pecado sexual é a transgressão mais séria que uma pessoa pode cometer contra seu corpo, pois envolve o indivíduo por inteiro (1 Co 6:18). O sexo não é apenas parte do corpo. Ser do sexo “masculino” ou “feminino” envolve a pessoa como um todo. Logo, a experiência sexual afeta a personalidade por inteiro.

Paulo não está sugerindo que se unir a uma prostituta é o mesmo que se casar com ela, pois o casamento envolve *compromisso*. O homem e a mulher deixam a casa dos pais a fim de começar um novo lar. Isso nos ajuda a entender por que o sexo *dentro do casamento* pode ser uma experiência enriquecedora de crescimento. Trata-se de uma experiência baseada em um compromisso. Quando duas pessoas assumem um compromisso de amor e de fidelidade mútuos, lançam um alicerce sólido sobre o qual podem edificar sua relação. O casamento protege o sexo e permite que o casal comprometido cresça e se desenvolva dentro dessa experiência maravilhosa.

Deus, o Espírito Santo (vv. 19, 20). Deus, o Pai, criou nosso corpo; Deus, o Filho, o tornou parte de seu corpo; e Deus, o Espírito, habita em nosso corpo e faz dele o próprio templo de Deus. De que maneira profanamos o templo de Deus usando nosso corpo para a imoralidade?

O termo “vosso” indica o plural, mas as palavras *corpo* e *templo* encontram-se no singular (1 Co 6:19). É possível que Paulo esteja descrevendo não apenas o cristão individual, mas também a igreja local. Cada congregação é um “corpo” de pessoas unidas a Jesus Cristo. A conduta dos membros individuais afeta a vida espiritual de toda a igreja.

Nesse caso, a lição é clara: “Glorificai a Deus no vosso corpo”. O Espírito Santo foi concedido com o propósito de glorificar a Jesus Cristo (Jo 16:14). O Espírito pode usar nosso corpo para glorificá-lo e engrandecê-lo (Fp 1:20, 21). Nosso relacionamento

especial com o Espírito Santo também implica responsabilidades especiais.

Assim, Deus o Pai, Deus o Filho e Deus Espírito Santo encontram-se envolvidos no que fazemos com nosso corpo. A transgressão da Lei de Deus implica punição (Rm 1:24-27).

Ao recapitular esta seção, vemos que os pecados sexuais afetam toda a personalidade. Afetam as *emoções*, levando à servidão (1 Co 6:12b). É assustador ver como a lascívia pode se apoderar de uma pessoa e contaminar todas as áreas de sua vida, tornando-a escrava de hábitos destrutivos. Também afetam uma pessoa *fisicamente* (1 Co 6:18). O libertino e o adúltero, bem como o homossexual, podem se esquecer dos seus pecados, *mas seus pecados não se esquecem deles*.

Em minha experiência de aconselhamento pastoral, muitas vezes preciso ajudar casais cujo relacionamento está se desintegrando em decorrência do sexo *antes do casamento* e também *fora do casamento*. A colheita daqueles que semeiam para a carne pode demorar, mas é garantida (Gl 6:7, 8). Como é triste ter de viver com as conseqüências de um pecado *perdoado!*

Tendo dito tudo isso, também devemos estar cientes de que as pessoas que praticam pecados sexuais sofrem conseqüências *eternas*. Em 1 Coríntios 6:9, 10, Paulo afirma *duas vezes* que as pessoas que *praticam* tais pecados não herdarão o reino de Deus. Um cristão pode cair nesses pecados e ser perdoado, como aconteceu com Davi; mas nenhum cristão verdadeiro dedica-se a *praticar* tais pecados (1 Jo 3:1-10).

Por fim, devemos ser justos e observar que há outros pecados além daqueles de cunho sexual. Por algum motivo, a igreja muitas vezes se especializa nos pecados do filho pródigo, mas se esquece dos pecados do filho mais velho (ver Lc 15:11-32). Há pecados do espírito bem como pecados da carne – Paulo cita alguns deles em 1 Coríntios 6:10: A cobiça pode condenar um homem ao inferno tão facilmente quanto o adultério.

É preciso lembrar que a graça de Deus pode transformar a vida do pecador. “Tais

fostes alguns de vós” (1 Co 6:11; grifos nossos). É maravilhoso ver como a fé em Cristo transforma o pecador em uma “nova criatura” (2 Co 5:17, 21). E é importante viver como quem faz parte da nova criação de Deus. Não pertencemos a nós mesmos. Pertencemos ao Pai que nos criou, ao Filho

que nos redimiu e ao Espírito que habita em nós. Também pertencemos ao povo de Deus, a igreja, e nossos pecados podem enfraquecer o testemunho e contaminar a comunhão.

“Sede santos, porque eu sou santo” (1 Pe 1:16).

SABEDORIA COM RESPEITO AO CASAMENTO CRISTÃO

1 CORÍNTIOS 7

Até aqui, Paulo tratou dos pecados que, de acordo com os relatos que o apóstolo havia recebido, afetavam a congregação de Corinto. Agora, se volta para perguntas que os coríntios haviam feito diretamente na carta que lhe haviam enviado: o casamento (1 Co 7:1, 25), os alimentos oferecidos a ídolos (1 Co 8:1), os dons espirituais (1 Co 12:1), a ressurreição dos mortos (1 Co 15:1) e as ofertas missionárias aos judeus (1 Co 16:1).

Ao estudar 1 Coríntios 7, deve-se ter sempre em mente que Paulo está respondendo a perguntas específicas, não desenvolvendo uma “teologia do casamento” completa em um só capítulo. Também é necessário levar em consideração aquilo que o restante da Bíblia diz sobre esse assunto importante.

Alguns críticos liberais acusam Paulo de ser avesso ao casamento e às mulheres. É claro que não passam de acusações falsas. Assim como também não é verdade que em 1 Coríntios 7:6, 10, 12 e 25 Paulo está negando a inspiração divina do que se encontra nessas passagens. Antes, está se referindo ao que Jesus ensinou em seu ministério aqui na Terra (Mt 5:31, 32; 19:1-12; Mc 10:1-12; Lc 16:18). Paulo precisava responder a algumas perguntas que Jesus não havia discutido, mas no caso de questões das quais Jesus tratou, Paulo fez referência a suas palavras. Em vez de negar a inspiração divina, Paulo declara que suas palavras têm a mesma autoridade que os ensinamentos de Cristo.

Paulo explica a vontade de Deus com respeito ao casamento cristão e dirige seu conselho a três grupos diferentes de cristãos.

1. CRISTÃOS CASADOS COM CRISTÃOS (1 Co 7:1-11)

Ao que parece, uma das perguntas que a igreja fez foi: “o celibato [permanecer solteiro] é mais espiritual do que o casamento?” Paulo responde que é bom quando um homem ou mulher tem o dom do celibato, mas que o estado celibatário não é superior ao casamento, como também não é o ideal para todos. Kenneth Wuest traduz a resposta de Paulo como: “É perfeitamente decoroso, honrado, moralmente apropriado para um homem viver em celibato rigoroso”.

Em 1 Coríntios 7:6 fica claro que o celibato é permitido, mas que não é ordenado, e 1 Coríntios 7:7 diz que nem todos têm o dom de permanecer solteiros. Podemos ligar essa declaração ao ensinamento de Jesus em Mateus 19:10-12, em que o termo “eunucos” refere-se aos que se abstêm do casamento. “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2:18) é uma declaração verdadeira para a maioria das pessoas, mas, por diferentes motivos, alguns são chamados a viver em celibato. Tal estado não é “subespiritual” nem “superespiritual”. Tudo depende da vontade de Deus.

Um dos propósitos do casamento é evitar a “impureza”. 1 Coríntios 7:2 deixa claro que Deus não aprova a poligamia nem os “casamentos” homossexuais. O padrão divino desde o princípio é um homem casado com uma mulher. Entretanto, marido e mulher não devem abusar do privilégio do amor sexual que constitui parte normal do casamento. O corpo da esposa pertence ao marido, e o corpo do marido pertence à esposa, sendo que ambos devem ter consideração um para com o outro. O amor sexual é um instrumento maravilhoso de edificação, não uma arma de destruição. A recusa em entregar-se ao outro é o mesmo que roubo (ver 1 Ts 4:6) e um convite a Satanás para tentar o cônjuge a buscar satisfação em outro lugar.

Como em todas as coisas, o espiritual deve governar o físico, pois nosso corpo é templo de Deus. O marido e a esposa podem abster-se a fim de dedicar toda sua atenção à oração e jejum (1 Co 7:5); mas não

devem fazer disso uma desculpa para longos períodos de separação. Paulo incentiva os cônjuges cristãos a estar “em sintonia” um com o outro tanto nas questões espirituais quanto físicas.

Em 1 Coríntios 7:8, 9, Paulo aplica o princípio declarado em 1 Coríntios 7:1 a cristãos solteiros e viúvas: se não são capazes de se controlar, devem se casar.

A igreja não perguntou apenas sobre o celibato, mas também sobre o divórcio. Uma vez que Jesus tratou dessa questão, Paulo cita seus ensinamentos: maridos e esposas não devem se divorciar (ver também 1 Co 7:39). Se ocorrer o divórcio, as duas partes não devem voltar a se casar ou devem buscar a reconciliação.

Trata-se, é claro, de um princípio para o casamento ideal. Jesus, porém, abriu uma exceção: se uma das partes for culpada de adultério, tal comportamento serve de base para um possível divórcio. É muito melhor que ocorra a confissão, o perdão e a reconciliação; mas, se tais passos estiverem fora de questão, então a parte inocente pode obter o divórcio. No entanto, o divórcio é o último recurso; primeiro, é preciso esgotar todas as formas possíveis de restaurar o casamento.

Em minha experiência como pastor, tenho observado que, quando marido e esposa se entregam ao Senhor e procuram agradar um ao outro no casamento, seu relacionamento é tão pleno que nenhum dos cônjuges sequer pensa em buscar satisfação em algum outro lugar. Certa vez, um conselheiro matrimonial cristão me disse: “Não existem problemas sexuais no casamento. Existem apenas problemas de personalidade, dos quais o sexo é um dos sintomas”. A tendência atual assustadora de aumento no número de divórcios entre os cristãos (e mesmo entre pastores) deve entristecer profundamente o coração de Deus.

2. CRISTÃOS CASADOS COM NÃO CRISTÃOS (1 Co 7:12-24)

Alguns membros da igreja de Corinto haviam sido salvos depois de se casar, mas os respectivos cônjuges ainda não haviam se

convertido. Sem dúvida, alguns desses cristãos enfrentavam dificuldades em casa e perguntaram a Paulo: “Devemos permanecer casados com um cônjuge não cristão? Nossa conversão não muda tudo de figura?”

Paulo respondeu que devem permanecer com os cônjuges não convertidos enquanto estes assim o desejassem. A salvação não altera o estado civil; pelo contrário, deve intensificar a relação matrimonial. (Convém observar o conselho de Pedro para esposas de maridos não cristãos em 1 Pe 3:1-6.)

Uma vez que o casamento é, basicamente, um relacionamento físico (“tornando-se os dois uma só carne”; Gn 2:24), só pode ser rompido por uma causa física, como o adultério ou a morte (1 Co 7:39).

É um ato de desobediência um cristão casar-se conscientemente com uma pessoa não salva (observar a expressão “somente no Senhor” em 1 Co 7:39; 2 Co 6:14). Mas se a pessoa se converte depois de casada, não deve usar isso como pretexto para terminar o casamento e evitar quaisquer problemas. Na verdade, Paulo enfatiza o fato de que o cônjuge cristão pode exercer uma influência espiritual sobre o cônjuge não salvo. 1 Coríntios 7:14 não ensina que o cônjuge incrédulo é salvo por causa do cônjuge cristão, uma vez que cada pessoa deve aceitar a Cristo individualmente. Antes, significa que o cristão exerce uma influência espiritual no lar que pode conduzir à salvação do outro.

E quanto aos filhos? Mais uma vez, a ênfase é sobre a influência do cônjuge cristão. O marido ou esposa temente a Deus não deve desistir. Em meu próprio ministério, tenho visto cristãos devotos viverem para Cristo em lares divididos e, por fim, verem seus entes queridos crerem no Salvador.

A salvação não muda o estado civil. Se a conversão da esposa anulasse o casamento, os filhos dessa relação se tornariam ilegítimos (“impuros”, em 1 Co 7:14). Antes, esses filhos podem, um dia, ser salvos, se o cônjuge cristão permanecer fiel ao Senhor.

É difícil para quem está “acostumado” com a fé cristã entender plenamente o impacto que essa nova doutrina teve sobre o

mundo romano. Tratava-se de um ensinamento a todas as pessoas, não obstante a raça ou condição social. É possível que a Igreja fosse a única agremiação no império romano em que escravos e homens livres, homens e mulheres, ricos e pobres poderiam ter comunhão em pé de igualdade (Gl 3:28). No entanto, essa nova equidade também causou alguns mal-entendidos e problemas, dos quais Paulo trata em 1 Coríntios 7:17-24.

Paulo define o seguinte princípio: apesar de os cristãos serem um em Cristo, cada cristão deveria permanecer na vocação em que se encontrava quando foi salvo. Os cristãos judeus não deveriam tentar se tornar gentios, e os gentios não deveriam tentar se tornar judeus (sujeitando-se à circuncisão). Os escravos não deveriam *exigir* a liberdade de seus senhores cristãos em função de sua igualdade diante de Deus. No entanto, Paulo aconselha os escravos cristãos a buscarem a liberdade, provavelmente pela compra da alforria. Esse mesmo princípio aplica-se aos cristãos casados com cônjuges não cristãos.

E se o cônjuge incrédulo abandonar o lar? 1 Coríntios 7:15 dá a resposta: o cônjuge cristão não tem obrigação alguma de manter o lar unido. Somos chamados para a paz e devemos fazer todo o possível para viver desse modo (Rm 12:18); mas há certas ocasiões em que a paz é impossível. Se o cônjuge que não é salvo pede a separação, não há muita coisa que o cristão possa fazer além de orar e permanecer fiel ao Senhor.

A separação dá ao cônjuge cristão o direito de se divorciar e casar de novo? Paulo não diz que sim. Mas, e se o cônjuge não cristão for viver com uma outra pessoa? Isso não constitui adultério e justifica o divórcio? Ainda assim, 1 Coríntios 7:10, 11 incentiva o perdão e a restauração. Paulo não trata de todas as situações possíveis. O apóstolo apresenta os princípios espirituais, não uma lista de regras.

Temos a tendência de pensar que uma mudança de circunstâncias é sempre uma solução para nossos problemas. No entanto, na maior parte das vezes, o problema é de caráter *interior* e não relacionado a algo a *nosso redor*. O cerne do problema é o que

se passa no coração. Vi casais passarem pelo divórcio e buscarem a felicidade em outras circunstâncias só para descobrir que levaram seus problemas consigo. Um advogado cristão me disse certa vez: "As únicas pessoas que saem ganhando nos divórcios são os advogados!"

3. CRISTÃOS SOLTEIROS (1 Co 7:25-40)

Paulo dirigiu-se rapidamente a esse grupo em 1 Coríntios 7:8, 9, mas, nesta última seção do capítulo, o apóstolo entra em detalhes. A pergunta é: "Um cristão deve se casar? E quanto às mulheres na igreja que não são casadas e estão ficando cada dia mais velhas?" (ver 1 Co 7:36). É possível que esta seção fosse dirigida principalmente aos pais de moças em idade de se casar. Uma vez que Jesus não apresentou qualquer ensinamento específico sobre esse assunto, Paulo dá seu conselho como ministro instruído pelo Senhor. Pede que, no processo de tomar uma decisão quanto ao casamento, seja levada em consideração uma série de fatores.

Em primeiro lugar, é preciso considerar as circunstâncias (vv. 25-31). Era um tempo de muitas dificuldades e perigos (1 Co 7:26), um período em que a sociedade estava prestes a passar por transformações (1 Co 7:31). Não restava muito tempo para servir ao Senhor (1 Co 7:29). É possível que houvesse em Corinto pressões políticas e sociais das quais não temos qualquer registro. Diante das dificuldades, o mais aconselhável era uma pessoa permanecer solteira. No entanto, isso não significava que os cristãos deveriam tentar se divorciar (1 Co 7:27). O conselho de Paulo é para os que ainda não se casaram.

Sua recomendação também não quer dizer que *ninguém* deveria se casar; mas os que se casassem deveriam estar preparados para aceitar as provações que poderiam decorrer dessa decisão (1 Co 7:28). Na verdade, a situação talvez se tornasse tão difícil que mesmo os casados seriam obrigados a viver como solteiros (1 Co 7:29). Talvez Paulo esteja se referindo a maridos e esposas

separados por dificuldades econômicas e perseguições.

Considerar as circunstâncias é um ótimo conselho para os que estão noivos hoje em dia. A idade com que as pessoas se casam está cada vez mais avançada, o que indica que os casais esperam cada vez mais para assumir um compromisso. Em minha experiência pastoral de aconselhamento pré-conjugal, costumava lembrar os casais que a parte mais barata do casamento é a certidão do cartório. O resto é o que custa mais caro!

Em segundo lugar, é preciso encarar as responsabilidades com honestidade (vv. 32-35). A ênfase deste parágrafo é sobre o termo *cuidar*, que significa “ficar ansioso, ser puxado em direções diferentes”. É impossível duas pessoas viverem juntas sem dificuldades de algum tipo, mas não há necessidade de casar apressadamente e de criar ainda mais problemas. O casamento requer certa maturidade, e a idade não é garantia de maturidade.

Mais uma vez, Paulo enfatiza o viver para o Senhor. Não sugere que seja impossível um homem e uma mulher se casarem e servirem ao Senhor de modo aceitável, pois conhecemos inúmeros casais que são servos consagrados. No entanto, o servo de Deus deve pensar em seu cônjuge, bem como nos filhos que Deus talvez lhes dê, e isso pode levá-lo a distrair-se de seu maior propósito. É um fato histórico que poderia ter sido melhor tanto para John Wesley quanto para George Whitefield permanecerem solteiros – a esposa de Wesley acabou por deixá-lo, e Whitefield viajava tanto que sua esposa passava longos períodos sozinha.

É possível agradecer a Deus e também ao cônjuge se nos sujeitarmos a Cristo e obedecermos à Palavra. Muitos descobrem que um lar feliz e um casamento realizado são fontes maravilhosas de encorajamento em meio às dificuldades do serviço cristão. Um pastor escocês bastante conhecido enfrentava várias críticas públicas por causa de sua posição com respeito a uma determinada questão e, quase todos os dias, havia um comentário negativo sobre ele nos jornais.

você consegue prosseguir diante de tanta oposição?” E o homem respondeu tranquilamente: “Sou feliz em casa”.

Os cristãos solteiros que sentem um chamado para servir a Deus devem examinar o coração a fim de determinar se o casamento poderá ajudar ou atrapalhar seu ministério. Devem, ainda, ter o cuidado de escolher um cônjuge que também seja chamado para servir a Deus. Cada pessoa tem o próprio dom e chamado de Deus e deve ser obediente a sua Palavra.

Em terceiro lugar, cada situação é singular (vv. 36-38). Aqui, Paulo dirige-se aos pais das moças solteiras. Naquele tempo, era costume os pais (mais especificamente, o pai) arranjarem os casamentos (2 Co 11:2). Em 1 Coríntios 7:35, Paulo havia dito que não estabelecia uma regra inflexível para todos seguirem sob quaisquer circunstâncias. Agora, deixa claro que o pai tem a liberdade de decidir se dará ou não sua filha em casamento.

Tenho observado que, com freqüência, os casamentos nas igrejas acontecem em “levas”. Um casal fica noivo e logo outros quatro casais fazem o mesmo. Se todos esses noivados estão dentro da vontade de Deus, pode ser uma experiência emocionante e maravilhosa; mas, infelizmente, tenho a impressão de que alguns casais anunciam o noivado a fim de não “ficarem para trás”. Às vezes, quando os jovens estão na faculdade, parecem sofrer daquilo que chamo de “pânico de último ano” e se apressam em ficar noivos, a fim de casar logo depois da formatura, para garantir que não vão acabar “sobrando”. O mais triste é que nem todos esses casamentos dão certo.

Apesar de nossa abordagem ao namoro e ao casamento ser absolutamente distinta dos costumes dos coríntios, o conselho de Paulo para eles ainda vale para nós hoje. É sempre prudente um casal aconselhar-se com os pais e com os líderes da igreja, a fim de não tomar uma decisão precipitada da qual venha a se arrepender.

Paulo trata de um problema crítico em 1 Coríntios 7:36, quando menciona a “flor

que significa simplesmente que a moça está ficando mais velha. Kenneth Wuest traduz por “passada a flor da idade”. Em breve, pode se tornar uma das “bênçãos não reivindicadas” da igreja. O perigo, obviamente, é que ela cometa o erro de se casar apressadamente só para não virar “solteirona”. Como um amigo meu costumava dizer para os casais: “É melhor viver solteiro em solidão do que casado em maldição!”

Cada situação é única, e tanto pais quanto filhos devem buscar a vontade de Deus. Um casamento cristão feliz é constituído de mais do que duas pessoas. Nem todo casamento que está de acordo com as Escrituras é, necessariamente, sensato.

Por fim, convém lembrar que o casamento é um compromisso para a vida toda (vv. 39, 40). É da vontade de Deus que a união matrimonial seja permanente, que seja um compromisso para o resto da vida. No casamento cristão, não há lugar para um “período de experiência” nem para a idéia de que existe sempre uma “saída de emergência”, ou seja, “se o casamento não der certo, podemos nos divorciar”.

Por esse motivo, o casamento deve ser edificado sobre alicerces mais firmes do que apenas a boa aparência, dinheiro, romantismo e aceitação social. Deve haver compromisso cristão, caráter e maturidade. Também deve existir uma disposição de crescer, aprender um com o outro, perdoar e esquecer e, ainda, ministrar um ao outro. Em 1 Coríntios 13, Paulo descreve o tipo de amor necessário para amalgamar duas vidas.

O apóstolo encerra esta seção dizendo às viúvas que estão livres para se casar novamente, mas “somente no Senhor” (1 Co 7:39). Isso significa que não apenas devem se casar com cristãos, mas também de acordo com a vontade de Deus. O conselho de Paulo (pelos motivos apresentados anteriormente) é que permaneçam solteiras, mas deixa a decisão a critério delas.

Deus colocou “muros” ao redor do casamento, não com o propósito de transformá-lo

em uma prisão, mas a fim de fazer dele um forte seguro. A pessoa que considera o casamento uma prisão não deve se casar. Quando duas pessoas assumem um compromisso uma com a outra – e com o Senhor – com amor e alegria, sua vida é enriquecida e seus horizontes são ampliados. Crescem juntas e descobrem como é maravilhoso servir ao Senhor “em equipe” no lar e na igreja.

Ao recapitular este capítulo, não podemos deixar de nos impressionar com a seriedade do casamento. O conselho de Paulo deixa claro que Deus leva o casamento a sério e que é impossível desobedecer à Palavra de Deus sem sofrer conseqüências dolorosas. Apesar de tanto Paulo quanto Jesus darem espaço ao divórcio sob certas condições, esse jamais foi o propósito original de Deus para um casal. Deus odeia o divórcio (Mt 2:14-16), e, por certo, nenhum cristão deve considerar o divórcio até que todas as alternativas tenham sido inteiramente esgotadas.

Apesar de o insucesso no casamento ser um empecilho para o serviço como pastor ou diácono (1 Tm 3:2, 12), não precisa constituir um obstáculo para que a pessoa ministre de outras maneiras. Dentre as pessoas que conheço, algumas das que mais ganham almas para Cristo são homens que, antes de se converterem, passaram pela experiência infeliz de um divórcio. Um homem não precisa ocupar um cargo na igreja para ser ministro do Senhor.

Em resumo, toda pessoa que está pensando em se casar deve fazer a si mesma as seguintes perguntas:

1. Qual é o dom que recebi de Deus?
2. A pessoa com a qual desejo me casar é cristã?
3. É certo me casar nas atuais circunstâncias?
4. De que maneira o casamento afetará meu serviço ao Senhor?
5. Estou preparado para assumir esse compromisso para o resto da vida?

SABEDORIA COM RESPEITO À LIBERDADE CRISTÃ

1 CORÍNTIOS 8; 10

De depois de responder às perguntas sobre casamento, Paulo volta para um dos assuntos mais controversos da carta que havia recebido da igreja de Corinto: "Os cristãos podem comer carne que foi sacrificada a ídolos?" A questão imediata não é do interesse dos cristãos de hoje, uma vez que não enfrentamos esse problema. No entanto, a questão mais ampla da liberdade cristã aplica-se a nossa realidade, pois enfrentamos problemas com os quais Paulo nunca teve de lidar. É certo o cristão freqüentar o teatro? Os cristãos podem ter televisão em casa? Até que ponto devem se envolver com a política?

Em 1 Coríntios 8 a 10, Paulo apresenta quatro princípios básicos que devem servir de diretrizes para os cristãos que precisam tomar decisões pessoais acerca de áreas "questionáveis" da vida. Os quatro princípios são:

O conhecimento deve ser contrabalançado pelo amor (1 Co 8).

A autoridade deve ser contrabalançada pela disciplina (1 Co 9).

A experiência deve ser contrabalançada pela cautela (1 Co 10:1-22).

A liberdade deve ser contrabalançada pela responsabilidade (1 Co 10:23-33).

Como podemos observar, Paulo dirige-se principalmente aos cristãos mais fortes da igreja, os que possuíam conhecimento espiritual e experiência e que entendiam sua autoridade e liberdade em Cristo. Os mais fortes devem cuidar dos mais fracos (Rm 14 - 15).

A questão da carne oferecida aos ídolos é tratada em 1 Coríntios 8 e 10, de modo que a estudaremos neste capítulo. Em 1 Coríntios 9, Paulo ilustra o princípio do uso correto da autoridade, explicando a própria política financeira; trataremos dessa questão no capítulo seguinte.

1. O CONHECIMENTO DEVE SER CONTRABALANÇADO PELO AMOR (1 Co 8:1-13)

No mundo antigo, havia dois fornecedores de carne: o mercado (onde os preços eram mais altos) e os templos da cidade (onde sempre havia carne dos sacrifícios disponível). Os membros mais fortes da igreja sabiam que os ídolos não poderiam contaminar os alimentos, de modo que economizavam dinheiro comprando a carne mais barata vendida nos templos. Além disso, se um amigo não convertido os convidava para uma refeição na qual era servida carne sacrificial, os cristãos mais fortes aceitavam o convite, fosse para ir ao templo ou à casa do amigo.

Tudo isso ofendia os cristãos mais fracos. Muitos deles haviam sido salvos da idolatria pagã e não conseguiam entender como seus irmãos em Cristo podiam querer ter qualquer contato com carne sacrificada a ídolos. (Em Rm 14 - 15, os cristãos mais fracos tinham problemas com restrições alimentares e dias santos, mas a questão fundamental era a mesma.) Essa controvérsia poderia acabar causando uma divisão na igreja, de modo que os líderes pediram o conselho de Paulo.

O apóstolo chama a atenção dos leitores para três fatores importantes.

Conhecimento (vv. 1, 2). Os coríntios eram ricos em conhecimento espiritual (1 Co 1:5) e, na verdade, um tanto orgulhosos de suas realizações. Sabiam que um ídolo não era coisa alguma, apenas uma representação de um falso deus que só existia na mente obscurecida dos que o adoravam. A presença de um ídolo em um templo não era prova incontestável de que aquele deus era real. (Posteriormente, Paulo ressalta que, na verdade, a idolatria é a adoração a demônios.)

Assim, a conclusão é lógica: um deus inexistente não pode contaminar o alimento oferecido em seu altar.

Até aí, cristãos fortes mostram-se mais esclarecidos. Então, por que os cristãos mais fracos sentem-se perturbados com a posição deles, uma vez que é tão lógica? Porque nem todos os problemas são resolvidos com a lógica. A criança pequena que tem medo do escuro não é tranqüilizada por argumentos, especialmente se o adulto (ou irmão mais velho) assume uma atitude de superioridade. O conhecimento pode ser uma arma com a qual lutar ou uma ferramenta com a qual edificar; tudo depende de como é usado. Se “ensoberbece”, não pode “edificar”.

Uma atitude de quem sabe tudo é evidência de ignorância. A pessoa que realmente conhece a verdade tem forte consciência de que também não sabe. Além disso, uma coisa é conhecer a *doutrina*, outra bem diferente é conhecer a *Deus*. É possível crescer em conhecimento bíblico e, no entanto, não crescer na graça de Deus nem no relacionamento pessoal com Deus. A prova é o *amor*, o segundo fator do qual Paulo trata.

Amor (vv. 3-6). O amor e o conhecimento devem andar juntos; “seguindo a verdade em amor” (Ef 4:15). Alguém disse bem que “a verdade sem amor é brutalidade, mas o amor sem verdade é hipocrisia”. O conhecimento é uma forma de poder que deve ser usada em amor. No entanto, o amor deve ser sempre controlado pelo conhecimento (ver a oração de Paulo em Fp 1:9-11). Os cristãos mais fortes na igreja de Corinto tinham conhecimento, mas não o usavam em amor. Em vez de edificar os irmãos e irmãs mais fracos, apenas se tornavam cada vez mais presunçosos.

A grande preocupação de Paulo era que os mais fortes dentro da igreja ajudassem os mais débeis a crescer e a deixar de ser fracos. Algumas pessoas têm a idéia equivocada de que os cristãos *fortes* são os que vivem de acordo com regras e regulamentos rígidos e que se ofendem quando outros exercitam sua liberdade em Cristo; mas não é o caso. Na verdade, são os cristãos *fracos*

que sentem necessidade da segurança da lei e que temem usar sua liberdade em Cristo. São eles que se mostram propensos a julgar e criticar os cristãos mais fortes e tropeçar naquilo que fazem. Por certo, isso torna difícil os irmãos e irmãs mais fortes ministrarem aos mais fracos.

É aqui que o amor entra em cena, pois “o amor edifica” e coloca os outros em primeiro lugar. Quando o conhecimento espiritual é usado em amor, o cristão mais forte pode tomar a mão do mais fraco e ajudá-lo a se levantar e caminhar de modo a desfrutar sua liberdade em Cristo. *É impossível obrigar os cristãos imaturos a se alimentarem e transformá-los em gigantes.* O conhecimento deve ser misturado com o amor, pois, de outro modo, o que aumentará não será o coração, mas apenas a presunção. Um pastor conhecido costumava dizer: “Alguns cristãos crescem; outros apenas incham”.

O conhecimento e o amor são dois fatores importantes, pois o conhecimento deve ser contrabalançado pelo amor, a fim de usarmos nossa liberdade cristã corretamente. No entanto, há um terceiro fator.

Consciência (vv. 7-13). O termo *consciência* significa, simplesmente, “conhecer com” e é usado 32 vezes no Novo Testamento. A consciência é o tribunal interior no qual os atos são julgados e aprovados ou condenados (Rm 2:14, 15). A consciência não é a lei, mas dá testemunho da lei moral de Deus. O mais importante, porém, é que *a consciência depende do conhecimento.* Quanto mais conhecimento espiritual possuímos e *praticamos*, mais forte se torna a consciência.

Alguns cristãos têm a consciência fraca porque foram salvos há pouco tempo e não tiveram oportunidade de crescer. Como bebês, precisam ser guardados com cuidado. Outros têm uma consciência fraca porque *se recusam* a crescer. Ignoram a Bíblia e a comunhão cristã e permanecem em estado de imaturidade (1 Co 3:1-4; Hb 5:11-14). Mas alguns permanecem fracos porque temem a liberdade. São como uma criança com idade suficiente para ir à escola, mas que tem medo de sair de casa, por

isso precisa ser levada para a escola todos os dias.

A consciência de um cristão mais fraco é facilmente contaminada (1 Co 8:7), golpeada (1 Co 8:12) e escandalizada (1 Co 8:13). Por isso, os irmãos mais fortes devem anuir voluntariamente aos mais fracos e não fazer nada que possa prejudicá-los. Talvez não faça mal algum ao cristão mais forte participar de uma refeição idólatra no templo, mas pode ser prejudicial ao mais fraco. Paulo, em 1 Coríntios 8:10, adverte que os cristãos mais imaturos podem decidir imitar os irmãos e irmãs mais fortes e, desse modo, serem levados a pecar.

É importante observar que os mais fortes cedem aos mais fracos em amor *somente para ajudá-los a amadurecer*. Seu propósito não é “mimá-los”, mas sim edificá-los e ajudá-los a crescer. De outro modo, os *dois* se tornariam débeis.

Somos livres em Cristo, mas devemos ter cuidado para que nosso conhecimento espiritual seja moderado pelo amor e para que não tentemos os cristãos mais fracos a agir contra a consciência. Quando o conhecimento é contrabalançado pelo amor, os irmãos mais fortes exercem um ministério junto aos mais fracos, e os mais fracos crescem e se fortalecem.

2. A EXPERIÊNCIA DEVE SER CONTRABALANÇADA PELA CAUTELA (1 Co 10:1-22)

Paulo lembra os cristãos experientes e fortes na fé que não devem se tornar seguros demais de sua capacidade de superar a tentação. “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1 Co 10:12). Paulo usa a nação de Israel como exemplo para prevenir os cristãos maduros de que sua experiência deve ser contrabalançada pela cautela e dá três advertências.

Em primeiro lugar, adverte que os privilégios não são garantia alguma de sucesso (vv. 1-4). Israel havia sido liberto do Egito pelo poder de Deus; o mesmo acontece com o que crê em Cristo e é redimido do pecado. (Em 1 Co 5:7, 8, Paulo já havia relacionado a Páscoa dos judeus com a salvação.)

Israel foi identificado com Moisés em seu “batismo” no mar Vermelho da mesma forma que os coríntios haviam sido identificados com Cristo em seu batismo cristão. Israel comeu o maná do céu e bebeu a água que Deus proveu, da mesma forma que os cristãos se alimentam do sustento espiritual que Deus oferece (Jo 6:63, 68; 7:37-39). Todavia, esses privilégios espirituais não impediram o povo de Israel de cair em pecado.

Assim como a imaturidade, a maturidade também tem seus perigos. Quando pensamos que somos fortes, descobrimos que somos fracos. O cristão forte que come carne no templo pode estar lutando com um inimigo poderoso demais para ele.

Em 1 Coríntios 10:4, Paulo não sugere que o povo de Israel foi literalmente acompanhado de uma pedra durante sua jornada pelo deserto, apesar de alguns rabinos ensinarem essa idéia. Trata-se aqui de uma rocha *espiritual*, que supriu suas necessidades, e essa Rocha era Cristo. Às vezes, o suprimento de água veio de uma rocha (Êx 17:1-7; Nm 20:7-11), outras vezes, de um poço (Nm 21:16-18). Foi Deus quem proveu a água.

Em segundo lugar, Paulo adverte que um bom começo não é garantia de um final feliz (vv. 5-12). O povo de Israel experimentou os milagres de Deus, no entanto falhou quando foi testado no deserto. A experiência deve ser sempre contrabalançada pela cautela, pois nunca chegamos a um ponto de nossa jornada cristã em que nos vemos inteiramente livres das tentações e de possíveis fracassos. Com exceção de Josué e Calebe, todos os israelitas com vinte anos de idade ou mais que foram salvos do Egito morreram durante os anos em que Israel ficou vagando pelo deserto (Nm 14:26ss).

Podemos ouvir alguns dos coríntios “fortes” perguntando: “Mas o que isso tem a ver conosco?” Então, Paulo mostra que a igreja de Corinto era culpada dos mesmos pecados que os israelitas haviam cometido. Por causa de seu apetite pelas coisas perversas, os coríntios eram culpados de imoralidade (1 Co 6), de idolatria (1 Co 8; 10) e

de murmuração contra Deus (2 Co 12:20, 21). Como a nação de Israel, tentavam Deus “desafiando-o” a tomar uma atitude.

Sem dúvida, Paulo possuía conhecimento profundo do Antigo Testamento, e seus leitores devem ter reconhecido os acontecimentos aos quais ele se referiu. A “cobiça” pode ser vista no relato de Números 11:4ss, a “idolatria” em Êxodo 32, e a “imoralidade” em Números 25. Os israelitas tentaram Deus em várias ocasiões, mas talvez aqui Paulo tenha em mente Números 21:4-6. Para a murmuração do povo, ver Números 14 e 16.

Os pecados mencionados acima têm conseqüências sérias e devem ser julgados por Deus. Além de alguns desses rebeldes terem morrido imediatamente (ver 1 Co 11:29-31), os que sobreviveram não tiveram permissão de entrar na Terra Prometida. Foram salvos no Egito, mas perderam o privilégio de entrar em sua rica herança. Paulo não está sugerindo a possibilidade de seus leitores perderem a salvação, mas teme que alguns deles sejam “desqualificados” (1 Co 9:27), reprovados por Deus e incapazes de receber qualquer recompensa.

Ouvi falar de um pastor que pregou uma série de sermões sobre “os pecados dos santos”. Uma das senhoras da igreja, aparentemente convicta de sua posição, disse ao pastor que não aprovava a série.

– Afinal, os pecados na vida do cristão são diferentes daqueles na vida de uma pessoa incrédula.

– Sem dúvida – respondeu o pastor. – *São piores!*

Não devemos imaginar que, pelo fato de o povo de Israel estar sob a Lei, seus pecados foram piores que os nossos, sendo, portanto, tratados de modo mais enérgico. O pecado na Igreja de hoje é muito mais sério, pois podemos aprender com o exemplo de Israel e vivemos no “fim dos tempos”. Pecar contra a Lei é uma coisa; pecar contra a graça é outra bem diferente.

A terceira advertência de Paulo é para que Deus nos capacite de modo a superar a tentação se dermos ouvidos à Palavra (vv. 13-22). Deus permite que sejamos tentados, pois sabe quanto somos capazes de supor-

tar; além disso, sempre provê uma saída pela qual podemos fugir se crermos nele. O cristão que pensa ser capaz de permanecer em pé pode cair; mas o cristão que foge é capaz de ficar em pé.

Paulo disse anteriormente a seus leitores: “Fugi da impureza” (1 Co 6:18); agora, os adverte: “Fugi da idolatria” (1 Co 10:14) e explica o motivo: o ídolo em si não é coisa alguma, mas é usado por Satanás para levar ao pecado. A idolatria é demoníaca (Dt 32:17; Sl 106:37). Sentar-se à mesa de um ídolo poderia significar ter comunhão (“se associar”) com demônios. Paulo volta a ressaltar a importante doutrina da separação do pecado (2 Co 6:14 – 7:1).

Para isso, usa a Ceia do Senhor como ilustração. Quando o cristão participa do cálice e do pão à mesa do Senhor, em sentido espiritual está tendo comunhão com o corpo e o sangue de Cristo. Ao se lembrar da morte de Cristo, o cristão entra em comunhão com o Senhor ressurreto. Em 1 Coríntios 10:18, Paulo usa o altar do templo e os sacrifícios para ilustrar esse fato. A aplicação é clara: um cristão não pode participar do alimento do Senhor (o sacrifício do Antigo Testamento, a ceia do Novo Testamento) e do alimento do diabo (a mesa do ídolo) sem se expor ao perigo e provocar o Senhor.

“Somos, acaso, mais fortes do que ele?” (1 Co 10:22) – pergunta o apóstolo para o cristão forte, o qual estava certo de que poderia desfrutar sua liberdade no templo pagão sem sofrer qualquer mal. “Talvez você seja mais forte que seu irmão débil”, diz o apóstolo. “Mas não é mais forte do que Deus!” É perigoso brincar com o pecado e tentar Deus.

3. A LIBERDADE DEVE SER CONTRABALANÇADA PELA RESPONSABILIDADE (1 Co 10:23-33)

Em momento algum Paulo nega a liberdade do cristão maduro de desfrutar seus privilégios em Cristo. “Todas as coisas são lícitas” – MAS nem todas são proveitosas, pois algumas conduzem à escravidão (1 Co 6:12). “Todas são lícitas” – MAS, algumas atividades podem levar nosso irmão mais fraco a

tropeçar (1 Co 8:11-13). Em outras palavras, a marca da maturidade é a capacidade de contrabalançar nossa liberdade com responsabilidade; de outro modo, deixa de ser liberdade e se transforma em anarquia e ausência de lei.

Para começar, temos uma responsabilidade para com nossos irmãos em Cristo na igreja (1 Co 10:23-30). Somos responsáveis por edificar outros na fé e buscar seu bem. Filipenses 2:1-4 dá a mesma admoestação. Apesar de termos liberdade em Cristo, não somos livres para prejudicar outro cristão.

Paulo aplica essa verdade à questão da carne oferecida a ídolos. O apóstolo já havia advertido os cristãos a não participarem *publicamente* de tais banquetes pagãos (1 Co 8:9-13); agora trata das refeições *particulares*. Em 1 Coríntios 10:25, 26, instrui os cristãos a não perguntarem sobre a carne comprada no mercado para o consumo doméstico. Afinal, todas as coisas vêm de Deus (cita o Sl 24:1) e toda comida é permitida para o cristão (ver Mc 7:14-23; At 10:9-16, 28; 1 Tm 4:3-5). Em sua própria casa, o cristão maduro poderia consumir até mesmo carne oferecida a ídolos. Mesmo que a carne comprada no mercado fosse proveniente do templo (como muitas vezes era o caso), o cristão não seria prejudicado.

Mas e quanto às ocasiões em que o cristão é convidado para a casa de um incrédulo? Paulo trata desse problema em 1 Coríntios 10:27-30. Se o cristão se dispõe a aceitar o convite (Paulo não dá grande ênfase a essa decisão), deve comer o que é colocado diante dele sem fazer perguntas (ver Lc 10:8; 1 Tm 6:17). Todavia, é possível que também estejam presentes à mesa irmãos ou irmãs mais fracos que desejam abster-se da carne oferecida a ídolos. Se esse irmão mais fraco informa outro mais forte que a carne foi, de fato, oferecida a ídolos, então o cristão mais forte não deve consumi-la. Se o fizer, levará o irmão débil a tropeçar e, possivelmente, pecar.

Paulo prevê as objeções. "Por que não devo desfrutar de um alimento pelo qual dou graças? Por que minha liberdade deve ser to-

Sua resposta apresenta nossa segunda responsabilidade: *Temos a responsabilidade de glorificar a Deus em todas as coisas* (1 Co 10:31). Não podemos glorificar a Deus fazendo outro cristão tropeçar. Por certo, nossa própria consciência pode ser forte o suficiente para participar de determinada atividade sem sermos prejudicados. No entanto, não devemos usar nossa liberdade em Cristo de qualquer maneira que possa fazer mal a um irmão ou irmã em Cristo.

Há, ainda, uma terceira responsabilidade que pode ser associada às duas primeiras: *temos a responsabilidade de procurar ganhar almas para Cristo* (1 Co 10:32, 33). Não devemos colocar qualquer empecilho para que judeus ou gentios creiam no Senhor, nem para que outros membros da igreja testemunhem do Senhor. Não devemos viver em busca de nosso próprio benefício ("interesse"), mas também o de outros que podem ser salvos.

Quando Paulo escreve: "eu procuro, em tudo, ser agradável a todos" (1 Co 10:33), não está sugerindo que é condescendente ou que procura agradar aos homens (ver Gl 1:10). Antes, está declarando que sua vida e ministério giravam em torno de ajudar outros, não de promover a si mesmo e a seus próprios desejos.

Antes de encerrar esta seção importante, devemos observar que Paulo provavelmente parecia incoerente para os que não entendiam os princípios da vida cristã. Por vezes, comia o mesmo que os gentios. Em outras ocasiões, seguiam uma dieta *kosher* com os judeus. Mas, em vez de estar sendo incoerente, na verdade, vivia *coerentemente*, de acordo com os princípios que ele próprio apresenta nos capítulos que acabamos de comentar. Um cata-vento pode parecer incoerente, apontando primeiro para uma direção, depois para outra. No entanto, é justamente o contrário: sempre aponta para a direção do vento, por isso é um instrumento útil.

Existem coisas que o cristão maduro pode fazer no recôndito de seu lar e que não lhe convém fazer em público? Sem dúvi-

pessoalmente nem tentem ao Senhor. Conheço um casal que, quando os filhos eram pequenos, tirou de casa todos os jogos que usassem cartas e dados. À medida que as crianças foram adquirindo maturidade, os pais permitiram que brincassem com jogos desse tipo.

Como cristãos, temos *de fato* liberdade. Essa liberdade foi comprada por Jesus Cristo, de modo que é extremamente preciosa. A liberdade vem do conhecimento: "Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (Jo 8:32). Quanto melhor entendemos o átomo, por exemplo, mais liberdade temos de usá-lo com prudência. No entanto, o conhecimento deve ser contrabalançado pelo amor; de outro modo, em vez de ser edificante, torna-se destrutivo.

O cristão mais forte não apenas tem conhecimento, mas também experiência. Pode olhar para trás e ver seu relacionamento com o Senhor ao longo dos anos. Ainda assim, deve ter cuidado, pois é necessário que a experiência seja contrabalançada pela cautela. "Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia"!

O cristão forte sabe que possui liberdade, mas também sabe que esta implica responsabilidade. Tenho liberdade, por exemplo, de tirar meu carro da garagem e

de usar as ruas e estradas; *mas devo dirigir com responsabilidade*. Não tenho liberdade de dirigir a qualquer velocidade em minha rua, como também não tenho liberdade de ignorar os sinais de trânsito ao longo do caminho.

Encontramos nestes capítulos vários "testes" que podemos aplicar a nossas decisões e atividades.

"Todas as coisa são lícitas", MAS -

1. Promoverão a liberdade ou a escravidão? (1 Co 6:12)
2. Serão um tropeço ou um apoio? (1 Co 8:13)
3. Edificarão ou destruirão minha vida? (1 Co 10:23)
4. Serão apenas para meu próprio prazer ou glorificação ao Senhor? (1 Co 10:31)
5. Contribuirão para ganhar almas para Cristo ou para afastá-las do Senhor? (1 Co 10:33)

A maneira de usarmos nossa liberdade e de nos relacionarmos com os outros indica se temos maturidade em Cristo. Os irmãos e irmãs fortes e fracos precisam trabalhar juntos em amor, a fim de edificar uns aos outros e de glorificar a Jesus Cristo.

SABEDORIA COM RESPEITO ÀS PRIORIDADES PESSOAIS

1 CORÍNTIOS 9

Este capítulo trata da política de Paulo com relação ao sustento financeiro e dá a impressão de ser uma interrupção em sua discussão sobre “as carnes oferecidas a ídolos”. Na verdade, porém, não é uma interrupção, mas sim uma ilustração dos princípios que o apóstolo apresenta em 1 Coríntios 8 e 10. Paulo usa a própria experiência para ilustrar o emprego amadurecido da liberdade: era livre para receber o sustento da igreja de Corinto e, no entanto, escolheu abrir mão desse direito, a fim de alcançar um objetivo mais elevado.

É importante ter em mente que, em sua maioria, os gregos menosprezavam trabalhos manuais. Tinham escravos para fazer esse tipo de trabalho para que os cidadãos pudessem desfrutar de esportes, de filosofia e de lazer em geral. É evidente que os judeus davam grande valor ao trabalho honesto. Até mesmo os rabinos eruditos tinham uma profissão e ensinavam às pessoas que “aquele que não ensina o filho a trabalhar, o ensina a roubar”. Paulo sabia fazer tendas e trabalhar com couro.

A fim de ilustrar o uso cristão dos direitos pessoais, Paulo apresenta dois argumentos em favor de sua política financeira como servo de Cristo.

1. DEFENDE SEU DIREITO DE RECEBER SUSTENTO (1 Co 9:1-14)

Na primeira metade do capítulo, Paulo prova que tinha o direito de receber apoio financeiro da igreja de Corinto. Apresenta quatro justificativas para essa declaração.

Seu apostolado (vv. 1-6). O termo *apóstolo* significa “aquele que foi enviando sob

comissão” e se refere, em primeiro lugar, aos doze apóstolos e a Paulo. Com os profetas do Novo Testamento, os apóstolos receberam a incumbência especial de lançar os alicerces da Igreja (Ef 2:20). Uma das qualificações para ser apóstolo era ter a experiência pessoal de ver o Cristo ressurreto (At 1:21, 22). Paulo viu Jesus Cristo quando se encontrava a caminho de Damasco para prender cristãos (At 9:1-9). Os apóstolos deveriam ser testemunhas da ressurreição de Cristo (At 2:32; 3:15; 5:32; 10:39-43).

Os apóstolos também receberam o poder de realizar sinais e prodígios para autenticar a mensagem que pregavam (Hb 2:4). Paulo havia realizado milagres durante seu ministério em Corinto (2 Co 12:12). Na verdade, considerava a igreja de Corinto um “selo” muito especial do seu ministério como apóstolo. Corinto era uma cidade que apresentava diversas dificuldades para o ministério, e, no entanto, com a capacitação do Senhor, Paulo realizou ali uma grande obra (ver At 18:1-17).

Portanto, como apóstolo, Paulo tinha o direito de receber algum sustento do povo para o qual havia ministrado. (No texto original, o termo *poder* é usado seis vezes neste capítulo com o sentido de “autoridade, direito”.) O apóstolo era representante de Cristo; merecia ser bem recebido e cuidado. Paulo não era casado; mas, se tivesse uma esposa, ela também teria o direito de ser sustentada pela igreja. Pedro era casado (Mc 1:30), e sua esposa viajava com ele. Paulo tinha o mesmo direito, no entanto não o usou.

Paulo também tinha o direito de se dedicar ao ministério da Palavra em tempo integral. Não precisava fazer tendas. Os outros apóstolos não trabalhavam em ocupações diversas para se sustentar, pois se dedicavam inteiramente ao ministério da Palavra. Todavia, tanto Barnabé quanto Paulo trabalhavam com as próprias mãos para levantar não apenas seu sustento, mas também o sustento de seus colaboradores.

Experiência (v. 7). A experiência diária mostra que um trabalhador merece as recompensas de seu trabalho. Se um homem

é convocado para o exército, o governo lhe paga um soldo e fornece os suprimentos necessários. O homem que planta uma vinha tem direito de comer de seus frutos, assim como o pastor ou boiadeiro tem direito de usar o leite produzido pelo rebanho.

Talvez, em certo sentido, Paulo esteja comparando a igreja a um exército, a uma vinha e a um rebanho. Como apóstolo, Paulo encontrava-se na frente da batalha. Em outra passagem (1 Co 3:6-9), compara a igreja de Corinto a um campo cultivado, e o próprio Jesus usa a imagem da videira com seus ramos (Jo 15) e também do rebanho (Jo 10). A lição é clara: o obreiro cristão tem o direito de esperar benefícios em troca de seu trabalho. Esse princípio vale não apenas para a esfera "secular", mas também para a esfera espiritual.

A Lei do Antigo Testamento (vv. 8-12). O Antigo Testamento era a "Bíblia" da Igreja primitiva, uma vez que o Novo Testamento ainda estava sendo escrito. Mesmo livres dos mandamentos da Lei, os primeiros cristãos encontravam as orientações de que precisavam nos princípios espirituais da Lei. Nas palavras de Agostinho sobre os Testamentos da Bíblia: "O Novo se encontra oculto no Antigo; o Antigo é revelado no Novo".

Paulo cita Deuteronômio 25:4 como prova de sua argumentação. (Cita esse mesmo versículo quando escreve a Timóteo e incentiva a igreja a pagar devidamente seus ministros; 1 Tm 5:17, 18.)

Uma vez que os bois não sabem ler, esse versículo não foi escrito para eles. Também não foi escrito apenas para o agricultor que se vale do trabalho dos bois. Seria crueldade o agricultor atar a boca do boi para não comer o trigo diante dele. Afinal, o boi estava trabalhando.

Paulo vê corretamente um princípio espiritual nesse mandamento: o trabalhador tem direito de participar dos frutos. O boi havia arado o solo, a fim de prepará-lo para a sementeira, e estava trilhando o trigo que havia sido colhido. Paulo havia arado o solo em Corinto. Vira a colheita resultante da semente que havia plantado. Nada mais certo do que participar dos frutos dessa colheita.

Paulo, em 1 Coríntios 9:11, declara um princípio fundamental da vida cristã: se recebemos bênçãos *espirituais*, devemos compartilhar bênçãos *materiais*. Os judeus, por exemplo, deram bênçãos espirituais aos gentios; de modo que coube aos gentios compartilhar suas bênçãos materiais com os judeus (Rm 15:25-27). Os que nos ensinam a Palavra têm o direito de esperar sustento das igrejas (Gl 6:6-10). Temos razão para crer que Paulo aceitou apoio financeiro de outras igrejas. Os cristãos de Filipos enviaram duas ofertas a Paulo quando ele foi a Tessalônica (Fp 4:15, 16). Paulo lembrou os coríntios de que "[despojou] outras igrejas, recebendo salário, para vos poder servir" (2 Co 11:8). Ao que parece, outros ministros haviam aceitado o apoio financeiro da igreja de Corinto (1 Co 9:12), mas Paulo preferiu permanecer independente, "para não [criar] qualquer obstáculo ao evangelho de Cristo". Seu desejo era dar o melhor exemplo possível para os outros cristãos (2 Ts 3:6-9).

A prática no Antigo Testamento (v. 13). Os sacerdotes e levitas viviam dos sacrifícios e ofertas levados ao templo. Os regulamentos que determinavam sua parte das ofertas e os dízimos especiais que recebiam podem ser encontrados em Números 18:8-32; Levítico 6:14 - 7:36; e 27:6-33: A aplicação é clara: se os ministros do Antigo Testamento, que viviam sob a Lei, eram sustentados pelo povo para o qual ministravam, acaso os servos de Deus que ministravam sob a graça também não deveriam ser sustentados?

Os ensinamentos de Jesus (v. 14). Paulo refere-se, sem dúvida, às palavras de Jesus em Lucas 10:7, 8 e em Mateus 10:10. Os coríntios não tinham uma cópia de nenhum dos evangelhos para consultar, mas os ensinamentos de Jesus lhes haviam sido transmitidos como parte da tradição oral compartilhada pelos apóstolos. *O trabalhador é digno de seu salário* é um princípio fundamental que a igreja não deve negligenciar.

Por certo, a argumentação de Paulo foi convincente. Apresentou quatro justificativas conclusivas provando que tinha o direito de esperar algum apoio financeiro dos cristãos

de Corinto, enquanto lhes ministrava. No entanto, havia deliberadamente recusado esse sustento. Na segunda parte de sua defesa, explica o motivo dessa recusa.

2. PAULO DEFENDE SEU DIREITO DE RECUSAR O APOIO FINANCEIRO (1 Co 9:15-27)

Paulo tinha a autoridade (direito) de receber sustento material, mas sendo um cristão maduro, contrabalançou sua autoridade com disciplina. Não tinha o direito de abrir mão de sua liberdade em Cristo, mas tinha a liberdade de abrir mão dos seus direitos. Entendemos agora por que escreveu dessa forma: deu aos cristãos de Corinto um exemplo prático dos princípios sobre os quais escrevia. O irmão mais forte na igreja não deveria ser capaz de colocar de lado seus direitos por amor ao mais fraco? Comer carne era mais importante do que edificar a igreja?

Paulo fala de *prioridades*, de coisas que são, verdadeiramente, importantes para nós. Infelizmente, falta a alguns cristãos colocar as prioridades em ordem, e essa confusão acaba atrapalhando a obra de Cristo. Se cada cristão colocasse em prática Mateus 6:33, haveria dinheiro suficiente para missões e pessoas o bastante para trabalhar, e a obra do Senhor prosperaria. No entanto, nem todo cristão pratica Mateus 6:33.

Certa vez, uma senhora enviou uma oferta para um ministério, explicando que havia economizado aquele dinheiro desligando o aquecimento de água de sua casa. A água para o banho era aquecida no fogão, “do jeito como fazíamos em minha infância”, comentou. Também cortou sua assinatura de jornal a fim de contribuir ainda mais para a obra do Senhor. Talvez não sejamos chamados pelo Senhor para fazer esse tipo sacrifício, mas seu exemplo é digno de todo respeito.

Paulo apresenta três motivos que o levaram a recusar o sustento da igreja de Corinto.

Por amor ao evangelho (vv. 15-18). Paulo não desejava “[criar] qualquer obstáculo ao evangelho de Cristo” (1 Co 9:12). Naquele tempo, as cidades gregas eram reple-

maioria deles interessada apenas em ganhar dinheiro. Paulo não apenas recusou valer-se do tipo de oratória e de argumentação que esses mestres usavam (1 Co 2:1-5), mas também recusou-se a aceitar o dinheiro das pessoas para as quais ministrou. Seu desejo era livrar a mensagem do evangelho de qualquer empecilho ou obstáculo presente no pensamento dos pecadores perdidos.

Nesse sentido, quando Paulo acrescenta: “e não escrevo isto para que assim se faça comigo” (1 Co 9:15), deixa claro que seus leitores não devem pensar que se trata de uma “indireta” para que lhe dêem apoio financeiro!

Paulo não poderia assumir qualquer crédito pela pregação do evangelho, pois havia sido chamado por Deus para realizar esse ministério. “Se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho!” (1 Co 9:16). Deus havia lhe dado a incumbência (“responsabilidade de despenseiro”) e “o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel” (1 Co 4:2). Deus providenciaria para que Paulo recebesse seu salário (*recompensa* - o mesmo termo usado em Lc 10:7).

Qual era a recompensa de Paulo? A alegria de pregar o evangelho sem pedir coisa alguma em troca! Isso significava que ninguém poderia acusá-lo de ter segundas intenções ao compartilhar as boas-novas de Jesus Cristo.

É triste quando, por vezes, a pregação do evangelho é embaraçada por uma ênfase excessiva sobre o dinheiro. O mundo não salvo está certo de que a maioria dos pastores e missionários está envolvida em algum tipo de “maracutaia religiosa” para arrancar dinheiro de pessoas inocentes. Sem dúvida, existem “charlatães” no mundo de hoje (1 Tm 6:3-16), pessoas que usam a religião para explorar os outros e controlá-los. De modo algum compactuamos com seus propósitos ou práticas. Devemos nos certificar de que nada do que fizemos em nosso ministério dê a impressão de que somos

Desde os primórdios da Igreja, uma atitude incorreta com respeito ao dinheiro tem servido de empecilho para a proclamação do evangelho. Ananias e Safira amavam o dinheiro mais do que a verdade, e Deus os matou (At 5). Simão, o mágico, pensou que poderia comprar o dom do Espírito (At 8:18-24). Hoje, seu nome se encontra no dicionário, associado ao verbete *simonia*, a prática de comprar e vender cargos e privilégios religiosos.

H. A. Ironside pastoreou a igreja Moody em Chicago durante dezoito anos. Lembro-me da primeira vez que o ouvi anunciar a coleta de uma oferta. Disse: "Pedimos ao povo de Deus que contribua com generosidade. Se você não crê em Jesus Cristo, não pedimos que contribua. Temos uma oferta a lhe fazer: a vida eterna pela fé em Jesus Cristo!" Deixou claro que a oferta seria levantada entre os cristãos, a fim de que o dinheiro não fosse um tropeço para os não cristãos ali presentes, impedindo-os de aceitar o evangelho.

Por amor aos pecadores (vv. 19-23). Que paradoxo: livre de todos os homens e, no entanto, servo de todos os homens! "Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus" (2 Co 4:5). Pelo fato de ser livre, Paulo podia servir aos outros e colocar de lado seus direitos por amor a eles.

Infelizmente, a frase "Fiz-me tudo para com todos" (1 Co 9:22) tem sido usada e abusada pelo mundo e, muitas vezes, o significado original pretendido por Paulo é distorcido. O apóstolo não era um camaleão que mudava sua mensagem e seus métodos a cada nova situação. Também não fazia concessões indevidas, adaptando sua mensagem de modo a agradar seu público. Era um embaixador, não um político!

Paulo era um judeu que se preocupava profundamente com seu próprio povo (Rm 9:1-3; 10:1). No entanto, possuía um chamado especial para ministrar aos gentios (Ef 3:8). Toda vez que chegava a uma cidade diferente (e sempre procurava os lugares onde o evangelho ainda não havia sido

pregado; Rm 15:20), ia diretamente para a sinagoga - caso houvesse uma na cidade - e lá, falava do evangelho com toda ousadia. Se era rejeitado pelos judeus, pregava aos gentios.

O que separava os judeus dos gentios naquele tempo? A Lei e as alianças (Ef 2:11-15). Paulo conduzia sua vida pessoal de modo a não ofender nem judeus nem gentios. Não ficava exibindo sua liberdade aos judeus, nem impunha a Lei aos gentios.

Essa atitude de Paulo era incoerente? De maneira alguma. Simplesmente adaptava sua abordagem aos diferentes grupos. Quando lemos seus sermões no Livro de Atos, podemos observar essa adaptação feita com tanta sabedoria. Quando pregava aos judeus, começava com os patriarcas do Antigo Testamento; mas quando pregava para os gentios, começava com o Deus da criação. Paulo não tinha um "sermão padronizado" para todas as situações.

Convém observar que Jesus usou a mesma abordagem. Para Nicodemos, um nobre judeu, falou sobre o nascimento espiritual (Jo 3); mas, para a mulher samaritana, falou da água viva (Jo 4). Jesus era flexível e adaptável, e Paulo seguiu seu exemplo. Nem Jesus nem Paulo tinham uma "fórmula evangelística" rígida que usavam em todas as ocasiões.

É preciso tato para ter contato. Quando as pessoas para as quais testemunho falam de sua experiência de confirmação ou crisma, conto que tive uma experiência semelhante. Expresso minha apreciação pelo pastor que me instruiu e orou por mim. Então, relato como, um ano depois de minha confirmação, tive um encontro pessoal com Jesus Cristo e nasci de novo. Um bom testemunho procura construir pontes, não muros.

Para as pessoas imaturas, é bem provável que o estilo de Paulo parecesse incoerente. Na verdade, estava sendo extremamente coerente, pois seu propósito maior era ganhar pessoas para Jesus Cristo. A coerência pode se tornar algo bastante legalista, e o homem pode se prender de tal modo a regras e padrões humanos a ponto de não

ter liberdade para ministrar. Fica como o jovem Davi tentando lutar vestindo a armadura de Saul.

Paulo tinha o direito de comer o que bem entendesse, mas abriu mão desse direito para que pudesse ganhar os judeus. Honrava a Lei (ver Rm 7:12), mas a colocou de lado para alcançar os gentios perdidos. Chegou a se identificar com os cristãos fracos e legalistas, a fim de poder ajudá-los a crescer. Sua atitude não era transigente, mas sim inteiramente sujeita à lei suprema do amor. Paulo seguiu o exemplo do Salvador e se humilhou, tornando-se servo de todos.

Por amor a si mesmo (vv. 24-27). Paulo gostava de usar imagens relacionadas aos esportes e as emprega com frequência nesta epístola. Os coríntios conheciam os Jogos Olímpicos gregos e também tinham os próprios Jogos Ístmicos. Sabendo disso, Paulo emprega uma metáfora próxima da experiência de seus leitores.

Um atleta deve ser disciplinado a fim de conquistar o prêmio. Ter disciplina significa abrir mão do que é bom e do que é muito bom, a fim de ficar com o que é absolutamente o melhor. O atleta precisa cuidar de sua dieta e de seus horários. Deve sorrir e dizer: "não, muito obrigado" quando as pessoas lhe oferecem sobremesas tentadoras ou o convidam para festas tarde da noite. A comida e a diversão, em si, não têm nada de errado, mas se interferem em nossos objetivos maiores, podem atrapalhar em vez de ajudar.

O cristão não participa da corrida para entrar no céu. Antes, está na corrida porque foi salvo pela fé em Jesus Cristo. Somente os cidadãos gregos poderiam participar dos jogos e, para isso, deveriam obedecer às regras tanto no treinamento quanto na competição. Qualquer competidor que quebrasse as regras de treinamento era automaticamente desclassificado.

A fim de abrir mão de seus direitos e de experimentar a alegria de ganhar almas para Cristo, Paulo teve de se disciplinar. Esta é a ênfase de todo o capítulo 9. A autoridade (os direitos) deve ser contrabalançada pela

disciplina. Se desejamos servir ao Senhor e obter sua recompensa e aprovação, precisamos pagar um preço por isso.

A palavra *desqualificado* (1 Co 9:27) era um termo técnico de conhecimento geral dos que acompanhavam os jogos gregos. Significa "desaprovar, desclassificar". Nas competições gregas, havia um arauto que anunciava as regras do jogo, o nome dos competidores e o nome e cidade de origem dos campeões. Também anunciava o nome de qualquer participante desqualificado.

Paulo considerava-se um "arauto" e um "corredor". Sua preocupação era não se ocupar de tal modo tentando ajudar os outros na corrida a ponto de ignorar a si mesmo e de descobrir que havia sido desqualificado. Mais uma vez, não se trata de perder a salvação pessoal. (Quando um atleta grego era desclassificado, não perdia sua cidadania, mas apenas a oportunidade de ganhar o prêmio.) A ênfase toda é sobre as *recompensas*, e Paulo não desejava perder sua recompensa.

Nos jogos gregos, somente um corredor poderia ganhar a coroa de louros, mas *todo* cristão pode vencer e receber uma coroa incorruptível diante do tribunal de Cristo. Essa coroa é dada aos que se disciplinam para servir a Cristo e ganhar almas perdidas. Eles mantêm o corpo sob controle e o olhar fixo em seu alvo.

Nos últimos anos, os cristãos evangélicos têm redescoberto a importância da disciplina pessoal e a relação entre um corpo disciplinado e uma vida cheia do Espírito. É evidente que devemos evitar extremos. Por um lado, o asceticismo religioso não é saudável nem possui qualquer valor espiritual (Cl 2:18-23). Por outro lado, devemos considerar os benefícios da disciplina na alimentação, nos exercícios, no descanso e em uma vida equilibrada sob a orientação do Espírito. Temos orgulho de não fumar nem ingerir bebidas alcoólicas, mas e quanto ao hábito de comer em excesso e a questão da obesidade? Além disso, há muitos cristãos que não conseguem aplicar a disciplina a seu tempo de

modo a ter uma vida devocional constante ou acompanhar um programa de estudo bíblico.

Paulo possuía um grande objetivo para sua vida: glorificar ao Senhor ganhando os perdidos e edificando os cristãos. O apóstolo

estava disposto a pagar qualquer preço para alcançar esse objetivo. *Estava disposto até a abrir mão de seus direitos pessoais!* Sacrificou os benefícios imediatos e os prazeres instantâneos em troca das recompensas e alegrias eternas.

SABEDORIA COM RESPEITO À ORDEM NA IGREJA

1 CORÍNTIOS 11

Uma vez que Paulo tem algumas observações negativas a fazer acerca da igreja no final desta seção, começa com um tom positivo, elogiando a igreja em Corinto. Duas questões em particular são consideradas louváveis: lembrava-se de Paulo e o apreciava e era fiel em guardar os costumes que recebera. O termo “tradições” refere-se aos ensinamentos que foram transmitidos de uma pessoa a outra (2 Tm 2:2). As tradições humanas devem ser evitadas (Mt 15:2, 3; Cl 2:8), mas as tradições da Palavra de Deus devem ser observadas.

Um dos grandes problemas na igreja de Corinto era a desordem nas reuniões públicas. Algumas das mulheres usufruíam mais liberdades do que lhes era apropriado; havia tumulto durante a Ceia do Senhor e confusão no uso dos dons espirituais. A igreja fora grandemente enriquecida com dons espirituais, mas infelizmente lhe faltava as graças espirituais.

Paulo poderia ter tentado resolver esse problema por meio de decretos apostólicos; em vez disso, porém, explicou pacientemente os princípios que apoiavam os ensinamentos que havia transmitido à igreja. Sua argumentação é inteiramente fundamentada na Palavra de Deus e trata de três manifestações específicas de confusão no culto público.

1. MULHERES ORANDO E PROFETIZANDO (1 Co 11:3-16)

A fé cristã dava liberdade e esperança às mulheres, crianças e escravos. Ensinava que todas as pessoas, sem distinção de raça ou sexo, eram iguais diante de seu Criador, e que todos os cristãos eram um em Jesus Cristo

(Gl 3:28). Como observamos anteriormente, é possível que a Igreja cristã fosse a única agremiação do império romano a aceitar todas as pessoas, qualquer que fosse sua nacionalidade, condição social, sexo ou situação econômica.

Era de se esperar que alguns abusassem dessa liberdade recém-descoberta. Um novo movimento sempre sofre mais por causa de seus discípulos do que em função dos seus inimigos, e era exatamente o que estava acontecendo em Corinto. Algumas mulheres ostentavam sua “liberdade” nas reuniões públicas recusando-se a cobrir a cabeça quando participavam.

Paulo não proibiu as mulheres de orar ou de profetizar. (Profetizar não é exatamente a mesma coisa que “pregar” ou “explicar a Palavra”. Uma pessoa com o dom de profecia proclamava a mensagem de Deus enquanto a recebia *diretamente* do Espírito. Hoje em dia, o pastor estuda a Palavra e prepara sua mensagem.) Apesar de o Novo Testamento dar a entender que não era permitido às mulheres ocupar o cargo de presbítero (1 Tm 3:2), havia mulheres na Igreja primitiva que possuíam o dom de profecia e que tinham permissão de exercitá-lo. Também era permitido que orassem nas reuniões públicas. No entanto, não lhes era permitido exercer autoridade sobre os homens (1 Tm 2:11-15) nem julgar as mensagens de outros profetas (1 Co 14:27-35). Se tinham dúvidas, deveriam perguntar ao marido (ou a algum outro homem) fora da reunião da igreja.

A sociedade oriental daquela época era extremamente zelosa com respeito às mulheres. Com exceção das prostitutas culturais, as mulheres mantinham os cabelos longos e costumavam cobrir a cabeça quando estavam em lugares públicos. (Paulo não usa a palavra *véu*, que designa o tecido usado para cobrir o rosto. As mulheres colocavam um xale comum sobre a cabeça para simbolizar sua submissão e pureza.) Uma mulher cristã aparecer em público sem cobrir a cabeça, ainda mais para orar e falar da Palavra, era um gesto atrevido e blasfemo.

Paulo procurou restaurar a ordem lembrando os coríntios de que Deus havia criado

homens e mulheres de forma diferente e reservado para cada sexo um lugar próprio no plano perfeito de Deus. Também havia costumes apropriados que simbolizavam essas relações e lembravam homens e mulheres de seu devido lugar dentro da ordem estabelecida por Deus. Paulo não diz, nem sequer insinua, que essa *diferença* significa *desigualdade* ou *inferioridade*. A fim de haver paz dentro da igreja (1 Co 15:33), também deve haver algum tipo de ordem, e a ordem envolve, necessariamente, hierarquia. No entanto, *hierarquia* e *qualidade* são duas coisas distintas. O capitão ocupa uma posição mais elevada na hierarquia do que o soldado raso, mas, como homem, o soldado raso pode ser melhor que o capitão.

A ordem de Deus na igreja é baseada em três fundamentos que Paulo considerava bastante claros.

A redenção (vv. 3-7). Há uma ordem inequívoca de liderança dentro da igreja: o Pai é o Cabeça sobre Cristo; Cristo é o Cabeça sobre o homem; o homem é o cabeça sobre a mulher. De acordo com algumas interpretações, o termo *cabeça* significa "origem", mas se fosse o caso, indicaria que o Pai deu origem a Cristo – conceito que julgamos inaceitável. Em seu ministério redentor, o Filho sujeitou-se ao Pai, apesar de ser igual ao Pai (Jo 10:30; 14:28). Semelhantemente, a mulher sujeita-se ao homem apesar de, em Cristo, ser igual a ele (1 Co 3:21-23; Gl 3:28; Ef 5:21-33).

É importante ter em mente que Paulo está escrevendo sobre as relações *dentro da igreja local*, não no mundo em geral. Faz parte do plano de Deus que, no lar e na igreja local, os homens exerçam a liderança debaixo da autoridade de Jesus Cristo.

O importante é que tanto mulheres quanto homens devem honrar ao Senhor respeitando os símbolos de sua liderança – o cabelo e a cabeça coberta. Sempre que a mulher ora ou profetiza na congregação, deve ter o cabelo longo e cobrir a cabeça. O homem deve ter o cabelo curto e não cobrir a cabeça. (Para Paulo, isso representava uma mudança, pois os homens judeus devotos sempre cobriam a cabeça com um solidéu quando

oravam.) O homem honra o seu Cabeça (Cristo) mantendo-se descoberto, enquanto a mulher honra seu cabeça (o homem) mantendo-se coberta. Com isso, demonstra submissão tanto a Deus quanto ao homem.

Na verdade, as mulheres de Corinto que apareciam nas reuniões sem cobrir a cabeça colocavam-se na mesma posição vulgar que as prostitutas cultuais. Essas prostitutas costumavam usar os cabelos curtos e não cobriam a cabeça quando estavam em lugares públicos. Seu penteado e seus modos deixavam claro a todos exatamente quem elas eram e o que ofereciam. "Se desejam deixar de cobrir a cabeça", Paulo escreve, "então por que não fazer o serviço completo cortando também o cabelo?"

De acordo com a Lei judaica, a mulher comprovadamente culpada de adultério deveria ter o cabelo cortado (Nm 5:11-31). Paulo usa duas palavras diferentes em 1 Coríntios 11:5, 6; a cabeça "rapada" significa exatamente isso: sem qualquer cabelo; o "tosquiar-se" refere-se a cortar curto. Ambos seriam vergonhosos para uma mulher.

Tanto o homem quanto a mulher são criados à imagem de Deus e para a glória de Deus; mas, uma vez que a mulher foi feita para o homem (Gn 2:18-25), também é a "glória do homem". Ela glorifica a Deus e traz glória ao homem sujeitando-se a Deus e mantendo sua cabeça coberta no culto público. Assim, Paulo associa o costume local com uma verdade bíblica, um apontando para o outro.

A criação (vv. 8-12). Tocamos rapidamente neste assunto em uma passagem anterior. A ordem de Deus tem como base o fato de que o homem foi criado primeiro (1 Tm 2:13) e de que a mulher foi criada para o homem. Mais uma vez, a primazia não implica superioridade nem inferioridade, pois Paulo deixa claro, em 1 Coríntios 11:11, 12, que Deus não tem apenas uma relação de autoridade sobre a criação, mas também de *parceria* com ela. Em termos espirituais, o homem e a mulher são um diante do Senhor (Gl 3:28) e dependem um do outro. Além disso, a primeira mulher veio do homem, mas hoje, o homem é nascido da mulher. O homem e a

mulher pertencem um ao outro e precisam um do outro.

Por que Paulo fala de anjos em 1 Coríntios 11:10? O apóstolo argumenta a partir de fatos da criação, e os anjos fazem parte dessa criação. Os anjos também conhecem seu devido lugar e demonstram respeito quando adoram a Deus, pois, ao fazê-lo, cobrem o rosto (Is 6:2). Por fim, de alguma forma especial, os anjos participam do culto público da igreja e são instruídos pela igreja (Ef 3:10; 1 Pe 1:12). O culto público é algo extremamente solene, pois tem até mesmo a presença dos anjos; assim, *devemos nos comportar como se estivéssemos no céu*.

A natureza (vv. 13-16). De modo geral, é natural as mulheres terem cabelos mais longos e os homens, cabelos mais curtos. Romanos, gregos e judeus (com exceção dos nazireus), em sua maioria, seguiam esse costume. A Bíblia não diz em parte alguma qual deve ser o comprimento dos cabelos. Diz apenas que deve haver uma diferença clara entre o comprimento dos cabelos dos homens e o das mulheres a fim de não haver confusão entre os sexos. (Esse princípio elimina os chamados "penteados *unissex*".) É vergonhoso um homem parecer uma mulher e vice-versa.

O cabelo longo da mulher é sua glória e lhe foi dado "em lugar de mantilha". Em outras palavras, se o costume local não determina que a mulher deve cobrir a cabeça, seu cabelo longo serve de cobertura. Não creio que Paulo esteja dizendo que todas as mulheres de todas as culturas devem usar um xale para cobrir a cabeça; no entanto, ao que parece, ele esperava que todas as mulheres tivessem cabelos compridos como símbolo de sua sujeição à ordem de Deus. Isso é algo que todas as mulheres podem fazer.

Em meu ministério em diferentes partes do mundo, tenho observado que esse princípio de autoridade aplica-se a todas as culturas; o que varia de um lugar para outro é a maneira de demonstrá-lo. O mais importante é a submissão do coração ao Senhor e a manifestação pública da obediência à ordem de Deus.

2. EGOÍSMO NAS REFEIÇÕES DE COMUNHÃO (1 Co 11:17-22)

Desde o início da Igreja, os cristãos costumavam comer juntos (At 2:42, 46). Era uma oportunidade de terem comunhão e de dividir os alimentos com os menos privilegiados. Sem dúvida, o ponto alto dessas refeições era a observância da Ceia do Senhor. Os cristãos primitivos chamavam essas ocasiões de "refeições de ágape", uma vez que a ênfase maior era sobre a demonstração de amor mútuo entre os irmãos e irmãs ao compartilhar os alimentos uns com os outros.

A "refeição de ágape" (do termo grego que significa "amor") fazia parte do culto em Corinto, mas sofria sérios abusos. Em decorrência disso, tais refeições estavam sendo mais prejudiciais do que benéficas para a igreja. Dentre outras coisas, havia uma porção de "panelinhas" na igreja, e cada um só comia com sua "turma", em vez de ter comunhão com toda a família da igreja. Apesar de Paulo condenar essa prática egoísta, encarou os resultados de maneira positiva: pelo menos Deus usaria isso para revelar os que eram verdadeiramente cristãos.

Outra falha era o egoísmo: as pessoas ricas traziam grandes quantidades de alimentos, enquanto as mais pobres passavam fome. A idéia original dessa refeição de comunhão era compartilhar, mas essa idéia havia se perdido. Alguns dos membros estavam até se embebedando. É bem provável que essa refeição semanal fosse a única ocasião em que alguns dos membros mais pobres se alimentavam dequadamente, e o desprezo dos mais ricos não afetava apenas o estômago desses membros menos privilegiados, mas também sua dignidade.

É evidente que as divisões durante a refeição eram apenas um sintoma de problemas mais sérios dentro da igreja. Os coríntios consideravam-se cristãos maduros, quando na realidade não passavam de criancinhas na fé. Paulo não está sugerindo que as refeições de comunhão deviam ser suspensas, mas sim que era preciso restaurar seu devido significado. "Que os ricos comam em casa, se estão com tanta fome. Ao abusar dos cristãos mais pobres desse modo, na

verdade estão desprezando a igreja!" A "refeição de ágape" deveria ser uma oportunidade para a edificação, mas era usada como ocasião para causar embaraços.

Lembro-me de um episódio ocorrido em um piquenique de nossa Escola Bíblica Dominical quando eu ainda era adolescente. A pessoa encarregada dos jogos preparou uma corrida em que várias pessoas deveriam jogar ovos umas para as outras, à medida que aumentavam a distância entre si. É claro que, quanto mais uma equipe se afastava da outra, mais força os participantes precisavam usar para jogar os ovos, e o resultado era cômico.

No entanto, alguns de nós que assistíamos à competição observamos duas crianças da Escola Dominical olhando fixamente para os ovos. Vinham de uma família pobre e, provavelmente, não tinham dinheiro para comprar ovos com frequência. A garotinha foi até a senhora que organizou os jogos e perguntou: "Se sobrar algum ovo depois da brincadeira, será que o meu irmão e eu podemos levar para casa?" Em uma decisão sábia, a senhora mais que depressa encerrou a brincadeira, deu um prêmio à equipe vencedora e entregou todos os ovos para as duas crianças. Sabia que era errado alguns membros da igreja se divertirem à custa de outros.

Difícilmente se pode dizer que uma bebedeira é o modo mais adequado de preparar-se para a Ceia do Senhor. Desprezar os outros por certo também não é uma forma de se lembrar do Salvador que morreu para salvar todos os pecadores, sejam eles ricos ou pobres. Como é importante prepararmos o coração para participar da Ceia do Senhor!

3. ABUSOS NA CEIA DO SENHOR (1 Co 11:23-34)

As igrejas evangélicas reconhecem duas ordenanças estabelecidas por Jesus Cristo e que devem ser observadas por seu povo: o batismo e a Ceia do Senhor (a Ceia também é chamada de *Comunhão* em 1 Coríntios 10:16, e de *Eucaristia*, que significa "dar graças"). Jesus Cristo tomou o cálice e o pão –

elementos comuns de uma refeição naquela época – e os transformou em uma experiência espiritual significativa para os cristãos. No entanto, o valor da experiência depende do estado em que se encontra o coração dos que dela participam, e esse era problema em Corinto.

É algo extremamente sério participar da Ceia com o coração despreparado. Também é algo muito grave receber a Ceia de maneira descuidada. Uma vez que os coríntios pecavam em sua observância da Ceia do Senhor, Deus teve de discipliná-los. "Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem" (1 Co 11:30).

A Ceia do Senhor é uma oportunidade de crescimento espiritual e de bênçãos, se participarmos com a atitude correta. O que devemos fazer, então, para a Ceia trazer bênçãos, não repreensão?

Em primeiro lugar, devemos olhar para trás (vv. 23-26a). O pão repartido nos lembra o corpo de Cristo dado por nós; o cálice representa seu sangue derramado. É impressionante o desejo de Jesus de que seus seguidores se lembrem de sua morte. A maioria de nós procura esquecer os detalhes sobre a morte de nossos entes queridos, mas Jesus deseja que lembremos como ele morreu. Isso porque sua morte é o cerne de tudo o que temos como cristãos.

Devemos lembrar o fato de haver morrido, pois sua morte faz parte da mensagem do evangelho: "Cristo morreu [...] foi sepultado" (1 Co 15:3, 4). Não é a vida de Cristo nem seus ensinamentos que salvam os pecadores, mas sua morte. Portanto, devemos nos lembrar *do motivo* de ter morrido: Cristo morreu por nossos pecados; foi nosso substituto (Is 53:6; 1 Pe 2:24), quitando uma dívida que jamais poderíamos pagar.

Também devemos lembrar *como* ele morreu: voluntária e mansamente, demonstrando seu amor por nós (Rm 5:8). Entregou o corpo nas mãos de homens perversos e levou sobre si os pecados do mundo.

No entanto, essa "memória" não é apenas uma lembrança dos fatos históricos. Também é uma participação de realidades

espirituais. Quando celebramos a Ceia do Senhor, não caminhamos ao redor de um monumento e o admiramos a distância. Temos comunhão com o Salvador vivo, do qual nos aproximamos pela fé.

Em segundo lugar, devemos olhar para a frente (v. 26b). Observamos a Ceia do Senhor “até que ele venha”. A volta de Jesus Cristo é a esperança da Igreja e de cada cristão. Jesus Cristo não apenas morreu por nós, mas também ressuscitou e subiu ao céu e, um dia, voltará para nos levar para junto dele. Não somos hoje tudo o que devemos ser; mas quando o vermos, “seremos semelhantes a ele” (1 Jo 3:2).

Em terceiro lugar, devemos olhar para dentro (vv. 27, 28, 31, 32). Paulo não diz que devemos ser *dignos* de participar da Ceia, mas apenas que devemos fazê-lo *de maneira digna*. Em um culto de Ceia na Escócia, o pastor reparou que uma mulher da congregação não aceitou o cálice e o pão oferecidos pelo presbítero, mas apenas ficou sentada em seu lugar, chorando. O pastor dirigiu-se até ela e disse:

– Pode tomar, minha cara, a Ceia é para os pecadores!

De fato, é, mas os pecadores salvos pela graça de Deus não devem tratar a Ceia de maneira pecaminosa.

A fim de participar dignamente, é preciso examinar o coração, discernir os pecados e confessá-los ao Senhor. Tomar a Ceia com pecados não confessados no coração é se tornar réu do corpo e do sangue de Cristo, pois foi o pecado que o pregou à cruz. Se não discernirmos nossas transgressões, Deus nos julgará e disciplinará até que confessemos e deixemos esses pecados.

Os coríntios não examinavam a si mesmos, mas eram especialistas em examinar a vida de todo mundo. Quando a igreja se reúne, devemos ter o cuidado de não nos tornarmos “detetives religiosos” que se dedicam a vigiar os outros, incapazes de reconhecer os próprios pecados. Se comemos e bebemos indignamente, comemos e bebemos julgamento (disciplina) para nós mesmos, algo que não deve ser considerado levemente.

A disciplina é a maneira carinhosa de Deus tratar com seus filhos e filhas e de encorajá-los a amadurecer (Hb 12:1-11). Não é como a sentença de um juiz condenando um criminoso, mas como a repreensão de um Pai amoroso, que castiga os filhos desobedientes (e, possivelmente, obstinados). A disciplina é uma prova do amor de Deus por nós e, se cooperarmos, pode aperfeiçoar a vida de Deus em nós.

Por fim, devemos olhar a nosso redor (vv. 33, 34). Não se deve fazer isso com o objetivo de criticar outros cristãos, mas sim de discernir o corpo do Senhor (1 Co 11:29). É possível que essa frase tenha um sentido duplo: devemos reconhecer seu corpo no pão e também na igreja a nosso redor – pois a igreja é o corpo de Cristo. “Porque nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo” (1 Co 10:17). A Ceia deve ser uma demonstração de união na igreja –, mas a igreja de Corinto não era muito unida. Na verdade, sua celebração da Ceia do Senhor era apenas uma demonstração de sua desunião.

A Ceia do Senhor é uma refeição em família, e o Senhor da família deseja que seus filhos amem uns aos outros e cuidem uns dos outros. É impossível um cristão verdadeiro aproximar-se do Senhor e, ao mesmo tempo, se manter separado de seus irmãos e irmãs em Cristo. De que maneira podemos lembrar a morte de Jesus Cristo se não amamos uns aos outros? “Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros” (1 Jo 4:11).

Nenhuma pessoa que não é verdadeiramente convertida deve tomar a Ceia. Também um cristão não deve tomar a Ceia se seu coração não estiver em ordem com Deus e com seus irmãos e irmãs em Cristo. É por isso que várias igrejas têm um tempo de preparação espiritual antes de realizar a Ceia, a fim de que nenhum dos participantes traga disciplina sobre si mesmo. Lembro-me de um membro de igreja que me procurou e contou de uma derrota pessoal que não apenas o havia prejudicado espiritualmente, como também havia sido “divulgada” por

outros e estava prestes a envergonhar a ele e à igreja.

- O que posso fazer para colocar a situação em ordem? - ele me perguntou, convencendo-me de que havia, de fato, discernido e confessado seu pecado. Lembrei-o de que, na semana seguinte, realizaríamos a Ceia do Senhor e sugeri que pedisse a orientação de Deus. Na noite da Ceia, comecei a celebração de uma forma como nunca havia feito antes.

- Há alguém que gostaria de compartilhar alguma coisa com a igreja? - perguntei. Meu amigo arrependido colocou-se em pé e veio à frente, onde parou a meu lado junto à

mesa da Ceia. De maneira tranqüila e concisa, reconheceu que havia pecado e pediu o perdão da igreja. Sentimos uma onda de amor vindo do Espírito tomar conta da congregação, e várias pessoas começaram a chorar. Naquela celebração da ceia, verdadeiramente discernimos o corpo de Cristo.

Apesar de a confissão ser um elemento importante, a Ceia não deve ser uma ocasião de "autópsia espiritual" e tristeza. Deve ser um tempo de ação de graças e expectativa jubilosa de ver o Senhor! Jesus sabia que, em breve, passaria por grande sofrimento e morreria, mas ainda assim deu graças. Façamos o mesmo.

SABEDORIA COM RESPEITO À IGREJA COMO CORPO

1 CORÍNTIOS 12 – 13

Um dos sinais de maturidade de um indivíduo é uma compreensão mais adequada e uma capacidade maior de apreciar o próprio corpo. Encontramos um paralelo na vida espiritual: ao amadurecer em Cristo, adquirimos uma compreensão mais profunda acerca da Igreja, o corpo de Cristo. A ênfase dos últimos anos sobre a “vida como corpo” é positiva. Tem ajudado a combater uma ênfase equivocada sobre o “cristianismo individual”, que conduz a um isolamento da igreja local.

É evidente que Paulo não usou apenas a imagem do “corpo” para tratar da igreja, de modo que devemos ter cuidado para não levá-la longe demais. A igreja também é uma família, um exército, um templo e até mesmo uma noiva, e cada imagem tem lições importantes a nos ensinar. No entanto, em três de suas epístolas, Paulo enfatiza a igreja como um corpo. Em cada uma dessas passagens, trata das mesmas três verdades importantes: unidade, diversidade e maturidade, como fica claro no quadro abaixo.

	Unidade	Diversidade	Maturidade
1 Coríntios	12:1-13	12:14-31	13:1-13
Romanos	12:1-5	12:6-8	12:9-21
Efésios	4:1-6	4:7-12	4:13-16

É impossível falar do corpo sem discutir o ministério do Espírito Santo. Foi o Espírito quem deu à luz o corpo em Pentecostes e que ministra no corpo e por meio dele. Infelizmente, na igreja de Corinto os membros estavam entristecendo o Espírito Santo com a maneira carnal de usar os dons espirituais. Não agiam como adultos que haviam recebido

instrumentos valiosos, mas sim como crianças com seus brinquedos, portanto precisavam amadurecer.

1. UNIDADE: O DOM DO ESPÍRITO (1 Co 12:1-13)

Uma vez que havia divisão na igreja de Corinto, Paulo começou enfatizando a unidade da igreja. Ressaltou quatro vínculos maravilhosos da unidade espiritual.

Professamos o mesmo Senhor (vv. 1-3).

Paulo faz um contraste entre a experiência dos coríntios como idólatras não convertidos e sua experiência atual como cristãos. Haviam adorado ídolos mortos, mas agora pertenciam ao Deus vivo. Seus ídolos nunca se dirigiam a eles, mas Deus lhes falava por meio de seu Espírito e até *por meio deles* no dom de profecia. Quando estavam perdidos, eram controlados pelos demônios (1 Co 10:20) e guiados pelos caminhos errados (1 Co 12:2). Mas agora, o Espírito de Deus habitava dentro deles e os dirigia.

É somente pelo Espírito que uma pessoa pode dizer *com toda honestidade*: “Jesus é o Senhor”. Um escarnekedor que vive em pecado até pronuncia essas palavras, mas não se trata de uma confissão sincera. (Talvez Paulo esteja se referindo às coisas que haviam dito quando ainda se encontravam sob a influência de demônios antes de sua conversão.) É importante observar que, enquanto o Espírito Santo opera, os cristãos nunca perdem o domínio próprio (1 Co 14:32), pois é Jesus Cristo, o Senhor, que está no controle. Qualquer suposta “manifestação do Espírito” que prive a pessoa do domínio próprio não vem de Deus, pois “o fruto do Espírito é [...] domínio próprio” (Gl 5:22, 23).

Se Jesus Cristo é, verdadeiramente, o Senhor de nossa vida, então deve haver unidade na igreja. Divisão e dissensão no meio do povo de Deus só servem para enfraquecer o seu testemunho conjunto ao mundo perdido (Jo 17:20, 21).

Dependemos do mesmo Deus (vv. 4-6). Encontramos aqui uma ênfase trinitária: “o Espírito é o mesmo [...] o Senhor é o mesmo [...] o mesmo Deus”. Como indivíduos,

podemos ter diferentes dons, ministério e formas de trabalhar, mas "Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2:13). O dom vem de Deus; a esfera em que administramos o dom pertence a Deus, e a energia para usar o dom é concedida por Deus. Então, por que glorificar seres humanos? Por que competir uns com os outros?

Ministramos ao mesmo corpo (vv. 7-11).

Os dons são concedidos para o benefício da igreja toda. Não são para o usufruto individual, mas para uso corporativo. Os coríntios em especial precisavam ser lembrados disso, pois usavam os dons espirituais de maneira egoísta, para promover a si mesmos, não para edificar a igreja. Quando aceitamos nossos dons com humildade, podemos usá-los para promover harmonia e para ajudar a igreja como um todo.

Os diversos dons são citados em 1 Coríntios 12:8-10 e 28 bem como em Efésios 4:11 e Romanos 12:6-8: Quando combinamos essas listas, encontramos dezenove dons e cargos diferentes. Uma vez que a lista em Romanos não é idêntica à de 1 Coríntios, podemos supor que Paulo não estava tentando tratar exaustivamente do assunto em nenhuma dessas passagens. Apesar de os dons citados serem apropriados para o ministério da igreja, Deus não se restringe a essas listas. Pode dar outros dons como bem lhe aprouver.

Tratamos anteriormente dos *apóstolos* (1 Co 9:1-6). Os *profetas* eram os porta-vozes de Deus no Novo Testamento, pessoas cujas mensagens vinham diretamente de Deus por meio do Espírito. Seu ministério era edificar, encorajar e consolar (1 Co 14:3). Seus ouvintes testavam essas mensagens, a fim de determinar se eram, de fato, provenientes de Deus (1 Co 14:29; 1 Ts 5:19-21). Efésios 2:20 deixa claro que os apóstolos e profetas trabalharam juntos para lançar os alicerces da Igreja, e podemos supor que deixaram de ser necessários, uma vez que esses fundamentos foram completados.

Os *mestres* instruíam os convertidos acerca das verdades doutrinárias da vida cristã. Ensinavam de acordo com a Palavra de Deus

e com os preceitos pregados pelos apóstolos (tradição). Ao contrário dos profetas, não recebiam suas mensagens diretamente do Espírito, apesar de o Espírito ajudá-los em seus ensinamentos. Tiago 3:1 indica que se trata de um chamado extremamente sério.

O *evangelista* dedica-se a compartilhar as boas-novas da salvação com os perdidos. Todos os ministros devem atuar como evangelistas (2 Tm 4:5) e procurar ganhar almas, mas algumas pessoas receberam um chamado especial para evangelizar.

Na Igreja primitiva, os *milagres* faziam parte das credenciais dos servos de Deus (Hb 2:1-4). Na verdade, milagres, curas e línguas pertencem a uma categoria que os teólogos chamam de "dons de sinais" e que se referem especificamente ao início da Igreja. O Livro de Atos, bem como a história da Igreja, indicam que esses dons miraculosos saíram de cena com o passar do tempo.

Os *socorros e governos* (1 Co 12:28) referem-se aos servos e dirigentes da igreja, pois sem liderança espiritual a igreja não pode prosperar. Os dons de *ministrar* (Rm 12:7) e de *presidir* pertencem a essa mesma categoria. Sou grato pelas pessoas que, nas três igrejas em que pastoreei, exerceram seus dons de socorros e de liderança.

Há vários dons referentes à locução: *línguas* e *interpretação de línguas* (dos quais trataremos em mais detalhes adiante), a *palavra de sabedoria* e a *palavra de conhecimento* (a capacidade de compreender e de aplicar a verdade de Deus a uma determinada situação) e a *exortação* (encorajamento e, se necessário, repreensão).

Contribuir e *demonstrar misericórdia* são relacionados a prover auxílio material aos necessitados e a sustentar os servos de Deus no ministério. O dom da *fé* é relacionado a crer em Deus quanto ao que ele deseja realizar no ministério da igreja, confiando que guiará e proverá. O *discernimento de espíritos* era importante na Igreja primitiva, uma vez que Satanás desejava falsificar a obra e a Palavra de Deus. Hoje, o Espírito usa especialmente a Palavra escrita para dar discernimento (1 Jo 2:18-24; 4:1-6). Uma vez que não há profetas na Igreja de hoje, não

precisamos nos preocupar com falsos profetas; no entanto, devemos ter cuidado com os falsos *mestres* (2 Pe 2:1).

Alguns estudiosos dividem os dons em categorias: dons de locução, de sinais e de serviço. No entanto, não devemos dedicar tanta atenção aos dons individuais a ponto de esquecer o motivo principal pelo qual Paulo os relacionou: para nos lembrar que eles nos unem em nossos ministérios a um só corpo. O Espírito Santo concede esses dons "como lhe apraz" (1 Co 12:11), não de acordo com a nossa vontade. Nenhum cristão deve se queixar de seus dons. Somos muitos membros de um só corpo e ministramos uns aos outros.

Experimentamos o mesmo batismo (vv. 12, 13). Infelizmente, a expressão "batismo do Espírito" perdeu o significado original do Novo Testamento. Deus nos falou por meio de *palavras* dadas pelo Espírito, e não devemos confundí-las (1 Co 2:12, 13). O batismo do Espírito ocorre na conversão, quando o Espírito entra no pecador que crê e lhe dá nova vida, fazendo de seu corpo o templo de Deus. *Todos* os cristãos experimentaram esse batismo definitivo (1 Co 12:13). As Escrituras não ordenam em parte alguma que devemos *buscar* esse batismo, pois já o experimentamos e ele não precisa ser repetido.

A "plenitude do Espírito" (Ef 5:18ss) é relacionada ao controle do Espírito sobre nossa vida. (Nas Escrituras, *estar cheio* significa "ser controlado" por algo.) A Bíblia *ordena* que sejamos preenchidos, o que é possível quando entregamos tudo a Cristo e lhe pedimos que nos conceda a plenitude do Espírito. Trata-se de uma experiência que ocorre repetidamente, pois precisamos sempre ser preenchidos novamente com poder espiritual, a fim de glorificarmos a Cristo. Ser batizados pelo Espírito significa que pertencemos ao *corpo de Cristo*. Ser preenchidos pelo Espírito significa que *nosso corpo* pertence a Cristo.

A evidência do batismo do Espírito na conversão é testemunha de que o Espírito está dentro de nós (Rm 8:14-16). Não é o "falar em línguas" que comprova esse batismo. *Todos* os cristãos da igreja de Corinto

havam recebido o batismo do Espírito, mas nem todos falavam em línguas (1 Co 12:30). As evidências da plenitude do Espírito são: poder para testemunhar (At 1:8), alegria e submissão (Ef 5:19ss), semelhança a Cristo (Gl 5:22-26) e crescimento na compreensão da Palavra (Jo 16:12-15).

Uma vez que recebemos o Espírito quando nos convertemos, somos todos membros do corpo de Cristo. Raça, posição social, riqueza ou mesmo sexo (Gl 3:28) não são vantagens nem desvantagens quando estamos em comunhão e servimos ao Senhor.

2. DIVERSIDADE: OS DONS DO ESPÍRITO (1 Co 12:14-31)

A unidade sem diversidade resultaria em uniformidade, e a uniformidade tende a levar à morte. A vida é um equilíbrio de unidade e diversidade. À medida que o corpo humano envelhece, seus "sistemas" tornam-se mais lentos, e tudo tende a se tornar uniforme. O resultado final, evidentemente, é que o corpo se transforma em pó.

Isso ajuda a explicar por que algumas igrejas (e outros ministérios cristãos) enfraquecem e morrem: não há diversidade suficiente para impedir que a unidade se transforme em uniformidade. Nas palavras de Vance Havner: "Tudo começa com um homem, depois surge um movimento, em seguida uma máquina e, por fim, um monumento". Muitos ministérios que começaram como protestos contra "a ortodoxia morta", também acabaram morrendo, pois, em seu desejo de se manterem puros e doutrinariamente perfeitos, sufocaram a criatividade e as idéias novas.

No entanto, a diversidade não controlada pode destruir a unidade; tem-se, então, a anarquia. Vemos em 1 Coríntios 13 que o equilíbrio entre a unidade e a diversidade é proveniente da *maturidade*. A tensão dentro do corpo entre os membros individuais e o organismo como um todo só pode ser resolvida pela maturidade.

Usando o corpo humano como ilustração, Paulo explica três fatos importantes sobre a diversidade no corpo de Cristo. Por que existem membros diferentes?

A fim de viver, crescer e servir, o corpo precisa de funções diferentes (vv. 14-20). Nenhum membro deve se comparar a qualquer outro membro, pois cada um é diferente e cada um é importante. Suponho que seria capaz de aprender a andar com as mãos, mas prefiro usar meus pés, apesar de não ter aprendido a usá-los para digitar ou comer. O ouvido não pode ver e o olho não pode ouvir, no entanto cada órgão exerce uma função crítica. Quem já tentou cheirar com os ouvidos?

Podemos observar, hoje em dia, que algumas pessoas têm a tendência de engrandecer os dons "sensacionais" Alguns cristãos sentem-se extremamente culpados por possuírem dons que não os colocam em evidência. É a esse tipo de atitude que Paulo se opõe e que refuta neste parágrafo. Diversidade não implica inferioridade. Devemos imaginar que o Senhor cometeu um erro quando concedeu os dons?

Os membros promovem a unidade ao descobrir sua dependência mútua (vv. 21-26). A diversidade no corpo é evidência da sabedoria de Deus. Cada membro precisa dos outros membros e não pode se dar o luxo de ser independente. Quando uma parte do corpo torna-se independente, gera um problema sério que pode levar a uma enfermidade e até mesmo à morte. Em um corpo humano saudável, os diversos membros cooperam uns com os outros e até mesmo compensam uns pelos outros quando ocorre uma crise. No instante em que uma parte do corpo diz a outra: "Não preciso de você!", começa a enfraquecer e a morrer e cria problemas para o corpo todo.

Um pregador conhecido falava em um encontro de pastores e, antes de começar a reunião, foi cumprimentar cada um dos presentes e conversar com eles. Um amigo lhe perguntou: "Por que gastar esse tempo com uma porção de homens que talvez nunca mais veja?" O pregador de renome internacional sorriu e disse: "É possível que me encontre na posição em que estou hoje graças a eles! De qualquer modo, se não precisei deles para chegar até o alto, posso

precisar deles na descida!" Nenhum servo cristão pode dizer a outro: "Meu ministério pode existir sem o seu!"

Em 1 Coríntios 12:23, 24, é possível que Paulo esteja se referindo às partes íntimas do corpo. Se esse é o caso, então "[revestir] de especial honra" significa cobri-las com roupas atraentes. As partes mais belas do corpo não precisam de ajuda para se mostrarem atraentes.

O desejo de Deus é que não haja divisão na igreja. Quando os membros competem entre si, a diversidade conduz à separação; mas quando os membros cuidam uns dos outros, ela conduz à unidade. De que maneira os membros cuidam uns dos outros? Ao funcionar cada um de acordo com a vontade de Deus e ajudar os outros membros a fazer o mesmo. Se um membro sofre, afeta todos os outros membros. Se um membro está saudável, ajuda os outros a se fortalecerem.

A diversidade dos membros cumpre a vontade de Deus para o corpo (vv. 27-31). É Deus quem concede os dons e quem determina os cargos. Ele tem um plano perfeito, não apenas para a Igreja como um todo, mas também para cada congregação local. Não temos motivo algum para crer que cada congregação do Novo Testamento possuía todos os dons. A igreja de Corinto era especialmente abençoada com dons (1 Co 1:4-7; 2 Co 8:7). No entanto, Deus dá a cada congregação exatamente os dons de que precisa e quando precisa.

Neste parágrafo, Paulo ressalta que há uma "lista de prioridades" para os dons, pois alguns são mais relevantes do que outros. Mas esse fato não contradiz a lição já ensinada - que cada dom é importante e cada cristão como indivíduo também é importante. Até mesmo no corpo humano, há algumas partes sem as quais podemos sobreviver, mesmo que sua ausência acarrete em certas deficiências.

Os apóstolos e profetas surgiram primeiro, obviamente, para exercer um ministério fundacional (Ef 2:20). Os mestres eram essenciais para ajudar a firmar os cristãos na fé. Os outros dons se faziam necessários de

tempos em tempos para ajudar os cristãos como indivíduos e edificar a igreja.

A construção gramatical do grego em 1 Coríntios 12:29, 30 exige que a resposta seja *não* a todas as perguntas. Nenhum cristão como indivíduo possui todos os dons espirituais. Cada cristão tem o dom (ou dons) que lhe foi designado pelo Senhor e que é necessário naquele momento.

O termo traduzido por “melhores”, em 1 Coríntios 12:31, significa simplesmente “mais relevantes”. Alguns dons são de maior relevância do que outros, e é apropriado o cristão almejar esses dons (1 Co 14:1). Paulo dá grande valor à profecia, mas os coríntios valorizavam o dom de línguas. Paulo coloca esse dom no fim da lista.

A unidade e a diversidade devem ser contrabalançadas pela maturidade, e a maturidade é decorrente do amor. Não basta termos o *dom* do Espírito e os *dons* do Espírito. Devemos também ter as *graças* do Espírito ao usarmos nossos dons para servir uns aos outros.

3. MATURIDADE: AS GRAÇAS DO ESPÍRITO (1 Co 13:1-13)

Como disse Jonathan Swift, o autor satírico de *As viagens de Gúliver*: “Temos religião suficiente para nos fazer odiar, mas não para nos fazer amar”. Por mais empolgantes e maravilhosos que sejam, os dons espirituais são inúteis e até mesmo destrutivos, se não forem ministrados em amor. Nas três passagens em que a imagem do “corpo” é usada nas epístolas de Paulo, a ênfase é sobre o amor. A principal evidência de maturidade na vida cristã é um amor cada vez maior por Deus e pelo povo de Deus e também amor pelas almas perdidas. Alguém disse bem que o amor é o “sistema circulatório” do corpo de Cristo.

Poucos capítulos da Bíblia sofreram tantas distorções em sua interpretação quanto 1 Coríntios 13. Fora de seu contexto, ele se torna uma “canção de amor” ou um sermão sentimental sobre a fraternidade cristã. Muita gente não entende que, ao escrever essas palavras, Paulo está tratando dos problemas dos coríntios: o abuso do dom de

línguas, a divisão na igreja, a inveja dos dons de outros, o egoísmo (como no caso dos processos judiciais), a impaciência uns com os outros nos cultos públicos e comportamentos que envergonhavam o nome do Senhor.

A única forma de usar os dons espirituais criativamente é fazer isso tendo o amor como motivação. Paulo explica três características do amor cristão e mostra por que é tão importante no ministério.

O amor é enriquecedor (vv. 1-3). Paulo cita cinco dons: línguas, profecia, ciência, fé e doação (sacrifício). Ressalta que, sem amor, o exercício desses dons não é *nada*. As línguas sem amor não passam de barulho! É o amor que enriquece o dom e lhe dá valor. O ministério sem amor deprecia tanto o ministro quanto os que são alcançados por eles; mas o ministério com amor enriquece a igreja toda. “Seguindo a verdade em amor” (Ef 4:15).

Os cristãos são “por Deus instruídos que [devem amar-se] uns aos outros” (1 Ts 4:9). Deus Pai nos ensinou a amar enviando seu Filho (1 Jo 4:19), e Deus Filho nos ensinou a amar dando sua vida e nos ordenando que amássemos uns aos outros (Jo 13:34, 35). O Espírito Santo nos ensina a amar uns aos outros derramando o amor de Deus em nosso coração (Rm 5:5). A lição mais importante na escola da fé é o amor mútuo. O amor enriquece tudo o que toca.

O amor é edificante (vv. 4-7). “O saber ensoberbece, mas o amor edifica” (1 Co 8:1). O propósito dos dons espirituais é a edificação da igreja (1 Co 12:7; 14:3, 5, 12, 17, 26). Isso significa que não devemos pensar em nós mesmos, mas nos outros, o que, por sua vez, exige amor.

Quando se reuniam, os coríntios mostravam-se impacientes uns com os outros (1 Co 14:29-32), mas o amor lhes daria longanimidade. Invejavam os dons uns dos outros, mas o amor removeria essa inveja. Estavam ensoberbecidos (1 Co 4:6, 18, 19; 5:2), mas o amor poderia remover esse orgulho e engrandecimento próprio e, em seu lugar, colocar um desejo de exaltar o outro. “Amai-vos cordialmente uns aos outros com

amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros" (Rm 12:10).

Nas "refeições de ágape" e na Ceia do Senhor, os coríntios se comportavam de maneira extremamente indecorosa. Se conhecessem o significado do verdadeiro amor, teriam se comportado de maneira a agradar ao Senhor. Estavam entrando na justiça contra os irmãos! Mas o amor "não procura os seus interesses, não se exaspera, não se resente do mal" (1 Co 13:5). A expressão *não se resente do mal* significa "não guarda um registro das ofensas". Um dos homens mais miseráveis que já conheci era um cristão professo que, literalmente, anotava em um caderninho as ofensas que, a seu ver, outros haviam cometido contra ele. Perdoar significa limpar o registro e não guardar coisa alguma para usar contra as pessoas (Ef 4:26, 32).

O amor não se alegra com a iniquidade, mas os coríntios gabavam-se do pecado em sua igreja (1 Co 5). O "amor cobre multidão de pecados" (1 Pe 4:8). Como os filhos de Noé, devemos procurar cobrir os pecados dos outros e, então, ajudá-los a colocar as coisas em ordem (Gn 9:20-23).

Ao ler 1 Coríntios 13:4-7 com atenção e comparar esse texto com os frutos do Espírito relacionados em Gálatas 5:22, 23, podemos observar que todas as características do amor aparecem nesses frutos. É por isso que o amor edifica: libera o poder do Espírito em nossa vida e na igreja.

O amor permanece (vv. 8-13). A profecia, a ciência e as línguas não são dons permanentes. (*Ciência* não significa "educação acadêmica", mas sim comunicação imediata de uma verdade espiritual à mente.) Esses três dons andavam juntos. Deus comunicava determinado conhecimento ao profeta, o qual transmitia a mensagem em línguas. Então, um intérprete (por vezes o próprio profeta) explicava essa mensagem. Os coríntios valorizavam esses três dons ao extremo, especialmente o dom de línguas.

Esses dons desaparecerão (serão abolidos) e cessarão, mas o amor durará para

sempre; pois "Deus é amor" (1 Jo 4:8, 16). Os coríntios eram como crianças usando brinquedos que, um dia, deixariam de existir. É esperado que uma criança pense, compreenda e fale como criança, mas também é esperado que amadureça e comece a pensar e falar como adulto. Um dia, deve "[desistir] das coisas de menino" (1 Co 13:11).

Encontramos no Novo Testamento (que naquela época ainda não havia sido completado) uma revelação completa, mas nosso entendimento dela é apenas parcial. (Para aqueles que não concordam, ver 1 Co 8:1-3.) Há um processo de amadurecimento para a igreja como um todo (Ef 4:11-16) e também para cada cristão como indivíduo (1 Co 14:20; 2 Pe 3:18). Só alcançaremos a plenitude quando Jesus voltar, mas, enquanto isso, é preciso continuar a crescer e a amadurecer. As crianças vivem em função de coisas temporárias; os adultos vivem em função de coisas permanentes. O amor é duradouro, e, portanto, aquilo que ele produz permanece.

É importante observar que as três graças cristãs permanecerão, mas a "fé se transformará em visão e a esperança se cumprirá". No entanto, a maior dessas três graças é o amor, pois quando amamos alguém, confiamos nele e sempre antevemos um novo gozo. A fé, a esperança e o amor andam juntos, mas é o amor que impulsiona a fé e a esperança.

Infelizmente, parte da ênfase sobre o Espírito Santo hoje não é *santa* (pois ignora as Escrituras) nem *espiritual* (pois apela para a natureza carnal). Não devemos dizer a outros cristãos que dons devem ter ou como podem obtê-los. Essa questão diz respeito à vontade soberana de Deus. Não devemos menosprezar os dons, mas também não devemos deixar de lado as graças do Espírito. Em meu ministério itinerante, tenho me deparado com vários problemas em igrejas locais criados por pessoas zelosas no tocante aos dons, mas descuidadas no tocante às graças.

Unidade, diversidade, maturidade; e a maturidade decorre do amor.

SABEDORIA COM RESPEITO AO USO DOS DONS ESPIRITUAIS

1 CORÍNTIOS 14

Paulo tratou a respeito do *dom* do Espírito, dos *dons* do Espírito e das *graças* do Espírito. Agora, conclui esta seção explicando o governo do Espírito sobre o culto público da igreja. Ao que parece, havia uma tendência entre alguns coríntios de perder o domínio próprio ao exercitar os dons, e Paulo traz à memória desses cristãos os princípios fundamentais que devem reger os encontros da igreja e que são três: edificação, entendimento e ordem.

1. EDIFICAÇÃO (1 Co 14:1-5, 26B)

Essa era uma das palavras prediletas de Paulo, originária, evidentemente, do vocabulário dos arquitetos. *Edificar* significa “construir”. Esse conceito também não é estranho à imagem do “corpo” da igreja.

Vemos, portanto, uma sobreposição de imagens, pois o corpo de Cristo também é o templo do Deus vivo. Paulo escolheu o termo *edificar* com sabedoria.

O erro dos coríntios era enfatizar a edificação pessoal e esquecer a igreja. Desejavam desenvolver-se, mas não estavam interessados em colaborar para o desenvolvimento de seus irmãos e irmãs em Cristo. Por certo, essa atitude prejudicava não apenas outros cristãos, mas também os que agiam desse modo. Afinal, somos todos membros do mesmo corpo, e, em última análise, nós mesmos somos afetados pela maneira de nos relacionarmos com os demais membros da comunidade cristã. “Não podem os olhos dizer à mão: Não precisamos de ti” (1 Co 12:21). Se um dos membros do corpo fica enfraquecido ou sofre uma infecção, afeta os outros.

Paulo percebeu que a igreja negligenciava a profecia e dava uma ênfase inapropriada ao dom de línguas. Não devemos imaginar o profeta do Novo Testamento como uma pessoa que prenunciava o futuro, pois até mesmo os profetas do Antigo Testamento não se atinham a fazer previsões. Os profetas recebiam mensagens diretas de Deus, por meio do Espírito Santo, e as comunicavam à igreja, normalmente (mas nem sempre) em uma língua. A profecia não equivalia à “pregação” de hoje, pois os pregadores atuais estudam a Bíblia e preparam suas mensagens. Nenhum pregador de hoje pode afirmar possuir a inspiração direta de Deus.

Paulo contrasta os dons de profecia e de línguas e explica o valor supremo da profecia.

A profecia fala aos homens, as línguas falam com Deus (vv. 1-3). “Uma vez que vocês são zelosos quanto aos dons espirituais, pelo menos anseiem pelos melhores dons” – esse é o conselho de Paulo. A profecia era melhor porque edificava a igreja. Oferecia aos ouvintes ânimo e consolo – coisas de que todo mundo precisa.

Infelizmente, algumas traduções referem-se a uma *língua estranha* em 1 Coríntios 14:2 (“outra língua”), mas o Novo Testamento não diz coisa alguma sobre “línguas estranhas”. Desde o começo da igreja, as línguas eram *conhecidas* e podiam ser identificadas pelos ouvintes (At 2:4, 6, 8, 11). Talvez fosse uma língua estranha para os que falavam e para os que ouviam, mas não era desconhecida no mundo (1 Co 14:10, 11, 21).

Também é triste que as pessoas tenham a idéia de que as línguas fossem usadas para pregar o evangelho aos incrédulos. Muito pelo contrário. Paulo preocupava-se que o uso excessivo do dom de línguas na igreja convenceria os incrédulos de que os cristãos eram loucos (1 Co 14:23). Em Pentecoste, os cristãos falaram em várias línguas sobre “as grandezas de Deus” (At 2:11), mas Pedro pregou em aramaico para que todos os seus ouvintes entendessem.

O cristão que fala em uma língua fala com Deus em louvor e adoração; mas o cristão que profetiza compartilha a Palavra com

a igreja e contribui para a vida dos ouvintes. O que nos leva ao segundo contraste.

A profecia edifica a igreja, as línguas edificam apenas o locutor (vv. 4, 5). Paulo não nega o valor das línguas para os que as falam, mas atribui maior valor à edificação da igreja. “Quem profetiza é superior ao que fala em outras línguas” (1 Co 14:5). A menos que as línguas sejam interpretadas (1 Co 12:10, 30), a mensagem não traz benefício algum para a igreja. Paulo ressalta que é preciso haver um intérprete presente antes que o dom de línguas seja exercitado (1 Co 14:28).

É importante lembrar que, quando os cristãos de Corinto iam para os cultos, não levavam consigo cada um sua Bíblia. O Novo Testamento ainda estava sendo escrito, e os rolos do Antigo Testamento eram caros e não se encontravam à disposição da maioria dos cristãos. Deus falava a seu povo diretamente por meio dos profetas, e, por vezes, essa mensagem era transmitida em uma língua. Os três dons – ciência, profecia e línguas – trabalhavam juntos para transmitir a verdade às pessoas (1 Co 13:1, 2, 8-11).

Paulo enfatiza a importância do ensinamento doutrinário na igreja. Nossa adoração deve ser baseada na verdade, pois, do contrário, pode transformar-se em emocionalismo supersticioso. Os cristãos precisam saber em que crêem e por que crêem em tais coisas. O profeta compartilhava a verdade com a igreja e, desse modo, edificava a congregação. A pessoa que falava em línguas (a menos que houvesse um intérprete) adorava a Deus, mas não edificava a igreja.

Em meu ministério, tenho participado de muitos cultos e conferências em várias igrejas, procurando sempre comunicar a verdade bíblica às pessoas. Por vezes, a música não é edificante; em outras ocasiões, transmite a Palavra de Deus de maneira poderosa. Sempre que todos nós, como ministros, buscamos a edificação e não o entretenimento, Deus abençoa, e o povo é beneficiado. Por mais “espiritual” que aparente ser, um ministério que não edifica destrói. Quando explicamos e aplicamos a verdade de

Deus à vida de indivíduos, temos um ministério de edificação.

2. ENTENDIMENTO (1 Co 14:6-25)

Nesta seção, Paulo fala oito vezes de *entendimento*. Não basta que o pastor transmita informações às pessoas; a fim de que essas informações tenham algum proveito, as pessoas devem *recebê-las*. A semente recebida em bom solo dá frutos, mas isso significa que é preciso *entender* a Palavra de Deus (Mt 13:23). Se um cristão deseja ser edificado, deve preparar seu coração para receber a Palavra (1 Ts 2:13). Nem todos os que *escutam*, verdadeiramente *ouvem*.

Depois de pregar em uma reunião importante, Joseph Parker, conhecido pastor da igreja congregacional, foi abordado por um homem que apontou um erro em seu sermão. Parker ouviu a crítica do homem com paciência e perguntou: “O que *mais* você entendeu da mensagem?” Essa pergunta desarmou completamente o crítico, que não demorou a desaparecer na multidão. Com muita frequência, nos apressamos em julgar o sermão, em vez de deixar a Palavra de Deus nos julgar.

Ilustração (vv. 6-11). Paulo usa três ilustrações simples para provar sua argumentação sobre a necessidade de entendimento para que um ministério espiritual seja edificante: instrumentos musicais, uma trombeta na batalha e as conversas diárias.

Se um instrumento musical não emite um som claro e distinto, ninguém é capaz de reconhecer a música que está sendo tocada. Todos sabem como é incômodo quando um músico não consegue tocar a nota exata porque o instrumento tem algum defeito ou está desafinado. A fim de produzir uma música agradável, o órgão de tubos, por exemplo, deve passar por frequentes manutenções. Certa vez, quando eu participava do culto da noite em uma igreja, o órgão foi mudando gradualmente de tom por causa das condições atmosféricas e, no final, não podia mais ser tocado junto com o piano, pois havia mudado de tom.

Se o corneteiro de um batalhão não sabe se está dando um toque de “Recuar!” ou de

“Atacar!”, por certo os soldados também não saberão o que fazer. Metade deles avançará e a outra metade retrocederá! A fim de ser compreendido, o toque da trombeta deve ser claro.

Trata-se de um fato que também vale para as conversas no dia-a-dia. Lembro-me da primeira vez que minha esposa e eu visitamos a Grã-Bretanha e nos deparamos com vários dialetos locais. Pedimos informações a um senhor simpático em Londres e, para dizer a verdade, não entendemos praticamente nada do que disse. (Talvez ele também tenha sentido dificuldade em compreender nossa pergunta!)

Em 1 Coríntios 14:10 temos um bom motivo para crer que, quando Paulo escreve sobre línguas, refere-se a línguas conhecidas, não a alguma língua “celestial”. Cada língua é diferente e, no entanto, cada uma tem o próprio significado. Por mais sincero que seja o locutor, se eu não entender sua língua, ele não será capaz de se comunicar comigo.

O músico, o trombeta e o interlocutor não podem ser compreendidos, a menos que suas mensagens sejam transmitidas de maneira que faça sentido ao ouvinte. Depois de ilustrar o princípio do entendimento, Paulo o aplica a três pessoas diferentes.

Aplicação (vv. 12-25). Primeiro, Paulo aplica o princípio do entendimento ao próprio locutor (1 Co 14:12-15). Lembra os coríntios, mais uma vez, de que é melhor ser uma bênção para a igreja do que experimentar algum tipo de “enlevo espiritual” pessoal. Se o cristão fala em alguma língua, seu espírito (o ser interior) pode participar, mas sua mente não compartilha essa experiência. Não é errado orar ou cantar “em espírito”, mas é melhor incluir a mente e entender o que estamos orando ou cantando. (É importante observar que o termo *espírito*, em 1 Coríntios 14:14, 15, não se refere ao Espírito Santo, mas sim ao ser interior, como em 1 Co 2:11.) Para que o locutor seja edificado, deve entender o que diz.

Assim sendo, o que o locutor deve fazer? Deve pedir a Deus a interpretação da mensagem. Paulo pressupõe a presença de um intérprete (1 Co 14:27, 28) ou a capacidade

do próprio locutor em interpretar a mensagem. É evidente que essa discussão toda volta a enfatizar a superioridade da profecia em comparação com as línguas: a profecia não precisa de interpretação, portanto pode ser uma bênção para todos.

Em seguida, Paulo aplica o princípio a outros cristãos da congregação (1 Co 14:16-20). Supõe que ouviriam a mensagem, mas não compreenderiam. Assim, como poderiam responder sem entender? (Ao que parece, dizer *Amém!* na igreja naquele tempo ainda era um costume visto com bons olhos.) O “indouto” provavelmente era um recém-convertido ou talvez um não cristão interessado. Essa pessoa só poderia ser edificada se compreendesse o que estava sendo dito.

Mais uma vez, se trata de uma questão de prioridades. Apesar de Paulo não se opor ao ministério de línguas, procura colocá-lo em seu devido lugar. O importante não é a quantidade de palavras, mas a qualidade da comunicação. Os coríntios agiam como crianças com seus brinquedos. Tratando-se de conhecer o pecado, Paulo desejava que fossem inocentes como “criancinhas”, mas tratando-se de entendimento espiritual, desejava que fossem homens e mulheres maduros (1 Co 3:1-4; 13:11-13).

Há quem acredite que falar em línguas é sinal de maturidade espiritual, mas Paulo ensina que é possível exercitar esse dom sem espiritualidade nem maturidade.

A última aplicação que apresenta é para a pessoa ainda não salva que, por acaso, entrar na igreja durante o culto (1 Co 14:21-25). Paulo volta a argumentar em favor da superioridade da profecia em contraste com as línguas: a menos que seja interpretada, uma mensagem em línguas não é capaz de condenar os pecados no coração do pecador. Pode acontecer de o incrédulo sair do culto antes de ser dada uma interpretação, pensando que a congregação toda não passa de um bando de loucos. As línguas não foram um instrumento de evangelismo nem em Pentecostes e nem nas reuniões da Igreja primitiva.

No entanto, as línguas tinham uma “mensagem” especialmente aos judeus incrédulos:

era um sinal do julgamento de Deus. Paulo cita Isaías 28:11, 12, uma referência ao exército invasor assírio cuja língua “bárbara” os judeus não conseguiam entender. A presença dessa “língua” era sinal do julgamento de Deus sobre a nação. Deus preferia falar com seu povo em uma linguagem clara e inteligível, mas os pecados contumazes de Israel tornaram isso impossível. Ele lhes falou por meio de seus mensageiros na língua deles, mas a nação recusou-se a se arrepender. Então, teve de falar em uma língua estrangeira, uma representação de seu julgamento.

Como nação, o povo de Israel estava sempre à procura de um sinal (Mt 12:38; 1 Co 1:22). Em Pentecostes, o fato de os apóstolos falarem em línguas foi um sinal para os judeus incrédulos que celebravam a festa. O milagre das línguas despertou seu interesse, mas não falou a seu coração. Foi preciso que Pedro pregasse (em aramaico, uma língua que todos entendiam) para que fossem convencidos de seus pecados e se convertessem.

O princípio da *edificação* nos estimula a concentrar nossa energia em compartilhar a Palavra de Deus de modo que a igreja seja fortalecida e cresça. O princípio do *entendimento* nos lembra de que, a fim de trazer algum benefício, o que compartilhamos precisa ser compreendido. O uso pessoal dos dons pode edificar aquele que os utiliza, mas não edifica a igreja, e Paulo nos admoesta: “procurai progredir, para a edificação da igreja” (1 Co 14:12).

No entanto, é necessário aplicar ainda o terceiro princípio, que diz respeito à ordem.

3. ORDEM (1 Co 14:26-40)

Esta seção apresenta duas declarações que devem ser colocadas lado a lado: “Seja tudo feito para edificação” (1 Co 14:26), e “Tudo, porém, seja feito com decência e ordem” (1 Co 14:40). Quando um prédio está sendo construído, é preciso haver um projeto, pois, do contrário, a construção se transformará em caos. Conheço uma igreja que enfrentava problemas sérios para construir a casa pastoral até que alguém descobriu

que o projeto fornecido à madeireira que preparava o material de construção era diferente do que estava sendo usado pelos empreiteiros. Não é de se admirar que nada se encaixava!

A igreja de Corinto tinha problemas específicos com a desordem em seus cultos (1 Co 11:17-23). O motivo não é difícil de determinar: usavam seus dons espirituais para agradar a si mesmos, não para ajudar os irmãos e as irmãs em Cristo. A palavra-chave não era *edificação*, mas sim *exibição*. Se acreditamos que *nossa* contribuição para o culto é mais importante do que a de nosso irmão, ficamos impacientes, querendo que ele acabe logo, ou o interrompemos. Acrescentando a isso as dificuldades causadas pelas “mulheres emancipadas” da congregação, podemos entender por que a igreja sofria com essa confusão carnal.

Em 1 Coríntios 14:26, temos um vislumbre do culto na Igreja primitiva. Todos os membros eram convidados a participar conforme o Senhor os dirigia. Um desejava cantar um salmo (Ef 5:19; Cl 3:16). Outro era conduzido pelo Espírito para compartilhar uma doutrina. Alguns recebiam revelações transmitidas em línguas e interpretadas. Sem uma ordem determinada por Deus, jamais haveria edificação.

É importante observar que as pessoas que falavam em línguas eram as que causavam mais problemas, de modo que Paulo dirige-se a elas e dá várias instruções a serem seguidas pela igreja em seus cultos.

Em primeiro lugar, a locução, a interpretação e o julgamento (avaliação da mensagem) deveriam ser feitos de forma ordenada (1 Co 14:27-33). Não mais do que três pessoas falariam em cada reunião, e cada mensagem deveria ser avaliada e interpretada na seqüência. Caso nenhum intérprete se apresentasse, o que havia falado em línguas deveria manter-se calado. A admoestação de Paulo à igreja de Tessalônica também se aplica a este caso: “Não apagueis o Espírito. Não desprezeis as profecias; julgai todas as coisas, retende o que é bom” (1 Ts 5:19-21).

Por que as mensagens deveriam ser avaliadas? Para determinar se o locutor, de fato,

transmitira a Palavra de Deus por meio do Espírito Santo. Poderia acontecer de alguém, sob a influência das próprias emoções, imaginar que Deus falava por seu intermédio. Era possível a Satanás falsificar uma mensagem profética (ver 2 Co 11:13, 14). Os ouvintes deveriam, então, testar a mensagem usando as Escrituras do Antigo Testamento e a tradição apostólica, bem como a orientação pessoal do Espírito (“discernimento de espíritos”; 1 Co 12:10).

Se, enquanto uma pessoa falava, Deus desse uma revelação a outra pessoa, o primeiro locutor deveria se calar, enquanto a nova revelação era transmitida. Sob a direção de Deus, não haveria *competição* nem *contradição* nas mensagens. Se, porém, vários locutores estivessem “criando” suas próprias mensagens, haveria confusão e contradição.

Quando o Espírito Santo está no controle, os vários ministros terão domínio próprio, pois o domínio próprio é um fruto do Espírito (Gl 5:23). Participei de um congresso com outro palestrante que tinha dificuldade em terminar dentro do horário estabelecido. Ele se estendia quinze ou vinte minutos além de seu tempo, e eu era obrigado a condensar minha mensagem na última hora. A certa altura, ele se desculpou dizendo:

– Você sabe como é, quando o Espírito assume o controle, não podemos nos preocupar com o relógio.

Como resposta, citei 1 Coríntios 14:32: “Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas”.

Nosso domínio próprio é uma das evidências de que o Espírito está, de fato, operando em uma reunião de cristãos. Um dos ministérios do Espírito é colocar ordem no caos (Gn 1). A confusão vem de Satanás, não de Deus (Tg 3:13-18). Quando o Espírito está conduzindo, os participantes conseguem ministrar um por vez, de modo que o impacto total da mensagem de Deus seja recebido pela igreja.

De que maneira aplicamos essas instruções à igreja de hoje, uma vez que não há mais em nosso meio profetas como os do Novo Testamento, mas temos as Escrituras

completas? Em primeiro lugar, devemos usar a Palavra de Deus para testar as mensagens que ouvimos, pedindo que o Espírito nos oriente. Há falsos mestres espalhados pelo mundo afora e devemos ser cautelosos (2 Pe 2; 1 Jo 4:1-6). Mesmo mestres e pregadores autênticos não sabem tudo e, por vezes, cometem enganos (1 Co 13:9,12; Tg 3:1). Cada ouvinte deve avaliar a mensagem e aplicá-la a seu coração.

Nossos cultos hoje são mais formais que as reuniões da Igreja primitiva, de modo que dificilmente precisamos nos preocupar com essa questão de ordem. Mas, em nossas reuniões mais informais, devemos usar de consideração uns para com os outros e manter a ordem. Lembro-me de participar de uma reunião onde todos estavam dando testemunho, e uma mulher passou quarenta minutos falando de uma experiência enfadonha e, com isso, destruiu o espírito da reunião.

O evangelista D. L. Moody dirigia um culto e pediu a um homem para orar. Aproveitando a oportunidade, o homem estendeu a oração a ponto de parecer que não teria fim. Sentindo que aquela oração prejudicava a reunião em vez de abençoá-la, Moody disse em voz alta: “Vamos cantar um hino enquanto nosso irmão termina de orar!” Os que dirigem as reuniões da igreja precisam de discernimento... e de coragem.

Em segundo lugar, as mulheres presentes na reunião não deveriam falar (1 Co 14:34, 35). Paulo já havia permitido que as mulheres orassem e profetizassem (1 Co 11:5), de modo que essa instrução aplica-se ao contexto imediato da avaliação das mensagens proféticas. Ao que parece, a grande responsabilidade de manter a integridade doutrinária na Igreja primitiva cabia aos homens, especialmente aos presbíteros (1 Tm 2:11, 12).

O contexto dessa proibição pode indicar que algumas mulheres da congregação estavam criando problemas ao fazer perguntas, talvez até gerando discussões. Paulo lembrou as mulheres casadas de que deviam ser submissas a seus maridos e lhes fazer suas perguntas em casa. (Supomos que as

mulheres solteiras podiam buscar o conselho dos presbíteros ou de homens da própria família.) Infelizmente, em muitos lares cristãos de hoje, a mulher deve esclarecer as dúvidas do marido, pois é mais instruída na Palavra do que ele.

A que "lei" Paulo se refere em 1 Coríntios 14:34? Provavelmente a Gênesis 3:16. (O termo *lei* era usado para as Escrituras do Antigo Testamento, especialmente os livros do Pentateuco.) Em 1 Coríntios 11, Paulo havia discutido o relacionamento entre homens e mulheres na igreja, de modo que não vê necessidade de entrar em detalhes novamente.

Em terceiro lugar, os participantes devem ser cautelosos com as "novas revelações" que vão além da Palavra de Deus (1 Co 14:36-40). "À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva" (Is 8:20). A Igreja primitiva tinha o Antigo Testamento e também a tradição que havia recebido dos apóstolos (2 Tm 2:2), e esses eram os parâmetros para avaliar todas as revelações. Hoje, temos as Escrituras completas, bem como os ensinamentos acumulados ao longo de séculos de história da Igreja para nos ajudar a discernir a verdade. Apesar de não serem inspirados, os credos evangélicos históricos reúnem uma teologia ortodoxa que pode nos servir de orientação.

Nestes versículos, Paulo apresenta uma contraposição para os membros que poderiam dizer: "Não precisamos da ajuda de Paulo! O Espírito fala conosco. Recebemos revelações novas e maravilhosas de Deus!" Trata-se de uma atitude perigosa, pois é o primeiro passo para rejeitar a Palavra de Deus e aceitar revelações falsas, inclusive doutrinas de demônios (1 Tm 4:1 ss). "A Palavra não se originou em sua congregação!", responde o apóstolo. "Uma das marcas do verdadeiro profeta é sua obediência aos ensinamentos apostólicos." Nessa declaração, Paulo afirma que suas palavras são, verdadeiramente, Escrituras inspiradas, "mandamento do Senhor" (1 Co 14:37).

Não se pode concluir de 1 Coríntios 14:38 que Paulo desejava que as pessoas

permanecessem ignorantes; de outro modo, não teria escrito esta epístola nem respondido às perguntas dos coríntios. Esse versículo pode ser traduzido por: "e, se alguém ignorar isto [a autoridade apostólica de Paulo], ele próprio será ignorado [por Paulo e pela igreja]". A comunhão tem como base a Palavra, e os que optam por uma rejeição deliberada da Palavra estão, automaticamente, rompendo a comunhão (1 Jo 2:18, 19).

Paulo resume os ensinamentos principais de 1 Coríntios 14 nos versículos 39 e 40: A profecia é mais importante do que as línguas, mas a igreja não deve proibir o uso correto do dom de línguas. O propósito dos dons espirituais é a edificação de toda a igreja, e, portanto, os dons devem ser exercitados de maneira ordenada. O culto deve ser realizado "com decência", ou seja, com beleza, motivação espiritual e conteúdo.

Antes de encerrar este capítulo, pode ser proveitoso resumir o que Paulo escreveu acerca do dom de línguas. Trata-se de uma aptidão dada por Deus de falar em línguas existentes, mas que o locutor não conhece. O propósito não é ganhar almas, mas edificar os salvos. Nem todo cristão tem esse dom, tampouco ele é evidência de espiritualidade ou resultado do "batismo do Espírito".

Somente três pessoas poderiam falar em línguas em cada reunião e deveriam fazê-lo de maneira ordenada e com interpretação. Caso não houvesse intérprete, deveriam permanecer caladas. Como dom, a profecia é superior, mas o dom de línguas não deve ser desprezado quando exercitado de acordo com as Escrituras.

Quando a obra de fundação dos apóstolos e profetas foi concluída, tudo indica que os dons de ciência, profecia e línguas deixaram de ser necessários. "Havendo línguas, cessarão" (1 Co 13:8). Sem dúvida, Deus poderia conceder esse dom hoje, se assim o desejasse, mas não estou preparado para crer que todos os casos de manifestação de línguas sejam divinamente inspirados. Também não desejo ir ao extremo de dizer que todas as manifestações desse dom são satânicas ou auto-induzidas.

É triste quando os cristãos transformam o dom de línguas numa prova de comunhão ou espiritualidade. Essa atitude, em si, para mim serve de aviso que o Espírito

Santo não está operando. Devemos manter as prioridades em ordem e nos concentrar em ganhar almas para Cristo e edificar a igreja.

SABEDORIA COM RESPEITO À RESSURREIÇÃO

1 CORÍNTIOS 15

Corinto era uma cidade grega, e os gregos não acreditavam na ressurreição dos mortos. Quando Paulo pregou em Atenas e declarou que Cristo havia ressuscitado, alguns dos gregos zombaram do apóstolo (At 17:32). A maioria dos filósofos gregos considerava o corpo humano uma prisão e aceitava a morte de bom grado como libertação desse cativeiro.

Essa atitude cética havia, de algum modo, se infiltrado na igreja, e Paulo teve de encará-la de frente. A ressurreição tinha implicações doutrinárias e práticas para a vida, implicações importantes demais para ignorar. Paulo trata desse assunto respondendo a quatro perguntas fundamentais.

1. OS MORTOS SÃO RESSUSCITADOS? (1 Co 15:1-19)

É importante observar que os cristãos de Corinto acreditavam na ressurreição de Jesus Cristo; de modo que Paulo toma esse fato como ponto de partida para sua argumentação. Apresenta três provas para garantir a seus leitores que, de fato, Jesus Cristo havia sido ressuscitado dentre os mortos.

Primeira prova – a salvação dos coríntios (vv. 1, 2). Paulo havia visitado Corinto e pregado a mensagem do evangelho, e a fé dos coríntios havia transformado a vida deles. Contudo, uma parte essencial da mensagem do evangelho é a realidade da ressurreição de Cristo. Afinal, um Salvador morto não pode salvar ninguém. Os leitores de Paulo haviam recebido a Palavra, crido em Jesus Cristo, sido salvos e, agora, se encontravam firmados nessa Palavra, que era a garantia da sua salvação. O fato de estarem firmes

era prova de que possuíam uma fé autêntica, não vazia.

Segunda prova – as Escrituras do Antigo Testamento (vv. 3, 4). A expressão *antes de tudo* significa “o que é de suma importância”. O evangelho é a mensagem mais importante que a Igreja pode proclamar. Apesar de o envolvimento com as ações sociais e com o aperfeiçoamento humano ser algo louvável, não há motivo algum para esses ministérios tomarem o lugar do evangelho. “Cristo morreu [...] foi sepultado [...] ressuscitou [...] e apareceu [...]” – esses são os fatos históricos fundamentais nos quais o evangelho encontra-se apoiado (1 Co 15:3-5). “Cristo morreu *pelos nossos pecados*” (ênfase do autor) – essa é a explicação teológica dos fatos históricos. Os romanos crucificaram muita gente, mas apenas uma dessas “vítimas” morreu pelos pecados do mundo.

Quando Paulo escreveu “segundo as Escrituras” (1 Co 15:3), referia-se às Escrituras do Antigo Testamento. Grande parte do sistema sacrificial do Antigo Testamento apontava para Cristo como nosso substituto e Salvador. Também deve ter se lembrado do Dia da Expição, observado anualmente (Lv 16), e de profecias como Isaías 53.

Mas em que parte do Antigo Testamento é declarada a ressurreição de Cristo no terceiro dia? Jesus fala da experiência de Jonas (Mt 12:38-41). Paulo também compara a ressurreição de Cristo com as primícias apresentadas a Deus no dia depois do *shabbath* seguinte à Páscoa dos judeus (Lv 23:9-14; 1 Co 15:23). Uma vez que o *shabbath* deve ser sempre o sétimo dia, então o dia depois do *shabbath* é, necessariamente, o primeiro dia da semana, ou seja, o domingo, o dia da ressurreição de Cristo. No calendário judaico, esse período equivale a três dias. Além da Festa das Primícias, havia outras profecias sobre a ressurreição do Messias no Antigo Testamento: Salmos 16:8-11 (ver At 2:25-28); Salmos 22:22ss (ver Hb 2:12); Isaías 53:10-12 e Salmos 2:7 (ver At 13:32, 33).

Terceira prova – Cristo foi visto por testemunhas (vv. 5-11). Na cruz, Jesus ficou exposto aos olhos dos incrédulos; mas, depois

da ressurreição, foi visto por seus seguidores, que poderiam dar testemunho da ressurreição do Mestre (At 1:22; 2:32; 3:15; 5:32). Tanto Pedro quanto os outros apóstolos viram o Cristo ressurreto. Tiago era o meio-irmão de Jesus que se converteu depois que Jesus apareceu a ele (Jo 7:5; At 1:14). *Mais de quinhentos* irmãos e irmãs o viram ao mesmo tempo (1 Co 15:6), de modo que não pode ter sido uma alucinação ou um engano. É possível que esse acontecimento tenha ocorrido antes da ascensão de Cristo (Mt 28:16ss).

Todavia, uma das principais testemunhas da ressurreição foi o próprio Paulo, pois, antes de ser salvo, estava plenamente convicto de que Jesus continuava morto. Essa mudança radical em sua vida – uma transformação que lhe causou sofrimento e perseguições – sem dúvida é prova de que Jesus, de fato, havia ressuscitado dentre os mortos. Paulo deixa claro que sua salvação foi puramente um ato da graça de Deus; essa graça, porém, ainda operava dentro dele e por meio dele em seu serviço ao Senhor. A expressão “nascido fora de tempo” provavelmente se refere à futura salvação de Israel, quando os judeus, assim como Paulo, verão o Messias em glória (Zc 12:10 – 13:6; 1 Tm 1:16).

Nesse ponto, os leitores de Paulo poderiam dizer: “Concordamos, sem dúvida alguma, que *Jesus* foi ressuscitado dentre os mortos”. Então, Paulo responderia: “Se vocês crêem nisso, então também devem crer na ressurreição de *todos os mortos!*” Cristo veio como homem, sendo verdadeiramente humano, e passou pelas mesmas experiências que nós, exceto o pecado. Se não há ressurreição, Cristo não ressuscitou. Se ele não ressuscitou, não há evangelho algum a pregar. Se não há evangelho, cremos em vão e permanecemos em nossos pecados! Se não há ressurreição, os cristãos que morreram não têm esperança alguma. Nunca mais os veremos! A conclusão é óbvia: por que ser cristão, se o que nos cabe nesta vida é apenas sofrimento e se não podemos esperar qualquer glória futura? (Paulo explica essa idéia em 1 Co 15:29-34). A ressurreição não

é apenas um conceito relevante; é de suma importância, pois constitui o cerne de tudo em que cremos.

2. QUANDO SE DÁ A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS? (1 Co 15:20-28)

Paulo usa três imagens para responder a essa pergunta.

As primícias (vv. 20, 23). Observamos anteriormente essa referência à festa do Antigo Testamento (Lv 23:9-14). Como Cordeiro de Deus, Jesus morreu na Páscoa. Como feixe das primícias, no primeiro dia da semana ressuscitou dentre os mortos, três dias depois de ser crucificado. Quando o sacerdote movia o feixe das primícias diante do Senhor, sinalizava que toda a colheita pertencia a ele. A ressurreição de Cristo foi a garantia de Deus a nós de que também seremos ressuscitados como parte da colheita futura. Para os cristãos, a morte é apenas um “sono”. O corpo dorme, mas a alma está em seu lar com o Senhor (2 Co 5:1-8; Fp 1:21-23). Na ressurreição, o corpo será “despertado” e glorificado.

Adão (vv. 21, 22). Paulo identificava em Adão um tipo de Jesus Cristo *por meio de um contraste* (ver também Rm 5:12-21). O primeiro Adão foi feito do pó da terra, mas o Último Adão (Cristo, 1 Co 15:45-47) veio do céu. O primeiro Adão desobedeceu a Deus e trouxe ao mundo o pecado e a morte, mas o Último Adão obedeceu ao Pai e trouxe justiça e vida.

O termo “ordem”, em 1 Coríntios 15:23, refere-se originalmente a uma graduação militar. Deus determinou uma ordem, uma seqüência para a ressurreição. Passagens como João 5:25-29 e Apocalipse 20 indicam que a Bíblia não ensina uma “ressurreição geral”. Quando Jesus Cristo voltar nos ares, levará sua Igreja consigo para o céu; nessa ocasião, ressuscitará dos mortos todos os que creram nele, foram salvos e faleceram quando viviam na fé (1 Ts 4:13-18). Jesus chama essa ocasião de “ressurreição da vida” (Jo 5:29). Quando Jesus voltar à Terra para julgá-la, os perdidos serão ressuscitados na “ressurreição do juízo” (Jo 5:29; Ap 20:11-15). Ninguém da primeira ressurreição se

perderá, mas ninguém da segunda ressurreição se salvará.

O reino (vv. 24-28). Quando Jesus vier à Terra para julgar, eliminará o pecado por mil anos e estabelecerá seu reino (Ap 20:1-6). Os cristãos reinarão com ele e participarão de sua glória e autoridade. Os estudiosos das profecias chamam esse reino, profetizado no Antigo Testamento, de “milênio”. O termo vem do latim: *mille* – mil, *annum* – ano.

No entanto, mesmo depois do milênio, haverá uma rebelião final contra Deus (Ap 20:7-10), da qual Jesus Cristo dará cabo com seu poder. Então, os perdidos serão ressuscitados, julgados e lançados no lago de fogo. A morte, em si, será lançada no inferno, e o último inimigo será destruído. Jesus Cristo terá colocado todas as coisas debaixo de seus pés! Em seguida, voltará para o reino do Pai e terá início o estado eterno – o novo céu e a nova Terra (Ap 21 – 22).

Mesmo os estudiosos mais competentes e piedosos da Palavra de Deus nem sempre apresentam um consenso quanto aos detalhes do cronograma profético de Deus, mas as verdades principais parecem claras. Jesus Cristo reina no céu hoje, e toda a autoridade está “debaixo dos seus pés” (Sl 110; Ef 1:15-23). Satanás e o ser humano ainda podem exercitar seu livre-arbítrio, mas é a soberania de Deus que está no controle. Hoje, Jesus Cristo está entronizado no céu (Sl 2). A ressurreição dos salvos ainda não ocorreu, nem a ressurreição dos perdidos (2 Tm 2:17, 18).

Ninguém sabe quando Jesus Cristo voltará para buscar sua Igreja, mas quando isso acontecer, será “num momento, num abrir e fechar de olhos” (1 Co 15:52). Cabe a nós permanecer alertas (1 Jo 2:28 – 3:3).

3. POR QUE OS MORTOS SÃO RESSUSCITADOS? (1 Co 15:29-34, 49-58)

A ressurreição do corpo humano é um acontecimento futuro com implicações sérias para nossa vida pessoal. Se a ressurreição não existe, podemos esquecer o futuro e viver como bem entendermos! Mas a ressurreição é uma realidade! Jesus *voltará!* Mesmo que venhamos a falecer antes de ele voltar,

seremos ressuscitados em sua vinda e estaremos diante dele em um corpo glorificado.

Paulo cita quatro áreas da experiência cristã afetadas pela ressurreição.

Evangelismo (v. 29). O que significa ser batizado “por causa dos mortos”? Alguns acreditam que se trata de um “batismo por tabela”, onde um cristão é batizado em nome de um parente falecido; no entanto, não encontramos esse ensinamento no Novo Testamento. No século dois, havia alguns grupos hereges que praticavam o “batismo vicário”, mas a Igreja em geral nunca aceitou essa prática. Para começar, a salvação é uma questão pessoal sobre a qual cada pessoa deve decidir por si mesma; em segundo lugar, ninguém precisa ser batizado para receber a salvação.

É provável que essa expressão signifique “ser batizado para tomar o lugar dos que morreram”. Em outras palavras, se não há ressurreição, por que se preocupar em dar testemunho e em ganhar outros para Cristo? Por que alcançar pecadores que serão batizados e que só servirão para ocupar o lugar dos que morreram? Se a vida cristã é uma “rua sem saída”, então é melhor procurar outro caminho!

Cada pessoa responsável na Terra participará da ressurreição da vida e irá para o céu, ou da ressurreição da morte e irá para o inferno (Jo 5:28, 29). Ficamos tristes pelos cristãos que morrem, mas também devemos nos comover com os incrédulos que ainda têm a oportunidade de ser salvos! A realidade da ressurreição serve de motivação para o evangelismo.

Sofrimento (vv. 30-32). A declaração: “dia após dia, morro!” não se refere a “morrer para o ego”, como em Romanos 6; antes, refere-se aos riscos físicos que Paulo enfrentava como servo de Cristo (2 Co 4:8 – 5:10; 11:23-28). Corria perigo constante por causa de seus inimigos e, em mais de uma ocasião, viu a morte de perto. Por que suportar o sofrimento e o perigo se a morte é o fim de tudo? “Comamos e bebamos, que amanhã morreremos” (Is 22:13).

Aquilo que fazemos em nosso corpo nesta vida será considerado no tribunal de

Cristo (2 Co 5:10). Deus trata da pessoa como um todo, não apenas da "alma". O corpo participa da salvação (Rm 8:18-23). O sofrimento suportado pelo corpo resultará em glória na ressurreição (2 Co 4:7-18). Se não há futuro para o corpo, então por que sofrer e morrer pela causa de Cristo?

Separação do pecado (vv. 33, 34). Se não há ressurreição, aquilo que fazemos com nosso corpo não terá qualquer consequência futura. Em Corinto, a imoralidade era um estilo de vida, e alguns dos cristãos rejeitavam o conceito de ressurreição a fim de racionalizar seu pecado. A frase "as más conversações corrompem os bons costumes" é uma citação do poeta grego Menander, sem dúvida um ditado conhecido pelos leitores de Paulo. O corpo do cristão é o templo de Deus e deve ser mantido separado dos pecados do mundo (2 Co 6:14 - 7:1). Ser "cúmplices nas obras infrutíferas das trevas" (Ef 5:6-17) é o mesmo que profanar o templo de Deus.

Era hora de os coríntios *despertarem* e se *purificarem* (ver 1 Ts 5:4-11). O cristão que se mostra condescendente com o pecado não é capaz de testemunhar aos perdidos a seu redor, que "ainda não têm conhecimento de Deus". Que coisa mais vergonhosa levar uma vida egoísta de pecado, enquanto multidões morrem sem Cristo!

Morte (vv. 49-58). O reino celestial não é feito para o tipo de corpo que temos hoje, um corpo de carne e sangue. Assim, quando Jesus voltar, o corpo dos cristãos vivos será transformado instantaneamente de modo a se tornar semelhante ao corpo do Senhor (1 Jo 3:1-3), e os cristãos que faleceram serão ressuscitados com um corpo glorificado. Nosso novo corpo não estará sujeito à decomposição nem à morte.

Sigmund Freud, fundador da psiquiatria, escreveu: "E, por fim, resta ainda o enigma doloroso da morte, para o qual até agora não foi encontrada qualquer solução e provavelmente nunca será". Os cristãos têm a vitória *na* morte e *sobre* a morte! Isso por causa da vitória de Jesus Cristo em sua própria ressurreição. Jesus disse: "porque eu vivo, vós também vivereis" (Jo 14:19).

O pecado, a morte e a Lei andam juntos. A Lei revela o pecado, e "o salário do pecado é a morte" (Rm 6:23). Jesus tomou sobre si nossos pecados na cruz (1 Pe 2:24), e também tomou sobre si a maldição da Lei (Gl 3:13). É por meio dele que temos essa vitória e dela participamos *hoje*. A tradução literal de 1 Coríntios 15:57 é: "Graças a Deus que nos dá continuamente a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo". À medida que nos entregamos a Cristo, experimentamos "o poder da sua ressurreição" em nossa vida (Fp 3:10).

Em 1 Coríntios 15:58, Paulo entoou um hino de louvor ao Senhor e faz sua admoestação final à igreja. Tendo em vista a certeza da vitória de Cristo sobre a morte, sabemos que nada do que fazemos para ele será desperdiçado ou perdido. Podemos nos manter firmes em nosso serviço, inabaláveis em meio ao sofrimento e generosos em nosso ministério aos outros, pois sabemos que nosso trabalho não é em vão. Em 1 Coríntios 15:58 esta a resposta para Eclesiastes, em que 38 vezes Salomão usa a triste palavra *vaidade*. "Vaidade das vaidades, tudo é vaidade!", lamentou-se Salomão; mas Paulo entoou um hino de vitória!

4. COMO OS MORTOS SÃO RESSUSCITADOS? (1 Co 15:35-48)

Uma vez que eram filósofos, os gregos concluíram que a ressurreição do corpo humano era impossível. Afinal, quando o corpo se transformava em pó, passava a fazer parte do solo de onde outros corpos retiravam seu sustento. Em resumo, o alimento que ingerimos é parte dos elementos dos corpos de gerações há muito falecidas. Quando o corpo de Roger Williams, fundador de Rhode Island, foi exumado, descobriu-se que as raízes de uma das macieiras próximas ao túmulo haviam atravessado o caixão. Até certo ponto, as pessoas que comiam as maçãs participavam de seu corpo. Assim, na ressurreição, com quem ficarão os vários elementos?

A resposta de Paulo para essa linha de raciocínio é extremamente direta: "Insensato!" Em seguida, deixa claro que a *ressurreição*

não é reconstrução. Em parte alguma a Bíblia ensina que, na ressurreição, Deus “juntará os pedaços” e nos colocará de volta em nosso antigo corpo. Há uma continuidade (o corpo ainda será *nosso*), mas não há *identidade* (não é o *mesmo* corpo). Paulo sabia que tais milagres não poderiam ser explicados, de modo que usou três analogias para esclarecer essa doutrina.

As sementes (vv. 35-38, 42-48). Quando lançamos uma semente, não esperamos que essa mesma semente apareça na colheita. A semente morre, mas dessa morte surge a vida (ver Jo 12:23-28 para o uso que Jesus faz dessa mesma analogia). Podemos lançar apenas alguns grãos de trigo, mas quando a planta atingir a maturidade, haverá muitos grãos. São os mesmos grãos que plantamos? Não, mas ainda assim há continuidade. Não semearmos trigo para colher cevada.

Além disso, o que aparece na colheita normalmente é mais belo do que o que é plantado. Um bom exemplo são as tulipas. Poucas coisas são tão feias quanto um bulbo de tulipa, no entanto, produzem uma flor de grande beleza. Se, na ressurreição, Deus simplesmente juntasse nossos pedaços, não melhoraríamos em nada. Além disso, a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus. A única maneira de desfrutarmos a glória do céu é ter um corpo adequado para esse ambiente.

Paulo trata dos detalhes dessa transformação maravilhosa em 1 Coríntios 15:42-48. O corpo é semeado (o sepultamento) em corrupção, pois certamente sofrerá a decomposição; no entanto, é ressuscitado com uma natureza incorruptível. Não há decomposição nem morte no céu. O corpo é sepultado em desonra (apesar de todas as habilidades cosméticas dos agentes funerários), mas será ressuscitado em glória. No sepultamento, o corpo é fraco, mas na ressurreição, o corpo terá poder. Seremos como Jesus Cristo!

Hoje, temos um “corpo natural”, ou seja, um corpo apropriado a um ambiente terreno. Recebemos esse corpo de Adão, nosso primeiro antepassado: como ele, fomos feitos

do pó (Gn 2:7). Mas o corpo da ressurreição é apropriado para um ambiente espiritual. Em seu corpo ressurreto, Jesus movia-se rapidamente de um lugar para outro e até atravessava portas trancadas; no entanto, os discípulos puderam tocá-lo e senti-lo (Lc 24:33-43; Jo 20:19-29).

Paulo deseja apenas deixar claro o seguinte: o corpo da ressurreição completa a obra de redenção e nos dá a imagem do Salvador. No que se refere a nossa personalidade, somos criados à imagem de Deus, mas no que se refere ao corpo, somos feitos à imagem de Adão. Um dia, quando compartilharmos da glória do Salvador, levaremos sua imagem.

Em 1 Coríntios 15:46 vemos declarado um princípio bíblico importante: primeiro, o “natural” (terreno) e, depois, o “espiritual” (celestial). Recebemos do primeiro nascimento as coisas naturais, mas o segundo nascimento nos dá as coisas espirituais. Deus rejeita o primeiro nascimento, o natural, e diz: “É preciso nascer de novo!” Rejeitou Caim e escolheu Abel. Rejeitou Ismael, o primogênito de Abraão, e escolheu Isaque, o segundo filho. Rejeitou Esaú e escolheu Jacó. Se dependermos de nosso primeiro nascimento, seremos condenados para sempre. Mas se experimentarmos um novo nascimento, seremos abençoados para sempre.

A carne (v. 39). Paulo prevê, aqui, a descoberta da ciência que mostra que a estrutura da célula de animais diferentes é diferente, portanto não é possível cruzar espécies distintas indiscriminadamente. O corpo humano tem determinada natureza, enquanto mamíferos, aves e peixes têm seu tipo específico de carne. A conclusão: se Deus é capaz de criar tipos diferentes de corpos para os seres humanos, mamíferos, aves e peixes, o que o impede de criar um tipo de corpo diferente para nós na ressurreição? (Para os que amam seus animais de estimação, é importante observar que Paulo não diz aqui que os animais serão ressuscitados. Apenas usa tais criaturas como exemplo.)

Os corpos celestiais (vv. 40, 41). Não existem apenas corpos terrenos, mas também corpos celestiais; e um tipo é diferente do

outro. Aos olhos humanos, na verdade os corpos celestiais se distinguem por sua glória. Paulo sugere aqui que será possível distinguir uma pessoa da outra na glória, mesmo depois que todos os cristãos tiverem recebido um corpo glorificado. No céu, todo cálice será preenchido, mas alguns cálices serão maiores do que outros, por causa da fidelidade e do sacrifício desses santos durante sua vida aqui na Terra.

Essas ilustrações podem não responder a todas as perguntas, mas fornecem as certezas de que precisamos. Deus nos dará um corpo glorificado e apropriado para a nova vida no céu. Será diferente de nosso corpo aqui na Terra em termos de qualidade, assim como a glória do Sol é diferente daquela de um fungo que nasce em um porão. Usaremos esse novo corpo para servir e glorificar a Deus por toda a eternidade.

É preciso lembrar que esta discussão não foi escrita por Paulo apenas para satisfazer a curiosidade dos cristãos. O apóstolo desejava transmitir algumas verdades práticas, as quais deixa bem claras em 1 Coríntios 15:29-34. Se cremos verdadeiramente na ressurreição do corpo, usaremos o corpo que temos hoje para a glória de Deus (1 Co 6:9-14).

Por fim, os que não forem salvos receberão um corpo adequado a seu ambiente no inferno. Sofrerão para sempre na escuridão e dor (Mt 25:41; 2 Ts 1:7-10; Ap 20:11-15). Nós, os salvos, devemos procurar resgatá-los do julgamento! “E assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens” (2 Co 5:11).

Se você ainda não aceitou a Cristo como seu Salvador, receba-o agora – antes que seja tarde demais!

SABEDORIA COM RESPEITO À MORDOMIA CRISTÃ

1 CORÍNTIOS 16

Pode-se dizer a favor dos cristãos de Corinto que, quando mandaram suas dúvidas para Paulo, perguntaram sobre a coleta que estava realizando para os cristãos pobres de Jerusalém. Paulo respondeu à sua pergunta e encerrou a carta informando a igreja de seus planos pessoais de viagem e também dos planos para seus colaboradores no ministério.

O capítulo 16 pode dar a impressão de não ter relação com nossas necessidades de hoje, mas, na verdade, trata de maneira bastante proveitosa de três áreas da mordomia: o dinheiro (1 Co 16:1-4), as oportunidades (1 Co 16:5-9) e as pessoas (1 Co 16:10-24). Esses são, provavelmente, os recursos mais preciosos da Igreja de nosso tempo e não devem ser desperdiçados.

1. DINHEIRO (1 Co 16:1-4)

Um dos ministérios mais importantes de Paulo durante sua terceira viagem missionária foi levantar uma oferta especial para os cristãos pobres de Jerusalém. O desejo do apóstolo era que essa oferta cumprisse vários propósitos. Em primeiro lugar, os gentios deviam uma ajuda material aos judeus em gratidão pelas bênçãos espirituais que estes lhes deram (Rm 15:25-27). Na assembléia de Jerusalém, alguns anos antes, Paulo havia concordado em "se lembrar dos pobres", de modo que cumpria esse compromisso (Gl 2:10). Paulo não apenas pregava o evangelho, mas também tentava ajudar os que tinham necessidades físicas e materiais.

Por que a igreja de Jerusalém passava por tamanha carência? É provável que muitos cristãos fossem pessoas em visita a Jerusalém

em Pentecostes, quando ouviram a Palavra de Deus e foram salvos. Isso significava que eram estrangeiros, que estavam desempregados e que a igreja precisaria cuidar deles. No início da igreja, os membros da comunidade cristã dividiam tudo entre si com prazer (At 2:41-47; 4:33-37); mas seus recursos eram limitados. Além disso, o povo de Jerusalém já havia passado por uma terrível escassez de alimentos (At 11:27-30), e a oferta que haviam recebido nessa ocasião não deve ter durado muito tempo.

Além de cumprir sua promessa de suprir essa grande necessidade, a maior motivação de Paulo para levantar essa oferta era ajudar a unir cristãos judeus e gentios. Paulo era um missionário aos gentios, o que incomodava alguns dos cristãos judeus (At 17:21-25). O apóstolo esperava sarar algumas feridas e construir algumas pontes entre as igrejas. (Para mais informações sobre essa oferta, ver 2 Co 8 - 9.)

Apesar de se tratar de uma oferta missionária especial, podemos aprender com as instruções de Paulo alguns princípios básicos relacionados à mordomia cristã.

Ofertar é um ato de adoração. Cada membro devia ir ao culto no dia do Senhor preparado para contribuir com o que havia reservado para a oferta naquela semana. A Igreja primitiva reunia-se no primeiro dia da semana em comemoração à ressurreição de Jesus Cristo. (O Espírito Santo veio sobre a Igreja em Pentecostes, também no primeiro dia da semana.) É triste quando os membros da igreja contribuem apenas por obrigação e se esquecem de que nossas ofertas devem ser "sacrifícios espirituais" apresentados ao Senhor (Fp 4:18). Ofertar pode ser um ato de adoração ao Salvador, que ressurgiu e voltou ao céu.

A prática de ofertar deve ser sistemática. Alguns estudiosos acreditam que, na época de Paulo, muitos recebiam o salário no primeiro dia da semana. Mas, mesmo que não fosse o caso, cada cristão deveria separar sua oferta em casa e levá-la ao culto no primeiro dia. Paulo não desejava ter de fazer várias coletas quando chegasse a Corinto. Queria que a contribuição toda estivesse

preparada. Se os membros das igrejas de hoje fossem tão sistemáticos em ofertar como são em lidar com outras questões financeiras, a obra do Senhor não sofreria como às vezes acontece.

A oferta era pessoal e individual. Paulo esperava que cada membro – rico ou pobre – participasse da oferta. Qualquer um que tivesse uma fonte de renda poderia ter o privilégio de compartilhar e de ajudar os necessitados. O apóstolo desejava que todos participassem da bênção.

A oferta deve ser proporcional. A oração “Conforme a sua prosperidade” (1 Co 16:2) indica que os cristãos com mais recursos deveriam contribuir mais. Os cristãos judeus na igreja estavam acostumados a dar o dízimo, mas Paulo não menciona qualquer proporção específica. Sem dúvida, o dízimo (10% da renda do indivíduo) é um bom começo para a prática da mordomia, mas não devemos nos ater a ele. À medida que o Senhor nos dá mais, também devemos planejar de modo a contribuir mais.

O problema é que, para muitos cristãos, aumentos de salário levam a mais compromissos financeiros, o que faz com que não tenham proporcionalmente mais para ofertar ao Senhor. Em vez disso, encontram um “nível” adequado em que permanecer, estão sempre tentando “melhorar de vida”, e sua renda acaba sendo gasta em vez de ser *investida*.

Em 2 Coríntios 8 e 9, Paulo deixa claro que a contribuição cristã é uma *graça*, decorrente da graça de Deus em nossa vida, não de promoções ou de pressões. O coração aberto não consegue manter a mão fechada. Se compreendermos o valor real da graça de Deus que nos é concedida, teremos o desejo de expressar essa graça dividindo com outros.

O dinheiro deve ser administrado com honestidade. As várias igrejas envolvidas nessa contribuição especial nomearam representantes para ajudar Paulo a administrar a oferta e a levá-la em segurança a Jerusalém (para mais informações sobre a “comissão financeira” que ajudou Paulo, ver 2 Co 8:16-24). É triste quando ministérios cristãos perdem

seu testemunho por não administrarem devidamente os recursos que lhe são confiados. Todo ministério deve ser extremamente profissional em suas questões financeiras. Paulo tomou o máximo de cuidado para não permitir que coisa alguma desse oportunidade a seus inimigos de acusá-lo de estar roubando fundos (2 Co 8:20, 21).

Isso explica por que o apóstolo incentivou as *igrejas* a participar da oferta e a escolher representantes de confiança para ajudar a administrá-la. Paulo não fazia objeção alguma à contribuição *individual*. Neste capítulo, bem como em Romanos 16, cita vários indivíduos que o ajudaram pessoalmente. Tal ajuda incluía, sem dúvida, seu sustento financeiro. Mas, de modo geral, a contribuição cristã deve ser centralizada na igreja. Muitas congregações usam o orçamento mensal da igreja para incentivar seus membros a ofertar para fins específicos.

É interessante que Paulo menciona a oferta logo depois da discussão acerca da ressurreição. Os manuscritos originais não eram divididos em capítulos, de modo que, do hino de vitória do apóstolo, os leitores passavam diretamente para sua discussão sobre o dinheiro. A doutrina e o dever andam juntos, como também a adoração e as obras. Nossa contribuição “não é em vão”, pois nosso Senhor está vivo. É o poder de sua ressurreição que nos motiva a contribuir e a servir.

2. OPORTUNIDADES (1 Co 16:5-9)

“Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus” (Ef 5:15, 16). Paulo era tão cauteloso com o uso de seu tempo quanto era com o uso do dinheiro. Alguém disse que “matar o tempo” é a principal ocupação da sociedade moderna, mas nenhum cristão pode se dar esse luxo, como também não pode se permitir perder oportunidades.

Paulo informa seus amigos em Corinto dos seus planos de viagem e ministério. Convém observar que suas afirmações não são categóricas: “E bem pode ser [...] Porque não quero [...] pois espero [...]”. É evidente

que o plano todo dependida da orientação providencial de Deus: “se o Senhor permitir”. A atitude de Paulo em relação a seus planos estava de acordo com as injunções em Tiago 4:13-17.

Quando escreveu esta epístola, Paulo estava em Éfeso. Seu plano era viajar para a Macedônia, a fim de ministrar nesse local por algum tempo (*passagem* em 1 Co 16:5 significa “viajar dentro de um ministério sistemático”), passar o inverno em Corinto e, então, voltar para a Judéia com a oferta levantada. Era impossível viajar de navio entre os meses de novembro e fevereiro, de modo que seria conveniente para Paulo permanecer em Corinto, onde poderia ficar com seus amigos. Havia alguns problemas que precisavam ser resolvidos na igreja, e Paulo prometera fazer uma visita para ajudar seus líderes (1 Co 11:34).

Todavia, Paulo foi obrigado por várias circunstâncias a mudar seus planos pelo menos duas vezes. Seu “plano B” era visitar Corinto e depois ir à Macedônia, voltando a Corinto quando estivesse a caminho da Judéia (2 Co 1:15, 16). Em vez de uma visita mais longa, faria duas visitas mais curtas; mas esse plano também não deu certo. No final, o “plano C” foi uma visita rápida e dolorosa a Corinto, depois da qual o apóstolo voltou a Éfeso. Prosseguiu, então, para Troas, a fim de esperar por Tito (que fora enviado a Corinto; 2 Co 2:12, 13; 7:5ss), visitou a Macedônia e, de lá, foi para a Judéia. Não passou em Corinto tanto tempo quanto gostaria nem quanto os coríntios esperavam.

O que podemos aprender com essa experiência difícil de Paulo? Em primeiro lugar, um cristão deve usar seu bom senso, orar, estudar a situação e se esforçar ao máximo para descobrir a vontade de Deus. Provérbios 3:5, 6 (“não te estribes no teu próprio entendimento”) não deve ser interpretado como: “desligue o cérebro e não pense mais!” Deus nos deu nossa mente e espera que pensemos, mas não deseja que sejamos *dependentes* apenas de nosso raciocínio. Devemos orar, meditar na Palavra e, se for o caso, pedir o conselho de amigos cristãos maduros.

Em segundo lugar, é possível que nem sempre tomemos decisões dentro da vontade de Deus. Talvez façamos promessas que não podemos cumprir e planos que não podemos executar. Isso significa que somos mentirosos e fracassados? (Alguns cristãos em Corinto acreditavam que Paulo era um homem falso e que não deveriam confiar nele; ver 2 Co 1:12 – 2:13.) Em meu ministério, fui obrigado a mudar os planos e a alterar a agenda por causa de situações sobre as quais não tinha controle algum. Isso significa que meus planos não estavam dentro da vontade de Deus? Não necessariamente. Até mesmo um apóstolo (que havia ido ao céu e voltado) precisava mudar sua agenda de vez em quando.

No que se refere à questão crítica de buscar a vontade de Deus, há dois extremos a evitar. Um deles é temer tanto cometer erros a ponto de não tomar quaisquer decisões. O outro é tomar decisões impulsivas e nos precipitar sem esperar no Senhor. Depois que fizemos todo o possível para determinar a orientação divina, devemos decidir e agir, deixando o resto nas mãos do Senhor. Se, de algum modo, estivermos fora de sua vontade, ele operará de tal forma a nos mostrar sua orientação. O mais importante é *desejar de coração* fazer sua vontade (Jo 7:17). Afinal, ele nos guia “por amor do seu nome” (Sl 23:3), e é a reputação *dele* que está em jogo.

Paulo encontrou uma porta aberta para o ministério em Éfeso, uma oportunidade importante para ele. Desejava ganhar os efésios para Cristo e não ir a Corinto para “paparicar” os cristãos de lá (ver mais sobre “portas abertas” em At 14:27; 2 Co 2:12; Cl 4:3; Ap 3:8). Paulo não era otimista nem pessimista; era realista. Via tanto as oportunidades quanto os obstáculos. Deus havia aberto “uma porta grande e oportuna para o trabalho”, e Paulo desejava aproveitar as oportunidades enquanto estavam a seu alcance.

De acordo com um antigo provérbio romano: “Enquanto paramos para pensar, muitas vezes perdemos nossa oportunidade”. Uma vez que sabemos o que devemos

fazer, não podemos protelar. Normalmente, somos capazes de pensar em uma série de motivos (desculpas) para não agir. Apesar de Paulo estar em perigo em Éfeso (1 Co 15:32), planejava permanecer na cidade enquanto a porta ainda estivesse aberta. Como um comerciante prudente, precisava aproveitar o ensejo antes que este passasse e nunca mais voltasse.

O gerenciamento das oportunidades é importante. O cristão, como indivíduo, e também a igreja devem perguntar sempre: "Que oportunidades Deus está dando hoje?" Em vez de nos queixarmos dos obstáculos, devemos nos valer das oportunidades e deixar os resultados nas mãos do Senhor.

3. PESSOAS (1 CO 16:10-24)

No final de suas cartas, Paulo costumava citar o nome de várias pessoas que faziam parte de sua vida e de seu ministério, pessoas que constituíam um grupo extremamente eclético. O apóstolo não apenas ganhava almas para Cristo, mas também fazia amigos, e muitos deles acabaram se consagrando ao serviço de Deus. O evangelista D. L. Moody possuía o mesmo dom de fazer amigos e de granjeá-los para a obra do Senhor. Alguns dos grandes pregadores e músicos do final do século XIX e começo do século XX foram "descobertos" por Moody, inclusive Ira Sankey, G. Campbell Morgan, Henry Drummond e F. B. Meyer.

O dinheiro e as oportunidades não têm valor algum sem as pessoas. O maior patrimônio da Igreja é seu povo, no entanto, muitas vezes a Igreja não lhe dá o devido valor. Jesus não deu dinheiro aos discípulos, mas investiu três anos de seu tempo treinando-os para o serviço, a fim de que pudessem aproveitar as oportunidades que ele providenciaria. Se as pessoas estão preparadas, Deus supre tanto as *oportunidades* quanto o *dinheiro* para que sua obra seja realizada.

Timóteo (vv. 10, 11). Além de Tito, Timóteo era um dos assistentes de Paulo que costumava ser enviado a lugares mais difíceis. Timóteo havia sido criado num lar temente a Deus (2 Tm 1:5), mas foi Paulo

quem levou esse jovem a Cristo. O apóstolo costumava referir-se a ele como "verdadeiro filho na fé" (1 Tm 1:2). Quando João Marcos abandonou Paulo e voltou para Jerusalém, Timóteo foi o obreiro chamado para trabalhar como assistente do apóstolo (At 16:1-5).

Timóteo aprendeu bem suas lições e fez grande progresso na vida e no serviço cristãos (Fp 2:20-22). Por fim, tomou o lugar de Paulo em Éfeso, um ministério extremamente difícil. (Não deve ter sido fácil ser sucessor de Paulo!) A certa altura, Timóteo quis deixar a cidade, mas Paulo o incentivou a ficar (1 Tm 1:3).

O conselho que Paulo dá aos coríntios sobre Timóteo (1 Co 16:10) indica que o rapaz tinha alguns problemas emocionais e físicos (1 Tm 5:23; 2 Tm 1:4) e precisava de todo o estímulo possível. O mais importante era o fato de ele estar fazendo a obra do Senhor e trabalhando como servo do Senhor. Uma igreja não deve esperar que todos os servos de Deus sejam como o apóstolo Paulo. Os jovens que estão começando a servir têm grande potencial e devem ser encorajados pela igreja. "Ninguém, pois [te] despreze!"

Apolo (vv. 12-14). Apolo era um judeu eloqüente que fora conduzido à compreensão plena do evangelho por Priscila e Áquila (At 18:24-28). Havia ministrado com grande poder em Corinto, e uma parte da igreja dessa cidade sentia-se particularmente ligada a ele (1 Co 1:12; 3:4-8). É pouco provável que tenha incentivado essa divisão, pois sua grande preocupação era pregar o evangelho de Cristo. Apesar de tal dissensão (o "Fã Clube de Apolo"), Paulo não hesitou em incentivar Apolo a voltar para Corinto a fim de continuar ministrando na cidade. Fica claro que não havia qualquer inveja da parte de Paulo nem qualquer espírito de competição da parte de Apolo.

Paulo não tinha a autoridade de enviar homens para um ministério ou outro contra a vontade deles. Naquela ocasião, Apolo sentiu que não deveria ir a Corinto, e Paulo teve de concordar com sua decisão. É maravilhoso ver a forma como esses homens diferentes trabalhavam juntos.

Talvez seja à luz das divisões da igreja que Paulo faz as admoestações em 1 Coríntios 16:13, 14. *Sede vigilantes* significa simplesmente "Permaneçam alertas!" O inimigo está sempre por perto, e nunca estamos livres de seus ataques. Por certo, Satanás atacaria a igreja e colocaria obstáculos ao trabalho de Timóteo ou Apolo.

Permanecer firmes na fé significa ter uma estabilidade madura. Paulo já os havia advertido de que eram crianças imaturas que precisavam crescer (1 Co 3:1ss). Não é de se admirar que tenha acrescentado a injunção: *portai-vos varonilmente*, que significa "Ajam como homens, não como crianças". Era um chamado a se mostrarem homens valentes em um momento em que era necessário liderar com maturidade.

Mas até mesmo a varonilidade precisa ser contrabalançada pelo amor, a fim de que a liderança não se transforme em ditadura. Paulo explica o valor e as virtudes do amor em 1 Coríntios 13. Quando se dirigiu ao Congresso dos Estados Unidos, Carl Sandburg afirmou que Abraham Lincoln era um homem feito de "aço aveludado" - uma excelente imagem que os cristãos podem tomar para si, pois a verdadeira varonilidade não exclui a sensibilidade.

Estéfanos e sua casa (vv. 15-18). Estas foram as primeiras pessoas a serem ganhas para Cristo em Acaia, batizadas pelo próprio Paulo, que, normalmente, deixava essa missão ao encargo de um de seus colaboradores (1 Co 1:16). Tornaram-se líderes importantes da igreja, pois "se consagraram ao serviço dos santos", o que não sugere, porém, que forçaram sua entrada na liderança. Antes, sempre que viam uma necessidade, colocavam mãos à obra a fim de supri-la, tomando a iniciativa antes que alguém precisasse lhes pedir. Eram ajudantes de Paulo e trabalhavam arduamente para o Senhor. Como é maravilhoso quando uma família inteira serve ao Senhor fielmente na igreja local!

Estéfanos foi acompanhado de Fortunato e de Acaico, formando, assim, a comissão oficial enviada de Corinto a Éfeso para discutir com Paulo os problemas da igreja. Paulo

os considerava representantes da igreja toda, e sua dedicação à obra compensava pela ausência de Paulo em Corinto. No entanto, esses homens não se ativeram a tratar de problemas com o apóstolo; também foram refrigério para seu espírito e bênção para sua vida.

A atitude deles mostra que é importante a igreja revigorar e encorajar seu pastor. Com muita freqüência, os cristãos tratam apenas de seus problemas e fardos com os líderes espirituais raramente compartilhando as bênçãos com eles. Quem pastoreia o pastor? Onde o pastor deve buscar refrigério espiritual e encorajamento? Todos da igreja que estiverem dispostos podem ajudar a renovar as forças do pastor e a tornar seu fardo mais leve.

Paulo incentiva a igreja a honrar essa família muito especial e a se sujeitar a sua liderança espiritual. É certo honrar os cristãos fiéis, desde que a glória seja dada a Deus.

Áqüila e Priscila (vv. 19, 20). Marido e esposa formavam uma dupla consagrada, cuja vida e ministérios cruzaram-se e se entreteceram com a vida e ministério de Paulo. O apóstolo encontrou-se com eles em Corinto, onde, como Paulo, também confeccionavam tendas (At 18:1-3). Esse casal piedoso havia sido expulso de Roma, pois Áqüila era judeu; mas esse acontecimento foi parte da providência de Deus para levá-los a Corinto, onde poderiam ajudar Paulo.

Priscila deve ter sido uma mulher extraordinária. O nome dela e de seu marido aparece seis vezes no Novo Testamento e, em quatro ocasiões, o nome de Priscila aparece primeiro (os originais mais confiáveis colocam o nome dela primeiro em At 18:26). Temos a impressão de que ela era a mais forte dos dois, uma líder e testemunha dedicada. Trabalhavam juntos servindo ao Senhor e ajudando Paulo.

Quando Paulo mudou-se de Corinto para Éfeso, Áqüila e Priscila fizeram as malas e foram junto, levando consigo todo o necessário para continuar sua produção de tendas. Chegando a Éfeso, ajudaram o apóstolo a

fundar uma igreja em um local extremamente necessitado (At 18:18ss). Eram tão competentes em seu serviço que Paulo deixou-os encarregados do ministério ali quando voltou para Antioquia. Foi durante sua estadia em Éfeso que ajudaram Apolo a compreender melhor a verdade do evangelho.

Toda igreja local deve dar graças a Deus por maridos e esposas como Áqüila e Priscila, pessoas que trabalham juntas para servir ao Senhor e ajudar o pastor. O fato de essa esposa ser uma líder mais capaz não era empecilho para Áqüila ficar a seu lado nem de ambos terem um ministério conjunto. (Tenho certeza de que Priscila era submissa ao marido e não agia de modo presunçoso.) Uma das congregações de Éfeso reunia-se na casa deles, o que mostra que também se dedicavam à hospitalidade. De acordo com Romanos 16:4, em certa ocasião esse casal dedicado arriscou a vida por Paulo (ver At 19:29, 30; 20:19 para situações em que isso pode ter acontecido).

Todavia, Priscila e Áqüila não permaneceram em Éfeso, pois quando Paulo escreveu aos cristãos de Roma, saudou o casal nessa cidade (Rm 16:3), onde, mais uma vez, abriram sua casa para as reuniões de uma das congregações romanas (Rm 16:5). Em meu ministério itinerante, tenho pregado em várias congregações fundadas na sala de estar de um de seus membros.

Em sua última carta, Paulo envia saudações a Prisca (outra forma de escrever Priscila) e Áqüila por meio de Timóteo, que supervisionava o trabalho em Éfeso (2 Tm 4:19). Esse casal extraordinário havia deixado Roma e voltado para Éfeso, dessa vez para ajudar Timóteo como ajudara Paulo.

Quantos casais hoje estariam dispostos a mudar-se com a mesma freqüência que Priscila e Áqüila só para poder servir melhor ao Senhor? E, para onde quer que fossem, precisavam levar consigo sua “fábrica” de tendas. Pessoas com esse tipo de dedicação e espírito de sacrifício não são fáceis de achar, mas são instrumentos poderosos para a igreja local.

As palavras finais de Paulo não precisam ser analisadas em detalhes. O “ósculo santo” (1 Co 16:20) era uma forma comum de cumprimento, na qual os homens beijavam outros homens e as mulheres, outras mulheres (Rm 16:16; 2 Co 13:12; 1 Ts 5:26; 1 Pe 5:14). Se Paulo estivesse escrevendo às igrejas ocidentais, diria: “Dêem um forte abraço uns nos outros”.

Paulo normalmente ditava suas cartas e, no final, assinava de próprio punho. Também acrescentava sua “bênção da graça” como selo de autenticidade da carta (ver Gl 6:11; 2 Ts 3:17).

O termo *anátema* é aramaico e significa “amaldiçoado” (ver 1 Co 12:3). Não amar a Cristo significa não crer nele, e os incrédulos são amaldiçoados (Jo 3:16-21). O termo *maranata* é grego e significa “nosso Senhor vem” ou (como uma súplica) “vem, nosso Senhor!” (ver Ap 22:20). Se uma pessoa ama Jesus Cristo, também amará sua vinda (2 Tm 4:8).

Paulo havia sido severo com os cristãos de Corinto, mas encerra sua carta assegurando-os de seu amor. Afinal: “Leais são as feridas feitas pelo que ama” (Pv 27:6).

Paulo compartilhou grande sabedoria espiritual conosco. Que possamos recebê-la com humildade e colocá-la em prática para a glória de Deus!

2 CORÍNTIOS

ESBOÇO

Tema-chave: O encorajamento de Deus

Versículos-chave: 2 Coríntios 4:1, 6

I. PAULO EXPLICA SEU MINISTÉRIO – CAPÍTULOS 1 – 7

- A. Triunfante – 1 – 2
- B. Glorioso – 3
- C. Sincero – 4
- D. Confiante – 5
- E. Amoroso – 6 – 7

II. PAULO INCENTIVA A GENEROSIDADE – CAPÍTULOS 8 – 9

(Por ocasião da coleta de uma oferta para os cristãos judeus.)

- A. Princípios da “oferta da graça” – 8
- B. Promessas para os “ofertantes da graça” – 9

III. PAULO REAFIRMA SUA AUTORIDADE – CAPÍTULOS 10 – 13

- A. O guerreiro que ataca a oposição – 10
- B. O pai espiritual que protege a igreja – 11:1-15
- C. O “louco” que se gloria de seu sofrimento – 11:16 – 12:10

- D. O apóstolo que exerce sua autoridade em amor – 12:11 – 13:14

CONTEÚDO

- 1. Abatidos, mas não derrotados (2 Co 1:1-11)..... 821
- 2. Não precisamos fracassar (2 Co 1:12 – 2:17)..... 827
- 3. De glória em glória (2 Co 3)..... 833
- 4. Coragem para os conflitos (2 Co 4:1 – 5:8)..... 839
- 5. Motivação para o ministério (2 Co 5:9-21)..... 845
- 6. De coração para coração (2 Co 6 – 7)..... 851
- 7. A graça de ofertar – Parte 1 (2 Co 8)..... 857
- 8. A graça de ofertar – Parte 2 (2 Co 9)..... 863
- 9. Desencontros ministeriais (2 Co 10)..... 869
- 10. O pai sabe o que é melhor (2 Co 11)..... 875
- 11. Um pregador no paraíso (2 Co 12:1-10)..... 881
- 12. Preparem-se! (2 Co 12:11 – 13:13)..... 886

ABATIDOS, MAS NÃO DERROTADOS

2 CORÍNTIOS 1:1-11

“**T**odos parecem imaginar que não tenho altos e baixos, apenas uma inabalável e elevada vastidão de ininterruptas realizações espirituais, com alegria e serenidade incessantes. De modo algum! Com freqüência, me encontro completamente miserável, e tudo parece sombrio ao extremo.”

Essas palavras são de um homem que, em sua época, era conhecido como “o maior pregador do mundo de língua inglesa”, John Henry Jowett, que pastoreou grandes igrejas, pregou para congregações enormes e escreveu livros que se transformaram em sucessos de venda.

“Passo por depressões do espírito tão assustadoras que peço a Deus que jamais experimentem tais extremos de infelicidade.”

Essas palavras são de um sermão de Charles Haddon Spurgeon, cujo ministério extraordinário em Londres o transformou em um dos maiores pregadores ingleses de todos os tempos.

O desânimo não faz acepção de pessoas. Na verdade, parece atacar com mais freqüência os bem-sucedidos do que os fracassados; isso porque, quanto mais alto chegamos, maior pode ser a queda. Não nos surpreendemos quando lemos que o grande apóstolo Paulo passou por “tribulações acima das [suas] forças” e “[desesperou] até da própria vida” (2 Co 1:8). Por mais excelente que fosse em caráter e ministério, Paulo era um ser humano como todos nós.

O apóstolo poderia ter evitado essas dificuldades, se não houvesse recebido um

preocupasse com as pessoas. Havia fundado a igreja de Corinto e ministrado nessa cidade por um ano e meio (At 18:1-18). Quando surgiram problemas sérios na igreja depois de sua partida, enviou Timóteo para lidar com os coríntios (1 Co 4:17) e lhes escreveu a epístola que chamamos de 1 Coríntios.

Infelizmente, a situação piorou e Paulo teve de fazer uma “visita dolorosa” a Corinto a fim de confrontar aqueles que estavam criando os problemas dentro da igreja (2 Co 2:1ss). Ainda assim, não houve solução. Então, escreveu uma carta enérgica que foi entregue aos coríntios por Tito, um dos colaboradores do apóstolo (2 Co 2:4-9; 7:8-12). Depois de muita aflição, Paulo finalmente se encontrou com Tito e recebeu a boa notícia de que o problema havia sido resolvido. Foi então que escreveu a carta que chamamos de 2 Coríntios.

O apóstolo redigiu esta epístola por vários motivos. Em primeiro lugar, desejava encorajar a igreja a perdoar e restaurar o membro que havia causado todo o tumulto (2 Co 2:6-11). Também desejava explicar sua mudança de planos (2 Co 1:15-22) e reafirmar sua autoridade apostólica (2 Co 4:1, 2; 10 - 12). Por fim, desejava incentivar a igreja a participar da oferta especial que estava levantando para os cristãos necessitados da Judéia (2 Co 8 - 9).

Uma das palavras-chave desta epístola é *consolar* ou *encorajar*. O termo grego significa “chamar para junto de alguém a fim de ajudar”. No original, o verbo é usado dezoito vezes e o substantivo onze vezes nesta carta. Apesar de todas as tribulações que havia passado, pela graça de Deus Paulo pôde escrever uma carta repleta de encorajamento.

Qual era o segredo da vitória de Paulo ao passar por pressões e tribulações? Seu segredo era *Deus*. Quando nos encontramos desanimados e prontos para desistir, devemos mudar o foco da atenção de nós mesmos para Deus. Partindo de sua própria experiência difícil, Paulo mostra como encontrar ânimo em Deus. O apóstolo lem-

1. LEMBREM-SE DO QUE DEUS É PARA VOCÊS (2 Co 1:3)

Paulo começa sua carta com uma doxologia. Por certo, não podia cantar sobre suas circunstâncias, mas poderia cantar sobre o Deus que está no controle de todas as circunstâncias. Paulo havia aprendido que o louvor é um elemento importante para alcançar a vitória sobre o desânimo e a depressão. O louvor é tão transformador quanto a oração.

Louvem-no porque ele é Deus! Encontramos a expressão “Bendito seja Deus” em outras duas passagens do Novo Testamento – em Efésios 1:3 e 1 Pedro 1:3. No caso de Efésios 1:3, Paulo louva a Deus por aquilo que o Senhor fez *no passado*, quando “nos escolheu nele [em Cristo]” (Ef 1:4) e nos abençoou “com toda a sorte de bênção espiritual”. Em 1 Pedro 1:3, Pedro louva a Deus pelas bênçãos do *futuro* e por “uma viva esperança”. Mas, em 2 Coríntios, Paulo louva a Deus pelas bênçãos do *presente*, por aquilo que Deus estava fazendo naquele instante e lugar.

Durante os horrores da Guerra dos Trinta Anos, o pastor Martin Rinkart serviu ao Senhor fielmente em Eilenburg, na Saxônia. Chegou a realizar quarenta funerais em um só dia, em um total de mais de quatro mil ao longo de seu ministério. No entanto, em meio a essa experiência arrasadora, escreveu uma “cartilha da graça” para seus filhos e que, hoje, usamos como hino de ação de graças.

Agora agradecemos por tudo ao nosso Senhor,
Com nosso coração, nossas mãos e nossa voz.
Àquele que fez maravilhas sem par.
No qual seu mundo se compraz!

Louvem-no porque ele é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! É por causa de Jesus Cristo que podemos chamar Deus de “Pai” e nos aproximar dele como seus filhos. Deus vê em nós seu Filho e nos ama como ama seu Filho (Jo 17:23). Somos “amados de Deus” (Rm 1:7), pois é “para louvor da glória de

sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado” (Ef 1:6).

Tudo o que o Pai fez por Jesus durante seu ministério aqui na Terra, também pode fazer por nós hoje. Somos preciosos para o Pai, pois seu Filho é precioso para ele, e somos cidadãos do “reino do Filho do seu amor” (Cl 1:13). Somos valiosos para o Pai, e ele cuidará para que as pressões da vida não nos destruam.

Louvem-no porque ele é o Pai de misericórdias! Para o povo judeu, a expressão *pai de* significa “aquele que dá origem a”. Satanás é o pai da mentira (Jo 8:44), pois é nele que as mentiras têm origem. De acordo com Gênesis 4:21, Jubal foi o pai dos instrumentos musicais, pois deu origem à flauta e à harpa. Deus é o Pai das misericórdias, pois todas as misericórdias provêm dele e podem ser recebidas somente dele.

Em sua graça, Deus nos dá o que não merecemos e, em sua misericórdia, não nos dá o que merecemos. “As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos” (Lm 3:22). A Bíblia fala da *riqueza* das misericórdias de Deus (Sl 5:7; 69:16), da sua *terna* misericórdia (Tg 5:11) e da *grandeza* da sua misericórdia (Nm 14:19). Também fala da *multidão* das suas misericórdias (Sl 51:1; 106:7, 45).

Louvem-no porque ele é o Deus de toda consolação! No texto original, as palavras *conforto* e *consolação* (do mesmo radical grego) e suas correlatas são usadas pelo menos onze vezes em 2 Coríntios 1:1-11. Não devemos pensar em *consolo* em termos de “comiseração”, pois a comiseração pode nos enfraquecer ao invés de fortalecer. Deus não passa a mão em nossa cabeça e nos dá um doce ou brinquedo para nos distrair das dificuldades. Antes, coloca sua força em nosso coração para que possamos enfrentar as tribulações e vencê-las. A palavra *conforto* vem de duas palavras em latim que significam “com força”. A palavra grega quer dizer “acompanhar e ajudar”. É o mesmo termo usado para o Espírito Santo (“o Consolador”) em João 14 a 16.

Deus pode nos encorajar com sua Palavra e por meio de seu Espírito, mas, por

vezes, usa outros cristãos para nos dar o ânimo de que precisamos (2 Co 2:7, 8; 7:6, 7). Que bom seria se todos nós pudessemos ser chamados de “Barnabé – filho de exortação [estímulo]”! (At 4:36).

Quando ficamos desanimados por causa de circunstâncias difíceis, é fácil olhar para nós mesmos e para nossos sentimentos, ou concentrar a atenção nos problemas. Mas o primeiro passo que devemos dar é olhar pela fé para o Senhor e descobrir tudo o que Deus é para nós. “Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do SENHOR, que fez o céu e a terra” (Sl 121:1, 2).

2. LEMBREM-SE DO QUE DEUS FAZ POR VOCÊS (2 Co 1:4A, 8-11)

Deus permite as tribulações. A língua grega possui dez palavras principais para sofrimento, e Paulo usa cinco delas nesta epístola. As mais freqüentes são *thlipsis*, que significa “estreito, confinado, sob pressão” e é traduzida aqui por *sofrimentos* (2 Co 2:4), *angústias* (2 Co 1:4 [no singular]; 2:4; 6:4; 12:10) e *tribulação* (2 Co 1:4, 8; 4:17; 7:4; 8:2). Paulo sentia-se cercado de circunstâncias difíceis e só lhe restava olhar para o alto.

Em 2 Coríntios 1:5, 6, o apóstolo usa o termo *pathema*, “sofrimentos”, também empregado para os sofrimentos de nosso Salvador (1 Pe 1:11; 5:1). Há certos sofrimentos que suportamos simplesmente porque somos humanos e estamos sujeitos à dor; mas há outros sofrimentos que nos sobrevêm porque somos parte do povo de Deus e desejamos servir ao Senhor.

Não devemos jamais pensar que as dificuldades são acidentais. Tudo o que acontece ao cristão é por determinação divina. Tratando-se das tribulações da vida, uma pessoa só pode ter três perspectivas. Se nossas provações são resultado do “destino” ou do “acaso”, tudo o que nos resta fazer é desistir. Ninguém é capaz de controlar o destino ou o acaso. Se nós temos o controle sobre tudo, vemo-nos em uma situação igualmente desesperadora. Mas, se Deus está no controle e confiamos nele, podemos contar com

Deus nos encoraja em meio a todas as tribulações ensinando-nos por meio de sua Palavra. É ele quem permite que passemos por provações.

Deus está no controle das tribulações (v. 8). “Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida”. Paulo sentia-se oprimido como um animal de carga levando um peso grande demais. No entanto, Deus sabia exatamente quanto Paulo poderia suportar e manteve a situação sob controle.

Não sabemos a natureza dessa “tribulação”, mas foi intensa o suficiente para levar Paulo a pensar que morreria. É impossível dizer se o perigo foi decorrente das ameaças de seus muitos inimigos (ver At 19:21ss; 1 Co 15:30-32), de uma doença grave ou de um ataque específico de Satanás; mas sabemos que Deus controlou as circunstâncias e protegeu seu servo. Quando Deus coloca seus filhos na fornalha, mantém sempre a mão no termostato e os olhos no termômetro (1 Co 10:13; 1 Pe 1:6, 7). Paulo pode ter se desesperado da vida, mas Deus não se desesperou de seu servo.

Deus nos capacita para suportarmos as tribulações (v. 9). A primeira coisa que faz é mostrar quanto somos fracos por nós mesmos. Paulo era um servo hábil e experiente que havia passado por vários tipos de provações (ver 2 Co 4:8-12; 11:23ss). Por certo, possuía experiência suficiente para encarar e superar inúmeras dificuldades.

Deus, porém, quer que confiemos nele – não em nossos dons ou habilidades, em nossas experiências ou “recursos espirituais”. É quando nos sentimos seguros de nós mesmos e capazes de enfrentar o inimigo que sofremos as piores quedas. “Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte” (2 Co 12:10).

Ao morrermos para o ego, o poder da ressurreição de Deus começa a operar. Foi Quando Abraão e Sara já estavam fisicamente amortecidos que o poder da ressurreição de Deus lhes permitiu ter o filho prometido

não implica permanecer em complacência ociosa, manter os braços cruzados enquanto Deus faz tudo. Podemos estar certos de que Paulo orou, estudou as Escrituras, consultou seus colaboradores e creu na obra de Deus. O Deus que ressuscita os mortos é suficiente para *qualquer* dificuldade da vida! Deus é capaz, mas é preciso que nos coloquemos a sua disposição.

Paulo não nega seus sentimentos, e Deus também não deseja que neguemos nossas emoções. "Em tudo fomos atribulados: lutas por fora, temores por dentro" (2 Co 7:5). A expressão "sentença de morte", em 2 Coríntios 1:9, pode ser uma referência a um veredicto oficial, talvez a uma ordem de prisão e execução de Paulo. É importante lembrar que os judeus incrédulos estavam à caça de Paulo e desejavam se livrar dele (At 20:19). Não devemos deixar de fora da lista os "perigos entre patrícios" (2 Co 11:26).

Deus nos livra das tribulações (v. 10). Quer olhasse para trás, quer a seu redor, quer adiante, Paulo via a mão de livramento do Senhor. O termo que o apóstolo usa significa "livrar de uma situação de perigo, salvar e proteger". Deus nem sempre nos livra imediatamente e nem sempre age da mesma forma. Tiago foi decapitado, no entanto Pedro foi liberto da prisão (At 12). *Os dois* foram libertos, mas de maneiras diferentes. Por vezes, Deus nos livra *das tribulações*, mas em outras ocasiões nos livra *em meio* às tribulações.

Deus livrou Paulo em resposta a sua fé, bem como à fé do povo de Corinto que estava orando pelo apóstolo (2 Co 1:11). "Clamou este aflito, e o SENHOR o ouviu e o livrou de todas as suas tribulações" (Sl 34:6).

Deus é glorificado por meio de nossas tribulações (v. 11). Quando Paulo relatou o que Deus havia feito por ele, um grande coro de louvor e ação de graças elevou-se dos santos e alcançou o trono de Deus. Nossa realização suprema aqui na Terra é glorificar o nome de Deus, e, por vezes, alcançar essa realização envolve sofrimento. O "benefício que nos foi concedido" refere-se ao livramento de Paulo da morte, sem dúvida um benefício maravilhoso!

Paulo nunca se envergonhou de pedir aos cristãos que orassem por ele. Em pelo menos sete de suas epístolas, menciona sua grande necessidade de apoio em oração (Rm 15:30-32; Ef 6:18, 19; Fp 1:19; Cl 4:3; 1 Ts 5:25; 2 Ts 3:1; Fm 22). Paulo e os cristãos de Corinto estavam ajudando uns aos outros (2 Co 1:11, 24).

Um missionário amigo meu me contou do livramento miraculoso de sua filha de uma enfermidade que havia sido diagnosticada como terminal. Exatamente na época que a menina se encontrava mais doente, vários amigos nos Estados Unidos estavam orando pela família e Deus respondeu às orações e curou a menina. O maior apoio que podemos dar aos servos de Deus é ajudá-los em oração.

O termo *sunupourgeo*, traduzido por "ajudando-nos também vós", só é usado nesta passagem do Novo Testamento em grego e é constituído de três palavras: *com*, *sob*, *trabalho* e retrata trabalhadores carregando um fardo, trabalhando juntos para cumprir sua tarefa. É um grande estímulo saber que o Espírito Santo nos assiste em nossas orações e nos ajuda a carregar nossos fardos (Rm 8:26).

Se nos entregamos a Deus, cremos nele e obedecemos a suas ordens, ele realiza seus propósitos em meio às tribulações da vida. As dificuldades podem aumentar nossa fé e fortalecer nossa vida de oração. Podem nos aproximar de outros cristãos que estejam dividindo o fardo conosco e podem ser usadas para glorificar a Deus. Assim, quando nos vemos cercados pelas provações da vida, devemos nos lembrar do que Deus é para nós e do que faz por nós.

3. LEMBREM-SE DO QUE DEUS FAZ POR MEIO DE VOCÊS (2 Co 1:4B-7)

Em tempos de sofrimento, quase todos temos a tendência de pensar apenas em nós mesmos e de nos esquecer dos outros. Em vez de sermos canais, transformamo-nos em cisternas. No entanto, um dos motivos de passarmos por tribulações é para que aprendamos a ser canais de bênção para consolar e encorajar a outros. Podemos

encorajá-los, pois recebemos o encorajamento de Deus.

Um de meus pregadores favoritos é George W. Truett, que pastoreou a Primeira Igreja Batista de Dallas, Texas, durante quase cinqüenta anos. Em um de seus sermões, falou de um casal de incrédulos, cujo bebê morreu de repente. O pastor Truett realizou o funeral e, posteriormente, teve a alegria de levar os pais a Jesus Cristo.

Vários meses depois, uma jovem mãe perdeu o bebê; mais uma vez, Truett foi chamado a consolar a família. No entanto, nada do que ele dizia parecia ajudar. No culto do funeral, porém, a mãe recém-convertida aproximou-se da moça que havia acabado de perder o filho e disse:

- Também passei por isso e entendo você. Deus me chamou e, através da escuridão, fui até ele. Deus tem me consolado e fará o mesmo por você!

Disse Truett: "O consolo que a primeira mãe ofereceu à outra foi mais significativo do que qualquer coisa que eu poderia ter feito por ela em dias e meses, pois a primeira mãe havia trilhado com os próprios pés o mesmo caminho de sofrimento".

Paulo, porém, deixa claro que não é preciso experimentar *exatamente* a mesma provação a fim de ter capacidade de compartilhar com outros o encorajamento que Deus dá. Quem sente o consolo de Deus na vida pode "consolar os que estiverem em qualquer angústia" (2 Co 1:4b). É evidente que, se passamos por provações semelhantes, estas poderão ajudar a nos identificarmos ainda mais com os outros e a entender melhor como se sentem; mas nossas experiências não alteram o consolo de Deus. Seu consolo é sempre suficiente e eficaz, quaisquer que tenham sido nossas experiências.

Mais adiante, em 2 Coríntios 12, Paulo dá um exemplo desse princípio. Ele recebeu um espinho na carne - algum tipo de sofrimento físico que o afligia constantemente. Não sabemos ao certo o que era esse "espinho na carne", nem precisamos saber. O que sabemos é que Paulo experimentou a graça de Deus e, então, compartilhou esse encora-

provação, a declaração: "A minha graça te basta" (2 Co 12:9) é uma promessa da qual podemos nos apropriar. Se Paulo não tivesse sofrido, não teríamos essa promessa registrada.

O sofrimento humano não é fácil de entender, pois há mistérios referentes ao modo de Deus operar que só compreenderemos no céu. Por vezes, sofreremos em decorrência de nosso pecado e rebelião, como no caso de Jonas. Em outras ocasiões, sofreremos para não cair em pecado, como no caso de Paulo (2 Co 12:7). O sofrimento pode aperfeiçoar nosso caráter (Rm 5:1-5) e nos ajudar a compartilhar do caráter de Deus (Hb 12:1-11).

Mas o sofrimento também nos ajuda a ministrar a outros. Em toda igreja, há sempre cristãos maduros que sofreram e experimentaram a graça de Deus, pessoas que podem dar grande estímulo à congregação. As dificuldades pelas quais Paulo passou não foram um castigo por algo que ele havia feito, mas sim uma preparação para algo que *ainda faria* - ministrar aos necessitados. Só podemos imaginar as provações que o rei Davi teve de suportar a fim de nos deixar o grande encorajamento que encontramos nos Salmos.

Em 2 Coríntios 1:7 fica claro que sempre havia a possibilidade de a situação se inverter: os cristãos em Corinto passariam por provações e receberiam a graça de Deus, a fim de encorajar a outros. Deus, às vezes, chama determinada igreja a passar por certas tribulações para lhe conceder uma graça especial e abundante.

O ânimo que Deus nos dá pela graça nos ajudará, *se aprendermos a suportar*. "Suportar com paciência" é uma evidência de fé. Amargurar-se ou criticar a Deus, rebelar-se em vez de se sujeitar a ele, fará com que nossas provações deixem de trabalhar em *nosso favor*, voltando-se *contra nós*. A capacidade de suportar dificuldades pacientemente sem desistir é uma das marcas da maturidade espiritual (Hb 12:1-7).

Antes de trabalhar *por meio* de nós, Deus precisa trabalhar *em nós*. É muito mais fácil

(2 Pe 3:18). Aprender a verdade de Deus e assimilá-la em nossa mente é uma coisa, mas viver a verdade de Deus e incorporá-la a nosso caráter é outra bem diferente. Deus permitiu que o jovem José passasse por treze anos de tribulação antes de fazer dele o segundo no governo do Egito; e que grande homem José se tornou! Deus sempre nos prepara para o que tem reservado para nós, e parte desse preparo consiste em sofrimento.

Diante disso, as palavras de 2 Coríntios 1:5 são extremamente importantes: até mesmo nosso Senhor Jesus Cristo teve de sofrer! Quando sofremos dentro da vontade de Deus, participamos dos sofrimentos do Salvador. Não se trata, aqui, de seus “sofrimentos vicários” na cruz, pois somente ele poderia morrer por nós como substituto sem pecado algum (1 Pe 2:21-25). Paulo se refere à “comunhão dos seus sofrimentos” (Fp 3:10), às provações que suportamos, pois, como Cristo, dedicamo-nos fielmente a obedecer à vontade do Pai. Esse é o sofrimento “por causa da justiça” (Mt 5:10-12).

Mas, à medida que aumenta o sofrimento, também aumenta o suprimento da graça de Deus. O verbo *transbordar* lembra a enchente de um rio. “Antes, ele dá maior graça” (Tg 4:6). Trata-se de um princípio importante a ser compreendido: Deus tem graça em abundância para todas as nossas necessidades, *mas não a concede de antemão*. Pela fé, nos aproximamos do trono da graça “a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4:16). O termo grego significa “socorro quando necessário, ajuda no devido tempo”.

Li sobre um cristão devoto que foi preso por sua fé e condenado a ser queimado na fogueira. Na noite antes da execução, ficou imaginando se teria graça suficiente para se transformar em uma tocha humana; assim, testou sua coragem colocando o dedo na

chama de uma vela. Claro que se queimou e, ao sentir a dor, removeu imediatamente o dedo do fogo. Estava certo de que não poderia enfrentar o martírio sem falhar. No entanto, no dia seguinte, Deus lhe deu a graça de que precisou, e ele deu um testemunho jubiloso e triunfante diante de seus inimigos.

Agora, podemos entender melhor 2 Coríntios 1:9, pois, se tivéssemos como armazenar a graça de Deus para emergências, nossa tendência seria confiarmos em nós mesmos, não no “Deus de toda a graça” (1 Pe 5:10). Todos os recursos que Deus nos dá podem ser guardados para uso futuro – dinheiro, alimento, conhecimento etc. –, mas a graça de Deus não pode ser armazenada.

Antes, ao experimentar a graça de Deus diariamente, *ela é investida em nossa vida na forma de um caráter piedoso* (ver Rm 5:1-5). Esse investimento gera dividendos quando surgem novas dificuldades, pois o caráter piedoso permite suportar a tribulação para a glória de Deus.

O sofrimento cria uma relação de “camaradagem”, pois pode ajudar a promover a nossa aproximação de Cristo e de seu povo. Mas se começarmos a nos afundar em autocomiseração, isso fará com que o sofrimento não resulte em envolvimento, mas sim em isolamento. Construiremos muros, não pontes.

O mais importante é voltar toda a atenção para Deus, não para si mesmo. É preciso lembrar *quem Deus é para nós* – “O Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação!” (2 Co 1:3). Também se deve lembrar *do que Deus faz por nós* – ele é capaz de lidar com nossas tribulações e de fazê-las cooperar para nosso bem e para a glória dele. Por fim, convém lembrar *do que Deus faz por meio de nós* – e permitirmos que nos use como estímulo para outros.

NÃO PRECISAMOS FRACASSAR

2 CORÍNTIOS 1:12 – 2:17

Em seu livro *Profiles in courage [Perfis de coragem]*, John F. Kennedy escreveu: “Grandes crises produzem grandes homens e grandes feitos de coragem”. Apesar de ser verdade que a crise ajuda a transformar uma pessoa, também é verdade que a crise contribui para revelar seu caráter. Pilatos enfrentou uma grande crise, mas a forma como lidou com ela não lhe deu nem coragem nem grandeza. A maneira de lidar com as dificuldades da vida depende, em grande parte, do tipo de caráter do indivíduo, pois o que a vida faz conosco depende do que ela encontra dentro de nós.

Nesta carta extremamente pessoal, Paulo abre o coração para os coríntios (e para nós) e revela as tribulações pelas quais havia passado. Para começar, havia sofrido as críticas severas de algumas pessoas de Corinto por ter precisado mudar seus planos e, aparentemente, não ter cumprido sua promessa. Os mal-entendidos que ocorrem entre os cristãos podem causar feridas profundas. Além disso, Paulo também teve de enfrentar o problema da oposição a sua autoridade apostólica na igreja. Um dos membros – talvez um dos líderes – teve de ser disciplinado, o que foi motivo de grande tristeza para Paulo. Por fim, o apóstolo enfrentou circunstâncias difíceis na Ásia (2 Co 1:8-11), uma tribulação tão severa que o levou a se desesperar da vida.

O que impediu que Paulo falhasse? Ao enfrentar crises semelhantes, outros teriam desmoronado! No entanto, Paulo triunfou sobre as circunstâncias e, a partir delas, redigiu uma epístola que até hoje ajuda o po-

foram os recursos espirituais que o levaram a perseverar?

1. UMA CONSCIÊNCIA LIMPA (2 Co 1:12-24)

O termo *consciência* é originário de duas palavras latinas: *com* e *scire*, que significa “saber”. A consciência é a capacidade interior que “sabe com” nosso Espírito e dá sua aprovação quando fazemos o que é certo, mas acusa quando fazemos o que é errado. A consciência não é a Lei de Deus, mas dá testemunho dessa Lei. É uma janela que deixa passar a luz, e se a janela vai ficando cada vez mais suja por causa de nossa desobediência, a luz também se torna cada vez mais fraca (ver Mt 6:22, 23; Rm 2:14-16).

Paulo usa o termo *consciência* mais de vinte vezes em suas epístolas e em seu ministério de pregação registrado no Livro de Atos. “Por isso, também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens” (At 24:16). Quando uma pessoa tem consciência pura, também tem integridade, é sincera e confiável.

Os cristãos acusavam Paulo de falsidade e de indiferença porque o apóstolo havia sido obrigado a mudar seus planos. A princípio, prometera que passaria o inverno em Corinto, “se o Senhor o permitir” (1 Co 16:2-8). Paulo desejava coletar as ofertas que os coríntios haviam juntado para os cristãos judeus pobres e dar à igreja o privilégio de enviá-las, e a seus colaboradores, para Jerusalém.

Grande parte do pesar e perturbação de Paulo devia-se ao fato de ter sido necessário mudar de planos. Entendo esses sentimentos do apóstolo, pois mesmo em meu ministério limitado, sou obrigado, por vezes, a mudar alguns planos e até mesmo cancelar reuniões – isso sem ter a meu favor a autoridade apostólica! Como disse Will Rogers: “Os planos nos colocam facilmente em situações complicadas, mas como é difícil sair delas!” Paulo mudou seus planos e planejava fazer *duas* visitas a Corinto. Uma a caminho da Macedônia e outra quando voltasse de lá. Acrescentaria, então, a oferta dos coríntios àquela das igrejas da Macedônia e

Infelizmente, nem o plano B foi aproveitado, pois o coração amoroso de Paulo não podia suportar outra visita dolorosa (2 Co 1:23; 2:1-3). Paulo havia informado a igreja das mudanças no itinerário da viagem, mas nem isso calou a oposição. Os coríntios o acusaram de seguir a "sabedoria humana" (2 Co 1:12), de ignorar a vontade de Deus (2 Co 1:17) e de fazer planos só para agradar a si mesmo. A seu ver, Paul dizia ou escrevia uma coisa, mas, na verdade, queria dizer outra! Seu sim era não, e seu não era sim.

Os mal-entendidos no meio do povo de Deus muitas vezes podem ser difíceis de esclarecer, pois um mal-entendido com frequência puxa outro. Uma vez que começamos a questionar a integridade de outros ou desconfiar de suas palavras, abre-se a porta para todo tipo de problema. Mas, a despeito de qualquer coisa que seus acusadores pudessem dizer, Paulo manteve-se firme, pois sua consciência estava limpa. Suas cartas, seu discurso e sua vida eram coerentes. Afinal, ao fazer os primeiros planos, acrescentara a condição: "se o Senhor permitir" (1 Co 16:7, e notar Tg 4:13-17).

Quando temos a consciência limpa, vivemos em função da volta de Jesus Cristo (2 Co 1:14). O "Dia de Jesus" refere-se à ocasião em que Cristo virá para levar sua Igreja para o céu. Paulo estava certo de que, no tribunal de Cristo, se regozijaria por causa dos cristãos de Corinto e eles se regozijariam por causa dele. Quaisquer que sejam os mal-entendidos que tenhamos hoje, quando estivermos diante de Jesus Cristo, tudo será perdoado, esquecido e transformado em glória, para o louvor de Jesus Cristo.

Quando temos a consciência limpa, levamos a vontade de Deus a sério (2 Co 1:15-18). Paulo não fazia planos de modo descuidado ou impensado; antes, buscava a orientação do Senhor. Por vezes, não tinha certeza do que Deus desejava que fizesse (At 16:6-10), mas sabia esperar no Senhor. Sua motivação era sincera, tentava agradar ao Senhor, não aos homens. Quando consideramos como o transporte

e a comunicação naquele tempo eram difíceis, é de se admirar que Paulo não tenha enfrentado *mais* problemas com sua agenda lotada.

Jesus nos instrui a ser claros e sinceros no que dizemos: "Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno" (Mt 5:37). Somente uma pessoa de caráter duvidoso cerca sua resposta com uma porção de palavras desnecessárias. Os coríntios sabiam que Paulo era um homem de caráter irrepreensível, pois era um homem de consciência limpa. Durante seus dezoito meses de ministério no meio deles, Paulo havia se mostrado fiel e não havia mudado desde então.

Quem tem a consciência limpa glorifica a Jesus Cristo (2 Co 1:19, 20). Não se pode glorificar a Cristo e, ao mesmo tempo, ser dissimulado. Fazer isso ofende a consciência e desgasta o caráter; todavia, mais cedo ou mais tarde, a verdade virá à tona. Os coríntios haviam recebido a salvação porque Paulo e seus amigos haviam lhes pregado o evangelho de Jesus Cristo. Como seria possível Deus revelar a verdade *por meio de instrumentos dissimulados*? O testemunho e a conduta do servo de Deus devem andar juntos, pois a obra por ele realizada flui da vida que leva.

Tratando-se de Jesus Cristo, não existe sim e não. Ele é o "sim eterno" de Deus para os que crêem nele. "Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele o sim; porquanto também por ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio" (2 Co 1:20). Jesus Cristo revela e cumpre as promessas e nos capacita a fim de podermos nos apropriar delas! Uma das bênçãos da consciência limpa é que não temos medo de ficar face a face com Deus nem com os homens; também não temos medo de nos apropriar das promessas que Deus nos dá em sua Palavra. Paulo não "manipulava" a Palavra de Deus a fim de apoiar supostas práticas pecaminosas em sua vida (ver 2 Co 4:2).

Por fim, quando temos a consciência limpa, também nos relacionamos devidamente com o Espírito de Deus (2 Co 1:21-24).

O termo *confirmar* é de origem comercial e se refere à garantia de cumprimento de um contrato. A confirmação significava que o vendedor garantia a autenticidade e qualidade do produto que vendia ou, ainda, que prestaria o serviço conforme o prometido.

O Espírito Santo nos garante que Deus é confiável e cumprirá todas as suas promessas. Paulo cuidava para não entristecer o Espírito Santo e, uma vez que o Espírito não lhe indicava o contrário, sabia que seus motivos eram puros e que sua consciência estava limpa.

Todos os cristãos foram ungidos pelo Espírito (2 Co 1:21). No Antigo Testamento, as únicas pessoas que recebiam a unção de Deus eram os profetas, os sacerdotes e os reis. Ao nos sujeitarmos ao Espírito, ele nos capacita a levar uma vida piedosa e a servir a Deus de maneira aceitável (1 Jo 2:20, 27).

O Espírito também nos selou (2 Co 1:22; Ef 1:13), de modo que pertencemos a Cristo, que nos tomou para si. O testemunho do Espírito dentro de nós garante que somos filhos legítimos de Deus (Rm 5:5; 8:9). O Espírito também garante sua proteção, pois somos sua propriedade.

Por fim, o Espírito Santo nos capacita a servir a outros (2 Co 1:23, 24), não como "ditadores espirituais" que dizem aos outros o que fazer, mas como servos que procuram ajudar os outros a crescer. Os falsos mestres que se infiltraram na igreja de Corinto eram culpados de ser ditadores (ver 2 Co 11). Com isso, o coração do povo havia se distanciado de Paulo, aquele que se sacrificara tanto por eles.

O Espírito é o *penhor* de Deus (garantia, fiança, caução) de que, um dia, estaremos com ele no céu e teremos um corpo glorificado (ver Ef 1:14). Ele nos permite desfrutar as bênçãos do céu no coração hoje! Uma vez que o Espírito Santo habitava nele, Paulo poderia ter a consciência limpa e enfrentar mal-entendidos com amor e paciência. Se vivermos para agradar às pessoas, ficaremos deprimidos quando não nos entenderem; mas, se vivermos para agradar a Deus, poderemos enfrentar mal-entendidos com coragem e fé.

2. UM CORAÇÃO COMPASSIVO (2 Co 2:1-11)

Um dos membros da igreja de Corinto causou grande sofrimento a Paulo. Não sabemos ao certo se foi o mesmo homem sobre o qual Paulo escreveu em 1 Coríntios 5, o homem que vivia abertamente em pecado com sua madrasta, ou se foi outra pessoa, alguém que desafiou em público sua autoridade apostólica. Paulo havia passado rapidamente pela igreja de Corinto para tratar desse problema (2 Co 12:14; 13:1) e também havia lhes escrito uma carta muito triste sobre essa situação. Em tudo isso, o apóstolo revelou um coração compassivo. Vejamos as evidências do amor de Paulo.

O amor coloca os outros antes de si (vv. 1-4). Paulo não pensava nos próprios sentimentos, mas sim nos sentimentos dos outros. No ministério cristão, os que são motivo de maior alegria também podem causar grandes tristezas, como é o caso nesta situação. Paulo escreveu uma carta severa, resultante da angústia de seu coração e envolta em amor cristão. Seu grande desejo era que a igreja obedecesse à Palavra, disciplinasse o transgressor e trouxesse de volta a pureza e a paz para a congregação.

"Leais são as feridas feitas pelo que ama, porém os beijos de quem odeia são enganosos" (Pv 27:6). Paulo sabia que suas palavras iriam ferir pessoas que amava, e isso enchia seu coração de dor. No entanto, sabia também (como todos os pais amorosos) que há grande diferença entre *ferir* alguém e *lhe fazer mal*. Às vezes, os que nos amam precisam nos ferir a fim de nos impedir de fazermos mal a nós mesmos.

Paulo poderia ter exercido sua autoridade apostólica e ordenado que as pessoas o respeitassem e lhe obedecessem; mas preferiu ministrar com paciência e amor. Deus sabia que a mudança de planos de Paulo havia sido motivada por seu desejo de poupar a igreja de mais sofrimento (2 Co 1:23, 24). O amor sempre leva em consideração os sentimentos dos outros e procura colocar o bem dos outros acima de tudo.

O amor também procura ajudar os outros a crescer (vv. 5, 6). Convém observar

que Paulo não menciona o nome do homem que se opôs a ele e dividiu a congregação. Mas o apóstolo disse à igreja que deveria disciplinar esse homem *para seu próprio bem*. Se a pessoa à qual se refere é o transgressor mencionado em 1 Coríntios 5, estes versículos indicam que a igreja reuniu-se e disciplinou o homem e que ele se arrependeu de seus pecados e foi restaurado.

A verdadeira disciplina é sinal de amor (ver Hb 12). Alguns pais mais jovens com "idéias modernas" sobre a criação de filhos recusam-se a disciplinar crianças desobedientes, pois afirmam que as amam demais para corrigi-las. Mas, se realmente amassem os filhos, fariam justamente o contrário.

A disciplina dentro da igreja não é assunto visto com bons olhos, tampouco é uma prática amplamente difundida. Muitas igrejas varrem os problemas para debaixo do tapete em vez de obedecer às Escrituras e de confrontar a situação com ousadia "seguindo a verdade em amor" (Ef 4:15). A "paz a qualquer custo" não é um princípio bíblico, pois não pode haver paz espiritual verdadeira sem pureza (Tg 3:13-18). Problemas varridos para debaixo do tapete costumam se multiplicar e criar conflitos ainda maiores mais adiante.

Na verdade, o homem confrontado por Paulo e disciplinado pela igreja beneficiou-se dessa atenção carinhosa que recebeu. Quando eu era criança, nem sempre gostava de ser disciplinado por meus pais. Hoje, porém, posso olhar para trás e agradecer a Deus por eles terem me amado o suficiente a ponto de me causar dor e, desse modo, impedir que eu fizesse mal a mim mesmo. Hoje entendo o que significam as palavras que eles diziam sempre: "Isso dói mais em nós do que em você".

O amor perdoa e encoraja (vv. 7-11). Paulo instou a congregação a perdoar o homem e fundamentou essa admoestação em motivos incontestáveis. Em primeiro lugar, deveriam perdoar o homem *por amor a ele*, "para que não seja o mesmo consumido por excessiva tristeza" (2 Co 2:7, 8). O perdão é o remédio que ajuda a curar o coração ferido. É importante que a igreja

afirme e demonstre claramente seu amor pelo membro arrependido.

Em meu próprio ministério pastoral, tenho participado de reuniões em que membros disciplinados foram perdoados e restaurados à comunhão, e essas ocasiões foram pontos altos e solenes de minha vida. Quando uma igreja garante a uma irmã ou a um irmão perdoado que o pecado foi esquecido e a comunhão restaurada, pode-se sentir a presença do Senhor de maneira especial nessa experiência maravilhosa. Depois que os pais disciplinam um filho, devem lhe asseverar seu amor e perdão; do contrário, a disciplina fará mais mal do que bem.

A igreja deve reafirmar seu amor pelo irmão perdoado *por amor ao Senhor* (2 Co 2:9, 10). Afinal, a disciplina é tanto uma questão de obediência ao Senhor quanto uma obrigação para com o irmão. O problema não era apenas entre o irmão em pecado e o apóstolo entristecido, também era entre um irmão em pecado e um Salvador entristecido. O homem havia pecado contra Paulo e contra a igreja, mas, acima de tudo, havia pecado contra o Senhor. Quando líderes acanhados da igreja tentam "caiar" situações em vez de enfrentá-las com honestidade, sua atitude entristece o coração do Senhor.

Paulo apresenta um terceiro motivo: devem perdoar o transgressor *por amor à igreja* (2 Co 2:11). Quando existe na igreja um espírito de rancor por causa de pecados não tratados de forma bíblica, Satanás encontra uma brecha para trabalhar no meio dessa congregação. Quando nutrimos um espírito rancoroso, entristecemos o Espírito Santo e "[damos] lugar ao diabo" (Ef 4:27-32).

Um dos "artifícios" de Satanás é acusar cristãos que pecaram de modo a levá-los a crer que não há esperança para eles. Recebi telefonemas e cartas de pessoa pedindo minha ajuda, pois se encontram sob opressão e acusação satânicas. O Espírito Santo nos convence do pecado, de modo que os confessemos e busquemos a purificação em Cristo; mas Satanás nos acusa de pecado para que entremos em desespero e desistamos.

Quando uma irmã ou um irmão transgressor é disciplinado de acordo com a Bíblia e

se arrepende, a congregação deve perdô-lo e restaurá-lo como membro, e a questão deve ser esquecida e nunca mais voltar à baila. Se uma congregação – ou alguma pessoa dessa comunidade – possui espírito rancoroso, Satanás usará essa atitude como ponto de partida para novos ataques à igreja.

Paulo conseguiu superar os problemas que enfrentou porque tinha a consciência limpa e o coração compassivo. No entanto, um terceiro recurso espiritual contribui para sua vitória.

3. UMA FÉ CONQUISTADORA (2 Co 2:12-17)

Para o povo da Ásia, parecia que os planos de Paulo se desintegravam. Onde estava Tito? O que estava acontecendo em Corinto? Paulo tinha portas abertas para ministrar em Trôade, mas não sentia paz no coração para usar essas oportunidades. Em termos humanos, parecia que a batalha havia chegado ao fim e que Satanás havia vencido.

Exceto por uma coisa: Paulo possuía uma fé conquistadora! Foi capaz de irromper em louvor e escrever: “Graças, porém, a Deus” (2 Co 2:14). Este cântico de louvor nasceu da certeza de Paulo, pois confiava no Senhor.

Paulo tinha certeza de que Deus o conduzia (v. 14a). As circunstâncias não eram agradáveis, e Paulo não poderia explicar os desvios e decepções ao longo do caminho, mas tinha certeza de que Deus estava no controle. O cristão pode sempre ter certeza de que Deus age de modo que tudo coopere para o bem, desde que o amemos e que sejamos obedientes a sua vontade (Rm 8:28). Essa promessa não é uma desculpa para a indiferença, mas sim um estímulo para a confiança.

Um amigo meu estava prestes a se encontrar com um líder cristão do outro lado da antiga Cortina de Ferro e acertar os detalhes sobre a publicação de um livro, mas tudo deu errado. Meu amigo acabou sozinho em um lugar perigoso imaginando o que deveria fazer em seguida, quando, “por acaso”, fez contato com um desconhecido que o levou diretamente ao próprio líder com o qual

desejava se encontrar! Foi a providência de Deus operando e cumprindo Romanos 8:28.

Paulo tinha certeza de que Deus o conduzia em triunfo (v. 14b). Vemos aqui o retrato do “triunfo romano”, o tributo especial que Roma oferecia a seus generais conquistadores.

Se um comandante conquistasse vitória absoluta sobre o inimigo em solo estrangeiro e matasse pelo menos cinco mil soldados inimigos, apropriando-se do território em nome do imperador, tinha direito, então, a um “triunfo romano”. Durante esse desfile, o comandante andava em uma carruagem de ouro cercado de seus oficiais. O desfile incluía, ainda, uma exibição dos espólios da batalha bem como dos soldados inimigos cativos. Os sacerdotes romanos também participavam queimando incenso para prestar tributo ao exército vitorioso.

O cortejo seguia determinado percurso pela cidade e terminava no Circus Maximus, onde cativos indefesos entretinham o povo lutando contra animais selvagens. Para os cidadãos de Roma, um triunfo romano completo era sempre uma ocasião especial.

De que maneira essa parte da história aplica-se aos cristãos aflitos de hoje? Jesus Cristo, nosso grande comandante supremo, veio a um território estrangeiro (este mundo) e derrotou completamente o inimigo (Satanás). Em vez de matar cinco mil pessoas, deu vida a mais de cinco mil – mais de três mil em Pentecostes e mais de dois mil logo depois de Pentecostes (At 2:41; 4:4). Jesus Cristo tomou para si os espólios da batalha – as almas perdidas sob a escravidão do pecado e de Satanás (Lc 11:14-22; Ef 4:8; Cl 2:15). Que vitória magnífica!

Os filhos do general vitorioso caminhariam atrás da carruagem do pai compartilhando a alegria da vitória; lutamos para vencer. Nem na Ásia nem em Corinto a situação parecia vitoriosa para Paulo, mas ele acreditava em Deus, e o Senhor transformou a derrota em vitória.

Paulo tinha certeza de que, à medida que o conduzia, Deus também o usava (vv. 14c-17). O perfume do incenso que os sacerdotes romanos queimavam durante o

desfile tinha conotação diferente para cada pessoa. Para os soldados triunfantes, significava vida e vitória; mas para os inimigos conquistados, significava derrota e morte. Estavam a caminho do lugar onde seriam mortos pelas feras.

Usando a imagem do incenso, Paulo apresenta um retrato do ministério cristão. Vê os cristãos como incenso, exalando a fragrância de Jesus Cristo com sua vida e seu trabalho. Para Deus, somos o bom perfume de Cristo. Para os outros santos, somos uma fragrância de vida; mas, para os incrédulos, somos cheiro de morte. Em outras palavras, a vida e o ministério cristão são questões de vida ou morte. Nossa maneira de viver e de trabalhar pode significar vida ou morte para o mundo perdido.

Não é de se admirar que Paulo perguntasse: "Quem, porém, é suficiente para estas

coisas?" (2 Co 2:16). Ele próprio responde no capítulo seguinte: nossa suficiência vem de Deus (2 Co 3:5). O apóstolo lembra os coríntios de que seu coração era puro, sua motivação, sincera. Afinal, não havia necessidade de ser astuto para "mercadejar" a Palavra de Deus, pois seguia o cortejo do Salvador vitorioso! Os outros poderiam não entendê-lo, mas Deus conhecia seu coração.

Não precisamos fracassar! As circunstâncias podem nos desanimar, e as pessoas podem opor-se a nós e nos entender mal; no entanto, temos em Cristo os recursos espirituais para vencer a batalha: uma consciência limpa, um coração compassivo e uma fé conquistadora.

"Se Deus é por nós, quem será contra nós? [...] Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou" (Rm 8:31, 37).

DE GLÓRIA EM GLÓRIA

2 CORÍNTIOS 3

Onde quer que encontremos algo genuíno, também encontraremos alguém promovendo falsificações. Até avaliadores de obras de arte já foram enganados por “obras-primas” falsificadas, e editores bem-intencionados publicaram “manuscritos inestimáveis” só para descobrir, depois, que eram forjados. Henry Ward Beecher estava certo quando disse: “Uma mentira sempre precisa de uma verdade à qual se apegar”.

Assim que o evangelho da graça de Deus começou a se espalhar entre os gentios, também surgiu um “evangelho” falsificado, uma mistura de Lei e graça. Essas idéias equivocadas eram propagadas por um grupo de pessoas zelosas conhecidas como “judaizantes”. Paulo escreveu sua Epístola aos Gálatas para refutar suas doutrinas, e o vemos fazer referência a eles em várias ocasiões em 2 Coríntios.

A principal ênfase dos judaizantes era a fé em Cristo *mais* a observância da Lei (ver At 15:1ss). Também ensinavam que o cristão é aperfeiçoado em sua fé ao obedecer à Lei de Moisés. Seu “evangelho de legalismo” granjeou muitos adeptos, uma vez que a natureza humana prefere esforçar-se para alcançar ideais religiosos em lugar de simplesmente crer em Jesus Cristo e permitir que o Espírito Santo opere. É muito mais fácil medir a “religião” do que a verdadeira retidão.

Paulo considerava esses falsos mestres “mercadores” da Palavra de Deus (ver 2 Co 2:17), “charlatães religiosos” que se aproveitavam de pessoas ignorantes. Rejeitava seus métodos distorcidos de ensinar a Bíblia (2 Co 4:2) e desprezava sua tendência de se vangloriar dos convertidos (2 Co 10:12-18).

Um dos motivos pelos quais os coríntios não haviam cumprido o compromisso que assumiram com a oferta especial era o fato de os judaizantes terem “roubado” a igreja (2 Co 11:7-12, 20; 12:14).

De que maneira Paulo refuta as doutrinas e práticas desses falsos mestres legalistas? Mostrando a glória insuperável do ministério do evangelho da graça de Deus. Em 2 Coríntios 3, Paulo compara o ministério da antiga aliança (a Lei) e o ministério da nova aliança (a graça) e comprova a superioridade do ministério da nova aliança. Vejamos os contrastes que o apóstolo apresenta.

1. TÁBUAS DE PEDRA – CORAÇÕES HUMANOS (2 Co 3:1-3)

Os judaizantes gabavam-se de ter “cartas de recomendação” (2 Co 3:1) de pessoas importantes da igreja de Jerusalém e chamavam a atenção do povo para o fato de que Paulo não tinha credenciais desse tipo. É triste quando uma pessoa mede seu valor por aquilo que outros dizem a seu respeito, não por aquilo que Deus sabe sobre ela. Paulo não precisava de qualquer credencial dos líderes da igreja: sua vida e seu ministério eram as únicas credenciais necessárias.

Quando Deus deu a Lei, escreveu-a em tábuas de pedra colocadas dentro da arca da aliança. Mesmo que os israelitas pudessem ler as duas tábuas, essa experiência não transformaria a vida deles. A Lei é algo exterior, e as pessoas precisam de poder *interior* para que sua vida seja transformada. O legalista pode nos admoestar com suas injunções – “Faça isso!” ou “Não faça aquilo!” –, mas não é capaz de nos dar poder para obedecer. Se obedecemos, muitas vezes não o fazemos de coração e acabamos em uma situação pior do que antes!

O ministério da graça transforma o coração. O Espírito de Deus usa a Palavra de Deus e a escreve no coração. Os coríntios eram pecadores perversos quando Paulo os encontrou pela primeira vez, mas seu ministério do evangelho da graça de Deus havia transformado a vida deles completamente (ver 1 Co 6:9-11). Sua experiência da graça de Deus certamente significava muito mais

para eles do que as cartas de recomendação que os falsos mestres portavam. Os cristãos de Corinto estavam gravados, em amor, no coração de Paulo, e o Espírito de Deus escrevera a verdade no coração dos coríntios, transformando-os em epístolas vivas de Cristo.

A prova de um ministério bem-sucedido não são as estatísticas ou o que a imprensa diz, mas sim as vidas transformadas. É muito mais fácil um legalista gabar-se, pois pode "medir" seu ministério por parâmetros exteriores. O cristão que ministra paciente-mente pelo Espírito de Deus deve deixar os resultados nas mãos do Senhor. Como é triste que os coríntios tenham seguido judaizantes presunçosos e magoado o homem que lhes mostrara o caminho para serem salvos do julgamento!

2. MORTE – VIDA (2 Co 3:4-6)

Paulo apressa-se em dar glória a Deus, não a si mesmo. Depositava sua confiança em Deus, do qual provinha sua suficiência. Apesar de ser um homem brilhante e culto, o apóstolo não dependia da própria capacidade, mas sim do Senhor.

É claro que, de acordo com o discurso dos legalistas, qualquer um era capaz de obedecer à Lei e de se tornar espiritual. Um ministério legalista é uma forma de alimentar o ego das pessoas. Quando enfatizamos a graça de Deus, precisamos dizer às pessoas que são pecadoras e que não podem se salvar. O testemunho de Paulo era: "Mas, pela graça de Deus, sou o que sou" (1 Co 15:10). Ninguém é suficientemente capaz de ministrar ao coração de outros. Tal suficiência só vem de Deus.

Ao ler este capítulo, observam-se as designações diferentes que Paulo usa para a antiga e para a nova aliança ao contrastá-las. Em 2 Coríntios 3:6, "a letra" refere-se à Lei da antiga aliança, enquanto "o espírito" refere-se à mensagem de graça da nova aliança. Paulo não contrasta duas abordagens à Bíblia, uma "interpretação literal" e outra "espiritual". Lembra seus leitores de que a Lei da antiga aliança não é capaz de dar vida; é um ministério de morte (ver Gl 3:21).

O evangelho dá vida aos que crêem por causa da obra de Jesus Cristo na cruz.

Paulo não sugere que a Lei foi um erro ou que seu ministério não era importante. Pelo contrário! O apóstolo sabia que o pecador precisa ser condenado pela Lei e conscientizado de seu total desamparo antes de ser salvo pela graça de Deus. João Batista proclamou uma mensagem de julgamento, preparando o caminho para Jesus e para sua mensagem de graça salvadora.

Um ministério legalista traz morte. Os pregadores que se especializam em regras e em regulamentos mantêm sua congregação sob uma nuvem escura de culpa, que acaba com sua alegria e poder e também com a eficácia de seu testemunho para Cristo. Os cristãos que estão sempre se medindo, comparando "resultados" e competindo uns com os outros logo descobrem que se tornaram dependentes da carne, não do poder do Espírito. Jamais existiu qualquer norma ou preceito capaz de transformar a vida de uma pessoa; nem mesmo os Dez Mandamentos têm esse poder. Somente a graça de Deus, ministrada pelo Espírito de Deus, pode transformar pecadores em epístolas vivas que glorificam Jesus Cristo.

Paulo não inventou a doutrina da nova aliança para essa ocasião. Como estudioso perspicaz das Escrituras, o apóstolo certamente havia lido Jeremias 31:27-34, bem como Ezequiel 11:14-21: No Novo Testamento, Hebreus 8 a 10 é a passagem-chave a ser examinada. A Lei da antiga aliança, com sua ênfase sobre a obediência exterior, foi uma preparação para a mensagem da graça da nova aliança, com sua ênfase sobre a transformação interior do coração.

3. GLÓRIA DESVANECEDORA – GLÓRIA CRESCENTE (2 Co 3:7-11)

Esse parágrafo é o cerne do capítulo e deve ser estudado em relação a Êxodo 34:29-35: Paulo não nega a glória da Lei da antiga aliança, pois certamente houve glória na transmissão da Lei e na observância dos cultos no tabernáculo e no templo. O que afirma, porém, é que a glória da nova aliança

da graça é extremamente superior, e dá vários motivos para apoiar sua afirmação.

A glória da nova aliança representa vida espiritual, não morte (vv. 7, 8). Quando Moisés desceu do monte, depois de conversar com Deus, seu rosto resplandecia com a glória de Deus. Essa foi uma parte da glória revelada na transmissão da Lei, e certamente tal manifestação impressionou o povo. Em seguida, Paulo argumenta do menor para o maior: se houve glória na transmissão da Lei que trazia morte, quanto não deve haver em um ministério que traz vida!

Legalistas como os judaizantes gostam de engrandecer a glória da Lei e de minimizar suas limitações. Em sua epístola às igrejas da Galácia, Paulo ressalta as deficiências da Lei: ela não é capaz de justificar o pecador (Gl 2:16), não tem poder de conceder o Espírito Santo (Gl 3:2), de dar uma herança (Gl 3:18), de dar vida (Gl 3:21) nem de dar liberdade (Gl 4:8-10). A glória da Lei é, na verdade, a glória de um ministério de morte.

A glória da nova aliança representa justificação, não condenação (vv. 9, 10). A Lei não foi dada com o propósito de salvar, pois a obediência à Lei não pode dar salvação. A lei produz condenação, servindo de espelho que revela a verdadeira aparência de nosso rosto imundo. No entanto, não podemos usar o espelho para lavar o rosto.

O ministério da nova aliança produz justificação e transforma vidas para a glória de Deus. A maior necessidade do homem é ser justificado pela fé em Jesus Cristo. "Pois, se a justiça é mediante a Lei, segue-se que morreu Cristo em vão" (Gl 2:21). A pessoa que tenta viver debaixo da Lei acaba sofrendo cada vez mais com a culpa, o que pode gerar um sentimento de desespero e de rejeição. É quando cremos em Cristo e vivemos pela graça de Deus que experimentamos aceitação e alegria.

Em 2 Coríntios 3:10, Paulo afirma que a Lei "perdeu sua glória" diante da glória insuperável do ministério da graça de Deus. Não há comparação. Infelizmente, algumas pessoas não conseguem se "sentir espirituais" a menos que carreguem consigo um peso de culpa. A Lei produz culpa e condenação,

pois é como um "escrito de dívida" (Cl 2:14), um tutor que nos disciplina (Gl 4:1-5) e um jugo pesado demais de suportar (Gl 5:1; At 15:10).

A glória da nova aliança é permanente, não temporária (v. 11). O tempo do verbo nesta passagem é crítico: "o que se desvanecia". Paulo escreveu em um período histórico de sobreposição das eras. A nova aliança da graça fora introduzida na história, mas os cultos no templo continuavam a ser realizados, e a nação de Israel ainda vivia debaixo da Lei. No ano 70 d.C., a cidade de Jerusalém e o templo seriam destruídos pelos romanos, marcando desse modo o fim do sistema religioso judaico.

Os judaizantes desejavam que os cristãos de Corinto voltassem a viver sob o jugo da Lei, que "mesclassem" as duas alianças. "Por que voltar ao que é temporário e que se desvanecia?", pergunta o apóstolo. "Vivam na glória da nova aliança que é cada vez maior." A glória da Lei é apenas a glória da história passada, enquanto a glória da nova aliança é a glória da experiência presente. Como cristãos, podemos ser "transformados, de glória em glória" (2 Co 3:18), uma transformação que a Lei jamais terá o poder de realizar.

A glória da Lei se desvanecia no tempo de Paulo, e, hoje, essa glória só pode ser encontrada nos relatos da Bíblia. A nação de Israel não tem templo nem sacerdócio. Se construíssem um templo, a glória *Shekiná* não habitaria no santo dos santos. A Lei de Moisés é uma religião com um passado extremamente glorioso, mas que não tem glória alguma no presente. A luz se foi, e tudo o que resta são sombras (Cl 2:16, 17).

Paulo destacou que o ministério da graça é interior (2 Co 3:1-3), que vivifica (2 Co 3:4-6) e que implica uma glória cada vez maior (2 Co 3:7-11). Agora, apresenta um último contraste a fim de provar a superioridade do ministério da graça da nova aliança.

4. OCULTAÇÃO – REVELAÇÃO (2 Co 3:12-18)

A Bíblia é, basicamente, um "livro de ilustrações", pois emprega símbolos, símiles,

metáforas e outros recursos literários para transmitir sua mensagem. Neste parágrafo, Paulo usa a experiência de Moisés e seu véu para ilustrar a liberdade gloriosa e a revelação da vida cristã sob a graça. Paulo vê na experiência de Moisés um significado espiritual mais profundo do que o que nós poderíamos ver ao ler Êxodo 34:29-35.

O acontecimento histórico (vv. 12, 13).

Quando fazemos parte de um ministério de glória crescente, podemos ser ousados em nossas declarações, e Paulo não disfarça o seu destemor. Ao contrário de Moisés, Paulo não tem o que esconder.

Quando Moisés desceu do monte onde havia estado em comunhão íntima com Deus, seu rosto brilhava com um reflexo da glória divina. Enquanto Moisés falava com o povo, os israelitas podiam ver essa glória em seu rosto e se impressionavam com ela. No entanto, Moisés sabia que a glória desvaneceria, de modo que, ao terminar de instruir o povo, cobriu o rosto com um véu. Com isso, evitou que vissem a glória desaparecer, pois, afinal, quem deseja seguir um líder cuja glória está sumindo?

O termo traduzido por "terminação", em 2 Coríntios 3:13, tem dois sentidos: "propósito" e "final". O véu evitou que o povo visse o "final" da glória enquanto esta desvanecia. No entanto, também os impediu de entender o "propósito" por trás dessa glória desvanecedora. A Lei havia acabado de ser instituída, e o povo ainda não estava preparado para descobrir que esse sistema glorioso era apenas temporário. Ainda não lhes havia sido revelado que a Lei era uma preparação para algo maior.

A aplicação nacional (vv. 14-17). Paulo nutria especial amor por Israel e um desejo ardente de ver a salvação de seu povo (Rm 9:1-3). Por que o povo judeu rejeitou seu Cristo? Como missionário aos gentios, Paulo vira muitos gentios crerem no Senhor, mas os judeus – seu próprio povo – rejeitavam a verdade e perseguiram Paulo e a igreja.

O motivo dessa rejeição era a presença de um "véu espiritual" sobre a mente e o coração dos judeus. Seus "olhos espirituais" haviam sido cegados, de modo que, ao ler

as Escrituras do Antigo Testamento, não conseguiam enxergar a verdade sobre seu Messias. Apesar de as Escrituras serem lidas sistematicamente nas sinagogas, o povo judeu não compreendia a mensagem espiritual que Deus havia lhes dado. A causa dessa cegueira era a própria religião judaica.

Existe alguma esperança para os filhos perdidos de Israel? Sem dúvida! "Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor [crendo em Jesus Cristo], o véu lhe é retirado" (2 Co 3:16).

Em cada uma das três igrejas que pastoreei, tive a alegria de batizar judeus que creram em Jesus Cristo. É impressionante como a mente deles se abre para as Escrituras depois que nascem de novo. Um desses convertidos comentou comigo:

– É como se escamas tivessem sido removidas de meus olhos. Pergunto-me por que os outros não conseguem enxergar o que estou vendo agora!

O véu é removido pelo Espírito de Deus, e os que crêem recebem visão espiritual. Nenhum pecador – seja ele judeu ou gentio – pode se entregar a Cristo sem o ministério do Espírito de Deus. "Ora, o Senhor é o Espírito" (2 Co 3:17). Trata-se de uma declaração arrojada da divindade do Espírito Santo: ele é Deus. Os judaizantes que invadiram a igreja em Corinto dependiam da Lei para transformar a vida das pessoas, mas somente o Espírito de Deus tem o poder de realizar uma transformação espiritual. A Lei só traz escravidão, mas o Espírito nos dá uma vida de liberdade. "Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai" (Rm 8:15).

Como nação, o Israel de hoje é espiritualmente cego; mas isso não significa que judeus, como indivíduos, não possam ser salvos. A Igreja de hoje precisa recuperar seu senso de responsabilidade com os judeus. Somos devedores ao povo de Israel, pois por meio dele recebemos todas as nossas bênçãos espirituais. "Porque a salvação vem dos judeus" (Jo 4:22). A única maneira de "quitarmos" essa dívida é compartilhando o

evangelho com esse povo e orando por sua salvação (Rm 10:1).

A aplicação pessoal (v. 18). “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.” Este versículo é o ponto culminante do capítulo e apresenta uma verdade tão maravilhosa que me admira tantos cristãos não perceberem sua presença ou, simplesmente, não fazerem caso dela. Podemos compartilhar da imagem de Cristo e ser transformados, “de glória em glória”, pelo ministério do Espírito de Deus!

Sob a antiga aliança, somente Moisés subiu ao monte e teve comunhão com Deus; mas sob a nova aliança, todos os cristãos têm o privilégio de desfrutar a comunhão com o Senhor. Por meio de Jesus Cristo, podemos entrar no santo dos santos (Hb 10:19, 20) – e nem precisamos escalar uma montanha!

O “espelho” é um símbolo da Palavra de Deus (Tg 1:22-25). Ao olhar para a Palavra de Deus e ver o Filho de Deus, o Espírito nos transforma à imagem de Deus. No entanto, é importante não esconder coisa alguma de Deus. É preciso ser abertos e honestos com ele sem “usar um véu”.

O termo traduzido por *transformados* é o mesmo usado nos relatos da transfiguração de Cristo (Mt 17; Mc 9) e traduzido por *transfigurado*. Descreve uma mudança exterior resultante de um processo interior. A palavra *metamorfose* é uma transliteração desse termo grego. A metamorfose descreve o processo pelo qual um inseto passa do estágio de larva para pupa e, posteriormente, se transforma em inseto maduro. As mudanças ocorrem de dentro para fora.

Moisés refletia a glória de Deus, mas nós irradiamos essa glória. Quando meditamos sobre a Palavra de Deus e vemos dentro dela o Filho de Deus, somos transformados pelo Espírito! Tornamo-nos mais semelhantes ao Senhor Jesus Cristo à medida que crescemos “de glória em glória”. *Esse processo maravilhoso não pode ser realizado pela observân-*

mas a glória da graça de Deus continua a aumentar em nossa vida.

É importante lembrar que Paulo apresenta um contraste não apenas entre a antiga e a nova aliança, mas também entre o *ministério* da antiga aliança e o ministério da graça. O objetivo do ministério da antiga aliança era obedecer a uma norma exterior, mas essa obediência não tem poder para mudar o caráter humano. O objetivo do ministério da nova aliança é nos tornar cada vez mais semelhantes a Jesus Cristo. A Lei pode nos levar a Cristo (Gl 3:24), mas somente a graça pode nos tornar semelhantes a Cristo. Os pregadores e mestres legalistas levam os ouvintes a se conformar com certas normas, mas não têm poder de transformá-los à semelhança do Filho de Deus.

A Lei é o meio pelo qual se realiza o ministério da antiga aliança; o ministério da nova aliança, por sua vez, é realizado pelo Espírito de Deus, que usa a Palavra de Deus. (Ao falar de “Lei”, não nos referimos ao Antigo Testamento, mas sim a todo o sistema legal apresentando por Moisés. Sem dúvida, o Espírito pode usar tanto o Antigo quanto o Novo Testamento para nos revelar Jesus Cristo.) Uma vez que foi o Espírito Santo quem escreveu a Palavra, ele pode nos instruir a respeito dela. Além disso, o Espírito habita em nós e nos capacita a obedecer-mos à Palavra de todo coração. Não se trata de uma obediência legal motivada pelo medo, mas de uma obediência filial motivada pelo amor.

Por fim, o ministério da antiga aliança redundava em escravidão, enquanto o ministério da nova aliança redundava em liberdade no Espírito. O legalismo condena a pessoa à imaturidade eterna, e os imaturos precisam de regras e de regulamentos para viver (ver Gl 4:1-7). Deus não deseja que seus filhos sejam obedientes por causa de um código exterior (a Lei), mas sim em função de seu caráter (que é interior). Os cristãos não vivem debaixo da Lei, mas isso não significa que não têm Lei alguma! O Espírito de Deus escreve a Palavra de Deus em nosso coração, e obedecemos ao Pai por causa da nova

O legalismo continua a exercer sua atração sobre as pessoas. Vemos seitas que vão atrás de cristãos professos e de membros da igreja da mesma forma que os judaizantes do tempo de Paulo. Devemos aprender a reconhecer essas seitas e a rejeitar seus ensinamentos. No entanto, também há igrejas que pregam o evangelho, mas que têm a tendência legalista de perpetuar a imaturidade de seus membros, condenando-os a viver sob a culpa e o medo. Congregações desse tipo gastam tempo demais se preocupando com tudo o que é exterior e deixam de tratar da

vida interior. Exaltam as regras e condenam o pecado, mas deixam de engrandecer o Senhor Jesus Cristo. Infelizmente, ainda podemos ver o ministério do Antigo Testamento em algumas igrejas do Novo Testamento.

Em seguida, Paulo explica dois aspectos do próprio ministério: é triunfante (2 Co 1 - 2) e é glorioso (2 Co 3). As duas coisas andam juntas: "Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos" (2 Co 4:1).

Quando o ministério envolve a glória de Deus, não desistimos!

CORAGEM PARA OS CONFLITOS

2 CORÍNTIOS 4:1 – 5:8

O tema-chave desta seção é repetido em 2 Coríntios 4:1 e 16: “Não desfaleçamos” e “Não desanimamos”. Literalmente, Paulo está dizendo: “não entregamos os pontos!” Na situação em que Paulo se encontrava, não faltavam motivos para o desânimo e, no entanto, o grande apóstolo não desistiu. O que o impediu de desanimar diante dos conflitos da vida? *Ele sabia o que possuía em Jesus Cristo!* Em vez de se queixar sobre o que não tinha, Paulo alegrou-se com o que estava a seu dispor – e podemos fazer o mesmo.

1. TEMOS UM MINISTÉRIO GLORIOSO (2 Co 4:1-6)

As primeiras palavras de Paulo neste capítulo podem ser traduzidas por: “Portanto, considerando que temos *este tipo* de ministério”. Que tipo de ministério? O tipo descrito no capítulo anterior: um ministério glorioso que oferece às pessoas vida, salvação e justificação; um ministério capaz de transformar vidas. Esse ministério é uma dádiva que recebemos de Deus. Ele nos é concedido pela misericórdia de Deus, não por algum mérito nosso (ver 1 Tm 1:12-17).

A maneira de encarar o ministério ajuda a determinar a maneira de cumpri-lo. Se consideramos nosso serviço para Cristo um fardo, não um privilégio, trabalharemos como escravos e faremos apenas o que é absolutamente necessário. Há quem chegue a considerar o serviço cristão um castigo de Deus. Ao refletir sobre o fato de que era um ministro de Jesus Cristo, Paulo sentia-se sobrepujado pela graça e pela misericórdia de Deus.

algumas conseqüências práticas para sua vida.

Impedia o apóstolo de desistir (v. 1).

Paulo confessa aos coríntios que suas provações na Ásia o haviam levado à beira do desespero (2 Co 1:8). Apesar de seus grandes dons e vasta experiência, Paulo era um ser humano, sujeito às respectivas fragilidades. Mas como desanimar quando estava envolvido num ministério tão maravilhoso? Acaso Deus teria lhe confiado esse ministério só para que fracassasse? Claro que não! O chamado divino é sempre acompanhado da capacitação divina; Paulo sabia que Deus o sustentaria até o final.

Um pastor metodista, desanimado, escreveu ao grande pregador escocês Alexander Whyte para pedir seu conselho. Deveria abandonar o ministério? “Nunca pense em desistir de pregar!”, Whyte lhe escreveu de volta. “Os anjos ao redor do trono invejam o seu trabalho maravilhoso!” Esse é o tipo de resposta que Paulo teria escrito, palavras sobre as quais todos nós devemos refletir quando temos a impressão de que nosso trabalho é em vão.

Impedia o apóstolo de se tornar um impostor (vv. 2-4). “Pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a Palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade” (2 Co 4:2). Sem dúvida, ao escrever essas palavras, Paulo está se referindo aos judaizantes. Muitos falsos mestres de hoje afirmam que suas doutrinas são baseadas na Palavra de Deus, mas tais mestres usam a Palavra de maneira enganosa. Podemos provar qualquer coisa pela Bíblia, distorcendo as Escrituras fora de contexto e rejeitando o testemunho da própria consciência. A Bíblia é uma obra literária, sobre a qual devem ser aplicadas as regras fundamentais de interpretação. Se as pessoas tratassem outros livros da maneira como tratam a Bíblia, jamais aprenderiam coisa alguma.

Paulo não tinha o que esconder, nem em sua vida pessoal nem em sua pregação

se prestava à dissimulação nem à distorção da Palavra. Os judaizantes eram culpados de distorcer as Escrituras para que se encaixassem em suas interpretações preconcebidas, e as pessoas ignorantes eram culpadas de seguir esses falsos mestres.

Se Paulo era um pregador tão fiel da Palavra, por que mais pessoas não criam em sua mensagem? Por que os falsos mestres eram tão bem-sucedidos em granjear convertidos? Porque Satanás cega a mente do pecador, e o ser humano decaído tem mais facilidade em acreditar em mentiras do que em crer na verdade. "Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus" (2 Co 4:3, 4).

Paulo já havia explicado que a mente dos judeus encontrava-se "velada" pela cegueira de seu coração (Rm 11:25; 2 Co 3:14-16). A mente dos gentios também está encoberta! Os que estão perdidos não são capazes de entender a mensagem do evangelho. Satanás não deseja que a luz gloriosa da salvação resplandeça no coração dos pecadores. Como deus desta era e príncipe deste mundo (Jo 12:31), Satanás mantém os pecadores em trevas. O mais triste é que Satanás usa mestres religiosos (como os judaizantes) para enganar as pessoas. Muitos dos que hoje pertencem a seitas eram membros de igrejas cristãs.

Impedia o apóstolo de promover a si mesmo (vv. 5, 6). O fato momentoso de Paulo ter recebido seu ministério de Cristo o impedia de desistir e de enganar, mas também o guardava de promover a si mesmo (2 Co 4:5, 6). "Porque não pregamos a nós mesmos" (2 Co 4:5). Os judaizantes gostavam de pregar sobre si mesmos e de se gabar de suas realizações (2 Co 10:12-18). Não eram servos que tentavam ajudar o povo, mas sim ditadores que exploravam o povo.

Sem dúvida, Paulo era um homem que praticava a verdadeira humildade. Não confiava em si mesmo (2 Co 3:1-5), não recomendava a si mesmo (2 Co 3:1-5) nem pregava a

si mesmo (2 Co 4:5). Procurava levar as pessoas a Jesus Cristo e edificá-las na fé. Teria sido fácil Paulo formar um "fã clube" para si mesmo e se aproveitar, como os que viviam em função de associações com pessoas importantes. Era assim que os judaizantes agiam, mas Paulo rejeitava esse tipo de ministério.

O que acontece quando falamos de Jesus Cristo aos pecadores? A luz começa a resplandecer! Paulo compara a conversão à criação descrita em Gênesis 1:3. Como a Terra em Gênesis 1:2, o pecador encontra-se sem forma e vazio, mas quando crê em Cristo, torna-se nova criatura (2 Co 5:17). Então, Deus começa a *formar e preencher* a vida da pessoa que crê em Cristo, e ela passa a dar frutos para o Senhor. A injunção divina "Haja luz!" faz todas as coisas novas.

2. TEMOS UM TESOURO VALIOSO (2 Co 4:7-12)

Da glória da nova criação, Paulo passa à humildade do vaso de barro. O cristão é apenas um "vaso de barro"; é o tesouro *dentro do vaso* que lhe dá seu valor. A imagem do vaso aparece com frequência nas Escrituras, e podemos aprender várias lições com ela.

Em primeiro lugar, Deus nos criou da maneira como somos, a fim de podermos realizar a obra que planejou para nós. Ao falar sobre Paulo, Deus afirmou: "porque este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios" (At 9:15). Nenhum cristão deve se queixar a Deus de sua falta de dons ou de capacidades, nem por causa de suas limitações ou deficiências. O Salmo 139:13-16 indica que a própria estrutura genética humana está nas mãos de Deus. Cada um de nós deve aceitar a si mesmo e ser autêntico.

O mais importante sobre o vaso é ser limpo, estar vazio e disponível para o serviço. Cada um de nós deve procurar tornar-se um "utensílio para honra, santificado e útil a seu possuidor, estando preparado para toda boa obra" (2 Tm 2:21). Somos vasos para que Deus nos use. Somos vasos *de barro*

para que possamos depender do poder de Deus, não de nossas forças.

É preciso concentrar-se no tesouro, não no vaso. Paulo não temia o sofrimento nem as tribulações, pois sabia que Deus guardaria o vaso enquanto este guardasse o tesouro (ver 1 Tm 1:11; 6:20). Deus permite as tribulações; ele as controla e as usa para sua glória. *Deus é glorificado por meio de vasos frágeis.* J. Hudson Taylor, o missionário que levou o evangelho ao interior da China, costumava dizer: "Todos os gigantes na fé foram homens fracos que fizeram grandes coisas por Deus, pois contaram com sua presença".

Por vezes, Deus permite que nossos vasos sejam sacudidos de modo a derramar parte do tesouro e enriquecer a outros. O sofrimento revela não apenas a fraqueza humana, mas também a glória de Deus. Neste parágrafo, Paulo apresenta uma série de paradoxos: vasos de barro - poder divino; a morte de Jesus - a vida de Jesus; a morte em ação - a vida em ação. A mente natural não é capaz de compreender esse tipo de verdade espiritual, portanto não consegue compreender como o cristão triunfa sobre o sofrimento.

Assim como se deve concentrar no tesouro, não no vaso, também se deve concentrar no Mestre, não no servo. Se sofremos, é por amor a Jesus. Se morremos para nosso ego, é para que a vida de Cristo seja revelada em nós. Se passamos por tribulações, é para que Cristo seja glorificado. Ao servir a Cristo, a morte opera em nós, mas a vida opera naqueles para os quais ministramos.

Nas palavras muito acertadas de John Henry Jowett: "O ministério que nada custa nada realiza". Certa vez, um pastor amigo meu e eu ouvimos um jovem pregar um sermão eloqüente, ao qual faltou alguma coisa. Comentei essa impressão com meu amigo e ele respondeu: "Aquilo que faltou só aparecerá depois que o coração desse rapaz tiver sido quebrantado. Depois que passar por algum sofrimento, terá uma mensagem digna de ser ouvida".

Os judaizantes não sofriam. Em vez de

igrejas. Em vez de se sacrificarem por seu povo, faziam o povo se sacrificar por eles (2 Co 11:20). Os falsos mestres não possuíam um tesouro para repartir. Tinham apenas algumas peças de museu da antiga aliança; antiguidades gastas que jamais poderiam enriquecer a vida de alguém.

Sei por experiência própria que muitas igrejas não fazem idéia do preço que um pastor paga a fim de ser fiel ao Senhor e de servir a seu povo. Esta é uma de três seções de 2 Coríntios dedicadas a relatar os sofrimentos de Paulo. As outras duas são 6:1-10 e 11:16 - 12:10: A prova do verdadeiro ministério não está em suas condecorações, mas sim em suas escoriações. "Quanto ao mais, ninguém me moleste; porque eu traço no corpo as marcas de Jesus" (Gl 6:17).

Como perseverar? Lembrando que somos privilegiados por possuir o tesouro do evangelho em vasos de barro!

3. TEMOS UMA FÉ CONFIANTE (2 Co 4:13-18)

A expressão *espírito da fé* significa "atitude ou perspectiva de fé". Paulo não se refere ao dom específico de fé (1 Co 12:9), mas à atitude de fé que todo cristão deve ter. O apóstolo identifica-se com o servo de Deus que escreveu o Salmo 116:10: "Eu cria, ainda que disse: estive sobremodo aflito". O verdadeiro testemunho de Deus baseia-se na fé em Deus, a fé que vem da Palavra de Deus (Rm 10:17). Não há nada que emudeça tanto o cristão quanto a incredulidade (ver Lc 1:20).

De que Paulo sentia-se tão seguro? De que não tinha coisa alguma a temer nem da vida nem da morte! Acabou de relacionar algumas provações de sua vida e ministério e, agora, afirma que sua fé concedeu-lhe vitória em meio a todas elas. Vejamos as certezas que o apóstolo tinha por causa de sua fé.

Estava certo da vitória final (v. 14). Se Jesus conquistou a morte, o último inimigo, por que temer qualquer outra coisa? Os seres humanos fazem de tudo para sondar o sentido da morte e se preparar para ela, no

para a morte. Uma pessoa só está verdadeiramente preparada para viver quando também está preparada para morrer. A mensagem jubilosa da Igreja primitiva era a vitória de Cristo sobre a morte, e precisamos voltar a essa ênfase vitoriosa. É interessante observar, ainda, que Paulo vislumbra uma reunião futura do povo de Deus ao dizer que “aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos ressuscitará com Jesus e nos apresentará convosco”. A morte é o grande divisor, mas em Cristo temos a certeza de que seu povo será reunido em sua presença (1 Ts 4:13-18).

Estava certo de que Deus seria glorificado (v. 15). Este versículo é paralelo a Romanos 8:28 e nos dá a certeza de que os sofrimentos não são desperdiçados: Deus usa a dor para ministrar a outros e também para glorificar seu nome. De que maneira Deus é glorificado em nossas tribulações? Ao nos conceder a “graça abundante” de que precisamos para manter a alegria e as forças quando vêm as dificuldades. Tudo o que começa com a graça conduz à glória (ver Sl 84:11; 1 Pe 5:10).

Estava certo de que suas tribulações cooperariam para seu bem (vv. 16, 17). “Não desanimamos”, era o testemunho confiante de Paulo (ver 2 Co 4:1). Que importa se o “ser exterior” se deteriora quando o “ser interior” experimenta renovação espiritual diária? Paulo não sugere, aqui, que o corpo não é importante nem que devemos ignorar seus sinais de aviso e necessidades. Uma vez que nosso corpo é o templo de Deus, devemos cuidar dele. No entanto, não podemos controlar a deterioração natural do corpo humano. Quando pensamos em todas as provações físicas que Paulo suportou, não nos admiramos de ele ter escrito essas palavras.

Como cristãos, devemos viver um dia de cada vez. Nenhuma pessoa, por mais rica ou competente que seja, pode viver dois dias de cada vez. Deus provê “de dia em dia”, à medida que oramos a ele (Lc 11:3). Ele nos dá as forças de que precisamos de acordo com o que cada dia exige de nós (Dt 33:25). Não se pode cometer o

erro de tentar “armazenar bênçãos” para emergências futuras, pois Deus dá a graça de que precisamos, quando precisamos (Hb 4:16). Quando aprendemos a viver um dia de cada vez, certos do cuidado de Deus, sentimos alívio de boa parte das pressões da vida.

De metro em metro se vive,
sempre a duras penas!

De centímetro em centímetro,
as coisas são serenas!

Quando vivemos pela fé em Cristo, adquirimos uma perspectiva correta do sofrimento. Convém observar os contrastes que Paulo apresenta em 2 Coríntios 4:17: leve tribulação - peso de glória; trabalhando contra nós - trabalhando em nosso favor. O apóstolo refere-se a valores eternos. Compara as tribulações presentes com a glória futura e descobre que suas provações, na verdade, trabalham a seu favor (ver Rm 8:18).

Não devemos interpretar esse princípio equivocadamente e pensar que o cristão pode viver como bem entender e esperar que, no final, tudo se transforme em glória. Paulo escreve sobre tribulações que sofria dentro da vontade de Deus e enquanto realizava a obra do Senhor. Deus pode transformar o sofrimento em glória, e é exatamente isso o que ele faz; mas Deus não pode transformar pecado em glória. O pecado deve ser julgado, pois não possui glória alguma.

Deve-se relacionar 2 Coríntios 4:16 com 3:18, pois os dois versículos referem-se à renovação espiritual do filho de Deus. Em si mesmo, o sofrimento não tem poder para nos tornar homens e mulheres mais santos. A menos que nos entreguemos ao Senhor, busquemos sua Palavra e confiemos que ele irá operar, o sofrimento só servirá para prejudicar nossa vida cristã. Em meu ministério pastoral, tenho visto pessoas que se tornam críticas e amarguradas e que vão de mal a pior, em vez de se desenvolverem “de glória em glória”. Precisamos desse “espírito da fé” que Paulo menciona em 2 Coríntios 4:13.

Ele estava certo de que o mundo invisível era real (v. 18). A. W. Tozer costumava

lembrar que o mundo invisível descrito na Bíblia era o único “mundo real”. Se olhássemos para o mundo visível da maneira como Deus quer, jamais nos sentiríamos atraídos pelo que oferece (1 Jo 2:15-17). Os grandes homens e mulheres de fé mencionados em Hebreus 11 chegaram aonde chegaram porque “viram o invisível” (Hb 11:10, 13, 14, 27).

As coisas deste mundo parecem tão reais porque podemos vê-las e senti-las, mas são todas temporárias e estão condenadas a desaparecer. Somente as coisas eternas da vida espiritual permanecerão. Mas não devemos levar essa verdade a extremos e pensar que a esfera “material” e a “espiritual” são opostas. Quando usamos as coisas materiais de acordo com a vontade de Deus, ele as transforma em coisas espirituais, que passam a fazer parte de nosso tesouro no céu (falaremos mais sobre isso em 2 Co 8 - 9). Valorizamos as coisas materiais *porque* podem ser usadas para promover as coisas espirituais, não por aquilo que são em si mesmas.

Como olhar para o que é invisível? Pela fé, ao ler a Palavra de Deus. Nunca vimos Cristo nem o céu, no entanto sabemos que são reais, pois é isso o que a Palavra de Deus diz. A fé é “a convicção de fatos que se não vêem” (Hb 11:1). Abraão manteve-se afastado de Sodoma, pois olhou para a cidade celestial; Ló, por outro lado, escolheu Sodoma, pois vivia de acordo com o que podia ver, e não pela fé (Gn 13; Hb 11:10).

É evidente que o mundo perdido pensa que somos estranhos – talvez até loucos –, pois insistimos na realidade de um mundo invisível de bênçãos espirituais. Os cristãos, porém, estão dispostos a viver de acordo com valores eternos, não com preços temporários.

4. TEMOS UMA ESPERANÇA (2 Co 5:1-8)

“Tendo este ministério [...] Temos, porém, este tesouro [...] tendo o mesmo espírito da fé [...] temos da parte de Deus um edifício” (2 Co 4:1, 7, 13; 5:1). Que testemunho maravilhoso esse de Paulo sobre a realidade da fé cristã!

Esse “edifício de Deus” não é o lar celes-

sim seu corpo glorificado. Paulo fazia tendas (At 18:1-3) e, nesta passagem, usa uma tenda para retratar nosso corpo aqui na Terra. A tenda é uma estrutura frágil e temporária, sem grande beleza; mas o corpo glorificado que receberemos será eterno, belo e jamais apresentará sinais de fraqueza ou decomposição (ver Fp 3:20, 21). Paulo via o corpo humano como um vaso de barro (2 Co 4:7) e uma tenda temporária; mas sabia que, um dia, os cristãos receberiam um corpo glorificado e maravilhoso, próprio para a glória do céu.

É interessante acompanhar o testemunho de Paulo ao longo deste parágrafo.

Sabemos (v. 1). Como sabemos? Sabemos porque cremos na Palavra de Deus. Nenhum cristão precisa consultar cartomantes, médiuns ou usar de recursos esotéricos para descobrir o que o futuro lhe reserva do outro lado da morte. Deus diz tudo o que, precisamos saber por meio de sua Palavra. A declaração de Paulo – “Sabemos” – é ligada ao “sabendo” de 2 Coríntios 4:14, que, por sua vez, diz respeito à ressurreição de Jesus Cristo. Sabemos que ele está vivo; logo, sabemos que a morte não tem poder sobre nós. “Porque eu vivo, vós também vivereis” (Jo 14:19).

Não precisamos temer, se nossa tenda (“tabernáculo”) se desfizer. O corpo é apenas a casa onde vivemos. Quando um cristão morre, o corpo vai para a sepultura, mas o Espírito vai para junto de Cristo (Fp 1:20-25). Quando Jesus Cristo voltar para buscar os seus, ressuscitará o corpo em glória, e o corpo e o espírito serão reunidos para uma eternidade gloriosa no céu (1 Co 15:35-58; 1 Ts 4:13-18).

Gememos (vv. 2-5). Paulo não está expressando um desejo mórbido de morrer. Na verdade, sua declaração mostra justamente o contrário: está ansioso para que Jesus Cristo volte, a fim de que possa “ser revestido” com o corpo glorificado. O apóstolo apresenta três possibilidades usando a imagem do corpo como uma tenda: (1) vivo – residindo na tenda; (2) morto – fora da tenda, “nu”; (3) revestido – a transformação do

estar vivo na Terra quando Jesus Cristo voltasse, de modo que não precisasse experimentar a morte. O apóstolo usa uma imagem semelhante em 1 Coríntios 15:51-58, e fala sobre "gemer" em Romanos 8:22-26.

Em 2 Coríntios 5:1, refere-se ao corpo glorificado: "temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus", e 2 Coríntios 5:2 o chama de "nossa habitação celestial". Esta última contrasta com nosso corpo mortal, que veio do pó da terra. "E, assim como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do celestial" (1 Co 15:49). É importante observar que o motivo de Paulo gemer não era o fato de se encontrar em um corpo humano, mas o fato de ansiar por ver Jesus Cristo e de receber um corpo glorificado. Gemia pela glória!

Isso explica por que a morte não é motivo de pavor para os cristãos. Paulo chama sua morte de "partida" (2 Tm 4:6). Um dos significados desse termo grego é "desmontar a tenda e mudar para algo novo". Mas como podemos estar certos de que um dia teremos um novo corpo, semelhante ao corpo glorificado de nosso Salvador? Podemos ter essa certeza porque o Espírito habita em nós. Paulo fala do selo e do penhor do Espírito em 2 Coríntios 1:22 (ver também Ef 1:13, 14). A presença do Espírito Santo no corpo do cristão é um "adiantamento" que garante a herança futura, inclusive um corpo glorificado. No grego moderno, o termo traduzido por "penhor" significa "aliança de noivado". A Igreja é a noiva de Jesus Cristo, que aguarda o dia em que o Noivo virá buscá-la para as núpcias.

Confiamos sempre (vv. 6-8). O povo de Deus está em um de dois lugares: no céu

ou na Terra (Ef 3:15). Nenhum cristão está na cova, no inferno ou em algum lugar "intermediário", entre o céu e a Terra. Os cristãos na Terra estão em sua "casa terrestre deste tabernáculo", enquanto os cristãos que faleceram "[deixaram] o corpo". Os cristãos na Terra estão "ausentes do Senhor", enquanto os cristãos no céu "[habitam] com o Senhor".

Era essa certeza que permitia a Paulo não temer o sofrimento, as tribulações e os perigos. Isso não significa que o apóstolo tentava o Senhor correndo riscos desnecessários, mas sim que estava disposto a "perder a vida" por amor a Cristo e pelo ministério do evangelho. Caminhava pela fé, não de acordo com o que podia ver. Olhava para as coisas eternas invisíveis, não para as coisas temporais visíveis (2 Co 4:18). Para Paulo, o céu não era apenas um destino; era sua motivação. Como os heróis da fé em Hebreus 11, olhava para a cidade celestial e conduzia a vida de acordo com valores eternos.

Ao recapitular esta seção de 2 Coríntios, podemos ver como Paulo tinha coragem para enfrentar conflitos sem perder o ânimo. Tinha um ministério glorioso que transformava vidas. Tinha um tesouro valioso dentro do vaso de barro que era seu corpo e desejava compartilhar esse tesouro com um mundo falido. Tinha fé confiante que vencia o medo e uma esperança que era tanto um destino quanto uma motivação.

Não é de se admirar que Paulo declarasse: "Somos mais que vencedores" (Rm 8:37).

Todo o que crê em Jesus Cristo tem esses mesmos bens maravilhosos e, por meio deles, pode encontrar coragem para enfrentar os conflitos.

MOTIVAÇÃO PARA O MINISTÉRIO

2 CORÍNTIOS 5:9-21

Aquilo em que cremos e o modo de expressarmos tais convicções são duas coisas que andam juntas. Paulo costumava associar *dever* e *doutrina*, pois aquilo que Deus fez por nós deve nos motivar a fazer algo por Deus. Nas palavras de Phillips Brooks: “Não há verdade no cristianismo que não seja filha do amor e mãe do dever”.

Como disse uma senhora a seu pastor: – Tirando todos aqueles “portantos” no final, o sermão foi maravilhoso!

Mas Paulo teria concordado com o pastor, pois usa “portanto” e outras conjunções semelhantes com freqüência em suas cartas. Aliás, podemos encontrar alguns exemplos delas em 2 Coríntios 5 nos versículos 9, 11, 16, 17: Paulo passa da explicação para a aplicação, e seu tema é a *motivação para o ministério*. Seus inimigos o haviam acusado de usar o ministério do evangelho com propósitos egoístas, quando, na realidade, eram eles que estavam “mercadejando” as boas-novas (ver 2 Co 2:17; 4:2).

Qual é o ministério do cristão? Persuadir os pecadores a se reconciliar com Deus (2 Co 5:11, 20). Jamais se deve forçar as pessoas a crer em Cristo nem coagi-las usando de abordagens escusas. “Pois a nossa exortação não procede de engano, nem de impureza, nem se baseia em dolo” (1 Ts 2:3). O obreiro cristão deve ter não apenas uma mensagem correta a transmitir, mas também motivações corretas para levar a cabo seu ministério.

Nesta seção, Paulo fala de três motiva-

1. O TEMOR DO SENHOR (2 Co 5:9-13)

“E assim, conhecendo o temor do Senhor” (2 Co 5:11). Trata-se de um tipo de atitude que, com freqüência, está em falta no ministério. O famoso estudioso da Bíblia B. F. Wescott escreveu certa vez: “Cada ano me faz estremecer diante da ousadia com que as pessoas falam de coisas espirituais”, e Phillips Brooks costumava nos advertir sobre os “ministros escarnecedores” que, ao zombar da Bíblia, roubam desse livro parte de sua glória e poder. Observamos, muitas vezes, uma falta de reverência nos encontros da igreja, de modo que não é de causar espanto que as gerações mais jovens não estejam levando as coisas de Deus a sério.

Paulo explica essa motivação compartilhando o próprio testemunho por meio de três declarações enérgicas.

Esforçamo-nos (v. 9). Isso significa que “somos ambiciosos”. Existe um tipo de ambição que é egoísta e mundana, mas também há uma ambição santa que honra ao Senhor. A grande ambição de Paulo era ser agradável a Jesus Cristo. Os judaizantes ministravam para agradar os homens e granjear apoio para sua causa; mas Paulo ministrava somente para agradar Jesus Cristo (Gl 1:10). Um ministério que procura satisfazer os homens é carnal e complacente e não pode ser abençoado por Deus.

O termo traduzido por “agradáveis” é usado em vários lugares no Novo Testamento e cada uma dessas referências ajuda a compreender melhor o que agrada ao Senhor. Ele se compraz de nós quando lhe oferecemos nosso corpo como sacrifício vivo (Rm 12:1) e quando vivemos de modo a ajudar outros e evitar que tropecem (Rm 14:18). Deus se agrada de seus filhos quando se separam do mal a seu redor (Ef 5:10) e também quando levam suas ofertas a ele (Fp 4:18). Agrada-se dos filhos que se sujeitam aos pais (Cl 3:20), e também dos cristãos que permitem que Jesus Cristo realize sua vontade perfeita em sua vida (Hb 13:20, 21).

Não há nada de errado em cultivar uma ambição piedosa. “Esforçando-me [sendo ambicioso], deste modo, para pregar o evan-

essa ambição piedosa que o impelia a pregar e a levar a mensagem do evangelho aonde ela ainda não havia chegado. Paulo elogia os cristãos de Tessalônica que “[diligenciaram] por viver tranqüilamente” (1 Ts 4:11). Se, ao serem conduzidos pelo Espírito, os cristãos se empenhassem tanto na vida com Cristo como se esforçam nos negócios ou nos esportes, o evangelho causaria impacto ainda maior sobre o mundo perdido. Como disse um recém-convertido:

– Quero ser tão zeloso para com Deus quanto era para com o diabo!

De fato, sua vida foi grandemente usada por Deus.

Importa que todos nós compareçamos (v. 10). Nem todo cristão tem grandes ambições quanto à vida com o Senhor, mas todos terão de comparecer diante do Senhor, e o tempo de se preparar para esse encontro é agora. O tribunal de Cristo é o acontecimento futuro no qual o povo de Deus ficará diante do Salvador, e suas obras serão julgadas e recompensadas (ver Rm 14:8-10). Paulo era ambicioso em seu trabalho para o Senhor, pois desejava comparecer diante de Cristo confiante, não envergonhado (1 Jo 2:28).

O termo “tribunal” vem da palavra grega *bema*, a plataforma encontrada nas cidades gregas onde se faziam discursos ou de onde os magistrados comunicavam suas decisões (ver Mt 27:19; At 12:21; 18:12). Também era o lugar do qual se distribuíam os prêmios aos vencedores dos Jogos Olímpicos. Esse “tribunal” não deve ser confundido com o “grande trono branco” do qual Cristo julgará os perversos (Ap 20:11-15). Pela obra que Cristo, em sua graça, realizou na cruz, os cristãos não serão julgados por seus pecados (Jo 5:24; Rm 8:1); no entanto, terão de prestar contas de suas obras e serviços para o Senhor.

O tribunal de Cristo será um lugar de *revelação*, pois o termo traduzido por *comparecer* também significa “ser revelado”. Ao longo de nossa vida e trabalho aqui na Terra, é relativamente fácil esconder coisas e fingir; mas o verdadeiro caráter de nossas obras será exposto diante dos olhos perscrutadores do Salvador. Ele revelará se nossas

obras foram boas ou más (“vãs”). A revelação envolverá tanto o caráter de nosso serviço (1 Co 3:13) quanto as motivações que nos impeliram (1 Co 4:5).

Também será um lugar de *prestação de contas*, no qual daremos um relatório de nossos ministérios (Rm 14:10-12). Se fomos fiéis, será, ainda, um lugar de *recompensa* e de *reconhecimento* (1 Co 3:10-15; 4:1-6). Para os que foram leais, será uma ocasião de *regozijo*, ao glorificar ao Senhor devolvendo-lhe tais recompensas em adoração e louvor.

O desejo de receber recompensas é uma motivação legítima para servir ao Senhor? O fato de Deus prometer recompensas é prova de que essa não é uma motivação pecaminosa, apesar de não dever ser a maior de todas. Assim como os pais se alegram ao ver os filhos conquistarem reconhecimento, também o Senhor se agrada quando seu povo é *digno* de reconhecimento e de recompensa. O mais importante não é a recompensa em si, mas a alegria de agradar a Cristo e de honrá-lo.

Persuadimos os homens (vv. 11-13). Se Deus julga seu povo, o que será feito dos perdidos? “E, se é com dificuldade que o justo é salvo, onde vai comparecer o ímpio, sim, o pecador?” (1 Pe 4:18). A palavra *temor* não significa medo, pavor, horror. Afinal, vamos nos encontrar com nosso Salvador que nos ama. No entanto, Paulo não faz pouco do caráter atemorizante dessa ocasião. Estaremos diante de Cristo, “e nisto não há acepção de pessoas” (Cl 3:23-25). Cristo ordenou que levássemos o evangelho a todas as nações, e devemos lhe obedecer. Alguém perguntou ao Duque de Wellington o que pensava das missões estrangeiras, ao que ele respondeu com outra pergunta: “O que o Comandante lhe ordenou?”

De que maneira o cristão pode se preparar para o tribunal de Cristo? Em primeiro lugar, devemos manter a consciência pura (2 Co 5:11). Sem dúvida, alguns dos inimigos de Paulo em Corinto diziam: “Esperem até Paulo se ver diante do Senhor!” Mas Paulo não tinha medo, pois sua consciência estava limpa (ver 2 Co 1:12). A verdade a respeito de cada um de nós será revelada, e

Jesus Cristo nos elogiará por aquilo que lhe agradou.

Em segundo lugar, devemos ter cuidado para não depender do louvor dos homens (2 Co 5:12). Este versículo é relacionado a 2 Coríntios 3:1, em que Paulo refere-se às “cartas de recomendação” que os judaizantes tanto estimavam. Se vivemos apenas em função do louvor dos homens, não receberemos o louvor de Deus no tribunal de Cristo. Buscar apenas a apreciação humana é exaltar a reputação acima do caráter, e, diante de Cristo, o caráter é que contará. Na verdade, os coríntios deveriam elogiar Paulo! Em vez disso, “promoviam” os judaizantes, que se gloriavam nas aparências (ver 2 Co 11:18), mas que não possuíam um coração espiritual.

Por fim, devemos ignorar a crítica dos homens (2 Co 5:13). Os inimigos de Paulo o consideravam louco. O apóstolo afirmou que havia agido como um ensandecido ao perseguir a Igreja (At 26:11), mas seus inimigos diziam que havia perdido o juízo desde sua conversão (At 26:24). No entanto, também houve quem dissesse que Jesus Cristo era louco, de modo que Paulo estava em boa companhia (ver Mc 3:21). Em outras palavras, o apóstolo diz: “Se eu sou louco, é para seu bem e para a glória de Deus, portanto, vale a pena!”

Quando Dwight L. Moody ministrava na Escola Bíblica Dominical que organizou na igreja em Chicago, as pessoas costumavam chamá-lo de “Moody, o Maluco”. Aos olhos do mundo que não conhecia a salvação, Moody era “maluco” de haver abandonado um negócio bem-sucedido para trabalhar em uma Escola Bíblica Dominical e evangelizar; mas o tempo mostrou que sua decisão foi sábia. Hoje, não nos lembramos do nome das pessoas que zombaram dele, mas conhecemos D. L. Moody e nos recordamos dele com grande respeito.

Todo cristão deve examinar a própria vida com freqüência, a fim de averiguar se está pronto para o tribunal de Cristo. O desejo de apresentar um bom relatório para Cristo é uma motivação justa para o serviço cristão.

2. O AMOR DE CRISTO (2 Co 5:14-17)

Como é possível emoções tão opostas quanto o temor e o amor habitarem no mesmo coração? Sem dúvida, podem ser encontradas no coração dos filhos que amam os pais, no entanto os respeitam e acatam sua autoridade. “Servi ao SENHOR com temor e alegrai-vos nele com tremor” (Sl 2:11).

A expressão “o amor de Cristo” significa amor por nós no contexto de sua morte sacrificial. “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1 Jo 4:19). Ele nos amou quando não éramos dignos de ser amados, quando éramos ímpios, pecadores e seus inimigos (ver Rm 5:6-10). Quando morreu na cruz, Cristo provou seu amor pelo mundo (Jo 3:16), pela igreja (Ef 5:25) e pelos pecadores como indivíduos (Gl 2:20). Ao refletir sobre os motivos pelos quais Cristo morreu, não podemos fazer outra coisa senão amá-lo também.

Ele morreu para que morrêssemos (v. 14). O tempo do verbo confere-lhe o sentido de “então, todos morreram”, uma verdade explicada em mais detalhes em Romanos 6, que trata da identificação do cristão com Jesus Cristo. Quando Cristo morreu, morreremos nele e com ele. Portanto, a antiga vida não deve ter poder algum sobre nós hoje. “Estou crucificado com Cristo” (Gl 2:19).

Morreu para que vivêssemos (vv. 15-17). Este é o aspecto positivo de nossa identificação com Cristo: não apenas morreremos com ele, mas também fomos ressuscitados com ele para que pudéssemos andar em “novidade de vida” (Rm 6:4). Uma vez que morreremos com Cristo, vencemos o pecado e, uma vez que vivemos com Cristo, podemos dar frutos para a glória de Deus (Rm 7:4).

Ele morreu para que vivêssemos *por meio dele*: “Deus [enviou] o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele” (1 Jo 4:9). Essa é nossa experiência de salvação, a vida eterna pela fé em Jesus Cristo. Mas também morreu para que vivêssemos *para ele*, não para nós mesmos (2 Co 5:15). Esta é nossa experiência de serviço.

Alguém disse bem que “Cristo morreu pelos nossos pecados para que pudéssemos viver a vida dele para ele”. Como é possível um pecador que recebeu a salvação continuar vivendo de maneira egoísta?

Em 1858, Frances Ridley Havergal visitou a Alemanha com o pai, que se tratava de um problema nos olhos. Durante sua estadia na casa de um pastor, viu um crucifixo na parede e, logo abaixo dele, as palavras: “Fiz isto por ti. O que fizeste por mim?”. Mais que depressa, pegou um pedaço de papel e escreveu um poema baseado nessas palavras; no entanto, não gostou do que havia escrito e jogou o papel na lareira. O papel permaneceu intocado! Posteriormente, seu pai a incentivou a publicar o que havia escrito, e hoje cantamos essas palavras com uma música composta por Phillip P. Bliss.

Morri na cruz por ti
 Morri pra te livrar
 Meu sangue, sim, verti
 E posso te salvar.
 Morri, morri na cruz por ti
 Que fazes tu por mim?

Cristo morreu para que vivêssemos *por meio dele e para ele*, e também para que vivêssemos *com ele*, “que morreu por nós para que, quer vigiemos, quer durmamos, vivamos em união com ele” (1 Ts 5:10). Por causa do Calvário, os cristãos vão para o céu viver com Cristo para sempre!

Ele morreu para que pudéssemos morrer e para que pudéssemos viver. Mas morreu também para que pudéssemos *participar da nova criação* (2 Co 5:16, 17). Nosso novo relacionamento com Cristo nos leva a desenvolver uma nova relação com o mundo e com as pessoas ao nosso redor. *Não encaramos mais a vida como antes*. Conhecer a Cristo “segundo a carne” significa avaliá-lo do ponto de vista humano. Mas os “dias da sua carne” já passaram (Hb 5:7), pois ele subiu ao céu e se encontra glorificado à destra do Pai.

Adão foi o cabeça da antiga criação, e Cristo (o último Adão, 1 Co 15:45) é o Cabeça

da nova criação. A antiga criação caiu em pecado e em condenação como resultado da desobediência de Adão. A nova criação representa retidão e salvação por causa da obediência de Jesus Cristo (ver Rm 5:12-21 para uma explicação sobre o primeiro e o último Adão). Uma vez que fazemos parte da nova criação, tudo é novo.

Em primeiro lugar, temos uma nova visão de Cristo. Infelizmente, a música e a arte enfatizam excessivamente Cristo “segundo a carne”. Os fatos relacionados à vida de Jesus aqui na Terra são importantes, pois a mensagem cristã é fundamentada na história. No entanto, devemos interpretar a manjedoura à luz do trono. Não adoramos o bebê em uma manjedoura, mas sim o Salvador glorificado no trono.

Uma vez que todas as coisas “se fizeram novas”, também desenvolvemos uma nova maneira de olhar as pessoas ao nosso redor. Passamos a vê-las como pecadoras pelas quais Cristo morreu. Não as vemos mais apenas como amigas ou inimigas, clientes ou colegas de trabalho; antes, as vemos com os olhos de Cristo, como ovelhas perdidas que precisam de um pastor. Quando somos constrangidos pelo amor de Cristo, temos o desejo de compartilhar esse amor com outros.

Durante uma eleição presidencial particularmente controversa, um dos líderes da igreja apareceu na Escola Bíblica Dominical com um broche na lapela promovendo um dos candidatos. O pastor o deteve e aconselhou que não usasse o broche enquanto estivesse na igreja.

– Por quê? Afinal ele é um excelente candidato! – argumentou o homem.

– Suponhamos, porém, que um membro não cristão do outro partido veja o broche – disse o pastor. – Será que isso não o incomodará e servirá de empecilho para que ouça a Palavra e seja salvo?

Com certo mau humor, o homem tirou o broche e, por fim, abriu um sorriso e comentou:

– Creio que preciso me lembrar de que as pessoas não são republicanas ou democratas. São pecadoras que precisam de um

Salvador, e isso é mais importante do que vencer as eleições.

No entanto, também devemos olhar para os demais cristãos como parte da nova criação e não os avaliar de acordo com seu nível de instrução, raça, situação financeira ou classe social. "Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gl 3:28).

3. A COMISSÃO DE CRISTO (2 Co 5:18-21)

A idéia central deste parágrafo é a *reconciliação*. A rebelião do homem tornou-o inimigo de Deus e rompeu sua comunhão com ele. Por intermédio da obra que realizou na cruz, Jesus Cristo reconciliou Deus e o homem, e, num gesto amoroso, Deus voltou sua face para o mundo. O significado básico do termo grego traduzido por "reconciliar" é "mudar completamente". Refere-se a um relacionamento transformado entre Deus e o mundo perdido.

Deus não precisa se reconciliar com o homem, pois isso já foi feito por Cristo na cruz. É o homem pecador que precisa se reconciliar com Deus. A "religião" é a tentativa medíocre do ser humano de se reconciliar com Deus, uma série de esforços condenados ao fracasso. A Pessoa que nos reconcilia com Deus é Jesus Cristo, e o lugar dessa reconciliação é a cruz.

Outra idéia importante desta seção é a *imputação*. Trata-se de um termo da área financeira e que significa, simplesmente, "colocar na conta de alguém". Quando fazemos um depósito bancário, o computador (ou o funcionário) transfere esse valor para nossa conta ou crédito. Quando Jesus morreu na cruz, todos os pecados lhe foram imputados, ou seja, foram colocados em sua conta. Cristo foi tratado por Deus como se houvesse, de fato, cometido esses pecados.

Em decorrência disso, todos esses pecados foram pagos, e Deus não nos condena por eles, pois cremos em Cristo como Salvador. Além disso, Deus deposita a justiça de Cristo em nossa conta! "Aquele que não co-

para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Co 5:21).

A reconciliação baseia-se na imputação: tendo em vista que os requisitos da Lei santa de Deus foram todos preenchidos na cruz, Deus pode ser reconciliado com os pecadores. Os que crêem em Jesus Cristo como Salvador jamais terão os pecados imputados contra eles outra vez (Sl 32:1, 2; Rm 4:1-8). No que diz respeito a seus registros, têm parte na justiça de Jesus Cristo!

Encontramos uma bela ilustração dessa verdade na pequena carta que Paulo escreveu a seu amigo Filemom. Onésimo, o escravo de Filemom, roubou algo de seu senhor e fugiu para Roma. Onésimo poderia ter sido crucificado por seus crimes, mas, pela providência de Deus, encontrou Paulo e se converteu. Paulo escreveu a Epístola a Filemom para encorajar seu amigo a perdoar Onésimo e recebê-lo de volta. "Recebe-o, como se fosse a mim mesmo" (Fm 17); "E, se algum dano te fez ou se te deve alguma coisa, lança tudo em minha conta" (Fm 18). Paulo estava disposto a pagar a conta (*imputação*) para que Onésimo e Filemom se reconciliassem.

Como essa doutrina maravilhosa da reconciliação nos serve de motivação para servir a Cristo? Somos embaixadores com uma mensagem. Deus nos incumbiu do ministério e da palavra de reconciliação (2 Co 5:18, 19).

O império romano possuía províncias de dois tipos: as províncias senatoriais, constituídas de povos pacíficos, que não se encontravam em guerra com Roma. Haviam se rendido e se sujeitado ao imperador. E as províncias imperiais, que não eram pacíficas; representavam um perigo, pois, se tivessem oportunidade, certamente se rebelariam contra Roma. Assim, Roma precisava enviar embaixadores a essas províncias com frequência, a fim de garantir que tais rebeliões não ocorreriam.

Uma vez que os cristãos são embaixadores de Cristo, isso significa que este mundo encontra-se rebelado contra o Senhor. No que se refere a Deus, o mundo é uma

seus embaixadores para declarar paz, e não guerra. "Rogamos que vos reconcilieis com Deus". Somos representantes de Jesus Cristo (Jo 20:21; 2 Co 4:5). Se os pecadores nos rejeitam e à nossa mensagem, na verdade é a Jesus Cristo que estão rejeitando. Que grande privilégio ser embaixadores do céu para os pecadores rebeldes deste mundo!

Quando eu ainda era um jovem pastor, às vezes sentia vergonha de fazer visitas e de confrontar as pessoas com a verdade de Cristo. Então, me ocorreu que, como embaixador do Rei dos reis, eu era, de fato, extremamente privilegiado! Não havia motivo para me envergonhar. Na realidade, as pessoas a quem eu visitava deveriam sentir-se

gratas por um dos embaixadores de Cristo procurá-las!

Deus não declarou guerra contra o mundo; a cruz foi sua declaração de paz. Um dia, porém, o Senhor *irá declarar guerra* e, então, será tarde demais para os que rejeitaram o Salvador (2 Ts 1:3-10). Satanás procura destruir tudo neste mundo, mas Cristo e sua Igreja realizam um ministério de reconciliação, reintegrando todas as coisas e conduzindo-as de volta a Deus.

O ministério não é uma tarefa simples. A fim de ter sucesso, devemos ser motivados pelo temor de Cristo, o amor de Cristo e a comissão que recebemos dele. Que grande privilégio é servir ao Senhor!

DE CORAÇÃO PARA CORAÇÃO

2 CORÍNTIOS 6 – 7

Estes dois capítulos encerram, de modo sincero e honesto, a explicação de Paulo acerca de seu ministério. O apóstolo diz aos leitores que, apesar das tribulações, tinha um ministério vitorioso (2 Co 1 - 2) e glorioso (2 Co 3) e que não poderia sequer pensar em desistir. Seus inimigos o haviam acusado de usar o ministério em benefício próprio, mas ele havia provado que seu ministério havia sido sincero (2 Co 4) e fundamentado na fé em Deus (2 Co 5). Resta agora, apenas, desafiar o coração dos coríntios e assegurá-los de seu amor; e é isso o que o apóstolo faz com grande amor por meio de três apelos.

1. UM PEDIDO DE APRECIÇÃO (2 Co 6:1-10)

A obra *Principles of psychology* [*Princípios de psicologia*], de William James, foi considerada um clássico e, sem dúvida, foi um trabalho pioneiro em sua área. Mas o autor reconheceu que seu livro sofria de uma “enorme omissão”. De acordo com ele: “O princípio mais profundo da natureza humana é o anseio por apreciação”; no entanto, James não trata desse princípio em sua obra.

Ao ler 2 Coríntios, temos a forte impressão de que a igreja não dava o devido valor ao ministério que Paulo havia realizado entre eles. Deviam estar defendendo o apóstolo, mas, em vez disso, o obrigavam a se defender. Os coríntios vangloriavam-se dos judaizantes que invadiram a igreja, no entanto esses falsos mestres não fizeram coisa alguma por eles. Assim, Paulo os lembra do

Paulo, o evangelista (vv. 1, 2). Paulo é quem havia chegado a Corinto com as boas novas do evangelho e, por meio de seu ministério, fundara a igreja de Corinto. Havia cumprido seu papel de “embaixador” descrito em 2 Coríntios 5:18-21. Os coríntios foram levados a Cristo por Paulo, não pelos judaizantes.

Mas Paulo não estava certo de que todos na igreja que se diziam salvos eram, de fato, filhos de Deus (ver 2 Co 13:5). Em seu apelo para receber a graça de Deus, o apóstolo cita Isaías 49:8. Como resultado da obra reconciliadora de Cristo na cruz (2 Co 5:18, 19), hoje é, verdadeiramente, “o dia da salvação”. Não há garantia alguma de que qualquer pecador terá oportunidade de ser salvo *amanhã*. “Buscai o SENHOR enquanto se pode achar” (Is 55:6).

Um pastor conversava com uma moça que insistia que tinha tempo de sobra para tomar uma decisão sobre Jesus Cristo. Ele lhe deu uma folha de papel e perguntou:

- Você assinaria uma declaração de que está disposta a adiar sua salvação por um ano?

Ela respondeu que não. Seis meses? Também não. Um mês? Hesitou, mas a resposta foi não outra vez. Então, ela começou a perceber a insensatez de sua argumentação, pois a garantia da oportunidade de salvação era apenas *para o dia de hoje*; assim, entregou a vida a Cristo sem demora.

Paulo, o exemplo (vv. 3-10). Um dos grandes obstáculos para o avanço do evangelho é o péssimo exemplo dado por pessoas que se dizem cristãs. Os incrédulos gostam de usar as incoerências dos cristãos – especialmente pastores – como desculpa para rejeitar Jesus Cristo. Paulo tinha o cuidado de não fazer coisa alguma que pudesse servir de tropeço tanto a incrédulos quanto a cristãos (ver Rm 14). Não desejava que seu ministério fosse desacreditado (“censurado”) de qualquer maneira por causa de algo em sua vida.

O apóstolo lembra os leitores *das provações que suportou por eles* (2 Co 6:4, 5). Havia passado por tudo com paciência e

dificuldades. As *aflições* são tribulações que nos pressionam, circunstâncias que pesam sobre nós. As *privações* são as dificuldades diárias da vida, e as *angústias* são as experiências que nos colocam contra a parede e que nos deixam sem saída. O termo grego significa “um lugar estreito”.

No entanto, mesmo os não salvos passam por esse tipo de experiência, de modo que Paulo relaciona algumas das tribulações que sofreu por causa da oposição de outros: açoites, prisões e tumultos. Tais coisas lhe sobrevieram em função de seu serviço fiel ao Senhor. Em seguida, cita os sacrifícios que fez voluntariamente por amor ao ministério: trabalhos (labores fatigantes), vigílias (noites insones) e jejuns (privar-se deliberadamente de alimentos). É evidente que Paulo não havia anunciado tais coisas publicamente. O apóstolo só as menciona nesta epístola aos coríntios para deixar claro seu amor por eles.

Além disso, os lembra dos instrumentos que usara em seu ministério (2 Co 6:6, 7). *Pureza* significa “castidade” (ver 2 Co 11:2). *Longanimidade* refere-se à paciência com pessoas difíceis, enquanto a *paciência* (2 Co 6:4) diz respeito à capacidade de suportar circunstâncias difíceis. Paulo dependeu do poder do Espírito para manifestar os frutos do Espírito como bondade e amor sincero. Usou a Palavra de Deus para transmitir conhecimento espiritual e vestiu a armadura de Deus (ver Ef 6:10ss) para se proteger dos ataques de Satanás.

Por fim, lembra seus leitores *do seu testemunho* (2 Co 6:8-10), relacionando uma série de paradoxos, pois sabia que nem todos o compreendiam, nem a seu ministério. Os inimigos de Paulo haviam relatado que o apóstolo era um enganador sem honra alguma. No entanto, Deus havia declarado que Paulo era um homem honrado e sincero. Muitos sabiam quem Paulo era, mas poucos o conheciam de fato.

Paulo teve de pagar um alto preço para ser fiel em seu ministério! No entanto, os coríntios não deram o devido valor ao que o apóstolo havia feito por eles. Entristeceram o coração dele, mas, ainda assim, ele

permaneceu “sempre alegre” em Jesus Cristo. Tornou-se pobre para que pudessem ser ricos (ver 1 Co 1:5; 2 Co 8:9). O termo grego traduzido por “pobre” significa “penúria completa, como aquela de um mendigo”.

Paulo estava errado em pedir a apreciação dos coríntios? Creio que não. Muitas igrejas têm a tendência de não valorizar o ministério sacrificial de seus pastores, missionários e líderes fiéis. Paulo não exigia louvores para si, mas sim lembrava seus amigos em Corinto que havia pago um alto preço para lhes ministrar.

É evidente que, com todo esse testemunho pessoal, Paulo refutava as acusações maliciosas dos judaizantes. Acaso *eles* haviam sofrido por amor ao povo de Corinto? Que preço *eles* haviam pago para lhes ministrar? Como a maioria dos líderes de seitas hoje em dia, esses falsos mestres roubavam os frutos do trabalho alheio em vez de procurar ganhar seus próprios convertidos.

Alguém disse bem que: “O único lugar em que podemos encontrar ‘gradidão’ é no dicionário”. Demonstramos gradidão aos que nos ministram?

2. UMA SÚPLICA POR SEPARAÇÃO (2 Co 6:11 - 7:1)

Apesar de todos os problemas e tristezas que a igreja lhe causou, Paulo ainda amava profundamente os cristãos de Corinto. Falou-lhes com franqueza e amor, e agora lhes pedia com toda ternura que abrissem o coração para ele. Sentiu-se como um pai cujos filhos o privassem do amor que merece (ver 1 Co 4:15).

Essa falta de amor por Paulo devia-se ao coração dividido dos coríntios. Falsos mestres roubaram o coração deles, arrefecendo seus sentimentos para com o apóstolo. Eram como uma filha noiva, prestes a se casar, que fora seduzida por um pretendente indigno (ver 2 Co 11:1-3). Os coríntios faziam concessões desonrosas ao mundo, de modo que Paulo suplica que se separem para Deus, da mesma forma que uma esposa fiel reserva-se para o marido.

Infelizmente, nos últimos anos, a doutrina importante e essencial da separação tem

sido mal-entendida e aplicada indevidamente. Em seu zelo excessivo, alguns cristãos sinceros transformaram a separação em isolamento, a ponto de criar uma comunhão tão restrita que não são capazes de conviver uns com os outros. Em uma reação a esse radicalismo, há quem vá para outro extremo, derrubando todas as barreiras e tendo comunhão com qualquer um, sem levar em consideração as convicções ou o estilo de vida dos outros. Apesar de sua prática do amor cristão ser louvável, não podemos nos esquecer que até mesmo o amor cristão deve usar de discernimento (Fp 1:9-11).

Paulo apresenta três argumentos para tentar convencer esses cristãos de que devem manter-se separados daquilo que é contrário à vontade de Deus.

A natureza do cristão (vv. 14-16). É a natureza que determina a associação. Uma vez que o porco tem a natureza de porco, associa-se com outros porcos no chiqueiro. Uma vez que a ovelha tem a natureza de ovelha, ruma o capim junto com o rebanho no pasto. O cristão possui natureza divina (2 Pe 1:3, 4), portanto, deve ter o desejo de se associar com o que agrada ao Senhor.

O conceito de "jugo desigual" vem de Deuteronômio 22:10: "Não lavrarás com junta de boi e jumento". O boi era um animal limpo para o povo de Israel, enquanto o jumento era impuro (Dt 14:1-8); seria errado, portanto, colocar ambos debaixo do mesmo jugo. Além disso, esses animais possuem naturezas opostas e sequer são capazes de trabalhar adequadamente em conjunto. Seria cruel atá-los um ao outro. Do mesmo modo, é errado o cristão encontrar-se sob o mesmo jugo que os incrédulos.

É importante observar os substantivos que Paulo usa: *sociedade*, *comunhão*, *harmonia* e *união*. Cada uma dessas palavras refere-se à presença de algo em comum. O termo "concordia" (ou *harmonia*) dá origem a nossa palavra "sinfonia" e se refere à bela música resultante quando os músicos lêem a mesma partitura e seguem o mesmo regente. Que confusão seria se cada músico

Nessas palavras, vemos o que Deus anseia para seu povo. Ele deseja que *compartilhem* uns com os outros (sociedade) e que *tenhamos em comum* (comunhão) as bênçãos da vida cristã. Deseja que desfrutemos *harmonia* e *união* ao viver e trabalhar juntos. Quando tentamos andar com o mundo e com o Senhor ao mesmo tempo, rompemos a comunhão espiritual e criamos discórdia e divisão.

Paulo vê um contraste gritante entre cristãos e não cristãos: justiça e iniquidade; luz e trevas; Cristo e o Maligno; crente e incrédulo; o santuário de Deus e os ídolos. Como seria possível unir esses opostos? A própria natureza do cristão requer que seja separado do que é profano. Quando uma pessoa salva se casa com uma pessoa não salva, cria uma situação impossível, e o mesmo se aplica às sociedades nos negócios e à "comunhão" religiosa.

Convém observar que, em 2 Coríntios 6:16, o pronome é plural: *nós*. Assim, Paulo está se referindo à igreja local como um todo, não ao cristão individual, como no caso de 1 Coríntios 6:19, 20. Deus habita na igreja local, pois os cristãos são o povo de Deus (ver Êx 6:7; 25:8; Lv 26:12; Ez 37:26, 27). Quando a igreja local abre mão de seu testemunho, é como se o templo fosse profanado.

A ordem das Escrituras (v. 17). Grande parte desta citação é de Isaías 52:11, mas também há paralelos em Ezequiel 20:34, 41. Isaías refere-se à nação cativa deixando a Babilônia e voltando para a própria terra, mas a aplicação espiritual diz respeito à separação do povo de Deus hoje.

A ordem de Deus para seu povo é "retirai-vos", indicando um ato decisivo da parte deles. "Separai-vos" sugere devoção a Deus com um propósito especial. A separação não é apenas um ato negativo de se retirar. Devemos nos separar *do* pecado e *para* Deus. "Não toqueis coisas impuras" é uma advertência quanto à contaminação. Para os israelitas do Antigo Testamento, tocar um cadáver ou ter qualquer contato com o fluxo de uma ferida inflamada provocava a

hoje não se contamina espiritualmente pelo toque, mas o princípio é o mesmo. Não devemos nos associar com o que pode comprometer nosso testemunho ou nos levar à desobediência.

O preceito divino da separação pode ser encontrado ao longo de todas as Escrituras. Deus advertiu Israel a não se misturar com as nações pagãs na terra de Canaã (Nm 33:50-56); no entanto, os israelitas desobedeceram repetidamente à sua Palavra e foram disciplinados por causa disso. Os profetas suplicaram ao povo incessantemente para que deixassem os ídolos pagãos e se dedicassem inteiramente ao Senhor. Por fim, Deus teve de enviar Israel para o cativeiro na Assíria e Judá para o cativeiro na Babilônia. Jesus rejeitou a falsa "separação" dos fariseus, advertiu os discípulos sobre o fermento (falsa doutrina) dos fariseus e saduceus e orou pedindo que Deus os guardasse da contaminação do mundo (Mt 16:6, 11; Jo 17:14-17).

Em suas cartas às igrejas, os apóstolos também enfatizaram a pureza doutrinária e pessoal. O cristão pode estar *no mundo*, mas deve cuidar para não se tornar *como* o mundo. A Igreja também deve se separar dos que rejeitam a doutrina dada por Cristo e os apóstolos (Rm 12:1, 2; 16:17-20; Cl 3:1, 2; 1 Tm 6:10, 11; Tt 2:14; 1 Pe 4:3-6; 1 Jo 4:6). Até mesmo no Livro de Apocalipse podemos encontrar uma ênfase sobre a importância de o povo de Deus separar-se do que é falso e contrário à vida de santidade (Ap 2:14-16, 20-24; 18:4ss).

Em nosso desejo de manter a pureza doutrinária e pessoal, não devemos nos tornar egocêntricos a ponto de ignorar os necessitados a nosso redor. Jesus foi "santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus" (Hb 7:26), no entanto, foi "amigo de publicanos e pecadores!" (Lc 7:34). Como um médico experiente, devemos praticar o "contato sem contaminação". De outro modo, acabaremos nos isolando das pessoas para as quais mais precisamos ministrar.

A promessa de bênção de Deus (6:17 - 7:1). Quando cremos em Jesus Cristo como

Salvador, Deus se torna nosso Pai, mas não pode *ser um Pai* para nós, a menos que lhe obedecemos e que tenhamos comunhão com ele. Deus anseia por nos receber em amor e nos tratar como seus filhos e filhas queridos. A salvação significa que compartilhamos a vida do Pai, mas a separação significa que desfrutamos plenamente o amor do Pai. Jesus prometeu esse amor mais profundo em João 14:21-23.

Deus abençoa os que se separam do pecado e para o Senhor. Abraão deixou Ur dos caldeus, e Deus o abençoou. Então, em um ato de transigência, Abraão foi para o Egito, e Deus teve de discipliná-lo (Gn 11:31 - 12:20). Enquanto Israel se manteve separado das nações pecadoras de Canaã, Deus o abençoou; mas, depois que começou a se misturar com os pagãos, Deus teve de discipliná-lo. Tanto Esdras quanto Neemias precisaram ensinar ao povo novamente o que significava manter-se separado (Ed 9 - 10; Ne 9:2; 10:28; 13:1-9, 23-31).

Todos temos algumas responsabilidades espirituais decorrentes das promessas que Deus nos dá em sua graça (2 Co 7:1). Devemos nos purificar, de uma vez por todas, de tudo o que nos contamina. Não basta pedir a Deus que nos purifique. Devemos limpar a vida e nos livrar do que contribui para o pecado. Nenhum cristão pode julgar o irmão ou irmã; cada um sabe dos problemas no próprio coração e vida.

Muitas vezes, os cristãos tratam dos sintomas, não das causas. Confessamos repetidamente os mesmos pecados, pois não chegamos à raiz do problema para nos purificar. Talvez haja alguma "concupiscência da carne", algum "pecado de estimação" que alimenta a velha natureza (Rm 13:14). Ou talvez se trate de alguma "torpeza do espírito", uma atitude pecaminosa. O filho pródigo cometeu pecados da carne, mas seu irmão mais velho "virtuoso" cometeu pecados do espírito. Não era sequer capaz de se relacionar com o próprio pai (ver Lc 15:11-21).

No entanto, nossa purificação é apenas metade da responsabilidade; também devemos "[aperfeiçoar] a nossa santidade no

temor de Deus" (2 Co 7:1). Trata-se de um processo constante, à medida que crescemos na graça e no conhecimento (2 Pe 3:18). É importante ser equilibrados. Os fariseus eram zelosos quanto à purificação, mas não se dedicavam a aperfeiçoar sua santidade. Mas é tolice tentarmos aperfeiçoar a santidade, se ainda há pecados manifestos em nossa vida.

Paulo pediu apreciação e separação e, agora, faz um último apelo em sua tentativa de recuperar o amor e a devoção dos cristãos de Corinto.

3. UM PEDIDO DE RECONCILIAÇÃO (2 Co 7:2-16)

"Alarga-se o nosso coração"; "Dilatai-vos também vós" (2 Co 6:11, 13). "Acolhei-nos em vosso coração" (2 Co 7:2). "Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo?" (Am 3:3). Se os coríntios purificassem a vida e a congregação, Deus os receberia (2 Co 6:17) e poderiam voltar a ter comunhão com Paulo.

A ênfase desta seção é sobre o modo de Deus encorajar Paulo depois de o apóstolo ter passado por tantas provações na Ásia e em Trôade (ver 2 Co 1:8-10; 2:12, 13). Na verdade, esses versículos apresentam três palavras de estímulo.

Paulo encoraja a igreja (vv. 2-4). A igreja havia recebido Tito; agora, deveriareceber Paulo (2 Co 7:13). Paulo pede que confiem nele, pois nunca lhes fez nenhum mal. Sem dúvida, trata-se de uma referência aos falsos mestres que acusaram Paulo, especialmente no caso do termo *explorar* (ver 2 Co 11:20). A oposição o acusava de se apropriar indevidamente do dinheiro da oferta missionária.

Por que é tão difícil convencer as pessoas de que as amamos? O que mais Paulo poderia fazer para persuadi-los? Estava disposto a morrer por eles, se fosse necessário, pois os levava em seu coração (ver 2 Co 3:1ss; 6:11-13). Gabava-se deles a outros ("muito me glorio por vossa causa"), mas eles o criticavam.

Mas, apesar desses problemas, Paulo tinha motivos de sobra para encorajar a igreja,

e havia surgido a oportunidade de restabelecer os vínculos e restaurar a comunhão. Isso nos leva à segunda palavra de estímulo.

Tito encoraja Paulo (vv. 5-10). O primeiro encorajamento que Paulo recebeu foi re-encontrar Tito depois de passarem algum tempo separados. Naquele tempo, não era fácil comunicar-se nem viajar, e Paulo teve de depender da providência de Deus para que seus planos quanto à visita de Tito a Corinto funcionassem. (Mesmo como nossos meios de transporte e de comunicação modernos, continuamos dependendo da providência de Deus.)

No entanto, Paulo também foi encorajado pelo relato de Tito acerca de sua recepção pela igreja de Corinto. Os coríntios leram a "carta dolorosa" de Paulo, arrependeram-se de seus pecados e disciplinaram os membros que haviam criado problemas. Infelizmente, algumas versões da Bíblia traduzem duas palavras gregas como "arrepender", pois cada uma delas tem significado diferente. O termo "arrependo", em 2 Coríntios 7:8, significa "lamento"; o "arrependimento", em 2 Coríntios 7:10, quer dizer "ser contristado".

Paulo havia escrito uma carta severa aos coríntios e lamentava ter sido obrigado a fazê-lo. Mas a carta cumprira seu propósito, eles haviam se arrependido, e Paulo alegrou-se com isso. Seu arrependimento não foi apenas um "remorso" passageiro; foi um entristecimento piedoso por seus pecados. "Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte" (2 Co 7:10). Essa diferença fica clara no contraste entre Judas e Pedro. Judas "se arrependeu" (se encheu de remorso) e cometeu suicídio, enquanto Pedro chorou e se arrependeu verdadeiramente de sua queda (Mt 26:75 - 27:5).

Os cristãos precisam se arrepender? Jesus diz que sim (Lc 17:3, 4), e Paulo concorda com ele (2 Co 12:21). Dentre sete igrejas da Ásia Menor relacionadas em Apocalipse 2 e 3, quatro foram chamadas ao arrependimento. Arrepender-se significa, simplesmente,

os cristãos desobedientes precisam arrepender-se, não a fim de receber a salvação, mas de restaurar sua comunhão mais íntima com Deus.

Os coríntios encorajaram Tito (vv. 11-16). Esforçaram-se ao máximo para fazer a vontade de Deus. Em primeiro lugar, receberam Tito e o revigoraram com sua comunhão (2 Co 7:13). Alegraram seu coração ao mostrar que tudo o que Paulo havia dito a respeito deles era verdade. Aceitaram a mensagem de Paulo e tomaram as providências necessárias;

Em 2 Coríntios 7:11, Paulo descreve a maneira de tratarem a questão da disciplina. "Porque quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós que, segundo Deus, fostes contristados! Que defesa, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vingança! Em tudo destes prova de estardes inocentes neste assunto." Paulo animou-se quando Tito lhe contou como os coríntios haviam se arrependido e mostrado zelo e preocupação em fazer o que era certo. Paulo

garantiu-lhes que o propósito de sua carta não era apenas repreender o transgressor e ajudar os ofendidos, mas também provar seu amor pela igreja. Aquela situação causara grande sofrimento a Paulo, mas seu sofrimento havia valido a pena, pois o problema fora resolvido.

É extremamente difícil restaurar um relacionamento rompido. É o que Paulo procura fazer em 2 Coríntios, especialmente nos capítulos 6 e 7. Infelizmente, há muitos relacionamentos rompidos hoje – nos lares, igrejas e ministérios –, e estes só poderão ser reparados e fortalecidos quando as pessoas encararem seus problemas com honestidade e os tratarem de maneira bíblica e em amor, esforçando-se para colocar a vida em ordem com Deus.

Ao examinarmos nossa vida, devemos tomar o propósito de fazer parte da solução, não do problema. É preciso demonstrar apreciação, praticar a separação e encorajar a reconciliação, a fim de que Deus nos use para restaurar relações rompidas.

A GRAÇA DE OFERTAR – PARTE 1

2 CORÍNTIOS 8

Um dos principais ministérios da terceira viagem missionária de Paulo foi receber uma “oferta especial” aos cristãos necessitados da Judéia. Paulo já os havia ajudado dessa maneira anteriormente (At 11:27-30), e se alegrou em poder fazê-lo novamente. É bastante sugestivo que tenha sido Paulo a se lembrar da “bem-aventurança esquecida” de Jesus Cristo: “Mais bem-aventurado é dar que receber” (At 20:35).

Além da assistência material aos pobres, Paulo tinha outras bênçãos em mente. Desejava que essa oferta fortalecesse a unidade da Igreja pela partilha de recursos dos gentios com as congregações de judeus do outro lado do mar. Para o apóstolo, os gentios eram “devedores” dos judeus (Rm 15:25-28), e a coleta especial era uma forma de pagar essa dívida.

Essa oferta também deveria servir de evidência aos cristãos judeus (alguns dos quais ainda se mantinham extremamente zelosos com respeito à Lei) de que Paulo não era inimigo dos judeus nem de Moisés (At 20:17ss). Logo no início de seu ministério, Paulo havia prometido lembrar-se dos pobres (Gl 2:6-10), e havia se esforçado para cumprir essa promessa; mas, ao mesmo tempo, esperava que a generosidade dos gentios acabasse com a desconfiança dos judeus.

Infelizmente, os coríntios não faziam a parte deles. Como tantas pessoas, fizeram promessas, mas não as cumpriam. Na verdade, um ano inteiro fora desperdiçado (2 Co 8:10). O motivo dessa procrastinação era a falta de espiritualidade da igreja. Quando uma igreja não é espiritual, também não

judaizantes, que provavelmente arrancavam do povo o máximo de dinheiro que podiam (2 Co 11:7-12, 20; 12:14).

Paulo sabia que seria difícil fazer os coríntios participarem, de modo que elevou seu apelo ao mais alto nível espiritual possível: ensinou-lhes que contribuir era um ato de graça. Paulo usa nove palavras diferentes para referir-se à oferta, mas a que emprega com mais frequência é *graça*. Contribuir é, verdadeiramente, um *ministério* e um ato de *comunhão* (2 Co 8:4) que ajuda a outros, mas a motivação deve vir da presença da graça de Deus no coração. Paulo sabia que essa coleta era uma *dívida* que os gentios tinham para com os judeus (Rm 15:27) e também um *fruto* de sua vida cristã (Rm 15:28); no entanto, ia além: era a obra da graça divina no coração humano.

É maravilhoso quando os cristãos participam da graça de contribuir, quando crêem verdadeiramente que é mais bem-aventurado dar do que receber. Como podemos descobrir se estamos “ofertando pela graça”? Paulo indica uma série de evidências de que nossa contribuição é motivada pela graça.

1. CONTRIBUÍMOS APESAR DAS CIRCUNSTÂNCIAS (2 Co 8:1, 2)

As igrejas da Macedônia que Paulo usa como exemplo haviam passado por grandes dificuldades, no entanto haviam contribuído generosamente. Não apenas sofreram “aflições”, mas também experimentaram “muita prova de tribulação” (2 Co 8:2). Encontravam-se em *profunda pobreza*, expressão que significa “miséria absoluta”. O termo grego descreve um mendigo que não tem coisa alguma, nem mesmo esperança de receber algo. É possível que sua situação difícil fosse decorrente, em parte, de sua fé cristã, pois talvez tenham perdido empregos ou sido excluídos das associações comerciais por se recusaram a ter qualquer envolvimento com a idolatria.

No entanto, suas circunstâncias não os impediram de contribuir. Pelo contrário: deram com alegria e generosidade! Nenhum computador é capaz de analisar essa fórmu-

profunda + graça = alegria e generosidade abundantes! Isso nos traz à memória o paradoxo do ministério de Paulo: “pobres, mas enriquecendo a muitos” (2 Co 6:10). Também nos lembra as ofertas generosas recolhidas para a construção do tabernáculo (Êx 35:5, 6) e do templo (1 Cr 29:6-9).

Quando experimentamos a graça de Deus em nossa vida, não usamos as circunstâncias difíceis como desculpa para deixar de contribuir. Existem, por acaso, circunstâncias que nos incentivam a ofertar? Em meu primeiro pastorado, nossa igreja se deparou com a grande necessidade de construir um novo templo; alguns dos membros, porém, se opuseram ao programa de construção por causa da “situação econômica”. Ao que parece, as siderúrgicas planejavam entrar em greve, e algumas refinarias estavam prestes a fechar as portas; o sistema ferroviário passava por dificuldades... e parecia um momento arriscado para construir. No entanto, um número suficiente de pessoas que acreditavam na prática de “ofertar pela graça” manifestou-se, e foi possível construir o novo templo – apesar das greves, falências, demissões e outros problemas econômicos. A graça de ofertar é exercitada apesar das circunstâncias.

2. CONTRIBUÍMOS COM ENTUSIASMO (2 Co 8:3, 4)

É possível contribuir com generosidade, mas sem entusiasmo.

– O pastor disse que devo contribuir até doer – disse o membro sovina de uma igreja. – Sinto dor só de *pensar* em contribuir.

Ao contrário da igreja de Corinto, as igrejas da Macedônia não precisaram ser incentivadas nem lembradas da necessidade em questão. Mostraram-se totalmente dispostas a participar da coleta. Na verdade, *rogaram para ser incluídas!* (2 Co 8:4). Com que frequência ouvimos falar de cristãos que *imploram* para alguém levantar uma oferta em sua igreja?

Sua contribuição foi voluntária e espontânea. Foi feita pela graça, não por pressão. Ofertaram porque sentiram o desejo de fazê-lo e porque haviam experimentado a graça

de Deus. A graça liberta não apenas dos pecados, mas também de nós mesmos. A graça de Deus abre nosso coração e *nossa mão*. Nossa oferta não é o resultado de um processo frio e calculista, mas sim de um coração ardendo de alegria!

3. CONTRIBUÍMOS SEGUNDO O EXEMPLO DE JESUS (2 Co 8:5-9)

Jesus Cristo é sempre o exemplo supremo a ser seguido pelo cristão em seu serviço, sofrimento ou sacrifício. Como Jesus Cristo, os cristãos da Macedônia *entregaram-se a Deus e aos outros* (2 Co 8:5). Se nos entregarmos a Deus, não teremos dificuldade em consagrar ao Senhor nossos bens materiais e em dedicar a vida aos outros. É impossível amar a Deus e ignorar a necessidade do próximo. Jesus Cristo entregou-se por nós (Gl 1:4; 2:20). Acaso não devemos nos entregar a ele? Cristo não morreu por nós para que vivêssemos para nós mesmos, e sim para que vivêssemos para ele e para os outros (2 Co 5:15).

Como o sacrifício de Cristo, a oferta dos macedônios foi *motivada pelo amor* (2 Co 8:7, 8). Que repreensão aos coríntios extremamente ricos em bênçãos espirituais (1 Co 1:4, 5)! Estavam tão envolvidos com os *dons* do Espírito que deixaram de lado as *graças* do Espírito, inclusive a graça de ofertar. As igrejas da Macedônia viviam em “profunda pobreza” (2 Co 8:2), no entanto superabundaram em sua grande riqueza. Os coríntios possuíam uma profusão de dons espirituais, no entanto se mostraram negligentes em cumprir a promessa de contribuir com a coleta.

Não devemos jamais argumentar que o ministério de nossos dons espirituais é um substituto para a contribuição generosa.

– Leciono na Escola Bíblica Dominical, portanto não preciso contribuir.

Isso não é uma explicação, mas sim uma desculpa. O cristão que se lembra de que os dons são *dádivas de Deus* terá motivação para ofertar e não se “esconderá” atrás de seu ministério. Há pastores e missionários que argumentam que, pelo fato de dedicarem todo seu tempo ao serviço do Senhor,

não têm obrigação alguma de contribuir. Paulo afirma justamente o contrário: uma vez que fomos abençoados por Deus de modo maravilhoso, devemos ter um desejo ainda maior de ofertar!

Paulo toma o cuidado de deixar claro que não está *ordenando* que contribuam. Na verdade, contrasta a atitude dos macedônios com a postura dos coríntios. Ressalta que os macedônios seguiam o exemplo de Jesus: eram pobres e, no entanto, contribuíram. Os coríntios diziam que amavam Paulo; agora, ele pedia que provassem esse amor participando da oferta. A contribuição pela graça é uma prova de amor a Cristo, aos servos de Deus que nos ministram e aos que têm necessidades específicas que temos condições de suprir.

Por fim, *sua oferta foi sacrificial* (2 Co 8:9). Em que sentido Jesus é rico? Sem dúvida, em sua pessoa, pois é o Deus eterno. É rico em suas posses e em sua posição como Rei dos reis. É rico em seu poder, pois é capaz de fazer qualquer coisa. No entanto, apesar de ter todas essas riquezas – e muitas outras –, *ele se fez pobre*.

O tempo do verbo indica que se trata de uma referência a sua encarnação, seu nascimento em Belém. Uniu-se à humanidade e assumiu forma humana. Deixou seu trono para se tornar um servo. Colocou de lado todas as suas posses de modo a não ter sequer um lugar onde descansar a cabeça. Sua experiência suprema de pobreza foi quando se fez pecado por nós na cruz. O inferno é a penúria eterna, e, na cruz, Jesus Cristo se tornou o mais miserável dos miseráveis.

Por que ele fez isso? Para que nos tornássemos ricos! Isso indica que, antes de conhecermos Jesus Cristo, éramos pobres e estávamos completamente falidos. Agora que cremos nele, porém, compartilhamos de todas as suas riquezas! Somos filhos de Deus e “herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo” (Rm 8:17). Diante desse fato, *como nos recusar a dar a outros?* Cristo se fez pobre para nos enriquecer! O que nos impede de seguir seu exemplo, como fizeram as igrejas da Macedônia, que de sua profunda po-

4. CONTRIBUÍMOS DE BOA VONTADE (2 Co 8:10-12)

Há grande diferença entre *prometer* e *cumprir*. Um ano antes, os coríntios garantiram a Tito que participariam da coleta especial (2 Co 8:6), mas não haviam cumprido sua promessa. Convém observar que, em 2 Coríntios 8:10-12, Paulo enfatiza a *voluntariedade*. Contribuir pela graça é um gesto que deve vir de um coração disposto e não pode ser resultado de coerção nem de constrangimento.

Ao longo de meu ministério, presenciei muitos apelos para levantar ofertas. Ouvi histórias absurdas de necessidades inacreditáveis. Forcei-me a rir de piadas velhas e gastas que deveriam me ajudar a contribuir. Fui repreendido, envergonhado e quase ameaçado, mas devo confessar que nenhuma dessas abordagens me levou a contribuir além do que eu havia planejado. Na verdade, em várias ocasiões acabei ofertando *menos*, de tão desgostoso que fiquei com essas técnicas mundanas. (No entanto, nunca cheguei a fazer como Mark Twain que, segundo seu próprio relato, certa vez, ficou tão aborrecido com um apelo que, além de não contribuir conforme planejara, ainda tirou uma nota de dentro do prato que estava sendo passado!)

Devemos ter cuidado para não confundir *disposição* com *ação*, pois as duas coisas devem andar juntas. Se a disposição é sincera e está dentro da vontade de Deus, deve ser “[levada] a termo” (2 Co 8:11; Fp 2:12, 13). Paulo não afirma que a *disposição* é um substituto para a *ação*, pois não é. No entanto, se nossa contribuição é motivada pela graça, daremos de boa vontade, não porque fomos forçados a fazê-lo.

Deus vê a oferta que vem do coração, não apenas das mãos. Se o coração desejava dar com mais generosidade, mas não teve meios, Deus vê esse desejo e providencia para que seja devidamente registrado. Mas se as mãos dão mais do que o coração deseja, Deus também vê e registra o que está no coração, por maior que tenha sido a oferta das mãos.

Um amigo meu estava saindo para uma viagem de negócios, quando a esposa o lem-

dinheiro para as despesas da casa. Pouco antes da coleta de ofertas na igreja, ele colocou algum dinheiro na mão da esposa. Ela pensou que era a oferta semanal deles e colocou tudo no prato de coleta. Na verdade, aquele era o dinheiro para as despesas da semana inteira.

– Pois bem – disse meu amigo –, entregamos ao Senhor, e ele registrou nossa oferta.

– Quanto você pretendia dar? – perguntou o pastor, e meu amigo falou a quantia. – Então foi isso que Deus registrou – disse o pastor, – pois ele vê a intenção do coração!

Deus não vê a porção, mas sim a proporção. Se podíamos dar mais e não o fizemos, Deus sabe. Se desejávamos dar mais e não tínhamos como, Deus também sabe. Quando contribuímos voluntária e alegremente, de acordo com o que temos, ofertamos pela graça.

5. CONTRIBUÍMOS PELA FÉ (2 Co 8:13-24)

Paulo não está sugerindo que os ricos devam ficar pobres para que os pobres fiquem ricos. Seria imprudente um cristão contrair dívidas a fim de aliviar a outros de seus compromissos financeiros, a menos, é claro, que tivesse os meios para arcar com essa responsabilidade e pagar a dívida. Paulo vê no procedimento todo uma “igualdade”: os gentios foram espiritualmente enriquecidos pelos judeus, de modo que os judeus deveriam ser materialmente enriquecidos pelos gentios (ver Rm 15:25-28). Além disso, as igrejas gentias daquela época desfrutavam mais riquezas materiais, enquanto os cristãos da Judéia sofriam privações. Um dia, a situação poderia se inverter, e os judeus poderiam ajudar os gentios.

É Deus quem promove essa igualdade, e, para ilustrar esse princípio, Paulo usa o milagre do maná (Êx 16:18). Não importava quanto maná os israelitas juntassem a cada dia, sempre tinham o que precisavam. Os que tentavam guardar o maná descobriam que isso não era possível, pois o alimento se deteriorava e cheirava mal (Êx 16:20). A lição é clara: devemos guardar o que precisamos, compartilhar o que podemos e não

tentar acumular as bênçãos de Deus. Se cremos em Deus e obedecermos à sua Palavra, ele suprirá todas as nossas necessidades.

Nossa *motivação* para dar é a bênção espiritual de Deus em nossa vida, mas a *medida* de nossa contribuição deve ser a bênção material de Deus. Paulo deixa isso claro em sua primeira carta aos coríntios: “cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade” (1 Co 16:2). Paulo não apresenta uma fórmula matemática, pois a contribuição pela graça não se limita ao dízimo (10%). Trata-se de uma contribuição sistemática, mas não legalista. Não se satisfaz com o mínimo, qualquer que seja.

Uma vez que é Deus quem faz “o balanço do livro-caixa”, não podemos acusar Paulo de pregar algum tipo de comunismo. Na verdade, 2 Coríntios 8:13 é uma declaração direta contra o comunismo. O chamado “comunismo” da Igreja primitiva (At 2:44-47; 4:32-37) não tem qualquer relação com os sistemas econômicos modernos. Como muitos dos cristãos de hoje, os primeiros cristãos compartilharam *voluntariamente* aquilo que tinham, sem forçar outros a participar. Foi uma situação temporária, e o fato de Paulo precisar levantar uma oferta especial para suprir as necessidades do povo da Judéia mostra que não se esperava que esse “comunismo” fosse imitado pelas gerações futuras de cristãos.

A oferta pela graça é uma questão de fé: obedecemos a Deus e cremos que ele suprirá nossas necessidades, enquanto ajudamos a suprir as necessidades de outros. Assim como os israelitas juntavam o maná todos os dias, também devemos depender de Deus e lhe pedir: “o pão nosso de cada dia dá-nos hoje” (Mt 6:11). Não devemos desperdiçar o que Deus nos dá nem acumular bens egoisticamente. Dentro da vontade de Deus, é correto poupar. (Na sexta-feira, os israelitas guardavam maná suficiente para comer no sábado, e o alimento não estragava [Êx 16:22-26].) Mas fora da vontade de Deus, a riqueza que acumulamos nos prejudicará (ver Tg 5:1-6).

Começando em 2 Coríntios 8:16, Paulo muda repentinamente de enfoque e passa

de princípios espirituais profundos a alguns conselhos práticos sobre a forma de fazer a coleta especial. Apesar de ser verdade que ofertar pela graça é uma questão de fé, também é verdade que esse tipo de oferta não é aleatório. O cristão que compartilha com outros deve se certificar de que sua contribuição está sendo administrada de modo honesto e apropriado.

Ao longo dos anos, tenho tentado incentivar o povo de Deus a apoiar ministérios idôneos. Muitas vezes, tenho de alertar um membro da igreja para não contribuir com alguma organização irresponsável, só para descobrir depois que a pessoa ignora meu aviso. Então, alguns meses depois, essa mesma pessoa me procura dizendo:

– Mandei um cheque para aquela instituição e descobri que não passa de uma fraude!

– Eu avisei para você não contribuir – respondo calmamente.

– O Senhor conhece o meu coração – argumenta o contribuinte ludibriado. – Apesar de o dinheiro ter sido desperdiçado, receberei crédito por isso no céu.

A contribuição pela graça não é uma prática insensata. Mesmo na igreja local, as pessoas que lidam com o dinheiro devem ter certas qualificações. Paulo era extremamente cuidadoso com os fundos que recebia, pois não desejava ficar conhecido como um “santo larápio”. As igrejas que participaram da oferta escolheram representantes para viajar com Paulo e se certificar de que tudo seria feito com honestidade, decência e ordem.

Em uma classe de Escola Bíblica Dominical de uma das igrejas que pastoreie, observei que havia apenas *um* rapaz recolhendo as ofertas, contando o dinheiro, registrando o valor e depois levando tudo para o escritório. Do modo mais delicado possível, sugeri que estava se colocando em uma situação arriscada, pois se alguém o acusasse de alguma coisa, não teria como provar que havia lidado honestamente com o dinheiro.

– Confio em você – disse. – Mas não confio nas pessoas que o podem estar observando e tentando encontrar motivos pa-

Em vez de seguir meu conselho, o rapaz se exasperou e saiu da igreja.

Homens e mulheres de todo ministério cristão – seja a igreja local, uma organização missionária ou campanha evangelística – devem ter as seguintes qualificações a fim de lidar com o dinheiro de Deus.

Um desejo dado por Deus de servir (vv. 16, 17). Paulo não “recrutou” Tito; o rapaz sentiu no coração o desejo de ajudar a coletar a oferta especial. É comum nas igrejas locais ver homens e mulheres serem colocados para trabalhar na tesouraria sem terem um desejo sincero de servir a Deus dessa maneira. Acima de tudo, a pessoa que lida com o dinheiro do Senhor deve ter o coração em ordem com Deus.

Um senso de responsabilidade para com as almas perdidas (v. 18). Não sabemos quem era esse irmão, mas agradecemos a Deus por testemunhar do evangelho. Talvez fosse um evangelista; pelo menos, era conhecido nas igrejas como alguém que se sentia responsável pelas almas perdidas. Muitas igrejas locais colocam aqueles que têm mais facilidade de testemunhar para trabalhar nas áreas de evangelismo e missões, o que é certo; mas algumas dessas pessoas também devem ser colocadas na tesouraria ou no conselho curador, a fim de garantir prioridades corretas. Sei de comissões que aprovaram quantias exorbitantes para construções e equipamentos, mas que se recusaram a dar um centavo para ministérios evangelísticos.

Certa vez, um jovem pastor desanimado veio pedir meu conselho.

– O pessoal da tesouraria da igreja está morrendo de medo. Por causa da situação econômica, recusam-se a liberar recursos para qualquer coisa... Enquanto isso, temos fundos sobrando no banco!

Mesmo sem conhecer ninguém da tesouraria dessa igreja, posso dizer uma coisa: essas pessoas precisavam sentir responsabilidade pelas almas perdidas.

Um desejo de honrar a Deus (v. 19). Muitas vezes, os relatórios financeiros glorificam a igreja ou um certo grupo de contri-

da igreja, não existe divisão entre “secular e sagrado”, “negócios e ministério”. Tudo o que fazemos são “negócios sagrados” e ministério para o Senhor. Quando os estatutos da igreja dizem que os diáconos (ou presbíteros) devem cuidar de “questões espirituais” da congregação, enquanto os curadores tratam de “questões materiais e financeiras”, faz uma distinção que não é bíblica. *Não há nada mais espiritual dentro da igreja do que usar o dinheiro com sabedoria para o ministério.*

Podemos glorificar a Deus usando o que ele nos concede da forma como quer. Se as pessoas que cuidam das finanças da igreja não tiverem o desejo de glorificar a Deus, logo estarão usando seus recursos de maneiras que envergonharão o nome do Senhor.

Uma reputação de honestidade (vv. 20-22). Paulo deixa claro que ficaria feliz com a companhia dos representantes das igrejas colaboradoras, pois desejava evitar qualquer acusação. Não basta dizer: “O Senhor sabe o que estamos fazendo!” Devemos nos certificar de que as pessoas também sabem o que fazemos. Gosto da maneira como J. B. Phillips traduz 2 Coríntios 8:21: “Naturalmente, desejamos evitar até o mais leve sopro de crítica na distribuição das ofertas e ser inteiramente honestos não apenas aos olhos de Deus, mas também aos olhos dos homens”.

Pessoalmente, não contribuiria para um missionário ou obreiro cristão que não é ligado a alguma organização ou instituição idônea. Também não daria minha oferta a qualquer ministério que não presta contas a seus contribuintes. Não estou dizendo que obreiros cristãos *free-lance* sejam irresponsáveis; mas teria mais confiança se seus ministérios fossem ligados a alguma organização que supervisionasse o sustento financeiro.

É interessante observar a ênfase de 2 Coríntios 8:22 sobre o zelo. Se há uma qualidade essencial para cuidar das finanças é o zelo. Sei de igrejas cujos tesoureiros não mantiveram um registro atualizado das receitas e despesas e que entregaram relatórios

anuais feitos com total desleixo, alegando que “estavam ocupados demais para manter o livro-caixa atualizado”. Se esse era o problema, não deveriam sequer ter aceitado o cargo!

Um espírito cooperativo (vv. 23, 24). Tito não apenas se dedicava de coração a seu ministério (2 Co 8:16), mas também sabia como trabalhar em equipe. Paulo o chama de “companheiro e cooperador”. Tito não era como o membro de certa comissão da qual ouvi falar. Na primeira reunião, esse indivíduo disse:

– Enquanto eu estiver nesta comissão, nenhuma votação será unânime!

Os membros da tesouraria não são *donos* do dinheiro; ele pertence ao Senhor. Os tesoureiros são apenas despenseiros que administram os fundos com honestidade e prudência a serviço do Senhor. É importante observar que Paulo também considera a comissão um grupo de servos das igrejas. A coleta dessa oferta especial foi um esforço cooperativo das igrejas gentias, e Paulo e os representantes serviram apenas de “mensageiros” dessas igrejas. O termo grego é *apóstolos*, do qual vem nossa palavra “apóstolo – aquele que foi enviado com uma comissão especial”. Esses cristãos consagrados sentiam-se compelidos a trabalhar para a igreja de modo honesto e bem-sucedido.

Ofertar pela graça é uma aventura emocionante! Quando aprendemos a contribuir “pela graça [...] mediante a fé” (da mesma forma como fomos salvos – ver Ef 2:8, 9), começamos a experimentar uma libertação maravilhosa das coisas e das circunstâncias. Começamos a controlar as coisas ao invés de ser controlados por elas, desenvolvendo novos valores e prioridades. Não medimos mais a vida ou as demais pessoas com base no dinheiro e nos bens. Se o dinheiro é o maior indicador de sucesso, Jesus era um fracassado, pois era um Homem pobre!

A contribuição pela graça nos enriquece, à medida que enriquecemos a outros e que nos tornamos mais semelhantes a Cristo.

A GRAÇA DE OFERTAR – PARTE 2

2 CORÍNTIOS 9

Considerando quanto Deus tem nos dado, é estranho que nós, cristãos, precisemos de incentivo para contribuir. Deus havia enriquecido os coríntios de maneira maravilhosa, no entanto hesitavam em compartilhar o que tinham com outros. Não estavam acostumados a ofertar pela graça, de modo que Paulo teve de lhes explicar esse conceito. Depois dessa explicação, Paulo tentou motivá-los a participar da oferta especial compartilhando cinco palavras de estímulo relacionadas à contribuição pela graça.

1. NOSSA CONTRIBUIÇÃO ESTIMULARÁ A OUTROS (2 Co 9:1-5)

Apesar de não ser correto os cristãos competirem entre si no serviço do Senhor, devemos “[considerar] também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras” (Hb 10:24). Quando vemos o que Deus faz na vida de outros e por meio deles, devemos nos esforçar para também lhe servir melhor. Há uma linha muito tênue que divide a imitação carnal e a emulação espiritual, e devemos ser cautelosos. No entanto, o zelo cristão pode ser uma forma de instigar a igreja e de motivar as pessoas para orar, trabalhar, testemunhar e contribuir.

É interessante observar que Paulo usou o zelo dos coríntios para desafiar os macedônios, mas agora usava as igrejas da Macedônia para desafiar os coríntios! Um ano antes, os coríntios haviam se comprometido, com todo entusiasmo, a participar da oferta, mas até então não haviam tomado qualquer providência nesse sentido. As igre-

e Paulo temia ter se gloriado dos coríntios em vão.

O apóstolo enviou Tito e outros irmãos a Corinto a fim de incentivá-los a participar da oferta. Muito mais importante do que o dinheiro, em si, eram os benefícios espirituais que a igreja desfrutaria, se contribuísse em resposta à graça de Deus em sua vida. Paulo havia escrito à igreja anteriormente para dizer como realizar a coleta das contribuições (1 Co 16:1-4), de modo que não tinham desculpas para sua demora. Paulo desejava que a contribuição total estivesse preparada quando ele e sua comissão especial chegassem, para que não houvesse coletas de última hora na igreja, dando a impressão de uma imposição.

Com isso, Paulo desejava evitar qualquer constrangimento para si mesmo e para a igreja, caso a oferta não estivesse pronta. Afinal, havia vários representantes das igrejas da Macedônia na comissão especial (ver At 20:4). Paulo havia se gloriado da igreja de Corinto para os macedônios e temia que o havia feito em vão.

Ao que parece, Paulo não via nada de errado ou de não espiritual em pedir que as pessoas assumissem o compromisso de ofertar. Não lhes dizia *quanto* deveriam prometer, mas esperava que cumprissem sua promessa. Quando uma pessoa faz uma assinatura de uma linha telefônica, por exemplo, se compromete a pagar certo valor mensalmente. Se é aceitável assumir compromissos desse tipo para coisas como telefones, carros e cartões de crédito, certamente deve ser aceitável fazer o mesmo para a obra do Senhor.

É importante observar as palavras que Paulo usa ao escrever sobre a coleta. É uma “assistência a favor dos santos”, um serviço para os irmãos em Cristo. Também é uma “expressão de generosidade” (2 Co 9:5), ou seja, uma dádiva generosa. É possível que Paulo esteja insinuando que os coríntios devem dar mais do que haviam planejado?

No entanto, o apóstolo toma cuidado para não colocar qualquer pressão sobre eles. Deseja que sua dádiva seja uma “ex-

desprendimento] e não de avareza [algo extraído deles à força]”. Os apelos que pressionam a pessoa a ofertar não fazem parte da contribuição pela graça.

Nosso grande incentivo para contribuir é o fato de que isso agrada ao Senhor, mas não há nada de errado em praticar o tipo de oferta que estimula outros a contribuir. Isso não significa que devemos anunciar aos quatro ventos aquilo que fazemos como indivíduos, pois esse tipo de prática violaria um dos princípios fundamentais da contribuição, que é dar ao Senhor em segredo (Mt 6:1-4). Paulo está escrevendo às igrejas; e não é errado uma congregação anunciar qual foi sua oferta coletiva. Se nossa motivação é a vanglória, não estamos ofertando pela graça. Mas, se nosso desejo é estimular a outros a compartilhar, então a graça de Deus pode operar por meio de nós e ajudar a outros a contribuir.

2. NOSSA CONTRIBUIÇÃO NOS ABENÇOARÁ (2 Co 9:6-11)

“Dai, e dar-se-vos-á” (Lc 6:38) – essa foi a promessa que Jesus fez e que continua valendo nos dias de hoje. A “boa medida recalcada” que ele usa para nos dar nem sempre é em dinheiro ou bens materiais, mas sempre vale muito mais do que o que demos. Ofertar não é algo que *fazemos*, mas algo que *somos*. É um estilo de vida para o cristão que compreende a graça de Deus. O mundo simplesmente não entende uma declaração como a que encontramos em Provérbios 11:24: “A quem dá liberalmente, ainda se lhe acrescenta mais e mais; ao que retém mais do que é justo, ser-lhe-á em pura perda”. Na contribuição pela graça, nossa motivação não é “conseguir” alguma coisa, mas as bênçãos de Deus que recebemos são alguns dos benefícios adicionais.

A fim de que nossa contribuição nos abençoe e edifique, devemos ter o cuidado de seguir os princípios explicados por Paulo nesta seção.

O princípio do crescimento: ceifamos na medida em que semeamos (v. 6). Esse princípio não precisa ser explicado em detalhes, pois o vemos em funcionamento em

nossa vida diária. O agricultor que planta muitas sementes terá maior probabilidade de colher uma safra abundante. O investidor que coloca uma grande soma de dinheiro no banco, sem dúvida, receberá mais dividendos. Quanto mais investirmos na obra do Senhor, mais “frutos” teremos (Fp 4:10-20).

Sempre que somos tentados a nos esquecer desse princípio, devemos nos recordar de que Deus demonstrou para conosco generosidade suprema. “Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?” (Rm 8:32). Tanto em sua natureza quando em sua graça, Deus é um Doador generoso; o que deseja ser piedoso deve seguir o exemplo divino.

O princípio da intenção: ceifamos o que semeamos pelos motivos certos (v. 7). Para o agricultor, a motivação não faz diferença alguma! Se ele plantar sementes boas e o tempo cooperar, terá sua colheita, quer esteja trabalhando pelo lucro, por prazer ou por orgulho. Não importa de que maneira pretende usar o dinheiro que receber – a colheita provavelmente virá.

No entanto, o mesmo não se aplica ao cristão: a motivação ao contribuir (ou em qualquer outra atividade) é de importância vital. Nossa contribuição deve ser feita de coração, e a motivação do coração deve ser agradável a Deus. Não devemos ser “contribuintes tristes”, que dão de má vontade, ou “contribuintes zangados”, que dão porque precisam (“por necessidade”); antes, devemos ser “contribuintes contentes”, compartilhando com alegria o que temos, pois experimentamos a graça de Deus. “O generoso será abençoado, porque dá do seu pão ao pobre” (Pv 22:9).

Se não podemos dar com alegria (o termo grego usado nessa passagem é o radical de nossa palavra *hilarante*), devemos abrir o coração ao Senhor e pedir que nos conceda sua graça. Sem dúvida, Deus pode abençoar a oferta entregue por senso de dever, mas não abençoará o que dá a oferta a menos que seu coração esteja em ordem. Ofertar pela graça significa que Deus abençoa não

apenas a contribuição, mas também o contribuinte, e que este se torna uma bênção a outros.

O princípio do imediatismo: colhemos até mesmo enquanto estamos semeando (vv. 8-11). O agricultor precisa esperar pela colheita, mas o cristão que contribui pela graça começa a colher imediatamente. Por certo, nossa contribuição traz benefícios a longo prazo, mas também há bênçãos imediatas.

Em primeiro lugar, começamos a compartilhar a graça abundante de Deus (2 Co 9:8). As “declarações universais” desse versículo são extraordinárias: *toda* graça; *sempre*; em *tudo*, *ampla* suficiência; em *toda* boa obra. Isso não significa que Deus enriquece todos os cristãos com coisas materiais, mas significa que os cristãos que dão ofertas pela graça sempre terão tudo de que precisarem, quando precisarem. Além disso, a graça de Deus enriquece o servo do Senhor, moral e espiritualmente, de modo que cresce em caráter cristão. Em sua caminhada e em sua obra, depende inteiramente da suficiência de Deus.

É perturbador ver quantos cristãos, hoje em dia, dependem inteiramente uns dos outros no que se refere a seus recursos espirituais. Os pastores não conseguem preparar um sermão a menos que o tomem emprestado de um livro ou fita. Os líderes da igreja ficam transtornados quando surgem problemas e só descobrem o que fazer depois que ligam para dois ou três pastores conhecidos. Muitos membros da igreja precisam consultar o pastor semanalmente para não esmoecer na fé.

O termo *suficiência* significa “recursos interiores adequados” (ver Fp 4:11). Jesus Cristo nos capacita a enfrentar as exigências da vida. Como cristãos, precisamos ajudar e encorajar uns aos outros, mas não devemos depender uns dos outros. Nossa dependência deve ser apenas do Senhor. Somente ele pode nos dar aquela “fonte a jorrar” no coração que nos torna suficientes para a vida (Jo 4:14).

Não compartilhamos apenas a graça de Deus, mas também sua justiça (2 Co 9:9).

112:9. Esse salmo descreve o homem justo que não receia coisa alguma, pois seu coração é sincero e temente a Deus. Paulo não sugere que passamos a ser *merecedores* da justiça porque ofertamos, pois o único meio de ser justificados é pela fé em Jesus Cristo. No entanto, quando nosso coração está em ordem, nossa contribuição será usada por Deus para tornar nosso caráter justo. A contribuição pela graça constrói o caráter cristão.

Colhemos o que semeamos e participamos da multiplicação maravilhosa que Deus realiza daquilo que damos e fazemos (2 Co 9:10). O agricultor deve decidir a porção de grãos que precisará armazenar como alimento e a porção que usará como semente. Se a colheita foi pouca, terá menos grãos tanto para alimento como para o plantio. Mas o cristão que acredita na contribuição pela graça não precisa preocupar-se com essa decisão: Deus supre todas as suas necessidades. Há sempre “pão” espiritual e material para a alimentação e “semente” espiritual e material para o plantio.

Nessa passagem, Paulo se refere a Isaías 55:10, 11, trecho que usa a “semente” e o “pão” para falar tanto da Palavra de Deus quanto da colheita literal no campo. É impossível dividir a vida cristã em “secular” e “sagrada”. A contribuição financeira é um ato tão espiritual quanto cantar hinos ou distribuir folhetos evangelísticos. *O dinheiro é semente*. Se ofertarmos de acordo com os princípios da graça, ele se multiplicará para a glória de Deus e suprirá muitas necessidades. Se o usarmos de outras formas além daquela que Deus deseja, a colheita será escassa.

Por fim, à medida que semeamos, seremos enriquecidos e enriqueceremos a outros (2 Co 9:11). O agricultor colhe benefícios físicos imediatos ao trabalhar em seu campo, mas para receber os frutos da colheita, precisa esperar. O cristão motivado pela graça colhe as bênçãos do enriquecimento pessoal na própria vida e caráter, e esse enriquecimento transforma-se em benefício para outros. O resultado final é glória para

de ressaltar que a contribuição pela graça não é um sistema de crédito; redundando em ação de graças a Deus. Somos apenas canais que Deus usa para suprir as necessidades de outros.

Mas 2 Coríntios 9:11 ensina mais uma verdade: Deus nos enriquece para que nossa contribuição seja ainda mais abundante. Uma das alegrias de ofertar pela graça é poder dar cada vez mais. Tudo o que temos – não apenas nossa renda – pertence a Deus, é dado por Deus e usado por Deus para realizar sua obra. Somos enriquecidos em tudo, pois compartilhamos tudo com ele e com os outros.

Como pastor, tenho observado jovens cristãos aplicarem esses princípios da contribuição pela graça e começar a crescer. É uma grande alegria vê-los crer em Deus e ofertar motivados pela graça. Ao mesmo tempo, também tenho visto outros cristãos simplesmente sorrirem ao ouvir falar desses princípios e, aos poucos, se tornarem cada vez mais pobres. Alguns “prosperam” financeiramente, mas sua renda acaba sendo sua ruína e não os enriquece de fato. Recebem sua recompensa, mas perdem as oportunidades de enriquecimento espiritual.

Ofertar pela graça significa que cremos, realmente, que Deus é o grande Doador e que usamos os recursos materiais e espirituais de acordo com essa convicção. É impossível ser mais generoso do que Deus!

3. NOSSA CONTRIBUIÇÃO SUPRIRÁ NECESSIDADES (2 Co 9:12)

Paulo introduz uma nova palavra para a contribuição: *assistência*. O termo refere-se ao “serviço sacerdotal” e, desse modo, Paulo mais uma vez eleva a prática de ofertar ao nível mais alto possível. Considera essa coleta um “sacrifício espiritual” apresentado a Deus, da mesma forma que um sacerdote apresentava um sacrifício no altar.

Os cristãos não oferecem mais animais como sacrifício a Deus, pois a obra de Cristo na cruz declarou o fim do sistema levítico (Hb10:1-14). Mas, se forem entregues em nome de Jesus, as ofertas materiais que levamos para o Senhor tornam-se “sacrifícios

espirituais” (Fp 4:10-20; Hb 13:15, 16; 1 Pe 2:5).

No entanto, a ênfase em 2 Coríntios 9:12 é sobre o fato de que sua oferta supriria as necessidades dos cristãos carentes na Judéia. “Porque o serviço desta assistência não só supre a necessidade dos santos, mas também redundando em muitas graças a Deus” (2 Co 9:12). Os cristãos gentios poderiam ter encontrado várias desculpas para não contribuir, como, por exemplo: “a escassez de alimentos e a pobreza na Judéia não são culpa nossa!”; ou “as igrejas mais próximas da Judéia é que deveriam ajudar”; ou ainda, “cremos na importância de ofertar, mas também acreditamos que devemos cuidar primeiro de nossos necessitados”.

Quando um cristão começa a inventar desculpas para não contribuir, sai automaticamente da esfera da contribuição pela graça. *A graça nunca procura um motivo: busca apenas uma oportunidade*. Se há uma necessidade a ser suprida, o cristão controlado pela graça fará o que estiver a seu alcance para supri-la.

“Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé” (Gl 6:10). Paulo admoesta os cristãos ricos “que pratiquem o bem, sejam ricos de boas obras, generosos em dar e prontos a repartir” (1 Tm 6:18). A maioria de nós não se considera rica, mas para os padrões de muitas partes do mundo, somos, de fato, abastados.

No entanto, não somos nós que devemos receber a glória; o Senhor é que deve ser glorificado (Mt 5:16). Muitos darão graças a Deus porque nossas contribuições supriram suas necessidades. Podemos não ouvir essas ações de graça aqui na Terra hoje, mas as ouviremos no céu quando a Igreja estiver reunida.

Convém observar aqui o uso que Paulo faz do conceito de *abundância* ao escrever esta epístola. Ele começa a carta com um sofrimento abundante igualado por um consolo abundante (2 Co 1:5). Também fala de graça abundante (2 Co 4:15) e de alegria e generosidade abundantes (2 Co 8:2). Por causa da abundância da graça de Deus,

podemos “[superabundar] em toda boa obra” (2 Co 9:8). Para o apóstolo, a vida cristã é abundante, pois Jesus Cristo nos dá suficiência em todas as situações.

Nossa contribuição deve ter como objetivo suprir as necessidades, não subsidiar luxos. Há carências importantes a ser supridas, e nossos recursos não podem ser desperdiçados. Por certo, a necessidade, em si, não é o único motivo de contribuirmos, pois sempre vai haver mais necessidades do que um cristão ou uma igreja será capaz de suprir; no entanto, a carência propriamente dita é importante. Algumas necessidades são maiores do que outras, e algumas são mais estratégicas do que outras. Precisamos de informações exatas e de discernimento espiritual ao procurar suprir as muitas carências a nosso redor hoje.

4. NOSSA CONTRIBUIÇÃO GLORIFICARÁ A DEUS (2 Co 9:13)

“Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mt 5:16). Esse é um dos aspectos mais admiráveis da contribuição na igreja: nenhum indivíduo leva a glória que pertence somente a Deus.

Quais seriam os motivos de agradecimento dos cristãos judeus? Sem dúvida, louvariam a Deus pela generosidade das igrejas gentias ao suprir suas necessidades físicas e materiais. Mas também louvariam a Deus pela submissão espiritual dos gentios, sua obediência ao Espírito de Deus que lhes deu o desejo de contribuir. Diriam: “Esses gentios não apenas pregam o evangelho, mas também o praticam!”

A expressão e *para todos*, no final deste versículo (2 Co 9:13), é sugestiva. Os cristãos judeus dariam graças porque *outros* também recebiam a assistência das igrejas gentias. Cada pequena congregação auxiliada seria grata por essa ajuda e pela ajuda dada a outros. Em vez de perguntar: “Por que *nós* não recebemos mais?”, louvariam a Deus porque outros necessitados seriam ajudados. É assim que funciona a contribuição pela graça.

Pode ser bastante proveitoso a igreja analisar se alguém está dando graças a Deus por nossa obediência e generosidade. Não há zelo ou adoração que compense pelas oportunidades perdidas de servir a outros e de suprir suas necessidades práticas. Não são atividades mutuamente exclusivas. A fim de que nossa luz brilhe de maneira intensa e constante, deve haver um equilíbrio entre compartilhar o evangelho e atender às necessidades práticas. Alguém disse bem que é difícil pregar o evangelho a um homem faminto (ver Tg 2:15, 16).

Lembro-me de ler sobre um cristão rico que, em seu culto doméstico diário, orava pelas necessidades dos missionários que sua igreja sustentava. Certo dia, depois que o pai terminou de orar, o filho pequeno lhe disse:

- Pai, se eu tivesse seu talão de cheques, poderia responder a suas orações!

Que menino perspicaz!

5. NOSSA CONTRIBUIÇÃO PROMOVERÁ A UNIÃO DO POVO DE DEUS (2 Co 9:14, 15)

Por certo, este era um dos principais objetivos de Paulo ao desafiar as igrejas gentias a ajudar os cristãos judeus. Os legalistas da igreja haviam acusado Paulo de opor-se aos judeus e à Lei. As igrejas gentias encontravam-se afastadas da “igreja mãe” em Jerusalém, tanto em termos geográficos quanto culturais. Paulo desejava evitar uma divisão da igreja, e essa oferta fazia parte de seu plano de prevenção.

De que maneira a oferta criaria vínculos mais estreitos entre as congregações de cristãos judeus e gentios? Em primeiro lugar, era uma expressão de amor. Os gentios não tinham obrigação de contribuir (apesar de Paulo considerar essa oferta o pagamento de uma “dívida espiritual”; ver Rm 15:25-27), mas o fizeram pela graça de Deus. Os judeus, por sua vez, se sentiriam mais ligados a seus irmãos e irmãs gentios.

Outro vínculo espiritual seria a oração. “Enquanto oram eles a vosso favor, com grande afeto, em virtude da superabundante graça de Deus que há em vós” (2 Co 9:14).

As igrejas gentias estavam “comprando” as orações das igrejas da Judéia? De maneira alguma! Paulo vislumbrava uma expressão espontânea de amor, louvor e oração ao compartilhar a oferta com os cristãos da Judéia.

Tive a experiência de visitar vários campos missionários e de ouvir os cristãos desses lugares dizerem:

– Estamos orando por vocês.

Lembro-me de conversar com um cristão muito devoto da Europa Oriental que disse:

– Estamos orando por vocês nos Estados Unidos, pois ser um cristão autêntico é muito mais difícil para vocês do que para nós.

Quando lhe pedi que explicasse, ele sorriu e disse:

– Vocês têm uma vida relativamente fácil, e o conforto pode ser prejudicial à vitalidade espiritual. Na Europa Oriental, sabemos quem são nossos amigos e quem são nossos inimigos. Onde vocês vivem, é fácil ser enganado. Por isso, oramos por vocês!

Tanto os cristãos judeus quanto os gentios seriam conduzidos para mais perto de Jesus Cristo. “Graças a Deus pelo seu dom inefável!” (2 Co 9:15). Em Jesus Cristo, todas as distinções humanas são apagadas, e deixamos de ver uns aos outros como judeus ou gentios, ricos ou pobres, doadores e recebedores. “Porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3:28).

É triste quando nossa oferta torna-se um substituto para nossa vida. Certa vez, um líder da igreja queixou-se para mim:

– Darei o que você quiser para missões, só não me obrigue a ouvir um missionário falar!

Quando um cristão pratica a contribuição pela graça, seu dinheiro não é um substituto para sua preocupação nem para seu serviço. Primeiro ele entrega a vida ao Senhor (2 Co 8:5), então, entrega seus bens. Sua oferta pode ser considerada um símbolo de seu coração submisso. Quando a contribuição é motivada pela graça de Deus, não há como separar a oferta do doador.

Sugiro uma nova leitura de 2 Coríntios 8 e 9, observando a ênfase sobre a graça de Deus. Se nossas igrejas e ministérios voltassem à prática de contribuir pela graça, não haveria tantos apelos nos pressionando a ofertar, não seriam criados tantos artifícios para levantar fundos e o povo de Deus não se queixaria tanto. Antes, haveria dinheiro suficiente para os ministérios que, verdadeiramente, glorificam o nome de Deus. Creio também que os não cristãos do mundo prestariam mais atenção.

Somos salvos porque Deus acredita na contribuição pela graça.

Até que ponto nós acreditamos nessa prática?

DESENCONTROS MINISTERIAIS

2 CORÍNTIOS 10

Sempre que recebo uma carta com críticas de um leitor ou de um ouvinte do programa de rádio, costumo colocá-la em um arquivo específico, onde a deixo guardada até estar preparado para responder. Houve ocasiões em que escrevi respostas apressadas e depois me arrependi. Ao esperar, me permito um tempo para pensar e orar, “ler nas entrelinhas” e preparar uma resposta que traga o máximo de benefícios e que cause o mínimo de estragos.

O Espírito conduziu Paulo a usar uma abordagem bastante sábia ao escrever aos coríntios. O apóstolo dirige-se a uma igreja dividida (1 Co 1:11ss), uma igreja que resistia à sua autoridade, seduzida por falsos mestres. Assim, a primeira coisa que Paulo faz é explicar seu ministério, de modo a não deixar dúvidas quanto a sua sinceridade. Em seguida, incentiva o povo a participar da oferta, pois sabe que esse desafio o ajudará a crescer na vida espiritual. Contribuir pela graça e viver pela graça são duas coisas que andam juntas.

Agora, na última seção da carta, Paulo desafia os rebeldes da igreja – inclusive os falsos mestres – e reafirma seu ministério apostólico. Ao ler 2 Coríntios 10 a 13, vê-se Paulo se referindo diretamente a seus acusadores (2 Co 10:7, 10-12; 11:4, 20-23, por exemplo) e respondendo a suas incriminações falsas. Não esconde o fato de que os judaizantes na igreja são ministros de Satanás que desejam destruir a obra de Deus (2 Co 11:12-15).

Em 2 Coríntios 10 a 13, há uma palavra que Paulo usa vinte vezes no original e que

leitura desses capítulos nos dá a impressão de que Paulo estava se vangloriando, mas não é o caso. Paulo gloriou-se “em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo”, não em si mesmo nem em suas realizações (Rm 5:11; Gl 6:14; Fp 3:3). Gabou-se dos coríntios a outros, mas talvez o tivesse feito em vão (2 Co 7:4, 14; 8:24).

É importante lembrar que Paulo não se defendia pessoalmente; antes, defendia seu ministério e sua autoridade apostólica. Não se envolveu em uma “competição de personalidades” com outros ministros. Seus inimigos não hesitavam em acusá-lo falsamente nem em promover a si mesmos (2 Co 11:12). Foi a atitude mundana dos coríntios que obrigou Paulo a se defender, refrescando-lhes a memória sobre a vida e o ministério dele. Paulo jamais hesitava em falar de Jesus Cristo, mas se recusava a falar de si mesmo, a menos que houvesse bons motivos para isso.

Por fim, quando Paulo *gloriou-se*, limitou suas asserções ao ministério que Deus havia lhe dado (2 Co 10:13) e enfatizou seus *sofrimentos*, não seu sucesso. Quando sua carta foi lida na reunião dos coríntios, deve ter envergonhado os que haviam criticado Paulo – e deve ter feito os judaizantes parecerem tolos.

O primeiro passo de Paulo ao reafirmar seu ministério foi corrigir algumas idéias equivocadas com referência a seu trabalho. As pessoas não entendiam três áreas importantes do ministério.

1. AS BATALHAS ESPIRITUAIS (2 Co 10:1-6)

A acusação (vv. 1, 2). Não é difícil identificar a acusação. Liderados pelos judaizantes, os rebeldes da igreja afirmaram que Paulo era corajoso quando escrevia de longe, mas era fraco e acanhado quando estava pessoalmente com os coríntios (ver também 2 Co 10:9-11). Os judaizantes mostravam-se sempre arrogantes em suas atitudes – e eram extremamente benquistos pelo povo (2 Co 11:20). O modo de vida “incoerente” de Paulo é semelhante a sua abordagem “rela-

Ao fundar a igreja em Corinto, o propósito de Paulo era exaltar a Cristo, não a si mesmo (1 Co 2:1-5). Os cristãos costumam crescer de acordo com o contexto em que nascem. Quando nascem na fé dentro de um ambiente de liderança ditatorial, crescem dependentes da sabedoria humana e da força. Quando nascem em um ambiente de humildade e de amor, aprendem a depender do Senhor. Paulo desejava que seus convertidos confiassem no Senhor, não no servo dele; assim, evitou deliberadamente enfatizar a própria autoridade e capacidade.

É impressionante ver como os coríntios continuavam ignorantes, mesmo depois de tudo o que Paulo lhes havia ensinado. Não percebiam que o verdadeiro poder espiritual encontra-se na “mansidão e benignidade” (2 Co 10:1), não na imposição e opressão. A própria atitude de Paulo nesses primeiros versículos já é suficiente para desarmar sua oposição. (Na verdade, o fato de usar seu nome é bastante sugestivo, pois *Paulo* significa “pequeno”.) Se Paulo era fraco, então Jesus Cristo também havia sido, pois demonstrou mansidão e benignidade (Mt 11:29). No entanto, Jesus também podia ser severo e até se enfurecer quando preciso (ver Mt 15:1, 2; 23:13-33; Mc 11:15-17; Jo 2:13-16). Paulo os advertia com amor. “Por favor, não me obriguem a visitar vocês e a mostrar como posso ser enérgico!”

A resposta (vv. 3-6). Sua resposta revela a verdadeira natureza da luta espiritual. Influenciados por falsos mestres, os coríntios julgavam o ministério de Paulo só pela aparência, por isso não conseguiam enxergar o poder presente em sua obra. Estavam avaliando o apóstolo “segundo a carne” (2 Co 10:3), não segundo o Espírito. Assim como algumas das “grandes personalidades religiosas” de hoje, os judaizantes impressionavam o povo com suas habilidades e palavras poderosas e com suas “cartas de recomendação” dos líderes da igreja.

Paulo usava uma abordagem diferente, pois, apesar de ser um homem como outro qualquer, não dependia do poder humano, mas sim do poder divino, das armas espirituais que o Senhor havia lhe dado. Suas

batalhas não eram segundo a carne, porque não lutava contra carne e sangue (ver Ef 6:10ss). Não se pode lutar nas batalhas espirituais usando armas carnis.

O termo *milícia*, em 2 Coríntios 10:4, significa “campanha”. Paulo não estava apenas envolvido em uma briga qualquer em Corinto; o ataque do inimigo nessa cidade fazia parte de uma grande campanha militar. Os poderes do inferno continuam tentando destruir a obra de Deus (Mt 16:18), e é importante não ceder nenhum território ao inimigo, nem mesmo uma só igreja!

Todos têm certas barreiras mentais de resistência, e esses muros (como as muralhas de Jericó) devem ser destruídos. O que são essas barreiras? São raciocínios que se opõem à verdade da Palavra de Deus. O orgulho da inteligência que exalta a si mesma. É importante entender que Paulo não está atacando a inteligência, mas sim o intelectualismo, a atitude pedante das pessoas que pensam saber mais do que de fato sabem (Rm 12:16). Paulo havia enfrentado a “sabedoria dos homens” ao fundar a igreja em Corinto (1 Co 1:18ss), e ela havia reaparecido com a chegada dos judaizantes.

A atitude de humildade de Paulo era, na verdade, uma de suas armas mais poderosas, pois o orgulho dá espaço para Satanás agir. Vemos claramente que, com sua mansidão, o Filho de Deus possuía muito mais poder do que Pilatos (ver Jo 19:11). Paulo usava armas espirituais para destruir a oposição – oração, a Palavra de Deus, o amor, o poder do Espírito operando em sua vida. Não dependia da personalidade, das habilidades humanas e nem de sua autoridade como apóstolo. No entanto, uma vez que a congregação tivesse se sujeitado ao Senhor, o apóstolo estava preparado para disciplinar, se necessário, os transgressores.

Muitos cristãos, hoje em dia, não têm consciência de que a Igreja está envolvida em uma batalha, e os que entendem a seriedade dessa batalha cristã nem sempre sabem como agir em combate. Tentam usar métodos humanos para derrotar forças demoníacas, métodos estes condenados a fracassar. Quando Josué e seu exército marcharam ao

redor de Jericó durante uma semana, os habitantes da cidade que observavam pensaram que os israelitas eram loucos. Quando o povo de Israel confiou em Deus e obedeceu a suas ordens, derrubou as grandes muralhas e conquistou o inimigo (Js 6:1-20).

Quando pastoreava uma igreja em Chicago, costumava me encontrar toda semana com três pastores amigos meus, e, juntos, fazíamos nossas "orações de combate". Apropriávamo-nos das promessas de Deus para eliminar qualquer idéia equivocada que impedisse as pessoas de se entregarem a Deus, e o Senhor fez grandes coisas na vida daqueles por quem intercedemos. Uma vez que as barreiras da mente são destruídas, a porta do coração pode ser aberta.

2. A AUTORIDADE ESPIRITUAL (2 Co 10:7-11)

Uma das lições mais difíceis que os discípulos de Cristo tiveram de aprender foi que, no reino de Deus, a posição e o poder não são evidência de autoridade. Jesus advertiu seus seguidores a não seguir o exemplo de liderança dos gentios que gostavam de exercer sua autoridade sobre outros e de agir como se fossem muito importantes (ver Mc 10:35-45). Nosso exemplo é Jesus Cristo, que veio como servo e ministrou aos outros. Paulo seguiu esse exemplo.

No entanto, os coríntios não haviam desenvolvido uma mentalidade espiritual o suficiente para discernir o que Paulo fazia. Contrastaram sua mansidão com a personalidade poderosa dos judaizantes e chegaram à conclusão de que Paulo não possuía autoridade alguma. Sem dúvida, escrevia cartas enérgicas; mas sua aparência física era fraca e seu discurso não impressionava ninguém. Em vez de exercitarem discernimento espiritual, julgavam pelas aparências.

Certa vez, alguns amigos e eu ouvimos um pregador cuja mensagem inteira era constituída de "palavras poderosas" e de uma ou outra citação da Bíblia (normalmente, fora de contexto) e de várias referências a acontecimentos mundiais e "sinais dos tempos". Ao sairmos da reunião, um de meus amigos disse: "1 Reis 19:11 descreve perfeitamente o

que acabamos de ver: 'O SENHOR não estava no vento'". No entanto, as pessoas a nosso redor comentavam que aquele era "o sermão mais maravilhoso" que já haviam ouvido. Duvido que, dez minutos depois, fossem capazes de se lembrar de qualquer coisa concreta que aquele pregador havia dito.

Paulo não negava que possuía autoridade, mas se recusava a exercitá-la de forma não espiritual. O propósito de sua autoridade era edificar os cristãos, não destruí-los, e é preciso muito mais habilidade para construir do que para demolir. Além disso, a edificação requer amor (1 Co 8:1); e os coríntios interpretaram o amor e a mansidão de Paulo como sinais de fraqueza.

A diferença entre Paulo e os judaizantes era que Paulo usava sua autoridade para fortalecer a igreja, enquanto os judaizantes usavam a igreja para fortalecer a autoridade deles.

Ao longo de muitos anos de ministério pastoral e itinerante, sempre me admiro com a maneira de algumas igrejas locais tratarem seus pastores. Se um homem demonstra amor e verdadeira humildade, resistem à sua liderança e lhe causam grande tristeza. O pastor seguinte costuma ser um "ditador", que "governa sobre a igreja" - e consegue tudo o que quer. É benquisto pela maioria e coberto de elogios! Jesus Cristo também foi tratado com desprezo, de modo que talvez não devamos nos admirar que isso continue a acontecer.

Os opositores na igreja acusavam Paulo de não ser, verdadeiramente, um apóstolo; pois, se fosse mesmo um apóstolo, provaria seu direito de receber esse título exercendo sua autoridade. Por outro lado, se Paulo houvesse imposto sua autoridade, também teriam criticado sua atitude. É isso o que acontece quando os membros da igreja não têm mentalidade espiritual e avaliam o ministério do ponto de vista do mundo.

No entanto, as acusações desses rebeldes voltaram-se contra eles próprios. Se Paulo não era apóstolo, não passava de uma fraude e nem sequer era cristão. Mas, se isso fosse verdade, a igreja de Corinto também não poderia ser considerada autêntica. Paulo já

havia deixado claro que era impossível separar seu ministério de sua vida pessoal (2 Co 1:12-14). Se ele era um enganador, os coríntios eram os enganados!

O apóstolo também ressalta que não há contradição alguma entre sua pregação e suas cartas. Mostrou-se enérgico em suas cartas, pois foi o que a ocasião pediu. Sem dúvida, teria preferido muito mais poder lhes escrever com ternura, mas palavras brandas não teriam cumprido o propósito desejado. Mesmo quando escrevia cartas "graves e fortes", ele o fazia por amor. Em outras palavras, Paulo está dizendo: "É melhor se prepararem para minha próxima visita, pois, se for necessário, mostrarei como posso ser enérgico".

A maneira de um cristão usar a autoridade revela sua maturidade espiritual e seu caráter. Uma pessoa imatura torna-se *arrogante* no uso da autoridade, mas uma pessoa madura *cresce* ao exercer sua autoridade e promove o crescimento de outros a seu redor. Assim como um pai sensato, o pastor prudente sabe quando esperar com paciência e amor e quando agir com rigor e firmeza. Uma pessoa madura não usa sua autoridade para *exigir* respeito, mas para *conquistá-lo*. Os líderes maduros sofrem enquanto aguardam para agir, enquanto os líderes imaturos agem de maneira impetuosa e fazem os outros sofrer.

Os falsos mestres dependiam de "cartas de recomendação" para provar sua autoridade, mas Paulo havia recebido uma comissão divina do céu. Sua vida e seu trabalho eram "credenciais" suficientes, pois deixavam claro que a mão de Deus estava sobre ele. Paulo poderia ter a ousadia de escrever: "Quanto ao mais, ninguém me moleste; porque eu trago no corpo as marcas de Jesus" (Gl 6:17).

Quando minha esposa e eu vamos à Inglaterra, sempre procuramos organizar nossa agenda de modo a ter um tempo para visitar Londres. Gostamos especialmente de fazer compras na Selfridge's e na Harrod's, as duas principais lojas de departamento de Londres. H. Gordon Selfridge, que construiu a grande loja que leva o seu nome, sempre

atribuiu seu sucesso ao fato de ser um líder, não um "chefe". O líder diz: "Vamos lá!", enquanto o chefe diz: "Vão vocês!". O chefe *sabe* como as coisas devem ser feitas; o líder *mostra* como fazê-las. O chefe inspira medo; o líder inspira entusiasmo baseado no respeito e na boa vontade. Quando algo sai dos eixos, o chefe sabe sempre em que ou quem jogar a *culpa*. O líder, entretanto, sabe como colocar as coisas de volta nos eixos. O chefe usa sempre "eu" em seu discurso. O líder prefere dizer "nós". A filosofia administrativa de Selfridge não era muito diferente da filosofia de liderança do apóstolo Paulo.

3. A AVALIAÇÃO DO MINISTÉRIO ESPIRITUAL (2 Co 10:12-18)

Suponho que a maior causa dos problemas da igreja seja o hábito de "avaliar o ministério". Se o trabalho da igreja é a obra de Deus, e se essa obra é um milagre de Deus, como podemos medir um milagre? Em sua avaliação das sete igrejas citadas em Apocalipse 2 e 3, Jesus as mediu com parâmetros muito diferentes daqueles que essas igrejas usavam para sua avaliação. A igreja que pensava ser pobre foi considerada rica; a igreja que se gabava de sua riqueza foi declarada pobre (Ap 2:8-11; 3:14-22).

Algumas pessoas avaliam o ministério exclusivamente através de estatísticas. Apesar de ser verdade que a Igreja primitiva costumava registrar números (At 2:41; 4:4), também é verdade que fazer parte da igreja naquela época era muito mais difícil e perigoso (ver At 5:13). Anos atrás, uma das maiores denominações dos Estados Unidos escolheu como tema anual "Mais um milhão em '64 - e todos dizimistas!" Ouvi um pastor importante dessa denominação comentar: "Se arranjarmos mais um milhão igual ao último que conseguimos, estaremos perdidos!" Quantidade não é garantia de qualidade.

Parâmetros falsos (v. 12). Os judaizantes eram especialistas em avaliar seu ministério, pois é muito mais fácil medir uma religião com várias atividades exteriores do que uma fé que envolve a transformação interior. O legalista pode quantificar o que faz ou deixa

de fazer, mas somente o Senhor pode ver o crescimento espiritual no coração do cristão. Por vezes, os que mais crescem se sentem os mais ínfimos.

Em certo sentido, os judaizantes pertenciam a uma "sociedade de admiração mútua", que determinava os próprios parâmetros e os aplicava na avaliação de todos ao seu redor. É evidente que os membros desse grupo eram bem-sucedidos, enquanto os de fora não passavam de fracassados. Paula não fazia parte dessa "sociedade" e, portanto, era considerado um fracassado. Se esses líderes houvessem usado Jesus Cristo como seu parâmetro (ver Ef 4:12-16), tudo teria sido diferente.

Parâmetros verdadeiros (vv. 13-18). Paulo propõe três perguntas que podemos fazer a nós mesmos quando procuramos avaliar nosso ministério de acordo com a vontade de Deus.

Estou no lugar que Deus reservou para mim? (vv. 13, 14). Deus determinou uma "esfera de ação" em que Paulo deveria trabalhar: havia sido comissionado para ser o apóstolo aos gentios (At 9:15; 22:21; Ef 3). Também deveria ir a lugares onde nenhum outro apóstolo havia ministrado antes; deveria ser um "pregador pioneiro" aos gentios.

Paulo usa de certo "sarcasmo santo" em sua defesa. "A área que Deus demarcou para mim incluía até mesmo vocês coríntios!" (ver 2 Co 10:13). Os judaizantes não haviam levado o evangelho a Corinto. Assim como os líderes de seitas hoje, entraram em cena depois que a igreja havia sido fundada (ver Rm 15:15-22).

As igrejas e os ministros não estão competindo entre si; cada um compete consigo mesmo. Deus não irá nos avaliar com base nos dons e nas oportunidades que deu a grandes pregadores como Charles Spurgeon ou Billy Sunday. Ele irá avaliar nosso trabalho de acordo com a incumbência que deu a cada um de nós. Deus exige fidelidade acima de todas as coisas (1 Co 4:2).

Alguns encontros de pastores ou congressos de denominações têm um ar intimidante, pois as pessoas que estão no palco

os números mais impressionantes. Pastores mais jovens e ministros mais idosos que trabalham em campos restritos e difíceis muitas vezes voltam para casa sentindo-se culpados, pois seu trabalho fiel parece não produzir muitos frutos. Alguns desses obreiros desanimados tentam implantar programas e promover seu trabalho de todas as maneiras. O resultado é mais decepção e, por vezes, o desejo de deixar o ministério. Se ao menos soubessem que Deus avalia o ministério deles de acordo com o lugar onde os colocou, e não tomando como referência alguma outra cidade, se sentiriam mais encorajados a não abandonar a obra e a perseverar fiéis em seu serviço.

Deus é glorificado por meio de meu ministério? (vv. 15-17). Trata-se de mais uma "provocação santa" aos judaizantes, que roubavam convertidos de outros obreiros, dizendo que eram frutos de seu próprio trabalho. Paulo jamais se vangloriava do trabalho alheio nem invadia o território de outros obreiros. Todo o seu trabalho consistia, na verdade, na atuação de Deus por meio dele, e, portanto, toda glória deveria ser dada a Deus.

Certa vez, ouvi uma palestra sobre como formar uma grande Escola Bíblica Dominical. Tudo o que o palestrante disse era correto e, sem dúvida, havia funcionado em alguns ministérios maiores nos Estados Unidos. O único problema era que *aquele homem nunca havia formado sua própria Escola Bíblica Dominical!* Visitara vários desses grandes ministérios e entrevistara pastores e membros das equipes, usando esses dados para desenvolver o curso que oferecia. Terminada a palestra, uma porção de gente foi procurá-lo para fazer perguntas e pedir autógrafos. Por acaso, eu estava ao lado de um pastor que havia formado uma das igrejas mais respeitáveis (e maiores) dos Estados Unidos.

- Esse povo todo deveria estar falando com você - comentei com ele. - Você tem experiência prática e sabe muito melhor do que ele como fundar uma Escola Bíblica Dominical.

- Deixe-o aproveitar os holofotes - co-

-Estamos todos fazendo a mesma obra, e o que importa é que Deus seja glorificado.

Paulo acrescenta outro toque de "ironia santa" quando diz que a única coisa que o impedia de ir "além das fronteiras" deles era a falta de fé dos coríntios. Se tivessem se sujeitado a sua liderança e sido obedientes à Palavra, poderia ter alcançado mais almas perdidas; no entanto, criaram tanta confusão que se viu obrigado a gastar tempo de seu ministério missionário resolvendo os problemas da igreja. Em outras palavras, o apóstolo está dizendo: "Eu teria estatísticas mais impressionantes a apresentar, se vocês não tivessem atrapalhado meu trabalho".

Paulo cita Jeremias 9:24 em 2 Coríntios 10:17, uma declaração que já havia usado em 1 Coríntios 1:31: Os coríntios tinham a tendência de se gloriar nos homens, especialmente agora que os judaizantes haviam assumido o controle da igreja. Quando os coríntios ouviram os "relatórios" daquilo que esses mestres haviam feito e viram suas "cartas de recomendação", deixaram-se encantar por eles. Em decorrência disso, Paulo e seu ministério ficaram parecendo pequenos e fracassados.

No entanto, a prova final não está nos relatórios anuais. A prova final se dará no tribunal de Cristo "e, então, cada um receberá seu louvor da parte de Deus" (1 Co 4:5). Deus não pode ser glorificado quando os homens levam toda glória. "Eu sou o SENHOR, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a minha honra, às imagens de escultura" (Is 42:8).

Isso não significa que pastores bem-sucedidos e ministérios prósperos estejam privando Deus da sua glória. Glorificamos o Pai quando crescemos e damos "muitos frutos" (Jo 15:1-8). Mas devemos ter cuidado para que sejam "frutos" que vêm da vida espiritual, não "resultados" que apareçam quando manipulamos pessoas e forjamos estatísticas.

Meu trabalho é digno dos elogios do Senhor? (v. 18). Podemos elogiar a nós mesmos ou receber elogios de outros e, ainda assim, não ser dignos da aprovação de Deus. De que maneira Deus aprova nosso trabalho? Ele testa o que fazemos. O termo "aprovação" em 2 Coríntios 10:18 significa "aprovar através de verificação". Nossas obras serão avaliadas no tribunal vindouro de Cristo (1 Co 3:10ss), mas já estão sendo testadas no presente. Deus permite que a igreja local passe por dificuldades a fim de que sua obra seja verificada e aprovada.

Ao longo dos anos, tenho visto ministérios passando por provações como perdas financeiras, invasões de falsas doutrinas, surgimento de líderes arrogantes que desejam ser "donos da igreja" e desafios decorrentes de mudanças. Algumas dessas igrejas se desintegraram e quase morreram, pois sua obra não era espiritual. Outros ministérios cresceram em função dessas provações e se tornaram mais puros e fortes e, em meio a todas as dificuldades, Deus foi glorificado.

Sem dúvida, devemos manter registros e preparar relatórios sobre nossos ministérios, mas precisamos ter cuidado para não cair na "armadilha das estatísticas" e pensar que os números são a única medida de uma obra. Cada situação é singular, e nenhum ministério pode ser avaliado com base em outro trabalho. O mais importante é estar onde Deus nos colocou, fazendo sua vontade para que seu nome seja glorificado. De acordo com os parâmetros de Deus, a motivação é tão importante quanto o crescimento. Se procuramos glorificar e agradar somente a Deus e se não temos medo da avaliação que ele faz de nosso coração e de nossa vida, não precisamos temer a análise e as críticas dos homens.

"Aquele, porém, que se gloria, glorie-se no Senhor" (2 Co 10:17).

O PAI SABE O QUE É MELHOR

2 CORÍNTIOS 11

Como pastores cristãos, de que maneira podemos convencer os membros de nossa congregação de que verdadeiramente os amamos?

Esse era o problema que Paulo enfrentava ao escrever esta epístola. Se lembrasse o povo do trabalho que havia realizado no meio deles, poderiam responder: "Paulo está se gabando!" Se não dissesse coisa alguma sobre seu ministério em Corinto, os judaizantes poderiam dizer: "Estão vendo, nós falamos que Paulo não fez coisa alguma!"

Afinal, que atitude Paulo tomou? O apóstolo foi orientado pelo Espírito de Deus para usar uma imagem muito bela – uma comparação – que certamente tocaria o coração dos cristãos em Corinto. Comparou-se a um "pai espiritual" cuidando de sua família. Havia usado essa imagem anteriormente para lembrar os coríntios de que, como "pai", ele os havia gerado por meio do evangelho e que podia discipliná-los se julgasse necessário (1 Co 4:14-21). Eram seus filhos amados, e desejava o melhor para eles.

Paulo lhes oferece três provas de seu amor paternal.

1. SEU ZELO PELA IGREJA (2 Co 11:1-6, 13-15)

O verdadeiro amor não é ciumento, mas tem o direito de ser zeloso para com o objeto da afeição. Um marido que zela pela esposa ressent-se, com razão, e resiste a qualquer rivalidade que ameace o amor mútuo do casal. Um verdadeiro patriota tem todo o direito de ser zeloso para com sua liberdade e de lutar para protegê-la. Semelhantemente, um pai (ou mãe) zela pelos filhos e

procura protegê-los de qualquer coisa que possa lhes fazer mal.

Vemos aqui a *imagem* de um pai amoroso, cuja filha está noiva e prestes a se casar. Sente que é seu privilégio e dever mantê-la pura, a fim de poder apresentá-la a seu marido com alegria, não com pesar. Paulo vê a igreja local como essa noiva, prestes a se casar com Jesus Cristo (ver Ef 5:22ss e Rm 7:4). Esse casamento só ocorrerá quando Cristo voltar para buscar sua noiva (Ap 19:1-9). Enquanto isso, a igreja – e isso significa os cristãos como indivíduos – deve manter-se pura e se preparar para o encontro com seu Amado.

O *perigo*, portanto, é que ela seja infiel ao noivo. A mulher que está noiva tem um compromisso de amor e de lealdade a um só homem, o noivo. Se ela se entrega a qualquer outro homem, é culpada de infidelidade. O termo traduzido por "simplicidade", em 2 Coríntios 11:3, significa "sinceridade, devoção única". Um coração dividido conduz a uma vida corrompida e a um relacionamento destruído.

A imagem do amor e do casamento, bem como da necessidade de fidelidade, é usada com frequência nas Escrituras. O profeta Jeremias via o povo de Judá perder seu amor por Deus e os advertiu: "Assim diz o SENHOR: Lembro-me de ti, da tua afeição quando eras jovem, e do teu amor quando noiva, e de como me seguias no deserto, numa terra em que se não semeia" (Jr 2:2). A nação de Judá havia perdido aquele amor da lua-de-mel e era culpada de idolatria. Jesus usou essa mesma imagem ao advertir a igreja de Éfeso: "Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor" (Ap 2:4).

A *pessoa por trás do perigo* é Satanás, retratado aqui como uma serpente, uma referência a Gênesis 3. Convém observar que, ao escrever sua carta aos coríntios, Paulo fala em várias ocasiões sobre nosso adversário, o diabo. Adverte que Satanás usa de vários subterfúgios para atacar os cristãos. Pode colocar um peso indevido sobre a consciência de cristãos que pecaram (2 Co 2:10, 11), cegar a mente dos incrédulos (2 Co 4:4), iludir a mente dos cristãos (2 Co 11:3) e até

mesmo esbofetear o corpo dos ministros de Deus (2 Co 12:7).

O texto concentra-se na mente, pois Satanás é um mentiroso e procura nos fazer dar ouvidos a suas mentiras, pensar sobre elas e acreditar nelas, exatamente como fez com Eva. Primeiro *questionou* a palavra de Deus (“É assim que Deus disse...?”); depois, *negou* a palavra de Deus (“É certo que não morreréis”); por fim, a *substituiu pela própria mentira* (“como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal”) (ver Gn 3:1, 4, 5).

Sem dúvida, Satanás é astuto e sabe que os cristãos não aceitarão suas mentiras de imediato; assim, usa uma isca em seu anzol para tornar mais atraente o que ele tem a oferecer. Satanás não passa de um imitador: copia o que Deus faz e depois tenta nos convencer de que tem algo melhor a oferecer. Para isso, usa falsos obreiros que fingem servir a Deus, mas que, na verdade, estão servindo a Satanás.

Satanás possui um falso evangelho (Gl 1:6-12) no qual há outro salvador e outro espírito. Infelizmente, os coríntios haviam recebido prontamente esse “novo evangelho” – uma mistura de Lei e graça que, na verdade, não era evangelho coisa nenhuma. Existe somente um evangelho, e, portanto, só pode haver um Salvador (1 Co 15:1ss). Quando cremos no Salvador, recebemos o Espírito Santo de Deus em nós, é há um só Espírito Santo.

Os *pregadores* desse falso evangelho (que continuam a existir hoje) são descritos em 2 Coríntios 11:13-15. Afirmavam possuir autoridade divina como servos do Senhor, mas sua autoridade era falsa. Chamavam os verdadeiros servos de Deus de impostores, como fizeram com Paulo em sua época. Chegavam ao extremo de se considerar “super-apóstolos”, muito maiores que Paulo. Usavam sua retórica astuta para encantar os cristãos ignorantes e, ao mesmo tempo, diziam que Paulo não era um orador competente (2 Co 11:6; 10:10). Como é triste quando cristãos instáveis são influenciados pelo “belo discurso” dos ministros de Satanás, em vez de permanecerem firmes nas verdades fundamentais do evangelho que

lhes foram ensinadas por pastores e mestres fiéis.

“Não são, de maneira alguma, ‘super-apóstolos!’”, advertiu Paulo. “Na verdade, são *pseudo-apóstolos* – falsos profetas! Sua motivação não é glorificar o nome de Deus, mas obter benefícios para si mesmos ganhando convertidos. Seus métodos são enganosos” (ver 2 Co 2:17; 4:2). Essa passagem apresenta a idéia de uma isca sendo usada para pegar peixes. Esses mestres oferecem aos membros da igreja uma vida cristã “superior” àquela descrita no Novo Testamento, uma vida que consiste em uma mistura antibíblica de Lei e graça.

Em vez de serem movidos pelo poder do Espírito Santo, o poder desses ministros vem de Satanás. Em três ocasiões, Paulo usa o termo “transformar” para se referir à obra desses homens (ver 2 Co 11:13-15). A palavra grega significa, simplesmente, “disfarçar, mascarar”. Pode-se observar uma mudança exterior, mas não há qualquer mudança interior. Como o próprio Satanás, seus obreiros nunca mostram seu verdadeiro caráter; estão sempre usando algum disfarce e se escondendo por trás de algum tipo de máscara.

Enquanto eu escrevia este livro, vários “ministros mascarados” bateram à minha porta. Um deles, uma jovem muito atraente, tentou me explicar que trabalhava em prol da paz mundial; no entanto, quando a confrontei, admitiu que fazia parte de uma seita. Dois jovens bem vestidos apresentaram-se dizendo: “Estamos aqui como representantes de Jesus Cristo!” Mais que depressa, os informei de que conhecia o grupo que representavam e fechei a porta, sem sequer dizer “Adeus”. Para os que consideram esse tipo de atitude uma indelicadeza, convém ler 2 João 5-11 e obedecer à sua instrução.

Paulo provou seu amor pela igreja protegendo-a de ataques dos falsos mestres; no entanto, os membros “caíram na conversa” desses judaizantes e abriram as portas para eles. Os coríntios haviam “abandonado o primeiro amor” e não mais se dedicavam de todo coração a Jesus Cristo. O problema mais sério não era sua oposição a Paulo, mas sim seu distanciamento de Cristo.

2. SUA GENEROSIDADE PARA COM A IGREJA (2 Co 11:7-12)

Um pai amoroso procura suprir as necessidades da família, e Paulo sacrificou-se a fim de ministrar à igreja de Corinto. Enquanto estava nessa cidade, o apóstolo trabalhou com as próprias mãos confeccionando tendas (At 18:1-3) e até recebeu ofertas de outras igrejas para que pudesse evangelizar os coríntios. Em outras palavras, os coríntios não tiveram de pagar coisa alguma para receber os benefícios do ministério apostólico desse grande homem de Deus.

A maioria dos coríntios não deu o devido valor aos sacrifícios que Paulo fez por eles. Na verdade, os judaizantes usaram a política financeira de Paulo como “prova” de que não era um verdadeiro apóstolo. Afinal, se fosse mesmo um apóstolo, teria aceitado ser sustentado por eles.

Paulo já havia explicado sua posição quanto a esse assunto numa carta anterior (1 Co 9). Ressaltou que era um apóstolo genuíno, pois havia visto o Cristo ressurreto e recebido dele sua comissão. Paulo tinha o direito de pedir sustento material, como também o têm os servos fiéis de Deus hoje; no entanto, havia deliberadamente aberto mão desse direito, a fim de que ninguém o acusasse de usar o evangelho simplesmente como um meio de ganhar dinheiro. O apóstolo abriu mão de seu direito de sustento material por amor ao evangelho e aos pecadores perdidos, que poderiam considerar um tropeço qualquer coisa que lhes desse a impressão de que se tratava de um “empreendimento religioso”.

No entanto, os judaizantes eram os culpados de “mercadejar o evangelho” visando o lucro pessoal. Paulo havia lhes pregado o evangelho “gratuitamente” (2 Co 11:7, literalmente, “sem qualquer custo”), mas os falsos mestres pregavam um falso evangelho – e roubavam da igreja (2 Co 11:20). Paulo usa um toque de ironia em 2 Coríntios 11:8: “Despojei outras igrejas, recebendo salário, para vos poder servir”. Agora, os judaizantes estavam, *de fato*, despojando os coríntios.

Um pai amoroso não coloca fardos sobre os filhos. Antes, sacrifica-se para que os

filhos tenham tudo de que precisam. É difícil ensinar a uma criança a diferença entre “preços” e “valores”. As crianças parecem não fazer idéia do que significa para os pais ter de sair todos os dias para prover o sustento da família. Quando um de meus sobrinhos era bem pequeno, ouviu seus pais conversando sobre a compra de alguns eletrodomésticos grandes e não conseguiu entender por que não podiam simplesmente sair e comprar o que queriam.

– Por que você não escreve num desses pedaços de papel? – perguntou apontando para o talão de cheques do pai. Ainda não entendia que era preciso haver dinheiro no banco para cobrir o que o pai escreveria no “pedaço de papel”.

Paulo não trata da questão de dinheiro a fim de se gabar. Na realidade, está usando todos os meios possíveis para calar a jactância dos judaizantes. O apóstolo sabia que absolutamente ninguém poderia acusá-lo de cobiça ou de egoísmo (ver At 20:33-35, o testemunho de Paulo para a igreja de Éfeso). Suas mãos estavam limpas, e ele desejava eliminar qualquer oportunidade de que seus inimigos o acusassem.

O termo “pesado” em 2 Coríntios 11:9 merece consideração especial (ver também 2 Co 12:13, 14). No grego, significa, literalmente, “ficar entorpecido”. O termo vem da imagem de uma enguia elétrica entorpecendo a vítima com seu choque elétrico. Uma parte entorpecida do corpo poderia ser um peso para a vítima. Paulo não havia usado de subterfúgios enganosos para pegar os cristãos de surpresa, atacá-los ou roubar deles. Tanto em sua pregação do evangelho quanto em sua maneira de lidar com as finanças, havia sido sempre aberto e honesto.

Em minhas viagens, por vezes me depa-ro com certas situações em igrejas locais que me deixam com o coração pesado. Há congregações que praticamente não demonstram qualquer apreciação por pastores fiéis que se sacrificam pelo crescimento da igreja. Alguns deles recebem muito menos do que merecem e trabalham muito mais do que devem, no entanto a igreja não parece ter qualquer amor por eles. Seus sucessores,

entretanto, são tratados como reis! Sem dúvida, haverá um acerto de contas no tribunal de Cristo.

Certa vez, ouvi W. A. Criswell falar sobre um casal de missionários muito dedicado que voltou aos Estados Unidos no mesmo navio que trazia Theodoro Roosevelt para casa depois de um dos seus safáris na África. Havia vários repórteres no cais, esperando para ver Roosevelt, entrevistá-lo e tirar fotos dele; mas ninguém estava lá para receber os missionários veteranos que passaram a vida servindo a Cristo na África.

Naquela noite, enquanto descansavam em um hotel muito simples em Nova Iorque, os missionários lembraram sua chegada na cidade e o marido mostrou-se um tanto amargurado.

– Não é justo – disse à esposa. – Roosevelt volta para casa depois de uma temporada caçando e o país inteiro vai recebê-lo. Nós dois voltamos para casa depois de anos de serviço e não há uma viva alma para nos recepcionar.

A resposta da esposa não podia ser mais acertada:

– Não se esqueça, meu amor: *nós ainda não estamos em casa.*

Paulo apresentou duas provas de seu amor pelos coríntios: seu zelo pela igreja – protegendo-a da “infidelidade espiritual” – e sua generosidade para com a igreja – recusando-se a aceitar o sustento material deles. Em seguida, mostra outra prova.

3. SUA PREOCUPAÇÃO COM A IGREJA (2 Co 11:16-33)

A chave para esta seção extensa é 2 Coríntios 11:28, que pode ser parafraseado como: “Sem dúvida, passei por muitas provações, mas a maior delas, o fardo mais pesado de todos, é minha preocupação com as igrejas!” O termo traduzido por *preocupação* significa “pressão, tensão, ansiedade”. As outras experiências haviam sido “exteriores” e ocasionais, mas o peso das igrejas era interior e constante.

“Só entendemos plenamente o amor de nossos pais por nós quando também nos tornamos pais”, disse Henry Ward Beecher,

com toda razão. Quando nosso filho mais velho ainda era bem pequeno, colocou um brinquedo dentro da tomada e tomou um tremendo choque. Há pouco tempo, viu que seu filho estava prestes a fazer a mesma coisa, e sua reação explosiva quase matou o pobre menino de susto.

– Agora sei como você e a mamãe se sentiam quando eu era criança – ele me disse ao telefone. – Ser pai é uma experiência não apenas cheia de alegrias, mas também repleta de sustos.

Antes de relacionar os vários tipos de tribulações pelas quais passou, Paulo faz questão de explicar por que está se “gloriando” dessa forma. O apóstolo nunca teve dificuldade alguma de se gloriar de Cristo e falar dos sofrimentos dele, mas sempre evitou falar das próprias experiências dolorosas como servo de Deus. Paulo e João Batista pensavam da mesma forma: “Convém que ele [Cristo] cresça e que eu diminua” (Jo 3:30). “Aquele, porém, que se gloria, glorie-se no Senhor” (2 Co 10:17).

Foi a falta de maturidade e de espiritualidade dos coríntios que obrigou Paulo a escrever sobre si mesmo e a se “gloriar” dessas experiências. O apóstolo começou esta seção (2 Co 11:1) pedindo desculpas por se gloriar, e repete essa idéia em 2 Coríntios 11:16: Em 2 Coríntios 11:17, Paulo não nega a inspiração de suas palavras; antes, admite que, ao se gloriar, está sendo muito diferente de Cristo (ver 2 Co 10:1). No entanto, foi algo que precisou fazer para provar seu amor pelos coríntios e protegê-los daqueles que desejavam fazê-los desviar dos caminhos de Deus.

Para começar, os falsos mestres não tinham vergonha de se gloriar, e os coríntios não tinham medo de aceitar essa jactância. Temos a impressão de que Paulo está dizendo: “Uma vez que a ‘nova moda’ em sua congregação é contar vantagem, então vou fazer o mesmo”. É possível que Paulo tivesse em mente o princípio de Provérbios 26:5: “Ao insensato responde segunda a sua estultícia, para que não seja ele sábio aos seus próprios olhos”.

Além disso, Paulo só estava se gloriando *para o bem da igreja*, enquanto os falsos

mestres se gloriavam visando o benefício próprio, ou seja, aquilo que poderiam obter da igreja. A motivação de Paulo era pura; a motivação deles era egoísta. 2 Coríntios 11:20 apresenta uma lista das diversas maneiras como os judaizantes estavam se aproveitando da igreja:

Escravizando – ensinavam uma doutrina legalista contrária ao evangelho da graça.

Devorando – “abocanhavam” tudo o que podiam da igreja; aproveitavam-se do privilégio de receber sustento material.

Detendo – Nesse caso, o verbo tem o sentido de “enganar”. A imagem é de um pássaro preso em uma armadilha ou de um peixe enroscado num anzol. “Lançaram a isca e fisgaram vocês!”

Exaltando – Exaltavam a si mesmos, não ao Senhor Jesus Cristo; gostavam de ser honrados e tratados como líderes.

Esbofeteando – É provável que se trate de uma referência a ataques verbais, não a violência física; os judaizantes não hesitavam em humilhar os coríntios em público.

Paulo termina sua exposição das atitudes e ações nada espirituais dos judaizantes com um pouco de “ironia inspirada”: “Ingloriamente o confesso, como se fôramos fracos [demais para tais coisas]” (2 Co 11:21). Os coríntios pensavam que a mansidão de Paulo era um sinal de fraqueza, quando, na verdade, era parte de sua força. No entanto, pensavam que a arrogância dos judaizantes era sinal de poder. Por vezes, os cristãos podem ser extremamente ignorantes!

Em se tratando de sua herança judaica, os falsos mestres eram iguais a Paulo; mas, em se tratando do ministério de Cristo, o “superapóstolo” era Paulo, não os judaizantes. Vejamos agora o que Paulo sofreu por amor à causa de Cristo e por sua preocupação com as igrejas.

Sofrimentos por amor a Cristo (vv. 23-25a). Se Paulo não fosse apóstolo, não teria passado por essas tribulações. Recebeu “açóites sem medida”, tanto de judeus quanto de gentios. Em três ocasiões, apanhou com varas e, em cinco ocasiões, recebeu trinta e nove açoites dos judeus. O Livro de

Atos relata um açoitamento (16:22) e um apedrejamento (At 14:19).

Paulo sabia, desde o início de seu ministério, que sofreria por amor a Jesus (At 9:15, 16), e Deus lhe reafirmou esse fato no decorrer do ministério (At 20:23). Aquele que fez outros sofrerem por sua fé teve de sofrer aflições na própria pele por essa mesma fé.

Dificuldades naturais (vv. 25b-33).

Quase qualquer viajante daquela época havia passado por pelo menos uma dessas situações difíceis; no entanto, não podemos deixar de pensar que foram causadas pelo inimigo em uma tentativa de impedir a obra do Senhor. Atos 27 relata um dos três naufrágios; não sabemos coisa alguma sobre os outros dois. Só podemos imaginar quantos de seus pertences pessoais de valor Paulo perdeu nesses percalços.

Uma vez que estava sempre viajando, Paulo expunha-se, com freqüência, a perigos desse tipo. Os judaizantes visitavam lugares seguros; Paulo viajava para lugares difíceis. No entanto, o apóstolo não era um viajante comum, mas sim um homem marcado. Possuía inimigos tanto no meio dos judeus quanto dos gentios, e alguns deles o teriam assassinado com prazer.

Em 2 Coríntios 11:27 Paulo descreve as conseqüências pessoais de todas essas viagens difíceis. Em meu próprio ministério itinerante limitado, desfruto a conveniência de automóveis e aviões, no entanto, devo confessar que as viagens são cansativas. Paulo enfrentou desconfortos e dificuldades muito maiores! Não é de se admirar que estivesse exausto e cheio de dores. Passava longos períodos sem alimento, sem água e sem dormir e, por vezes, não tinha roupas suficientes para mantê-lo aquecido.

Sem dúvida, outros viajantes passaram por experiências desse tipo, mas Paulo suportou-as por amor a Cristo e à igreja. Sua prioridade não era aquilo que estava a seu redor, mas o que estava dentro dele: a preocupação com todas as igrejas. Por que ele se importava tanto? Porque se identificava plenamente com os outros cristãos (2 Co 11:29). Tudo o que acontecia a “seus filhos”

afetava seu coração, e ele não poderia abandoná-los.

No auge da narrativa de seus sofrimentos, Paulo fala da experiência humilhante em Damasco, quando – o grande apóstolo – teve de ser retirado da cidade às escondidas dentro de um cesto passado por sobre o muro! (2 Co 11:32, 33). Será que algum dos judaizantes tinha uma história dessas para contar? Claro que não! Mesmo ao relatar seus sofrimentos, Paulo cuidou para que Cristo, não ele próprio, fosse glorificado.

É impossível ler esses versículos sem admirar a coragem e a devoção do apóstolo Paulo. Cada provação deixou marcas em sua vida, e, no entanto, ele foi em frente servindo ao Senhor: “Porém em nada considero a vida preciosa para mim mesmo” (At 20:24).

Paulo certamente provou seu amor pela igreja. Era chegada a hora de a igreja provar seu amor por ele. Que possamos sempre dar o devido valor aos sacrifícios de outros no passado que nos permitem desfrutar hoje as bênçãos do evangelho.

UM PREGADOR NO PARAÍSO

2 CORÍNTIOS 12:1-10

Esta seção é o ponto culminante da defesa de Paulo de seu apostolado e de seu amor pelos cristãos de Corinto. A princípio, havia se mostrado relutante em falar de suas experiências pessoais, mas era o único modo de resolver o problema. Na verdade, para evitar exaltar a si mesmo, Paulo usa a terceira pessoa do singular em vez da primeira. Compartilha com seus leitores três experiências com Deus.

1. GLÓRIA: DEUS O HONROU (2 Co 12:1-6)

Os judaizantes estavam ansiosos para receber honras e se gabavam de suas “cartas de recomendação” (2 Co 3:1ss). Paulo, no entanto, não procurava a honra dos homens; deixava que Deus o honrasse, pois é somente essa honra que importa.

Em primeiro lugar, Deus honrou Paulo dando-lhe visões e revelações. No dia de sua conversão, Paulo viu Cristo glorificado (At 9:3; 22:6). Teve uma visão de Ananias ministrando-lhe (At 9:12) e outra na qual Deus o chamou para pregar aos gentios (At 22:17).

Ao longo de seu ministério, recebeu visões de Deus que o guiaram e encorajaram, como no caso de seu chamado para ir à Macedônia (At 16:9). Em meio às dificuldades do ministério em Corinto, Deus também encorajou Paulo com uma visão (At 18:9, 10). Depois de ser preso em Jerusalém, o apóstolo voltou a ser encorajado por uma visão de Deus (At 23:11). Em outra ocasião, um anjo lhe apareceu no meio da tempestade e lhe garantiu que todos os passageiros do navio onde ele se encontrava seriam salvos (At 27:23).

Além dessas visões específicas relacionadas a seu chamado e ministério, o apóstolo também recebeu do Senhor certas verdades divinas (ver Ef 3:1-6). Deus lhe deu uma compreensão profunda de seu plano para esta era, e, sem dúvida, Paulo entendeu os mistérios de Deus.

O Senhor também honrou Paulo levando-o para o céu e, depois, enviando-o de volta à Terra. Essa experiência maravilhosa ocorreu quatorze anos antes de ele escrever esta carta, ou seja, por volta do ano 43 d.C. e corresponde ao período entre sua partida de Tarso (At 9:30) e a visita que recebeu de Barnabé (At 11:25, 26). Não há registro algum dos detalhes desse acontecimento, e de nada adianta especular.

Os rabinos judeus costumavam referir-se a si mesmos na terceira pessoa do singular, e Paulo adota essa abordagem ao expor esse acontecimento aos seus amigos (e inimigos) em Corinto. Foi uma experiência tão maravilhosa que o apóstolo não estava certo de se Deus o havia levado fisicamente para o céu ou se seu espírito havia deixado o corpo. (Que contraste entre ser descido por uma cesta e ser “arrebataado até ao terceiro céu”!) Nessa passagem, Paulo reafirma a realidade do céu e mostra que Deus pode levar seu povo para lá. O *terceiro céu* corresponde ao “paraíso”, o céu dos céus, onde Deus habita em glória. Graças à ciência moderna, o ser humano pode visitar o céu de nuvens (voando acima das nuvens) e o céu dos corpos celestes (andando na Lua), mas o ser humano não é capaz de chegar ao céu de Deus sem ajuda divina.

O mais interessante é que Paulo guardou essa experiência para si durante catorze anos! Ao longo desses anos, havia sido esbofeteado por seu “espinho na carne” e, talvez, levado as pessoas a se perguntarem por que sofria tamanha aflição. É possível que os judaizantes tenham adotado a mesma posição que os amigos de Jó e dito: “Essa aflição é castigo de Deus” (na verdade, era uma *dádiva* de Deus). Talvez alguns dos amigos mais chegados de Paulo tenham procurado animá-lo dizendo: “Coragem, Paulo, um dia você estará no céu!”. Ao que Paulo

teria respondido: “Na verdade, já estive no céu e, por isso, tenho esse espinho!”

Deus honrou Paulo concedendo-lhe visões e revelações e levando-o ao céu; no entanto, honrou seu servo ainda mais permitindo que ele ouvisse “palavras inefáveis” enquanto estava no céu. Paulo ouviu segredos divinos compartilhados no céu; coisas proferidas por Deus e pelos seres celestiais, mas impronunciáveis pelos seres humanos.

Acaso os judaizantes também poderiam relatar experiências desse tipo? Moisés, cujo relacionamento com Deus era tão íntimo, só se encontrou com o Senhor no alto da montanha; mas Paulo encontrou-se com o Senhor no paraíso. Havia exercitado grande disciplina espiritual durante aqueles catorze anos, pois não relatou a experiência a ninguém. Sem dúvida, essa visão da glória de Deus deu forças ao apóstolo em sua vida e ministério. Quer estivesse na prisão, no abismo ou em viagens perigosas, sabia que Deus estava com ele e que tudo estava bem.

Iremos para o céu somente quando morremos ou quando Jesus voltar. No entanto, podemos encontrar grande estímulo no fato de que *hoje* estamos assentados com Cristo nos lugares celestiais (Ef 2:6). Temos uma posição de autoridade e de vitória acima de todas as coisas (Ef 1:21, 22). Apesar de não termos visto a glória de Deus da mesma forma que Paulo, compartilhamos no presente dessa glória divina (Jo 17:22) e, um dia, entraremos no céu e contemplaremos a glória de Cristo (Jo 17:24).

Uma honra como essa teria enchido a maioria das pessoas de orgulho. Em vez de permanecerem caladas durante catorze anos, teriam espalhado o acontecimento para o mundo todo imediatamente e se tornado famosas. Mas Paulo não se orgulhou. Apenas disse a verdade – não se tratando, portanto, de vanglória – e deixou que os fatos falassem por si mesmos. Sua grande preocupação era que ninguém roubasse de Deus a glória que lhe era devida a fim de dá-la ao apóstolo. Desejava que outros julgassem sua pessoa e seu trabalho com honestidade (ver Rm 12:3).

Como foi possível Paulo ter uma experiência tão maravilhosa e, ainda assim, permanecer tão humilde? Isso se deveu à segunda experiência que Deus lhe deu.

2. BONDADE: DEUS O HUMILHOU (2 Co 12:7, 8)

Deus sabe como equilibrar nossa vida. Se tivérmos apenas bênçãos, poderemos nos tornar orgulhosos; assim, permite que também tenhamos fardos. A experiência maravilhosa de Paulo no céu poderia ter arruinado seu ministério na Terra; em sua bondade, Deus permitiu que Satanás esbofeteasse Paulo, a fim de evitar que se tornasse orgulhoso.

O mistério do sofrimento não será inteiramente resolvido nesta vida. Por vezes, sofreremos pelo simples fato de sermos humanos. Nosso corpo muda à medida que envelhecemos e que nos tornamos mais suscetíveis aos problemas normais da vida. O mesmo corpo que nos dá prazer também nos causa dores. Os mesmos membros da família e amigos que nos alegram também magoam nosso coração. Faz parte da “comédia humana”, e a única maneira de escapar é deixar de ser plenamente humano, algo que ninguém deseja fazer.

Às vezes, sofreremos porque somos insensatos e desobedecemos ao Senhor. Nossa rebelião pode nos afligir, ou o Senhor pode escolher nos disciplinar em amor (Hb 12:3ss). O rei Davi sofreu grandemente por causa de seu pecado; as conseqüências foram dolorosas, como também o foi a disciplina de Deus (ver 2 Sm 12:1-22; Sl 51). Em sua graça, Deus perdoa nossos pecados; mas, em sua soberania, nos permite colher o que semeamos.

O sofrimento também é um instrumento de Deus para construir um caráter piedoso (Rm 5:1-5). Sem dúvida, Paulo era um homem rico em caráter cristão, pois permitiu que Deus o moldasse e transformasse por meio de experiências dolorosas de sua vida. Quando caminhamos à beira do mar, observamos que, nos lugares protegidos da água, as pedras são pontiagudas, mas nos lugares onde as ondas batem, são lisas e arredondadas. Deus pode usar as “ondas

e vagalhões” da vida para nos polir, se assim o permitirmos.

Paulo recebeu o espinho na carne para guardá-lo de pecar. Experiências espirituais emocionantes – como ir para o céu e voltar – costumam inflar o ego humano, e o orgulho conduz a inúmeras tentações. Se o orgulho tivesse tomado conta do coração de Paulo, aqueles catorze anos teriam sido repletos de fracassos ao invés de sucessos.

Não sabemos o que era o espinho na carne do apóstolo. O termo traduzido por “espinho” significa “uma estaca afiada usada para tortura ou empalação”. Era uma aflição física de algum tipo que causava dor e agonia ao apóstolo. Alguns estudiosos da Bíblia acreditam que Paulo sofria de um problema de visão (ver Gl 6:11), mas não é possível determinar com certeza. É melhor não saber exatamente a natureza desse “espinho”, pois, quaisquer que sejam os nossos sofrimentos, podemos aplicar as lições que Paulo aprendeu e, assim, também ser encorajados.

Como havia feito no caso de Jó, Deus permitiu que Satanás afligisse Paulo (ver Jó 1 – 2). Apesar de não entendermos plenamente a origem do mal no universo nem os propósitos que Deus tinha em mente quando permitiu que o mal viesse a existir, sabemos que Deus controla o mal e que pode usá-lo até para a glória de seu nome. Satanás não pode afligir um cristão sem a permissão de Deus. Tudo o que o inimigo fez a Jó e a Paulo foi dentro da vontade de Deus.

Satanás recebeu permissão de “esbofetear” Paulo. O termo significa “bater, acertar com o punho”. O tempo do verbo indica que essa dor era constante ou repetitiva. Quando paramos para pensar que Paulo tinha cartas a escrever, viagens a fazer, sermões a pregar, igrejas a visitar, perigos a enfrentar enquanto ministrava, podemos entender como se tratava de um problema sério. Não é de admirar que o apóstolo orasse três vezes (como Jesus havia feito no jardim [Mc 14:32-41]) pedindo que a aflição fosse removida (2 Co 12:8).

Quando Deus permite o sofrimento em nossa vida, há várias maneiras de lidar com

ele. Alguns ficam amargurados e colocam a culpa em Deus por privá-los de sua liberdade e prazer. Outros simplesmente “desistem” e não recebem bênção alguma por meio dessa experiência, pois não a enfrentam com coragem. Outros rangem os dentes, colocam uma máscara de valentia, determinados a “suportar até o fim”. Apesar de ser uma reação corajosa, normalmente ela esgota todas as forças necessárias para a vida diária, e, depois de um tempo, não é raro ocorrer um colapso.

Paulo pecava ao pedir que fosse livrado dos ataques de Satanás? Creio que não. É normal um cristão pedir que Deus o livre de enfermidades e de dores. Deus não *prometeu* curar todos os cristãos que lhe pedirem em oração, mas nos incentiva a levar até ele nossos fardos e necessidades. Paulo não sabia se esse “espinho na carne” era uma provação temporária ou uma experiência permanente com a qual teria de conviver.

Há quem acredite que um cristão aflito envergonha o nome de Deus. De acordo com essas pessoas: “Se você obedece a Deus e se apropria de tudo o que tem direito em Cristo, nunca ficará doente”. Não encontrei esse ensinamento em parte alguma da Bíblia. Por certo, Deus prometeu ao povo de Israel bênçãos especiais e proteção dentro da antiga aliança (Dt 7:12ss), mas em momento algum prometeu aos cristãos do Novo Testamento que seriam imunes a enfermidades e sofrimentos. Se Paulo tinha acesso a uma “cura instantânea” em função de seu relacionamento com Cristo, então por que não lançou mão desse recurso para si mesmo e para outros, como, por exemplo, Epafrodito? (Fp 2:25ss).

Que contraste gritante entre as duas experiências do apóstolo! Passou do paraíso à dor, da glória ao sofrimento. Provou a bênção de Deus no céu e sentiu os golpes de Satanás na Terra. Passou do êxtase à agonia, no entanto as duas coisas andam juntas. Uma só experiência de glória o preparou para as experiências constantes de sofrimento, pois sabia que Deus podia suprir sua necessidade. Paulo havia sido elevado ao céu, mas aprendeu que o céu também podia vir até ele.

3. GRAÇA: DEUS O AJUDOU (2 Co 12:9, 10)

Essa experiência dolorosa contém duas mensagens. O espinho na carne era a mensagem de Satanás a Paulo, mas Deus tinha outra mensagem para seu servo, uma mensagem acerca da graça. O tempo do verbo em 2 Coríntios 12:9 é importante: “Então ele [Deus] me disse de uma vez por todas”. Deus deu a Paulo uma mensagem que ficou com ele. Não lhe foi permitido compartilhar conosco as palavras que ouviu no céu; mas pôde compartilhar as palavras que Deus lhe deu na Terra – palavras de grande estímulo para nós hoje.

Foi uma mensagem de *graça*. Mas o que é *graça*? É a provisão de Deus para tudo de que precisamos, quando precisamos. Alguém disse bem que Deus, em sua graça, nos dá o que não merecemos e, em sua misericórdia, deixa de nos dar o que merecemos. Outra pessoa definiu a graça como “as riquezas de Deus disponíveis à custa de Cristo”. “Porque todos nós temos recebido da sua plenitude [de Cristo] e graça sobre graça” (Jo 1:16).

Foi uma mensagem de *graça suficiente*. A graça nunca está em falta. Deus é suficiente para nosso ministério espiritual (2 Co 3:4-6), para nossas necessidades materiais (2 Co 9:8) e para nossas necessidades físicas (2 Co 12:9). Se a graça de Deus é suficiente para nos salvar, sem dúvida é suficiente para nos guardar e fortalecer em nossos momentos de sofrimento.

Foi uma mensagem de *graça fortalecedora*. Deus nos permite enfraquecer, para que possamos receber sua força. Trata-se de um processo contínuo: “Porque o [meu] poder se aperfeiçoa [está se aperfeiçoando] na [sua] fraqueza” (2 Co 12:9). A força que sabe que é forte, na verdade é fraqueza, mas a fraqueza que sabe que é fraca, na verdade é força.

Na vida cristã, muitas das bênçãos que recebemos vêm por meio da *transformação*, não da *substituição*. Ao orar três vezes rogando que sua dor fosse removida, Paulo pediu uma substituição: “dá-me saúde em vez de enfermidade; livramento, em vez de

dor e fraqueza”. Por vezes, Deus supre a necessidade pela substituição; em outras ocasiões, supre pela transformação. Ele não remove a aflição, mas nos dá sua graça, de modo que a aflição trabalhe *em nosso favor*, não *contra nós*.

Enquanto Paulo orava sobre seu problema, Deus lhe deu uma compreensão mais profunda daquilo que fazia em sua vida. Paulo descobriu que o espinho na carne era *uma dádiva de Deus*. Que presente mais estranho! Havia apenas uma coisa a fazer: Paulo devia aceitar esse presente e permitir que Deus cumprisse seus propósitos. Deus desejava guardar Paulo de se exaltar, e esse foi o meio que lhe aprouve usar para cumprir esse propósito.

Quando Paulo aceitou sua aflição como uma dádiva de Deus, permitiu, com isso, que a graça de Deus operasse em sua vida. Foi então que Deus lhe falou e lhe garantiu a sua graça. Sempre que passamos por aflições, convém gastar mais tempo estudando a Palavra de Deus; podemos estar certos de que Deus falará a nosso coração. Ele sempre tem uma mensagem especial a seus filhos quando estão aflitos.

Deus não ofereceu qualquer explicação a Paulo; em vez disso, lhe deu uma promessa: “A minha graça te basta”. *Não vivemos de explicações; vivemos de promessas*. Nossos sentimentos mudam, mas as promessas de Deus são sempre as mesmas. As promessas geram fé, e a fé fortalece a esperança.

Paulo apropriou-se da promessa de Deus e se valeu da graça que lhe foi oferecida; esse passo transformou em triunfo o que, antes, havia parecido uma tragédia. Deus não mudou a situação removendo a aflição; mudou-a acrescentando um ingrediente novo: a graça. Nosso Deus é “o Deus de toda graça” (1 Pe 5:10) e está assentado no “trono da graça” (Hb 4:16). A Palavra de Deus é a “palavra da sua graça” (At 20:32) e, de acordo com sua promessa, ele “dá maior graça” (Tg 4:6). Sob qualquer ponto de vista, a graça de Deus é suficiente para todas as nossas necessidades.

No entanto, Deus não nos concede sua graça simplesmente para que possamos

“suportar” os sofrimentos. Até mesmo os não convertidos podem demonstrar enorme capacidade de suportar a dor. A graça de Deus deve permitir que nos elevemos acima de todas as circunstâncias e sentimentos e fazer com que nossas aflições trabalhem em nosso favor, para nosso bem. Deus deseja construir nosso caráter de modo a nos tornar mais semelhantes ao nosso Salvador. A graça de Deus permitiu que Paulo não apenas aceitasse suas aflições, mas se gloriasse nelas. Seu sofrimento não era um tirano que o controlava, mas um servo que trabalhava para ele.

Que benefícios Paulo colheu desse sofrimento? Em primeiro lugar, experimentou o poder de Cristo em sua vida. Deus transformou a fraqueza de Paulo em força. O termo traduzido por *repousar* significa “abrir uma tenda sobre algo”. Paulo considerava seu corpo uma tenda frágil (2 Co 5:1ss), mas a glória de Deus havia entrado nessa tenda e a transformara num santo tabernáculo.

Além disso, o apóstolo foi capaz de se gloriar em suas enfermidades. Isso não significa que preferia a dor à saúde, mas que aprendeu a se beneficiar das enfermidades. O que determinou essa diferença? Ele “[sentiu] prazer nas fraquezas” e problemas, não porque era emocionalmente desequilibrado e gostava da dor, mas porque sofria por amor a Jesus Cristo. Glorificava a Deus com seu modo de aceitar e de lidar com as experiências difíceis da vida.

Nas palavras de P. T. Forsyth: “É mais formidável orar pedindo a conversão da dor do que sua remoção”. Paulo conquistou a vitória, não pela substituição, mas pela transformação. Descobriu a suficiência da graça de Deus.

A partir da experiência de Paulo, podemos aprender várias lições práticas.

1. *Para o cristão devoto, o espiritual é mais importante que o físico.* Não se trata de uma sugestão de que devemos ignorar o aspecto físico, pois nosso corpo é templo do Espírito de Deus. Significa, porém, que não devemos procurar fazer de nosso corpo um fim em si. Ele é um instrumento de Deus

Deus faz para desenvolver nosso caráter cristão é muito mais importante do que a cura física sem caráter.

2. *Deus sabe equilibrar em nossa vida as bênçãos e os fardos, o sofrimento e a glória.* A vida é parecida com a fórmula de um remédio: se os ingredientes são tomados separadamente, podem causar a morte, mas, quando misturados da maneira correta e na devida proporção, podem nos ajudar.

3. *Nem toda enfermidade é causada pelo pecado.* De acordo com a argumentação dos amigos de Jó, ele havia pecado, por isso estava sofrendo. No entanto, essa linha de raciocínio estava completamente errada no caso de Jó e também não se aplica a Paulo. Há ocasiões em que Deus permite aflições de Satanás, a fim de realizar, por meios delas, seus propósitos maravilhosos em nossa vida.

4. *O pecado é pior que a enfermidade; e o pior pecado de todos é o orgulho.* A pessoa saudável que se rebela contra Deus está em piores condições do que a pessoa aflita que se submete a Deus e que desfruta sua graça. É um paradoxo – uma evidência da soberania divina – Deus ter usado Satanás, o mais orgulhoso de todos os seres, para conservar a humildade de Paulo.

5. *A aflição física não deve ser um impedimento para o serviço cristão eficaz.* Os cristãos de hoje têm a tendência de ser cheios de caprichos e de usar qualquer pequeno desconforto ou dor como desculpa para não ir à igreja ou para recusar alguma oportunidade de servir ao Senhor. Paulo não permitiu que seu espinho na carne fosse uma pedra de tropeço. Antes, deixou que Deus transformasse esse espinho em uma pedra de apoio.

6. *Podemos sempre descansar na Palavra de Deus.* Ele sempre tem uma mensagem de encorajamento para nós em tempos de tribulação e de sofrimento.

Madame Guyon, a grande mística francesa, escreveu certa vez a uma amiga aflita: “Ah! se você soubesse do poder inerente à agonia que é aceita!”

Paulo conhecia esse poder, pois confiava na vontade de Deus e dependia da graça de Deus, e esse mesmo poder nos é ofere-

PREPAREM-SE!

2 CORÍNTIOS 12:11 – 13:13

Quando Paulo se aproxima do final da carta, seu amor aos coríntios o leva a fazer um último apelo. Não desejava que sua terceira visita à igreja deles fosse outra experiência dolorosa para ambas as partes. Havia aberto o coração, explicado seu ministério, respondido a suas acusações e instado que se sujeitassem à Palavra de Deus e que obedecessem ao Senhor. O que mais lhe restava dizer ou fazer?

Nesta última seção da epístola, Paulo usa três abordagens, na tentativa de motivar os coríntios à obediência e à submissão.

1. VERGONHA (2 Co 12:11-21)

É bom quando as pessoas são capazes de se envergonhar de suas atitudes e atos errados. Quando uma pessoa culpada não sente mais vergonha, é sinal que seu coração está endurecido, e sua consciência, cauterizada. “Serão envergonhados, porque cometem abominação sem sentir por isso vergonha; nem sabem que coisa é envergonhar-se. Portanto, cairão com os que caem; quando eu os castigar, tropeçarão, diz o SENHOR” (Jr 6:15).

Em primeiro lugar, Paulo chama a atenção dos coríntios por seu *menosprezo* (2 Co 12:11-13). Deveriam elogiar o apóstolo em vez de obrigá-lo a gloriar-se de si mesmo. No entanto, estavam se gabando dos “superapóstolos”, os judaizantes, que haviam conquistado sua afeição e que controlavam a igreja.

Por acaso Paulo era inferior a esses homens? De maneira alguma! Os coríntios viram Paulo trabalhar; na verdade, lhe deviam a alma. O apóstolo havia realizado no meio

deles sinais miraculosos que provavam seu apostolado (Hb 2:1-4). Havia perseverado em seu ministério em Corinto apesar de todas as perseguições exteriores e problemas interiores. Além do mais, não havia dado despesa alguma à igreja. Paulo volta a usar de certa ironia ao escrever: “Porque, em que tendes vós sido inferiores às demais igrejas, senão neste fato de não vos ter sido pesado? Perdoai-me esta injustiça” (2 Co 12:13).

Um dos perigos que corremos na vida cristã é de nos acostarmos às bênçãos. Um pastor dedicado ou um professor de Escola Bíblica Dominical pode fazer tanta coisa por nós que acabamos não dando o devido valor a seu ministério. (Devo ser justo e dizer que, por vezes, os pastores também não dão o devido valor aos membros de sua igreja.) Essa atitude levou Paulo a chamar a atenção dos coríntios por seu *desapreço* (2 Co 12:14-18).

Apesar das dificuldades envolvidas, Paulo havia sido fiel em visitar os coríntios e estava prestes a voltar para vê-los (ver 2 Co 13:1). Em vez de ficarem gratos, os coríntios criticaram Paulo por sua mudança de planos. O apóstolo não havia aceitado nenhuma contribuição da igreja para seu sustento; antes, havia se sacrificado por essa congregação. No entanto, os coríntios não estavam dispostos a mostrar sua apreciação compartilhando suas riquezas com outros. Parecia que, quanto mais Paulo os amava, menos eles retribuía seu amor! Essa atitude devia-se ao fato de não terem amor sincero por Cristo (2 Co 11:3). Paulo estava disposto a “se gastar e se deixar gastar” a fim de ajudar a igreja.

Os judaizantes haviam empregado métodos astutos para explorar a igreja (ver 2 Co 4:2), mas Paulo fora sincero e os havia tratado sem dolo algum. O único “artifício” usado pelo apóstolo havia sido sua recusa em receber deles seu sustento. Com isso, os havia desarmado e impedido de acusá-lo de estar interessado somente em dinheiro. Nenhum dos colaboradores enviados por Paulo havia explorado os coríntios de algum modo nem se aproveitado deles.

É triste quando os filhos não apreciam o que os pais fazem por eles. Também é triste quando os filhos de Deus não dão o devido valor ao que seus "pais espirituais" fazem por eles. Qual é a causa dessa *falta de apreciação*? Paulo trata dessa questão no parágrafo seguinte: a *falta de consagração* (2 Co 12:19-21). Havia pecados terríveis dentro daquela igreja, e Paulo desejava que fossem tratados e abandonados de uma vez por todas antes que chegasse. Do contrário, sua visita seria mais uma experiência dolorosa.

É provável que alguns membros da igreja dissessem: "Se Paulo vier nos visitar outra vez, criará mais problemas!" Paulo deixa claro que seu desejo é *resolver* os problemas e fortalecer a igreja. Os pecados dentro da igreja devem ser encarados com honestidade e tratados com coragem. Varrê-los para debaixo do tapete só piora a situação. O pecado dentro da igreja é como um câncer no corpo humano: deve ser extirpado.

Vejamos as transgressões das quais a igreja era culpada, que deveriam ter sido confessadas e deixadas. Eram culpados de alterações ("contendas") porque invejavam a outros. Tinham ataques de raiva ("iras"). Promoviam fofocas e tramas ("intrigas") no meio da congregação. Tudo isso tinha como origem sua presunção e uma idéia exagerada de importância ("orgulho") e resultava em desordem ("tumultos") dentro da igreja (2 Co 12:20). Se compararmos essa lista de pecados com 1 Coríntios 13, veremos o que estava em falta na congregação: amor.

Ao lado desses "pecados do espírito" (2 Co 7:1), também havia os pecados vulgares da carne - "impureza, prostituição e lascívia". Paulo tratou dessas questões em 1 Coríntios 5 e 6, mas alguns dos transgressores persistiam em sua desobediência. Em vez de se entregarem à nova vida, permitiam que a velha natureza os controlasse novamente (1 Co 6:9-11).

Paulo não estava ansioso para fazer essa terceira visita. Temia não encontrar a igreja nas condições em que desejava e que eles também se frustrassem em suas expectativas com relação ao apóstolo. Mas Paulo prometeu que, mesmo estando humilhado e

profundamente entristecido (neste caso, o verbo *chorar* se refere a "prantear os mortos"), ainda assim usaria sua autoridade para colocar as coisas em ordem. Seu amor por eles era grande demais para ignorar os problemas e permitir que continuassem a enfraquecer a igreja.

Os coríntios deveriam estar envergonhados, mas não estavam. A fim de garantir a clareza de sua mensagem, Paulo usa outra abordagem.

2. ADVERTÊNCIA (2 Co 13:1-8)

Esta passagem contém duas advertências.

"Preparem-se!" (vv. 1-4). Ao tratar do pecado na igreja local, devemos saber dos fatos, não apenas dos boatos. Paulo cita Deuteronômio 19:15, e encontramos paralelos em Números 35:30, Mateus 18:16 e 1 Timóteo 5:19: A presença de testemunhas ajudaria a garantir a veracidade, especialmente tendo em vista a total desarmonia em que se encontrava aquela comunidade cristã.

Se os membros da congregação de Corinto tivessem seguido as instruções dadas por Jesus em Mateus 18:15-20, teriam conseguido resolver a maioria dos problemas por conta própria. Já vi pequenos desentendimentos na igreja se transformarem em problemas enormes e complicados, só porque os cristãos não obedeceram às instruções de Cristo. O pastor e a congregação não devem se envolver em uma questão até que os indivíduos em conflito tenham buscado sinceramente uma solução.

Os judaizantes na igreja haviam acusado Paulo de ser um homem fraco (ver 2 Co 10:7-11). Sua abordagem ao ministério era autoritária e ditatorial, enquanto a abordagem de Paulo era mansa e humilde (ver 2 Co 1:24). Agora, Paulo assevera que, *caso seja necessário*, pode ser enérgico. Sua advertência é: "Não os pouparei!", e usa um termo que significa "poupar na batalha". Em resumo, Paulo declarava guerra a qualquer um que se opusesse à autoridade da Palavra de Deus.

"Então, que Paulo prove ser um verdadeiro apóstolo!", desafiaram seus oponentes; ao que o apóstolo respondeu: "Assim

como Jesus Cristo, quando pareço fraco é que sou forte". Na cruz, Jesus Cristo manifestou fraqueza; mas a cruz ainda é "poder de Deus" (1 Co 1:18). Paulo já explicou seu método de guerra espiritual (2 Co 10:1-6) e advertiu seus leitores a que olhassem além da aparência superficial das coisas.

Pelos padrões do mundo, tanto Jesus quanto Paulo foram fracos; mas, pelos padrões do Senhor, ambos foram fortes. O obreiro sábio e maduro sabe quando ser "fraco" e quando ser "forte" ao tratar dos problemas de disciplina na igreja local.

Um pastor amigo meu, que agora está no céu, costumava pregar de maneira muito tranqüila e usava uma abordagem semelhante em seu ministério pessoal. Depois de ouvir um de seus sermões, uma visitante disse:

- Fiquei esperando para ver quando ele começaria a pregar de verdade!

Estava acostumada a ouvir pastores pregando aos brados, gerando mais calor do que luz. No entanto, meu amigo construiu uma igreja forte, pois sabia quais eram os verdadeiros paradigmas do ministério. Sabia como ser "fraco em Cristo" e também sabia como ser "forte".

De que maneira as pessoas avaliam o ministério nos dias de hoje? Pela retórica poderosa ou pelo conteúdo bíblico? Pelo caráter cristão ou por aquilo que a mídia diz? Muitos cristãos seguem os padrões do mundo ao avaliar os ministérios, quando, na verdade, deveriam prestar atenção aos padrões de Deus.

"Examinai-vos" (vv. 5-8). Este parágrafo é uma aplicação do termo *prova* que Paulo usa em 2 Coríntios 13:3: "você têm me examinado", escreve o apóstolo, "mas por que não examinam a si mesmos?" Tenho observado em meu ministério que os que examinam e condenam os outros mais depressa são, muitas vezes, os mesmos que têm dentro de si os pecados mais sérios. Aliás, uma forma de melhorar nossa imagem é condenar outra pessoa.

Em primeiro lugar, Paulo diz aos coríntios que devem examinar seu coração a fim de determinar se são, de fato, nascidos de novo e membros da família de Deus. Você tem

o testemunho do Espírito Santo no coração? (Rm 8:9, 16). Ama seus irmãos e suas irmãs em Cristo? (1 Jo 3:14). Pratica a justiça? (1 Jo 2:29; 3:9). Venceu o mundo e, portanto, leva uma vida de separação piedosa? (1 Jo 5:4). Essas são apenas algumas perguntas que podemos aplicar a nossa vida para nos certificarmos de que somos filhos de Deus.

Em uma das igrejas que pastoreei, tínhamos um adolescente que era o centro de quase todos problemas do grupo de jovens. Era um músico talentoso e membro da igreja, mas, ainda assim, problemático. Durante um retiro de que ele participou nas férias, os líderes da mocidade e eu combinamos de orar juntos por ele todos os dias. Em uma das reuniões do retiro, levantou-se e anunciou que havia sido salvo naquela semana! Sua profissão de fé cristã, até então, não passara de uma farsa. Esse rapaz experimentou uma mudança dramática em sua vida e, hoje, serve ao Senhor fielmente.

Sem dúvida, muitos dos problemas da igreja de Corinto eram causados por pessoas que se diziam salvas, mas que, na verdade, nunca haviam se arrependido nem crido em Jesus Cristo. Nossas igrejas estão cheias de gente assim hoje. Paulo as chama de *reprovadas*, que significa "falsificadas, desacreditadas depois de uma prova". O apóstolo volta a usar essa palavra em 2 Coríntios 13:6, 7, enfatizando a importância de uma pessoa saber com certeza que é salva e vai para o céu (ver 1 Jo 5:11-13).

Em 2 Coríntios 13:7, Paulo deixa claro que não desejava que os coríntios fossem reprovados no teste só para mostrar que estava certo. Também não desejava que levassem uma vida piedosa só para o apóstolo poder se gabar deles. Não se importava de ser criticado por causa deles, desde que estivessem obedecendo ao Senhor. Não se preocupava com a própria reputação, pois o Senhor conhecia seu coração; estava, sim, preocupado com seu caráter cristão.

O mais importante é a verdade do evangelho e a Palavra de Deus (2 Co 13:8). Paulo não diz aqui que é impossível atacar a verdade ou obstruí-la, pois era exatamente isso o que estava acontecendo naquela época

na igreja de Corinto. Antes, afirma que ele e seus colaboradores desejavam que a verdade prevalecesse a todo custo, estando determinados a não obstruir essa verdade, e sim a propagá-la. No final, a verdade de Deus prevalecerá, então por que se opor a ela? “Não há sabedoria, nem inteligência, nem mesmo conselho contra o SENHOR” (Pv 21:30).

3. ENCORAJAMENTO (2 Co 13:9-13)

Em primeiro lugar, Paulo encorajou os coríntios com suas orações pessoais em favor deles (2 Co 13:9). O termo traduzido por *pedir* tem o sentido de “orar”. O apóstolo orava pedindo *perfeição*, o que não significa uma perfeição absoluta e impecável, mas sim “maturidade espiritual”. O termo faz parte de um grupo de palavras gregas que quer dizer “ser adequado, estar equipado”. Como termo técnico médico, significa: “Corrigir uma fratura óssea, colocar no lugar um membro retorcido”. Também pode significar “preparar um navio para uma viagem” e “equipar um exército para a batalha”. Em Mateus 4:21, é traduzido por “consertando as redes”.

Um dos ministérios de nosso Senhor ressurreto é aperfeiçoar seu povo (Hb 13:20, 21). Ele usa a Palavra de Deus (2 Tm 3:16, 17), na comunhão da igreja local (Ef 4:11-16), a fim de preparar o povo para a vida e o serviço (1 Pe 5:10). À medida que os cristãos oram uns pelos outros (1 Ts 3:10) e ajudam uns aos outros pessoalmente (ver Gl 6:1, em que o verbo “corrigir” é uma tradução desse mesmo termo “aperfeiçoar”), o Senhor exaltado ministra a sua Igreja e a capacita para o ministério.

É impossível haver crescimento cristão e um ministério equilibrado em isolamento. Alguém disse que criar um cristão sozinho é tão impossível quanto criar uma abelha sozinha. Os cristãos pertencem uns aos outros e precisam uns dos outros. A fim de se tornar uma criança equilibrada e normal, um bebê precisa crescer dentro de uma família amorosa. A ênfase de hoje sobre o “cristão como indivíduo” separado de seu lugar na

perigosa. Somos ovelhas e, portanto, devemos fazer parte de um rebanho. Somos membros do mesmo corpo e devemos ministrar uns aos outros.

Em 2 Coríntios 13:10, Paulo dá aos coríntios mais um encorajamento – a Palavra de Deus. O apóstolo escreveu esta carta para suprir as necessidades imediatas de uma congregação local, mas hoje podemos nos beneficiar desse conteúdo, pois faz parte da Palavra inspirada de Deus. A epístola tem a mesma autoridade que a presença do próprio apóstolo. O grande desejo de Paulo era que a obediência da congregação a sua carta resolvesse os problemas pendentes, de modo que não precisasse exercer autoridade quando fosse visitar essa igreja.

Por vezes, o ministro da Palavra deve derrubar antes de edificar (ver Jr 1:7-10). O agricultor deve arrancar as ervas daninhas antes de plantar as sementes e de ter uma colheita farta. Paulo teve de destruir o raciocínio incorreto dos coríntios (2 Co 10:4-6) antes de poder construir a verdade em seu coração e em sua mente. A atitude negativa dos coríntios obrigou Paulo a *destruir*, mas seu grande desejo era *construir*.

Em meu próprio ministério, passei por duas construções e duas reformas de templos e, apesar de todos os percalços, creio que é mais fácil construir. É muito mais simples e barato levantar uma estrutura nova num terreno vazio do que derrubar paredes e tentar reformar uma construção antiga. Semelhantemente, é muito mais fácil ensinar a Palavra a um recém-convertido do que tentar mudar o pensamento errado de um cristão mais velho. Conceitos equivocados podem impedir o acesso à verdade, e é preciso que o Espírito de Deus derrube todas as barreiras da mente.

Paulo incentiva os cristãos a cultivar a *graça*, o *amor* e a *paz* (2 Co 13:11, 12). O termo traduzido por “adeus” significa “graça”, uma forma comum da saudação naquela época. A ordem “aperfeiçoai-vos” é relacionada à oração de Paulo 2 Coríntios 13:9 e dá a idéia de “sejam maduros, restaurados e preparados para a vida”. *Consolai-vos* sig-

os seus pecados e problemas, tinham todo o direito de se animar.

“Vivei em paz” era uma admoestação necessária, pois havia divisão e dissensão na igreja (ver 2 Co 12:20). Se praticassem o amor e buscassem a unidade, as guerras cessariam, e eles desfrutariam de paz em sua comunhão. “Sede do mesmo parecer” não significa que todos deveriam concordar sobre tudo, mas que deveriam concordar em não discordar nas questões secundárias.

Nosso Deus é “o Deus de amor e de paz” (2 Co 13:11). Será que o mundo a nosso redor é capaz de perceber essa realidade pela forma como vivemos e conduzimos os negócios da igreja? “Vejam como amam uns aos outros!”, foi o que o mundo perdido disse sobre a Igreja primitiva, mas há muito tempo a Igreja não tem se mostrado digna desse tipo de elogio.

Desde a Antiguidade, o beijo (“ósculo”) é uma forma de saudação e um gesto de amor e de comunhão, sendo trocado entre membros do mesmo sexo. A Igreja primitiva costumava usar o *beijo da paz* e o *beijo do amor* como prova de sua afeição e de preocupação uns pelos outros. Era um “ósculo santo”, santificado por sua devoção para com Jesus Cristo. Os membros da Igreja primitiva muitas vezes beijavam os recém-convertidos depois que estes eram batizados, como sinal de que os recebiam de braços abertos na comunhão.

A comunhão diária com o povo de Deus é importante para a igreja. Devemos nos saudar mesmo quando não estamos em uma reunião da igreja, demonstrando preocupação uns pelos outros. Ao dar essa admoestação em 2 Coríntios 13:12, Paulo certamente apontava, de maneira enérgica, para um dos

problemas mais sérios da igreja: sua divisão e falta de consideração uns pelos outros.

A bênção final em 2 Coríntios 13:13 é uma das prediletas das igrejas. Enfatiza a Trindade (ver Mt 28:19) e as bênçãos que podemos receber pelo fato de pertencermos a Deus. *A graça do Senhor Jesus Cristo* nos traz à memória seu nascimento, quando ele se fez pobre a fim de nos tornar ricos (ver 2 Co 8:9). *O amor de Deus* nos leva ao Calvário, onde Deus deu seu Filho como sacrifício por nossos pecados (Jo 3:16). *A comunhão do Espírito Santo* nos lembra Pentecostes, quando o Espírito de Deus veio e formou a Igreja (At 2).

Os cristãos de Corinto, naquela época, e todos os cristãos hoje precisam encarecidamente das bênçãos da graça, do amor e da comunhão. Os judaizantes daquela época, assim como as seitas de hoje, enfatizavam a Lei em vez da graça, a exclusividade em vez do amor e a independência em vez da comunhão. Se ao menos o povo tivesse vivido pela graça e o amor de Deus, a competição na igreja de Corinto e as divisões resultantes teriam sido evitadas.

A Igreja é um milagre e pode ser sustentada somente pelo ministério de Deus. Não há talento, capacidade ou plano humano capaz de transformar a Igreja no que ela deve ser. Somente Deus pode fazer isso. Se cada cristão depender da graça de Deus, caminhar em amor a Deus e participar da comunhão do Espírito, não andando na carne, será uma parte da solução, não do problema. Estará *vivendo* essa bênção e sendo uma bênção a outros!

Devemos pedir a Deus que nos transforme em cristãos desse tipo. Sejamos encorajados e encorajemos a outros!

GÁLATAS

ESBOÇO

Tema-chave: A liberdade cristã na graça de Deus

Versículo-chave: Gálatas 5:1

I. PESSOAL: A GRAÇA E O EVANGELHO – CAPÍTULOS 1 – 2

- A. A graça proclamada na mensagem de Paulo – 1:1-10
- B. A graça demonstrada na vida de Paulo – 1:11-24
- C. A graça defendida no ministério de Paulo – 2:1-21
 - 1. Diante da igreja coletivamente – 2:1-10
 - 2. Diante de Pedro pessoalmente – 2:11-21

II. DOUTRINÁRIA: A GRAÇA E A LEI – CAPÍTULOS 3 – 4

- A. A argumentação pessoal – 3:1-5
- B. A argumentação das Escrituras – 3:6-14
- C. A argumentação lógica – 3:15-29
- D. A argumentação histórica – 4:1-11
- E. A argumentação sentimental – 4:12-18
- F. A argumentação alegórica – 4:19-31

III. PRÁTICA: A GRAÇA E A VIDA CRISTÃ – CAPÍTULOS 5 – 6

- A. Liberdade, não escravidão – 5:1-12
- B. O Espírito, não a carne – 5:13-26

- C. Outros, não nós mesmos – 6:1-10
- D. A glória de Deus, não o louvor dos homens – 6:11-18

CONTEÚDO

- 1. Más notícias sobre as boas-novas (Gl 1:1-10)..... 892
- 2. Nascido em liberdade! (Gl 1:11-24)..... 897
- 3. O guerreiro da liberdade – Parte I (Gl 2:1-10)..... 902
- 4. O guerreiro da liberdade – Parte II (Gl 2:11-21)..... 907
- 5. Fascinados e perturbados (Gl 3:1-14)..... 912
- 6. A lógica da Lei (Gl 3:15-29)..... 917
- 7. É hora de crescer! (Gl 4:1-18)..... 922
- 8. Eis a sua mãe (Gl 4:19-31)..... 927
- 9. Pega ladrão! (Gl 5:1-12)..... 932
- 10. A quinta liberdade (Gl 5:13-26)..... 937
- 11. A liberdade do amor (Gl 6:1-10)..... 943
- 12. As marcas da liberdade (Gl 6:11-18)..... 948

MÁS NOTÍCIAS SOBRE AS BOAS-NOVAS

GÁLATAS 1:1-10

O menino parado à porta de minha casa tentava vender a assinatura de um jornal semanal e usou uma abordagem bastante persuasiva.

- Custa vinte e cinco centavos por semana - disse ele -, e o melhor de tudo é que este jornal só publica as notícias boas!

Em um mundo repleto de problemas, está cada vez mais difícil encontrar "boas-notícias", de modo que, no final das contas, talvez não fosse mau negócio assinar aquele jornal. Para a pessoa que aceitou a Cristo como seu Salvador, as verdadeiras "boas-novas" são o evangelho: "... que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (1 Co 15:3-4). As boas-novas dizem que os pecadores podem ser perdoados e ir para o céu por causa do que Jesus Cristo fez por eles na cruz. As boas-novas da salvação pela fé em Cristo são a mensagem mais importante do mundo. Essa mensagem transformara a vida de Paulo e, por meio dele, a vida de outros. No entanto, a mensagem estava sob ataque, e Paulo mostrou-se determinado a defender a verdade do evangelho. Alguns falsos mestres invadiram as igrejas da Galácia - igrejas que Paulo fundara - e ensinavam uma mensagem diferente da que Paulo ensinara.

Quando começamos a ler a epístola de Paulo aos cristãos gálatas, não demoramos a perceber que há algo extremamente errado, pois não começa sua carta da maneira habitual, louvando a Deus e orando pelos santos. Não há tempo para isso! Paulo está prestes a entrar em uma batalha pela verdade

do evangelho e pela liberdade da vida cristã. Os falsos mestres estão espalhando um falso "evangelho" que mistura Lei e graça, e Paulo não vai ficar de braços cruzados observando.

Qual é a abordagem de Paulo aos cristãos da Galácia em sua tentativa de lhes ensinar a verdade sobre o evangelho? Nos versículos iniciais, o apóstolo toma três passos bem definidos ao se preparar para lutar nessa batalha.

1. EXPLICA SUA AUTORIDADE (GL 1:1-5)

Mais adiante em sua carta, Paulo tratará com os gálatas de maneira mais afetuosa (Gl 4:12-20), mas, a princípio, faz questão de lhes mostrar claramente a autoridade que recebeu do Senhor. Essa autoridade tem origem em três fontes.

Seu ministério (vv. 1, 2). "Paulo, apóstolo". No início da Igreja, Deus chamou homens especiais para realizar tarefas especiais. Dentre eles, estavam os *apóstolos*. O termo significa "alguém enviado com uma comissão". Enquanto ministrava na Terra, Jesus fez muitos *discípulos* ("aprendizes") e, dentre estes, escolheu doze *apóstolos* (Mc 3:13-19). Posteriormente, um dos requisitos para o apostolado era ter sido testemunha da ressurreição (At 1:21, 22; 2:32; 3:15). É evidente que o próprio Paulo não havia sido discípulo nem apóstolo durante o ministério de Cristo na Terra, mas havia visto o Senhor ressurreto e recebido dele uma comissão (At 9:1-18; 1 Co 9:1).

A conversão miraculosa de Paulo e seu chamado ao apostolado criaram alguns problemas. Desde o início, viu-se separado dos demais apóstolos, o que serviu de motivo para seus inimigos dizerem que não era, de fato, um dos escolhidos e comissionados. Paulo faz questão de ressaltar que havia sido nomeado apóstolo por Jesus Cristo, aquele que havia escolhido os primeiros apóstolos. Seu apostolado não resultava da seleção e da aprovação humana, mas da nomeação divina. Logo, Paulo tinha autoridade para tratar dos problemas das igrejas da Galácia.

No entanto, seu ministério dava-lhe ainda outra base para sua autoridade: *havia*

fundado as igrejas da Galácia. Não lhes escrevia como se fosse algum desconhecido, mas como aquele que lhes havia levado a mensagem do evangelho desde o princípio! Essa carta revela a afeição de Paulo pelos cristãos gálatas (ver Gl 4:12-19). Infelizmente, sua afeição não era correspondida.

Há anos, essa questão da fundação das igrejas da Galácia tem dado trabalho a muitos estudiosos sérios da Bíblia. O problema surge do significado do termo *Galácia*. Vários séculos antes do nascimento de Cristo, algumas tribos guerreiras migraram da Gália (atual França) para a Ásia Menor e fundaram a Galácia, designação que significa simplesmente “terra dos gauleses”. Quando os romanos reorganizaram o mundo antigo, anexaram a Galácia a uma província maior, que incluía várias outras regiões, e chamaram a província toda de Galácia. Assim, no tempo de Paulo, quando uma pessoa referia-se à Galácia, não era possível saber ao certo se estava se referindo ao país dos gauleses ou à grande província romana.

Os estudiosos da Bíblia propõem duas teorias distintas: (1) Paulo escreveu às igrejas no país da Galácia; ou (2) Paulo escreveu para as igrejas na província da Galácia. A primeira idéia é chamada de “teoria da Galácia do Norte” e a segunda, de “teoria da Galácia do Sul”. Ainda não foi possível chegar a um consenso, mas as evidências parecem indicar que Paulo escreveu para as igrejas do Sul da província da Galácia – Antioquia, Icônio, Listra, Derbe –, as quais ele havia fundado em sua primeira viagem missionária (At 13 – 14).

Paulo sempre demonstrou uma preocupação carinhosa com seus convertidos e um desejo profundo de ver as igrejas que fundara glorificando a Cristo (ver At 15:36; 2 Co 11:28). Não se contentava em levar homens e mulheres a Cristo e depois abandoná-los no meio do caminho. (Para um exemplo desse cuidado com os recém-convertidos, ver 1 Ts 2.)

Quando Paulo ficou sabendo que falsos mestres haviam começado a apoderar-se de seus convertidos e a fazê-los desviar, ficou justificadamente preocupado. Afinal, ensinar

novos cristãos a viver para Cristo é parte tão importante da comissão de Jesus quanto a salvação dessas almas (vv. 3, 4). Infelizmente, muitos dos cristãos da Galácia haviam dado as costas a Paulo, seu “pai espiritual”, e seguiam os mestres legalistas que misturavam a Lei do Antigo Testamento ao evangelho da graça de Deus (chamamos esses falsos mestres de judaizantes, pois tentavam atrair os cristãos de volta para o antigo sistema religioso judaico).

Assim, Paulo possuía um ministério como apóstolo e também como fundador das igrejas da Galácia e tinha a autoridade necessária para tratar dos problemas nessas igrejas. No entanto, possuía uma segunda fonte de autoridade.

Sua mensagem (vv. 3, 4). Paulo declara a mensagem do evangelho explicitamente desde o princípio, pois era essa mensagem que os judaizantes estavam distorcendo. O evangelho gira em torno de uma Pessoa – Jesus Cristo, o Filho de Deus. Essa Pessoa pagou um preço – entregou-se para morrer na cruz. (Veremos que a cruz é um tema importante na Epístola aos Gálatas; ver 2:19-21; 3:1, 13; 4:5; 5:11, 24; 6:12-14.) Cristo pagou o preço para alcançar um propósito: livrar os pecadores da escravidão.

A “liberdade em Cristo” é um tema predominante em Gálatas (ver o termo *escravidão* e co-relatos em 2:4; 4:3, 9, 24, 25; 5:1). Os judaizantes desejavam privar os cristãos da liberdade da graça e conduzi-los à escravidão da Lei. Paulo sabia que a escravidão não fazia parte da mensagem do evangelho, pois Cristo havia morrido para libertar os homens.

O ministério e a mensagem de Paulo eram fontes de autoridade espiritual.

Sua motivação (v. 5). “A quem seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém!” Os falsos mestres não ministravam para a glória de Cristo, mas sim para a própria glória (ver Gl 6:12-14). Como os falsos mestres de hoje, os judaizantes não se dedicavam a ganhar os perdidos para Cristo. Antes, roubavam convertidos de outros obreiros e se gabavam de suas estatísticas. A motivação de Paulo, porém, era pura e piedosa: seu grande

desejo era glorificar a Jesus Cristo (ver 1 Co 6:19, 20; 10:31-33).

Paulo termina de explicar sua autoridade e está pronto para o segundo passo ao começar sua batalha pela liberdade dos cristãos.

2. EXPRESSA SUA AFLIÇÃO (GL 1:6, 7)

“Fico surpreso em ver como vocês estão se afastando tão rapidamente!” Este é o primeiro motivo para a ansiedade de Paulo: os gálatas estavam *abandonando a graça de Deus* (o verbo *passando* indica que estavam no processo de abandoná-la, mas que ainda não haviam se afastado completamente).

Paulo os exorta enquanto ainda é tempo. Em sua graça, Deus os havia chamado e salvado dos pecados. Agora, retrocediam, deixando a graça e voltando para a Lei, abandonando a liberdade em troca do legalismo! E o faziam rapidamente, sem consultar Paulo, seu “pai espiritual”, nem dar tempo para o Espírito Santo lhes ensinar. Encantaram-se com a religião dos judaizantes, assim como fazem as crianças que seguem um desconhecido que lhes oferece doces.

A “graça de Deus” é o tema central desta epístola (Gl 1:3, 6 [“de Cristo”], 15; 2:9, 21; 5:4; 6:18 [“de nosso Senhor Jesus Cristo”]). A graça é simplesmente o favor de Deus concedido a pecadores indignos. Os termos “graça” e “dom” andam juntos, pois a salvação é um dom de Deus concedido por meio de sua graça (Ef 2:8-10). Os cristãos da Galácia não estavam apenas “mudando de religião” ou “mudando de igreja”; na verdade, estavam abandonando a própria graça de Deus! Pior ainda, estavam deixando o próprio Deus da graça! Deus os havia chamado e concedido a salvação; agora, abandonavam o Senhor e seguiam líderes humanos que os conduziram à escravidão.

Não devemos jamais esquecer que a vida cristã é um relacionamento vivo com Deus por meio de Jesus Cristo. Uma pessoa não se torna cristã simplesmente concordando com uma série de doutrinas, mas ao se entregar a Cristo e crer nele (Rm 11:6). Não se pode misturar graça e obras, pois essas duas coisas são mutuamente exclusivas. A salvação é uma dádiva da graça de Deus, comprada

para nós por Jesus Cristo na cruz. Abandonar a graça em troca da Lei é abandonar o Deus que nos salvou.

No entanto, os gálatas eram culpados, ainda, de outro pecado que causava grande aflição ao apóstolo: *distorciam o evangelho de Deus*. Os judaizantes afirmavam pregar “o evangelho”, mas não é possível haver dois evangelhos, um com base nas obras e outro com base na graça. “Eles não estão pregando outro evangelho”, escreve Paulo, “mas uma mensagem *diferente* - tão diferente do verdadeiro evangelho que, afinal, não é evangelho”. Os judaizantes diziam: “Cremos em Jesus Cristo, mas temos algo maravilhoso a acrescentar ao que vocês já crêem”. Como se alguém pudesse “acrescentar” algo melhor à graça de Deus!

O termo traduzido como *perverter* em Gálatas 1:7 é usado apenas três vezes no Novo Testamento (At 2:20; Gl 1:7; Tg 4:9). Significa “fazer uma reviravolta, passar a seguir em direção contrária” e também poderia ser traduzido por “inverter”. Em outras palavras, os judaizantes haviam invertido, “virado” os ensinamentos em direção contrária, levando-os de volta à Lei! Mais adiante nesta mesma carta, Paulo explica de que maneira a Lei foi uma preparação para a vinda de Cristo, mas essa não era a interpretação dos judaizantes. Para eles, a Lei e o evangelho andavam juntos. “Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos” (At 15:1).

Quais as conseqüências dessa “perversão” para os cristãos da Galácia? Ela os *perturbava* (Gl 1:7). O verbo “perturbar” tem o sentido de perplexidade, confusão, inquietação. O termo transmite a mesma idéia central quando usado no original em outras partes do Novo Testamento. Descreve os sentimentos dos discípulos dentro do barco durante a tempestade (Mt 14:26). Também descreve os sentimentos de Herodes ao saber que um novo Rei havia nascido (Mt 2:3). Não é de se admirar que Paulo estivesse aflito por causa de seus convertidos: passavam por grande inquietação por causa das falsas doutrinas que haviam trazido para dentro das igrejas. A graça sempre conduz à paz (ver Gl

1:3), mas os cristãos abandonaram a graça e, portanto, não tinham paz alguma no coração.

É importante lembrar que a graça de Deus abrange mais do que a salvação do homem. Não apenas somos salvos pela graça, mas também devemos viver pela graça (1 Co 15:10). Permanecemos firmes na graça, o alicerce da vida cristã (Rm 5:1, 2). A graça nos dá as forças de que precisamos para ser soldados vitoriosos (2 Tm 2:1-4). A graça nos capacita a sofrer sem nos queixar e até a usar esse sofrimento para a glória de Deus (2 Co 12:1-10). Quando um cristão afasta-se da graça de Deus, passa a depender do próprio poder e se vê condenado ao fracasso e à decepção. É a essa situação que Paulo se refere quando diz: “da graça decaístes” (Gl 5:4) – a passagem da esfera da graça para a esfera da Lei, a decisão de não depender mais dos recursos de Deus e de se valer apenas dos próprios recursos.

Não é de se admirar que Paulo estivesse aflito. Seus amigos em Cristo estavam abandonando o Deus da graça, pervertendo a graça de Deus e voltando a viver pela carne e pelas próprias forças. Havia começado a vida cristã no Espírito, mas agora tentavam prosseguir no poder da carne (Gl 3:3).

Depois de explicar sua autoridade e sua aflição, Paulo toma o terceiro passo.

3. DESMASCARA OS ADVERSÁRIOS (GL 1:8-10)

“Faça amor, não guerra!” – esse pode ter sido um lema popular no tempo dos *hippies*, mas nem sempre é praticável. Os médicos precisam lutar contra as enfermidades e a morte; os engenheiros sanitários precisam lutar contra a sujeira e a poluição; os legisladores precisam lutar contra a injustiça e a criminalidade. E todos eles lutam *por amor a algo!*

“Vós que amais o SENHOR, detestai o mal” (Sl 97:10). “Detestai o mal, apegando-vos ao bem” (Rm 12:9). Paulo lutou contra os falsos mestres porque amava a verdade e porque amava os que ele havia levado a Cristo. Como um pai amoroso que protege sua filha até seu casamento, Paulo guardava seus convertidos para que não fossem seduzidos pelo pecado (2 Co 11:1-4).

Os judaizantes eram identificados *pelo falso evangelho que pregavam*. A prova do ministério de uma pessoa não é sua popularidade (Mt 24:11) nem os sinais e prodígios miraculosos que realiza (Mt 24:23, 24), mas sim sua fidelidade à Palavra de Deus (ver Is 8:20; 1 Tm 4; 1 Jo 4:1-6; e observar que 2 Jo 5-11 nos adverte a não encorajar os que apresentam doutrinas falsas). Cristo havia confiado o evangelho a Paulo (1 Co 15:1-8), e ele, por sua vez, o confiara a outros servos fiéis (1 Tm 1:11; 6:20; 2 Tm 1:13; 2:2). No entanto, os judaizantes haviam aparecido e colocado seu falso evangelho no lugar do verdadeiro, e, por esse pecado, Paulo os declara amaldiçoados. O termo que usa é *anátema*, que significa “consagrado para a destruição” (para uma ilustração vívida do significado desse termo, ver At 23:14). Não importa quem seja o mensageiro – um anjo do céu ou mesmo o próprio Paulo –, se pregar qualquer outro evangelho, é amaldiçoado!

Os adversários de Paulo possuem, ainda, outra característica: *suas motivações falsas*. Os inimigos acusavam Paulo de ser condescendente e de “adaptar” o evangelho de modo a servir aos gentios. É possível que tenham distorcido o significado da declaração de Paulo: “Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns” (1 Co 9:22). Diziam: “Quando Paulo está com os judeus, vive como judeu; mas, quando está com os gentios, vive como os gentios. Ele quer apenas agradar aos outros e, portanto, não é confiável!”

Mas, na realidade, os falsos mestres é que desejavam apenas agradar aos outros. “Os que vos obsequiam não o fazem sinceramente, mas querem afastar-vos de mim, para que o vosso zelo seja em favor deles” (Gl 4:17). Esse versículo também pode ser traduzido por: “querem separar vocês de mim, para que lhes dêem atenção especial”. Mais adiante, Paulo também mostra claramente que eram os falsos mestres que faziam concessões indevidas, voltando às práticas do Antigo Testamento para não serem perseguidos pelos judeus (Gl 6:12-15). Sem dúvida alguma, Paulo não ansiava por agradar

aos homens. Seu *ministério* não era de origem humana (Gl 1:1), como também não o era sua *mensagem* (Gl 1:12). Então, por que deveria temer os homens? Por que tentar lhes agradar? O desejo de seu coração era agradecer a Jesus Cristo.

Quando Verdi produziu sua primeira ópera em Florença, o compositor permaneceu em pé e sozinho em um lugar escuro, com o olhar fixo no rosto de um só homem da platéia – o grande Rossini. Para Verdi, não importava se o teatro todo estava prestes a aplaudi-lo ou a vaiá-lo; tudo o que ele queria era um sorriso de aprovação do músico magistral. O mesmo se aplica a Paulo. Sabia o que significava sofrer pelo evangelho, mas a aprovação ou desaprovação de outras pessoas não o incomodava. “É por isso que também nos esforçamos [...] para lhe sermos agradáveis” (2 Co 5:9). Paulo ansiava pela aprovação de Cristo.

O servo de Deus enfrenta a tentação constante de fazer concessões, a fim de atrair e agradar as pessoas. Quando D. L. Moody pregava na Inglaterra, um obreiro aproximou-se dele na plataforma e lhe disse que um aristocrata muito importante havia acabado de entrar no salão. “Espero que a reunião seja uma bênção para ele!”, respondeu Moody, e continuou pregando como antes, sem tentar impressionar a ninguém.

Paulo não era um político; era um embaixador. Seu trabalho não era envolver-se em jogos de interesse, mas sim proclamar uma mensagem. Esses judaizantes, diferentemente, eram indivíduos condescendentes e covardes, que misturavam a Lei e a graça na esperança de agradar tanto a judeus quanto a gentios, mas sem ter, em momento algum, a preocupação de agradar a Deus.

Vimos os três passos que Paulo deu a fim de começar sua luta contra esses falsos mestres: explicou sua autoridade, expressou sua aflição e desmascarou seus adversários. Mas de que maneira o apóstolo pretende atacar seus inimigos? Que abordagem usará para convencer os cristãos da Galácia de que não precisam de outra coisa senão da graça de Deus? Um exame rápido da epístola toda mostra como Paulo defende o evangelho de

modo magistral. É interessante ler a carta inteira de uma só vez e, ao longo dessa leitura, observar as três abordagens que Paulo adota.

Sua primeira abordagem é *pessoal* (Gl 1 – 2). O apóstolo faz uma recapitulação da própria experiência com Jesus Cristo e da mensagem do evangelho. Destaca que recebeu o evangelho do Senhor de maneira independente, não por meio dos doze apóstolos (Gl 1:11-24), mas que estes haviam aprovado sua mensagem e seu ministério (Gl 2:1-10). Além disso, Paulo havia defendido o evangelho até mesmo quando Pedro, o líder dos apóstolos, voltara atrás em sua posição quanto à Lei (Gl 2:11-21). A seção autobiográfica da carta prova que Paulo não era um “apóstolo falsificado”, mas que sua mensagem e ministério eram fiéis à fé.

Gálatas 3 e 4 são de ordem *doutrinária*, e, nesses capítulos, Paulo apresenta vários argumentos para provar que os pecadores são salvos pela fé e pela graça, não pelas obras da Lei. Em primeiro lugar, lança mão das próprias experiências (Gl 3:1-5). Em seguida, volta para a Lei do Antigo Testamento em Gálatas 3:6-14, a fim de mostrar que, para Abraão e os profetas, a salvação era pela graça mediante a fé. Depois de mencionar a Lei, Paulo explica por que ela foi dada no início da história de Israel (Gl 3:15 – 4:18). Depois, usa a história de Sara e Agar para ilustrar a relação entre a Lei e a graça (Gl 4:19-31).

Os dois últimos capítulos apresentam uma ênfase *prática*, pois neles Paulo passa da argumentação para a aplicação. Os judaizantes acusavam Paulo de promover a ausência absoluta de leis, pois pregava o evangelho da graça de Deus; assim, nesta seção, Paulo explica a relação entre a graça de Deus e a vida prática do cristão. Também mostra que viver pela graça significa liberdade, não escravidão (Gl 5:1-12); dependência do Espírito, não da carne (Gl 5:13-26); uma vida dedicada aos outros, não a si mesmo (Gl 6:1-10); e uma vida visando a glória de Deus, não a aprovação dos outros (Gl 6:11-18). É preciso escolher entre uma linha de ação e outra – entre a Lei e a graça; não se pode ter as duas ao mesmo tempo.

NASCIDO EM LIBERDADE!

GÁLATAS 1:11-24

Muitos pensadores concordam com Emerson quando escreve: “Aquele que deseja ser homem deve ser não-conformista”.

O crítico de arte inglês John Ruskin disse: “Temo a uniformidade. Não se pode fabricar grandes homens, assim como não se pode fabricar ouro”.

Nas palavras do filósofo alemão Schopenhauer: “Abrimos mão de três quartos de nós mesmos só para sermos iguais aos outros”.

Certa vez, Francis Asbury, o primeiro bispo da igreja metodista nos Estados Unidos, orou em uma ordenação de diáconos: “Ó Senhor, permita que estes irmãos jamais queiram ser como as outras pessoas”.

É evidente que existe um tipo destrutivo de individualismo; no entanto, em uma sociedade acostumada com peças intercambiáveis, é revigorante encontrar um homem como Paulo, que ousou ser ele mesmo dentro da vontade de Deus. Mas sua liberdade em Cristo era uma ameaça para os que se apegavam à segurança da conformidade.

Os inimigos de Paulo afirmaram que seu comportamento discorde comprovava que sua mensagem e seu ministério não eram verdadeiramente de Deus. De acordo com eles, Paulo dizia-se apóstolo, mas não se baseava na tradição apostólica. Essa é a interpretação distorcida que Paulo refuta nesta seção de Gálatas. Sua não-conformidade resultava de uma resolução divina, pois Deus havia escolhido revelar-se a ele de maneira diferente.

Em Gálatas 1:11, 12, Paulo expõe seu tema: sua mensagem e ministério são de origem divina. Ele não inventou o evangelho, como também não o recebeu de homens;

antes, recebeu o evangelho de Jesus Cristo. Assim, qualquer um que acrescentasse alguma coisa ao evangelho que Paulo pregava corria o risco de sofrer julgamento divino, pois Jesus Cristo havia, do céu, dado esse evangelho (1 Co 15:1-11).

A melhor maneira de Paulo provar essa declaração é voltar ao passado e lembrar os cristãos da Galácia de como Deus tratara com ele. Paulo diz que os leitores conheciam sua vida pregressa (Gl 1:13), mas é evidente que não compreendiam o significado pleno dessas experiências. Assim, Paulo usa três retratos de seu passado como prova de que seu apostolado e seu evangelho são, verdadeiramente, de Deus.

1. O PERSEGUIDOR (GL 1:13, 14)

Paulo começa com sua conduta passada como rabino não convertido. (Para um relato autobiográfico vívido desses anos de sua vida, ver At 22 e 26, e At 9.) Nesse *flashback* histórico, Paulo destaca sua relação com a Igreja (Gl 1:13) e com a religião dos judeus (Gl 1:14). Perseguiu a Igreja e, ao mesmo tempo, desfrutava benefícios e progredia dentro da religião judaica. Tudo corria bem para ele e estava conquistando, a passos largos, o reconhecimento como líder espiritual em Israel.

É interessante observar as palavras usadas para descrever as atividades de Paulo quando ainda era “Saulo de Tarso” e perseguia a Igreja. Ele “consentiu” com o assassinato de Estêvão (ver At 8:1) e, depois, passou a “assolar a igreja” (ver At 8:3), separando famílias e colocando cristãos na prisão. O próprio ar que respirava encontrava-se saturado de “ameaças e morte” (At 9:1). Estava de tal modo determinado a destruir a Igreja que votou em favor da execução dos cristãos (At 22:4, 5; 26:9-11). O apóstolo menciona esses fatos em suas epístolas (1 Co 15:9; Fp 3:6; 1 Tm 1:13), admirando-se de que Deus tenha salvo um pecador como ele.

Quando era rabino, Saulo acreditava que Jesus não passava de um impostor e que a mensagem de salvação era uma mentira. Estava certo de que Deus falara por meio de Moisés, mas como poderia ter certeza de que

também havia falado pr meio de Jesus de Nazaré? Inteiramente envolvido pela tradição judaica, o jovem Saulo de Tarso defendia a sua fé. Sua reputação de perseguidor zeloso da “seita dos nazarenos” espalhou-se por toda a parte (ver At 9:13, 14). Todos sabiam que esse aluno brilhante do rabino Gamaliel (At 22:3) tinha tudo encaminhado para se tornar um líder influente da fé judaica. Sua vida pessoal religiosa, sua erudição (At 26:24) e seu zelo em se opor à fé religiosa heterodoxa combinavam-se de modo a torná-lo o jovem rabino mais respeitável de sua época

Então, algo aconteceu: Saulo de Tarso, o perseguidor da Igreja, tornou-se Paulo, o apóstolo, pregador do evangelho. A transformação não foi gradual; aconteceu de repente e sem aviso (At 9:1-9). Saulo estava a caminho de Damasco, onde pretendia perseguir os cristãos; alguns dias depois, encontrava-se em Damasco pregando para os judeus e afirmando que os cristãos estavam certos. Que explicação os judaizantes poderiam apresentar a essa transformação súbita?

A reviravolta extraordinária na vida de Paulo fora causada por seu próprio povo, os judeus? De maneira alguma! Os judeus estavam dando todo apoio a Saulo e a sua iniciativa de perseguir os cristãos, e sua conversão os colocou em uma situação embaraçosa.

A transformação de Saulo foi causada pelos cristãos que perseguia? Sem dúvida, os cristãos oraram por ele e, por certo, a morte de Estêvão – especialmente seu testemunho glorioso antes de ser executado – tocou Paulo profundamente (At 22:19, 20). No entanto, os cristãos fugiam de Paulo (At 8:1, 4; 9:10-16) e, tanto quanto sabemos, não faziam idéia de que, um dia, o jovem rabino se tornaria cristão.

Mas se a mudança inacreditável na vida de Paulo não havia sido causada pelos judeus nem pela Igreja, a quem poderia ser atribuída? A Deus!

Sob qualquer ângulo que analisarmos a situação, a conversão de Paulo foi um milagre espiritual. Seria humanamente impossível o rabino Saulo tornar-se o apóstolo

Paulo sem a graça de Deus. E o mesmo Deus que salvou Paulo chamou-o para ser apóstolo e lhe deu a mensagem do evangelho. Assim, ao negar o apostolado de Paulo e seu evangelho, os judaizantes negavam sua conversão! Por certo, Paulo pregava a mesma mensagem na qual cria: a verdade que o havia transformado. Mas uma simples mensagem humana não é capaz de produzir tal mudança. A argumentação de Paulo é conclusiva: sua conduta passada como perseguidor da Igreja, somada à transformação extraordinária pela qual havia passado, provavam que sua mensagem e ministério eram provenientes de Deus.

2. O CRISTÃO (GL 1:15, 16B, 24)

Depois de discutir seu caráter e conduta passados, Paulo explica sua conversão; pois, afinal, esse foi o acontecimento crucial de sua vida. Em outras palavras, o apóstolo está dizendo a seus acusadores: “Experimentei em minha vida aquilo que prego a outros. Este é o verdadeiro evangelho. Qualquer outro evangelho é falso”. Nestes versículos, Paulo explica as características de sua experiência de conversão.

Foi realizada por Deus (vv. 15a, 16a). “Aprove [a Deus] revelar seu Filho em mim.” Sempre que Paulo falava ou escrevia sobre sua conversão, colocava toda a ênfase sobre o fato de que havia sido uma obra de Deus. “Ao SENHOR pertence a salvação!” (Jn 2:9).

Foi realizada por Deus pela graça (v. 15b). A experiência de Paulo nos traz à memória o jovem Jeremias (Jr 1:4-10) e também João Batista (Lc 1:5-17). A salvação se dá pela graça de Deus, não pelos esforços ou pelo caráter do homem. As palavras *chamou* e *graça* (Gl 1:15b) andam juntas, pois Deus chama por meio de sua Palavra todos os que escolhe em sua graça (1 Ts 1:4, 5). Os mistérios da vontade soberana de Deus e da responsabilidade do homem de obedecer não nos foram inteiramente revelados. Sabemos, porém, que Deus “não [quer] que nenhum pereça” (2 Pe 3:9) e que os que crêem em Jesus Cristo descobrem que foram “[escolhidos] nele antes da fundação do mundo” (Ef 1:4).

Foi realizada por Deus por meio de Cristo (v. 16a). Em outra carta, Paulo deixa claro que tinha motivos de sobra para se gabar quando não era convertido (Fp 3). Tinha religião e se considerava virtuoso; também tinha excelente reputação e reconhecimento; *mas não tinha Cristo* em sua vida! Quando estava na estrada de Damasco, Paulo viu os trapos de sua virtuosidade contrastados com a retidão de Cristo e se deu conta do que estava perdendo. “Mas o que, para mim, era lucro, isto considereí perda por causa de Cristo” (Fp 3:7).

Deus revelou Cristo a Paulo, em Paulo e através de Paulo. O “judaísmo” (Gl 1:14) havia sido uma experiência de práticas e rituais exteriores; mas a fé em Cristo trouxe uma experiência interior de realidade com o Senhor. Essa “interioridade” de Cristo é uma verdade crítica para Paulo (Gl 2:20; 4:19).

Foi realizada por Deus para o benefício de outros (v. 16b). Deus escolheu Paulo não apenas para salvá-lo, mas também a fim de usá-lo para ganhar a outros. Na Bíblia, a doutrina da eleição nunca é ensinada com o propósito de produzir orgulho ou egoísmo. A eleição envolve responsabilidade. Deus escolheu Paulo para pregar entre os gentios a mesma graça que ele próprio havia experimentado. Esse fato, por si mesmo, era evidência de que a conversão de Paulo era obra de Deus; pois, certamente, um rabino preconceituoso jamais resolveria pela própria vontade ministrar a pessoas desprezadas como os gentios! (ver At 9:15; 15:12; 22:21, 22; Ef 3:1, 8).

Foi realizada por Deus para sua glória (v. 24). Como rabino fanático, Paulo tinha toda a glória que um homem poderia desejar; mas seus atos não glorificavam a Deus. O ser humano foi *criado* para glorificar a Deus (Is 43:7) e é *salvo* para glorificar a Deus (1 Co 6:19, 20). Dar glória a Deus sempre foi a força motriz da vida e do ministério de Paulo (Rm 11:36; 16:27; 1 Co 10:31; Ef 1:6; 3:20, 21; Fp 4:20). Os judaizantes estavam interessados somente na própria glória (Gl 6:11-18). Por isso roubavam os convertidos de Paulo e os levavam a desviar-se. Se Paulo

estivesse preocupado em glorificar a si mesmo, poderia ter continuado sua carreira como rabino e, talvez, se tornado sucessor de Gamaliel. Mas era a glória de Deus que motivava o apóstolo, e é essa mesma glória que também deve motivar nossa vida.

Quando Charles Haddon Spurgeon era um jovem pregador, seu pai, o Rev. John Spurgeon, sugeriu que Charles deveria fazer um curso superior a fim de adquirir proeminência. Assim, marcaram uma reunião com o Dr. Joseph Angus, reitor do Stepney College, em Londres. O encontro deveria ocorrer na residência do Sr. Macmillan, em Cambridge, e Spurgeon compareceu na hora marcada. Esperou duas horas, mas o Dr. Angus não apareceu. Quando Spurgeon finalmente perguntou a alguém sobre o Dr. Angus, descobriu que havia esperado em outra sala e, em seguida, havia saído, pois tinha outro compromisso. Decepcionado com aquela situação, Spurgeon dirigiu-se a um local onde deveria pregar. Enquanto caminhava, ouviu uma voz dizer-lhe claramente: “E procuras tu grandezas? Não as procures” (ver Jr 45:5). Daquele momento em diante, Spurgeon decidiu firmemente fazer a vontade de Deus para a glória de Deus; e Deus o abençoou de maneira excepcional.

Paulo descreveu-se como perseguidor e recapitulou seu caráter e sua conduta. Em seguida, se descreveu como um cristão, recapitulando sua conversão. Agora, apresenta uma terceira descrição.

3. O PREGADOR (GL 1:16C-23)

Quais foram os contatos de Paulo com os outros cristãos depois de sua conversão? Trata-se de uma questão crucial para sua defesa. Logo depois de sua experiência de conversão na estrada para Damasco, Paulo não teve nenhum contato pessoal com os apóstolos. “sem detença, não consulteí carne e sangue” (Gl 1:16c). O mais lógico para Paulo fazer depois de sua conversão seria apresentar-se à igreja em Jerusalém e se beneficiar da instrução espiritual dos que já estavam “em Cristo” antes dele. No entanto, não foi isso o que fez – e sua decisão foi conduzida pelo Senhor. Se tivesse ido a

Jerusalém, seu ministério poderia ter sido identificado com o dos apóstolos – que eram todos judeus – e isso poderia ter representado um empecilho a seu trabalho entre os gentios.

Neste ponto, precisamos lembrar que a mensagem do evangelho foi transmitida “primeiramente aos judeus” (At 3:26; Rm 1:16). O ministério de Cristo foi dirigido à nação de Israel, como também o foi o ministério dos apóstolos durante os primeiros anos (ver At 1 – 7). A morte de Estêvão foi um ponto crítico. Quando os cristãos foram dispersos, levaram as boas-novas para outros lugares (At 8:4; 11:19ss). Filipe levou a mensagem aos samaritanos (At 8), e, então, Deus orientou Pedro a apresentar o evangelho aos gentios (At 10). No entanto, coube a Paulo pregar o evangelho para as massas gentias (At 22:21, 22; Ef 3:1, 8), e por esse motivo Deus o manteve separado do ministério predominantemente judeu realizado pelos apóstolos em Jerusalém.

Paulo não foi imediatamente a Jerusalém. Então, para onde foi? Faz uma recapitulação de seus contatos e mostra que não teve qualquer oportunidade de receber nem sua mensagem, nem seu chamado apostólico de algum dos líderes da Igreja. (É interessante comparar essa seção com Atos 9:10-31, lembrando que nem mesmo os estudiosos mais conceituados apresentam um consenso quanto à cronologia da vida de Paulo. Felizmente, os detalhes da história não afetam a compreensão daquilo que Paulo escreveu: podemos discordar em termos de cronologia e, ainda assim, concordar em termos de teologia!)

Ele foi à Arábia (v. 17b). Fez essa viagem depois de seu ministério inicial em Damasco (At 9:19, 20). Em vez de “[consultar] carne e sangue”, Paulo dedicou-se ao estudo, à oração e à meditação e se encontrou com o Senhor a sós. É possível que tenha passado boa parte desse período de três anos na Arábia (Gl 1:18) e, sem dúvida, se envolveu não apenas com o crescimento espiritual pessoal, mas também com trabalhos de evangelismo. Os apóstolos haviam passado três anos sendo treinados por Jesus

Cristo, e Paulo também teria sua oportunidade de ser instruído pelo Senhor.

Voltou a Damasco (v. 17c). A essa altura dos acontecimentos, o mais lógico teria sido visitar Jerusalém, mas o Senhor guiou-o para outra direção. Sem dúvida, era arriscado Paulo voltar à cidade onde todos sabiam que ele havia se tornado cristão. Os líderes judeus que consideravam Saulo o grande defensor da ortodoxia contra o cristianismo certamente iriam querer seu sangue. Ao que parece, o “episódio do cesto” em Atos 9:23-25 (ver 2 Co 11:32, 33) ocorreu nessa época. A volta a Damasco e o perigo que Paulo correu são provas de que os líderes judeus o consideravam um inimigo e, portanto, de que sua experiência com Cristo era autêntica.

Por fim, visitou Jerusalém (vv. 18-20). Essa visita se deu três anos depois de sua conversão e teve como principal objetivo o encontro com Pedro. No entanto, Paulo teve dificuldade de ser aceito na comunhão da igreja! (At 9:26-28). Se sua mensagem e seu ministério tivessem vindo dos apóstolos, tal rejeição jamais teria ocorrido; mas, pelo fato de a experiência de Paulo ter sido exclusivamente com o Senhor, os apóstolos ficaram desconfiados. Sua estadia em Jerusalém não passou de quinze dias, e durante esse tempo encontrou-se apenas com Pedro e Tiago (o irmão de Jesus). Assim, não recebeu nem sua mensagem nem seu apostolado da igreja de Jerusalém; não houve tempo nem oportunidade para isso. Além do mais, já havia recebido as duas coisas diretamente de Jesus Cristo.

Voltou para Tarso, sua cidade natal (vv. 21-23). Mais uma vez, o registro de Atos explica o motivo da viagem: como havia acontecido em Damasco (At 9:28-30), sua vida também corria perigo em Jerusalém. Paulo aproveitou para pregar a Palavra em sua passagem pela Síria e, quando chegou à Cilícia, sua província de origem (At 21:39; 22:3), começou a evangelizar o povo da região (ver At 15:23). De acordo com os historiadores, permaneceu ali cerca de sete anos, até Barnabé chamá-lo para trabalhar em Antioquia (At 11:19-26). Alguns cristãos de Jerusalém conheciam Paulo, mas não os

cristãos das igrejas da Judéia, apesar de terem ouvido falar que havia passado a pregar a fé que, em outros tempos, tinha tentado destruir.

Tendo em vista a conduta de Paulo, sua conversão e seus contatos, como era possível alguém acusá-lo de tomar emprestado ou de inventar sua mensagem ou mesmo seu ministério? Sem dúvida, recebeu o evangelho por uma revelação de Jesus Cristo. Logo, devemos ter cuidado com o que fazemos com esse evangelho, pois não se trata de uma invenção de homens, mas sim da própria verdade de Deus.

Alguns estudiosos críticos acusam Paulo de "corromper o evangelho simples", mas as evidências são contrárias a essa acusação. *O mesmo Cristo que ensinou aqui na Terra, também ensinou, do céu, o apóstolo Paulo.* Assim, Paulo não inventou seus ensinamentos; ele os "recebeu" (Rm 1:5; 1 Co 11:23; 15:3). Na ocasião da conversão de Paulo, Deus lhes disse que voltaria a lhe aparecer (At 26:16), ao que parece, com o propósito de lhe revelar suas verdades. Isso significa que o Cristo dos quatro Evangelhos e o Cristo das epístolas é a mesma Pessoa; não há conflito algum entre Cristo e Paulo. Quando Paulo escreveu suas epístolas às igrejas, colocou os próprios ensinamentos no mesmo nível que os ensinamentos de

Jesus Cristo (2 Ts 3:3-15). O apóstolo Pedro chama as cartas de Paulo de "Escrituras" (2 Pe 3:15, 16).

Os "judaizantes" de hoje são como seus correlatos da Antiguidade: rejeitam a autoridade de Paulo e tentam solapar o evangelho que pregou. No tempo de Paulo, a mensagem deles era "o evangelho *mais* a Lei de Moisés". Nos dias de hoje, é "o evangelho *mais*" uma porção de líderes religiosos, livros religiosos ou organizações religiosas. "Se não [...] não podeis ser salvos" (At 15:1); essa é sua mensagem e esse "se não" normalmente inclui participar de seu grupo e obedecer às suas regras. Se alguém ousa mencionar o evangelho da graça pregado por Jesus, Paulo e os apóstolos, a refutação imediata é: "Deus está nos dando uma nova revelação!"

Paulo tem uma resposta para eles: "Se alguém vos prega evangelho que vá além daquele que recebestes, seja anátema" (Gl 1:9). Quando um pecador crê em Cristo e nasce de novo (Jo 3:1-18), "nasce em liberdade". Foi redimido - comprado por Cristo e liberto. Não se encontra mais sob a escravidão do pecado nem de Satanás; também não deve mais se sujeitar à servidão dos sistemas religiosos humanos (Gl 4:1-11; 5:1). "Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres" (Jo 8:36).

O GUERREIRO DA LIBERDADE – PARTE 1

GÁLATAS 2:1-10

“Esta nação só continuará a ser a terra dos livres enquanto for também a terra dos valentes.”

Essas palavras são do jornalista e analista experiente Elmer Davis em seu livro *But we were born free [Mas nascemos em liberdade]*, e suas convicções, por certo, refletem as do apóstolo Paulo. Para Paulo, sua liberdade espiritual em Cristo valia muito mais do que a popularidade ou até mesmo a segurança. Estava disposto a lutar por essa liberdade.

A primeira luta de Paulo pela liberdade cristã deu-se na assembléia em Jerusalém (At 15:1-35; Gl 2:1-10); a segunda, em seu encontro particular com Pedro (Gl 2:11-21). Se Paulo não houvesse se mostrado disposto a participar dessa batalha espiritual, a Igreja do primeiro século poderia ter se tornado apenas uma seita do judaísmo, pregando uma mistura de Lei e graça. Mas, por causa da coragem de Paulo, o evangelho permaneceu livre de qualquer legalismo e foi levado aos gentios de modo extremamente abençoado.

Antes de estudarmos os três atos desse primeiro embate – a assembléia em Jerusalém –, convém conhecer um pouco melhor os seus participantes. Claro que sabemos quem é *Paulo*, o grande apóstolo aos gentios.

Barnabé era um dos amigos mais chegados de Paulo. Aliás, quando Paulo tentou ser aceito pela igreja de Jerusalém, foi Barnabé quem abriu caminho para ele (At 9:26-28).

O nome *Barnabé* significa “filho de exortação” e sempre vemos Barnabé encorajando (“exortando”) alguém. Quando o evangelho

chegou aos gentios em Antioquia, Barnabé foi enviado para encorajá-los em sua fé (At 11:19-24).

Assim, desde o início, Barnabé é relacionado aos cristãos gentios. Foi ele quem chamou Paulo para ajudar a ministrar na igreja de Antioquia (At 11:25, 26), e os dois trabalharam juntos, não apenas no ensino, mas também no auxílio aos pobres (At 11:27-30).

Barnabé acompanhou Paulo na primeira viagem missionária (At 13:1 – 14:28) e viu Deus abençoar o evangelho que pregavam. É interessante observar que foi Barnabé quem deu ânimo ao jovem João Marcos depois que este “desertou” o ministério, deixando Paulo desgostoso com ele (At 13:13; 15:36-41). Anos depois, o relacionamento entre os dois foi restaurado, e Paulo pôde elogiar Marcos e desfrutar de sua amizade (Cl 4:10; 2 Tm 4:11).

Tito era um cristão gentio que trabalhou com Paulo e, ao que parece, conheceu a Cristo pelo ministério do apóstolo (Tt 1:4). Como um “fruto” do trabalho de Paulo entre os gentios, foi levado a Jerusalém para representar as igrejas gentias. Posteriormente, Tito ajudou Paulo visitando algumas das igrejas mais difíceis para ajudá-las a resolver seus problemas (2 Co 7; Tt 1:5).

Três homens podem ser considerados os “pilares” da igreja em Jerusalém: Pedro, João e Tiago, o irmão de Jesus (que não deve ser confundido com o apóstolo Tiago, morto por Herodes; At 12:1, 2). *Pedro* é conhecido por sua participação proeminente nos relatos dos Evangelhos, bem como na primeira parte do Livro de Atos. Foi para Pedro que Jesus deu “as chaves”, de modo que ele ajudou a abrir as portas da fé para os judeus (At 2), para os samaritanos (At 8) e para os gentios (At 10). Também conhecemos *João* do relato dos Evangelhos, sendo ele um dos três membros do círculo mais íntimo de Jesus, colaborador de Pedro no ministério da Palavra (At 3:1ss).

Talvez quem precise de mais apresentações seja *Tiago*. De acordo com o relato dos Evangelhos, Maria teve outros filhos com José, dentre eles, Tiago (Mt 13:55; Mc 6:3) (é evidente que Jesus nasceu pelo poder do

Espírito, não pela geração natural; Mt 1:18-25; Lc 1:26-38). Os irmãos e irmãs de Jesus não creram nele durante seu ministério aqui na Terra (Jo 7:1-5). No entanto, encontramos seus irmãos junto com os cristãos da Igreja primitiva (At 1:13, 14). Paulo diz que o Cristo ressurreto apareceu a Tiago e que essa experiência transformou a vida dele (1 Co 15:5-7). Tiago foi o líder da Igreja primitiva em Jerusalém (At 15; ver também 21:18). Também escreveu a Epístola de Tiago, e essa carta, juntamente com Atos 21:18, indicam que sua forma de pensar era extremamente judaica.

Além desses homens e dos “apóstolos e presbíteros” (At 15:4, 6), havia um grupo de “falsos irmãos” que se infiltrava nas reuniões e tentava privar os convertidos de sua liberdade em Cristo (Gl 2:4). Sem dúvida, alguns eram os judaizantes que seguiram Paulo por várias igrejas tentando granjear convertidos. O fato de Paulo chamá-los de “falsos irmãos” mostra que não eram cristãos verdadeiros, mas que apenas se faziam passar por servos do Senhor para manipular a congregação em benefício próprio.

Eis, portanto, os personagens. A fim de obter um relato completo desse acontecimento, Gálatas 2:1-10 deve ser lido em conjunto com Atos 15.

1. PRIMEIRO ATO – A REUNIÃO PARTICULAR (Gl 2:1, 2)

Depois de sua primeira viagem missionária, Paulo e Barnabé voltaram a Antioquia cheios de entusiasmo pela forma como Deus “abriu aos gentios a porta da fé” (At 14:27). Mas os judeus legalistas de Jerusalém mostraram-se perturbados com o relatório dos dois missionários. Assim, foram até Antioquia, onde passaram a ensinar que era preciso um gentio tornar-se judeu antes de ser um cristão (At 15:1).

A circuncisão que exigiam dos gentios era um rito judaico importante, praticado de geração em geração desde Abraão (Gn 17).

O que se submetia à circuncisão declarava que aceitava toda a Lei judaica e assumia o compromisso de lhe obedecer. Na verdade,

o povo judeu se esquecera do significado interior desse ritual (Dt 10:16; Jr 4:1-4; Rm 2:25-29), da mesma forma como, em algumas igrejas de hoje, o batismo perdeu seu significado espiritual e foi transformado em um ritual exterior. O cristão verdadeiro passa por uma circuncisão interior do coração (Cl 2:10-11) e não precisa submeter-se a uma operação física (Fp 3:1-3).

Quando Paulo e Barnabé confrontaram esses homens com a verdade do evangelho, o resultado foi uma discussão acalorada (At 15:2). Decidiu-se que seria mais apropriado resolver essa questão diante dos líderes da Igreja em Jerusalém. Não devemos imaginar que a assembléia de Jerusalém foi um encontro de representantes de todas as igrejas, como os congressos organizados por denominações hoje em dia. Paulo, Barnabé, Tito e alguns outros homens da igreja de Antioquia representaram os cristãos gentios que haviam sido salvos de modo inteiramente independente da Lei judaica; mas não foram acompanhados de representantes das igrejas que Paulo havia fundado em território gentio.

Ao chegar a Jerusalém, essa delegação reuniu-se em particular com os líderes da igreja. Paulo não foi a Jerusalém porque a igreja o enviou, mas sim “em obediência a uma revelação” (comparar Gl 2:1 e 1:12). E o Senhor lhe deu sabedoria para se reunir primeiro com os líderes, a fim de que pudessem apresentar uma posição concorde na assembléia geral.

A frase: “Para, de algum modo, não correr ou ter corrido em vão” (Gl 2:2) não significa que Paulo não estava certo de sua mensagem ou de seu ministério. Sua conduta a caminho da assembléia mostra que o apóstolo estava plenamente convicto de sua posição (At 15:3). Sua grande preocupação era com o futuro do evangelho entre os gentios, pois esse era o ministério específico que havia recebido de Cristo. Se os “pilares” da Igreja tomassem partido dos judaizantes ou tentassem fazer um acordo de modo a agradar todas as partes envolvidas, o ministério de Paulo estaria em perigo. Seu desejo era conseguir a aprovação dos líderes antes de

encarar a assembléia toda; de outro modo, havia o risco de a igreja se dividir em três partes.

Qual foi o resultado dessa reunião particular? *Os apóstolos e presbíteros aprovaram o evangelho de Paulo.* Não acrescentaram coisa alguma a ele (Gl 2:6b) e, portanto, declararam que os judaizantes estavam errados. Mas essa reunião foi apenas o começo.

2. SEGUNDO ATO – A ASSEMBLÉIA GERAL (Gl 2:3-5)

O relato histórico da assembléia de Jerusalém é registrado por Lucas (At 15:6-21). Várias testemunhas apresentaram argumentos em favor do evangelho da graça de Deus, começando com Pedro (At 15:7-11). Havia sido escolhido por Deus para levar o evangelho aos gentios pela primeira vez (At 10); e lembrou a assembléia de que Deus havia dado o Espírito Santo aos gentios que creram da mesma forma como o havia concedido aos convertidos judeus, de modo que não havia distinção.

Foi uma lição difícil para os primeiros cristãos, depois de séculos de distinção entre judeus e gentios (Lv 11:43-47; 20:22-27). Em sua morte na cruz, Jesus havia quebrado as barreiras entre judeus e gentios (Ef 2:11-22), de modo que, em Cristo, não há qualquer diferença racial (Gl 3:28). Em seu discurso na assembléia, Pedro deixou claro que havia somente um caminho para a salvação: a fé em Jesus Cristo.

Em seguida, Paulo e Barnabé relataram à assembléia o que Deus havia feito no meio dos gentios (At 15:12), apresentando-lhes um relatório missionário e tanto! Os “falsos irmãos” presentes devem ter discutido com Paulo e Barnabé, mas os dois soldados da cruz não se entregaram. Paulo desejava que a “verdade do evangelho” permanecesse no meio dos gentios (Gl 2:5).

Ao que parece, a essa altura, Tito foi usado para estabelecer um precedente. Era um cristão gentio que não havia se submetido à circuncisão. No entanto, estava claro para todos que era verdadeiramente salvo. Se os judaizantes estivessem certos (“Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés,

não podeis ser salvos”; At 15:1), *Tito não era salvo.* Mas, uma vez que não havia dúvidas quanto a sua salvação e que Tito mostrou que possuía o Espírito Santo, os judaizantes estavam errados.

Nesse ponto, pode ser interessante falarmos de Timóteo, outro colaborador de Paulo (ver At 16:1-3). Era incoerência da parte de Paulo recusar-se a circuncidar Tito e, ao mesmo tempo, concordar com a circuncisão de Timóteo? No caso de Timóteo, Paulo não estava se sujeitando à Lei judaica a fim de ganhá-lo para Cristo. Timóteo era de origem judaica e também gentia, e sua incircuncisão poderia ter representado um empecilho para seu ministério no meio do povo de Israel. Tito era de origem inteiramente gentia e, caso se sujeitasse a esse ritual, estaria dizendo que faltava alguma coisa a sua experiência cristã. Obrigar Tito a ser circuncidado teria sido uma demonstração de covardia e de transigência; não circuncidar Timóteo teria sido um problema desnecessário em seu ministério.

Tiago, o líder da igreja, resumiu os argumentos e apresentou a conclusão da questão (At 15:13-21). Por mais judeu que fosse, ainda assim deixou claro que um gentio não precisava aderir ao judaísmo para se tornar cristão. O plano de Deus para esse tempo é “constituir dentre eles [os gentios] um povo para o seu nome”. Judeus e gentios são salvos da mesma forma: pela fé em Jesus Cristo. Em seguida, Tiago pediu que a assembléia aconselhasse os gentios a não fazer coisa alguma que ofendesse os judeus incrédulos, a fim de que não se tornassem empecilho à salvação deles. Paulo venceu a batalha.

Sua visão do evangelho prevaleceu na reunião particular, quando os líderes aprovaram o evangelho que pregava, e também na assembléia geral, quando o grupo concordou com Paulo e se opôs aos judaizantes.

Podemos encontrar repetidamente ecos da assembléia de Jerusalém ao longo da Epístola de Paulo aos Gálatas. O apóstolo fala do “jugo de escravidão” (Gl 5:1), que nos lembra a advertência semelhante feita por Pedro (At 15:10). Os temas de liberdade e

de escravidão são repetidos com frequência (Gl 2:4; 4:3, 9, 21-31; 5:1), como também o é a idéia da circuncisão (Gl 2:3; 5:3, 4; 6:12, 13).

Séculos depois, os cristãos de hoje devem voltar a apreciar a posição corajosa que Paulo e seus colaboradores assumiram em prol da liberdade do evangelho. A grande preocupação de Paulo era com “a verdade do evangelho” (Gl 2:5, 14), não com a “paz da igreja”. A sabedoria que Deus envia do alto é “primeiramente pura; depois pacífica” (Tg 3:17). A “paz a qualquer custo” não era a filosofia de ministério de Paulo, e também não deve ser a nossa.

Desde o tempo de Paulo, os inimigos da graça têm procurado acrescentar algo ao evangelho simples da graça de Deus. Dizem que a pessoa é salva pela fé em Cristo *mais* alguma coisa – boas obras, os dez mandamentos, batismo, associação a uma igreja, rituais religiosos –, e Paulo deixa claro que esses mestres estão errados. Na verdade, o apóstolo profere uma maldição contra todo aquele (seja homem ou anjo) que pregar qualquer outro evangelho diferente do evangelho da graça de Deus, cujo cerne é Jesus Cristo (para uma definição do evangelho, ver Gl 1:6-9; 1 Co 15:1-7). Mudar o evangelho é assunto sério.

3. TERCEIRO ATO – A CONFIRMAÇÃO PESSOAL (GL 2:6-10)

Os judaizantes queriam que os líderes da igreja de Jerusalém discordassem de Paulo. Contrastando com essa atitude, Paulo deixa claro que ele próprio não se impressiona nem com as pessoas nem com os cargos dos líderes da igreja. Claro que respeitava a liderança, pois, de outro modo, não a teria consultado em particular. No entanto, não temia as pessoas importantes nem procurava comprar sua influência. Sua única expectativa em relação a eles era que reconhecessem “a graça de Deus” operando em sua vida e ministério (Gl 2:9), e foi o que fizeram.

A assembleia não apenas aprovou o evangelho de Paulo e se opôs a seus inimigos, como também estimulou o ministério de Paulo e reconheceu publicamente que

Deus havia lhe confiado a missão de evangelizar os gentios. Não havia coisa alguma que pudessem acrescentar a sua mensagem e, da mesma forma, não ousavam subtrair coisa alguma. Houve entendimento e consonância: um só evangelho seria pregado aos judeus e aos gentios.

No entanto, os líderes reconheceram que Deus havia incumbido pessoas diferentes de realizar ministérios diferentes. Com exceção de sua visita à casa de Cornélio (At 10) e aos samaritanos (At 8), Pedro dedicou-se a ministrar aos judeus. Paulo havia sido chamado por Deus para ser um embaixador especial aos gentios. Assim, os líderes concordaram que cada um deveria ministrar no campo para o qual Deus o havia enviado.

O “evangelho da circuncisão” e o “evangelho da incircuncisão” não são duas mensagens diferentes; a assembleia já havia decidido que seria pregado somente um evangelho. O que temos aqui são duas esferas distintas de ministério – aos judeus e aos gentios. Pedro e Paulo pregariam o mesmo evangelho, e o mesmo Senhor estaria operando neles e por meio deles (Gl 2:8), mas cada um ministraria a um grupo diferente de pessoas.

Isso não significa que Paulo nunca falaria aos judeus. Pelo contrário; o apóstolo sentia um grande peso no coração por seu povo (Rm 9:1-3). Tanto que, quando Paulo chegava a uma cidade, dirigia-se primeiro à sinagoga, caso houvesse uma, e começava seu trabalho no meio do seu próprio povo. Da mesma forma, Pedro também não estava excluído de ministrar aos gentios. No entanto, cada um concentraria seus esforços no campo que o Espírito Santo havia lhe designado. Tiago, Pedro e João falariam aos judeus; Paulo falaria aos gentios (Gl 2:9b).

A assembleia de Jerusalém começou com uma grande possibilidade de divisão e de dissensão; no entanto, se encerrou com cooperação e concordância. “Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos!” (Sl 133:1). Talvez estejamos precisando praticar um pouco dessa cooperação hoje.

Precisamos reconhecer que Deus chama pessoas para ministérios diferentes em

lugares diferentes; no entanto, todos nós pregamos o mesmo evangelho e procuramos trabalhar juntos para edificar sua Igreja. Não pode haver “competição” no meio dos que conhecem e amam a Cristo. Pedro foi um grande homem e, possivelmente, o principal dos apóstolos; no entanto, aquiesceu voluntariamente a Paulo – um novato – e permitiu que conduzisse seu ministério de acordo com a direção do Senhor. Em ocasião anterior, Paulo explicou sua *independência* dos outros apóstolos (Gl 1); agora, em Gálatas 2, destaca sua *interdependência* com respeito aos apóstolos. Ele era livre e, mesmo assim, se encontrava, voluntariamente, em comunhão com eles no ministério do evangelho.

Passamos das considerações teológicas para os aspectos práticos – o auxílio aos pobres (Gl 2:10). Sem dúvida, as duas coisas andam juntas. A doutrina correta jamais pode substituir o dever cristão (Tg 2:14-26). Muitas vezes, as reuniões da igreja são dedicadas a discutir problemas, mas, no final, não redundam em qualquer ajuda prática para o mundo necessitado. Paulo sempre demonstrou interesse em ajudar os pobres (At 11:27-30), de modo que seguiu com prazer a sugestão dos líderes.

Quando a assembléia se encerrou, Paulo e os líderes estavam de acordo quanto às decisões tomadas, mas essa concordância não representou uma solução permanente para o problema. Os judaizantes não desistiram, persistindo em sua interferência no ministério de Paulo e invadindo as igrejas

que ele fundava. Paulo transmitiu as boas notícias da decisão da assembléia às igrejas da Antioquia, da Síria e da Cilícia (At 15:23), bem como às igrejas de outras regiões onde havia ministrado (At 16:4). No entanto, os judaizantes o seguiram de perto (como cães ladrando – ver Fp 3:1-3), começando por Antioquia, onde chegaram a abalar a convicção de Pedro e ganhar o seu apoio (ver Gl 2:11ss).

Não há dúvida de que os judaizantes foram às igrejas da Galácia lançar suas sementes de discórdia, e, por esse motivo, Paulo teve de escrever a carta que estudamos no momento. É possível que tenha sido redigida quando o apóstolo estava em Antioquia, logo depois da assembléia em Jerusalém, apesar de alguns estudiosos a datarem de uma época posterior e de afirmarem que Paulo a escreveu quando se encontrava em Éfeso ou em Corinto. Esses detalhes históricos são importantes, mas não são essenciais para a compreensão da epístola propriamente dita. Basta mencionar que há grande probabilidade de ser a primeira carta de Paulo e que podemos encontrar nesta epístola todas as principais doutrinas nas quais o apóstolo cria, sobre as quais pregava e a respeito das quais escreveu em seu ministério subsequente.

Fecham-se as cortinas para este episódio, mas em breve voltarão a subir para revelar outros acontecimentos. O “guerreiro da liberdade” de Deus terá de defender novamente a verdade do evangelho, desta vez diante de Pedro.

O GUERREIRO DA LIBERDADE – PARTE 2

GÁLATAS 2:11-21

“O preço da liberdade é a eterna vigilância!”

Wendell Phillips fez essa declaração em uma reunião anti-escravagista em Massachusetts, em 1852, mas sua idéia ainda vale para hoje – não apenas com respeito às questões políticas, mas principalmente na esfera espiritual. Paulo havia arriscado a vida para levar o evangelho a lugares distantes e não estava disposto a deixar o inimigo roubar dele ou de suas igrejas sua liberdade em Cristo. Foi essa “vigilância espiritual” que levou Paulo a outro embate, dessa vez com o apóstolo Pedro, com Barnabé e com alguns dos amigos de Tiago. Mais uma vez, o episódio se desenrola em três atos.

1. A RECAÍDA DE PEDRO (GL 2:11-13)

Ao que parece, algum tempo depois da assembléia importante descrita em Atos 15, Pedro viajou de Jerusalém para Antioquia. A primeira coisa a observar é a *liberdade de Pedro* nessa ocasião. Desfrutava comunhão com *todos* os cristãos, quer judeus quer gentios. “Comer com os gentios” significava aceitá-los e colocá-los no mesmo nível que os judeus, como uma só família em Cristo.

Pedro foi criado no judaísmo ortodoxo e teve dificuldade em assimilar tal verdade. Jesus havia ensinado essa lição enquanto estava com Pedro antes da crucificação (Mt 15:1-20). O Espírito Santo a enfatizara novamente ao enviar Pedro à casa de Cornélio, o centurião romano (At 10). Além disso, tal verdade fora aceita e aprovada pela assembléia dos líderes em Jerusalém (At 15). Nessa ocasião, Pedro fora uma das principais testemunhas em favor da liberdade.

Antes de criticar Pedro, talvez devêssemos examinar nossa própria vida e averiguar a quantas doutrinas bíblicas conhecidas nós obedecemos de fato. Ao estudar a história da Igreja, vemos que, apesar de terem a Bíblia completa, cristãos de todas as eras demonstraram a mesma dificuldade de crer e de colocar em prática as verdades da fé cristã. É vergonhoso lembrar as perseguições e discriminações realizadas em nome de Cristo. Uma coisa é defender uma doutrina em uma reunião da igreja, outra bem diferente é sermos capazes de colocá-la em prática na vida diária.

A liberdade de Pedro foi ameaçada por seu *medo*. Enquanto estava em Antioquia, a igreja recebeu a visita de alguns colaboradores de Tiago (lembrando que, apesar de ser cristão, Tiago também era um judeu zeloso). Paulo não está insinuando que Tiago enviou esses homens para investigar Pedro, nem diz que eram líderes da igreja de Jerusalém. Mas, sem dúvida, pertenciam ao “partido da circuncisão” (At 15:1, 5) e desejavam conduzir a igreja de Antioquia ao legalismo religioso.

Depois de sua experiência com Cornélio, Pedro fora repreendido e havia se defendido habilmente (At 11). Nessa ocasião, porém, se amedrontou. Pedro não havia se mostrado receoso de obedecer ao Espírito quando este o enviou a Cornélio, nem havia vacilado ao testemunhar na assembléia em Jerusalém. Mas agora, com a chegada de alguns membros da “oposição”, vemos o apóstolo perder sua coragem. “Quem teme ao homem arma ciladas” (Pv 29:25).

Como podemos explicar esse medo? Dentre outras coisas, sabemos que Pedro era um homem impulsivo. Era capaz de demonstrar fé e coragem extraordinárias em um instante e definir completamente logo em seguida. Caminhou sobre as ondas para ir ao encontro de Jesus, mas logo se assustou e começou a afundar. Quando estava no cenáculo, se gabou de que morreria de bom grado por Jesus e, em seguida, negou o Mestre três vezes. Sem dúvida, Pedro mostrou-se muito mais coerente no Livro de Atos do que nos quatro Evangelhos, mas não era

perfeito – *assim como nos também não somos!* Seu medo causou sua queda. Deixou de desfrutar as “refeições de comunhão” com os cristãos gentios e se separou deles.

Essa recaída de Pedro apresenta dois aspectos trágicos. Em primeiro lugar, ela o transformou em um hipócrita (que é o significado do termo *dissimular* nesta passagem). Pedro fingiu que suas ações eram motivadas pela fidelidade, quando, na verdade, eram resultantes de seu medo. Como é fácil usarmos a “doutrina bíblica” para encobrir nossa desobediência!

Em segundo lugar, *Pedro fez outros se desviarem com ele*. Até mesmo Barnabé acabou se envolvendo nessa dissimulação. Barnabé fora um dos líderes espirituais da igreja de Antioquia (At 11:19-26), de modo que sua desobediência deve ter exercido influência enorme sobre os outros membros da congregação.

Suponhamos que Pedro e Barnabé tivessem prevalecido e levado a igreja ao legalismo. O que poderia ter acontecido? Antioquia teria continuado a ser a grande igreja missionária que enviou Paulo e Barnabé? (At 13). Teria, em vez disso, enviado “missionários” do partido da circuncisão e tomado ou dividido as igrejas que Paulo já havia fundado? Podemos observar que esse problema não era uma questão de personalidade ou de partidarismo; antes, tratava-se da “verdade do evangelho”. Paulo estava preparado para lutar por essa verdade.

2. A REPREENSÃO DE PAULO (GL 2:14-21)

Os estudiosos da Bíblia não sabem, ao certo, em que parte dessa passagem termina a conversa de Paulo com Pedro e continua sua carta aos gálatas. Na verdade, isso não importa, uma vez que a seção toda trata do mesmo assunto: nossa liberdade em Jesus Cristo. Partiremos do pressuposto de que a seção toda consiste na repreensão de Paulo a Pedro. É interessante observar que Paulo desenvolve toda essa reprimenda com base nas doutrinas. Vemos cinco doutrinas cristãs sendo negadas por Pedro em decorrência de sua separação dos gentios.

A unidade da Igreja (v. 14). Pedro era um judeu, mas por sua fé em Cristo, havia se tornado cristão. Uma vez que era cristão, fazia parte da Igreja, e dentro da Igreja não há distinções raciais (Gl 3:28). Vimos como o Senhor ensinou essa lição importante a Pedro, primeiro na casa de Cornélio, depois na assembléia de Jerusalém.

As palavras de Paulo devem ter ferido Pedro: “Você é judeu e, no entanto, tem vivido como gentio. Agora, quer que os gentios vivam como judeus. Que incoerência é essa?”

O próprio Pedro afirmara na assembléia em Jerusalém que Deus “não estabeleceu distinção alguma entre nós e eles” (At 15:9). Mas agora, *Pedro* está estabelecendo uma distinção. Mesmo dividido em vários grupos, o povo de Deus é um só. Qualquer prática de nossa parte que vá contra as Escrituras e que cause separação entre os irmãos é uma negação da unidade do corpo de Cristo.

A justificação pela fé (vv. 15, 16). Esta é a primeira vez que o termo *justificação* aparece nesta epístola e, provavelmente, nos escritos de Paulo (se, como cremos ser o caso, Gálatas foi sua primeira epístola). A “justificação pela fé” foi o lema da Reforma e é importante compreender essa doutrina.

“Como pode o homem ser justo para com Deus?” (Jó 9:2). Trata-se de uma pergunta vital, pois a resposta tem conseqüências eternas. “Mas o justo viverá pela sua fé” (Hc 2:4) é a resposta de Deus; e foi essa verdade que libertou Martinho Lutero da escravidão religiosa e do medo. Esse conceito é tão vital que três livros do Novo Testamento o explicam para nós: Romanos (ver 1:17), Gálatas (ver 3:11) e Hebreus (ver 10:38). Romanos explica o significado de “o justo”; Gálatas explica “viverá” e Hebreus explica “pela fé”.

Mas o que é justificação? *Justificação* é o ato pelo qual Deus declara justo em Jesus Cristo o pecador que nele crê. Todas as palavras dessa definição são importantes. A justificação é um ato, não um processo. Nenhum cristão é “mais justificado” do que outro. “Tendo sido, portanto, justificados de uma vez por todas pela fé, temos paz com

Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo" (Rm 5:1, tradução literal). Uma vez que somos justificados pela fé, trata-se de uma transação imediata entre Deus e o pecador que crê em Cristo. Se fôssemos justificados pelas obras, teria de ser um processo gradual.

Além disso, a justificação é um ato de Deus; não o resultado do caráter ou das obras de um homem. "É Deus quem os justifica" (Rm 8:33). O pecador não é justificado diante de Deus fazendo as "obras da lei", mas sim depositando sua fé em Jesus Cristo. Como Paulo explicará mais adiante nesta epístola, a Lei foi dada para revelar o pecado, não para redimir do pecado (ver Rm 3:20). Em sua graça, Deus colocou nossos pecados sobre Cristo - e "depositou em nossa conta" a justiça de Cristo (ver 2 Co 5:21).

Na justificação, Deus *declara* justo o pecador que crê; ele não o *torna* justo. (É claro que a verdadeira justificação conduz a uma mudança de vida - tema de Tg 2.) Antes de o pecador crer em Cristo, ele é *culpado* diante de Deus; mas no momento que crê em Cristo, é declarado *inocente* e não pode jamais ser chamado de *culpado* outra vez!

A justificação não é apenas "perdão", pois uma pessoa poderia ser perdoada e depois voltar a pecar e se tornar culpada novamente. Uma vez que fomos "justificados pela fé", nunca mais seremos declarados culpados diante de Deus.

A justificação também é diferente do "indulto", pois um criminoso indultado ainda tem uma ficha onde constam seus crimes. Quando um pecador é justificado pela fé, *seus pecados passados não são mais lembrados nem usados contra ele*, e Deus não registra mais suas transgressões (ver Sl 32:1, 2; Rm 4:1-8).

Por fim, Deus justifica os *pecadores* e não as "pessoas boas". Paulo diz que Deus justifica "o ímpio" (Rm 4:5). O motivo pelo qual a maioria dos pecadores não é perdoada é o fato de não admitirem sua condição! E Jesus Cristo só pode salvar pecadores (Mt 9:9-13; Lc 18:9-14).

Ao se separar dos gentios, Pedro negava a verdade da justificação pela fé, pois

dizia: "Nós, os judeus, somos diferentes dos gentios e melhores do que eles". No entanto, judeus e gentios são pecadores (Rm 3:22, 23) e só podem ser salvos pela fé em Cristo.

A liberdade da Lei (vv. 17, 18). Na assembléia de Jerusalém, Pedro havia comparado a Lei mosaica a um jugo pesado (At 15:10; ver Gl 5:1). Agora, ele se coloca de baixo desse jugo impossível.

A argumentação de Paulo é a seguinte: "Pedro, nem você nem eu encontramos salvação na Lei; nós dois fomos salvos pela fé em Cristo. Mas agora, depois de ter sido salvo, você está voltando para a Lei! Isso significa que não foi somente Cristo quem o salvou; de outro modo, não precisaria da Lei. Assim, na verdade, Cristo fez de você um pecador! Além disso, pregou o evangelho da graça de Deus a judeus e gentios e lhes disse que são salvos pela fé, não pela observância da Lei. Ao voltar para o legalismo, está reconstruindo o que derrubou! Isso significa que pecou logo de início, ao lançar tais coisas por terra!"

Em outras palavras, Paulo argumenta a partir da própria experiência de Pedro quanto à graça de Deus. Voltar à Lei de Moisés era o mesmo que negar o que Deus havia feito por ele e por meio dele.

O próprio evangelho (vv. 19, 20). Se uma pessoa é justificada pelas obras da Lei, por que Jesus Cristo morreu? Sua morte, sepultamento e ressurreição são as verdades essenciais do evangelho (1 Co 15:1-8). Somos salvos pela fé em Cristo (ele morreu por nós) e vivemos pela fé em Cristo (ele vive em nós). Além disso, o Espírito nos identifica de tal modo com Cristo, que *morremos com ele* (ver Rm 6). Isso significa que estamos mortos para a Lei. Voltar para Moisés é o mesmo que voltar para o cemitério! Fomos ressuscitados para andar "em novidade de vida" (Rm 6:4); e, uma vez que vivemos pelo poder de sua ressurreição, não precisamos da "ajuda" da Lei.

A graça de Deus (v. 21). Os judaizantes desejavam combinar a Lei com a graça, mas Paulo declara que isso é impossível. Voltar à Lei significa "anular" a graça de Deus.

Pedro havia experimentado a graça de Deus na própria salvação e proclamara a graça de Deus no próprio ministério. No entanto, ao se separar da comunhão cristã dos gentios, negou abertamente a graça de Deus.

A graça diz: “Não há distinção! Todos são pecadores, e todos podem ser salvos pela fé em Cristo!”

Mas por meio de suas ações, Pedro dizia: “Há distinção! A graça de Deus não é suficiente; também precisamos da Lei”.

A volta à Lei anula a cruz: “se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão” (Gl 2:21). A Lei diz: *faça!* A graça diz: *já foi feito!* “Está consumado” – esse foi o brado de vitória de Cristo (Jo 19:30). “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé” (Ef 2:8).

Não temos qualquer registro da reação de Pedro à repreensão de Paulo, mas as Escrituras indicam que Pedro reconheceu seu pecado e foi restaurado à comunhão. Por certo, ao lermos as duas epístolas de Pedro (1 e 2 Pe), não encontramos qualquer distorção do evangelho da graça de Deus. Na verdade, o tema de 1 Pedro é “a genuína graça de Deus” (1 Pe 5:12); o termo *graça* é usado em todos os capítulos da carta. Pedro faz questão de ressaltar que ele e Paulo estavam de total acordo, a fim de que ninguém “descobrisse um santo [Pedro] para cobrir outro [Paulo]” (ver 2 Pe 3:15, 16).

Assim terminam os dois atos deste episódio emocionante. Mas as cortinas ainda não desceram, pois há um terceiro ato que envolve todos nós.

3. A RESPOSTA DOS CRISTÃOS

Sabemos como Pedro reagiu quando foi desafiado a viver de acordo com a verdade do evangelho: amedrontou-se e fracassou. E sabemos como Paulo reagiu quando viu a verdade do evangelho ser diluída: mostrou-se corajoso e a defendeu. Mas a pergunta importante *para os dias de hoje* é: de que maneira *nós* respondemos à “verdade do evangelho”? Antes de passar aos capítulos doutrinários desta epístola, talvez seja apropriado fazer um balanço de nossa vida. Permita-me sugerir algumas perguntas para cada um de nós responder.

Fomos salvos pela graça de Deus? O único evangelho que salva é o evangelho da graça de Deus revelada em Jesus Cristo. Qualquer outro evangelho é falso e amaldiçoado (Gl 1:6-9). Confiamos em nós mesmos – em *nossa* moralidade, em *nossas* boas obras ou até mesmo em *nossa* religião? Se esse é o caso, então não somos cristãos, pois o verdadeiro cristão é aquele que crê *somente* em Cristo. “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2:8, 9).

Tentamos combinar a Lei com a graça? Pela Lei, devemos fazer alguma coisa para agradar a Deus; mas pela graça, Deus consumou a obra por nós, e tudo o que precisamos fazer é crer em Cristo. A salvação não é dada pela fé em Cristo *mais* alguma coisa; a salvação é *somente* pela fé em Cristo. Apesar de a participação em uma igreja e em atividades religiosas ser benéfica em seu devido lugar como expressão de fé no Senhor, jamais pode ser anexada à fé em Cristo, a fim de garantir a vida eterna. “E, se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça” (Rm 11:6).

Regoziamo-nos no fato de sermos justificados pela fé em Cristo? Costuma-se dizer que “justificado” significa “como se nunca tivéssemos pecado”, e é verdade. Experimenta-se profunda paz no coração ao saber que a vida está em ordem diante de Deus (Rm 5:1). É maravilhoso pensar que a justiça de Cristo foi depositada em nossa conta! Deus não apenas nos declarou justos em Cristo, como também se relaciona conosco como se nunca tivéssemos pecado! Não é preciso jamais temer o julgamento, pois os pecados já foram julgados em Cristo na cruz (Rm 8:1).

Andamos na liberdade da graça? Liberdade não quer dizer licenciosidade; antes, significa a liberdade em Cristo para desfrutá-lo e para nos transformarmos nas pessoas que deseja que sejamos (Ef 2:10). Não é liberdade para *fazer*, e sim liberdade para *não fazer*. Não vivemos mais sob a escravidão do pecado e da Lei. Conforme Paulo explicará na seção prática desta epístola (Gl 5 – 6),

obedecemos a Deus por amor, não por causa da Lei. Os cristãos possuem uma liberdade maravilhosa em Cristo. Desfrutamos essa liberdade?

Estamos dispostos a defender a verdade do evangelho? Isso não significa que vamos nos tornar detetives do evangelho investigando todas as classes de Escola Bíblica Dominical de nossa cidade. Mas significa que não temeremos as pessoas quando negarem as verdades que nos concederam vida eterna em Cristo. “Porventura, procuro eu, agora, o favor dos homens ou o de Deus? Ou procuro agradar a homens? Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo” (Gl 1:10).

Muita gente com quem temos contato acredita que somos salvos ao crer em Cristo e também “praticar boas obras... guardar os dez mandamentos... obedecer ao Sermão do Monte” e mais uma porção de “adendos religiosos”. Podemos não ter a mesma autoridade apostólica que Paulo, mas temos a Palavra de Deus para proclamar, e é nossa obrigação compartilhar a verdade.

“Procedemos corretamente segundo a verdade do evangelho”? A melhor maneira

de defender a verdade é viver a verdade. Minha defesa verbal do evangelho não adiantará de muita coisa se, em minha vida, eu cair em contradição com meu discurso. Paulo explicará de que maneira podemos viver em liberdade pela graça de Deus, e é importante acatar suas palavras.

Um funcionário novo em uma fábrica foi treinado para medir as peças de algumas válvulas e se certificar de que estavam prontas para a montagem final. Mas, depois de algumas horas, seu supervisor começou a receber reclamações de que o funcionário deixava passar peças defeituosas.

– O que está fazendo? – perguntou o supervisor. – Eu lhe mostrei como usar o micrômetro. Está deixando passar peças grandes demais!

– É que a maioria das peças que eu estava medindo era grande demais, então abri um pouco o micrômetro... – o funcionário respondeu.

Quer seja numa fábrica quer seja no ministério, a mudança de parâmetros nunca levará ao sucesso. Paulo mantém-se firme na “verdade do evangelho”, e devemos fazer o mesmo.

FASCINADOS E PERTURBADOS

GÁLATAS 3:1-14

Os sessenta versículos de Gálatas 3 e 4 contêm algumas das palavras mais fortes dos escritos de Paulo. Mas, afinal de contas, ele se encontrava em uma batalha! Estava determinado a provar que a salvação se dá somente pela graça, não pelas obras da Lei. Seus oponentes haviam usado todos os meios possíveis para tentar tomar as igrejas da Galácia, e Paulo não se mostraria tímido no combate a esses falsos mestres. Em se tratando de controvérsias, o apóstolo não era nenhum amador e, nesses dois capítulos, mostra claramente suas habilidades. Sua lógica é incontestável.

Paulo usa seis argumentos diferentes para provar que Deus salva os pecadores pela fé em Cristo, não pelas obras da Lei. Começa com um *argumento pessoal* (Gl 3:1-5), no qual pede aos gálatas que se recordem de sua experiência pessoal com Cristo, quando foram salvos. Em seguida, passa a um *argumento escriturístico* (Gl 3:6-14), no qual cita como prova seis passagens do Antigo Testamento. No *argumento lógico* (Gl 3:15-29), seu raciocínio baseia-se no caráter e no funcionamento de uma aliança. Em seguida, apresenta um *argumento histórico* (Gl 4:1-11), explicando o lugar da Lei na história de Israel.

Neste ponto, o amor de Paulo pelos convertidos vem à tona. O resultado é um *argumento sentimental* (Gl 4:12-18), no qual o apóstolo insta os gálatas a se lembrar de seu amor e de seu relacionamento feliz no passado. Em seguida, porém, Paulo volta para seu raciocínio metódico e conclui com um *argumento alegórico* (Gl 4:19-31), com base na vida de Abraão e em seu relacionamento

com Sara e com Agar. A aplicação prática de sua argumentação doutrinária é apresentada nos dois últimos capítulos.

1. O ARGUMENTO PESSOAL (Gl 3:1-5)

A chave desta seção é o termo “sofrer” (Gl 3:4), que pode ser traduzido por “experimentar”. Paulo pergunta: “Vocês experimentaram tantas coisas em vão?” Paulo se mostra bastante sensato ao tomar a experiência cristã como ponto de partida para sua argumentação, pois havia estado com eles e sabia que haviam crido em Jesus Cristo. É evidente que uma argumentação com base na experiência tem seus riscos, pois as experiências podem ser falsificadas e interpretadas incorretamente. Experiências subjetivas devem ser contrabalançadas por evidências objetivas, pois as experiências podem mudar, mas a verdade é sempre a mesma. Paulo equilibra a experiência subjetiva dos cristãos da Galácia com o ensinamento objetivo da Palavra inalterável de Deus (Gl 3:6-14).

Era evidente que essas pessoas haviam tido algum tipo de experiência em sua vida quando Paulo as visitou pela primeira vez; mas então vieram os judaizantes e as convenceram de que essa experiência havia sido incompleta. Precisavam de mais alguma coisa, e esse “algo mais” era a obediência à Lei de Moisés. Esses falsos mestres os haviam enfeitiçado, tornando-os insensatos. Ao chamá-los de insensatos, Paulo não está desconsiderando as palavras de Cristo no sermão do Monte (Mt 5:22), pois são usados dois termos diferentes, e se tem em mente duas idéias distintas. Em Gálatas 3:1, *insensato* significa “espiritualmente néscio” (ver Lc 24:25), enquanto a palavra que Jesus emprega tem o sentido de “pessoa ímpia”. Paulo está declarando um fato; Jesus está advertindo contra o abuso verbal.

Paulo os lembra de que haviam, verdadeiramente, experimentado um encontro com Deus.

Contemplaram a Deus, o Filho (v. 1). Foi sobre “Jesus Cristo exposto como crucificado” que Paulo pregou na Galácia, e o fez com tamanha eficácia que o povo quase

pôde ver Jesus pendurado na cruz por eles. A expressão “ante cujos olhos” é a tradução de um termo grego que significa “retratado publicamente ou anunciado em um cartaz”. Da mesma forma como costumamos colocar informações importantes em um cartaz e afixá-lo em lugar público, Paulo apresentou Cristo abertamente aos gálatas, com grande ênfase em sua morte na cruz pelos pecadores. Eles ouviram essa verdade, crearam nela e lhe obedeceram; como resultado, nasceram de novo e passaram a fazer parte da família de Deus.

Receberam a Deus, o Espírito Santo (vv. 2-4). O Espírito Santo é mencionado treze vezes nesta epístola e tem papel importante na defesa de Paulo do evangelho da graça de Deus. A única evidência real de conversão é a presença do Espírito Santo na vida do que crê (ver Rm 8:9). Paulo faz uma pergunta importante: o Espírito lhes foi dado porque creram na Palavra de Deus ou porque realizaram as obras da Lei? É evidente que só poderia haver uma resposta: o Espírito entrou na vida deles porque creram em Jesus Cristo.

É importante compreender a obra do Espírito na salvação e na vida cristã. O Espírito Santo *convence* a pessoa do pecado e lhe revela Cristo (Jo 16:7-11). O pecador pode resistir ao Espírito (At 7:51) ou se entregar a ele e crer em Jesus Cristo. Quando o pecador crê em Cristo, dizemos que ele é *nascido do Espírito* (Jo 3:1-8) e que recebe nova vida. Também é *batizado pelo Espírito*, de modo que se torna parte do corpo de Cristo (1 Co 12:12-14). O cristão é *selado pelo Espírito* (Ef 1:13, 14) como garantia de que, um dia, participará da glória de Cristo.

Uma vez que o Espírito Santo faz tanta coisa pelo cristão, isso significa que todo o que crê tem responsabilidade para com o Espírito Santo, que habita em seu corpo (1 Co 6:19, 20). O cristão deve *andar no Espírito* (Gl 5:16, 25), lendo a Palavra, orando e obedecendo à vontade de Deus. Se desobedecer a Deus, *entristecerá o Espírito* (Ef 4:30), e se persistir em seu pecado, *apagará o Espírito* (1 Ts 5:19). Isso não significa que o Espírito

Santo o deixará, pois Jesus prometeu que o Espírito estará conosco para sempre (Jo 14:16), mas sim que o Espírito não pode lhe dar a alegria e o poder de que precisa para a vida cristã diária. Os cristãos devem ser *cheios do Espírito* (Ef 5:18-21), o que significa simplesmente que devem ser “controlados pelo Espírito”. Trata-se de uma experiência contínua, como beber de um ribeiro de águas sempre frescas (Jo 7:37-39).

Assim, em sua experiência de conversão, os cristãos da Galácia haviam recebido o Espírito pela fé, não pelas obras da Lei. Isso leva Paulo a fazer outra pergunta: “Se não começaram com a Lei, por que incluí-la agora em sua experiência? Se começaram com o Espírito, é possível prosseguir e amadurecer sem o Espírito, dependendo da carne?” O termo *carne*, neste caso, não se refere ao corpo humano, mas sim à velha natureza do cristão. As referências que a Bíblia faz à “carne” costumam ser negativas (ver Gn 6:1-7; Jo 6:63; Rm 7:18; Fp 3:3). Uma vez que fomos salvos por meio do Espírito, não pela carne; pela fé, não pela Lei, nada mais justo do que continuar no Espírito.

A ilustração do nascimento é bastante apropriada. Para uma criança ser concebida, é preciso haver pai e mãe. Da mesma forma, são necessários dois “pais” *espirituais* para a pessoa nascer na família de Deus: o Espírito de Deus e a Palavra de Deus (Jo 3:1-8; 1 Pe 1:22-25). Ao nascer, uma criança normal tem tudo de que precisa para a vida; não há necessidade de lhe acrescentar coisa alguma. Quando um filho de Deus nasce na família de Deus, tem tudo de que precisa em termos espirituais; *não é preciso acrescentar coisa alguma!* A criança só precisa de alimento, exercício e limpeza para crescer e amadurecer fisicamente. Seria estranho os pais terem de levar o filho ao médico para que “instalasse” as orelhas em um mês, os artelhos no outro e assim por diante.

“Vocês começaram no Espírito”, diz Paulo. “Não é preciso acrescentar coisa alguma. Andem no Espírito e crescerão no Senhor”.

Experimentaram milagres de Deus, o Pai (v. 5). A terceira pessoa do singular neste versículo refere-se ao Pai como Aquele

que ministra o Espírito e que “opera milagres entre [eles]”. O mesmo Espírito Santo concedido ao cristão em sua conversão continua a operar dentro dele e por meio dele para que o corpo todo seja edificado (ver Ef 4:16; Cl 2:19). O Pai continua a suprir o Espírito em poder e em bênção, e isso é feito pela fé, não pelas obras da Lei. A expressão *entre vós* também pode ser traduzida por *dentro de vós*. Esses milagres incluem, portanto, transformações extraordinárias *dentro* da vida dos cristãos, bem como maravilhas no meio da igreja.

– Você acredita mesmo nos milagres da Bíblia? – perguntou um cético a um recém-convertido que havia sido alcoólatra invertido.

– Claro que sim – respondeu o convertido.

Ao que o cético perguntou em tom de zombaria:

– Você acredita mesmo que Jesus transformou água em vinho?

– Com certeza! Afinal, em minha casa ele transformou vinho em alimentos, roupas e móveis.

2. O ARGUMENTO ESCRITURÍSTICO (GL 3:6-14)

Paulo passa, agora, de experiências subjetivas para evidências objetivas da Palavra de Deus. Não devemos jamais julgar as Escrituras de acordo com nossas experiências; antes, devemos testar nossas experiências usando a Palavra de Deus como parâmetro. Na primeira seção, Paulo fez seis perguntas; nesta seção, cita seis passagens do Antigo Testamento para provar que a salvação é pela fé em Cristo, não pelas obras da Lei. Uma vez que os judaizantes desejavam levar os cristãos de volta à Lei, Paulo cita a Lei! Uma vez que engrandeciam a figura de Abraão em sua religião, Paulo usa Abraão como uma das testemunhas!

Abraão foi salvo pela fé (vv. 6, 7). Paulo começa citando Moisés para mostrar que a justiça de Deus foi “depositada na conta” de Abraão somente porque creu na promessa de Deus (Gn 15:6). O termo “imputado”, em Gálatas 3:6 e Gênesis 15:6, tem o mesmo

significado que em Romanos 4:11, 22-24. A palavra grega significa “creditar na conta de alguém”. Quando um pecador crê em Cristo, a justiça de Deus é creditada em sua conta. Mais do que isso, os pecados dessa pessoa deixam de ser registrados nessa conta (ver Rm 4:1-8). Assim, diante de Deus o histórico está sempre limpo e, portanto, o que creu não pode jamais ser julgado por seus pecados.

O povo judeu orgulhava-se imensamente de seu parentesco com Abraão. O problema é que consideravam esse parentesco uma garantia de salvação eterna. João Batista avisou-os de que sua descendência *física* não lhes garantia sua vida *espiritual* (Mt 3:9). Jesus deixa clara a distinção entre “descendência de Abraão” em termos físicos, e os “filhos de Abraão” em termos espirituais (Jo 8:33-47). Hoje em dia, há quem ainda pense que a salvação pode ser herdada, que a vida piedosa dos pais garante automaticamente a salvação dos filhos. Mas isso não é verdade. Alguém expressou bem essa idéia quando disse que “Deus não tem netos”.

A salvação é para os gentios (vv. 8, 9). Em algumas versões, o termo “gentios”, em Gálatas 3:8, é traduzido por “pagãos”, mas o significado é o mesmo. Paulo cita Moisés (Gn 12:3) para provar que, desde o início do relacionamento de Abraão com Deus, a bênção da salvação foi prometida a todas as nações do mundo. Deus pregou as “boas-novas” a Abraão séculos antes, e Paulo levou essas mesmas boas-novas aos gálatas: os pecadores são justificados pela fé, não pela observância da Lei. A lógica de sua argumentação é evidente: se Deus prometeu salvar os gentios pela fé, os judaizantes estavam errados em querer levar os cristãos gentios de volta para a Lei. Os verdadeiros “filhos de Abraão” não são os judeus por descendência física, mas os judeus e gentios que creram em Jesus Cristo. Todos “os da fé” (cristãos) são abençoados “com o crente Abraão”.

Quando lemos o relato sobre a aliança extraordinária que Deus fez com Abraão em Gênesis 12:1-3, descobrimos que o Senhor lhe prometeu várias bênçãos diferentes,

sendo algumas delas pessoais, outras nacionais e políticas e outras, ainda, universais e espirituais. Sem dúvida, Deus engrandeceu o nome de Abraão; o patriarca é reverenciado não apenas por judeus, mas também cristãos, muçulmanos e pessoas de outros credos. De fato, Deus multiplicou sua descendência e abençoou os que abençoaram Abraão. Também julgou os que amaldiçoaram seus descendentes (o Egito, a Babilônia e Roma são alguns exemplos de “amaldiçoados”). Mas as maiores bênçãos que Deus enviou por meio de Abraão e do povo judeu são associadas a nossa salvação eterna. Jesus Cristo é esse “descendente” prometido, mediante o qual todas as nações foram abençoadas (Gl 3:16).

A salvação é pela fé, não pela Lei (vv. 10-12). A salvação jamais poderia ser decorrente da obediência à Lei, pois a Lei não traz bênção, apenas maldição. Aqui, Paulo cita Deuteronômio 27:26. A Lei exige obediência, e isto significa obediência em todas as coisas. A Lei não é um “bufê religioso”, no qual as pessoas escolhem o que lhes agrada (ver Tg 2:10, 11). Na seqüência, Paulo cita Habacuque: “mas o justo viverá pela sua fé” (Hc 2:4). Como dissemos anteriormente, essa declaração é tão importante que, pela inspiração do Espírito Santo, três livros do Novo Testamento explicam seu significado. *Romanos* explica “o justo” e diz que o pecador pode ser justificado diante de Deus (ver Rm 1:17). *Gálatas* explica de que maneira o justo “viverá”; e *Hebreus* fala da “fé” (ver Hb 10:38). Ninguém jamais poderia viver “pela Lei”, pois a Lei mostra ao pecador que ele é culpado diante de Deus e o conduz à morte (Rm 3:20; 7:7-11).

No entanto, alguém poderia argumentar que é preciso ter fé até mesmo para obedecer à Lei; assim, Paulo cita Levítico para provar que Deus requer a *prática da Lei*, e não a *fé na Lei* (Lv 18:5). A Lei diz: “Faça, e você viverá!”, mas a graça diz: “Cria, e você viverá!” A própria experiência de Paulo (Fp 3:1-10), bem como a história de Israel (Rm 10:1-10), provam que as obras da justiça nunca salvam o pecador; somente a justificação pela fé pode fazer isso.

Os judaizantes desejavam atrair os gálatas para as obras da Lei, mas Paulo desejava que desfrutassem uma relação de amor e vida pela fé em Cristo. Para o convertido, trocar a fé e a graça pela Lei e as obras é o mesmo que perder tudo de mais emocionante que todo cristão pode experimentar em sua comunhão diária com o Senhor. A Lei não tem poder de justificar o pecador (Gl 2:16; 2:21). A Lei não pode lhe dar o dom do Espírito (Gl 3:2), também não pode garantir a herança espiritual que pertence aos filhos de Deus (Gl 3:18). A Lei não pode dar vida (Gl 3:21) nem liberdade (Gl 4:8-10). Então, por que voltar à Lei?

A salvação é concedida por meio de Cristo (vv. 13, 14). Estes dois versículos são um excelente resumo de tudo o que Paulo vem dizendo ao longo desta seção. A Lei coloca os pecadores sob maldição? Cristo nos redime dessa maldição! Desejamos a bênção de Abraão? Ela é recebida por meio de Cristo! Desejamos o dom do Espírito, mas somos gentios? Por meio de Cristo, esse dom é concedido aos gentios! Tudo de que precisamos encontra-se em Cristo! Não há motivo algum para voltar a Moisés.

Paulo cita novamente Deuteronômio: “porquanto o que for pendurado no madeiro é maldito de Deus” (Dt 21:23). Os criminosos judeus não eram crucificados; o costume era apedrejá-los. Mas em casos de transgressões vergonhosas da Lei, o corpo era pendurado em uma árvore e exposto publicamente. Era uma grande humilhação, pois os judeus faziam questão de tratar o corpo de uma pessoa falecida com todo respeito. Depois de exposto, o corpo era removido da árvore e sepultado (ver Js 8:29; 10:26; 2 Sm 4:12).

É evidente que a referência de Paulo ao “madeiro” diz respeito à cruz na qual Jesus morreu (At 5:30; 1 Pe 2:24). Ele não foi apedrejado nem teve o corpo exposto publicamente depois da execução; foi pregado vivo no madeiro, onde morreu. Mas, ao morrer na cruz, Jesus Cristo tomou sobre si a maldição da Lei que recairia sobre nós; agora, os que crêem não estão mais debaixo do jugo da Lei e dessa terrível maldição. Agora, a “bênção de Abraão” (a justificação pela fé e

o dom do Espírito Santo) também é nossa, pela fé em Jesus Cristo.

O termo “resgatar”, em Gálatas 3:13, significa comprar um escravo com o propósito de libertá-lo. É possível comprar um escravo e mantê-lo como tal, mas não foi isso o que Cristo fez. Ao derramar seu sangue na cruz, comprou-nos para que pudéssemos ter a liberdade. Os judaizantes desejavam conduzir os cristãos de volta à escravidão, mas Cristo morreu para libertá-los. Ser salvo não é trocar um tipo de escravidão por outro. Ser salvo é ser liberto da escravidão do pecado e da Lei para a liberdade da graça de Deus por meio de Cristo.

Esse fato levanta uma pergunta interessante: de que maneira esses judaizantes conseguiram convencer os cristãos de que a Lei era um caminho melhor do que a graça? Por que um cristão escolheria deliberadamente a escravidão ao invés da liberdade? Talvez, parte da resposta encontre-se na palavra “fascinados”, que Paulo usa em Gálatas 3:1. O termo significa “lançar um feitiço, encantar”. O que havia de tão fascinante no legalismo a ponto de levar o cristão a abandonar a graça e a ficar com a Lei?

Um dos motivos é que o legalismo é atraente para a carne. Isso porque a carne gosta de ser “religiosa” – de obedecer a leis, de observar dias santos, até mesmo de jejuar (ver Gl 4:10). Sem dúvida, não há nada de errado na obediência, nos jejuns e nas ocasiões solenes de adoração espiritual, desde que a motivação e o poder venham do Espírito Santo. A carne gosta de se vangloriar de suas realizações religiosas – quantas orações

foram feitas e quantas ofertas foram dadas (ver Lc 18:9-14; Fp 3:1-10).

Outra característica do legalismo religioso que fascina as pessoas é seu apelo aos sentidos. Em vez de adorar a Deus “em espírito e em verdade” (Jo 4:24), o legalista cria um sistema próprio para satisfazer seus sentidos. Não é capaz de andar pela fé; em vez disso, vive de acordo com o que pode ver, ouvir, cheirar, provar e sentir. Por certo, a adoração no Espírito não nega os cinco sentidos. Vemos e tocamos nossos irmãos em Cristo, cantamos e ouvimos hinos e provamos os elementos da Ceia do Senhor. No entanto, as coisas exteriores são apenas janelas pelas quais a fé vislumbra o que é eterno. Não são um fim em si.

As pessoas que dependem da religião podem avaliar-se em relação aos outros e se comparar com eles. Esse é outro elemento fascinante do legalismo. O parâmetro do verdadeiro cristão, porém, é Cristo, não os outros cristãos (Ef 4:11ss). Na jornada espiritual do cristão que vive pela graça, não há lugar para o orgulho; mas o legalista orgulha-se constantemente de suas realizações e de seus convertidos (Gl 6:13, 14).

Sem dúvida, a Lei exerce certa fascinação, mas esta não passa de um chamariz em uma armadilha; assim que o cristão pega o chamariz, vê-se sob o jugo da escravidão. É muito melhor crer no que Deus diz em sua Palavra e descansar em sua graça. Fomos salvos “pela graça [...] mediante a fé” e devemos viver da mesma forma. Esse é o caminho que conduz às bênçãos. Os outros caminhos levam à servidão.

A LÓGICA DA LEI

GÁLATAS 3:15-29

Os judaizantes haviam colocado Paulo em um beco sem saída. Usando o Antigo Testamento, o apóstolo acabara de provar que o plano da salvação que Deus oferece não deixa espaço para as obras da Lei. Mas o fato de Paulo citar seis passagens do Antigo Testamento cria um problema sério: se a salvação não inclui a Lei, por que Deus deu a Lei? Paulo cita a Lei para provar a insignificância dela. Se a Lei foi revogada, os argumentos do apóstolo não têm valor algum, pois são derivados da Lei.

Nossa fé é de caráter lógico e pode ser defendida com argumentos racionais. Apesar de possuir mistérios divinos que nenhum ser humano é capaz de explicar completamente, a fé também possui fundamentos divinos que qualquer pessoa sincera pode entender. Paulo foi instruído e preparado para ser rabino, portanto possuía toda a competência necessária para apresentar uma argumentação coerente. Nesta seção, o apóstolo faz quatro declarações que nos ajudam a entender a relação entre *promessa* e *Lei*.

1. A LEI NÃO PODE MUDAR A PROMESSA (GL 3:15-18)

O termo "promessa" é usado oito vezes nestes versículos com referência à promessa de Deus a Abraão, segundo a qual todas as nações da Terra seriam abençoadas por meio do patriarca (Gn 12:1-3). Essa promessa envolvia a justificação pela fé e a concessão de todas as bênçãos da salvação (Gl 3:6-9). É evidente que a promessa a Abraão (e, por meio de Cristo, também a nós), feita cerca de dois mil anos antes de Cristo, antecedeu em séculos a Lei de Moisés (dada a Israel

por volta de 1450 a.C.). O discurso dos judaizantes deixava implícito que a Lei havia *alterado* essa promessa da aliança. Paulo argumenta o contrário.

Em primeiro lugar, uma vez que duas partes concluem um acordo, este não pode ser mudado por terceiro, mesmo vários anos depois. As únicas pessoas que podem alterar o acordo original são as pessoas que o firmaram. Acrescentar ou remover qualquer coisa do "contrato" seria ilegal.

Se essa regra vale para acordos feitos entre pecadores, então se aplica ainda mais ao Deus santo. Convém observar que não foi Abraão quem fez uma aliança com Deus; antes, *foi Deus quem fez uma aliança com Abraão!* Deus não impôs quaisquer condições a serem cumpridas por Abraão. Aliás, quando a aliança foi ratificada, *Abraão dormia!* (ver Gn 15). Foi uma aliança da graça: Deus fez promessas a Abraão; o patriarca, por sua vez, não prometeu coisa alguma a Deus.

Mas Paulo revela outra verdade maravilhosa: Deus fez essa promessa não apenas a Abraão, mas também a Cristo. "E ao teu descendente, que é Cristo" (Gl 3:16).

O conceito bíblico de "descendência" remonta a Gênesis 3:15, depois da queda do homem. Deus afirma que haverá um conflito no mundo entre a descendência de Satanás (os filhos do diabo; ver Jo 8:33-44) e a descendência da mulher (os filhos de Deus e, por fim, o Filho de Deus). As Escrituras mostram esse conflito claramente: Caim contra Abel (ver 1 Jo 3:10-12); Israel contra as nações; João Batista e Jesus contra os fariseus (Mt 3:7-9; 23:29-33); o verdadeiro cristão contra os falsos cristãos (ver a parábola do joio em Mt 13:24-30, 36-43). O objetivo de Satanás no Antigo Testamento era impedir que Cristo viesse ao mundo, pois Satanás sabia que, um dia, o Filho de Deus lhe esmagaria a cabeça.

Em última análise, Deus fez sua promessa pactual com Abraão *por meio de Cristo*, de modo que as únicas partes que podem alterar qualquer coisa nesse acordo são Deus o Pai e Deus o Filho. *Nem Moisés pode mudar essa aliança!* Não pode acrescentar

coisa alguma a ela; não pode retirar coisa alguma dela. Os judaizantes desejavam acrescentar outros elementos à graça de Deus (como se fosse possível acrescentar alguma coisa à graça!) e subtrair das promessas de Deus. Não tinham direito algum de fazê-lo, pois não haviam firmado a aliança inicial.

Os 430 anos mencionados em Gálatas 3:17 têm sido motivo de perplexidade para inúmeros estudiosos da Bíblia ao longo dos anos. Desde o chamado de Abraão (Gn 12) até a chegada de Jacó no Egito (Gn 46), passaram-se 215 anos (que podem ser calculados da seguinte maneira: Abraão estava com 75 anos quando foi chamado por Deus e com 100 anos quando Isaque nasceu; Gn 12:4; 21:5: Temos, portanto, um período de 25 anos. Isaque estava com 60 anos quando Jacó nasceu; Gn 25:26: Jacó estava com 130 anos quando chegou ao Egito; Gn 47:9: Assim, $25 + 60 + 130 = 215$ anos). Mas Moisés diz que Israel passou 430 anos no Egito (Êx 12:40); de modo que o total de anos desde o chamado de Abraão até a entrega da Lei é de 645 anos, e não 430. O tempo da estadia no Egito também é registrado em Gênesis 15:13 e Atos 7:6, em que é arredondado para 400 anos.

Várias soluções foram apresentadas para esse enigma, mas talvez a mais apropriada seja a seguinte: Paulo está contando desde o tempo que Jacó foi para o Egito, quando Deus lhe apareceu e *reafirmou* a aliança (Gn 46:1-4). Os 430 anos são o período desde a ocasião em que Deus confirmou sua promessa a Jacó até a entrega da Lei no Sinai.

Qualquer que seja a solução escolhida para o problema da datação, a argumentação básica é clara: uma Lei dada séculos depois não pode mudar uma aliança feita entre outras duas partes. Suponhamos, porém, que a revelação posterior, no caso a Lei de Moisés, tenha sido muito maior e mais gloriosa. Como fica a situação? Paulo faz outra declaração.

2. A LEI NÃO É MAIOR DO QUE A PROMESSA (GL 3:19, 20)

O relato da entrega da Lei é impressionante (Êx 19). Houve trovões e raios, e o povo

estremeceu de medo. Até mesmo Moisés se assustou (Hb 12:18-21). Comparada com a aliança feita com Abraão (Gn 15), a entrega da Lei foi um acontecimento dramático, e é claro que os judaizantes se impressionavam com esses elementos emocionais exteriores. No entanto, Paulo ressalta que a Lei é inferior à promessa da aliança em dois sentidos.

A Lei foi temporária (v. 19a). “Foi adicionada [...] até que viesse o descendente”. É evidente que uma Lei temporária não pode ser maior do que uma aliança permanente. Quando lemos o relato da aliança de Deus com Abraão, não encontramos quaisquer termos condicionais. Foi um pacto realizado inteiramente pela graça de Deus. As bênçãos da Lei, entretanto, dependiam do cumprimento de certas condições. Além disso, a Lei tinha um término definido: “até que viesse o descendente [Cristo]”. Com a morte e ressurreição de Cristo, a Lei foi revogada e seus requisitos justos são cumpridos em nós por meio do Espírito (Rm 7:4; 8:1-4).

A Lei exigiu um mediador (vv. 19b, 20). Quando Deus deu a Lei a Israel, ele o fez por meio de um anjo e pela mediação de Moisés. Israel “[recebeu] a lei por ministério de anjos” (At 7:53). Isso significa que a nação recebeu a Lei de terceira mão: foi passada de Deus para os anjos, destes para Moisés e, por fim, de Moisés para o povo. Mas quando Deus firmou sua aliança com Abraão, ele o fez pessoalmente, sem qualquer mediador. Deus estava revelando a Abraão tudo que faria por ele e seus descendentes. Um mediador é alguém que se coloca entre as duas partes e as ajuda a entrar em um acordo. No caso de Abraão, porém, não houve necessidade de um mediador, pois era Deus quem estava entrando em aliança com o patriarca, e não vice-versa. “Deus é um” (Gl 3:20), portanto, não havia necessidade de um intermediário.

Os judaizantes deixavam-se impressionar por coisas *secundárias* da Lei – a glória, os trovões e raios, os anjos e outras manifestações exteriores. Mas Paulo olha além dessas coisas e vê os elementos *essenciais*. A Lei foi temporária e exigiu um mediador. A aliança

era permanente e não exigiu nenhum mediador. A conclusão só poderia ser uma: a aliança era maior que a Lei.

3. A LEI NÃO É CONTRÁRIA À PROMESSA (GL 3:21-26)

Podemos quase ouvir os judaizantes vociferando a pergunta em Gálatas 3:21: “É, porventura, a Lei contrária às promessas de Deus?” Deus está se contradizendo? Sua mão direita não sabe o que sua mão esquerda está fazendo? Ao responder a essas perguntas, Paulo revela seu conhecimento íntimo dos caminhos e propósitos de Deus. Ele não diz que a Lei *contradiz* a promessa; antes, *ela coopera* com a promessa, a fim de cumprir os propósitos de Deus. Apesar de a Lei e a graça serem opostas, se as analisarmos com a devida profundidade, veremos que, na verdade, elas se *complementam*. Então, por que a Lei foi dada?

A Lei não foi dada para oferecer vida (v. 21). Sem dúvida, a Lei de Moisés governava a vida do povo de Israel, mas não tinha o poder de prover vida *espiritual* para as pessoas (Gl 3:21 deve ser associado a 2:21). Se fosse possível obter vida e justiça pela Lei, não teria sido necessário Jesus Cristo morrer na cruz. Mas Jesus morreu, comprovando que a Lei jamais seria capaz de dar vida e justificar o pecador. Foi a “adoração à lei” que levou Israel a uma religião farisaica baseada nas obras e, em decorrência disso, à rejeição de Cristo (Rm 9:30 - 10:13).

A Lei foi dada para revelar o pecado (vv. 19a, 22). Vemos aqui a maneira como a Lei e a graça cooperam para levar o pecador a Jesus Cristo. A Lei mostra ao pecador seu pecado, a graça lhe mostra o perdão que ele pode ter em Cristo. “A Lei é santa; o mandamento santo, e justo, e bom” (Rm 7:12), mas nós somos ímpios, iníquos e perversos. A Lei não nos *torna* pecadores; ela nos revela que *somos* pecadores (ver Rm 3:20). A Lei é um espelho que nos ajuda a ver o nosso “rosto sujo” (Tg 1:22-25) – *mas não lavamos nosso rosto com o espelho!* É a graça que provê a purificação pelo sangue de Jesus Cristo (ver 1 Jo 1:7b).

Há um uso devido da Lei e há um uso indevido da Lei (1 Tm 1:8-11). Sua aplicação devida é revelar o pecado e levar os homens a perceberem sua necessidade de um Salvador. A aplicação indevida é tentar obter a salvação pela observância da Lei. Quando as pessoas afirmam que são salvas porque “guardam os dez mandamentos”, revelam sua ignorância acerca do verdadeiro significado da Lei. A Lei conclui: “tudo [todos os homens estão] sob o pecado” (Gl 3:22), tanto judeus quanto gentios. Mas, uma vez que *todos* estão sob o pecado, *todos* podem ser salvos pela graça! Deus não tem duas formas de salvar os homens; ele oferece somente uma salvação – pela fé em Jesus Cristo.

A Lei foi dada a fim de preparar o caminho para Cristo (vv. 23-26). Aqui, Paulo usa uma ilustração que, provavelmente, era conhecida para todos os seus leitores – o *aio*. Em várias famílias romanas e gregas, os escravos mais bem-educados levavam e buscavam as crianças na escola e cuidavam delas durante o dia. Alguns também participavam da educação das crianças, protegendo, proibindo e, por vezes, disciplinando. Esse é o *aio* ao qual Paulo se refere (Gl 3:24); mas não devemos ver esse tutor da Antiguidade como um professor dos dias de hoje. A transliteração do grego dá origem ao termo *pedagogo*, que significa, literalmente, um “guia de crianças”.

Ao usar essa ilustração, Paulo está dizendo várias coisas sobre os judeus e sua Lei. Em primeiro lugar, afirma que os judeus não *nasceram* da Lei. O escravo não era o pai da criança; era seu guardião disciplinador. Assim, a Lei não *dava* vida a Israel; *governava* a vida do povo. Os judaizantes ensinavam que a Lei era necessária para obter vida e justificação, mas a argumentação de Paulo mostra o erro desses falsos mestres.

Mas a segunda coisa que Paulo diz é ainda mais importante: *o trabalho do aio era uma preparação para a maturidade da criança*. Quando a criança atingisse a maioridade, a função do aio deixaria de ser necessária. Da mesma forma, a Lei foi uma preparação para Israel até a vinda do descendente prometido, Jesus Cristo. O objetivo final do plano

de Deus era a vinda de Cristo (Gl 3:22), “mas, antes que viesse a fé [Cristo]” (Gl 3:23), a nação permaneceu “sob a tutela da lei” (literalmente, “presa, sob a guarda da lei”).

A Lei separava os israelitas das nações gentias (Ef 2:12-18) e governava os aspectos diários da vida. Ao longo dos séculos da história de Israel, a Lei preparava o povo para a vinda de Cristo. Os *preceitos* da Lei serviam para lembrar o povo que precisavam de um Salvador. Os *tipos* e *símbolos* da lei eram retratos do Messias vindouro (ver Lc 24:27).

Um bom exemplo desse propósito da Lei é o relato sobre o jovem rico (Mt 19:16ss). Esse rapaz tinha tudo o que alguém poderia desejar, mas não estava satisfeito. Havia tentado guardar os mandamentos a vida toda, mas ainda faltava alguma coisa. *No entanto, esses mandamentos o levaram até Cristo!* Esse é um dos propósitos da Lei: criar nos pecadores uma consciência de culpa e de necessidade. Infelizmente, esse jovem não foi honesto ao se olhar no espelho da Lei, pois lhe faltou guardar o último mandamento (“não cobiçarás”), e ele se despediu de Jesus sem ter recebido a vida eterna.

A Lei havia cumprido seu propósito: o Salvador veio ao mundo, e o “aio” não era mais necessário. É triste que a nação de Israel não tenha reconhecido seu Messias quando ele chegou. Por fim, Deus teve de destruir o templo e de dispersar a nação, de modo que, hoje, é impossível um judeu devoto praticar a fé de seus pais. O povo judeu não tem mais altar, sacerdócio, sacrifícios, templo nem rei (Os 3:4). Todos esses elementos se cumpriram em Cristo, de modo que, qualquer um – judeu ou gentio – que crê em Cristo torna-se filho de Deus.

A Lei não pode mudar a promessa, e a Lei não é maior do que a promessa. Mas a Lei também não é contrária à promessa: as duas trabalham juntas para levar os pecadores ao Salvador.

4. A LEI NÃO PODE FAZER O QUE A PROMESSA FAZ (GL 3:27-29)

Com a vinda de Jesus Cristo, a nação de Israel saiu da infância e passou à vida adulta. O longo período de preparação havia

chegado ao fim. Apesar de haver certa glória na Lei, havia glória ainda maior na salvação que Deus oferece pela graça por meio de Cristo. A Lei poderia revelar o pecado e, até certo ponto, controlar o comportamento, mas ela não poderia fazer pelo pecador o que Jesus Cristo pode fazer.

Em primeiro lugar, a Lei nunca teve poder de justificar o pecador. “Não justificarei o ímpio” (Êx 23:7); no entanto, Paulo declara que Deus “justifica o ímpio” (Rm 4:5). Na consagração do templo, o rei Salomão lembrou Deus de condenar os perversos e de justificar os justos (1 Rs 8:32), um pedido apropriado, tendo em vista a santidade de Deus. O problema é que ninguém é justo! Somente pela fé em Jesus Cristo é que o pecador é justificado – declarado justo – diante de Deus.

Além disso, a Lei nunca teve poder de promover a comunhão com Deus; separava o homem de Deus. Havia uma cerca ao redor do tabernáculo e um véu entre o Lugar Santo e o Santo dos Santos.

A fé em Jesus nos batiza “em Cristo” (Gl 3:27). Esse batismo do Espírito identifica o cristão com Cristo e o torna parte do corpo de Cristo (1 Co 12:12-14). O batismo com água é um retrato exterior dessa obra interior do Espírito Santo (ver At 10:44-48).

A oração “de Cristo vos revestistes” (Gl 3:27) refere-se a trocar de roupa. O cristão removeu as vestes imundas do pecado (Is 64:6) e, pela fé, recebeu vestes de justiça em Cristo (ver Gl 3:8-15). Mas, para os gálatas, essa idéia de “trocar de roupas” tinha ainda outro sentido. Quando um jovem romano alcançava a maioridade, deixava de usar roupas de criança e passava a se vestir com uma toga de cidadão adulto. O que crê em Cristo não é apenas “filho de Deus”; é um “filho adulto de Deus” (ver Gl 3:26, em que *filhos* deve ser traduzido por “filhos adultos”). O cristão é um adulto diante de Deus, então por que voltar à infância da Lei?

“Porque todos vós sois um em Cristo Jesus” – que declaração maravilhosa! A Lei criava diferenças e distinções, não apenas entre indivíduos e nações, mas também entre

os diversos tipos de alimentos e animais. Jesus Cristo não veio para dividir, mas para unir.

Para os cristãos da Galácia, essa deve ter sido uma notícia gloriosa, pois, em sua sociedade, os escravos eram considerados apenas uma propriedade; as mulheres viviam confinadas e não eram respeitadas; e os gentios eram desprezados pelos judeus.

O fariseu orava todas as manhãs: "Agradeço-te, ó Deus, pois sou um judeu, e não um gentio; sou um homem, e não uma mulher; sou um homem livre, e não um escravo". No entanto, todas essas distinções foram removidas "em Cristo".

Isso não significa que nossa raça, situação política ou sexo seja transformado na conversão; mas quer dizer que tais coisas não têm valor algum – não são vantagens nem obstáculos, em se tratando do relacionamento espiritual com Deus em Cristo. A Lei conservava essas distinções, mas em sua graça, Deus declarou que *todos* se encontram no mesmo nível, para que, assim, concedesse sua misericórdia a *todos* (Rm 11:25-32).

Por fim, a Lei jamais poderia nos transformar em herdeiros de Deus (Gl 3:29). Deus fez sua promessa à "descendência de

Abraão" (singular no texto original, Gl 3:16), e esse descendente é Cristo. Se estamos "em Cristo" pela fé, então, em termos espirituais, também somos "descendência de Abraão". Isso significa que somos herdeiros das bênçãos espirituais que Deus prometeu a Abraão. Isso não quer dizer que as bênçãos materiais e nacionais prometidas a Israel foram canceladas, mas sim que os cristãos de hoje são enriquecidos espiritualmente por causa das promessas de Deus a Abraão (ver Rm 11:13ss).

Esta seção de Gálatas é bastante proveitosa quando lemos as Escrituras do Antigo Testamento. Ela nos mostra que as lições do Antigo Testamento não são apenas para os judeus, mas também se aplicam aos cristãos dos dias de hoje (ver Rm 15:4; 1 Co 10:11, 12). No Antigo Testamento, encontramos a *preparação para Cristo*; nos Evangelhos, a *apresentação de Cristo* e, de Atos a Apocalipse, a *apropriação de Cristo*.

Nossa vida cristã deve adquirir novo significado ao descobrirmos tudo o que temos em Cristo; tudo pela graça, não pela Lei! Somos filhos adultos da família de Deus e também herdeiros de Deus. Estamos fazendo uso de nossa herança espiritual? Esse é o tema de Paulo na seção seguinte.

É HORA DE CRESCER!

GÁLATAS 4:1-18

Uma das coisas mais tristes do legalismo é que ele dá uma aparência de maturidade espiritual quando, na verdade, faz o cristão regredir a uma “segunda infância” em sua experiência com Deus. Os cristãos da Galácia, como a maioria dos convertidos, desejavam crescer e progredir, mas tentavam fazer isso da maneira errada. Sua experiência não é diferente daquela de muitos cristãos de hoje, que se envolvem com diferentes movimentos legalistas na esperança de se aperfeiçoarem na fé. Suas motivações podem ser corretas, mas seus métodos são errados.

É essa verdade que Paulo procura transmitir a seus convertidos queridos na Galácia. Os judaizantes os haviam enfeitiçado, levando-os a pensar que a Lei os transformaria em cristãos melhores. Sua velha natureza sentia-se atraída pela Lei, pois esta lhes permitia fazer coisas e medir os resultados exteriores. Ao avaliar a si mesmos e às suas obras, sentiam-se realizados e, sem dúvida, um tanto orgulhosos. Pensavam estar avançando quando, na verdade, regrediam.

Pessoas assim se encontram em situação semelhante à dos passageiros de um avião que ouviram o piloto dizer:

– A má notícia é que, devido a uma falha em nosso equipamento de navegação, estamos voando sem rumo há uma hora. A boa notícia é que estamos a uma boa velocidade e dentro do horário.

Nesta seção, Paulo usa três abordagens ao procurar convencer os gálatas de que não precisam do legalismo a fim de viver a vida cristã. Não precisam de outra coisa senão Jesus Cristo.

1. ELE EXPLICA A ADOÇÃO DOS CRISTÃOS (Gl 4:1-7)

A adoção é uma das bênçãos da experiência cristã (Gl 4:5; Ef 1:5). Não entramos na família de Deus por adoção, da mesma forma como uma criança sem lar é adotada por uma família carinhosa em nossa sociedade. A única maneira de fazer parte da família de Deus é pela regeneração, ao “nascer de novo” (Jo 3:3).

A palavra *adoção*, no Novo Testamento, significa “colocar na posição de filho adulto”. É ligada a nossa *posição* dentro da família de Deus; não somos crianças pequenas, mas sim filhos adultos com todos os privilégios correspondentes a essa posição.

Infelizmente, muitas traduções do Novo Testamento não fazem distinção entre *filhos de Deus* e *filhos adultos de Deus*. Somos filhos de Deus pela fé em Cristo e nascemos na família de Deus. Mas todo filho de Deus é colocado dentro da família como membro *adulto*, com todos os respectivos direitos e privilégios. Quando um pecador crê em Cristo e é salvo, no que se refere a sua *condição*, é um “recém-nascido espiritual” que precisa crescer (1 Pe 2:2, 3); mas, no que se refere a sua *posição*, é um filho adulto que pode lançar mão da riqueza do Pai e desfrutar todos os privilégios maravilhosos de sua filiação.

Entramos na família de Deus pela regeneração, mas *desfrutamos* a família de Deus pela adoção. O cristão não precisa esperar para começar a desfrutar as bênçãos espirituais que possui em Cristo. “E, sendo filho, também [és] herdeiro por Deus” (Gl 4:7). A seguir, vemos Paulo discorrer sobre a adoção e lembrar seus leitores de três fatos.

O que éramos: crianças sujeitas a um aio (vv. 1-3). Por mais rico que seja o pai, seu bebê ou filho pequeno não é capaz de desfrutar, de fato, de toda essa riqueza. No mundo romano, as crianças das pessoas ricas eram entregues aos cuidados de escravos. Não importava quem era o pai, o filho continuava sendo uma criança, sujeita à supervisão de um servo. Na verdade, a própria criança não era muito diferente do servo que cuidava dela. O servo estava sujeito

às ordens do senhor da casa, e a criança estava sujeita ao servo.

Essa era a situação espiritual do povo de Israel na era da Lei. Conforme comentamos anteriormente, a Lei era o "aio" que disciplinava a nação, preparando-a para a vinda de Cristo (Gl 3:23-25). Assim, ao levar os gálatas de volta ao legalismo, os judaizantes os conduziam não apenas à servidão religiosa, mas também a uma infância e imaturidade moral e espiritual.

Paulo afirma que os judeus eram como criancinhas pequenas, sujeitas aos "rudimentos do mundo". O termo *rudimentos* significa "princípios fundamentais, o á-bê-cê". Israel passou cerca de quinze séculos no jardim da infância e na escola primária, aprendendo os fundamentos da vida espiritual, a fim de estar preparado para a vinda de Cristo. Quando isso acontecesse, o povo receberia a revelação plena, pois Jesus Cristo é o "Alfa e o Ômega" (Ap 22:13); engloba *todo* o alfabeto da revelação de Deus ao homem. Ele é a última Palavra de Deus (Hb 1:1-3).

Assim, o legalismo não é um passo rumo à maturidade; é um passo de volta à infância. A Lei não era a revelação final de Deus; era apenas a preparação para essa revelação final em Cristo. É importante a pessoa conhecer os rudimentos do alfabeto, pois ele é o fundamento para a compreensão de toda a língua. Mas, se uma pessoa passar os dias em uma biblioteca recitando o alfabeto em vez de ler toda a literatura maravilhosa a seu redor, estará se mostrando imatura e ignorante. Debaxo da Lei, os judeus eram como crianças vivendo sob a condição de servos, não como filhos adultos desfrutando a liberdade.

O que Deus fez: ele nos resgatou (vv. 4, 5). A expressão "plenitude do tempo" (Gl 4:4) refere-se ao tempo em que o mundo se encontrava providencialmente preparado para o nascimento do Salvador. De acordo com os historiadores, na época em que Jesus nasceu, o mundo romano estava em uma situação de grande expectativa, aguardando um Libertador. As religiões antigas morriam; as filosofias antigas mostravam-se vazias e incapazes de mudar a vida

das pessoas. O império era invadido por novas e estranhas religiões de mistérios. A falência religiosa e a carência espiritual podiam ser vistas por toda parte. Deus estava preparando o mundo para a chegada de seu Filho.

Do ponto de vista histórico, o próprio império romano ajudou a preparar o mundo para o nascimento do Salvador. Havia inúmeras estradas que ligavam as cidades entre si e, direta ou indiretamente, a Roma. As leis romanas protegiam os direitos dos cidadãos, e os soldados romanos guardavam a paz. Graças às conquistas tanto da Grécia quanto de Roma, o grego e o latim se tornaram línguas conhecidas por todo o império. O nascimento de Cristo em Belém não foi um acidente; foi um compromisso marcado por Deus: Jesus veio na "plenitude do tempo" (e convém observar que ele também voltará no tempo certo).

Paulo faz questão de ressaltar a natureza dupla de Jesus Cristo (Gl 4:4), mostrando que ele é tanto Deus quanto homem. Como Deus, Jesus "entrou no mundo" (Jo 16:28); mas, como homem, foi "nascido de mulher". A promessa antiga dizia que o Redentor nasceria da "descendência" da mulher (Gn 3:15); Jesus cumpriu essa promessa (Is 7:14; Mt 1:18-25).

Paulo disse *quem* veio - o Filho de Deus; disse *quando* ele veio e *como* ele veio. Agora, explica *por que* veio: "para resgatar os que estavam sob a lei" (Gl 4:5). *Resgatar* é o mesmo termo usado por Paulo anteriormente (Gl 3:13); significa "libertar mediante o pagamento de um preço". Um homem poderia comprar um escravo em qualquer cidade romana (havia cerca de sessenta milhões de escravos no império romano) para mantê-lo como escravo ou para libertá-lo. Jesus veio para nos libertar. Assim, uma volta à Lei era o mesmo que desfazer a obra de Cristo na cruz. Ele não nos comprou para nos manter escravos, mas para nos tornar *filhos!* Sob a Lei, os judeus não passavam de "filhos pequenos", mas sob a graça, o cristão é um filho adulto de Deus.

Talvez o quadro abaixo ajude a entender melhor o contraste entre ser um "filho

pequeno de Deus” e um “filho adulto de Deus’

<i>O filho pequeno</i>	<i>O filho adulto</i>
por regeneração	por adoção
entra na família	desfruta a família,
sob a tutela de aios	a liberdade de
	um adulto
não tem direito à	é herdeiro do Pai
herança	

O que somos: filhos e herdeiros (vv. 6, 7).

Mais uma vez, a Trindade toda se encontra envolvida em nossa experiência pessoal: Deus o Pai enviou o Filho para morrer por nós, e Deus o Filho enviou o Espírito Santo para habitar em nós. O contraste nessa passagem não é entre filhos pequenos e imaturos e filhos adultos, mas sim entre *servos* e *filhos*. Como o filho pródigo, os gálatas desejavam que seu Pai os aceitasse como servos, quando, na verdade, eram filhos (Lc 15:18, 19). Não é difícil ver o contraste. Por exemplo:

O filho tem a mesma natureza do pai; o servo não. Quando cremos em Cristo, o Espírito Santo vem habitar dentro de nós; e isso significa que somos “co-participantes da natureza divina” (2 Pe 1:4). A Lei jamais teria poder de dar a alguém a natureza de Deus vivendo em seu ser interior. A Lei só poderia revelar à pessoa sua necessidade premente da natureza de Deus. Assim, quando o cristão volta à Lei, nega a própria natureza divina dentro de si e dá espaço para a velha natureza (a carne) agir.

O filho tem um pai; o servo tem um senhor. Nenhum servo pode chamar seu senhor de “Pai”. Quando o pecador crê em Cristo, recebe dentro de si o Espírito Santo, e o Espírito lhe diz que ele é filho do Pai (Rm 8:15, 16). É natural um bebê chorar, mas não é natural conversar com o pai. Quando o Espírito entra no coração, diz: “Aba, Pai!” (Gl 4:6); e, em resposta, aquele que crê exclama: “Aba, Pai!” (Rm 8:15). *Abba* é uma palavra aramaica equivalente a nosso termo “papai” e mostra a intimidade do filho com o Pai. Nenhum servo tem esse tipo de relacionamento com seu senhor.

O filho obedece por amor; o servo obedece por medo. O Espírito opera no coração do que crê, de modo a despertar e a aumentar seu amor por Deus. “Mas o fruto do Espírito é: amor” (Gl 5:22). “Porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo” (Rm 5:5). Os judaizantes diziam aos gálatas que o caminho para se aperfeiçoarem em sua fé cristã era a sujeição à Lei; mas a Lei jamais produz obediência. Isso é algo que somente o amor pode fazer. “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (Jo 14:15).

O filho é rico; o servo é pobre. Somos “filhos e herdeiros”. Uma vez que fomos adotados – aceitos na família como filhos adultos –, podemos começar a usar nossa herança desde já. Deus colocou à nossa disposição as riquezas da sua graça (Ef 1:7; 2:7), as riquezas de sua glória (Fp 4:19), as riquezas de sua bondade (Rm 2:4) e as riquezas de sua sabedoria (Rm 11:33ss) – e todas as riquezas de Deus encontram-se em Cristo (Cl 1:19; 2:3).

O filho tem futuro; o servo não tem qualquer perspectiva. Apesar de muitos senhores bondosos suprirem as necessidades de seus servos quando ficavam velhos, esse tipo de preocupação não fazia parte de suas obrigações. O pai, no entanto, sempre provê para o filho (2 Co 12:14).

Em certo sentido, nossa adoção ainda não se completou, pois aguardamos a volta de Cristo e a redenção de nosso corpo (Rm 8:23). Alguns estudiosos acreditam que esse segundo estágio de nossa adoção corresponde à segunda parte do processo de adoção dos romanos no caso de alguém de fora de sua família. Primeiro, se realizava uma cerimônia *particular*, na qual o filho era comprado e aceito na família; depois, se realizava uma cerimônia *pública*, na qual a adoção era declarada abertamente diante das autoridades.

Os cristãos já passaram pelo primeiro estágio: fomos comprados por Cristo e recebemos dentro de nós o Espírito Santo. Estamos aguardando o segundo estágio: a declaração pública na volta de Cristo, quando “seremos semelhantes a ele” (1 Jo 3:1-3).

Somos “filhos e herdeiros” e a melhor parte da nossa herança ainda está por vir (ver 1 Pe 1:1-5).

2. ELE LAMENTA A REGRESSÃO DOS GÁLATAS (GL 4:8-11)

O que aconteceu, de fato, quando os gálatas abandonaram a graça e se voltaram para a Lei? Em primeiro lugar, abriram mão da liberdade em troca da servidão. Enquanto eram pecadores ignorantes, haviam servido a falsos deuses e sofrido as conseqüências trágicas dessa escravidão pagã. Então, crearam em Cristo e foram resgatados da superstição e da escravidão. Agora, estavam abandonando sua liberdade em Cristo e voltando à servidão. “Largaram” a escola da graça para se matricular no jardim da infância da Lei! Estavam destruindo toda a boa obra que o Senhor havia realizado na vida deles pelo ministério de Paulo.

A expressão “rudimentos fracos e pobres” mostra a extensão dessa regressão. Desistiram do poder do evangelho em troca da fraqueza da Lei; abriram mão da riqueza do evangelho em troca da pobreza da Lei. A Lei nunca foi capaz de dar riqueza ou poder a ninguém; pelo contrário, só servia para revelar a fraqueza e a falência espiritual das pessoas. Não é de se admirar que Paulo tenha chorado por esses cristãos ao vê-los abandonar a liberdade pela servidão, o poder pela fraqueza e a riqueza pela pobreza.

De que maneira os gálatas regrediam? Ao adotar o sistema religioso do Antigo Testamento com sua observância especial de “dias, e meses, e tempos, e anos” (Gl 4:10).

Isso significa que é errado o cristão separar um dia por ano para se lembrar do nascimento de Cristo? Ou que a observância da vinda do Espírito em Pentecostes, ou a celebração das bênçãos da colheita de outono são práticas pecaminosas?

Não necessariamente. Se observarmos dias especiais como escravos, na esperança de receber algum mérito espiritual, será pecado. Mas, se com isso expressamos nossa liberdade em Cristo e permitimos que o Espírito nos enriqueça com sua graça, tal observância pode ser uma bênção espiritual.

O Novo Testamento deixa claro que os cristãos não devem impor a observância religiosa uns sobre os outros (Rm 14:4-13). Não se deve louvar os que celebram determinado dia nem condenar os que se abstêm de comemorá-lo. Mas se alguém acredita que está salvando sua alma, ou automaticamente crescendo na graça em decorrência de alguma observância religiosa, tal pessoa é culpada de legalismo.

As igrejas evangélicas possuem tipos diferentes de observância, e é errado ir além da Palavra de Deus e comparar, criticar ou condenar. No entanto, todos devemos ter cuidado com o espírito legalista que alimenta a carne, conduz ao orgulho e transforma um acontecimento exterior em substituto para uma experiência interior.

3. ELE BUSCA SUA AFEIÇÃO (GL 4:12-18)

Paulo era um pai espiritual extraordinário; sabia exatamente como equilibrar a repressão e o amor. Agora, passa das “palmas” para os “abraços”, ao lembrar os cristãos do amor mútuo deles. A certa altura, os gálatas mostraram-se dispostos a sacrificar qualquer coisa por Paulo, tamanho era seu amor por ele; mas agora, se tornaram seus inimigos. Os judaizantes haviam entrado em cena e roubado sua afeição.

Os estudiosos da Bíblia gostariam que Paulo tivesse sido mais explícito nesse caso, pois não sabemos, ao certo, a quais acontecimentos está se referindo. Na primeira visita que havia feito às igrejas da Galácia, o apóstolo sofreu de algum tipo de aflição física. Se, conforme observamos em Gálatas 1, Paulo escreveu essa carta às igrejas da região sul da Galácia, está se referindo a sua primeira viagem missionária, relatada em Atos 13 e 14. Ao que parece, a princípio Paulo não havia planejado visitar essas cidades, mas fora obrigado a fazê-lo por causa de alguma enfermidade. Quanto a sua natureza, nos resta apenas especular. Alguns acreditam que se tratou de malária; outros acham que foi algum mal que lhe afetou os olhos (ver Gl 4:15). Qualquer que tenha sido sua aflição, tornou sua aparência um tanto repulsiva, pois ele elogia os gálatas pela

maneira como o receberam apesar de sua aparência. Para eles, o apóstolo era um anjo de Deus. É maravilhoso quando as pessoas aceitam os servos de Deus não em função de sua aparência exterior, mas sim porque são representantes do Senhor e trazem consigo a mensagem dele.

Agora, Paulo lhes pergunta: "O que aconteceu com aquele amor? O que aconteceu com a bem-aventurança e a alegria que vocês experimentaram quando ouviram o evangelho e creram em Cristo?" É evidente que Paulo sabia o que havia acontecido: os judaizantes haviam aparecido e roubado o coração dos convertidos.

Uma das marcas do falso mestre é que ele tenta atrair convertidos de outra pessoa para si, não apenas para a Palavra ou para a pessoa de Jesus Cristo. Não foram os judaizantes que, inicialmente, visitaram os gálatas e que os levaram a Cristo; foi Paulo. Como os membros de seitas, hoje em dia, esses falsos mestres não ganhavam pecadores para Cristo, mas sim roubavam convertidos dos que serviam verdadeiramente ao Senhor. Paulo provara sua amizade e amor pelos gálatas. Havia se tornado como eles (Gl 4:12). Agora, davam as costas ao apóstolo e seguiam falsos pastores.

Paulo lhes dizia a verdade, enquanto os falsos mestres lhes diziam mentiras. Paulo procurava glorificar a Cristo, enquanto os judaizantes glorificavam a si mesmos e a seus convertidos. "Os que vos obsequiam não o fazem sinceramente, mas querem afastar-vos de mim, para que o vosso zelo seja em favor deles" (Gl 4:17).

Um verdadeiro servo de Deus não usa as pessoas para projetar a si mesmo ou ao seu trabalho; ministra em amor e ajuda as pessoas a conhecerem melhor a Cristo e a glorificá-lo. Devemos ter cuidado com os obreiros religiosos que desejam nossa lealdade exclusiva, pois se consideram os únicos que sabem o que é certo. Pessoas assim nos usarão enquanto puderem e depois nos abandonarão em troca de outros seguidores – e a queda será dolorosa. Cabe ao líder espiritual amar e seguir a Cristo, não promover a si mesmo e a seu ministério.

"Leais são as feridas feitas pelo que ama, porém os beijos de quem odeia são enganosos" (Pv 27:6). Paulo provou seu amor aos gálatas dizendo-lhes a verdade; mas eles se recusaram a aceitar. Desfrutavam os "beijos" dos judaizantes sem perceber que esses beijos os conduziam por um caminho de escravidão e de sofrimento. Cristo os havia transformado em filhos e herdeiros, mas eles se transformavam rapidamente em escravos e mendigos.

Não haviam perdido a *experiência* da salvação – ainda eram cristãos; mas não estavam mais *desfrutando* a salvação. Em vez disso, buscavam prazer nas próprias obras e, infelizmente, *não tinham consciência do que estavam perdendo*. Na verdade, acreditavam que, ao colocar a Lei no lugar da graça e as obras da carne no lugar dos frutos do Espírito, estavam se aperfeiçoando na vida cristã.

Devemos avaliar com cuidado se *nossa* vida cristã avança rumo à liberdade ou regride rumo à escravidão.

EIS A SUA MÃE

GÁLATAS 4:19-31

Minha mãe costumava dizer sobre os filhos: “Quando são pequenos, pisam em nossos pés; quando crescem, pisam em nosso coração”.

Era isso o que Paulo sentia ao tentar ajudar os convertidos da Galácia com sua vida espiritual confusa. Ao lhes apresentar o evangelho pela primeira vez, o apóstolo “[sofreu] dores de parto” espirituais para conduzi-los ao Senhor. Afinal de contas, o Senhor Jesus já havia sofrido na cruz para lhes oferecer a salvação (Is 53:11), e, comparando com as aflições de Cristo, as dores de Paulo não eram nada. Agora, porém, os gálatas convertidos voltavam ao legalismo e a uma “segunda infância”, levando Paulo a passar mais uma vez pelas “dores de parto”. O apóstolo desejava ver Cristo formado dentro deles, assim como nós, que somos pais, ansiamos por ver nossos filhos amadurecerem na vontade de Deus.

Uma vez que os judaizantes costumavam apelar para a Lei, Paulo aceita seu desafio e emprega a própria Lei para provar que os cristãos não estão mais sob o jugo do legalismo. Usa a história conhecida de Ismael e Isaque (Gn 16 - 21), extraindo desse relato verdades espirituais acerca da relação do cristão com a Lei de Moisés.

Os acontecimentos descritos são reais, mas Paulo os emprega na forma de alegoria, ou seja, de uma narrativa com significado subjacente mais profundo. Talvez uma das alegorias mais conhecidas já escrita originalmente na língua inglesa seja a obra *O peregrino*, de John Bunyan, na qual o autor acompanha a experiência do personagem Cristão desde a Cidade da Destruição até o

céu. Em uma alegoria, as pessoas e seus atos representam um significado oculto, de modo que a narrativa deve ser lida em dois níveis: um literal e outro simbólico.

A forma de Paulo usar Gênesis nesta seção não significa que podemos descobrir “significados ocultos” em todos os acontecimentos do Antigo Testamento. Se usarmos essa abordagem em nosso estudo da Bíblia, poderemos encontrar praticamente qualquer significado que desejarmos, e é assim que surgem muitos falsos ensinamentos. O Espírito Santo inspirou Paulo a discernir o significado subjacente dessa história em Gênesis. Devemos sempre interpretar o Antigo Testamento à luz do Novo Testamento, e, quando o Novo Testamento assim o permitir, podemos buscar alguns significados que não se encontram imediatamente visíveis. De outro modo, devemos aceitar as declarações objetivas das Escrituras sem tentar “espiritualizar” tudo.

1. OS FATOS HISTÓRICOS (GL 4:19-23)

Talvez a maneira mais fácil de compreender o relato histórico seja recapitular rapidamente as experiências de Abraão registradas em Gênesis 12 a 21. Usando a idade do patriarca como referência, podemos acompanhar os acontecimentos nos quais Paulo baseia sua argumentação em prol da liberdade cristã.

75 anos de idade - Abraão é chamado por Deus para ir para Canaã; Deus lhe promete muitos descendentes (Gn 12:1-9). Tanto Abraão quanto a esposa, Sara, desejavam ter filhos, mas Sara era estéril. Deus esperava que os dois estivessem com o “corpo amortecido” para poder realizar o milagre de lhes enviar um filho (Rm 4:16-25).

85 anos de idade - O filho prometido ainda não havia chegado, e Sara ficou impaciente. Sugeriu a Abraão que se casasse com sua serva, Agar, e tentasse ter um filho com ela. Tratava-se de um procedimento legal perante a sociedade, mas que não estava dentro da vontade de Deus. Abraão aceitou a sugestão da esposa e se casou com Agar (Gn 16:1-3).

86 anos de idade - Agar engravida e Sara fica com ciúmes! A situação doméstica se

complica, e Sara manda Agar embora. O Senhor, porém, intervém e ordena a Agar que volte, prometendo cuidar dela e de seu filho. A criança nasce quando Abraão está com 86 anos, e o patriarca lhe dá o nome de Ismael (Gn 16:4-16).

99 anos de idade – Deus fala a Abraão e lhe promete novamente que terá um filho com Sara; deverá chamar a criança de Isaque. Posteriormente, Deus aparece outra vez e reafirma a promessa também a Sara (ver Gn 17 – 18).

100 anos de idade – Nasce o filho (Gn 21:1-7), e eles o chamam de Isaque (“riso”) conforme ordenado por Deus. No entanto, a chegada de Isaque cria um novo problema no lar: Ismael passa a ter um rival. Durante catorze anos, Ismael foi o filho único e querido de seu pai. Qual será a reação do rapaz à presença de seu rival?

103 anos de idade – Os hebreus costumavam desmamar as crianças por volta dos 3 anos de idade, uma ocasião importante celebrada com uma grande festa. Durante a festa, Ismael começa a zombar de Isaque (Gn 21:8ss) e a perturbar a paz do lar. O problema tem apenas uma solução, que custará muito caro: Agar e seu filho devem partir. Em obediência à ordem do Senhor e com o coração profundamente entristecido, Abraão manda o filho embora (Gn 21:9-14).

À primeira vista, o relato parece não passar de uma história de conflitos familiares, mas em nível mais profundo se escondem significados de grande poder espiritual. Abraão, as duas esposas e os dois filhos representam certas realidades espirituais, e seu relacionamento ensina lições importantes.

2. AS VERDADES ESPIRITUAIS (Gl 4:24-29)

Agora, Paulo explica o significado por trás desses acontecimentos históricos; talvez a melhor forma de abordá-los seja classificá-los conforme o quadro abaixo.

A antiga aliança	A nova aliança
Lei	Graça
Agar, a escrava	Sara, a mulher livre

Ismael, concebido segundo a carne
A Jerusalém terrena cativa

Isaque, concebido miraculosamente
A Jerusalém celestial livre

Paulo começa com os dois filhos, Ismael e Isaque (Gl 4:22, 23), e explica que ilustram nossos dois nascimentos: o nascimento físico, que nos torna pecadores, e o nascimento espiritual, que nos torna filhos de Deus. Ao refletir sobre isso e ler Gênesis 21:1-12, descobrimos algumas verdades maravilhosas sobre nossa salvação.

Isaque ilustra o cristão em vários aspectos específicos.

Nasceu pelo poder de Deus. Na verdade, Deus esperou deliberadamente vinte e cinco anos antes de dar a Abraão e a Sara o filho que lhes havia prometido. Isaque nasceu “segundo o Espírito” (Gl 4:29), e é evidente que o cristão nasce “do Espírito” (Jo 3:1-7). Isaque veio ao mundo por meio de Abraão (que representa a fé, Gl 3:9) e Sara (que representa a graça); assim, nasceu “pela graça [...] mediante a fé” (Ef 2:8, 9).

Trouxe alegria. Seu nome significa “riso” e, sem dúvida, trouxe grande alegria aos pais. A salvação é uma experiência de alegria, não apenas para aquele que crê, mas também para os que estão a seu redor.

Cresceu e foi desmamado (Gn 21:8). A salvação é o começo, não o fim. Depois de nascer, é preciso crescer (1 Pe 2:2; 2 Pe 3:18). À medida que a criança cresce, deve ser desmamada; assim também devemos “[desistir] das coisas de menino” (1 Co 13:11). Como é fácil apegar-se aos “brinquedos” do início da vida cristã e deixar de apropriar-se das “ferramentas” do cristianismo maduro. Para a criança, não é uma experiência agradável ser desmamada, mas ela jamais chegará à idade adulta sem que isso aconteça (a esse respeito, ver o Sl 131).

Foi perseguido (Gn 21:9). Ismael (a carne) causou problemas para Isaque, assim como nossa velha natureza também nos coloca em dificuldades (Paulo trata dessa questão em detalhes em Gl 5:16ss). Ismael só começou a criar problemas em casa depois que Isaque nasceu, assim como a nossa

natureza começa a nos perturbar somente quando entra em cena a nova natureza ao crermos em Cristo. Vemos na casa de Abraão alguns dos conflitos básicos que os cristãos de hoje enfrentam:

Agar em oposição a Sara = A Lei em oposição à graça

Ismael em oposição a Isaque = a carne em oposição ao espírito

É importante observar que *não se pode separar esses quatro fatores*. Os judaizantes acreditavam que a Lei tornava o cristão mais espiritual, mas Paulo deixa claro que a Lei apenas desencadeia a oposição da carne, e o que segue é um conflito dentro do cristão (ver Rm 7:19). Não havia lei forte o suficiente para mudar e nem para controlar Ismael, *mas Isaque nunca precisou de lei alguma*. Alguém disse bem que “a velha natureza não respeita lei alguma, e a nova natureza não precisa de lei alguma”.

Depois de explicar o significado dos dois filhos, Paulo trata agora das duas esposas, Sara e Agar. Com elas, ilustra o contraste entre a Lei e a graça e prova que o cristão não está debaixo da Lei, mas sim debaixo da liberdade em amor, que vem da graça de Deus. Convém observar, portanto, os fatos sobre Agar que comprovam que a Lei não tem mais poder sobre o cristão.

Agar era a segunda esposa de Abraão. Deus não *começou* com Agar; *começou* com Sara. Em se tratando da maneira de Deus se relacionar com os seres humanos, *Deus começou com a graça*. No Éden, Deus proveu todo o necessário para Adão e Eva pela graça. Mesmo depois de o casal ter pecado, em sua graça, Deus providenciou vestimentas de peles para se cobrirem (Gn 3:21). Não lhes deu leis para obedecer como forma de redenção; antes, em sua graça, deu-lhes uma promessa na qual poderiam crer: a promessa de um Redentor vitorioso (Gn 3:15).

Em seu relacionamento com Israel, Deus agiu primeiro com base na graça, não na Lei. Sua aliança com Abraão (Gn 15) foi feita inteiramente pela graça, pois Abraão estava em sono profundo quando esse pacto foi estabelecido. Quando Deus libertou Israel

do Egito, também foi somente com base na graça, não na Lei, pois a Lei ainda não havia sido dada ao povo. Assim como Agar, a segunda esposa de Abraão, a Lei foi “adicionada” (Gl 3:19). Agar teve uma função temporária e, depois, saiu de cena; da mesma forma, a Lei teve uma função específica e, depois, foi colocada de lado (Gl 3:24, 25).

Agar era uma escrava. Cinco vezes, nesta seção, Agar é chamada de “escrava” (Gl 4:22, 23, 30, 31). Sara era uma mulher livre e, portanto, poderia desfrutar de sua liberdade; Agar, por sua vez, continuou sendo uma serva, mesmo casada com Abraão. Semelhantemente, a Lei foi dada *para servir*.

“Qual, pois, a razão de ser da lei?” (Gl 3:19). Servia como um *espelho* para revelar os pecados dos homens (Rm 3:20) e como um *tutor*, para controlar os homens e, por fim, levá-los a Cristo (Gl 3:23-25); mas, em momento algum, a Lei foi criada para exercer o papel de *mãe*!

Agar não deveria ter dado à luz um filho. O casamento de Abraão com Agar foi fora da vontade de Deus, uma decisão resultante da incredulidade e da impaciência de Abraão e de Sara. Agar tentava fazer o que só Sara poderia realizar, por isso, *fracassou*. A Lei não pode dar vida (Gl 3:21), nem justiça (Gl 2:21), nem o dom do Espírito (Gl 3:2), nem uma herança espiritual (Gl 3:18). Isaque era o herdeiro de Abraão (Gn 21:10), mas Ismael não participou dessa herança. Os judaizantes tentavam transformar Agar em mãe outra vez, enquanto Paulo sentia dores de parto por seus convertidos para que se tornassem mais semelhantes a Cristo. Não há religião nem legislação que possa dar vida ao pecador. Somente Cristo pode fazer isso por meio do evangelho.

Agar deu à luz um escravo. Ismael era “entre os homens, como um jumento selvagem” (Gn 16:12), e mesmo sendo um escravo, ninguém era capaz de controlá-lo, nem mesmo sua mãe. Como Ismael, a velha natureza (a carne) está em guerra com Deus, e a Lei não tem poder de mudá-la nem de controlá-la. Por natureza, o Espírito e a carne “são opostos entre si” (Gl 5:17), e não há atividade religiosa que mude esse quadro.

Quem escolhe Agar (a Lei) como mãe viverá em escravidão (Gl 4:8-11, 22-25, 30, 31; 5:1). Mas todo o que escolhe Sara (a graça) como mãe desfrutará a liberdade em Cristo. Deus deseja que seus filhos sejam livres (Gl 5:1).

Agar foi expulsada. Foi Sara quem deu a ordem: "Rejeita essa escrava e seu filho" (Gn 21:9, 10), e Deus aprovou-a (Gn 21:12). Ismael havia passado pelo menos dezessete anos em casa, mas sua estadia não foi permanente; a certa altura, precisou ser mandado embora. Não havia espaço naquele lar para Sara e Isaque e também para Agar e Ismael; uma das mães e seu filho teriam de partir.

É impossível a Lei e a graça, a carne e o Espírito entrarem em acordo e conviverem. Deus não pediu a Agar e a Ismael que voltassem de vez em quando para fazer uma visita; foi um rompimento permanente. Os judaizantes do tempo de Paulo – e de nossos dias – tentam conciliar Sara com Agar e Isaque com Ismael, uma conciliação contrária à Palavra de Deus. É impossível misturar a Lei com a graça, a fé com as obras e a justificação que Deus concede com a tentativa humana de merecer sua justificação.

Agar não se casou novamente. Deus não deu a Lei a nenhuma outra nação ou povo, nem a sua Igreja. Ao impor a Lei sobre os cristãos da Galácia, os judaizantes opunham-se ao plano de Deus. No tempo de Paulo, a nação de Israel encontrava-se debaixo da escravidão da Lei, enquanto a Igreja desfrutava de liberdade sob o governo benevolente da "Jerusalém lá de cima" (Gl 4:26). Os judaizantes desejavam "casar" o monte Sinai com o monte Sião celestial (Hb 12:22); tal união seria uma negação do que Jesus havia feito no Calvário (Gl 2:21). Agar não deve se casar novamente.

Do ponto de vista humano, pode parecer cruel que Deus tenha ordenado a Abraão mandar embora Ismael, o filho que Abraão tanto amava. Mas essa era a única solução para o problema, pois um homem "selvagem" não poderia conviver com o filho da promessa. Em sentido mais profundo, porém, podemos pensar no que custou a Deus enviar

seu Filho para tomar sobre si a maldição da Lei a fim de nos libertar. Por causa do coração partido de Abraão, Isaque pode ser livre; porque Deus deu seu Filho, podemos ser livres em Cristo.

3. AS BÊNÇÃOS PRÁTICAS (GL 4:30, 31)

Como Isaque, nós, cristãos, somos filhos da promessa pela graça. A aliança da graça, retratada em Sara, é nossa mãe espiritual. A Lei e a velha natureza (Agar e Ismael) desejam nos perseguir e colocar sob o jugo da escravidão. Como resolver esse problema?

Podemos tentar mudá-las. Trata-se de uma tentativa condenada ao fracasso, pois é impossível mudar tanto a Lei como a velha natureza. "O que é nascido da carne é carne" (Jo 3:6), e podemos acrescentar que ela *sempre será carne*. Deus não tentou mudar Ismael e Agar, quer pela força quer pela instrução. Assim também não podemos mudar a velha natureza e a Lei.

Podemos tentar fazer um acordo com elas. Essa abordagem não funcionou na casa de Abraão e também não funcionará em nossa vida. Os gálatas tentaram fazer um acordo desse tipo, mas esse desejo os conduzia gradualmente à escravidão. Os falsos mestres de hoje nos dizem: "Não abandone Cristo; antes, aprofunde-se em sua vida cristã praticando a Lei juntamente com sua fé em Cristo". Convide Agar e Ismael a voltarem para casa. Mas esse caminho conduz à servidão: "Como estais voltando, outra vez, aos rudimentos fracos e pobres, aos quais, de novo, quereis ainda escravizar-vos?" (Gl 4:9).

Podemos expulsá-las. É isso o que devemos fazer. Primeiro, Paulo aplica esse princípio à nação de Israel (Gl 4:25-27); em seguida, o aplica aos cristãos como indivíduos. A nação de Israel estivera sob a servidão da Lei, mas esta havia sido uma medida temporária, com o objetivo de preparar o povo para a vinda de Cristo. Agora que Cristo havia vindo, a Lei precisava ser rejeitada. Assim como Isaque, Jesus Cristo foi um filho da promessa, nascido pelo poder miraculoso de Deus.

Paulo cita Isaías 54:1, aplicando suas palavras a Sara, que era estéril antes do nascimento de Isaque, e também à Igreja (Gl 4:27). Vejamos os contrastes.

<i>Israel</i>	<i>A Igreja</i>
Jerusalém terrena	Jerusalém celestial
escravidão	liberdade
legalismo estéril	graça prolífica

Sara havia sido estéril e, em sua tentativa de ser prolífica, arranjara para que Abraão se casasse com Agar. Sua tentativa fracassou e só trouxe problemas. *A Lei não pode dar vida nem fertilidade; o legalismo é estéril.* Ao voltar para a servidão, a Igreja primitiva estaria se condenando à esterilidade e desobedecendo à Palavra de Deus. Uma vez que se manteve firme na graça, a Igreja mostrou-se prolífica e se propagou por todo o mundo,

No entanto, igrejas e cristãos individuais podem cometer o mesmo erro que os gálatas: podem deixar de expulsar Agar e Ismael. Um dos maiores problemas entre os cristãos de hoje é o *legalismo*. Devemos lembrar que *legalismo* não significa determinar padrões espirituais; significa idolatrar esses padrões e pensar que somos espirituais porque lhes obedecemos. Também significa julgar outros cristãos com base nisso. Alguém pode deixar de fumar, beber e frequentar casas de espetáculos, por exemplo, e *ainda assim não ser espiritual*. Os fariseus viviam de acordo com padrões elevados, e ainda assim crucificaram Jesus.

A velha natureza ama o legalismo, pois ele dá à antiga natureza uma oportunidade de mostrar seu "lado bom". Não era muito difícil para Ismael deixar de fazer certas coisas erradas ou de realizar certos atos religiosos, desde que continuasse sendo Ismael. Durante dezessete anos, Ismael não causou problema algum em casa; então, quando Isaque entrou em cena, começaram os conflitos. O legalismo alimenta Ismael. O cristão que afirma ser espiritual por causa do que deixa de fazer está apenas enganando a si mesmo. É preciso mais do que negações para construir uma vida espiritual positiva e frutuosa.

Sem dúvida, os judaizantes eram homens carismáticos. Possuíam credenciais de autoridades religiosas (2 Co 3:1), apresentavam padrões elevados e tinham grande cuidado com o que comiam e bebiam. Realizavam um trabalho bem-sucedido de granjear convertidos e de divulgar suas realizações (Gl 4:17, 18; 6:12-14). Tinham regras e parâmetros que abrangiam todas as áreas da vida; com isso, seus seguidores podiam identificar com facilidade quem era "espiritual" e quem não era. No entanto, os judaizantes conduziam o povo à escravidão e derrota, não à liberdade e vitória, e *seus seguidores não conseguem distinguir entre uma coisa e outra.*

Nos últimos capítulos de sua carta, Paulo chama a atenção para a maior tragédia do legalismo: ele dá oportunidade para a carne trabalhar. A velha natureza não pode ser controlada pela Lei; mais cedo ou mais tarde, acaba aparecendo - e, quando isso acontece, é melhor sair de perto! Assim, é fácil explicar por que grupos religiosos legalistas muitas vezes são repletos de conflitos e divisões ("vos mordeis e devorais uns aos outros"; Gl 5:15) e, com frequência, sofrem dos pecados hediondos da carne (Gl 5:19ss). Apesar de toda a Igreja ter sua parcela de problemas desse tipo, eles se mostram especialmente proeminentes em ambientes legalistas. Quando convidamos Agar e Ismael para viver com Sara e Isaque, estamos pedindo problemas.

Graças a Deus, o cristão foi liberto da maldição e do controle da Lei. "Lança fora a escrava e seu filho." Trata-se de um passo que pode ser extremamente doloroso para nós, como foi para Abraão; mas precisa ser dado. A tentativa de combinar Lei e graça é uma missão impossível. Serve apenas para criar uma vida cristã frustrada e estéril. Mas, ao caminhar pela graça, mediante a fé, somos conduzidos a uma vida cristã livre e plena.

Qual é o segredo? O Espírito Santo. E é esse segredo que Paulo compartilha nos últimos capítulos "práticos" de sua carta. Enquanto isso, devemos ter cuidado para não permitir que Ismael e Agar se infiltrem em nossa vida outra vez. Se isso acontecer, devemos lançá-los fora.

PEGA LADRÃO!

GÁLATAS 5:1-12

A doutrina da graça que Paulo prega é perigosa!", diziam os judaizantes. "Ela substitui a Lei por licenciosidade. Se colocarmos de lado nossas regras e padrões elevados, as igrejas se desintegrarão."

Os judaizantes do primeiro século não eram os únicos a temer a dependência da graça de Deus. Nos dias de hoje, os legalistas de nossas igrejas advertem que não devemos ensinar sobre a liberdade que temos em Cristo, pois, se o fizermos, o resultado será a anarquia religiosa. Essas pessoas interpretam incorretamente os ensinamentos de Paulo acerca da graça, e foi com o propósito de corrigir esse mal-entendido que Paulo escreveu a última seção de sua carta (Gl 5 - 6).

O apóstolo passa da argumentação para a aplicação, da doutrina para a prática. O cristão que vive pela fé não vai se tornar um rebelde. Pelo contrário, vai experimentar a *disciplina interior* de Deus, que é muito melhor do que a disciplina exterior das regras criadas por homens. Ninguém que depende da graça de Deus, sujeita-se ao Espírito de Deus, vive para os outros e procura glorificar a Deus é capaz de se tornar rebelde. Na verdade, o *legalista* é que acaba se rebelando, pois é escravo, depende da carne, vive para si mesmo e busca o louvor dos homens, não a glória de Deus.

De modo algum a doutrina de Paulo acerca da liberdade cristã pela graça é uma doutrina perigosa. O perigo está na doutrina do *legalismo*, que procura fazer o impossível: mudar a velha natureza e obrigá-la a obedecer às leis de Deus. Por algum tempo, o legalismo pode ser bem-sucedido, mas

logo a carne começa a se rebelar. O cristão submisso que depende do poder do Espírito não nega a Lei de Deus nem se rebela contra ela. Antes, essa Lei está sendo cumprida nele por meio do Espírito (Rm 8:1-4). É fácil acompanhar a linha de pensamento destes últimos capítulos:

1. Fomos libertos por Cristo. Não estamos mais sob o jugo de servidão da Lei (Gl 5:1-12).

2. No entanto, precisamos de algo – Alguém – que controle nossa vida de dentro para fora. Esse Alguém é o Espírito Santo (Gl 5:13-26).

3. Por meio do amor do Espírito, temos o desejo de viver para os outros, não para nós mesmos (Gl 6:1-10).

4. Essa vida de liberdade é tão maravilhosa que nosso desejo é vivê-la para a glória de Deus, pois é ele quem a torna possível (Gl 6:11-18).

Podemos, então, fazer um contraste entre essa vida e a experiência dos que escolhem viver debaixo da Lei e da disciplina de algum líder religioso.

1. Se obedecermos a essas regras, nos tornaremos pessoas mais espirituais. Somos grandes admiradores desse líder religioso, de modo que devemos nos sujeitar a seu sistema.

2. Cremos ter forças para obedecer e para nos aperfeiçoar. Fazemos o que nos ordenam e permanecemos dentro dos limites que nos foram determinados.

3. Progredimos. Não fazemos algumas das coisas que costumávamos fazer. Outros nos elogiam por nossa obediência e disciplina. Podemos ver que somos melhores do que outros em nossa congregação. Como é maravilhoso ser tão espirituais!

4. Se ao menos os outros fossem como nós! Deus certamente é privilegiado de ter filhos como nós. Temos um desejo de compartilhar isso com outros de modo que sejam como nós. Nosso grupo está crescendo, e temos excelente reputação. É uma pena que outros grupos não sejam tão espirituais quanto o nosso.

Sob qualquer ponto de vista, o legalismo é um inimigo traiçoeiro e perigoso. Quando

abandonamos a graça em troca da Lei, sempre saímos perdendo. Nesta primeira seção (Gl 5:1-12), Paulo explica o que o cristão perde quando deixa a graça de Deus e busca normas e regras humanas.

1. ESCRAVIDÃO – PERDE-SE A LIBERDADE (GL 5:1)

Paulo usou duas comparações para mostrar a seus leitores o verdadeiro caráter da Lei: um aio ou guardião (Gl 3:24; 4:2) e uma serva (Gl 4:22ss). Agora, ele a compara com um jugo de escravidão. Pedro usa essa mesma imagem na famosa assembléia de Jerusalém (ver At 15:10).

Não é difícil compreendermos a imagem do jugo. Normalmente, ele representa a escravidão, o trabalho e o controle que alguém de fora exerce sobre nossa vida; também pode representar a sujeição e serviço voluntários a alguém. Ao livrar Israel do Egito, Deus quebrou o jugo de servidão (Lv 26:13). O agricultor usa o jugo para controlar e guiar seus bois, pois, se estivessem livres, os animais não lhe serviriam voluntariamente.

Quando os cristãos da Galácia creram em Cristo, perderam o jugo de servidão do pecado e colocaram sobre si o jugo de Cristo (Mt 11:28-30). O jugo da religião é opressivo, e seu fardo é pesado; o jugo de Cristo é “suave”, e seu fardo é “leve”. No grego, o termo *suave* significa “gentil, bondoso”. O jugo da Lei nos *escraviza*, mas o jugo de Cristo nos *liberta* para fazermos sua vontade. O não salvo está sob o jugo do pecado (Lm 1:14); o legalista religioso está sob o jugo de escravidão (Gl 5:1); mas o cristão que depende da graça de Deus toma sobre si o jugo libertador de Cristo.

Foi Cristo quem nos libertou da escravidão da Lei. Também nos libertou da maldição da Lei morrendo por nós na cruz (Gl 3:13). O cristão não está mais debaixo da Lei; está debaixo da graça (Rm 6:14). Isso não significa ser rebelde sem Lei, mas não precisar mais da força *exterior* da Lei para manter-se dentro da vontade de Deus, porque tem a direção *interna* do Espírito de Deus (Rm 8:1-4). Cristo morreu para nos libertar, não para nos escravizar. Voltar à Lei

é o mesmo que enredar-se por um labirinto de proibições e obrigações e abandonar a maturidade espiritual em troca de uma “segunda infância”.

Infelizmente, há quem se sinta extremamente inseguro com essa liberdade. Prefere estar sob a tirania de um líder a tomar as próprias decisões livremente. Alguns cristãos assustam-se com a liberdade que possuem na graça de Deus; assim, procuram uma comunhão legalista e ditatorial, na qual podem deixar outros tomarem as decisões por eles. São como um adulto voltando ao berço. A vida de liberdade cristã é uma vida de plenitude em Cristo. Não é de se admirar que Paulo dê um ultimato: “Permanecei, pois, firmes [na liberdade] e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão”.

2. FALÊNCIA – PERDE-SE A RIQUEZA (GL 5:2-6)

Paulo usa três frases para descrever as perdas que o cristão sofre quando deixa a graça e se volta para a Lei: “Cristo de nada vos aproveitará” (Gl 5:2); “Está obrigado a guardar toda a lei” (Gl 5:3); “De Cristo vos desligastes” (Gl 5:4). Isso nos leva à triste conclusão de Gálatas 5:4: “da graça decaístes”. O legalismo não apenas tira do cristão a sua liberdade, como também o priva de suas riquezas espirituais em Cristo. O cristão vivendo sob a Lei torna-se um escravo falido.

A Palavra de Deus ensina que, quando não éramos salvos, tínhamos uma dívida para com Deus que não podíamos pagar. Jesus deixa isso claro na parábola dos dois devedores (Lc 7:36-50). Dois homens deviam dinheiro a um credor, sendo que a dívida de um era dez vezes maior que a do outro. No entanto, nenhum deles tinha como pagar, de modo que o credor, “em sua graça, perdoou a ambos” (tradução literal). Por mais moralidade que alguém tenha, ainda está aquém da glória de Deus. Mesmo que sua dívida de pecado seja um décimo daquela de outros, ainda assim é incapaz de pagar e se encontra falido diante do tribunal de Deus. Em sua graça, pela obra de Cristo na cruz, Deus pode perdoar os pecadores, qualquer que seja o tamanho de suas dívidas.

Assim, quem crê em Cristo *torna-se espiritualmente rico*. Passamos a compartilhar das riquezas da graça de Deus (Ef 1:7), das riquezas da sua glória (Ef 1:18; Fp 4:19), das riquezas de sua sabedoria (Rm 11:33) e “das insondáveis riquezas de Cristo” (Ef 3:8). Em Cristo, temos “todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Cl 2:3) e “[estamos] aperfeiçoados” (Cl 2:10). Uma vez que uma pessoa está “em Cristo”, tem tudo de que precisa para viver o tipo de vida cristã agradável a Deus.

Os judaizantes, porém, desejam nos fazer crer que “falta alguma coisa”, que seríamos mais “espirituais” se praticássemos a Lei com suas exigências e disciplinas. Mas Paulo deixa claro que a *Lei não acrescenta coisa alguma - pois não há o que acrescentar!* Antes, a Lei é como um ladrão que rouba do cristão as riquezas espirituais que possui em Cristo e o coloca de volta em uma situação de falência, responsabilizando-o por uma dívida que não é capaz de pagar.

Viver pela graça significa depender da provisão abundante de Deus para todas as necessidades. Viver pela Lei significa depender das próprias forças - a carne - e ser privados da provisão de Deus. Paulo adverte os gálatas de que a sujeição à circuncisão, nessas circunstâncias, os privaria de todos os benefícios que possuíam em Cristo (apesar de a circuncisão, em si, ser uma questão indiferente; ver Gl 5:6; 6:15). Além disso, por meio de tal sujeição, assumiriam um compromisso com a *Lei em sua totalidade*.

É nesse ponto que os legalistas revelam sua hipocrisia, pois não conseguem guardar *toda* a Lei. Para eles, a Lei do Antigo Testamento é como um bufê de restaurante: escolhem apenas o que lhes agrada. Não se trata, porém, de uma observância honesta da Lei. Ensinar a um cristão de hoje que ele deve, por exemplo, guardar o *shabbath*, mas não a Páscoa, é desmembrar a Lei de Deus. O mesmo Legislador que deu uma ordem também deu a outra (Tg 2:9-11). Em uma passagem anterior, Paulo citou Moisés para provar que a maldição da Lei está sobre todos que guardam *toda* a Lei (Gl 3:10; ver Dt 27:26).

Podemos imaginar um motorista que passa deliberadamente um sinal vermelho. Então, ele é parado por um guarda que pede sua carteira de habilitação. No mesmo instante, o motorista começa a se defender:

- Pois é, seu guarda. Sei que passei por um farol vermelho, mas nunca assaltei ninguém, nunca cometi adultério, nem soneguei impostos.

O policial sorri enquanto preenche a multa, pois sabe que a *obediência do motorista a todas as outras leis não compensa sua desobediência à lei de trânsito*. É uma única e mesma lei que protege o obediente e castiga o transgressor. O que se orgulha de guardar uma parte da lei e, ao mesmo tempo, transgride outra, confessa que merece ser castigado.

Agora, podemos entender melhor o que Paulo quer dizer com a declaração “da graça decaíste” (Gl 5:4). Por certo, não está sugerindo que os gálatas “perderam a salvação”, pois ao longo de toda a epístola se dirige a eles como cristãos. Em pelo menos nove ocasiões, ele os chama de *irmãos*; além disso, usa a primeira pessoa do plural (Gl 4:28, 31). Paulo não faria isso, caso seus leitores estivessem perdidos. O apóstolo declara firmemente: “E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: *Aba, Pai*” (Gl 4:6). Paulo jamais escreveria essas palavras se seus leitores não fossem salvos.

Ter “decaído da graça” não significa ter perdido a salvação, mas sim “ter saído da esfera da graça de Deus”. Não podemos misturar graça e Lei. Se decidimos viver dentro da esfera da Lei, não poderemos viver na esfera da graça. Os cristãos da Galácia haviam sido *enfeitados* pelos falsos mestres (“Quem vos fascinou?”; Gl 3:1) e, desse modo, desobedeciam à verdade. Haviam *passado* para outro evangelho (Gl 1:6-9) e *voltado* aos rudimentos da velha religião (Gl 4:9). Em decorrência disso, *submeteram-se* de novo ao jugo de escravidão e, por isso, encontravam-se em sua atual situação de “decaídos da graça”. O mais triste dessa queda é que haviam se privado de todas as coisas boas que Jesus Cristo poderia fazer por eles.

Em seguida, Paulo apresenta a vida do cristão na esfera da graça (Gl 5:5, 6). Com isso, contrastamos os dois estilos de vida. Quando vivemos pela graça, dependemos do poder do Espírito; sob a Lei, porém, precisamos depender de nós mesmos e de nossos esforços. A fé não é morta; a fé é *operante* (ver Tg 2:14-26). Mas os esforços da carne jamais realizarão o que a fé pode fazer por meio do Espírito. E a fé trabalha *por meio do amor* – o amor a Deus e a outros. Infelizmente, a carne não produz amor; muitas vezes, produz egoísmo e rivalidade (ver Gl 5:15). Não é de se admirar que Paulo retrate a vida de legalismo como uma queda!

Quando o cristão caminha pela fé, dependendo do Espírito de Deus, ele vive na esfera da graça de Deus, e todas as suas necessidades são supridas. Experimenta as riquezas da graça de Deus. Sempre tem algo para aguardar com esperança (Gl 5:5): um dia, Jesus voltará para nos tornar semelhantes a ele em retidão perfeita. A Lei não faz promessa alguma de retidão perfeita no futuro. Ela preparou o caminho para a primeira vinda de Cristo (Gl 3:23 – 4:7), mas não pode nos preparar para a segunda vinda de Cristo.

Assim, o cristão que opta pela legalismo priva a si mesmo da liberdade e das riquezas espirituais e se coloca deliberadamente sob um jugo de escravidão e de falência.

3. CORRIDA – PERDE-SE O RUMO (GL 5:7-12)

Paulo gostava de usar esportes e atletas como ilustrações em suas cartas. Seus leitores conheciam os jogos olímpicos e outras competições atléticas gregas, que sempre incluíam corridas a pé. É importante observar que, em momento algum, Paulo usa a imagem da corrida para dizer às pessoas como ser salvas. Antes, refere-se sempre aos cristãos em sua vida com o Senhor. *Somente os cidadãos gregos com plenos direitos poderiam participar das competições esportivas.* Tornamo-nos cidadãos do céu pela fé em Cristo; então, o Senhor nos coloca em nosso percurso e corremos para ganhar o prêmio (ver Fp 3:12-21). Não corremos para

ser salvos, mas sim porque já somos salvos e desejamos realizar a vontade de Deus em nossa vida (At 20:24).

“Vós corréis bem.” Quando Paulo os visitou pela primeira vez, os gálatas o receberam como um “anjo de Deus” (Gl 4:14). Aceitaram a Palavra, creram no Senhor Jesus Cristo e receberam o Espírito Santo. Experimentaram uma alegria profunda, visível a todos, e se mostraram dispostos a fazer qualquer sacrifício por Paulo (Gl 4:15). Agora, porém, o consideravam seu inimigo. O que havia acontecido?

Uma tradução literal de Gálatas 5:7 dá a resposta: “Vocês estavam correndo bem. Quem cortou sua frente nessa corrida, fazendo-os abandonar sua obediência à verdade?” Nas corridas, cada corredor devia ficar em sua pista, mas alguns corredores cortavam a frente de outros na tentativa de tirá-los do rumo. Era isso o que os judaizantes haviam feito com os cristãos gálatas: cortaram a sua frente, forçando-os a mudar de direção e a pegar um “desvio espiritual”. Não havia sido uma interferência de Deus, pois ele os havia chamado a correr fielmente na pista que lhes havia designado – a pista chamada “graça”.

A explicação passa da figura de linguagem dos esportes para a culinária, pois Paulo introduz o conceito de fermento. No Antigo Testamento, o fermento costuma ser retratado como um símbolo do mal. Durante a Páscoa dos judeus, por exemplo, não era permitido haver qualquer fermento pela casa (Êx 12:15-19; 13:7). Salvo algumas exceções, os israelitas não podiam misturar fermento com os sacrifícios que ofereciam (Êx 34:25). Jesus usou o fermento para retratar o pecado quando advertiu sobre o “fermento dos fariseus” (Mt 16:6-12); Paulo o emprega como símbolo do pecado na igreja (1 Co 5).

De fato, o fermento é uma boa ilustração para o pecado: é minúsculo, mas, se ninguém tocá-lo, cresce e se espalha por tudo. A falsa doutrina dos judaizantes foi introduzida nas igrejas da Galácia sem grande alarde, mas não tardou para que o “fermento” crescesse e se apoderasse de tudo.

Uma igreja não é tomada de um espírito de legalismo da noite para o dia. Assim como o fermento, esse espírito é introduzido em segredo, cresce aos poucos e logo contamina a congregação toda. Na maioria dos casos, as *motivações* que alimentam o legalismo são boas (“Desejamos ter uma igreja mais espiritual”), mas os *métodos* não condizem com as Escrituras.

Não é errado ter parâmetros dentro da igreja, mas não devemos jamais pensar que esses parâmetros sejam capazes de tornar alguém espiritual, ou que a observância a regras seja uma demonstração de espiritualidade. O fermento cresce com facilidade. Em pouco tempo, nos tornamos orgulhosos de nossa espiritualidade (“ensoberbecidos”, como diz Paulo em 1 Co 5:2. O verbo “ensoberbecer” pode ser traduzido por “inchar”, e é exatamente isso o que o fermento faz com a massa) e críticos com relação à falta de espiritualidade dos demais.

Todo cristão tem a responsabilidade de ficar atento aos *primeiros sinais* de legalismo, aquele bocado ínfimo de fermento que contamina a comunhão e acaba crescendo e se transformando em um problema sério. Não é de se admirar que Paulo seja tão veemente: “Estou sofrendo perseguições porque minha pregação é sobre a cruz, mas esses falsos mestres são verdadeiras celebridades porque pregam uma religião que alimenta a carne e o ego. Quer dizer que eles desejam circuncidar vocês? Meu desejo era que eles

fossem cortados fora!” (Gl 5:11, 12, tradução literal).

Desde a morte e a ressurreição de Cristo, a circuncisão perdeu seu valor espiritual; passou a ser apenas uma operação física. Paulo desejava que os falsos mestres *realizassem uma cirurgia em si mesmos* – “se castrassem” – a fim de não mais gerar “filhos da escravidão”.

O cristão que vive na esfera da graça de Deus é livre e rico. Corre pelo caminho que conduz à recompensa e à realização. O cristão que abandona a graça em troca da Lei é um escravo, um miserável e um corredor fora do rumo. Em resumo, um fracassado. E a única maneira de se tornar vencedor é “purificar-se do fermento” da falsa doutrina que mistura a Lei com a graça e se sujeitar ao Espírito de Deus.

A graça de Deus é suficiente a todas as necessidades da vida. Somos salvos pela graça (Ef 2:8-10) e servimos pela graça (1 Co 15:9, 10). Ela nos permite suportar o sofrimento (2 Co 12:9) e nos fortalece (2 Tm 2:1), a fim de nos tornarmos soldados vitoriosos. Nosso Deus é o Deus de *toda a graça* (1 Pe 5:10). Podemos nos aproximar do trono da graça e encontrar ajuda em todas as nossas carências (Hb 4:16). Ao ler a Bíblia, “a palavra da sua graça” (At 20:32), o Espírito da graça (Hb 10:29) nos revela como somos ricos em Cristo.

“Porque todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça” (Jo 1:16).

Que grande riqueza temos a nosso dispor!

A QUINTA LIBERDADE

GÁLATAS 5:13-26

No final de um discurso importante para o Congresso, em 6 de janeiro de 1941, o presidente Franklin Delano Roosevelt falou do mundo que desejava ver depois do fim da guerra. Sua visão incluía quatro liberdades fundamentais das quais todos devem desfrutar: liberdade para falar, liberdade para adorar, liberdade das necessidades e liberdade do medo. Até certo ponto, hoje desfrutamos mais dessas liberdades do que nossos compatriotas em 1941, mas nosso mundo precisa de uma quinta liberdade. O ser humano precisa ser liberto de si mesmo e da tirania de sua natureza pecaminosa.

Os legalistas acreditavam que poderiam resolver esse problema com leis e com ameaças, mas Paulo explica que não há leis que bastem para mudar a natureza essencialmente pecaminosa do ser humano. O que faz toda diferença não é a lei *exterior*, mas sim o amor *interior*. Precisamos de outro poder dentro de nós, e esse poder vem do Espírito Santo de Deus.

Encontramos em Gálatas pelo menos catorze referências ao Espírito Santo. Quando cremos em Cristo, o Espírito passa a habitar dentro de nós (Gl 3:2). Somos “nascidos segundo o Espírito”, como Isaque (Gl 4:29). É o Espírito Santo no coração que dá a certeza da salvação (Gl 4:6); e é o Espírito Santo que capacita a viver para Cristo e a glorificá-lo. O Espírito Santo não é apenas uma “influência divina”; é uma Pessoa divina, assim como o Pai e o Filho. Na cruz, o Filho *pagou* o preço daquilo que o Pai *planejou* para nós, e o Espírito *personaliza* e aplica isso à nossa vida quando nos sujeitamos a ele.

Este parágrafo é, possivelmente, o mais crítico de toda a seção final de Gálatas, pois nele Paulo explica três ministérios do Espírito Santo que permitem ao cristão desfrutar sua liberdade em Cristo.

1. O ESPÍRITO NOS CAPACITA A CUMPRIR A LEI DO AMOR (GL 5:13-15)

Nossa tendência é ir aos extremos. Um cristão interpreta *liberdade* como *licenciosidade* e acredita que pode fazer o que bem entender. Outro, vendo esse erro, vai para o extremo oposto e impõe a Lei sobre todos. É em algum ponto entre a *licenciosidade* e o *legalismo* que encontramos a verdadeira liberdade cristã.

Assim, Paulo começa explicando *nosso chamado*: somos chamados para a liberdade. O cristão é livre – livre da *culpa* do pecado, pois experimentou o perdão de Deus; livre do *castigo* do pecado, pois Cristo morreu por ele na cruz. Além disso, por meio do Espírito, é livre do *poder* do pecado sobre sua vida diária e também é livre da *Lei*, com seus preceitos e ameaças. Cristo levou sobre si a maldição da Lei e deu cabo de sua tirania de uma vez por todas. Somos “chamados à liberdade”, pois somos “[chamados] na graça de Cristo” (Gl 1:6). A *graça* e a *liberdade* andam juntas.

Depois de explicar nosso chamado, Paulo faz uma *advertência*: “Não permitam que essa liberdade se degenera e transforme em licenciosidade!”

Sem dúvida, esse é o medo de todos os que não entendem o verdadeiro significado da graça de Deus. “Se vocês anularem as leis e regulamentos”, dizem eles, “criarão caos e anarquia”.

Sem dúvida, esse perigo é real, não porque a graça de Deus seja falha, mas porque o homem separou-se da graça de Deus (Hb 12:15). Se há uma “genuína graça de Deus” (1 Pe 5:12), então também há uma *falsa* graça de Deus; e há falsos mestres que “transformam em libertinagem a graça de nosso Deus” (Jd 4). Assim, a advertência de Paulo é válida. A liberdade do cristão não é uma licença para pecar, mas sim uma oportunidade para servir.

Isso nos leva a um *mandamento*: “Sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor” (Gl 5:13). A palavra-chave é *amor*. Podemos resumir essa verdade da seguinte maneira:

liberdade + amor = serviço aos outros

liberdade - amor = licenciosidade (escravidão ao pecado)

- Tenho mais um dia de folga esta semana - comentou Carlos com a esposa. - Acho que vou consertar a bicicleta da Diana e levar o Luiz para fazer aquele passeio no museu que ele quer tanto.

- Consertar uma bicicleta e visitar um museu não me parece uma programação muito empolgante para um dia de folga - respondeu a esposa.

- É empolgante *para quem ama os filhos!*

O mais admirável a respeito do amor é que ele substitui todas as leis que Deus já deu. “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” resolve todos os problemas de relacionamento (ver Rm 13:8-14). Se amarmos as pessoas (porque amamos a Cristo), não roubaremos delas, não mentiremos para elas, não as invejaremos nem procuraremos ferilas de maneira alguma. O amor no coração substitui as leis e as ameaças.

Quando nossos filhos eram pequenos, morávamos perto de uma rodovia movimentada, e as crianças sabiam que receberiam umas palmadas se chegassem perto da estrada. À medida que foram crescendo, descobriram que a obediência era compensadora. Aprenderam a obedecer não apenas para evitar a dor, mas para ter prazer. Hoje, cada um vive numa região metropolitana diferente, e todos dirigem. No entanto, não precisamos ameaçá-los nem suborná-los para que tomem cuidado. Possuem uma disciplina interior que governa sua vida e jamais fariam mal a si mesmos, a seus pais ou a outras pessoas deliberadamente. O amor tomou o lugar da lei.

Em nível muito mais elevado, o Espírito Santo que habita em nós concede o amor de que precisamos (Rm 5:5; Gl 5:6, 22). Ao que parece, faltava aos cristãos da Galácia justamente esse amor, pois estavam “[mordendo] e [devorando] uns aos outros” (Gl 5:15). Trata-se de uma descrição de animais

selvagens atacando-se. Essa observação, por si mesma, mostra que a lei não pode obrigar as pessoas a se entenderem. Por mais regras ou parâmetros que uma igreja venha a adotar, nenhuma delas garante a espiritualidade. A menos que o Espírito Santo de Deus tenha permissão de encher o coração dos cristãos com o amor de Deus, o egoísmo e a competição tomarão conta da congregação. Nas igrejas da Galácia, os dois extremos - os legalistas e os libertinos - destruíam a comunhão.

O Espírito Santo não trabalha no vácuo. Ele usa a Palavra de Deus, a oração, a adoração e a comunhão dos cristãos para nos edificar em Cristo. O cristão que passa algum tempo diariamente lendo a Palavra e orando e que se sujeita à obra do Espírito desfrutará liberdade e ajudará a edificar a igreja. Em 2 Coríntios 3, Paulo explica a diferença entre o ministério espiritual da graça e o ministério carnal da Lei.

2. O ESPÍRITO NOS CAPACITA A VENCER A CARNE (GL 5:16-21, 24)

O conflito (vv. 16, 17). Assim como Isaque e Ismael, o Espírito e a carne (a velha natureza) encontram-se em conflito. Ao se referir à “carne”, é evidente que Paulo não fala do “corpo”. O corpo humano é neutro, não pecaminoso. Quando o Espírito Santo controla o corpo, andamos no Espírito; mas quando entregamos o corpo ao controle da carne, andamos segundo os desejos (“concupiscência”) da carne. O Espírito e a carne têm desejos diferentes, e é isso o que gera os conflitos.

Esses desejos opostos são ilustrados na Bíblia de várias maneiras. A ovelha, por exemplo, é um animal limpo, que evita a sujeira, enquanto o porco é um animal imundo, que gosta de se revolver na imundície (2 Pe 2:19-22). Depois que a chuva cesou e que a arca se encontrava em terra firme, Noé soltou um corvo, mas a ave não voltou (Gn 8:6, 7). O corvo é uma ave carniceira, portanto deve ter encontrado alimento de sobra. Mas, quando Noé soltou uma pomba (uma ave limpa), ela voltou (Gn 8:8-12). Quando soltou a pomba pela última vez e ela não voltou, Noé

soube, ao certo, que ela havia encontrado um lugar limpo para pousar e que, portanto, as águas haviam baixado.

A velha natureza é como o porco e o corvo, sempre procurando algo imundo para se alimentar. Nossa nova natureza é como a ovelha e a pomba, ansiando por aquilo que é limpo e santo. Não é de se admirar que ocorra tamanho conflito dentro da vida do cristão! A pessoa não salva não experimenta essa batalha, pois não tem o Espírito Santo (Rm 8:9).

Convém observar que o cristão não é capaz de vencer a carne simplesmente pela *força de vontade*: “porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer” (Gl 5:17). É justamente desse problema que Paulo trata em Romanos: “Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto [...] Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço” (Rm 7:15, 19). Paulo não nega que há vitória. Simplesmente ressalta que não se pode alcançá-la com as próprias forças e pela própria vontade.

A conquista (v. 18). A solução não é lutar contra a carne, mas se entregar à vontade do Espírito Santo. Esse versículo significa, literalmente: “Mas se forem voluntariamente conduzidos pelo Espírito, então não estarão debaixo da Lei”. O Espírito Santo escreve a Lei de Deus em nosso coração (Hb 10:14-17; ver 2 Co 3), de modo que *desejemos lhe obedecer em amor*. “Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei” (Sl 40:8). Ser “guiados pelo Espírito” e “andar no Espírito” são atitudes opostas a se entregar às concupiscências da carne.

A crucificação (vv. 19-21, 24). Em seguida, Paulo apresenta uma relação de algumas das “obras [perversas] da carne”. (Podemos encontrar uma lista semelhante em Mc 7:20-23; Rm 1:29-32; 1 Tm 1:9, 10; 2 Tm 3:2-5) A carne pode gerar o pecado, mas jamais será capaz de produzir a justificação de Deus. “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto” (Jr 17:9). Esta lista em

Gálatas pode ser dividida em três categorias principais:

Os pecados sensuais (vv. 19, 21b). O *adulterio* (traduzido aqui por “prostituição”) é o sexo ilícito entre pessoas casadas; quando o mesmo pecado é cometido entre pessoas solteiras, pode ser chamado de *fornicação*. A *impureza* é exatamente isso: uma imundícia da mente e do coração que contamina a pessoa. A pessoa contaminada vê impureza em tudo (ver Tt 1:15). A *lascívia* refere-se à devassidão, um apetite libertino e desavergonhado. Como é de conhecimento comum, esses pecados corriam soltos no império romano. As *bebedices* e *glutonarias* não necessitam de maiores explicações.

Os pecados supersticiosos (v. 20a). Assim como os pecados citados acima, a *idolatria* continua existindo hoje e significa simplesmente colocar qualquer outra coisa antes de Deus e das pessoas. Devemos adorar a Deus, amar as pessoas e usar as coisas; mas, muitas vezes, usamos as pessoas, amamos somente a nós mesmos e adoramos as coisas, deixando Deus totalmente de fora. Jesus nos diz que sempre servimos ao que adoramos (Mt 4:10). O cristão que se dedica mais a seu carro, a sua casa ou a seu barco do que ao serviço de Cristo corre o risco de estar praticando idolatria (Cl 3:5).

O termo *feitiçarias* vem do grego *pharmakeia*, que significa “uso de fármacos”, de onde vem a palavra *farmácia*. No tempo de Paulo, era comum os mágicos usarem fármacos para provocar efeitos nocivos. É evidente que a Bíblia proíbe a magia bem como todas as práticas de ocultismo (Dt 18:9-22).

Os pecados sociais (vv. 20b, 21a). *Inimizade* é o mesmo que “ódio”, atitude mental que provoca e afronta outras pessoas. Essa atitude gera desarmonia que, por sua vez, resulta em contendas. As *porfias* e *ciúmes* referem-se a rivalidades. É triste quando cristãos competem entre si, tentando denegrir a imagem uns dos outros. As *iras* são acessos de raiva, e as *discórdias* dizem respeito às ambições interesseiras e egoístas que criam divisões na igreja.

Dissensões e facções são termos análogos. O primeiro sugere divisão, e o segundo,

rompimentos causados por um espírito partidário. São resultantes de líderes da igreja que promovem a si mesmos e que insistem que as pessoas os sigam em lugar de seguirem ao Senhor (o termo *heresia*, em grego, significa “fazer uma escolha”). As *invejas* indicam rancores e o desejo profundo de ter aquilo que outros têm (ver Pv 14:30).

A pessoa que *pratica* esses pecados não herdará o reino de Deus. Paulo não fala de um *ato* pecaminoso, mas sim do *hábito* de pecar. Existe uma certeza falsa da salvação que não é baseada na Palavra de Deus. O fato de o cristão não estar debaixo da Lei, mas sim da graça, não serve de desculpa para pecar (Rm 6:15). Pelo contrário, a graça deve servir de estímulo para a obediência ao Senhor.

Mas como o cristão lida com a velha natureza, uma vez que ela é capaz de produzir tais coisas horríveis? A Lei não pode *mudar* ou *controlar* a velha natureza.

A *velha natureza deve ser crucificada* (v. 24). Paulo explica que o cristão é identificado com Cristo em sua morte, sepultamento e ressurreição (Rm 6). Cristo não apenas morreu *por nós*, mas *nós morremos com Cristo*. Ele morreu por nós para remover o castigo de nosso pecado, mas nós morremos com Cristo para romper o *poder* do pecado.

Paulo já falou sobre isso em Gálatas (ver 2:19, 20) e voltará a tratar desse assunto mais adiante (6:14). O apóstolo não diz que *nós* devemos nos crucificar, pois isso é impossível (a crucificação é um tipo de morte que ninguém pode aplicar sobre si mesmo). Ele diz que a carne já foi crucificada. É nossa responsabilidade *crer* nisso e *agir de acordo* com isso (Paulo fala desse “saber” em Rm 6; vemos uma apresentação da mesma verdade em Cl 3:5ss).

Não devemos coisa alguma à carne, mas somos devedores ao Espírito (Rm 8:12-14). É necessário aceitar o que Deus diz sobre a velha natureza sem tentar transformá-la em algo que ela não é. Em Romanos 13:14, o apóstolo diz: “Nada disponhais para a carne”; assim, não devemos alimentar a carne com o que lhe dá prazer. Não há bem algum na carne (Rm 7:18), de modo que nunca

devemos confiar nela (Fp 3:3). A carne está sujeita à Lei de Deus (Rm 8:7) e não pode agradar a Deus (Rm 8:8). Somente por meio do Espírito Santo é que podemos “mortificar” os feitos que a carne usaria nosso corpo para realizar (Rm 8:13). O Espírito Santo não é apenas Espírito de vida (Rm 8:2; Gl 5:25), mas também Espírito de morte: ele ajuda a nos considerarmos mortos para o pecado.

Vimos, até aqui, dois ministérios do Espírito de Deus: ele nos capacita a cumprir a Lei e ele nos capacita a vencer a carne. No entanto, o Espírito ainda tem outro ministério.

3. O ESPÍRITO NOS CAPACITA A PRODUZIR FRUTO (GL 5:22, 23, 25, 26)

Uma coisa é vencer a carne e *não praticar* a perversidade, outra bem diferente é *praticar* o bem. Os legalistas podem se gabar de não ser culpados de adultério ou de homicídio (considerar, porém, Mt 5:21-32), mas será que alguém é capaz de vislumbrar as tão belas graças do Espírito em seu caráter? Na vida, a bondade por negação não é suficiente, também é preciso haver qualidades.

O contraste entre *obras* e *frutos* é importante. O *trabalho* de um equipamento industrial pode gerar um produto, mas não há máquina no mundo capaz de produzir um fruto. Os frutos devem crescer da vida e, no caso do cristão, essa vida é do Espírito Santo (Gl 5:25). Quando pensamos em “obras”, o que nos vem à mente é esforço, trabalho, cansaço e labuta; a idéia de “fruto” nos traz à mente beleza, tranquilidade, desenvolvimento da vida. A carne produz “obras mortas” (Hb 9:14), enquanto o Espírito produz fruto vivo. E esse fruto contém a semente de mais fruto ainda (Gn 1:11). O amor gera mais amor! A alegria nos ajuda a produzir mais alegria! Jesus deseja que produzamos: “Fruto [...] mais fruto ainda [...] muito fruto” (Jo 15:2, 5), pois é assim que o glorificamos. A velha natureza não é capaz de produzir fruto; ele só pode nascer da nova natureza.

O Novo Testamento fala de vários tipos diferentes de “fruto”: pessoas salvas para Cristo (Rm 1:13), a vida de santidade (Rm 6:22), dons concedidos por Deus (Rm 15:26-28),

boas obras (Cl 1:10) e louvores (Hb 13:15). O "fruto do Espírito" relacionado nesta passagem refere-se ao caráter (Gl 5:22, 23). É importante distinguir o *dom* do Espírito, que é a salvação (At 2:38; 11:17), e os *dons* do Espírito, que dizem respeito ao serviço (1 Co 12), das graças do Espírito, relacionadas ao caráter cristão. Infelizmente, costuma-se dar uma ênfase excessiva aos dons, levando os cristãos a negligenciar as graças do Espírito. A construção do caráter cristão deve ter precedência sobre a demonstração de habilidades especiais.

As características que Deus deseja ver em nossa vida podem ser observadas nos nove frutos do Espírito. Paulo começa com o *amor*, pois, na verdade, todos os outros frutos decorrem do amor. Convém comparar essas oito qualidades com as características do amor dadas aos coríntios (ver 1 Co 13:4-8). O termo usado para amor, nesse caso, é *ágape*, que significa "amor divino". (O termo grego *eros* quer dizer "amor sensual" e não é usado em parte alguma do Novo Testamento.) Esse amor divino é o *dom* de Deus para nós (Rm 5:5), e devemos cultivá-lo e orar pedindo que aumente (Fp 1:9).

Quem vive na esfera do amor, experimenta a *alegria*, a paz e a suficiência interior não afetadas por circunstâncias exteriores (um exemplo é a experiência de Paulo relatada em Fp 4:10-20). Esse "otimismo santo" o faz prosseguir apesar das dificuldades. Juntos, o amor e a alegria produzem *paz*, "a paz de Deus, que excede todo o entendimento" (Fp 4:7). Essas três primeiras qualidades expressam aspectos da vida cristã referentes a *Deus*.

As três qualidades seguintes são aspetos da vida cristã que dizem respeito aos *outros*: *longanimidade* (perseverar corajosamente sem desistir), *benignidade* (brandura) e *bondade* (o amor em ação). O cristão longânimo não se vingará de outros nem desejará dificuldades para seus adversários. Será gentil e manso, mesmo com os mais agressivos, e semeará bondade onde outros semeiam o mal. Nada disso é possível pelas forças da própria natureza humana; trata-se

de uma obra que só o Espírito Santo pode realizar.

As três últimas qualidades dizem respeito ao *ser interior*: *fidelidade* (confiabilidade), *mansidão* (o uso correto de poder e autoridade; o poder sob controle) e *domínio próprio* (autocontrole). Mansidão não é o mesmo que fraqueza. Jesus disse: "Sou manso e humilde de coração" (Mt 11:29), e Moisés era "mui manso" (Nm 12:3); no entanto, ninguém pode acusar nenhum dos dois de serem fracos. O cristão manso não se impõe nem usa indevidamente seu poder. Assim como a sabedoria é o uso devido do conhecimento, a mansidão é o uso devido da autoridade e do poder.

A velha natureza é capaz de *simular* algum fruto do Espírito, mas a carne jamais será capaz de *produzir* esse fruto. Uma das diferenças é que, quando o Espírito produz fruto, Deus é glorificado, e o cristão não tem consciência de sua espiritualidade; mas quando é a carne que opera, a pessoa orgulha-se interiormente e se sente realizada com os elogios de outros. O trabalho do Espírito é nos tornar mais semelhantes a Cristo para a glória dele, não para o louvor dos homens.

O *cultivo* de fruto é importante. Paulo adverte que o fruto precisa do ambiente certo para se desenvolver (Gl 5:25, 26). Assim como determinado fruto na natureza não cresce em todo tipo de clima, também o fruto do Espírito não pode se desenvolver na vida de todos os cristãos ou em todas as igrejas.

O fruto cresce em um clima abençoado com a abundância do Espírito e da Palavra. "Andemos também no Espírito" (Gl 5:25) significa "acompanhemos o passo do Espírito" - sem correr na frente nem ficar para trás. Para isso, precisamos da Palavra, da oração, da adoração, do louvor e da comunhão com o povo de Deus. Também precisamos "arrancar as ervas daninhas" para que a semente da Palavra crie raízes e dê frutos. Os judaizantes estavam ansiosos para receber o louvor e "vanglória", gerando, com isso, competições e divisões. O fruto do Espírito não tem como se desenvolver nesse tipo de ambiente.

Devemos lembrar que esse fruto é produzido *para ser consumido*, não apenas para ser admirado ou usado como enfeite. As pessoas ao nosso redor estão famintas de amor, alegria, paz e de todas as outras graças do Espírito. Quando encontram esse fruto em nossa vida, percebem que temos algo que lhes falta. Não damos fruto para o próprio consumo, mas sim para que outros sejam alimentados e ajudados e para que Cristo seja glorificado. A carne pode produzir “resultados” que atraem o louvor dos homens, mas

não é capaz de produzir fruto que glorifique a Deus. É preciso ter paciência, um ambiente agradável ao Espírito, andar na luz, possuir a semente da Palavra de Deus e ter um desejo sincero de honrar a Cristo.

Em resumo, o segredo é o Espírito Santo. Somente ele pode nos dar a “quinta liberdade” – a liberdade do pecado e do ego. Ele nos permite cumprir a lei do amor, vencer a carne e dar fruto.

Estamos dispostos a nos sujeitar ao Espírito e a deixar que opere em nossa vida?

A LIBERDADE DO AMOR

GÁLATAS 6:1-10

William Booth, fundador do Exército da Salvação, não pôde comparecer a um dos congressos internacionais dessa organização, porque estava doente. Assim, enviou aos participantes do congresso a seguinte mensagem: "OS OUTROS!"

Nas histórias em quadrinhos do Snoopy, Lucy pergunta a Charlie Brown: "Por que estamos aqui na Terra?", ao que ele responde: "Para fazer os outros felizes". Ela pensa por um momento e então pergunta: "E por que os outros estão aqui?"

A reciprocidade deve ser um dos conceitos centrais da vida do cristão. A expressão "amar uns aos outros" aparece pelo menos uma dúzia de vezes no Novo Testamento; outras expressões são: "orai uns pelos outros" (Tg 5:16), "edificai-vos reciprocamente" (1 Ts 5:11), "preferindo-vos em honra uns aos outros" (Rm 12:10), "sede, mutuamente, hospitaleiros, sem murmuração" (1 Pe 4:9), bem como várias outras admoestações semelhantes.

Nesta seção, Paulo acrescenta mais uma frase sobre a reciprocidade: "Levai as cargas uns dos outros" (Gl 6:2). O cristão conduzido pelo Espírito pensa nos outros e na maneira de ministrar a eles. Aqui, Paulo descreve dois ministérios importantes que devemos compartilhar uns com os outros.

1. LEVAR OS FARDOS (GL 6:1-5)

O legalista não está interessado em carregar fardos. Em vez disso, coloca ainda *mais* fardos sobre os outros (At 15:10). Esse era um dos pecados dos fariseus do tempo de Jesus: "Atam fardos pesados e difíceis de carregar e os põem sobre os ombros dos homens;

entretanto, eles mesmos nem com o dedo querem movê-los" (Mt 23:4). O legalista é sempre mais severo com outras pessoas do que consigo mesmo, mas o cristão guiado pelo Espírito exige mais de si mesmo do que dos outros, *para que possa ser capaz de ajudar os outros.*

Paulo apresenta um caso hipotético de um cristão que, de repente, tropeça e cai em pecado. O termo *surpreendido* indica que não se trata de um caso de desobediência deliberada. Por que Paulo usa essa ilustração? *Porque nada revela de maneira mais clara a perversidade do legalismo do que a maneira como os legalistas tratam aqueles que pecaram.* Podemos nos recordar do caso dos fariseus que arrastaram até Jesus uma mulher que havia sido pega em adultério (Jo 8). Ou, ainda, a multidão de judeus que quase matou Paulo por *imaginar* que ele havia profanado o templo ao levar gentios consigo para o pátio interior (At 21:27ss). Os legalistas não precisam de fatos; precisam apenas de suspeitas e boatos. Sua imaginação presunçosa encarrega-se do resto. Assim, nesse parágrafo, Paulo, na verdade, contrasta a maneira de um legalista tratar de seu irmão caído e a maneira de um cristão espiritual tratar desse mesmo irmão.

Objetivos contrastantes. Um cristão espiritual procuraria restaurar o irmão em amor, enquanto o legalista exploraria o irmão caído. O termo "corrigir" também pode ser traduzido por "restaurar" e, nesse contexto, significa "reparar, consertar uma rede ou um osso fraturado". Quem já sofreu uma fratura sabe como é doloroso colocar o osso no lugar e esperar que as partes se liguem. O fiel que caiu em pecado é como um osso fraturado no corpo e que precisa ser restaurado. O cristão dirigido pelo Espírito e que vive na liberdade da graça fará o possível para ajudar o irmão caído, pois "o fruto do Espírito é: amor" (Gl 5:22). "Sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor" (Gl 5:13). Jesus foi criticado com severidade pelos fariseus quando procurou ser um médico para os enfermos (Mc 2:13-17); hoje, o cristão espiritual que tentar seguir seu exemplo também será criticado pelos legalistas.

Em vez de tentar restaurar o irmão caído, o legalista o condenará e o *usará, denegrindo a imagem do outro para beneficiar a própria aparência de espiritualidade*. É exatamente isso o que o fariseu faz na parábola do fariseu e do publicano (Lc 18:9-14). “O amor cobre multidão de pecados” (1 Pe 4:8). Quando um irmão cai, o legalista regozija-se e, com frequência, espalha a notícia amplamente para que possa se vangloriar da própria bondade e mostrar como seu partido é muito melhor do que o grupo ao qual o irmão caído pertence.

Por isso, Paulo nos admoesta: “Não nos deixemos possuir de vanglória, provocando uns aos outros, tendo inveja uns dos outros” (Gl 5:26). Aqui, o termo *provocar* significa “desafiar a participar de uma disputa, competir com”. O cristão que anda no Espírito não está *competindo* com os outros cristãos nem os desafiando a se tornarem “tão bons quanto ele”. O legalista, por outro lado, vive em função da competição e comparação e tenta promover a própria imagem em detrimento do outro.

Atitudes contrastantes. O cristão guiado pelo Espírito aborda a situação com um espírito de mansidão e de amor, enquanto o legalista demonstra uma atitude de orgulho e de condenação. O legalista não precisa “guardar-se”, pois finge que jamais seria capaz de cometer tal pecado. No entanto, o cristão que vive pela graça sabe que ninguém está livre de cair. “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1 Co 10:12). Sua atitude de humildade é decorrente da consciência das próprias fraquezas.

Existe, porém, outro contraste: ele experimentou o amor de Deus no próprio coração. Esta é a “lei de Cristo”: “Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei” (Jo 13:34; 15:12). Paulo já tratou da “lei do amor” (Gl 5:13-15) e mostra, agora, sua aplicação. O cuidado amoroso e terno não é uma invenção moderna, pois essa é a atitude que Paulo pede dos cristãos nesta passagem.

Como é bom quando um médico usa de todo o cuidado para colocar um osso fraturado no lugar. Assim, devemos nos mostrar

ainda mais cuidadosos e amáveis quando procuramos restaurar uma vida destruída.

É preciso muito amor e coragem ao se aproximar de um irmão caído e procurar ajudá-lo. Jesus compara isso a uma cirurgia oftalmológica (Mt 7:1-5) – e quem se sente qualificado para tal procedimento?

Ao que tudo indica, nesta passagem Paulo tem em mente as instruções de Jesus sobre a reconciliação (Mt 18:15-35). Se nosso irmão pecar contra nós, devemos tratar com ele em particular, *não* com o propósito de vencer uma discussão, mas a fim de ganhar nosso irmão. (Paulo também usa o termo “ganhar”, em 1 Co 9:19-22, no contexto de conduzir os perdidos até Cristo. É importante ganhar os perdidos, mas também é importante ganhar os salvos.) Se ele nos ouvir, a questão é resolvida. Mas, se não concordar, devemos pedir que uma ou duas pessoas espiritualmente maduras nos acompanhem em outra conversa com ele. Caso, ainda assim, a situação não se resolva, a igreja toda deve ser informada e tomar os passos referentes à disciplina. No entanto, Jesus ressalta que cabe à igreja orar (Mt 18:19, 20) e perdoar (Mt 18:21-35), pois, de outro modo, a disciplina não será eficaz.

Por certo, o legalista não tem tempo para esse tipo de abordagem espiritual que visa “ganhar almas”. Quando fica sabendo que o irmão pecou, em vez de tratar diretamente com ele, espalha a notícia triste a outros (“para que possam orar mais especificamente pelo assunto”) e, depois, condena o irmão por não ser mais espiritual.

Convém lembrar que o legalista vê nesses acontecimentos uma oportunidade de melhorar sua imagem denegrindo a imagem do irmão (Gl 6:3, 4). Os judaizantes eram culpados de se vangloriar e de se gabar de suas realizações e de seus convertidos (Gl 6:12-14). Normalmente, faziam isso se comparando com outros (ver 2 Co 10:11). Tais comparações, porém, são pecaminosas e enganadoras. É fácil encontrar alguém numa situação pior do que a nossa, de modo que a comparação faz com que nossa reputação pareça bem melhor do que é na realidade.

Por mais que esse tipo de comparação seja benéfico para nossa imagem, o amor cristão nos impede de expor as falhas e fraquezas de um irmão.

Cada um deve provar “o seu labor” (Gl 6:4) à luz da vontade de Deus, não à sombra das realizações de alguma outra pessoa. “Mas prove cada um o seu labor e, então, terá motivo de gloriar-se unicamente em si e não em outro. Porque cada um levará o seu próprio fardo” (Gl 6:4, 5). Na obra de Deus, não há lugar para competição, a menos que estejamos competindo contra o pecado e Satanás. Quando vemos expressões como: “o melhor, o que mais cresce, o maior, o mais excelente” sendo aplicadas a ministérios cristãos, nos perguntamos quem está levando a glória.

Isso não significa que é errado manter registros do desenvolvimento do ministério. Charles Haddon Spurgeon costumava dizer: “Os que criticam as estatísticas normalmente não têm coisa alguma a relatar”. No entanto, devemos ter o cuidado de não denegrir a imagem de outros só para melhorar a própria imagem. Também devemos ser capazes de nos alegrar com as realizações e bênçãos de outros como se fossem nossas (Rm 12:10). Afinal, se um membro do corpo é abençoado, é bênção para todo o corpo.

Não há contradição alguma entre Gálatas 6:2 e 5, pois são usados dois termos gregos diferentes, o primeiro é traduzido por *cargas* e o segundo, por *fardo*. Em Gálatas 6:2 a palavra significa “uma carga pesada”, enquanto em Gálatas 6:5 descreve “a mochila de um soldado”. Devemos ajudar uns aos outros a carregar os grandes pesos da vida, mas há certas responsabilidades pessoais que cada um deve carregar sozinho. “Cada soldado deve levar sua própria mochila”. O vizinho pode dar carona a meus filhos até a escola quando meu carro está na oficina, mas não pode assumir as responsabilidades que me dizem respeito como pai. Essa é a diferença. Seria errado esperar que outra pessoa exercesse o papel de pai de minha família; esse é um fardo (e um privilégio) que devo carregar sozinho.

2. COMPARTILHAR BÊNÇÃOS (GL 6:6-10)

Além da reciprocidade (“uns dos outros”), outro conceito importante para o cristão é a *comunhão* (que, em Gl 6:6, aparece como “fazer participante”). Desde os primeiros passos da Igreja, uma das marcas da experiência cristã é *compartilhar* (At 2:41-47). O termo grego equivalente – *koinonia* – pode ser encontrado em várias publicações religiosas e significa “ter em comum”, referindo-se à comunhão em Cristo (Gl 2:9), à fé em comum (Jd 3) e até mesmo à participação nos sofrimentos de Cristo (Fp 3:10). No entanto, no Novo Testamento, *koinonia* também pode referir-se à prática de compartilhar bênçãos materiais uns com os outros (At 2:42; 2 Co 8:4; Hb 13:16 [texto grego]). É isso o que Paulo tem em mente nos versículos em questão.

O apóstolo começa com um *preceito* (Gl 6:6), instando-nos a compartilhar uns com os outros. O mestre da Palavra compartilha seus tesouros espirituais, e os que são ensinados por ele devem compartilhar seus tesouros materiais. (Paulo usa uma abordagem semelhante quando explica por que as igrejas gentias devem levantar uma oferta para os cristãos judeus – Rm 15:27.) É preciso lembrar que o que fazemos com as coisas *materiais* evidencia quanto valorizamos as coisas *espirituais*. “Porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (Mt 6:21).

Uma vez que o apóstolo Paulo não desejava que o dinheiro fosse uma pedra de tropeço aos incrédulos, levantava o próprio sustento (ver 1 Co 9), mas ensinou repetidamente que o líder espiritual da igreja deveria ser sustentado pelas ofertas da congregação. Jesus declarou: “digno é o trabalhador do seu salário” (Lc 10:7), e Paulo repete essa declaração em 1 Coríntios 9:11, 14.

No entanto, é preciso observar o *princípio* espiritual por trás desse preceito. Deus não ordena que os cristãos contribuam simplesmente para suprir as necessidades materiais de pastores e mestres (e também missionários, Fp 4:10-19), *mas para que os contribuintes também recebam uma bênção ainda maior* (Gl 6:7, 8). O princípio básico

de semear e colher pode ser encontrado ao longo de toda a Bíblia. Por determinação divina, *colhemos o que plantamos*. Se não fosse por essa lei, o princípio de “causa e efeito” não teria como funcionar. O agricultor que semeia trigo espera colher trigo. Se isso não acontecesse, o caos tomaria conta do mundo.

Mas Deus também diz que devemos ter cuidado *onde semeamos*, e é desse princípio que Paulo trata nesta passagem. O apóstolo considera os bens materiais as sementes, e vê dois tipos possíveis de solo: a carne e o Espírito. Podemos usar os bens materiais para promover a carne ou para promover as coisas do Espírito. No entanto, uma vez que terminamos de semear, *não se pode mudar a colheita*.

O dinheiro semeado na carne trará uma colheita de corrupção (ver Gl 5:19-21). Esse dinheiro foi gasto e não pode ser recuperado. O dinheiro semeado no Espírito (compartilhado, por exemplo, com os que ensinam a Palavra) produzirá vida e, nessa colheita, haverá sementes que poderão ser plantadas para outra colheita, e assim por diante, até a eternidade. Se ao menos cada cristão visse suas riquezas materiais como sementes e as plantasse corretamente, não faltariam fundos para a obra do Senhor. Infelizmente, grande parte das sementes é desperdiçada com coisas carnis e, portanto, jamais poderá glorificar a Deus.

É evidente que esse princípio tem uma aplicação muito mais ampla em nossa vida, pois tudo o que fazemos é um investimento na carne ou no Espírito. Colheremos de acordo com o que semeamos e *na proporção em que semeamos*. “Aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura com abundância também ceifará” (2 Co 9:6). O cristão que caminha no Espírito e “semeia” no Espírito ceifará uma colheita espiritual. Se sua semeadura foi generosa, a colheita será farta, senão nesta vida, então na vida por vir.

Os inimigos de Paulo – os judaizantes – não tinham essa atitude espiritual com relação a dar e receber. Paulo sacrificava-se e trabalhava de modo a não precisar ser um

peso para as igrejas, mas os falsos mestres usavam as igrejas para promover os próprios planos e encher os próprios cofres. A mesma coisa aconteceu à igreja em Corinto, e Paulo teve de lhes escrever: “Tolerais quem vos escravize, quem vos devore, quem vos detenha, quem se exalte, quem vos esbofetee no rosto” (2 Co 11:20).

Quantas vezes vemos o pastor piedoso disposto a se sacrificar ser mandado embora, enquanto o arrogante que sabe se promover é honrado e consegue tudo o que deseja. O cristão carnal desenvolve-se sob a “ditadura espiritual” de um pastor-promotor legalista, pois esse tipo de líder o faz sentir-se seguro, bem-sucedido e espiritual. O cristão carnal sacrifica o que tem só para descobrir que está semeando na carne, não no Espírito.

Depois de nos apresentar o preceito (Gl 6:6) e o princípio por trás desse preceito (Gl 6:7, 8), Paulo nos dá uma *promessa* (Gl 6:9): “porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos”. Por trás dessa promessa, esconde-se um perigo: cansar-se da obra do Senhor e acabar desfalecendo e desistindo do ministério.

Por vezes, o desfalecimento espiritual é causado pela falta de devoção ao Senhor. É interessante fazer um contraste entre as duas igrejas elogiadas por suas “obras, labor e perseverança” (ver 1 Ts 1:3; Ap 2:2). Na verdade, a igreja em Éfeso havia abandonado o primeiro amor e apostatado (Ap 2:4, 5). Por quê? A resposta encontra-se no elogio à igreja de Tessalônica: “recordando-nos, diante do nosso Deus e Pai, da operosidade da vossa fé, da abnegação do vosso amor e da firmeza da vossa esperança”. Não apenas obras, labor e perseverança”, mas também a motivação correta: “fé, amor e esperança”. Como é fácil trabalhar para o Senhor, mas permitirmos que a motivação espiritual morra! Como os sacerdotes de Israel aos quais Malaquias dirigiu-se, servimos ao Senhor, mas nos queixamos: “Que canseiral!” (Ml 1:13).

Às vezes, desfalecemos por causa da falta de oração. “Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer” (Lc 18:1). A oração é para a vida

espiritual o que a respiração é para a vida física – se paramos de respirar, desmaiamos. Também é possível desfalecer por falta de alimento. “Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4:4). Se tentarmos prosseguir sem o alimento e o descanso apropriados, desfaleceremos. Como é importante “esperar no SENHOR” a fim de conseguirmos a força de que precisamos para cada dia (Is 40:28-31).

No entanto, a promessa de Paulo nos dá força de vontade para prosseguir: “a seu tempo ceifaremos”. Depois que a semente é plantada, não dá frutos de imediato. Assim como a natureza, a alma também tem suas estações, e devemos dar à semente o tempo necessário para que crie raízes e produza frutos. Como é maravilhoso quando “o que lavra segue logo ao que ceifa” (Am 9:13). Devemos semear diariamente para que, um dia, possamos ceifar (Sl 126:5, 6). Mas devemos lembrar que quem está no controle é o Senhor da ceifa, não os trabalhadores.

Compartilhar as bênçãos vai muito além de ensinar a Palavra e dividir bens materiais. Também compreende fazer o bem “a todos” (Gl 6:10). Neste mundo, há os que fazem o mal (Sl 34:16); na verdade, há até os que pagam o bem com o mal (Sl 35:12). A maioria das pessoas no mundo paga o bem com o bem e o mal com o mal (ver Lc 6:32-35; 1 Ts 5:15). Mas o cristão deve pagar o mal com o bem (Rm 12:18-21) e fazê-lo com um espírito de amor cristão. Na verdade, as boas obras do cristão são sacrifícios espirituais que oferece ao Senhor (Hb 13:16).

Devemos “[fazer] o bem a todos”. É desse modo que deixamos nossa luz brilhar e

glorificamos o Pai no céu (Mt 5:16). Não é apenas por meio de nossas *palavras* que testemunhamos aos perdidos, mas também por meio de nossas *obras*. Na realidade, nossas obras preparam o caminho para o testemunho verbal e podem conquistar para nós o direito de sermos ouvidos. Não se trata de perguntar: “Essa pessoa merece minhas boas obras?” Acaso merecíamos o que Deus fez por nós em Cristo? Também não devemos ser como o intérprete da Lei que se esquivou perguntando: “Quem é meu próximo?” (Lc 10:25-37). Jesus deixa claro que a pergunta não é: “Quem é meu próximo?”, e sim: “De quem eu posso ser o próximo?”

Ao “[fazer] o bem a todos”, devemos dar prioridade à “família da fé”, à comunidade dos que crêem. Isso não significa que a igreja local deva se tornar uma panelinha exclusiva, com membros isolados do mundo ao redor, sem fazer coisa alguma para ajudar os perdidos. Antes, trata-se de uma questão de equilíbrio. Sem dúvida, os cristãos do tempo de Paulo tinham necessidades mais prementes do que as pessoas de fora, pois muitos dos fiéis sofriam por causa de sua fé (ver Hb 10:32-34). Além disso, o homem sempre cuida da própria família antes de se preocupar com a vizinhança (1 Tm 5:8).

No entanto, é preciso lembrar de compartilhar com outros cristãos para que todos compartilhem com um mundo necessitado. O cristão na família da fé coloca-se como receptor, a fim de se tornar um transmissor. Ao “[crescermos] e [aumentarmos] no amor uns para com os outros” (1 Ts 3:12), esse amor deve transbordar a todos. É assim que deve ser.

AS MARCAS DA LIBERDADE

GÁLATAS 6:11-18

Depois de ditar uma carta, Paulo costumava pegar a pena e escrever a despedida. Sua assinatura habitual era: “A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco” (1 Ts 5:28; ver 2 Ts 3:17, 18). Mas tamanha é a preocupação do apóstolo que os gálatas compreendam a mensagem dessa carta que ele toma a pena e escreve de próprio punho *um parágrafo inteiro de conclusão*. “Vede com que letras grandes vos escrevi de meu próprio punho”. Por que Paulo escreveu esse parágrafo e por que o fez com letras tão grandes? O Espírito Santo o inspirou a acrescentar essas palavras de modo a fazer um contraste ainda mais claro entre os legalistas e os cristãos dirigidos pelo Espírito, a fim de mostrar que estes últimos vivem para a glória de Deus, não em função do louvor dos homens. E o apóstolo escreveu em letras grandes para enfatizar sua mensagem: “ENTENDAM ISTO!”

Alguns estudiosos da Bíblia acreditam que o espinho na carne de Paulo (2 Co 12:7-10; Gl 4:14, 15) era algum tipo de problema nos olhos. Isso significa que teria de escrever com letras grandes para que ele próprio lesse o que havia escrito. Quer seja esse o caso quer não, Paulo deixa claro que tem algo importante a escrever na conclusão e que não vai terminar a epístola de maneira convencional. Se, de fato, o apóstolo sofria de algum problema de visão, este parágrafo de encerramento certamente tocou ainda mais fundo no coração de seus leitores.

Paulo lhes mostra que o cristão que vive debaixo da Lei e o cristão que vive debaixo da graça são absolutamente opostos. Não se trata apenas de uma questão de “doutrinas

diferentes”, mas também de dois estilos de vida distintos. Era necessário escolher entre a escravidão e a liberdade (Gl 5:1-12), entre a carne e o Espírito (Gl 5:13-26), entre viver para si mesmos ou viver para os outros (Gl 6:1-10).

Agora, apresenta um quarto contraste: viver em função do louvor dos homens ou viver para a glória de Deus (Gl 6:11-18). Com isso, trata da questão da *motivação*, e não há necessidade maior em nossas igrejas hoje do que examinar as motivações por trás de nosso ministério. Sabemos *o que fazemos*, mas será que sabemos *por quê*? Uma boa obra pode ser arruinada por uma motivação errada.

Paulo aborda esse assunto delicado de maneira interessante. Os legalistas desejavam submeter os cristãos da Galácia à circuncisão, de modo que Paulo toma esse fato como ponto de partida e o relaciona à obra de Cristo na cruz e também a seu ministério. Neste parágrafo, Paulo apresenta três figuras distintas – o legalista (Gl 6:12, 13), nosso Senhor Jesus Cristo (Gl 6:14-16) e o próprio apóstolo Paulo (Gl 6:17, 18).

1. O LEGALISTA (Gl 6:12, 13)

Paulo não tem nada de positivo a dizer sobre o legalista. Descreve pessoas desse tipo de quatro maneiras.

São arrogantes (vv. 12a, 13b). Seu principal objetivo não é ganhar almas para Cristo nem ajudar os cristãos a crescerem na graça. Seu propósito é ganhar mais convertidos para se gabar deles. Mesmo não tendo coisa alguma boa dentro de si, desejam causar excelente impressão exterior. Não realizam a obra para o bem da igreja nem para a glória de Deus, mas somente para a própria glória.

Apesar de, certamente, não ser errado desejar ganhar almas para Cristo ou ver a obra do Senhor crescer, sem dúvida é errado desejar essas bênçãos apenas para glorificar pessoas. Desejamos ver mais pessoas participando de nossos ministérios, não porque queremos contá-las e anotar o número, mas simplesmente porque as pessoas são importantes. É preciso, porém, ter o cuidado

de não “usar as pessoas” a fim de promover interesses egoístas e a própria exaltação.

Recebo vários jornais e boletins informativos de igrejas locais. Fiquei estarelecido com um artigo que li num desses boletins. Nele, o pastor citava o nome de várias outras igrejas e explicava por que sua igreja era muito melhor. Algumas das igrejas mencionadas nem sequer eram evangélicas, e fiquei imaginando o que seus membros pensariam sobre Cristo e o evangelho caso lessem aquela crítica presunçosa. Sem dúvida, o texto condenatório do pastor dificultou o testemunho dos cristãos às pessoas dessas igrejas.

São transigentes (v. 12b). Por que pregar e praticar a circuncisão e suas respectivas implicações? *Para escapar da perseguição.* Paulo era perseguido porque pregava a graça de Deus e a salvação sem as obras da Lei (Gl 5:11). Os judaizantes se faziam passar por cristãos aos membros da igreja e por seguidores da Lei mosaica aos que observavam a Lei. Assim, evitavam ser perseguidos pelos legalistas por causa de sua identificação com a cruz de Cristo e de seu efeito devastador sobre a Lei.

Nossa tendência é ver a cruz (e a crucificação) de maneira sentimental. Usamos cruces na lapela ou em correntes ao redor do pescoço. Mas, para um cidadão do primeiro século, a cruz não era um adorno; antes, era o tipo mais desprezível de morte e a forma suprema de humilhação. Um cidadão romano educado nem mencionava esse assunto em conversas sociais. A cruz representava rejeição e vergonha.

Quando Paulo aceitou a Cristo, se identificou com a cruz e também aceitou as conseqüências dessa identificação. Para o judeu, a cruz era uma pedra de tropeço, e para os gentios, era loucura (1 Co 1:18-31). Os legalistas, que enfatizavam a circuncisão em lugar da crucificação, granjearam muitos convertidos. Sua religião era bem aceita, pois evitava a vergonha da cruz.

São persuasivos (v. 12a). O verbo *constranger* dá a idéia de persuasão intensa e até mesmo força. Em Gálatas 2:14 é traduzido por *obrigar*. Apesar de ter o significado de “constranger contra a vontade”, ainda

assim é um termo forte. Indica que os judaizantes eram extremamente persuasivos; sabiam “vender seu peixe” e estavam convencendo os gálatas de que o legalismo era a melhor escolha que poderiam fazer. Sempre que Paulo apresentava a Palavra, ele o fazia de modo verdadeiro e sincero, sem truques de oratória nem recursos argumentativos (para a forma de Paulo apresentar a Palavra a seus ouvintes, ver 1 Co 2:1-5 e 2 Co 4:1-5; Paulo não era um político, mas sim um embaixador).

São hipócritas (v. 13). “Querem que vocês se sujeitem à Lei, quando eles próprios não guardam a Lei.” Os legalistas pertenciam ao mesmo grupo que os fariseus, sobre os quais Jesus disse: “porque dizem e não fazem” (Mt 23:3). Claro que Paulo não está sugerindo que os judaizantes *deveriam* guardar a Lei, pois tal observância não era possível nem necessária. Antes, o apóstolo os condena por sua desonestidade; não tinham intenção alguma de guardar a Lei, mesmo que pudessem. Sua reverência à Lei era apenas uma máscara para encobrir seu verdadeiro objetivo: ganhar mais convertidos para sua causa. Tudo o que desejavam era ter estatísticas para relatar e receber mais glórias para si mesmos.

Os legalistas são facilmente identificáveis. Depois de detectados, devem ser evitados.

2. JESUS CRISTO (GL 6:14-16)

Paulo sempre volta à cruz (Gl 2:20, 21; 3:13; 4:5; 5:11, 24; 6:12). “Se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão” (Gl 2:21). As feridas do Calvário também tornam Jesus Cristo um Homem facilmente identificável, pois essas feridas significam liberdade para os que crerem nele. Os judaizantes gabavam-se da circuncisão; Paulo, por sua vez, se gabava de um Salvador crucificado e ressurreto. Ele se gloriava na cruz. Certamente, isso não significa que se gloriasse na brutalidade ou no sofrimento da cruz. Não considerava a cruz apenas um pedaço de madeira no qual um criminoso havia morrido. Antes, olhava para a cruz de Cristo e se gloriava nela. Que motivos Paulo tinha para se gloriar na cruz?

Conhecia a Pessoa da cruz. Jesus Cristo é mencionado pelo menos 45 vezes na Epístola aos Gálatas, o que significa que um terço dos versículos dessa carta contém alguma referência a ele. A pessoa de Jesus Cristo cativava Paulo, e era Cristo que tornava a cruz gloriosa para ele. Em seus primeiros anos como rabino judaico, Paulo tinha motivos de sobra para se gloriar (Gl 1:13, 14; Fp 3:1-10); mas, depois de seu encontro com Cristo, toda aquela glória transformou-se em refúgio. Os legalistas não se gloriavam na cruz de Cristo, *pois não se gloriavam em Cristo*. Era Moisés – e eles próprios – quem recebia toda a glória. Não conheciam, verdadeiramente, a Pessoa da cruz.

Conhecia o poder da cruz. Para Saulo, o rabino erudito, uma doutrina de sacrifício numa cruz era totalmente absurda. Não tinha dúvida de que o Messias viria, mas, em sua teologia, não havia lugar para a idéia de que esse Messias viria para morrer *numa cruz amaldiçoada*. Naquele tempo, a cruz era a representação suprema de fraqueza e vergonha. No entanto, Saulo de Tarso experimentou o poder da cruz e se tornou Paulo, o apóstolo. A cruz deixou de ser uma pedra de tropeço para ele e se tornou a pedra fundamental de sua mensagem: “Cristo morreu pelos nossos pecados”.

Para Paulo, a cruz representava *liberdade*: de si mesmo (Gl 2:20), da carne (Gl 5:24) e do mundo (Gl 6:14). Na morte e ressurreição de Cristo, o poder de Deus é liberado de modo a conceder livramento e vitória para aqueles que crêem. Ao nos entregarmos a Cristo, temos vitória sobre o mundo e a carne. Por certo, a Lei não é capaz de dar poder algum ao homem para vencer o próprio ego, a carne e a Lei. Muito pelo contrário; a Lei *agrada* ao ego humano (“posso fazer algo para agradar a Deus”) e estimula a carne. O mundo, por sua vez, não se importa se somos “religiosos” ou não, desde que deixemos a cruz de fora. Na verdade, o mundo aprova a religião – sem o evangelho de Jesus Cristo. Assim, o legalista incha seu ego, satisfaz sua carne e agrada o mundo; o verdadeiro cristão crucifica os três.

Conhecia o propósito da cruz. Esse propósito era dar ao mundo um novo “povo de Deus”. Durante séculos, a nação de Israel havia sido o povo de Deus, e a Lei havia sido o seu modo de vida. Tudo isso era uma preparação para a vinda de Jesus Cristo (Gl 4:1-7). Uma vez que Cristo viera e consumara sua grande obra de redenção, Deus colocara a nação de Israel de lado, trazendo ao mundo uma “nova criatura”, uma nova nação, o “Israel de Deus”. Isso não significa que Deus tenha terminado sua obra com a nação de Israel. Hoje, Deus chama tanto judeus quanto gentios, constituindo “um povo para o seu nome” (At 15:14), e, em Cristo, não há qualquer distinção racial ou nacional (Gl 3:27-29). No entanto, Paulo ensina claramente que há um futuro para a nação de Israel dentro do plano de Deus (Rm 11).

Um dos propósitos da cruz era dar origem à “nova criatura” (Gl 6:15), que diz respeito à Igreja, o corpo de Cristo. A “velha criatura” remete a Adão e a seu fracasso. A nova criatura é associada a Cristo e será bem-sucedida.

Para os romanos, Paulo explicou a doutrina dos dois “Adões” – Adão e Cristo (Rm 5:12-21). O primeiro Adão desobedeceu a Deus e trouxe ao mundo o pecado, a morte e o julgamento. O Último Adão (1 Co 15:45) obedeceu a Deus e trouxe vida, justificação e salvação. Adão cometeu um pecado e trouxe julgamento sobre toda a criação. Em sua morte na cruz, Cristo realizou um ato de obediência e pagou por todos os pecados do mundo. Por causa do pecado de Adão, o mundo é governado pela morte. Por causa da vitória de Cristo, *podemos “reinar em vida”* por meio de Jesus Cristo (ver Rm 5:17). Em outras palavras, o cristão é uma “nova criatura”, que faz parte de uma nova criação, uma criação espiritual livre de qualquer defeito ou limitação da velha natureza (ver 2 Co 5:17).

Outro propósito da cruz era criar uma *nova nação*, “o Israel de Deus” (Gl 6:16). Trata-se de um dos vários nomes que a Igreja recebe no Novo Testamento. Jesus disse aos líderes judeus: “O reino de Deus vos será

tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos" (Mt 21:43). Pedro identifica essa nação como família de Deus: "Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa" (1 Pe 2:9).

Como mencionamos anteriormente, isso não significa que a Igreja substitui em caráter permanente a nação de Israel no plano de Deus, mas apenas que a Igreja é "povo de Deus" na Terra hoje, da mesma forma que Israel era em outros tempos.

Uma repreensão e tanto para os judaizantes. Seu desejo era levar a Igreja de volta à Lei do Antigo Testamento, quando, na verdade, nem a nação de Israel havia sido capaz de observar a Lei! Essa nação foi colocada de lado a fim de dar lugar ao novo povo de Deus, a Igreja!

Os cristãos de hoje podem não ser "filhos de Abraão" na carne, mas são "descendentes de Abraão" pela fé em Jesus Cristo (Gl 4:28, 29). Experimentaram a circuncisão do coração, muito mais eficaz do que a circuncisão física (Rm 2:29; Fp 3:3; Cl 2:11). Por esse motivo, nem a circuncisão nem a falta de circuncisão são coisa alguma para Deus (Gl 6:15; ver também Gl 5:6).

3. O APÓSTOLO PAULO (GL 6:17, 18)

Houve um tempo em que Paulo orgulhava-se de sua marca da circuncisão (Fp 3:4-6), mas depois de se tornar cristão, sua marca de identificação mudou. O apóstolo passou a se gloriar nas cicatrizes resultantes do sofrimento que havia suportado a serviço de Jesus Cristo.

O contraste com o legalista é óbvio: "Os judaizantes desejam marcar a carne de vocês e se gabar disso, mas eu trago em meu corpo as marcas do Senhor Jesus Cristo – para a glória dele". Que repreensão! "Se as 'celebridades religiosas' de vocês têm quaisquer cicatrizes do que sofreram para a glória de Cristo, então que as mostrem. Do contrário, deixem-me em paz!"

Paulo não está dizendo que tinha em seu corpo as cinco feridas do Calvário. Antes, está afirmando que sofreu por amor a Cristo

(algo que jamais havia acontecido com os legalistas) e que tinha em seu corpo as cicatrizes para provar o que estava dizendo. Ao ler 2 Coríntios 11:18-33, não é difícil entender essa declaração, pois Paulo sofreu fisicamente por Cristo de várias maneiras e em vários lugares.

No tempo de Paulo, não era incomum o seguidor de alguma divindade pagã ter no corpo uma marca desse ídolo. O adorador orgulhava-se de seu deus e desejava que os outros soubessem disso. Da mesma forma, Paulo trazia no corpo a marca de Jesus Cristo. Não era um sinal temporário que poderia ser removido, mas sim uma marca permanente que levaria consigo até a morte. Também não recebeu essa marca de maneira agradável; teve de sofrer repetidamente de modo a ser um homem identificável com Cristo.

Naquele tempo, também era costume marcar os escravos, de modo que todos soubessem quem era seu dono. Paulo era escravo de Jesus Cristo e tinha as marcas para provar.

É importante observar que uma pessoa também pode ser *marcada pelo pecado*, em sua mente, sua personalidade ou mesmo em seu corpo. Poucas pessoas orgulham-se das marcas do pecado, e a conversão não muda essas marcas (graças a Deus, isso acontecerá quando Jesus voltar!). É muito melhor amar a Cristo, viver para ele e ser marcado para sua glória.

Os cristãos de hoje precisam lembrar que o líder que *sofreu* por Cristo é que tem algo a oferecer. Os judaizantes do tempo de Paulo não tinham idéia do que era o sofrimento. Talvez tivessem sido perseguidos, em menor escala, por pertencer a um grupo religioso, mas nada que se comparasse à "comunhão dos seus sofrimentos [de Cristo]" (Fp 3:10).

É preciso ter cuidado com líderes religiosos que vivem num mundo protegido e que não têm experiência alguma de batalhas contra o mundo, a carne e o diabo, sem as "marcas" de sua obediência a Cristo. Paulo não era um general que dava ordens sentado em sua cadeira confortável; estava na

linha de frente, lutando contra o pecado e suportando sua parcela de sofrimento.

Assim, o apóstolo chega ao final de sua carta e a encerra da mesma forma como a

começou: GRAÇA! Não a “lei de Moisés”, mas A GRAÇA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO! Não é preciso dizer mais nada, pois isso diz tudo.
